SÉRIE CROSSFIRE
COMPLETA 5 livros

SYLVIA DAY

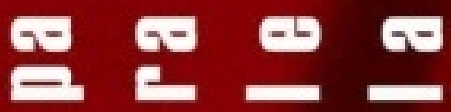
Toda sua

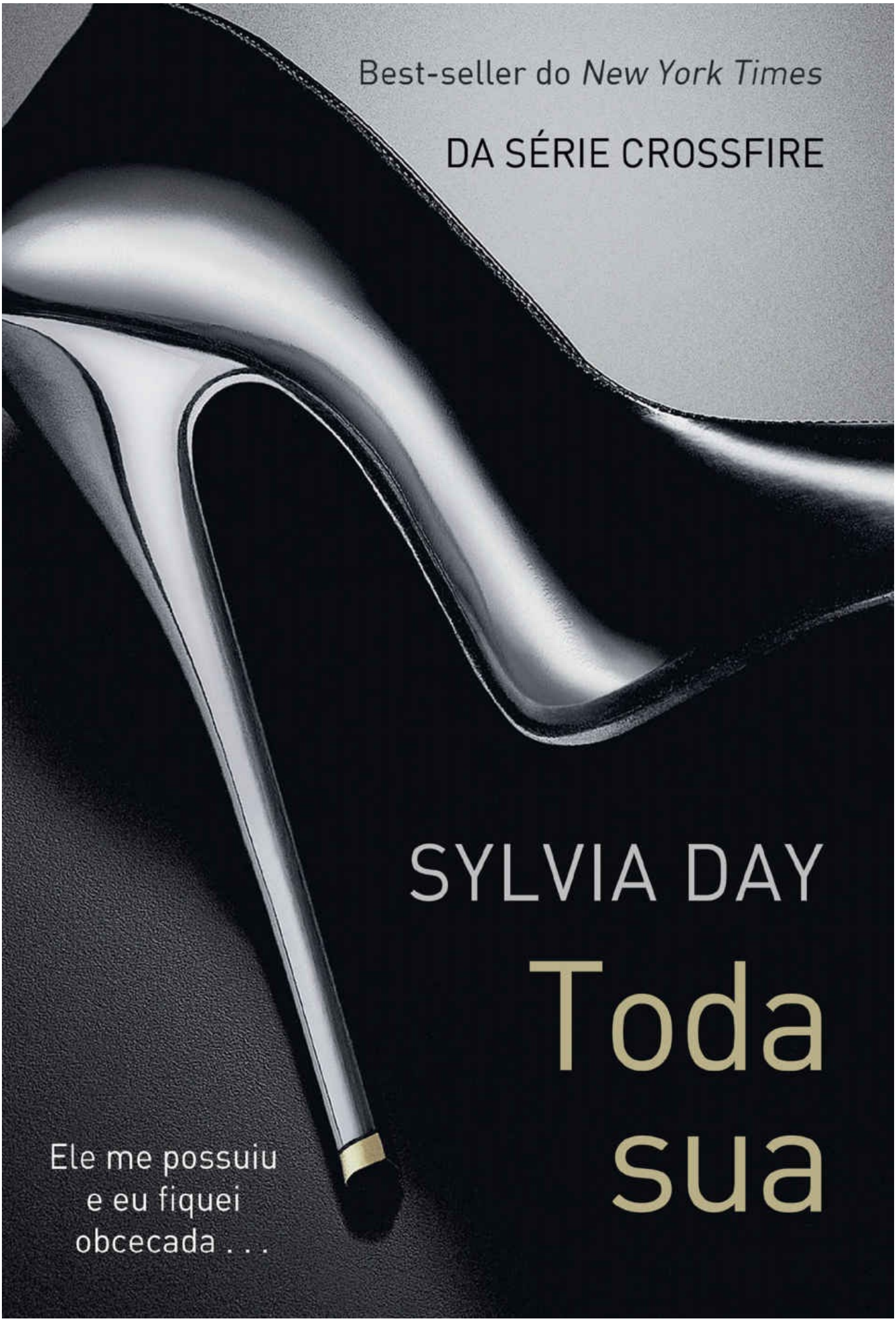
Profundamente sua

Para sempre sua

Somente sua

Todo seu




Best-seller do *New York Times*
DA SÉRIE CROSSFIRE
SYLVIA DAY
Toda sua
Ele me possuiu
e eu fiquei
obcecada . . .

DA SÉRIE CROSSFIRE

SYLVIA DAY

Toda sua

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

parea

Para o dr. David Allen Goodwin.

Meu amor e minha gratidão são infinitos.

Obrigada, Dave. Você salvou minha vida.

1

“A gente devia ir até um bar comemorar.”

A declaração enfática de meu amigo Cary Taylor, com quem eu dividia um apartamento, não foi nada surpreendente. Ele estava sempre disposto a comemorar, mesmo as coisas mais insignificantes. Sempre considerei isso parte de seu charme.

“Sair pra beber um dia antes de começar num emprego novo com certeza não é uma boa ideia.”

“Vamos lá, Eva.”

Cary sentou no chão da sala do nosso novo apartamento, em meio à bagunça da mudança, e abriu seu sorriso irresistível. Fazia dias que só cuidávamos da arrumação, e ainda assim ele estava lindo. Com seu corpo esguio, cabelos escuros e olhos verdes, Cary era o tipo de homem cuja aparência, quaisquer que fossem as circunstâncias, raramente era algo menos do que incrível. Isso me deixaria com raiva, se ele não fosse a pessoa que eu mais adorava no mundo.

“Não estou dizendo pra gente encher a cara”, ele insistiu. “Só uma ou duas tacinhas de vinho. A gente pega o happy hour e volta pra casa lá pelas oito.”

“Não sei se vou ter tempo.” Apontei para minha calça de ioga e meu top de ginástica. “Depois que eu cronometrar a caminhada até o trabalho, vou pra academia.”

“É só andar depressa e malhar mais depressa.” A expressão de Cary, com as sobrancelhas cuidadosamente curvadas em um arco perfeito, me fez rir. Nunca perdi a esperança de que seu rosto incrível aparecesse um dia em outdoors e revistas de moda do mundo inteiro. Qualquer que fosse sua expressão, ele era um arraso.

“Que tal amanhã, depois do trabalho?”, ofereci em troca. “Se eu conseguir sobreviver ao primeiro dia, aí sim vamos ter o que comemorar.”

“Combinado. Hoje vou estrear a cozinha nova fazendo o jantar.”

“Hã…” Cozinhar era um dos prazeres de Cary, mas não um de seus talentos. “Legal.”

Afastando uma mecha de cabelo que caíra sobre seu rosto, ele me olhou com um sorriso.

“A gente tem uma cozinha de fazer inveja à maioria dos restaurantes. Não tem erro ali.”

Não muito convencida, eu me despedi com um aceno, decidida a me esquivar da conversa sobre a cozinha. Desci para o térreo de elevador e sorri para o porteiro quando ele abriu a porta pra mim.

Assim que pus o pé para fora, fui envolvida pelos aromas e ruídos de Manhattan, que me convidavam a sair e explorar. Eu não estava apenas do outro lado do país em relação à minha antiga casa em San Diego — parecia estar em outro mundo. Duas metrópoles importantes — uma infinitamente amena e sensualmente preguiçosa, a outra pulsando como um organismo vivo carregado de uma energia frenética. Nos meus sonhos, eu me imaginava em um pequeno e charmoso prédio no Brooklyn, mas, por ser uma boa menina, acabei no Upper West Side. Se não fosse o Cary, eu estaria completamente sozinha em um apartamento enorme que custa por mês mais do que a maioria das pessoas ganha em um ano.

Paul, o outro porteiro, me cumprimentou tirando o quepe.

"Boa noite, senhorita Tramell. Vai precisar de um táxi esta noite?"

"Não, obrigada, Paul." Bati no chão com os amortecedores do meu tênis de ginástica. "Vou sair pra caminhar."

Ele sorriu. "Esfriou um pouquinho agora no fim da tarde. O tempo está gostoso."

"Me disseram pra aproveitar o mês de junho, antes que comece o calor de verdade."

"Um ótimo conselho, senhorita Tramell."

Ao me afastar da fachada envidraçada e moderna que de alguma forma não destoava da idade do edifício e da vizinhança, desfrutei da relativa tranquilidade da rua arborizada antes de chegar à agitação e ao trânsito intenso da Broadway. Eu ainda tinha esperanças de me adaptar rapidamente, mas por enquanto me sentia uma falsa nova-iorquina. Eu tinha um apartamento e um emprego, mas ainda não me sentia segura o bastante para me aventurar no metrô, e não tinha me acostumado a acenar ostensivamente para os táxis. Enquanto caminhava, eu tentava não parecer impressionada e atônita, mas era difícil. Havia *tanta coisa* para ver e experimentar.

O estímulo sensorial era atordoante — o cheiro da fumaça dos escapamentos misturado com o da comida dos carrinhos dos ambulantes; os gritos dos camelôs se infiltrando na música dos artistas de rua; a impressionante variedade de rostos, estilos e sotaques; as maravilhas arquitetônicas… E os carros. *Minha nossa*. O fluxo frenético de carros, sempre grudados uns nos outros, era algo que eu nunca tinha visto na vida.

Havia sempre uma ambulância, uma viatura ou um caminhão de bombeiros tentando romper a torrente de táxis amarelos com o uivo eletrônico de sirenes ensurdecedoras.

Fiquei impressionada com os ruidosos caminhões de lixo que se arremessavam em ruas estreitas de mão única e com os entregadores que encaravam a massa compacta de veículos, com prazos rigorosos a cumprir.

Os verdadeiros nova-iorquinos nem reparavam em tudo isso — a cidade para eles era familiar e confortável como um velho par de sapatos. Eles não viam as ondas de vapor escapando dos bueiros e saídas de ar com um encanto carregado de romantismo, nem pareciam notar quando o chão tremia sob seus pés com a passagem do metrô — ao contrário de mim, que sorria como uma idiota e encolhia os dedos dos pés. Nova York era um caso de amor totalmente novo para mim. Eu estava embasbacada e não conseguia esconder.

Tive que me esforçar bastante para manter uma atitude indiferente enquanto me dirigia ao local em que ia trabalhar. Pelo menos em termos profissionais, as coisas estavam acontecendo da maneira como eu queria. Meu desejo era ganhar a vida com base em meus próprios méritos, o que significava começar por baixo. A partir da manhã seguinte, eu seria a assistente de Mark Garrity na Waters Field & Leaman, uma das maiores agências de propaganda dos Estados Unidos. Meu padrasto, o magnata do setor financeiro Richard Stanton, não gostou nada da ideia — na opinião dele, se eu fosse menos orgulhosa, poderia trabalhar para algum amigo dele e colher os benefícios inerentes a esse tipo de proximidade.

“Você é teimosa como seu pai”, ele falou. “Ele vai demorar a vida inteira para conseguir pagar seu financiamento estudantil com o que ganha como policial.”

Esse foi outro motivo de disputa, e meu pai se recusou terminantemente a ceder. “De jeito nenhum outro homem vai pagar pela educação da minha filha”, respondeu Victor Reyes quando Stanton fez sua proposta. Ele ganhou meu respeito com essa atitude. E acho que o de Stanton também, embora ele nunca vá admitir isso. Eu entendia o lado dos dois, porque queria pagar eu mesma pelos meus estudos… mas não teve jeito. Para meu pai, era uma questão de honra. Minha mãe não quis se casar com ele, mas isso não diminuiu sua determinação em agir como pai em toda e qualquer situação.

Como remoer frustrações do passado nunca leva a nada, concentrei-me na tarefa de chegar ao trabalho o mais rápido possível. Decidi cronometrar o trajeto em um horário de pico de uma segunda-feira, e fiquei satisfeita por conseguir chegar ao Crossfire Building, sede da Waters Field & Leaman, em menos de meia hora.

Inclinei a cabeça e segui o contorno do edifício até encontrar o azul do céu. O Crossfire era absolutamente fenomenal — uma torre imponente com um brilho safírico que parecia chegar até as nuvens. Nas entrevistas que fiz ali, vi que o outro lado das portas giratórias ornadas com cobre era tão suntuoso quanto seu exterior, com piso e paredes revestidos de

mármore dourado e mesas e catracas de alumínio polido.

Tirei meu novíssimo crachá do bolso da calça e mostrei para os dois seguranças de terno escuro sentados à mesa. Eles me barraram assim mesmo, sem dúvida por eu estar muito malvestida para aquele ambiente, mas depois me deixaram entrar. Após subir os vinte andares de elevador, pude fazer uma estimativa do tempo de viagem de casa até o trabalho. Nada mau.

Eu estava saindo do elevador quando vi uma morena bonita e muito bem arrumada passar pela catraca sem levantar devidamente a bolsa, que ficou enroscada e se abriu, provocando um dilúvio de dinheiro sobre o chão. As moedas caíram e saíram rolando alegremente — e as pessoas que passavam se esquivavam do caos e seguiam em frente como se nada estivesse acontecendo. Em um gesto de compaixão, eu me curvei para ajudá-la a recolher o dinheiro, junto com um segurança que havia tido o mesmo impulso.

“Obrigada”, ela disse, abrindo um breve sorriso no rosto quase coberto pelos cabelos.

Retribuí o sorriso. “Imagina. Essas coisas acontecem.”

Eu tinha acabado de me agachar para alcançar uma moedinha que fora parar perto da entrada quando dei de cara com um luxuoso par de sapatos oxford, encimado por uma elegante calça preta. Esperei um pouco para que aquele homem saísse do caminho, mas, como ele não se mexia, levantei a cabeça para ampliar meu campo de visão. O terno feito sob medida já era suficiente para deixar meus sinais de alerta ligados, mas era o corpo alto e esguio por baixo dele que o tornava sensacional. Ainda assim, apesar de toda aquela demonstração impressionante de masculinidade, foi só quando vi seu rosto que percebi o que havia de fato diante de mim.

Uau. Simplesmente… *uau*.

Em um gesto cheio de elegância, ele se agachou bem de frente para mim. Com toda aquela beleza masculina ao alcance dos meus olhos, tudo o que eu podia fazer era encarar. Admirada.

Foi então que o espaço que havia entre nós desapareceu.

Ao olhar para mim, ele mudou… como se um escudo tivesse sido removido de seus olhos, revelando uma força vital esmagadora que me fez perder o fôlego. O magnetismo poderoso que ele exalava se intensificou, transformando-se em uma impressão quase tangível de uma energia vigorosa e inesgotável.

Reagindo puramente por instinto, eu me inclinei para trás. E caí de bunda no chão.

Meus cotovelos latejavam violentamente pelo baque contra o piso de mármore, mas a dor passou quase despercebida. Eu estava mais preocupada em olhar, hipnotizada por

aquele homem na minha frente. Seus cabelos de um preto bem vivo emolduravam um rosto de tirar o fôlego. Sua estrutura óssea faria um escultor chorar de alegria, e sua boca de contornos firmes, seu nariz retilíneo e seus olhos azuis intensos lhe conferiam uma beleza selvagem. A não ser pelos olhos ligeiramente estreitados, sua fisionomia denotava uma impassibilidade total.

Tanto sua camisa como seu terno eram pretos, mas a gravata combinava perfeitamente com o brilho da íris. Seus olhos eram penetrantes e inquisidores, e estavam pregados em mim. Meu coração começou a bater mais forte; meus lábios se abriram parcialmente com a aceleração da respiração. Seu cheiro era tentador. Não era colônia. Loção corporal, talvez. Ou xampu. O que quer que fosse, era inebriante, assim como ele.

Ele estendeu a mão para mim, mostrando suas abotoaduras de ônix e um relógio que aparentava ser caro.

Inspirando tremulamente, pus a mão sobre a dele. Minha pulsação disparou quando ele a apertou. Seu toque era como uma onda de eletricidade, que subiu pelo meu braço e arrepiou os pelos da minha nuca. Por um momento ele permaneceu imóvel, com uma ruga preenchendo o espaço entre suas sobrancelhas absurdamente bem desenhadas.

“Está tudo bem?”

Sua voz era suave e refinada, com um toque de rouquidão que fez meu estômago gelar. Era uma evocação ao sexo. Ao que o sexo tinha de melhor. Por um momento cheguei a pensar que poderia ter um orgasmo só de ouvi-lo falar.

Meus lábios estavam ressecados, então passei a língua por eles antes de responder: “Sim”.

Ele se levantou com uma notável economia de gestos, puxando-me junto para cima. Continuamos nos encarando, porque eu não conseguia olhar para outra coisa. Ele era mais jovem do que imaginei a princípio. Meu palpite seria menos de trinta, mas seus olhos pareciam muito mais experientes. Implacavelmente inteligentes e afiados.

Era como se eu estivesse sendo atraída para ele, como se houvesse uma corda em torno da minha cintura me arrastando de forma lenta mas inexorável em sua direção.

Piscando para despertar dessa espécie de delírio, eu o soltei. Ele não era apenas lindo, era… fascinante. O tipo de cara que faz uma mulher querer abrir sua camisa com um único puxão e ver os botões irem abaixo junto com as inibições. Olhei para seu terno civilizado, requintado e absurdamente caro e só consegui pensar em uma trepada violenta, de rasgar os lençóis.

Ele se abaixou para apanhar o crachá que eu nem percebi que havia derrubado,

libertando-me de seu olhar irresistível. Meu cérebro lutava para voltar a funcionar normalmente.

Fiquei irritada por me sentir tão desconcertada enquanto ele parecia tranquilo e controlado. E por quê? Porque eu estava deslumbrada, ora essa.

Ele me olhou lá de baixo, e essa posição — ele praticamente ajoelhado na minha frente — fez com que eu quase perdesse o equilíbrio novamente. Enquanto se levantava, seus olhos permaneciam fixos nos meus.

"Tem certeza de que está tudo bem? É melhor você sentar um pouco."

Senti meu rosto ficar vermelho. Que maravilha parecer insegura e estabanada diante do homem mais confiante e elegante que já conheci.

"Eu só perdi o equilíbrio. Está tudo bem."

Ao desviar os olhos, vi a mulher que havia derrubado no chão o dinheiro. Ela agradeceu ao segurança que a ajudou e então se virou para falar comigo, desculpando-se enfaticamente. Virei para ela e estendi a mão com o punhado de moedas que havia pego, mas seu olhar tinha se voltado para o deus de terno, e ela imediatamente se esqueceu de mim. Depois de um tempo, simplesmente fui até ela e despejei as moedas dentro da bolsa. Então arrisquei outra olhada e o encontrei voltado na minha direção, ignorando a moça e seus agradecimentos. *Para ele*. Não para mim, a pessoa que de fato havia ajudado.

Levantei minha voz acima da dela. "Você poderia devolver meu crachá, por favor?"

Ele estendeu a mão para me devolver. Apesar de eu ter me esforçado para pegá-lo de volta sem nenhum contato físico, seus dedos resvalaram nos meus, fazendo com que aquela sensação de eletricidade voltasse a circular pelo meu corpo.

"Obrigada", murmurei antes de passar por ele e tomar o caminho da rua pela porta giratória. Parei um pouco na calçada, inspirando profundamente o ar de Nova York, que recendia a um milhão de coisas, algumas boas, outras tóxicas.

Havia um Bentley estacionado na frente do prédio, e eu observei meu reflexo nas janelas escuras e impecavelmente limpas daquele carrão. Eu estava vermelha, e meus olhos verdes pareciam especialmente radiantes. Aquele rosto era familiar para mim — era o que eu via no espelho do banheiro antes de ir para a cama com um homem. Era o meu olhar de estou-pronta-pra-foder, e não deveria estar estampado na minha cara naquele momento, de jeito nenhum.

Meu Deus. Controle-se.

Cinco minutos com o sr. Moreno Perigoso e eu já estava me sentindo dominada por um

impulso impaciente e inquietante. Era capaz de sentir seu toque, e um desejo inexplicável de voltar para o lugar onde ele estava. Eu poderia argumentar que ainda não havia terminado o que tinha ido fazer no Crossfire, mas sabia que ia me arrepender depois. Quantas vezes eu ainda precisaria fazer papel de idiota em um único dia?

"Já chega", disse baixinho para mim mesma. "Hora de ir."

As buzinas ressoavam em meio à disputa milimétrica dos táxis por espaço, interrompidas pelo guinchar dos freios diante de pedestres corajosos o bastante para pisar no cruzamento segundos antes de o sinal fechar. Então começava a gritaria, uma explosão de insultos e gestos que na verdade não era motivada por nenhum ódio real. Em poucos segundos, ambas as partes se esqueceriam de tais diálogos, que eram apenas mais uma forma de expressão do modo de vida da cidade.

Quando voltei a me misturar ao intenso tráfego de pedestres para ir à academia, minha boca se sentiu tentada a abrir um sorriso. *Ah, Nova York*, pensei, sentindo-me à vontade novamente, *você é demais*.

Minha ideia era fazer o aquecimento na esteira e matar o restante do tempo me exercitando em alguns aparelhos, mas, quando vi que a aula de *kickboxing* para iniciantes estava para começar, decidi me juntar aos alunos que aguardavam. Quando a aula terminou, senti que havia retomado o controle sobre mim. Meus músculos tremiam, e eu me sentia cansada na medida certa, com a certeza de que dormiria como uma pedra quando me deitasse.

"Você foi muito bem."

Limpei o suor do rosto com uma toalha e olhei para o jovem que havia falado comigo. Magro, embora com uma musculatura bem definida, ele tinha olhos castanhos bem vivos e uma pele morena impecável, café com leite. Seus cílios eram grossos e longos, de fazer inveja, mas os cabelos eram raspados bem rentes.

"Obrigada." Minha boca se contorceu num lamento. "Está na cara que é a minha primeira vez, né?"

Ele sorriu e estendeu a mão. "Parker Smith."

"Eva Tramell."

"Você leva jeito, Eva. Com um pouco mais de treino ninguém vai ter coragem de encarar você. Em uma cidade como Nova York, saber se defender é fundamental." Ele

apontou para o quadro de cortiça pendurado na parede. Estava coberto de folhetos e cartões de visita. Apanhou uma folha de um bloco de papel fluorescente e ofereceu para mim. “Já ouviu falar em krav maga?”

“Vi em um filme da Jennifer Lopez.”

“Sou professor e adoraria ensinar você. Aí tem meu site e o telefone da minha academia.”

Gostei da abordagem dele. Foi bem direta, assim como seu olhar, e o sorriso era autêntico. Imaginei que estivesse querendo me paquerar, mas, se era essa a intenção, ele disfarçou bem o suficiente para me deixar em dúvida.

Parker cruzou os braços, exibindo seus bíceps bem delineados. Ele vestia uma camiseta preta sem mangas e uma bermuda comprida. Seu tênis tinha a aparência surrada dos calçados realmente confortáveis, e era possível ver as tatuagens tribais que se estendiam até pouco abaixo de seu pescoço. “No site tem todos os horários. Você pode assistir a uma aula, só pra ver se gosta.”

“Vou pensar a respeito, pode deixar.”

“Muito bem.” Ele estendeu a mão e me cumprimentou com firmeza e confiança. “Espero ver você de novo.”

Um cheiro maravilhoso se espalhava pelo apartamento quando cheguei, e a voz de Adele saía cheia de emoção das caixas de som, cantando “Chasing Pavements”. Olhei para o outro lado da sala integrada com a cozinha e vi Cary balançando ao som da música enquanto mexia alguma coisa perto dele. No balcão, havia uma garrafa de vinho tinto e duas taças, uma delas pela metade.

“Ei”, eu chamei ao me aproximar. “O que você está fazendo aí? Dá tempo de tomar banho primeiro?”

Ele serviu o vinho na outra taça e a arrastou pelo balcão até mim com movimentos seguros e elegantes. Olhando para Cary, ninguém seria capaz de dizer que ele passou a infância entre temporadas com a mãe viciada em drogas e lares adotivos, e a adolescência em reformatórios juvenis e centros de reabilitação estatais. “Macarrão à bolonhesa. E deixe o banho para mais tarde, já está pronto. Se divertiu bastante?”

“Lá na academia, sim.” Puxei um dos banquinhos de madeira do balcão e me sentei. Contei a ele sobre a aula de *kickboxing* e sobre Parker Smith. “Quer ir comigo?”

“Krav maga?”, Cary balançou a cabeça. “Isso não é moleza, não. Eu ficaria cheio de hematomas e acabaria perdendo alguns trabalhos. Mas posso ir com você até lá, pro caso do sujeito ser um maníaco.”

Fiquei calada enquanto ele despejava o macarrão no escorredor. “Um maníaco?”

Meu pai havia me ensinado muito sobre os homens — por isso eu sabia que o deus de terno era encrenca certa. As pessoas costumam sorrir quando ajudam alguém, como uma forma de criar uma ligação momentânea para quebrar o gelo.

Por outro lado, eu também não tinha sorrido para ele.

“Gata”, disse Cary, tirando as tigelas da prateleira, “você é uma mulher sexy e deslumbrante. Duvido da masculinidade de qualquer homem que resista à tentação de chamar você pra sair assim que tem a chance.”

Agradeci franzindo o nariz para ele.

Ele me serviu uma tigela contendo pequenos tubos de macarrão cobertos com um molho ralo de tomate com pedaços de carne moída empelotada e ervilha.

“Você não para de pensar em alguma coisa. O que é?”

Hum… Peguei o cabo do garfo enfiado na tigela e decidi não fazer nenhum comentário sobre a comida. “Acho que hoje vi o homem mais lindo do planeta. Talvez o mais lindo da história do planeta.”

“Ah, é? Pensei que fosse eu. Conte mais.”

Cary preferiu ficar do outro lado do balcão e comer em pé.

Esperei que ele desse algumas garfadas na gororoba antes de criar coragem e experimentar. “Não tem muito mais pra contar, na verdade. Caí de bunda no saguão do Crossfire e ele me deu uma mão.”

“Alto ou baixo? Loiro ou moreno? Forte ou magro? E a cor dos olhos?”

Empurrei minha segunda garfada goela abaixo com um gole de vinho. “Alto. Moreno. Magro *e* forte. Olhos azuis. Podre de rico, a julgar pelas roupas e pelos acessórios. E incrivelmente sexy. Você sabe como é: alguns caras bonitos não mexem com os hormônios da gente, enquanto outros não tão bonitos têm um *sex appeal* absurdo. Esse cara tinha as duas coisas.”

Senti um frio na barriga como quando o Moreno Perigoso tocou em mim. Lembrei do seu rosto com uma clareza cristalina. Deveria ser proibido um homem ser tão estonteante. Eu ainda estava me recuperando dos danos que ele havia provocado nos meus neurônios.

Cary apoiou o cotovelo no balcão e se inclinou para mim, com sua franja comprida cobrindo um de seus olhos verdes e faiscantes. “E o que aconteceu depois que ele ajudou você a levantar?”

Encolhi os ombros. “Nada.”

“Nada?”

“Fui embora.”

“Quê? Não rolou nem uma paquera?”

Comi mais uma garfada. Na verdade, a comida não estava ruim. Ou então era eu que estava morrendo de fome. “Ele não era do tipo que dá pra paquerar, Cary.”

“Não existe essa história de gente que não dá pra paquerar. Até as pessoas casadas e felizes gostam de uma paquera inofensiva de vez em quando.”

“Esse cara não tinha nada de inofensivo”, eu disse num tom seco.

“Ah, sei.” Cary balançou a cabeça, mostrando que tinha entendido. “Esses são divertidos, mas é melhor não se envolver com eles.”

Cary obviamente sabia do que estava falando; homens e mulheres de todas as idades se atiravam a seus pés. Ainda assim, de alguma forma ele conseguia fazer sempre a escolha errada. Já tinha sido traído, perseguido obsessivamente, aturado ameaças de suicídio… O que quer que pudesse acontecer, já tinha acontecido com ele.

“Não vejo como eu poderia me divertir com esse cara”, continuei. “Ele era intenso demais. Mesmo assim, aposto que ele deve ser incrível na cama, com toda aquela intensidade.”

“É assim que se fala. Esqueça o cara real. Use o rosto dele nas suas fantasias e faça com que nelas ele seja perfeito.”

Preferia mantê-lo longe dos meus pensamentos de toda e qualquer maneira, então mudei de assunto. “Você tem algum trabalho amanhã?”

“Claro.” Cary me passou os detalhes de sua programação para o dia seguinte, mencionando anúncios para uma marca de jeans, produtos de bronzeamento, cuecas e colônias.

Esqueci de todo o resto e me concentrei nele e no seu sucesso cada vez maior. A demanda por Cary Taylor crescia diariamente, e ele estava ganhando entre fotógrafos e clientes uma reputação de profissionalismo e dedicação. Eu estava felicíssima por ele, e muito orgulhosa. Cary havia conquistado muito, depois de ter sofrido um bocado.

Apenas depois do jantar percebi duas enormes caixas de presente encostadas no sofá.

“O que é isso aí?”

“Isso aí”, Cary respondeu, acompanhando-me até a sala, “é o máximo.”

Percebi imediatamente que aquilo era coisa de Stanton e minha mãe. O dinheiro era algo de que minha mãe precisava para ser feliz, e para minha sorte Stanton, o marido número três, era capaz de suprir essa necessidade e muitas outras também. Diversas vezes desejei que isso a fizesse sossegar, mas minha mãe nunca aceitou bem o fato de eu ter outro tipo de relação com o dinheiro.

“O que foi agora?”

Cary jogou seu braço por cima dos meus ombros — algo facílimo para ele, que era pelo menos dez centímetros mais alto que eu. “Não seja ingrata. O cara ama sua mãe. Adora mimá-la, e ela adora mimar você. Não importa o que você pense, ele não faz essas coisas por você. Stanton faz tudo isso por ela.”

Concordei soltando um suspiro. “O que temos aí?”

“Roupas chiques para o jantar beneficente de sábado. Um vestido arrasador para você e um smoking Brioni pra mim, porque comprar presentes pra mim é o que ele faz por você. O fato de eu estar aqui pra ouvir você reclamar da vida melhora um pouco esse seu mau humor.”

“Isso é verdade. Ainda bem que ele sabe disso.”

“Claro que sabe. Stanton não seria um zilionário se não soubesse de tudo.” Cary me pegou pela mão e me arrastou até lá. “Então. Dá só uma olhada.”

Na manhã seguinte, às dez para as nove, atravessei a porta giratória do saguão do Crossfire. Para causar uma boa impressão no meu primeiro dia, tinha ido vestida com um tubinho básico e sapatos pretos de salto alto para combinar, que substituíram meus tênis de caminhada durante a subida do elevador. Meus cabelos loiros estavam presos em um coque muito bem-feito, que parecia um número oito estilizado, uma cortesia de Cary. Eu não tinha o menor jeito para penteados, mas ele era capaz de criar obras-primas glamorosas. Estava usando também o colar de pérolas miúdas que meu pai havia me dado como presente de formatura e um Rolex, oferecimento de Stanton e minha mãe.

Até cheguei a pensar que estava me preocupando demais com a aparência, mas assim que pisei no saguão lembrei que tinha me esborrachado naquele chão usando roupa de

ginástica e fiquei agradecida por não me parecer em *nada* com aquela garota estabanada. Os dois seguranças não pareceram ter me reconhecido quando mostrei o crachá a caminho das catracas.

Vinte andares acima, lá estava eu no hall de entrada da Waters Field & Leaman. Diante de mim havia uma parede de vidro à prova de balas, emoldurando a porta dupla que levava à recepção. A recepcionista, sentada a uma mesa em formato de lua crescente, viu meu crachá através do vidro. Ela acionou o botão para destravar a porta, e eu o guardei.

"Olá, Megumi", eu cumprimentei enquanto entrava, admirando sua blusa vermelha. Ela era mestiça, de origem asiática, com certeza, e muito bonita. Seus cabelos eram escuros, grossos e bem cortados, mais curtos atrás e compridos e afiados na frente. Seus olhinhos puxados eram castanhos e calorosos, e seus lábios, fartos e naturalmente rosados.

"Eva, oi. Mark ainda não chegou, mas você sabe aonde ir, certo?"

"Com certeza." Despedindo-me com um aceno, entrei pelo corredor à esquerda da recepção e, no final, virei de novo à esquerda para chegar a um antigo espaço aberto que havia sido subdividido em baias. Uma delas era a minha, e fui direto até ela.

Guardei minha bolsa e a sacola com os tênis de caminhada na última gaveta da minha mesa de metal e liguei o computador. Eu tinha levado também algumas coisas para personalizar meu espaço. Uma delas era uma montagem emoldurada de três fotos — eu e Cary em Coronado Beach, minha mãe e Stanton no iate dele na Riviera Francesa e meu pai fardado em uma viatura de polícia de Oceanside, Califórnia. Outra era um arranjo de flores bem colorido que Cary havia me dado como presente de primeiro dia de trabalho. Coloquei um ao lado do outro e me recostei na cadeira para visualizar o conjunto.

"Bom dia, Eva."

Fiquei em pé imediatamente para falar com meu chefe. "Bom dia, senhor Garrity."

"Pode me chamar de Mark, por favor. Venha comigo até minha sala."

Eu o segui pelo corredor estreito, mais uma vez pensando em como era agradável olhar para meu novo chefe, com sua pele escura e radiante, seu cavanhaque bem aparado e seus olhos castanhos risonhos. Mark tinha um maxilar anguloso e um sorriso charmosamente desalinhado. Era magro e elegante, e sua postura segura inspirava confiança e respeito.

Ele apontou para uma das duas cadeiras posicionadas diante de sua mesa de vidro com estrutura cromada e esperou que eu me sentasse para se ajeitar em sua cadeira. Contra o pano de fundo dos arranha-céus da cidade, Mark parecia bem-sucedido e poderoso. Na verdade, ele era apenas um gerente de contas júnior, e seu escritório parecia um armário em comparação aos ocupados por diretores e demais executivos, mas ainda assim a vista

era impressionante.

Ele se recostou e sorriu. “Já está tudo ajeitado no novo apartamento?”

Fiquei surpresa por ele ter se lembrado — positivamente surpresa. Eu o conheci quando fiz minha segunda entrevista para o emprego e gostei dele logo de cara.

“Na medida do possível”, respondi. “Ainda tem algumas caixas espalhadas aqui e ali.”

“Você veio de San Diego, não é? Uma bela cidade, mas muito diferente de Nova York. Está sentindo falta das palmeiras?”

“Estou sentindo falta do ar mais seco. É difícil acostumar com a umidade daqui.”

“Espere só o verão começar.” Ele sorriu. “Então… é seu primeiro dia, e você é minha primeira assistente, o que significa que a gente vai ter que trabalhar à base de tentativa e erro. Não estou acostumado a delegar tarefas, mas tenho certeza de que logo pego o jeito.”

Eu me senti instantaneamente à vontade. “Mal posso esperar para receber tarefas.”

“Ter você por aqui é um passo importante pra mim, Eva. Quero que seja feliz trabalhando aqui. Você toma café?”

“O café está na base da minha pirâmide alimentar.”

“Ah, uma assistente que gosta das mesmas coisas que eu.” Seu sorriso se alargou. “Não vou pedir pra você servir café pra mim, mas não me incomodaria se me ajudasse a aprender a mexer na cafeteira nova que instalaram na copa.”

Retribuí o sorriso. “Sem problemas.”

“Seria uma decepção muito grande se eu não tivesse nada pra você?” Ele coçou a nuca, meio sem graça. “Que tal a gente dar uma olhada nas contas em que estou trabalhado pra ver o que podemos fazer?”

O restante do dia passou num piscar de olhos. Mark conversou com dois de seus clientes e teve uma longa reunião com a equipe de criação para conceber ideias para a campanha de uma rede de escolas de ensino profissionalizante. Foi fascinante ver pessoalmente como os diversos departamentos se alternavam para levar uma campanha da teoria à prática. Eu poderia ter ficado até mais tarde para entender melhor o funcionamento dos escritórios, mas meu telefone tocou às dez para as cinco.

“Escritório de Mark Garrity. Eva Tramell falando.”

“Saia logo daí pra gente ir beber tudo aquilo que você não quis ontem.”

O tom imperativo fingido de Cary me fez dar risada. “Tudo bem, tudo bem. Estou saindo.”

Desliguei o computador e saí. Quando cheguei aos elevadores, saquei o celular e digitei uma mensagem de “Já estou a caminho” para ele. Uma campainha soou, indicando qual dos elevadores ia parar no meu andar. Posicionei-me diante dele e voltei minha atenção ao envio da mensagem. Quando a porta se abriu, dei um passo à frente. Tirei os olhos da tela para ver aonde ia e dei de cara com um par de olhos azuis. Prendi a respiração.

O deus do sexo era a única pessoa do elevador.

2

Sua gravata era prateada, e a camisa, branquíssima. A ausência de cor realçava ainda mais seus incríveis olhos azuis. Vê-lo parado ali, com o paletó aberto e as mãos casualmente enfiadas nos bolsos da calça, era como dar de cara com uma parede cuja existência eu desconhecia.

Detive meu passo de repente, com os olhos grudados naquele homem, que parecia ainda mais impressionante do que eu me lembrava. Nunca tinha visto cabelos tão perfeitamente negros. Eram brilhantes e um pouquinho compridos, com as pontas roçando o colarinho. Pareciam um indício de vitória do jovem impulsivo sobre o homem de negócios bem-sucedido, uma pitada de chantilly em um sorvete com calda quente. Como diria minha mãe, aqueles cabelos longos eram sinal de juízo curto.

Minhas mãos tiveram que lutar contra a vontade de tocá-los, sentir se eram tão sedosos quanto pareciam.

A porta começou a se fechar. Ele deu um passo à frente e apertou o botão para mantê-la aberta. “Tem espaço de sobra pra nós dois aqui, Eva.”

O som implacável daquela voz me tirou do estado de inconsciência momentânea. *Como é que ele sabia meu nome?*

Foi quando lembrei que ele havia apanhado o crachá que eu tinha derrubado no chão do saguão. Por um instante, pensei em dizer a ele que estava esperando alguém e pegaria o elevador seguinte, mas meu cérebro logo voltou a funcionar como deveria.

Que diabos eu estava tentando fazer? Ele trabalhava no Crossfire, sem sombra de dúvidas. Eu não ia conseguir evitá-lo todas as vezes que o visse, e por que faria isso? Para poder admirar sua beleza sem me sentir abalada, precisaria vê-lo o bastante para me acostumar com sua presença, como se ele fosse apenas uma peça decorativa.

Rá! Como se isso fosse possível.

Entrei no elevador. “Obrigada.”

Ele soltou o botão e deu um passo para trás. As portas se fecharam e começamos a descer.

Não demorou muito para que eu me arrependesse de pegar o mesmo elevador que ele.

Eu sentia sua presença na pele. Sua energia poderosa se amplificava naquele ambiente

pequeno e fechado, irradiando uma força palpável e um magnetismo sexual que me deixaram inquieta. Minha respiração e meus batimentos cardíacos ficaram caóticos. Senti de novo aquela atração inexplicável em sua direção, como se ele exalasse uma ordem silenciosa à qual eu me sentia instintivamente inclinada a obedecer.

“Gostou do seu primeiro dia?”, ele perguntou, despertando-me do meu devaneio.

Sua voz ressoava, fluía pelo meu corpo em um ritmo sedutor. *Como é que ele sabia que era meu primeiro dia?*

“Gostei, sim”, respondi tranquilamente. “E o seu, como foi?”

Senti seu olhar percorrer minha silhueta, mas mantive minha atenção concentrada na porta de alumínio polido do elevador. Meu coração tinha disparado, e meu estômago dava voltas e mais voltas. Estava me sentindo confusa e insegura.

“Bom, não foi meu primeiro dia”, ele respondeu num tom divertido. “Mas foi produtivo. E tem tudo pra ficar ainda melhor.”

Acenei com a cabeça e esbocei um sorriso, sem saber direito o que aquilo significava. O elevador parou no décimo segundo andar e entraram três pessoas, que conversavam animadamente. Dei um passo atrás para abrir espaço para o grupo, encolhendo-me no canto oposto ao que estava o Moreno Perigoso. Nisso, ele também deu um passo, ficando ao meu lado. Naquele momento, estávamos ainda mais próximos do que antes.

Ele ajustou o já perfeito nó da gravata, roçando seu braço no meu enquanto fazia isso. Respirei profundamente, tentando ignorar o efeito que sua presença exercia sobre mim, procurando me concentrar na conversa que se desdobrava à nossa frente. Era impossível. *Ele* estava ali. Bem ali. Perfeito e maravilhoso, exalando um perfume divino. Meus pensamentos se perderam, fantasiando sobre como seria seu corpo firme por baixo daquele terno, sobre como seria apertá-lo contra mim, sobre como ele poderia ser bem dotado — ou não…

Quando o elevador chegou ao térreo, quase soltei um gemido de alívio. Esperei com impaciência as pessoas saírem e, assim que possível, dei um passo à frente. Ele pôs sua mão firme na parte inferior das minhas costas e veio atrás de mim, guiando-me. A sensação do toque em um lugar tão vulnerável me deixou arrepiada.

Quando chegamos às catracas, ele tirou a mão de mim, fazendo com que eu me sentisse estranhamente abandonada. Olhei para ele tentando adivinhar o que pretendia, mas, apesar de estar olhando para mim, seu rosto não deixava transparecer nada.

“Eva!”

A visão de Cary apoiado casualmente em uma coluna de mármore no saguão mudou

tudo. Seu jeans mostrava toda a extensão de suas pernas quilométricas, e o suéter folgado verde-claro enfatizava seus olhos. Ele atraiu sem dificuldades a atenção de todos no saguão. Diminuí o passo ao chegar perto dele, e o deus do sexo passou por nós, atravessando a porta giratória e entrando rapidamente pela porta traseira do Bentley com chofer que eu tinha visto estacionado ali na noite anterior.

Cary assoviou quando o carro arrancou. “Ora, ora. Pelo jeito como estava olhando para ele, era o cara de quem você falou ontem, né?”

“Ah, sim. Era ele mesmo.”

“Vocês trabalham juntos?” De braços dados comigo, Cary me guiou até a rua pela porta lateral.

“Não.” Parei na calçada para calçar meu tênis de caminhada, apoiando-me em Cary enquanto os pedestres fluíam em torno de nós. “Não sei quem é, mas ele perguntou se meu primeiro dia foi bom, então é melhor eu descobrir.”

“Olha…” Ele sorriu e segurou meu cotovelo enquanto eu pulava de maneira estabanada de um pé para o outro. “Não sei como alguém conseguiria trabalhar perto dele. Meu cérebro meio que derreteu por um instante.”

“Tenho certeza de que isso acontece com todo mundo”, concordei. “Vamos lá. Preciso beber.”

A manhã seguinte chegou com uma leve pontada na parte de trás da cabeça, consequência do fato de eu ter bebido vinho demais. Ainda assim, ao subir de elevador rumo ao vigésimo andar, não lamentei a ressaca tanto quanto poderia. Minhas escolhas eram o excesso de álcool ou uma sessão com meu vibrador, e eu estaria condenada se houvesse tido um orgasmo movido a pilha pensando no Moreno Perigoso. Não que ele fosse descobrir que me deixava com tanto tesão a ponto de eu mal conseguir enxergar, ou mesmo se importar com isso — mas *eu* saberia, e não queria dar essa satisfação à imagem fantasiosa que tinha dele.

Joguei minhas coisas na última gaveta da mesa de trabalho e, quando vi que Mark ainda não havia chegado, fui buscar um café para ler meu novo blog favorito sobre o mundo da publicidade.

“Eva!”

Levei um susto quando ele apareceu atrás de mim, com seu sorriso branco contrastando

com a pele escura. “Bom dia, Mark.”

“Bom dia mesmo. Acho que você me dá sorte. Vamos até o meu escritório. E traga o tablet. Trabalhou até muito tarde ontem?”

Fui atrás dele, compartilhando seu entusiasmo. “Ah, sim.”

“Era o que eu queria ouvir de você.” Ele se sentou em sua cadeira.

Eu me sentei na mesma cadeira do dia anterior e logo abri o programa de bloco de notas.

“Então”, Mark começou, “recebemos uma solicitação de proposta da vodca Kingsman, e eles mencionaram meu nome. É a primeira vez que isso acontece.”

“Meus parabéns!”

“Obrigado, mas vamos deixar essa parte pra quando eu conseguir a conta. Vamos ter que mostrar serviço, se passarmos desse estágio. Eles querem fazer uma reunião comigo amanhã no fim do dia.”

“Uau. Essas coisas caminham rápido assim mesmo?”

“Não. Geralmente eles esperam a gente resolver a questão da solicitação de proposta antes de pedir uma reunião, mas as Indústrias Cross acabaram de comprar a Kingsman, e a I.C. tem dezenas de subsidiárias. Se a gente conseguir a conta, vai ser um ótimo negócio. Eles sabem disso, então estão nos testando. Essa reunião é o primeiro teste.”

“Normalmente haveria mais gente, né?”

“Sim, nós nos apresentaríamos como um grupo. Mas eles já sabem como as coisas funcionam. Sabem que a apresentação vai ser feita por um executivo sênior, mas que no fim vão trabalhar mesmo com um júnior como eu. Então, já me chamaram logo de uma vez e agora querem me avaliar. É quase o mesmo que pedir um currículo, então não posso acusá-los de estarem sendo exigentes demais. Meticulosos, talvez. Quando se lida com as Indústrias Cross, as coisas são assim mesmo.”

Ele passou a mão pelos cabelos ondulados, deixando entrever que estava se sentindo pressionado. “O que você acha da vodca Kingsman?”

“Hã… bom… Sendo bem sincera, nunca ouvi falar.”

Mark se recostou na cadeira e soltou uma risada. “Ainda bem. Pensei que eu fosse o único. Certo, o lado bom é que a gente não vai precisar superar nenhuma resistência. Ser desconhecido pode ser bom.”

“O que eu posso fazer pra ajudar? Além de pesquisar sobre marcas de vodca e ficar

aqui até mais tarde?”

Seus lábios se contraíram um pouco enquanto pensava. “Anote pra mim…”

Trabalhamos sem parar, invadindo a hora do almoço e até bem depois de o escritório esvaziar, analisando os dados iniciais levantados pelos estrategistas de mercado. Passava um pouco das sete quando o celular de Mark tocou. A interrupção abrupta do silêncio me assustou.

Mark acionou o viva voz e continuou trabalhando. “Oi, amor.”

“Você deu alguma coisa pra pobre da menina comer?”, perguntou uma voz masculina do outro lado da linha.

Olhando pra mim através da divisória de vidro do escritório, Mark respondeu: “Ah… esqueci”.

Desviei os olhos rapidamente, mordendo o lábio inferior para esconder o riso.

Ouvi uma bufada do outro lado da linha. “Só dois dias de emprego e você já está escravizando e matando a pobre moça de fome. Ela vai acabar pedindo demissão.”

“Droga. Você tem razão. Steve, querido…”

“Não me venha com essa de ‘Steve, querido’. Ela gosta de comida chinesa?”

Fiz sinal de positivo para Mark.

Ele sorriu. “Gosta, sim.”

“Muito bem. Chego aí em vinte minutos. Deixe o segurança avisado.”

Mais ou menos vinte minutos depois abri a porta da recepção para Steven Ellison. Era um sujeito enorme, vestido com jeans escuro, botas de operário surradas e uma camisa de botão muito bem alinhada. Com seus cabelos ruivos e olhos azuis risonhos, era tão bonito quanto seu companheiro, mas de uma beleza bem diferente. Nós nos sentamos em torno da mesa de Mark, servimos o frango *kung pao* e a carne com brócolis em pratos de papel, acrescentamos arroz branco e mandamos ver com os palitinhos.

Descobri que Steven era um empreiteiro e que namorava Mark desde a época da faculdade. Ao ver os dois interagindo, senti um misto de admiração e inveja. O relacionamento dos dois dava tão certo que era uma alegria passar um tempo com eles.

“Santo Deus, minha filha”, Steven disse depois de soltar um assovio quando me servi pela terceira vez. “Isso é que é disposição. Para onde vai tudo isso?”

Encolhi os ombros. “Acho que fica tudo lá na academia. Isso justifica?”

“Não ligue pra ele”, interrompeu Mark, sorrindo. “Steven está com inveja. Ele precisa

se cuidar para não virar uma matrona.”

“Minha nossa”, Steven fuzilou seu companheiro com um olhar de censura. “Eu poderia levar você pra almoçar com o pessoal da obra. Dava pra ganhar um bom dinheiro apostando quanto você consegue comer.”

Eu sorri. “Ia ser divertido.”

“Rá. Sabia que você era do tipo saidinha. Seu sorriso diz tudo.”

Olhando somente para minha comida, eu me recusei a deixar minha mente divagar pelas lembranças de como tinha sido muito mais do que saidinha na minha fase mais rebelde e autodestrutiva.

Foi Mark quem me salvou. “Pare de assediar minha assistente. E o que você sabe sobre mulheres saidinhas, aliás?”

“Conheço algumas que curtem sair com gays. Elas gostam da forma como a gente encara a coisa.” Ele abriu um sorriso. “E sei algumas outras coisinhas também… Ei, não precisam ficar tão chocados, vocês dois. Eu só queria saber se o sexo hétero era tudo isso que dizem.”

Obviamente, isso era novidade para Mark, mas, pela maneira como ele sorriu, deu para ver que tinha confiança suficiente em seu relacionamento para achar aquela conversa toda engraçada. “Ah, é?”

“E o que você achou?”, arrisquei-me a perguntar.

Steven encolheu os ombros. “Não diria que é algo superestimado, porque não sou a pessoa certa pra julgar e tive uma experiência bem limitada, mas consigo viver sem.”

Achei muito atencioso da parte de Steven relatar sua experiência a partir de uma perspectiva que fazia sentido para Mark. Eles costumavam conversar também sobre suas carreiras e sabiam ouvir um ao outro a esse respeito, apesar de atuarem em campos muito diferentes.

“Considerando o tipo de vida que você leva hoje”, Mark disse a ele, pegando um pedaço de brócolis com seus palitinhos, “eu diria que é sorte sua que seja assim.”

Quando terminamos de comer, já eram oito horas, e a equipe de limpeza já havia chegado. Mark fez questão de chamar um táxi para mim.

“Quer que eu chegue mais cedo amanhã?”, perguntei.

Steven bateu no ombro de Mark com o seu. “Você deve ter feito alguma coisa de bom em uma vida passada para ganhar uma assistente como essa.”

“Acho que aturar você nesta vida foi o suficiente”, rebateu Mark, irônico.

“Ei”, protestou Steve, “eu sou educadíssimo. Abaixo a tampa do vaso direitinho.”

Mark me lançou um olhar fingindo irritação, mas repleto de carinho por seu companheiro. “E o que isso tem a ver?”

Mark e eu trabalhamos duro a quinta-feira inteira, a fim de nos preparar para a reunião das quatro da tarde com o pessoal da Kingsman. Tivemos um almoço muito produtivo com dois funcionários da área de criação, que iam participar da campanha caso conseguíssemos a conta; mais tarde analisamos os dados sobre o posicionamento da empresa na internet e sua penetração nas mídias sociais.

Fiquei meio tensa quando vi que eram três horas, porque sabia que o trânsito poderia estar complicado, mas Mark continuou trabalhando normalmente mesmo depois de eu dizer que horas eram. Faltavam vinte para as quatro quando ele saiu da sua sala com um sorriso no rosto, ainda terminando de vestir o paletó.

“Vamos lá, Eva.”

Lancei um olhar de surpresa para ele da minha mesa. “Sério?”

“Ei, você deu um duro danado me ajudando a preparar tudo. Não quer ver como as coisas funcionam?”

“Claro que sim.” Fiquei de pé em um pulo. Sabendo que minha aparência contaria pontos para meu chefe, alisei a saia preta com a mão e ajeitei as mangas longas da minha blusa de seda. Por um acaso do destino, a blusa era vermelha, combinando perfeitamente com a gravata de Mark. “Obrigada.”

Entramos no elevador e levei um pequeno susto quando senti que ele subia ao invés de descer. Ao chegarmos ao último andar, vi que o hall de entrada era consideravelmente maior e mais luxuoso que o do vigésimo. Vasos suspensos de samambaias e lírios preenchiam o ar com uma fragrância suave, e em uma porta de vidro opaco lia-se INDÚSTRIAS CROSS em letras grossas e masculinas.

A porta foi aberta para nós, e pediram que aguardássemos um momento. Ambos recusamos a água e o cafezinho e, menos de cinco minutos depois, fomos conduzidos até uma sala de reunião com a porta fechada.

Mark olhou para mim com um brilho nos olhos quando a recepcionista pôs a mão na maçaneta da porta.

“Está pronta?”

Eu sorri. “Estou.”

A porta se abriu, e eu fui a primeira a ser conduzida para dentro. Fiz questão de abrir um enorme sorriso ao entrar… um sorriso que se congelou no meu rosto ao ver o homem que estava diante de mim logo na entrada da sala.

Minha parada repentina bloqueou a passagem, e Mark acabou trombando nas minhas costas, arremessando-me para a frente aos tropeções. O Moreno Perigoso me apanhou pela cintura, tirando meus pés do chão e me obrigando a me amparar em seu peito. O ar foi arrancado de dentro de mim com o impacto, assim como o restante de bom senso que eu ainda possuía. Mesmo com as diversas camadas de tecido que havia entre nós, pude sentir que seus bíceps endureceram como pedra sob o contato das minhas mãos, e que sua barriga contra a minha era uma massa compacta de músculos. Quando ele respirou perto de mim, meus mamilos endureceram, estimulados pela expansão do peito dele.

Ah, não. Eu só poderia estar sob uma maldição. Uma rápida sequência de imagens passou pela minha mente, mostrando as mil e uma maneiras como eu poderia tropeçar, cair, escorregar ou me esborrachar na frente daquele deus do sexo ao longo dos próximos dias, semanas ou até meses.

“Olá de novo”, ele murmurou, e a vibração de sua voz fez meu corpo todo se enrijecer. “É sempre um prazer topar com você, Eva.”

Fiquei vermelha de vergonha e de desejo, incapaz de tomar a atitude de me afastar, apesar da presença de outras duas pessoas na sala. O fato de a atenção dele estar toda voltada para mim também não ajudava — seu corpo firme irradiava uma impressão irresistível de um desejo poderoso.

“Senhor Cross”, disse Mark atrás de mim. “Desculpe a entrada meio abrupta.”

“Não precisa se desculpar. Foi uma entrada memorável.”

Cambaleei sobre os saltos quando Cross me pôs de volta no chão, com os joelhos trêmulos em virtude do intenso contato corporal. Ele estava mais uma vez de preto, com uma camisa e uma gravata em um tom claro de cinza. Como sempre, estava lindo de morrer.

Como deve ser ter essa aparência? Com certeza, em todo lugar por onde passava ele causava uma comoção.

Chegando até mim, Mark me amparou e me ajudou a retomar o equilíbrio com toda a gentileza.

O olhar de Cross se concentrou na mão de Mark no meu cotovelo até que ele me soltasse.

“Muito bem. Vamos lá, então.” Mark retomou sua postura. “Esta é minha assistente, Eva Tramell.”

“Nós já nos conhecemos.” Cross puxou uma cadeira ali perto. “Eva.”

Olhei para Mark em busca de orientação, ainda tentando me recuperar dos momentos em que havia ficado a milímetros daquele supercondutor sexual escondido sob um terno Fioravanti.

Cross se aproximou em silêncio e ordenou: “Sente-se, Eva”.

Mark acenou com a cabeça, mas eu já estava me soltando sobre a cadeira ao comando de Cross. Meu corpo obedeceu instintivamente antes que minha mente compreendesse a situação e fizesse alguma objeção.

Fiz de tudo para passar despercebida a hora seguinte, durante a qual Mark foi duramente questionado por Cross e as diretoras da Kingsman, duas morenas bonitas, vestidas com terninhos elegantes. A de lilás fazia questão de chamar a atenção de Cross o tempo todo, enquanto a de terninho creme se concentrava no meu chefe. Todos pareciam bastante impressionados com a capacidade de Mark de explicar como o trabalho da agência — e seu modo de trabalhar com o cliente — agregaria valor à marca.

O fato de Mark permanecer tão tranquilo sob pressão me deixou admirada — ainda mais sob uma pressão exercida por Cross, que comandava o andamento da reunião sem fazer o menor esforço.

“Muito bom, senhor Garrity”, Cross elogiou casualmente quando as conversas se encerraram. “Estou ansioso para ver sua resposta à solicitação de proposta quando for a hora. O que levaria você a se sentir tentada a experimentar a Kingsman, Eva?”

Com o susto, comecei a piscar sem parar. “Como?”

A intensidade de seus olhos era avassaladora. Senti que toda a sua atenção estava voltada para mim, o que só me fez admirar ainda mais a tranquilidade de Mark, que foi obrigado a argumentar sob o peso daquele olhar por uma hora.

A cadeira de Cross estava voltada para mim, fazendo com que ele me olhasse bem de frente. Seu braço direito repousava sobre a superfície lisa da mesa, com seus longos e elegantes dedos tamborilando sobre o tampo do móvel. Dei uma olhada furtiva em seu pulso por baixo do paletó e, por alguma estranha razão, a visão daquela pequena parcela de pele dourada coberta de pelos escuros fez meu clitóris implorar por atenção. Ele era tão… *másculo*.

Ele refez a pergunta: “Qual dos conceitos sugeridos por Mark você prefere?”.

“Acho que são todos brilhantes.”

Seu lindo rosto permaneceu impassível enquanto ele dizia: “Posso mandar todo mundo sair da sala para ter uma opinião sincera, se é isso que você quer”.

Meus dedos se enrodilhavam pelas extremidades dos apoios de braço da minha cadeira. “Acabei de dar uma opinião sincera, senhor Cross, mas, se faz questão de saber, acho que luxúria lasciva a um preço acessível terá mais apelo entre o público em geral. Mas não sei se…”

“Eu concordo.” Cross se levantou e abotoou o paletó. “Aí está seu ponto de partida, senhor Garrity. Retomamos o assunto na semana que vem.”

Fiquei ali sentada por um momento, aturdida com o rumo que as coisas haviam tomado. Então olhei para Mark, que parecia oscilar entre o espanto e o encantamento.

Eu me levantei e fui a primeira a tomar o caminho da porta. Minha atenção estava toda voltada para Cross, posicionado atrás de mim. A maneira como ele se movia, com uma elegância natural e uma economia de gestos absurda, era um atrativo excepcional. Eu não conseguia imaginá-lo na cama como outra coisa além de dominante e agressivo, deixando qualquer mulher louca de desejo de fazer tudo o que ele mandasse.

Cross não saiu de perto de mim até chegarmos aos elevadores. Ele e Mark conversaram brevemente sobre os últimos eventos esportivos, mas, ao que parece, eu estava concentrada demais no efeito que ele causava sobre mim para me preocupar com conversas sem importância. Quando o elevador chegou, soltei um suspiro de alívio ao embarcar sozinha com Mark.

“Só um momento, Eva”, Cross disse suavemente, puxando-me de volta pelo cotovelo. “Daqui a pouco ela desce”, ele informou para Mark quando a porta do elevador se fechou diante de seu rosto atônito.

Cross não disse nada enquanto o elevador ainda estava por perto; depois acionou novamente o botão e em seguida perguntou: “Você está dormindo com alguém?”.

A pergunta foi feita de maneira tão casual que eu demorei um pouco para registrar o que ele havia dito.

Inspirei profundamente. “Por que está me perguntando isso?”

Vi no seu olhar a mesma coisa que havia notado da primeira vez em que nos encontramos — uma energia absurda e um controle absoluto sobre mim. O que me fez dar um passo para trás involuntariamente. De novo. Pelo menos dessa vez eu não caí; já era

alguma coisa.

“Porque eu quero comer você, Eva. Então preciso saber se existe alguém atrapalhando meus planos.”

A compressão súbita que senti entre minhas coxas me obrigou a procurar apoio na parede para manter o equilíbrio. Ele chegou mais perto e me escorou, mas eu o mantive à distância com uma das mãos. “Talvez eu não esteja interessada, senhor Cross.”

Um esboço de sorriso transpareceu em seus lábios e fez o que parecia impossível: deixou-o ainda mais bonito. *Minha nossa…*

A campainha assinalando a aproximação do elevador me causou um sobressalto, de tão tensa que eu estava. Eu nunca tinha me sentido tão excitada na minha vida. Nunca tinha me sentido tão implacavelmente atraída por outro ser humano. Nunca tinha me sentido tão ofendida por alguém que me atraía.

Entrei no elevador e me virei para ele.

Cross sorriu. “Até a próxima, Eva.”

As portas se fecharam e eu desmoronei sobre o corrimão de bronze, tentando me recompor. Mal havia me endireitado novamente quando a porta se abriu e eu vi Mark andando de um lado para o outro no hall de entrada do nosso andar.

“Meu Deus, Eva”, Mark murmurou, interrompendo-se de repente. “O que foi aquilo?”

“Não faço a menor ideia”, fui logo dizendo, louca para compartilhar a conversa confusa e ultrajante que havia tido com Cross, mas sabendo que meu chefe não era a pessoa mais indicada para isso. “Mas que diferença faz? Você já sabe que a conta é nossa.”

Ele abriu um sorriso. “Acho que é mesmo.”

“Como diz meu amigo, você devia comemorar. Quer que eu faça uma reserva em um restaurante para você e Steven?”

“Por que não? No Pure Food and Wine às sete, se conseguir. Se não der certo, nos surpreenda.”

Mal havíamos voltado ao escritório de Mark quando ele foi interceptado pelos executivos — Michael Waters, CEO e presidente, além de Christine Field e Walter Leaman, a diretora-executiva e o vice-presidente do conselho, respectivamente.

Passei pelos quatro com a maior discrição possível e me recolhi à minha mesa.

Liguei para o Pure Food and Wine e implorei por uma mesa para dois. Depois de infinitas súplicas, a hostess enfim cedeu.

Deixei uma mensagem no correio de voz de Mark: “Hoje é mesmo seu dia de sorte. Seu jantar está confirmado para as sete. Divirta-se!”.

Depois disso fui embora, ansiosa para chegar logo em casa.

“Ele disse o *quê*?” Cary estava sentado no canto oposto do sofá modulado branco, balançando a cabeça negativamente.

“Pois é!” Dei mais um gole no meu vinho. Era um *sauvigon blanc* gelado no ponto certo, que eu havia comprado a caminho de casa. “Minha reação também foi essa. Até agora não sei se essa conversa não foi uma alucinação causada por excesso de feromônios.”

“E então?”

Apoiei as pernas sobre o sofá e me recostei no canto. “E então o quê?”

“Você sabe o quê, Eva.” Apanhando seu netbook de cima da mesa de centro, Cary o posicionou sobre suas pernas cruzadas. “Vai deixar essa passar?”

“Eu nem conheço o cara. Não sei nem o nome dele, e ele já me vem com uma proposta dessas.”

“Ele sabe o seu.” Cary começou a digitar no teclado. “E essa história da vodca? De pedir uma reunião com seu chefe?”

A mão que eu estava passando pelos cabelos ficou paralisada. “Mark é muito talentoso. Se Cross tiver algum bom senso para os negócios, vai saber aproveitar e explorar isso muito bem.”

“Da capacidade dele para os negócios eu não duvido.” Cary virou seu netbook e mostrou o site das Indústrias Cross, que ostentava uma belíssima foto do Crossfire. “Esse prédio é dele, Eva. Gideon Cross é o dono do Crossfire.”

Droga. Meus olhos se fecharam. *Gideon Cross*. O nome combinava com ele. Era sexy, elegante e másculo como seu dono.

“Ele tem um departamento só para cuidar do marketing das subsidiárias. Um departamento com dezenas de pessoas, talvez.”

“Pare com isso, Cary.”

“Ele é bonito, rico e quer ir pra cama com você. Qual é o problema?”

Olhei bem para ele. “Vai ser muito esquisito esbarrar com ele o tempo todo. Quero ficar

um bom tempo nesse emprego. Gosto muito do trabalho. Gosto muito de Mark. Ele me deixou fazer parte do processo, estou aprendendo muito com ele.”

“Lembra o que o doutor Travis falou sobre riscos calculados? Quando seu analista diz pra você correr riscos, você ganha esse direito. Quer dizer que você pode lidar com isso. Você e Cross são duas pessoas adultas.” Ele voltou a atenção novamente para a busca que fazia na internet. “Uau. Sabia que ainda faltam dois anos para ele fazer trinta? Imagine só a disposição…”

“Imagine só a grosseria. Fiquei ofendida com o jeito como ele falou comigo. Detesto me sentir como uma vagina ambulante.”

Cary parou e se virou para mim, seus olhos exalando compaixão. “Desculpe, gata. Você é tão forte, tão mais forte do que eu. Duvido que cairia nas ciladas em que caio.”

“Não acho que eu seja tão forte assim, pelo menos não o tempo todo.” Desviei o olhar, porque não queria falar sobre tudo o que enfrentamos no passado. “Não que eu queira namorar ou coisa do tipo. Mas existem outras maneiras de dizer que você quer ir pra cama com uma mulher.”

“Você tem razão. Ele é bem arrogante e pretensioso. Que fique morrendo de tesão por você até subir pelas paredes. Vai ser um castigo merecido.”

Isso me fez rir. Cary sempre conseguia me fazer rir. “Duvido que alguma vez ele tenha subido pelas paredes por causa de alguém, mas é uma fantasia divertida.”

Ele fechou o netbook em uma atitude resoluta. “O que vamos fazer hoje à noite?”

“Pensei em ir ver a aula de krav maga daquele sujeito do Brooklyn.” Eu tinha feito uma pesquisa durante a semana, depois de conhecer Parker Smith no treino na academia, e a ideia de dispor de uma válvula de escape tão enérgica e brutal para o estresse me parecia cada vez mais interessante.

Eu sabia que não seria o mesmo que trepar loucamente com Gideon Cross, mas achava que seria bem menos perigoso para minha saúde.

3

“Sua mãe e Stanton não vão deixar você vir até aqui tantas noites por semana”, comentou Cary, encolhendo-se dentro de sua estilosa jaqueta de brim, apesar de o tempo não estar muito frio.

O antigo galpão que Parker Smith usava como local de trabalho era uma construção com fachada de tijolos aparentes em uma antiga área industrial do Brooklyn que naquele momento lutava para se revitalizar. O espaço era bem amplo, e as enormes portas de metal, antes usadas para embarque e desembarque de carga, tornavam impossível adivinhar o que estava acontecendo lá dentro. Cary e eu nos sentamos nas arquibancadas, observando meia dúzia de lutadores treinando no tatame ali abaixo.

“Ai.” Até eu me encolhi ao ver um deles levar um chute na região da virilha. Mesmo usando equipamento de proteção, aquilo parecia doloroso. “Como é que o Stanton vai descobrir, Cary?”

“Você vai acabar no hospital!” Ele olhou bem para mim. “Falando sério. Krav maga é muito violento. Eles estão só treinando, e é a maior pancadaria. Seu padrasto vai descobrir mesmo que você consiga esconder os hematomas. Ele sempre descobre.”

“Por causa da minha mãe! Ela conta tudo pra ele. Mas eu não vou dizer nada pra ela sobre isto aqui.”

“Por que não?”

“Ela não entenderia. Ia achar que eu quero me proteger por causa do que aconteceu, e vai se sentir culpada, fazer um dramalhão. Ela não ia acreditar que só quero me exercitar pra aliviar o estresse.”

Apoiei o queixo na palma da mão e vi Parker ir até o centro do tatame com uma mulher. Ele era um bom instrutor. Paciente e atencioso, explicava tudo de uma maneira fácil de entender. Parker dava aula em uma região bem barra-pesada, mas onde tudo aquilo que era ensinado fazia sentido. Nada é capaz de reproduzir melhor a sensação de insegurança do que um enorme galpão vazio.

“Esse Parker é um gato”, murmurou Cary.

“E usa aliança.”

“Percebi. Os bons partidos são sempre os primeiros a sair do mercado.”

Parker veio falar conosco depois da aula, com seus olhos pretos brilhantes e seu sorriso ainda mais reluzente.

“O que você achou, Eva?”

“Onde eu me matriculo?”

Seu sorriso sexy fez Cary apertar minha mão até quase interromper a circulação sanguínea.

“Logo ali.”

A sexta-feira começou muito bem. Mark me explicou o processo de coleta de informações para preencher uma solicitação de proposta e me contou um pouco mais sobre as Indústrias Cross e sobre Gideon Cross, fazendo questão de assinalar que eles dois tinham a mesma idade.

“Tenho que ficar me lembrando disso o tempo todo”, disse Mark. “É bem fácil esquecer que Gideon é assim jovem quando se está diante dele.”

“Verdade”, concordei, sem querer admitir que estava triste por saber que não veria Cross por dois dias. Por mais que dissesse a mim mesma que isso não faria nenhuma diferença, eu estava desapontada. Só me dei conta de que estava animada com a possibilidade de nos encontrarmos quando ela deixou de existir. Ficar perto de Gideon era excitante demais. Além disso, olhar para ele era uma experiência e tanto. Eu não tinha nada nem ao menos parecido para fazer no fim de semana.

Estava tomando algumas notas no escritório de Mark quando ouvi o telefone tocar. Pedi licença e fui correndo atender.

“Escritório de Mark Garrity.”

“Eva, querida. Como vai?”

Afundei na cadeira ao ouvir a voz do meu padrasto. Stanton soava como um aristocrata para mim — culto, poderoso e arrogante.

“Richard. Está tudo bem? Tudo certo com a mamãe?”

“Sim. Está tudo bem. Sua mãe está ótima, como sempre.”

Seu tom de voz se atenuava quando ele falava da mulher, e eu ficava grata por isso. Era grata a meu padrasto por vários motivos, na verdade, mas às vezes era difícil admitir isso sem me sentir desleal. Eu sabia que meu pai se sentia incomodado com a enorme

diferença entre as contas bancárias dos dois.

“Que bom”, eu disse aliviada. “Fico feliz. Vocês receberam meu bilhete agradecendo o vestido e o smoking do Cary?”

“Sim, foi muita consideração da sua parte, mas você sabe que não precisa nem agradecer. Só um momento.” Ele falou com alguém, provavelmente a secretária. “Eva, querida. Eu gostaria de almoçar com você hoje. Vou mandar Clancy ir buscar você.”

“Hoje? Mas a gente vai se ver amanhã à noite. Não dá pra esperar até lá?”

“Não, precisa ser hoje.”

“Mas eu só tenho uma hora de almoço.”

Um tapinha no meu ombro me alertou para a presença de Mark na minha baia. “Pode tirar duas horas”, ele sussurrou. “Você merece.”

Soltei um suspiro e agradeci silenciosamente. “Pode ser ao meio-dia, Richard?”

“Perfeito. Estou ansioso para ver você.”

Eu não tinha nenhuma razão para aguardar ansiosamente um encontro com Stanton, mas ainda assim saí pouco antes do meio-dia e encontrei um carro parado no meio-fio esperando por mim. Clancy, motorista e guarda-costas de Stanton, abriu a porta quando o cumprimentei. Ele assumiu seu lugar ao volante e tomou o caminho do centro. Vinte minutos depois, eu estava sentada em uma sala de reunião anexa ao escritório do meu padrasto, diante de uma refeição lindamente servida para duas pessoas.

Stanton entrou na sala logo depois de mim, com sua aparência distinta e impecável. Seus cabelos eram totalmente brancos, e seu rosto era bem delineado e ainda muito bonito. Seus olhos tinham uma cor de brim lavado, e brilhavam, inteligentes. Ele era magro e atlético, sempre conseguia arrumar um tempinho em seus dias ocupados para se exercitar, mesmo antes de se casar com a esposa modelo — minha mãe.

Eu me levantei, e ele me deu um beijo na bochecha. “Você está linda, Eva.”

“Obrigada.” Eu era muito parecida com minha mãe, que também era loira. Mas os olhos verdes eram do meu pai.

Sentando-se em uma cadeira na ponta da mesa, Stanton tinha consciência da paisagem que se descortinava atrás dele, com os prédios de Nova York, e sabia tirar vantagem da impressão que causava.

“Coma”, ele disse com a voz de comando tão facilmente entoada pelos homens poderosos. Homens como Gideon Cross.

Será que Stanton era tão determinado quanto Cross quando tinha sua idade?

Apanhei o garfo e ataquei a salada de frango, nozes, queijo feta e frutas vermelhas. Estava uma delícia, e eu tinha fome. Fiquei feliz por Stanton não ter começado a falar imediatamente, pois assim podia apreciar a refeição, mas o silêncio não durou muito.

"Eva, querida, eu gostaria de conversar sobre esse seu interesse por krav maga."

Fiquei paralisada. "Como é?"

Stanton tomou um gole de água gelada e se recostou, com o maxilar contraído de uma forma que avisava que eu não ia gostar do que ele estava prestes a dizer. "Sua mãe ficou preocupadíssima ontem à noite quando você foi àquele lugar no Brooklyn. Demorou um tempo para ela se acalmar e se convencer de que eu poderia tomar providências para que você faça isso de maneira segura. Ela não quer…"

"Espere." Eu larguei meu garfo cuidadosamente, já sem o menor apetite. "Como é que ela sabe aonde eu fui?"

"Ela rastreou seu celular."

"Não acredito!" Eu respirei fundo, desabando na cadeira. A tranquilidade com que ele deu essa resposta, como se fosse a coisa mais natural do mundo, me deixou enojada. Senti algo no estômago, que subitamente parecia mais interessado em rejeitar o conteúdo do almoço do que em digeri-lo. "Foi por isso que ela insistiu que eu usasse um telefone da empresa. Não tinha nada a ver com economia."

"Claro que um dos motivos era esse. Mas assim ela também podia ter paz de espírito."

"Paz de espírito? Espionando a própria filha, uma mulher adulta? Isso não é saudável, Richard. Você precisa entender. Ela ainda faz terapia com o doutor Petersen?"

Stanton pareceu incomodado. "Sim, é claro."

"Ela conta pra ele o que anda fazendo?"

"Não sei", ele respondeu, seco. "Isso é assunto dela. Eu não interfiro."

É claro que ele interferia. Stanton a pajeava o tempo todo, fazia tudo para agradá-la e mimá-la. Ele permitia que a obsessão dela pela minha segurança alcançasse proporções descomunais. "Ela precisa pôr uma pedra sobre tudo o que aconteceu. *Eu* já fiz isso."

"Você era uma menina inocente, Eva. Ela se sente culpada por não ter conseguido proteger você. Precisamos ter um pouquinho de tolerância."

"Tolerância? Ela invadiu minha privacidade!" Minha cabeça estava a mil. Como minha mãe tinha coragem de desrespeitar minha individualidade daquela forma? E *por que* fazia

aquilo? Ela estava ficando maluca e me enlouquecendo junto. “Isso precisa acabar.”

“Não tem problema nenhum. Já conversei com Clancy. Ele vai levar você quando precisar ir ao Brooklyn. Está tudo combinado. Vai ser muito melhor para você.”

“Não tente fingir que a maior beneficiada sou eu.” Meus olhos estavam ardendo e minha garganta queimava com o choro e a frustração contidos. Detestei a maneira como ele se referiu ao Brooklyn, como se fosse um país subdesenvolvido. “Sou uma mulher adulta. Posso tomar minhas próprias decisões. Existe uma lei que diz isso!”

“Não precisa elevar o tom de voz comigo, Eva. Estou apenas fazendo o melhor para sua mãe. E para você.”

Eu me afastei da mesa. “Você está incentivando esse comportamento. Está mantendo ela doente, e me deixando doente também.”

“Sente-se. Você precisa comer. Monica está preocupada, acha que você não está se alimentando direito.”

“Ela se preocupa com tudo, Richard. Esse é o problema.” Larguei meu guardanapo sobre a mesa. “Preciso voltar ao trabalho.”

Dei as costas, tomando imediatamente o caminho da porta para sair dali o quanto antes. Peguei minha bolsa com a secretária e deixei meu celular em cima da mesa dela. Clancy, que estava me esperando na recepção, veio atrás de mim, e eu sabia que não adiantava tentar dispensá-lo. Ele seguia as ordens de Stanton e de mais ninguém.

Clancy me levou de volta enquanto eu fumegava no banco de trás. Eu poderia reclamar o quanto quisesse, mas no fim não era muito diferente do meu padrasto, porque no fim acabaria cedendo. Eu ia deixar minha vontade de lado e fazer o que minha mãe queria, porque a ideia de fazê-la sofrer ainda mais era de cortar o coração. Ela era emotiva e sensível demais, e me amava a ponto de enlouquecer por causa disso.

Eu estava de péssimo humor ao chegar ao Crossfire. Quando Clancy me deixou no meio-fio, olhei para os dois lados na calçada lotada à procura de um mercadinho para comprar chocolate ou de uma loja para arrumar um celular novo.

Acabei dando uma volta no quarteirão e comprando meia dúzia de chocolates na farmácia da esquina antes de entrar no prédio. Só fazia uma hora que eu tinha saído, mas eu não estava a fim de usar a hora a mais que Mark havia me concedido. Precisava trabalhar para esquecer minha família perturbada.

Ao entrar sozinha no elevador, rasguei a embalagem de uma barra de chocolate e a mordi furiosamente. Estava disposta a consumir toda a minha cota de chocolate antes de chegar ao vigésimo andar, mas o elevador parou no quarto. Gostei da ideia de ter um

tempo extra para deixar o chocolate e o caramelo derreterem na minha língua.

A porta abriu, revelando a figura de Gideon Cross, que conversava com dois outros homens.

Como sempre, fiquei sem ar diante dele, o que só reacendeu minha raiva, que já estava começando a diminuir. Por que ele tinha aquele efeito sobre mim? Quando eu conseguiria ficar imune a ele?

Ele olhou para dentro. Ao me ver, seus lábios se curvaram em um sorriso de tirar o fôlego.

Que ótimo. Que sorte a minha. Eu agora era uma espécie de desafio para ele.

O sorriso de Cross se desfez em uma expressão séria. “Falamos sobre isso mais tarde”, ele murmurou para seus companheiros sem tirar os olhos de mim.

Cross entrou no elevador e os dispensou com um gesto de mão. Eles pareceram surpresos. Olharam para mim, para Cross, e depois para mim de novo.

Fiz menção de sair, ciente de que seria melhor para minha saúde mental pegar outro elevador.

“Por que a pressa, Eva?” Ele me agarrou pelo cotovelo e me puxou de volta. A porta fechou e o elevador se pôs suavemente em movimento.

“O que você está fazendo?”, protestei. Depois de ter que lidar com Stanton, a última coisa de que eu precisava era de outro macho dominante me dando ordens.

Cross agarrou meus braços e forçou o contato visual. Seus olhos azuis eram intensos. “Tem alguma coisa incomodando você. O que é?”

Aquele aperto afetou ainda mais meu mau humor, e a eletricidade que eu sabia existir entre nós enfim se manifestou. “Você.”

“Eu?” Seus dedos aliviaram a pressão sobre meus ombros. Depois de me soltar, ele tirou uma chave solitária do bolso e a enfiou no painel. Todos os botões se apagaram, a não ser o do último andar.

Ele estava vestido de preto de novo, com riscas de giz em cinza. Vê-lo de costas foi uma revelação. Seus ombros eram largos sem serem ostensivos, realçando sua cintura bem delineada e suas pernas compridas. Os cabelos sedosos roçando o colarinho me despertaram o desejo de agarrá-los e puxá-los. Com força. Eu o desejava com toda a minha raiva. Estava disposta a uma boa briga.

“Não estou nem um pouco a fim desse tipo de conversa, senhor Cross.”

Ele observava o mostrador em estilo antigo acima da porta passar pelos números dos andares que deixávamos para trás. “Posso deixar você a fim.”

“Não estou interessada.”

Cross olhou para mim por cima do ombro. Sua camisa e sua gravata tinham o mesmo tom azulado de sua íris. O efeito do conjunto era devastador. “Não minta pra mim, Eva. Nunca.”

“Não é mentira. E daí que eu me sinto atraída por você? A maioria das mulheres deve se sentir.” Embrulhei o pedaço de chocolate que havia restado e joguei de volta na sacola, que enfiei dentro da bolsa. Quando estava com Gideon Cross, eu não precisava de chocolate. “Mas não estou interessada em levar isso adiante.”

Então ele se virou para mim, lentamente, com um esboço de sorriso percorrendo sua boca tentadora. Sua tranquilidade e impassibilidade me deixaram ainda mais descontrolada. “*Atração* é uma palavra civilizada demais para…”, ele percorreu com a mão o espaço entre nós, “isto.”

“Pode me chamar de maluca, mas eu preciso *gostar* de um cara antes de tirar a roupa na frente dele.”

“Eu não diria maluca. Mas não tenho tempo nem disposição pra namoros.”

“Pois então somos dois. Ainda bem que tiramos isso a limpo.”

Ele chegou mais perto, erguendo a mão na direção do meu rosto. Eu me obriguei a não lhe dar a satisfação de me esquivar ou parecer intimidada. Ele esfregou o polegar na minha boca, levou-o até a dele, chupou a ponta do dedo e sussurrou: “Chocolate e você. Que delícia”.

Senti um tremor pelo corpo todo, seguido por uma compressão entre minhas pernas ao me imaginar lambendo aquele corpo absurdamente sexy regado com chocolate.

Seu olhar se tornou mais intenso e sua voz baixou para um tom de intimidade. “Romance não é meu forte, Eva. Mas conheço mil maneiras de fazer gozar. Basta você querer.”

O elevador parou subitamente. Ele tirou a chave do painel e a porta abriu.

Eu me encolhi em um canto e fiz um sinal com a mão para que ele se afastasse. “Realmente não estou interessada.”

“Veremos.” Cross me pegou pelo cotovelo e, de maneira gentil mas insistente, me pôs para fora.

Fui junto com ele porque gostava da emoção de estar a seu lado, e também porque

estava curiosa para saber o que Cross diria se interagíssemos por mais de cinco minutos, para variar.

A porta abriu tão rapidamente que não foi preciso nem diminuir o passo. A bonita ruiva da recepção se levantou depressa, ansiosa para transmitir alguma informação enquanto ele balançava a cabeça demonstrando impaciência. Ela se calou e ficou me encarando enquanto passávamos a passos largos.

Felizmente, o corredor que levava à sala dele era curto. Seu secretário se levantou diante da aproximação do chefe, mas ficou em silêncio ao perceber que ele não estava sozinho.

“Não passe nenhuma ligação, Scott”, disse Cross, conduzindo-me a seu escritório através da porta dupla de vidro.

Apesar da irritação, não pude deixar de me impressionar com a espaçosa sala de comando de Gideon Cross. Janelas panorâmicas exibiam a cidade de ambos os lados, como uma parede de vidro envolvendo o escritório. A única parede não transparente, bem na frente de sua enorme mesa, era coberta de monitores exibindo notícias em tempo real de canais de notícias do mundo inteiro. Havia três ambientes distintos, todos maiores que o escritório inteiro de Mark, e um bar com decanters de cristal, que proporcionavam os únicos pontos coloridos em uma decoração em que predominavam o preto, o branco e o cinza.

Cross apertou um botão na mesa e a porta se fechou. Logo em seguida a parede de vidro ficou opaca, protegendo-nos dos olhos dos funcionários. Com os filmes instalados nas janelas, nossa privacidade estava garantida. Ele tirou o paletó e o pendurou em um cabide cromado. Depois voltou para onde eu estava desde o momento em que entramos. “Quer beber alguma coisa, Eva?”

“Não, obrigada.” Droga. Ele estava ainda mais gostoso só de colete. Dava para ver melhor como seu corpo era bonito. Como seus ombros eram fortes. Como seus bíceps se flexionavam lindamente quando ele se mexia.

Cross apontou para um sofá de couro preto. “Pode sentar.”

“Preciso voltar ao trabalho.”

“E eu tenho uma reunião às duas. Quanto mais cedo resolvermos isso, mais depressa podemos voltar ao trabalho. Agora pode sentar.”

“O que exatamente nós temos que resolver?”

Soltando um suspiro, ele me pegou pelo braço, conduziu-me até o sofá e se sentou ao meu lado. “Suas objeções. Está na hora de discutir o que pode fazer você querer dar pra

mim.”

“Um milagre.” Eu me afastei, ampliando o espaço entre nós. Puxei para baixo a barra da minha saia verde-esmeralda, arrependida de não ter vestido uma calça naquele dia. “Sua abordagem é grosseira e ofensiva.” E me deixou louca de tesão, mas isso eu nunca ia admitir.

Ele me observou estreitando os olhos. “Posso não ser muito sutil, mas sou sincero. Você não me parece o tipo de mulher que prefere ouvir mentiras e galanteios em vez da verdade pura e simples.”

“Prefiro ser tratada como alguém que tem mais a oferecer do que uma boneca inflável.”

Cross ergueu as sobrancelhas. “Muito bem, então.”

“Estamos conversados?”, perguntei já me levantando.

Envolvendo meu pulso com os dedos, Cross me fez sentar de novo. “De jeito nenhum. Só esclarecemos alguns pontos: sentimos uma enorme atração sexual um pelo outro e nenhum dos dois quer namorar. Então você quer o que exatamente, Eva? Sedução? Você quer ser seduzida?”

Aquela conversa era ao mesmo tempo fascinante e ultrajante. E, é claro, tentadora. Dificilmente não seria, com um macho maravilhoso e viril daquele olhando para mim, determinado a me levar para a cama. Ainda assim, o lado negativo daquilo tudo falou mais alto. “Falar de sexo como quem fala de negócios é broxante demais pra mim.”

“Estabelecer parâmetros logo de início evita que as expectativas sejam exageradas, o que poderia levar a uma decepção desnecessária.”

“Você está falando sério?”, perguntei com desdém. “Ouça o que está dizendo. Por que perder tempo falando em sexo? Por que não dizer logo ‘uma emissão seminal em um orifício pré-aprovado’?”

Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Fiquei ainda mais irritada. O som gutural de sua risada desabou sobre mim como um jato de água morna. Meu desejo por ele cresceu a um nível próximo do sofrimento físico. Seu divertimento mundano o fez parecer menos com um deus do sexo e mais com um ser humano. De carne e osso. Gente de verdade.

Eu me levantei e me afastei dele. “Sexo casual não precisa começar com flores e vinho, mas, pelo amor de Deus, sexo é uma coisa pessoal. Íntima. Que exige um mínimo de respeito mútuo.”

A disposição para o humor pareceu sumir dos olhos dele. “Não existe espaço para

ambiguidade nas minhas relações pessoais. Você está querendo misturar as coisas. E eu não vejo nenhum motivo pra isso.”

“Não quero que você faça nada além de me deixar voltar ao trabalho.” Tomei o caminho da porta e acionei a maçaneta, xingando baixinho ao ver que ela não funcionava. “Me deixe sair, Cross.”

Senti que ele se aproximava de mim. As palmas de suas mãos, pressionadas contra o vidro, me aprisionaram entre seus braços. Eu não conseguia mais pensar em me preservar sentindo sua presença assim tão próxima.

A força e a determinação de seu desejo formavam uma espécie de campo de força quase palpável. Ele deu um passo à frente e me envolveu com seu corpo. Tudo o que havia fora dessa bolha deixou de existir, enquanto dentro dela meu corpo inteiro ansiava pelo dele. Cross exercia um efeito tão profundo e visceral sobre mim, mesmo sendo tão irritante, que minha cabeça começou a girar. Como eu podia sentir tanto tesão por alguém cujas palavras deveriam me deixar broxada?

“Vire para mim, Eva.”

Seu tom de voz autoritário me deixou tão excitada que meus olhos até se fecharam. Meu Deus, o cheiro dele era maravilhoso. Seu corpo poderoso irradiava desejo e calor, instigando a vontade enlouquecida que eu tinha dele. Essa reação incontrolável foi intensificada pela minha frustração com Stanton e pela discussão com o próprio Cross.

Eu queria Cross. Muito. Mas ele era demais para mim. Sinceramente, eu não precisava de ninguém para arruinar minha vida, não precisava de ajuda nesse quesito.

Minha testa quente tocou o vidro resfriado pelo ar-condicionado. “Me deixe sair, Cross.”

“Vou deixar. Você tem cheiro de encrenca.” Seus lábios roçavam de leve minha orelha. Uma de suas mãos apertava minha barriga, seus dedos me puxavam para que eu encostasse nele. Ele estava tão excitado quanto eu: senti seu pau duro e grosso contra a base da minha coluna. “Agora vire para mim e se despeça.”

Decepcionada e arrependida, recusei seu toque, encolhendo-me contra a porta gelada em comparação às minhas costas quentes. Ele estava curvado sobre mim, com os cabelos luxuriosos emoldurando seu lindo rosto e o antebraço apoiado na porta para ficar ainda mais perto. Quase não havia espaço entre nós. A mão que estava na minha cintura havia passado para a curvatura do meu quadril, apertando-me cada vez mais e me deixando maluca. Ele me encarou com seu olhar intenso e perturbador.

“Me dê um beijo”, ele pediu, sussurrando. “Pelo menos isso.”

Ligeiramente ofegante, passei a língua pelos lábios ressecados. Ele inclinou a cabeça e encostou sua boca na minha. Fiquei impressionada com a firmeza e a maciez de seus lábios, e com a pressão suave que eles exerciam. Suspirei, e sua língua entrou na minha boca, sentindo meu gosto em longas e deliciosas lambidas. Era um beijo confiante e habilidoso, com a quantidade ideal de agressividade para me deixar morrendo de tesão.

Mal registrei quando minha bolsa caiu no chão; minhas mãos foram logo para os cabelos dele. Puxei as mechas sedosas, usando-as para direcionar sua boca para a minha. Ele gemeu, tornando o beijo ainda mais profundo, atacando minha língua com movimentos lascivos. Senti seus batimentos descontrolados contra meu peito, uma prova de que ele não era tão desesperadamente perfeito como na minha imaginação febril.

Cross se afastou da porta. Agarrando minha nuca e minha bunda, ele me levantou do chão. “Quero você, Eva. Cheirando a encrenca ou não, não consigo evitar.”

Estava inteiramente grudada nele, sentindo cada pedacinho do seu corpo gostoso. Eu o beijava como se fosse comê-lo vivo. Minha pele estava úmida e hipersensível, meus seios pareciam mais pesados e receptivos ao toque. Meu clitóris implorava por atenção, pulsando ao ritmo da minha respiração acelerada.

Sem que eu me desse conta, já estava deitada no sofá. Cross estava inclinado sobre mim, com um dos joelhos apoiado no estofamento e o outro pé no chão. O peso da parte superior de seu corpo estava apoiado sobre seu braço esquerdo, enquanto ele agarrava a parte de trás do meu joelho com a mão direita, subindo para a minha coxa em uma carícia firme e possessiva.

Cross expirou com força quando chegou ao ponto em que minha cinta-liga se prendia à parte de cima da meia de seda. Ele desviou o olhar de mim e o direcionou para baixo, puxando minha saia para tirá-la.

“Minha nossa, Eva.” Um gemido grave reverberou em seu peito, uma emissão sonora primitiva que fez minha pele inteira se arrepiar. “Sorte do seu chefe que ele é gay.”

De relance, vi a parte inferior do corpo de Cross contra o meu, minhas pernas abertas para acolher a amplitude de seus quadris. Meus músculos queimavam de vontade de me encostar toda nele, de apressar o contato que eu desejava desde a primeira vez que o vi. Baixando um pouco a cabeça, ele atacou minha boca de novo, ferindo um pouco os meus lábios com sua impetuosidade levemente violenta.

Mas, de um momento para o outro, ele se afastou de mim, ficando em pé imediatamente.

Eu permaneci lá, ofegante e molhada, pronta e desejosa. Foi quando percebi por que Cross havia reagido de maneira tão abrupta.

Havia alguém atrás dele.

4

Horrorizada com a súbita intromissão na nossa privacidade, eu me sentei apressadamente no braço do sofá, ajeitando minha saia enquanto isso.

"… da reunião das duas horas está aqui."

Precisei de alguns segundos intermináveis de pânico para perceber que Cross e eu ainda estávamos sozinhos na sala, que a voz que eu tinha ouvido vinha de um alto-falante. Cross se sentou na outra ponta do sofá, parecendo irritado, com a respiração ofegante. A braguilha da calça ostentava o volume de uma ereção impressionante.

Apavorada, imaginei com que aparência eu deveria estar. E já tinha passado da hora de voltar ao trabalho.

"Meu Deus." Cross passou as mãos pelo cabelo. "Estamos no meio do expediente. E na porra do meu escritório!"

Eu me levantei e tentei me recompor.

"Espere." Ele veio até mim e levantou minha saia de novo.

Furiosa com o que quase havia acontecido quando eu deveria estar trabalhando, dei um tapa nas mãos dele. "Pare com isso. Me deixe."

"Fique quieta, Eva", ele disse com um sorriso, pegando nas mãos a barra da minha blusa de seda preta e a recolocando no lugar, de modo que ficasse ajustada e que os botões formassem de novo um arco perfeito em torno dos seios. Depois ele abaixou minha saia de volta, alisando-a com suas mãos seguras e competentes. "Prenda direito o cabelo."

Cross vestiu o paletó, acomodando-se dentro dele antes de ajustar a gravata. Chegamos à porta no mesmo instante e, quando me abaixei para apanhar minha bolsa, ele me acompanhou no mesmo movimento.

Então pegou meu queixo e fez com que eu olhasse para ele. "Ei", ele disse com uma voz suave. "Está tudo bem?"

Minha garganta queimava. Eu estava excitada, irritada e morrendo de vergonha. Nunca tinha perdido a cabeça dessa forma antes. E detestava o fato de isso ter acontecido com ele, um homem cuja noção de intimidade sexual era tão asséptica que me deixava deprimida só de pensar.

Livrei meu queixo do seu toque. “Eu *pareço* estar bem?”

“Você está linda e louca para trepar. Me deixou com tanto tesão que até dói. Estou a ponto de voltar para aquele sofá e fazer você gozar até não aguentar mais.”

“Não dá pra acusar você de não ser direto”, resmunguei, deixando claro que não estava ofendida. Na verdade, a brutalidade do desejo dele era um potente afrodisíaco. Apanhando a alça da bolsa, eu me pus de pé sobre as pernas bambas. Precisava me afastar dele. E, quando o dia de trabalho terminasse, precisava de um tempo sozinha com uma boa taça de vinho.

Cross também se levantou. “Vou apressar tudo aqui pra terminar até as cinco. Aí desço pra pegar você.”

“Não, senhor. Isso que aconteceu agora não muda nada.”

“É claro que muda.”

“Não seja arrogante, Cross. Posso ter perdido a cabeça por um momento, mas isso não significa que eu queira o mesmo que você.”

Seus dedos agarraram a maçaneta da porta. “Você quer, sim. Só não quer que seja da maneira como estou oferecendo. Só precisamos alinhar alguns pontos.”

Outra vez a linguagem de negócios. Fria e impessoal. Comecei a me irritar de novo.

Pus minha mão sobre a dele e abri a porta, passando por baixo de seu braço para empurrá-la. Seu secretário se levantou rapidamente, assim como a mulher e os dois homens que esperavam por Cross. Ouvi quando ele disse:

“Scott vai conduzi-los até minha sala. Volto em um instante.”

Ele me alcançou na recepção, passando o braço pelas minhas costas e me agarrando pelo quadril. Eu não queria causar nenhum constrangimento, então esperei até chegar ao elevador para afastá-lo.

Ele não se abalou e apertou calmamente o botão. “Até as cinco, Eva.”

Não tirei os olhos do botão do elevador. “Estou ocupada.”

“Até amanhã então.”

“Tenho compromisso no fim de semana.”

Ele entrou na minha frente e perguntou com a voz firme: “Com quem?”.

“Isso não é da sua…”

Cross cobriu minha boca com a mão. “Chega. Só me diga quando, então. E, antes que

se sinta tentada a dizer nunca, dê uma boa olhada e me diga se pareço ser um homem que desiste facilmente."

Sua expressão estava séria, e seu olhar era concentrado e determinado. Estremeci. Não tinha certeza se podia confiar na minha capacidade de resistir a Gideon Cross.

Engolindo em seco, esperei que ele tirasse a mão de mim e falei: "Acho que nós dois precisamos esfriar um pouco a cabeça. Pensar um pouco".

Ele insistiu. "Segunda depois do expediente."

O elevador chegou e eu entrei. Virando para ele, dei minha resposta: "Segunda na hora do almoço".

Assim teríamos só uma hora, e eu teria um bom motivo para fugir.

Antes de as portas se fecharem, ele ainda disse: "Eu não vou desistir, Eva".

Soou mais como uma ameaça do que como uma promessa.

"Não se preocupe, Eva", tranquilizou Mark quando cheguei à mesa, às duas e quinze. "Você não perdeu nada. Tive um almoço demorado com o senhor Leaman. Também acabei de chegar."

"Obrigada." Por mais que ele me tranquilizasse, eu ainda estava me sentindo muito mal. Minha produtiva manhã de sexta-feira no trabalho parecia ter ficado em um passado longínquo.

Trabalhamos sem parar até as cinco, conversando sobre um cliente do ramo de fast-food e tendo algumas ideias para um anúncio de uma rede de mercearias especializadas em produtos orgânicos.

"Pepinos nós temos de sobra", Mark havia dito em tom de brincadeira, sem saber que isso se aplicava perfeitamente à minha vida pessoal.

Eu tinha acabado de desligar o computador e estava pegando a bolsa quando o telefone tocou. Olhei para o relógio, que mostrava exatamente cinco horas, e pensei em ignorar a ligação, uma vez que tecnicamente o expediente já havia terminado.

Mas, como eu ainda estava me sentindo culpada por causa do almoço de duas horas, atendi como uma forma de penitência. "Escritório de Mark…"

"Eva, querida. Richard me disse que você esqueceu o celular no escritório dele."

Soltei uma bufada e me joguei de volta na cadeira. Conseguia até ver o lencinho na mão

que acompanhava aquele tom de voz especialmente ansioso da minha mãe. Era muito irritante, mas também era de cortar o coração. “Oi, mãe. Tudo bem?”

“Ah, estou ótima. Obrigada por perguntar.” Minha mãe tinha uma voz ao mesmo tempo infantil e sussurrante, uma mistura de Marilyn Monroe e Scarlett Johansson. “Clancy já deixou o celular na portaria do seu prédio. Você não deveria sair sem ele. Nunca se sabe quando se vai precisar ligar para alguém…”

Eu já vinha planejando uma forma de manter aquele telefone e encaminhar as chamadas para outro que minha mãe não tivesse registrado, mas naquele momento essa não era minha prioridade. “O que o doutor Petersen falou sobre você rastrear meu telefone?”

O silêncio do outro lado da linha era revelador. “O doutor Petersen sabe que eu me preocupo com você.”

Coçando o nariz, eu falei: “Acho que está na hora de fazermos outra consulta conjunta, mãe”.

“Ah… claro. Ele inclusive falou que gostaria de ver você de novo.”

Provavelmente por achar que você não está dizendo toda a verdade. Mudei de assunto. “Estou adorando o novo emprego.”

“Que maravilha, Eva! Seu chefe está tratando você bem?”

“Sim, ele é ótimo. Não poderia ser melhor.”

“Ele é bonito?”

Eu sorri. “Sim, muito. Mas é comprometido.”

“Que coisa. Os melhores sempre são.” Ela riu, e meu sorriso se abriu ainda mais. Eu adorava vê-la feliz. Gostaria que passasse mais tempo assim. “Mal posso esperar para ver você no jantar beneficente.”

Monica Tramell Barker Mitchell Stanton se sentia em casa em eventos sociais, uma beldade radiante acostumada a receber grandes doses de atenção masculina a vida toda.

“Vamos aproveitar o dia juntas também”, disse minha mãe mais baixo. “Eu, você e Cary. Podemos ir a um spa e nos embelezar. Tenho certeza de que você está precisando de uma massagem depois de trabalhar tanto.”

“Seria bom, com certeza. E sei que Cary ia amar.”

“Ah, estou tão animada! Posso mandar um carro até sua casa às onze?”

“Vou estar esperando.”

Desliguei, recostei-me na cadeira e soltei um suspiro. Estava precisando muito de uma

banheira quente e de um orgasmo. Pouco importava se Gideon Cross descobrisse que eu me masturbava pensando nele. Minha frustração sexual estava enfraquecendo minha posição naquele jogo, uma fraqueza que eu sabia que ele não tinha. Com certeza haveria um orifício pré-aprovado à sua disposição antes do fim do dia.

Enquanto trocava os saltos pelos tênis, o telefone tocou de novo. Minha mãe raramente permanecia relaxada por muito tempo. Os cinco minutos que se passaram desde nossa conversa devem ter sido suficientes para ela perceber que a questão do celular ainda não estava resolvida. Mais uma vez, pensei em ignorar o telefone, mas não queria levar nada de ruim comigo para casa depois de um dia como aquele.

Atendi com minha saudação habitual, mas sem o mesmo entusiasmo.

“Ainda estou pensando em você.”

A voz rouca e aveludada de Cross tomou conta de mim sem nenhuma resistência, o que me fez perceber que eu ansiava por ouvi-la de novo.

Meu Deus. O desejo era tão intenso que era como se ele tivesse se tornado uma droga para meu corpo, a única fonte de uma sensação inigualável.

“Ainda estou sentindo você, Eva. Seu gosto. Estou de pau duro desde que saiu, apesar de duas reuniões e uma teleconferência. Estou em desvantagem. Faça suas exigências.”

“Ah”, murmurei. “Deixe-me ver.”

Eu o deixei esperando, e abri um sorriso ao me lembrar do comentário de Cary sobre fazê-lo subir pelas paredes. “Humm… Não consegui pensar em nada. Mas tenho alguns conselhos de amiga. Procure uma mulher que esteja babando por você e faça com que se sinta um deus. Trepe com ela até nenhum dos dois aguentar mais. Quando me encontrar na segunda-feira, você já vai ter esquecido tudo isso, e sua vida vai voltar à sua ordem obsessivo-compulsiva.”

Um som de atrito se tornou audível ao telefone, o que me fez pensar que ele estava se remexendo na cadeira. “Desta vez vou deixar passar, Eva. Mas, da próxima vez que insultar minha inteligência, vai levar um tapa na bunda.”

“Não gosto desse tipo de coisa.” E ainda assim, naquele tom de voz, aquela ameaça tinha me deixado excitada. Ele era perigoso, com certeza.

“Veremos. Enquanto isso, me fale do que você gosta.”

Eu me levantei. “Sua voz é perfeita para fazer sexo por telefone, mas preciso ir. Tenho um encontro com meu vibrador.”

Eu deveria ter desligado naquele momento, para que minha recusa tivesse um efeito

dramático, mas queria ouvir quando ele engolisse em seco, como eu imaginava que faria. Além disso, eu estava me divertindo.

“Ah, Eva.” Cross disse meu nome em uma espécie de suspiro esvaído. “Você quer que eu implore, não é mesmo? O que eu preciso fazer pra entrar nessa brincadeira com seu amiguinho movido a pilha?”

Ignorei ambas as perguntas e ajeitei a bolsa sobre o ombro, feliz por saber que ele não estava vendo como minha mão tremia. Eu não estava *nem um pouco* disposta a falar sobre meu vibrador com Gideon Cross. Nunca conversei abertamente sobre masturbação com um homem, muito menos com um cujas verdadeiras intenções eu desconhecia. “Meu amiguinho e eu temos uma relação bem clara — quando a brincadeira acaba, sabemos exatamente quem foi usado, e esse alguém nunca sou eu. Boa noite, Gideon.”

Desliguei e tomei o rumo das escadas, tendo em mente que descer aqueles vinte andares serviria tanto para evitar encontros indesejáveis como para compensar o fato de que naquela noite eu não iria à academia.

Fiquei tão feliz ao chegar em casa no fim daquele dia que entrei praticamente dançando no apartamento. Meu suspiro de alívio — “Nossa, como é bom estar em casa!” — e os rodopios que o acompanharam foram suficientes para atrair a atenção do casal que estava sentado no sofá.

“Opa”, eu disse, encolhendo-me de vergonha. Cary não estava fazendo nada muito comprometedor quando entrei, mas a proximidade com que estavam sentados sugeria alguma intimidade.

Pensei em Gideon Cross, que era capaz de eliminar a intimidade dos atos mais íntimos que alguém é capaz de imaginar, com certo mau humor. Eu já tinha feito sexo casual e mantido relações sem nenhum compromisso, e ninguém sabia melhor que eu que fazer sexo e fazer amor eram coisas bem diferentes, mas nunca seria capaz de enxergar o sexo como algo mecânico, como um aperto de mãos. O fato de Cross encarar a coisa dessa forma me entristecia, apesar de ele não ser o tipo de homem que despertasse compaixão ou pena.

“Oi, gata”, Cary me cumprimentou, ficando de pé. “Queria mesmo que você chegasse antes de Trey ir embora.”

“Tenho aula daqui a uma hora”, explicou Trey, contornando a mesa de centro enquanto eu punha minha bolsa em um banquinho junto ao balcão. “Mas fico feliz de ter

conseguido ver você antes de ir embora.”

“Eu também.” Apertei sua mão quando ele a estendeu para mim, aproveitando a chance para examiná-lo de relance. Tinha mais ou menos a minha idade. Altura mediana e musculatura sólida. Cabelos loiros despenteados, olhos azuis redondinhos e um nariz que claramente já havia sido quebrado em algum momento.

“Se importa se eu beber uma taça de vinho?”, perguntei. “Tive um dia difícil.”

“Vai fundo”, respondeu Trey.

“Eu também quero uma.” Cary se juntou a nós no balcão. Usava uma calça jeans preta larga e um suéter preto de gola bem larga. Um visual despojado e elegante, que realçava de maneira fenomenal seus cabelos castanhos e seus olhos verdes.

Fui até a adega e puxei uma garrafa qualquer.

Trey enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e ficou se balançando sobre os calcanhares, falando baixinho com Cary enquanto eu abria e servia o vinho.

O telefone tocou, e eu atendi. “Alô?”

“Alô, Eva? Aqui é Parker Smith.”

“Oi, Parker.” Apoiei o quadril no balcão. “Tudo bem?”

“Espero que não se importe de eu telefonar. Foi seu padrasto que me passou o número.”

Argh. Stanton já tinha me incomodado demais em um só dia. “Não, tudo bem. Algum problema?”

“Sendo bem sincero? Nenhum. Seu padrasto foi a melhor coisa que nos aconteceu. Ele vai financiar algumas reformas para a segurança do espaço e outras melhorias que precisavam ser feitas. É por isso que estou ligando. Não vamos abrir na semana que vem. As aulas só vão voltar na outra segunda.”

Fechei os olhos, tentando reprimir um grito de desespero. Não era culpa de Parker se Stanton e minha mãe eram maníacos controladores. Obviamente, eles não eram capazes de entender a ironia em tentar me defender enquanto estivesse cercada de pessoas treinadas para fazer exatamente isso. “Parece ótimo. Mal posso esperar. Estou muito animada para começar a treinar com você.”

“Eu também. Vamos trabalhar duro, Eva. Seus pais vão ver como o investimento deles vai valer a pena.”

Servi uma taça cheia para Cary e dei um gole enorme na minha. Nunca deixei de me surpreender diante do efeito que o dinheiro era capaz de causar. Só que, mais uma vez, a

culpa não era de Parker. “Por mim tudo bem.”

“Vamos começar assim que estiver tudo pronto. Seu motorista já está com os horários.”

“Legal. A gente se fala, então.” Quando desliguei, vi o olhar que Trey lançou na direção de Cary quando pensou que nenhum de nós dois estávamos olhando. Era um olhar meigo e cheio de ternura, o que me lembrava de que meus problemas podiam esperar. “Que pena que eu peguei você de saída, Trey. Você pode sair pra comer uma pizza na quarta? Seria bom ter tempo pra falar alguma coisa além de oi e tchau.”

“Tenho aula.” Ele me ofereceu um sorriso de lamento e lançou outro olhar de soslaio para Cary. “Mas na terça eu posso.”

“Seria ótimo.” Eu sorri. “A gente pode comer aqui mesmo e ver um filme.”

“Eu adoraria.”

Fui recompensada com um beijo, que Cary me mandou enquanto acompanhava Trey até a porta. Quando ele voltou para a cozinha, pegou sua taça de vinho e falou: “Vamos lá. Desembucha, Eva. Você parece estar bem estressada”.

“Estou mesmo”, confirmei, apanhando a garrafa e me dirigindo à sala.

“É o Gideon Cross, né?”

“Ah, sim. Mas não quero falar dele agora.” Apesar de os fins de Gideon serem louváveis, seus meios eram deploráveis. “Vamos falar de você e Trey. Como se conheceram?”

“Foi em um trabalho. Trey trabalha meio período como assistente de fotógrafo. Sexy ele, né?” Seus olhos brilhavam de felicidade. “E um verdadeiro cavalheiro. À moda antiga.”

“Quem diria que isso ainda existe?”, resmunguei antes de matar minha primeira taça.

“O que você quer dizer com isso?”

“Nada. Desculpe, Cary. Trey me pareceu ótimo e claramente gosta de você. Ele estuda fotografia?”

“Veterinária.”

“Uau. Que incrível.”

“Também acho. Mas vamos esquecer um pouquinho Trey. Me fale sobre o que está incomodando você. Ponha tudo pra fora.”

Eu suspirei. “Minha mãe. Ela descobriu que eu vou fazer aula com Parker e está surtando.”

“Quê? Como ela descobriu? Juro que não contei pra ninguém.”

“Eu sei que não. Nem desconfiei de você.” Apanhando a garrafa de cima da mesa, reabasteci minha taça. “Escuta só. Ela rastreou meu celular.”

Cary ergueu as sobrancelhas. “Sério? Isso é meio… assustador.”

“Pois é! Foi isso que eu falei, mas Stanton não quer me ouvir.”

“Que coisa.” Ele passou a mão pela franja comprida. “E o que você vai fazer?”

“Comprar um telefone novo. E conversar com o doutor Petersen para ver se ele consegue fazer minha mãe agir com um pouco de bom senso.”

“Boa ideia. Dedurar para o analista. Então… como andam as coisas no trabalho? Ainda na fase do encantamento?”

“Com certeza.” Deitei a cabeça nas almofadas do sofá e fechei os olhos. “O trabalho e você estão salvando minha vida neste momento.”

“E aquele zilionário gostoso que quer transar com você? Vai, Eva. Você está me matando de curiosidade. O que rolou?”

Contei tudo para Cary, claro. Queria sua opinião sobre o assunto. Quando terminei, ele ficou em silêncio. Levantei a cabeça para olhá-lo e o surpreendi mordendo os lábios, com os olhos brilhando.

“Cary? O que foi?”

“Essa história me deixou excitado.” Ele riu, e o som de sua gargalhada profunda e masculina varreu boa parte da minha irritação para longe. “Ele deve estar muito confuso agora. Eu pagaria um bom dinheiro pra ver a cara dele quando ameaçou dar um tapa na sua bunda.”

“Não acredito que ele disse aquilo.” Só a lembrança da voz de Cross ao fazer a ameaça já fez as palmas das minhas mãos ficarem suadas o bastante para deixar uma mancha na taça de vinho. “Vai saber o que mais ele curte…”

“Não tem nada de estranho em gostar de uns tapinhas na bunda. Além disso, ele estava mandando ver no papai-e-mamãe no sofá, então não deve ter nada contra fazer só o básico.” Cary desabou no sofá, com um sorriso radiante iluminando seu lindo rosto. “Você está sendo um grande desafio para um cara que obviamente adora ser desafiado. E ele está disposto a fazer concessões por você, o que com certeza não está acostumado a fazer. Diga logo pra ele o que quer.”

Dividi entre nós o que sobrou do vinho, sentindo-me um pouquinho melhor agora que tinha certa quantidade de álcool nas veias. O que eu queria, afinal? Além do óbvio?

“Somos totalmente incompatíveis.”

“É assim que você chama o que aconteceu naquele sofá?”

“Ah, Cary. Vamos cair na real. Ele me conheceu no saguão do prédio e já foi logo dizendo que queria me comer. Do nada. Até um cara que você conhece num bar e leva pra casa faz mais por merecer do que ele. Ei, como é que você chama? Você vem sempre aqui? Está acompanhada? O que está bebendo? Quer dançar? Você trabalha aqui perto?”

“Tudo bem, tudo bem. Entendi.” Cary deixou a taça sobre a mesa. “Vamos sair. Ir a um bar. Dançar até não aguentar mais. Quem sabe encontrar uns carinhas pra conversar com você.”

“Ou pelo menos me pagar um bebida.”

“Ei, Cross ofereceu uma bebida pra você no escritório dele.”

Balancei a cabeça e fiquei de pé. “Dane-se. Vou tomar um banho e já vamos.”

Eu me joguei na balada como se nunca tivesse feito isso antes. Cary e eu circulamos por todos os clubes noturnos de Tribeca ao East Village, jogando dinheiro fora com taxas de consumação, mas nos divertindo muito. Dancei até meus pés quase não aguentarem, mas consegui segurar firme, e Cary foi o primeiro a reclamar do desconforto das botas.

Saímos de um clube que tocava tecnopop com a intenção de comprar chinelos em uma farmácia ali perto quando cruzamos com o promotor de um *lounge* localizado a poucos quarteirões de distância.

“É um ótimo lugar pra você descansar um pouco os pés”, ele sugeriu, sem o habitual sorriso forçado e entusiasmo exagerado da maioria dos promotores. Suas roupas — jeans preto e blusa de gola alta — também pareciam ser bem caras, o que me deixou intrigada. E ele não tinha nenhum panfleto ou coisa do tipo. Só me entregou um cartão de visita impresso em um papel chique com letras que capturavam a luz dos letreiros ao nosso redor. Tentei me lembrar de guardá-lo como um modelo interessante para anúncios impressos.

Uma torrente de pedestres apressados fluía ao nosso redor. Cary teve que espremer os olhos para ler o cartão, pois havia bebido alguns drinques a mais que eu. “Parece bem legal.”

“Mostre esse cartão na entrada”, instruiu o promotor. “Assim eles não cobram consumação.”

“Legal.” Cary envolveu meu braço com o dele e me arrastou rua afora. “Vamos lá. Em um lugar assim estiloso você pode encontrar um cara que valha a pena.”

Meus pés estavam quase me matando quando chegamos ao tal lugar, mas parei de reclamar quando vi a porta de entrada. A fila era longa, chegava a virar a esquina. A voz cheia de Amy Winehouse escapava pela porta aberta, assim como alguns clientes bem vestidos que saíam com um sorriso no rosto.

Como o promotor havia dito, aquele cartão de visita garantiu nossa entrada gratuita e imediata. Fomos levados por uma hostess lindíssima ao andar de cima, a um bar VIP, menos movimentado, com vista para o palco e a pista de dança. Nós nos instalamos perto do mezanino, em uma mesa cercada por dois sofás de veludo em formato de meia-lua. A hostess abriu o menu de bebidas no centro da mesa e anunciou: “Seus drinques são por conta da casa. Tenham uma boa noite”.

“Uau.” Cary assoviou. “A gente se deu bem.”

“Acho que aquele promotor reconheceu você de algum anúncio.”

“Não seria o máximo?” Ele sorriu. “Meu Deus, que noite é essa? Saindo com minha melhor amiga e descobrindo alguém com quem dividir a vida.”

“Hã?”

“Acho que estou decidido a ir em frente com Trey.”

Fiquei feliz. Era como se eu tivesse esperado a vida inteira para que aparecesse alguém que tratasse Cary como ele merecia. “E vocês já conversaram sobre isso?”

“Não, mas acho que ele não faria nenhuma objeção a respeito.” Cary encolheu os ombros e alisou sua camiseta toda rasgada. Com a calça de couro preta e os braceletes com pontas afiadas, dava a ele uma aparência sexy e indomável. “Acho que ele está tentando entender nossa relação primeiro. Ficou todo surpreso quando eu disse que morava com uma mulher e tinha vindo do outro lado do país só pra ficar perto de você. Ele tem medo de que eu seja bi e esteja apaixonado por você. É por isso que eu quis que vocês se conhecessem, para que ele visse como a gente interage.”

“Sinto muito, Cary. Vou tentar tornar as coisas mais fáceis pra ele.”

“A culpa não é sua. Não se preocupe. Se for pra dar certo, vai dar.”

Tudo isso não foi capaz de fazer com que eu me sentisse melhor. Eu queria encontrar uma maneira de ajudar.

Dois caras pararam ao lado da nossa mesa. “Tudo bem se a gente sentar aqui?”, perguntou o mais alto.

Olhei para Cary, e depois de volta para os dois. Pareciam irmãos, e eram muito bonitos. Sorridentes e confiantes, tinham uma postura relaxada e descontraída.

Eu estava quase dizendo “É claro” quando senti uma mão quente apertando com firmeza meu ombro descoberto. “Ela está comigo.”

Cary, que estava sentado na minha frente, ficou de boca aberta ao ver Gideon Cross contornar o sofá e estender a mão para ele. “Taylor. Gideon Cross.”

“Cary Taylor.” Ele apertou a mão de Gideon com um sorriso escancarado no rosto. “Mas isso você já sabia. Prazer em conhecer. Ouvi falar muito de você.”

Eu queria matá-lo. Pensei seriamente nisso.

“Fico feliz em saber.” Gideon se sentou ao meu lado, com o braço apoiado no encosto atrás de mim, de modo que seus dedos pudessem casualmente, e possessivamente, acariciar meu braço. “Talvez ainda haja motivos para ter esperança.”

Girando a cintura para encará-lo, sussurrei em um tom de voz furioso: “O que você está fazendo?”.

Ele me fuzilou com um olhar determinado. “O que for preciso.”

“Vou dançar.” Cary se levantou com um sorriso carregado de malícia. “Volto daqui a pouco.”

Ignorando meus olhares de súplica, meu melhor amigo jogou um beijo para mim e se mandou, levando os dois caras com ele. Ao vê-los se afastar, meu coração disparou. Depois de certo tempo, continuar ignorando Gideon se tornaria ridículo, além de impossível.

Meu olhar se voltou para ele. Gideon usava calça cinza-chumbo e suéter preto de gola V, o que lhe dava uma aparência despojada mas ao mesmo tempo sofisticada. Adorei aquela roupa e a suavidade que conferia a ele, apesar de saber que era apenas uma ilusão. Gideon era um homem duro, em vários sentidos.

Respirei fundo, sentindo que precisava fazer um esforço para socializar. Afinal de contas, eu não estava reclamando justamente disso? Que ele queria pular os preâmbulos e ir direto aos finalmentes?

“Você está…” Fiz uma pausa. *Lindo*. *Maravilhoso*. *Deslumbrante*. *Deliciosamente sexy*… No fim, acabei dizendo apenas: “Gostei do visual”.

Ele ergueu as sobrancelhas. “Ah, de alguma coisa em mim você gosta. Será que é do pacote completo? Ou só da roupa? Só da blusa? Ou talvez da calça?”

Eu não gostei do tom de voz em que ele disse aquilo. “E se eu dissesse que só gostei da

blusa?”

“Compraria mais umas dez e usaria todo dia.”

“Seria uma pena.”

“Você não disse que gostou?” Ele estava irritado, falando rápido, emendando uma palavra na outra.

Minhas mãos se contorciam inquietamente no meu colo. “Adorei a blusa, mas também gosto dos ternos.”

Ele me encarou um instante, depois acenou com a cabeça. “Como foi seu encontro com o amiguinho movido a pilha?”

Saco. Olhei para o outro lado. Era bem mais fácil falar sobre masturbação pelo telefone. Mencionar esse assunto diante daqueles olhos azuis incisivos era uma tortura. “Uma dama nunca comenta esse tipo de coisa.”

Ele acariciou meu queixo com as costas da mão e murmurou: “Você ficou vermelha”.

Notei em sua voz o prazer que Gideon sentiu ao dizer isso e mudei rapidamente de assunto. “Você vem sempre aqui?”

Merda. De onde veio esse papinho clichê?

Sua mão desceu até as minhas pernas e agarrou uma das minhas mãos, acariciando a palma com os dedos. “Quando necessário.”

Uma pontadinha de ciúme me fez querer endurecer o jogo. Olhei bem para ele, apesar de estar com raiva de mim mesma por me importar com o que ele fazia ou deixava de fazer. “Como assim, necessário? Quando você está no cio?”

Gideon abriu um sorriso sincero, que me deixou abalada. “Quando decisões importantes precisam ser tomadas. Sou o dono deste lugar, Eva.”

Ora, mas que surpresa.

Uma linda garçonete serviu dois copos quadrados com drinques cor-de-rosa bem gelados. Ela olhou para Gideon e abriu um sorrisinho malicioso. “Aqui está, senhor Cross. Duas Stoli Elit com suco de cranberry. Mais alguma coisa?”

“Por enquanto não. Obrigado.”

Estava na cara que ela queria entrar na lista de orifícios pré-aprovados, e isso me irritou; ou seja, eu estava distraída demais para reparar no que havia sido servido. Vodca cranberry era o que eu costumava pedir quando saía, era o que eu estava bebendo desde o início daquela noite. Minha cabeça deu um nó. Fiquei só observando enquanto ele dava o

primeiro gole, fazia a bebida passear pela boca como se fosse um vinho finíssimo e depois engolia. O movimento de sua garganta me deixou com tesão, mas nada comparável ao efeito da intensidade do seu olhar.

"Nada mau", ele murmurou. "Veja se acertamos na mistura."

Ele me beijou. Foi um movimento rápido, mas eu vi o que ele estava fazendo e não me esquivei. Sua boca estava gelada e tinha gosto de cranberry com um toque de álcool. Uma delícia. Todo o turbilhão de energia e sentimentos caóticos que vinha se acumulando dentro de mim de repente se tornou grande demais para ser contido. Enfiei a mão entre seus cabelos maravilhosos e os agarrei com força, mantendo-o imóvel enquanto chupava sua língua. Seu gemido foi o som mais estimulante que eu já tinha ouvido na vida, e fez a carne entre minhas pernas enrijecer furiosamente.

Surpresa pela fúria da minha própria reação, recuei, ofegante.

Gideon veio atrás de mim, passando o nariz pela lateral do meu rosto, com seus lábios roçando minha orelha. Sua respiração também estava acelerada, e o som do gelo tilintando contra o copo em sua mão amplificava a agitação dos meus sentidos inflamados.

"Preciso sentir como é estar dentro de você, Eva", ele sussurrou bruscamente. "Estou morrendo de vontade."

Meu olhar passou do drinque para a mesa, pensamentos giravam a mil na minha cabeça, uma orgia de impressões, lembranças e dúvidas. "Como você sabia?"

Sua língua percorreu a cartilagem da minha orelha, e eu estremeci. Era como se cada célula do meu corpo ansiasse por ele. Resistir a Gideon demandava uma quantidade absurda de energia, sugava minhas forças e me deixava exausta.

"Sabia o quê?", ele perguntou.

"O que eu gosto de beber. O nome de Cary."

Ele respirou fundo e se afastou. Pôs o drinque sobre a mesa, virou-se no sofá e posicionou um dos joelhos sobre o estofamento para permanecer voltado diretamente para mim. Ele pôs o braço novamente no encosto do sofá e com as pontas dos dedos começou a fazer movimentos circulares no meu ombro. "Você passou por outros lugares esta noite. E pagou com cartão de crédito, e o que você bebeu ficou registrado na conta. E o nome Cary Taylor está no contrato de locação do seu apartamento."

Tudo começou a girar ao meu redor. *Não acredito*… Meu celular. Meu cartão de crédito. Até meu apartamento, merda. Eu não conseguia nem respirar. Cercada por todos os lados por minha mãe e Gideon, tive uma crise de claustrofobia.

“Eva. Meu Deus. Você está pálida, parece um fantasma.” Ele pôs um copo na minha mão. “Beba.”

Era o drinque. Virei tudo, esvaziando o conteúdo do copo. Meu estômago se revirou por um momento, mas depois se acalmou. “Você sabe onde eu moro?” Eu estava ofegante.

“Pode parecer estranho, mas eu sei.” Gideon se sentou sobre a mesa, virado para mim, com as pernas posicionadas junto às minhas. Pegou o copo e pôs de lado, depois aqueceu minhas mãos geladas com as dele.

“Você é louco, Gideon?”

Ele estreitou os lábios. “Está perguntando isso a sério?”

“Sim, estou. Minha mãe vive me espionando, mas ela faz terapia. Você faz terapia?”

“Atualmente não, mas você está me deixando tão maluco que acho que vou precisar em breve.”

“Então esse comportamento não é o seu normal?” Meu coração batia furiosamente. Eu sentia o sangue pulsar nos meus tímpanos. “Ou é?”

Ele passou a mão pelos cabelos, fazendo-os voltar à maneira como estavam quando eu os ataquei durante o beijo. “Apenas acessei informações que você disponibilizou voluntariamente.”

“Mas não pra você! Não pra isso que você fez! Deve até ser contra a lei.” Olhei bem para ele, mais confusa do que nunca. “Por que você fez isso?”

Ele se dignou a parecer que estava sem graça. Pelo menos isso. “Para poder saber, ora essa.”

“Por que você não me perguntou, Gideon? Porra, por que isso é tão difícil pras pessoas hoje em dia?”

“Com você é difícil.” Ele apanhou o drinque e virou quase tudo o que restava. “Só consigo ficar com você por alguns minutos, no máximo.”

“Claro, você só quer falar sobre o que precisa fazer pra me levar pra cama!”

“Minha nossa, Eva”, ele sussurrou, apertando minha mão. “Não precisa gritar!”

Eu o observei meticulosamente, estudando cada linha e contorno do seu rosto. Infelizmente, porém, catalogar os mínimos detalhes não diminuiu nem um pouco meu deslumbramento. Estava começando a desconfiar que nunca ia deixar de me espantar com a aparência dele.

E eu não era a única; via como as outras mulheres se comportavam perto dele. Gideon

era podre de rico, coisa capaz de tornar até mesmo os caras mais velhos, carecas e barrigudos figuras atraentes. Não era à toa que ele só precisava estalar os dedos para conseguir uma trepada.

Ele fuzilava meu rosto com o olhar. “Por que está me olhando desse jeito?”

“Estou pensando.”

“Em quê?” Ele cerrou os dentes. “Já vou avisando, se disser alguma coisa sobre orifícios pré-aprovados ou emissões seminais, não respondo pelos meus atos.”

Isso quase me fez rir. “Quero tentar entender algumas coisas, porque acho que talvez eu não esteja valorizando você como deveria.”

“Eu também gostaria de entender algumas coisas”, ele rebateu.

“Acho que a abordagem ‘Quero te comer’ tem um alto nível de sucesso no seu caso.”

A expressão de Gideon se fechou em uma impassibilidade inescrutável. “Sobre isso eu não vou falar, Eva.”

“Certo. Você quer saber o que precisa fazer pra me levar pra cama. É por isso que está aqui? Por minha causa? E nem se dê ao trabalho de tentar dizer o que pensa que eu quero escutar.”

Seu olhar era límpido e impassível. “Estou aqui por sua causa, sim. Eu providenciei tudo.”

De um momento para o outro, minha desconfiança em relação ao promotor da casa passou a fazer sentido. Fomos fisgados por um funcionário das Indústrias Cross. “Você achava que me trazer até aqui ia render uma trepada?”

Sua boca se curvou em um sorriso, demonstrando certa dose de divertimento reprimido. “Sempre existe a esperança, mas eu sabia que um encontro casual e alguns drinques não seriam suficientes.”

“Você está certo. Então por que fazer isso? Por que não esperar até o almoço de segunda?”

“Porque você está solta por aí, totalmente disponível. Não posso fazer nada a respeito do seu vibrador, mas posso impedir que você vá pra cama com um idiota qualquer que conheceu num bar. Se você quer transar, Eva, estou bem aqui.”

“Não estou totalmente disponível. Estou dissipando a tensão de um dia estressante.”

“Pois não é a única.” Ele começou a passar os dedos pelos meus brincos de prata. “Você sai para beber e dançar quando está tensa. Eu tento resolver de uma vez o problema que

está me causando tensão.”

Ele disse isso em um tom suave, que despertou um desejo alarmante. “É isso que eu sou? Um problema?”

“Com certeza.” Mas havia um esboço de sorriso em seus lábios.

Eu sabia que isso era muito atraente para ele. Gideon Cross não teria chegado aonde chegou, com tão pouca idade, se aceitasse facilmente um não como resposta. “Para você, o que significa namorar?”

Ele enrugou a testa entre as sobrancelhas. “Eu e uma mulher perdendo tempo com convenções sociais quando poderíamos estar trepando.”

“Você não gosta da companhia das mulheres?”

A careta se transformou em uma expressão de desagravo. “Gosto, mas desde que isso não implique expectativas exageradas ou demandas excessivas do meu tempo livre. Descobri que a melhor maneira de garantir isso é separando amizades e relações sexuais em campos opostos.”

Mais uma vez, ele vinha com aquele papo de “expectativas exageradas”. Obviamente, aquilo era uma questão importante para ele. “Então você tem amigas mulheres?”

“É claro.” Suas pernas se apertaram em torno das minhas, prendendo-me. “Aonde você quer chegar com isso?”

“Você separa o sexo do restante da vida. Separa da amizade, da vida profissional… de tudo.”

“Tenho boas razões para isso.”

“Deve ter mesmo. Muito bem, vou dizer o que penso.” Era difícil para mim me concentrar estando tão perto dele. “Eu disse que não queria namorar, e não quero mesmo. Meu trabalho é a prioridade número um, seguido de perto pela vida pessoal — uma vida pessoal de mulher solteira. Não quero sacrificar nenhuma das duas coisas em nome de um relacionamento, e não tenho tempo para me dedicar a mais nada além disso.”

“Nisso eu concordo com você.”

“Mas eu gosto de sexo.”

“Ótimo. Faça comigo.” Seu sorriso era um convite ao prazer.

Empurrei seu ombro. “Preciso ter uma ligação pessoal com os homens com quem durmo. Não precisa ser nada muito intenso ou profundo, mas o sexo precisa ser mais do que uma negociação impessoal pra mim.”

“Por quê?”

Eu sabia que ele não estava sendo irônico. Por mais bizarra que aquela conversa pudesse parecer para Gideon, ele a estava levando bem a sério. “Digamos que é uma das minhas manias, e para mim não é fácil dizer isso. Odeio ser usada. Faz com que eu me sinta desvalorizada.”

“Não dá pra considerar que é você que está me usando?”

“Com você, não.” Ele era poderoso demais, dominante demais.

Um brilho triunfante e predatório surgiu em seus olhos quando expus minhas fraquezas para ele.

“Além do mais”, logo acrescentei, “isso é só uma questão semântica. O que eu quero nos meus relacionamentos sexuais é uma troca justa. Ou então estar no comando.”

“Certo.”

“Certo? Você concordou depressa demais, considerando que o que eu quero é juntar duas coisas que você faz tanta questão de separar.”

“Não gosto da ideia e não vou fingir que entendo, mas estou ouvindo — é uma questão importante. Me diga como fazer isso.”

Minha respiração acelerou. Por essa eu não esperava. Ele era um homem que não queria complicações na vida sexual, e eu era uma mulher que considerava sexo uma coisa complicada. Mas isso não significava que ele havia cedido. Pelo menos ainda não.

“Precisamos ter alguma intimidade, Gideon. Não temos que virar melhores amigos ou confidentes, apenas duas pessoas que conhecem um pouco mais sobre a outra do que os contornos do corpo. Pra mim, isso significa que precisaríamos passar algum tempo juntos quando não estivermos trepando. E passar esse tempo juntos em lugares onde seríamos obrigados a nos controlar.”

“Não é isso que estamos fazendo agora?”

“Sim. E é exatamente disso que estou falando. Eu não estava valorizando seu esforço. Você poderia ter feito isso de uma maneira menos invasiva” — tapei a boca dele com os dedos quando ele tentou me interromper — “mas admito que tentou criar ocasiões para a gente conversar e eu não colaborei.”

Gideon mordeu a ponta dos meus dedos, o que me fez dar um grito e puxar minha mão de volta.

“Ei. O que foi isso?”

Ele levou a mão que mordeu até a boca e a beijou onde estava doendo, passando de leve a língua para amenizar a dor. E excitar.

Num movimento de autodefesa, puxei a mão de volta para o colo. Ainda não tinha certeza de que havia esclarecido as coisas entre nós. “Para que você não pense que minhas expectativas são exageradas, quando estivermos perdendo tempo fazendo alguma coisa que não seja trepar, não vou considerar isso um namoro. Certo?”

“Parece um bom acordo.” Gideon sorriu, e a decisão de ficar com ele se solidificou dentro de mim. Seu sorriso era como um relâmpago na escuridão, ofuscante, admirável, misterioso, e eu o desejava com tanta intensidade que doía.

Suas mãos se abaixaram para agarrar a parte de trás das minhas coxas. Apertando-me de leve, ele me puxou um pouco mais para perto. A bainha do meu vestido preto curto subiu de maneira quase indecente, e seu olhar ficou vidrado na pele que suas mãos tinham exposto. Ele umedeceu os lábios com a língua em um gesto tão carnal e insinuante que eu quase senti uma carícia na minha pele.

A voz de Duffy cantando “Mercy” ressoava na pista de dança logo abaixo. Uma dor incômoda cresceu no meu peito, e eu o esfreguei com a mão.

Eu já tinha bebido o suficiente, mas ouvi o som da minha voz dizendo: “Preciso de mais um drinque”.

5

Acordei no sábado de manhã com uma ressaca monstruosa, e só conseguia pensar que era aquilo mesmo que eu merecia. Por mais que detestasse a insistência de Gideon de negociar sexo com a mesma facilidade com que discutia uma fusão empresarial, no fim acabei entrando no jogo. Meu desejo por ele justificava o fato de eu assumir um risco calculado e quebrar minhas próprias regras.

Eu me consolei com a ideia de que ele também estava quebrando algumas das dele.

Depois de um banho bem longo e quente, fui para a sala e encontrei Cary deitado no sofá com seu netbook, parecendo muito bem desperto e revigorado. Sentindo o cheiro de café na cozinha, fui até lá e enchi a maior caneca que consegui encontrar.

“Bom dia, dorminhoca”, ele disse.

Segurando com as duas mãos minha tão necessária dose matinal de cafeína, eu me juntei a ele no sofá.

Cary apontou para uma caixa na mesa de centro. “Chegou enquanto você estava no banho.”

Deixei a caneca de café sobre a mesa e apanhei o embrulho de papel pardo. Meu nome estava escrito diagonalmente na tampa da caixa com uma caligrafia floreada. Dentro dela havia uma garrafinha âmbar com os dizeres CURA RESSACA pintados em uma fonte estilo retrô e um bilhete amarrado com ráfia no gargalo em que se lia: “Beba-me”. O cartão de visitas de Gideon estava cuidadosamente aninhado no papel de seda que protegia o embrulho.

Ao analisar o presente, considerei-o bastante conveniente. Desde que havia conhecido Gideon, eu tinha entrado em um mundo fascinante e sedutor em que quase nenhuma das regras conhecidas do bom senso se aplicava. Eu estava desbravando um território desconhecido, o que era ao mesmo tempo excitante e assustador.

Olhei para Cary, que encarava a garrafa com um ar de dúvida.

“Saúde.” Tirei a rolha e bebi o conteúdo sem pensar duas vezes. Tinha gosto de xarope para tosse, espesso e doce. Meu estômago se contraiu de desgosto por um momento, depois esquentou. Limpei a boca com as costas da mão e enfiei a rolha de volta na garrafa vazia.

“O que era isso?”, perguntou Cary.

“Pelo tanto que queima, mais álcool.”

Ele franziu o nariz. “Um método eficiente, mas desagradável.”

E funcionava mesmo. Eu já estava começando a me sentir melhor.

Cary apanhou a caixa e retirou de lá o cartão de Gideon. Ele o virou e mostrou para mim. No verso, Gideon havia escrito “Me ligue” com uma letra apressada e anotado seu telefone.

Peguei o cartão, envolvendo-o com minha mão. Aquele presente era a prova de que ele estava pensando em mim. Sua determinação e insistência eram sedutoras. E uma espécie de elogio.

Não havia como negar que Gideon havia derrubado todas as minhas barreiras. Queria sentir de novo aquilo que experimentei quando ele me tocou, e adorei o modo como reagiu quando eu o toquei. Quando parei para refletir sobre o que não faria para ter suas mãos sobre meu corpo de novo, não consegui pensar em muita coisa.

Cary quis me passar o telefone, mas fiz que não com a cabeça. “Ainda não. Quero estar bem lúcida quando falar com ele, e ainda estou meio zonza.”

“Vocês dois pareciam estar se dando muito bem ontem à noite. Ele está muito a fim de você.”

“E eu estou muito a fim dele.” Aninhando-me no canto do sofá, apoiei o rosto no estofamento do encosto e abracei os joelhos. “A gente vai sair, se conhecer melhor, fazer sexo casual-mas-fisicamente-intenso e continuar sendo independente. Sem vínculos, sem expectativas, sem compromisso.”

Cary apertou um botão no netbook e a impressora começou a expelir folhas de papel do outro lado da sala. Ele fechou o computador, deixou-o sobre a mesa de centro e passou a dedicar toda a sua atenção a mim. “Talvez vire algo mais sério.”

“Talvez não”, rebati.

“Cínica.”

“Não estou atrás de um conto de fadas, Cary, principalmente com um figurão como Cross. Aprendi com minha mãe o que significa estar ao lado de homens poderosos. É comprometimento total em troca de uma entrega parcial. O dinheiro basta pra fazer minha mãe feliz, mas pra mim não é suficiente.”

Meu pai amava minha mãe. Ele a pediu em casamento, queria passar sua vida com ela. Isso não aconteceu porque ele não tinha o currículo expressivo e a conta bancária polpuda

que ela exigia de um marido. O amor não era um pré-requisito para o casamento na opinião de Monica Stanton e, como seu olhar provocador e sua voz sussurrada eram irresistíveis para a maior parte dos homens, ela nunca precisou se contentar com menos do que desejava. Infelizmente, meu pai tinha sido só um caso passageiro para ela.

Olhei para o relógio e vi que já eram dez e meia. “Acho que preciso ir me trocar.”

“Adoro passar o dia no spa com sua mãe.” Cary sorriu, e isso afastou a melancolia do meu estado de espírito. “Quando termina, eu me sinto como um deus.”

“Eu também. Filha da deusa persuasão.”

Estávamos tão ansiosos para sair que descemos antes mesmo que a portaria anunciasse a chegada do carro.

O porteiro abriu um sorriso quando aparecemos — eu de sandálias de salto e vestido estampado longo, Cary com um jeans apertado e camiseta de manga comprida.

“Bom dia, senhorita Tramell, senhor Taylor. Vão precisar de um táxi hoje?”

“Não, obrigado, Paul. Um carro está vindo buscar a gente.” Cary sorriu. “Hoje é dia de spa no Perrini’s!”

“Ah, o Perrini’s”, Paul balançou a cabeça. “Dei um vale-presente de lá pra minha mulher no nosso aniversário de casamento. Ela gostou tanto que estou pensando em fazer isso todo ano.”

“É uma boa ideia, Paul”, eu falei. “Uma mulher nunca se cansa de ser mimada.”

Um carro preto com Clancy ao volante parou no meio-fio. Paul abriu a porta de trás e nós embarcamos, soltando um grito ao encontrar uma caixa de chocolates finos no assento. Depois de nos despedir de Paul com um aceno, nós nos recostamos no banco e partimos para a ação, dando pequenas mordidas naquelas trufas feitas para serem saboreadas aos poucos.

Clancy nos levou diretamente ao Perrini’s, onde o relaxamento começava a partir do momento em que se punha o pé na soleira da porta. Cruzar aquela entrada era como tirar umas férias do restante do mundo. Todas as portas, adornadas com arcadas, eram emolduradas por pedaços de seda de uma cor viva, e almofadas cravejadas de joias eram usadas na decoração de divãs elegantes e poltronas largas e confortáveis.

Pássaros trinavam em suas gaiolas suspensas e vasos de plantas preenchiam todos os cantos com suas folhagens frondosas. Pequenas fontes decorativas propiciavam o som constante de água corrente, enquanto a música executada em instrumentos de cordas chegava através de alto-falantes cuidadosamente escondidos. O ar recendia a uma mistura

exótica de especiarias e fragrâncias, fazendo com que eu me sentisse em um conto de *As mil e uma noites*.

A coisa toda estava a *um passo* de se tornar exagerada e cafona, mas jamais cruzava essa linha. O Perrini's era exótico e luxuoso, e oferecia um tratamento de primeira a quem tinha dinheiro para pagar por isso. Como minha mãe, que tinha acabado de sair de uma banheira de leite com mel quando chegamos.

Examinei as opções de tratamentos disponíveis, deixando de lado o habitual "mulher guerreira" em benefício do "mimo apaixonado". Eu já tinha me depilado uma semana antes, mas o restante do tratamento — "feito para torná-la sexualmente irresistível" — parecia ser exatamente o que eu precisava.

Só voltei a raciocinar normalmente quando ouvi Cary perguntar da cadeira ao meu lado:

"Senhora Stanton, já ouviu falar de Gideon Cross?"

Olhei feio para ele, que sabia muito bem que minha mãe ficaria maluca caso ouvisse alguma notícia sobre minhas relações amorosas — embora, nesse caso, não se tratasse exatamente de amor.

Minha mãe, sentada em uma cadeira do meu outro lado, inclinou-se para a frente com a habitual empolgação juvenil com que falava sobre homens ricos e bonitos. "É claro, eu o conheço. É um dos homens mais ricos do mundo. Número vinte e cinco na lista da *Forbes*, se bem me lembro. Um jovem muito determinado, é claro, e um doador generoso para diversas instituições de caridade que eu ajudo. E tem fama de ser mulherengo."

"Azar o meu." Cary sorriu e ignorou o modo como eu sacudia a cabeça violentamente. "Mas seria um caso perdido, de qualquer forma, porque ele está muito a fim de Eva."

"Eva! Não acredito que você não disse nada. Como pôde esconder uma coisa dessas de mim?"

Olhei para minha mãe, cujo rosto bem cuidado parecia jovem, sem rugas, e muito parecido com o meu. Não havia como negar que éramos mãe e filha, o que já ficava claro pelo sobrenome. A única concessão que ela fez ao meu pai foi me dar o mesmo nome da mãe dele.

"Não tem nada pra falar", insisti. "Somos apenas… amigos."

"Mas não precisa ser assim", disse Monica, com um olhar calculista que me deixou assustada. "Não sei como fui esquecer que vocês trabalham no mesmo prédio. Tenho certeza de que ele ficou encantado assim que pôs os olhos em você. Apesar de dizerem que ele prefere as morenas… Humm… Enfim. Ele também é conhecido pelo bom gosto. Obviamente isso falou mais alto no seu caso."

“Não é nada disso. Por favor, não comece. Você vai me fazer passar vergonha.”

“Que bobagem. Se tem alguém que entende de homens aqui, esse alguém sou eu.”

Encolhi os ombros. Quando minha massagem começou, eu estava precisando dela mais do que nunca. Deitei na maca e fechei os olhos, planejando tirar um cochilo a fim de me preparar para a longa noite que viria.

Como toda mulher, adoro me arrumar e ficar bonita, mas eventos beneficentes davam muito trabalho. Jogar conversa fora era uma coisa cansativa, sorrir sem parar era um saco, e conversar sobre negócios com pessoas que eu não conhecia era um tédio. Se esse tipo de interação social não fosse bom para Cary, eu compraria uma boa briga para não ter de participar.

Suspirei. A quem estava tentando enganar? Eu acabaria indo de qualquer jeito. Minha mãe e Stanton ajudavam instituições que cuidavam de crianças vítimas de abuso porque era uma coisa importante para *mim*. Comparecer a um ou outro evento pomposo era um preço pequeno a pagar em troca disso.

Respirando fundo, tentei relaxar. Eu me programei para ligar para meu pai quando chegasse em casa e pensei em um bilhete de agradecimento para mandar a Gideon pela garrafinha que curou minha ressaca. Eu até poderia enviar um e-mail para o endereço que estava no cartão de visitas que ele me deu, mas seria uma deselegância. Além disso, eu não sabia se ele mesmo lia seus e-mails ou delegava essa tarefa a alguém.

Ligaria para ele quando chegasse em casa. Por que não? Foi o que ele pediu — ou melhor, *mandou*; estava escrito com todas as letras no cartão de visitas. E eu poderia ouvir aquela voz cheia de luxúria de novo.

A porta se abriu e a massagista entrou. “Olá, Eva. Está pronta?”

Não exatamente. Mas estava quase lá.

Depois de passar várias horas agradabilíssimas no spa, minha mãe e Cary me deixaram no apartamento e saíram à procura de abotoaduras novas para Stanton. Aproveitei esse tempo livre para ligar para Gideon. Mesmo estando sozinha, tive que digitar o número dele várias vezes antes de enfim tomar coragem para completar a ligação.

Ele atendeu ao primeiro toque. “Eva.”

Fiquei surpresa por Gideon saber quem era, e confusa por alguns instantes. Por que ele tinha meu número na lista de contatos? “Hã… Oi, Gideon.”

“Estou aí perto. Avise na portaria que estou chegando.”

“Quê?” Parecia que eu havia perdido uma parte da conversa. “Chegando aonde?”

“Na sua casa. Estou virando a esquina. Avise a portaria, Eva.”

Gideon desligou e eu fiquei olhando para o telefone, tentando assimilar o fato de que em poucos momentos estaria novamente com ele. Um tanto desorientada, fui até o interfone e avisei na portaria que estava à espera dele, que chegou ainda enquanto eu falava. Poucos instantes depois, Gideon estava à minha porta.

Foi quando eu lembrei que estava usando apenas um robe de seda fina e que já estava maquiada e penteada para o evento da noite. Que tipo de impressão aquilo causaria nele?

Fechei bem o robe antes de deixá-lo entrar. Ele apareceu sem ser convidado, e eu não tinha a intenção de seduzi-lo nem nada do tipo.

Gideon ficou parado na porta por um bom tempo, percorrendo com seu olhar desde a ponta dos meus cabelos até os meus dedos do pé pintados em estilo francesinha. Eu também estava impressionada com a aparência dele. A maneira como ele estava vestido, com um jeans surrado e camiseta, fez com que eu quisesse despi-lo com os dentes.

“Valeu a pena ter vindo até aqui para ver você assim, Eva.” Ele entrou e trancou a porta atrás de si. “Como está se sentindo?”

“Bem. Graças a você. Obrigada.” Senti um nó no estômago por causa da presença dele, que fazia com que eu ficasse meio… tonta. “Mas não foi por isso que você veio aqui.”

“Vim até aqui porque você demorou pra ligar.”

“Eu não sabia que tinha um prazo.”

“Eu precisava falar com você ainda hoje, e também queria saber se está tudo bem depois de ontem à noite.” Seus olhos assumiram uma expressão séria ao passear por mim. Seu rosto de tirar o fôlego parecia emoldurado por seus cabelos negros impecáveis. “Você está linda, Eva. Acho que nunca desejei tanto alguém como agora.”

Com essas poucas palavras, simples e diretas, já fiquei toda excitada e carente. Vulnerável demais. “O que você tem pra falar de tão urgente?”

“Vamos juntos ao evento de hoje à noite.”

Levei um susto, surpresa e animada com o pedido. “Você vai?”

“E você também. Vi a lista de convidados e sei que sua mãe também vai. Podemos ir juntos.”

Pus a mão sobre a garganta, dividindo minha preocupação entre o fato de ele saber tanta

coisa sobre mim e o que havia acabado de me pedir. “Não foi isso que eu quis dizer quando pedi pra gente passar algum tempo juntos.”

“Por que não?” Era uma pergunta desafiadora. “Qual é o problema de irmos juntos a um evento a que nós dois já iríamos de qualquer forma?”

“Não é só um jantarzinho íntimo. É um evento de muita visibilidade.”

“E daí?” Gideon chegou mais perto e acariciou com o dedo um dos cachos do meu cabelo.

Havia um tom sugestivo em sua voz que me fez estremecer. Eu conseguia sentir o calor de seu corpo largo e rígido e o aroma masculino de sua pele. A cada minuto que passava, eu me deixava levar mais por seu charme.

“As pessoas vão tirar conclusões, principalmente minha mãe. Ela já está farejando sua solteirice no ar.”

Baixando a cabeça, Gideon pressionou seus lábios contra a curvatura do meu pescoço. “Não me importa o que as pessoas vão pensar. Sabemos o que estamos fazendo. E pode deixar que eu me encarrego da sua mãe.”

“Se você pensa assim”, eu disse, quase sem fôlego, “é porque não a conhece muito bem.”

“Pego você às sete.” Sua língua percorreu a veia pulsante da minha garganta e eu me derreti sob ela. Meu corpo amoleceu quando ele me puxou para mais perto.

Ainda assim, consegui dizer: “Eu não disse que sim”.

“Mas não vai dizer que não.” Ele mordeu o lóbulo da minha orelha. “Não vou deixar.”

Abri minha boca para protestar, mas Gideon logo a calou com um beijo molhado e luxurioso. Sua língua se movia devagar, fazendo com que eu desejasse que ele fizesse o mesmo entre as minhas pernas. Minhas mãos foram diretamente para seus cabelos, passeando por eles, agarrando com força. Quando lançou os braços em torno de mim, arqueei o corpo, curvando-me sob suas mãos.

Assim como no escritório dele, antes que me desse conta eu já estava deitada no sofá, com sua boca engolindo meu suspiro de surpresa. Meu robe se abriu ao toque de seus dedos habilidosos; ele agarrava meus seios, explorando-os com apertões suaves e ritmados.

“Gideon…”

“Shh.” Ele sugou meu lábio inferior, enquanto seus dedos beliscavam meus mamilos sensíveis. “Eu estava ficando maluco só de pensar que você estava sem nada por baixo

desse robe.”

“É que você veio sem avisar… Ah! Ui…”

Ele abocanhou um dos meus seios, produzindo uma onda de calor que fez minha pele transpirar.

Meu olhar buscou desesperadamente o relógio do decodificador da TV a cabo. “Gideon, não.”

Ele me olhou com seus olhos azuis intensos. “É uma loucura, eu sei. Eu não… não sei explicar por que, Eva, mas preciso fazer você gozar. Penso nisso o tempo todo, há dias.”

Uma de suas mãos abriu caminho até o meio das minhas pernas. Elas se abriram sem o menor pudor. Meu corpo estava todo excitado, eu estava toda vermelha, quase febril. Sua outra mão continuou massageando os meus seios, deixando-os insuportavelmente sensíveis ao toque.

“Você está toda molhadinha pra mim”, ele sussurrou, seguindo com os olhos até onde estavam seus dedos. “Você é linda aqui também. Macia e rosadinha. Quente. Não foi hoje que você se depilou, foi?”

Fiz que não com a cabeça.

“Ainda bem. Acho que não aguentaria nem mais dez minutos sem tocar em você, imagine dez horas.” Ele enfiou um dedo cuidadosamente em mim.

Meus olhos se fecharam diante da vulnerabilidade de estar de pernas abertas sendo masturbada por um homem cujo conhecimento do tempo de recuperação depois de uma sessão de depilação com cera denunciava uma tremenda intimidade com o sexo feminino. Um homem que ainda estava totalmente vestido, ajoelhado no chão à minha frente.

“Você é tão gostosinha.” O dedo de Gideon entrava e saía suavemente de mim. Minhas costas se curvaram, e minhas pernas o abraçaram com vontade. “E tão gulosinha. Faz quanto tempo que você não trepa?”

Engoli em seco. “Eu andei meio ocupada. Tinha que terminar a tese, depois procurar emprego, cuidar da mudança…”

“Faz um tempão, então.” Ele tirou o dedo de mim e voltou com dois. Não consegui segurar um gemido de prazer. Aquele homem tinha mãos talentosas, confiantes e habilidosas, e conseguia tudo o que queria com elas.

“Você toma pílula, Eva?”

“Tomo.” Minhas mãos agarraram as bordas do estofamento. “Claro.”

“Assim que eu te provar que não tenho nada e você fizer o mesmo, vou gozar dentro de você.”

“Gideon!” Eu estava ofegante, girando os quadris sem nenhuma vergonha ao ritmo dos dedos dele. Senti que ia explodir se Gideon não me fizesse gozar.

Nunca tinha ficado tão excitada na minha vida. Estava absolutamente dominada pela necessidade de ter um orgasmo. Se Cary chegasse naquele momento e me visse me contorcendo no meio da sala enquanto Gideon me masturbava, eu não ia nem ligar.

A respiração dele também estava acelerada. Seu rosto estava todo vermelho de desejo. Por mim. Sendo que tudo o que eu tinha feito fora me entregar a ele, incapaz de resistir.

A mão que estava nos meus seios passou pelo meu rosto. “Você está vermelha. Ficou escandalizada comigo.”

“Fiquei.”

Seu sorriso era o de alguém ao mesmo tempo perverso e deliciado, e me fez perder o fôlego. “Quero sentir minha porra aqui dentro quando enfiar o dedo em você. Quero que você sinta a minha porra aqui dentro, pra lembrar como eu estava quando gozei, dos ruídos que fiz. E, quando pensar nisso, você vai querer fazer de novo e de novo e de novo.”

Seus dedos produziam ondas dentro de mim, o descaramento de suas palavras me deixava à beira do orgasmo.

“Vou dizer tudo o que quero que você faça para me dar prazer, Eva, e você vai fazer tudinho… se me obedecer, vamos fazer sexo explosivo, selvagem, sem restrições. Você sabe disso, não é? Já está sentindo como as coisas vão ser entre nós.”

“Sim”, eu sussurrei, agarrando meus seios para aplacar a fúria dos mamilos endurecidos. “Gideon, por favor.”

“Shh… Pode deixar comigo.” Ele começou a esfregar meu clitóris com o dedão, em movimentos circulares. “Olhe bem nos meus olhos quando gozar pra mim.”

Eu estava prestes a explodir, e a tensão só aumentava enquanto ele massageava meu clitóris e enfiava os dedos em mim em um ritmo constante, sem a menor pressa.

“Goza pra mim, Eva”, ele ordenou. “Agora.”

Cheguei ao orgasmo com um grito abafado, agarrando as bordas do sofá até meus dedos ficarem sem cor, remexendo os quadris nas mãos dele, esquecendo completamente qualquer vergonha ou timidez. Meus olhos estavam grudados nos dele, incapazes de se desviar, hipnotizados pelo triunfo masculino que brilhava em seus olhos. Naquele

momento, ele tinha total poder sobre mim. Eu faria tudo o que ele quisesse. E ele sabia disso.

Um prazer avassalador tomava conta de mim. Com o sangue pulsando nas minhas orelhas, ouvi sua voz rouca dizer alguma coisa, mas não consegui identificar as palavras quando ele apoiou uma das minhas pernas no encosto do sofá e cobriu meu sexo com a boca.

"Não…" Eu empurrei sua cabeça com as mãos. "Eu não aguento."

Eu estava inchada demais, sensível demais. Mas, quando sua língua tocou meu clitóris e começou a passear por ele, a vontade voltou com toda a força. Com mais intensidade do que antes. Ele percorreu tudo, me provocando, me tentando com a promessa de outro orgasmo que eu sabia que não conseguiria ter tão cedo.

Foi quando sua língua entrou em mim, e eu tive que morder os lábios para não gritar. Gozei pela segunda vez, e meu corpo se sacudiu violentamente, com os músculos mais tenros se enrijecendo desesperadamente ao toque da língua. O urro que ele soltou reverberou através de mim. Não tive forças para afastá-lo quando ele voltou ao meu clitóris e o chupou suavemente… incansavelmente… até eu gemer de novo, sussurrando seu nome.

Eu estava me sentindo toda mole quando Gideon endireitou minha perna, e ainda não tinha recuperado o fôlego quando ele começou a beijar minha barriga e meus seios. Ele lambeu meus mamilos e me enlaçou com seus braços. Permaneci imóvel e submissa ao seu toque enquanto ele beijava minha boca com uma violência controlada, ferindo meus lábios e denunciando seu estado de excitação extrema.

Então ele fechou meu robe e ficou de pé, olhando para mim de cima a baixo.

"Gideon…?"

"Às sete horas, Eva." Ele se abaixou e tocou meu tornozelo, acariciando com os dedos a tornozeleira que eu havia posto já pensando no evento. "E não tire isto aqui. Quero comer você com nada além disto."

6

“Oi, pai. Encontrei você!” Ajustei melhor a posição do telefone e puxei um banquinho ao lado do bar. Eu estava com saudade. Durante os quatro anos anteriores, moramos perto o bastante para que eu o visse toda semana. Agora que eu tinha mudado, a casa dele em Oceanside ficava do outro lado do país. “Tudo bem?”

Ele abaixou o volume da televisão. “Melhor agora que você ligou. Como foi a primeira semana de trabalho?”

Fiz um relatório completo de segunda até sexta, deixando de fora apenas as partes referentes a Gideon. “Adorei meu chefe, Mark”, concluí. “E o ambiente da agência é bem animado, até meio maluco. Adoro levantar para ir trabalhar, fico até triste quando chega a hora de ir embora.”

“Tomara que continue assim. Mas você precisa saber a hora de relaxar também. Sair, fazer coisas de jovem, se divertir. Só não precisa se divertir demais.”

“Pois é, eu exagerei um pouco ontem à noite. Fui pra balada com Cary e acordei com uma tremenda ressaca.”

“Porra, nem me fale uma coisa dessas”, ele resmungou. “Umas noites atrás acordei suando frio, imaginando você em Nova York. Consegui me acalmar dizendo pra mim mesmo que você é inteligente demais pra fazer bobagem, que tem dois pais com as regras básicas de segurança inscritas no DNA.”

“Isso é verdade”, concordei, dando risada. “Por falar nisso… vou começar a treinar krav maga.”

“Sério mesmo?” Ele parou um pouco para pensar. “Lá na corporação tem um cara que é craque nisso. Acho que vou experimentar também, assim podemos comparar nosso progresso quando eu for visitar você.”

“Você vai vir a Nova York?” Não consegui esconder a empolgação. “Ah, pai, eu adoraria se você viesse. Por mais que sinta falta do sul da Califórnia, Manhattan é o máximo. Acho que você vai adorar.”

“Eu ia gostar de qualquer lugar do mundo em que você estivesse.” Meu pai esperou um pouco antes de perguntar: “Como vai sua mãe?”.

“Bem… como sempre. Bonita, charmosa e obsessivo-compulsiva.”

Meu peito começou a doer, obrigando-me a massageá-lo. Parecia que meu pai ainda era apaixonado por ela. Ele nunca se casou. Essa foi uma das razões por que nunca contei a ele o que aconteceu comigo. Como policial, faria questão de abrir inquérito, e o escândalo teria destruído minha mãe. Também imaginei que ele fosse perder o respeito por ela ou até mesmo culpá-la pelo que aconteceu, apesar de não ter sido culpa dela. Assim que descobriu o que o enteado dela vinha fazendo comigo, ela deixou o marido, com quem vivia muito bem, e pediu o divórcio.

Continuei falando e acenei para Cary quando ele entrou com uma sacola pequena da Tiffany. “Passamos o dia no spa hoje. Foi uma boa forma de encerrar a semana.”

Notei que sua voz se tornou um pouco mais leve quando ele disse: “Fico feliz que vocês estejam passando algum tempo juntas. Quais são seus planos para o restante do fim de semana?”.

Evitei tocar no assunto do evento de caridade, pois sabia que essa história de tapete vermelho e jantares a preços exorbitantes só ia enfatizar a diferença entre os estilos de vida dos meus pais. “Cary e eu vamos sair pra jantar, e amanhã quero ficar em casa. Dormir até tarde, passar o dia de pijama, talvez ver um filme e pedir alguma coisa pra comer. Vegetar um pouco antes de mais uma semana de trabalho.”

“Pra mim, parece o paraíso. Eu aviso quando for tirar folga de novo.”

Dei uma olhada no relógio e vi que já passava das seis. “Preciso ir me arrumar agora. Tome cuidado no trabalho, hein? Eu também me preocupo com você.”

“Vou tomar. Tchau, filha.”

Aquela despedida tão familiar fez com que eu sentisse uma pontada de saudade que fez minha garganta doer. “Ah, espera! Vou comprar outro celular. Mando o número novo pra você assim que tiver.”

“De novo? Pensei que você tinha comprado um novo quando se mudou.”

“É uma longa e cansativa história.”

“Humm… Mas não fique sem celular. É uma coisa importante pra sua segurança, não serve só pra jogar *Angry Birds*.”

“Eu já parei com esse jogo!” Caí na risada e senti um calor se espalhar pelo meu corpo quando ouvi que ele também estava rindo. “Ligo de novo daqui a alguns dias. Comporte-se.”

“Essa fala é *minha*.”

Desligamos. Fiquei alguns minutos curtindo o silêncio, sentindo que meu mundo estava

entrando nos eixos, uma sensação que nunca durava muito. Apeguei-me a esse sentimento enquanto ele durou; depois Cary ligou o som no quarto, tocando Hinder, e isso me pôs de novo em movimento.

Corri até o quarto para me preparar para uma noite com Gideon.

*

“Com colar ou sem colar?”, perguntei para Cary quando ele apareceu no meu quarto, lindo de morrer. Com seu smoking novinho, ele parecia ao mesmo tempo um cavalheiro e um aventureiro, e estava seguro de que atrairia muita atenção.

“Humm.” Cary inclinou a cabeça e analisou meu visual. “Me deixe ver de novo.”

Levantei a gargantilha de ouro até o pescoço. O vestido que minha mãe havia mandado era de um vermelho bem vivo, e parecia ter sido desenhado para ser usado por uma deusa grega. Era de ombro único, com um decote diagonal, justo até o quadril e com uma abertura que começava no alto da coxa. Nas costas não havia nada além de um cordão de pedraria ligando um lado a outro para impedir que o vestido caísse. Em outras palavras, minhas costas estavam nuas desde a base da coluna, em um enorme decote V.

“Esqueça o colar”, ele disse. “Eu estava pensando em brincos de ouro com pingentes, mas agora acho melhor argolas de diamantes. As maiores que você tiver.”

“Quê? Sério?” Enruguei a testa diante do nosso reflexo no espelho, atenta a seus movimentos enquanto ele ia até o porta-joias e começava a procurar algo lá dentro.

“Estas aqui.” Ele levou os brincos até mim, as argolas de mais de cinco centímetros que minha mãe me deu quando fiz dezoito anos. “Confie em mim, Eva. Experimente.”

Ele estava certo. Os brincos produziam um efeito bem diferente da gargantilha de ouro — menos glamour e mais sensualidade. Além disso, combinavam com a tornozeleira de diamantes da minha perna direita, que eu nunca mais veria da mesma forma depois do comentário de Gideon. Com meus cabelos caindo sobre o rosto como uma cachoeira de cachos grossos e deliberadamente caóticos, parecia que eu tinha acabado de transar, uma impressão que só era reforçada pela maquiagem esfumaçada dos olhos e os lábios brilhantes.

“O que seria de mim sem você, Cary Taylor?”

“Gata” — ele pôs a mão sobre meus ombros e apertou seu rosto contra o meu — “isso você nunca vai saber.”

“Você está lindo, aliás.”

“Não estou?” Ele piscou para mim e deu um passo atrás, exibindo-se.

À sua maneira, Cary era um duro concorrente para Gideon… em termos de aparência, é claro. Cary tinha feições mais delicadas, quase femininas em comparação à beleza bruta de Gideon, mas ambos eram homens maravilhosos, que faziam você querer olhar duas vezes, e depois continuar olhando por puro deleite.

Cary não estava tão bem assim quando nos conhecemos. Estava muito magro e acabado por causa das drogas, seus olhos verdes pareciam opacos e perdidos. Mesmo assim me senti atraída por ele, fiz de tudo para me sentar a seu lado na terapia de grupo. Depois de um tempo, Cary simplesmente perguntou, do nada, se eu queria ir para a cama com ele, acostumado como estava a só receber atenção das pessoas em troca de sexo. Foi quando recusei, de maneira firme e irrevogável, que nos tornamos grandes amigos. Ele era o irmão que nunca tive.

O interfone tocou e levantei em um pulo, o que me fez perceber como estava nervosa. Olhei para Cary. “Esqueci de avisar na portaria que ele ia voltar.”

“Eu cuido disso.”

“Tudo bem pra você ir sozinho com Stanton e minha mãe?”

“Está brincando? Eles me adoram.” Seu sorriso se desfez. “Está arrependida de ter aceitado ir com Cross?”

Respirei fundo, lembrando-me de onde estava pouco tempo antes — deitada, tendo orgasmos múltiplos. “Na verdade, não. É que as coisas estão acontecendo rápido demais e indo bem melhor do que eu imaginava… ou previa… ou queria…”

“Você está procurando o lado ruim da coisa.” Ele chegou mais perto e mexeu na ponta do meu nariz com um dos dedos. “Ele é o lado bom *e* o lado ruim da coisa, Eva. E você conseguiu domar o cara. Agora, divirta-se.”

“Estou tentando.” Fiquei agradecida por saber que Cary me entendia, sabia como minha cabeça funcionava. Era muito bom poder conviver com ele, saber que podia contar com sua compreensão mesmo quando não conseguia explicar o que estava sentindo.

“Fiz uma puta pesquisa sobre ele hoje de manhã e imprimi as coisas mais recentes e interessantes. Está na sua mesa, se você quiser dar uma olhada.”

Lembrei que ele estava mesmo imprimindo algumas coisas antes de irmos ao spa. Ficando na ponta dos pés, dei um beijo em sua bochecha. “Você é o máximo. Eu te amo.”

“Eu também, gata.” Ele saiu. “Vou até a portaria buscá-lo. Fique à vontade. Ele chegou

dez minutos adiantado.”

Com um sorriso no rosto, vi Cary sair para o corredor. A porta já havia se fechado atrás dele quando cheguei ao pequeno escritório anexo ao meu quarto. Na escrivaninha nem um pouco prática que minha mãe havia escolhido para mim, encontrei uma pasta lotada de artigos e imagens impressas. Eu me recostei na cadeira e me deixei levar pela história de Gideon Cross.

Quando descobri que ele era filho de Geoffrey Cross, ex-presidente de um fundo de investimentos que mais tarde se revelou um enorme esquema de pirâmide, foi como se eu tivesse sido atropelada por um trem. Gideon tinha apenas cinco anos de idade quando seu pai se matou com um tiro na cabeça para não ser preso.

Ah, Gideon… Tentei imaginá-lo naquela idade, e pensei em um menininho bonito de cabelos pretos e lindos olhos azuis carregados de perplexidade e tristeza. Essa imagem partiu meu coração. O suicídio de seu pai — e as circunstâncias que o cercaram — deve ter sido devastador, tanto para ele como para sua mãe. Todo o desgaste e o sofrimento de um acontecimento trágico como esse devem ter sido um fardo terrível para uma criança daquele tamanho.

Sua mãe se casou mais tarde com Christopher Vidal, um executivo do ramo da música, e teve mais dois filhos, Christopher Vidal Jr. e Ireland Vidal, mas ao que parece uma família completa e a segurança financeira chegaram tarde demais para ajudar a estabilizar a mente de Gideon depois de um abalo tão grande. Ele se fechou para o mundo, o que era sinal de cicatrizes sentimentais profundas.

Com um olhar crítico e curioso, analisei as mulheres que foram fotografadas a seu lado e logo pensei em sua opinião sobre namoro, vida social e sexo. O que vi foi exatamente o que minha mãe havia dito — elas eram todas morenas. Sua companhia mais frequente tinha todos os traços de ascendência hispânica. Era mais alta que eu, e seu corpo estava mais para esguio que para curvilíneo.

“Magdalene Perez”, murmurei, admitindo dolorosamente que ela era linda. Sua postura ostentava o tipo de autoconfiança que eu tanto admirava.

“Muito bem, acho que já chega.” Cary me interrompeu com um leve tom de contentamento. Ele ocupou a abertura da porta do meu pequeno escritório, encostado insolentemente no batente da porta.

“Sério?” Eu estava tão entretida; não tinha noção do tempo que havia se passado.

“Acho que não vai demorar muito pra ele vir até aqui. Está todo impaciente.”

Fechei a pasta e fiquei de pé.

“Interessante, não?”

“Bastante.” Quanto o pai de Gideon — ou, mais especificamente, seu suicídio — tinha interferido na vida dele?

Todas as respostas que eu queria estavam me esperando na sala ao lado.

Saí do quarto e caminhei pelo corredor até a sala. Parei um pouco na porta, com o olhar vidrado nas costas de Gideon, que olhava a cidade pela janela. Minha pulsação acelerou. Seu reflexo no vidro revelava uma expressão contemplativa. Seus olhos estavam perdidos, e ele tinha um sorriso nos lábios. Os braços cruzados revelavam certo desconforto, como se ele estivesse fora de seu habitat natural. Parecia distante e distraído, um homem irremediavelmente solitário.

Ele sentiu minha presença, ou então meu desejo. Deu meia-volta, mas permaneceu imóvel. Aproveitei a oportunidade para examiná-lo por inteiro, percorrendo todo o seu corpo com os olhos. Ele tinha toda a aparência de um poderoso magnata. Era de uma beleza tão sensual que eu sentia meus olhos queimarem só de olhar para ele. A cascata de cabelos negros que se espalhava ao redor de seu rosto fez meus dedos se flexionarem de vontade de tocá-la. E o modo como ele me olhava… meu coração disparou.

“Eva.” Ele veio até mim com seu andar gracioso e determinado. Pegou minha mão e levou até a boca. Seu olhar era intenso — intensamente ardoroso, intensamente compenetrado.

O toque dos lábios contra minha pele fez um arrepio se espalhar por meu braço e despertou lembranças daquela boca pecaminosa em outras partes do meu corpo. Fiquei instantaneamente excitada: “Oi”.

Seus olhos brilharam de contentamento. “Oi. Você está linda. Mal posso esperar para exibir você por aí.”

Soltei um suspiro de satisfação ao ouvir aquele elogio. “Espero que consiga fazer jus a você.”

Ele franziu levemente as sobrancelhas. “Já está pronta pra ir?”

Cary apareceu atrás de mim, trazendo meu xale de veludo preto e minhas luvas longas. “Está tudo aqui. O gloss está na bolsa.”

“Você é o máximo, Cary.”

Ele piscou para mim — uma indicação de que havia visto as camisinhas que eu guardara em um compartimento interno da bolsa. “Vou descer com vocês.”

Gideon pegou o xale das mãos de Cary e o deitou sobre meus ombros. Quando

começou a tirar os cabelos que haviam ficado sob ele, o toque de sua mão no meu pescoço me deixou tão distraída que mal notei que Cary estava me ajudando a colocar as luvas.

A descida de elevador até o saguão foi um exercício de sobrevivência a uma tensão sexual aguda. Não que Cary tenha percebido. Ele estava à minha esquerda, assoviando com as mãos nos bolsos. Gideon, por outro lado, exercia uma tremenda força sobre mim do lado oposto. Apesar de ele não ter se mexido nem emitido nenhum som, eu era capaz de sentir a excitação que irradiava de seu corpo. Sentia na minha pele a atração magnética que havia entre nós e comecei a ofegar. Foi um alívio quando a porta abriu e nos libertou daquele espaço fechado.

Duas mulheres esperavam para subir. Ficaram de queixo caído quando viram Gideon e Cary, o que me deixou contente e me fez sorrir.

“Senhoras”, Cary cumprimentou, com um sorriso que era quase uma covardia. Dava para ver os neurônios delas entrando em parafuso.

Gideon, por sua vez, fez apenas um breve aceno e me conduziu para fora com a mão na base da minha coluna, pele contra pele. Um contato que produziu eletricidade, fazendo meu corpo inteiro ser invadido por uma onda de calor.

Apertei a mão de Cary. “Reserve uma dança pra mim.”

“Sempre. Até daqui a pouco.”

Uma limusine estava esperando na esquina, e o motorista abriu a porta assim que eu e Gideon saímos. Deslizei pelo banco para me sentar do outro lado e ajeitei o vestido. Quando Gideon se acomodou a meu lado e a porta se fechou, pude perceber como ele cheirava bem. Inspirei profundamente, dizendo a mim mesma para relaxar e desfrutar da companhia. Ele pegou minha mão e começou a percorrê-la com os dedos, e esse simples toque despertou em mim uma luxúria furiosa. Dispensei o xale — estava quente demais para usá-lo.

“Eva.” Ele acionou um botão e o vidro escuro atrás do motorista começou a subir. Um instante depois eu estava no colo dele, e sua boca estava grudada na minha, beijando-me furiosamente.

Fiz então o que estava com vontade de fazer desde que o vi em pé na minha sala: enfiei as mãos entre seus cabelos e retribuí o beijo. Eu adorava o jeito como ele me beijava — como se fosse uma *necessidade*, como se ele fosse enlouquecer se não o fizesse, como se não aguentasse mais esperar. Chupei sua língua e percebi que ele gostava disso, e que eu gostava disso, o que me fez desejar chupá-lo em outro lugar com a mesma volúpia.

Quando suas mãos deslizaram sobre minhas costas nuas soltei um gemido, sentindo as

pontadas de sua ereção contra o quadril. Eu me ajeitei para montar sobre ele, tirando o vestido do caminho e agradecendo mentalmente à minha mãe por ter escolhido uma roupa com uma abertura tão conveniente. Com os joelhos apoiados dos dois lados de seus quadris, lancei minhas mãos sobre seus ombros e tornei o beijo ainda mais profundo. Lambi sua boca, mordi de leve seu lábio inferior, acariciei sua língua com a minha…

Gideon me agarrou pela cintura e me tirou dali. Ele se inclinou para trás no acento, com o pescoço curvado para ver bem meu rosto e meu peito ofegante. “O que você está fazendo comigo?”

Percorri seu peito com a mão, dentro da camisa, sentindo a rigidez implacável de sua massa corporal. Meus dedos acompanharam o contorno dos músculos de seu abdome, formulando na minha mente a imagem dele sem roupa. “Estou tocando você. Me aproveitando de você. Eu quero você, Gideon.”

Ele agarrou meus pulsos, detendo meus movimentos. “Mais tarde. Estamos no meio da rua.”

“Não dá pra ver a gente.”

“Não importa. Não é hora nem lugar de começar uma coisa que só vamos poder terminar daqui a várias horas. Já estou enlouquecendo com o que aconteceu hoje à tarde.”

“Então vamos acabar logo com isso.”

Seu aperto se intensificou, tornando-se doloroso. “Não podemos fazer isso aqui.”

“Por que não?” Foi quando um pensamento surpreendente me ocorreu. “Você nunca transou numa limusine?”

“Não.” Ele cerrou os dentes. “Você já?”

Olhei para o outro lado sem responder, e vi a massa de carros e pedestres em torno de nós. Estávamos a poucos centímetros de centenas de pessoas, mas o vidro escuro nos escondia de seus olhares, o que atiçava minha ousadia. Eu queria dar prazer a ele. Queria saber se era capaz de me aproximar de Gideon Cross, e não havia nada impedindo isso além dele.

Avancei com os quadris para cima dele, esfregando-me em toda a extensão de seu pau duro. Sua respiração sibilava por entre os dentes cerrados.

“Preciso de você, Gideon”, sussurrei quase sem fôlego, inalando seu perfume, que parecia ainda melhor com minha excitação. Fiquei levemente intoxicada só de sentir o cheiro de sua pele. “Você me deixa louca.”

Gideon soltou meus pulsos e agarrou meu rosto, apertando firmemente os lábios contra

os meus. Com uma das mãos, procurei a braguilha da sua calça, abrindo os dois botões que escondiam o zíper. Ele enrijeceu.

“Eu preciso disso”, murmurei bem perto da boca dele. “Deixa, vai.”

Ele não relaxou, mas também não tentou mais me deter. Quando eu o peguei nas mãos, ele gemeu, um ruído de dor e prazer. Eu o apertei de levinho, usando um toque deliberadamente suave enquanto o media com as mãos. Estava duro como pedra, e quente. Deslizei minhas duas mãos fechadas em torno dele, da base até a ponta, perdendo o fôlego e me estremecendo toda ao fazê-lo.

Gideon agarrou meus quadris e suas mãos ultrapassaram os limites do meu vestido até que seus polegares encontrassem a renda vermelha da minha calcinha fio-dental. “Sua bocetinha é tão doce”, ele murmurou com a boca colada à minha. “Quero abrir suas pernas e te lamber até você implorar pelo meu pau.”

“Eu imploro agora mesmo, se você quiser.” Eu o masturbava com uma das mãos, enquanto com a outra tentava abrir minha bolsa para pegar uma camisinha.

Um de seus polegares deslizou para dentro da minha calcinha, sentindo a intensidade do meu desejo úmido. “Mal toquei em você”, ele sussurrou com os olhos brilhando sobre mim na escuridão daquele banco traseiro, “e você já está prontinha pra mim.”

“Não dá pra evitar.”

“Não é pra evitar.” Ele enfiou o polegar em mim, mordendo o lábio interior enquanto eu me contorcia ao seu toque. “Não seria justo, já que não posso obrigar você a parar o que está fazendo.”

Abri a embalagem do preservativo com os dentes e entreguei a ele com a camisinha já quase fora do invólucro. “Não sei pôr essas coisas.”

Ele envolveu minhas mãos com a dele. “Estou quebrando todas as minhas regras com você.”

A seriedade de seu tom de voz grave fez com que eu me sentisse inundada por uma onda de calor e confiança. “Regras foram feitas para serem quebradas.”

Vi seus dentes brancos brilharem; ele acionou um botão do painel atrás de si e ordenou: “Continue dirigindo até eu mandar parar”.

Senti minhas bochechas ficarem vermelhas. A luz dos faróis do carro de trás atravessou o vidro escuro e bateu no meu rosto, traindo meu embaraço.

“Ora essa, Eva”, ele falou baixinho enquanto desenrolava com habilidade o preservativo. “Você me faz querer transar na limusine, mas sente vergonha quando digo ao

motorista que não quero ser interrompido?”

Sua demonstração de bom humor fez com que eu o quisesse ainda mais. Apoiando as mãos nos seus ombros para me equilibrar, apoiei-me em um dos joelhos para chegar à altura necessária para me posicionar acima de seu pau grosso e duro. Suas mãos agarraram meus quadris, e eu ouvi um som de estalo quando ele rasgou minha calcinha. O ruído abrupto e a violência daquele gesto transformaram meu desejo em algo quase febril.

“Vá devagar”, ele ordenou com a voz rouca, erguendo os quadris para poder abaixar mais a calça.

Senti sua ereção entre minhas coxas enquanto ele se mexia e soltei um gemido. Eu sentia uma espécie de vazio dentro de mim, como se os orgasmos que havia tido à tarde só tivessem aumentado meu desejo, em vez de aplacado.

Ele se enrijeceu quando eu o tomei com os dedos e o posicionei, ajustando seu membro grosso à minha abertura sedenta. O cheiro de tesão carregava o ar de umidade, uma mistura sedutora de feromônios que despertou todas as células do meu corpo. Minha pele estava vermelha e alerta, e meus seios, inchados e sensíveis.

Era isso que eu queria desde a primeira vez em que o vi — possuí-lo, montar sobre seu corpo magnífico e senti-lo profundamente dentro de mim.

“Minha nossa, Eva”, ele perdeu o fôlego enquanto eu me abaixava sobre seu corpo, sentindo suas mãos apertando incansavelmente minhas coxas.

Fechei os olhos. Senti que estava me expondo mais do que deveria. Eu queria ter intimidade com ele, mas aquilo parecia demais. Estávamos nos encarando, a poucos centímetros de distância, encapsulados em um pequeno espaço com o restante do mundo pulsando ao nosso redor. Eu era capaz de sentir sua euforia, sabia que ele estava tão fora de si quanto eu.

“Você é tão apertadinha.” Suas palavras saíram abafadas, com um toque delicioso de agonia.

Fui um pouco além, deixando que ele penetrasse mais fundo. Inspirei uma grande lufada de ar, sentindo-me deliciosamente alargada.

Com a palma da mão aberta sobre meu ventre, ele tocou meu clitóris pulsante com o dedão e começou a massageá-lo com movimentos circulares lentos e precisos. Senti meu corpo se enrijecer e se contorcer, trazendo-o ainda mais para dentro de mim. Ao tentar abrir os olhos, eu o vi através de minhas pálpebras semicerradas. Ele estava lindíssimo, estendido sob mim com um smoking elegante, exalando um desejo animal de acasalar através de seu corpo poderoso.

Ele arqueou o pescoço, pressionando o encosto do assento com a cabeça enquanto lutávamos para atravessar barreiras invisíveis. “Nossa”, ele soltou através dos dentes. “Vou gozar muito.”

Aquela promessa me excitou ainda mais. O suor brotava da minha pele. Eu estava tão molhada que deslizei por toda a extensão do pau dele até envolvê-lo quase completamente. Deixei escapar um grito abafado quando ele entrou em mim. A penetração era tão profunda que eu mal conseguia suportar, forçando-me a ir um pouco para o lado, tentando amenizar aquele inesperado toque de desconforto. Meu corpo, porém, não parecia se importar com seu tamanho avantajado. Estava estremecendo em torno dele, apertando-o, estremecendo à beira do orgasmo.

Gideon soltou um palavrão e agarrou meu quadril com sua mão livre, obrigando-me a me inclinar sobre seu peito, que pulsava com uma respiração trôpega. Essa mudança de posição fez com que eu me abrisse, aceitando-o por inteiro dentro de mim. Imediatamente, a temperatura do seu corpo subiu — eu sentia seu tórax irradiando ondas de calor através das roupas. Gotas de suor surgiram sobre seus lábios.

Inclinando-me para a frente, passei a língua por toda a sua extensão, capturando aquele líquido salgado com um leve murmúrio de prazer. Ele contorceu a boca de maneira impaciente. Eu me levantei com cuidado, deslizando um pouco para cima antes que ele detivesse o movimento agarrando meu quadril com ferocidade.

“Devagar”, ele me avisou novamente, com um leve tom autoritário que fez com que uma onda de luxúria se espalhasse pelo meu corpo.

Deixei que meu corpo caísse, recebendo-o de novo dentro de mim, sentindo uma dor estranhamente gostosa quando ele foi um pouco além dos meus limites. Nossos olhos se encontraram, e o prazer se espalhou pelo ar quando nos identificamos com o que estávamos fazendo. Foi quando me dei conta de que estávamos completamente vestidos, a não ser pelas partes mais íntimas dos nossos corpos. Tudo aquilo me parecia muito natural, assim como os ruídos que ele fazia, mostrando que, como eu, estava sentindo um prazer extremo.

Sedenta por Gideon, grudei minha boca à dele, agarrando com os dedos as raízes de seus cabelos úmidos de suor. Eu o beijava e remexia os quadris, cavalgando no ritmo dos movimentos circulares enlouquecedores de seu polegar, sentindo o orgasmo que se construía ao redor de seu membro longo e grosso no meu ventre em ebulição.

Deixei que minha consciência fosse absorvida pelo instinto primitivo e permiti que meu corpo assumisse o controle por completo. Não conseguia pensar em mais nada além do desejo de foder, uma necessidade feroz de cavalgar em cima do pau dele até que toda

aquela tensão se desfizesse em uma explosão que enfim me libertaria daquele desejo escravizador.

“Como isso é bom”, suspirei, entregue a ele. “Está sentindo? Ah, como é bom.”

Usando ambas as mãos, Gideon comandava meu ritmo, curvando-me em um ângulo que fazia com que a cabeça do seu pau se esfregasse no ponto mais sensível que havia dentro de mim. Meu corpo se endureceu e eu comecei a tremer, sentindo que estava prestes a gozar só de sentir suas estocadas precisas dentro de mim. “Gideon.”

Ele agarrou minha nuca quando o orgasmo explodiu dentro de mim, lançando espasmos de êxtase que se irradiaram pelo meu corpo, fazendo-me estremecer. Gideon observou enquanto eu desmoronava diante dele, mantendo meus olhos abertos apesar do meu desejo de fechá-los. Dominada pelo seu olhar, eu gemia e gozava como nunca, sentindo meu corpo se contorcer a cada pulsação de prazer.

“Caralho, caralho, caralho”, ele urrava, batendo seus quadris nos meus, puxando meu corpo para baixo a fim de fazê-lo ir de encontro a suas estocadas punitivas. Ele chegou até o ponto mais profundo do meu corpo. Sentia que ele estava cada vez mais duro e grosso.

Eu olhava para ele com avidez, sentindo a necessidade de vê-lo quando ele perdesse as estribeiras comigo. Seus olhos estavam arregalados de vontade, e seu belo rosto, contorcido pela brutal corrida em direção ao clímax.

“Eva!” Ele gozou emitindo um som de êxtase selvagem, uma liberação súbita de energia que me deixou fascinada por sua ferocidade. Ele tremeu ao sentir o orgasmo percorrer seu corpo, aliviando a expressão do rosto por um instante e demonstrando uma inesperada vulnerabilidade.

Envolvi seu rosto com as mãos e juntei meus lábios aos dele, tentando confortá-lo enquanto sua respiração agitada fazia inchar minhas bochechas.

“Eva.” Ele me envolveu com os braços e me apertou contra ele, pressionando seu rosto úmido contra meu pescoço.

Eu sabia como ele se sentia. Entregue. Sem defesas.

Ficamos assim por um bom tempo, abraçados, absorvendo os tremores pós-orgasmo. Ele virou a cabeça e me beijou suavemente, aplacando meus sentimentos exaltados com o carinho de sua língua na minha boca.

“Nossa.” Respirei fundo, abalada.

Seus lábios se curvaram para cima. “Pois é.”

Eu sorri, sentindo-me tonta e feliz.

Gideon afastou os fios de cabelos úmidos de suor das minhas têmporas, percorrendo meu rosto com os dedos de maneira quase reverente. O modo como ele me olhava fez meu peito doer. Ele estava lindo e parecia… agradecido, com os olhos repletos de ternura. “Não quero estragar o momento.”

Senti que ele estava jogando alguma coisa no ar e tentei capturar. “Mas…?”

“Mas não posso perder o jantar. Tenho um discurso a fazer.”

“Ah.” O momento estava de fato arruinado.

Eu me levantei lentamente de cima dele, mordendo os lábios ao sentir que Gideon escapava, úmido e escorregadio, de dentro de mim. O atrito foi suficiente para me fazer querer mais. Ele mal havia começado a amolecer.

“Droga”, Gideon disse de repente. “Quero você de novo.”

Ele me agarrou antes que eu saísse de cima dele, puxando um lenço sabe-se lá de onde e passando-o gentilmente entre minhas pernas. Foi um gesto profundamente íntimo, assim como o sexo que havíamos acabado de fazer.

Depois de seca, sentei-me no assento a seu lado e procurei o gloss dentro da bolsa. Por cima do pequeno espelho da caixinha de maquiagem, vi quando Gideon tirou a camisinha e deu um nó. Ele a embrulhou em um guardanapo de papel e a dispensou em uma lixeira engenhosamente escondida. Quando recompôs sua aparência, ele ordenou ao motorista que retomasse a rota, recostou-se no assento e deixou seu olhar se perder fora da janela.

A cada segundo que passava eu o sentia mais distante; a identificação entre nós se perdia a cada momento. Vi-me encolhida no canto do assento, longe dele, como se estivesse materializando a distância que havia entre nós. Todo o calor que eu havia recebido se transformou em uma evidente frieza, que me obrigou a procurar abrigo sob meu xale. Ele não moveu um músculo quando me afastei e guardei a maquiagem — era como se eu nem estivesse ali.

Em um movimento abrupto, Gideon abriu o compartimento de bebidas e puxou uma garrafa. Sem ao menos olhar para mim, ele perguntou: “Conhaque?”.

“Não, obrigada.” Minha voz saiu em um fio trêmulo, mas ele não pareceu notar. Ou então não deu nem bola. Serviu uma dose em um copo e virou-se completamente.

Confusa e magoada, vesti as luvas e tentei imaginar o que havia feito tudo ir por água abaixo.

7

Não me lembro bem do que aconteceu depois que chegamos. Os flashes dos fotógrafos espocaram ao nosso redor enquanto andávamos pela área de imprensa, mas eu mal me dei conta disso, estava sorrindo apenas por inércia. Na verdade, estava retraída e ansiosa para me livrar da tensão que Gideon exalava na minha direção.

No momento em que entramos, alguém chamou seu nome e ele se virou. Saí de fininho, olhando ao redor, para os outros convidados, que lotavam a entrada acarpetada do evento.

Quando cheguei à recepção, apanhei duas taças de champanhe da bandeja de um garçom que passava e virei uma delas enquanto procurava por Cary. Quando o vi do outro lado do salão junto com minha mãe e Stanton, fui direto até lá, descartando a taça vazia sobre uma mesa no caminho.

“Eva!” A expressão da minha mãe se iluminou ao me ver. “Esse vestido ficou maravilhoso em você!”

Ela me cumprimentou beijando minhas bochechas sem tocá-las. Estava linda em um vestido longo e justo, azul e brilhante. Suas orelhas, seus pulsos e sua garganta estavam adornados de safiras, ressaltando a cor de seus olhos e o tom de sua pele.

“Obrigada.” Dei um gole na segunda taça de champanhe, lembrando que havia planejado expressar minha gratidão pelo vestido. Enquanto agradecia pelo presente, não estava mais tão contente com sua conveniente abertura na perna.

Cary tomou a frente, pegando-me pelo cotovelo. Só de olhar para meu rosto ele percebeu que eu estava chateada. Balancei a cabeça, mostrando que não queria falar sobre o assunto naquele momento.

“Mais champanhe, então?”, ele perguntou, gentil.

“Por favor.”

Senti que Gideon se aproximava antes mesmo de ver o rosto de minha mãe se iluminar como a Times Square em noite de Ano-Novo. Stanton também pareceu se ajeitar e se empertigar todo.

“Eva.” Gideon apoiou a mão na parte inferior de minhas costas nuas, e uma onda de choque percorreu meu corpo. Com seus dedos grudados em mim, perguntei-me se ele sentia a mesma coisa. “Você fugiu.”

Fiquei gelada com o tom de reprovação que ouvi em sua voz. Eu o fuzilei com um olhar que dizia tudo aquilo que eu não podia falar em público. “Richard, você conhece Gideon Cross?”

“Sim, é claro.” Os dois se cumprimentaram.

Gideon me puxou mais para perto. “Temos a sorte de acompanhar as duas mulheres mais bonitas de Nova York.”

Stanton concordou, abrindo um sorriso para minha mãe.

Virei o restante do meu champanhe e troquei com gratidão a taça vazia pela que Cary havia me trazido. O álcool produzia uma leve queimação no meu estômago, e ajudava a desatar um pouco o nó que havia se formado lá dentro.

Gideon se inclinou na minha direção e cochichou em um tom áspero: “Não se esqueça de que você está comigo”.

O cara era *maluco*? Que conversa era aquela? Meus olhos se estreitaram de raiva. “Olha só quem fala.”

“Aqui não, Eva.” Ele acenou com a cabeça para todos e me levou dali. “Agora não.”

“Nem nunca”, murmurei, concordando em ir com ele só para poupar minha mãe daquela cena.

Virando taças de champanhe, eu me coloquei no piloto automático e passei a agir num modo de autopreservação ao qual não recorria havia muitos anos. Gideon me apresentou a algumas pessoas, e acho que minha atuação foi boa — falando nos momentos certos e sorrindo quando necessário —, mas não estava prestando a mínima atenção. Eu estava mais preocupada com a parede de gelo que se ergueu entre nós, com minha raiva e minha mágoa. Caso eu ainda precisasse de alguma prova da determinação de Gideon em evitar interações sociais com as mulheres com quem dormia, tinha acabado de obtê-la.

Quando o jantar foi anunciado, fui com ele para a mesa e mal toquei na comida. Bebi algumas taças de vinho tinto que serviram junto com a refeição e ouvi Gideon conversar com as demais pessoas à mesa. Não prestei a menor atenção às palavras, apenas à cadência e o tom sedutor e equilibrado da sua voz. Felizmente, ele não tentou me integrar à conversa. Acho que eu não diria nada que prestasse.

Só voltei a demonstrar interesse quando, em meio a uma salva de palmas, ele subiu até o palco. Eu me virei na cadeira e o observei enquanto caminhava em direção ao púlpito, incapaz de deixar de admirar sua elegância natural e sua beleza impressionante. A cada passo que dava ele impunha atenção e respeito, o que era uma proeza, considerando suas passadas tranquilas e sem pressa.

Gideon não lembrava nem um pouco aquele sujeito vulnerável depois da nossa foda desmedida na limusine. Na verdade, parecia outra pessoa. Ele havia voltado a ser o homem que conheci no saguão do Crossfire, absolutamente controlado e naturalmente poderoso.

"Em nosso país", ele começou, "o abuso sexual na infância é uma realidade para uma a cada quatro mulheres e um a cada quatro homens. Dê uma boa olhada ao seu redor. Alguém da sua mesa pode ter sido uma vítima, ou então conhece uma. Essa é a inaceitável verdade."

Fiquei vidrada nele. Gideon era um grande orador, e seu tom de barítono era hipnotizante. Mas era o tema de seu discurso, tão pessoal para mim, e sua maneira apaixonada e às vezes surpreendente de abordá-lo que me emocionou. Comecei a amolecer, sentindo minha fúria injuriada e minha autoconfiança ferida dando lugar ao deslumbramento. Minha visão sobre ele mudou quando me vi apenas como mais um membro de uma plateia atenta. Ele não era mais o homem que tinha acabado de magoar meus sentimentos; era apenas um palestrante habilidoso falando sobre uma questão importantíssima para mim.

Quando terminou, eu me levantei e aplaudi, surpreendendo tanto Gideon como a mim mesma. No entanto, os demais logo se juntaram a mim naquela ovação, e comecei a ouvir as conversas que zuniam ao redor, desmanchando-se discretamente em merecidos elogios.

"Você é uma menina de sorte."

Virei-me para ver de quem era a voz que havia dito aquilo, e me deparei com uma bela ruiva que parecia ter pouco mais de quarenta anos. "Somos só… amigos."

Seu sorriso sereno fazia de tudo para me desmentir.

As pessoas começaram a abandonar as mesas. Eu estava prestes a pegar minha bolsa e ir para casa quando um jovenzinho se aproximou para falar comigo. Seus cabelos castanhos rebeldes despertavam uma inveja imediata, e seus olhos de um tom de verde acinzentado eram gentis e amistosos. Bonito e ostentando um sorriso jovial, ele arrancou de mim o primeiro sorriso sincero desde que saí da limusine.

"Olá."

Ele parecia me conhecer, o que me deixou na desconfortável posição de fingir que fazia alguma ideia de quem ele era. "Olá."

Ele deu uma risada, despreocupada e charmosa. "Meu nome é Christopher Vidal, sou irmão de Gideon."

"Ah, é claro." Senti meu rosto esquentar. Eu não conseguia acreditar que estava tão

mergulhada na autopiedade que não fui capaz de fazer essa associação de imediato.

“Você ficou vermelha.”

“Desculpe.” Ofereci a ele um sorriso envergonhado. “Não sei muito bem como dizer que li uma reportagem sobre você sem que isso soe meio esquisito.”

Ele riu. “Fico feliz que tenha lembrado. Só não me diga que foi na coluna social.”

“Não”, eu me apressei em esclarecer. “Na *Rolling Stone*, talvez?”

“Isso eu consigo aceitar.” Ele estendeu o braço para mim. “Quer dançar?”

Dei uma olhada para Gideon, parado diante da escada que levava ao palco. Estava cercado de pessoas ansiosas para falar com ele, em sua maioria mulheres.

“Como você pode ver, meu irmão vai demorar um pouco”, disse Christopher, parecendo se divertir com a situação.

“Pois é.” Eu estava prestes a me virar quando reconheci a mulher ao lado de Gideon — Magdalene Perez.

Apanhei minha bolsa e me esforcei para sorrir para Christopher. “Eu adoraria dançar.”

De braços dados, fomos até a pista. A banda começou a tocar uma valsa, e seguimos naturalmente o ritmo da música, com movimentos suaves. Ele era um dançarino habilidoso, ágil e seguro quanto à sua capacidade de conduzir.

“Então você é amiga de Gideon?”

“Não exatamente.” Acenei com a cabeça para Cary quando ele surgiu ao meu lado com uma loira escultural. “Trabalho no Crossfire, e nós nos encontramos nos corredores uma vez ou outra.”

“Você trabalha para ele?”

“Não. Trabalho como assistente na Waters Field & Leaman.”

“Ah.” Ele sorriu. “Publicidade.”

“É.”

“Gideon deve estar muito a fim de você para passar dos encontros casuais nos corredores para um evento como este.”

Praguejei em silêncio. Sabia que as pessoas iam tirar conclusões, mas não estava nem um pouco disposta a ser humilhada. “Gideon conhece minha mãe, que foi quem me convidou para vir, então era só uma questão de duas pessoas irem ao mesmo lugar no mesmo carro ou em carros separados.”

“Então você está desacompanhada?”

Respirei fundo, sentindo-me desconfortável, apesar da fluidez com que nos movíamos na dança. “Bom, comprometida eu não estou.”

Christopher abriu seu carismático sorriso de menino. “Minha noite acabou de mudar pra melhor.”

Ele preencheu o restante do tempo da dança com piadinhas divertidas sobre a indústria musical, que me fizeram rir e esquecer um pouco Gideon.

Quando a música terminou, Cary estava a postos para a próxima dança. Nós dançávamos bem, tínhamos feito aulas juntos. Relaxei em seus braços, agradecia por ter seu apoio moral.

“Está se divertindo?”, perguntei.

“Fiquei bobo durante o jantar quando percebi que estava sentado ao lado da principal organizadora da Semana de Moda de Nova York. E ela deu em cima de mim!” Ele sorriu, mas seus olhos pareciam assustados. “Toda vez que apareço em lugares como este… vestido deste jeito… é inacreditável. Você salvou minha vida, Eva. E depois a mudou completamente.”

“E você é a salvação da minha sanidade mental. Estamos quites, pode acreditar.”

Ele apertou minha mão e me olhou bem nos olhos. “Você não parece estar nada contente. O que foi que ele fez?”

“Acho que a culpa é minha. Depois a gente conversa sobre isso.”

“Você está com medo de que eu arrebente a cara dele na frente de todo mundo.”

Suspirei. “Acho melhor não, por causa da minha mãe.”

Cary deu um beijo de leve na minha testa. “Ele já estava avisado. Sabe o que vai ter pela frente.”

“Ah, Cary.” O amor que eu sentia por ele me provocou um nó na garganta, apesar de meus lábios sorridentes demonstrarem um divertimento relutante. Eu deveria saber que Cary daria uma de irmão mais velho para cima de Gideon. Era a cara dele.

Gideon apareceu ao nosso lado. “Agora é minha vez.”

Não foi um pedido.

Cary parou e olhou para mim. Eu concordei. Ele se afastou fazendo uma reverência, com os olhos grudados em Gideon.

Ele me puxou para perto e partiu para a pista de dança da mesma maneira como fazia

tudo na vida — com uma confiança absoluta. Dançar com Gideon era uma experiência completamente distinta em relação aos meus dois parceiros anteriores. Ele possuía ao mesmo tempo a habilidade de seu irmão e a intimidade com meu corpo que Cary demonstrava, mas seu estilo era ousado, agressivo, de uma sensualidade inerente.

Não ajudou muito o fato de, apesar da minha infelicidade, eu me sentir seduzida por aquele homem do qual tinha me sentido tão íntima pouco tempo antes. Seu cheiro era magnífico, recendendo a sexo, e o modo como ele me conduzia, com passos ousados e arrebatadores, fez com que eu sentisse um vazio dentro de mim, no lugar que ele havia ocupado pouco tempo antes.

"Você não para de fugir", ele murmurou, provocando-me.

"Mas pelo jeito Magdalene soube ocupar meu lugar rapidinho."

Ele ergueu as sobrancelhas e me puxou para mais perto. "Está com ciúmes?"

"Fala sério…"

Olhei para o outro lado.

Ele fez um ruído de frustração. "Fique longe do meu irmão, Eva."

"Por quê?"

"Porque estou mandando."

Fiquei irritada com aquilo, o que era uma coisa boa depois de toda a recriminação e de todas as dúvidas com que vinha lidando após treparmos como dois coelhos no cio. Decidi pagar para ver se virar a mesa era uma opção viável no mundo de Gideon Cross. "Fique longe da Magdalene, Gideon."

Ele cerrou os dentes. "Ela é só uma amiga."

"Isso quer dizer que você não dormiu com ela…?"

"Claro que não. Nem quero. Escute…" A música desacelerou e diminuiu de volume. "Preciso ir. Eu trouxe você aqui e gostaria de levá-la para casa, mas não quero estragar a diversão. Você prefere ficar por aqui e ir embora com Stanton e sua mãe?"

Minha diversão? Ele estava de brincadeira ou tinha perdido totalmente a noção? Ou pior. Talvez estivesse tão desinteressado que nem prestava atenção em mim.

Eu o afastei um pouco, precisava criar certa distância. O cheiro dele mexia com minha cabeça. "Vou ficar bem. Me deixe."

"Eva." Ele tentou me tocar, mas dei um passo atrás.

Um braço aparou minhas costas, e eu ouvi a voz de Cary. "Pode deixar que eu cuido

dela, Cross.”

“Não complique as coisas, Taylor”, alertou Gideon.

“Pelo que estou vendo, você já fez isso muito bem sozinho”, ironizou Cary.

Engoli em seco, superando o nó que havia na minha garganta. “Você deu um belíssimo discurso, Gideon. Foi o ponto alto da minha noite.”

Ele respirou fundo diante do insulto que aquilo implicava e depois passou a mão pelos cabelos. De forma abrupta, soltou um palavrão, e eu entendi o porquê quando ele sacou o telefone do bolso e olhou para a tela.

“Preciso ir.” Seu olhar capturou o meu e o manteve prisioneiro. Seus dedos passearam por meu rosto. “Mais tarde eu ligo.”

E ele foi embora.

“Você quer ficar?”, Cary perguntou em voz baixa.

“Não.”

“Eu levo você pra casa, então.”

“Não, não precisa.” Eu queria ficar um tempo sozinha. Afundar-me em uma banheira quente com uma garrafa de vinho e sair daquele estado de agitação. “É melhor você ficar. Pode ser bom pra sua carreira. A gente conversa quando você chegar. Ou amanhã. Quero ficar o dia inteiro em casa sem fazer nada.”

Ele me lançou um olhar inquisitivo. “Tem certeza?”

Confirmei com a cabeça.

“Certo.” Mas ele não parecia muito convencido.

“Se puder mandar buscar a limusine de Stanton, preciso dar uma passadinha no banheiro.”

“Tudo bem.” Cary passou a mão pelo meu braço. “Vou pegar seu xale no guarda-volumes e encontro você lá na frente.”

A visita ao banheiro demorou mais do que deveria. Para começar, um número surpreendente de pessoas me parou para conversar, e o motivo disso só podia ser o fato de eu ter chegado acompanhada de Gideon Cross. Além disso, evitei o banheiro mais próximo, que tinha um grande fluxo de mulheres entrando e saindo, e encontrei um mais distante. Tranquei-me na cabine e fiquei ali um pouco mais de tempo do que tinha levado para fazer o que era necessário. Não havia mais ninguém ali além da funcionária responsável, não havia motivo para me apressar.

Eu estava tão chateada com Gideon que mal conseguia respirar, e estava absolutamente perplexa com suas mudanças de humor. Por que ele havia acariciado meu rosto daquele jeito? Por que tinha se aborrecido por eu não ter permanecido ao lado dele? E por que tinha tratado Cary daquele jeito? Gideon dava um novo significado à velha descrição de uma pessoa "de lua".

Fechei os olhos e retomei a compostura. *Minha nossa*. Eu não precisava passar por tudo aquilo.

Tinha exposto os meus sentimentos naquela limusine e estava extremamente vulnerável — uma sensação que tinha me custado infinitas horas de terapia para aprender a evitar. Eu só queria ir para casa e me esconder, libertar-me da pressão de agir como se estivesse tudo bem.

Você entrou nessa porque quis, lembrei a mim mesma. *Agora aguenta*.

Respirando fundo, saí do banheiro e dei de cara com Magdalene Perez parada de braços cruzados. Ela estava claramente à minha espera, procurando o momento certo para me pegar com a guarda baixa. Hesitei; depois me recuperei e fui na direção da pia para lavar as mãos.

Ela se virou para o espelho, observando-me. Eu também a observei. Era ainda mais bonita pessoalmente do que nas fotos. Alta e magra, com grandes olhos escuros e cabelos castanhos lisos. Seus lábios eram carnudos e vermelhos, e os ossos de sua face eram pronunciados e harmônicos. Seu vestido era sexy e modesto, uma leve camada de cetim cor de creme que contrastava lindamente com sua pele morena. Ela parecia uma supermodelo e exalava *sex appeal* por todos os poros.

A funcionária do banheiro me entregou a toalha de mão, e Magdalene falou com ela em espanhol, pedindo para nos deixar sozinhas. Reforcei o pedido: "*Por favor, gracias*". Magdalene arqueou as sobrancelhas e me olhou mais atentamente, um olhar que retribuí com igual frieza.

"Ah, não", ela murmurou assim que a funcionária se afastou. Fez também um estalo com a língua, um barulho que me irritava tanto quanto o som de unhas numa lousa. "Você já deu pra ele."

"E você não."

Isso pareceu surpreendê-la. "É verdade, eu não. Sabe por quê?"

Tirei uma nota de cinco da bolsa e depositei na bandeja de gorjetas. "Porque ele não quer."

"E eu também não quero, porque ele não consegue assumir um compromisso. Ele é

jovem, bonito, rico e está aproveitando a vida.”

“Ah, sim.” Concordei. “Com toda a certeza.”

Ela estreitou os olhos, e a expressão de contentamento sumiu do seu rosto. “Ele não respeita as mulheres que come. Depois que enfia o pau em você, acabou a conversa. É assim com todas. Mas eu ainda estou aqui, porque é a mim que ele quer no futuro.”

Mantive a frieza, apesar de ter acusado o golpe, que me acertou justamente onde mais me doía. “Isso é patético.”

Saí pisando duro e só parei ao chegar à limusine de Stanton. Apertei a mão de Cary ao entrar, e consegui esperar o carro virar a esquina para começar a chorar.

“Oi, gata”, cumprimentou Cary quando saí do quarto na manhã seguinte. Vestido apenas com uma calça velha, ele estava deitado no sofá com os pés cruzados em cima da mesa de centro. Estava lindo, todo largado, despreocupado com a própria aparência e confortável. “Dormiu bem?”

Fiz sinal de positivo com o dedo e fui pegar um café na cozinha. Parei no meio do caminho, com uma expressão de surpresa diante do enorme buquê de rosas vermelhas no balcão. O aroma era divino, e respirei bem fundo para senti-lo. “O que é isso?”

“Chegou faz mais ou menos uma hora. Entrega dominical. Uma beleza, mas não sai nada barato.”

Desgrudei o cartão do papel celofane e o abri.

AINDA ESTOU PENSANDO EM VOCÊ.

GIDEON

“Foi Cross que mandou?”, Cary perguntou.

“Foi.” Passei o dedão por cima do que imaginei ser sua caligrafia. Era sexy e masculina. Um gesto romântico de um cara que não tinha o romance em seu repertório. Larguei o cartão no balcão como se estivesse queimando meus dedos e enchi uma caneca de café, rezando para que a cafeína me desse forças e restaurasse meu bom senso.

“Pelo jeito você não gostou muito.” Ele baixou o volume do jogo de beisebol a que estava assistindo.

“Ele não faz bem pra mim. É um gatilho pra coisas não muito agradáveis. Preciso ficar longe dele.” Cary havia feito terapia comigo, então sabia do que eu estava falando. Não estranhou quando apelei para o jargão da psicanálise e não se furtou a responder na mesma moeda.

“O telefone ficou tocando a manhã toda. Eu não queria causar nenhuma perturbação, por isso deixei no silencioso.”

Sentindo um formigamento entre as pernas, eu me aninhei no sofá e lutei contra a vontade de ver se Gideon havia deixado alguma mensagem. Queria ouvir a voz dele, e alguma explicação para o que tinha acontecido na noite anterior. “Boa ideia. Pode deixar assim mesmo o resto do dia.”

“O que aconteceu?”

Soprei a fumaça do meu café e tentei dar um gole. “Fiz com que ele perdesse a cabeça na limusine e depois disso ele se fechou como uma porta.”

Cary me olhava com seus olhos verdes e expressivos, que já haviam visto muito mais do que deveriam. “Você abalou as estruturas dele, então?”

“Pois é.” Fiquei irritada só de pensar. A gente tinha se dado bem. Eu tinha *certeza*. Eu o queria mais do que tudo na noite anterior, e agora nunca mais queria vê-lo. “Foi intenso. O melhor sexo da minha vida, e ele estava totalmente na minha. Dava pra ver. Era a primeira vez dele num carro, e ele pareceu meio reticente no começo, mas depois ficou com tanto tesão que não conseguiu mais resistir.”

“Sério mesmo?” Ele passou a mão na barba por fazer. “A maioria dos caras risca isso da lista antes de entrar na faculdade. Na verdade, não conheço ninguém que nunca tenho feito isso, a não ser os nerds e os feiosos, e ele não é uma coisa nem outra.”

Dei de ombros. “Acho que ele me considera uma piranha depois dessa.”

Cary ficou imóvel. “Foi isso que ele disse?”

“Não. Ele não disse porra nenhuma. Quem falou isso foi a ‘amiguinha’ dele, Magdalene. Aquela morena das fotos da internet, lembra? Ela decidiu pôr as asinhas de fora e foi atrás de mim no banheiro.”

“A vaca está com ciúmes.”

“Puro recalque. Ela não consegue dar pra ele, porque ao que parece ele descarta todas as mulheres com quem trepa.”

“Ele disse isso?” Mais uma vez, a pergunta saiu carregada de raiva.

“Não com essas palavras. Só disse que não dormia com as amigas dele. Ele não

consegue suportar a ideia de que as mulheres queiram outras coisas além de ir pra cama, então faz uma separação entre as mulheres com quem trepa e as mulheres com quem conversa.” Dei mais um gole no café. “Avisei que comigo isso não ia funcionar, e ele disse que daria um jeito, mas acho que era só uma forma de conseguir o que queria.”

“Ou então você assustou o sujeito.”

Olhei fixamente para ele. “Nem tente arrumar desculpas pro cara. De que lado você está, afinal?”

“Do seu, gata.” Ele se inclinou e deu um tapinha no meu joelho. “Sempre do seu.”

Agarrei seu antebraço musculoso a deslizei suavemente os dedos por ele em sinal de gratidão. Não consegui sentir as inúmeras cicatrizes de cortes que ele tinha nos pulsos, mas nunca esqueci onde ficavam. Eu agradecia todos os dias por ele estar vivo, com saúde e ser tão importante para mim. “Como é que foi sua noite?”

“Não posso reclamar.” Seus olhos ganharam um brilho de malícia. “Peguei aquela loira peituda na salinha da limpeza. Os peitos dela eram de verdade.”

“Olha só.” Eu sorri. “Ela teve uma noite inesquecível, pode ter certeza.”

“Pelo menos eu tentei.” Ele pegou o telefone e piscou para mim. “O que você quer comer? Sanduíche? Comida chinesa? Indiana?”

“Não estou com fome.”

“Você está sempre com fome. Se não escolher nada, vou cozinhar e você vai ter que comer o que estiver na panela.”

Levantei as mãos em sinal de rendição. “Tudo bem, tudo bem. Você escolhe.”

Cheguei ao trabalho vinte minutos adiantada na segunda, em uma tentativa de escapar de Gideon. Consegui ir até minha mesa sem nenhum incidente e me senti tão aliviada que percebi que ele era um assunto muito mais sério para mim do que poderia imaginar. Meu humor era instável e flutuante.

Mark chegou todo animado, ainda motivado pelo sucesso da semana anterior, e partimos logo para o trabalho. Eu tinha feito uma pesquisa sobre marcas de vodca no domingo, e ele foi gentil o bastante para repassá-la comigo e ouvir o que eu achava. Mark também era responsável pela conta de um novo fabricante de leitores eletrônicos, então demos o pontapé inicial nessa campanha também.

Com uma manhã tão ocupada, o tempo passou voando, e eu não tive tempo de pensar na minha vida pessoal. Fiquei muito feliz por isso. Mas então o telefone tocou, e ouvi a voz de Gideon do outro lado da linha. Não estava preparada para isso.

“Como está a sua segunda?”, ele perguntou, e sua voz me deixou toda arrepiada.

“Ocupadíssima.” Olhei para o relógio e me assustei ao constatar que faltavam só vinte minutos para o meio-dia.

“Ótimo.” Ele fez uma pausa. “Tentei ligar pra você ontem. Deixei umas mensagens. Queria ouvir sua voz.”

Fechei os olhos e respirei fundo. Precisei recorrer a toda a força de vontade que tinha para resistir à tentação de ouvir as mensagens dele. Até Cary se envolveu na causa — eu disse a ele para me segurar caso a tentação falasse mais alto. “Queria ficar sozinha, e aproveitei para trabalhar um pouco.”

“Recebeu as flores que mandei?”

“Sim, são lindas. Obrigada.”

“Elas me lembraram do seu vestido.”

O que ele estava fazendo? Eu estava começando a pensar que ele sofria de algum distúrbio de múltiplas personalidades. “Algumas mulheres diriam que você está sendo romântico.”

“Só me importa o que você diz.” A cadeira rangeu quando ele se levantou. “Pensei em passar na sua casa… Senti vontade.”

Suspirei, já desistindo de tentar entender. “Ainda bem que você não fez isso.”

Ele fez outra longa pausa. “Eu mereci essa.”

“Não falei isso pra castigar você. É a verdade.”

“Eu sei. Olha… Eu providenciei um almoço aqui no escritório, pra gente não perder tempo com deslocamentos.”

Depois que nos despedimos no evento, fiquei pensando se ele queria mesmo me encontrar depois de se recuperar de sabe-se lá que processo desencadeado pela nossa relação. Era uma possibilidade que eu vinha remoendo desde sábado à noite, ciente de que precisava afastá-lo de mim, mas ao mesmo tempo torturada pelo desejo de estar com ele. Queria sentir de novo aquele momento puro e perfeito de intimidade que compartilhamos.

Mas aquele único momento não justificava todos os outros em que ele fez com que eu me sentisse um lixo.

“Gideon, não temos por que almoçar juntos. Acabamos confundindo as coisas na sexta à noite e… bom, o assunto foi resolvido no sábado. É melhor deixar tudo como está.”

“Eva.” Ele baixou o tom de voz. “Eu sei que estraguei tudo. Me deixe explicar.”

“Não precisa. Está tudo bem.”

“Não está, não. Preciso ver você.”

“Eu não quero…”

“Podemos fazer isso do jeito mais fácil, Eva, ou então dificultar as coisas.” Sua voz endureceu e meu coração disparou. “De qualquer forma, você vai me ouvir.”

Fechei os olhos e aceitei o fato de que não ia me livrar tão facilmente, com uma simples conversa ao telefone. “Tudo bem. Eu subo aí.”

“Obrigado.” Ele soltou um suspiro bem audível. “Mal posso esperar pra ver você.”

Pus o telefone no gancho e fiquei olhando para as fotos na minha mesa, tentando elaborar o que precisava dizer e me preparando para o impacto de rever Gideon. A ferocidade da minha reação física à presença dele era impossível de controlar. De alguma forma, eu precisava acabar logo com aquilo e seguir em frente. Mais tarde eu pensaria em como lidar com o fato de ter que cruzar com ele no prédio ao longo dos dias, meses e anos seguintes. Por ora, eu só precisava pensar em como sobreviver à hora do almoço.

Optando por ceder ao inevitável, voltei para o trabalho comparando o impacto visual de algumas amostras de folhetos a serem encartados em jornais e revistas.

“Eva.”

Dei um pulo na cadeira ao perceber que Gideon estava na minha baia. Fiquei desconcertada ao vê-lo, como sempre, e meu coração quase explodiu dentro do peito. Uma olhada rápida no relógio revelou que quinze minutos haviam se passado num piscar de olhos.

“Gid… Senhor Cross. Não precisava ter descido até aqui.”

Seu rosto parecia calmo e impassível, mas seus olhos fervilhavam. “Está pronta?”

Abri a gaveta e peguei minha bolsa, aproveitando a oportunidade para respirar bem fundo. O cheiro dele era fenomenal.

“Senhor Cross.” Era a voz de Mark. “Que bom vê-lo aqui. Posso ser útil em…?”

“Estou aqui por causa de Eva. Vamos almoçar juntos.”

Fiquei de pé a tempo de ver a expressão de surpresa no rosto de Mark. Ele logo se recompôs, e seu rosto retomou a beleza e a simpatia que lhe eram naturais.

“Volto à uma hora”, garanti.

“Até lá, então. Bom almoço.”

Gideon pôs a mão na parte inferior das minhas costas e me guiou até os elevadores, fazendo com que Megumi erguesse as sobrancelhas de espanto quando passamos pela recepção. Continuei inquieta enquanto esperávamos o elevador, desejando que fosse possível passar um dia sem ver aquele homem cujo toque despertava meu desejo como uma droga.

Ele se virou para mim enquanto o elevador não chegava e percorreu com os dedos as mangas da minha blusa de cetim. “Toda vez que fecho os olhos, vejo você com aquele vestido vermelho. Escuto seus gemidos de tesão. Sinto você descendo pelo meu pau, apertadinha, me fazendo ficar tão duro que chega até a doer.”

“Pare com isso.” Virei o rosto para o outro lado, incapaz de suportar o olhar de intimidade que ele lançava em minha direção.

“Não consigo evitar.”

A chegada do elevador foi um alívio. Ele me pegou pela mão quando entramos. Depois de pôr a chave no painel, ele me puxou mais para perto. “Eu vou te beijar, Eva.”

“Eu não…”

Ele calou a minha boca com a dele. Resisti o quanto pude, mas no fim acabei me desmanchando ao sentir sua língua acariciando lentamente a minha. Eu queria esse beijo desde o momento em que transamos. Precisava de uma garantia de que ele dava valor ao que tínhamos vivenciado, que aquilo significava para ele o mesmo que para mim.

A sensação de abandono voltou quando ele se afastou.

“Vamos lá.” Gideon tirou a chave do painel e a porta se abriu.

A recepcionista ruiva não disse nada dessa vez, apesar de ter me olhado de um jeito estranho. Já o secretário, Scott, levantou-se quando chegamos e me cumprimentou simpaticamente pelo nome.

“Boa tarde, senhorita Tramell.”

“Oi, Scott.”

Gideon se limitou a um leve aceno de cabeça. “Não passe nenhuma ligação.”

“É claro.”

Entrei no escritório luxuoso de Gideon e já procurei com os olhos o sofá onde tinha acontecido nosso primeiro contato mais íntimo.

O almoço estava servido no bar — dois pratos cobertos com tampas de metal.

“Quer que eu guarde sua bolsa?”

Olhei para ele e percebi que havia tirado o paletó e que o mantinha pendurado no braço. Estava ali parado, com sua calça e seu colete feitos sob medida, uma camisa e uma gravata impecavelmente brancas, seus grossos cabelos negros ao redor do rosto de tirar o fôlego, seus olhos de um azul selvagem e deslumbrante. Em resumo, ele me fascinava. Eu não conseguia acreditar que tinha transado com um homem tão lindo.

Foi quando lembrei que aquilo não havia significado nada para ele.

“Eva?”

“Você é muito bonito, Gideon.” As palavras saíram da minha boca sem que eu me desse conta.

Ele pareceu surpreso, e amenizou um pouco a intensidade de seu olhar. “Fico feliz que goste do que vê.”

Entreguei minha bolsa a ele e me afastei. Precisava manter distância. Ele pendurou o paletó e a bolsa no cabide e se dirigiu ao bar.

Cruzei os braços. “Vamos acabar logo com isso. Não quero mais sair com você.”

8

Gideon passou a mão pelos cabelos e bufou. “Não acho que você queira isso.”

De repente eu me senti cansada, exaurida de tanto lutar contra mim mesma por causa dele. “Quero, sim, de verdade. Foi… um erro.”

Ele cerrou os dentes. “Não foi. A maneira como me comportei depois é que foi um erro.”

Olhei bem para ele, surpresa com sua capacidade feroz de negação. “Eu não estava falando de sexo, Gideon. Estava me referindo ao fato de concordar com o tipo de relação que se estabeleceu entre nós. Estava na cara que ia dar errado desde o começo. Eu deveria ter seguido meus instintos.”

“Você não me quer mais?”

“Não é isso. É que…”

“Não como eu disse no bar. De verdade.”

Meu coração disparou. “Do que você está falando?”

“De tudo.” Ele chegou mais perto. “Eu quero ser seu.”

“Não foi isso que pareceu no sábado.” Apertei ainda mais os braços.

“Eu estava… inseguro.”

“E daí? Eu também.”

Ele pôs as mãos na cintura. Depois cruzou os braços como eu. “Por favor, Eva.”

Vi que ele estava remoendo alguma coisa e senti um fio de esperança. “Se é isso que você tem a dizer, estamos conversados.”

“Não estamos, não.”

“Se você vai entrar em parafuso toda vez que a gente transar, não temos nem por que começar.”

Ele estava visivelmente escolhendo as palavras. “Estou acostumado a ficar no controle. Eu *preciso* disso. E você mandou essa ideia para o espaço na limusine. Eu não soube como lidar com isso.”

“Jura?”

“Eva.” Ele chegou mais perto. “Nunca fiz isso antes. Pensei que nem fosse capaz. Agora que aconteceu… não posso abrir mão. Não posso abrir mão de você.”

“É muito simples, Gideon. Por mais que o sexo seja bom, uma relação puramente sexual pode mexer seriamente com sua cabeça se o convívio com a outra pessoa não fizer bem pra você.”

“Nada disso. Admito que pisei na bola. Não posso mudar o que aconteceu, mas tenho o direito de ficar puto se você não quiser mais sair comigo por causa disso. Você impôs as regras e eu concordei, mas você não abriu mão de nada pra se adaptar a mim. Precisamos encontrar um meio-termo.” Seu rosto estava carregado de frustração. “Você precisa ceder pelo menos um pouco.”

Olhei bem pra ele, tentando entender o que estava acontecendo e aonde aquilo ia chegar. “O que você quer, Gideon?”, perguntei calmamente.

Ele me abraçou e segurou meu queixo com uma das mãos. “Quero continuar me sentindo como me sinto quando estou com você. Só me diga o que preciso fazer. E não se comporte assim quando eu fizer bobagem. É tudo novidade pra mim. Um aprendizado.”

Pus a minha mão sobre seu coração e senti que estava disparado. Ele parecia ansioso e apaixonado, e isso me levou ao limite. O que eu deveria responder? Deveria seguir meus instintos ou usar o bom senso? “O que exatamente é uma novidade pra você?”

“O que for preciso pra passar o maior tempo possível com você. Na cama e fora dela.”

A onda de satisfação que me arrebatou naquele momento foi absurdamente poderosa. “Você é capaz de imaginar como vai ser complicada a nossa relação, Gideon? Ela mal começou e eu já estou exausta. Além disso, tenho umas coisas para resolver comigo mesma, além do emprego novo… da minha mãe maluca…” Meus dedos cobriram sua boca antes que ele a abrisse. “Mas acho que vale o esforço, e quero muito você. Então não tenho escolha, não é?”

“Eva. Você é terrível.” Gideon me levantou do chão, posicionando um dos braços abaixo do meu traseiro para fazer com que minhas pernas enlaçassem sua cintura. Ele me beijou com força e esfregou o rosto contra o meu. “Nós vamos dar um jeito.”

“Até parece que vai ser fácil.” Eu sabia que era uma pessoa difícil de lidar, e ele estava se mostrando tão difícil quanto.

“O que é fácil não tem graça.” Ele me carregou até o bar e me sentou em um banquinho. Tirou a tampa do meu prato e revelou um enorme cheesebúrguer com fritas. Ainda estava quente, graças à pedra aquecida sob a bandeja.

“Humm”, murmurei, percebendo como estava com fome. Depois daquela conversa, meu apetite voltou com toda a força.

Ele abriu meu guardanapo com um movimento brusco e o estendeu sobre meu colo, aproveitando para apertar meu joelho. Depois se sentou ao meu lado. “E então, essa coisa, como funciona?”

“Você pega com a mão e come com a boca.”

Ele me lançou um olhar de falsa censura que me fez rir. Era bom poder sorrir. Era bom estar com ele. Pelo menos por um tempinho. Dei uma mordida no meu sanduíche, soltando um gemido quando senti todo o sabor. Era um cheesebúrguer tradicional, mas delicioso.

“Bom, né?”

“Muito bom. Na verdade, acho que não me incomodo de ficar com um cara capaz de oferecer sanduíches tão bons.” Limpei a boca e as mãos. “Você faz questão de exclusividade?”

Quando ele pôs o lanche de volta no prato, ficou absolutamente imóvel. Não saberia nem por onde começar a adivinhar no que estava pensando. “Pensei que isso fosse parte do acordo. Mas vou deixar bem claro, pra que não reste dúvida: não existe mais nenhum homem na sua vida, Eva.”

O caráter imperativo de seu tom de voz e a frieza de seu olhar me fizeram estremecer. Eu sabia que ele tinha um lado cruel; havia aprendido a identificar e evitar homens com esse aspecto sombrio no olhar. Mas os alarmes não soaram para Gideon como deveriam. “Mulheres tudo bem?”, perguntei para amenizar a conversa.

Ele ergueu as sobrancelhas. “Eu já sabia que seu colega de apartamento era bissexual. Você também?”

“Seria um incômodo pra você?”

“Dividir você com qualquer um seria um incômodo. Está fora de cogitação. Seu corpo é meu, Eva.”

“E o seu é meu? Exclusivamente?”

Seus olhos brilharam. “Sim, e espero que você faça proveito dele com frequência e em excesso.”

Ora, então… “Mas você já me viu nua”, provoquei, baixando o tom de voz. “Já sabe o que vai ter em troca. Eu não. Adorei o que vi de você até agora, mas não foi muita coisa.”

“Podemos resolver isso já.”

A ideia de vê-lo tirando a roupa pra mim fez com que eu me inquietasse no assento. Ele percebeu e abriu um sorriso perverso.

“Melhor não”, eu disse, já lamentando. “Já cheguei atrasada do almoço na sexta.”

“Hoje à noite, então.”

Engoli em seco. “Com certeza.”

“Vou terminar tudo até as cinco.” Ele voltou a comer, completamente à vontade com o fato de ter acrescentado uma sessão de *sexo de virar a cabeça* aos nossos compromissos para o dia.

“Não precisa.” Abri o pequeno vidro de ketchup que havia na bandeja. “Preciso ir à academia depois do trabalho.”

“Podemos ir juntos.”

“Sério?” Virei o vidro de cabeça para baixo e dei um tapinha no fundo.

Ele o tirou de mim e usou sua faca para tirar o ketchup e pôr no meu prato. “Acho até melhor gastar um pouco de energia antes de arrancar sua roupa. Assim você vai conseguir andar amanhã.”

Olhei bem para ele, perplexa por ter dito aquilo sem a menor cerimônia e com uma expressão no rosto que demonstrava que não era apenas uma brincadeira. Senti meu sexo latejar de ansiedade. Não seria nada difícil ficar absolutamente viciada em Gideon Cross.

Comi algumas batatas fritas, imaginando se não havia ninguém mais viciada em Gideon. “Magdalene pode ser um problema.”

Ele engoliu um pedaço do sanduíche e depois deu um gole em sua água mineral. “Ela me disse que falou com você e que a conversa não foi nada boa.”

Admirei mentalmente a trama dela e sua tentativa de me jogar para escanteio. Eu teria que tomar muito cuidado com ela, e Gideon precisaria fazer alguma coisa a respeito — como tirá-la do caminho, e ponto final.

“Não, não foi nada boa”, confirmei. “Não gostei nem um pouco de saber que você não respeita as mulheres com quem trepa e que, assim que você enfiou seu pau em mim, estava tudo acabado.”

Gideon ficou paralisado. “Ela disse isso?”

“Exatamente isso. E também que está mantendo você em banho-maria até estar pronto pra sossegar.”

“Ah, é mesmo?” Ele baixou o tom de voz até se tornar quase sinistro.

Senti um nó no estômago. Sabia que a partir dali as coisas poderiam dar muito certo ou muito errado. Tudo dependia do que Gideon diria a seguir. “Você não acredita em mim?”

“Claro que acredito.”

“Ela pode ser um problema pra mim”, repeti. Não queria deixar o assunto morrer.

“Ela não vai ser um problema. Vou falar com ela.”

Detestei a ideia de que ele falasse com ela, porque me deixou morta de ciúmes. Achei melhor deixar isso bem claro logo de início. “Gideon…”

“Sim?” Ele já havia terminado o sanduíche e estava comendo as batatas.

“Sou muito ciumenta. Isso me tira do sério.” Remexi minhas batatas. “Talvez você queira pensar a respeito. Está mesmo disposto a lidar com uma pessoa com problemas de autoestima como eu? Foi uma das coisas que me fez pensar duas vezes antes de ficar com você. Eu sabia que ficaria maluca vendo a mulherada babando por você, sem poder fazer nada a respeito.”

“Agora você tem o direito de fazer algo a respeito.”

“Você não está me levando a sério.” Balancei a cabeça e dei outra mordida no sanduíche.

“Nunca falei tão sério na minha vida.” Inclinando-se para a frente, Gideon passou a ponta do dedo no canto da minha boca, depois lambeu o restinho de molho que tirou de lá. “Você não é a única possessiva aqui. Eu também vigio bem de perto o que é meu.”

Disso eu não duvidei nem por um segundo.

Dei outra mordida e comecei a pensar na noite que teria pela frente. Estava ansiosa. Absurdamente. Estava louca para ver Gideon sem roupa. Louca para passar minha boca pelo corpo inteiro dele. Louca para ter outra chance de fazê-lo perder a cabeça. Eu estava quase desesperada para senti-lo em cima de mim, avançando contra mim, entrando bem fundo dentro de mim…

“Continue pensando nisso”, ele disse asperamente, “e vai se atrasar de novo.”

Olhei para ele com uma expressão de surpresa. “Como você sabe o que estou pensando?”

“Você fica com essa cara quando está com tesão. Quero ver você assim sempre que possível.” Gideon pôs a tampa sobre sua bandeja e se levantou, sacando do bolso um cartão de visitas e colocando na minha frente. Dava para ver que tinha o número do celular e da casa dele escritos à mão. “É uma coisa meio banal pra se dizer depois do que acabamos de conversar, mas preciso do número do seu celular.”

“Ah.” Meus pensamentos foram arrancados das imediações da cama. “Preciso comprar um primeiro. Está na minha lista.”

“O que aconteceu com o que você estava usando na semana passada?”

Franzi o rosto. “Minha mãe estava usando para rastrear minha movimentação pela cidade. Ela é do tipo… superprotetora.”

“Entendo.” Ele acariciou meu rosto com as costas da mão. “Era disso que você estava falando quando disse que sua mãe vivia te espionando.”

“Infelizmente.”

“Muito bem, então. Cuidamos da questão do telefone antes de ir à academia. É importante para sua segurança. E eu quero poder ligar pra você sempre que quiser.”

Deixei de lado a parte do sanduíche que não conseguiria comer e limpei as mãos e a boca. “Estava uma delícia. Obrigada.”

“O prazer foi todo meu.” Ele se inclinou e me deu um beijo de leve. “Vai precisar usar o banheiro?”

“Vou. Preciso da minha escova de dentes, que está na bolsa.”

Poucos minutos depois, eu estava em um lavabo escondido atrás de uma porta que se incorporava perfeitamente ao revestimento de mogno que havia na parede atrás dos monitores de tela plana. Escovamos os dentes lado a lado diante da pia dupla, olhando nos olhos um do outro pelo espelho. Era uma coisa absolutamente corriqueira, *normal*, e ainda assim parecíamos felicíssimos.

“Desço com você até lá”, ele disse ao cruzar o escritório até o cabide.

Eu o segui, mas parei ao passar por sua mesa. Fui até ela e apontei para o espaço vazio diante da cadeira. “É aqui que você passa a maior parte do dia?”

“É.” Ele vestiu o paletó. Estava tão elegante que dava vontade de morder.

Em vez disso, pulei em cima da mesa. De acordo com o relógio, eu ainda tinha cinco minutos. Era o tempo de voltar à minha mesa, mas ainda assim… Não resisti à tentação de exercitar meus direitos recém-adquiridos. Apontei para a cadeira. “Sente-se aí.”

Ele pareceu surpreso, mas obedeceu sem discutir e se instalou tranquilamente no assento.

Eu abri as pernas. “Mais perto.”

Ele veio deslizando com a cadeira, preenchendo o espaço entre as minhas coxas, lançou os braços em torno dos meus quadris e olhou para mim. “Muito em breve, Eva, vou comer

você bem aqui.”

“Agora eu só quero um beijo”, murmurei, inclinando-me para alcançar sua boca. Apoiando as mãos nos ombros dele para me equilibrar, passei a língua pelos seus lábios abertos; depois a pus para dentro e o provoquei bem de levinho.

Gemendo, ele me deu um beijo profundo, devorando minha boca de uma maneira que me deixou toda molhada.

“Muito em breve”, repeti com a boca colada à dele, “vou me agachar aqui e chupar você bem gostoso. Talvez até quando você estiver no telefone, brincando de ganhar dinheiro que nem no Banco Imobiliário. E você, senhor Cross, vai passar pelo início e ganhar duzentas pratas.”

Ele sorriu, com a boca encostada na minha. “Já sei aonde está querendo chegar. Você vai me fazer perder a cabeça em tudo quanto é lugar com esse seu corpo todo durinho e sexy.”

“Está reclamando?”

“Meu anjo, eu estou é com água na boca.”

Eu ri daquele tratamento carinhoso, apesar de ter achado fofo. “Meu anjo?”

Ele concordou baixinho com um gemido e me beijou.

Mal podia acreditar na diferença que aquela hora a sós tinha feito. Deixei o escritório de Gideon em um estado muito diferente daquele em que tinha entrado. O toque de sua mão na parte inferior das minhas costas fez meu corpo tinir de excitação na saída, algo bem diferente do sofrimento da minha chegada até ali.

Acenei para Scott e sorri alegremente para a recepcionista de cara fechada.

“Acho que ela não gosta de mim”, falei para Gideon enquanto esperávamos o elevador.

“Quem?”

“Sua recepcionista.”

Ele se virou para lá, e a ruivinha abriu um sorriso radiante para ele.

“Olha só”, murmurei. “De você ela gosta.”

“Eu pago o salário dela.”

Eu sorri. “Sim, tenho certeza de que é só isso. Não tem nada a ver com o fato de você ser o homem mais sexy do planeta.”

“É isso que eu sou então?” Ele me prensou na parede e me fuzilou com um olhar de

desejo.

Pus as mãos sobre seu abdome, lambendo seu lábio inferior para sentir seus músculos se enrijecerem ao meu toque. “Foi só uma observação.”

“Eu gosto de *você*.” Com as mãos espalmadas nas paredes de ambos os lados da minha cabeça, ele baixou a cabeça dele até a minha boca e me beijou com carinho.

“Eu também gosto de você. Aliás, você sabe que está no trabalho, não é?”

“Qual é a graça de ser o chefe se você não puder fazer o que quiser?”

“Humm.”

Quando o elevador chegou, agachei-me para passar sob seu braço e entrei. Ele partiu no meu encalço e me cercou como um predador, posicionando-se atrás de mim para me puxar para junto dele. Suas mãos me pegaram na altura dos bolsos da frente e se espalharam pelos ossos dos meus quadris, agarrando-me bem firme. O calor do seu toque, tão próximo de onde eu gostaria que ele estivesse, era uma espécie de tortura. Em retaliação, esfreguei minha bunda nele, e sorri quando ele ficou sem fôlego e de pau duro.

“Comporte-se”, ele advertiu. “Tenho uma reunião em quinze minutos.”

“Você vai pensar em mim quando estiver na sua mesa?”

“Com certeza. E você tem que pensar em mim quando estiver na sua. É uma ordem, senhorita Tramell.”

Deitei a cabeça no peito dele. Estava adorando aquele tom autoritário. “Não poderia ser de outro jeito, senhor Cross, já que penso em você aonde quer que eu vá.”

Ele saiu junto comigo no vigésimo andar. “Obrigado pelo almoço.”

“Acho que eu é que deveria agradecer.” Eu me afastei. “Vejo você depois, Moreno Perigoso.”

Suas sobrancelhas se ergueram quando ouviu o apelido que inventei para ele. “Às cinco horas. Não me faça esperar.”

Um dos elevadores à esquerda chegou. Megumi saltou e Gideon subiu, com o olhar vidrado em mim até as portas se fecharem.

“Uau”, ela comentou. “Você se deu bem. Estou verde de inveja.”

Eu não tinha nada a dizer a respeito. Era muito recente, estava com medo de abrir a boca e azedar tudo. No fundo, eu sabia que essa alegria não poderia durar muito. Estava tudo indo bem demais.

“Eva.” Mark estava parado na porta da sala dele. “Posso falar com você um

minutinho?”

“Claro.” Peguei meu tablet, apesar de saber pela gravidade de sua expressão e seu tom de voz que aquilo não seria necessário. Quando ele fechou a porta atrás de mim, minha apreensão só cresceu. “Está tudo bem?”

“Sim.” Ele esperou até que eu me sentasse e puxou a cadeira ao meu lado, e não a dele, do outro lado da mesa. “Não sei como dizer isso…”

“Pode dizer de uma vez. Eu vou entender.”

Ele me olhou com uma mistura de compaixão e vergonha. “Não é meu papel interferir. Sou seu chefe e tenho que respeitar certos limites, mas estou indo além deles porque gosto de você, Eva, e quero que continue trabalhando aqui por muito tempo.”

Senti um frio na barriga. “Que ótimo. Adoro meu trabalho.”

“Que bom, fico feliz.” Ele abriu um breve sorriso. “Só… tome cuidado com Cross, certo?”

Pisquei, surpresa, aturdida com o rumo que a conversa tomava. “Certo.”

“Ele é inteligente, rico, gostoso… Entendo muito bem a atração. Por mais que eu seja apaixonado por Steven, fico meio balançado quando chego perto de Cross. Ele tem uma coisa…” Mark estava falando depressa, claramente envergonhado. “E está na cara que ele está interessado em você. Você é bonita, esperta, sincera, atenciosa… Eu poderia dizer muito mais, porque você é mesmo ótima.”

“Obrigada”, eu disse baixinho, procurando não demonstrar o quanto estava chateada. Esse tipo de aviso de um amigo e o fato de saber que outros também me viam apenas como o brinquedinho da semana açoitavam implacavelmente minha insegurança.

“Não quero que você se magoe”, ele murmurou, percebendo minha tristeza. “E até admito que posso estar sendo um pouco egoísta. Não quero perder uma ótima assistente só porque ela não quer mais trabalhar no mesmo prédio que o ex.”

“Mark, fico feliz com sua preocupação e de saber que estou sendo valorizada aqui. Mas você não precisa se preocupar comigo. Eu já sou crescidinha. Além disso, não existe nada capaz de me fazer querer sair daqui.”

Ele soltou um suspiro de alívio. “Muito bem. Vamos deixar esse assunto de lado e começar a trabalhar.”

Foi o que fizemos, mas eu me preparei para mais sessões de tortura criando um alerta diário do Google para buscas com o nome de Gideon. Quando chegaram as cinco horas, minhas preocupações se projetavam sobre minha felicidade como uma sombra sinistra.

Gideon estava a postos, conforme tinha avisado, e não pareceu notar minha disposição mais introspectiva enquanto descíamos no elevador. Mais de uma mulher ali dentro lançou olhares furtivos na direção dele, mas esse tipo de coisa não me incomodava. Ele era lindo, seria estranho se ninguém olhasse.

Ele pegou minha mão quando passamos pelas catracas, entrelaçando seus dedos nos meus. Esse simples gesto de intimidade significou tanta coisa para mim que apertei ainda mais sua mão. Era o tipo de coisa com a qual eu teria de tomar cuidado. O momento em que eu me sentisse agradecida porque ele dedicava seu tempo a mim seria o princípio do fim. Até eu perderia o respeito por mim se isso acontecesse.

O Bentley estava parado no meio-fio, com o motorista a postos na porta traseira. Gideon olhou para mim. “Tenho umas roupas aqui comigo, caso você queira ir à sua academia. Equinox, certo? Ou podemos ir à minha.”

“Onde fica a sua?”

“A minha preferida é a CrossTrainer, na rua 55.”

Minha curiosidade sobre como ele tinha descoberto o nome da minha academia se foi quando ouvi a palavra “Cross” no nome da dele. “Por acaso você é o dono dessa academia?”

Ele abriu um sorriso. “Dessa *rede* de academias. Em geral eu treino MMA com um treinador particular, mas uso a academia de vez em quando.”

“Da rede”, repeti. “Claro.”

“Você que sabe”, ele falou, com a maior boa vontade. “Vou aonde você quiser.”

“Vamos pra sua academia, literalmente.”

Ele abriu a porta traseira e eu entrei. Pus a bolsa e a mochila da academia no colo e olhei pela janela enquanto o carro começava a andar. O sedã ao lado estava tão próximo que quase não era preciso que eu me curvasse para tocá-lo. O horário de pico em Manhattan era algo a que eu não havia me acostumado. No sul da Califórnia também tinha trânsito, mas os carros conseguiam andar devagar. Em Nova York, a velocidade e o congestionamento se alternavam com tanta frequência que eu me via obrigada a fechar os olhos e rezar para sobreviver.

Era outro mundo. Uma cidade nova, um apartamento novo, um emprego novo e um homem novo. Coisa demais para digerir de uma vez só. Não era à toa que eu estava me sentindo tão perdida.

Olhei para Gideon e o surpreendi me olhando com uma expressão indecifrável. Dentro

de mim, tudo girava em uma confusão de luxúria e ansiedade. Não tinha a menor ideia do que estava fazendo com ele, só sabia que não era capaz de parar, nem mesmo se quisesse.

9

Fomos à loja de celulares primeiro. A vendedora que nos atendeu parecia especialmente suscetível aos atrativos de Gideon. Assim que ele demonstrou o mínimo interesse em um produto, ela já se abriu toda, alongando-se em explicações detalhadas e se aproximando o máximo possível na hora de fazer as demonstrações.

Tentei ficar longe dos dois e encontrar alguém disposto a *me* ajudar, mas a mão de Gideon, sempre colada à minha, impedia que eu me afastasse. Depois houve a discussão de quem ia pagar, apesar de o telefone e a conta serem meus.

“Você já escolheu a operadora”, argumentei, empurrando seu cartão de crédito para o lado e estendendo o meu para a vendedora.

“Porque é mais prático. Se formos da mesma operadora, podemos nos ligar de graça.” Ele trocou os cartões em um movimento habilidoso.

“Se você não guardar esse cartão, não vou nem querer ligar pra você!”

Isso pareceu convencê-lo, apesar de Gideon não ter ficado muito satisfeito. Ele que engolisse essa.

De volta ao Bentley, seu bom humor voltou.

“Pode ir para a academia agora, Angus”, ele ordenou ao motorista, recostando-se no assento. Depois tirou o celular do bolso e adicionou meu número à sua agenda. Em seguida, adicionou seu celular no meu, acrescentando o número de casa e do escritório.

Ele mal havia terminado quando chegamos à CrossTrainer, uma academia de três andares que era o sonho de qualquer entusiasta da boa forma. Fiquei impressionada com cada canto de sua estrutura bonita, moderna e bem equipada. Até mesmo o armário do vestiário feminino parecia algo saído de um filme de ficção científica.

Mas meu encantamento foi eclipsado pelo próprio Gideon quando acabei de me trocar e o encontrei esperando por mim no corredor. Ele estava de bermuda e regata, o que me proporcionou a primeira oportunidade de ver suas pernas e seus braços.

Parei de repente, e a pessoa que vinha atrás esbarrou em mim. Só esbocei um pedido de desculpas — estava ocupada demais devorando o corpo de Gideon com os olhos. Suas pernas eram fortes e torneadas, impecavelmente proporcionais a seus quadris e sua cintura bem delineada. Já os braços me deram água na boca. Os bíceps eram muito bem

pronunciados, e os antebraços ostentavam veias grossas, criando um apelo visual brutal e totalmente sexy. Ele tinha penteado o cabelo para trás, permitindo que eu visse o contorno de seu pescoço e os caminhos angulosos de seu rosto.

Minha nossa. Eu queria conhecer intimamente esse homem. Minha mente não conseguia se ocupar de outra coisa, pelo menos enquanto estivesse diante da prova irrefutável de sua beleza incomparável.

E ele estava olhando feio para mim.

Desencostando da parede à qual estava apoiado, ele se aproximou e me rodeou. Seus dedos percorreram meu abdome despido enquanto contornava a distância ao meu redor, deixando minha pele toda arrepiada. Quando ele parou diante de mim, lancei meus braços em torno de seu pescoço e dei um beijinho estalado na sua boca.

“O que é isso que você está usando?”, ele perguntou, não muito feliz com minha recepção entusiasmada.

“Roupas.”

“Parece que você está nua com esse top.”

“Pensei que você quisesse me ver nua.” Fiquei feliz com minha escolha de vestuário, que havia sido feita de manhã, antes de saber que ia malhar com ele. O top tinha tiras presas com velcro nos ombros e nas costelas, que podiam ser ajustadas de forma a proporcionar o melhor suporte para os seios. Era especialmente projetado para mulheres de curvas avantajadas, e era o primeiro que eu usava capaz de impedir que meus seios ficassem balançando o tempo todo durante a ginástica. Gideon não tinha gostado, na verdade, era da cor, muito próxima do tom da minha pele, que combinava com as listras da minha calça preta de ioga.

“Quero ver você nua num local com privacidade”, ele murmurou. “Agora vou ter que acompanhar você toda vez que for à academia.”

“Não vou reclamar, já que estou gostando demais do que estou vendo agora.” Além disso, eu preferia aquela possessividade à frieza do sábado à noite. Duas demonstrações diametralmente opostas — foi a primeira vez, mas eu tinha certeza de que não seria a última.

“Vamos deixar isso pra lá.” Ele pegou minha mão e me levou dali, apanhando de uma pilha duas toalhas com a logomarca da academia. “Eu preciso te comer.”

“Eu preciso ser comida.”

“Meu Deus, Eva.” Ele apertou tanto minha mão que até doeu. “O que vai ser? Pesos?

Aparelhos? Esteira?”

“Esteira. Preciso correr um pouco.”

Ele me levou até lá. Vi as mulheres do local o seguirem com os olhos, depois com os pés. Elas queriam estar onde ele estava, e eu era capaz de entender isso. Também estava ansiosa para vê-lo malhar.

Quando chegamos às fileiras intermináveis de esteiras e bicicletas, constatamos que não havia duas esteiras adjacentes que estivessem livres.

Gideon foi até um homem que tinha uma esteira livre de cada lado. “Você me faria um grande favor se usasse uma dessas outras.”

O homem olhou para mim e sorriu. “Claro, sem problemas.”

“Legal. Eu agradeço.”

Gideon subiu na esteira em que estava o homem e me apontou a que havia ao lado. Antes que ele programasse seu exercício, eu me curvei em sua direção. “Vê se não gasta muita energia”, sussurrei. “Quero fazer um papai-e-mamãe pra começar. Andei fantasiando com você em cima de mim, mandando ver com toda a força.”

Seu olhar me fuzilou. “Eva, você não faz ideia.”

Quase morrendo de ansiedade e sentindo uma agradável onda de energia feminina, subi na minha esteira e comecei com uma caminhada leve. Enquanto me aquecia, pus meu iPod no modo aleatório e, quando começou a tocar “SexyBack”, de Justin Timberlake, passei a correr a toda a velocidade. A corrida para mim era um exercício físico e mental. Bem que eu gostaria de ser capaz de resolver todos os meus problemas correndo.

Depois de vinte minutos diminuí o ritmo e parei, arriscando uma olhada para Gideon, que corria com a fluidez de uma máquina bem azeitada. Ele estava vendo a CNN nos monitores de TV acima de sua cabeça, mas abriu um sorriso para mim enquanto eu enxugava o suor do rosto. Quase esvaziei minha garrafa d’água a caminho dos aparelhos, e escolhi um de onde pudesse mantê-lo no meu campo de visão.

Ele fez meia hora de esteira, depois passou para os pesos, sempre com os olhos procurando por mim. Enquanto se exercitava, de maneira eficiente e incansável, eu não conseguia deixar de pensar no quanto aquele homem era viril. O fato de eu saber o que estava escondido sob aquela bermuda ajudava a criar essa impressão, mas, mesmo que não soubesse, ele tinha toda a aparência de uma pessoa que, apesar de trabalhar atrás de uma mesa, mantinha seu corpo pronto para a guerra.

Quando peguei uma bola para fazer uma sessão de agachamentos, um dos instrutores

veio até mim. Como era de esperar em uma academia de primeiríssima classe, ele era bonito e tinha um corpo muito bem trabalhado.

“Olá”, o instrutor disse, com um sorriso de astro de cinema que revelava dentes brancos e perfeitos. Seus cabelos eram castanhos e os olhos, quase da mesma cor. “É sua primeira vez, né? Nunca vi você aqui antes.”

“Sim, é a primeira vez que venho.”

“Meu nome é Daniel.” Ele estendeu a mão, e eu disse meu nome. “Está encontrando tudo de que precisa, Eva?”

“Por enquanto está tudo bem, obrigada.”

“De que sabor de vitamina você gosta?”

Franzi a testa. “Como é?”

“Sua vitamina grátis de boas-vindas.” Ele cruzou os braços, e seus bíceps alargaram as mangas apertadas da camiseta polo do uniforme. “Você não ganhou uma na lanchonete lá embaixo quando fez a matrícula? Eles deveriam ter oferecido.”

“Ah, tá.” Encolhi os ombros, apesar de ter gostado da oferta. “Não cheguei até aqui pelas vias normais.”

“Ninguém mostrou a academia pra você? Eu posso fazer isso.” Ele pegou de leve no meu ombro e mostrou as escadas. “Você também ganha uma hora grátis com um personal trainer. Podemos fazer isso hoje mesmo, ou então marcar para um dia desta semana. E eu ficaria feliz em acompanhar você até a lanchonete, pra não ficar sem sua vitamina.”

“Ah, eu não posso, na verdade.” Franzi o rosto. “Não estou matriculada.”

“Ah.” Ele piscou para mim. “Você só veio conhecer? Tudo bem. Mas você só vai poder se decidir se puder aproveitar tudo o que temos a oferecer. Eu garanto para você, a CrossTrainer é a melhor academia de Manhattan.”

Gideon apareceu por sobre os ombros de Daniel. “Você tem direito a tudo o que temos a oferecer”, ele falou enquanto se dirigia para o meu lado e passava o braço pela minha cintura, “já que é a namorada do dono.”

A palavra *namorada* reverberou pelo meu corpo, inundando meu organismo com uma onda de adrenalina. Eu ainda estava em dúvida se tínhamos mesmo esse nível de comprometimento, mas isso não me impediu de gostar da ideia.

“Senhor Cross.” Daniel corrigiu a postura e deu um passo atrás antes de estender a mão. “É uma honra conhecer o senhor.”

“Daniel ia me mostrar a academia”, eu disse para Gideon enquanto os dois se cumprimentavam.

“Acho que a melhor pessoa para fazer isso sou *eu*.” Seus cabelos estavam úmidos de suor, e o cheiro dele era delicioso. Nunca pensei que um homem suado pudesse cheirar tão bem.

Ele me pegou pelo braço e senti o toque de seus lábios no topo da minha cabeça. “Vamos lá. Até mais, Daniel.”

Eu me despedi com um aceno enquanto nos afastávamos. “Obrigada, Daniel.”

“Quando quiser.”

“Sou capaz de apostar”, murmurou Gideon, “que ele não tirou os olhos dos seus peitos.”

“Eles são muito bonitos.”

Ele soltou um grunhido grave. Precisei esconder minha satisfação.

Gideon bateu na minha bunda com força suficiente para me fazer descer um degrau e deixar uma marca vermelha e dolorida, apesar de eu estar de calça. “Esse maldito band-aid que você chama de top não deixa muito espaço para a imaginação. Não demore muito no chuveiro. Logo você vai ficar toda suada de novo.”

“Espere.” Segurei seu braço antes que ele passasse pelo vestiário feminino a caminho do masculino. “Você acharia ruim se eu pedisse para você não tomar banho? Se eu dissesse que quero encontrar um lugar aqui pertinho e pular em cima de você todo suado mesmo?”

Gideon cerrou os dentes e seus olhos se tornaram perigosamente sombrios. “Estou começando a temer pela sua segurança, Eva. Pegue suas coisas. Tem um hotel ali na esquina.”

Abandonamos a ideia de trocar de roupa e em quinze minutos estávamos na rua. Gideon caminhava a passos largos, e tive que me apressar para acompanhá-lo. Quando ele parou de repente, virou-se e me envolveu em um beijo ardente na calçada lotada, fiquei atônita demais para fazer alguma coisa além de aguentar firme. Foi um encontro arrebatador de duas bocas, tão cheio de paixão e espontaneidade que me deu um aperto no peito. As pessoas ao redor nos aplaudiram.

Quando ele me pôs de pé de novo, eu estava atordoada e sem fôlego. “O que foi isso?”, perguntei, ofegante.

“Um prelúdio.” Ele retomou o caminho do hotel, cujo nome eu nem consegui ler ao ser

puxada para dentro e levada diretamente para o elevador. O fato de aquele prédio ser propriedade de Gideon ficou claro para mim antes mesmo de o gerente cumprimentá-lo pelo nome pouco antes de a porta do elevador se fechar.

Gideon largou a mochila no chão do elevador e se ocupou da tarefa de tirar meu top. Eu estava batendo nas mãos dele quando a porta se abriu e ele apanhou de volta a sacola. Não havia ninguém esperando o elevador no nosso andar, e o corredor também estava vazio. Gideon sacou uma chave-mestra de algum lugar e, um instante depois, estávamos em um quarto.

Não perdi tempo: enfiei as mãos sob sua camiseta para sentir sua pele úmida e a rigidez dos músculos por baixo dela. “Tire a roupa. *Agora*.”

Ele deu uma risada ao tirar os tênis com os pés e arrancar a camiseta.

Meu Deus… a visão do corpo dele daquela maneira — por inteiro, depois que sua bermuda foi ao chão — era de derreter os neurônios. Não havia o mínimo excesso em parte nenhuma, apenas massas compactas de músculos. Ele tinha barriga de tanquinho e aquele V sexy apontando para a pélvis que Cary chamava de Quadril de Apolo. Gideon não depilava o peito como Cary, mas cuidava do corpo com a mesma atenção. Ele era um espécime masculino em estado bruto, a encarnação de tudo o que eu cobiçava, fantasiava e desejava.

“Acho que morri e fui pro céu”, falei, olhando embasbacada.

“Você ainda está vestida.” Ele atacou minha roupa, arrancando meu top antes que eu pudesse respirar. Minha calça foi abaixada com força, e eu tirei os tênis com tanta pressa que perdi o equilíbrio e caí na cama. Mal havia recuperado o fôlego e ele já estava em cima de mim.

Rolamos engalfinhados na cama. Em todo lugar que ele me tocava, deixava um rastro de calor. O cheiro límpido da sua pele depois da malhação era um afrodisíaco intoxicante por si só, incitando meu desejo por ele até as raias da loucura.

“Você é tão linda, Eva.” Ele apertou um dos meus seios antes de abocanhar o mamilo.

Soltei um gemido bem alto ao sentir a onda de calor e o toque de sua língua, derretendo a cada movimento leve de sucção. Minhas mãos percorriam avidamente sua pele úmida, apalpando e apertando, procurando pelas partes que o fariam urrar e gemer. Entrelacei minhas pernas na dele e tentei fazê-lo rolar para que eu ficasse por cima, mas ele era pesado e forte demais.

Ele levantou a cabeça e sorriu para mim. “Agora é a minha vez.”

O que eu senti naquele momento, vendo seu sorriso e o afeto nos seus olhos, foi quase

doloroso de tão intenso. Rápido demais, eu pensei. Estava me deixando envolver rápido demais. “Gideon…”

Ele me deu um beijo profundo, passando a língua pela minha boca bem à sua maneira. Imaginei que ele seria capaz de me fazer gozar apenas me beijando, caso aquilo continuasse por mais tempo. Tudo nele me deixava com tesão, desde sua aparência e o toque do seu corpo sob minhas mãos até o modo como ele me olhava e encostava em mim. Sua avidez e os sinais silenciosos que ele emitia em seu desejo de possuir meu corpo, a impetuosidade com que ele me dava prazer e extraía de mim seu prazer, tudo isso me deixava nas nuvens.

Percorri com as mãos seus cabelos sedosos. Os pelos encrespados do seu peito estimulavam meus mamilos endurecidos, e o toque do seu corpo rígido era mais que suficiente para me deixar molhada e louca para dar.

“Adoro seu corpo”, ele sussurrou, passeando com sua boca do meu rosto para a minha garganta. Sua mão acariciava meu corpo, alternando-se entre os seios e os quadris. “Não me canso de admirá-lo.”

“Você ainda não desfrutou dele o bastante”, provoquei.

“Acho que nunca vou me fartar dele.” Mordendo e lambendo meu ombro, ele foi um pouquinho mais para baixo e agarrou um dos meus mamilos com os dentes. Ele o apertou, e a leve pontada de dor me fez arquear as costas e gemer alto. Ele compensou a mordida com uma leve sucção, depois foi abrindo caminho aos beijos mais para baixo. “Nunca senti tanto desejo na minha vida.”

“Então me fode.”

“Ainda não”, ele murmurou, indo mais para baixo, circundando meu umbigo com a ponta da língua. “Você não está pronta.”

“Quê? Meu Deus… não dá pra ficar mais pronta que isso.” Eu puxei seus cabelos, numa tentativa de trazê-lo de volta para cima.

Gideon agarrou meus pulsos e os apertou contra o colchão. “Você tem uma bocetinha apertadinha, Eva. Se não estiver totalmente molhada e relaxada, vou machucar você.”

Um violento tremor de excitação atravessou meu corpo. Gideon me deixava louca de tesão quando falava daquele jeito. Ele voltou a deslizar lá para baixo, e eu fiquei toda tensa. “Não, Gideon. Nem tomei banho.”

Ele enfiou o rosto entre as minhas pernas, e eu me contorci contra seu toque, repentinamente vermelha de vergonha enquanto ele mordia de leve minhas coxas. “Não. Por favor. Você não precisa fazer isso.”

Seu olhar paralisou meus movimentos frenéticos. “Você acha que meu desejo pelo seu corpo é diferente do seu pelo meu?”, ele perguntou asperamente. “Eu quero você, Eva.”

Passei a língua pelos meus lábios ressecados, tão excitada por sua volúpia animalesca que não consegui dizer uma única palavra. Ele soltou um gemido suave e mergulhou de cabeça na umidade do meio das minhas pernas. Sua língua abriu caminho para dentro de mim, lambendo e separando os tecidos sensíveis. Meus quadris se remexiam sem parar, meu corpo implorava silenciosamente por mais. A sensação era tão boa que tive vontade de chorar.

“Ah, Eva. Penso na minha boca na sua boceta desde a primeira vez que vi você.”

O toque aveludado de sua língua chacoalhava meu clitóris excitado, e eu enterrei minha cabeça no travesseiro. “Isso. Assim mesmo. Me faz gozar.”

Foi o que ele fez, alternando entre leves sucções e lambidas com a língua enrijecida. Tremi toda quando o orgasmo invadiu meu corpo, sentindo espasmos violentos, com os membros fora de controle. Sua língua entrava no meu sexo em meio às minhas convulsões, gemendo ao ritmo daquela penetração rasa, tentando entrar ainda mais fundo. Seus gemidos reverberavam na minha pele sensível, prolongando ainda mais o clímax. Lágrimas caíram dos meus olhos e escorreram pelas têmporas. O prazer físico destruiu todas as barreiras que mantinham meus sentimentos sob controle.

E Gideon não parava. Continuava a circundar com a língua a trêmula porta de entrada para meu corpo, lambendo meu clitóris superestimulado até que eu esquentasse novamente. Dois dedos seus entraram em mim, curvados e inquietos. Eu estava tão sensível que me contorci diante da nova investida. Quando ele avançou sobre meu clitóris com um movimento contínuo e ritmado, eu gozei de novo, soltando gritos e gemidos roucos. Depois disso ele enfiou três dedos em mim, remexendo-os e me abrindo inteirinha.

“Não.” Sacudi a cabeça de um lado para o outro, sentindo cada canto do meu corpo queimar. “Já chega.”

“Mais uma vez”, ele insistiu, ofegante. “Mais uma vez e depois eu te como.”

“Eu não aguento…”

“Aguenta, sim.” Ele soprou um jato de ar frio sobre minha pele molhada, o que reacendeu minhas terminações nervosas. “Adoro ver você gozar, Eva. Adoro ouvir seus gemidos, sentir seu corpo se contorcer…”

Ele massageou um ponto sensível dentro de mim, e um orgasmo me invadiu na forma de uma lenta e morna onda de prazer, não menos devastadora por não ser tão violenta como nas duas vezes anteriores.

O peso e o calor de seu corpo se afastaram de mim. Em um ponto distante da minha mente entorpecida, registrei o ruído de uma gaveta se abrindo, seguido pelo som de uma embalagem sendo rasgada. O colchão afundou no seu retorno, com suas mãos fortes me puxando para o centro da cama. Ele se deitou sobre mim, prendendo-me, cercando-me com seus antebraços e os apertando contra mim, capturando-me.

Meus olhos estavam vidrados em seu rosto bonito e austero. Suas feições estavam tensas de luxúria, a pele bem esticada sobre a mandíbula e as maçãs do rosto. Seus olhos escuros estavam bem dilatados, e eu sabia que estava vendo o rosto de um homem que já havia perdido o controle sobre si mesmo. Gostei do fato de ele ter feito tudo aquilo por mim, de ter me dado tanto prazer e me preparado para o que parecia ser uma jornada inesquecível.

Minhas mãos agarraram os lençóis, e a ansiedade só crescia. Ele tinha me feito gozar, de novo e de novo. Agora seria a vez dele.

"Me fode", eu ordenei, incitando-o com os olhos.

"*Eva.*" Ele disse meu nome ao entrar em mim, enfiando até bater com as bolas em mim, em uma estocada furiosa.

Fiquei sem fôlego. Ele era grande, duro como pedra, e tinha entrado bem fundo. A ligação entre nós era absurdamente intensa. Emocional. Mental. Eu nunca tinha me sentido tão completamente… entregue. Possuída.

Eu jamais poderia imaginar que suportaria a ideia de ser imobilizada durante o sexo, não com meu histórico, mas o domínio total de Gideon sobre meu corpo fez meu desejo chegar a níveis inimagináveis. Nunca tinha sentido tanto tesão na minha vida, o que parecia impossível depois de tudo o que já havia experimentado com ele.

Eu o apertei todo, deliciando-me com a sensação dele dentro de mim, preenchendo-me.

Seus quadris investiram contra mim, como se dissessem: *Está sentindo? Estou dentro de você. Você é minha*.

Seu corpo inteiro enrijeceu. Seus músculos peitorais se distenderam por completo enquanto ele tirava quase tudo. A contração do seu abdome foi o único aviso que eu pude notar antes que ele voltasse a entrar com tudo. Todo duro.

Dei um grito, e o peito dele ressoou com um grunhido grave e primitivo. "Nossa… Você é muito gostosa."

Apertando-me mais forte, ele começou a me foder com força, fazendo meus quadris afundarem no colchão com estocadas violentas e ferozes. Uma onda de prazer percorreu meu corpo de novo, intensificando-se a cada investida do corpo dele contra o meu. *Assim*,

eu pensei. *Era bem assim que eu queria você*.

Gideon enterrou a cabeça no meu pescoço e me prendeu com força onde eu estava, metendo mais forte e mais rápido, murmurando safadezas com uma voz ofegante, fazendo-me enlouquecer de desejo. “Meu pau nunca ficou tão duro. Entro tão fundo em você…”

Pensei que seria a vez dele, mas Gideon ainda estava pensando em mim, preocupado comigo, remexendo os quadris para levar prazer ao meu ventre em ebulição. Soltei um breve e inevitável som de desejo, e sua boca logo chegou até mim. Eu estava desesperada por ele, minhas unhas se encravaram em seus quadris em movimento, lutando contra a necessidade torturante de sentir as investidas furiosas do seu pau enorme.

Estávamos pingando de suor, com a pele fervendo e colados um ao outro, ofegantes, lutando para controlar a respiração. Quando um orgasmo se formou como uma tempestade dentro de mim, todo o meu corpo se enrijeceu e se contorceu. Ele soltou um palavrão e posicionou uma das mãos sob o meu quadril, levantando minha bunda na direção das suas estocadas para fazer com que seu pau entrasse mais fundo e chegasse ao lugar que ansiava por ele.

“Goze, Eva”, ele ordenou com um tom áspero. “Agora.”

Cheguei ao clímax com uma intensidade que me fez sussurrar seu nome, uma sensação amplificada pela maneira como ele havia dominado meu corpo. Ele jogou a cabeça para trás, estremecendo.

“Ah!” Gideon me agarrou com tanta força que eu mal conseguia respirar, enquanto seus quadris continuavam seu movimento incessante, fazendo com que ele entrasse e saísse de mim em toda a sua extensão.

Não faço ideia de quanto tempo permanecemos assim, deitados, com nossas bocas passeando por ombros e pescoço até enfim nos acalmarmos. Meu corpo inteiro tremia e pulsava.

“Uau”, consegui dizer finalmente.

“Você acaba comigo”, ele murmurou com a boca encostada no meu queixo. “Vamos acabar morrendo de tanto trepar.”

“Ei, eu não fiz nada dessa vez.” Ele tinha assumido totalmente o controle, e não havia nada mais sexy que isso.

“Você estava aí deitada, respirando. Isso já basta.”

Dei risada e o abracei.

Ele ergueu a cabeça e esfregou o rosto dele no meu. “Vamos comer alguma coisa, e depois começamos tudo de novo.”

Ergui as sobrancelhas. “Você consegue fazer tudo isso de novo?”

“A noite inteira.” Ele saiu de cima de mim, e pude sentir que ainda estava um pouco ereto.

“Você é uma máquina”, eu disse. “Ou então algum deus.”

“A culpa é sua.” Com um beijo suave e carinhoso, Gideon se afastou de mim, tirou a camisinha, enrolou em um lenço de papel que encontrou no criado-mudo e jogou na lixeira ao lado da cama. “Vamos tomar banho e pedir alguma coisa do restaurante lá de baixo. A não ser que você queira descer.”

“Acho que nem consigo andar.”

O brilho do sorriso dele fez meu coração parar de bater por um instante. “Ainda bem que não sou o único.”

“Você parece estar muito bem.”

“Eu me sinto ótimo.” Ele sentou na lateral da cama e afastou com a mão os cabelos grudados na minha testa. Seu rosto tinha uma expressão tranquila, e seu sorriso transmitia um afeto apaziguador.

Imaginei ter visto algo mais em seus olhos, e só de pensar nisso senti um nó na garganta. Fiquei com medo.

“Venha tomar banho comigo”, ele pediu, acariciando meu braço.

“Me dê um minutinho para me recompor. Eu já vou.”

“Certo.” Ele foi para o banheiro, proporcionando-me uma visão em primeira mão de suas costas musculosas e seu traseiro impecável. Suspirei de admiração feminina diante daquele espécime perfeito de beleza masculina.

No chuveiro, a água começou a correr. Consegui sentar e deslizar as pernas para fora da cama, sentindo-me deliciosamente trêmula. Espichei os olhos para a gaveta um pouco aberta do criado-mudo e vi umas camisinhas lá dentro.

Senti meu estômago embrulhar. Aquele hotel era sofisticado demais para oferecer camisinhas junto com a habitual Bíblia no criado-mudo.

Com a mão ligeiramente vacilante, abri a gaveta por completo e encontrei uma quantidade razoável de apetrechos sexuais, incluindo um frasco de lubrificante e gel espermicida. Meu coração disparou mais uma vez. Na minha cabeça, retracei nossa

jornada luxuriosa até o hotel. Gideon não havia nem perguntado qual quarto estava disponível. Fosse aquela uma chave-mestra ou não, ele não precisou se perguntar quais quartos estavam ocupados antes de escolher um… devia saber de antemão que não teria ninguém naquele quarto.

Obviamente, era o quarto *dele* — um abatedouro equipado com tudo de que Gideon precisava para se divertir com as mulheres que usava com esse propósito.

Enquanto eu caminhava até o armário, ouvi a porta de vidro do box se abrir e depois se fechar de novo. Peguei os puxadores das portas de correr do armário e as afastei. Havia uma pequena seleção de roupas masculinas penduradas nos cabides, camisas e calças sociais e também bermudas e calças jeans. Senti meu corpo gelar e o sentimento de exaltação do orgasmo dar lugar a um sofrimento enojado.

Nas gavetas do lado direito havia camisetas, cuecas e meias. Na primeira da esquerda, brinquedos eróticos ainda na embalagem. Nem abri as últimas gavetas. Já tinha visto o bastante.

Vesti depressa a calça e roubei uma das camisetas de Gideon. Enquanto me trocava, minha mente repassava a rotina que eu havia aprendido na terapia: *Ponha tudo para fora. Explique ao seu parceiro qual foi o gatilho do seu sentimento negativo. Enfrente esse gatilho e tente superá-lo*.

Se eu não estivesse tão abalada pela profundidade de meus sentimentos por Gideon, talvez eu conseguisse fazer tudo isso. Se não tivéssemos acabado de fazer um sexo inesquecível, talvez eu não me sentisse tão exposta e vulnerável. Isso eu jamais saberia. Estava me sentindo um pouco suja, um pouco usada, e estava muito, muito magoada. Ao me dar conta disso, com uma intensidade atordoante, senti uma necessidade infantil de magoá-lo também.

Passei as mãos nas camisinhas, no lubrificante e nos brinquedinhos eróticos e joguei tudo na cama. Quando ele me chamou com um tom de voz divertido e provocador, peguei minha mochila e fui embora.

10

Mantive a cabeça baixa ao passar pela recepção e saí do hotel por uma porta lateral. Fiquei vermelha de vergonha ao me lembrar do gerente que cumprimentou Gideon no elevador. Era capaz de imaginar o que ele pensava de mim. Ele devia saber para que servia aquele quarto. Eu não conseguia suportar a ideia de ser apenas mais uma de uma longa lista, mas foi exatamente isso o que me tornei quando pus os pés naquele hotel.

Teria dado muito trabalho parar na recepção e pedir um quarto que seria só nosso?

Saí andando sem direção e sem destino definido. Já havia escurecido, e a cidade ganhava uma nova vida e se reenergizava depois de mais um dia de trabalho. Barraquinhas fumegantes de comida dominavam as calçadas, junto com vendedores ambulantes oferecendo quadros, camisetas ou até roteiros de filmes e episódios de seriados de TV.

A cada passo que eu dava, a adrenalina da fuga baixava um pouco mais. A imaginação maliciosamente excitada pela visão de Gideon saindo do banheiro para encontrar o quarto vazio e a cama repleta de parafernálias sexuais foi perdendo o efeito. Comecei a me acalmar… e a refletir seriamente sobre o que tinha acontecido.

Teria sido uma coincidência Gideon me convidar para ir a uma academia tão convenientemente próxima de seu abatedouro sexual?

Lembrei da conversa que tivemos no escritório na hora do almoço, e a dificuldade que ele sentiu para expressar seu desejo de ficar comigo. Ele estava tão confuso e dividido quanto eu, e nessa situação o mais natural seria mesmo recorrer aos hábitos rotineiros. Afinal de contas, eu mesma não tinha acabado de fazer isso, apesar de ter investido tantos anos em terapia para aprender a não me fechar e fugir quando estivesse magoada?

Angustiada, parei em uma cantina e me sentei a uma mesa. Pedi um cálice de *syrah* e uma pizza margherita, esperando que o vinho e a comida acalmassem minha ansiedade para que eu pudesse voltar a pensar direito.

Quando o garçom voltou com meu vinho, virei metade da taça de uma vez sem nem sentir o gosto. Já estava com saudade de Gideon, do bom humor que ele demonstrou antes de eu ir embora. Seu cheiro estava impregnado em mim — junto com o do sexo inacreditável que fizemos. Senti meus olhos arderem, e deixei algumas lágrimas caírem, apesar de estar em público, em um restaurante cheio de gente. A pizza chegou e eu provei um pedaço. Tinha gosto de papelão, e isso não tinha nada a ver com a qualidade dos

ingredientes, do cozinheiro ou do lugar.

Puxei a cadeira em que havia deixado minha bolsa e peguei o celular novo, com a intenção de ligar para o dr. Travis e deixar um recado. Ele tinha proposto que continuássemos com as sessões à distância até que eu encontrasse um terapeuta em Nova York, e decidi aceitar a oferta. Foi quando vi as vinte e uma ligações perdidas de Gideon e uma mensagem de texto: Estraguei tudo de novo. Não me abandone. Fale comigo. Por favor.

As lágrimas voltaram a rolar. Apertei o telefone contra o peito, sentindo-me perdida. Não conseguia afastar da cabeça a imagem de Gideon com outras mulheres. Não conseguia deixar de imaginá-lo trepando feito louco com outra mulher naquela mesma cama, usando aqueles brinquedinhos nela, levando-a à loucura, extraindo prazer do corpo dela…

Era um pensamento irracional e sem sentido, que fazia com que eu me sentisse mesquinha e patética, e se manifestava em uma dor física.

Levei um susto quando o telefone começou a vibrar, e quase o derrubei. Dominada pelo sofrimento, pensei em deixar tocar até cair na caixa postal, porque estava escrito na tela que era Gideon — a única pessoa que tinha aquele número —, mas não fui capaz de ignorar, porque ele estava claramente histérico. Por mais que eu quisesse magoá-lo antes, naquele momento essa ideia era insuportável.

“Alô.” Estranhei minha própria voz, abafada pelas lágrimas e pela tristeza que sentia.

“Eva! Graças a Deus.” Gideon parecia ansiosíssimo. “Onde você está?”

Olhei ao redor e não encontrei nada que me dissesse o nome do restaurante. “Não sei. Eu… sinto muito, Gideon.”

“Não, Eva. A culpa foi minha. Preciso encontrar você. Pode descrever o lugar onde está? Você foi andando?”

“Sim, vim andando.”

“Eu sei qual foi a saída que você usou. Pra que lado você foi?” Ele estava ofegante, e eu conseguia ouvir o barulho do trânsito e das buzinas ao redor.

“Pra esquerda.”

“Você virou alguma esquina depois disso?”

“Acho que não. Não sei.” Olhei em volta à procura de um garçom. “Estou em um restaurante. Italiano. Com lugares na calçada… e uma cerquinha de ferro. Portas vazadas… Pelo amor de Deus, Gideon, eu…”

Ele apareceu, a princípio como um vulto na porta de entrada segurando um telefone contra a orelha. Eu o reconheci imediatamente, observei sua reação de paralisia quando me viu sentada junto da parede dos fundos. Ele enfiou o telefone no bolso da calça jeans que mantinha no hotel e passou direto pela hostess que o abordou antes de chegar até mim. Mal tive tempo de me levantar e ele avançou contra mim e me abraçou bem forte.

“Pelo amor de Deus.” Ele estremeceu de leve e enterrou a cabeça no meu pescoço. “Eva.”

Retribuí o abraço. Ele cheirava como alguém recém-saído do chuveiro, o que me fez lembrar que estava precisando demais de um banho.

“Eu não poderia estar aqui”, ele disse asperamente, recuando um pouco para envolver meu rosto com suas mãos. “Não posso aparecer em público assim. Podemos ir para minha casa?”

Alguma coisa no meu rosto deve ter denunciado minha preocupação, porque ele me deu um beijo na testa e sussurrou: “Não vai ser como no hotel, eu prometo. A única mulher que já esteve na minha casa foi minha mãe, além da governanta e das empregadas”.

“Isso é idiotice”, murmurei. “Estou sendo idiota.”

“Não.” Ele afastou os cabelos do meu rosto e se inclinou para cochichar na minha orelha. “Se você tivesse me levado a um lugar reservado para trepar com outros homens, eu teria perdido a cabeça.”

O garçom apareceu, e nós nos afastamos. “O senhor quer um cardápio?”

“Não, obrigado.” Gideon sacou a carteira do bolso e estendeu a mão com o cartão de crédito. “Já estamos de saída.”

Pegamos um táxi até a casa de Gideon, que ficou segurando minha mão durante todo o trajeto. Fiquei mais nervosa do que deveria ao pegar o elevador privativo para a cobertura na Quinta Avenida. O pé-direito alto e a arquitetura no estilo anterior à Segunda Guerra Mundial não eram novidade para mim e, para ser sincera, era meio que o esperado quando se namora alguém que é dono de quase todos os lugares que frequenta. E quanto à vista para o Central Park… bom, era até óbvia.

Mas o nervosismo de Gideon era nítido, o que me fez perceber que aquela visita era muito importante para ele. Quando a porta do elevador se abriu diretamente no hall de entrada com revestimento de mármore, ele apertou ainda mais minha mão antes de me

soltar. Destrancou a porta dupla da entrada e permitiu meu acesso à sua privacidade. Sua ansiedade era visível enquanto observava minha reação.

O apartamento era lindo como ele. No entanto, era bem diferente de seu escritório, que era ousado e moderno. Sua casa era aconchegante e suntuosa, repleta de antiguidades e obras de arte, com magníficos tapetes Aubusson revestindo pisos reluzentes de madeira nobre.

"É… incrível", eu disse baixinho, sentindo-me privilegiada por estar ali. Era um vislumbre de um lado de Gideon que eu ansiava por conhecer, e era belíssimo.

"Entre." Ele me puxou para dentro. "Quero que você durma aqui hoje."

"Não trouxe roupas nem nada…"

"Você só vai precisar da sua escova de dente e da bolsa. Podemos passar na sua casa amanhã de manhã e pegar o resto. Prometo que você não vai se atrasar para o trabalho." Ele me abraçou e apoiou o queixo no topo da minha cabeça. "Quero muito que você fique, Eva. Não culpo você por ter saído correndo daquele quarto, mas seu sumiço me deixou desesperado. Preciso de mais um tempinho na sua companhia."

"Preciso de um abraço." Enfiei as mãos sob a camiseta dele para sentir a maciez suave de suas costas musculosas. "E um banho também me faria bem."

Ele inspirou profundamente, com o nariz bem próximo dos meus cabelos. "Adoro sentir meu cheiro em você."

Mesmo assim, ele me conduziu por um corredor até seu quarto.

"Uau", suspirei quando ele acendeu a luz. Uma enorme cama de casal dominava o centro do quarto, feita de madeira escura — que parecia ser a de sua preferência — e coberta com uma roupa de cama creme. O restante da mobília combinava com a cama, e os detalhes eram adornados com tons de dourado. Era um cômodo acolhedor e masculino, sem nenhuma obra de arte nas paredes que concorresse com a vista serena do Central Park e dos imponentes prédios residenciais do outro lado do parque. Do meu lado de Manhattan.

"O banheiro é aqui."

Enquanto eu me dirigia ao gabinete de pia, que parecia construído a partir de alguma escrivaninha antiga com pés em forma de garra, ele retirou toalhas de um armário e as deixou ali para mim, movendo-se com a sensualidade e confiança que eu tanto admirava. Vê-lo em sua casa, vestido tão casualmente, foi comovente. E saber que eu era a primeira mulher a entrar ali me emocionou ainda mais. Foi como se, mais do que nunca, ele tivesse se despido para mim. "Obrigada."

Ele me olhou e pareceu entender que eu não estava falando só das toalhas. Seu olhar fez com que uma onda de calor se espalhasse pelo meu corpo. “É muito bom ter você aqui.”

“Não faço ideia de como vim parar aqui com você.” Mas estava gostando muito. Muito mesmo.

“E isso importa?” Gideon veio até mim, levantou meu queixo e deu um beijo na ponta do meu nariz. “Vou deixar uma camiseta na cama. Caviar e vodca está bom pra você?”

“Ora… é um belo avanço em relação à pizza que comi.”

Ele sorriu. “Caviar tipo ossetra da Petrossian.”

Retribuí o sorriso. “Preciso me corrigir. É um tremendo avanço.”

Tomei um banho e vesti a camiseta tamanho grande das Indústrias Cross que ele havia separado para mim; depois liguei para Cary para avisar que passaria a noite fora e contar meio por alto o que tinha acontecido no hotel.

Ele soltou um assovio. “Não sei nem o que dizer sobre isso.”

Cary Taylor não saber o que dizer significava muita coisa.

Encontrei Gideon na sala, e sentamos no chão para comer o badalado caviar com torradinhas e *crème fraîche* enquanto assistíamos a uma reprise de um seriado policial de TV que tinha uma cena filmada em frente ao Crossfire.

“Acho que seria legal ver um prédio meu numa TV como essa”, comentei.

“Até que não é ruim, mas eles fecharam a rua durante horas para as filmagens.”

Atingi o ombro dele com o meu. “Quanta negatividade.”

Fomos para a cama às dez e meia e assistimos ao restante do programa deitados juntinhos. A tensão sexual entre nós era palpável, mas ele não tomou nenhuma iniciativa, então fiquei na minha. Desconfiei que ele queria compensar o incidente ocorrido no hotel. Ele estava tentando provar que gostaria de passar um tempo comigo quando “poderíamos estar trepando”.

Funcionou. Por mais que eu estivesse a fim, era muito bom ficar ali sem fazer nada.

Ele dormia sem roupa, o que tornava o contato ainda melhor. Joguei uma das pernas por cima dele, abracei sua cintura e apoiei meu rosto sobre seu coração. Nem me lembro do fim do programa, devo ter dormido antes.

Quando acordei o quarto ainda estava escuro, e rolei para o lado da cama. Sentei para consegui olhar para o relógio digital no criado-mudo e vi que ainda eram três da manhã. Eu costumava dormir a noite toda, o que me fez concluir que era o ambiente desconhecido

que estava atrapalhando meu sono. Apenas quando Gideon gemeu e começou a se mexer, inquieto, que descobri o que me havia feito despertar. Seu gemido era de dor, seguido por um sussurro atormentado.

“Não encoste em mim”, ele disparou asperamente. “Tire essas mãos de cima de mim!”

Fiquei paralisada, com o coração disparado. Suas palavras atravessavam a escuridão e o silêncio da noite, carregadas de fúria.

“Você não vale nada.” Ele se sentou, chutando as cobertas. Suas pernas se encolheram e ele soltou um gemido que me pareceu perversamente erótico. “Não. Ai… Está doendo.”

Ele se enrijeceu, contorcendo o corpo inteiro. Eu não aguentava mais ver aquilo.

“Gideon.” Como Cary tinha pesadelos de tempos em tempos, eu sabia que não deveria tocar em um homem nessa situação. Em vez disso, ajoelhei-me na cama e disse seu nome em voz alta. “Gideon, acorde.”

Despertando de repente, ele desabou para trás, tenso e defensivo. Seu peito oscilava com a respiração ofegante. Ele estava tendo uma ereção.

Falei num tom de voz firme, apesar de estar com o coração partido. “Gideon. Você está sonhando. Acorde e fique comigo.”

Ele se soltou sobre o colchão. “Eva…?”

“Estou aqui.” Saí do caminho da luz do luar que entrava pela janela, mas não vi nenhum sinal de que seus olhos estavam abertos. “Você está acordado?”

Sua respiração ficou mais lenta, mas ele não disse nada. Seus punhos estavam fechados sobre o lençol. Arranquei a camiseta que estava usando e a deixei em cima da cama. Cheguei mais perto e passei a mão pelo seu braço. Ele não teve reação, e eu o acariciei, passando as pontas dos dedos sobre seu bíceps.

“Gideon?”

Ele teve um sobressalto. “Quê? O que foi?”

Sentei sobre os calcanhares com as mãos nas coxas. Vi quando ele piscou para mim, e depois passou as mãos pelos cabelos. Pude sentir quando tomou consciência do pesadelo, pela rigidez que dominou seu corpo.

“O que foi?”, ele perguntou bruscamente, apoiando-se em um dos cotovelos. “Está tudo bem?”

“Quero você.” Eu me deitei ao lado de Gideon, estendendo meu corpo nu junto ao seu. Pressionando meu rosto contra seu pescoço úmido, lambi suavemente sua pele salgada.

Pela minha experiência com pesadelos, eu sabia que abraços e um pouco de amor poderiam fazer os fantasmas voltarem para o armário por uns tempos.

Ele me envolveu em seus braços, percorrendo com a mão a curvatura da minha coluna. Senti quando ele se esqueceu do sonho soltando um suspiro longo e profundo.

Deitei-o de costas, montei sobre ele e beijei sua boca. Sua ereção encontrou meus lábios vaginais, o que me fez querer abrir caminho para ela. A sensação da mão dele nos meus cabelos, agarrando-me para assumir o controle do beijo, logo me deixou molhada e pronta para recebê-lo. Minha pele estava quase em chamas. Esfreguei meu clitóris contra seu membro duro e grosso, usando-o para me masturbar até que ele emitiu um som áspero de desejo e rolou para cima de mim, invertendo a posição.

“Não tenho camisinha aqui em casa”, ele murmurou antes de envolver um dos meus mamilos com os lábios e sugá-lo suavemente.

Adorei o fato de ele estar desprevenido. Ali não era um simples abatedouro; era a casa dele, e eu era a primeira a estar ali. “Sei que você falou em apresentar exames quando falamos sobre a pílula e que isso é o mais certo a fazer, mas…”

“Eu confio em você.” Ele ergueu a cabeça e me olhou sob a luz pálida da lua. Abriu minhas pernas com os joelhos e me penetrou sem proteção pela primeira vez. Pude sentir todo o seu calor e toda a sua maciez.

“Eva”, ele suspirou, apertando-me contra si. “Eu nunca… Meu Deus, como você é gostosa. Estou muito feliz por você estar aqui.”

Puxei seus lábios para perto de mim e o beijei. “Eu também.”

Acordei da mesma forma que tinha dormido, com Gideon sobre mim, dentro de mim. Seu olhar estava carregado de prazer quando despertei com aquele momento delicioso. Com os cabelos caídos sobre os ombros e o rosto, ele parecia ainda mais sexy por estar despenteado. Mas, o melhor de tudo, não havia nada de obscuro em seus lindos olhos, nem uma sombra da ameaça que tinha pairado sobre seus sonhos.

“Espero que não se incomode”, ele murmurou com um sorriso malicioso enquanto entrava e saía de mim. “Você estava quentinha e molhada. Não pude evitar.”

Abracei sua cabeça e arqueei as costas, pressionando meus seios contra seu peito. Através das janelas encimadas por arcadas, vi a luz do amanhecer começar a preencher o céu. “Humm… Eu adoraria acordar todos os dias deste jeito.”

“Foi isso o que eu pensei às três da manhã.” Ele mexeu os quadris e entrou ainda mais profundamente em mim. “Pensei em retribuir o favor.”

Meu corpo inteiro renasceu, minha pulsação acelerou. “Sim, por favor.”

Cary não estava mais lá quando cheguei em casa; ele havia deixado um bilhete avisando que estava trabalhando, mas que voltaria a tempo para a pizza com Trey. Como minha experiência com pizza na noite anterior não tinha sido muito boa, eu estava disposta a tentar de novo, dessa vez em uma ocasião descontraída.

“Tenho um jantar de negócios hoje à noite”, disse Gideon, lendo por cima do meu ombro. “Queria que você fosse, para tornar a coisa mais suportável.”

“Não posso dar o cano em Cary”, eu disse, já me desculpando antes de me virar para ele. “As amigas vêm em primeiro lugar, você sabe como é.”

Ele sorriu e me cercou pondo com as mãos no balcão. Estava usando o terno que eu havia escolhido, um Prada grafite levemente brilhante. A gravata era de um tom de azul que combinava com seus olhos e, deitada na cama observando enquanto ele se vestia, tive que lutar contra a vontade de arrancar tudo aquilo. “Cary não é uma amiga sua. Mas entendi o que você quis dizer. Quero ficar com você hoje à noite. Posso vir depois do jantar e dormir aqui?”

Senti uma onda de calor percorrer meu corpo. Passei minhas mãos pelo colete dele, sentindo-me como uma portadora de um segredo especial por saber exatamente como ele era por baixo das roupas. “Eu adoraria que você viesse.”

“Ótimo.” Ele acenou com a cabeça, satisfeito. “Vou fazer um café enquanto você se troca.”

“Os grãos estão no freezer, e o moedor, do lado da cafeteira. E eu gosto de bastante leite e só um pouquinho de adoçante.”

Vinte minutos depois, quando saí do quarto, Gideon encheu duas canecas de café para viagem e descemos para o saguão. Paul nos escoltou da porta da frente do prédio à porta traseira do Bentley.

Enquanto o motorista arrancava com o carro, Gideon me olhou dos pés à cabeça e falou: “Você está mesmo querendo me matar. Está usando cinta-liga de novo?”.

Puxei a barra da saia e mostrei as meias de seda preta presas à cinta-liga de renda preta.

Ele soltou um palavrão abafado que me fez rir. Eu havia escolhido uma blusa de seda de

manga curta e gola rulê, combinada com uma saia vermelha razoavelmente curta, na medida do possível, e sapatos Mary Jane de salto alto. Como Cary não estava por lá para me fazer um penteado mais elaborado, prendi os cabelos em um rabo de cavalo. “Gostou?”

“Estou de pau duro.” Sua voz estava rouca, e ele se ajustou dentro da calça. “Como é que vou conseguir trabalhar pensando em você vestida desse jeito?”

“Temos sempre a hora do almoço”, sugeri, já fantasiando uma rapidinha no sofá do escritório dele.

“Tenho um almoço de negócios hoje. Eu poderia remarcar, se já não tivesse feito isso ontem.”

“Você remarcou um compromisso por minha causa? Que honra.”

Ele se inclinou e acariciou meu rosto com os dedos, um gesto de carinho que estava se tornando habitual e cada vez mais íntimo. Eu estava prestes a me tornar dependente desse tipo de toque.

Inclinei meu rosto sobre a palma da mão dele. “Você consegue reservar quinze minutos do seu dia pra mim?”

“Dou um jeito.”

“Ligue pra avisar quando puder.”

Respirando bem fundo, revirei minha bolsa e apanhei um presente que eu não sabia ao certo se ele ia gostar, mas o fato é que a lembrança daquele pesadelo não me saía da cabeça. Eu esperava que aquilo o fizesse lembrar do nosso sexo na madrugada, e o ajudasse a lidar com seu sonho traumático. “Eu trouxe uma coisa. Achei que…”

De repente, arrependi-me.

Ele franziu a testa. “O que foi?”

“Nada. É que…” Eu suspirei de tensão. “Então, eu trouxe uma coisa pra você, mas acabei de me dar conta que é o tipo de presente que… não é bem um presente. Agora estou pensando que talvez não tenha nada a ver e…”

Ele estendeu a mão. “Dê aqui.”

“Você não precisa ficar com ele se não quiser…”

“Pare de falar, Eva.” Ele fez um movimento com os dedos. “Dê aqui.”

Tirei o objeto da minha bolsa e entreguei na mão dele.

Gideon olhou em silêncio para a fotografia emoldurada. Era um porta-retratos moderno

com recortes de imagens relacionadas a formaturas, que incluía um relógio digital marcando três da manhã. A fotografia era minha, posando de biquíni em Coronado Beach com um chapelão de palha na cabeça — eu estava bronzeada, feliz, mandando um beijo para Cary, que estava se fingindo de fotógrafo de moda, passando-me instruções ridículas. *Arrasou, gata. Agora brilha. Mostra esse corpão. Agora quero ver a tigresa… rawr…*

Envergonhada, eu me contorci no assento. “Como eu disse antes, você não precisa ficar com ela se…”

“Eu…” Ele limpou a garganta. “Obrigado, Eva.”

“Ah, tudo bem…” Fiquei feliz ao ver o Crossfire pela janela. Saltei assim que o motorista estacionou e passei as mãos pela saia, envergonhada. “Se quiser, posso ficar com ela e entregar para você outra hora.”

Gideon fechou a porta do Bentley e sacudiu a cabeça. “Ela é minha. Você não vai pegar de volta.”

Ele pegou minha mão, entrelaçando meus dedos com os dele, e me mostrou o caminho da porta giratória segurando o porta-retratos. Fiquei contente de ver que ele ia entrar no escritório com minha foto nas mãos.

Uma das coisas mais divertidas no mundo da publicidade é que um dia de trabalho nunca é igual ao anterior. Eu tive uma manhã corridíssima e, quando parei para pensar no que ia fazer na hora do almoço, o telefone tocou. “Escritório de Mark Garrity. Eva Tramell falando.”

“Tenho uma novidade”, Cary disparou em vez de dizer alô.

“Qual?” Senti pela voz dele que a notícia era boa.

“Estou na campanha da Grey Isles.”

“Ai, meu Deus! Cary, isso é demais! Adoro os jeans deles.”

“O que você vai fazer na hora do almoço?”

Abri um sorriso. “Comemorar com você. Consegue chegar aqui ao meio-dia?”

“Já estou a caminho.”

Desliguei o telefone e me recostei na cadeira, tão empolgada por causa de Cary que senti vontade de sair dançando pelo prédio. Para matar o tempo durante os quinze minutos que faltavam para meu horário de almoço, abri o e-mail e vi o alerta do Google sobre

novas entradas no mecanismo de busca com o nome de Gideon. Mais de trinta novas citações ao seu nome em apenas um dia.

Abri o e-mail e surtei diante das várias manchetes fazendo menção a uma tal “mulher misteriosa”. Cliquei no primeiro link que apareceu e fui direcionada a um blog de fofoca.

Lá, em cores vivas, havia uma foto de Gideon me beijando enlouquecidamente na calçada diante da academia. O artigo que acompanhava a imagem era breve e ia direto ao ponto:

> *Gideon Cross, o solteirão mais cobiçado de Nova York desde John Kennedy Jr., foi visto ontem em uma manifestação pública de afeto. Uma fonte de dentro das Indústrias Cross identificou a sortuda mulher misteriosa como sendo a socialite Eva Tramell, filha do multimilionário Richard Stanton e de sua esposa Monica. Quando questionada a respeito da natureza da relação entre Cross e Tramell, a fonte confirmou que ela é a “mulher mais importante” da vida do magnata no momento. Somos capazes até de ouvir os coraçõezinhos se partindo por todo o país nesta manhã.*

“Droga”, suspirei.

11

Cliquei nos outros links da mensagem e encontrei a mesma foto, acompanhada de legendas e artigos parecidos. Assustada, recostei-me no assento e refleti sobre o significado de tudo aquilo. Se um beijo já causava tanto rebuliço, que chance teríamos de tentar construir um relacionamento?

Minhas mãos estavam trêmulas quando fechei as abas do navegador. Eu não tinha levado em conta a repercussão na imprensa, mas deveria. “Droga.”

O anonimato era meu aliado. Protegia-me do passado. Protegia minha família do constrangimento, assim como Gideon. Eu não tinha nem perfis em redes sociais para que pessoas que não tivessem acesso a mim no dia a dia não conseguissem me encontrar.

Essa parede invisível entre mim e a exposição pública havia sido demolida.

“Que inferno”, suspirei ao me ver em uma situação indesejável que poderia ter sido evitada caso minha mente se preocupasse com alguma coisa além de Gideon.

E eu ainda tinha que levar em conta a reação *dele* a essa situação toda… Eu me remoí por dentro só de pensar nisso. E tinha também minha mãe. Não demoraria muito para ela me ligar e fazer o maior estardalhaço…

“Merda.” Lembrei que ela ainda não tinha meu celular novo, e liguei para o serviço de mensagens de voz do número antigo para saber se ela tinha tentado falar comigo. Estremeci quando ouvi que minha caixa postal estava cheia.

Desliguei o telefone, peguei a bolsa e saí para o almoço, com a certeza de que Cary me ajudaria a pôr as coisas em seus devidos lugares. Eu estava tão perturbada quando cheguei ao saguão do edifício que saí do elevador com a cabeça concentrada unicamente em encontrar meu amigo. Quando o vi, parti diretamente em sua direção sem pensar em mais nada, pelo menos até Gideon parar bem na minha frente e bloquear o caminho.

“Eva.” Ele me olhou franzindo a testa. Agarrou meu cotovelo e me puxou para o lado. Foi quando percebi as duas mulheres e o homem que estavam fora do meu campo de vista até então.

Precisei de certo esforço para conseguir sorrir para eles. “Olá.”

Gideon me apresentou a seus companheiros de almoço de negócios, depois pediu licença e me puxou até um canto. “O que aconteceu? Você está chateada.”

“Está em toda parte”, sussurrei. “Uma foto de nós dois juntos.”

Ele concordou com a cabeça. “Eu vi.”

Olhei bem para ele, piscando várias vezes, perplexa com sua tranquilidade. “E você nem liga?”

“Por que deveria? Pela primeira vez, estão dizendo a verdade.”

Uma desconfiança sorrateira despertou dentro de mim. “Você planejou tudo. Isso é coisa sua.”

“Não exatamente”, ele respondeu, sem se alterar. “O fotógrafo estava lá por acaso. Eu só proporcionei a ele uma imagem que valia a pena divulgar, e falei pra assessoria de imprensa deixar bem claro que você é minha.”

“Por quê? Por que alguém faria isso?”

“Você tem sua maneira de lidar com o ciúme, e eu tenho a minha. Nós dois estamos comprometidos, e agora todo mundo sabe disso. Por que isso seria um problema?”

“Eu estava preocupada com sua reação, mas não é só isso… Existem coisas que você não sabe, e eu…” Respirei bem fundo, sentindo meu corpo tremer. “Nossa relação não pode ser assim, Gideon. Não pode vir a público. Eu não quero… droga. Vou virar motivo de constrangimento pra você.”

“Não vai, não. Isso é impossível.” Com uma das mãos, ele afastou uma mecha de cabelo que tinha caído sobre meu rosto. “Podemos conversar sobre isso mais tarde? A não ser que você precise de mim…”

“Não, tudo bem. Pode ir.”

Cary veio até nós. Estava com uma calça cargo preta bem larga e uma camiseta branca de gola V, mas ainda assim parecia elegante e sofisticado. “Está tudo bem?”

“Oi, Cary. Está tudo bem.” Gideon apertou minha mão. “Aproveite bem seu almoço e não se preocupe.”

Ele falou isso porque não sabia de nada.

E, se soubesse, eu tinha sérias dúvidas se ainda ia querer alguma coisa comigo.

Cary olhou bem para mim quando Gideon se afastou. “Não se preocupe com o quê? Tem alguma coisa errada?”

“Tudo.” Suspirei. “Vamos sair logo daqui, a gente conversa melhor durante o almoço.”

“Ora”, murmurou Cary, olhando para o link que eu encaminhei do meu celular para o dele. “Isso é que é beijo. Ele ter pegado você nos braços desse jeito foi uma grande sacada. Não tem como parecer mais apaixonado que isso.”

“O problema é justamente esse.” Dei mais um gole na minha água. “Foi tudo encenação.”

Ele guardou o telefone no bolso. “Na semana passada você reclamava dele porque só queria sexo. Esta semana ele anuncia pro mundo todo que está comprometido, que vocês dois têm uma relação amorosa, e você continua insatisfeita. Estou começando a sentir pena do sujeito. Ele não consegue dar uma dentro.”

Esse comentário doeu nos meus ouvidos. “Os jornalistas vão começar a pesquisar, Cary, e vão achar muita sujeira. E, como é uma sujeira apetitosa, vão espalhar por toda parte e mais um pouco, e isso vai expor Gideon a um constrangimento terrível.”

“Gata.” Ele pôs sua mão sobre a minha. “Stanton já deu um jeito de colocar uma pedra sobre tudo isso.”

Stanton. Eu me ajeitei na cadeira. Não tinha nem me lembrado do meu padrasto. Ele previu que uma hora a coisa viria à tona e abafou tudo, pois sabia o que isso causaria à minha mãe. Ainda assim… “Vou precisar conversar com Gideon sobre isso. Ele tem o direito de saber.”

Só a ideia de ter uma conversa como essa já me deixou em frangalhos.

Cary sabia como minha cabeça funcionava. “Se você acha que ele vai se assustar e fugir, está muito enganada. Gideon olha pra você como se não existisse mais ninguém no mundo.”

Revirei minha salada de atum com folhas verdes. “Ele também tem seus fantasmas. Pesadelos. Acho que ele se fechou para o mundo porque alguma coisa o corrói por dentro.”

“Mas ele se abriu pra você.”

“E já deu mostras do quanto pode ser possessivo. Não censurei porque é um defeito que eu também tenho, mas ainda assim…”

“Você está errando feio na análise, Eva”, interrompeu Cary. “Está achando que o sentimento dele por você deve ser uma espécie de acaso ou engano. Qual é o problema, alguém como ele não se apaixonaria por alguém como você, é isso?”

“Minha autoestima não é *tão* ruim assim”, protestei.

Ele deu um gole em seu champanhe. “Ah, não? Então me diga alguma coisa de que ele gosta em você que não tenha a ver com sexo.”

Pensei a respeito e não consegui encontrar nada para dizer, o que me deixou irritada.

“Então”, ele continuou. “Se Cross for tão paranoico quanto você, está pensando a mesma coisa, só que ao contrário, imaginando o que uma gata como você viu num cara como ele. Você tem grana, então o que ele pode ter de atraente além de ser um garanhão que vive fazendo merda?”

Eu me recostei na cadeira e tentei absorver tudo o que ele disse. “Cary, eu te amo de paixão.”

Ele sorriu. “Eu também, linda. Quer um conselho? Terapia de casal. Quero fazer isso quando encontrar alguém e quiser sossegar. E tente se divertir com ele. Vocês precisam aprender a equilibrar os altos e baixos, caso contrário a relação fica sofrida e trabalhosa demais.”

Eu me inclinei para a frente e apertei sua mão. “Obrigada.”

“Por quê?” Ele desdenhou da minha gratidão com um aceno de mão. “Não existe coisa mais fácil que resolver o problema dos outros. O duro é enfrentar nossos próprios traumas, e isso eu jamais conseguiria sem você.”

“Mas agora você já superou tudo”, assinalei, mudando o foco da conversa. “Você está prestes a estrelar um anúncio gigante na Times Square. Não vou mais ser a única a poder admirar sua beleza. Vamos deixar a pizza de lado e fazer um jantar comemorativo? Que tal abrir aquela caixa de Cristal que Stanton deu?”

“Aí, sim.”

“E o filme? Quer ver algum em particular?”

“O que você quiser. Não quero interferir no seu gosto por filmes bobos de ação.”

Sorri, sentindo-me melhor como sabia que me sentiria depois de passar uma hora com Cary. “Só me avise se eu não perceber quando você e Trey quiserem ficar sozinhos.”

“Rá! Pode deixar. Sua vida amorosa agitada está fazendo com que eu me sinta acomodado e tedioso. O que eu mais quero é uma trepada quente e suada com meu próprio garanhão.”

“Você transou dentro de um armário poucos dias atrás!”

Ele suspirou. “Tinha até esquecido. Que coisa mais triste…”

“Não é bem isso que seus olhos estão dizendo.”

Eu tinha acabado de voltar para minha mesa quando vi no celular uma mensagem de Gideon dizendo que teria um tempinho livre para conversar às quinze para as três. Tentei esconder minha ansiedade durante os noventa minutos seguintes, já que havia me decidido a seguir o conselho do Cary e me divertir um pouco. Não demoraria muito para que eu e Gideon tivéssemos que encarar meu passado tenebroso, mas, enquanto isso não acontecia, era melhor curtir enquanto ainda era tempo.

Respondi para ele pouco antes de subir, avisando que já estava a caminho. Como o tempo era curto, não poderíamos perder nem um minuto. Gideon devia achar o mesmo, pois encontrei Scott me esperando assim que cheguei ao hall de entrada das Indústrias Cross. Ele me acompanhou até a recepção e liberou minha entrada.

“Está tendo um bom dia?”, perguntei.

Ele sorriu. “Um ótimo dia. E você?”

Retribuí o sorriso. “Já tive piores.”

Gideon estava ao telefone quando entrei no escritório. Seu tom de voz era de pressa e impaciência, e ele dizia à pessoa no outro lado da linha que ela deveria ser capaz de fazer seu trabalho sem que fosse preciso supervisioná-la o tempo todo.

Ele ergueu um dedo para mim, dizendo que ainda levaria um minuto. Respondi estourando uma bola bem grande do chiclete que estava mascando.

Gideon ergueu as sobrancelhas de imediato, e acionou os respectivos botões para trancar a porta e tornar as paredes de vidro opacas.

Sorrindo, saltitei até sua mesa e pulei em cima dela, passando os dedos pelos lábios e balançando as pernas. Com um golpe ágil, ele estourou a outra bola de chiclete que fiz. Fiz um biquinho charmoso.

“Dê um jeito nisso”, ele disse com autoridade para a pessoa do outro lado da linha. “Só vou poder ir até aí na semana que vem, e ficar me esperando sem fazer nada só vai atrapalhar. Agora pare de falar. Tenho um assunto urgente na minha mesa pra resolver e você está me atrapalhando. Pode ter certeza que estender essa conversa só vai servir pra me irritar. Faça o que precisa ser feito e amanhã conversamos de novo.”

Ele pôs o telefone de volta no gancho em um gesto de violência reprimida. “Eva…”

Ergui uma das mãos para mantê-lo à distância e embrulhei meu chiclete em uma folha do bloquinho de papel que havia em cima da mesa. “Antes que brigue comigo, senhor

Cross, gostaria de dizer que, quando chegamos a um impasse nas discussões sobre a fusão ontem no hotel, eu não deveria ter ido embora. Isso não ajudou em nada. E eu não reagi muito bem à divulgação da foto pela assessoria de imprensa. Mas ainda assim… Mesmo não tendo sido uma boa secretária, acho que mereço outra chance de me destacar."

Ele estreitou os olhos e me observou com cuidado, avaliando e reavaliando a situação conforme se desenrolava. "Eu pedi sua opinião sobre que atitude tomar a esse respeito, senhorita Tramell?"

Sacudi a cabeça e o olhei de baixo para cima. Dava para perceber que a irritação causada pelo telefonema já se dissipava, substituída por uma excitação e um interesse cada vez maior no que estávamos fazendo.

Desci da mesa, fui até perto dele e alisei sua gravata impecável com as duas mãos. "O que posso fazer para corrigir isso? Tenho outras habilidades muito convenientes."

Ele me agarrou pelos quadris. "Essa foi uma das razões por que você foi a única mulher que levei em consideração para o cargo."

Essas palavras fizeram uma onda de calor invadir meu corpo. Agarrando seu pau com uma das mãos, comecei a acariciá-lo por cima da calça. "Que tal eu retomar meus afazeres? Posso fazer uma demonstração de que sou a pessoa mais qualificada para ser sua assistente."

Gideon teve uma ereção com uma velocidade que me deixou deliciada. "Bela iniciativa, senhorita Tramell. Mas minha próxima reunião é daqui dez minutos. Além disso, não estou acostumado a expandir os horizontes profissionais dos meus funcionários no meu escritório."

Abri o botão da calça dele e baixei o zíper. Com a boca colada em seu queixo, sussurrei: "Se está pensando que existe algum lugar em que eu não vou fazer você gozar, é melhor refazer seu planejamento".

"Eva", ele suspirou, cheio de tesão e carinho nos olhos, depois agarrou minha garganta, roçando meu queixo com os polegares. "Você está me deixando perturbado. Sabia disso? Está fazendo de propósito?"

Enfiei a mão dentro da cueca dele e o agarrei por inteiro, oferecendo os lábios para serem beijados. Foi o que ele fez, atacando minha boca com uma ferocidade que me deixou sem fôlego.

"Quero você agora", ele gemeu.

Ajoelhei no piso acarpetado, abaixando sua calça para obter a margem de manobra da qual precisava.

Ele expirou com força. “Eva, o que você está…”

Meus lábios o envolveram em todo o diâmetro. Ele agarrou a beirada da mesa, fazendo suas juntas ficarem pálidas com o esforço. Eu o segurei com as duas mãos e abocanhei a cabeça do pau dele, chupando bem de leve. A maciez de sua pele e seu cheiro irresistível me fizeram gemer. Senti uma onda de excitação percorrer seu corpo e ouvi um som áspero ressoar em seu peito.

Gideon pôs a mão no meu queixo. “Lambe.”

Excitada por aquela voz de comando, percorri com a língua toda a extensão, e estremeci de tesão quando ele emitiu um jorro quente de líquido pré-ejaculatório. Agarrei a base do seu membro com uma das mãos, abri bem a boca e comecei a fazer movimentos ritmados, à espera do que viria.

Queria ter mais tempo, para fazer aquele momento durar mais. Deixá-lo louco…

Ele soltou um gemido temperado pela mais doce agonia. “Essa sua boca. Continua chupando. Assim… Com força, até bem lá no fundo.”

Fiquei com tanto tesão por dar prazer a ele que me contorci inteira. Suas mãos se enterraram nos meus cabelos presos, puxando-os pela raiz. Eu adorava o modo como ele começava as coisas suavemente e depois ia ficando mais bruto à medida que o desejo que sentia por mim o fazia perder a cabeça.

Essa leve pontada de dor me deixou ainda mais ávida e sedenta. Minha cabeça subia e descia sobre ele, masturbando-o com uma das mãos enquanto chupava e lambia a parte de cima do seu pau. Percorri com a língua as veias grossas daquele pau, virando a cabeça para encontrar e contemplar cada uma delas.

Ele foi ficando cada vez mais duro e mais grosso. Meus joelhos estavam doendo, mas isso não importava; meus olhos estavam grudados em Gideon, que jogava a cabeça para trás e tentava não perder o fôlego.

“Eva, você chupa tão gostoso.” Ele segurou minha cabeça, levantou-se e assumiu o controle. Começou a mexer os quadris. A foder minha boca. Estava em tamanho estado de excitação que a única coisa que importava era chegar ao orgasmo.

Essa ideia me deixou enlouquecida, imaginei na minha cabeça como deveríamos estar quando vistos por outra pessoa: Gideon, com toda a sua sofisticação cosmopolita, diante da mesa da qual comandava seu império, enfiando seu pau enorme na minha boca faminta.

Apertei ainda mais seus quadris, mexendo os lábios e a língua freneticamente, desesperada para fazê-lo chegar ao clímax. Suas bolas eram grandes e pesadas, uma demonstração audaciosa de sua virilidade. Eu as peguei na mão, acariciando-as

suavemente, sentindo seu saco encolher e enrijecer.

“Ah, Eva.” Seu tom de voz era rouco e gutural. Ele puxou com mais força meus cabelos. “Você vai me fazer gozar.”

O primeiro jato de sêmen foi tão grosso que tive de fazer força para engolir. Perdido em seu prazer, Gideon continuava atacando com força minha garganta, e seu pau preenchia todos os espaços da minha boca. Meus olhos se encheram de lágrimas e senti meus pulmões em chamas, mas ainda assim cerrei os punhos e extraí dele tudo o que podia. Seu corpo estremeceu quando arranquei a última gota. Seus gemidos e murmúrios foram o som mais gratificante que já ouvi na vida.

Eu o lambi até que estivesse limpo, maravilhada com o fato de não ter murchado imediatamente após um orgasmo tão explosivo. Ele ainda era capaz de me comer intensamente, e estava mais do que disposto a isso, eu tinha certeza. Mas não tínhamos mais tempo, e eu não me incomodaria de parar por ali. Era o que eu queria fazer para ele. Para nós. Para mim, na verdade, porque precisava saber se era capaz de desfrutar de um ato sexual de caráter altruísta, em que eu não fosse o centro das atenções.

“Preciso ir”, murmurei, levantando-me e beijando sua boca. “Espero que o restante do seu dia seja sensacional, e seu jantar de negócios também.”

Afastei-me para sair, mas ele me agarrou pelo pulso, de olho no relógio do mostrador do seu telefone. Foi quando percebi que minha fotografia estava lá, ao alcance de seus olhos o dia todo.

“Eva… Droga. Espere um pouco.”

Franzi a testa ao ouvir seu tom de voz, que parecia carregado de ansiedade. Frustração.

Ele logo se recompôs, vestindo a cueca e ajustando a camisa para poder fechar a calça. Era uma cena bonita de ver, Gideon se arrumando, restaurando a fachada que exibia ao mundo, enquanto eu sabia que era a única que tinha acesso ao homem por trás dela.

Gideon me puxou para perto e beijou minha testa. Suas mãos passaram pelos meus cabelos e ele soltou minha fivela. “Eu não fiz nada pra você.”

“Não precisa.” Eu adorava sentir suas mãos na minha cabeça. “Foi maravilhoso assim mesmo.”

Ele estava concentrado demais arrumando meu cabelo, com as bochechas vermelhas depois do orgasmo. “Sei que você precisa empatar o placar”, ele argumentou de uma forma um tanto grosseira. “Não posso deixar você ir embora se sentindo usada por mim.”

Fiquei emocionada com essa demonstração de consideração, apesar de um tanto bruta.

Ele me ouvia. Importava-se comigo.

Envolvi seu rosto com minhas mãos. “Você me usou, sim, mas com minha permissão, e foi uma delícia. Eu queria fazer isso pra você, Gideon. Lembra? Eu avisei. Queria que você tivesse algo para se lembrar de mim.”

Ele arregalou os olhos, alarmado. “Por que preciso de lembranças se tenho você? Eva, se você está falando sobre a foto…”

“Fique quietinho aí e aproveite o momento.” Não tínhamos tempo suficiente para conversar sobre aquilo, e eu também não estava a fim. “Mesmo se tivéssemos uma hora, eu não ia querer que você me fizesse gozar. Não estou disputando quem faz o outro gozar mais vezes, campeão. E, sendo bem sincera, você é o primeiro cara para quem eu posso dizer isso tranquilamente. Agora preciso ir. E você também tem um compromisso.”

Eu me afastei de novo para sair, mas ele me agarrou mais uma vez.

A voz de Scott ressoou pelo alto-falante. “Com licença, senhor Cross. O pessoal da reunião das três horas já chegou.”

“Está tudo bem, Gideon”, garanti. “Você vai passar lá em casa hoje à noite, certo?”

“Isso eu posso garantir.”

Fiquei na ponta dos pés e beijei sua bochecha. “Mais tarde conversamos.”

*

Depois do trabalho, desci até o térreo de escada para me sentir menos culpada por faltar à academia, mas me arrependi amargamente ao chegar ao saguão. A falta de sono da noite anterior estava cobrando seu preço. Considerei pegar o metrô em vez de ir andando para casa quando vi o Bentley de Gideon parado na calçada. Quando o motorista desceu do carro e me cumprimentou pelo nome, levei um susto e parei de repente no meio da calçada, surpresa.

“O senhor Cross me pediu para levá-la para casa”, ele informou, muito bem educado com seu terno preto e quepe de chofer. Era um senhor de certa idade, com cabelos ruivos já um tanto grisalhos, olhos azuis de um tom claro e o jeito de falar de uma pessoa bem instruída.

Pelo tanto que minhas pernas doíam, aquela oferta era mais que bem-vinda. “Obrigada… Desculpe, esqueci seu nome.”

“Angus, senhorita Tramell.”

Como pude esquecer? Era um nome superlegal, que me fez abrir um sorriso. “Obrigada, Angus.”

Ele bateu no quepe com os dedos. “O prazer é todo meu.”

Quando me acomodei no banco traseiro depois de ele abrir a porta para mim, pude ver de relance a pistola que carregava em um coldre de ombro sob o paletó. Pelo jeito Angus, assim como Clancy, era guarda-costas além de motorista.

O carro se pôs em movimento, e eu logo perguntei: “Faz muito tempo que você trabalha para o senhor Cross, Angus?”.

“Já faz oito anos.”

“É um bom tempo.”

“Eu o conheço desde muito antes”, ele se dispôs a falar, olhando-me pelo retrovisor. “Eu o levava para a escola quando era menino. Quando ficou mais velho, ele me tirou do senhor Vidal.”

Mais uma vez, tentei imaginar Gideon quando criança. Ele já devia ser bonito e carismático naquela época.

Será que ele havia tido experiências sexuais “normais” na adolescência? Não é possível que a mulherada não se jogasse em cima dele desde então. Considerando a criatura inatamente sexual que ele era, eu só conseguia imaginá-lo como um adolescente dos mais tarados.

Revirei minha bolsa, encontrei as chaves e me inclinei para deixá-las no assento do passageiro. “Você pode entregar isso a Gideon? Ele vai passar lá em casa depois do compromisso que tem à noite e, dependendo da hora, posso não ouvir se ele bater.”

“Claro.”

Paul abriu a porta para mim quando chegamos e cumprimentou Angus pelo nome, o que me lembrou que Gideon era dono do prédio. Acenei para os dois, avisei a portaria que ele iria ao meu apartamento mais tarde e subi. O susto que Cary tomou ao abrir a porta para mim me fez rir.

“Gideon vai vir aqui mais tarde”, expliquei, “mas estou tão cansada que acho que vou dormir cedo. Deixei minhas chaves pra ele. Você já pediu a comida?”

“Já. E pus algumas garrafas de Cristal na adega.”

“Você é o máximo.” Deixei minha bolsa para ele guardar.

Tomei um banho e liguei para minha mãe no telefone do quarto, encolhendo-me toda ao ouvir seu tom de voz estridente. “Faz *dias* que estou tentando falar com você!”

“Mãe, se for sobre Gideon Cross…”

“Ora, é claro que também é por causa dele! Minha nossa, Eva. Estão dizendo que você é a mulher mais importante da vida dele no momento. Como você pode achar que eu não vou querer falar sobre isso?”

“Mãe…”

“E tem também a consulta que você me pediu pra marcar com o doutor Petersen.” O tom de divertimento complacente com que ela falou isso me fez rir. “Vamos vê-lo na quinta-feira às seis horas. Espero que você possa ir. Ele não gosta de marcar consultas depois do horário.”

Eu me joguei para trás na cama com um suspiro. O trabalho e Gideon estavam exigindo tanto de mim que tinha até me esquecido da consulta. “Quinta às seis está ótimo. Obrigada.”

“Muito bem. Agora me fale sobre Cross…”

Quando saí do quarto vestida com uma calça de brim e um moletom da San Diego State University, dei de cara com Trey sentado na sala com Cary. Os dois se levantaram, e Trey me abriu um sorriso largo e amigável.

“Desculpe meus trajes”, eu disse envergonhada, passando os dedos pelos meus cabelos molhados. “Quase me acabei pegando as escadas hoje no trabalho.”

“O elevador estava parado?”, ele perguntou.

“Não. Meu cérebro estava. No que eu estava pensando?” Passar a noite com Gideon era malhação suficiente.

A campainha tocou, e Cary foi atender enquanto eu ia até a cozinha pegar o champanhe. Eu me juntei a ele no balcão enquanto assinava o recibo do cartão de crédito, e a expressão no seu rosto quando olhou para Trey me fez sorrir.

Houve muitas outras trocas de olhares como essas entre os dois no decorrer da noite. Fui obrigada a concordar com Cary que Trey era uma graça. Com seu jeans rasgado, colete combinando e uma camiseta de manga comprida, o aspirante a veterinário tinha um visual ao mesmo tempo casual e sofisticado. Em termos de personalidade, era muito diferente dos caras que Cary costumava namorar. Trey parecia mais centrado; não que fosse sério demais, mas claramente não era um cabeça-oca. Se a relação decolasse e durasse mais tempo, ele seria uma ótima influência para Cary.

Juntos, matamos duas garrafas de Cristal e duas pizzas, e resistimos a uma sessão na íntegra de *O demolidor* antes que eu enfim desse a noite por encerrada. Insisti para que Trey ficasse e assistisse a *Alta velocidade* para encerrar a minimaratona de Sylvester Stallone. Depois fui para meu quarto e vesti um baby-doll sexy que tinha ganhado certa vez quando fui dama de honra — mas sem a calcinha que fazia parte do kit.

Deixei uma vela acesa para Gideon se guiar na escuridão e caí no sono.

Acordei no escuro, com o cheiro da pele dele e as luzes e os ruídos da cidade abafados pelas janelas acústicas e as persianas grossas.

Gideon deslizou para perto de mim, uma sombra em movimento, com sua pele nua ainda fria. Sua boca cobriu a minha em um beijo lento e profundo, com um toque de menta misturado ao seu sabor todo particular. Minhas mãos percorreram suas costas musculosas, e eu abri as pernas para abrigá-lo confortavelmente junto ao meu corpo. Seu peso contra mim fez meu coração palpitar e meu sangue ferver de desejo.

“Ora, olá pra você também”, eu disse baixinho quando ele me deixou respirar.

“Da próxima vez você vai comigo”, ele murmurou com sua voz sexy e grave, mordiscando meu pescoço.

“Ah, vou?”, provoquei.

Ele agarrou minha bunda com uma das mãos, erguendo-me até que eu me encaixasse em seus quadris. “Vai. Eu senti sua falta, Eva.”

Fiz um sinal de negativo com os dedos, na esperança de que ele pudesse ver. “Você não se acostumou comigo a ponto de sentir minha falta.”

“Para você ver como não sabe de nada”, desdenhou Gideon, descendo por meu corpo e se posicionando entre meus seios.

Respirei fundo quando ele abocanhou e chupou um mamilo, sucções poderosas que reverberaram por todo o meu corpo contorcido. Ele passou para o outro seio, puxando com a mão a barra do meu baby-doll. Eu me inclinei em sua direção, entregue à magia de sua boca, que percorria todo o meu corpo. Sua língua entrou no meu umbigo, e depois começou a descer ainda mais.

“E você sentiu minha falta”, ele gemeu de satisfação masculina, enfiando a pontinha do dedo do meio em mim. “Está toda aberta e molhada pra mim.”

Gideon apoiou minhas pernas sobre seus ombros e me lambeu no meio das pernas com

toques provocativos e aveludados contra minha pele sensível. Minhas mãos agarraram os lençóis, e meu peito subia e descia enquanto ele circundava meu clitóris com a ponta da língua e depois começava a brincar com aquela terminação nervosa hipersensível. Gemi bem alto, remexendo incansavelmente os quadris na direção daquele tormento delicioso, sentindo meus músculos enrijecerem diante da necessidade incontornável de gozar.

O estímulo de sua língua estava me deixando maluca, fazendo minha excitação chegar às alturas, mas não era suficiente para me fazer gozar. “Gideon, por favor.”

“Ainda não.”

Ele me torturou, levando meu corpo até a beira do orgasmo e depois deixando a excitação baixar. De novo e de novo. Até que o suor brotasse da minha pele e meu coração parecesse que ia explodir. Sua língua era incansável e diabólica, concentrando-se habilmente no meu clitóris até perceber que eu estava prestes a gozar, e então abrindo caminho para dentro mim. Aquelas estocadas rasas e macias eram de enlouquecer. Seu estímulo contra meus tecidos aflorados me deixou desesperada a ponto de implorar sem a menor vergonha.

“Por favor, Gideon… me deixe gozar… eu preciso gozar, por favor.”

“Quietinha, meu anjo… Deixe que eu cuido de você.”

Ele me fez chegar ao clímax com uma suavidade que fez com que o orgasmo me invadisse como o arrebentar de uma onda, elevando-se e ganhando corpo antes de se espalhar por mim como uma inundação morna de prazer.

Gideon envolveu meus dedos com os dele quando me fez gozar mais uma vez, segurando meus braços. A cabeça do pau dele se aninhou na entrada úmida do meu corpo e ele me invadiu de forma implacável. Gemi, ajeitando a posição para acomodar seu membro enorme.

A respiração de Gideon se tornava mais áspera e úmida contra meu pescoço, e seu corpo tremia à medida que ele entrava e saía de dentro de mim. “Você é tão quentinha e macia. E minha, Eva. Você é minha.”

Envolvi seus quadris com as pernas, convidando-o a entrar mais fundo, sentindo seus glúteos se flexionarem e relaxarem contra minhas panturrilhas enquanto ele demonstrava para meu corpo que ia me penetrar até o fim.

Com nossas mãos entrelaçadas, ele beijou minha boca e começou a se mover, entrando e saindo com uma habilidade de enlouquecer, num ritmo preciso e incansável, apesar de tranquilo e sem pressa. Eu sentia cada centímetro do seu membro duro, sentia que ele tomaria posse de cada pedacinho do meu corpo. Ele reiterou a mensagem sem parar até eu

ficar sem fôlego beijando sua boca, movendo-me sem parar ao seu encontro, com as mãos pálidas sob a pegada forte das mãos dele.

Gideon soltava palavras elogiosas e excitantes, dizendo-me o quanto eu era linda… o quanto era perfeita para ele… que ele não ia parar… não conseguia parar. Gozei com um grito agudo de alívio, sentindo meu corpo vibrar de êxtase, e ele também estava quase lá. Acelerou o ritmo em várias estocadas arrebatadoras, e depois chegou ao clímax sussurrando meu nome, gozando dentro de mim.

Afundei no colchão me sentindo sem forças, suada e totalmente preenchida.

“Ainda não terminei”, ele murmurou de forma quase ameaçadora, ajeitando os joelhos para aumentar a força de suas investidas. Ele continuou num ritmo cuidadosamente controlado. Cada estocada parecia dizer *Seu corpo existe para me servir*.

Mordendo os lábios, lutei para reprimir os ruídos de prazer inenarrável que teriam perturbado o silêncio da noite… e esconder a extensão dos sentimentos temerários que eu estava começando a sentir por Gideon Cross.

12

Gideon me pegou no chuveiro na manhã seguinte. Ele entrou na banheira gloriosamente nu, com a elegância confiante que admirei desde o início. Observando seus músculos se flexionarem enquanto se movia, nem disfarcei ao olhar o magnífico pacote que havia entre suas pernas.

Apesar da água quente, meus mamilos ficaram duros e eu senti arrepios pelo corpo todo.

O sorriso que ele abriu quando se juntou a mim mostrava que sabia exatamente o efeito que provocava. Eu me vinguei passando as mãos ensaboadas por todo o seu corpo divino, depois me sentei no banquinho e o chupei com tanto entusiasmo que ele precisou se equilibrar se apoiando com as duas mãos na parede.

As instruções que ele ditou para mim com a voz rouca e grave ecoaram na minha mente enquanto eu me vestia para o trabalho — o que fiz sem perder tempo, antes que ele tivesse a chance de me foder todinha, como havia ameaçado fazer pouco antes de gozar com força na minha garganta.

Naquela noite não houve pesadelos. O sexo parecia ser um sedativo eficiente, para a minha satisfação.

“Espero que você não esteja pensando que escapou”, Gideon disse quando veio atrás de mim na cozinha. Imaculadamente vestido com seu terno preto de risca de giz, ele aceitou a xícara de café que ofereci enquanto me lançava um olhar que era uma promessa de todos os tipos de perversões. Vendo-o em seus trajes impecavelmente civilizados, pensei no homem insaciável que se enfiou na minha cama na noite anterior. Meu coração acelerou. Eu estava dolorida, meus músculos ainda se contraíam diante da recordação do prazer, e mesmo assim queria mais.

“Continue olhando assim pra mim”, ele ameaçou, inclinando-se casualmente sobre o balcão e bebendo café. “Veja o que acontece.”

“Vou perder meu emprego por sua causa.”

“Eu arrumo outro para você.”

Soltei uma risadinha. “De quê? Escrava sexual?”

“Boa sugestão. Podemos conversar a respeito.”

“Muito cruel, você”, murmurei enquanto enxaguava minha caneca na pia e punha na lava-louças. “Está pronto? Pro *trabalho*?”

Ele terminou o café, e eu estendi a mão para pegar a caneca, mas ele passou por mim e a enxaguou ele mesmo. Outra demonstração de mortalidade que demonstrava como ele era acessível e não um ser divino, uma fantasia à qual não tive muito tempo para me apegar.

Gideon me encarou. “Quero levar você pra jantar hoje à noite, e depois pra minha casa, pra minha cama.”

“Não quero que você enjoe logo de mim, Gideon.” Ele era um homem acostumado a ficar sozinho, alguém que não entrava num relacionamento de verdade fazia muito tempo, se é que algum dia tivera um. Quanto tempo demoraria até seus instintos falarem mais alto? Além disso, precisávamos evitar aparecer em público juntos…

“Não arrume desculpas.” Ele fechou a cara. “Não é você quem vai dizer se sou ou não capaz de manter esta relação.”

Fiquei chateada por tê-lo ofendido. Ele estava se esforçando, e eu precisava incentivar seu comportamento, não criticar. “Não foi isso que eu quis dizer. Eu só não quero sufocar você. Além disso, precisamos…”

“Eva.” Ele suspirou. Aquela tensão toda o estava deixando exasperado. “Você precisa confiar em mim. Eu confiei em você. Se não tivesse feito isso, não estaríamos aqui agora.”

Concordei com a cabeça, engolindo em seco. “Então está combinado, jantar fora e depois vamos pra sua casa. Sinceramente, mal posso esperar.”

O discurso de Gideon sobre confiança ficou na minha cabeça a manhã toda, o que se mostrou uma coisa boa quando mais um alerta do Google apareceu na minha caixa de entrada.

Havia mais de uma foto dessa vez. Todos os artigos e posts de blogs continham diversas imagens de mim e de Cary trocando abraços de despedida ao sair do restaurante onde almoçamos no dia anterior. As legendas eram especulações sobre a natureza da nossa relação, e algumas incluíam a informação de que vivíamos juntos. Outras sugeriam que eu estava enrolando o “playboy bilionário Cross” enquanto mantinha um relacionamento paralelo com meu namorado modelo.

A razão para tudo aquilo ficou clara quando vi uma fotografia de Gideon entre as minhas com Cary. Havia sido tirada na noite anterior, enquanto eu estava em casa com

Cary e Trey — quando ele deveria estar num jantar de negócios, conforme havia me dito. Na imagem, Gideon e Magdalene Perez sorriam intimamente um para o outro, de braços dados na frente de um restaurante. As legendas variavam de exaltações à "coleção de belas socialites" de Gideon a especulações de que ele estava afogando as mágoas causadas pela minha infidelidade.

Você precisa confiar em mim.

Fechei o e-mail com a respiração e a pulsação fora de controle. A confusão e o ciúme provocavam um turbilhão dentro de mim. Sabia que ele não seria capaz de manter uma relação íntima com outra mulher, sabia que gostava de mim. Mas eu odiava Magdalene com tamanho ardor — algo que ela mesma havia provocado com aquela nossa conversinha no banheiro — que não conseguia suportar a ideia de vê-la com Gideon. Não suportava vê-lo sorrir para ela com tanto carinho, especialmente depois da maneira como ela me tratou.

Mas no fim deixei tudo de lado. Abandonei temporariamente esses pensamentos e me concentrei no trabalho. Mark teria uma reunião com Gideon no dia seguinte sobre a solicitação de proposta da campanha da Kingsman, e eu estava coordenando o fluxo de informações entre ele e os demais departamentos envolvidos.

"Ei, Eva." Mark esticou a cabeça para fora da sala dele. "Steve e eu vamos almoçar no Bryant Park Grill, e ele me pediu pra convidar você."

"Eu adoraria." Meus horizontes para aquela tarde se abriram com a possibilidade de almoçar em um dos meus restaurantes favoritos com dois caras sensacionais. Seria bom para desviar meu pensamento da conversa que em breve eu teria com Gideon sobre meu passado.

Minha privacidade claramente havia ido para o espaço. Eu teria que tomar coragem e conversar com ele antes de sairmos para jantar. Antes que Gideon voltasse a ser visto comigo em público. Ele precisava saber do risco que corria ao associar sua imagem à minha.

Quando recebi uma correspondência interna pouco tempo depois, imaginei que fosse um modelo de anúncio para a Kingsman, mas na verdade era um bilhete dele.

HORA DO ALMOÇO. MEU ESCRITÓRIO.

"Sério mesmo?", murmurei, irritada pela secura da mensagem. Sem falar no tom imperativo. E como esquecer o fato de ele não ter mencionado que tinha se encontrado

com Magdalene no jantar?

Será que Gideon a tinha convidado para acompanhá-lo no meu lugar? Era para isso que ela servia, afinal de contas. Era a mulher que com quem ele comparecia aos eventos que iam além de seu quarto de hotel.

No verso do cartão em que Gideon mandou o bilhete, escrevi uma mensagem igualmente curta e sem assinatura.

Desculpe. Outros planos.

Uma resposta antipática, mas ele mereceu. Faltando quinze para o meio-dia, Mark e eu descemos. Quando o segurança me barrou e ligou para Gideon avisando que eu estava no saguão, minha irritação virou revolta.

“Vamos embora”, eu disse para Mark, atravessando a porta giratória, ignorando os apelos do segurança para que eu esperasse. Eu me senti mal por envolver meu chefe naquela situação.

Vi Angus e o Bentley estacionados no meio-fio, e nesse exato momento a voz de Gideon proferiu meu nome como uma chicotada nas minhas costas. Eu me virei para ele e vi sua expressão gelada e impassível.

“Vou almoçar com meu chefe”, eu disse, segurando o choro.

“Aonde vocês vão, Garrity?”, Gideon perguntou sem tirar os olhos de mim.

“Ao Bryant Park Grill.”

“Eu levo Eva até lá.” Dito isso, ele me pegou pelo braço e me conduziu com firmeza até a porta traseira do Bentley, que Angus já tinha aberto para mim. Gideon entrou logo depois, forçando-me a deslizar pelo assento. A porta se fechou e o carro arrancou.

Ajeitei meu vestido preto de volta para o lugar. “O que você está fazendo? Além de me envergonhar na frente do meu chefe!”

Ele jogou o braço por cima do assento e se inclinou até mim. “Cary está apaixonado por você?”

“Quê? Não!”

“Você já trepou com ele?”

“Você enlouqueceu?” Abismada, arrisquei olhar para Angus e notei que ele estava tentando não ouvir. “Olha só quem fala, o playboy bilionário com uma coleção de belas

socialites.”

“Então você viu as fotos.”

Eu estava bufando de raiva. Como ele tinha coragem de dizer aquilo? Virei a cabeça para o outro lado, tentando me livrar dele e de suas acusações idiotas. “Cary é como um irmão pra mim. Você sabe disso.”

“Sim, mas você pra ele é o quê? Aquelas fotos são bem claras, Eva. Sei reconhecer o amor quando o vejo.”

Angus diminuiu a marcha para que os pedestres atravessassem a rua. Abri a porta e olhei para Gideon por cima do ombro, permitindo que ele me encarasse. “Isso você claramente não sabe.”

Bati a porta com força e saí andando sem pensar duas vezes, sabendo que tinha todo o direito de estar revoltada. Eu havia feito um esforço hercúleo para dominar meu ciúme e o que ganhava em troca? Um Gideon furioso e totalmente irracional.

“Eva. Pare agora.”

Fiz um gesto ofensivo para ele por cima do ombro e subi correndo os degraus do Bryant Park, um oásis luxuosamente verde e tranquilo bem no meio da cidade. Cruzar aquela entrada era como ser transportada para outro mundo. Escondido entre os arranha-céus ao redor, o parque ficava no jardim dos fundos de uma belíssima biblioteca antiga. Um lugar onde o tempo corria mais devagar, onde as crianças sorriam com o prazer inocente de andar no carrossel, e os livros eram valorizados como bons companheiros.

Infelizmente para mim, um ogro maravilhoso do mundo real havia me seguido até lá. Gideon me agarrou pelo punho.

“Não corra”, ele sussurrou na minha orelha.

“Você está dando uma de maluco.”

“Deve ser porque você está me deixando louco.” Seus braços se contraíram como garras de aço. “Você é minha. Diga que Cary sabe disso.”

“Sabe. Da mesma forma como Magdalene sabe que você é meu.” Queria que ele estivesse ao alcance da minha boca, para poder mordê-lo. “Você está dando vexame.”

“Poderíamos ter feito isso no escritório se você não fosse tão teimosa.”

“Eu já tinha compromisso. Que você está arruinando, aliás.” Minha voz sucumbiu ao choro, e as lágrimas rolaram só de pensar na quantidade de pessoas que deveriam estar vendo aquela cena. Eu seria demitida por não saber me comportar em público. “Você estragou tudo.”

Gideon me soltou por um instante, forçando-me a olhar para ele. Suas mãos nos meus ombros eram um sinal de que eu ainda não estava livre.

“Minha nossa.” Ele me puxou para perto dele, e meus lábios roçaram seus cabelos. “Não chore. Desculpe.”

Dei um soco no peito dele, um golpe tão eficiente como tentar derrubar uma parede de concreto a tapa. “Qual é o seu problema? Você pode sair com uma piranha arrogante que me chama de vagabunda e acha que ainda vai ser sua mulher, mas não posso almoçar com um amigo que sempre fez tudo por mim?”

“Eva.” Ele agarrou minha nuca com uma das mãos e apertou seu rosto contra o meu. “Por acaso Maggie estava no mesmo restaurante em que estava ocorrendo o tal jantar de negócios.”

“Não me interessa. E você ainda vem falar sobre o olhar no rosto dos outros. O jeito como você olha pra ela… Como você pode fazer isso depois de tudo o que ela disse pra mim?”

“Meu anjo…” Os lábios dele beijavam ardentemente todo o meu rosto. “Aquele olhar era pra você. Maggie foi conversar comigo lá fora e eu disse que estava indo pra sua casa. Não consigo evitar esse olhar no meu rosto quando penso em nós dois.”

“E você quer que eu acredite que ela abriu um sorrisão ao ouvir isso?”

“Ela me pediu para mandar um oi, mas eu achei que isso não pegaria muito bem, e não queria de jeito nenhum estragar nossa noite por causa dela.”

Abracei a cintura dele por baixo do paletó. “Precisamos conversar. Hoje à noite, Gideon. Preciso contar algumas coisas pra você. Se um repórter souber onde procurar e der um pouco de sorte… Nossa relação tem que ficar restrita a nós dois, ou então terminar. Seja como for, vai ser melhor pra você.”

Gideon envolveu meu rosto com as mãos e apertou sua testa contra a minha. “Não vai ser uma coisa nem outra. Vamos dar um jeito de contornar isso, seja o que for.”

Fiquei na ponta dos pés e encontrei sua boca. Nossas línguas se encontraram e se acariciaram em um beijo apaixonado. Eu estava consciente, até certo ponto, da multidão ao nosso redor, do rumor das diversas conversas, do ruído constante do trânsito ininterrupto, mas, nos braços de Gideon, sob sua proteção, nada disso importava. Ele era ao mesmo tempo um tormento e um prazer, um homem cujas mudanças de humor só rivalizavam com as minhas.

“Pronto”, ele sussurrou, acariciando meu rosto com os dedos. “Vamos deixar *esta* imagem se espalhar pela internet.”

“Você não está levando a sério o que eu digo, seu teimoso. Preciso ir.”

“Vamos pra casa juntos depois do trabalho.” Ele se afastou, segurando a minha mão até a distância enfim separar nossos dedos.

Quando me virei para o restaurante com paredes cobertas por trepadeiras, vi Mark e Steven esperando por mim logo na entrada. Eles formavam um casal curioso — Mark de terno e gravata, Steven de jeans surrado e botas de operário.

Steven estava com as mãos nos bolsos e um enorme sorriso em seu lindo rosto. “Acho que eu deveria aplaudir. Foi mais legal que ver uma comédia romântica.”

Fiquei vermelha de vergonha e me encolhi toda.

Mark abriu a porta e fez sinal para que eu entrasse. “Acho que você pode esquecer o que falei sobre Cross ser um cafajeste.”

“Obrigada por não me demitir”, eu disse em tom de brincadeira antes que a hostess aparecesse para confirmar nossa reserva. “Ou pelo menos por não me demitir de barriga vazia.”

Steven deu tapinha no meu ombro. “Mark não pode se dar ao luxo de perder você.”

Meu chefe puxou uma cadeira para mim e sorriu. “De que outra forma eu e Steve receberíamos notícias sobre sua vida amorosa? Ele é viciado em novelas. Fanático por histórias de amor.”

Dei risada. “Você está brincando!”

Steven passou a mão pelo queixo e sorriu. “Nunca vou admitir nem uma coisa nem outra. Um homem tem direito a seus segredos.”

Apesar de ter achado graça naquilo, eu sabia que também tinha minhas verdades ocultas. E que estava chegando a hora de elas virem à tona.

Quando chegaram as cinco horas, ainda não me sentia pronta para revelar meus segredos. Estava tensa e séria quando Gideon e eu entramos no Bentley, e minha inquietação só aumentou quando percebi que ele estava observando atentamente a expressão do meu rosto. Ele pegou minha mão e a beijou, e eu senti vontade de chorar. Ainda estava me recuperando da nossa discussão, e aquela na verdade era a menor das nossas preocupações.

Não conversamos até chegar ao apartamento.

Quando entramos em sua casa, ele me guiou pela linda e luxuosa sala até o corredor que levava a seu quarto. Sobre a cama, havia um lindo vestido da cor dos olhos de Gideon e um robe de seda longo.

“Tirei um tempinho pra fazer umas compras antes do jantar de ontem”, ele explicou.

Minha apreensão deu uma leve trégua, amenizada por aquela demonstração de gentileza. “Obrigada.”

Ele deixou minha bolsa em uma cadeira perto da cômoda. “Queria que você ficasse à vontade. Pode usar o robe ou alguma roupa minha. Vou abrir uma garrafa de vinho e já volto. Quando quiser, podemos conversar.”

“Eu queria tomar um banho rápido antes.” Desejei que fosse possível separar o que aconteceu no parque do que eu tinha para contar, de modo que uma coisa não se misturasse com a outra, mas não havia escolha. Cada dia que passasse seria uma nova oportunidade de Gideon descobrir através de outra pessoa algo que precisava ser dito por mim.

“Como quiser, meu anjo. Sinta-se em casa.”

Quando desci dos saltos e fui para o banheiro, senti o peso de sua preocupação, mas minhas revelações teriam que esperar até eu conseguir me recompor. Em uma tentativa de retomar o controle, passei um bom tempo no chuveiro. Infelizmente, aquilo só me fez lembrar do banho que tomamos juntos naquela manhã. Teria sido o primeiro e último da nossa vida de casal?

Quando senti que estava pronta, encontrei Gideon sentado no sofá da sala. Estava com uma calça de pijama de seda preta, bem folgada e baixa nos quadris. E nada mais. Uma pequena chama crepitava na lareira e havia uma garrafa de vinho branco mergulhada num balde de gelo em cima da mesa de centro. A luz dourada das velas ao redor era a única fonte de iluminação além da lareira.

“Com licença”, eu disse, parada na entrada do cômodo. “Estou procurando por Gideon Cross, o homem que não tem o romance no seu repertório.”

Ele sorriu, um tanto envergonhado, um sorriso de menino que contrastava com a sexualidade madura do seu corpo seminu. “Não vejo isso como romance. Estou só tentando agradar. Simplesmente penso em uma coisa e torço para dar certo.”

“O que me agrada é *você*.” Fui até ele com o robe de seda flutuando em torno das minhas pernas. Adorei ver que ele tinha vestido uma roupa que combinava com aquela que havia comprado para mim.

“É o que eu quero”, ele disse num tom bem sério. “Estou tentando.”

Parei na frente dele e admirei a beleza do seu rosto e a maneira sexy como as pontas dos seus cabelos acariciavam a parte superior dos seus ombros. Percorri seus bíceps com as palmas das mãos, apertando suavemente sua musculatura rígida antes de colocar meu rosto contra seu peito.

“Ei”, ele murmurou, envolvendo-me em seus braços. “Isso é porque fui um babaca na hora do almoço? Ou por causa daquilo que você quer me contar? Fale comigo, Eva, pra que eu possa dizer que vai ficar tudo bem.”

Esfreguei o nariz no peitoral dele, sentindo seus pelos roçarem no meu rosto, sua respiração e o cheiro familiar e reconfortante de sua pele. “Acho melhor você sentar. Tenho umas coisas sobre mim pra contar. Coisas pesadas.”

Um tanto relutante, Gideon me soltou quando me afastei dele. Aninhei-me no sofá, sentando sobre os calcanhares, e ele serviu duas taças de vinho antes de sentar. Inclinado na minha direção, ele apoiou um dos braços sobre o encosto do sofá e segurou a taça com a outra mão, concedendo a mim toda a sua atenção.

“Muito bem. Lá vai.” Respirei fundo antes de começar, sentindo-me tonta pelo batimento acelerado do meu coração. Não conseguia me lembrar da última vez que havia ficado tão nervosa e com o estômago tão embrulhado.

“Minha mãe e meu pai não eram casados. Não sei muito bem como eles se conheceram, porque nenhum dos dois gosta de falar a respeito. Sei que a família da minha mãe tinha dinheiro. Não tanto quanto os maridos dela, mas com certeza mais que a maioria das pessoas. Ela era uma debutante. Passou por todo o ritual do vestido branco e da apresentação à sociedade. Ficar grávida era uma grande complicação para a vida dela, mas mesmo assim minha mãe não interrompeu a gravidez.”

Olhei para a minha taça de vinho. “Eu a admiro muito por isso. Houve muita pressão para que tirasse o bebê — no caso, *eu* —, mas ela foi até o fim. Obviamente.”

Seus dedos passeavam pelos meus cabelos ainda molhados do banho. “Sorte minha.”

Peguei sua mão e beijei seus dedos, depois a segurei junto ao meu colo. “Mesmo sendo novinha, ela conseguiu fisgar um milionário. Era um viúvo com um filho só dois anos mais velho que eu, então acho que todos pensaram que o casamento seria muito conveniente para ambas as partes. Ele viajava muito e quase não parava em casa. Minha mãe poderia gastar o dinheiro dele à vontade e em troca assumiria a criação do garoto.”

“Eu entendo essa necessidade de ter dinheiro, Eva”, ele murmurou. “É uma coisa que eu também tenho. O poder que ele traz. A segurança.”

Nossos olhares se encontraram. Alguma coisa se fortaleceu entre nós naquele momento

de sinceridade. Isso tornou mais fácil para mim continuar a história.

“Eu tinha dez anos quando o filho do meu padrasto me estuprou pela primeira vez…”

A haste da taça dele se partiu em sua mão. Ele ainda teve o reflexo de apanhar o bojo caído sobre sua perna antes que o conteúdo se derramasse.

Eu me levantei às pressas quando vi que ele fez o mesmo. “Você se cortou? Está tudo bem?”

“Estou bem”, ele disse entre os dentes. Depois foi até a cozinha e jogou a taça quebrada no lixo, acabando de estilhaçá-la. Coloquei minha taça sobre a mesa com cuidado, com as mãos trêmulas. Ouvi os armários da cozinha abrindo e fechando. Minutos depois, Gideon voltou, trazendo um copo com uma bebida mais escura nas mãos.

“Sente-se, Eva.”

Olhei para ele. Estava tenso, com os olhos gelados. Ele acariciou meu rosto e falou num tom mais suave: “Sente-se… por favor”.

Minhas pernas bambas cederam, e eu me sentei na beirada do sofá, apertando bem o robe contra o corpo.

Gideon permaneceu de pé, dando um grande gole em sua bebida. “Você disse que essa foi a primeira vez. Houve mais quantas?”

Respirei bem fundo, lutando para me acalmar. “Não sei. Perdi a conta.”

“Você contou para alguém? Contou para sua mãe?”

“Não. Pelo amor de Deus, se ela soubesse, teria me tirado de lá. Mas Nathan fez de tudo para me deixar apavorada, de modo que não tocasse no assunto.” Tentei engolir, mas minha garganta estava rígida, fechada, e a queimação que sentia fez com que eu me encolhesse toda. Quando voltei a falar, minha voz não passava de um sussurro. “Teve uma época em que a coisa ficou tão feia que eu quase contei mesmo assim, mas ele percebeu. Notou que eu estava prestes a abrir a boca. Foi quando quebrou o pescoço da minha gata e deixou o cadáver na minha cama.”

“Minha nossa.” Gideon estava ofegante. “Ele não era só um tarado, era totalmente maluco. E estava molestando você… Eva.”

“Os empregados da casa deviam saber”, continuei, de cabeça baixa, olhando para minhas mãos contorcidas. Eu só queria acabar logo com aquilo e fazer as lembranças voltarem para um compartimento da minha mente no qual elas não atrapalhassem minha vida no dia a dia. “Como não disseram nada, acho que também tinham motivos pra ter medo. Eles eram adultos e não abriram a boca. Eu era uma criança. O que eu poderia fazer

se os adultos não faziam nada?”

“Como você saiu dessa?”, ele perguntou com a voz rouca. “Quando isso terminou?”

“Quando eu tinha catorze anos. Pensei que estava menstruando, mas era sangue demais. Minha mãe entrou em pânico e me levou ao pronto-socorro. Tinha sido um aborto espontâneo. Durante o exame encontraram sinais de… outros traumas. Cicatrizes vaginais e anais…”

Gideon pôs seu copo na mesa, batendo-o com força contra a madeira.

“Sinto muito”, sussurrei, sentindo um nó no estômago. “Eu não queria entrar em detalhes, mas você precisa saber o que as pessoas podem descobrir se pesquisarem. O hospital fez uma denúncia ao conselho tutelar. Os arquivos do processo são confidenciais, mas muita gente conhece a história. Quando minha mãe se casou com o Stanton, ele fez questão de reforçar essa confidencialidade, ofereceu dinheiro em troca de acordos de sigilo… coisas do tipo. Mas você tem o direito de saber que essa coisa toda pode vir à tona e fazer você passar vergonha.”

“*Vergonha*?”, ele explodiu, remoendo-se de raiva. “O que estou sentindo agora não tem nada a ver com vergonha.”

“Gideon…”

“Eu destruiria a carreira do repórter que escrevesse sobre isso, depois fecharia o veículo que publicasse.” Ele estava furioso, mas demonstrava uma frieza glacial. “Vou encontrar o monstro que fez isso com você, Eva, quem quer que seja ele, e fazer com que se arrependa de ter nascido.”

Estremeci inteira, porque acreditava nele. Estava estampado em seu rosto. Marcado no seu tom de voz. Na energia que ele exalava e na sua determinação absoluta. Ele não era um moreno perigoso só por causa do visual. Gideon era um homem que conseguia o que queria. A qualquer preço.

Eu me levantei. “Não vale a pena gastar tempo e esforço com ele.”

“Por *você*, vale. E muito. O que for preciso.”

Cheguei mais perto da lareira e senti o calor do fogo. “E tem também o rastro deixado pelo dinheiro. Os policiais e os jornalistas sempre vão atrás do dinheiro. Alguém pode se perguntar por que minha mãe saiu do primeiro casamento com dois milhões de dólares e sua filha de outro relacionamento saiu com cinco.”

Não precisei nem olhar para ele para saber que estava paralisado. “Obviamente”, continuei, “essa quantia deve ser muito maior hoje em dia. Não sei nem quero saber o

total, mas quem administra esse dinheiro é Stanton, e todo mundo sabe que ele tem o toque de Midas. Portando, se alguma vez você desconfiou que eu poderia estar atrás do seu dinheiro…"

"Pode parar por aí."

Eu me virei para encará-lo. Vi seu rosto, seus olhos. Vi que estava horrorizado, e que sentia pena de mim. Mas foi o que *não vi* que mais me magoou.

Meu maior pesadelo tinha se materializado. O que eu mais temia é que meu passado tivesse um impacto negativo na atração que ele sentia por mim. Eu havia dito para Cary que Gideon poderia querer ficar comigo pelos motivos errados. Que ele poderia ficar ao meu lado, mas mesmo assim — para todos os efeitos — seria como se eu o tivesse perdido.

Era exatamente o que parecia ter acontecido.

13

Apertei ainda mais o laço do meu robe. “Vou me trocar e já estou indo.”

“Quê?” Gideon pareceu despertar. “Indo aonde?”

“Pra casa”, eu disse, sentindo-me exausta. “Acho que você precisa de tempo pra digerir tudo isso.”

Ele cruzou os braços. “Podemos fazer isso juntos.”

“Acho que não.” Eu estava quase chorando. A tristeza era maior que a vergonha e a decepção. “Não enquanto você continuar me olhando como se tivesse pena de mim.”

“Não tenho sangue de barata, Eva. Só não sendo humano para não se comover com essa história.”

Os sentimentos que vinham se acumulando desde a hora do almoço extravasaram na forma de uma dor aguda no meu peito e uma onda de raiva e sinceridade. “Não quero que você sinta pena de mim.”

Ele passou as duas mãos pelos cabelos. “Você quer o que então, porra?”

“Você! Eu quero você.”

“Isso você já tem. Quantas vezes preciso dizer?”

“As palavras não significam merda nenhuma sem uma atitude pra comprovar o que elas dizem. Desde que nos conhecemos, você sente tesão por mim. Não conseguia nem me olhar sem mostrar claramente que queria acabar na cama comigo. E eu não estou vendo isso agora, Gideon.” Meus olhos faiscavam. “Esse olhar… morreu.”

“Você não pode estar falando sério.” Ele me encarou como se eu tivesse dito o maior dos absurdos.

“Acho que você não entende o que seu desejo faz comigo.” Cruzei os braços, cobrindo meus seios. Estava me sentindo nua, e não no bom sentido. “Faz com que eu me sinta linda, poderosa e cheia de energia. Eu… não consigo nem pensar em continuar com você se esse desejo não existir mais.”

“Eva, eu…” Sua voz foi desaparecendo até silenciar. Sua expressão era carrancuda, distante. Ele estava com as mãos fechadas pendendo dos dois lados do corpo.

Afrouxei o laço do meu robe e fiquei totalmente nua. “Olhe pra mim, Gideon. Pro meu

corpo. É o mesmo corpo que você não queria largar ontem à noite. O mesmo corpo que você estava tão desesperado para possuir que me levou para aquele maldito quarto de hotel. Se não o quiser mais… se não conseguir mais se excitar olhando pra ele…”

“Isto é excitação suficiente pra você?” Ele desamarrou o cordão da calça e exibiu sua intensa e pulsante ereção.

Avançamos um para o outro ao mesmo tempo. Nossas bocas se encontraram quando ele me levantou para que eu envolvesse seus quadris com minhas pernas. Ele cambaleou até o sofá e se jogou sobre ele, usando uma das mãos para absorver o peso combinado dos nossos corpos.

Abri bem minhas pernas, soluçando e quase sem fôlego, quando ele se ajoelhou no chão e começou a me lamber. Foi um gesto um tanto bruto e impaciente, sem a finesse habitual, e eu estava adorando. Gostei ainda mais quando ele se ergueu e meteu em mim sem cerimônia. Eu já estava toda molhada, e aquela sensação me fez expirar com força, então senti seu polegar no meu clitóris, em movimentos circulares que faziam meus quadris se remexerem sem parar.

“Isso”, gemi, arranhando com força suas costas. Aquela frieza toda havia sumido. Ele tinha voltado a ser fogo puro. “Me fode, Gideon. Me fode com força.”

“*Eva.*” Ele cobriu minha boca com a sua e agarrou meu cabelo, mantendo-me imóvel enquanto investia contra mim de novo e de novo, entrando cada vez mais fundo. Ele afastou o encosto de braço com o pé e veio sobre mim com toda a vontade, perseguindo seu orgasmo de maneira obstinada e feroz. “Minha… minha… minha…”

As pancadas ritmadas das suas bolas contra a curvatura da minha bunda e a veemência do seu mantra possessivo me deixaram cheia de tesão. Sentia um novo estímulo no meu corpo a cada pontada de dor. Sentia meu sexo ficar cada vez mais apertado conforme a excitação crescia.

Com um grunhido longo e gutural, ele começou a gozar, estremecendo dos pés à cabeça à medida que se esvaziava dentro de mim.

Eu o agarrei quando ele chegou ao clímax, acariciando suas costas, beijando seus ombros.

“Espere aí”, ele disse asperamente, posicionando suas mãos por baixo de mim e me apertando contra ele.

Gideon me levantou e depois me pôs em cima dele. Eu estava lubrificada pelo orgasmo dele, o que facilitou a tarefa de trazê-lo de volta para dentro de mim.

Ele afastou os cabelos que cobriam meu rosto com a mão, depois limpou minhas

lágrimas de alívio. “Estou sempre pronto para você, sempre com tesão. Estou sempre morrendo de vontade. Se alguma coisa pudesse mudar isso, já teria sido feita antes de chegarmos a este ponto. Entendeu?”

Agarrei seus pulsos com as mãos. “Sim.”

“Agora mostre que *você* ainda me quer.” Seu rosto estava vermelho e suado, e os olhos, inebriados e turbulentos. “Preciso saber que perder o controle não significa perder você também.”

Tirei suas mãos do meu rosto e as levei aos meus seios. Quando ele os agarrou, lancei os braços nos seus ombros e comecei a remexer os quadris. Ele estava semiereto, mas logo endureceu quando comecei a rebolar. Seus dedos nos meus mamilos, apertando e fazendo movimentos circulares, provocaram ondas de prazer pelo meu corpo, um estímulo suave que chegava até as profundezas do meu ser. Quando ele me puxou mais para perto e abocanhou um dos meus peitos, gritei bem alto, ficando toda acesa e querendo mais.

Flexionei as coxas e me ergui no sofá. Fechei os olhos para me concentrar na sensação que ele produziu ao sair de dentro de mim; depois mordi o lábio ao senti-lo entrar novamente.

“Isso mesmo”, ele murmurou, lambendo meus seios até chegar ao outro mamilo, passando suavemente a língua pela pontinha dura e hipersensível. “Goza pra mim. Quero que você goze cavalgando meu pau.”

Mexendo os quadris, desfrutei da sensação maravilhosa de tê-lo dentro de mim por inteiro. Sem pudor e sem remorso, entrei em uma espécie de frenesi me movimentando sobre seu pênis, ajustando a angulação do movimento para que sua ponta grossa se esfregasse exatamente onde eu precisava.

“Gideon”, sussurrei. “Ai, assim… que delícia…”

“Você é tão linda.” Ele agarrou minha nuca com uma das mãos e minha cintura com a outra, arqueando os quadris para entrar ainda mais fundo. “Tão sexy. Vou gozar pra você de novo. É isso que você faz comigo, Eva. Eu nunca me canso.”

Estremeci ao sentir que meu corpo todo se enrijecia, assim como a gostosa tensão que surgiu a partir dos movimentos ritmados. Estava ofegante e quase fora de mim, remexendo os quadris sem parar. Levei a mão até o meio das pernas e massageei o clitóris com os dedos, ansiosa pelo momento de chegar ao clímax.

Ele respirou fundo e jogou a cabeça para trás no encosto do sofá. Era possível ver suas veias saltando no pescoço esticado. “Você está prontinha pra gozar. Sua boceta está toda quentinha e apertadinha, toda gulosa.”

Suas palavras e sua voz eram o que faltava. Gritei bem alto quando fui atingida pela primeira onda de tremor, depois senti o orgasmo se espalhar pelo meu corpo, sentindo meu sexo pulsar em torno da sólida ereção de Gideon.

Com os dentes rangendo audivelmente, ele se manteve firme até as contrações diminuírem; depois ergueu meus quadris e me penetrou com força. Na terceira estocada profunda, ele urrou meu nome e soltou seu jorro quente, exterminando meus últimos medos e questionamentos.

Não sei quanto tempo ficamos no sofá daquele jeito, grudados um no outro, com minha cabeça apoiada no seu ombro e suas mãos acariciando a curvatura das minhas costas.

Gideon beijou minha cabeça e pediu: “Fique aqui”.

“Vou ficar.”

Ele me abraçou. “Você é tão corajosa, Eva. Tão forte e sincera. Você é um milagre. Meu milagre.”

“Um milagre da terapia moderna, talvez”, ironizei, passeando com os dedos por seus luxuriosos cabelos. “E, mesmo assim, fiquei perturbada demais durante um bom tempo, e ainda existem alguns gatilhos que não sei se consigo encarar.”

“Minha nossa. A maneira como cheguei até você no começo… poderia ter arruinado tudo antes mesmo de começar. E aquilo lá no evento…” Ele se encolheu todo e enterrou a cabeça no meu pescoço. “Eva, não deixe que eu estrague tudo. Não permita que eu afaste você de mim.”

Levantei a cabeça em busca de seu rosto. Estava insuportavelmente lindo. Às vezes era difícil olhar para ele. “Você não pode ficar repensando tudo o que já fez ou falou pra mim por causa de Nathan. Isso só vai nos afastar. Vai acabar com a gente.”

“Não me diga uma coisa dessas. Nem pense nisso.”

Com os polegares, atenuei a expressão fechada de sua testa franzida. “Eu não devia ter contado. Seria melhor se você não soubesse.”

Ele pegou minha mão e beijou meus dedos. “Preciso saber de tudo, conhecer você nos mínimos detalhes, por dentro e por fora.”

“Uma mulher precisa ter seus segredos”, provoquei.

“Comigo você não vai ter nenhum.” Ele me agarrou pelos cabelos e passou um dos

braços pelos meus quadris, apertando-me, lembrando-me — como se fosse possível esquecer — de que ele ainda estava dentro de mim. “E eu vou possuir você, Eva. E vai ser justo, porque você já me possuiu.”

“E o que vamos fazer a respeito de seus segredos, Gideon?”

Seu rosto se transformou em uma máscara inexpressiva, com uma naturalidade tão grande que dava para perceber que aquilo era parte da natureza dele. “Recomecei do zero quando conheci você. Tudo o que eu pensava que era, tudo o que eu achava que precisava…” Ele balançou a cabeça. “Estamos descobrindo juntos quem eu sou. Você é a única pessoa que me conhece.”

Mas eu não o conhecia. Não de verdade. Estava descobrindo as coisas aos poucos, passo a passo, mas em muitos aspectos ele era um mistério para mim.

“Eva… Se você me disser exatamente o que quer…” Ele engoliu em seco. “Posso melhorar se você me der uma chance. Só não… não desista de mim.”

Jesus. Como era fácil para ele me deixar com o coração na mão. Algumas palavras, um olhar de desespero e eu já estava entregue.

Acariciei seu rosto, seus cabelos, seus ombros. Ele era traumatizado como eu, mas o motivo ainda era desconhecido para mim. “Preciso que você faça uma coisa por mim, Gideon.”

“Qualquer coisa. É só pedir.”

“Preciso que você me conte alguma coisa sobre você todos os dias. Alguma coisa pessoal, por mais insignificante que pareça. Preciso que você me prometa isso.”

Gideon me olhou desconfiado. “Pode ser o que eu quiser?”

Concordei com a cabeça. Eu não me sentia muito segura fazendo aquilo, e não sabia ao certo o que queria extrair dele.

Ele bufou. “Certo.”

Eu o beijei bem de levinho em sinal de agradecimento.

Roçando o nariz contra o meu, Gideon perguntou: “Vamos sair pra jantar ou quer pedir alguma coisa?”

“Tem certeza de que é uma boa sairmos juntos?”

“Quero mostrar pra todo mundo que você é minha namorada.”

Não havia como recusar um convite daquele — não sabendo o avanço que aquilo representava para ele. Para nós dois, na verdade, já que nossa última saída como um casal

havia sido um desastre. “Parece uma ideia bem romântica. E irresistível.”

Seu sorriso de alegria foi minha recompensa, além do banho que tomamos juntos. Eu adorava aquele momento íntimo de lavar seu corpo, assim como adorava sentir suas mãos deslizando sobre o meu. Quando peguei sua mão e a pus entre as minhas pernas, incentivando-o a enfiar os dedos em mim, vi o tão familiar e bem-vindo tesão no seu olhar quando ele sentiu o que havia deixado lá dentro.

Ele me beijou e murmurou: “Minha”.

Isso me incentivou a pegar seu pau com as duas mãos e sussurrar eu mesma um pronome possessivo.

Já no quarto, posicionei meu novo vestido azul na frente do corpo. “Foi você que escolheu, Gideon?”

“Fui eu, sim. Gostou?”

“É lindo.” Abri um sorriso. “Minha mãe falou que você tem muito bom gosto… a não ser pela preferência por morenas.”

Ele olhou para mim e logo depois desapareceu em seu closet gigantesco. “Que morenas?”

“Ah, é assim que se fala.”

“Abra a gaveta da direita, a de cima”, ele gritou lá de dentro.

Ele estava só querendo desviar a atenção de todas as morenas com quem tinha sido fotografado — inclusive Magdalene?

Deixei o vestido na cama e abri a gaveta. Lá dentro havia dezenas de conjuntos de lingerie Carine Gilson, todos do meu tamanho, em uma enorme variedade de cores, além de cintas-ligas e meias de seda, tudo ainda na embalagem.

Olhei para Gideon quando ele reapareceu segurando as roupas que ia vestir. “Então eu tenho uma gaveta?”

“Três na cômoda e duas no banheiro.”

“Gideon.” Eu sorri. “Abrir espaço na gaveta da cômoda é uma coisa que só se faz depois de alguns meses.”

“Como é que eu ia saber?” Ele estendeu suas roupas sobre a cama. “Você já morou com outro homem além de Cary?”

Eu o fuzilei com o olhar. “Ter uma gaveta não é a mesma coisa que morar com alguém.”

“Isso não responde à minha pergunta.” Ele andou na minha direção, tirou-me gentilmente do caminho e pegou uma cueca.

Pressentindo mais uma de suas mudanças de humor, respondi antes que ele emburrasse. “Não, nunca morei com nenhum outro homem.”

Abaixando um pouco, Gideon deu um beijo repentino na minha testa antes de voltar a se vestir. Ele parou no pé da cama, de costas para mim. “Quero que nosso relacionamento seja o mais marcante da sua vida.”

“Já é. De longe.” Apertei a toalha contra o peito. “Chega a ser estranho, até. Nosso relacionamento virou uma coisa importante muito rápido. Talvez rápido demais. Fico o tempo todo me perguntando se não é bom demais pra ser verdade.”

Ele se virou e me encarou. “Talvez seja. E, se for, nós merecemos.”

Fui até ele e me joguei em seus braços. Era ali que eu desejava poder ficar para sempre.

Ele deu um beijo na minha cabeça. “Não consigo suportar a ideia de que você queira que isto acabe. É o que você está fazendo, não? Pelo menos é o que parece.”

“Desculpe.”

“Precisamos fazer com que você deixe de se sentir insegura.” Ele passou os dedos pelos meus cabelos. “Como podemos fazer isso?”

Hesitei por um momento, mas acabei dizendo o que queria. “Você faria terapia comigo?”

Seus dedos pararam de se mover. Ele ficou em silêncio por um instante, respirando profundamente.

“Pelo menos pense a respeito”, sugeri. “Ou procure se informar melhor, saber como funciona.”

“Estou me saindo tão mal assim? Na nossa relação? Só estou dando bola fora mesmo?”

Eu me afastei um pouco, para poder olhar para ele. “Não, Gideon. Você é perfeito. Pelo menos pra mim. Sou louca por você. Acho que você é…”

Ele me beijou. “Tudo bem. Eu vou.”

Naquele momento, senti que o amava. Loucamente. E no momento seguinte. E durante toda a programação naquela noite, um jantar íntimo e maravilhoso no Masa. Só havia três mesas ocupadas no restaurante, e Gideon foi cumprimentado pelo nome ao chegar. A comida estava divina, e o vinho era tão caro que, se eu parasse para pensar a respeito, teria até vergonha de beber. Gideon era perigosamente carismático; seu charme era natural e

sedutor.

Eu estava de ótimo humor, sentindo-me linda no vestido que ele havia escolhido para mim. Gideon já sabia o que eu tinha de pior a revelar, e ainda estava comigo.

Seus dedos acariciavam meus ombros… desenhavam círculos na minha nuca… desciam pelas minhas costas. Ele beijou minha têmpora e roçou a minha orelha com o nariz, tocando levemente minha pele sensível com a língua. Meu corpo inteiro vibrou em reação à sua presença. Meu desejo por ele era tão forte que até doía.

“Como você conheceu Cary?”, ele perguntou enquanto dava um gole no seu vinho.

“Terapia de grupo”, segurei a mão dele para conter sua escalada pela minha perna, sorrindo diante da malícia que vi em seus olhos. “Meu pai é policial e ouviu falar de um terapeuta que fazia milagres com adolescentes rebeldes, e eu era uma. Cary se tratava com o doutor Travis também.”

“Fazia milagres, é?” Gideon sorriu.

“O doutor Travis é um terapeuta bem diferente de qualquer outro que conheci. Seu consultório fica num ginásio de esportes que ele adaptou para sua prática. Ele tem uma política de portas abertas com ‘sua garotada’, e circular por ali era muito mais eficaz que deitar num divã. Além disso, com ele não tinha conversa fiada. E ele exigia que a sinceridade fosse uma via de duas mãos, caso contrário ficava furioso. Isso eu sempre gostei nele, o fato de se importar com os pacientes a ponto de se alterar.”

“Você decidiu estudar na SDSU porque seu pai mora no sul da Califórnia?”

Abri um sorriso irônico ao ouvir outra revelação de que ele tinha mais informações do que eu havia revelado. “Você pesquisou muita coisa sobre mim?”

“Tudo o que fui capaz de descobrir.”

“E eu vou gostar de saber até que ponto você chegou?”

Ele levou minha mão até sua boca e a beijou. “Provavelmente não.”

Balancei a cabeça, aflita. “Sim, foi por isso que fui estudar na SDSU. Eu não tive a chance de conviver com meu pai quando era menina. Além disso, minha mãe estava me sufocando.”

“E você nunca conversou com seu pai sobre o que aconteceu?”

“Não.” Girei a haste da taça de vinho entre os dedos. “Ele sabia que eu era uma menina revoltada e insegura, com problemas de autoestima, mas nunca soube sobre Nathan.”

“Por que não?”

“Por que nada vai mudar o que aconteceu. Nathan foi punido nos termos da lei. O pai dele pagou uma indenização altíssima pra reparar os danos que ele causou. A justiça foi feita.”

“Discordo”, Gideon falou num tom de voz gelado.

“O que mais você queria?”

Ele deu um grande gole antes de responder. “Algo inapropriado para falar durante o jantar.”

“Ah.” Aquele comentário sinistro, combinado com seu olhar implacável, fez com que minha atenção se voltasse para a comida no prato. Não havia cardápio no Masa, apenas *omakase*, o que significava que cada porção era uma deliciosa surpresa, e a falta de movimento naquela noite fez com que sentíssemos que o lugar era só nosso.

Depois de um instante de silêncio, ele disse: “Adoro ver você comer”.

Olhei para ele. “O que você quer dizer com isso?”

“Você come com gosto. E seus gemidinhos me deixam com tesão.”

Acertei o ombro dele com o meu. “Pelo que você me falou antes, está sempre com tesão.”

“Culpa sua”, ele sorriu, o que me fez sorrir também.

Gideon comeu com ainda mais disposição que eu e nem se preocupou em examinar a conta astronômica.

Antes de sairmos, ele pôs seu paletó sobre meus ombros e disse: “Vamos à sua academia amanhã”.

Eu o encarei. “A sua é melhor.”

“Claro que é. Mas posso ir aonde você quiser.”

“De preferência um lugar que não tenha instrutores prestativos chamados Daniel?”, perguntei num tom inocente.

Ele me olhou com uma expressão de surpresa e um leve sorriso sarcástico. “Cuidado, meu anjo. Se continuar tirando sarro da minha possessividade, vai ter retaliação.”

Dessa vez, ele não ameaçou me bater. Gideon teria percebido que misturar dor com sexo era uma questão delicadíssima para mim? Algo que me transportava para um estado mental do qual eu queria distância?

No caminho de volta, aninhei-me junto a ele no banco traseiro do Bentley, com as pernas apoiadas sobre suas coxas e a cabeça sobre seu ombro. Fiquei pensando na maneira

como a violência de Nathan havia afetado minha vida — minha vida sexual em particular.

Quantos desses fantasmas Gideon e eu conseguiríamos exorcizar? Pelo arsenal de apetrechos que havia na gaveta de seu quarto de hotel, estava claro que ele era muito mais experiente e ousado que eu em termos sexuais. E o prazer que extraí de sua ferocidade na nossa transa no sofá era uma prova de que ele podia fazer coisas comigo que ninguém mais seria capaz.

“Confio em você”, sussurrei.

Ele me envolveu com força em seu abraço. E, com os lábios encostados nos meus cabelos, murmurou: “Nós fazemos bem um pro outro, Eva”.

Foi com essas palavras na minha mente que adormeci em seus braços mais tarde naquela noite.

“Não faça isso… Não. Não faça isso… Por favor.”

Os gritos de Gideon me fizeram pular da cama, com o coração disparado. Tive que me esforçar para recobrar o fôlego, observando com os olhos arregalados o homem que se contorcia ao meu lado.

Ele rosnava com um animal feroz, com as mãos fechadas, chutando sem parar. Eu me afastei, com medo de que ele me acertasse acidentalmente enquanto dormia.

“Saia de perto de mim!”, ele disse, ofegante.

“Gideon! Acorde.”

“Saia… saia…” Ele arqueou os quadris e soltou um gemido de dor. Ficou nessa posição, com os dentes cerrados e as costas arqueadas como se a cama abaixo de si estivesse em chamas. Então desabou, fazendo o colchão ceder sob seu peso.

“Gideon.” Tateei em busca do abajur do criado-mudo, com a garganta queimando. Não conseguia chegar até ele. Tive que me livrar das cobertas emaranhadas para chegar mais perto. Ele gemia agoniado, contorcia-se com tanta violência que a cama inteira tremia.

Alcancei o abajur e o quarto se iluminou. Eu me virei para ele…

E o encontrei se masturbando com uma violência atordoante.

A mão que segurava seu membro estava pálida de tanto fazer força, e se movia para cima e para baixo de maneira brutal. Seu lindo rosto estava deformado pela dor e pelo martírio.

Temendo pela sua segurança, sacudi seus ombros com as duas mãos. “Gideon, pelo amor de Deus. *Acorde!*”.

Meu grito interrompeu o pesadelo. Seus olhos se abriram e ele se sentou, olhando freneticamente ao redor.

“Quê?”, ele perguntou sem fôlego, com o peito ofegante. Seu rosto estava todo vermelho, principalmente as bochechas e os lábios. “O que foi?”

“Minha nossa.” Passei as mãos pelos cabelos e levantei, vestindo o robe preto que havia deixado no pé da cama.

O que se passava na cabeça dele? Que espécie de impulso sexual era capaz de produzir sonhos tão violentos?

“Você estava tendo um pesadelo”, disse com a voz trêmula. “Quase me matou de susto.”

“Eva.” Ele olhou para baixo e, ao notar sua ereção, ficou ainda mais vermelho, dessa vez de vergonha.

Eu o observava à distância, de perto da janela, fechando o robe com um puxão. “Você estava sonhando com o quê?”

Ele sacudiu a cabeça e abaixou-a, humilhado. Eu nunca o havia visto em uma posição tão vulnerável. Era como se outra pessoa estivesse ocupando seu corpo. “Não sei.”

“Mentira. Tem alguma coisa aí, corroendo você por dentro. O que é?”

Ele se recompôs visivelmente quando sua mente conseguiu espantar de vez o sono. “Foi só um sonho, Eva. Todo mundo sonha.”

Olhei bem para ele, magoada por estar sendo tratada daquela maneira, como se fosse uma imbecil. “Não me venha com essa.”

Ele corrigiu a postura e cobriu as pernas com o lençol. “Por que você está brava?”

“Porque você está mentindo.”

Ele inspirou profundamente; depois soltou o ar numa bufada. “Desculpe por ter acordado você.”

Apertei o espaço entre meus olhos, sentindo uma forte pontada de dor de cabeça se espalhar. Meus olhos ardiam de vontade de chorar por ele, de chorar por causa do martírio que ele estava enfrentando. De chorar por nós, porque, caso ele não se abrisse, nossa relação não teria futuro.

“Vou perguntar de novo, Gideon: com o que você estava sonhando?”

“Não lembro.” Ele passou as mãos pelos cabelos e pôs as pernas para fora da cama. “Estou com um negócio na cabeça que está atrapalhando meu sono. Vou trabalhar um pouco no escritório. Volte pra cama e durma mais um pouco.”

“Essa pergunta tinha mais de uma resposta certa, Gideon. ‘Vamos conversar sobre isso amanhã’ seria uma delas. ‘Vamos deixar pra falar disso no fim de semana’ seria outra. Até um ‘Não estou pronto para conversar sobre isso’ seria aceitável. Mas você tem a cara de pau de fingir que não sabe do que estou falando e de me tratar como uma imbecil.”

“Meu anjo…”

“Nem comece.” Pus as mãos na cintura. “Você acha que foi fácil contar a você sobre meu passado? Acha que foi tranquilo me abrir daquele jeito e pôr tanta sujeira pra fora? Teria sido mais fácil abrir mão de *você* e namorar alguém menos famoso. Corri esse risco porque quero ficar com você. Um dia, quem sabe, você queira fazer o mesmo.”

Saí do quarto.

“Eva! Que droga, Eva, volte aqui. Qual é a sua?”

Comecei a andar mais depressa. Sabia o que ele estava sentindo: o nó no estômago que se espalhava como um câncer, a raiva incontrolável e a necessidade de ficar a sós para tentar arrumar forças para empurrar as lembranças ruins de volta para o canto escuro de onde saíram.

Isso não era desculpa para mentir ou fingir que não estava acontecendo nada.

Peguei a bolsa na cadeira em que havia deixado antes de sair para jantar, fui embora às pressas pela porta da frente e logo entrei no elevador. A porta ainda estava se fechando quando o vi chegar à sala. Sua nudez o impediria de ir atrás de mim, e o olhar em seu rosto me impedia de ficar ali. Ele estava usando sua máscara de novo, a expressão impassível que mantinha o resto do mundo à distância.

Tremendo, segurei-me no apoio de bronze para não cair. Estava dividida entre minha preocupação com ele, que me induzia a ficar, e meu conhecimento adquirido a duras penas de que não seria capaz de conviver com o modo como ele lidava com seus traumas. O caminho da superação para mim foi o das verdades dolorosas, e não o das negações e mentiras.

Limpei as lágrimas e, ao passar pelo terceiro andar, respirei fundo e tentei me recompor antes de a porta se abrir e eu chegar ao saguão do edifício.

O porteiro chamou um táxi para mim demonstrando um profissionalismo exemplar, como se eu estivesse vestida para ir ao trabalho, e não descalça e usando apenas um robe de seda. Eu o agradeci com toda a sinceridade.

Senti tamanha gratidão pelo taxista por ter me levado bem depressa para casa que lhe dei uma bela gorjeta e nem me importei com os olhares furtivos do porteiro e do rapaz da recepção. Não me importei nem com o olhar da loira escultural que saiu do elevador quando eu entrei — pelo menos não até sentir o cheiro do perfume de Cary e me dar conta de que a camiseta que ela estava usando era dele.

Ela lançou um olhar irônico para a minha quase nudez. “Bonito robe.”

“Bonita camiseta.”

Ela foi embora com um sorrisinho no rosto.

Quando cheguei ao meu andar, encontrei Cary parado na porta de entrada, vestindo apenas um robe também.

Ele endireitou a postura e abriu os braços para mim. “Vem cá, gata.”

Fui bem depressa até ele e ganhei um abraço apertado com cheiro de perfume de mulher e sexo selvagem. “Quem é aquela menina que acabou de sair daqui?”

“Outra modelo. Não esquente a cabeça com ela.” Ele me levou para dentro e trancou a porta. “Cross ligou. Disse que você estava vindo pra casa e que suas chaves estavam com ele. Queria que eu estivesse acordado pra receber você. Não sei se faz diferença, mas ele parecia estar muito chateado e ansioso. Quer conversar a respeito?”

Deixei minha bolsa no balcão e entrei na cozinha. “Ele teve outro pesadelo. Um ainda pior. Quando perguntei sobre o que tinha sido, ele mentiu, depois começou a agir como se a maluca fosse eu.”

“Ah, o comportamento clássico.”

O telefone começou a tocar. Tirei o fone da base e desliguei a campainha, e Cary fez o mesmo com o do balcão. Depois tirei o celular da bolsa, ignorei os alertas de ligações perdidas e mandei uma mensagem para Gideon: *Estou em casa. Espero que consiga voltar a dormir*.

Desliguei o telefone e joguei de volta na bolsa; depois fui até a geladeira e peguei uma garrafa de água. “O problema mesmo é que contei todos os meus podres pra ele esta noite.”

Cary fez uma expressão de surpresa. “Então você conseguiu. Como ele reagiu?”

“Melhor do que eu esperava. É melhor Nathan torcer pra eles nunca se cruzarem.” Terminei de beber a água. “E Gideon concordou em fazer terapia de casal, como sugeriu. Pensei que estivéssemos progredindo. Talvez até estivéssemos, mas aí voltamos lá pra trás.”

“Mas você parece estar bem.” Ele se inclinou sobre o balcão. “Não está chorando. Parece tranquila. Preciso me preocupar com alguma coisa?”

Esfreguei a barriga em uma tentativa de espantar o friozinho instalado ali. “Não, vou ficar bem. É que… eu queria que as coisas dessem certo entre nós dois. Quero muito ficar com ele, mas mentir sobre coisas assim tão sérias é uma coisa que não consigo aceitar.”

Minha nossa. Eu não conseguia nem imaginar a possibilidade de que não pudéssemos superar essa dificuldade. Já estava toda ansiosa. A necessidade de ficar com Gideon fazia meu sangue ferver.

“Você é osso duro de roer, gata. Estou orgulhoso.” Ele veio até mim, pegou-me pelo braço e apagou a luz da cozinha. “Agora vamos dormir e começar um novo dia quando amanhecer.”

“Pensei que as coisas estivessem indo bem com Trey.”

Ele abriu um sorriso lindo. “Querida, acho que estou apaixonado.”

“Por quem?” Encostei o rosto em seu ombro. “Por Trey ou pela loira?”

“Por Trey, bobinha. A loira foi só pelo exercício.”

Eu tinha muita coisa a dizer a respeito, mas não era hora de examinar a tendência de Cary a sabotar a própria felicidade. E manter o foco na sua boa relação com Trey talvez fosse a melhor abordagem nesse caso. “Então você finalmente se apaixonou por um cara legal. A gente deveria sair pra comemorar.”

“Ei, essa fala é minha.”

14

A manhã seguinte foi permeada por acontecimentos surreais. Cheguei ao trabalho e passei o tempo todo com frio. Não conseguia me aquecer de jeito nenhum, apesar de estar vestindo um cardigã por cima da blusa e um cachecol que não combinava com nenhuma das duas peças. Estava demorando mais do que deveria para entender as coisas, e não conseguia espantar um sentimento irracional de medo.

Gideon não tentou entrar em contato de forma nenhuma.

Não recebi nada no celular depois da minha mensagem na noite anterior. No e-mail também não. Nem um bilhete.

Esse silêncio era desesperador. Principalmente depois do novo alerta diário do Google, com fotos e vídeos de nós dois no Bryant Park feitos por celular. A visão de nós como um casal — a paixão e o desejo, a intensidade estampada em nosso rosto, a felicidade da reconciliação — era ao mesmo tempo doce e amarga.

Uma dor cresceu no meu peito. *Gideon*.

Se nossa relação não desse certo, eu conseguiria parar de pensar nele?

Tive que me esforçar para me recompor. Mark teria uma reunião com Gideon naquele dia. Talvez por isso ele não tivesse entrado em contato. Ou talvez estivesse realmente muito ocupado. É claro que devia estar, considerando seu cronograma de negócios. Até onde eu sabia, ele pretendia ir à academia comigo depois do trabalho. Soltei um suspiro e disse a mim mesma que de alguma forma as coisas se resolveriam. Por bem ou por mal.

Faltavam quinze para o meio-dia quando o telefone da minha mesa tocou. Pelo mostrador, vi que a chamada vinha da recepção. Não consegui esconder minha decepção ao atender.

“Oi, Eva”, Megumi me cumprimentou toda simpática. “Uma moça chamada Magdalene Perez está aqui pra falar com você.”

“Comigo?” Olhei para o monitor do computador, confusa e irritada. As fotos do Bryant Park teriam sido motivo suficiente para fazer Magdalene sair do seu covil?

Qualquer que fosse a razão, eu não tinha o menor interesse em falar com ela. “Você pode pedir pra ela esperar? Preciso resolver uma coisinha primeiro.”

“Claro. Vou pedir pra ela se sentar um pouquinho.”

Desliguei o telefone, peguei o celular e encontrei o número do escritório de Gideon na agenda. Para meu alívio, foi Scott quem atendeu.

“Oi, Scott. É Eva Tramell.”

“Oi, Eva. Quer falar com o senhor Cross? Ele está numa reunião, mas posso passar a ligação.”

“Não, não precisa incomodar.”

“Tenho ordens para isso. Ele não vai se incomodar.”

Fiquei muito contente ao ouvir isso. “Acho meio chato jogar esse tipo de coisa no seu colo, mas tenho um pedido a fazer.”

“O que for preciso. Tenho ordens pra isso também.” A solicitude de sua voz me deixou ainda mais tranquila.

“Magdalene Perez está aqui no vigésimo. Pra ser sincera, a única coisa sobre a qual poderíamos conversar seria Gideon, e essa ideia não me agrada nem um pouco. Se ela tem alguma coisa para falar, deveria se dirigir diretamente ao seu chefe. Você pode mandar alguém pra levá-la aí pra cima?”

“Claro. Vou cuidar disso agora mesmo.”

“Obrigada, Scott. Agradeço.”

“É um prazer poder ajudar, Eva.”

Desliguei o telefone e me recostei na cadeira, sentindo-me um pouco melhor e orgulhosa de mim mesma por não ter me deixado levar pelo ciúme. Apesar de detestar a ideia de que ela ainda tivesse contato com Gideon, eu não havia mentido quando disse que confiava nele. Acreditava de verdade que tinha sentimentos profundos por mim. Só não sabia se isso seria suficiente para que ele contrariasse seu instinto natural.

Megumi me ligou de novo.

“Ai, meu Deus”, ela disse, aos risos. “Você precisava ver a cara dela quando apareceram aqui pra buscá-la.”

“Ótimo.” Abri um sorriso. “Bem-intencionada ela não devia estar. Ela já foi, então?”

“Já.”

“Obrigada.” Atravessei o corredorzinho estreito até o escritório de Mark e estiquei a cabeça lá para dentro para perguntar se ele queria que eu comprasse alguma coisa para o almoço.

Ele franziu a testa e pensou um pouco a respeito. “Não, obrigado. Só vou conseguir

comer depois da apresentação para Cross. Até lá, o que você comprar já vai estar frio e passado.”

“Que tal uma vitamina, então? Só pra tapear o estômago até você conseguir comer.”

“Seria ótimo.” Seus olhos escuros se acenderam e ele abriu um sorriso. “De algum sabor que combine com vodca, para me deixar no clima.”

“Tem alguma coisa de que você não goste? Alguma alergia?”

“Nada.”

“Certo. Volto daqui a uma hora.” Eu sabia exatamente aonde ir. A delicatéssen que tinha em mente ficava a uns dois quarteirões dali, e tinha vitaminas, saladas e uma enorme variedade de paninis feitos na hora.

Desci até o térreo e procurei esquecer o silêncio de Gideon. Eu esperava algum tipo de manifestação depois do incidente com Magdalene. O silêncio me deixou novamente preocupada. Saí para a rua pela porta giratória e só prestei atenção no homem que desceu do banco de trás de um carro com chofer quando ele me chamou pelo nome.

Eu me virei e me vi diante de Christopher Vidal.

“Ah… oi”, cumprimentei. “Tudo bem?”

“Melhor agora. Você está linda.”

“Obrigada. E eu digo o mesmo.”

Apesar de muito diferente de Gideon, ele também era maravilhoso, com seus cabelos castanhos ondulados, seus olhos esverdeados e seu sorriso charmoso. Estava vestido com um jeans folgado e um suéter creme com gola V que o deixavam muito sexy.

“Você veio ver seu irmão?”, perguntei.

“Sim, ele e você.”

“Eu?”

“Está indo almoçar? Posso ir com você e explicar tudo.”

Até me lembrei do aviso de Gideon para que eu ficasse longe de Christopher, mas a essa altura achava que ele já tinha mais confiança em mim. Principalmente em relação a seu irmão.

“Estou indo a uma delicatéssen aqui na rua”, eu disse. “Se você estiver a fim…”

“Com certeza.”

Começamos a caminhada.

“Por que você queria me ver?”, perguntei, curiosa demais para esperar.

Ele tirou do bolso um convite em estilo formal num envelope de veludo. “Vim convidar você para uma festa ao ar livre na propriedade dos meus pais no domingo. Uma mistura de negócios e diversão. Vários artistas contratados pela Vidal Records estarão lá. Acho que seria uma ótima ocasião para seu colega de apartamento fazer bons contatos — ele tem o visual certo pra aparecer em videoclipes.”

Fiquei toda animada. “Seria maravilhoso!”

Christopher sorriu e me entregou o convite. “Vocês dois vão se divertir bastante. As festas da minha mãe são imbatíveis.”

Olhei de relance para o envelope na minha mão. Por que Gideon não tinha falado nada sobre o evento?

“Se você está se perguntando por que Gideon não disse nada a respeito”, ele começou, como se estivesse lendo minha mente, “é porque ele não vai. Ele nunca aparece. Apesar de ser sócio majoritário da empresa, Gideon acha que a indústria fonográfica e os músicos são imprevisíveis demais. A esta altura, você já deve saber como ele é.”

Moreno e intenso. Absurdamente atraente e sensual. Sim, eu sabia como ele era. Gideon sempre fazia questão de saber no que estava se metendo.

Apontei para a delicatéssen quando chegamos, nós entramos e pegamos a fila.

“O cheiro aqui está ótimo”, disse Christopher, olhando para o celular enquanto digitava uma mensagem.

“E o sabor é tão bom quanto o cheiro, pode acreditar.”

Ele abriu um agradável sorriso de menino, que com certeza deixava a maior parte das mulheres de joelhos. “Meus pais estão ansiosos para conhecer você, Eva.”

“Ah, é?”

“Foi uma surpresa ver fotos suas com Gideon durante toda a semana. Uma surpresa boa”, ele fez questão de ressaltar diante da minha expressão. “É a primeira vez que o vemos realmente interessado em alguém com quem ele sai.”

Suspirei ao lembrar que, naquele momento, o interesse já não parecia ser tão grande. Teria sido um grande erro deixá-lo falando sozinho na noite anterior?

Quando chegamos ao balcão, pedi um panini grelhado de queijo com vegetais e duas vitaminas de romã, e expliquei que a segunda era para viagem e eu só pegaria depois de comer. Christopher pediu a mesma coisa, e tivemos a sorte de encontrar uma mesa naquele lugar lotado.

Conversamos sobre trabalho, rimos ao falar a respeito de um vídeo engraçado que era a febre da internet no momento e de algumas piadas de bastidores sobre os artistas com que Christopher havia trabalhado. O tempo passou bem rápido, e quando nos separamos na entrada do Crossfire eu me despedi dele com um sentimento de afeto genuíno.

Subi para o vigésimo andar e encontrei Mark ainda na mesa. Apesar de parecer muito concentrado, ele sorriu ao me ver.

“Caso você não precise de mim”, eu disse, “acho que seria melhor eu não dar as caras nessa apresentação.”

Apesar de ele tentar esconder, vi o alívio estampado em seu rosto. Não fiquei ofendida com isso. A situação era estressante por si só, e minha relação volátil com Gideon era a última coisa com que Mark deveria se preocupar quando trabalhava em uma conta tão importante.

“Você vale ouro, Eva. Sabia disso?”

Sorri e pus na mesa dele a bebida que havia trazido. “Beba sua vitamina. Está uma delícia, e vai deixar você saciado por um tempo. Se precisar de mim, estou na minha mesa.”

Antes de guardar a bolsa na gaveta, mandei uma mensagem para Cary perguntando se tinha planos para o domingo e se gostaria de ir a uma festa da Vidal Records. Depois voltei ao trabalho. Comecei organizando os arquivos de Mark nos servidores, renomeando-os e criando diretórios para facilitar a pesquisa e a montagem de portfólios.

Quando Mark subiu para a reunião com Gideon, meu coração acelerou e a ansiedade apertou meu estômago. Não conseguia acreditar que estava toda empolgada só porque sabia o que Gideon estava fazendo naquele exato momento, e que ele necessariamente pensaria em mim quando visse Mark. Esperava receber notícias suas depois disso. Fiquei de bom humor só de pensar.

Durante a hora seguinte, eu mal podia esperar para saber como as coisas tinham ido. Quando Mark apareceu com um sorriso no rosto e um andar confiante, eu me levantei na minha baia e o aplaudi.

Ele fez uma mesura galante e teatral. “Obrigado, senhorita Tramell.”

“Estou muito feliz por você.”

“Cross me pediu para entregar isto.” Ele me deu um envelope pardo lacrado. “Venha até a minha sala e eu conto os detalhes.”

O envelope era pesado e tilintante. Eu sabia o que era antes mesmo de abrir, mas ainda

assim a visão das chaves caindo na minha mão foi uma bela porrada. Com a dor no peito mais intensa que já havia sentido na vida, li o cartão que as acompanhava:

OBRIGADO, EVA. POR TUDO.

G

Uma sutil e educada dispensa. Só podia ser. Caso contrário, ele me devolveria as chaves depois do trabalho, quando fôssemos à academia.

Um zumbido invadiu meus ouvidos. Fiquei tonta. Desorientada. Estava com medo. Sofrendo. Furiosa.

Mas também estava trabalhando.

Fechando os olhos e cerrando os pulsos, tentei me recompor e lutar contra a vontade de subir e dizer para Gideon que ele era um covarde. Ele provavelmente me via como uma ameaça, uma invasora de seu mundinho em perfeita ordem. Alguém que queria mais do que seu corpo sensual e sua conta bancária recheada.

Escondi meus sentimentos no fundo da mente, de forma a ainda ter consciência deles, mas sem deixar que me atrapalhassem mais durante o expediente. Quando saí do escritório e desci, ainda não tinha recebido sinal de vida dele. Estava emocionalmente em frangalhos, e senti uma enorme pontada de desespero quando saí do Crossfire.

Consegui ir até a academia. Desliguei meu cérebro e corri para valer na esteira, adiando a angústia que mais cedo ou mais tarde me atingiria. Corri até sentir o suor escorrer em bicas pelo rosto e pelo corpo, e até minhas pernas não aguentarem mais.

Sentindo-me arrebentada e exausta, fui para o chuveiro. Depois liguei para minha mãe e pedi que ela mandasse Clancy me pegar na academia e me levar para nossa consulta com o dr. Petersen. Quando me vesti, precisei me esforçar para reunir energia para cumprir minha última tarefa antes de ir para casa e me afogar em lágrimas na cama.

Esperei pelo carro no meio-fio, sentindo-me alheia e distante da cidade que zunia ao meu redor. Quando Clancy estacionou e desceu para abrir a porta para mim, tomei um susto ao ver que minha mãe já estava lá. Ainda era cedo. Eu achava que seria levada ao apartamento em que ela morava com Stanton e precisaria esperar uns bons vinte minutos. Era assim que as coisas funcionavam com ela.

“Oi, mãe”, eu disse, cansada, acomodando-me no assento ao lado dela.

“Como você pôde, Eva?” Ela estava chorando atrás de um lenço bordado com suas

iniciais, o que não perturbava a beleza de seu rosto. "*Por quê?*"

Retirada subitamente de meu sofrimento solitário, franzi a testa e perguntei: "O que foi que eu fiz agora?".

O fato de eu ter um celular novo, independentemente de como ela pudesse ter descoberto, não seria um gatilho para tamanho drama. E ainda era cedo demais para ela saber que eu tinha brigado com Gideon.

"Você contou para Cross sobre… sobre o que aconteceu." Seu lábio inferior começou a tremer.

Aquilo foi um tremendo choque para mim. Como é que ela sabia? Meu Deus… Será que ela tinha grampeado minha casa? Minha bolsa…? "*Quê*?"

"Não se faça de boba!"

"Como é que você sabe?" Minha voz saiu em um sussurro. "Conversamos sobre isso ontem à noite."

"Ele foi falar a respeito com Richard."

Tentei imaginar a cara de Stanton durante uma conversa como *essa*. Era impossível acreditar que meu padrasto tenha digerido bem a informação. "Por que ele faria isso?"

"Ele queria saber o que foi feito para evitar que a história vazasse. E queria saber por onde anda Nathan…" Ela soluçou. "Queria saber de tudo."

Bufei por entre os dentes. Não estava certa de quais eram as motivações de Gideon, mas a possibilidade de ele ter terminado comigo por causa de Nathan e agora estar fazendo de tudo para se poupar de um escândalo me magoava mais do que qualquer outra coisa. Contorci-me de dor, dobrando a coluna para longe do encosto do assento. Pensei que o passado *dele* tinha criado um atrito entre nós, mas fazia mais sentido imaginar que tudo aquilo havia sido causado pelo *meu*.

Pela primeira vez na vida agradeci o fato de minha mãe ser tão egocêntrica. Foi isso que a impediu de ver que eu estava arrasada.

"Ele tinha o direito de saber", consegui dizer com uma voz tão rouca que nem parecia a minha. "E ele tem o direito de tentar se proteger de eventuais respingos em sua imagem."

"Você nunca contou nada para nenhum outro namorado."

"Eu nunca tinha namorado ninguém que por qualquer motivo banal já aparece em todas as manchetes de jornal." Olhei pela janela do carro, para o engarrafamento em que estávamos presas. "Gideon e as Indústrias Cross são conhecidos mundialmente, mãe. Ele está a anos-luz dos caras que namorei na faculdade."

Ela ainda disse mais algumas coisas, mas não escutei. Fechei-me em mim mesma para me proteger, para me desligar de uma realidade que de uma hora para outra se tornara difícil demais de suportar.

O consultório do dr. Petersen era exatamente como eu me lembrava. Decorado com cores neutras, era ao mesmo tempo profissional e aconchegante. Ele era assim também — um homem bonito com cabelos grisalhos e olhos azuis inteligentes e compreensivos.

O dr. Petersen nos deu as boas-vindas com um sorriso no rosto, comentando sobre a beleza de minha mãe e sobre como éramos parecidas. Disse que estava feliz em me ver de novo e que eu parecia estar muito bem, mas deu para perceber que só falou isso para agradar a minha mãe. Ele era um observador experiente demais para deixar de notar os sentimentos que eu estava reprimindo.

“Então”, o dr. Petersen começou, acomodando-se na poltrona diante do sofá em que eu e minha mãe tínhamos nos sentado. “O que traz vocês aqui hoje?”

Eu contei a ele que minha mãe vinha rastreando meus movimentos através do sinal do celular, e que isso fez com que eu me sentisse violada. Minha mãe falou do meu interesse por krav maga, e expressou que isso era um sinal de que eu não estava me sentindo segura. Contei que ela e Stanton haviam praticamente comprado a academia de Parker, o que fazia com que eu me sentisse sufocada e claustrofóbica. Ela falou que eu tinha traído sua confiança ao confiar assuntos personalíssimos a estranhos, o que a fez se sentir sem defesas e dolorosamente exposta.

Durante esse tempo todo, Petersen ouviu com atenção, tomou notas e falou bem pouco até que tivéssemos desabafado.

Quando ficamos em silêncio, ele perguntou: “Monica, por que não me falou nada sobre ter rastreado o telefone de Eva?”.

O ângulo de seu queixo se alterou, uma postura de defesa que eu conhecia muito bem. “Não vejo nada de errado nisso. Muitos outros pais rastreiam os filhos através do celular.”

“Filhos menores de idade”, rebati. “Sou adulta. A minha vida pessoal só diz respeito a mim.”

“Caso você se pusesse no lugar dela, Monica”, questionou o dr. Petersen, “é possível que se sentisse da mesma forma? E se você descobrisse que alguém anda monitorando seus passos sem seu conhecimento e sua permissão?”

“Se esse alguém fosse minha mãe e isso garantisse sua paz de espírito, eu não me importaria”, ela argumentou.

“E você já parou para pensar nos efeitos de suas atitudes sobre a paz de espírito da Eva?”, ele perguntou educadamente. “Sua vontade de proteger sua filha é compreensível, mas você deveria discutir abertamente com ela as medidas que vai tomar para isso. É importante ouvir o ponto de vista de Eva — e esperar cooperação apenas quando for vontade dela. É preciso respeitar sua prerrogativa de estabelecer limites que não são tão amplos como você gostaria.”

Minha mãe bufou, indignada.

“Eva precisa ter o espaço dela, Monica”, ele continuou, “e sentir que é ela quem controla sua própria vida. Tudo isso foi tirado dela por um bom tempo, e precisamos respeitar seu direito de se restabelecer da maneira como achar melhor.”

“Ah.” Minha mãe torceu o lenço entre os dedos. “Não tinha pensado nisso sob esse ponto de vista.”

Segurei a mão dela quando seu lábio inferior começou a tremer violentamente. “Nada seria capaz de me convencer a não falar com Gideon sobre meu passado. Mas eu poderia ter avisado você antes. Desculpe por não ter pensado nisso.”

“Você é muito mais forte do que eu”, ela disse, “mas não consigo deixar de me preocupar.”

“Minha sugestão”, aconselhou o dr. Petersen, “é que você reflita sobre quais tipos de eventos e situações mais lhe causam ansiedade, Monica. Depois disso, registre tudo por escrito.”

Minha mãe concordou com a cabeça.

“Quando tiver uma lista mais ou menos definida, não precisa ser nada muito detalhado, vocês podem sentar para conversar e encontrar soluções para essas preocupações — atitudes com as quais ambas concordem. Por exemplo, se ficar sem notícias da Eva por mais de um dia incomoda você, talvez uma mensagem de texto no celular ou um e-mail seja uma forma menos invasiva de lidar com isso.”

“Certo.”

“Se vocês quiserem, podemos discutir a lista juntos.”

Essa interação entre os dois quase me fez surtar. Era praticamente um insulto. Eu não esperava que o dr. Petersen pusesse juízo à força na cabeça da minha mãe, mas esperava que ele fosse um pouquinho mais duro — alguém precisava fazer isso, alguém cuja

autoridade ela respeitasse.

Quando a sessão terminou e estávamos de saída, pedi para minha mãe esperar um pouco para que eu pudesse fazer uma última pergunta ao dr. Petersen em particular.

“Sim, Eva?” Ele estava de pé na minha frente, aparentando sabedoria e paciência infinitas.

“Eu andei pensando sobre uma coisa…” Fiz uma pausa, engolindo em seco. “É possível que duas vítimas de abuso tenham uma relação romântica saudável?”

“Perfeitamente.” Sua resposta imediata e convicta permitiu que eu voltasse a respirar.

Apertei sua mão. “Obrigada.”

Quando cheguei em casa, abri a porta com as chaves que Gideon tinha devolvido e fui direto para o quarto, cumprimentando Cary, que estava praticando ioga seguindo as instruções de um DVD, apenas com um breve aceno.

Tirei a roupa enquanto caminhava para a cama e entrei debaixo das cobertas frias só de lingerie. Abracei um travesseiro e fechei os olhos, tão exaurida que não conseguia pensar em mais nada.

A porta se abriu e um instante depois Cary estava sentado ao meu lado.

Ele afastou os cabelos do meu rosto lavado de lágrimas. “O que aconteceu, gata?”

“Levei um pé na bunda hoje. E por uma porra de um bilhetinho.”

Ele suspirou. “Você sabe como as coisas funcionam, Eva. Ele vai querer manter você à distância, porque acha que vai ser mais uma decepção na vida dele.”

“E estou fazendo de tudo pra mostrar que ele está certo.” Consegui me enxergar perfeitamente na descrição de Cary. “Corri quando as coisas ficaram feias, porque tinha certeza de que tudo ia terminar mal. E a única atitude que tomei a respeito foi ir embora em vez de ser deixada pra trás.”

“Porque você precisa lutar pra manter sua própria reabilitação.” Ele deitou junto às minhas costas, passando um dos braços bem definidos sobre mim e me apertando contra ele.

Eu me aninhei naquele abraço de que nem sabia que precisava. “Ele deve ter me chutado por causa do *meu* passado, não do dele.”

“Se isso for verdade, ainda bem que terminou. Mas acho que no fim vocês vão acabar

se entendendo. Pelo menos é o que eu queria que acontecesse.” Sua respiração roçava de leve meu pescoço. “Quero finais felizes pra todo mundo que já sofreu o diabo na vida. Mostre que é possível, Eva, querida. Me faça acreditar.”

15

A sexta-feira começou com Trey tomando café da manhã comigo e com Cary depois de dormir lá em casa. Enquanto bebia a primeira xícara de café do dia, observei o modo como eles interagiam e fiquei contentíssima ao ver seus sorrisos de cumplicidade e a maneira discreta como trocavam carícias furtivas.

Eu já havia tido relacionamentos tranquilos como esse, e não soube valorizá-los devidamente na época. Eram namoros gostosos e descomplicados, mas também um tanto superficiais em certo sentido.

Como ter uma relação mais profunda se você não conhece os recantos mais obscuros da pessoa amada? Era esse meu dilema com Gideon.

O Segundo Dia Pós-Gideon havia começado. Minha vontade era ir até ele e pedir desculpas por tê-lo deixado. Queria dizer que ele podia contar comigo, que eu seria toda ouvidos, ou então ofereceria um consolo silencioso caso fosse preferível. Mas eu estava envolvida demais emocionalmente. Fragilizada demais. Morrendo de medo de ser rejeitada. E saber que ele não se abriria para mim só fazia esse medo crescer. Mesmo que nos acertássemos, eu sabia que só ia me magoar não o tendo por inteiro, tentando conviver apenas com o que ele decidisse compartilhar comigo.

Pelo menos no trabalho estava tudo bem. O almoço comemorativo que os executivos nos ofereceram por termos conseguido a conta da Kingsman me deixou feliz de verdade. Senti que era muita sorte minha trabalhar em um ambiente tão positivo. No entanto, quando ouvi que Gideon também tinha sido convidado — apesar de ninguém esperar que ele aparecesse —, voltei para minha mesa em silêncio e me concentrei só nos meus afazeres pelo resto da tarde.

Passei na academia a caminho de casa, depois comprei ingredientes para fazer *fettuccini alfredo* para o jantar e *crème brûlée* para a sobremesa — uma comida bem pesada para me deixar num coma induzido por carboidratos. Esperava que o sono me oferecesse uma trégua dos questionamentos que percorriam ciclicamente meu cérebro, na esperança de que a manhã de sábado chegasse bem depressa.

Cary e eu jantamos na sala, com palitinhos, uma ideia dele para me agradar. Ele falou que o jantar estava ótimo, mas nem ouvi. Saí do transe quando ele ficou em silêncio também, e percebi que não estava sendo uma companhia muito boa.

“Quando vão sair os anúncios da campanha da Grey Isles?”, perguntei.

“Não sei, mas escute só isso…” Ele sorriu. “Você sabe como os modelos costumam ser tratados — somos descartados como camisinhas usadas numa orgia. É difícil se destacar, a não ser que você namore alguém famoso. O que do nada virou meu caso, desde que aquelas fotos minhas com você começaram a pipocar por toda parte. Entrei por tabela no seu relacionamento com o Gideon. Você fez com que eu virasse um objeto cobiçado.”

Dei risada. “Nisso eu não ajudei, não.”

“Bom, mas com certeza mal não fez. Enfim, eles me ligaram para fazer mais algumas fotos. Acho que estão a fim de me usar por mais de cinco minutos.”

“Precisamos sair pra comemorar”, provoquei.

“Com certeza. Quando você estiver pronta para isso.”

Acabamos ficando em casa vendo *Tron* — o original, não o remake. O celular dele tocou vinte minutos depois do começo do filme, e eu o ouvi falando com um agente. “Claro. Estarei aí em quinze minutos no máximo. Ligo pra você quando chegar.”

“Conseguiu um trabalho?”, perguntei quando ele desligou.

“Pois é. Um modelo apareceu chapado para uma sessão noturna de fotos e precisam de um substituto.” Ele olhou bem para mim. “Quer ir junto?”

Estiquei as pernas no sofá. “Não. Melhor ficar por aqui.”

“Tem certeza de que está tudo bem?”

“Só preciso de alguma coisa pra distrair a cabeça. Só de pensar em me trocar já fico cansada.” Eu não me incomodaria de usar minha calça de pijama de flanela e minha camiseta velha de dormir o fim de semana todo. Como estava machucada por dentro, o conforto exterior era uma necessidade para mim. “Não se preocupe comigo. Sei que ando confusa ultimamente, mas eu me arranjo. Pode ir, e divirta-se.”

Depois que Cary saiu, todo apressado, pausei o filme e fui até a cozinha pegar um vinho. Parei no balcão, passando os dedos nas flores que Gideon tinha me mandado no fim de semana anterior. As pétalas caíam como lágrimas. Pensei em cortar os caules e usar o aditivo que veio junto com o buquê para aumentar sua vida útil, mas não fazia sentido me apegar a elas. No dia seguinte, iria tudo para o lixo, a última lembrança de meu relacionamento igualmente condenado.

As coisas com Gideon haviam ido mais longe do que em relacionamentos anteriores que duraram mais de um ano. Eu sempre o amaria por isso. Eu sempre o amaria, e ponto final.

Mas, algum dia, talvez isso não me causasse tanta dor.

*

“Vamos levantar, dorminhoca”, Cary falou em um tom meio cantado enquanto arrancava minhas cobertas.

“Argh. Vai embora.”

“Você tem cinco minutos para entrar no chuveiro, ou então ele vai vir até você.”

Abri só um olho para conseguir enxergá-lo. Estava sem camisa e usava uma calça larga que por muito pouco não escapava dos seus quadris. Em termos de persistência na hora de acordar alguém, ele era imbatível. “Por que preciso levantar?”

“Porque quando você está deitada não está com os pés no chão.”

“Uau. Isso foi profundo, Cary Taylor.”

Ele cruzou os braços e me lançou um olhar enfezado. “Precisamos sair pra comprar roupas.”

Afundei a cabeça no travesseiro. “Não.”

“Sim. Se bem me lembro, foi você quem juntou as expressões ‘festa ao ar livre no domingo’ e ‘reunião de astros do rock’ no convite que me fez. Acha que eu tenho roupa pra uma ocasião como essa?”

“Ah, é. Bem pensado.”

“O que você vai usar?”

“Eu… não sei. Estava pensando no ‘visual clássico de chá da tarde com chapéu’, mas agora não estou tão certa.”

Ele concordou com a cabeça, animado. “Certo. Vamos percorrer as lojas e encontrar alguma coisa sexy, classuda e descolada.”

Com um rosnado de protesto, saí da cama e me arrastei até o banheiro. Era impossível tomar banho sem pensar em Gideon, sem imaginar seu corpo perfeito e lembrar os ruídos que ele fez ao gozar na minha boca. Para onde quer que eu olhasse, Gideon estava lá. Estava tendo até alucinações, vendo Bentleys por toda a cidade. Parecia sempre haver um por perto.

Cary e eu almoçamos e depois saímos pela cidade, entrando nos melhores brechós do

Upper East Side e nas butiques da Madison Avenue antes de pegar um táxi para o SoHo. No caminho, duas adolescentes pediram o autógrafo do Cary, algo que pareceu ter sido mais motivo de alegria para mim do que para ele.

“Eu disse.”

“O quê?”, perguntei.

“Elas me conheciam de um blog de celebridades. Por causa dos posts sobre você e Cross.”

Eu suspirei. “Pelo menos para alguém minha vida amorosa está sendo boa.”

Ele tinha outro compromisso de trabalho às três, e eu fui também, para gastar algumas horas em um estúdio com um fotógrafo antipático e histérico. Foi quando me lembrei de que era sábado e saí de fininho para fazer minha ligação semanal para meu pai.

“Ainda está feliz em Nova York?”, ele perguntou sobre o ruído de fundo do rádio da viatura.

“Por enquanto tudo certo.” Era mentira, mas a verdade não teria serventia para ninguém.

O parceiro dele disse alguma coisa que eu não ouvi. Meu pai bufou e me falou: “Ei, Chris está aqui jurando que viu você outro dia na tevê. Em algum canal a cabo, coisa de fofoca de celebridades. O pessoal está me enchendo o saco por causa disso”.

Suspirei. “Diga para o pessoal que assistir a esses programas prejudica os neurônios.”

“Então você não está namorando um dos homens mais ricos do país?”

“Não. E sua vida amorosa, como vai?”, perguntei, logo mudando de assunto. “Está saindo com alguém?”

“Nada muito sério. Espere aí.” Ele respondeu a um chamado do rádio, depois disse: “Desculpa, querida. Preciso ir. Amo você. Estou morrendo de saudade”.

“Eu também, pai. Cuide-se.”

“Pode deixar. Tchau.”

Deixei o telefone de lado e voltei para meu lugar enquanto esperava Cary terminar a sessão. No fundo de minha mente, eu continuava torturando a mim mesma. Onde estaria Gideon naquele momento? O que estaria fazendo?

Na segunda-feira eu abriria o e-mail e veria um monte de fotos dele com outra mulher?

No domingo à tarde pedi emprestado um dos carros de Stanton e seu motorista e guarda-costas Clancy para ir até a propriedade dos Vidal no condado de Dutchess. Recostada no assento, olhei pela janela e admirei a vista serena dos campos e dos bosques que se estendiam pelo horizonte. Foi quando me dei conta de que já estava no Quarto Dia Pós-Gideon. A dor que eu tinha sentido nos primeiros dias havia se transformado em um mal-estar constante, parecido com uma gripe. Todas as partes do meu corpo estavam doloridas, como se eu estivesse numa crise de abstinência, e minha garganta doía por causa das lágrimas contidas.

"Está muito ansiosa?", perguntou Cary.

Olhei para ele. "Não muito. Gideon não vai estar lá."

"Tem certeza?"

"Sim, ou eu nem viria. Também tenho meu orgulho, você sabe." Vi que ele batucava com os dedos sobre o apoio para os braços do assento, que estava entre nós. Apesar de todas as lojas que percorremos no dia anterior, ele fez apenas uma aquisição: uma gravata preta de couro. Zombei dele sem a menor piedade por isso: uma pessoa com um senso de estilo tão apurado usando uma coisa como aquela.

Ele me pegou olhando para ela. "Que foi? Ainda não se conforma com minha gravata? Acho que combina com meu jeans emo e meu paletó estampado."

"Cary", abri um sorriso, "você pode usar qualquer coisa."

Era verdade. Ele ficaria bem de qualquer jeito, graças a seu corpo esguio e bem definido e a seu rosto lindo de morrer.

Cobri seus dedos inquietos com minha mão. "E *você*, está ansioso?"

"Trey não ligou ontem à noite", murmurou. "Ele tinha prometido."

Apertei sua mão em sinal de apoio. "É só um pequeno descuido, Cary. Tenho certeza de que não significa nada de mais."

"Ele poderia ter ligado hoje de manhã. Trey não é largado que nem os outros caras que namorei. Ele não esqueceria uma coisa dessas, então quer dizer que não ligou porque não quis."

"Babaca. Vou fazer questão de tirar um monte de fotos de você se divertindo pra valer com esse visual sexy, classudo e descolado, pra acabar com a segunda-feira dele."

Ele riu. "Ah, a crueldade da mente feminina. Pena que Cross não vai ver você hoje. Acho que ele ficaria de pau duro só de ver você sair do quarto com esse vestido."

“Pare!” Bati no ombro dele e fingi que estava brava quando ele riu.

Vimos que o vestido era perfeito assim que pusemos os olhos nele. Ideal para uma festa ao ar livre — a parte de cima bem justa e uma saia folgada até o joelho. Era branco com flores bordadas. Mas o estilo chá-com-biscoitos acabava por aí.

O toque de ousadia vinha da saia, com camadas alternadas de preto e vermelho e forros de cetim para dar mais volume. As flores pretas de couro bordadas pareciam cata-ventos com pontas afiadas. Cary havia escolhido sapatos vermelhos de salto alto e brincos com pingentes de rubi para dar o toque final. Decidimos deixar meus cabelos soltos, para o caso de ser necessário usar chapéu. Resumindo, eu estava me sentindo bonita e confiante.

Cruzamos os portões imponentes com iniciais em ferro fundido e seguimos por uma alameda circular até onde estavam os manobristas. Cary e eu entramos por ali, e ele me amparou pelo braço quando meus saltos insistiram em se enterrar no caminho de cascalho até a porta da casa.

Ao entrar na luxuosa mansão em estilo Tudor dos Vidal, fomos recebidos efusivamente pelos membros da família de Gideon, todos alinhados à espera dos convidados — sua mãe, seu padrasto, Christopher e sua irmã.

Apreciei a cena, imaginando que a perfeição da família Vidal seria ainda maior se Gideon estivesse presente. Sua mãe e sua irmã eram simpáticas, ambas com cabelos castanhos brilhantes e olhos azuis com cílios bem compridos. As duas eram lindas e elegantérrimas.

“Eva!” A mãe de Gideon me puxou para junto dela e beijou minhas duas bochechas sem tocá-las. “Estou tão feliz por finalmente conhecer você. Que moça mais linda você é! E adorei seu vestido.”

“Obrigada.”

Ela passou as mãos por meus cabelos, meu rosto, e depois meus braços. Era algo difícil de suportar, já que ser tocada por estranhos às vezes desencadeava uma reação de ansiedade em mim. “E seu cabelo, essa é a cor natural dele?”

“Sim”, respondi, surpresa e confusa com o questionamento. Quem perguntaria isso logo de cara a alguém que nem conhece?

“Que interessante. Seja bem-vinda. Espero que se divirta bastante. Estamos muito felizes com sua presença.”

Sentindo-me estranhamente desconfortável, dei graças a Deus quando o foco de sua atenção se voltou para Cary.

“E você deve ser Cary”, ela começou. “E eu aqui achando que meus filhos eram os rapazes mais bonitos do mundo. Vejo que estava enganada. Meu jovem, você é simplesmente divino.”

Cary abriu seu sorriso matador. “Ah, acho que estou apaixonado, senhora Vidal.”

Ela riu de peito aberto. “Por favor. Pode me chamar de Elizabeth. Ou Lizzie, se quiser ser mais ousado.”

Olhando para o outro lado, senti minha mão ser agarrada por Christopher Vidal, o pai. Em muitos aspectos, ele lembrava muito o filho, com seus olhos esverdeados e sorriso de menino. Vestido de bermuda cáqui e um cardigã de caxemira e calçando mocassins, parecia mais um professor universitário que um executivo da indústria fonográfica.

“Eva. Posso chamar você de Eva?”

“Por favor.”

“Pode me chamar de Chris. Assim fica mais fácil me discernir de Christopher.” Ele inclinou a cabeça para o lado enquanto me observava através dos óculos de armação de bronze. “Entendi por que Gideon está tão fascinado por você. Seus olhos são intensos e tempestuosos, mas também límpidos e diretos. São os mais lindos que já vi, excluindo os da minha mulher.”

Fiquei vermelha. “Obrigada.”

“Gideon também vem?”

“Não que eu saiba.” Por que os pais deles estavam perguntando aquilo para mim? Eles é que deveriam saber.

“Nunca perdemos a esperança.” Ele apontou um empregado que estava à nossa espera. “Por favor, podem ir para o jardim, e fiquem à vontade.”

Christopher me cumprimentou com um abraço e um beijo na bochecha, enquanto a irmã de Gideon, Ireland, mediu-me com os olhos e com a expressão entediada de que só uma adolescente é capaz. “Você é loira”, ela disse.

Minha nossa. A preferência de Gideon por morenas era alguma espécie de lei, por acaso? “E você é uma linda morena.”

Cary me ofereceu seu braço e eu aceitei com toda a gratidão.

Enquanto nos afastávamos, ele perguntou em voz baixa: “Eles são como você esperava que fossem?”.

“A mãe, talvez. O padrasto, não.” Olhei para trás por cima dos ombros, dando uma boa

olhada no vestido creme de contornos bem delineados que envolvia a figura esbelta de Elizabeth Vidal. Pensei em quão pouco sabia sobre a família de Gideon. “Que tipo de criação recebeu um menino que conseguiu se tornar um homem de negócios tão implacável a ponto de comprar a empresa da própria família?”

“Cross tem participação na Vidal Records?”

“É o sócio majoritário.”

“Humm. Quem sabe não foi uma ajuda?”, ele especulou. “Uma mão amiga durante um período de transição da indústria fonográfica?”

“Por que não dar o dinheiro de uma vez, então?”, rebati.

“Por que ele é um homem de negócios que sabe o que faz?”

Com um suspiro profundo, deixei a pergunta para lá e tentei pôr as coisas no devido lugar. Eu estava naquela festa por causa de Cary, não de Gideon, e ele deveria ser o foco das minhas atenções.

Quando chegamos lá fora, encontramos uma tenda enorme e ricamente decorada no fundo do jardim. Apesar de o dia estar agradável o bastante para ficar ao sol, preferi me sentar a uma mesa circular coberta com uma toalha de renda branca do lado de dentro.

Cary bateu no meu ombro. “Fique aqui relaxando. Vou fazer contatos.”

“Vai fundo.”

Ele se afastou, imbuído de seus objetivos.

Fiquei bebendo champanhe e batendo papo com quem aparecesse e puxasse conversa. Havia muitos músicos famosos na festa, pessoas cujas canções eu conhecia, e fiquei olhando para eles de longe, um tanto intimidada. Apesar da elegância do ambiente e do número incontável de empregados, a atmosfera da festa era casual e relaxada.

Estava começando a me divertir quando alguém que eu esperava nunca mais ver saiu de dentro da casa: Magdalene Perez, linda de morrer com um vestido rosado de chiffon que parecia flutuar ao redor dos joelhos dela.

Senti uma mão pousar sobre meu ombro e apertá-lo, o que fez meu coração disparar, porque me lembrou da noite em que Cary e eu fomos à casa noturna de Gideon. Mas dessa vez quem apareceu para falar comigo foi Christopher.

“Oi, Eva.” Ele sentou na cadeira ao lado e apoiou os cotovelos sobre os joelhos, inclinando-se para mim. “Está se divertindo? Você não está circulando muito por aí.”

“Estou adorando a festa.” Pelo menos até aquele momento. “Obrigada por me

convidar.”

“Obrigado por ter vindo. Meus pais ficaram muito contentes. E eu também, é claro.” Seu sorriso me fez rir, assim como sua gravata, estampada com desenhos de discos de vinil. “Está com fome? Os bolinhos de caranguejo estão uma delícia. Pegue um quando o garçom passar por aqui.”

“Vou pegar.”

“Se precisar de alguma coisa, avise. E reserve uma dança pra mim.” Ele deu uma piscadinha antes de se levantar e se afastar.

Ireland se sentou por ali, ajeitando as roupas com a elegância calculada de uma garota perto da universidade. Seus cabelos chegavam até a cintura, e seus lindos olhos eram sinceros o bastante para me fazer gostar deles. Ela parecia muito mais experiente dos que os dezessete anos que calculei que tinha com base nas notícias de jornal que Cary tinha juntado para mim. “Oi.”

“Olá.”

“Onde está Gideon?”

Encolhi os ombros diante da pergunta tão abrupta. “Na verdade, eu não sei.”

Ela concordou com a cabeça. “Ele sabe como manter as pessoas à distância.”

“Ele sempre foi assim?”

“Acho que sim. Eu era pequena quando ele saiu de casa. Você está apaixonada por ele?”

Prendi a respiração por um instante. Mas depois relaxei e respondi simplesmente: “Estou”.

“Foi o que pensei quando vi o vídeo de vocês dois no Bryant Park.” Ela mordeu o lábio inferior. “Ele é divertido? Sabe como é… pra sair e coisa e tal?”

“Ah, bom…” Minha nossa. *Alguém* ali conhecia Gideon? “Eu não diria que é divertido, mas entediante ele não é.”

A banda começou a tocar “Come Fly with Me”, e Cary apareceu do nada ao meu lado. “É hora de fazer bonito, Ginger.”

“Prometo que vou tentar, Fred.” Sorri para Ireland. “Com licença um minutinho.”

“Três minutos e dezenove segundos”, ela corrigiu, exibindo parte do conhecimento musical da família.

Cary me conduziu para a pista de dança vazia e puxou um passo bem ágil de foxtrote. Demorei um pouco para conseguir acompanhá-lo, porque estava dura e tensa fazia dias.

Em pouco tempo a sinergia da velha parceria voltou e percorremos toda a pista com a maior naturalidade.

Quando a música terminou, estávamos sem fôlego. Fomos surpreendidos positivamente com uma salva de palmas. Cary fez uma mesura elegante e eu segurei sua mão para me equilibrar enquanto flexionava os joelhos.

Quando levantei a cabeça e me endireitei, dei de cara com Gideon. Assustada, dei um passo trôpego para trás. Ele estava com uma roupa bem informal — jeans e camisa branca para fora da calça, com o colarinho aberto e as mangas dobradas —, mas estava tão lindo que humilhava qualquer outro homem presente ali.

O desejo que se acendeu dentro de mim quando o vi foi arrebatador. Notei que Cary estava se afastando de mim, mas não conseguia deixar de me fixar em Gideon, cujos olhos azuis brilhantes fuzilavam os meus.

"O que você está fazendo aqui?", ele soltou, irritado.

Eu me encolhi diante de tamanha grosseria. "Como é?"

"Você não deveria estar aqui." Ele me agarrou pelo cotovelo e começou a me arrastar para dentro da casa. "Eu não quero você aqui."

Se ele cuspisse na minha cara, não teria me magoado tanto. Livrei meu braço de sua mão com um puxão e caminhei a passos largos na direção da casa com a cabeça erguida, torcendo para conseguir chegar até o carro e o olhar vigilante do Clancy antes que as lágrimas começassem a rolar.

Atrás de mim, ouvi uma voz feminina melosa chamar o nome dele, e torci para que essa mulher atraísse sua atenção, para que aquela cena não precisasse se prolongar.

Pensei que ia conseguir atingir meu objetivo ao atravessar o interior climatizado da casa.

"Eva, espere."

Meus ombros se curvaram ao som da voz de Gideon, e eu me recusei a olhar para ele. "Suma daqui. Já conheço o caminho da porta."

"Ainda não terminei…"

"Eu já!" E me virei para encará-lo. "Nunca mais fale comigo desse jeito. Quem você pensa que é? Acha que estou aqui por *sua* causa? Que pretendia encontrar você e me jogar aos seus pés como uma cachorrinha… em busca de qualquer migalha de atenção que você quisesse me dar? Que eu estivesse atrás de uma rapidinha num canto escuro pra tentar ganhar você de volta?"

“Fique quieta, Eva.” Seus olhos faiscavam e seus dentes estavam cerrados. “Escute o que tenho a dizer…”

“Só estou aqui porque me disseram que você não viria. Vim por causa de Cary, pra ajudar a carreira dele. Então você pode voltar pra festa e esquecer de novo que eu existo. Fique tranquilo, quando eu sair por aquela porta, vou estar fora da sua vida de uma vez por todas.”

“Cale essa maldita boca.” Ele me agarrou pelos cotovelos e me sacudiu com tanta força que meus dentes bateram uns nos outros. “Cale essa boca e me deixe falar.”

Dei um tapa no rosto dele com força suficiente para balançar sua cabeça. “Não encoste em mim.”

Gideon rosnou, chegou mais perto e me deu um beijo de fazer doer os lábios. Suas mãos agarraram meus cabelos, impedindo que eu virasse a cabeça. Mordi a língua que ele agressivamente enfiou na minha boca, depois seu lábio inferior, já com gosto de sangue, mas ele não parou. Empurrei seus ombros com o máximo de força de que era capaz, mas não consegui afastá-lo.

Maldito Stanton! Se não fosse por ele e pela louca da minha mãe, eu já saberia dar uns golpes de krav maga a essa altura…

Gideon me beijava como se estivesse desesperado para sentir meu gosto, e minha resistência começou a ceder. O cheiro dele era tão bom, tão familiar. Seu corpo se encaixava tão bem no meu. Meus mamilos me traíram, ficaram duros e pontudos, e uma onda lenta e morna de excitação começou a se espalhar pelo meu ventre. Meu coração reverberava dentro do peito.

Meu Deus, o desejo que eu sentia por ele. Nada havia mudado, eu ainda o queria junto a mim o tempo todo.

Ele me pegou no colo. Aprisionada por sua pegada firme, não conseguia respirar direito, e minha cabeça começou a rodar. Quando ele me levou para trás de uma porta e a fechou com o pé, tudo o que consegui fazer foi soltar um ruído quase inaudível de protesto.

De repente me vi prensada contra uma pesada porta de vidro do outro lado da biblioteca, subjugada pelo corpo forte e maciço de Gideon. Sua mão começou a descer pela minha cintura, apalpando por baixo da saia até encontrar a parte da minha bunda que ficava exposta pela calcinha de renda. Ele encaixou meus quadris contra o dele, fazendo-me sentir a proporção de sua ereção. Meu sexo estremeceu de desejo, sentindo uma espécie de desamparo, uma necessidade de ter aquele vazio preenchido.

Desisti de lutar. Meus braços caíram para o lado, com as palmas viradas para o vidro. Senti a tensão se esvair do corpo dele quando me rendi. A pressão de sua boca diminuiu, e o beijo se transformou em uma carícia apaixonada.

"Eva", ele estava ofegante. "Não tente resistir. Eu não aguento."

Fechei os olhos. "Me deixe ir embora, Gideon."

Ele esfregou seu rosto contra o meu, com a respiração cada vez mais rápida e profunda perto da minha orelha. "Não consigo. Sei que você deve estar horrorizada com o que viu naquela noite… com o que eu estava fazendo com meu corpo…"

"Gideon, não!" *Minha nossa*. Ele achava que eu tinha ido embora por causa daquilo? "Não foi por isso que…"

"Estou enlouquecendo sem você." Sua boca passeava por meu pescoço, sua língua acariciava minhas veias pulsantes. Ele chupou minha pele, e uma onda de prazer me invadiu. "Não consigo pensar. Não consigo trabalhar nem dormir. Meu corpo quer você. Posso fazer você me querer de novo. Só me deixe tentar."

As lágrimas corriam por meu rosto. À medida que caíam no meu colo, ele ia lambendo e fazendo-as sumir.

Como eu ia me recuperar se fizéssemos amor mais uma vez? Como eu sobreviveria se não fizéssemos?

"Nunca deixei de te querer", sussurrei. "Não consigo. Mas você me magoou, Gideon. Você tem esse poder, mais do que qualquer outra pessoa."

Seus olhos estavam vidrados em mim, e ele parecia confuso. "Eu magoei você? Por quê?"

"Você mentiu. Se fechou pra mim." Peguei seu rosto nas mãos, tentando fazê-lo me entender de uma vez por todas. "Seu passado não tem o poder de me afastar. Mas você tem, e foi isso que fez."

"Eu não sabia o que fazer", ele rebateu. "Não queria que você me visse daquele jeito…"

"É exatamente esse o problema, Gideon. Quero conhecer você por inteiro, o lado bom e o lado ruim, e você se esconde de mim. Se não aprender a se abrir, vamos acabar nos afastando e nunca mais vamos nos aproximar. Você não sabe como estou me sentindo. Passei os últimos quatro dias me arrastando. Mais uma semana, mais um mês… abrir mão de você acabaria comigo."

"Não consigo me abrir pra você, Eva. Estou tentando. Mas sua primeira reação quando piso na bola é fugir. Você faz isso o tempo todo, e eu não aguento mais sentir que estou

pisando em ovos, com medo de fazer ou dizer alguma coisa que afaste você de mim.”

Quando ele me beijou com seus lábios feridos de novo, sua boca não estava mais tensa. Decidi não discutir. Como poderia? Ele estava certo.

“Queria que você voltasse por iniciativa própria”, ele murmurou, “mas não aguento mais essa distância entre nós. Vou tirar você daqui carregada se for preciso. Vou fazer o que for necessário para ficar sozinho com você e tirar tudo a limpo.”

Meu coração disparou. “Você estava esperando que eu voltasse? Pensei… Você devolveu as minhas chaves. Pensei que tivesse desistido de mim.”

Ele se afastou, com uma expressão dura no rosto. “*Nunca* vou desistir de você, Eva.”

Olhei para ele, sentindo meu coração sangrar diante de sua beleza e de seu sofrimento — que em grande medida havia sido causado por mim.

Fiquei na ponta dos pés e beijei a marca vermelha que o tapa deixou no rosto dele, agarrando seus cabelos sedosos com ambas as mãos.

Gideon dobrou os joelhos para ficarmos da mesma altura. Sua respiração estava acelerada e fora de controle. “Faço o que você quiser, o que for preciso. Qualquer coisa. Só me aceite de volta.”

Talvez esse desespero todo devesse me causar medo, mas eu me sentia igualmente louca por ele.

Acariciando seu peito com as mãos para tentar acalmá-lo, decidi jogar limpo: “Ao que parece, não conseguimos deixar de fazer mal um ao outro. Não consigo evitar que você sofra, e não posso mais continuar vivendo entre tantos altos e baixos. Precisamos de ajuda, Gideon. Somos extremamente disfuncionais”.

“Fui ver o doutor Petersen na sexta. Ele vai ser meu terapeuta e, se você concordar, pode nos atender como um casal. Imaginei que, se você confia nele, talvez possa dar certo.”

“O doutor Petersen?” Eu me lembrei do sobressalto que tive ao ver um Bentley quando estava de saída do consultório, já no carro de Stanton. Na ocasião, eu disse a mim mesma que era coisa da minha cabeça, uma esperança de que ele viesse atrás de mim. Afinal, havia centenas de carros pretos assim em Nova York. “Você me seguiu.”

Ele respirou profundamente. E não negou.

Engoli minha raiva. Não tinha ideia de como deveria ser difícil para ele ser tão dependente de algo — de *alguém* — que não era capaz de controlar. O que interessava naquele momento era sua disposição de tentar, e o fato de eu saber que não era só papo

furado. Ele já havia começado a agir. “Vai dar um bocado de trabalho, Gideon”, avisei.

“Trabalho é algo que não me assusta.” Suas mãos me tocavam sem parar, movendo-se entre minhas coxas e minha bunda, como se acariciar minha pele fosse tão essencial para ele como respirar. “Meu único medo é perder você.”

Dei um beijo no rosto de Gideon. Nós nos completávamos. Mesmo naquele momento, com suas mãos percorrendo meu corpo de maneira obsessiva e possessiva, senti minha alma se derreter em alívio por estar finalmente nos braços do homem que entendia e satisfazia meus desejos mais íntimos e intensos.

“Preciso de você.” A boca dele deslizava por meu rosto e meu pescoço. “Preciso ter a sensação de estar dentro de você…”

“*Não*. Pelo amor de Deus. Aqui, não.” Meu protesto, no entanto, não pareceu muito convincente nem para mim mesma. Eu o queria a qualquer momento, em qualquer lugar, de qualquer forma…

“Precisa ser aqui”, ele murmurou, ficando de joelhos. “Precisa ser agora.”

Gideon arranhou minha pele ao abaixar a calcinha de renda; depois levantou minha saia até a cintura e me lambeu no meio das pernas, afastando meus lábios vaginais para chegar a meu clitóris trêmulo.

Prendi a respiração e tentei me afastar, mas não havia para onde ir. Não com aquela porta às minhas costas e um Gideon irredutível à minha frente, prendendo-me com uma das mãos enquanto com a outra segurava minha perna esquerda sobre seu ombro, invadindo-me com sua língua ardente.

Bati com a cabeça no vidro, sentindo meu sangue ferver a partir do ponto onde ele me tocava com a língua. Minha perna se contraiu contra suas costas, trazendo-o mais para perto. Agarrei sua cabeça com as mãos para que ele permanecesse imóvel enquanto eu mesma me esfregava nele. Senti o toque de seus cabelos contra a pele sensível da parte interna das minhas coxas, tentando não me esquecer de todo o resto ao redor…

Estávamos na casa dos pais de Gideon, no meio de uma festa com dezenas de convidados famosos, e ele tinha se ajoelhado e urrava de desejo enquanto me lambia e me chupava. Ele sabia como mexer comigo, sabia do que eu gostava e precisava. Tinha uma compreensão da minha natureza que ia além de suas inacreditáveis habilidades no sexo oral. A combinação disso tudo era devastadora e viciante.

Meu corpo tremia, e meus olhos se fechavam de prazer, um prazer ilícito. “Gideon… Você me faz gozar tão gostoso.”

Sua língua se esfregava sem parar na abertura úmida e sedenta do meu corpo,

provocando-me, obrigando-me a me esfregar desavergonhadamente em sua boca inquieta. Suas mãos agarravam minha bunda, apertando-me, puxando-me para sua língua enquanto ele abria caminho dentro de mim. Havia certa reverência nessa avidez que ele sentia por mim, uma impressão inequívoca de que ele idolatrava meu corpo, de que me dar prazer e extrair prazer de mim era um elemento tão vital de sua vida como o sangue que corria em suas veias.

"Assim", sussurrei, sentindo o orgasmo se aproximando. Meus seios queriam expandir os limites do cada vez mais apertado sutiã sem alças, e meu corpo tremia diante da necessidade desesperadora de gozar. "Estou quase lá."

Um movimento do outro lado da sala atraiu minha atenção, e eu gelei ao ver os olhos de Magdalene grudados nos meus. Ela tinha acabado de entrar e parou, observando embasbacada o que Gideon estava fazendo comigo.

Mas ele estava distraído ou empenhado demais para se importar com isso. Abocanhou meu clitóris e sugou até suas bochechas ficarem côncavas. Repetindo o gesto de maneira ritmada, ele massageava aquele pontinho hipersensível com a ponta da língua.

Senti meu corpo se contrair violentamente, e depois se liberar em uma torrente furiosa de prazer.

O orgasmo me atingiu como uma onda ardente de prazer. Gemi bem alto, empurrando cegamente os quadris contra sua boca, totalmente entregue à conexão primitiva que havia entre nós. Gideon me segurou quando meus joelhos ficaram bambos, enfiando a língua em mim até que o último tremor cessasse.

Quando abri de novo os olhos, nossa plateia solitária não estava mais lá.

Levantando-se depressa, Gideon me pegou no colo e me deitou no sofá com o quadril sobre o descanso de braço, deixando-me deitada no estofamento com as costas arqueadas.

Eu o olhei de baixo para cima. Por que ele simplesmente não me debruçou sobre o sofá para me comer por trás?

Quando ele abriu a calça e tirou seu pênis enorme lá de dentro, isso deixou de fazer diferença. Ele podia me ter do jeito que quisesse. Gemi quando o senti dentro mim. Meu corpo precisava se esforçar para acomodar aquele membro que eu tanto desejava. Puxando meus quadris na direção de suas estocadas vigorosas, Gideon atacava meu sexo frágil com sua ereção brutal, grossa e rígida como uma coluna de mármore, soltando rugidos primitivos a cada vez que me penetrava até o fundo.

Deixei escapar um ganido trêmulo, estimulada por suas investidas a me entregar ao desejo nunca saciado de ser fodida até perder os sentidos. Por ele. Só por ele.

Algumas estocadas mais e ele jogou a cabeça para trás e sussurrou meu nome, remexendo os quadris e me deixando em um estado de frenesi. “Me aperte, Eva. Aperte meu pau.”

Quando eu obedeci, o ruído que ele soltou foi tão sensual que meu ventre inteiro tremeu. “Isso, meu anjo… assim.”

Aumentei ainda mais o aperto e ele soltou um palavrão. Seu olhar encontrou o meu, e o azul deslumbrante de seus olhos brilhou de euforia. Um tremor convulsionado sacudiu seu corpo inteiro, seguido de um ruído agoniado de êxtase. Ele entrou com ainda mais força em mim, uma vez, duas, e então seu pau grande e duro jorrou, soltando longos jatos de porra quente bem fundo em mim.

Não tive tempo para gozar de novo, mas isso não importava. Eu o olhei com um misto de admiração e orgulho feminino. *Eu* era capaz de fazer isso com *ele*.

No momento do orgasmo, eu o dominava da mesma maneira como ele virava meu dono quando eu gozava.

16

Gideon se debruçou sobre mim, ofegante, com seus cabelos fazendo cócegas no meu peito. “Meu Deus, não posso passar mais de um dia sem isso. Até as horas no trabalho pareceram uma eternidade.”

Percorri com os dedos as raízes úmidas de suor dos seus cabelos. “Também senti a sua falta.”

Ele passou o rosto entre meus seios. “Quando estou longe de você, fico… Não fuja mais de mim, Eva. Não consigo ficar sem você.”

Ele me puxou para que eu ficasse de pé na frente dele, mantendo o pau dentro de mim até que meus saltos tocassem o piso de madeira. “Vamos lá pra casa agora.”

“Não posso ir embora sem Cary.”

“Então vamos levá-lo junto. Shh… Antes que você diga qualquer coisa, seja o que for que ele pretende conseguir nesta festa, eu posso providenciar. Ficar aqui não ajuda ninguém.”

“Ele pode estar se divertindo.”

“Não quero você aqui.” De repente ele pareceu distante, com um tom de voz controlado demais.

“Você tem ideia do quanto me deixa chateada falando uma coisa dessas?” Chorei baixinho, com o peito queimando de dor. “O que tem de errado comigo? Por que não posso chegar perto da sua família?”

“Meu anjo, não.” Ele me abraçou, acariciando minhas costas para que eu me acalmasse. “Não tem nada de errado com você. É esta casa. Eu não… *eu* é que não posso ficar aqui. Você quer saber com que eu sonho? É com esta casa.”

“Ah.” Senti um nó no estômago de preocupação e de surpresa. “Desculpe. Eu não sabia.”

Alguma coisa na minha voz fez com que ele desse um beijo na minha testa. “Fui grosseiro demais com você hoje. Desculpe. Fico agressivo e irritado quando estou aqui, mas isso não é motivo.”

Agarrei seu rosto com as duas mãos e olhei bem para os olhos dele, conseguindo um

vislumbre dos sentimentos turbulentos que Gideon estava tão acostumado a esconder. “Nunca se desculpe por ser você mesmo quando está comigo. É isso que eu quero. Quero ser seu porto seguro, Gideon.”

“Isso você já é. Você nem imagina quanto, mas vou arrumar um jeito de explicar.” Ele grudou sua testa contra a minha. “Vamos pra casa. Comprei umas coisinhas pra você.”

“Ah, é? Adoro presentes.” Principalmente quando vinham do meu namorado assumidamente nada romântico.

Com cuidado, ele começou a sair de dentro de mim. Fiquei até assustada ao perceber como estava molhada, dando-me conta do quanto ele havia gozado. Os últimos centímetros escorregaram com força para fora, respingando sêmen na parte interna das minhas coxas. Logo depois, duas audaciosas gotinhas caíram sobre o piso de madeira por entre minhas pernas abertas.

“Merda”, ele rosnou. “Isso é bom demais. Já estou ficando duro de novo.”

Olhei para sua demonstração desavergonhada de virilidade e senti um calor subir pelo corpo. “Você não vai aguentar depois de tudo *aquilo*.”

“Claro que vou.” Pegando meu sexo com a mão em concha, ele me deixou toda meladinha, apertando os grandes lábios e massageando a parte interna com os dedos. Senti uma euforia se espalhar dentro de mim como o calor de um gole de uma bebida fina, um senso de contentamento que provinha simplesmente do fato de Gideon gostar de desfrutar de mim e do meu corpo.

“Viro um animal quando estou com você”, ele murmurou. “Quero te deixar marcada. Quero possuir você de tal forma que não exista mais nenhuma distância entre nós.”

Meus quadris começaram a se mover em pequenos círculos. Suas palavras e seu toque reacenderam o desejo que ele havia tornado ainda mais intenso com a força de seu pau. Eu queria gozar de novo, não queria ter que esperar até chegarmos à cama dele. Eu também virava uma criatura sexual ao lado de Gideon, tão fisicamente em sintonia com ele e com tanta certeza de que ele jamais ia ferir meu corpo que me senti… livre.

Tomei seu pulso entre os dedos e guiei lentamente sua mão pelo meu quadril até chegar à minha bunda. Mordendo seu queixo, reuni a coragem que ele me inspirava e murmurei: “Me toque aqui. Me marque bem aqui”.

Ele ficou paralisado, com o peito arfando em movimentos acelerados. “Eu não…”. Ele pôs mais força na voz. “Eu não faço anal, Eva.”

Olhando em seus olhos, vi a presença de algo obscuro e volátil. Algo muito doloroso.

De todas as coisas que poderíamos ter em comum…

A paixão bruta da luxúria se acalmou até chegar à familiaridade amena do amor. Com o coração sangrando, confessei: “Eu também não. Pelo menos voluntariamente”.

“Então… por quê?” A perplexidade de seu tom de voz me comoveu.

Eu o abracei, pressionando o rosto contra o dele e ouvindo a batida quase desesperada de seu coração. “Porque acredito que seu toque pode me fazer esquecer o de Nathan.”

“Ah, Eva.” Ele deitou o rosto sobre a parte de cima da minha cabeça.

Eu o apertei ainda mais forte. “Com você eu me sinto segura.”

Ficamos abraçados por um bom tempo. Ouvi sua pulsação se acalmar e sua respiração ficar mais lenta. Inspirei profundamente, deliciando-me com a mistura do cheiro dele com o da nossa luxúria furiosa e do sexo ainda mais intenso.

Quando a ponta do dedo médio dele deslizou suavemente até as pregas do meu ânus, eu me afastei e olhei para ele. “Gideon?”

“Por que eu?”, ele perguntou baixinho, com seus lindos olhos parecendo confusos e tempestuosos. “Você sabe que tenho traumas, Eva. Você viu o que… naquela noite em que me acordou. Você viu, porra. Como pode entregar seu corpo pra mim desse jeito?”

“Confio no meu coração e no que ele está me dizendo.” Desfiz com os dedos a ruga entre suas sobrancelhas. “E você é capaz de devolver meu corpo pra mim, Gideon. Acho que ninguém mais além de você pode fazer isso.”

Ele fechou os olhos e encostou sua testa suada na minha. “Você tem uma palavra de segurança, Eva?”

Surpresa, mais uma vez eu me afastei para examinar seu rosto. Alguns membros da minha terapia de grupo já tinham falado sobre relações de dominação/submissão. Certas pessoas precisam estar totalmente no controle durante o sexo. Já outras preferiam o oposto, e só a submissão e a humilhação eram capazes de saciar sua necessidade de sentir dor para poder ter prazer. Para os praticantes dessa modalidade de sexo, a palavra de segurança era um jeito bem claro de dizer *chega*. Mas eu não entendi por que isso poderia ter alguma relevância para mim e Gideon. “Você tem?”

“Não preciso disso.” O movimento suave do seu dedo foi perdendo intensidade. Ele repetiu a pergunta. “Você tem uma palavra de segurança?”

“Não, nunca precisei. Fazer papai-e-mamãe, ficar de quatro, brincar com o vibrador… meu repertório se resume a isso, basicamente.”

Seu rosto perdeu um pouco da seriedade que ostentava até então. “Graças a Deus. Caso

contrário eu poderia ficar maluco.”

E a ponta do seu dedo ainda estava me massageando ali atrás, despertando um desejo perverso. Gideon provocava aquilo em mim, fazendo-me esquecer de tudo o que havia acontecido antes. Eu não tinha gatilhos negativos com ele, nem medos e hesitações. E queria retribuir tudo isso com o corpo que ele havia libertado dos eventos do passado.

O relógio perto da porta começou a badalar a hora.

“Gideon, sumimos faz um tempão. Daqui a pouco vão vir atrás de nós.”

Ele tirou um pouco da pressão do dedo, tocando-me bem de leve. “E você está preocupada com isso?”

Meus quadris se arquearam ao toque. Já estava ficando com tesão de novo, só de pensar no que estava por vir. “Não me preocupo com mais nada quando você está me tocando.”

Sua mão livre subiu até meus cabelos e os agarrou pela raiz, mantendo minha cabeça imóvel. “Você já gostou de fazer anal? Mesmo sem querer?”

“Nunca.”

“E ainda assim confia em mim a ponto de me pedir isso.” Ele beijou minha testa enquanto lambuzava meu traseiro com seu sêmen.

Eu me agarrei em sua cintura. “Se não quiser, não precisa…”

“Quero, sim.” Sua voz ganhou um tom perversamente agressivo. “Se você está a fim de alguma coisa, sou eu quem tem que fazer. Sou eu o responsável por satisfazer todas as suas necessidades, Eva. Custe o que custar.”

“Obrigada, Gideon.” Meus quadris se mexiam sem parar enquanto ele continuava a me lubrificar. “Eu também quero ser o que você precisa.”

“Eu já disse do que preciso, Eva… controle.” Ele roçou seus lábios contra os meus. “Você está me pedindo para fazê-la revisitar lugares dolorosos, e eu vou, se é isso que você quer. Mas precisamos tomar muito cuidado.”

“Eu sei.”

“A confiança é uma coisa difícil de conquistar, tanto pra você como pra mim. Se acabar, corremos o risco de perder tudo. Pense em uma palavra que você associe ao poder. *Sua* palavra de segurança, meu anjo. Escolha uma.”

A pressão da ponta do dedo dele foi se tornando mais insistente. Eu gemi: “Crossfire”.

“Humm… Gostei. Bem apropriado.” A ponta de sua língua percorreu minha boca, tocando-me apenas de leve antes de se retrair. Seu dedo circulava meu ânus de novo e de

novo, empurrando o sêmen para aquele orifício apertado, que se abria pedindo mais, enquanto ele soltava um gemido.

Quando ele o pressionou de novo, fiz força para fora e seu dedo escorregou para dentro de mim. A sensação da penetração foi surpreendentemente intensa.

Assim como antes, minhas pernas cederam ao peso do corpo, deixando-me toda mole.

“Está tudo bem?” Gideon perguntou assustado quando eu quase caí sobre ele. “Quer que eu pare?”

“Não… Não pare.”

Ele entrou mais um pouquinho, e eu me apertei um pouco, uma relação inevitável ao sentir algo deslizando em contato com tecidos sensíveis. “Você é toda lisinha e quentinha”, ele sussurrou. “E tão macia. Está doendo?”

“Não. Por favor. Quero mais.”

Gideon tirou a ponta do dedo; depois entrou de novo até a junta, devagarinho e com calma. Estremeci, deliciada, surpresa ao perceber como aquilo era bom, aquele preenchimento gostoso do meu traseiro.

“Está gostando?”, ele perguntou com a voz rouca.

“Estou. Com você tudo fica gostoso.”

Ele tirou o dedo de novo, e voltou ainda mais fundo. Curvando-me para a frente, empurrei o quadril para trás a fim de facilitar seu acesso, pressionando meus seios contra seu peito. Ele agarrou com mais força meus cabelos, puxando minha cabeça para trás para me dar um beijo molhado e cheio de tesão. Nossas bocas abertas se esfregavam uma na outra, em um movimento cada vez mais frenético à medida que minha excitação crescia. A sensação do dedo de Gideon naquele lugarzinho perversamente sensual, entrando e saindo com tanta suavidade, fez com que eu me movesse para trás a fim de deixá-lo entrar ainda mais fundo.

“Você é tão linda”, ele murmurou, num tom de voz infinitamente gentil. “Adoro te dar prazer. Adoro ver o orgasmo tomar conta do seu corpo.”

“Gideon.” Eu estava entregue, rendida ao contentamento arrebatador de estar em seus braços, sendo amada por ele. Aqueles quatro dias sozinha tinham me mostrado como eu seria infeliz se não conseguíssemos nos entender, como meu mundo sem ele ficaria tedioso e sem vida. “Preciso de você.”

“Eu sei.” Ele lambeu meus lábios, fazendo minha cabeça entrar em parafuso. “Estou bem aqui. Sua boceta está toda excitada e apertadinha. Você vai gozar pra mim de novo.”

Com as mãos trêmulas, tateei para pegar no pau dele, que estava duro. Levantei o forro da saia para conseguir enfiá-lo na minha abertura encharcada. Ele entrou só um pouquinho, a posição em que estávamos impedia uma penetração mais profunda, mas aquilo já era suficiente. Joguei os braços em seus ombros e enterrei a cabeça em seu pescoço quando senti minhas pernas enfraquecerem. Ele largou meus cabelos, apoiando a mão espalmada sobre minhas costas para me manter bem perto.

"Eva." Seu dedo começou a entrar e sair mais rapidamente. "Sabe o que você está fazendo comigo?"

Seus mamilos roçavam os meus, e a cabeça do membro grosso massageava um pontinho deliciosamente sensível dentro de mim. "Você está ordenhando a cabeça do meu pau com essa boceta apertadinha. Vai me fazer esporrar em você. Quando você gozar, vou gozar também."

Eu mal me dava conta dos gemidos emitidos por minha garganta. Meus sentidos estavam sobrecarregados pelo cheiro de Gideon, pelo calor de seu corpo firme e rígido, pela sensação do membro dentro de mim e do dedo no meu traseiro. Eu estava cercada por ele, sendo preenchida por ele, sendo deliciosamente possuída de todas as maneiras possíveis. Um orgasmo ganhava força dentro de mim, abrindo caminho, expandindo-se no meu ventre. E não apenas pelo prazer físico, mas também por saber que ele estava disposto a correr riscos. Mais uma vez. Por mim.

Quando seu dedo parou, soltei um ruído de protesto.

"Psiu", ele sussurrou. "Está vindo alguém."

"Ai, Deus! Magdalene apareceu aqui antes e viu a gente. E se ela contou…"

"Não se mexa." Gideon não me largou. Ficou parado do jeito que estava, preenchendo-me pela frente e por trás, com a mão acariciando minha coluna e esticando meu vestido. "Isso aqui esconde tudo."

De costas para a entrada da sala, escondi o meu rosto queimando de vermelho na camisa dele.

A porta abriu. Houve uma pausa, e depois ouvimos alguém dizer: "Está tudo bem?".

Christopher. Fiquei sem graça por não poder me virar.

"Claro que está", disse Gideon, tranquilo, absolutamente controlado. "O que você quer?"

Para meu tormento, ele retomou o movimento de enfiar e tirar o dedo. Não entrando fundo como antes, apenas um movimento leve que não apareceria por baixo da saia.

Excitada até os ossos e à beira do orgasmo, cravei minhas unhas nas costas dele. A tensão que sentia por saber que Christopher estava ali só fazia aumentar meu tesão.

“Eva?”, perguntou Christopher.

Engoli em seco. “Oi?”

“Você está bem?”

Gideon corrigiu sua postura, o que fez com que seu pau me penetrasse e sua pélvis encontrasse meu clitóris pulsante.

“S-sim. Estamos só… conversando. Sobre. Jantar.” Meus olhos se fecharam quando Gideon acariciou a fina camada que separava seu pênis de seu dedo dentro de mim. Se ele encostasse no meu clitóris de novo, eu ia gozar. Estava excitada demais para conseguir parar.

O peito de Gideon fez meu rosto vibrar junto quando ele falou. “Se você sair daqui podemos terminar logo a conversa, então diga logo o que quer.”

“Mamãe está procurando você.”

“Por quê?” Gideon se mexeu de novo, comprimindo meu clitóris ao mesmo tempo que me enfiou bem fundo o dedo por trás.

Eu gozei. Com medo de que a onda de prazer saísse por minha garganta, enterrei os dentes na musculatura rígida do peitoral dele. Gideon gemeu de leve e começou a gozar, lançando grandes jatos de sêmen quente e espesso dentro de mim.

O restante da conversa se perdeu em meio ao ruído da minha própria pulsação na minha orelha. Christopher falou alguma coisa, Gideon respondeu e a porta se fechou de novo. Ele me sentou de pernas abertas no braço do sofá e começou a meter em mim com força, usando meu corpo para extrair o restante de seu orgasmo, gemendo com a boca colada à minha ao final da trepada mais descontrolada e exibicionista da minha vida.

Quando terminamos, Gideon me levou pela mão até o banheiro, onde ensaboou uma toalha de mão e me limpou no meio das pernas antes de pensar em sua própria higiene. A maneira como ele cuidava de mim era deliciosamente íntima, demonstrando mais uma vez que, por mais primitivo que fosse seu desejo, ele considerava minha companhia algo precioso.

“Não quero mais que a gente brigue”, eu disse baixinho, empoleirada sobre a pia.

Ele escondeu a toalha usada em um cesto de roupa suja e fechou a braguilha. Depois veio até mim e acariciou meu rosto com seus dedos frios. “Nós não brigamos, meu anjo. Só precisamos aprender a parar de matar um ao outro de susto.”

“Do jeito como você fala parece tão fácil”, resmunguei. Definir qualquer um de nós como virgens seria ridículo, ainda que em termos emocionais fôssemos exatamente isso, tateando no escuro e ansiosos demais, completamente descontrolados e morrendo de vergonha, tentando impressionar e deixando de prestar atenção às nuances mais sutis.

“Não importa se vai ser fácil ou não. Vamos superar tudo. Precisamos disso.” Ele passou os dedos por meus cabelos despenteados, fazendo tudo voltar ao lugar. “Vamos conversar sobre isso quando estivermos em casa. Acho que descobri o ponto central do nosso problema.”

Sua convicção e determinação amenizavam a inquietação que senti nos quatro dias que passei sem ele. Fechando os olhos, relaxei e curti a sensação de ter meus cabelos arrumados por ele. “Sua mãe ficou muito surpresa por eu ser loira.”

“Ah, é?”

“A minha mãe também. Não por eu ser loira”, logo esclareci. “Por você ter se interessado por uma loira.”

“É mesmo?”

“Gideon!”

“Quê?” Ele beijou a ponta do meu nariz e acariciou meus braços com as mãos.

“Eu não sou do tipo com que você sai normalmente, não é?”

Ele ergueu as sobrancelhas. “Eu só tenho um tipo: Eva Lauren Tramell. E ponto final.”

Revirei os olhos. “Tudo bem. Que seja.”

“Que diferença isso faz? Agora estou com você.”

“Nenhuma. Só estou curiosa. As pessoas não costumam abrir mão de seu tipo preferido.”

Posicionando-se entre minhas pernas, ele me abraçou pelos quadris. “Sorte minha que sou seu tipo.”

“Gideon, não existe um tipo no seu caso.” Eu tentei deixar bem claro. “Você pertence a uma categoria única e exclusiva.”

Os olhos deles brilharam. “Então você gosta do que vê?”

“Você sabe que sim, e é por isso que precisamos sair daqui agora, para não começar a

trepar de novo como animais no cio.”

Apertando seu rosto junto ao meu, ele murmurou: “Só você para me deixar louco de tesão em um lugar que me dá calafrios. Obrigado por ser exatamente o que eu quero e preciso”.

“Ah, Gideon.” Eu o abracei com os braços e as pernas, mantendo entre nós a maior proximidade possível. “Você veio aqui por minha causa, não foi? Pra me tirar deste lugar que você detesta.”

“Eu iria até o inferno por você, Eva, e isto aqui é quase isso.” Ele suspirou profundamente. “Eu estava quase indo até seu apartamento quando fiquei sabendo que você estava aqui. Você precisa manter distância de Christopher.”

“Por que você fica falando isso o tempo todo? Ele parece ser tão legal.”

Gideon se afastou, ajeitando o cabelo com os dedos. Seus olhos grudaram nos meus. “Ele leva a rivalidade entre irmãos ao extremo, e é instável a ponto de se tornar perigoso. Está sendo bonzinho porque sabe que pode usar você para me magoar. Precisa confiar em mim a esse respeito.”

Por que Gideon estava tão desconfiado das intenções de seu meio-irmão? Ele devia ter uma boa razão, mas essa era outra coisa que ainda não tinha compartilhado comigo. “Confio em você. Claro que sim. Vou manter distância dele.”

“Obrigado.” Ele me pegou pela cintura e me pôs no chão. “Vamos buscar Cary e dar o fora daqui.”

Voltamos lá para fora de mãos dadas. Eu estava meio sem graça, sabia que tínhamos sumido por um bom tempo. O sol já estava se pondo. E eu estava sem calcinha. Meu shortinho de renda rasgado se encontrava no bolso da frente do jeans de Gideon.

Ele me olhou quando entramos na tenda. “Eu deveria ter dito antes. Você está lindíssima, Eva. Esse vestido ficou maravilhoso em você, e esses saltos vermelhos vão me matar de tesão.”

“Bom, que eles funcionam ficou bem claro.” Atingi o ombro dele com o meu. “Obrigada.”

“Pelo elogio? Ou pela foda?”

“Psiu”, eu o repreendi, vermelha.

Sua gargalhada gostosa atraiu os olhares de todas as mulheres que havia por perto, e até de alguns homens. Posicionando nossas mãos dadas na parte inferior das minhas costas, ele me puxou para perto e beijou minha boca.

“Gideon!” Sua mãe veio até nós com os olhos brilhando e um enorme sorriso no belo rosto. “Estou tão feliz por você estar aqui.”

Ela fez menção de abraçá-lo, mas a postura dele mudou sutilmente, criando em torno de si uma espécie de campo de força invisível no qual eu também estava incluída.

Elizabeth interrompeu bruscamente sua aproximação.

“Mãe.” Ele a cumprimentou com a frieza de uma tempestade polar. “Agradeça a Eva por eu estar aqui. Vim para levá-la embora.”

“Mas ela está se divertindo, não é mesmo, Eva? Você deveria ficar, por ela.” Elizabeth me lançou um olhar de súplica.

Apertei a mão de Gideon com os dedos. Ele vinha em primeiro lugar para mim, é claro, mas eu queria muito saber o porquê de tanta frieza em relação a uma mãe que parecia ser bastante amorosa. Seu olhar de admiração percorria o rosto do filho, que guardava algumas semelhanças com o dela, devorando cada detalhe. Quando teria sido a última vez que tinham se visto pessoalmente?

Foi quando me perguntei se ela não o amava *demais*…

A repulsa que senti me deu um frio na espinha.

“Não queira deixar Eva constrangida”, disse Gideon, massageando com as juntas dos dedos minhas costas tensas. “Você já teve o que queria — conseguiu conhecê-la.”

“Vocês poderiam aparecer para jantar algum dia da semana.”

Sua única resposta foi erguer as sobrancelhas. Depois olhou para outro lado, o que me levou a fazer o mesmo. Vi Cary sair do que parecia ser um labirinto de plantas abraçado com uma conhecidíssima estrela da música pop. Gideon fez um gesto para ele.

“Ah, não, Cary também!”, protestou Elizabeth. “Ele é a sensação da festa.”

“Imaginei que você fosse gostar dele.” Gideon arreganhou os dentes com tanto sarcasmo que mal parecia um sorriso. “Só não esqueça que ele é amigo de Eva, mãe. Ele também é meu.”

Fiquei aliviadíssima quando Cary se juntou a nós, dissipando a tensão com seu jeito tranquilo de ser.

“Estava procurando você”, ele me disse. “Espero que esteja pronta para ir embora. Recebi aquela ligação que estava esperando.”

Ao ver o brilho em seus olhos, tive certeza de que Trey o havia procurado. “Sim, estamos prontos.”

Cary e eu circulamos um pouco pela festa para nos despedir e agradecer o convite. Gideon permaneceu ao meu lado como uma sombra possessiva, aparentando tranquilidade, mas fazendo questão de não ser nem um pouco amigável.

Estávamos quase chegando à casa quando vi Ireland parada em um canto olhando para Gideon. Parei e me virei para ele. “Vá chamar sua irmã pra gente se despedir.”

“Quê?”

“Ela está à sua esquerda.” Olhei para o outro lado, para que a garota que parecia idolatrar o irmão mais velho não percebesse que estávamos falando dela.

Ele fez um aceno brusco para que Ireland se aproximasse. Ela veio andando lentamente, com uma expressão muito bem treinada de tédio constante em seu belo rosto. Olhei para Cary e balancei a cabeça. Nós nos lembrávamos muito bem dessa época.

“Escute.” Segurei a mão de Gideon. “Diga que sente muito porque vocês não conseguiram conversar, mas que ela pode ligar pra você quando quiser.”

Gideon fez uma expressão de surpresa. “E que conversa nós temos pra pôr em dia?”

Acariciando seu braço, eu disse: “Ela vai ter muito o que falar se tiver uma chance”.

Ele desdenhou. “Ela é uma adolescente. Por que eu perderia tempo com seu papo furado?”

Fiquei na ponta dos pés e sussurrei em sua orelha: “Porque eu vou ficar te devendo uma”.

“Você está tramando alguma.” Ele me olhou desconfiado por um momento; depois deu um beijo bem apertado na minha boca. “Então vamos deixar a coisa em aberto e dizer que você fica me devendo mais do que uma. A quantidade nós vemos depois.”

Concordei com a cabeça. Cary se afastou e esfregou um indicador no outro como quem diz “Vocês estão cheios de intimidade”.

Nada mais justo, pensei, já que estávamos apaixonados.

Fiquei surpresa quando Gideon pegou pessoalmente as chaves do Bentley das mãos do manobrista. “*Você* veio dirigindo? E Angus?”

“Está de folga.” Ele esfregou o nariz na minha têmpora. “Eu estava com saudade de você, Eva.”

Acomodei-me no assento de passageiro e fechei a porta. Enquanto punha o cinto, vi que

ele parou ao lado do carro e olhou para dois homens de preto que esperavam ao lado de um sedã Mercedes Benz estacionado não muito longe dali. Eles fizeram sinal de positivo e entraram no carro. Quando Gideon deixou a propriedade dos Vidal, eles seguiram atrás.

“Seguranças?”, perguntei.

“Sim. Saí correndo quando fiquei sabendo que você estava aqui, e eles ficaram meio perdidos por um tempo.”

Cary tinha ido embora com Clancy, então Gideon e eu fomos diretamente para a cobertura dele. O jeito como Gideon dirigia era muito sensual. Ele manejava o carro da mesma maneira como conduzia todos os assuntos — com confiança, agressividade e controle absoluto. Estava indo depressa, mas não era descuidado, superando com tranquilidade as curvas da estrada sinuosa e cinematográfica que nos levava de volta à cidade. O movimento era tranquilo, só pegamos trânsito ao entrar em Manhattan.

Quando chegamos ao apartamento, fomos diretamente para a suíte tomar banho. Como não conseguia tirar as mãos de mim, Gideon me lavou dos pés à cabeça; depois me secou com uma toalha e me vestiu com um robe novo de seda estampada no estilo quimono. Para completar, pegou uma calça de seda estampada de uma gaveta para ele.

“E eu vou ficar sem calcinha?”, perguntei, pensando na minha gaveta de lingeries sensuais.

“Vai. Tem um telefone na parede da cozinha. Aperte o primeiro número da discagem rápida e diga para quem atender que eu mandei buscar uma porção para dois do prato de sempre no Peter Luger.”

“Certo.” Fui até lá e fiz a ligação. Depois tive que sair à procura de Gideon. Eu o encontrei no escritório, um cômodo em que nunca havia entrado antes.

Não consegui observar muito bem aquele espaço porque as únicas fontes de luz eram uma lâmpada angulada posicionada sobre um quadro e um abajur em cima da mesa de madeira. Além disso, meus olhos estavam mais interessados em se concentrar nele. Estava absurdamente sexy e sedutor recostado em uma enorme cadeira de couro preto. Entre suas mãos ele aquecia um cálice com alguma bebida, e a beleza de seus bíceps flexionados provocou arrepios pelo meu corpo, assim como os músculos bem definidos de seu abdome.

Seu olhar estava fixado no quadro iluminado pela lâmpada, o que atraiu também minha atenção. Tomei um susto ao ver do que se tratava — uma enorme colagem de fotos minhas com ele: a imagem do beijo na frente da academia… um retrato feito pela assessoria de imprensa do evento beneficente a que fomos juntos… uma fotografia furtiva da reconciliação depois da briga no Bryant Park…

O centro do quadro era dominado por uma foto minha dormindo em minha cama, iluminada apenas pela vela que havia deixado acesa para ele. Era uma imagem íntima e voyeurística, que revelava mais sobre o fotógrafo do que sobre seu objeto.

Fiquei profundamente tocada com aquela prova de que ele também estava apaixonado.

Gideon apontou para a bebida que havia servido para mim na mesa antes de eu entrar. “Sente-se.”

Obedeci, curiosa. Havia algo diferente nele, como se tivesse algum objetivo em mente e o perseguisse com calma e determinação, com seu foco preciso como um laser.

Qual era o motivo daquilo? E o que significaria para o restante da noite?

Foi quando vi uma reprodução menor da colagem em um porta-retratos perto da minha bebida, e minha preocupação se desfez. Era um porta-retratos parecido com o que eu tinha na minha mesa, mas nesse havia três fotos minhas com ele.

“Quero que você leve isso pro trabalho”, Gideon disse baixinho.

“Obrigada.” Pela primeira vez em muitos dias, eu estava feliz. Coloquei o porta-retratos junto ao peito com uma das mãos e apanhei o meu cálice com a outra.

Seus olhos brilharam ao me ver sentar. “Vejo você me mandando beijos o dia todo na minha mesa. Acho justo que tenha algo para se lembrar de mim. De nós.”

Suspirei com força, com a pulsação acelerada. “Eu nunca me esqueço de você, nem de nós dois.”

“E eu não deixaria, mesmo que você quisesse.” Gideon deu um grande gole em sua bebida, produzindo um movimento potente em sua garganta. “Acho que entendi qual foi nosso primeiro erro, o que causou toda a turbulência que estamos enfrentando desde então.”

“Ah, é?”

“Beba seu Armagnac, meu anjo. Acho que você vai precisar dele.”

Dei um gole cauteloso, sentindo o ardor instantâneo, seguido da constatação de que o sabor era bom. Só então dei um gole maior.

Rolando o cálice entre as palmas das mãos, Gideon bebeu mais um pouco e me lançou um olhar cauteloso. “Diga o que foi mais gostoso, Eva: sexo na limusine, quando você estava no comando, ou no hotel, quando quem comandou fui eu?”

Eu me remexi na cadeira, inquieta, sem saber aonde ele queria chegar. “Acho que você gostou do que aconteceu na limusine. Enquanto estava acontecendo. Depois não,

obviamente.”

“Eu adorei”, ele disse com convicção. “Sua imagem naquele vestido vermelho, gemendo e me dizendo que adorava meu pau dentro de você não vai sair da minha cabeça enquanto eu viver. Se quiser voltar a ficar por cima alguma vez no futuro, sou totalmente a favor.”

Senti a tensão se espalhar por meu corpo. Os músculos do meu ombro começaram a enrijecer. “Gideon, estou começando a ficar assustada. Todo esse papo de palavra de segurança e ficar por cima… acho que não estou gostando do rumo desta conversa.”

“Você está pensando em violência e dor. Eu estou falando de cessão consensual de controle.” Gideon me observou atentamente. “Quer mais um conhaque? Você está pálida.”

“Você acha?” Deixei o cálice vazio em cima da mesa. “Pois parece que você está me dizendo que é um dominador.”

“Meu anjo, isso você já sabia.” Ele abriu um sorriso suave e sensual. “O que estou dizendo é que você é submissa.”

17

Eu me levantei em um pulo.

“Nada disso”, ele me avisou com um tom de voz sombrio. “Nada de fugir. Ainda não terminamos.”

“Você não sabe do que está falando.” Estar sob o domínio de alguém — *perder o direito de dizer não!* —, eu jamais permitiria que isso voltasse a acontecer. “Você sabe pelo que eu passei. Preciso estar no controle, tanto quanto você.”

“Sente-se, Eva.”

Fiquei de pé só para provar o que estava dizendo.

Ele abriu um sorriso bem largo, e eu derreti por dentro. “Você tem alguma ideia de como sou maluco por você?”, ele murmurou.

“Você realmente é maluco se está achando que vou aceitar obedecer ordens o tempo todo, principalmente na hora do sexo.”

“Ora, Eva. Você sabe que não tenho interesse em bater, punir, machucar, humilhar nem tratar você como um cachorrinho. Nenhum de nós dois precisa disso.” Ajeitando-se na cadeira, Gideon se curvou para a frente e apoiou os cotovelos na mesa. “Você é a coisa mais importante da minha vida, é o meu tesouro. Quero proteger você e fazer com que se sinta segura. É por isso que estamos conversando sobre isso.”

Minha nossa. Como é que ele conseguia ser tão maravilhoso e tão insano ao mesmo tempo? “Eu não preciso ser dominada!”

“Você precisa é de alguém em quem confiar… Não. Quieta, Eva. Espere até eu terminar.”

Meu protesto virou silêncio.

“Você me pediu para reavivar seu corpo fazendo coisas que antes eram dolorosas e assustadoras. Não sei nem dizer o que significa essa confiança pra mim, e como eu me sentiria caso fizesse algo e acabasse perdendo isso. Não posso arriscar, Eva. Precisamos fazer do jeito certo.”

Cruzei os braços. “Acho que sou muito burra mesmo. Pensei que nossa vida sexual fosse o máximo.”

Pondo o cálice sobre a mesa, Gideon continuou falando como se eu não tivesse dito nada. “Você me pediu pra satisfazer uma necessidade sua, e eu concordei. Agora precisamos…”

“Se não sou o que você quer, pode dizer de uma vez!” Pus meu cálice e o porta-retratos sobre a mesa antes que fizesse alguma coisa com eles de que depois me arrependesse. “Não precisa ficar dando voltas…”

Ele contornou a mesa e chegou até mim antes que eu pudesse dar um ou dois passos atrás, cobrindo minha boca com a dele e me aprisionando em seus braços. Como já havia feito antes, ele me levou até uma parede e me segurou contra ela, agarrando meus punhos e erguendo-os sobre minha cabeça.

Não pude fazer nada quando ele dobrou os joelhos e começou a esfregar o pênis ereto no meio das minhas pernas. Uma vez, depois outra. A seda criava atrito com meu clitóris. Seus dentes se fechando sobre meu mamilo coberto me fizeram estremecer, enquanto o cheiro de sua pele recém-lavada me intoxicava. Prendendo a respiração, soltei-me em seus braços.

“Viu como você se submete em um instante quando assumo o controle?” Ele beijou minhas sobrancelhas, e eu as levantei de surpresa. “E é gostoso, não é? É a coisa mais certa a fazer.”

“Isso não é justo.” Olhei bem para ele. O que esperava que eu respondesse? Perturbada e confusa como estava, eu só poderia concordar.

“Claro que é. E é verdade.”

Meus olhos se alternavam entre seus cabelos negros e sedosos e as feições bem desenhadas de seu rosto incomparável. O desejo que me abateu era tão agudo que chegava a doer. O trauma que ele escondia me fazia amá-lo ainda mais. Havia momentos em que parecia que eu encontraria outra parte de mim dentro dele.

“Não consigo evitar, quando você me deixa com tesão”, murmurei. “Meu corpo é programado fisiologicamente pra amolecer e relaxar, pra você poder enfiar seu pau enorme em mim.”

“Eva. Vamos ser sinceros. Você *quer* que eu esteja no controle. É importante pra você poder confiar em mim, saber que vou cuidar de você. Não tem nada de errado nisso. E o mesmo vale pra mim — preciso que você confie em mim a ponto de abrir mão do controle.”

Não conseguia pensar com ele ali grudado em mim, atormentando meu corpo com o contato tão próximo. “Eu *não sou* submissa.”

“Comigo você é. Se pensar bem, você vai ver que está tentando me dizer isso desde o começo.”

“Você é bom de cama! E tem mais experiência. Claro que eu deixo você fazer o que quiser comigo.” Mordi o lábio inferior para fazer com que parasse de tremer. “Desculpe se não sou tão interessante como você.”

“Não é nada disso, Eva. Você sabe que adoro transar com você. Se pudesse, não faria mais nada da vida. Não estamos falando de brincadeirinhas que me excitam.”

“Então estamos falando do que *me* excita? É isso?”

“É. Foi o que eu pensei.” Ele franziu a testa. “Você está chateada. Eu não queria… droga. Pensei que falar a respeito fosse ajudar.”

“Gideon.” Meus olhos arderam, depois se encheram de lágrimas. Ele parecia tão magoado e confuso quanto eu. “Você está cortando meu coração.”

Ele soltou meus pulsos, deu um passo atrás e me pegou no colo, carregando-me do seu escritório até o corredor, diante de uma porta fechada. “Vire a maçaneta”, ele disse baixinho.

Entramos em um quarto iluminado a luz de velas, ainda cheirando a tinta fresca. Durante alguns segundo fiquei desorientada, sem entender como saímos do apartamento de Gideon diretamente para meu quarto.

“Não estou entendendo.” Dizer aquilo era um eufemismo, mas minha mente não conseguia vencer a perplexidade de ser transportada de uma casa para outra. “Você… mudou meu quarto pra cá?”

“Não exatamente.” Ele me pôs no chão, mas continuou me prendendo com um dos braços. “Eu recriei seu quarto com base na foto que tirei de você dormindo.”

“*Por quê*?”

O que era aquilo? Quem em sã consciência faria uma coisa daquelas? O objetivo era me impedir de vê-lo tendo pesadelos?

Esse pensamento aumentou o aperto em meu coração. Era como se Gideon e eu nos afastássemos ainda mais a cada momento.

Suas mãos acariciavam meu cabelo molhado, o que só fazia crescer minha agitação. Minha vontade era de rejeitar seu toque e impor uma distância de no mínimo um cômodo entre nós. Talvez dois.

“Quando você sentir vontade de fugir”, ele falou com um tom de voz suave, “pode vir até aqui e fechar a porta. Prometo que não vou incomodar até você sair. Assim você pode

ter um porto seguro, e eu posso saber que não me deixou.”

Um milhão de perguntas e especulações surgiram na minha mente, mas a primeira coisa que saiu da minha boca foi: “A gente vai continuar dormindo na mesma cama?”.

“Todas as noites.” Ele beijou minha testa. “De onde você tirou essa ideia? Fale comigo, Eva. O que está passando por essa sua cabecinha linda?”

“O que está passando pela *minha* cabeça?”, eu explodi. “Que porra está acontecendo com a sua? O que você andou fazendo durante os quatro dias que ficamos separados?”

Ele cerrou os dentes. “Nós nunca nos separamos, Eva.”

O telefone tocou na outra sala. Soltei um palavrão inaudível. Queria conversar e queria que ele sumisse da minha frente, tudo ao mesmo tempo.

Gideon me pegou pelos ombros, depois me soltou. “O jantar chegou.”

Não o segui imediatamente depois que ele saiu. Estava abalada demais para comer. Em vez disso, deitei naquela cama exatamente igual à minha, agarrei-me num travesseiro e fechei os olhos. Não ouvi quando Gideon voltou, mas notei sua presença quando ele ficou parado ao lado da cama.

“Por favor, não me faça comer sozinho”, ele disse para minhas costas imóveis.

“Por que não ordena que eu coma com você logo de uma vez?”

Ele suspirou, depois subiu na cama e se deitou junto a mim. O calor de seu corpo era bem-vindo, espantando a frieza que havia feito minha pele se arrepiar. Ele ficou um tempão ao meu lado sem dizer nada, simplesmente oferecendo o conforto de sua companhia. Ou talvez se confortando com a minha.

“Eva.” Seus dedos acariciaram meu braço por cima do robe de seda. “Não aguento ver você triste. Fale comigo.”

“Não sei o que dizer. Pensei que estávamos finalmente começando a nos entender.” Agarrei o travesseiro com mais força.

“Não precisa ficar tensa, Eva. Dói muito quando você se afasta de mim.”

Eu me sentia como se ele estivesse me *empurrando* para longe.

Rolei na cama e deitei-o de costas, depois montei sobre ele, e meu robe se abriu quando me ajeitei sobre seus quadris. Acariciei com as mãos seu peito largo e feri sua pele bronzeada com as unhas. Meus quadris começaram a se mexer, esfregando meu sexo desnudo sobre seu pau. Através da seda fina de sua calça de pijama, eu conseguia sentir sua ereção por inteiro. Pela maneira como seus olhos se perderam e sua boca se abriu

quando ele começou a ofegar, eu sabia que ele também estava me sentindo da maneira como deveria.

“Isto é tão ruim assim pra você?”, perguntei, sem interromper o movimento. “Ou você está deitado aí pensando que não está me satisfazendo só porque eu estou no comando?”

Gideon pôs as mãos em minhas coxas. Até mesmo esse movimento inofensivo passava a impressão de que era ele quem estava no controle.

Aquela determinação que eu havia detectado pouco tempo antes, a impressão de que ele tinha um objetivo em mente, de um momento para o outro fez todo o sentido para mim — ele não estava mais impondo limites a seu desejo.

Naquele momento sua enorme força interior estava apontada para mim como uma explosão de calor.

“Já falei.” A voz dele estava rouca. “Quero você do jeito que for.”

“Que seja. Não pense que não sei que você está comandando tudo mesmo por baixo.”

Ele abriu um sorriso convencido.

Deslizando para baixo, provoquei seu mamilo com a ponta da língua. Cobri seu corpo com o meu, assim como ele havia feito comigo antes, esticando-me sobre seus quadris e suas pernas, agarrando sua bunda durinha para mantê-lo bem apertado contra mim. Seu pau estava duro como pedra junto à minha barriga, o que só me deixou ainda mais sedenta por ele.

“Você vai me castigar me dando prazer?”, ele perguntou baixinho. “Porque você é capaz de fazer isso. Você tem o poder de me deixar de joelhos, Eva.”

Afundei a cabeça em seu peito e soltei o ar dos pulmões em uma bufada. “Quem me dera.”

“Por favor, não fique tão preocupada. Vamos superar isso, assim como todo o resto.”

“Você diz as coisas com tanta certeza.” Estreitei os olhos ao encará-lo. “Só está querendo provar seu ponto de vista.”

“E você, o seu.” Gideon passou a língua pelos lábios, e eu senti um pedido silencioso de atenção bem no meio das minhas pernas.

Seus olhos irradiavam um brilho radiante de emoção. O que quer que fosse que estivesse acontecendo com nosso relacionamento, não havia dúvidas de que estávamos apaixonadíssimos um pelo outro.

E eu estava prestes a oferecer uma demonstração carnal desse fato.

O pescoço dele se curvou quando minha boca começou a se mover por seu tronco. “Oh, Eva.”

“Prepare-se pra perder a cabeça, senhor Cross.”

E foi isso que aconteceu. Fiz de tudo para que assim fosse.

Sentindo-me toda orgulhosa do meu desempenho na cama e da minha energia feminina, sentei-me à mesa com Gideon e o lembrei de como estava pouco tempo antes — ofegante e encharcado de suor, dizendo palavrões enquanto eu saboreava sem pressa seu corpo lascivo.

Ele comeu um pedaço do filé, que ainda estava quente por ter sido mantido em uma gaveta aquecida, e disse calmamente: “Você é insaciável”.

“Dã. Você é lindo, gostoso e muito bem dotado.”

“Fico feliz com sua aprovação. Também sou podre de rico.”

Fiz um gesto desdenhoso com a mão, que englobava seu apartamento, que sozinho devia valer uns cinquenta milhões de dólares. “Quem se importa com isso?”

“Ora, eu, por exemplo.” Ele sorriu.

Espetei com o garfo minha batata frita. A comida do Peter Luger era quase tão boa quanto sexo. Quase. “Seu dinheiro só me interessa se você puder parar de trabalhar e virar meu escravo sexual.”

“Em termos financeiros, isso é possível, sim. Mas você se cansaria de mim e me daria um pé na bunda. E depois disso eu faria o quê?” Ele parecia estar se divertindo com a conversa. “Acho que você provou seu ponto de vista, não é?”

Terminei de mastigar e depois falei: “Quer que eu prove de novo?”.

“O fato de você ainda estar com tesão só comprova o *meu* ponto de vista.”

“Humm.” Dei um gole no vinho. “Resolveu fazer suposições agora?”

Ele me fuzilou com o olhar e comeu mais um pedaço da carne mais macia que eu já tinha experimentado.

Incomodada e inquieta, respirei profundamente e perguntei: “Se não estivesse satisfeito com a nossa vida sexual, você me diria?”.

“Não seja ridícula, Eva.”

Quem mais traria esse assunto à tona depois de quatro dias de separação? “Tenho certeza de que não ajuda muito eu não ser do tipo com que você costuma sair. E nunca usamos nenhum daqueles brinquedinhos que você tem no hotel…”

“Pode parar por aí mesmo.”

“Como é?”

Gideon largou os talheres. “Não vou ficar aqui parado ouvindo você destruir sua autoestima.”

“Ah, é? Então só você tem o direito de falar?”

“Pode me provocar o quanto quiser, Eva, não vou te comer agora.”

“Quem disse que…” Fiquei quieta quando vi que ele estava rindo. E era verdade. Eu ainda estava fim. Queria tê-lo em cima de mim, morrendo de tesão, assumindo a responsabilidade pelo meu prazer e pelo dele.

Ao sair da mesa, ele disse apenas: “Espere aqui”.

Gideon voltou pouco depois, deixando uma caixinha de anel ao lado do meu prato e retomando seu lugar no assento. Aquilo me atingiu como uma pancada. A primeira reação foi de medo, e me fez gelar. A segunda foi de desejo, e fez um calor se espalhar por meu corpo.

Minhas mãos tremiam. Agarrei os dedos e percebi que meu corpo todo estava tremendo. Sem saber o que pensar, olhei bem para Gideon.

Sentir seus dedos acariciando meu rosto ajudava a aliviar um pouco a ansiedade que tomou conta de mim, abrindo espaço para um terrível desejo.

“Não é *esse tipo* de anel”, ele sussurrou gentilmente. “Ainda não. Você ainda não está pronta.”

Alguma coisa se despedaçou dentro de mim. Mas depois senti um grande alívio. Era *mesmo* cedo demais. Nenhum de nós estava pronto ainda. Mas, se havia alguma dúvida sobre a intensidade do meu amor por Gideon, ela foi definitivamente dissipada naquele momento.

Concordei com a cabeça.

“Abra”, ele falou.

Com toda a cautela, puxei a caixinha mais para perto e abri a tampa. “Oh.”

Aninhado no forro de veludo preto, havia um anel como nenhum outro. Camadas de ouro entrelaçadas como em uma corda e unidas por pequenas cruzes cobertas de

diamantes.

“Amarras”, murmurei, “sustentadas pelas cruzes.” A associação das cruzes ao nome *Cross* foi inevitável.

“Não exatamente. Vejo a corda como uma representação de suas múltiplas camadas, não como uma amarra. E, sim, as cruzes são as intersecções entre mim e você. Nossos dedos entrelaçados.” Ele terminou seu vinho e reabasteceu nossas taças.

Eu permanecia inquieta, aturdida, tentando absorver aquilo. Tudo o que ele havia feito durante o período em que não nos falamos — as fotos, o anel, a visita ao dr. Petersen, a réplica do quarto, e a pessoa que andou me seguindo — me dizia que seus pensamentos estavam voltados para mim na maior parte do tempo, se não o tempo todo.

“Você devolveu minhas chaves”, sussurrei, lembrando o quanto aquilo havia me magoado.

Ele estendeu a mão e a pôs sobre a minha. “Fiz isso por várias razões. Você saiu daqui vestindo apenas um robe, Eva, e sem as chaves de casa. Não gosto nem de imaginar o que teria acontecido se Cary não estivesse em casa pra abrir a porta pra você assim que chegou lá.”

Levei sua mão até a boca e a beijei, depois a larguei e fechei a caixinha com o anel. “É lindo, Gideon. Obrigada. Significa muito pra mim.”

“Mas você não vai usar.” Aquilo não foi uma pergunta.

“Depois do que falamos hoje, fica parecendo uma coleira.”

Ele acabou concordando: “Você não deixa de ter razão”.

Eu estava com o coração na mão. Quatro noites sem conseguir dormir direito não tinham ajudado em nada. Era impossível para mim entender por que ele me queria tanto, apesar de sentir a mesma coisa a seu respeito. Havia milhares de mulheres em Nova York que poderiam tomar o lugar que eu ocupava em sua vida, mas só existia um Gideon Cross.

“Sinto que estou decepcionando você, Gideon. Depois de tudo o que conversamos hoje… Acho que é o início do fim.”

Arrastando sua cadeira para trás, ele se inclinou para mim e acariciou meu rosto. “Não é.”

“Quando vamos falar com o doutor Petersen?”

“Eu vou sozinho às terças. Quando você conversar com ele e topar fazer a terapia de casal, podemos ir juntos às quintas.”

“Duas horas por semana, toda semana. Sem contar o trajeto de ida e volta. É um compromisso e tanto.” Também me inclinei e tirei o cabelo de seu rosto. “Obrigada.”

Gideon beijou a palma da minha mão. “Não é sacrifício nenhum, Eva.”

Ele voltou ao escritório para trabalhar um pouco antes de dormir, e eu levei a caixinha com o anel comigo para a suíte principal. Olhei para ele mais um pouco enquanto escovava os dentes e os cabelos.

Havia ainda um resquício de desejo sob minha pele, um nível permanente de excitação que não fazia muito sentido levando em consideração o número de orgasmos que tive ao longo do dia. Era mais uma necessidade emocional de estabelecer uma relação com Gideon, de garantir para mim mesma que estava tudo bem entre nós.

Com a caixinha nas mãos, fui até meu lado na cama de Gideon e a deixei no criado-mudo. Queria que ela fosse a primeira coisa que eu visse na manhã seguinte, depois de uma boa noite de sono.

Com um suspiro, deixei meu belíssimo robe novo no pé da cama e deitei. Depois de me virar inquietamente de um lado para o outro por um bom tempo, enfim adormeci.

Acordei no meio da noite com o coração disparado e a respiração acelerada. Desorientada, fiquei imóvel por alguns instantes, tentando despertar e lembrar onde estava. Fiquei toda tensa quando me dei conta, tentando captar algum sinal de que Gideon estava tendo outro pesadelo. Quando percebi que ele estava deitado tranquilamente ao meu lado, com a respiração profunda e serena, soltei um suspiro de alívio.

A que horas ele teria ido para a cama? Depois dos dias que passamos separados, fiquei com medo de que ele quisesse ficar um tempo sozinho.

Então tudo fez sentido. Eu estava *excitada*. Dolorosamente, até.

Meus seios estavam duros e pesados, os mamilos, rígidos e pontudos. Meu ventre doía, e eu estava toda molhadinha. Deitada na escuridão noturna, descobri que meu corpo tinha me acordado para atender às suas necessidades. Eu teria sonhado com alguma coisa de conteúdo erótico? Ou bastava a presença de Gideon ali ao meu lado?

Apoiei-me sobre os cotovelos e olhei para ele. Estava coberto só até a cintura, com o peito e os braços para fora. O braço direito estava sobre a cabeça, emoldurando a cascata de cabelos negros em torno de seu rosto. O braço esquerdo estava entre nós, sobre os cobertores, com a mão fechada mas relaxada, dando um descanso à rede de veias grossas

que cruzavam seu antebraço. Mesmo em repouso ele parecia poderoso e feroz.

A tensão dentro de mim foi crescendo, assim como a noção de que eu estava sendo atraída pela pressão silenciosa de sua vontade admirável. Era impossível que ele exigisse minha rendição enquanto dormia, mas ainda assim era o que parecia. Era como se uma corda invisível esticada entre nós me puxasse em sua direção.

O latejar no meio das minhas pernas ficou insuportável, e eu pressionei com uma das mãos aquela pulsação violenta, na esperança de aliviar o incômodo. Aquilo só tornou as coisas piores.

Eu não conseguia ficar parada. Joguei as cobertas para longe, pus as pernas para fora da cama e pensei em tomar um copo de leite quente com a bebida que Gideon tinha me dado mais cedo. Detive esse impulso abruptamente, voltando-me para o brilho do couro da caixinha com o anel à luz do luar. Pensei na joia que havia lá dentro e meu desejo se fortaleceu ainda mais. Naquele momento, a ideia de ser posta em uma coleira por Gideon me levou às raias da loucura.

É só tesão, repreendi a mim mesma.

Uma das garotas do meu grupo certa vez contou que seu "dono" podia usar seu corpo a qualquer hora e da maneira que quisesse, exclusivamente para o prazer dele. Uma ideia que não me pareceu nem um pouco sexy… até Gideon entrar na jogada. Eu adorava dar prazer a ele. Fazê-lo gozar. Por gosto, sem pedir nada em troca.

Acariciei com os dedos a tampa da caixinha. Com um suspiro trêmulo, eu a abri. Um instante depois estava sentindo o metal frio do anel escorregando em um dedo da mão direita.

"Você gostou, Eva?"

Senti um tremor por todo o corpo ao ouvir a voz de Gideon, mais profunda e áspera do que nunca. Ele estava acordado, olhando para mim.

Fazia quanto tempo que tinha acordado? Ele teria captado meu desejo durante o sono, da mesma forma que eu?

"Eu amei." *Assim como amo você*.

Deixando a caixinha de lado, virei a cabeça e o vi ali sentado. Seus olhos brilhavam de tal modo que me excitaram ainda mais, o que parecia impossível, mas também me encheram de medo. Era um olhar sem nenhum tipo de freio ou filtro, como aquele que me fez literalmente cair de costas quando nos conhecemos — penetrante e possessivo, carregado de ameaças de prazer. Seu lindo rosto parecia cruel em meio às sombras. Seu maxilar se manteve cerrado enquanto ele levantava minha mão e beijava o anel que havia

me dado.

Eu me ajoelhei na cama e joguei os braços sobre seus ombros. “Me use como quiser. Carta branca.”

Ele agarrou e apertou bem forte minha bunda. “Como você se sente dizendo isso?”

“É quase tão bom quanto a sensação que vou sentir quando você me fizer gozar.”

“Ah, um desafio.” Ele começou a roçar de leve a língua nos meus lábios, tentando-me com um beijo que estava sendo deliberadamente negado a mim.

“Gideon!”

“Deite-se de costas, meu anjo, e agarre o travesseiro com as duas mãos.” Ele abriu um sorriso perverso. “Não solte por motivo nenhum. Entendeu?”

Eu obedeci engolindo em seco, com tanto tesão que achei que ia gozar só de sentir os espasmos incessantes do meu sexo faminto.

Ele chutou as cobertas para o pé da cama. “Abra as pernas e segure os joelhos.”

Perdi o fôlego, e meus mamilos endureceram ainda mais, fazendo meus seios doerem. Como Gideon ficava sexy daquele jeito. Eu arfava de excitação, com a cabeça a mil diante das possibilidades que se abriam. No meio das pernas, eu tremia de vontade.

“Oh, Eva”, ele disse, escorregando um dedo para dentro de mim. “Olhe só como você está faminta por mim. Manter essa bocetinha linda satisfeita é um trabalho de tempo integral.”

Aquele único dedo firme abriu caminho dentro de mim, afastando os tecidos inchados. Eu me apertei toda em torno dele, chegando tão perto do orgasmo que fiquei com água na boca. Ele tirou o dedo e o levou à boca, saboreando o gosto que tinha ficado em sua pele. Meus quadris se remexiam independentemente da minha vontade, meu corpo inteiro se inclinava para ele.

“É culpa sua se estou com tanto tesão”, eu disse, quase sem fôlego. “Você deixou de cumprir sua obrigação durante vários dias.”

“Então é melhor compensar o tempo perdido.” Deitando de bruços, ele posicionou os ombros sob minhas coxas e contornou com a ponta da língua a entrada sedenta do meu corpo. E de novo e de novo. Ignorando meu clitóris e se recusando a me comer até que eu implorasse.

“Gideon, por favor.”

“Shh. Preciso deixar você pronta primeiro.”

“Estou pronta. Desde antes de você acordar.”

“Então deveria ter me acordado mais cedo. Vou estar sempre à disposição pra você, Eva. Eu vivo pra agradar você.”

Gemendo de desespero, remexi meus quadris naquela língua enlouquecedora. Só quando percebeu que eu havia perdido as estribeiras, ansiando pelo toque de qualquer parte sua que pudesse entrar em mim, Gideon se posicionou entre minhas pernas abertas, apoiando os antebraços sobre a cama.

Ele olhou bem pra mim. Seu membro, febril e duro como pedra, estava prestes a entrar na minha abertura úmida. Eu sentia que precisava mais dele dentro de mim do que do ar que respirava. “Agora”, eu disse quase sem fôlego. “Agora.”

Com um movimento preciso dos quadris, ele investiu profundamente contra mim, fazendo-me afundar na cama.

“Ai, nossa”, soltei, convulsionando-me em êxtase em torno daquela massa carnal que havia tomado posse do meu corpo. Era assim que eu o queria desde nossa conversa no escritório, o que desejava quando explorei sua ereção impecável antes do jantar, o que eu precisava mesmo depois de gozar com ele dentro de mim.

“Não goze agora”, ele sussurrou na minha orelha, agarrando meus seios e torcendo de leve meus mamilos com os polegares e os indicadores.

“*Quê*?” Eu tinha quase certeza de que, se ele respirasse mais fundo, já seria suficiente para me fazer gozar.

“E não largue o travesseiro.”

Gideon começou a se mover em um ritmo lento e preguiçoso. “Você vai gostar”, ele murmurou, acariciando com o rosto um ponto sensível atrás da minha orelha. “Você adora agarrar meu cabelo e cravar as unhas nas minhas costas. E, quando está prestes a gozar, gosta de apertar minha bunda e me puxar ainda mais pra dentro. Fico com muito tesão quando te vejo enlouquecer desse jeito, mostrando como gosta de me ter dentro de você.”

“Não é justo”, resmunguei, ciente de que aquilo era uma provocação deliberada. A cadência de sua voz rouca estava em perfeita sintonia com o movimento incansável de seus quadris. “Isso é tortura.”

“Ninguém nunca perde por esperar.” Sua língua contornou a parte de fora da minha orelha, depois mergulhou lá para dentro ao mesmo tempo que ele beliscava meus mamilos.

Afundei na cama quando ele veio para dentro de mim de novo, e por pouco não gozei.

Gideon conhecia bem demais meu corpo, seus segredos e suas zonas erógenas. Ele estava enfiando o pau em mim com maestria, estimulando sempre o mesmo pontinho, cujas terminações nervosas estremeciam de prazer.

Rebolando os quadris, Gideon começou a abrir espaço dentro de mim, explorando outras partes. Soltei um gemido doloroso, ardendo de desejo por ele, desesperadamente entregue. Meus dedos doíam, tamanha a força com que eu apertava o travesseiro. Minha cabeça se contorcia para deter a necessidade imperativa do orgasmo. Ele poderia me fazer gozar simplesmente se esfregando dentro de mim — era o único homem que eu conhecia capaz de me provocar um intenso orgasmo vaginal.

"Não goze", ele repetiu, sussurrando. "Faça este momento durar."

"Eu n-não consigo. É bom demais. Minha nossa, Gideon…" As lágrimas escorriam do canto dos meus olhos. "Estou… atordoada por você."

Chorei baixinho, com medo de usar a palavra que eu de fato gostaria de dizer — e que rimava com aquela, e começava com a mesma letra — cedo demais e perturbar o delicado equilíbrio que havia entre nós.

"Oh, Eva." Ele acariciou meu rosto com o dele. "Devo ter desejado você com tanta força e com tanta frequência que tudo acabou virando realidade."

"Por favor", eu implorei, falando baixinho. "Mais devagar."

Gideon abaixou a cabeça e olhou para mim, escolhendo esse momento para beliscar meus mamilos com mais força, provocando uma pontadinha de dor. Os músculos delicados do meu ventre se contraíram de tal maneira que a próxima estocada certamente o faria gemer.

"Por favor", pedi mais uma vez, tremendo por causa do esforço que fazia para adiar o clímax que se acumulava dentro de mim. "Se você não for mais devagar vou gozar."

Seus olhos estavam grudados nos meus, e seus quadris moviam-se num ritmo constante que aos poucos ia destruindo minha sanidade mental. "Você não quer gozar, Eva?", ele provocou com uma voz que me arrastaria até o inferno com um sorriso no rosto. "Não é por isso que você está esperando a noite toda?"

Joguei o pescoço para trás ao sentir seus lábios percorrendo minha garganta. "Só quando você deixar", respondi, sem fôlego. "Só… quando você mandar."

"Meu anjo." Uma de suas mãos se levantou até meu rosto, removendo os fios de cabelos que a transpiração fez grudar na minha pele. Ele me beijou profundamente, com reverência, explorando minha boca com a língua.

Humm…

“Goze pra mim”, ele murmurou, acelerando o ritmo. “Goze, Eva.”

Ao seu comando, o orgasmo me atingiu como uma explosão, deixando meu organismo em choque com uma overdose de sensações. Ondas e mais ondas de calor percorriam meu corpo, contraindo meu sexo e enrijecendo todo o meu ventre. Gritei bem alto, a princípio um som inarticulado de agonia e prazer, depois o nome dele, que eu repetia de novo e de novo à medida que ele enfiava seu pau maravilhoso em mim, prolongando meu clímax, que depois levaria a outro.

“Me pegue”, ele ordenou enquanto eu me desmanchava sob ele. “Me aperte.”

Liberada da ordem de segurar o travesseiro, agarrei-me ao seu corpo molhado de suor com os braços e as pernas. Ele começou a meter com força, bem fundo, perseguindo seu próprio clímax até a exaustão.

Gideon soltou um rugido ao gozar, jogando a cabeça para trás enquanto jorrava dentro de mim por um bom tempo. Eu o mantive dentro de mim até que nossos corpos esfriassem e nossa respiração voltasse ao normal.

Quando saiu de cima de mim, ele não foi muito longe. Aninhou-se junto às minhas costas e sussurrou: “Agora durma”.

Não me lembro nem de ter respondido antes de cair no sono.

18

As manhãs de segunda-feira podiam ser formidáveis quando começavam ao lado de Gideon Cross. Fomos para o trabalho com minhas costas junto a seu corpo e seus braços sobre meus ombros, para que pudéssemos atar nossas mãos.

Enquanto ele brincava com o anel que tinha me dado, estiquei as pernas e admirei os sapatos de salto alto que ele havia comprado, junto com algumas roupas, para eu usar quando dormisse em sua casa. Para começar a nova semana, eu tinha escolhido um vestido justo preto com risca de giz e um cinto azul que me lembrava de seus olhos. Ele tinha um ótimo gosto, isso eu era obrigada a admitir.

A não ser que Gideon estivesse mandando uma de suas "conhecidas" de cabelos pretos fazer essas comprinhas…

Logo afastei esse pensamento desagradável.

Quando abri as gavetas que ele separou para mim no banheiro, encontrei todos os cosméticos e produtos de higiene que costumava usar. Nem me dei ao trabalho de perguntar como ele sabia, já que provavelmente não ia gostar da resposta. Em vez disso, decidi encarar a coisa como mais uma prova de sua dedicação. Ele sempre pensava em tudo.

O ponto alto da minha manhã foi ajudar Gideon a vestir um dos seus sensualíssimos ternos. Abotoei a camisa; ele a ajeitou dentro da calça. Abotoei a braguilha; ele deu o nó na gravata. Ele vestiu o colete; fiz os últimos ajustes na peça bem cortada sobre sua camisa igualmente elegantíssima, impressionada com o fato de que *vesti-lo* podia ser uma experiência tão sexy quanto *despi-lo*. Era como embrulhar um presente para mim mesma.

O mundo todo veria a beleza da embalagem, mas só eu conhecia o homem por baixo dela e sabia como ele era precioso. Seus sorrisos mais íntimos e suas gargalhadas gostosas, a gentileza de seu toque e a ferocidade de sua paixão estavam reservados só para mim.

O Bentley sacudiu levemente ao passar por um buraco e Gideon me apertou um pouco mais em seu abraço. "Quais são seus planos para depois do trabalho?"

"Hoje começam minhas aulas de krav maga." Meu tom de voz mostrava como eu estava animada com isso.

"Ah, é verdade." Ele roçou os lábios na minha cabeça. "Você sabe que vou querer ver

você aprendendo os golpes. Só de pensar já fico com tesão.”

“Já não ficou bem claro que *qualquer coisa* deixa você com tesão?”, provoquei, cutucando-o com o cotovelo.

“Qualquer coisa relacionada a *você*, o que é bom pra nós dois, já que você é insaciável. Me mande uma mensagem quando terminar a aula e eu passo na sua casa.”

Revirando a bolsa, peguei o celular para ver se ainda estava carregado e vi uma mensagem de Cary. Era um vídeo, acompanhado de um breve texto: Cross sabe que o irmão dele é um fdp? Fique longe de CV, gata, bjs.

Comecei a assistir à filmagem, mas demorei um tempo para descobrir do que se tratava. Quando enfim entendi o que havia ali, senti meu sangue gelar.

“O que é isso?”, Gideon perguntou com os lábios colados em meus cabelos. Depois senti seu corpo todo enrijecer atrás de mim, o que comprovava que ele estava vendo tudo.

O vídeo havia sido feito na festa dos Vidal. Pelas paredes de plantas ao redor, dava para ver que ele estava no labirinto, e pelas folhas emoldurando a imagem, dava para ver que ele estava escondido. Os protagonistas da filmagem eram um homem e uma mulher em um abraço apaixonado. A bela mulher estava aos prantos, ao passo que o homem a beijava em meio a suas palavras frenéticas e a consolava com carícias.

Estavam falando sobre mim e Gideon, dizendo que eu estava usando meu corpo para faturar alguns de seus milhões.

“Não se preocupe”, Christopher disse num tom suave a uma Magdalene perturbada. “Você sabe que o interesse de Gideon nunca dura muito.”

“Com ela é diferente. Acho… acho que ele está apaixonado.”

Ele deu um beijo na testa dela. “Ela não faz o tipo dele.”

Apertei os dedos de Gideon entre os meus.

À medida que o tempo passava, o comportamento de Magdalene aos poucos foi mudando. Ela começou a ceder ao toque de Christopher, sua voz se tornou mais suave, sua boca, mais acessível. Para um observador externo, logo ficava claro que ele conhecia bem seu corpo — sabia onde acariciar e onde apertar. Quando ela enfim reagiu à sua bem ensaiada sedução, ele levantou seu vestido e transou com ela ali mesmo. O fato de que estava se aproveitando da situação saltava aos olhos. Era visível em seu olhar triunfante de desprezo enquanto enfiava o pau em uma mulher cujos pensamentos pareciam estar muito distantes dali.

Eu mal reconheci o Christopher que vi na tela. Seu rosto, sua postura, sua voz… era

como se fosse um outro homem.

Dei graças a Deus quando a bateria do meu celular acabou e a tela se apagou de repente. Gideon me abraçou.

“Credo”, sussurrei, aninhando-me junto a ele com cuidado, para não manchar sua roupa de maquiagem. “Que horror. Sinto até pena dela.”

Ele bufou. “Esse é o Christopher.”

“Que filho da puta. Aquele olhar pretensioso na cara dele… eca.” Estremeci.

Beijando meus cabelos, ele murmurou: “Pensei que com Maggie ele não faria nada. Nossas mães são amigas há anos. Acho que esqueci como ele me odeia”.

“Por quê?”

Por um instante me perguntei se os pesadelos de Gideon tinham alguma coisa a ver com Christopher, mas logo afastei esse pensamento. Sem chance. Gideon era vários anos mais velho, e muito mais homem em todos os sentidos. Ele acabaria com a raça de Christopher.

“Ele acha que não recebeu atenção suficiente quando éramos crianças”, Gideon respondeu com um toque de irritação, “porque estava todo mundo preocupado em saber como eu me sentia depois do suicídio de meu pai. Então ele quer tirar o que tenho. Tudo o que puder.”

Eu me virei para ele, enfiando os braços sob seu paletó para me sentir ainda mais próxima. Havia algo em seu tom de voz que me fez sofrer por ele. A casa em que foi criado lhe causava pesadelos, e ele se mantinha totalmente distante de sua família.

Ele nunca havia sido amado. Era simples — e complicado — assim.

“Gideon?”

“Hã?”

Eu me afastei para olhar para ele. Depois estendi a mão e percorri com o dedo suas sobrancelhas robustas. “Eu te amo.”

Um tremor tomou conta de seu corpo, e com força suficiente para que eu o sentisse também.

“Eu não queria assustar você”, disse logo, olhando para o outro lado a fim de lhe proporcionar um pouco de privacidade. “Você não precisa fazer nada a respeito. Só não aguentava mais esconder como me sinto. Agora você já sabe.”

Ele agarrou minha nuca com uma das mãos; a outra desceu até minha cintura e me pegou com força. Gideon me manteve assim, imobilizada, pressionada junto a ele como se

fosse fugir. Sua respiração e seu pulso estavam acelerados. Ele não disse mais nada no restante do trajeto, mas também não tirou as mãos de mim.

Eu planejava dizer isso de novo algum dia no futuro, mas, para uma primeira vez, acho que até nos saímos bem.

*

Às dez em ponto, mandei duas dúzias de rosas vermelhas com caule longo para o escritório de Gideon, junto com um bilhete:

Uma celebração aos vestidos vermelhos e aos passeios de limusine.

Dez minutos depois, recebi um comunicado interno do edifício com um envelope e um cartão que dizia:

VAMOS FAZER ISSO DE NOVO. EM BREVE.

Às onze, mandei um arranjo preto e branco de lírios e copos-de-leite para seu escritório, também com um bilhete:

Em homenagem aos vestidos em preto e branco e às fugidinhas pra biblioteca…

Dez minutos depois, veio a resposta:

QUERIA DAR UMA FUGIDINHA COM VOCÊ AGORA MESMO…

Ao meio-dia, sai para fazer compras. Para comprar um anel. Passei em seis lojas diferentes antes de achar o modelo perfeito. Feito de platina e cravejado de diamantes negros, com um visual industrial que me fazia pensar em poder e submissão. Era um anel

dominante, ousado e masculino. Tive que abrir uma linha de crédito na loja para poder comprá-lo, mas achei que a mercadoria valia os meses de prestações que eu teria pela frente.

Liguei para o escritório de Gideon e falei com Scott, que me conseguiu uns quinze minutinhos na agenda lotada dele para uma visita.

“Muito obrigada pela ajuda, Scott.”

“Você merece. Adorei ver a reação dele quando recebeu as flores. Acho que nunca o tinha visto sorrir daquele jeito.”

O amor tomava conta de mim. Queria ver Gideon feliz de qualquer jeito. Como ele havia dito no dia anterior, eu vivia para agradá-lo.

Voltei a trabalhar com um sorriso no rosto. Às duas horas, mandei entregar um arranjo de lírios no escritório de Gideon com um envelope lacrado e a seguinte mensagem dentro:

Em agradecimento ao sexo selvagem.

A resposta:

ESQUEÇA O KRAV MAGA. FAÇA SUA MALHAÇÃO COMIGO.

Quando eram três horas — cinco minutos antes de meu encontro com Gideon — eu fiquei nervosa. Levantei-me da cadeira com as pernas trêmulas e assim me dirigi ao elevador para subir até seu andar. Era o momento de entregar o presente, e fiquei com medo de que ele não gostasse de anéis… afinal de contas, ele não usava nenhum.

Seria presunçoso e possessivo demais da minha parte querer que ele usasse um anel só porque eu estava usando um?

A recepcionista ruiva liberou meu acesso imediatamente e, quando Scott me viu aparecer no corredor, ficou de pé e me cumprimentou com um sorriso largo. Dirigi-me diretamente ao escritório de Gideon, e Scott fechou a porta atrás de mim.

Fui imediatamente envolvida pela adorável fragrância das flores, e fiquei surpresa ao ver a maneira como elas tornavam aquele ambiente tão tecnológico mais vivo.

Gideon desviou os olhos do monitor e ergueu as sobrancelhas ao me ver. Ele se levantou no mesmo momento. “Eva. Aconteceu alguma coisa?”

Vi quando ele saiu do papel do profissional para abrir espaço para a vida pessoal, amenizando a expressão do rosto ao olhar para mim.

“Não. É que…” Respirei fundo e caminhei na direção dele. “Trouxe uma coisa pra você.”

“Mais coisas? É alguma data especial e eu não estou sabendo?”

Pus a caixinha com o anel no centro da mesa. Depois olhei para o outro lado, desconfortável. Comecei a duvidar da pertinência daquele presente comprado por impulso. Naquele momento, parecia uma ideia idiota.

O que eu poderia dizer para ele não se sentir culpado por não querer o presente? Como se já não tivesse sido constrangedor o bastante ter me declarado naquele dia, logo em seguida eu aparecia com um maldito anel. Ele provavelmente já estava se sentindo aprisionado, louco para sair correndo. E a armadilha se estreitava ainda mais…

Ouvi o barulho da caixinha sendo aberta e um suspiro. “*Eva*.”

Seu tom de voz era obscuro e perigoso. Virei-me com cautela, sentindo-me pequena diante da austeridade de seu rosto e da impassibilidade de seu olhar. Suas mãos agarravam a caixinha com firmeza.

“Exagerei?”, perguntei com a voz rouca.

“Sim.” Ele devolveu a caixinha à mesa redonda. “Exagerou. Não consigo ficar sossegado, não consigo me concentrar. Não consigo tirar você da minha cabeça. Estou com a cabeça longe daqui, e nunca fico assim durante o trabalho. Estou ocupado demais. E você me cerca de todos os lados.”

Eu sabia muito bem que seu trabalho não era nada fácil, mas nem levei isso em conta quando senti vontade de fazer uma surpresa para ele — e depois outra e mais outra. “Desculpe, Gideon. Nem parei para pensar no que estava fazendo.”

Ele se aproximou com sua passada sexy, que por si só já dava pistas do volume que havia no meio das suas pernas. “Não precisa se desculpar. Hoje está sendo o melhor dia da minha vida.”

“Sério?” Ele pôs o anel no anelar direito. “Eu queria fazer um agrado pra você. Serviu? Tive que chutar o tamanho…”

“Ficou perfeito. Você é perfeita.” Gideon pegou minha mão e beijou meu anel, depois ficou olhando enquanto eu fazia o mesmo. “O que sinto por você, Eva… chega até a doer.”

Meu coração disparou. “E isso é ruim?”

“É maravilhoso.” Ele envolveu meu rosto com as mãos, e senti a frieza metálica do anel contra a bochecha. Gideon me beijou apaixonadamente, com os lábios famintos pelos meus e a língua explorando habilmente os recantos da minha boca.

Eu queria mais, porém precisei me segurar, por saber que já tinha feito coisa demais para um dia só. Além disso, ele se distraiu com a minha visita inesperada e se esqueceu de acionar o botão que tornava opaca a parede de vidro.

“Diga de novo o que disse lá no carro”, ele sussurrou.

“Humm… Não sei.” Passei minha mão livre por seu colete. Estava com medo de dizer novamente que o amava. Ele foi pego de surpresa na primeira vez e não reagiu muito bem. Além disso, eu não tinha certeza de que ele entendia de fato o que aquilo significava para nós. Para ele. “Você é lindo demais, sabia? Eu sempre me surpreendo com isso, toda vez que nos encontramos. Enfim… Não quero correr o risco de assustar você.”

Inclinando-se até mim, ele encostou sua testa contra a minha. “Você se arrependeu do que disse, não foi? As flores, o anel…”

“Você gostou mesmo?”, perguntei ansiosamente, afastando-me para observar seu rosto, para ver se ele não estava tentando esconder a verdade. “Não quero que você use só por minha causa se não tiver gostado.”

Ele acariciou o contorno da minha orelha com o dedo. “É perfeito. É como você me vê. Vou usar com o maior orgulho.”

Adorei o fato de ele ter entendido o recado. Significava que ele me entendia.

“Se você está tentando me agradar só pra depois poder retirar o que disse antes…”, ele começou, denunciando no olhar uma surpreendente ansiedade.

Não resisti ao apelo de seus olhos. “Eu estava sendo absolutamente sincera, Gideon.”

“Você ainda vai me dizer isso de novo”, ele ameaçou com um tom de voz sedutor. “Vai gritar pro mundo inteiro ouvir quando eu fizer o que estou pensando agora.”

Sorri e dei um passo atrás. “Volte ao trabalho, seu tarado.”

“Às cinco eu levo você pra casa.” Ele ficou me olhando enquanto eu caminhava até a porta. “Quero sua bocetinha peladinha e molhadinha quando entrar no carro. Pode se tocar um pouco pra ficar no ponto, mas sem gozar, ou haverá consequências.”

Consequências. Um pequeno tremor atravessou meu corpo, mas aquele era um medo com o qual eu conseguia lidar. Gideon sabia exatamente até que ponto podia ir comigo. “E você vai estar pronto pra mim?”

Ele abriu um sorriso sarcástico. “E quando é que eu *não* estou pronto pra você?

Obrigado pelo dia de hoje, Eva. Adorei cada minuto.”

Mandei um beijo para ele e vi a reação que causei em seus olhos. Aquele olhar permaneceu comigo durante o restante do dia.

Já eram seis horas quando consegui chegar em casa, descabelada, mas bem comida. Soube exatamente o que me esperava quando vi a limusine de Gideon me esperando no meio-fio em vez do Bentley. Ele quase me atacou quando embarquei pela porta traseira, e ainda demonstrou mais uma vez suas fenomenais habilidades orais antes de acabar comigo com todo o vigor a que tinha direito.

Dei graças a Deus por estar em forma. Caso contrário, o apetite sexual de Gideon, combinado com sua disposição aparentemente inesgotável, já teria me levado à exaustão. Não que eu pudesse reclamar.

Clancy já estava esperando por mim no saguão do prédio quando apareci esbaforida. Se ele notou meu vestido todo amassado, minhas bochechas vermelhas e meus cabelos despenteados, não disse nada. Eu me troquei correndo no apartamento e fomos direto para a academia de Parker. Estava torcendo para que ele pegasse leve, porque minhas pernas ainda estavam meio moles depois de dois orgasmos de contorcer os dedos do pé.

Quando chegamos ao antigo galpão no Brooklyn, eu estava animada e bem disposta a aprender. Mais de dez alunos estavam entretidos em exercícios diversos, com Parker supervisionando tudo e gritando palavras de incentivo à beira do tatame. Quando me viu, ele veio até mim e me conduziu até um canto mais afastado da área de combate, onde poderíamos treinar juntos.

“Então… como estão as coisas?”, perguntei, numa tentativa de aliviar minha própria tensão.

Ele sorriu, exibindo um rosto interessante e atraente. “Está nervosa?”

“Um pouco.”

“Vamos começar trabalhando sua força e resistência física, e também sua atenção. Vou treinar você para não travar nem hesitar diante de confrontos inesperados.”

Antes de começar, eu achava que tinha uma boa dose de força e resistência física, mas descobri que tinha muito a melhorar. Começamos com uma breve introdução aos equipamentos e à estrutura do espaço, e depois passamos para uma explicação sobre posturas de luta neutras ou passivas. Nós nos aquecemos fazendo exercícios físicos

básicos, e logo passamos para uma sessão de “tapas”, na qual tentamos acertar os ombros e os joelhos um do outro e bloquear contra-ataques.

Parker era absurdamente bom nisso, claro, mas logo comecei a pegar o jeito. A maior parte do tempo, no entanto, foi gasto treinando luta de chão, e a isso eu me entreguei de corpo e alma. Sabia muito bem como era ficar por baixo e em desvantagem física.

Se Parker notou essa minha habilidade especial, não comentou nada.

Quando Gideon apareceu no meu apartamento mais tarde naquela noite, encontrou-me largada na banheira, toda dolorida. Apesar de já ter tomado banho depois de encontrar seu personal trainer, ele tirou a roupa e entrou na banheira atrás de mim, abraçando-me com os braços e as pernas. Gemi quando ele me apertou.

“Está tão bom assim?”, ele provocou, mordendo minha orelha.

“Quem poderia imaginar que ficar rolando no chão uma hora com um cara bonito poderia ser tão cansativo?” Cary estava certo quanto ao fato de krav maga provocar hematomas. Eu já estava vendo algumas manchas escuras aparecendo sob minha pele, e nós ainda nem tínhamos começado a pegar pesado para valer.

“Eu poderia até ficar com ciúmes”, disse Gideon, apertando meus seios, “se não soubesse que Smith é casado e tem filhos.”

Soltei um riso de deboche ao tomar conhecimento de mais uma informação que ele não deveria ter. “E o número que ele calça, você sabe?”

“Ainda não.” Ele riu do meu grunhido exasperado, e eu não conseguia deixar de sorrir ao ouvir aquele ruído tão raro.

Um dia ainda discutiríamos essa obsessão por informações, mas aquele não era o momento para isso. Nós havíamos nos desentendido demais nos últimos dias, e o aviso de Cary para que nos divertíssemos o máximo possível não saía da minha cabeça.

Brincando com o anel no dedo de Gideon, contei sobre a conversa que havia tido com meu pai no sábado. Seus colegas policiais estavam pegando no pé dele por eu estar namorando o famoso Gideon Cross.

Ele suspirou. “Sinto muito.”

Eu me virei para olhá-lo. “Não é culpa sua ser notícia. É assim mesmo quando se é tão lindo.”

“Um dia desses”, ele disse, seco, “vou descobrir se meu rosto é uma vantagem ou uma desgraça.”

“Bom, caso a minha opinião valha alguma coisa, adoro seu rosto.”

Ele sorriu e acariciou minha bochecha. “Sua opinião é a única que importa. E a do seu pai. Quero que ele goste de mim, Eva, e não que fique pensando que estou expondo a filha dele a invasões de privacidade.”

“Você vai conseguir conquistar meu pai. Tudo o que ele quer é me ver segura e feliz.”

Ele relaxou visivelmente e me puxou mais para perto. “Eu faço você feliz?”

“Sim.” Apoiei o queixo em seu peito. “Adoro ficar com você. Quando não estamos juntos, sinto muito a sua falta.”

“Você disse que não queria mais brigar”, ele murmurou com a boca colada no meu cabelo. “Isso me incomodou. Você está ficando cansada de me ver estragar tudo o tempo todo?”

“Você não estraga tudo o tempo todo. Eu também fiz um monte de cagadas. Relacionamentos são coisas complicadas, Gideon. E na maior parte das vezes não incluem um sexo maravilhoso como o nosso. Temos muita sorte, na verdade.”

Ele pegou um pouco de água com a mão e despejou nas minhas costas, de novo e de novo, acalmando-me com seu calor constante. “Nem me lembro direito do meu pai.”

“Ah, é?” Tentei não ficar toda tensa nem revelar minha surpresa. Ou minha empolgação completa e minha vontade desesperadora de conhecê-lo melhor. Ele nunca havia falado sobre sua família antes. Eu estava me segurando para não enchê-lo de perguntas, porque não queria forçar a barra…

Gideon soltou um suspiro profundo. Alguma coisa nesse gesto fez com que eu erguesse a cabeça e deixasse a prudência de lado.

Passei a mão pelos músculos poderosos de seu peitoral. “Quer falar sobre o que consegue lembrar?”

“São só… impressões vagas. Ele não ficava muito em casa. Trabalhava muito. Acho que minha determinação vem daí.”

“Você pode ter herdado dele o gosto pelo trabalho, mas para por aí.”

“Como é que você sabe?”, ele rebateu, desafiador.

Olhando para cima, afastei os cabelos de seu rosto. “Desculpe, Gideon, mas seu pai era um picareta que escolheu o caminho mais fácil. Você não é assim, não é como ele.”

“Não nesse sentido.” Ele fez uma pausa. “Mas acho que ele nunca aprendeu a desenvolver uma relação de verdade com outras pessoas, a se preocupar com outras coisas além de suas necessidades imediatas.”

Olhei bem para ele. “É assim que você se vê?”

“Não sei”, ele respondeu em voz baixa.

“Bom, eu sei, e não é nada disso.” Dei um beijo na ponta de seu nariz. “Você sabe cuidar muito bem das pessoas.”

“Espero que sim.” Ele me apertou entre seus braços. “Não consigo nem imaginar você com outra pessoa, Eva. Só a ideia de que outro homem possa ver você assim… possa encostar em você… Não gosto de me sentir desse jeito.”

“Isso não vai acontecer, Gideon.” Eu sabia como ele se sentia. Não seria capaz de aguentar o tranco se ele tivesse a mesma intimidade com outra mulher.

“Você mudou tudo na minha vida. Não suportaria te perder.”

Eu o abracei. “E eu digo o mesmo.”

Puxando minha cabeça para trás, Gideon beijou minha boca apaixonadamente.

Em poucos momentos ficaria clara nossa intenção de espalhar água pelo banheiro inteiro. Recuei. “Preciso comer se for fazer isso de novo, seu tarado.”

“Falou a mulher que está esfregando o corpo nu no meu.” Ele se recostou na banheira com um sorriso perverso.

“Vamos pedir comida chinesa barata e direto da caixa.”

“Vamos pedir comida chinesa de verdade e fazer isso.”

19

Cary se juntou a nós para jantar — comida chinesa de ótima qualidade, uma boa taça de vinho e a programação de segunda à noite na TV. Enquanto trocávamos de canal e ríamos dos nomes hilariantes de certos reality shows, vi dois homens importantíssimos na minha vida relaxando e se divertindo juntos. Eles se deram bem, ficavam se desafiando e se xingando daquela maneira brincalhona tão habitual entre os homens. Nunca tinha visto esse lado de Gideon antes, e adorei.

Enquanto eu ocupava uma lateral inteira do sofá modulado, os dois estavam sentados no chão de pernas cruzadas, usando a mesinha de centro como mesa de jantar. Eles usavam calça larga de agasalho e camiseta justa, e eu só apreciava a vista. Eu era ou não era uma garota de sorte?

Estalando os dedos, Cary fez um preâmbulo dramático antes de abrir seu biscoito da sorte. "Vamos ver. Vou ser rico? Famoso? Estou prestes a conhecer o homem ou a mulher dos meus sonhos? Vou visitar terras distantes? O que saiu no de vocês?"

"O meu era uma porcaria", eu disse. "*No fim tudo será revelado*. Dã. Eu não precisava de previsão nenhuma pra descobrir isso."

Gideon abriu o seu e leu em voz alta: "*A prosperidade baterá à sua porta em breve*".

Dei risada.

Cary olhou para mim. "Você roubou o biscoito de alguém, Cross."

"É melhor manter Cary à distância do seu biscoito", eu disse, brincando.

Gideon se inclinou na minha direção e roubou metade do meu. "Não se preocupe, meu anjo. Seu biscoito é o único que me interessa." Ele o jogou na boca e piscou para mim.

"Ei", protestou Cary. "Já para o quarto, vocês dois." Ele quebrou seu biscoito da sorte com um gesto floreado, e logo depois ficou furioso: "Que porra é essa?".

Eu me inclinei para a frente. "O que está escrito aí?"

"Confúcio diz", Gideon impostou a voz, "o homem de uma perna só tem sempre um pé no passado."

Cary atirou metade de seu biscoito em Gideon, que o apanhou com habilidade e sorriu.

"Dê isso aqui." Tomei o papelzinho da mão de Cary e li. Imediatamente caí na risada.

“Vá se foder, Eva.”

“E então?”, Gideon quis saber.

“*Pegue outro biscoito.*”

Gideon abriu um sorriso. “Até os biscoitos estão zoando com a sua cara.”

Cary atirou a outra metade do biscoito.

Era uma noite como tantas outras que passei com Cary na época da SDSU, o que despertou meu interesse sobre como Gideon devia ser na época da faculdade. Pelo que tinha lido na imprensa, sabia que ele tinha se formado na Columbia, mas saiu antes da pós-graduação para expandir os negócios.

Ele tinha amigos por lá? Fazia parte de alguma fraternidade, ia a festas, ficava bêbado, transava por aí? Ele era um homem tão controlado que eu não conseguia imaginá-lo num momento de descontração, ainda que fosse exatamente isso o que estávamos fazendo ali.

Ele olhou para mim, ainda sorrindo, e meu coração disparou dentro do peito. Pela primeira vez eu o via como alguém de sua idade, jovem e simpático, apesar de sério — enfim, uma pessoa normal. Nesse momento, éramos só um casal de vinte e poucos anos se divertindo em casa com um colega de apartamento e um controle remoto. Ele era simplesmente meu namorado, nada mais. Tudo parecia gostoso e descomplicado, o tipo de ilusão que tinha um enorme apelo para mim.

O interfone tocou e Cary levantou em um pulo para atender. Ele me olhou e sorriu. “Pode ser Trey.”

Cruzei os dedos.

Minutos depois, porém, quando Cary abriu a porta, quem entrou foi a loira alta com quem eu tinha cruzado na outra noite.

“Oi”, ela disse, atacando o que restou do jantar sobre a mesa. A loira espichou os olhos para Gideon quando ele educadamente se levantou com toda a beleza de movimentos a que estava acostumado. Ela deu um sorrisinho falso para mim, e logo em seguida fez sua melhor pose de supermodelo para meu namorado enquanto estendia a mão para ele. “Tatiana Cherlin.”

Ele apertou sua mão. “Sou o namorado de Eva.”

Fiquei surpresa com a maneira como ele se apresentou. Estaria protegendo sua identidade? Queria estabelecer certa distância entre eles logo de cara? Fosse como fosse, gostei da resposta.

Cary reapareceu com uma garrafa de vinho e duas taças. “Vamos lá”, ele disse,

apontando para o quarto.

Tatiana se despediu com um rápido aceno e foi atrás de Cary. Quando ela estava de costas, chamei a atenção de Cary para que ele lesse meus lábios: “O que você está fazendo?”.

Ele piscou e respondeu baixinho: “Estou pegando outro biscoito”.

Gideon e eu decidimos que já estava na hora de dormir, e fomos para o quarto. Enquanto nos trocávamos, quis esclarecer com ele a dúvida que surgiu durante o jantar: “Você tinha um matadouro na época da faculdade também?”.

Ele tirou a camiseta antes de responder. “Como é?”

“Você sabe, um lugar como aquele seu quarto de hotel. Você é um cara ativo. Só queria saber se você já tinha um esquema bem organizado desde aquela época.”

Ele balançava a cabeça, mas naquele momento eu só tinha olhos para seu peitoral perfeito e seus quadris estreitos. “Já transei mais com você do que nos últimos dois anos da minha vida somados.”

“Até parece.”

“Trabalho muito, e malho que nem um condenado, exatamente para ficar exausto na maior parte do meu tempo livre. De vez em quando recebia ofertas que decidia não recusar, mas fora isso o sexo sempre foi uma coisa secundária na minha vida até conhecer você.”

“Que mentira.” Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

Ele me fuzilou com o olhar enquanto se dirigia ao banheiro com sua *nécessaire* preta de couro. “Continue duvidando de mim, Eva. Pague pra ver.”

“O quê?” Eu o segui, aproveitando para admirar sua bunda enquanto andava. “Você vai provar que o sexo é uma coisa secundária pra você transando comigo de novo?”

“Quando um não quer…” Ele abriu a *nécessaire* e pegou uma escova de dente nova, que tirou da embalagem e deixou no meu banheiro. “Você toma a iniciativa tanto quanto eu. Precisa sentir essa ligação que temos tanto quanto eu.”

“É verdade. Eu só queria…”

“Só queria o quê?” Ele abriu uma gaveta, fez cara feia ao ver que estava cheia e partiu à procura de outra.

“Pia errada”, eu disse, sorrindo ao notar sua presunção de que teria gavetas reservadas para ele na minha casa, e sua irritação ao perceber que não era bem assim. “A outra é toda

sua.”

Gideon se dirigiu à outra pia e começou a guardar suas coisas. “Só queria o quê?”, ele repetiu, guardando o xampu e o sabonete líquido no box.

Apoiei-me na pia e cruzei os braços enquanto o via se apossar de meu banheiro. Era bem isso que ele estava fazendo: deixava claro para qualquer um que entrasse ali que havia um homem na minha vida.

Foi quando me dei conta de que o mesmo estava acontecendo comigo em relação a ele. Os empregados de sua casa agora sabiam que ele tinha um relacionamento estável. Só de pensar nisso fiquei toda animada.

“Durante o jantar, estava tentando imaginar como você era na época da faculdade”, continuei, “como seria cruzar com você por acaso no campus. Eu teria ficado obcecada por você. Faria de tudo para entrar no seu caminho, só pra ficar admirando. Ia tentar cursar as mesmas matérias que você, só pra ficar fantasiando sobre como seria te levar pra cama.”

“Sua safada.” Ele me deu um beijo na ponta do nariz quando passou por mim para escovar os dentes. “Nós dois sabemos muito bem o que aconteceria assim que eu pusesse os olhos em você.”

Penteei o cabelo, escovei os dentes e comecei a lavar o rosto. “E então… você tinha um lugar especial pra quando alguma vaca sortuda conseguia te arrastar pra cama?”

Ele olhou para o reflexo ensaboado do meu rosto no espelho. “Sempre usei aquele hotel.”

“Foi o único lugar onde você fez sexo? Antes de mim?”

“Foi o único lugar onde fiz sexo consensual”, ele respondeu baixinho, “antes de você.”

“Ah.” Aquilo cortou meu coração.

Andei até ele e o abracei por trás, acariciando suas costas com meu rosto.

Fomos para a cama e deitamos bem juntinhos. Enterrei meu rosto em seu pescoço e respirei bem fundo. Seu corpo era todo duro, mas ainda assim maravilhosamente confortável ao toque. Ele era quente e forte, poderosamente masculino. Bastava eu pensar nele para querê-lo.

Passei minhas pernas por seus quadris e me elevei acima dele, com as mãos espalmadas sobre seu abdome. Estava escuro, mas eu não precisava vê-lo. Por mais que gostasse de seu rosto — rosto do qual ele se ressentia às vezes —, era a maneira como ele me tocava e falava comigo que me deixava maluca. Como se não houvesse nada neste mundo que ele

desejasse mais.

“Gideon.” Não precisei dizer mais nada.

Ele se sentou, envolveu-me nos braços e me deu um beijo profundo. Depois rolou para cima de mim e fez amor comigo de uma maneira tão carinhosa e possessiva que abalou minha alma.

Acordei com um sobressalto. Um peso enorme me esmagava, e uma voz áspera vomitava palavras desagradáveis, detestáveis, na minha orelha. O pânico tomou conta de mim, deixando-me sem ar.

De novo, não. Não… Por favor, não…

Nathan tapou minha boca com a mão e abriu minhas pernas. Senti seu membro duro tateando por ali, tentando abrir caminho para dentro do meu corpo. Meu grito saiu abafado pela palma de sua mão, que cobria meus lábios, e eu me encolhi toda, com o coração prestes a explodir. Nathan era pesado demais. Pesado e forte demais. Eu não conseguia afastá-lo. Não conseguia tirá-lo dali.

Pare com isso! Me largue. Não encoste em mim. Pelo amor de Deus… por favor, não faça isso comigo… de novo não…

Onde é que estava minha mãe? *Mamãe!*

A mão de Nathan abafava meus gritos, esmagava-me contra o travesseiro. Quanto mais eu resistia, mais excitado ele ficava. Arfando como um cão, ele investia contra mim de novo e de novo… tentando se enfiar dentro de mim…

“Agora você vai ver o que é bom.”

Gelei. Aquela voz eu conhecia. E sabia que não era de Nathan.

Não era um sonho, era um pesadelo.

Meu Deus, não. Piscando enlouquecidamente em meio à escuridão, eu fazia força para tentar enxergar. O sangue pulsava em meus ouvidos. Não consegui ouvir mais nada.

Mas eu conhecia o cheiro da sua pele. Conhecia seu toque, mesmo quando ele era cruel. Conhecia a sensação de seu corpo junto ao meu, mesmo quando sua intenção era me violar.

O pênis ereto de Gideon batia nas minhas coxas. Em pânico, empurrei-me para cima com toda a força. Consegui me libertar da mão que cobria minha boca.

Enchi os pulmões de ar e berrei.

Seu peito se inflou quando ele grunhiu: “Não é tão bom quando é você que está sendo comido, é?”.

“Crossfire”, eu disse, perdendo o fôlego.

Um facho de luz vindo do corredor me cegou, e logo depois o peso esmagador de Gideon foi retirado de cima de mim. Rolando para o lado, comecei a soluçar, com os olhos cheios de lágrimas, o que borrou minha visão de Cary arrastando Gideon pelo quarto e o prensando contra a parede, provocando uma rachadura no revestimento de gesso.

“Eva, você está bem?” Cary acendeu o abajur do lado da cama e soltou um palavrão quando me viu deitada em posição fetal, tremendo violentamente.

Quando Gideon endireitou o corpo, Cary foi até ele. “Se sair mais um centímetro daí antes da polícia chegar, acabo com sua raça!”

Tentando engolir com minha garganta em chamas, eu me sentei. Olhei diretamente nos olhos de Gideon e dentro deles vi a névoa do sono ser substituída pelo terror.

“É um sonho”, eu consegui dizer, resfolegada, agarrando o braço de Cary, que se dirigia ao telefone. “E-ele está sonhando.”

Cary então viu Gideon encolhido sem roupa no chão como um animal selvagem. Ele ficou sem reação. “Minha nossa. E eu achando que o pirado era eu.”

Desci da cama com as pernas trêmulas, com o estômago revirado de medo. Meus joelhos cederam e Cary teve que me amparar, baixando meu corpo até o chão e me abraçando para acalmar o choro.

“Vou deitar no sofá.” Cary passou as mãos pelos cabelos amassados de sono e se apoiou na parede do corredor. A porta do quarto estava aberta atrás de mim, revelando a imagem de Gideon lá dentro, pálido e assustado. “Vou separar uns cobertores e uns travesseiros pra ele também. Não é uma boa ele ir sozinho pra casa. Está abalado demais.”

“Obrigada, Cary.” Seus braços estavam tensos junto a mim. “Tatiana ainda está aqui?”

“Claro que não. Nada a ver. Nós trepamos e ela caiu fora.”

“E Trey?”, perguntei baixinho, já voltando a pensar em Gideon.

“Eu amo Trey. Acho que ele é a melhor pessoa que conheço, tirando você.” Ele se inclinou para a frente e beijou minha testa. “O que os olhos não veem o coração não sente.

Pare de se preocupar comigo e cuide de você.”

Olhei para ele com os olhos banhados de lágrimas. “Não sei o que fazer.”

Cary suspirou, e seus olhos verdes ganharam um tom de seriedade. “Acho que você precisa refletir se não está dando um passo maior que a perna, gata. Algumas pessoas não têm solução. Veja meu exemplo. Arrumei um cara ótimo e estou transando com uma menina que detesto.”

“Cary…” Eu apertei seu ombro.

Ele segurou e apertou minha mão. “Estou aqui se precisar de mim.”

Gideon já estava fechando sua mala quando voltei para o quarto. Quando ele me olhou, senti um frio na barriga de medo. Não por mim, por ele. Nunca tinha visto alguém tão desolado, tão inapelavelmente arrasado. A melancolia em seus lindos olhos me deixou apavorada. Eles estavam sem vida. Gideon estava pálido como a morte, imerso nas sombras sob todos os ângulos de seu rosto de tirar o fôlego.

“O que você está fazendo?”, sussurrei.

Ele se afastou, como se quisesse manter a maior distância possível de mim. “Não posso ficar.”

Fiquei preocupada quando senti uma pontada de alívio ao ouvir isso. “Nós combinamos… chega de fugir.”

“Isso foi antes de eu atacar você!”, ele gritou, mostrando o primeiro sinal de vida depois de uma hora.

“Você estava inconsciente.”

“Você não pode virar vítima de novo, Eva. Minha nossa… o que eu ia fazer com você…” Ele deu as costas para mim, e seus ombros se curvaram de uma maneira que me assustou muito mais que qualquer outra coisa.

“Se você for embora, quer dizer que nosso passado levou a melhor sobre nosso futuro.” Minhas palavras o atingiram como um soco no estômago. Todas as luzes do quarto estavam acesas, como se a eletricidade fosse capaz de extinguir as sombras de nossa alma. “Se sair daqui agora, acho melhor você manter distância e eu esquecer de você. Vai ser o fim, Gideon.”

“Como posso ficar? Por que você ia me querer aqui?” Ele se virou e me olhou com tamanho sentimento que meus olhos se encheram de lágrimas. “Prefiro me matar a machucar você.”

Esse era um de meus medos. O Gideon que eu conhecia — o homem dominador, uma

força da natureza — jamais se mataria, mas aquele Gideon que estava diante de mim era outra pessoa. E era filho de um suicida.

Meus dedos se enroscavam na bainha da minha camiseta. “Você jamais me machucaria.”

“Você está com medo de mim”, ele disse, quase sem voz. “Dá pra ver no seu rosto. Até *eu* estou com medo de mim. Com medo de cair no sono e fazer uma coisa que destruiria minha vida e a sua.”

Ele tinha razão. Eu estava com medo. Com um frio na barriga que não passava.

Agora eu conhecia seu lado violento. Toda a sua fúria. E nossa relação era passional demais. Dei um tapa na cara dele no dia da festa, coisa que eu nunca tinha feito antes.

Fazia parte da natureza de nossa relação andar no fio da navalha, com os nervos à flor da pele. A confiança que havia entre nós fez com que existisse uma abertura para que nos tornássemos vulneráveis e perigosos um para o outro. E isso só ia piorar antes de melhorar.

Ele passou as mãos pelos cabelos. “Eva, eu…”

“Eu te amo, Gideon.”

“Meu Deus.” Ele me olhou como se estivesse enojado. Se era comigo ou com ele mesmo, eu não sabia. “Como você pode dizer uma coisa dessas?”

“É a verdade.”

“Você só está vendo isto aqui”, ele apontou para seu corpo. “Não está vendo tudo o que existe de perturbado e traumatizado aqui dentro.”

Respirei fundo. “Como você tem coragem de me dizer uma coisa dessas? Sabendo que eu também sou perturbada e traumatizada…”

“Talvez você esteja mesmo atrás de alguém que te faça mal”, ele respondeu, amargo.

“Pode parar com isso. Sei que você está chateado, mas descarregar tudo em cima de mim só vai piorar as coisas.” Olhei para o relógio e vi que eram quatro da manhã. Caminhei até ele, motivada pela necessidade de superar meu medo de tocá-lo e ser tocada por ele.

Ele ergueu uma das mãos para me manter longe. “Estou indo pra casa, Eva.”

“Durma aqui, no sofá. Faça o que estou dizendo desta vez, Gideon. Por favor. Vou morrer de preocupação se você for embora.”

“E vai ficar mais preocupada ainda se eu ficar.” Ele olhou para mim, parecendo

perdido, furioso e ao mesmo tempo cheio de desejo. Seus olhos me pediam perdão, mas ele não o aceitava quando eu o oferecia.

Fui até ele e peguei sua mão, lutando contra a apreensão que tomou conta de mim quando nos tocamos. Meus nervos ainda estavam tensos, minha garganta e minha boca, doloridas. A lembrança de suas tentativas de penetração — tão parecidas com as de Nathan — ainda estava viva demais. “N-nós vamos superar isso”, prometi, com raiva de mim mesma por ter gaguejado. “Você vai conversar com o doutor Petersen e depois vemos o que podemos fazer.”

Ele levantou uma das mãos, como se fosse tocar meu rosto. “Se Cary não estivesse em casa…”

“Ele estava, e eu vou ficar bem. Eu te amo. Vamos superar isso.” Caminhei até ele e o abracei, enfiando minhas mãos sob sua camisa para sentir sua pele. “Não vamos deixar o passado destruir o que temos.”

Eu não sabia quem estava tentando convencer ao dizer isso.

“Eva.” Ele retribuiu o abraço, apertando-me com tanta força que perdi o fôlego. “Desculpe. Isso está me matando. Por favor. Me perdoe… Não posso te perder.”

“E não vai.” Fechei os olhos, concentrando-me em seu toque. Em seu cheiro. Lembrando que costumava não ter medo de nada quando estava com ele.

“Sinto muito.” Suas mãos trêmulas acariciavam a curvatura das minhas costas. “Faço qualquer coisa…”

“Shh. Eu te amo. Vai ficar tudo bem.”

Ele virou a cabeça e me beijou de leve. “Desculpe, Eva. Eu preciso de você. Tenho medo do que pode acontecer se eu te perder…”

“Não vou deixar isso acontecer.” Minha pele se arrepiou sob o movimento constante de suas mãos nas minhas costas. “Estou bem aqui. Não vou mais fugir.”

Ele fez uma pausa, respirando bem perto da minha boca. Depois baixou a cabeça e me deu um beijo na boca. Meu corpo reagiu àquele estímulo suave. Curvei-me em sua direção sem perceber, trazendo-o mais para perto.

Ele agarrou meus seios, acariciando-os, estimulando meus mamilos com os polegares até eles ficarem pontudos e sensíveis. Gemi de medo e de desejo, e ele estremeceu ao ouvir esse som.

“Eva…?”

“Eu… não consigo.” A lembrança de como havia sido acordada ainda era recente

demais. Foi doloroso para mim rejeitá-lo, principalmente por saber que ele precisava receber de mim a mesma coisa que havia me oferecido quando contei a ele sobre Nathan — uma prova de que o desejo não tinha morrido, uma prova de que, por mais feias que fossem nossas cicatrizes do passado, elas não afetavam o que sentíamos um pelo outro naquele momento.

No entanto, não fui capaz de fazer isso. Não naquela hora. Estava me sentindo ferida e vulnerável. “Me abrace, Gideon. Por favor.”

Ele concordou com a cabeça e me envolveu em seus braços.

Eu o fiz deitar no chão comigo, na esperança de fazê-lo voltar a dormir. Aninhei-me a seu lado, jogando minha perna sobre a dele e apoiando meu braço sobre sua barriga. Ele me apertou de levinho, dando um beijo na minha testa e sussurrando várias vezes que sentia muito.

“Não vá embora”, murmurei. “Fique.”

Gideon não respondeu nem fez nenhuma promessa, mas também não me soltou.

Acordei algum tempo mais tarde, ouvindo o coração dele bater tranquilamente sob minha orelha. Todas as luzes ainda estavam acesas, e o chão acarpetado parecia duro e desconfortável.

Gideon estava deitado de costas, seu lindo rosto estava adormecido como o de um menino, com a camiseta levantada só o suficiente para mostrar seu umbigo e os músculos bem definidos de seu abdome.

Aquele era o homem que eu amava. Aquele era o homem cujo corpo me dava tanto prazer, cuja consideração por mim sempre me emocionava. Ele ainda estava lá. E as rugas que se viam entre suas sobrancelhas mostravam que ainda estava chateado.

Enfiei minha mão em sua calça. Pela primeira vez desde que estávamos juntos, ele não estava duro como pedra ao toque da minha mão, mas logo começou a inchar e engrossar quando passei a masturbá-lo. Um temor ainda se fazia presente na minha excitação, mas o medo de perdê-lo era maior que o dos demônios que viviam dentro dele.

Ele se mexeu e me apertou forte, com os braços nas minhas costas. “Eva…”

Dessa vez respondi como deveria ter feito anteriormente, mas não consegui. “Vamos esquecer”, eu disse com a boca colada à sua. “Nos faça esquecer.”

“Eva.”

Ele rolou para cima de mim, tirando minha camiseta com movimentos cuidadosos. Eu também tateava com cautela ao despi-lo. Encostamos um no outro como se fôssemos feitos de açúcar. O laço que nos unia estava frágil. Estávamos ambos preocupados com o futuro e com as feridas que poderíamos acabar reabrindo.

Seus lábios abocanharam meu mamilo e suas bochechas desinflaram lentamente, em um gesto de sedução menos violento que o de costume. Aquela sucção suave era tão gostosa que perdi o fôlego e me dobrei em sua direção. Ele acariciou meu corpo do seio até o quadril, descendo e subindo até meu coração disparar.

Ele passou a boca por meu peito até chegar ao outro seio, murmurando palavras de desculpas e carência com a voz carregada de arrependimento e tristeza. Sua língua chegou ao mamilo enrijecido, provocando-o um pouco antes de envolvê-lo em uma chupada quente e molhada.

“Gideon.” Suas carícias delicadas foram perfeitas para encher de desejo minha mente inquieta. Meu corpo já estava entregue a ele, ávido por sentir prazer e desfrutar de sua beleza.

“Não tenha medo de mim”, ele sussurrou. “Pode ficar tranquila.”

Gideon beijou meu pescoço e depois foi descendo, acariciando minha barriga com os cabelos enquanto se acomodava no meio de minhas pernas. Manteve-me aberta para ele com as mãos trêmulas, e acariciou meu clitóris com a boca. Suas lambidas leves e provocadoras por toda a minha abertura, combinadas com as entradas furtivas de sua língua no meu sexo fremente, levaram-me às raias da loucura.

Minhas costas se arquearam. Súplicas roucas saíam do meu lábio. A tensão se espalhou pelo meu corpo, fazendo com que eu me contraísse inteira até quase explodir sob tanta pressão. Ele conseguiu me levar ao orgasmo apenas com o toque delicado da ponta de sua língua.

Gemi bem alto ao sentir aquela onda morna de alívio se apoderar de meu corpo estremecido.

“Não posso perder você, Eva.” Gideon se deitou sobre mim enquanto meu corpo se contorcia de prazer. “Não posso.”

Limpando as marcas de lágrimas em seu rosto, eu me vi diante de seus olhos vermelhos. Seu sofrimento era um tormento para mim, de cortar o coração. “Você não me perderia nem se quisesse.”

Ele penetrou em mim lentamente, com todo o cuidado. Pressionei a cabeça contra o chão duro à medida que ele chegava mais fundo, tomando conta de meu corpo centímetro

a centímetro.

Quando entrou por inteiro, ele começou a se mover em investidas calculadas e cautelosas. Fechei os olhos e pensei apenas no sentimento que havia entre nós. Foi quando ele parou e deitou sobre mim, com a barriga encostada na minha, e meu coração disparou em pânico. Assustada, eu não sabia o que fazer.

“Olhe para mim, Eva.” Sua voz estava tão rouca que eu não consegui reconhecê-la.

Obedeci, e pude ver toda a sua angústia.

“Faça amor comigo”, ele implorou em um sussurro quase sem fôlego. “Faça *amor* comigo. Toque em mim, meu anjo. Ponha suas mãos sobre mim.”

“Sim.” Pus as mãos espalmadas em suas costas, depois explorei os músculos contraídos de seu traseiro. Apertando bem forte sua carne rígida, eu o fiz se mover mais rápido, chegando mais fundo.

As estocadas ritmadas de seu pau grosso contra as profundezas convulsionadas de meu sexo fizeram o prazer se espalhar por mim em ondas de calor. Ele era tão gostoso. Minhas pernas envolveram seus quadris em movimento, minha respiração acelerou e o caroço congelado que havia se instalado em minha barriga começou a derreter. Nossos olhares grudaram um no outro.

As lágrimas escorriam por minhas têmporas. “Eu te amo, Gideon.”

“Por favor…” Ele fechou os olhos.

“Eu te amo.”

Ele me conduziu ao orgasmo mexendo os quadris com habilidade, movimentando seu pau dentro de mim. Meu sexo ficou inchado e apertado, fazendo de tudo para mantê-lo dentro de mim.

“Goze, Eva”, ele disse com a boca colada na minha garganta.

Eu me esforcei para isso, esforcei-me para deixar para trás a apreensão que sentia com ele ali em cima de mim. A ansiedade se misturou ao desejo, mantendo-me em um estado de excitação suspensa.

Ele soltou um gemido carregado de dor e arrependimento. “Preciso fazer você gozar, Eva… preciso dessa sensação… Por favor…”

Agarrando minha bunda, ele ajeitou a posição de meus quadris e atacou de novo e de novo o mesmo lugarzinho sensível dentro de mim. Ele era incansável, implacável, e continuou metendo com força até eu perder o controle sobre meu corpo e gozar violentamente. Mordi seu ombro para abafar meus gritos enquanto me contorcia embaixo

dele, sentindo os pequenos músculos de meu ventre se contraírem em espasmos de êxtase. Ele soltou um grunhido profundo, que reverberou em seu peito, um ruído áspero de prazer misturado com sofrimento.

“Mais”, ele ordenou, entrando mais fundo para me fazer sentir dor. O fato de ele se sentir confiante o bastante para me infligir uma pequena dose de sofrimento derrubou a última de minhas preocupações. Enquanto confiássemos um no outro, poderíamos confiar nos nossos instintos também.

Gozei mais uma vez, ferozmente, dobrando os dedos do pé até sentir câimbras. Senti que a tensão habitual tomava conta de Gideon e apertei ainda mais seus quadris, puxando-o para perto à força, desesperada para senti-lo jorrar dentro de mim.

“Não!” Gideon se afastou, caindo de costas e cobrindo os olhos com um dos braços. Ele estava punindo a si mesmo, negando a seu corpo o conforto e o prazer que costumava extrair do meu.

Seu peito oscilava violentamente, encharcado de suor. Seu pau caiu pesadamente sobre sua barriga, exibindo toda a sua impetuosidade na cabeça larga e arroxeada e no corpo atravessado por veias grossas.

Mergulhei sobre ele com as mãos e a boca, ignorando seus palavrões furiosos. Prendendo seu tronco ao chão com o antebraço, eu o masturbei com força com a outra mão e chupei sedentamente sua região mais sensível.

“Porra, Eva. Caralho.” Ele enrijeceu e expirou com força, puxando meu cabelo e movimentando os quadris. “Caralho. Chupa com força… Minha nossa…”

Ele explodiu em um jorro poderoso que quase me fez engasgar, inundando minha boca. Eu bebi tudinho, ordenhando com a mão cada pulsação que fazia seu pau tremer, engolindo sem parar até que ele estremeceu de satisfação e me implorou para parar.

Eu me endireitei e Gideon se sentou para me abraçar. Ele me puxou de volta para o chão, onde enterrou o rosto no meu pescoço e chorou até o dia amanhecer.

Na terça-feira, fui trabalhar usando calça e uma blusa de seda de mangas compridas, sentindo a necessidade de estabelecer uma barreira entre mim e o restante do mundo. Na cozinha, Gideon pegou meu rosto entre as mãos e me beijou com um carinho apaixonante. Seu olhar permanecia perturbado.

“Almoço hoje?”, sugeri, sentindo que ainda precisávamos restabelecer a intimidade e a

confiança entre nós.

“Tenho um almoço de negócios.” Ele passou os dedos por meus cabelos soltos. “Você quer ir? Angus pode levar você de volta a tempo.”

“Eu adoraria.” Lembrei-me da agenda de eventos noturnos, reuniões e consultas que ele havia mandado para meu celular. “E amanhã à noite temos um jantar beneficente no Waldorf-Astoria?”

Sua expressão se amenizou. Vestido para trabalhar, ele parecia um tanto deprimido, apesar de absolutamente controlado. Mas eu sabia muito bem como ele se sentia.

“Você não vai desistir mesmo de mim, não é?”, ele perguntou com a voz baixa.

Levantei a mão direita e mostrei meu anel. “Você está amarrado a mim, Cross. Pode ir se acostumando.”

No caminho do trabalho, ele me sentou no seu colo, assim como na hora do almoço, enquanto nos deslocávamos até o Jean Georges. Não falei mais de dez palavras durante a refeição, que Gideon escolheu para mim e estava maravilhosa.

Fiquei sentada em silêncio a seu lado, com a mão esquerda sobre sua perna firme sob a toalha da mesa, uma afirmação não verbal de meu comprometimento com ele. Conosco. Uma de suas mãos segurava a minha, quente e forte, enquanto ele conversava sobre um novo empreendimento em Saint Croix. Mantivemos esse contato durante todo o tempo, preferindo comer com uma mão só a ter de abrir mão daquele toque.

A cada hora que se passava, eu sentia o terror da noite anterior ficar mais distante de nós. Seria apenas uma cicatriz a mais em sua coleção, outra lembrança amarga que ele sempre teria, uma recordação e um medo que também seriam meus, mas que não mudariam nada entre nós. Nós não íamos permitir que isso acontecesse.

Angus estava a postos para me levar para casa quando o expediente terminou. Gideon ficaria no trabalho até mais tarde, e iria direto do Crossfire para o consultório do dr. Petersen. Aproveitei o trajeto para me preparar mentalmente para mais uma semana de treinamento com Parker. Até pensei em faltar, mas no fim cheguei à conclusão de que era importante manter uma rotina. Já havia descontrole demais na minha vida naquele momento. Cumprir meus compromissos era uma das poucas coisas que ainda dependiam somente de mim.

Depois de uma hora e meia de golpes de mão aberta e trabalho de solo com Parker, eu

me senti aliviada quando Clancy me deixou em casa — e orgulhosa de mim mesma por ter ido treinar apesar de ser a última coisa que eu queria naquele dia.

Quando entrei no saguão, dei de cara com Trey na recepção.

“Oi”, eu cumprimentei. “Está subindo?”

Ele se virou para mim, com seus olhos brilhantes e seu sorriso aberto. Trey tinha uma suavidade nos modos, uma espécie de ingenuidade sincera, que o tornava diferente de todas as pessoas com quem Cary já havia se relacionado. Ou talvez eu devesse dizer apenas que Trey era “normal”, algo raro tanto na minha vida como na de Cary.

“Cary não está”, ele disse. “Ninguém atendeu ao interfone.”

“Você pode subir comigo e esperar lá. Não vou sair mais hoje.”

“Se você não se incomodar.” Ele foi junto comigo quando acenei para a menina da recepção e tomei o caminho do elevador. “Eu trouxe uma coisinha pra ele.”

“Claro que não me incomodo”, garanti, retribuindo seu sorriso gentil.

Ele olhou para minha calça de ioga e meu top de ginástica. “Está vindo da academia?”

“Pois é. Apesar de ser a última coisa que eu gostaria de ter feito hoje.”

Trey deu risada ao entrar no elevador. “Sei bem como é.”

Enquanto subíamos, o silêncio se estabeleceu. E começou a pesar.

“Está tudo bem?”, perguntei.

“Bom…” Trey ajeitou a alça da mochila. “Cary anda meio distante ultimamente.”

“Ah, é?” Mordi os lábios. “Em que sentido?”

“Não sei. Não consigo explicar. Acho que tem alguma coisa acontecendo com ele e não sei o que é.”

Pensei na modelo loira e gelei por dentro. “Vai ver ele está estressado por causa do trabalho para a Grey Isles e não quer incomodar você com isso. Ele sabe que você já tem muito com que se preocupar, com o trabalho e a faculdade.”

A tensão em seus ombros se aliviou um pouco. “Talvez seja isso mesmo. Faz sentido. Pode ser. Obrigado.”

Abri a porta do apartamento e disse a ele que se sentisse à vontade. Trey foi deixar suas coisas no quarto de Cary e eu fui até o telefone para ver se havia alguma mensagem.

Um grito vindo do corredor me fez pegar o telefone por outro motivo, com o coração na mão de medo de algum invasor ou outro perigo iminente. Mais gritos se seguiram, e em

um deles reconheci claramente a voz de Cary.

Soltei um suspiro de alívio. Com o telefone na mão, arrisquei-me a ir ver o que estava acontecendo. Quase fui atropelada por Tatiana, que saiu do corredor ainda abotoando a blusa.

“Ops”, ela disse, abrindo um sorrisinho sem nenhuma culpa. “Até mais.”

Os gritos de Trey impediram que eu ouvisse quando ela fechou a porta do apartamento atrás de si.

“Porra, Cary. A gente conversou sobre isso! Você prometeu!”

“Você está exagerando”, rebateu Cary, também aos berros. “Não é o que você está pensando.”

Trey saiu pisando duro do quarto, e com tamanha pressa que eu tive que me espremer junto à parede para sair do caminho. Cary foi atrás, enrolado num lençol até a cintura. Quando passou por mim, eu o olhei de um jeito que não deve ter sido muito agradável, porque em resposta ele me mostrou o dedo do meio.

Deixei que os dois se virassem e fui tomar banho, furiosa com Cary por ele ter mais uma vez arruinado uma das poucas coisas boas em sua vida. Era um padrão que eu nunca deixaria de esperar que fosse quebrado, apesar de ele parecer incapaz de fazer isso.

Quando fui até a cozinha, meia hora depois, o silêncio dentro do apartamento era absoluto. Concentrei-me em cozinhar, decidindo fazer lombo assado com batatas e aspargos, um dos pratos preferidos de Cary, para o caso de ele querer jantar em casa e precisar de algo para se animar.

Fiquei surpresa ao ver Trey saindo do corredor enquanto eu punha a comida no forno, um pouco triste. Não gostei nada de vê-lo todo vermelho, descabelado e chorando. Minha piedade se transformou em decepção furiosa quando Cary apareceu na cozinha cheirando a suor e sexo. Ele me olhou feio ao passar por mim para pegar um vinho na adega.

Eu o encarei com os braços cruzados. “Trepar com um namorado traído na mesma cama em que ele pegou você com outra não ajuda muito.”

“Cale a boca, Eva.”

“Ele deve estar se odiando por ter cedido.”

“Eu mandei calar a boca, porra.”

“Tudo bem.” Dei as costas para ele e comecei a temperar as batatas para levar ao forno junto com o lombo.

Cary pegou duas taças no armário. “Pelo jeito você também está me julgando. Se ele tivesse me pegado com outro homem, provavelmente não faria essa cena toda.”

“Então é tudo culpa dele?”

“Só pra lembrar: sua vida amorosa também não é nada perfeita.”

“Golpe baixo, Cary. Eu é que não vou me sujeitar a ser seu saco de pancadas. Foi você que estragou tudo, e depois ainda conseguiu piorar as coisas. O problema é todo seu.”

“Não vem querer dar uma de superior, não. Você está dormindo com um homem que vai acabar te estuprando, mais cedo ou mais tarde.”

“Não é nada disso!”

Ele soltou um riso de deboche e se encostou no balcão, olhando-me com seus olhos verdes inundados de mágoa e raiva. “Se você vai arrumar justificativas para ele porque estava dormindo quando te atacou, vai ter que fazer o mesmo para os bêbados e drogados. Eles também não sabem o que fazem.”

A verdade que havia naquelas palavras me atingiu duramente, assim como o fato de ele tê-las dito só para me magoar. “Parar de beber as pessoas conseguem, mas deixar de dormir, não.”

Cary se endireitou, abriu a garrafa que havia escolhido e serviu duas taças, empurrando uma para o outro lado do balcão, para mim. “Se existe alguém que sabe o que é se envolver com pessoas que só trazem mágoas, esse alguém sou eu. Você o ama. Você quer salvá-lo. Mas quem vai salvar você, Eva? Eu não vou estar sempre por perto quando estiver com ele, e o cara é uma bomba-relógio.”

“Você quer falar sobre relacionamentos que só trazem mágoas, Cary?”, rebati, tirando o foco da conversa das verdades incômodas a meu respeito. “Você, que traiu Trey só pra se proteger? Você percebeu que fez de tudo para afastar o cara antes que surgisse alguma chance de ele te decepcionar?”

Cary abriu um sorriso amargo. Ele bateu sua taça na minha, que ainda estava sobre o balcão. “Um brinde a nós, os seriamente perturbados. Pelo menos temos um ao outro.”

Ele saiu da sala e eu desabei. Sabia que isso estava por vir — parecia tudo bom demais para ser verdade. O bem-estar e a felicidade nunca duravam muito na minha vida, e nunca passavam de mera ilusão.

Sempre havia algo escondido nas entrelinhas, a postos para vir à tona e arruinar tudo.

20

Gideon chegou bem na hora em que o jantar estava saindo do forno. Estava com um terno embalado numa das mãos e um laptop numa maleta na outra. Estava preocupada que ele fosse para casa depois da sessão com o dr. Petersen, e fiquei aliviada quando recebi sua ligação avisando que estava a caminho. Ainda assim, quando abri a porta e pus os olhos nele, senti um calafrio.

"Oi", ele disse baixinho enquanto me seguia até a cozinha. "O cheiro aqui está uma delícia."

"Espero que você esteja com fome. Fiz um monte de comida, e acho que Cary não vai aparecer para ajudar a comer."

Gideon deixou suas coisas perto do balcão e foi até mim com passos cautelosos, procurando meus olhos enquanto se aproximava. "Trouxe algumas coisas para passar a noite aqui, mas posso ir embora se você quiser. A qualquer hora. É só dizer."

Expirei em uma bufada, determinada a não deixar o medo comandar minhas ações. "Quero que você fique."

"E eu quero ficar." Ele parou ao meu lado. "Posso te abraçar?"

Eu me virei para ele e o apertei bem forte. "Por favor."

Gideon apertou o rosto contra o meu e me abraçou. Não era um abraço gostoso e natural como de costume. Havia um desgaste entre nós, algo que nunca tínhamos experimentado juntos.

"Como você está?", ele murmurou.

"Melhor agora que você chegou."

"Mas ainda está nervosa." Ele beijou minha testa. "Eu também. Não sei como vamos conseguir dormir juntos de novo."

Recuando um pouco, olhei bem para ele. Era o que eu temia também, e minha conversa com Cary não tinha ajudado muito. *O cara é uma bomba-relógio…*

"Nós damos um jeito", respondi.

Ele ficou em silêncio por um bom tempo. "Nathan já tentou entrar em contato com você?"

“Não.” Ainda assim, eu morria de medo de encontrá-lo de novo algum dia, fosse por acidente ou deliberadamente. Ele estava em algum lugar do mundo, respirando o mesmo ar que eu… “Por quê?”

“Fiquei pensando sobre isso hoje.”

Dei um passo atrás para olhar seu rosto, e senti um nó na garganta ao perceber como estava chateado. “Por quê?”

“Porque existe um bocado de coisa entre nós.”

“Você está achando que é coisa demais?”

Ele sacudiu a cabeça. “Não consigo pensar assim.”

Eu não soube o que fazer, nem o que dizer. Que garantia poderia dar a ele se não sabia que meu amor e a necessidade que ele sentia de ficar comigo seriam suficientes para fazer nossa relação dar certo?

“E você, está pensando em quê?”, ele perguntou.

“Na comida no forno. Estou morrendo de fome. Você pode perguntar a Cary se ele quer comer? Depois podemos jantar.”

Cary estava dormindo, então Gideon e eu jantamos na mesa à luz de velas depois que ele tomou banho, uma refeição um tanto formal para quem estava de camiseta velha e calça de pijama. Eu estava preocupada com Cary, mas precisava muito de um tempinho tranquilo a sós com Gideon.

“Almocei com Magdalene no escritório ontem”, ele disse depois de começarmos a comer.

“Ah, é?” Então quer dizer que, enquanto eu saía atrás de um anel, Magdalene Perez estava a sós com meu namorado?

“Não precisa ficar assim”, ele me censurou. “Ela almoçou em um escritório dominado por suas flores, com você me mandando beijinhos da minha mesa. Você estava tão presente ali quanto ela.”

“Desculpe. O primeiro impulso é esse mesmo.”

Ele pegou minha mão e a beijou com força. “Fico aliviado por você ainda sentir ciúmes de mim.”

Suspirei. Meus sentimentos ficaram à flor da pele durante o dia todo; não conseguia me

decidir sobre como me sentia a respeito de nada. “Você falou com ela sobre Christopher?”

“Foi por isso que a chamei para almoçar. Mostrei o vídeo pra ela.”

“Quê?” Eu franzi a testa ao lembrar que meu telefone tinha ficado sem bateria no carro. “Como você fez isso?”

“Levei seu celular pro escritório e passei o vídeo pro computador. Você não reparou que eu o trouxe de volta pra cá ontem à noite, com a bateria carregada?”

“Não.” Larguei os talheres. Dominante ou não, Gideon precisava que alguns limites bem claros para o espaço pessoal de cada um fossem estabelecidos. “Você não pode simplesmente hackear meu celular, Gideon.”

“Não precisei hackear nada. Não tem senha.”

“Não importa! Isso é invasão de privacidade, porra. Minha nossa…” Por que ninguém conseguia entender que eu tinha direito a meu espaço? “Você gostaria que eu ficasse fuçando nas suas coisas?”

“Não tenho nada a esconder.” Ele tirou seu celular do bolso da calça de moletom e entregou para mim. “E você também não deve ter.”

Eu não queria brigar num momento como aquele, em que as coisas estavam tão abaladas entre nós, mas não dava mais para relevar o assunto. “Não interessa se tenho ou não alguma coisa a esconder. Tenho direito ao meu espaço e à minha privacidade, e você precisa pedir antes de ir atrás de informações a meu respeito e antes de mexer nas minhas coisas. Você precisa parar com essa mania de fazer de tudo sem minha permissão.”

“E o que aquele vídeo tinha a ver com privacidade?”, ele perguntou franzindo a testa. “Foi você mesma que me mostrou.”

“Você está parecendo minha mãe, Gideon!”, eu gritei. “Uma maluca pra mim já basta.”

Ele recuou diante de minha agressividade, claramente surpreso ao ver que eu estava chateada de verdade. “Está certo. Desculpe.”

Dei um gole no vinho, lutando para recuperar a tranquilidade. “Está se desculpando por ter me irritado? Ou por ter feito o que fez?”

Gideon demorou alguns instantes para responder. “Por ter irritado você.”

Ele não tinha entendido nada. “Você não consegue ver como isso é bizarro?”

“Eva.” Ele suspirou e gesticulou. “Passo um tempão do meu dia *dentro* de você. Quando você estabelece esses limites, só consigo ver como uma coisa arbitrária.”

“Pois não tem nada de arbitrário. É importante pra mim. Se você quiser saber alguma

coisa a meu respeito, precisa me perguntar.”

“Certo.”

“Não faça mais isso”, avisei. “Não estou brincando, Gideon.”

Ele cerrou os dentes. “Está bem. Já entendi.”

Como eu realmente não estava a fim de brigar, retomei a conversa anterior. “O que ela falou quando viu o vídeo?”

Ele relaxou visivelmente. “Foi difícil, é claro. Principalmente por saber que eu já tinha visto.”

“Ela viu a gente na biblioteca.”

“Não tocamos nesse assunto diretamente, mas o que eu poderia dizer? Não vou me desculpar por transar com minha namorada entre quatro paredes.” Ele se recostou na cadeira e bufou. “Ver a cara de Christopher no vídeo… Ver exatamente o que ele pensa dela… Foi isso que a magoou. É difícil descobrir que está sendo usado dessa forma. Principalmente por alguém que você acha que conhece, que diz gostar de você.”

Para esconder minha reação, tratei de reabastecer as duas taças de vinho. Ele falou como se já tivesse sentido aquilo na pele. O que exatamente teria acontecido com Gideon?

Depois de um rápido gole de vinho, perguntei: “E como *você* está lidando com isso?”.

“O que posso fazer? Durante anos, tentei conversar com Christopher de todas as maneiras. Já tentei dar dinheiro pra ele. Já tentei ameaçar meu irmão. Ele nunca mostrou o menor sinal de mudança. Percebi há muito tempo que o máximo que posso fazer é amenizar as consequências dos atos dele. E manter você à maior distância possível.”

“Agora que sei disso, vou fazer de tudo pra ficar longe.”

“Ótimo.” Ele deu um gole no vinho, olhando-me por cima da taça. “Você não me perguntou como foi a consulta com o doutor Petersen.”

“Não é da minha conta. A não ser que você queira contar.” Olhei bem pra ele, na esperança de que fizesse isso. “Estou aqui pra ouvir o que você quiser falar, mas não vou ficar insistindo. Quando estiver pronto pra se abrir comigo, fique à vontade. Mas adoraria saber se você gostou dele.”

“Por enquanto.” Gideon sorriu. “Ele me faz falar várias vezes a mesma coisa. Poucas pessoas são capazes de me convencer disso.”

“Verdade. Ele faz a gente repensar e ver as coisas por outro ângulo, faz a gente refletir sobre por que não pensou naquilo antes.’”

Os dedos de Gideon subiam e desciam pela haste da taça. “Ele me receitou um remédio para tomar antes de ir pra cama. Comprei no caminho pra cá.”

“Como você se sente a respeito de tomar remédios?”

Ele me olhou com os olhos sombrios. “Acho que é algo necessário. Preciso de você e quero mantê-la segura, custe o que custar. O doutor Petersen disse que esse medicamento, combinado a terapia, tem ótimo resultado no tratamento de casos de *parassonia sexual atípica*. Não tenho por que duvidar disso.”

Eu me inclinei para a frente e apertei sua mão. Tomar remédios era um grande passo, principalmente para alguém que tinha evitado encarar o problema por tanto tempo. “Obrigada.”

Gideon retribuiu o aperto com força. “Ao que parece existe um monte de gente com esse problema em grupos de estudos do sono. Ele me contou sobre um caso documentado de um homem que atacou a esposa durante o sono por doze anos antes de procurar ajuda.”

“Doze anos? Minha nossa.”

“Eles demoraram tanto assim porque pelo jeito o cara transava melhor dormindo que acordado”, Gideon complementou, sarcástico. “Se isso não é motivo para destruir o ego de alguém, não sei o que é.”

Olhei bem nos olhos dele. “Que merda.”

“Pois é.” O sorriso irônico desapareceu de seu rosto. “Mas não quero forçar você a dormir comigo, Eva. Não existe remédio milagroso. Posso dormir no sofá ou ir pra casa, apesar de preferir o sofá. Meu dia fica melhor quando vamos juntos pro trabalho.”

“O meu também.”

Gideon pegou minha mão e a levou aos lábios. “Nunca imaginei que teria isso na minha vida… Alguém que sabe tanto sobre mim como você. Alguém que consegue conversar sobre meus traumas durante o jantar porque me aceita como sou… Muito obrigado por você existir, Eva.”

Meu coração quase parou, e uma dor gostosa se espalhou por meu peito. Ele sabia mesmo como dizer coisas bonitas, perfeitas.

“Sinto a mesma coisa por você, figurão.” E talvez mais, porque eu o amava. Mas não disse isso em voz alta. Algum dia ele chegaria lá. Eu não desistiria enquanto ele não fosse absoluta e irrevogavelmente meu.

Com os pés descalços sobre a mesa de centro e o computador no colo, Gideon parecia tão à vontade e relaxado que eu não conseguia prestar atenção na tevê.

Como chegamos até aqui?, perguntei-me mentalmente. Esse homem absurdamente sexy e eu?

“O que você está olhando?”, ele murmurou sem tirar os olhos da tela do laptop.

Mostrei a língua para ele.

“Está se insinuando sexualmente pra mim, senhorita Tramell?”

“Como você consegue me ver enquanto está vidrado aí no computador?”

Ele desviou sua atenção da tela. Seus olhos azuis irradiavam poder e tesão. “Vejo você o tempo todo, meu anjo. Desde que nos encontramos pela primeira vez. Não tenho olhos pra mais nada além de você.”

A quarta-feira começou com o pau de Gideon me penetrando por trás, meu novo jeito favorito de acordar.

“Ora, ora”, eu disse com a voz rouca, esfregando os olhos para espantar o sono enquanto seu braço envolvia minha cintura e me puxava para mais perto de seu peito quente e forte. “Você está animadinho esta manhã.”

“E você está linda e gostosa todas as manhãs”, ele murmurou, mordendo meu ombro. “Adoro acordar ao seu lado.”

Comemoramos a noite ininterrupta com uma bela sessão de orgasmos.

Bem mais tarde naquele dia, fui almoçar com Mark e seu companheiro Steven em um restaurante mexicano delicioso escondido sob o nível da rua. Ao descer apenas alguns degraus de cimento, encontramos um restaurante surpreendentemente espaçoso e iluminado, com garçons e garçonetes muito bem vestidos.

“Você precisa vir aqui qualquer dia com seu namorado”, comentou Steven, “e pedir para ele te pagar uma margarita de romã.”

“É boa?”, perguntei.

“Ô, se é.”

Quando a garçonete veio tirar nosso pedido, começou a paquerar descaradamente Mark, usando e abusando de seus olhos com cílios longos de fazer inveja. Mark entrou na dela. À medida que o tempo passava, a ruiva exuberante — cujo crachá informava que se chamava Shawna — foi ficando mais ousada, acariciando os ombros e a nuca dele toda vez que passava pela mesa. Ao mesmo tempo, as respostas de Mark foram ficando mais sugestivas, a ponto de olhar para Steven e ver seu rosto ficar vermelho e sua expressão mudar. Remexendo-me o tempo todo na cadeira, eu estava contando os minutos para que aquela refeição carregada de tensão terminasse logo.

"Vamos sair juntos hoje à noite", Shawna disse para Mark ao trazer a conta. "Uma noite comigo e você está curado."

Prendi a respiração. Não podia acreditar no que estava ouvindo.

"Às sete horas está bom pra você?", perguntou Mark em um tom de voz sedutor. "Vou acabar com você, Shawna. Você nem imagina quanto tempo faz que…"

Engasguei com a água e comecei a tossir.

Steven levantou correndo e foi até o outro lado da mesa bater nas minhas costas. "Que coisa, Eva", ele falou, aos risos. "Estamos só brincando com você. Não precisa se matar por nossa causa."

"Quê?", perguntei quase sem fôlego, com os olhos cheios de lágrimas.

Sorrindo, ele passou por trás de mim e abraçou a garçonete. "Eva, essa é minha irmã Shawna. Shawna, Eva é aquela que eu falei que está facilitando a vida de Mark."

"Que ótimo", disse Shawna, "já que você não facilita a vida dele em nada."

Steven piscou para mim. "É por isso que ele não me larga."

Vendo os irmãos lado a lado, enfim captei a semelhança, que até então havia passado despercebida. Recostei-me na cadeira e estreitei os olhos para Mark. "Isso foi golpe baixo. Pensei que Steven fosse ter um ataque."

Mark levantou as mãos em sinal de rendição. "Foi ideia dele. Steven adora um drama, você sabe."

Ele sorriu e rebateu: "Ora, Eva, você sabe que Mark é o mentor intelectual do nosso relacionamento…".

Shawna tirou um cartão de visitas do bolso e entregou para mim. "Meu número está no verso. Dê uma ligadinha pra mim quando puder. Conheço os podres desses dois. Você pode dar o troco em grande estilo."

"Traidora", acusou Steven.

“Ei”, Shawna encolheu os ombros. “As mulheres precisam se unir.”

Depois do trabalho, Gideon e eu fomos à academia dele. Angus nos deixou bem na frente e, quando entramos, o lugar estava bombando; até o vestiário estava lotado. Eu me troquei, guardei minhas coisas e encontrei Gideon no corredor.

Acenei para Daniel, o instrutor com quem havia conversado na primeira visita à CrossTrainer, e levei um tapa na bunda por isso.

“Ei”, protestei, devolvendo o tapa na mão repressora de Gideon. “Pare com isso.”

Ele puxou meu rabo de cavalo, forçando minha cabeça para trás, e marcou seu território me dando um beijo profundo e lascivo.

O jeito como ele puxou meu cabelo me deixou toda arrepiada. “Se essa é sua ideia de reprimenda”, sussurrei com os lábios bem próximos dos dele, “fique sabendo que parece mais um incentivo.”

“Estou disposto a pegar mais pesado, se necessário.” Ele mordeu meu lábio inferior. “Mas sugiro que você não teste meus limites dessa maneira, Eva.”

“Não se preocupe. Tenho outras maneiras de fazer isso.”

Gideon foi correr na esteira primeiro, proporcionando-me o prazer de ver seu corpo brilhando de suor… em público. Por mais que eu o visse assim o tempo todo em particular, era sempre uma visão e tanto.

E, minha nossa, como ele ficava lindo com o cabelo todo para trás… Seus músculos flexionados sob a pele levemente bronzeada… A graciosidade poderosa de seus movimentos… Ver aquele homem elegantérrimo tirar o terno e mostrar seu lado animal me deixava cheia de tesão.

Eu não conseguia parar de olhar, e ainda bem que não precisava. Ele era meu, afinal de contas, uma constatação que fez um calor subir por meu corpo. Além disso, as outras mulheres da academia estavam fazendo o mesmo. Quando ele trocava de aparelho, dezenas de olhos admirados o seguiam.

Quando ele me surpreendia nesses momentos, eu lançava um olhar sugestivo e passava a língua pelos lábios. Sua sobrancelha erguida e seu meio-sorriso perverso me provocaram um frio na barriga. Não me lembro de algum dia ter tido tanta disposição para malhar. Uma hora e meia passavam voando.

Quando voltamos para o Bentley a caminho da cobertura, eu não conseguia parar quieta

no assento. Lançava olhares e mais olhares insinuantes para Gideon.

Ele segurou minha mão. “Você vai ter que esperar.”

Tomei um susto ao ouvir aquilo. “*Quê?*”

“Você ouviu muito bem.” Ele beijou meus dedos e teve a cara de pau de abrir um sorriso pervertido. “Vamos prolongar o estado de excitação, meu anjo.”

“E por que faríamos isso?”

“Imagine o quanto vamos estar malucos um pelo outro depois do jantar.”

Cheguei mais perto para que Angus não me ouvisse, apesar de saber que ele era profissional o bastante para ignorar nossas conversas. “A gente nem precisa prolongar a espera pra ficar maluco…”

Mas ele não cedeu. Em vez disso, deu início a um processo de tortura. Despimos um ao outro e entramos no chuveiro, acariciando as curvas e as reentrâncias de nossos corpos. Depois nos vestimos para o jantar. Ele estava todo formal, mas dispensou a gravata. Sua camisa imaculadamente branca estava aberta no colarinho, revelando um pouco de pele. O vestido que ele reservou para mim era um Vera Wang champanhe com bustiê sem alça, costas abertas e uma saia pregada que ia até um pouco acima dos joelhos.

Sorri quando ele olhou para mim, sabendo que ficaria maluco me vendo naquele vestido a noite inteira. Era maravilhoso e eu tinha adorado, mas foi feito para ser usado por modelos bem altas e magras, e não por mulheres baixinhas e cheias de curvas. Em um acesso de vergonha, eu havia deixado meu cabelo cair por cima dos seios, mas não tinha adiantado muito, conforme a expressão de Gideon indicava.

“Minha nossa, Eva.” Ele se ajeitou dentro da calça. “Mudei de ideia sobre o vestido. Você não deveria usar isso em público.”

“Agora é tarde demais pra mudar de ideia.”

“Pensei que ele tivesse mais pano que isso.”

Encolhi os ombros, sorrindo. “Não posso fazer nada. Foi você que comprou.”

“Mas eu me arrependi. Quanto tempo você demora pra tirar?”

Passando a língua pelo lábio, respondi. “Não sei. Por que você não tenta descobrir?”

Ele ficou sério. “Nós nem sairíamos de casa se eu fizesse isso.”

“Eu não ia reclamar.” Ele estava lindo, e eu — como sempre — morria de tesão.

“Não tem um casaco que você possa vestir por cima? Uma parca, talvez? Ou um sobretudo?”

Aos risos, peguei minha bolsinha de mão na gaveta e dei o braço para ele. “Não se preocupe. Vai estar todo mundo ocupado demais olhando pra você. Ninguém vai nem reparar em mim.”

Ele me olhou feio quando o arrastei para fora do quarto. “Estou falando sério. Seus peitos cresceram? Eles estão quase pulando pra fora da roupa.”

“Tenho vinte e quatro anos, Gideon”, eu disse, irônica. “Já parei de me desenvolver faz tempo. Você está me vendo como sou.”

“Sim, mas eu deveria ser o único a ver, já que sou o único que tem acesso liberado a você.”

Quando chegamos à sala, durante o tempinho mínimo que demoramos para ir até o elevador, admirei a beleza sóbria da casa de Gideon. Era deliciosamente acolhedora. O charme europeu da decoração em estilo antigo era para lá de elegante, além de muito confortável. A vista magnífica das janelas com arcadas complementava o ambiente, sem destoar dele.

A mistura de tons escuros de madeira e de pedra, cores vivas e toques vívidos de joias era claramente um luxo dos mais caros, assim como as obras de arte penduradas na parede, mas de muito bom gosto. Ali ninguém se sentiria temeroso de tocar nas coisas, ou pouco à vontade na hora de se sentar, com medo de estragar alguma antiguidade. A casa dele não era esse tipo de lugar.

Entramos no elevador privativo e Gideon me encarou quando as portas se fecharam. Ele foi logo tentando puxar meu vestido para cima.

“Se você puxar muito”, avisei, “logo mais o que vai aparecer vai ser minha calcinha.”

“Droga.”

“Isso pode ser divertido. Posso fazer o papel da loirinha piranha que só quer saber do seu pau e do seu dinheiro, e você pode fazer seu próprio papel — do playboy bilionário exibindo o brinquedinho novo. É só parecer entediado e tolerante enquanto eu me esfrego em você e fico tagarelando sobre suas imensas qualidades.”

“Isso não tem graça.” Logo depois seus olhos brilharam. “Que tal uma echarpe?”

Quando chegamos ao jantar em benefício da construção de um abrigo de emergência para mulheres e crianças vítimas de abuso, tivemos que passar por um tapete vermelho repleto de fotógrafos, o que me provocou uma crise de medo do excesso de exposição.

Concentrei-me em Gideon, porque nada era melhor para me fazer esquecer de todo o resto do que ele. E, exatamente por estar prestando tanta atenção nele, pude ver quando o homem que me levou até ali se transfigurou em sua persona pública.

A máscara cobriu seu rosto com naturalidade. Seus olhos perderam o brilho, sua boca sensual ficou séria. Dava quase para sentir seu poder de isolamento envolvendo nós dois. Havia um escudo entre nós e o restante do mundo, simplesmente porque aquela era a vontade dele. Caminhando ao seu lado, eu sabia que alguém só teria coragem de se aproximar caso recebesse algum sinal de aprovação expressa.

Mas o aviso de "mantenha distância" não se estendia aos olhares. Gideon fez os pescoços se torcerem ao entrar no salão. Eu me contraí toda ao notar a atenção que ele estava atraindo, enquanto permanecia impassível.

Se eu tinha em mente ficar tagarelando sobre Gideon enquanto me esfregava nele, era melhor entrar na fila. No momento exato em que paramos de andar, fomos cercados por todos os lados. Eu me afastei para abrir espaço àquelas pessoas ansiosas por sua atenção e circulei por ali à procura de uma taça de champanhe. A Waters Field & Leaman tinha participado da campanha de divulgação do evento criando um anúncio, e eu vi por ali alguns rostos conhecidos.

Tinha acabado de tirar uma taça da bandeja de um garçom que passava por ali quando ouvi alguém chamar meu nome. Ao me virar, dei de cara com o sobrinho de Stanton e seu enorme sorriso, seus cabelos escuros e seus olhos verdes. Ele era mais ou menos da minha idade. Tínhamos nos conhecido em uma das visitas à minha mãe durante as férias da faculdade, e fiquei feliz em vê-lo.

"Martin!" Eu o cumprimentei com um rápido abraço. "Como vão as coisas? Você está um gato."

"Eu ia dizer a mesma coisa." Ele me olhou, apreciando meu vestido. "Ouvi dizer que você tinha se mudado pra Nova York e estava querendo te encontrar. Faz tempo que está aqui?"

"Não muito. Algumas semanas."

"Termine seu champanhe e vamos dançar", ele disse.

O espumante ainda estava borbulhando alegremente pelo meu corpo quando fomos para a pista de dança ao som de Billie Holiday cantando "Summertime".

"E então", ele começou, "está trabalhando?"

Enquanto dançávamos, contei sobre meu emprego e perguntei o que ele estava fazendo. Não fiquei nada surpresa ao ouvir que ele trabalhava no banco de investimentos de

Stanton e estava se saindo muito bem.

“Adoraria ir até Manhattan um dia desses almoçar com você”, ele disse.

“Seria ótimo.” Dei um passo atrás quando a música terminou e acabei esbarrando em alguém. Suas mãos agarraram minha cintura para que eu não me desequilibrasse, e quando olhei sobre os ombros vi que era Gideon.

“Olá”, ele cumprimentou, lançando um olhar gelado para Martin. “Nos apresente.”

“Gideon, esse é Martin Stanton. Nós nos conhecemos há um bom tempo. Ele é sobrinho do meu padrasto.” Respirei fundo antes de continuar. “Martin, esse é o homem da minha vida no momento, Gideon Cross.”

“Cross.” Martin sorriu e estendeu a mão. “Sei quem você é, claro. Prazer em conhecer. Pelo jeito, em breve vou começar a encontrar vocês nas reuniões de família.”

Gideon apoiou o braço no meu ombro. “Pode contar com isso.”

Martin foi chamado por algum conhecido, e se inclinou para a frente para me dar um beijo na bochecha. “Eu ligo para combinar aquele almoço. Semana que vem, pode ser?”

“Claro.” Eu sentia toda a energia de Gideon pulsando bem ao meu lado, mas, quando me virei, ele parecia tranquilo e impassível.

Gideon me tirou para dançar ao som de “What a Wonderful World”, na voz de Louis Armstrong. “Não sei se gostei dele”, murmurou.

“Martin é um cara legal.”

“Desde que ele saiba que você é minha…” Ele me deu um beijo na testa e posicionou sua mão no decote nas costas do meu vestido, pele com pele. Segurando-me daquele jeito, ninguém ousaria duvidar que eu pertencia a ele.

Gostei da oportunidade de ficar tão próxima de seu corpo maravilhoso em público. Respirando bem perto dele, deixei-me levar por sua conduta firme. “Adoro isso.”

Acariciando-me com o rosto, ele murmurou: “E é pra gostar mesmo”.

Uma enorme alegria. Durou o mesmo tempo que a dança.

Estávamos saindo da pista quando vi Magdalene parada em um canto. Demorei um tempo para reconhecê-la, porque ela havia cortado o cabelo curtinho. Estava elegante e cheia de classe em seu vestidinho preto, mas era totalmente eclipsada pela morena lindíssima com quem conversava.

Gideon hesitou diante delas, reduzindo um pouco o ritmo da passada antes de seguir adiante. Eu estava olhando para baixo, imaginando que havia algum obstáculo no chão,

quando ele disse baixinho: “Preciso apresentar você a alguém”.

Voltei a prestar atenção ao lugar para onde nos dirigíamos. A mulher ao lado de Magdalene viu Gideon e se virou para olhá-lo. Senti seu antebraço se enrijecer sob meus dedos no instante em que seus olhares se encontraram.

Dava para entender por quê.

Fosse quem fosse, aquela mulher estava completamente apaixonada por ele. Isso estava estampado em seu rosto e em seus magníficos olhos azuis. Sua beleza era estonteante, quase surreal. Seus cabelos eram pretíssimos, grossos e lisos, e iam quase até a cintura. Seu vestido tinha o mesmo tom glacial de seus olhos, envolvendo seu corpo longilíneo de curvas perfeitas e sua pele dourada, bronzeada de sol.

“Corinne”, ele a saudou, e a rouquidão natural de sua voz se tornou ainda mais pronunciada. Ele me soltou e pegou as mãos dela. “Você não me disse que já estava de volta. Eu teria ido te buscar.”

“Deixei algumas mensagens no seu telefone”, ela disse, com o tom de voz tranquilo de uma pessoa culta e bem-educada.

“Ah, eu quase não parei em casa ultimamente.” Isso fez Gideon lembrar que eu estava ao seu lado, e ele a soltou e me puxou mais para perto. “Corinne, esta é Eva Tramell. Eva, Corinne Giroux. Uma velha amiga.”

Estendi a mão e ela me cumprimentou.

“Qualquer amiga de Gideon é amiga minha também”, ela disse com um sorriso ameno no rosto.

“Espero que isso se aplique a namoradas também.”

Ela me olhou como se já soubesse de tudo. “Principalmente a namoradas. Se você me permitir, gostaria de apresentar Gideon a uma pessoa.”

“Claro.” Minha voz soava calma e controlada, mas eu estava bem longe disso.

Ele me deu um beijo indiferente na testa e ofereceu o braço a Corinne antes de se afastar com ela, deixando-me embaraçosamente ao lado de Magdalene.

Senti pena dela, sinceramente. Parecia abandonada e desolada. “Seu cabelo ficou uma graça, Magdalene.”

Ela olhou para mim sem abrir a boca, mas depois atenuou a situação com um suspiro que me pareceu carregado de resignação. “Obrigada. Estava na hora de mudar. Muitas coisas, aliás. Além disso, não havia por que continuar imitando o visual dela agora que voltou.”

Franzi a testa, confusa. “Não entendi.”

“Estou falando de Corinne.” Ela olhou bem para mim. “Ah, você não sabe. Ela e Gideon foram noivos por mais de um ano. Ela terminou tudo, casou com um ricaço francês e se mudou para a Europa. Mas o casamento não deu certo. Eles estão se divorciando, e ela voltou pra Nova York.”

Noivo. Senti meu rosto ficar pálido e meu olhar se dirigir para o homem que eu amava, ao lado da mulher que um dia ele havia amado, com as mãos na parte inferior de suas costas para conduzi-la enquanto ela se inclinava em sua direção aos risos.

Senti meu estômago se revirar de ciúme e de medo, e foi quando me dei conta de que nunca havia me perguntado se ele já havia tido uma relação romântica antes de mim. Idiota. Lindo como era, eu deveria ter imaginado.

Magdalene pôs a mão no meu ombro. “É melhor você se sentar, Eva. Está pálida.”

Eu estava mesmo ofegante, com os batimentos cardíacos perigosamente acelerados. “Verdade.”

Sentei na primeira cadeira que encontrei. Magdalene se acomodou ao meu lado.

“Você está apaixonada por ele”, ela disse. “Eu não sabia. Desculpe. E desculpe pelo que disse a você no dia em que nos conhecemos.”

“Você também está apaixonada por ele”, respondi, sem nenhuma emoção, com os olhos fora de foco. “E naquela época eu não estava. Ainda não.”

“Isso não justifica o que eu fiz.”

Aceitei de bom grado uma taça de champanhe e peguei uma para Magdalene antes que o garçom se afastasse. Brindamos em um gesto patético de solidariedade feminina. Eu queria sumir dali. Queria levantar e ir embora. Queria que Gideon percebesse que eu tinha ido, e que fosse atrás de mim. Queria que ele sentisse a mesma dor que eu. Ideias idiotas, imaturas e dolorosas povoavam minha mente e faziam com que eu me sentisse a mais insignificante das mulheres.

Consolei-me com o fato de Magdalene estar ali comigo. Ela sabia o que significava ser apaixonada demais por Gideon. Senti que ela estava tão infeliz quanto eu, o que só confirmava o tamanho da ameaça representada por Corinne.

Ele estava sofrendo esse tempo todo por ela? Era por isso que tinha se fechado de tal forma para outras mulheres?

“Aí está você.”

Olhei para Gideon quando ele me encontrou. Obviamente, Corinne ainda estava

pendurada em seu braço, e pude observar bem o efeito que causavam como um casal. Eles ficavam insuportavelmente maravilhosos juntos.

Corinne se sentou ao meu lado e Gideon acariciou meu rosto com os dedos. “Preciso ir falar com uma pessoa”, ele disse. “Quer que eu traga alguma coisa pra você na volta?”

“Stoli com suco de cranberry. Dose dupla.” Eu precisava de alguma coisa para me entorpecer. E muito.

“Certo.” Ele franziu a testa antes de se afastar.

“Estou tão feliz em te conhecer, Eva”, disse Corinne. “Gideon falou muito sobre você.”

“Não pode ter sido tanto assim. Vocês mal tiveram tempo de conversar.”

“Conversamos quase todos os dias.” Ela sorriu, e não havia nada de falso ou malicioso em seu rosto. “Somos amigos há muito tempo.”

“Mais que amigos”, Magdalene fez questão de dizer.

Corinne olhou feio para Magdalene, e eu percebi que sua intenção era esconder essa informação de mim. Teria sido ideia dela ou de Gideon, ou dos dois em comum acordo? Por que omitir algo se não havia nada a esconder?

“Sim, é verdade”, ela admitiu, visivelmente relutante. “Mas já faz alguns anos.”

Eu me virei na cadeira para encará-la. “Você ainda é apaixonada por ele.”

“Bom, você não pode me culpar. Qualquer mulher que passa algum tempo com ele acaba apaixonada. Ele é lindo e inacessível. Uma combinação irresistível.” Seu sorriso arrefeceu. “Gideon me disse que você o encorajou a começar a se abrir mais. Agradeço por isso.”

Por pouco não respondi: *Não fiz isso pra você*. Foi quando uma dúvida insidiosa se instalou na minha cabeça, abrindo espaço para que uma de minhas vulnerabilidades tomasse conta de meu pensamento.

E se eu tiver feito isso para ela sem saber?

Eu girava sem parar a base da taça vazia de champanhe sobre a mesa. “Ele ia casar com você.”

“E foi o maior erro da minha vida ter terminado tudo.” Ela pôs a mão sobre a garganta. Seus dedos se mexiam sem parar, como se brincassem com um colar que na maior parte do tempo estava lá. “Eu era jovem, e em certas situações tinha medo dele. Era possessivo demais. Só depois de me casar descobri que a possessividade é melhor que a indiferença. Pelo menos pra mim.”

Olhei para o outro lado, lutando contra a ânsia de vômito que subia por minha garganta.

“Você está tão quieta”, ela comentou.

“O que ela poderia dizer?”, soltou Magdalene.

Estávamos todas apaixonadas por ele. E disponíveis para ele. No fim, Gideon teria que escolher uma de nós.

“Uma coisa você deve saber, Eva”, recomeçou Corinne, lançando sobre mim seus olhos límpidos verde-azulados, “ele me contou o quanto te considera especial. Precisei de um tempo para tomar coragem de voltar e ver vocês juntos. Cheguei inclusive a cancelar a viagem umas duas semanas atrás. Liguei para Gideon no meio de um evento em que ele daria um discurso, coitadinho, pra dizer que estava voltando e precisava de ajuda pra me instalar aqui.”

Fiquei paralisada, sentindo-me frágil como uma taça de cristal rachada. Ela devia estar falando da noite em que Gideon e eu fizemos sexo pela primeira vez. Da noite em que estreamos sua limusine e ele imediatamente se retraiu todo, deixando-me sozinha logo depois.

“Quando ele me ligou de volta”, ela continuou, “disse que tinha conhecido alguém. Que queria me apresentar a você quando eu chegasse. Acabei me acovardando. Ele nunca havia me pedido pra conhecer uma mulher com quem estava.”

Ai, meu Deus. Dei uma olhada de relance para Magdalene. Gideon tinha me abandonado naquela noite por causa *dela*. De Corinne.

21

“Com licença.” Saí da mesa à procura de Gideon. Vi que estava no bar e fui até lá.

Ele estava agradecendo ao barman com dois copos na mão quando o abordei. Peguei meu copo e virei em um gole, sentindo meus dentes doerem ao toque dos cubos de gelo.

“Eva…” Havia um leve tom de reprimenda em sua voz.

“Estou indo embora”, eu disse sem rodeios, passando ao seu lado para deixar o copo vazio no balcão. “Não considero isso uma fuga, porque estou avisando com antecedência, e você pode ir comigo se quiser.”

Ele bufou, deixando bem claro que entendia o motivo do mau humor. Ele sabia que eu sabia. “Não posso ir embora agora.”

Virei as costas.

Ele me pegou pelo braço. “Não vou conseguir ficar se você for embora. Você não tem por que ficar chateada, Eva.”

“*Ah, não?*” Olhei para o ponto em que sua mão me agarrava. “Eu avisei que era ciumenta. E, desta vez, você me deu uma boa razão pra isso.”

“Só porque me avisou você acha que pode dar uma de ridícula?” Seu rosto estava relaxado e seu tom de voz, calmo e controlado. Ninguém seria capaz de notar à distância a tensão que havia entre nós, mas seus olhos diziam tudo. Brilhavam de fúria e luxúria. Ele era muito bom em combinar as duas coisas.

“Ridícula, é? E o que você fez com Daniel, o instrutor da academia? Ou com Martin, um membro da minha família?” Cheguei mais perto e sussurrei: “Eu nunca trepei com nenhum dos dois, muito menos concordei em me casar com eles! E pode ter certeza de que não converso todo santo dia com nenhum deles!”.

Em um gesto abrupto, ele me agarrou pela cintura e me puxou para perto. “Você precisa ser comida agora mesmo”, ele cochichou no meu ouvido, mordendo a ponta da minha orelha. “Não devia ter feito você esperar.”

“Vai ver você fez tudo de caso pensado”, rebati. “Estava se poupando pro caso de uma velha chama se acender e você preferir trepar com outra pessoa.”

Gideon virou sua bebida e depois me segurou pela cintura com toda a força antes de me

conduzir até a porta. Ele sacou o celular do bolso e chamou a limusine. Quando chegamos à rua, o carro já estava lá. Gideon me empurrou porta adentrou e ordenou para Angus: “Dê umas voltas no quarteirão até eu mandar parar”.

Ele entrou logo depois de mim, tão perto que eu conseguia sentir sua respiração contra as minhas costas nuas. Pulei para o outro assento, determinada a manter distância dele…

“Pare com isso”, ele gritou.

Caí de joelhos no assoalho acarpetado, com a respiração acelerada. Eu poderia correr até o fim do mundo, mas ainda assim não ia escapar do fato de que Corinne Giroux era uma companhia muito melhor para Gideon do que eu. Era calma e elegante, uma presença tranquilizadora até para mim — a pessoa que estava surtando ao tomar conhecimento de sua existência. Meu pior pesadelo.

Sua mão se enrolou em meus cabelos soltos, prendendo-me. Suas pernas abertas envolveram as minhas, puxando-me com tanta força que minha cabeça encostou em seu ombro. “Vou fazer agora uma coisa de que nós dois precisamos, Eva. Vamos trepar até essa tensão se dissipar o suficiente para podermos voltar para o jantar. E não se preocupe com Corinne, porque, enquanto ela fica lá dentro, vou estar aqui, dentro de você.”

“Está bem”, sussurrei, passando a língua por meus lábios secos.

“Você esqueceu quem é que manda aqui, Eva”, ele falou asperamente. “Abri mão do controle por sua causa. Cedi e ajustei meu comportamento pra você. Faço qualquer coisa pra deixar você feliz. Mas não aceito cabresto nem chicote. Não confunda minha boa vontade com fraqueza.”

Engoli em seco, com o sangue fervendo por ele. “Gideon…”

“Estique as mãos e se segure na barra debaixo da janela. Não solte até eu mandar, entendeu?”

Fiz conforme ele mandou, segurando a barra com revestimento de couro. Quando minhas mãos se fixaram ali, meu corpo voltou à vida, fazendo-me perceber o quanto de fato precisava daquilo. Ele me conhecia tão bem, meu amor.

Enfiando as mãos sob a parte de cima do meu vestido, Gideon agarrou meus seios inchados e sedentos. Quando apertou e girou meus mamilos, minha cabeça se jogou para trás em sua direção, com a tensão à flor da pele.

“Minha nossa.” Ele esfregou a boca contra a minha têmpora. “É tão perfeito quando você se entrega assim pra mim… quando se abre todinha, como se dependesse disso pra viver.”

“Me fode”, implorei, sentindo uma necessidade aguda dessa ligação entre nós. “Por favor.”

Ele soltou meu cabelo, enfiou a mão por baixo do meu vestido e arrancou a minha calcinha. Seu paletó passou voando por mim e aterrissou no assento; depois suas mãos encontraram o caminho até o meio das minhas pernas. Ele soltou um grunhido ao sentir que eu estava toda molhada. “Você foi feita pra mim, Eva. Não consegue ficar muito tempo sem me sentir dentro de você.”

Ainda assim ele continuava me provocando, explorando-me com os dedos, espalhando a umidade por meu clitóris e meus lábios vaginais. Depois enfiou dois dedos em mim e os abriu como uma tesoura, preparando-me para receber seu pau grande e grosso.

“Você me quer, Gideon?”, perguntei ofegante, louca para me mexer ao ritmo de seus dedos, mas impedida pela distância por ter que permanecer agarrada à barra de apoio.

“Mais do que o ar que eu respiro.” Seus lábios se mexiam perto do meu pescoço, por cima do meu ombro, e o calor de sua língua aveludada passava sedutoramente por minha pele. “Também não consigo ficar sem você, Eva. Você é meu vício… minha obsessão…”

Seus dentes se encravaram de leve na minha pele, combinando seu desejo animal com um ruído brutal de desejo. Enquanto ele me penetrava com os dedos, sua outra mão massageava meu clitóris, fazendo-me gozar de novo e de novo com aquela estimulação simultânea.

“Gideon!”, gritei quase sem fôlego quando meus dedos úmidos começaram a escorregar da barra revestida em couro.

Suas mãos me soltaram e ouvi o ruído excitante de seu zíper baixando. “Pode soltar e deitar com as pernas abertas.”

Deitei-me e ofereci o meu corpo para ele tremendo de ansiedade. Gideon me olhou nos olhos, e seu rosto se iluminou com os faróis de um carro que passava.

“Não tenha medo.” Ele subiu em cima de mim, soltando seu peso com um cuidado escrupuloso.

“Estou com tesão demais pra sentir medo.” Eu o agarrei e lancei meu corpo para cima a fim de ficar mais perto do dele. “Quero você.”

A cabeça de seu pau se esfregava nos lábios do meu sexo. Flexionando os quadris, ele entrou em mim, expirando o ar junto comigo em uma sincronia marcante. Fiquei toda mole em cima do assento, com os dedos apoiados contra sua cintura estreita.

“Eu te amo”, sussurrei, observando seu rosto enquanto ele começava a se mexer. Cada

pedacinho da minha pele queimava como se eu estivesse sob o sol, e meu peito estava tão apertado que a respiração ficava difícil. “E preciso de você, Gideon.”

“Eu sou seu”, ele murmurou enquanto seu pau entrava e saía. “Não poderia ser mais seu.”

Estremeci e fiquei toda tensa. Meus quadris se remexiam sem cessar na direção de suas estocadas ritmadas. Cheguei ao clímax com um grito abafado, toda arrepiada enquanto o orgasmo se espalhava por meu sexo, ordenhando seu membro até ele soltar um grunhido e começar a meter com ainda mais força.

“Eva.”

Eu me mexia de encontro a suas estocadas ferozes, incitando-o a continuar. Ele me agarrou com força e começou a se mover mais rápido. Minha cabeça se sacudia de um lado para o outro e eu gemia sem o menor pudor, adorando aquela sensação dele dentro de mim, aquela impressão volátil de ser possuída e brutalmente saciada.

Estávamos malucos um pelo outro, trepando como animais selvagens, e eu estava tão em sintonia com nosso desejo furioso que pensei que ia morrer ao sentir mais um orgasmo começar a crescer dentro de mim.

“Você é tão bom nisso, Gideon. Tão bom…”

Ele agarrou minha bunda e me puxou para trás contra sua investida violenta, chegando até o fundo, expulsando um gemido esbaforido de dor e prazer da minha garganta. Gozei mais uma vez, grudando meu corpo ao dele com todas as minhas forças.

“Meu Deus, *Eva*.” Com um rugido áspero, ele entrou violentamente em erupção, inundando-me com seu calor. Pressionando meus quadris, ele me deixou imóvel e se esvaziou dentro de mim na maior profundidade que foi capaz de alcançar.

Quando terminamos, ele respirou fundo e ajeitou meus cabelos com as mãos, beijando meu pescoço suado. “Queria que você soubesse o que me faz. Queria saber explicar.”

Eu o abracei com toda a força. “Não consigo deixar de fazer coisas idiotas por sua causa. É mais do que consigo suportar, Gideon. É…”

“… incontrolável.” Ele começou tudo de novo, com estocadas ritmadas. Pelo simples prazer de fazê-lo. Como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Inchando e crescendo a cada investida.

“E você precisa estar no controle.” Perdi o fôlego quando ele atingiu um ponto particularmente sensível.

“Preciso de *você*, Eva.” Seus olhos permaneciam grudados nos meus enquanto ele se

mexia dentro de mim. “Preciso de você.”

Gideon não saiu mais do meu lado, e não permitiu que eu me afastasse dele, pelo resto da noite. Seu braço direito permaneceu unido ao meu inclusive durante o jantar. Mais uma vez, ele preferiu comer com uma só mão a ter de me largar.

Corinne — que havia se sentado ao seu lado na nossa mesa — o encarou com um olhar de curiosidade. “Não lembrava que você era canhoto.”

“Não sou”, ele respondeu, levantando nossas mãos unidas até a boca e beijando meus dedos. Senti-me tola e insegura quando ele fez isso — e envergonhada por Corinne ter visto aquilo.

Infelizmente, sua disposição a gestos românticos não impediu que ele passasse o jantar inteiro conversando com ela, não comigo — o que me deixou impaciente e infeliz. Eu estava vendo mais as costas de Gideon do que seu rosto.

“Pelo menos não é frango.”

Virei-me para ver o homem sentado ao meu lado. Estava tão preocupada em tentar ouvir a conversa de Gideon que nem prestei atenção ao restante da mesa.

“Eu gosto de frango”, foi minha resposta. E tinha gostado da tilápia servida no jantar — e limpado o prato.

“Não de frango de borracha, com certeza.” Ele sorriu, o que o fez parecer bem mais jovem do que seus cabelos grisalhos sugeriam. “Ah, um sorriso”, ele murmurou. “E muito bonito, por sinal.”

“Obrigada.” Eu me apresentei.

“Doutor Terrence Lucas”, ele respondeu. “Mas prefiro Terry.”

“Doutor Terry. Prazer em conhecer.”

Ele abriu outro sorriso. “Só Terry, Eva.”

Durante os poucos minutos em que conversamos, convenci-me de que o dr. Lucas não era muito mais velho que eu, apenas prematuramente grisalho. Além disso, seu rosto era liso e bonito, e seus olhos verdes eram inteligentes e gentis. Minha estimativa quanto à sua idade foi revista para uns trinta e tantos.

“Você parece tão entediada quanto eu”, ele comentou. “Esses eventos levantam dinheiro por uma boa causa, mas são um pé no saco. Quer ir comigo até o bar? Eu te pago uma

bebida.”

Tentei fazer com que Gideon soltasse minha mão sob a mesa. Ele a apertou ainda mais.

“O que está fazendo?”, ele murmurou.

Vi que ele estava virado para mim. Depois acompanhei seu olhar até chegar ao dr. Lucas, que estava de pé atrás de nós. Gideon fechou a cara visivelmente.

“Ela vai aliviar o tédio de ser ignorada, Cross”, disse Terry, apoiando as mãos sobre o encosto da minha cadeira, “vai doar um pouco de seu tempo a alguém que ficaria feliz em dedicar sua atenção a uma linda mulher.”

Senti-me imediatamente desconfortável diante da animosidade crescente entre os dois. Puxei minha mão, mas Gideon não me largou.

“Suma daqui, Terry”, Gideon alertou.

“Você estava tão entretido com a senhora Giroux que nem reparou que eu estou sentado nesta mesa.” Terry abriu um sorriso tenso. “Vamos, Eva?”

“Paradinha aí, Eva.”

Estremeci ao ouvir seu tom de voz, mas estava magoada o bastante para dizer: “Não é culpa dele. Ele está certo”.

Gideon apertava tanto minha mão que até doía. “Não vamos discutir isso agora.”

O olhar de Terry se voltou para mim. “Você não é obrigada a aturar esse tipo de tratamento. Nem todo o dinheiro do mundo dá a ele o direito de tratar alguém assim.”

Furiosa e terrivelmente envergonhada, eu me virei para Gideon. “Crossfire.”

Não sabia ao certo se podia usar a palavra de segurança fora do quarto, mas ele me soltou assim que a ouviu. Empurrei a cadeira para trás e joguei meu guardanapo no prato. “Com licença. Vocês dois.”

Com a bolsa na mão, saí de perto da mesa com passos firmes e decididos. Fui até o banheiro para retocar a maquiagem e me recompor, mas, assim que vi que havia uma saída ali, meu desejo de sumir dali falou mais alto.

Tirei o celular da bolsa ao chegar à calçada e mandei uma mensagem para Gideon: Não estou fugindo. Só indo embora.

Consegui pegar um táxi que passava por ali e fui acalmar minha raiva em casa.

Quando cheguei ao apartamento, tudo o que eu queria era uma banheira quente e uma garrafa de vinho. Ao pôr a chave na porta e virar a maçaneta, porém, dei de cara com um set de filmagens de cinema pornô.

Durante os poucos segundos que meu cérebro precisou para registrar o que meus olhos estavam vendo, fiquei parada na entrada do apartamento, inundando o corredor atrás de mim com o som estridente do tecnopop. Havia tantas partes de corpos envolvidas que eu tive tempo de bater a porta com força antes de montar o quebra-cabeça. Uma mulher estava deitada de pernas abertas no chão. Outra estava debruçada sobre ela, chupando-a. Cary estava mandando ver nela com força, enquanto outro cara o comia por trás.

Olhei para cima e soltei o berro mais alto que consegui, incapaz de esconder que estava de saco cheio de todas as pessoas que faziam parte da minha vida. Como o ruído da música ainda estava competindo comigo, tirei um dos sapatos e joguei no aparelho de som. O CD pulou, o que interrompeu a sessão de *ménage à quatre* que acontecia no chão da minha sala e chamou a atenção para minha presença. Passei por cima deles e desliguei o som antes de encará-los.

"Fora da minha casa", gritei. "Agora."

"Quem é essa aí?", perguntou a ruiva na base da pirâmide. "Sua mulher?"

Por um breve momento, pude ver a vergonha e a culpa no rosto de Cary, mas logo depois ele abriu um sorriso arrogante. "Minha colega de apartamento. Tem lugar pra mais uma, gata."

"Cary Taylor. Não me provoque", alertei. "Você não me pegou num bom dia. Não *mesmo*."

O homem de cabelos escuros que estava atrás de Cary saiu de cima dele e veio para o meu lado. À medida que ele se aproximava, vi que seus olhos castanhos estavam absurdamente dilatados e que as veias de seu pescoço pulsavam enlouquecidamente. "Posso salvar o seu dia", ele ofereceu com um sorrisinho.

"Não vem que não tem." Ajustei minha postura, preparando-me para atacá-lo fisicamente se fosse preciso.

"Deixe ela em paz, Ian", Cary gritou, pondo-se de pé.

"Qual é, gata", Ian continuou, deixando-me enojada ao usar o mesmo tratamento que Cary usava para se referir a mim. "Você precisa se divertir um pouco. Pode confiar em mim."

Por um instante ele chegou a ficar a poucos centímetros de mim. No momento seguinte, estava caindo no sofá com um grito. Gideon se colocou entre mim e todos os outros,

tremendo de raiva. “Vá terminar isso no quarto, Cary”, ele mandou. “Ou então em outro lugar.”

Ian estava se contorcendo no sofá, com o nariz jorrando sangue apesar das duas mãos que tentavam estancá-lo.

Cary apanhou seu jeans, que estava no chão. “Você não é minha mãe, Eva.”

Dei um passo à frente e fiquei lado a lado com Gideon. “Ter estragado tudo com Trey não serviu de lição pra você, seu imbecil do caralho?”

“Isso não tem nada a ver com Trey!”

“Quem é Trey?”, perguntou a loira curvilínea ao se levantar. Quando conseguiu olhar melhor para Gideon, ela se abriu toda, mostrando seu corpo belíssimo.

Seus esforços renderam apenas um olhar tão carregado de desprezo que ela enfim teve a decência de corar de vergonha e se cobrir com um vestido dourado que apanhou do chão. Aproveitando minha disposição para briga, lancei uma provocação: “Não leve a mal, não. Ele prefere as morenas”.

O olhar que Gideon lançou para mim foi assustador. Eu nunca o tinha visto assim tão perturbado. Ele estava literalmente a um passo de uma explosão de violência.

Assustada por aquele olhar, involuntariamente dei um passo atrás. Ele soltou palavrões furiosos e passou as duas mãos pelos cabelos.

Sentindo-me subitamente esgotada e decepcionadíssima com os homens da minha vida, virei as costas para tudo aquilo. “Não quero essa putaria dentro da minha casa, Cary.”

Tomei o caminho do corredor, largando o outro sapato no caminho. Quando cheguei ao banheiro já estava sem roupa, e logo depois estava no chuveiro. Esperei a água esquentar e a deixei cair por meu corpo com toda a força. Cansada demais para ficar muito tempo de pé, sentei no chão bem embaixo da água corrente com os olhos fechados, abraçando os joelhos.

“Eva.”

Eu me encolhi ao ouvir a voz de Gideon, agarrando as pernas com ainda mais força.

“Puta que pariu”, ele explodiu. “Não existe ninguém no mundo que me deixe mais puto que você.”

Olhei para ele por entre os cabelos molhados. Ele andava de um lado para o outro no banheiro, sem paletó e com a camisa para fora da calça. “Vá pra casa, Gideon.”

Ele parou e me lançou um olhar incrédulo. “Não vou deixar você aqui sozinha nem

fodendo. Cary pirou de vez! Aquele drogado filho da puta estava quase atacando você quando cheguei."

"Cary não deixaria isso acontecer. Além disso, não estou com cabeça pra aturar você e ele ao mesmo tempo." Eu não queria aturar nenhum dos dois, na verdade. Só queria ficar sozinha.

"Então vai se concentrar só em mim."

Tirei os cabelos do rosto com um gesto impaciente. "Ah, é? Então quer dizer que a prioridade da minha vida é *você*?"

Ele se encolheu como se tivesse levado uma pancada. "Pensei que a prioridade da nossa vida fosse fazer esta relação funcionar."

"É, eu também pensava. Até esta noite."

"Meu Deus. Dá pra esquecer essa história da Corinne?" Ele abriu os braços. "Estou aqui com você, não estou? Mal tive tempo de me despedir dela, porque tive que sair correndo atrás de você. *De novo*."

"Foda-se. Não fui eu que pedi pra você vir atrás de mim."

Gideon entrou no chuveiro de roupa e tudo. Botou-me de pé com um puxão e me beijou. Com vontade. Sua boca devorava a minha, enquanto suas mãos apertavam meus braços para me manter onde ele queria.

Mas mantive a postura dessa vez. Não ia ceder. Nem mesmo quando ele tentou me seduzir com lambidas lascivas e sugestivas.

"Por quê?", ele murmurou, com a boca colada ao meu pescoço. "Por que você quer me deixar maluco?"

"Não sei qual é seu problema com o doutor Lucas, e sinceramente não estou nem aí. Mas ele tinha razão. Você só conseguia prestar atenção em Corinne. Praticamente me ignorou durante o jantar inteiro."

"É impossível pra mim ignorar você, Eva." Ele fechou a cara. "Quando você está por perto, não tenho olhos pra mais ninguém."

"Que engraçado. Porque, pelo que eu vi, você ficou o tempo todo de olho nela."

"Que bobagem." Ele me soltou e tirou os cabelos molhados do meu rosto. "Você sabe o que sinto por você."

"Ah, eu sei? Sei que você me quer. E que precisa de mim. Mas você é apaixonado por Corinne?"

“Porra, é inacreditável. *Não*.” Ele desligou o chuveiro e apoiou as duas mãos no box em torno de mim para que eu não saísse. “Você quer que eu diga que te amo, Eva? Essa cena toda é por isso?”

Senti meu estômago se contrair como se tivesse levado um soco. Nunca havia sentido uma dor como aquela, nem sabia que ela existia. Meus olhos ardiam, e eu me abaixei para passar sob seu braço antes de cair no choro. “Vá pra casa, Gideon. Por favor.”

“Eu *estou* em casa.” Ele me agarrou por trás e enfiou o rosto nos meus cabelos ensopados. “Estou com você.”

Lutei para me libertar, mas estava abalada demais. Fisicamente. Emocionalmente. As lágrimas começaram a cair em profusão, e não havia como detê-las. Eu odiava chorar quando não estava sozinha. “Vá embora. *Por favor*.”

“Eu te amo, Eva. É claro que sim.”

“Ai, meu Deus.” Eu o chutei e consegui escapar. Seria capaz de qualquer coisa para me afastar de uma pessoa que estava me causando tamanha dor e sofrimento. “Não estou pedindo pra você ter pena de mim. Estou pedindo pra ir embora.”

“Não posso. Você sabe que não posso. Pare de brigar comigo, Eva. Me escute.”

“Você só está me magoando com essa conversa, Gideon.”

“Não é a palavra certa, Eva”, ele continuou, teimoso, com os lábios grudados na minha orelha. “É por isso que eu não disse antes. Não é a palavra certa pra você nem pro que eu sinto por você.”

“Chega. Se você gostar de mim um pouquinho que seja, vai calar essa boca e sumir daqui.”

“Já fui amado antes — por Corinne, por outras mulheres… Mas o que elas sabem sobre mim? Como é que elas podem estar apaixonadas se não sabem nem quem sou? Se o amor é isso, não é nada em comparação ao que sinto por você.”

Fiquei paralisada, tremendo, vendo no espelho meu rosto borrado de rímel e meus cabelos ensopados e desgrenhados ao lado da beleza perturbada de Gideon. Suas feições estavam dominadas pela emoção quando ele me abraçou com força. Nós não parecíamos combinar em nada um com o outro.

Ainda assim eu compreendia sua alienação por estar cercado de pessoas que não podiam, ou não queriam, entendê-lo. Podia sentir seu autodesprezo, proveniente do fato de ser uma fraude, uma imagem projetada de alguém que ele queria ser, mas não era. Sabia o que era conviver com o medo de que as pessoas que ele amava lhe virassem as costas caso

o conhecessem como realmente era.

“Gideon…”

Ele beijou minha testa. “Acho que me apaixonei no momento em que vi você. E quando transamos na limusine virou outra coisa. Uma coisa maior.”

“Que seja. Você me deu um chega pra lá naquela noite e foi cuidar de Corinne. Como é que você pôde fazer uma coisa dessas comigo, Gideon?”

Ele só me largou quando se ajeitou para me pegar no colo e me levar até onde estava meu robe, pendurado em um gancho atrás da porta. Ele me vestiu e depois me sentou na borda da banheira enquanto ia até a pia e pegava meus paninhos de tirar maquiagem da gaveta. Agachado na minha frente, começou a limpar meu rosto.

“Quando Corinne me ligou no meio daquele evento, era o momento perfeito pra eu fazer uma idiotice.” A expressão em seu rosto banhado de lágrimas era tranquila e afetuosa. “Você e eu tínhamos acabado de transar, e eu não estava conseguindo pensar direito. Disse pra ela que estava ocupado, e que estava acompanhado, mas quando percebi que ela estava magoada, achei que precisava acertar os ponteiros com ela pra poder seguir em frente com você.”

“Não entendi nada. Você me deixou de lado por causa dela. É isso que você chama de seguir em frente comigo?”

“Eu pisei na bola com Corinne, Eva.” Ele levantou meu queixo para limpar meus olhos borrados. “Nós nos conhecemos no meu primeiro ano de universidade. Ela chamou minha atenção, é claro, toda linda e meiga, incapaz de dizer uma palavra desagradável sobre quem quer que seja. Quando veio atrás de mim, eu me deixei levar e tive minha primeira experiência sexual de comum acordo com ela.”

“Eu a odeio.”

Ele abriu um sorrisinho ao ouvir isso.

“Não estou brincando, Gideon. Esta conversa está me matando de ciúme.”

“Com ela era só sexo, meu anjo. Com você, por mais violento e selvagem que seja, eu sempre faço amor. Desde a primeira vez. Você é a única pessoa capaz de fazer com que eu me sinta assim.”

Suspirei. “Está bem. Estou um pouquinho melhor.”

Ele me beijou. “Acho que dá para dizer que nós namoramos. Só fazíamos sexo um com o outro e íamos a vários lugares juntos. Ainda assim, quando ela disse que me amava, foi uma surpresa. Uma surpresa agradável. Eu gostava dela. Da companhia dela.”

“E pelo jeito ainda gosta”, resmunguei.

“Me deixe falar.” Ele me castigou batendo com o dedo na ponta do meu nariz. “Pensei que eu poderia estar apaixonado também, da minha maneira… da única maneira que eu conhecia. Não queria ver Corinne com outra pessoa. Então aceitei quando ela propôs o casamento.”

Eu me afastei para olhar bem para ele. “*Ela* propôs o casamento?”

“Não precisava ficar tão surpresa”, ele falou, irônico. “Você está acabando com meu ego.”

O alívio tomou conta de mim com tamanha velocidade que fiquei até tonta. Atirei-me sobre ele, abraçando-o com a maior força de que era capaz.

“Ei.” Ele retribuiu o abraço com a mesma avidez. “Está tudo bem?”

“Melhorando.” Agarrei seu rosto entre as minhas mãos. “Continue falando.”

“Aceitei pelos motivos errados. Estávamos saindo fazia dois anos, e nunca tínhamos nem dormido juntos. Nunca falamos sobre as coisas que eu converso com você. Ela não me conhece, pelo menos não de verdade, mas ainda assim acabei me convencendo de que ser amado bastava. E quem seria capaz de fazer isso melhor que ela?”

Gideon passou a concentrar sua atenção em meu outro olho, removendo as manchas pretas. “Acho que ela esperava que o noivado fosse fazer o relacionamento decolar. Que eu fosse me abrir mais. Que dormisse com ela no hotel — que ela considerava muito romântico, aliás — em vez de ir logo pra casa por causa das aulas no dia seguinte… Sei lá.”

Tudo isso me mostrou como ele era uma pessoa solitária. Meu pobre Gideon. Tinha passado tanto tempo sozinho. Talvez a vida inteira.

“E de repente ela pode ter terminado tudo um ano depois”, ele continuou, “pra tentar dar uma sacudida nas coisas. Pra me obrigar a fazer um esforço pra ficar com ela. Em vez disso, fiquei aliviado, porque já estava começando a entender que seria impossível pra mim morar sob o mesmo teto que ela. Que desculpa eu teria que arrumar para continuar dormindo sozinho e ter um espaço só pra mim?”

“Você nunca pensou em contar pra ela?”

“Não.” Ele encolheu os ombros. “Até conhecer você, não encarava meu passado como um problema. Até achava que ele tinha influência na maneira como eu conduzia as coisas, mas tudo tinha seu lugar e eu não me considerava infeliz. Na verdade, achava que levava uma vida confortável e descomplicada.”

“Ops.” Franzi o nariz. “Olá, senhor Confortável. Eu sou a senhorita Complicada.”

Ele abriu um sorriso. “Com você, nada é previsível ou tedioso.”

22

Gideon jogou os paninhos sujos de maquiagem no lixo, depois pegou uma toalha pra enxugar a poça que havia se formado sob seus pés. Para meu extremo deleite, ele começou a tirar suas roupas molhadas.

Deliciada com o que estava vendo, comentei: “Você se sente culpado porque ela ainda é apaixonada por você”.

“Pois é, conheço o marido dela. É um cara legal, e era louco por ela, pelo menos até descobrir que Corinne não sentia o mesmo por ele e tudo ir por água abaixo.”

Gideon olhou para mim enquanto tirava a camisa. “Eu não conseguia entender por que ele ficou tão abalado com isso. Estava casado com a mulher que queria, vivendo em outro país, então qual era o problema? Agora eu sei. Se você fosse apaixonada por outro homem, Eva, isso me mataria. Mesmo que você estivesse comigo e não com ele. Mas, ao contrário de Giroux, eu não abriria mão de você. Mesmo que não fosse toda minha, seria pelo menos um pouco, e eu já me daria por satisfeito com isso.”

Entrelacei meus dedos. “É isso que me assusta, Gideon. Você não sabe dar valor a si mesmo.”

“Na verdade, sei, sim. Doze bilhões de…”

“Pare com isso.” Minha cabeça começou a girar, e eu apertei os olhos com os dedos. “Não é nenhuma surpresa que as mulheres se apaixonem por você. Sabia que Magdalene deixou o cabelo crescer só pra ficar parecida com Corinne?”

Ele tirou a calça e franziu a testa para mim. “Por quê?”

Suspirei diante daquela falta de noção. “Porque ela acha que você é apaixonado por Corinne.”

“Então está achando errado.”

“Está mesmo? Corinne me disse que vocês conversam quase todos os dias.”

“Não exatamente. Na maioria das vezes não posso atender. Você sabe que sou uma pessoa ocupada.” Seu olhar voltou a se acender da maneira como eu estava acostumada a ver. Logo percebi que ele estava pensando nas vezes em que estava ocupado comigo.

“Isso é loucura, Gideon. Ela ligar todo dia. É assédio.” O que me fez lembrar o

comentário de Corinne de que ele era possessivo com ela da mesma maneira como era comigo. Isso me incomodou terrivelmente.

“Aonde você está querendo chegar com isso?”, ele perguntou em um tom de voz de quem estava achando graça naquilo tudo.

“Você não entende? As mulheres ficam malucas por sua causa porque você é o máximo. É a sorte grande. Se uma mulher não puder ter você, sabe que vai ter que se contentar sempre com menos. Por isso não aceitam essa ideia. E ficam imaginando maneiras malucas de chamar sua atenção.”

“A não ser a única que eu realmente quero”, ele rebateu, sarcástico. “Essa está sempre imaginando um jeito de fugir de mim.”

Eu me mantive impassível enquanto apreciava sua nudez diante de mim. “Me responda uma coisa, Gideon. Por que você me quer, se pode escolher alguém perfeito pra você? E não estou atrás de elogios, nem garantias ou algo do tipo. Só quero uma resposta sincera.”

Ele me pegou no colo e me levou até o quarto. “Eva, se você não parar de pensar em nós dois como uma coisa temporária, vou dar uns tapas na sua bunda, e de um jeito que você vai adorar.”

Ele me sentou em uma poltrona e começou a remexer nas minhas gavetas.

Vi quando pegou um conjunto de lingerie, minha calça de ioga e um top. “Esqueceu que com você eu sempre durmo sem roupa?”

“Não vamos dormir aqui.” Ele me encarou. “Não confio que Cary não vá trazer mais idiotas drogados pra cá, e quando cair no sono vou estar chumbado por causa do remédio, então não vou poder proteger você. Vamos pra minha casa.”

Olhei para baixo, para minhas mãos retorcidas, lembrando que poderia precisar de proteção contra ele também. “Já passei por isso com Cary antes, Gideon. Não posso me esconder na sua casa e simplesmente torcer pra ele sair dessa. Ele precisa de mim, e eu não tenho ficado por perto ultimamente.”

“Eva.” Gideon me entregou as roupas e se agachou diante de mim. “Sei que você precisa ajudar Cary. Vamos pensar nisso amanhã.”

Peguei seu rosto entre as mãos. “Obrigada.”

“Mas eu também preciso de você”, ele disse baixinho.

“Nós precisamos um do outro.”

Ele ficou de pé, foi até a cômoda, abriu as gavetas reservadas para ele e pegou algumas roupas.

Comecei a me trocar. “Olha só…”

Ele pôs o jeans de cintura baixa. “O quê?”

“Estou me sentindo bem melhor depois dessa nossa conversa, mas Corinne continua sendo um problema para mim.” Fiz uma pausa para me vestir da cintura para cima. “Você precisa cortar as esperanças dela pela raiz, Gideon. Precisa superar esse seu sentimento de culpa e começar a manter Corinne à distância.”

Ele sentou na beira da cama para colocar as meias. “Ela é minha amiga, Eva, e está passando por um momento difícil. Seria uma crueldade cortar relações com ela agora.”

“Pense bem, Gideon. Você não é o único que teve relacionamentos no passado, e está estabelecendo um precedente de como lidar com eventuais reaparições. Estou moldando meu pensamento a partir de suas atitudes.”

Ele se levantou e fechou a cara. “Você está me ameaçando.”

“Prefiro ver como um pedido de concessão. Relacionamentos são vias de mão dupla. Ela tem outros amigos. Pode encontrar um ombro muito mais apropriado para suas crises.”

Pegamos o que precisávamos e voltamos para a sala. Vi toda a bagunça que havia ficado para trás — um sutiã verde-água debaixo da mesa, respingos de sangue no meu sofá claro — e desejei que Cary ainda estivesse ali para me ouvir.

“Cuido disso amanhã”, falei entre os dentes, com o maxilar cerrado de raiva e preocupação. “Que saco, eu deveria ter dado um jeito nele quando tive a chance. Deveria ter deixado ele trancado no quarto até conseguir pensar de novo.”

Gideon acariciou minhas costas para me acalmar. “Melhor fazer isso amanhã, quando ele estiver de ressaca e sem ninguém por perto. Costuma dar mais certo assim.”

Angus estava à nossa espera quando descemos. Eu estava prestes a entrar na limusine quando Gideon soltou um palavrão e me deteve.

“Que foi?”, perguntei.

“Esqueci uma coisa.”

“Eu te dou as chaves e você sobe pra pegar.” Comecei a remexer na mochila que Gideon estava segurando, onde estava minha bolsa.

“Não precisa, tenho uma cópia.” Ele abriu um sorriso na maior cara lavada quando a surpresa se estampou em meu rosto. “Fiz um jogo de chaves pra mim antes de devolver as

suas.”

“Está falando sério?”

“Se você tivesse prestado atenção”, ele beijou minha cabeça, “teria visto que agora você também tem uma cópia das chaves da minha casa.”

Fiquei observando enquanto ele passava pelo porteiro e voltava para o prédio. Lembrei de todo o tormento que haviam sido os quatro dias que tínhamos passado longe um do outro, e da dor que senti ao receber aquele envelope com as chaves.

E, durante esse tempo todo, a chave para ficar sozinha com ele estava nas minhas mãos.

Balançando a cabeça, olhei ao redor, para minha nova cidade, adorando tudo aquilo e me sentindo grata por toda a felicidade tempestuosa que havia encontrado depois de me instalar ali.

Mas Gideon e eu ainda tínhamos muito trabalho pela frente. Por mais que nos amássemos, não havia como garantir que seríamos capazes de superar nossos traumas. Pelo menos estávamos conseguindo estabelecer uma comunicação, estávamos sendo sinceros um com o outro, e só Deus sabia como era difícil para nós dois deixar certas coisas passarem batidas.

Gideon reapareceu ao mesmo tempo em que dois poodles enormes e muito bem cuidados saíam com sua dona igualmente emperiquitada.

Assim que o carro arrancou, Gideon me pôs no colo e me abraçou forte. “Tivemos uma noite difícil, mas conseguimos superar.”

“Verdade, conseguimos.” Jogando a cabeça para trás, ofereci minha boca para um beijo. Ele me deu um bem gostoso e demorado — uma singela reafirmação de nossa relação complicada, enlouquecedora, necessária e insubstituível.

Agarrando sua nuca, passei meus dedos por seus cabelos sedosos. “Mal posso esperar a hora de ir pra cama.”

Ele soltou um rugido sexy e atacou meu pescoço com beijos e mordidas, mandando para longe nossos traumas e seus fantasmas.

Pelo menos por um tempinho…

Agradecimentos

Tenho grande admiração e respeito por minha editora, Cindy Hwang, por todas as coisas envolvidas no processo de passar esta série das minhas mãos cautelosas para as delas. Ela queria esta história e lutou muito para tê-la, e eu agradeço seu entusiasmo. Obrigada, Cindy!

Não tenho palavras suficientes para agradecer a minha agente, Kimberly Whalen, e sua energia e disposição inesgotáveis. Ela sempre supera minhas expectativas, deixando-me naquela posição agradável e tão desejada de simplesmente dizer: “Vamos em frente”. Obrigada, Kim, por ser exatamente o que eu preciso!

Por trás de Cindy e Kim existem as equipes dinâmicas e competentes da Berkley e do Trident Media Group. Em todos os departamentos, em todos os níveis, o apoio e o entusiasmo com a série Crossfire foram incríveis. Agradeço muitíssimo, e me sinto privilegiada por isso.

Minha enorme gratidão à editora Hilary Sares, que mergulhou profundamente na história e me fez trabalhar por ela. Na prática, ela acabou comigo. Mas, ao se manter sempre alerta e não deixar que eu tomasse o caminho mais curto, Hilary me fez trabalhar mais, e isso tornou este livro muito, muito melhor. *Toda sua* não teria sido o que é sem você, Hilary. Muito obrigada!

Meus agradecimentos a Martha Trachtenberg, copidesque extraordinária, e Victoria Colotta, diagramadora, por todo o trabalho na versão independente deste livro.

Agradeço também a Tera Kleinfelter, que leu a primeira metade de *Toda sua* e disse que adorou. Obrigada, Tera!

A E. L. James, que escreveu uma história que cativou os leitores e criou um desejo por mais obras como a sua. Você é demais!

A Kati Brown, Jane Litte, Angela James, Maryse Black, Elizabeth Murach, Karla Parks, Gitte Doherty, Jenny Aspinall… Ah, existe tanta gente a agradecer por ter feito uma propaganda boca a boca maravilhosa de *Toda sua*! Se esqueci seu nome aqui, por favor acredite que ainda assim ele está no meu coração. Muito, muito obrigada!

A todas as meninas que passaram por Cross Creek em algum momento da adolescência. Que todos os seus desejos se realizem. Vocês merecem.

E a Alistair e Jessica, de *Seven Years to Sin*, que me inspiraram a escrever a história de Gideon e Eva. Fico feliz que a inspiração tenha caído duas vezes no mesmo lugar!

Copyright © 2012 by Sylvia Day

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Bared to You

IMAGEM DE CAPA © Spencer Jones/ Glasshouse/ Wildcard Images UK

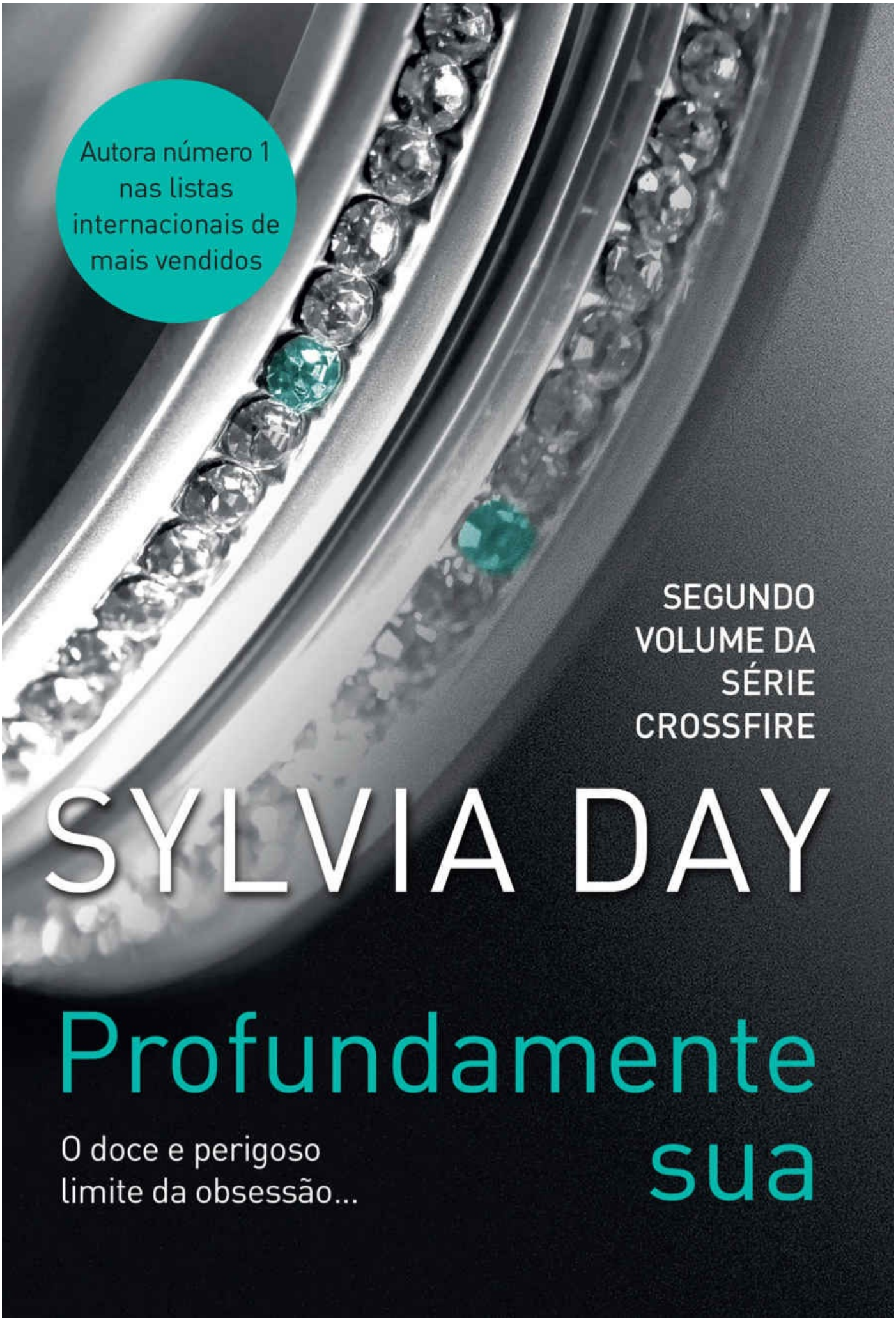
PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-8086-423-6

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br


Autora número 1
nas listas
internacionais de
mais vendidos
SEGUNDO
VOLUME DA
SÉRIE
CROSSFIRE
SYLVIA DAY
Profundamente
sua
O doce e perigoso
limite da obsessão...

SEGUNDO VOLUME DA SÉRIE CROSSFIRE

SYLVIA DAY

Profundamente sua

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

para

Para Nora Roberts, uma inspiração e um exemplo de pura classe.

1

Eu amava Nova York de maneira ensandecida. Era o tipo de paixão que reservava a apenas mais uma coisa na minha vida. A cidade era um microcosmo que aliava as oportunidades do Novo Mundo às tradições do Velho Continente. Conservadores andavam lado a lado com boêmios. Novidades bizarras ocupavam o mesmo espaço que raridades de valor inestimável. A energia pulsante da cidade alavancava grandes negócios internacionais, atraindo gente de todo o mundo.

E a encarnação de toda essa vibração, ambição irrefreável e sede de poder em escala global havia acabado de me proporcionar dois orgasmos incríveis, de contorcer os dedos do pé.

Enquanto eu caminhava até o closet gigantesco, olhei para a cama desarrumada de Gideon Cross e estremeci com a recordação do prazer que havia sentido ali. Meus cabelos ainda estavam molhados do banho, e eu tinha apenas uma toalha enrolada no corpo. Faltava uma hora e meia para o início do expediente, de modo que eu não tinha tempo a perder. Eu precisava reservar um tempinho na rotina da manhã para o sexo, caso contrário estaria sempre atrasada. Gideon sempre acordava pronto para conquistar o mundo e gostava de exercitar seu lado dominador comigo antes de qualquer outra coisa.

Eu tinha mesmo muita sorte.

O mês de julho estava chegando, e a temperatura em Nova York só subia. Escolhi uma calça de linho bege e uma blusinha cinza sem mangas que combinava com meus olhos. Como não tinha o menor talento para me pentear, prendi meus longos cabelos loiros em um rabo de cavalo simples e me maquiei. Quando senti que estava apresentável, saí do quarto.

Assim que pisei no corredor, ouvi a voz de Gideon. Senti um pequeno arrepio percorrer meu corpo quando percebi que ele estava irritado. Seu tom de voz era seco e grave. Ele não perdia a cabeça com facilidade… a não ser que eu o provocasse. Era capaz de fazê-lo gritar, xingar e querer arrancar os lindos cabelos negros que cobriam sua cabeça.

Na maior parte do tempo, porém, Gideon era um exemplo de força bruta contida. Ele não precisava gritar quando queria intimidar alguém — bastava um olhar ou uma palavra mais incisiva.

Fui até o escritório. Ele estava de pé, de costas para a porta, usando um fone de ouvido. Com os braços cruzados, olhava pela janela de sua cobertura na Quinta Avenida, transmitindo a imagem de uma pessoa profundamente solitária, alheia ao mundo a seu redor, embora capaz de governá-lo — em todos os sentidos.

Apoiada ao batente da porta, saboreei a visão. Com certeza minha vista de Nova York era muito mais inspiradora que a dele. Da minha perspectiva, além dos arranha-céus, via-se um homem igualmente imponente. Gideon tinha tomado banho antes que eu saísse da cama. Ele vestia duas das três peças de um caríssimo terno feito sob medida — o tipo de roupa que me excitava num homem — sobre seu corpo altamente viciante. Vendo-o de costas, eu podia admirar sua bunda perfeita e suas costas largas delineadas pelo colete.

Na parede, havia uma enorme colagem de imagens de nós dois, além de uma foto muito íntima tirada enquanto eu dormia. A maioria delas havia sido feita pelos paparazzi que nos seguiam a cada passo. Ele era Gideon Cross, das Indústrias Cross, que aos vinte e oito anos já era uma das vinte pessoas mais ricas do mundo. Eu desconfiava que ele era dono de boa parte de Manhattan, e tinha certeza absoluta de que era o homem mais lindo do planeta. Havia fotos minhas espalhadas por todos os escritórios de Gideon, como se olhar para mim fosse tão divertido quanto olhar para ele.

Ele se virou, girando elegantemente sobre os pés para me encarar com seus olhos azuis. Gideon sabia que eu estava lá, olhando para ele. Havia uma energia no ar quando chegávamos perto um do outro, uma espécie de tensão nervosa que lembrava o silêncio que precede um trovão. Ele provavelmente tinha adiado de propósito o momento em que ficaria de frente para mim, de modo que eu pudesse admirá-lo mais um pouco.

Um moreno perigoso. E todo meu.

Nossa… Eu jamais me acostumaria com o impacto daquele rosto. O contorno de suas feições, as sobrancelhas arqueadas, os olhos azuis com cílios grossos e aquela boca… perfeitamente talhada para ser igualmente sensual e perversa. Eu adorava quando aquela boca sorria me convidando para o sexo, e estremecia quando a via se contrair em uma expressão fria e tensa. Quando aqueles lábios tocavam meu corpo, eu ardia.

Que maluquice é essa? Abri um sorriso ao me lembrar do quanto me irritava ouvir minhas amigas descrevendo poeticamente a beleza de seus namorados. Mas lá estava eu, sempre de queixo caído diante do visual irresistível daquele homem complicado, perturbador, traumatizado e sexy por quem eu me apaixonava um pouco mais a cada dia.

Ainda que olhássemos um para o outro, sua expressão não se amenizou, e ele não parou nem por um instante de falar com o pobre coitado do outro lado da linha, mas a irritação implacável em seu olhar foi substituída por uma intensidade dramática.

Eu já deveria ter me acostumado à mudança que ocorria quando ele me olhava, mas ainda me abalava a ponto de estremecer. Aquele olhar demonstrava a força e a intensidade com que ele queria me comer — o que fazia sempre que possível — e me oferecia um vislumbre de sua determinação irreprimível. A liderança e o pulso firme eram a marca de Gideon em tudo o que fazia na vida.

"Vejo você no sábado, às oito", ele disse antes de arrancar o fone de ouvido e arremessá-lo sobre a mesa. "Vem cá, Eva."

Mais uma vez estremeci ao ouvi-lo dizer meu nome no mesmo tom autoritário com que dizia "Goza, Eva" quando eu estava debaixo dele… sentindo-o dentro de mim… desesperada para chegar ao orgasmo…

"Não temos tempo para isso, garotão…" Voltei para o corredor, porque não confiava em mim mesma quando estava perto dele. O leve toque de rouquidão em seu tom de voz suave e contido era capaz de me fazer gozar. Quando ele me tocava, eu me desmanchava inteira.

Fui até a cozinha fazer o café.

Ele resmungou alguma coisa bem baixinho e me alcançou facilmente com suas passadas largas. Quando percebi, estava espremida contra a parede por um metro e noventa centímetros de pura gostosura masculina.

"Você sabe o que acontece quando tenta fugir, meu anjo." Gideon mordeu meu lábio inferior e aplacou a dor acariciando com a língua. "Eu pego você."

Senti meu corpo relaxar e se render alegremente ao prazer da proximidade daquele aperto. Eu o desejava o tempo todo, e com tanto ardor que até doía. Era luxurioso, mas havia algo mais. Alguma coisa delicada e profunda fazia com que o desejo que Gideon sentia por mim não funcionasse como um gatilho para sentimentos desagradáveis que poderiam vir à tona com outros homens. Se outra pessoa tentasse me subjugar com o peso do corpo daquele jeito, eu teria um ataque. Mas isso nunca foi problema com Gideon. Ele sabia do que eu precisava e o quanto era capaz de suportar.

Ele abriu um sorriso que fez meu coração parar de bater por um momento.

Diante daquele rosto maravilhoso, emoldurado por cabelos negros e sedosos, senti minhas pernas fraquejarem. Ele era elegante e contido. O único toque de ousadia em sua aparência eram os cabelos.

Gideon esfregou seu nariz contra o meu. "Você não pode sorrir para mim daquele jeito e me dar as costas. No que estava pensando enquanto eu falava ao telefone?"

Abri um sorrisinho malicioso. "Em como você é lindo. Penso nisso o tempo todo.

Ainda não me acostumei.”

Ele agarrou a parte de trás de uma das minhas coxas e me puxou para mais perto, provocando-me com o balanço irresistível de seus quadris contra os meus. Gideon era absurdamente bom de cama. E sabia muito bem disso. “Não vou deixar você se acostumar.”

“Mesmo?” O tesão já percorria minhas veias e meu corpo ansiava pelo toque de Gideon. “Não acredito que você queria outra mulher obcecada no seu pé o tempo todo.”

“O que eu quero”, ele sussurrou, agarrando meu queixo e acariciando meu lábio inferior com o polegar, “é que você se mantenha ocupada demais pensando em mim para poder pensar em qualquer outra pessoa.”

Soltei um suspiro lento e trêmulo. Estava absolutamente entregue ao olhar quente em seu rosto, ao tom provocador de sua voz, ao calor de seu corpo e ao gosto divino de sua pele. Ele era minha droga, um vício que eu não tinha a menor vontade de largar.

“Gideon”, murmurei, deliciada.

Soltando um gemido suave, Gideon cobriu minha boca com a dele, e meus pensamentos se esvaíram em um beijo intenso e luxurioso… um beijo que conseguiu desviar minha atenção da insegurança que Gideon havia acabado de despertar.

Enfiei os dedos em seus cabelos para que ficasse imóvel e retribuí o beijo, acariciando e atacando sua língua com a minha. Não fazia muito tempo que éramos um casal. Menos de um mês. Para piorar, nenhum dos dois tinha experiência em um relacionamento como aquele — uma relação em que nenhuma das partes precisava se preocupar em fingir que não era profundamente traumatizada.

Seus braços se juntaram em torno de mim e me apertaram possessivamente. “Adoraria passar o fim de semana com você em uma ilha no sul da Flórida… sem roupa.”

“Humm… Parece ótimo.” Mais do que ótimo. Por mais que eu gostasse de ver Gideon de terno, preferia mil vezes vê-lo sem nada. Não comentei que não estaria disponível aquele fim de semana…

“Mas tenho negócios a tratar este fim de semana”, ele resmungou sem desgrudar os lábios dos meus.

“Negócios que você deixou de lado para ficar comigo?” Gideon saía do trabalho mais cedo durante a semana para ficarmos mais tempo juntos, e eu sabia que isso não era nada fácil para ele. Minha mãe estava em seu terceiro casamento, e todos os maridos dela eram homens ricos e poderosos, bem parecidos entre si. Eu tinha consciência de que o preço da ambição eram horas e horas de dedicação.

“Pago um salário muito generoso a algumas pessoas para poder ficar com você.”

Uma boa resposta, mas, ao notar uma pontinha de irritação se insinuar em seus olhos, resolvi mudar de assunto. “Obrigada. Agora vamos tomar café antes que a gente se atrase.”

Gideon percorreu meu lábio inferior com a língua e então me soltou. “Quero decolar amanhã às oito da noite. Não precisa levar muita coisa. O Arizona é quente e seco.”

“Quê?” Fiquei perplexa. Ele virou as costas e desapareceu dentro do escritório. “Você tem negócios a tratar no Arizona?”

“Infelizmente.”

Opa… Em vez de perder a chance de tomar café, preferi adiar a discussão e ir até a cozinha. O apartamento de Gideon era enorme, um exemplo da arquitetura do pré-guerra, com janelas arqueadas. O som dos meus saltos batendo no piso reluzente de madeira nobre era abafado pelos tapetes Aubusson. Decorado com peças de madeira escura e tecidos naturais, o tom sóbrio daquele espaço luxuoso só era quebrado pelo brilho colorido de peças ornamentadas com pedras preciosas. Por mais que se tratasse de um ambiente luxuosíssimo, ainda assim era um lugar aconchegante e acolhedor, o local perfeito para relaxar e ser mimada.

Quando cheguei à cozinha, fui logo pondo um copo descartável na cafeteira. Gideon apareceu com o paletó estendido no braço e o celular na mão. Fiz um café para ele e fui até a geladeira pegar o leite.

“Acho que dei sorte, no fim das contas.” Eu o encarei e o lembrei de que tinha questões a resolver com meu colega de quarto. “Preciso conversar com Cary neste fim de semana.”

Gideon pôs o telefone no bolso de dentro do paletó e o pendurou em um dos banquinhos do balcão. “Você vai comigo, Eva.”

Soltando um suspiro, despejei o leite no café. “Pra fazer o quê? Ficar lá deitada sem roupa, esperando você voltar do trabalho pra me comer?”

Ele me encarou e começou a beber o café fumegante com uma tranquilidade calculada. “Vamos brigar por causa disso?”

“Você vai dar uma de cabeça-dura? Já conversamos sobre isso. Não posso deixar Cary sozinho depois do que aconteceu ontem à noite.” A multidão engalfinhada que encontrei na minha sala na noite anterior dava um novo significado à palavra “suruba”.

Pus o leite de volta na geladeira e experimentei a sensação de ser inexoravelmente submetida à força de vontade de Gideon. Era assim desde o começo. Quando queria, ele

era capaz de me fazer sentir *fisicamente* suas exigências. E era difícil demais ignorar aquela parte de mim que só queria fazer o que ele mandasse. “Você vai cuidar dos seus negócios e eu vou cuidar do meu amigo. Depois vamos cuidar de nós dois.”

“Só vou voltar no domingo à noite, Eva.”

Ah.… Senti um frio na barriga ao ouvir que ficaríamos tanto tempo longe um do outro. A maior parte dos casais não passa todo o tempo livre juntos, mas éramos uma exceção. Tínhamos traumas, neuroses e uma necessidade da companhia do outro que exigiam contato constante para nos manter em um estado mental saudável. Eu detestava ficar longe de Gideon. Quase nunca passava mais de duas horas sem pensar nele.

“Você também não gostou nadinha da ideia”, ele disse baixinho, mostrando que sabia exatamente o que eu estava pensando. “Quando domingo chegar vamos estar desesperados.”

Soprei meu café com leite e arrisquei um gole. A perspectiva de passar um fim de semana inteiro sem ele me perturbava. Para piorar, gostava menos ainda da ideia de que ele passasse todo esse tempo sem mim. Gideon tinha um mundo de escolhas e possibilidades à sua disposição, mulheres bem menos perturbadas e complicadas.

Apesar de tudo, consegui argumentar mais um pouco: “Isso não é exatamente saudável, Gideon”.

“Quem disse? Ninguém sabe o que é passar pelo que nós passamos.”

Eu era obrigada a concordar.

“Precisamos trabalhar”, eu disse, sabendo que essa indecisão nos deixaria nervosos o dia inteiro. Mais tarde poderíamos resolver a questão, mas naquele momento estávamos diante de um impasse.

Apoiado contra o balcão, ele cruzou os pés em uma postura teimosa. “Então precisamos que você aceite ir comigo.”

“Gideon.” Comecei a bater o pé. “Não posso abrir mão da minha vida por sua causa. Se eu for obediente e compreensiva o tempo todo, você vai ficar de saco cheio rapidinho. Até eu vou ficar de saco cheio. Não custa nada a gente passar dois dias resolvendo outras questões, mesmo que seja contra a nossa vontade.”

Ele me olhou bem nos olhos. “Você não consegue ser obediente e compreensiva nem metade do tempo.”

“Olha só quem fala.”

Gideon se endireitou, exibindo sua sexualidade pulsante e me arrebatando com toda a

sua intensidade. Ele era volátil e caprichoso — assim como eu. “Você tem aparecido bastante ultimamente, Eva. Não é segredo pra ninguém que está em Nova York. Leve Cary junto se for preciso. Vocês podem quebrar o pau enquanto resolvo o que tenho que resolver antes de te comer.”

“Ah.” Apesar de valorizar sua tentativa de melhorar o clima, percebi que sua intenção era me manter a salvo de alguém… *Nathan*. Meu irmão de criação. O pesadelo do meu passado, que Gideon parecia temer que reaparecesse no presente. Eu relutava em aceitar a ideia de que ele não estava totalmente errado. O escudo do anonimato, que me protegera durante anos, fora esfacelado quando nosso relacionamento veio a público.

Deus... não era o momento para conversar sobre aquilo, e eu sabia que Gideon seria irredutível nesse ponto. Ele era um homem que sabia impor limites, enfrentava seus concorrentes de maneira impiedosa e jamais deixaria que alguém me prejudicasse. Eu era seu porto seguro, seu bem mais valioso e imprescindível.

Gideon olhou no relógio. “Está na hora, meu anjo.”

Ele apanhou o paletó, fez sinal para que eu atravessasse sua luxuosa sala, onde estava a sacola com meu tênis de caminhada e outros artigos de primeira necessidade. Poucos instantes depois, tendo descido até o térreo em um elevador particular, estávamos no banco de trás do Bentley preto.

“Oi, Angus.” Cumprimentei o motorista, que bateu com os dedos na aba de seu quepe de chofer à moda antiga.

“Bom dia, senhorita Tramell”, ele respondeu com um sorriso. Era um homem de certa idade, com uma boa quantidade de fios brancos na cabeleira ruiva. Eu gostava dele por inúmeros motivos, e um dos principais era que Angus trabalhava para Gideon desde a época do colégio e gostava dele de verdade.

Com uma rápida olhada no Rolex, presente da minha mãe e do meu padrasto, confirmei que chegaríamos a tempo… se não ficássemos presos no trânsito. Justamente quando pensei nisso, Angus adentrou o mar de táxis e carros que inundavam a cidade. Depois do silêncio carregado de tensão no apartamento de Gideon, o ruído de Manhattan funcionou como uma dose de cafeína para me despertar. O alarido das buzinas e o som do choque dos pneus contra as bocas de lobo serviram para me revigorar. Pedestres apressados percorriam ambos os lados da rua, enquanto os prédios se elevavam ambiciosamente na direção do céu, mantendo-nos na sombra apesar do sol cada vez mais alto.

Eu amava Nova York. Todos os dias precisava fazer força para me acostumar à cidade, para acreditar que estava ali.

Ajeitei-me no assento de couro e procurei a mão de Gideon, apertando-a bem forte.

“Você acharia melhor se eu e Cary saíssemos da cidade no fim de semana? E se fôssemos para Las Vegas?”

Gideon estreitou os olhos. “Você acha que tenho alguma coisa contra Cary? É por isso que não quer ir com ele para o Arizona?”

“Quê? Não. Acho que não.” Eu me remexi mais um pouco no assento antes de encará-lo. “É que às vezes demora um bocado pra Cary começar a se abrir.”

“Você *acha* que não?”, ele repetiu, ignorando todo o resto da resposta.

“Talvez ele pense que não pode mais contar comigo, porque passo o tempo todo com você”, esclareci, segurando o copo de café com as duas mãos enquanto passávamos por um trecho esburacado. “Você vai ter que aprender a superar esse ciúme de Cary. Quando digo que ele é um irmão pra mim, Gideon, estou falando sério. Você não precisa gostar dele, mas tem que aceitar que faz parte da minha vida.”

“É isso que você fala para ele sobre mim?”

“Eu não falo nada. Ele sabe. Estou tentando fazer um acordo aqui…”

“Eu não faço acordos.”

Minhas sobrancelhas se ergueram. “Nos negócios tenho certeza que não. Mas num relacionamento, Gideon, é preciso saber quando ceder e…”

Ele me interrompeu com uma declaração enfática: “No meu avião, no meu hotel, e você só pode sair escoltada por uma equipe de seguranças”.

O modo repentino e um tanto relutante como ele concordou comigo me deixou surpresa e sem ter o que dizer por um instante. Foi tempo suficiente para ele erguer as sobrancelhas e me encarar com seus olhos azuis penetrantes como quem diz “É pegar ou largar”.

“Você não acha meio exagerado?”, argumentei. “Cary vai estar comigo.”

“Você tem que entender que não confio mais nele para garantir sua segurança depois do que aconteceu ontem à noite.” A postura de Gideon enquanto bebia o café deixava bem claro que estava tudo decidido. Ele havia me proposto a alternativa que lhe parecia mais razoável.

Eu até poderia me incomodar com esse tipo de imposição, se não entendesse que sua motivação principal era cuidar de mim. Meu passado era habitado por fantasmas terríveis, e meu namoro com Gideon me pôs em uma posição capaz de levar Nathan Barker a se sentir tentado a bater na minha porta.

Além disso, a necessidade de controlar tudo a seu redor fazia parte do temperamento de Gideon. Era algo que vinha com o pacote, de que ele não abria mão.

“Certo”, concordei. “Qual é o seu hotel?”

“Tenho mais de um. Pode escolher.” Ele se virou e olhou pela janela. “Scott vai te mandar a lista por e-mail. Quando decidir, é só avisar que ele cuida de tudo. A gente pode ir e voltar no mesmo avião.”

Encostando os ombros no assento, bebi mais um gole do café e percebi que Gideon estava com o punho fechado. No reflexo do vidro escuro do carro, seu rosto parecia impassível, mas seu mau humor era palpável.

“Obrigada”, murmurei.

“Não agradeça. Não estou nada feliz com isso, Eva.” Um músculo se contraiu em seu maxilar. “Cary pisou na bola e fui eu que perdi o fim de semana com você.”

Não gostei de ouvir que ele estava chateado, então apanhei o copo de café de sua mão e pus os dois no porta-copos. Depois pulei no colo dele e joguei meus braços sobre seus ombros. “Fico feliz que você tenha cedido, Gideon. Significa muito para mim.”

Ele me encarou com um olhar de filhotinho. “Eu sabia que você ia acabar me deixando maluco assim que pus os olhos em você.”

Dei risada, lembrando-me de quando nos conhecemos. “Caindo de bunda no saguão do prédio?”

“Antes disso. Lá fora.”

“Lá fora onde?”, perguntei, franzindo o rosto.

“Na calçada.” Gideon agarrou meus quadris, apertando-me da maneira possessiva e dominante que me fazia morrer de tesão por ele. “Eu estava saindo pra uma reunião. Se saísse um minuto mais cedo não teria te visto. Tinha acabado de entrar no carro quando você virou a esquina.”

Lembrei-me do Bentley estacionado no meio-fio naquele dia. Eu estava impressionada demais com o prédio para notá-lo quando cheguei, mas vi que estava lá quando saí.

“Você me abalou à primeira vista”, ele comentou com a voz um pouco rouca. “Eu não conseguia desviar os olhos. Queria ter você naquele momento. Era um desejo excessivo. Quase violento.”

Como eu nunca soube que nosso primeiro encontro envolvia muito mais do que eu imaginava? Pensei que tivéssemos esbarrado um no outro por acidente. Mas Gideon já estava indo embora… o que significava que tinha voltado só para me ver.

“Você parou bem ao lado do carro”, ele continuou, “e jogou a cabeça para cima. Estava olhando para o prédio, mas imaginei você de joelhos na minha frente, com os olhos

voltados para mim.”

Seu tom de voz sussurrado fez com que eu começasse a me contorcer em seu colo. “Olhando para você como?”, perguntei baixinho, hipnotizada pelo calor de seu olhar.

“Com tesão. Um pouco impressionada… um pouco intimidada.” Ele agarrou minha bunda e me puxou para mais perto. “Eu não tinha como deixar de ir atrás de você lá dentro. E lá te encontrei, bem do jeito que eu queria, ajoelhada na minha frente. Naquele momento, pensei no monte de coisas que faria quando conseguisse deixar você peladinha.”

Engoli em seco, lembrando que minha reação não havia sido muito diferente. “Quando vi você pela primeira vez, só consegui pensar em sexo. Sexo selvagem, de rasgar os lençóis.”

“Eu percebi.” Ele acariciava minhas costas com ambas as mãos. “E percebi também o jeito como me olhou. Você viu quem eu era… o que havia lá dentro. Conseguiu enxergar através de mim.”

E foi isso que me fez cair para trás — literalmente. Olhei bem em seus olhos e percebi a força que ele fazia para se reprimir, para não deixar transparecer as atribulações que havia dentro de si. O que vi ali foi sede de poder e de controle. E, no fundo, sabia que cedo ou tarde ele tomaria posse de mim. Foi um alívio descobrir que sentia a mesma coisa.

Gideon me puxou pelos ombros até nossas testas se tocarem. “Ninguém nunca tinha me visto antes, Eva. Você foi a única.”

Senti um nó na garganta. Em muitos sentidos, Gideon era um sujeito durão, mas sabia ser meigo comigo. E de uma maneira quase infantil, o que eu adorava, porque era uma coisa pura e espontânea. Se a pessoa não conseguia enxergar nada além de seu rosto bonito e sua conta bancária recheada, então não merecia tê-lo. “Eu nem me dei conta. Você parecia tão… seguro de si. Nem imaginei que tivesse causado algum efeito em você.”

“Seguro?”, ele ironizou. “Eu estava morrendo de tesão. E continuo assim até agora.”

“Nossa. Obrigada.”

“Você se tornou indispensável pra mim”, ele sussurrou. “Agora não suporto a ideia de ficar dois dias sem você.”

Segurei seu queixo, eu o beijei com carinho, quase num pedido de desculpas. “Eu também te amo”, murmurei com a boca colada à dele. “Não suporto ficar longe de você.”

Ele retribuiu o beijo com paixão, devorando-me, mas ainda assim me segurando contra

ele de uma forma gentil e respeitosa. Como se eu fosse frágil. Quando o beijo acabou, estávamos ambos ofegantes.

“Eu nem fazia seu tipo”, comentei, como uma provocação para aliviar a tensão antes de começarmos a trabalhar. A preferência de Gideon pelas morenas era pública e notória.

Senti que o Bentley estava estacionando. Angus saiu do carro para nos dar mais privacidade, deixando o motor e o ar-condicionado ligados. Olhei pela janela e vi o prédio Crossfire pairando acima de nós.

“Sobre isso…” Gideon recostou a cabeça no assento e respirou fundo. “Corinne ficou surpresa ao ver você. Não era o que ela esperava.”

Cerrei os dentes ao ouvir o nome da ex-noiva de Gideon. Mesmo sabendo que sua relação tinha mais a ver com amizade e companheirismo do que com amor, o ciúme ainda causava estragos em mim. Era um dos meus defeitos mais evidentes. “Porque sou loira?”

“Porque… você não se parece em nada com ela.”

Perdi o fôlego. Jamais tinha me dado conta de que Corinne era o padrão de mulher para ele. Eu sabia que Magdalene Perez — uma das amigas de Gideon que gostariam de ser algo mais — tinha deixado o cabelo crescer só para ficar parecida com Corinne, mas ainda não tinha notado a complexidade daquilo tudo. Meu Deus… Se era verdade, Corinne possuía um poder enorme sobre Gideon, muito mais do que eu era capaz de suportar. Senti meu coração disparar e meu estômago revirar. Sentia um ódio irracional por Corinne. Detestava o fato de Gideon ter alguma intimidade com ela. Abominava todas as mulheres que haviam sentido seu toque… seu desejo… seu corpo sensacional.

Comecei a sair de cima dele.

“Eva.” Gideon me manteve junto a ele, apertando com força minhas coxas. “Não sei se ela está certa.”

Olhei para o lugar onde ele estava me apertando, e a visão do anel que eu tinha dado em sua mão direita — o sinal de nosso compromisso — me acalmou, assim como a expressão confusa em seu rosto quando o encarei. “Ah, não?”

“Se foi isso mesmo, foi uma coisa inconsciente. Eu não estava procurando outras mulheres como ela. Não estava procurando nada, na verdade, até encontrar você.”

Senti meu corpo todo se aliviar, e minhas mãos desceram pela lapela de seu paletó. Talvez ele não estivesse mesmo procurando por ela e, ainda que estivesse, eu não poderia ser mais diferente de Corinne, tanto em termos de aparência como de temperamento. Eu era uma novidade. Uma mulher diferente de todas as outras, em todos os sentidos. Como eu queria que isso bastasse para aplacar meu ciúme…

“Talvez fosse mais um padrão do que uma preferência.” Alisei a ruga que havia se formado em sua testa com a ponta do dedo. “Converse sobre isso com o doutor Petersen na consulta de hoje à noite. Eu queria ter mais a dizer depois de tantos anos de terapia, mas não tenho. Existe um monte de coisas sem explicações entre nós, não é mesmo? Ainda não faço ideia do que foi que você viu em mim.”

“O grande mistério é o que *você* viu em *mim*, meu anjo”, ele respondeu em voz baixa, amenizando a expressão do rosto. “Você sabe quem eu sou e me quer tanto quanto eu quero você. Todas as noites vou dormir com medo de que você não esteja lá quando eu acordar. Ou que assuste você… com os meus sonhos…”

“Não, Gideon.” *Meu Deus.* Aquilo era de cortar o coração. Acabava comigo.

“Posso até não falar dos meus sentimentos da mesma maneira que você, mas sou seu. Você sabe disso.”

“Sim, eu sei que você me ama.” Loucamente. Absurdamente. Obsessivamente. Assim como eu.

“Sou louco por você, Eva.” Com a cabeça inclinada para trás, ele me puxou para me dar o mais doce dos beijos, seus lábios se movendo suavemente junto aos meus. “Eu mataria por você”, ele sussurrou. “Abriria mão de tudo o que tenho… mas não desistiria de você. Esses dois dias são o limite. Não me peça mais que isso. Não consigo ceder mais.”

Eu sabia qual era o peso exato daquelas palavras. Sua riqueza era seu escudo, sua possibilidade de exercer o poder e o controle que havia perdido em algum momento da vida. Gideon tinha sido violado e brutalizado, assim como eu. O fato de preferir perder sua paz de espírito a abrir mão de mim significava mais do que qualquer declaração de amor.

“Só preciso de dois dias, garotão, e vou te recompensar muito bem por eles.”

O brilho afetuoso de seu olhar foi substituído pelo desejo carnal. “Ah, é? Está querendo compensar sua ausência com sexo, meu anjo?”

“Sim”, admiti sem a menor vergonha. “Muito sexo. Parece funcionar muito bem com você.”

Ele abriu um sorriso, mas seu olhar penetrante me fez perder o fôlego. Aquele olhar me fazia lembrar que Gideon não era um homem que pudesse ser manipulado ou domado — como se fosse possível esquecer.

“Ah, Eva”, ele sussurrou, ajeitando-se no assento com a confiança indiferente de um grande felino que tinha conseguido atrair um ratinho para sua toca.

Um tremor delicioso se espalhou por meu corpo. Quando se tratava de Gideon Cross, o

que eu mais queria no mundo era ser devorada.

2

Pouco antes de sair do elevador para o hall de entrada da Waters Field & Leaman, a agência de publicidade em que eu trabalhava, no vigésimo andar do edifício Crossfire, Gideon sussurrou no meu ouvido: “Pense em mim o dia todo”.

Apertei sua mão discretamente no elevador lotado. “É o que eu sempre faço.”

Ele continuou subindo até o último andar, que abrigava a sede das Indústrias Cross. O Crossfire era uma de suas muitas propriedades na cidade, que incluíam o prédio onde eu morava.

Eu tentava não dar muita bola para isso. Minha mãe era o protótipo da esposa troféu. Havia aberto mão do amor do meu pai em troca de um estilo de vida luxuoso, coisa com a qual eu não me identificava nem um pouco. Trocaria a riqueza pelo amor sem pensar duas vezes, mas acho que para mim era fácil dizer isso, porque tinha dinheiro, distribuído em uma considerável carteira de investimentos. Não que algum dia tivesse recorrido a ele. Aquela fortuna era fruto de muito sofrimento, a um custo inimaginável.

Megumi, a recepcionista, destravou a porta de vidro da entrada e me cumprimentou com um enorme sorriso no rosto. Era linda e jovem, com os cabelos bem pretos emoldurando seus admiráveis traços asiáticos.

“Oi.” Eu parei em sua mesa. “Tem compromisso para o almoço?”

“Agora tenho.”

“Ótimo.” Abri um sorriso largo e sincero. Por mais que adorasse Cary e passasse ótimos momentos com ele, precisava ter amigas também. Além disso, Cary já estava começando a criar uma rede de conhecidos na cidade, e eu tinha sido sugada para o universo de Gideon praticamente no momento em que chegara. Por mais que gostasse de passar todo o meu tempo livre com ele, sabia que não era saudável. Amigas são fundamentais para oferecer uma nova perspectiva quando necessário, e eu precisava criar esses laços de amizade se quisesse me beneficiar deles mais tarde.

Depois de combinar o almoço, entrei pelo corredor, a caminho da minha baia. Quando cheguei à mesa, guardei a bolsa e a mala da ginástica na última gaveta e peguei o celular para pôr no silencioso. Vi que havia uma mensagem de Cary: Desculpa, gata.

“Cary Taylor”, suspirei. “Eu te adoro… mesmo quando você me irrita.”

E daquela vez ele tinha me irritado pra valer. Mulher nenhuma gostaria de entrar em casa e dar de cara com uma suruba bem no meio da sala. Muito menos depois de ter acabado de brigar feio com o novo namorado.

Respondi à mensagem: Reserve o fim de semana p/ mim.

A mensagem seguinte demorou a chegar, o que me fez pensar que ele estava pensando a respeito. Nossa, vc deve estar planejando me dar uma baita surra.

"Talvez", murmurei, estremecendo com a lembrança daquela… *orgia* que encontrei em casa. Mas, acima de tudo, o que eu achava era que precisávamos passar mais tempo juntos. Estávamos em Manhattan fazia pouco tempo. A cidade era uma novidade para nós, tínhamos um apartamento novo, empregos novos e namorados novos. Estávamos fora da nossa zona de conforto, o que não era nada fácil considerando nosso passado, e não sabíamos muito bem como lidar com tudo aquilo. Geralmente recorríamos um ao outro para restabelecer o equilíbrio, mas nos últimos tempos não vinha sendo esse o caso. Precisávamos recuperar o tempo perdido.

Que tal uma viagem p/ Vegas? Só eu e vc?

Porra, fechado!

Ok. Conversamos mais tarde.

Depois de pôr o celular no silencioso e guardá-lo, passei os olhos pelos porta-retratos ao lado do meu monitor — um com fotos dos meus pais e de Cary, outro com fotos minhas com Gideon. Ele mesmo havia feito aquela colagem, para que eu me lembrasse dele enquanto trabalhasse. Como se fosse preciso…

Eu adorava ter a imagem das pessoas que amava por perto: minha mãe com seus cabelos loiros ondulados, seu sorriso irresistível e seu corpo curvilíneo coberto apenas por um biquíni pequeno enquanto curtia o verão na Riviera Francesa no iate do marido; Richard Stanton, meu padrasto, com sua postura imponente e distinta, seus cabelos brancos criando uma combinação curiosa com a juventude da esposa; e Cary, capturado em toda a sua glória fotogênica, com seus cabelos castanhos brilhantes, olhos verdes faiscantes, e um sorriso largo e malicioso. Aquele rosto de um milhão de dólares estava começando a ser presença constante nas revistas, e em pouco tempo estaria em outdoors e pontos de ônibus, em anúncios da grife Grey Isles.

Através do corredor estreito, olhei para a parede de vidro do pequeno escritório de Mark Garrity e vi seu paletó pendurado na cadeira, mas nem sinal dele. Não foi nenhuma surpresa encontrá-lo na máquina de café, preparando uma caneca para viagem — éramos ambos viciados em cafeína.

“Pensei que você já tivesse pegado o jeito”, comentei, referindo-me à sua dificuldade com a nova cafeteira.

“Peguei, obrigado.” Mark ergueu a cabeça e abriu um sorriso charmoso. Ele tinha a pele escura e reluzente, um cavanhaque bem aparado e olhos castanhos que exalavam simpatia. Além de ser bonito, era um ótimo chefe — sempre disposto a me ensinar coisas valiosas sobre o mercado publicitário e ciente de que para mim não era preciso pedir nada duas vezes. Trabalhávamos muito bem juntos, e minha vontade era que essa parceria continuasse por muito tempo.

“Experimente”, Mark ofereceu, pegando outro copo fumegante no balcão. Aceitei de bom grado, notando que ele havia sido atencioso a ponto de acrescentar creme e adoçante, exatamente como eu gostava.

Dei um gole cauteloso, já que a bebida estava quente, e fui obrigada a tossir ao sentir um sabor inesperado e nada agradável. “O que é *isso*?”

“Café sabor blueberry.”

Não resisti à tentação de reclamar um pouco mais. “E por que alguém beberia isso?”

“Ah, então… seu trabalho é descobrir, e depois posicionar *isso* no mercado.” Ele levantou a caneca. “Um brinde à nossa nova conta.”

Sentindo um calafrio, respirei fundo e dei mais um gole.

Tinha certeza de que aquele sabor doce e enjoativo de blueberry artificial só sairia da minha boca várias horas depois. Como já estava na hora do intervalo, fiz uma busca rápida na internet pelo dr. Terrence Lucas, que havia deliberadamente provocado e irritado Gideon no jantar da noite anterior. Mal tinha digitado o nome dele e o telefone da minha mesa começou a tocar.

“Escritório de Mark Garrity. Eva Tramell falando.”

“É sério esse negócio de Las Vegas?”, perguntou Cary.

“Claro que é.”

Ele fez uma pausa. “É assim que você vai me contar que está indo morar com seu namorado bilionário e que eu estou sozinho?”

“Quê? *Não.* Está maluco?” Fechei bem os olhos, tentando compreender a insegurança de Cary, mas ao mesmo tempo pensando que éramos amigos havia tempo demais para

esse tipo de dúvida existir. “Você não vai se livrar de mim tão cedo, pode ter certeza.”

“E você decidiu ir para Vegas do nada?”

“Mais ou menos. Achei que seria uma boa ficar na beira da piscina virando uns mojitos e usar e abusar do serviço de quarto por uns dias.”

“Não sei se posso me dar a esse luxo.”

“Não se preocupe, é tudo por conta de Gideon. No avião dele, no hotel dele. A gente só precisa pagar o que consumir.” Não era verdade, já que eu pretendia pagar tudo, menos o transporte aéreo, mas Cary não precisava saber disso.

“E ele não vai?”

Recostei-me na cadeira e fiquei olhando para as fotos de Gideon. Eu já estava com saudades, e fazia apenas umas duas horas que tínhamos nos despedido. “Ele tem que ir para o Arizona a trabalho, então vamos dividir o avião com ele, mas em Vegas vamos ser só nós dois. Acho que estamos precisando disso.”

“É verdade.” Ele respirou fundo. “Acho que seria bom respirar outros ares e passar um tempo com minha melhor amiga.”

“Muito bem, então. Ele quer sair amanhã à noite, às oito.”

“Vou começar a arrumar a mala. Quer que eu prepare a sua?”

“Você faria isso? Seria ótimo!” Cary poderia ser estilista ou assessor de moda. Ele tinha muito talento no que dizia respeito a roupas.

“Eva?”

“Oi?”

Ele suspirou. “Obrigado por aturar as merdas que eu faço.”

“Para com isso.”

Depois de desligar, fiquei olhando para o telefone por um bom tempo, lamentando o fato de Cary estar tão infeliz em um momento em que as coisas começavam a caminhar bem em sua vida. Ele era especialista em se sabotar, porque nunca tinha acreditado que merecia ser feliz.

Quando tentei voltar minha atenção para o trabalho, a página do Google aberta no monitor me fez lembrar que estava tentando descobrir mais sobre o dr. Terry Lucas. Havia alguns artigos sobre ele na internet, com fotos que comprovavam se tratar dele mesmo.

Pediatra. Quarenta e cinco anos. Casado há vinte. Já um pouco tensa, fiz uma nova busca por “dr. Terrence Lucas e esposa”, morrendo de medo de ver surgir na tela uma

morena com longos cabelos negros. Para meu alívio, a sra. Lucas era uma mulher bem branquinha, com cabelos ruivos curtinhos.

Mas isso só fez crescer minha dúvida. Eu achava que uma mulher era a causa da briga dos dois.

No fundo, a verdade era que eu e Gideon não sabíamos muita coisa um sobre o outro. Só os podres. Bom, pelo menos ele sabia dos meus; os dele eu havia apenas suposto, com base nas evidências mais óbvias. Dispúnhamos somente do conhecimento obtido com base nas muitas noites em que dormimos juntos. Ele conhecia metade da minha família e eu conhecia metade da dele. Mas não estávamos juntos havia tempo suficiente para absorver todas as informações periféricas. E, sendo bem sincera, acho que evitávamos um pouco ficar interrogando um ao outro, como se tivéssemos medo de que mais alguma coisa aparecesse para atrapalhar um relacionamento cujas bases já não eram tão sólidas assim para começo de conversa.

Estávamos juntos porque éramos viciados um pelo outro. Nunca tinha me sentido tão inebriada como quando estávamos felizes juntos, e sabia que o mesmo valia para ele. Estávamos sacrificando muita coisa em troca desses momentos de perfeição, tão fugazes que só por pura teimosia e determinação — e pelo amor que sentíamos — continuávamos lutando por eles.

Agora já chega de me torturar.

Abri meu e-mail e recebi meu alerta diário do Google sobre Gideon Cross. A maior parte dos links eram fotos de nós dois no jantar de caridade realizado no Waldorf-Astoria na noite anterior. Gideon aparecia vestido a rigor, mas sem gravata.

“Meu Deus.” Não consegui evitar pensar na minha mãe ao me ver naquelas fotos, bebendo champanhe e usando um vestido Vera Wang. E não só porque eu era muito parecida com ela — com exceção dos cabelos longos e lisos —, mas também por estar acompanhada de um multimilionário.

Monica Tramell Barker Mitchell Stanton era muito, muito boa na função de esposa troféu. Sabia exatamente o que se esperava dela e executava seu papel à perfeição, embora já tivesse se divorciado duas vezes, ambas por iniciativa própria e para desgosto do ex-marido. Eu não fazia um mau juízo da minha mãe, porque sabia que ela era uma esposa dedicada e sincera, mas durante toda a minha vida quis ser independente. Meu direito de dizer não era a coisa que eu mais valorizava no mundo.

Minimizei a janela do e-mail, deixei minha vida pessoal de lado e comecei a pesquisar sobre cafés com sabor. Tratei também de marcar as primeiras reuniões com o pessoal do setor de estratégia de marketing e ajudei Mark com algumas ideias para a campanha de

uma rede de restaurantes cuja bandeira era servir comida sem glúten. A hora do almoço estava chegando, e meu apetite só aumentava quando o telefone tocou. Atendi com a saudação habitual.

"Eva?" Era uma voz feminina do outro lado da linha. "É Magdalene. Você tem um minutinho?"

Eu me recostei na cadeira, cautelosa. Magdalene e eu havíamos nos identificado brevemente uma com a outra quando da chegada de Corinne, mas nunca esqueci como ela me tratou mal quando nos conhecemos. "Estou meio sem tempo, mas tudo bem. O que foi?"

Ela suspirou e começou a falar bem depressa, soltando uma avalanche de palavras. "Eu estava sentada bem atrás de Corinne ontem à noite. Consegui ouvir algumas coisas que ela e Gideon disseram durante o jantar."

Senti um frio na barriga, preparando-me para um tremendo baque emocional. Magdalene sabia muito bem como explorar minha insegurança em relação a Gideon. "Dizer esse tipo de coisa enquanto estou trabalhando é um golpe muito baixo", fui logo dizendo. "Não estou nem um pouco…"

"Ele não estava ignorando você."

Fiquei de boca aberta por um instante, mas Magdalene logo preencheu o silêncio.

"Ele estava se esquivando dela. Corinne estava fazendo sugestões de lugares de Nova York para levar você, já que é nova na cidade, mas sua verdadeira intenção era fazer aquele velho jogo do lembra-quando-a-gente-foi-em-tal-lugar?"

"Uma celebração dos velhos tempos", murmurei, sentindo-me feliz por não ter conseguido ouvir os cochichos de Gideon e sua ex.

"Isso." Magdalene respirou fundo. "Você foi embora porque pensou que ele estava te ignorando. Só queria que você soubesse que ele estava tentando impedir que Corinne te magoasse."

"E por que você faria isso?"

"Não sou exatamente boazinha, mas me sinto em dívida com você, pela maneira como me comportei daquela vez."

Parei um pouco para pensar a respeito. Ela de fato tinha uma dívida comigo, por ter me seguido até o banheiro e dito um monte de besteiras típicas de mulher ciumenta e invejosa. Não que eu acreditasse que aquela era sua única motivação. Talvez eu fosse a opção menos desagradável entre as duas que se desenhavam no horizonte. Talvez ela gostasse de

manter os inimigos sempre por perto. “Certo. Obrigada.”

Não havia como negar que eu estava me sentindo melhor. Um peso do qual eu nem me dava conta de que estava carregando havia sido removido dos meus ombros.

“Só mais uma coisa”, continuou Magdalene. “Ele foi atrás de você.”

Segurei o telefone com ainda mais força. Gideon sempre ia atrás de mim… porque eu estava sempre fugindo. Meu equilíbrio psicológico era algo tão frágil que aprendi que deveria mantê-lo a qualquer custo. Quando algo ameaçava minha estabilidade emocional, eu dava no pé.

“Outras mulheres já tentaram esse tipo de ultimato antes, Eva. Ficaram entediadas, ou queriam uma demonstração grandiosa da parte dele… Viraram as costas e saíram andando, esperando que ele fosse atrás. Sabe o que ele fez?”

“Nada”, respondi sem me alterar, sabendo com quem estava lidando: um homem que nunca interagia socialmente com mulheres com quem transava e que não transava com as mulheres com quem interagia socialmente. Corinne e eu éramos a única exceção a essa regra, mais um motivo para eu morrer de ciúmes dela.

“Nada além de mandar Angus levá-las para casa em segurança”, confirmou Magdalene, fazendo-me pensar que ela também já havia tentado essa tática em algum momento. “Mas, quando você saiu, ele não teve tempo de te alcançar. E, quando veio se despedir, ele estava muito estranho. Parecia… fora de si.”

Porque ele estava com medo. Fechei os olhos enquanto me punia mentalmente.

Gideon já havia me dito mais de uma vez que ficava apavorado quando eu fugia, porque não suportava a ideia de nunca mais me ver. De que adiantava dizer que não conseguia me imaginar vivendo sem ele quando minhas ações mostravam o contrário? Não era à toa que ele ainda não tinha conseguido se abrir comigo sobre seu passado.

Eu precisava parar de fugir. Gideon e eu teríamos que segurar a barra — por *nós* — se quiséssemos que nosso relacionamento desse certo.

“E agora estou em dívida com você, é isso?”, perguntei sem nenhuma emoção na voz, acenando para Mark, que saía para o almoço.

Magdalene soltou um suspiro. “Gideon e eu nos conhecemos há muito tempo. Nossas mães são muito amigas. Eu e você vamos nos encontrar o tempo todo, Eva, e precisamos arrumar um jeito para que isso aconteça sem nenhum constrangimento.”

Aquela mulher tinha ido atrás de mim no banheiro e dito sem cerimônias que, assim que Gideon *enfiasse o pau* em mim, nossa relação estaria acabada. E isso em um momento

em que eu me sentia particularmente vulnerável.

“Escuta só, Magdalene, se você parar com esse drama, vai ficar tudo bem.” E, aproveitando a sinceridade dela… “Sou capaz de arruinar meu relacionamento com Gideon sozinha, pode acreditar. Não preciso de ajuda pra isso.”

Ela deu uma risadinha amena. “Foi o que eu fiz. Fui cuidadosa e acomodada demais. Mas agora é entre vocês dois. Enfim… já ocupei você por bem mais de um minuto. Vou desligar.”

“Bom fim de semana”, eu disse, em vez de agradecer. Ainda não confiava nas boas intenções dela.

“Pra você também.”

Quando pus o telefone no gancho, bati o olho nas minhas fotos com Gideon. De repente, senti-me dominada por uma sensação de paixão e desejo. Ele era meu, ainda que eu não soubesse até quando isso duraria. E a ideia de que terminaria nos braços de outra mulher me deixava maluca.

Abri a gaveta e procurei meu celular dentro da bolsa. Motivada pela vontade de fazê-lo pensar em mim com a mesma intensidade, escrevi uma mensagem sobre minha súbita vontade de devorá-lo inteiro: Daria qualquer coisa pra estar chupando seu pau agora.

Pensei na expressão no rosto dele quando eu o chupava… nos ruídos ferozes que fazia quando estava prestes a gozar…

Então levantei, confirmei que a mensagem havia sido enviada e a apaguei, depois joguei o telefone de volta na bolsa. Como estava na hora do almoço, fechei todas as janelas do computador e fui até a recepção encontrar Megumi.

“O que você quer comer?”, ela perguntou enquanto levantava, dando-me a chance de admirar seu lindo vestidinho lavanda sem mangas.

Fiquei meio sem graça, porque a pergunta fez com que eu lembrasse da mensagem que tinha acabado de mandar. “Você que sabe. Eu como de tudo.”

Passamos pela porta de vidro a caminho do elevador.

“Mal posso esperar pelo fim de semana”, disse Megumi com um suspiro ao apertar o botão com a unha postiça do dedo indicador. “Só falta um dia e meio.”

“E quais são seus planos?”

“Isso eu ainda não sei.” Ela suspirou e prendeu o cabelo atrás da orelha. “Vou sair com um cara que nem conheço”, ela explicou, meio sem jeito.

“Ah. E você confia na pessoa que marcou o encontro?”

“É a menina que mora comigo. Espero que ele seja no mínimo bonitinho, porque sei onde ela vive e sou bem vingativa.”

Eu ainda estava rindo quando o elevador chegou e nós entramos. “Bom, isso dá uma boa margem de segurança para você.”

“Nem tanto. Ela também conheceu esse cara num encontro às cegas. Jura que ele é legal, só não faz o tipo dela.”

“Humm…”

“Então!” Megumi balançou a cabeça e olhou para o mostrador em estilo antigo que indicava a passagem do elevador pelos andares.

“Depois me conte como foi.”

“Pode deixar. Me deseje sorte.”

“Claro.” Tínhamos acabado de chegar ao saguão quando senti minha bolsa vibrar debaixo do braço. Depois de passar pela catraca, peguei o celular e senti um frio na barriga ao ver o nome de Gideon na tela. Ele resolveu me ligar em vez de responder com um torpedo erótico.

“Me dê uma licencinha”, eu disse para Megumi antes de atender.

Ela acenou com a mão como se não se importasse. “Fique à vontade.”

“Oiê”, atendi, toda simpática.

“*Eva.*”

Quase tomei um tombo ao ouvi-lo falar naquele tom. Havia uma promessa generosa de impetuosidade em sua voz.

Fui andando mais devagar e me dei conta de que estava sem palavras só de ouvi-lo dizer meu nome com a intensidade que eu tanto desejava — um toque de ansiedade que demonstrava que aquilo que ele mais queria no mundo naquele momento era estar dentro de mim.

Cercada pela multidão que entrava e saía do edifício, fiquei parada espreitando o silêncio angustiante do outro lado da linha. Era um pedido silencioso e quase irresistível. Ele não fazia nenhum ruído. Eu não conseguia escutar nem sua respiração, mas era capaz de sentir seu desejo. Se Megumi não estivesse esperando pacientemente por mim, eu entraria no elevador e iria até o último andar sem pensar duas vezes para obedecer ao comando silencioso para que eu cumprisse a expectativa que havia gerado.

A lembrança da vez em que o chupei no escritório tomou conta de mim e me deixou com água na boca. Eu engoli antes de responder. “Gideon…”

“Você queria minha atenção… e conseguiu. Quero ouvir você dizer essas palavras.”

Meu rosto ficou vermelho. “Não posso. Agora não. Te ligo mais tarde.”

“Se esconde atrás do pilar.”

Surpresa, olhei ao redor à procura dele. Depois lembrei que Gideon estava ligando do escritório. Percorri o saguão com os olhos em busca das câmeras de segurança. Imediatamente, senti seus olhos sobre mim, brilhando de tesão. Fiquei toda excitada, pulsando de desejo.

“Rápido, meu anjo. Sua amiga está esperando.”

Escondi-me atrás de uma coluna, respirando profundamente.

“Agora fala. Sua mensagem me deixou de pau duro, Eva. O que você vai fazer a respeito?”

Levei a mão à garganta, procurando desesperadamente por Megumi, que me olhava com um olhar de surpresa no rosto. Levantei o dedo pedindo mais um minutinho, depois virei de costas para ela e sussurrei: “Quero chupar você”.

“Pra quê? Só pra mexer comigo? Pra me provocar, como você está fazendo agora?” Não havia ardor em sua voz, apenas uma severidade controlada.

Eu sabia que precisava levar a sério as necessidades sexuais de Gideon.

“Não.” Levantei o rosto para a abóboda no teto que escondia a câmera de segurança mais próxima. “Pra fazer você gozar. Adoro fazer você gozar, Gideon.”

Ele expirou com força. “Um agrado, então.”

Só eu sabia o que significava para Gideon considerar o ato sexual um agrado. Para ele, o sexo sempre tinha significado dor e degradação, luxúria ou necessidade. Comigo, porém, envolvia prazer e amor. “Isso.”

“Que ótimo. Porque pra mim você é preciosa, Eva, e nossa relação também. Mesmo essa necessidade de foder o tempo todo é inestimável pra mim, porque envolve sentimento.”

Apoiei todo o meu peso à coluna, admitindo para mim mesma que havia voltado a incorrer em um velho e destrutivo hábito — usar o sexo para tirar o foco de minhas inseguranças. Se Gideon estivesse babando de tesão por mim, não estaria perseguindo outra. Como ele conseguia me entender tão bem?

“Sim”, suspirei, fechando os olhos. “Envolve sentimento.”

Houve um tempo em que eu recorria ao sexo em busca de afeto, confundia um desejo momentâneo com um envolvimento verdadeiro. Por isso passei a insistir em estabelecer alguma intimidade antes de dormir com um homem. Nunca mais queria sair da cama de alguém me sentindo suja e sem valor.

E eu tinha certeza de que não queria banalizar o que estava vivendo com Gideon só por causa de um medo irracional de perdê-lo.

Quando me dei conta disso, perdi o equilíbrio. Senti meu estômago embrulhar, uma sensação de que algo terrível ia acontecer.

“Você pode ter o que quiser depois do trabalho, meu anjo.” Seu tom de voz se tornou mais grave, mais áspero. “Enquanto isso, tenha um bom almoço com sua amiga. Vou estar pensando em você. E na sua boca.”

“Eu te amo, Gideon.”

Precisei respirar fundo e me recompor antes de me juntar de novo a Megumi. “Desculpe.”

“Está tudo bem?”

“Está, sim.”

“Continua tudo bem entre você e Gideon Cross?” Ela me olhou com um sorrisinho no rosto.

“Humm…” *E como.* “Não tenho do que reclamar.” Eu queria muito poder falar sobre o assunto. Queria ser capaz de me destravar e confessar tudo o que sentia por ele. De dizer que pensava nele o tempo todo, que enlouquecia ao seu toque, que sentir o quanto ele sofria me dilacerava.

Mas eu não podia. De jeito nenhum. Ele era visado demais, conhecido demais. Fofocas sobre sua vida particular valiam uma fortuna. Não podia me arriscar.

“Não tem do que reclamar mesmo”, concordou Megumi. “Ele é tudo. Você já o conhecia antes de vir trabalhar aqui?”

“Não. Mas talvez a gente tenha se esbarrado antes.” Por causa do nosso passado em comum. Minha mãe colaborava com muitas entidades de apoio a crianças vítimas de abuso, assim como Gideon. Era muito provável que um tenha cruzado o caminho do outro em algum momento. Imagino como teria sido esse encontro — ele com alguma morena deslumbrante e eu com Cary. Será que à distância teríamos sentido o mesmo tipo de atração visceral um pelo outro que ocorrera no ambiente mais íntimo do saguão do

Crossfire?

Ele me desejou desde o primeiro momento em que me viu na rua.

“Imaginei.” Megumi atravessou a porta giratória do saguão. “Li que as coisas estão ficando sérias entre vocês dois”, ela disse quando cheguei à calçada. “Então achei que já se conhecessem há mais tempo.”

“Não acredite em tudo que sai nesses sites de fofoca.”

“Então a coisa não é tão séria assim?”

“Eu não diria isso.” As coisas eram sérias até *demais* às vezes. Brutalmente sérias. Dolorosamente sérias.

Ela balançou a cabeça. “Opa. Acho que estou sendo muito enxerida. Desculpe. Tenho um fraco por uma fofoquinha. E por homens maravilhosos como Gideon Cross. Nem consigo imaginar como é sair com alguém que exala tanta energia sexual. Só me diz se ele é bom de cama, vai.”

Sorri. Como era bom poder conversar com uma garota. Não que Cary não soubesse apreciar o valor de um cara gostoso, mas não havia nada como um bom papo entre duas mulheres. “Não tenho do que reclamar.”

“Sua sortuda!” Ela bateu o ombro no meu, para mostrar que estava brincando, e completou: “E aquele seu colega de apartamento? Pelas fotos que vi, é um gato. Ele é solteiro? Não quer me apresentar?”.

Eu me virei para ela e encolhi os ombros. Aprendi do jeito mais difícil que era melhor nem tentar incentivar uma relação entre Cary e um amigo ou conhecido meu. Era fácil demais se apaixonar por ele, o que levava a muitos corações partidos, já que Cary não era capaz de se entregar da mesma forma. “Nem sei se ele está solteiro ou não. As coisas estão meio… complicadas no momento.”

“Bom, se surgir uma oportunidade, eu não me oponho. Mas foi só um comentário. Você gosta de taco?”

“Adoro.”

“Conheço um lugar ótimo a uns dois quarteirões daqui. Vamos lá.”

Eu estava me sentindo ótima ao voltar do almoço com Megumi. Quarenta minutos de fofocas, comentários sobre os caras que cruzavam nosso caminho e três excelentes tacos

de carne assada eram o que eu precisava para renovar o ânimo. E ainda estávamos voltando dez minutos mais cedo, o que era ótimo, porque eu não estava sendo muito pontual nos últimos dias, apesar de Mark nunca ter reclamado.

A cidade pulsava ao nosso redor — táxis e pessoas indo e vindo em meio ao calor e à umidade, sempre com pressa, para dar conta das tarefas irrealizáveis do dia a dia. Eu observava toda aquela gente sem o menor pudor, atenta a tudo e a todos.

Homens de terno caminhavam lado a lado com moças de vestido florido e rasteirinha. Mulheres em terninhos de alta-costura e sapatos de quinhentos dólares abriam caminho entre vendedores de cachorro-quente e camelôs. O ambiente eclético de Nova York era o paraíso para mim. Ali, eu me sentia mais viva e energizada do que em qualquer outro lugar em que tenha morado.

Estávamos esperando para atravessar a rua no semáforo em frente ao Crossfire quando meu olhar foi imediatamente atraído pelo Bentley estacionado no meio-fio. Gideon devia ter acabado de chegar do almoço. Instintivamente, comecei a pensar nele sentado em seu carro no dia em que nos conhecemos, observando-me enquanto eu absorvia a beleza imponente daquele prédio. Fiquei trêmula só de imaginar…

Foi quando meu sangue gelou.

Uma morena estonteante saiu pela porta giratória e se deteve, permitindo que eu a enxergasse direitinho — o modelo de mulher ideal para Gideon, conscientemente ou não. Era a mulher que tinha monopolizado sua atenção quando apareceu no evento do Waldorf-Astoria. Uma mulher que, pela autoconfiança e influência que exercia sobre Gideon, despertava minhas inseguranças mais profundas.

Corinne Giroux parecia poderosa e confiante em seu vestido creme e seus sapatos cereja de salto. Ela alisou com uma das mãos seus longos cabelos escuros, que não pareciam tão perfeitos como na noite anterior. Na verdade, estavam até um tanto desalinhados. Depois passou os dedos em torno da boca, como se estivesse limpando os lábios.

Saquei meu telefone, liguei a câmera e tirei uma foto. Com a aproximação do zoom, pude ver que ela estava retocando o batom, que estava meio borrado. Na verdade, completamente borrado. Como depois de um beijo apaixonado.

O semáforo ficou verde. Megumi e eu seguimos a multidão, chegando cada vez mais perto da mulher com quem no passado Gideon prometera se casar. Angus desceu do Bentley, foi até ela e disse algumas poucas palavras antes de abrir a porta para que entrasse. A sensação de estar sendo traída — por Angus e por Gideon — era tão intensa que perdi o ar. Minhas pernas fraquejaram.

“Ei!” Megumi me pegou pelo braço e me ajudou a me equilibrar. “Aquelas margaritas nem tinham álcool! Que fracote!”

Vi a silhueta elegante de Corinne se instalar no assento traseiro do carro de Gideon com uma elegância toda ensaiada. Cerrei os punhos, e a raiva tomou conta de mim. Com os olhos nublados pelas lágrimas de ódio, vi o Bentley se afastar do meio-fio e desaparecer na cidade.

3

Quando Megumi e eu entramos no elevador, apertei o botão do último andar.

“Se alguém perguntar, volto em cinco minutos”, avisei quando ela entrou no hall da Waters Field & Leaman.

“Dá um beijo nele por mim, tá bom?”, ela disse enquanto fingia se abanar com as mãos. “Fico com calor só de pensar em como reagiria no seu lugar.”

Consegui abrir um sorrisinho antes que as portas se fechassem e o elevador continuasse a subir. Quando chegou ao último andar, dei um passo à frente e me vi em um hall com uma decoração de muito bom gosto, inegavelmente masculina. Nas paredes de vidro opaco lia-se a inscrição INDÚSTRIAS cross, uma visão amenizada pela presença de vasos de samambaias e lírios.

A recepcionista de Gideon, uma ruivinha que não costumava ser muito simpática comigo, liberou o acesso antes que eu chegasse à porta e deu um sorriso amarelo que me irritou ainda mais. Sempre tive a impressão de que ela não gostava de mim, então não acreditei na sinceridade daquele sorriso nem por um segundo. Ainda assim, acenei e disse “oi”. Afinal, eu não fazia o tipo barraqueira — a não ser que tivesse um bom motivo para isso.

Entrei no longo corredor que levava ao escritório de Gideon, passando antes por uma segunda recepção, onde Scott, seu secretário, controlava o acesso à sua sala.

Ele ficou de pé quando cheguei. “Oi, Eva”, cumprimentou, já apanhando o telefone. “Vou avisar que está aqui.”

A parede de vidro que separava o escritório de Gideon do restante do andar era transparente, mas ele podia torná-la opaca ao toque de um botão. Naquele momento estava assim, o que fez crescer ainda mais minha inquietação. “Ele está sozinho?”

“Sim, mas…”

Parei de prestar atenção ao que ele dizia quando atravessei a porta de vidro e adentrei os domínios de Gideon. Era uma sala enorme, com três ambientes diferentes, cada um deles maior que o escritório inteiro do meu chefe. Ao contrário de seu apartamento, que tinha uma elegância aconchegante, seu escritório era decorado com uma paleta de cores frias — preto, cinza e branco —, quebrada apenas pela presença dos decanters de cristal colorido

que decoravam a parede atrás do balcão do bar.

Pelas janelas que ocupavam três das quatro paredes, era possível ver os dois lados da cidade. A única parede sólida ficava atrás de sua enorme mesa, e era coberta de monitores sintonizados em canais de notícias do mundo inteiro.

Percorri a sala com os olhos e encontrei uma almofada caída no chão. Além disso, havia rugas no tapete, o que mostrava que o sofá havia sido deslocado de seu local de costume — na verdade, parecia ter sido arrastado aos solavancos.

Meu coração acelerou, e senti minhas mãos começarem a suar. A terrível ansiedade que vinha sentindo até então se intensificou.

Só percebi que a porta do banheiro estava aberta quando Gideon apareceu, deixando-me sem fôlego com a beleza de seu tronco nu. Seus cabelos estavam molhados, como se tivesse acabado de sair do chuveiro, e seu pescoço e seu peito estavam vermelhos, o que indicava que ele havia feito uma boa dose de esforço físico.

Gideon ficou paralisado quando me viu, e seu olhar perdeu o brilho por um instante enquanto assumia a expressão perfeita e implacável que costumava demonstrar em público.

“Não é uma boa hora, Eva”, ele disse, vestindo a camisa que estava pendurada em uma banqueta do bar… uma camisa diferente daquela que tinha vestido de manhã. “Estou atrasado pra uma reunião.”

Agarrei minha bolsa com força. Ser exposta a seu corpo me fez lembrar do tamanho do meu desejo por ele. Eu o amava enlouquecidamente, precisava da sua companhia como precisava respirar… o que tornava mais fácil entender como Magdalene e Corinne se sentiam, e perceber que fariam qualquer coisa para tirá-lo de mim. “Por que você não está vestido?”

Não havia como evitar aquela pergunta. Meu corpo reagia instintivamente à visão, o que tornava ainda mais difícil conter minhas emoções. Sua camisa aberta e bem passada revelava a pele dourada que revestia seu abdome musculoso e seu peitoral perfeitamente definido. Os pelos de seu peito estreitavam à medida que desciam pelo corpo, indicando o caminho para seu pau, que naquele momento estava escondido debaixo da calça e da cueca boxer. Só de pensar nele dentro de mim, fiquei louca de vontade.

“Sujei a camisa.” Gideon começou a se recompor, e vi seu abdome se flexionar enquanto ele se inclinava sobre o balcão do bar, onde estavam suas abotoaduras. “Preciso ir. Se precisar de alguma coisa, fale com Scott que ele resolve. Ou então espere até eu voltar. Não devo demorar mais de duas horas.”

“Por que você está atrasado?”

Ele não olhou para mim para responder: “Tive que marcar uma reunião de última hora”.

Como assim? “Você tomou banho de manhã.” *Depois de fazer amor comigo durante uma hora.* “Por que precisou tomar outro?”

“Por que o interrogatório?”, ele reagiu.

Eu precisava de respostas, então fui até o banheiro. A umidade lá dentro era opressiva. Ignorando a voz na minha cabeça dizendo para não buscar problemas com os quais não seria capaz de lidar, procurei sua camisa no cesto de roupas sujas… e vi o batom vermelho estampado como uma mancha de sangue em um dos punhos. Senti uma dor opressiva no peito.

Larguei a camisa no chão, dei meia-volta e saí. Precisava ficar o mais longe possível de Gideon. Antes que eu vomitasse ou começasse a chorar.

“Eva!”, ele gritou quando passei por ele. “O que foi que deu em você?”

“Vai se foder, seu filho da puta.”

“Como é?”

Minha mão já estava na maçaneta da porta quando ele me alcançou e me puxou pelo cotovelo. Eu me virei e dei um tapa na cara dele com força suficiente para virar sua cabeça e deixar a palma da minha mão ardendo.

“Puta que o pariu”, ele grunhiu antes de me agarrar pelos braços e começar a me sacudir. “Nunca mais faça isso!”

“Tira a mão de mim!” A sensação do toque de suas mãos na minha pele era mais do que eu podia suportar.

Ele deu alguns passos para trás e se afastou. “Que porra é essa?”

“Eu vi que ela estava aqui, Gideon.”

“Quem estava aqui?”

“Corinne!”

Ele franziu a testa. “Do que você está falando?”

Saquei meu celular e esfreguei a foto na cara dele. “Tenho provas.”

Os olhos de Gideon se estreitaram quando ele viu o que estava na tela, e sua testa voltou ao normal. “Provas de que, exatamente?”, ele perguntou com calma até demais.

“Ah, vai à merda.” Eu me virei para a porta e joguei o telefone dentro da bolsa. “Não

vou te dar essa satisfação.”

Ele espalmou a mão contra o vidro, mantendo a porta fechada, cercou-me com o corpo e se agachou para murmurar no meu ouvido. “Vai, sim. Você vai me dizer exatamente o que está acontecendo.”

Fechei os olhos e me dei conta de que aquela posição me lembrava da primeira vez em que estivera ali. Ele me encurralara daquela mesma maneira, seduzindo-me com maestria, o que nos levara a uma sessão de beijos apaixonados naquele mesmo sofá que estava fora de sua posição habitual.

“Uma imagem não vale mais do que mil palavras?”, eu disse entre os dentes.

“Então quer dizer que Corinne andou beijando alguém. O que isso tem a ver comigo?”

“Você está de brincadeira? Me deixa sair.”

“Não estou achando a menor graça nisso. Na verdade, nunca fiquei tão puto com uma mulher antes. Você chega aqui fazendo um monte de acusações sem pé nem cabeça, sem a menor razão…”

“Com *toda* a razão!” Eu me virei e me agachei para passar debaixo do braço dele, estabelecendo uma distância entre nós. Ficar perto dele era doloroso demais. “Eu nunca trairia você! Se quisesse trepar com outras pessoas, terminaria primeiro!”

Gideon se apoiou na porta e cruzou os braços. Sua camisa estava para fora da calça, aberta no colarinho. O visual era tentador, o que só me deixou ainda mais irada.

“Você está achando que eu te traí?”, ele perguntou num tom de voz duro e implacável.

Respirei profundamente para conseguir suportar o sofrimento que senti ao imaginar Corinne naquele sofá. “O que ela estava fazendo no Crossfire pra sair naquele estado? E por que seu escritório está nesse estado? E por que *você* está nesse estado?”

Ele olhou para o sofá, para a almofada no chão e depois para mim. “Não sei por que Corinne estava aqui, nem por que saiu naquele estado. Não falo com ela desde ontem à noite, quando você estava comigo.”

Aquela noite parecia distante na minha memória. Queria que tudo aquilo nunca tivesse acontecido.

“Mas você não estava comigo”, argumentei. “Ela fez um charminho e disse que queria te apresentar para alguém, e você me largou lá sozinha.”

“Ai, meu Deus.” Os olhos dele faiscavam. “Vai começar tudo de novo.”

Enxuguei com raiva uma lágrima que deslizou por meu rosto.

Ele bufou. “Você acha que fui com ela porque sou incapaz de resistir e estava morrendo de vontade de me livrar de você?”

“Não sei, Gideon. Foi você que me deu as costas. Você é que precisa dizer.”

“Você me deu as costas primeiro.”

Fiquei boquiaberta. “Eu não!”

“Não o cacete. Assim que a gente chegou, você sumiu. Tive que ficar te procurando feito um idiota. Quando encontrei, você estava dançando com aquele imbecil.”

“Martin é sobrinho de Stanton!” Como Richard Stanton era meu padrasto, eu considerava Martin um membro da família.

“Nem que ele fosse um padre. Ele quer comer você.”

“Ai, meu Deus. Que absurdo! Pode parar de mudar de assunto. Você estava falando de negócios com seus sócios. Eu estava totalmente perdida ali.”

“Perdida ou não, seu lugar é do meu lado.”

Joguei a cabeça para o lado como se ele tivesse me batido. “Como é que é?”

“Como você se sentiria se no meio de um evento da Waters Field & Leaman eu desaparecesse só porque o tema da conversa era uma campanha publicitária? E, quando me encontrasse, eu estivesse dançando agarradinho com Magdalene?”

“Eu…” *Hummm.*.. Eu não tinha pensado daquela forma.

Gideon parecia tranquilo e inabalável com seu corpo imponente encostado à porta, mas dava para sentir a raiva pulsando sob aquela superfície impassível. Ele estava sempre inquieto, e ainda mais quando fervilhava de paixão. “Meu lugar é ao seu lado, apoiando você, e às vezes só servindo de enfeite mesmo. É um direito, um dever e um privilégio, Eva, e o mesmo vale pra você.”

“Pensei que estava fazendo um favor deixando você sozinho.”

Ele se limitou a arquear sarcasticamente as sobrancelhas em resposta.

Cruzei os braços. “É por isso que você saiu de braço dado com Corinne? Pra me castigar?”

“Se eu quisesse castigar você, Eva, daria uns bons tapas na sua bunda.”

Estreitei os olhos. *Nem pensar.*

“Sei o que você está pensando”, ele disse, curto e grosso. “Não queria que você ficasse com ciúmes de Corinne antes que pudesse me explicar. Precisava ter certeza de que ela

soubesse que a coisa entre nós é séria, e que eu gostaria muito que você tivesse uma noite agradável. Só por isso fui falar com ela."

"Você pediu pra ela não dizer nada sobre a história de vocês, né? Pra não demonstrar nenhuma intimidade. Pena que Magdalene estragou tudo."

Talvez tenha sido justamente isso que Corinne e Magdalene tinham planejado. Corinne conhecia Gideon bem o suficiente para antecipar suas reações; não teria sido muito difícil prever como ele se comportaria ao vê-la aparecer inesperadamente em Nova York.

Isso lançou uma nova luz sobre o que Magdalene havia dito ao telefone pouco antes. Ela e Corinne estavam conversando no Waldorf quando Gideon e eu as vimos. Duas mulheres que queriam um homem que estava com uma terceira. Nada poderia acontecer enquanto eu estivesse na jogada, e por isso não dava para descartar a hipótese de que estivessem trabalhando juntas.

"Eu queria que você ouvisse tudo da minha boca", ele disse, resoluto.

Resolvi deixar esse assunto de lado e me concentrar no que estava acontecendo no momento. "Acabei de ver Corinne entrar no seu carro, Gideon. Pouco antes de subir aqui."

Ele fez uma expressão de surpresa. "É mesmo?"

"É. Você pode me explicar isso?"

"Não, não posso."

A mágoa e a raiva tomaram conta de mim. Não suportava mais olhar para ele. "Então sai da minha frente. Preciso voltar ao trabalho."

Ele não se moveu. "Queria esclarecer uma coisa antes: você acha mesmo que eu trepei com ela?"

Ouvi-lo dizer aquilo me deixou arrepiada. "Não sei no que acreditar. As provas mostram que…"

"Não interessa se as supostas provas incluírem uma imagem de nós dois pelados na cama." Ele desencostou da porta e foi chegando mais perto com tamanha naturalidade que dei um passo atrás, surpresa. "Quero saber se você *acha* que trepei com ela. Se acha que eu faria isso. Que eu seria capaz. Você acha?"

Comecei a bater o pé no chão, mas não recuei nem mais um passo. "Explique por que sua camisa está manchada de batom, Gideon."

Ele cerrou os dentes. "Não."

"Quê?" Aquela recusa tão convicta me deixou sem reação.

“Responda minha pergunta.”

Observei bem seu rosto e o que vi foi a máscara à qual ele recorria quando estava em público, mas que até então nunca havia usado comigo. Gideon estendeu a mão como se fosse acariciar meu queixo com os dedos, mas desistiu no último momento. Naquele exato instante ouvi seus dentes rangerem, como se ele estivesse fazendo um grande esforço para *não* me tocar. Sofrendo como eu estava, fiquei aliviada por isso.

“*Preciso* que você me explique”, sussurrei, enquanto me perguntava se tinha visto mesmo uma expressão de desespero aparecer em seu rosto. Às vezes eu fazia tanta força para acreditar em algo que acabava me agarrando a qualquer coisa para ignorar a dolorosa realidade.

“Nunca dei motivo pra você duvidar de mim.”

“Está dando agora, Gideon.” Soltei o ar com força, desanimada. Derrotada. Ele estava bem na minha frente, mas era como se estivéssemos a quilômetros de distância. “Entendo que você precise de um tempo pra conseguir se abrir completamente comigo e abordar coisas que são dolorosas. Também já me senti assim, sabendo que precisava contar o que havia acontecido comigo, mas sem me sentir pronta. É por isso que tento não apressar nada e nem arrancar nada de você. Mas o problema é que seu segredo está me *magoando*, e isso muda tudo. Você não entende?”

Soltando um palavrão bem baixinho, ele segurou meu rosto com as mãos frias. “Faço de tudo pra que você não tenha motivos pra ter ciúmes, mas gosto quando isso acontece. Gosto que lute por mim. Gosto que se importe comigo a esse ponto. Quero que seja louca por mim. Mas possessividade sem confiança é sinônimo de inferno. Se não confia em mim, não temos por que ficar juntos.”

“A confiança não é uma via de mão única, Gideon.”

Ele respirou fundo. “Não me olhe assim.”

“Estou tentando descobrir quem você é. Onde está aquele homem que disse sem mais nem menos que queria me comer? O homem que não hesitou em dizer que não desistiria de mim quando as coisas ficaram ruins entre nós? Pensei que você fosse sempre assim sincero. Estava contando com isso. Agora…” O nó na minha garganta não permitiu que eu dissesse mais nada.

Ele estreitou os lábios, mas ficou em silêncio.

Agarrei seus punhos e tirei suas mãos de cima de mim. Eu estava desmoronando por dentro. “Não vou fugir desta vez, não precisa vir atrás de mim. Acho que você precisa pensar um pouco.”

Saí da sala. Gideon não me impediu.

Passei o resto da tarde concentrada no trabalho. Mark adorava verbalizar suas ideias, o que para mim era uma ótima forma de aprendizado, e a maneira confiante e amigável como ele lidava com seus clientes era inspiradora. Eu o acompanhei em duas reuniões, nas quais ele conseguiu se impor de uma maneira absolutamente natural e nem um pouco ameaçadora.

Depois partimos para uma análise das necessidades de uma fabricante de brinquedos para bebês, procurando cortar gastos com pouco retorno e tentando encontrar caminhos ainda não explorados, como anúncios em blogs sobre maternidade. Fiquei feliz por meu trabalho ser capaz de desviar o foco da minha vida pessoal, e estava ansiosa para chegar logo a hora da minha aula de krav maga, para poder liberar uma parte daquela agressividade reprimida.

Pouco depois das quatro, o telefone da minha mesa tocou. Atendi sem demora e senti meu coração disparar ao ouvir a voz de Gideon.

“A gente precisa sair às cinco em ponto”, ele disse, “pra chegar ao consultório do doutor Petersen na hora marcada.”

“Ah, é.” Eu tinha esquecido que nossas sessões de terapia de casal eram às quintas, às seis da tarde. Aquela seria a primeira.

Eu me perguntei se não seria também a última.

“Passo aí”, ele continuou em um tom bem seco, “quando chegar a hora.”

Suspirei. Estava cansada. Já bastava todo o desgaste da nossa briga. “Desculpe ter batido em você. Eu não devia ter feito aquilo. Sinto muito.”

“Meu anjo…” Gideon bufou. “A única pergunta que interessa você não fez.”

Fechei os olhos. O fato de ele sempre saber o que se passava na minha cabeça era bem irritante. “Enfim, isso não muda o fato de você estar guardando segredos.”

“Com segredos a gente consegue lidar; com traição, não.”

Esfreguei a testa, sentindo uma dor de cabeça repentina. “Isso é verdade.”

“Você é a única pra mim, Eva.” Sua voz parecia firme e resoluta.

Senti um tremor pelo corpo ao notar a fúria latente em suas palavras. Ele ainda estava furioso por ter sua fidelidade questionada. Mas eu também estava furiosa. “Espero você às

cinco.”

Ele foi pontual, como sempre. Enquanto punha meu computador em modo de espera e pegava minhas coisas, Gideon conversava com Mark a respeito da campanha publicitária da vodca Kingsman. Eu o espiava de vez em quando. Gideon tinha uma postura imponente, com seu terno escuro e uma silhueta magra e musculosa, e projetava uma imagem de tranquilidade imperturbável, apesar de eu já tê-lo visto em momentos de muita vulnerabilidade.

O homem por quem eu estava apaixonada era aquele, carinhoso e profundamente emotivo. O que eu detestava era aquela fachada, suas tentativas de se esconder de mim.

Ele se virou e viu que eu o estava observando. Consegui encontrar vestígios do meu amado Gideon em seus olhos azuis, que por um momento transmitiram um apelo de desejo incontrolável. Em um instante, porém, sua máscara de frieza reapareceu. “Está pronta?”

Era mais do que óbvio que ele estava escondendo alguma coisa, e o fato de haver tamanha distância entre nós era insuportável. Em determinados pontos, ele não confiava em mim.

Quando passamos pela recepção, Megumi apoiou o queixo na mão e soltou um suspiro dramático.

“Ela está gamadinha em você, Cross”, murmurei enquanto saíamos e ele chamava o elevador.

“Até parece”, ele esnobou. “O que ela sabe sobre mim?”

“Fiquei fazendo essa pergunta a mim mesma hoje o dia todo”, respondi em voz baixa.

Dessa vez, tive certeza de que ele sentiu o golpe.

O dr. Lyle Petersen era um homem alto, com cabelos grisalhos bem cortados e olhos azuis ao mesmo tempo amistosos e incisivos. Seu consultório era decorado com muito bom gosto, em tons neutros, e a mobília era extremamente confortável, algo que eu fazia questão de notar toda vez que ia até lá. Ainda não estava acostumada com a ideia de que ele era *meu* terapeuta. Meu contato com ele se dava apenas através da minha mãe, que era sua paciente fazia uns dois anos.

O dr. Petersen se instalou em sua poltrona de costas altas diante do sofá em que Gideon e eu nos sentamos. Seu olhar afiado se alternou entre nós dois, certamente notando que

estávamos mantendo certa distância e adotando uma postura defensiva. No trajeto de carro até lá havíamos nos comportado da mesma maneira.

Ele abriu a capa protetora de seu tablet, apanhou a caneta e perguntou: “Vamos começar falando da causa dessa tensão entre vocês?”.

Esperei um pouco para dar a Gideon a chance de falar primeiro, mas não me surpreendi ao constatar que ele não tomaria a iniciativa. “Bom, nas últimas vinte e quatro horas conheci a noiva que nem sabia que Gideon tinha…”

“Ex-noiva”, ele rugiu.

“… descobri que ele só namorava morenas por causa dela…”

“Não era namoro.”

“… e a vi saindo do escritório dele nesse estado…”, completei, sacando o celular.

“Ela estava saindo do prédio”, Gideon fez questão de dizer, “não do meu escritório.”

Abri a fotografia que tinha tirado e entreguei o telefone para o dr. Petersen. “E entrando no *seu* carro, Gideon!”

“Angus disse no caminho pra cá que ofereceu uma carona pra ela por educação.”

“Como se ele fosse dizer outra coisa!”, rebati. “Ele é seu motorista desde que você era criança. Claro que ia te acobertar.”

“Ah, então a coisa agora virou uma conspiração?”

“O que ele estava fazendo lá, então?”, eu o desafiei.

“Era horário de almoço.”

“E onde você foi almoçar? Posso conferir se você estava lá e ela não, e a gente resolve de vez esse assunto.”

Gideon cerrou os dentes. “Eu já disse. Apareceu um compromisso de última hora. Acabei não indo almoçar.”

“Esse compromisso era com quem?”

“Não era com Corinne.”

“Isso não é resposta!” Eu me virei para o dr. Petersen, que devolveu meu telefone com toda a tranquilidade do mundo. “Subi até o escritório dele pra perguntar o que estava acontecendo e o encontrei saindo do chuveiro, quase sem roupa, com o sofá fora do lugar e almofadas jogadas no chão…”

“Era só uma almofada!”

“E havia uma mancha de batom vermelho na camisa dele.”

“O edifício Crossfire é sede de mais de vinte empresas”, Gideon disse com frieza. “Ela pode ter ido visitar qualquer uma delas.”

“Ah, sim”, respondi num tom carregado de sarcasmo. “Claro.”

“Não teria sido mais fácil levá-la ao hotel?”

Respirei fundo, sentindo-me tonta. “Você ainda não desocupou aquele quarto?”

A máscara caiu de seu rosto, revelando sinais de pânico. A confirmação de que ele ainda tinha seu matadouro — um quarto de hotel usado exclusivamente para trepar, um lugar ao qual eu *jamais* voltaria — me atingiu como um soco no estômago, fazendo uma pontada de dor se espalhar pelo meu peito. Deixei escapar um gemido e fechei os olhos.

“Vamos com calma”, interveio o dr. Petersen, fazendo algumas anotações rápidas. “Precisamos voltar para o começo. Gideon, por que você não contou para Eva sobre Corinne?”

“Minha intenção era contar”, ele respondeu, resoluto.

“Ele nunca me conta nada”, eu disse baixinho, procurando um lenço na minha bolsa para não ficar com a cara toda manchada de maquiagem. *Por que ele ainda mantinha aquele quarto?* A única explicação era que pretendia usá-lo com alguém que não fosse eu.

“Sobre o que vocês costumam conversar?”, questionou o dr. Petersen, dirigindo-se a nós dois.

“A maior parte do tempo eu estou me desculpando”, resmungou Gideon.

O dr. Petersen o encarou. “Por quê?”

“Por tudo.” Ele passou a mão pelos cabelos.

“Você acha que Eva exige demais de você?”

Senti que Gideon estava virado para mim. “Não. Ela nunca me pede nada.”

“A não ser a verdade”, corrigi, virando-me para ele.

Os olhos dele brilhavam, fazendo minha pulsação acelerar. “Nunca menti pra você.”

“Você quer que ela peça alguma coisa, Gideon?”, perguntou o dr. Petersen.

Gideon franziu a testa.

“Pense nisso. Depois voltamos a esse assunto.” O dr. Petersen voltou sua atenção para mim. “Essa fotografia me deixou intrigado, Eva. Você se deparou com uma circunstância que a maioria das mulheres considera profundamente desgastante…”

“Não houve circunstância nenhuma”, Gideon reafirmou sem se alterar.

“Houve a percepção de uma circunstância”, especificou o dr. Petersen.

“Uma percepção claramente ridícula, considerando nossa relação.”

“Certo. Vamos falar sobre isso, então. Quantas vezes por semana vocês fazem sexo? Em média.”

Fiquei vermelha. Olhei para Gideon, que retribuiu meu olhar com um sorrisinho malicioso.

“Humm…” Contorci os lábios. “Muitas.”

“Todos os dias?” O dr. Petersen ergueu as sobrancelhas quando me viu descruzar e cruzar de novo as pernas, concordando com a cabeça. “Várias vezes por dia?”

Gideon entrou na conversa: “Em média”.

O dr. Petersen largou o tablet no colo e olhou para Gideon. “E esse nível de atividade sexual é seu padrão?”

“Nada no meu relacionamento com Eva está dentro dos meus padrões, doutor.”

“Com que frequência você fazia sexo antes de se envolver com Eva?”

Gideon cerrou os dentes e se virou para mim.

“Pode falar”, incentivei, apesar de saber que não gostaria de responder a essa mesma pergunta na frente dele.

Ele estendeu a mão, diminuindo a distância entre nós. Pus minha mão sobre a dele e gostei de sentir seu aperto reconfortante. “Duas vezes por semana”, ele disse com firmeza. “Em média.”

Fiz uma conta rápida de cabeça para tentar determinar a quantidade de mulheres. A mão que estava no meu colo se fechou.

O dr. Petersen se recostou na poltrona. “Eva manifestou preocupações de infidelidade e falta de comunicação no seu relacionamento. O sexo costuma ser usado como uma forma de resolver os desentendimentos?”

Gideon ergueu as sobrancelhas. “Antes que você venha me dizer que Eva está sendo vítima da minha libido desmedida, saiba que ela toma a iniciativa tanto quanto eu. Se alguém aqui precisa se preocupar com a viabilidade de manter o ritmo, esse alguém sou eu, por causa das especificidades da anatomia masculina.”

O dr. Petersen me olhou, à espera de uma confirmação.

“A maioria das interações entre nós termina em sexo”, concordei, “inclusive as brigas.”

“Antes ou depois de o conflito ser considerado superado por ambas as partes?”

Soltei um suspiro. “Antes.”

Ele pegou a caneta e começou a escrever na tela sensível ao toque. Já havia material para um romance inteiro depois de tudo o que tinha sido dito ali.

“Seu relacionamento tem esse caráter altamente sexualizado desde o início?”, ele perguntou.

Concordei com a cabeça, mesmo sabendo que ele não estava olhando. “Sentimos uma atração muito forte um pelo outro.”

“Claro.” Ele tirou os olhos da tela e abriu um sorriso simpático. “Ainda assim, gostaria de discutir a possibilidade de abstinência enquanto…”

“Fora de questão”, interrompeu Gideon. “Se for assim, é melhor nem começar. Sugiro que a gente se concentre nas coisas que *não estão* dando certo, em vez de eliminar uma das poucas que estão.”

“Não sei se está funcionando tão bem assim, Gideon”, disse o dr. Petersen. “Não como deveria.”

“Doutor…” Gideon apoiou um dos tornozelos sobre o joelho e se recostou no assento em uma postura de quem estava irredutível. “O único jeito de me fazer resistir a ela é me matando. Tente encontrar outra maneira de fazer a gente dar certo.”

“Essa coisa de terapia é uma novidade pra mim”, Gideon disse mais tarde, a caminho de casa no Bentley. “Então não sei bem como avaliar, mas foi mesmo o desastre que pareceu ser?”

“Poderia ter sido melhor”, respondi, jogando a cabeça para trás e fechando os olhos. Eu estava exausta. Cansada demais até para pensar em fazer a aula de krav maga das oito. “Só quero tomar um banho e ir pra minha cama.”

“Tenho umas coisas pra resolver antes de encerrar meu dia.”

“Tudo bem.” Bocejei. “Por que você não faz o que precisa e a gente se fala amanhã?”

Minha sugestão foi seguida de um silêncio absoluto. Pouco depois, o clima ficou tão tenso que eu não tive escolha a não ser abrir os olhos, erguer a cabeça e me virar para ele.

Gideon estava me encarando, com os lábios contorcidos de frustração. “Você está me

dispensando.”

“Não, eu só…”

“Não o cacete! Você já me julgou e me condenou, agora está me dando um pé na bunda.”

“Estou morta de cansaço, Gideon! Tenho os meus limites. Preciso de uma noite de sono e…”

“Eu preciso de você”, ele interrompeu. “O que mais tenho que fazer pra você acreditar em mim?”

“Não acho que você tenha me traído. Tá bom? Por mais que a coisa pareça suspeita, não consigo acreditar que você faria isso. São os segredos que estão me incomodando. Estou me doando totalmente para as coisas darem certo, mas você…”

“Acha que não estou?” Ele se remexeu no assento, posicionando uma das pernas em cima do banco para ficar de frente para mim. “Nunca me esforcei tanto pra uma coisa dar certo na minha vida como agora.”

“Você não tem que fazer esse esforço por mim. Faça por você mesmo.”

“Não me venha com esse papo furado! Eu não precisaria me esforçar tanto pra me relacionar com outra pessoa qualquer.”

Soltando um gemido baixinho, recostei a cabeça no assento e fechei os olhos de novo. “Estou cansada de brigar, Gideon. Só quero um pouco de paz por uma noite. Estou meio fora do ar o dia todo.”

“Você está doente?” Ele chegou mais perto, agarrando com delicadeza minha nuca e beijando minha testa. “Não parece estar com febre. É o estômago?”

Respirei bem perto dele, absorvendo o cheiro delicioso de sua pele. A vontade de descansar meu rosto em seu pescoço era quase insuportável.

“Não.” Foi quando me dei conta. Soltei um gemido.

“O que foi?” Ele me puxou para seu colo, abraçando-me bem forte. “O que foi? Quer ir ao médico?”

“É TPM”, murmurei, sem querer que Angus ouvisse. “Vou menstruar a qualquer momento. Não sei como não percebi antes. Não é à toa que estou tão cansada e nervosa. São os hormônios.”

Ele ficou imóvel. Depois de alguns segundos, levantei a cabeça à procura de seu rosto.

Com um sorrisinho de malícia, ele admitiu: “Isso é novidade pra mim. Não é um

problema que aparece muitas vezes numa vida marcada pelo sexo casual".

"Sorte sua. Agora você vai ver o que é conviver com uma mulher."

"Sorte minha *mesmo*." Gideon tirou os fios de cabelos soltos sobre minha têmpora, deixando seus próprios cabelos caírem sobre o rosto. "Talvez, se eu tiver mais um pouco de sorte, amanhã você já vai estar melhor e vai voltar a gostar de mim."

Ai, meu Deus. Senti um aperto no coração. "Ainda gosto de você, Gideon. Só não gosto dos seus segredos. Vão acabar com a gente."

"Não deixe isso acontecer", ele murmurou, acariciando o contorno das minhas sobrancelhas com a ponta do dedo. "Confie em mim."

"Você vai ter que confiar em mim também."

Ele me abraçou e me beijou bem de leve na boca. "Quer saber de uma coisa, meu anjo?", ele sussurrou. "Não existe ninguém em quem eu confie mais."

Enfiei os braços por baixo de seu paletó e o abracei, sentindo o calor de seu corpo esguio e rígido. A preocupação com o fato de que estávamos começando a nos afastar um do outro era inevitável.

Gideon aproveitou a ocasião para enfiar a língua na minha boca, provocando a minha com suas lambidas aveludadas. Sem a menor pressa. Eu queria um contato ainda mais íntimo, precisava de mais. Muito mais. Lamentava o fato de que, em termos emocionais, tinha muito pouco acesso a ele.

Ele gemeu dentro da minha boca, um som erótico de prazer que reverberou dentro de mim. Virando a cabeça, colou seus lábios lindamente esculpidos aos meus. O beijo foi se tornando mais profundo, as línguas foram se encontrando, nossa respiração foi se acelerando.

A mão sobre a minha nuca me puxou mais para perto dele. A outra se enfiou por dentro da minha blusa, acariciando minha coluna com sua superfície morna. Seus dedos se flexionaram, mantendo um toque suave mesmo quando o beijo esquentou. Eu me arqueei em direção à sua carícia, sentindo a necessidade de seu toque contra a minha pele.

"Gideon…" Pela primeira vez, nossa proximidade física não era suficiente para aplacar o desejo desesperado que pulsava dentro de mim.

"Shh", ele me acalmou. "Estou aqui. Não vou a lugar nenhum."

Fechei os olhos e me aninhei no pescoço dele, perguntando a mim mesma se seríamos teimosos a ponto de insistir quando tudo parecia dizer que era melhor deixar para lá.

4

Acordei com um grito, abafado pela mão suada que cobria minha boca. Um peso esmagador me deixava sem fôlego enquanto outra mão se enfiava por debaixo da minha camisola, apalpando-me. O pânico tomou conta de mim e comecei a me debater, esperneando freneticamente.

Não… Por favor, não… Chega. De novo, não.

Arfando como um cão, Nathan escancarou minhas pernas à força. O membro duro que ele tinha no meio das pernas abria caminho às cegas, esfregando-se nas minhas coxas. Resisti até sentir meus pulmões em chamas, mas ele era forte demais. Não conseguia movê-lo dali. Não havia como escapar.

Para com isso! Sai de cima de mim! Me larga! Por favor, não faz isso comigo… não me machuca…

Mãe!

As mãos de Nathan me empurravam para baixo, esmagando minha cabeça contra o travesseiro. Quanto mais eu reagia, mais excitado ele ficava. Sussurrando palavras terríveis e asquerosas na minha orelha, ele encontrou uma fenda frágil e macia no meio das minhas pernas e me penetrou com um grunhido. Fiquei paralisada, imobilizada por uma dor terrível.

"*Assim*", ele grunhiu… "*Agora você vai gostar… sua putinha… você está gostando…*"

Eu não conseguia respirar. Sentia meus pulmões funcionando aos espasmos, minhas narinas bloqueadas pela mão dele. Pontinhos coloridos dançando diante dos meus olhos. Meu peito queimava. Comecei a me debater de novo… precisava de ar… desesperadamente…

"Eva! Acorda!"

Meus olhos se abriram diante daquela ordem dada aos berros. Consegui libertar meus braços, depois meu corpo todo… Afastei-me… lutando para me desvencilhar dos lençóis enroscados nas minhas pernas… perdendo o equilíbrio…

O impacto contra o chão me acordou de vez, e um ruído terrível de dor e de medo escapou pela minha garganta.

“Droga, Eva. Assim você vai se machucar!”

Respirei profundamente algumas vezes e fui engatinhando até o banheiro.

Gideon me levantou e me agarrou junto ao peito. “Eva.”

“Vou vomitar”, eu disse engasgada, pondo a mão sobre a boca quando senti meu estômago embrulhar.

“Eu levo você”, Gideon disse sem hesitar, conduzindo-me com passadas firmes e decididas. Ele me levou até o vaso e levantou o assento. Ajoelhado ao meu lado, segurou meus cabelos enquanto eu vomitava, acariciando minhas costas com sua mão quente.

“Calma, meu anjo”, ele murmurava sem parar. “Está tudo bem. Você está em segurança.”

Depois de esvaziar meu estômago, dei a descarga e apoiei o rosto suado sobre o antebraço, tentando me concentrar em qualquer coisa que ajudasse a dispersar as reminiscências daquele sonho.

“Gata…”

Virei a cabeça e vi Cary parado na porta do meu banheiro, com seu belo rosto franzido em uma careta. Ele estava com um jeans largo e uma camiseta, o que me fez notar que Gideon também estava totalmente vestido. Ele não usava mais o terno, nem a calça de moletom que vestiu assim que chegou. Estava de jeans e camiseta preta.

Desorientada, olhei no relógio e vi que mal havia passado da meia-noite. “O que vocês estão fazendo?”

“Acabei de chegar”, respondeu Cary. “E encontrei Cross entrando.”

Olhei para Gideon, que tinha a mesma expressão preocupada do meu amigo. “Você saiu?”

Gideon me ajudou a levantar. “Eu avisei que precisava resolver umas coisas.”

À meia-noite? “Que coisas?”

“Nada de mais.”

Escapei de seu abraço e fui até a pia escovar os dentes. Mais um segredo. Quantos ele ainda teria?

Cary apareceu ao lado do meu reflexo no espelho. “Fazia tempo que você não tinha um pesadelo.”

Em seus olhos verdes preocupados, percebi como estava exausto.

Ele deu um apertão de leve no meu ombro. “Vamos relaxar no fim de semana. Recarregar as baterias. Estamos precisando. Você vai conseguir ficar bem?”

“Eu cuido dela.” Gideon levantou da borda da banheira, onde estava sentado tirando suas botas.

“Isso não significa que eu não possa ajudar.” Cary deu um beijo na minha testa. “Se precisar de alguma coisa é só gritar.”

O olhar que ele me lançou ao sair do quarto disse tudo — Cary não gostava da ideia de Gideon dormindo ali comigo. Na verdade, eu também tinha minhas restrições a esse respeito. A preocupação constante com o distúrbio do sono dele estava contribuindo e muito para minha instabilidade emocional. Como Cary havia dito pouco tempo antes, o cara era uma bomba-relógio, e eu estava dividindo minha cama com ele.

Enxaguei a boca e pus a escova de dente de volta no suporte. “Preciso de um banho.”

Tinha tomado um antes de dormir, mas estava me sentindo suja de novo. Um suor frio brotava da minha pele. Quando eu fechava os olhos, podia sentir o cheiro *dele* — de Nathan — em mim.

Gideon ligou o chuveiro e começou a tirar a roupa, distraindo-me em boa hora com a visão de seu corpo maravilhoso. Sua musculatura era firme e bem definida. Sua silhueta era esguia, mas ainda assim forte e elegante.

Deixei minhas roupas no chão e entrei debaixo do jato quente de água soltando um gemido. Ele entrou logo atrás, pôs meu cabelo de lado e beijou meu ombro. “Está melhor?”

“Estou.” *Porque você está aqui.*

Gideon enlaçou minha cintura cautelosamente com os braços e soltou um suspiro trêmulo. “Eu… Nossa, Eva. Você estava sonhando com Nathan?”

Respirei fundo. “Talvez algum dia a gente seja capaz de conversar sobre nossos sonhos…”

Ele soltou o ar dos pulmões, apertando meus quadris com os dedos. “Não dá pra explicar, né?”

“É”, murmurei. “Não dá pra explicar.”

Ficamos no chuveiro um tempão, envoltos em vapor e segredos, fisicamente próximos, mas emocionalmente distantes. Eu detestava aquilo. A vontade de chorar era mais forte que eu e não tentei reprimi-la. Era bom desabafar. Toda a pressão daquele longo dia pareceu se dissipar com meus soluços.

“Meu anjo…” Gideon me abraçou pelas costas, seus braços bem presos à minha cintura, confortando-me com o escudo protetor de seu corpo volumoso. “Não chore… Não aguento isso. Diga do que você precisa, meu anjo. O que eu posso fazer?”

“Tire a sujeira de mim”, sussurrei, inclinando-me na sua direção, entregando-me à sua possessividade reconfortante. Meus dedos se enlaçaram com os dele na altura da minha barriga. “Eu quero ficar limpa.”

“Você já está limpa.”

Respirei bem fundo, sacudindo a cabeça em negação.

“Escute o que vou dizer, Eva. Ninguém nunca mais vai encostar em você”, ele disse, convicto. “Ninguém nunca mais vai encostar em você. Nunca mais.”

Apertei os dedos dele entre os meus.

“Nem por cima do meu cadáver, Eva. Isso não vai acontecer.”

A dor que eu sentia no peito me impedia de falar. A ideia de Gideon encarando meu pesadelo… vendo o homem que havia feito aquilo comigo… O nó no estômago que eu havia sentido o dia todo se apertou ainda mais.

Gideon pegou o xampu e eu fechei os olhos, procurando não pensar em mais nada além do homem cuja única preocupação naquele momento era eu.

Esperei, sem fôlego, pelo toque de seus dedos mágicos. Quando os senti, tive que procurar o apoio da parede para não cair. Com ambas as mãos espalmadas contra os azulejos frios, saboreei a sensação de seus dedos massageando meu couro cabeludo e soltei um gemido.

“Está gostoso?”, ele perguntou num tom de voz baixo e meio rouco.

“Como sempre.”

Entreguei-me ao prazer de senti-lo lavar meus cabelos e depois passar condicionador neles, estremecendo de leve enquanto Gideon passava o pente nas pontas encharcadas. Fiquei decepcionada quando terminou, e devo ter soltado algum ruído de protesto, porque ele se inclinou para a frente e avisou: “Calma, só estou começando”.

Senti o cheiro do sabonete líquido, e então…

“*Gideon.*”

Arqueei meu corpo na direção de suas mãos ensaboadas. Seus polegares atacavam suavemente os nós nos meus ombros, desfazendo-os sob sua pressão na medida certa. Depois ele desceu por minhas costas… minhas nádegas… minhas pernas…

“Vou cair”, gemi, inebriada de prazer.

“Eu pego você, meu anjo. Nunca vou deixar você cair.”

O sofrimento e a degradação das minhas lembranças se desmancharam diante da atenção cuidadosa e reverente de Gideon. Mais do que a água e o sabão, foi seu toque que me despertou do pesadelo. Virei-me e o vi agachado diante de mim, com suas mãos deslizando por minhas panturrilhas, seu corpo prodigioso maravilhosamente flexionado. Agarrei seu queixo e levantei sua cabeça.

“Você faz tão bem pra mim, Gideon”, eu disse num tom de voz suave. “Não sei como pude me esquecer disso. Mesmo que só por um instante.”

Seu peito se expandiu em um suspiro súbito e profundo. Gideon se endireitou, suas mãos subindo pelas minhas coxas até que estivesse totalmente de pé. Ele me beijou na boca. Bem de leve. “Sei que um monte de merda aconteceu hoje. Porra… esta semana toda. Pra mim também não está sendo nada fácil.”

“Eu sei.” Eu o abracei, apertando meu rosto contra seu coração. Ele era tão forte. Adorava a sensação de me entregar aos seus braços.

Sua ereção já se fazia sentir entre nós, e ficou ainda mais intensa quando me aninhei a ele. “Eva…” Ele limpou a garganta. “Me deixe terminar, meu anjo.”

Mordi seu mamilo e agarrei sua bunda durinha, diminuindo o espaço entre nós. “Por que você não começa em vez de terminar?”

“Não era isso que eu tinha em mente.”

Como se a coisa pudesse terminar de outra maneira quando estávamos ambos sem roupa e passando as mãos pelo corpo um do outro. Eu não resistia nem ao toque de suas mãos nas minhas costas enquanto andávamos — era como se estivesse no meio das minhas pernas. “Bom… É só rever o planejamento, garotão…”

Gideon pôs as mãos em torno do meu pescoço, com os polegares sob meu queixo para puxar meu rosto para cima. A expressão dele dizia tudo e, antes que dissesse que não era uma boa ideia fazer amor naquele momento, fui logo pegando no pau dele.

Ele gemeu e começou a remexer os quadris. “Eva…”

“Seria um desperdício não aproveitar isto aqui.”

“Não posso pisar na bola com você.” Seus olhos estavam vidrados em mim. “Se algum dia você rejeitar meu toque, nem sei o que serei capaz de fazer.”

“Gideon, por favor…”

“Sou eu que vou dizer quando chegar a hora.” O tom imperativo de sua voz era inconfundível.

Eu o larguei imediatamente.

Ele se afastou, e agarrou o próprio pau.

Eu me remexi toda, inquieta, hipnotizada pelo movimento de sua mão habilidosa e seus dedos longos e elegantes. Quando a distância entre nós aumentou, comecei a sentir um desconforto, uma reação física à perda de seu contato mais íntimo. A agitação morna que ele despertou em mim com seu toque se transformou em fervor, como se ele tivesse jogado gasolina em uma fogueira.

“Está vendo alguma coisa de que você gosta?”, ele provocou, tocando seu corpo.

Atônita com o fato de ele estar me provocando depois de ter me repelido, revirei os olhos… e perdi o fôlego.

Gideon também estava morrendo de tesão. Era impossível pensar em outra maneira de descrever o que ele sentia naquele momento. Ele me olhava como se quisesse me devorar viva. Sua língua percorria lentamente o contorno dos lábios, como se estivesse me degustando. Quando mordeu o lábio inferior, era como se estivesse entre minhas pernas. Eu conhecia bem demais aquele olhar… sabia o que viria depois dele… conhecia a ferocidade com que Gideon me pegava quando seu desejo chegava àquele ponto.

Aquele olhar era uma incitação ao sexo. Impetuoso, incansável, de virar a cabeça. Ele estava do outro lado do chuveiro, com as pernas afastadas, remexendo seu corpo perfeito enquanto acariciava seu pau enorme de maneira lenta e ritmada.

Eu nunca tinha visto nada tão sexy e profundamente masculino.

“Nossa”, sussurrei, encantada. “Você é muito gostoso.”

O brilho em seus olhos revelava que ele sabia o efeito que estava gerando sobre mim. Sua mão livre deslizou por seu abdome firme e apertou seu peitoral, deixando-me até com inveja. “Você consegue gozar só de olhar pra mim?”

Foi quando percebi o que estava acontecendo. Ele estava com medo de ter uma relação comigo logo depois do meu pesadelo, com medo de causar alguma reação desagradável. Mas mesmo assim estava disposto a me excitar — a me inspirar — para que eu mesma me desse prazer. A onda de emoção que senti naquele momento foi arrebatadora — uma mistura de gratidão e afeto, desejo e carinho.

“Eu te amo, Gideon.”

Seus olhos se fecharam, como se aquelas palavras fossem mais do que ele pudesse

suportar. Quando Gideon os abriu de novo, a determinação estampada em seu rosto me fez estremecer. “Então mostra.”

A cabeça de seu pau grande e grosso estava escondida na palma de sua mão. Ele apertou ainda mais, com uma expressão de prazer que me fez espremer minhas coxas uma contra a outra. Gideon passou o polegar por um dos mamilos. Uma vez. Duas vezes. E soltou um gemido rouco que me fez salivar.

A água que batia nas minhas costas e o vapor que pairava entre nós tornava a cena toda ainda mais erótica. Seus movimentos se aceleraram, subindo e descendo em um ritmo constante. Seu pau era tão grande e grosso… Ele era um homem inquestionavelmente viril.

Incapaz de aplacar as pontadas de dor nos meus mamilos endurecidos, agarrei meus seios e os apertei com força.

“Isso, meu anjo. Mostra como você faz.”

Por um momento, duvidei que fosse capaz de fazer aquilo. Pouco tempo antes, tinha morrido de vergonha ao falar do meu vibrador com Gideon.

“Olhe pra mim, Eva.” Ele agarrou as bolas com uma das mãos e o pau com a outra. Sem nenhuma vergonha, o que era um tesão. “Não quero gozar sozinho. Você precisa me acompanhar.”

Eu queria demonstrar o mesmo desejo. Queria deixá-lo no mesmo estado em que eu estava. Queria que meu corpo — minha *vontade* — reverberasse no meu cérebro assim como a imagem dele estava gravada no meu.

Com os olhos grudados nos dele, percorri meu corpo com as mãos. Observando seus movimentos… notando sua respiração profunda… usando suas reações para descobrir o que o levava à loucura.

De certa forma, foi um momento tão íntimo quanto nas vezes em que ele esteve dentro de mim — talvez ainda mais, já que estávamos completamente expostos. Sem nenhuma defesa. O prazer de um se refletindo no do outro.

Gideon começou a me dizer o que fazer com sua voz divinamente sexy e rouca: “Aperte seus peitos, meu anjo… Ponha a mão lá embaixo… está molhadinha? Enfie os dedos… Viu como você é apertadinha? Uma bocetinha gostosa e macia, um paraíso para o meu pau… Você é uma delícia… Um tesão. Meu pau está doendo de tão duro. Olha o que você está fazendo comigo… Vou gozar muito…”.

“Gideon”, sussurrei, massageando meu clitóris com os dedos em movimentos circulares, remexendo os quadris sem parar.

“Vou gozar com você”, ele gemeu, masturbando violentamente seu pau, perseguindo o orgasmo.

Quando senti a primeira contração no meu ventre, dei um grito, e minhas pernas amoleceram. Espalmei a mão no vidro do box para me equilibrar enquanto o orgasmo roubava a força dos meus músculos. Gideon chegou até mim em um segundo, agarrando meus quadris de uma maneira que demonstrava todo o seu desejo e controle sobre mim, apertando-me inquietamente.

“Eva!”, ele grunhiu quando o primeiro jato quente e grosso de sêmen tocou minha barriga. “Ai, caralho.”

Inclinando-se sobre mim, ele cravou os dentes entre meu ombro e meu pescoço, sem provocar nenhuma dor, mas explicitando todo o seu prazer. Senti seus gemidos junto a mim e sua gozada violenta, lançando jorros sucessivos contra minha barriga.

Passava um pouco das seis da manhã quando saí do meu quarto. Estava acordada fazia algum tempo, vendo Gideon dormir. Era um prazer um tanto raro, porque eu quase nunca acordava antes dele. Naquele momento, podia observá-lo à vontade sem gerar nenhum constrangimento.

Caminhei pelo corredor até chegar à sala grande e luxuosa do apartamento. O fato de eu e Cary morarmos em um imóvel amplo o bastante para abrigar uma família inteira no Upper West Side era um tanto ridículo, mas era impossível tentar argumentar com minha mãe e meu padrasto quando o assunto era segurança. Eles não aceitariam de jeito nenhum que eu morasse em outro bairro, ou em um prédio sem porteiro e segurança vinte e quatro horas por dia. Se por um lado eu precisava ceder, também podia aproveitar e conseguir maior liberdade em outros quesitos.

Eu estava na cozinha esperando o café ficar pronto quando Cary apareceu. Ele estava lindo, vestindo uma calça de moletom da San Diego State University, com os cabelos castanhos amassados e a barba por fazer em seu queixo reto.

“Bom dia, gata”, murmurou, dando um beijo na minha testa.

“Acordou cedo, hein?”

“Olha só quem fala.” Ele pegou duas canecas no armário e o leite na geladeira, trouxe tudo até mim e ficou me observando. “Está tudo bem?”

“Tudo bem. É sério”, insisti quando vi a expressão de ceticismo no rosto dele. “Gideon

cuidou de mim.”

“Legal, mas você sabe que é por causa dele que está estressada a ponto de ter pesadelos, né?”

Enchi as duas canecas de café, acrescentando açúcar à minha e leite às duas. Contei a ele sobre Corinne e o jantar no Waldorf, além da discussão com Gideon sobre sua atitude suspeita no Crossfire.

Cary estava apoiado contra o balcão, com as pernas cruzadas na altura do calcanhar e um dos braços sobre o peito. Deu um gole no café. “Ele não quis explicar?”

Sacudi a cabeça, percebendo como estava incomodada com aquele silêncio da parte de Gideon. “E você? Como estão as coisas?”

“Vai mudar de assunto mesmo?”

“Não tenho mais o que dizer. Agora só depende dele.”

“Você já parou pra pensar que Gideon pode guardar segredos pra sempre?”

Franzindo o rosto, baixei a caneca. “Como assim?”

“Ele tem vinte e oito anos e é dono de quase metade de Manhattan. O pai dele era um notório trambiqueiro que cometeu suicídio.” Cary ergueu uma das sobrancelhas em sinal de desafio. “Pense bem. Será que uma coisa não tem mesmo nada a ver com a outra?”

Baixei os olhos para a caneca, dei um gole e preferi não dizer que já havia pensado a mesma coisa. A dimensão da fortuna e dos negócios de Gideon era atordoante, principalmente levando em conta sua idade. “Não acredito que Gideon esteja enganando as pessoas. Ele gosta de desafios, e conseguir algo honestamente é muito mais desafiador.”

“Sabendo o quanto ele faz questão de guardar segredos, você acha que o conhece tão bem assim a ponto de ter certeza disso?”

A lembrança do homem com quem tinha passado a noite não permitia que eu duvidasse da minha resposta — pelo menos não naquele momento. “Acho.”

“Tudo bem, então.” Cary deu de ombros. “Falei com o doutor Travis ontem.”

Minha atenção foi imediatamente atraída quando ele mencionou nosso terapeuta da época de San Diego. “É mesmo?”

“É. Pisei na bola feio mesmo naquela noite.”

Pelo nervosismo que demonstrou ao tirar a franja do rosto, percebi que estava falando da orgia que eu tinha flagrado.

“Cross quebrou o nariz de Ian e cortou o lábio dele”, Cary contou, lembrando-me da

reação violenta de Gideon ao fato de o cara ter proposto que eu me juntasse a eles. “Encontrei Ian ontem, e parece que ele levou uma tijolada na cara. Ele perguntou quem foi que fez aquilo, pra poder abrir um processo.”

“Nossa.” Prendi o fôlego por alguns instantes. “Puta merda.”

“Pois é. Processar um bilionário é tirar a sorte grande. O que é que ele tem na cabeça?” Cary fechou os olhos e os esfregou. “Eu disse que não sabia quem era, que devia ser um cara que você conheceu por aí e levou pra casa. Cross apareceu do nada, então Ian não viu porra nenhuma.”

“As duas meninas deram uma boa olhada para Gideon”, constatei, mal-humorada.

“Elas saíram por aquela porta” — Cary apontou para o outro lado da sala como se a porta tivesse acabado de ser batida — “que nem duas baratas tontas. Não foram com a gente até o pronto-socorro, e ninguém sabe quem elas são. Se Ian nunca mais cruzar com elas, está tudo certo.”

Senti um frio na barriga, e meu estômago embrulhou de novo.

“Vou ficar de olho nessa história”, ele me garantiu. “Aquela noite foi um sinal de alerta pra mim, e conversar sobre isso na terapia me fez entender algumas coisas. Depois fui ver Trey. Pra me desculpar.”

Ouvir o nome do Trey me deixou triste. Eu estava torcendo para que sua recém-iniciada relação com aquele estudante de veterinária desse certo, mas no fim, como sempre, Cary tinha estragado tudo. “E como é que foi?”

Ele encolheu os ombros de novo, mas de um jeito meio estranho. “Outro dia ele ficou magoado comigo porque fui um idiota. Dessa vez ele ficou magoado comigo porque tentei fazer a coisa certa.”

“Vocês terminaram?” Estendi minha mão para apertar a dele.

“A coisa esfriou bastante. Praticamente congelou. Ele quer que eu seja gay, mas não vai rolar.”

Era doloroso saber que Trey queria que Cary fosse diferente, porque era exatamente isso que as pessoas tinham exigido dele durante toda sua vida. Eu não entendia por quê. Para mim, ele era maravilhoso. “Sinto muito, Cary.”

“Eu também, porque ele é ótimo. Só que não estou a fim de encarar as complicações de um relacionamento sério. Estou trabalhando demais. Não estou pronto pra ter minha vida virada de cabeça pra baixo.” Ele sorriu. “Você devia pensar um pouco nisso também. A gente acabou de se mudar. Ainda temos um monte de coisa pra resolver.”

Concordei com a cabeça. Entendia o que ele queria dizer, mas não estava disposta a abrir mão de minha relação com Gideon. “Você conversou com Tatiana também?”

“Não.” Ele acariciou meus dedos com o polegar antes de soltar minha mão. “Com ela é tudo bem fácil.”

Dei uma risadinha sarcástica e bebi um gole do meu café quase frio.

“Não foi *isso* que eu quis dizer”, ele se corrigiu com um sorrisinho malicioso. “É que ela não espera nada, nem pede nada em troca. Desde que eu compareça e ela goze também, está tudo certo. A gente se dá bem, e não só porque ela faz todo tipo de maluquice na cama. É legal ficar com alguém que só quer se divertir sem dar dor de cabeça pra ninguém.”

“Gideon me conhece. Ele me entende, e está tentando me ajudar com meus traumas. Ele está se esforçando, Cary. Pra ele também não é nada fácil.”

“Você acha que Cross deu uma rapidinha com a ex na hora do almoço?”, ele perguntou sem rodeios.

“Não.”

“Tem certeza?”

Respirei fundo, tomei mais um gole de café e admiti: “Quase. Não acho que ele esteja transando com ninguém além de mim. É sempre tão quente… Mas essa mulher tem algum tipo de poder sobre Gideon. Ele diz que é remorso, mas isso não explica a fixação por morenas”.

“Mas explica por que você perdeu a cabeça e bateu nele… Você não suporta a ideia de que ela esteja por perto. E ele se recusa a dizer o que está acontecendo. Isso não me parece muito saudável.”

E não era. Eu sabia disso. E não estava nem um pouco satisfeita. “A gente falou com o doutor Petersen ontem depois do trabalho.”

Cary ergueu as sobrancelhas. “E como foi?”

“Bom, ele não disse pra gente ficar o mais longe possível um do outro nem nada do tipo.”

“E se ele disser? Você vai aceitar?”

“Dessa vez não vou fugir quando a coisa ficar feia. Estou falando sério, Cary.” Olhei bem para ele. “Você acha que eu ainda estaria nessa se não fosse capaz de segurar a onda?”

“Gata, esse Cross é um tsunami.”

“Rá!” Dei risada, mesmo sem querer. Cary era capaz de me fazer sorrir mesmo quando eu sentia vontade de chorar. “Pra dizer a verdade, se as coisas não derem certo com Gideon, duvido que eu consiga me acertar com alguém um dia.”

“Você só está dizendo isso porque a sua autoestima está lá embaixo.”

“Pelo menos ele sabe como sou problemática.”

“Então tá bom.”

Foi a minha vez de erguer as sobrancelhas. “Então tá bom?” Ele tinha se convencido muito facilmente para o meu gosto.

“Eu não entendo, mas respeito.” Cary pegou minha mão. “Agora vamos pentear esses cabelos.”

Abri um sorriso de gratidão. “Você é o máximo.”

Ele bateu o quadril contra o meu. “Não vou te deixar esquecer isso.”

5

“Pra uma máquina mortífera”, comentou Cary, “até que isto daqui é bem chique.”

Sacudi a cabeça ao entrar na cabine de passageiros do jatinho particular de Gideon. “Você não vai morrer. É mais seguro viajar de avião do que de carro.”

“E quem você acha que paga por essas estatísticas? As companhias aéreas, é claro.”

Depois de dar um beijo sorridente no ombro de Cary, percorri com os olhos o interior absurdamente opulento daquela aeronave, que me deixou mais do que impressionada. Eu já tinha viajado em jatinhos particulares antes, mas, como sempre, Gideon estava em um patamar que era para pouquíssimos.

A cabine era espaçosa e tinha um corredor central bem largo. A paleta de cores era neutra, com toques de marrom e azul. Do lado esquerdo, havia poltronas giratórias com mesas, enquanto do lado direito ficava um sofá. Cada assento contava com seu próprio console de entretenimento. Com base no que já tinha visto, deveria haver um quarto na parte traseira do avião, e um ou dois banheiros luxuosos.

Um comissário pegou minha mala e a de Cary, e então sinalizou para que sentássemos em uma das poltronas com mesa. “O senhor Cross deve chegar em alguns minutos”, ele informou. “Enquanto isso, aceitam uma bebida?”

“Uma água, por favor.” Olhei para o relógio. Eram mais de sete e meia.

“Um bloody mary”, pediu Cary. “Se tiver.”

O comissário sorriu. “Temos de tudo.”

Cary me pegou olhando para ele. “Que foi? Eu ainda não jantei. O suco de tomate vai enganar meu estômago até a hora de comer, e o álcool vai ajudar o dramin a bater mais rápido.”

“Não abri minha boca.”

Ao olhar pela janela para contemplar o céu noturno, meus pensamentos, como sempre, se voltaram para Gideon. Ele havia ficado a maior parte do dia calado. O trajeto até o trabalho fora feito em silêncio, e às cinco horas ele havia me ligado apenas para dizer que Angus me levaria para casa e depois até o aeroporto, onde ele nos encontraria.

Preferi ir andando para casa, já que havia faltado na academia na noite anterior e não

teria tempo para me exercitar antes da viagem. Angus fez questão de dizer que Gideon não gostaria da ideia, apesar de minha recusa educada e de minhas razões para tanto. Talvez Angus achasse que eu ainda estava chateada pelo fato de ele ter dado carona para Corinne, o que não deixava de ser verdade. Para minha própria decepção, uma parte de mim torcia para que ele estivesse se sentindo mal por isso. Felizmente, a outra parte estava morrendo de raiva de mim mesma por ser tão mesquinha.

Enquanto caminhava pelo Central Park, por um caminho sinuoso entre árvores imensas, decidi que não abriria mão do meu bem-estar por homem nenhum. Nem mesmo Gideon. Eu não deixaria minha frustração com ele atrapalhar a diversão de um fim de semana em Las Vegas com meu melhor amigo.

Na metade do caminho de casa, parei e me virei para olhar a cobertura de Gideon na Quinta Avenida. Eu me perguntei se ele estava lá, arrumando a mala e se preparando para um fim de semana sem mim. Ou se ainda estava no trabalho, resolvendo as últimas pendências de uma semana movimentada.

“Ih”, comentou Cary quando o comissário voltava com nossas bebidas em uma bandeja. “Você está com uma cara…”

“Que cara?”

“De quem está incomodada.” Cary bateu de leve seu copo no meu. “Quer conversar a respeito?”

Quando eu ia responder, Gideon apareceu. Ele estava com uma expressão séria e carregava uma pasta em uma das mãos e uma mala de viagem na outra. Entregou a mala para o comissário, parou entre mim e Cary, fez um aceno de cabeça para ele e passou a mão de leve no meu rosto. Aquele toque se espalhou pelo meu corpo como uma onda de eletricidade. Depois disso Gideon foi para o compartimento na parte traseira da aeronave e fechou a porta.

“Ele é tão temperamental”, reclamei.

“E muito gato. Esse terno…”

O terno não teria o mesmo efeito em outro homem. Gideon era capaz de transformar um simples traje em uma arma mortal.

“Pare de desviar o foco pra beleza dele”, censurei.

“Vai lá chupar o pau dele. Isso levanta o astral de qualquer um.”

“Homens…”

“O que você esperava?” Cary pegou a garrafa gelada com o restante da água que não

havia cabido no copo de cristal. “Dá uma olhada nisso.” Ele me mostrou o rótulo, que ostentava a logomarca do Hotel e Cassino Cross. “É muito chique!”

Dei um sorrisinho malicioso. “É para os tubarões.”

“Quê?”

“Os grandes apostadores. Jogadores que não pensam duas vezes em apostar cem mil ou mais por rodada. Os cassinos têm uma porção de mimos pra atrair esses caras. Jantares, suítes, jatinhos, e por aí vai. O segundo marido da minha mãe era um tubarão. Essa foi uma das razões por que eles se separaram.”

Ele ficou me olhando e sacudindo a cabeça. “Você sabe cada coisa. Então isto aqui é um jato corporativo?”

“É um deles. No total são cinco”, respondeu o comissário, trazendo uma bandeja com queijos e frutas.

“Minha nossa”, murmurou Cary. “Ele tem uma esquadrilha inteira.”

Cary puxou uma cartela de dramin do bolso e engoliu os comprimidos junto com o bloody mary.

“Quer um?”, ele perguntou, pondo a embalagem sobre a mesa.

“Não. Obrigada.”

“Você vai lá falar com o senhor Gostosão Nervosinho?”

“Acho que não. Prefiro ler alguma coisa.”

Cary concordou com a cabeça. “É a melhor coisa pra sua sanidade.”

Trinta minutos depois, Cary estava roncando baixinho em sua poltrona totalmente reclinável, usando abafadores de ruídos nas orelhas. Fiquei olhando para ele por um tempo, contemplando a visão de seu relaxamento tranquilo, os contornos de sua boca suavizados pela imobilidade do sono.

Então levantei e fui até o compartimento onde Gideon havia se fechado pouco antes. Pensei em bater, mas mudei de ideia. Ele estava impondo barreiras entre nós em todos os sentidos; aquela não seria mais uma.

Gideon voltou os olhos para mim quando entrei, não parecendo surpreso com minha aparição. Estava sentado a uma escrivaninha, ouvindo uma mulher com quem conversava por um vídeo via satélite. Seu paletó estava pendurado na cadeira e sua gravata estava frouxa. Depois de uma rápida troca de olhares, ele tornou a dedicar sua atenção à conversa.

Comecei a tirar a roupa.

Minha camiseta foi a primeira a ir embora, seguida pelas sandálias e o jeans. A mulher continuava a falar, mencionando “preocupações” e “discrepâncias”, mas os olhos de Gideon estavam voltados para mim — ávidos e desejosos.

“A gente fala sobre isso amanhã, Allison”, ele interrompeu, apertando um botão no teclado que desligou a tela pouco antes de meu sutiã atingir sua cabeça.

“Sou eu que estou de TPM e é você que tem as oscilações de humor?”

Ele tirou meu sutiã do rosto e se recostou, apoiando os cotovelos nos braços da cadeira e juntando os dedos de forma teatral. “E você está fazendo um striptease pra melhorar meu humor?”

“Vocês homens são tão previsíveis. Cary sugeriu que eu chupasse seu pau pra te deixar mais alegrinho. Mas não se empolgue, viu? Não vai acontecer.” Agarrei o elástico da minha calcinha com os polegares e apoiei o peso do corpo sobre os calcanhares. Tive que admitir que ele merecia certo crédito por estar olhando para os meus olhos, não para os meus peitos. “Acho que você está me devendo uma. De verdade. Tenho sido uma namorada muito compreensiva dadas as circunstâncias, não?”

Ele ergueu uma sobrancelha.

“Queria saber o que você faria”, continuei, “se aparecesse no meu prédio e visse um ex-namorado meu saindo de lá pondo a camisa pra dentro da calça. E aí, quando você subisse, me encontrasse no banho, e o sofá da sala todo bagunçado.”

Gideon cerrou os dentes. “Você não quer saber o que eu faria.”

“Então você precisa admitir que me comportei muito bem diante das circunstâncias.” Cruzei os braços, consciente de que aquilo só ajudaria a realçar meus atributos. “Você deixou bem claro que gostaria de me punir. Agora quero saber o que vai fazer para me recompensar.”

“Sou eu quem vai escolher?”, ele provocou, com os olhos semicerrados.

Sorri. “Não.”

Ele pôs meu sutiã em cima do teclado e se levantou da cadeira de maneira brincalhona e provocante. “Então essa é sua recompensa, meu anjo. O que você quer?”

“Quero que você pare de dar uma de ranzinza, pra começo de conversa.”

“Ranzinza?” Ele contorceu a boca para esconder um sorriso. “Bom, acordei e você não estava lá, e nos próximos dois dias vai ser assim também.”

Descruzei os braços e fui até ele, posicionando minhas mãos espalmadas em seu peito largo. “É só isso mesmo?”

“Eva.” Ele era um homem de uma força física admirável, mas ainda assim era capaz de um toque reverente e delicado.

Abaixei a cabeça, sabendo que alguma coisa na minha voz havia deixado tudo bem claro. Ele era bastante perceptivo.

Agarrando meu queixo com as duas mãos, Gideon puxou minha cabeça para cima e olhou bem nos meus olhos. “Fale comigo.”

“Acho que você está se afastando de mim.”

Um rugido grave ressoou entre nós. “Ando com a cabeça bem cheia. Mas isso não significa que não pense em você.”

“Estou *sentindo* alguma coisa, Gideon. Uma distância entre nós que não existia.”

Suas mãos desceram para o meu pescoço. “Não existe distância nenhuma. Sou totalmente seu, Eva.” Ele apertou um pouco as mãos. “Você não consegue sentir isso?”

Respirei bem fundo. Meu coração estava disparado, uma reação física a um medo cuja fonte estava dentro de mim, não em Gideon, que com certeza jamais me machucaria ou me colocaria em uma situação de perigo.

“Às vezes”, ele disse ofegante, observando-me com uma intensidade dolorosa, “não consigo nem respirar.”

Eu teria fugido dali não fossem seus olhos, que revelavam um desejo e um desespero impossíveis de conter. Ele estava me fazendo experimentar aquela perda de controle, aquela sensação de me sentir dependente de outra pessoa.

O que fiz foi exatamente o contrário. Joguei a cabeça para trás e me entreguei, sentindo arrepios de medo. Eu estava começando a entender meu desejo de ceder todo o controle a Gideon, conforme ele mesmo já havia falado. Ao fazer isso, alguma coisa dentro de mim se apaziguava, uma necessidade que eu nem sabia que tinha.

Houve uma longa pausa, preenchida apenas por sua respiração. Senti que ele estava tentando conter seus sentimentos, e me perguntei que sentimentos eram aqueles, por que ele parecia estar tão dividido.

Gideon liberou a tensão expirando profundamente. “Do que você precisa, Eva?”

“De você… nas alturas.”

Ele deslizou as mãos até meus ombros e os apertou, depois acariciou meus braços. Seus

dedos se juntaram aos meus e ele colou sua testa à minha. “De onde vem essa sua vontade de transar em veículos em movimento?”

“Quero você do jeito que for”, respondi, repetindo algo que certa vez ele mesmo disse para mim. “E só vou poder fazer isso de novo no fim de semana que vem, por causa do meu período menstrual.”

“Porra.”

“É agora ou nunca.”

Ele apanhou o paletó, enrolou-me nele e me levou para uma cabine fechada.

“*Nossa.*” Minhas mãos agarravam com força o lençol e minhas costas se arqueavam enquanto Gideon mantinha meus quadris colados à cama e passava a língua pelo meu clitóris. Minha pele estava coberta por uma fina camada de suor e minha visão embaçou quando meu ventre se contraiu violentamente à espera do orgasmo. Minha pulsação estava acelerada, em compasso com o ruído constante das turbinas do jato.

Eu já tinha gozado duas vezes, com a visão da sua cabeleira negra no meio das minhas pernas aliada à sua língua perversamente habilidosa. Minha calcinha tinha sido literalmente destruída, enquanto ele permanecia totalmente vestido.

“Estou pronta.” Passei os dedos pelos cabelos dele, sentindo-os úmidos nas raízes. Gideon estava lutando para se conter. Ele era sempre muito atencioso comigo, esperava que eu estivesse bem quentinha e molhada antes de enfiar seu pau enorme em mim.

“Sou eu quem vai dizer quando você está pronta.”

“Quero você dentro de mim…” O avião começou a balançar de repente, e depois a descer, fazendo-me flutuar, tendo como único ponto de contato a boca dele. “*Gideon!*”

Estremeci toda com mais um orgasmo. Meu corpo se contorcia de vontade de senti-lo dentro de mim. Apesar da pulsação acelerada rugindo no meu ouvido, consegui escutar uma voz fazendo um anúncio pelo sistema de alto-falantes, mas não consegui registrar as palavras.

“Você está bem sensível agora.” Ele levantou a cabeça e passou a língua pelos lábios. “Está gozando feito uma louca.”

Suspirei. “Gozaria ainda mais com você dentro de mim.”

“Vou me lembrar disso.”

“Tudo bem se eu ficar meio dolorida hoje”, argumentei. “Vou ter vários dias pra me recuperar.”

Uma faísca se acendeu no fundo dos olhos de Gideon. Ele se levantou. “Não, Eva.”

Meu barato pós-orgasmo se desfez diante da seriedade de seu tom de voz. Apoiei-me sobre os cotovelos e vi que ele se despia com movimentos rápidos e econômicos.

“A escolha é minha”, relembrei.

Gideon já tinha tirado o colete, a gravata e as abotoaduras. Seu tom de voz foi quase imparcial quando ele perguntou: “Você quer mesmo fazer esse joguinho?”.

“Se for preciso.”

“Vai ser preciso muito mais que isso pra eu querer machucar você.” A calça e a camisa ele tirou mais devagar, num striptease muito mais sedutor que o meu. “Para nós, a dor e o prazer são coisas inconciliáveis.”

“Eu não quis dizer que…”

“Eu sei o que você quis dizer.” Ele abaixou a cueca, ajoelhou-se na cama e se arrastou até mim como um grande felino espreitando sua caça. “Você quer o meu pau na sua boceta. E diria o que fosse preciso pra conseguir isso.”

“Sim.”

Ele se posicionou em cima de mim. Seus cabelos caíram como uma cortina sobre seu rosto, e seu corpo se impôs como uma sombra sobre o meu. Baixando a cabeça, ele levou sua boca até a minha e me lambeu de leve com a ponta da língua. “Você está aflita. Está se sentindo vazia sem ele.”

“É isso mesmo.” Agarrei seus quadris, inclinando-me para cima a fim de sentir seu corpo junto ao meu. O momento do sexo é quando nos sentimos mais próximos, e eu precisava daquela proximidade, precisava garantir que estava tudo bem entre nós antes de passar o fim de semana sem ele.

Ele se encaixou no meio das minhas pernas. Sua ereção quente e rígida provocava meus lábios. “Sei que dói um pouco quando enfio tudo de uma vez, mas não tem muito jeito… sua boceta é apertadinha, e morro de tesão por você. Às vezes perco o controle e meto com força, mas não dá pra evitar. Só não me peça pra machucar você deliberadamente. Isso eu não consigo.”

“Quero você”, sussurrei, esfregando-me sem nenhuma vergonha no pau dele.

“Ainda não.” Ele remexeu os quadris para me deixar alinhada à cabeça do seu pênis, e depois foi entrando devagarinho, alargando-me e preparando-me, só com a pontinha. Eu

estremeci — meu corpo ainda resistia. “Você não está pronta.”

“Me fode. Por favor… me fode!”

Ele deslizou uma das mãos pelo meu corpo e segurou meus quadris, detendo minhas tentativas desesperadas de colocá-lo para dentro. “Você não está pronta.”

Tentei me libertar do seu aperto. Minhas unhas se cravaram nos músculos rígidos do traseiro dele e o puxei para mim. Não me importava que fosse doer. Se não o sentisse dentro do meu corpo eu ia enlouquecer. “Me come.”

Gideon passou a mão pelos meus cabelos e os agarrou para me manter imóvel. “Olhe pra mim.”

“Gideon!”

“*Olhe pra mim.*”

Fiquei paralisada ao seu comando. Eu o encarei, mas minha frustração foi se desfazendo à medida que uma lenta e gradual transformação ocorria em seu rosto.

Suas feições se contorceram, como se ele estivesse sentindo dor. Ele franziu a testa. Seus lábios se separaram com um gemido e seu corpo começou a subir e descer. Os músculos de seu queixo começaram a vibrar em um espasmo violento. Sua pele esquentou e seu calor se espalhou por mim. Mas o que me deixou mais impressionada foram seus olhos azuis penetrantes e a inconfundível vulnerabilidade que exalavam.

Meu coração disparou quando notei essa mudança em seu rosto. O colchão balançou quando ele apoiou o peso do corpo nos pés e…

“*Eva.*” Ele deu uma estocada e começou a gozar, soltando um jorro quente dentro de mim. Seu rugido de prazer reverberava pelo meu corpo, seu pau deslizava em meio à corrente de sêmen que fez brotar dentro de mim. “Ah… Nossa.”

Durante todo esse tempo ele não tirou os olhos de mim, mostrando abertamente seu rosto, quando o habitual era enterrá-lo no meu pescoço. Vi aquilo que gostaria de ver… o fato que ele queria provar…

Não havia distância nenhuma entre nós.

Remexendo os quadris, Gideon despejou o restante do seu orgasmo, esvaziando-se dentro de mim, deixando-me lubrificada a ponto de não haver nenhuma dor ou resistência. Ele soltou meus quadris e permitiu que eu me movesse ao seu encontro, estimulando meu clitóris para poder gozar também. Com os olhos grudados nos meus, procurou meus punhos com as mãos. Com um único movimento, jogou meus braços para cima da minha cabeça, prendendo-me.

Colada ao colchão pela força de suas mãos, seu peso e sua ereção implacável, eu estava completamente à mercê dele. Gideon retomou as estocadas, deslizando pelas paredes trêmulas da minha boceta com seu pau enorme. Dominando-me. Possuindo-me.

“Crossfire”, ele sussurrou, relembrando a palavra de segurança caso fosse necessário.

Gemi quando minha boceta irrompeu em clímax, apertando, espremendo e ordenhando avidamente o pau dele.

“Está sentindo?” A língua de Gideon circundava minha orelha, e sua respiração esquentava o que já estava úmido. “Estou literalmente na sua. Cadê a distância agora, meu anjo?”

Durante as três horas seguintes, não houve distância nenhuma.

A gerente do hotel abriu as portas duplas da nossa suíte, e Cary deu um longo assobio.

“Aí, sim”, ele disse, puxando-me para dentro pelo cotovelo. “Olha só o tamanho deste quarto. Dá até pra fazer um solo ginástica artística aqui dentro.”

Ele tinha razão, mas eu teria que esperar até a manhã seguinte se quisesse tentar. Minhas pernas ainda estavam trêmulas depois de minha primeira trepada a bordo de um avião voando.

Uma vista maravilhosa da vida noturna de Las Vegas se oferecia aos nossos olhos. As janelas iam do chão ao teto, inclusive num canto adornado por um piano.

“Suítes pra milionários sempre têm um piano?”, perguntou Cary, abrindo a tampa e ensaiando uma melodia.

Dei de ombros e procurei pela gerente, que não estava mais lá. O carpete branco tinha abafado o ruído de seus saltos altos. A suíte era decorada num estilo Hollywood dos anos cinquenta. A lareira tinha um revestimento de pedra rústica e era adornada com uma obra de arte que parecia uma calota de carro com raios futuristas emergindo a partir do centro. Os sofás eram verdes com pés de madeira tão finos quanto os saltos da gerente. A atmosfera retrô envolvia todo o ambiente, ao mesmo tempo glamouroso e acolhedor.

Um exagero, na verdade. Eu até esperava ficar em um ótimo quarto, mas não na suíte presidencial. Só não pedi para trocar porque Cary me presenteou com um sorriso aberto e dois polegares para cima. Eu não tinha coragem de acabar com a alegria dele, então aceitei e me limitei a torcer para que Gideon não estivesse perdendo dinheiro ao nos colocar ali.

“Ainda está a fim de um hambúrguer?”, perguntei, apanhando o cardápio do serviço de

quarto em uma mesinha atrás do sofá.

“E uma cerveja. Ou melhor, duas.”

Cary seguiu a gerente até o quarto que ficava à esquerda da área de convivência. Peguei o telefone vintage para fazer o pedido.

Trinta minutos mais tarde, depois de me refrescar com um banho rápido e vestir o pijama, eu estava sentada no tapete comendo fettuccine Alfredo com frango. Cary devorava seu sanduíche do outro lado da mesinha de centro e me olhava com a felicidade estampada no rosto.

“Você nunca come tanto carboidrato assim à noite”, ele comentou entre uma mordida e outra.

“Está para me descer.”

“Tenho certeza de que a malhação da viagem também ajudou.”

Estreitei os olhos. “Como é que você sabe? Você estava desmaiado.”

“Mera suposição, gata. Quando fui dormir, você estava uma pilha de nervos. Quando acordei, parecia que tinha fumado um baseado.”

“E Gideon, como estava?”

“O mesmo de sempre… Todo careta, mas absurdamente gostoso.”

Dei uma garfada no macarrão. “Isso não é justo.”

“Quem se importa?” Ele chamou a atenção para o ambiente ao nosso redor. “Olha só onde ele pôs a gente.”

“Não preciso que ninguém pague minhas contas, Cary.”

Ele mordeu uma batata frita. “E *do que* você precisa, aliás? Tem toda a atenção dele, aquele corpão à disposição, acesso a tudo o que ele tem. Não é pouca coisa.”

“Não mesmo”, concordei, enrolando o macarrão com o garfo. Pela experiência de ter observado minha mãe a vida toda, eu sabia que o mais importante quando se tratava de homens poderosos era conseguir sua atenção. “Mas também não é suficiente.”

“Isso é que é vida”, decretou Cary, deitado como um deus em uma espreguiçadeira ao lado da piscina. Ele estava usando um calção verde-claro e óculos escuros, e atraiu um número enorme de mulheres para perto da água. “Só estou sentindo falta de um mojito.

Não existe comemoração sem um pouco de álcool.”

Sorri. Eu estava tomando sol na espreguiçadeira ao lado, curtindo o calor e as gotas d’água que de quando em quando nos atingiam. Cary gostava de comemorar tudo, uma característica que eu considerava das mais charmosas. “E o que estamos comemorando?”

“A chegada do verão.”

“Muito bem, então.” Sentei, pus as pernas para fora da espreguiçadeira e amarrei a canga na cintura antes de levantar. Meus cabelos estavam presos no alto da cabeça com uma fivela, ainda úmidos do mergulho na piscina. O sol quente na pele dava uma sensação agradável, um beijo sensual que diminuía o desconforto da retenção de líquido — cortesia do período pré-menstrual.

Fui até o bar da piscina, percorrendo com os olhos as espreguiçadeiras e os guarda-sóis por trás das lentes roxas dos meus óculos escuros. O local estava apinhado de hóspedes, muitos deles atraentes o bastante para merecer um segundo e um terceiro olhar. Um casal em particular chamou minha atenção. Eles se pareciam comigo e com Gideon. A loira estava deitada, com o tronco apoiado nos braços e mexendo as pernas sem parar. Seu acompanhante, lindo, estava deitado ao lado, com a cabeça apoiada em uma das mãos enquanto a outra percorria as costas dela.

Ela me surpreendeu olhando para eles, e o sorriso imediatamente desapareceu de seu rosto. Era impossível ver seus olhos por trás das lentes dos óculos escuros, mas com certeza estavam me encarando. Dei um sorrisinho e virei para o outro lado, sabendo exatamente como ela se sentia ao pegar outra mulher admirando seu namorado.

Encontrei uma brechinha no balcão do bar e fiz um sinal para chamar o atendente. Ventiladores de teto refrescavam o ambiente, o que me fez querer esperar sentada quando um dos banquinhos vagou.

“O que você vai pedir?”

Virei a cabeça e olhei para o homem que havia falado comigo. “Ainda não sei, mas estou pensando em um mojito.”

“É por minha conta.” Ele sorriu, revelando seus dentes impecavelmente brancos, mas meio tortos. Estendeu a mão para mim, num movimento que atraiu minha atenção para seus braços bem torneados. “Daniel.”

Eu o cumprimentei. “Eva. Prazer.”

Ele cruzou os braços sobre o balcão e se apoiou sobre eles. “O que traz você a Las Vegas? Trabalho ou lazer?”

“Vim descansar um pouco. E você?” Daniel tinha uma tatuagem interessante, uma inscrição em língua estrangeira no braço direito, na altura do bíceps. Ele não era bonito nos termos tradicionais, mas era confiante e educado, algo que eu admirava mais em um homem do que suas características físicas.

“Estou aqui a trabalho.”

Olhei para seu calção de banho e comentei: “Acho que escolhi o emprego errado”.

“Sou vendedor de…”

“Com licença.”

Ambos nos viramos para ver quem estava interrompendo nossa conversa. Era uma morena baixinha vestida com uma polo escura com seu nome, Sheila, bordado logo abaixo da logomarca do Hotel e Cassino Cross. O fone no ouvido e os equipamentos que carregava no cinto denunciavam que era da equipe de segurança.

“Senhorita Tramell.” Ela me cumprimentou com um aceno de cabeça.

Fiz uma expressão de surpresa. “Sim?”

“Um garçom pode anotar seu pedido e levá-lo diretamente até seu guarda-sol.”

“Legal, obrigada. Mas não ligo de esperar aqui.”

Vendo que eu não me movia, Sheila se virou para Daniel. “Se o senhor quiser esperar na outra ponta do balcão, seus próximos drinques serão por conta da casa.”

Ele sacudiu a cabeça, depois sorriu para mim. “Vou ficar por aqui mesmo, obrigado.”

“Sinto muito, mas vou ser obrigada a insistir.”

“Como assim?” Seu sorriso se transformou em uma expressão de indignação. “Por quê?”

Incrédula, fiquei olhando para Sheila sem entender nada até me dar conta do que estava acontecendo. *Gideon tinha mandado que me vigiassem.* Ele achava que podia controlar meus passos mesmo à distância.

Sheila me encarou de volta, com uma expressão impassível. “Vou acompanhá-la de volta até seu guarda-sol, senhorita Tramell.”

Por um instante, pensei em transformar o dia dela num inferno, talvez até agarrando Daniel e dando um beijo na boca dele só para ensinar uma lição ao meu namorado possessivo, mas consegui me controlar. Ela só estava cumprindo ordens. Era o patrão dela que precisava repensar suas atitudes.

“Desculpe, Daniel”, eu disse, vermelha de vergonha. Estava me sentindo como uma

criança que é surpreendida fazendo alguma coisa errada, e aquilo *realmente* me irritou. “Foi legal conhecer você.”

Ele encolheu os ombros. “Se mudar de ideia…”

Senti a presença de Sheila atrás de mim enquanto voltava para a espreguiçadeira. De repente, resolvi me virar para encará-la. “Você precisa intervir só quando alguém vier falar comigo ou existe uma lista de situações pré-definidas?”

Ela hesitou por um instante, depois soltou um suspiro. Nem imagino o que devia pensar de mim — a loirinha bonitinha que era tão pouco confiável que não podia nem conversar com ninguém. “Tenho uma série de instruções.”

“Imaginei.” Gideon não deixaria passar nada. Fiquei pensando quando ele tinha elaborado aquelas instruções, se havia pensado em tudo logo depois de combinarmos que eu iria a Las Vegas ou a lista estava pronta de antemão. E se já tinha feito aquilo com outra mulher. Com Corinne, quem sabe.

Quanto mais eu pensava a respeito, mais irritada ficava.

“É inacreditável”, queixei-me com Cary quando ela se afastou e se manteve a certa distância, como se isso fosse capaz de me fazer esquecer que estava sendo vigiada. “Agora tenho uma babá.”

“Quê?”

Contei a ele o que tinha acontecido e o vi cerrar os dentes.

“Isso é loucura, Eva.”

“Não me diga. Eu é que não vou aturar esse desaforo. Gideon precisa aprender que as coisas em um relacionamento não podem funcionar dessa maneira. Depois de falar tudo aquilo sobre confiança…” Desabei na espreguiçadeira. “Você acha que ele confia em mim, se precisa mandar alguém me vigiar e não deixar ninguém nem chegar perto?”

“Não concordo com isso, Eva.” Ele sentou e pôs os pés para fora da espreguiçadeira. “Não é certo.”

“E você acha que eu não sei? E por que ele escolheu uma mulher para fazer isso? Não tenho nada contra mulheres seguranças. Só estou me perguntando se Gideon mandou que ela vá comigo até ao banheiro ou se só não quer que um homem chegue perto de mim nem para me vigiar.”

“Está falando sério? Por que você não levanta daí, liga para ele e diz umas poucas e boas?”

A noção de que eu estava sendo feita de palhaça se estabeleceu de vez na minha cabeça.

“Estou tramando minha vingança.”

“Ah, é?” Ele abriu um sorriso malicioso. “Conta mais.”

Apanhei meu celular na mesinha com tampo decorado que havia entre nós e procurei nos meus contatos até encontrar o nome de Benjamin Clancy — o guarda-costas do meu padrasto.

“Oi, Clancy. É Eva”, eu disse depois que ele atendeu ao primeiro toque.

Cary arregalou os olhos por trás dos óculos escuros. “Ah…”

Fiquei de pé e disse bem baixinho: “Vou subir”.

Ele acenou com a cabeça. “Está tudo bem”, eu disse em resposta à pergunta de Clancy. Esperei até chegar ao lado de dentro do hotel, a uma boa distância de Sheila. “Só queria pedir um favorzinho a você.”

Assim que desliguei, recebi outra chamada. Sorri ao ver quem estava ligando e atendi com o maior entusiasmo: “Oi, pai!”.

Ele riu. “Como está minha garotinha?”

“Arrumando confusão e achando isso o máximo.” Estendi a minha canga sobre uma poltrona e sentei. “E você?”

“Evitando confusão e nem sempre achando isso o máximo.”

Victor Reyes trabalhava como policial em Oceanside, na Califórnia, motivo pelo qual eu tinha decidido estudar na San Diego State University. Minha mãe estava passando por uma fase difícil com seu terceiro marido, e eu andava meio rebelde, arruinando minha vida para tentar esquecer o que Nathan havia feito comigo.

Sair de debaixo das asas sufocantes da minha mãe foi uma das melhores decisões que tomei na vida. O amor incondicional do meu pai por mim, sua única filha, fez tudo tomar outro rumo. Ele me deu a liberdade de que eu tanto precisava — com limites muito bem estabelecidos — e me indicou o dr. Travis como terapeuta, o que serviu como pontapé inicial tanto da minha longa jornada de recuperação como de minha amizade com Cary.

“Estou com saudades”, eu disse. Por mais que amasse minha mãe, meu porto seguro era meu pai, e lidar com ele era muito mais fácil.

“Acho que você vai ficar contente com o que tenho para dizer. Posso ir para Nova York daqui a duas semanas, se não for te atrapalhar.”

“Minha nossa, pai. Você nunca me atrapalharia. Vou adorar te ver!”

“Tem que ser uma visita bem curta. Chego na quinta de madrugada e volto domingo à noite.”

“Estou muito feliz! Que legal! Vou me programar. A gente vai se divertir bastante.”

A risada suave do meu pai fez uma sensação de conforto se espalhar por meu corpo. “Quero visitar você, não Nova York. Não precisa fazer uma programação turística nem nada do tipo.”

“Não se preocupe. Vai sobrar bastante tempo pra gente. E você vai poder conhecer Gideon.” Só de pensar nos dois juntos já senti um frio na barriga.

“Gideon Cross? Você me disse que não tinha nada com ele.”

“Pois é.” Franzi o nariz. “A gente estava brigado naquele dia. Pensei que estivesse tudo acabado.”

Ele ficou um tempo em silêncio. “Está falando sério?”

Fiz uma pausa também, remexendo-me na poltrona. Meu pai era muito observador. Ele logo notaria a tensão que havia entre mim e Gideon — inclusive a sexual. “Estou. Não é uma relação das mais fáceis. Mas eu não sou uma pessoa das mais fáceis. As coisas estão meio complicadas, mas a gente está se esforçando para dar certo.”

“Ele gosta de você, Eva?” O tom de voz do meu pai era incisivo e para lá de sério. “Não interessa quanto dinheiro o cara tem. Ele não é melhor do que você.”

“Não é nada disso!” Olhei para meus dedos dos pés recém-pintados e percebi que esse encontro envolveria muito mais do que um pai ciumento sendo apresentado ao novo namorado da filha. Meu pai tinha uma implicância com homens ricos, graças à minha mãe. “Você vai entender tudo quando o conhecer.”

“Sei”, ele comentou com a voz carregada de ceticismo.

“É sério, pai.” Eu não podia culpá-lo por estar preocupado, já que havia sido minha própria tendência autodestrutiva de me envolver com indivíduos que não me faziam nada bem que o levara a me indicar o dr. Travis. Meu pai tinha ficado especialmente incomodado com o vocalista de uma banda para quem eu não passava de uma groupie e com um tatuador que flagrou sendo chupado enquanto dirigia — e não por mim. “Com Gideon é diferente. Ele me entende.”

“Estou disposto a dar uma chance a ele, está bom assim? Mando as informações sobre meu voo assim que comprar a passagem. De resto está tudo bem?”

“A gente vai ter que fazer anúncios de café com sabor de blueberry.”

Ele fez outra pausa. “Você está brincando.”

Dei risada. “Bem que gostaria. A gente vai ter que se virar pra vender aquela coisa! Vou levar um pouquinho pra casa, pra você experimentar.”

“Pensei que você me amasse.”

“De todo o coração. E sua vida amorosa, como anda? Seu encontro foi legal?”

“É… não foi ruim.”

Dando uma risadinha irônica, perguntei: “E você vai sair com ela de novo?”.

“A ideia é essa.”

“Que bom que você me conta tudo em detalhes, pai.”

Ele riu de novo, e eu ouvi o barulho de sua poltrona preferida rangendo enquanto ele se mexia. “Você não vai querer saber detalhes da vida amorosa do seu pai…”

“É verdade.” Embora eu às vezes me perguntasse sobre como teria sido o relacionamento dele com minha mãe. Meu pai era o latino bonitão da periferia, enquanto minha mãe era a loiraça das colunas sociais que só pensava em dinheiro. A atração entre eles devia ter sido irresistível.

Conversamos mais um pouco, empolgados com a perspectiva de nos vermos de novo. Eu não queria que nossa relação se tornasse distante depois de me mudar para Nova York, por isso fazia questão que nos falássemos por telefone todo sábado. A ideia da visita dele aplacava um pouco essa preocupação.

Quando desliguei, Cary entrou, trazendo consigo toda a sua aura de modelo.

“Ainda está tramando sua vingança?”, ele perguntou.

Eu me levantei. “Está tudo acertado. Era meu pai. Ele vai pra Nova York na semana que vem.”

“Sério? Que legal. Victor é o máximo.”

Fomos até a cozinha da suíte e pegamos duas cervejas na geladeira. Eu já tinha percebido que os produtos ali eram os mesmos que havia na minha casa. Imaginei se Gideon era mesmo um bom observador ou se tinha conseguido essa informação de outra maneira — fuçando meus recibos, por exemplo. Seria um comportamento típico dele. Reconhecer os limites da minha privacidade não era seu forte, e mandar seguranças me vigiarem era só mais uma prova disso.

“Quando foi a última vez que seus pais estiveram no mesmo fuso horário?”, perguntou Cary, abrindo as cervejas. “Pra não dizer na mesma cidade.”

Nossa… “Sei lá. Antes de eu nascer?” Dei um longo gole na minha cerveja. “Um encontro está definitivamente fora dos meus planos.”

“Um brinde aos planos inteligentes.” Batemos de leve as duas garrafas. “Por falar nisso, eu ia dar uma rapidinha com uma garota que conheci na piscina, mas em vez disso vim para cá. Lembrei que o plano era passarmos um tempo juntos.”

“Fico lisonjeada”, comentei, irônica. “Eu estava pensando em descer.”

“Está muito calor lá fora. Esse sol é de matar.”

“O sol aqui é o mesmo de Nova York.”

“Engraçadinha.” Seus olhos verdes brilharam. “Que tal a gente tomar um banho e sair pra almoçar? Eu pago.”

“Claro. Mas a tal da Sheila vai querer ir junto.”

“Foda-se ela. E o chefe dela também. Por que esses ricaços são sempre assim tão controladores?”

“Eles ficam ricos exatamente porque querem controlar tudo.”

“Que seja. Prefiro nosso tipo de loucura… Pelo menos nós não estragamos a vida de mais ninguém além da nossa.” Ele se inclinou sobre o balcão com os braços cruzados na frente do peito. “Você vai tolerar toda essa palhaçada mesmo?”

“Depende.”

“Do quê?”

Sorri e tomei o caminho do meu quarto. “Vá se trocar. Conto tudo no almoço.”

6

Eu tinha acabado de arrumar minha mala para a viagem de volta quando ouvi o som inconfundível da voz de Gideon na sala da suíte. Uma carga de adrenalina inundou minhas veias. Teríamos que conversar sobre o que eu havia feito no fim de semana, apesar de termos nos falado na noite anterior, antes de Cary e eu cairmos na balada, e de novo naquela manhã, quando acordei.

Eu ficava agoniada por ter que me fingir de boba. Estava ansiosa para saber se Clancy havia providenciado tudo o que eu tinha pedido. Na última vez em que tinha falado com o guarda-costas do meu padrasto, ele me garantiu que tudo ocorrera conforme o planejado.

Descalça, passei pela porta aberta do meu quarto bem a tempo de ver Cary saindo da suíte. Gideon estava sozinho na sala, com os olhos vidrados em mim, como se estivesse esperando que eu aparecesse a qualquer momento. Estava usando jeans bem folgado e camiseta preta, e minha saudade era tão grande que meus olhos até arderam.

“Oi, meu anjo.”

Os dedos das minhas mãos remexiam inquietamente o tecido da minha calça de ioga preta. “Oi, garotão.”

O lindo contorno de sua boca se estreitou por um momento. “Fiz alguma coisa em especial para merecer esse tratamento?”

“Bom… você é mesmo um garotão. E é o apelido de um personagem que eu sempre achei um tesão.”

“Não gosto nada da ideia de você achar alguém um tesão, seja uma pessoa de verdade ou um personagem.”

“Você se acostuma.”

Sacudindo a cabeça, ele começou a vir na minha direção. “Assim como precisei me acostumar ao lutador de sumô que você mandou ficar na minha cola?”

Tive que morder a parte de dentro da minha bochecha para não rir. Não tinha mencionado nenhum tipo físico específico quando pedi para Clancy arranjar alguém que ele conhecesse em Phoenix para ficar vigiando Gideon assim como Sheila estava me vigiando. Simplesmente indiquei que fosse um homem e passei uma lista relativamente

pequena de situações nas quais ele deveria interferir. “Aonde Cary foi?”

“Ao cassino. Arrumei umas fichas para ele.”

“Não está na hora de ir embora?”

Ele foi reduzindo lentamente a distância entre nós. Havia um perigo inerente àquela maneira como ele se aproximava. Era algo visível na posição de seus ombros e no brilho de seus olhos. Eu até ficaria mais preocupada se a sinuosidade do seu andar não sugerisse uma atmosfera tão abertamente sexual. “Você está menstruada?”

Fiz que sim com a cabeça.

“Então vou ter que gozar na sua boca.”

Minhas sobrancelhas se ergueram. “Ah, é?”

“É.” Ele sorriu. “Não se preocupe, meu anjo. Cuido de você primeiro.”

Ele me pegou no colo, levou-me até o quarto e me jogou na cama. Quando consegui respirar, sua boca já estava cobrindo a minha em um beijo profundo e sedento. Fui arrebatada por sua paixão e pela sensação gostosa de seu peso me prensando no colchão. Ele cheirava tão bem. Sua pele era tão quente.

“Senti sua falta”, murmurei, abraçando-o com os braços e as pernas. “Apesar de você ser bem irritante às vezes.”

Gideon grunhiu. “Você é a mulher mais enervante e provocadora que já conheci.”

“Bom, é que você me deixou muito brava. Não sou propriedade sua. Você não pode…”

“Você é, sim.” Ele mordeu a ponta da minha orelha, causando uma dor que me fez gritar. “E eu posso, sim.”

“Então você também é. E eu também posso.”

“Isso você já demonstrou. Faz ideia de como é difícil fechar um negócio quando a outra parte é obrigada a manter uma distância de pelo menos um metro?”

Gelei, porque a regra da distância mínima de um metro se aplicava apenas a mulheres. “Por que a outra parte precisaria ficar tão perto de você?”

“Para apontar coisas importantes na planta que estava aberta em cima da mesa e para entrar no foco da câmera para uma teleconferência… duas coisas que você dificultou bastante.” Ele ergueu a cabeça e me encarou. “Eu estava trabalhando. Você estava se divertindo.”

“Não importa. Se pode fazer isso, eu também posso.” E fiquei bem contente com o fato de Gideon ter achado tudo aquilo inconveniente, assim como eu.

Ele agarrou a parte de trás da minha coxa e abriu ainda mais minhas pernas. “Nossa relação não pode funcionar em pé de igualdade.”

“Claro que pode.”

Ele se posicionou entre as minhas pernas e começou a remexer os quadris, esfregando toda a extensão de sua ereção contra mim. “Não mesmo”, ele repetiu, agarrando meus cabelos para me manter imóvel.

Com seus movimentos, ele massageava meu clitóris hipersensível. A costura de sua calça estava no lugar perfeito para estimular ainda mais meu desejo por ele, que fazia meu sangue ferver. “Pare com isso. Não consigo pensar em mais nada com você fazendo isso.”

“É só não pensar. Apenas ouça, Eva. Minha posição e meu patrimônio fazem de mim um alvo. Você entende o que isso quer dizer, sabe o que significa conviver com o dinheiro e a atenção que atrai.”

“Aquele cara no bar não era uma ameaça a você.”

“Isso é discutível.”

A irritação tomou conta de mim. Essa falta de confiança me deixava maluca, especialmente quando vinda de uma pessoa que guardava tantos segredos. “Sai de cima de mim.”

“Estou muito bem aqui.” Ele mexeu de novo os quadris, esfregando-se em mim.

“Estou brava com você.”

“Percebi.” Ele não parava de se mexer. “Mas vai gozar mesmo assim.”

Empurrei os quadris dele, mas Gideon era pesado demais. “Quando estou brava não consigo!”

“Então prove.”

Ele era muito convencido, o que fez minha raiva aumentar ainda mais. Como não conseguia virar a cabeça, fechei os olhos. Ele não se abalou e continuou se esfregando em mim. A presença de roupas entre nós e a ausência de penetração me fez reparar ainda mais na fluidez elegante de seus movimentos.

Aquele homem sabia trepar.

Gideon não se limitava a pôr o pau para fora e enfiar numa mulher. Ele sabia usá-lo por inteiro, explorando a sensação de atrito, experimentando diferentes ângulos, alternando a profundidade da penetração. As nuances de suas habilidades eram visíveis até mesmo quando eu estava debaixo dele, preocupada apenas com as sensações que despertava em

mim. Mas, naquele momento, tudo aquilo era mais que visível.

Lutei contra o prazer, mas não consegui conter um gemido.

“Isso, meu anjo”, ele murmurou. “Está vendo como estou por sua causa? Está vendo o que você faz comigo?”

“Não use o sexo para me castigar”, reclamei, afundando os calcanhares no colchão.

Ele parou por um momento, depois começou a lamber meu pescoço, ondulando o corpo como se estivesse me comendo através das roupas. “Não estou bravo, meu anjo.”

“Que seja. Você está querendo me manipular.”

“E você está me deixando louco. Sabe o que aconteceu quando me dei conta do que você tinha feito?”

Estreitei os olhos e o encarei. “O quê?”

“Fiquei de pau duro.”

Meus olhos se arregalaram.

“E em público, com todas as inconveniências possíveis.” Ele agarrou um dos meus seios, passando o polegar no meu mamilo endurecido. “Precisei esticar uma conversa que já estava encerrada enquanto me acalmava. Fico excitado quando você me desafia, Eva.” Sua voz se tornou mais grave e mais rouca, exalando sexo e pecado. “Fico com vontade de comer você. E depois comer de novo, de novo e de novo.”

“Ai, meu Deus.” Meus quadris se ergueram, e eu senti meu ventre se contrair de vontade de gozar.

“E, como não posso”, ele murmurou, “vou fazer você gozar assim, e depois você vai me fazer gozar com a sua boca.”

Soltei um gemido, com água na boca diante da perspectiva de fazer aquilo por ele. Ficávamos sempre em sintonia na hora de fazer amor. O único momento em que ele se esquecia de mim e se concentrava somente no próprio prazer era quando eu o chupava.

“Isso mesmo”, ele sussurrou, “continue esfregando a bocetinha assim em mim. Porra, como você é gostosa…”

“Gideon.” Minhas mãos percorriam suas costas e suas nádegas contraídas. Meu corpo se arqueava todo na direção dele. Gozei com um gemido bem longo, e a tensão entre nós se tornou alívio.

Gideon cobriu minha boca com a dele, saboreando os ruídos que eu fazia sob seu corpo. Agarrei seus cabelos e retribuí o beijo.

Gideon se virou para ficar debaixo de mim e abriu a braguilha da calça. “Agora, Eva.”

Fui deslizando pela cama, tão ansiosa quanto ele para senti-lo em minha boca. Assim que tirou a cueca, peguei seu pênis com as mãos e o abocanhei.

Soltando um gemido, Gideon apanhou um travesseiro e posicionou sob a cabeça. Quando seu olhar se encontrou com o meu, fui ainda mais fundo com a boca.

“Isso”, ele sibilou, enroscando os dedos nos meus cabelos. “Chupa bem forte e bem rápido. Quero gozar.”

Senti seu sabor e a delicadeza da sua carne quente na minha boca. Depois fiz o que ele mandou.

Sugando o ar das bochechas, eu o engoli até a garganta, depois voltei até lá em cima. E de novo, e de novo, concentrando-me na sucção e na velocidade, já que ele estava louco para gozar, e incentivada por seus gemidos e seus dedos que se contorciam agarrando as cobertas. Seus lábios estavam cerrados, sua mão ditava meu ritmo.

“Nossa.” Ele me observava com os olhos obscurecidos de prazer. “Adoro quando você me chupa. Como se estivesse sedenta por mim.”

E eu estava. Mais do que imaginava ser capaz. O prazer dele significava muito para mim, porque era autêntico e irrefreável. Para Gideon, o sexo sempre havia sido algo ensaiado e metódico. Ele não conseguia se segurar porque seu desejo por mim ia além da razão. Dois dias sem mim e ele já estava se sentindo… incompleto.

Eu o masturbava com a mão, sentindo suas veias grossas pulsando sob a pele macia. Um som crispado escapou de sua garganta e eu senti um líquido salgado se espalhar por minha língua. Ele estava quase lá, com o rosto todo vermelho, os lábios entreabertos e a respiração ofegante. Suor brotava da minha testa. Minha excitação crescia junto com a dele. Ele estava totalmente à minha mercê, com a cabeça voltada unicamente para a necessidade do clímax, murmurando palavras sujas e sensuais sobre o que faria na próxima vez que trepássemos.

“Isso, meu anjo. Isso… me faz gozar.” Suas costas se arquearam e seus pulmões se inflaram. “*Caralho.*”

Sua gozada foi como a minha — intensa e brutal. O sêmen jorrou em um jato grosso e quente que eu tive de me esforçar para dar conta de engolir. Ele disse meu nome em um grunhido, empurrando os quadris na direção da minha boca, conseguindo o que queria de mim, esvaziando-se completamente.

Depois ele se curvou na minha direção e me puxou num abraço bem apertado junto ao peito ofegante. Ficamos abraçados durante um bom tempo. Ouvi seu coração desacelerar

aos poucos e voltar ao ritmo normal.

Enfim ele disse alguma coisa, com a boca colada aos meus cabelos. “Obrigado. Eu estava precisando.”

Sorri e o apertei mais um pouco. “O prazer foi todo meu, garotão.”

“Senti sua falta”, ele disse baixinho, com os lábios grudados na minha testa. “Senti demais. E não só por causa disso.”

“Eu sei.” Precisávamos daquilo — da proximidade física, do frenesi do toque, da exaltação do orgasmo — para liberar uma parte das emoções arrebatadoras que tomavam conta de nós quando estávamos juntos. “Meu pai vai me visitar em Nova York na semana que vem.”

Gideon ficou paralisado. Levantando a cabeça, ele me lançou um olhar irônico. “E você me conta isso enquanto ainda estou com o pau pra fora?”

Dei risada. “Peguei você desprevenido, hein?”

“Porra.” Ele me deu um beijo na testa e começou a ajeitar a roupa. “Você já sabe como vai me apresentar? Em casa ou num restaurante? Na sua casa ou na minha?”

“Na minha, e eu cozinho.” Estiquei-me e comecei a alisar minha blusa com a mão.

Ele concordou, mas seu humor mudou. Meu amante satisfeito e feliz de alguns momentos antes fora substituído pelo homem sério que sempre marcava presença ultimamente.

“Você prefere outra coisa?”, perguntei.

“Não. É uma ideia boa. Ele vai se sentir mais confortável na sua casa. Eu faria o mesmo.”

“Sério?”

“Sim.” Ele apoiou a cabeça em uma das mãos e me olhou, tirando meus cabelos da frente do rosto. “É melhor não ficar ostentando minha riqueza se pudermos evitar.”

Respirei fundo. “Nem pensei nisso. Só achei que ficaria menos tensa fazendo bagunça na minha cozinha do que na sua. Mas você tem razão. E vai dar tudo certo, Gideon. Quando ele perceber o que você sente por mim, vai aprovar nosso relacionamento.”

“Isso só me interessa se for capaz de interferir no que você sente por mim. Se ele não gostar de mim e isso mudar as coisas entre nós…”

“Isso só depende de você.”

Ele acenou com a cabeça, o que não aliviou muito minha preocupação com o que estava

sentindo. Muitos homens ficam nervosos ao conhecer os pais da namorada, mas Gideon não era esse tipo de pessoa. Ele não se abalava. Na maioria das vezes. Queria que ele e meu pai ficassem tranquilos e à vontade um com o outro, sem nenhuma tensão ou animosidade.

Resolvi mudar de assunto. “Deu tudo certo lá em Phoenix?”

“Sim. Uma das gerentes do projeto percebeu algumas anomalias nas contas, e fez bem em me chamar pra analisar melhor a situação. Gente corrupta é uma coisa que não tolero.”

Estremeci, lembrando-me do pai de Gideon, que sumira com milhões de dólares de seus investidores antes de se matar. “E qual é o projeto?”

“Um resort com campo de golfe.”

“Casas noturnas, resorts, condomínios de luxo, vodca, cassinos… e uma rede de academias de ginásticas pra manter o pique?” Pelo site das Indústrias Cross eu sabia que Gideon também era dono de empresas de software e games, além de uma rede social para jovens profissionais de grandes centros urbanos. “Você é um deus do prazer em vários sentidos, então.”

“Deus do prazer?” Sua expressão parecia bem-humorada. “Gasto toda a minha energia idolatrando você.”

“Como foi que você ficou tão rico?”, provoquei, instigada pela lembrança das insinuações de Cary sobre Gideon ter acumulado tanto dinheiro com tão pouca idade.

“As pessoas gostam de se divertir, e não economizam nisso.”

“Não foi isso que eu quis dizer. Como surgiram as Indústrias Cross? De onde veio o capital pra começar tudo?”

Seus olhos brilharam de curiosidade. “Como acha que eu consegui esse dinheiro?”

“Não faço a menor ideia”, respondi com toda a sinceridade.

“Blackjack.”

Pisquei, confusa. “Na mesa de jogo? Está de brincadeira comigo?”

“Não.” Ele deu risada e me abraçou mais forte.

Eu não conseguia imaginar Gideon como um jogador. Graças ao segundo marido da minha mãe, eu sabia muito bem que a jogatina era um vício terrível e insidioso que levava à total falta de autocontrole. Uma pessoa tão contida quanto Gideon jamais sentiria atração por algo que dependesse tanto do acaso e da sorte.

Foi quando entendi tudo. “Você conta as cartas…”

“Contava”, ele admitiu. “Agora não jogo mais. E os contatos que fiz na mesa foram tão importantes quanto o dinheiro.”

Tentei digerir aquela informação, lidar com ela, e depois amenizar um pouco as coisas. “Me lembre de nunca jogar baralho com você.”

“Strip poker pode ser divertido…”

“Pra você.”

Ele foi descendo uma das mãos e apertou minha bunda. “E pra você também. Você sabe como eu fico quando tira a roupa.”

Dei uma olhada de relance para meu corpo totalmente vestido. “E quando não tiro também.”

Gideon abriu um sorriso malicioso, sem o menor pudor.

“Você ainda aposta?”

“Todos os dias. Mas só nos negócios e com você.”

“Comigo? Com nossa relação?”

Seu olhar se encheu de ternura e me provocou um nó na garganta. “Você é o maior risco que já assumi.” Ele me beijou de leve na boca. “E o maior prêmio que já ganhei.”

Quando fui trabalhar na segunda-feira, senti que as coisas enfim estavam voltando à época pré-Corinne. Gideon e eu tínhamos que lidar com minha menstruação, algo que nunca havia sido problema em nenhum dos nossos relacionamentos anteriores, mas o sexo era nossa forma de expressar os sentimentos. Ele dizia com o corpo o que não conseguia transformar em palavras, e meu desejo era uma forma de provar que acreditava nele, algo indispensável para estabelecer a proximidade entre nós.

Eu podia dizer que o amava o quanto quisesse, e isso tinha lá seu efeito, mas Gideon precisava da entrega total do meu corpo — uma prova de confiança com um significado todo especial, por causa do meu passado — para acreditar de fato nisso.

Como ele me disse certa vez, não era a primeira vez que ouvia “Eu te amo”, mas, como a frase nunca vinha acompanhada de uma demonstração de honestidade, confiança e sinceridade, nunca havia sido levada a sério. Essas palavras não significavam muita coisa para Gideon, e por isso ele se recusava a dizê-las. Era uma coisa da qual teria que abrir mão para ficar com ele.

“Bom dia, Eva.”

Sentada à minha mesa, olhei para cima e vi Mark de pé ao meu lado. Ver seu sorriso ligeiramente torto era sempre uma alegria para mim. “Oi. Estou pronta pra começar quando você quiser.”

“Primeiro um café. Você quer?”

Peguei minha caneca vazia de cima da mesa e fiquei de pé. “Pode apostar.”

Fomos para a máquina.

“Você está toda bronzeada”, comentou Mark, olhando para mim.

“Pois é, tomei um solzinho no fim de semana. Foi legal ficar à toa, sem fazer nada. Aliás, é uma das coisas que mais gosto de fazer.”

“Que inveja. Steven não aguenta ficar muito tempo sem fazer nada. Está sempre me arrastando pra algum lugar pra fazer alguma coisa.”

“O amigo que mora comigo é igualzinho. Fico cansada só de vê-lo sempre correndo de um lado para o outro.”

“Ah, antes que eu me esqueça.” Ele fez um gesto para que eu entrasse primeiro. “Shawna pediu pra você ligar. Ela tem ingressos para um show de uma dessas bandas novas de rock e perguntou se você não gostaria de ir.”

Lembrei-me da garçonete ruiva bonita que conhecera na semana anterior. Era irmã de Steven, o companheiro de longa data de Mark. Os dois se conheceram na faculdade e estavam juntos desde então. Eu adorava Steven. E tinha quase certeza de que adoraria Shawna também.

“Tudo bem se eu sair com ela?”, fui obrigada a perguntar, já que era a cunhada do meu chefe.

“Claro. Não esquenta. Não tem problema.”

“Legal.” Sorri e desejei que ela logo se tornasse mais uma aquisição para minha lista de amigas em Nova York. “Valeu.”

“Agradeça com um café”, ele disse, pegando um copo da pilha e entregando para mim. “O seu sempre fica melhor que o meu.”

Lancei um olhar um tanto incrédulo para ele. “Meu pai sempre diz isso.”

“Então deve ser verdade.”

“Deve ser um golpe masculino”, rebati. “E como é que você e Steven dividem a tarefa de fazer o café?”

“Não precisamos fazer isso.” Ele sorriu. “Tem um Starbucks na esquina de casa.”

“Tenho certeza de que existe uma boa explicação pra chamar isso de golpe, mas meu nível de cafeína ainda está baixo demais para pensar a respeito.” Entreguei um copo cheio para ele. “O que provavelmente é um bom motivo pra não mencionar a ideia que acabei de ter.”

“Pode falar. Se for muito ruim, posso usar isso contra você para sempre.”

“Puxa. Valeu.” Segurei minha caneca com as duas mãos. “Não seria melhor tentar vender o tal café com sabor de blueberry como se fosse um chá? Sabe como é, numa xícara de porcelana chique, com pires e um potinho de creme ao fundo? Para dar uma ideia de coisa sofisticada, tipo chá das cinco? Com um cara lindo e meio britânico dando um golinho?”

Mark contorceu um pouco os lábios enquanto pensava. “Acho que gostei da ideia. Vamos falar com o pessoal da criação.”

“Por que você não me contou que ia para Las Vegas?”

Suspirei em silêncio ao ouvir a voz aguda e irritadiça da minha mãe e posicionei melhor o telefone no ouvido. Mal tinha posto a bunda na cadeira quando ele tocou. Desconfiei que, se pegasse meus recados, ia encontrar um ou dois dela. Minha mãe é o tipo de pessoa que, quando fica preocupada, não descansa enquanto não receber notícias. “Oi, mãe. Desculpe. Eu ia te ligar na hora do almoço e contar tudo.”

“Adoro Las Vegas.”

“É mesmo?” Pensei que ela detestasse qualquer coisa relacionada a jogatina. “Não sabia.”

“Pois saberia, se me perguntasse.”

Havia um tom de queixa e mágoa na voz sussurrada dela que me fez estremecer. “Desculpe, mãe”, eu disse mais uma vez, pois desde criança tinha aprendido que pedir desculpas sempre funcionava com ela. “Eu precisava passar um tempo sozinha com Cary. Mas a gente pode marcar uma viagem para Vegas qualquer dia, se você estiver a fim.”

“Não seria divertido? Eu bem que gostaria que passássemos um tempo juntas, Eva.”

“Eu também gostaria.” Olhei para a foto dela e de Stanton que havia na minha mesa. Ela era linda, uma mulher que irradiava um tipo de sensualidade vulnerável que parecia irresistível aos homens. Sua vulnerabilidade não era uma coisa fingida — minha mãe era

uma pessoa frágil em diversos sentidos —, mas ela sabia muito bem conseguir o que queria. Os homens não se aproveitavam dela; era ela que tirava o que queria deles.

“Você já tem planos para o almoço? Posso fazer uma reserva em algum lugar e passar aí para pegar você.”

“Tudo bem se eu levar uma colega?” Megumi havia me chamado para almoçar quando cheguei, prometendo contar tudo sobre seu encontro às escuras.

“Ah, eu adoraria conhecer seus colegas de trabalho!”

Abri um sorriso de afeto genuíno. Minha mãe era capaz de me enlouquecer, mas no fim das contas seu único defeito era me amar demais — uma característica que, combinada à sua neurose, era absurdamente irritante, porém motivada pela melhor das intenções. “Certo. Você pode passar aqui ao meio-dia. E a gente só tem uma hora de almoço, então tem que ser uma coisa rápida em um lugar não muito longe daqui.”

“Pode deixar que eu cuido de tudo. Estou tão animada! Até daqui a pouco.”

Minha amiga e minha mãe se deram muito bem. Reconheci no rosto de Megumi o olhar de deslumbramento que havia visto tantas vezes ser despertado por ela ao longo dos anos. Monica Stanton era uma mulher lindíssima, o tipo de beldade clássica que deixa todos embasbacados por encarnar um ideal de perfeição. Além disso, a poltrona roxa que ela havia escolhido para sentar era a ideal para realçar a beleza de seus cabelos loiros e seus olhos azuis.

Já minha mãe ficou encantada com o bom gosto que Megumi exibia ao se vestir. Enquanto eu pendia mais para o trivial, privilegiando a praticidade, Megumi preferia se arriscar nas cores e combinações, assim como a decoração do café localizado perto do Rockefeller Center a que minha mãe nos levara.

O lugar me fez lembrar de *Alice no País das Maravilhas*, com os veludos em cores berrantes que revestiam a mobília de formatos exóticos. A poltrona de Megumi tinha um encosto exageradamente curvado, e a da minha mãe tinha gárgulas entalhadas nos pés.

“Fiquei pensando no que ele tinha de errado”, Megumi ia dizendo. “Eu olhava e não entendia nada. Um cara como aquele não tinha por que se rebaixar a topar um encontro com alguém que nem conhecia.”

“Ele não estava se rebaixando”, discordou minha mãe. “Com certeza estava pensando que tinha tirado a sorte grande com você.”

“Obrigada!” Megumi sorriu para mim. “Ele era um gato. Não chegava a ser um Gideon Cross, mas era um gato!”

“Aliás, como vai Gideon?”

Não era uma perguntinha inocente. Minha mãe sabia que eu tinha contado para Gideon do abuso sexual que havia sofrido quando menina, e não gostou nem um pouco da ideia. Era a coisa da qual ela mais se envergonhava na vida — ter ciência de que aquilo aconteceu em sua própria casa —, e seu sentimento de culpa era terrível, apesar de nem um pouco justo. Ela não ficara sabendo do que ocorria porque eu escondia tudo. Nathan me fizera ameaças horrorosas, que me deixaram morrendo de medo de abrir a boca. Ainda assim, minha mãe não se sentia confortável com o fato de Gideon saber de tudo. Eu torcia para que em algum momento ela compreendesse que ele também não a culpava pelo que havia acontecido.

“Ele anda trabalhando bastante”, respondi. “Você sabe como é. Tomei bastante tempo dele no começo, e agora está tendo que compensar isso.”

“Você vale a pena.”

Dei um gole na minha água e senti uma vontade irrefreável de contar que meu pai ia me visitar. Ela poderia ajudar a convencê-lo de que os sentimentos de Gideon por mim eram verdadeiros, mas esse era um motivo egoísta demais para abrir a boca. Eu não tinha como saber de que modo ela reagiria ao fato de Victor ir para Nova York, mas era bem possível que ficasse aborrecida, o que tornaria a vida de todos um inferno. Por alguma razão, minha mãe preferia não manter nenhum tipo de contato com ele. Não havia como ignorar o fato de que, desde que eu crescera o suficiente para me comunicar com meu pai sem precisar da ajuda dela, eles nunca mais tinham se falado.

“Vi uma foto de Cary num anúncio na lateral de um ônibus ontem”, ela comentou.

“Sério?” Eu me ajeitei na poltrona. “Onde?”

“Na Broadway. Era um anúncio de jeans, acho.”

“Eu também vi”, acrescentou Megumi. “Mas nem prestei atenção no que estava vestindo. Aquele homem é *demais*.”

A conversa me fez sorrir. Minha mãe era uma admiradora da beleza masculina. Era um dos motivos por que os homens gostavam tanto dela — ela os fazia se sentir bem. E, quando se tratava de expressar sua admiração por caras bonitos, Megumi também era uma especialista.

“Ele está sendo reconhecido na rua”, contei, feliz por ser em consequência dos anúncios, e não de fotos ao meu lado nos tabloides. O mercado da fofoca considerava um

material de primeira a notícia de que a namorada de Gideon Cross morava com um modelo lindo de morrer.

“Mas é claro”, disse minha mãe, com uma pontinha de reprovação. “E teria como ser diferente?”

“Sempre torci por isso”, deixei bem claro. “Para o bem dele. É uma pena que o mercado de modelos masculinos não seja tão grande.” Ainda assim, eu achava que Cary ia se dar muito bem. Ou seria doloroso demais para ele. Cary dava tanto valor à sua aparência que um fracasso nesse ramo provavelmente teria um efeito devastador. Um dos meus maiores medos era que sua carreira se tornasse um fantasma com o qual nenhum de nós fosse capaz de lidar.

Minha mãe sorveu mais um pequeno gole de sua água San Pellegrino. Aquele café era especializado em pratos com cacau, mas ela sempre tomava o cuidado de não ingerir todas as calorias diárias recomendadas em uma única refeição. Já eu não tinha esse cuidado. Pedi uma sopa, um sanduíche e uma sobremesa que me custaria uma boa hora a mais de esteira. Desculpei-me pelo deslize com um lembrete mental de que estava menstruada, o que para mim significava carta branca para o consumo de chocolate.

“E então”, Monica sorriu para Megumi, “você vai ver o rapaz do encontro às escuras de novo?”

“Espero que sim.”

“Querida, não dê chance ao acaso!”

Quando minha mãe começou a expor seus conhecimentos sobre como lidar com homens, eu me recostei e apreciei o espetáculo. Ela era irredutível em sua crença de que toda mulher merecia um homem rico para mimá-la e, pela primeira vez na vida, seus conselhos não eram dirigidos a mim. Eu estava em dúvida se meu pai e Gideon iam se dar bem, mas com minha mãe essa preocupação não existia. Ambas sabíamos que ele era o cara ideal para mim, apesar de acreditarmos nisso por razões diferentes.

“Sua mãe é demais”, comentou Megumi quando Monica foi até o banheiro se arrumar antes de sairmos. “E você é muito parecida com ela, sua sortuda. Imagina que estranho seria se a sua mãe fosse mais bonita que você…”

Dei risada e disse: “Você tem que sair com a gente mais vezes. Foi divertido”.

“Eu adoraria.”

Quando chegou a hora de voltar ao trabalho, vi Clancy ao lado do carro estacionado no meio-fio e decidi que seria melhor andar e queimar algumas calorias antes de voltar ao trabalho. “Acho que vou a pé”, eu disse a elas. “Comi demais. Vocês duas podem ir sem

mim.”

“Vou com você”, disse Megumi. “Preciso de um pouco de ar fresco. O ar condicionado do escritório resseca demais a minha pele.”

“Eu vou também”, disse minha mãe.

Dei uma olhada desconfiada para os sapatos dela, mas logo lembrei que minha mãe não usava nada além de salto alto. Para ela, caminhar com aquele tipo de calçado era a mesma coisa que andar de tênis para mim.

Voltamos ao Crossfire no ritmo habitual de caminhada em Manhattan, ou seja, em passadas largas e decididas. Apesar de os obstáculos representados pelas pessoas que vinham em sentido contrário nunca deixarem de ser um problema, tudo se tornou mais fácil com minha mãe abrindo caminho. Os homens davam passagem a ela com todo o prazer, para depois acompanhá-la com o olhar. Com seu vestidinho azul simples e sexy, ela parecia fresca e tranquila em meio ao calor e à umidade.

Quase na esquina do Crossfire, ela parou de maneira tão repentina que Megumi e eu batemos nela. Minha mãe se desequilibrou e foi lançada para a frente. Foi por muito pouco que consegui agarrá-la pelo cotovelo e impedir que caísse.

Olhei para o chão à procura do motivo por que ela havia parado, mas não encontrei, e olhei em seu rosto. Ela observava o Crossfire, perplexa.

“Meu Deus, mãe”, eu a afastei do fluxo de pedestres. “Você está branca. É por causa do calor? Está passando mal?”

“Quê?” Ela pôs a mão sobre a garganta. Seus olhos continuavam vidrados no prédio.

Virei a cabeça para tentar descobrir o que a estava deixando naquele estado.

“O que foi que vocês viram?”, perguntou Megumi, franzindo a testa.

“Senhora Stanton.” Clancy se aproximou, abandonando o carro com o qual nos seguia a uma distância discreta porém segura. “Está tudo bem?”

“Você viu…?”, ela esboçou uma pergunta, virando-se para ele.

“Viu o quê?”, eu quis saber, enquanto ele percorria a rua com seus olhos treinados. A expressão implacável de seu rosto me deu um frio na espinha.

“Levo vocês até lá”, ele disse.

A entrada do Crossfire era literalmente do outro lado da rua, mas o tom de voz de Clancy não dava margem a questionamentos. Nós entramos, e minha mãe se sentou no banco da frente.

“O que aconteceu?”, Megumi perguntou depois que saímos do carro, já no interior refrigerado do edifício. “Parecia que sua mãe tinha visto um fantasma.”

“Não faço a menor ideia”, eu disse, sentindo-me muito mal.

Alguma coisa havia deixado minha mãe com medo. Eu enlouqueceria se não descobrisse o que era.

7

Minhas costas bateram no tatame com força suficiente para roubar o ar dos meus pulmões. Aturdida, pisquei várias vezes olhando para o teto, tentando recobrar o fôlego.

O rosto de Parker Smith apareceu no meu campo de visão. “Você só está me fazendo perder tempo. Se veio até aqui, então se concentre no que está acontecendo *aqui*. Seus pensamentos estão a milhões de quilômetros.”

Agarrei a mão que ele estendeu para mim e fui posta de pé em um puxão. Ao nosso redor, mais de uma dezena de aprendizes de krav maga treinavam duro. A academia no Brooklyn estava tomada por ruídos e atividade.

E ele tinha razão. Eu não conseguia pensar em mais nada além da reação estranha da minha mãe na frente do Crossfire quando voltamos do almoço.

“Desculpe”, murmurei. “Estou com a cabeça meio cheia.”

Ele se movia como um relâmpago, acertando meu joelho e depois meu ombro com golpes leves de mão aberta. “E você acha que um agressor não aproveitaria um momento de distração como esse para atacar?”

Eu me agachei, fazendo força para tentar me concentrar. Parker fez o mesmo, encarando-me com seu olhar atento e implacável. A pele morena de sua cabeça raspada brilhava sob a luz das lâmpadas fluorescentes. A academia era um antigo depósito, que não havia sido modificado nem decorado por razões tanto estéticas como práticas, criando assim uma atmosfera propícia ao exercício da autodefesa. Minha mãe e meu padrasto, paranoicos como eles só, faziam Clancy me levar às aulas. Aquela região estava sendo revitalizada, o que eu achava ótimo, mas para eles era sinal de problemas.

Quando Parker veio para cima de mim de novo, consegui detê-lo. Ele pegou ainda mais pesado depois disso, obrigando-me a esquecer qualquer outro pensamento até bem mais tarde, quando eu já estava em casa.

Gideon apareceu mais ou menos uma hora depois e me encontrou na banheira, cercada por velas aromáticas. Ele tirou a roupa para se juntar a mim, apesar de seus cabelos molhados denunciarem que havia tomado banho depois de se exercitar com o personal trainer. Eu o observei enquanto se despia, fascinada. A movimentação dos músculos sob sua pele e a elegância com que se mexia faziam uma sensação de bem-estar se espalhar

pelo meu corpo.

Gideon se posicionou atrás de mim na banheira oval, suas longas pernas envolvendo as minhas. Ele segurou meus braços e me levantou, pegando-me de surpresa, e quando me dei conta estava sentada em seu colo.

“Encosta aqui em mim, meu anjo”, ele murmurou. “Preciso sentir você.”

Suspirei de prazer, soltando todo o meu peso e me aninhando sobre seu corpo firme e rígido. Meus músculos doloridos relaxaram, ansiosos como sempre para ser manipulados por seu toque. Momentos como aquele eram os meus preferidos. O restante do mundo e nossos gatilhos emocionais se tornavam uma coisa distante. Era quando eu *sentia* o amor que ele não ousava confessar.

“Mais hematomas?”, ele perguntou com o rosto colado ao meu.

“Foi culpa minha. Minha cabeça não estava colaborando muito.”

“Estava pensando em mim?”, ele sussurrou, acariciando minha orelha com o nariz.

“Quem me dera.”

Ele fez uma pausa antes de alterar o tom da conversa. “Me conte o que está incomodando você.”

Eu adorava essa capacidade dele de me entender e mudar a abordagem de acordo com minhas reações. Eu me esforçava para ser como Gideon. A flexibilidade era um requisito indispensável em um relacionamento entre duas pessoas complicadas.

Entrelaçando meus dedos aos dele, falei sobre o comportamento esquisito da minha mãe depois do almoço.

“Por um momento achei que daria de cara com meu pai. Eu estava pensando… O prédio tem câmeras viradas para a calçada, não tem?”

“Claro. Posso conseguir as imagens pra você.”

“Seriam no máximo dez minutos. Só quero tentar descobrir o que aconteceu.”

“Por mim já está feito.”

Joguei a cabeça para trás e beijei seu queixo. “Obrigada.”

Seus lábios roçaram de leve meu ombro. “Meu anjo, eu faria qualquer coisa por você.”

“Inclusive falar sobre seu passado?” Senti que ele se arrependeu do que tinha dito. “Não precisa ser agora”, apressei-me em dizer, “mas algum dia. Você decide quando estiver pronto.”

“Almoça comigo amanhã? Na minha sala?”

“Você vai me contar tudo durante o almoço?”

Gideon bufou. “Eva.”

Virei o rosto e o soltei, decepcionada com a recusa. Agarrando as bordas da banheira, preparei-me para levantar e sair de perto do homem com quem eu tinha mais intimidade no mundo, mas que ainda assim parecia uma pessoa irremediavelmente distante. Manter uma relação com ele significava andar sempre no fio da navalha, começar a duvidar de coisas das quais eu tinha certeza poucos momentos antes. Começar e recomeçar o tempo todo.

“Pra mim já chega”, murmurei, apagando a vela mais próxima de mim. A fumaça serpenteou pelo ar, intangível como o homem que eu amava. “Vou sair.”

“Não.” Ele agarrou meus seios, restringindo meus movimentos. A água começou a respingar para fora da banheira, reflexo da minha agitação.

“Me larga, Gideon.” Eu o peguei pelos pulsos e afastei suas mãos de mim.

Ele enterrou o rosto no meu pescoço, segurando-me obstinadamente. “Eu chego lá. Tudo bem? Só me dá… Eu chego lá.”

Eu me desarmei diante do pequeno triunfo que esperava obter logo de cara, quando fiz a pergunta.

“Podemos deixar isso de lado só por uma noite?”, ele perguntou em um tom de irritação, ainda com o corpo todo tenso. “Deixar tudo de lado? Só quero a sua companhia, pode ser? Pedir alguma coisa pra jantar, ficar vendo tevê, dormir abraçado… Podemos fazer isso?”

Percebendo que havia alguma coisa bem séria o incomodando, virei-me para olhá-lo. “Aconteceu alguma coisa?”

“Só quero ficar um tempinho com você.”

Lágrimas brotaram dos meus olhos. Havia tanta coisa que ele não era capaz de me dizer, tanta coisa. Nosso relacionamento estava se transformando em um campo minado de palavras não ditas e segredos não compartilhados. “Tudo bem.”

“Estou precisando disso, Eva. Eu e você, sem nenhum drama.” Gideon passou os dedos molhados pelo meu rosto. “Me faça esse favor. E me beije.”

Eu me virei, posicionei-me sobre seus quadris e agarrei seu rosto com as mãos. Inclinei a cabeça até o ângulo perfeito e juntei meus lábios aos dele. Comecei bem devagar, com sucções leves. Mordi sem muita força seu lábio inferior, depois me entreguei ao beijo para

que todos os nossos problemas se esvaíssem ao contato da minha língua com a dele.

“Me beija, porra”, ele rugiu, passando as mãos pelas minhas costas e se remexendo sem parar. “Se você me ama, me beija.”

“Eu te amo”, garanti, sem separar nossas bocas. “Não posso evitar.”

“Meu anjo.” Agarrando com as mãos meus cabelos molhados, ele me manteve na posição em que queria e se rendeu a um beijo apaixonado.

Depois do jantar, Gideon foi trabalhar na cama, com a cabeça encostada na cabeceira e o laptop em uma mesinha portátil. Eu estava deitada de bruços, vendo tevê e balançando os pés.

“Você sabe todas as falas desse filme?”, ele perguntou, desviando temporariamente minha atenção de *Os Caça-fantasmas* para olhá-lo. Ele só estava usando uma cueca boxer preta.

Adorava vê-lo daquela maneira relaxada, despojada e íntima. Perguntei-me se Corinne já havia desfrutado da mesma visão. Em caso positivo, eu era capaz de imaginar seu desespero para estar de novo diante daquela cena, com base no meu desespero para nunca perder o privilégio.

“Talvez”, admiti.

“E precisa dizer todas em voz alta?”

“Algum problema, garotão?”

“Não.” Ele sorriu, e seus olhos deixavam claro que estava se divertindo. “Quantas vezes você já viu isso?”

“Um zilhão.” Eu me virei e ergui as mãos e os joelhos. “Está bom pra você?”

Ele levantou uma sobrancelha.

“Você é o porteiro?”, murmurei, aproximando-me.

“Meu anjo, com você me encarando desse jeito, aceito ser qualquer coisa.”

Virei para ele com os olhos semicerrados e sussurrei: “Você quer este corpinho?”.

Sorrindo, ele pôs o computador de lado. “Vinte e quatro horas por dia.”

Montei em suas pernas e me inclinei sobre ele. Lancei meus braços sobre seus ombros e grunhi: “Me beija, criatura inferior”.

“Ah, então é assim que as coisas funcionam? O que aconteceu com o deus do prazer? Agora sou uma criatura inferior?”

Pressionei meu sexo contra a extensão rígida do pau dele e remexi os quadris. “Você aceita ser qualquer coisa, esqueceu?”

Gideon me agarrou na altura das costelas e jogou a cabeça para trás. “E o que você quer que eu seja?”

“Meu.” Dei uma mordida em sua garganta. “Todo meu.”

Eu não conseguia respirar. Tentei gritar, mas alguma coisa tapava meu nariz… cobria minha boca. Um gemido agudo foi o único som a escapar. Meus pedidos frenéticos de socorro estavam aprisionados dentro da minha mente.

Me larga! Para com isso! Não encosta em mim. Ai, meu Deus… por favor, não faz isso *comigo*.

Onde estava minha mãe? *Mãe!*

A mão de Nathan cobria minha boca, bloqueando meus lábios. O peso de seu corpo pressionava o meu para baixo, esmagando minha cabeça contra o travesseiro. Quanto mais eu resistia, mais excitado ele ficava. Arfando como o animal que era, Nathan investia contra mim, de novo e de novo… tentando me penetrar. Minha calcinha estava no caminho, minha única proteção contra a dor que eu já havia experimentado incontáveis vezes.

Como se estivesse lendo minha mente, ele rugiu na minha orelha: “Você ainda não sabe o que é dor. Mas vai descobrir já, já”.

Fiquei paralisada. A consciência me atingiu como um balde de água fria. Eu conhecia *muito bem* aquela voz.

Gideon. Não!

Minha pulsação acelerada ressoava nos meus ouvidos. Uma ânsia de vômito se espalhou por minha barriga. Senti a bile subir até minha boca.

Era ainda pior, muito pior, quando o estuprador era alguém em quem você confiava mais do que em qualquer outra pessoa no mundo.

O medo e a raiva se misturaram em uma dose potente de adrenalina. Em um momento de lucidez, ouvi a voz de Parker gritando seus comandos e me lembrei do básico.

Ataquei o homem que amava, o homem cujos pesadelos se misturavam com os meus da maneira mais pavorosa possível. Éramos ambos sobreviventes de abusos sexuais, mas nos meus sonhos eu ainda era a vítima. Nos de Gideon, ele havia se tornado o agressor, furiosamente determinado a se vingar infligindo a mesma agonia e humilhação que tinha sofrido a quem o atacou.

Meus dedos enrijecidos golpearam a garganta de Gideon. Ele recuou com um palavrão e se virou, e eu aproveitei para dar uma joelhada no meio de suas pernas. Dobrado sobre si mesmo, ele caiu para um dos lados. Rolei para fora da cama e caí no chão. Aos tropeções, arremessei-me porta afora e cheguei ao corredor.

"Eva!", ele gritou sem fôlego, acordado e ciente do que quase havia feito enquanto dormia. "Meu Deus. *Eva.* Espere!"

Continuei em frente e corri até a sala.

Encontrei um canto escuro, encolhi-me toda e, fazendo força para respirar, chorei até meus soluços ressoarem pelo apartamento. Pressionei a boca contra o joelho quando vi a luz do meu quarto se acender e não fiz nenhum movimento quando, uma eternidade depois, Gideon apareceu na sala.

"Eva? Meu Deus. Está tudo bem? Eu… machuquei você?"

Parassonia sexual atípica, foi o nome que o dr. Petersen mencionou, uma manifestação física do trauma psicológico profundo de Gideon. Para mim, o nome daquilo era inferno. E ambos tínhamos sido arrastados para ele.

Sua linguagem corporal era de partir o coração. Sua postura normalmente cheia de dignidade estava esmagada pelo peso do fracasso. Seus ombros estavam caídos e sua cabeça, abaixada. Gideon estava vestido e segurava a mala com suas roupas. Parou junto ao balcão. Abri a boca para falar, mas fui interrompida pelo barulho de um objeto de metal contra o tampo de pedra.

Da outra vez, eu o detive; pedi para que ficasse. Agora, não estava disposta a fazer o mesmo.

Agora, queria que ele fosse embora.

O ruído quase inaudível da chave entrando na porta reverberou pelo meu corpo. Algo dentro de mim morreu. O pânico tomou forma. Senti sua falta no mesmo momento em que ele partiu. Não queria que Gideon ficasse. Mas também não queria que fosse embora.

Não sei quanto tempo fiquei ali encolhida naquele canto antes de reunir forças para levantar e ir até o sofá. Notei distraidamente que a noite estava começando a virar dia, e logo depois ouvi o som distante do toque do celular de Cary. Pouco tempo depois, ele veio

correndo até a sala.

“Eva!” Ele chegou até mim em um segundo, agachando-se na minha frente, apoiado sobre as mãos e os joelhos. “O que foi que ele fez?”

Pisquei, confusa. “Quê?”

“Cross ligou. Ele contou que teve outro pesadelo.”

“Não aconteceu nada.” Senti uma lágrima quente deslizar por meu rosto.

“Está na sua cara que alguma coisa aconteceu. Você está…”

Eu o agarrei pelos punhos quando ele se levantou dizendo um palavrão. “Estou bem.”

“Merda, Eva. Nunca vi você tão assustada. Não dá pra continuar assim.” Ele se sentou ao meu lado e me puxou para seu ombro. “Já chega. Está na hora de acabar com isso.”

“Não posso tomar essa decisão assim, por impulso.”

“Você está esperando o quê?” Ele me forçou a encará-lo. “Se esperar demais, não vai ser só mais um relacionamento fracassado, vai foder sua vida pra sempre.”

“Se eu desistir de Gideon, ele nunca mais vai ter ninguém. Não posso…”

“Isso não é problema seu, Eva… Puta que o pariu. Você não tem a obrigação de salvar esse cara.”

“É que… Você não entende.” Com meus braços em torno dele e meu rosto enterrado em seu pescoço, eu disse aos soluços: “É ele que está me salvando”.

Senti uma terrível ânsia de vômito ao ver a cópia da chave que havia dado para Gideon em cima do balcão da cozinha. Quase não tive tempo de chegar até a pia.

Depois de esvaziar o estômago, senti uma dor tão aguda que era quase debilitante. Agarrei-me à beirada do balcão, suando frio e com dificuldade para respirar, chorando tanto que não sabia como suportar os cinco minutos seguintes, muito menos o restante do dia. Ou da minha vida.

Da última vez que Gideon me devolveu aquela chave, ficamos sem nos falar durante quatro dias. Era impossível não pensar que a repetição daquele gesto significava uma ruptura muito maior. O que eu tinha feito? Por que não fora atrás dele? Por que não conversara com ele? Por que não impedira que fosse embora?

Meu telefone emitiu o sinal de alerta de mensagem de texto. Arrastei-me até a bolsa,

torcendo para que fosse Gideon. Ele havia ligado três vezes para Cary, mas não tinha tentado falar comigo.

Quando vi seu nome na tela, senti um aperto no peito.

Vou trabalhar em casa hoje. Angus vai passar aí e te levar para o trabalho.

Senti meu estômago embrulhar de novo, dessa vez de medo. Tinha sido uma semana dificílima para nós dois. Seria compreensível se ele desistisse de vez. Essa compreensão, porém, vinha revestida de um pânico tão pavoroso que senti um arrepio subir por meus braços.

Meus dedos tremiam enquanto eu digitava a resposta.

Nos vemos hoje à noite?

Depois de uma longa pausa, a ponto de eu quase escrever de novo, ele enfim se manifestou.

Não conte com isso. Tenho consulta com o dr. Petersen e um monte de coisas para fazer.

Agarrei o telefone com força. Precisei recomeçar três vezes antes de reunir forças para escrever: Quero ver você.

A resposta demorou mais do que nunca. Já estava quase ligando, em estado de pânico, quando a mensagem chegou: Vou ver o que posso fazer.

Meu Deus… Eu mal conseguia enxergar as letras em meio às lágrimas. Ele tinha desistido. Meu coração dizia isso, era o que eu sentia no fundo da alma. Não fuja. Eu não vou fugir.

Ele respondeu depois do que pareceu uma eternidade: Mas deveria.

Pensei em ligar para o trabalho e dizer que estava doente, mas acabei mudando de ideia. Eu já havia passado por aquilo antes. Se fizesse isso, o passo seguinte seria retomar os antigos hábitos autodestrutivos com os quais eu costumava lidar com a dor. Perder Gideon seria terrível, mas me perder poderia ser pior.

Eu precisava aguentar firme. Seguir em frente. Manter o controle. Um passo de cada vez.

E então lá estava eu, à espera do Bentley no horário de sempre. Apesar de a expressão sorridente de Angus ter me deixado ainda mais apreensiva, coloquei-me no modo piloto automático que me ajudaria a superar o restante daquele dia.

O expediente passou numa espécie de estupor. Trabalhei bastante e me concentrei no

que precisava fazer, uma forma de impedir que acabasse enlouquecendo. Mas meu coração não estava lá. Passei a hora do almoço perambulando pelas ruas, incapaz de pensar em comer ou conversar com quem quer que fosse. Quando saí, pensei em faltar à aula de krav maga, mas acabei indo e me dedicando da mesma forma que com o trabalho. Era preciso seguir em frente, por mais desesperadores que fossem os rumos que as coisas estavam tomando.

"Hoje você está melhor", comentou Parker durante uma pausa entre os exercícios. "Ainda está distraída, mas está melhor."

Concordei com a cabeça e limpei o rosto com a toalha. As aulas de Parker a princípio eram apenas uma alternativa mais dinâmica às aulas de ginástica convencionais, mas, depois da noite anterior, percebi que a defesa pessoal era muito mais que um mero benefício adicional.

As tatuagens tribais que envolviam seus bíceps se encolheram quando ele levou a garrafa de água à boca. Como Parker era canhoto, sua aliança saltou aos meus olhos nesse momento. Lembrei-me do meu anel de compromisso na mão direita e olhei para ele. Recordei o momento em que Gideon me presenteou com aquele anel, dizendo que as cruzes incrustadas de diamantes ao redor da joia representavam nossos dedos entrelaçados. Imaginei se ele ainda pensava assim. Nesse caso, eu ainda estava disposta a tentar. E muito.

"Pronta?", perguntou Parker, descartando a garrafa na lata de lixo reciclável.

"Até demais."

Ele sorriu. "Agora sim."

Parker ainda levava a melhor sobre mim no corpo a corpo, mas não por falta de esforço da minha parte. Eu me dediquei a cada minuto, descarregando minhas frustrações de maneira saudável, através de exercícios físicos intensos. As poucas vezes em que superei meu instrutor me deram força para tentar lutar com o mesmo afinco pelo meu namoro tão tumultuado. Estava disposta a investir tempo e esforço para ficar com Gideon, para fortalecer a mim mesma e conseguir superar as nossas dificuldades. E era isso o que eu ia dizer para ele.

Quando a aula terminou, tomei uma ducha, despedi-me dos colegas, saí porta afora e encontrei um início de noite ainda bem quente. Clancy já estava à minha espera, encostado no carro, mas só um imbecil imaginaria que ele estava ali de bobeira. Apesar do calor, ele estava de paletó, escondendo a arma pendurada na cintura.

"Como estão indo as aulas?" Clancy se endireitou e abriu a porta para mim. Desde que o conhecia, ele mantinha seus cabelos loiros escuros em um corte militar, aprofundando

ainda mais a impressão de ser um homem sério e circunspecto.

“Estou me esforçando.” Instalei-me no banco de trás e pedi que me levasse à casa de Gideon. Eu tinha a minha própria chave, e planejava usá-la.

No caminho, fiquei curiosa para saber se Gideon havia de fato comparecido à consulta com o dr. Petersen ou se tinha cancelado. Ele só concordou em fazer terapia por minha causa. Se tivesse desistido definitivamente de mim, poderia não ver mais motivo para continuar.

Passei pelo sóbrio e elegante saguão do prédio e me identifiquei na portaria. Apenas quando estava no elevador privativo comecei a ficar nervosa de verdade. Ele havia me incluído entre as pessoas com acesso ao apartamento algumas semanas antes, um gesto com um significado muito especial, já que a casa de Gideon era seu santuário, um lugar onde as visitas eram presença raríssima. Eu era a primeira mulher a dormir com ele ali, e a única pessoa a ter a chave do apartamento além dos empregados. No dia anterior, tinha a certeza de ser bem recebida, mas naquele momento…

Saí do elevador para um pequeno hall com piso de pedra branco e preto e uma mesinha antiga com um arranjo de lírios brancos. Antes de abrir a porta, respirei bem fundo, reunindo forças para me preparar para quando o encontrasse. Na vez anterior em que havia me atacado durante o sono, ele havia ficado arrasado. Era impossível não temer as consequências da repetição daquele fato. Eu estava morrendo de medo de que a parassonia fosse o motivo que acabaria nos separando.

Assim que entrei no apartamento, porém, percebi que ele não estava em casa. A energia que preenchia aquele espaço quando Gideon estava lá era bem diferente.

Os sensores acionaram as luzes quando entrei na luxuosa sala, e fiz um esforço para tentar me sentir em casa. Meu quarto ficava logo ali, depois de um corredor, e foi para lá que me dirigi, parando um pouco na porta para digerir melhor o fato de que era uma reprodução exata do quarto no meu apartamento. Era uma réplica perfeita, da cor das paredes às roupas de cama, mas sua existência ali era um tanto perturbadora.

Gideon o havia criado como um quarto de segurança para mim, um espaço ao qual eu pudesse recorrer sem me afastar dele quando precisasse ficar sozinha. Era o que eu estava fazendo naquele momento, de certa forma, mantendo-me por perto, mas no meu próprio espaço.

Deixei minha bolsa e a mala da ginástica sobre a cama, tomei um banho e vesti uma das camisetas das Indústrias Cross que ele havia separado para mim. Tentei não ficar pensando no motivo de ele não estar em casa. Tinha acabado de pegar uma taça de vinho e de ligar a televisão da sala quando meu celular tocou.

“Alô?”, atendi, perguntando-me se conhecia o número no identificador de chamadas.

“Eva? É Shawna.”

“Ah, oi, Shawna.” Tentei não parecer muito decepcionada.

“Você pode falar ou quer que eu ligue outra hora?”

Olhei para a tela do celular e percebi que eram quase nove horas. O ciúme se misturou à preocupação. Onde ele podia estar? “Posso falar, sim. Estou à toa, vendo tevê.”

“Desculpa não ter atendido ontem quando você ligou. Sei que é um convite meio repentino, mas queria saber se você está a fim de ir comigo no show do Six-Ninths na sexta.”

“No show de quem?”

“Six-Ninths. Você nunca ouviu falar? É uma banda indie. Bom, pelo menos era, até o ano passado. Conheço os caras há um bom tempo, ajudei na divulgação deles no começo, então ganhei uns ingressos. E é aquela coisa, todo mundo que conheço só gosta de hip-hop e dance. Não diria que você é minha última esperança, mas… você é minha última esperança. Me diz que gosta de rock alternativo, vai.”

“Eu gosto de rock alternativo.” Ouvi um bipe no telefone. Uma nova chamada. Quando vi que era Cary, deixei cair na caixa de mensagem. A conversa com Shawna não seria das mais longas, eu poderia ligar para ele logo em seguida.

“Bem que eu imaginei!” Ela riu. “Tenho quatro ingressos, então se você quiser levar alguém… A gente pode se encontrar às seis e sair pra comer alguma coisa. O show começa às nove.”

Gideon chegou no exato instante em que respondi: “Está combinado”.

Ele passou pela porta com o paletó pendurado no braço, o primeiro botão da camisa aberto e uma pasta na mão. Sua máscara estava lá, impedindo que suas emoções transparecessem ao me ver deitada em seu sofá, usando sua camiseta, com uma taça de vinho sobre sua mesa de centro e sua televisão ligada. Ele me olhou de cima a baixo, mas seus lindos olhos não diziam nada. Comecei a me sentir desconfortável, como se não fosse bem-vinda.

“Depois te falo sobre o ingresso extra”, eu disse para Shawna, sentando-me lentamente para não ter que encará-lo. “Obrigada por se lembrar de mim.”

“Estou feliz por você ter aceitado o convite! A gente vai se divertir muito.”

Combinamos de conversar no dia seguinte e desliguei. Nesse meio-tempo, Gideon havia posto a pasta no chão e largado o paletó em uma das poltronas em volta da mesa de

vidro.

“Faz tempo que você está aqui?”, perguntou, afrouxando ainda mais o nó da gravata.

Fiquei de pé. Estava com as mãos suadas, morrendo de medo de que ele me mandasse embora. “Não muito.”

“Já comeu?”

Sacudi a cabeça. Não tinha conseguido comer direito o dia inteiro. Só sobrevivi à aula com Parker graças a uma vitamina que havia tomado na hora do almoço.

“Peça alguma coisa.” Ele passou por mim na direção do corredor. “Os cardápios estão na cozinha, na gaveta ao lado da geladeira. Vou tomar um banho rápido.”

“Você vai querer comer também?”, perguntei para as costas dele.

Gideon não parou para responder. “Vou. Ainda não comi.”

No fim, decidi pedir uma sopa de tomate e baguetes fresquinhas de um lugar ali perto, algo que meu estômago não teria dificuldades para digerir, mas meu celular tocou de novo.

“Oi, Cary”, atendi, sentindo um desejo de estar em casa com ele, e não à beira de um rompimento doloroso.

“Oi. Cross acabou de passar aqui procurando por você. Mandei ele ir para o inferno e não voltar nunca mais.”

“Cary.” Suspirei. Não era culpa dele — eu faria a mesma coisa para protegê-lo. “Obrigada por me avisar.”

“Onde você está?”

“Na casa dele. Gideon acabou de chegar. Mas devo ir embora daqui a pouco.”

“Você vai dar um pé na bunda dele?”

“Acho que quem vai fazer isso é ele.”

Cary soltou o ar com força. “Sei que não é isso que você quer, mas é a melhor coisa que poderia acontecer. Você precisa ligar para o doutor Travis o quanto antes. Conversar com ele. Pôr as coisas nos seus devidos lugares.”

Tive que engolir em seco, apesar do nó na garganta. “Eu… Talvez.”

“Está tudo bem?”

“Pelo menos tudo vai terminar com uma conversa cara a cara, de uma forma civilizada. Já é alguma coisa.”

O celular foi arrancado da minha mão.

Gideon não tirou os olhos de mim enquanto dizia “Tchau, Cary”, desligava o telefone e o deixava sobre o balcão. Seus cabelos ainda estavam molhados, e ele vestia uma calça de pijama preta de cintura baixa. Fiquei abalada ao olhar para ele, o que me fez lembrar tudo o que tinha a perder quando não estivéssemos mais juntos — a ansiedade e o desejo de tirar o fôlego, o carinho e a intimidade, aquela sensação efêmera de que éramos *perfeitos* um para o outro e que fazia tudo valer a pena.

“Com quem você vai sair?”, ele perguntou.

“Hã? Ah, com Shawna, cunhada de Mark. Ela tem ingressos sobrando pra um show na sexta-feira.”

“Já decidiu o que quer comer?”

Fiz que sim com a cabeça, puxando para baixo a bainha da camiseta, envergonhada por estar com tão pouca roupa.

“Me dê uma taça disso aí que você está bebendo.” Ele estendeu o braço por trás de mim e apanhou o cardápio que eu tinha deixado sobre o balcão. “Pode deixar que eu peço. O que você quer?”

Foi um alívio sair de perto dele para ir pegar a taça. “Sopa. E pão fresco.”

Tirei a rolha da garrafa e servi o merlot que havia aberto pouco antes. Gideon ligou para a delicatéssen e começou a fazer o pedido com sua voz firme e rouca que eu adorava desde a primeira vez que tinha ouvido. Ele pediu sopa de tomate, o que me fez sentir mais um aperto no peito. Sem que nada fosse dito, Gideon havia pedido o que eu queria. Era mais uma daquelas pequenas coisas que sempre me faziam sentir que éramos feitos um para o outro, que estávamos destinados a ficar juntos para sempre se conseguíssemos acertar nossos ponteiros.

Entreguei a taça a ele e o observei dar o primeiro gole. Ele parecia cansado, o que me fez pensar que não havia dormido depois do acontecido, assim como eu.

Gideon baixou a taça e lambeu os resquícios de vinho em seus lábios. “Passei na sua casa pra falar com você. Cary deve ter dito.”

Passei a mão sobre o peito para aliviar uma pontada de dor. “Desculpe… Sobre isto aqui e…” Apontei para a roupa que estava usando. “Que droga. Eu não estava preparada pra isto.”

Ele se encostou no balcão e cruzou os tornozelos. “Como assim?”

“Pensei que você estivesse em casa. Eu devia ter ligado primeiro. Quando vi que não

estava, devia ter esperado você chegar em vez de ir me instalando.” Esfreguei os olhos, que estavam ardendo. “Eu… não sei direito o que está acontecendo. Estou confusa.”

Ele inspirou profundamente, fazendo seu peito se expandir. “Se você está esperando que eu termine com você, nem espere mais.”

Apoiei-me sobre a pia da cozinha para não perder o equilíbrio. *Será que tudo estava indo por água abaixo mesmo?*

“Não consigo fazer isso”, ele disse sem rodeios. “Não consigo nem dizer que você já conhece o caminho da rua, se veio aqui para terminar comigo.”

O quê? Franzi o rosto, confusa. “Você deixou sua chave na minha casa.”

“E agora quero de volta.”

“Gideon.” Fechei os olhos, e as lágrimas correram pelo meu rosto. “Você é um idiota.”

Virei as costas e tomei o caminho do meu quarto com passadas um tanto inseguras e cambaleantes, mas que tinham pouca relação com a quantidade de vinho que eu havia bebido.

Quando abri a porta do quarto, fui agarrada pelo cotovelo.

“Não vou entrar aí”, ele disse asperamente, bem perto do meu ouvido. “Prometi a você. Só vou pedir pra você ficar, conversar comigo. Ou pelo menos me ouvir. Você veio até aqui…”

“Tenho uma coisa pra você.” Essas palavras saíram da minha garganta a muito custo.

Ele me soltou, e eu corri até minha bolsa. Quando me virei para ele, perguntei: “Quando você deixou sua chave no balcão, estava pensando em terminar comigo?”.

Ele ficou parado na porta. Seus braços estavam abertos e seus dedos agarravam os batentes, como se estivesse fazendo força para não entrar. Era uma posição que revelava seu corpo de maneira magnífica, definindo o contorno de cada músculo, deixando o elástico de sua calça pendurado por um fio sobre os quadris. Eu o desejava com todas as forças que tinha.

“Eu não estava pensando no longo prazo”, ele esclareceu. “Só queria que você se sentisse segura.”

Apertei com força o objeto que estava segurando nas mãos. “Você partiu meu coração, Gideon. Nem imagina o que senti quando vi aquela chave largada ali. O quanto aquilo me magoou. Você não faz ideia.”

Ele fechou os olhos lentamente e baixou a cabeça. “Eu não sabia o que pensar. Achei

que estava tomando a única atitude possível diante…”

“Pode parar com essa conversa. Não venha me falar de cavalheirismo ou de qualquer outro nome que você dê pra essa merda toda.” Levantei a voz. “Vou te dizer uma coisa, uma coisa muito séria, mais séria do que tudo que já disse antes: se você me devolver essa chave de novo, está tudo acabado entre nós. É fim de papo. Entendeu bem?”

“Entendi, claro. Só não sei se você tem certeza do que está falando.”

Soltei um suspiro trêmulo e fui até ele. “Me dê sua mão.”

A mão esquerda dele continuou agarrada ao batente, mas a direita veio em minha direção.

“Na verdade, nunca te dei a chave da minha casa, você simplesmente pegou.” Deixei meu presente na palma da mão dele. “Agora estou dando.”

Dei um passo atrás e o observei enquanto ele olhava para o chaveiro reluzente com a chave do meu apartamento. Foi a melhor maneira que encontrei para mostrar a ele que estava me entregando de corpo e alma, por livre e espontânea vontade.

Gideon cerrou o punho, apertando o presente com força. Depois de longos segundos de espera, olhou para mim com o rosto molhado de lágrimas.

“Não”, sussurrei, com o coração ainda mais apertado. Peguei seu rosto entre as mãos, limpando suas bochechas com os polegares. “Por favor… não.”

Ele me abraçou e colou seus lábios aos meus. “Não sei como fazer isso.”

“Shh.”

“Só vou magoar você. Já estou magoando. Você merece coisa melhor…”

“Quieto, Gideon.” Agarrei-me e a ele e enlacei sua cintura com as pernas.

“Cary disse que você estava…” Seu corpo começou a tremer violentamente. “Não sei se está se dando conta do que eu estou fazendo com você. Estou acabando com sua vida, Eva…”

“Não é nada disso.”

Ele se ajoelhou no chão e me apertou com força. “A culpa é toda minha. Você sabia desde o começo, mas agora está se negando a acreditar… Você sabia que não deveria se envolver comigo, mas não deixei você fugir.”

“Não estou mais fugindo. Estou mais forte agora. Você me tornou uma pessoa mais forte.”

“Meu Deus.” O desespero em seus olhos era visível. Ele sentou, esticou as pernas e me

puxou para mais perto. “Já temos traumas demais, e eu faço tudo errado. Vamos acabar nos matando desse jeito. Destruindo um ao outro até não sobrar mais nada.”

“Cala a boca. Não quero ouvir nem mais uma palavra desse papinho de merda. Você foi ver o doutor Petersen?”

Ele apoiou a cabeça na parede e fechou os olhos. “Claro que fui.”

“Contou pra ele sobre ontem à noite?”

“Contei.” Gideon cerrou os dentes. “E ele disse a mesma coisa da semana passada. Que estamos envolvidos demais. Acha que precisamos de um tempo, ir mais devagar, dormir cada um na sua casa, passar mais tempo com outras pessoas e menos tempo sozinhos.”

Seria o melhor a fazer. Melhor para nossa saúde mental, melhor para nosso relacionamento. “Espero que ele tenha um plano B.”

Gideon abriu os olhos e me encarou. “Foi isso que eu respondi. De novo.”

“E daí que a gente é traumatizado? Todos os relacionamentos têm problemas.”

Ele deu uma risada irônica.

“Estou falando sério”, insisti.

“Mas *não vamos* dormir mais juntos. Isso é certo.”

“Em quartos separados ou cada um na sua casa?”

“Em quartos separados. Mais que isso não aguento.”

“Tudo bem.” Suspirei e deitei a cabeça no ombro dele, feliz por estar de novo em seus braços, por estarmos juntos novamente. “Isso eu aceito. Por enquanto.”

Gideon engoliu em seco. “Quando cheguei em casa e encontrei você aqui…” Ele me abraçou com força. “Nossa, Eva. Pensei que fosse mentira de Cary que você não estava em casa, pensei que não quisesse me ver. Depois achei que você tinha saído… que estava querendo me esquecer.”

“Não é assim tão fácil esquecer você, Gideon.” Eu nunca o esqueceria. Ele era parte de mim. Endireitei-me para poder olhar em seus olhos.

Gideon pôs a mão sobre meu coração, a mão que segurava a chave. “Obrigado.”

“Nunca mais abra mão dessa chave”, avisei mais uma vez.

“E você, não se arrependa de ter dado essa chave para mim.” Ele colou sua testa à minha. Senti o calor de sua respiração em minha pele e imaginei que ele havia sussurrado algo, apesar de não ter conseguido entender o quê.

Mas não importava. Estávamos juntos. Depois de um dia longo e tenebroso, nada mais importava.

8

O som da porta do meu quarto se abrindo interrompeu um sonho nada memorável, mas foi o aroma tentador do café que de fato me acordou. Estiquei-me, mas mantive os olhos fechados, deixando a vontade crescer.

Gideon sentou na beira da cama, e um instante depois senti seus dedos percorrerem meu rosto. “Dormiu bem?”

“Senti sua falta. Esse café é pra mim?”

“Se você for boazinha.”

Abri bem os olhos. “Mas você gosta de mim safadinha.”

Seu sorriso provocava reações enlouquecidas em mim. Ele já estava vestido com um de seus ternos absurdamente sensuais e aparentava estar se sentindo bem melhor que na noite anterior. “Gosto de você safadinha *comigo*. E esse show na sexta?”

“É de uma banda chamada Six-Ninths. É só isso que eu sei. Quer ir?”

“Não é uma questão de querer. Se você vai, eu vou também.”

Minhas sobrancelhas se ergueram. “Sério? E se eu não tivesse convidado você?”

Ele tateou à procura da minha mão e girou meu anel de compromisso. “Então você não iria.”

“Como é?” Ajeitei os cabelos para trás. Ao notar a expressão que se desenhava em seu lindo rosto, sentei. “Me dá esse café. Quero estar bem energizada para acabar com você.”

Gideon sorriu e me passou a caneca.

“Não me olhe assim”, avisei. “Não estou nada contente com a ideia de você me proibir de sair.”

“Estamos falando sobre um evento específico, um show de rock, e eu não proibi você de ir, só disse que não pode ir sem mim. Sinto muito se não gosta, mas é assim que as coisas são.”

“E quem disse que é rock? Pode ser música clássica. Pop. Ou celta.”

“O Six-Ninths acabou de assinar com a Vidal Records.”

“Ah.” A Vidal Records era dirigida pelo padrasto de Gideon, Christopher Vidal, mas o proprietário era ele. Para mim, era impossível imaginar o que levaria alguém a comprar uma empresa da própria família. Qualquer que fosse o motivo, era mais uma das razões por que Christopher Jr., o meio-irmão de Gideon, o odiava.

“Vi uns vídeos da época em que eles eram uma banda indie”, Gideon explicou. “Não vou deixar você sozinha no meio daquele bando de malucos.”

Dei um gole caprichado no café. “Entendo, mas você não tem o direito de mandar em mim.”

“Ah, não?” Ele pôs o dedo esticado na frente da minha boca. “Shh. Nada de discussões. Não sou um tirano, mas tenho minhas preocupações, e você precisa ter o bom senso de aceitar isso.”

Afastei sua mão. “E bom senso significa fazer o que você achar melhor?”

“Claro.”

“Quanta pretensão.”

Ele ficou de pé. “Não vamos brigar por causa de situações hipotéticas. Você me convidou pra ir ao show na sexta e eu topei. Não tem motivo nenhum para discutir.”

Deixei o café sobre o criado-mudo, saí de baixo das cobertas e levantei da cama. “Preciso ter a minha vida também, Gideon. Se abrir mão da minha individualidade, nunca vou conseguir me acertar com você.”

“Sim, e tenho que pensar na minha individualidade. Não posso ser o único a fazer concessões.”

Senti o golpe daquelas palavras. Ele tinha lá sua razão. Eu podia defender meu espaço, mas precisava entender que tipo de homem era Gideon. Precisava me acostumar com o fato de que ele também tinha seus gatilhos emocionais. “E se um dia eu quiser sair com minhas amigas?”

Ele pegou meu queixo com as duas mãos e beijou minha testa. “Você pode usar a limusine e ir pra qualquer lugar de que eu seja dono.”

“Para você poder mandar os seguranças me espionarem?”

“Espionarem não, protegerem”, ele corrigiu, dando-me outro beijo. “Isso é tão terrível assim, meu anjo? Eu não conseguir parar de pensar em você é um fato imperdoável?”

“Você está distorcendo as coisas.”

Ele me largou e me encarou com uma expressão séria e determinada. “Mesmo se você

estiver na minha limusine ou em uma das minhas casas noturnas, o fato de não estar em casa comigo vai me deixar maluco. E, se vou ser obrigado a conviver com isso, você vai ser obrigada a conviver com minhas medidas de precaução. É um acordo justo."

"Como você consegue fazer os maiores absurdos parecerem razoáveis?", rosnei.

"É um dom."

Dei um apertão em seu belo e firme traseiro. "Vou precisar de mais café pra conseguir lidar com esse dom, garotão."

*

Já havia se tornado quase uma tradição sair para almoçar com meu chefe e seu companheiro às quartas-feiras. Quando Mark e eu chegamos ao pequeno restaurante italiano, descobri que ele também havia convidado Shawna, o que me deixou muito contente. Mark e eu tínhamos uma relação bastante profissional, mas de alguma forma ele conseguia agregar um toque pessoal que para mim significava muito.

"Que inveja do seu bronzeado", comentou Shawna, ao mesmo tempo casual e bem-vestida com jeans, uma blusinha bordada e uma echarpe. "Quando tomo sol fico toda vermelha, e minhas sardas aparecem ainda mais."

"Mas em compensação você tem esse cabelo lindo pra exibir", ressaltei, admirando sua coloração ruiva.

Steven passou a mão por seus cabelos, que tinham exatamente o mesmo tom, e sorriu. "A gente abre mão de tanta coisa pra ficar bonito."

"Como é que você sabe?" Ela deu um esbarrão no ombro do irmão e caiu na risada, mas ele nem se mexeu. Shawna era magra e esguia, e Steven, grande e forte. Mark já havia me contado que seu companheiro era um empreiteiro que não fugia do trabalho pesado, o que explicava tanto sua constituição física como suas mãos calejadas.

Entramos no restaurante e fomos logo para nossa mesa, já que eu havia providenciado a reserva com antecedência. Era um lugar meio apertado, mas muito charmoso. Janelas que iam do chão ao teto proporcionavam bastante luz natural, e o cheiro da comida era de dar água na boca.

"Estou animadíssima para sexta." Os olhos azuis de Shawna brilhavam de empolgação.

"Ah, é. Ela vai com *você*", comentou Steven, "e não com o irmão mais velho dela."

"O show não podia ser menos a sua cara", ela rebateu. "Você odeia aglomerações."

“Gosto de um pouco de distância entre as pessoas, só isso.”

Shawna revirou os olhos. “Você pode ser chato em outro lugar.”

Aquela conversa sobre aglomerações me fez lembrar do lado superprotetor de Gideon. “Tudo bem se eu levar o cara com quem estou saindo?”, perguntei. “Ou você acha chato?”

“Claro que não. Ele pode convidar um amigo também.”

“Shawna.” Mark parecia incrédulo. E incomodado. “E Doug?”

“O que é que tem ele? Você nem me deixou terminar.” Ela virou para mim e explicou: “Doug é o meu namorado. Ele está na Sicília fazendo um curso de culinária. É chef de cozinha”.

“Que legal”, comentei. “Adoro homens que sabem cozinhar.”

“Ah, sim.” Ela sorriu e lançou um olhar para Mark. “Ele é ciumento, e eu sei disso, então se seu acompanhante tiver um amigo que esteja interessado em ver o show, e não em arrumar uma mulher, pode ir também.”

Pensei imediatamente em Cary e abri um sorriso.

Mais tarde, porém, ao chegar ao apartamento de Gideon depois da academia, mudei de ideia. Levantei do sofá em que estava tentando inutilmente ler um livro e fui até o escritório.

Ele estava concentrado, com o rosto franzido, digitando rapidamente no teclado. O brilho do monitor e a lâmpada sobre a colagem de fotos na parede eram as únicas fontes de iluminação do recinto, o que deixava muita coisa oculta nas sombras. Gideon estava sentado praticamente na penumbra, sem camisa e absolutamente senhor de si. Como sempre acontecia quando trabalhava, ele parecia solitário e inatingível. Sua solidão se fazia sentir só de olhar para ele.

A combinação da falta de intimidade física provocada por minha menstruação e a compreensível decisão de Gideon de dormirmos em quartos separados despertou minhas inseguranças mais profundas, fez-me querer ficar mais perto e tentar obter o máximo possível de sua atenção.

O fato de ele estar trabalhando em vez de dedicar seu tempo a mim não deveria me incomodar — eu sabia que ele era um homem ocupado —, mas incomodava. Estava me sentindo abandonada e carente, um sinal de que alguns velhos hábitos estavam voltando para a minha vida. Em resumo, Gideon era a melhor e a pior coisa que já havia acontecido na minha vida, e o mesmo valia para mim em relação a ele.

Ele desviou os olhos da tela e me hipnotizou com seu olhar. Sua atenção se voltou

totalmente para mim.

“Estou deixando você de lado, não é, meu anjo?”, ele perguntou, recostando-se na parede.

Fiquei vermelha. Queria que ele não fosse capaz de me decifrar tão facilmente. “Desculpe interromper.”

“Você pode vir sempre que precisar de alguma coisa.” Ele empurrou a gaveta com o teclado de volta para a mesa, bateu no tampo de madeira e empurrou a cadeira de rodinhas para trás. “Vem sentar.”

A empolgação tomou conta de mim. Fui correndo, sem nenhuma preocupação em esconder meu desejo de atenção. Pulei na mesa e abri um sorriso quando Gideon aproximou a cadeira para se posicionar entre minhas pernas.

Deixando os braços apoiados sobre minhas coxas, ele me abraçou pelos quadris e disse: “Eu deveria ter explicado que preciso adiantar algumas coisas pra gente poder viajar no fim de semana”.

“Sério?” Passei os dedos por seus cabelos.

“Quero me dedicar somente a você por um tempo. E estou precisando muito, muito mesmo, trepar longamente com você. Quem sabe o fim de semana todo.” Ele fechou os olhos quando o toquei. “Sinto falta de estar dentro de você.”

“Você está sempre dentro de mim”, murmurei.

Ele abriu um sorriso malicioso e arregalou um pouco os olhos. “Você está me deixando de pau duro.”

“E tem alguma novidade nisso?”

“Com certeza.”

Franzi a testa.

“A gente conversa sobre isso depois”, ele propôs. “Agora vamos tratar do motivo que trouxe você até aqui.”

Hesitei, ainda sob o efeito de seu comentário misterioso.

“Eva.” Seu tom de voz firme atraiu minha atenção. “Está precisando de alguma coisa?”

“De uma companhia pra Shawna. Hã… não no sentido romântico ou sexual. Ela tem namorado, mas ele está viajando. Acho que seria melhor se não fôssemos só nós dois e ela.”

“E você não quer convidar Cary?”

“Eu pensei nele a princípio, mas já estou indo com uma amiga *minha*. Pensei que você poderia querer convidar algum conhecido *seu* pra ir. Sabe como é, pra equilibrar a dinâmica da coisa.”

“Tudo bem. Vou ver se encontro alguém disponível.”

Naquele momento, percebi que na verdade não esperava que ele fosse concordar.

Isso deve ter transparecido na expressão do meu rosto, porque logo em seguida ele perguntou: “Mais alguma coisa?”.

“Eu…” Como dizer o que eu estava pensando sem parecer uma cretina? Sacudi a cabeça. “Não. Não é nada.”

“Eva.” Seu tom de voz ficou bem sério. “Diga logo.”

“É bobagem minha.”

“Não estou pedindo, estou mandando.”

Senti um arrepio pelo corpo, como sempre acontecia quando ele adotava aquele tom autoritário. “É que pensei que você limitasse sua vida social aos encontros de negócios e a algumas trepadas ocasionais.”

Dizer aquilo não foi nada fácil. Por mais que fosse uma idiotice ter ciúme das mulheres com quem ele tinha se envolvido no passado, era algo que eu não conseguia controlar.

“Você acha que não tenho amigos?”, ele perguntou, claramente achando aquilo tudo muito engraçado.

“Bom, você nunca me apresentou nenhum amigo”, eu disse com malícia, mexendo na bainha da minha camiseta.

“Ah…” Seu divertimento com a situação cresceu ainda mais, e seus olhos brilhavam em meio aos risos. “Você é meu segredinho, meu tesouro sexual. Não sei onde estava com a cabeça quando quis que a gente fosse fotografado se beijando em público.”

“Bom.” Meus olhos passaram para a colagem de fotos na parede, onde aquela imagem podia ser vista, uma fotografia que tinha sido destaque nos sites de fofocas durante dias. “Vendo a coisa dessa forma…”

Gideon soltou uma gargalhada, que provocou em mim uma onda de prazer. “Você conheceu alguns dos meus amigos quando saímos juntos.”

“Ah.” Eu pensava que as pessoas a que tinha sido apresentada em eventos fossem apenas parceiros de negócios.

“Mas manter você só pra mim também é uma ótima ideia.”

Olhei bem para ele e resolvi trazer de volta à tona meu argumento na discussão que tivemos quando decidi ir para Las Vegas e não para Phoenix. “E por que *você* não pode ficar deitado sem roupa, sempre à minha disposição?”

“Que graça isso teria?”

Dei um soco em seu ombro e ele me puxou para seu colo, aos risos.

Seu bom humor era algo quase inacreditável, e fiquei me perguntando qual seria a razão daquilo. Quando bati o olho no monitor, só o que vi foi uma planilha enorme e um e-mail pela metade. Mas havia algo diferente no ar. E eu estava gostando.

“Seria um prazer”, ele sussurrou com os lábios colados à minha garganta, “ficar deitado de pau duro o tempo todo, pra você cavalgar quando quisesse.”

Senti meu sexo se contrair ao visualizar aquela imagem na minha mente. “Você está me deixando com tesão.”

“Que ótimo. Adoro deixar você assim.”

“Então”, provoquei, “se minha fantasia fosse dispor dos seus serviços vinte e quatro horas por dia…”

“Pra mim seria uma maravilha.”

Dei uma mordidinha em seu queixo.

Ele grunhiu: “Está querendo me provocar, meu anjo?”.

“Quero saber qual é sua fantasia.”

Gideon me ajeitou melhor em seu colo. “Você.”

“É bom mesmo.”

Ele sorriu. “Em um clube de striptease.”

“Quê?”

“Em um show particular só para mim, Eva. Em um daqueles balanços, com sua bunda maravilhosa bem grudadinha no assento, os pés amarrados, as pernas abertas e a sua bocetinha perfeita molhada e pronta pra mim.” Ele começou a fazer movimentos circulares sedutores na base da minha coluna. “Totalmente à minha mercê, incapaz de fazer qualquer coisa além de receber toda a porra que eu quisesse despejar. Acho que você ia adorar.”

Eu o imaginei de pé no meio das minhas pernas, sem roupa e molhado de suor, com os bíceps e os peitorais se flexionando enquanto me puxava para trás e para a frente, entrando e saindo de mim com seu pau maravilhoso. “Você me quer totalmente indefesa.”

“Quero você entregue e submissa. E não só em termos físicos. Tem que ser uma coisa de dentro pra fora.”

“Gideon…”

“Se você acha que não aguenta, posso não ir até o fim”, ele prometeu, com seus olhos brilhando de desejo à meia-luz. “Mas vou te levar até onde for possível.”

Estremeci, tanto pela excitação como pela perturbação causada pela possibilidade de me entregar daquela maneira. “Por quê?”

“Porque quero que você seja minha, quero ser seu dono. A gente chega lá.” Ele enfiou a mão por baixo da minha camiseta e agarrou um dos meus seios, apertando e torcendo de leve o mamilo, deixando meu corpo em chamas.

“Você já fez isso antes?” Perguntei, quase sem fôlego. “Esse negócio do balanço?”

A expressão em seu rosto mudou. “Não me pergunte esse tipo de coisa.”

Ai, meu Deus. “Eu só queria…”

Ele me calou com um beijo. Mordeu meu lábio inferior, e então enfiou a língua na minha boca, mantendo-me na posição em que queria agarrando meus cabelos. O caráter dominante de seu gesto era inegável. O desejo surgiu dentro de mim, uma necessidade que eu não conseguia controlar, à qual não podia resistir. Gemi, sentindo uma pontada no peito ao pensar que ele já poderia ter investido tanto tempo e esforço para obter prazer de outra pessoa.

Gideon meteu a mão no meio das minhas pernas e me apertou. Eu me encolhi, surpresa com sua agressividade. Ele soltou um ruído para me tranquilizar e começou a me massagear, esfregando minha carne delicada com a habilidade costumeira em que eu havia me viciado.

Ele interrompeu o beijo, apoiando a mão nas minhas costas para levar meu peito até sua boca. Mordeu meu mamilo por cima do tecido, depois o envolveu com os lábios, chupando-o com tanta força que a sensação ecoou no meu ventre.

Eu estava cercada. Meu cérebro entrou em curto-circuito quando o desejo tomou conta de mim. Seus dedos ultrapassaram a barreira da minha calcinha para tocar meu clitóris, e aquela sensação de pele contra pele era justamente do que eu precisava. “*Gideon*.”

Ele ergueu a cabeça e me observou com os olhos cheios de furor enquanto me fazia gozar. Gemi ao ser arrebatada pelos tremores, a liberação de toda a tensão depois de dias de privação era quase insuportável. Mas ele não teve pena de mim. Continuou acariciando meu sexo até eu gozar mais uma vez, até meu corpo se sacudir violentamente e minhas

pernas se fecharem para pôr um fim àquela tortura.

Quando ele tirou a mão, eu relaxei, respirando profundamente. Aninhei-me em seu colo, com o rosto encostado em seu pescoço, enlaçando os braços em sua nuca. Meu coração parecia inchado dentro do peito. Tudo o que eu sentia por ele, todo o tormento e o amor, veio à tona naquele momento. Eu o agarrei com força, procurando uma proximidade ainda maior.

"Shh." Ele me apertava tanto que ficava difícil respirar. "Você está questionando tudo e enlouquecendo no processo."

"Odeio isso", murmurei. "Eu não devia precisar tanto assim de você. Não é saudável."

"É aí que você se engana." Seu coração batia aceleradamente no meu ouvido. "E eu assumo a responsabilidade. Assumi o controle sobre algumas coisas e deixei outras por sua conta. É por isso que você está tão confusa e tão tensa. Peço desculpas por isso, meu anjo. Daqui para a frente as coisas vão ser mais fáceis."

Eu me inclinei para trás para poder encará-lo. Quase perdi o fôlego quando nossos olhos se encontraram, e vi que ele me olhava com uma expressão impassível. Foi então que entendi o que havia de diferente nele naquele dia — Gideon estava absolutamente sereno e seguro. Ao notar isso, também me tranquilizei. Minha respiração voltou ao ritmo normal, minha ansiedade começou a se esvair.

"Assim está melhor." Ele beijou minha testa. "Eu ia esperar até o fim de semana pra falar sobre isso, mas podemos conversar agora mesmo. A gente vai fazer um trato. Depois, não vai ser possível voltar atrás. Entendeu bem?"

Engoli em seco. "Estou tentando."

"Você sabe como sou. Já presenciou meus piores momentos. E, ontem à noite, disse que me queria mesmo assim." Ele esperou até que eu concordasse com a cabeça. "Esse foi meu erro. Não acreditei que você tomaria essa decisão, mas deveria ter acreditado. É por isso que tenho sido tão cauteloso… Seu passado me assusta, Eva."

A ideia de que Nathan pudesse me afastar de Gideon era tão dolorosa que me encolhi sobre os joelhos. "Ele não tem todo esse poder."

"Não mesmo. E você também precisa aceitar que existe mais de uma solução para as coisas. Quem disse que você precisa demais de mim? Quem disse que isso não é saudável? Não foi você. Está infeliz porque nega seus próprios instintos."

"Os homens não…"

"Foda-se isso. Nenhum de nós dois é normal. *E isso não é um problema.* É essa voz

dentro da sua cabeça que está estragando tudo. Acredite em mim, sei do que você precisa. Aceite isso, mesmo quando achar que estou errado. E vou aceitar sua decisão de ficar comigo apesar dos meus defeitos. Certo?”

Mordi meu lábio inferior, tentando esconder o fato de que estava tremendo, e concordei com a cabeça.

“Você não parece muito convencida”, ele disse num tom de voz suave.

“Estou com medo de me anular diante de você, Gideon. De perder o controle da minha vida, algo que lutei muito para conseguir.”

“Eu nunca deixaria isso acontecer”, ele prometeu com convicção. “Só quero que a gente fique seguro. O que sentimos um pelo outro não deveria ser a fonte de estresse que está sendo. Deveria ser nosso ponto de apoio, nosso porto seguro.”

Meus olhos se encheram de lágrimas só de pensar naquilo. “É isso que eu quero”, sussurrei. “E muito.”

“E vou fazer acontecer, meu anjo.” Gideon inclinou a cabeça e me beijou de leve. “Vou tornar uma realidade para nós dois. E você vai deixar as coisas acontecerem.”

“Hoje parece estar tudo muito melhor”, comentou o dr. Petersen quando Gideon e eu chegamos para nossa consulta de quinta à noite.

Estávamos sentados bem perto um do outro, de mãos dadas. Gideon acariciou meus dedos com o polegar, e eu olhei para ele e sorri, sentindo-me acolhida por aquele contato.

O dr. Petersen abriu a capa que protegia seu tablet e se ajeitou na poltrona. “Vocês querem discutir alguma coisa em especial?”

“A terça não foi nada fácil”, eu disse baixinho.

“Imagino. Mas vamos falar de segunda-feira à noite. Você pode me explicar o que aconteceu, Eva?”

Contei que, ao despertar de um pesadelo, vi-me aprisionada pelo de Gideon. Narrei tudo o que havia acontecido naquela noite e no dia seguinte.

“Então vocês não estão mais dormindo juntos?”, perguntou o dr. Petersen.

“Sim.”

“Esses pesadelos”, ele olhou para mim, “acontecem com frequência?”

“Não. A última vez antes de eu começar a namorar Gideon tinha sido há quase dois anos.” Vi que ele começou a digitar rapidamente. Por algum motivo, sua sobriedade me deixava ansiosa. “Sou apaixonada por ele”, completei.

Senti que Gideon ficou tenso.

O dr. Petersen levantou a cabeça para me observar. Passou os olhos por Gideon e depois voltou a me encarar. “Disso eu nunca duvidei. Por que você achou necessário dizer, Eva?”

Encolhi os ombros, sem graça, envergonhada ao notar que Gideon estava olhando para mim.

“Ela quer sua aprovação”, Gideon comentou, bem sério.

Essas palavras me deixaram nua, expondo-me completamente.

“É isso mesmo?”, o dr. Petersen me perguntou.

“Não.”

“Claro que é.” A irritação na voz de Gideon era perceptível.

“Não é, não”, argumentei, apesar de ter compreendido isso após o comentário. “É… É a verdade. É como eu me sinto.”

Olhei bem para o dr. Petersen. “A gente precisa dar certo. A gente *vai* fazer tudo dar certo”, enfatizei. “Só queria deixar bem claro que precisamos remar na mesma direção. Você precisa saber que a gente não vai desistir um do outro.”

“Eva.” Ele abriu um sorriso compreensivo. “Você e Gideon têm muitos obstáculos a superar, mas nada que seja intransponível.”

Soltei um suspiro de alívio. “Sou apaixonada por ele”, repeti, balançando a cabeça.

Gideon ficou de pé em um pulo, apertando com força minha mão. “Você pode nos dar licença um minuto, doutor?”

Confusa e um tanto preocupada, eu o segui até a sala de espera vazia. A recepcionista já tinha ido embora, era a última consulta do dia. Minha mãe já havia deixado bem claro que essas consultas fora do horário não eram uma coisa habitual, e custavam bem caro. Fiquei feliz por Gideon estar disposto a pagá-las não uma, mas duas vezes por semana.

Quando a porta se fechou atrás de nós, virei-me para ele. “Gideon, juro que não foi…”

“Shh.” Ele pegou meu rosto entre as mãos e me beijou, fazendo movimentos suaves mas sedentos com a boca.

Com o susto, demorei um pouquinho para deslizar minhas mãos pelo seu paletó e abraçar sua cintura esbelta. Sua língua entrou de uma vez na minha boca, e eu deixei

escapar um gemido.

Ele me soltou e eu o encarei. Parecia ser o mesmo executivo lindíssimo de terno escuro que eu havia visto no dia em que nos conhecemos, mas a expressão em seu rosto…

Senti um nó na garganta.

Toda aquela intensidade e determinação, todo aquele desejo… Seus dedos acariciaram meu rosto, deslizaram pela minha garganta. Ele ergueu meu queixo e me beijou de levinho. Apesar de não ter dito nada, entendi tudo.

Demos as mãos e voltamos para o consultório.

9

Passei voando pelas catracas do Crossfire e sorri ao ver que Cary estava à minha espera no saguão.

“Oi”, cumprimentei, admirando sua capacidade de fazer com que um simples jeans e uma camiseta de gola v parecessem sofisticados.

“Oi, sumida.” Ele estendeu a mão para mim e saímos pela porta lateral de braços dados. “Você parece bem feliz.”

O sol do meio-dia me atingiu como um soco. “Nossa. Que calor. Vamos a algum lugar aqui perto. Está a fim de comer taco?”

“Com certeza.”

Fomos até o restaurante mexicano que Megumi havia me apresentado, e tentei não demonstrar o quanto a maneira como ele me cumprimentou tinha me deixado chateada. Fazia dois dias que eu não ia para casa, e Gideon estava planejando uma viagem para o fim de semana, o que significava mais dois dias sem Cary. Foi um alívio quando ele aceitou almoçar comigo. Eu não gostava de ficar muito tempo sem conversar com ele, sem saber se estava tudo bem.

“Você tem planos para hoje à noite?”, perguntei depois de fazer o pedido.

“É aniversário de um fotógrafo com quem trabalhei. Pensei em dar uma passada lá.” Estávamos de pé, esperando os tacos e as margaritas sem álcool. “Você vai sair mesmo com a irmã do seu chefe? Ou quer ir comigo?”

“Cunhada”, corrigi. “Ela tem ingressos pra um show. Ela me disse que sou sua última esperança, mas acho que vai ser divertido. Pelo menos estou torcendo para que seja. Nunca ouvi falar da banda. Tomara que não seja muito ruim.”

“Qual é a banda?”

“Six-Ninths. Você conhece?”

Cary arregalou os olhos. “Six-Ninths? Sério? Eles são muito bons. Você vai gostar.”

Peguei nossas bebidas no balcão e deixei que ele carregasse as bandejas com os pratos. “Você conhece o Six-Ninths, Shawna é superfã… Onde eu estava que nunca ouvi falar deles?”

“Debaixo da asa do Cross, na sua fortaleza. Ele vai também?”

“Vai.” Corri para garantir nossa mesa quando vi dois engravatados se levantarem. Nem comentei sobre o fato de Gideon ter dito que eu não poderia ir sem ele. Sabia que Cary não toleraria isso, o que me fez pensar no motivo pelo qual eu aceitava tão facilmente esse tipo de coisa. Cary e eu costumávamos concordar nesse quesito.

“Não acho que o Cross goste de rock alternativo.” Cary se sentou com toda a naturalidade na cadeira em frente à minha. “Ele sabe *o quanto* você gosta? Principalmente dos roqueiros alternativos?”

Mostrei a língua para ele. “Não acredito que você ainda se lembra disso. É passado.”

“E daí? Brett era um gato. Vai me dizer que nunca pensa nele?”

“Só se for pra me envergonhar.” Peguei um dos tacos de carne assada. “Então tento evitar esse tipo de lembrança.”

“Ele era um cara legal”, rebateu Cary antes de dar um grande gole na raspadinha sabor margarita.

“Não estou dizendo que não era. Mas não era o cara certo pra mim.” Só de pensar naquela época eu me contorcia de vergonha. Brett Kline era um gato e tinha uma voz que me deixava louca de tesão, mas também era um dos principais exemplos das péssimas escolhas que tinha feito em um período especialmente sórdido da minha vida. “Mudando de assunto… Você conversou com Trey ultimamente?”

O sorriso de Cary desapareceu. “Sim, hoje de manhã.”

Fiquei em silêncio, à espera de mais informações.

Enfim ele cedeu, soltando um suspiro. “Sinto falta dele. De conversar com ele. Trey é muito inteligente, sabia? Que nem você. Ele vai comigo à tal festa de hoje à noite.”

“Como amigo? Ou como namorado?”

“Isto aqui está uma delícia.” Cary deu mais uma mordida no taco antes de responder. “A ideia é irmos como amigos, mas provavelmente vou estragar tudo e tentar trepar com ele. A gente vai se encontrar lá, pra não dar sopa para o azar, mas sempre dá pra fugir para o banheiro ou para algum depósito de produtos de limpeza. Nunca consigo me controlar, e ele não sabe dizer não para mim.”

Seu tom de autodesprezo fez meu coração ficar apertado.

“Sei como é”, fiz questão de lembrar. Eu também já tinha sido assim. Já havia sentido esse desespero pelo contato íntimo com alguém. “Por que você não tenta… sabe como é… resolver isso sozinho primeiro? Pode ajudar…”

Um sorriso largo e malicioso se abriu em seu belo rosto. “Uau, você poderia repetir isso para eu gravar?”

Amassei meu guardanapo e atirei nele.

Cary o apanhou aos risos. “Você é tão puritana às vezes… Adoro isso.”

“E eu adoro *você*. Quero que seja feliz.”

Ele pegou minha mão e a beijou. “Estou tentando, gata.”

“Se precisar de mim é só falar, mesmo se eu não estiver em casa.”

“Eu sei.” Ele apertou com força minha mão antes de largá-la.

“Na semana que vem vou ficar bastante por lá. Preciso deixar tudo pronto para a visita do meu pai.” Dei uma mordida em um taco, e meus pés até sapatearam de tão bom que estava. “Queria falar sobre a sexta. Vou estar no trabalho, então você poderia ficar de olho nele? Vou deixar comida e uns mapas da cidade, mas…”

“Sem problemas.” Cary piscou para uma loira bonita que passou por nós. “Ele vai estar em boas mãos.”

“Você vai querer sair com a gente enquanto ele estiver na cidade?”

“Eva, querida, estou sempre disposto a sair com você. É só me dizer onde e quando que dou um jeito.”

“Ah!” Eu me apressei em mastigar e engolir o que tinha na boca. “Minha mãe disse que viu seu rostinho bonito estampado num ônibus um dia desses.”

Ele sorriu. “Eu sei. Ela me mandou uma foto que tirou com o celular. Demais, né?”

“Mais que demais. Precisamos comemorar”, eu disse, roubando sua fala habitual.

“Com certeza.”

“Uau!” Shawna parou na calçada do prédio em que morava no Brooklyn e ficou boquiaberta ao deparar com a limusine estacionada. “Você caprichou.”

“Eu não”, comentei ironicamente ao olhar para seu short vermelho e sua camiseta do Six-Ninths estrategicamente rasgada. Seus cabelos ruivos estavam presos e puxados para trás, e ela tinha passado um batom da mesma cor que o short. Shawna estava linda e pronta para curtir, e eu senti que minha saia plissada de couro, minha regatinha branca e minhas botas Doc Martens cor de cereja haviam sido uma boa escolha.

Gideon, que estava conversando com Angus, virou-se para nos olhar, e eu fiquei tão impressionada com sua aparência quanto havia ficado logo depois de ele se trocar. Seu jeans largo, sua camiseta lisa e suas botas, tudo impecavelmente preto, de alguma forma criavam um visual tão absurdamente sexy que minha vontade era pular em cima dele. Se Gideon já parecia um moreno perigoso de terno, essa impressão se acentuava ainda mais com aquelas roupas. Ele parecia mais novo, além de lindo como sempre.

"Puta merda, não vai me dizer que ele é pra mim", murmurou Shawna, apertando meu pulso com toda a força.

"Ei, você já tem o seu. Esse aí é meu." Fiquei excitadíssima ao dizer isso. Ele era só meu, e eu podia tocá-lo e beijá-lo à vontade. E, mais tarde, trepar até morrer de cansaço. *E como…*

Ela riu ao notar minha alegria. "Tudo bem. Então apresenta a gente."

Fiz as honras, e deixei que ela entrasse primeiro na limusine. Quando me inclinei para entrar atrás dela, senti a mão de Gideon subir por baixo da minha saia e apertar minha bunda.

Ele se encostou em mim por trás e sussurrou na minha orelha: "Sempre tenha certeza de que estou atrás de você quando se curvar desse jeito, meu anjo, ou leva uns tapas na bunda".

Virei a cabeça e encostei meu rosto no dele. "Minha menstruação já era."

Ele grunhiu e apertou meus quadris entre os dedos. "Por que não me disse isso antes?"

"Para prolongar o estado de excitação, garotão", respondi, usando uma frase que ele usou certa vez para me torturar. Dei risada ao ouvir o palavrão que ele soltou e me posicionei no assento ao lado de Shawna.

Angus assumiu a direção e nós saímos, abrindo uma garrafa de Armand de Brignac no caminho. Quando chegamos ao Tableau One, um novo bistrô da moda com fila na porta e música alta que se ouvia da calçada, a combinação do champanhe com o olhar de desejo de Gideon e o comprimento quase indecente da minha saia estava começando a fazer efeito em mim.

Shawna se inclinou no assento e espichou os olhos para fora das janelas de vidros escuros. "Doug tentou arrumar uma mesa pra gente aí antes de viajar, mas a fila de espera era de dois meses. A gente pode até tentar, mas vamos ter que ficar horas na fila, e nada garante que vamos conseguir."

A porta da limusine se abriu, e Angus nos ajudou a descer, primeiro Shawna, depois eu. Gideon então se juntou a nós e me ofereceu o braço como se estivéssemos vestidos para

um evento de gala, e não um show de rock. Fomos conduzidos para dentro com tanta rapidez e o gerente foi tão efusivo nas boas-vindas que fui obrigada a perguntar a Gideon se aquele restaurante também era dele.

“Sou um dos sócios.”

Eu me limitei a suspirar, aceitando o inevitável. “Seu amigo vai vir jantar com a gente?”

Gideon levantou o queixo, apontando para a frente. “Ele já está aqui.”

Segui seu olhar até encontrar um homem muito bonito vestindo jeans e uma camiseta do Six-Ninths. Ele estava posando para uma fotografia com uma bela mulher de cada lado, sorrindo efusivamente para a câmera num celular, e quando nos viu acenou para Gideon e pediu licença para se juntar a nós.

“Ai, meu Deus.” Shawna parecia inquieta. “É Arnoldo Ricci! Ele é o dono do restaurante. E tem um programa no canal de culinária da tevê!”

Gideon soltou meu braço para apertar a mão de Arnoldo e cumprir o velho ritual masculino dos tapinhas nas costas entre amigos. “Arnoldo, essa é minha namorada, Eva Tramell.”

Estendi a mão, e Arnoldo a pegou, puxou-me para perto e me deu um beijo na boca.

“Pare com isso”, repreendeu Gideon, e me posicionou atrás dele.

Arnoldo sorriu, e o brilho em seus olhos escuros mostrava claramente que ele estava apenas provocando Gideon. “E quem é essa beldade?”, perguntou, virando-se para Shawna e beijando sua mão.

“Shawna, este é Arnoldo Ricci, seu acompanhante esta noite. Isso se ele sobreviver ao jantar.” Gideon lançou um olhar de ameaça para seu amigo. “Arnoldo, esta é Shawna Ellison.”

Ela parecia animadíssima. “Meu namorado é um grande fã seu. E eu também. Ele testou uma receita sua de lasanha uma vez, e ficou sen-sa-ci-o-nal.”

“Gideon me contou que o seu namorado está na Sicília.” A fala de Arnoldo era temperada por um sotaque delicioso. “Você devia ir visitá-lo.”

Eu me virei como uma flecha para Gideon, já que não havia dado nenhuma informação mais detalhada a ele sobre o namorado da Shawna. Ele me olhou como quem se faz de inocente, com um sorrisinho quase imperceptível no rosto.

Sacudi a cabeça, decepcionada, mas era impossível negar que aquela seria uma noite inesquecível para Shawna.

A hora seguinte passou em um instante, acompanhada de comida e vinho de primeira. Eu estava me deliciando com um extraordinário creme zabaione com framboesas quando surpreendi Arnoldo me observando com um sorriso no rosto.

"*Bellissima*", ele comentou. "É sempre uma alegria ver uma mulher comer com gosto."

Fiquei vermelha, um tanto sem graça. Não dava para esconder que eu adorava comer.

Gideon estendeu o braço por trás da minha cadeira e começou a brincar com os cabelos da minha nuca. Sua outra mão levou a taça de vinho à boca, e eu sabia que ele estava pensando que preferia *me* saborear em vez da bebida. Seu desejo preenchia o ar ao nosso redor. E eu estava me rendendo a ele desde o início do jantar.

Por baixo da toalha de mesa, peguei seu pau por cima da calça e o apertei. Ele foi de semiereto a duro como pedra em um segundo, mas nada em sua expressão ou postura denunciava sua excitação.

Para mim foi inevitável encarar aquilo como um desafio.

Comecei a acariciá-lo com os dedos, tomando o cuidado de manter meus movimentos lentos e suaves, impossíveis de ser detectados. Para meu deleite, Gideon continuou conversado sem que nada em sua voz ou seu rosto me denunciasse. Seu autocontrole me excitava, fazia crescer minha ousadia. Procurei o botão de sua calça, animada com a ideia do contato de pele contra pele.

Gideon deu mais um gole no vinho e deixou a taça sobre a mesa.

"Só você mesmo, Arnoldo", ele disse com bom humor em resposta a algo que seu amigo tinha dito.

Senti meu punho ser agarrado no exato momento em que alcancei o botão dos seus jeans. Ele levou minha mão até a boca e a beijou, em um gesto aparentemente casual de afeto. Já a rápida mordida que deu no meu dedo me pegou de surpresa e me fez engasgar de susto.

Arnoldo sorriu — um sorriso um tanto irônico de um solteiro que via seu amigo ser laçado por uma mulher. Ele disse algo em italiano. Gideon respondeu com uma pronúncia fluente e sexy, num tom que parecia ser sarcástico. Arnoldo jogou a cabeça para trás e caiu na risada.

Eu me remexi no assento. Adorava ver Gideon daquela maneira, relaxado e se divertindo.

Ele olhou para meu prato vazio, depois para mim. "Podemos ir?"

"Ah, sim." Eu estava ansiosa para saber como seria o restante da noite, quantos lados de

Gideon ainda seriam revelados. Para mim, essa nova face era tão adorável quanto o executivo poderoso vestido de terno, o amante dominador na cama, a criança magoada que não conseguia esconder as lágrimas e o companheiro carinhoso que me abraçava quando eu chorava.

Ele era complexo demais, um grande mistério para mim. Eu mal havia arranhado a superfície de seu ser. Mas ainda assim já estava totalmente envolvida por ele.

“Esses caras são bons!”, Shawna gritou quando a banda de abertura começou a tocar sua quinta música.

Tínhamos abandonado nossos assentos depois da terceira música, abrindo caminho por uma multidão em polvorosa para garantir um lugar no espaço entre as fileiras de poltronas e o palco. Gideon estava posicionado atrás de mim, com seus braços me cercando de ambos os lados e segurando bem firme na grade. O restante da plateia se espremia ao nosso redor, empurrando-nos coletivamente, mas eu estava protegida pelo corpo dele, assim como Arnoldo protegia Shawna ao nosso lado.

Com certeza Gideon teria conseguido lugares muito melhores para nós, mas, como havia sido Shawna quem tinha nos convidado, usar seus ingressos era algo necessário para evitar uma tremenda indelicadeza. Gideon entendeu isso e estava disposto a encarar o que viesse pela frente, o que me deixou muito feliz.

Virei a cabeça para olhá-lo. “Essa banda também é da Vidal?”

“Não. Mas gostei.”

Fiquei contente por ele estar curtindo o show. Levantei os braços e gritei, energizada pela animação da plateia e a batida pesada. Eu dançava entre os braços de Gideon, molhada de suor, com o coração disparado.

Quando o show de abertura terminou, os técnicos se apressaram em instalar os equipamentos e preparar o palco para o Six-Ninths. Num gesto de gratidão por aquela noite, por aquela alegria, pela maravilha de enlouquecer com o homem que amava, eu me virei e lancei os braços por sobre os ombros de Gideon e o beijei na boca.

Ele me pegou no colo e me fez passar as pernas em torno de sua cintura, beijando-me com violência. Seu pau estava duro e pressionado contra mim, incentivando-me a me esfregar nele. As pessoas ao redor começaram a assobiar e gritar coisas como “Vão para um motel” ou “Come ela, cara!”, mas não dei a menor bola, e muito menos Gideon, que parecia tão arrebatado por aquele impulso sexual quanto eu. Sua mão na minha bunda me

esfregava contra sua ereção, enquanto a outra agarrava meus cabelos, mantendo-me na posição em que queria ao me beijar, sedento para sentir meu gosto.

Nossas bocas abertas se esfregavam desesperadamente uma à outra. Sua língua ia fundo dentro de mim, em movimentos rápidos, como se estivesse fazendo amor com minha boca. Eu o recebia com prazer, lambendo e sentindo seu gosto, gemendo diante de seu desejo insaciável. Ele sugou minha língua, deslizando os lábios ao redor dela. Eu estava molhadinha e louca para ter seu pau dentro de mim, um desejo quase frenético de ser preenchida.

"Você vai me fazer gozar", ele rosnou, e mordeu meu lábio inferior.

Eu estava tão envolvida pela ferocidade de sua paixão que mal me dei conta de que o show do Six-Ninths havia começado. Foi só quando ouvi a voz do vocalista que me lembrei de onde estava.

Fiquei tensa na hora. Minha mente tentava raciocinar em meio à névoa do desejo, lutava para processar o que eu estava ouvindo. Eu conhecia aquela música. Meus olhos se abriram quando Gideon me soltou. Por cima de seus ombros, vi os cartazes erguidos no ar.

BRETT KLINE É MEU!

ME FODE, BRETT!

E o meu preferido: BRETT, EU TE ACERTARIA COMO A IRA DIVINA!!!

Droga. Quem poderia imaginar?

Cary, claro. Ele sabia, e não me disse nada. Deve ter achado que seria muito mais engraçado se eu descobrisse tudo ali na hora.

Minhas pernas se desprenderam dos quadris de Gideon, e ele me pôs de volta no chão, protegendo-me dos fãs enlouquecidos ao redor com a barreira de seu corpo. Virei para o palco sentindo um tremendo frio na barriga. Obviamente, Brett Kline estava ao microfone, com sua voz profunda, poderosa e infernalmente sexy silenciando os milhares de pessoas que estavam ali para vê-lo. Seus cabelos curtos estavam espetados, com as pontas descoloridas, e seu corpo esguio, vestido com uma calça cargo verde-oliva e uma camiseta regata preta. De onde eu estava não dava para ver, mas seus olhos eram de um verde-esmeralda brilhante, e a combinação de seu rosto bonito e seu sorriso encantador, com direito a covinhas, levava as mulheres à loucura.

Tentando desviar minha atenção de Brett, olhei para os outros membros da banda e reconheci todos. Mas na época de San Diego o grupo não se chamava Six-Ninths. Era Captive Soul, e fiquei me perguntando o motivo da mudança.

"Eles são bons, né?", Gideon perguntou com a boca colada ao meu ouvido para que eu

pudesse ouvi-lo. Uma de suas mãos estava apoiada na grade e a outra ficava na minha cintura, mantendo-me grudada nele enquanto se mexia ao som da música. A combinação de seu corpo com a voz de Brett levou meu desejo sexual já enlouquecido a alturas inimagináveis.

Fechei os olhos e me concentrei na presença atrás de mim e na emoção inigualável que sempre sentia ao ouvir Brett cantar. A música ressoava por minhas veias, despertando lembranças — algumas boas, outras ruins. Eu balançava nos braços de Gideon, e o desejo se espalhava por meu corpo. Ele também estava louco de tesão. A luxúria exalava de seu corpo em ondas mornas, tomando conta de mim, tornando dolorosa a distância física que ainda havia entre nós naquele momento.

Agarrei a mão que ele mantinha espalmada na minha barriga e a puxei para baixo.

“Eva.” Sua voz áspera estava carregada de volúpia. Eu o estava provocando a noite toda, do momento em que havia contado que não estava mais menstruada, passando pela breve sessão de masturbação no restaurante, até chegar ao beijo lascivo no intervalo.

Ele agarrou minha coxa e a apertou. “Abra as pernas.”

Apoiei o pé esquerdo na parte inferior da grade. Deitei a cabeça sobre seu ombro e, um segundo depois, sua mão estava debaixo da minha saia. Sua língua percorria o contorno da minha orelha e sua respiração era ofegante. Senti seu gemido bem no meu ouvido quando ele descobriu o quanto eu estava molhada.

A banda emendava uma canção na outra. Gideon me massageava por cima da calcinha, em movimentos circulares que depois tomaram o sentido vertical, acompanhando minha abertura. Meus quadris se remexiam ao toque, meu ventre se contraía, minha bunda se esfregava sem parar em seu pau duro. Eu estava pronta para gozar ali mesmo, em meio a dezenas de pessoas, porque era esse o efeito que Gideon causava sobre mim. Ele me deixava literalmente louca de tesão. Nada mais importava quando eu sentia suas mãos sobre mim, sua atenção me tirava do sério.

“Isso mesmo, meu anjo.” Ele puxou minha calcinha de lado e enfiou dois dedos em mim. “Vou passar horas e horas fodendo essa boceta maravilhosa.”

Com a multidão se espremendo ao nosso redor, a música ressoando no ar e nossa privacidade garantida apenas pela distração dos demais, Gideon enfiou ainda mais profundamente os dedos em mim e os deixou por lá. Aquela penetração sólida e imóvel me deixou enlouquecida. Eu remexi os quadris em torno de sua mão, em busca do orgasmo de que tanto precisava.

A música acabou, e as luzes se apagaram. Envolvida pela escuridão, a plateia reagiu aos berros. A ansiedade foi crescendo em meio à multidão e se tornando cada vez maior até

que um acorde de guitarra pôs fim ao silêncio da banda. Os gritos saltaram ao mesmo tempo de todas as gargantas, depois os isqueiros começaram a ser acesos, transformando aquele mar de gente em uma nuvem de vaga-lumes.

Um único holofote iluminou o palco. Brett estava sentado em um banquinho, sem camisa e brilhando de suor. Seu peitoral era rígido e bem definido, assim como seu abdome. Enquanto ele baixava o pedestal do microfone, os piercings em seus mamilos brilhavam. As mulheres na plateia começaram a gritar, inclusive Shawna, que pulava sem parar e soltava assobios ensurdecedores.

Eu entendia perfeitamente por quê. Sentado daquele jeito, com os pés sobre os apoios do banquinho e os braços bem torneados cobertos de tatuagens, Brett parecia absurdamente sexy e desejável. Durante seis meses, quatro anos antes, fiz de tudo para ficar sem roupa com ele sempre que possível, tão atraída e desesperada para ser amada que aceitava toda e qualquer migalha de atenção que ele me concedia.

Os dedos de Gideon começaram a deslizar dentro de mim, para dentro e para fora. O baixo entrou na canção. Brett estava cantando uma música que eu não conhecia, com uma voz grave e melódica, pronunciando cada palavra com perfeição. Ele tinha a voz de um anjo caído. Arrebatadora. Sedutora. E seu rosto e seu corpo só faziam crescer a tentação.

Golden girl, there you are.

I'm singing for the crowd, the music's loud.

I'm living my dream, riding the high,

But I see you there, sunlight in your hair,

And I'm ready to go, desperate to fly.

Golden girl, there you are.

Dancing for the crowd, the music's loud.

I want you so bad. I can't look away.

Later, you'll drop to your knees. You'll beg me please.

And then you'll go, it's only your body I know.

Golden girl, where'd you go?

You’re not there, with sunlight in your hair.

I could have you in the bar or the back of my car,

But never your heart. I’m falling apart.

I’ll drop to my knees, I’ll beg you. Please.

Please don’t go. There’s so much more I want to know.

Eva, please. I’m on my knees.

Golden girl, where’d you go?

I’m singing for the crowd, the music’s loud.

And you’re not there, with sunlight in your hair.

*Eva, please. I’m on my knees.**

O holofote se apagou. Um longo instante transcorreu até a música terminar. Então as luzes voltaram e a bateria provocou uma explosão sonora. Chamas crepitaram no palco, e a plateia foi ao delírio.

Eu me sentia perdida, com um rugido nos ouvidos, um aperto no peito e uma confusão estonteante.

“Essa música”, Gideon gemeu no meu ouvido enquanto metia com força os dedos em mim, “me faz pensar em você.”

A palma de sua mão começou a massagear meu clitóris, e eu gozei em meio a um turbilhão de sentimentos. Meus olhos se encheram de lágrimas. Gritei, sentindo-me trêmula em seus braços. Agarrando a grade à minha frente, aguentei firme e deixei aquela onda irrefreável de prazer reverberar por meu corpo.

Quando o show terminou, eu só conseguia pensar em ligar para Cary. Enquanto esperávamos a multidão se dispersar, apoiei-me em Gideon, largando todo o meu peso sobre os braços que me envolviam.

“Está tudo bem?”, ele perguntou, passando as mãos nas minhas costas.

“Está”, menti. Na verdade, nem sabia direito o que estava sentindo. O fato de Brett ter composto uma música que jogava uma luz diferente sobre nossa relação não deveria ter efeito nenhum sobre mim. Eu estava apaixonada por outro.

“Também quero sair daqui logo”, Gideon murmurou. “Estou morrendo de vontade de você, meu anjo. Não consigo nem pensar direito.”

Enfiei as mãos nos bolsos traseiros dos jeans dele. “Então vamos embora.”

“Tenho acesso aos bastidores.” Ele beijou a ponta do meu nariz quando me inclinei para trás para olhá-lo. “Não precisamos dizer nada para eles, se quiser mesmo ir embora.”

Fiquei seriamente em dúvida por um momento. Afinal de contas, se a noite havia sido tão boa, isso se devia em grande parte a Gideon. Mas eu sabia que mais tarde me arrependeria de negar a Shawna e Arnoldo — que era um grande fã do Six-Ninths — algo de que eles lembrariam pelo resto da vida. E eu estaria mentindo se dissesse que não gostaria de ver Brett mais de perto. Não queria que ele me visse, mas adoraria observá-lo. “Não. Vamos lá com eles.”

Gideon pegou na minha mão e foi falar com nossos amigos, cuja empolgação ao receber a notícia me forneceu o pretexto de dizer que estava fazendo aquilo por eles. Entramos por um caminho ao lado do palco, onde um homem enorme fazia as vezes de segurança. Enquanto o sujeito falava no fone de ouvido, Gideon sacou o celular e avisou Angus para estacionar a limusine nos fundos. Nesse momento, nossos olhos se encontraram. Seu olhar acalorado era uma promessa de prazer de tirar o fôlego.

“Seu namorado é o máximo”, comentou Shawna, lançando para Gideon um olhar de quase reverência. Não era o olhar de alguém que estava interessada nele, e sim de alguém que o admirava. “Esta noite está sendo um sonho. Fico devendo uma.” Ela me deu um abraço rápido, mas bem apertado. “Obrigada.”

Eu a abracei de volta. “Obrigada você, por me convidar.”

Um homem alto e magro com mechas azuis nos cabelos e óculos com armações pretas estilosas veio até nós. “Senhor Cross”, ele cumprimentou, estendendo a mão. “Eu não sabia que vinha hoje.”

Gideon apertou a mão dele. “Não avisei ninguém”, ele respondeu tranquilamente, levando a outra mão até mim.

Eu a agarrei e ele me puxou para a frente e me apresentou a Robert Phillips, empresário do Six-Ninths. Shawna e Arnoldo foram apresentados em seguida, e então fomos levados por corredores onde a movimentação era grande, principalmente de groupies.

Naquele exato momento, senti que seria melhor não chegar nem perto de Brett. Não foi

nada difícil esquecer tudo de ruim que havia acontecido entre nós enquanto ele cantava. E ainda mais depois de ouvir a canção que ele tinha composto sobre nós. Aquele período da minha vida, porém, era algo que eu lembrava com vergonha.

“A banda está logo ali”, disse Robert, apontando para uma porta aberta de onde a música e as gargalhadas saíam em altos volumes. “Eles vão adorar conhecer você.”

Meus pés se fincaram no chão. Gideon parou, encarando-me com a testa franzida.

Fiquei na ponta dos pés e sussurrei: “Não estou nem um pouco a fim de falar com esses caras. Se não se importa, vou passar no banheiro e depois vou direto para a limusine”.

“Espere um minutinho que eu vou com você.”

“Vou ficar bem. Não se preocupe comigo.”

Ele pôs a mão na minha testa. “Está tudo bem? Você está vermelha.”

“Estou ótima. E vou provar quando a gente chegar em casa.”

Isso foi suficiente para acalmá-lo. A ruga em sua testa se desmanchou, e ele sorriu. “Vou apressar as coisas aqui, então.” Ele olhou para Robert Phillips e apontou para Arnoldo e Shawna. “Você pode ir com eles? Preciso resolver uma coisinha antes.”

“Gideon, está tudo bem…”, protestei.

“Vou levar você até lá.”

Eu conhecia aquele tom de voz. Deixei que fosse comigo até o banheiro, alguns metros adiante. “Eu posso ir sozinha daqui, garotão.”

“Eu espero.”

“Assim a gente nunca vai sair daqui. Vá lá fazer o que precisa fazer. Vou ficar bem.”

Ele me lançou um olhar paciente. “Eva, não vou deixar você sozinha.”

“Eu me viro. É sério. A saída é logo ali.” Apontei para o corredor, para as portas abertas sob um sinal luminoso que marcava a saída. A equipe já estava começando a desmontar e retirar os equipamentos. “Angus está logo ali, não está?”

Gideon apoiou o ombro na parede e cruzou os braços.

Joguei as mãos para o alto. “Certo. Tudo bem. Faça o que você quiser.”

“Você está aprendendo, meu anjo”, ele disse com um sorriso.

Resmungando baixinho, entrei no banheiro e fiz o que precisava fazer. Enquanto lavava as mãos na pia, olhei-me no espelho e estremeci. Estava com manchas de rímel de tanto transpirar, e minhas pupilas estavam dilatadas.

“O que foi que ele viu em você?”, perguntei a mim mesma, desdenhosa, pensando comigo que Gideon ainda estava impecável. Por mais suado que estivesse, ainda parecia lindo, enquanto eu estava um caco. Porém, mais do que na minha aparência, eu estava pensando nos meus deslizes. Disso não havia como escapar. Não enquanto estivesse sob o mesmo teto que Brett.

Esfreguei uma toalha de papel molhada sob os olhos para me livrar das manchas pretas, depois voltei para o corredor. Gideon estava à espera alguns metros adiante, conversando com Robert, ou, para ser mais precisa, ouvindo o que ele dizia. O empresário da banda estava claramente empolgado a respeito de alguma coisa.

Gideon me viu e estendeu a mão para que esperasse um minuto, mas eu não queria me arriscar. Apontei para a saída, virei-me e saí andando antes que ele pudesse me alcançar. Passei rapidamente diante da porta do camarim, arriscando uma rápida olhada para dentro. Shawna estava lá, dando risada com uma cerveja na mão. A sala estava lotada e barulhenta, e ela parecia estar se divertindo bastante.

Concluí minha fuga com um suspiro de alívio, sentindo-me dez vezes mais leve ao pisar do lado de fora. Angus estava ao lado da limusine de Gideon, estacionada perto de uma fileira de ônibus. Acenei e comecei a caminhar em sua direção.

Lembrando o que tinha acontecido naquela noite, fiquei impressionada com a desinibição de Gideon. Ele com certeza não era o tipo de homem que usava suas fusões e aquisições para impressionar uma mulher e levá-la para a cama.

Eu mal podia esperar para ficar sozinha com ele.

Uma chama se acendeu na escuridão à minha direita e me assustou. Fiquei paralisada ao ver Brett Kline acendendo o cigarro de cravo que pendia de seus lábios. Ele estava parado no escuro ao lado da saída, e a luz bruxuleante da chama revelou seu rosto e me fez voltar no tempo por um longo instante.

Brett levantou a cabeça e ficou sem reação ao me ver. Simplesmente olhamos um para o outro. Meu coração estava disparado, em uma mistura de excitação e apreensão. De repente ele soltou um palavrão, balançando o dedo que o palito de fósforo havia queimado.

Tentei dar o fora dali, esforçando-me para não parecer que estava fugindo ao partir na direção de Angus e da limusine.

“Ei! Espera aí!”, gritou Brett. Ouvi seus passos correndo atrás de mim e senti a adrenalina se espalhar por meu corpo. Um membro da equipe estava empurrando um carrinho cheio de equipamentos e passei à frente dele, usando-o como cobertura para me esconder entre dois ônibus. Encostei na lateral de um deles, entre dois compartimentos de

carga abertos. Estava encolhida na escuridão, envergonhada da minha covardia, mas ciente de que não tinha nada a dizer a Brett. Eu não era mais a menina que ele havia conhecido.

Vi quando passou apressado por mim. Decidi esperar, deixá-lo procurando um pouco até desistir. Mas estava preocupadíssima com o fato de que dali a pouco Gideon apareceria atrás de mim.

“Eva.”

Senti um arrepio ao ouvir meu nome. Virei a cabeça e vi Brett se aproximando pelo outro lado. Enquanto eu olhava para a direita, ele apareceu pela esquerda.

“É mesmo você”, ele disse num tom de voz bem áspero antes de jogar o cigarro no chão e esmagar com a bota.

“Você devia parar de fumar”, eu disse.

“Você sempre fala isso.” Ele se aproximou com cautela. “Viu o show?”

Confirmei com a cabeça e me afastei do ônibus, andando para trás. “Foi muito bom. Vocês estavam ótimos. Parabéns.”

Ele dava um passo à frente a cada passo atrás que eu dava. “Eu bem que esperava encontrar você algum dia em um show. Já pensei em milhares de reações diferentes que poderia ter ao te ver na plateia.”

Eu não soube o que dizer. A tensão entre nós era tão grande que mal conseguia respirar.

A atração por ele ainda existia.

Não era nada comparada à que eu sentia por Gideon. Brett não passava de uma sombra, mas mesmo assim tinha certo efeito sobre mim.

Voltei para o ambiente aberto do estacionamento, onde a atividade era intensa e havia muita gente ao redor.

“Por que você está fugindo?”, ele perguntou. Sob a luz de um poste de iluminação do estacionamento, vi seu rosto com clareza. Estava ainda mais bonito do que antes.

“Não posso…” Engoli em seco. “Não tenho nada a dizer pra você.”

“O cacete.” A intensidade de seu olhar me fez queimar por dentro. “Você sumiu. Não disse nada, simplesmente não apareceu mais. Por quê?”

Senti um nó no estômago, e o esfreguei com a mão. O que eu poderia dizer? *Finalmente tomei vergonha na cara e decidi que merecia ser outra coisa na vida além de uma das várias garotas que você comia no banheiro entre uma música e outra.*

“Por que, Eva? A gente tinha um lance legal e você desapareceu, porra.”

Virei a cabeça à procura de Gideon ou Angus. Nenhum dos dois estava por perto, mas a limusine ainda estava lá. “Isso foi há muito tempo.”

Brett chegou mais perto e me agarrou pelos braços, sacudindo-me e deixando-me assustada com seu surto de agressividade. Caso não houvesse mais gente ali, eu poderia ter entrado em pânico.

“Você me deve uma explicação”, ele exigiu.

“Não devo na…”

Ele me beijou. Seus lábios eram macios e se encaixaram perfeitamente nos meus. Quando me dei conta do que estava acontecendo, Brett apertou meus braços com mais força, de um modo que me impedia de fugir ou de empurrá-lo.

E, por um brevíssimo instante, não senti vontade de fazer nem uma coisa nem outra.

Cheguei inclusive a retribuir o beijo, porque a atração entre nós ainda existia, e aquilo atenuava a sensação que persistia dentro de mim de que eu era apenas uma transa fácil e conveniente para ele. Seu gosto era de cravo, seu cheiro era de homem suado, e ele se apossou da minha boca com toda a paixão de uma alma criativa. Brett era familiar para mim em vários sentidos, incluindo os mais íntimos.

Mas, no fim, não importava se ele ainda gostava de mim. Não importava que tivéssemos um histórico, por mais doloroso que fosse. Não importava que eu tivesse ficado emocionada com a música que ele compôs, ou que, depois de seis meses transando com ele em qualquer lugar que tivesse uma porta e depois cedendo a vez para outra garota qualquer, era o meu nome que ele gritava enquanto seduzia a mulherada no palco.

Nada disso importava, porque eu estava loucamente apaixonada por Gideon Cross, e era dele que precisava.

Eu me afastei, sem fôlego…

… e vi Gideon se aproximar a toda velocidade, sem diminuir seu ímpeto ao bater em Brett e jogá-lo ao chão.

* Garota dourada, aí está você./ Estou cantando para a multidão, o som está bem alto./ Estou vivendo meu sonho, curtindo o barato,/ Mas ainda vejo você aí, a luz do sol em seus cabelos,/ E estou pronto para ir, louco para sair voando.// Garota dourada, aí está você./ Dançando na multidão, o som está bem alto./ Eu te quero tanto. Não consigo ver mais nada./ Mais tarde você vai cair de joelhos. Implorar./ E depois você vai embora, o único corpo que eu quero.// Garota dourada, aonde você foi?/ Você não está aí, com a luz do sol nos seus cabelos./ Posso ter você, num bar ou no banco de trás do carro,/ Mas nunca seu coração. Estou desmoronando./ Vou cair de joelhos, vou implorar. Por favor.// Por favor, não vá. Tem tanta coisa que eu ainda quero saber./ Eva, por favor. Estou de joelhos.// Garota dourada, aonde você foi?/ Estou cantando para a multidão, o som está bem alto./ E você não está aí, com a luz do sol nos seus cabelos./ Eva, por favor. Estou de joelhos.

10

Cambaleei com o impacto e quase caí. Os dois foram para o chão com um baque surdo desesperador. Alguém gritou. Uma mulher. Eu não podia fazer nada. Fiquei paralisada e em silêncio, perdida em um vórtice de emoções.

Gideon segurou Brett pela garganta e acertou suas costelas com uma série incansável de golpes. Ele parecia uma máquina silenciosa e implacável. Brett gemia a cada impacto brutal e se debatia, tentando se livrar do ataque.

"Cross! *Dio mio.*"

Eu já estava chorando quando Arnoldo apareceu e tentou segurar Gideon, mas acabou sendo jogado para trás quando Brett conseguiu se virar de lado e os dois saíram rolando.

A banda abriu caminho aos empurrões em meio à aglomeração que se formou na frente dos ônibus, todos prontos para a briga… pelo menos até verem *com quem* Brett estava brigando — o homem do dinheiro da gravadora.

"Kline, seu imbecil!" Darrin, o baterista, agarrou os próprios cabelos. "Que porra é essa, caralho?"

Brett conseguiu se soltar, ficar de pé e empurrar Gideon contra a lateral de um ônibus. Gideon juntou as duas mãos e as usou para atingir as costas de Brett como um tacape, forçando-o a recuar. Em seguida deu um chute nele, seguido por um soco rápido no estômago. Brett baqueou, mas ainda assim conseguiu armar um soco. Gideon foi rápido o bastante para se esquivar e contragolpear com um murro de baixo para cima que balançou a cabeça do cantor.

Minha nossa.

Gideon não soltava nem um ruído, fosse enquanto batia ou quando era atingido por um direto no queixo. A intensidade silenciosa de sua ira era assustadora. Eu podia sentir as ondas de raiva exalando de seu corpo, a fúria era visível em seus olhos, mas ele permanecia sob controle e se movia de maneira metódica. Parecia fora do ar, de certa maneira, retraído a um estado mental em que conseguia observar as coisas de maneira objetiva enquanto seu corpo infligia sérios ferimentos a outro ser humano.

A culpa era minha. Eu havia transformado o homem afetuoso e brincalhão que me deixou encantada a noite toda naquele assassino impiedoso que estava em ação bem diante

dos meus olhos.

“Senhorita Tramell.” Angus me pegou pelo cotovelo.

Olhei para ele em desespero. “Você precisa acabar com isso.”

“Por favor, entre na limusine.”

“Quê?” Vi o sangue começar a correr do nariz de Brett. Ninguém ousava intervir. “Você está maluco?”

“Precisamos levar a senhorita Ellison para casa. Ela é sua convidada. Você precisa acompanhá-la.”

Brett deu um golpe e, quando Gideon se esquivou, lançou o outro punho, acertando-o no ombro e obrigando-o a recuar alguns passos.

Peguei Angus pelos braços. “Qual é o seu problema?! Você tem que acabar com isso!”

Seus olhos azuis pareciam tranquilos. “Ele sabe quando parar, Eva.”

“Você está de palhaçada comigo?!”

Ele olhou por cima dos meus ombros. “Senhor Ricci, por favor.”

Quando percebi, estava sendo arrastada por Arnoldo até a limusine. Consegui levantar a cabeça e vi que um círculo de curiosos havia se formado na minha ausência, bloqueando meu campo de visão. Dei um grito de frustração e comecei a esmurrar as costas de Arnoldo, mas não pude me livrar dele. Entrei na limusine e ele subiu logo atrás, seguido de Shawna. Angus imediatamente fechou a porta como se nada estivesse acontecendo.

“Mas o que é que você está fazendo?”, gritei com Arnoldo enquanto lutava contra a maçaneta, tentando abrir a porta do carro já em movimento. Ela não abriria de jeito nenhum, eu não tinha como destravá-la. “Ele é seu amigo! Você vai largar Gideon lá?”

“Ele é seu namorado.” A neutralidade serena na voz de Arnoldo me deixou arrasada. “E está daquele jeito por *sua* causa.”

Eu me atirei contra o encosto do assento, com um nó no estômago e as mãos ensopadas de suor. *Gideon.…*

“Você é a Eva da música, não é?” Shawna perguntou baixinho do outro lado do assento.

Arnoldo ficou obviamente surpreso com o fato. “Será que Gideon…” Ele suspirou. “Claro que ele sabe.”

“Isso foi há tanto tempo!”, eu disse em minha defesa.

“Pelo jeito não o suficiente”, ele assinalou.

Desesperada para reencontrar Gideon, eu não conseguia ficar parada. Meus pés sapateavam no assoalho e meu corpo estava absolutamente inquieto, como se estivesse amarrado e lutando para se soltar.

Eu tinha magoado o homem por quem estava apaixonada e, por causa disso, arrumado problemas para outro cara que estava apenas sendo ele mesmo. E, para piorar, sem nenhuma boa razão. Pensando bem, eu não sabia o que tinha dado em mim. Por que não o tinha repelido de uma vez? Por que tinha retribuído o beijo de Brett?

E o que Gideon ia fazer a respeito?

A ideia de que ele poderia terminar tudo desencadeou o pânico dentro de mim. Eu estava morrendo de preocupação. Será que estava machucado? Meu Deus… Só de pensar que Gideon poderia estar sofrendo eu já ficava desesperada. Será que ele teria algum problema com a polícia? Afinal, ele tinha começado. Minhas mãos ficaram encharcadas de suor quando lembrei que Cary contou que seu companheiro de suruba havia dito que queria processá-lo.

A vida de Gideon estava virando uma loucura — e tudo por culpa minha. Em algum momento ele ia se dar conta de que eu só atraía problemas.

Virei para Shawna. Ela olhava pela janela, pensativa. Eu tinha estragado aquela noite maravilhosa. E a de Arnoldo também. “Desculpe.” Soltei um suspiro de infelicidade. “Estraguei tudo.”

Ela me olhou e encolheu os ombros, depois abriu um sorriso de compaixão que me deu um nó na garganta. “Sem problemas. Eu me diverti bastante. Tomara que termine tudo bem.”

Para mim, a única forma de tudo terminar bem era continuar com Gideon. Será que eu tinha estragado tudo? Será que havia perdido a coisa mais importante da minha vida por causa de um momento estranho e inexplicável de confusão mental?

Ainda podia sentir a boca de Brett junto à minha. Comecei a esfregar os lábios, desejando ser capaz de apagar a última meia hora da minha vida.

Minha ansiedade fez o trajeto até o apartamento de Shawna parecer uma eternidade. Saí do carro e dei um abraço nela na calçada, na frente do prédio.

“Desculpe”, eu disse mais uma vez, tanto por antes como por aquele momento, porque estava preocupadíssima com Gideon — onde quer que ele estivesse — e minha impaciência era visível. Eu não sabia se seria capaz de perdoar Angus e Arnoldo por terem me tirado dali daquela maneira naquele momento.

Arnoldo abraçou Shawna e garantiu que ela e Doug teriam uma mesa no Tableau One

sempre que quisessem. Isso fez com que eu começasse a vê-lo com outros olhos. Afinal, ele a tinha tratado muito bem durante toda a noite.

Voltamos para a limusine e tomamos o caminho do restaurante. Eu me encolhi em um cantinho escuro do assento e chorei em silêncio, incapaz de conter o desespero que tomava conta de mim. Quando chegamos, tive que usar minha camiseta para enxugar o rosto. Arnoldo não me deixou descer do carro.

"Pegue leve com ele", aconselhou, encarando-me com uma expressão séria. "É a primeira vez que o vejo assim tão bem. Não sei se você merece Gideon, mas com certeza é capaz de fazer o cara feliz. Isso deu para perceber. Faça isso, ou então desapareça de uma vez. Só não bagunce ainda mais a cabeça dele."

Não consegui dizer nada por causa do nó na minha garganta, então me limitei a acenar com a cabeça, torcendo para que ele fosse capaz de ver em meus olhos o que Gideon significava para mim: *tudo*.

Arnoldo entrou no restaurante. Antes que Angus fechasse a porta, deslizei no assento e pus a cabeça para fora. "Cadê ele? Preciso ver Gideon. Por favor."

"Ele ligou." A expressão no rosto de Angus era serena e gentil, o que me fez começar a chorar de novo. "Vou levar a senhorita até ele agora mesmo."

"Ele está bem?"

"Não sei."

Eu me recostei no assento, sentindo-me fisicamente mal. Não conseguia nem prestar atenção no caminho que estávamos fazendo. Minha única preocupação era me explicar. Precisava dizer a Gideon que o amava, que jamais o deixaria se ele ainda me quisesse, que ele era o único homem que eu desejava, o único pelo qual meu sangue fervia.

Por fim, o carro reduziu a marcha e eu olhei para fora, percebendo que estava de volta ao anfiteatro. Enquanto espiava pela janela à sua procura, a porta do outro lado se abriu, assustando-me, e eu me virei para ver Gideon entrar e se sentar de frente para mim no outro assento.

Eu me inclinei em sua direção. "Gideon…"

"Pode ficar aí mesmo." Sua voz estava carregada de ódio, o que me fez recuar e cair de bunda no assoalho. A limusine se pôs em movimento, jogando-me definitivamente para trás.

Aos soluços, eu o observei enquanto se servia de uma bebida amarelada e virava de um só gole. Fiquei sentada no chão esperando, com o estômago revirado de medo e tristeza.

Ele encheu de novo o copo antes de fechar a porta do armário de bebidas e se recostar no assento. Eu queria perguntar se Brett estava bem ou muito machucado. Mas não podia. Ele poderia interpretar mal meus questionamentos e achar que eu estava mais preocupada com Brett do que com ele.

Seu rosto permanecia impassível e seus olhos, duros e frios como duas pedras preciosas. “O que ele significa para você?”

Limpei as lágrimas que escorriam por meu rosto. “Um erro.”

“No passado? Ou no presente?”

“Nos dois.”

Seus lábios se curvaram em um sorriso sarcástico. “E é assim que você costuma tratar os seus erros? Com beijos como aquele?”

Meu peito subia e descia enquanto eu tentava segurar o choro. Sacudi a cabeça violentamente em resposta.

“Você quer ficar com ele?”, Gideon perguntou, bem sério, antes de dar mais um gole em sua bebida.

“Não”, sussurrei. “Só quero você. Eu te amo, Gideon. Te amo tanto que chega a doer.”

Ele fechou os olhos e deitou a cabeça para trás. Aproveitei a oportunidade para rastejar para mais perto dele, tentando pelo menos encurtar a distância física que se impunha entre nós.

“Você gozou pensando em mim quando enfiei os dedos em você, Eva? Ou foi pensando naquela maldita música?”

Meu Deus… Como ele podia duvidar…?

A culpa era *minha*. Eu o tinha feito duvidar. “Em você. Só você é capaz de me deixar daquele jeito. Me fazer esquecer quem sou, quem está por perto ou o que está acontecendo ao redor e me concentrar só no seu toque.”

“Não foi isso que aconteceu quando ele te beijou?” Gideon ergueu a cabeça e lançou um olhar implacável para mim. “Ele já enfiou o pau em você. Já te comeu… já gozou dentro de você.”

Eu me encolhi diante da amargura de seu tom de voz, da violência de suas palavras. Sabia como ele estava se sentindo. Como aquelas imagens podiam magoar e atormentar a pessoa até levá-la à loucura. Na minha cabeça, ele e Corinne já haviam trepado dezenas de vezes, despertando dentro de mim uma fúria ciumenta incontrolável.

Ele se inclinou subitamente para a frente e esfregou meus lábios com o polegar. “Ele já teve sua boca.”

Apanhei seu copo e tomei o que restou da bebida, sentindo seu sabor amargo e uma terrível queimação na boca. Só consegui engolir depois de fazer muita força. Meu estômago se revirou em protesto. O calor do álcool se espalhou por minhas entranhas.

Gideon se recostou no assento e cobriu o rosto com o braço. Eu sabia que ele havia visto Brett me beijar. Sabia que aquilo estava acabando com ele.

Larguei o copo no chão, posicionei-me entre suas pernas e procurei o botão de sua calça.

Ele agarrou meus dedos com força, mas sem descobrir o rosto. “Que porra você está fazendo?”

“Goza na minha boca”, implorei. “Tira o gosto dele de mim.”

Houve uma longa pausa. Ele estava completamente imóvel, a não ser pelo peito, que subia e descia pesadamente.

“Por favor, Gideon.”

Ele soltou um palavrão bem baixinho, soltou meus dedos e deixou sua mão cair para o lado. “Chupa.”

Eu me apressei em pegá-lo entre as mãos, com o coração disparado pelo medo de que mudasse de ideia… de que decidisse que não havia mais nada entre nós. A única coisa que fez foi mover um pouco os quadris, para que eu arrancasse sua calça e sua cueca.

Poucos instantes depois aquele pau enorme e maravilhoso estava nas minhas mãos. Na minha boca. Gemi ao sentir seu gosto, sua temperatura morna e o toque salgado de sua pele, de seu cheiro. Esfreguei meu rosto em sua virilha, porque queria seu cheiro impregnado em mim, marcando-me como propriedade dele. Segui com a língua o caminho das veias grossas que pulsavam em toda a extensão, lambendo-o de cima a baixo.

Ouvi seus dentes rangendo quando comecei a chupá-lo com mais força. Gemidos de alegria e arrependimento escapavam da minha garganta. Vê-lo tão silencioso era de cortar o coração, ele que sempre adorava me dizer as maiores baixarias. Que estava sempre dizendo que me queria, que precisava de mim… Sempre falando sobre como era bom transar comigo. Gideon estava se segurando, negando-me a satisfação de saber que estava gostando.

Eu o masturbava com a mão fechada, chupando a cabeça daquele pau grande e grosso, lambendo o líquido pré-ejaculatório que escapava com lambidas rápidas e constantes.

Suas coxas se enrijeceram, e ele começou a ofegar violentamente. Senti quando se encolheu todo, e então enlouqueci de vez. Peguei seu pau com as duas mãos e comecei a chupar com tanta força que meu queixo até doía. Ele se endireitou no assento, levantou a cabeça e pouco depois se atirou contra o encosto novamente, quando o primeiro jorro espesso se espalhou por minha boca.

Gemi. Aquele gosto na boca inflamou meus sentidos, fez-me querer mais. Engoli tudo convulsivamente, apertando e esfregando seu pênis com as mãos para obter mais daquele sêmen grosso e cremoso na minha língua. Seu corpo todo estremeceu enquanto ele gozava por vários segundos, enchendo minha boca até escorrer pelos cantos. Gideon não soltou nenhum ruído. Seu silêncio era antinatural, assim como na briga.

Eu poderia tê-lo chupado durante horas. Bem que queria, mas ele pôs as mãos sobre meus ombros e me afastou. Olhei para cima, para seu rosto irresistivelmente lindo, e vi seus olhos brilhando na semipenumbra. Ele tocou meus lábios com o polegar, espalhando seu sêmen por minha boca.

“Vem sentar aqui com essa bocetinha apertada”, ele ordenou aos sussurros. “Ainda sobrou pra você.”

Trêmula e assustada com seu aparente distanciamento, arranquei a calcinha.

“Tira tudo. Fica só com as botas.”

Fiz como ele mandou. Meu corpo se apressou em obedecer ao comando. Eu faria o que ele quisesse. Estava determinada a provar que era dele e de ninguém mais. Suportaria qualquer provação que ele me impusesse para mostrar que o amava. Abri o zíper da minha saia e a arranquei, depois a blusinha, que joguei no outro assento, e por último o sutiã.

Quando subi no seu colo, Gideon me agarrou pelos quadris e me encarou. “Está molhadinha?”

“Estou.”

“Chupar meu pau te deixa com tesão.”

Meus mamilos endureceram ainda mais. A maneira despudorada e direta como ele falava de sexo também me deixava com tesão. “Sempre.”

“Por que você o beijou?”

A mudança abrupta de assunto me deixou perplexa. Meu lábio inferior começou a tremer. “Não sei.”

Ele me soltou, levando as duas mãos para cima e agarrando o apoio de cabeça. Seus bíceps se flexionaram e incharam naquela posição. Fiquei ainda mais excitada com sua

visão, e com tudo mais a seu respeito. Queria ver seu peito nu brilhando de suor, seu abdome se contraindo enquanto ele metia em mim.

Lambi os lábios e senti seu gosto. “Tira a camiseta.”

Ele estreitou os olhos. “Isso não é pra você.”

Fiquei paralisada e meu coração disparou. Ele estava usando o sexo para me atingir. Na mesma limusine em que tínhamos feito amor pela primeira vez, na mesma posição em que o senti pela primeira vez dentro de mim… “Você está me castigando.”

“Você fez por merecer.”

Gideon podia até ter razão nesse ponto, mas, se eu tinha feito por merecer, ele também tinha.

Agarrei o encosto do assento para me equilibrar e, com os dedos da outra mão, segurei seu pau. Ainda estava duro e pulsando. Um músculo se contraiu em seu pescoço quando comecei a masturbá-lo de leve. Posicionei sua cabeça grande e grossa nos lábios do meu sexo, esfregando-o em mim, envolvendo-o com meu desejo úmido.

Fiz tudo isso sem tirar os olhos dele. Observei sua reação enquanto o provocava, procurando algum sinal do amante apaixonado que eu tanto adorava. Ele não estava lá. Quem me encarava era um desconhecido furioso, que me desafiava com seu distanciamento deliberado.

Deixei que a pontinha de seu pau escorregasse para dentro de mim, abrindo caminho. Depois deixei meus quadris desabarem sobre ele, soltando um grito ao sentir que tinha penetrado profundamente em mim, alargando meu ventre a uma extensão quase insuportável.

“Caralho”, ele resmungou, trêmulo. “Puta que o pariu.”

Sua reação incontida me estimulou. Apoiando os joelhos no assento, posicionei as mãos cada uma de um lado do seu corpo e me ergui, tirando o de mim, expondo meu sexo trêmulo. Depois desci de novo, deslizando mais facilmente agora que seu pau estava todo melado. Quando minhas nádegas se encontraram com as coxas dele, seu corpo denunciou a verdade — ele não estava indiferente.

Subi de novo, devagar, fazendo com que sentíssemos cada nuance daquela fricção deliciosa. Quando desci mais uma vez, tentei parecer distante como ele, mas a sensação de preenchimento, de intimidade acalorada, era boa demais para ser contida. Soltei um gemido, e ele começou a se mover inquietamente, remexendo os quadris em movimentos circulares sem nem se dar conta disso.

“Você é tão gostoso”, sussurrei, esfregando-me em seu pau bem duro com meu sexo faminto. Subindo e descendo. “Você é tudo que preciso, Gideon. Tudo o que quero. Você foi feito pra mim.”

“Você deve ter esquecido isso”, ele soltou. As juntas de seus dedos estavam pálidas, tamanha era a força com que apertavam o apoio de cabeça.

Eu me perguntei se ele estava apenas se segurando ou se estava lutando para não sucumbir à vontade de me tocar. “Nunca. Eu jamais esqueceria isso. Você é parte de mim.”

“Então me diz por que o beijou.”

“Não sei.” Apoiei minha testa suada contra a dele, sentindo as lágrimas brotarem nos meus olhos. “Pelo amor de Deus, Gideon. Juro que não sei.”

“Então cala a boca e me faz gozar.”

Se ele tivesse me dado um tapa na cara, o choque seria menor. Eu me endireitei para me afastar dele. “Vai se foder.”

“Não, vou foder você.”

As lágrimas começaram a descer pelo meu rosto. “Para de me tratar como se eu fosse uma puta.”

“Eva.” Sua voz era grave e rouca, cheia de afeto, mas seus olhos pareciam distantes e desconsolados. Expressavam uma dor que era compartilhada por mim. “Se quiser parar, sabe muito bem o que dizer.”

Crossfire. Com uma única palavra, eu poderia pôr um fim definitivo àquele sofrimento. Mas aquele não era o momento de me poupar. Só o fato de ter mencionado minha palavra de segurança já demonstrava que ele queria me testar. Levar-me ao limite. Gideon tinha um plano em mente e, se eu desistisse, jamais saberia qual era.

Inclinei-me para trás e apoiei as mãos nos joelhos dele. Esfreguei minha boceta encharcada por toda a extensão de seu pau duro, depois o enfiei de volta para dentro. Ajustei melhor a posição e comecei a subir e descer de novo, ofegante ao senti-lo dentro de mim. Puto da vida ou não, meu corpo idolatrava o dele, adorava senti-lo perto. Apesar da raiva e da mágoa, o contato físico entre nós parecia algo natural.

Sua respiração escapava com força dos pulmões a cada investida dos meus quadris. Seu corpo estava quente, quentíssimo, exalando calor como uma fornalha. Eu não parava de me mexer. Para cima. Para baixo. Extraindo o prazer que ele se recusava a me conceder. Minhas coxas, minha bunda, minha barriga e meu ventre se contraíam a cada subida,

percorrendo toda a extensão de seu pau. Todos os meus músculos se relaxavam na descida, permitindo que ele me penetrasse por inteiro.

Entreguei-me de corpo e alma àquela foda, cavalgando-o com todas as minhas forças. Gideon sibilava por entre os dentes cerrados. Ele gozou para valer, jorrando dentro de mim com tanta força que cada jato de sêmen parecia uma estocada de seu pau enorme. Gritei, adorando aquela sensação, começando a perseguir um orgasmo que com certeza seria arrebatador. Estava desesperada para liberar toda a minha mágoa em forma de prazer. Principalmente depois de fazê-lo gozar duas vezes.

Mas ele me agarrou pela cintura, limitando meus movimentos, mantendo seu pau encravado dentro de mim. Tive que sufocar meu grito ao perceber que ele estava deliberadamente impedindo que eu gozasse.

"Me diz por que, Eva", ele grunhiu. "*Por quê?*"

"Não sei!", gritei, tentando remexer meus quadris sobre ele, empurrando seus ombros com as mãos ao sentir que me apertava ainda com mais força.

Sem me soltar, Gideon ficou de pé e nossas posições se inverteram. Ele tirou o pau de dentro de mim, fez-me virar de costas e me ajoelhar no assoalho, de costas para ele. Mantendo uma das mãos na base da minha coluna, para que eu não levantasse, ele agarrou meu sexo com a outra e começou a me masturbar, espalhando seu sêmen pela minha abertura sedenta, deixando-me toda lambuzada. Comecei a rebolar, aproveitando-me da pressão de seus dedos para gozar…

Mas ele me impediu de fazer isso. Deliberadamente.

Meu clitóris pulsava, e o desejo do meu ventre de ser preenchido estava me enlouquecendo. Eu precisava me libertar daquela sensação. Gideon enfiou dois dedos em mim, e minhas unhas se enterraram no couro preto do assento. Ele me masturbava a seu bel-prazer, entrando e saindo devagar, mantendo-me no limiar do orgasmo.

"Gideon", eu disse aos soluços. Os tecidos sensíveis que havia dentro de mim incharam avidamente ao redor de seus dedos. Eu estava coberta de suor, mal conseguia respirar. Comecei a rezar para o carro parar, para chegarmos ao nosso destino, ansiosa por uma oportunidade de escapar daquela situação. Mas a limusine continuava em movimento, seguia sempre em frente, e eu estava em uma posição em que não conseguia nem me erguer para ver onde estávamos.

Ele se inclinou sobre as minhas costas, apoiando o pau sobre a minha bunda. "Me diz por que, Eva", ele disse no meu ouvido. "Você sabia que eu iria atrás de você… Sabia que ia te ver…"

Fechei bem os olhos e cerrei os punhos. “Eu… não… sei… Merda! Eu não sei por que, porra!”

Ele tirou os dedos e meteu o pau em mim. Meu sexo se expandiu ao redor daquela ereção deliciosa, puxando-o ainda mais para dentro. Ouvi sua respiração se transformar num rugido abafado, e Gideon começou a me foder.

Soltei um grito de prazer. Meu corpo inteiro estremeceu de deleite enquanto ele me comia sem parar, abrindo caminho com seu pênis maravilhoso em meio aos meus tecidos hiperestimulados. A tensão foi crescendo, crescendo, acumulando-se como uma tempestade…

“*Assim*”, gemi, encolhendo-me toda, pronta para gozar.

Ele se retraiu diante da primeira contração do meu sexo, deixando-me mais uma vez à beira do precipício. Soltei um grito de frustração, lutando para me levantar e me afastar daquele amante que havia se transformado em torturador.

Ele sussurrou diabolicamente no meu ouvido: “Me diz por que, Eva. Está pensando nele agora? Queria que fosse o pau dele dentro de você? Queria o pau dele fodendo sua bocetinha?”.

Dei outro grito. “Eu te odeio! Seu sádico, egoísta, filho da…”

Ele meteu em mim de novo, preenchendo-me, investindo com estocadas ritmadas contra meu ventre sedento.

Eu não estava aguentando mais. Levei a mão até o clitóris, consciente de que uma única esfregada seria o bastante para me proporcionar um orgasmo violento.

“Não.” Gideon agarrou meus pulsos e prendeu minhas mãos ao assento, usando suas coxas para manter minhas pernas afastadas e poder aprofundar ainda mais a penetração. De novo e de novo. O ritmo de suas investidas era constante e inabalável.

Eu estava me contorcendo toda, berrando, prestes a perder a cabeça. Ele era capaz de me fazer gozar só com o pau, proporcionando-me um orgasmo vaginal intenso. Bastava mudar um pouco um ângulo, estimular aquele pontinho exato dentro de mim, um lugarzinho que ele conseguia encontrar instintivamente toda vez que transava comigo.

“Te odeio”, eu disse aos soluços, com o rosto banhado de lágrimas de frustração que caíam sobre o assento.

Inclinando-se sobre mim, ele disse no meu ouvido com a respiração ofegante: “Me diz por que, Eva”.

A raiva cresceu dentro de mim e transbordou de uma só vez. “Porque você merece!

Porque precisava sentir na própria pele! Descobrir o quanto machuca, seu cretino egoísta!”

Ele ficou paralisado. Senti o ar se esvair de seus pulmões. Minha pulsação ressoava nos meus ouvidos, tão intensamente que achei que estivesse delirando quando o ouvi falar num tom de voz suave e carinhoso.

“Meu anjo.” Ele beijou meu ombro e soltou minhas mãos para agarrar meus seios. “Minha menina linda e teimosa. Finalmente resolveu dizer a verdade.”

Gideon me levantou e me virou para ele. Exausta, deixei minha cabeça cair sobre seu ombro e as lágrimas pingarem no meu peito. Eu não tinha mais energias para lutar, mal consegui gemer quando ele beliscou um dos meus mamilos com a ponta dos dedos e depois abriu minhas pernas. Seus quadris começaram a se mexer, e ele agarrou a pele sensível em torno do meu clitóris e começou a me massagear enquanto me comia.

Eu gozei gritando seu nome, com o corpo inteiro convulsionado, entregue a tremores intensos enquanto a sensação de alívio tomava conta de mim. Aquele orgasmo durou um tempão, e Gideon parecia incansável, amplificando meu prazer com as estocadas perfeitas por que eu tanto ansiava.

Quando enfim me deixei cair em seus braços, arfando e ensopada de suor, ele me pegou no colo com cuidado e me deitou no assento da limusine. Esgotada, escondi o rosto entre as mãos, sem forças para detê-lo enquanto ele abria minhas pernas e começava a me chupar. Eu estava toda melada de porra, mas ele não se importou. Lambeu e chupou meu clitóris até me fazer gozar de novo. E de novo.

Minhas costas se arqueavam a cada vez que eu chegava ao clímax, soltando com força o ar dos pulmões. Perdi a conta de quantas vezes gozei. Os orgasmos foram se acumulando, indo e vindo seguidamente como ondas. Tentei afastar meu corpo do dele, mas Gideon se endireitou, arrancou a camiseta e montou sobre mim com um joelho no assento e o outro pé no chão. Gideon apoiou as mãos na janela acima da minha cabeça, expondo seu corpo de uma forma que havia se recusado a fazer antes.

Eu o empurrei. “Já chega! Não aguento mais.”

“Eu sei.” Seu abdome se contraiu quando ele me penetrou, mantendo os olhos nos meus enquanto abria caminho pelos meus tecidos inchados. “Só quero ficar um pouco dentro de você.”

Joguei o pescoço para trás quando ele entrou mais fundo, deixando escapar um gemido grave diante daquela sensação *maravilhosa*. Por mais exausta e hiperestimulada que estivesse, ainda sentia vontade de possuí-lo e ser possuída por ele. Disso eu jamais abriria mão.

Gideon abaixou a cabeça e me beijou na testa. “Você é tudo que eu quero, Eva. Não existe mais ninguém. E nunca vai existir.”

“Gideon.” Ele foi capaz de entender o que eu não havia percebido. Aquela noite terminou em desgraça por causa do *meu* ciúme, da minha necessidade de fazê-lo sentir meu sofrimento na pele.

Ele me beijou de levinho, de forma quase reverente, eliminando toda e qualquer lembrança de outros lábios junto aos meus.

“Meu anjo.” A voz de Gideon preencheu meus ouvidos em uma onda morna. “Acorda.”

Eu gemi, fechando os olhos com ainda mais força e afundando ainda mais a cabeça em seu pescoço. “Me deixa em paz, seu tarado.”

Sua risada silenciosa me fez estremecer. Ele estalou um beijo na minha testa e começou a levantar. “Já chegamos.”

Abrindo um dos olhos, vi quando ele vestiu a camiseta preta. A calça continuava lá. Notei que o dia já estava claro. Sentei e olhei pela janela, tomando um sustou ao me ver de frente para o mar. Lembrava que havíamos parado para abastecer, mas não estava em condições de descobrir aonde íamos. Gideon tinha se recusado a contar quando perguntei, limitando-se a informar que era uma surpresa.

“Onde estamos?”, murmurei, admirada com a visão do sol acima da água. A manhã já estava alta.

“Na Carolina do Norte. Levante os braços.”

Obedeci automaticamente, e ele enfiou minha blusinha em mim. “Preciso pôr o sutiã”, comentei quando Gideon voltou ao meu campo de visão.

“Não tem ninguém aqui além de nós, e vamos direto pra banheira.”

Olhei mais uma vez para a casa ao lado da qual estávamos estacionados. Devia ter pelo menos três andares, com varandas enormes na frente e na lateral e uma linda porta de entrada. Tinha sido construída na própria praia, tão perto da água que quando a maré subia devia chegar até ela. “Quanto tempo demorou a viagem?”

“Quase dez horas.” Gideon envolveu minhas pernas com a saia e eu me levantei, permitindo que ele a ajeitasse e subisse o zíper. “Vamos lá.”

Ele desceu primeiro e estendeu a mão para mim. A brisa salgada e revigorante do mar

atingiu meu rosto, despertando-me. Os movimentos ritmados das ondas me embalaram desde o momento em que me dei conta de onde estava. Angus não estava por perto, o que era um alívio, já que eu estava sem calcinha e sem sutiã. “Angus dirigiu a noite toda?”

“Trocamos de motorista quando paramos no posto.”

Virei para Gideon e meu coração se acelerou quando vi a maneira carinhosa e intensa como ele me olhava. Uma mancha roxa se insinuava em seu queixo, e eu estendi a mão para tocá-la, sentindo um aperto no peito ao acariciar seu ferimento.

“Você está machucado em mais algum lugar?”, perguntei, ainda me sentindo emocionalmente frágil depois da longa noite anterior.

Ele agarrou meu pulso e levou minha mão até seu coração. “Aqui.”

Meu amor… Ele também estava sofrendo. “Sinto muito.”

“Eu também.” Ele beijou a ponta dos meus dedos, pegou minha mão e me levou para a casa.

A porta não estava trancada, e ele foi entrando sem cerimônia. Havia uma cesta de metal em uma mesinha ao lado da porta, contendo uma garrafa de vinho e duas taças amarradas com uma fita. Enquanto Gideon trancava a porta por dentro, peguei o envelope de boas-vindas e o abri. Uma chave caiu na palma da minha mão.

“A gente não vai precisar disso.” Ele tomou a chave da minha mão e deixou na mesinha. “Pelos próximos dois dias vamos virar eremitas.”

Uma onda de prazer foi tomando conta de mim, seguida de certa perplexidade pelo fato de um homem como Gideon Cross gostar tanto da minha companhia a ponto de abrir mão da convivência com todos os demais.

“Vamos”, ele disse, empurrando-me escada acima. “A gente abre esse vinho depois.”

“É verdade. Precisamos de café primeiro.”

Dei uma olhada rápida na decoração da casa. Era rústica por fora e moderna por dentro. As paredes de madeira eram brancas e decoradas com fotos em preto e branco de conchas do mar. A mobília era toda branca, e a maior parte dos acessórios era de vidro e metal. Seria uma coisa até monótona, não fosse a vista maravilhosa para o mar e as cores dos tapetes sobre o piso de madeira nobre e do acervo de livros de capa dura que preenchia as estantes.

Quando chegamos ao andar de cima, minha felicidade aumentou ainda mais. A suíte principal era um espaço totalmente aberto, a não ser por duas colunas de sustentação. Buquês de rosas, tulipas e lírios brancos eram visíveis em quase todas as superfícies

disponíveis, até mesmo no chão, em algumas áreas estratégicas. A cama era enorme, com lençóis de cetim, o que me fez pensar que se tratava de uma suíte nupcial, impressão reforçada pela fotografia em preto e branco pendurada sobre a cabeceira, a imagem de um véu transparente sendo levado pelo vento.

Olhei para Gideon. “Você já esteve aqui antes?”

Ele estendeu a mão e soltou meu rabo de cavalo, àquela altura todo torto e amassado. “Não. Que motivo eu teria para vir aqui?”

Verdade. O único lugar ao qual Gideon levava mulheres era seu matadouro num quarto de hotel — que aparentemente ele ainda mantinha. Meus olhos se fecharam quando começou a alisar meus cabelos com os dedos. Eu não tinha nem energia suficiente para me aborrecer com aquilo naquele momento.

“Tire a roupa, meu anjo. Vou encher a banheira.”

Ele se afastou. Abri os olhos e o agarrei pela camiseta. Não sabia o que dizer. Só queria tê-lo por perto.

Ele entendeu, porque sabia como eu pensava.

“Não vou a lugar nenhum, Eva.” Gideon pegou meu queixo com as mãos e olhou fundo nos meus olhos, mostrando a intensidade que havia me deixado maravilhada desde que o conhecera. “Mesmo se você quisesse ficar com ele, isso não seria suficiente pra eu abrir mão de você. Eu te quero demais. Quero você comigo, na minha vida, na minha cama. Se não puder ter isso, nada mais importa. Aceito o que você quiser me dar, não sou orgulhoso.”

Eu me atirei sobre ele, atraída por sua necessidade obsessiva e insaciável por mim, que refletia minha profunda necessidade da companhia dele. Minhas mãos se agarraram à sua camiseta de algodão.

“Meu anjo”, ele sussurrou, abaixando a cabeça e colando seu rosto ao meu. “Você também não consegue ficar longe de mim.”

Ele me tomou nos braços e me carregou até o banheiro.

11

Eu estava deitada com os olhos fechados, as costas apoiadas no peito de Gideon, ouvindo o som da água se agitando enquanto ele passava as mãos sobre meu corpo na banheira com pés de bronze.

Ele havia lavado meu cabelo e meu corpo. Estava me fazendo um mimo, um agrado. Sabia que precisava se redimir da noite anterior, da maneira como havia me feito encarar a verdade — uma verdade que ele conhecia, mas precisava confirmar de uma vez por todas.

Como Gideon era capaz de me entender tão bem, algo que eu mesma não conseguia?

"Me conta sobre ele", murmurou, abraçando-me pela cintura.

Respirei fundo, mas aquela pergunta sobre Brett não me pegou de surpresa. Eu também conhecia muito bem meu amante. "Primeiro me diz se ele está bem."

Gideon fez uma pausa antes de responder. "Não sofreu nenhum ferimento grave. Você se importaria se ele estivesse muito machucado?"

"Claro que me importaria." Ouvi seus dentes rangerem.

"Quero saber sobre vocês dois", Gideon exigiu, muito sério.

"Não."

"Eva…"

"Não fale assim comigo, Gideon. Estou cansada de ser um livro aberto enquanto você guarda um monte de segredos." Virei a cabeça para o lado e apoiei a bochecha em seu peito. "Se tudo o que você tem a me oferecer é seu corpo, eu aceito. Mas não vou dar mais nada em troca."

"Ou seja, você não *quer*. Vamos tentar ser…"

"Eu não *consigo*." Inclinei-me para a frente para poder virar e encará-lo. "Olha só o que está acontecendo comigo! Eu *magoei* você ontem à noite. De propósito. Sem nem me dar conta disso, porque estava remoendo um ressentimento terrível enquanto tentava me convencer de que consigo viver sem saber de todas essas coisas que você não quer me contar."

Ele se sentou e abriu os braços. "Estou me abrindo com você, Eva! Você age como se

não me conhecesse… como se tudo se resumisse ao sexo… mas você sabe mais sobre mim que qualquer outra pessoa.”

“Vamos falar sobre o que eu *não* sei. Por que você é praticamente o dono da Vidal Records? Por que odeia a casa em que foi criado? Por que tem uma relação tão distante com sua família? O que você tem contra o doutor Terrence Lucas? Aonde tinha ido naquela noite em que tive um pesadelo? O que está por trás dos *seus* pesadelos? Por quê…”

“Já chega!”, ele gritou, passando as mãos pelos cabelos molhados.

Eu me recostei, observando-o enquanto claramente lutava para se controlar. “Você devia saber que pode me contar qualquer coisa”, eu disse baixinho.

“Ah, posso?” Ele me lançou um olhar penetrante. “O que sabe já não é suficiente para atormentar você? Quanto mais é capaz aguentar antes de sumir de vez da minha vida?”

Apoiei os braços nas bordas da banheira, encostei a cabeça e fechei os olhos. “Muito bem, então. Vamos ser meros companheiros de cama que discutem uma vez por semana na terapia. Que bom que esclarecemos isso.”

“Eu trepei com ela”, ele confessou. “Pronto. Está feliz agora?”

Sentei tão depressa que até derramei água para fora da banheira. Meu estômago deu um nó. “Com Corinne?”

“Não, porra.” Ele ficou vermelho. “Com a mulher de Lucas.”

“Ah…” Eu me lembrei da foto que tinha visto na pesquisa que fiz no Google. “Ela é ruiva.” Foi a única coisa que consegui dizer.

“Minha atração por Anne se baseava inteiramente na relação dela com Lucas.”

Franzi a testa, confusa. “Mas você e o doutor Lucas já tinham uma inimizade antes desse lance com a mulher dele? Ou começou por causa disso?”

Gideon apoiou o cotovelo na borda da banheira e esfregou o rosto. “Ele me afastou da minha família. Só retribuí a gentileza.”

“Você fez com que eles se separassem?”

“Fiz com que *ela* quisesse a separação.” Gideon suspirou, tenso. “Ela veio falar comigo em um evento. Nem dei muita bola, pelo menos até descobrir quem era. Sabia que Lucas ficaria arrasado se a levasse pra cama. Então, quando a oportunidade surgiu, aproveitei. Era para ser só uma transa, mas Anne me ligou no dia seguinte. Como eu sabia que ele ficaria ainda mais magoado ao descobrir que ela quis mais, deixei acontecer. Quando estava a ponto de largar o marido por minha causa, mandei Anne de volta para ele.”

Fiquei olhando para Gideon, para seu embaraço um tanto relutante. Ele certamente faria tudo de novo, caso tivesse a chance, mas não sentia orgulho daquilo.

“Diga alguma coisa!”, ele gritou.

“Ela achou que você estava apaixonado?”

“Não. Porra, posso até ser um canalha por ter comido a mulher de outro, mas nunca prometi nada. Queria atingir Lucas através dela, não esperava esse efeito colateral. Se fosse hoje, não teria deixado a coisa chegar a esse ponto.”

“Gideon”, suspirei e sacudi a cabeça negativamente.

“O quê?” Ele estava inquieto, tenso, exalando uma energia nervosa. “Por que você disse meu nome desse jeito?”

“Porque você é ingênuo demais para a inteligência que tem. Você dormiu com essa mulher um monte de vezes e ainda fica surpreso por ela se apaixonar?”

“Deus.” Ele jogou a cabeça para trás com um grunhido. “Lá vem você de novo com essa história.”

Ele se endireitou de maneira abrupta. “Quer saber de uma coisa? Pode continuar pensando que eu sou um presente de Deus para as mulheres, meu anjo. Vou ficar mais tranquilo se você achar que nunca vai conseguir encontrar alguém igual a mim.”

Joguei água nele. A facilidade com que desdenhava de seus atributos físicos era bem parecida com a minha. Ambos conhecíamos nossos pontos fortes e sabíamos tirar proveito deles. Só não éramos capazes de entender o que nos tornava tão especiais a ponto de as pessoas se apaixonarem por nós.

Gideon se inclinou para a frente e segurou minhas mãos. “Agora me conta sobre você e Brett Kline.”

“Você não me contou o que o doutor Lucas fez pra te deixar tão irritado.”

“Contei, sim.”

“Não em detalhes”, argumentei.

“É sua vez. Desembucha.”

Precisei de um longo tempo para escolher bem as palavras. Homem nenhum queria uma vadia em recuperação como namorada. Mas Gideon esperou com toda a paciência. E obstinação. Eu sabia que só sairia daquela banheira depois de contar a ele sobre Brett.

“Para Brett eu era só uma transa fácil e garantida”, fui logo confessando, querendo encerrar a conversa o mais depressa possível. “E aceitei essa situação, me sujeitei a um

monte de coisas por isso. Nessa época, o sexo era a única forma que eu conhecia de me sentir amada.”

“Ele fez uma canção de amor pra você, Eva.”

Olhei para o outro lado. “Mas a verdade sobre nós daria uma música nem um pouco romântica, sabia?”

“Você era apaixonada por ele?”

“Eu… não.” Olhei para Gideon quando ele soltou um suspiro audível, como se estivesse prendendo a respiração até então. “Eu sentia atração por ele, pelo jeito como cantava, mas era uma coisa totalmente superficial. Nem conhecia o cara direito, na verdade.”

Seu corpo inteiro relaxou visivelmente. “Então era meio que… uma fase? É isso?”

Confirmei com a cabeça e tentei soltar as mãos, queria pelo menos poder me esconder atrás da minha vergonha. Eu não culpava Brett nem nenhum dos outros caras com quem me envolvi pelo que minha vida se tornou naquela época. A culpa era minha e de mais ninguém.

“Vem cá.” Gideon me pegou pela cintura e me puxou para mais perto, juntando-me ao seu peito de novo. Seu abraço era a sensação mais maravilhosa do mundo. Suas mãos acariciavam minhas costas, reconfortando-me. “Não vou mentir pra você. Tenho vontade de encher de porrada todos os homens que passaram pela sua vida e seria bom se você os mantivesse bem longe de mim, mas nada a respeito do seu passado vai mudar o que sinto por você. Além disso, sei que também não sou nenhum santo…”

“Eu queria esquecer tudo isso”, murmurei. “Não gosto de me lembrar da pessoa que já fui.”

Gideon apoiou o queixo na minha cabeça. “Eu sei como é. Por mais que me lavasse depois de transar com Anne, nada era capaz de impedir que me sentisse sujo.”

Apertei seus braços ao redor da minha cintura, um sinal de que o entendia e queria reconfortá-lo. Para a minha felicidade, eu também me sentia aceita e reconfortada.

O robe de seda branca que encontrei pendurado no closet era maravilhoso, revestido por dentro com um tecido felpudo e bordado com fios prateados nas bainhas. Eu adorei, o que era ótimo, porque, aparentemente, era a única peça disponível naquela casa.

Observei enquanto Gideon vestia uma calça de pijama de seda preta e amarrava o

cordão para ajustá-la à cintura. “Por que você tem direito a roupas e eu só ganho um robe?”

Ele me olhou através de uma mecha de cabelo que havia caído sobre seu rosto. “Porque fui eu que providenciei tudo.”

“Sem-vergonha.”

“É só uma forma de facilitar o cumprimento de suas demandas sexuais insaciáveis.”

“*Minhas* demandas insaciáveis?” Fui até o banheiro para tirar a toalha que estava enrolada na minha cabeça. “Eu me lembro claramente de implorar pra você parar ontem à noite. Ou foi hoje de manhã?”

Ele foi atrás de mim e parou no vão da porta. “Você vai implorar para eu parar hoje à noite também. Mas agora vou fazer o café.”

Pelo espelho, vi um hematoma bem escuro quando ele se virou para sair. Estava localizado na parte inferior de suas costas, um local que eu não tinha visto até então. “Gideon! Você está machucado! Me deixa ver isso!”

“Eu estou bem.” Ele me respondeu já do meio da escada. “Não precisa exagerar.”

Fui invadida pelo sentimento de culpa e por uma vontade terrível de chorar. Minhas mãos tremiam enquanto eu passava o pente pelos cabelos molhados. No banheiro havia os mesmos produtos de beleza que eu tinha em casa, mais uma prova do quanto Gideon era atencioso, mais uma coisa a evidenciar meus defeitos. Eu estava tornando a vida dele um inferno. Depois de tudo por que ele havia passado, a última coisa de que precisava era lidar com uma pessoa problemática como eu.

Ao descer até o primeiro andar, notei que ainda não estava pronta para me juntar a Gideon na cozinha. Precisava de um minuto sozinha para me recompor. Não queria estragar o fim de semana dele.

Saí pelas portas envidraçadas que levavam ao deque. O rugido das ondas e a brisa úmida e salgada me atingiram em cheio. A bainha do meu robe ondulava suavemente ao vento, refrescando-me e revigorando-me ao mesmo tempo.

Respirei fundo, agarrei com força o gradil do deque e fechei os olhos, tentando encontrar a paz que aplacaria a preocupação de Gideon. Somente eu era capaz de fazer de mim mesma uma pessoa mais forte, o que era absolutamente necessário se quisesse fazê-lo feliz e transmitir a segurança que ele tanto desejava.

A porta se abriu atrás de mim e suspirei antes de me virar e encará-lo com um sorriso. Gideon apareceu com duas canecas fumegantes — uma de café preto e outra de café com

leite. Eu sabia que estaria do jeito como eu queria, porque ele conhecia exatamente o meu gosto. Não porque eu havia dito, mas porque ele prestava atenção em tudo a meu respeito.

"Pare de se torturar", ele disse, muito sério, deixando as canecas sobre o gradil.

Suspirei. Obviamente, um sorriso não era suficiente para esconder meu estado de espírito. Ele me conhecia bem demais.

Gideon pegou meu rosto entre os dedos e me encarou. "Esse assunto está encerrado. Esquece isso."

Passei os dedos pelo lugar onde tinha visto o hematoma.

"Isso precisava acontecer", ele se limitou a dizer. "É sério. Fica quieta e me escuta. Acho que entendi o que você sente em relação a Corinne. Sinceramente, achava um exagero da sua parte. Mas estava errado. Agi como um imbecil egoísta."

"Mas eu estou mesmo exagerando. Não tenho por que odiá-la tanto assim. Não consigo pensar nela sem sentir impulsos violentos."

"Agora eu entendo isso. Antes não entendia." Ele deu um sorriso amarelo. "Às vezes só um evento dramático é capaz de me ensinar a ver as coisas de outro jeito. Por sorte, você é muito boa nisso."

"Não tenta amenizar as coisas, Gideon. Você podia ter se machucado feio por minha causa."

Ele me pegou pela cintura quando fiz menção de me virar. "Eu me machuquei feio por sua causa, *sim*. Ver você abraçada com outro cara, beijando a boca dele…" Seus olhos brilharam de raiva. "Aquilo acabou comigo, Eva. Cortou meu coração e me deixou sangrando. Parti para o ataque como uma forma de autodefesa."

"Nossa", eu disse quase sem fôlego, aturdida por sua sinceridade brutal. "Gideon."

"Estou com muita raiva de mim mesmo por não ter entendido o que você sente por Corinne. Se um beijo já foi capaz de me fazer sentir daquele jeito…" Ele me abraçou com força, com um dos braços no meu quadril e outro nas minhas costas, para que sua mão pudesse agarrar minha nuca e me prender. Capturar-me.

"Se você me traísse", ele continuou com a voz embargada, "acho que eu morreria."

Virei a cabeça e beijei seu pescoço. "Aquele beijo idiota não significou nada. Significou menos do que nada, aliás."

Ele agarrou meus cabelos e puxou minha cabeça para trás. "Você não sabe o que seus beijos significam pra mim, Eva. Não dá para sair beijando outra pessoa e dizer que foi só uma coisinha idiota…"

Gideon abaixou a cabeça e juntou seus lábios aos meus. O beijo começou suave, doce e provocador, com leves lambidas no meu lábio inferior. Abri a boca para ampliar o contato. Ele virou a cabeça e enfiou a língua na minha boca. Seus movimentos rápidos e não muito profundos só faziam aumentar meu desejo.

Enfiei os dedos por entre seus cabelos molhados e fiquei na ponta dos pés para que o beijo pudesse se tornar mais profundo. Gemi ao sentir que ele sugava minha língua e me encostei um pouco mais em seu corpo. Seus lábios se moviam contra os meus, cada vez mais quentes e úmidos. Estávamos nos devorando, ficando mais excitados a cada segundo, como se estivéssemos trepando apenas com a boca, transando apaixonadamente através dos lábios, dos movimentos da língua e das leves mordidas. Eu arfava de desejo por ele, atacava-o com meus lábios, soltando gemidos de tesão pela garganta.

Seus beijos eram espetaculares. Era quando ele se mostrava por inteiro, sua força, sua paixão, seu desejo e seu amor. Nada ficava de fora, estava tudo ali. Ele se expunha completamente.

A tensão começou a tomar conta de seu corpo poderoso, sua pele acetinada estava cada vez mais quente. Sua língua se enfiou de uma vez na minha boca, enroscando-se com a minha. Sua respiração acelerada se misturava à minha, enchendo meus pulmões. Meus sentidos estavam todos imersos nele, no seu gosto, no seu cheiro, e minha cabeça girava a mil por hora enquanto eu virava a cabeça, em uma tentativa de senti-lo ainda mais profundamente. Eu queria lambê-lo com mais força, sugá-lo com mais força. Devorá-lo.

Eu o queria demais.

Suas mãos percorriam minhas costas, trêmulas e inquietas. Ele grunhiu, e senti meu sexo se contrair em resposta. Ele desamarrou o cordão do meu robe, enfiando as mãos por entre suas metades abertas para agarrar meus quadris e encravou os dentes no meu lábio inferior, para depois acariciá-lo com a língua. Gemi, querendo mais. Minha boca estava inchada e sensível.

Por mais perto que estivéssemos um do outro, a proximidade nunca parecia suficiente.

Gideon agarrou minhas nádegas e me puxou para cima dele. Senti sua ereção como uma barra de aço incandescente queimando minha barriga através do tecido da calça. Ele interrompeu o beijo e depois atacou minha boca de novo, preenchendo-me com o gosto de seu desejo, proporcionando-me tanto prazer com o toque aveludado de sua língua que seu gesto ganhou ares de tortura para mim.

Ele sentiu um tremor violento e soltou um rugido, remexendo os quadris. Seus dedos apertavam minha bunda, e seu grunhido reverberou com força contra meus lábios. Senti seu pau pulsar entre nós, depois seu jorro morno e delicioso na minha pele. Ele gozou

soltando um ruído atormentado, encharcando a seda do pijama.

Gemi alto, desfazendo-me e desmanchando-me toda, enlouquecidamente excitada por conseguir fazê-lo perder o controle só com um beijo.

Aos poucos ele foi me soltando, ofegante. “Seus beijos são *meus*.”

“Sim. Gideon…” Eu estava abalada, fragilizada emocionalmente pelo momento mais erótico que já havia vivenciado.

Ele ficou de joelhos e me chupou até que eu chegasse a um clímax arrebatador.

Tomamos um banho de chuveiro e tiramos um cochilo que durou todo o restante da manhã. Foi muito gostoso poder dormir ao seu lado de novo, com o travesseiro apoiado em seu peito, meu braço largado sobre sua barriga durinha e minhas pernas enroscadas com as dele.

Quando acordamos, pouco depois da uma da tarde, eu estava faminta. Descemos para a cozinha juntos, e ali descobri que gostava do visual hipermoderno daquele lugar. As portas de vidro dos armários e o granito das bancadas combinavam perfeitamente com a madeira nobre do piso. Para tornar tudo ainda melhor, a despensa estava lotada. Não precisávamos sair de casa para nada.

Optamos pela lei do menor esforço e fizemos sanduíches, que levamos para a sala e comemos com as pernas cruzadas, virados um para o outro.

Já estava na metade do meu quando surpreendi Gideon me olhando com um sorriso no rosto.

“Que foi?”, perguntei entre uma mordida e outra.

“Arnoldo tem razão. É divertido ver você comer.”

“Ah, fica quieto.”

Seu sorriso se escancarou. Ele parecia tão despreocupado e feliz que senti um aperto no peito.

“Como foi que você descobriu este lugar?”, perguntei. “Ou foi Scott?”

“Fui eu.” Ele enfiou uma batata frita na boca e lambeu o sal dos lábios, o que achei absurdamente sexy. “Queria levar você para uma ilha, onde ninguém pudesse incomodar a gente. Este lugar é quase isso, descontando o contratempo da duração da viagem. Era para a gente ter vindo de avião.”

Eu me distraí enquanto comia, lembrando a longa viagem para chegar até ali. Por mais enlouquecedora que pudesse ter sido, havia algo de excitante na ideia de que ele precisou reprogramar tudo apenas para poder me foder intensamente durante horas, tudo isso só para que eu pudesse encarar uma verdade que me recusava a enxergar. Só de imaginar toda a frustração e toda a raiva que o levaram a planejar aquilo… seus pensamentos voltados em liberar toda a sua paixão sobre meu corpo desejoso e indefeso…

"Você está com uma carinha de quem quer trepar…", ele observou. "E depois vem dizer que o tarado sou eu."

"Desculpa."

"Não foi uma reclamação."

Decidi voltar meus pensamentos para os eventos mais desagradáveis da noite. "Acho que Arnoldo não gostou muito de mim."

Ele ergueu uma das sobrancelhas. "Você está com a maior cara de tesão e estava pensando em Arnoldo? Vou ter que dar uma surra *nele* também?"

"Não. Que coisa… Só falei nisso pra desviar o foco do sexo, e porque é uma coisa sobre a qual precisamos conversar."

Ele deu de ombros. "Falo com ele."

"Acho que quem precisa fazer isso sou *eu*, na verdade."

Gideon me encarou com seus olhos azuis encantadores. "E o que você vai dizer?"

"Que ele tem razão. Que eu não mereço você e que pisei na bola. Só que estou apaixonada demais e preciso de uma chance pra provar que posso te fazer feliz."

"Meu anjo, se eu fosse mais feliz do que você me faz, viraria uma pessoa disfuncional." Ele pegou minha mão e beijou a ponta dos meus dedos. "Não interessa o que os outros pensam. A gente tem nosso próprio ritmo e está contente com ele."

"Você está *mesmo* contente?" Peguei minha garrafinha de chá gelado de cima da mesa e dei um gole. "Sei que tudo isso é bem desgastante pra você. E se essa dureza toda for mais do que a gente é capaz de suportar?"

"Essa sua conversa é bem sugestiva…"

"Ai, meu Deus." Dei risada. "Você é terrível."

Seus olhos brilhavam de divertimento. "Não é isso que você costuma dizer."

Balancei a cabeça e voltei minha atenção para o sanduíche.

"Prefiro brigar com você, meu anjo, a rir e me divertir com qualquer outra pessoa."

Minha nossa. Precisei de alguns instantes a mais para engolir o último pedaço que estava na minha boca. “Você sabe, né? Que te amo de paixão?”

Ele sorriu. “Sei.”

Depois que limpamos a sujeira do almoço, larguei a esponja na pia e anunciei: “Preciso dar o telefonema semanal para meu pai”.

Gideon sacudiu a cabeça. “Sem chance. Você vai ter que esperar até segunda.”

“Hã? Por quê?”

Ele me encurralou no balcão, posicionando as mãos em torno de mim. “Aqui não tem telefone.”

“Sério? E o seu celular?” O meu havia ficado em casa, pois não tinha onde carregá-lo no show e não havia motivo para levá-lo comigo.

“Está a caminho de Nova York, com a limusine. Estamos sem internet também. Mandei tirar o modem e os telefones antes de chegarmos.”

Fiquei sem saber o que dizer. Com tantos compromissos e tanta responsabilidade nas costas, Gideon se desconectar do mundo daquela maneira durante o fim de semana era… inacreditável. “Uau. Quando foi que a última vez que você ficou incomunicável desse jeito?”

“Hum… acho que nunca fiquei.”

“Deve haver pelo menos meia dúzia de pessoas surtando por não conseguir falar com você.”

Ele deu de ombros, despreocupado. “Elas se viram.”

Senti uma onda de prazer percorrer meu corpo. “Então vou ter você todinho só pra mim?”

“Exatamente.” Ele abriu um sorriso malicioso. “O que vai querer fazer comigo, meu anjo?”

Sorri de volta, extasiada. “Vou pensar em alguma coisa, pode ter certeza.”

Fomos dar um passeio na praia.

Vesti uma das calças de pijama de Gideon, que enrolei até as canelas, e minha regatinha branca, o que era uma indecência, porque meu sutiã estava a caminho de Nova York com o celular de Gideon.

“Acho que morri e fui para o paraíso”, ele anunciou, olhando para meus peitos enquanto caminhávamos pela areia, “onde a encarnação de todas as minhas fantasias masturbatórias de adolescência existe de verdade e é toda minha.”

Bati no ombro dele com o meu. “Como é que você consegue passar de deliciosamente romântico para tarado e grosseiro em tão pouco tempo?”

“Esse é mais um dos meus talentos.” Seus olhos estavam de novo voltados para meus mamilos endurecidos, uma cortesia da brisa do mar. Ele apertou minha mão e soltou um suspiro de felicidade um tanto teatral. “Estou no paraíso com meu anjo. Não existe nada melhor que isso.”

Fui obrigada a concordar. A praia era linda e tinha um visual selvagem e indomado que lembrava bastante o homem que estava ao meu lado. O som das ondas e o barulho das gaivotas me proporcionavam um contentamento inigualável. A água fria batia em meus pés descalços, e o vento lançava meus cabelos sobre meu rosto. Fazia tempo que eu não me sentia tão bem, e fiquei feliz por Gideon ter reservado aquele tempinho só para nós. Quando estávamos sozinhos, tudo parecia perfeito.

“Você gostou daqui”, ele percebeu.

“Sempre gostei de ficar perto da água. O segundo marido da minha mãe tinha uma casa no lago. Eu me lembro de caminhar com ela pela margem, como estamos fazendo agora, e sempre pensei em comprar uma casinha perto da água pra mim algum dia.”

Ele soltou minha mão e me abraçou pelo ombro. “Então vamos fazer isso. Que tal essa casa em que estamos? Você gostou?”

Eu me virei para Gideon e adorei vê-lo com os cabelos todos bagunçados pelo vento. “Está à venda?”

Ele olhou para a praia que se estendia diante de nós. “Tudo no mundo está à venda. Basta pagar o preço.”

“E você gostou?”

“Ela é meio morta por dentro, com todo aquele branco, mas gostei da suíte principal. O resto podemos mudar e deixar do nosso jeito.”

“Nosso jeito”, repeti, perguntando-me qual seria. Eu adorava o apartamento dele, com sua elegância tradicional. Acho que ele se sentia à vontade no meu apartamento também,

que tinha um toque moderno. Uma combinação dos dois… “Seria um grande passo comprar um imóvel juntos.”

“Um passo inevitável”, ele corrigiu. “Você mesma disse para o doutor Petersen que não vamos desistir um do outro.”

“É, eu disse mesmo.” Caminhamos mais um pouco em silêncio. Tentei descobrir como me sentia quanto ao fato de Gideon querer que tivéssemos um vínculo concreto entre nós. E também entender por que uma propriedade conjunta era a maneira que havia escolhido para isso. “Então posso deduzir que você também gostou daqui, certo?”

“Gosto de praia.” Ele tirou o cabelo do rosto com a mão. “Tenho uma foto minha e do meu pai fazendo um castelo na areia.”

Não sei nem como consegui me equilibrar sobre meus pés. Gideon quase nunca falava voluntariamente sobre seu passado, o que tornava aquela revelação um acontecimento. “Eu gostaria de ver.”

“Está com minha mãe.” Demos mais alguns passos antes que ele dissesse: “Eu pego pra você”.

“Posso ir junto.” Gideon ainda não havia me contado por que, mas a casa dos Vidal era um pesadelo para ele. Eu desconfiava que o trauma que deu origem à sua parassonia tinha acontecido ali.

Gideon respirou profundamente, fazendo seu peito subir e descer. “Posso mandar alguém buscar.”

“Tudo bem.” Virei a cabeça e beijei a mão que estava apoiada em meu ombro. “Mas minha oferta continua de pé.”

“O que você achou da minha mãe?”, ele perguntou, do nada.

“Ela é muito bonita. Muito elegante. E me pareceu muito agradável.” Eu o observei bem, reconhecendo os cabelos escuros e os olhos azuis deslumbrantes de Elizabeth Vidal. “Ela parece te amar muito. Dava pra ver nos olhos dela.”

Gideon continuou olhando para a frente. “Esse amor não foi suficiente.”

Perdi o fôlego. Como não sabia a causa de seus terríveis pesadelos, achei que talvez sua mãe o amasse mais do que o normal. Foi um alívio saber que não era esse o caso. O fato de seu pai ter cometido suicídio já era ruim o bastante. Ser abusado pela própria mãe poderia gerar um trauma quase irrecuperável.

“Por que não foi suficiente, Gideon?”

Ele cerrou o maxilar. Seu peito se expandiu em um suspiro profundo. “Ela não

acreditou em mim.”

Parei de caminhar e me virei para ele. “Você contou para ela o que aconteceu? E ela não acreditou?”

Seu olhar estava perdido por cima da minha cabeça. “Isso não importa agora. Já faz tanto tempo…”

“Claro que importa. Importa muito.” Eu estava furiosa. Uma mãe não tinha cumprido seu papel, que era apoiar o filho. E nesse caso a criança era Gideon, o que me deixava ainda mais indignada. “Aposto que ainda dói um bocado.”

Ele baixou os olhos para mim. “Olha só você, toda irritada e chateada. Eu não devia ter dito nada.”

“Você devia ter me contado isso antes.”

A tensão em seus ombros cedeu, e ele abriu um sorriso um tanto desanimado. “Na verdade eu não te contei nada.”

“Gideon…”

“Mas é claro que você acredita em mim, meu anjo. Já dividiu a cama comigo.”

Peguei seu rosto com as mãos e olhei no fundo de seus olhos. “Eu acredito em você.”

Seu rosto se contorceu em uma expressão de dor antes que ele me abraçasse com força. “Eva.”

Enlacei sua cintura com as pernas e seus ombros com os braços. “Acredito em você.”

Quando voltamos à casa, Gideon foi até a cozinha abrir uma garrafa de vinho e eu fiquei olhando os livros nas estantes. Abri um sorriso ao me deparar com o primeiro volume da série com o protagonista que me fazia lembrar dele, um dos motivos para chamá-lo de “garotão”.

Deitamos no sofá, e eu fiquei lendo em voz alta enquanto ele brincava distraidamente com meus cabelos. Gideon se manteve pensativo depois da nossa caminhada, com a cabeça bem longe. Não me incomodei com isso. Tínhamos feito uma série de revelações um para o outro ao longo dos dois últimos dias, e um período de reflexão era necessário.

Quando a maré subiu, chegou de fato até debaixo da casa, produzindo um som incrível e um visual ainda mais impressionante. Saímos para o deque para ver o vai e vem das ondas, que transformava a casa em uma ilha flutuante.

“Vamos derreter chocolate e comer com marshmallow”, sugeri, inclinando-me no gradil quando Gideon me abraçou por trás. “A gente pode acender aquela lareira.”

Ele mordeu minha orelha e sussurrou: “Prefiro lamber o chocolate derretido do seu corpo”.

Sim, por favor… “Não vai me queimar?”

“Não se a gente fizer direito.”

Ele me pegou e me pôs sentada no gradil quando me virei para encará-lo. Depois se posicionou entre minhas pernas e me abraçou pelos quadris. Observando o sol se pôr no oceano, fomos envolvidos por aquele clima de paz. Acariciei seus cabelos com os dedos, embalada pela brisa que os sacudia.

“Você chegou a falar com Ireland?”, perguntei, querendo saber de sua meia-irmã, que era tão linda quanto a mãe. Eu a havia conhecido numa festa da Vidal Records e não precisei de muito tempo para notar que ela estava desesperada por um pouco de atenção por parte do irmão mais velho.

“Não.”

“Que tal você levá-la pra jantar lá em casa quando meu pai estiver na cidade?”

Ele inclinou a cabeça para me observar melhor. “Você quer que eu convide uma menina de dezessete anos pra jantar comigo e com seu pai?”

“Não, quero que minha família conheça a sua.”

“Ela vai ficar entediada.”

“Como é que você sabe?”, perguntei. “Acho que sua irmã idolatra você. Com um pouquinho de atenção da sua parte, ela tem tudo pra ser uma ótima companhia.”

“Eva.” Ele suspirou, claramente incomodado. “Cai na real. Não tenho a menor ideia do que conversar com uma adolescente.”

“Ireland não é uma garota qualquer, ela é sua…”

“Mas é como se fosse!” Ele franziu o rosto.

Foi quando percebi. “Você tem medo dela.”

“Qual é?!”, ele ironizou.

“Tem mesmo. Ela assusta você.” E eu duvidava que isso tivesse a ver com a idade da irmã dele ou com o fato de ser menina.

“O que foi que deu em você?”, ele protestou. “Está cismada com Ireland. Esquece que

ela existe.”

“Ela é a única pessoa da sua família com quem você pode contar, Gideon.” Pelo menos era assim que eu queria que ele pensasse. Seu irmão Christopher era um canalha e sua mãe não merecia que ele fizesse parte de sua vida.

“Posso contar com *você*!”

“Amor…” Suspirei e o enlacei com minhas pernas. “Claro que você pode contar comigo. Mas isso não significa que não existe espaço na sua vida para outras pessoas que te amam.”

“Ela não me ama”, Gideon murmurou. “Nem me conhece.”

“Acho que você está enganado, mas, mesmo se não estiver, Ireland vai aprender a amar você quando te conhecer melhor. É só abrir espaço para isso.”

“Já chega. Vamos voltar a falar do chocolate.”

Tentei insistir, mas era impossível. Quando ele dava um assunto por encerrado, não adiantava continuar falando. Eu teria que arrumar outro jeito de abordar a questão.

“Então você quer falar sobre chocolate, garotão?” Lambi os lábios. “Aquela coisa quentinha e melequenta escorrendo por nossos dedos…”

Gideon estreitou os olhos.

Passei meus dedos sobre seus ombros e seu peito. “Eu até deixaria você me lambuzar todinha de chocolate. E adoraria despejar um pouco sobre você também.”

Ele ergueu as sobrancelhas. “Está tentando me subornar com favores sexuais de novo?”

“Quando foi que eu disse isso?” Pisquei, fingindo-me de inocente. “Não me lembro de ter dito nada disso.”

“Está implícito na conversa. Vamos ser bem claros.” Ele falou com uma voz assustadoramente grave. Seus olhos faiscavam, e sua mão agarrava um dos meus seios por baixo da blusa. “Vou convidar Ireland para jantar com seu pai porque isso vai deixar você feliz, e assim eu também fico feliz.”

“Obrigada”, eu disse quase sem fôlego, porque ele estava acariciando de forma ritmada meu mamilo, fazendo-me gemer de prazer.

“Vou fazer o que quiser com o chocolate derretido no seu corpo, porque se eu gostar você também vai gostar. Sou eu que decido quando e como. Repita isso.”

“É você que decide…” Eu soltei o ar com toda a força quando ele abocanhou meu outro mamilo por cima da roupa. “Nossa.”

Ele me mordeu de leve. “Termine.”

Meu corpo todo ficou tenso em obediência àquele tom de voz autoritário. “É você que decide quando e como.”

“Com algumas coisas você pode barganhar, meu anjo, mas no sexo não existe negociação.”

Agarrei seus cabelos com as duas mãos, uma resposta instintiva à sua sucção deliciosa nos meus mamilos sensíveis. Eu havia desistido de tentar entender por que queria que ele estivesse no controle. Era essa minha vontade e ponto final. “Com o que mais posso barganhar? Você tem de tudo.”

“Seu tempo e sua atenção são duas coisas preciosas, que eu faria de tudo para conseguir.”

Senti um tremor percorrer meu corpo. “Estou molhadinha pra você”, murmurei.

Gideon se afastou do gradil, levando-me junto com ele. “E é justamente assim que eu quero.”

12

Gideon e eu chegamos a Manhattan no domingo, pouco antes da meia-noite. Dormimos em camas separadas na noite anterior, mas passamos a maior parte do dia juntos na suíte. Beijando e tocando um no outro. Rindo e cochichando.

Graças a uma espécie de acordo silencioso, não falamos mais sobre assuntos desagradáveis durante todo o restante do retiro. Não ligamos a televisão nem o rádio, porque queríamos dedicar todo o nosso tempo um ao outro. Demos mais uma caminhada pela praia. Fizemos amor sem pressa, de maneira quase preguiçosa, no deque do terceiro andar. Jogamos baralho, e ele venceu todas as partidas. Recarregamos as baterias e deixamos bem claro novamente um para o outro que valia a pena lutar pela nossa relação.

Foi o dia mais perfeito da minha vida.

Fomos para meu apartamento na volta à cidade. Gideon abriu a porta com sua própria chave e entramos na sala escura procurando não fazer barulho, para não acordar Cary. Gideon me deu um de seus beijos apaixonados e foi dormir no quarto de hóspedes, enquanto eu me ajeitei na minha cama, que parecia vazia sem ele. Eu já sentia sua falta. Fiquei me perguntando por quanto tempo ainda precisaríamos dormir em quartos separados. Mais alguns meses? Ou anos?

Para fugir daqueles pensamentos, fechei os olhos e logo estava cochilando.

A luz acendeu.

“Eva. Acorda.” Gideon entrou no meu quarto, foi diretamente até o closet e começou a mexer nas minhas roupas.

Piscando, vi que ele estava totalmente vestido, usando calça e uma camisa social. “O que aconteceu?”

“É Cary”, ele disse, bem sério. “Ele está no hospital.”

Um táxi já estava à nossa espera quando saímos do prédio. Gideon deixou que eu entrasse primeiro, depois assumiu seu lugar ao meu lado.

O táxi parecia estar andando bem devagar. Tudo parecia estar em câmera lenta.

Agarrei a manga da camisa de Gideon. “O que aconteceu?”

“Ele foi agredido na sexta à noite.”

“Como é que você sabe?”

“Sua mãe e Stanton deixaram recado no meu celular.”

“Minha mãe…?” Eu o olhei sem entender nada. “Por que ela não…”

Ela não tinha *como* me ligar. Eu estava sem celular. Fui imediatamente dominada pela preocupação e pelo sentimento de culpa. Mal conseguia respirar.

“Eva.” Ele passou o braço pelos meus ombros e me fez apoiar a cabeça em seu corpo. “Não fique se remoendo. Primeiro vamos ver como ele está.”

“Mas já faz *dias*, Gideon. E eu não estava lá.”

As lágrimas começaram a descer pelo meu rosto e não pararam mais, mesmo depois de chegarmos ao hospital. Não consegui reparar em nada no exterior do edifício, minha atenção estava voltada totalmente para a ansiedade que me consumia. Agradeci a Deus por estar acompanhada de Gideon, sempre calmo e senhor da situação. Um funcionário nos forneceu o número do quarto de Cary, mas ele não poderia nos ajudar em mais nada. Gideon teve que fazer uma série de telefonemas em plena madrugada para garantir nosso acesso ao quarto fora do horário de visita. Ele tinha o costume de fazer doações generosas, e esse fato nunca era ignorado quando fazia algum pedido.

Ao entrar no quarto e ver o estado de Cary, meu coração se desfez em pedaços e minhas pernas fraquejaram. Se não fosse por Gideon, eu teria desabado. O homem que eu considerava meu irmão, o melhor amigo que tinha na vida, estava deitado em silêncio completo, imóvel em uma cama. Sua cabeça estava toda enfaixada e seus olhos estavam roxos. Um dos braços estava engessado e pelo outro ele tomava soro. Eu não o teria reconhecido se não o conhecesse tão bem.

Havia flores em todas as superfícies visíveis, buquês alegres e coloridos. Balões também, e alguns cartões. Eu sabia que muita coisa ali tinha sido enviada por minha mãe e Stanton, que certamente se encarregariam da conta do hospital também.

Nós éramos a família dele. E todos já haviam passado por ali, menos eu.

Gideon me levou para mais perto da cama, com o braço em torno da minha cintura para me amparar. Eu chorava aos soluços, lágrimas grossas e mornas escorriam por meu rosto. Era o máximo que podia fazer em termos de silêncio.

Ainda assim, Cary deve ter me ouvido ou sentido minha presença. Suas pálpebras tremeram um pouco, depois se abriram. Seus lindos olhos verdes estavam vermelhos e

opacos. Ele precisou de alguns momentos para conseguir me ver. Quando olhou para mim, piscou algumas vezes e as lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

“Cary.” Corri até ele e pus minha mão sobre a sua. “Estou aqui.”

Ele me apertou com tanta força que até doeu. “Eva.”

“Desculpe não ter vindo antes. Eu estava sem celular. Não fazia nem ideia… Teria vindo se soubesse.”

“Não esquenta. Você está aqui agora.” Cary lutou para engolir em seco. “Minha nossa… tudo dói.”

“Vou chamar a enfermeira”, anunciou Gideon, passando as mãos por minhas costas antes de sair silenciosamente do quarto.

Vi uma jarrinha com água e um copo na mesa do quarto. “Está com sede?”

“Muita.”

“Posso sentar você? Ou é melhor não?” Estava com medo de fazer alguma coisa que aumentasse sua dor.

“Pode.”

Usando o controle remoto que estava perto da mão de Cary, ergui a parte de cima da cama para que ele pudesse se sentar. Depois levei o copo até sua boca e observei enquanto bebia com vontade.

Ele relaxou com um suspiro. “Você é um colírio para meus olhos doloridos, gata.”

“Mas o que foi que aconteceu?” Deixei o copo vazio de lado e agarrei de novo sua mão.

“Como se eu soubesse.” Sua voz era fraca, quase um sussurro. “Bateram em mim. Com um taco de beisebol.”

“Com um *taco de beisebol*?” Só de pensar me senti fisicamente mal. Quanta brutalidade. Quanta violência… “Que loucura!”

“Nem me fale”, ele concordou, franzindo a testa numa expressão de dor.

Recuei um pouco. “Desculpe.”

“Não precisa pedir desculpa. Porra. Eu estou…” Ele fechou os olhos. “Estou exausto.”

Foi nesse momento que a enfermeira entrou, usando um avental decorado com desenhos de depressores linguais e estetoscópios antropomorfizados. Era jovem e bonita, com cabelos e olhos escuros. Ela examinou o estado geral de Cary, mediu sua pressão arterial e por fim apertou um botão no controle da grade da cama.

“Você pode se medicar a cada meia hora se estiver com dor”, ela informou. “É só apertar o botão. O remédio não vai sair se não tiver passado menos de trinta minutos, então nem adianta ficar apertando se não estiver na hora.”

“Se eu apertar uma vez já é muito”, ele murmurou, olhando para mim.

Eu entendia sua relutância. Cary tinha uma tendência ao vício. Já tinha sofrido muito por causa das drogas antes de me conhecer.

Por outro lado foi um alívio ver a expressão de dor sumir de seu rosto e sua respiração voltar ao ritmo normal.

A enfermeira me olhou. “Ele precisa descansar. Você pode voltar durante o horário de visita.”

Cary me lançou um olhar de desespero. “Não vá embora.”

“Ela não vai sair daqui”, informou Gideon ao voltar para o quarto. “Já mandei trazerem uma cama extra.”

Não imaginei que fosse possível amar Gideon ainda mais, mas ele sempre arrumava um jeito de provar que era.

A enfermeira sorriu timidamente para Gideon.

“E ele precisa de mais água”, avisei enquanto ela desviava relutantemente o olhar do meu namorado para prestar atenção em mim.

Ela pegou a jarra e saiu.

Gideon foi até a cama e falou com Cary.

“O que aconteceu?”

Cary suspirou. “Trey e eu fomos àquela festa na sexta, mas saímos cedo. Fui ajudá-lo a pegar um táxi, mas, como na frente do clube estava uma loucura, fomos até uma rua lateral. Quando ele entrou no carro e foi embora alguém me acertou na cabeça, por trás. Quando caí, levei um monte de pancadas no chão. Não tive a menor chance de me defender.”

Minhas mãos começaram a tremer, e Cary começou a acariciá-las com o polegar.

“Ei”, ele murmurou. “Isso é para eu aprender a não enfiar o pau em qualquer buraco.”

“Quê?”

Os olhos de Cary se fecharam, e um segundo depois ele estava dormindo. Olhei para Gideon, completamente perdida.

“Vou tentar descobrir o que aconteceu”, ele disse. “Venha aqui fora comigo um minutinho.”

Eu o segui, olhando para trás o tempo todo, para Cary. Quando a porta se fechou atrás de nós, desabafei: “Minha nossa, Gideon. Ele está muito mal”.

“Levou uma boa surra”, Gideon comentou, soturno. “Teve traumatismo craniano, uma concussão, três costelas trincadas e um braço quebrado.”

Aquela lista de ferimentos era dolorosa demais só de ouvir. “Não entendo por que alguém faria uma coisa dessas.”

Ele me puxou para mais perto e beijou minha testa. “O médico disse que pode liberar Cary daqui a um ou dois dias, então vou providenciar alguém para cuidar dele em casa. E pode deixar que aviso seu chefe que você vai faltar.”

“A agência de Cary também precisa ser avisada.”

“Pode deixar que cuido disso.”

“Obrigada.” Eu o abracei com força. “O que seria de mim sem você?”

“Isso você nunca vai saber.”

Minha mãe me acordou às nove horas na manhã seguinte, entrando exasperada no quarto de Cary assim que começou o horário de visitação. Ela praticamente me arrastou para o corredor, atraindo a atenção de todos que estavam por perto. Ainda era cedo, mas ela já estava toda produzida, com sapatos Louboutin de salto alto com sola vermelha e um vestidinho sem mangas cor de marfim.

“Eva. Não acredito que você passou o fim de semana inteiro sem celular! Onde estava com a cabeça? E se tivesse acontecido alguma emergência?”

“*Aconteceu* uma emergência.”

“Pois é!” Ela jogou apenas uma das mãos para o alto, já que sob o outro braço estava sua bolsa de mão. “Ninguém conseguiu falar com você nem com Gideon. Ele deixou uma mensagem pra avisar que iam viajar no fim de semana, mas não disse pra onde. Não acredito que ele foi tão irresponsável! Onde é que estava com a cabeça?”

Interrompi, porque ela estava gritando e começando a se repetir: “Obrigada por cuidar de Cary. Nem sei como agradecer”.

“Ora, não precisa agradecer.” Minha mãe baixou um pouco o tom de voz. “Também o

amamos, você sabe disso. Estou arrasada com o que aconteceu.”

Seu lábio inferior começou a tremer, e ela remexeu a bolsa em busca de seu lencinho.

“A polícia está investigando o caso?”, perguntei.

“Claro que está, mas não sei se vai adiantar muita coisa.” Ela limpou o canto dos olhos. “Adoro Cary, mas ele é muito galinha. Duvido que se lembre de todas as mulheres e todos os homens com quem se envolveu. Sabe aquele evento a que você foi com Gideon? Quando comprei para você aquele vestido vermelho maravilhoso?”

“Claro.” Eu jamais me esqueceria. Foi na noite em que Gideon e eu fizemos amor pela primeira vez.

“Tenho certeza de que Cary transou com uma loirinha com quem dançou naquela noite… enquanto estávamos lá! Eles desapareceram e quando voltaram… Bom, sei reconhecer um homem satisfeito quando vejo um. Aposto que ele não sabia nem o nome dela.”

Eu me lembrei do que Cary havia dito antes de cair no sono. “Você acha que esse ataque teve a ver com algum dos casos dele?”

Minha mãe pareceu confusa, e enfim se deu conta de que eu não sabia de nada. “Disseram para Cary manter distância ‘dela’, quem quer que fosse ela. Os detetives vão voltar mais tarde para ver se conseguem algum nome.”

“Meu Deus.” Esfreguei os olhos. Mais do que nunca, precisava lavar o rosto e beber um copo de café. “Eles precisam falar com Tatiana Cherlin também.”

“Quem?”

“Cary está saindo com ela. Acho que pode ajudar a esclarecer tudo. O namorado de Cary pegou os dois juntos na cama e ela nem deu bola. É o tipo da pessoa que adoraria se envolver num drama.”

Esfreguei minha nuca e então percebi que a pontada que estava sentindo nas costas tinha um motivo todo especial. Gideon estava vindo na minha direção, diminuindo rapidamente a distância entre nós com as passadas firmes de suas pernas compridas. Vestido de terno para ir trabalhar, com um copo de café em uma das mãos e uma mala preta na outra, ele surgiu ali como a pessoa certa na hora certa.

“Com licença.” Fui até Gideon e me lancei a seus braços.

“Oi”, ele cumprimentou, beijando minha cabeça. “Como estão as coisas?”

“Terríveis. E totalmente sem sentido.” Meus olhos começaram a arder. “Era a última coisa de que Cary precisava. Ele já sofreu tanto…”

“Você também, e agora está sofrendo com ele.”

“E você está sofrendo comigo.” Fiquei nas pontas dos pés, dei um beijo em seu queixo e recuei. “Obrigada.”

Gideon me entregou o café. “Trouxe algumas coisas pra você… uma troca de roupa, seu celular e seu tablet, uns produtos de higiene.”

Eu sabia que tanta atenção teria um preço — literalmente. Depois de passar um fim de semana comigo, ele ainda teve que deixar o trabalho de lado mais um pouquinho para cuidar de mim. “Obrigada. Eu te amo.”

“Eva!” O grito da minha mãe me arrepiou. Ela achava que aquelas palavras só deveriam ser ditas depois do casamento.

“Desculpe, mãe. Não deu pra evitar.”

Gideon passou seus dedos quentes por meu rosto.

“Gideon”, começou minha mãe, vindo na nossa direção, “você deveria saber que Eva não pode ficar sozinha sem nenhum meio de pedir socorro. Você *sabe*, aliás.”

Ela estava claramente se referindo ao meu passado. Não entendi por que me considerava tão frágil a ponto de não conseguir me virar sozinha por dois dias. Minha mãe era muito mais indefesa do que eu.

Lancei um olhar de compaixão para Gideon.

Ele me entregou a mala e demonstrou com a expressão em seu rosto que estava tranquilo e sabia como lidar com minha mãe sozinho, então deixei que fizesse isso. Antes de qualquer outra coisa, eu precisava de uma boa dose de cafeína.

Voltei para o quarto e encontrei Cary já acordado. Senti o nó na minha garganta imediatamente se apertar. Ele era uma pessoa tão saudável e animada, um homem cheio de vida e malícia. Não havia nada pior do que vê-lo naquela situação.

“Oi”, ele murmurou. “Você precisa parar de chorar toda vez que me vê. Parece que estou morrendo ou coisa do tipo.”

Ele estava certo. Minhas lágrimas não ajudavam. Além de não me aliviarem em quase nada, faziam com que o sofrimento dele se tornasse ainda mais pesado. Cary merecia um comportamento mais digno da minha parte.

“Não consigo evitar”, eu disse, fungando. “Que saco. Alguém chegou na minha frente e fez o que eu mesma deveria ter feito na sexta-feira.”

“Ah, é?” Sua expressão carregada se aliviou um pouco. “E posso saber por quê?”

“Você não me disse nada sobre Brett e o Six-Ninths.”

“Ah, é…” Seus olhos voltaram a mostrar um pouco do brilho habitual. “Como é que ele estava?”

“Bem. Muito bem.” E um gato, mas isso eu não comentei. “Mas ele não deve estar muito diferente de você agora.”

Contei a ele sobre o beijo e a briga que se seguiu.

“Cross foi pra cima dele então?” Cary sacudiu a cabeça, mas fez uma expressão de dor e parou. “É preciso ter coragem pra enfrentar Brett… ele é do tipo que adora uma boa briga.”

“E Gideon tem um treinador particular de MMA.” Comecei a mexer na mala que ele tinha me trazido. “Por que você não me contou que o Captive Soul tinha assinado com uma grande gravadora?”

“Pra você não cair de novo na mesma cilada. Existem garotas que conseguem namorar astros do rock, mas você não é uma delas. Tanto tempo na estrada, no meio de tantas groupies… Você ia ficar maluca.”

Olhei para ele, bem séria. “Concordo plenamente. Mas acho meio ofensivo achar que eu voltaria correndo pra ele só porque a banda ficou famosa.”

“Não foi por isso que não contei. Só não queria que você ouvisse a música nova deles.”

“‘Golden’.”

“Pois é…” Ele ficou me olhando enquanto eu ia para o banheiro. “O que você achou?”

“Sempre dá pra ser pior. A música poderia chamar ‘Já comi’.”

“Rá!” Ele esperou que eu voltasse para o quarto, dessa vez com o rosto lavado e os cabelos penteados. “Então… vocês se beijaram.”

“Sim, e a história termina por aí”, eu disse, bem seca. “Você já contou para Trey?”

“Não. Estou sem celular. E sem minha carteira também, pelo jeito. Quando dei por mim, já estava vestido com essa…”, ele pegou o avental do hospital entre os dedos, “… essa coisa aqui.”

“Pode deixar que eu vou atrás das suas coisas.” Guardei os artigos de banheiro de volta na mala, depois sentei na poltrona a seu lado com meu café. “Gideon está providenciando uma enfermeira pra cuidar de você lá em casa.”

“Uh… essa é uma das minhas fantasias. Você pode arrumar uma bem gostosa? E solteira?”

Eu levantei as sobrancelhas, surpresa. No fundo, porém, estava aliviada por ver que Cary voltava a ser ele mesmo. “Pelo jeito você está se sentindo melhor, já que está todo saidinho. Como foram as coisas com Trey?”

“Bem.” Ele suspirou. “Eu estava com medo de que aquela festa não fosse a praia dele. Esqueci que ele conhecia um monte de gente ali.”

Cary e Trey haviam se conhecido em uma sessão de fotos, Cary como modelo e Trey como assistente do fotógrafo. “Que bom que vocês se divertiram.”

“Pois é. Mas ele estava determinado a *não* transar.”

“Então você tentou… apesar de dizer que não faria isso.”

“Estamos falando de *mim*.” Ele revirou os olhos. “É claro que tentei. Ele é lindo, gostoso e…”

“… apaixonado por você.”

Cary soltou o ar dos pulmões de uma vez, fazendo uma expressão de dor. “Ninguém é perfeito.”

Não tive como segurar o riso. “Cary Taylor. Amar você não é um defeito.”

“Bom, mas também não é uma coisa muito inteligente. Fui muito filho da puta com ele”, Cary murmurou, desanimado. “Trey merece coisa melhor.”

“Essa decisão cabe a ele, não a você.”

“Mas alguém precisa tomá-la.”

“Você só está fazendo isso porque também é apaixonado por ele.” Sorri. “Que tal assumir logo de uma vez e tomar uma atitude?”

“Não sou tão apaixonado assim por ele.” Todos os traços de bom humor sumiram de seu rosto, deixando entrever apenas o homem traumatizado e solitário que eu conhecia tão bem. “Não posso ser fiel como ele quer. Ficar só com Trey e mais ninguém. Também gosto de mulheres, não posso negar minha própria natureza. Só de pensar nisso já fico com raiva dele.”

“Você teve que lutar muito pra se aceitar desse jeito”, eu disse baixinho, lembrando tempos dolorosos. “Eu te entendo perfeitamente e não te condeno, mas você já tentou conversar com Trey a respeito?”

“Sim, já tentei. E ele me ouviu.” Cary esfregou a testa com os dedos. “Eu entendo, não pense que não entendo. Se ele me dissesse que queria transar com outro cara, eu também ficaria muito puto.”

“Mas com uma mulher não?”

“Não. Sei lá. Porra.” Seus olhos avermelhados se dirigiram a mim num pedido de ajuda. “Faria diferença pra você se Cross estivesse transando com outro cara? Ou só se fosse com uma mulher?”

A porta se abriu e Gideon entrou. Eu olhei bem para ele quando disse: “Se o pau de Gideon encostar em qualquer coisa que não sejam as mãos dele ou meu corpo, está tudo acabado entre nós”.

Ele ergueu as sobrancelhas. “Tudo bem.”

Eu sorri e dei uma piscadinha. “Oi, garotão.”

“Anjo.” Ele se virou para Cary. “Como é que você está se sentindo?”

Cary abriu um sorriso sarcástico. “Parece que levei uma surra de pau.”

“Estamos tentando levar você pra casa. Acho que na quarta você tem alta.”

“Peitos grandes, por favor”, pediu Cary. “Ou braços musculosos. Qualquer um dos dois serve.”

Gideon olhou para mim.

Sorri. “A enfermeira. Ou o enfermeiro.”

“Ah.”

“Se for mulher”, continuou Cary, “você pode arrumar um daqueles uniformes com zíper na frente.”

“Já estou até vendo o alvoroço na mídia que esse processo por assédio sexual vai causar”, Gideon comentou com ironia. “Que tal uma coleção de filmes pornôs com enfermeiras safadas em vez de uma propriamente dita?”

“Cara.” Cary sorriu e pareceu ter voltado a ser ele mesmo por uns instantes. “Você é o máximo.”

Gideon se virou para mim. “Eva.”

Eu levantei e dei um beijo em Cary. “Já volto.”

Quando saímos do quarto, encontramos minha mãe conversando com o médico, que parecia embasbacado pela beleza dela.

“Já conversei com Garrity”, informou Gideon, referindo-se a Mark, meu chefe. “Pode ficar tranquila.”

E eu estava, porque ele tinha se encarregado de tudo. “Obrigada. Amanhã já volto a

trabalhar. Vou ver se consigo falar com Trey, o namorado de Cary. De repente ele pode ficar aqui quando eu estiver no trabalho."

"Avise se precisar de alguma coisa." Gideon olhou no relógio. "Você vai querer passar a noite aqui de novo?"

"Sim, se eu puder. Pelo menos até Cary ir pra casa."

Ele pegou meu rosto com as mãos e me deu um beijo na boca. "Tudo bem. Eu tenho um monte de coisas pra fazer. Deixe o celular carregado, pra eu poder falar com você."

Ouvi o som de algo vibrando. Gideon deu um passo atrás e pegou o celular do bolso de dentro do paletó. Quando leu o nome que aparecia na tela, disse: "Preciso atender. Mais tarde a gente se fala".

Ele foi embora, atravessando de volta o corredor com os mesmos passos firmes e apressados.

"Gideon vai pedir você em casamento", minha mãe comentou, vindo até mim. "Você sabe, não é?"

Não, eu não sabia. Contentava-me só em saber que ainda estávamos juntos quando acordava todas as manhãs. "Por que você acha isso?"

Minha mãe me encarou com seus olhos azuis. Era um de seus poucos atributos físicos que eu não havia herdado. "Ele está passando por cima de você e assumindo o controle de tudo."

"Esse é o jeito dele."

"Dele e de todos os homens poderosos", ela acrescentou, mexendo no meu nada glamouroso rabo de cavalo. "Esses mimos todos são porque ele está investindo em você, quer torná-la parte da vida dele. Você é bonita, educada, bem relacionada e tem dinheiro. Além disso, está apaixonada por ele, e ele não consegue tirar os olhos de você. Aposto que o mesmo vale para as mãos."

"Dá um tempo, mãe." Eu não estava *nem um pouco* a fim de mais um de seus sermões sobre como fisgar um marido rico.

"Eva Lauren", ela me repreendeu, encarando-me. "Não me interessa se você vai me ouvir só porque sou sua mãe e estou mandando ou porque está apaixonada por ele e não quer estragar tudo, mas você *vai* me ouvir."

"Como se eu tivesse escolha", resmunguei.

"Você é um investimento agora", ela repetiu. "Tome cuidado para que suas escolhas não depreciem seu valor."

“Você está falando de Cary?”, perguntei com um tom de indignação na voz.

“Estou falando daquele hematoma no queixo de Gideon. Não me diga que você tem alguma coisa a ver com aquilo.”

Fiquei vermelha.

Ela estalou a língua em reprovação. “Eu sabia. Ele é seu namorado, e você o conhece como ninguém, mas nunca se esqueça de que é Gideon Cross. Você pode ter tudo para ser a esposa perfeita, mas ninguém é insubstituível, Eva. Se o relacionamento puser o império dele em risco, Gideon abrirá mão de você sem pensar duas vezes.”

Eu cerrei os dentes. “É só isso?”

Ela passou a ponta dos dedos pelas minhas sobrancelhas, mantendo os olhos atentos sobre mim. Eu sabia que minha mãe estava pensando no melhor tipo de maquiagem para mim ou em algo capaz de aprimorar os atributos que havia herdado. “Você deve achar que sou uma interesseira fria e calculista, mas minha preocupação é a coisa mais natural do mundo para uma mãe, pode acreditar. Quero muito que você se case com um homem que tenha dinheiro e vontade de cuidar de você acima de tudo. Preciso que você esteja segura. E quero que encontre o amor.”

“Já encontrei.”

“E posso dizer que estou animadíssima. Ele é jovem, ainda está disposto a correr riscos, então pode ser mais compreensível com suas… manias. E ele *sabe*”, minha mãe murmurou, atenuando a expressão no rosto. “Tome cuidado. É só isso que estou dizendo. Não dê nenhuma razão para que queira largar você.”

“Se Gideon fizer isso, é porque não me ama.”

Ela abriu um sorriso irônico e deu um beijo na minha testa. “Ora essa. Você é minha filha. Não é possível que seja assim tão ingênua.”

“Eva!”

Eu me virei ao ouvir meu nome e senti uma onda de alívio ao ver Trey correndo até mim. Ele tinha estatura mediana, um bom porte físico, cabelos loiros rebeldes, olhos bem redondos e um desvio no septo que mostrava que seu nariz havia sido quebrado algum dia. Vestia um jeans desbotado e uma camiseta, e eu mais uma vez me admirei ao observar que não era do tipo exibido e vaidoso de que Cary gostava. Ao menos uma vez, ao que parecia, a atração física não era a primeira coisa que o atraía a alguém.

“Acabei de ficar sabendo”, ele disse quando chegou até mim. “A polícia foi até minha casa hoje de manhã me interrogar. Não acredito que isso aconteceu na sexta e eu só soube

agora.”

Aquele tom acusatório na voz dele me incomodou. “Também só fiquei sabendo hoje de manhã. Estava fora da cidade.”

Depois de ser apresentada rapidamente a Trey, minha mãe pediu licença e foi ficar com Cary. Procurei saber se os detetives haviam dado alguma informação a Trey.

Ele passou as mãos pelos cabelos, bagunçando-os ainda mais. “Isso não teria acontecido se ele tivesse ido pra casa comigo.”

“Você não tem culpa nenhuma.”

“Quem mais eu posso culpar pelo fato de ele ter comido a namorada de outro cara?” Trey agarrou a própria nuca. “Não consigo dar conta dele. Cary tem a disposição de um adolescente cheio de hormônios, e eu passo o tempo todo na faculdade ou no trabalho.”

Epa. Ele estava exagerando nos detalhes. Aquilo começava a me deixar desconfortável. Por outro lado, eu entendia que Trey não devia ter mais ninguém para conversar sobre Cary.

“Ele é bissexual, Trey”, eu disse baixinho, passando a mão por um de seus braços. “Não é uma questão de você dar conta ou não.”

“Não consigo aceitar isso.”

“Você já pensou em terapia de casal?”

Trey me olhou um tanto incrédulo por um instante, depois deixou os ombros caírem em uma postura de desânimo. “Não sei. Acho que preciso decidir se consigo conviver com as traições dele. Você conseguiria, Eva? Ficaria em casa esperando seu namorado, mesmo sabendo que ele estava na rua com outra?”

“Não.” Senti um arrepio só de ouvir aquelas palavras. “Não conseguiria.”

“Nem sei se Cary toparia fazer terapia. Ele vive tentando me afastar. Ele me quer, mas ao mesmo tempo não quer. Uma hora parece comprometido, na outra não está nem aí. Quero ficar próximo a ele, Eva, assim como você, mas Cary não deixa.”

“Precisei de um bom tempo para derrubar as defesas dele. Cary tentou me afastar oferecendo sexo, dando em cima de mim, me tentando. Você tomou a decisão certa ao não permitir nenhum contato mais íntimo na sexta. Ele acha que só tem valor pela aparência e pela sensualidade. Você precisa mostrar que não está interessado só no corpo dele.”

Trey suspirou e cruzou os braços. “Foi assim que você conseguiu se aproximar? Se recusando a transar com ele?”

“Em certo sentido, sim. Mas o motivo principal é que sou problemática como ele. Demorou um pouco pra Cary perceber, mas ele sabe muito bem que não sou perfeita.”

“Nem eu! Nem ninguém, aliás.”

“Cary acha que você é uma pessoa melhor, e que merece alguém melhor.” Sorri. “Quanto a mim… bom, aposto que ele acha que no fundo a gente se merece.”

“Sujeitinho perturbado”, Trey resmungou.

“Ele é isso mesmo”, concordei. “Mas foi por isso que você se apaixonou, não? Quer entrar? Ou quer ir pra casa pensar um pouco?”

“Não, quero ver Cary.” Trey jogou os ombros para trás e levantou o queixo. “Não me interessa por que ele está aqui. Quero segurar essa barra junto com ele.”

“Fico feliz de ouvir isso.” Dei o braço para Trey e o conduzi até o quarto.

Quando entramos, fomos recebidos pelo som da risada estridente e juvenil da minha mãe. Ela estava sentada na beira da cama, e Cary sorria adoravelmente. Ela era quase uma mãe para ele, e o amava como se fosse. Sua própria mãe o odiava, tinha abusado dele, e permitido que outros fizessem o mesmo.

Cary se virou para nós, e a emoção se tornou tão visível no seu rosto por um momento que meu coração se apertou dentro do peito. Trey soltou um suspiro audível diante daquela primeira visão do estado de Cary. Arrependi-me de não tê-lo alertado antes, para evitar que caísse no choro como eu.

Trey limpou a garganta. “Bicha dramática”, disse num tom afetuoso. “Se queria ganhar flores era só pedir. Isso é apelação.”

“E não adiantou nada, pelo jeito.” Cary se juntou à brincadeira, claramente tentando controlar as emoções. “Não estou vendo flor nenhuma aqui.”

“Estou vendo um monte.” Ele passou os olhos pelo quarto, depois voltou sua atenção a Cary. “Eu precisava ver o que a concorrência tinha trazido antes de escolher as minhas.”

Era impossível não notar o duplo sentido daquela afirmação.

Minha mãe levantou da cama. Ela se inclinou sobre Cary e o beijou no rosto. “Vou levar Eva para tomar café. Voltamos em uma hora, mais ou menos.”

“Só um minutinho”, eu disse, passando rapidamente pela cama, “e eu já deixo vocês dois em paz.”

Peguei o carregador do meu celular na bolsa e liguei na tomada perto da janela.

Assim que a tela se acendeu, escrevi uma mensagem rápida para meu pai e para

Shawna, um simples Ligo daqui a pouco. Depois disso pus meu telefone no modo silencioso e o deixei no parapeito da janela.

“Pronta?”, minha mãe perguntou.

“Prontíssima.”

13

Tive que acordar antes do amanhecer na terça-feira. Deixei um bilhete para Cary em um lugar onde ele pudesse encontrar facilmente quando acordasse e peguei um táxi para casa. Tomei banho, troquei de roupa, fiz café e tentei esquecer a sensação de vazio que tomava conta de mim. Eu estava estressada e tinha dormido pouco nos últimos dias, o que só favorecia o aparecimento de tendências depressivas.

Tentei convencer a mim mesma de que aquela sensação não tinha nada a ver com Gideon, mas o nó no meu estômago dizia o contrário.

Olhei para o relógio e vi que já passava das oito. Eu precisava me apressar, já que Gideon não havia ligado nem mandado mensagem para dizer se me daria uma carona. Fazia quase vinte e quatro horas que não conversávamos. A ligação que fiz para ele às nove da noite no dia anterior tinha sido mais do que breve. Ele estava ocupado e praticamente se limitou a dizer “oi” e “tchau”.

Eu sabia que ele estava cheio de trabalho. Sabia que não deveria me aborrecer por ele precisar compensar o tempo que tinha ficado só comigo. Além disso, ele tinha me ajudado muito com Cary, mais do que qualquer um poderia esperar. Cabia somente a mim encontrar a razão para o que estava sentindo.

Terminei o café, lavei a caneca, peguei minha bolsa e saí. A rua arborizada onde eu morava estava tranquila, mas a cidade de Nova York parecia bem acordada, com sua energia inesgotável rugindo ao meu redor de forma quase tangível. Mulheres bem-vestidas e homens de ternos acenavam para os táxis ou encaravam os ônibus e o metrô lotados. As banquinhas dos vendedores de flores explodiam em cores vibrantes — só a visão delas já era capaz de me animar pela manhã, assim como o cheiro que vinha da padaria, que ficava bem cheia àquela hora.

Eu havia acabado de entrar na Broadway quando meu celular tocou.

A emoção que me percorreu quando vi o nome de Gideon na tela me estimulou a andar mais depressa. “Oi, sumido.”

“Onde é que você está?”, ele foi logo perguntando.

Seu tom de reprimenda foi um balde de água fria na minha empolgação. “Estou indo para o trabalho.”

“Por quê?” Ele disse algo para alguém perto dele e logo voltou ao telefone: “Está indo de táxi?”.

“Estou indo a pé. Minha nossa. Por que tanto mau humor?”

“Você devia ter me esperado.”

“Você não me avisou que ia me pegar, e eu não queria chegar atrasada depois de ter faltado ontem.”

“Você poderia ter me ligado em vez de sair andando por aí.” Seu tom de voz era grave e não escondia a irritação.

Fiquei irritada também. “Quando eu ligo, você não pode parar o que está fazendo nem um minutinho para falar comigo.”

“Eu tenho um monte de coisas para fazer, Eva. Dá um tempo.”

“Dou, sim. Que tal agora mesmo?” Desliguei o telefone e joguei-o na bolsa.

Ele começou a tocar de novo imediatamente, mas ignorei. Quando o Bentley estacionou ao meu lado, poucos minutos depois, continuei andando. Ele me seguiu, e a janela do banco da frente se abriu.

Angus se inclinou na minha direção. “Senhorita Tramell, por favor.”

Parei e olhei para ele. “Você está sozinho?”

“Sim.”

Suspirei e entrei no carro. Meu telefone ainda tocava sem parar, então desliguei a campainha. No quarteirão seguinte, ouvi a voz de Gideon no sistema de viva voz do carro.

“Você a encontrou?”

“Sim, senhor”, respondeu Angus.

Ele desligou.

“Que bicho mordeu Gideon?”, perguntei, olhando para Angus pelo retrovisor.

“Ele anda muito ocupado.”

Até poderia estar, mas não comigo. Não conseguia acreditar em como ele estava sendo idiota. Na noite anterior tinha até sido seco comigo, mas não a ponto de ser grosseiro.

Poucos minutos depois de eu chegar ao trabalho, Mark foi até minha baia. “Sinto muito pelo seu amigo”, ele disse, deixando um copo de café quentinho na minha mesa. “Ele já está melhor?”

“Cary vai ficar bem. Ele é durão. Vai sair dessa.” Deixei minhas coisas na última gaveta

e agradeci pelo cafezinho fumegante. “Obrigada. E por ontem também.”

Seus olhos escuros expressavam ternura e preocupação. “Pensei que você nem viesse hoje.”

“Preciso trabalhar.” Consegui abrir um sorriso, apesar de toda a confusão e a dor que se contorciam dentro de mim. Tudo no mundo parecia estranho e errado se eu não estava bem com Gideon. “Conte o que eu perdi.”

A manhã se passou em um instante. Eu tinha uma lista de pendências da semana anterior, e Mark precisava mandar uma solicitação de proposta para um fabricante de brindes promocionais até as onze e meia. Depois que mandamos a solicitação, mergulhei no trabalho com todas as forças, decidida a não pensar mais em Gideon durante as horas seguintes. Mas acabei me perguntando se ele não havia tido um pesadelo que atrapalhara seu sono, e decidi telefonar na hora do almoço, para não ficar com a consciência pesada.

Tudo mudou quando abri meu e-mail.

O alerta do Google que eu havia programado com o nome de Gideon estava à minha espera. Abri a mensagem na esperança de descobrir em que ele vinha trabalhando tanto. A expressão “ex-noiva” em algumas das manchetes saltou aos meus olhos. O nó no estômago voltou, mais apertado do que nunca.

Abri o primeiro link, que me levou a um site de fofoca que exibia fotos de Gideon jantando com Corinne no Tableau One. Estavam em uma mesa bem perto da janela, e a mão dela repousava sobre o antebraço dele. Gideon vestia o mesmo terno com o qual tinha ido ao hospital no dia anterior, destruindo minha esperança de que aquelas imagens fossem antigas.

Minhas mãos começaram a suar. Resolvi me torturar a ponto de abrir todos os links e olhar as fotos. Em algumas delas ele estava sorrindo, parecendo bem contente para um homem cuja namorada estava no hospital com o melhor amigo, que havia acabado de ser massacrado com um taco de beisebol. Senti ânsia de vômito. E vontade de gritar. De invadir o escritório de Gideon e perguntar o que ele pretendia com aquilo.

Gideon havia me dispensando quando eu ligara na noite anterior… para jantar com a ex.

Tomei um susto quando o telefone da minha mesa tocou. Atendi com minha saudação bem ensaiada: “Escritório de Mark Garrity, Eva Tramell falando”.

“Eva.” Era Megumi, a recepcionista, falando com sua empolgação habitual. “Tem um cara lá embaixo querendo falar com você… Brett Kline.”

Fiquei sem reação durante longos segundos, tentando absorver aquela informação em meio ao caos instalado na minha mente. Encaminhei o alerta do Google para Gideon, como uma forma de avisá-lo de que eu já estava sabendo o que ele tinha feito. Depois respondi: “Já estou descendo”.

Assim que passei pela catraca, vi Brett parado ali no saguão. Ele usava um jeans preto e uma camiseta do Six-Ninths. Seus olhos estavam escondidos pelos óculos escuros, mas seus cabelos espetados com as pontas coloridas imediatamente atraíam a atenção, assim como seu corpo. Brett era alto e robusto, mais musculoso que Gideon, que era forte, mas não daquela maneira.

Ele tirou as mãos do bolso quando me viu e endireitou a postura. “Oi. Olha só você…”

Olhei para meu vestido de mangas curtas, com um caimento que favorecia meus atributos e me dei conta de que ele nunca tinha me visto assim tão bem-vestida. “Não sabia que você ainda estava na cidade.”

E nem que teria coragem de vir me procurar, mas isso eu não disse. Na verdade estava feliz em vê-lo, porque tinha ficado preocupada com ele.

“Tocamos em Long Island no fim de semana, e em Nova Jersey ontem à noite. Dei uma fugidinha pra ver você antes de ir para o sul. Procurei na internet seu nome, vi que trabalhava aqui e resolvi dar uma passada.”

De novo o Google, pensei, desanimada. “Que bom que as coisas estão indo bem com a banda. Quer sair pra almoçar?”

“Quero.”

Sua resposta foi empolgada e imediata, o que me fez pensar no que estava fazendo. Eu estava irritada, extremamente chateada e ansiosa para dar o troco em Gideon, mas não queria passar nenhuma impressão errada para Brett. Ainda assim, não resisti à tentação de ir com ele ao mesmo restaurante em que havia sido fotografada almoçando com Cary, na esperança de ser mais uma vez flagrada pelos paparazzi. Seria uma ótima lição para Gideon.

Quando estávamos no táxi, Brett perguntou sobre Cary, e não ficou surpreso ao saber que meu melhor amigo tinha mudado para o outro lado do país só para permanecer ao meu

lado.

“Vocês dois não se largavam”, ele comentou. “A não ser quando a gente estava transando. Diz pra ele que eu mandei um oi.”

“Claro.” Não falei nada sobre Cary estar no hospital, já que aquilo era um assunto particular que não lhe dizia respeito.

Apenas quando chegamos ao restaurante Brett tirou os óculos escuros, revelando o enorme hematoma que cobria seu olho direito até a junção com a mandíbula.

“Minha nossa”, comentei, fazendo uma careta. “Sinto muito.”

Ele deu de ombros. “Com um pouco de maquiagem some tudo no palco. E você já me viu em situação pior. O importante é que também acertei umas boas porradas nele, não?”

Lembrei-me das marcas no queixo e nas costas de Gideon e concordei. “É verdade.”

“Então…” Ele fez uma pausa enquanto o garçom punha na mesa dois copos e uma garrafa de água bem gelada. “Você está namorando Gideon Cross.”

Eu me perguntei se aquela questão apareceria na minha vida toda vez que eu duvidasse da solidez do meu relacionamento. “A gente está saindo.”

“Mas a coisa é séria?”

“Às vezes parece que sim”, respondi com toda a sinceridade. “Você está saindo com alguém?”

“No momento não.”

Paramos de falar um pouco, enquanto líamos o cardápio e pedíamos a comida. O restaurante estava cheio e barulhento, mal dava para ouvir a música ambiente em meio ao ruído das conversas e dos pratos e talheres tilintando na cozinha logo ao lado. Ficamos nos olhando, cada um de um lado da mesa, pensando no que dizer. A energia que pulsava entre nós era perceptível. Ele passou a língua pelos lábios, demonstrando que também era capaz de senti-la.

“Por que você fez aquela música?”, perguntei de repente, incapaz de conter minha curiosidade. Para Cary e Gideon, fingi que não tinha dado a menor bola para aquilo, mas a verdade era que estava me enlouquecendo.

Brett se recostou na cadeira. “Porque penso muito em você. O tempo todo, na verdade.”

“Não consigo entender por quê.”

“Foram seis meses, Eva. Nunca fiquei tanto tempo assim com alguém.”

“Mas não estávamos juntos”, rebati. “Era só sexo”, completei, baixando o tom de voz.

Ele estreitou a boca. “Até entendo que pra você era só isso, mas mesmo assim fiquei magoado.”

Olhei para ele por um bom tempo, com o coração acelerado dentro do peito. “Eu devo estar maluca então, porque, pelo que me lembro, a gente transava depois do show e você virava as costas e ia cuidar da sua vida. Se eu não estivesse disponível, você pegava outra qualquer e fim de papo.”

Ele se inclinou para a frente. “Nada a ver. Eu tentava manter você por perto o tempo todo. Sempre te chamava pra sair com a gente.”

Respirei fundo para me acalmar. Era inacreditável que, quatro anos depois, Brett Kline estivesse enfim dizendo o que eu queria ouvir naquela época. Estávamos almoçando juntos em público, era quase um programa de casal. A confusão tomou conta da minha cabeça, que já vinha perturbada pelas atitudes de Gideon.

“Eu estava gamada em você, Brett. Escrevia seu nome em coraçõezinhos, que nem uma adolescente. Queria desesperadamente ser sua namorada.”

“Está falando sério?” Ele estendeu a mão e agarrou a minha. “Então por que isso não aconteceu?”

Sem nem se dar conta, ele estava brincando com os dedos com o anel que Gideon havia me dado. “Lembra quando a gente foi naquele bar jogar sinuca?”

“Claro. Como esqueceria?” Ele mordeu o lábio, claramente recordando tudo o que eu havia feito no banco de trás de seu carro, determinada a ser a melhor transa da vida dele, para que não quisesse mais ir atrás de outra depois daquele dia. “Pensei que depois daquilo a gente ia começar a se ver com mais frequência, mas você me chutou logo em seguida.”

“Fui até o banheiro”, disse baixinho, lembrando do sofrimento e da vergonha por que passei como se tudo tivesse acabado de acontecer, “e quando saí você e Darrin estavam pegando fichas pra jogar. Estavam de costas pra mim, por isso não me viram. Ouvi vocês conversando… e rindo.”

Respirei fundo e puxei minha mão de volta.

Sou obrigada a reconhecer que Brett estava obviamente envergonhado. “Não lembro exatamente o que eu disse, mas… Porra, Eva. Eu tinha vinte e um anos. A banda estava começando a ficar famosa. A mulherada caía matando.”

“Eu sei”, respondi secamente. “Eu era uma delas.”

“A gente estava começando a se envolver. Levar você com a gente para o bar era uma

maneira de dizer para os caras que as coisas estavam ficando mais sérias.” Ele esfregou as sobrancelhas, um gesto que repetia sempre. “Não tive coragem de me abrir com você. Parecia que era só sexo, mas pra mim não era.”

Dei um gole na minha água, fazendo força para engolir apesar do nó na garganta.

Brett pôs a mão sobre o apoio da cadeira. “Então eu estraguei tudo por ser um linguarudo. Foi por isso que você deu no pé naquela noite. Foi por isso que nunca mais apareceu.”

“Eu era louca por você, Brett”, admiti, “mas não queria demonstrar.”

O garçom trouxe a comida. Eu me perguntei por que tinha feito o pedido, já que estava perturbada demais para conseguir comer.

Brett literalmente atacou seu filé, cortando-o com vontade. Mas de repente largou o garfo e a faca. “Eu estraguei tudo naquela época, mas hoje sei quais eram meus verdadeiros sentimentos. ‘Golden’ é nosso maior sucesso. Foi a música que garantiu nosso contrato com a Vidal.”

Sorri ao ouvir aquilo. “É uma música linda, e combina perfeitamente com sua voz. Fico feliz de você ter vindo me ver antes de seguir viagem. Ainda bem que tivemos a chance de conversar sobre tudo isso.”

“E se eu não quiser seguir viagem, e se eu não quiser partir pra outra?” Ele respirou fundo e soltou o ar com força. “Você foi minha musa durante anos, Eva. Foi pensando em você que compus minhas melhores músicas.”

“É uma honra”, agradeci.

“A gente tinha tudo pra dar certo. E ainda tem. Você sabe. O jeito como você me beijou naquele dia…”

“Foi um erro da minha parte.” Cerrei os punhos por baixo da mesa. Já estava cansada daquele drama. Não suportaria reviver tudo o que tinha acontecido na sexta-feira. “E você deve saber que Gideon é dono da sua gravadora. É melhor não mexer com ele.”

“Que se foda. O que ele pode fazer a respeito?” Brett começou a batucar na mesa com os dedos. “Quero outra chance com você.”

Balancei a cabeça e peguei minha bolsa. “Impossível. Mesmo se eu não estivesse namorando, não sou a pessoa certa pra você, Brett. Um homem precisa suar a camisa se quiser ficar comigo.”

“Disso eu lembro”, ele disse, bem sério. “E como lembro.”

Fiquei vermelha. “Não foi isso que eu quis dizer.”

“E não é disso que estou atrás. Posso ser o companheiro de que você precisa. Agora mesmo, por exemplo… a banda toda está na estrada, e estou aqui com você.”

“Não é assim tão simples.” Tirei o dinheiro da carteira e deixei sobre a mesa. “Você não me conhece. Não faz ideia de como seria um relacionamento comigo, de quanto trabalho daria.”

“Então me deixe descobrir”, ele propôs.

“Sou carente, grudenta e absurdamente ciumenta. Deixaria você maluco em menos de uma semana.”

“Você sempre me deixou maluco. Gosto disso.” O sorriso sumiu de seu rosto. “Pare de fugir, Eva. Me dê uma chance.”

Olhei no fundo dos olhos dele. “Estou apaixonada por Gideon.”

Ele ergueu as sobrancelhas. Apesar dos hematomas, seu rosto era de tirar o fôlego. “Não acredito em você.”

“Que pena. Preciso ir.” Levantei e passei diante dele ao sair.

Brett me agarrou pelo cotovelo. “Eva…”

“Por favor, não faça um escândalo”, murmurei, arrependida de ter escolhido um lugar tão movimentado.

“Você não comeu nada.”

“Estou sem fome. Preciso ir.”

“Tudo bem. Mas não vou desistir.” Ele me soltou. “Posso até cometer erros, mas aprendo com eles.”

Eu me inclinei em sua direção e disse da maneira mais firme possível: “Sem chance. Mesmo”.

Brett espetou um pedaço de carne com o garfo. “Então prove.”

O Bentley de Gideon estava à minha espera quando saí do restaurante. Angus desceu e abriu a porta para mim.

“Como você sabia onde eu estava?”, perguntei, incomodada com sua aparição inesperada.

Ele se limitou a sorrir e bater com os dedos na aba de seu quepe de chofer.

“Isso é bem desagradável, Angus”, reclamei enquanto me instalava no banco de trás.

“Eu acredito, senhorita Tramell. Mas só estou fazendo meu trabalho.”

Mandei uma mensagem de texto para Cary no caminho de volta até o Crossfire: Almocei com o Brett. Ele quer outra chance.

Cary respondeu: Desgraça pouca é bobagem…

Escrevi: Estou tendo um dia de merda. Queria recomeçar tudo do zero.

Meu telefone tocou. Era Cary.

“Gata”, ele começou. “Queria poder ser mais útil, juro pra você, mas esse seu triângulo amoroso é uma delícia. O astro do rock persistente e o bilionário possessivo. *Uau*.”

“Ai, meu Deus. Vou desligar.”

“A gente se vê hoje à noite?”

“Sim. Mas não quero acabar me arrependendo disso, por favor.” Desliguei o telefone ao som de sua risada, aliviada por saber que Cary estava tão bem-humorado. A visita de Trey deve ter feito muito bem para ele.

Angus me deixou na calçada diante do Crossfire, e eu andei depressa na direção do saguão, onde estava mais fresco. Consegui entrar em um elevador segundos antes de a porta se fechar. Havia umas seis pessoas lá dentro, divididas em grupos que conversavam entre si. Posicionei-me num cantinho perto da porta e tentei desviar meus pensamentos da minha vida pessoal. Eu precisava me concentrar no trabalho.

“Ei, o elevador passou direto pelo nosso andar”, comentou a moça ao meu lado.

Olhei para o mostrador acima da porta.

O cara que estava perto do painel tentou acionar os botões, mas nenhum deles se acendeu… a não ser o do último andar. “Não está funcionando.”

Meu coração acelerou.

“Tente falar no interfone”, sugeriu outra moça.

O elevador subia depressa, e o frio na minha barriga aumentava a cada andar por que passávamos. Enfim, a cabine parou no último andar, e a porta se abriu.

Gideon estava lá, com seu lindo rosto, sua expressão impassível e seus olhos azuis… frios como gelo. Perdi o fôlego ao vê-lo.

No elevador, ninguém disse nada. Fiquei imóvel, torcendo para que a porta fechasse logo. Ele estendeu a mão, agarrou meu cotovelo e me puxou para fora. Eu me debati,

estava irritada demais para querer alguma coisa com ele. Quando a porta do elevador fechou, Gideon me soltou.

“Seu comportamento hoje está sendo lamentável”, ele rugiu.

“*Meu* comportamento? E o seu?”

Dei as costas para ele e apertei o botão para chamar o elevador. Não estava funcionando.

“Estou falando com você, Eva.”

Olhei pelas portas de vidro da sede das Indústrias Cross e constatei aliviada que a recepcionista não estava lá.

“Ah, é?” Eu me virei para ele e fiquei com raiva de mim mesma por ainda achá-lo irresistível mesmo quando se comportava tão mal. “Que engraçado, porque você fala, fala e nunca sei de nada… Como que você ia sair com Corinne ontem à noite.”

“Você não devia ficar fuçando na internet a meu respeito”, ele soltou entre os dentes. “Ainda mais sabendo que o que encontrar só vai deixar você chateada.”

“Então suas atitudes não são o problema?”, rebati, sentindo o choro preso na garganta. “O problema é eu ficar sabendo?”

Ele cruzou os braços. “Você precisa confiar em mim, Eva!”

“Desse jeito é impossível! Por que você não contou que ia jantar com Corinne?”

“Porque eu sabia que você não ia gostar.”

“Mas foi mesmo assim.” E aquilo me magoou. Principalmente depois da nossa conversa no fim de semana, quando ele disse que sabia como eu me sentia a esse respeito…

“E você foi almoçar com Brett Kline mesmo sabendo que *eu* não ia gostar.”

“O que foi que eu acabei de dizer? Quem está estabelecendo esse tipo de precedente é você.”

“É olho por olho, então? Que bela demonstração de maturidade.”

Dei um passo atrás. Aquele não era o Gideon que eu conhecia. Era como se o homem que eu amava tivesse desaparecido e aquele sujeito houvesse se apoderado do corpo dele.

“Você está me deixando com raiva”, murmurei. “Para com isso.”

Alguma coisa mudou no rosto de Gideon, mas, o que quer que tenha sido, desapareceu antes que eu pudesse entender. Sua linguagem corporal dizia tudo. Ele estava distante de

mim, com os ombros bem rígidos e o maxilar cerrado.

Senti um aperto no coração e olhei para baixo. “Não vou conseguir falar com você agora. Me deixa ir embora.”

Gideon foi até o outro elevador e apertou o botão. De costas para mim e de olho no mostrador, ele me disse: “Angus vai passar na sua casa todo dia de manhã. Pode esperar. E eu prefiro que você almoce por aqui mesmo. É melhor não ficar circulando muito por aí neste momento”.

“Por que não?”

“Estou com muita coisa na cabeça no momento…”

“Tipo os jantares com Corinne?”

“… e ficaria melhor se não tivesse que me preocupar o tempo todo com você”, ele continuou, ignorando minha interrupção. “Não acho que seja pedir muito.”

Havia alguma coisa errada.

“Gideon, por que você não fala comigo?” Estendi a mão para tocar seu ombro, e ele se esquivou como se meu toque o tivesse ferido. Sua rejeição à proximidade física comigo era capaz de me magoar mais do que qualquer outra coisa. “Diz o que está acontecendo. Você está com problemas?”

“O problema é que na maior parte do tempo não sei nem onde você está!”, ele gritou, olhando feio para mim quando a porta do elevador se abriu. “Seu amigo está no hospital. Seu pai está vindo visitar você. Tente… se concentrar só nisso.”

Entrei no elevador com os olhos ardendo. Gideon não havia nem me tocado, a não ser quando me puxou pelo braço. Não tinha passado os dedos pelo meu rosto nem tentado me beijar. Nem ao menos mencionara que queria me ver mais tarde. Limitou-se a me comunicar que Angus estaria à minha espera no dia seguinte.

Eu estava mais confusa do que nunca. Não conseguia entender o que acontecia, o motivo daquela súbita distância entre nós, o porquê de Gideon estar tão tenso e irritado, o fato de ele não ter se importado muito com meu almoço com Brett.

O motivo de ele não parecer se importar com mais nada.

A porta começou a se fechar. *Confie em mim, Eva.*

Ele teria mesmo sussurrado aquelas palavras pouco antes de o elevador começar a descer? Ou foi apenas o que desejei que tivesse dito?

Assim que entrei no quarto de Cary, ele percebeu que eu estava abalada. A sessão de krav maga com Parker havia sido pesada, então passei em casa para tomar um longo banho e engolir um macarrão instantâneo sem gosto. O choque do sal e dos carboidratos no meu organismo depois de passar o dia todo sem comer me deixou absolutamente exausta.

“Você está péssima”, ele comentou, tirando o som da televisão.

“Olha só quem fala”, rebati, sentindo-me fragilizada demais para ser exposta a qualquer tipo de crítica.

“Levei uma surra com um taco de beisebol. E sua desculpa, qual é?”

Ajeitei o travesseiro e o cobertor da minha cama dobrável, depois relatei meu dia do início ao fim.

“E desde então não falei mais com Gideon”, concluí, preocupada. “Até Brett tentou falar comigo depois do almoço. Deixou um envelope na portaria com o telefone dele.”

E também o dinheiro que eu havia deixado para a conta do restaurante.

“Você vai ligar pra ele?”, Cary quis saber.

“Eu não quero nem saber de Brett!” Deitei de barriga para cima e passei as mãos pelos cabelos. “Quero saber o que aconteceu com Gideon. A personalidade dele mudou completamente durante as últimas trinta e seis horas!”

“Talvez tenha a ver com aquilo ali.”

Levantei a cabeça do travesseiro e o vi apontar para algo na mesinha de cabeceira. Fiquei de pé e fui ver do que se tratava: uma publicação da comunidade gay.

“Foi Trey que trouxe”, ele explicou.

A foto de Cary estava na capa, em uma reportagem sobre a agressão que ele sofrera, que incluía especulações sobre o crime ter sido motivado por homofobia. O fato de ele viver comigo e meu envolvimento com Gideon Cross também eram mencionados, mas aparentemente apenas para acrescentar uma pitada de fofoca à matéria.

“Saiu no site deles também”, Cary acrescentou, tranquilo. “Acho que alguém na agência deu com a língua nos dentes e resolveram usar o caso pra promover a causa. Mas, sinceramente, duvido que Cross esteja preocupado com…”

“Com sua orientação sexual. Não mesmo.”

“Mas o pessoal da assessoria dele pode pensar diferente. De repente Cross quer

preservar você desse tipo de escândalo. E, se estiver com medo de que alguém queira me atingir através de você, pode querer te manter à vista, longe da rua."

"Mas por que ele não me diria nada se fosse só isso?" Larguei o jornal. "Por que está sendo tão babaca? Nossa viagem foi maravilhosa. *Ele* foi maravilhoso. Pensei que as coisas estivessem entrando nos eixos. Achava que tinha me enganado a seu respeito, que a minha primeira impressão estivesse errada, mas agora ele está pior do que nunca. Está… Não sei. Estamos a milhares de quilômetros de distância um do outro agora. Simplesmente não entendo."

"Nisso não posso ajudar, Eva." Cary apertou a minha mão. "Você tem que perguntar pra ele."

"Você está certo." Fui até minha bolsa e peguei o celular. "Já volto."

Fui até uma a sala de espera e liguei para Gideon. Depois de vários toques, a ligação caiu na caixa postal. Tentei ligar na casa dele. Gideon atendeu no terceiro toque.

"Cross", ele disse.

"Oi."

Gideon ficou em silêncio por um instante antes de dizer: "Espere um pouco".

Ouvi o som de uma porta se abrindo. O ruído do telefone mudou — ele tinha ido atender a ligação em outro lugar.

"Está tudo bem?", perguntou.

"Não." Esfreguei meus olhos cansados. "Sinto sua falta."

Ele suspirou. "Eu… não posso falar agora, Eva."

"Por que não? Não entendo por que está sendo tão frio comigo. Eu te fiz alguma coisa?" Ouvi quando ele murmurou algo, e percebi que estava tapando o telefone e falando com outra pessoa. Uma terrível sensação de estar sendo traída comprimiu meu peito, dificultando a respiração. "Gideon. Quem está aí com você?"

"Preciso desligar."

"Me diz quem está aí com você!"

"Angus vai passar no hospital às sete. Durma um pouco, meu anjo."

O telefone ficou mudo.

Tirei o celular do ouvido e fiquei olhando para ele, como se alguma coisa no aparelho fosse capaz de me ajudar a entender o que estava acontecendo.

Ao voltar para o quarto, minha tristeza e meu desânimo eram visíveis.

Cary me olhou e suspirou. “Pela sua cara, parece que morreu alguém, gata.”

As comportas se abriram. Comecei a chorar.

14

Mal consegui dormir à noite. Fiquei me remexendo na cama, entre cochilos e um sono leve. As visitas frequentes das enfermeiras a Cary também ajudaram a me manter acordada. Os exames laboratoriais e de imagem apontaram que estava tudo bem e não havia risco de nenhuma sequela mais grave, mas eu não estava com ele quando o pior aconteceu. Sentia que era minha obrigação estar lá naquele momento, conseguindo dormir ou não.

Pouco antes das seis, enfim desisti e levantei.

Peguei meu tablet e meu teclado sem fio e fui até a lanchonete tomar um café. Puxei uma cadeira e comecei a me preparar para escrever uma carta para Gideon. Durante o pouco tempo em que havia conseguido falar com ele nos últimos dois dias, não conseguira expressar meus pensamentos com clareza. Uma mensagem por escrito seria a melhor saída. Manter um fluxo estável de comunicação era a única forma de sobreviver como um casal.

Dei um gole no café e comecei a digitar, começando com um agradecimento pelo fim de semana maravilhoso e dizendo o quanto aquilo tinha significado para mim. Expliquei que na minha opinião nosso relacionamento havia dado um enorme passo à frente durante aquela viagem, o que por outro lado só tornava mais doloroso nosso distanciamento…

“Eva. Que surpresa agradável!”

Virei a cabeça e vi o dr. Terrence Lucas de pé atrás de mim com um copo de café como o meu. Estava vestido para o trabalho, de calça social, gravata e jaleco. “Olá”, cumprimentei, tentando esconder minhas reservas em relação a ele.

“Posso sentar aqui com você?”, perguntou, passando por trás de mim.

“Claro.”

Eu o observei enquanto se sentava ao meu lado, relembrando sua aparência. Seus cabelos eram bem branquinhos, mas em seu belo rosto quase não havia rugas. Os olhos tinham um tom de verde dos mais incomuns e pareciam inteligentes e vivazes. Seu sorriso era charmoso e reconfortante. Imaginei que ele deveria ser muito querido por seus pacientes — e pelas mamães também.

“Deve haver alguma razão bem específica”, ele começou, “para você estar aqui no

hospital fora do horário de visitação.”

“Um amigo meu está internado.” Não queria dar muitas informações, mas ele foi capaz de deduzir.

“Então Gideon Cross despejou um caminhão de dinheiro e você pôde ficar também.” O dr. Lucas sacudiu a cabeça e deu um gole de café. “E você está toda agradecida. Mas sabe o quanto isso vai te custar?”

Eu me recostei na cadeira, indignada pelo fato de ele questionar a generosidade de Gideon e suas intenções. “Por que vocês dois se detestam tanto?”

Seus olhos perderam a ternura. “Ele magoou uma pessoa muito próxima a mim.”

“Sua esposa. Gideon me contou.” Notei que ele ficou surpreso. “Mas o problema não começou aí, começou? Foi uma consequência.”

“Você sabe de tudo e mesmo assim ainda está com ele?” Lucas apoiou os cotovelos na mesa. “Gideon está fazendo a mesma coisa com você, que está visivelmente exausta e deprimida. Isso é parte do jogo dele. Cross é especialista em idolatrar uma mulher até ela se tornar dependente dele. Só que de uma hora para outra passa a não querer nem olhar na cara dela.”

Aquela afirmação era uma descrição dolorosamente precisa da situação com Gideon naquele momento. Meu coração se acelerou.

Seu olhar se desviou para meu pescoço, mas logo voltou para meu rosto. Ele abriu um sorriso irônico e seguro de si. “Você sabe do que estou falando. Vai continuar brincando com seus sentimentos enquanto estiver se divertindo. Depois vai ficar entediado e largar você.”

“O que foi que aconteceu entre vocês dois?”, perguntei mais uma vez, sabendo que aquilo era a chave para explicar tudo.

“Gideon Cross é um narcisista e um sociopata”, ele continuou, como se eu não tivesse dito nada. “E, na minha opinião, um misógino. Usa o dinheiro para seduzir as mulheres e depois as despreza por serem fúteis o bastante para terem sido atraídas por sua riqueza. Ele usa o sexo para controlar as pessoas e nunca se sabe com que humor estará. Isso torna as coisas ainda mais emocionantes… quando você está sempre preparada para o pior, é um alívio e uma surpresa agradável encontrar o cara de bom humor.”

“Você não o conhece”, eu disse sem perder a calma, recusando-me a morder a isca. “Nem sua mulher.”

“Nem você.” Ele se recostou na cadeira e bebeu mais um pouco de café, aparentemente

tão tranquilo quanto eu estava tentando parecer. “Ninguém o conhece. Ele é um manipulador, um mentiroso. Não o subestime. Gideon Cross é um sujeito perigoso e pervertido, capaz de qualquer coisa.”

“O fato de você não querer explicar o motivo da rixa entre vocês me leva a pensar que a culpa é sua.”

“Você não deveria fazer esse tipo de suposição. Existem certas coisas que não posso comentar.”

“Que conveniente…”

Ele suspirou. “Não sou seu inimigo, Eva, e Cross não precisa da ajuda de ninguém para encarar seus opositores. Você não é obrigada a acreditar em mim. Sendo bem sincero, minha amargura já chegou a tal ponto que nem *eu* acreditaria em mim no seu lugar. Mas você é uma jovem muito bonita e inteligente.”

Ultimamente eu não estava sendo muito inteligente, mas só cabia a mim corrigir isso. Ou desistir de vez.

“Se parar um pouco para pensar”, ele continuou, “e perceber o que tem feito com você, a maneira como vem se sentindo desde que o conheceu, se está realmente satisfeita com os rumos do relacionamento, vai poder tirar suas próprias conclusões.”

Ouvi um ruído de um aparelho eletrônico, e ele tirou o celular do bolso do jaleco. “Ah, meu mais novo paciente acaba de chegar ao mundo.”

O dr. Lucas ficou de pé e me encarou, com a mão no meu ombro. “Você vai acabar com isso. E eu vou ficar muito feliz.”

Observei enquanto ele saía da lanchonete a passos rápidos e desabei na cadeira assim que desapareceu de vista, exausta e confusa. Voltei os olhos para a tela apagada do tablet em modo de espera. Não tinha mais energias para terminar a carta.

Guardei tudo e fui me arrumar enquanto esperava a chegada de Angus.

“Que tal comida chinesa?”

Desviei minha atenção da proposta de anúncio de café sabor blueberry que estava na minha mesa para os olhos escuros e afetuosos do meu chefe. Lembrei que era quarta-feira, o dia em que costumávamos almoçar com Steven.

Por um instante, pensei em recusar o convite e comer ali mesmo no escritório, para

contentar Gideon. Mas, logo em seguida, me dei conta de que aquilo só me faria ficar com raiva dele mais tarde. Eu ainda estava tentando criar meu próprio círculo de amizades em Nova York, uma vida social que fosse além de minhas interações com ele.

"É sempre uma boa opção", respondi. Minha primeira refeição com Mark e Steven tinha sido comida chinesa, ali mesmo no escritório, em uma noite em que trabalhamos até tarde e Steven apareceu para jantar conosco.

Saímos ao meio-dia, e me recusei a me sentir culpada por algo de que gostava tanto. Steven estava à nossa espera no restaurante, sentado a uma mesa redonda com uma bandeja giratória no meio.

"Oi." Ele me cumprimentou com um abraço bem forte, depois puxou uma cadeira para mim. "Você parece cansada", comentou depois de me observar um pouco.

Imaginei que minha aparência devia estar péssima, já que todo mundo estava me dizendo aquilo. "Tem sido uma semana bem difícil."

A garçonete apareceu, e Steven pediu uns pasteizinhos de entrada e os mesmos pratos que havíamos comido da outra vez — frango *kung pao* e carne com brócolis. Quando estávamos de novo a sós, Steven comentou: "Não sabia que seu colega de apartamento era gay. Você nunca tinha falado nada pra gente".

"Na verdade ele é bi." Estava claro que Steven, ou alguém que ele conhecia, tinha lido o jornal que Cary me mostrara. "Acho que o assunto nunca veio à tona mesmo."

"Como ele está?", perguntou Mark, parecendo sinceramente preocupado.

"Melhor. Talvez tenha alta hoje mesmo." O que era algo que me preocupara durante toda a manhã, já que Gideon não tinha ligado confirmando.

"Se precisar de ajuda é só pedir", prontificou-se Steven, ficando bem sério. "Estamos à disposição."

"Obrigada. Não foi um ataque homofóbico nem nada do tipo", esclareci. "Não sei de onde esse repórter tirou isso. Eu costumava respeitar os jornalistas, mas agora sei que são poucos os que realmente apuram os fatos, e menos ainda os que escrevem de maneira objetiva e imparcial."

"Não deve ser nada fácil viver sob os holofotes da mídia." Steven apertou minha mão por cima da mesa. Era um sujeito gregário e brincalhão, mas por trás daquela aparência divertida havia um homem confiável, com um grande coração. "Mas acho que é isso que acontece quando se é disputada por astros do rock e magnatas bilionários."

"Steven", repreendeu Mark, franzindo a testa.

“Ah.” Enruguei o nariz. “Shawna te contou.”

“Claro que contou”, confirmou Steven. “Era o mínimo que ela podia fazer depois de não ter me convidado para o show. Mas não se preocupe. Ela não faz o tipo fofoqueira. Não vai sair espalhando pra todo mundo.”

Acenei com a cabeça, sentindo-me tranquila a esse respeito. Shawna era muito gente boa, mas ainda assim era meio embaraçoso que meu chefe soubesse que eu tinha beijado outro cara na frente do meu namorado.

“E não foi uma coisa exatamente ruim fazer Cross provar do próprio veneno”, murmurou Steven.

Franzi a testa, confusa. Então me deparei com o olhar solidário de Mark.

Foi quando me dei conta de que o jornal da comunidade gay não era a única coisa que eles deviam ter lido. Provavelmente haviam visto as fotos de Gideon com Corinne. Fiquei vermelha, sentindo-me humilhada.

“E ele vai provar”, murmurei. “Nem que eu tenha que enfiar goela abaixo.”

Steven ergueu as sobrancelhas, depois soltou uma risada e deu um tapinha nas minhas costas. “Não dá mole pra ele, não, garota.”

*

Eu mal havia voltado para minha mesa quando o telefone tocou.

“Escritório de Mark Garrity, Eva…”

“Por que é tão difícil pra você seguir minhas ordens?”, Gideon perguntou num tom bem áspero.

Eu estava observando a colagem de fotos que ele havia me dado, imagens nossas em momentos de intimidade e amor.

“Eva?”

“O que você quer comigo, Gideon?”, perguntei sem demonstrar nenhuma emoção.

Ele ficou em silêncio por um instante, depois soltou o ar com força. “Cary vai ser transferido para seu apartamento hoje à tarde, sob a supervisão do médico e de uma enfermeira. Ele já vai estar por lá quando você chegar em casa.”

“Obrigada.” O silêncio se fez mais uma vez entre nós, mas Gideon não desligou. Por fim, perguntei: “É só isso que você tem pra me dizer?”.

A pergunta tinha um duplo sentido, mas não sei se ele entendeu, nem se pelo menos deu bola para o que eu havia dito.

“Angus vai levar você pra casa.”

Apertei o telefone com força. “Tchau, Gideon.”

Desliguei e voltei ao trabalho.

Assim que cheguei em casa, fui correndo ver Cary. Sua cama havia sido movida e encostada contra a parede na vertical, a fim de abrir espaço para uma cama de hospital, que ele podia ajustar conforme suas necessidades. Ele estava dormindo quando cheguei, e a enfermeira estava sentada em uma poltrona novinha em folha lendo um e-book. Era a mesma que estava no hospital na noite em que cheguei, a garota bonita e de visual exótico que não conseguia tirar os olhos de Gideon.

Perguntei-me quando foi que ele havia falado com ela — se tinha feito isso pessoalmente ou por meio de alguém — e se ela havia topado por causa do dinheiro, de Gideon ou das duas coisas.

A verdade era que eu estava cansada demais para me preocupar com aquilo, o que já era suficiente para mostrar o quanto estávamos distantes. Talvez existissem pessoas no mundo cujo amor era capaz de sobreviver a tudo, mas o meu era do tipo frágil. Precisava ser cultivado para criar raízes mais profundas e crescer.

Tomei um banho bem quente e demorado e fui para a cama. Levei meu tablet comigo e tentei continuar minha carta para Gideon. Queria expressar minhas opiniões e reservas de uma forma madura e inequívoca. Queria ajudá-lo a entender minhas reações a coisas que ele havia dito ou feito, expor meu ponto de vista sobre a nossa relação.

No fim, faltou energia para tudo isso.

Só não continuo, esclareci, *porque acabaria escrevendo uma súplica. E, se você não me conhece a ponto de saber que está me magoando, uma carta não vai ser suficiente para resolver nossos problemas.*

Estou desesperada por sua causa. Estou muito infeliz sem você. Fico pensando no fim de semana, nos momentos que passamos juntos e no que eu não faria para ter você de novo só para mim. Mas, em vez disso, você está passando seu tempo com ELA, e eu estou sozinha pela quarta noite seguida.

Mesmo sabendo que estiveram juntos, sinto vontade de rastejar até você e implorar por

uma migalha de atenção. Um toque. Um beijo. Uma palavra carinhosa. Você fez com que eu me rebaixasse a esse ponto.

Odeio me sentir assim. Odeio sentir tanto a sua falta. Odeio minha obsessão por você.

Odeio ser tão apaixonada por você.

Eva

Anexei o arquivo de texto a um e-mail com o título *Meus pensamentos mais sinceros* e o enviei para ele.

"Não tenha medo."

Fui acordada por essas três palavras em meio à escuridão. O colchão afundou quando Gideon se sentou ao meu lado, inclinou-se sobre mim e me abraçou através dos cobertores, um casulo e uma barreira que permitiram que minha mente despertasse sem sustos. A deliciosa e inconfundível fragrância de seus produtos de banho, misturada com o cheiro da sua pele, tinha para mim o mesmo efeito calmante de sua voz.

"*Meu anjo.*" Ele me beijou, cobrindo seus lábios com os meus.

Toquei seu peito com os dedos, sentindo sua pele nua. Ele gemeu e levantou, mas se manteve inclinado na minha direção para que o beijo não fosse interrompido enquanto nos livrávamos das cobertas.

Logo ele estava sobre mim, com seu corpo quente e nu. Sua boca ardente foi descendo pela minha garganta e suas mãos arrancaram minha camisola para chegar aos meus seios. Seus lábios abocanharam meu mamilo e o sugaram. O peso de seu corpo estava apoiado sobre um dos antebraços, colado ao colchão. Sua outra mão estava no meio das minhas pernas.

Ele agarrou meu sexo, deslizando o dedo para dentro da minha calcinha de cetim. Sua língua brincava com meu mamilo, deixando-o duro e pontudo, e ele cravava de leve os dentes na minha carne sensível.

"Gideon!" As lágrimas escorriam pelo meu rosto. A dormência que eu sentia até então como uma forma de proteção estava desaparecendo, deixando meus sentimentos expostos. Eu sofria demais longe dele, o mundo perdia seu caráter vibrante para mim, meu corpo sentia a distância do seu. Tê-lo comigo… me tocando… era como uma chuva depois de um grande período de seca. Minha alma se abriu para ele, escancarou-se para absorver sua presença.

Eu o amava demais.

Seus cabelos roçavam minha pele enquanto sua boca aberta deslizava pelos meus seios e seu peito se expandia em uma respiração profunda, inebriando-se com meu cheiro. Ele capturou meu outro mamilo com uma sucção profunda e potente. Uma onda de prazer se espalhou por meu corpo, lubrificando ainda mais meu sexo junto ao seu dedo.

Ele foi descendo pelo meu corpo, marcando seu caminho com lambidas na minha barriga, forçando-me a abrir as pernas para envolver seus ombros e sentir seu hálito quente na minha abertura sedenta. Ele pressionou o nariz contra o tecido molhado da minha calcinha e grunhiu ao inalar meu cheiro, deixando-me arrepiada.

“Eva. Eu estou faminto.”

Com seus dedos impacientes, Gideon pôs de lado minha calcinha e posicionou a boca entre minhas pernas. Mantendo-me toda aberta para ele com os polegares, atacava meu clitóris com movimentos rápidos com a língua. Minhas costas se arquearam e eu gemi bem alto, com todos os sentidos aguçados, menos a visão. Inclinando a cabeça, ele investiu contra meu sexo trêmulo, penetrando-me de forma ritmada com suas lambidas.

“Ai, meu Deus!” Eu me contorcia de prazer, sentindo meu ventre se expandir e os primeiros sinais do orgasmo que se aproximava.

Gozei violentamente, com a pele coberta de suor e a garganta em chamas, lutando para respirar. Seus lábios me sugavam com força, sua língua se remexia dentro de mim. Ele me chupava com uma intensidade irresistível. A carne tenra entre minhas pernas estava toda inchada e sensível, totalmente vulnerável a seu apetite avassalador. Não demorei muito mais tempo para gozar mais uma vez, cravando as unhas nos lençóis.

Meus olhos se arregalaram na escuridão quando ele rasgou minha calcinha e montou sobre mim. Senti a cabeça grande e grossa do seu pau abrir caminho dentro de mim, e então ele me penetrou profundamente, soltando um grunhido animalesco. Gritei, surpresa por sua agressividade, que me excitou ainda mais.

Gideon se ergueu, apoiando-se sobre os tornozelos e posicionando minhas coxas sobre as dele. Ele me agarrou pelos quadris e me levantou, posicionando-me no ângulo que desejava. Depois meteu de novo em mim, puxando-me para baixo até eu gemer de dor com aquela penetração tão profunda. Os lábios do meu sexo chegaram até a base do seu pênis, abrindo-se totalmente para abocanhar toda a sua espessura. Ele estava dentro de mim por inteiro, até o fundo, e eu adorava aquilo. Estava me sentindo vazia havia dias, tão abandonada que até doía.

Ele grunhiu meu nome e gozou num jorro espesso e quente que foi escorrendo por dentro do meu corpo, pois não havia espaço no meu ventre para mais nada. Tremeu

violentamente, fazendo seu suor cair sobre a minha pele. “Foi pra você, Eva”, ele disse, ofegante. “Até a última gota.”

Ele me puxou de maneira abrupta, virou-me de bruços e ergueu meus quadris. Eu me agarrei à cabeceira da cama, com meu rosto suado apoiado no travesseiro. Estava à espera da penetração e estremeci quando senti seu hálito nas minhas nádegas. Meu corpo todo se contraiu ao sentir sua língua naquela região. Ele me provocou com movimentos circulares com a língua, estimulando a entrada no meu traseiro.

Deixei escapar um ruído de medo. *Não faço anal, Eva*.

Meu orifício aliviou um pouco sua contração quando me lembrei daquelas palavras e se rendeu às suas delicadas carícias. Não havia mais nada entre nós na cama. Nosso contato físico era a única coisa que importava.

Gideon agarrou minhas nádegas com as duas mãos, mantendo-me imóvel. Eu estava aberta e arreganhada para ele em todos os sentidos, totalmente exposta ao seu beijo cheio de luxúria.

“Ah!” Fiquei imediatamente tensa. Sua língua estava dentro de mim, entrando e saindo. Meu corpo todo começou a tremer, os dedos dos meus pés se contraíram e minha respiração se tornou ofegante enquanto ele me possuía sem pudores nem reservas. “*Ah… nossa.*”

Eu me movi em direção à sua boca, entreguei-me a ele. A afinidade entre nós era primitiva e brutal, quase insuportável. Senti-me imobilizada por seu desejo, minha pele fervia, meu peito subia e descia incontrolavelmente.

Ele estendeu uma das mãos por baixo de mim e começou a massagear meu clitóris com os dedos. Mas era sua língua que me deixava maluca. O orgasmo que crescia dentro de mim se tornava ainda mais estimulante por eu saber que a última barreira do meu corpo estava sendo derrubada. Ele podia fazer o que quisesse comigo — me possuir e me usar a seu bel-prazer. Enterrei a cara no travesseiro e soltei um grito quando gozei, sentindo um prazer tão intenso que minhas pernas cederam e desabei no colchão.

Gideon deitou sobre minhas costas, abriu minhas pernas com os joelhos e me encobriu com seu corpo suado. Ele abriu caminho para dentro de mim com seu pau enquanto nossos dedos se uniam, nossas mãos espalmadas sobre a cama. Eu já estava toda melada, e ele pôde investir com força contra mim, entrando e saindo.

“Estou desesperado por sua causa”, ele disse, ofegante. “Estou muito infeliz sem você.”

Meu corpo todo se retraiu. “Para de tirar sarro.”

“Meu desejo é como o seu.” Ele mergulhou o rosto entre meus cabelos enquanto me

comia bem devagar. “Minha obsessão é a mesma. Por que você não acredita em mim?”

Fechei os olhos com força, sentindo as lágrimas escorrerem pelo rosto. “Não entendo você. Isso está acabando comigo.”

Ele virou a cabeça e cravou os dentes no meu ombro. Um rugido de dor e prazer reverberou em seu peito, e eu senti que ele estava gozando, seu pau tremia enquanto enchia meu ventre de sêmen.

Gideon relaxou o maxilar e me libertou da mordida. Estava ofegante, e seus quadris ainda se moviam. “Sua carta me deixou sem chão.”

“Você não fala comigo… não me ouve…”

“Não consigo.” Ele grunhiu e me apertou entre os braços até eu não conseguir mais me mexer. “Eu simplesmente… É assim que vai ter que ser.”

“Não consigo viver assim, Gideon.”

“Também estou sofrendo, Eva. Isso está acabando comigo. Você não está vendo?”

“Não.” Eu estava aos prantos, com o travesseiro cada vez mais encharcado sob meu rosto.

“Então pare de tentar analisar tudo e comece a *sentir*! A sentir minhas reações.”

O restante da noite se passou em um instante. Eu o castiguei com as mãos e os dentes, arranhando e mordendo sua pele suada até ouvi-lo sibilar de prazer.

Seu desejo era frenético e insaciável. Ele se entregou com um desespero que chegou a me assustar, porque parecia um último ato. Uma despedida.

“Preciso do seu amor”, ele sussurrou junto à minha pele. “Preciso de você.”

Ele me tocava por todo o corpo. Queria estar o tempo todo dentro de mim, com o pau, com os dedos, com a língua.

Meus mamilos queimavam, sensibilizados com tanta sucção. Meu sexo pulsava, dolorido depois de tantas estocadas rígidas e violentas. Minha pele estava toda irritada pelo atrito constante com sua barba por fazer. Minha mandíbula doía de tanto chupar seu pau grosso. Minha última lembrança foi dele deitado de lado atrás de mim, com o braço sobre minha cintura enquanto me penetrava. Ambos estávamos doloridos e exaustos, mas não conseguíamos parar.

“Não desista de mim”, implorei, depois de jurar que não desistiria dele.

Quando meu despertador tocou e eu acordei, Gideon não estava mais lá.

15

Passei no quarto de Cary antes de sair para o trabalho na quinta-feira de manhã. Abri a porta de mansinho e dei uma olhada lá para dentro. Quando vi que ele estava dormindo, dei um passo atrás para sair.

“Oi”, ele murmurou, piscando.

“Oi.” Eu entrei no quarto. “Como é que você está?”

“Feliz por ter voltado pra casa.” Ele esfregou o canto dos olhos. “Está tudo bem?”

“Claro… Só queria ver como você estava antes de ir trabalhar. Devo voltar mais ou menos às oito. Vou comprar comida no caminho, então me mande uma mensagem lá pelas sete horas me dizendo o que você quer…” Eu me interrompi com um bocejo.

“Que tipo de vitaminas Cross toma?”

“Hã?”

“*Sempre* estou com tesão, mas sinceramente não aguentaria uma noite como essa. Eu ficava pensando: ‘Agora ele cansou’. E logo depois começava tudo de novo.”

Fiquei toda sem graça.

Ele deu uma gargalhada. “Está escuro aqui, mas aposto que você está vermelha.”

“Você deveria ter colocado fones de ouvidos”, murmurei.

“Não esquenta. Pelo menos agora sei que meu equipamento ainda funciona. Fazia tempo que eu não tocava uma. Desde antes de ser atacado.”

“Eca… Que nojo, Cary.” Fui saindo do quarto. “Meu pai chega hoje à noite. Tecnicamente amanhã de manhã. O voo dele está programado pra pousar às cinco.”

“Você vai lá buscá-lo?”

“Claro.”

O sorriso sumiu de seu rosto. “Você vai acabar se matando desse jeito. Ainda não teve uma noite de sono esta semana.”

“Depois compenso o sono perdido. Até mais.”

“Ei”, ele me chamou quando me virei. “Então quer dizer que você e Cross fizeram as

pazes?”

Eu me apoiei no batente da porta e suspirei. “Tem alguma coisa errada, mas ele não quer me dizer o que é. Escrevi uma carta pra ele explicando praticamente todos os motivos das minhas inseguranças e neuroses.”

“Esse é o tipo de coisa que a gente *jamais* pode confessar por escrito, gata.”

“Pois é… tudo o que eu ganhei em troca foi uma noite de sexo selvagem e nenhuma explicação sobre o que está acontecendo. Ele disse que as coisas iam ter que ser assim. Não sei nem do que estava falando.”

Cary concordou com a cabeça.

“Pelo visto você entendeu tudo”, comentei.

“A parte do sexo acho que entendi.”

Senti um frio na espinha. “Uma forma de aliviar a culpa?”

“Provavelmente”, ele concordou em voz baixa.

Fechei os olhos e tentei digerir aquela confirmação. Mas logo me recompus. “Preciso ir. Até mais tarde.”

O problema dos pesadelos era que eles sempre me pegavam desprevenida. Apareciam nos momentos de maior vulnerabilidade, bagunçando totalmente minha cabeça quando eu me encontrava mais indefesa.

E não ocorriam apenas quando eu estava dormindo.

Eu me senti agoniada enquanto Mark e o sr. Waters discutiam os últimos detalhes sobre os anúncios da vodca Kingsman, sem conseguir desviar minha atenção do fato de que Gideon estava do outro lado da mesa, vestindo um terno preto, camisa branca e gravata.

Ele estava me ignorando deliberadamente desde o momento em que entrei na sala de reuniões da sede das Indústrias Cross, a não ser por um aperto de mãos formal quando chegamos. Aquele breve toque de pele contra pele havia me deixado toda acesa, meu corpo o reconhecera imediatamente como a pessoa que tinha me proporcionado prazer a noite toda. Gideon, por sua vez, pareceu alheio ao contato, e seu olhar estava distante quando me cumprimentou dizendo: “Senhorita Tramell”.

O contraste em relação à última vez em que tinha visitado aquela sala era imenso. Naquela ocasião, ele não conseguia tirar os olhos de mim. Seu olhar era ávido e ardente, e

assim que a reunião acabou ele disse que queria me comer e estava disposto a eliminar quem quer que se pusesse no caminho.

Dessa vez, ele se apressou em levantar ao término da reunião, apertou a mão de Mark e do sr. Waters e caminhou em direção à porta se limitando a me lançar um único olhar, rápido e inescrutável. As executivas da empresa o seguiram, duas morenas bonitas.

Mark me lançou um olhar incrédulo do outro lado da mesa. Sacudi a cabeça.

Voltei para minha mesa e mergulhei no trabalho durante toda a tarde. No horário do almoço, fiquei no escritório pensando em coisas para fazer com meu pai. Pensei em três possibilidades: Empire State Building, Estátua da Liberdade e uma peça na Broadway. A viagem até a Ilha Ellis, no entanto, só seria feita caso ele quisesse *de verdade* ir até lá. Caso contrário, poderíamos dispensar o passeio de balsa e ver tudo de longe mesmo. Sua visita à cidade já seria curta, e eu não queria que se transformasse em uma correria desenfreada.

Durante minha última pausa do dia, liguei para o escritório de Gideon.

"Oi, Scott", cumprimentei seu secretário. "Será que posso falar com seu chefe um minutinho?"

"Espera só um pouquinho."

Eu imaginava que minha ligação seria rejeitada, mas dois minutos depois estava falando com ele.

"O que foi, Eva?"

Saboreei o som de sua voz por um instante. "Desculpe interromper. Pode parecer uma pergunta meio idiota, considerando o que está acontecendo, mas… você vai jantar lá em casa amanhã para conhecer meu pai?"

"Vou", ele respondeu, bem seco.

"Ireland também vai?" Fiquei surpresa por minha voz ter saído normalmente, apesar da imensa sensação de alívio que tomou conta de mim.

Ele fez uma pausa. Depois respondeu: "Sim".

"Certo."

"Vou ter uma reunião hoje que vai até tarde, então a gente se encontra no consultório do doutor Petersen. Angus leva você. Eu vou de táxi."

"Tudo bem." Eu me afundei na cadeira. Ainda havia uma luz no fim do túnel. O desejo de continuar com a terapia e de conhecer meu pai era um sinal positivo. Gideon e eu

estávamos por um fio, mas não havíamos desistido. “A gente se vê lá, então.”

Angus me deixou na frente do consultório do dr. Petersen às quinze para as seis. Quando cheguei à recepção, ele fez um sinal para que eu entrasse, levantando de trás da mesa para me cumprimentar.

“Como estão as coisas, Eva?”

“Já estiveram melhores.”

Ele percorreu meu rosto com os olhos. “Você parece cansada.”

“É o que todo mundo está me dizendo”, respondi, incomodada.

O dr. Petersen olhou por sobre a minha cabeça. “Onde está Gideon?”

“Ele tinha uma reunião até mais tarde, então vim primeiro.”

“Certo.” Ele apontou para o sofá. “É uma boa oportunidade para conversarmos só nós dois. Existe alguma coisa em particular que você deseje discutir antes que ele chegue?”

Instalei-me no sofá e pus tudo para fora, contando ao dr. Petersen sobre nossa maravilhosa viagem e a semana bizarra e inexplicável que tivemos depois dela. “Não dá pra entender. Posso ver que ele está perturbado com alguma coisa, mas não consigo fazê-lo se abrir. Ele se fechou totalmente pra mim. Pra ser bem sincera, já não sei mais o que fazer. Tenho medo de que esse comportamento seja por causa de Corinne. Toda vez que as coisas ficam assim entre nós, ela está envolvida.”

Olhei para meus dedos, que estavam retorcidos uns sobre os outros. Lembrei-me do hábito de minha mãe de torcer seus lencinhos e forcei minhas mãos a relaxar. “Parece que ela exerce algum tipo de poder sobre Gideon e que ele não consegue se livrar disso, apesar do que sente por mim.”

O dr. Petersen parou de digitar no tablet e olhou para mim. “Ele contou para você que não viria na consulta da terça?”

“Não.” Aquela notícia me abalou ainda mais. “Ele não disse nada.”

“Para mim também não. E eu não diria que esse é um comportamento recorrente da parte dele.”

Concordei com a cabeça.

O dr. Petersen cruzou as mãos sobre o colo. “Às vezes as coisas vão sair mesmo um pouco dos trilhos. É algo até esperado, considerando a natureza da relação. Vocês dois

precisam trabalhar não só como casal, mas também como indivíduos para poder ser um casal.”

“Mas não estou conseguindo lidar com isso.” Respirei fundo. “Com esses altos e baixos. Estou ficando maluca. A carta que escrevi pra ele… Foi terrível. Era tudo verdade, mas foi um horror. Tivemos momentos realmente maravilhosos juntos. Ele disse coisas…”

Tive que me interromper por um minuto e, quando retomei, minha voz estava embargada. “Ele disse umas coisas lindíssimas pra mim. Não quero que essas lembranças sejam soterradas por uma avalanche de maus-tratos. Eu me pergunto toda hora se não é melhor pular fora enquanto é tempo, mas prometi pra ele e pra mim mesma que não ia mais fugir. Que bateria o pé e lutaria pra que a gente desse certo.”

“Você está tendo que se esforçar pra isso?”

“Sim. E não está sendo nada fácil. Porque certas coisas que ele faz… São coisas que eu aprendi a evitar. Para meu próprio bem! Sempre chega um ponto em que a gente percebe que fez tudo o que podia, mas mesmo assim não adiantou. Certo?”

O dr. Petersen inclinou a cabeça para o lado. “E, se não adiantar mesmo, qual é a pior coisa que pode acontecer?”

“Você quer que eu fale?”

“Sim. A pior das hipóteses.”

“Bom…” Estendi as mãos sobre as coxas. “Ele continuar se afastando de mim, o que me faria me agarrar a ele com mais força e perder todo o amor-próprio. No fim, ele voltaria pra sua vidinha de sempre e eu voltaria pra terapia pra juntar os cacos.”

Ele continuou me olhando, e algo em sua observação tranquila e paciente das minhas reações me induziu a continuar falando.

“Tenho medo de que ele não corte relações comigo quando chegarmos a um fim inevitável e de que eu também não perceba quando chegar a hora. De embarcar numa barca furada e afundar junto com ela. Queria que ele soubesse o que fazer quando chegar a hora de terminar.”

“E você acha que isso vai necessariamente acontecer?”

“Não sei. Talvez.” Olhei para o relógio na parede. “Mas, considerando que já são quase sete horas e ele me deu um bolo hoje, parece bem provável.”

Para mim o mais inexplicável de tudo foi *não ficar* surpresa quando vi o Bentley de Gideon parado na frente do meu prédio às quinze para as cinco da manhã. Só o motorista que saiu de trás do volante para me abrir a porta era um desconhecido. Era bem mais jovem que Angus, devia ter pouco mais de trinta anos. Parecia ser latino, com pele morena e cabelos e olhos pretos.

"Obrigada", eu disse para ele enquanto contornava o veículo, "mas vou de táxi mesmo."

Ao ouvir isso, o porteiro da noite correu até o meio da rua para chamar um para mim.

"O senhor Cross me mandou levar você até o aeroporto La Guardia", argumentou o motorista.

"Pode dizer para o senhor Cross que não vou mais precisar dos serviços de transporte dele." Fui até o táxi que o porteiro chamou, mas, antes de entrar, virei-me e disse: "E pode dizer também pra ele ir se foder".

Subi no táxi e me joguei no assento quando ele arrancou.

Admito que não sou a pessoa mais isenta para dizer que meu pai se destacava no meio de qualquer multidão, mas era verdade.

Assim que saiu da área de desembarque, Victor Reyes virou o centro das minhas atenções. Tinha um e oitenta de altura, estava em plena forma e não precisava do distintivo para impor sua presença imponente. Seu olhar percorreu toda a área ao redor — ele era um policial mesmo quando não estava de serviço. Tinha uma mala de viagem pendurada no ombro, vestia jeans e uma camisa preta. Seus cabelos eram escuros e ondulados, e os olhos, da cor dos meus. Ele era gatíssimo, intenso, com um estilo meio rude. Não conseguia imaginá-lo ao lado da minha mãe, uma beldade frágil e mimada. Eu nunca os havia visto juntos, nem em fotografias, mas queria muito. Mesmo que fosse uma única vez.

"Pai!", gritei, acenando.

Seu rosto se iluminou quando ele me viu, abrindo um enorme sorriso.

"Minha garota!" Ele me deu um abraço bem forte, tirando meus pés do chão. "Estava morrendo de saudade."

Comecei a chorar. Não pude evitar. Encontrá-lo foi a gota d'água que fez meu estado emocional extravasar.

“Ei.” Ele me sacudiu. “Por que o choro?”

Abracei seu pescoço com ainda mais força, felicíssima por meu pai estar ali comigo, sabendo que todos os meus problemas ficariam em segundo plano enquanto ele estivesse por perto.

“Eu também estava morrendo de saudade”, respondi, fungando.

Voltamos para a minha casa de táxi. No caminho, meu pai fez o mesmo tipo de interrogatório sobre a agressão sofrida por Cary que os detetives haviam feito no hospital. Tentei mantê-lo distraído com esse assunto quando estacionamos na frente do prédio, mas não teve jeito.

Seus olhos de lince foram diretamente para a superfície envidraçada que se sobrepunha à fachada de tijolos do edifício. Ele reparou também em Paul, o porteiro, que tocou com os dedos na aba do quepe e abriu a porta para nós. Observou a mesa da portaria e o segurança ali a postos, e parecia inquieto enquanto esperávamos o elevador.

Não disse uma palavra e manteve uma expressão impassível, mas tenho certeza de que estava pensando no luxo da vida que eu estava levando em Nova York. Quando entramos no apartamento, percorreu com os olhos toda sua extensão. As janelas enormes proporcionavam uma vista belíssima da cidade, e o televisor de tela plana pendurado na parede era apenas um dos aparelhos eletrônicos modernísimos à vista.

Ele sabia que eu não tinha condições de bancar tudo aquilo sozinha. Sabia que o marido da minha mãe estava me oferecendo um estilo de vida que meu pai jamais poderia proporcionar. E eu me perguntei se nesse momento pensou em minha mãe e em suas necessidades além de posses.

“A segurança aqui é bem rígida”, expliquei. “Se a pessoa não mora aqui, não tem como passar pela portaria sem autorização de um morador.”

Meu pai soltou o ar com força. “Isso é bom.”

“Pois é. Acho que mamãe não conseguiria nem dormir à noite se não fosse assim.”

Isso fez a tensão em seus ombros se aliviar um pouco.

“Vem ver seu quarto.” Eu o conduzi pelo corredor até o quarto de hóspedes. Tinha seu próprio banheiro e um frigobar. Vi que ele reparou em tudo isso antes de largar a mala sobre a enorme cama. “Está muito cansado?”

Ele olhou bem para mim. “Sei que *você* está. E precisa trabalhar hoje, não é? Por que não tira um cochilo até a hora de levantar?”

Bocejei e concordei com ele. Seria bom tirar um cochilo, nem que fosse só por duas

horinhas. “Boa ideia.”

“Me acorda quando levantar”, ele pediu enquanto se espreguiçava. “Preparo um café enquanto você se arruma.”

“Legal.” Minha voz saiu abalada pelas lágrimas suprimidas. Gideon quase sempre fazia café para mim quando dormia na minha casa, porque costumava levantar antes de mim. Sentia falta daquele pequeno ritual entre nós.

De alguma forma, eu teria que aprender a viver sem aquilo.

Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo no rosto dele. “Estou muito feliz por você estar aqui, pai.”

Fechei os olhos e o apertei com força enquanto ele me abraçava.

Saí do mercadinho em que comprei os ingredientes para o jantar e franzi a testa ao dar de cara com Angus no meio-fio. Eu havia recusado sua carona de manhã e também ao sair do Crossfire, mas ele continuava me seguindo. Aquilo já estava ficando ridículo. Só o que eu conseguia pensar era que Gideon não me queria mais como namorada, mas seu desejo desmedido e neurótico pelo meu corpo o impedia de deixar que eu me aproximasse de outra pessoa — mais especificamente, Brett.

Enquanto caminhava para casa, deixei-me levar pela ideia de convidar Brett para jantar, imaginando o que Angus diria para Gideon quando o visse entrando no meu prédio. Foi só uma fantasia de vingança — eu jamais usaria Brett daquela maneira, e, além disso, ele estava na Flórida —, mas serviu para me animar um pouco. O trajeto ficou mais leve e, quando entrei no apartamento, estava de bom humor pela primeira vez em vários dias.

Larguei as compras na cozinha e fui ver Cary. Ele estava jogando videogame com meu pai. Cary usava apenas uma das mãos, já que a outra estava engessada.

“Uau!”, gritou meu pai. “Estou acabando com você.”

“Você devia se envergonhar”, rebateu Cary. “Está tirando vantagem de um inválido.”

“Estou morrendo de dó.”

Cary olhou para mim e piscou. Meu amor por ele transbordou nesse momento. Fui até meu amigo e dei um beijo em sua testa machucada.

“Obrigada”, sussurrei.

“Me agradeça com comida. Estou morrendo de fome.”

Endireitei o corpo. “Comprei ingredientes pra fazer *enchiladas*.”

Meu pai me olhou e sorriu, pois sabia que eu ia precisar de ajuda. “Ah, é?”

“Quando você achar melhor”, eu disse a ele. “Agora vou tomar um banho.”

Quarenta e cinco minutos depois, meu pai e eu estávamos enrolando o queijo e o frango já assado que eu havia comprado na rotisserie — uma pequena trapaça minha, para ganhar tempo — nas tortilhas de milho. No som da sala, um novo CD começou a tocar, e a voz cheia de emoção de Van Morrison saiu pelos alto-falantes.

“Aí, sim”, disse meu pai, pegando minha mão e me afastando do balcão. “Hum-de-rum, hum-de-rum, moondance”, ele cantava com sua voz de barítono.

Soltei uma gargalhada de alegria.

Apoiando o dorso da mão nas minhas costas para não me sujar de gordura, ele me pôs para dançar pela cozinha, nós dois cantando e sorrindo. Estávamos no segundo giro de um passo não ensaiado quando vi duas pessoas paradas ao lado do balcão.

O sorriso desapareceu do meu rosto e perdi o equilíbrio, obrigando meu pai a me amparar.

“Você tem dois pés esquerdos?”, ele provocou, sem tirar os olhos de mim.

“Eva é uma ótima dançarina”, interveio Gideon, ostentando a máscara impassível que eu tanto detestava.

Meu pai se virou e o sorriso sumiu do seu rosto também.

Gideon contornou o balcão e entrou na cozinha. Estava usando jeans e uma camiseta dos New York Yankees. Era uma escolha apropriada para a informalidade da ocasião e também para puxar assunto, já que meu pai era torcedor fanático dos San Diego Padres.

“Só não sabia que ela também era ótima cantora. Gideon Cross”, ele se apresentou, estendendo a mão.

“Victor Reyes.” Meu pai mostrou os dedos engordurados. “Estou com a mão suja.”

“Não tem problema.”

Meu pai encolheu os ombros, apertou a mão de Gideon e o mediu de cima a baixo.

Joguei um pano de prato para os dois e fui até Ireland, que estava de fato radiante. Seus olhos azuis brilhavam e suas bochechas estavam vermelhas.

“Que bom que você veio”, eu disse, abraçando-a com cuidado para não sujá-la. “Você está linda!”

“Você também!”

Eu sabia que era mentira, mas fiquei feliz de ouvir mesmo assim. Eu não tinha passado nada no rosto depois do banho, estava com a cara lavada, pois sabia que meu pai não ia nem reparar e não esperava que Gideon aparecesse. Afinal de contas, na última vez em que nos falamos ele disse que me encontraria no consultório do dr. Petersen.

Ela olhou para o balcão onde tínhamos instalado nossa bagunça. “Posso ajudar?”

“Claro. Só não tente calcular as calorias… vai perder as contas.” Eu a apresentei a meu pai, que foi bem mais simpático com ela do que com Gideon, depois a levei até a pia para lavar as mãos.

Logo Ireland estava ajudando a enrolar as últimas *enchiladas*, enquanto meu pai punha as cervejas Dos Equis que Gideon havia trazido na geladeira. Nem me preocupei em tentar descobrir como ele sabia que eu ia fazer comida mexicana. Só desejei que investisse seu tempo em outras coisas mais úteis, como ir à terapia.

Meu pai foi até o quarto se limpar. Gideon se aproximou por trás, pôs a mão na minha cintura e me beijou no rosto. “Eva.”

Fiquei tensa diante da vontade irresistível de me entregar ao seu toque. “Pode parar”, murmurei. “Não precisamos fingir nada.”

Ele soltou o ar com tanta força que balançou meus cabelos. Seus dedos apertaram meus quadris. Então eu senti seu telefone vibrar e ele me soltou, recuando alguns passos para ver quem estava ligando.

“Com licença”, resmungou, saindo da cozinha para atender.

Ireland chegou mais perto e sussurrou: “Obrigada. Sei que foi você que mandou Gideon me trazer”.

Eu sorri para ela. “Ninguém é capaz de obrigar Gideon a fazer nada que ele não queira.”

“Você é.” Ela jogou o cabelo para o lado com um movimento de cabeça. “Não viu a cara dele quando estava dançando com seu pai. Os olhos dele brilharam. Pensei que Gideon fosse chorar. E, no caminho até aqui, no elevador, ele tentou fingir que estava tudo bem, mas eu percebi que estava todo nervoso.”

Olhei para a lata de molho nas minhas mãos, sentindo meu coração se apertar mais um pouquinho.

“Você está brava com ele, né?”, perguntou Ireland.

Limpei a garganta. “Às vezes as pessoas se dão melhor só como amigas.”

“Mas você disse que estava apaixonada.”

“Isso nem sempre basta.” Eu me virei para pegar um abridor e dei de cara com Gideon me encarando do outro lado da cozinha. Fiquei paralisada.

Um músculo se contraiu em seu maxilar. “Quer uma cerveja?”, ele perguntou, bem sério.

Aceitei com um aceno de cabeça. Aceitaria uma dose de uma bebida mais forte também. Talvez mais de uma.

“Quer um copo?”

“Não.”

Ele olhou para Ireland. “Está com sede? Tem refrigerante, água, leite…”

“Que tal uma cerveja?”, ela sugeriu, abrindo um sorriso irresistível.

“Vai sonhando”, ele respondeu, irônico.

Fiquei de olho em Ireland, e vi como ela ganhava vida quando Gideon concentrava sua atenção nela. Não acreditei que ele não fosse capaz de ver o quanto sua irmã o amava. Podia até ser um sentimento baseado em coisas superficiais, mas estava lá, e se tornaria mais profundo com um pouco de convivência. Eu ainda tinha a esperança de que ele fizesse isso.

Quando Gideon me entregou a cerveja gelada, seus dedos encostaram nos meus. Ele segurou a garrafa por um instante, olhando-me bem nos olhos. Eu sabia que ele estava pensando na nossa última noite juntos.

Naquele momento a lembrança parecia um sonho, como se sua visita nunca tivesse acontecido. Estava quase acreditando que havia inventado tudo, ansiosa e desesperada por seu toque a ponto de proporcionar à minha mente um falso alívio para meu desejo incontrolável. Se ainda não estivesse dolorida, não saberia o que tinha sido real e o que eram apenas falsas esperanças.

Puxei a cerveja de sua mão e virei de costas. Não queria dizer que nosso relacionamento estava acabado, mas com certeza precisávamos de um tempinho longe um do outro. Gideon precisava pensar no que estava fazendo, no que queria, se iria de fato me incluir em sua vida. Aquela montanha-russa que vivíamos acabaria comigo, e eu não podia deixar aquilo acontecer. E não ia.

“Posso ajudar em alguma coisa?”, Gideon perguntou.

Respondi sem olhar para ele, a fim de evitar uma experiência dolorosa. “Você pode trazer Cary pra cá? Tem uma cadeira de rodas lá no quarto.”

“Certo.”

Ele saiu da sala, e eu pude respirar fundo de novo.

Ireland veio até mim. “O que aconteceu com Cary?”

“Conto pra você enquanto a gente põe a mesa.”

Fiquei surpresa por conseguir comer. Acho que fiquei tão impressionada com a disputa velada entre Gideon e meu pai que nem percebi que estava enfiando comida na boca. De um lado da mesa, Cary entretinha Ireland e a fazia soltar gargalhadas que me faziam sorrir o tempo todo. Do outro lado, meu pai estava sentado na ponta da mesa, com Gideon à sua esquerda e eu à direita.

Eles estavam conversando. Começaram falando de beisebol, como eu imaginava, depois mudaram o assunto para golfe. À primeira vista, pareciam ambos tranquilos, mas o ar em torno deles estava absolutamente carregado. Reparei que Gideon não estava usando seu caríssimo relógio de pulso. Estava tentando parecer o mais “normal” possível.

Mas nada que ele fizesse era capaz de mudar seu caráter. Não havia como esconder o que de fato era — um macho dominante, dono de um império, um homem cheio de privilégios. Cada gesto que ele fazia, cada palavra que dizia denunciava isso.

Ele e meu pai disputavam para ver quem dominaria o recinto, e desconfiei que me usavam como desculpa para isso. Como se eu não tivesse nenhum controle sobre minha vida e minhas escolhas.

Ainda assim, eu entendia que meu pai só tinha conseguido assumir *de fato* sua função paterna nos últimos quatro anos, e não abriria mão dela facilmente. Gideon, por outro lado, estava pleiteando uma posição que eu não estava pronta para ceder a ele.

E estava usando o anel que eu havia dado. Tentei não tirar nenhuma conclusão a partir disso, mas era uma esperança. Estava disposta a acreditar.

Terminamos de comer e eu estava me levantando para pegar a sobremesa quando o interfone tocou. Atendi.

“Eva? Os detetives Graves e Michna estão aqui”, informou a moça da recepção.

Olhei para Cary, imaginando que a polícia havia descoberto quem o agredira. Dei permissão para que subissem e voltei correndo para a mesa de jantar.

Cary estava curioso, com as sobrancelhas erguidas.

“É a polícia”, revelei. “Acho que descobriram alguma coisa.”

O foco da atenção do meu pai imediatamente mudou. “Pode deixar que eu abro a porta.”

Ireland me ajudou a limpar a mesa. Tínhamos acabado de pôr os copos na pia quando a campainha tocou. Enxuguei as mãos num pano de prato e fui para a sala.

Os dois detetives que estavam na porta não eram os que eu esperava, os que haviam interrogado Cary no hospital na segunda-feira.

Gideon apareceu vindo do corredor, enfiando o celular no bolso.

Eu queria saber quem estava ligando para ele a noite toda, mas não disse nada.

“Eva Tramell”, disse a mulher, entrando no meu apartamento. Era uma moça magra, com uma expressão bem séria e olhos azuis inteligentes e afiados, sua característica mais marcante. Seus cabelos eram castanhos e ondulados, e seu rosto estava sem maquiagem. Ela usava calça, sapatos pretos sem salto, camisa de botão e uma jaqueta de tecido leve, que não escondia o distintivo e a arma presos no cinto. “Sou a detetive Shelley Graves, da polícia de Nova York. Esse é meu parceiro, detetive Richard Michna. Sinto muito incomodar a senhorita a esta hora numa sexta.”

Michna era mais velho, mais alto e mais corpulento. Seus cabelos estavam ficando grisalhos nas têmporas e começando a rarear no topo da cabeça, mas seu rosto era marcante e seus olhos escuros percorriam toda a sala enquanto Graves falava comigo.

“Olá”, cumprimentei.

Meu pai fechou a porta, e algo em sua postura ou na maneira como ele se movia chamou a atenção de Michna. “Você é da polícia?”

“Da Califórnia”, explicou meu pai. “Estou aqui de visita. Eva é minha filha. De que assunto vieram tratar?”

“Gostaríamos de fazer algumas perguntas, senhorita Tramell”, informou Graves. Ela olhou para Gideon. “E para o senhor também, senhor Cross.”

“É sobre Cary?”, perguntei.

Ela olhou de relance para ele. “Por que não sentamos um pouco?”

Fomos todos para a sala, mas apenas Ireland e eu sentamos. Os outros preferiram ficar de pé, e meu pai se encarregou de empurrar a cadeira de Cary.

“Belo apartamento”, comentou Michna.

“Obrigada.” Olhei para Cary, tentando entender o que estava acontecendo.

“Faz quanto tempo que você está na cidade?”, o detetive perguntou para meu pai.

“Só vim passar o fim de semana.”

Graves sorriu para mim. “Você vai com frequência à Califórnia visitar seu pai?”

“Só faz alguns meses que mudei pra cá.”

“Fui pra Disneylândia uma vez quando era criança”, ela contou. “Já faz um bom tempo, claro. Mas sempre quis voltar lá.”

Franzi a testa, sem entender por que estávamos jogando conversa fora.

“Temos umas perguntinhas bem simples pra fazer”, disse Michna, puxando um bloquinho de anotações do bolso do casaco. “Não queremos tomar ainda mais o tempo de vocês.”

Graves acenou com a cabeça, sem tirar os olhos de mim. “Você conhece um homem chamado Nathan Barker, senhorita Tramell?”

A sala toda começou a girar. Cary soltou um palavrão, ficou de pé e deu alguns passos vacilantes para sentar ao meu lado. Ele agarrou minha mão.

“Senhorita Tramell?” Graves se sentou na outra ponta do sofá de canto.

“Ele era filho de um ex-padrasto dela”, interveio Cary. “Por quê?”

“Quando foi a última vez que você viu Barker?”, Michna quis saber.

No tribunal… Tive que fazer força para engolir em seco e mesmo assim não consegui. “Oito anos atrás”, respondi com a voz embargada.

“Você sabia que ele estava em Nova York?”

Ai, meu Deus. Sacudi a cabeça violentamente.

“Mas que conversa é essa?”, interrompeu meu pai.

Olhei desesperada para Cary, depois para Gideon. Meu pai não sabia nada sobre Nathan. E eu não queria que soubesse.

Cary apertou com força minha mão. Gideon nem olhou para mim.

“Senhor Cross”, interpelou a detetive Graves. “E quanto ao senhor?”

“E quanto a mim o quê?”

“Conhece Nathan Barker?”

Implorei com os olhos para que Gideon não dissesse nada na frente do meu pai, mas ele não desviou seu foco nem por um instante.

“Não estaria me perguntando isso se já não soubesse a resposta”, foi o que ele se limitou a dizer.

Meu estômago se revirou. Estremeci violentamente. Ainda assim, Gideon não olhava para mim. Meu cérebro estava tentando processar o que estava acontecendo… o que aquilo significava… aonde ia chegar.

“Existe algum motivo para todas essas perguntas?”, indagou meu pai.

Meu coração disparou, acelerado de pavor. Só a ideia de que Nathan poderia estar por perto bastava para me deixar em pânico. Eu estava ofegante. A sala toda girava diante dos meus olhos. Pensei que fosse desmaiar.

Graves me observava como um cão de caça. “Você pode me dizer onde estava ontem, senhorita Tramell?”

“Onde eu estava?”, repeti. “Ontem?”

“Não responda”, ordenou meu pai. “Esta conversa só vai continuar quando vocês disserem por que estão aqui.”

Michna acenou com a cabeça, como se já esperasse aquela interrupção. “Nathan Barker foi encontrado morto esta manhã.”

16

Assim que o detetive Michna terminou a frase, meu pai interrompeu o interrogatório. “Não temos mais nada a dizer”, ele disse, bem sério. “Caso tenham mais perguntas, ela poderá responder na presença de um advogado.”

“E quanto ao senhor Cross?” O olhar de Michna se voltou para Gideon. “Se importaria em dizer onde esteve ontem?”

Gideon saiu de trás do sofá. “Podemos conversar enquanto eu levo vocês até a saída.”

Fiquei olhando para ele, mas sem resposta.

O que mais Gideon não queria que eu soubesse? O que estaria escondendo de mim?

Ireland enlaçou seus dedos aos meus. Cary estava sentado ao meu lado do sofá. Ireland estava do outro lado, enquanto o homem que eu amava permanecia a vários metros de distância e não tinha me dirigido nem um olhar na última meia hora. Senti um tremendo frio na barriga.

Os detetives anotaram meus telefones, depois saíram com Gideon. Percebi que meu pai olhava para ele com reprovação.

“Vai ver ele foi comprar um anel de noivado pra você”, sussurrou Ireland, “e não quer estragar a surpresa.”

Apertei sua mão como uma forma de agradecer por ser tão carinhosa comigo e por ter uma visão tão positiva do irmão. Eu torcia para que ele nunca a decepcionasse ou desiludisse. Da mesma forma como *eu* estava desiludida. Gideon e eu nunca seríamos nada — jamais teríamos uma verdadeira ligação — se ele não conseguisse ser sincero comigo.

Por que não tinha me contado sobre Nathan?

Larguei as mãos de Cary e Ireland, levantei e fui até a cozinha. Meu pai foi atrás.

“Quer me contar o que está acontecendo?”, perguntou.

“Não faço a menor ideia. Isso tudo é novidade pra mim.”

Ele se apoiou no balcão e ficou me observando. “O que aconteceu entre você e Nathan Barker? Parecia que você ia desmaiar quando ouviu o nome dele.”

Comecei a enxaguar os pratos e pôr na lava-louças. “Ele era um menino problemático, pai. Só isso. E não gostou quando seu pai se casou de novo, muito menos com uma mulher que já tinha uma filha.”

“E por que Gideon teria alguma coisa a ver com ele?”

“Essa é uma boa pergunta.” Agarrei a beirada da pia, baixei a cabeça e fechei os olhos. Era isso que estava me afastando de Gideon — *Nathan*. Eu sabia.

“Eva?” As mãos de meu pai pousaram sobre meus ombros e apertaram meus músculos tensos e doloridos. “Está tudo bem?”

“S-só estou cansada. Não tenho dormido muito bem ultimamente.” Fechei a torneira e deixei o restante dos pratos na pia. Fui até o armário onde guardávamos nossas vitaminas e remédios de primeira necessidade e tomei dois analgésicos que davam bastante sono. Queria uma noite tranquila e sem sonhos. Precisava descansar para estar em condições de descobrir o que seria preciso fazer.

Olhei para meu pai. “Você faz companhia para Ireland até Gideon voltar?”

“Claro.” Ele me deu um beijo na testa. “Amanhã a gente se fala.”

Ireland veio até mim antes que eu fosse até ela. “Você está bem?”, perguntou ao entrar na cozinha.

“Estou indo deitar, se você não se importa. Sei que é falta de educação da minha parte, mas…”

“Não, tudo bem.”

“Sinto muito. De verdade.” Eu a puxei e a abracei. “Vamos nos encontrar de novo. Quem sabe só nós duas? Um dia de spa ou umas compras…”

“Claro. Me liga?”

“Ligo, sim.” Eu a soltei e atravessei a sala em direção ao corredor.

A porta da frente se abriu e Gideon entrou. Nossos olhares se encontraram. Sua expressão não revelava absolutamente nada. Desviei os olhos, fui para o quarto e tranquei a porta.

Acordei às nove da manhã, sentindo-me meio grogue e bem mal-humorada, mas o cansaço brutal havia passado. Eu sabia que precisava ligar para Stanton e minha mãe, mas não sem antes tomar uma dose de cafeína.

Lavei o rosto, escovei os dentes e fui para a sala. Estava quase na cozinha — de onde vinha um delicioso cheiro de café — quando a campainha tocou. Meu coração disparou. Era uma reação instintiva à possibilidade da presença de Gideon, uma das únicas três pessoas que tinham permissão para subir sem serem anunciadas pelo interfone.

Mas, quando abri a porta, quem estava lá era minha mãe. Fiz um esforço para esconder minha decepção, mas ela nem deve ter notado. Passou direto por mim com seu vestido verde-água justíssimo, exibindo todos os contornos de seu corpo impecável de uma forma ao mesmo tempo elegante, sexy e apropriada à sua idade. Com base apenas na aparência, ela parecia ser minha irmã.

Minha mãe ainda lançou um olhar atravessado para a minha calça de moletom e minha camiseta folgada antes de dizer: “Eva. Meu Deus. Você nem imagina…”.

“Nathan morreu.” Fechei a porta e olhei preocupada para o corredor, na direção do quarto de hóspedes, torcendo para que meu pai ainda estivesse no fuso horário da Califórnia.

“Ah.” Ela se virou e me encarou, e pude olhar direito para seu rosto. Sua boca estava contraída de preocupação, seus olhos azuis pareciam perturbados. “A polícia já veio aqui? Eles acabaram de sair lá de casa.”

“Eles vieram ontem à noite.” Fui para a cozinha, mais especificamente até a cafeteira.

“Por que você não disse nada? Teríamos vindo. Você precisava ter *no mínimo* um advogado presente.”

“Foi uma visita bem rápida, mãe. Quer café?” Levantei a jarrinha.

“Não, obrigada. E você não deveria beber tanto café. Faz mal.”

Pus a jarrinha de volta na cafeteira e abri a geladeira.

“Minha nossa, Eva”, murmurou minha mãe enquanto me olhava. “Você sabe quantas calorias tem o leite integral?”

Entreguei uma garrafinha de água para ela e fui fazer meu café com leite. “Eles ficaram aqui por mais ou menos meia hora e foram embora. Eu não disse nada a não ser que Nathan era meu irmão de criação e que não o vejo há oito anos.”

“Ainda bem que você não disse mais nada.” Ela abriu a garrafinha de água.

Peguei minha caneca. “Vamos até a antessala do meu quarto.”

“Hã? Por quê? Você nunca fica lá.”

Ela tinha razão, mas era uma boa maneira de evitar um encontro surpresa entre meus

pais.

“Mas *você* gosta de lá”, rebati. Passamos pelo meu quarto e fechei a porta atrás de nós, soltando um suspiro de alívio.

“Gosto mesmo daqui”, comentou minha mãe, olhando ao redor da antessala.

Claro que gostava — ela tinha decorado aquele lugar. Eu também gostava, mas não via muita utilidade nele. Pensei em transformá-lo num quarto para Gideon, mas essa necessidade poderia nem existir mais. Ele se afastara de mim, escondera o fato de Nathan estar na cidade e de que saíra para jantar com a ex-noiva. Exigiria uma explicação e, dependendo de qual fosse, tentaríamos uma reaproximação ou tomaríamos a atitude dolorosa de seguir cada um com sua vida.

Minha mãe se sentou com toda a elegância no sofá, mantendo os olhos em mim. “Você precisa tomar cuidado com a polícia, Eva. Se eles aparecerem de novo, ligue para Richard que ele manda os advogados para cá.”

“Por quê? Não sei por que eu deveria tomar cuidado com o que falo. Não fiz nada de errado. Nem sabia que ele estava na cidade.” Vi que ela desviou os olhos quando eu disse aquilo e perguntei num tom de voz bem firme: “O que está acontecendo, mãe?”.

Ela deu um gole em sua água antes de falar. “Nathan apareceu no escritório de Richard na semana passada. Pediu dois milhões e meio de dólares.”

Senti minha pulsação acelerar. “*Quê?*”

“Ele queria dinheiro”, ela disse, toda tensa. “Muito dinheiro.”

“E por que achou que ia conseguir esse dinheiro com Richard?”

“Ele tem… ele *tinha* fotos, Eva.” Seu lábio inferior começou a tremer. “E vídeos. De você.”

“Ah, meu Deus.” Deixei o café de lado com as mãos trêmulas e me inclinei sobre mim mesma, enfiando a cabeça entre os joelhos. “Ah, meu Deus. Estou passando mal.”

Gideon também havia visto Nathan — ele mesmo confessou isso ao responder à pergunta dos detetives. Se tivesse visto as fotos… e se sentido enojado por elas… isso explicaria por que havia se afastado de mim. E por que estava tão perturbado quando apareceu na minha cama. Poderia até me querer, mas não conseguiria lidar com aquelas imagens em sua cabeça.

É assim que vai ter que ser, ele havia dito.

Deixei escapar um ruído terrível. Não conseguia nem imaginar o que Nathan poderia ter fotografado ou filmado. E não queria.

Não era à toa que Gideon mal conseguia me olhar. Quando fizemos amor pela última vez, fora na escuridão total. Ele conseguia me ouvir, conseguia me cheirar e me sentir, mas não me ver.

Abafei um grito de dor mordendo meu antebraço.

“Não, meu amor!” Minha mãe se ajoelhou diante de mim, puxando-me da cadeira para o chão, onde ela podia me embalar. “Shh. Já passou. Ele está morto.”

Eu me aninhei em seu colo, com a certeza de que estava tudo acabado — Gideon nunca mais seria meu. Ele estava sofrendo por virar as costas para mim, mas eu entendia por que havia feito isso. Se olhar para mim o fazia se lembrar dos eventos mais traumáticos de seu próprio passado, como ele seria capaz de suportar isso? Como eu seria capaz de suportar isso?

Minha mãe acariciava meus cabelos. Senti que ela também estava chorando. “Shh”, ela me acalmou, com a voz embargada. “Calma, meu amor. Eu estou aqui. Vou cuidar de você.”

Por fim, não havia mais lágrimas. Eu estava me sentindo vazia, mas do vazio surgiu a lucidez. Não havia como mudar o passado, mas impedir que as pessoas que eu amava sofressem por causa dele dependia só de mim.

Eu sentei e enxuguei os olhos.

“Você não deveria fazer isso”, minha mãe me repreendeu. “Esfregar os olhos desse jeito provoca rugas.”

Por alguma razão, achei engraçadíssima a preocupação da minha mãe com eventuais pés de galinha em um momento como aquele. Tentei segurar, mas acabei soltando uma gargalhada.

“Eva Lauren!”

A indignação dela me pareceu igualmente engraçada. Comecei a rir ainda mais e não conseguia parar. Gargalhei até meu corpo começar a doer e eu precisar deitar no chão.

“Ora, pare com isso!” Ela sacudiu meu ombro. “Não tem graça nenhuma.”

Ri até conseguir arrancar mais lágrimas dos meus olhos.

“Eva, é sério!” Mas ela também estava sorrindo.

Ri até não aguentar mais e começar a soluçar, sem lágrimas e em silêncio. Ouvi o risinho contido da minha mãe, e por algum motivo ela pareceu a pessoa perfeita para aplacar meu sofrimento. Eu não conseguia explicar, mas, por mais fragilizada e exposta que eu me sentisse, a presença da minha mãe — com suas manias e suas implicâncias que

me deixavam maluca — era exatamente o que eu precisava.

Com as mãos sobre a barriga convulsionada, respirei profundamente para me acalmar. “Foi ele que providenciou tudo?”, perguntei, já mais tranquila.

O sorriso desapareceu de seu rosto. “Quem? Richard? Providenciou o quê? O dinheiro? Ah…”

Eu me mantive em silêncio.

“Não!”, ela protestou. “Richard não faria isso. Não é assim que ele resolve as coisas.”

“Tudo bem. Mas eu precisava perguntar.” Eu também não era capaz de acreditar que Stanton mandaria matar alguém. Já Gideon…

Seus pesadelos deixavam claro que seu desejo de vingança era marcado pela violência. E eu tinha visto sua briga com Brett. Aquela lembrança estava gravada na minha memória. Gideon era capaz de fazer aquilo e tinha antecedentes…

Inspirei profundamente e soltei o ar com força. “O que a polícia já sabe?”

“Tudo.” Seus olhos exalavam ternura e culpa. “A confidencialidade da ficha de Nathan foi deixada de lado quando ele morreu.”

“E como ele morreu?”

“Não disseram.”

“Bom, isso não deve fazer diferença. O motivo eles já têm.” Passei a mão pelos cabelos. “E provavelmente não acham que algum de nós tenha se envolvido pessoalmente com o crime. Você tem um álibi, não? Stanton também?”

“Sim. Você também, não?”

“Sim.” Já quanto a Gideon, eu não sabia. Não que fizesse diferença. Ninguém seria capaz de achar que homens como Gideon e Stanton se dariam ao trabalho de se livrar de alguém como Nathan com as próprias mãos.

Havia mais de um motivo — a chantagem e a vingança — e meios também. E os meios levavam à ocasião.

Penteei os cabelos de novo e joguei água no rosto, o tempo todo preocupada em como fazer para tirar minha mãe do apartamento. Quando a vi mexendo nas roupas do meu closet — sempre preocupada com meu estilo e minha aparência —, descobri o que precisava fazer.

“Lembra aquela saia que comprei na Macy’s?”, perguntei. “Aquela verde?”

“Ah, sim. É uma graça.”

“Nunca usei, porque não consegui encontrar nada que combinasse com ela. Você me ajuda?”

“Eva”, ela disse, desanimada. “Você já deveria ter seu próprio estilo a esta altura… e não deveria incluir calça de moletom!”

“Me ajude, mãe. Já volto.” Peguei a caneca de café como um pretexto para sair do quarto. “Não saia daqui.”

“E para onde eu iria?”, ela rebateu, com a voz abafada por estar dentro do meu closet.

Dei uma olhada rápida na sala e na cozinha. Meu pai não estava por ali, e a porta do quarto estava fechada. O mesmo valia para Cary. Fui correndo de volta para o meu quarto.

“Que tal esta?”, ela perguntou, segurando uma blusa de seda cor de champanhe. Era uma combinação linda e muito elegante.

“Adorei! Você é demais! Obrigada. Mas acho que precisa ir, não é? Não quero ficar segurando você aqui.”

Minha mãe franziu a testa. “Não estou com pressa.”

“E Stanton? A cabeça dele deve estar fervilhando por causa disso. E hoje é sábado… ele sempre reserva os fins de semana pra você. Stanton também precisa da sua companhia.”

E, de verdade, estava me sentindo muito mal por causar a ele tanto estresse. Stanton tinha gastado uma enorme quantidade de tempo e dinheiro em assuntos referentes a mim e a Nathan desde que se casara com minha mãe, quatro anos antes. Ele havia feito tudo o que estava em seu poder e esteve sempre ao nosso lado. Durante o resto da minha vida, teria minha gratidão.

“Sua cabeça também está fervilhando por causa disso”, ela argumentou. “Quero ficar aqui com você, Eva. Quero oferecer meu apoio.”

Senti um nó na garganta. Eu compreendia que sua intenção era tentar compensar o que havia acontecido comigo, já que se sentia incapaz de perdoar a si mesma. “Está tudo bem”, eu disse com a voz embargada. “Vou ficar bem. E, sinceramente, me sentiria mal de tirar você de Stanton depois de tudo o que ele fez por nós. Você é a recompensa dele, um pedacinho do céu ao fim de uma semana de trabalho interminável.”

Ela abriu um sorriso encantador. “É muito amável da sua parte.”

Sim, era o que eu achava quando Gideon falava coisas parecidas para mim.

Parecia impossível que, uma semana antes, estivéssemos naquela casa de praia, apaixonadíssimos e consolidando firmemente nossa relação.

Mas naquele momento estávamos quase rompidos, e eu não sabia por quê. Estava chateada e magoada por ter me escondido algo tão importante quanto a presença de Nathan em Nova York. Estava furiosa por não me ter dito o que pensava e como estava se sentindo. Por outro lado, eu também era capaz de entender. Ele era um homem acostumado durante anos e anos a não se abrir sobre questões pessoais e não estávamos juntos havia tempo suficiente para mudar um hábito assim. Eu não podia culpá-lo simplesmente por ser quem era, assim como não podia culpá-lo por não ser capaz de conviver com meus traumas.

Com um suspiro, fui até minha mãe e a abracei. “Sua visita… era o que eu precisava, mãe. Rir, chorar e ficar com você. Nada poderia ter me feito tão bem. Obrigada.”

“Ah, é?” Ela me abraçou com força e pareceu pequena e delicada nos meus braços, apesar de termos a mesma altura e ela estar de salto. “Pensei que estava deixando você louca.”

Eu me inclinei para trás e sorri. “Acho que por um instante, sim, mas você me ajudou a me recuperar. E Stanton é um ótimo sujeito. Sou muito grata pelo que fez por nós. Por favor, diga isso pra ele.”

De braços dados, peguei sua bolsa na minha cama e saímos em direção à porta da sala. Ela me abraçou de novo, acariciando minhas costas. “Me ligue hoje à noite e amanhã também. Quero saber se está tudo bem.”

“Certo.”

Minha mãe olhou bem para mim. “E vamos marcar um dia de spa na semana que vem. Se o médico de Cary não permitir que ele vá, podemos marcar uma sessão aqui mesmo. Seria bom para todo mundo um pouquinho de mordomia e cuidados com a aparência.”

“Gostei da sua maneira de dizer que estou um caco.” Estávamos ambas estressadíssimas, mas ela conseguia esconder isso muito melhor do que eu. A sombra de Nathan ainda pairava sobre nós como uma nuvem negra, era capaz de arruinar nossa vida e acabar com a paz. Só que fazíamos de tudo para parecer melhor do que realmente estávamos. Era assim que agíamos nessas situações. “Mas você tem razão… vai ser bom pra nós e vai melhorar bastante o astral de Cary, mesmo se ele só puder fazer as unhas.”

“Vou providenciar tudo. Mal posso esperar!” Minha mãe abriu o lindo sorriso que era sua marca registrada e…

… foi exatamente com isso que meu pai deparou quando abri a porta do apartamento. Ele ficou ali parado, com a chave de Cary nas mãos, que tinha acabado de pegar para pôr na fechadura. Estava usando bermuda e tênis de corrida, com a camisa suada jogada sobre o ombro. Com a respiração acelerada, a pele bronzeada coberta de suor e sua musculatura rígida, Victor Reyes era uma visão e tanto.

E estava olhando para a minha mãe de uma maneira no mínimo indecente.

Desviando os olhos do meu gatíssimo pai para minha glamourosa mãe, fiquei chocada ao perceber que ela o olhava da mesma maneira.

De todas as maneiras que havia para descobrir que meus pais ainda eram apaixonados um pelo outro, aquela era na certa uma das mais inusitadas. Eu até imaginava que ele mantivesse seus sentimentos intactos, mas sempre pensei que ela se envergonhasse de seu envolvimento com meu pai, que o considerasse um erro que tinha ficado no passado.

“Monica.” A voz dele estava mais grave e mais profunda do que nunca, e seu sotaque latino se acentuou ainda mais.

“Victor.” Minha mãe estava ofegante. “O que está fazendo aqui?”

Ele ergueu uma das sobrancelhas. “Estou visitando nossa filha.”

“Mamãe já está indo embora”, interferi, triste por não poder ver mais da interação entre meus pais, mas motivada por um sentido de lealdade em relação a Stanton, que era o homem ideal para minha mãe. “Ligo pra você mais tarde, mãe.”

Meu pai nem esboçou se mexer, limitando-se a olhar minha mãe de cima abaixo. Então ele soltou um suspiro e abriu caminho.

Minha mãe saiu pelo corredor a caminho do elevador, mas no último minuto voltou atrás. Pôs a mão espalmada sobre o peito do meu pai, ficou na ponta dos pés, beijou seu rosto de um lado e depois do outro.

“Tchauzinho”, ela sussurrou.

Observei enquanto ela caminhava com passos um tanto vacilantes e apertava o botão, de costas para nós. Meu pai só tirou os olhos dela quando o elevador se fechou e desceu.

Ele soltou o ar com força quando entramos no apartamento.

Fechei a porta. “Como é que eu não sabia que vocês dois ainda eram loucos um pelo outro?”

A expressão em seu rosto era de um sofrimento de cortar o coração. A agonia desesperadora de uma ferida reaberta. “Porque isso não significa nada.”

“Não acredito nisso. O amor significa muita coisa.”

“Mas não é garantia de nada.” Ele ironizou: “Você consegue imaginar sua mãe como esposa de um policial?”.

Fiz uma careta.

“Pois é”, ele respondeu, desgostoso, limpando a testa com a camiseta. “Às vezes o amor não basta. E, quando é assim, pra que é que ele serve?”

Eu tinha todos os motivos para compreender muito bem a amargura daquelas palavras. Passei do seu lado e fui até a cozinha.

Ele veio atrás de mim. “Você está apaixonada por Gideon Cross?”

“Isso não está na cara?”

“E ele está apaixonado por você?”

Por pura falta de disposição, larguei minha caneca na pia e peguei outras duas limpas. “Não sei. Ele me quer por perto, e às vezes sinto que esse desejo é mais forte que ele. Acho que Gideon faria qualquer coisa por mim, porque no fim das contas abalei um pouco sua estrutura.”

Mas ele não conseguia dizer que me amava. Não conseguia se abrir sobre seu passado. E, aparentemente, não conseguia lidar com a manifestação concreta do *meu* passado.

“Você tem uma cabeça muito boa.”

Tirei os grãos de café do congelador para fazer uma jarra fresquinha. “Isso é altamente discutível, pai.”

“Não tenta se enganar. Isso é bom.” Ele abriu um leve sorriso quando virei o pescoço para olhá-lo. “Usei seu tablet para ver meus e-mails hoje de manhã. Estava na mesinha de centro. Espero que não se importe.”

Sacudi a cabeça. “Fique à vontade.”

“Aproveitei para navegar um pouquinho na internet. Fazer uma pesquisa sobre Cross.”

Senti meu coração se apertar. “Você não gostou dele.”

“Ainda não me decidi quanto a isso.” A voz do meu pai se tornou mais distante enquanto ele andava pela sala, depois ficou mais audível quando reapareceu com o tablet na mão.

Enquanto eu moía o café, ele tirou o tablet da capa e começou a bater os dedos na tela.

“Fica difícil julgar com base em apenas uma noite. Eu precisava de mais informações.

Encontrar alguma foto de vocês dois para ver se a coisa parecia promissora.” Seus olhos estavam concentrados na tela. “Mas o que encontrei foi outra coisa.”

Ele virou o tablet para mim. “Você pode me explicar isso? É outra irmã dele?”

Larguei o café moído no balcão, cheguei mais perto e vi o artigo que meu pai tinha encontrado na coluna social. Havia uma foto de Gideon e Corinne em um evento. Seu braço envolvia a cintura dela, em uma pose de familiaridade e intimidade. Seu rosto estava bem perto do dela, seus lábios quase tocavam sua pele. Ela segurava uma bebida na mão e sorria.

Peguei o tablet para ler a legenda: *Gideon Cross, CEO das Indústrias Cross, e Corinne Giroux em um evento publicitário da vodca Kingsman*.

Meus dedos tremeram ao rolar a página para cima e ler o breve artigo em busca de mais afirmações. Fiquei abismada ao saber que o evento havia ocorrido na quinta-feira, das seis às nove, em um local que era propriedade de Gideon e que eu conhecia bem até demais. Ele tinha me comido ali, além de dezenas de outras mulheres.

Gideon havia faltado à nossa consulta com o dr. Petersen para ir com Corinne ao matadouro.

Era *aquilo* que ele não queria contar na frente dos detetives. Seu álibi era uma noite — talvez inteira — passada com outra mulher.

Larguei o tablet com um cuidado até excessivo antes de soltar o suspiro que estava preso na minha garganta. “Ela não é irmã dele.”

“Foi o que imaginei.”

Olhei para ele. “Você pode terminar de fazer o café pra mim, por favor? Preciso dar um telefonema.”

“Claro. Depois vou tomar um banho.” Ele foi até mim e segurou a minha mão. “Vamos sair e esquecer tudo isso. Que tal?”

“Parece ótimo.”

Tirei o telefone da base e fui para o quarto. Liguei para o celular de Gideon e esperei. Ele atendeu no terceiro toque.

“Cross”, ele disse, embora meu nome provavelmente tivesse aparecido na tela. “Não posso falar agora.”

“Então só escute. Não vai demorar muito. Só um minuto. Um minutinho da merda do seu maldito tempo. Isso você pode me dar?”

“Sério, n…”

“Nathan mostrou fotos minhas pra você?”

“Este não é o momen…”

“Sim ou não?”, gritei.

“Sim”, ele confessou.

“E você quis ver?”

Ele fez uma longa pausa antes de responder. “Sim.”

Suspirei. “Muito bem. Acho que você foi um babaca completo me mandando para o consultório do doutor Petersen mesmo sabendo que não iria porque ia sair com outra mulher. Isso é coisa de canalha de quinta categoria, Gideon. E, pra piorar, era um evento da Kingsman, o que deveria ter pelo menos *algum* valor sentimental pra você, considerando que foi assim que…”

Ouvi o ruído abrupto de uma cadeira sendo empurrada para trás. Eu me apressei, desesperada para conseguir dizer o que queria antes que ele desligasse.

“Acho que você foi um covarde por não dizer na minha cara que estava tudo terminado antes de começar a trepar com outra.”

“Merda, Eva.”

“Mas também queria dizer que, apesar de achar que você fez tudo da maneira mais errada possível e por isso quebrou meu coração e me fez perder todo o respeito por você, ainda assim não te culpo pela maneira como se sentiu depois de ver aquelas fotos. Isso eu consigo entender.”

“Pare com isso.” Sua voz era quase um sussurro, o que me fez imaginar que Corinne estava com ele naquele exato momento.

“Não quero que você se sinta culpado, tá bom? Depois de tudo por que passamos… Não que eu saiba o que passou, porque você nunca me contou, mas enfim…” Suspirei e estremeci ao sentir minha voz embargada. Para piorar, quando abri a boca de novo, ficou claro que eu estava chorando. “Não se sinta culpado. É só isso que eu queria dizer.”

“Pelo amor de Deus”, ele murmurou. “Pare com isso, Eva.”

“Já parei. Espero que você…” Fechei a mão sobre as pernas. “Esquece. Tchau.”

Desliguei e atirei o telefone sobre a cama. Tirei a roupa e, a caminho do chuveiro, arranquei o anel que Gideon havia me dado. Deixei a água na temperatura mais quente que minha pele era capaz de suportar e sentei no box.

Eu estava exaurida.

17

Durante o resto do fim de semana, meu pai e eu passeamos pela cidade. Fizemos o tradicional roteiro da comilança — cheesecake do Junior’s, cachorro-quente do Gray’s Papaya e pizza do John’s, que levamos para comer no apartamento com Cary. Subimos no Empire State Building, mas nos contentamos em ver de longe a Estátua da Liberdade. Pegamos uma matinê na Broadway e passeamos pela Times Square, que estava terrivelmente cheia naquele dia de calor, mais ainda assim o passeio valeu a pena pela performance dos artistas de rua — alguns deles seminus. Tirei algumas fotos com o celular e mandei para Cary, para que ele pudesse rir um pouco.

Meu pai ficou bem impressionado com a sensação de segurança na cidade e gostou de ver os policiais montados a cavalo. Demos uma volta de carruagem no Central Park e desbravamos juntos o metrô. Eu o levei ao Rockefeller Center, à Macy’s e ao Crossfire, que ele mesmo admitiu ser um edifício que se destacava em meio às outras construções também imponentes. Mas nossa principal preocupação era ficar juntos. Mais do que passear ou conversar, simplesmente curtir a presença um do outro.

Enfim descobri como ele e minha mãe tinham se conhecido. Quando o pneu de seu carrão esportivo furou, ela foi parar na oficina em que ele trabalhava. Essa história me fez lembrar de “Uptown Girl”, a música de Billy Joel, e eu disse isso a ele. Meu pai riu e disse que aquela era uma de suas canções preferidas. Contou que ainda se lembrava do momento em que a vira aparecer ao volante de seu brinquedinho de milhares de dólares para virar sua vida de cabeça para baixo. Segundo ele, minha mãe era a coisa mais linda que ele tinha visto… até eu nascer.

“Você tem mágoa dela, pai?”

“Eu tinha.” Ele me abraçou pelo ombro. “Nunca vou perdoar sua mãe por não ter posto meu sobrenome em você. Mas agora não me aborreço mais com essa coisa de dinheiro. Sei que jamais a faria feliz no longo prazo, e ela também sempre soube disso.”

Balancei a cabeça, lamentando por todos nós.

“E, sendo bem sincero”, ele suspirou e apoiou o rosto na minha cabeça por um instante, “por mais que não possa bancar as coisas que o marido dela tem a oferecer, fico feliz que você desfrute de tudo isso. Não sou orgulhoso a ponto de não querer admitir que tem uma vida melhor por causa das escolhas que ela fez. Estou feliz com o que tenho. A vida que

levo me satisfaz e tenho uma filha que me enche de orgulho. Me considero um homem rico, porque não existe nada no mundo que eu queira e não tenha.”

Parei de caminhar para abraçá-lo. “Eu te amo, pai. Estou muito feliz que você está aqui.”

Ele me envolveu em seus braços e eu senti que no fim tudo ficaria bem. Tanto meu pai como minha mãe conseguiam viver bem longe da pessoa que amavam.

Eu também conseguiria.

Entrei em depressão depois que meu pai foi embora. Os dias seguintes se arrastaram. Precisava repetir para mim mesma o tempo todo que não deveria esperar nenhum tipo de contato com Gideon, mas quando ia para a cama chorava sozinha até cair no sono por mais um dia ter se passado sem notícias dele.

As pessoas mais próximas de mim pareciam preocupadas. Steven e Mark foram solícitos até demais no nosso almoço de quarta-feira. Fomos ao restaurante mexicano onde Shawna trabalhava, e os três se esforçaram o máximo possível para que eu me divertisse. Deu certo, porque eu adorava sair com eles e não queria vê-los preocupados, mas havia um vazio dentro de mim impossível de preencher, e além de tudo eu estava preocupada com as investigações sobre a morte de Nathan.

Minha mãe ligava todos os dias, perguntando se a polícia havia entrado em contato comigo de novo — não havia — e me informando dos contatos dela e de Stanton com os detetives.

Estava preocupada com o fato de eles estarem no pé de Stanton, mas, como sabia que meu padrasto era inocente, tinha certeza de que jamais descobririam nada que pudesse incriminá-lo. Ainda assim… Eu me perguntava se algum dia eles descobririam qualquer coisa que fosse. Obviamente se tratava de um homicídio, caso contrário não estariam investigando. Nathan era novo na cidade, quem poderia querer matá-lo?

No fundo, o que eu acreditava mesmo era que aquilo só podia ser obra de Gideon. Isso tornava ainda mais difícil esquecê-lo, já que parte de mim — a garotinha que um dia eu havia sido — desejava a morte de Nathan havia tempos. Queria que ele sofresse o que me fez sofrer durante anos. Perdi minha inocência por causa dele, além da virgindade. Perdi a autoestima e o respeito por mim mesma. E, no fim, ainda perdi um bebê em um aborto terrível quando eu mesma não passava de uma criança.

Passei a encarar cada dia de uma vez, cada minuto de uma vez. Obriguei-me a ir aos

treinos de krav maga com Parker, a ver tevê, a sorrir e dar risada quando possível — principalmente perto de Cary — e a acordar todas as manhãs pronta para começar tudo de novo. Tentava ignorar o sentimento de luto que havia dentro de mim, mas nada era mais nítido do que a dor que me açoitava como um sofrimento contínuo e prolongado. Comecei a perder peso e, apesar de dormir bastante, sentia-me cansada o tempo todo.

Na quinta-feira, no sexto dia pós-Gideon, versão 2.0, deixei uma mensagem para a recepcionista do dr. Petersen informando que eu e Gideon não iríamos mais à terapia. Naquela noite, pedi para Clancy me levar até o prédio de Gideon e deixei o anel que tinha me dado e a chave de seu apartamento em um envelope lacrado na recepção. Não deixei um bilhete porque já havia falado tudo o que tinha a dizer.

Na sexta-feira, outro gerente de contas júnior contratou um assistente, e Mark me perguntou se eu podia ajudar no processo de adaptação do novo contratado. Seu nome era Will, e gostei dele logo de cara. Seus cabelos escuros eram ondulados, mas cortados bem curtinhos. Ele usava costeletas compridas e óculos quadrados que combinavam bem com seu rosto. Bebia refrigerante em vez de café e namorava a mesma garota desde os tempos de escola.

Passei quase a manhã toda apresentando-o às pessoas que trabalhavam na agência.

“Você gosta daqui”, ele comentou.

“Adoro.” Eu sorri.

Will sorriu de volta. “Ainda bem. Estava meio com o pé atrás. Você não parecia muito animada, mesmo quando dizia coisas legais.”

“Foi mal. Estou saindo de um relacionamento complicado.” Procurei não me estender muito. “Está difícil mostrar empolgação neste momento, mesmo com as coisas que eu mais adoro. Como meu trabalho.”

“Sinto muito”, ele disse, com seus olhos escuros exalando compaixão.

“É, eu também.”

Quando chegou o sábado, Cary já estava bem melhor. Suas costelas ainda estavam enfaixadas, e o braço ficaria engessado por um bom tempo, mas ele já estava se virando sozinho e não precisava mais da enfermeira.

Minha mãe reuniu uma verdadeira equipe de beleza no nosso apartamento — seis mulheres de avental branco que tomaram conta da sala. Cary estava no paraíso. Desfrutava de tudo sem o menor pudor. Minha mãe parecia cansada, o que não combinava muito com ela. Eu sabia que ela estava preocupada com Stanton. E talvez andasse pensando em meu pai também. Para mim era quase impossível que não estivesse, depois de vê-lo pela

primeira vez em quase vinte e cinco anos. O desejo dele me pareceu vivíssimo e intenso. Não dava nem para imaginar o efeito que aquilo havia tido sobre ela.

Quanto a mim, era ótimo poder estar com duas pessoas que me amavam e me conheciam bem a ponto de saber que não deveriam dizer o nome de Gideon nem ficar pegando no meu pé por eu estar deprimida. Minha mãe trouxe uma caixa das minhas trufas Knipschildt preferidas, que eu saboreei aos poucos. Era a única das minhas autoindulgências que ela não criticava. Minha mãe sabia reconhecer o direito das mulheres ao chocolate.

"O que você vai querer fazer?", Cary perguntou, olhando-me com o rosto todo lambuzado. Ele ia cortar os cabelos no estilo de sempre, nem muito curto nem muito comprido, e fazer as unhas do pé com as pontas bem quadradas.

Lambi o chocolate dos dedos e pensei na minha resposta. Da última vez em que tínhamos ido a um spa, eu havia acabado de concordar em ter um caso com Gideon. Seria nosso primeiro encontro, e eu sabia que ia transar. Escolhi um tratamento destinado à sedução, que deixou minha pele bem macia e perfumada com fragrâncias supostamente afrodisíacas.

Naquele momento, a situação era outra. Em certo sentido, era uma chance para recomeçar. As investigações sobre a morte de Nathan eram uma preocupação para todos nós, mas o fato de ele ter partido para sempre tinha me libertado de uma maneira que eu nem sabia necessária. Em algum lugar na minha mente, o medo persistia. Sempre havia a possibilidade de nos encontrarmos de novo enquanto ele estivesse vivo. E essa possibilidade tinha deixado de existir.

Era também uma chance para abraçar o estilo de vida de Nova York de uma maneira diferente daquela como eu vinha fazendo até ali. Eu nunca estava disponível. Não podia ir a lugar nenhum com ninguém. Enfim poderia ser quem *quisesse*. Quem seria a Eva Tramell que morava em Manhattan e tinha o emprego dos sonhos em uma agência de publicidade? Eu ainda não sabia. Até então, tinha sido uma recém-chegada de San Diego atraída para a órbita de um homem enigmático e inacreditavelmente poderoso. *Aquela* Eva estava em seu oitavo dia pós-Gideon, versão 2.0, encolhida em um canto lambendo suas feridas e por lá ficaria um bom tempo. Talvez para sempre, porque eu não conseguia imaginar que algum dia fosse me apaixonar de novo daquela maneira. Para o bem ou para o mal, Gideon era minha alma gêmea. Minha cara-metade. Em certo sentido, um reflexo de mim.

"E então?", Cary me cutucou, olhando para mim.

"Quero fazer tudo", declarei, decidida. "Um novo corte de cabelo. Mais curto,

despojado e chique. E quero pintar as unhas de um vermelho bem vivo, das mãos e dos pés. Quero uma nova Eva."

Cary ergueu as sobrancelhas. "As unhas, com certeza. Os cabelos, não sei. Você não devia tomar decisões como essa quando está arrasada por causa de um cara. Pode voltar pra te assombrar."

Levantei o queixo. "Estou decidida, Cary Taylor. Você tem duas opções: ou me ajuda ou cala a boca e só fica olhando."

"Eva!" Minha mãe praticamente guinchou. "Você vai ficar linda! Sei exatamente o que fazer com seus cabelos. Você vai *amar*!"

Cary abriu um sorriso. "Legal, então, gata. Vamos ver como é que vai ser essa nova Eva."

No fim, a nova Eva era uma jovem sensual, elegante e moderna. Meus cabelos loiros outrora longos estavam na altura dos ombros e cortados em camadas bem definidas, com mechas platinadas emoldurando meu rosto. Fiz maquiagem também, para ver o que combinaria melhor com meu novo penteado, e descobri que para a cor dos meus olhos a sombra cinza era a ideal, além de um batom rosa.

No fim, acabei deixando de lado as unhas vermelhas e optando por um tom chocolate. Adorei. Pelo menos naquele momento. Eu era obrigada a admitir que estava passando por uma fase de mudanças.

"Certo, retiro o que disse", comentou Cary depois de soltar um assobio. "Essa separação claramente fez bem pra você."

"Está vendo?", completou minha mãe, sorrindo. "Eu disse! Agora sim você está com um visual urbano e sofisticado."

"É assim que você chama isso?" Olhei meu reflexo no espelho, surpresa com a transformação. Eu parecia um pouco mais velha. E formal. E com certeza sensual. Era um alívio ver outra pessoa no lugar daquela menina cheia de olheiras com quem eu estava deparando no espelho fazia quase duas semanas. De alguma forma, meu rosto mais magro e meus olhos tristes combinavam com aquele visual.

Minha mãe insistiu que fôssemos jantar fora, para nos exibir. Ela ligou para Stanton e mandou que se arrumasse para sair, e pelo jeito como terminou a conversa deu para perceber que ele estava adorando seu entusiasmo juvenil. Ela deixou a escolha do lugar e

as demais providências por conta dele e voltou a concentrar sua atenção na minha produção, escolhendo um vestidinho preto no meu closet. Enquanto eu o experimentava, ela apanhou um vestido cor de marfim, um pouco mais formal.

“Pode pegar”, eu disse a ela, achando divertido e sensacional o fato de que minha mãe podia tranquilamente usar as roupas de alguém quase vinte anos mais nova.

Quando ficamos prontas, ela foi até o quarto de Cary para ajudá-lo a se trocar.

Fiquei observando da porta enquanto minha mãe causava um rebuliço ao redor dele, falando o tempo todo sem ao menos esperar uma resposta. Cary se limitava a ficar ali parado com um sorriso no rosto, acompanhando-a com os olhos com uma expressão de contentamento enquanto ela percorria sem parar todo o quarto.

Suas mãos alisaram os ombros largos de Cary, esticando o tecido de linho de sua camisa, e depois ela deu um nó muito bem-feito em sua gravata, dando um passo atrás para admirar sua obra. A manga do braço engessado estava desabotoada e dobrada, e em seu rosto persistiam alguns hematomas já um tanto amarelados, mas nada capaz de minimizar o efeito que Cary Taylor causava quando se arrumava para sair.

O sorriso da minha mãe iluminou o quarto. “Maravilhoso, Cary. Simplesmente maravilhoso.”

“Obrigado.”

Ela chegou mais perto e beijou seu rosto. “Quase tão lindo por fora quanto por dentro.”

Ele piscou algumas vezes e se virou para mim, com seus olhos verdes parecendo confusos. Inclinei-me para dentro do quarto e disse: “Existem pessoas que conseguem ver o que existe dentro de você, Cary Taylor. Essa sua aparência não nos engana. A gente sabe que você tem um coração enorme”.

“Vamos lá”, disse minha mãe, pegando-nos pela mão e nos levando do quarto.

Quando descemos para o saguão do prédio, encontramos a limusine de Stanton à nossa espera. Ele desceu do banco de trás, abraçou minha mãe e a beijou de leve no rosto, pois sabia que ela não ia querer que seu batom borrasse. Stanton era um homem bonito com cabelos brancos e olhos bem azuis. Algumas marcas da idade já se faziam notar no em rosto, mas isso não mudava o fato de ele ser uma pessoa atraente, ativa e em boa forma física.

“Eva!” Ele me abraçou também e me deu um beijou no rosto. “Você está estonteante.”

Sorri, mas fiquei em dúvida se a escolha daquele adjetivo não significava que eu tinha exagerado na produção.

Stanton apertou a mão de Cary e deu um tapinha de leve em seu ombro. “Que bom ver você pronto para outra, garotão. Você nos deu um tremendo susto.”

“Obrigado. Por tudo.”

“Não precisa agradecer”, afirmou Stanton, fazendo um sinal com a mão. “De jeito nenhum.”

Minha mãe respirou fundo, depois soltou o ar com força. Seus olhos brilhavam na direção de Stanton. Ela percebeu que eu a estava observando e abriu um sorriso de alegria.

Acabamos indo a um clube exclusivo com música ao vivo — uma banda completa e dois cantores, um homem e uma mulher. Eles iam se revezando ao longo da noite, oferecendo o acompanhamento perfeito para um jantar à luz de velas servido em uma cabine forrada de veludo que parecia saída de uma foto dos tempos áureos da alta sociedade de Manhattan. Eu obviamente achei tudo um charme.

Enquanto esperávamos a sobremesa, Cary me tirou para dançar. Já havíamos feito aulas de dança juntos, por insistência da minha mãe, mas fomos obrigados a pegar leve por causa das condições físicas dele. Ficamos basicamente nos balançando sem sair do lugar, curtindo a felicidade de terminar um dia agradável com uma refeição compartilhada com pessoas que amávamos.

“Olha só esses dois”, Cary disse, observando Stanton conduzir admiravelmente minha mãe pela pista de dança. “Ele é louco por ela.”

“Pois é. E ela faz bem pra ele. Eles se completam.”

Cary olhou para mim. “Está pensando no seu pai?”

“Um pouco.” Passei meus dedos pelos seus cabelos, pensando em madeixas mais longas e grossas como fios de seda. “Nunca imaginei que fosse uma pessoa romântica. Quer dizer, gosto de gestos românticos e daquela sensação de ficar boba e apaixonada. Mas essa coisa de príncipe encantado e casamentos felizes para sempre nunca me convenceu.”

“Você e eu, gata, somos traumatizados demais. Só precisamos encontrar alguém que satisfaça nossas necessidades na cama e aceite nosso lado perturbado.”

Abri um sorriso amargo. “E, por algum motivo, me deixei enganar pensando que Gideon seria essa pessoa. Que o amor era tudo de que eu precisava. Acho que foi porque nunca pensei que fosse me apaixonar daquele jeito, e por causa da lenda de que, quando acontece, você vive feliz pra sempre.”

Cary beijou minha testa. “Sinto muito, Eva. Sei que você está sofrendo. Queria poder

fazer alguma coisa pra ajudar.”

“Não sei por que nunca pensei em me concentrar só em encontrar alguém com quem pudesse ser feliz.”

“Pena que a gente não sente tesão um pelo outro. Seria perfeito.”

Dei risada e apoiei a cabeça em seu peito.

Quando a canção terminou, voltamos para a mesa. Senti dedos se enrodilhando na minha cintura e virei a cabeça…

Dei de cara com Christopher Vidal Jr., o meio-irmão de Gideon.

“Queria que você me concedesse a próxima dança”, ele disse com seu sorriso de menino. Não havia nem sinal do homem malicioso que eu vira em um vídeo filmado secretamente por Cary em uma festa na residência dos Vidal.

Cary apareceu ao meu lado e me olhou com uma expressão de interrogação.

Meu primeiro instinto foi repelir Christopher, mas então olhei ao redor. “Você está sozinho?”

“Isso faz diferença?” Ele me pegou nos braços. “Sou eu que quero dançar com você. Ela está em boas mãos”, ele disse para Cary, levando-me para a pista.

Tínhamos nos conhecido exatamente daquele jeito, com um convite para uma dança. Foi no mesmo dia do meu primeiro encontro com Gideon, e as coisas não estavam muito boas entre nós já àquela altura.

“Você está maravilhosa, Eva. Adorei seu cabelo.”

Consegui abrir um sorriso amarelo. “Obrigada.”

“Relaxe”, ele disse. “Você está toda tensa. Eu não mordo.”

“Desculpe. É que não sei se você está acompanhado e não quero que ninguém se aborreça por minha causa.”

“Estou só com meus pais e o empresário de um cantor que quero contratar para a Vidal Records.”

“Ah.” Meu sorriso de repente se tornou mais sincero. Era o que eu esperava ouvir.

Enquanto dançávamos, eu continuava olhando ao redor. Reparei que, quando a música terminou, Elizabeth Vidal se levantou. Ela pediu licença para os presentes à mesa e eu pedi licença para Christopher, que reclamou.

“Preciso retocar a maquiagem”, eu disse.

“Certo. Mas faço questão de pagar um drinque quando você voltar.”

Fui atrás de sua mãe, ainda em dúvida se deveria ou não dizer a Christopher que o considerava um canalha da pior espécie. Eu não sabia se Magdalene havia contado a ele sobre o vídeo. Se não tivesse, deveria ter uma boa razão para tanto.

Fiquei esperando Elizabeth na porta do banheiro. Quando ela apareceu, viu-me ali parada no corredor e sorriu. A mãe de Gideon era uma mulher belíssima, com longos cabelos pretos e o mesmo par de olhos azuis deslumbrantes de seu filho e de Ireland. Só de olhar para ela meu coração se apertou. Eu sentia muita falta de Gideon. Precisava lutar a cada momento contra o impulso de ir atrás dele e me submeter ao que quisesse.

“Eva.” Ela me cumprimentou com beijos estalados no ar. “Christopher bem que falou que era você. Nem a reconheci. Você está tão diferente com esse cabelo. Ficou uma graça.”

“Obrigada. Preciso falar com você. Em particular.”

“Ah, é?” Ela franziu a testa. “Aconteceu alguma coisa? É sobre Gideon?”

“Venha comigo.” Fiz um sinal para continuarmos andando pelo corredor, na direção da saída de emergência.

“Do que se trata?”

Quando nos afastamos dos banheiros, eu disse a ela. “Lembra quando Gideon era criança e contou que tinha sido abusado?”

Ela ficou pálida. “Ele te contou sobre isso?”

“Não. Mas vi os pesadelos que ele tem. Pesadelos horrorosos, violentos, em que grita por misericórdia.” Meu tom de voz era grave e crispado de raiva. Precisei me segurar para conter minhas mãos quando vi sua expressão ao mesmo tempo envergonhada e desafiadora. “Era sua obrigação proteger e ajudar seu filho!”

Ela levantou o queixo. “Você não sabe…”

“O que aconteceu antes de você ficar sabendo não foi culpa sua.” Eu me aproximei dela, obrigando-a a dar um passo atrás. “Mas você tem total responsabilidade sobre o que aconteceu depois de ele ter contado.”

“Vá à merda”, ela soltou. “Você não sabe do que está falando. Que desrespeito é esse? Falando comigo desse jeito, fazendo acusações sem o menor cabimento?”

“Desrespeito coisa nenhuma. Seu filho é uma pessoa profundamente traumatizada por causa disso, e sua recusa em acreditar nele tornou tudo mil vezes pior.”

“Você acha que eu permitiria que meu próprio filho fosse violentado?” Seu rosto estava vermelho de raiva e seus olhos brilhavam. “Gideon foi examinado por dois pediatras diferentes à procura de… indícios. Fiz tudo o que estava ao meu alcance.”

“A não ser acreditar nele. O mínimo que poderia fazer como mãe.”

“Sou mãe de Christopher também. Ele estava lá e jura que não aconteceu nada. Em quem eu acreditaria, se não havia provas? Nada confirmava o que Gideon dizia.”

“Ele não precisava provar nada. Era só uma criança!” A raiva que eu sentia reverberava pelo meu corpo. Meus punhos estavam cerrados, prontos para atacá-la. E não só pelo que Gideon havia passado, mas também pelas consequências para nosso relacionamento. “Seu papel era ficar do lado dele, de qualquer maneira.”

“Gideon era um menino problemático. Fazia terapia para superar a morte do pai, estava desesperado por atenção. Você não sabe como ele era naquela época.”

“Sei como ele é hoje. É um homem magoado e ressentido, que não sabe dar valor a si mesmo. E em boa parte por culpa sua.”

“Vá para o inferno.” Ela se virou e saiu andando.

“Já estou lá!”, gritei para as costas dela. “Assim como seu filho.”

Passei o domingo inteiro sendo a velha Eva.

Trey estava de folga e saíra com Cary para almoçar e ir ao cinema. Fiquei feliz em vê-los juntos, animada por estarem tentando de novo. Cary não recebera a visita de mais ninguém aqueles dias, o que me levou a pensar que estava revendo suas amizades. Para mim, eram todos falsos amigos — na hora do aperto, não queriam nem saber.

Com o apartamento inteiro à minha disposição, dormi até bem tarde, empanturrei-me de porcarias e nem me dei ao trabalho de tirar o pijama. Chorei por Gideon na privacidade do meu quarto, olhando para a colagem de fotos que costumava ficar na minha mesa na agência. Sentia falta do peso do anel no meu dedo e do som de sua voz. Sentia falta do toque de suas mãos e de seus lábios, e da maneira possessiva como ele cuidava de mim.

Quando saí do apartamento na segunda-feira, voltei a ser a nova Eva. Com sombra cinza, batom rosa e o novo corte de cabelo, senti que conseguiria fingir ser outra pessoa durante o resto do dia. Alguém que não estava magoada, perdida e morrendo de raiva.

Vi o Bentley de Gideon estacionado quando saí do prédio, mas Angus nem se deu ao trabalho de sair do carro, pois sabia que eu não aceitaria a carona. Não entendia por que

Gideon o fazia perder tempo daquele jeito, mantendo-o sempre à minha disposição. Não fazia o menor sentido, a não ser que ele estivesse se sentindo culpado. E o sentimento de culpa era uma coisa que eu detestava, já que afetava a maior parte das pessoas que faziam parte da minha vida. Meu desejo era que todos se esquecessem de tudo e seguissem em frente. Como eu estava tentando fazer.

A manhã na Waters Field & Leaman passou bem rápido, porque eu precisava me preocupar em ajudar Will, o novo assistente de gerência, além de cumprir minhas tarefas habituais. Para minha satisfação, ele não se abstinha de fazer perguntas, o que me mantinha ocupada com outra coisa que não fosse contar as horas, os minutos e os segundos que tinham se passado desde que eu havia visto Gideon pela última vez.

"Você está ótima, Eva", comentou Mark quando entrei em seu escritório. "Já está melhor?"

"Na verdade, não. Mas chego lá."

Ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa. "Steven e eu terminamos uma vez, quando estávamos juntos fazia um ano e meio, mais ou menos. Estávamos brigando demais e decidimos seguir cada um seu caminho. Foi um horror, nossa", ele disse com veemência. "Detestei cada minuto. Levantar de manhã era um sacrifício, e ele também sofreu do mesmo jeito. Enfim… se você precisar de alguma coisa…"

"Obrigada. O melhor que você pode fazer por mim é me manter ocupada. Não quero ter tempo pra pensar em mais nada que não seja trabalho."

"Isso eu posso fazer."

Na hora do almoço, Will e eu fomos com Megumi a uma pizzaria ali perto. Ela contou sobre seu princípio de namoro, e Will narrou suas aventuras com os móveis da Ikea que ele e a namorada haviam comprado e precisavam montar sozinhos no apartamento vazio. E, para minha alegria, eu podia falar sobre o dia de spa.

"Vamos passar o fim de semana nos Hamptons", contou Megumi no caminho de volta para o Crossfire. "Os avós dele têm uma casa lá. Não é o máximo?"

"Com certeza." Passei pela catraca ao seu lado. "Eu também queria ter um lugar pra poder fugir desse calor."

"Então!"

"É bem mais divertido que montar móveis", resmungou Will, seguindo um pequeno grupo de pessoas até um dos elevadores. "Não vejo a hora de tudo isso acabar."

A porta começou a se fechar, mas de repente se abriu de novo. Gideon entrou no

elevador. A energia palpável e tão familiar que emanava dele me atingiu como um soco. Senti um arrepio que começou na espinha e se espalhou por meu corpo todo. Os cabelos da minha nuca se eriçaram.

Megumi virou para mim, mas sacudi a cabeça. Sabia que o melhor a fazer era não olhar diretamente para ele. Não dava para ter certeza de que não tomaria uma atitude precipitada ou desesperada. Eu já havia tido o privilégio de tocá-lo, pegar sua mão, encostar nele, passar os dedos por seus cabelos. Sentia uma dor terrível dentro de mim por não poder fazer mais nada disso. Precisei morder os lábios para abafar um gemido de agonia ao senti-lo de novo tão próximo de mim.

Eu mantinha a cabeça baixa, mas era capaz de *sentir* os olhos de Gideon em mim. Continuei conversando com meus colegas, lutando para me concentrar em uma conversa sobre móveis e concessões necessárias para coabitar um espaço com alguém do sexo oposto.

À medida que o elevador ia parando nos andares, o número de pessoas lá dentro diminuía. Eu controlava a posição de Gideon com o canto do olho, ciente de que ele nunca entrava em elevadores tão lotados, desconfiando, torcendo e rezando que estivesse ali apenas para me ver, ficar perto de mim, mesmo que fosse em uma situação tão impessoal.

Quando chegamos ao vigésimo andar, respirei fundo e me preparei para sair, lamentando o fato de estar prestes a me afastar da única coisa no mundo que fazia com que me sentisse verdadeiramente viva.

A porta se abriu.

“Espere.”

Meus olhos se fecharam. Parei ao ouvir o comando de sua voz. Sabia que deveria continuar andando como se nem tivesse ouvido. Sabia que uma interação com ele só me magoaria ainda mais, mesmo que durasse um minuto. Mas como poderia resistir? Quando o assunto era Gideon, era impossível.

Abri espaço para meus colegas saírem. Will franziu a testa ao ver que eu não ia com eles, mas Megumi o puxou para fora. A porta se fechou.

Eu me encolhi em um canto, com o coração saindo pela boca. Gideon estava à espera do lado oposto, como quem exigia uma explicação. À medida que nos aproximávamos do último andar, meu corpo ia reagindo à sua vontade quase palpável. Meus seios incharam e ficaram pesados, senti meu sexo se lubrificar. Eu estava louca de desejo por ele. Desesperada. Comecei a ofegar.

Ele não tinha nem encostado em mim e eu já arfava de tesão.

O elevador parou. Gideon sacou a chave do bolso e enfiou no painel, trancando a porta. Então veio até mim.

Estávamos separados por apenas alguns centímetros. Mantive a cabeça baixa e os olhos em seus sapatos luxuosos. Ouvi sua respiração, acelerada como a minha. Senti o aroma sutilmente masculino de sua pele e minha pulsação disparou.

“Vire, Eva.”

Estremeci ao ouvir aquele tom autoritário, tão familiar e que eu amava tanto. Fechei os olhos e obedeci, depois soltei o ar com força ao senti-lo grudado em mim, espremendo-me contra a parede do elevador. Seus dedos se entrelaçaram aos meus, mantendo minhas mãos na altura dos ombros.

“Você está tão linda”, ele sussurrou, com o rosto colado aos meus cabelos. “Chega a doer.”

“Gideon. O que você está fazendo?”

O desejo exalava de seu corpo e me envolvia. Seu corpo forte estava todo rígido, estremecia de tensão. Ele estava excitado, e ao sentir seu pau duro contra meu corpo não pude reprimir a vontade de senti-lo mais de perto. Eu o queria dentro de mim. Preenchendo-me. Completando-me. Sentia-me vazia sem ele.

Gideon respirou profundamente. Seus dedos apertavam inquietamente os meus, como se ele quisesse tocar outras partes do meu corpo, mas estivesse tentando se controlar.

Senti o anel que havia lhe dado contra a minha pele. Virei a cabeça para olhar e, ao vê-lo ainda em seu dedo, fiquei confusa e agoniada.

“Por quê?”, murmurei. “O que você quer de mim? Uma gozada? Você quer me comer, Gideon? É isso? Despejar sua porra dentro de mim?”

Ele prendeu a respiração ao ouvir aquelas palavras serem usadas contra ele daquela maneira. “Não faça isso.”

“O que eu não posso fazer? Dizer as coisas claramente?” Fechei os olhos. “Tudo bem. Vai em frente. Não precisa pôr esse anel no dedo pra fingir que suas intenções são outras.”

“Eu não tirei o anel. Nem vou tirar. *Nunca*.” Sua mão direita largou a minha, e ele a enfiou no bolso. Gideon pôs o anel que havia me dado no meu dedo e levou minha mão à boca. Ele a beijou, depois levou os lábios — apressados, rígidos, furiosos — até meu rosto.

“Espere”, ele se limitou a dizer.

E saiu. O elevador começou a descer. Minha mão direita se fechou, e eu me afastei da

parede, ofegante.

Espere. O quê?

18

Quando desci do elevador no vigésimo andar, estava recomposta e determinada. Megumi abriu a porta para mim e ficou de pé. “Está tudo bem?”

Parei na mesa dela. “Não faço a menor ideia. Aquele homem é um caso sério.”

Ela ergueu as sobrancelhas. “Depois me conta tudo.”

“Eu devia escrever um livro”, murmurei, perguntando-me enquanto voltava para minha baia por que estavam todos tão ouriçados com minha vida amorosa.

Quando cheguei à mesa, deixei a bolsa na última gaveta e liguei para Cary.

“Oi”, cumprimentei quando ele atendeu. “Se você estiver sem fazer nada…”

“Se?”, ele perguntou, ironizando.

“Lembra aquela pasta que você fez com informações sobre Gideon? Você pode fazer outra, sobre o doutor Terrence Lucas?”

“Claro. Conheço esse cara?”

“Não. É um pediatra.”

Ele fez uma pausa, depois perguntou: “Você está grávida?”.

“Não! Que absurdo. E, se estivesse, procuraria um obstetra.”

“Ufa. Certo. Como se escreve o nome dele?”

Passei todas as informações para Cary, descobri onde ficava o consultório do dr. Lucas e marquei uma consulta. “Não vou precisar nem fazer ficha”, eu disse à recepcionista. “Só preciso tirar umas dúvidas.”

Depois disso, liguei para a Vidal Records e deixei uma mensagem para Christopher me ligar.

Quando Mark voltou do almoço, fui até sua sala e bati na porta. “Oi. Preciso tirar uma horinha de manhã pra ir ao médico. Tudo bem se eu chegar às dez e ficar até as seis?”

“Das dez às cinco já está ótimo, Eva.” Ele me lançou um olhar cauteloso. “Está tudo bem?”

“Melhor a cada dia.”

“Ótimo.” Ele sorriu. “Fico feliz de ouvir isso.”

Voltei logo ao trabalho, mas fiquei pensando o tempo todo em Gideon. Não parava de olhar para o meu anel, lembrando das palavras que ele tinha dito ao me dá-lo: *As cruzes são as intersecções entre mim e você.*

Eu precisava esperar. Por ele? Que voltasse para mim? Por quê? Não tinha entendido por que se afastara de mim daquele jeito. Nem por que esperava que eu o aceitasse de volta. Ainda mais com Corinne na jogada.

Passei o restante da tarde revivendo as duas semanas anteriores na minha cabeça, relembrando as conversas que havia tido com Gideon, as coisas que tinha dito ou feito, em busca de respostas. Quando saí do Crossfire no final do dia, vi o Bentley parado ali na frente e acenei para Angus, que sorriu em resposta. Eu estava enfrentando problemas com Gideon, mas o motorista dele não tinha culpa.

Na rua estava quente e úmido. Um horror. Passei na farmácia Duane Reade da esquina e comprei uma garrafinha de água para a caminhada até em casa e chocolate para depois da aula de krav maga. Quando saí, vi Angus à minha espera. Ao virar a esquina na direção do Crossfire para pegar o caminho de casa, vi Gideon saindo do prédio com Corinne. Sua mão estava na base da coluna dela, conduzindo-a para a Mercedes dele. Corinne estava sorrindo. A expressão de Gideon era impenetrável.

Horrorizada, não consegui me mexer nem desviar os olhos. Fiquei paralisada no meio da calçada lotada, com o estômago revirado pela tristeza, a raiva e uma terrível e asquerosa sensação de estar sendo traída.

Ele olhou para o lado e, quando me viu, imediatamente se deteve. O motorista latino que havia se oferecido para me levar ao aeroporto buscar meu pai abriu a porta de trás e Corinne desapareceu dentro do carro. Gideon permaneceu onde estava, com os olhos grudados nos meus.

Com certeza ele viu quando levantei a mão e ergui o dedo do meio.

Então um pensamento passou pela minha cabeça.

Dei as costas para Gideon e saí do meio da calçada, mexendo na bolsa em busca do celular. Liguei para minha mãe e perguntei: “Quando saímos pra almoçar com Megumi, você surtou quando voltamos para o Crossfire. Foi por que você o viu, né? Nathan. Você viu Nathan no Crossfire”.

“Sim”, ela admitiu. “Foi por isso que Richard decidiu que seria melhor pagar o que ele queria. Nathan disse que só deixaria você em paz se tivesse dinheiro para sair do país. Mas por que você está me perguntando isso?”

“Só me dei conta agora de que você tinha agido daquela maneira por causa dele.” Virei de novo para a frente e comecei a caminhada para casa com o passo acelerado. A Mercedes não estava mais lá, mas eu continuava possessa. “Preciso desligar, mãe. Falo com você mais tarde.”

“Está tudo bem?”, ela perguntou, ansiosa.

“Ainda não, mas chego lá.”

“Estou aqui se precisar de mim.”

Soltei um suspiro. “Eu sei. Fique tranquila. Te amo.”

Quando cheguei em casa, Cary estava sentado no sofá com o laptop no colo e os pés descalços sobre a mesa de centro.

“Oi”, ele cumprimentou sem tirar os olhos da tela.

Larguei minhas coisas por ali mesmo e tirei os sapatos. “Adivinha só?”

Ele olhou para mim através de uma mecha de cabelos caída sobre os olhos. “O quê?”

“Acho que Gideon resolveu se afastar de mim por causa de Nathan. Numa hora ele estava tudo bem, depois foi tudo por água abaixo, e logo a polícia apareceu dizendo que Nathan tinha morrido. Acho que uma coisa tem relação com a outra.”

“Faz sentido.” Ele franziu a testa. “Acho.”

“Só que Nathan esteve no Crossfire na segunda-feira da semana em que atacaram você. E eu sei que estava lá pra falar com Gideon. Tenho *certeza*. Nathan não iria atrás de mim em um lugar tão movimentado e cheio de seguranças.”

Ele se endireitou. “Certo. E o que isso tudo significa?”

“Que Gideon ficou numa boa mesmo depois de ver Nathan.” Joguei as mãos para o alto. “Ficou numa boa durante a semana inteira. Ficou mais do que numa boa durante nossa viagem no fim de semana. Estava numa boa na segunda de manhã depois que voltamos. Aí, do nada, ele pirou e mudou completamente na segunda à noite.”

“Entendi.”

“E o que foi que aconteceu na segunda?”

Cary ergueu as sobrancelhas. “Você vem perguntar pra mim?”

“Argh.” Agarrei meus próprios cabelos. “Estou perguntando para o vento. Pra Deus. Pra qualquer um. O que foi que aconteceu com meu namorado, porra?”

“Pensei que você tinha concordado em perguntar pra ele.”

“Só consegui duas respostas dele: *Confie em mim* e *Espere*. E hoje ele pôs o anel no meu dedo outra vez.” Mostrei minha mão. “E ainda está usando o que eu dei a ele. Você faz ideia de como isso é confuso? Não são simples anéis, são promessas. São símbolos de entrega e comprometimento. Por que Gideon ainda usa o dele? Por que quer que eu continue usando o meu? Ele quer mesmo que eu fique esperando enquanto trepa com Corinne até enjoar dela?”

“É isso que você acha que ele está fazendo? De verdade?”

Fechei os olhos e joguei a cabeça para trás. “Não. E não sei dizer se estou sendo ingênua ou enganando a mim mesma por livre e espontânea vontade.”

“O doutor Lucas tem alguma coisa a ver com isso?”

“Não.” Fui sentar com ele no sofá. “Você encontrou alguma coisa?”

“Fica meio difícil encontrar alguma coisa, gata, se não sei nem o que estou procurando.”

“Era só uma tentativa mesmo.” Olhei para a tela. “O que é isso?”

“A transcrição de uma entrevista que Brett deu ontem pra uma estação de rádio da Flórida.”

“Ah, é? Por que você está lendo isso?”

“Estava ouvindo ‘Golden’ e resolvi fazer uma pesquisa a respeito, aí apareceu isto aqui.”

Tentei ler, mas da posição em que eu estava não dava para enxergar direito a tela. “O que diz aí?”

“Perguntaram se realmente existia a tal Eva, e ele disse que sim, e que pouco tempo atrás retomou o contato com ela e espera ter uma segunda chance.”

“Quê? Você está brincando!”

“Estou nada.” Cary sorriu. “Você já tem alguém à espera no banco de reservas se não der jogo mesmo com Cross.”

Fiquei de pé. “Que seja. Estou com fome. Quer alguma coisa?”

“É um bom sinal que seu apetite esteja voltando.”

“Estou voltando com tudo”, afirmei. “E com sede de vingança.”

Esperei Angus aparecer na frente do meu prédio na manhã seguinte. Quando ele chegou, Paul, o porteiro do edifício, abriu a porta para mim.

“Bom dia, Angus”, cumprimentei.

“Bom dia, senhorita Tramell.” Ele me olhou pelo retrovisor e sorriu.

Quando ele arrancou com o carro, inclinei-me para a frente no vão entre os assentos dianteiros. “Você sabe onde mora Corinne Giroux?”

Ele me olhou de novo. “Sim.”

Eu me recostei de volta no banco traseiro. “É pra lá que eu quero ir.”

Corinne morava bem perto de Gideon, era só virar a esquina. Não podia ser coincidência.

Apresentei-me na portaria e tive que esperar vinte minutos até receber permissão para subir ao décimo andar. Toquei a campainha e quem abriu a porta foi uma Corinne de cara lavada e sem nenhuma produção, vestida apenas com um robe de seda longo. Ela era lindíssima, com seus cabelos negros sedosos e seus olhos cor de água-marinha, e se movia com uma elegância natural e admirável. Eu estava vestida com meu vestido cinza sem mangas favorito e fiquei feliz com a escolha. Perto dela, sempre me sentia meio sem sal.

“Eva”, ela sussurrou. “Que surpresa.”

“Desculpe aparecer sem avisar. Só preciso fazer uma perguntinha rápida.”

“Ah, é?” Ela manteve a porta parcialmente fechada e se apoiou no batente.

“Posso entrar?”, perguntei sem cerimônia.

“Hã…” Ela olhou para trás. “Acho melhor não.”

“Não me importa se você estiver acompanhada, e pode ficar tranquila que só vai levar um minutinho.”

“Eva.” Ela passou a língua pelos lábios. “Nem sei como dizer isso…”

Minhas mãos estavam tremendo, e eu senti um nó no estômago ao imaginar Gideon pelado atrás dela após ter sua foda matinal interrompida pela ex-namorada sem noção. Eu o conhecia bem o suficiente para saber que ele adorava fazer sexo de manhã.

Pensando bem, eu o conhecia bem mesmo. A ponto de poder dizer: “Vamos parar com a palhaçada, Corinne”.

Ela arregalou os olhos.

Abri um sorriso irônico. “Gideon é apaixonado por mim. Ele não está trepando com você.”

Ela logo se recompôs. “E nem com você. Disso eu sei bem, já que ele passa todo o tempo livre comigo.”

Muito bem. Teríamos aquela conversa no corredor mesmo, então. “Conheço bem Gideon. Nem sempre entendo o que ele faz, mas isso é outra história. Tenho certeza de que ele disse logo de cara que vocês dois não teriam futuro, porque não iludiria você. Ele já te magoou antes, e não vai cometer o mesmo erro de novo.”

“Que historinha interessante. Ele sabe que você está aqui?”

“Não, mas você vai contar. Fique à vontade. Só quero saber o que estava fazendo no Crossfire no dia em que saiu de lá como se tivesse acabado de dar uma trepada, assim como agora.”

Ela abriu um sorriso sarcástico. “O que você *acha* que eu estava fazendo?”

“Dando para Gideon é que não era!”, afirmei de maneira convicta, apesar de estar rezando em silêncio para não acabar fazendo papel de idiota. “Você me viu, não foi? Lá do saguão, você tinha uma visão perfeita do outro lado da rua e me viu chegando. Gideon contou pra você no jantar no Waldorf que eu era ciumenta. Você tinha dado uma rapidinha com alguém no prédio? Ou se descabelou toda de propósito antes de sair?”

A resposta estava na cara dela. Foi só um relance, pois Corinne logo conseguiu se controlar, mas eu vi.

“As duas hipóteses são absurdas”, ela respondeu.

Acenei com a cabeça, saboreando um momento de profundo alívio e contentamento. “Escuta só. Você nunca vai ter Gideon da maneira como gostaria. E eu sei como isso machuca. Estou convivendo com essa sensação há duas semanas. Sinto muito por você, de verdade.”

“Você pode enfiar sua solidariedade no cu”, ela explodiu. “Guarde pra si mesma. É comigo que ele está ficando sempre que pode.”

“E é aí que está sua redenção, Corinne. Se você prestar bem atenção, vai ver que ele está sofrendo. Seja uma boa amiga.” Virei as costas na direção do elevador e disse por cima do ombro: “Tenha um bom dia”.

Ela bateu a porta com força atrás de mim.

Quando voltei ao Bentley, pedi a Angus para me levar ao consultório do dr. Terrence

Lucas. Ele se deteve enquanto fechava a porta e me encarou. “Gideon não vai gostar nada disso, Eva.”

Concordei com a cabeça, compreendendo o aviso. “Eu me viro com ele.”

O edifício onde ficava o consultório do dr. Lucas era um tanto modesto, mas por dentro era espaçoso e acolhedor. O chão da sala de espera era revestido com tábuas de madeira escura e as paredes estavam cobertas de fotos de crianças e bebês. As revistas sobre maternidade ficavam organizadas nas estantes, e a sala de brinquedos para os pequenos era bem-arrumada e supervisionada.

Passei pela recepção e depois me sentei, mas pouco tempo depois fui chamada pela enfermeira. Fui conduzida ao escritório do dr. Lucas, não ao consultório, e ele se levantou da cadeira e saiu de trás da mesa quando cheguei.

“Eva.” Ele estendeu a mão e eu o cumprimentei. “Você não precisava marcar consulta.”

Abri um sorrisinho. “Eu não sabia como entrar em contato com você.”

“Sente.”

Eu me sentei, mas ele permaneceu em pé, apoiado contra a mesa, agarrando as bordas com as mãos. Era uma posição de quem queria mostrar que estava no controle, e não entendi por que ele achou necessário fazer isso ao falar comigo.

“Em que posso ajudar?”, ele perguntou. Tinha um ar tranquilo e confiante e um sorriso no rosto. Com sua boa aparência e sua educação, tenho certeza de que qualquer mãe confiaria em sua capacidade e integridade.

“Gideon Cross foi seu paciente, não foi?”

Ele fechou o rosto no mesmo instante e se endireitou. “Não posso falar sobre meus pacientes.”

“Quando você me disse que não podia comentar certos assuntos lá no hospital, não relacionei uma coisa à outra, não sei por quê.” Comecei a batucar com os dedos no apoio de braço da cadeira. “Você mentiu pra mãe dele. Por quê?”

Ele voltou para o outro lado da mesa, impondo um obstáculo entre nós. “Foi isso que ele disse pra você?”

“Não. Foi isso que deduzi. Em termos hipotéticos, por que você mentiria sobre o resultado de um exame?”

“Eu não faria isso. Agora vá embora.”

“Ah, qual é.” Eu me recostei e cruzei as pernas. “Esperava mais de você. E aquela

conversa de que Gideon é um monstro sem alma que corrompe as mulheres?”

“Fiz a minha parte e alertei você.” Seu olhar era duro, seus lábios estavam contorcidos. Ele não parecia mais tão bonito. “Se prefere jogar a sua vida fora, não há nada que eu possa fazer.”

“Ainda vou descobrir tudo. Só precisava perguntar isso cara a cara. Precisava saber se eu estava certa.”

“Não está. Cross nunca foi meu paciente.”

“Isso é só um detalhe… a mãe dele consultou você. E, quando se ressentir do homem por quem sua mulher se apaixonou, lembre o que fez com aquele menino que precisava da sua ajuda.” Minha raiva transparecia no meu tom de voz. Eu não era capaz de pensar no que havia acontecido com Gideon sem sentir um desejo de violência em relação às pessoas que tinham contribuído para seu sofrimento.

Descruzei as pernas e levantei. “O que aconteceu entre ele e sua mulher foi algo consensual entre adultos. O que aconteceu com ele quando criança foi um crime, e sua contribuição foi absurda.”

“Fora daqui.”

“Com prazer.” Abri a porta e dei de cara com Gideon, apoiado na parede do lado de fora do escritório. Ele agarrou meu braço com a mão, mas seus olhos estavam concentrados no dr. Lucas, cheios de ódio e fúria.

“Fica longe dela”, ele disse num tom áspero.

Lucas deu um sorrisinho carregado de malícia. “Foi ela que veio até mim.”

O sorriso que Gideon abriu em resposta me fez estremecer. “Quando Eva aparecer, é melhor você sair correndo na direção oposta.”

“Engraçado. Foi o mesmo conselho que dei a ela sobre você.”

Mostrei o dedo do meio para o médico.

Bufando, Gideon me pegou pela mão e me tirou dali. “Que história é essa de ficar mostrando o dedo para os outros?”

“Que é que tem? É um clássico.”

“Você não pode entrar aqui desse jeito!”, repreendeu a recepcionista quando passamos por ela.

Ele a encarou. “Não precisa mais chamar o segurança. Já estamos indo.”

Saímos para o corredor. “Angus me dedurou?”, perguntei, tentando livrar meu braço.

“Não. Pare de se debater. Todos os meus carros são rastreados por satélite.”

“Você é maluco. Sabia disso?”

Ele chamou o elevador e me encarou. “Ah, sou? E você? Resolveu sair por aí interrogando todo mundo. Minha mãe. Corinne. O filho da puta do Lucas. O que você está fazendo, Eva?”

“Não é da sua conta.” Levantei o queixo. “Terminamos, esqueceu?”

Ele cerrou os dentes. Estava de terno, com uma aparência de elegância e urbanidade, mas irradiava uma energia incontrolável e febril. O contraste entre o que eu via e o que estava sentindo aumentou meu desejo. Adoraria ter aquele homem por baixo do terno. Cada pedacinho delicioso e indomável dele.

O elevador chegou e nós entramos. A excitação tomou conta do meu corpo. Gideon tinha ido atrás de mim. Aquilo tinha me deixado com tesão. Ele enfiou uma chave no painel e eu rosnei de raiva.

“Existe algum prédio em Nova York que não seja seu?”

Gideon voou para cima de mim, com uma das mãos nos meus cabelos e a outra na minha bunda, atacando minha boca com um beijo violento. Ele não perdeu tempo. Foi logo enfiando a língua entre meus lábios.

Gemi e agarrei sua cintura, ficando na ponta dos pés para tornar aquele contato ainda mais profundo.

Gideon cravou com força os dentes no meu lábio inferior. “Você acha que basta dizer algumas palavras e tudo entre nós chega ao fim? Nossa história não vai acabar, Eva.”

Ele me prensou contra a lateral do elevador. Eu estava imobilizada por um metro e noventa centímetros de tesão violento.

“Estou com saudade”, murmurei, agarrando sua bunda e o apertando contra mim.

Gideon gemeu. “Meu anjo.”

Ele me atacava com beijos profundos e assumidamente desesperados que faziam meus dedos do pé se contorcerem dentro dos sapatos.

“O que você está fazendo?”, ele perguntou, ofegante. “Está revirando um monte de coisas.”

“Estou com muito tempo livre”, respondi, tão ofegante quanto ele, “já que dei um pé na bunda do meu namorado idiota.”

Ele grunhiu violenta e apaixonadamente, agarrando meus cabelos com tanta força que

até doía.

“Você não vai sair dessa com um beijo ou uma trepada, Gideon. Desta vez não.” Eu não conseguia largá-lo. Era quase impossível depois de passar semanas destituída do direito e da oportunidade de tocá-lo. Precisava daquilo.

Ele encostou a testa na minha. “Você precisa confiar em mim.”

Pus as mãos em seu peito e o empurrei. Ele permitiu que eu fizesse isso, mas manteve os olhos grudados em mim.

“Não dá, você não fala comigo.” Tirei a chave do painel e devolvi para ele. O elevador começou a descer. “Você me fez comer o pão que o diabo amassou. E de propósito. Queria me fazer sofrer. E continua fazendo. Não sei o que está pensando, garotão, mas essa merda toda de doutor Jekyll e senhor Hyde não está funcionando pra mim.”

Ele enfiou a mão no bolso com um movimento tranquilo e controlado, o que o fazia parecer especialmente perigoso. “É impossível controlar você.”

“Quando estou vestida é assim mesmo. Vai se acostumando.” A porta do elevador se abriu e eu saí. Ele foi atrás e pôs a mão na base da minha coluna, fazendo-me estremecer. Esse toque aparentemente inofensivo, por cima da roupa, sempre me deixara maluca de tesão. “Se puser a mão nas costas de Corinne desse jeito de novo, eu quebro seus dedos.”

“Você sabe que não quero mais ninguém”, ele murmurou. “Nem poderia. Meu desejo por você me consome por inteiro.”

Tanto o Bentley como a Mercedes estavam estacionados. O céu havia escurecido um pouco enquanto eu estava lá dentro, como se estivesse tramando alguma coisa, assim como o homem ao meu lado. Havia um clima carregado no ar, o primeiro sinal de uma tempestade de verão.

Parei sob a marquise do edifício e olhei para Gideon. “Vamos no mesmo carro, com você dirigindo. Precisamos conversar.”

“Era essa a minha ideia.”

Angus bateu na aba do quepe com os dedos e se posicionou atrás do volante. O outro motorista foi até Gideon e entregou as chaves.

“Senhorita Tramell”, ele cumprimentou.

“Eva, esse é Raul.”

“Nós já nos conhecemos”, eu disse. “Deu o recado pra ele da outra vez?”

Os dedos de Gideon se contraíram nas minhas costas. “Deu, sim.”

Sorri. “Obrigada, Raul.”

O motorista se posicionou no assento do passageiro do Bentley, enquanto Gideon me levava até a Mercedes e abria a porta para mim. Senti um arrepio de emoção quando ele se posicionou atrás do volante e ajustou o banco para acomodar suas longas pernas. Ele deu a partida e se lançou em meio ao trânsito, conduzindo com competência e confiança seu carro potente pelas ruas caóticas de Nova York.

“Ver você dirigindo me deixa com tesão”, comentei, notando a suavidade com que suas mãos manejavam a direção.

“Minha nossa.” Ele olhou para mim. “Você tem um fetiche por meios de transporte.”

“Tenho um fetiche por você.” Meu tom de voz se tornou mais grave. “Já faz semanas.”

“E estou odiando cada segundo. É um tormento pra mim, Eva. Não consigo me concentrar. Não consigo dormir. Perco a cabeça por qualquer besteira. Estou vivendo no inferno sem você.”

Nunca quis que ele sofresse, mas estaria mentindo se dissesse que meu sofrimento não se tornava menos amargo por saber que ele também sentia minha falta.

Eu me virei no assento para encará-lo. “Por que está fazendo isso com a gente?”

“Vi uma oportunidade surgir e resolvi aproveitar.” Seu maxilar estava cerrado. “Essa separação é o preço a pagar. Mas não vai durar pra sempre. Você precisa ter paciência.”

Sacudi a cabeça. “Não, Gideon. Não consigo. Não aguento mais.”

“Você não vai me deixar. Não vou permitir isso.”

“Mas eu já deixei. Você não percebeu? Estou vivendo minha vida, e você não tem participação nenhuma nela.”

“Estou participando como posso.”

“Mandando Angus me seguir? Qual é? Isso não é um relacionamento.” Encostei o rosto no assento. “Pelo menos não o que eu quero.”

“Eva.” Ele soltou o ar com força. “Meu silêncio é dos males o menor. Mesmo se eu explicasse tudo teria que manter você à distância, e isso ainda implicaria um risco. Você pode até achar que quer saber, mas tenho certeza de que vai se arrepender se eu contar. Confie em mim. Existem algumas coisas ao meu respeito que é melhor nem virem à tona.”

“Você vai precisar me dizer pelo menos algumas coisas.” Pus a mão em sua coxa e senti sua musculatura ficar rígida em reação ao meu toque. “Não sei o que pensar. Estou totalmente perdida.”

Ele pôs sua mão sobre a minha. “Você acredita em mim. Apesar de tudo o que viu, continuou acreditando. Isso é importantíssimo, Eva. Pra nós dois. Pra nossa relação.”

“Não temos mais relação nenhuma.”

“Pare de dizer isso.”

“Você queria minha confiança cega e conseguiu, mas isso é tudo o que tenho a oferecer. Aceitei conviver com o fato de não saber quase nada a seu respeito porque tinha você. Agora não tenho mais…”

“Tem, sim”, ele protestou.

“Mas não da maneira que quero e preciso.” Levantei um dos ombros, num gesto meio estranho. “Você me entregou seu corpo e eu me satisfiz com ele, porque era sua maneira de se abrir pra mim. Agora que não tenho mais isso, só sobraram promessas. E só isso não basta. Na sua ausência física, tudo o que tenho é o monte de coisas que você se recusa a me dizer.”

Ele estava olhando para a frente, mantendo o corpo rígido. Tirei a mão de sua perna e olhei para o outro lado, dando-lhe as costas enquanto observava a cidade em movimento.

“Se perder você, Eva”, ele disse com a voz embargada, “não vai me sobrar mais nada. Só estou fazendo tudo isso pra não te perder.”

“Preciso de mais.” Encostei a testa no vidro. “Se não puder ter você fisicamente, preciso ter acesso ao que existe dentro de você, mas isso eu também não posso ter.”

Prosseguimos em silêncio, andando lentamente em meio ao trânsito matinal. Um pingo forte de chuva se espatifou no para-brisa, sendo logo seguido por outro.

“Quando meu pai morreu”, ele disse sem se alterar, “custei a me acostumar com as mudanças. Lembro que as pessoas gostavam dele, estavam sempre por perto. Afinal, ele estava ganhando dinheiro pra um monte de gente. De repente o mundo virou de cabeça pra baixo e todo mundo começou a odiá-lo. Minha mãe, sempre tão feliz, começou a chorar o tempo todo. E a brigar com ele todos os dias. Isso foi o que mais me marcou… discussões e gritaria o tempo todo.”

Olhei para ele, observando sua silhueta impassível, mas não disse nada, com medo de estragar o momento.

“Ela logo se casou de novo. Mudamos de casa. Ela engravidou. Nunca sabia quando ia encontrar alguém que tinha se fodido por causa do meu pai, e as outras crianças me maltratavam muito. Por causa dos pais delas. E os professores também. A notícia correu o mundo. Até hoje as pessoas comentam sobre meu pai e o que ele fez. Fiquei morrendo de

raiva. De todo mundo. Tinha acessos de fúria o tempo todo. Quebrava coisas."

Gideon parou no sinal, sua respiração estava acelerada. "Quando Christopher nasceu, meu comportamento piorou ainda mais. Com cinco anos, ele resolveu agir como eu, dando um chilique na mesa de jantar e atirando o prato no chão. Minha mãe estava grávida de Ireland na época, e ela e Vidal decidiram que eu precisava fazer terapia."

Comecei a chorar ao ouvir a descrição que ele fazia de sua infância — a de um menino assustado e magoado, que se sentia um intruso na nova família de sua mãe.

"A terapeuta e o estagiário dela iam até a nossa casa. No começo foi tudo bem. Eles eram simpáticos, compreensivos, pacientes. Só que em pouco tempo a terapeuta começou a dirigir sua atenção principalmente pra minha mãe, que estava no meio de uma gravidez difícil com dois meninos incontroláveis pra domar. Passei a ficar cada vez mais tempo sozinho com ele."

Gideon estacionou o carro e o pôs em ponto morto. Ele agarrou a direção com todas as forças, engolindo em seco. A chuva caía de forma constante, isolando-nos do mundo e nos deixando a sós com uma dolorosa verdade.

"Não precisa dizer mais nada", sussurrei, soltando o cinto de segurança para chegar até ele. Toquei seu rosto com os dedos molhados de lágrimas.

Suas narinas se expandiram quando ele respirou fundo. "Ele me fazia gozar. Só parava quando eu gozava, pra poder dizer que eu tinha gostado."

Tirei os sapatos e tirei suas mãos do volante para poder subir no seu colo. Ele me apertou com uma força excruciante, mas não reclamei. Estávamos em uma rua absurdamente movimentada, com o fluxo ininterrupto dos carros de um lado e uma massa de pedestres do outro, mas nem nos importamos. Gideon tremia violentamente, como se estivesse chorando, mas não emitia nenhum ruído e não deixava cair nenhuma lágrima.

O céu chorava por ele. A chuva caía com força e raiva, fazendo o vapor subir do chão.

Segurei sua cabeça entre as mãos e encostei meu rosto molhado no dele. "Calma, meu amor. Eu entendo. Sei como isso funciona, a maneira como eles distorcem tudo. Sei como é a vergonha e o sentimento de culpa. Você não queria nada daquilo. Não estava gostando."

"No começo eu permitia que ele me tocasse", sussurrou Gideon. "Ele disse que na minha idade… com os hormônios… eu precisava me masturbar pra me acalmar. Pra deixar de sentir raiva o tempo todo. Ele disse que ia me mostrar como era. Que eu estava fazendo errado…"

"Gideon, já chega." Recuei para olhá-lo, já imaginando como seu relato prosseguiria a

partir daquele ponto, todas as coisas que haviam sido ditas para que ele se sentisse culpado pelo abuso que sofrera. “Você era uma criança nas mãos de um adulto que sabia manipular muito bem as pessoas. Eles querem que tudo pareça ser culpa nossa, pra não ter que responder pelo crime, mas não é verdade.”

Seus olhos pareciam imensos e sem vida em seu rosto pálido. Beijei de leve sua boca, sentindo o gosto das minhas lágrimas. “Eu te amo. E acredito em você. Sei que nada disso foi culpa sua.”

Gideon agarrou meus cabelos, mantendo-me na posição em que queria enquanto atacava minha boca com beijos desesperados. “Não me deixe.”

“Deixar? Eu vou é casar com você.”

Ele inspirou profundamente. Depois me puxou mais para perto, percorrendo meu corpo com as mãos de maneira um tanto bruta.

Tomei um susto ao ouvir batidas na janela. Um policial com capa de chuva e colete de segurança nos observava através do para-brisa, que não tinha filme, olhando feio para nós por baixo do quepe. “Vocês têm trinta segundos para sair daqui, ou vão ser indiciados por atentado ao pudor.”

Envergonhada, com o rosto queimando, voltei para meu assento numa pose nada elegante. Gideon esperou que eu afivelasse o cinto, engatou a marcha, bateu na sobrancelha com o dedo para cumprimentar o policial e retomamos nosso caminho.

Ele pegou minha mão, levou até a boca e beijou a ponta dos meus dedos. “Eu te amo.”

Fiquei paralisada, com o coração saindo pela boca.

Enlaçando nossos dedos, Gideon posicionou nossas mãos sobre sua perna. Os limpadores do para-brisa iam de um lado para o outro em um movimento ritmado e sincronizado com a batida do meu coração.

Engolindo em seco, murmurei: “Fala de novo”.

Ele parou em um sinal, virou a cabeça e me olhou. Parecia exausto, como se sua habitual energia pulsante tivesse se esvaído. Mas seus olhos afetuosos ainda brilhavam, e em seu rosto havia um sorriso amoroso e esperançoso. “Eu te amo. A palavra certa não é bem essa, mas eu sei que é isso que você quer ouvir.”

“Que preciso ouvir”, eu disse num tom ameno.

“Desde que você entenda a diferença…” O sinal abriu e ele arrancou com o carro. “As pessoas conseguem esquecer um amor. Conseguem viver sem ele, seguir em frente. É possível perder um amor e encontrar outro. Comigo isso não vai acontecer. Não vou

sobreviver a você, Eva.”

Fiquei sem fôlego com a expressão em seu rosto quando ele se virou para mim.

“Estou obcecado, meu anjo. Viciado. Você é tudo que sempre quis e precisei, tudo com que sempre sonhei. Você é *tudo*. Eu vivo e respiro por você. Por você.”

Pus minha outra mão sobre nossos dedos entrelaçados. “Tem tanta coisa no mundo te esperando… Só falta você descobrir.”

“Não preciso de mais nada. Só tenho vontade de pular da cama de manhã e encarar o mundo porque você está nele.” Gideon virou a esquina e estacionou na frente do Crossfire, atrás do Bentley. Desligou o motor, soltou o cinto de segurança e respirou fundo. “Por sua causa, vejo as coisas de uma maneira que era incapaz de enxergar antes. Agora tenho um lugar no mundo, que é ao seu lado.”

De repente entendi por que ele trabalhava tanto, por que havia conseguido se tornar tão rico com tão pouca idade. Gideon estava determinado a encontrar seu lugar no mundo, deixar de ser um estranho onde quer que fosse.

Ele passou os dedos pelo meu rosto. Eu sentia tanta falta daquele toque que meu coração doeu ao experimentá-lo de novo.

“Quando você vai voltar pra mim?”, perguntei baixinho.

“Assim que puder.” Ele se inclinou para a frente e beijou minha boca. “Espere.”

19

Quando cheguei à minha mesa, havia uma mensagem de voz de Christopher. Fiquei em dúvida por um momento se continuava ou não minha investigação particular. Afinal, ele não era uma pessoa que eu queria que fizesse parte da minha vida.

Por outro lado, estava abalada pelo olhar que vira no rosto de Gideon quando me contara sobre seu passado, e o tom de sua voz, embargada pela vergonha e pelo sofrimento.

Senti sua dor como se fosse minha.

Na verdade, eu não tinha escolha. Liguei para Christopher e o convidei para almoçar.

“Almoçar com uma linda mulher?” A satisfação era perceptível em sua voz. “Com certeza.”

“Qualquer dia da semana pra mim está ótimo.”

“Que tal hoje mesmo?”, ele sugeriu. “Vira e mexe sinto vontade de voltar àquela delicatéssen onde você me levou daquela vez.”

“Por mim tudo bem. Pode ser ao meio-dia?”

Eu tinha acabado de desligar quando Will apareceu na minha baia. Ele fez cara de cachorro sem dono e disse: “Me ajuda”.

Abri um sorriso. “Claro.”

As duas horas seguintes passaram voando. Quando deu meio-dia, desci e encontrei Christopher à minha espera no saguão. Seus cabelos castanhos estavam propositalmente bagunçados e seus olhos verdes brilhavam. Com sua calça preta e uma camisa branca com as mangas dobradas, era um homem confiante e atraente. Ele me cumprimentou com seu sorriso de menino, e foi então que me dei conta: eu não poderia questioná-lo sobre o que tinha dito para sua mãe tanto tempo atrás. Era só uma criança, e ainda por cima criada em um lar disfuncional.

“Fiquei feliz por você ter me ligado”, ele comentou. “Mas tenho que admitir que estou curioso pra saber o motivo. Será que tem alguma coisa a ver com Gideon ter reatado com Corinne?”

Aquilo me magoou. Tive que respirar fundo e soltar minha tensão com um suspiro. Eu

sabia da verdade. Não tinha nenhuma dúvida. Mas também queria poder afirmar isso publicamente. Queria poder tomar posse dele, fazer com que todo mundo soubesse que ele era *meu*.

"Por que você odeia tanto Gideon?", perguntei, abrindo caminho na frente dele pela porta giratória. Um trovão retumbou à distância, mas a chuva quente e constante havia passado, deixando as ruas da cidade banhadas em água suja.

Ele se juntou a mim na calçada e pôs a mão sobre a base da minha coluna. Senti um calafrio de repulsa. "Por quê? Você quer falar disso?"

"Claro. Por que não?"

Ao final do almoço, eu já tinha uma boa ideia do que alimentava o ódio de Christopher. Seu verdadeiro problema era com o homem que ele via no espelho. Gideon era mais bonito, mais rico, mais poderoso, mais confiante… mais *tudo*. E Christopher obviamente se remoía de inveja. Suas lembranças eram permeadas pela ideia de que seu meio-irmão monopolizava a atenção de todos quando eram crianças. O que poderia até ser verdade, considerando como Gideon era problemático. E, para piorar, a rivalidade fraternal invadiu o terreno profissional quando as Indústrias Cross assumiram o controle da Vidal Records. Eu precisava perguntar para Gideon por que havia feito aquilo.

Paramos na frente do Crossfire para nos despedir. Um táxi passou acelerado por cima de uma poça enorme e lançou um jato d'água diretamente na minha direção. Xingando baixinho, eu me esquivei para não me molhar e quase tropecei em Christopher.

"Gostaria de encontrar você outra vez, Eva. Te levar pra jantar algum dia, quem sabe."

"A gente vai se falando", despistei. "Meu colega de apartamento está bem doente e precisa de mim por perto o máximo possível."

"Bom, você tem meu telefone." Ele sorriu e beijou minha mão, um gesto que certamente considerava um charme. "E eu tenho o seu."

Passei pela porta giratória do Crossfire e me dirigi para as catracas.

Um dos seguranças de terno preto me deteve. "Senhorita Tramell." Ele sorriu. "Poderia me acompanhar, por gentileza?"

Curiosa, eu o segui até a sala de segurança onde tinha pegado meu crachá de funcionária quando fora contratada. Ele abriu a porta para mim e Gideon estava lá dentro à minha espera.

Encostado na escrivaninha com os braços cruzados, Gideon estava lindo, gostoso e deliciosamente divertido. A porta se fechou atrás de mim e ele suspirou, sacudindo a

cabeça.

“Quantas pessoas você ainda vai interrogar por minha causa?”, perguntou.

“Você está me espionando de novo?”

“A expressão certa é ‘tomando precauções’.”

Ergui uma das sobrancelhas. “Como você sabe se eu o interroguei ou não?”

Seu sorriso se abriu ainda mais. “Eu simplesmente sei.”

“Bom, não foi esse o caso. De verdade. Não mesmo”, afirmei diante de seu olhar de descrença. “Eu ia fazer isso, mas mudei de ideia. E por que a gente está nesta sala?”

“Você está envolvida em algum tipo de cruzada, meu anjo?”

Estávamos tendo uma conversa cheia de dedos, e eu não sabia muito bem por quê. Nem me importava com isso, pois logo algo muito mais relevante chamou minha atenção.

“Você percebeu que sua reação ao meu almoço com Christopher foi bem tranquila? Assim como minha reação às suas saídas com Corinne? Estamos agindo de uma maneira bem diferente de um mês atrás.”

Ele estava diferente. Gideon sorriu, e aquele gesto denotava algo bem peculiar. “Confiamos um no outro, Eva. E isso é bom, não é?”

“Mas a confiança não significa que eu esteja menos perplexa com o que está acontecendo entre nós. Por que estamos escondidos nesta sala?”

“Para todos os efeitos, não estamos aqui.” Gideon levantou e foi até mim. Pegando meu rosto entre as mãos, levantou minha cabeça e me beijou de levinho. “Eu te amo.”

“Você está ficando bom nisso.”

Ele passou os dedos pelos meus cabelos recém-cortados. “Lembra aquela noite em que você teve o pesadelo? Você quis saber onde eu estava.”

“E ainda quero.”

“Eu estava no hotel, desocupando aquele quarto. Meu matadouro, como você diz. Contar isso enquanto você vomitava até virar o estômago do avesso não me pareceu uma boa ideia.”

Quase perdi o fôlego. Foi um alívio saber onde ele estava. E um alívio ainda maior saber que o matadouro não existia mais.

Ele me olhou com uma expressão de ternura no rosto. “Eu tinha esquecido completamente aquele quarto, até aquele dia no doutor Petersen. Nós dois sabemos que eu

nunca mais vou precisar dele. Minha garota não gosta muito de camas, prefere transar em veículos em movimento.”

Ele sorriu e saiu da sala. Fiquei ali parada, vendo-o se afastar.

O segurança apareceu na porta, e eu deixei meus pensamentos de lado para voltar a eles mais tarde, quando tivesse tempo de compreender aonde Gideon estava querendo chegar.

No caminho para casa, comprei uma garrafa de sidra sem álcool para celebrar como se fosse champanhe. Vi o Bentley de Gideon aqui e ali, seguindo-me, sempre pronto para estacionar e me oferecer uma carona. Aquilo costumava me irritar, pois transmitia uma sensação ambígua e confusa em relação a meu rompimento com Gideon. Mas, naquele momento, só era capaz de me fazer sorrir.

O dr. Petersen estava certo. A abstinência e a separação serviram para desanuviar minha cabeça. Por algum motivo, a distância entre mim e Gideon nos fortaleceu, ensinou-nos a dar mais valor um ao outro e fez com que percebêssemos como seria nossa vida se não estivéssemos juntos. Eu o amava mais do que nunca e me sentia assim em uma noite em que pretendia ficar em casa com Cary, sem saber onde Gideon estaria. Isso não importava. Eu sabia que estaria em seus pensamentos, em seu coração.

Meu celular tocou e o tirei da bolsa. Vi o nome da minha mãe na tela e fui logo dizendo: “Oi, mãe!”.

“Não entendo o que eles querem!”, ela reclamou, parecendo estar furiosa e beirando as lágrimas. “Eles não deixam Richard em paz! Foram até a empresa dele hoje e tiraram cópias de todas as fitas do sistema de segurança.”

“Os detetives?”

“Sim. Eles não dão um sossego. O que estão querendo?”

Virei a esquina e cheguei à rua de casa. “Pegar um assassino. Devem querer saber quando Nathan apareceu por lá. Pra fazer uma cronologia ou coisa do tipo.”

“Isso não tem o menor cabimento!”

“Na verdade é só um palpite. Mas não se preocupe. Eles não vão encontrar nada, porque Stanton é inocente. Vai ficar tudo bem.”

“Ele está sendo exemplar nessa situação, Eva”, ela disse baixinho. “Stanton é muito bom pra mim.”

Suspirei ao notar em seu tom de voz que ela estava querendo se justificar para mim. “Eu sei, mãe. Entendo. E papai também. Seu lugar é ao lado dele. Ninguém está julgando você. Está tudo certo.”

Ela só se acalmou quando eu já estava na porta do meu apartamento. Enquanto isso tentei imaginar o que os detetives encontrariam caso copiassem as fitas do sistema de segurança do Crossfire. A história do meu relacionamento com Gideon podia ser rastreada a partir do número de vezes em que estive com ele no hall de entrada da sede das Indústrias Cross. A primeira vez que ele deu em cima de mim foi ali, deixando bem claro seu desejo. Foi ali também que me prensou contra a parede, logo depois que concordei em não sair com mais ninguém além dele. E, quando ele rejeitou meu toque e deu início ao nosso terrível período de separação, também estávamos lá. Os detetives encontrariam todos esses momentos íntimos e pessoais naquelas fitas se as examinassem com o devido cuidado.

“Me ligue se precisar de alguma coisa”, eu disse enquanto largava minha bolsa e a mala no balcão. “Vou ficar em casa hoje à noite.”

Desliguei e vi uma capa de chuva que não conhecia sobre um dos banquinhos. Dei um grito para Cary: “Querido, cheguei!”.

Pus a garrafa de sidra na geladeira e fui até meu quarto tomar um banho. Estava quase lá quando a porta do quarto de Cary se abriu e Tatiana saiu. Meus olhos se arregalaram quando vi sua fantasia de enfermeira, cheia de rendas e material transparente.

“Oi, querida”, ela disse, toda arrogante. Parecia altíssima em cima dos saltos, olhando-me de cima a baixo. Tatiana Cherlin era uma modelo de sucesso, com um rosto e um corpo de parar o trânsito. “Cuide dele por mim.”

Ainda surpresa, observei aquela loira de pernas compridas desaparecer na sala. Pouco depois ouvi a porta da frente sendo fechada.

Cary apareceu na porta do quarto, todo vermelho e descabelado, usando apenas uma cueca boxer. Ele se apoiou no batente e abriu um sorriso preguiçoso e satisfeito. “Oi.”

“Oi. Pelo jeito você teve um dia bem produtivo.”

“E como.”

Sua resposta me fez sorrir. “Sem querer me meter muito, mas pensei que você e Tatiana tinham terminado.”

“Não sabia nem que tínhamos começado.” Ele passou uma das mãos pelos cabelos para arrumá-los. “Aí ela apareceu hoje toda preocupada, pedindo mil desculpas. Estava em Praga e só ficou sabendo de tudo hoje. Apareceu vestida daquele jeito, como se tivesse

lido meus pensamentos pervertidos.”

Apoiei-me no batente da porta também. “Pelo jeito ela te conhece muito bem.”

“Acho que sim.” Ele encolheu os ombros. “Vamos ver no que vai dar. Ela sabe do meu envolvimento com Trey e não tem nada contra. Já ele… Sei que não vai gostar nada disso.”

Lamentei pelos dois. Se quisessem ter um relacionamento saudável, teriam muito trabalho pela frente. “Que tal esquecer nossos respectivos e encarar uma maratona de filmes de ação? Trouxe sidra sem álcool pra gente beber.”

Ele ergueu as sobrancelhas. “E que graça tem isso?”

“Como se você não soubesse que não pode beber por causa dos remédios”, comentei com ironia.

“E sua aula de krav maga?”

“Amanhã eu vou. Estou a fim de ficar aqui com você hoje. Deitar no sofá, comer pizza com pauzinhos e comida chinesa com as mãos.”

“Você é uma rebelde mesmo, gata.” Ele sorriu. “E já tem programa pra hoje à noite.”

*

Parker caiu no tatame soltando um gemido, e eu gritei de empolgação por minha tentativa bem-sucedida.

“Isso!”, eu disse com o punho cerrado. Derrubar um cara pesado como ele não era coisa pouca. Devo ter demorado mais tempo que o necessário para encontrar a posição ideal para fazer a alavanca, por causa da minha dificuldade de concentração nas últimas semanas.

Não havia equilíbrio na minha vida quando meu relacionamento com Gideon estava abalado.

Aos risos, Parker estendeu a mão para que eu o ajudasse a levantar. Agarrei seu antebraço e o puxei para ficar de pé.

“Bom. Muito bom”, ele elogiou. “Hoje você está com tudo.”

“Obrigada. Vamos tentar de novo.”

“Tire uns dez minutinhos pra descansar e se hidratar”, ele recomendou. “Preciso falar com Jeremy antes que ele vá embora.”

Jeremy era um dos instrutores que trabalhavam com Parker, um sujeito enorme que os alunos precisavam escalar antes de tentar derrubar. Eu não imaginava que seria capaz de lidar com um agressor do tamanho dele, mas já tinha visto algumas mulheres bem baixinhas na turma dele.

Peguei minha toalha e minha água e fui em direção à arquibancada de alumínio junto à parede. Senti minhas pernas fraquejaram ao dar de cara com uma visita nada agradável que tinha recebido pouco tempo antes no meu apartamento. Mas a detetive Shelley Graves não parecia estar a trabalho. Usava uma camiseta esportiva, calça de ginástica e tênis de corrida, e seus cabelos escuros e encaracolados estavam presos em um rabo de cavalo.

Como ela tinha acabado de entrar e a porta ficava bem perto da arquibancada, eu andava na direção dela. Fiz de tudo para parecer à vontade, mas estava bem longe disso.

“Senhorita Tramell”, ela cumprimentou. “Quem diria que eu ia encontrar você aqui! Faz aula com Parker há muito tempo?”

“Mais ou menos um mês. Legal encontrar você aqui, detetive.”

“Até parece.” Ela deu um sorriso irônico. “Mas talvez você mude de ideia depois de uma conversinha.”

Franzi a testa, confusa com aquele tom misterioso. Mas de uma coisa eu sabia: “Não posso falar com você sem a presença do meu advogado”.

Ela abriu os braços. “Estou de folga. E, de qualquer forma, você não precisa dizer nada, só ouvir.”

Graves apontou para a arquibancada, e eu hesitei um pouco antes de me sentar. Tinha razões de sobra para estar desconfiada.

“Que tal subir mais um pouco?” Ela foi até o último degrau, e eu me levantei e fui atrás.

Quando nos instalamos lá em cima, a detetive apoiou os antebraços sobre os joelhos e olhou para os alunos lá embaixo. “Isto aqui é bem diferente à noite. Geralmente faço aula de dia. Tinha decidido comigo mesma que, se algum dia encontrasse você quando estivesse fora de serviço, teríamos uma conversa. As chances de isso acontecer eram mínimas, mas, veja só, aqui estamos nós. Deve ser um sinal.”

Aquela conversa toda não estava colando. “Você não parece ser do tipo que acredita em sinais.”

“Isso é verdade, mas vou abrir uma exceção neste caso.” Ela contorceu os lábios por um instante, como se estivesse escolhendo as palavras. Depois olhou para mim. “Acho que foi seu namorado que matou Nathan Barker.”

Fiquei paralisada, visivelmente sem fôlego.

“Mas nunca vou conseguir provar isso”, ela completou, bem séria. “Ele foi muito cauteloso. Muito metódico. A coisa toda foi cuidadosamente premeditada. A partir do momento em que decidiu matar Nathan Barker, Gideon Cross passou a encenar friamente cada um dos seus passos.”

Eu não sabia se ficava ou se saía correndo — nem quais seriam as consequências de uma ou outra decisão. Enquanto eu não tomava uma atitude, ela continuou a falar.

“Acho que tudo começou na segunda após a agressão sofrida por seu amigo. Quando vasculhamos o quarto de hotel em que o corpo de Barker foi descoberto, encontramos várias fotografias. Muitas eram de você, mas também havia fotos de seu amigo.”

“De Cary?”

“Se fosse encaminhar o caso à promotoria, diria que Nathan Barker atacou Cary Taylor para intimidar e ameaçar Gideon Cross. Meu palpite é que Cross não estava cedendo à chantagem dele.”

Torci a toalha em minhas mãos. Não conseguia suportar a ideia de que Cary tinha sofrido tudo aquilo por minha causa.

Graves olhou para mim com seu olhar tranquilo e afiado. Olhos de policial. Assim como os do meu pai. “Nesse momento, acho que Cross percebeu que você estava correndo sério perigo. E quer saber? Ele estava certo. Pelas provas que coletamos no quarto de Barker, fotos, anotações detalhadas sobre sua rotina, recortes de jornal… e até coisas tiradas do lixo da sua casa. Em geral, quando descobrimos esse tipo de coisa, já é tarde demais.”

“Nathan estava me espionando?” Só de pensar senti um tremor violento pelo corpo.

“Ele estava cercando você. A chantagem contra seu padrasto e contra Cross foi só mais um passo nessa direção. Quando sentiu que Cross estava se tornando íntimo demais de você, Barker se sentiu ameaçado. Acho que ele pensou que Cross sumiria da sua vida quando descobrisse seu passado.”

Pus a toalha na frente da boca, para o caso da minha ânsia de vômito se concretizar.

“O que acho que aconteceu foi o seguinte.” Graves entrelaçou os dedos e parecia estar com a atenção concentrada nas pessoas fazendo exercícios lá embaixo. “Cross dispensou você e começou a sair com uma ex. Isso teve dois efeitos: acalmou Barker e eliminou a conexão de Cross com o crime. Por que mataria alguém por causa de uma mulher com quem não tinha mais uma relação? Ele armou tudo muito bem, não contou nem para você. E você reforçou a mentira com seu sofrimento genuíno.”

Ela começou a batucar com os pés e com os dedos. Seu corpo esguio exalava energia nervosa. “Cross não encomendou o serviço. Seria muita burrice. Ele não queria que o dinheiro fosse rastreado ou que o pistoleiro acabasse confessando tudo se fosse preso. Além disso, era uma questão pessoal. Envolvia *você*. Ele queria que a ameaça desaparecesse de uma vez por todas. Organizou um evento publicitário de última hora para uma marca de vodca dele. E assim conseguiu seu álibi. A imprensa estava lá e fotografou tudo. E ele sabia que você também teria um álibi incontestável.”

Meus dedos se cravaram na toalha. *Meu Deus.*…

As pancadas dos corpos contra o tatame, os gritos das instruções que eram dadas e os gritos de triunfo dos alunos se misturavam ao zumbido constante nos meus ouvidos. Havia um monte de coisas acontecendo diante de mim e meu cérebro não era capaz de processar nada. Parecia que eu estava sendo sugada para um túnel sem fim, e a realidade ia se encolhendo cada vez mais até se tornar apenas um pontinho preto bem distante.

Graves abriu a garrafa d’água e bebeu em grandes goles, depois limpou a boca com as costas da mão. “Sou obrigada a admitir, o lance da festa me deu trabalho. Como desmontar um álibi como esse? Tive que voltar ao hotel três vezes antes de descobrir que havia acontecido um incêndio na cozinha naquela noite. Nada de grave, mas o hotel inteiro foi evacuado durante uma hora. Os convidados e os hóspedes ficaram esperando na calçada. Cross ficou entrando e saindo do prédio, tomando as providências que um dono precisa tomar nessas circunstâncias. Falei com um monte de funcionários, e eles afirmaram que ele estava por perto, mas ninguém sabia precisar o horário. Todos disseram que a situação era caótica. Quem fica olhando no relógio no meio de uma confusão dessas?”

Senti que estava sacudindo a cabeça, como se ela estivesse me fazendo uma pergunta.

Ela jogou os ombros para trás. “Cronometrei o tempo da entrada de serviço, onde Cross foi visto conversando com os bombeiros, até o hotel onde Barker estava. Quinze minutos a pé. Meia hora no total. Barker foi morto com uma única facada no peito. Bem no coração. A coisa toda não deve ter demorado mais de um minuto. Não foi encontrado nenhum sinal de luta corporal, e o corpo estava bem diante da porta. Meu palpite? Ele abriu a porta para Cross e não teve tempo nem de pensar. E adivinha só… O hotel é propriedade de uma subsidiária das Indústrias Cross. E o sistema de câmeras de segurança do edifício estava sendo trocado por um equipamento mais moderno, tinha sido desativado fazia meses.”

“Que coincidência”, comentei com a voz embargada. Meu coração estava a mil. No fundo da minha mente, eu registrava que havia pessoas por perto, cuidando da própria vida normalmente, sem nem desconfiar que alguém ali estava encarando uma situação catastrófica.

“Claro. Por que não?” Graves deu de ombros, mas seus olhos diziam tudo. Ela *sabia*. Não tinha como provar nada, mas sabia. “O que me leva à seguinte situação: posso continuar investigando e dedicando meu tempo a esse caso, deixando vários outros se acumularem na minha mesa. Mas por que faria isso? Cross não representa perigo para a sociedade. Meu parceiro costuma dizer que nunca se deve fazer justiça com as próprias mãos. E, na maior parte dos casos, concordo com ele. Só que Nathan Barker ia matar você. Talvez não no próximo mês. Talvez não no próximo ano. Mas um dia, com certeza.”

Ela levantou, ajeitou a calça, pegou a água e a toalha e ignorou o fato de eu estar chorando e soluçando incontrolavelmente.

Gideon… Escondi meu rosto com a toalha.

“Queimei todas as minhas anotações”, ela continuou. “Meu parceiro também concorda que chegamos a um beco sem saída. Ninguém se deu ao trabalho de pedir justiça para Nathan Barker. O pai dele me disse que considerava o filho um homem morto fazia tempo.”

Olhei para ela e pisquei para tirar a névoa de lágrimas da frente dos olhos. “Não sei o que dizer.”

“Você terminou tudo com ele no dia seguinte à nossa visita à sua casa, não foi?” Acenei a cabeça, e ela fez o mesmo. “Cross estava na delegacia prestando depoimento. Ele saiu da sala, mas dava para vê-lo através da janela. Um sofrimento como aquele eu só costumo ver quando notifico os parentes de vítimas de assassinato. Sendo bem sincera, foi por isso que resolvi contar tudo isso agora… Para você poder voltar pra ele.”

“Obrigada.” Foi o agradecimento mais sincero de toda a minha vida.

Ela acenou com a cabeça e começou a descer a arquibancada, mas de repente se deteve e virou para mim: “Não é a mim que você tem que agradecer”.

*

De alguma forma, fui parar no apartamento de Gideon.

Não me lembro de ter saído da academia, nem de ter dito a Clancy para me levar até lá. Também não me recordo de ter me identificado na portaria ou de ter pego o elevador. Quando me vi no hall privativo diante da porta de seu apartamento, tive que parar por um momento para pensar em como havia saído da arquibancada e ido parar ali.

Toquei a campainha e esperei. Como ninguém atendeu, desabei no chão e me apoiei contra a porta.

Foi lá que Gideon me encontrou. A porta do elevador se abriu e ele apareceu, parando subitamente ao me ver. Estava usando suas roupas de ginástica, com os cabelos ainda molhados de suor. Nunca esteve tão lindo.

Gideon se limitou a me encarar, imóvel, então expliquei: “Não tenho mais a chave daqui”.

Não levantei porque sabia que minhas pernas fraquejariam.

Ele se agachou. “Eva? O que aconteceu?”

“Encontrei por acaso com a detetive Graves.” Engoli em seco, sentindo um nó na garganta. “Eles vão arquivar o caso.”

Seu peito se expandiu em um suspiro profundo.

Ao ouvir aquilo, tive certeza.

O desolamento era visível nos lindos olhos de Gideon. Ele sabia que eu tinha descoberto tudo. A verdade pairava no ar entre nós de forma quase palpável.

Eu mataria por você. Abriria mão de tudo o que tenho… mas não desistiria de você.

Gideon caiu de joelhos no chão gelado de mármore. Ele baixou a cabeça. Estava esperando que eu me pronunciasse.

Eu me ajoelhei diante dele e levantei seu queixo. Acariciei seu rosto com as mãos e a boca. Minha gratidão se fez sentir na sua pele: *Obrigada… obrigada… obrigada…*

Ele me abraçou com força e enterrou o rosto no meu pescoço. “E agora, vamos fazer o quê?”

Eu o apertei junto a mim. “O que for preciso pra ficarmos juntos.”

Agradecimentos

Sou muitíssimo grata a Cindy Hwang e Leslie Gelbman por seu apoio e incentivo e, acima de tudo, seu amor pela história de Gideon e Eva. É preciso paixão para escrever um livro, e para vendê-lo também. Fico muito feliz por elas terem isso.

Eu poderia escrever um livro inteiro de agradecimentos à minha agente, Kimberly Whalen. A série Crossfire é uma enorme empreitada multinacional em múltiplas plataformas, e ela consegue dar conta do recado com sobras. Com ela cuidando de tudo, posso me concentrar apenas na minha parte da parceria — a escrita! —, e é por isso que a amo tanto.

Além de Cindy, as competentíssimas equipes da Penguin e do Trident Media Group incluem também Leslie, Kim, Claire Pelly e Tom Weldon. Queria poder mencionar todo mundo, mas, de verdade, os nomes não caberiam aqui. Existem literalmente dezenas de pessoas às quais eu gostaria de agradecer por seu empenho e entusiasmo. A série Crossfire está sendo conduzida pela Penguin e pelo Trident Media Group em escala mundial, e eu sou muito grata pelo tempo que todos os colaboradores estão dedicando aos meus livros.

Meu mais profundo agradecimento à editora Hilary Sares, que foi fundamental para que a série Crossfire se tornasse o que é. É ela que me mantém na linha.

Um enorme agradecimento ao meu assessor de mídia Gregg Sullivan, que facilita minha vida de diversas maneiras.

Agradeço também a todos os meus editores espalhados pelo mundo (mais de trinta deles no momento em que escrevo estas linhas) por receberem tão bem Gideon e Eva em seus países e compartilhá-los com seus leitores. Vocês têm sido maravilhosos.

E, a todos os leitores que abraçaram a história de Gideon e Eva, muito obrigada! Quando escrevi *Toda sua*, pensei que ninguém mais gostaria do livro além de mim. Estou felicíssima por vocês terem gostado também e terem embarcado comigo na jornada de Eva e Gideon. Não existe nada melhor que a companhia dos amigos para percorrer caminhos difíceis!

Copyright © 2012 by Sylvia Day

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Reflected in You

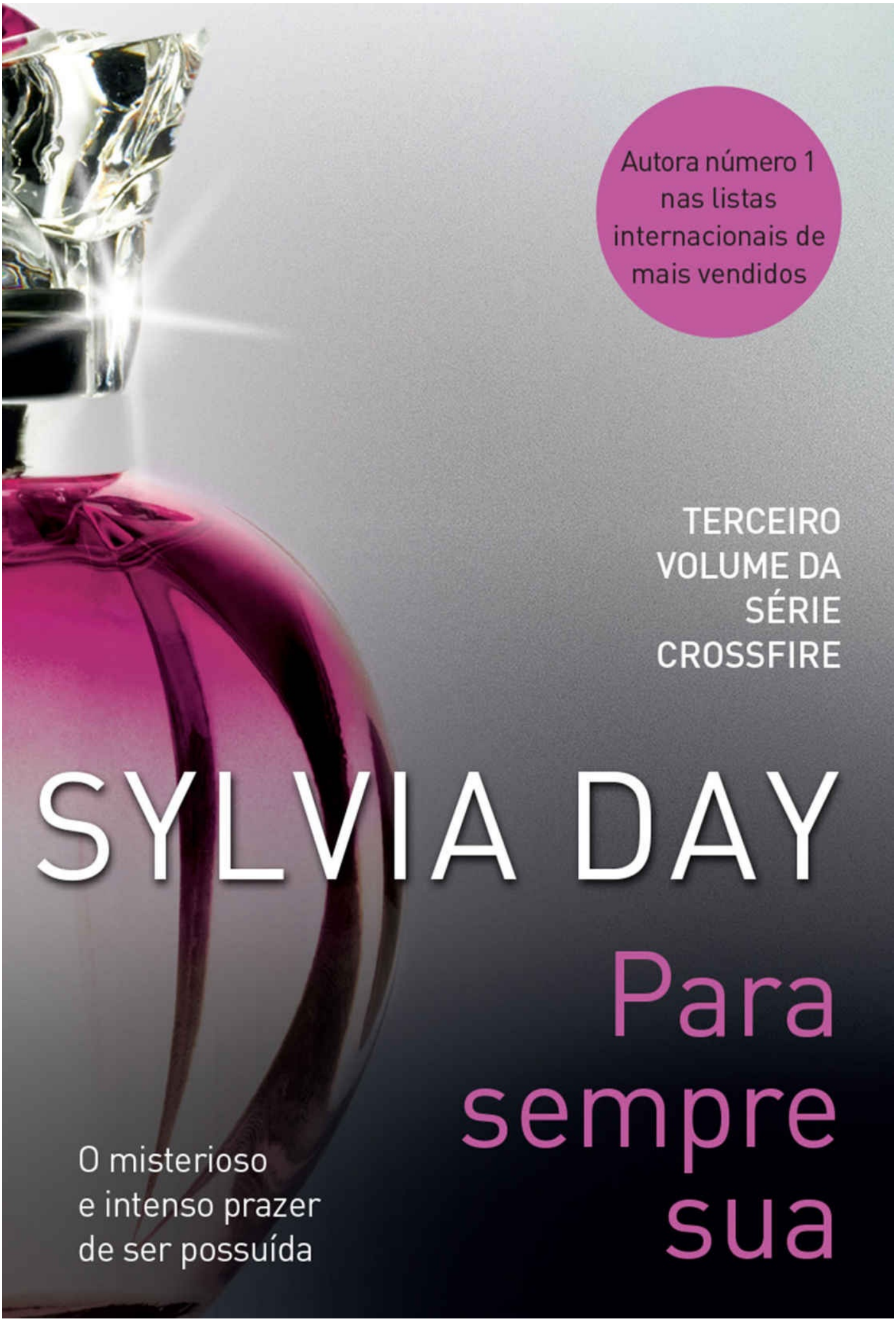
IMAGEM DE CAPA © Shutterstock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Juliane Kaori e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-8086-520-2

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br


Autora número 1
nas listas
internacionais de
mais vendidos
TERCEIRO
VOLUME DA
SÉRIE
CROSSFIRE
SYLVIA DAY
Para
sempre
sua
O misterioso
e intenso prazer
de ser possuída

TERCEIRO VOLUME DA SÉRIE CROSSFIRE

SYLVIA DAY

Para sempre sua

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

para

1

Os taxistas de Nova York eram criaturas singulares. Destemidos ao extremo, arremessavam-se em alta velocidade pelas ruas abarrotadas com uma tranquilidade excepcional. Para preservar minha sanidade mental, eu havia aprendido a me concentrar na tela do meu celular em vez de ficar vendo os carros passarem ao meu lado a milímetros de distância. Sempre que cometia o erro de prestar atenção ao tráfego, eu me via o tempo todo apertando o pé contra o chão, instintivamente tentando acionar um pedal de freio imaginário.

Mas, pela primeira vez em muito tempo, eu não precisava procurar nenhuma distração. Estava grudenta de suor depois de uma aula de krav maga das mais intensas, e minha cabeça ainda estava a mil em razão do que o homem que eu amava tinha feito.

Gideon Cross. Só de pensar em seu nome eu já sentia uma onda de calor por todo o corpo. Desde a primeira vez em que o vi — quando notei o lado obscuro e perigoso que havia por trás de um homem fascinante e inacreditavelmente lindo —, senti uma atração irresistível, que só poderia ter acontecido porque eu havia encontrado minha alma gêmea. Eu precisava dele assim como precisava do meu coração batendo, e ele por sua vez arriscou *tudo* o que tinha para ficar comigo.

O barulho de uma buzina me trouxe de volta ao presente.

Pelo vidro do carro, vi o sorriso de um milhão de dólares do meu colega de apartamento estampado em um anúncio publicitário na lateral de um ônibus. Os lábios sedutores de Cary Taylor e seu rosto fino e alongado estavam bloqueando o cruzamento. O taxista buzinava sem parar, como se isso pudesse liberar o caminho.

Sem chance. Cary se manteve imóvel, assim como eu. Estava deitado de lado, descalço e sem camisa, com a calça jeans aberta a fim de mostrar o elástico de sua cueca e os músculos bem definidos de seu abdome. Seus cabelos castanhos estavam sugestivamente despenteados, e seus olhos verdes brilhavam com malícia.

Só nesse momento, de repente, me dei conta de que seria obrigada a esconder do meu melhor amigo um segredo de enorme importância.

Cary era meu porto seguro, minha voz da razão, meu melhor ombro amigo — um irmão para mim em todos os sentidos. Eu odiava a ideia de não poder contar a ele o que Gideon tinha feito por mim.

Eu precisava desesperadamente conversar sobre aquilo, procurar ajuda para tentar assimilar melhor o fato, mas nunca poderia abrir a boca para ninguém. Nem mesmo o nosso terapeuta poderia saber a respeito, pois se tratava de um caso em que a regra do sigilo profissional não precisava necessariamente ser seguida.

Um guarda de trânsito corpulento, vestindo um colete fluorescente, apareceu e mandou que o ônibus voltasse para sua faixa fazendo um gesto autoritário com a mão coberta pela luva branca e um grito que não deixou dúvidas de que estava falando sério. Ele fez um sinal para que atravessássemos o cruzamento pouco antes de o semáforo fechar.

O trajeto entre a cobertura de Gideon na Quinta Avenida e o meu apartamento no Upper West Side era bem curto, mas dessa vez pareceu ter durado uma eternidade. A informação que a detetive da Polícia de Nova York, Shelley Graves, havia compartilhado comigo poucas horas antes tinha transformado minha vida para sempre.

E me obrigava a abandonar a única pessoa com quem eu *precisava* de fato ficar.

Tive que deixar Gideon sozinho porque não acreditei na sinceridade das palavras de Graves. Eu não podia me arriscar. E se ela tivesse revelado suas suspeitas apenas para ver se eu voltava correndo para Gideon e fornecia a prova de que seu rompimento comigo havia sido apenas uma farsa friamente planejada?

Minha nossa! O turbilhão de sentimentos no qual eu estava envolvida fez meu coração disparar. Gideon estava precisando de mim agora — assim como eu precisava dele, se não mais —, e ainda assim tive que lhe virar as costas.

A desolação em seus olhos quando a porta de seu elevador privativo se fechou foi de cortar o coração.

Gideon.

O táxi virou a esquina e parou na frente do meu prédio. O porteiro da noite abriu a porta do carro antes que eu cedesse à vontade de pedir ao motorista para me levar de volta, e o ar quente e úmido de agosto invadiu o ambiente, anulando o efeito do ar-condicionado.

“Boa noite, srta. Tramell.” Além da saudação, o porteiro bateu com a ponta do dedo na aba do quepe e esperou pacientemente enquanto eu passava o cartão de débito. Quando o pagamento foi concluído, aceitei sua ajuda para descer do táxi e percebi que olhava discretamente o meu rosto marcado pelas lágrimas.

Sorrindo como se estivesse tudo bem, entrei no saguão e fui direto para o elevador, fazendo apenas um breve aceno de cabeça na direção da recepção.

“Eva!”

Virei a cabeça e vi uma morena elegante vestida com um conjuntinho estiloso de calça e blusa se levantando de uma das poltronas do saguão. Seus cabelos escuros e ondulados iam até os ombros, e seus lábios estavam cobertos de batom cor-de-rosa. Não a reconheci e franzi a testa.

“Pois não?”, eu respondi, pondo-me na defensiva. Havia um brilho ambicioso em seus olhos escuros que me deixou desconfiada. Apesar do abatimento que sentia, e provavelmente aparentava, endireitei os ombros e a encarei com firmeza.

“Deanna Johnson”, ela disse, estendendo a mão direita e exibindo suas unhas bem-feitas. “Repórter freelance.”

Eu levantei as sobrancelhas. “Ora.”

Ela riu. “Não precisa ficar tão assustada. Eu só queria conversar com você um minutinho. Estou trabalhando em uma matéria, e seria ótimo se você pudesse me ajudar.”

“Sem querer ofender, mas eu sinceramente não consigo pensar em nada que tenha a dizer para uma repórter.”

“Nem sobre Gideon Cross?”

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram. “Principalmente sobre ele.”

Como um dos vinte e cinco homens mais ricos do mundo, e com uma lista absurdamente longa de propriedades em Nova York, Gideon sempre era notícia. Mas também era notícia o fato de que ele havia rompido a relação comigo e reatado com a ex-noiva.

Deanna cruzou os braços, acentuando seu decote, algo em que reparei apenas porque a estava medindo novamente da cabeça aos pés.

“Vamos lá”, ela insistiu. “Eu prometo deixar seu nome fora disso, Eva. Não vou mencionar nada que possa identificá-la. É a sua chance de recuperar um pouco a sua autoestima.”

Senti um nó no fundo do estômago. Ela fazia exatamente o tipo de Gideon — alta, esguia, cabelos escuros, pele morena. Nada a ver comigo.

“Você tem certeza de que quer se envolver nisso?”, eu perguntei baixinho, enquanto algo dentro de mim me dizia que algum dia ela já tinha trepado com o meu homem. “Eu não iria querer ter alguém como ele como inimigo.”

“Você tem medo dele?”, ela rebateu. “Pois eu não tenho. O dinheiro dele não lhe dá o direito de fazer o que quiser sem nenhuma consequência.”

Eu respirei fundo e me lembrei de uma ocasião em que o dr. Terrence Lucas — outra

pessoa com quem Gideon não mantinha boas relações — me disse mais ou menos a mesma coisa. Agora que eu sabia do que Gideon era capaz, até onde ele chegaria para me proteger, eu podia responder com sinceridade e sem nenhum pudor: “Não, eu não tenho medo. Mas aprendi a escolher somente as batalhas que valem a pena. Seguir em frente é a melhor vingança”.

Ela levantou o queixo. “Nem todo mundo tem astros do rock à espera como segunda opção.”

“Que seja.” Eu suspirei mentalmente ao ouvir a menção a Brett Kline, meu ex-namorado, vocalista de uma banda que começava a fazer sucesso e um dos homens mais atraentes que já conheci. Assim como Gideon, ele irradiava sex appeal. Mas, ao contrário de Gideon, não era o amor da minha vida. Minha relação com ele era uma página virada.

“Escute só”, Deanna sacou um cartão de visita do bolso da saia, “em breve todo mundo vai saber que Gideon Cross estava simplesmente usando você para deixar Corinne Giroux com ciúmes e conquistá-la novamente. Quando cair na real, me ligue. Vou ficar esperando.”

Eu peguei o cartão. “Por que você acha que eu tenho alguma coisa interessante para dizer?”

Sua boca sensual se estreitou. “Porque apesar da motivação de Gideon quando tudo começou ser outra, você mexeu com ele. O homem de gelo se derreteu um pouquinho por sua causa.”

“Talvez, mas agora acabou.”

“Isso não significa que você não tenha nada para dizer, Eva. Eu posso ajudar você a filtrar o que vale a pena.”

“Qual é a sua intenção com essa matéria?” Eu jamais ficaria parada observando enquanto alguém apontava suas armas para Gideon. Se a intenção dela era prejudicá-lo, a minha era atrapalhar os planos dela.

“Aquele homem tem um lado obscuro.”

“E nós também não temos?” O que ela teria visto em Gideon? O que ele poderia ter revelado na… interação entre os dois? Isso *se* houve de fato uma.

Eu duvidava que algum dia seria capaz de pensar em Gideon com outra mulher sem ser dominada por um ciúme brutal.

“Por que não vamos até algum lugar para conversarmos melhor?”, ela sugeriu.

Dei uma olhada para a recepção, e todos ignoravam educadamente a nossa conversa. Eu

estava abalada demais emocionalmente para lidar com Deanna, e minha cabeça ainda girava a mil por hora depois da conversa com a detetive Graves.

“Talvez outra hora”, eu falei, deixando o canal de comunicação aberto porque pretendia me manter informada sobre os passos dela.

Como se tivesse notado meu desconforto, Chad, um dos funcionários da recepção, veio até nós.

“A srta. Johnson já está de saída”, eu informei, tentando parecer mais relaxada. Se uma policial como a detetive Graves não tinha conseguido nada contra Gideon, uma repórter freelance enxerida não seria capaz de fazer muito melhor.

Felizmente, eu sabia que tipo de informação poderia ser divulgada pela polícia, e o quão facilmente isso foi feito em diversas ocasiões. Meu pai, Victor Reyes, era policial, e eu tinha ouvido falar bastante sobre esse assunto.

Eu me virei na direção do elevador. “Boa noite, Deanna.”

“A gente se fala”, ela respondeu atrás de mim.

Entrei no elevador e apertei o botão do meu andar. Quando a porta se fechou, eu desabei sobre a barra de apoio do elevador. Eu precisava avisar Gideon, mas não tinha como entrar em contato com ele sem deixar nenhum rastro que pudesse ser seguido mais tarde.

A dor no meu peito se intensificou. Nosso relacionamento estava indo de mal a pior. Não podíamos nem conversar um com o outro.

Saí do elevador e entrei no apartamento, atravessando a sala de estar espaçosa para largar minha bolsa em um banquinho na cozinha. A vista de Manhattan, que eu tinha da minha janela de parede inteira, daquela vez não exerceu nenhum efeito sobre mim. Eu estava agitada demais para me dar conta de onde estava. A única coisa que importava era que eu não estava com Gideon.

Quando entrei no corredor para o meu quarto, ouvi o som de uma música vindo do quarto de Cary. Será que estava com alguém? Se estivesse, quem seria? Meu melhor amigo havia decidido manter dois relacionamentos simultâneos — com uma garota que o aceitava como era e com um cara que não suportava a ideia de que ele pudesse ter mais alguém.

Deixei as roupas espalhadas pelo chão do banheiro à medida que caminhava para o chuveiro. Enquanto me ensaboava, era impossível não me lembrar das vezes em que tomei banho com Gideon, momentos em que nosso tesão um pelo outro proporcionou cenas de muito erotismo. Eu sentia muito a falta dele. Eu precisava de seu toque, seu desejo, seu

amor. A saudade que eu sentia de tudo isso me consumia, me deixava inquieta e à beira de um ataque de nervos. Eu não sabia como iria conseguir dormir se não conseguisse falar com Gideon. Nós tínhamos tanto o que conversar.

Eu me enrolei na toalha e saí do banheiro…

Gideon estava do outro lado da porta. Dar de cara com ele ali me causou uma reação abrupta, como se tivesse recebido um soco no estômago. Perdi o fôlego, e o meu coração se acelerou — meu corpo inteiro reagiu à presença dele com uma onda poderosa de desejo. Parecia que não nos encontrávamos fazia anos, apesar de termos nos despedido havia menos de uma hora.

Eu tinha dado a ele a chave do meu apartamento e, além disso, ele era o proprietário do prédio. Dessa forma, poderia chegar até mim sem deixar rastros… assim como havia feito com Nathan.

"É perigoso você vir até aqui", eu falei. O que não me impedia de ficar muito animada por ele estar ali. Eu o devorava com os olhos, percorrendo seu corpo esguio e seus ombros largos.

Ele estava usando calça preta de agasalho e o moletom da Universidade de Columbia de que tanto gostava, um visual que revelava o homem de vinte e oito anos que ele era e não o bilionário poderoso que o restante do mundo conhecia. Um boné dos Yankees escondia sua testa na penumbra, mas nada podia fazer para diminuir o brilho arrebatador de seus olhos azuis. Eles me encaravam ferozmente, seus lábios sensuais desenhados em uma linha fina. "Eu não consegui ficar longe de você."

Gideon Cross era um homem incrivelmente belo, tão lindo que as pessoas paravam para olhá-lo enquanto ele caminhava. Uma vez cheguei a pensar que ele poderia ser uma espécie de deus sexual, e suas frequentes — e entusiásticas — proezas provavam que eu estava certa, mas eu também descobri que ele era muito humano. Como eu, ele também havia sido corrompido.

As probabilidades eram contra o nosso sucesso.

Meu peito se expandiu em um grande suspiro, meu corpo reagindo à proximidade do dele. Mesmo a alguns metros de distância, eu ainda era capaz de sentir a vibração magnética de estar perto da pessoa que fazia minha alma se sentir completa. Era sempre assim, desde o nosso primeiro encontro — sentíamos uma atração irresistível um pelo outro. No começo, nós confundimos esse desejo mútuo e feroz com luxúria, mas com o tempo nos demos conta de que éramos incapazes de respirar sem o outro.

Lutei para reprimir o desejo de me jogar em seus braços, onde eu gostaria desesperadamente de estar. Ele, por sua vez, tinha um autocontrole implacável. Esperei

ansiosamente pelo que ele tinha a me dizer.

Minha nossa, como eu o amava.

Ele fechou as mãos nas laterais do corpo. “Eu preciso de você.”

Meu ventre se contraiu em resposta a sua voz áspera, afetuosa e cheia de luxúria.

“Você não parece tão feliz por isso”, eu provoquei, tentando criar um clima mais descontraído para quando ele estivesse em cima de mim.

Eu o amava demais, e o amava do fundo do coração. Estava disposta a aceitá-lo fosse como fosse, mas fazia tanto tempo… Minha pele estava sensível com a expectativa, pronta para se render ao seu toque. Fiquei com medo de saber como meu corpo reagiria se ele viesse com tudo para cima de mim enquanto eu estivesse com tanto tesão. Havia o sério risco de uma explosão incontrolável.

“Isso está acabando comigo”, ele falou em um tom de sofrimento. “Ficar sem você. Sentir tanto a sua falta. Sinto que minha sanidade depende de você, Eva, e você quer que eu finja que estou *feliz*, porra?”

Passei a língua pelos lábios ressecados, e ele grunhiu ao me ver fazer isso, provocando um arrepio em todo o meu corpo. “Bom… *eu* estou feliz em ver você.”

A tensão em sua postura visivelmente diminuiu um pouquinho. Ele devia estar preocupado sobre como eu reagiria quando descobrisse o que fez por mim. Para ser sincera, *eu* também teria ficado. O fato de me sentir grata significava que eu era ainda mais perturbada do que imaginava?

Então eu me lembrei das mãos do filho do meu padrasto passando pelo meu corpo… seu peso me esmagando em cima do colchão… a terrível dor no meio das minhas pernas enquanto ele investia contra mim sem parar…

Estremeci ao sentir o ódio se renovar dentro de mim. Não fazia a menor diferença se o alívio trazido pela morte daquele filho da puta significava que eu era uma pessoa perturbada.

Gideon respirou fundo. Ele levou a mão até o peito e massageou a área onde sentia seu coração se comprimir.

“Eu te amo”, falei, e meus olhos se encheram de lágrimas. “Eu te amo demais.”

“Meu anjo.” Ele chegou até mim com passos rápidos, jogando a chave no chão e agarrando meus cabelos molhados com as duas mãos. Ele estava tremendo, e eu chorei ao sentir mais uma vez o quanto ele precisava de mim.

Inclinando minha cabeça no ângulo que ele queria, Gideon me beijou com um

sentimento poderoso de possessividade, me saboreando com movimentos lentos e profundos com a língua. Sua paixão e seu desejo levaram os meus sentidos à loucura. Eu gemi e me agarrei com força ao tecido de sua blusa. O grunhido que ele soltou em reação reverberou pelo meu corpo, endurecendo meus mamilos e fazendo a minha pele inteira se arrepiar.

Eu me derreti nos braços dele, e arranquei o boné de sua cabeça para poder enfiar os dedos por entre seus cabelos pretos e sedosos. Abaixei a cabeça, arrebatada pela sensualidade carnal de seu beijo, e deixei escapar um soluço.

"Não faça isso", ele sussurrou, afastando-se para segurar meu queixo. Gideon me olhou nos olhos. "Você acaba comigo quando chora."

"É demais para mim." Eu comecei a tremer.

Seus lindos olhos pareciam exaustos como os meus. Ele balançou a cabeça, com uma expressão de tristeza. "O que eu fiz…"

"Não, não é isso. É o que eu sinto por você."

Ele me acariciou com a ponta do nariz, tocando meus braços nus com as mãos — mãos que, eu sabia, estavam manchadas de sangue, o que só fazia com que as desejasse ainda mais.

"Obrigada", eu murmurei.

Os olhos dele se fecharam. "Minha nossa, quando você foi embora… Sem eu saber se iria voltar… Se eu tivesse perdido você…"

"Eu também preciso de você, Gideon."

"Eu não me arrependo. Faria tudo de novo." Ele apertou as mãos contra mim. "As opções eram interdições judiciais, contratar guarda-costas, manter a vigilância… pelo resto da sua vida. Não havia nada que garantisse a sua segurança enquanto Nathan não estivesse morto."

"Você me afastou. Se fechou para mim. Nós dois…"

"Para sempre." Ele encostou o dedo nos meus lábios entreabertos. "Acabou, Eva. Não adianta discutir sobre algo que não pode ser mudado."

Eu afastei a mão dele. "Acabou *mesmo*? Nós já podemos voltar a ficar juntos, ou ainda precisamos esconder nosso relacionamento da polícia? Aliás, o nosso relacionamento ainda *existe*?

Gideon manteve seu olhar em mim sem esconder nada, permitindo que eu visse seu medo e seu sofrimento. "Eu vim até aqui para perguntar isso a você."

“Se depender de mim, nunca mais saio de perto de você”, eu disse com veemência. “Nunca mais.”

As mãos de Gideon deslizaram pelos meus ombros, fazendo a temperatura da minha pele subir. “É só disso que eu preciso”, ele disse baixinho. “Fiquei apavorado com a ideia de que você fosse fugir… que ficaria com medo. De *mim*.”

“Gideon, não…”

“Eu jamais machucaria você.”

Eu agarrei a barra do moletom dele e puxei, mesmo sabendo que não tinha força para fazê-lo se dobrar até mim. “Eu *sei* disso.”

Em termos físicos, não havia a menor dúvida — ele sempre foi muito cuidadoso comigo, cauteloso. Mas, em termos emocionais, o amor que eu sentia por ele já havia sido usado contra mim de forma meticulosamente calculada. Eu ainda não estava convencida por completo de que Gideon compreendia meus sentimentos, se ele sabia que o meu coração partido ainda não estava totalmente cicatrizado.

“Sabe mesmo?” Ele olhou bem nos meus olhos, procurando por algo que eu não tivesse revelado. “Abrir mão de você acabaria comigo, mas é isso que eu prefiro se estiver fazendo você sofrer.”

“É com você que eu quero estar.”

Ele suspirou audivelmente. “Meus advogados vão falar com a polícia amanhã para descobrir em que pé as coisas estão.”

Levantei a cabeça e beijei de leve sua boca. Nós éramos cúmplices na ocultação de um crime, e eu estaria mentindo se dissesse que isso não me incomodava — afinal de contas, eu era filha de um policial —, mas a outra opção era tenebrosa demais para ser considerada.

“Você precisa ter certeza de que vai ser capaz de conviver com o que eu fiz”, ele disse baixinho, enrolando meus cabelos em torno do dedo.

“Acho que consigo. E você?”

Ele me beijou de novo. “Eu sou capaz de suportar qualquer coisa se eu tiver você.”

Enfiei a mão por baixo de sua blusa e encontrei sua pele morena e quente. Seus músculos firmes se enrijeceram ao meu toque, seu corpo era um monumento sedutor e viril. Eu lambi a boca dele e mordi de leve seu lábio inferior. Gideon gemeu. Seu ruído de prazer me envolveu como uma carícia.

“Quero sentir o seu toque.” Suas palavras eram autoritárias, mas seu tom era de súplica.

“Eu estou bem aqui.”

Ele estendeu a mão para trás, agarrou meu pulso e puxou minha mão para a frente. Depois tirou o pau para fora sem nenhum pudor, e soltou um gemido. Meus dedos envolveram seu membro grande e grosso, e meu coração disparou quando me dei conta de que ele estava aquele tempo todo sem cueca.

“Minha nossa”, eu sussurrei. “Você me deixa com tanto tesão.”

Seus olhos azuis me encaravam fixamente. Seu rosto estava vermelho, e seus lindos lábios se abriram. Gideon nunca tentou esconder o efeito que eu causava sobre ele, nunca fingiu que sabia se controlar melhor que eu quando estávamos juntos. Isso tornava seu domínio sobre mim na cama ainda mais excitante, pois eu sabia que ambos estávamos entregues ao mesmo impulso arrebatador.

Senti meu peito se apertar. Ainda não conseguia acreditar que ele era meu, que eu poderia tê-lo por inteiro, entregue, sedento e gostoso como o pecado…

Gideon arrancou a toalha em que eu estava enrolada. Ele respirou fundo ao me ver completamente nua. “Ah, Eva.”

Sua voz tremia de emoção, fazendo os meus olhos arderem. Ele arrancou a blusa e a jogou de lado. Depois foi até mim a passos lentos, adiando o momento em que nossa pele nua se encontraria.

Ele apertou meus quadris, remexendo inquietamente os dedos, com a respiração ofegante. Meus mamilos foram a primeira parte a tocá-lo, espalhando uma onda de calor por todo o meu corpo. Eu perdi o fôlego. Ele me puxou com força para si com um grunhido, arrancando meus pés do chão e me carregando até a cama.

2

Minhas coxas sentiram o colchão e eu apoiei a bunda, caindo de costas com Gideon por cima de mim. Ele me puxou com um dos braços posicionado nas minhas costas, e me ajeitou melhor na cama antes de se colocar sobre mim. Antes que eu me desse conta, sua boca já estava nos meus seios, seus lábios quentes e macios me chupavam com vontade enquanto sua mão acalentava meu desejo, apertando meu peito possessivamente.

“Meu Deus, como eu senti a sua falta”, ele gemeu. Senti sua pele quente contra o meu corpo frio, a pressão de seu peso sobre mim depois de tantas noites de ausência.

Envolvi suas panturrilhas com as pernas e estendi a mão para apertar sua bunda firme e musculosa. Eu o puxei para mim, arqueando os quadris para sentir seu pau por baixo do tecido de algodão que nos separava. Só quando ele estivesse dentro de mim eu teria certeza de que Gideon ainda era meu.

“Diga para mim”, eu pedi, desesperada para ouvir aquelas palavras que ele dizia ser inadequadas.

Gideon ergueu o tronco e me olhou, tirando gentilmente os cabelos que cobriam minha testa. Ele engoliu em seco.

Eu me inclinei para a frente e beijei sua boca de contornos encantadores. “Eu digo primeiro: eu amo você.”

Gideon fechou os olhos e estremeceu. Envolveu-me em seus braços e me apertou com tanta força que eu mal conseguia respirar.

“Eu te amo”, ele sussurrou. “Demais.”

Sua declaração emocionada reverberou pelo meu corpo todo. Eu enterrei a cabeça no ombro dele e chorei.

“Meu anjo.” Ele agarrou os meus cabelos.

Levantei a cabeça e cobri sua boca com um beijo temperado pelo gosto salgado das minhas lágrimas. Meus lábios se movimentavam desesperadamente contra os dele, como se Gideon fosse desaparecer a qualquer momento e eu não tivesse tempo para senti-lo por inteiro.

“Eva. Me deixe…” Ele pegou meu rosto entre as mãos e me deu um beijo profundo.

“Me deixe amar você.”

“Por favor”, eu sussurrei, juntando os dedos em sua nuca para agarrá-lo. Senti sua ereção quente e sólida contra os lábios do meu sexo, exercendo a pressão perfeita sobre o meu clitóris trêmulo. “Não para.”

“Nunca. Eu não consigo.”

Ele apertou a minha bunda com a mão e me suspendeu com um hábil movimento de quadris. Prendi a respiração ao sentir o prazer se espalhando pelo meu corpo, meus mamilos enrijecidos se esfregando com força contra seu peito nu. O roçar de leve de seus cabelos na minha pele era um estímulo quase insuportável. Meu ventre doía, implorando pela penetração de seu pau duro.

Minhas unhas arranharam suas costas dos ombros até os quadris. Ele arqueou o corpo diante daquela carícia mais brusca e soltou um grunhido, jogando a cabeça para trás e mostrando que estava deliciosamente entregue ao prazer.

“De novo”, ele ordenou asperamente, com o rosto vermelho e a boca entreaberta.

Inclinando o corpo para a frente, dei uma mordida em seu peito, bem onde ficava o coração. Gideon sibilou e estremeceu.

Eu não conseguia mais conter a ferocidade dos sentimentos que precisavam ser liberados naquele momento — o amor e o desejo, a raiva e o medo. E a dor. Minha nossa, quanta dor. Ela ainda reverberava dentro de mim. Eu queria atingi-lo por inteiro. Puni-lo e também lhe dar prazer. Fazê-lo sentir pelo menos uma pequena dose de tudo o que eu havia sofrido quando ele se afastou de mim.

Acariciei com a língua as marcas que tinha deixado com os dentes, e ele investiu com os quadris contra mim, esfregando o pau pelos lábios separados do meu sexo.

“Minha vez”, ele sussurrou, ameaçador. Apoiando-se sobre um dos braços, exibindo seu bíceps volumoso e lindamente definido, ele apertou o meu peito com a outra mão. Gideon abaixou a cabeça e abocanhou meu mamilo pontudo com os lábios. Sua boca era quente e ardente, e sua língua aveludada se esfregava contra a minha pele sensível. Quando seus dentes agarraram de leve a pontinha do mamilo, eu dei um grito bem alto, sentindo meu corpo inteiro se contrair como se uma agulha tivesse sido encravada no meu ventre.

Eu agarrei os cabelos dele com força. Estava tomada demais pelo desejo para ser carinhosa. Minhas pernas o envolveram em um aperto desesperado, que ecoava meu desejo de tê-lo para mim. Possuí-lo. Fazer com que voltasse a ser meu.

“Gideon”, eu gemi. Minhas têmporas estavam lavadas de lágrimas, e eu sentia um tremendo nó na garganta.

“Estou aqui, meu anjo”, ele sussurrou, passando a língua pelo meu colo até chegar ao outro seio. Seus dedos diabólicos começaram a brincar com o mamilo úmido que ele havia deixado para trás, beliscando-o suavemente até que eu agarrasse sua mão. “Não tente resistir. Me deixe amar você.”

Foi quando me dei conta de que o estava puxando pelos cabelos, tentando afastá-lo mesmo quando era eu quem forçava a aproximação. Gideon me tinha à sua mercê, seduzida por sua atordoante perfeição masculina e seu conhecimento detalhado do meu corpo. E eu estava me rendendo. Meus peitos estavam contraídos, meu sexo estava inchado e molhado. Minhas mãos percorriam incansavelmente seu corpo enquanto eu o prendia entre minhas pernas.

Ainda assim, ele conseguiu escapar do meu abraço, percorrendo o meu corpo enquanto dizia palavras tentadoras junto à minha barriga. “Senti tanto a sua falta… preciso de você… quero você agora…” Senti um líquido quente na lateral do meu corpo e, quando olhei para baixo, vi que ele também estava chorando, com seu lindo rosto contorcido pela mesma explosão de sentimentos que tomavam conta de mim.

Com os dedos trêmulos, eu toquei suas bochechas, tentando enxugar as lágrimas que caíam uma após a outra. Ele recebeu meu toque com um gemido baixinho de sofrimento, e eu não consegui mais aguentar. A dor dele me machucava muito mais do que a minha.

“Eu te amo”, falei.

“Eva.” Ele ficou de joelhos, abriu minhas pernas com as coxas dele e se deitou sobre mim, com seu pau grande e duro latejando sob seu peso.

Tudo dentro de mim se comprimiu de tesão. Seu corpo grande e pesado era inteiro revestido por músculos firmes como rochas, e sua pele morena brilhava de suor. Ele era pura elegância, a não ser pelo seu pau, que era brutalmente animalesco, com veias inchadas por toda sua extensão até a base bem grossa. Seu saco também era grande e pesado. Ele daria uma escultura tão perfeita quanto o *Davi* de Michelangelo, mas com um viés explicitamente erótico.

Sem sombra de dúvidas, o corpo de Gideon Cross havia sido feito para levar uma mulher à loucura.

“Você é meu”, eu disse em um tom de voz áspero, estendendo os braços e me agarrando a ele, apertando o meu peito contra o dele. “Meu.”

“Meu anjo.” Ele beijou minha boca com vontade, cheio de tesão. Erguendo o meu corpo, ele foi se movendo pela cama até que chegássemos à cabeceira com o meu corpo estendido sobre o dele. Nós nos esfregávamos um no outro sem parar, molhados de suor.

Suas mãos me tocavam por inteiro, seu corpo musculoso se esticou sobre mim, assim como o meu. Eu envolvi seu rosto, lambendo rapidamente a sua boca, tentando satisfazer a minha sede por ele.

Sua mão se moveu entre minhas pernas, seus dedos penetrando meu sexo. As partes ásperas acariciavam meu clitóris e evitavam a abertura trêmula do meu sexo. Com meus lábios pressionados ao dele, eu gemi, mexendo meus quadris. Ele me acariciava, estimulando meu tesão, e seu beijo carinhosamente levava minha boca ao prazer.

Meu corpo todo tremeu quando ele enfiou o dedo do meio em mim, devagar, sem pressa. A palma da mão dele roçava o meu clitóris, e com a ponta dos dedos ele ia acariciando meus tecidos mais sensíveis. Com a outra mão, ele segurava meu quadril para me manter onde queria e restringir meus movimentos.

O controle de Gideon parecia absoluto, com movimentos sedutores de precisão cirúrgica, mas ele tremia mais do que eu e respirava com dificuldade. Os sons que exalavam de seu corpo pareciam tingidos de sofrimento e súplica.

Eu me inclinei para trás e peguei no pau dele com as duas mãos, segurando bem firme. Eu também conhecia bem o corpo dele, sabia o que ele desejava e precisava. Comecei a masturbá-lo acariciando toda a sua extensão, fazendo com que o líquido pré-ejaculatório brotasse em sua cabeça larga. Ele gemeu e se apoiou na cabeceira da cama, curvando o dedo que estava dentro de mim. Eu o apertei com força, fazendo com que o líquido se espalhasse por toda a glande, e depois desci até a base para começar tudo de novo com ainda mais força.

“Não”, ele disse, ofegante. “Estou quase gozando.”

Eu ainda o acariciei mais uma vez, e senti água na boca ao ver mais um pouco de líquido sair de seu pau. Fiquei excitadíssima ao contemplar seu prazer, por saber que era capaz de exercer um efeito tão profundo sobre uma criatura tão ostensivamente sensual.

Ele soltou um palavrão e tirou o dedo de dentro de mim. Depois me agarrou pelo quadril e me forçou a soltá-lo. Ele me puxou para a frente e depois para baixo, erguendo a cintura e enfiando seu pau furioso em mim.

Eu gritei e apertei os ombros dele, sentindo meu sexo se contrair em torno daquela penetração volumosa.

“Eva.” Seu maxilar e seu queixo se contraíram quando seu jorro quente e espesso se espalhou dentro de mim.

Com o auxílio da lubrificação proporcionada por seu gozo, meu sexo escorregou por ele até que chegasse quase até o limite do meu corpo. Eu cravei as unhas em seus músculos

tensos, lutando para respirar mesmo com a boca aberta.

“Eu sou seu”, ele falou, posicionando o meu corpo para receber a última parte que ainda faltava para uma penetração completa. “Todo seu.”

Eu gemi diante da sensação dolorida e familiar de tê-lo profundamente dentro de mim. O orgasmo me pegou de surpresa, e fez minhas costas se arquearem e meu corpo se render ao prazer arrebatador.

Nesse momento o instinto tomou conta, e meus quadris começaram a se remexer involuntariamente, minhas coxas se contraíam e relaxavam e eu não pensava em nada além de desfrutar daquele momento, de tomar posse do meu homem. Do dono do meu coração.

Gideon obedecia aos comandos dos meus movimentos.

“Isso mesmo, meu anjo”, ele me incentivou com sua voz áspera, com o pau ainda duro, como se não tivesse acabado de gozar até ranger os dentes.

Os braços dele desabaram sobre a cama. Ele agarrou o edredom com os punhos fechados. Seus bíceps se contraíam a cada movimento. Seus músculos abdominais se enrijeciam a cada balanço meu, com o suor escorrendo sobre a pele. Seu corpo era uma máquina bem azeitada, e eu o estava levando ao limite.

E ele deixou. Se entregou a mim por inteiro.

Ondulando os quadris, eu extraía todo o prazer que ele era capaz de oferecer, murmurando seu nome. Aos poucos, meu ventre ia pulsando novamente, um sinal de que outro orgasmo estava próximo. Eu hesitei, com medo do que aquele excesso de estímulo poderia provocar no meu sistema nervoso.

“Por favor”, eu sussurrei, quase sem fôlego. “Por favor, Gideon.”

Ele me agarrou pela nuca e pela cintura e me deitou de barriga para cima na cama. Deitado sobre mim, ele me imobilizou e me penetrou… de novo e de novo… atacando o meu sexo com estocadas poderosas. O atrito do seu pau grosso se esfregando e entrando e saindo sem parar foi demais para mim. Eu me contorci violentamente e gozei mais uma vez, cravando as unhas nas laterais de seu corpo.

Estremecendo, Gideon também gozou e me abraçou com força até que eu mal conseguisse respirar. Sua respiração frenética junto ao meu rosto preenchia meus pulmões inflamados. Eu estava absolutamente entregue, completamente sem defesa.

“Meu Deus, Eva.” Ele enterrou o rosto no meu pescoço. “Como eu preciso de você. Muito, demais.”

“Meu amor.” Eu o abracei com força. Ainda com medo de perdê-lo.

Piscando os olhos enquanto olhava para o teto, eu percebi que tinha dormido. Foi quando o pânico bateu, o medo inevitável de despertar de um sonho feliz para o pesadelo da realidade. Eu me sentei às pressas, tentando arejar o meu peito apertado.

Gideon.

Quase chorei quando o vi deitado ao meu lado, com a boca entreaberta e a respiração tranquila e ritmada. O homem que partira o meu coração tinha voltado para mim.

Minha nossa…

Apoiada contra a cabeceira, eu tentei relaxar, saborear o raro prazer de vê-lo dormir. Seu rosto se transformava quando ele estava assim vulnerável e me fazia lembrar que ainda era um jovem, uma coisa bem fácil de esquecer quando Gideon estava acordado, irradiando uma força interior que literalmente me fez cair para trás quando o vi pela primeira vez.

Admirando-o, tirei os cabelos caídos sobre seu rosto com os dedos, observando as linhas de expressão que haviam se formado recentemente em torno dos olhos e da boca. Percebi também que ele estava mais magro. Ao que parecia, nossa separação tinha sido muito custosa para ele também. Ou então era eu que costumava enxergá-lo como uma pessoa invulnerável.

Na verdade, fui incapaz de esconder o quanto fiquei arrasada. Acreditava mesmo que estava tudo acabado entre nós, e isso era visível para todos que olhavam para mim. Gideon contava com isso para seu plano dar certo. “Um álibi plausível”, foram as palavras que ele usou. Para mim, a expressão certa para descrever aquilo era inferno, e só acabaria quando parássemos de fingir que estávamos separados.

Me movendo com cuidado, apoiei a cabeça na mão e observei o homem deitado ao meu lado na cama. Estava abraçado ao travesseiro, revelando os bíceps bem torneados e as costas musculosas marcadas por meus arranhões. Eu havia cravado as unhas na bunda dele também, enlouquecida de tesão enquanto ele me comia incansavelmente, enfiando seu pau grande e grosso bem fundo dentro de mim.

De novo e de novo…

Minhas pernas começaram a ficar inquietas, meu corpo todo se agitava novamente. Apesar de toda sua elegância e seu autocontrole, entre quatro paredes, Gideon era uma criatura indomável, que me revelava até sua alma toda vez que fazia amor comigo. Eu era incapaz de resistir ao seu toque, ao prazer inebriante que sentia quando abria minhas pernas para um homem tão viril e passional…

Ele abriu os olhos, mais uma vez me deixando maravilhada com suas íris azuis. Ele me lançou um olhar sedutor que fez meu coração bater mais forte. “Humm… Você está com cara de quem quer ser comida”, ele provocou.

“É porque você é gostoso demais”, eu respondi. “Acordar do seu lado é… como ganhar presentes no Natal.”

Ele sorriu. “E, para sua conveniência, eu já venho desembrulhado. E não preciso de pilhas.”

Meu peito se apertou mais uma vez. Eu o amava demais. E morria de medo de não conseguir segurá-lo. Era como tentar engarrafar um sonho, tentar tocar com os dedos algo que era intangível.

Soltei um suspiro trêmulo. “Você é o sonho de qualquer mulher, sabia? Um sonho sensual, excitante…”

“Pare com isso.” Ele se virou e subiu em cima de mim antes mesmo que eu me desse conta do que estava acontecendo. “Eu sou podre de rico, mas você só está comigo por causa do meu corpo.”

Eu olhei para ele, admirando os cabelos que emolduravam tão lindamente o seu rosto. “O que eu quero é o coração que bate aí dentro.”

“Isso você já tem.” Suas mãos desceram pelo meu corpo, e nossas pernas se enroscaram. Eu suspirei, percebendo que um pouco do meu sentimento de medo e angústia tinha acabado de sossegar.

“Eu não deveria ter dormido aqui”, ele disse baixinho.

Eu acariciei seus cabelos, reconhecendo que ele estava certo, que os pesadelos gerados por sua parassonia sexual atípica podiam representar um perigo para mim quando dormíamos juntos. Gideon às vezes se tornava violento enquanto dormia e, se eu estivesse por perto, acabava me tornando o alvo da raiva que ele carregava dentro de si. “Mas eu gostei de ter acordado ao seu lado.”

Ele pegou a minha mão, levou-a até a boca e beijou meus dedos. “Precisamos aproveitar todo o tempo que tivermos sem ninguém vigiando a gente.”

“Ai, meu Deus. Eu quase esqueci. Deanna Johnson esteve aqui.” Eu me arrependi no mesmo instante de ter dito aquilo em um momento de tamanha intimidade entre nós.

Gideon piscou os olhos, e em uma fração de segundo a expressão de afetuosidade em seu rosto não existia mais. “Fique longe dela. É uma jornalista.”

Eu o abracei. “Ela está querendo ir pra cima de você.”

“Então vai ser obrigada a rever os seus planos.”

“Por que ela está tão interessada em você, se é uma freelance? Não é uma matéria encomendada por alguém nem nada do tipo.”

“Esqueça isso, Eva.”

A recusa dele em conversar sobre o assunto me deixou irritada. “Eu sei que você já trepou com ela.”

“Não sabe coisa nenhuma. E você devia se focar no fato de que eu estou prestes a trepar com *você*.”

Era a confirmação de que eu precisava. Eu o soltei e o empurrei. “Você mentiu.”

Ele jogou a cabeça para trás como se tivesse levado um tapa na cara. “Eu nunca menti pra você.”

“Você me disse que tinha feito sexo comigo mais vezes do que em sua vida inteira, mas no consultório do dr. Petersen contou que costumava transar duas vezes por semana. Qual das duas coisas era mentira?”

Ele se deitou de costas e franziu a testa, olhando para o teto. “Precisamos mesmo falar sobre isso? Justo agora?”

Sua linguagem corporal revelou uma tensão tamanha que a minha irritação com suas evasivas se desfez na hora. Eu não estava a fim de brigar, muito menos por coisas que faziam parte do passado. O que importava era o presente, e o futuro. Eu precisava acreditar na fidelidade dele.

“Não, na verdade não”, eu disse baixinho e me virei para o lado, apoiando a mão sobre seu peito. Quando o dia nascesse, nós voltaríamos a fingir que não estávamos mais juntos. E eu não fazia ideia de por quanto tempo precisaria continuar com aquele teatro, ou se algum dia poderíamos ficar juntos novamente. “Só queria avisar que ela anda perguntando sobre você por aí. Tome cuidado com ela.”

“O dr. Petersen perguntou a respeito de encontros sexuais, Eva”, ele disse sem se alterar, “o que não significa necessariamente transar, até onde eu sei. Não sabia que estava sendo levado tão ao pé da letra quando respondi a essa pergunta. Então é melhor deixar bem claro de uma vez por todas: eu levava mulheres para o hotel, mas nem sempre transava com elas. Isso era a exceção, e não a regra.”

Eu me lembrei do matadouro dele, uma suíte repleta de parafernálias sexuais em um dos muitos hotéis do qual era dono. Gideon não mantinha mais aquele lugar, mas era uma coisa que havia ficado gravada na minha mente. “Acho melhor deixarmos esse assunto pra

lá.”

“Foi você que começou”, ele rebateu. “Agora aguenta.”

Eu suspirei. “É verdade.”

“Às vezes eu não suportava mais ficar sozinho, mas também não estava a fim de conversar. Não queria nem *pensar*, muito menos sentir alguma coisa. Precisava de alguma distração, me concentrar em outra coisa, mas sem a intimidade do sexo propriamente dito. Você me entende?”

Infelizmente eu entendia, e me lembrei de várias ocasiões em que chupei o pau de um cara só para desligar minha cabeça por um tempo. E de fato isso não envolvia nenhum tipo de desejo ou intimidade.

“Então, ela é uma das mulheres com quem você transou ou não?” Eu detestei ter que fazer essa pergunta, mas era uma coisa que precisava ser esclarecida.

Ele virou o rosto e me olhou. “Uma vez.”

“Deve ter sido uma transa e tanto pra ela não ter conseguido esquecer você até hoje.”

“Isso eu não sei”, ele murmurou. “Eu não lembro.”

“Você estava bêbado?”

“Não. Claro que não.” Ele esfregou o rosto. “O que foi que eu acabei de falar para você?”

“Não foi nada pessoal, certo. Mas ela disse que você tem um ‘lado obscuro’. Eu percebi que ela estava falando de sexo, mas não quis entrar em detalhes. Ela mencionou isso pra criar alguma forma de afinidade entre nós, porque ambas tínhamos sido rejeitadas por você. Um tipo de ‘Irmandade das Abandonadas por Gideon’.”

Ele me encarou com um olhar de frieza. “Não me venha com essa conversa. Isso não combina com você.”

“Ei.” Eu franzi a testa. “Desculpa aí. Eu não estava querendo dar uma de pobre coitada. Quer dizer, só um pouquinho. Acho que eu tenho esse direito, não? Depois de tudo o que aconteceu…”

“E o que você queria que eu fizesse, Eva? Eu nem sabia que você existia.” Gideon assumiu um tom mais grave, mais sério. “Se soubesse, teria ido atrás de você. Ou teria esperado o quanto fosse preciso. Mas eu não sabia, então tinha que me contentar com o que aparecesse. Assim como você. Eu não fui o único a perder tempo com gente que não prestava.”

“É verdade. Somos dois idiotas.”

Houve um instante de silêncio. “Você está brava?”

“Não, está tudo bem.”

Ele me encarou.

Eu dei risada. “Você estava se preparando pra começar a brigar, né? A gente pode brincar disso, se você quiser. Da minha parte, eu prefiro transar de novo.”

Gideon subiu em cima de mim. O olhar no seu rosto era um misto de alívio e gratidão, e provocou uma dor aguda no meu peito. Eu me lembrei de como era importante para ele poder falar a verdade.

“Você está diferente”, ele comentou, acariciando meu rosto.

Claro que estava. O homem que eu amava havia chegado ao ponto de matar por minha causa. Não são poucas as coisas que se tornam desimportantes diante de um sacrifício como esse.

3

“Meu anjo.”

Senti o cheiro de café antes mesmo de abrir os olhos. “Gideon?”

“Hum?”

“Se ainda não forem sete horas, você vai se ver comigo.”

O som da risada dele fez os dedos dos meus pés se curvarem. “Está cedo, mas precisamos conversar.”

“Ah, é?” Eu abri primeiro um olho, depois o outro, e então pude admirá-lo por inteiro, já vestido com seu terno completo. Ele estava tão gostoso que me deu vontade de arrancar peça por peça — com os dentes.

Gideon sentou na beirada da minha cama, a tentação em pessoa. “Preciso ter certeza de que está tudo bem entre nós antes de ir embora.”

Eu me sentei e me apoiei à cabeceira, sem fazer qualquer esforço para cobrir meus seios, pois sabia que acabaríamos falando sobre a ex-noiva dele. Eu jogava sujo quando era preciso. “Vou precisar daquele café para falar sobre isso.”

Gideon me entregou a caneca e depois acariciou meu mamilo com o polegar. “Você é tão linda”, ele murmurou. “Cada pedacinho de você.”

“Está tentando me distrair?”

“Você é que está. E a sua estratégia está dando certo.”

Será que ele admirava o meu corpo da mesma maneira que eu admirava o dele? Só de pensar nisso, abri um sorriso.

“Estava com saudade do seu sorriso, meu anjo.”

“Eu sei bem como é essa sensação.” Toda vez que eu o via e ele não sorria para mim, era como se uma faca se enterrasse no meu coração. Eu não conseguia nem pensar nessas ocasiões sem relembrar toda a dor que senti. “Onde você escondeu esse terno, garotão? No bolso eu sei que não foi.”

Com a troca de roupa, ele havia se transformado de novo no executivo poderoso e bem-sucedido. O terno estava impecável, a camisa e a gravata combinavam perfeitamente. As

abotoaduras brilhavam, refletindo toda a sua elegância. Por outro lado, os cabelos que chegavam até o colarinho eram um aviso de que ele estava muito longe de ser certinho.

“Isso é uma das coisas que precisamos conversar.” Ele se endireitou, mas a expressão afetuosa em seu rosto permanecia. “Eu peguei pra mim o apartamento aqui ao lado. Vamos ter que fazer com que a nossa reconciliação pareça gradual, então vou continuar usando o meu apartamento pra manter as aparências, mas vou ficar todo o tempo que puder aqui, como seu novo vizinho.”

“E isso é seguro?”

“Eu não sou um suspeito, Eva. Não sou nem uma testemunha nesse caso. Meu álibi é perfeito, e não existe nenhum motivo plausível para me acusarem por esse assassinato. Isso é só uma demonstração de respeito pelos detetives, porque nós não queremos duvidar da inteligência deles. Só estamos facilitando a conclusão de que chegaram a um beco sem saída.”

Dei um gole no meu café e pensei a respeito do que ele falou. Não havia perigo imediato, era verdade, mas nem por isso Gideon deixava de ser culpado. Ele estava se sentindo pressionado, por mais que não quisesse deixar transparecer.

Mas, no fundo, eu sabia que todo aquele esforço era para que nós voltássemos a ficar juntos, e era exatamente o que eu precisava depois de todo o sofrimento da separação das semanas anteriores.

Assumi um tom deliberadamente bem-humorado na minha resposta. “Então o meu ex-namorado vai continuar morando na Quinta Avenida, mas eu tenho um novo vizinho gostosão para me divertir? Isso parece interessante.”

Ele ergueu uma das sobrancelhas. “Você quer brincar de representar, é isso?”

“Quero manter você satisfeito”, eu admiti com uma sinceridade chocante até para mim mesma. “Quero que você encontre em mim tudo o que procurou nas outras mulheres com que já se envolveu.” As mulheres que ele levava para o seu matadouro cheio de brinquedinhos sexuais.

Seus olhos azuis faiscaram, mas seu tom de voz se manteve tranquilo e sereno. “Eu não consigo ficar longe de você. Isso deve bastar como prova de que não quero saber de mais ninguém.”

Ele se levantou, pegou minha caneca e pôs em cima do criado-mudo. Depois disso, agarrou a beirada do lençol e jogou para o outro lado, revelando o meu corpo por inteiro.

“Deita aí”, ele mandou. “E abra as pernas.”

Eu obedeci, e senti meu coração acelerar, deslizando sobre a cama e afastando as pernas. Senti instintivamente o impulso de me cobrir de novo — o sentimento de vulnerabilidade provocado por seu olhar era intenso —, mas consegui resistir. Eu estaria mentindo se dissesse que não me sentia excitada ao me ver nua enquanto ele estava impecavelmente vestido com um de seus ternos lindíssimos. Isso criava uma sensação inequívoca de que era ele quem estava no poder, o que me deixava morrendo de tesão.

Ele passou um dedo pelos lábios do meu sexo, brincando com o meu clitóris. “Essa bocetinha linda é só minha.”

Meu ventre tremeu quando ouvi sua voz áspera.

Ele me controlava com a palma da mão, quando seu olhar encontrou o meu. “Eu sou um homem muito possessivo, Eva, você já deve ter reparado nisso a esta altura.”

Eu estremeci ao sentir a ponta de seu dedo penetrando de leve a minha abertura úmida. “Sim.”

“Brincar de representar, ser algemado, transar em veículos em movimento e em vários lugares diferentes… Quero explorar tudo isso com você.” Com os olhos faiscando, ele enfiou um dedo de maneira torturantemente lenta dentro de mim. Soltando um leve gemido, deu uma mordidinha no lábio inferior que me arrebatou como se estivesse recebendo seu sêmen dentro do meu corpo.

Ser penetrada com tanta suavidade me deixou sem fala por um momento.

“Você gosta disso”, ele disse baixinho.

“Humm.”

Seu dedo foi um pouco mais fundo. “Não quero mais saber de nada de plástico, vidro, metal ou couro fazendo você gozar. O seu amiguinho movido à pilha vai ter que procurar outras ocupações.”

O calor se espalhou pela minha pele como se eu estivesse febril. Ele entendeu o recado.

Inclinando-se sobre mim, Gideon apoiou uma das mãos sobre o colchão e levou sua boca até a minha. Com o polegar, ele massageava deliciosamente o meu clitóris, me tocando por dentro e por fora. O prazer do seu toque se espalhou, fazendo minha barriga se encolher e meus mamilos endurecerem. Agarrei os seios com as mãos, sentindo-os inchar. O toque e o desejo de Gideon eram pura magia. Como eu pude viver sem ele?

“Eu quero tanto você que chega a doer”, ele falou com a voz rouca. “O tempo todo. É só você estalar os dedos que eu já fico de pau duro.” Ele passou a língua pelo meu lábio inferior, inalando meus suspiros ofegantes. “Quando eu gozo, é só pra você. Por causa de

você e da sua boca, das suas mãos, da sua bocetinha insaciável. E é assim que vai ser com você também. A minha língua, os meus dedos, a minha porra dentro de você. Só você e eu, Eva. Sem barreiras, só tesão."

Eu não tinha dúvidas de que me tornava o centro do seu mundo quando Gideon me tocava, a única coisa que importava para ele naquele momento. Mas essa conexão física não podia durar o tempo todo. De alguma forma, eu tinha que aprender a acreditar em algo que nos unia mesmo *à distância*.

Sem nenhuma vergonha, meu corpo estremeceu e eu comecei a mexer em torno de seu dedo. Ele enfiou mais um, e eu me apoiei sobre os calcanhares, arqueando o corpo na direção de suas investidas. "Por favor."

"Quando seus olhos se perderem desse jeito, vai ser por *minha* causa, e não por um brinquedo." Gideon mordeu de leve meu queixo, e depois desceu até o meu peito, afastando minhas mãos com seus lábios. Ele abocanhou meu mamilo com uma mordida leve, seguida por uma sucção suave. Senti uma dor aguda, e meu desejo se intensificou com a percepção de que havia uma certa distância entre nós, algo que ainda não tinha sido reconhecido nem enfrentado.

"Quero mais", eu disse ofegante, precisando que ele sentisse tanto prazer quanto eu.

"Sempre", ele murmurou, abrindo um sorriso malicioso junto do meu corpo.

Eu grunhi de frustração. "Quero o seu pau dentro de mim."

"Como você quiser." Ele passou a língua no outro mamilo, provocando de leve até que eu chegasse ao ponto de implorar para que o chupasse. "O seu desejo precisa ser todo por *mim*, meu anjo, não pelo orgasmo. Pelo *meu* corpo, pelas *minhas* mãos. Quero que você se torne incapaz de gozar sem o toque da minha pele contra a sua."

Eu concordei freneticamente com a cabeça, com a boca seca demais para conseguir falar. O desejo se concentrava como uma mola comprimida dentro do meu ventre, apertando-se um pouco mais a cada movimento do polegar de Gideon contra meu clitóris e dos dedos que estavam dentro de mim. Lembrei do meu amiguinho movido a pilha, meu sempre confiável vibrador, e sabia que, se Gideon tirasse as mãos de mim naquele momento, nada mais seria capaz de me fazer gozar. Minha paixão era *toda* por ele, meu desejo era inflamado pelo desejo dele por mim.

Minhas pernas tremeram. "E-eu vou gozar."

Ele me beijou na boca com seus lábios macios e tentadores. O amor que senti naquele beijo me levou ao clímax. Eu gritei e estremeci em um orgasmo rápido e intenso. Soltei um gemido longo e rasgado, e meu corpo se contorceu violentamente. Enfiei a mão por

baixo do paletó dele para puxá-lo mais para perto, só abandonando a boca dele quando a onda de prazer cessou.

Lambendo os dedos, ele murmurou: “Me diga no que está pensando”.

Tentei controlar os batimentos do meu coração. “Não estou pensando em nada. Eu só quero ficar olhando pra você.”

“Não é bem assim. Às vezes você fecha os olhos.”

“É porque você fala bastante na cama, e a sua voz é uma delícia.” Eu engoli em seco ao pensar em tudo que havia sofrido. “Eu adoro ficar ouvindo você, Gideon. Preciso saber se estou fazendo você se sentir tão bem quanto você me faz.”

“Chupa o meu pau agora”, ele sussurrou. “Quero gozar pra você.”

Levantei da cama correndo, ofegante, e minhas mãos foram voando até sua braguilha. Seu pau grande e grosso estava bem duro. Afastando a camisa e baixando sua cueca, eu o libertei. Ele caiu pesadamente sobre as minhas mãos, com a ponta já toda úmida. Eu lambi o líquido que comprovava sua excitação, admirando seu controle e a forma como ele colocava a minha satisfação sempre em primeiro lugar.

Meus olhos estavam fixos nos dele quando abocanhei a cabeça macia do seu pau. Vi quando seus lábios se abriram, ele respirou fundo e suas pálpebras caíram, como se o prazer que sentisse fosse inebriante.

“Eva.” Seus olhos entreabertos estavam direcionados para mim. “Ah… Isso. Assim mesmo. Minha nossa, como eu adoro a sua boca.”

O prazer dele me estimulou ainda mais. Tentei enfiar o máximo possível na boca. Eu adorava fazer aquilo com ele, a masculinidade de seu gosto e seu cheiro. Percorri toda a sua extensão com os lábios, sugando-o de levinho. Como se o idolatrasse. Para mim, não havia nada de errado em reverenciar a virilidade dele — eu merecia.

“Você adora isso”, ele falou com a voz rouca, enfiando a mão no meio dos meus cabelos e segurando minha cabeça. “Tanto quanto eu.”

“Até mais. Eu poderia passar horas fazendo isso. Vendo você gozar uma vez atrás da outra.”

Um rugido reverberou em seu peito. “E eu ia gostar. Nunca me canso disso.”

Com a ponta da língua, acompanhei uma veia pulsante que ia até a cabeça do pau e o abocanhei de novo, arqueando o pescoço enquanto me sentava sobre os calcanhares, com as mãos nos joelhos, oferecendo a visão do meu corpo para ele.

Gideon abaixou a cabeça, e seus olhos brilharam de tesão e carinho.

“Não para.” Ele afastou um pouco as pernas, empurrou o pau até a minha garganta e depois puxou de volta, deixando na minha língua um rastro de líquido pré-ejaculatório. Eu engoli tudo, saboreando seu gostinho bom.

Ele grunhiu e agarrou o meu queixo com as duas mãos. “Não para, meu anjo. Me chupa até eu gozar.”

Minhas bochechas ficaram côncavas quando eu peguei o ritmo, o *nosso ritmo*, sincronizando as batidas do nosso coração, nossa respiração e nosso desejo. Nossos desentendimentos podiam ser frequentes, mas nossos corpos nunca se estranhavam. Quando começávamos a nos tocar, ambos sabiam exatamente o que fazer para saciar o desejo do outro.

“É bom pra caralho.” Ele rangeu os dentes. “Ah, nossa, eu vou gozar.”

O pau dele inchou na minha boca. Suas mãos agarraram e puxaram meus cabelos, e seu corpo inteiro tremeu quando ele gozou dentro de mim.

Gideon falou um palavrão enquanto eu engolia tudo. Ele se esvaziava em jorros espessos e quentes, inundando minha boca como se não gozasse fazia tempo. Quando seu orgasmo chegou ao fim, eu estava toda trêmula e sem fôlego. Ele me pôs de pé e me deitou de volta na cama, desabando comigo ao meu lado. Seu peito subia e descia intensamente, e suas mãos estavam ansiosas quando ele me puxou para perto.

“Não era isso que eu tinha em mente quando vim até aqui trazer um café.” Ele me deu um beijo apressado na testa. “Não que eu tenha alguma reclamação.”

Eu me enrolei nele, mais do que grata por tê-lo nos braços de novo. “Então vamos ficar em casa e compensar o tempo perdido.”

Sua risada saiu rouca, ainda por causa do orgasmo. Ele me segurou por um tempo, passando os dedos pelos meus cabelos e acariciando meus braços.

“Fiquei arrasado”, ele disse baixinho. “Por ver você sofrendo, com raiva. Saber que a culpa era toda minha, por ter me afastado… Foi um inferno pra nós dois, mas não podia correr o risco de deixar que as suspeitas caíssem sobre você.”

Eu fiquei tensa. Nunca havia pensado nessa possibilidade. Gideon poderia ser acusado de ter cometido o assassinato por minha causa. O que poderia significar que eu sabia de tudo. Ele não me manteve na ignorância apenas para me proteger — o álibi tinha sido pensado para mim também. Ele estava sempre tentando me proteger — não importava o risco.

Ele se afastou um pouco. “Deixei um telefone pré-pago clonado na sua bolsa. Tem um número na memória para você entrar em contato com Angus quando for preciso. Quando

quiser falar comigo, é só ligar pra ele.”

Fechei as mãos de raiva — eu ia precisar ligar pro chofer quando quisesse falar com o meu namorado. “Eu odeio isso.”

“Eu também. Resolver essa situação é a minha prioridade número um.”

“E não é perigoso envolver Angus em tudo isso?”

“Ele é um ex-agente do MI6. Telefonemas clandestinos são brincadeiras de criança pra ele.” Ele fez uma pausa antes de concluir: “Não vou mentir pra você, Eva. Eu consigo rastrear você através desse telefone, e vou fazer isso”.

“Quê?” Eu levantei da cama e fiquei de pé. Minha cabeça estava a mil. MI6 — o serviço secreto britânico! — celulares rastreáveis… Eu não sabia o que pensar. “De jeito nenhum.”

Ele também se levantou. “Se eu não posso estar ao seu lado nem falar com você, preciso ao menos saber onde você está.”

“Não faça isso comigo, Gideon.”

Seu rosto permanecia inalterado. “Eu não precisava ter contado nada.”

“Está falando sério?” Eu fui caminhando até o closet para pegar um robe. “Não venha me dizer que o fato de me avisar absolve você pelo seu comportamento ridículo.”

“Colabora comigo.”

Olhando para ele, enfiei as mãos nas mangas de um robe de seda vermelho e amarrei com um nó bem apertado. “Não. Eu acho que você é um maníaco controlador que gosta de me monitorar o tempo todo.”

Ele cruzou os braços. “Eu gosto de te manter viva.”

Eu fiquei paralisada. Por um instante, minha mente reviveu todos os acontecimentos das semanas anteriores — acrescentando Nathan à confusão toda. De repente, tudo fez sentido: o chilique de Gideon no dia em que fui a pé para o trabalho, o fato de Angus me seguir pela cidade o tempo todo, a bronca que ele me deu quando me forçou a subir até seu andar pelo elevador…

Todas as vezes em que o odiei por ser um cretino, ele estava tentando me proteger de Nathan.

Meus joelhos fraquejaram, e eu fui ao chão sem a menor preocupação com a elegância.

“Eva.”

“Eu preciso pensar um pouco.” Boa parte daquilo eu já tinha entendido durante o

período em que ficamos separados. Tinha certeza de que Gideon jamais permitiria que Nathan aparecesse em seu escritório com fotos minhas sendo abusada e violada e ainda saísse impune. Por muito menos, por causa de um *beijo*, ele deu uma tremenda surra em Brett Kline. Nathan havia me *estuprado* repetidas vezes durante anos, e documentou tudo com fotos e vídeos. A reação de Gideon quando se viu cara a cara com Nathan pela primeira vez deve ter sido violenta.

A visita de Nathan ao Crossfire provavelmente aconteceu no dia em que encontrei Gideon recém-saído do chuveiro com uma mancha vermelha no punho da camisa. O que eu imaginava ser uma marca de batom era o sangue de Nathan. O sofá e as almofadas do escritório de Gideon estavam bagunçados por causa da briga entre os dois, e não por uma rapidinha na hora do almoço com Corinne.

Com a testa franzida, ele se agachou ao meu lado. “Droga. Você acha que eu *quero* ficar vigiando você o tempo todo? Foram as circunstâncias que exigiram isso. Tente entender que, apesar de me esforçar para respeitar sua independência, eu também preciso manter você em segurança.”

Uau. Olhando para trás, eu não apenas entendi tudo como fui atingida brutalmente por uma dose cavalar de bom senso. “Eu entendo.”

“Acho que não. Isto aqui” — ele apontou para si mesmo com um gesto impaciente — “é só fachada. Só o que me importa é *você*, Eva. Custa muito você entender isso? Eu sou seu de corpo e alma. Se acontecesse alguma coisa com você, a minha vida chegaria ao fim. Manter você em segurança é também um ato de autopreservação! Aprenda a tolerar isso por mim, se pensar em si mesma não é motivação suficiente pra você.”

Eu pulei em cima dele, fazendo com que se desequilibrasse e caísse. Depois o beijei com força, sentindo meu coração disparar e a minha pulsação acelerada rugir nas minhas orelhas.

“Detesto deixar você aflito desse jeito”, eu murmurei entre beijos sucessivos, “mas isso também não é nada fácil pra mim.”

Soltando um grunhido, ele me apertou com força. “Então estamos conversados?”

Eu torci o nariz. “Talvez não sobre o celular clonado. E essa história de me rastrear pelo telefone é loucura. Sério. Não estou gostando nada disso.”

“É uma coisa temporária.”

“Eu sei, mas…”

Ele cobriu a minha boca com a mão. “Eu deixei instruções sobre como rastrear o *meu* telefone na sua bolsa.”

Fiquei sem saber o que dizer.

Gideon deu uma risadinha. “Quando é comigo, não parece uma ideia tão ruim, não?”

“Cala a boca.” Eu saí de cima dele e dei um soco no seu ombro, de brincadeira. “Nós somos completamente anormais.”

“Eu prefiro ‘moderadamente excêntricos’. Mas isso só entre nós.”

O clima afetuoso entre nós se desfez, substituído por um toque de pânico diante da ideia de que precisávamos manter nosso relacionamento às escondidas. Quanto tempo demoraria para eu poder vê-lo de novo? Alguns dias? Eu não suportaria viver outras semanas como as da nossa separação. Só de pensar em ficar tanto tempo sem ele, já ficava desesperada.

Engoli em seco, sentindo um nó na garganta. “Quando vamos poder ficar juntos de novo?”

“Hoje à noite. *Eva*.” Seus lindos olhos azuis pareciam atormentados. “Eu não suporto ver esse olhar no seu rosto.”

“Quero você comigo”, eu sussurrei, sentindo os olhos ardendo. “Eu preciso de você.”

Gideon me acariciou de leve com os dedos. “Você estava comigo. O tempo todo. Você nunca saiu dos meus pensamentos. Eu sou seu, Eva. Onde quer que esteja, e o que quer que esteja fazendo, estou pensando em você.”

Eu me inclinei na direção de seu toque, contando com seu calor para desfazer o frio que se instalou na minha barriga. “E nada de ficar passeando por aí com a Corinne. Eu não aguento mais isso.”

“Certo”, ele concordou, me pegando de surpresa. “Até já conversei isso com ela. Esperava que pudéssemos ser amigos, mas ela queria retomar a nossa relação, e eu só quero você.”

“Na noite em que o Nathan morreu… ela foi o seu álibi.” Não consegui continuar. Doía imaginar que ele havia passado tanto tempo com ela.

“Não, o incêndio na cozinha foi o meu álibi. Passei a maior parte daquela noite conversando com os bombeiros, com a seguradora, e providenciando uma solução de emergência pra comida que ia servir na festa. Corinne ficou por perto só durante um tempo, e além dela tenho uma porção de funcionários pra comprovar que estava lá o tempo todo.”

O alívio que eu senti deve ter ficado estampado na minha cara, porque a expressão de Gideon se atenuou e passou a demonstrar aquela sensação de tristeza à qual eu já estava

começando a me acostumar.

Ele se levantou e estendeu a mão para mim. “O seu novo vizinho gostaria de convidar você pra jantar hoje à noite. Às oito horas. As chaves do apartamento dele, e do meu também, estão no seu chaveiro.”

Eu peguei sua mão e tentei manter o clima de sedução com uma resposta divertida. “Ele é muito gato. Será que transa no primeiro encontro?”

Ele abriu um sorriso tão malicioso que fez o meu coração bater mais forte. “Acho que as suas chances de ser comida hoje à noite são bem grandes.”

Soltei um suspiro dramático. “Quanto romantismo.”

“Se quer romantismo, é isso que você vai ter.” Gideon me puxou até ele e tirou meus pés do chão com a maior facilidade.

Agarrada aos seus quadris com os calcanhares e inclinada para trás, senti que meu robe se abria, expondo os meus seios. Ele me inclinou ainda mais para trás, até que meu sexo encostasse em sua coxa musculosa, usando sua ótima capacidade física para suportar o peso do seu corpo e do meu também.

Rapidamente, ele me seduziu. Apesar das horas e horas de prazer noturno e de ter tido um orgasmo momentos antes, eu o desejei mais uma vez naquele momento, excitada por sua força e sua personalidade — o controle que ele exibia sobre si mesmo e sobre mim.

Comecei a me esfregar em sua perna, lambendo os lábios. Ele grunhiu e abocanhou meu mamilo, passando a língua pelo lugar mais enrijecido. Ele me tomou sem esforço, me excitou, me possuiu.

Eu fechei os olhos em sinal de rendição.

Por causa do calor e da umidade, decidi usar um vestidinho leve de linho e prender meus cabelos loiros em um rabo de cavalo. Para completar o visual, escolhi um par de brincos de argola e fiz uma maquiagem leve.

Tudo havia mudado. Gideon e eu estávamos juntos novamente. Nathan Barker não fazia mais parte do meu mundo, nem do de ninguém. Não existia mais o risco de virar uma esquina e dar de cara com ele, ou que ele batesse do nada na porta da minha casa. Eu não precisava mais ter medo de que o meu passado arruinasse a minha relação com Gideon. Ele já sabia de tudo, e queria ficar comigo mesmo assim.

No entanto, aquela paz era maculada pelo temor que eu sentia por Gideon — eu precisava da garantia de que ele iria se safar. Como seria possível que jamais fosse acusado por um crime que havia *de fato* cometido? Nós teríamos que conviver para

sempre com o peso dessa ameaça pairando sobre nós? Como isso iria afetar o nosso relacionamento? Eu sabia que as coisas entre nós nunca mais seriam como antes. Não depois de um acontecimento tão grave.

Saí do meu quarto já com a cabeça voltada para o trabalho, ansiosa pelas horas de distração que teria na Waters Field & Leaman, uma das maiores agências de publicidade do país. Quando fui pegar minha bolsa no balcão da cozinha, dei de cara com Cary. Ele claramente havia passado a noite se dedicando às mesmas atividades que eu.

Estava apoiado no balcão, com as mãos agarradas à beirada de pedra, enquanto Trey, seu namorado, segurava seu rosto e o beijava apaixonadamente. Trey estava propriamente vestido, com jeans e uma camiseta branca, enquanto Cary se limitava a uma calça de moletom cinza bem folgada em sua cintura estreita e sensual. Ambos estavam com os olhos fechados, e tão concentrados um no outro que nem perceberam que não estavam mais sozinhos.

Era uma tremenda falta de noção ficar ali parada olhando para os dois, mas foi algo inevitável para mim. Para começo de conversa, eu sempre adorei ver dois homens lindos se beijando. E, além disso, a posição de Cary era bem reveladora. Apesar da vulnerabilidade estampada em seu rosto, o fato de estar agarrado ao balcão e não ao namorado traía seu desejo de manter uma certa distância.

Peguei a minha bolsa da maneira mais discreta possível, e saí na ponta dos pés do apartamento.

Como não queria chegar toda suada ao trabalho, chamei um táxi em vez de ir caminhando. Do assento traseiro do carro, vi o Edifício Crossfire, que pertencia a Gideon, surgindo na paisagem. Aquela torre azulada e inconfundível abrigava a sede das Indústrias Cross e também os escritórios da Waters Field & Leaman.

Meu emprego de assistente do gerente de contas júnior Mark Garrity era um sonho para mim. Apesar de certas pessoas — mais especificamente meu padrasto, o magnata das finanças Richard Stanton — não entenderem por que preferi começar por baixo, deixando de lado o fato de ter muito dinheiro e muitos contatos, eu tinha muito orgulho de ter feito a minha própria carreira. Mark era um ótimo chefe — trabalhava muito e sabia delegar, o que significava que eu estava aprendendo tanto com a orientação dele quanto me virando sozinha.

O táxi virou a esquina e parou atrás do Bentley preto que eu conhecia tão bem. Senti meu coração se acelerar ao saber que Gideon estava por perto.

Paguei a corrida e deixei o ar-condicionado do carro para enfrentar o ar quente e úmido da manhã. Meus olhos perscrutaram o Bentley, ansiosos por algum sinal de Gideon. Era

maluquice ficar excitada pela ideia de vê-lo, principalmente depois de passar a noite toda desfrutando de sua nudez gloriosa e absoluta.

Com um sorriso malicioso, atravessei a porta giratória de vidro com armação de cobre do Crossfire e entrei no saguão espaçoso. O piso e as paredes revestidos em mármore transmitiam uma imagem de riqueza e poder, enquanto a fachada azulada fascinava pela beleza, assim como os ternos de Gideon feitos sob medida. Em seu conjunto, o Crossfire era sensual, elegante e ameaçador — assim como o homem que o havia criado. Eu adorava trabalhar lá.

Passei pelas catracas e tomei o elevador para o vigésimo andar. Assim que saí, vi Megumi, a recepcionista, já a postos em sua mesa. Ela liberou a entrada pela porta de vidro e ficou de pé quando me aproximei.

"Oi", ela me cumprimentou, toda chique com sua calça preta e sua blusa de seda dourada. Seus olhos escuros e puxados brilhavam de empolgação, e sua boca bem delineada exibia um batom vermelho dos mais ousados. "O que você vai fazer no sábado à noite?"

"Ah…" Eu queria ficar com Gideon, mas não havia garantia nenhuma de que isso iria acontecer. "Não sei. Ainda nem pensei nisso. Por quê?"

"Um amigo do Michael vai se casar, e a festa de despedida de solteiro é no sábado. Se eu ficar em casa sozinha, vou acabar enlouquecendo."

"Michael é aquele cara que você acabou de conhecer?", eu perguntei, lembrando que ela tinha topado encontrar esse cara, arranjado por sua colega de apartamento, sem saber exatamente quem ele era.

"Pois é." O rosto de Megumi se iluminou por um instante, mas logo depois o desânimo tomou conta dela. "Eu gostei dele, e acho que ele gostou de mim, mas…"

"Mas…", eu a incentivei a continuar.

Ela encolheu um dos ombros e desviou os olhos. "Ele é do tipo que morre de medo de compromisso. Sei que ele está curtindo ficar comigo, mas sempre faz questão de dizer que não é nada sério, que a gente só está se divertindo. Só que a gente anda passando cada vez mais tempo juntos", ela contou. "Ele abriu mão de um monte de coisas pra poder me ver mais vezes. E não só pra transar."

Eu torci a boca, pois conhecia bem o tipo. Pular fora de um relacionamento assim não era uma decisão tão fácil. As atitudes contraditórias mantinham o componente dramático e a adrenalina sempre em alta, e a possibilidade de dar certo caso o cara resolvesse assumir o risco era um tremendo atrativo. Que mulher não gostaria de segurar um homem

impossível de fisgar?

“Pode contar comigo pro sábado à noite”, eu falei, oferecendo o meu apoio sincero. “O que você tem em mente?”

“Dançar, beber, curtir.” O sorriso voltou ao rosto de Megumi. “De repente a gente até consegue alguém pra consolar você.”

“Hã…” Nossa. Que constrangedor. “Eu estou muito bem, pra dizer a verdade.”

Ela ergueu uma sobrancelha. “Você parece estar bem cansada.”

Passei a noite inteira na cama com Gideon Cross.… “A aula de krav maga de ontem à noite foi bem pesada.”

“Quê? Ah, esquece. Enfim, não custa nada ficar de olho, né?”

Eu ajeitei a minha bolsa no ombro. “Não estou precisando do consolo de ninguém”, insisti.

“Ei.” Ela pôs as mãos na cintura. “Só estou dizendo pra você não se fechar pra nenhuma possibilidade. Eu sei que Gideon Cross deve ser um cara difícil de substituir, mas, pode acreditar, seguir em frente é o melhor que você pode fazer pra se vingar.”

Abri um sorriso. “Eu vou tentar manter a mente aberta, pode deixar”, prometi.

O telefone da recepção tocou, e eu me despedi acenando um tchau enquanto entrava no corredor, a caminho do meu cubículo. Eu precisava me planejar um pouco melhor se queria continuar fingindo que era solteira. Gideon era meu, e eu era dele. Eu não conseguia me imaginar com mais ninguém.

Quando comecei a pensar em como dizer a Gideon que iria sair no sábado à noite, Megumi me chamou no corredor. Eu me virei para olhar.

“Tem uma ligação pra você”, ela falou. “E espero que seja pessoal porque, minha nossa, que voz gostosa esse cara tem. É do tipo que faz a gente pensar imediatamente em sexo com muito chocolate e chantilly.”

Senti os cabelos da minha nuca se arrepiarem. “E ele falou o nome dele?”

“Sim, sim. Brett Kline.”

4

Caminhei até a minha mesa e desabei sobre a cadeira. Fiquei com as mãos suadas só de pensar em falar com Brett. Com certeza eu ia gostar de ouvir a voz dele, e também não tinha dúvida de que ia me sentir culpada por isso. Não que eu o quisesse de volta nem nada do tipo, mas nós tínhamos uma história juntos, marcada por uma atração sexual puramente hormonal. Não era algo que eu pudesse controlar, apesar de não ter nenhum interesse em fazer algo a respeito desse desejo.

Guardei a bolsa e a sacola com meus tênis de corrida na última gaveta, e bati os olhos na colagem de fotos minhas com Gideon, emoldurada em um porta-retrato em cima da mesa. Era um presente dele para que eu não o esquecesse nem por um momento, como se isso fosse preciso. Eu pensava nele até dormindo.

O telefone tocou. A chamada havia sido transferida da recepção. Brett não tinha desistido. Determinada a manter o tom profissional, uma forma de dizer que estava no trabalho e não podia receber ligações pessoais, eu atendi: “Escritório de Mark Garrity. Eva Tramell falando”.

“Eva. Encontrei você. É o Brett.”

Fechei os olhos para absorver melhor sua voz de sexo com chocolate. Com ela, ele levou sua banda, a Six-Ninths, ao sucesso. Ele tinha sido contratado pela Vidal Records, a gravadora dirigida por Christopher Vidal Sr., que inexplicavelmente também era controlada por seu enteado, Gideon.

Por falar em mundo pequeno…

“Olá”, eu o cumprimentei. “Como vai a turnê?”

“É uma coisa surreal. A ficha ainda não caiu.”

“É algo que você sempre quis, e que realmente merece. Aproveita.”

“Valeu.” Brett ficou em silêncio por um instante, e enquanto isso, sua imagem surgiu na minha mente. Ele estava lindo na última vez que o vi, com os cabelos espetados com as pontas descoloridas e os olhos verdes brilhando de desejo por mim. Ele era alto e musculoso, mas sem aquela hipertrofia dos homens bombados — seu corpo bem definido estava sempre em forma devido à atividade constante que a vida de um astro do rock exigia. Sua pele bronzeada era coberta de tatuagens, e ele tinha piercings no mamilo com

os quais eu brincava com a língua sempre que queria sentir seu pau ficar ainda mais duro dentro de mim…

Perto de Gideon, porém, ele não era nada. Como toda mulher de bom senso, eu era capaz de admirar a beleza de Brett, mas Gideon pertencia a uma categoria à parte.

“Escuta só”, disse Brett. “Sei que você está trabalhando, por isso não vou tomar muito do seu tempo. Estou voltando pra Nova York, e quero ver você.”

Eu cruzei as pernas sob a mesa. “Acho que não é uma boa ideia.”

“O clipe de ‘Golden’ vai ser exibido em primeira mão na Times Square”, ele continuou. “Quero você lá comigo.”

“Lá com… Uau.” Eu esfreguei a testa com os dedos. Para distrair minha atenção do fato de ter me sentido atraída por sua proposta, pensei no que a minha mãe diria se me visse esfregando o rosto. Ela certamente afirmaria que isso provocava rugas. “Fico muito honrada com o convite, mas preciso saber… tudo bem se a gente for só amigos?”

“De jeito nenhum.” Ele deu risada. “Você está solteira agora, loirinha. A derrota de Cross é a minha vitória.”

Ai, merda. Fazia quase três semanas que as fotos da falsa reaproximação entre Gideon e Corinne circulavam pelos blogs de fofoca. Aparentemente, todos concordavam que já era hora de eu partir para outra. “Não é bem assim. Eu ainda não estou pronta pra outro relacionamento, Brett.”

“Eu estou pedindo pra você me acompanhar em um evento, não pra casar comigo.”

“Brett, é sério…”

“Você precisa ir, Eva.” Sua voz assumiu o tom grave e sedutor que costumava me fazer cair de quatro por ele. “É a sua música. Você não pode me negar isso.”

“Mas eu tenho que negar.”

“Vou ficar muito chateado se você não for”, ele disse baixinho. “Sem brincadeira. Podemos ir como amigos, se é esse o problema, mas você precisa estar lá comigo.”

Eu suspirei e me debrucei sobre a mesa. “Não quero dar falsas esperanças pra você.” *E nem irritar Gideon…*

“Seria um favor que você faria pra um amigo.”

Até parece. Eu não disse nada.

Ele não desistiu. Não desistiria nunca. “Tudo bem?”, ele perguntou.

Um copo de café se materializou junto ao meu braço, e eu vi Mark de pé ali ao meu

lado. “Tudo bem”, eu concordei para poder começar logo a trabalhar.

“Beleza.” Havia um tom de triunfo em sua voz, e fiquei com a impressão de que ele havia acabado de dar um soco no ar. “Vai ser na quinta ou na sexta à noite, ainda não sei. Me passa o seu celular que eu mando uma mensagem pra confirmar.”

Falei o número de forma apressada. “Anotou? Preciso desligar.”

“Um bom dia de trabalho pra você”, ele falou, fazendo com que me sentisse culpada por dispensá-lo de maneira tão grosseira. Ele era um cara legal, e poderia ser um ótimo amigo, mas essa possibilidade foi arruinada quando nós nos beijamos.

“Valeu. Brett… Eu estou muito feliz por você. Tchau.” Pus o telefone de volta no gancho e sorri para Mark. “Bom dia.”

“Está tudo bem?”, ele perguntou, com a testa levemente franzida. Estava vestindo um terno azul-marinho e uma gravata roxa que combinavam superbem com sua pele escura.

“Sim. Obrigada pelo café.”

“De nada. Está pronta para começar?”

Eu sorri. “Claro.”

Não demorou muito para que eu percebesse que havia algo errado com Mark. Ele estava disperso e mal-humorado, o que não era nem um pouco comum. Estávamos trabalhando na campanha de um software dedicado ao ensino de idiomas, mas ele não conseguia se concentrar. Sugeri que conversássemos sobre outra campanha, de mercados de alimentos orgânicos, sem muito sucesso.

“Está tudo bem?”, eu perguntei por fim, assumindo um tom desconfortavelmente pessoal, algo que sempre fazíamos questão de evitar quando estávamos trabalhando.

Quando saíamos para almoçar com Steven, seu companheiro, deixávamos de lado nossa relação profissional, mas sempre tomando o cuidado de não permitir que a amizade interferisse em nossas funções como chefe e funcionária. Era uma atitude respeitável da parte dele, ainda mais por saber que meu padrasto era rico. Para mim era importante poder contar com um chefe que levasse em conta apenas os meus próprios méritos.

“Quê?” Ele me olhou, e depois passou a mão pelo cabelo bem cortado. “Desculpa.”

Eu pus o meu tablet em cima do colo. “Pelo jeito tem alguma coisa incomodando você.”

Ele encolheu os ombros, recostando-se na cadeira. “Domingo faz sete anos que eu e Steven estamos juntos.”

“Que demais.” Eu sorri. Mark e Steven formavam o casal mais estável e amoroso que eu já tinha conhecido na vida. “Parabéns.”

“Obrigado.” Ele abriu um sorriso sem graça.

“Vocês vão sair pra comemorar? Já fizeram reserva em algum lugar ou quer que eu cuide disso?”

Ele sacudiu a cabeça. “Ainda não decidi. Não estou conseguindo escolher.”

“Vamos conversar a respeito, então. Infelizmente nunca pude comemorar muitos aniversários de relacionamentos, mas a minha mãe é uma especialista nesse tipo de celebração. Eu aprendi umas coisinhas com ela.”

Depois de ser casada com três homens ricos com uma intensa agenda social, Monica Tramell Barker Mitchell Stanton era mais do que qualificada para ser uma promotora de eventos profissional caso precisasse trabalhar para ganhar a vida.

“Vocês estão pensando em uma coisa mais íntima a dois, ou querem que os amigos e parentes também participem? Vocês costumam trocar presentes?”

“Eu quero casar!”, ele respondeu.

“Ah. Entendi.” Eu me recostei na cadeira. “Em termos de romance, nada supera isso.”

Mark abriu um sorriso amarelo e lançou um olhar aflito para mim. “É pra ser uma coisa romântica. Quando Steven me pediu em casamento uns anos atrás, havia corações e flores por toda parte. Você sabe como ele é dramático. Ele caprichou.”

Eu pisquei os olhos, incrédula. “Você recusou?”

“Eu adiei a ocasião. Tinha acabado de entrar na agência, ele também ainda não estava muito bem estabelecido em termos profissionais, e foi logo depois de reatarmos depois de uma briga horrorosa. Não parecia ser a hora certa, e eu não queria casar só por casar.”

“Nunca dá pra saber quando é ou não a hora certa”, eu disse baixinho, mais para mim mesma do que para ele.

“Mas eu não queria que ele levasse a coisa pro lado pessoal”, continuou Mark, como se não tivesse me ouvido, “então disse que a minha recusa era à instituição do casamento, o que foi uma tremenda babaquice da minha parte.”

Eu tive que segurar o riso. “Mas isso não torna você um babaca.”

“E, nos últimos dois anos, ele já comentou mais de uma vez que eu fiz a coisa certa ao dizer não.”

“Mas você não disse não. Só adiou a ocasião, certo?”

“Sei lá. Minha nossa, já nem sei mais o que eu falei.” Ele se inclinou para a frente, apoiando o cotovelo sobre a mesa e escondendo o rosto entre as mãos. Sua voz saiu baixa e abafada. “Eu entrei em pânico. Tinha vinte e quatro anos de idade. Algumas pessoas se sentem prontas pra assumir um compromisso nessa idade, mas eu… Eu não.”

“E, agora que tem vinte e oito, já se sente mais pronto?” A mesma idade de Gideon. Estremeci ao pensar nisso, em parte porque tinha a mesma idade de Mark quando recusou o pedido, e conseguia entender muito bem suas razões.

“Sim.” Mark levantou a cabeça e me olhou. “Mais do que pronto. Estou contando os minutos, e cada vez mais ansioso. Isso sem falar no medo de que ele diga não. Isso era o que ele queria quatro anos atrás, mas agora pode muito bem estar em outra.”

“Odeio dizer o óbvio, mas isso você só vai saber se perguntar.” Eu abri um sorriso reconfortante. “Ele é apaixonado por você. Acho que as suas chances são excelentes.”

Ele sorriu, revelando seus dentes charmosamente tortos. “Obrigado.”

“Me avise se precisar de ajuda com as reservas.”

“Eu agradeço muito.” Sua expressão se acalmou. “Desculpa por ter tocado nesse assunto logo agora que você acabou de encarar uma separação.”

“Não esquenta comigo. Eu estou ótima.”

Mark me observou por um momento, e então balançou a cabeça positivamente.

“Quer sair pra almoçar?”

Desviei os olhos de cima da mesa e dei de cara com o rosto sincero de Will Granger. Will era o mais novo contratado da Waters Field & Leaman, e eu estava ajudando em seu período de adaptação à nova empresa. Ele usava costeletas e óculos de armação quadrada que lhe conferiam um ar retrô, meio beat, que combinava muito bem com sua personalidade. Will era supertranquilo e gente boa, e eu o adorava. “Claro. Está a fim de comer o quê?”

“Alguma massa, acompanhada de pão italiano. E depois um bolo. E talvez uma batata assada.”

Eu ergui as sobrancelhas. “Certo. Mas se eu acabar vomitando na mesa e entrar em coma pelo excesso de carboidratos, você vai ter que limpar a minha barra com o Mark.”

“Você é uma santa, Eva. A Natalie cismou que não vai comer mais carboidratos, e eu não aguento nem mais um dia sem amido e açúcar. Eu estou definhando. Dá só uma olhada.”

Pelas histórias que ele contava, Will e Natalie, sua namorada desde os tempos do

colégio, pareciam ser feitos um para o outro. Ele era louco por ela, apesar de estar sempre reclamando em tom de brincadeira de seus caprichos, e o contrário também parecia ser verdadeiro.

"Combinado", eu falei, me sentindo um tanto melancólica. Não poder assumir minha relação com Gideon era uma tortura. Principalmente depois de passar tanto tempo discutindo o relacionamento dos amigos.

Logo deu meio-dia, e enquanto esperava por Will mandei uma mensagem de texto para Shawna — a cunhada de Mark — perguntando se ela tinha planos para o sábado à noite. Tinha acabado de apertar o botão de envio quando o telefone da minha mesa tocou.

Atendi ao primeiro toque. "Escritório de Mark Garrity…"

"*Eva*."

Os dedos do meu pé se contorceram quando ouvi a voz grave e rouca de Gideon. "Oi, garotão."

"Me diz que está tudo bem entre nós."

Eu mordi o lábio inferior, sentindo meu coração se contorcer dentro do peito. Ele parecia estar preocupado pelo mesmo motivo que eu. "Está tudo bem. Por que não estaria? Aconteceu alguma coisa?"

"Não." Ele fez uma pausa. "Eu só queria ter certeza."

"Eu não deixei isso bem claro ontem à noite?" *Quando estava arranhando as suas costas*… "Ou hoje de manhã?" *Quando estava chupando o seu pau*…

"Eu precisava ouvir isso em um momento em que você não estivesse olhando para mim." A voz de Gideon era um alento para os meus sentidos. Fiquei vermelha de vergonha.

"Desculpa", eu sussurrei, me sentindo sem graça. "Eu sei que você reage mal quando as mulheres tratam você como objeto. Eu não devia fazer isso."

"Eu nunca disse que não gostava que você se sentisse atraída por mim, Eva. Pelo amor de Deus." Seu tom de voz se tornou mais áspero. "Fico feliz que você goste do meu corpo, porque eu gosto pra caralho do seu."

Eu fechei os olhos, invadida pelo desejo. Agora que sabia o quanto era importante para ele, era cada vez mais difícil para mim ficar longe de Gideon. "Estou sentindo tanto a sua falta. E, pra completar, todo mundo acha que a gente está separado, e que eu preciso partir pra outra…"

"Não!" Seu grito reverberou ao telefone, fazendo com que eu levasse um susto. "Puta

que pariu. Promete que vai me esperar, Eva. Eu esperei por você a minha vida toda."

Engoli em seco e abri os olhos bem a tempo de ver Will caminhando na minha direção. Eu baixei meu tom de voz. "Desde que você seja meu, posso esperar até o fim dos tempos."

"Não vai demorar tanto assim. Estou fazendo o possível. Acredite em mim."

"Eu acredito."

Um outro telefone tocou no escritório de Gideon. "Vejo você às oito em ponto", Gideon falou, um tanto apressado.

"Certo."

Ele desligou, e no mesmo momento fui invadida por um sentimento profundo de solidão.

"Está pronta pra comilança?", perguntou Will, esfregando as mãos de ansiedade. Megumi ia almoçar com seu novo namorado que não gostava de compromissos, então seríamos apenas eu, Will e toda a massa que fôssemos capazes de comer em uma hora.

Um estupor movido a carboidrato era tudo o que eu precisava, então me levantei e disse: "Vamos lá!".

Comprei um energético light no caminho de volta do almoço. Às cinco horas, eu sabia que seria preciso encarar a esteira depois do trabalho.

Eu estava matriculada na academia Equinox, mas na verdade estava a fim de ir à CrossTrainer. A distância entre mim e Gideon estava pesando mais do que nunca. Passar um tempo em um lugar que me trazia boas lembranças ao lado dele ajudaria a aliviar essa sensação. Além disso, havia um sentimento de lealdade envolvido. Gideon era o meu amor. Eu faria de tudo para passar o resto da vida ao lado dele. Para mim, isso significava também apoiá-lo em tudo que ele fizesse.

Voltei andando para casa, sem me preocupar se ficaria suada, já que mais tarde iria à academia. Quando o elevador se abriu no meu andar, meus olhos se dirigiram imediatamente para a porta do apartamento ao lado. Brinquei com os dedos com a chave que Gideon havia me dado. A ideia de dar uma espiadinha no apartamento dele era bem sedutora. Seria parecido com sua cobertura na Quinta Avenida? Ou bem diferente?

O apartamento em que Gideon morava era deslumbrante, com seu charme europeu característico da arquitetura do pré-guerra. Era espaçoso e luxuosíssimo, mas sem deixar de ser acolhedor. Era um lugar apropriado tanto para crianças como para chefes de estado.

E como seria seu lar temporário? Pouca mobília, nenhuma arte nas paredes, uma

cozinha sem nenhum equipamento? O quanto aquele lugar teria a cara dele?

Parada diante do meu apartamento, olhei para a porta ao lado e fiquei seriamente em dúvida. No fim, acabei resistindo à tentação. Queria que ele mesmo me apresentasse sua casa nova.

Ao entrar na sala de casa, fui recebida pelo som de uma risada feminina. Não fiquei nem um pouco surpresa ao encontrar uma loira de pernas compridas no meu sofá branco ao lado de Cary, com a mão no colo dele, acariciando-o por cima da calça de moletom. Ele ainda estava sem camisa, com o braço sobre os ombros de Tatiana Cherlin, passando os dedos pelos braços dela.

“Oi, gata”, ele me cumprimentou com um sorriso. “Como foi seu dia?”

“O mesmo de sempre. Oi, Tatiana.”

Ela respondeu com um aceno de cabeça. Era lindíssima, o que na verdade era de esperar, já que trabalhava como modelo. Visual à parte, desde o começo eu não fui com a cara dela, e isso não tinha mudado desde então. Mas, observando sua relação com Cary, eu era obrigada a admitir que ela fazia bem para ele.

Os hematomas no rosto dele já haviam sumido, mas Cary ainda se recuperava de uma agressão brutal, uma emboscada armada por Nathan que deu início à sequência de eventos que provocaram meu rompimento com Gideon.

“Vou me trocar para ir à academia”, eu falei, tomando o caminho do corredor.

Atrás de mim, ouvi Cary dizer a Tatiana: “Espera um pouco, preciso conversar com a minha amiga”.

Entrei no quarto e larguei a bolsa em cima da cama. Estava remexendo na cômoda quando Cary apareceu à porta. “Como você está?”, eu perguntei.

“Já estou melhor.” Seus olhos verdes brilharam maliciosamente. “E você?”

“Também.”

Ele cruzou os braços sobre o peito nu. “Por causa daquela sacanagem toda que rolou aqui ontem à noite?”

Fechei a gaveta com os quadris e respondi: “Está falando sério? Eu não consigo ouvir nada do que acontece no seu quarto. Como você consegue ouvir o que rola no meu?”.

Ele bateu com o dedo na cabeça. “Radar sexual. Eu ainda tenho isso.”

“E isso quer dizer o quê? Que eu não tenho?”

“Acho que o Cross danificou os seus circuitos numa daquelas maratonas sexuais. Ainda

não consigo entender como ele é capaz de fazer isso. E por que não pode fazer *comigo*.”

Eu atirei meu top de ginástica nele.

Ele pegou com facilidade, dando risada. “Então? Quem foi?”

Eu mordi o lábio, pois não queria mentir para a única pessoa que sempre era sincera comigo, mesmo quando isso significava dizer algo que não iria me agradar. “Um cara que trabalha no Crossfire.”

Já sem o sorriso no rosto, Cary entrou no quarto e fechou a porta. “E do nada você decidiu trazer ele pra casa e trepar a noite toda? Pensei que você tivesse ido à aula de krav maga.”

“Eu fui. Ele mora ali perto, e a gente se encontrou por acaso depois da aula. Uma coisa levou à outra, e…”

“Eu preciso me preocupar com alguma coisa?”, ele perguntou baixinho, olhando bem para mim enquanto devolvia o meu top. “Fazia um tempão que você não transava com um estranho.”

“Não é bem assim.” Tive que me esforçar para olhar nos olhos de Cary, pois sabia que, caso não o fizesse, ele não acreditaria em mim. “Nós estamos… saindo juntos. Vou jantar com ele hoje à noite.”

“E você vai me apresentar esse cara?”

“Claro. Mas não hoje. Vamos jantar na casa dele.”

Ele sorriu. “Você está me escondendo alguma coisa. Desembucha.”

Tentei mudar de assunto. “Vi você e o Trey se beijando hoje de manhã na cozinha.”

“Sei.”

“Está tudo bem entre vocês dois?”

“Não tenho do que reclamar.”

Puxa vida. Quando Cary cismava com alguma coisa, nada era capaz de fazê-lo desistir. Tentei mudar de assunto de novo.

“Conversei com Brett hoje de manhã”, disse de forma meio casual, como se não fosse nada de mais. “Ele me ligou lá no trabalho. E não, não era ele ontem à noite.”

Cary ergueu as sobrancelhas. “O que ele queria?”

Tirei os sapatos e fui até o banheiro tirar o que havia sobrado de maquiagem no meu rosto. “Ele vai vir pra Nova York lançar o clipe daquela música, ‘Golden’, e ligou pra me

convidar pro evento.”

“Eva…”, ele começou naquele tom de voz que os pais costumam usar com crianças travessas.

“Queria que você fosse junto.”

Isso pareceu fazê-lo mudar de ideia. “Por quê? Você não confia em si mesma?”

Eu encarei seu reflexo no espelho. “Não vai rolar nada entre nós, Cary. Nosso caso nunca foi sério de verdade, então não precisa nem se preocupar. Quero que você vá porque vai ser divertido, e eu não quero dar falsas esperanças pro Brett. Nós combinamos de ir como amigos, mas acho melhor ter alguém por perto pra reforçar essa ideia. Só por precaução.”

“Você não devia ter aceitado esse convite.”

“Eu tentei recusar.”

“É só dizer não, gata. Não é tão difícil assim.”

“Ah, cala a boca!” Esfreguei um dos olhos com um lencinho de tirar maquiagem. “Já me basta o quanto estou me sentindo culpada por ter aceitado! E justo você vem com essa conversa, depois de ter achado tanta graça quando fui ao show dele sem saber de quem se tratava. Você é a última pessoa que pode vir me dizer alguma coisa.”

Porque Gideon com certeza iria falar poucas e boas…

Cary franziu a testa. “E por que diabos você está se sentindo culpada?”

“Brett levou uma tremenda surra por minha causa!”

“Nãão, ele levou uma surra porque beijou uma linda garota sem medir as consequências. Ele devia ter imaginado que você estaria acompanhada. E que bicho mordeu você, por falar nisso?”

“Eu não preciso ouvir sermão nenhum a respeito do Brett, certo?” O que eu precisava era contar tudo sobre o meu relacionamento com Gideon e compartilhar minhas preocupações com o meu melhor amigo, mas isso não era possível, o que só tornava as atribulações pelas quais estava passando ainda piores. Estava me sentindo sozinha e perdida. “Eu já falei, esse erro eu não cometo mais.”

“Ainda bem.”

Decidi compartilhar o que era possível sem comprometer nosso segredo, pois sabia que Cary não iria me julgar. “Eu ainda sou apaixonada pelo Gideon.”

“Isso está na cara”, ele falou. “E aliás, tenho certeza de que ele está sofrendo tanto

quanto você.”

Eu o abracei. “Obrigada.”

“Pelo quê?”

“Por você existir.”

Ele deu uma risadinha. “Não estou dizendo pra você ficar esperando por ele. Se o lance com Cross acabou, paciência. Mas acho que você ainda não está pronta pra levar outro cara pra cama. Sexo casual não combina com você, Eva. No seu caso, é preciso ter algum sentimento envolvido. É por isso que você se sente tão mal quando chuta o balde.”

“É verdade, isso nunca funciona”, eu concordei, e continuei limpando o rosto. “Você vai ao lançamento do clipe comigo?”

“Vou, sim.”

“E vai querer levar Trey ou Tatiana?”

Ele sacudiu a cabeça, virou para o espelho e arrumou o cabelo com movimentos habilidosos com a mão. “Mas aí pareceriam dois casais. Prefiro só eu e você. Assim tem mais impacto.”

Eu o olhei pelo espelho e abri um sorriso. “Eu adoro você.”

Ele me mandou um beijo. “Então se cuida, gata. É só isso que eu quero de você.”

O presente que eu mais gostava de dar para quem se mudava para uma casa nova eram copos de martíni Waterford. Para mim, eram a mistura perfeita de luxo, diversão e utilidade. Já tinha dado um conjunto para uma amiga de faculdade que não sabia nem o que era cristal Waterford, mas que adorava martínis, e para minha mãe, que não bebia martínis, mas adorava cristal Waterford. E era um presente que me parecia adequado para Gideon Cross, um homem com dinheiro de sobra.

Mas não era isso que eu tinha em mãos quando bati à sua porta.

Nervosa, eu alternava o peso do corpo entre uma perna e outra, alisando meu vestido. Me arrumei toda depois de voltar da academia, caprichando no meu penteado Nova Eva e na sombra escura nos olhos. O batom cor-de-rosa era do tipo que não borrava, e eu estava vestida com um vestidinho preto com um decote cavado e quase todo aberto nas costas.

A saia curta do vestido mostrava boa parte das minhas pernas, assim como os sapatos Jimmy Choos, que deixavam os dedos de fora. Estava também com as argolas de diamantes que usei no nosso primeiro encontro, e o anel que ele havia me dado, com cruzes incrustadas de diamantes ao redor da joia, simbolizando nossos pontos em comum.

A porta se abriu e eu senti minhas pernas vacilarem um pouquinho, abalada pela beleza e a sensualidade do homem que me recebeu. Gideon também devia estar meio nostálgico. Usava o mesmo suéter preto que vestia na balada onde tínhamos conversado pela primeira vez fora do Crossfire. Ele ficava lindo daquele jeito — uma mistura perfeita de elegância e casualidade. Combinado com a calça cor de chumbo e os pés descalços, o efeito que causava era arrebatador.

“Minha nossa”, ele exclamou. “Você está linda. Da próxima vez me avisa antes de eu abrir a porta.”

Eu abri um sorriso. “Olá, moreno perigoso.”

5

A boca de Gideon se curvou em um sorriso devastador quando estendeu a mão para mim. Quando meus dedos tocaram os seus, ele me puxou para perto e beijou de leve os meus lábios. A porta se fechou atrás de mim e ele a trancou, deixando o mundo todo do lado de fora.

Agarrei com força seu suéter com a mão. “Você está usando a minha blusa favorita.”

“Eu sei.” Ele se sentou em um sofá, puxando a mão que me segurava e a colocando sobre o ombro. “Fique à vontade, meu anjo. Você só vai precisar desses sapatos quando estiver prontinha pra dar pra mim.”

Meu ventre se contraiu de ansiedade. “E se eu já estiver pronta agora?”

“Não está. Você vai saber quando chegar a hora.”

Enquanto Gideon tirava um dos meus sapatos, eu apoiei o peso do corpo no outro pé. “Ah, é? Como?”

Ele me encarou com seus olhos azuis e intensos. Estava quase de joelhos diante de mim, mas ainda assim controlava a situação. “O meu pau vai estar prestes a entrar em você.”

Minhas pernas se inquietaram novamente, dessa vez por outro motivo. *Sim*, *por favor*…

Ele se endireitou e mais uma vez me olhou de cima a baixo. Seus dedos passearam pelo meu rosto. “O que tem na sacola?”

“Ah.” Tive que me esforçar para desfazer o feitiço sexual em que ele havia me envolvido. “Um presente pra casa nova.”

Dei uma olhada ao redor. Era um apartamento do mesmo tamanho do meu, bem decorado e acolhedor. Eu meio que esperava um espaço semivazio, equipado apenas com o essencial. Mas no fim parecia mesmo a casa de alguém. Só que iluminada à luz de velas, lançando um brilho dourado sobre uma mobília bastante familiar para mim, por ser uma mistura da *minha* casa *com* a dele.

Atordoada, nem percebi quando ele tirou a sacola da minha mão. Já descalça, passei por ele e vi mesinhas como as que havia na minha sala posicionadas ao lado do sofá e das poltronas idênticas às que ele tinha em sua cobertura. O hack era igual ao meu, mas sobre

ele estavam as coisas de Gideon e fotos emolduradas de nós dois. As cortinas eram como as minhas, e os abajures eram os mesmos do apartamento dele.

Na parede, onde na minha casa estava a TV, havia uma imagem minha jogando um beijo, uma versão para lá de ampliada da foto que eu tinha dado para ele pôr sobre sua mesa no Crossfire.

Eu me virei lentamente, tentando observar todas as coincidências. Ele já havia me surpreendido assim outra vez, quando criou uma réplica exata do meu quarto em sua cobertura, para me oferecer um refúgio quando as coisas ficassem intensas demais.

“Quando foi que você se mudou pra cá?” Eu adorei aquilo. A mistura do meu estilo moderno com a elegância europeia dele parecia perfeita. Ele tinha juntado todas as peças para criar um espaço que era… a *nossa* cara.

“Na semana em que Cary ficou internado no hospital.”

Eu o encarei. “Está falando sério?”

Foi quando Gideon começou a se afastar de mim, a me evitar. Depois começou a andar de novo com Corinne, e logo depois eu não conseguia mais falar com ele.

A decoração do apartamento também deve ter tomado boa parte de seu tempo.

“Eu precisava estar por perto”, ele falou distraído, olhando dentro da sacola. “Tinha que ter como chegar até você bem depressa. Antes de Nathan.”

Fiquei atordoada. No período em que senti Gideon mais distante de mim, ele estava logo ao lado. Me protegendo. “Quando eu liguei do hospital…” Eu engoli com dificuldade, sentindo um nó na garganta. “Tinha alguém com você…”

“Raúl. Ele estava cuidando da mudança. Eu precisava terminar tudo antes que Cary voltasse pra casa.” Ele me olhou. “Toalhas, meu anjo?”, ele perguntou em um tom divertido.

Ele tirou as toalhas de mão brancas com o emblema da CrossTrainer da sacola. Eu havia comprado na academia. Na ocasião, imaginei que estava indo para um lar provisório de um homem solteiro. Àquela altura, a ideia parecia ridícula.

“Me desculpe”, eu falei, ainda perplexa pela visão do apartamento. “Não fazia a menor ideia de como você estava instalado aqui.”

Tentei pegar as toalhas de sua mão, mas ele não deixou. “Os seus presentes são sempre muito atenciosos. Me diga no que estava pensando quando comprou este.”

“A ideia era que você pensasse em mim.”

“Todos os minutos do meu dia”, ele murmurou.

“Sim, mas me deixe completar o seu pensamento: eu… quente e toda suada… desesperada pra ter você.”

“Humm… Uma fantasia bastante recorrente pra mim.”

De repente, a imagem de Gideon se masturbando no chuveiro me veio à mente. Não havia palavras para descrever o quanto aquela imagem foi marcante para mim. “Você sempre pensa em mim quando bate punheta?”

“Eu não faço isso.”

“Quê? Qual é? Todo homem faz isso.”

Gideon pegou a minha mão, e nossos dedos se entrelaçaram. Ele me puxou na direção da cozinha, de onde vinha um cheiro divino. “Vamos beber um vinho enquanto conversamos.”

“Está querendo me embebedar pra depois se aproveitar de mim?”

“Não.” Ele me soltou e deixou a sacola com as toalhas sobre o balcão. “Eu sei que com você comida funciona melhor. O caminho pro seu coração passa pelo estômago.”

Sentei em um banquinho idêntico ao do meu apartamento, emocionada com aquele jeito singular que ele tinha para fazer com que me sentisse em casa. “Pro meu coração? Ou pra dentro da minha calça?”

Ele sorriu enquanto servia o vinho tinto de uma garrafa previamente aberta. “Você nem está usando calça.”

“E nem calcinha.”

“Cuidado, Eva.” Gideon olhou para mim, todo sério. “Ou então vai arruinar a minha tentativa de seduzir você como se deve antes de aprontarmos o diabo em cada metro quadrado deste apartamento.”

Minha boca ficou seca. O olhar em seu rosto quando me entregou a taça me deixou vermelha e até meio tonta.

“Antes de você”, ele murmurou, com os lábios colados à borda da taça, “eu batia uma toda vez que tomava banho. Era parte do ritual, assim como lavar os cabelos.”

Nisso eu acreditei. Gideon era um homem com um apetite sexual intenso. Quando estávamos juntos, ele transava comigo antes de dormir, depois de acordar e ainda dava um jeito de escapar para uma rapidinha no meio do dia.

“Desde que estou com você, só uma vez”, ele continuou. “E você estava junto.”

Fiquei com a taça suspensa no ar. “Sério mesmo?”

“Sério mesmo.”

Tomei um gole de vinho e tentei organizar meus pensamentos. “Por que você parou? Nas últimas semanas… Nós ficamos um bom tempo separados.”

Um leve sorriso se insinuou em seus lábios. “Eu não posso desperdiçar uma gota sequer se quiser acompanhar o seu ritmo.”

Pus a taça sobre o balcão e dei um empurrão em seu ombro. “Do jeito que você fala, parece que eu sou uma ninfomaníaca!”

“Você gosta de sexo, meu anjo”, ele respondeu com a voz mansa. “Não tem nada de errado nisso. Você é gulosa e insaciável, o que eu adoro. Gosto de saber que, quando for pra cama com você, vou gastar todas as minhas energias. E depois começar tudo de novo.”

Senti meu rosto ficar vermelho. “Pra sua informação, eu não me masturbei nenhuma vez enquanto ficamos separados. Nem vontade senti, porque você não estava por perto.”

Ele se inclinou sobre o balcão, apoiando um dos cotovelos no granito escuro. “Humm.”

“Eu gosto tanto de transar com você porque é com *você*, e não porque sou louca por sexo. Se você não gosta, é só ficar barrigudo, ou então parar de tomar banho, sei lá.” Eu desci do banquinho. “Ou então dizer não, Gideon.”

Fui andando até a sala, tentando me livrar do sentimento de inquietação que havia me perturbado o dia todo.

Gideon me abraçou por trás e me segurou. “Pode parar”, ele disse com aquele seu tom de voz autoritário que sempre me deixava excitada.

Eu tentei me soltar.

“Estou mandando, Eva.”

Eu parei de resistir, deixando meus braços caírem ao lado do corpo.

“Quer me explicar que porra foi essa?”, ele perguntou sem se alterar.

Eu abaixei a cabeça e não falei nada, pois não sabia o que dizer. Depois de um tempo em silêncio, Gideon me abraçou e me conduziu até o sofá. Ele se sentou e me pôs em seu colo. Eu me aninhei junto ao seu corpo.

Ele apoiou o queixo no topo da minha cabeça. “Está querendo brigar, meu anjo?”

“Não”, eu murmurei.

“Ótimo. Eu também não.” Ele começou a acariciar minhas costas. “Então vamos

conversar em vez disso.”

Apoiei o nariz na garganta dele. “Eu te amo.”

“Eu sei.” Ele jogou a cabeça para trás, permitindo que eu me ajeitasse melhor.

“Eu não sou viciada em sexo.”

“E se fosse também não teria problema. Transar com você é a coisa que eu mais gosto de fazer no mundo. Na verdade, se você quisesse, eu incluiria o sexo com você na minha agenda do dia a dia, como um compromisso profissional.”

“Ai, meu Deus!” Eu o mordi de leve, e ele deu risada.

Gideon agarrou meus cabelos com uma das mãos e puxou minha cabeça para trás. O olhar no seu rosto era sério, porém ameno. “Você não está chateada por causa da nossa vida sexual, que é ótima. Tem algum outro problema.”

Eu suspirei e admiti: “Não sei o que é. Só sei que estou… *esquisita*.”

Gideon me puxou para mais perto, me ajeitando em seu colo e me fazendo sentir seu calor. Nossos corpos combinavam muito bem, minhas curvas se encaixavam perfeitamente em suas linhas esculpidas. “Gostou do apartamento?”

“Adorei.”

“Ótimo.” Seu tom de voz era de satisfação. “Obviamente, é um exemplo… claro que meio exagerado…”

Meu coração se acelerou. “De como seria a nossa casa?”

“Vamos começar do zero, claro. Com tudo novo.”

Fiquei emocionada com suas palavras. Ainda assim, fui obrigada a dizer: “Isso é perigoso demais. Mudar pra cá, entrar e sair do prédio. Fico nervosa só de pensar”.

“No papel, este apartamento é ocupado por um morador como qualquer outro. Então, obviamente, ele mobiliou tudo, e entra e sai do prédio normalmente. Pela garagem, como todos os outros inquilinos que têm carro. Quando me passo por ele, uso roupas um pouco diferentes, subo e desço pelas escadas e fico de olho nos monitores de segurança, pra saber se vou cruzar com alguém no caminho.”

O nível de detalhamento daquele planejamento era uma coisa intrigante para mim, mas logo me dei conta de que ele tinha prática nesse tipo de coisa, já que foi assim que chegou até Nathan. “Tantos incômodos, e tantos gastos. Por mim. Eu não… não sei o que dizer.”

“Diga que quer morar comigo.”

Senti uma onda de prazer me invadir ao ouvir aquelas palavras. “Esse seu pedido tem

um cronograma incluso?”

“Assim que for possível.” Ele apertou de leve a minha coxa.

Pus a minha mão sobre a dele. Havia tanta coisa a superar para que pudéssemos morar juntos: nossos traumas do passado; a rejeição do meu pai, que não gostava de gente rica e achava que Gideon era um sujeito desonesto; e a minha própria resistência, pois eu adorava o meu apartamento e a minha independência.

Por questões práticas, fui direto ao ponto mais importante. “E o Cary?”

“O meu apartamento tem um anexo para hóspedes.”

Eu me virei para ele e o encarei. “Você faria isso pelo Cary?”

“Não, eu faria isso por você.”

“Gideon, eu…” Eu não sabia o que dizer. Estava perplexa. Alguma coisa parecia estar borbulhando dentro de mim.

“Então o problema também não é o apartamento”, ele continuou. “Tem alguma coisa mais que você precisa me dizer.”

Decidi deixar o caso Brett por último. “Combinei de sair com as meninas no sábado à noite.”

Ele ficou paralisado. Para alguém que não o conhecesse, isso poderia passar despercebido, mas eu sabia que era um sinal claríssimo de desconforto. “Sair no sábado à noite pra fazer o quê?”

“Dançar. Beber. O de sempre.”

“É pra ir atrás de homem?”

“Não.” Eu passei a língua pelos lábios, perplexa com sua mudança de humor. Ele passou de intimamente brincalhão para intensamente preocupado. “Todas nós somos comprometidas. Pelo menos é o que eu acho. A amiga da Megumi eu não sei, mas ela tem namorado, e a Shawna tem o chef dela, como você bem sabe.”

De repente, ele parecia estar em uma mesa de negociação quando falou: “Eu providencio tudo, o carro, o motorista e o segurança. Se você concordar em se limitar aos meus estabelecimentos, o segurança fica no carro. Caso contrário, ele vai atrás de você”.

Pisquei os olhos, surpresa, e concordei. “Tudo bem.”

Na cozinha, o timer do forno começou a apitar.

Gideon se levantou sem me tirar do colo, com um movimento rápido e seguro. Eu arregalei os olhos. Meu sangue se acelerou nas veias. Eu me agarrei a seu pescoço e deixei

que me carregasse até a cozinha. “Que homem forte, adoro isso.”

“É você que se impressiona facilmente.” Ele me sentou em um dos banquinhos e me deu um beijo demorado antes de ir até o forno.

“Foi você que cozinhou?” Eu não sei por que fiquei surpresa por isso, mas fiquei.

“Não. O Arnoldo tinha uma lasanha pronta pra ir pro forno e me fez uma salada pra viagem.”

“Que delícia.” Eu já havia comido no restaurante do famoso chef Arnoldo Ricci, e por isso sabia que a comida estaria divina.

Peguei a taça e desperdicei um vinho maravilhoso bebendo tudo de uma vez para criar coragem, sabendo que aquele era o momento de trazer à tona o mais indelicado dos assuntos. Respirei fundo e falei: “Brett me ligou hoje de manhã”.

Por alguns instantes, pensei que Gideon não tivesse me ouvido. Ele calçou a luva térmica, abriu o forno, e tirou de lá a lasanha sem se distrair. Só voltou a olhar para mim quando pôs a assadeira sobre o fogão, e nesse momento tive certeza de que ele havia escutado cada palavra que eu havia dito.

Ele largou a luva sobre o balcão, pegou a garrafa de vinho e veio até mim. Com a maior tranquilidade, pegou minha taça e a encheu de novo antes de falar. “Ele quer encontrar você quando vier a Nova York na semana que vem.”

Precisei parar um pouco para pensar antes de responder. “Você já sabia que ele vinha!”, eu acusei.

“Claro que sabia.”

Só não entendi se era porque a banda de Brett tinha contrato com a Vidal Records ou porque Gideon estava monitorando os passos dele. As duas opções faziam sentido.

“E você topou se encontrar com ele?” Seu tom de voz parecia perigosamente calmo e controlado.

Ignorando o frio que sentia na barriga, eu o encarei fixamente. “Sim, no lançamento do clipe do Six-Ninths. Cary vai comigo.”

Gideon balançou a cabeça positivamente. Eu não fazia a menor ideia do que ele poderia estar pensando.

Desci do banquinho e cheguei mais perto. Ele me envolveu em seus braços e apoiou o queixo sobre a minha cabeça.

“Eu vou cancelar tudo”, me apressei em dizer. “Eu nem queria ir, na verdade.”

“Tudo bem.” Balançando de um lado para o outro, me embalando, ele sussurrou: “Eu fui um cretino com você”.

“Não foi por isso que eu concordei em ir!”

Suas mãos acariciavam meus cabelos, roçando de leve a minha testa e o meu rosto com uma ternura que fez meus olhos se encherem de lágrimas. “Nós não podemos esquecer o que aconteceu nas últimas semanas, Eva. Eu cortei seu coração, e você ainda está sangrando.”

Foi nesse momento que percebi que não estava pronta para retomar nosso relacionamento como se nada tivesse acontecido. Uma parte de mim ainda estava ressentida, e Gideon sabia disso.

Eu me livrei de seu abraço. “O que você está querendo dizer?”

“Que eu não tinha o direito de magoar você, fosse pelo motivo que fosse, e ainda esperar que fosse me perdoar do dia pra noite.”

“Você matou um homem por minha causa!”

“Mas você não me deve nada por isso”, ele rebateu. “Você não tem obrigação nenhuma de retribuir o meu amor.”

Eu me emocionava demais quando ele dizia que me amava. Suas palavras para mim valiam mais que suas atitudes, por mais extremas que fossem.

Quando respondi, meu tom de voz já tinha se suavizado de novo. “Eu não quero magoar você, Gideon.”

“Então não me magoe.” Ele me beijou com um carinho comovente. “Vamos comer logo, antes que a comida esfrie.”

Eu vesti uma camiseta das Indústrias Cross e uma das calças de pijama de Gideon, que enrolei nos calcanhares para não ficar arrastando no chão. Pusemos as velas sobre a mesinha de centro e comemos sentados no chão. Gideon não tirou o meu suéter favorito, mas vestiu umas calças largas de ficar em casa.

Lambendo o molho de tomate dos lábios, eu contei a ele sobre o restante do meu dia. “Mark está criando coragem pra pedir o companheiro dele em casamento.”

“Se eu me lembro bem, eles estão juntos faz tempo.”

“Desde a época da faculdade.”

Gideon abriu um sorriso. “Acho que é sempre uma pergunta difícil, mesmo quando se tem certeza de qual vai ser a resposta.”

Eu baixei os olhos para o meu prato. “Corinne estava nervosa quando pediu você em casamento?”

“Eva.” Ele esperou em silêncio até que eu levantasse a cabeça. “Não vamos falar sobre isso.”

“Por que não?”

“Porque não significa nada.”

Eu o encarei. “Como você se sentiria se soubesse que eu já fui pedida em casamento e aceitei? Hipoteticamente.”

Ele me lançou um olhar aborrecido. “Seria diferente, porque você só aceitaria se casar com um cara se tivesse um sentimento muito forte por ele. Já o que eu senti foi… pânico. E isso só passou quando ela desfez o compromisso.”

“E você comprou uma aliança pra ela?” Só de imaginar que ele pudesse ter comprado uma aliança para outra mulher, fiquei abalada. Olhei para a minha mão, para o anel que ele tinha me dado.

“Nada que pudesse competir com esse”, ele disse baixinho.

Eu fechei a mão, escondendo o meu anel.

Gideon se inclinou para a frente e pôs sua mão sobre a minha. “Eu comprei a aliança pra ela na primeira loja que apareceu no caminho. Não sabia nem o que estava fazendo, então escolhi uma que era parecida com a da minha mãe. As circunstâncias eram muito diferentes, concorda?”

“Sim.” O anel que dei para ele não era exclusivo nem feito sob encomenda, mas eu vasculhei seis lojas diferentes até achar o que queria. Era de platina com diamantes negros, a imagem perfeita de Gideon — elegante, masculino e dominante.

“Desculpa”, eu falei, fazendo uma careta. “Eu sou uma idiota mesmo.”

Ele pegou a minha mão e beijou os meus dedos. “Eu também sou às vezes.”

Aquilo me fez rir. “Acho que Mark e Steven foram feitos um pro outro, mas Mark acha que, como demorou muito pra pedir, o tempo pra isso já passou.”

“Acho que o fato de ser a pessoa certa é muito mais importante do que ser no *timing* certo.”

“Estou torcendo muito por eles.” Peguei minha taça de vinho. “Quer ver TV?”

Gideon apoiou as costas no sofá. “Só quero ficar com você, meu anjo. Por mim podemos fazer qualquer coisa.”

Arrumamos juntos a bagunça na cozinha. Quando estiquei a mão para pôr na máquina a louça que Gideon tinha enxaguado, ele aproveitou para pegar a minha mão, deixando os pratos de lado. Ele me abraçou pela cintura e começou a me conduzir em uma dança. Lá da sala, vinha uma música linda, interpretada por uma voz feminina límpida e tocante.

“Que música é essa?”, eu perguntei, quase sem fôlego ao sentir o corpo de Gideon contra o meu. Meu desejo por ele se acendeu, fazendo com que eu me sentisse mais viva. Todos os nervos do meu corpo ficaram alertas, à espera de seu toque. A excitação se misturou à ansiedade.

“Não faço ideia.” Ele foi me levando até a sala.

Eu me deixei levar por sua condução perfeita, adorando o fato de que nós dois gostávamos de dançar, e que aquela era a melhor forma de ele demonstrar que estava feliz por estar comigo. Da minha parte, eu estava extasiada, sentindo meus passos cada vez mais leves até me dar a impressão de que estávamos flutuando. Quando nos aproximamos das caixas de som, o volume da música ficou mais alto. Ouvi as palavras *obscuro* e *perigoso,* e senti minhas pernas enfraquecerem.

“Exagerou no vinho, meu anjo?”, provocou Gideon, me puxando para mais perto.

Minha atenção, porém, estava toda voltada para a música. Para a dor que a cantora sentia. Uma relação conflituosa que ela comparava com ser apaixonada por um fantasma. Isso me fez lembrar dos dias em que achei que tivesse perdido Gideon para sempre, e senti um aperto no coração.

Eu olhei para ele, que me encarava com seus olhos reluzentes.

“Você parecia tão feliz quando estava dançando com o seu pai”, ele falou, e percebi que ele estava querendo reavivar lembranças importantes para nós.

“E estou feliz agora também”, garanti, apesar de sentir os olhos arderem sob seu olhar de desejo, uma sensação que eu conhecia muito bem. Se era a vontade que unia as almas, então as nossas estavam fundidas para sempre.

Agarrando sua nuca, eu puxei sua boca até mim. Quando nossos lábios se tocaram, ele perdeu o ritmo e parou de dançar, me abraçando com tanta força que tirou meus pés do chão.

Ao contrário da melancólica cantora, eu não estava apaixonada por um fantasma, e sim por um homem de carne e osso, que cometia seus equívocos, mas que também aprendia com eles. Um homem que se esforçava para ser uma pessoa melhor por minha causa, que queria que nossa relação desse certo tanto quanto eu.

“A minha maior felicidade é estar com você”, eu falei.

“Ah, Eva.”

Ele me deu um beijo de tirar o fôlego.

“Foi o menino”, eu falei.

Gideon estava fazendo círculos com os dedos em volta do meu umbigo. “Que horror.”

Estávamos deitados no sofá, vendo meu programa preferido de investigação policial. Ele estava atrás de mim, com o queixo encostado no meu ombro e as pernas enroscadas às minhas.

“É assim que essas coisas funcionam”, eu expliquei. “Eles querem te chocar e por aí vai.”

“Acho que foi a vovó.”

“Ai, meu Deus.” Eu virei a cabeça para encará-lo. “E isso você *não acha* um horror?”

Ele sorriu e me deu um beijo no rosto. “Quer apostar?”

“Eu não faço apostas.”

“Ah, qual é.” Ele pôs a mão espalmada sobre a minha barriga para me manter na mesma posição enquanto se apoiava sobre o cotovelo para me olhar.

“Não mesmo.” Eu senti o toque do pau dele contra a curvatura das minhas nádegas, todo o seu peso e sua extensão. Não estava totalmente ereto, mas nem por isso poderia ser ignorado. Curiosa, coloquei o braço entre nós e o agarrei com a mão.

Ele endureceu imediatamente. Gideon ergueu uma sobrancelha. “Está querendo se aproveitar de mim, meu anjo?”

Eu o apertei de levinho. “Na verdade, estou com tesão e meio entediada, me perguntando por que o meu vizinho ainda não tentou nada comigo.”

“Vai ver ele não quer apressar as coisas, está com medo de ser considerado abusado demais.” Os olhos de Gideon brilhavam à luz do televisor.

“É mesmo?”

Ele esfregou o nariz de levinho na minha têmpora. “Se ele tiver o mínimo de juízo, não vai querer fazer nada que possa desagradar você.”

Ah… “Então talvez eu deva tomar a iniciativa”, sussurrei. “Mas será que ele não vai pensar que eu sou fácil demais?”

“Ele estará muito ocupado pensando na sorte que tem.”

“Bom, então…” Eu me virei para ficar de frente para ele. “Olá, vizinho.”

Ele passou o dedo pelo contorno da minha sobrancelha. “Oi. A vista daqui é mesmo linda.”

“E os apartamentos são todos muito bem equipados.”

“Ah, é? Têm até toalhas?”

Dei um empurrão em seu ombro. “Você quer dar uns amassos ou não?”

“Dar uns amassos?” Ele jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada, com o peito vibrando contra o meu, produzindo um som profundo e luxurioso, que fez os dedos dos meus pés se contorcerem. Gideon raramente dava risada.

Enfiei as mãos por baixo de seu suéter e acariciei sua pele macia. Meus lábios desceram para o seu queixo. “Isso é um não?”

“Meu anjo, eu vou colocar minha boca em qualquer lugar do seu corpo.”

“Então comece aqui.” Eu ofereci minha boca e ele aceitou, encostando os lábios de leve contra os meus. Ele me explorou com sua língua, me acariciando cada vez mais profundamente.

Eu me deixei afundar sob seu corpo, gemendo de leve quando ele se mexeu para ficar em cima de mim. Minhas mãos passeavam por suas costas, e ergui uma das pernas para enlaçar seu quadril. Mordi seu lábio inferior e percorri o contorno de sua boca com a ponta da língua.

Ele soltou um gemido tão sensual que me deixou toda molhada.

Minhas costas se arquearam quando sua mão se enfiou por baixo da minha camiseta e agarrou meu seio desnudo, beliscando de leve o mamilo com o indicador e o polegar.

“Você é tão macia”, ele murmurou. Beijando a minha têmpora, ele afundou o rosto nos meus cabelos. “Eu adoro passar a mão em você.”

“Você é perfeito.” Eu abaixei sua calça e agarrei sua bunda. O cheiro e o calor da pele dele me deixavam inebriada, como se estivesse embriagada de tesão e desejo. “Um sonho.”

“Você é o *meu* sonho. Nossa, você é maravilhosa.” Ele me beijou, e eu agarrei seus cabelos com as mãos e o puxei ainda mais para perto com os braços e as pernas.

Meu mundo se reduziu a ele. A seu toque. Aos sons que seu corpo emitia.

“Eu adoro sentir o seu desejo”, ele disse com a voz rouca. “Não suportaria não ser correspondido.”

“Eu sou sua, amor”, eu garanti, me entregando febrilmente ao seu beijo. “Sou *toda*

sua.”

Gideon tomou posse do meu corpo com uma das mãos na minha nuca e a outra na cintura. Montando sobre mim, ele posicionou sua parte mais dura contra minha parte mais macia, e remexeu os quadris. Eu respirei fundo, e encravei as unhas em suas nádegas rígidas.

“Assim”, eu gemi sem a menor vergonha. “Você é tão gostoso.”

“Eu ia gostar muito mais de estar dentro de você”, ele provocou.

Eu mordi sua orelha. “Está querendo me convencer a ir até o fim?”

“Não precisamos fazer nada que você não queira, meu anjo.” Ele beijou meu pescoço de levinho, fazendo meu sexo se contrair de desejo. “Mas garanto que você vai gostar.”

“Não sei. Eu mudei. Não sou mais esse tipo de garota.”

Com a mão que estava na minha cintura, ele baixou minha calça. Eu me debati um pouco e soltei um gemido de protesto. Minha pele se arrepiava quando ele me tocava, fazendo meu corpo ceder à sua vontade.

“Shh.” Sem parar de beijar a minha boca, ele sussurrou: “Se você não gostar, eu posso tirar”.

“Alguém por acaso já acreditou nessa sua conversinha?”

“Não estou de conversinha. Estou sendo sincero.”

Agarrei sua bunda e me esfreguei contra ele, sabendo muito bem que Gideon não estava de conversa fiada. Ele só precisava estalar os dedos para ir para a cama com quem bem entendesse.

Para minha sorte, ele queria fazer isso só comigo.

Aproveitando seu bom humor, eu provoquei: “Aposto que você diz isso pra todas”.

“Que todas?”

“Você tem uma certa fama, sabia?”

“Mas é você que está usando a minha aliança.” Ele levantou a cabeça e afastou os cabelos caídos sobre a minha testa. “O primeiro dia da minha vida foi aquele em que conheci você.”

Essas palavras me atingiram como um soco no estômago. Engoli em seco e murmurei: “Certo, você me convenceu. Pode me comer”.

Um sorriso iluminou o rosto dele. “Meu Deus, como eu sou louco por você.”

Retribuí o sorriso. “Eu sei.”

6

Acordei suando frio, com o coração batendo violentamente. Estava deitada na cama da suíte principal, ofegante, arrancada à força do sono profundo.

“Sai de cima de mim!”

Gideon. Deus do céu.

“Não encosta em mim, porra!”

Chutei as cobertas, desci da cama e saí correndo pelo corredor até o quarto de hóspedes. Procurei desesperadamente pelo interruptor, passando a mão pela parede. A luz tomou conta do quarto, e revelou Gideon se debatendo na cama, com as pernas emaranhadas com a roupa de cama.

“Não faz isso. Ah, meu Deus…” Ele arqueou as costas para cima, agarrado aos lençóis. “Está *doendo*!”

“Gideon!”

Ele teve um sobressalto violento. Fui correndo até a beira da cama, com o coração apertado por vê-lo daquela maneira, todo vermelho e coberto de suor. Eu pus a mão sobre seu peito.

“Não encosta em mim, porra!”, ele esbravejou, agarrando meu pulso com tanta força que eu gritei de dor. Seus olhos, apesar de abertos, pareciam perdidos, ainda imersos no pesadelo.

“*Gideon*!” Eu lutava para me soltar.

Ele se sentou na cama de repente, com a respiração ofegante e os olhos arregalados. “Eva.”

Soltando minha mão como se o contato com minha pele o tivesse queimado, ele tirou os cabelos ensopados do rosto e pulou da cama. “Minha nossa, Eva… Eu machuquei você?”

Agarrei o pulso com a outra mão e sacudi a cabeça.

“Eu quero ver”, ele falou com a voz embargada, estendendo as mãos trêmulas na minha direção.

Deixei meus braços caírem sobre o corpo e fui até ele, abraçando-o com a maior força

de que era capaz, pressionando o rosto contra seu peito suado.

“Meu anjo.” Ele cedeu ao meu abraço, todo trêmulo. “Me desculpa.”

“Chega, amor. Está tudo bem.”

“Me abraça”, ele sussurrou, e nós nos deitamos no chão. “E não me solta nunca mais.”

“Nunca mais”, eu prometi com os lábios grudados à sua pele. “Nunca mais.”

Tomei uma chuveirada e entrei na banheira triangular com Gideon. Sentada atrás dele no degrau mais alto, lavei seus cabelos e passei as mãos ensaboadas por seu peito e suas costas, lavando o suor gelado do pesadelo. A água quente contra a pele o fez parar de tremer, mas nada era capaz de mudar a expressão de desolação em seus olhos.

“Você já contou a alguém sobre os seus pesadelos?”, eu perguntei, apertando a esponja de banho e deixando a água quente escorrer sobre seu ombro.

Ele sacudiu a cabeça.

“Pois já está na hora”, eu disse baixinho. “E eu sou sua namorada.”

Ele demorou um bocado para começar a falar. “Eva, quando você tem pesadelos… eles são uma repetição de fatos que aconteceram de verdade? Ou a sua mente muda tudo? Mistura tudo?”

“Na maioria das vezes são lembranças. Reconstituições realistas. Os seus não?”

“Às vezes. Mas às vezes são diferentes. Ficção.”

Fiquei pensando por um minuto, e desejei ter o treinamento e o conhecimento necessário para poder ser útil de verdade. No entanto, eu só podia escutá-lo e amá-lo. Esperava que isso bastasse, porque seus pesadelos estavam acabando comigo, e com ele também. “Diferentes em que sentido? Melhor ou pior?”

“Eu consigo reagir”, ele contou.

“E ainda assim ele consegue machucar você?”

“Sim, ele ainda leva a melhor, mas pelo menos eu consigo adiar o máximo possível.”

Molhei a esponja de novo e deixei que a água caísse sobre ele, tentando manter um ritmo que o embalasse. “Você não deveria se culpar desse jeito. Era só uma criança.”

“Você também.”

Meus olhos se fecharam quando me lembrei que Gideon havia visto as fotos e os vídeos do que Nathan fez comigo. “Nathan era um sádico. Resistir ao sofrimento físico é uma coisa natural, e foi isso que eu fiz. Não foi nenhum ato de coragem.”

“Queria que ele tivesse me machucado mais”, ele soltou entre os dentes. “Sinto muita raiva por ter gostado.”

“Você não gostava. Sentia prazer, o que é uma coisa muito diferente. Nosso corpo reage a essas coisas por instinto, Gideon, não é algo consciente.” Eu o abracei por trás e apoiei o queixo em sua cabeça. “Ele era o assistente da sua terapeuta, uma pessoa supostamente confiável. E que tinha conhecimento e experiência de sobra pra manipular a sua cabeça.”

“Você não entende.”

“Então me explica.”

“Ele… me seduziu. E eu deixei. Eu podia até não querer, mas também não resisti.”

Eu me inclinei e beijei o seu rosto. “Está me dizendo que tem medo de ser bissexual? Porque pra mim não tem problema nenhum se você for.”

“Não.” Ele virou a cabeça e me beijou de leve na boca, tirando as mãos da água para entrelaçar seus dedos com os meus. “Eu nunca me senti atraído por homem nenhum. Mas só de saber que você aceitaria… Me faz amar tanto você que até dói.”

“Meu amor.” Eu o beijei carinhosamente, e nossos lábios se abriram quando se juntaram. “Eu só quero ver você feliz. De preferência comigo. E queria muito que parasse de sofrer pelo que aconteceu nessa época. Você foi uma vítima de abuso sexual, e agora é um sobrevivente. Não existe vergonha nenhuma nisso.”

Ele se virou e me puxou para a água.

Eu me sentei ao seu lado e pus a mão sobre sua coxa. “A gente pode falar sobre uma coisa? Relacionada ao sexo?”

“Claro.”

“Você me disse uma vez que não faz anal.” Eu senti que ele ficou tenso. “Mas você… nós…”

“Eu enfiei os dedos e a língua em você”, ele concluiu, me observando. Seu comportamento se alterou com a mudança de assunto, a hesitação tinha dado lugar a um tom mais tranquilo e autoritário. “E você gostou.”

“Mas e você?”, eu perguntei antes que acabasse perdendo a coragem.

Sua respiração era pesada, sua pele estava vermelha da água do banho, e seu rosto estava todo exposto, com os cabelos jogados para trás.

Depois de uma longa pausa, eu temia que ele não fosse me responder. “Eu quero fazer isso com você, Gideon, se você quiser, é claro.”

Ele fechou os olhos. “Meu anjo.”

Eu pus a mão no meio de suas pernas e agarrei seu saco. Depois estendi o dedo do meio e rocei de leve a abertura de seu ânus. Ele teve um sobressalto violento e fechou as pernas com força, fazendo a água transbordar da banheira. Seu pau ficou duro como pedra.

Tirei a mão debaixo de seu corpo e agarrei seu membro ereto, masturbando-o e beijando sua boca. “Eu faço qualquer coisa por você. Na nossa cama não existem limites. E nem lembranças. Só nós. Você e eu. E amor. Muito amor.”

Ele enfiou a língua na minha boca com um apetite voraz. A mão que estava na minha cintura me apertou ainda mais, e com a outra ele fez nossos dedos se entrelaçarem com ainda mais força.

A água se agitava em ondas suaves nas laterais da banheira enquanto eu o masturbava. Seu gemido fez meus mamilos enrijecerem.

“É *minha* obrigação dar prazer pra você”, eu murmurei junto a sua boca. “Nem pense em me impedir.”

Ele gemeu, jogando a cabeça para trás. “Me faz gozar.”

“Do jeito que você quiser”, eu prometi.

“Usa a gravata azul. Aquela que combina com os seus olhos.” De onde eu estava, podia ver todo o closet onde Gideon guardou os ternos que tinha trazido para a semana.

Ele se virou para onde eu estava sentada, na beirada da cama, com uma caneca de café nas mãos. Sua boca se curvou em um sorrisinho satisfeito.

“Eu adoro os seus olhos”, eu falei, encolhendo os ombros. “Eles são lindos.”

Ele tirou a gravata de onde estava pendurada e voltou para o quarto com um terno cinza chumbo estendido no antebraço. Estava só de cuecas, o que me permitia a satisfação de admirar seu corpo esguio e sua pele bronzeada.

“Pra você ver como são as coisas”, ele falou. “Eu escolhi esse terno porque combina com os *seus* olhos.”

Eu sorri e comecei a balançar as pernas. Estava feliz e apaixonada demais para ficar parada.

Gideon deixou as roupas sobre a cama e chegou mais perto de mim. Eu virei a cabeça para olhá-lo, e senti meu coração bater mais forte.

Ele pegou a minha cabeça entre as mãos e acariciou minhas sobrancelhas com os polegares. “Uma cor tão bonita, um tom acinzentado. E eles são tão expressivos.”

“Isso é uma tremenda desvantagem pra mim. Nunca consigo esconder nada, enquanto você consegue esconder perfeitamente suas emoções.”

Ele se inclinou e beijou a minha testa. “E mesmo assim você sempre acaba descobrindo tudo.”

“Isso é o que você diz.” Eu o observei enquanto se vestia. “Queria pedir uma coisa pra você.”

“Qualquer coisa.”

“Se você precisar de companhia pra ir a algum lugar e eu não puder ir, leva a Ireland.”

Ele se interrompeu, parando de abotoar a camisa. “Ela tem só dezessete anos, Eva.”

“E daí? A sua irmã é uma jovem linda, elegante e adora você. Ela o deixaria orgulhoso.”

Ele suspirou e pegou a calça para vestir. “Ela vai morrer de tédio se for arrastada pra algum evento comigo.”

“Você disse a mesma coisa sobre o jantar na minha casa, e estava redondamente enganado.”

“Mas *você* estava lá”, ele argumentou enquanto punha as calças. “Ela gostou da *sua* companhia.”

Eu dei um gole no meu café. “Você disse que faria qualquer coisa”, eu lembrei.

“Eu não vejo problema nenhum em ir aos lugares sozinho, Eva. E já disse pra você que não vou mais ver a Corinne.”

Eu o encarei por cima da caneca de café, sem dizer nada.

Gideon pôs a camisa por dentro das calças com gestos que denotavam uma óbvia irritação. “Tudo bem.”

“Obrigada.”

“E pode ir tirando esse sorrisinho da cara”, ele murmurou.

“E se eu não quiser?”

Ele ficou paralisado, estreitando os olhos na direção da abertura do robe, que exibia minhas pernas descobertas.

“Não me venha com ideias, garotão. A gente já fez isso hoje.”

“Você tem passaporte?”, ele perguntou.

Eu enruguei a testa. “Sim. Por quê?”

Ele balançou a cabeça e apanhou a gravata. “Você vai precisar.”

Senti a empolgação crescer dentro de mim. “Pra quê?”

“Pra viajar.”

“Não me diga.” Eu desci da cama e fiquei de pé. “Viajar pra onde?”

Seus olhos brilharam de malícia enquanto ele dava o nó na garganta. “Pra um lugar.”

“Você vai me despachar pra um lugar desconhecido?”

“Quem me dera”, ele murmurou. “Eu e você numa ilha deserta, onde a gente pudesse ficar pelado o tempo todo e transar quando quisesse.”

Eu pus uma das mãos na cintura e o olhei atravessado. “Queimada de sol e toda assada. Que delícia.”

Ele caiu na risada, e os dedos dos meus pés se curvaram sobre o carpete.

“Quero ver você de novo hoje à noite”, ele falou enquanto vestia o colete.

“Você só quer me comer de novo.”

“Bom, foi você que falou pra eu não parar. O tempo todo.”

Dando uma risadinha, pus o café sobre o criado-mudo e tirei o robe. Atravessei o quarto sem roupa, me esquivando dele quando tentou me agarrar. Eu estava abrindo uma gaveta para pegar um conjuntinho lindo de lingerie que ele tinha me dado, quando ele apareceu atrás de mim e agarrou os meus seios.

“A gente podia relembrar”, ele provocou.

“Você não precisa trabalhar? Porque eu preciso.”

Gideon me apertou junto a ele. “Vem trabalhar comigo.”

“E ficar servindo cafezinho enquanto espero você me comer?”

“Estou falando sério.”

“Eu também.” Eu me virei para encará-lo com tanta rapidez que acabei derrubando minha bolsa no chão. “Eu tenho o meu emprego, e gosto muito dele. Você sabe disso.”

“Você é uma ótima profissional.” Ele me pegou pelos ombros. “Podia trabalhar pra mim.”

“Eu não posso, pelo mesmo motivo que não aceitei ajuda do meu padrasto. Quero conseguir as coisas pelos meus próprios méritos!”

“Eu sei disso. E respeito a sua decisão.” Ele acariciou os meus braços. “Eu também

comecei de baixo, e com o nome Cross ameaçando me puxar ainda mais pra baixo. Jamais daria nada de mão beijada pra você. Comigo você ia ter que fazer por merecer."

Tive que me segurar para não mostrar meu sofrimento ao ouvir Gideon falar de seu pai, que comandava um esquema de estelionato e preferiu se matar a ter que encarar a prisão. "Acha mesmo que alguém vai acreditar que você não me contratou só por ser a sua namoradinha da vez?"

"Para com isso." Ele me sacudiu de leve. "Tudo bem se você ficou nervosa, mas não precisa falar da gente desse jeito."

Eu o empurrei. "É o que todo mundo vai dizer."

Ele bufou antes de me soltar. "Você se matriculou na CrossTrainer apesar de ter a Equinox e a academia de krav maga. Me diga por quê."

Eu me virei para pegar uma calcinha e não precisar discutir aquilo sem roupa. "É diferente."

"É nada."

Eu o encarei de novo e acabei pisando nas coisas que caíram da minha bolsa, o que só me deixou mais irritada. "A Waters Field & Leaman não é concorrente das Indústrias Cross! Você é cliente da agência, inclusive."

"E se acontecer de você trabalhar na campanha de um concorrente meu?"

Com ele ali parado na minha frente, com o colete desabotoado e a gravata arrumada de forma impecável, eu não estava mais conseguindo pensar direito. Gideon era lindo e passional, tudo o que eu queria na vida, o que tornava quase impossível a tarefa de contrariá-lo.

"Não é disso que estou falando. Eu não seria feliz desse jeito, Gideon", eu disse com toda a sinceridade.

"Vem cá." Gideon abriu os braços e me acolheu quando fui até ele. Ele começou a falar com a boca quase colada na minha testa. "Um dia o 'Cross' no nome das Indústrias Cross não vai remeter só a mim."

Minha raiva e minha frustração chegaram ao ápice. "Não podemos falar sobre isso em outro momento?"

"Só pra concluir: você pode se candidatar a uma vaga como qualquer outra pessoa, se é esse o problema. Se for contratada, vai trabalhar em outro andar do Crossfire, e vai ter que se submeter aos mesmos procedimentos que os outros funcionários se quiser subir na carreira. O seu progresso não vai depender de mim."

“Isso é importante pra você.” Foi uma afirmação, não uma pergunta.

“Claro que é. A gente vai precisar de muito esforço se quiser ter um futuro juntos. E isso é um passo nessa direção.”

Eu balancei a cabeça, um tanto relutante. “Preciso ser independente.”

Ele me agarrou pela nuca e me puxou para mais perto. “Tenha sempre em mente o que é mais importante. Se você trabalhar direito e tiver talento, é nisso que as pessoas vão basear seu julgamento.”

“Preciso me vestir pra ir trabalhar.”

Gideon olhou bem para mim e me beijou de levinho.

Ele me soltou, e eu me agachei para pegar minha bolsa. Foi quando percebi que havia pisado no meu espelho portátil e espatifado o estojo. Não lamentei muito por ele, já que podia passar na Sephora e comprar outro quando voltasse para casa. O que fez meu sangue gelar foi encontrar uma fiação elétrica no meio do plástico quebrado.

Gideon se abaixou para me ajudar. Eu o encarei. “O que é isso?”

Ele pegou o espelho da minha mão e quebrou um pouco mais o estojo, revelando um microchip e uma miniantena. “Uma escuta, talvez. Ou um rastreador.”

Eu fiquei horrorizada. Movi meus lábios silenciosamente. É da polícia?

“Eu mandei instalar bloqueadores de sinal no apartamento”, ele respondeu, me deixando ainda mais chocada. “E não. De jeito nenhum um juiz autorizaria que a polícia colocasse você sob vigilância. Não existe nenhuma justificativa pra isso.”

“Meu Deus.” Eu caí de bunda, atordoada.

“Vou pedir pro meu pessoal dar uma olhada.” Ele se ajoelhou e afastou os cabelos da frente do meu rosto. “Não pode ter sido a sua mãe?”

Eu o encarei, incrédula.

“Eva…”

“Minha nossa, Gideon.” Eu aceitei sua ajuda para me levantar com uma das mãos, e peguei o celular com a outra. Liguei para Clancy, o guarda-costas do meu padrasto, e quando ele atendeu já fui logo dizendo: “Foi você que plantou uma escuta no meu espelho de maquiagem?”.

Houve um momento de silêncio antes da resposta: “Sim”.

“Porra, Clancy!”

“É o meu trabalho.”

“Então o seu trabalho é uma merda”, eu rebati, consolidando sua imagem na minha mente. Clancy era puro músculo. Usava os cabelos loiros cortados no estilo militar, e transmitia a imagem de um sujeito mortalmente perigoso. Mas eu não tinha medo dele. “Foi uma tremenda sacanagem comigo, e você sabe disso.”

“Manter a sua segurança se tornou uma prioridade ainda maior depois que Nathan reapareceu. Ele era um cara discreto, então eu precisava ficar de olho em vocês dois. Assim que fiquei sabendo da morte dele, desliguei o rastreador.”

Eu fechei os olhos com força. “O problema não é o rastreador! Isso eu entendo. É a parte de não me dizer nada a respeito que me irrita. Estou me sentindo violada, Clancy.”

“E eu entendo, mas a sra. Stanton não queria deixar você preocupada.”

“Sou uma mulher adulta! Sou eu que tenho que decidir se vou ficar preocupada ou não.” Olhei para Gideon quando disse isso, porque o mesmo valia para ele também.

O modo como ele ergueu as sobrancelhas mostrou que tinha entendido o recado.

“Quem sou eu para dizer o contrário”, respondeu Clancy, bem sério.

“Mas você fica me devendo uma”, eu disse a ele, e sabia muito bem o que iria querer mais tarde. “Uma das grandes.”

“Você sabe onde me encontrar.”

Depois de falar com ele, mandei uma mensagem de texto para minha mãe. Precisamos conversar.

Meus ombros desabaram de desânimo e frustração.

“Meu anjo.”

Lancei para Gideon um olhar que dizia para ele tomar muito cuidado. “Nem tente vir se justificar… nem por você e nem por ela.”

Seus olhos pareciam afetuosos e compreensivos, mas o maxilar cerrado demonstrava sua convicção. “Eu estava ao seu lado no dia em que você ficou sabendo que Nathan estava em Nova York. Vi muito bem a expressão no seu rosto. Qualquer um que amasse você faria de tudo pra evitar aquilo.”

Foi muito difícil ouvir isso, porque de fato eu fiquei contente de só saber a respeito da aparição de Nathan depois de sua morte. Por outro lado, eu também não queria passar a vida toda sendo poupada de más notícias. Afinal, elas também eram parte da vida.

Alcancei a sua mão e a apertei com força. “Eu queria poder fazer o mesmo por você.”

“Eu já exorcizei os meus demônios.”

“E o meu também.” Ainda assim, nós continuávamos dormindo separados. “Seria bom se você voltasse a falar com o dr. Petersen”, eu disse baixinho.

“Eu fui até lá na terça.”

“É mesmo?” Não consegui esconder minha surpresa ao ficar sabendo que ele continuava fazendo terapia.

“Ah, sim. Só deixei de ir a uma consulta.”

Quando matou Nathan…

Ele acariciou as costas da minha mão com o polegar. “Agora somos só eu e você”, ele falou, como se tivesse lido minha mente.

E era nisso que eu queria acreditar.

Cheguei me arrastando ao trabalho, o que não era um bom sinal para o restante do dia. Pelo menos era sexta-feira, e eu poderia dormir bastante no fim de semana, o que provavelmente seria necessário se a noite de sábado fosse longa e animada. Fazia um tempão que eu não saía só com meninas, e bem que eu estava precisando de uns drinques.

Nas quarenta e oito horas anteriores, descobri que meu namorado tinha matado o homem que me estuprou, que um ex meu estava me rondando, que uma ex de Gideon estava querendo armar um escândalo na imprensa e que a minha mãe havia instalado um microchip em mim assim como os donos fazem com seus cachorros.

Puxa vida, era muita coisa para uma cabeça só!

“Está preparada para amanhã?”, Megumi perguntou assim que liberou a porta de vidro para eu entrar.

“Pode apostar. Minha amiga Shawna me mandou uma mensagem hoje de manhã dizendo que também vai.” Abri um sorriso sincero. “Consegui uma limusine pra gente ir pra balada. Sabe como é… Eles levam a gente pros lugares VIP, e com tudo incluso.”

“Quê?” Ela não conseguiu esconder sua empolgação, mas também se viu obrigada a perguntar: “E quanto isso vai custar?”.

“Nada. Foi um presente de um amigo.”

“E que presente.” O sorriso no rosto dela me alegrou ainda mais. “Vai ser *demais*! Me conta os detalhes na hora do almoço.”

“Combinado. E você precisa me contar sobre o seu almoço de ontem.”

“Pra você ver como são as coisas”, ela se queixou. “A gente ‘só estava se divertindo’,

mas aí ele aparece do nada no meu trabalho? Eu jamais apareceria no meio do expediente pra almoçar sem combinar nada antes, a não ser que tivesse algo muito sério com o cara."

"Homens", eu bufei, externando minha solidariedade, apesar de por dentro me sentir felicíssima por ter o *meu*.

Fui até a minha mesa e me preparei para encarar o dia de trabalho que teria pela frente. Quando vi as fotos emolduradas minhas e de Gideon na gaveta, me deu uma tremenda vontade de falar com ele. Dez minutos depois, pedi para Angus mandar a floricultura entregar um buquê de rosas escuras para o escritório de Gideon com um bilhete dizendo:

Estou presa no seu feitiço.
Não consigo parar de pensar em você.

Mark apareceu no meu cubículo bem na hora em que estava fechando a janela do navegador. Só de olhar para o seu rosto percebi que ele não estava muito bem. "Café?", eu ofereci.

Ele fez que sim com a cabeça, e eu me levantei. Fomos juntos até a sala de descanso.

"Shawna foi lá em casa ontem", ele começou. "Ela contou que vocês vão sair juntas amanhã à noite."

"É. Tudo bem por você?"

"Tudo bem o quê?"

"Eu ser amiga da sua cunhada", eu lembrei.

"Ah… claro. Vai em frente." Ele passou os dedos inquietos pelos cabelos curtos. "Não tem problema nenhum."

"Legal." Eu sabia que ele queria falar de outra coisa, mas não quis forçar a barra. "Vai ser divertido. Estou ansiosa."

"Ela também." Ele pegou os sachês de café, enquanto eu apanhei as canecas na prateleira. "Ela também está ansiosa pela chegada do Doug. Pra fazer a grande pergunta."

"Uau. Que legal! Dois casamentos na família no mesmo ano. A não ser que você esteja querendo adiar o seu…?"

Ele me entregou um café, e eu fui até a geladeira pegar o leite.

"Não vai rolar, Eva."

A voz de Mark parecia carregada de rejeição, e quando me virei para olhá-lo, ele estava de cabeça baixa.

Dei um tapinha em seu ombro. "Você fez o pedido?"

“Não. Nem adianta. Ele perguntou pra Shawna se ela e Doug pretendiam ter filhos logo, apesar de ela ainda estar na faculdade, e quando ela disse que não, ele deu o maior sermão, dizendo que o casamento era pra casais que queriam construir uma família. Se não fosse esse o caso, era melhor manter tudo como estava. O mesmo tipo de bobagem que eu falei pra ele daquela vez.”

Passei ao lado dele e comecei a misturar meu café. “Mark, você só vai saber a resposta de Steven quando fizer o pedido.”

“Estou com medo”, ele admitiu, olhando para a caneca fumegante. “Quero ir além de onde estamos, mas sem arruinar o que já temos. Se a resposta for não e ele enxergar o nosso relacionamento de outra forma…”

“Você está pondo a carroça na frente dos bois, chefe.”

“E se eu não conseguir suportar a rejeição?”

Ah… Isso eu era capaz de entender. “E a dúvida por acaso é mais fácil de suportar?”

Ele sacudiu a cabeça.

“Então vai ter que dizer pra ele tudo o que disse pra mim”, eu falei, bem séria.

Ele abriu um sorrisinho. “Desculpa despejar tudo isso em você, mas os seus conselhos são sempre tão bons…”

“Você já sabe o que fazer. Só precisa de um empurrãozinho. E eu estou sempre disposta a dar esse empurrão.”

Seu sorriso se abriu por inteiro. “Por hoje, vamos deixar de lado o anúncio daquele advogado que trabalha com divórcios.”

“Que tal trabalharmos na conta da companhia aérea?”, sugeri. “Eu tive uma ideias.”

“Tudo bem. Vamos nessa.”

Mantivemos um ritmo puxado durante a manhã toda, e eu fiquei muito satisfeita com nosso progresso. Minha ideia era manter Mark ocupado demais para se preocupar com outras coisas. O trabalho era a minha melhor terapia, e logo percebi que para ele a coisa funcionava da mesma maneira.

Quando paramos para almoçar, passei pelo meu cubículo para deixar o tablet e encontrei um envelope de correspondência interna do edifício sobre a minha mesa. Meu coração se acelerou de empolgação e minhas mãos tremeram um pouco quando o abri e puxei um bilhete lá de dentro.

O FEITIÇO É TODO SEU
FAZ MEUS SONHOS VIRAREM REALIDADE.
BJ

Apertei o bilhete junto ao peito, desejando na verdade abraçar quem o escrevera. Estava pensando em espalhar pétalas de rosas sobre nossa cama quando o telefone tocou. Não fiquei nem um pouco surpresa ao ouvir a voz de *femme fatale* da minha mãe do outro lado da linha.

"Eva. Clancy me contou. Por favor, não fique chateada. Você precisa entender…"

"Já entendi." Abri a gaveta e guardei o bilhetinho de Gideon na bolsa. "Mas escuta só: você não pode mais usar Nathan como desculpa. Se mandar plantar mais alguma escuta ou rastreador nas minhas coisas, pode se preparar pra uma briga feia. Estou falando sério, da próxima vez que isso acontecer, minha relação com você nunca mais vai ser a mesma."

Ela suspirou. "Podemos conversar pessoalmente, por favor? Vou sair para almoçar com Cary, e posso te esperar na sua casa até você chegar."

"Tudo bem." A irritação começou a se dissipar com a mesma velocidade com que apareceu. Minha mãe tratava Cary como se fosse meu irmão, e era assim que eu o considerava. Ela dava a ele o amor de mãe que tanto fez falta na vida dele. Além disso, ambos adoravam moda e eram obcecados pela aparência — ou seja, eram a companhia perfeita um para o outro.

"Eu te amo, Eva. Mais do que tudo."

Eu suspirei. "Eu sei, mãe. E amo você também."

Uma luz no telefone se acendeu, indicando uma chamada da recepção, e eu me despedi da minha mãe e atendi.

"Oi." A voz de Megumi veio até mim em um sussurro. "Aquela mulher que veio aqui uma vez e você não quis atender está aqui de novo."

Eu franzi a testa. Precisei de um tempo para entender do que ela estava falando. "Magdalene Perez?"

"Sim. Essa mesma. O que eu faço?"

"Nada." Eu me levantei. Ao contrário da última vez em que a amiga-que-desejava-ser-algo-mais de Gideon apareceu, eu estava preparada para lidar com ela sozinha. "Estou indo aí."

"Posso ouvir a conversa?"

“Ha! Já estou chegando aí. Não vai demorar muito, e depois vamos almoçar.”

Por pura vaidade, ainda passei um batonzinho antes de pôr a bolsa no ombro e ir para a recepção. Ainda pensando no bilhete de Gideon, abri um sorriso ao encontrar Magdalene na sala de espera. Ela se levantou quando me viu, linda como sempre, e não pude deixar de admirá-la.

Quando a conheci, seus cabelos escuros eram bem longos, como os de Corinne Giroux, mas agora já tinham sido cortados na altura dos ombros, revelando ainda mais a beleza exótica de seu rosto. Ela estava usando calça creme e uma blusinha preta sem mangas com um laço no quadril. Para completar o visual, brincos e um colar de pérolas combinando.

“Magdalene.” Fiz um sinal para que ela se sentasse e me acomodei na poltrona do outro lado da mesinha. “O que traz você aqui?”

“Me desculpe aparecer assim sem avisar no seu trabalho, Eva, mas fui fazer uma visita a Gideon e resolvi dar uma paradinha aqui. Queria pedir uma coisa para você.”

“Ah, é?” Pus a bolsa de lado e cruzei as pernas, alisando minha camisa roxa. Fiquei um tanto ressentida por ela poder falar abertamente com meu namorado e eu não. Mas não havia outro jeito.

“Uma jornalista me procurou hoje, fazendo perguntas pessoais a respeito de Gideon.”

Apertei com força o braço da poltrona com os dedos. “Deanna Johnson? Você não disse nada, não é?”

“Claro que não.” Magdalene se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Seus olhos escuros pareciam sombrios. “Pelo jeito ela já conversou com você.”

“Ela tentou.”

“Ela faz bem o tipo dele”, Magdalene apontou, e olhou bem para mim.

“Eu percebi.”

“O tipo com o qual ele não perde muito tempo.” Ela abriu um sorriso malicioso. “Ele disse a Corinne que seria melhor manter a amizade entre eles à distância. Mas acho que você já sabe disso.”

Fui invadida por uma onda de prazer ao ouvir aquilo. “Como é que eu iria saber?”

“Ah, você tem suas fontes, com certeza.” Os olhos de Magdalene brilharam, como se ela já estivesse sabendo de algo.

Estranhamente, estava me sentindo à vontade falando com ela. Talvez porque ela mesma parecesse mais relaxada do que das últimas vezes que nos encontramos. “Você

parece estar muito bem.”

“Eu chego lá. Acabei de me livrar de uma pessoa que considerava um amigo, mas que na verdade só me fazia mal. Sem ele por perto, estou conseguindo ver as coisas claramente de novo.” Ela se endireitou. “Estou com um namorado novo.”

“Que bom.” Nesse aspecto, eu desejava só o melhor para ela. Magdalene havia sido usada sordidamente por Christopher, o irmão de Gideon. Mas ela não sabia que eu tinha conhecimento desse fato. “Tomara que dê tudo certo.”

“Tomara mesmo. Gage é muito diferente de Gideon. Ele faz mais o tipo artista torturado.”

“Uma alma sensível.”

“Pois é. Bastante sensível, ao que parece. Espero que seja mesmo.” Ela se levantou. “Enfim, não quero tomar o seu tempo. Fiquei preocupada com a tal jornalista, e queria falar a respeito com você.”

Eu a corrigi enquanto me levantava. “Ficou preocupada que eu dissesse alguma coisa pra ela sobre Gideon.”

Ela não negou. “Tchau, Eva.”

“Tchau.” Eu a acompanhei até a porta.

“Até que não foi tão ruim”, disse Megumi ao meu lado. “Não teve gritos nem arranhões.”

“Vamos ver por quanto tempo isso dura.”

“Está pronta pro almoço?”

“Estou morrendo de fome. Vamos lá.”

Quando cheguei em casa, cinco horas e meia depois, fui recebida por Cary, minha mãe, e um lindíssimo vestido prateado Nina Ricci em cima do sofá.

“Não é uma maravilha?”, disse a minha mãe, que usava um lindo vestidinho de mangas curtas no estilo anos 1950 estampado com cerejinhas. Seus cabelos loiros emolduravam seu rosto com cachos espessos e bem penteados. Uma coisa eu precisava admitir: ela fazia a moda de qualquer época parecer glamorosa.

Durante a minha vida toda, sempre me disseram que eu era parecida com ela, mas os meus olhos eram verdes acinzentados como os do meu pai, diferentes de suas íris límpidas e azuis, e minhas curvas abundantes também eram uma herança da família Reyes. Por mais que eu malhasse, minha bunda não iria encolher, e o tamanho dos meus seios me

impedia de usar qualquer peça que não proporcionasse um belo suporte. O fato de Gideon achar meu corpo tão irresistível me deixava impressionada, já que antes ele só se interessava por morenas altas e esguias.

Larguei minha bolsa sobre um banquinho ao lado do balcão e perguntei: “Alguma ocasião especial?”.

“Um evento beneficente na quinta-feira que vem.”

Olhei para Cary em busca da confirmação de que ele seria meu acompanhante. Ele confirmou com a cabeça, e eu respondi: “Vamos lá”.

Minha mãe abriu um sorriso radiante. Por minha causa, ela apoiava instituições que auxiliavam mulheres e crianças vítimas de abuso. Quando os eventos eram jantares de gala, ela sempre comprava convites para mim e para Cary.

“Vinho?”, ofereceu Cary, claramente notando a minha inquietação.

Eu lancei para ele um olhar de gratidão. “Por favor.”

Enquanto ele estava na cozinha, minha mãe caminhou até mim com seus sapatinhos sensuais de sola vermelha e me abraçou. “Como foi seu dia?”

“Esquisito.” Eu retribuí o abraço. “Ainda bem que acabou.”

“Você tem planos para o fim de semana?” Ela se afastou e percorreu o meu rosto com olhos cheios de aflição.

Isso me deixou irritada. “Tenho.”

“Cary me contou que você está saindo com um cara novo. Quem é? O que ele faz?”

“Mãe.” Resolvi ir direto ao ponto. “Estamos conversadas mesmo? Ou tem mais alguma coisa que você queira me falar?”

Ela começou a remexer os dedos inquietos, quase contorcendo as mãos. “Eva. É uma coisa que você só vai entender quando tiver filhos. É assustador. Saber que eles estão em perigo…”

“Mãe.”

“E existem ainda mais perigos para uma mulher bonita”, ela continuou. “E com ligações com homens poderosos. Isso é um problema a mais para a sua segurança…”

“Onde mais eles estão, mãe?”

Ela bufou. “Não precisa falar desse jeito comigo. Eu só estava tentando…”

“Acho melhor você ir embora”, eu a interrompi sem cerimônia, demonstrando na voz

toda a frieza que sentia por dentro.

“No seu Rolex”, ela confessou, e foi como levar um tapa na cara.

Eu dei um passo para trás, e involuntariamente minha mão direita agarrou o relógio que usava no pulso esquerdo, um presente de formatura de Stanton e minha mãe. Eu adorava aquele relógio, e alimentava tolamente a esperança de dá-lo para minha filha se algum dia tivesse uma.

“Está falando sério?” Abri o fecho com os dedos e deixei o relógio cair sobre o tapete com um ruído surdo. Não tinha sido um presente coisa nenhuma. Era um rastreador instalado no meu braço. “Você passou dos limites!”

Ela ficou vermelha. “Eva, você está exagerando. Não é…”

“Exagerando? Ha! Meu Deus, que piada. Fala sério.” Aproximei o polegar do indicador e estendi o braço bem perto do rosto dela. “Está faltando isto aqui pra eu chamar a polícia. E já estou praticamente convencida a processar você por invasão de privacidade.”

“Eu sou sua mãe!” A voz dela ficou embargada, assumindo um tom de súplica. “É meu dever cuidar de você.”

“Eu tenho vinte e quatro anos, sou uma mulher adulta”, respondi com frieza. “Pela lei, já tenho idade para me cuidar sozinha.”

“Eva Lauren…”

“Chega.” Eu levantei as mãos, mas logo depois as deixei cair. “Pode parar por aí. Eu preciso sair daqui, porque estou tão puta da vida que não aguento nem olhar pra sua cara. E não quero mais ouvir a sua voz, a não ser que seja pra me pedir desculpas. Enquanto não admitir que está errada, não vou conseguir confiar mais em você.”

Fui até a cozinha e peguei minha bolsa. Nesse exato momento, Cary estava voltando com uma bandeja com taças de vinho cheias até a metade. “Eu volto mais tarde.”

“Você não pode ir embora assim!”, gritou a minha mãe, claramente à beira de um ataque de nervos. Eu não estava com cabeça para suportar aquilo. Não naquele momento.

“Ah, não?”, eu murmurei.

Meu maldito Rolex. Só de pensar na ideia me doía, porque era um presente muito querido que de uma hora para outra não significava mais nada.

“Deixa, Monica”, disse Cary, com um tom de voz grave e tranquilizador. Ele sabia como lidar com a histeria melhor do que ninguém. Era uma sacanagem deixá-lo lá, suportando o chilique da minha mãe, mas eu precisava sair de casa. Se eu fosse para o quarto, ela ficaria na porta chorando e se vitimizando até me deixar maluca. Eu detestava

vê-la daquele jeito, ainda mais sendo a responsável por seu estado de nervos.

Saí do meu apartamento e fui para o de Gideon, logo ao lado, me apressando para entrar antes que as lágrimas começassem a cair e antes que a minha mãe viesse atrás de mim. Eu não tinha outro lugar para ir. Não podia sair chorando pela rua. Minha mãe não era a única pessoa que mantinha vigilância cerrada sobre mim. Havia a possibilidade de dar de cara com a polícia, com Deanna Johnson ou até algum paparazzo.

Fui até o sofá de Gideon, me deitei sobre as almofadas e deixei as lágrimas rolarem.

7

“Meu anjo.”

A voz e o toque das mãos de Gideon me despertaram. Resmunguei em protesto e ele se ajeitou ao meu lado, depois senti seu corpo aquecendo minhas costas. Um de seus braços musculosos enlaçou minha cintura, me puxando para mais perto.

Deitada de conchinha com ele, sentindo o bíceps de seu outro braço sob o meu rosto, eu voltei a dormir.

Quando acordei de novo, parecia que eu havia dormido por dias. Fiquei deitada no sofá com os olhos fechados durante alguns bons minutos, absorvendo o calor do corpo de Gideon, respirando o ar exalado por ele. Depois de um tempo, concluí que continuar dormindo só iria bagunçar ainda mais meu relógio biológico. Nós tínhamos ficado acordados até bem tarde todas as noite desde que fizemos as pazes, e a falta de sono estava começando a pesar.

“Você estava chorando”, ele murmurou, afundando a cabeça nos meus cabelos. “O que aconteceu?”

Eu envolvi o braço dele com os meus, me agarrando a ele. Contei toda a história do relógio. “Mas talvez tenha sido um exagero da minha parte”, concluí. “Eu estava cansada, o que sempre me deixa irritada. Mas pelo amor de Deus… aquilo foi como um soco no estômago. Arruinou um presente muito especial pra mim.”

“Eu imagino.” Ele fazia movimentos circulares com os dedos na minha barriga, me acariciando por cima da camisa de seda. “Sinto muito.”

Olhei pela janela e vi que já tinha anoitecido. “Que horas são?”

“Oito e um pouquinho.”

“A que horas você chegou?”

“Seis e meia.”

Eu me virei para encará-lo. “Bem cedo pros seus padrões.”

“Quando fiquei sabendo que você estava aqui, me deu vontade de vir embora. Só penso em você desde que as flores chegaram.”

“Você gostou?”

Ele sorriu. “Sou obrigado a dizer que ler a sua mensagem na letra de Angus foi… interessante.”

“Nós precisamos manter as aparências.”

Ele me beijou na ponta do nariz. “E mesmo assim você ainda quer me agradar.”

“Eu preciso. Quero que todas as outras mulheres sejam uma decepção perto de mim.”

Ele acariciou o meu lábio inferior com o polegar. “Foi isso que aconteceu desde que te vi pela primeira vez.”

“Mentiroso.” Ficar com Gideon e saber que naquele momento toda a sua atenção estava concentrada em mim eram a cura para a minha depressão. “Esta conversinha é só pra tirar a minha calça de novo, não é?”

“Você não está usando calça.”

“Isso foi um não?”

“Foi um sim, estou querendo tirar a sua saia.” Seus olhos se fecharam quando eu mordisquei seu dedão. “E entrar na sua bocetinha quentinha, apertadinha e molhadinha. Só penso em fazer isso o dia todo. Todos os dias. É isso o que eu quero agora, mas podemos esperar até você se sentir melhor.”

“Você podia me dar um beijo pra fazer com que eu me sentisse melhor.”

“Um beijo onde, exatamente?”

“Em qualquer lugar. No meu corpo todo.”

Eu sabia que podia me acostumar com ele todinho só para mim. Era o que eu queria, mas era um desejo impossível.

Ele tinha compromisso com milhares de pessoas e projetos diferentes. Se eu havia aprendido alguma coisa com os muitos casamentos da minha mãe com homens de negócios bem-sucedidos, era que suas esposas eram como amantes, sempre em segundo plano, o compromisso maior de seus maridos era com o trabalho. Era por isso que Gideon tinha se tornado o melhor em seu ramo de negócios — ele se dedicava de corpo e alma àquilo. A mulher da sua vida teria que se contentar com o que sobrasse.

Gideon prendeu os meus cabelos atrás da orelha. “É isso o que eu quero. Chegar em casa e encontrar você.”

Eu sempre ficava surpresa quando tinha a sensação de que ele estava lendo meus pensamentos. “Não seria melhor me encontrar descalça na cozinha?”

“Não teria nada contra, mas pelada na cama seria mais interessante.”

“Eu sou uma ótima cozinheira, mas mesmo assim você só quer saber do meu corpo.”

Ele sorriu. “Ele é a embalagem que contém tudo o que eu adoro.”

“Se você me mostrar o seu, eu mostro o meu.”

“Com prazer.” Ele acariciou suavemente o meu rosto com os dedos. “Mas primeiro precisamos garantir que você já superou a briga com a sua mãe.”

“Eu vou superar.”

“Eva.” Seu tom de voz indicava que ele não voltaria atrás.

Eu suspirei. “Eu vou perdoar, como sempre. Não tenho escolha, na verdade, porque amo a minha mãe e sei que ela tem a melhor das intenções, apesar de ser completamente sem noção. Mas essa história do relógio…”

“Continue.”

Eu passei a mão no peito para tentar desfazer o aperto que sentia lá dentro. “Isso me marcou profundamente. E, por mais que a gente siga em frente, essa marca vai ficar para sempre no nosso relacionamento. É *isso* que mais me magoa.”

Gideon ficou em silêncio por algum tempo. Com uma das mãos ele acariciava meu cabelo, enquanto com a outra agarrava possessivamente o meu quadril. Eu esperei que ele dissesse o que estava pensando.

“Eu também deixei uma marca profunda dentro de você”, ele disse por fim, em um tom de voz sombrio. “Tenho medo de que a gente nunca consiga superar isso.”

A tristeza em seus olhos me acertou e me feriu. “Me deixe levantar.”

Com certa relutância, ele deixou, me olhando com atenção enquanto eu ficava de pé. Hesitei um pouco antes de abrir o zíper da saia. “Agora eu sei qual é a sensação de perder você, Gideon. O quanto isso me machuca. Se você de repente se afastar, provavelmente vou entrar em pânico. Você vai precisar tomar muito cuidado com isso, e eu vou ter que acreditar que o seu amor vai durar.”

Ele concordou silenciosamente com a cabeça, mas dava para ver o quanto esse assunto o afligia.

“Magdalene me fez uma visita hoje”, eu falei, para diminuir o abismo que se abriu entre nós.

Ele ficou tenso. “Eu falei pra ela não fazer isso.”

“Não tem problema. Ela devia achar que eu tinha algum ressentimento contra você, mas deve ter percebido que o meu amor é grande demais pra isso.”

Ele se levantou quando a minha saia foi ao chão, revelando minha lingerie e minhas meias finas. Gideon sibilou, puxando o ar entre os dentes cerrados. Subi de novo no sofá e me instalei no colo dele com as pernas abertas e as mãos em sua nuca. Senti seu hálito quente sobre o tecido de seda da camisa, fazendo meu sangue se acelerar.

“Ei.” Passei as mãos pelos cabelos dele, acariciando-o com o rosto. “Para de se preocupar com isso. Mas acho que a gente precisa tomar cuidado com essa Deanna Johnson. Qual é a pior coisa que ela pode descobrir sobre você?”

Ele jogou a cabeça para trás e estreitou os olhos. “Isso é problema meu. Pode deixar que eu cuido dela.”

“Acho que ela está atrás de algum escândalo grande. Não vai se contentar só em retratar você como um playboy bilionário sem alma.”

“Não precisa se preocupar. Só estou cuidando disso porque não quero que usem o meu passado pra atingir você.”

“Você é confiante demais.” Comecei a desabotoar seu colete, depois tirei sua gravata e a coloquei com cuidado sobre o encosto do sofá. “Vai falar com ela?”

“Vou ignorar essa história.”

“Tem certeza de que esse é o melhor jeito de lidar com isso?” Comecei a abrir sua camisa.

“Ela quer chamar a minha atenção, mas não vai conseguir.”

“Ela vai arrumar outro jeito de fazer isso, então.”

Ele se acomodou melhor no sofá, posicionando a cabeça para trás. “A única mulher que merece a minha atenção é você.”

“*Garotão*.” Eu o beijei e enfiei as mãos por dentro de sua camisa. Ele se mexeu para facilitar o meu acesso às suas calças. “Preciso que você me explique melhor sua história com essa Deanna”, eu murmurei. “O que aconteceu pra ela querer te atacar desse jeito?”

Ele suspirou. “Foi um equívoco meu, em todos os sentidos. Ela meio que se mostrou disponível, e eu tenho como regra não dar uma segunda chance a mulheres que parecem interessadas demais em mim.”

“E isso não é motivo suficiente pra ela considerar você um idiota?”

“O que passou, passou, não dá pra voltar atrás”, ele respondeu friamente.

Dava para perceber que ele estava envergonhado. Ele até podia se comportar como um canalha, mas nunca teve orgulho disso.

“Por acaso, Deanna foi cobrir um evento em que Anne Lucas estava me causando um certo desconforto”, ele continuou. “Usei Deanna pra manter Anne afastada. Não gostei nem um pouco de ter feito isso, e no final não reagi muito bem à situação.”

“Entendi.” Eu abri sua camisa, expondo sua pele quente e macia.

Só de lembrar do comportamento dele na primeira vez que transamos, dava para imaginar como ele tinha tratado Deanna. Comigo, ele imediatamente se fechou e se afastou, fazendo com que eu me sentisse usada e descartável. Ele fez de tudo para me reconquistar mais tarde, mas a tal repórter não teve a mesma sorte.

“Você não quis mais saber dela”, eu resumi. “Vai ver ela ainda gosta de você.”

“Duvido. Eu nunca troquei nem meia dúzia de palavras com ela.”

“Você foi um canalha comigo também. E eu me apaixonei do mesmo jeito.”

Comecei a acariciar seu peito, seguindo a trilha de pelos que levava até abaixo de sua cintura. Seus músculos abdominais se contraíram ao meu toque, e o ritmo de sua respiração mudou.

Eu me ajeitei no colo dele para poder aproveitar melhor de seu corpo. Com os polegares, circulei a ponta de seus mamilos e observei sua reação, esperando que ele sucumbisse ao prazer do meu toque delicado. Baixei a cabeça e beijei seu pescoço, sentindo sua pulsação sob meus lábios e inalando o aroma viril de sua pele. Curtir Gideon era algo que nunca me cansava, porque ele estava sempre pronto para mim.

Ele gemeu, e agarrou meus cabelos com uma das mãos. “Eva.”

“Eu adoro o jeito como você reage a mim”, eu sussurrei, inebriada por ter um homem tão abertamente sensual à minha mercê. “Como se não tivesse qualquer proteção contra mim.”

“E não tenho mesmo.” Ele acariciou meus cabelos desmanchados pelo sono com os dedos. “Você me toca como se idolatrasse o meu corpo.”

“Eu idolatro.”

“Dá pra sentir isso nas suas mãos… na sua boca. No jeito como você me olha.” Ele engoliu a saliva da boca, e eu acompanhei o movimento de sua garganta com os olhos.

“É só o que eu quero da vida.” Acariciei seu tronco, os peitorais musculosos, as linhas das costas. Como uma diletante diante de uma obra-prima. “Vamos brincar de uma coisa?”

Ele passou a língua pelos lábios, fazendo meu sexo se contrair de inveja. Gideon percebeu. Seus olhos se acenderam perigosamente. “Depende da brincadeira.”

“Esta noite você vai ser meu, garotão.”

“Eu sou sempre seu.”

Desabotoei minha camisa e a arranquei, expondo meu sutiã branco de renda e a calcinha fio dental combinando.

“Meu anjo”, ele murmurou, com um olhar excitadíssimo ao contemplar minha pele nua. Quando suas mãos fizeram menção de me tocar, eu agarrei seus pulsos, impedindo seus movimentos.

“Regra número um: eu vou chupar, masturbar e provocar você a noite toda. Você vai gozar até não aguentar mais.” Eu o toquei por cima da calça, massageando toda a sua extensão com a palma da mão. “Regra número dois: você só vai relaxar e aproveitar.”

“Sem retribuir o favor?”

“Isso mesmo.”

“Não vai rolar”, ele respondeu, decidido.

Eu resmunguei. “Por favor.”

“Meu anjo, fazer você gozar é noventa e nove por cento da diversão pra mim.”

“Mas se só eu gozar não tenho como curtir você!”, reclamei. “Só dessa vez, por uma noite, quero que você seja egoísta. Quero que solte seu lado animal, que goze simplesmente porque está a fim, sem precisar esperar nada.”

Ele estreitou os lábios. “Não consigo fazer isso com você. Preciso que você goze comigo.”

“Eu sabia que você ia dizer isso.” Porque eu havia dito certa vez que me sentir usada por um homem a seu bel-prazer era um gatilho para sentimentos desagradáveis para mim. Eu precisava me sentir amada e desejada. Não como um corpo feminino qualquer, mas como Eva, uma mulher que realmente precisa de um sentimento verdadeiro para se entregar. “Só que a brincadeira é minha, então sou eu que faço as regras.”

“Eu não falei que topava brincar.”

“Faz o que eu estou pedindo.”

Gideon bufou lentamente. “Eu não consigo, Eva.”

“Mas com as outras mulheres conseguia”, eu argumentei.

“Eu não era apaixonado por elas!”

Eu me derreti toda. Não dava para evitar. “Amor… é isso o que eu quero”, murmurei.

“Você nem imagina quanto.”

Ele soltou um ruído exasperado. “Então me explica por quê.”

“Eu não consigo ouvir o seu coração bater quando estou toda ofegante. Não consigo sentir você tremer se estiver tremendo também. Não consigo sentir seu gosto estando com a boca toda seca depois de gozar.”

A expressão em seu lindo rosto se atenuou. “Eu perco a cabeça toda vez que gozo dentro de você. Isso já basta.”

Eu sacudi a cabeça. “Você disse que eu sou o seu sonho erótico que virou realidade. Nesses sonhos você não devia só pensar em me fazer gozar. E os boquetes? E as punhetas? Você adora os meus peitos. Vai me dizer que não gostaria de fazer uma espanhola comigo e gozar na minha cara?”

“Meu Deus, Eva.” O pau dele endureceu ainda mais na minha mão.

Esfregando meus lábios semiabertos contra os dele, abri suas calças com um movimento preciso. “Quero que você tenha comigo suas fantasias mais pervertidas”, eu sussurrei. “Quero ser a sua vagabunda.”

“Você já é tudo o que eu quero que seja”, ele respondeu, bem sério.

“Sou mesmo?” Passei minhas unhas pelo seu corpo, mordendo os lábios inferiores e ouvindo seus gemidos. “Então faz isso por mim. Eu adoro ver você gozando. Ver o seu ritmo e o foco da sua atenção mudarem, a sua ferocidade. Sei que nesse momento você está pensando só em si mesmo, na sua gozada gostosa. Eu me sinto muito bem excitando você a esse ponto. Quero poder prolongar essa sensação por uma noite inteira.”

Ele apertou as minhas coxas. “Com uma condição.”

“Qual?”

“Hoje a noite é sua. Mas o fim de semana que vem vai ser meu.”

Fiquei de boca aberta. “Eu ganho uma noite e você, um fim de semana inteiro?”

“Ã-hã… Um fim de semana inteiro só cuidando de você.”

“Poxa”, eu murmurei, “negociar com você não é nada fácil.”

Ele abriu um sorriso afiado. “Vai se acostumando.”

“A nossa mãe diz que o nosso pai é uma máquina de fazer sexo.”

Gideon se virou para mim, sentado ao meu lado no chão, e deu risada. “Você tem mesmo uma coleção bizarra de trechos de filmes nessa sua cabecinha linda, meu anjo.”

Bebi mais um gole da garrafa d’água e engoli bem a tempo de recitar mais uma fala de *Um tira no jardim de infância*. “O meu pai é ginecologista, e fica olhando vaginas o dia todo.”

Ouvi-lo rir me deixou tão feliz que eu parecia estar flutuando. Seus olhos brilhavam, e ele estava mais relaxado do que nunca ao meu lado. Em parte por causa do boquete faminto que fiz para ele no sofá, seguido por uma longa e molhada punheta no chuveiro. Mas eu sabia que boa parte da empolgação dele era reflexo da minha.

Quando eu estava bem, ele também ficava. Eu achava impressionante exercer uma influência tão profunda sobre um homem como aquele. Gideon era uma força da natureza, e com uma autoconfiança tão magnética que tudo no mundo parecia girar ao seu redor quando ele estava por perto. Eu já o tinha visto em ação no dia a dia, e ficado embasbacada, mas não tanto quanto ficava com o amante charmoso e atencioso sempre à minha disposição em nossos momentos a dois.

“Ei”, eu falei, “quero ver se vai achar graça quando os seus filhos disserem a mesma coisa pra professora sobre você.”

“Como a única pessoa que diria isso pra eles seria você, não sei ao certo quem ia merecer apanhar.”

Ele se virou para continuar vendo o filme, ignorando o fato de ter me deixado quase sem fôlego. Gideon era um homem solitário, e ainda assim havia me aceitado tão completamente em sua vida que era capaz de visualizar um futuro que nem eu ousava imaginar. Senti um medo terrível de estar caminhando para uma desilusão amorosa da qual jamais conseguiria me recuperar.

Percebendo o meu silêncio, ele pôs a mão sobre o meu joelho descoberto e me olhou de novo. “Ainda está com fome?”

Meu olhar estava parado nas caixas de comida chinesa abertas sobre a mesa e nas rosas escuras que eu tinha enviado para Gideon e que ele havia trazido para casa.

Para não insistir muito no assunto anterior, mudei o rumo na conversa: “Só de você”.

Pus a mão no colo dele, sentindo seu pau adormecido sob a cueca preta que eu o deixei vestir para jantar.

“Você é uma mulher perigosa”, ele murmurou, chegando mais perto.

Em um movimento rápido, beijei sua boca e suguei seu lábio inferior. “Eu preciso ser”, murmurei, “se não quiser perder você, meu moreno perigoso.”

Ele sorriu.

“Preciso falar com Cary”, eu disse com um suspiro. “E ver se minha mãe já foi embora.”

“Você está bem?”

“Estou.” Apoiei a cabeça no ombro dele. “Não existe nada melhor que um pouco de Gideon-terapia pra melhorar meu humor.”

“Você sabe que eu atendo em domicílio, né? Vinte e quatro horas por dia.”

Eu cravei os dentes no braço dele. “Vou lá cuidar disso e já volto pra fazer você gozar de novo.”

“Já estou satisfeito, obrigado”, ele respondeu em um tom divertido.

“Mas ainda não brincamos com eles.”

Ele se abaixou e enfiou o rosto no meu decote. “Ora, ora.”

Dando risada, eu o empurrei, e ele me puxou até que estivéssemos ambos deitados no chão, entre o sofá e a mesinha de centro. Ele me prendeu sob seu corpo, com os braços rígidos e contraídos suportando todo o seu peso. Seus olhos me percorreram avidamente, primeiro o sutiã, depois a barriga descoberta, e por fim a calcinha e a cinta liga. A lingerie que vesti depois do banho era de um vermelho vivo, escolhida para manter o tesão de Gideon em alta.

“Você é o meu amuleto da sorte”, ele falou.

Eu apertei seus bíceps. “Ah, é?”

“É.” Ele lambeu a parte de cima dos meus seios. “Você é magicamente deliciosa.”

“Ai, meu Deus!”, eu dei risada. “Que brega!”

Ele sorriu para mim com os olhos. “Eu avisei que não entendia muito de romance.”

“Era mentira. Você é o cara mais romântico que eu já namorei. Ainda não acredito que você pendurou aquelas toalhas da CrossTrainer no seu banheiro.”

“O que mais eu poderia fazer? E estava falando sério quando disse que você me dá sorte.” Ele me beijou. “Eu estava tentando vender minha parte na sociedade de um cassino em Milão. Essas rosas chegaram bem no momento em que um comprador me ofereceu uma vinícola em Bordeaux em que eu estava de olho fazia tempo. E você nem imagina qual é o nome dela… La Rose Noir.”

“Uma vinícola por um cassino, é? Então você continua no ramo do sexo, dos vícios e da diversão.”

“Tudo pra satisfazer você, minha deusa do desejo, do prazer e das falas ridículas de

filmes.”

Passei as mãos pelas laterais de seu corpo e enfiei os dedos sob o elástico de sua cueca. “E quando é que eu vou experimentar esse vinho?”

“Quando trabalhar comigo na campanha publicitária que vamos fazer pra ele.”

Com um suspiro, eu falei: “Você não desiste mesmo, né?”.

“Quando quero de verdade uma coisa, não mesmo.” Ele se ajoelhou e me ajudou a sentar. “E eu quero você. Muito. Demais.”

“Isso você já tem”, eu falei, usando as palavras dele.

“Eu já tenho o seu coração e o seu corpo gostosíssimo. Agora quero o seu cérebro. Quero o pacote completo.”

“Eu preciso guardar alguma coisa só pra mim.”

“Não. Você pode ficar comigo, se quiser.” Gideon estendeu a mão e agarrou minha bunda. “E, sinto muito informar, mas você vai sair perdendo na troca.”

“Não é nada fácil negociar com você.”

“Giroux ficou feliz com a negociação. Você também vai ficar, eu garanto.”

“Giroux?” Meu coração palpitou. “É um parente da Corinne?”

“É o marido dela. Mas eles estão separados, você sabe.”

“Qual é. Você tem negócios com o *marido dela*?”

Ele abriu um sorriso malicioso. “Não tinha, foi o primeiro. E provavelmente o único, apesar de eu ter dito que estou envolvido com uma mulher especial… e que não é a dele.”

“O problema é que ela é apaixonada por você.”

“Ela nem me conhece.” Ele agarrou a minha nuca e esfregou seu nariz no meu. “Vai lá ligar pro Cary. Eu arrumo tudo aqui. Depois a gente pode dar uns amassos.”

“Safado.”

“Tarada.”

Remexi na minha bolsa atrás do celular. Gideon agarrou minha cinta liga e deu um puxão, fazendo uma sensação de ardor se espalhar pela minha pele. Surpreendentemente excitada pela pontada de dor, dei um tapa em sua mão e saí correndo para longe de seu alcance.

Cary atendeu no segundo toque. “Oi, gata. Já está melhor?”

“Já. E você é o melhor amigo que alguém pode ter. A minha mãe ainda está por aí?”

“Ela foi embora há mais ou menos uma hora. Você vai dormir com o seu amado?”

“Vou, a não ser que você precise de mim.”

“Não, está tudo bem. Trey está vindo pra cá.”

Essa notícia fez com que eu me sentisse um pouquinho menos culpada por passar mais uma noite fora. “Manda um oi pra ele por mim.”

“Claro. E dou um beijo nele por você também.”

“Vê lá, é um beijo que *eu* mandei. Não pode ser nada muito molhado e *caliente*.”

“Desmancha-prazeres. Ei, lembra que você me pediu pra fazer uma pesquisa sobre o dr. Lucas? Até agora, eu não descobri nada. O único interesse dele parece ser o trabalho. Não tem filhos. E a mulher dele é da área da saúde também. É terapeuta.”

Dei uma olhada para Gideon, para ver se ele não estava ouvindo. “Sério?”

“Por quê? Isso faz diferença?”

“Não, acho que não. É que… É que eu pensava que os psicólogos sabiam julgar o caráter das pessoas.”

“Você conhece ela?”

“Não.”

“O que está acontecendo, Eva? Você anda muito misteriosa ultimamente, e isso está começando a me irritar.”

Sentei em um banquinho no balcão e comecei a explicar o que era possível. “Conheci o dr. Lucas em um evento beneficente, e depois encontrei com ele quando você estava no hospital. Nas duas vezes, ele falou coisas horrorosas sobre Gideon, e eu estou tentando descobrir qual é a dele.”

“Qual é, Eva? O que mais poderia ser além de Cross ter comido a mulher dele?”

Como não podia revelar detalhes de um passado que não me pertencia, resolvi não responder. “Vou pra casa amanhã à tarde, e à noite vou sair com as meninas. Tem certeza de que não quer ir?”

“Ah, pode mudar de assunto, claro”, reclamou Cary. “Sim, tenho certeza de que não quero ir. Ainda não estou pronto pra cair na noite de novo. Só de pensar nisso já fico apavorado.”

Nathan havia atacado Cary na saída de uma balada, e Cary ainda não estava totalmente

recuperado da agressão. Por algum motivo, eu não tinha me dado conta de que, psicologicamente, ainda demoraria mais algum tempo até ele ficar bem. Ele fazia de tudo para dar uma de durão, mas eu devia suspeitar. “No próximo fim de semana, que tal irmos pra San Diego? Podemos ver o meu pai, os nossos amigos… E o dr. Travis, talvez, se você estiver a fim.”

“Quanta sutileza da sua parte, Eva”, ele disse, sarcástico. “Mas, sim, parece uma boa ideia. Só vou precisar que você me empreste um dinheiro, já que estou sem trabalho.”

“Tudo bem. Eu posso te bancar, e depois a gente acerta.”

“Ah, antes que você desligue. Uma amiga sua ligou aqui hoje… Deanna. Esqueci de falar naquela hora. Ela tem uma notícia pra dar, pediu pra você ligar pra ela.”

Eu olhei para Gideon. Ele percebeu, e alguma coisa no meu rosto deve ter me denunciado, porque seus olhos assumiram uma expressão bem séria. Gideon foi até mim com passadas longas e ágeis, depois de jogar fora os restos de comida e as caixas.

“Você disse alguma coisa pra ela?”, perguntei baixinho para Cary.

“Tipo o quê?”

“O tipo de coisa que você não gostaria de contar pra uma jornalista, porque é isso que ela é.”

Gideon ficou ainda mais sério. Ele passou por mim para jogar o saco de papel no compactador de lixo, e depois retornou ao meu lado.

“Você ficou amiga de uma jornalista?” Perguntou Cary. “Está maluca?”

“Não, ela não é minha amiga. Não sei nem como ela conseguiu o meu telefone, a não ser que ela estivesse ligando da recepção.”

“E o que ela quer?”

“Está escrevendo uma matéria pra difamar Gideon. Ela está começando a me irritar. Está determinada a ferrar com ele.”

“Da próxima vez que ela ligar, eu desligo.”

“Não, não precisa.” Eu olhei bem para Gideon. “É só não responder nada do que ela pergunta. Onde você disse que eu estava?”

“Disse que você tinha saído.”

“Ótimo. Obrigada, Cary. Qualquer coisa me liga.”

“Uma boa trepada pra você.”

“Minha nossa, Cary.” Sacudi a cabeça e desliguei.

“Deanna Johnson ligou na sua casa?”, perguntou Gideon, com os braços cruzados.

“Sim. E eu vou ligar pra ela.”

“Não vai, não.”

“Pode parar com esse papo de troglodita. Não estou a fim desse seu ‘mim Cross, você mulher de Cross’”, eu rebati. “Caso você já tenha se esquecido, a gente fez um acordo. Eu sou sua, e você é meu. Só estou protegendo o que é meu.”

“Eva, não queira comprar as minhas brigas. Eu sei me cuidar sozinho.”

“Eu sei disso. Foi o que você fez a vida inteira. Mas agora eu estou com você. Então pode deixar que eu cuido dessa.”

Alguma coisa mudou em sua expressão, de forma tão sutil que eu não tinha muita certeza se ele estava irritado mesmo ou não. “Não quero expor você aos problemas do meu passado.”

“Você cuidou do meu.”

“Não é a mesma coisa.”

“Uma ameaça é uma ameaça, garotão. Estamos nessa juntos. Ela veio atrás de mim, então eu sou a sua melhor aliada pra descobrir o que ela anda aprontando.”

Ele ergueu uma das mãos, irritado, e depois passou pelos cabelos. Tive que me esforçar para não me distrair quando a musculatura de seu corpo inteiro se contraiu — o abdome, os bíceps. “Foda-se o que ela anda aprontando. Você sabe a verdade, e é isso o que importa.”

“Eu não vou ficar parada enquanto ela queima você na imprensa, pode esquecer!”

“Ela só pode me atingir se atingir você, e talvez seja isso que ela esteja tentando fazer.”

“Isso nós só vamos saber quando eu falar com ela.” Peguei o cartão de visita de Deanna na bolsa e acionei a opção de esconder o meu nome no identificador de chamadas dela.

“Puta que pariu, Eva!”

Pus o telefone no viva-voz e o deixei sobre o balcão.

“Deanna Johnson”, ela atendeu prontamente.

“Deanna, é Eva Tramell.”

“Oi, Eva.” O tom de sua voz mudou, fingindo uma amizade que simplesmente não existia entre nós. “Como vai?”

“Vou bem, e você?” Olhei para Gideon e o observei para ver se a voz dela provocava alguma reação. Ele me encarou, e parecia deliciosamente puto da vida. Eu já tinha me acostumado com o fato de achá-lo irresistível o tempo todo, independentemente de seu estado de humor.

“As coisas estão aparecendo. Na área em que trabalho, isso é sempre bom.”

“Então você está descobrindo o que queria.”

“Aliás, foi por isso que eu liguei. Uma fonte minha afirma que Gideon flagrou você em um *ménage* com o seu colega de quarto e mais um cara, e ficou furioso. O cara foi parar no hospital, e agora está abrindo um processo. É verdade?”

Fiquei paralisada, e não consegui ouvir mais nada além da minha pulsação martelando no meu ouvido. Na noite em que conheci Corinne, voltamos para minha casa e encontramos uma orgia na sala de estar, com Cary, duas garotas e um cara chamado Ian. Quando Ian, sem nenhuma vergonha — e nenhuma roupa — me convidou para entrar na brincadeira, Gideon recusou a oferta com um soco direto no nariz.

Olhei para Gideon e senti meu estômago se contorcer. *Era verdade mesmo*. Ele estava sendo processado. A prova estava na cara dele, desprovida de toda e qualquer emoção, com seus pensamentos ocultados atrás de uma máscara impenetrável. “Não, não é verdade”, eu respondi.

“Que parte?”

“Não tenho mais nada a dizer pra você.”

“Também tenho um relato de uma testemunha ocular de uma briga entre Gideon e Brett Kline, supostamente por ter pegado você aos beijos com Kline. Isso é verdade?”

Apertei a beirada do balcão de pedra até os meus dedos ficarem pálidos.

“O seu colega de quarto foi atacado recentemente”, ela continuou. “Gideon teve alguma coisa a ver com isso?”

Ai, meu Deus… “Você é maluca”, eu disse com frieza.

“No vídeo da sua discussão com Gideon no Bryant Park, ele tem uma atitude bastante agressiva, inclusive fisicamente. Você tem uma relação violenta com Gideon Cross? Ele não consegue controlar o próprio temperamento? Você tem medo dele, Eva?”

Gideon virou as costas e saiu andando pelo corredor na direção do escritório.

“Vai se foder, Deanna”, eu falei. “Quer destruir a reputação de um homem inocente só porque ele não quis comer você de novo? Bem se vê que você é mesmo uma mulher moderna e sofisticada.”

“Ele atendeu o telefone”, ela falou, “no meio da transa. Atendeu a porra do telefone e começou a falar sobre uma inspeção em uma propriedade dele. No meio da conversa, percebeu que eu ainda estava lá deitada esperando por ele e falou: ‘Pode ir embora’. Assim, do nada. Ele me tratou como uma prostituta, só faltou me pagar. Não me ofereceu nem uma bebida.”

Eu fechei os olhos. *Meu Deus*. “Eu sinto muito, Deanna. Sinceramente. Também já lidei com um monte de cretinos nesta vida, e pelo jeito é isso que ele significa pra você. Mas, mesmo assim, o que você está fazendo é errado.”

“Não se for tudo verdade.”

“Mas não é.”

Ela suspirou. “Sinto muito envolver você nisso, Eva.”

“Até parece.” Encerrei a ligação e mantive a cabeça baixa, me agarrando ao balcão enquanto a sala inteira girava ao meu redor.

8

Encontrei Gideon andando de um lado para o outro atrás de sua mesa, como uma fera presa em uma jaula. Estava com o headphone na orelha, esperando para ser atendido ou então escutando, já que estava em silêncio. Ele me encarou com uma expressão dura e impassível. Apesar de estar apenas de cueca, parecia invulnerável. Ninguém que o visse seria tolo a ponto de imaginar outra coisa. Fisicamente, sua força se mostrava em cada músculo. Além disso, ele emanava um ar de ameaça de gelar a espinha.

O homem tranquilo e satisfeito com quem eu havia jantado não estava mais lá, substituído por um predador urbano acostumado a destruir seus concorrentes.

Preferi deixá-lo sozinho em sua tarefa.

Procurei o tablet de Gideon, que encontrei em sua pasta. O aparelho era protegido por senha, e eu fiquei olhando para a tela por um bom tempo, assustada em ver que estava tremendo. Tudo o que eu mais temia estava acontecendo.

“Anjo.”

Olhei para ele quando apareceu no corredor.

“A senha”, ele explicou. “É *anjo*.”

Ah. Toda a energia do meu corpo se esvaiu, me deixando exausta. “Você devia ter me contado sobre o processo, Gideon.”

“Na verdade ainda não é um processo, é só uma notificação extrajudicial”, ele disse sem se alterar. “Ian Hager quer dinheiro, e eu quero sigilo. Vamos nos sentar entre quatro paredes e resolver isso.”

Eu me ajeitei no sofá, deixando o tablet no colo. Ele veio andando até mim, me observando. Era fácil demais ficar encantada com sua aparência, e acabar esquecendo que ele era uma pessoa profundamente solitária. Porém, estava mais do que na hora de começar a me incluir em sua vida quando enfrentava dificuldades.

“Não me interessa se o processo ainda não está na justiça”, argumentei. “Você tinha que ter me contado.”

Ele cruzou os braços. “Eu ia.”

“Você *ia*?” Eu me levantei. “Você viu como eu fiquei porque a minha mãe fez uma

coisa sem me contar, e mesmo assim não abriu a boca pra falar dos seus segredos?”

Por um momento, ele permaneceu rígido e impassível, mas depois soltou um palavrão por entre os dentes e resolveu abrir o jogo. “Eu vim pra casa mais cedo com a intenção de conversar justamente sobre isso, mas aí você me contou sobre a sua mãe, e imaginei que já era dor de cabeça demais pra um só dia.”

Eu desabei no sofá. “Não é assim que as coisas funcionam em um relacionamento, garotão.”

“Eu acabei de conseguir você de volta, Eva. Não quero passar todo o nosso tempo juntos falando apenas sobre o que está errado e fodido na nossa vida!”

Dei um tapinha na almofada ao meu lado. “Vem aqui.”

Em vez disso, ele sentou na mesinha de centro e me envolveu com suas pernas abertas. Ele pegou minhas duas mãos e as ergueu para beijá-las. “Me desculpe.”

“Eu entendo você. Mas, se tem alguma coisa pra me falar, é melhor dizer agora.”

Ele se inclinou para a frente, me puxando para fora do sofá. Quando chegou bem perto de mim, ele sussurrou: “Sou apaixonado por você”.

No meio de tanta coisa errada, havia pelo menos uma certa.

E isso já bastava.

Nós caímos no sono no sofá, abraçados um ao outro. Eu acordava o tempo todo, atormentada pela angústia e atrapalhada pelo cochilo que tiramos antes. Estava desperta o suficiente para sentir a inquietação de Gideon, sua respiração se acelerando, suas mãos me apertando com mais força. Seu corpo inteiro se sobressaltou, me sacudindo. O gemido que ele soltou foi de cortar o coração.

“Gideon.” Eu me virei para encará-lo, e ele foi despertado pelos meus movimentos. Tínhamos dormido com as luzes acesas, e fiquei feliz ao vê-lo acordado de novo.

Seu coração batia com força sob a palma da minha mão, e sua pele estava coberta por uma fina camada de suor. “Quê?”, ele perguntou assustado. “O que foi?”

“Você estava começando a ter um pesadelo, acho.” Dei alguns beijos de leve em seu rosto suado, na esperança de que o meu amor fosse capaz de afastar as más lembranças.

Ele tentou sentar, mas eu me agarrei ao seu corpo para impedi-lo.

“Você está bem?” Ele passou a mão pelo meu rosto, me observando. “Eu machuquei você?”

“Está tudo bem.”

“Minha nossa.” Ele se deitou de novo e escondeu os olhos com o antebraço. “Eu não posso continuar dormindo ao seu lado. E esqueci de tomar o remédio. Puta merda, preciso parar de vacilar.”

“Ei.” Eu me apoiei sobre o cotovelo e passei a outra mão pelo seu peito. “Não aconteceu nada.”

“Não venha fingir que não aconteceu nada, Eva.” Ele virou a cabeça para me encarar, implacável. “Todo cuidado é pouco.”

“Eu sei muito bem disso.” Ele parecia tão cansado, com olheiras escuras em torno dos olhos e linhas profundas em torno da boca.

“Eu matei um homem”, ele disse, desolado. “Você sempre correu perigo dormindo ao meu lado, e agora mais do que nunca isso é a pura verdade.”

“Gideon…” Eu de repente entendi por que seus pesadelos vinham se tornando cada vez mais frequentes. Ele era capaz de justificar suas ações, mas isso não aliviava sua consciência pesada.

Afastei os cabelos caídos sobre sua testa. “Se você está sofrendo, precisa falar comigo.”

“Só quero que você se sinta segura”, ele murmurou.

“Eu só me sinto segura de verdade quando estou com você. Está na hora de parar de se culpar por tudo o que acontece.”

“A culpa é toda minha.”

“A sua vida não era menos complicada antes de me conhecer?”, eu questionei.

Ele me lançou um olhar um tanto dúbio. “Pelo jeito eu gosto de casos complicados.”

“Então pare de reclamar. E não saia daí que eu já volto.”

Fui até a suíte principal e troquei a lingerie por uma camiseta bem comprida e folgada das Indústrias Cross. Peguei a coberta dobrada no pé da cama, fui até o quarto de Gideon e peguei o remédio dele.

Ele me acompanhou com os olhos quando deixei a coberta e o remédio por ali e fui até a cozinha pegar uma garrafa d’água. Pouco depois, já estávamos ambos abraçadinhos sob as cobertas, com a maioria das luzes apagadas.

Eu cheguei mais perto, enroscando minha perna na dele. O medicamento que Gideon tomava contra a parassonia não era garantia nenhuma de cura, mas mesmo assim ele fazia questão de seguir religiosamente o tratamento. Eu adorava ver sua dedicação, admirava seu esforço para ficar comigo. “Você se lembra do que estava sonhando?”, eu perguntei.

“Não. Mas o que quer que fosse, queria que tivesse você.”

“Eu também.” Deitei a cabeça sobre seu peito, ouvindo as batidas compassadas de seu coração. “Se o sonho fosse comigo, como seria?”

Senti que ele estava relaxando, afundando no sofá junto comigo.

“Seria um dia de sol numa praia do Caribe”, ele murmurou. “Uma praia particular, com uma cabana na areia clarinha, sem janelas, só a fachada de frente pro mar. Você deitada numa espreguiçadeira. Sem roupa.”

“Claro.”

“Deitada preguiçosamente na sombra, com a brisa balançando seus cabelos. Com aquele sorriso que me deu na primeira vez em que eu fiz você gozar. Sem pressa pra nada, sem ninguém à nossa espera. Só nós dois, e todo o tempo do mundo.”

“Pra mim parece o paraíso”, eu sussurrei, sentindo seu corpo cada vez mais relaxado. “Queria nadar pelada com você.”

“Humm…” Ele bocejou. “Preciso ir pra cama.”

“Eu ia querer umas cervejas geladas também”, eu falei, esticando o assunto para que ele adormecesse nos meus braços. “Com limão. Eu espremeria o suco em cima da sua barriga e depois lamberia tudinho.”

“Eu adoro a sua boca.”

“Então deveria sonhar com isso. E com as safadezas que a gente pode fazer juntos.”

“Me dê alguns exemplos.”

Eu dei vários, falando baixinho, acariciando sua pele. Ele caiu no sono depois de um suspiro profundo.

Fiquei abraçada com ele até bem depois de o sol nascer.

Gideon dormiu até as onze horas. Fiquei pensando e elaborando estratégias durante horas e, quando ele veio falar comigo no escritório, a mesa dele estava coberta de anotações e desenhos.

“Oi”, eu cumprimentei, beijando de leve seus lábios quando ele veio até mim. Ainda estava sonolento, e absurdamente sensual apenas de cueca. “Bom dia.”

Ele olhou para o que eu estava fazendo. “O que é isso?”

“Tome um café antes, depois eu explico.” Esfreguei as mãos, entusiasmada. “Quer tomar um banho rápido enquanto preparo? Depois nós podemos conversar melhor.”

Ele me encarou e abriu um sorriso de satisfação. “Tudo bem. Mas não seria melhor tomarmos um banho juntos? Pra conversa começar bem?”

“Seria melhor guardar essas ideias, e a sua libido, pra hoje à noite.”

“Ah, é mesmo?”

“Eu vou sair hoje à noite, esqueceu? E vou beber bastante, o que sempre me deixa com tesão. Não esquece de tomar as suas vitaminas, garotão.”

E abriu ainda mais o sorriso. “Pode deixar.”

“É isso aí. Se conseguir levantar da cama amanhã, você é um homem de sorte”, eu avisei.

“Vou me hidratar bastante, então.”

“Boa ideia.” Voltei a me concentrar no tablet, mas não pude evitar uma olhadinha para a sua bunda assim que ele saiu.

Quando apareceu de novo, estava com os cabelos molhados e vestido com uma calça preta folgada o suficiente para eu perceber que não usava cueca. Tive que me esforçar para me concentrar no meu plano. Pedi para que ele se sentasse na cadeira da escrivaninha e fiquei de pé ao seu lado.

“Muito bem”, eu comecei, “seguindo a máxima de que a melhor defesa é o ataque, comecei a pensar em uma forma de trabalhar a sua imagem publicamente.”

Ele deu um gole de café.

“Não me olhe assim”, eu o repreendi. “Isso não entra na sua vida pessoal, afinal *eu sou* a sua vida pessoal.”

“Boa menina.” Ele deu um tapinha nas minhas costas.

Eu mostrei a língua para ele. “Minha intenção era encontrar uma forma de rebater uma campanha difamatória que explorasse os pontos fracos da sua personalidade.”

“O fato de eu ser conhecido por não expor esses pontos fracos deve ajudar”, ele disse num tom irônico.

Até me conhecer… “Eu sou uma influência terrível sobre você.”

“Você é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida.”

Dei um beijo na testa dele ao ouvir isso. “Não foi nada fácil descobrir algo a respeito da Fundação Crossroads.”

“Você que não soube procurar.”

“O seu mecanismo de busca é péssimo”, eu rebati, abrindo o site. “Tem essa página inicial, que é bonita, mas não traz informação nenhuma. Onde estão os links e as informações das instituições beneficiadas? E a sessão ‘Quem somos’, explicando o que é a fundação e qual é o seu objetivo?”

“Uma pasta com informações detalhadas é mandada pras instituições de caridade, pros hospitais e pras universidades duas vezes por ano.”

“Ótimo. Mas chegou a hora de entrar na era da internet. Por que as ações promovidas pela fundação não fazem nenhuma menção a você?”

“A Crossroads não precisa remeter a mim, Eva.”

“Como não?” Gideon ergueu as sobrancelhas, mas eu fiz o mesmo e entreguei uma lista de afazeres a ele. “Vamos minimizar o impacto do escândalo provocado por Deanna antes mesmo que ela comece a fazer estrago. Esse site precisa ser reformulado na segunda-feira no primeiro horário, acrescentando essas páginas e as informações que eu reuni.”

Gideon deu uma olhada rápida no papel, apanhou a caneca de café e se recostou na cadeira. Preferi manter os olhos na caneca, e não sobre seu tronco descoberto.

“O site das Indústrias Cross deveria ter um link pra fundação, na página da sua biografia”, eu continuei. “Que, aliás, também precisa ser reformulada e atualizada.”

Mostrei mais um papel com anotações para ele.

Gideon o apanhou e passou os olhos pela breve biografia que eu esbocei. “É claramente escrita por alguém apaixonado por mim.”

“Não precisa bancar o modesto, Gideon. Às vezes você precisa bater no peito e dizer: ‘Eu sou o cara’. As suas qualidades vão muito além do seu rosto bonito, do seu corpo gostoso e do seu tesão inesgotável. Mas vamos nos concentrar nas coisas que posso dividir com o resto do mundo.

Gideon abriu um sorriso e perguntou: “Quantas canecas de café você já tomou hoje?”.

“O suficiente pra acabar com você, então tome cuidado.” Eu bati com o quadril em seu braço. “Também acho que seria bom escrever um comunicado à imprensa anunciando a aquisição de La Rose Noir, pras pessoas associarem o seu nome ao de Giroux. Pra todo mundo saber que Corinne, com quem você andou saindo ultimamente, tem um marido. Dessa forma, Deanna não pode pintar você como um canalha por ter rompido com ela. Isso *se* ela decidir ir por esse caminho.”

Ele me puxou para seu colo, me pegando de surpresa. “Meu anjo, eu não aguento ver você preocupada desse jeito. Podemos fazer o que você quiser, mas antes entenda que essa

Deanna não tem nada nas mãos. Ian Hager não vai comprometer a chance de ganhar uma bela indenização divulgando essa história. Ele vai assinar o acordo de sigilo, receber uma boa bolada e sumir no mundo.”

“Mas e…”

“Pro Six-Ninths não é uma boa ideia que as pessoas saibam que a musa inspiradora do seu maior sucesso namora um outro cara. Isso significaria que a história de amor da música é falsa. Vou conversar com Kline, e tenho certeza de que ele vai entender.”

“Você vai falar com Brett?”

“Nós temos negócios em comum”, ele argumentou, abrindo um leve sorriso, “então claro que sim. E, quanto ao ataque a Cary, ela claramente está blefando. Tanto eu como você sabemos que Deanna não será capaz de tirar conclusão nenhuma em cima disso.”

Eu pensei em tudo o que ele me falou. “Então você acha que ela está só querendo me atingir. Por quê?”

“Porque eu sou seu, e Deanna sabe muito bem disso se já cobriu algum evento em que estivemos juntos.” Ele encostou sua testa à minha. “Não consigo esconder meus sentimentos quando você está por perto, e isso torna você um alvo.”

“De mim você soube esconder muito bem os seus sentimentos.”

“Foi a sua insegurança que não deixou você ver.”

Contra isso eu não podia argumentar. “Vamos supor que a intenção dela seja mesmo me deixar com medo de um escândalo. Mas o que ela ganharia com isso?”

Ele se recostou na cadeira. “Pense bem. A grande ameaça é o surgimento de um escândalo envolvendo nós dois. Qual seria a melhor forma de evitar isso?”

“Mantendo distância de mim. É o que diriam pra você fazer. Cortar as relações com uma potencial fonte de escândalos é o básico do básico do gerenciamento de crises.”

“Ou então fazer o contrário, e casar com você logo de uma vez”, ele disse baixinho.

Fiquei paralisada. “O que…? Você está…?” Engolindo em seco, eu sussurrei: “Não neste momento. Não desta maneira”.

“Não mesmo”, concordou Gideon, me beijando de leve na boca. “Quando eu pedir você em casamento, meu anjo, vai ser pra valer.”

Senti um nó na garganta. Não consegui falar, só balancei a cabeça.

“Respira fundo”, ele disse, tranquilo. “Mais uma vez. Pronto, agora me diz que não entrou em pânico por causa disso.”

“Não mesmo. Não.”

“Fala comigo, Eva.”

“É que…” Eu soltei o ar com força. “Eu só quero que você me peça isso quando eu estiver pronta pra dizer sim.”

A tensão se instalou em seu corpo. Ele se inclinou para trás, e a mágoa era visível em seus olhos. “E agora não está?”

Eu sacudi a cabeça.

Seus lábios se contraíram em uma linha estreita. “Me diz, então, o que é preciso pra isso acontecer.”

Lancei meus braços sobre seus ombros, para que ele sentisse a proximidade entre nós. “Existe tanta coisa que eu não sei. Não que eu precise de mais informações pra me decidir, porque nada é capaz de acabar com o meu amor por você. Nada. Só acho que a sua hesitação em compartilhar as coisas comigo significa que *você* também não está pronto.”

“Sei…”, ele murmurou.

“Eu preciso ter a certeza de que você vai querer passar a vida toda comigo. Não vou conseguir sobreviver a uma separação, Gideon.”

“O que você quer saber?”

“Tudo.”

Ele soltou um ruído de frustração. “Você precisa ser mais específica.”

Falei a primeira coisa que veio à minha cabeça, já que estava pesquisando a respeito de seus negócios durante toda a manhã. “Sobre a Vidal Records. Por que você é o dono da gravadora do seu padrasto?”

“Porque ela estava falindo.” Ele cerrou os dentes. “Minha mãe já tinha perdido tudo o que tinha na vida uma vez. Eu não podia deixar isso acontecer de novo.”

“O que você fez?”

“Pedi pra minha mãe convencer Chris e Christopher a fazer uma oferta pública de ações da empresa, e a parte de Ireland ela vendeu pra mim. Com isso, e as ações que comprei na bolsa, assumi o controle da empresa.”

“Uau.” Eu apertei sua mão. Eu conhecia os dois, pai e filho. Apesar das semelhanças físicas, os cabelos castanhos e os olhos verdes, fiquei com a impressão de que eram homens bem diferentes. Quanto a Christopher, o filho, eu tinha certeza de que era um canalha. Mas sobre o pai eu sabia muito pouco. E esperava sinceramente não precisar

dizer o mesmo sobre ele. “E como as coisas chegaram a esse ponto?”

O olhar que Gideon me lançou dizia tudo. “Chris nunca hesitou em pedir meus conselhos, mas Christopher sempre fez questão de não segui-los, então o meu padrasto ficava o tempo todo no meio do tiroteio.”

“Então você fez o que precisava ser feito.” Eu dei um beijo em seu queixo. “Obrigada por me contar.”

“Era só isso?”

Eu abri um sorriso. “Não.”

Queria fazer mais perguntas, mas meu telefone tocou, e aquele toque específico indicava que era a minha mãe. Fiquei surpresa por ela demorar tanto tempo para ligar — eu tinha tirado o telefone do modo silencioso por volta das dez. Soltando um gemido, eu falei: “Preciso atender”.

Ele me deixou levantar, e apalpou minha bunda quando comecei a me afastar. Já na porta, me virei para ele, e Gideon estava examinando minhas anotações e sugestões. Eu sorri.

Quando cheguei ao balcão, onde estava o meu celular, ele parou de tocar, mas recomeçou logo em seguida. “Mãe”, eu me apressei em atender, antes que ela surtasse. “Eu passo na sua casa daqui a pouco, tudo bem? Pra gente conversar.”

“Eva. Você não faz ideia de como eu estava preocupada! Você não pode fazer isso comigo!”

“Chego aí em uma hora”, eu interrompi. “Só preciso me trocar e já vou.”

“Eu mal consegui dormir, de tão chateada que estava.”

“Se for pra levar a conversa pra esse lado, eu também não dormi quase nada”, rebati. “O mundo não gira exclusivamente ao seu redor, mãe. Fui eu que tive a minha privacidade invadida. E por culpa sua.”

Houve um silêncio.

Dificilmente eu falava de maneira agressiva com a minha mãe, porque ela era realmente sensível, mas nós precisávamos redefinir nossa relação caso quiséssemos continuar tendo uma. Olhei para o pulso para saber que horas eram, mas então me lembrei de que não tinha mais um relógio. Em vez disso, olhei no conversor de sinal da TV a cabo. “Chego aí à uma.”

“Vou mandar um carro buscar você”, ela disse baixinho.

“Obrigada. Até mais.” Eu desliguei.

Já estava guardando o telefone de volta na bolsa quando apareceu uma mensagem de texto de Shawna: O que vc vai usar na balada?

Um monte de coisas diferentes passou pela minha cabeça, de visuais despojados até produções ousadíssimas. Apesar de estar mais propensa à ousadia, eu me lembrei da existência de Deanna. Eu precisava pensar em como minha imagem ficaria exposta nos tabloides. Um pretinho, eu respondi, pensando em um clássico adequado a qualquer situação. Saltos bem altos. E um monte de joias.

:-) Saquei! Vejo vc às 7, ela respondeu.

A caminho do quarto, parei em frente ao escritório de Gideon e fiquei encostada ao batente da porta, observando seus movimentos. Eu poderia ficar fazendo aquilo durante horas, adorava ficar olhando para ele. Quando estava concentrado, ele ficava muito sexy.

Gideon me olhou e sorriu, e percebi que ele sabia que eu estava lá. “Gostei disto aqui”, ele elogiou, apontando para a mesa. “Principalmente considerando que foi tudo reunido em questão de horas.”

Fiquei orgulhosa, emocionada por ter impressionado um dos executivos mais bem-sucedidos do mundo com o meu trabalho.

“Quero você nas Indústrias Cross, Eva.”

Meu corpo reagiu ao tom de determinação em sua voz, que me lembrou a primeira vez em que conversamos, quando ele disse: Quero comer você, Eva.

“Eu também quero você lá”, eu respondi. “Na sua mesa.”

Os olhos dele brilharam. “Essa pode ser a nossa comemoração.”

“Eu gosto do meu trabalho. E dos meus colegas. E de saber que mereci cada coisa que conquistei.”

“Eu posso oferecer tudo isso e muito mais.” Ele batucou na caneca com os dedos. “Acho que você foi pro ramo de publicidade pra fugir da monotonia. Por que não relações públicas, então?”

“Porque isso envolve política. Anunciando produtos, a retórica fica restrita a transações comerciais.”

“Você falou sobre gerenciamento de crises agora há pouco. E obviamente”, ele apontou para as coisas espalhadas sobre a mesa, “tem talento pra isso. Me deixe tirar proveito disso.”

Eu cruzei os braços. “Gerenciamento de crises é trabalho pra profissionais de relações públicas, e você sabe disso.”

“Você é boa na resolução de problemas. Eu posso usar esse talento seu. Delegar problemas sérios e complexos pra você resolver. Nada de rotina, um desafio atrás do outro.”

“Fala sério.” Comecei a bater os pés. “Quantas crises você encara numa semana qualquer?”

“Inúmeras”, ele respondeu, animado. “Qual é? Eu sei que você ficou interessada. Dá pra ver na sua cara.”

Eu me endireitei para responder: “Você já tem gente de sobra para lidar com tudo isso”.

Gideon se recostou na cadeira e sorriu. “Eu quero mais. E você também. Vamos fazer isso juntos.”

“Você é terrível, sabia? Obstinado pra caramba. Escuta o que estou dizendo: nós dois trabalhando juntos não é uma boa ideia.”

“Estamos trabalhando muito bem até aqui.”

Eu sacudi a cabeça. “Porque você concordou com as minhas avaliações e sugestões, e além disso eu estava no seu colo, com você passando a mão na minha bunda. Não vai ser tão agradável assim quando nós discordarmos um do outro e precisarmos discutir a respeito num ambiente profissional, com outras pessoas ao redor. E pra piorar nós vamos trazer tudo isso pra casa, e lidar com os problemas do trabalho no ambiente doméstico também.”

“Nós podemos combinar de não conversar sobre trabalho dentro de casa.” Ele passou os olhos por mim, e os manteve sobre minhas pernas, que estavam nuas sob o robe de seda. “Não vai ser muito difícil arrumar coisas mais interessantes pra fazer.”

Eu revirei os olhos e dei as costas para ele. “Maníaco sexual.”

“Eu adoro fazer amor com você.”

“Isso não é justo”, eu reclamei, me sentindo indefesa. Eu *não tinha* como resistir a ele.

Gideon sorriu. “Eu nunca disse que jogava limpo.”

Quinze minutos depois, quando entrei no meu apartamento, fui invadida por uma sensação estranha. A disposição do espaço era idêntica à do lar temporário de Gideon, só que invertida. A decoração que ele havia providenciado, uma mistura da minha mobília com a dele, fez com que eu me sentisse absolutamente à vontade por lá, o que fez com que eu me sentisse estranha… na minha própria casa.

“Oi, Eva.”

Olhei ao redor e vi Trey na cozinha, pondo leite em dois copos. “Oi”, eu cumprimentei de volta. “Como você está?”

“Já estou melhor.”

E parecia mesmo. Seus cabelos loiros, normalmente bagunçados, estavam ótimos — um dos talentos de Cary. Seus olhos castanhos brilhavam, e ele tinha um sorriso radiante logo abaixo do nariz que um dia claramente já tinha sido quebrado.

“Que bom ver você de novo por aqui”, eu falei.

“Eu dei uma reorganizada na minha agenda.” Ele me ofereceu um copo com leite, que recusei sacudindo a cabeça. “E você, como vai?”

“Fugindo de jornalistas, torcendo pro casamento do meu chefe sair, tentando acertar os ponteiros com a minha mãe, precisando ligar pro meu pai e ansiosa pra sair hoje à noite com as amigas.”

“Você é demais.”

“Isso é você que está dizendo”, eu falei com um sorriso. “E as aulas, como vão? E o trabalho?”

Eu sabia que Trey estava estudando para ser veterinário, e que precisava ter mais de um emprego para pagar a faculdade. Um deles era o de assistente de fotógrafo, e foi assim que conheceu Cary.

Ele fez uma careta. “Não está nada fácil, mas um dia essa correria toda ainda vai valer a pena.”

“A gente devia ver uns filmes e comer uma pizza aqui de novo um dia desses.” Eu inevitavelmente torcia para Trey em sua disputa com Tatiana por Cary. Podia ser impressão minha, mas ela não parecia ter a menor simpatia por mim. E eu não tinha gostado nada da atitude dela quando foi apresentada a Gideon.

“Claro. Vou ver como está a agenda de Cary.”

Eu me arrependi de ter falado com Trey antes de Cary, porque o brilho de seus olhos aos poucos foi se apagando. Aquilo na certa o fez lembrar que estava dividindo a atenção de Cary com Tatiana. “Bom, se ele não estiver muito disponível, podemos fazer isso só nós dois.”

Ele abriu um meio-sorriso. “Por mim estamos combinados.”

*

Faltando dez para a uma, saí do prédio e encontrei Clancy à minha espera. Ele acenou para o porteiro e abriu a porta do carro para mim, mas sua aparência deixava bem claro que sua função não se limitava à de um simples motorista. Ele se comportava como a máquina de guerra que na verdade era — desde que o vi pela primeira vez, não me lembrava de tê-lo visto sorrindo.

Uma vez atrás do volante, ele desligou o rádio, que em geral ficava sintonizado na frequência da polícia, tirou os óculos escuros e me olhou pelo retrovisor. “Como você está?”

“Melhor que a minha mãe, imagino.”

Profissional experiente que era, ele jamais permitiria que sua expressão indicasse o que estava passando por sua cabeça. Em vez disso, ele recolocou os óculos escuros e sintonizou o som do carro com o meu celular via Bluetooth para tocar as minhas músicas. Só depois disso Clancy pôs o carro em movimento.

Amolecida por sua gentileza, que aliás era algo constante, eu falei: “Ei. Me desculpa por tudo o que eu falei. Você estava fazendo seu trabalho, e não merecia ficar aguentando encheção de saco por isso.”

“Eu não cuido da sua segurança só por obrigação, srta. Tramell.”

Fiquei em silêncio por um tempo, tentando entender o que ele quis dizer com aquilo. Minha relação com Clancy era distante e puramente profissional. Nós costumávamos nos ver com frequência porque ele era o responsável por me levar e me buscar na academia do krav maga, que ficava no Brooklyn. Porém, eu jamais imaginei que ele poderia ter algum tipo de motivação pessoal para cuidar da minha segurança. Clancy era o tipo de cara que tinha muito orgulho de seu trabalho.

“É que não foi só aquilo”, eu esclareci. “Já tinha acontecido um monte de coisas antes de você e Stanton entrarem em cena.”

“Desculpas aceitas.”

Aquela resposta brusca e impessoal combinava tanto com ele que até dei risada.

Eu me ajeitei melhor no assento e olhei pela janela, para a cidade que eu havia adotado e aprendido a amar. Na calçada ao meu lado, estranhos se aglomeravam ombro a ombro em torno de um pequeno balcão, comendo fatias de pizza. Por mais que estivessem próximos, a distância entre eles era enorme, revelando a habilidade única dos nova-iorquinos de ser uma ilha em meio a um mar de pessoas. Os pedestres caminhavam apressados em todas as direções, ignorando um homem que entregava panfletos religiosos e o cachorrinho postado a seus pés.

O ritmo frenético da cidade injetava nas pessoas tamanha vitalidade que os pedestres ali pareciam andar mais depressa que em qualquer outro lugar. Era um tremendo contraste com a velocidade indolente e sensual do Sul da Califórnia, onde eu havia feito a faculdade e onde meu pai ainda morava. Nova York era uma dominatrix no auge da forma, estalando o seu chicote e torturando seus súditos sem um pingo de dó.

Minha bolsa vibrou ao meu lado no assento, e eu peguei o celular. Dei uma olhada rápida na tela e vi que era o meu pai. Sábado era o dia dos nossos papos semanais, uma ocasião que eu aguardava ansiosamente, mas quase pensei em deixar a ligação cair na caixa postal e conversar com ele quando estivesse me sentindo melhor. Eu estava irritada com a minha mãe, e meu pai andava preocupado demais desde que veio me visitar em Nova York.

Ele estava comigo quando a polícia apareceu no meu apartamento para me dizer que Nathan estava na cidade. Os detetives despejaram essa notícia bombástica antes de revelar que ele havia sido assassinado, e eu não consegui esconder meu pavor com a ideia de tê-lo por perto. Meu pai ficou bem desconfiado depois de ver minha reação.

“Oi”, eu atendi, para não ficar mal com ambos os meus pais ao mesmo tempo. “Como você está?”

“Com saudade de você”, ele respondeu com a voz profunda e confiante de que eu tanto gostava. Meu pai era o homem mais perfeito que eu conhecia — um moreno bonito, confiante, inteligente e fiel como um cão de guarda. “E você?”

“Não tenho muito do que reclamar.”

“Então reclame só um pouquinho. Sou todo ouvidos.”

Eu ri baixinho. “A mamãe anda me dando trabalho.”

“O que ela fez agora?”, ele perguntou, com um toque de divertimento e indulgência na voz.

“Ela anda enfiando o nariz onde não é chamada.”

“Ah. Às vezes os pais se preocupam com as brincadeiras das crianças.”

“Você *nunca* fez isso”, eu argumentei.

“Eu nunca *precisei* chegar a esse ponto”, ele rebateu. “Mas, dependendo do quanto ficar preocupado, pode acontecer. E era isso o que eu ia dizer para convencer você a me perdoar.”

“Então, estou indo até a casa dela agora. Vamos ver se ela consegue me convencer. Se ela admitisse que estava errada já ajudaria.”

“Eu não contaria com isso.”

“Haha! Não é mesmo?” Eu suspirei. “Posso ligar pra você amanhã?”

“Claro. Está tudo bem, querida?”

Eu fechei os olhos. Com seu instinto de policial combinado ao de pai, eu não tinha muita chance de conseguir mentir para Victor Reyes. “Está, sim. É que já estou quase chegando. Depois eu conto como foi. Ah, e acho que o meu chefe vai casar. Enfim, tenho um monte de coisas pra contar pra você.”

“Acho que vou ficar na delegacia de manhã, mas pode me ligar no celular a qualquer hora. Amo você.”

Naquele momento, me bateu uma dose imensa de saudade. Por mais que adorasse Nova York e a minha nova vida, eu sentia muita falta do meu pai. “Eu também amo você, pai. Até amanhã.”

Desliguei o telefone e olhei para o pulso para ver as horas. A ausência do meu relógio me lembrou do confronto que vinha pela frente. Eu estava chateada com a minha mãe por causa do passado, e ainda mais preocupada em relação ao futuro. Ela morria de preocupação por causa de Nathan, mas eu não sabia se a morte dele havia de fato mudado alguma coisa.

“Ei.” Eu me inclinei para a frente, com a intenção de esclarecer algo que vinha me incomodando fazia tempo. “Naquele dia em que minha mãe, Megumi e eu voltamos a pé pro Crossfire e minha mãe deu um chilique… Vocês viram Nathan?”

“Sim.”

“Ele já tinha ido até lá antes e apanhado feio de Gideon Cross. Por que ele voltaria lá?”

Ele me olhou pelo espelho. “Quer saber meu palpite? Para ser visto. Deve ter achado que, quando sua presença fosse notada, sua chantagem ia fazer mais efeito. Provavelmente a intenção era assustar você, mas acabou atingindo a sra. Stanton. De uma forma ou de outra, cumpriu seu objetivo.”

“E ninguém me disse nada”, eu disse baixinho. “Não me conformo com isso.”

“O que ele queria era assustar você. Ninguém quis dar a ele esse gostinho.”

Ah. Eu não tinha pensado na coisa por esse ângulo.

“O meu maior arrependimento”, continuou ele, “foi ter descuidado de Cary. Foi um erro de cálculo meu, mas quem pagou o preço foi ele.”

Gideon também não esperava que Nathan pudesse ir para cima de Cary. E só Deus

sabia o quanto eu me sentia culpada por aquilo — o fato de ser meu amigo foi o único motivo por que ele foi agredido.

Fiquei comovida de verdade com a preocupação de Clancy, o que era claramente perceptível em seu tom de voz. Não era mentira — para ele, nossa segurança era mais que um trabalho. Ele era um bom sujeito, que dava tudo de si para cumprir suas obrigações. O que me deixou curiosa: como ele conseguia conciliar tudo isso com sua vida pessoal?

“Você tem namorada, Clancy?”

“Eu sou casado.”

Eu me senti uma idiota por não saber disso. Como ela devia ser, uma mulher casada com um homem tão sério e taciturno? Um homem que usava paletó até nos dias mais quentes para esconder a arma que carregava sempre consigo? Ele seria capaz de mostrar seu lado mais doce para ela? E quanto à segurança dela? Ele chegaria ao ponto de matar para protegê-la?”

“Você faria qualquer coisa para protegê-la?”, eu perguntei.

Ele reduziu a velocidade para parar no sinal e se virou para me encarar. “Qualquer coisa e um pouco mais.”

9

“E com esse, qual era o problema?”, Megumi perguntou, olhando para o cara em questão que se afastava. “Ele tinha covinhas.”

Revirei os olhos e esvaziei o meu copo de vodca com suco de cranberry. A quarta parada da nossa peregrinação pelos clubes noturnos, um lugar chamado Primal, estava bombando. A fila para entrar dava a volta no quarteirão, e o som que tocava lá dentro fazia jus ao nome do local, um rock pesado rugindo em um espaço escuro com seu ritmo primitivo e sedutor. A decoração era uma mistura eclética de metais polidos e madeiras escuras, com luzes em diversas tonalidades criando texturas de pele de animais.

Parecia meio exagerado, mas, assim como tudo o que dizia respeito a Gideon, conseguia chegar ao limite sem nunca ser ridículo. A atmosfera era de puro prazer, e elevou minha libido atiçada pelo álcool à loucura. Eu não conseguia ficar sentada, batia os sapatos inquietamente nos pés da cadeira.

Lacey, a colega de apartamento de Megumi, com seus cabelos loiros repicados em um lindo penteado, lançou o olhar para o teto e gritou: “*Por que* você não fala com ele?”.

“Eu devia falar”, disse Megumi, toda vermelha, com os olhos brilhando e gostosíssima em seu vestidinho dourado. “Pode ser que *ele* não tenha medo de compromisso.”

“Por que você quer tanto um compromisso?”, perguntou Shawna, finalizando uma bebida do mesmo tom de vermelho vivo dos seus cabelos. “Por causa da monogamia?”

“A monogamia é uma coisa superestimada.” Lacey se levantou de um dos banquinhos que cercavam nossa mesa alta e alisou a parte de trás da calça, fazendo as pedrinhas de seus jeans brilharem na semipenumbra da casa noturna.

“Não é, não”, rebateu Megumi. “Eu sou partidária da monogamia.”

“Michael continua dormindo com outras?”, eu perguntei, me inclinando para a frente para não ter de gritar.

Tive que me inclinar de volta para trás para dar espaço à garçonete, que estava trazendo mais uma rodada e retirando os copos vazios. O uniforme das funcionárias, com botas de salto alto e vestidinhos rosa-choque, fazia com que elas se destacassem na multidão, facilitando sua localização. E era também muito sexy — assim como as meninas que o vestiam. Será que Gideon tinha escolhido pessoalmente aquela roupa? Quem teria sido a

modelo quando ele aprovou o modelito?

“Não sei.” Megumi pegou a bebida e bebeu pelo canudinho com uma expressão de desânimo. “Tenho medo de perguntar.”

Pegando um dos copos em cima da mesa e uma fatia de limão, eu gritei: “Vamos virar tudo isso logo e ir dançar!”.

“É isso aí!” Shawna virou sua dose de Patrón sem esperar pelo restante de nós, e depois enfiou o limão na boca. Jogando o bagaço de volta no copo, ela olhou para cada uma de nós. “Vamos lá, suas molengas.”

Depois foi a minha vez, estremecendo ao sentir a tequila lavar o sabor de cranberry da minha língua. Lacey e Megumi beberam ao mesmo tempo, gritando *Kanpai!* antes de virarem seus copos.

Chegamos juntas à pista de dança, com Shawna liderando o caminho com seu vestido azul, que brilhava quase tanto quanto o uniforme das garçonetes sob a luz negra da casa. Fomos absorvidas pela aglomeração de silhuetas dançantes, e logo nos vimos envolvidas por uma multidão de corpos masculinos suados.

Eu me deixei levar pela batida cativante da música e pela atmosfera sensual da pista lotada. Joguei os braços para o alto e comecei a dançar, liberando toda a tensão da longa e infrutífera discussão com a minha mãe naquela tarde. Em algum momento, minha confiança nela havia se perdido. Quando ela garantiu que as coisas seriam diferentes sem a sombra ameaçadora de Nathan, não consegui acreditar. Ela já tinha ultrapassado os limites do aceitável tantas vezes que sua promessa me pareceu vazia.

“Você está linda”, gritou alguém no meu ouvido.

Olhei por cima do ombro e vi um cara de cabelos escuros inclinado na minha direção. “Obrigada!”

Não era verdade. Meus cabelos estavam todos grudados no suor do meu rosto e da minha nuca. Eu não estava nem aí. A batida da música se acelerava, as canções se juntavam umas às outras.

Fiquei impressionada com a sensualidade do ambiente e do desejo de sexo casual que todos ali pareciam exalar. Acabei prensada no meio de um casal — a moça às minhas costas e seu namorado à minha frente. Foi nesse momento que avistei um rosto conhecido. Ele já devia ter me visto, pois estava vindo na minha direção.

“Martin!”, eu gritei, saindo do meio dos dois. O sobrinho de Stanton era presença constante nos feriados em família. Só tínhamos nos encontrado uma vez desde a mudança para Nova York, mas eu gostaria de vê-lo mais vezes.

“Eva, oi!” Ele me deu um abraço e se afastou para me ver melhor. “Você está ótima. Como andam as coisas?”

“Vamos beber alguma coisa!”, gritei de volta, consciente de que era impossível manter uma conversa no meio de uma pista de dança lotada.

Ele me pegou pela mão e me puxou para longe da aglomeração. Eu apontei para a minha mesa. Assim que nos sentamos, a garçonete já me serviu mais uma vodca com suco de cranberry.

Era um fato que vinha se repetindo a noite toda, embora eu tenha notado que a cada rodada a bebida vinha mais escura, um sinal de que havia ali mais suco de fruta do que álcool. Eu sabia que isso era proposital, e fiquei impressionada com a capacidade de Gideon de fazer com que suas instruções fossem seguidas à risca independentemente do estabelecimento. E, desde que ninguém se recusasse a me servir, eu não tinha motivo para reclamar.

“Então”, eu comecei, dando um primeiro gole na bebida antes de passar o copo gelado sobre a testa. “Tudo bem com você?”

“Tudo ótimo.” Ele sorriu, todo charmoso com sua camiseta de gola em V marrom e sua calça jeans preta. Seus cabelos escuros não eram tão compridos quanto os de Gideon, mas caíam sobre seu rosto, emoldurando seus olhos verdes, que pareciam mais escuros na meia-luz. “E como andam as coisas na área da publicidade?”

“Eu adoro o meu trabalho!”

Ele abriu um sorriso diante do meu entusiasmo. “Quem me dera poder dizer a mesma coisa.”

“Pensei que você gostasse de trabalhar com Stanton.”

“Eu gosto. E me rende um bom dinheiro. Mas o meu cargo não é lá essas coisas.”

A garçonete trouxe o uísque com gelo que ele pediu, e nós brindamos.

“Você veio com quem?”, eu perguntei.

“Com uns amigos”, ele olhou ao redor, “que pelo jeito estão perdidos na selva. E você?”

“Também.” Olhei para Lacey na pista de dança, e ela levantou os dois polegares na minha direção. “Você tem namorada, Martin?”

Seu sorriso se abriu ainda mais. “Não.”

“E gosta de loiras?”

“Você está dando em cima de mim, Eva?”

“Não exatamente.” Levantei as sobrancelhas na direção de Lacey e apontei para Martin com o queixo. Ela hesitou por um momento, mas depois abriu um sorriso e partiu em nossa direção.

Eu os apresentei, e senti que tinham se dado bem logo de cara. Martin era divertido e charmoso, e Lacey, animada e atraente de um jeito único — tinha mais a ver com carisma do que com beleza.

Megumi também voltou para a mesa e viramos mais umas bebidas antes que Martin chamasse Lacey para dançar.

“E para mim, você não tem nenhum gatinho como esse pra apresentar?”, perguntou Megumi, vendo os dois sumirem na multidão.

Nesse momento, desejei estar com o meu celular no bolso. “Você está desesperada, menina.”

Ela me encarou por um bom tempo. Depois abriu um sorriso. “Estou bêbada, isso, sim.”

“Isso também. Vamos pedir outra rodada?”

“Claro!”

Pedimos mais um dose, que terminamos justamente quando Shawna apareceu com Lacey, Martin e os dois amigos dele, Kurt e Andre. Kurt era lindo, cabelos castanho-claros, queixo quadrado e sorriso pretensioso. Andre era bonitinho também, com um brilho intenso nos olhos escuros e dreads que iam até a altura dos ombros. Sua atenção se concentrou imediatamente em Megumi, o que elevou um bocado sua moral.

Em pouco tempo, nosso grupo recém-expandido já estava dando gargalhadas.

“E quando Kurt saiu do banheiro”, Martin concluiu sua história, “ele mostrou as bolas pro restaurante inteiro.”

Andre e Martin riam escandalosamente. Kurt atirou pedaços de limão neles.

“Como assim?”, eu perguntei sorrindo, sem ter entendido a piada.

“Ele não fechou direito a braguilha da calça e deixou o saco pra fora”, explicou Andre. “As pessoas não acreditavam no que estavam vendo, e depois pareciam tentar entender como ele não percebeu que estava com as bolas ao vento. Ninguém disse nada.”

“Está falando sério?” Shawna quase caiu da cadeira.

A bagunça era tanta que a garçonete pediu para baixarmos o tom — com um sorriso no rosto, é claro. Eu a puxei pelo cotovelo antes que ela se afastasse. “Tem algum telefone

aqui que eu possa usar?”

“É só pedir lá no bar”, ela respondeu. “Diz que Dennis, o gerente, liberou. Eles emprestam pra você.”

“Valeu.” Eu desci do banquinho, e ela foi atender outra mesa. Não fazia ideia de quem era Dennis, mas pela noite que estava tendo até aquele momento sabia que Gideon tinha me deixado em boas mãos. “Alguém mais vai querer água?”, perguntei para o pessoal.

Eles me responderam com vaias e uma chuva de guardanapos. Aos risos, fui até o bar e pedi uma garrafa de San Pellegrino e o telefone. Liguei para o celular de Gideon, o único número que eu sabia de cabeça, sabendo que não haveria problemas futuros caso ele recebesse uma ligação de um estabelecimento de sua propriedade.

“Cross”, ele atendeu rapidamente.

“Oi, garotão.” Eu me inclinei sobre o balcão e cobri a outra orelha com a mão. “Eu estou bêbada e fiquei com vontade de falar com você.”

“Dá pra perceber.” Quando se deu conta de que era eu, seu tom de voz mudou, tornou-se mais detido e afetuoso. Ele era capaz de me cativar mesmo em meio à barulheira da música. “Está se divertindo?”

“Sim, mas estou sentindo sua falta. Você tomou suas vitaminas?”

Seu sorriso era perceptível em sua voz quando ele perguntou: “Está com tesão, meu anjo?”.

“É culpa sua! Este lugar é um tremendo afrodisíaco. Estou toda suada, excitada e exalando feromônios. E me comportei muito mal, se você quer saber. Estava dançando como se fosse solteira.”

“Meninas más precisam ser castigadas.”

“Então acho melhor eu começar a me comportar mal pra valer. Pra merecer o castigo.”

Ele grunhiu. “Venha pra casa e me mostre seu mau comportamento.”

A ideia de que ele estava em casa, esperando por mim, fez com que eu o desejasse ainda mais. “Só posso ir embora quando as meninas quiserem. E, pelo andar da carruagem, isso não vai acontecer tão cedo.”

“Eu posso ir até aí. Em vinte minutos, o meu pau pode estar dentro de você. Que tal?”

Olhei ao redor e senti meu corpo inteiro vibrar ao som da música. A ideia de dar para Gideon em um lugar como aquele, que era um convite ao pecado, fez meu corpo inteiro se contorcer de excitação. “Hum, eu quero.”

“Está vendo uma passarela no alto?”

Eu me virei, olhei para cima e vi uma passarela suspensa que ia de uma parede a outra. Os casais se esfregavam ao ritmo da música a mais de cinco metros acima da pista de dança. “Sim.”

“Tem um cantinho no final dela, na junção de dois espelhos. Encontro você lá. Esteja pronta, Eva”, ele mandou. “Quero sua bocetinha molhadinha e descoberta quando chegar.”

Eu estremeci ao ouvir aquela voz de comando tão familiar, pois sabia que ele estava impaciente, que ia vir para cima de mim com força. *Justamente o que eu queria*. “Estou usando um…”

“Meu anjo, eu sou capaz de encontrar você até no meio de um milhão de pessoas. Você nunca vai conseguir se esconder de mim, nem se quiser.”

O desejo tomou conta do meu corpo. “Não demora.”

Eu me inclinei sobre o balcão, devolvi o telefone do bar, peguei minha garrafa de água mineral e bebi tudo em um só gole. Depois fui até o banheiro, onde tive que esperar em uma fila enorme para poder me aprontar para Gideon. Eu estava inebriada de álcool e tesão, empolgadíssima pelo fato de que o meu namorado — provavelmente um dos homens mais ocupados do mundo — estava deixando tudo de lado para… me servir.

Eu lambi os lábios, e senti minhas pernas ficarem inquietas.

Entrei correndo no primeiro banheiro feminino que vagou e arranquei apressadamente a calcinha antes de ir até a pia me refrescar com um lenço de papel molhado na frente do espelho. Minha maquiagem estava borrada, deixando meus olhos escuros e minhas bochechas vermelhas de calor e excitação. Meus cabelos estavam todos bagunçados e molhados, escorrendo pelo rosto.

Por mais estranho que pudesse parecer, eu não estava feia. Estava com a aparência sensual de quem se sentia pronta para transar.

Lacey estava na fila, e eu passei por ela ao sair pela passagem tumultuada que levava ao banheiro.

“Está se divertindo?”, eu perguntei.

“Ah, sim!” Ela sorriu. “Obrigada por me apresentar ao seu primo.”

Eu nem me dei ao trabalho de corrigir a informação. “De nada. Posso perguntar uma coisa pra você? Sobre Michael?”

Ela encolheu os ombros e falou: “Vai em frente”.

“Você saiu com ele primeiro. O que você não gostou nele?”

“Não rolou aquela sintonia. Ele é bonito. E bem-sucedido. Infelizmente, não senti vontade de transar com ele.”

“Passa ele pra frente”, disse a menina que estava atrás dela na fila.

“Foi o que eu fiz.”

“Certo.” Eu entendia muito bem que uma relação não fosse para a frente por falta de química sexual, mas ainda assim havia algo naquela situação que me incomodava. Era chato ver Megumi chateada daquele jeito. “Agora vou procurar um gostosão pra mim.”

“Vai nessa, garota”, incentivou Lacey.

Saí em busca da escadaria que levava à passarela. Havia um segurança bloqueando a passagem e controlando a quantidade de pessoas que podia ficar lá em cima. A fila estava grande, e ao notar isso fiquei desanimada.

Enquanto calculava o tempo que iria demorar para chegar até lá, o segurança descruzou os braços parrudos e apertou com mais força a escuta que levava na orelha, demonstrando que estava prestando atenção à mensagem recebida. Devia ser samoano ou maori, tinha a pele morena, a cabeça raspada e os peitorais e bíceps imponentes. A cara era de bebê, e ficou ainda mais adorável quando a testa franzida deu lugar a um sorriso.

Ele tirou o dedo da orelha e apontou o dedo para mim. “Eva é você?”

Eu fiz que sim com a cabeça.

Ele abriu a corda de veludo que bloqueava o acesso à escada. “Pode subir.”

As pessoas na fila soltaram gritos de protesto. Eu abri um sorriso amarelo e caminhei em direção à escadaria de metal com toda a pressa que meus saltos altos permitiam. Quando cheguei ao topo, uma segurança mulher me deixou passar e apontou para a minha esquerda. Vi o cantinho que Gideon havia mencionado, onde as duas paredes espelhadas se encontravam, produzindo um ângulo de noventa graus.

Fui abrindo caminho entre os corpos que se contorciam ao ritmo da dança, sentindo meu coração se acelerar a cada passo. A música não era tão alta lá no alto, e o ar era mais úmido. O suor brilhava nos corpos expostos, e o local elevado transmitia uma sensação de perigo, apesar de a passarela ser cercada por painéis de vidro até a altura dos ombros de seus ocupantes. Estava quase chegando ao cantinho dos espelhos quando fui agarrada pela cintura e puxada até os quadris em movimento de um homem que dançava.

Olhei por cima do ombro e vi que era o mesmo cara da pista de dança, o que havia dito que eu estava linda. Eu sorri e comecei a dançar, fechando os olhos e deixando o ritmo da

música me conduzir. Quando ele começou a passar as mãos pela minha cintura, e as segurei, mantendo-as paradas sobre meus quadris. Ele riu e dobrou os joelhos, alinhando seu corpo com o meu.

Já estávamos na terceira música quando senti uma inquietação que me dizia que Gideon estava por perto. Uma carga de eletricidade se espalhou pela minha pele, aguçando meus sentidos. A música de repente parecia mais alta, e a atmosfera do clube, ainda mais sensual.

Sorri, abri os olhos e o vi caminhando na minha direção. Eu me enchi de tesão naquele mesmo momento, com água na boca enquanto observava seu visual — jeans, camiseta escura e os cabelos penteados para trás. Ninguém seria capaz de imaginar que se tratava de Gideon Cross, o magnata internacional. Parecia um homem mais novo e bem menos sofisticado, que se destacava apenas por sua beleza de tirar o fôlego. Lambi os lábios, ansiosa pelo seu toque, me virei para o cara que dançava atrás de mim e rebolei sensualmente minha bunda no ritmo de seus quadris em movimentos.

Gideon fechou os punhos, assumindo uma postura agressiva e predatória. Ele não diminuiu o passo ao se aproximar de mim — nossos corpos estavam em rota de colisão. No último momento, me virei para ele e me antecipei ao seu último passo. Nossos corpos se encontraram, e meus braços envolveram seus ombros e minhas mãos puxaram sua cabeça para que eu pudesse ter meu beijo molhado e faminto.

Com um gemido, Gideon agarrou minha bunda e me puxou com força em sua direção, fazendo meus pés saírem do chão. A ferocidade de seu beijo chegava a machucar meus lábios, e sua língua explorava minha boca com movimentos agressivos e profundos que revelavam toda a violência de seu desejo.

O cara com quem eu estava dançando veio atrás de mim, passando as mãos pelos meus cabelos e tocando meu ombro com os lábios.

Gideon tomou a frente, revelando sua linda máscara de fúria. “Se manda.”

Eu olhei para o sujeito e encolhi os ombros. “Obrigada pela dança.”

“Quando quiser, linda.” Ele agarrou pela cintura uma garota que passava e saiu atrás dela.

“Meu anjo.” Gideon me prensou contra o espelho, e enfiou uma das coxas entre as minhas pernas. “Você é uma menina muito má.”

Sedenta e sem nenhuma vergonha, me esfreguei em sua perna, ofegando ao sentir o tecido de sua calça contra o meu sexo desnudo. “Só com você.”

Ele apertou minha bunda por baixo do vestido, estimulando meus movimentos. Ele

mordeu minha orelha, e fez meus brincos roçarem no meu pescoço. Sua respiração estava acelerada, fazendo seu peito vibrar. Seu cheiro era maravilhoso, e meu corpo reagiu a isso, acostumado a associar seu odor ao mais delicioso dos prazeres.

Enquanto dançávamos, nossos corpos entraram em sintonia e começaram a se mover como se não houvesse roupas entre nós. A música preenchia o ar ao redor e embalava o ritmo do seu corpo, que me seduzia. Nós já havíamos dançado antes, mas nunca daquela maneira. Nos esfregando ostensivamente. Aquilo me surpreendeu, me excitou, e me deixou ainda mais apaixonada por ele.

Gideon me observava com os olhos entreabertos, me hipnotizando com seu desejo e seus movimentos desinibidos. Eu estava totalmente entregue, envolvida por ele, e ansiando por uma intimidade ainda maior.

Ele agarrou um dos meus seios por cima do vestido preto. O bojo no busto da peça não representou um obstáculo. Com os dedos, ele beliscou e acariciou meus mamilos enrijecidos.

Eu gemi, jogando a cabeça para trás e encostando contra o espelho. Estávamos cercados por dezenas de pessoas, mas isso não fazia diferença. Eu precisava sentir suas mãos sobre mim, seu corpo junto ao meu, seu hálito quente na minha pele.

“Você quer dar pra mim”, ele sussurrou asperamente, “aqui mesmo.”

Eu estremeci só de pensar na ideia. “Você faria isso?”

“Você quer que todo mundo veja. Quer todo mundo olhando pro meu pau entrando nessa bocetinha gulosa até ficar cheia de porra. Você quer mostrar que é só minha.” Ele cravou os dentes no meu ombro. “Quer experimentar essa sensação.”

“Quero mostrar que *você* é só meu”, eu respondi, enfiando as mãos nos bolsos traseiros de seu jeans para sentir suas nádegas firmes. “Quero que todo mundo saiba disso.”

Gideon posicionou um dos braços sob o meu traseiro e me levantou, espalmando a outra mão contra a parede espelhada. Ouvi o som de um bipe abafado atrás de mim e uma porta se abrindo às minhas costas. Entramos em um ambiente totalmente escuro. A entrada secreta se fechou atrás de nós, calando o ruído da música. Estávamos em um escritório com uma escrivaninha, um sofá e uma vista de 180 graus do clube através dos espelhos.

Ele me pôs no chão e virou o meu corpo, me deixando de frente para o vidro, permitindo que eu visse tudo lá fora. O clube estava todo diante de mim, as pessoas dançavam do outro lado do espelho na passarela a poucos centímetros de distância. Gideon enfiou suas mãos por baixo da saia e do corpo do vestido, acariciando minha abertura úmida e beliscando meus seios.

Eu estava totalmente entregue. Seu corpo pesado estava apoiado sobre o meu, e ele me envolvia em seus braços, cravando os dentes nos meus ombros para me manter imóvel. Ele estava me possuindo.

“Me diga se eu estiver exagerando”, ele murmurou, passando os lábios pelo meu pescoço. “Se ficar assustada, é só dizer a palavra de segurança.”

Fiquei comovida, sentindo uma gratidão imensa por aquele homem que sempre — *sempre* — colocava o meu bem-estar em primeiro lugar. “Fui eu que aticei você. Quero ser possuída. Sem nenhuma restrição.”

“Você está com tanto tesão”, ele provocou, enfiando dois dedos em mim. “Parece que foi feita pra foder.”

“Sob medida pra você”, respondi ofegante, embaçando o vidro à minha frente. Eu sentia meu corpo todo inflamado, exalando desejo de uma fonte de paixão impossível de conter.

“E você esqueceu isso em algum momento hoje?” Ele tirou a mão do meu sexo e abriu a braguilha da calça. “Quando os outros caras estavam passando a mão em você, se esfregando? Mesmo assim você lembrou que era minha?”

“O tempo todo. Eu nunca esqueço disso.” Fechei os olhos ao sentir sua ereção rígida e morna, apoiada contra a minha bunda desnuda. Ele também estava morrendo de tesão. Por mim. “Eu liguei pra você. Queria você.”

Seus lábios se moviam contra a minha pele, deixando uma trilha quente pelo meu corpo até encontrar a minha boca. “Eu estou aqui pra você, meu anjo”, ele gemeu, roçando a língua contra a minha. “Pode me enfiar dentro de você.”

Arqueei as costas, passei o braço pelo meio das pernas e o agarrei. Ele dobrou os joelhos para se alinhar à minha abertura.

Fiz uma pausa, virando a cabeça para colar o meu rosto ao dele. Eu adorava fazer aquilo com Gideon… tê-lo todo para mim. Remexendo os quadris, acariciei meu clitóris com a cabeça do pau dele, deixando-o úmido como eu.

Gideon apertou meus seios inchados. “Chega mais perto de mim, Eva. Se afasta um pouco do vidro.”

Com a mão espalmada no lado transparente do espelho, empurrei o corpo para trás e apoiei a cabeça no seu ombro. Ele envolveu minha garganta com a mão e meteu com tanta força que tirou meus pés do chão. Ele me manteve suspensa no ar, com seu pau dentro de mim, fazendo meus sentidos entrarem em parafuso com seu gemido.

Do outro lado do vidro, a balada continuava bombando. Eu me deixei levar pelo prazer pervertido e intenso daquele sexo quase exibicionista, uma fantasia proibida que nos levava à loucura.

Eu me contorci inteira, incapaz de conter a pressão crescente sobre meu corpo. Minha mão posicionada entre minhas pernas se estendeu um pouco mais, agarrando seu saco. Estava rígido e firme, pronto para explodir. Dentro de mim… "Ai, meu Deus. O seu pau está tão duro."

"Eu fui feito pra comer você", ele suspirou, provocando tremores de prazer dentro de mim.

"Então me come." Apoiei ambas as mãos no vidro, mais do que pronta para recebê-lo. "Agora."

Gideon pôs meus pés de volta no chão e ofereceu o apoio de sua mão enquanto eu me dobrava até a cintura para que ele me penetrasse profundamente. Deixei escapar um gemido grave ao sentir que ele posicionava meus quadris em busca do ângulo perfeito para me preencher por inteiro. Ele era grande e grosso demais para mim. A sensação de alargamento era intensa. Deliciosa.

Meu ventre se contraiu desesperadamente ao se redor. Ele soltou um ruído áspero de prazer, tirando só um pouquinho para depois deslizar devagarinho de novo para dentro. E depois de novo e de novo. A cabeça do seu pau enorme massageava uma terminação nervosa tão entranhada nas profundezas do meu corpo que só ele era capaz de alcançar.

Com os dedos se remexendo intensamente, deixando marcas no vidro, eu gemia. As pessoas dançando ao som distante da música continuavam marcando presença, como se estivéssemos todos no mesmo ambiente.

"Isso mesmo, meu anjo", ele falou em um tom de necessidade. "Mostra pra mim o quanto você está gostando."

"Gideon." Minhas pernas tremeram violentamente ao sentir uma estocada especialmente gostosa, apoiando todo o peso do corpo apenas sobre o vidro, confiando que ele estava me segurando.

Eu estava insuportavelmente excitada, sentindo ao mesmo tempo o prazer de ser dominada e o sentimento de posse de tê-lo ao meu bel-prazer. Não havia mais nada a fazer a não ser me entregar a Gideon, a seus movimentos entrando e saindo de mim, ao som manifesto do seu desejo. O atrito de seu jeans contra minhas coxas demonstrava que ele só havia se despido o suficiente para liberar seu pau, indicando o quanto estava impaciente para me ter.

Uma de suas mãos abandonou meu quadril e pousou sobre a minha bunda. Senti a ponta de seu dedão, molhada de saliva, brincando com o orifício apertado do meu traseiro.

“Não”, eu implorei, com medo de perder a cabeça. Essa, porém, não era a minha palavra de segurança — *Crossfire* —, o que significava que eu estava cedendo e me abrindo à sua expedição exploratória.

Gideon gemeu ao explorar aquele pedacinho obscuro do meu corpo. Ele se debruçou sobre mim, mexendo no meu sexo com a outra mão para separar os meus lábios e massagear meu clitóris pulsante. “Você é minha”, ele disse em um tom bem áspero. “Toda minha.”

Aquilo tudo foi demais para mim. Gozei soltando um grito, estremecendo violentamente, arrastando as palmas da mão suadas pelo vidro. Ele começou a meter com mais força, me tentando com o polegar no meu traseiro, esfregando meu clitóris com seus dedos habilidosos e me fazendo enlouquecer. Um orgasmo se emendou no outro, fazendo meu sexo se contrair em torno de seu pau incansável.

Ele soltou um ruído rouco de desejo e inchou dentro de mim, no limiar do clímax. Eu gritei com a voz abafada: “Não goza! Ainda não”.

Gideon refreou seu ritmo, ainda ofegante. “Como você quer que eu goze?”

“Quero olhar pra você”, eu gemi, e senti meu ventre se contrair de novo. “Quero ver o seu rosto.”

Gideon tirou o pau de dentro de mim e me virou para ele. Depois me prensou contra o vidro e meteu com força. No momento em que me possuiu dessa maneira, ele me deu o que eu queria. Seu olhar inteiramente entregue ao prazer, o instante de vulnerabilidade antes de a luxúria tomar conta de vez de seu corpo.

“Você quer me ver perdendo a cabeça”, ele sussurrou.

“Sim.” Puxei as alças do vestido e mostrei os seios, apertando-os e levantando-os com as mãos, brincando com os mamilos. Às minhas costas, sentia o vidro vibrar com a batida da música. Dentro de mim, sentia as vibrações de Gideon, seus movimentos quase descontrolados.

Posicionei a minha boca sobre a dele, absorvendo sua respiração ofegante. “Pode gozar”, eu murmurei.

Me segurando sem esforço, ele recuou os quadris, retirando seu pau grande e grosso, estimulando todos os tecidos hipersensíveis dentro de mim. Depois voltou a arremeter com toda a força, me levando ao limite.

“Ai, meu Deus.” Eu me contorci inteira. “Como você mete fundo.”

“*Eva*.”

Gideon me fodia com força, me penetrando como se estivesse possuído. Eu aguentei firme, toda trêmula, toda aberta para as arremetidas incansáveis de seu membro rígido. Ele se movia inteiramente por instinto, pelo desejo bruto de acasalar. Soltava rugidos primitivos, me deixando tão molhada que meu corpo não oferecia resistência, aceitava de bom grado seu desejo desesperado.

Era uma coisa brutal, animalesca e insanamente sexy. Ele arqueou o pescoço e sussurrou o meu nome.

“Goza pra mim”, eu ordenei, apertando-o com força.

Seu corpo todo se sobressaltou, e depois estremeceu. Sua boca se contorceu de agonia e êxtase, e seus olhos se reviraram à medida que ele se aproximava do clímax.

Gideon gozou soltando um rugido animalesco, me fazendo sentir a força do jato que jorrava dentro de mim de novo e de novo, me aquecendo por dentro com suas emanações mornas.

Meus lábios beijavam todas as partes de seu corpo que eram capazes de alcançar, e eu me agarrava violentamente a ele com as pernas e os braços.

Ele se deixou cair sobre mim, soltando com força o ar dos pulmões.

E ainda gozando.

10

A primeira coisa que vi quando acordei de manhã no domingo foi uma garrafinha cor de âmbar com um rótulo com os dizeres CURA RESSACA em letras desenhadas à moda antiga. Um laço feito de ráfia enfeitava o gargalo, e uma rolha mantinha a integridade de seu conteúdo de virar o estômago. A tal cura funcionava, um fato que eu tinha comprovado pessoalmente na primeira vez em que Gideon me deu aquilo para beber, mas a visão da garrafinha tinha o efeito desagradável de me lembrar da quantidade de álcool ingerida na noite anterior.

Fechando os olhos com força, gemi e enterrei a cabeça no travesseiro com a intenção de voltar a dormir.

Algo se mexeu sobre a cama. Lábios firmes e quentes desceram pelas minhas costas nuas. “Bom dia, meu anjo.”

“Pelo jeito você está feliz da vida”, eu murmurei.

“Sim, mas só por sua causa.”

“Tarado.”

“Eu estava me referindo à sua capacidade de gerenciar crises, mas, claro, o sexo foi sensacional, como sempre.” Ele enfiou a mão por baixo do lençol, contornou minha cintura e apertou minha bunda.

Ergui a cabeça e vi que ele estava encostado à cabeceira do meu lado, com o laptop no colo. Estava lindo como sempre, completamente à vontade, vestindo apenas uma calça larga. Eu com certeza não devia estar tão atraente. Fui embora de limusine com as meninas, e depois encontrei com Gideon em seu apartamento. Já estava quase amanhecendo quando fomos dormir, e eu estava tão cansada que despenquei na cama ainda com os cabelos molhados depois de uma ducha rápida.

Uma sensação de prazer se espalhou pelo meu corpo quando o vi ao meu lado. Ele tinha dormido no quarto de hóspedes, e podia muito bem ter ido trabalhar no escritório. O fato de ter escolhido a cama em que eu estava dormindo significava que preferia ficar comigo, mesmo quando eu estava inconsciente.

Eu me virei para olhar no relógio do criado-mudo, mas algo no meu pulso chamou a minha atenção.

“Gideon…” Um relógio havia sido colocado no meu braço enquanto eu dormia, uma peça de inspiração art déco cravejada de pequenos diamantes. A pulseira era creme, e no mostrador de madrepérola liam-se as marcas Patek Philippe e Tiffany & Co. “É *lindo*.”

“Existem vinte e cinco como esses no mundo. Não é uma coisa tão singular como você, mas pensando bem nada no mundo seria.” Ele sorriu para mim.

“Eu amei”, falei e fiquei de joelhos. “E amo você.”

Ele deixou o laptop de lado, permitindo que eu montasse nele e o abraçasse.

“Obrigada”, eu murmurei, emocionada por sua demonstração de consideração. Ele devia ter ido comprar quando eu estava na minha mãe, ou logo depois que saí com as meninas.

“Humm. Me diga o que eu preciso fazer para ganhar um desses abraços sem roupa todos os dias.”

“Basta ser você mesmo, garotão.” Eu acariciei o rosto dele com o meu. “Você é tudo de que eu preciso.”

Desci da cama e fui até o banheiro com a garrafinha na mão. Estremeci ao beber todo o conteúdo, e depois lavei o rosto. Vesti um robe, voltei para o quarto e vi que Gideon havia saído da cama, deixando o laptop por lá.

Eu o encontrei em seu escritório, de pé com os braços cruzados, virado para a janela. A cidade se estendia diante dele. Não era uma vista distante como a do Crossfire ou a de sua cobertura — era algo mais próximo e imediato, que proporcionava uma ligação mais íntima com a cidade.

“Isso não me preocupa”, ele falou no headphone. “Estou consciente dos riscos… Já chega. Não estou pedindo sugestões. Proponha o acordo conforme o especificado.”

Reconheci seu tom implacável de homem de negócios e passei direto. Eu não sabia o que tinha naquela garrafa, mas imaginava que eram vitaminas e algum tipo de bebida alcoólica. O líquido esquentou minha barriga e me deixou um tanto letárgica, o que me motivou a ir até a cozinha preparar um café.

Com o suprimento de cafeína em mãos, sentei no sofá e fui verificar se tinha recebido alguma mensagem no celular. Franzindo a testa, notei que havia três ligações perdidas do meu pai, todas feitas antes das oito da manhã no horário da Califórnia, além de algumas dezenas de telefonemas da minha mãe, mas achei melhor só voltar a me estressar com ela na segunda-feira. Para terminar, uma mensagem de Cary em letras garrafais: me liga!

Telefonei para o meu pai primeiro, dando um gole rápido no café antes que ele

atendesse.

“Eva.”

A maneira ansiosa como ele pronunciou meu nome mostrou que havia alguma coisa errada. Eu me ajeitei no sofá. “Pai… está tudo bem?”

“Por que você não me contou a respeito de Nathan Barker?” Sua voz estava embargada e carregada de sofrimento. Senti a minha pele se arrepiar.

Ai, merda. Ele *soube*. Comecei a tremer tão intensamente que derramei café na mão e no colo, e mal percebi. Eu estava em pânico diante da demonstração de angústia do meu pai. “Pai, eu…”

“Não acredito que você não me contou. Nem a Monica. Pelo amor de Deus… Ela devia ter feito alguma coisa. Devia ter me contado.” Ele soltou um suspiro trêmulo. “Eu tinha o direito de saber.”

A tristeza se espalhou corrosivamente pelo meu peito. Meu pai — um homem cujo autocontrole era comparável ao de Gideon — parecia estar chorando.

Pus a caneca sobre a mesinha de centro, com a respiração ofegante. O sigilo da ficha policial de Nathan tinha sido anulado depois de sua morte, expondo os horrores do meu passado a qualquer um que tivesse permissão e motivo para consultá-la. Por ser um policial, meu pai tinha acesso a ela.

“Não havia nada que você pudesse ter feito”, eu falei, atordoada, mas tentando manter o controle para preservá-lo de um sofrimento ainda maior. Ouvi o bipe de uma nova chamada no celular, mas ignorei. “Nem antes nem depois.”

“Eu poderia ter oferecido o meu apoio. Poderia ter cuidado de você.”

“Isso você fez, pai. Me apresentou ao dr. Travis, e isso mudou a minha vida. Foi só então que eu comecei a conseguir lidar melhor com essa questão. Não tenho palavras pra dizer o quanto isso me ajudou.”

Ele resmungou, e era claramente uma reclamação de dor. “Eu devia ter lutado para tirar você da sua mãe. O seu lugar era comigo.”

“Ai, meu Deus.” Senti meu estômago se contrair. “Não dá pra pôr a culpa na mamãe. Ela só descobriu o que aconteceu muito depois. E, quando soube, fez de tudo pra…”

“Ela *não* me contou!”, ele gritou, me provocando um sobressalto. “Ela tinha que ter me contado, porra. E como ela só ficou sabendo bem depois? Sempre existem os sinais… Como ela pôde ignorar tudo isso? Minha nossa. Até eu percebi que tinha alguma coisa errada quando você veio pra Califórnia.”

Comecei a chorar aos soluços, incapaz de conter a minha dor. “Eu implorei pra ela não contar pra você. Obriguei a mamãe a prometer que não falaria nada.”

“Essa decisão não cabia a você, Eva. Você era uma criança. A responsabilidade era toda dela.”

“Me desculpa!”, eu gritei. O ruído insistente e incansável da outra ligação colaborava ainda mais para o meu estado de agitação. “Eu sinto muito. Não queria que mais ninguém sofresse por causa de Nathan.”

“Estou indo aí ver você”, ele anunciou, de repente parecendo mais calmo. “Vou entrar no primeiro avião para Nova York. Ligo quando chegar.”

“Pai…”

“Eu te amo, querida. Você é tudo para mim.”

Ele desligou. Com o coração em frangalhos, fiquei ali sentada, sem reação. Eu sabia que o meu pai estava se sentindo corroído por dentro pelo que tinha acontecido comigo, mas não sabia como lidar com as consequências desse sentimento.

O celular começou a vibrar na minha mão e, quando vi o nome da minha mãe aparecer na tela, eu simplesmente não sabia o que fazer.

Com as pernas bambas, fiquei de pé e larguei o celular sobre a mesinha como se estivesse queimando a minha mão. Eu não ia conseguir falar com ela. Não queria conversar com ninguém. Só queria Gideon.

Fui cambaleando pelo corredor, arrastando o ombro na parede. A voz de Gideon ia ficando mais nítida à medida que eu me aproximava, acelerando o passo, com o rosto cada vez mais banhado em lágrimas.

“Agradeço a sua preocupação, mas não”, ele falou em um tom de voz grave e firme que era muito diferente do anterior. Era mais amigável, mais íntimo. “Claro que somos amigos. Você sabe por quê… Porque eu não posso te dar o que você quer de mim.”

Parei na porta do escritório e o vi sentado atrás da escrivaninha, com a cabeça baixa, apenas escutando.

“Pode parar”, ele disse friamente. “Nem pense em falar comigo nesse tom, Corinne.”

“Gideon”, eu sussurrei, agarrada ao batente da porta com todas as forças.

Ele olhou para mim, endireitou o corpo e ficou de pé. A ruga em sua testa desapareceu.

“Preciso desligar”, ele falou, removendo o headphone e saindo de trás da mesa. “O que foi? Está passando mal?”

Ele me abraçou quando fui correndo em sua direção. A sensação de alívio ao sentir seu toque foi imediata.

“O meu pai descobriu tudo.” Pressionei o rosto contra o peito dele, com o eco do sofrimento do meu pai ainda ressoando na minha mente. “Ele está sabendo de tudo.”

Gideon me envolveu em seus braços. Seu telefone começou a tocar. Soltando um palavrão baixinho, ele me levou para fora do escritório.

Do corredor, eu podia ouvir meu celular vibrando na mesinha de centro da sala. O barulho irritante de dois telefones tocando ao mesmo tempo me deixou extremamente ansiosa.

“Vou ver se é alguma coisa importante”, ele falou.

“É a minha mãe. Tenho certeza de que o meu pai já ligou pra ela, ele está furioso. Meu Deus, Gideon… Ele ficou arrasado.”

“Eu entendo como ele se sente.”

Gideon me conduziu até o quarto de hóspedes e fechou a porta. Ele me deitou na cama, pegou o controle remoto de cima do criado-mudo, ligou a televisão e ajustou o volume até encobrir todo o ruído ao redor, menos o do meu choro soluçante. Depois disso se deitou ao meu lado e me abraçou, acariciando minhas costas com as mãos. Eu chorei até sentir que não tinha mais lágrimas nos olhos.

“Me diz o que eu posso fazer”, ele falou quando eu me acalmei.

“Ele está vindo pra cá. Pra Nova York.” Senti meu estômago embrulhar só de pensar na ideia. “Ele vai tentar pegar um voo hoje mesmo, acho.”

“Quando souber que horas ele chega, posso ir com você até o aeroporto.”

“Você não pode…”

“Não o cacete”, ele disse sem pestanejar.

Beijei sua boca em meio a um suspiro. “É melhor eu ir sozinha. Ele está chateado. Não vai querer que ninguém o veja nessas condições.”

Gideon balançou a cabeça. “Então vai com o meu carro.”

“Qual deles?”

“O DB9 do seu novo vizinho.”

“Oi?”

Ele encolheu os ombros. “Você vai saber qual é assim que entrar na garagem.”

Disso eu não duvidava. Fosse qual fosse o nome, seria um carro bonito, potente e impecável — assim como o dono.

“Estou com medo”, murmurei, enroscando minhas pernas bambas ainda mais com as dele. Ele era tão forte e centrado. Minha vontade era me agarrar a ele e nunca mais largar.

Gideon passou os dedos pelos meus cabelos. “De quê?”

“As coisas entre mim e a minha mãe já andam difíceis pra caralho. Se os meus pais resolverem brigar, não vou querer ficar no meio. Você sabe como eles se comunicam mal… principalmente a minha mãe. Eles são loucos um pelo outro.”

“Eu não sabia disso.”

“É porque você nunca viu os dois juntos. Rola o maior clima”, eu expliquei, lembrando que Gideon e eu estávamos separados quando fiquei sabendo que a química entre os meus pais ainda era quentíssima. “E o meu pai até confessou que ainda é apaixonado por ela. Só de pensar nisso me bate uma tristeza…”

“Por que eles não estão juntos?”

“Pois é, porque não somos uma família unida e feliz”, eu completei. “Não dá pra imaginar como eles conseguiram passar a vida inteira longe da pessoa que amam. Quando eu perdi você…”

“Você *nunca* me perdeu.”

“Foi como se uma parte de mim tivesse morrido. Ficar com essa sensação pra sempre…”

“Deve ser um inferno.” Gideon acariciou o meu rosto com os dedos, e pude ver o abatimento em seus olhos — o espectro de Nathan ainda o atormentava. “Pode deixar que eu cuido da sua mãe.”

Eu pisquei os olhos, confusa. “Como?”

Ele curvou os lábios. “Vou ligar pra ela e perguntar como você está, se está bem. Dar início ao meu processo de reaproximação pública de você.”

“Ela sabe que eu contei tudo pra você. Pode ser que dê um chilique.”

“Antes comigo do que com você.”

Ao ouvir isso, eu quase abri um sorriso. “Obrigada.”

“Vou distrair um pouco a cabeça dela, mudar o foco das coisas.” Ele pôs a mão sobre a minha e mexeu no meu anel.

O novo foco seria o casamento. Ele não disse isso, mas eu entendi. E é claro que isso

faria a minha mãe só pensar nessa possibilidade. Um homem da estatura de Gideon só se reaproximaria de uma mulher através de sua mãe — principalmente uma mãe como Monica Stanton — caso suas intenções fossem sérias.

Mas esse era um assunto para o futuro.

Durante a hora seguinte, Gideon fez de tudo para disfarçar que estava preocupado comigo. Porém, ficava sempre por perto, me seguindo de cômodo em cômodo sob pretextos variados. Quando meu estômago roncou, ele foi imediatamente até a cozinha e providenciou sanduíches, um pacote de batata frita e uma salada de macarrão.

Comemos no balcão da cozinha, e eu deixei que sua atenção intensa me confortasse. Por mais difíceis que estivessem as coisas, ele estava lá para me oferecer apoio. Ao lado dele, não havia problema que parecesse insuperável.

Do que *não seríamos* capazes se continuássemos juntos?

“O que a Corinne queria?”, eu perguntei. “Além de você.”

Ele fechou a cara. “Não quero falar sobre ela.”

Notei uma certa exasperação em seu tom de voz, e fiquei intrigada. “Está tudo bem?”

“O que foi que eu acabei de dizer?”

“Uma desculpa esfarrapada que eu preferi ignorar.”

Ele bufou, mas acabou se rendendo. “Ela está chateada.”

“Chateada de gritar e esbravejar ou de cair no choro?”

“E isso faz diferença?”

“Claro, uma coisa é ficar puta da vida com um cara, e outra é estar na pior por causa dele. Por exemplo: Deanna está puta e quer acabar com a sua reputação; eu estava na pior por sua causa, mal conseguia levantar da cama todos os dias.”

“Minha nossa, Eva.” Ele pegou na minha mão. “Eu sinto muito.”

“Já chega de pedir desculpas! Você vai compensar tudo isso aguentando o chilique da minha mãe. E então, Corinne estava puta ou na pior?”

“Ela estava chorando.” Gideon fez uma careta. “Estava descontrolada.”

“Sinto muito por isso. Só tome cuidado pra não deixar que ela faça você se sentir culpado.”

“Eu usei ela”, ele disse baixinho, “pra proteger você.”

Deixei o sanduíche de lado e olhei bem para ele. “Você disse ou não disse que só o que

tinha a oferecer era sua amizade?”

“Você sabe que sim. Mas também dei a entender que poderia rolar mais, pra despistar a imprensa e a polícia. Ficou algo no ar. É por *isso* que eu me sinto culpado.”

“Pois pode parar com isso. Aquela vadia fez de tudo pra que eu pensasse que você estava transando com ela”, eu ergui dois dedos da mão, “*duas* vezes. Na primeira vez, fiquei tão magoada que ainda não superei o trauma. Além disso, ela é casada, porra. Não tem nada que ficar dando em cima do meu namorado se tem marido em casa.”

“Espera um pouco. Que história é essa de fazer você pensar que eu estava transando com ela?”

Eu expliquei ambos os incidentes — o mal-entendido do batom no colarinho e a minha visita-surpresa ao apartamento de Corinne, quando ela fingiu que tinha acabado de dar para ele.

“Isso muda bastante as coisas”, ele comentou. “De fato não temos mais nada a dizer um pro outro.”

“Obrigada.”

Ele ajeitou os meus cabelos atrás da orelha. “Tudo isso vai passar, mais cedo ou mais tarde.”

“E o que nós vamos fazer depois disso?”, eu murmurei.

“Ah, com certeza eu vou conseguir pensar em alguma coisa.”

“Em sexo, né?” Sacudi a cabeça. “Eu criei um monstro.”

“E tem também o trabalho… nossa parceria.”

“Ai, meu Deus. Você não desiste.”

Ele abocanhou uma batatinha. “Depois do almoço, quero que você veja a nova versão do site da Crossroads e das Indústrias Cross.”

Eu limpei a boca com um guardanapo. “Sério? Que rápido. Fiquei impressionada.”

“Dá uma olhada primeiro e depois me diz se ficou mesmo.”

Gideon me conhecia muito bem. O trabalho era minha válvula de escape, então ele me pôs para trabalhar. Levou o laptop para a sala, pôs meu celular no silencioso e foi até o escritório ligar para a minha mãe.

Nos primeiros minutos em que fiquei sozinha, eu ouvia o ruído grave de sua voz enquanto tentava me concentrar nos sites que ele me mostrou, mas estava tensa demais para conseguir prestar atenção no que quer que fosse. Acabei ligando para Cary.

“Onde foi que você se meteu?”, ele reclamou assim que atendeu.

“Eu sei que está tudo uma loucura”, me apressei em dizer, certa de que meu pai e minha mãe tinham ligado para minha casa quando não conseguiram falar comigo no celular. “Desculpa.”

Pelo ruído de fundo, percebi que Cary estava na rua.

“Que tal me contar o que está acontecendo? Está todo mundo ligando pra mim. Os seus pais, Stanton, Clancy. Estão todos atrás de você, e não conseguem falar no seu celular. Fiquei preocupadíssimo, achei que tinha acontecido alguma coisa!”

Merda. Eu fechei os olhos. “O meu pai descobriu tudo a respeito do Nathan.”

Ele ficou em silêncio, e os sons dos motores e da buzina eram os únicos sinais de que ainda estava na linha. “Puta merda. Ai, gata. Que mal.”

O tom de compaixão em sua voz provocou um nó na minha garganta. Mas eu não queria mais chorar.

O barulho de fundo de repente cessou. Ele estava entrando em algum ambiente fechado. “Como ele está?”, Cary perguntou.

“Está arrasado. Meu Deus, Cary, foi *horrível*. Acho que ele estava até chorando. E ficou irritadíssimo com a mamãe. Deve ser por isso que ela estava ligando.”

“E o que ele pretende fazer?”

“Ele está vindo pra cá. Vai me ligar quando o avião pousar em Nova York.”

“Ele está vindo pra cá *agora*? Tipo hoje mesmo?”

“Acho que sim”, eu respondi. “Nem sei se ele podia se afastar do trabalho de novo tão cedo.”

“Eu arrumo o quarto de hóspedes quando chegar em casa se você não tiver feito isso ainda.”

“Pode deixar que eu cuido disso. Onde você está?”

“Vou almoçar e pegar um cinema com Tatiana. Eu precisava sair de casa um pouco.”

“Desculpa por obrigar você a ser o meu telefonista.”

“Não tem problema”, ele falou, no melhor estilo Cary. “Mas eu fiquei preocupado. Você anda sumida ultimamente. Não sei onde nem com *quem* você está. É o tipo de coisa que não combina com você.”

O tom de acusação em sua voz só fez crescer meu sentimento de culpa, mas eu não

podia dizer nada. “Sinto muito.”

Ele esperou por uma explicação que não veio, e murmurou algo consigo mesmo antes de dizer: “Chego em casa daqui a umas duas horas”.

“Certo. A gente se vê lá.”

Depois de desligar, telefonei para o meu padrasto.

“Eva.”

“Oi, Richard.” Fui direto ao assunto. “O meu pai ligou pra minha mãe?”

“Só um momento.” Houve um silêncio do outro lado da linha por um minuto ou dois, e então ouvi o som de uma porta se fechando. “Ele ligou, sim. Foi… bem desagradável para a sua mãe. Este fim de semana está sendo bem difícil para ela. Monica não está nada bem, e eu estou preocupado.”

“Não está sendo fácil pra nenhum de nós”, eu respondi. “Liguei pra avisar que meu pai está vindo pra Nova York e que vou precisar de um tempo a sós com ele pra conversar.”

“Você precisa dizer para Victor ser um pouco mais compreensivo com sua mãe, por tudo o que ela passou. Ela estava sozinha no mundo, com uma filha traumatizada.”

“E você precisa entender que ele precisa de um tempo pra absorver tudo o que aconteceu”, rebati. Meu tom de voz saiu um pouco mais áspero do que eu desejava, mas refletia com precisão os meus sentimentos. Eu não ia aceitar que me obrigassem a tomar partido entre um dos meus pais. “E preciso que você peça pra minha mãe parar de ficar ligando pra mim e pro Cary o tempo todo. Fale com o dr. Petersen, se for preciso”, eu sugeri, mencionando o nome do terapeuta da minha mãe.

“Monica está ao telefone agora. Vou conversar com ela quando desligar.”

“Não se limite a conversar. Faça alguma coisa a respeito. Esconda os telefones, se for preciso.”

“Isso seria uma medida extrema. E desnecessária.”

“Não se ela não parar com isso!” Comecei a batucar com os dedos na mesa. “Você e eu, nós mimamos demais a minha mãe — *Oh, não vamos incomodar a Monica!* — porque fazemos de tudo pra evitar os chiliques dela. Isso se chama chantagem emocional, Richard, e nós estamos pagando bem caro por isso.”

Depois de um instante em silêncio, ele falou: “Você está sob muita tensão neste momento. E…”.

“Não me diga!” Tive a impressão de que estava gritando. “Eu amo a minha mãe, e ligo

quando puder. Diga isso pra ela. Só que não vai ser hoje.”

“Clancy e eu estamos à disposição caso você precise de alguma coisa”, ele disse, bem sério.

“Obrigada, Richard. Eu agradeço muito.”

Quando desliguei, tive que me controlar para não atirar o telefone na parede.

Consegui me acalmar um pouco para ver o site da Crossroads antes que Gideon voltasse do escritório. Ele parecia exausto, e até um pouco tonto, o que era de esperar, aliás. Lidar com a minha mãe quando estava chateada era um desafio para qualquer um, e Gideon não tinha muita experiência nesse quesito.

“Eu avisei.”

Ele ergueu os braços e alongou o corpo. “Ela vai ficar bem. É bem mais durona do que aparenta.”

“Ela ficou feliz por você ter ligado, né?”

Ele sorriu.

Eu revirei os olhos. “Ela acha que eu preciso de um homem rico pra cuidar de mim e me manter em segurança.”

“E é isso que você tem.”

“Só espero que não esteja dizendo isso com a conotação que um homem das cavernas usaria.” Eu me levantei. “Preciso ir pra casa me preparar pra visita do meu pai. Vou precisar dormir em casa enquanto ele estiver aqui, e não acho uma boa ideia você aparecer no meu apartamento. Se ele confundir você com um ladrão, a coisa vai ficar feia.”

“E também seria um tremendo desrespeito. Vou aproveitar esse tempo pra marcar presença na minha cobertura.”

“Certo.” Passei as mãos no rosto e aproveitei para admirar meu relógio novo. “Pelo menos tenho esta belezinha aqui pra contar os minutos até a gente poder se ver de novo.”

Ele foi até mim e me pegou pela nuca. Com os polegares, começou a fazer movimentos circulares tentadores junto ao meu pescoço. “Preciso saber que você está bem.”

Eu balancei a cabeça. “Já estou cansada dessa coisa de a minha vida girar sempre em torno de Nathan. Preciso pôr uma pedra sobre esse assunto de uma vez por todas.”

Eu imaginava um futuro em que minha mãe respeitava minha privacidade, meu pai era minha fortaleza, Cary era feliz, Corinne morava em algum país distante e Gideon e eu não éramos mais assombrados pelo passado.

E, a partir daquele momento, eu enfim me sentia pronta para trabalhar nesse sentido.

11

Segunda-feira de manhã. Hora de ir para o trabalho. Sem notícias do meu pai, comecei a me arrumar. Estava escolhendo uma roupa no closet quando ouvi uma batida na porta do quarto.

“Entra”, eu gritei.

Um instante depois, Cary deu um berro: “Onde é que você está?”.

“Aqui no fundo.”

Sua silhueta preencheu a porta de entrada. “Alguma notícia do seu pai?”

Eu me virei para ele. “Ainda não. Mandei uma mensagem, mas ele não respondeu.”

“Então ainda deve estar no avião.”

“Ou então perdeu uma conexão. Quem sabe?” Olhei para as minhas roupas com uma cara de interrogação.

“Espera aí.” Ele entrou, passou por mim, pegou uma calça de linho cinza e uma camisa de manga curta de renda preta.

“Obrigada.” Aproveitando que ele estava por perto, eu o abracei.

Ele retribuiu com tanta força que fiquei sem fôlego. Surpresa por sua demonstração de carinho, fiquei agarrada a ele por um bom tempo, com o rosto grudado em sua camiseta. Pela primeira vez em vários dias, Cary estava totalmente vestido e, apesar de usar apenas jeans e uma camiseta, transmitia a impressão de um visual elegante e sofisticado.

“Está tudo bem?”, eu perguntei.

“Estava com saudade de você, gata”, ele murmurou com a boca colada aos meus cabelos.

“Eu não queria que você ficasse enjoado de mim.” Tentei fingir que era uma provocação bem-humorada, mas o tom de voz dele havia me deixado preocupada. Não tinha nem um pouco da vivacidade de sempre. “Vou pro trabalho de táxi hoje, então ainda tenho um tempinho. Vamos tomar um café?”

“Vamos lá.” Ele me soltou e sorriu para mim, revelando seu belo rosto de menino.

Cary me pegou pela mão e me levou para fora do closet. Deixei as roupas esticadas

sobre uma poltrona antes de irmos para a cozinha.

“Você vai sair?”, eu perguntei.

“Tenho uma sessão de fotos hoje.”

“Ora, que ótima notícia!” Fui até a cafeteira e ele foi pegar o leite na geladeira. “Me parece um bom motivo pra abrir mais uma garrafa de Cristal.”

“Sem chance”, ele esbravejou. “Não no meio dessa confusão com o seu pai.”

“E o que mais a gente pode fazer? Ficar todo mundo sentado olhando um pro outro? O que passou, passou. Nathan está morto e, mesmo que não estivesse, nada pode mudar o que ele fez comigo.” Ofereci uma caneca fumegante para ele e enchi outra para mim. “A minha vontade é pôr uma pedra sobre esse assunto e nunca mais voltar a tocar nele.”

“Pra você é coisa do passado.” Ele pôs o leite na minha caneca e me devolveu. “Mas pro seu pai ainda é novidade. Ele vai querer conversar a respeito.”

“Eu *não vou* falar sobre isso com ele. Não vou conversar sobre esse assunto *nunca mais*.”

“Ele pode não aceitar isso tão bem.”

Eu me virei e o encarei, me inclinando sobre o balcão com a caneca entre as mãos. “Ele só quer ver se eu estou bem. E esse assunto não diz respeito a ele, e sim a mim. E eu estou seguindo em frente. E estou me saindo muito bem, aliás.”

Ele mexeu o café com a colher, com uma expressão pensativa no rosto.

“Pois é, está mesmo”, ele respondeu depois de alguns segundos de hesitação. “Você vai contar pra ele sobre o seu namorado misterioso?”

“Não tem mistério nenhum. Eu só não posso dizer muita coisa a respeito, e isso não afeta em nada a nossa amizade. Meu amor por você e minha confiança continuam inabaláveis.”

Seus olhos verdes me desafiaram por cima da caneca de café. “Não é o que está parecendo.”

“Você é o meu melhor amigo. E quando eu estiver velhinha, de cabelo branco, vai continuar sendo. Não é porque não posso contar nada a respeito de um cara que isso vai mudar.”

“Como eu posso ter certeza de que você confia em mim? Qual é o problema com esse cara que você não pode me dizer nem o nome dele?”

Respirei fundo e contei uma meia-verdade. “Eu não sei o nome dele.”

Cary ficou me encarando, paralisado. “Está brincando.”

“Eu nunca perguntei isso pra ele.” Eram respostas evasivas, que não resistiriam à menor contestação. Cary ficou só olhando para mim.

“E eu não tenho com que me preocupar?”

“Não. Esse esquema está funcionando bem pra mim. É disso que nós dois precisamos no momento, e eu sei que ele não está querendo só me usar.”

Ele me deu uma encarada. “O que você diz pro cara quando está gozando? Você precisa gritar alguma coisa quando a sacanagem esquenta. E pelo jeito deve estar rolando muita putaria, porque vocês dois mal se conhecem.”

“Hã…” Eu fiquei confusa. “Acho que eu só digo ‘Ai, meu Deus!’.”

Ele caiu na risada, jogando a cabeça para trás.

“E você, como está se saindo com os seus casos paralelos?”, eu perguntei.

“Muito bem.” Ele enfiou uma das mãos no bolso e se apoiou nos calcanhares. “Acho que Tati e Trey são a relação mais próxima da monogamia que eu já tive. Por enquanto está dando tudo certo.”

Eu achava aquilo tudo fascinante. “Você não tem medo de gritar o nome errado quando estiver gozando?”

Seus olhos verdes brilharam. “Não. Eu chamo os dois de *amor*.”

“Cary.” Eu sacudi a cabeça. Ele era incorrigível. “Você pretende apresentar Tatiana para Trey?”

Ele encolheu os ombros. “Não acho que seja uma boa ideia.”

“Ah, não?”

“Tatiana é puro veneno, mesmo quando está de bom humor, e Trey é um cara bonzinho. Acho que eles não vão se dar muito bem.”

“Você falou que não gostava tanto da Tatiana. Isso por acaso mudou?”

“Ela tem o jeito dela”, ele desconversou. “E eu sou capaz de conviver com isso.”

Eu o encarei.

“Ela precisa de mim, Eva”, ele disse baixinho. “Trey quer ficar comigo, e acho que até me ama, mas não precisa de mim.”

Isso eu entendi. Era legal se sentir necessário de vez em quando. “Tá certo.”

“E quem garante que só existe uma pessoa no mundo capaz de suprir as nossas

necessidades?” Ele deu uma risadinha. “Eu não acho que seja assim. Você, por exemplo, está se dando bem com um cara sem saber nem o nome dele.”

“Acho que essa sua situação pode funcionar pra pessoas que não sejam ciumentas. Não é o meu caso.”

“Pois é.” Ele bateu sua caneca na minha.

“Então vai ser Cristal com…”

“Humm…” Ele curvou os lábios. “Tapas?”

Eu pisquei os olhos, confusa. “Você quer levar o meu pai pra sair?”

“Não é uma boa ideia?”

“É uma ótima ideia, se ele topar.” Eu abri um sorriso. “Você é demais, Cary.”

Ele piscou para mim, e eu me senti um pouco mais calma.

Tudo na minha vida parecia estar de pernas para o ar, principalmente o meu relacionamento com as pessoas que eu amava. E isso era difícil para mim, porque era com elas que eu contava para manter a serenidade. Mas talvez, quando tudo aquilo terminasse, isso serviria para me tornar uma mulher ainda mais forte. Capaz de me equilibrar melhor em minhas próprias pernas.

Isso faria todo o sofrimento e a aflição valerem a pena.

“Quer que eu arrume o seu cabelo?”, ofereceu Cary.

Eu fiz que sim com a cabeça. “Por favor.”

Quando cheguei ao trabalho, fiquei desapontada ao ver que Megumi estava infeliz. Ela me cumprimentou com um aceno desolado depois de liberar o acesso da porta de vidro, e desabou na cadeira.

“Menina, você precisa dar um pé na bunda desse Michael”, eu falei. “Ele *não está* fazendo bem pra você.”

“Eu sei.” Ela tirou da frente do rosto a franja de seus cabelos em estilo chanel. “A próxima vez em que falar com ele, vou pôr um ponto final em tudo. Não tenho notícias dele desde sexta, e não consigo parar de pensar no que ele aprontou na tal festa de despedida de solteiro.”

“Argh.”

“Pois é. Ninguém merece ficar se torturando com a ideia de que o cara com quem anda dormindo está transando com outras.”

Imediatamente me lembrei da conversa que havia tido pouco antes com Cary. “Qualquer coisa estou à disposição, e com uma ligação ponho você em contato com um belo pote de Ben & Jerry’s. Se precisar da gente, é só gritar.”

“É esse o seu segredo?” Ela deu uma risadinha. “Qual sabor fez você esquecer Gideon Cross?”

“Eu ainda não esqueci”, confessei.

Ela balançou a cabeça. “Disso eu já sabia. Mas você se divertiu bastante no sábado, né? E, por falar nisso, ele é um idiota. Um dia vai perceber a besteira que fez e voltar rastejando pra você.”

“Ele ligou pra minha mãe no fim de semana”, eu falei, me inclinando sobre a mesa e baixando o tom de voz. “Pra perguntar sobre mim.”

“Uau.” Megumi se inclinou para a frente também. “E o que ele falou?”

“Ela não me deu muitos detalhes.”

“E você toparia voltar com ele?”

Encolhi os ombros. “Não sei. Depende do quanto ele rastejar.”

“É isso aí.” Ela levantou a mão para eu bater. “O seu cabelo está lindo, aliás.”

Eu agradeci e fui para o meu cubículo, me preparando mentalmente para ter que pedir dispensa do trabalho quando meu pai chegasse. Quando me viu passando, Mark saiu de seu escritório com um sorriso enorme no rosto.

“Ai, meu Deus.” Eu parei para falar com ele. “Você parece estar felicíssimo. Vou tentar adivinhar. Você está noivo!”

“Estou!”

“Oba!” Larguei a bolsa e a sacola no chão e comecei a bater palmas. “Estou muito feliz por você! Parabéns!”

Ele se abaixou para pegar minhas coisas. “Entre aqui no meu escritório.”

Mark fez sinal para eu entrar e fechou a porta de vidro atrás de nós.

“Foi muito difícil?”, eu perguntei depois de me sentar.

“A coisa mais difícil que já fiz na vida.” Mark entregou as minhas coisas. Afundando na cadeira, ele começou a balançar de um lado para o outro. “E Steven ainda ficou fazendo suspense. Dá pra acreditar? Ele sabia que eu ia fazer o pedido. Disse que estava na cara, que dava pra entender tudo só de olhar pra mim.”

Eu sorri. “Ele conhece você bem demais.”

“E ainda enrolou por um ou dois minutos antes de responder. Foi como se ele tivesse demorado horas.”

“Posso apostar que sim. Então o papo anticasamento era só da boca pra fora?”

Ele confirmou com a cabeça, ainda sorrindo. “O orgulho dele ficou ferido daquela vez, então ele queria uma pequena vingança. Mas disse que sempre soube que eu ia acabar voltando atrás. E que queria me fazer sofrer um pouco quando isso acontecesse.”

Era uma atitude que combinava muito bem com Steven, sempre gregário e brincalhão. “E então, onde você fez o pedido?”

Ele deu risada. “Precisava ser a atmosfera perfeita, certo? Tipo o restaurante à luz de velas, ou o bar à meia-luz depois de um show. Mas não, eu esperei até a limusine deixar a gente em casa, e só então percebi que estava estragando a minha grande chance. Aí resolvi fazer o pedido no meio da rua mesmo.”

“Acho isso tão romântico.”

“Pelo jeito a única coisa romântica aqui é *você*”, ele rebateu.

“Quem se importa com flores e vinho? Qualquer um pode fazer isso. Mostrar pra outra pessoa que você não pode viver sem ela? *Isso*, sim, é romântico.”

“Como sempre, você tem razão.”

Soprei as unhas das mãos e esfreguei no tecido da blusa. “Fazer o quê?”

“Vou deixar os detalhes por conta de Steven no almoço de quarta-feira. Ele contou a história um monte de vezes, já está craque nisso.”

“Mal posso esperar pra falar com ele.” Eu estava tão empolgada quanto Mark, e tinha certeza de que Steven estava andando nas nuvens. Aquele empreiteiro grande e musculoso tinha uma personalidade tão vibrante quanto seus cabelos vermelhos. “Estou muito feliz por vocês dois.”

“Ele vai querer envolver você no planejamento da cerimônia com a Shawna, sabia?” Ele se ajeitou na cadeira e apoiou os cotovelos na mesa. “Como se não bastasse a irmã, ele está recrutando todas as mulheres que conhecemos. Aposto que a coisa vai ser uma loucura do início ao fim.”

“Parece divertido!”

“Sugiro que você espere um pouco mais antes de dizer isso”, ele avisou com uma expressão risonha. “Vamos pegar um café e começar a semana de trabalho, então?”

Eu fiquei de pé. “Hã, eu lamento muito dizer isso, mas meu pai está fazendo uma viagem de emergência pra cá nesta semana. Não sei quando exatamente, mas talvez seja hoje mesmo. Vou precisar buscá-lo no aeroporto e depois levá-lo até a minha casa quando ele chegar.”

“Você vai precisar se ausentar por uns tempos?”

“Só o tempo de deixá-lo à vontade no meu apartamento. Umas duas horas, no máximo.”

Mark concordou com a cabeça. “Você disse ‘uma viagem de emergência’. Está tudo bem?”

“Vai ficar.”

“Certo. Eu não tenho nada contra você tirar um tempinho pra resolver esse tipo de problema quando for preciso.”

“Obrigada.”

Deixei as minhas coisas sobre a mesa e pensei — pela milionésima vez — em como adorava o meu trabalho e o meu chefe. Eu entendia que Gideon quisesse me manter por perto e que gostasse da ideia de construirmos alguma coisa juntos, mas meu trabalho era algo que me fortalecia. Eu não estava disposta a abrir mão disso, e também não queria acabar me indispondo com ele se continuasse a insistir. Eu precisava encontrar um argumento aceitável o suficiente para convencer Gideon.

Comecei a pensar nisso já no caminho para a sala do café, para onde estava indo junto com Mark.

Apesar de Megumi ainda não ter dado o fora em Michael, eu a levei para almoçar em uma lanchonete ali perto que servia wraps deliciosos e tinha uma boa seleção de sabores de Ben & Jerry’s. Para mim, escolhi um Chunky Monkey, banana com nozes e raspas de chocolate, e ela foi de Cherry Garcia, cereja com flocos, um ótimo refresco para um dia quente como aquele.

Sentamos a uma pequena mesa escondida lá nos fundos, e entre nós estava a bandeja com o que sobrou do nosso almoço. A lanchonete não ficava tão cheia na hora do almoço quanto os restaurantes da região, o que para nós era muito agradável. Era possível conversar sem precisar gritar.

“Mark está nas nuvens”, ela falou, lambendo a colher. Megumi estava usando um vestidinho verde limão que combinava muito bem com seus cabelos escuros e sua pele clarinha. Ela sempre vestia cores e modelos ousados. Eu invejava sua capacidade de combinar as roupas tão bem.

“Eu sei.” Abri um sorriso. “É muito legal ver alguém tão feliz.”

“Felicidade sem culpa. Ao contrário deste sorvete.”

“O que custa se deixar levar por um pequeno prazer de vez em quando?”

“Uma bunda gorda?”

Eu resmunguei. “Obrigada por me lembrar que vou precisar ir à academia hoje. Já faz dias que eu não me exercito.”

A não ser em cima da cama…

“Como você faz pra manter a motivação?”, ela perguntou. “Eu sei que preciso ir, mas sempre acabo arrumando uma desculpa.”

“E ainda assim tem esse corpinho?” Eu sacudi a cabeça. “Você não vale nada.”

Ela sorriu. “Onde você malha?”

“Numa academia comum e numa de krav maga lá no Brooklyn.”

“Antes ou depois do trabalho?”

“Depois. Acordar cedo *não é* a minha”, respondi. “Eu adoro dormir.”

“Tudo bem se eu for com você algum dia? Não nesse krav não-sei-que-lá, na sua academia. Onde é?”

Engoli um pedaço de chocolate e estava quase respondendo quando ouvi um telefone tocar.

“Você não vai atender?”, perguntou Megumi, só então percebi que o celular que tocava era o meu.

Era o telefone clandestino que Gideon me dera, por isso não reconheci o toque.

Tirei o aparelho às pressas da bolsa, e atendi quase sem fôlego: “Alô?”.

“Meu anjo.”

Por um segundo, me ocupei apenas de saborear a voz rouca dele. “Oi. Aconteceu alguma coisa?”

“O meu advogado acabou de me contar que a polícia está na pista de um suspeito.”

“Quê?” Meu coração parou, e meu almoço começou a se revirar dentro do estômago. “Ai, meu Deus.”

“E não sou eu.”

Eu nem me lembro de como voltei para o escritório. Megumi teve que me perguntar de

novo o nome da minha academia. O medo que senti naquele momento era inigualável. O temor era muito pior quando envolvia uma pessoa amada.

Que outro suspeito a polícia poderia ter?

Fiquei com a sensação terrível de que eles estavam apenas querendo mexer com a cabeça de Gideon. E com a minha.

Se era esse o plano, estava funcionando. Pelo menos no meu caso. Gideon parecia calmo e tranquilo durante nossa breve conversa. Ele me disse para não ficar preocupada, que queria apenas avisar que a polícia poderia me procurar de novo para fazer mais perguntas. Ou não.

Minha nossa. Fui caminhando lentamente até a minha mesa, com os nervos abalados. Parecia que eu tinha tomado um bule inteiro de café. Minhas mãos tremiam, e meu coração estava disparado.

Sentei à mesa e tentei voltar ao trabalho, mas não conseguia me concentrar. Ficava olhando para o monitor, sem enxergar nada.

E se a polícia tivesse mesmo outro suspeito que não fosse Gideon? O que poderíamos fazer? Permitir que uma pessoa inocente fosse para a prisão era uma ideia inaceitável.

No entanto, uma vozinha no fundo da minha cabeça ainda teve a coragem de dizer que Gideon estaria livre de qualquer acusação se outra pessoa fosse condenada por aquele crime.

No instante em que esse pensamento passou pela minha cabeça, senti meu estômago embrulhar. Meu olhar pousou sobre a foto do meu pai. Ele estava impecavelmente fardado ao lado de sua viatura.

Eu estava muito confusa, muito assustada.

Levei um susto quando meu celular começou a vibrar em cima da mesa. O nome do meu pai apareceu na tela. Eu atendi depressa. “Oi. Onde você está?”

“Em Cincinatti. Trocando de avião.”

“Certo, me passa as informações do seu voo.” Peguei uma caneta e anotei às pressas os números que ele me falou. “Vou estar lá esperando quando o avião pousar. Estou ansiosa pra ver você.”

“Sim… Eva. Querida.” Ele respirou fundo. “Nos vemos logo mais.”

Ele desligou, e o silêncio que se seguiu foi ensurdecedor. Eu sabia que ele estava se sentindo dominado pela culpa. Foi o que sua voz transmitiu, o que fez o meu peito se apertar.

Levantei e fui até o escritório de Mark. “Meu pai acabou de ligar. Vai pousar em LaGuardia daqui duas horas.”

Ele me olhou e franziu a testa. “Então vá pra casa, e depois até o aeroporto se encontrar com ele.”

“Obrigada.” Essa única palavra bastava. Mark sabia que naquele momento eu não estava a fim de conversar.

Com o telefone clandestino, mandei uma mensagem quando estava no táxi a caminho de casa. Indo pro apto. Saio em 1 hora pra buscar meu pai. Vc pode falar?

Eu precisava saber o que Gideon estava pensando… como ele estava se sentindo. Porque eu estava péssima, sem saber como agir diante daquela situação.

Quando cheguei em casa, coloquei um vestidinho de verão e uma sandália. Recebi uma mensagem de texto de Martin, dizendo que tinha sido muito divertido no sábado à noite, e que deveríamos sair outras vezes. Olhei nos armários da cozinha para ver se as coisas que meu pai gostava de comer estavam todas no lugar. Dei uma última conferida no quarto de hóspedes, apesar de já ter deixado tudo arrumado na noite anterior. Entrei na internet e confirmei o horário do voo.

Pronto. Ainda sobrava um tempinho para eu me torturar até ficar maluca.

Fiz uma busca no Google por “Corinne Giroux e marido”, procurando principalmente por imagens.

O que descobri foi que Jean-François Giroux era um homem muito bonito. Um tremendo gato, para dizer a verdade. Não tanto quanto Gideon, o que afinal de contas era impossível. Gideon era um homem sem comparação, mas Jean-François tinha atrativos respeitáveis, como cabelos escuros ondulados e um belo par de olhos cor de jade. Sua pele era bronzeada, e ele usava um cavanhaque, algo que *nele* ficava muito bonito. Ele e Corinne formavam um casal formidável.

Meu telefone clandestino tocou, fazendo com que eu me levantasse às pressas e tropeçasse na mesinha de centro para ir atendê-lo. Arranquei-o da bolsa rapidamente e atendi: “Alô?”.

“Estou no apartamento ao lado”, Gideon falou. “E não tenho muito tempo.”

“Estou indo.”

Peguei minha bolsa e saí. Uma das vizinhas estava chegando em casa, o que me obrigou a abrir um sorriso educado e fingir que estava esperando o elevador. Assim que ela entrou, fui correndo até a porta de Gideon, que se abriu antes mesmo que eu apanhasse a minha

chave.

Gideon me recebeu usando jeans, camiseta e um boné na cabeça. Ele me pegou pela mão e me puxou para dentro, tirando o boné antes de se abaixar para me beijar. Foi um beijo surpreendentemente carinhoso e suave.

Larguei a minha bolsa e o abracei, me enrolando a ele. Ao sentir o seu toque, minha ansiedade cedeu um pouco, permitindo que eu respirasse profundamente.

“Oi”, ele murmurou.

“Não precisava ter vindo pra casa.” Eu sabia que aquela interrupção era um tremendo inconveniente para sua rotina de trabalho. Ele teve que se trocar, ir até lá, e depois ainda teria o caminho de volta…

“Precisava, sim. Você queria falar comigo.” Suas mãos subiram pelas minhas costas, e ele se afastou apenas o mínimo necessário para conseguir me encarar. “Não se preocupe com isso, Eva. Eu cuido de tudo.”

“Como?”

Seus olhos azuis transmitiam uma sensação de tranquilidade, e seu rosto esbanjava confiança. “No momento, estou esperando por mais informações. Existe uma boa chance de isso tudo não dar em nada. Você sabe.”

Eu olhei bem para o rosto dele. “E se der?”

“Se eu vou deixar alguém pagar pelo meu crime?” Ele cerrou os dentes. “É isso que você está perguntando?”

“Não.” Eu desfiz a ruga em sua testa com a ponta dos dedos. “Eu sei que isso não vai acontecer. Só estou perguntando o que você vai fazer pra impedir isso.”

Ele franziu ainda mais o rosto. “Você está me pedindo pra prever o futuro, Eva. Isso eu não sei fazer. Você vai ter que confiar em mim.”

“Eu confio”, eu disse com veemência. “Mas estou com medo. Não consigo evitar.”

“Eu sei. Também estou preocupado.” Ele passou o polegar pelo meu lábio inferior. “A detetive Graves é uma mulher muito inteligente.”

Essa observação provocou um estalo dentro de mim. “Tem razão. Isso me tranquiliza um pouco.”

Eu não conhecia Shelley Graves tão bem. Porém, nas poucas interações que tivemos, fiquei com a impressão de que ela era inteligente *e* esperta, conhecedora das malandragens das ruas. Eu ainda não tinha somado todos os fatores, mas deveria. Por mais estranho que

isso pudesse parecer, eu sentia uma mistura de temor e gratidão por ela.

“Já está tudo certo pra receber o seu pai?”

Ao me lembrar disso, voltei a sentir um frio na barriga. “Está tudo pronto. Menos eu.”

A expressão nos olhos dele se atenuou. “Já tem algum plano pra lidar com ele?”

“Cary voltou a trabalhar hoje, então vamos estourar uma champanhe e sair pra jantar.”

“Você acha que ele vai estar a fim de fazer isso?”

“Não sei nem se *eu* vou estar”, confessei. “É bizarro demais querer beber Cristal e usar salto alto no meio dessa confusão toda. Mas o que eu posso fazer? Se o meu pai não entender que está tudo bem comigo, nunca vai esquecer essa história de Nathan. Preciso provar que essa coisa horrível ficou esquecida no passado.”

“E o resto você pode deixar comigo”, ele garantiu. “Eu *vou* cuidar de tudo, de *nós*. Por enquanto, pode se concentrar só na sua família.”

Dando um passo atrás, eu o peguei pela mão e o conduzi até o sofá. Era estranho demais vê-lo tão cedo em casa em um dia de trabalho. Ver o sol da tarde brilhando lá fora me transmitia uma sensação de estar totalmente fora da rotina, o que reforçava a impressão de que precisávamos sempre recorrer a uma escapadinha se quiséssemos nos ver com frequência.

Eu sentei, cruzei as pernas e o encarei quando ele se acomodou ao meu lado. Éramos muito parecidos em certo sentido, e isso incluía nosso passado. Gideon precisava tirar tudo a limpo com sua família também. Só assim poderia se curar totalmente.

“Sei que você precisa voltar ao trabalho”, eu falei, “mas fiquei feliz por ter vindo. É verdade… eu precisava ver você.”

Ele levou a minha mão aos lábios. “Você sabe quando seu pai volta pra Califórnia?”

“Não.”

“Tenho consulta com o dr. Petersen amanhã, então só íamos nos ver no fim da noite de qualquer jeito.” Gideon me olhou e abriu um sorriso. “A gente dá um jeito de se encontrar.”

Tê-lo por perto… tocá-lo… vê-lo sorrir… ouvir aquelas palavras. Eu enfrentaria qualquer coisa, desde que ao final do dia ele fosse meu.

“Você me dá mais cinco minutinhos?”, eu pedi.

“O quanto você quiser, meu anjo”, ele disse baixinho.

“Só isso já está bom.” Cheguei mais perto e apoiei meu corpo ao dele.

Gideon envolveu meus ombros com o braço. Demos as mãos e as deixamos cair sobre o colo. Formávamos um círculo perfeito. Não tão brilhante quanto o anel em nossos dedos, mas ainda assim de valor inestimável.

Depois de um tempo, senti seu corpo se inclinar na direção do meu. “Eu também estava precisando disso.”

Eu o abracei com força. “É bom que você também precise de mim, garotão.”

“Eu só queria precisar um pouco menos. Pra que não se tornasse essa coisa insuportável.”

“E qual seria a graça?”

Sua risada suave fez com que eu me apaixonasse ainda mais por ele.

Gideon tinha razão a respeito do DB9. Quando vi aquele Aston Martin cinza metálico diante de mim, era como se estivesse diante de uma versão motorizada de Gideon. Era uma máquina das mais sensuais, e de uma elegância tamanha que fez os dedos dos meus pés se curvarem.

Fiquei morrendo de medo de dirigi-lo.

Andar de carro em Nova York era *bem* diferente de dirigir no Sul da Califórnia. Hesitei um pouco antes de aceitar as chaves oferecidas pelo garagista. Talvez fosse melhor contratar um serviço de limusine.

O telefone clandestino começou a tocar, e eu me apressei para atender. “Alô?”

“Anda logo”, disse Gideon. “Não precisa ter medo, vai em frente.”

Eu me virei, à procura das câmeras de segurança, reprimindo um frio na espinha. Eu conseguia *sentir* o olhar de Gideon sobre mim. “O que você está fazendo?”

“Imaginando o que faria se estivesse aí com você. Deitaria você no capô e começaria a meter bem devagarinho. Enfiando o pau até o fundo e colocando a suspensão do carro pra funcionar. Humm. Meu Deus, estou com muito tesão.”

E estava me deixando molhadinha. Eu podia ouvir aquilo durante horas — era apaixonada pela voz dele. “Estou com medo de arranhar esse belo carro.”

“Esquece o carro, pensa só na sua segurança. Pode ralar à vontade, só não se machuque.”

“Se a sua ideia era me acalmar, fique sabendo que não funcionou.”

“Podemos continuar conversando até você gozar, aí você se acalma.”

Estreitei os olhos na direção dos garagistas, que por sua vez fingiram que não estavam

me vendo. “Você acabou de me ver e já está todo excitado de novo. Eu tenho algum motivo pra me preocupar?”

“Imaginar você dirigindo o meu DB9 me deixou com tesão.”

“Ah, é?” Tive que me esforçar para conter um sorriso. “Pensei que fosse eu que tivesse um fetiche por meios de transporte.”

“Entra logo no carro”, ele murmurou. “E finge que eu estou no banco do passageiro. Com a mão no meio das suas pernas. Enfiando o dedo na sua bocetinha molhada e macia.”

Ao me aproximar do carro com as pernas trêmulas, eu murmurei: “Você está querendo me matar, não é possível”.

“Eu tiraria o pau pra fora com a outra mão enquanto estivesse masturbando você bem gostoso.”

“A sua falta de respeito pela imponência desse carro é uma coisa impressionante.” Sentei no banco do motorista e demorei um bom tempo descobrindo como faria para fazê-lo funcionar.

Ouvi a voz áspera de Gideon no sistema de som do carro. “E então, que tal?”

Ele tinha sintonizado meu telefone clandestino ao sistema de som do carro via Bluetooth. Gideon sempre pensava em tudo.

“Parece ser bem caro”, eu respondi. “Você é louco por me deixar dirigir esta coisa.”

“Por você eu faço qualquer loucura”, ele respondeu, me fazendo estremecer. “O trajeto até o LaGuardia está programado no GPS.”

Fiquei muito contente em saber que o fato de vir para casa me ver melhorava seu humor. Eu entendia como ele se sentia. Para mim significava muito que Gideon pensasse como eu.

Liguei o GPS e tirei o câmbio automático do ponto morto. “Sabe de uma coisa, garotão? Vou querer chupar o seu pau enquanto você dirige essa coisa. Pôr uma almofada no console central e ficar chupando por quilômetros e quilômetros.”

“Isso vai ter que ficar pra mais tarde. Me diz o que achou do carro.”

“Macio. Potente.” Acenei em despedida para os garagistas ao sair do subsolo. “Reações precisas.”

“Assim como você”, ele murmurou. “Só podia ser, afinal a máquina que eu mais gosto de conduzir é o seu corpo.”

“Ah, que lindo, amor. E você é o meu condutor favorito.” Eu mergulhei cautelosamente

no mar de carros que passava pela rua.

Ele deu risada. “Espero que eu seja o seu único condutor.”

“Mas eu não sou a sua única máquina”, argumentei, emocionada por ele estar cuidando de mim naquele momento, fazendo com que me sentisse mais relaxada. Na Califórnia, eu usava o carro para ir a todos os lugares, mas desde que me mudei para Nova York era a primeira vez que me sentava atrás de um volante.

“Mas é a única que eu quero na minha cama”, ele respondeu.

“Sorte sua, porque eu sou bastante possessiva.”

“Eu sei.” Seu tom de voz era de pura satisfação masculina.

“Onde você está?”

“Trabalhando.”

“Em mais de uma coisa, aposto.” Pisei no acelerador e respirei fundo ao mudar de pista. “O que significa um papinho com a namorada diante de um império do entretenimento?”

“Eu faria o mundo parar de girar por você.”

Essa frase meio boba me deixou estranhamente emocionada. “Eu te amo.”

“Você gostou dessa, né?”

Eu abri um sorriso, surpresa e extasiada pelo seu senso de humor meio ridículo.

Além disso, eu estava de olho em tudo ao meu redor. Havia placas indicando proibições por toda parte. Dirigir em Manhattan era como andar em linha reta para lugar nenhum. “Ei, não dá mais pra virar nem pra direita nem pra esquerda. Acho que estou indo pro túnel. Logo mais não vou mais poder falar com você.”

“Você sempre vai poder falar comigo, meu anjo”, ele garantiu. “Onde quer que você vá, não importa a distância, eu vou estar sempre ao seu lado.”

Quando vi meu pai na área de desembarque, toda a confiança que Gideon me transmitiu no caminho até o aeroporto se perdeu. Ele parecia cansado, exausto, com os olhos vermelhos e a barba por fazer.

Senti as lágrimas brotarem nos meus olhos enquanto caminhava em sua direção, mas segurei firme — estava determinada a tranquilizá-lo. Abri os braços e o observei enquanto ele largava a mala e me abraçava com toda a força.

“Oi, papai”, eu falei, com um tremor na voz que esperava que ele não percebesse.

“Eva.” Ele deu um beijo na minha testa.

“Você parece cansado. Não dormiu à noite?”

“Só um pouco, depois de decolar em San Diego.” Ele deu um passo para trás, me encarou com seus olhos da cor dos meus, e examinou bem o meu rosto.

“Você trouxe mais alguma mala?”

Ele sacudiu a cabeça, ainda me observando.

“Está com fome?”, eu perguntei.

“Eu fiz um lanchinho em Cincinatti.” Por fim, ele se afastou e pegou a mala. “Mas se você quiser comer…”

“Não. Eu estou bem. Mas estava pensando em sair pra jantar com Cary mais tarde, se você estiver a fim. Ele voltou ao trabalho hoje.”

“Claro.” Ele ficou parado com a mala na mão, parecendo um tanto perdido e inseguro.

“Pai, está tudo bem.”

“Eu não estou. Preciso descontar a minha raiva em alguma coisa, e não tem nada por perto para eu poder bater.”

Isso me deu uma ideia.

Eu o peguei pela mão e comecei a puxá-lo na direção da saída do terminal. “A gente resolve isso já.”

12

“Ele está dando um trabalhão pro Derek”, observou Parker, limpando o suor da cabeça molhada com uma toalha de mão.

Eu me virei para olhar e vi meu pai treinando com um instrutor com o dobro de seu tamanho, e olha que Victor Reyes de pequeno não tinha nada. Com um metro e oitenta de altura e noventa quilos de puro músculo, meu pai era um adversário de respeito para qualquer um. Além disso, ele havia me falado que passaria a treinar krav maga quando eu manifestei interesse em começar a praticar essa arte marcial, e pelo jeito cumpriu a promessa — ele já demonstrava um bom domínio sobre uma série de movimentos. “Obrigada por deixar que ele participasse.”

Parker me olhou com seus olhos escuros e tranquilos. Ele vinha me ensinando muito mais do que defesa pessoal. Graças a sua ajuda, eu estava aprendendo a encarar cada coisa a seu tempo, e sem medo.

“Normalmente eu diria que aqui não é lugar pra alguém vir descarregar sua raiva”, ele respondeu, “mas Derek estava precisando de um desafio.”

Apesar de ele não ter perguntado diretamente, eu não quis deixar a questão no ar, já que Parker estava fazendo o favor de deixar que o meu pai monopolizasse a atenção de seu assistente. “Ele acabou de ficar sabendo de uma agressão que eu sofri muito tempo atrás. Agora já é tarde demais pra fazer alguma coisa a respeito, e ele não está conseguindo lidar muito bem com isso.”

Ele se agachou e apanhou a garrafa d’água colocada ao lado do tatame. Depois de um instante de silêncio, Parker falou: “Eu tenho uma filha. Posso imaginar como ele está se sentindo”.

O olhar reconfortante que ele lançou para mim antes de dar o primeiro gole me fez ter a certeza de que eu havia levado meu pai ao lugar certo.

Parker era muito gente boa e, além de ter um sorriso lindo, era uma das pessoas mais sinceras e diretas que conheci na vida. Porém, havia algo em sua conduta que alertava os demais a tomar cuidado onde pisavam. Qualquer um saberia logo de cara que ele era do tipo que não aceitava ser passado para trás. Sua capacidade de provocar estrago era tão aparente quanto suas tatuagens tribais.

“Então continue vindo aqui com ele, assim ele se solta e vê que você já sabe se cuidar sozinha. É uma boa ideia.”

“Eu não sei mais o que fazer”, admiti. A academia de Parker ficava em uma área recém-revitalizada do Brooklyn. Era um antigo galpão desativado, e os tijolos aparentes e os imensos portões de correr contribuíam para uma atmosfera rústica, mas sem perder a elegância. Era um lugar onde eu me sentia segura e confiante.

“Nisso eu posso ajudar.” Ele sorriu e apontou com o queixo para o tatame. “Vamos mostrar pra ele do que você é capaz.”

Larguei no chão a minha água e a minha toalha e fiz que sim com a cabeça. “Vamos lá.”

Não vi nenhum dos garagistas por perto quando entrei no estacionamento subterrâneo do prédio. Como queria devolver pessoalmente o carro ao seu lugar, não achei ruim. Encaixei o DB9 na vaga mais próxima e desliguei o motor. “Ótimo. Bem do lado do elevador.”

“Pois é”, disse o meu pai. “Esse carro é seu?”

Eu já estava esperando por essa pergunta. “Não. É de um vizinho.”

“Que vizinho mais gentil”, ele comentou, sarcástico.

“Uma xícara de açúcar, um Aston Martin, no fim dá no mesmo, não?” Eu olhei para ele com um sorriso.

Ele parecia bastante cansado e abatido, e não era por causa do treino. Era uma desolação que vinha de dentro, e estava acabando comigo.

Soltei o cinto de segurança e me virei para ele. “Pai… Eu não suporto ver você assim.”

Ele soltou o ar com força antes de responder: “Eu só preciso de um tempo”.

“Eu não queria que você soubesse.” Estendi o braço para pegar sua mão. “Mas é até bom que tenha descoberto, porque agora podemos enterrar esse assunto de vez.”

“Eu li os relatórios…”

“Meu Deus. Pai…” Senti meu estômago ir parar na garganta. “Eu não quero que você fique se torturando com isso.”

“Eu sabia que tinha alguma coisa errada.” Ele me olhou com uma expressão tão sofrida que foi difícil encará-lo. “A maneira como Cary reagiu quando a detetive Graves disse o nome de Nathan Barker… Sabia que você estava escondendo alguma coisa de mim. Mas queria que você mesma me contasse.”

“Eu sempre fiz de tudo pra apagar a lembrança de Nathan da minha vida. Você foi uma

das poucas pessoas importantes pra mim que não foram afetadas pelo que ele fez. Por isso, eu queria que tudo continuasse como estava entre nós.”

Ele apertou a minha mão com força. “Me diz a verdade. Está mesmo tudo bem com você?”

“Pai, eu sou a mesma filha que você visitou semanas atrás. A mesma filha que você via o tempo todo em San Diego. Claro que estou bem.”

“Você chegou a engravidar…” Sua voz ficou embargada, e uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

Eu a limpei com o dedo, ignorando as que escorriam pelo meu. “E algum dia vou engravidar de novo. E quem sabe até mais de uma vez. Talvez você ainda tenha um monte de netinhos.”

“Venha aqui.”

Debruçando-se sobre o console, ele me abraçou. Ainda ficamos no carro por um bom tempo. Chorando. Desabafando.

Gideon estaria me observando pela câmera de segurança, transmitindo seu apoio silencioso? Eu iria adorar se estivesse.

O jantar daquela noite não foi a farra que costumava ser quando Cary, meu pai e eu nos juntávamos, mas também não foi tão amargo quanto poderia. A comida estava ótima, o vinho, melhor ainda, e Cary estava com a corda toda.

“Ela era pior que a Tatiana”, ele contou sobre a modelo com quem contracenou nas fotos que fez durante o dia. “Ficava sempre se virando pra mostrar seu ‘melhor lado’, que pra mim era o de trás, que reparei quando ela saiu pela porta.”

“Você já fez fotos com a Tatiana?”, eu perguntei, e logo depois expliquei para o meu pai: “É uma menina com quem Cary anda saindo.”

“Ah, sim.” Cary passou a língua pelos lábios manchados de vinho tinto. “Nós trabalhamos juntos o tempo todo, na verdade. Eu sou o domador dela. Quando a moça começa a dar chilique, eu entro em cena e ela se acalma.”

“Como você faz… Esquece”, eu logo me arrependi. “Não quero nem saber.”

“Você sabe muito bem.” Ele deu uma piscadinha.

Olhei para o meu pai e revirei os olhos.

“E você, Victor?”, Cary perguntou antes de morder um cogumelo *sauté*. “Está saindo com alguém?”

Meu pai encolheu os ombros. “Nada de muito sério.”

Mas apenas por escolha dele. Eu já tinha visto como as mulheres agiam diante da sua presença — ficavam todas animadinhas para ganhar sua atenção. Meu pai era um gato, tinha um corpo incrível, um rosto lindo e um tremendo charme latino. E sabia tirar proveito disso, não era nenhum santo, mas nunca parecia encontrar ninguém que o atraísse de verdade. Pouco tempo antes, eu havia descoberto o motivo para isso: minha mãe.

“Você acha que algum dia vai ter mais filhos?”, Cary perguntou.

Fiquei bastante surpresa. Afinal, já tinha me conformado com a ideia de ser filha única fazia tempo.

Meu pai sacudiu a cabeça. “Não que eu me oponha à ideia, mas Eva já é muito mais do que mereço na vida.” Ele me olhou com uma expressão tão amorosa que senti um nó na garganta. “Ela é perfeita. Tudo o que eu poderia querer. Não sei se meu coração ainda tem espaço para mais alguém.”

“Oh, pai.” Apoiei a cabeça em seu ombro, muito feliz por tê-lo ali comigo, apesar de o motivo para a sua presença ser o pior possível.

Quando voltamos ao apartamento, decidimos ver um filme antes de ir para a cama. Fui até o meu quarto me trocar e me surpreendi com um lindo buquê de rosas brancas sobre a penteadeira. O cartão, escrito com a caligrafia marcante de Gideon, me deixou nas nuvens.

ESTOU PENSANDO EM VOCÊ, COMO SEMPRE.

E ESTOU BEM AQUI AO LADO.

G.

Sentei na cama e apertei o cartão contra o peito, com a certeza de que ele estava pensando em mim naquele exato momento, e começando a acreditar que isso valia também para as semanas em que ficamos separados.

Naquela noite, caí no sono no sofá mesmo, no meio do filme *Dredd*. Mas lembro de ter acordado por um instante enquanto era levada para o quarto, meu pai me colocou na cama como se eu fosse uma garotinha e me deu um beijo na testa.

“Eu te amo, pai”, murmurei.

“Eu também te amo, querida.”

Acordei antes de o despertador tocar, e com uma sensação de bem-estar que não experimentava fazia tempo. Deixei um bilhete no balcão da cozinha dizendo para o meu pai me ligar se quisesse almoçar comigo. Não sabia se ele tinha algo planejado para o dia. Cary tinha uma sessão de fotos à tarde.

No táxi, a caminho do trabalho, respondi uma mensagem de texto de Shawna, celebrando o noivado de seu irmão com Mark. Estou mto feliz por vcs, escrevi.

Vou querer recrutar vc!, ela respondeu.

Eu abri um sorriso ao ler essa mensagem. Como assim? Acho que ñ entendi…

Quando o táxi estacionou na frente do Crossfire, ver o Bentley parado junto ao meio-fio me encheu de alegria. Quando desci, dei uma olhada pela janela do passageiro e vi Angus sentado atrás do volante.

Ele saiu do carro, ajeitando o quepe de chofer na cabeça. Assim como no caso de Clancy, era impossível saber que ele carregava uma arma no coldre — andar armado era seu estado natural, a arma parecia fazer parte de seu corpo.

"Bom dia, srta. Tramell", ele me cumprimentou. Apesar de não ser mais tão jovem, com os fios brancos já despontando em sua cabeleira ruiva, eu não tinha dúvidas de que ele era absolutamente capaz de proteger Gideon em qualquer situação.

"Oi, Angus. Que bom ver você."

"Está muito bonita hoje, senhorita."

Olhei para baixo, para o meu vestidinho amarelo. Eu o havia escolhido por ser alegre e jovial, e era assim que eu queria que meu pai me visse. "Obrigada. Tenha um ótimo dia." Fui andando em direção à porta giratória. "Vejo você mais tarde!"

Com a gentileza estampada em seus olhos azul-claros, ele bateu com os dedos no quepe.

Quando cheguei ao meu andar, encontrei Megumi com um humor mais próximo do habitual. Ela abriu um sorriso largo e sincero, e seus olhos brilhavam com a mesma intensidade de todas as manhãs.

Eu parei ao lado de sua mesa. "Tudo bem?"

"Tudo. Michael virá almoçar comigo hoje, e vou aproveitar pra terminar tudo. De maneira educada e civilizada."

"Que roupa mais linda você está usando", eu falei, admirando seu vestidinho verde-esmeralda. Era justinho, e o cinto de couro transmitia um visual moderno na medida certa.

Ela se levantou e mostrou as botas, que iam quase até os joelhos.

"Está no melhor estilo Kalinda Sharma", eu falei. "Ele vai fazer de tudo pra evitar o pé na bunda."

"Até parece", ela duvidou. "Estas botas são a minha vingança. Ele só me ligou ontem à

noite, ficou quase quatro dias sem fazer contato. Não é nada de mais, só que eu quero um cara que seja louco por mim. Que pensa em mim tanto quanto eu penso nele, e que fique chateado se não pudermos estar juntos."

Eu concordei com a cabeça, me lembrando de Gideon. "Vale a pena esperar pelo cara certo. Quer que eu ligue durante o almoço pra criar um pretexto pra você se mandar?"

Ela sorriu. "Não precisa. Mas obrigada."

"Certo. Mas se mudar de ideia é só avisar."

Fui até a minha mesa e comecei a trabalhar imediatamente, decidida a compensar o período de ausência no dia anterior. Mark também estava a todo vapor, e desviou sua atenção do trabalho apenas uma vez, para dizer que Steven tinha um caderno abarrotado de ideias para cerimônias de casamento que vinha juntando fazia anos.

"Por que isso não é exatamente uma surpresa pra mim?", eu comentei.

"Mas pra mim foi." Mark abriu um sorriso afetuoso. "Ele guardava tudo no escritório, pra eu não ficar sabendo."

"E ele mostrou tudo pra você?"

"Cada uma das páginas. Demorou *horas*."

"Vai ser o casamento do século", eu provoquei.

"Pois é." Havia preocupações de sobra no mundo, mas a expressão dele era de uma alegria tamanha que eu não conseguia parar de sorrir ao seu lado.

Meu pai me ligou pouco depois das onze.

"Oi, querida", ele falou, em resposta à minha saudação profissional. "Como está o seu dia?"

"Ótimo." Eu me recostei na cadeira e olhei para a foto dele em cima da mesa. "Dormiu bem?"

"Muito bem. Estou precisando me esforçar pra ficar acordado."

"Por quê? Você pode voltar pra cama e ficar de preguiça."

"Liguei para avisar que não vou poder almoçar com você hoje. Vamos deixar isso para amanhã. Hoje eu quero conversar com a sua mãe."

"Ah." Eu conhecia bem aquele tom de voz. Era o mesmo que ele usava ao prender as pessoas, a mistura perfeita de afirmação de autoridade e demonstração de desapontamento. "Olha, eu não vou me meter na conversa entre vocês. Não vou tomar partido de ninguém. Vocês são adultos e sabem muito bem se virar sozinhos. Mas sou obrigada a dizer que a

mamãe queria muito contar tudo pra você.”

“E deveria ter contado.”

“Ela estava se sentindo sozinha no mundo”, eu continuei, batendo com os pés no carpete, “no meio de um processo de divórcio, prestando queixas contra Nathan e ainda tendo que lidar com o meu trauma. Ela devia estar desesperada pelo apoio de alguém, você sabe bem como ela é. Mas estava se sentindo culpada demais, faria qualquer coisa por mim àquela altura, e eu pedi pra ela não contar.”

Ele ficou em silêncio do outro lado da linha.

“Pense nisso quando for falar com ela”, eu completei.

“Certo. A que horas você chega em casa?”

“Umas cinco e pouco. Quer ir à academia? Ou fazer mais uma aula de krav maga?”

“Podemos decidir isso quando você chegar, dependendo da sua disposição”, ele falou.

“Tudo bem.” Tentei ignorar a preocupação que aquela conversa entre meus pais me causava. “Se precisar de alguma coisa, me liga.”

Desliguei o telefone e voltei ao trabalho, feliz por ter com que ocupar a mente.

Quando a hora do almoço chegou, decidi comprar algo rápido e prático que eu pudesse comer na mesa de trabalho mesmo. Encarei o sol do meio-dia até a Duane Reade mais próxima e comprei um pacote de palitinhos de carne-seca e um isotônico. Eu vinha faltando na academia desde que tinha voltado com Gideon, e achei que estava na hora de fechar um pouco a boca para compensar.

Fiquei pensando se mandava ou não um bilhete para Gideon dizendo que estava pensando nele quando passei pela porta giratória do Crossfire. Seria uma forma de agradecer pelas flores, que tinham feito com que meu dia difícil terminasse bem.

Foi quando dei de cara com a mulher que preferia nunca mais ver — Corinne Giroux. E ela estava falando com o meu namorado, com a palma da mão apoiada em seu peito.

Estavam escondidos em um canto, atrás de uma coluna, afastados do fluxo de pessoas que passavam pelas catracas. Os cabelos escuros de Corinne iam quase até a cintura, e eram tão brilhantes e sedosos que se destacavam até mesmo por cima do tecido preto do vestido que ela estava usando. Estavam ambos de perfil, então não consegui ver seus olhos, mas sabia que eram de um lindo tom de água-marinha. Ela era deslumbrante, e formava um casal belíssimo com ele. Especialmente naquele momento, em que ambos estavam vestidos de preto, e o único detalhe de cor era a gravata azul de Gideon. A minha favorita.

Gideon virou a cabeça de repente, e seus olhos encontraram os meus, como se soubesse que eu estava vendo tudo. Nesse exato momento, senti a conexão que havia entre nós, uma ligação profunda e primitiva que só era possível com ele. Instintivamente, alguma coisa dentro de mim dizia que ele era *meu*. E eu sabia disso desde a primeira vez que pus os olhos nele.

E uma outra mulher estava colocando as mãos em cima dele.

Ergui as sobrancelhas em um protesto silencioso. Foi quando Corinne se virou para onde ele estava olhando. Ela não ficou nada feliz em me ver parada no meio do saguão, encarando os dois.

Para sorte dela, consegui me conter para não ir até lá e arrancá-la de perto dele pelos cabelos.

Quando ela teve a audácia de segurá-lo pelo queixo, ficar na ponta dos pés e levar sua boca até a dele, precisei me esforçar para valer para não fazer isso. Cheguei até a dar um passo à frente.

Gideon jogou a cabeça para trás antes que ela conseguisse beijar sua boca, segurou-a pelos braços e a afastou.

Controlando minha irritação, soltei o ar com força e deixei que ele se livrasse daquele inconveniente sozinho. Não que não tenha sentido ciúmes, muito pelo contrário — afinal, Corinne podia ser vista em público com Gideon e eu não. No entanto, eu não sentia mais o medo doentio de antes, a terrível insegurança que me dizia que eu ia perder o homem que amava não estava mais lá.

Foi estranho não entrar em pânico diante daquela situação. Ainda havia uma vozinha no fundo da minha mente dizendo que eu estava confiante demais, que era melhor me precaver, tomar cuidado para não acabar me magoando. Mas, pela primeira vez, fui capaz de ignorá-la. Depois de tudo que Gideon e eu tínhamos passado, e ainda estávamos passando, depois de tudo o que ele havia feito por mim… era mais fácil confiar do que desconfiar.

Apesar de tudo, nossa relação estava mais forte do que nunca.

Entrei no elevador com a firme intenção de voltar ao trabalho, mas os meus pensamentos acabaram se voltando para os meus pais. O fato de nem a minha mãe nem Stanton terem ligado para reclamar do meu pai era um bom sinal. Cruzei os dedos e torci para que enfim conseguíssemos pôr uma pedra sobre o assunto Nathan para sempre. Eu me sentia mais do que pronta para isso, para dar início a uma nova fase da minha vida, fosse ela qual fosse.

O elevador parou no décimo andar, e foi invadido pelo som de ferramentas elétricas e das marretadas ritmadas dos operários. Logo na frente da porta, o plástico pendurado no teto bloqueava o acesso ao restante do andar. Eu não sabia que o Crossfire estava em reforma, e tentei dar uma olhada no que estava sendo feito.

“Alguém vai descer aqui?”, perguntou o cara que estava mais perto da porta, olhando para trás.

Eu endireitei o corpo e sacudi a cabeça, mesmo sabendo que ele não estava se dirigindo somente a mim. Ninguém mais se moveu. Ficamos esperando que a porta se fechasse e bloqueasse o ruído incômodo da obra.

No entanto, isso não aconteceu.

Quando o sujeito perto da porta começou a apertar os botões no painel sem que nada acontecesse, eu percebi o que estava acontecendo.

Gideon.

Sorrindo para mim mesma, eu falei: “Com licença, por favor”.

Os ocupantes do elevador abriram espaço para eu sair, e um outro cara desceu atrás de mim. A porta se fechou atrás de nós, e o elevador subiu.

“Mas o que foi isso?”, o cara perguntou, franzindo a testa e olhando para a porta dos outros três elevadores. Era um pouco mais alto que eu, e usava uma calça social preta, camisa de manga curta e gravata.

A campainha que anunciava a chegada do outro elevador quase foi abafada pelo ruído da reforma. Quando a porta se abriu, Gideon desceu, lindo, lépido e um tanto irritado.

Minha vontade era de agarrá-lo ali mesmo. Eu ficava excitadíssima quando ele usava seu poder para chegar até mim.

Eu faria o mundo parar de girar por você. Às vezes, era exatamente isso que eu sentia que ele fazia.

Resmungando alguma coisa consigo mesmo, o cara de camisa de manga curta entrou no elevador e subiu.

Gideon pôs a mão na cintura, e seu paletó se abriu, revelando as roupas sob medida que ele vestia por baixo. As três peças eram pretas, feitas de um tecido que com certeza custava uma boa grana. A camisa também era preta, e as abotoaduras eram as mesmas de sempre, douradas com um toque de ônix.

Era a mesma roupa que ele estava usando no primeiro dia em que nos vimos. Já daquela vez, senti uma vontade tremenda de tomar posse de seu corpo perfeito e transar com ele

até morrer de exaustão.

Todo esse tempo depois, nada disso tinha mudado.

“Eva”, ele começou com sua voz tentadora. “Não é o que você está pensando. Corinne só veio até aqui porque eu não atendo mais às ligações…”

Ergui a mão para interrompê-lo e olhei para o pulso, para o relógio que ele tinha me dado. “Eu ainda tenho meia hora. Prefiro usar esse tempo pra trepar em vez de ficar falando da sua ex, se você não se importa.”

Ele ficou imóvel e em silêncio por um longo instante, olhando para mim, tentando entender se eu estava mesmo falando sério. Deu para ver em seu rosto o momento exato em que seu estado de espírito mudou. Ele ficou vermelho, e seus lábios se entreabriram. Suas pernas ficaram inquietas, seu sangue esquentou e pude perceber seu pau endurecer, a sensualidade voltava a se tornar visível em seu corpo — era como um grande felino despertando de um cochilo e voltando a ser um predador.

A energia sexual entre nós era quase palpável, praticamente uma coisa viva. Diante disso, eu amoleci completamente, o que quase sempre acontecia numa situação como essa, e senti meu ventre se contrair de bom grado. Eu estava sedenta por ele. A confusão ao nosso redor só me deixava com mais tesão, acelerando as batidas do meu coração.

Gideon enfiou a mão no bolso interno do paletó e sacou o celular. Chamou algum número gravado na memória, levou o telefone à orelha e olhou bem nos meus olhos. “Vou atrasar uns trinta minutos. Se Anderson não puder esperar, cancele.”

Ele desligou e jogou o telefone de volta no bolso.

“Estou morrendo de tesão por você”, eu falei, com a voz embargada de desejo.

Ele ajeitou o paletó e veio até mim com os olhos em chamas. “Vamos.”

Gideon pôs a mão sobre a base da minha coluna, o que eu adorava, e senti um calor se irradiar pelo meu corpo a partir daquele pequeno ponto de pressão. Olhei para ele por cima do ombro e vi o leve sorriso no seu rosto, uma prova de que ele sabia o que aquele toque provocava em mim.

Afastamos com as mãos o plástico que isolava o espaço da reforma e passamos por ele, deixando os elevadores para trás. Na nossa frente, só víamos a luz do sol, o cimento cru e plástico pendurado por toda parte. Através do plástico era possível ver a silhueta dos operários. Havia também uma música de fundo, abafada pela voz dos homens gritando uns com os outros.

Gideon me guiou pelo labirinto de plástico, demonstrando que sabia aonde estava indo.

Seu silêncio me deixava ainda mais excitada, fazendo a expectativa crescer a cada passo. Chegamos a uma porta, e entramos no que algum dia seria o escritório de alguém.

A cidade se estendia sob os meus pés, uma selva moderna permeada de edifícios que contavam orgulhosamente sua história. Nuvens de vapor subiam de tempos em tempos ao céu azul, e os carros fluíam pelas ruas como rios na direção do mar.

Ouvi a porta ser trancada atrás de mim e me virei para Gideon. Ele já estava tirando o paletó. A sala era mobiliada com uma escrivaninha, cadeiras e alguns sofás em um canto. Tudo ainda coberto de lona, pois o espaço ainda estava em reforma.

Com movimentos metódicos, ele tirou o colete, a gravata e a camisa. Eu fiquei olhando, admirando sua perfeição masculina. “Existe o risco de sermos interrompidos”, ele falou. “Ou então de nos ouvirem.”

“Isso é um problema pra você?”

“Só se for pra você.” Ele foi chegando perto com a braguilha aberta, com o elástico da cueca aparecendo.

“Você está só querendo me provocar. Jamais correria o risco de ser interrompido.”

“Eu não pararia mesmo. Não consigo me controlar quando estou dentro de você.” Ele tirou a bolsa da minha mão e largou sobre uma das cadeiras. “Você está vestida demais.”

Gideon me envolveu em seus braços, baixou o zíper das costas do vestido com calma e perícia, com seus lábios murmurando bem próximos aos meus. “Vou tentar não desalinhar muito você.”

“Eu gosto de ficar toda desalinhada.” Tirei o vestido e estava prestes a tirar o sutiã quando ele me pôs em cima do ombro dele.

Eu gritei de surpresa, estapeando a bunda dele com as duas mãos. Ele me bateu com força, provocando uma sensação de ardor, e depois jogou meu vestido sobre seu paletó. Ainda atravessando a sala, ele ergueu a mão e baixou minha calcinha.

Gideon removeu a lona que cobria um dos sofás, me posicionou sobre o móvel e se agachou na minha frente. Enquanto tirava minha calcinha pelos calcanhares, ele perguntou: “Está tudo bem, meu anjo?”.

“Está, sim.” Eu sorri e acariciei seu rosto, sabendo que sua pergunta incluía tanto o problema com os meus pais quanto questões de trabalho. Ele sempre se interessava em saber como estava minha cabeça antes de se apossar do meu corpo. “Está tudo tranquilo.”

Gideon puxou meus quadris até a beirada do sofá, com as pernas abertas, expondo minha abertura sedenta. “Então me diz o que deixou essa bocetinha linda tão gulosa hoje.”

“Você.”

“Ótima resposta.”

Eu dei um empurrão em seu ombro. “Você está usando o mesmo terno de quando a gente se viu pela primeira vez. Fiquei morrendo de vontade de dar pra você naquele dia, mas não podia. Agora eu posso.”

Ele escancarou gentilmente as minhas pernas, acariciando meu clitóris com o polegar. Meu sexo estremeceu com uma onda de prazer que se espalhou pelo meu corpo.

“E agora *eu* também posso”, ele murmurou, baixando a cabeça.

Agarrei desesperadamente o estofado do sofá, sentindo minha barriga se contrair enquanto sua língua percorria meu sexo. Ele contornou minha abertura trêmula, me provocando antes de enfiar a língua profundamente em mim. Arqueei o corpo com violência enquanto ele torturava minha carne frágil.

“Vou contar pra você o que imaginei naquele dia”, ele provocou, passando a língua no meu clitóris com movimentos circulares, me segurando com as mãos quando eu não parecia mais suportar suas carícias. “Você deitada debaixo de mim sobre lençóis de cetim, toda descabelada, com os olhos arregalados de tesão, sentindo meu pau entrando com força na sua bocetinha apertadinha e macia.”

“Minha nossa, Gideon”, eu gemi, seduzida por vê-lo me saborear tão intimamente. Era uma fantasia que se tornava realidade — o deus do sexo moreno e perigoso naquele terno de tirar o fôlego, me dando prazer com sua boca feita especialmente para levar as mulheres à loucura.

“Eu me imaginei segurando seus pulsos com as mãos”, ele continuou, com a voz áspera, “comendo você sem parar. Seus peitos durinhos inchando na minha boca. Seus lábios vermelhos e úmidos chupando o meu pau. Os seus gemidos gostosos preenchendo o ar… Você gritando de desespero porque não conseguia parar de gozar.”

Eu gemi bem alto, mordendo o lábio enquanto ele acariciava meu clitóris com os movimentos lascivos de sua língua. Apoiei uma das pernas sobre seu ombro nu, sentindo o calor de seu corpo na pele sensível da parte posterior do joelho. “Eu quero o que você quiser.”

Ele sorriu. “Eu sei.”

Gideon me chupou com força, comprimindo ainda mais minhas tensas terminações nervosas. Eu gozei com um grito abafado, sentindo as minhas pernas tremerem.

Ainda estava estremecendo de prazer quando ele me deitou no sofá, posicionou seu

corpo sobre o meu e abaixou a cueca apenas o suficiente para pôr o pau para fora. Eu estendi o braço para pegá-lo, senti-lo na minha mão, mas ele agarrou os meus pulsos e me imobilizou.

“Gosto de você assim”, ele disse em um tom pervertido. “Prisioneira do meu desejo.”

Gideon me encarava fixamente, com os lábios úmidos, o peito ofegante. Eu sempre ficava impressionada com a diferença entre o macho viril que estava prestes a me possuir e o executivo sofisticado que me atraiu irresistivelmente logo à primeira vista.

“Eu te amo”, falei, sentindo minha respiração acelerar ao sentir a cabeça de seu pau duro se esfregar contra a minha abertura inchada, fazendo meu sexo se abrir para recebê-lo.

“Meu anjo.” Com um grunhido, ele afundou o rosto no meu pescoço e me penetrou profundamente com seu pau grande e grosso. Sussurrando meu nome, juntou seus quadris com os meus, tentando chegar ainda mais fundo, com movimentos circulares incessantes. “Como eu preciso de você.”

O tom de desespero em sua voz me pegou de surpresa. Eu queria tocá-lo, mas estava imobilizada, sentindo seus quadris se remexerem sem parar. A sensação de tê-lo dentro de mim, seu calor, a cabeça de seu pau me massageando por dentro, estava me deixando enlouquecida. Comecei a rebolar seguindo seu ritmo, incapaz de me conter.

Seus lábios roçaram de leve o meu rosto. “Quando vi você ali parada no saguão, com esse vestidinho amarelo, toda radiante e linda… Pensei no quanto você é perfeita.”

Senti um nó na garganta. “Gideon.”

“O sol estava brilhando bem atrás de você, pensei que fosse uma miragem.”

Eu lutei para libertar minhas mãos. “Eu quero agarrar você.”

“Vim atrás de você porque não conseguia mais ficar longe, e quando eu te encontrei, você disse que me queria.” Ele segurou os meus pulsos com uma das mãos e agarrou a minha bunda com a outra, me erguendo para chegar ainda mais fundo.

Eu gemi, me remexendo ao seu ritmo, sugando avidamente seu pau com o meu sexo faminto. “Ai, meu Deus, que delícia. Você é tão gostoso…”

“Eu quero gozar em você todinha, dentro de você. Quero você de joelhos e de quatro por mim. E é *assim que você me quer*.”

“É assim que eu preciso de você.”

“Quando eu meto em você, não consigo mais tirar.” Ele levou sua boca até a minha e sugou o meu lábio. “Preciso tanto de você.”

“Gideon. Eu quero agarrar você.”

“Eu capturei um anjo.” Seu beijo era molhado, sensual, apaixonado. Seus lábios cobriam os meus, sua língua entrava fundo na minha boca. “E fico passando as mãos em você todinha. Atacando você. E você adora.”

“Eu adoro *você*.”

Ele arremeteu com vontade contra mim, e eu gemi bem alto, agarrando seus quadris com as coxas. “Me fode. Ai, Gideon. Me fode com força.”

Ele apoiou os joelhos no chão e me deu o que eu pedi, me penetrando ferozmente. Gideon metia em mim sem parar, soltando grunhidos e traduzindo seu tesão em palavras no meu ouvido.

Meu ventre se contraiu, e eu sentia meu clitóris tremer a cada impacto de sua pélvis contra a minha. Seu saco pesado se chocava com força contra a curvatura da minha bunda, e o sofá ia sendo arrastado pelo chão de cimento cru a cada estocada de Gideon, cujos músculos pareciam todos contraídos ao mesmo tempo.

Os sons obscenos daquele sexo selvagem fizeram com que a balbúrdia dos operários desaparecesse da minha mente. Nós dois fomos envolvidos pela busca intensa do orgasmo, transformando nossos corpos em veículos transmissores da intensidade de nossos sentimentos.

“Eu vou gozar na sua boca”, ele grunhiu, com o suor escorrendo pela testa.

Só o fato de pensar que aquilo terminaria desse jeito me fez gozar. Meu sexo se desfez em espasmos, se contraindo em torno de seu pau em movimento, irradiando pulsações incessantes de orgasmo que chegavam até as extremidades do meu corpo. Ele não parava, remexia e impulsionava os quadris incansavelmente, me proporcionando prazer até o meu limite.

“*Agora*, Eva.” Ele recuou um passo e eu o segui, cambaleante, ficando de joelhos e abocanhando seu membro ereto e úmido.

À primeira sucção, ele gozou, esguichando na minha língua jorros poderosos. Eu engolia sem parar, bebendo tudinho, me deliciando com os gemidos de satisfação que reverberavam a partir do meu peito.

Com as mãos nos meus cabelos, ele baixou a cabeça para me olhar, com o suor escorrendo pelo abdome. Minha boca percorria o pau dele de cima a baixo, sugando com força até minhas bochechas ficarem côncavas.

“Para”, ele disse ofegante, me afastando. “Assim você vai me deixar de pau duro de

novo.”

Ele ainda estava duro, mas preferi não dizer nada.

Gideon pegou meu rosto entre as mãos e me beijou, fazendo com que o gosto dos nossos corpos se misturasse. “Obrigado.”

“Por que está me agradecendo? Foi você que fez todo o esforço.”

“Comer você não é esforço nenhum, meu anjo.” Seu sorriso aberto era de pura satisfação masculina. “Eu tenho que agradecer pelo privilégio.”

Eu me sentei sobre os calcanhares. “Você está acabando comigo. Um cara lindo e gostoso como você não pode dizer uma coisa dessas. É um peso gigante pros meus sentidos. O meu cérebro entra em curto-circuito. Eu fico toda mole.”

Seu sorriso se abriu ainda mais, e ele me beijou. “Eu sei bem como é isso.”

13

Talvez tenha sido porque eu tinha acabado de transar que percebi os sinais no comportamento de Megumi. Ou então meu radar sexual, como dizia Cary, estava voltando a funcionar. Fosse qual fosse o motivo, eu sabia que minha amiga tinha dado para o cara com quem pretendia terminar, e dava pra ver que não estava nem um pouco feliz com isso.

“Você terminou com ele ou não?”, eu perguntei, me inclinando sobre a mesa da recepção.

“Ah, terminei, sim”, ela falou, desanimada. “Mas não sem antes tirar uma última casquinha. Pensei que fosse ser algo libertador. Além disso, não sei até quando o meu período de seca vai durar.”

“Está arrependida de ter terminado tudo?”

“Na verdade, não. Mas ele ficou todo ofendidinho, dizendo que estava se sentindo usado. Acho que até foi esse o caso desta última vez, só que quem não quis assumir um compromisso foi ele. Não imaginei que ele fosse levar a mal uma rapidinha na hora do almoço.”

“E agora a sua cabecinha está um caos.” Eu abri um sorriso de compaixão para ela. “Mas você não pode esquecer que esse é o mesmo cara que não ligava pra você desde sexta, e que mesmo assim ainda ganhou uma trepada e um almoço com uma mulher linda. Ele até que se deu muito bem.”

Ela inclinou a cabeça para o lado. “É mesmo.”

“Pois é.”

Ela pareceu se animar um pouco. “Você vai à academia hoje à noite, Eva?”

“Eu deveria, mas o meu pai está na cidade, então vou fazer companhia pra ele. Se a gente for, você está convidada, mas só vou decidir isso quando chegar em casa.”

“Eu não quero atrapalhar.”

“Está querendo arrumar outra desculpa pra não malhar, é isso?”

Ela abriu um sorriso maroto. “Talvez.”

“Se você quiser, pode ir pra casa comigo quando a gente sair. Se ele estiver a fim de ir à academia, eu empresto uma roupa de ginástica pra você. Caso contrário, a gente faz outra

coisa.”

“Seria legal.”

“Então está combinado.” Seria bom para todo mundo. O meu pai poderia ver que eu estou seguindo com a minha vida normalmente, e Megumi arrumaria uma distração para não ficar se torturando por causa de Michael. “A gente se vê às cinco.”

“É aqui que você mora?” Megumi olhou para cima para ver melhor o meu prédio. “Que lindo.”

Assim como os outros edifícios daquela rua arborizada, o meu tinha história, e ostentava certos detalhes arquitetônicos abolidos fazia tempo das construções mais recentes. A fachada havia passado por uma reforma que incluía uma marquise moderna envidraçada. Surpreendentemente, esse acréscimo harmonizou muito bem com o restante do prédio.

“Vamos entrar”, eu disse para ela, e abri um sorriso para Paul, que abriu a porta para nós.

Quando o elevador chegou ao meu andar, não tive como evitar uma olhadinha para a porta de Gideon. Qual seria a reação dele quando eu aparecesse sem aviso com uma amiga quando morássemos juntos?

Era o tipo de coisa que eu queria. Dividir um lar com ele, receber visitas.

Abri a porta do apartamento e peguei a bolsa de Megumi quando entramos. “Fique à vontade. Só vou lá dentro avisar o meu pai que você está aqui.”

Ela arregalou os olhos diante da enorme sala de estar conjugada com a cozinha. “Este apartamento é enorme.”

“Nós nem precisamos de tanto espaço assim, na verdade.”

Ela sorriu. “Mas também não acham ruim, né?”

“Não mesmo.”

Estava caminhando na direção do quarto de hóspedes quando minha mãe apareceu no corredor que dava acesso ao meu quarto e ao de Cary. Levei um susto, e fiquei ainda mais surpresa ao ver que ela estava vestindo uma roupa minha. “Mãe? O que você está fazendo aqui?”

Os olhos vermelhos dela se concentraram em um ponto na região da minha cintura, seu rosto muito pálido destacava que ela tinha exagerado na maquiagem. Reparei que ela estava usando os meus cosméticos também. Apesar de muita gente achar que éramos irmãs, meus olhos e minha pele tinham um tom mais próximo aos do meu pai, o que

exigia uma outra paleta de cores de maquiagem.

Senti meu estômago embrulhar. “Mãe?”

“Eu preciso ir.” Ela se recusou a me encarar. “Não sabia que era tão tarde.”

“Por que você está usando as minhas roupas?”, eu perguntei, apesar de já *saber* o motivo.

“O meu vestido sujou. Eu vou devolver, fique tranquila.” Ela passou por mim apressada, mas se deteve de novo ao dar de cara com Megumi.

Fiquei paralisada — meus pés pareciam estar pregados no carpete. Fechei os dois punhos. Eu sabia reconhecer uma pessoa envergonhada quando via uma. Meu peito ficou apertado de raiva e decepção.

“Oi, Monica.” Megumi foi até ela e a abraçou. “Tudo bem?”

“Megumi. Oi.” Minha mãe não sabia o que dizer. “Que bom ver você. Queria poder ficar para conversar com vocês, meninas, mas preciso mesmo ir.”

“Foi Clancy que trouxe você?”, eu perguntei, pois não tinha prestado atenção nos carros parados na frente do prédio.

“Não, eu vou pegar um táxi.” Ela ainda se recusava a me olhar nos olhos, apesar de ter virado a cabeça na minha direção.

“Megumi, você se importaria de dividir um táxi com a minha mãe? Desculpa dar o cano desse jeito, mas não estou me sentindo bem.”

“Ah, claro.” Ela me olhou e imediatamente percebeu que alguma coisa estava errada. “Sem problemas.”

Minha mãe enfim resolveu me encarar, mas eu não tinha nada a dizer a ela. Fiquei enojada com o olhar de culpa no seu rosto, e também com a ideia de que ela tivesse traído Stanton. Se era para fazer isso, que pelo menos tivesse mais convicção.

Meu pai escolheu justamente esse momento para se juntar a nós. Apareceu na sala de jeans e camiseta, com os pés descalços e os cabelos ainda molhados do chuveiro.

Mais uma vez, a minha falta de sorte se fazia presente.

“Pai, esta é Megumi, minha amiga. Megumi, este é meu pai, Victor Reyes.”

Meu pai foi até Megumi para apertar sua mão, tentando fingir que não estava incomodado pela presença da minha mãe, uma precaução que nada valia, pois a eletricidade que pairava no ar entre os dois era palpável.

“Achei que seria legal a gente sair pra fazer alguma coisa”, eu disse para ele ao sentir

que um silêncio constrangedor havia se instalado, “mas estou me sentindo um pouco indisposta.”

“Eu preciso ir”, minha mãe disse mais uma vez, e pegou sua bolsa. “Quer ir comigo, Megumi?”

“Quero, sim.” Ela me deu um abraço de despedida. “Mais tarde eu ligo pra saber se você melhorou.”

“Obrigada.” Eu apertei sua mão com força antes que ela fosse embora.

Assim que a porta se fechou atrás delas, tomei o caminho do meu quarto.

Meu pai veio atrás. “Eva.”

“Eu não estou a fim de falar com você.”

“Por favor, não seja infantil.”

“Como é?” Eu me virei para ele. “É o meu padrasto que paga este apartamento. Ele fez questão que eu morasse num lugar seguro, onde Nathan não pudesse entrar. Você por acaso pensou nisso enquanto comia a mulher dele?”

“Cuidado com o que diz. Eu sou seu pai.”

“Verdade. E quer saber de uma coisa?” Eu dei as costas para ele. “Até hoje, eu nunca tinha sentido vergonha por causa disso.”

Deitei na cama e fiquei olhando para o teto. Queria falar com Gideon, mas sabia que ele estava em uma consulta com o dr. Petersen.

Decidi mandar uma mensagem para Cary. Preciso de vc. Vem pra casa.

Eram quase sete horas quando ele bateu na porta do meu quarto. “Gata? Sou eu. Abre aqui.”

Fui correndo até a porta dar um abraço nele. Ele me pegou no ar e me carregou para dentro do quarto, fechando a porta com o pé.

Cary me pôs na cama e se sentou ao meu lado, envolvendo meus ombros com o braço. Ele estava usando o mesmo perfume gostoso de sempre. Eu apoiei a cabeça no corpo dele, agradecida pela demonstração incondicional de amizade.

Depois de alguns minutos, resolvi contar. “Os meus pais transaram.”

“É, eu sei.”

Levantei a cabeça para olhar para ele.

Cary fez uma careta. “Eu ouvi os dois quando estava saindo pra sessão de fotos hoje à

tarde.”

“Eca.” Senti meu estômago embrulhar.

“Pois é, eu também não achei nada legal”, ele murmurou, acariciando meus cabelos. “O seu pai está deitado no sofá, todo triste. Você disse alguma coisa pra ele?”

“Infelizmente. Eu peguei pesado, e agora estou me sentindo péssima. Preciso conversar com ele, mas não vai ser fácil, porque não consigo parar de pensar no Stanton, apesar de na maior parte do tempo ele me dar nos nervos.”

“Ele sempre cuidou bem de você, e da sua mãe também. Além disso, ser traído não é nada legal.”

Eu soltei um gemido. “Acho que não estaria tão incomodada se eles tivessem ido pra algum outro lugar. Quer dizer, ainda assim seria errado, mas é o Stanton que paga tudo isto. Isso só piora as coisas.”

“É mesmo”, ele concordou.

“O que você acha de mudar de casa?”

Ele ergueu as sobrancelhas. “Só porque os seus pais transaram aqui?”

“Não.” Eu levantei e comecei a andar de um lado para o outro. “A gente só veio morar aqui por causa da questão da segurança. Quando a ameaça de Nathan ainda existia, fazia sentido aceitar a ajuda de Stanton, mas agora…” Eu olhei para ele. “Agora tudo mudou.”

“E pra onde a gente iria? Pra algum lugar de Nova York que a gente possa pagar? Ou pra outra cidade?”

“Eu não quero ir embora de Nova York”, eu falei. “O seu trabalho está aqui. O meu também.”

E Gideon.

Cary encolheu os ombros. “Claro. Tanto faz. Eu topo.”

Fui até ele e o abracei. “Você pode pedir alguma coisa pra jantar enquanto eu converso com o meu pai?”

“Você tem alguma coisa em mente?”

“Não. Pode me surpreender.”

Fui até a sala falar com o meu pai. Ele estava navegando na internet com meu tablet, mas o colocou de lado quando eu sentei no sofá.

“Desculpa pelo que eu falei mais cedo”, comecei. “Eu não queria dizer aquilo.”

“Queria, sim.” Ele passou a mão na nuca, aflito. “E eu entendo. Não estou nada orgulhoso do que fiz. E não vou nem tentar me justificar. Eu sabia muito bem o que estava fazendo. E ela também.”

Eu estiquei as pernas e me virei para ele, encostada no braço do sofá. “Vocês dois têm muita química. Eu sei como é.”

Ele me observou com atenção, com um olhar sério e um tanto inquieto. “É o que você sente por Cross. Deu para perceber isso quando ele veio jantar aqui. Você acha que ainda vai se acertar com ele?”

“Espero que sim. Você veria algum problema nisso?”

“Ele ama você?”

“Sim.” Eu abri um sorriso. “Mais que isso… ele precisa de mim. Faria qualquer coisa por minha causa.”

“Então por que vocês dois não estão mais juntos?”

“Bom… não é assim tão simples.”

“Nunca é”, ele comentou, amargo. “Então. Tem uma coisa que você precisa saber… Eu sou apaixonado pela sua mãe desde o dia em que nos conhecemos. O que aconteceu hoje não devia ter acontecido, mas significou muito pra mim.”

“Eu entendo.” Segurei a mão dele. “E agora, o que acontece?”

“Vou para casa amanhã. Tentar pôr minha vida em ordem.”

“Cary e eu estávamos combinando de ir a San Diego daqui a duas semanas. Pra visitar você e o dr. Travis.”

“Você falou com o Travis sobre o que sofreu?”

“Sim. Você salvou minha vida quando me pôs em contato com ele”, disse com toda a sinceridade. “Não tenho nem palavras pra agradecer por isso. A mamãe me arrumou um monte de terapeutas caríssimos, mas não consegui me dar bem com nenhum deles. Parecia que eu era só um estudo de caso. O dr. Travis fez com que eu me sentisse uma pessoa normal. Além disso, foi assim que conheci o Cary.”

“Querem parar de falar de mim?” Naquele exato momento, Cary apareceu na sala com um cardápio na mão. “Eu sei que sou interessante demais, mas é melhor vocês economizarem saliva pro jantar, porque pedi uma tonelada de comida tailandesa.”

Meu pai pegaria o voo de volta para a Califórnia às onze horas no dia seguinte, então tive que deixar a tarefa de levá-lo ao aeroporto para Cary. Nos despedimos antes de eu sair

para o trabalho, e nos comprometemos a planejar a visita a San Diego da próxima vez que conversássemos.

Estava no táxi a caminho do trabalho quando Brett ligou. Por um instante, cheguei a pensar em deixar a ligação cair na caixa postal, mas acabei atendendo. “Alô, você.”

“Oi, linda.” Sua voz envolveu meus sentidos como uma calda de chocolate quente. “Está pronta pra amanhã?”

“Vou estar. A que horas vai ser o evento? Quando vamos precisar estar na Times Square?”

“Acho que às seis.”

“Certo. Não sei que roupa usar.”

“Você vai estar linda de qualquer jeito.”

“Tomara que sim. E a turnê, como vai?”

“Estou me divertindo como nunca.” Sua risada sensual me trouxe uma porção de lembranças. “É tudo muito diferente do Pete’s.”

“Pois é, o Pete’s…” Eu nunca iria me esquecer daquele bar, apesar de algumas lembranças de lá serem meio nebulosas. “Está animado pro lançamento?”

“Claro, eu vou ver você. Mal posso esperar.”

“Não foi isso que eu quis dizer, você sabe.”

“Estou empolgado pro lançamento do clipe também.” Ele deu risada de novo. “Queria ver você hoje mesmo, mas vou chegar só de madrugada. Mas pode reservar um jantar comigo amanhã.”

“Cary pode ir também? Ele já está convidado pro lançamento do clipe. Vocês já se conhecem, então achei que não ia se importar. Pelo menos não muito.”

Ele soltou um risinho de deboche. “Não precisa levar ninguém pra proteger você de mim, Eva. Eu consigo me controlar numa boa.”

O táxi encostou na frente do Crossfire, e o motorista travou o taxímetro. Entreguei o dinheiro e deixei a porta aberta para o próximo passageiro, que já vinha correndo na direção do carro. “Pensei que você gostasse do Cary.”

“Eu gosto, mas preferia ter você só pra mim. E se ele fosse só ao lançamento e deixasse o jantar pra nós dois?”

“Tudo bem.” Achei que Gideon não veria problema nisso, desde que eu escolhesse um de seus restaurantes. “Pode deixar que eu faço a reserva.”

“Maravilha.”

“Preciso desligar. Acabei de chegar no trabalho.”

“Me manda o seu endereço por mensagem, pra eu saber onde pegar você.”

“Certo.” Passei pela porta giratória e segui em direção às catracas. “Até amanhã.”

“Mal posso esperar. Encontro você lá pelas cinco.”

Guardei o celular e entrei no primeiro elevador que apareceu. Quando cheguei lá em cima e passei pela porta de vidro, fui recebida por Megumi colocando o telefone na minha cara.

“Dá pra acreditar nisso?”, ela perguntou.

Dei um passo para trás para enxergar o que estava escrito na tela. “Três ligações perdidas de Michael.”

“Eu *detesto* esse tipo de cara”, ela se queixou. “Eles acham que podem sumir e reaparecer quando quiserem. Eles ficam no seu pé até te conquistar, depois decidem algo diferente.”

“Então diz isso pra ele.”

“Sério?”

“Na lata. Você pode continuar evitando as ligações, mas isso não vai resolver a questão. Só não aceita se encontrar com ele pessoalmente. Transar de novo só iria piorar as coisas.”

“Certo.” Megumi concordou com a cabeça. “Sexo não é uma boa ideia, apesar de ser uma ideia boa.”

Ainda dando risada, eu fui para o meu cubículo. Eu tinha outras coisas para fazer além de servir como conselheira sentimental. Mark estava cuidando de várias contas ao mesmo tempo, e três delas já estavam na fase final do lançamento da campanha. O pessoal da criação estava a todo vapor, e sempre havia alguma coisa na mesa dele à espera de aprovação. Essa era a minha parte preferida — ver o resultado de todo o trabalho tomando forma.

Lá pelas dez horas, eu e Mark estávamos em meio a uma discussão profunda sobre possíveis abordagens para a campanha publicitária de um advogado especializado em divórcios. Estávamos tentando encontrar um meio termo entre a compaixão pelas pessoas que passavam por um processo doloroso e a exaltação da melhor característica que um advogado pode ter nesses casos — a capacidade de ser frio e implacável.

“Eu nunca vou precisar de um desses”, Mark falou do nada.

“Não mesmo”, eu respondi. “Você nunca vai passar por isso. Não vejo a hora de dar um abraço no Steve no nosso almoço de hoje. Estou muito, muito feliz por vocês.”

Mark abriu um sorriso, revelando seus dentes meio tortos, que eu achava uma graça. “Nunca me senti tão feliz na minha vida.”

Perto das onze, estávamos trabalhando na conta de um fabricante de guitarras quando o telefone da minha mesa tocou. Fui correndo até o meu cubículo e tive minha saudação habitual de trabalho interrompida por um grito.

“Ai, meu Deus, Eva! Acabei de descobrir, a gente vai se ver no evento do Six-Ninths amanhã!”

“Ireland?”

“E quem mais podia ser?” A irmã de Gideon estava tão histérica que parecia ter bem menos que seus dezessete anos. “Eu *adoro* o Six-Ninths. Brett Kline é muito lindo. E Darrin Rumsfeld também. O baterista. Ele é um gato.”

Eu dei risada. “E da música deles, você também gosta?”

“Pff. Claro. Viu”, ela assumiu um tom de voz mais sério, “acho que você devia tentar falar com Gideon amanhã. Tipo dar um oi, como quem não quer nada. Se você der abertura, ele vai atrás de você, tenho certeza. Ele está sentindo muito a sua falta.”

Eu me recostei na cadeira e entrei na brincadeira. “Você acha mesmo?”

“Está na cara.”

“Sério? Por que você acha isso?”

“Sei lá. Tipo, a voz dele muda quando fala de você. Eu não sei explicar, mas pode acreditar em mim, ele está louco pra vocês voltarem. Foi você que disse pra ele me convidar pro evento de amanhã, né?”

“Não exatamente…”

“Ha! Eu sabia. Ele sempre faz o que você manda.” Ela deu risada. “Obrigada, aliás.”

“Agradeça a ele. Eu só queria ver você de novo.”

Ireland era a única pessoa da família por quem Gideon sentia um afeto sincero, apesar de fazer de tudo para não demonstrar isso. Na minha opinião, ele tinha medo de ser rejeitado ou então fazer alguma coisa que pudesse arruinar a relação entre os dois. De qualquer modo, o fato era que Ireland idolatrava o irmão mais velho, e ele fazia de tudo para manter distância, apesar de precisar desesperadamente do amor que ela tinha a oferecer.

“Me promete que vai falar com ele”, ela insistiu. “Você ainda é apaixonada por ele, né?”

“Mais do que nunca”, respondi com convicção.

Ela ficou em silêncio por um instante, e então falou: “Ele mudou muito desde que conheceu você”.

“Também acho. Eu também mudei.” Eu me endireitei quando vi que Mark saiu de seu escritório. “Preciso desligar agora, mas amanhã conversaremos melhor. E podemos combinar de fazer alguma coisa só nós duas.”

“Legal. Até mais!”

Quando desliguei, estava feliz porque Gideon tinha seguido meu conselho de passar mais tempo com Ireland. Nós estávamos progredindo, tanto como indivíduos quanto como casal.

“Um passinho de cada vez”, eu sussurrei, e voltei ao trabalho.

Na hora do almoço, Mark e eu fomos nos encontrar com Steven em um bistrô. Assim que entramos no restaurante, localizamos com facilidade o noivo de Mark, apesar de ser um local movimentado e de tamanho razoável.

Steven Ellison era um cara de presença — alto, musculoso e de ombros largos. Ele era empreiteiro, tinha sua própria construtora, mas gostava de trabalhar junto com os operários no canteiro de obras. No entanto, eram seus cabelos ruivos que mais chamavam a atenção. Sua irmã Shawna tinha os cabelos da mesma cor — e a mesma jovialidade e alegria.

“Ei, você!” Eu o cumprimentei com um beijo no rosto, pois com ele podia ter uma intimidade maior do que com o meu chefe. “Meus parabéns.”

“Obrigada, querida. Mark finalmente decidiu me transformar em um homem de respeito.”

“Vai ser preciso muito mais do que um casamento pra isso”, rebateu Mark, puxando a cadeira para mim.

“E quando foi que eu faltei com o respeito com você?”, protestou Steven.

“Hã, vejamos.” Mark esperou que eu me acomodasse na cadeira e depois sentou ao meu lado. “Quando mentiu pra mim, dizendo que o casamento não era o que você desejava pra sua vida, por exemplo.”

“Ah, eu nunca disse que *eu* não queria.” Steven piscou para mim, com seus olhos azuis cheios de malícia. “Só disse que não era uma coisa tão importante pra maioria das pessoas

hoje em dia.”

“Ele estava aflito antes de fazer o pedido”, eu contei. “Fiquei até com pena.”

“É isso mesmo.” Mark abriu o cardápio. “Ela foi testemunha de todo o meu sofrimento.”

“Você precisa ter pena é de mim”, retrucou Steven. “Eu providenciei vinho, rosas e violinistas. Fiquei ensaiando o pedido durante dias. Até hoje fico chateado quando lembro disso.”

Ele revirou os olhos como se estivesse brincando, mas dava para perceber que era uma ferida que ainda não tinha cicatrizado. Mark pôs sua mão sobre a do parceiro e a apertou, o que confirmou essa impressão.

“Então, como foi o pedido?”, eu perguntei, apesar de Mark já ter me contado.

A garçonete nos interrompeu, perguntando se alguém queria água. Aproveitamos a presença dela para pedir a comida, e só depois Steven começou a descrever a noite de comemoração do aniversário de namoro deles.

“Ele estava suando muito”, Steven contou. “Enxugando o rosto a cada dois minutos.”

“Estamos no verão”, murmurou Mark.

“Mas os restaurantes têm ar-condicionado”, rebateu Steven. “Ele passou a noite inteira assim, e no fim resolvemos ir pra casa. Achei que ele tinha mudado de ideia. Que a noite ia acabar e ele não ia dizer nada. Já estava pensando em fazer o pedido eu mesmo de novo, só pra acabar logo com aquilo. Mas se ele dissesse não de novo…”

“Eu não disse não da primeira vez”, interrompeu Mark.

“… eu ia resolver isso na base da ignorância. Ia dopar o cidadão e enfiar num avião pra Las Vegas, porque o tempo está passando e ninguém aqui está ficando mais jovem.”

“E nem mais gentil”, resmungou Mark.

Steven olhou feio para ele. “A gente estava saindo da limusine, e eu tentando me lembrar do discurso maravilhoso que elaborei da outra vez, quando de repente ele me agarrou pelo cotovelo e falou: ‘Porra, Steven, você *precisa* casar comigo’.”

Eu dei risada, me inclinando para trás a fim de abrir espaço para a garçonete servir a minha salada. “Assim do nada?”

“Do nada”, confirmou Steven, balançando a cabeça enfaticamente.

“Foi de coração.” Mostrei meu polegar erguido para Mark. “Você arrasou.”

“Viu?”, falou Mark. “Mandei bem pra caralho.”

“Vocês já estão escrevendo os votos?”, eu perguntei. “Isso, sim, vai ser legal.”

Steven deu uma gargalhada que chamou a atenção do restaurante inteiro.

Engoli o tomate cereja que estava mastigando e completei: “Você sabe que eu estou morrendo de vontade de ver o seu fichário com as ideias pra cerimônia, né?”.

“Bom, por um acaso…”

“Você não fez isso.” Mark sacudiu a cabeça quando Steven se abaixou e pegou um fichário enorme de uma pasta colocada no chão ao lado de sua cadeira.

Estava tão cheio que os papéis caíam por cima, por baixo e pelos lados.

“Espera só pra ver o bolo que eu achei.” Steven afastou a cesta de pães para abrir espaço para o fichário.

Tive que segurar o riso quando vi que estava tudo organizado por temas, com divisórias e tudo.

“Nós não vamos fazer um bolo de casamento no formato de um prédio com guindastes e *outdoors*”, Mark fez questão de dizer.

“Sério mesmo?”, eu perguntei intrigada. “Me deixa ver isso.”

Quando cheguei em casa naquele fim de tarde, larguei a bolsa e a sacola no lugar de sempre, tirei os sapatos e fui direto para o sofá, onde fiquei deitada por um tempo, olhando para o teto. Megumi ia se encontrar comigo na CrossTrainer às seis e meia, então eu ainda tinha um bom tempo, e bem que estava precisando de um descanso. Eu havia menstruado na tarde anterior, o que me deixou irritada e mal-humorada, expressando meu cansaço o tempo todo com palavrões e risadinhas nervosas.

Soltei um suspiro bem alto quando lembrei que em algum momento teria que lidar com a minha mãe. Nós tínhamos muito o que conversar, e ficar adiando isso estava começando a me incomodar. Resolver as coisas com ela não era tão simples quanto com o meu pai, mas isso não era desculpa para não botarmos tudo em pratos limpos. Ela era minha mãe, e eu a amava. Eu ficava mal quando nós brigávamos.

Meus pensamentos se voltaram então para Corinne. Eu deveria ter desconfiado que uma mulher que largou o marido em Paris para vir até Nova York atrás de um cara não desistiria assim tão facilmente. Mas, por outro lado, ela conhecia Gideon bem o suficiente para saber que esse tipo de assédio não iria funcionar.

E Brett… Eu tinha que fazer alguma coisa a respeito do assédio dele.

O interfone tocou. Franzindo a testa, levantei e fui atender. Megumi teria feito confusão e achado que era para me encontrar em casa? Não que isso fosse um problema, mas…

“Sim?”

“Oi, Eva”, o funcionário da recepção me cumprimentou com toda a simpatia. “Os detetives Michna e Graves estão aqui.”

Merda. Todas as outras preocupações perderam o sentido naquele momento. O medo se espalhou pelo meu corpo como um toque gelado e arrepiante.

Eu queria a presença de um advogado. Aquele caso envolvia coisas importantes demais para mim.

Por outro lado, não queria que eles pensassem que eu tinha algo a esconder.

Tive que engolir em seco duas vezes antes de responder. “Obrigada. Você pode pedir pra eles subirem, por favor?”

14

Com o coração disparado, corri até a minha bolsa, pus o telefone clandestino no silencioso e o guardei em um compartimento fechado com zíper. Percorri a sala com os olhos, procurando por algo que fosse preciso esconder. Lembrei das flores no meu quarto, e do cartão.

Corri para fechar a porta, depois fui até o quarto de Cary e fechei também. Quando a campainha tocou, eu estava ofegante. Tive que me esforçar para controlar a respiração e ir calmamente até a sala. Quando cheguei à porta da frente, respirei fundo antes de abrir.

“Olá, detetives.”

Graves, uma mulher magra, com uma expressão severa e olhos azuis atentos, vinha à frente. Michna, seu parceiro, era mais reservado, um homem mais velho com cabelos grisalhos e uma barriga protuberante. Eles tinham seu próprio ritmo para fazer as coisas — Graves mantinha seu interlocutor sempre ocupado e desconfortável. Já a especialidade de Michna era ficar observando tudo em seu canto, sem deixar passar nada com seus olhos de policial experiente. A combinação dessas características devia produzir uma dupla com altíssimas porcentagens de resolução de casos.

“Podemos entrar, srta. Tramell?” O tom de voz de Graves não dava abertura para uma resposta negativa. Seus cabelos castanhos ondulados estavam amarrados, e ela vestia uma jaqueta que escondia sua arma. Em suas mãos, ela trazia uma bolsa de couro.

“Claro.” Eu abri a porta. “Querem alguma coisa? Café? Água?”

“Seria ótimo”, disse Michna.

Eu os conduzi até a cozinha e peguei uma garrafa de água na geladeira. Os detetives ficaram à minha espera no balcão — Graves com os olhos cravados em mim e Michna de olho no ambiente ao redor.

“Você acabou de chegar do trabalho?”, ele perguntou.

Eles já deviam saber a resposta, mas disse do mesmo jeito: “Faz uns minutinhos. Vocês preferem sentar no sofá?”.

“Aqui está bom”, Graves falou com sua maneira séria de sempre, deixando a bolsa de couro sobre o balcão. “Gostaríamos de fazer umas perguntinhas, se você não se importa. E mostrar algumas fotografias.”

Fiquei paralisada. Eu seria capaz de suportar ver as fotos que Nathan tirou de mim? Durante um momento de desespero, imaginei que poderiam ser imagens da cena do crime, ou então da autópsia. Mas eu sabia que isso era bastante improvável. “Do que se trata?”

“Surgiram novas informações que podem estar relacionadas à morte de Nathan Barker”, disse Michna. “Estamos indo atrás de toda e qualquer pista, e pensamos que você poderia nos ajudar.”

Soltei um suspiro profundo e trêmulo. “Eu posso tentar, claro. Mas não vejo como.”

“Você já ouviu falar de Andrei Yedemsky?”, perguntou Graves.

Eu franzi a testa. “Não. Quem é?”

Ela remexeu dentro da bolsa e tirou de lá uma pilha de fotos em tamanho grande e os dispôs diante de mim. “Este homem. Você já o viu antes?”

Com os dedos trêmulos, eu apanhei a foto mais próxima de mim. Era de um homem de sobretudo, falando com outro que se preparava para embarcar no banco traseiro de um carro. Era bonito, com cabelos loiros bem clarinhos e a pele bronzeada. “Não. E ele não é do tipo de quem eu me esqueceria.” Eu a encarei. “Existe algum motivo por que eu deveria saber de quem se trata?”

“Ele tinha fotos suas em casa. Tiradas na rua, ou então saindo ou entrando em casa. As mesmas que encontramos com Barker.”

“Não estou entendendo. Onde ele arrumou essas fotos?”

“Provavelmente com Barker”, respondeu Michna.

“E o que esse tal de Yedemsky falou? Por que Nathan daria fotos minhas para ele?”

“Yedemsky não disse nada”, informou Graves. “Ele está morto. Foi assassinado.”

Senti uma pontada de uma dor de cabeça que se anunciava. “Não estou entendendo. Eu não sei nada sobre esse homem, e nem o que ele poderia querer comigo.”

“Andrei Yedemsky é um membro notório da máfia russa”, explicou Michna. “Além de contrabandear armas e bebidas, ele também é suspeito de tráfico de mulheres. É possível que Barker estivesse tentando vender você com esse propósito.”

Eu me afastei do balcão, sacudindo a cabeça, incapaz de aceitar o que eles estavam dizendo. Que Nathan estivesse me perseguindo eu conseguia entender. Ele me odiou desde a primeira vez que me viu, queria que seu pai não tivesse se casado de novo e ficasse chorando a morte de sua mãe para sempre. Ele me detestava por ser o motivo pelo qual ficou internado em um hospital psiquiátrico, e por ter lhe custado cinco milhões de dólares do dinheiro de sua herança. Mas máfia russa? Tráfico de mulheres? Isso eu não era capaz

de compreender.

Graves foi virando as fotos até encontrar a de uma pulseira de platina com safiras. Estava ao lado de uma régua de medição em formato de L — sem dúvida nenhuma era uma foto tirada pela perícia criminal. “Você reconhece esse objeto?”

“Sim. Era da mãe de Nathan. Ele tinha feito uma modificação pra poder usar no próprio braço. Não ia a lugar nenhum sem essa pulseira.”

“Yedemsky a estava usando no dia em que morreu”, ela disse sem se alterar. “Talvez como um suvenir.”

“Do quê?”

“Do assassinato de Barker.”

Eu olhei bem para Graves, sabendo que sua opinião era outra. “Está me dizendo que Yedemsky pode ser o responsável pelo assassinato de Nathan? Então quem matou Yedemsky?”

Ela me encarou, mostrando que entendia a motivação por trás da minha pergunta. “Ele foi morto pelos próprios comparsas.”

“Vocês têm certeza?” Eu precisava saber se eles *sabiam* que Gideon não estava envolvido nesse caso. Sim, ele havia matado por mim — para me proteger —, mas não voltaria a matar simplesmente para não ir para a cadeia.

Michna franziu a testa ao ouvir minha pergunta. Foi Graves quem respondeu. “Sem dúvida nenhuma. Temos as filmagens do sistema de vigilância. Um de seus parceiros no crime não gostou de saber que Yedemsky tinha dormido com sua filha menor de idade.”

Uma nova esperança surgiu, seguida por um medo aterrorizante. “E agora, o que acontece? O que isso tudo significa?”

“Você conhece alguém que tenha ligação com a máfia russa?”, perguntou Michna.

“Pelo amor de Deus, claro que não”, eu disse com convicção. “Isso… é como se fosse outro mundo pra mim. Não consigo nem acreditar que Nathan tivesse contato com essa gente. Está certo que fazia anos que eu não falava com ele…”

Eu esfreguei o peito no local onde senti uma pontada, e olhei para Graves. “Quero deixar esse assunto no passado de uma vez por todas. Não quero mais que ele tenha interferência nenhuma na minha vida. Será que isso algum dia vai acontecer? Ou ele vai continuar me atormentando mesmo depois de morto?”

Ela recolheu as fotos rapidamente, com movimentos econômicos e uma expressão impassível. “Fizemos o que foi possível para esclarecer tudo. Daqui para a frente, você

está livre para seguir sua vida como quiser.”

Cheguei à CrossTrainer às seis e quinze. Fui até lá porque havia me comprometido com Megumi, e não queria dar o cano nela de novo. Além disso, estava me sentindo inquieta, precisando movimentar meu corpo até a exaustão se não quisesse enlouquecer. Mandei uma mensagem para Gideon assim que os detetives saíram, dizendo que precisava falar com ele mais tarde, mas até o momento em que guardei a bolsa no armário, ele ainda não tinha respondido.

Como todas as coisas que pertenciam a Gideon, a CrossTrainer causava uma forte impressão, tanto em termos de tamanho como de luxo. Era uma academia de três andares — uma entre centenas do mesmo tipo espalhadas pelo país —, equipada com tudo o que um entusiasta da boa forma física poderia querer, além de serviços de spa e uma lanchonete que servia ótimas vitaminas.

Megumi estava meio perdida, precisando de ajuda com o maquinário de última geração, então seria supervisionada por um dos instrutores, assim como acontecia com todos os novos alunos e convidados. Eu preferi correr na esteira. Comecei com uma caminhada para me aquecer e fui progressivamente aumentando a velocidade até chegar a um trote estável. Quando peguei o ritmo, deixei meus pensamentos vagarem à vontade.

Seria mesmo verdade que Gideon e eu estávamos livres para juntar os cacos que sobraram de nossas vidas e seguir em frente? Como? E por quê? Inúmeras perguntas se acumulavam na minha mente, e eu precisava fazê-las para Gideon, na esperança de que ele soubesse tanto quanto eu. Não era possível que ele estivesse envolvido na morte de Yedemsky. Nisso eu não era capaz de acreditar.

Corri até minhas coxas e panturrilhas começarem a queimar, até o suor escorrer abundantemente pelo meu corpo e meus pulmões doerem ao respirar.

Foi Megumi que por fim me fez parar, acenando para mim enquanto vinha na direção da minha esteira. “Fiquei impressionada agora. Você é uma máquina.”

Diminuí o ritmo para uma corrida leve, depois uma caminhada, e então parei. Apanhei a toalha, a garrafa d’água e desci da esteira, sentindo os efeitos de ter levado meu corpo ao limite por tempo demais.

“Eu detesto correr”, confessei, ainda ofegante. “E a sua malhação, como foi?”

Mesmo usando roupas de ginástica, Megumi ficava chique. Seu top tinha detalhes em azul que combinavam com a cor da calça justa. Era o visual perfeito para o verão, alegre e estiloso.

Ela bateu seu ombro contra o meu. “Assim fica parecendo que eu não fiz nada. Só fiz

um circuito rapidinho e fiquei de olho nos gatinhos. A instrutora que me ajudou era boa, mas eu preferia ter pegado *aquele* cara ali.”

Olhei para onde ela estava apontando. “Aquele é o Daniel. Quer conhecer?”

“Quero!”

Fui andando com ela até os colchonetes espalhados no centro do espaço aberto do andar, acenando para Daniel até que ele nos visse. Megumi tirou às pressas o elástico que prendia seus cabelos, apesar de ficar linda também com o cabelo preso. Sua pele era linda, e a boca, de fazer inveja.

“Eva, que bom ver você.” Daniel estendeu a mão para eu apertar. “Ainda mais acompanhada.”

“Essa é a minha amiga Megumi. Ela começou hoje.”

“Eu vi você malhando com a Tara.” Ele abriu seu lindo sorriso para Megumi. “Eu sou Daniel. Se precisar de alguma coisa é só pedir.”

“Olha que eu peço mesmo”, ela avisou, apertando a mão dele.

“Fique à vontade. Você tem algum objetivo específico para começar a frequentar a academia?”

À medida que a conversa entre os dois prosseguia, eu me distraí e comecei a olhar ao redor, para os equipamentos, em busca de um exercício leve para fazer enquanto eles se entrosavam. Em vez disso, encontrei um rosto conhecido.

Joguei a toalha sobre os ombros e encarei aquela que nem de longe era minha repórter favorita. Respirei fundo e fui em sua direção, observando enquanto ela se exercitava com halteres de cinco quilos. Seus cabelos escuros estavam presos, e as pernas e a barriga rígida e lisinha, à mostra. Ela estava linda. “Oi, Deanna.”

“Eu até perguntaria se você vem sempre aqui”, ela respondeu, guardando o peso no lugar e ficando de pé, “mas isso é muito clichê. Como vai, Eva?”

“Vou bem, e você?”

Seu sorriso tinha o poder de sempre me deixar com um pé atrás. “Você não se incomoda de saber que Gideon Cross usa o próprio dinheiro pra anular as consequências de seus atos?”

Então Gideon estava certo sobre Ian Hager ao dizer que ele desapareceria no mundo depois de receber seu dinheiro. “Se eu achasse que o seu interesse era descobrir a verdade, até conversaria melhor com você.”

“É tudo verdade, Eva. Eu conversei com Corinne Giroux.”

“Ah, é? Como vai o marido dela?”

Deanna deu risada. “Gideon devia contratar você como relações-públicas.”

Aquele comentário soou incomodamente familiar. “Por que você não vai até o escritório dele e diz tudo o que está entalado na sua garganta? Ou então você pode jogar uma bebida na cara dele, ou até dar um tapa nele.”

“Ele nem ligaria. Isso não faria a menor diferença.”

Limpei o suor que descia pelo meu rosto e pensei comigo mesma que na verdade concordava com ela. Eu sabia muito bem o quanto Gideon podia ser frio e impessoal. “Mas talvez assim você se sentisse melhor.”

Deanna tirou sua toalha de cima do aparelho. “Sei exatamente o que vai fazer com que eu me sinta melhor. Uma boa noite pra você, Eva. Logo a gente volta a se falar, pode ter certeza.”

Deanna se afastou, e não tive como espantar da minha mente o pensamento de que ela estava tramando alguma coisa. O que estava me matando era não saber o que era.

“Pronto, voltei”, disse Megumi, juntando-se a mim. “Quem era essa?”

“Ninguém importante.” Meu estômago escolheu esse momento para roncar audivelmente, anunciando que o *bouef bouguignon* que eu havia comido no almoço já tinha sido queimado.

“Malhar sempre me deixa com fome também. Quer ir comer alguma coisa?”

“Claro.” Tomamos o caminho do vestiário. “Vou ligar pro Cary e perguntar se ele quer vir se encontrar com a gente.”

“Ah, sim.” Ela passou a língua pelos lábios. “Eu já falei que ele é tudo de bom?”

“Mais de uma vez.” Me despedi de Daniel com um aceno antes de sairmos.

Quando chegamos ao vestiário, Megumi logo jogou sua toalha no cesto na entrada. Eu hesitei um pouco antes de me desfazer da minha, passando os dedos sobre o logo bordado da CrossTrainer. Lembrei das toalhas penduradas no banheiro de Gideon.

Talvez da próxima vez eu pudesse ligar para ele também e convidá-lo para um jantar entre amigos.

Talvez o pior já tivesse ficado para trás.

Escolhemos um restaurante indiano perto da academia, e Cary apareceu por lá de mãos dadas com Trey. Nossa mesa ficava bem ao lado da janela, era possível sentir a energia

pulsante da cidade enquanto comíamos.

Estávamos sentados em almofadas no chão, bebendo uma boa quantidade de vinho e nos divertindo com os comentários de Cary sobre as pessoas que passavam. Era quase possível ver os coraçõezinhos nos olhos de Trey quando se virava para Cary, e fiquei feliz ao ver que ele retribuía todo esse afeto. Quando Cary gostava de verdade de alguém, preferia evitar demonstrações constantes de carinho. Mas, para mim, aquilo era um sinal de que a intimidade entre os dois era cada vez maior, e não que Cary pudesse estar perdendo o interesse.

Megumi recebeu mais uma ligação de Michael enquanto comíamos, mas preferiu ignorar. Cary perguntou se ela estava dando uma de difícil, e Megumi contou a história toda.

“Se ele ligar de novo, pode deixar que eu atendo”, ele falou.

“Ai, meu Deus, de jeito nenhum”, eu respondi.

“Por que não?” Cary deu uma piscadinha. “Eu posso dizer que ela está ocupada demais pra atender, e Trey pode ficar fazendo uns gemidos de fundo.”

“Que do mal!” Megumi esfregou as mãos uma na outra. “Michael não é o cara certo pra esse tipo de brincadeira, mas algum dia vou ser obrigada a aceitar essa sua oferta, considerando a sorte que tenho com os homens.”

Sacudindo a cabeça, olhei furtivamente para o telefone clandestino na minha bolsa e fiquei desanimada ao constatar que Gideon ainda não tinha respondido à minha mensagem.

Cary estava me espiando do outro lado da mesa. “Está esperando uma ligação do seu amante?”

“Quê?” Megumi ficou de boca aberta. “Você está saindo com alguém e nem me contou?”

Estreitei os olhos na direção de Cary. “É uma história meio complicada.”

“É exatamente o oposto de uma história complicada”, Cary foi logo dizendo, inclinando-se para trás. “É pura sacanagem.”

“Mas e o Cross?”, ela perguntou.

“Quem?”, rebateu Cary.

Megumi insistiu. “Ele quer reatar com ela.”

Foi a vez de Cary me encarar com um olhar de interrogação. “Quando foi que você

falou com ele?”

Eu sacudi a cabeça. “Ele ligou pra minha mãe. E não disse com todas as letras que quer voltar comigo.”

Cary abriu um sorriso malicioso. “E você trocaria o seu novo amante por um replay com Cross, o maratonista?”

Megumi beliscou minha perna. “Gideon Cross é um maratonista na cama? Puta merda… E lindo daquele jeito? Meu Deus.” Ela se abanou com uma das mãos.

“Que tal se a gente *parasse* de falar da minha vida sexual?”, eu resmunguei, olhando para Trey em busca de ajuda.

Ele me socorreu. “Cary contou que vocês vão ao lançamento de um clipe amanhã. Nem sabia que os videoclipes ainda tinham tanta importância hoje em dia.”

Agradecida, eu aproveitei a mudança de assunto. “Pois é! Eu também não sabia.”

“E o bom e velho Brett vai estar lá”, Cary falou, se inclinando na direção de Megumi como se fosse revelar um segredo. “Um personagem do passado. E que pode voltar a aparecer no futuro.”

Eu enfiei os dedos no copo e joguei água nele.

“Ai, Eva. Você está me deixando molhadinho.”

“Continua com essas gracinhas”, eu avisei, “e vai ficar ensopado.”

Quando chegamos em casa, às quinze para as dez, Gideon ainda não tinha respondido à minha mensagem. Megumi foi para casa de metrô, e Cary, Trey e eu dividimos um táxi. Os dois foram direto para o quarto de Cary, mas eu fiquei na cozinha, tomando coragem para ir até o apartamento ao lado ver se Gideon estava lá.

Eu estava prestes a pegar as chaves na bolsa quando Cary apareceu na cozinha, sem camisa e descalço.

Ele pegou uma lata de chantilly na geladeira, mas parou para falar comigo antes de voltar. “Está tudo bem?”

“Está, sim.”

“Já falou com a sua mãe?”

“Não, mas pretendo falar em breve.”

Ele se encostou no balcão. “Tem mais alguma coisa incomodando você?”

Eu preferi dispensá-lo. “Vai lá se divertir. Eu estou bem. Amanhã a gente se fala.”

“Por falar nisso, que horas eu preciso estar pronto?”

“Brett quer pegar a gente às cinco. Você pode estar a essa hora lá no Crossfire?”

“Sem problemas.” Ele veio até mim e me deu um beijo na testa. “Bons sonhos, gata.”

Esperei a porta do quarto de Cary se fechar, peguei as chaves e fui até o apartamento ao lado. No momento em que entrei na sala às escuras, soube que Gideon não estava lá, mas olhei em todos os quartos mesmo assim. Era impossível disfarçar que alguma coisa parecia… fora do lugar.

Onde ele poderia estar?

Voltei para o meu apartamento decidida a ligar para Angus. Peguei meu celular clandestino e o levei comigo para o quarto.

Onde encontrei Gideon no meio de um pesadelo.

Alarmada, bati a porta atrás de mim e a tranquei. Ele estava se debatendo na cama, arqueando as costas e soltando um gemido de dor. Ainda estava de jeans e camiseta, deitado por cima da coberta, um sinal de que havia adormecido enquanto me esperava. Seu laptop estava caído no chão, ainda aberto, e com a violência de seus movimentos os papéis sob seu corpo faziam um imenso barulho.

Fui correndo até ele, tentando pensar em uma maneira de acordá-lo sem correr perigo, ciente de que ele poderia me machucar involuntariamente.

Ele emitiu um grunhido furioso e ameaçador. “Nunca mais”, ele soltou por entre os dentes. “Você *nunca mais* vai pôr as mãos nela de novo.”

Fiquei paralisada.

Contorcendo o corpo furiosamente, ele se virou de lado e começou a tremer e gemer.

Sua demonstração de sofrimento me motivou a tomar uma atitude. Subi na cama e pus a mão em seu ombro. Quando dei por mim, estava deitada de costas, imobilizada pelo peso de Gideon, sob seu olhar vidrado. O medo me deixou sem ação.

“Agora você vai sentir na pele o que fez”, ele sussurrou sinistramente, esfregando os quadris contra o meu em uma perversão doentia do amor que fazíamos.

Virei a cabeça e mordi seu bíceps, mas meus dentes não conseguiram se encravar em sua musculatura rígida.

“Caralho!” Ele só saiu de cima de mim quando eu o desloquei conforme Parker havia me ensinado, rolando para o lado e saindo da cama.

“Eva!”

Eu me virei e o encarei, sentindo meu corpo pronto para a luta.

Quando se levantou da cama, ele quase caiu de joelhos antes de recuperar o equilíbrio e endireitar o corpo. “Desculpa. Eu peguei no sono… Pelo amor de Deus, me desculpa.”

“Está tudo bem”, eu falei, me esforçando para aparentar calma. “Relaxa.”

Ele passou uma das mãos pelos cabelos, ofegante. Seu rosto estava molhado de suor, e seus olhos estavam vermelhos. “Minha nossa.”

Eu cheguei mais perto, tentando afastar o medo que ainda restava. Aquilo era parte da nossa vida. Era algo com que precisaríamos aprender a lidar. “Você se lembra do sonho?”

Gideon engoliu em seco e sacudiu a cabeça.

“Mentira.”

“Puta que pariu. Você precisa…”

“Você estava sonhando com Nathan. Isso acontece com frequência?”, eu perguntei e peguei sua mão.

“Não sei.”

“Não mente pra mim.”

“Não estou mentindo!”, ele gritou. “Eu quase nunca me lembro dos meus sonhos.”

Eu o levei pela mão até o banheiro, e tentei mudar de assunto. “A polícia veio aqui hoje falar comigo.”

“Eu sei.”

A desolação em seu tom de voz me deixou preocupada. Há quanto tempo que ele tinha pesadelos e perdia o sono? A ideia de que ele estivesse sendo atormentado pela própria mente, sofrendo sozinho, fez meu coração se apertar. “Eles foram falar com você também?”

“Não. Mas andaram fazendo perguntas por aí.”

Acendi a luz e ele se deteve, me segurando. “Eva.”

“Pro chuveiro, garotão. A gente conversa depois que você tomar banho.”

Ele pegou o meu rosto com as mãos, passando os polegares pelas minhas bochechas. “Você está apressando demais as coisas. Vamos com calma.”

“Eu não quero que cada pesadelo seu se transforme em um drama.”

“Espera um pouco”, ele murmurou, encostando a testa contra a minha. “Eu assustei você. E *eu* também estou assustado. Espera um pouco.”

Decidi pegar mais leve, e pus uma das mãos sobre seu coração disparado.

Ele afundou o nariz nos meus cabelos. “Quero sentir o seu cheiro, meu anjo. O seu corpo. Dizer que sinto muito.”

“Está tudo bem.”

“Não está tudo bem coisa nenhuma”, ele rebateu, com a voz ainda trêmula. “Eu devia ter esperado no nosso apartamento.”

Encostei o meu rosto ao dele, saboreando suas palavras sobre o “nosso” apartamento. “Fiquei olhando pro telefone a noite toda, esperando uma mensagem sua.”

“Eu trabalhei até tarde hoje.” Ele enfiou a mão por baixo da minha blusa, acariciando as minhas costas. “Vim pra cá pra fazer uma surpresa… fazer amor com você…”

“Acho que a gente está livre”, eu sussurrei, agarrando sua camiseta. “Os detetives… Acho que já está tudo certo.”

“Explica isso direito.”

“Nathan tinha uma pulseira que sempre usava…”

“De safira. Bem feminina.”

Eu o encarei. “Sim.”

“O que é que tem?”

“Ela foi encontrada no braço de um gângster morto. Um cara da máfia russa. Eles estão trabalhando com a hipótese de que era uma conspiração criminosa que deu errado.”

Gideon ficou imóvel, limitando-se a estreitar os olhos. “Interessante.”

“*Esquisito*, isso sim. Eles falaram de fotos minhas, de tráfico de mulheres, umas coisas sem sentido…”

Ele beijou minha boca, me obrigando a me calar. “Eu disse que era interessante porque essa pulseira estava no braço de Nathan naquela noite.”

Enquanto escovava os dentes, fiquei observando Gideon no chuveiro. Ele passava as mãos ensaboadas pelo corpo com movimentos econômicos e indiferentes, de uma forma até meio bruta. Era bem diferente de quando eu o acariciava, com idolatria, admiração e amor. Ele terminou o banho em minutos, e saiu do chuveiro exibindo sua gloriosa nudez por um instante antes de pegar uma toalha para se secar.

Depois de se enxugar, ele se posicionou atrás de mim e me deu um beijo na nuca. “Eu não tenho nenhuma ligação com o submundo”, ele murmurou.

Terminei de enxaguar a boca e o encarei pelo espelho. “Você acha que precisa dizer isso pra mim?”

“Antes dizer do que ouvir você perguntar.”

“Alguém se arriscou um bocado pra proteger você.” Eu me virei para ele. “Será que foi Angus?”

“Não. Me conta como o tal mafioso morreu.”

Passei os dedos pelos músculos de seu abdome, me deleitando quando vi que se enrijeceram ao meu toque. “Foi assassinado por um comparsa. Como retaliação. Ele estava sob vigilância, então Graves tem uma prova documentada do crime.”

“Então foi alguém de dentro. Com acesso aos mafiosos ou aos arquivos da polícia, ou então as duas coisas. Quem quer que seja, escolheu um cara já condenado, que poderia levar a culpa sem que isso fizesse a menor diferença.”

“Não quero nem saber quem foi que fez isso, desde que você esteja a salvo.”

Ele beijou a minha testa. “Mas precisamos saber”, ele disse baixinho. “Se a intenção era me proteger, então o responsável por tudo isso sabe o que eu fiz.”

15

Pouco depois das cinco da manhã, acordei sobressaltada, ainda assustada por um sonho que havia tido, no qual Gideon e eu brigávamos feio. Ainda abalada por um sentimento profundo de tristeza e solidão, permaneci deitada imóvel na cama por vários minutos. Queria que Gideon estivesse ao meu lado. Queria poder apenas me virar para o lado para poder abraçá-lo e sentir seu corpo contra o meu.

Em parte pelo fato de eu estar menstruada, nós não transamos na noite anterior. Em vez disso, simplesmente desfrutamos do conforto da companhia um do outro. Ficamos agarradinhos na cama vendo televisão até que o cansaço proporcionado pelo exercício pesado na esteira cobrasse seu preço e me fizesse apagar.

Eu adorava aqueles momentos de tranquilidade em que nos limitávamos a ficar abraçados em silêncio. Quando a atração sexual não vinha à tona com tanta violência. Adorava sentir sua respiração contra a minha pele, e a maneira como minhas curvas se encaixavam em seu corpo, como se tivéssemos sido feitos um para o outro.

Soltando um suspiro, me dei conta do que estava me deixando aflita. Era quinta-feira, e Brett Kline estava chegando a Nova York, isso se já não estivesse na cidade.

Gideon e eu estávamos só começando a criar uma nova rotina juntos, o que significava que a visita de Brett aconteceria no pior momento possível. Eu estava com medo de que algo saísse errado, que algum gesto mal interpretado pudesse criar mais problemas para nós.

Seria a primeira vez que Gideon e eu seríamos vistos publicamente em um mesmo evento depois de nosso “rompimento”. E tinha tudo para ser uma tortura. Ficar ao lado de Brett enquanto meu coração estava com Gideon.

Saí da cama, fui até o banheiro, me lavei e vesti um short e uma camiseta curtinha. Eu precisava estar com Gideon, ficar mais um pouco com ele antes que aquele dia tão complicado começasse.

Silenciosamente, fui até o apartamento ao lado, incapaz de disfarçar a excitação pelo ato de ousadia de aparecer na casa dele no meio da madrugada, por mais que ele dissesse que ela era *nossa*.

Uma vez lá dentro, larguei a chave sobre o balcão da cozinha e segui pelo corredor até o

quarto de hóspedes. Ele não estava lá, e meu coração se apertou, mas continuei procurando, porque era capaz de *sentir* sua presença. Meus nervos estavam à flor da pele como só ficavam quando ele estava por perto.

Eu o encontrei na suíte principal, abraçado ao meu travesseiro, deitado quase de bruços. Estava coberto até a cintura, deixando as costas e os braços musculosos à mostra e revelando apenas uma curvatura da sua bunda fenomenal.

Ele era como a encarnação de uma fantasia erótica. E era *meu*.

Eu o amava demais.

E queria que, pelo menos uma vez, ele acordasse ao meu lado sentindo prazer, em vez de medo, tristeza e arrependimento.

Acompanhada pela luz tímida dos primeiros raios de sol da manhã, eu me despi sem fazer barulho imaginando mil e uma formas de satisfazer o meu homem. Queria passar a mão e a boca pelo seu corpo, deixá-lo suado e sem fôlego, sentir seu corpo tremer. Queria reafirmar a ligação que tínhamos — meu comprometimento total e irrevogável com ele — antes que as turbulências do dia a dia viessem inevitavelmente à tona.

Ele se remexeu quando apoiei o joelho no colchão. Fui rastejando até ele, beijando a base de sua coluna e subindo a partir daí.

“Humm. Eva”, ele disse com a voz rouca, esticando-se sob o meu toque.

“Ainda bem que você falou meu nome, garotão.” Eu dei uma mordida no ombro dele. “Caso contrário a coisa ia ficar feia pro seu lado.”

Eu me deitei sobre seu corpo e me deliciei por um instante com o calor de sua pele.

“Está cedo demais pra você estar acordada”, ele murmurou, ainda deitado na mesma posição, desfrutando assim como eu do fato de estarmos juntos.

“Está mesmo”, eu concordei. “Você está agarrado no meu travesseiro.”

“É pra sentir o seu cheiro. Isso me ajuda a dormir.”

Eu tirei seus cabelos da frente do rosto e o beijei no pescoço. “Que lindo. Eu bem que queria ficar deitada aqui com você o dia todo.”

“Não esquece que no fim de semana você vai ser só minha.”

“Verdade.” Passei a mão pelo bíceps dele, acariciando o músculo rígido com os dedos. “Mal posso esperar.”

“Vamos decolar logo depois do trabalho na sexta e chegar pouco antes do começo do expediente na segunda. Você não vai precisar de nada além do passaporte.”

“E de você.” Eu dei um beijo em seu ombro, e depois comecei a falar, um tanto apressada e ansiosa: “Eu quero você, e vim aqui pra isso, mas não sei se vai rolar. Quer dizer, a pior parte já passou, mas entendo se você não quiser transar comigo menstruada, porque eu mesma nunca gostei de…”

“Eu só quero *você*, meu anjo. Do jeito que for.”

Ele contraiu o corpo todo, um aviso de que iria se levantar. Eu me afastei para o lado e vi seu corpo se mover de um modo fluido e natural.

“Fica sentado pra mim”, eu pedi, pensando comigo mesma que ele era ainda mais incrível do que eu pensava. Ou mais tarado, fato sobre o qual eu jamais iria reclamar. “Com as costas apoiadas na cabeceira.”

Ele fez conforme eu pedi, sonolento e sensual, com a barba por fazer começando a aparecer no rosto. Subi no colo dele e comecei a remexer os quadris. Fiquei só saboreando a atração entre nós, a sensação de perigo quando nossos corpos entravam em contato. Gideon não era um amante possível de domar. Um grande felino pode até esconder as garras, mas isso não significa que não vai usá-las quando achar necessário.

Essa era uma das minhas maiores alegrias. Ele era manso comigo, mas continuava fiel à própria natureza. Ainda era o homem por quem eu tinha me apaixonado — duro e implacável — e ainda assim parecia mudado. Ele era tudo para mim, o que eu mais queria e precisava, apesar de suas imperfeições.

Afastei os cabelos de seu rosto, e contornei a curvatura de seu lábio inferior com a língua. Suas mãos fortes e quentes agarraram meus quadris. Sua boca se abriu, e sua língua tocou a minha.

“Eu te amo”, murmurei.

“Eva.” Ele inclinou a cabeça e me beijou com vontade. Seus lábios firmes e macios pressionavam os meus. Sua língua explorava minha boca, me lambendo e me saboreando. Ao sentir seu toque em meus tecidos sensíveis, um arrepio se espalhou pela minha pele. Seu pau começou a endurecer e crescer, roçando a parte inferior da minha barriga.

Meus mamilos se enrijeceram, e eu estremeci, roçando o meu peito contra o dele.

Com uma das mãos, ele agarrou minha nuca, me capturando, me mantendo imóvel enquanto me beijava apaixonadamente. Sua boca atacava a minha, faminta e ansiosa, sugando meus lábios e minha língua. Soltando um gemido, eu me inclinei sobre ele, agarrando seus cabelos escuros com as mãos.

“Meu Deus, você me mata de tesão”, ele murmurou, erguendo os joelhos. Ele me empurrou para trás, me amparando com as pernas. Suas mãos agarraram meus seios,

circulando com os polegares meus mamilos pontudos. “Olha só pra você, como é maravilhosa.”

Senti uma onda de calor se espalhar pelo meu corpo. “Gideon…”

“Às vezes você parece um desejo impossível pra mim, uma mulher fria e inatingível.” Ele cerrou os dentes e levou a mão até o meio das minhas pernas, brincando com a minha abertura com os dedos. “E de repente você fica assim. Toda carente e cheia de tesão. Querendo as minhas mãos pelo seu corpo, o meu pau dentro de você.”

“Eu estou assim *pra você*. É isso o que você faz comigo. Desde o momento em que nos conhecemos.”

Gideon passou os olhos pelo meu corpo, e depois a mão. Quando seus dedos começaram a acariciar ao mesmo tempo meu peito e meu clitóris, eu me estremeci toda.

“Eu quero você”, ele disse com um tom de voz áspero.

“E eu estou aqui pra você… peladinha.”

Lentamente, ele foi abrindo seu sorriso mais sexy. “Nisso eu já reparei.”

A ponta de seu dedo circulava em meu sexo. Eu me ajeitei melhor para proporcionar a ele um ângulo mais favorável, apoiando as mãos sobre seus ombros.

“Mas eu não estava falando de sexo”, ele murmurou. “Apesar de querer isso também.”

“Comigo.”

“Só com você”, ele concordou. Ele passou o dedo bem de leve sobre o meu mamilo. “Hoje e sempre.”

Eu gemi e peguei no pau dele, acariciando-o de cima a baixo.

“Eu olho pra você, meu anjo, e não consigo pensar em mais nada. Quero estar com você, ouvir você, conversar com você. Quero ouvir a sua risada e oferecer o meu ombro quando você chorar. Quero sentar ao seu lado, respirando o mesmo ar, compartilhando a mesma vida. Quero acordar todos os dias ao seu lado. Eu quero *você*.”

“Gideon.” Eu me inclinei para a frente e o beijei de leve. “Eu também te quero .”

Ele provocou o bico do meu peito, beliscando e remexendo com os dedos. Eu soltei um leve gemido quando ele voltou a massagear meu clitóris. O pau de Gideon endureceu ainda mais na minha mão, reagindo ao meu desejo cada vez mais aguçado.

À medida que o sol nascia, o quarto se iluminava, mas o mundo lá fora parecia mais do que distante. A intimidade que dividíamos naquele momento era ao mesmo tempo romântica e erótica, o que me encheu de alegria.

Acariciei seu membro ereto com uma reverência carinhosa. Minha única intenção era agradá-lo e mostrar como eu o amava. Gideon me tocou da mesma forma, revelando em seu olhar uma alma ferida que precisava de mim tanto quanto eu precisava dele.

“Fico feliz quando estou com você, Eva. Você me faz feliz.”

“Vou fazer você feliz pelo resto da sua vida”, eu prometi. Meus quadris começaram a se remexer quando o desejo invadiu de vez as minhas veias. “Não existe nada que eu queira mais.”

Gideon se inclinou para a frente e passou a língua pelo meu mamilo, fazendo meus seios se comprimirem dolorosamente. “Eu adoro os seus peitos. Sabia disso?”

“Ah, então é só nisso que você está interessado… no meu corpo.”

“Continua me provocando, meu anjo. Me dá uma desculpa pra dar uns bons tapas em você. Eu adoro a sua bunda também.”

Ele pôs uma das mãos abertas nas minhas costas e me puxou na direção de sua boca. Senti sua língua úmida circulando a ponta enrijecida do mamilo. Depois ele sugou com força, fazendo suas bochechas se contraírem, assim como o meu sexo, faminto para receber seu pau.

Eu o sentia intensamente, por dentro e por fora. Seu calor e sua afeição. Sua paixão. Seu pau duro pulsava nas minhas mãos, com a cabecinha umedecida pelo líquido pré-ejaculatório.

“Diz que me ama”, eu pedi.

Ele me olhou nos olhos. “Você sabe que sim.”

“Imagina só como seria se eu nunca dissesse isso pra você. Se você nunca ouvisse essas palavras saindo da minha boca.”

Ele respirou fundo. “Crossfire.”

Minhas mãos pararam de se mexer no ato.

Ele engoliu em seco. “É a sua palavra pra quando as coisas fogem de controle, ficam intensas demais. Mas também é a minha palavra porque é como você faz eu me sentir. O tempo todo.”

“Gideon, eu…” Ele me deixou sem palavras.

“Quando você diz isso, significa que é pra parar tudo.” A mão que estava no meu peito subiu até encontrar o meu rosto. “Quando eu disser, é pra não parar nunca. O que quer que você esteja fazendo, quero que você continue.”

Eu ergui o corpo e me posicionei sobre ele. “Posso?”

“Claro.” Ele tirou a mão do meio das minhas pernas, e um instante depois seu pau estava dentro de mim, alargando meus tecidos mais sensíveis.

“Devagar”, ele disse baixinho, lambendo os dedos com movimentos lentos e sensuais. Ele parecia profundamente entregue aos seus desejos, sem nenhum pudor.

“Então me ajuda.” Para mim, era sempre difícil transar com ele daquele jeito, com a gravidade e o peso do meu corpo jogando contra. Por mais que ele me deixasse com tesão, o membro dele era grande demais para o meu corpo.

Ele agarrou meus quadris, me puxando para cima e para baixo lentamente, sentindo toda a extensão de sua ereção. “Aproveite cada centímetro, meu anjo”, ele gemeu. “Olha só como você me deixa duro.”

Minhas pernas tremeram quando ele alcançou um ponto especialmente sensível dentro de mim. Eu agarrei seus pulsos, sentindo meu sexo se contrair com força.

“Não goza”, ele falou com um tom tão autoritário que quase provocou o efeito contrário naquele mesmo instante. “Só depois que eu meter tudo.”

“Gideon.” O atrito lento e constante de sua penetração cuidadosa estava me levando à loucura.

“Pense em como é bom quando estamos juntos, meu anjo. Em como a sua bocetinha se contrai toda quando você goza.”

Eu me contraí em torno do pau dele naquele exato momento, excitada pelo tom áspero em seu tom de voz. “Anda logo.”

“Mas é você que precisa me deixar entrar.” Seus olhos brilhavam de prazer. Ele fez com que eu me inclinasse para trás, modificando o ângulo da minha descida.

Eu me deixei cair sobre ele, recebendo-o por inteiro com um único movimento. “Ah!”

“Caralho!” Ele jogou a cabeça para trás, com a respiração acelerada. “Você é uma delícia. Toda apertadinha.”

“Amor.” Meu tom de voz era quase de súplica. Ele estava tão duro e tão profundamente dentro de mim que eu mal conseguia respirar…

Gideon me lançou um olhar que me provocou um calor pelo corpo inteiro. “É isso o que eu quero. Eu e você, sem mais nada entre nós.”

“Nada”, eu repeti, ofegante. Trêmula. Prestes a perder a cabeça. Desesperada para gozar.

“Shh. A gente já resolve isso.” Gideon lambeu a ponta do dedão, levou a mão até o meio das minhas pernas e começou a massagear meu clitóris com maestria. O calor da minha pele transbordou na forma de uma camada de suor, fazendo com que eu me sentisse febril.

Cheguei ao orgasmo com uma explosão de prazer, sentindo espasmos violentos no meu sexo. Ele soltou um gemido que expressava toda a sua sexualidade animal, e seu pau inchou em resposta às contorções desordenadas do meu corpo.

Gideon não gozou naquele momento, o que tornou o meu clímax um acontecimento ainda mais íntimo. Eu estava toda aberta, vulnerável, entregue ao meu desejo. E ele me observava atentamente com seus olhos azuis tentadores, mantendo impecavelmente o controle. O fato de ele ter permanecido imóvel, adiando seu prazer, fez com que a ligação entre nós se fortalecesse ainda mais.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. O orgasmo havia feito meus sentimentos aflorarem.

“Vem cá”, Gideon disse baixinho, passando as mãos pelas minhas costas e me puxando para junto de seu corpo. Ele limpou a lágrima com a língua, depois me acariciou de leve com a ponta do nariz. Meus seios se comprimiram contra seu peito quando eu abracei com força sua cintura. Eu o queria bem perto de mim enquanto meu corpo se sacudia em tremores pós-orgasmo.

“Você é tão linda”, ele murmurou. “Tão macia e gostosinha. Me beija, meu anjo.”

Inclinei a cabeça e ofereci minha boca a ele. Seu beijo foi quente e molhado, uma mistura de tesão não saciado e paixão avassaladora.

Enfiei os dedos entre seus cabelos, agarrando sua nuca para mantê-lo imóvel. Ele fez o mesmo comigo. Nossa comunicação não precisava de palavras. Seus lábios cobriam os meus, e sua língua explorava a minha boca assim como seu pau fazia com o meu ventre.

Senti uma certa tensão em seu beijo e em seu toque, e percebi que ele também estava preocupado com o que aconteceria naquele dia. Arqueei as costas, empurrando meu corpo em sua direção, desejando que nos tornássemos inseparáveis. Ele mordeu de leve meu lábio inferior. Eu gemi e ele resmungou alguma coisa, acalmando minha dor com a língua.

“Não se mexa”, ele disse com a voz rouca, restringindo meus movimentos me segurando pela nuca. “Quero gozar sentindo você assim.”

“Por favor”, eu sussurrei. “Goza dentro de mim. Eu quero sentir.”

Estávamos completamente unidos, nos agarrando e nos puxando, seu pau duro dentro de mim, nossas mãos nos cabelos um do outro, nossos lábios e nossa língua se mexendo

freneticamente.

Gideon era meu por inteiro. Uma parte de mim, porém, ainda se surpreendia por tê-lo daquele jeito, sem roupa em cima de uma cama, em um apartamento que era só nosso. Ele estava dentro de mim, era parte do meu corpo, recebendo todo meu amor e me retribuindo com muito mais.

“Eu amo”, gemi, contraindo meu ventre e o espremendo lá dentro. “Eu te amo demais.”

“Eva. Meu Deus.” Ele estremeceu e gozou. Gideon gemeu na minha boca, em um beijo que era a mistura perfeita de amor e desejo.

Senti ele jorrando dentro de mim, me preenchendo, e eu tremi em mais um orgasmo, o prazer gentilmente pulsando em meu corpo.

As mãos dele percorriam o meu corpo sem descanso, subindo e descendo pelas minhas costas. Senti sua gratidão e seu desejo, que fui capaz de reconhecer porque eram as mesmas emoções que me dominavam naquele momento.

Encontrá-lo tinha sido um milagre — o fato de ele ser capaz de me compreender daquela maneira, e de eu conseguir me entregar a um homem tão profunda e completamente apesar de todos os meus traumas sexuais. E ser seu refúgio, assim como ele era o meu porto seguro.

Deitei meu rosto contra o seu peito e ouvi seu coração bater bem forte, sentindo seu suor se misturando com o meu.

“Eva.” Ele soltou o ar com força. “Essas respostas que você quer de mim… Você precisa me perguntar tudo o que gostaria de saber.”

Fiquei abraçada com ele por um bom tempo, esperando nossos corpos se recuperarem do orgasmo e minha sensação de pânico se acalmar. Ele ainda estava dentro de mim. Nossa proximidade era a maior possível entre dois corpos, mas não parecia suficiente para Gideon. Ele precisava de mais, em todos os sentidos. Não desistiria enquanto não tomasse posse de cada parte do meu corpo, e fizesse parte de cada aspecto da minha vida.

Eu me inclinei para trás e olhei para ele. “Eu vou estar sempre ao seu lado, Gideon. Você não precisa se pressionar tanto se ainda não estiver pronto.”

“Eu estou pronto.” Ele me olhou nos olhos, com uma expressão determinada. “E preciso que *você* esteja pronta. Porque não vai demorar muito pra eu fazer uma certa pergunta, Eva, e quero ouvir a resposta certa.”

“Ainda é cedo demais”, eu sussurrei, sentindo um nó na garganta. Eu me afastei um pouco, tentando me distanciar, mas ele me puxou de volta. “Eu não sei se consigo.”

“Mas você vai estar sempre ao meu lado”, ele relembrou minhas palavras. “E eu do seu. Por que adiar o inevitável?”

“Não é assim tão simples. Nós ainda temos muitos traumas e questões pessoais a resolver. Se não tomarmos cuidado, um de nós pode se fechar, querer se afastar…”

“Pode me perguntar o que quiser, Eva”, ele garantiu.

“Gideon…”

“Agora.”

Incomodada com sua teimosia, fiquei quieta por um momento, mas depois de pensar um pouco cheguei à conclusão de que havia, *sim*, perguntas que inevitavelmente precisavam ser feitas. “Sobre o dr. Lucas. Você sabe por que ele mentiu pra sua mãe?”

Ele cerrou os dentes, e seu rosto assumiu uma expressão de frieza. “Pra proteger o cunhado dele.”

“Quê?” Eu me inclinei para trás, com a cabeça girando a mil. “O irmão de Anne? A mulher com quem você dormia?”

“Com quem eu trepava”, ele corrigiu asperamente. “Todo mundo na família dela trabalha no ramo da saúde mental. Todos aqueles loucos. Ela é terapeuta. Isso não apareceu nas suas pesquisas no Google?”

Eu fiz que sim com a cabeça, ainda atordoada, incomodada pela forma como ele havia dito as palavras *saúde mental*, com um certo tom de desprezo. Será que era por isso que ele não tinha procurado ajuda antes? Fiquei imaginando o esforço que devia ser para ele conversar com o dr. Petersen se era esse o conceito que tinha daquela profissão.

“Na época eu não sabia”, ele continuou. “Não consegui entender por que Lucas mentiu. Ele é um pediatra, porra. Deveria se preocupar com o bem-estar das crianças.”

“Mais que isso. Ele deveria ter um pingo de humanidade!” A raiva tomou conta de mim, um desejo enlouquecedor de encontrar Lucas e me vingar de tudo. “Não acredito que ele teve a coragem de olhar pra minha cara e dizer todos aqueles absurdos.”

Culpando Gideon por tudo… tentando nos afastar…

“Só quando conheci você comecei a entender melhor”, ele continuou, apertando minha cintura com as mãos. “Ele é apaixonado por Anne. Talvez tanto quanto eu sou por você. O suficiente pra perdoar a traição e proteger o cunhado pra ela não ter que encarar a verdade. Ou o vexame.”

“Ele não devia nem ter permissão pra ser médico.”

“Isso é verdade.”

“E você ainda aluga um consultório pra ele em um dos seus prédios?”

“Eu comprei aquele prédio justamente porque o consultório dele ficava lá. Assim posso ficar de olho nele, saber se a sua reputação continua em alta… ou não.”

A maneira como ele disse aquilo me levou a pensar se Gideon não estaria por trás das dificuldades financeiras enfrentadas por Lucas nos últimos tempos. Lembrei que, quando Cary estava no hospital, Gideon conseguiu que ele tivesse certas regalias porque era um doador generoso. Qual seria o limite de sua influência?

Se havia alguma maneira de dificultar a vida de Lucas, Gideon certamente saberia, e se aproveitaria disso.

“E o tal cunhado?”, eu perguntei. “Por onde anda?”

Gideon ergueu o queixo e estreitou os olhos. “Os crimes cometidos contra mim já prescreveram, mas eu fui atrás dele e falei que, se continuasse na profissão ou voltasse a pôr as mãos em uma criança novamente, eu usaria todo o meu dinheiro pra abrir um processo cível e criminal contra ele em nome das vítimas. Logo depois disso, ele se matou.”

Ele falou a última parte sem demonstrar qualquer emoção, o que fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Eu estremeci ao sentir um súbito frio na barriga.

Gideon passou as mãos pelos meus braços, para tentar me aquecer, mas não me puxou para junto de si. “Hugh era casado. Tinha um filho pequeno, um menino.”

“Gideon.” Eu o abracei com força, pois entendia o que aquilo significava para ele. O pai de Gideon também tinha se suicidado. “O que Hugh fez ou deixou de fazer não é culpa sua. Você não pode ser responsabilizado pelas atitudes dele.”

“Ah, não?”, ele perguntou com um tom de frieza.

“Não mesmo.” Eu o apertei com a maior força que podia, tentando amolecer seu corpo tenso e rígido com todo o meu amor. “E o menino… A morte do pai pode ter impedido que ele passasse pelo mesmo sofrimento por que você passou. Já parou pra pensar nisso?”

Ele respirou fundo. “Já pensei, sim. Mas ele mal conheceu o pai. Só sabe que ele morreu, tirou a própria vida, deixou o filho pra trás. Deve achar que não era importante o suficiente pra fazer seu pai continuar vivendo.”

“Amor.” Eu puxei sua cabeça para junto de mim. Não sabia o que dizer. Eu não tinha como justificar os atos de Geoffrey Cross, e sabia que Gideon estava pensando nele, e em sua própria infância. “Você não fez nada de errado.”

“Preciso de você comigo, Eva”, ele murmurou, enfim retribuindo meu abraço. “E você está resistindo. Isso está me enlouquecendo.”

Comecei a balançar o corpo lentamente, embalando seu sofrimento. “Só estou sendo cautelosa, porque você é importante demais pra mim.”

“Eu sei que não é justo pedir pra você ficar comigo”, ele falou, colocando a cabeça pra trás, “sendo que nem dormir juntos nós podemos, mas ninguém vai ser capaz de amar você como eu. Vou cuidar de você e da sua felicidade. Disso eu sei que sou capaz.”

“Claro que é.” Eu afastei os cabelos de sua testa e senti vontade de chorar ao ver o sofrimento estampado no rosto dele. “E quero que acredite que vou ficar do seu lado.”

“Você está com medo.”

“Não de você.” Eu suspirei, tentando escolher as palavras para expressar o que sentia de uma maneira que fizesse sentido. “Eu não posso… A minha vida não pode ser só uma simples extensão da sua.”

“Eva.” Sua expressão se atenuou. “Eu não posso mudar quem eu sou, e não quero mudar quem você é. Quero que cada um continue sendo o que é… só que juntos.”

Eu o beijei. Não sabia mais o que falar. Eu também queria compartilhar minha vida com ele, tudo o que houvesse de bom e de ruim, mas não acreditava que estivéssemos prontos para isso.

“Gideon.” Eu o beijei mais uma vez, sentindo demoradamente seus lábios. “Você e eu mal conseguimos lidar com nossos próprios problemas. Estamos progredindo, mas ainda falta muito. E não estou falando só dos pesadelos.”

“Então me diz qual é o problema.”

“Sei lá… Tudo. Não estou mais me sentindo à vontade com a ideia de Stanton pagar meu aluguel agora que Nathan não representa mais uma ameaça. Principalmente depois de os meus pais terem transado…”

Ele levantou as sobrancelhas. “Como é?”

“Pois é”, eu confirmei. “Puta coisa chata.”

“Vamos morar juntos”, ele falou, acariciando as minhas costas para me consolar.

“Ah, sim… E a minha vontade de viver de acordo com os meus próprios meios, sem ter que depender de ninguém?”

“Puta que pariu.” Ele soltou um rugido de frustração. “Se a gente rachasse o aluguel você se sentiria melhor?”

“Ha! Eu não tenho dinheiro pra viver numa cobertura como a sua, nem se precisar pagar só um terço do aluguel. E Cary muito menos.”

“Então a gente pode mudar pra cá, se você quiser, ou morar no seu apartamento, pagando aluguel pro Stanton. Pra mim não importa o lugar, Eva.”

Eu olhei bem para ele, tentada a aceitar a oferta, mas com medo de dar um passo maior que a perna e acabar magoando nós dois.

“Você veio me ver assim que acordou”, ele argumentou. “Também não gosta de ficar longe de mim. Pra que ficar se torturando? Viver sob o mesmo teto não vai piorar nossos problemas.”

“Eu não quero estragar o que existe entre a gente”, eu falei, acariciando seu peito com os dedos. “Eu *preciso* que a gente dê certo, Gideon.”

Ele pegou minha mão e a posicionou sobre o coração. “Eu também preciso, meu anjo. E também preciso de manhãs como as de hoje, e de noites como as de ontem.”

“Não podemos nem contar pra ninguém que estamos juntos. Como podemos aparecer morando juntos, assim do nada?”

“Vamos começar a mudar isso hoje mesmo. Você vai com Cary ao lançamento do clipe. Eu posso ir até vocês junto com Ireland, pra dar um oi…”

“Ela me ligou”, interrompi, “e me pediu pra falar com você. Ela quer que a gente volte a namorar.”

“Menina esperta.” Ele sorriu, e eu fiquei animada ao ver que ele estava começando a se abrir para ela. “Então podemos chegar perto um do outro, começar a conversar, eu posso ir cumprimentar Cary. A atração entre nós vai ficar na cara. Amanhã eu convido você pra almoçar. O Bryant Park Grill é o lugar ideal pra isso. Pra mostrar pra todo mundo.”

Tudo parecia simples e maravilhoso, mas… “Isso é seguro?”

“A pulseira de Nathan foi encontrada no braço de um mafioso. Isso é mais do que suficiente pra me absolver de qualquer culpa. Não precisamos de mais nada.”

Nós nos olhamos com um sentido renovado de esperança em um futuro que poucas horas antes parecia muito mais nebuloso.

Ele acariciou o meu rosto. “Você fez uma reserva no Tableau One pra hoje à noite.”

Eu confirmei com a cabeça. “Ah, é. Precisei usar seu nome pra conseguir uma mesa. Brett me chamou pra jantar, e eu queria que fosse num lugar em que você pudesse se sentir seguro.”

“Ireland e eu temos reserva pra esse mesmo horário. Podemos jantar todos juntos.”

Eu me remexi inquietamente, um tanto apreensiva, e senti Gideon se endurecer dentro de mim. “Hã…”

“Não se preocupa”, ele murmurou, com os pensamentos claramente já voltados para algo bem mais interessante. “Vai ser divertido.”

“Até parece.”

Com um braço em torno do meu quadril e outro no meu ombro, Gideon me virou e me posicionou sob seu corpo. “Confia em mim.”

Eu até queria responder, mas ele começou a me beijar e a me foder enlouquecidamente.

Tomei banho e me troquei no apartamento de Gideon, depois fui correndo até o meu para pegar minha bolsa e minha sacola antes que alguém me visse. Ele tinha feito um estoque de cosméticos e produtos de toalete em seu apartamento, e comprado roupas e lingeries suficientes para que eu nunca mais precisasse recorrer ao meu closet.

Era um exagero, mas ele era assim mesmo.

Eu estava enxaguando a caneca em que tomei um café apressado quando Trey apareceu na cozinha.

Ele abriu um sorriso envergonhado. Vestido com uma das calças de moletom de Cary e a mesma camiseta da noite anterior, parecia estar se sentindo em casa. “Bom dia.”

“Pra você também.” Pus a caneca na lava-louças e me virei para ele. “Fiquei feliz por você ter ido jantar com a gente ontem.”

“Eu também. Foi divertido.”

“Quer café?”, eu ofereci.

“Por favor. Preciso me trocar pra ir trabalhar, mas estou morrendo de sono.”

“Eu sei bem como é isso”, confessei ao servir o café para ele.

Ele pegou a caneca e a ergueu em sinal de agradecimento. “Posso perguntar uma coisa pra você?”

“Claro.”

“Você gosta da Tatiana também? Não é estranho ter a cada hora um dos dois na sua casa?”

Eu encolhi os ombros. “Eu nem conheço direito a Tatiana, na verdade. Não é a mesma coisa de quando vocês dois estão juntos.”

“Ah.”

Tomei o caminho da porta e apertei seu ombro quando passei por ele. “Um bom dia pra você.”

“Pra você também.”

No táxi, a caminho do trabalho, verifiquei as mensagens no celular. Quase me arrependi de não ter ido a pé, já que o motorista fazia questão de manter as janelas fechadas e pelo jeito não era adepto do uso de desodorante. A única vantagem era que eu chegaria mais depressa do que se fosse caminhando.

Havia uma mensagem de texto de Brett, enviada às seis da manhã: Cheguei. Mal posso esperar pra ver vc!

Mandei em resposta uma carinha sorridente.

Megumi parecia bem quando a encontrei ao chegar, o que me deixou feliz, mas Will estava desolado. Enquanto eu guardava minha bolsa na gaveta, ele parou no meu cubículo e apoiou os braços por cima da divisória.

“O que foi?”, eu perguntei, olhando para cima, sentada na cadeira.

“Preciso de carboidratos.”

Eu dei risada, sacudindo a cabeça. “Acho lindo você estar sofrendo tanto por causa da dieta da sua namorada.”

“Pois é, eu não devia estar reclamando”, ele falou. “Ela perdeu quase três quilos — não que precisasse, na minha opinião —, ela está linda e cheia de energia. Mas, minha nossa… Eu estou um caco. O meu corpo não funciona assim.”

“Isso é um convite pro almoço?”

“Sim, por favor.” Ele juntou as mãos como se estivesse rezando. “Você é uma das poucas mulheres que eu conheço que gosta de comer.”

“E a minha bunda grande não nega isso”, eu falei, um tanto amarga. “Mas claro que sim. Vamos nessa.”

“Você é o máximo, Eva.” Quando se virou para ir embora, ele esbarrou em Mark. “Opa. Desculpa.”

Mark sorriu. “Não foi nada.”

Will voltou para seu cubículo e Mark voltou seu sorriso para mim.

“O pessoal da Drysdel vai estar aqui às nove e meia”, eu lembrei.

“Certo. E eu tive uma ideia que gostaria de discutir antes que eles cheguem.”

Peguei meu tablet e me levantei, pensando no quanto seria arriscado propor uma mudança de planos de última hora. “Você gosta mesmo de viver perigosamente, chefe.”

“É a única maneira que eu sei viver. Vamos lá.”

O dia passou voando, sem um minuto de descanso sequer, e eu dei conta de tudo, estava me sentindo energizada. Apesar de ter acordado cedo e ter comido um belo prato de *pierogi* na hora do almoço, não senti nem um pouco de sono.

Terminei tudo exatamente às cinco horas e fui até o banheiro me trocar, dispensando o conjuntinho formal de saia e blusa e colocando um vestidinho de brim azul-claro, bem mais casual. Calcei um par de sandálias de salto plataforma, troquei os brinquinhos discretos por um par de argolas de prata e transformei o rabo de cavalo num coque feito às pressas antes de ir para o saguão.

Enquanto caminhava na direção da porta giratória, vi Cary parado na calçada, conversando com Brett. Eu diminuí o passo, pois precisava de um tempinho para me acostumar com a visão do cara por quem fui apaixonada durante tanto tempo.

Brett mantinha a coloração natural de seus cabelos curtos e espetados, um tom de loiro-escuro, mas as pontas eram descoloridas, o que combinava bem com sua pele morena e seus olhos verdes. No palco ele geralmente ficava sem camisa, mas para a ocasião do lançamento vestia calça cargo preta e uma camiseta vermelha, exibindo apenas em parte seus braços musculosos e cobertos de tatuagens.

Ele virou a cabeça, olhando lá para dentro, e comecei a andar de novo, sentindo um frio na barriga quando ele me olhou e seu lindo rosto se abriu em um sorriso, revelando covinhas charmosíssimas.

Meu Deus, ele era muito gato.

Com medo de que meus olhos revelassem mais do que deviam, pus os óculos escuros. Respirei fundo antes de passar pela porta giratória, desviando o olhar para o Bentley preto parado atrás da limusine alugada por Brett.

Ele assobiou. “Porra, Eva. Você está ainda mais maravilhosa do que na última vez que a gente se viu.”

Abri um sorriso nervoso para Cary, sentindo meu pulso se acelerar. “Oi.”

“Você está linda, gata”, ele falou e segurou a minha mão.

Com o canto do olho, vi quando Angus saiu do Bentley. Distraída por um instante, nem percebi que Brett estava vindo na minha direção. Uma fração de segundo depois, percebi

que suas mãos estavam na minha cintura, e que ele ia me beijar. Mal consegui virar a cabeça a tempo. Seus lábios tocaram o canto da minha boca, produzindo uma sensação bem familiar. Eu cambaleei para trás e esbarrei em Cary, que me pegou pelos ombros.

Desorientada e vermelha de vergonha, desviei os olhos para não ter que encarar Brett.

E me vi diante dos olhos azuis e implacáveis de Gideon.

16

Parado diante da porta giratória do Crossfire, Gideon me olhava com tamanha intensidade que eu estremeci toda.

Desculpa, eu falei silenciosamente para ele, sabendo como eu me sentiria caso Corinne tivesse conseguido beijá-lo dias antes no saguão.

“Oi”, Brett falou, concentrado demais em mim para prestar atenção no homem parado com os pulsos e os dentes cerrados atrás dele.

“Olá.” Eu podia sentir o olhar de Gideon sobre mim, e tive que segurar a vontade de ir embora com ele. “Vamos lá?”

Sem esperar pela resposta dos dois, abri a porta da limusine e entrei. Assim que encostei a bunda no assento, saquei o celular clandestino da bolsa e mandei uma mensagem para Gideon: *Eu te amo*.

Brett se acomodou ao meu lado, e Cary entrou em seguida.

“Eu ando te vendo estampado por toda parte, cara”, disse Brett para Cary.

“Pois é.” Cary abriu um meio-sorriso para mim. Ele estava lindo com seu jeans rasgado e sua camiseta de grife, com braceletes nos pulsos que combinavam com as botas de couro.

“O restante da banda também veio?”, eu perguntei.

“Sim, está todo mundo aqui.” Brett abriu seu sorriso encantador para mim mais uma vez. “Darrin capotou assim que chegamos no hotel.”

“Não sei como ele consegue ficar tantas horas tocando bateria. Eu me canso só de olhar.”

“Quando estar no palco é o que a pessoa mais gosta de fazer na vida, arrumar energia pra tocar nunca é problema.”

“E Erik, como vai?”, Cary perguntou com um interesse deliberado, o que me fez desconfiar — mais uma vez — que ele e o baixista da banda já haviam tido alguma coisa. Até onde eu sabia, Erik era hétero, mas alguns sinais aqui e ali sugeriam que ele pode ter tido algumas experiências com meu melhor amigo.

“Erik teve que ir resolver uns problemas que surgiram na turnê”, respondeu Brett. “E

Lance foi se encontrar com uma garota que conheceu na última vez em que tocamos em Nova York. Mas vai estar todo mundo no lançamento."

"Essa vida de astros do rock…", eu provoquei.

Brett encolheu os ombros e sorriu.

Olhei para o outro lado, arrependida da decisão de ter convidado Cary. Por causa da presença dele, eu não podia dizer para Brett tudo o que queria — que estava apaixonada por outro e não havia futuro para nós.

Um relacionamento com Brett seria bem diferente do que o que eu tinha com Gideon. Eu ficaria muito tempo sozinha enquanto ele estivesse viajando com a banda. Poderia fazer um monte de coisas que gostaria de fazer antes de casar — morar sozinha e me bancar sem qualquer ajuda, e ter mais tempo para mim e para os amigos. Era meio que o melhor de dois mundos: ter um namorado e ainda poder preservar minha individualidade.

Mas, apesar de estar apreensiva em relação a assumir um compromisso sério logo depois de sair da faculdade, eu não tinha dúvida de que Gideon era o homem com quem queria estar. A única coisa que não estava batendo era o *timing* — eu achava que não tínhamos motivos para tanta pressa, e ele não via motivo para esperar.

"Chegamos", disse Brett, olhando para a multidão pela janela.

Apesar do calor intenso, a Times Square estava lotada como sempre. A escadaria vermelha na Duffy Square estava tomada de gente tirando fotos, e o fluxo de pedestres nas calçadas era incessante. Os policiais vigiavam as esquinas, sempre de olho aberto. Os artistas de rua convidavam o público a assistir a suas performances, e o cheiro que emanava dos carrinhos de comida competia com o odor não tão agradável da própria rua.

Painéis eletrônicos gigantescos acoplados nas laterais dos edifícios brigavam pela atenção dos passantes, inclusive com uma imagem de Cary com uma modelo o abraçando por trás. Cinegrafistas e operadores de microfone se aglomeravam em torno de um telão montado sobre um palco diante de uma arquibancada provisória.

Brett foi o primeiro a descer da limusine, saudado pelos gritos exaltados do público — composto em sua maioria de mulheres. Ele abriu seu sorriso irresistível, acenou e estendeu a mão para me ajudar a descer. Minha recepção foi bem menos calorosa, principalmente depois de Brett me abraçar pela cintura. Cary, por sua vez, causou burburinho. Quando tirou os óculos escuros, provocou uma nova onda de gritinhos e assobios.

Fiquei um tanto perdida no meio daquela balbúrdia, mas logo recuperei o foco quando vi Christopher Vidal Jr. conversando com o apresentador de um programa de fofocas. O irmão de Gideon estava vestido mais formalmente, de camisa, gravata e calça azul-

marinho. O brilho de seus cabelos castanhos chamava a atenção mesmo imerso nas sombras dos edifícios ao redor. Ele acenou para mim quando me viu, atraindo também a atenção da moça da TV. Eu retribuí o cumprimento de longe.

O restante da banda estava na frente das arquibancadas, claramente satisfeito com a presença de tantos fãs. Eu olhei para Brett. “Vai lá fazer o seu trabalho.”

“Sério?” Ele ficou me olhando, querendo saber se de fato eu não me incomodava em ser deixada ali sozinha.

“Sério.” Eu fiz um sinal para que ele fosse até lá. “Este momento é seu. Aproveita. Quando o evento começar, eu vou estar aqui.”

“Beleza. A gente se vê daqui a pouco.”

Ele se afastou. Cary e eu entramos em uma tenda com o logotipo da Vidal Records. Protegida da multidão por seguranças particulares, era como um oásis no meio da loucura da Times Square.

“Agora entendi por que você me convidou, gata. Eu tinha esquecido de como a coisa era quente entre vocês dois.”

“*Era* é a palavra certa”, eu assinalei.

“Ele está diferente”, Cary continuou. “Mais… seguro.”

“Que ótimo pra ele. Principalmente agora, que a vida dele anda tão agitada.”

Ele me encarou. “Vai dizer que não está curiosa pra saber se ele ainda é capaz de deixar você maluquinha na cama?”

Eu o encarei de volta. “Química é química, isso não muda. E aposto que ele teve oportunidades de sobra pra afinar seu desempenho sexual, que já era incrível naquela época.”

“Afinar, ha! Cuidado com os trocadilhos.” Ele franziu a testa para mim. “Mas você parece estar aguentando firme.”

“Ah, quem me dera.”

“Ora, ora, olha só quem está aqui”, ele murmurou, chamando minha atenção para Gideon, que chegava ao lado de Ireland. “E está vindo pra cá. Se rolar outra briga por sua causa, eu vou ver lá da arquibancada.”

Dei um empurrão de leve nele. “Valeu, hein?”

Eu sempre me surpreendia ao ver que Gideon permanecia absolutamente à vontade de terno e gravata mesmo em dias de tanto calor. Ireland estava linda, com uma saia longa e

justa e uma blusinha que deixava a barriga de fora.

“Eva!”, ela gritou e saiu correndo deixando o irmão para trás. Ela me cumprimentou com um abraço, depois se afastou para me ver melhor. “Que arraso! Ele vai ficar babando em você.”

Eu olhei para Gideon, procurando em seu rosto algum sinal de que pudesse estar irritado por causa de Brett. Ireland cumprimentou Cary também com um abraço, o que o pegou de surpresa. Enquanto isso, Gideon veio até mim, me segurou pelos braços e deu um beijo de cada lado do meu rosto.

“Olá, Eva”, ele falou com uma voz rouca que fez os dedos do meu pé se curvarem. “Que bom ver você.”

Eu pisquei os olhos, estupefata, sem esconder meu deslumbramento. “Hã, oi, Gideon.”

“Ela não está linda?”, Ireland entrou na conversa sem a menor sutileza.

Gideon se virou para a irmã. “Como sempre. Eu queria roubar um minutinho do seu tempo, Eva.”

“Claro.” Lancei um olhar de perplexidade para Cary e deixei que Gideon me conduzisse até um canto da tenda. Logo depois que nos afastamos, já comecei a falar: “Você está bravo? Por favor, me diz que não”.

“Claro que estou”, ele disse sem se alterar. “Mas não com vocês dois.”

“Ah, tá.” Na verdade, não entendi o que ele quis dizer.

Gideon parou, virou para mim e passou a mão pelo cabelo. “Essa situação é insuportável. Quando existia um motivo pra isso era até tolerável, mas agora…” Seu olhar era de pura determinação. “Você é minha. E o mundo precisa saber disso.”

“Eu já disse pro Brett que sou apaixonada por você. E pro Cary também. Pro meu pai. Pra Megumi. Nunca menti pra ninguém sobre como me sinto.”

“Eva!” Christopher nos interrompeu e me deu um beijo no rosto. “Que bom que Brett trouxe você. Eu não fazia a menor ideia de que vocês eram namorados.”

Eu consegui abrir um sorriso, apesar da minha preocupação com a reação de Gideon. “Isso foi há muito tempo.”

“Nem tanto tempo assim.” Ele sorriu. “Afinal de contas, você está aqui, não?”

“Christopher”, Gideon falou, como um cumprimento.

“Gideon.” Christopher manteve o sorriso aberto, mas a expressão em seu rosto não era mais tão calorosa. “Você não precisava ter vindo. Está tudo sob controle.”

Apesar de serem irmãos por parte de mãe, os dois tinham pouquíssimas características físicas em comum. Gideon era mais alto, mais forte e bem mais sério. Christopher era um homem bonito, com um sorriso muito sexy, mas não tinha nem metade do magnetismo pungente de Gideon.

“Estou aqui por causa da Eva”, Gideon disse sem se alterar, “não por causa do evento.”

“Sério?” Christopher se virou para mim. “Pensei que você e Brett estivessem se entendendo.”

“Eu e Brett somos só amigos”, respondi.

“A vida pessoal dela não é da sua conta”, interveio Gideon.

“E nem da sua, até onde eu sei.” Christopher o encarou com uma hostilidade que me deixou até com medo. “O fato de ‘Golden’ ser baseada em uma história real e de Eva estar aqui com Brett é um marketing muito positivo tanto pra gravadora como pra banda.”

“A música é sobre o fim dessa história.”

Christopher franziu a testa, enfiou a mão no bolso e sacou o celular. Ele olhou para a tela e depois para o irmão, fazendo cara feia. “E vê se liga pra Corinne. Ela está maluca atrás de você.”

“Eu conversei com ela faz uma hora”, garantiu Gideon.

“Então vê se para de ficar dando esperança pra ela”, repreendeu Christopher. “Se não quer mais nada, não devia ter ido até a casa dela ontem à noite.”

Eu fiquei tensa, e senti meu pulso acelerar. Olhei para Gideon e notei que seu maxilar estava cerrado. Eu me lembrei do quanto tinha esperado por uma resposta na noite anterior. Ele estava no meu apartamento quando cheguei, mas não explicou por que não me mandou uma resposta. E com certeza não disse nada sobre uma visita ao apartamento de Corinne.

E ele não tinha dito que não estava nem atendendo aos telefonemas dela?

Dei um passo atrás, sentindo um nó no estômago. Meu dia não estava sendo nada fácil, e aquele enfrentamento entre Gideon e Christopher só fez as coisas piorarem. “Com licença.”

“Eva”, Gideon tentou me deter.

“Foi bom rever vocês dois”, eu murmurei sem sair do meu papel, virei as costas e fui caminhando na direção de Cary.

Gideon me alcançou poucos passos depois, me segurou pelo cotovelo e murmurou no

meu ouvido. “Ela estava me ligando toda hora. Eu precisava dar um jeito nisso.”

“Você deveria ter me contado.”

“A gente tinha coisas mais importantes pra conversar.”

Brett olhou para nós. Estava distante demais para que eu pudesse ver a expressão em seu rosto, mas sua linguagem corporal expressava uma boa dose de tensão. Apesar de estar cercado por uma multidão que se acotovelava para chegar até ele, só parecia ter olhos para mim.

Droga. Ele havia me visto com Gideon, e isso estava arruinando uma experiência que tinha tudo para ser o ponto alto de sua carreira. Conforme eu temia, estava dando tudo errado.

“Gideon”, Christopher falou atrás de nós com um tom bem sério. “A nossa conversa ainda não terminou.”

“Se manda, Christopher.” Gideon encarou o irmão com tanta hostilidade que eu até estremeci, apesar do calor. “Se não quiser que isto aqui vire um escândalo e o evento vá por água abaixo.”

Christopher parecia disposto a insistir na discussão, mas percebeu a tempo que seu irmão estava falando sério. Ele soltou um palavrão baixinho e, quando se virou, deu de cara com Ireland.

“Quer deixar os dois em paz?”, ela falou, com as mãos na cintura. “Eles precisam conversar pra se entender.”

“Você não tem nada a ver com isso.”

“Até parece.” Ela franziu a testa para ele. “Vem me mostrar onde vai ser o lançamento.”

Ele parou e estreitou os olhos, antes de soltar um suspiro e sair de braço dado com Ireland. Percebi que a relação entre eles era bem próxima, o que me deixou triste, porque Gideon não tinha a menor intimidade com nenhum dos dois.

Gideon atraiu minha atenção de volta para si tocando no meu rosto, uma carícia que transmitia muito amor… e possessividade. Qualquer um que visse aquele gesto seria capaz de entender seu significado. “Me diz que você sabe que não aconteceu nada entre mim e Corinne.”

Eu suspirei. “Eu sei que você não quer nada com ela.”

“Ótimo. Ela está perdendo a cabeça. Nunca vi alguém tão… Merda. Sei lá. Carente. Irracional.”

“Desesperada?”

“Talvez. Pois é.” A expressão em seu rosto se atenuou. “Ela não ficou assim quando terminou nosso noivado.”

Eu me senti mal pelos dois. Rompimentos traumáticos não eram uma coisa fácil para ninguém. “Da outra vez foi ela que quis terminar tudo. Agora é você. É sempre mais difícil ser a pessoa abandonada.”

“Estou tentando dar um jeito nisso, mas você precisa me prometer que ela não vai conseguir arruinar as coisas entre nós.”

“Isso eu não vou deixar acontecer. E você, nada de se preocupar com Brett.”

Ele pensou por um instante antes de responder: “Me preocupar eu vou, mas pode deixar que consigo me controlar”.

Eu sabia que aquilo não era nada fácil para ele.

Gideon estreitou os lábios. “Preciso falar com Christopher. Estamos conversados?”

Fiz que sim com a cabeça e respondi: “Por mim, estamos. E por você?”.

“Desde que Kline mantenha distância da sua boca.” O tom de ameaça em sua voz era nítido.

“O mesmo vale pra você.”

“Se ele me beijar, vai levar porrada.”

Eu dei risada. “Você sabe o que eu quis dizer.”

Ele pegou minha mão e mexeu no meu anel com os dedos. “Crossfire.”

Senti meu coração se apertar dentro do peito, mas de uma forma agradável. “Eu também te amo, garotão.”

Brett se desvencilhou das fãs e voltou para a tenda, com uma expressão bem séria no rosto.

“Não está se divertindo?”, eu perguntei, na esperança de manter uma atmosfera positiva.

“Ele quer você de volta”, Brett falou, desanimado.

Eu não hesitei em responder. “Sim.”

“Se ele vai ter uma segunda chance, eu também mereço uma.”

“Brett…”

“Sei que não vai ser fácil, que eu estou no meio de uma turnê…”

“E mora em San Diego”, eu completei.

“… mas posso vir sempre pra cá, e você também pode ir me encontrar, conhecer lugares novos. Além disso, a turnê termina em novembro. Eu posso passar o fim do ano aqui.” Ele me encarou com seus olhos verdes, e a atração que existia entre nós se tornou palpável. “O seu pai ainda mora na Califórnia, mais um motivo pra você ir até lá com frequência.”

“Só você já seria um bom motivo. Mas, Brett… Não sei mais o que dizer. Eu sou apaixonada por ele.”

Ele cruzou os braços, revelando toda a sua beleza de menino rebelde. “Isso não importa. O seu lugar não é com ele, Eva, é comigo.”

Olhei bem para ele, e cheguei à conclusão de que somente o tempo seria capaz de convencê-lo.

Brett chegou mais perto e passou uma das mãos pelo meu braço, com o corpo inclinado na direção do meu. Eu me lembrei de outras vezes em que estivemos nessa mesma posição, momentos antes de ele me prensar contra uma superfície plana e me foder com força.

“Só uma vez pra mim já basta”, ele murmurou na minha orelha com uma voz que era um convite ao pecado. “Quando você me sentir dentro do seu corpo, vai se lembrar de como as coisas funcionavam entre nós.”

Eu engoli em seco. “Isso não vai rolar, Brett.”

Ele abriu um sorriso, revelando suas covinhas tentadoras. “Isso é o que nós vamos ver.”

“Não estou conseguindo acreditar que eles são ainda mais gatos pessoalmente”, comentou Ireland, olhando para os membros da banda enquanto davam uma entrevista para a TV. “O mesmo vale pra você, Cary.”

Ele sorriu, mostrando seus dentes impecavelmente brancos. “Ora, obrigado, querida.”

“Então…” Ela me olhou com seus olhos azuis como os de Gideon. “Você namorava o Brett Kline.”

“Não exatamente. Na verdade, a gente só saía de vez em quando.”

“Você era apaixonada por ele?”

Tive que pensar um pouco antes de responder. “Eu achava que era, mas as coisas não eram bem assim. Acho que me apaixonaria por ele se as circunstâncias fossem outras. Ele é um cara legal.”

Ela sorriu.

“E você?”, eu perguntei. “Está namorando?”

“Estou.” Ela abriu um sorrisinho malicioso. “Eu gosto muito dele, mas é uma situação meio esquisita, porque os pais dele não podem saber.”

“Por que não?”

“Os avós dele perderam tudo o que tinham naquele esquema do pai do Gideon.”

Olhei para Cary, que ergueu as sobrancelhas por trás dos óculos escuros.

“Isso não é culpa sua”, eu falei, irritada com a injustiça cometida contra ela.

“Os pais do Rick acham ‘coincidência demais’ que Gideon seja tão rico hoje”, ela murmurou.

“*Coincidência*? O que eles querem dizer com isso?”

“Meu anjo.”

Eu me virei na direção da voz de Gideon, que me pegou de surpresa. “Que foi?”

Ele se limitou a me olhar. Eu estava tão irritada que demorei para perceber o sorriso em seu rosto.

“Nem tente me interromper”, falei, estreitando os olhos. Eu me virei de novo para Ireland. “Mande os pais do Rick darem uma olhada no site da Fundação Crossfire.”

“Já chega de ficar tomando as minhas dores”, Gideon falou, chegando tão perto que seu corpo se encostou no meu, “o lançamento vai começar em cinco minutos.”

Procurei por Brett, que havia voltado para o meio da multidão, e estava acenando para mim.

Eu olhei para Cary.

“Vai lá”, ele falou, apontando com o queixo. “Eu fico aqui com Ireland e Cross.”

Fui caminhando até a banda, e sorri quando vi como estavam empolgados. “É um grande momento pra vocês, né?”

“Ah, sim.” Darrin abriu um sorriso. “Na verdade esse circo todo foi armado pra gente aparecer nesse programa de TV com transmissão simultânea pela internet. Só assim pra Vidal conseguir uma exposição legal pra gente. Tomara que dê resultado porque, puta que pariu, está quente pra caralho aqui.”

O apresentador anunciou a estreia do clipe com exclusividade, e no telão o logotipo de seu programa deu lugar ao início do clipe e aos primeiros acordes da música.

A tela preta de repente se iluminou, mostrando Brett sentado em um banquinho sob um holofote, assim como na apresentação ao vivo. Ele começou a cantar com sua voz grave e rouca. Absurdamente sexy. O efeito da sua música sobre mim foi poderoso e imediato, como sempre.

A câmera foi aos poucos se afastando de Brett, revelando uma pista na frente do palco onde uma multidão dançava. As pessoas eram todas retratadas em branco e preto, menos uma jovem loira, que se destacava em cores vibrantes.

Fiquei paralisada. Ela só aparecia de costas e de perfil, mas obviamente era uma referência a mim. Tinha a minha altura, a mesma cor de cabelo e o mesmo penteado que eu usava antes da minha recente mudança de visual. Até a silhueta curvilínea era a mesma.

Acompanhei petrificada e horrorizada os três minutos seguintes do vídeo. “Golden” era uma canção abertamente erótica, e a atriz fazia todas as coisas cantadas por Brett — ficava de joelhos diante de um sósia seu, trocava beijos acalorados com ele no banheiro de um bar e cavalgava em seu colo no banco traseiro de um Mustang 67 idêntico ao dele. Para piorar, essas lembranças eram entrecortadas por imagens de Brett cantando no palco, acompanhado pelo restante da banda.

O fato de serem atores interpretando tudo aquilo amenizou um pouco meu susto, mas uma rápida olhada na direção de Gideon foi o suficiente para revelar que para ele não fazia diferença. Ele estava testemunhando um dos momentos de maior descontrole da minha vida, e de uma forma bem realista.

O clipe terminava com um close em Brett que expressava todo o seu sofrimento, com direito a uma lágrima escorrendo pelo rosto.

Eu me virei para ele.

Seu sorriso se desfez quando ele notou a cara que eu fiz.

Aquele vídeo era pessoal demais. E milhões de pessoas o veriam.

“Uau”, disse o apresentador, caminhando até a banda com o microfone na mão. “Brett, você se expôs um bocado nesse vídeo. Foi por causa dessa música que você e Eva se reaproximaram?”

“De um jeito meio torto, mas sim.”

“E, Eva, você interpretou a si mesma nesse clipe?”

Eu pisquei os olhos, confusa, ao me dar conta de que estava sendo apresentada como a Eva da canção em rede nacional. “Não, aquela não sou eu.”

“O que você acha de ‘Golden’?”

Eu passei a língua pelos lábios ressecados. “Uma música incrível, de uma banda incrível.”

“Sobre uma história de amor incrível.” O apresentador sorriu para a câmera e continuou falando, mas eu me desliguei dele e comecei a procurar desesperadamente por Gideon. Não conseguia vê-lo em lugar nenhum.

Enquanto o apresentador continuava a conversar com a banda, eu me afastei e saí em busca dele. Cary veio até mim, acompanhado de Ireland.

“Que vídeo foi esse?”, ele falou.

Eu o encarei com a infelicidade estampada no olhar antes de me virar para Ireland. “Você sabe onde está o seu irmão?”

“Christopher está por aí em algum lugar. Gideon foi embora.” Ela fez uma careta, como quem pede desculpas. “Ele pediu pro Christopher me levar pra casa.”

“Merda.” Peguei o telefone clandestino na bolsa e digitei uma mensagem às pressas. Eu te amo. Diz que ainda vai me ver hj.

Fiquei à espera de uma resposta durante um bom tempo, com o telefone na mão, desesperada para que ele vibrasse.

Brett foi até mim. “Já estou livre. Vamos nessa?”

“Claro.” Eu me virei para Ireland. “Vou viajar nos próximos dois fins de semana, mas vamos combinar alguma coisa um dia desses.”

“Pode deixar”, ela falou, e me deu um abraço.

Depois me virei para Cary e apertei sua mão com força. “Obrigada por ter vindo.”

“Está brincando? Fazia séculos que eu não me divertia tanto.” Ele e Brett trocaram um aperto de mão todo elaborado. “Bom trabalho, cara. Eu pirei nesse seu vídeo.”

“Valeu por ter vindo. A gente se fala.”

Brett apoiou a mão na base da minha coluna e fomos embora.

17

Gideon não apareceu para jantar no Tableau One.

Em certo sentido, fiquei aliviada por isso, porque não queria que Brett pensasse que eu havia planejado uma interrupção deliberada. Apesar de ter tido minhas expectativas sempre frustradas em nosso relacionamento, Brett havia sido uma pessoa muito importante para mim, e eu queria que continuássemos sendo amigos se possível.

Por outro lado, não conseguia deixar de me preocupar com os sentimentos de Gideon, de imaginar o que poderia estar se passando em sua cabeça.

Não consegui nem comer direito. Quando Arnoldo Ricci parou para nos cumprimentar, todo bonito e elegante com seu jaleco de chef, me senti até mal por ele ter visto o quanto de sua comida maravilhosa eu tinha deixado no prato.

Gideon era um sócio oculto do Tableau One e Arnoldo era amigo dele, razão pela qual eu havia escolhido aquele restaurante. Caso Gideon quisesse saber como tinha sido meu jantar com Brett, com certeza teria para quem perguntar.

Obviamente, eu gostaria que Gideon *confiasse* em mim, mas por outro lado sabia que o ciúme era um dos problemas mais sérios do nosso relacionamento, e não queria piorar as coisas.

“Que bom ver você, Eva”, disse Arnoldo com seu delicioso sotaque italiano. Ele me deu um beijo no rosto, depois puxou uma cadeira para se sentar conosco.

Arnoldo estendeu a mão para Brett. “Bem-vindo ao Tableau One.”

“Arnoldo é fã do Six-Ninths”, eu contei. “Ele foi ao show comigo e com Gideon naquele dia.”

Brett abriu um sorriso malicioso ao cumprimentá-lo. “Prazer em conhecê-lo. Você acompanhou o espetáculo até o fim?”

Ele estava claramente se referindo à sua briga com Gideon, e Arnoldo entendeu o recado. “Sim. Eva é uma pessoa muito importante para Gideon.”

“E pra mim também”, disse Brett, pegando sua caneca geladíssima de cerveja Nastro Azzurro.

“Muito bem, então.” Arnoldo sorriu. “*Che vinca il migliore*. Que vença o melhor.”

“Argh.” Eu me remexi na cadeira. “Eu não sou um troféu. Não quero ser disputada por ninguém.”

Arnoldo lançou um olhar de surpresa na minha direção. Obviamente, ele tinha um bom motivo para desconfiar da sinceridade das minhas palavras. Ele me viu beijando Brett, e o efeito que isso causou em Gideon.

“Algum problema com a sua refeição, Eva?”, ele perguntou. “Se tivesse gostado, certamente o seu prato estaria vazio.”

“Os seus pratos são bem servidos”, argumentou Brett.

“Do tamanho do apetite de Eva.”

Brett olhou para mim. “É mesmo?”

Eu encolhi os ombros. Apesar de todas as evidências, ele insistia em não admitir que nós mal nos conhecíamos. “Esse é um dos meus defeitos.”

“Não para mim”, garantiu Arnoldo. “E como foi o lançamento do clipe?”

“Pra mim foi ótimo.” Brett me encarou em busca de uma resposta.

Concordei com a cabeça, pois não queria estragar uma ocasião programada para ser a comemoração de um grande momento da banda. Àquela altura, o estrago já tinha sido feito. Eu era até capaz de compreender a motivação de Brett, mas jamais perdoaria a maneira como ele havia conduzido tudo. “Eles estão a caminho do estrelato.”

“E eu posso dizer que conhecia vocês antes da fama.” Arnoldo sorriu para Brett. “Comprei o primeiro single de vocês no iTunes quando ainda era sua única faixa gravada.”

“Nossa, agradeço o seu apoio, cara”, disse Brett. “A gente só chegou aonde chegou graças aos fãs.”

“Mas não teriam chegado lá se não fossem bons.” Arnoldo se virou para mim. “A sobremesa pelo menos você vai querer, não? E mais um pouco de vinho.”

Quando Arnoldo se recostou na cadeira, percebi que o papel de vigia de Gideon naquela noite caberia a ele. Quando olhei para Brett, o sorriso amarelo que ele abriu revelou que ele também tinha notado isso.

“Então, Eva”, começou Arnoldo, “e a Shawna, como vai?”

Soltei um suspiro silencioso. Pelo menos Arnoldo era uma pessoa bonita e agradável para fazer o papel de babá.

O motorista da limusine alugada por Brett me deixou em casa pouco depois das dez. Eu

convidei Brett para subir, porque não queria parecer mal-educada. Ele ficou impressionado com a fachada do prédio, e também com a presença do porteiro e do pessoal da recepção.

“Esse seu trabalho pelo jeito paga uma fortuna”, ele comentou enquanto caminhávamos até os elevadores.

Ouvi o som de sapatos de salto alto nos seguindo. “Eva!”

Senti um arrepio ao ouvir a voz de Deanna. “Imprensa na área”, eu murmurei antes de me virar.

“E isso é ruim?”, ele perguntou, virando-se também.

“Oi, Deanna.” Eu a cumprimentei com um sorriso amarelo.

“Olá.” Seus olhos escuros mediram Brett da cabeça aos pés, e depois ela estendeu a mão para ele. “Brett Kline, certo? Deanna Johnson.”

“Prazer em conhecer, Deanna”, ele falou, jogando todo o seu charme.

“Em que eu posso ajudar?”, perguntei enquanto eles se cumprimentavam.

“Me desculpa interromper o encontro de vocês. Só fiquei sabendo que estavam juntos de novo quando vi vocês no evento da Vidal hoje à tarde.” Ela sorriu para Brett. “Então quer dizer que sua briga com Gideon Cross não teve maiores consequências?”

Brett levantou as sobrancelhas. “Não sei do que você está falando.”

“Ouvi dizer que você e Cross saíram no tapa um dia desses.”

“Tem gente imaginando coisas por aí.”

Gideon teria falado com ele? Ou o treinamento de mídia da gravadora havia ensinado Brett a não cair nesse tipo de armadilha?

Não estava gostando nada de ter Deanna por perto, vigiando meus passos. Ou melhor, os passos de Gideon. Era nele que ela estava interessada. Eu era só o caminho mais fácil para atingi-lo.

Ela respondeu abrindo um sorriso sem graça. “A minha fonte se enganou, então.”

“Acontece”, Brett respondeu prontamente.

A atenção dela se voltou de novo para mim. “Eu vi você com Gideon hoje, Eva. Meu fotógrafo conseguiu umas imagens ótimas de vocês dois. Vim até aqui atrás de uma declaração, mas, vendo com quem você está agora, por que não me fala a respeito do seu relacionamento com Brett?”

A pergunta era direcionada a mim, mas Brett interveio, abrindo um sorriso e revelando

suas lindas covinhas. “Acho que a música ‘Golden’ já diz tudo. Nós temos um passado juntos, e ainda somos amigos.”

“É uma ótima declaração, obrigada.” Deanna me encarou. Eu a encarei de volta. “Muito bem. Não vou mais tomar o tempo de vocês. Obrigada pela atenção.”

“Disponha.” Eu peguei Brett pela mão e o puxei. “Boa noite.”

Entramos apressadamente no elevador, e só relaxei quando a porta se fechou.

“Posso saber por que tem uma jornalista interessada em saber com quem você está namorando?”

Eu olhei bem para ele. Estava encostado no corrimão, agarrando o aparato de bronze com as duas mãos ao lado dos quadris. Era uma pose inegavelmente sensual, mas naquele momento eu só conseguia pensar em Gideon. Estava ansiosa para falar com ele.

“Ela é uma ex do Gideon – cheia de rancor.”

“E isso não diz nada pra você a respeito dele?”

Eu sacudi a cabeça. “Não é o que você está pensando.”

O elevador parou no meu andar e eu o conduzi até o apartamento, aflita por ter que passar na frente da porta de Gideon para chegar lá. Ele também teria se sentido assim quando foi visitar Corinne? Consumido pela culpa e pela preocupação?

Abri a porta e, para minha infelicidade, constatei que Cary não estava sentado no sofá da sala. Ao que parecia, nem em casa ele devia estar. As luzes estavam apagadas, o que era um sinal quase certo de sua ausência. Ele costumava deixar uma luz sempre acesa, onde quer que estivesse.

Acionei o interruptor e examinei a reação de Brett quando as lâmpadas do teto rebaixado iluminaram o ambiente. Eu sempre ficava meio sem graça quando as pessoas descobriam que eu era rica.

Ele me olhou e franziu a testa. “Acho que estou começando a pensar em mudar de ramo.”

“Não é o meu salário que banca tudo isso. É o meu padrasto. Pelo menos por enquanto.” Fui até a cozinha e deixei a minha bolsa e a minha sacola em um banquinho junto ao balcão.

“Você e Cross frequentam os mesmos lugares?”

“Às vezes.”

“Então eu devo ser alguém de outro mundo pra você.”

Essa afirmação me deixou um tanto desconfortável, apesar de em parte ser verdadeira. “Eu não julgo as pessoas pelo dinheiro, Brett. Quer beber alguma coisa?”

“Não, estou bem.”

Apontei para o sofá, e nós fomos sentar.

“Quer dizer que você não gostou do vídeo?”, ele falou, esticando o braço sobre o encosto do sofá.

“Eu não disse isso!”

“Não precisou nem dizer. Deu pra ver na sua cara.”

“É que eu achei… pessoal demais.”

Seus olhos verdes se acenderam de tal maneira que fiquei toda vermelha. “Eu me lembro de todos os detalhes com você, Eva. O clipe é uma prova disso.”

“Mas isso é porque na verdade não tem muito do que se lembrar”, eu argumentei.

“Aposto que sei de coisas sobre você que Cross não sabe nem nunca vai saber.”

“O contrário também é verdadeiro.”

“Pode até ser”, ele admitiu, batucando com os dedos no estofado. “O meu voo está marcado pra amanhã bem cedo, mas eu posso ir mais tarde. Vem comigo. Nós vamos tocar em Seattle e San Francisco no fim de semana. Você pode voltar no domingo à noite.”

“Não posso. Já tenho outros planos.”

“No outro fim de semana vamos tocar em San Diego. Aparece por lá.” Ele passou os dedos pelo meu braço. “Vai ser como nos velhos tempos, só que com umas vinte mil pessoas a mais.”

Eu pisquei os olhos, atordoada. Era muita coincidência estarmos em San Diego no mesmo fim de semana. “É justamente quando eu marquei de ir pra Califórnia. Só Cary e eu.”

“Então temos um encontro marcado.”

“Como amigos”, eu fiz questão de dizer, e levantei quando vi que ele estava fazendo o mesmo. “Você já vai?”

Ele chegou mais perto. “Está me pedindo pra ficar?”

“Brett…”

“Certo.” Ele abriu um sorriso malicioso que fez meu coração se acelerar. “A gente se vê lá, então.”

Eu o acompanhei até a porta.

“Obrigada pelo convite pro lançamento”, eu falei, me sentindo estranhamente triste por ele estar indo embora tão cedo.

“Pena que você não gostou do clipe.”

“Gostei, sim”, eu garanti, e segurei a mão dele. “Vocês fizeram um ótimo trabalho. Só achei estranho ver a minha vida assim de fora, sabe?”

“Pois é, eu entendo.” Ele segurou meu rosto com a outra mão e se inclinou para me beijar.

Eu virei o rosto, e em vez de me beijar ele acariciou meu rosto com o nariz. O cheiro de seu perfume, misturado ao odor de sua pele, atiçou meus sentidos e me trouxe boas lembranças. Sentir seu corpo tão perto do meu era algo dolorosamente familiar.

Eu tinha sido louca por ele no passado. O fato de a nossa relação ter se invertido parecia uma estranha ironia.

Brett segurou meus braços e gemeu baixinho, um som que reverberou dentro de mim. “Eu ainda me lembro do seu corpo”, ele murmurou com a voz grave e rouca. “Por dentro e por fora. Mal posso esperar para sentir você novamente.”

Minha respiração se acelerou. “Obrigada pelo jantar.”

Ele abriu um sorriso com os lábios ainda encostados no meu rosto. “Me liga. Eu vou manter contato, pode apostar, mas você também pode me telefonar quando quiser. Certo?”

Eu fiz que sim com a cabeça e tive que engolir em seco antes de responder. “Certo.”

Assim que ele foi embora, fui correndo até a bolsa para pegar o celular clandestino. Não havia nem sinal de Gideon. Nenhuma ligação perdida, e nenhuma mensagem.

Peguei minhas chaves, saí do meu apartamento e fui correndo até o dele, estava tudo escuro e sem vida. No momento em que entrei percebi que Gideon não estava lá, sem nem precisar ver se ele tinha esvaziado o conteúdo dos bolsos em uma tigela de vidro colorido que ficava perto da porta.

Sentindo que havia alguma coisa errada, voltei para casa. Larguei as chaves no balcão e fui ao quarto, e de lá diretamente para o chuveiro.

O incômodo que eu sentia na barriga não ia embora de jeito nenhum, nem mesmo depois de lavar do corpo todo o suor daquela tarde quente. Passei o xampu na cabeça e comecei a relembrar os acontecimentos do dia, ficando cada vez mais nervosa ao pensar que Gideon estava vagando por aí em vez de estar em casa comigo resolvendo as questões pendentes do nosso relacionamento.

Foi quando eu senti a presença dele.

Enxaguei o sabão do rosto, me virei e o vi tirando a gravata e entrando no banheiro. Parecia cansado e desanimado, o que me deixou ainda mais perturbada do que se estivesse com raiva.

“Oi”, eu cumprimentei.

Ele ficou me olhando enquanto tirava a roupa com movimentos rápidos e metódicos. Gloriosamente nu, Gideon se juntou a mim no chuveiro, me envolvendo imediatamente em um abraço apertado.

“Oi”, eu repeti, retribuindo o abraço. “O que foi? Você ficou chateado por causa do clipe?”

“Eu odiei aquele clipe”, ele disse, desolado. “Deveria ter cancelado aquela porcaria toda assim que percebi que era sobre você.”

“Desculpe.”

Ele se afastou para me olhar. A névoa do chuveiro fez seus cabelos ficarem úmidos. Ele era muito mais sexy que Brett. E o que sentia por mim — e eu por ele — era muito mais profundo. “Corinne me ligou logo depois que o clipe acabou. Ela estava… histérica. Descontrolada. Fiquei preocupado, e fui falar com ela.”

Respirei fundo, lutando para conter meu ciúme. Eu não tinha direito de reclamar, principalmente depois de ter passado aquele tempo todo com Brett. “E como é que foi?”

Ele puxou minha cabeça de leve para trás. “Fecha os olhos.”

“Fala comigo, Gideon.”

“Estou falando.” Enquanto ele enxaguava meu cabelo, continuou: “Acho que descobri qual é o problema. Ela está tomando uns antidepressivos que estão causando reações adversas”.

“Nossa.”

“Ela devia ter falado com o médico se sentisse que o tratamento não estava funcionando, mas acho que nem percebeu que seu comportamento andava tão bizarro. Demorou horas pra eu conseguir fazer ela se dar conta disso, e depois entender por que está agindo daquele jeito.”

Eu me endireitei e esfreguei os olhos, tentando esconder minha irritação com o fato de outra mulher estar monopolizando a atenção do meu namorado. Não era possível descartar nem mesmo a ideia de que ela estava fazendo tudo de propósito para atrair a atenção de Gideon.

Nós trocamos de lugar, e ele entrou debaixo do chuveiro. A água escorreu lentamente por seu corpo rígido e musculoso.

“Mas e agora, como é que fica?”, eu perguntei.

Ele encolheu os ombros, preocupado. “Ela vai ao médico amanhã pra ver se consegue trocar a medicação.”

“Não venha me dizer que você vai com ela!”, eu protestei.

“Eu não sou responsável por ela.” Ele me encarou fixamente, e sem dizer nada demonstrou que entendia meu medo, minha insegurança e minha raiva. Como sempre. “E foi isso o que disse pra própria Corinne. Depois liguei pro Giroux e falei a mesma coisa. Quem precisa tomar conta dela é ele.”

Ele pegou o xampu, que ficava em uma das prateleiras de vidro junto com o restante de seus produtos de banho. Gideon levou suas coisas para minha casa assim que concordei em começar um relacionamento com ele, e ao mesmo tempo abasteceu seu apartamento com os produtos que eu costumava usar.

“Mas também não foi um escândalo gratuito, Eva. Deanna apareceu lá no começo da noite com as fotos que tirou de nós dois no lançamento.”

“Que maravilha”, eu murmurei. “Isso explica por que Deanna estava aqui de tocaia à minha espera.”

“Ah, ela veio aqui também?”, ele disse em um tom ameaçador que me fez sentir até pena de Deanna — por uma fração de segundo. Ela estava cavando a própria cova.

“Ela devia ter fotos suas na casa da Corinne, e queria mostrar pra mim.” Eu cruzei os braços. “Essa mulher está perseguindo você.”

Gideon colocou a cabeça para trás para enxaguar o cabelo, e seus bíceps se flexionaram quando ele passou os dedos entre os fios.

Ele era um homem lindo, absurdamente sensual.

Passei a língua pelos lábios, excitada ao vê-lo apesar de toda irritação que ele e Brett tinham me causado. Cheguei mais perto e passei a mão pelo peito dele.

Soltando um gemido, ele olhou para mim. “Adoro as suas mãos passeando pelo meu corpo.”

“Sorte sua, porque eu sinto vontade de passar a mão em você o tempo todo.”

Ele acariciou o meu rosto, com a ternura estampada nos olhos, me observando com atenção, talvez em busca de um indício de que eu estava louca para transar naquele exato

momento. E, para dizer a verdade, eu não estava. Eu sentia um tremendo desejo por ele, que se fazia presente o tempo todo, mas também queria desfrutar da sua companhia de outras formas, o que se tornava difícil em situações como aquela.

“Eu precisava disso”, ele falou. “Ficar com você.”

“Parece que tem tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, né? A gente não tem um momento de sossego. Quando pensa que resolveu uma coisa, aparece outra.” Passei os dedos pela musculatura de seu abdome. A sintonia entre nós foi se tornando cada vez mais nítida, aquela sensação de estar ao lado de uma pessoa amada e desejada. “Mas acho que a gente está se saindo bem, não?”

Ele beijou a minha testa. “Eu diria que sim. Mal posso esperar pra sumir daqui com você amanhã. Fugir de tudo e todos por um tempo, ter você só pra mim.”

Abri um sorriso de satisfação. “Eu também mal posso esperar.”

Acordei quando percebi que Gideon estava levantando da cama.

Vi que a televisão ainda estava ligada, mas sem som. Eu tinha caído no sono abraçada com ele, aproveitando um tempinho para ficarmos juntos depois de tanto tempo de distanciamento forçado.

“Aonde você vai?”, eu perguntei.

“Pra cama.” Ele passou a mão no meu rosto. “Estou quase dormindo.”

“Não vai.”

“Não me pede pra ficar.”

Eu suspirei, pois compreendia o motivo de seu medo. “Eu te amo.”

Gideon se inclinou sobre mim e me beijou na boca. “Não se esqueça de pôr o passaporte na bolsa.”

“Não vou esquecer. Tem certeza de que não preciso levar mais nada?”

“Tenho.” Ele me beijou de novo, dessa vez um beijo mais demorado.

E depois foi embora.

Escolhi um vestidinho leve de jérsei para ir ao trabalho na sexta-feira, pois queria usar algo que fosse confortável o suficiente para encarar o expediente e depois uma longa viagem de avião à noite. Não sabia para onde Gideon iria me levar, mas pelo menos tinha a certeza de que a minha roupa não me causaria nenhum incômodo.

Quando cheguei, Megumi estava falando ao telefone, então limitamos nosso cumprimento a um aceno e fui diretamente para o meu cubículo. A sra. Field apareceu por

lá assim que me ajeitei na cadeira.

A diretora executiva da Waters Field & Leaman esbanjava poder e elegância vestida com seu terninho cinza-claro.

“Bom dia, Eva”, ela falou. “Diga para Mark passar na minha sala quando chegar.”

Eu fiz que sim com a cabeça, admirando as três fileiras de pérolas negras do colar que ela usava. “Pode deixar.”

Cinco minutos depois, quando fui dar o recado para Mark, ele sacudiu a cabeça. “Aposto que não conseguimos a conta da Vinícola Adrianna.”

“Você acha?”

“Eu odeio esse tipo de SDP, que envolve tudo quanto é tipo de agências. Eles não levam em conta a qualidade e a experiência. Só estão atrás de gente disposta a mostrar serviço a qualquer custo.”

Nós tínhamos parado tudo o que estávamos fazendo para responder àquela solicitação de proposta, que foi entregue a Mark por causa do grande trabalho que ele vinha fazendo na conta da Vodka Kingsman.

“Azar o deles”, eu falei.

“Eu sei, mas mesmo assim… Queria poder ganhar todas as concorrências. Bom, me deseja sorte e torce pra eu estar errado.”

Fiz um sinal de positivo com os dois polegares, e ele tomou o caminho da sala de Christine Field. O telefone da minha mesa tocou no momento em que estava me levantando para ir pegar um café.

“Escritório de Mark Garrity”, eu atendi, “Eva Tramell falando.”

“Eva, querida.”

Soltei um suspiro ao ouvir a voz melosa da minha mãe. “Oi, mãe. Tudo bem?”

“Você pode vir me ver? Ou de repente sair para almoçar comigo?”

“Claro. Ainda hoje?”

“Se você puder.” Ela respirou fundo, e por um momento me pareceu que estava chorando. “Eu preciso muito falar com você.”

“Tudo bem.” Senti um nó no estômago de preocupação. Eu detestava ouvir minha mãe tão chateada. “Quer que eu vá me encontrar com você em algum lugar?”

“Clancy e eu podemos passar aí. Você sai para almoçar ao meio-dia, certo?”

“Isso mesmo. A gente se encontra aqui na frente, então.”

“Ótimo.” Ela fez uma pausa. “Eu te amo.”

“Eu sei, mãe. Eu também te amo.”

Quando desliguei, ainda fiquei algum tempo olhando para o telefone.

Como seria a minha relação com a minha família dali em diante?

Mandei uma mensagem de texto para Gideon, avisando que nosso almoço precisaria ser adiado. Antes de qualquer coisa, eu tinha que acertar os ponteiros com a minha mãe.

Saí da mesa exatamente ao meio-dia e desci para o saguão. A cada hora que passava, eu ficava mais animada para a viagem do fim de semana com Gideon. Longe de Corinne, de Deanna e de Brett.

E, assim que passei pela catraca, eu o vi.

Jean-François Giroux estava parado junto ao balcão dos seguranças, com seu visual distinto e claramente europeu. Seus cabelos escuros e ondulados estavam mais longos do que nas fotos que eu tinha visto, seu rosto estava menos bronzeado e sua expressão, muito mais dura. Seus olhos verde-claros eram ainda mais impressionantes pessoalmente, apesar de estarem vermelhos de cansaço. Pela mala deixada no chão junto aos seus pés, concluí que tinha vindo direto do aeroporto.

“*Mon Dieu*. Não é possível que os elevadores deste prédio sejam tão lentos!”, ele falou para um dos seguranças com seu sotaque francês. “Ninguém demora vinte minutos apenas para descer alguns andares.”

“O sr. Cross está a caminho”, respondeu o guarda, impassível, sem se levantar da cadeira.

Quando sentiu que estava sendo observado, Giroux se virou para mim, e estreitou os olhos ao me ver. Ele se afastou do balcão e veio na minha direção. O terno que usava era mais justo que o de Gideon, principalmente na cintura e nas pernas. A impressão que ele me passou foi a de uma pessoa rígida e rigorosa.

“Eva Tramell?”, ele perguntou, me deixando surpresa por ter me reconhecido.

“Sr. Giroux”, eu estendi a mão.

Ele a pegou, mas em seguida chegou mais perto e me beijou dos dois lados do rosto. Beijos meramente protocolares, mas que ainda assim me causaram certa perplexidade. Mesmo sabendo que se tratava de um francês, eu não estava acostumada a ser cumprimentada com tanta intimidade por um estranho.

Quando ele se afastou, eu o encarei com as sobrancelhas erguidas.

“Você teria um tempinho para falar comigo?”, ele perguntou, sem soltar a minha mão.

“Infelizmente, hoje não.” Libertei a minha mão de seu toque com um leve puxão. Apesar da sensação de anonimato transmitida por estar em um lugar público e cheio de gente entrando e saindo, eu tinha que tomar muito cuidado com quem conversava, pois sabia que Deanna andava me rondando o tempo todo. “Tenho um compromisso agora no almoço, e depois preciso voltar direto pro trabalho.”

“Amanhã, então?”

“Vou viajar no fim de semana. Só vou estar livre na segunda.”

“Vai viajar… Com Cross?”

Eu virei a cabeça para observá-lo melhor, tentando entender aonde estava querendo chegar. “Não que isso seja da sua conta, mas sim.”

Decidi contar a verdade para que ele soubesse que Gideon tinha uma mulher em sua vida, e não era Corinne.

“Você não se incomoda”, ele falou, com um tom de voz evidentemente mais frio, “que ele tenha usado a minha mulher apenas para provocar ciúme e ter você de volta?”

“Gideon é amigo de Corinne. E amigos costumam sair juntos.”

“Estou vendo que você é loira, mas não acredito que seja inocente a esse ponto.”

“Estou vendo que você está nervoso”, eu rebati, “mas não acredito que seja cretino a ponto de achar que pode falar assim comigo.”

Percebi a presença de Gideon antes mesmo que ele se aproximasse e me pegasse pelo braço.

“Trate de pedir desculpas, Giroux”, ele interveio com uma tranquilidade ameaçadora. “E desculpas sinceras.”

Giroux o encarou com tamanho ódio e desprezo que senti minhas pernas fraquejarem. “Me deixar aqui esperando foi muita deselegância, Cross, até mesmo para você.”

“Se fosse um insulto deliberado, você saberia.” Gideon estreitou a boca. “Estou esperando suas desculpas, Giroux. Eu sempre fui educado e respeitoso com Corinne. Eva merece esse mesmo tratamento da sua parte.”

Para um observador distraído, sua pose poderia parecer tranquila e relaxada, mas eu era capaz de sentir a fúria dentro dele. Em ambos, aliás — um exaltado e outro contido, mas a tensão era visível. O espaço ao nosso redor parecia cada vez mais confinado, o que era

uma loucura, considerando o tamanho e o pé-direito do saguão.

Com medo de que eles pudessem começar a se agredir em público, peguei a mão de Gideon e a apertei de leve.

Giroux olhou para nossas mãos dadas, e depois para os meus olhos. "*Pardonnez-moi*", ele falou, baixando a cabeça de leve. "Nada disso é culpa sua."

"Pode ir pro seu compromisso", Gideon murmurou para mim, acariciando a minha mão com o polegar.

Eu não me movi. Não queria sair do lado dele. "Você devia ir atrás da sua mulher, isso sim", falei para Giroux.

"Ela é que devia vir atrás de mim", ele corrigiu.

Lembrei que, quando ela o deixou, ele não veio para Nova York buscá-la. Estava ocupado demais pondo a culpa pelo fim de seu casamento em Gideon.

"Eva", minha mãe me chamou, já dentro do edifício. Ela foi se aproximando com seus saltos Louboutin e seu vestido azul combinando com seus olhos. No saguão de mármore escuro, ela chamava ainda mais atenção.

"Melhor você ir, meu anjo", Gideon falou. "Só um minuto, Giroux."

Eu ainda hesitei por um instante antes de me afastar. "Tchau, *monsieur* Giroux."

"Srta. Tramell", ele falou, desviando os olhos de Gideon. "Até a próxima."

Só saí dali porque não tinha opção. Gideon foi andando comigo até a minha mãe, e eu o encarei com uma expressão de preocupação.

Seus olhos me tranquilizavam. Ele transmitia a mesma sensação de poder e controle que senti na primeira vez em que o vi. Gideon sabia muito bem como lidar com Giroux. Ele era capaz de lidar com qualquer coisa.

"Bom almoço pra vocês", Gideon falou, e deu um beijo no rosto da minha mãe antes de se virar para mim e me beijar na boca.

Fiquei observando enquanto ele se afastava, ainda incomodada com a intensidade do olhar de Giroux na direção dele.

Minha mãe me pegou pelo braço, o que fez com que minha atenção se voltasse para ela.

"Oi", eu falei, tentando disfarçar minha inquietação. Esperei que ela perguntasse se os dois se juntariam a nós para o almoço, já que não havia nada que a agradasse mais do que a companhia de homens bonitos, mas a minha mãe não disse nada.

"Você e Gideon estão tentando fazer as coisas funcionarem entre vocês?", ela perguntou

em vez disso.

“Sim.”

Dei mais uma olhada para ela antes de passar pela porta giratória. Ela me parecia mais frágil do que nunca — sua pele estava pálida, e seus olhos não tinham o brilho habitual. Esperei que ela também saísse, tentando adaptar meus sentidos ao ambiente iluminado, calorento e ruidoso da rua.

Abri um sorriso para Clancy quando ele abriu a porta do carro para nós duas. “Oi, Clancy.”

Enquanto minha mãe se ajeitava graciosamente no banco de trás, ele sorriu de volta. Pelo menos eu achei que tinha sido um sorriso. A boca dele se contorceu um pouco.

“Tudo bem?”, eu perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça. “E você?”

“Vou indo.”

“Você vai ficar bem”, ele garantiu enquanto eu entrava no carro. E parecia estar muito mais confiante quanto a isso do que eu.

Os primeiros minutos de nosso almoço foram preenchidos por um silêncio constrangedor. Ela escolheu um bistrô de comida americana contemporânea, um lugar bonito e iluminado que tornava nosso desconforto ainda mais óbvio.

Esperei que dissesse alguma coisa, já que foi ela quem propôs aquela conversa. Eu tinha muito o que falar, mas antes precisava saber qual assunto ela considerava prioritário. Seria o fato de ter instalado um rastreador no meu Rolex? Ou de ter traído Stanton com meu pai?

“Que relógio bonito”, ela falou, olhando para o meu pulso.

“Obrigada.” Escondi o relógio com a mão. Era um objeto precioso para mim, e profundamente pessoal. “Foi Gideon que me deu.”

Ela pareceu horrorizada. “Não vai me dizer que contou para ele do rastreador?”

“Eu conto tudo pra ele, mãe. Nós não temos segredos um com o outro.”

“Talvez você não tenha. Mas e ele?”

“Nós estamos bem”, eu disse com confiança. “E melhorando a cada dia.”

“Ah.” Ela balançou a cabeça, fazendo seus cabelos curtos balançarem de leve. “Isso… Isso é maravilhoso, Eva. Ele vai saber cuidar muito bem de você.”

“Ele já faz isso, e da maneira que eu mais preciso, que aliás não tem nada a ver com dinheiro.”

Minha mãe comprimiu os lábios. Ela não tinha o costume de franzir a testa, pois fazia de tudo para evitar rugas em sua pele impecável. “Não despreze o dinheiro desse jeito, Eva. Você nunca sabe quando vai precisar.”

Aquele comentário me irritou. Ela punha o dinheiro acima de tudo na vida, sem se importar se estava magoando as pessoas — como o meu pai — por isso.

“Não é isso”, eu argumentei. “Só não trato o dinheiro como a coisa mais importante da minha vida. E, antes que você venha com o papo de que pra mim é fácil dizer isso, se Gideon perdesse tudo o que tem, eu ainda assim ficaria com ele.”

“Ele é inteligente demais pra perder tudo o que tem”, ela respondeu, tensa. “E, se você tiver sorte, vai fazer de tudo pra evitar problemas financeiros durante a vida.”

Eu suspirei, louca para mudar de assunto. “A gente nunca vai concordar a esse respeito, você sabe disso.”

Ela começou a batucar com as unhas bem-feitas nos talheres. “Você anda tão irritada comigo…”

“Você sabe que o meu pai é apaixonado por você, não é? A ponto de não conseguir seguir em frente. Acho que ele nunca vai se casar novamente. Vai acabar morrendo sem ter uma mulher pra cuidar dele.”

Ela engoliu em seco, e uma lágrima escapou de seus olhos.

“Não me venha com choradeira”, eu a repreendi, me inclinando para a frente. “A vítima aqui não é você.”

“Eu não tenho nem o direito de sofrer?”, ela rebateu, com o tom de voz mais duro que já a ouvi usar. “Não tenho o direito de chorar pelo meu coração partido? Eu também amo o seu pai. Faria de tudo para que ele fosse feliz.”

“Pelo jeito seu amor não é suficiente.”

“Tudo o que eu fiz foi por amor. *Tudo*.” Ela soltou uma risada nervosa. “Minha nossa… Não sei nem como você ainda me suporta, se me considera dessa forma tão ruim.”

“Você é minha mãe, e sempre fez de tudo por mim. Está sempre tentando me proteger, mesmo quando faz isso da pior maneira. Eu amo vocês dois da mesma maneira. O meu pai é uma ótima pessoa, e merece ser feliz.”

Com a mão trêmula, ela deu um gole em sua água. “Se não fosse por você, eu preferia nunca ter conhecido o seu pai. Nós dois seríamos mais felizes se nunca tivéssemos nos

encontrado. E não tem nada que eu possa fazer a respeito.”

“Você podia ter ficado com ele. Não existe outra mulher capaz de fazê-lo feliz.”

“Impossível”, ela sussurrou.

“Por quê? Porque ele não é rico?”

“Exatamente.” Ela levou a mão à garganta. “Porque ele não é rico.”

Sua sinceridade brutal cortou meu coração. Notei uma desolação em seus olhos azuis que nunca tinha visto antes. Por que ela dava uma importância tão desmedida ao dinheiro? Será que algum dia eu seria capaz de entender isso? “Mas *você* é. Isso não basta?”

Com seus três divórcios, ela havia conquistado uma fortuna de milhões de dólares.

“Não.”

Fiquei olhando para ela, incrédula.

Ela desviou os olhos, e com a luz do sol os diamantes de três quilates de seus brincos reluziram em um arco-íris de cores. “Você não entende.”

“Então me explica, mãe. Por favor.”

Ela voltou a me encarar. “Talvez um dia. Quando você não estiver tão chateada comigo.”

Eu me recostei na cadeira, e senti uma pontada de dor de cabeça. “Tudo bem. Estou chateada porque não entendo, e você não quer me explicar porque estou chateada. A gente está se entendendo muito bem mesmo.”

“Desculpa, querida.” Seu rosto assumiu uma expressão de súplica. “O que aconteceu entre seu pai e eu…”

“Victor. Por que não diz o nome dele?”

Ela ficou inquieta. “Quanto mais você quer me castigar?”, ela perguntou baixinho.

“Não estou querendo castigar você. Só não consigo entender.”

Era uma loucura querer lavar a roupa suja em um lugar tão bonito, iluminado e cheio de gente. Antes tivéssemos ido para a casa dela, ao lar que ela dividia com Stanton. Mas pelo jeito sua estratégia era se valer do fato de estarmos em um lugar público para evitar um escândalo.

“Escuta só”, eu falei, já me sentindo exausta. “Cary e eu vamos sair do apartamento, vamos alugar um lugar pra nós.”

Minha mãe ficou paralisada. “Quê? Como assim? Não faça isso, Eva! Você não tem por

que…”

“Tenho, sim. Nathan está morto. E Gideon e eu queremos passar mais tempo juntos.”

“E precisa se mudar por causa disso?” Os olhos dela se encheram de lágrimas. “Eu sinto muito, Eva. O que mais posso dizer?”

“O problema não é você, mãe.” Pus o cabelo atrás da orelha, nervosa, porque o choro dela sempre me deixava abalada. “Tudo bem, sendo bem sincera, não me sinto mais à vontade morando num lugar pago por Stanton depois do que vocês fizeram lá. Além disso, Gideon e eu queremos morar juntos. Vai ser melhor pra nós começar tudo do zero, num lugar novo.”

“Morar juntos?” As lágrimas dela secaram. “Antes de casar? Não, Eva. Isso seria um erro terrível. E Cary? Foi você que o trouxe para morar em Nova York.”

“Ele vai continuar morando comigo.” Eu ainda não tinha falado com Gideon a respeito, mas sabia que ele ia concordar. Poderíamos passar mais tempo juntos, e seria mais fácil para todos dividir o aluguel em três. “Vamos morar os três juntos.”

“Você não pode morar com um homem como Gideon Cross se não for casada com ele.” Ela se inclinou para a frente. “Confie em mim. Espere para fazer isso com uma aliança no dedo.”

“Eu não estou com pressa pra casar”, falei, apesar de estar alisando meu anel com o polegar.

“Ai, meu Deus.” Minha mãe sacudiu a cabeça. “Como assim? Você não é apaixonada por ele?”

“Não tem por que apressar as coisas. Eu sou nova demais.”

“Você tem vinte e quatro anos. É a idade ideal.” A convicção fez minha mãe endireitar o corpo. Isso não me incomodou, porque vi que seu ânimo se recobrou um pouco. “Eu não vou deixar você estragar tudo, Eva.”

“Mãe…”

“Não.” Os olhos dela brilhavam, revelando uma cabeça cheia de planos. “Acredite em mim, e tire um pouco o pé do acelerador. Pode deixar que eu cuido disso.”

Merda. Isso não era nada bom, já que Gideon certamente ficaria ao lado dela na questão do casamento.

18

Ainda estava pensando na minha mãe quando saí do Crossfire, às cinco horas. O Bentley estava à espera no meio-fio e, quando viu que eu me dirigia para lá, Angus desceu do carro e sorriu para mim.

“Boa tarde, Eva.”

“Oi.” Eu retribuí o sorriso. “Como vai, Angus?”

“Muito bem.” Ele contornou por trás do carro e abriu a porta para mim.

Eu observei o seu rosto. Quanto ele saberia a respeito de Nathan e Gideon? Tanto quanto Clancy? Ou ainda mais?

Eu me ajeitei no banco traseiro, peguei o celular e liguei para Cary. Caiu na caixa postal, então deixei uma mensagem: “Oi, só estou ligando pra lembrar que vou passar o fim de semana fora. Queria que você pensasse na ideia de morar comigo e com Gideon, e na volta conversamos. Em algum lugar novo, que caiba no bolso de todo mundo. Claro que, pra ele, isso não é problema”, eu acrescentei, imaginando a expressão de Cary ao ouvir aquilo. “É isso. Se precisar falar comigo e não conseguir me ligar no celular, é só mandar um e-mail. Amo você.”

Assim que desliguei, a porta se abriu e Gideon entrou. “Oi, garotão.”

Ele me agarrou pela nuca e me beijou na boca, me saboreando com a língua, fazendo minhas preocupações se desfazerem. Quando ele me largou, eu estava sem fôlego.

“Oi, meu anjo”, ele disse com a voz rouca.

“Uau.”

Gideon sorriu. “Como foi o almoço com a sua mãe?”

Eu bufei.

“Tão ruim assim, é?” Ele segurou minha mão. “Me diz como foi.”

“Não sei. Foi esquisito.”

“Esquisito?” Gideon parecia surpreso. “Ou constrangedor?”

“As duas coisas.” Olhei para fora pelo vidro escuro quando o carro parou por causa do trânsito. As calçadas estavam tomadas de pessoas caminhando com toda a pressa. Os

carros, por outro lado, estavam todos parados. “Ela é obcecada por dinheiro. Isso não é novidade, mas sempre achei que ela fosse preocupada com a segurança financeira dela mais por precaução. Mas hoje ela me pareceu… triste. Resignada.”

Ele acariciou minha mão com o polegar. “Vai ver ela está se sentindo culpada por causa da traição.”

“E deveria mesmo! Mas não acho que seja isso. Tem alguma coisa nessa história, mas não sei o que é.”

“Quer que eu investigue?”

Eu me virei para encará-lo. Não respondi imediatamente, precisei pensar um pouco. “Quero, sim. Mas não me sinto muito à vontade fazendo isso. Já pesquisei coisas sobre você, o dr. Lucas, Corinne… Fico tentando descobrir o segredo das pessoas por outros modos em vez de perguntar logo de uma vez.”

“Então pergunta pra ela”, ele falou, com uma simplicidade tipicamente masculina.

“Eu perguntei. Ela disse que me contava quando eu estivesse menos chateada.”

“Mulheres”, ele ironizou, com o divertimento estampado nos olhos.

“O que Giroux queria? Você sabia que ele estava vindo pra cá?”

Ele sacudiu a cabeça. “Ele quer alguém pra pôr a culpa por seus problemas conjugais. E pelo jeito eu me encaixo bem nesse papel.”

“Por que ele não para de pôr a culpa nos outros e tenta resolver a situação? Eles precisam de um terapeuta.”

“Ou de um advogado.”

Fiquei toda tensa. “É isso que você quer?”

“O que eu quero é você”, ele falou, me agarrando e me puxando para o seu colo.

“Tarado.”

“Você não faz ideia. Tenho planos diabólicos pra você neste fim de semana.”

Seu olhar malicioso desviou meus pensamentos para coisas bem mais agradáveis. Eu estava puxando sua cabeça para beijá-lo quando o Bentley fez uma curva e de repente tudo ficou escuro. Olhei ao redor e vi que estávamos em um estacionamento. O carro desceu mais dois andares, parou em uma vaga e logo se pôs de novo em movimento.

Junto com quatro outros Bentleys pretos idênticos.

“O que está acontecendo?”, eu quis saber enquanto nos dirigíamos à saída com dois

Bentleys à frente e outros dois atrás.

“Uma brincadeira de esconde-esconde”, ele falou, acariciando o meu pescoço com o nariz.

Quando os carros foram para as ruas, cada um tomou uma direção.

“Estamos sendo seguidos?”, perguntei.

“É só por precaução.” Ele encravou os dentes de leve na minha pele, fazendo meus mamilos enrijecerem. Com uma das mãos nas minhas costas, ele roçou os meus seios de leve com o polegar.

Ele me deu um beijo profundo e delicioso quando entramos em outra garagem. Paramos em uma vaga e a porta do carro se abriu. Enquanto eu tentava entender o que acontecia, Gideon saiu pela porta aberta, me puxando pela mão até o carro imediatamente ao lado.

Em menos de um minuto estávamos na rua de novo, com o outro Bentley indo na direção oposta.

“Isso é loucura”, eu falei. “Pensei que a nossa viagem fosse pra outro país.”

“E vai ser. Confia em mim.”

“Claro que eu confio em você.”

Ele virou seus olhos carinhosos para o meu rosto. “Eu sei que sim.”

Não fizemos mais nenhuma parada até o aeroporto. Entramos à direita por um caminho asfaltado depois de passar por um bloqueio de segurança, e fomos caminhando até a pequena escadaria que conduzia a um dos jatinhos particulares de Gideon. A cabine era luxuosa e elegantíssima, com um sofá à direita e uma mesa com poltronas à esquerda. O comissário de bordo era um mocinho bonito vestindo calça preta e um colete com seu nome, Eric, e o logotipo das Indústrias Cross bordados na altura do peito.

“Boa noite, sr. Cross. Srta. Tramell”, Eric nos cumprimentou com um sorriso. “Querem beber alguma coisa enquanto nos preparamos para a decolagem?”

“Kingsman com suco de cranberry pra mim”, pedi.

“O mesmo pra mim”, completou Gideon, tirando o paletó e entregando para Eric, que esperou enquanto ele se desvencilhava também do colete e da gravata.

Eu fiquei só admirando a cena, soltando um assobio ao final. “Já estou adorando essa viagem.”

“Meu anjo.” Ele sacudiu a cabeça, com os olhos risonhos.

Um senhor de terno azul-marinho entrou no avião. Ele cumprimentou Gideon

calorosamente, apertou minha mão quando fomos apresentados, pediu para ver meu passaporte e logo se foi, fechando a porta da cabine. Gideon e eu apertamos o cinto das poltronas junto à mesa com as nossas bebidas quando o avião começou a taxiar pela pista.

“Você vai me contar pra onde estamos indo?”, perguntei, erguendo um brinde com o meu copo.

Ele bateu seu copo de cristal contra o meu. “Você não prefere esperar e ter uma surpresa?”

“Depende de quanto for demorar pra chegar. Eu não vou conseguir suportar a curiosidade se a viagem durar muito tempo.”

“A ideia é que você fique ocupada demais pra pensar a respeito.” Ele abriu um sorriso. “Afinal de contas, estamos num veículo em movimento.”

“Ah.” Olhei para trás e vi um corredor estreito com algumas portas na parte de trás do avião. Uma devia ser a do banheiro, a outra, de um escritório, e a última, de um quarto. Senti a expectativa crescer dentro de mim. “E quanto tempo vamos ter pra gastar desse jeito?”

“Várias horas”, ele falou.

Meus dedos dos pés se curvaram. “Ai, garotão. Você nem imagina o que eu vou fazer com você.”

Ele sacudiu a cabeça. “Neste fim de semana você é toda minha, esqueceu? Era esse o trato.”

“Na nossa viagem? Isso não é justo.”

“Foi isso o que você disse quando fechou o acordo.”

“E continua sendo verdade.”

Seu sorriso se abriu ainda mais, e ele deu um gole na bebida. “Assim que o comandante der a permissão pra gente levantar, quero que você vá até o quarto e tire a roupa. Depois deite na cama e me espere por lá.”

Levantei uma das sobrancelhas. “Você adora mesmo essa ideia de me encontrar sem roupa, pronta pra ser comida…”

“Ah, sim. E lembro que você tem essa mesma fantasia, mas com os papéis invertidos.”

“Humm.” Dei um gole na bebida, sentindo a vodca gelar minha boca e aquecer meu estômago.

O avião concluiu o processo de decolagem e o comandante fez um breve anúncio

liberando a circulação pela cabine.

Gideon me lançou um olhar como quem diz: *E Então? Está esperando o quê?*

Estreitei os olhos em sua direção, levantei e peguei o meu copo, tudo com movimentos bem lentos, para provocá-lo. E me deixar cada vez mais excitada. Eu adorava me sentir à mercê dele. Por mais que adorasse vê-lo perder a cabeça por mim, era impossível negar que seu autocontrole me deixava morrendo de tesão. E eu sabia que esse domínio era absoluto, e por isso confiava nele plenamente. Não havia nada que eu não permitiria que Gideon fizesse comigo.

E essa convicção logo seria colocada à prova, pois assim que entrei no quarto vi as amarras de seda e camurça sobre o edredom branco.

Virei a cabeça à procura de Gideon, mas ele não estava mais lá. Seu copo estava vazio sobre a mesa, com os cubos de gelo reluzindo como diamantes.

Meu coração disparou. Entrei no quarto e terminei o meu drinque. A ideia de ser imobilizada durante o sexo era insuportável para mim, a não ser que fosse por Gideon, pelas suas mãos ou pelo peso do seu corpo musculoso. Nunca tínhamos ido além disso. E eu não sabia se era capaz.

Deixei o copo sobre o criado-mudo, com as mãos levemente trêmulas, sem saber se era de medo ou de excitação.

Eu sabia que Gideon jamais me machucaria. Ele se esforçava para fazer de tudo para que eu nunca ficasse com medo. Mas e se eu o decepcionasse? E se não fosse capaz de proporcionar o que ele queria? Ele já havia falado em *bondage* antes, e eu sabia que era uma de suas fantasias me ver amarrada e totalmente aberta para ele, com meu corpo todo ao seu dispor. Eu entendia esse desejo, a necessidade de tomar posse de mim sem nenhuma barreira. E sentia vontade de me entregar a ele.

Eu me despi com movimentos lentos e cuidadosos, porque ainda estava com o pulso acelerado demais, com a respiração ofegante, cheia de ansiedade. Pendurei minhas roupas em um cabide do pequeno armário, depois subi na cama. Estava segurando as amarras na mão, me perguntando se aquilo daria certo, quando Gideon entrou no quarto.

“Você não está deitada”, ele disse com a voz suave, fechando e trancando a porta atrás de si.

Eu ergui as amarras.

“Feitas sob medida, especialmente pra você.” Ele foi se aproximando, abrindo os botões da camisa. “Em vermelho vivo, a sua cor favorita.”

Gideon se despiu lentamente como eu, me proporcionando a oportunidade de admirar cada centímetro de seu corpo. Ele sabia que a flexão de sua musculatura rígida sob sua pele sedosa era um tremendo afrodisíaco para mim.

“Será que eu estou pronta pra isso?”, eu perguntei baixinho.

Sem tirar os olhos de mim, ele tirou a calça. Apenas de cueca, ele parou na minha frente e respondeu: “Nunca vou fazer nada que você não queira, meu anjo. Isso eu prometo”.

Respirando fundo, eu me deitei, deixando as amarras sobre a minha barriga. Gideon veio até mim com a luxúria estampada nos olhos. Ele se acomodou na cama ao meu lado e levou minha mão até a boca, beijando meu pulso. “A sua pulsação está acelerada.”

Eu confirmei com a cabeça, sem saber o que dizer.

Ele apanhou as amarras, soltando a tira de seda que unia as duas braçadeiras de camurça. “Ficar imobilizada ajuda você a se entregar, mas não precisamos ser tão literais. É mais pra criar um clima.”

Meu estômago se contraiu quando ele abriu o fecho de metal. Ele largou uma sobre a perna e ergueu a outra.

“Me dá o seu pulso, meu anjo.”

Estendi a mão, sentindo minha respiração sair do controle quando ele envolveu o meu braço com a camurça. A sensação daquele material bruto apertando o meu pulso acelerado foi surpreendentemente excitante.

“Não está muito apertado, né?”, ele perguntou.

“Não.”

“Você precisa sentir uma pressão, mas não é pra machucar.”

Eu engoli em seco. “Não está machucando.”

“Ótimo.” Ele envolveu meu outro pulso e depois se endireitou para admirar seu feito. “Que maravilha”, ele murmurou. “Me lembra o vestido vermelho que você usou na primeira vez que transamos. Aquilo foi demais pra mim, sabia? Você acabou comigo. Minha vida nunca mais foi a mesma.”

“Gideon.” Deixei a apreensão de lado, derretida pelo calor do seu amor e seu desejo. Eu era preciosa demais para ele. Gideon jamais desrespeitaria os meus limites.

“Estique os braços e agarre o travesseiro”, ele ordenou.

Eu obedeci, e a pressão que senti nos pulsos chamou minha atenção ainda mais para as amarras. Estava me sentindo entregue. Capturada.

“Está sentindo?”, ele perguntou.

Nesse momento, meu amor por ele se revelou tão intenso que até doía. “Estou.”

“Vou pedir pra você fechar os olhos”, ele continuou enquanto se levantava e removia a última peça de roupa que ainda faltava. Gideon estava excitadíssimo, com o pau grosso todo duro e pesado, a cabeça lubrificada pelo líquido pré-ejaculatório. Fiquei com água na boca, louca de desejo. Ele estava cheio de tesão, faminto por mim, mas seu tom de voz e seus movimentos tranquilos não revelavam nada disso.

Seu autocontrole impecável me deixou toda molhada. Gideon era tudo o que poderia haver de melhor para mim, um homem que me desejava ferozmente — algo do qual eu precisava para me sentir segura —, mas que sabia se controlar para não ir longe demais.

“E quero que você mantenha os olhos fechados se puder”, ele continuou, com um tom de voz grave e tranquilizador, “mas se não estiver aguentando pode abrir. Só me diz a palavra de segurança antes disso.”

“Certo.”

Ele passou a tira de seda de leve pela minha pele. O fecho de metal gelado de uma das pontas tocou um dos meus mamilos, fazendo-o enrijecer. “Quero deixar uma coisa bem clara, Eva. Essa palavra de segurança não é pra mim. É pra você. Se quiser, pode falar só ‘não”, ou ‘para’, mas, assim como usar essas amarras faz você se sentir entregue, dizer sua palavra de segurança vai fazer com que recupere o controle da situação. Estamos entendidos?”

Eu fiz que sim com a cabeça, me sentindo mais à vontade a cada minuto.

“Feche os olhos.”

Fiz o que ele pediu. No mesmo instante, minha atenção se voltou para a pressão em torno dos meus pulsos. O ruído e a vibração produzidos pelas turbinas do avião se tornaram mais evidentes. Meus lábios se abriram. Minha respiração se acelerou.

A tira de seda passeou pelo meu colo e chegou até o outro seio. “Você é tão linda, meu anjo. Perfeita. Ver você assim é indescritível pra mim.”

“Gideon”, eu murmurei, desesperadamente apaixonada por ele. “Fala mais.”

Seus dedos tocaram a minha garganta, e começaram a descer lentamente pelo meu corpo. “Meu coração está tão acelerado quanto o seu.”

Eu estremecia e arqueava todo o meu corpo a cada toque de sua mão, por mais leve que fosse. “Que bom.”

“Meu pau está tão duro que chega a doer.”

“Estou toda molhadinha.”

“Me mostra”, ele disse com a voz áspera. “Abre as pernas.” Ele passou os dedos pela abertura do meu sexo. “É mesmo. Você está quentinha e meladinha, meu anjo.”

Meu sexo se contraiu avidamente. Meu corpo todo reagiu ao seu toque.

“Ah, Eva. Que bocetinha mais gulosa você tem. Quero passar o resto da minha vida matando a fome dela.”

“Pode começar agora mesmo.”

Ele riu baixinho. “Na verdade, vamos começar pela sua boca. Preciso que você me chupe primeiro, pra depois comer você até a hora de pousar.”

“Ai, meu Deus”, eu gemi. “Por favor, me diz que esse voo não é daqueles que duram dez horas.”

“Quer apanhar, é?”, ele provocou.

“Mas eu estou sendo uma boa menina!”

O colchão afundou quando ele subiu na cama. Senti que ele estava ajeitando o corpo até ficar de joelhos na altura do meu ombro. “Então continue sendo, Eva. Vire pra cá e abra a boca.”

Toda ansiosa, eu obedeci. A cabeça macia do seu pau roçou meus lábios, e eu abri a boca um pouco mais, sentindo uma tremenda onda de prazer ao ouvir seu gemido. Ele agarrou meus cabelos com os dedos e a minha nuca com a palma da mão. Para me segurar da maneira como queria.

“Minha nossa”, ele disse ofegante. “A sua boca também é tão gulosa.”

Na posição em que eu estava, deitada de costas, segurando o travesseiro, só conseguia abocanhar a cabeça do pau dele. E foi isso o que fiz, passando a língua pela abertura na ponta, deliciada pela alegria de poder me concentrar somente em Gideon. Eu não o chupava apenas para agradá-lo, muito pelo contrário, era um grande prazer também para mim.

“Isso”, ele me incentivou, remexendo os quadris para explorar a minha boca. “Chupa o meu pau assim mesmo, bem gostoso. Eu vou gozar muito.”

Respirei bem fundo, sentindo meu corpo reagir instintivamente ao cheiro dele. Com todos os meus sentidos voltados para Gideon, eu me entreguei ao nosso prazer.

Sonhei que estava caindo, e acordei assustada.

Com o coração disparado, percebi que o avião tinha feito uma descida brusca.

Turbulência. Mas não tinha acontecido nada comigo. Nem com Gideon, que havia pegado no sono ao meu lado. Eu abri um sorriso. Quase desmaiei quando gozei depois de uma foda tão intensa que a necessidade de ter um orgasmo me deixou às raias da loucura. Era normal que ele também estivesse exausto.

Uma rápida olhada no relógio me informou que estávamos viajando fazia quase três horas. Devíamos ter cochilado por uns vinte minutos, no máximo. Eu tinha quase certeza de que ele acabou comigo por quase duas horas. A sensação do pau dele entrando e saindo de mim, acariciando e massageando meus pontos mais sensíveis, ainda era tangível.

Desci cuidadosamente da cama, para não acordá-lo, e tentei fazer o mínimo de ruído possível ao entrar no banheiro do quarto.

Revestido de madeira escura com detalhes cromados, era um lavatório elegante e masculino. O vaso tinha apoios para os braços, o que o tornava, quase literalmente, um trono, e uma janela opaca permitia que a luz de fora entrasse. Havia também um box com um chuveiro de mão. Como eu ainda estava usando as amarras, me limitei a lavar as mãos, e encontrei um creme para as mãos em uma das gavetas.

O cheiro era sutil e delicioso. Enquanto espalhava o creme, tive uma ideia. Peguei o frasco todo e levei para o quarto comigo.

Quase perdi o fôlego com a visão que tive quando voltei.

Gideon estava esparramado na cama queen-size, seu corpo volumoso dando a falsa impressão de que fosse pequena, com um dos braços sobre a cabeça e outro no peito. Uma das pernas estava dobrada e jogada para o lado, e a outra esticada até a beirada do colchão. Seu pau estava caído pesadamente sobre o abdome, com a ponta chegando quase ao umbigo.

Nossa, como ele era viril. Espantosamente. Seu corpo todo era uma demonstração impecável de elegância e força física.

E ainda assim eu conseguia fazer com que ele ficasse de joelhos por mim. Era uma experiência incrível.

Ele acordou quando eu subi na cama, piscando os olhos para mim.

“Ei”, ele disse. “Vem cá.”

“Eu te amo”, falei e me deixei cair sobre seus braços abertos, me aninhando junto à sua pele quente e macia.

“Eva.” Ele me deu um beijo carinhoso e ardente. “Nós ainda não terminamos. Não chegamos nem perto disso.”

Respirando fundo para criar coragem, pus o tubo de creme sobre a barriga dele. “Agora é a minha vez de entrar em você, garotão.”

Ele olhou para mim, franziu a testa e depois ficou imóvel. Senti sua respiração se acelerar. “Não era esse o acordo”, ele disse, cauteloso.

“Então acho que precisamos rever alguns pontos. Além disso, ainda é sexta-feira. O fim de semana ainda não começou.”

“Eva…”

“Só de pensar eu já fico louca de tesão”, murmurei, envolvendo sua coxa com as minhas pernas e me esfregando nele para que sentisse que eu estava molhadinha. O toque de seus pelos contra o meu sexo me fez gemer, assim como a sensação de estar sendo ousada e despudorada. “Se você pedir eu paro. Mas vamos experimentar.”

Ouvi os dentes dele rangerem audivelmente.

Eu o beijei. E o abracei com força. Quando Gideon queria que eu fizesse algo diferente, ele falava comigo para me convencer. Mas, com ele, falar talvez não fosse a melhor solução. Às vezes era mais aconselhável tentar fazê-lo se deixar levar, sem pensar muito a respeito.

“Meu anjo…”

Montei sobre ele, deixando o creme de lado para distrair sua atenção. Se era para tentarmos algo novo, era melhor que não fosse nada muito planejado. Se não fosse natural, não faríamos. Nosso relacionamento era especial demais para ser estragado por qualquer motivo que fosse.

Passando as mãos pelo seu peito, eu o acalmei, fazendo-o sentir que eu o amava. Que o idolatrava. Não havia nada que eu não fizesse por Gideon, a não ser desistir dele.

Ele me abraçou, enfiando uma das mãos nos meus cabelos, e colocando a outra na base da minha coluna, me puxando para mais perto. Sua boca estava aberta, me saboreando com sua língua. Eu me deixei levar pelo seu beijo, inclinando a cabeça para senti-lo melhor.

Seu pau endureceu entre nós, pressionando minha barriga. Ele ergueu os quadris na minha direção, diminuindo a distância entre nós, gemendo com a boca colada à minha.

Fui passando a boca pelo seu rosto até o pescoço, lambendo o suor salgado da sua pele. Fazendo movimentos de sucção ritmados, cravei meus dentes na sua pele, deixando-o marcado. Com a mão na minha nuca, ele me puxou, emitindo ruídos de prazer pelos lábios entreabertos junto aos meus.

Eu me curvei para trás e contemplei a marca vermelha que fiz em sua pele. “Meu”, suspirei.

“Seu”, ele confirmou com a voz áspera, com os olhos semicerrados.

“Cada pedacinho de você.” Eu gemi baixinho, e comecei a brincar com seus mamilos, lambendo a pontinha, depois contornando com a língua, fazendo-o sentir um toque mais leve antes de sugá-lo com força.

Gideon sibilou quando fiz um movimento poderoso de sucção, deixando suas mãos caírem e agarrarem o edredom.

“Por dentro e por fora”, eu disse baixinho antes de me ocupar com o outro mamilo.

Enquanto ia descendo pelo seu corpo, senti sua tensão crescer cada vez mais. Quando passei a língua em seu umbigo, ele se contorceu violentamente.

“Shh”, eu o acalmei, passando o rosto em seu pau latejante.

Ele tinha se lavado depois da nossa primeira transa, estava cheirosinho. Seu saco pesado estava pendurado entre suas pernas, com a pele lisinha graças a um trabalho meticuloso de preparação. Eu adorava o fato de ele ser tão macio quanto eu. Quando estava dentro de mim, a ligação se tornava completa em todos os sentidos — o contato da pele contra pele amplificava ainda mais as sensações.

Com as mãos na parte interior de suas coxas, eu o forcei a afastar mais as pernas, abrindo espaço para que eu me ajeitasse mais confortavelmente. Depois disso, lambi seu saco de ponta a ponta.

Gideon gemeu. O ruído animalesco que ele soltou me deixou um tanto apreensiva. Mesmo assim, eu não parei. Meu desejo por ele era grande demais.

Usando apenas a boca, fiz de tudo para agradá-lo, chupando de leve e fazendo carícias com a língua. Depois levantei seus testículos com os polegares, para ter acesso à pele sensível logo abaixo. Suas bolas se encolheram, a pele se contraiu toda. Minha língua foi passeando até um ponto um pouco mais escondido, em uma expedição exploratória em direção ao meu verdadeiro objetivo.

“Eva. Para.” Ele estava ofegante. “Eu não quero. Não faz isso.”

Minha cabeça estava a mil, e eu continuei tocando seu corpo, agarrando seu pau com a mão e começando a masturbá-lo. Ele ainda estava pensando demais, se preocupando com o que viria a seguir em vez de curtir o momento.

Mas eu sabia como fazê-lo se concentrar em outra coisa.

“Por que não fazemos isso juntos, garotão?” Eu me virei e montei sobre ele, mantendo a

posição invertida.

Ele me agarrou pelos quadris antes mesmo que eu me posicionasse direito, puxando meu sexo até sua boca sedenta. Eu gritei de surpresa quando ele alcançou meu clitóris, sugando avidamente. Ainda estava me sentindo inchada e sensível por causa da primeira transa, e fui invadida por uma súbita onda de prazer. Ele mostrava um apetite violento e implacável, mas motivado pelo medo e pela frustração.

Abocanhando seu pau, comecei a fazer com ele o mesmo que ele estava fazendo comigo.

Depois de uma sucção mais intensa em seu membro ereto, ele gemeu com a boca colada ao meu clitóris, quase me fazendo gozar. Gideon estava me segurando com tanta força que até doía, encravando os dedos nos meus quadris.

Eu estava adorando. Aos poucos Gideon ia se soltando e, apesar de sentir que ele estava com medo, aquilo me excitou. Ele não confiava em si mesmo quando estava comigo, mas eu sim. Era uma confiança conquistada a custo de sangue e lágrimas, mais valiosa que qualquer outra coisa na minha vida.

Eu não parava de masturbá-lo, aparando com a língua todo o líquido pré-ejaculatório que ele ia soltando. Percebi que ele estava tremendo quando nos virou e nos posicionou lado a lado em vez de um em cima do outro.

Ele me chupava com força e com vontade, enfiando a língua no meu sexo e me levando à loucura com suas estocadas furiosas. Encostei de leve a ponta do dedo na abertura do seu ânus, sem tirar a boca do seu membro ereto. Ele estremeceu, e o gemido grave que soltou fez minha pele inteira se arrepiar.

Meus quadris se remexiam sem que eu me desse conta, esfregando meu sexo contra sua boca faminta. Eu gemia sem parar, sentindo meu ventre ser contraído por pequenos tremores de deleite. Ele estava me fodendo gostoso com a língua… me deixando maluca.

Ele começou, então, a fazer o mesmo que eu com a ponta do dedo, massageando a entrada do meu traseiro. Com a mão livre, eu procurei pelo creme que tinha levado para o quarto.

Gideon entregou o tubo para mim, dando o tão necessário sinal de seu consentimento.

Eu mal tinha aberto a tampinha quando senti seu dedo escorregar para dentro de mim. Arqueei as costas, tirei seu pau da boca e sussurrei seu nome, deixando meu corpo absorver o choque da penetração repentina. Ele havia lubrificado os próprios dedos antes de me passar o tubo.

Por um momento, eu me ocupei só de senti-lo por inteiro — ao meu lado, dentro de

mim, com seu corpo junto ao meu. E seu toque não era nada suave. Seu dedo entrava e saía de mim intensamente, me fodendo, demonstrando uma certa dose de raiva. Eu o estava levando em uma direção na qual ele não gostaria de ir, e por isso Gideon estava me punindo com um prazer intenso, mas apressado.

Eu não fui assim tão implacável com ele. Abri a boca e voltei a chupar seu pau. Deixei o creme esquentar nos meus dedos antes de tocá-lo. E esperei que ele relaxasse, se abrisse para mim, antes de penetrá-lo com um único dedo.

O ruído que ele soltou era diferente de tudo que eu já tinha ouvido. Parecia o grito de um animal agonizante, sofrendo de uma dor que vinha da alma. Ele ficou paralisado, respirando profundamente junto ao meu sexo, com o dedo enterrado em mim, e o corpo todo trêmulo.

Eu parei de chupá-lo para falar: "Agora estou dentro de você, amor. Você está se saindo muito bem. Vou te dar muito prazer".

Ele perdeu o fôlego quando fui um pouco mais fundo, estimulando sua próstata com a ponta do dedo. "*Eva!*"

Seu pau inchou ainda mais, ficou todo vermelho, com as veias saltadas, e o líquido pré-ejaculatório escorreu por sua barriga. Estava duro como pedra, encurvado sobre o abdome, logo acima do umbigo. Vê-lo assim tão excitado me deixou louca de tesão.

"Você é meu." Remexi o dedo de levinho dentro dele, enquanto passava a língua por todo o seu membro ereto. "Eu te amo demais, Gideon. Estou adorando fazer isso com você… ver você desse jeito."

"Ah, nossa." Ele estremeceu violentamente. "Me fode, meu anjo. Agora", ele soltou por entre os dentes. "*Com força*."

Eu abocanhei seu pau duro e fiz o que ele pediu, massageando-o por dentro e fazendo-o gemer e se contorcer sob um bombardeio de diferentes sensações. Ele me soltou e arqueou o corpo para trás, mas eu continuei a segurá-lo com a boca e com a mão, puxando-o para mais perto.

"Ah, meu Deus", ele gemeu, agarrando o edredom com as mãos até rasgá-lo, produzindo um som que reverberou pelo espaço confinado em que nos encontrávamos. "Para. Eva. Já chega. Puta que pariu!"

Enfiei o dedo com mais força e o suguei com vontade, e nesse momento ele gozou com tamanha intensidade que até engasguei com seu fluido quente. Gideon continuou esporrando sobre os meus lábios quando o tirei da boca, e depois sobre os meus seios e sua própria barriga, em um jorro tamanho que era difícil acreditar que ele tinha acabado de

gozar pouco tempo antes. Eu podia sentir as contrações na ponta do meu dedo, as pulsações violentas que faziam com que mais e mais esperma saísse do seu pau.

Só tirei o dedo quando senti que seu corpo se acalmou, e me virei, toda trêmula, para abraçá-lo. Estávamos suados e melados, e adorei o fato de que isso não fazia a menor diferença.

Gideon afundou seu rosto úmido entre os meus seios e começou a chorar.

19

O local escolhido por Gideon era paradisíaco. O piloto nos conduziu até as Ilhas de Barlavento, voando baixo sobre as águas absurdamente azuis do mar do Caribe pousou em um aeroclube privado não muito longe de nosso destino final, o resort Crosswinds.

Ainda estávamos meio abalados quando o avião aterrissou. Afinal, Gideon havia tido o maior orgasmo da sua vida. Quando nossos passaportes foram carimbados, ainda estávamos com os cabelos molhados e nos mantínhamos de mãos dadas. Mal abríamos a boca para falar, tanto entre nós como com os demais. Acho que ainda estávamos nos sentindo muito expostos.

Entramos na limusine que estava à nossa espera, e Gideon se serviu de uma bebida. Seu rosto não revelava nenhum sentimento. Suas barreiras estavam todas erguidas, impenetráveis. Sacudi a cabeça quando ele ergueu o copo de cristal, perguntando, sem dizer nada, se eu também queria alguma coisa.

Ele se sentou ao meu lado e passou o braço por sobre os meus ombros.

Eu me debrucei sobre ele, pondo as pernas em cima do seu colo. “Está tudo bem?”

Ele me deu um beijo na testa. “Sim.”

“Eu te amo.”

“Eu sei.” Ele virou a bebida e pôs o recipiente vazio no porta-copos.

Não dissemos mais nada no caminho do aeroclube até o resort. Já estava escuro quando chegamos, mas o saguão a céu aberto era bem iluminado. Decorado com plantas belíssimas e com acabamento em madeira escura e cerâmica, o balcão recebia os hóspedes com uma mistura de elegância e rusticidade.

O gerente do hotel estava à nossa espera na área circular de desembarque quando chegamos, com uma aparência impecável e um sorriso aberto. Ele estava claramente empolgado por receber Gideon ali, e pareceu ainda mais satisfeito ao descobrir que ele sabia seu nome — Claude.

Claude falava animadamente, e nós o seguíamos de mãos dadas, sem nos soltar nem por um segundo. Olhando para Gideon, ninguém diria que havíamos compartilhado um momento de tanta intimidade apenas uma hora antes. Meus cabelos depois de secos estavam desarrumados, enquanto os dele permaneciam impecáveis. Seu terno estava

passado e alinhado, enquanto o meu vestido já mostrava o desgaste de um dia inteiro de uso. Minha maquiagem tinha saído completamente no banho, me deixando pálida e com olheiras.

Ainda assim, pela maneira como me conduziu ao interior da nossa suíte, pondo a mão na parte inferior das minhas costas, Gideon deixou bem claro seu temperamento possessivo. Ele fazia com que eu me sentisse segura e desejada, apesar de sua postura distante e profissional diante do gerente.

Era uma das coisas que eu mais adorava nele.

Só queria que ele não estivesse tão quieto. Aquilo estava me deixando preocupada, me fazendo questionar a decisão de ter insistido mesmo depois de ele ter pedido mais de uma vez para que eu parasse. Quem era eu para dizer do que ele precisava para superar seus traumas?

Enquanto o gerente continuava a falar com Gideon, fui andando pela enorme sala da suíte, com sua varanda imensa e seus sofás brancos espalhados pelo piso de bambu. O quarto principal era igualmente impressionante, com uma cama espaçosa coberta por um mosquiteiro e uma varanda que dava para uma piscina privativa que parecia se juntar à imensidão do mar logo à frente.

Uma brisa leve soprava da praia, beijando meu rosto e se espalhando pelos meus cabelos. A lua recém-surgida se refletia no oceano, e o som das risadas distantes e do reggae fez com que eu me sentisse isolada, e não de uma maneira agradável.

Nada parecia bom quando Gideon não estava bem.

“Gostou?’, ele perguntou baixinho.

Eu me virei para olhá-lo e ouvi o som da porta se fechando à distância. “É maravilhoso.”

Ele acenou com a cabeça. “Pedi para servirem o jantar aqui mesmo. Tilápia, arroz, frutas frescas e queijo.”

“Que ótimo. Estou morrendo de fome.”

“Tem roupas pra você no armário e nas gavetas. E biquínis também, mas a piscina e a praia são privativas, então você só precisa usar se quiser. Se estiver faltando alguma coisa, é só me dizer que eu providencio.”

Fiquei olhando para ele, sentindo a distância entre nós. Seus olhos brilhavam à luz fraca dos abajures do quarto. Ele parecia irritado e distante, e eu senti um nó na garganta e lágrimas se acumulando nos meus olhos.

“Gideon…” Estendi a mão para ele. “Me diz se eu exagerei na dose. Se estraguei alguma coisa entre nós.”

“Meu anjo.” Ele suspirou e se aproximou para pegar a minha mão e me beijar de leve nos lábios. Mais de perto, pude ver que ele desviou os olhos, como se fosse doloroso olhar para mim. Senti meu estômago se revirar. “Crossfire.”

Ele disse isso tão baixinho que quase me perguntei se não tinha sido minha imaginação. Depois me envolveu nos braços e me beijou.

“Garotão.” Fiquei na ponta dos pés, o agarrei pela nuca e retribuí o beijo com todas as minhas forças.

Ele se desvencilhou de mim com uma certa pressa. “Vamos trocar de roupa antes que a comida chegue. Quero vestir alguma coisa mais leve.”

Recuei com passos relutantes, mesmo concordando que ele devia estar com calor naquele terno, senti que havia alguma coisa errada. Essa sensação se tornou ainda mais forte quando Gideon foi para o outro quarto se trocar e eu me dei conta de que não dormiríamos juntos.

Tirei os sapatos dentro de um closet abastecido com muito mais roupas do que o necessário para um fim de semana. A maior parte das peças era branca. Gideon gostava de me ver de branco. Desconfiei que fosse porque ele me via como seu anjo.

Mas será que ainda me via dessa forma naquele momento? Ou como um demônio? Uma vadia egoísta que o fez relembrar situações que ele preferiria esquecer?

Escolhi um vestidinho de malha preto, que combinava com o meu estado de humor funesto. Parecia que algo havia morrido entre nós.

Gideon e eu tivemos muitos momentos difíceis antes deste, mas ele jamais havia ficado assim tão distante, tão desconfortável e inquieto.

Era o tipo da coisa que eu já tinha vivido com outros caras, pouco antes de me dizerem que não queriam mais nada comigo.

O jantar chegou e foi lindamente servido na mesa do terraço, com vista para a praia particular. Vi uma cabana branca na areia e me lembrei do sonho de Gideon: nós dois em uma espreguiçadeira perto do mar, fazendo amor.

Senti meu coração doer.

Dei dois goles no vinho branco frutado e comecei a comer, apesar de ter perdido o apetite. Gideon se sentou à minha frente vestindo uma calça larga de linho branco e nada mais, o que só piorou as coisas para mim. Ele era tão lindo e tão gostoso que era

impossível não ficar de boca aberta, admirando. Mas sua cabeça estava a quilômetros dali. Ele era apenas uma presença silenciosa e marcante, que me fez desejá-lo com todas as forças do meu ser.

Nosso distanciamento emocional estava se tornando cada vez maior. Para mim, já havia se tornado intransponível.

Afastei meu prato quando terminei, e percebi que Gideon mal tinha tocado na comida. Ele havia dado umas poucas garfadas, mas me ajudou a acabar com a garrafa de vinho.

Respirando fundo, eu falei: “Desculpa. Eu não devia… Eu não…” Engoli em seco. “Desculpa, amor”, eu sussurrei.

Saí da mesa ruidosamente, arrastando a cadeira sobre o piso de cerâmica, e me afastei dali às pressas.

“Eva! Espera.”

Senti a areia morna sob os meus pés e saí correndo na direção do mar, tirando o vestido e entrando na água quente como a de uma banheira. A praia era rasa ao longo de vários metros, mas depois tinha uma queda súbita que me fez mergulhar, até a cabeça. Abracei os joelhos e comecei a afundar, agradecida por estar submersa e bem escondida quando comecei a chorar.

A sensação de estar flutuando na água aplacou o peso que eu sentia no coração. Meus cabelos boiavam ao meu redor, e eu sentia os peixes roçarem minha pele de leve enquanto fugiam diante da invasão de seu mundo pacífico e silencioso.

Meu corpo reagiu instintivamente ao ser puxado para fora d’água, tossindo e cuspindo água.

“Meu anjo.” Gideon grunhiu e me beijou na boca com vontade enquanto saíamos do mar e voltávamos para a praia. Ele me levou até a cabana e me deitou na espreguiçadeira, me cobrindo com o peso do seu corpo antes que eu tivesse a chance de recuperar o fôlego.

Ainda estava meio tonta quando o ouvi dizer: “Casa comigo”.

Mas não foi por isso que respondi: “Sim”.

Gideon tinha entrado na água atrás de mim de calça e tudo. Senti o linho ensopado grudar nas minhas pernas descobertas enquanto ele me beijava como se estivesse morrendo de sede e eu fosse a única fonte capaz de saciá-lo. Ele segurava meus cabelos, me mantendo imóvel. Sua boca fazia movimentos frenéticos, tanto com os lábios inchados como com a língua ávida e possessiva.

Fiquei deitada sob ele sem me mover. Em choque. Foi quando entendi tudo.

Ele estava aflito porque queria me pedir em casamento, e não me abandonar.

“Amanhã”, ele soltou por entre os dentes, esfregando seu rosto no meu. A barba já começava a deixar seu rosto áspero, e o atrito com a minha pele fez com que de repente eu me desse conta de onde estava e do que estava acontecendo.

“Eu…” Minha mente estava a mil por hora.

“É só dizer *sim*, Eva.” Ele ergueu o corpo e me encarou fixamente. “É uma palavra bem simples… sim.”

Eu engoli em seco. “A gente não pode casar amanhã.”

“Claro que pode”, ele disse, convicto, “não só pode como vai. Eu preciso disso, Eva. Dos votos, da certidão em papel passado… Vou enlouquecer se não tiver tudo isso com você.”

Senti o mundo todo girar, como se estivesse em um daqueles brinquedos de parque de diversão que rodam a toda velocidade. “É cedo demais”, eu protestei.

“Como você pode me dizer isso depois do que aconteceu no avião?”, ele disparou. “Você *tomou posse* de mim, Eva. E agora eu preciso fazer o mesmo.”

“Não estou conseguindo respirar”, eu falei, quase sem fôlego, em meio a um inexplicável acesso de pânico.

Gideon rolou para o lado, me puxou para cima dele e me abraçou. Me tomou para si. “É isso que você quer”, ele insistiu. “Você me ama.”

“É verdade.” Deixei a cabeça cair sobre o seu peito. “Mas você está apressando as…”

“Você acha que eu decidi fazer o pedido assim do nada? Pelo amor de Deus, Eva, você me conhece. Estou planejando isso faz semanas. Só penso nisso há um tempão.”

“Gideon… nós não podemos casar escondidos.”

“Não o cacete.”

“E a nossa família? E os nossos amigos?”

“Podemos fazer uma cerimônia só pra eles. Isso também está nos meus planos.” Ele afastou os cabelos molhados do meu rosto. “Quero fotos nossas nos jornais, nas revistas… em todos os lugares. Mas isso vai demorar meses, e eu não posso esperar tanto assim. Vamos fazer isso agora, só nós dois. Não precisamos contar pra ninguém se você não quiser. Podemos dizer que ficamos noivos. Vai ser o nosso segredo.”

Eu o encarei, sem saber o que dizer. Sua pressa e sua impetuosidade transmitiam ao mesmo tempo um sentimento romântico e assustador.

“Eu pedi a permissão do seu pai”, ele continuou, me deixando em choque mais uma vez. “Ele não fez nenhuma…”

“Quê? Quando?”

“Quando ele estava em Nova York. Surgiu a oportunidade, e eu falei com ele.”

Por alguma razão, aquilo me deixou magoada. “Ele não me disse nada.”

“Porque eu pedi pra ele não dizer. Falei que a ideia era que não fosse tão já. Eu ainda estava preocupado em saber se você ia me aceitar de volta. Tenho tudo gravado, então você pode ouvir a conversa se não acreditar em mim.”

Eu pisquei os olhos, confusa. “Você gravou a conversa?”, eu perguntei.

“Não queria deixar nada na mão do acaso”, ele falou sem o menor constrangimento.

“Você disse que não seria tão já. Ou seja, mentiu pra ele.”

Ele abriu um sorriso. “Não menti não. Já se passaram vários dias.”

“Ai, meu Deus. Você é maluco.”

“Provavelmente. Mas foi você que me deixou assim.” Ele me beijou com força no rosto. “Não consigo viver sem você, Eva. Não consigo nem imaginar isso. Só de pensar, já fico à beira da loucura.”

“Essa sua ideia é uma loucura.”

“Por quê?” Ele franziu a testa. “Nós somos feitos um pro outro, então por que esperar?”

Os argumentos contrários brotaram instantaneamente na minha cabeça. Todas as razões que tínhamos para esperar, todas as armadilhas possíveis que pareciam tão óbvias. Mas não consegui dizer nada.

“Você não tem opção”, ele disse com veemência, me abraçando e levantando da espreguiçadeira. “Nós vamos fazer isso, Eva. Aproveite bem os seus últimos momentos como uma mulher solteira.”

“Gideon”, eu suspirei, sacudindo a cabeça ao sentir o orgasmo tomar conta de mim.

Seu suor gotejava sobre o meu peito, e seus quadris remexiam incansavelmente para movimentar seu magnífico pênis dentro de mim, entrando e saindo, recuando e depois indo fundo de novo.

“Isso”, ele falou com a voz áspera, “aperta o meu pau assim mesmo. Você é uma delícia, meu anjo. Vai me fazer gozar de novo.”

Eu precisava me esforçar para respirar, sentindo o corpo pesado e cansado pela tentativa

de acompanhar seu ritmo. Ele havia me acordado duas vezes, falando justamente o que eu queria ouvir, implantando no meu cérebro e no meu corpo a ideia de que eu pertencia a ele, de que ele podia fazer o que quisesse comigo.

Isso me deixava morrendo de tesão.

“Humm…” Ele gemeu, metendo mais fundo. “Você está toda meladinha com a minha porra. Adoro o jeito como você fica depois de dar pra mim a noite toda. Quero isso pro resto da vida, Eva. Nunca mais vou parar.”

Agarrei seu quadril com a perna, mantendo-o dentro de mim. “Me beija.”

Ele abriu um sorriso malicioso com a boca colada à minha.

“Quero o seu amor”, eu exigi, cravando as unhas nos seus quadris.

“Isso você já tem, meu anjo”, ele sussurrou, abrindo ainda mais o sorriso. “Isso você já tem.”

Quando acordei, ele não estava mais lá.

Puxei os lençóis mais para cima, sentindo o cheiro de sexo e de Gideon sobre mim, e inalei profundamente a brisa salgada que entrava pela janela aberta.

Fiquei deitada por um tempo, pensando na noite anterior, nas semanas anteriores e nos meses anteriores, antes de conhecer Gideon. E um pouco mais além. Pensei em Brett e nos meus outros namorados. Em uma época em que eu tinha a certeza de que jamais encontraria um homem que me amasse como eu era, com os meus traumas e as minhas inseguranças.

O que mais eu poderia dizer além de sim quando por milagre enfim o encontrei?

Desci da cama e senti a empolgação de que encontraria Gideon e concordaria em me casar com ele sem contestações. Estava adorando a ideia de estar sozinha com ele, de fazer nossos votos longe dos olhares de quem duvidava do nosso relacionamento ou torcia para que desse errado. Depois de tudo que havíamos passado, fazia todo o sentido um recomeço baseado apenas no amor, na esperança e na felicidade.

Eu deveria ter desconfiado dos planos dele, de me trazer para um local tão exclusivo. Era óbvio que o casamento ideal para nós dois seria em uma praia, que tantas lembranças boas nos traziam, como a da nossa última viagem juntos, para a Carolina do Norte.

Quando vi o café da manhã sobre a mesinha de centro da sala da suíte, abri um sorriso. Havia também um robe branco de seda no encosto da cadeira.

Gideon nunca deixava passar nenhum detalhe.

Vesti o robe e estendi a mão para servir um pouco de café em uma xícara. Precisava de uma dose de cafeína antes de procurá-lo e dar minha resposta. Foi quando vi o acordo pré-nupcial sobre a bandeja do café.

Minha mão ficou paralisada antes de apanhar o bule. O documento estava posicionado sob uma rosa vermelha em um vaso branco, bem ao lado dos talheres e do guardanapo.

Não sei por que fiquei tão surpresa e… chateada. Obviamente, Gideon tinha planejado tudo nos mínimos detalhes — a começar pelo acordo pré-nupcial. Afinal de contas, no início, ele não havia tentado estabelecer um relacionamento comigo nos termos de uma transação comercial?

Toda a felicidade e empolgação desapareceram de dentro de mim em um instante. Desanimada, deixei a bandeja por lá mesmo e fui tomar um banho. Demorei bastante no chuveiro, fazendo tudo em câmera lenta. Para mim, era preferível dizer não do que permitir que um documento cartorial pusesse um preço no meu amor, que era precioso e inestimável.

Ainda assim, temi que fosse tarde demais, que o estrago já tivesse sido feito e fosse irremediável. Só o fato de eu saber que aquele documento existia já mudava tudo. Por outro lado, eu conseguia entender as razões dele. Afinal, ele era Gideon Cross, um dos vinte e cinco homens mais ricos do mundo. Seria inconcebível se ele não propusesse um acordo pré-nupcial. Eu não era ingênua a esse ponto. Devia saber que não existem príncipes encantados e nem castelos no céu.

Ao sair do banho, pus um vestidinho leve, prendi os cabelos em um rabo de cavalo e fui tomar café. Servi uma xícara para mim, acrescentei creme e adoçante e peguei o documento para ler lá fora, na varanda.

De lá, pude ver que na praia os preparativos para o casamento já tinham começado. Um arco coberto de flores havia sido posicionado perto da linha d’água, e fitas de cetim brancas tinham sido estendidas sobre a areia, formando um corredor até o altar.

Decidi sentar de costas para a praia, porque aquela visão era incômoda para mim.

Dei um gole de café, esperei os primeiros efeitos da cafeína e depois dei outro. Só fui tomar coragem de ler o documento depois de beber metade da xícara. As primeiras páginas detalhavam os bens de que dispúnhamos antes do casamento. A lista de Gideon era impressionante. *Como ele arruma tempo pra dormir?* A princípio achei que a quantidade de dinheiro atribuída a mim estava errada, mas depois lembrei que a minha fortuna já estava rendendo dividendos fazia tempo.

Stanton conseguiu dobrar os meus cinco milhões de dólares.

Nesse momento, percebi a estupidez que estava fazendo deixando aquele dinheiro no mercado financeiro em vez de investi-lo em algo que pudesse ser útil para pessoas que precisam. Senti que a minha obrigação era dar um bom destino a esses recursos, e não fingir que eles não existiam. Fiz uma anotação mental para pôr isso em prática assim que chegasse a Nova York.

Foi quando a leitura do acordo pré-nupcial começou a ficar interessante.

A primeira exigência de Gideon era que eu adotasse o nome Cross. Eu podia manter o sobrenome Tramell como nome do meio, mas sem nenhum hífen o ligando ao seu. *Eva Cross* — era uma condição inegociável. E combinava perfeitamente com ele. Meu namorado dominador não fazia a menor questão de esconder sua mentalidade de homem das cavernas.

O segundo artigo estipulava que eu ganharia dez milhões de dólares com o casamento, dobrando a minha fortuna pessoal com o simples ato de dizer *sim*. A cada ano, ele me daria mais dinheiro. Haveria bônus para cada criança nascida da nossa união, e gratificações por comparecer a sessões de terapia de casal. Eu teria que concordar também em esgotar todas as instâncias de aconselhamento e mediação antes de um eventual pedido de divórcio. Precisaria aceitar também morar na mesma casa que ele, fazer viagens de férias a cada dois meses, saídas à noite como casal…

Quanto mais eu lia, mais clara sua intenção ia ficando. Gideon não estava propondo aquele acordo para preservar seus bens materiais. Quanto a isso ele não fazia objeções, concordava plenamente que metade do que ganhasse depois do nosso casamento seria meu. A não ser que ele me traísse. Nesse caso, haveria uma severa sanção financeira.

Aquele acordo era uma garantia para o seu coração, uma forma de me prender irrevogavelmente a ele, não importa o que acontecesse. Gideon estava me oferecendo tudo o que tinha na vida.

Ele apareceu na varanda quando cheguei à última página, vestindo apenas uma calça jeans. Eu sabia que sua chegada num momento tão conveniente não era acidental. Gideon devia estar me vigiando de algum lugar, observando minha reação.

Limpei as lágrimas do meu rosto com uma casualidade muito bem ensaiada. “Bom dia, garotão.”

“Bom dia, meu anjo.” Ele se curvou e me beijou na bochecha antes de se sentar ao meu lado à mesa.

Um funcionário do hotel apareceu com o café da manhã e o serviu sobre a mesa antes de desaparecer silenciosamente.

Olhei para Gideon, constatando que a brisa tropical fazia bem para ele e seus cabelos sedosos. Sentado ali ao meu lado, todo viril e casual, ele não parecia ser o responsável por aquele documento cheio de cifrões.

Voltei para a primeira página, pus a mão sobre o documento e falei: “Não existe nada nesse documento que me obrigue a ficar casada com você”.

Ele respirou fundo. “Então vamos reformular algumas coisas. Pode falar quais são suas exigências.”

“Eu não quero seu dinheiro. O que eu quero é isto”, fiz um gesto apontando para o seu corpo. “E principalmente isto.” Pus a mão sobre o seu coração. “Você é a única coisa capaz de me segurar, Gideon.”

“Isso eu não sei como fazer, Eva.” Ele me pegou pela mão e a pôs sobre o peito. “Eu vou estragar tudo. E você vai querer fugir.”

“Eu não faço mais isso. Você não percebeu?”

“Percebi que você saiu correndo pro mar ontem à noite e afundou como uma pedra!” Ele se inclinou para a frente e me encarou. “É besteira recusar o acordo só por uma questão de princípios. Se não existe nada aí que não seja inaceitável pra você, então assine. Por mim.”

Eu me recostei na cadeira. “Nós dois ainda temos um longo caminho pela frente”, falei baixinho. “Não é um documento que vai fazer que a gente acredite um no outro. Estamos falando de confiança, Gideon.”

“Bom, nesse caso…” Ele hesitou. “Eu acho que mais cedo ou mais tarde posso acabar estragando tudo, e você não acredita que é tudo o que eu preciso. Mas um no outro a gente confia. Quanto ao resto, podemos resolver tudo juntos.”

“Tudo bem.” Quando vi seus olhos se iluminarem, senti que estava tomando a decisão certa, ainda que parte de mim ainda tivesse a certeza de se tratar de uma decisão precipitada. “Só tenho uma objeção.”

“Pode falar.”

“A questão do nome.”

“Isso não é negociável”, ele rebateu no ato, fazendo um gesto com a mão.

Eu levantei uma sobrancelha. “Não vem dar uma de troglodita pra cima de mim. Quero ter o nome do meu pai também. Ele queria isso e é algo que o incomodou durante toda a minha vida. E agora eu tenho a chance de reparar essa injustiça.”

“Então seu nome vai ser Eva Lauren Reyes Cross?”

“Eva Lauren Tramell Reyes Cross.”

“Isso é nome que não acaba mais, meu anjo”, ele resmungou, “mas se deixa você feliz… Pra mim está ótimo.”

“O que me faz feliz é você”, eu falei, me inclinando para a frente e oferecendo meus lábios para ele.

Ele me beijou de leve. “Vamos oficializar tudo, então.”

Eu me casei com Gideon Geoffrey Cross descalça em uma praia do Caribe, com um gerente de hotel e Angus McLeod como testemunhas. Nem sabia que Angus estava lá, mas fiquei feliz com a sua presença.

Foi uma cerimônia simples, rápida e linda. Meu vestido tomara que caia bem justo até a cintura tinha uma saia com pétalas de organza que ia até os pés, era sexy e romântico. Meus cabelos estavam presos em um coque elegante, com uma rosa espetada. O hotel nos ofereceu um buquê de jasmins brancos.

Gideon também estava descalço, usando calça grafite e uma camisa branca. Eu chorei quando ele fez seus votos com a voz firme e segura, enquanto em seus olhos era possível ver toda a sua emoção.

Ele me amava muito.

Foi uma cerimônia íntima e profundamente pessoal. Perfeita.

Sentia falta da minha mãe, do meu pai e de Cary. Também queria que Ireland estivesse lá, e Stanton, e Clancy. Quando Gideon se inclinou para consumar nosso casamento com um beijo, ele murmurou: “Nós podemos fazer isso de novo. Quantas vezes você quiser”.

Eu o amava muito.

Angus se aproximou e beijou os dois lados do meu rosto. “Que bom ver vocês dois tão felizes.”

“Obrigada, Angus. Você cuidou muito bem dele.”

Ele sorriu, e seus olhos brilharam quando se voltaram para Gideon. Ele disse algo com seu carregado sotaque escocês que eu não fui capaz de entender. O que quer que fosse, fez os olhos de Gideon brilharem também. Como não imaginar que eles haviam estabelecido uma relação de pai e filho ao longo de todos aqueles anos? Eu sempre seria grata por todo o afeto e apoio que ele ofereceu a Gideon nos momentos em que ele mais precisava.

Cortamos o pequeno bolo e brindamos com champanhe na varanda da suíte. Assinamos o livro de registros do reverendo e a certidão de casamento. Gideon passou os dedos de leve sobre o documento.

“Era disso que você precisava?”, eu provoquei. “De um pedaço de papel?”

“Eu precisava de você, sra. Cross.” Ele me puxou para perto. “Só isso.”

Angus apanhou o acordo pré-nupcial e a certidão de casamento e levou consigo quando saiu. Os documentos seriam devidamente registrados em cartório pelo gerente do hotel e devolvidos para Gideon guardar junto com seus demais papéis.

Quanto a Gideon e eu, nós acabamos na cabana, onde nos agarramos sem roupa, bebemos champanhe, entregamos nossos corpos um ao outro e nos beijamos sem pressa à medida que o sol se punha.

Isso também foi perfeito.

“E então, como é que a gente vai explicar tudo isso quando voltar?”, eu perguntei enquanto jantávamos à luz de velas na sala da suíte. “Essa história de sumirmos do mundo e voltarmos casados?”

Gideon encolheu os ombros e lambeu a manteiga derretida do polegar. “Como você quiser.”

Arranquei a carne de uma perna de caranguejo e considerei as opções. “Pro Cary eu preciso contar. E acho que o meu pai não vai se incomodar. Eu meio que já mencionei isso uma vez, e você pediu a permissão dele, então está tudo certo. E acho que pro Stanton não vai fazer muita diferença, né?”

“Não mesmo.”

“Só estou preocupada com a minha mãe. As coisas entre nós não andam boas. Acho que ela vai adorar saber que nós casamos” — fiz uma pausa, como quem ainda não acredita que aquilo fosse mesmo verdade — “mas não quero que ela pense que não foi incluída na cerimônia porque eu estava com raiva dela.”

“Então é só dizer pra todo mundo que só ficamos noivos.”

Mergulhei a carne de caranguejo na manteiga derretida, ainda tentando me acostumar à ideia de que veria Gideon sem camisa e relaxado muitas vezes dali em diante. “Ela vai surtar se achar que vamos morar juntos antes do casamento.”

“Bom, então é melhor resolver isso o quanto antes”, ele respondeu secamente. “Você é a minha mulher, Eva. Se todo mundo sabe disso ou não, não faz diferença, porque *eu* sei. Quero encontrar você na minha casa todos os dias quando chegar, tomar café da manhã com você ao acordar, ajudar você a fechar o zíper do seu vestido de manhã e a abri-lo à noite.”

Observando enquanto ele partia uma perna de caranguejo com a mão, eu perguntei:

“Você vai querer usar aliança?”.

“Claro que vou.”

Isso me fez sorrir. Ele parou o que estava fazendo e ficou me olhando.

“Que foi?”, eu perguntei, notando seu silêncio. “A minha cara está suja de manteiga?”

Ele se recostou e deu um suspiro. “Você é linda. Eu adoro ficar te olhando.”

Senti meu rosto ficar vermelho. “Você também não é de se jogar fora.”

“Já está começando a passar”, ele murmurou.

O sorriso desapareceu do meu rosto. “O quê? O que está começando a passar?”

“Aquela preocupação… Estou me sentindo mais seguro, você não?” Ele deu um gole no vinho. “Mais tranquilo. É uma sensação boa. Eu estou gostando. E muito.”

Gideon beijou minha mão. O anel que ele tinha me dado reluziu sob a luz das velas. Tinha um diamante bem grande e bem lapidado, uma aliança de casamento à moda antiga. Eu adorava aquela sofisticação atemporal, ainda mais porque era a aliança com que seu pai tinha se casado com sua mãe.

Apesar de Gideon guardar uma mágoa profunda dos pais, o tempo que passaram como uma família foi seu último momento de felicidade na vida antes de me conhecer.

E ele ainda era capaz de jurar que não sabia ser romântico.

Ele me surpreendeu admirando a aliança. “Você gostou.”

“Gostei muito.” Eu o encarei. “É uma peça única. Queria que a nossa casa fosse assim também.”

“Ah, é?” Ele apertou minha mão e voltou a comer.

“Eu entendo a necessidade de dormirmos separados, mas não quero portas e paredes entre nós.”

“Eu também não, mas a segurança precisa vir em primeiro lugar.”

“Que tal uma suíte com dois quartos ligados por um banheiro sem portas, só com as passagens e os batentes? Assim tecnicamente a gente ia dividir o mesmo espaço.”

Ele pensou por um instante antes de concordar com a cabeça. “Anota tudo isso e depois a gente contrata um arquiteto pra fazer o projeto. Vamos continuar lá no Upper West Side enquanto a cobertura é reformada. Cary pode ficar com o apartamento anexo e mudar o que quiser por lá enquanto isso.”

Esfreguei o pé em sua panturrilha como uma forma de agradecimento. O vento trazia

consigo o som de uma música distante, lembrando que não estávamos sozinhos em uma ilha deserta.

Angus estaria em algum lugar se divertindo? Ou estava de sobreaviso na porta da nossa suíte?

“Cadê o Angus?”, perguntei.

“Está por aí.”

“Raúl também veio?”

“Não. Está em Nova York investigando como a pulseira de Nathan foi parar no lugar onde foi parar.”

“Ah.” De repente perdi o apetite. Peguei um guardanapo para limpar os dedos. “Algum motivo pra preocupação?”

Era uma pergunta retórica, pois se tratava de um assunto que jamais deixaria de me preocupar. O mistério sobre quem havia conseguido despistar a polícia ainda assombrava a minha mente o tempo todo.

“Alguém resolveu me presentear com um *habeas corpus* vitalício”, ele falou bem sério, lambendo o lábio inferior. “Sei que isso vai ter seu preço e, como até agora ninguém me procurou, vou atrás dessa resposta eu mesmo.”

“Mas nada garante que vai encontrar.”

“Ah, pode apostar que sim”, ele murmurou, ameaçador. “E aí vamos descobrir tudo.”

Por baixo da mesa, eu enlacei a perna dele com as minhas.

Mais tarde, dançamos na praia à luz do luar. O tempo quente e úmido tornava tudo mais sensual, e nós soubemos como nos aproveitar disso. Gideon dormiu na minha cama naquela noite, apesar de estar bastante inseguro quanto a correr esse risco. Eu não queria nem pensar em passar a minha noite de núpcias dormindo sozinha, e tinha certeza de que o medicamento que ele tomava, combinado a uma noite quase em claro no dia anterior, faria com que ele tivesse um sono tranquilo. E foi isso que aconteceu.

No domingo, ele me deu algumas opções: ir visitar uma cachoeira linda, sair para velejar no catamarã do hotel ou descer um rio de bote. Eu sorri, falei que tudo isso poderia ficar para a próxima vez e o forcei a fazer o que eu queria, só para variar.

Ficamos de bobeira o dia todo, tomando banho sem roupa na piscina e cochilando quando sentíssemos vontade. Já era mais de meia-noite quando fomos embora, e eu fiquei triste por ter de partir. Aquele fim de semana tinha sido curto demais.

“Ainda teremos muitos fins de semana pela frente”, ele murmurou no trajeto para o aeroclube, como se estivesse lendo os meus pensamentos.

“Eu sou egoísta. Quero você só pra mim.”

Quando embarcamos no jatinho, as roupas disponíveis no resort estavam todas lá. Eu abri um sorriso, pois não havia usado uma boa parte delas naqueles dois dias.

Fui até o banheiro para escovar os dentes antes da decolagem de volta para casa. Foi quando vi a etiqueta de couro acoplada ao meu estojo de cosméticos, com o meu nome gravado: *Eva Cross*.

Gideon entrou no banheiro atrás de mim e me deu um beijo no ombro. “Vamos dormir, meu anjo. Temos um dia inteiro de trabalho pela frente.”

Apontando para a etiqueta, eu falei: “Pelo jeito você tinha certeza absoluta de que eu ia dizer sim”.

“Na verdade o plano era manter você como refém até concordar em casar comigo.”

Eu não duvidei daquelas palavras. “Quanta honra.”

“Você é uma mulher casada.” Ele me deu um tapa na bunda. “Agora anda logo, sra. Cross.”

Terminei o que estava fazendo e fui deitar com ele na cama. Ele me abraçou por trás e me puxou mais para perto.

“Bons sonhos, amor”, eu sussurrei, enlaçando seus braços com os meus.

Ele abriu um sorriso com a boca colada ao meu pescoço. “Os meus sonhos já viraram realidade.”

20

Foi estranho chegar ao trabalho na segunda-feira e notar que ninguém sabia que a minha vida tinha mudado para sempre. Quem diria que umas poucas palavras e um anel de metal com uma pedra preciosa poderiam alterar tanto a percepção de uma pessoa sobre si mesma?

Eu não era mais aquela Eva recém-chegada a Nova York, buscando o sucesso na cidade grande ao lado do melhor amigo. Era a esposa de um magnata. Tinha todo um novo mundo de responsabilidades e expectativas a encarar. Só de pensar em tudo aquilo já me sentia intimidada.

Megumi se levantou quando liberou para mim o acesso à sede da Waters Field & Leaman. Estava vestida de forma discreta, o que não era muito comum, com um vestido preto sem manga, uma saia de corte assimétrico e sapatos roxos de salto alto. “Uau! Você está com um bronzeado lindo! Que inveja.”

“Obrigada. Como foi o fim de semana?”

“Nada de mais. Michael parou de me ligar.” Ela franziu o nariz. “Estou sentindo falta do assédio. Estava fazendo com que eu me sentisse desejada.”

Eu sacudi a cabeça. “Você é maluca.”

“Eu sei. Agora me diz pra onde você foi. E se foi com o roqueiro famosão ou com Cross.”

“Da minha boca você não vai ouvir nada.” Eu estava morrendo de vontade de contar tudo, só não disse nada porque queria que Cary fosse o primeiro a saber.

“Não acredito!” Ela estreitou os olhos. “Jura que não vai me contar?”

“Claro que vou.” Eu pisquei um dos olhos para ela. “Só que não agora.”

“Eu sei onde você trabalha, sabia?”, ela disse atrás de mim enquanto eu me dirigia ao meu cubículo.

Quando cheguei à minha mesa, fui digitar uma mensagem de texto para Cary no celular e descobri que ele tinha me mandado algumas durante o fim de semana, que estavam chegando atrasadas. No sábado, quando liguei para o meu pai, elas não estavam lá.

Quer almoçar comigo?, eu escrevi.

Como a resposta não foi imediata, pus o celular no silencioso e deixei sobre a mesa.

“Pra onde você foi no fim de semana?”, Mark me perguntou quando chegou. “Está com um belo bronzeado.”

“Obrigada. Fiz uma viagenzinha pro Caribe.”

“Sério? Eu andei pesquisando umas ilhas por lá pra passar a lua de mel. Você recomendaria esse lugar onde ficou?”

Eu dei risada, mostrando uma felicidade que não sentia fazia um bom tempo. Ou talvez nunca tivesse sentido. “Com certeza.”

“Depois me passa os detalhes. Vou acrescentar esse lugar à lista de possibilidades.”

“Você ficou com a função de escolher o local da lua de mel?” Eu me levantei para irmos pegar um café e começar nosso dia.

“Pois é.” Mark abriu um meio-sorriso. “Vou deixar a parte da cerimônia a cargo do Steven, já que ele vem sonhando com isso há tanto tempo. Mas a lua de mel é comigo.”

Mark parecia estar muito feliz, e eu sabia exatamente como ele se sentia. Seu bom humor fez com que meu dia começasse ainda melhor.

A calmaria terminou quando Cary me ligou no telefone do trabalho, pouco depois das dez.

“Escritório de Mark Garrity”, eu atendi. “Eva Tramell…”

“… está precisando de uma boa surra”, interrompeu Cary. “Não me lembro de ter ficado tão puto com você alguma vez na vida.”

Franzi a testa e senti meu estômago se contrair. “Cary, o que foi?”

“Eu não converso sobre assuntos realmente importantes por telefone, ao contrário de certas pessoas. Vou passar aí na hora do almoço. E, só pra você saber, tive que cancelar uma entrevista de trabalho pra isso, porque é assim que os amigos de verdade fazem as coisas”, ele disse, irritado. “Eles abrem mão do que for preciso pra conversar pessoalmente quando têm alguma coisa séria pra falar. Não deixam mensagens de voz engraçadinhas no celular e pensam que está tudo bem!”

Ele desligou. Fiquei sem reação, e um pouco assustada.

Tudo na minha vida de repente ficou em segundo plano. Cary era meu pilar de sustentação. Se não conseguisse me acertar com ele, todo o restante corria o risco de ir por água abaixo. E eu sabia que com ele acontecia o mesmo. Sempre que perdíamos o contato, ele começava a fazer merda.

Peguei o celular na bolsa e liguei de volta para ele.

“Que foi?”, ele falou, curto e grosso. Mas o fato de ter atendido era um bom sinal.

“Se eu fiz alguma besteira”, me apressei em dizer, “já peço desculpas e prometo que vou fazer de tudo pra corrigir o que fiz. Certo?”

Ele bufou. “Você está me irritando, Eva.”

“Bom, eu sou muito boa nisso, caso ainda não tenha percebido, mas detesto fazer isso com você.” Eu suspirei. “Se a gente não conversar eu vou ficar maluca, Cary. Preciso que esteja tudo bem entre nós o tempo todo, você sabe disso.”

“Não é o que anda parecendo ultimamente”, ele resmungou. “Estou sendo jogado pra escanteio, e isso magoa.”

“Eu estou sempre pensando em você. Se não consigo demonstrar isso, não é de propósito.”

Ele não disse nada.

“Eu te amo, Cary. Pode acreditar, por mais que eu pise na bola.”

Ele soltou o ar com força. “Volte a trabalhar e não esquente mais com isso. Na hora do almoço a gente conversa.”

“Me desculpa. Por favor.”

“Até mais.”

Desliguei e tentei me concentrar de novo, mas não foi nada fácil. Cary não estava só bravo, estava magoado por minha culpa. E eu era uma das poucas pessoas em sua vida em quem ele acreditava que sempre podia contar.

Às onze e meia, recebi uma pequena pilha de envelopes com a correspondência interna do prédio. Fiquei animadíssima ao ver que entre eles havia um bilhete de Gideon.

MINHA ESPOSINHA LINDA E GOSTOSA,

PENSO EM VOCÊ O TEMPO TODO.

SEMPRE SEU,

CROSS

Fiz uma dancinha de felicidade com os pés debaixo da mesa. Meu dia conturbado tinha acabado de ficar mais alegre.

Escrevi uma resposta na hora.

Moreno Perigoso,

estou enlouquecida de amor por você.

Da sua escrava,

Sra. Cross

Enfiei o bilhete em um envelope e deixei na minha caixa de correio.

Estava escrevendo uma resposta para o ilustrador responsável por uma campanha de cartões de presente quando o telefone da minha mesa tocou de novo. Respondi com minha saudação habitual, e ouvi do outro lado da linha uma voz com um já familiar sotaque francês.

“Eva, aqui é Jean-François Giroux.”

Eu me recostei na cadeira e respondi: “*Bonjour*, Monsieur Giroux”.

“A que horas podemos nos falar hoje?”

O que ele poderia querer comigo? Pelo jeito, se eu quisesse descobrir, teria que ir em frente e conversar com ele. “Pode ser às cinco? Em uma adega na frente do Crossfire?”

“Por mim, tudo bem.”

Passei os detalhes sobre o lugar e desligamos, e minha curiosidade a respeito das intenções dele só cresceu depois disso. Fiquei me remexendo na cadeira, pensando. Gideon e eu estávamos tentando seguir em frente com a nossa vida, mas as pessoas e os problemas do passado não nos davam trégua. O anúncio do nosso casamento, ou noivado, seria capaz de mudar isso?

Era tudo o que eu mais queria. Mas nada na minha vida parecia ser assim tão fácil.

Olhei para o relógio, voltei minha atenção mais uma vez para o trabalho e terminei de escrever meu e-mail.

Desci para o saguão meio-dia e cinco, mas Cary ainda não tinha chegado. Enquanto esperava por ele, comecei a ficar nervosa. Repassei mentalmente nossa conversa, e mais uma vez ele pareceu ter razão. Eu estava convencida de que ele aceitaria a ideia de morar comigo e com Gideon porque a alternativa a isso me parecia insuportável — ter que escolher entre o meu namorado e o meu melhor amigo.

E essa escolha àquela altura nem era mais possível. Eu estava casada. E felicíssima.

Ainda assim, achei uma boa ideia tirar a aliança do dedo e guardar na bolsa. Cary estava sentindo que tínhamos nos distanciado, e descobrir que eu havia casado escondida não ajudaria em nada na nossa reaproximação.

Senti um nó no estômago. Tínhamos cada vez mais segredos entre nós. E isso para mim era uma coisa insuportável.

Fui arrancada dos meus pensamentos pela voz do meu melhor amigo. Ele estava vindo na minha direção usando bermudas cargo e uma camiseta de gola em v. Sem tirar os óculos escuros, e com as mãos enfiadas nos bolsos, ele parecia frio e distante. As pessoas ao redor paravam para olhar quando ele passava, mas sua atenção estava toda voltada para mim.

Meus pés começaram a se mover. Antes que me desse conta, já estava correndo na direção dele, e o abracei com tanta força que o fiz soltar o ar com força, emitindo um gemido. Apertei firmemente meu rosto contra o seu peito.

“Que saudade”, falei do fundo do coração, apesar de não saber exatamente por quê.

Ele resmungou alguma coisa baixinho e retribuiu o abraço. “Você consegue ser bem irritante às vezes, gata.”

Recuei um pouco para poder encará-lo. “Desculpa.”

Ele me pegou pela mão, e saímos do Crossfire. Fomos ao mesmo lugar onde tínhamos ido na última vez em que almoçamos juntos, para comer tacos. O restaurante servia também uma margarita sem álcool deliciosa, a bebida perfeita para um dia quente de verão.

Depois de dez minutos esperando na fila, pedi apenas dois tacos, já que eu não tinha ido à academia nos últimos dias. Cary pediu seis. Sentamos a uma mesa assim que seus ocupantes levantaram, e Cary devorou um taco inteiro antes mesmo que eu desembrulhasse o meu primeiro.

“Sinto muito pela mensagem de voz”, eu falei.

“Não é esse o problema.” Ele passou o guardanapo por seus lábios capazes de derreter até a mulher mais recatada quando sorriam. “É a situação como um todo, Eva. Você me deixa uma mensagem dizendo que está pensando em morar com Cross *só depois* de dizer pra sua mãe que a decisão já está tomada, e *pouco antes* de sumir da face da Terra por um fim de semana inteiro. Pelo jeito eu não significo porra nenhuma pra você mesmo.”

“Isso não é justo!”

“E, se você vai morar com o seu namorado, pra que precisa de um colega de apartamento?”, ele perguntou, claramente irritado. “E por que você acha que eu ia querer ficar segurando vela pros pombinhos?”

“Cary…”

“Eu não estou precisando de caridade, Eva.” Ele estreitou os olhos verde-esmeralda. “Lugares pra eu dormir não faltam, e pessoas pra rachar um aluguel também não. Você

não está me fazendo nenhum favor.”

Senti um tremendo aperto no peito. Eu não estava pronta para me separar de Cary. No futuro, era natural que cada um seguisse seu caminho e só nos víssemos em ocasiões especiais, mas ainda era cedo demais para isso. Só de pensar nessa possibilidade, minha cabeça entrava em parafuso.

“Quem disse que estou fazendo isso por sua causa?”, eu rebati. “Já parou pra pensar que eu não consigo viver sem você?”

Ele soltou um riso de deboche e deu uma mordida em seu taco. Mastigando avidamente, engoliu a comida junto com um grande gole na bebida. “E eu sou o quê, uma espécie de lembrança viva da sua reabilitação? Uma ficha comemorativa da associação dos narcóticos anônimos?”

“Eu já vou indo.” Eu me inclinei para a frente para levantar. “Você está bravo, eu entendo. Já pedi desculpas, já disse que amo você e quero você sempre na minha vida, mas não vou ficar aqui sendo massacrada por isso.”

Eu levantei da mesa. “A gente se vê mais tarde.”

“Você e o Cross vão casar?”

Olhei bem para Cary. “Ele pediu, e eu aceitei.”

Ele balançou a cabeça, como se aquilo não fosse surpresa, e deu outra mordida em um taco. Peguei minha bolsa, que estava pendurada no encosto da cadeira.

“Está com medo de morar sozinha com ele?”, Cary perguntou enquanto mastigava.

Obviamente, não era o que ele pensava. “Não. Ele vai ter seu próprio quarto.”

“E vocês estão dormindo separados desde que voltaram a transar, semanas atrás?”

Eu o encarei. Então ele sabia que Gideon era o “amante” com quem eu andava dormindo? Ou estava só sondando o terreno? Para mim, não fazia diferença. Já estava cansada de mentir para ele. “Na maior parte das vezes, sim.”

Ele pôs o taco sobre a mesa. “Finalmente você decidiu ser sincera comigo. Eu já estava desconfiando que você nem sabia mais dizer a verdade.”

“Vai se foder.”

Sorrindo, ele fez um gesto para a cadeira vazia. “Senta aí, gata. Nossa conversa ainda não terminou.”

“Você está sendo muito mau comigo.”

Seu sorriso se desfez, e sua expressão endureceu. “Ficar ouvindo mentiras durante

várias semanas acabou com o meu bom humor. Senta aí."

Eu sentei e o encarei. "Pronto. Satisfeito?"

"Come os seus tacos. Ainda tenho um monte de coisas pra descarregar."

Soltando um suspiro de frustração, pendurei a bolsa de volta na cadeira e o encarei com as sobrancelhas erguidas.

"Se você acha", ele começou, "que por estar sóbrio e ter um emprego fixo eu virei um otário, pode tirar o cavalinho da chuva. Eu sabia que você estava trepando com o Cross desde o dia em que vocês voltaram."

Dei uma mordida no taco e lancei um olhar desconfiado para ele.

"Eva, querida, você acha que se existisse outro homem em Nova York capaz de transar noites e noites inteiras como o Cross eu não saberia?"

Eu engasguei, e quase fui obrigada a cuspir o que tinha na boca.

"Ninguém tem a sorte de encontrar dois sujeitos como esse na sequência", ele falou. "Nem mesmo você. O normal seria estar num período de seca, ou então dando uma ou outra trepada sem graça antes de a coisa esquentar de novo daquele jeito."

Joguei a embalagem do meu canudo em Cary, mas ele se esquivou facilmente, dando risada.

Logo depois, Cary voltou a ficar sério. "Você acha que eu ia dizer alguma coisa porque você o aceitou de volta depois de levar um pé na bunda?"

"Não é só isso, Cary. As coisas estão… complicadas demais. Estamos sofrendo muita pressão. Ainda mais com aquela jornalista perseguindo Gideon…"

"Perseguindo como?"

"Vigiando todos os passos dele. Eu não queria…" *Expor você. Deixá-lo vulnerável. Abrir uma brecha para que fosse acusado como cúmplice*. "Eu precisava esperar essa confusão toda passar", eu concluí, sem dizer nem metade do que gostaria.

Ele pensou um pouquinho antes de voltar a falar. "E agora você vai casar com ele."

"Vou." Dei um gole na bebida para desmanchar o nó na garganta. "Mas você é o único além de nós dois que sabe disso."

"Finalmente um segredo que você pode compartilhar comigo." Ele abriu um sorrisinho. "E mesmo assim quer que eu continue morando com você."

Eu me inclinei para a frente de novo, e segurei sua mão. "Eu sei que você pode fazer algo diferente, ir para outro lugar. Mas prefiro que não faça isso. Quero você do meu lado,

mesmo eu sendo casada ou solteira.”

Ele apertou minha mão com tanta força que senti meus ossos serem comprimidos uns contra os outros. “Eva…”

“Antes que você diga alguma coisa”, eu me apressei em interrompê-lo. A conversa estava ficando bem séria. Não queria que ele respondesse antes de saber o que eu estava oferecendo. “A cobertura de Gideon tem um apartamento anexo de um quarto que ele não usa.”

“Um apartamento de um quarto. Na Quinta Avenida.”

“Pois é. Legal, não? E todo seu. Com entrada privativa, e vista pro Central Park. Mas ainda assim bem perto de mim. O melhor dos dois mundos.” Eu continuei, na esperança de convencê-lo de vez. “Podemos ficar no Upper West Side por enquanto, durante a reforma da cobertura. Gideon falou que você pode mudar o que quiser no seu apartamento enquanto isso.”

“Meu apartamento.” Ele me olhou nos olhos, o que me deixou ainda mais nervosa. Um homem e uma mulher passaram por nós para desviar de uma cadeira ocupada que estava bloqueando a passagem, mas eu ignorei sua presença e continuei falando.

“Não estou propondo nenhuma caridade”, eu garanti a ele. “Andei pensando, e acho que preciso começar a fazer alguma coisa útil com o meu dinheiro. Criar uma fundação ou coisa do tipo pra promover as causas em que a gente acredita. Vou precisar da sua ajuda. E estou disposta a pagar por ela. E não só pelo seu trabalho, mas pela sua imagem também. Quero que você seja o porta-voz da fundação.”

Cary apertou ainda mais a minha mão.

Fiquei tensa. “O que foi, Cary?”

Os ombros dele desabaram. “Tatiana está grávida.”

“Quê?” Eu fiquei pálida. O pequeno restaurante estava lotado, e os gritos dos pedidos atrás do balcão e o som dos talheres e das bandejas se chocando tornavam difícil a tarefa de ouvir bem qualquer conversa, mas aquelas três palavras me atingiram como se Cary tivesse berrado comigo. “Você está brincando?”

“Quem me dera.” Ele soltou minha mão e tirou a franja da frente dos olhos. “Não que eu não queira ter um filho. Essa é a parte legal da coisa. Mas… porra. Não agora, né? E nem com ela.”

“Como foi que ela engravidou?” Cary levava a proteção muito a sério, pois sabia que seu estilo de vida envolvia altos riscos.

“Bom, eu enfiei o pau nela e continuei metendo até…”

“Ah, cala a boca”, eu interrompi. “Você sempre soube se prevenir.”

“Ah, sim, mas nenhuma proteção é cem por cento garantida”, ele disse, bem sério, “e a Tati não toma pílula porque diz que seu apetite fica descontrolado.”

“Meu Deus.” Senti meus olhos arderem. “Tem certeza de que o filho é seu?”

Ele deu um sorrisinho amarelo. “Não, mas isso não significa que não seja. Ela está de seis semanas, então é possível.”

“E ela vai ter o bebê?”, fui obrigada a perguntar.

“Não sei. Ela ainda não decidiu.”

“Cary…” Não pude evitar que uma lágrima escorresse pelo meu rosto. Meu coração estava apertado por ele. “O que você vai fazer?”

“O que eu posso fazer?” Ele se recostou na cadeira. “A decisão é dela.”

Essa noção de impotência devia estar acabando com ele. Sua mãe, depois de ter um filho indesejado, o próprio Cary, começou a usar o aborto como método contraceptivo. Eu sabia que aquela era uma questão delicada para ele. “E se ela decidir levar a gravidez até o fim? Você vai precisar fazer um teste de paternidade, não?”

“Meu Deus, Eva.” Ele me encarou com os olhos vermelhos. “Nem pensei nisso ainda. E o que eu vou falar pro Trey? Bem agora que a gente está se acertando? Ele vai me dar um pé na bunda. Já era.”

Respirei fundo e me ajeitei na cadeira. Eu não poderia permitir que as coisas entre Cary e Trey fossem por água abaixo. Agora que havia me resolvido de vez com Gideon, eu tinha tempo para me dedicar a outras questões importantes que vinham sendo negligenciadas. “Vamos cuidar de uma coisa por vez, à medida que for acontecendo. No fim vai dar tudo certo.”

“Eu preciso de você.”

“E eu de você. Vamos encarar tudo isso juntos.” Abri um sorriso. “Vamos passar mais tempo um com o outro. Começando por San Diego, no fim de semana”, eu acrescentei, e lembrei que ainda não tinha conversado com Gideon sobre isso.

“Que bom.” Cary se endireitou no assento. “Eu bem que estou precisando bater uma bola com o dr. Travis.”

“Pois é.” Eu não sabia jogar basquete, mas também não dispensaria uma boa conversa com o meu antigo terapeuta.

O que ele diria se soubesse o quanto nossa vida mudou depois que viemos para Nova York? Na última vez em que nos falamos, compartilhamos nossos sonhos e expectativas. Cary sonhava em ser o astro de um anúncio no intervalo comercial do Super Bowl, e eu queria ser a mente por trás desse anúncio. Agora ele estava diante da possibilidade de ser pai, e eu estava casada com o homem mais complicado que conheci na vida.

"O dr. Travis vai pirar", murmurou Cary, como se fosse capaz de ler meus pensamentos.

Por alguma razão, isso nos fez cair na risada até que as lágrimas começassem a rolar pelo rosto.

Quando voltei para minha mesa, encontrei mais uma pilha de correspondências internas. Mordendo o lábio inferior, procurei primeiro pelo que mais me interessava.

NÃO CONSIGO PENSAR EM NADA MELHOR

DO QUE TER VOCÊ COMO ESCRAVA, SRA. CROSS.

E VOCÊ TAMBÉM VAI ADORAR.

SEMPRE SEU,

CROSS

Algumas das nuvens negras que se instalaram na minha mente na hora do almoço se dissiparam instantaneamente.

Em comparação com a revelação bombástica de Cary na hora do almoço, o encontro com Giroux no fim do expediente foi um evento banal.

Ele já estava na adega quando cheguei. Vestindo calça cáqui bem passada e uma camisa branca com as mangas dobradas e o colarinho aberto, ele estava muito bonito. Casual. Mas isso não parecia torná-lo mais relaxado. Aquele homem era tenso como um fio desencapado, como se estivesse sempre à beira de um ataque de nervos.

"Eva", ele me cumprimentou com aquele excesso de intimidade que eu tinha estranhado tanto da outra vez, me beijando dos dois lados do rosto. "*Enchanté*."

"Espero que a cor dos meus cabelos não cause nenhum incômodo pra você hoje."

"Ah." Ele abriu um sorrisinho amarelo. "Eu mereci essa."

Eu me juntei a ele à mesa ao lado da janela, onde fomos servidos logo em seguida.

O estabelecimento parecia ser bem antigo, com revestimento de metal nas paredes, piso de madeira nobre envelhecida e um balcão ricamente trabalhado que indicava que o local já havia sido um pub em algum momento de sua história, mas depois modernizado com a adição de objetos cromados e uma prateleira de vinho que mais parecia uma escultura

abstrata.

Giroux me observou atentamente enquanto o garçom servia o vinho. Não fazia ideia do que ele queria, mas estava claramente à procura de alguma resposta.

Enquanto dava um gole no meu maravilhoso shiraz, ele se recostou na cadeira e começou a agitar o vinho em sua taça. “Então você conheceu a minha mulher.”

“Conheci, sim. Ela é muito bonita.”

“É mesmo.” Ele voltou os olhos para o vinho. “O que mais você acha dela?”

“Que diferença isso faz?”

Ele voltou a me encarar. “Você a vê como um rival? Ou uma ameaça?”

“Nenhuma das duas coisas.” Dei mais um gole no vinho e vi o Bentley estacionar bem diante da janela. Angus estava ao volante, ignorando o sinal que proibia que os carros parassem por ali.

“Você confia tanto assim em Cross?”

Minhas atenções se voltaram de novo para Giroux. “Sim. Mas isso não significa que não acharia bom se você voltasse pra França com a sua mulher o quanto antes.”

Ele abriu um sorriso de desânimo. “Você é apaixonada mesmo por Cross, não?”

“Sou, sim.”

“Por quê?”

Isso me fez rir. “Se você acha que é através de mim que vai descobrir o que Corinne vê nele, pode esquecer. Ele e eu somos… diferentes um com o outro em relação ao tratamento que dispensamos às outras pessoas.”

“Eu reparei nisso. No caso dele.” Giroux deu um gole no vinho, saboreando-o um pouco antes de engolir.

“Com todo o respeito, mas ainda não sei o que estou fazendo aqui. O que você quer de mim?”

“Você costuma ser sempre assim, tão direta?”

“Sim.” Eu encolhi os ombros. “Fico impaciente quando não sei o que as pessoas querem comigo.”

“Então eu também vou ser bem direto.” Ele estendeu o braço e pegou minha mão esquerda. “Essa marca de sol no seu dedo mostra que você estava usando um anel. Um anel grande. Uma aliança, talvez?”

Olhei para a minha mão e constatei que ele tinha razão. Havia uma marca na minha pele onde o sol não havia batido. Ao contrário da minha mãe, que era bem clarinha, eu me bronzeava com facilidade.

“Vejo que você é bastante observador. Mas agradeceria se mantivesse suas especulações para si mesmo.”

Ele abriu um sorriso sincero pela primeira vez desde que o conheci. “Talvez seja uma boa ideia mesmo levar minha mulher de volta pra casa.”

“Acho que, se você quiser, ela volta.” Eu me endireitei na cadeira, já me preparando para levantar. “Sabe o que a sua mulher me disse uma vez? Que você é indiferente. Em vez de esperar que ela tome a iniciativa de voltar, você mesmo deveria tentar uma reaproximação.”

Ele levantou junto comigo, ficando de pé à minha frente. “Ela veio pra cá atrás de Cross. Duvido que uma mulher com tanta iniciativa queira ter um homem se jogando aos seus pés.”

“Isso eu já não sei.” Tirei uma nota de vinte da bolsa e deixei sobre a mesa, apesar da careta que ele fez ao ver isso. “Ela disse sim quando foi pedida em casamento, não? Se funcionou uma vez, pode funcionar de novo. Adeus, Jean-François.”

Quando ele abriu a boca para falar, eu já estava a meio caminho da porta.

Angus estava à minha espera no Bentley quando saí da adega.

“Quer ir para casa, sra. Cross?”, ele perguntou quando me ajeitei no banco de trás.

A forma como ele se referiu a mim me fez sorrir. E, depois do que tinha conversado com Giroux, aquilo me deu uma ideia. “Na verdade, queria dar uma passadinha num lugar antes, se você não se importa.”

“Nem um pouco.”

Passei para ele o endereço, me recostei no assento e deixei minha ansiedade rolar solta.

Eram mais de seis e meia quando enfim dei meu dia por encerrado, mas quando perguntei para Angus onde estava Gideon, soube que ele ainda estava no trabalho.

“Você me leva até lá?”, pedi.

“Claro.”

Voltar ao Crossfire depois do expediente foi meio esquisito. Ainda tinha gente circulando pelo saguão, mas a atmosfera era outra. Quando cheguei ao último andar, encontrei as portas de vidro da sede das Indústrias Cross escancaradas, e a equipe de

limpeza esvaziando lixeiras, limpando as janelas e aspirando o carpete.

Fui diretamente até o escritório de Gideon, reparando no número de mesas vazias, inclusive a de Scott, seu assistente. Gideon estava de pé atrás da sua, com o headphone na orelha e o paletó pendurado em um cabide no canto da sala. Ele estava com as mãos na cintura enquanto conversava, movendo os lábios apressadamente com a concentração estampada no rosto.

A parede atrás dele era coberta de monitores sintonizados em canais de notícias de todo o mundo. À direita havia um bar com decantadores de cristal colorido em prateleiras de vidro que acrescentavam um pouco de cor à decoração em preto, branco e cinza. Os três ambientes distintos do escritório eram espaços confortáveis para reuniões com menos formalidade. Já a mesa preta de Gideon era um verdadeiro milagre da tecnologia, que servia de controle para todos os aparelhos eletrônicos contidos no local.

Cercado de seus caros brinquedinhos eletrônicos, meu marido não parecia nada menos que irresistível. Suas roupas bem cortadas colaboravam para exibir a perfeição de seu corpo, e vê-lo em seu posto de comando, exercendo o poder que havia construído seu império, me levava à loucura. As janelas que iam do chão ao teto e que cobriam as duas paredes laterais proporcionavam uma vista maravilhosa da cidade, mas que de forma alguma ofuscava a beleza dele.

Enfiei a mão na bolsa, abri o pequeno compartimento com zíper em que tinha guardado a aliança e a pus de volta no dedo. Só então me aproximei das paredes e da porta dupla que o separavam do restante do pessoal do escritório.

Gideon se virou para mim e seu olhar se acendeu quando me viu. Ele apertou um botão em sua mesa, e as portas se abriram automaticamente. Um instante depois, o vidro ficou opaco, o que garantia que ninguém nos veria do lado de fora.

Eu entrei.

“Concordo”, ele disse para a pessoa do outro lado da linha. “Faça isso e depois me dê um retorno.”

Ele tirou o headfone e jogou sobre a mesa, sem tirar os olhos de mim. “Que surpresa agradável, meu anjo. Como foi sua conversa com Giroux?”

Eu encolhi os ombros. “Como você sabia que eu estava com ele?”

Ele abriu um meio-sorriso e me lançou um olhar como quem diz: *Sério mesmo? Você ainda tem dúvida?*

“Ainda vai demorar pra sair?”, eu quis saber.

“Tenho uma teleconferência com o pessoal da filial japonesa daqui a meia hora, e depois disso já posso ir. Podemos sair pra jantar em algum lugar.”

“Vamos comprar alguma coisa pra viagem e comer com Cary. Ele vai ser pai.”

Gideon ergueu as sobrancelhas. “Como é?”

“Bom, existe a possibilidade de ele vir a ser pai.” Eu suspirei. “Ele está preocupadíssimo, e quero estar lá pra oferecer o meu apoio. Além disso, ele precisa começar a se acostumar com a sua presença de novo.”

Com um simples olhar, Gideon mostrou que concordava. “Você também está preocupada. Vem cá.” Ele saiu de trás da mesa e abriu os braços. “Vem me dar um abraço.”

Deixei minha bolsa cair no chão, tirei os sapatos com os pés e fui até ele. Ele me abraçou e me beijou na testa com seus lábios firmes e quentes.

“A gente dá um jeito nisso”, ele murmurou. “Não se preocupa.”

“Eu te amo, Gideon.”

Ele me apertou com ainda mais força.

Eu me inclinei para trás e examinei seu lindo rosto. Com a pele bronzeada pelo sol, seus olhos pareciam ainda mais azuis. “Tenho uma coisa pra você.”

“Hã?”

Dei um passo atrás, apanhei sua mão esquerda e enfiei em seu dedo a aliança que havia acabado de comprar, torcendo-a um pouco para que passasse pela última articulação. Ele permaneceu imóvel o tempo todo. Quando soltei sua mão para ver como tinha ficado, ele não fez o menor movimento, como se estivesse paralisado.

Inclinei a cabeça e admirei a aliança em sua mão, me certificando de que era exatamente aquele o efeito desejado. Mas, ele não disse nada no momento seguinte, eu o encarei e notei que observava a própria mão como se nunca a tivesse visto antes.

Meu coração se apertou dentro do peito. “Você não gostou.”

Ele respirou fundo e virou a mão para conferir o outro lado do anel, que era idêntico. Era uma aliança de platina parecida com a joia que ele usava na mão direita, com ranhuras que compunham um visual moderno e masculino. A diferença era que a aliança era adornada com rubis, o que a tornava uma peça bastante chamativa. Seu tom avermelhado se destacava um bocado contra sua pele bronzeada e seu terno escuro, um sinal inquestionável de seu compromisso comigo.

“É demais”, falei baixinho.

“Tudo que fazemos juntos é sempre demais”, ele disse com a voz rouca antes de se entregar a mim, segurando meu rosto e me beijando com vontade.

Tentei agarrar seus pulsos, mas ele foi mais rápido, me levantando pela cintura e me carregando até o mesmo sofá onde tinha me prensado sob o peso de seu corpo pela primeira vez semanas antes.

“Você não tem tempo pra isso agora”, eu falei, ofegante.

Ele me sentou na beirada do sofá. “Vai ser rapidinho.”

Gideon estava falando sério. Enfiou a mão por baixo da minha saia, pôs minha calcinha de lado, afastou as minhas pernas e baixou a cabeça.

No meio de seu escritório, onde eu tanto admirava seu poder e sua capacidade de comando, Gideon Cross se ajoelhou à minha frente e me chupou com maestria e reverência. Passando a língua pelo meu clitóris com movimentos rápidos, ele provocou em mim uma intensa vontade de gozar. Mas foi a visão dele de terno, em um ambiente onde era a figura dominante, se esforçando tanto para me agradar, que me levou ao clímax, gemendo seu nome.

Ainda estava estremecendo de prazer quando ele me penetrou com a língua, fazendo meus tecidos sensíveis vibrarem com as estocadas de sua língua perversamente habilidosa. Quando ele abriu a braguilha e revelou sua ereção, senti uma necessidade desesperadora de tê-lo dentro de mim, e arquei o corpo todo em sua direção sem o menor pudor.

Gideon segurou seu pau duro e esfregou a cabecinha na abertura do meu sexo, se lambuzando com o meu orgasmo. O fato de ambos ainda estarmos vestidos, com apenas as partes mais necessárias descobertas, me deixou com ainda mais tesão.

“Quero você bem submissa”, ele disse, bem sério. “Fica de costas e abre as pernas o máximo que puder. Quero meter bem fundo.”

Soltei um gemido antes de obedecê-lo. Para me ajustar melhor à sua altura, me posicionei na lateral do sofá, me debrucei sobre o braço do móvel e levantei a saia.

Gideon não perdeu tempo. Com um movimento rápido dos quadris, ele me penetrou, me alargando toda. “*Eva*.”

Quase sem fôlego, me agarrei com força ao tecido estofado. Seu pau grande e grosso entrou muito, muito fundo. Com a barriga comprimida contra o braço curvado do sofá, eu era capaz de jurar que era capaz de senti-lo me cutucar toda por dentro.

Ele se inclinou sobre mim e cravou os dentes na lateral do meu pescoço. Aquele gesto

primitivo de possessividade fez meu sexo inchar ao seu redor, envolvendo-o com força.

Gideon gemeu e me beijou, me arranhando com a barba que já começava a despontar no seu queixo. “Você é tão gostosa”, ele falou com a voz rouca. “Eu adoro comer você.”

“Gideon.”

“Me dá as suas mãos.”

Apesar de não saber o que ele queria, estendi os braços junto ao corpo, e ele envolveu meus pulsos com os dedos, posicionando minhas mãos cuidadosamente sobre a base da minha coluna.

Depois disso, começou a meter com força, atacando o meu sexo com estocadas incessantes, usando meus braços para me puxar para trás e dar de encontro com os movimentos de seus quadris. Seu saco pesado batia ritmicamente contra o meu clitóris, o que me conduziria inevitavelmente a um novo orgasmo. Ele gemia a cada metida, ecoando os meus gritos de prazer.

Sua perseguição ao orgasmo foi algo excitante de presenciar enquanto sentia meu corpo totalmente sob seu controle. A única coisa que eu podia fazer era responder a todo o seu tesão e ajudá-lo a gozar, assim como ele tinha feito comigo. O atrito de suas estocadas era delicioso, uma massagem contínua que quase me levou à loucura.

Eu queria poder ver seu rosto, seus olhos perdendo o foco quando o prazer tomasse conta de seu corpo, seu rosto se contorcendo de êxtase. O fato de poder mexer com ele tão profundamente era uma alegria para mim, saber que o sexo comigo era algo que estraçalhava todas as suas barreiras.

Ele estremeceu e soltou um palavrão. Seu pau inchou e suas bolas se contraíram. “Eva… Nossa. Eu te amo.”

Senti o sêmen jorrar dentro de mim, quente e espesso. Mordi o lábio para segurar um grito. Eu estava morrendo de tesão, quase gozando mais uma vez.

Ele soltou meus punhos e começou a acariciar meu clitóris inchado com o dedo. Gozei com seu pau ainda dentro de mim, ordenhando seu pau conforme meu sexo o apertava. Com seus lábios colados ao meu rosto e seu hálito quente e úmido na minha pele, senti os gemidos graves que escapavam do seu peito enquanto ele gozava lenta e longamente.

Após o orgasmo, estávamos ambos ofegantes, com nossos corpos colados um ao outro.

Engolindo com dificuldade, comentei quase sem fôlego: “Pelo jeito você gostou da aliança”.

O som de sua risada áspera me encheu de alegria.

Cinco minutos depois, eu estava largada sobre o sofá, incapaz de me mover. Gideon, por sua vez, estava sentado impecavelmente à mesa, irradiando toda a energia e a vitalidade de um macho sexualmente satisfeito.

Participou da teleconferência sem demonstrar nenhum cansaço, falando a maior parte do tempo em inglês, mas abrindo e fechando suas participações com palavras japonesas em seu tom de voz grave e tranquilo. Seu olhar se voltava para mim de quando em quando, e nessas ocasiões ele abria um sorriso de triunfo masculino.

Era um sorriso merecido, considerando o nível de endorfinas pós-orgásticas que circulava pelo meu corpo, me deixando inebriada.

Gideon encerrou a ligação, levantou e tirou de novo o paletó. O brilho em seus olhos explicava tudo.

Reunindo energias para erguer as sobrancelhas, eu perguntei: “Nós não vamos embora?”

“Claro que vamos. Mas não agora.”

“Acho melhor você pegar mais leve com essas vitaminas, garotão.”

Ele sorriu ao abrir os botões do colete. “Passei tempo demais pensando em diferentes maneiras de comer você nesse sofá. Ainda não chegamos nem à metade.”

Uma faísca se acendeu em seus olhos deslumbrantes, provavelmente em virtude das imagens mentais que passavam pela sua cabeça.

Quando saímos do Crossfire, perto das nove horas, todas essas imagens já tinham sido devidamente compartilhadas comigo.

21

Gideon e eu estávamos sentados no chão da sala, já com roupas mais leves, quando Cary chegou, pouco depois das dez. Tatiana estava com ele. Eu me inclinei na direção de Gideon para pegar o queijo ralado e sussurrei: “É a mãe do bebê”.

Ele fez uma careta. “Essa aí é encrenca certa. Coitado.”

Foi exatamente isso que pensei quando aquela loira alta foi até nós e torceu o nariz grosseiramente para nossa pizza. Depois, ao olhar para Gideon, se abriu toda em um sorriso.

Eu respirei fundo e resolvi ignorar sua atitude.

“Oi, Cary”, Gideon cumprimentou meu melhor amigo antes de passar o braço pelo meu ombro e afundar o rosto no meu pescoço.

“Oi”, disse Cary. “O que vocês estão vendo?”

“*Marcados para morrer*”, respondi. “Um filmaço. Querem ver com a gente?”

“Claro.” Cary pegou Tatiana pela mão e a conduziu até o sofá.

Ela não fez questão nenhuma de esconder que não tinha gostado da ideia.

Eles se acomodaram no sofá de uma maneira obviamente familiar para os dois. Gideon empurrou a caixa de pizza na direção deles. “Fiquem à vontade, se estiverem com fome.”

Cary pegou um pedaço, e Tatiana reclamou por ter que mudar de posição. Fiquei desapontada ao ver que ela não sentia o menor prazer em ficar comigo. Se ela fosse mesmo ter um filho com Cary, nós precisaríamos conviver mais, e para mim era muito chato que não pudéssemos ter um relacionamento mais amigável.

No fim, eles não ficaram muito tempo na sala. Ela repetia o tempo todo que as tomadas de câmera na mão do filme lhe davam enjoo, e Cary foi com ela para o quarto. Pouco depois, acho que a ouvi dando risada, o que deixava bem claro que sua maior preocupação era não querer dividir Cary com ninguém. Eu era capaz de entender essa insegurança. Era uma sensação recorrente na minha vida também.

“Relaxa”, murmurou Gideon, me puxando para junto do seu peito. “No fim todo mundo acaba se entendendo. É só dar tempo ao tempo.”

Segurei sua mão esquerda, que estava sobre meu ombro, e comecei a brincar com a

aliança dele com os dedos.

Ele me deu um beijo na testa e voltamos nossa atenção de novo para o filme.

Gideon dormiu no apartamento ao lado, mas veio bem cedo até o meu para me ajudar a fechar o zíper do vestido e me fazer um café. Coloquei meus brincos de pérola e quando saí para o corredor, dei de cara com Tatiana, que vinha voltando da cozinha com duas garrafinhas de água nas mãos.

Ela estava completamente nua.

Fiquei furiosa, mas consegui controlar meu tom de voz. A gravidez ainda não estava aparecendo, mas saber que ela estava esperando um bebê era o suficiente para não querer comprar uma briga naquele momento. “Me desculpa, mas seria bom você usar alguma roupa quando for andar pelo meu apartamento.”

“O apartamento não é só seu”, ela respondeu, jogou seus cabelos para o lado e fez menção de passar por mim.

Eu estendi o braço até a parede, obstruindo sua passagem. “Não brinca comigo, Tatiana.”

“Ou então?”

“Você vai se dar mal.”

Ela ficou me encarando por um bom tempo. “Ele vai preferir ficar comigo.”

“Se isso acontecer, vai ser contrariando a própria vontade, e você vai sofrer as consequências do mesmo jeito.” Eu tirei o braço da frente dela. “Pense bem nisso.”

A porta do quarto de Cary se abriu atrás de mim. “Que porra é essa, Tati?”

Virei a cabeça e vi meu melhor amigo parado na porta do quarto apenas de cueca. “Acho que ela está querendo um robe de presente, Cary.”

Ele cerrou os dentes, fez um gesto para que eu relevasse aquela atitude e escancarou a porta para que Tatiana entrasse.

Tomei o caminho da cozinha, rangendo os dentes de raiva. Fiquei ainda mais aborrecida quando vi que Gideon estava por lá, bebendo tranquilamente seu café, encostado no balcão. Vestia um terno preto e uma gravata em um tom de cinza-claro que o deixavam lindo.

“Gostou do showzinho?”, eu perguntei, toda tensa. Não queria que ele visse outra mulher sem roupa. Principalmente porque não se tratava de uma mulher qualquer — era uma modelo alta e longilínea do jeito que ele gostava.

Ele encolheu os ombros. “Não vi nada de mais.”

“Você gosta de mulheres altas e magras.” Peguei o café que ele deixou pronto para mim no balcão.

Gideon segurou a minha mão. Os rubis de sua aliança reluziram sob as luzes da cozinha. “Da última vez que eu vi, minha esposa era pequenininha e cheia de curvas. Totalmente irresistível.”

Eu fechei os olhos, tentando conter o acesso de ciúmes. “Sabe por que escolhi essa aliança pra você?”

“Porque o vermelho é a nossa cor”, ele disse baixinho. “O vestido vermelho na limusine. Os sapatos de salto vermelhos da festa no jardim. A rosa vermelha no seu cabelo quando a gente casou.”

Fiquei mais tranquila ao sentir de novo toda a nossa intimidade. Virei para ele e o abracei.

“Humm”, ele gemeu, me puxando mais para perto. “Você é uma delícia, meu anjo.”

Sacudi a cabeça, sentindo minha raiva se transformar em frustração.

Ele passou o nariz pelo meu rosto. “Eu te amo.”

“Gideon.” Joguei a cabeça para trás e ofereci minha boca para ele me beijar e acabar com o meu mau humor.

Ao sentir seus lábios contra os meus, os dedos dos meus pés se curvaram, como sempre. Estava até um pouco tonta quando ele se afastou e falou: “Tenho consulta com o dr. Petersen hoje à noite. Quando terminar eu ligo pra combinar o que vamos fazer no jantar”.

“Certo.”

Ele sorriu ao ver a alegria estampada no meu rosto quando respondi. “Quer que eu marque uma consulta pra nós dois na quinta?”

“Na quinta que vem por favor”, eu respondi, já mais contida. “Não queria mais faltar na terapia, mas minha mãe quer que Cary e eu a acompanhemos em um evento beneficente na quinta. Ela até já me comprou um vestido e tudo. Tenho medo que ela encare como uma afronta pessoal se eu não for.”

“Eu posso ir com você.”

“Sério?” Gideon de smoking era um tremendo afrodisíaco para mim. Obviamente, ele ficava bem de qualquer jeito, mas de smoking… Meu Deus, era uma loucura.

“Sério. Acho que já está na hora de sermos vistos em público de novo. E anunciar nosso noivado.”

Passei a língua pelos lábios. “Vou poder abusar de você na limusine?”

Seus olhos se acenderam para mim. “Do jeito que você quiser, meu anjo.”

Quando cheguei ao trabalho, Megumi não estava na mesa dela, então não consegui saber suas novidades. Por outro lado, isso me dava uma desculpa para ligar para Martin e perguntar se as coisas entre ele e Lacey tinham avançado depois da nossa noite de excessos na Primal.

Peguei o celular para escrever um lembrete para fazer a ligação e vi que minha mãe havia me deixado uma mensagem de voz na noite anterior. Ela ligou para perguntar se eu queria fazer o cabelo e a maquiagem com ela na minha casa antes de irmos para o evento.

Quando cheguei à minha mesa, mandei uma mensagem de texto dizendo que tinha gostado da ideia, mas que precisaria ser uma coisa rápida, pois só poderia sair do trabalho às cinco.

Estava me preparando para começar a trabalhar quando Will apareceu.

“Já tem planos pro almoço?”, ele perguntou, todo gatinho com sua camisa xadrez e sua gravata azul-marinho.

“Não pra outro festival de carboidratos, senão minha bunda vai explodir.”

“Não.” Ele sorriu. “A parte mais violenta da dieta da Natalie já passou, então as coisas já estão mais tranquilas. Estava pensando em sopa e salada mesmo.”

Eu retribuí o sorriso. “Isso eu topo, sim. Vamos convidar Megumi também?”

“Ela não vem hoje.”

“Ah, é? Ela está doente?”

“Não sei. Só descobri que ela não vem porque me mandaram ligar pra uma agência de temporários e pedir uma substituta.”

Eu me recostei na cadeira, franzindo a testa. “Vou ligar pra ela no meu intervalo pra ver se está tudo bem.”

“Diz que eu mandei um oi.” Ele batucou com os dedos na divisória do meu cubículo e voltou ao trabalho.

O restante do dia passou voando. Deixei uma mensagem de voz para Megumi na hora do intervalo, depois tentei falar com ela de novo enquanto ia de carro com Clancy até o Brooklyn, para a minha aula de krav maga. “Pede pra Lacy me ligar se estiver se sentindo

mal”, eu falei. “Só quero saber se está tudo bem.”

Desliguei o telefone, me recostei no assento e apreciei a vista da Brooklyn Bridge. Passar no meio daqueles arcos de pedra gigantescos no meio do East River sempre me dava a impressão de estar prestes a entrar em um outro mundo. Logo abaixo, as balsas navegavam pela água, e uma embarcação solitária rumava para o movimentadíssimo porto nova-iorquino.

Logo deixamos a ponte, e eu voltei minha atenção para o telefone.

Decidi ligar para Martin.

“Eva”, ele me saudou cordialmente, pois já tinha o meu número em sua lista de contatos. “Que bom que você ligou.”

“Tudo bem com você?”

“Tudo, e com você?”

“Vou indo. A gente devia se encontrar um dia desses.” Abri um sorriso ao ver uma policial controlando habilidosamente o tráfego em um cruzamento de grande movimento do Brooklyn. Com um apito na boca, ela conduzia tudo com gestos fluidos e carregados de autoridade. “A gente pode beber alguma coisa depois do trabalho, ou então sair pra um jantar a quatro.”

“Seria legal. Então você está saindo com alguém?”

“Gideon e eu estamos nos entendendo de novo.”

“Gideon Cross? Bom, se existe alguém capaz de fazê-lo sossegar, esse alguém é você.”

Eu dei risada, e senti falta da minha aliança naquele momento. Eu não a usava o tempo todo, como Gideon. Ele não fazia questão nenhuma de esconder que estava comprometido comigo, mas eu ainda tinha que conversar com muita gente. “Valeu pelo voto de confiança. Mas e você? Está saindo com alguém?”

“Eu e Lacey estamos nos conhecendo melhor. Eu gosto dela. Ela é muito divertida.”

“Que ótimo. Fico feliz em saber. Olha só, se você falar com ela hoje, pode perguntar sobre a Megumi pra mim? Ela não foi trabalhar hoje, e eu queria saber se está tudo bem.”

“Claro.” A ligação foi invadida por um ruído intenso, um sinal claro de que ele tinha saído para a rua. “Lacey está viajando, mas ficou de me ligar hoje à noite.”

“Valeu. Eu agradeço. Você está na rua, então não vou mais atrapalhar. Vamos combinar alguma coisa pra semana que vem. A gente se fala.”

“Legal. Fiquei feliz por você ter ligado.”

Abri um sorriso. “Eu também.”

Depois de desligar, aproveitei o embalo e mandei uma mensagem para Shawna e outra para Brett, com um oi e umas carinhas sorridentes.

Quando desviei os olhos do celular, vi que Clancy estava me olhando pelo retrovisor.

“E a minha mãe, como vai?”

“Ela vai ficar bem”, ele respondeu, como sempre indo direto ao assunto.

Balancei a cabeça, olhei pela janela e vi um ponto de ônibus com um anúncio com uma foto de Cary. “Lidar com a família às vezes não é fácil, você sabe.”

“Pois é.”

“Você tem irmãos, Clancy?”

“Um irmão e uma irmã.”

Como eles seriam? Durões e implacáveis como Clancy? Ou ele era a ovelha negra da família? “E tudo bem se eu perguntar se vocês têm uma relação próxima?”

“Ah, sim, estamos sempre em contato. Minha irmã vive em outro estado, mas nos falamos por telefone toda semana. Meu irmão mora em Nova York, então nos encontramos sempre.”

“Que legal.” Tentei imaginar Clancy em um momento mais relaxado, bebendo umas cervejas com um cara parecido com ele, mas não rolou. “Ele também trabalha no ramo da segurança privada?”

“Ainda não.” Sua boca se curvou em um quase sorriso. “Ele é do FBI.”

“E a sua irmã também é da polícia?”

“Ela faz parte do corpo dos fuzileiros navais.”

“Uau. Que demais.”

“É mesmo.”

Olhei bem para ele e seu corte de cabelo militar. “Você também era das forças armadas, né?”

“Era, sim.” Isso foi tudo o que ele se mostrou disposto a dizer.

Quando abri a boca para perguntar mais, vi que já estávamos quase em frente ao antigo galpão onde Parker tinha montado sua academia.

Peguei minha sacola com as roupas do treino e saí antes que Clancy fizesse menção de abrir a porta para mim. “Vejo você daqui a uma hora!”

“Acaba com eles, Eva”, ele falou, enquanto me observava entrar.

Mal havia fechado a porta atrás de mim quando dei de cara com uma mulher que eu desejava nunca mais ver na vida. Nunca mesmo. Ela estava de pé a um canto, bem ao lado do tatame, com os braços cruzados. Estava usando calça de ginástica preta com listras azuis nas laterais que combinavam com a camiseta de mangas compridas. Seus cabelos castanhos ondulados estavam presos em um rabo de cavalo.

Ela se virou, e me mediu dos pés à cabeça com seus olhos azuis.

Sem ter como fugir do inevitável, respirei fundo e fui até ela. “Detetive Graves.”

“Eva.” Ela fez um leve aceno de cabeça. “Belo bronzeado.”

“Obrigada.”

“Foi viajar com Cross no fim de semana?”

Não era uma pergunta casual. Fiquei com o pé atrás. “Decidi tirar uma folguinha.”

Ela entortou a boca para o lado. “Está sendo cautelosa. Que bom. O que o seu pai acha de Gideon Cross?”

“Acho que o meu pai confia no meu julgamento.”

Graves balançou a cabeça de leve. “Eu me preocuparia um pouco mais com essa história da pulseira de Nathan, se fosse você. Mas, enfim, eu sou meio neurótica com esse tipo de coisa.”

Senti minha espinha gelar. Claro que aquilo me preocupava, mas com quem eu poderia conversar a respeito? Com ninguém além de Gideon, e sabia muito bem que ele faria de tudo para resolver esse mistério.

“Preciso de uma parceira de treino”, a detetive disse de repente. “Vamos lá.”

“Hã, como assim?” Eu pisquei os olhos, confusa. “A gente pode…? Tudo bem se…?”

“Você não está mais sendo investigada, Eva.” Ela entrou no tatame e começou a se alongar. “Vamos logo. Eu não tenho a noite toda.”

Graves acabou comigo. Ela era muito mais forte do que seu corpo magro e esguio aparentava. Além disso, era uma lutadora compenetrada, precisa e impiedosa. Aprendi bastante durante o tempo em que treinamos, principalmente a nunca baixar a guarda. Ela era rapidíssima, e sabia reverter qualquer tipo de vantagem do adversário a seu favor.

Quando cheguei ao meu apartamento, moída de cansaço, fui diretamente para a banheira. Mergulhada em essência de baunilha à luz de velas, fiquei torcendo para que Gideon chegasse antes que eu encerrasse meu banho.

Ele acabou chegando só quando eu já estava me enrolando na toalha, e seus cabelos molhados mostravam que já tinha se lavado depois de sua sessão com seu personal trainer.

“Oi, garotão.”

“Olá, minha esposa.” Ele veio até mim, abriu minha toalha e baixou a cabeça até a altura do meu peito.

Perdi o fôlego quando senti que ele estava sugando um dos meus mamilos com movimentos contínuos, até que enrijecesse.

Ele se endireitou e contemplou o que havia feito. “Nossa, como você é gostosa.”

Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo em seu queixo. “Como foram as coisas agora à noite?”

Ele me olhou com um sorriso malicioso no rosto. “O dr. Petersen deu os parabéns pra gente, e depois ficou falando sobre a importância da terapia de casais.”

“Ele acha que a gente casou cedo demais.”

Gideon deu risada. “Por ele a gente não devia nem transar, Eva.”

Franzi o nariz, me cobri de novo com a toalha e comecei a pentear os cabelos molhados.

“Pode deixar”, ele falou, pegando o pente e me sentando na borda da banheira.

Enquanto Gideon penteava meus cabelos, eu contei que tinha me encontrado com a detetive Graves na aula de krav maga.

“Meus advogados me disseram que o caso foi arquivado”, ele contou.

“E o que você acha disso?”

“Você está a salvo. É isso o que importa.”

Ele disse isso em um tom impassível, um sinal de que dava mais importância a esse assunto do que gostaria de aparentar. Eu sabia que em algum lugar, lá no fundo, dentro dele, o assassinato de Nathan lhe atormentava. *Eu* me preocupava com o que Gideon tinha feito por mim porque éramos partes de uma mesma alma.

Era por isso que Gideon queria tanto se casar comigo. Eu era seu porto seguro. A única pessoa que conhecia seu terrível segredo, e que continuava apaixonada por ele do mesmo jeito. E ele precisava de amor mais do que qualquer outra pessoa que conheci na vida.

Senti algo vibrando junto ao meu peito, e falei em um tom de provocação: “Trouxe um brinquedinho novo pra mim, garotão?”.

“Eu devia ter desligado essa porcaria”, ele resmungou, pegando o celular. Depois olhou para a tela e atendeu de maneira curta e grossa. “Cross.”

Ouvi uma voz feminina um tanto aflita do outro lado da linha, mas não dava para entender o que ela dizia.

“Quando?” Depois de ouvir a resposta, ele perguntou: “Onde? Sei. Estou indo”.

Ele desligou e passou a mão pelos cabelos.

Eu fiquei de pé. “O que foi?”

“Corinne está no hospital. A minha mãe disse que o caso é grave.”

“Eu me visto rapidinho. O que aconteceu?”

Gideon me encarou. Senti minha pele toda se arrepiar. Nunca o tinha visto assim tão… angustiado.

“Comprimidos”, ele falou com a voz embargada. “Ela tomou um monte de comprimidos.”

Fomos até o estacionamento pegar o DB9. Enquanto o garagista manobrava o carro, Gideon ligou para Raúl pedindo que nos encontrasse no hospital para ficar com o Aston Martin quando chegássemos.

Quando estava dirigindo, Gideon mantinha uma concentração inabalável. Cada volta do volante e cada pisada no acelerador eram movimentos de absoluta precisão. Naquele espaço confinado do carro, era impossível não notar que ele tinha se fechado para mim. Que, emocionalmente, não estava disponível naquele momento. Quando estendi a mão para acariciar sua perna, ele sequer esboçou uma reação. Eu não fazia ideia de como estava se sentindo.

Raúl estava à nossa espera quando chegamos ao pronto-socorro. Ele abriu a porta para mim e depois assumiu o volante quando Gideon desceu. O carro já estava voltando às ruas quando as portas automáticas do hospital se abriram diante de nós.

Segurei a mão de Gideon, mas não sabia se ele tinha se dado conta disso. Sua atenção logo se voltou totalmente para sua mãe, que levantou quando entramos na sala de espera privativa a que fomos conduzidos. Elizabeth Vidal mal olhou na minha cara. Foi diretamente na direção do filho e o abraçou.

Ele não retribuiu o abraço. Mas também não a afastou. Em vez disso, apertou a minha mão com mais força.

A sra. Vidal ignorou minha presença. Simplesmente virou as costas e fez um gesto na direção de um casal sentado ali perto. Eram obviamente os pais de Corinne. Estavam

conversando com Elizabeth quando Gideon e eu chegamos, o que me pareceu um pouco estranho, já que Jean-François Giroux estava sozinho a um canto, ao lado da janela, parecendo tão deslocado quanto Elizabeth queria que eu me sentisse.

Gideon soltou a minha mão quando foi puxado pela mãe para junto da família de Corinne. Completamente sem graça, deixada sozinha diante da porta, não tive opção a não ser ir falar com Jean-François.

Eu o cumprimentei em voz baixa. “Sinto muito.”

Ele me encarou com olhos sem vida. Parecia ter envelhecido uma década desde nossa conversa na adega, no dia anterior. “O que você está fazendo aqui?”

“A sra. Vidal ligou pro Gideon.”

“Ah, sim, claro.” Ele olhou para onde os demais estavam sentados. “Pelo jeito o marido dela era ele, não eu.”

Eu segui seu olhar. Gideon estava agachado diante dos pais de Corinne, segurando a mão da mãe dela. Um sentimento de pavor tomou conta de mim, me fazendo gelar.

“Ela prefere morrer a viver sem ele”, Jean-François comentou, sem nenhuma inflexão na voz.

Olhei de novo para ele. Nesse momento, eu entendi tudo. “Você contou pra ela, né? Sobre o nosso noivado.”

“E veja só como ela reagiu à notícia.”

Deus do céu. Cambaleante, dei um passo atrás para me apoiar à parede. Ela devia saber muito bem o efeito que uma tentativa de suicídio causaria em Gideon. Não era possível que fosse assim tão cega. Ou então sua intenção o tempo todo era despertar nele um sentimento de culpa. Imaginar que alguém pudesse chegar a esse nível de manipulação me deixou enojada, mas não havia como negar que a estratégia tinha dado resultado. Gideon estava lá de novo ao lado dela. Pelo menos por ora.

Uma médica entrou na sala, uma mulher de aparência gentil com cabelos loiros um poucos grisalhos e olhos azul-claros. “Sr. Giroux?”

“*Oui*.” Jean-François deu um passo à frente.

“Sou a dra. Steinberg. Estou cuidando do tratamento da sua esposa. Podemos conversar em particular um momentinho?”

O pai de Corinne se levantou. “Nós somos a família dela.”

A dra. Steinberg abriu um sorriso educado. “Eu entendo. Mas é com o marido dela que

eu preciso falar. Só posso adiantar que Corinne vai ficar bem depois de alguns dias de repouso.”

Ela e Giroux saíram da sala. Não conseguíamos ouvir o que estavam dizendo, mas era possível vê-los através da divisória de vidro. Giroux era bem mais alto que a médica, mas o que ela dizia parecia estar acabando com ele. A tensão na sala de espera chegou a um nível quase insuportável. Gideon se pôs de pé ao lado da mãe, com a atenção voltada para a cena de suspense que se desenrolava diante de nós.

A dra. Steinberg deu um passo à frente e pôs uma das mãos sobre o braço de Jean-François, ainda enquanto falava. Depois de um instante, ela se calou e se afastou. Ele permaneceu imóvel, olhando para o chão, com os ombros caídos como se carregasse um grande peso sobre eles.

Fiz menção de ir até ele, mas Gideon foi mais rápido. Assim que ele pôs os pés para fora da sala de espera, Giroux o atacou.

O impacto dos corpos dos dois se chocando foi violento. A sala inteira tremeu quando Gideon foi arremessado contra a grossa divisória de vidro.

Alguém deu um grito de susto, e chamou pelos seguranças.

Gideon conseguiu afastar Giroux e deter um de seus golpes. Logo depois, teve que se agachar para não ser atingido no rosto. Jean-François estava berrando alguma coisa, com o rosto contorcido de raiva e de dor.

O pai de Corinne saiu às pressas da sala, e no mesmo momento os seguranças apareceram com suas armas de choque. Gideon empurrou Jean-François mais uma vez, fazendo questão de apenas se defender, sem atacá-lo. Seu rosto parecia impassível, e seus olhos estavam quase tão sem vida quanto os de Giroux.

Giroux continuava gritando com Gideon. Com a porta aberta pelo pai de Corinne, ouvi uma parte do que ele estava dizendo. Não era preciso que ninguém traduzisse para mim a palavra *enfant*. Fiquei paralisada, e não conseguia ouvir mais nada além do zumbido nos meus ouvidos.

Todos saíram correndo da sala quando Gideon e Giroux foram contidos e levados até um elevador de serviço pelos seguranças. Atordoada, pisquei os olhos quando vi Angus diante de mim na porta, certa de que estava imaginando sua presença ali.

“Sra. Cross”, ele disse baixinho, se aproximando de mim com o quepe nas mãos.

Não conseguia nem imaginar como devia ser minha expressão naquele momento. Ainda estava sob o efeito do choque da palavra *bebê*, e todas as implicações que ela trazia. Afinal de contas, Corinne estava em Nova York fazia semanas… mas o marido dela não.

“Vim até aqui para levar você pra casa.”

Eu franzi a testa. “E Gideon?”

“Ele me mandou uma mensagem pedindo para vir buscar você.”

Meu estado de perplexidade evoluiu para uma dor aguda. “Mas ele precisa de mim.”

Angus respirou fundo, e em seus olhos eu pude ver algo parecido com uma expressão de pena. “Venha comigo, Eva. Já está tarde.”

“Ele não me quer aqui”, eu disse, desolada, tentando entender o que estava acontecendo.

“Ele prefere que você fique no conforto da sua casa.”

Eu cravei os pés no chão. “Era isso que a mensagem dele dizia?”

“É nisso que ele está pensando.”

“Você só está sendo gentil, isso sim.” Comecei a andar, operando no piloto automático.

Passei pelo funcionário do hospital que estava arrumando a bagunça feita por ali quando Giroux esbarrou em um carrinho de comida. Ele evitou fazer contato visual comigo, o que parecia uma confirmação das minhas piores suspeitas.

Eu tinha acabado de ser jogada para escanteio.

22

Gideon não voltou para casa naquela noite. Quando passei em seu apartamento antes de ir para o trabalho, vi que todas as camas estavam arrumadas.

Onde quer que tenha passado a noite, perto de mim não foi. Depois da revelação da gravidez de Corinne, fiquei perplexa por ter sido deixada sozinha sem nenhuma explicação. Era como se uma bomba tivesse explodido bem na minha frente e eu tivesse sido largada em meio aos escombros, sozinha e confusa.

Angus estava à minha espera no Bentley quando saí à rua. Minha irritação cresceu ainda mais. Toda vez que se afastava de mim, Gideon mandava Angus como seu substituto.

"Eu devia ter casado com *você*, Angus", murmurei enquanto me ajeitava no banco de trás. "Você está sempre disponível pra mim."

"Mas só porque Gideon manda", ele falou antes de fechar a porta.

Isso é que é lealdade, eu pensei, amarga.

Quando cheguei ao trabalho, descobri que Megumi tinha faltado outra vez, e fui invadida por doses de preocupação e alívio. Ela costumava ser muito assídua — e chegava bem cedo —, o que significava que aquelas ausências eram sinal de que havia algo errado com ela. Por outro lado, eu poderia passar pela recepção sem que ninguém reparasse no meu estado de espírito, e sem ter que responder a perguntas às quais não queria responder. Não podia responder, na verdade. Eu não fazia ideia de onde estava o meu marido, e nem de como estava se sentindo.

Quanto a mim, eu estava magoada e furiosa. A única coisa que *não sentia* era medo. Gideon estava certo quanto ao fato de o casamento proporcionar uma sensação de segurança. Nós tínhamos um compromisso que não podia ser desfeito assim tão facilmente. Ele não poderia simplesmente desaparecer ou me ignorar para sempre. O que quer que acontecesse, em algum momento precisaríamos pôr tudo em pratos limpos. A única questão era: Quando?

Decidi me concentrar no trabalho e deixar as horas passarem. Às cinco da tarde, quando saí, ainda não tinha recebido notícias de Gideon, e também não tinha procurado falar com ele. Afinal, era *ele* quem precisava construir a ponte para vencer a distância que havia

criado entre nós.

Fui para a aula de krav maga, e fiz uma sessão de treino corpo a corpo com Parker durante uma hora.

“Hoje você está com tudo”, ele comentou quando o joguei ao chão pela sexta ou sétima vez.

Estava imaginando que ele era Gideon, mas não disse nada.

Quando cheguei em casa, encontrei Cary e Trey na sala de estar. Estavam comendo sanduíches e vendo um programa de humor na TV.

“A gente já comeu bastante”, Trey falou, oferecendo metade de seu sanduíche para mim. “E tem cerveja na geladeira.”

Trey era lindo, tinha uma personalidade formidável e estava apaixonado pelo meu melhor amigo. Olhei para Cary e notei imediatamente que ele estava se sentindo perdido e magoado, mas escondia tudo isso atrás de seu sorriso reluzente e encantador. Ele bateu na almofada do sofá ao seu lado. “Vem sentar aqui, gata.”

“Claro”, eu concordei, em parte por não querer ficar sozinha no meu quarto, enlouquecendo. “Só vou tomar um banho primeiro.”

Depois de me sentir limpinha e confortável vestindo uma calça de moletom bem velha, fui sentar com os dois no sofá. Fiquei irritada ao me deparar com uma tela de erro que dizia “não encontrado” ao tentar rastrear o celular de Gideon, seguindo as instruções que ele havia me dado.

Acabei dormindo na sala mesmo, pois preferia o sofá a uma cama em que iria fatalmente sentir o cheiro do meu marido desaparecido.

Acordei com o cheiro dele do mesmo jeito, sentindo seus braços em torno de mim quando ele me levantou do sofá. Exausta, apoiei a cabeça contra o peito de Gideon e ouvi o som de seu coração batendo com força. Ele me carregou até o quarto.

“Onde você estava?”, eu murmurei.

“Na Califórnia.”

Tive um sobressalto. “Quê?”

Ele sacudiu a cabeça. “De manhã a gente conversa.”

“Gideon…”

“De manhã, Eva”, ele disse, bem sério, me pôs na cama e me deu um beijo na testa.

Agarrei seu pulso quando ele ficou de pé novamente. “Nem pense em me deixar aqui

sozinha.”

“Eu não durmo há quase duas merdas de dias.” O tom de irritação em sua voz me fez ficar alarmada.

Eu me apoiei sobre os cotovelos e tentei ver seu rosto na semipenumbra, mas não dava para enxergar muita coisa, e eu ainda estava sonolenta. Notei apenas que ele vestia jeans e uma camiseta de manga comprida. “Então vem dormir aqui comigo.”

Ele bufou, externando seu cansaço. “Espera aí. Vou pegar meu remédio.”

Percebi que ele estava demorando demais, e lembrei que havia um frasco de seus comprimidos no meu banheiro também. Aquilo era só um pretexto para ele ir embora. Eu me livrei das cobertas, saí cambaleando pelo quarto, fui até a sala de estar e peguei minhas chaves. Quando entrei no apartamento de Gideon, quase tropecei na mala que ele tinha deixado perto da porta.

Ele devia ter passado ali apenas para deixar suas coisas antes de ir me ver. E mesmo assim não quis dormir na minha cama. Então por que foi até lá? Para me ver dormindo? Para saber se estava tudo bem?

Puta que pariu. Algum dia eu seria capaz de entender aquele homem?

Procurei pelo apartamento e o encontrei dormindo de bruços na cama da suíte principal, ainda vestido. Suas botas estavam uma de cada lado da cama, como se ele as tivesse tirado às pressas, e o celular e a carteira estavam sobre o criado-mudo.

A tentação do celular foi irresistível.

Apanhei o aparelho, digitei a senha — *anjo* — e comecei a fuçar sem um pingo de pudor. Nem me preocupei em esconder o que estava fazendo. Se ele podia se recusar a me fornecer informações, então eu também podia ir atrás de respostas.

A última coisa que eu esperava encontrar era aquela quantidade de fotos minhas em seu álbum de fotos. Havia dezenas delas: algumas tiradas por *paparazzi*, outras por ele mesmo com o celular, quando eu estava distraída. Imagens reveladoras, que permitiam que eu me visse através de seus olhos.

Nesse momento, minha preocupação se foi. Ele me amava, me adorava. Homem nenhum tiraria as fotos que ele tirou de mim se não estivesse apaixonado. Descabelada, sem maquiagem, fazendo coisas não tão especiais como lendo alguma coisa ou parada diante da geladeira aberta pensando no que gostaria de comer. Fotos em que eu estava dormindo, comendo, pensando na vida… Coisas banais e corriqueiras.

O registro de chamadas do celular mostrava que a maior parte das conversas tinha sido

com Angus, Raúl ou Scott. Havia também mensagens de voz de Corinne, mas eu resolvi me poupar desse sofrimento, já que ele não atendia às ligações dela fazia tempo. Vi também telefonemas de negócios, um ou outro para Arnoldo e vários para seus advogados.

Além de três conversas com Deanna Johnson.

Estreitei os olhos ao ver aquilo. Eram ligações demoradas, de até quinze minutos.

Dei uma olhada nas mensagens de texto e encontrei a que ele mandou para Angus quando estávamos no hospital.

Preciso dela fora daqui.

Sentei na poltrona no canto do quarto e fiquei olhando para aquela mensagem. *Preciso*, e não *quero*. Por alguma razão, essa escolha vocabular alterou minha perspectiva do que havia acontecido. Ainda não era capaz de entender plenamente, mas não estava me sentindo mais tão… excluída.

Havia também uma troca de mensagens com Ireland, o que me deixou feliz. Não li nenhuma delas, mas vi que a última tinha sido recebida na segunda-feira.

Devolvi o celular ao lugar onde estava e observei o sono profundo do homem que eu amava. Deitado todo esparramado e ainda vestido, era um dos poucos momentos em que ele aparentava a idade que tinha. Gideon carregava uma responsabilidade imensa sobre os ombros, aparentemente sem esforço… como se fosse algo natural, o que tornava bem fácil esquecer que ele estava sujeito ao cansaço e ao estresse tanto quanto qualquer um.

Era o meu papel como sua esposa ajudá-lo a lidar com tudo aquilo. Por outro lado, era impossível fazer isso se ele insistisse em se afastar de mim o tempo todo. Por querer me poupar de maiores preocupações, ele estava ficando sobrecarregado.

Precisaríamos conversar sobre isso assim que ele acordasse.

Acordei com uma dor incômoda no pescoço e com a sensação de que havia algo errado. Eu fui me movendo com cuidado para não esbarrar em nada, levantei da poltrona e percebi que o dia estava raiando, que uma luz alaranjada era visível nas janelas, e uma rápida olhada no relógio ao lado da cama confirmou que já estava amanhecendo.

Gideon grunhiu e ficou todo tenso, o que me deixou alarmada. Era um ruído terrível, o barulho de uma criatura ferida no corpo e na alma. Fiquei gelada ao ouvi-lo gemer de novo. Meu corpo inteiro reagia violentamente ao seu sofrimento.

Fui correndo até a cama, me ajoelhei ao seu lado e sacudi seu ombro. “Gideon. Acorda.”

Ele fugiu de mim, encolhendo o corpo e agarrando o travesseiro. Seu corpo se

contorceu, e ouvi que ele estava chorando.

Deitei ao seu lado e o abracei, passando o braço pela sua cintura. “Calma, amor”, sussurrei. “Eu estou aqui com você.”

E o embalei em seu choro até que ele dormisse, molhando sua camiseta com minhas lágrimas.

*

“Acorda, meu anjo”, murmurou Gideon, me beijando no rosto. “Preciso de você.”

Eu me alonguei, ainda dolorida por causa das duas sessões pesadas de treino e do tempo que passei dormindo na poltrona antes de me juntar a ele na cama.

Minha camiseta estava levantada, expondo meus seios à sua boca ávida e faminta. Com uma das mãos ele baixou minha calça de moletom, e depois a calcinha, encontrando meu sexo e despertando meu desejo.

“Gideon…” Dava para sentir todo o seu desespero a cada toque, um desejo que ia muito além das necessidades da carne.

Ele me calou com um beijo. Meus quadris se arquearam ao sentir seus dedos dentro de mim, me fodendo devagarinho. Ansiosa para atender aos seus desejos, eu tirei a calça, remexendo as pernas sem parar até me livrar delas.

Abri o botão de seus jeans, e abaixei sua calça e sua cueca.

“Me coloca dentro de você”, ele sussurrou com os lábios colados aos meus.

Agarrei seu membro ereto entre os dedos, posicionei junto à minha abertura e ergui os quadris para recebê-lo parcialmente.

Afundando o rosto no meu pescoço, ele me penetrou, entrando fundo dentro de mim, gemendo de prazer enquanto eu diminuía a distância entre nós. “Nossa, Eva. Como eu preciso de você.”

Eu o agarrei com os braços e as pernas, segurando-o com força.

Tudo mais que havia no mundo perdeu importância naquele momento. Gideon renovou todas as promessas que havia feito na areia da praia no Caribe, enquanto eu tentava consolá-lo e fazer com que tivesse forças para encarar mais um dia.

Estava me maquiando quando Gideon apareceu no banheiro e colocou uma caneca fumegante de café na pia de mármore ao meu lado. Estava usando apenas a calça do pijama, por isso concluí que não iria trabalhar naquele dia, ou então só iria mais tarde.

Olhando para ele pelo espelho, procurei algum vestígio de lembrança de seus sonhos.

Eu nunca o havia visto assim tão perturbado, como se tivesse levado uma punhalada no coração.

“Eva,” ele disse baixinho, “precisamos conversar.”

“Concordo plenamente.”

Ele segurou a caneca com as duas mãos. Ficou olhando para o café por um bom tempo antes de perguntar: “Você filmou, ou deixou que filmassem, alguma transa sua com Brett Kline?”.

“Quê?” Eu virei para ele, apertando com força o pincel de maquiagem. “Não. De jeito nenhum. Por que está me perguntando isso?”

Ele me encarou. “Quando voltei do hospital naquela noite, Deanna veio falar comigo no saguão. Depois do que aconteceu com Corinne, eu percebi que uma dispensa grosseira não seria a abordagem mais correta.”

“Isso eu já tinha falado pra você.”

“Pois é. E você estava certa. Então a gente foi até um bar pra beber uma taça de vinho, e eu pedi desculpas.”

“Você saiu com ela pra beber um vinho”, eu repeti.

“Não, eu saí com ela pra pedir desculpas. O vinho foi só um pretexto pra ir até o maldito bar”, ele respondeu, irritado. “Achei melhor fazer isso em público do que aqui no apartamento, o que seria muito mais prático e conveniente.”

Ele tinha razão, e gostei de saber que ele havia tomado providências para amenizar minha reação negativa. Ainda assim, fiquei com raiva por Deanna ter conseguido um “encontro” com ele.

Gideon deve ter percebido como eu me sentia, porque entortou a boca para o lado. “Você é tão possessiva, meu anjo. Sorte sua que eu gosto disso.”

“Fica quieto. E o que Deanna tem a ver com o tal vídeo? Foi ela que contou isso pra você? Porque é mentira.”

“Não é, não. Depois que eu pedi desculpas, ela resolveu abrir o jogo comigo. Me contou sobre o vídeo, e falou que estava prestes a ser leiloado.”

“Essa mulher é uma mentirosa, acredite em mim”, argumentei.

“Você conhece um cara chamado Sam Yimara?”

Fiquei paralisada, sentindo um nó no estômago. “Conheço, ele se dizia o cinegrafista oficial da banda.”

“Isso mesmo.” Gideon deu um gole em seu café, e me encarou com uma expressão bem séria por cima da caneca. “Ao que parece ele instalou umas câmeras escondidas nos bastidores pra conseguir imagens exclusivas da banda, e diz que recriou o clipe de ‘Golden’ com imagens reais e explícitas.”

“Ai, meu Deus.” Eu cobri a boca, sentindo ânsia de vômito.

Imaginar um bando de estranhos vendo imagens minhas transando com Brett era um pesadelo, e a ideia de que Gideon também tivesse visto tornava tudo mil vezes pior. Eu havia testemunhado sua reação ao clipe no dia do lançamento, e tinha sido terrível. Nossa relação jamais seria a mesma caso ele visse esse vídeo. Eu pelo menos sabia que, se o visse com outra mulher, não seria capaz de apagar nunca mais essa imagem da minha cabeça. E, com o tempo, ela me corroeria por dentro como ácido.

“Por isso você foi pra Califórnia”, eu murmurei, horrorizada.

“Deanna me contou tudo o que sabia, e eu consegui uma ordem judicial impedindo que Yimara vendesse ou licenciasse esse vídeo.”

Sua linguagem corporal não dava nenhuma indicação de como ele estava se sentindo. Gideon permanecia comedido e controlado. Já eu estava claramente em pânico. “Você não tem como impedir que essas imagens acabem vazando”, murmurei.

“Temos uma medida liminar temporária.”

“Assim que esse vídeo for parar em algum site, vai se espalhar como uma praga.”

Ele sacudiu a cabeça, fazendo a ponta de seus cabelos roçarem os ombros. “Coloquei uma equipe de TI que vai monitorar vinte e quatro horas por dia o aparecimento desse vídeo na internet, e além disso Yimara não vai ganhar nada se compartilhar o arquivo de graça. Ele só vai jogar merda no ventilador depois de esgotar todas as possibilidades, inclusive a de vender o vídeo pra mim.”

“Deanna vai cuidar de espalhar essa história. O trabalho dela é revelar segredos, não guardar.”

“Eu ofereci pra ela uma exclusividade de quarenta e oito horas na divulgação das fotos do nosso casamento pra ela manter o bico calado.”

“E ela topou?”, eu perguntei, incrédula. “Aquela mulher é obcecada por você. Não vai ficar feliz em saber que você está fora do mercado. E definitivamente.”

“Chega uma hora em que as pessoas se conformam que não tem mais jeito”, ele falou, um tanto irônico. “Acho que consegui me acertar com ela. Pode confiar em mim, ela ficou bem feliz quando percebeu que podia faturar alto com as fotos exclusivas do casamento.”

Fui até o vaso, baixei a tampa e sentei. Todas aquelas notícias me deixaram tonta. “Estou muito mal com tudo isso, Gideon.”

Ele pôs sua caneca de café ao lado da minha e se agachou na minha frente. “Olha pra mim.”

Fiz como ele pediu, mas não foi nada fácil.

“Eu *nunca* vou deixar ninguém magoar você”, ele falou. “Entendeu bem? Eu vou cuidar disso.”

“Desculpa”, eu suspirei. “Sinto muito por obrigar você a lidar com esse tipo de coisa. Como se você já não tivesse tanta coisa com que se preocupar…”

Gideon segurou as minhas mãos. “A sua privacidade foi violada, Eva. Não precisa se desculpar. E sobre resolver isso pra você… é um direito meu. Uma honra. Pra mim, você vem sempre em primeiro lugar.”

“Não foi o que pareceu lá no hospital”, eu rebati, querendo desabafar meu ressentimento antes que ele crescesse ainda mais. Além disso, precisava entender por que ele sempre se fechava para mim quando sentia que devia me proteger. “Justamente quando eu mais queria ficar do seu lado, você mandou Angus me buscar. E depois ainda *atravessou o país* sem me dar nem um telefonema… sem me dizer nada.”

Ele cerrou os dentes. “E também nem dormi. Usei todo o tempo de que dispunha pra conseguir a liminar, e precisei pedir um monte de favores pra isso. Você precisa confiar em mim, Eva. Mesmo sem entender o que eu estou fazendo, saiba que estou sempre pensando em fazer o que for melhor pra você. Pra nós.”

Eu desviei os olhos, pois não gostei de ouvir aquilo. “Corinne está grávida.”

Ele bufou. “Sim, ela estava. De quatro meses.”

Uma palavra capturou minha atenção. “Estava?”

“Ela perdeu o bebê enquanto recebia o tratamento pra overdose de medicamentos. Acho que ela não sabia que estava grávida. Pelo menos é nisso que eu prefiro acreditar.”

Sem tirar os olhos dele, procurei disfarçar o alívio que aquela informação me proporcionou. “Quatro meses? Então o bebê era do Giroux.”

“Espero que sim”, ele disse. “Ele pelo menos achava que era, e está me culpando pelo aborto.”

“Meu Deus.”

Gideon baixou a cabeça e a apoiou sobre as minhas pernas. “Eu acho *mesmo* que ela

não sabia. Ela não arriscaria a vida do bebê por um motivo tão estúpido.”

“Você não tem culpa nenhuma nisso, Gideon”, eu falei, bem séria.

Ele me abraçou pela cintura. “Meu Deus. Será que eu sou amaldiçoado?”

Meu ódio por Corinne chegou ao ápice naquele momento. Ela sabia que o pai de Gideon tinha se matado. Caso se preocupasse minimamente com ele, saberia que sua tentativa de suicídio o deixaria arrasado.

“Você não é responsável por nada que ela fez.” Passei os dedos por seus cabelos para consolá-lo. “Está me ouvindo? A única responsável por tudo isso é Corinne. Ela é que vai ter que conviver com as consequências desses atos, e não você e eu.”

“Eva.” Ele me abraçou, e eu senti seu hálito quente sob o tecido fino do meu robe de seda.

Quinze minutos depois, Gideon saiu do banheiro para atender a uma ligação de Raúl, me deixando ali parada diante do espelho, olhando para a pia.

“Você vai se atrasar”, ele disse baixinho, me abraçando por trás quando voltou.

“Estou pensando em ligar pra dizer que não vou.” Eu não costumava fazer isso, mas estava exausta, me sentindo sem energia, não conseguiria dedicar ao meu trabalho a atenção que ele merecia.

“Você até pode fazer isso, mas vai pegar mal quando saírem as fotos do evento de hoje à noite.”

Eu o encarei pelo espelho. “Mas a gente não vai!”

“Claro que vai.”

“Gideon, se esse vídeo meu com Brett vazar, vai ser melhor pra você se a sua imagem não estiver vinculada à minha.”

Ele ficou tenso, e me puxou para que eu o encarasse. “Como é?”

“Você me ouviu muito bem. O nome Cross já foi difamado o suficiente, você não acha?”

“Meu anjo, nunca senti tanta vontade de dar uns tapas na sua bunda quanto agora. Pra sua sorte, eu não gosto de castigar ninguém enquanto estou irritado.”

Sua bronca um tanto provocativa não me impediu de continuar determinada a protegê-lo do meu passado, do qual eu tanto me envergonhava. Ele estava disposto a me preservar do escândalo, atraindo toda a atenção para si, se fosse preciso.

Eu não imaginava ser possível amá-lo mais do que já amava, mas Gideon continuava a

provar que era, sim.

Ele pegou meu rosto entre as mãos. “O que quer que aconteça, vamos encarar tudo isso juntos. E usando o meu nome.”

“Gideon…”

“Você não imagina o orgulho que é pra mim você usar o meu nome.” Ele beijou de leve a minha testa. “O quanto isso significa pra mim.”

“Ai, Gideon.” Fiquei na ponta dos pés para senti-lo melhor. “Eu te amo demais.”

Cheguei ao trabalho com meia hora de atraso, e encontrei uma temporária sentada à mesa de Megumi. Abri um sorriso e a cumprimentei, mas estava preocupada. Passei na sala de Mark e pedi desculpas sinceras por ter me atrasado. Depois liguei para o celular de Megumi da minha mesa, mas ela não atendeu. Fui até o cubículo de Will.

“Queria perguntar uma coisa pra você”, eu falei quando cheguei até ele.

“Se eu souber responder”, ele se prontificou, virando a cadeira giratória para me olhar através dos seus óculos estilosos.

“Pra quem Megumi liga pra avisar que está doente?”

“Pelo que eu sei é pra Daphne. Por quê?”

“Estou preocupada. Deixei um monte de recados e ela não me ligou de volta. Estou com medo de que ela esteja com raiva de mim ou coisa do tipo.” Minhas pernas começaram a ficar inquietas. “Eu queria poder ajudar.”

“Bom, se servir de consolo, Daphne falou que ela parecia estar muito mal.”

“Que merda. Mas valeu mesmo assim.”

Quando voltei ao meu cubículo, Mark fez um gesto para que eu fosse até seu escritório.

“Hoje vão instalar aquele anúncio de seis andares das echarpes Tungsten.”

“Ah, é?”

Ele sorriu. “Quer ir dar uma olhada?”

“Sério?” Por mais fragilizada que eu estivesse me sentindo, passar o dia ao ar livre no calor do verão era muito mais atraente do que ficar confinada à minha mesa. “Seria demais!”

Ele pegou o paletó, que estava pendurado nas costas da cadeira. “Vamos.”

Quando cheguei em casa, pouco depois das cinco, encontrei minha sala dominada por uma equipe de esteticistas de jaleco branco. Cary e Trey estavam deitados no sofá com

uma meleca verde no rosto e toalhas sob a cabeça para proteger o estofado branco. Minha mãe tagarelava sem parar enquanto cuidavam de seu cabelo que começava a ganhar um penteado com cachos sensuais.

Tomei um banho rápido antes de me juntar a eles. Em uma hora, minha aparência foi da exaustão ao glamour, o que me permitiu também um tempo para deixar rolar todos os pensamentos reprimidos durante o dia — sobre o vídeo, Corinne, Giroux, Deanna e Brett.

Alguém precisaria contar tudo para Brett. E esse alguém seria eu.

Quando a maquiadora veio até mim com o pincel para o batom, eu me apressei em dizer: “Vermelho, por favor”.

Ela inclinou a cabeça para me examinar melhor. “É mesmo, você tem razão.”

Estava prendendo o fôlego enquanto a cabeleireira passava uma última demão de spray nos meus cabelos quando senti o meu celular vibrar no bolso do robe. Vi que a ligação era de Gideon e atendi. “Oi, garotão.”

“O que você vai usar?”, ele perguntou, sem nem me cumprimentar.

“Um vestido prateado.”

“Sério?” Sua voz ganhou um tom afetuoso que fez os dedos dos meus pés se curvarem. “Mal posso esperar pra ver você com esse vestido. E sem ele também.”

“Não vai demorar muito”, eu avisei. “Você tem dez minutos pra trazer essa sua bundinha linda até aqui.”

“Sim, senhora.”

Eu estreitei os olhos. “Se você demorar, o passeio de limusine vai precisar ser mais curto.”

“Humm… Chego aí em cinco minutos, então.”

Quando ele desligou, ainda fiquei segurando o telefone por um tempo, sorrindo.

“Quem era?”, perguntou minha mãe, vindo até mim.

“Gideon.”

Os olhos dela se acenderam. “Ele vai hoje também?”

“Vai.”

“Ah, Eva.” Ela me abraçou. “Que felicidade.”

Com os braços em torno dela, achei que era o momento ideal para começar a espalhar a notícia do nosso noivado. Eu sabia que Gideon não demoraria muito a dizer ao mundo

inteiro que estávamos comprometidos.

“Ele pediu permissão pro meu pai pra casar comigo.”

“Ah, é?” Ela se afastou e abriu um sorriso. “Ele falou com o Richard, também. Foi uma atitude muito bacana, você não acha? Eu até já comecei a planejar tudo. Acho que o ideal seria em junho, no Pierre, é claro. Nós podemos…”

“Tem que ser até dezembro, no máximo.”

Minha mãe arregalou os olhos. “Não seja ridícula. Não dá para planejar um casamento em tão pouco tempo. É impossível.”

Eu encolhi os ombros. “Então diz pro Gideon que você está pensando em junho do ano que vem. E vamos ver o que ele fala.”

“Bom, antes de qualquer coisa ele precisa fazer o pedido!”

“Verdade.” Dei um beijo no rosto dela. “Eu vou me trocar.”

23

Eu estava no meu quarto, ajeitando o vestido tomara que caia sobre o sutiã sem alças, quando Gideon entrou. Literalmente parei de respirar, absorvendo seu reflexo no espelho. Em pé atrás de mim com um smoking feito sob medida e uma gravata cinza combinando com a minha roupa, ele estava deslumbrante, mais lindo do que nunca.

"Uau", eu murmurei, ofegante. "Tem alguém aqui que *com certeza* vai se dar bem hoje à noite."

Ele abriu um sorriso. "Isso quer dizer que não preciso nem ajudar você a fechar o vestido?"

"Quer dizer que não precisamos nem sair de casa hoje."

"Esquece, meu anjo. Eu não vou perder a chance de exibir a minha esposinha."

"Ninguém nem sabe que somos casados."

"*Eu* sei." Ele veio até mim e segurou o zíper do meu vestido. "Mas em breve — em breve mesmo — o mundo inteiro vai saber."

Eu me inclinei na direção dele, admirando nosso reflexo. Nós saíamos muito bem nas fotos.

O que me fez lembrar de outras imagens…

"Me promete", eu pedi, "que nunca vai ver esse vídeo."

Ele não respondeu, e eu virei para encará-lo. Quando vi o olhar desconcertado em seu rosto, comecei a ficar apavorada. "Gideon. Não vai me dizer que já viu!"

Ele cerrou os dentes. "Um minuto ou dois. Nada muito explícito. Só pra ver se as imagens eram autênticas."

"Ai, meu Deus. Me promete que nunca vai ver." Meu tom de voz foi ficando mais alto e mais agudo à medida que o pânico tomava conta. "Me promete!"

Ele me enlaçou pela cintura com os braços e me apertou com tanta força que eu mal conseguia respirar. Eu fiquei olhando para ele, com os olhos arregalados, surpresa com aquela demonstração de agressividade.

"Calma", ele disse baixinho.

Senti um calor se irradiando pelo meu corpo a partir do lugar onde ele me tocava. Meu coração começou a bater mais forte, mas em um ritmo mais constante. Fiquei olhando para nossas mãos, em especial para a aliança dele. Vermelha. Como as amarras que ele comprou para mim. Naquele momento também eu estava me sentindo capturada e submetida. E essa sensação me acalmou, apesar de eu não entender por quê.

Mas Gideon obviamente entendia.

Foi por isso que não hesitei em me casar com ele de uma hora para outra. Ele estava me conduzindo em uma jornada rumo ao desconhecido, na qual eu concordei em embarcar com os olhos vendados. O que estava em questão não era nosso destino como casal. Éramos obcecados um pelo outro, dependentes, como se fosse um vício. A pergunta a ser respondida era quem *eu* me tornaria depois de viver tudo aquilo.

A transformação de Gideon havia sido quase violenta, ocorreu em um momento de clarividência no qual ele compreendeu que não queria — e nem conseguia — viver sem mim. Minha mudança vinha sendo mais gradual, tão dolorosamente lenta que eu acreditava que nem tinha mudado em nada.

Eu estava errada.

Com um nó na garganta, fazendo força para engolir, eu falei em um tom de voz mais tranquilo. “Escuta só, Gideon. O que quer que você veja nesse vídeo, não é nada em comparação com o que fazemos juntos. As únicas lembranças que eu quero que você guarde na cabeça são as dos *nossos* momentos. Eu e você… é só isso que importa. Então, por favor… me promete.”

Ele fechou os olhos e depois balançou a cabeça. “Tudo bem. Eu prometo.”

Soltei um suspiro de alívio. “Obrigada.”

Ele levou minha mão até os lábios e a beijou. “Você é minha, Eva.”

Graças a um acordo mútuo e silencioso, nós nos comportamos na limusine a caminho da nossa primeira aparição pública depois de casados. Eu estava nervosa, e sabia que um ou dois orgasmos ajudariam a aliviar a tensão, mas também sentia que, se a minha aparência estivesse algo menos que impecável, isso só pioraria as coisas. As pessoas iam prestar atenção em mim. E não apenas por causa do meu vestido curto e chamativo, mas também porque meu acompanhante era um acessório impossível de não notar.

As atenções estariam voltadas para nós, e aparentemente era isso que Gideon queria. Ele me ajudou a descer da limusine na Quinta Avenida com a Central Park South e fez questão de me dar um beijo no rosto. “Esse vestido vai ficar lindo no chão do meu quarto.”

Eu dei risada daquela fala de conquistador barato, pois sabia que era uma ironia deliberada, e bem nesse momento as luzes ofuscantes dos flashes começaram a piscar. Quando ele se virou para se postar ao meu lado, a expressão de afetuosidade sumiu de seu rosto, suas feições assumiram um ar de seriedade que não deixava entrever absolutamente nada. Ele pôs a mão sobre a base da minha coluna e me conduziu pelo tapete vermelho até a entrada do Cipriani's.

Uma vez lá dentro, ele encontrou um lugar que o agradou e por lá ficamos por uma hora, cercados por seus parceiros de negócios e conhecidos. Gideon queria que ficássemos sempre juntos, algo que pude comprovar logo em seguida, quando ele me acompanhou até a pista de dança.

"Me apresenta", ele pediu, e tive que seguir seu olhar para ver que estava se referindo a Christine Field e Walter Leaman, da Waters Field & Leaman, que estavam rindo e conversando com um grupo de convidados. Christine estava toda elegante e comportada em seu vestido preto de paetês que a cobria do pescoço até os punhos e tornozelos, a não ser por uma abertura nas costas, e Walter, um homem corpulento, ostentava toda a sua riqueza e confiança com um smoking bem cortado e uma gravata-borboleta.

"Eles sabem quem você é", eu argumentei.

"Mas sabem da minha relação com *você*?"

Franzi de leve o nariz, sabendo que meu mundo iria mudar drasticamente quando deixasse de ser uma moça solteira e me revelasse como Eva Cross. "Vamos lá, garotão."

Nos dirigimos até eles, desviando das mesas redondas com toalhas de linho branco decoradas com candelabros e arranjos florais que espalhavam seu aroma delicioso pelo salão.

Meus chefes repararam primeiro na presença de Gideon, obviamente. Acho que só me reconheceram quando ele deu um passo atrás para que eu fizesse as honras.

"Boa noite", eu falei, apertando as mãos de Christine e Walter. "Vocês já conhecem Gideon Cross, o meu…"

Minha cabeça entrou em parafuso, e eu parei de falar.

"Noivo", complementou Gideon, estendendo a mão para ambos.

Recebemos os parabéns. Os sorrisos ficaram mais largos, os olhos se arregalaram.

"Isso não significa que estamos perdendo você, certo?", perguntou Christine, com seus brincos de diamante cintilando à luz suave do salão.

"Não. Vou continuar exatamente onde estou."

Gideon deu um beliscão na minha bunda quando eu disse isso.

Em algum momento teríamos que conversar sobre isso de novo, mas eu achava que conseguiria enrolá-lo pelo menos até o nosso segundo casamento.

Conversamos um pouco sobre a campanha da Vodka Kingsman, uma boa forma de enfatizar que os bons serviços prestados pela Waters Field & Leaman podiam render bons frutos para as Indústrias Cross. Gideon conhecia muito bem esse jogo, e exerceu seu papel com maestria. Foi educado e charmoso, mas sempre deixando bem claro que não era do tipo que se deixava impressionar facilmente.

Depois disso, ficamos sem assunto. Foi Gideon quem pediu licença e nos tirou dali.

“Vamos dançar”, ele murmurou na minha orelha. “Quero abraçar você.”

Fomos até a pista de dança, onde Cary monopolizava as atenções junto com uma ruiva lindíssima. Era possível ver uma grande extensão de sua perna clarinha e bem torneada pela abertura de seu vestido verde-esmeralda. Ele a conduziu em um rodopio, e depois a deitou nos braços com movimentos graciosamente suaves.

Trey não estava lá porque tinha aula naquela noite, e eu lamentei muito por isso. E também lamentei muito por ter achado bom que Cary não tivesse convidado Tatiana. Era o tipo de coisa que fazia com que eu me sentisse recalcada e invejosa, e eu detestava mulheres recalcadas e invejosas.

“Olha pra mim.”

Virei a cabeça ao comando de Gideon e dei de cara com seus olhos grudados em mim. “Oi, garotão.”

De mãos dadas e segurando um ao outro pelas costas, rodopiamos casualmente pela pista.

“Crossfire”, ele murmurou, me encarando fixamente.

Eu acariciei seu rosto com as pontas dos dedos. “Estamos aprendendo com nossos erros.”

“Você leu os meus pensamentos.”

“Isso é tão bom.”

Ele sorriu com seus olhos azuis em chamas e seus cabelos tão lindos que a minha vontade era agarrá-los ali mesmo. Gideon me puxou para mais perto. “Não tão bom quanto sentir você assim.”

Ainda dançamos mais duas músicas. Depois o som parou e o líder da banda fez o

anúncio de que o jantar logo seria servido. À nossa mesa estavam sentados, além de nós, minha mãe e Richard, Cary, um cirurgião plástico acompanhado da esposa e um cara que contou ter acabado de gravar um piloto de um novo programa de TV e que estava à espera de uma resposta da emissora para gravar uma temporada completa.

A comida era de inspiração asiática, e eu comi de tudo, já que estava uma delícia e as porções eram pequenas. Gideon pôs a mão na minha coxa por baixo da mesa, me acariciando com o polegar com movimentos circulares que me deixaram toda inquieta.

Ele chegou mais perto. “Não se mexe.”

“Para”, eu murmurei em resposta.

“Continua se mexendo e eu enfio os dedos em você.”

“Você não faria isso.”

Ele deu um risinho de deboche. “Então paga pra ver.”

Como sabia do que ele era capaz, resolvi ficar sentada quietinha, apesar de aquilo estar acabando comigo.

“Com licença”, Cary disse de maneira abrupta e saiu da mesa.

Mantive um olho grudado nele e outro em uma mesa ali perto. Quando a ruiva de verde se levantou e foi atrás dele, pouco tempo depois, não chegou a ser uma surpresa, mas com certeza foi uma decepção. Eu entendia que a situação com Tatiana devia ser estressante, e sabia que Cary encarava o sexo como cura para tudo, mas também tinha noção de que isso era algo prejudicial à sua autoestima, e que causava mais problemas do que resolvia.

Ainda bem que faltavam só dois dias para a nossa visita ao dr. Travis.

Eu me inclinei na direção de Gideon e sussurrei: “Cary e eu vamos pra San Diego no fim de semana”.

Ele se virou para mim. “E você vem me dizer isso *agora*?”

“No meio de toda essa confusão com o meu ex, a sua ex, os meus pais, Cary e todo o resto, acabei esquecendo! Achei melhor falar logo, antes que eu esquecesse de novo.”

“Meu anjo…”, ele sacudiu a cabeça.

“Espere um pouco.” Eu fiquei de pé. Precisava contar que a turnê de Brett ia passar por San Diego naquela mesma semana, mas tinha que falar com Cary primeiro.

Ele também levantou, e me olhou com uma expressão de perplexidade.

“Eu já volto”, eu disse a ele, antes de acrescentar: “Tenho uma foda pra empatar”.

“Eva…”

Percebi o tom de desaprovação em sua voz, mas resolvi ignorá-lo e saí correndo atrás de Cary. Assim que passei pela entrada do salão, dei de cara com um rosto bem familiar.

“Magdalene”, eu disse, surpresa, e parei. “Não sabia que você vinha.”

“Gage estava enrolado com um projeto, por isso chegamos atrasados. Perdemos o jantar, mas pelo menos consegui comer um desses mousses de chocolate que serviram de sobremesa.”

“Uma delícia”, eu confirmei.

“Pois é.” Magdalene sorriu.

Pensei comigo que ela estava linda. Mais simpática e mais amável, porém deslumbrante como sempre com seu vestido de renda vermelha de ombro único e seus cabelos escuros emoldurando seu rosto delicado e seus lábios vermelhos. Manter distância de Christopher Vidal tinha feito muito bem para ela. E o namorado novo certamente ajudou. Eu lembrei que ela havia mencionado um cara chamado Gage quando foi me ver no trabalho umas semanas antes.

“Eu vi você com Gideon”, ela comentou. “E reparei na aliança.”

“Você devia ter ido cumprimentar a gente.”

“Eu estava comendo a minha sobremesa.”

Eu dei risada. “Verdade, primeiro as coisas importantes.”

Magdalene tocou o meu braço de leve. “Estou feliz por você, Eva. E por Gideon.”

“Obrigada. Passa lá na nossa mesa e diz isso pra ele pessoalmente.”

“Pode deixar. Até mais tarde.”

Quando ela se afastou, eu a observei por algum tempo, ainda desconfiada, mas já começando a admitir que Magdalene podia não ser tão ruim assim.

O único problema de ter me encontrado com ela foi que perdi Cary de vista. Quando retomei a perseguição, ele já tinha se enfiado em algum lugar.

Tomei o caminho de volta para a mesa, já pensando na comida de rabo que daria em Cary. Foi quando Elizabeth Vidal atravessou o meu caminho.

“Com licença”, eu falei quando quase nos esbarramos.

Ela me agarrou pelo cotovelo e me puxou para um canto. Depois pegou a minha mão e olhou para o lindo diamante que eu levava no dedo. “Essa aliança é minha.”

Eu me livrei de seu aperto com um puxão. “Ela era sua. Agora é minha. Ganhei do seu filho quando ele me pediu em casamento.”

Ela me mediu com seus olhos azuis, idênticos aos de Gideon. E de Ireland também. Era uma mulher linda, elegante e glamorosa. Chamava tanta atenção quanto a minha mãe, mas demonstrava a mesma frieza de Gideon.

“Eu não vou deixar você tirá-lo de mim”, ela soltou por entre os dentes branquíssimos.

“Você entendeu tudo errado.” Eu cruzei os braços. “Eu quero aproximar vocês dois, pra podermos pôr tudo em pratos limpos.”

“Você está envenenando a cabeça dele com mentiras.”

“Ai, meu Deus. Está falando sério? Então na próxima vez em que ele contar o que aconteceu — e pode acreditar que ele vai — trate de acreditar nele. E de pedir desculpas, e de amenizar um pouco o sofrimento dele, pra variar. Porque eu quero que ele esteja curado e saudável.”

Elizabeth me encarou, claramente furiosa. Ela não parecia concordar com o que eu disse de maneira nenhuma.

“Estamos conversadas?”, perguntei, irritada com sua cegueira deliberada.

“Nem de longe”, ela sibilou, se aproximando de mim. “Eu sei de tudo sobre você e o tal vocalista. E estou de olho.”

Eu sacudi a cabeça. Será que Christopher tinha contado para ela? E o que teria dito? Depois de descobrir o que ele fazia com Magdalene, eu era capaz de acreditar em qualquer coisa. “Inacreditável. Você acredita em mentiras e ignora a verdade.”

Comecei a me afastar, mas parei de novo. “O mais interessante é que, quando eu confrontei você da outra vez, você não foi tirar tudo a limpo com Gideon. ‘Ei, filho, a sua namorada maluca me contou uma história maluca.’ Não entendo por que você não foi falar com ele. Não sente vontade de se explicar?”

“Vá se foder.”

“Pois é, eu bem que imaginei.”

Virei as costas antes que ela abrisse a boca de novo e arruinasse de vez a minha noite.

Infelizmente, quando me aproximei da minha mesa, encontrei Deanna Johnson no meu lugar, conversando com Gideon.

“Só pode ser brincadeira”, eu murmurei, estreitando os olhos na direção dela, que fazia questão de tocar no braço dele enquanto falava. Cary ainda não tinha voltado, e minha

mãe e Stanton estavam dançando. Deanna se aproximou sorrateiramente, como uma cobra.

Apesar do que Gideon pensava, para mim o interesse dela por ele parecia maior do que nunca. E, ainda que o único sinal de receptividade da parte dele fosse o fato de estar ouvindo o que ela estava falando, isso já bastava para me deixar irritada.

“Ela deve ser boa de cama. Ele vive trepando com ela.”

Toda tensa, eu me virei na direção da voz feminina que falava comigo. Era a ruiva de Cary, toda vermelha e radiante, o retrato perfeito de uma mulher que tinha acabado de ter um orgasmo. Ainda assim, ela parecia mais velha do que a impressão que me passou à distância.

“Fique de olho nele”, ela falou, se referindo a Gideon. “Ele é do tipo que usa as mulheres. Eu já vi isso acontecer. Mais de uma vez.”

“Eu sei me virar sozinha.”

“Isso é o que todas elas dizem.” Ela abriu um sorriso de compaixão que me irritou profundamente. “Sei de pelo menos duas mulheres que entraram em depressão profunda por causa dele. E certamente não vão ser as últimas.”

“Você não deveria dar ouvidos a esse tipo de fofoca”, eu rebati.

Ela se afastou com aquele sorrisinho sereno e irritante no rosto, ajeitando os cabelos enquanto contornava as demais mesas até chegar à dela.

Foi só quando ela chegou ao meio do salão que me lembrei de onde a conhecia.

“Merda.”

Fui correndo até Gideon. Ele se levantou quando cheguei à mesa.

“Preciso falar com você *agora*”, me apressei em dizer antes de olhar para a mulher que ocupava o meu lugar na mesa. “Como sempre, é um prazer ver você, Deanna.”

Ela ignorou a alfinetada. “Oi, Eva. Eu já estava indo…”

Mas eu já tinha dado as costas para ela. Peguei Gideon pela mão e o puxei. “Vamos lá.”

“Certo, só um minuto.” Ele disse alguma coisa para Deanna, que eu não ouvi, porque o estava puxando para longe. “Pelo amor de Deus, Eva. Por que essa pressa?”

Fui até perto da parede e olhei ao redor, procurando a ruiva de verde. O normal seria que ele tivesse notado a presença de sua antiga amante — a não ser que ela estivesse deliberadamente tentando evitá-lo. Por outro lado, seus cabelos estavam bem diferentes, e eu não havia visto seu marido por perto, o que teria tornado mais fácil a tarefa de

reconhecê-la. “Você sabia que Anne Lucas está aqui?”

Ele apertou minha mão com força. “Não. Por quê?”

“Vestido verde-esmeralda, cabelos ruivos bem compridos. Você não viu essa mulher no salão?”

“Não.”

“Ela estava dançando com Cary.”

“Não prestei atenção.”

Eu o encarei, começando a ficar irritada. “Meu Deus, Gideon. Acho difícil você não ter reparado nela.”

“Me desculpa se eu só tenho olhos pra minha mulher”, ele disse, irônico.

Foi a minha vez de apertar sua mão. “Desculpa. Eu só queria confirmar se era ela mesmo.”

“Por quê? Ela foi falar com você?”

“Foi, sim. Falou um monte de merda e depois saiu andando. Acho que Cary estava com ela. Sabe como é, dando uma rapidinha.”

Gideon ficou bem sério. Ele vasculhou o salão com os olhos, varrendo-o cuidadosamente de um canto a outro. “Não estou vendo Anne. Nem ninguém como você descreveu.”

“Anne não é terapeuta?”

“Psiquiatra.”

Fui invadida por um estranho pressentimento. “Podemos ir embora?”

Ele me olhou. “O que ela falou pra você?”

“Nada que eu nunca tenha ouvido antes.”

“Bom saber”, ele murmurou. “Sim, vamos embora.”

Voltamos até minha mesa para pegar minha bolsa e nos despedir dos demais.

“Posso ir com vocês?”, perguntou Cary depois de dar um abraço na minha mãe.

Gideon fez que sim com a cabeça. “Vamos lá.”

Angus fechou a porta da limusine.

Cary, Gideon e eu nos esparramamos nos assentos traseiros, e poucos minutos depois já estávamos bem longe do Cipriani’s.

Meu melhor amigo me lançou um olhar. “Nem começa.”

Ele detestava ouvir sermões por causa de seu comportamento, e eu até conseguia entender por quê. Afinal, eu não era sua mãe. Mas isso não significava que não o amasse e não desejasse sempre o melhor para ele. E eu sabia até onde suas tendências autodestrutivas podiam chegar caso ninguém interferisse.

Mas essa não era a minha principal preocupação naquele momento.

“Qual era o nome dela?”, eu perguntei, torcendo para conseguir identificar aquela ruiva de uma vez por todas.

“Que diferença isso faz?”

“Pelo amor de Deus.” Apertei com força a minha bolsa entre as mãos. “Você sabe ou não sabe?”

“Eu não perguntei”, ele rebateu. “Desencana.”

“Calma aí, Cary”, Gideon o repreendeu sem se alterar. “Tudo bem que você está com problemas, mas não precisa descontar na Eva. Ela só está preocupada com você.”

Cary cerrou os dentes, virou a cara e ficou olhando pela janela.

Eu me recostei no assento, e Gideon me puxou para junto de seu ombro, acariciando meu braço nu.

Ninguém disse mais nenhuma palavra até chegarmos em casa.

Quando chegamos no meu apartamento, Gideon foi até a cozinha pegar uma garrafa d’água e atendeu ao telefone, me olhando do outro lado do balcão, a vários metros de distância.

Cary tomou o caminho do quarto, mas depois deu meia-volta e veio me abraçar. *Com força*.

Com o rosto apoiado no meu ombro, ele sussurrou: “Desculpa, gata”.

Eu retribuí o abraço. “Você merece uma vida melhor que essa que anda vivendo.”

“Eu não transei com ela”, ele disse baixinho, se afastando para me encarar. “Eu ia. Pensei que queria. Mas na hora lembrei que vou ser pai de uma criança, Eva. Não quero que ele — ou ela — cresça pensando sobre mim a mesma coisa que eu pensava sobre a minha mãe. Preciso dar um jeito na minha vida.”

Eu o abracei de novo. “Estou orgulhosa de você.”

“Bom…” Ele se afastou, com um olhar malicioso. “Eu toquei uma pra ela, já que a gente tinha ido até ali, mas o meu pau não saiu da cueca.”

“Não precisa entrar em detalhes, Cary”, eu falei. “Não mesmo.”

“A gente ainda vai pra San Diego amanhã?” Seu olhar esperançoso deu um nó no meu coração.

“Claro. Estou ansiosa.”

Ele abriu um sorriso de alívio. “Que ótimo. Consegui um voo pras oito e meia.”

Gideon chegou até nós bem naquele momento, e pelo olhar em seu rosto deu para perceber que meu fim de semana fora da cidade ainda não era um assunto encerrado entre nós. Mas, quando Cary foi para o quarto, eu me apressei em dar um beijo bem gostoso em Gideon, uma tentativa de adiar a conversa. Como eu esperava, ele aceitou a oferta, devorando a minha boca com lambidas profundas.

Soltei um gemido quando ele me agarrou. Pelo resto da noite, eu não ia me preocupar com mais nada que acontecesse no mundo. Afinal, não era tanto tempo assim. No dia seguinte, eu já estaria a postos para enfrentar o que viesse.

Eu o agarrei pela gravata. “Hoje à noite você é meu.”

“Eu sou seu todas as noites”, ele disse com sua voz rouca e afetuosa que despertava meus desejos mais quentes.

“Então vamos começar agora mesmo.” Fui andando de costas, puxando-o até o meu quarto. “E não parar mais.”

Ele não parou. Não até amanhecer.

Nota da autora

Sim, queridas leitoras e queridos leitores, vocês têm razão. Não é possível que este seja o final.

A jornada de Gideon e Eva ainda não chegou ao fim. Estou ansiosa para saber para onde eles nos levarão a seguir.

Tudo de bom,

Sylvia

Agradecimentos

Minha gratidão à editora Hilary Sares, por todo o seu trabalho em *Para sempre sua* e nos dois livros anteriores da série Crossfire. Sem ela, haveria muitos trechos desnecessários, um excesso de palavras empoladas, algumas quebras de padrão e outros problemas de escrita que poderiam tirar o foco do leitor da beleza da história de amor entre Gideon e Eva. Muito obrigada, Hilary!

Um enorme agradecimento à minha agente, Kimberly Whalen, e à minha editora, Cindy Hwang, por me ajudarem a retomar a magia de Gideon e Eva enquanto escrevia esta história. Quando precisei de ajuda, elas vieram em meu socorro. Obrigada, Kim e Cindy!

Agradeço também ao meu assessor de imprensa, Gregg Sullivan, por manter minha agenda sempre devidamente organizada.

E ao meu agente na caa, Jon Cassir, por sua dedicação ao trabalho e sua paciência com minhas perguntas.

Sou muito grata também aos meus editores ao redor do mundo, que têm acolhido com todo apoio e entusiasmo a série Crossfire.

E nem tenho palavras para agradecer a paciência e o apoio de todos os meus leitores. É uma alegria para mim poder compartilhar a jornada de Gideon e Eva com vocês.

Copyright © 2013 by Sylvia Day

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Entwined with You

IMAGEM DE CAPA Patrice de Villiers/ Gallery Stock

PREPARAÇÃO Lilia Zambon

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-8086-683-4

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

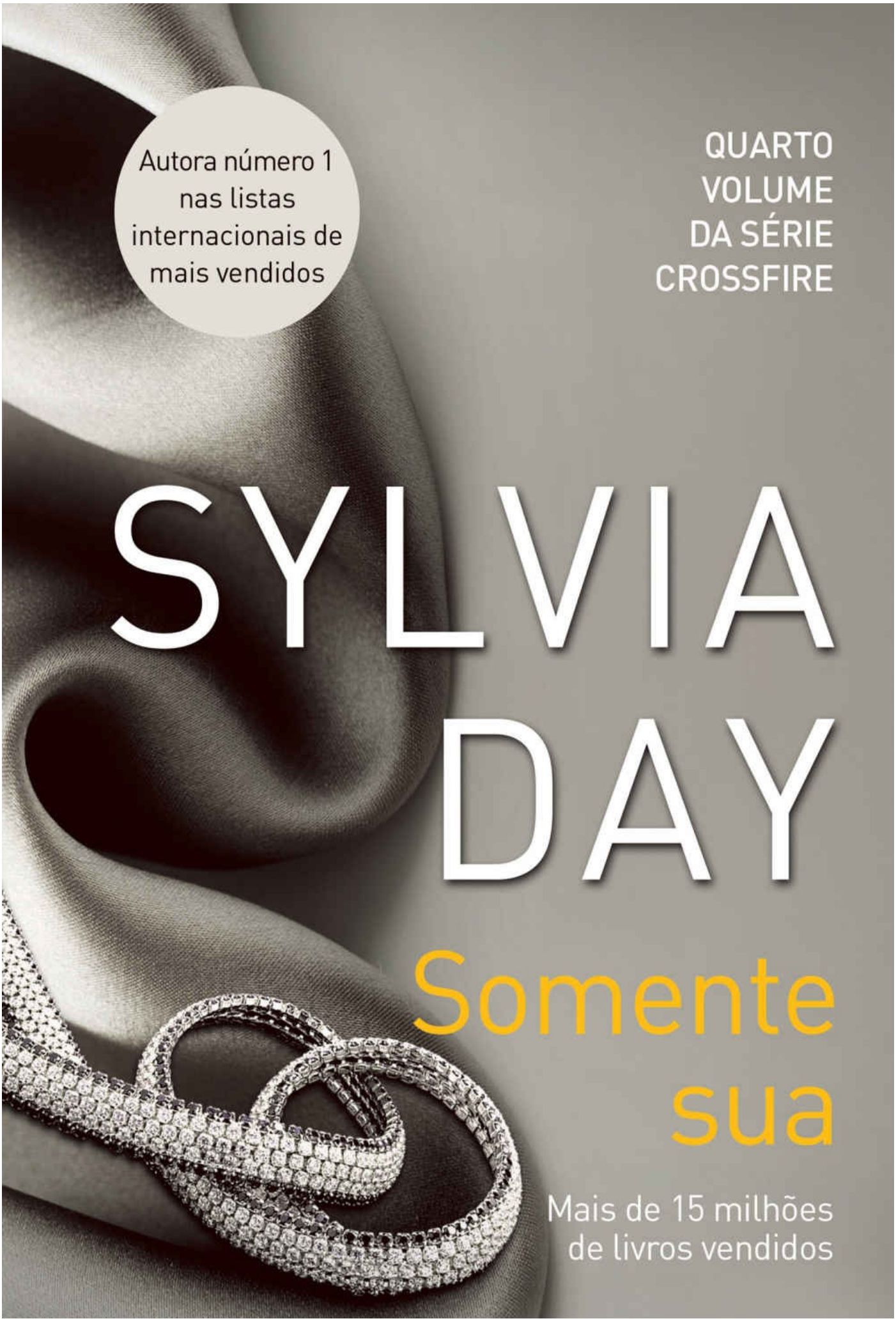
04532-002 — São Paulo — sp

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br


Autora número 1
nas listas
internacionais de
mais vendidos
QUARTO
VOLUME
DA SÉRIE
CROSSFIRE
SYLVIA
DAY
Somente
sua
Mais de 15 milhões
de livros vendidos

QUARTO VOLUME DA SÉRIE CROSSFIRE

SYLVIA DAY

Somente sua

Tradução
ALEXANDRE BOIDE
JULIANA ROMEIRO

parea

Para todos os leitores que esperaram pacientemente por este novo capítulo da história de Gideon e Eva. Espero que gostem tanto quanto eu!

1

O jato de água fria atingiu minha pele quente, e o ardor afastou os últimos vestígios de um pesadelo do qual já nem me lembrava por inteiro.

Fechei os olhos e entrei de vez debaixo do chuveiro, desejando que o medo e a náusea que tinham sobrado escorressem pelo ralo. Estremeci, então meus pensamentos se voltaram para minha esposa. Meu anjo, que estava dormindo tranquilamente no apartamento ao lado. Eu precisava desesperadamente dela, precisava me perder em seus braços e estava furioso por não poder fazer isso. Por não poder abraçá-la. Por não poder puxar seu corpo gostoso para junto de mim e me perder dentro dela, permitindo que espantasse aquelas lembranças.

“Porra.” Pus as mãos espalmadas sobre os azulejos gelados e deixei o frio me castigar. Eu era um cretino egoísta.

Se eu fosse um homem decente, teria me afastado de Eva Cross no momento em que a vi pela primeira vez.

Em vez disso, eu me casei com ela. Queria que essa notícia aparecesse em todas as mídias possíveis, e não que fosse um segredo compartilhado por um punhado de pessoas. Para piorar, como não tinha a mínima intenção de abrir mão dela, precisava dar um jeito no fato de que não podíamos nem dormir no mesmo quarto.

Ensaboei-me para lavar a camada de suor que cobria meu corpo quando acordei. Alguns minutos depois, voltei para o quarto e vesti uma calça de moletom antes de ir para o escritório. Ainda não eram nem sete da manhã.

Eu tinha saído do apartamento onde Eva morava com Cary, seu melhor amigo, apenas algumas horas antes, para que ela pudesse dormir um pouco antes de ir trabalhar. Passamos a noite toda juntos, sucumbindo ao desejo e à necessidade de proximidade. Mas havia outra coisa também. Uma urgência da parte dela que me deixou aflito.

Alguma coisa estava incomodando Eva.

Meu olhar se dirigiu para a janela e para a vista de Manhattan antes de se concentrar em uma parede vazia. Na parede correspondente no meu escritório na nossa cobertura na Quinta Avenida, estavam penduradas fotos de Eva e de nós dois juntos. Eu conseguia visualizar claramente aquela montagem, já que passei incontáveis horas olhando para ela

nos últimos meses. Antes, observar a cidade era minha forma de me fechar em mim mesmo. Agora, eu fazia isso olhando para Eva.

Acomodei-me à mesa e movi o mouse para tirar o computador do descanso de tela. Respirei fundo quando o rosto de Eva apareceu no monitor. Ela estava sem maquiagem, e as sardas no nariz faziam com que parecesse ter ainda menos que seus vinte e quatro anos. Meus olhos percorreram seu rosto — a curva das sobrancelhas, o brilho dos olhos acinzentados, a opulência dos lábios. Quando eu me deixava levar pelos pensamentos, quase conseguia sentir sua boca contra a minha pele. Seus beijos eram como bênçãos, promessas do meu anjo de que minha vida valia a pena.

Soltando um suspiro determinado, peguei o telefone e liguei para Raúl Huerta. Apesar de ser cedo, ele atendeu com rapidez e prontidão.

“A sra. Cross e Cary Taylor vão para San Diego hoje”, anunciei, cerrando o punho. Não precisava dizer mais nada.

“Certo.”

“Preciso de uma foto recente de Anne Lucas, e informações detalhadas sobre onde estava ontem à noite, na minha mesa até a hora do almoço.”

“Serei o mais rápido possível”, ele afirmou.

Desliguei e continuei olhando para o rosto lindo e hipnotizante de Eva. Consegui tirar uma foto de surpresa em um momento feliz e estava determinado a manter minha esposa assim pelo resto da vida. Mas na noite anterior ela pareceu abalada pelo encontro com uma mulher que tinha sido usada por mim no passado. Fazia algum tempo que Anne não cruzava meu caminho, mas, se era a responsável pela aflição de Eva, então certamente me veria de novo. Muito em breve.

Abri os e-mails, dei uma lida e escrevi algumas respostas rápidas. Queria poder tratar logo do assunto que tinha chamado minha atenção de imediato.

Senti a presença de Eva antes mesmo de vê-la.

Ergui a cabeça em sua direção e comecei a digitar mais devagar. Uma onda de desejo suprimiu a agitação que eu sempre sentia quando ela não estava por perto.

Recostei-me na cadeira para vê-la melhor. “Acordou cedo, meu anjo.”

Eva estava na porta do escritório com as chaves na mão, os cabelos loiros caídos de forma sensual sobre os ombros, o rosto e os lábios ainda vermelhos de sono, com apenas um short e uma blusinha cobrindo seu corpo cheio de curvas. Ela estava sem sutiã, e seus peitos deliciosos se avolumavam sob o tecido de algodão. Pequenina, feita para deixar

qualquer homem de joelhos, ela sempre fazia questão de apontar o quanto era diferente das outras mulheres com quem eu tinha aparecido em público antes.

“Acordei com saudade de você”, ela respondeu com sua voz aveludada que sempre me deixava de pau duro. “Levantou faz tempo?”

“Não muito.” Empurrei o teclado para abrir espaço para ela na mesa.

Eva chegou mais perto, descalça, me seduzindo sem nenhum esforço. Assim que a vi pela primeira vez, senti que ia me deixar louco. Essa promessa estava estampada em seus olhos e na maneira como se movia. Onde quer que fosse, o olhar dos homens se voltava para ela. Cheio de cobiça. Assim como o meu.

Eu a segurei pela cintura quando se aproximou e a coloquei no meu colo. Baixando a cabeça, peguei um dos mamilos com a boca e comecei uma sucção longa e profunda. Ouvi quando Eva soltou um suspiro, senti seu corpo se deliciar com a sensação e abri um sorriso por dentro. Eu podia fazer o que quisesse com ela. Eva tinha me dado esse direito. Foi o maior presente que ganhei na vida.

“Gideon.” Suas mãos começaram a acariciar meus cabelos.

Eu já estava me sentindo infinitamente melhor.

Levantei a cabeça para beijá-la, sentindo o gosto de canela da pasta de dente misturado ao sabor que era só dela. “Sim?”

Ela tocou meu rosto e me olhou com atenção. “Você teve outro pesadelo?”

Expirei com força. Ela me entendia como ninguém. Ainda não estava acostumado com isso, nem sabia se algum dia ia me acostumar.

Passei o polegar sobre o tecido úmido por cima do mamilo. “Prefiro falar sobre os sonhos eróticos que você está inspirando agora mesmo.”

“Foi sobre o quê?”

Contorci a boca diante de sua insistência. “Não lembro.”

“Gideon…”

“Deixa pra lá, meu anjo.”

Eva ficou toda tensa. “Só quero te ajudar.”

“Isso você sabe bem como fazer.”

Ela deu uma risadinha. “Tarado.”

Eu a abracei mais forte. Não conseguia encontrar palavras para descrever como era tê-la

nos braços, então encostei o nariz em seu pescoço, sentindo seu cheiro delicioso.

“Garotão.”

Alguma coisa em seu tom de voz me deixou preocupado. Afastei-me com um movimento lento, observando atentamente seu rosto. “Pode falar.”

“Sobre San Diego…” Ela baixou os olhos e mordeu de leve o lábio.

Fiquei paralisado, sem saber o rumo que a conversa tomaria.

“O Six-Ninths vai estar lá”, ela disse por fim.

Eva não tentou esconder o que eu já sabia, e para mim foi um alívio. Em seguida, porém, um tipo diferente de preocupação me invadiu.

“Está me dizendo que isso é um problema?” Meu tom de voz permaneceu firme, mas eu não estava nem um pouco calmo.

“Não, não é um problema”, ela disse com uma voz suave. Seus dedos remexiam inquietamente meus cabelos.

“Não mente pra mim.”

“Não estou mentindo.” Ela respirou fundo antes de me olhar nos olhos. “Tem alguma coisa errada. Estou confusa.”

“E por que exatamente?”

“Não faz isso”, ela pediu, falando baixinho. “Não quero que você fique todo frio e se afaste.”

“Desculpa, mas ouvir *minha* mulher dizer que está confusa por causa de outro homem não me deixa de muito bom humor.”

Ela tentou descer do meu colo. Eu deixei, porque assim poderia observá-la e avaliar suas reações com um distanciamento maior. “Não consigo explicar.”

Fiz de tudo para ignorar o vazio no estômago. “Tenta.”

“É que…” Ela olhou para baixo e mordeu o lábio inferior. “Tem uma coisa… mal resolvida entre nós.”

Senti um aperto no peito. “Você sente tesão por ele, Eva?”

Ela ficou toda tensa. “Não é isso.”

“É por causa da voz? Da tatuagem? Do pau dele?”

“Para. Não é fácil falar sobre esse assunto. Não torna as coisas ainda piores.”

“Para mim também é difícil”, esbravejei antes de me levantar.

Eu a medi dos pés à cabeça, sentindo vontade de trepar com ela e castigá-la ao mesmo tempo. Queria amarrá-la, trancafiá-la e mantê-la à distância de qualquer um que pudesse representar alguma ameaça a nós dois. “Ele tratou você como lixo, Eva. O clipe de ‘Golden’ fez você esquecer, é? Tem alguma coisa que queira que eu não seja capaz de dar?”

“Não seja babaca.” Ela cruzou os braços em uma postura defensiva que me irritou ainda mais.

Eu precisava de Eva aberta e calorosa para mim. Precisava dela por inteiro. E em alguns momentos ficava irritado por me sentir dessa forma. Ela era a única coisa que eu não podia nem cogitar perder. E estava dizendo a única coisa que eu não suportava ouvir.

“Por favor, não fica bravo por causa disso”, ela murmurou.

“Estou sendo incrivelmente civilizado, levando em conta meus pensamentos violentos no momento.”

“Gideon.” A culpa se tornou visível em seus olhos, que se encheram de lágrimas.

Desviei o olhar. “Não faz isso!”

Mas ela já tinha entendido tudo, como sempre.

“Não queria deixar você chateado.” O anel de diamantes em seu dedo — a prova de que era minha — refletiu a luz em múltiplos tons sobre a parede. “Não gosto de ver você magoado e irritado por minha causa. Me magoa também. Não quero nada com ele. Juro que não.”

Inquieto, fui até a janela e tentei encontrar a calma de que precisava para lidar com o assunto Brett Kline. Eu tinha feito tudo o que podia. Casei, prometi tudo a ela. Demonstrei meu comprometimento de todas as maneiras. Mas não era suficiente.

Outros prédios, mais altos, obstruíam a vista da cidade. Da cobertura na Quinta Avenida, era possível observar tudo até perder de vista. Mas, do meu apartamento no Upper West Side vizinho ao de Eva, o panorama era mais limitado. Eu não conseguia ver as ruas cheias de táxis amarelos ou o sol refletindo na janela dos arranha-céus ao longe.

Eu poderia dar Nova York para Eva. E o mundo também. Era impossível amá-la ainda mais — a paixão me consumia por inteiro. E, ainda assim, um babaca qualquer do passado ia me jogar para escanteio.

Eu me lembrei dela nos braços de Kline, dos beijos desesperados que Eva só deveria oferecer para mim. A possibilidade de que sentisse tesão por ele me fazia querer sair

quebrando tudo.

Minhas juntas estalaram quando fechei a mão. “Você já está precisando de um tempo, é isso? Quer ficar um pouco com Kline para acabar com a ‘confusão’? De repente posso fazer o mesmo com Corinne.”

Ela respirou fundo, trêmula, ao ouvir o nome da minha ex-noiva. “Você está falando *sério*?” Ficamos os dois em um silêncio terrível. E então ela concluiu: “Parabéns, seu idiota. Conseguiu me deixar ainda pior do que eu já estava”.

Eu me virei a tempo de vê-la saindo do quarto, tensa. A chave que usou para entrar estava em cima da mesa, e a visão dela abandonada ali me fez entrar em pânico. “*Para*.”

Eu a alcancei, mas Eva resistiu ao meu toque. Essa dinâmica entre nós sempre se repetia — ela fugia, e eu corria atrás.

“Me larga!”

Fechei os olhos e encostei meu rosto no dela. “Não vou permitir que ele tire você de mim.”

“Estou tão irritada que quero enfiar a mão na sua cara.”

Eu queria que ela fizesse isso. Queria sentir dor. “Enfia.”

Ela cravou as unhas nos meus braços. “Me solta, Gideon.”

Eu me virei para prensá-la contra a parede do corredor. “O que posso fazer se você vem me dizer que está *confusa* por causa de Brett Kline? Estou me sentindo pendurado na beira de um precipício, com os dedos escorregando.”

“E sua ideia é me arrastar junto lá para baixo? Por que não acredita que meu lugar é ao seu lado?”

Olhei bem para ela, tentando encontrar o que dizer para acertar as coisas entre nós. Seu lábio inferior começou a tremer, e eu… desmoronei.

“Me diz como lidar com isso”, pedi com a voz rouca, apertando de leve seus pulsos. “Me diz o que fazer.”

“Como lidar *comigo*, é isso que você quer dizer?” Ela jogou os ombros para trás. “Porque o problema aqui sou eu. Conheci Brett em uma época da vida em que me detestava, mas queria que as pessoas me amassem. E agora ele está agindo como se me quisesse de volta, e minha cabeça entrou em parafuso.”

“Minha nossa, Eva.” Eu a apertei com mais força, comprimindo seu corpo com o meu. “Como quer que eu reaja a uma ameaça dessas?”

“Você deveria confiar em mim. Só contei para tirar isso da cabeça e esclarecer tudo, para você *não* se sentir ameaçado. Sei que ainda tenho umas questões para resolver comigo mesma. Vou falar com o dr. Travis no fim de semana e…”

“Terapeutas não fazem milagre!”

“Não grita comigo.”

Tive que me segurar para não socar a parede. A fé cega da minha mulher nas propriedades curativas da psicoterapia era enlouquecedora. “Não podemos ir correndo para o consultório toda vez que aparece um problema. Esse casamento diz respeito a nós, e não à comunidade psiquiátrica!”

Eva ergueu o queixo, assumindo a postura determinada que sempre me deixava maluco. Ela não cedia nada até meu pau estar dentro dela. Então, cedia tudo.

“Você pode até achar que não precisa de ajuda, garotão, mas eu sei que preciso.”

“Eu preciso de você, só isso.” Segurei seu rosto entre as mãos. “Preciso da minha mulher. E preciso que ela pense em mim, e não em outro cara!”

“Você está fazendo eu me arrepender de ter contado.”

Contorci minha boca em uma linha reta. “Sei como você se sente. Eu vi tudo.”

“Meu Deus. Seu maluco ciumento…”, ela gemeu baixinho. “Por que é tão difícil entender o quanto eu te amo? Perto de você, Brett não significa nada. *Nada*. Mas, sinceramente, não estou a fim de falar com você agora.”

Sua resistência era palpável, ela tentava me empurrar e me afastar. Fui obrigado a me agarrar a ela como a uma tábua de salvação. “Você não está vendo o que está fazendo comigo?”

Eva aliviou a pressão sobre meus braços. “Não entendo você, Gideon. Como pode ligar e desligar seus sentimentos desse jeito? Mesmo sabendo como me sinto sobre Corinne, como tem coragem de jogar isso na minha cara desse jeito?”

“Você é minha razão de viver, não consigo desligar meus sentimentos.” Dou um beijo no rosto dela. “Só penso em você. O dia todo. Todos os dias. Tudo o que faço é pensando em você. Não existe espaço em mim para mais ninguém. E saber que dentro de você existe espaço para ele acaba comigo.”

“Você não está me escutando.”

“Fica longe desse cara.”

“Isso é fugir do problema, não resolver.” Ela me enlaçou pela cintura. “Minha vida foi

destroçada, Gideon, você sabe disso. Só agora estou começando a me recuperar."

Eu a amava da maneira como ela era. Por que isso não bastava?

"Obrigada por ser mais forte do que eu", ela continuou, "mas ainda existem questões em aberto e, quando me deparo com uma, preciso resolver. E de forma definitiva."

"E o que isso significa, porra?" Minhas mãos passeiam para dentro de sua blusa, à procura do toque de sua pele nua.

Ela ficou tensa e me empurrou. "Gideon, não…"

Colei minha boca à dela. Depois a peguei no colo e a pus no chão. Ela tentou resistir. "Nem tenta me afastar", eu disse com um grunhido.

"Não dá para resolver nossos problemas trepando."

"Só quero trepar com você, mais nada." Segurei o elástico do short e puxei tudo para baixo. Estava desesperado para penetrá-la, possuí-la, sentir sua rendição. Qualquer coisa que abafasse a voz na minha cabeça dizendo que eu tinha feito merda. *De novo*. E que, dessa vez, não seria perdoado.

"Me solta." Ela rolou de bruços.

Meus braços envolveram seus quadris quando ela tentou fugir rastejando. Eva poderia se desvencilhar de mim, porque era treinada para isso, e podia me fazer parar dizendo uma simples palavra. Sua palavra de segurança…

"Crossfire."

Ela ficou paralisada ao ouvir minha voz pronunciar a palavra que resumia o turbilhão de sentimentos que tomava conta de mim.

No olho do furacão, tive um estalo. Uma tranquilidade impassível e familiar surgiu dentro de mim, silenciando o pânico que abalava minha confiança. Eu me acalmei, apreciando por um momento a ausência de emoções tempestuosas. Fazia um bom tempo que não me perdia no caos, descontrolado. Somente Eva era capaz de me abalar a esse ponto, me levando de volta a um tempo em que estivera à mercê de tudo e todos.

"Você vai parar de resistir", eu disse com toda a calma. "E eu vou me desculpar."

Ela relaxou nos meus braços. Sua submissão foi total e tranquila. Eu estava no comando de novo.

Puxei-a para junto de mim, para que pudesse sentar no meu colo. Eva precisava de mim sob controle. Quando eu perdia a cabeça, ela se apavorava, o que me deixava ainda mais em parafuso. Era um círculo vicioso, e eu precisava quebrá-lo.

“Desculpa.” Queria pedir perdão por tê-la chateado. Por ter perdido o controle da situação. Ainda estava abalado pelo pesadelo — e isso ela foi capaz de perceber. Falar sobre Kline logo em seguida foi demais para mim.

Eu saberia lidar com ele. Não ia perdê-la. Ponto final. Não havia outra opção.

“Preciso do seu apoio, Gideon.”

“Você tem que dizer a ele que casamos.”

Ela apoiou a cabeça no meu rosto. “Vou dizer.”

Eu a ajeitei melhor no colo e me encostei à parede, puxando-a para junto de mim. Eva me abraçou pelo pescoço, e o mundo voltou ao normal.

Sua mão foi descendo pelo meu peito. “Garotão…”

Aquele tom sussurrado em sua voz eu conhecia bem. Fiquei de pau duro em um instante, sentindo meu sangue esquentar. Submeter-se a mim deixava Eva com tesão, e essa reação acendia meu fogo como nada mais no mundo.

Pus a mão em seus cabelos e agarrei suas mechas loiras, observando suas pálpebras se fecharem ao meu toque. Ela estava à minha mercê e adorava isso. Na verdade, precisava disso tanto quanto eu.

Ataquei sua boca.

E em seguida ataquei seu corpo todo.

Enquanto Angus nos levava para o trabalho, examinei minha agenda e pensei na viagem de Eva, marcada para as oito e meia.

Olhei para ela. “Você vai para a Califórnia em um dos jatinhos.”

Eva estava olhando pela janela do Bentley, observando a cidade com seu interesse habitual. Desviou o olhar para mim.

Eu nasci em Nova York. Cresci na cidade ou por perto e me sinto em casa aqui. Em algum momento, deixei de me surpreender com ela. Mas o fascínio e o deleite de Eva pelo lugar recuperaram isso. Eu não observava tudo com a mesma intensidade que ela, mas era como se visse a cidade com outros olhos.

“Ah, é?”, Eva rebateu, e seus olhos demonstraram todo o desejo que sentia.

Esse olhar de quem quer ser comida por mim deixava minhas emoções à flor da pele.

“Sim.” Fechei o tablet. “É mais rápido, mais confortável e mais seguro.”

Ela abriu um sorriso. “Tudo bem.”

Esse clima de provocação me cativou, e fiquei tentado a fazer um monte de coisas pervertidas e safadas até que ela se rendesse por inteiro.

“Você precisa avisar Cary, então”, ela continuou, cruzando as pernas e revelando a barra de renda da meia e um pedaço da cinta-liga.

Eva estava vestindo uma camisa vermelha sem mangas, saia branca e salto alto. Um traje de trabalho perfeitamente normal, mas que seu corpo tornava incrivelmente sexy. Uma onda de eletricidade se formou ao nosso redor, o reconhecimento de que éramos perfeitos um para o outro.

“Me convida para ir junto”, pedi, detestando a ideia de ficar longe dela o fim de semana inteiro.

O sorriso desapareceu de seu rosto. “Não posso. Se a ideia é contar para as pessoas que casamos, preciso começar pelo Cary, e não quero fazer isso com você por perto. Ele não pode se sentir de fora da vida que estou construindo com você.”

“Também não posso me sentir de fora.”

Ela segurou minha mão e enlaçou meus dedos. “Passar um tempo a sós com os amigos não faz da gente um casal pior.”

“Prefiro passar o tempo todo com você. Não conheço ninguém mais interessante.”

Eva arregalou os olhos e me encarou. Em seguida entrou em ação, levantando a saia e montando sobre mim antes que me desse conta do que estava acontecendo. Segurando meu rosto entre as mãos, ela colou sua boca na minha e me deu um beijo enlouquecedor.

“Humm”, gemi quando ela se afastou, ofegante. Meus dedos apalparam a curvatura de sua bunda gostosa. “Faz de novo.”

“Estou morrendo de tesão”, ela sussurrou, limpando a boca com o polegar.

“Sou bom nisso.”

Sua risada gostosa me envolveu por inteiro. “Estou me sentindo tão bem…”

“Melhor do que lá no corredor?” A alegria dela era contagiante. Se eu pudesse parar o tempo, escolheria aquele momento para isso.

“É uma sensação diferente.” Os dedos dela acariciavam meus ombros. Ela ficava… *radiante* quando estava feliz, e sua alegria iluminava tudo ao redor. Até eu. “Foi um tremendo elogio, garotão. Principalmente vindo de Gideon Cross. Você conhece pessoas

interessantes todos os dias.”

“E depois fico torcendo para elas irem embora logo para eu poder voltar para você.”

Os olhos dela faiscaram. “Eu te amo tanto que dói.”

Minhas mãos estavam trêmulas, e eu a segurei pela parte de trás das coxas. Meus olhos passearam pelo seu corpo à procura de algo para me ancorar.

Se ela soubesse o que fazia comigo com aquelas palavras…

Eva me abraçou e murmurou: “Queria pedir uma coisa”.

“É só dizer.”

“Vamos fazer uma festinha.”

Ela estava mudando de assunto… “Legal. Vou providenciar os apetrechos.”

Eva se inclinou para trás e empurrou meu ombro. “Não esse tipo de festinha, seu tarado.”

Suspirei. “Que pena.”

Ela abriu um sorriso malicioso. “E se eu prometer uma festinha desse tipo em troca da que estou pedindo?”

“Agora, sim, estamos falando a mesma língua.” Eu me recostei no assento, curtindo imensamente o momento. “Me diz no que está pensando.”

“Bebidas e amigos, os meus e os seus.”

“Certo.” Considerei as possibilidades. “Eu providencio a bebida e os amigos, e em troca você me dá uma rapidinha em um cantinho escuro durante a festa.”

Ela engoliu em seco, e eu abri um sorriso por dentro. Conhecia muito bem meu anjo. Ceder aos impulsos exibicionistas não assumidos de Eva era uma tremenda revolução para mim, mas, apesar de ficar impressionado comigo mesmo, não me senti nem um pouco incomodado. Não havia nada que não fizesse por um daqueles momentos em que tudo o que importava para Eva era ter meu pau dentro dela.

“É difícil negociar com você”, ela falou.

“Não consigo mudar.”

“Tudo bem, então.” Ela lambeu os lábios. “Eu providencio a rapidinha, mas quero uma esfregadinha por baixo da mesa.”

Levantei a sobrancelha. “Por cima da roupa”, rebati.

Algo que parecia o ronronar de uma gata preencheu o ar entre nós. “Acho que

precisamos rever alguns pontos, sr. Cross.”

“Acho que você vai precisar de argumentos melhores para me convencer, sra. Cross.”

Como sempre, a negociação com ela era a mais interessante e revigorante do meu dia.

Nós nos despedimos no vigésimo andar, quando ela saiu do elevador e entrou no hall da Waters Field & Leaman. Eu estava determinado a incorporá-la à minha equipe, para que trabalhasse para mim. Todos os dias, pensava em uma estratégia para atingir esse objetivo.

Quando cheguei ao escritório, meu assistente já estava a postos em sua mesa.

“Bom dia”, Scott me cumprimentou, ficando de pé. “O pessoal da assessoria de imprensa ligou uns minutos atrás. Estão recebendo uma quantidade incomum de perguntas sobre um suposto noivado seu, e querem saber o que responder.”

“Diga que podem confirmar.” Passei por ele e fui até o cabideiro atrás da minha mesa.

Scott veio atrás. “Parabéns.”

“Obrigado.” Tirei o paletó e pendurei em um gancho. Quando me virei de novo, ele estava sorrindo.

Scott Reid resolvia uma porção de problemas para mim de forma absolutamente discreta, o que levava muita gente a subestimá-lo, e também permitia que passasse despercebido. Em mais de uma ocasião, seu olhar sobre situações e pessoas tinha se mostrado muito acertado. Queria tê-lo sempre ao meu lado, e por isso lhe pagava um salário muito acima do razoável para o cargo.

“A srta. Tramell e eu vamos nos casar até o fim do ano”, informei. “Todos os pedidos de entrevistas e fotos para qualquer um de nós dois devem ser feito através da assessoria das Indústrias Cross. Pode dizer isso para o pessoal da segurança do prédio também. Ninguém pode falar com ela sem passar por mim primeiro.”

“Vou repassar as instruções. Além disso, o sr. Madani pediu para ser informado da sua chegada. Ele quer falar com você antes da reunião desta manhã.”

“Ele pode vir quando quiser.”

“Ótimo”, disse Arash Madani, entrando na sala. “Em outros tempos você chegava aqui antes das sete. Está ficando mole, Cross.”

Olhei feio para o advogado, mas não estava irritado de verdade. Arash vivia para trabalhar e era muito bom no que fazia, por isso mesmo eu o tinha tirado de seu antigo

emprego. Ele era o advogado mais durão que eu já tinha visto, e isso não mudou.

Apontando para uma das duas cadeiras diante da minha mesa, eu me acomodei e esperei que Arash fizesse o mesmo. Seu terno azul-escuro era simples, mas elegante, e seus cabelos ondulados estavam muito bem aparados. Uma inteligência aguda era visível em seus olhos, e ele tinha um sorriso que era mais um alerta que uma saudação. Além de funcionário, era também um amigo, e eu apreciava seu jeito direto e sem rodeios.

“Recebemos uma oferta razoável pelo imóvel da rua 36”, ele anunciou.

“Ah, é?” Um turbilhão de sentimentos me impediu de responder imediatamente. O hotel que Eva tanto detestava continuaria sendo um problema enquanto eu não me livrasse dele. “Isso é bom.”

“Isso é estranho”, ele rebateu, apoiando o tornozelo de uma perna no joelho da outra, “considerando como o mercado ainda está devagar. Tive que investigar um bocado, mas descobri que a proposta veio de uma subsidiária da LanCorp.”

“Interessante.”

“Arrogância pura. Landon sabe que a proposta poderia ser melhor… uns dez milhões a mais. Recomendo tirar a propriedade do mercado e voltar a fazer uma sondagem daqui a um ano ou dois.”

“Não.” Eu me recostei e recusei a sugestão com um gesto de mão. “Se ele quer tanto assim, que compre.”

Arash piscou algumas vezes. “Está de brincadeira? Por que tanta pressa em se desfazer desse hotel?”

Porque se não o fizer minha esposa vai ficar chateada. “Tenho meus motivos.”

“Foi isso que você disse quando recomendei a venda do hotel alguns anos atrás, mas então você fez uma reforma milionária, que finalmente está começando a se pagar. E agora quer vender com o mercado em baixa, e para um cara que quer sua cabeça?”

“O mercado imobiliário nunca está em baixa em Manhattan.” E, com certeza, qualquer hora era hora de me livrar de um lugar que Eva chamava de meu “matadouro”.

“Mas não fica sempre em alta, e você sabe disso. Landon sabe disso. Se aceitar, você vai dar mais munição para ele.”

“Ótimo. Quem sabe assim Landon não eleva o nível do jogo?”

Ryan Landon tinha suas motivações — e eu não podia culpá-lo por isso. Por causa do meu pai, os Landon quase perderam toda a sua fortuna, e Ryan queria que um Cross pagasse por isso. Ele não era o primeiro nem seria o último homem de negócios disposto a

se vingar do meu pai, mas era o mais determinado. E, como era jovem, tinha tempo de sobra para se dedicar a isso.

Olhei para a foto de Eva na minha mesa. Todas as outras questões eram secundárias perto dela.

“Ei”, disse Arash, levantando as mãos, “quem dá as cartas aqui é você. Só preciso saber que as regras do jogo mudaram.”

“Nada mudou.”

“Se realmente acha isso, Cross, está mais por fora do que eu pensava. Enquanto Landon tramava sua ruína, você estava na praia.”

“Para de me encher por causa de um fim de semana de folga, Arash.” Eu faria isso de novo sem pensar duas vezes. Passar aqueles dias com Eva à beira-mar foi a realização de um sonho para mim.

Eu me levantei e fui até a janela. A sede da LanCorp ficava em um edifício alto a dois quarteirões de distância, e da sala de Ryan Landon se podia ter uma boa visão do Edifício Crossfire. Provavelmente ele passava mais que alguns minutos por dia olhando para meu escritório e planejando seu próximo passo. De vez em quando, eu olhava para lá, como que aceitando o desafio.

Meu pai foi um criminoso e arruinou inúmeras vidas. Mas também foi o homem que me ensinou a andar de bicicleta e me orgulhar do meu nome. Eu não podia salvar a reputação de Geoffrey Cross, mas com certeza ia proteger o que construí a partir de suas cinzas.

Arash foi até mim junto à janela. “Não estou dizendo que não me esconderia do mundo com uma mulher como Eva Tramell se pudesse. Mas com certeza levaria meu celular. Principalmente no meio de uma negociação importante.”

Lembrando o gosto do chocolate derretido na pele de Eva, concluí que nem se um furacão arrancasse o telhado da casa eu desviaria minha atenção por mais de um segundo. “Só lamento por você.”

“A aquisição daquele software pela LanCorp vai custar a você vários anos de pesquisa e desenvolvimento. E aumentou a pretensão dele ainda mais.”

Era isso que realmente incomodava Arash, a satisfação de Landon com seu sucesso. “Aquele software não tem quase valor nenhum sem a plataforma Posit.”

Ele me encarou. “E?”

“Item número três da pauta.”

Ele continuou me olhando. “Na minha cópia diz ‘a ser determinado’.”

“Bom, na minha diz ‘plataforma Posit’. Ainda acha que estou por fora?”

“Porra…”

O telefone da minha mesa tocou, e a voz de Scott saiu pelo alto-falante. “Duas coisas, sr. Cross. A srta. Tramell está na linha um.”

“Obrigado, Scott.” Fui para minha mesa com a emoção da caçada ainda nas veias. Se conseguíssemos comprar a Posit, Landon voltaria à estaca zero. “Quando desligar, preciso que você ligue para Victor Reyes.”

“Certo. A segunda coisa é que a sra. Vidal está na recepção”, ele continuou, fazendo-me deter o passo. “Quer que eu adie sua reunião da manhã?”

Olhei pela divisória de vidro que separava minha sala do restante do andar, apesar de saber que não conseguiria ver minha mãe àquela distância. Segundo o relógio do celular, eu tinha dez minutos para falar com minha esposa antes de começar a trabalhar. Minha vontade era dizer que minha mãe esperasse e eu falaria com ela quando pudesse, não quando ela quisesse, mas resolvi ceder.

“Consegue mais vinte minutos pra mim”, eu disse a ele. “Vou falar com a srta. Tramell e depois com Reyes, então pode trazer a sra. Vidal.”

“Entendido.”

Esperei um pouco antes de pegar o telefone e apertar o botão que piscava.

2

“Meu anjo.”

A voz de Gideon me impactou como se fosse a primeira vez que eu a ouvia. Polida, mas ao mesmo tempo sensual, ela me transportava de volta para a escuridão do meu quarto, onde eu não precisava me preocupar com a distração causada por seu rosto incomparavelmente lindo.

“Oi.” Aproximei minha cadeira um pouco mais da mesa. “Pode falar?”

“Se você precisa de mim, estou aqui.”

Algo em sua voz me dizia que ele não podia. “Posso ligar mais tarde.”

“Eva.” Seu tom autoritário quando disse meu nome fez meus dedos se contraírem dentro dos sapatos. “Do que você precisa?”

De você, quase falei, o que seria uma maluquice completa, já que tinha acabado de trepar com ele intensamente poucas horas antes, depois de ele me foder loucamente durante quase a noite toda.

Em vez disso respondi: “Preciso de um favor”.

“Faço questão de cobrar mais tarde.”

Um pouco da tensão nos meus ombros se dissipou. Ele tinha me deixado chateada com a maneira como falou de Corinne, e a discussão que tivemos em seguida ainda estava fresca na minha mente. Mas eu precisava seguir adiante, deixar para lá. “O pessoal da segurança tem o endereço de todo mundo que trabalha no Crossfire?”

“Eles têm as informações de todo mundo. Do que você precisa?”

“A recepcionista daqui é minha amiga, e faltou no trabalho a semana toda. Estou preocupada.”

“Se quer fazer uma visita, é melhor pegar o endereço com ela mesma.”

“Eu faria isso, se ela me atendesse.” Passei o dedo pela borda da caneca de café e olhei para a colagem de fotos minhas com Gideon que decorava a mesa.

“Vocês brigaram?”

“Não, estava tudo bem. E é estranho ela não falar comigo, principalmente porque liga

aqui todo dia para dizer que não vai vir. Ela é uma menina bem falante, sabe?”

“Não”, ele respondeu. “Não faço ideia.”

Se fosse outra pessoa dizendo isso, eu ia achar que se tratava de uma resposta sarcástica. Mas não Gideon. Provavelmente ele nunca conversou para valer com uma mulher. Ficava quase sempre perdido quando interagia comigo, como se não tivesse nenhum traquejo social quando o assunto era lidar com o sexo oposto.

“Então você precisa acreditar em mim, garotão… Só quero saber se está tudo bem com ela.”

“Meu advogado está aqui na sala, mas não preciso nem perguntar para ele para saber que não posso dar essa informação pelos meios que você sugeriu. Liga para o Raúl. Ele vai saber como encontrar sua amiga.”

“Sério?” Uma imagem do segurança de olhos e cabelos escuros surgiu na minha mente. “Ele não vai se incomodar?”

“Meu anjo, ele é pago para não se incomodar com nada.”

“Ah.” Fiquei girando a caneta entre os dedos. Eu não deveria me sentir constrangida em aproveitar o que Gideon tinha a oferecer, mas isso fazia com que a balança do relacionamento pendesse sempre para o lado dele. Apesar de acreditar que meu marido jamais jogaria isso na minha cara, eu sabia que ele não me tratava como igual, uma coisa que era importantíssima para mim.

Gideon já tinha resolvido sozinho coisas das quais eu deveria ter participado. Como a questão do vídeo horroroso que Sam Yimara fez escondido enquanto eu transava com Brett. E o caso de Nathan.

Ainda assim, perguntei: “Como faço para falar com ele?”.

“Mando o número dele por mensagem.”

“Tá certo. Obrigada.”

“Quero que você esteja comigo, com Angus, ou com Raúl quando for fazer essa visita.”

“Ah, claro, isso não seria nem um pouco esquisito.” Dei uma olhada para a sala de Mark, para ver se meu chefe não precisava de mim para alguma coisa. Sempre tentava evitar os telefonemas pessoais no trabalho, mas Megumi não aparecia fazia quatro dias, e eu não conseguia falar com ela.

“Não me venha com essa, Eva. Você precisa ceder em alguma coisa.”

Entendi a indireta. Ele estava preocupado com minha ida a San Diego, mas mesmo

assim ia deixar passar. Eu precisava dar alguma coisa em troca. “Tudo bem, tudo bem. Se ela não aparecer na segunda, pensamos no que fazer.”

“Ótimo. Algo mais?”

“Não. Só isso.” Meu olhar se voltou para uma foto dele, e meu coração ficou apertado, como sempre acontecia quando eu o observava. “Obrigada. Espero que tenha um ótimo dia. Sou louca por você. E nem precisa dizer nada em resposta, já que seu advogado está aí.”

“Eva.” Havia um sofrimento por trás de sua voz que me comoveu mais do que qualquer palavra. “Vem me ver depois do trabalho.”

“Claro. Não se esquece de ligar para Cary e falar sobre o jatinho.”

“Fica tranquila.”

Desliguei e me recostei na cadeira.

“Bom dia, Eva.”

Eu me virei e vi Christine Field, a diretora executiva. “Bom dia.”

“Queria lhe dar os parabéns pelo noivado.” Seus olhos passaram por cima do meu ombro e se concentraram nas fotografias atrás de mim. “Desculpa, nem sabia que você e Gideon Cross estavam juntos.”

“Tudo bem. Tento não falar sobre minha vida pessoal no trabalho.”

Eu disse isso da maneira mais simpática possível, para não me indispor com uma das sócias da agência, mas fiquei torcendo para que tivesse entendido o recado. Gideon era o ponto central da minha vida, mas eu precisava ter um espaço só meu.

Ela deu risada. “Isso é bom! Mas também significa que ando deixando passar muita coisa por aqui.”

“Tenho certeza de que não deixou passar nada de importante.”

“Foi por sua causa que Cross escolheu a agência para a campanha da vodca Kingsman?”

Gelei. Claro que ela pensava que eu tinha recomendado a agência para meu namorado, porque achava que eu e Gideon estávamos juntos fazia um bom tempo, por causa do noivado. Se eu dissesse que tinha entrado na Waters Field & Leaman antes de conhecer Gideon, isso levantaria uma série de perguntas um tanto delicadas, porque eu só trabalhava lá fazia alguns meses.

E, para piorar, Gideon *tinha* usado a campanha da vodca como pretexto para me atrair

para seu mundo. Mas isso não diminuía o trabalho fenomenal de Mark naquela solicitação de proposta. Não queria que meu relacionamento com Gideon levantasse dúvidas sobre a competência do meu chefe.

"O sr. Cross procurou a agência por iniciativa própria", respondi, atendo-me à parte da verdade que podia contar. "E foi uma ótima decisão. Mark arrasou naquela SDP."

Christine balançou a cabeça. "É verdade. Muito bem, vou deixar você voltar ao trabalho. Mark tem elogiado muito seu desempenho, por sinal. Estamos contentes de ter você na nossa equipe."

Abri um sorrisinho, mas meu dia não estava sendo nada fácil. Gideon tinha me deixado abalada ao mencionar seu envolvimento com Corinne. Depois, descobri que Megumi ainda estava doente. E tinha acabado de perceber que ia receber um tratamento diferente no trabalho porque meu nome estava ligado diretamente ao de Gideon.

Abri meus e-mails e comecei a ler os primeiros do dia. Sabia que Gideon queria que eu me sentisse da mesma forma que ele, e por isso tinha usado Corinne contra mim. Sabia que falar sobre Brett era um problema, e que deveria ter ficado na minha, mas não tinha feito nada por mal, nem quando iniciei a conversa nem quando beijei o cara. Era verdade que tinha magoado Gideon, mas podia afirmar com toda a sinceridade que não fora minha intenção.

Gideon, por sua vez, tinha feito aquilo com o único propósito de me magoar. Eu não sabia que ele era capaz de fazer isso. Alguma coisa importante mudou entre nós naquele momento. Era como se um dos nossos pilares tivesse sido abalado.

Ele sabia disso? Conseguia entender o tamanho do problema?

O telefone da minha mesa tocou, e atendi com a saudação habitual.

"Até quando você ia esperar para me contar sobre o noivado?"

Acabei deixando escapar um suspiro. Aquela sexta-feira seria mesmo uma provação. "Oi, mãe. Eu ia ligar na hora do almoço."

"Ontem à noite você já sabia!", ela acusou. "Ele fez o pedido no caminho para o jantar? Você não tinha falado nada quando conversamos sobre ele pedir permissão a seu pai ou Richard. Vi a aliança lá no Cipriani's, mas, como você não disse nada, resolvi não perguntar, porque anda muito sensível ultimamente. Além disso…"

"E você anda desrespeitando a lei ultimamente", retruquei.

"… Gideon estava de aliança também, então pensei que pudesse ser um anel de compromisso…"

“E é.”

“… mas aí eu leio sobre seu noivado na internet! Por favor, Eva. Nenhuma mãe deveria descobrir que a filha vai casar pela internet!”

Fiquei olhando para meu monitor sem esboçar nenhuma reação, sentindo meu coração se acelerar. “Quê? Onde na internet?”

“Em todo lugar! Page Six, HuffPost… E faço questão de repetir: eu *não tenho como* organizar um casamento decente até o final do ano!”

Meu alerta diário do Google ainda não tinha chegado, então fiz uma busca rápida, digitando tão depressa que errei até meu nome. Mas no fim isso não fez diferença.

A socialite Eva Tramell ganhou na loteria. Não literalmente, claro. Mas fisgar o empresário multibilionário Gideon Cross, cujo nome costuma ser sinônimo de luxo e excesso, não é nada menos que isso. Uma fonte das Indústrias Cross confirmou o significado do enorme anel de diamantes visto na mão esquerda de Tramell. (Foto à esq.) Nenhum comentário foi feito a respeito da aliança vista na mão de Cross. (Foto à dir.) O casamento vai ocorrer ainda este ano. Só nos resta perguntar o motivo de tanta pressa. Todos já estão esperando o anúncio da gravidez.

“Nossa”, murmurei, horrorizada. “Preciso desligar. Tenho que falar com o papai.”

“Eva! Você precisa vir aqui depois do trabalho. Temos que conversar sobre o casamento.”

Felizmente, meu pai morava na Costa Oeste, o que me dava pelo menos três horas de vantagem, dependendo da escala de trabalho dele. “Não posso. Vou para San Diego no fim de semana com Cary.”

“Acho melhor adiar essa viagem. Você precisa…”

“Pode começar sem mim, mãe”, respondi, desesperada, olhando para o relógio. “Não tenho nada muito específico em mente.”

“Você não pode estar falando sé…”

“Preciso desligar. Tenho que trabalhar.” Coloquei o telefone no gancho, abri a gaveta e peguei o celular.

“Oi.” Mark Garrity apareceu por cima da divisória do meu cubículo com seu sorriso torto. “Pronta para começar?”

“Hã…” Meu dedo ficou passeando em cima do botão de chamada do celular. Estava dividida entre aquilo que era paga para fazer — o trabalho — e garantir que meu pai ouviria sobre meu noivado da minha própria boca. Normalmente, isso não seria um dilema para mim. Eu jamais arriscaria meu emprego por motivos pessoais. Mas meu pai andava bem cabisbaixo desde que tinha transado com minha mãe, e eu estava preocupada com ele. Não era do tipo que levava numa boa dormir com uma mulher casada, muito menos uma por quem era apaixonado.

Pus meu celular de volta na gaveta. “Claro”, respondi, levantando e pegando meu tablet.

Quando me acomodei na cadeira diante da mesa de Mark, mandei uma mensagem rápida para meu pai dizendo que tinha uma coisa importante para contar e que ligaria na hora do almoço.

Foi o melhor que pude fazer. Só esperava que fosse suficiente.

3

“Que bela lábia, hein?”

Olhei para Arash depois de desligar o telefone. “Você ainda está aqui?”

Ele deu risada e se recostou no sofá do escritório. Não era uma visão tão agradável naquele cenário quanto aquela que minha esposa me proporcionou algum tempo atrás.

“Bajulando o sogrão”, ele comentou. “Estou impressionado. E acho que Eva também vai ficar. Aposto que você vai usar isso a seu favor no fim de semana.”

Ele estava certo. Eu ia precisar de todos os pontos que pudesse reunir, porque pretendia ir a San Diego. “Eva vai viajar. E você precisa ir para a sala de reuniões antes que o pessoal comece a ficar impaciente. Vou assim que puder.”

Ele se levantou. “Sim, eu ouvi. Sua mãe está aqui. Que a loucura do casamento comece. Já que você vai estar livre, que tal juntar os canalhas de sempre lá em casa hoje à noite? Há tempos não fazemos isso, e seus dias como solteiro estão contados. Bom, tecnicamente você não é mais solteiro, mas ninguém sabe disso ainda.

E ele tinha obrigação de manter o sigilo entre cliente e advogado.

Não precisei de muito tempo para decidir. “Certo. A que horas?”

“Lá pelas oito.”

Fiz que sim com a cabeça e dei uma olhada para Scott. Ele entendeu o recado e levantou para ir até a recepção.

“Ótimo.” Arash sorriu. “Vejo você na reunião.”

Durante os dois minutos em que fiquei sozinho, mandei uma mensagem para Angus sobre a viagem à Califórnia. Eu tinha negócios para resolver por lá enquanto Eva visitava o pai, e isso me dava uma boa desculpa. Não que eu precisasse de uma.

“Gideon.”

Quando minha mãe entrou, meus dedos se fecharam imediatamente.

Scott entrou junto, perguntando: “Tem certeza de que não vai querer nada, sra. Vidal? Um café, talvez? Uma água?”.

Ela sacudiu a cabeça. “Não, obrigada. Não precisa.”

“Tudo bem.” Ele abriu um sorriso e saiu, fechando a porta atrás de si.

Apertei o botão atrás da minha mesa que controlava a opacidade do vidro, bloqueando a visão de todos do lado de fora. Minha mãe chegou mais perto, toda elegante com sua calça social azul-marinho e sua blusa branca. Seus cabelos estavam presos em um coque, exibindo por inteiro o rosto perfeito que meu pai tanto adorava. Durante um tempo, eu também adorei. Agora, não conseguia nem olhar direito para ela.

E, como somos muito parecidos, às vezes tenho dificuldade até em me olhar no espelho.

“Oi, mãe. Veio fazer o que na cidade?”

Ela pôs a bolsa no canto da mesa. “Por que Eva está usando minha aliança?”

O pequeno prazer que senti ao vê-la se dissipou instantaneamente. “A aliança é minha. E a resposta para sua pergunta é bem óbvia: eu pus a aliança no dedo dela quando a pedi em casamento.”

“Gideon.” Minha mãe jogou os ombros para trás. “Você não sabe no que está se metendo.”

Tive que fazer força para continuar olhando para ela. Detestava quando me encarava com o sofrimento estampado nos olhos azuis, tão parecidos com os meus. “Não tenho tempo para isso. Tem uma reunião importante em andamento, e só não estou lá por sua causa.”

“Eu não precisaria vir até seu escritório se você atendesse meus telefonemas ou fosse para casa de vez em quando!” Sua boca rosada se contraiu em reprovação.

“Aquela não é minha casa.”

“Ela está usando você, Gideon.”

Peguei meu paletó. “Já conversamos sobre isso.”

Minha mãe cruzou os braços na frente do peito como um escudo. Eu a conhecia, ela só estava começando. “Ela tem um caso com aquele cantor, Brett Kline. Você sabia disso? E tem um lado dela que você não conhece. Foi extremamente desagradável comigo ontem à noite.”

“Vou conversar com Eva.” Ajeitei o paletó com um puxão nas lapelas e fui em direção à porta. “Para que não perca tempo com você.”

Minha mãe ficou estupefata. “Estou tentando ajudar.”

“É meio tarde demais para isso, não acha?”

Ela deu um passo para trás depois de ver a expressão no meu rosto. “Sei que a morte de

Geoffrey foi difícil para você. Foi difícil para todos nós. Tentei te dar…”

“Não vou falar sobre isso agora!”, esbravejei, furioso por ela mencionar no meu escritório um assunto tão pessoal como o suicídio do meu pai. Na verdade, fiquei furioso só por ela mencionar esse assunto, independentemente do contexto. “Você está me irritando e tomando meu tempo. Me deixa esclarecer uma coisinha: em hipótese nenhuma você vai conseguir me colocar contra a Eva.”

“Você não está me escutando.”

“Pode falar o que quiser, não vai mudar nada. Se ela quiser meu dinheiro, vai ter cada centavo. Se era apaixonada por outro homem, vou fazer com que o esqueça.”

Ela levou uma mão trêmula aos cabelos, apesar de não haver um único fio fora do lugar. “Só quero o melhor para você, e ela está mexendo em um assunto encerrado há muito tempo. Não é saudável para você. Ela está te afastando da sua família…”

“Nós já somos distantes, mãe. Eva não tem culpa nenhuma nisso.”

“Mas não quero que seja assim!” Ela deu um passo à frente e estendeu a mão. Um colar de pérolas negras apareceu entre as lapelas de sua blusa, e um relógio Patek Philippe com pulseira de safira adornava seu pulso. Ela não só retomou a vida depois da morte do meu pai como apagou tudo o que acontecera e seguiu em frente sem nunca olhar para trás. “Sinto sua falta. Eu te amo.”

“Isso não basta.”

“Você não está sendo justo comigo, Gideon. Preciso de uma chance.”

“Se precisar de uma carona para casa, Angus está à disposição.” Segurei a maçaneta e fiz uma pausa antes de sair. “Não volte mais aqui, mãe. Não gosto de discutir com você. Vai ser melhor para nós dois se ficar longe de mim.”

Deixei a porta aberta quando saí para a sala de reuniões.

“Você tirou essa foto hoje?”

Olhei para Raúl, que estava parado diante da minha mesa. Vestido com um terno preto, tinha o olhar vigilante e impassível de um homem que ganha a vida com a habilidade de ver e escutar tudo.

“Sim”, ele respondeu. “Há pouco mais de uma hora.”

Voltei a atenção para a fotografia diante de mim. Era difícil olhar para Anne Lucas. A

visão de seu rosto de raposa, com queixo fino e olhos afiados, trazia lembranças que eu gostaria de apagar da mente. Não só dela, mas de seu irmão também, que me provocava arrepios da mesma forma.

“Eva falou que a mulher tinha cabelos compridos”, murmurei, notando que os de Anne ainda eram curtos. Eu me lembrei de seu toque artificial, arranhando minhas coxas enquanto ela chupava meu pau até o talo, tentando desesperadamente me deixar duro o suficiente para fodê-la.

Entreguei o tablet de volta para Raúl. “Descubra quem foi.”

“Pode deixar.”

“Eva ligou para você?”

“Não.” Ele franziu a testa e tirou o celular do bolso para verificar. “Não mesmo.”

“Ela vai esperar a viagem para San Diego. Quer que você encontre uma amiga dela.”

“Sem problemas. Eu cuido disso.”

“Quero que você cuide *dela*”, eu disse, olhando bem para ele.

“Não precisa nem dizer.”

“Eu sei. Obrigado.”

Quando Raúl saiu da minha sala, eu me recostei na cadeira. Havia muitas mulheres do meu passado capazes de criar constrangimento para nós. As mulheres com que eu dormia eram agressivas por natureza, e me obrigavam a estar sempre no comando. Eva foi a única que tomou as rédeas da situação e me fez querer mais.

Era cada vez mais difícil ficar longe dela.

“O pessoal do Envoy chegou”, Scott anunciou pelo alto-falante.

“Pode mandar entrar.”

Trabalhei com vontade, cumprindo meus compromissos e preparando o terreno para a próxima semana. Ainda tinha muito que fazer antes de poder passar um tempo a sós com Eva. Nossa lua de mel de um dia foi perfeita, mas curta demais. Eu queria passar pelo menos duas semanas só com ela, de preferência um mês. Em algum lugar distante do trabalho e de outros compromissos, onde pudesse tê-la só para mim sem interrupções.

O celular vibrou em cima da mesa e, para minha surpresa, vi o rosto da minha irmã na

tela. Eu tinha mandado uma mensagem para Ireland contando sobre o noivado. Sua resposta foi curta e simples: Eba! Tô muito feliz. Parabéns!

Ela ligou logo em seguida, e mal tive tempo de dizer alô.

“Tô feliz pra caralho!”, ela gritou, forçando-me a afastar o telefone da orelha.

“Olha a boca.”

“Está de brincadeira? Eu tenho dezessete anos, não sete. Isso é demais. Sempre quis uma irmã, mas pensei que já estaria velhinha quando você e Christopher parassem de pular de galho em galho e sossegassem.”

Eu me recostei na cadeira. “Eu vivo para servir.”

“Rá. Até parece. Mas você fez bem. A Eva é demais.”

“Sim, eu sei.”

“Graças a ela, agora posso ficar enchendo seu saco. É o ponto alto do meu dia.”

Senti um aperto no peito e precisei esperar um pouco para conseguir responder com um tom de voz mais contido. “Por mais estranho que pareça, é um dos pontos altos do meu dia também.”

“Ah, sim, claro. E deveria ser mesmo.” Ela baixou a voz. “Ouvi dizer que mamãe surtou hoje. Ela contou pro meu pai que foi até seu trabalho, e que vocês brigaram. Acho que está com ciúme. Isso passa.”

“Nem se preocupa. Está tudo bem.”

“Eu sei. Só achei uma merda ela ter feito isso justamente hoje. Enfim, estou muito contente e queria que você soubesse disso.”

“Obrigado.”

“Mas não vou ser daminha de honra. Já vou logo avisando. Estou velha demais para isso. Posso ser madrinha.”

“Certo.” Abri um sorriso. “Vou passar o recado para Eva.”

Eu tinha acabado de desligar quando ouvi a voz de Scott pelo alto-falante.

“A srta. Tramell está aqui”, ele anunciou, e só então me dei conta de que horas eram. “E, só para lembrar, sua videoconferência com a equipe de desenvolvimento na Califórnia começa em cinco minutos.”

Levantei da mesa e vi Eva aparecer do lado de fora da sala. Eu poderia ficar observando seu andar por horas. A maneira como movia os quadris me deixava louco de vontade de

trepar, e seu queixo erguido e sua expressão determinada eram um desafio ao meu instinto dominador.

Eu queria agarrá-la pelo rabo de cavalo, beijar sua boca e partir para o ataque. Desde a primeira vez que a vi. E todas as vezes desde então.

“Mande a proposta para a equipe”, eu disse a Scott. “Diga para darem uma lida e que daqui a pouco entro na conversa.”

“Sim, senhor.”

Ela apareceu na porta.

“Eva.” Eu me levantei. “Como foi o dia?”

Ela veio até atrás da minha mesa e me segurou pela gravata.

Fiquei de pau duro no ato, totalmente concentrado nela.

“Eu te amo”, ela falou antes de colar sua boca à minha.

Passei um braço por sua cintura e apertei o botão para deixar o vidro opaco com a outra mão, permitindo que me beijasse como se eu fosse só dela. O que era verdade. Sem dúvida nenhuma.

A sensação de seus lábios contra os meus e a possessividade visível em todos os seus gestos eram exatamente o que eu precisava depois daquele dia. Abraçando-a com força, eu me sentei na beirada da mesa e a posicionei entre as coxas. Poderia dizer que fiz isso para poder agarrá-la melhor, mas a verdade era que minhas pernas estavam bambas.

Seus beijos faziam isso comigo, coisa que três horas de treino com meu preparador físico não eram capazes de fazer.

Respirando fundo, senti a delicada fragrância de seu perfume misturada a seu cheiro enlouquecedor tomando conta de mim. Seus lábios estavam macios, úmidos e sutilmente exigentes. Sua língua tinha um toque delicado, saboreando-me aos poucos, provocando-me e excitando-me sem esforço.

Eva me beijava como se eu fosse a coisa mais deliciosa que já tinha provado, um sabor no qual estava viciada. Para mim, era uma sensação inebriante, e tinha se tornado uma necessidade. Eu vivia para seus beijos.

Quando ela me beijava, eu tinha a sensação de encontrar meu lugar no mundo.

Inclinando a cabeça, Eva gemeu com a boca colada à minha, um ruído baixinho de prazer e rendição. Seus dedos estavam nos meus cabelos, acariciando e puxando. Essa sensação de ser pego — *conquistado* — era um desafio para mim. Eu a puxei para mais

perto, até sentir sua barriga durinha no meio das minhas pernas.

Meu pau estava latejando, doendo.

“Assim eu vou gozar”, murmurei. Todo o esforço que eu precisava fazer antes para me excitar a ponto de ter um orgasmo era desnecessário com aquela mulher. Só o fato de Eva existir já fazia meu sangue ferver. A força de seu desejo era suficiente para me fazer perder a cabeça.

Ela se inclinou um pouco para trás, também ofegante. “Não ligo.”

“Eu também não ligaria, se não estivessem me esperando para uma reunião.”

“Não quero atrapalhar você. Só queria agradecer pelo que disse para meu pai.”

Com um sorriso, apertei sua bunda com as duas mãos. “Meu advogado bem que falou que ia pegar bem.”

“Eu estava tão ocupada que só consegui ligar para ele na hora do almoço. Estava morrendo de medo de que descobrisse por outra pessoa.” Ela me deu um empurrão no ombro. “Você podia ter me avisado antes de anunciar para o mundo todo!”

Encolhi os ombros. “Não era essa a intenção, mas não queria ficar negando.”

Ela contorceu a boca. “Claro que não. Você viu aquele texto ridículo sobre uma suposta gravidez?”

“Uma ideia assustadora no momento”, falei, tentando manter um tom leve apesar do susto que tinha levado. “Ainda quero você só para mim por um bom tempo.”

“Não é?” Ela sacudiu a cabeça. “Fiquei com medo de que meu pai pensasse que eu estava noiva *e* grávida, e nem me preocupei em contar para ele. Foi um alívio quando liguei e ele falou que você já tinha explicado tudo.”

“O prazer foi todo meu.” Eu incendiaria o mundo inteiro para facilitar a vida dela, se fosse necessário.

Suas mãos começaram a abrir os botões do meu colete. Ergui as sobrancelhas em um questionamento silencioso, mas não fiz nada para impedir.

“Ainda nem fui embora e já estou com saudade”, ela disse baixinho, ajeitando minha gravata.

“Então fica.”

“Se eu pudesse passar um tempo sozinha com Cary, poderia fazer isso em casa, e não em San Diego.” Ela ergueu os olhos para me encarar. “Mas ele está surtado por causa da gravidez da Tatiana. Além disso, preciso passar um tempo com meu pai. Principalmente

agora.”

“Tem alguma coisa que eu preciso saber?”

“Não. Ele pareceu ter aceitado tudo numa boa quando conversamos, mas acho que esperava que fôssemos esperar um pouco mais. Para ele, é como se a gente tivesse acabado de se conhecer.”

Sabia que era melhor ficar calado, mas não consegui. “E não podemos esquecer Kline.”

Ela cerrou os dentes. Sua atenção se voltou para os botões do colete, que ela estava fechando. “Estou indo. Não quero brigar outra vez.”

Segurei suas mãos. “Eva. Olha para mim.”

Observando seus olhos tempestuosos, senti meu peito se comprimir, como se estivesse prestes a explodir. Ela ainda estava irritada comigo, e essa sensação era insuportável. “Você não entende o que suas reações causam em mim. Não sabe que enlouqueço por sua causa.”

“Não vem com essa. Você não devia ter falado de Corinne daquele jeito.”

“Talvez não. Mas, sinceramente, você só falou sobre Kline comigo hoje de manhã porque está preocupada com o que vai acontecer quando encontrar o cara.”

“Não estou preocupada!”

“Meu anjo.” Lancei para ela um olhar paciente. “Você está preocupada, sim. Não que eu pense que vai dormir com ele, mas acho que está com medo de não conseguir se conter. Você precisava de uma reação forte da minha parte, e conseguiu. Precisava ver o que ia fazer comigo. Só de pensar em você com ele enlouqueço.”

“Gideon.” Ela segurou meus braços com força. “Não vai acontecer *nada*.”

“Não estou dando desculpas.” Passei os dedos pelo seu rosto. “Magoei você, e sinto muito por isso.”

“Eu também. Queria evitar uma briga, mas acabou acontecendo do mesmo jeito.”

Eu sabia que ela estava arrependida. Dava para ver em seus olhos. “É um aprendizado para nós. Ainda vamos fazer algumas cagadas antes de acertar. Você só precisa confiar em mim, meu anjo.”

“Eu confio, Gideon. Foi por isso que contei para você. Mas ter me magoado *de propósito*…” Ela sacudiu a cabeça, e percebi que o que eu tinha dito ainda a estava remoendo por dentro. “Preciso acreditar que você é a única pessoa no mundo que jamais faria isso comigo.”

Ouvir que sua confiança em mim estava abalada foi um duro golpe, que tentei absorver. Procurei me explicar, uma coisa que só fazia com ela. Eu explicaria o que fosse necessário, estava disposto a conversar durante horas, fazer promessas com meu próprio sangue… Tudo o que fosse preciso para que Eva acreditasse em mim.

“Existe uma diferença entre fazer as coisas de cabeça quente e de propósito, não?” Segurei seu rosto entre as mãos. “Prometo que nunca mais vou fazer você sofrer. Não está vendo como estou vulnerável? Você tem esse poder sobre mim.”

A expressão dela se amenizou, o que a deixou ainda mais linda. “Eu não faria isso.”

“Mas eu fiz. E você vai me perdoar.”

Ela deu um passo atrás. “Odeio quando você usa esse tom de voz.”

Para meu próprio bem, segurei o sorriso que senti vontade de abrir. “Mas mesmo assim fica molhadinha.”

Olhando feio para mim por cima do ombro, Eva foi até a janela e se colocou no mesmo local onde eu estivera naquela manhã. Os cabelos presos revelavam toda a sua beleza — e a impediam de esconder seus sentimentos. Seu rosto estava todo vermelho.

Ela teria como saber quantas vezes eu tinha pensado em amarrá-la quando estava assim? Não para submetê-la ou restringi-la, mas para manter aquela energia, aquela paixão pela vida que eu não tinha. Eva passaria isso para mim caso se rendesse por completo.

“Não tenta usar o sexo para me controlar, Gideon”, ela disse, de costas para mim.

“Não quero controlar você, de jeito nenhum.”

“Você me manipula. Faz certas coisas… e diz certas coisas… só para provocar determinada reação em mim.”

Cruzei os braços e me lembrei da imagem dela beijando Kline. “Assim como você. Acabamos de falar sobre isso.”

Ela me encarou. “Mas eu posso. Sou mulher.”

“Ah.” Abri um sorriso. “Sabia.”

“Você é um enigma para mim.” Ela suspirou, e pude ver todo o seu ressentimento indo embora. “Mas me pegou de jeito. Conhece todos os meus pontos fracos e sabe muito bem como usar.”

“Passo boa parte do meu dia tentando entender você. Se prestasse um pouquinho mais de atenção em mim, você saberia. Pensa nisso enquanto faço essa reunião, e depois podemos nos despedir com mais calma.”

Ela ficou me olhando enquanto eu me acomodava na cadeira. Pus o headset e então me detive quando percebi seu olhar sobre mim. Eva gostava de me observar. Sua cobiça era a única com a qual eu me sentia à vontade. Com ela, nunca tive a reação abrupta que sempre tinha quando via que despertava desejo sexual em alguém. Eva fazia com que eu me sentisse amado e desejado, de uma forma nem um pouco ameaçadora.

"Ver você trabalhando me deixa com tesão", ela explicou com um tom sussurrado que tornava impossível prestar atenção no que estava fazendo. "É muito sexy."

Abri um sorrisinho malicioso. "Meu anjo, tenta se comportar por vinte minutinhos."

"E qual seria a graça? Além disso, você gosta quando me comporto mal."

E como.

"Quinze minutinhos", corrigi. Considerando que o planejamento era que a reunião durasse quase uma hora, era uma tremenda concessão da minha parte.

"Pode ficar o quanto precisar." Eva parou ao lado da minha cadeira e se agachou como uma pinup, deixando-me sem fôlego. "Encontro outra coisa com que me ocupar enquanto você fica no telefone brincando com seus milhões."

Meu pau ficou duro de forma abrupta e dolorosa. Ela falou uma coisa parecida com essa quando começamos a sair juntos, e tenho sonhado com isso desde então.

Eu até poderia pedir para Eva esperar, mas sabia que não adiantaria nada. O olhar de determinação em seu rosto dizia tudo. Ela remexeu tentadoramente os quadris ao contornar a mesa. Eu tinha feito uma tremenda cagada, e ela queria dar o troco. Alguns casais preferiam se castigar mutuamente com dor ou privação. Eva e eu usávamos o prazer para isso.

Assim que saiu de trás de mim, entrei na conversa sem ativar a câmera, e pus meu microfone no mudo. Os outros seis participantes estavam discutindo o material enviado por Scott. Esperei até que notassem minha presença…

… enquanto eu me levantava e abria a braguilha.

Eva tirou os sapatos. "Muito bem. Vou pegar mais leve se você cooperar."

"Não é possível que você pense que participar de uma videoconferência com meu pau na sua boca pode ser leve." Nesse momento, o pessoal da Califórnia começou a me cumprimentar. Eu os ignorei por um momento, pensando apenas no que estava prestes a acontecer no meu escritório.

Algumas semanas antes, a hipótese de ficar de sacanagem enquanto trabalhava era absolutamente inadmissível. Se Eva fosse um pouquinho diferente, eu conseguiria fazê-la

esperar até que tivesse tempo para dedicar toda a minha atenção a ela.

Mas meu anjo amava o perigo e adorava correr o risco de ser pega. Jamais pensei que fosse gostar disso nela. Houve ocasiões em que tive vontade de trepar com ela na frente de todo mundo, só para mostrar até que ponto eu a possuía.

Seu sorriso era malícia pura. “Se gostasse de coisas leves, não teria casado comigo.”

Eu estava prestes a casar de novo, o quanto antes. E não seria a última vez. Nossos votos seriam renovados com frequência, um lembrete de que tínhamos feito uma promessa para toda a vida, independentemente do que acontecesse.

Ela se ajoelhou elegantemente, então apoiou a mão no chão e veio avançando até mim como uma leoa que espreita sua presa. Pela superfície de vidro fumê da mesa, observei enquanto ela assumia a posição, umedecendo os lábios com a língua.

A ansiedade tomou conta de mim, uma sensação de desafio e expectativa erótica. Tudo a respeito dela me dava prazer, mas sua boca era um caso à parte. Eva me chupava como se estivesse faminta pelo meu gozo, como se estivesse viciada no meu gosto. Abocanhava meu pau porque gostava. Ver-me perder a cabeça enquanto fazia isso era só um bônus.

Abri mais o zíper da calça e baixei a cueca, observando seu rosto enquanto eu mostrava a maneira como me afetava. Ela abriu a boca, sua respiração acelerou e seu corpo se ajeitou em uma posição de súplica.

Acomodei-me na minha cadeira, tentando me livrar o quanto antes do aperto das roupas em torno das coxas, e baixei um pouco mais a cueca. Reagi de forma rápida à sensação desagradável de ter meus movimentos restringidos, e tive que afastar lembranças que tanto havia lutado para enterrar.

Já mais tranquilo, eu me recostei no assento, sentindo minha pulsação acelerar…

Então Eva me engoliu.

“Porra”, murmurei, cravando os dedos no apoio dos braços da cadeira quando ela enfiou as unhas nos meus quadris.

A sensação de calor na cabeça do meu pau foi surpreendentemente intensa. Senti um movimento de sucção, e sua língua macia começou a me massagear no lugar certinho. Com meu coração batendo a mil, ouvi os outros se perguntarem se minha câmera e meu microfone estavam funcionando.

Endireitando a postura, inclinei-me para a frente para ativar o som. “Desculpem o atraso”, eu disse com uma voz séria enquanto Eva mandava ver em mim. “Agora que já examinaram a proposta, vamos discutir os próximos passos para implementar os ajustes

pedidos.”

Eva soltou um gemido de aprovação, e a vibração de sua garganta reverberou em mim. Meu pau estava muito duro, e seus dedos me apertavam, mas só o suficiente para me fazer querer mais.

Tim Henderson, gerente de projeto e líder da equipe, foi o primeiro a falar. Eu mal conseguia me concentrar, e sua imagem veio à minha cabeça mais de memória do que através do monitor diante de mim. Ele era um sujeito alto, magro e pálido com uma cabeleira toda desalinhada que gostava de falar, o que para mim era ótimo, porque eu estava com a boca seca.

“Preciso de mais tempo para examinar isso tudo”, ele começou, “mas já vou adiantando que o prazo está muito apertado. Tem muita coisa boa aqui, e estou empolgado para ver o que conseguimos fazer, mas a fase dos testes beta só poderia começar daqui a um ano, e não em seis meses.”

“Foi o que você me falou seis meses atrás”, lembrei, cerrando o punho enquanto Eva enfiava meu pau até a garganta. Minha nuca suava quando ela tirou meu pau da boca e começou a chupar mais de leve.

“Perdemos nosso melhor designer para a LanCorp…”

“E eu ofereci um substituto, que você recusou.”

Henderson cerrou os dentes. Ele era um gênio da programação, uma mente brilhante, mas não tinha muito traquejo social e detestava interferências externas. Até teria o direito de exigir isso, caso não estivesse consumindo meu tempo e meu dinheiro.

“Uma equipe de criação tem um equilíbrio delicado”, ele argumentou. “Não dá para pôr qualquer um no lugar de alguém que sai. Só agora encontramos a pessoa certa para o trabalho…”

“Obrigado”, disse Jeff Simmons, abrindo um sorriso em seu rosto anguloso com o elogio.

“… e estamos progredindo”, continuou Tim. “Nós…”

“Vocês continuam desrespeitando os prazos que impuseram a si mesmos.” Minha voz saiu mais rouca do que deveria por causa da língua ágil e inquieta de Eva. Ela me lambia da base até a ponta do pau com movimentos enlouquecedores. Minhas coxas doíam de tão contraídas, e eu fazia força para me manter sentado na cadeira. Ela estava seguindo o contorno de cada veia, acariciando com a língua cada pedacinho latejante.

“Mas enquanto isso criamos uma experiência de usuário inovadora”, ele rebateu.

“Estamos fazendo o que foi pedido, e direito.”

Eu queria deitar Eva na minha mesa e trepar com ela. Com força.

Para isso, precisava encerrar logo a maldita reunião.

“Ótimo. Agora só precisam ir mais depressa. Vou mandar uma equipe para ajudar vocês a atingir os objetivos no prazo. Eles vão…”

“Ei, espera aí, Cross”, interrompeu Henderson, aproximando-se da câmera. “Se você mandar executivos para ficar fungando no nosso cangote isso só vai atrasar o trabalho! Você precisa deixar a parte do desenvolvimento por nossa conta. Se precisarmos de ajuda, pedimos.”

“Se pensou que ia pegar meu dinheiro e ganhar um sócio sem voz ativa, então não sabia com quem estava se metendo.”

“Vixi”, Eva murmurou, com os olhos brilhando de divertimento por baixo da mesa.

Pus a mão embaixo da mesa e agarrei sua nuca. “O mundo dos aplicativos é altamente competitivo. Por isso vocês vieram até mim e me apresentaram um conceito de jogos eletrônicos inovador e intrigante, com um prazo de desenvolvimento de um ano que minha equipe considerou razoável e viável.”

Parei para respirar um pouco, atormentado pela sensação dos lábios quentes subindo e descendo pelo meu pau. Eva estava pegando pesado, conduzindo-me com o ritmo acelerado dos movimentos de seu punho fechado. A parte da provocação e da excitação tinha acabado. Ela queria que eu gozasse. Imediatamente.

“Você está vendo as coisas da perspectiva errada, sr. Cross”, disse Ken Harada, passando a mão pelo cavanhaque. “Prazos baseados em configurações técnicas não funcionam em processos organicamente criativos. Precisa entender que…”

“Eu não sou o vilão aqui.” A vontade de remexer os quadris, de foder, estava acabando comigo. A agressividade se espalhou dentro de mim como uma onda, obrigando-me a fazer um esforço para manter minha fachada de civilidade. “Vocês garantiram a entrega no prazo de todos os elementos do cronograma e não estão cumprindo. Sou obrigado a intervir para garantir que as promessas vão se tornar realidade.”

Ele desabou na cadeira, resmungando consigo mesmo.

Apertando com mais força o pescoço de Eva, tentei fazê-la reduzir o ritmo, mas em seguida desisti e comecei a empurrá-la para chupar mais rápido. Com mais força. Para me esvaziar. “O que vai acontecer é o seguinte: vocês vão trabalhar com a equipe que estou mandando. Se perderem mais um prazo, vou tirar Tim do comando do projeto.”

“Nem fodendo!”, ele gritou. “Esse aplicativo é meu! Você não pode tirar de mim.”

Eu precisava ter tato naquele momento, mas meu cérebro estava se comportando como o de um animal no cio. “Você precisava ter lido o contrato com mais atenção. Faça isso hoje à noite, e amanhã voltamos a falar, depois que a nova equipe chegar.”

Porque eu já estou quase chegando lá…

Senti um frio na espinha. Meu saco se contraiu. Eu estava a ponto de gozar, e Eva sabia. Ela sugava com força e passava a língua na parte mais sensível da cabeça do meu pau. Meu coração estava quase saindo pela boca, e as palmas das mãos estavam molhadas de suor.

Olhando para a meia dúzia de rostos furiosos do outro lado da linha e ouvindo os protestos explodindo no headset, o orgasmo me veio como o atropelamento de um trem de carga. Apertei o botão do mudo e soltei um grunhido bem alto enquanto jorrava na boca gulosa de Eva. Ela gemeu e começou a me masturbar com as duas mãos, apertando e espremendo para manter o fluxo de uma gozada que eu não conseguia controlar.

Senti o calor subir pelo meu rosto. Olhando impassivelmente para o monitor, tive que me segurar para não fechar os olhos e jogar a cabeça para trás, libertando-me para curtir o prazer todo especial de gozar para minha mulher. De gozar *por causa* dela.

À medida que a pressão foi se amenizando, soltei seu cabelo e acariciei seu rosto com a ponta dos dedos.

Voltei a acionar o microfone.

“O administrativo vai ligar para vocês daqui a alguns minutos”, eu disse com a voz ainda rouca, “para acertar os detalhes da reunião de amanhã. Espero que possamos chegar a um bom acordo. Até lá.”

Fechei o navegador e arranquei o headset. “Vem cá, meu anjo.”

Puxei a cadeira para trás e a trouxe até mim sem que precisasse fazer nenhum esforço.

“Você é uma máquina!”, ela disse ofegante, com a voz rouca como a minha, e os lábios vermelhos e inchados. “Não acredito que continuou falando sem piscar! Como é que…? Ei!”

O pedacinho de pano rendado que ela usava como calcinha foi ao chão em pedaços.

“Eu gostava dessa calcinha”, ela falou, quase sem fôlego.

Eu a ergui e posicionei sua bunda na mesa de vidro, alinhando-a perfeitamente ao meu pau. “Você vai gostar muito mais disto aqui.”

“Meu anjo.”

Como uma gatinha sonolenta, Eva piscou para mim quando saí do banheiro do escritório. “Hã?”

Sorri ao vê-la ainda na minha cadeira. “Imagino que esteja bem.”

“Nunca estive melhor.” Ela ergueu uma das mãos e passou pelos cabelos. “Ainda estou desnorteada depois de tanto foder, mas de resto estou muito bem, obrigada.”

“De nada.” Fui até ela levando uma toalha de mão com água quente.

“Está tentando bater o recorde de orgasmos em um único dia?”

“É uma proposta interessante. Estou disposto a tentar.”

Ela estendeu a mão como se fosse me empurrar. “Já chega, seu maníaco. Se me comer de novo, vou acabar entrando em estado vegetativo.”

“Se mudar de ideia é só me avisar.” Eu me ajoelhei diante dela e abri suas pernas. Bem depilada e rosadinha, sua boceta era linda. Perfeita.

Ela me observou enquanto a limpava, passando as mãos pelos meus cabelos. “Vê se não trabalha demais no fim de semana.”

“Como se eu tivesse alguma coisa interessante para fazer sem você”, murmurei.

“Dorme até mais tarde. Lê um livro. Planeja a festa.”

Abri um sorrisinho. “Não me esqueci disso. Vou convidar o pessoal hoje à noite.”

“Ah, é?” A tranquilidade abandonou seus olhos. “Que pessoal?”

“O que você quer conhecer.”

“Você vai ligar pro pessoal?”

Fiquei de pé. “A gente vai se encontrar.”

“Para fazer o quê?”

“Beber. Conversar.” Fui até o banheiro, joguei a toalha no cesto de roupas sujas e lavei as mãos.

Eva foi atrás de mim. “Em um bar?”

“Não sei. Acho que não.”

Ela encostou no batente da porta e cruzou os braços. “Algum deles é casado?”

“Sim.” Pendurei a toalha de novo na argola. “Eu.”

“Só você? Arnoldo vai estar lá?”

“Talvez. Provavelmente.”

“Por que essas respostas tão secas?”

“Por que esse interrogatório todo?” Eu já sabia a resposta, mas perguntei mesmo assim. Minha mulher era ciumenta e possessiva. Para nossa sorte, eu gostava disso. E muito.

Ela encolheu os ombros, mas em um gesto de quem estava na defensiva. “Só queria saber o que ia fazer, mais nada.”

“Posso ficar em casa, se você quiser.”

“Não estou pedindo nada disso.”

Havia um borrão preto na maquiagem sob seus olhos. Eu adorava usá-la por inteiro e deixá-la com cara de quem acabou de trepar. Nenhuma mulher ficava mais linda do que ela assim. “Então fala logo o que você quer.”

Ela soltou um resmungo de frustração. “Por que não me conta o que vão fazer?”

“Eu não sei, Eva. Em geral a gente se encontra na casa de alguém para beber. Ou jogar baralho. Às vezes a gente sai.”

“Ah, sim. Um grupo de bonitões saindo para beber e se divertir.”

“Não tem nada de errado nisso. E quem disse que eles são bonitões?”

Ela me olhou feio. “Eles andam com você. Isso significa que são bonitos pelo menos o suficiente para não desaparecer do seu lado, ou confiantes a ponto de não se preocupar com isso.”

Levantei a mão esquerda. Os rubis vermelhos da minha aliança de casamento refletiram a luz do ambiente. Eu nunca tirava a aliança e nunca pretendia tirar. “Você se lembra disto aqui?”

“Não estou preocupada com isso”, ela murmurou, deixando os braços caírem na lateral do corpo. “Se não está satisfeito depois de tudo o que faz comigo, então precisa se tratar.”

“Olha só quem fala, a mulher que não aguentou esperar nem quinze minutos.” Ela pôs a língua para fora. “Isso, continua me provocando.”

“Arnoldo não confia em mim, Gideon. Ele não quer que você fique comigo.”

“A decisão não é dele. E alguns amigos seus também não vão gostar de mim. Sei que Cary está em cima do muro.”

“E se Arnoldo disser para os outros o que pensa de mim?”

“Meu anjo.” Fui até ela e a abracei. “Essa conversa sobre sentimentos é exclusiva do universo feminino.”

“Para de ser machista.”

“Você sabe que estou certo. Além disso, Arnoldo sabe como funcionam as coisas. Ele também já se apaixonou.”

Ela me olhou com aqueles olhos especialmente lindos. “E você está apaixonado, sr. Cross?”

“Perdidamente.”

*

Manuel Alcoa me deu um tapinha nas costas ao passar por mim. “Você me fez perder mil dólares, Cross.”

Encostei no balcão da cozinha e enfiei a mão no bolso da calça jeans, segurando o celular. Eva ainda estava no voo, e eu estava em alerta para qualquer notícia sua ou de Raúl. Nunca tive medo de avião, nem me preocupei com a segurança de alguém que estava viajando. Até então.

“Como assim?”, perguntei, dando um gole na cerveja.

“Você era o último cara que eu esperava ver com uma aliança no dedo e acabou sendo o primeiro.” Manuel sacudiu a cabeça. “É de matar.”

Baixei a garrafa. “Você apostou contra mim?”

“Pois é. Mas desconfio que alguém tinha informações privilegiadas.” O gerente de investimentos estreitou os olhos na direção de Arnoldo Ricci, que encolheu os ombros.

“Se serve de consolo”, afirmei, “eu também apostaria contra mim.”

Manuel abriu um sorriso. “As latinas são demais, amigo. Sensuais, cheias de curvas. Animadas na cama e fora dela. Temperamentais. Apaixonadas.” Ele soltou um resmungo de aprovação. “Boa escolha.”

“Manuel!”, Arash gritou da sala de estar. “Traz logo esses limões.”

Fiquei olhando enquanto Manuel saía da cozinha com uma tigela de rodelas de limão. O apartamento de Arash era moderno e espaçoso, com uma vista panorâmica do East River.

Não havia paredes, a não ser nos banheiros.

Contornando o balcão com tampo de granito, fui até Arnoldo. “Tudo certo com você?”

“Tudo.” Seu olhar se voltou para o líquido cor de âmbar em seu copo de vidro. “Nem preciso perguntar o mesmo para você, dá para ver que está tudo ótimo. Fico feliz.”

Nunca gostei de perder tempo com conversa fiada. “Eva acha que você tem algum problema com ela.”

Ele me encarou. “Nunca fui desrespeitoso com ela.”

“Não foi isso que Eva disse.”

Arnoldo deu um gole e saboreou a bebida antes de engolir. “Entendo que você foi… como se diz?… aprisionado por essa mulher.”

“Fisgado”, corrijo, sem saber por que ele não falava em italiano de uma vez.

“Ah, sim.” Ele abriu um leve sorriso. “Isso já aconteceu comigo, meu amigo, como você sabe. Não estou julgando ninguém.”

Sabia que Arnoldo me entendia. Tínhamos nos conhecido em Florença, quando ele se recuperava da perda de uma mulher enchendo a cara e cozinhando como um louco, produzindo pratos cinco estrelas como se estivesse em uma linha de montagem. Fiquei fascinado com a dimensão de seu desespero, mas não conseguia entendê-lo de fato.

Tinha certeza de que aquilo jamais aconteceria comigo. Como o vidro opaco e à prova de balas do meu escritório, meu mundo era impenetrável. Sabia que jamais conseguiria explicar a Eva como me senti quando ela apareceu na minha frente pela primeira vez, toda calorosa e cheia de vida. Como uma explosão de cor em uma paisagem em branco e preto.

“*Voglio che sia felice*.” Uma afirmação bem simples, mas que ia direto ao ponto. *Quero que ela seja feliz.*

“Se a felicidade dela depende do que eu penso”, ele respondeu em italiano, “então é pedir demais. Nunca vou dizer nada contra ela. Sempre vou tratar Eva com o mesmo respeito que trato você enquanto estiverem juntos. Mas tenho direito à minha própria opinião, Gideon.”

Olhei para Arash, que estava arrumando os copos no bar da sala. Como era meu advogado de confiança, ele sabia do casamento e do vídeo de sexo de Eva, e não viu nenhum problema nisso.

“Nosso relacionamento é… complicado”, expliquei, falando baixinho. “Ela já sofreu por minha causa tanto quanto eu por causa dela… talvez até mais.”

“Não fico surpreso de ouvir isso e sinto muito.” Arnoldo me observou atentamente. “Você não podia escolher uma das outras mulheres apaixonadas por você, que não dariam tanto problema? Uma que você poderia exibir e que não perturbaria sua vida nem um pouquinho?”

“Como diz Eva, que graça teria nisso?” O sorriso desapareceu do meu rosto. “Eva me desafia, Arnoldo. Me faz ver as coisas… pensar sobre as coisas… como nunca antes. E ela me ama. É diferente das outras.” Ponho a mão no celular de novo.

“Você nunca permitiu que as outras chegassem perto.”

“Eu não podia. Estava esperando por ela.” Ele ficou pensativo, e eu complementei: “Aposto que Bianca também tinha seus problemas”.

Ele deu risada. “Tinha mesmo. Mas minha vida é simples. Um pouquinho de complicação cai bem.”

“Minha vida era organizada. Agora, é uma aventura.”

Arnoldo ficou sério, e seus olhos demonstraram isso. “Essa loucura que você tanto ama nela é o que mais me preocupa.”

“Não precisa se preocupar.”

“Vou falar uma vez só, e depois nunca mais. Pode ficar bravo comigo se quiser, mas sei que preciso ser sincero.”

Cerrei os dentes. “Desembucha de uma vez.”

“Vi Eva e Brett Kline juntos. Os dois têm uma química bem parecida com a que Bianca e o homem por quem ela me largou tinham. Eu queria acreditar que Eva era capaz de ignorar isso, mas ela já provou que não é.”

Eu o encarei. “Eva teve suas razões. Fui eu que dei motivos para isso.”

Arnoldo deu mais um gole em sua bebida. “Então vou torcer para que você não dê mais motivo nenhum.”

“Ei”, gritou Arash. “Parem com essa história de ficar conversando em italiano e venham logo para cá.”

Arnoldo bateu seu copo em minha garrafa ao passar por mim.

Terminei minha cerveja sozinho, pensando um pouco no que ele tinha dito.

Em seguida, juntei-me ao restante do grupo.

4

“Por que está franzindo a testa, gata?”, questionou Cary, com a voz baixa e sonolenta por causa do Dramin que tinha tomado antes da decolagem. Analisando as alternativas do menu para status de relacionamento, fiquei em dúvida sobre qual escolher. *Comprometida* ou *Enrolada*? Como *Casada* também era possível, *Todas as anteriores* me parecia uma opção válida.

Não seria divertido explicar tudo isso?

Olhando ao redor da cabine luxuosa do jatinho de Gideon, vi meu melhor amigo esparramado no sofá branco com as mãos atrás da cabeça. Alto e magro, ele era uma bela visão com sua camiseta levantada e a calça cargo bem baixa, expondo o magnífico abdome que estava ajudando a Grey Isles a vender jeans, cuecas e outras peças masculinas.

Cary não tinha pudor nenhum em aceitar o luxo e a conveniência oferecidos pela fortuna de Gideon. Ele ficou imediatamente à vontade nas instalações elegantes e modernísssimas do jatinho. Mesmo vestido de forma casual, parecia integrado àquele ambiente de aço polido e madeira nobre.

“Estou fazendo perfis nas redes sociais”, respondi.

“Uau.” Ele se sentou com uma elegância natural, numa postura surpreendentemente cautelosa. “É um grande passo.”

“Pois é.” Eu vivia me escondendo por causa de Nathan, com medo de que ele me encontrasse. “Mas está na hora. Sinto que… Enfim. Está na hora.”

“Certo.” Ele apoiou os cotovelos nos joelhos e juntou os dedos. “Então por que você está com essa cara de quem comeu e não gostou?”

“Bom, tem um monte de coisa que preciso levar em conta. Tipo, quanto de informação posso pôr aqui? Não preciso mais me preocupar com Nathan, mas as pessoas estão sempre de olho em Gideon.”

Com os pensamentos voltados para ele, dei uma olhada em seu perfil, que aparecia com uma marquinha azul comprovando que era real. A visão de sua foto, em que ele aparece de terno preto e com a gravata azul que tanto adoro, fez meu corpo se contorcer de desejo. A foto tinha sido tirada no alto de um prédio em Manhattan, com o perfil da cidade

desfocado e ele em destaque.

Gideon era ainda mais contagiante e cheio de vida pessoalmente. Olhei nos olhos dele, perdendo-me em seu azul quase sobrenatural. Seus cabelos pretos emolduravam seu rosto de anjo caído com suas mechas grossas, sedosas e escuras.

Poético? Sim. Mas o visual dele era capaz de inspirar sonetos inteiros. Isso sem falar no nosso casamento.

Quando a foto foi tirada? Antes de nos conhecermos? Ele estava com o olhar implacável e distante que o fazia parecer um sonho impossível.

“Casei”, eu disse de uma vez, desviando os olhos do homem mais lindo que já tinha visto. “Com Gideon, claro. Com quem mais teria casado?”

Cary ficou paralisado enquanto eu tagarelava. “Como é?”

Enxuguei as mãos na legging. Era uma espécie de trapaça contar tudo quando ele estava dopado por causa do remédio, mas eu estava disposta a me aproveitar de qualquer vantagem que conseguisse. “Casamos no fim de semana passado, quando viajamos.”

Cary ficou em silêncio por um longo e tenso minuto. Em seguida ficou de pé em um pulo. “Está de palhaçada comigo?”

Raúl virou a cabeça na nossa direção com movimentos lentos e tranquilos, mas seu olhar era atento e vigilante. Ele estava sentado em um canto, na dele, mas era impossível não notar sua presença.

“Por que tanta pressa?”, esbravejou Cary.

“Sei lá, aconteceu.” Eu não sabia explicar, porque também pensava que era cedo demais, mas Gideon era o único homem que eu seria capaz de amar daquela maneira. Quando pensei nisso, vi que ele tinha razão — nós só estávamos adiando o inevitável. E Gideon precisava da promessa de que eu seria para sempre sua. Meu marido incrível achava difícil acreditar que era amado. “E eu não me arrependo.”

“Ainda.” Cary passou as mãos pelos cabelos. “Cacete, Eva. Você não pode ir casando com o primeiro cara com quem tem um relacionamento sério.”

“Não é isso”, protestei, evitando olhar para Raúl. “Você sabe o que a gente sente um pelo outro.”

“Claro. Mas vocês dois sozinhos já são malucos. Juntos então…”

Mostrei o dedo do meio para ele. “Vamos dar um jeito. Não é por causa de uma aliança que vamos desistir de melhorar.”

Cary se sentou na poltrona à minha frente. “E que incentivo ele tem para melhorar? Já conseguiu o grande prêmio e pôs o nome no troféu. Agora você está presa em um mundo de sonhos doentios e mudanças de humor atordoantes.”

“Espera aí”, reclamei, incomodada com a dureza de suas palavras. “Você não ficou tão irritado assim quando contei que estava noiva.”

“Porque pensei que fosse demorar no mínimo um ano para Monica organizar o casamento. Talvez até um ano e meio. Vocês iam ter um tempo para ver como ia ser morar juntos.”

Deixei que ele falasse à vontade. Era melhor fazer isso a dez mil metros de altura do que em algum lugar público, com uma plateia inteira ouvindo.

Cary chegou mais perto de mim com seus olhos verdes implacáveis. “Eu vou ter um filho e não vou casar. Sabe por quê? Porque sei que sou perturbado demais. Não tenho que arrastar mais ninguém para essa vida. Se ele te amasse, pensaria mais em *você*, e no que é melhor para *você*.”

“Que bom que você está feliz por mim, Cary. Fico muito contente.”

Minhas palavras saíram carregadas de sarcasmo, mas isso não significava que não fossem sinceras à sua maneira. Eu tinha amigas para quem poderia ligar se quisesse ouvir que era uma mulher de sorte. Cary era meu melhor amigo porque sempre falava as coisas na lata, mesmo em situações em que era preciso maneirar.

Mas ele estava pensando só no lado obscuro da coisa. Não entendia que minha vida só ficou repleta depois que conheci Gideon. Que agora eu aceitava o fato de ser amada. E me sentia segura. Gideon tinha devolvido minha liberdade, eu não precisava mais viver com medo. Prometer ser fiel a ele e sua companheira era só uma forma de retribuição.

Voltei minha atenção para o seu perfil e vi que a postagem mais recente era sobre nosso noivado. Duvidava que ele tivesse postado aquilo pessoalmente, já que era ocupado demais para perder tempo com aquele tipo de coisa. Mas com certeza havia aprovado. Ele deixou bem claro que eu era importante o suficiente para ser a única informação de caráter pessoal a aparecer em seu perfil concentrado exclusivamente em negócios.

Gideon tinha orgulho de mim. Orgulho de ter casado comigo, uma louca com um histórico de péssimas escolhas. Não importava o que os outros pensavam. Quem tinha ganhado o grande prêmio e posto o nome no troféu era eu.

“Porra.” Cary desabou na poltrona. “Agora você está fazendo eu me sentir um cuzão.”

“Se a carapuça serve…”, murmurei, clicando em um link para ver outras fotos de Gideon.

Foi um erro.

Todas as fotos de seu perfil eram relacionadas ao mundo dos negócios, mas aquelas em que ele tinha sido marcado não. Havia imagens dele ao lado de mulheres lindíssimas, que me atingiram como um soco no estômago.

Minha nossa, ele ficava lindo de smoking. Um moreno perigoso. Seu rosto era bonito e selvagem, suas feições e sua boca eram esculturais, e sua postura parecia até arrogante de tão confiante. Ele era um macho alfa no auge.

Eu sabia que aquelas fotos não eram recentes. E sabia que as mulheres que apareciam nelas não tinham conhecido em primeira mão as enlouquecedoras qualidades de Gideon na cama — ele tinha uma regra quanto a isso. Mas nada impediu o mal-estar que senti.

“Sou o último a saber?”, perguntou Cary.

“É o único.” Dei uma olhada para Raúl. “Pelo menos do meu lado. Gideon quer anunciar para o mundo todo, mas quero manter tudo sob sigilo.”

Ele me observou atentamente. “Por quanto tempo?”

“Para sempre. Nosso próximo casamento vai ser o primeiro e único para o restante das pessoas.”

“Está arrependida?”

Fiquei passada por Cary falar tudo aquilo sabendo que tinha alguém ouvindo. Eu vigiava cada movimento que fazia, porque sabia que estava sendo observada.

Não que a presença de Raúl tivesse alguma influência na sinceridade da minha resposta. “Não. Estou feliz por ter casado. Amo Gideon, Cary.”

Eu estava feliz porque Gideon era meu. E tinha saudade dele. Principalmente depois de ter visto aquelas fotos.

“Eu sei que ama”, Cary falou com um suspiro.

Incapaz de me conter, mandei uma mensagem do meu laptop para Gideon: Estou com saudade.

Ele respondeu quase imediatamente. Manda o avião voltar.

Abri um sorriso. Era uma reação típica dele. E não tinha nada a ver comigo. Desperdiçar combustível, o tempo dos pilotos… parecia loucura para mim. Mais que isso, seria uma prova de que me tornei absolutamente dependente de Gideon. Podia ser fatal para nosso relacionamento. Ele podia ter qualquer coisa, e qualquer uma, quando quisesse. Se eu me jogasse aos seus pés, nós dois perderíamos o respeito por mim. E eu perderia seu

amor logo em seguida.

Voltei a fazer meu perfil e subi uma foto que tinha tirado com Gideon no celular, colocando como imagem de capa. Em seguida marquei Gideon e escrevi: *O amor da minha vida*.

Se era para ter fotos dele por ali, que pelo menos uma delas fosse comigo. Escolhi uma que era inegavelmente íntima. Estávamos deitados, com a cabeça colada, eu quase sem maquiagem e ele com um sorriso nos olhos. Era impossível que quem olhasse para aquela imagem não percebesse que tínhamos uma ligação profunda e que eu conhecia um lado dele que jamais se revelaria para o mundo.

De repente senti vontade de ligar para Gideon. Uma vontade tão forte que quase conseguia ouvir sua voz incrivelmente sexy, inebriante como a mais fina das bebidas, suave mas com um toque agressivo. Eu queria estar com ele, segurando sua mão, beijando seu pescoço e sentindo seu cheiro, que provocava uma reação primitiva de cobiça em mim.

Às vezes até me assustava com o quanto precisava dele, a ponto de abrir mão de qualquer coisa. Não havia pessoa no mundo com quem eu sentisse mais vontade de ficar, nem mesmo meu melhor amigo, que naquele momento precisava desesperadamente da minha companhia.

"Está tudo bem, Cary", garanti. "Não se preocupa."

"Eu ficaria ainda mais preocupado se achasse que você acredita no que está falando." Ele afastou a franja da testa com um movimento impaciente. "É cedo demais, Eva."

Fiz que sim com a cabeça. "Mas vai dar certo."

Precisava dar. Eu não conseguia imaginar minha vida sem Gideon.

Cary jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. Poderia ser efeito do remédio, mas ele segurava o apoio para os braços da poltrona com força demais. Não digeriu a notícia muito bem. Eu não sabia o que dizer para tranquilizá-lo.

Chegou uma nova mensagem de Gideon: Você ainda está indo na direção errada.

Quase perguntei como ele sabia disso, mas deixei para lá. Está se divertindo com seus amigos?

Eu me divertiria mais com você.

Abri um sorriso. Que bom. Meus dedos fizeram uma pausa antes de acrescentar: Contei pro Cary.

Dessa vez a resposta não foi instantânea. Continuam amigos?

Ele ainda não me deserdou.

Gideon não respondeu, e eu disse a mim mesma para não me preocupar com isso. Ele estava com os amigos. Só por ter respondido eu já deveria me dar por satisfeita.

Mesmo assim, fiquei toda feliz quando recebi uma mensagem dele dez minutos depois.

Só não deixa de sentir saudade de mim.

Olhei para Cary, que estava me encarando. Os amigos de Gideon estariam tendo essa mesma reação?

Só não deixa de me amar, respondi.

Sua resposta foi simples e direta, como ele: Fechado.

“Califórnia, meu amor, eu estava com saudade.” Cary desceu as escadas do avião olhando para o céu noturno. “Como é bom sair um pouco daquela umidade da Costa Leste.”

Fui descendo atrás dele, ansiosa para chegar ao homem alto e imponente que nos esperava em um Suburban preto e reluzente. Victor Reyes era o tipo de homem que chamava a atenção. Em parte por ser policial, mas também por ser como era.

“Pai!” Saí correndo na direção dele, que desencostou do SUV e abriu os braços para mim.

Meu pai absorveu o impacto do meu corpo e me levantou do chão, abraçando-me com tanta força que eu mal conseguia respirar. “Que bom ver você, meu amor”, ele disse.

Cary chegou até nós. Meu pai me pôs no chão.

“Cary.” Meu pai apertou a mão de Cary, deu um abraço rápido nele e complementou com um tapinha nas costas. “Está bonitão, garoto.”

“Eu me esforço.”

“Já pegaram tudo?”, meu pai perguntou. Olhou para Raúl, que tinha saído primeiro do avião e agora estava parado ao lado de um Mercedes preto estacionado.

Gideon tinha me dito para esquecer que Raúl estava lá, mas isso não era nada fácil.

“Já”, respondeu Cary, ajeitando a mala no ombro. A minha, que era mais leve, ele carregava na mão. Mesmo com toda a minha maquiagem e três pares de sapato, Cary tinha trazido mais coisas que eu.

Eu adorava isso nele.

“Estão com fome?” Meu pai abriu a porta do passageiro para mim.

Eram pouco mais de nove horas na Califórnia, mas em Nova York já passava da meia-noite. Tarde demais para jantar, mas eu não me incomodaria de comer alguma coisa.

Cary respondeu antes mesmo de se sentar no banco de trás. “Morrendo.”

Dei risada. “Você está sempre com fome.”

“Você também, gata”, ele rebateu, acomodando-se no meio do assento para poder se inclinar para a frente e participar da conversa. “A diferença é que não me sinto culpado por isso.”

Nós nos afastamos do jatinho, que foi ficando cada vez menor. Dei uma olhada no meu pai, procurando algum sinal de opinião sobre o estilo de vida que eu teria como mulher de Gideon. Os jatinhos particulares. Os guarda-costas. Sabia o que ele pensava a respeito da riqueza de Stanton, meu padrasto. Estava torcendo para que pegasse mais leve com meu marido.

Ainda assim, eu sabia que essa mudança de rotina não era bem-vinda. Em outros tempos, desceríamos do avião e aproveitaríamos para ir até o Gaslamp para conseguir uma mesa no Dick’s Last Resort, onde passaríamos uma hora ou mais dando risada, bebendo cerveja e comendo.

Havia uma tensão no ar que não existia antes. Nathan. Gideon. Minha mãe. Tudo isso pairava sobre nós.

Era péssimo. Muito mesmo.

“Que tal aquele lugar em Oceanside com cerveja escura e cascas de amendoim pelo chão?”, sugeriu Cary.

“É.” Eu me virei no assento para mostrar meu sorriso de gratidão para ele. “Seria divertido.”

Um lugar informal e familiar. Era perfeito.

Deu para ver que meu pai também achava, porque abriu um sorrisinho quando olhei para ele. “Vamos lá.”

Deixamos o aeroporto para trás. Peguei meu celular na bolsa e liguei para tentar conectá-lo ao som do carro, para poder colocar músicas que nos lembrassem de épocas menos complicadas.

As mensagens de texto apareceram tão depressa que logo encheram a tela.

A mais recente era de Brett. Me liga quando estiver na cidade.

E, bem nesse momento, “Golden” começou a tocar no rádio.

Eu estava subindo os degraus da varanda da casa do meu pai no dia seguinte quando meu celular começou a vibrar. Tirei o aparelho do bolso do short e senti uma pontada de alegria ao ver o rosto de Gideon surgir na tela.

“Bom dia”, atendi, acomodando-me em uma das duas cadeiras de ferro fundido perto da porta. “Dormiu bem?”

“Até que não dormi mal.” O adorado som de sua voz rouca produziu uma sensação deliciosa em mim. “Raúl falou que o café de Victor é capaz de acordar até um urso em hibernação.”

Olhei para o Mercedes estacionado do outro lado da rua estreita. A película das janelas era tão escura que não dava para vê-lo lá dentro. Era meio assustador que Raúl já tivesse falado com Gideon a respeito do café que eu tinha levado antes mesmo de eu voltar para a casa. “Está tentando me intimidar mostrando que está me vigiando de perto?”

“Se eu quisesse intimidar você, não seria tão sutil.”

Peguei a caneca de café que tinha deixado na mesinha antes de ir até Raúl. “Você sabe que esse seu tom de voz me irrita, né?”

“Você gosta de ser desafiada”, ele respondeu, fazendo meus pelos se arrepiarem, apesar do tempo ensolarado e quente.

Abri um sorriso. “E então, o que vocês fizeram ontem à noite?”

“O de sempre. Bebemos. Enchemos o saco um do outro.”

“Vocês saíram?”

“Só por algumas horinhas.”

Apertei o telefone com força quando imaginei o grupo de bonitões à solta pela cidade. “Espero que tenha se divertido.”

“Até que não foi ruim. Quais são seus planos para o dia?”

Notei na voz dele a mesma tensão que eu sentia. Infelizmente, o casamento não era a cura para o ciúme. “Quando Cary acordar e topar sair, vamos almoçar com meu pai. Depois vamos ver o dr. Travis.”

“E à noite?”

Dei um gole no café, preparando-me para uma discussão. Sabia que ele estava preocupado com Brett. “O empresário da banda me mandou um e-mail dizendo onde retirar as entradas da ala VIP, mas decidi não ir ao show. Cary pode ir com outra pessoa, se estiver a fim. Não tenho muito a dizer, então posso falar com Brett amanhã, ou por telefone.”

Ele bufou baixinho. “Espero que tenha uma boa ideia do que vai dizer.”

“Vou simplificar as coisas. Com essa música circulando e a notícia do meu noivado, não é interessante que a gente seja visto em público. Espero manter a amizade e continuar em contato, mas por e-mail ou por mensagem é melhor, a não ser que você esteja comigo.”

Ele ficou calado por tanto tempo que pensei que a ligação tivesse caído. “Gideon?”

“Preciso saber se você está com medo de se encontrar com ele.”

Toda sem jeito, dei mais um gole no café. Já tinha esfriado, mas eu nem sentia o gosto. “Não quero brigar por causa de Brett.”

“Sua solução é evitar o contato, então.”

“Você e eu já temos motivos suficientes para brigar. Ele não vale o estresse.”

Gideon ficou em silêncio de novo. Dessa vez esperei.

Quando ele voltou a falar, foi com um tom de voz confiante e definitivo. “Por mim tudo bem, Eva.”

Meus ombros relaxaram, e alguma coisa dentro de mim se acalmou. Mas, paradoxalmente, senti um aperto no peito. Lembrei o que ele me falou uma vez: que aceitaria que eu amasse outro homem, desde que não o abandonasse.

Gideon me amava mais do que amava a si mesmo. Senti meu coração sangrar por causa disso. Não consegui me segurar.

“Você é tudo para mim”, murmurei. “Penso em você o tempo todo.”

“Comigo não é diferente.”

“Sério?” Baixei ainda mais meu tom de voz, tentando manter a calma. “Porque o que sinto por você é muito forte. Eu fico… bom, com tesão. Sinto um desespero, uma *necessidade* de você. Minha cabeça entra em parafuso, e preciso de um tempo para me recuperar, não é fácil. Várias vezes quase larguei tudo o que estava fazendo para ir atrás de você.”

“Eva…”

“Fico fantasiando entrar no meio de uma das suas reuniões e agarrar você. Já contei isso? Quando a vontade bate com muita força, quase consigo *sentir* você dentro de mim.”

Ouvi um grunhido baixinho do outro lado da linha, e continuei: “Perco o fôlego toda vez que olho para você. Quando fecho os olhos, consigo ouvir sua voz. Acordei hoje de manhã quase em pânico por você estar tão longe. Daria *qualquer coisa* para ter você comigo. Queria chorar, porque sabia que não tinha como”.

“Eva, por favor…”

“Se você vai se preocupar com alguma coisa, Gideon, que seja *comigo*. Porque não consigo ser racional quando o assunto é você. Sou louca por você. Literalmente. Não consigo pensar em um futuro sem você… fico apavorada.”

“Puta merda. Você *nunca* vai ficar sem mim. Vamos envelhecer juntos. Morrer juntos. Não vou viver mais um único dia sem você.”

Uma lágrima escorreu pelo canto do meu olho, e eu a enxuguei. “Preciso que você entenda que não pode se contentar em não me ter por inteiro. Não deveria estar se preocupando com isso, porque merece coisa muito melhor. Poderia ter qualquer uma…”

“Já chega!”

Tive um sobressalto com a aspereza de sua voz.

“Você nunca mais vai dizer isso para mim”, ele esbravejou. “Ou, juro por Deus, meu anjo, vou castigar você.”

Um silêncio de choque preencheu o espaço entre nós. As palavras que eu tinha dito ressoavam na minha mente, lembrando como eu era patética. Nunca quis ser dependente dele, mas era.

“Preciso ir”, eu disse com a voz embargada.

“Não desliga. Pelo amor de Deus, Eva, somos *casados*. Estamos apaixonados um pelo outro. Isso não é vergonha nenhuma. E daí se é loucura? Somos nós. É assim que somos. Você precisa se acostumar com isso.”

A porta de tela rangeu, e meu pai apareceu na varanda. Olhei para ele e disse: “Meu pai está aqui, Gideon. A gente se fala mais tarde”.

“Você me faz feliz”, ele falou, com o tom firme e profundo que usava quando estava anunciando uma decisão irrevogável. “Eu tinha esquecido como era essa sensação. Não desvaloriza o que significa para mim.”

Nossa.

“Eu te amo.” Encerrei a ligação e pus o celular sobre a mesa com a mão trêmula.

Meu pai sentou na outra cadeira com seu café. Estava usando bermuda e uma camiseta verde-oliva escura, mas estava descalço. Tinha feito a barba, e seus cabelos ainda estavam molhados, com as pontas ligeiramente enroladas secando ao vento.

Ele era meu pai, mas isso não me impedia de admirar o fato de que era lindo. Mantinha-se sempre em forma, e sua postura era naturalmente confiante. Dava para entender por que minha mãe não tinha conseguido resistir à tentação quando os dois se conheceram. E ainda não conseguia.

“Ouvi sua conversa”, ele disse sem olhar para mim.

“Ah.” Senti um frio na barriga. Já era ruim o suficiente ter desabafado com Gideon. Saber que meu pai tinha ouvido só tornava tudo ainda pior.

“Eu ia perguntar se você estava certa do que estava fazendo, ficando noiva em tão pouco tempo, e assim tão nova.”

Puxei minhas pernas para cima da cadeira e as cruzei. “Imaginei que você fosse fazer isso.”

“Mas agora acho que entendo como você se sente.” Ele olhou para mim com seus olhos cinzentos e observadores. “Você se expressou muito melhor do que eu, quando isso ainda vinha ao caso. O máximo que consegui dizer foi um ‘te amo’, e não bastou.”

Dava para ver que ele estava pensando na minha mãe. Não devia ser nada fácil para ele fazer isso olhando para mim, já que nós duas somos muito parecidas. “Gideon também acha que essas palavras não bastam.”

Olhei para os dedos. Para a aliança que Gideon havia me dado para expressar seus sentimentos por mim, para a aliança que simbolizava seu comprometimento e era um tributo a uma época de seu passado em que se sentia amado. “Mas ele me mostra o que sente. O tempo todo.”

“Conversei com ele algumas vezes.” Meu pai fez uma pausa. “Preciso ficar me lembrando de que ele tem só vinte e poucos anos.”

Isso me fez sorrir. “Ele é bem contido.”

“E difícil de decifrar.”

Meu sorriso se escancarou. “É um jogador de pôquer nato. Mas sempre cumpre o que diz.”

Eu acreditava em Gideon sem hesitar. Ele sempre me dizia a verdade. O problema era o que preferia omitir.

“E quer casar com minha filha.”

Encarei meu pai. “Você deu sua permissão.”

“Gideon disse que sempre ia cuidar de você. Prometeu te manter segura e feliz.” Meu pai olhou para a Mercedes estacionada do outro lado da rua. “Ainda não sei se acredito, apesar de ele ter mandado vigiar minha casa por sua causa. O fato de ter mentido sobre esperar para te pedir em casamento não ajudou.”

“Ele não aguentou esperar, pai. Não fica remoendo isso. Gideon me ama demais.”

Meu pai me encarou outra vez. “Você não parecia muito feliz conversando com ele.”

“Não. Eu estava desesperada e insegura.” Suspirei. “Sou louca por ele, mas odeio quando fico carente desse jeito. Nosso relacionamento precisa ter equilíbrio. Ser uma relação entre iguais.”

“Essa é uma boa meta. Mantenha isso em mente. Ele também quer que seja assim?”

“Gideon quer que a gente fique junto. Em tudo. Mas tem uma reputação e um império, e eu quero vencer na vida por mim mesma. Não preciso construir um império, mas de uma reputação faço questão.”

“Já conversou sobre isso com ele?”

“Ah, sim.” Abri um sorriso. “Mas ele acha que a sra. Cross precisa fazer parte da Equipe Cross. E entendo o lado dele.”

“É bom saber que você está pensando em tudo isso.”

Meu pai fez uma pausa. “Mas?”

“Mas isso pode virar um problema sério, não?”

Adorava a maneira como meu pai me incentivava a refletir sem tentar me manipular ou me julgar. Ele sempre foi assim. “Sim. Acho que não chega a ser um impedimento, mas pode causar problema. Gideon não está acostumado a não conseguir o que quer.”

“Então você vai fazer bem para ele.”

“Ele também acha.” Encolhi os ombros. “O problema não é Gideon. Sou eu. Ele sofreu um bocado na vida e acha que precisa lidar com as consequências sozinho. Não quero que se sinta assim. Quero que sinta que nós dois somos um só, e que estou aqui para dar todo o meu apoio. É uma mensagem difícil de passar considerando que faço questão de ter minha independência.”

“Você é bem parecida comigo”, ele disse com um leve sorriso, tão lindo que encheu meu coração de orgulho.

“Sei que vocês dois vão se dar bem. Ele é um bom sujeito, com um coração de ouro. Faria qualquer coisa por mim, pai.” *Até mataria.*

Esse pensamento me deixou tonta. A possibilidade de que Gideon precisasse responder pela morte de Nathan ainda era bem real. Eu não podia permitir que nada acontecesse com ele.

“Ele vai me deixar pagar pelo casamento?” Meu pai deu risada. “Acho melhor perguntar o tipo de encrenca que vou arrumar com sua mãe fazendo isso.”

“Pai…” Senti um aperto no peito outra vez. Depois de tudo o que discutimos sobre ele pagar minha faculdade, eu sabia que não adiantava dizer que não era preciso se endividar por minha causa. Era questão de honra, e ele era um homem orgulhoso. “Não sei o que dizer a não ser obrigada.”

Ele abriu um sorriso de alívio, e nesse momento percebi que esperava encontrar resistência da minha parte também. “Tenho uns cinquenta mil. Sei que não é muito…”

Segurei sua mão. “É perfeito.”

Já conseguia até ouvir minha mãe surtar. Eu me preocuparia com isso quando chegasse a hora.

A expressão no rosto do meu pai naquele momento fazia tudo valer a pena.

“Não mudou nada.” Cary parou na calçada diante do antigo centro recreativo e tirou os óculos escuros. Seu olhar se dirigiu para a entrada do ginásio. “Estava com saudade daqui.”

Segurei sua mão e entrelacei nossos dedos. “Eu também.”

Fomos até lá e acenamos com a cabeça para o casal que estava fumando do lado de fora. Quando entramos, fomos recebidos pelos sons de um jogo de basquete. Dois times de três jogadores de cada lado disputavam uma partida de meia quadra, rindo e provocando um ao outro. Eu sabia por experiência própria que as atividades terapêuticas às vezes bastante heterodoxas do dr. Travis eram as únicas em que as pessoas se sentiam seguras e livres o bastante para rir.

Acenamos para os jogadores, que pararam para ver quem era, e em seguida fomos na direção da sala que ainda tinha a inscrição TREINADOR colada na porta. Estava entreaberta, e uma adorada figura descansava em uma cadeira surrada com os pés em cima da mesa. Jogava uma bola de tênis contra a parede e a apanhava de volta com habilidade, enquanto

uma paciente que eu já conhecia fumava um cigarro eletrônico e falava sem parar.

“Minha nossa.” Kyle se levantou correndo, abrindo a boca bonita e soltando uma nuvem de vapor. “Não sabia que vocês tinham voltado!”

Ela se lançou sobre Cary, mal me dando tempo de soltar sua mão.

O dr. Travis tirou as pernas da mesa e se levantou, abrindo um sorriso no rosto acolhedor. Estava vestido com sua habitual combinação de calça cáqui e camisa, deixando para as sandálias de couro nos pés e os brincos nas orelhas o toque pouco convencional. Seus cabelos castanho-claros estavam despenteados, e seus óculos de aro vermelho, caídos no nariz.

“Esperava que vocês fossem chegar depois das três”, ele comentou.

“Em Nova York já são mais de três”, respondeu Cary, desvencilhando-se de Kyle.

Eu desconfiava que Cary já tinha ido para a cama com aquela loirinha bonita, e que ela não tinha aceitado com a mesma facilidade que ele o fato de que a coisa não iria adiante.

O dr. Travis me deu um rápido abraço, e fez o mesmo com Cary. Vi meu amigo fechar os olhos e apoiar o rosto no ombro dele por um instante. Meus olhos se enchiam de lágrimas sempre que via Cary feliz. O dr. Travis era a figura mais próxima de um pai que ele tinha, e eu sabia o quanto o amava.

“Vocês dois estão cuidando um do outro lá na Big Apple?”

“Claro”, respondi.

Cary apontou para mim. “Ela vai casar. E eu vou ter um filho.”

Kyle soltou um suspiro de susto.

Dei um cutucão com o cotovelo nas costelas de Cary.

“Ai”, ele reclamou, esfregando a lateral do corpo.

O dr. Travis piscou algumas vezes. “Parabéns. Vocês não perderam tempo.”

“Eu que o diga”, murmurou Kyle. “Quanto tempo faz? Um mês?”

“Kyle.” O dr. Travis ajeitou a cadeira atrás da mesa. “Você nos dá um minutinho?”

Ela soltou uma risadinha de deboche e foi até a porta. “Você é bom, doutor, mas acho que vai precisar de bem mais que isso.”

“Então você está noiva.” Kyle deu mais uma tragada no cigarro eletrônico, sem tirar os

olhos de Cary, que jogava com o dr. Travis, tentando enterrar a bola. Estávamos sentadas na antepenúltima fileira das arquibancadas desgastadas, a uma distância suficiente para que não ouvíssemos a sessão de terapia que se desenrolava na quadra.

Cary ficava inquieto quando se abria, e o dr. Travis logo entendeu que mantê-lo fisicamente ativo era uma boa forma de fazê-lo falar.

Kyle me olhou. “Sempre pensei que vocês dois fossem acabar juntos.”

Dei risada e sacudi a cabeça. “As coisas não são assim. Nunca foram.”

Ela encolheu os ombros. Seus olhos tinham a cor do céu de San Diego, marcada pelo delineador de um azul bem vivo. “Você conhece faz tempo esse cara com quem vai casar?”

“Tempo suficiente.”

O dr. Travis acertou um arremesso da zona morta e bagunçou os cabelos de Cary de brincadeira. Pela maneira como me olhou, vi que tinha chegado minha vez.

Fiquei de pé e comecei a me alongar. “Mais tarde a gente se fala”, eu disse para Kyle.

“Boa sorte.”

Contorci a boca e desci as escadas para ir até o dr. Travis.

Ele era mais ou menos da altura de Gideon, então parei no último degrau para um breve momento de contato visual. “Já pensou em mudar para Nova York, doutor?”

Ele abriu seu sorriso torto. “Já pago impostos suficientes na Califórnia.”

Soltei um suspiro dramático. “Não custa tentar.”

Ele pôs a mão no meu ombro quando desci para a quadra. “Cary também tentou. Fico honrado.”

Fomos até sua sala. Fechei a porta enquanto ele abria uma cadeira de metal, sentando com as pernas abertas e os braços apoiados. Era uma de suas manias. Ele só ficava atrás da mesa quando estava descansando — quando o assunto era trabalho, sua postura era outra.

“Me conta sobre o noivo”, ele falou, enquanto eu me acomodava no lugar de sempre, o sofá de vinil verde remendado com fita isolante e decorado com a assinatura de pacientes.

“Qual é?”, eu disse. “Nós dois sabemos que Cary já contou tudo.”

Cary sempre iniciava suas sessões falando de mim e da minha vida. Isso quebrava o gelo para falar de si mesmo.

“E eu já sei quem é Gideon Cross.” O dr. Travis batucava com o pé no chão de uma

forma que não o fazia parecer inquieto ou impaciente. “Mas quero ouvir a respeito do homem com quem você vai se casar.”

Pensei por um minuto na minha resposta, e ele permaneceu em silêncio, sem me apressar, apenas observando. “Gideon é… Ele é tantas coisas. É complicado. Temos muito para resolver, mas vamos chegar lá. Meu problema mais urgente é o que sinto pelo cantor com que eu… saía.”

“Brett Kline?”

“Você lembra o nome dele.”

“Foi Cary quem me lembrou, mas me recordo de conversar com você sobre ele.”

“Pois é.” Olhei para minha deslumbrante aliança, remexendo-a no dedo. “Sou muito apaixonada pelo Gideon. Ele mudou minha vida de diversas formas. Faz com que eu me sinta linda e valorizada. Sei que parece muito cedo para dizer isso, mas acho que ele é perfeito para mim.”

O dr. Travis sorriu. “Com minha esposa foi amor à primeira vista. Ainda estávamos na escola, mas eu sabia que era com ela que ia casar.”

Meu olhar se voltou para as fotos da mulher dele em cima da mesa. Havia uma em que ela era bem jovem, ao lado de outra mais recente. O consultório era uma bagunça de papéis, equipamentos esportivos, livros e pôsteres antigos de atletas já falecidos, mas as molduras e os vidros que protegiam as fotos estavam impecáveis.

“Não entendo por que Brett ainda tem algum efeito sobre mim. Não quero nada com ele. Não me vejo com ninguém além de Gideon. Nem em termos de sexo. Mas não consigo ser indiferente a Brett.”

“E por que deveria ser?”, ele questionou. “Brett fez parte da sua vida em um momento crucial, e o fim dessa relação provocou uma espécie de epifania em você.”

“Meu… interesse — essa não é a palavra certa — não parece ser nostálgico.”

“Não, claro que não. Eu diria que você está arrependida de alguma forma. Analisando possibilidades. Era uma relação altamente sexualizada, então ainda pode haver alguma atração física, mesmo sabendo que não é isso que você quer para sua vida.”

Tive quase certeza de que ele estava certo quanto a isso.

Seus dedos começaram a batucar na cadeira. “Você disse que seu noivo é uma pessoa complicada, e que vocês têm algumas coisas para resolver. Com Brett era bem simples. Você sabia o que gostava de fazer com ele. Nos últimos meses, você mudou de cidade, foi morar mais perto da sua mãe, ficou noiva. De vez em quando, pode bater um desejo de

que as coisas sejam mais simples.”

Fiquei olhando para ele enquanto absorvia suas palavras. “Como consegue me fazer entender tudo assim tão fácil?”

“É a prática.”

“Não quero estragar tudo com Gideon”, o medo me obrigou a dizer.

“Você tem alguém com quem conversar em Nova York?”

“Fazemos terapia de casal.”

O dr. Travis balançou a cabeça. “Isso é bom. Ele também está disposto a melhorar. Ele sabe?”

Sobre Nathan? “Sim.”

“Estou orgulhoso de você, mocinha.”

“Vou evitar o contato com Brett, mas fico me perguntando se não estou fugindo da raiz do problema. Um alcoólatra que não bebe continua sendo alcoólatra. O problema ainda existe, só está sendo evitado.”

“Não é bem assim, mas é interessante essa analogia da dependência. Você tem uma tendência ao comportamento autodestrutivo no que diz respeito a homens. Isso acontece com muitas pessoas com seu histórico, então não se trata de algo inesperado, e já lidamos com isso antes.”

“Eu sei.” Era por isso que sentia tanto medo de me perder em Gideon.

“Tem algumas coisas que precisam ser levadas em conta”, o dr. Travis continuou. “Você está noiva de um homem que, pelo menos na aparência, é do tipo que sua mãe gostaria. Considerando como se sente em relação à dependência da sua mãe dos maridos, pode haver alguma resistência.”

Franzi o nariz.

Ele balançou o dedo para mim. “É uma possibilidade. A outra é que você sinta que não merece o que encontrou nele.”

Meu estômago se revirou. “E eu mereço Brett?”

“Eva.” Ele abriu um sorriso gentil. “Se está me perguntando isso… descobrimos o problema.”

5

“Nem reconheci você sem o terno e a gravata”, disse Sam Yimara quando me sentei diante dele. Era um sujeito compacto, com bem menos de um metro e oitenta, mas musculoso. Sua cabeça era raspada e tatuada, e ele tinha alargadores nas orelhas.

O Pete’s 69th Street Bar não ficava na rua 69, então não tinha ideia de onde viera o nome. Sabia que o nome da banda Six-Ninths vinha daquele local, porque tocaram lá durante alguns anos. Também sabia que o banheiro dos fundos era um dos lugares onde Brett Kline comia minha mulher.

Só por isso, ele já merecia levar uma boa surra. Ela era digna de palácios e ilhas particulares, e não banheiros imundos de bar.

O Pete’s não chegava a ser uma espelunca, mas também não tinha nenhuma classe. Era só um bar de praia mal iluminado e ponto de encontro dos estudantes da SDSU, que iam beber ali até esquecer o que tinham feito e com quem tinham trepado.

Depois que eu mandar demolir o lugar, eles vão esquecer também que um bar tinha existido ali.

A escolha do local foi deliberada e brilhante por parte de Yimara. O bar me deixava com os nervos à flor da pele e mostrava bem o que estava em risco. Se minha decisão de aparecer sozinho e de calça jeans e camiseta o surpreendeu, então eu podia considerar que tinha me saído bem.

Eu me recostei no assento, observando-o com atenção. Havia alguns clientes no bar, a maioria do lado de fora. Apenas algumas pessoas estavam no interior decorado com tema praiano. “Decidiu aceitar a oferta?”

“Pensei a respeito.” Ele cruzou as pernas e se inclinou para apoiar o braço. Não era inteligente o bastante para ser cauteloso e estava confiante demais. “Mas, considerando que quem sugeriu o valor foi você, pensei que a privacidade de Eva valesse mais que um milhão de dólares.”

Sorri por dentro. “A paz de espírito de Eva não tem preço. Mas, se está pensando que vou subir a oferta, está delirando. Você ainda vai ser processado. E existe um detalhe muito importante nessa história, que é o fato de Eva ter sido filmada sem saber, o que torna o caso muito diferente de um vídeo gravado de comum acordo que vem a público.”

Ele cerrou os dentes. “Pensei que você quisesse manter o caso em sigilo, e não ir para o tribunal. Eva só ia se expor com um processo. Já conversei com Brett, e acertamos tudo.”

Meus ombros ficaram tensos. “Ele viu a filmagem?”

“Está tudo com ele.” Sam enfiou a mão no bolso e sacou um pen drive. “Aqui tem uma cópia para a Eva. Achei que você fosse querer ver pelo que está pagando.”

A ideia de Kline vendo esse tipo de imagem de Eva fez a raiva se espalhar pelo meu corpo. Só o fato de ele ter lembranças com ela já era quase insuportável. Um registro em vídeo era inaceitável.

Segurei o pen drive com força. “Vão descobrir que essa filmagem existe, isso eu não posso impedir. Você conversou com um monte de jornalistas enquanto tentava vender o vídeo. O que posso fazer é destruir você. É minha opção preferida também. Quero ver você cair, seu merdinha.”

Sam se remexeu no assento.

Eu me inclinei para a frente. “Você não pegou só Eva e Kline com sua câmera indiscreta. Filmou um monte de outras vítimas sem consentimento. Sou o dono deste bar. Porra, sou o dono da banda. Não preciso me esforçar muito para encontrar clientes e fãs do Six-Ninths que foram filmados ilegalmente no banheiro.”

O último traço de pretensão em seu rosto desapareceu completamente.

“Se você fosse esperto”, continuei, “teria tentado conseguir alguma coisa no longo prazo, não só um ganho imediato. Em vez disso, vai assinar o contrato que vou pôr na sua frente e sair daqui com um cheque de duzentos e cinquenta mil.”

Ele se empertigou todo. “Nem fodendo! Você disse um milhão. O acordo foi esse.”

“Mas você não aceitou.” Levantei. “E a oferta não está mais de pé. Se demorar muito para decidir, esta também não vai mais estar. Vou simplesmente jogar você na cadeia. Pelo menos posso dizer para Eva que tentei.”

Enquanto saía, enfiei o pen drive no bolso, e o incômodo provocado foi imediato. Troquei um olhar com Arash quando passei pelo banquinho no balcão onde ele estava sentado à espera da deixa para entrar em ação.

Ele se levantou. “É sempre um prazer ver você fazer alguém cagar na calça”, Arash falou antes de ir para o lugar de onde saí com o contrato e o cheque na mão.

Saí do bar escuro para o sol de San Diego. Eva não queria que eu visse aquele vídeo. Ela me fez prometer. Eu não veria.

Mas minha mulher ainda tinha sentimentos por Kline. Ele permanecia uma ameaça. Ver

os dois juntos talvez me oferecesse a informação de que precisava para combatê-lo.

Ela teria se entregado sexualmente a ele da mesma forma que para mim? Sentia o mesmo desespero e desejo por ele? Gozava com ele da mesma maneira que comigo?

Fechei os olhos com força para afastar esses pensamentos, mas não consegui me livrar deles.

Relembrando minha promessa, atravessei o estacionamento na direção do carro alugado.

É idiotice minha estar tão empolgada em ser sua "amiga" quanto em ser sua mulher?

Ri por dentro ao ler e responder a mensagem de Eva. Estou mais empolgado em ser seu amante do que seu marido.

Tarado.

Isso me fez rir em voz alta.

"Que barulho foi esse?" Arash me olhou por cima da tela do tablet, esparramado no sofá da minha suíte de hotel. "Isso foi uma risada, Cross? Sério que você está rindo? Ou foi um derrame?"

Mostrei o dedo do meio para ele.

"Fala sério", ele respondeu. "Dedo do meio?"

"A Eva diz que é um clássico."

"Em uma garota como Eva tudo fica bem. Em você não."

Abri outra janela e entrei em um dos meus perfis nas redes sociais, adicionando o status *Noivo de* ao nome de Eva, agora que éramos "amigos". Enquanto esperava sua confirmação, entrei em seu perfil e abri outro sorriso ao ver sua imagem de capa. Ela estava se revelando ao mundo pela primeira vez, e como minha esposa.

Mandei uma mensagem quando Eva confirmou o status. Agora você é as duas coisas.

Estou mantendo minha parte do acordo.

Meu olhar se moveu da janela de mensagens para a foto em seu perfil. Passei a mão em seu rosto com a ponta dos dedos, controlando-me para não sair correndo para vê-la. Era cedo demais. Ela precisava de todo o espaço que eu fosse capaz de proporcionar.

Eu tb, anjo.

O teatro não era imenso, mas também não era pequeno, nem muito difícil de encher. Era melhor para o Six-Ninths anunciar que os ingressos estavam esgotados do que correr o risco de ter assentos vazios em sua cidade de origem. Christopher devia ter pensado nisso.

Meu irmão era bom no que fazia. Mas eu tinha aprendido que não devia falar isso para ele. Só o tornaria um cretino ainda maior.

Enquanto a plateia esvaziava, tomei o caminho dos bastidores. Não era minha praia, apesar do acesso privilegiado que tinha como acionista principal da Vidal Records. Kline definitivamente estaria mais em casa que eu.

Não podia esperar até a manhã seguinte, apesar de saber que era melhor. Ele estaria exausto, e provavelmente de ressaca. A vantagem então seria *minha*.

Eu não podia esperar tanto. Ele estava com o vídeo. Já tinha visto pelo menos uma vez. Talvez até mais. Não conseguia nem cogitar a hipótese de que o visse de novo. Arrancar aquilo das mãos dele era prioridade.

E queria que Kline soubesse que eu estava por perto antes que encontrasse Eva. Estava marcando meu território, por assim dizer, e escolhi fazer isso vestindo a calça e a camiseta com que me encontrei com Yimara. Tudo o que dizia respeito a Eva era assunto pessoal, não negócios, e eu queria que isso ficasse bem claro para Kline assim que pusesse os olhos em mim.

Passei pelo palco e entrei no caos. Havia um monte de mulheres drogadas ou bêbadas amontoadas no corredor estreito. Dezenas de homens tatuados e perfurados de piercing desmontavam e embalavam equipamentos, uma tarefa que executavam com eficiência e precisão. Música pesada emanava de alto-falantes ocultos, em conflito com sons que escapavam dos camarins individuais. Abri caminho pelo pandemônio à procura de cabelos espetados e descoloridos.

Uma figura loira dolorosamente familiar saiu por uma porta aberta alguns metros à frente, com os cabelos caídos sobre os ombros, um corpo cheio de curvas e uma bela bunda.

Desacelerei o passo. Meu coração disparou. Kline apareceu logo em seguida, com uma cerveja em uma mão e a outra estendida para ela, que a segurou e o puxou pelo corredor.

Eu conhecia a delicadeza daquela mão, a maciez da pele. A firmeza da pegada. Já tinha

sentido aquelas unhas cravadas nas minhas costas, e aqueles dedos agarrando meus cabelos enquanto ela gozava com a boca colada à minha. A eletricidade do toque. O instinto primitivo que despertava.

Fiquei paralisado, com um nó no estômago. Ela estava perto demais de Kline. Seu ombro quase roçava a parede. Ela remexia os quadris provocativamente, e seus dedos passeavam de forma sugestiva pela barriga de Kline. Ele abriu um sorrisinho presunçoso e malicioso, passando a mão em seu braço em um movimento de pura intimidade.

Qualquer um que os visse juntos acharia que eram amantes.

A fúria tomou conta de mim. Comecei a irradiar uma escuridão doentia.

Dor. No fundo da alma. Perdi o fôlego e o controle.

Um braço de mulher me agarrou pelo ombro. Ela enfiou uma mão dentro da minha camiseta para tocar meu peito, enquanto com a outra pegava meu pau. O cheiro de perfume invadiu minhas narinas, e eu me livrei do toque de forma abrupta enquanto uma morena magra e alta com olhos azuis carregados de maquiagem tentava me agarrar pela frente.

“Cai fora!”, grunhi, olhando feio para as duas, que recuaram e me chamaram de babaca.

Em outros tempos, eu teria comido as duas, transformando a sensação de ser caçado em uma situação de controle total.

Depois de Hugh, aprendi a lidar com predadores sexuais. A colocá-los em seu devido lugar.

Fui seguindo em frente, abrindo caminho aos empurrões, lembrando da sensação do meu punho fechado atingindo o queixo de Kline. Da firmeza e resistência de seu tronco. Do som do ar sendo expulso de seu corpo quando bati nele com toda a força.

Queria vê-lo estatelado no chão. Ensanguentado. Destruído.

Kline se inclinou na direção dela, falando em seu ouvido. Minhas mãos se fecharam. Ela jogou a cabeça para trás e deu risada, e eu detive meus passos, assustado e confuso. Apesar do barulho ao redor, aquele som não era o que eu esperava ouvir.

A risada não era de Eva.

Era aguda demais. A risada da minha mulher era grave e sexy. Totalmente única, como a pessoa a quem pertencia.

Ela virou a cabeça e eu a vi de perfil. Não era Eva. O corpo e os cabelos eram parecidos. O rosto não.

Que porra é essa?

Minha mente se deu conta do que estava acontecendo. Era a garota do clipe de “Golden”. A dublê de Eva.

Os roadies e as groupies mantinham uma atividade frenética ao meu redor, mas meus olhos permaneciam fixos no local onde Kline acariciava e seduzia uma imitação mal arranjada da minha incomparável esposa.

Meu telefone vibrou no bolso, provocando-me um sobressalto. Soltei um palavrão e peguei o aparelho. Era uma mensagem de Raúl. Ela acabou de entrar.

Então ela mudou de ideia sobre o encontro com Kline. Manipulando a situação a meu favor, digitei a resposta: Para o corredor à esquerda do palco. Agora.

Certo.

Eu me encostei na parede e me escondi atrás de caixotes empilhados em carrinhos de mão. Os minutos passaram devagar.

Pressenti sua presença antes de vê-la, experimentando com toda a força o frenesi do reconhecimento. Quando virei a cabeça, eu a encontrei facilmente. Ao contrário da impostora, que usava um vestidinho curto, Eva estava com uma calça jeans que revelava todas as suas curvas, uma blusinha cinza básica, uma sandália de salto alto e brincos de argola. Um visual informal.

O desejo me sacudiu com uma força brutal. Ela era a mulher mais linda que eu já tinha visto, e com certeza a mais sexy de todo o mundo. As outras envergavam o pescoço quando Eva passava, invejando sua beleza e sensualidade naturais. Os homens a olhavam com um interesse intenso, mas ela parecia nem reparar. Sua atenção estava voltada para Kline.

Eva estreitou os olhos ao contemplar a mesma cena que eu tinha visto pouco antes. Observei enquanto avaliava a situação, e percebi quando chegou à mesma conclusão que eu. Uma infinidade de emoções transpareceu em seu rosto. Devia ser estranho para Eva ver um antigo amante tentando reviver de forma tão desesperada um momento que experimentou com ela.

Para mim, aquilo era inconcebível. Se eu não pudesse ter Eva, não queria ter mais ninguém.

Ela jogou os ombros para trás e ergueu o queixo. Em seguida, um sorriso apareceu em seu rosto. Sua expressão era compreensiva, pacífica. Tinha descoberto o que precisava.

Eva passou por mim sem me ver, mas Raúl veio falar comigo.

“Que estranho”, ele comentou, com a atenção voltada para Kline quando viu minha esposa e ficou visivelmente tenso.

“É perfeito”, respondi quando Eva o cumprimentou estendendo a mão esquerda para ele. A aliança em seu dedo reluzia, era impossível não notá-la. “Me mantenha informado.”

Fui embora.

Senti meus músculos queimarem depois da octogésima flexão de braço, com os olhos voltados para o pen drive caído no tapete diante de mim. A maneira como lidei com Yimara e Kline fora eficiente, mas não satisfatória. Eu ainda estava tenso e agitado, louco por uma briga.

Meus olhos arderam quando o suor escorreu da minha testa. Meu peito ofegava de cansaço. Saber que Eva tinha saído com Cary e alguns amigos da Califórnia só me deixou ainda mais tenso. Eu sabia o quanto ela ficava atiçada quando bebia e dançava. E adorava comê-la quando estava toda suada, molhadinha e cheia de tesão.

Minha nossa. Meu pau ficou ainda mais duro e começou a latejar. Meus braços tremiam, à beira da fadiga muscular. As veias dos antebraços e das mãos estavam saltadas. Eu precisava de um banho frio, mas não podia me masturbar. Tinha que guardar tudo para Eva. Cada gota.

Meu laptop apitou, e eu diminuí o ritmo, chegando à centésima flexão antes de me levantar. Peguei o pen drive, atirei sobre a mesa e peguei a toalha pendurada no encosto da cadeira. Enxuguei o rosto antes de abrir a janela de mensagens na tela, porque esperava encontrar informações atualizadas sobre a noite de Eva. Em vez disso, dei de cara com uma mensagem dela.

Em que quarto você está?

Fiquei olhando para a tela por um momento, sem entender a pergunta. Outro apito anunciou a chegada de uma mensagem de Raúl: Ela está indo pro seu hotel.

O ímpeto da malhação se voltou para a expectativa de ver minha inteligente e deliciosa esposa: 4269.

Tirei o telefone do gancho e liguei para o serviço de quarto. “Uma garrafa de Cristal”, pedi. “Duas taças, morangos e chantili. Em dez minutos. Obrigado.”

Pus o telefone de volta e joguei a toalha sobre o pescoço. Uma rápida olhada no relógio revelou que eram duas da manhã.

Quando a campainha tocou, desliguei todas as luzes e abri a cortina que escondia a visão do mar iluminado pelo luar.

Abri a porta e encontrei Eva e o serviço de quarto à minha espera. Vestida como a tinha visto, ela parecia uma menina levada, o que renovou minha ereção imediatamente. Seus cabelos estavam úmidos e seu rosto brilhava, com a maquiagem um pouco desfeita. Ela cheirava a álcool e suor.

Se o rapaz do serviço de quarto não estivesse logo atrás dela, eu teria pulado sobre Eva antes mesmo que se desse conta do que estava acontecendo.

“Puta que pariu”, ela murmurou, olhando-me dos pés à cabeça.

Baixei os olhos. Ainda estava superaquecido, com a pele coberta de suor. Minha calça estava molhada, chamando a atenção para a ereção que não fiz questão nenhuma de esconder. “Desculpa, você me pegou no meio da malhação.”

“O que você está fazendo em San Diego?”, ela perguntou, ainda no corredor.

Dei um passo atrás e fiz sinal para que entrasse.

Eva não se moveu. “Não vou ser atraída para sua loucura de deus do sexo antes que você me responda.”

“Estou aqui a negócios.”

“Porra nenhuma.” Ela cruzou os braços.

Eu a peguei pelo cotovelo e a puxei para dentro. “Posso provar.”

O rapaz empurrou o carrinho com meu pedido atrás dela.

“Você está otimista demais”, ela murmurou, olhando o pedido enquanto eu assinava o recibo.

Esperei o rapaz sair, fui até o telefone ao lado do sofá e liguei para o quarto de Arash.

“Está falando sério?”, ele atendeu, com a voz grogue. “Tem gente que precisa dormir, Cross.”

“Minha esposa quer falar com você.”

“Quê?” Ouvi os lençóis se remexendo. “Onde você está?”

“No meu quarto.” Entreguei o fone para Eva. “É meu advogado.”

“Você está louco?”, ela perguntou. “São cinco horas da manhã em Nova York! E é domingo!”

“Ele está no quarto ao lado. Pega o telefone. Pergunta se eu vim para cá a trabalho.”

Ela veio até mim e arrancou o aparelho da minha mão. “Acho melhor você procurar outro emprego”, Eva disse para ele. “Seu chefe é maluco.”

Ele respondeu, e ela soltou um suspiro. “Antes.” Ela olhou para mim. “Sorte dele que é bonitão. Ainda assim, precisa consultar um psiquiatra. Desculpa ter te acordado. Pode voltar a dormir.”

Eva me entregou o telefone. Eu o peguei e pus na orelha. “Como ela disse, pode voltar a dormir.”

“Gosto dela. Não facilita as coisas para você.”

Dei uma boa olhada para Eva. “Também gosto. Boa noite.”

Desliguei e estendi as mãos em sua direção.

Eva deu um passo atrás, evitando o contato. “Por que não me contou que estava aqui?”

“Não queria atrapalhar seus planos.”

“Não confia em mim?”

Levantei as sobrancelhas. “Olha só quem fala, a mulher que rastreou meu telefone.”

“Só queria saber se você estava na cobertura!” Ela fez um biquinho quando a encarei. “E… estava com saudade.”

“Estou bem aqui, meu anjo.” Abri os braços para ela. “Pode vir me pegar.”

Ela torceu o nariz. “Preciso tomar banho. Estou fedendo.”

“Nós dois estamos suados.” Fui até ela, que dessa vez não recuou. “E adoro seu cheiro. Você sabe disso.”

Pus as mãos em sua cintura e fui subindo para acariciar as costelas delicadas, logo abaixo dos peitos volumosos. Toquei neles por cima da roupa, sentindo seu peso, apertando de leve.

Nunca tive fetiche por uma parte do corpo feminino em particular até conhecer Eva. Eu idolatrava cada centímetro de seu corpo, adorava suas curvas generosas.

Passei os polegares por cima dos mamilos, sentindo-os enrijecer. “Eu adoro sentir você.”

Baixando a cabeça, passei a boca em seu pescoço, roçando nela meus cabelos molhados.

Eva resmungou. “Isso não é justo. Você aí todo sarado e suado, não tenho como resistir.”

“Nem precisa.” Enfiei as mãos sob a blusa e abri o sutiã. “Me deixa ter você, Eva.”

Respirei fundo quando ela enfiou a mão na minha calça e pegou meu pau.

“Hum”, ela murmurou. “Olha o que eu achei.”

“Meu anjo.” Apertei sua bunda. “Me diz que vai querer exatamente o que estou a fim de fazer com você.”

Ela me encarou com os olhos semicerrados. “E o que seria?”

“Bem aqui. No chão. Com a calça enroscada em um tornozelo, a blusa puxada para cima, a calcinha de ladinho. Quero meu pau dentro de você, te enchendo de porra.” Passei a língua pela veia pulsante em seu pescoço. “Posso cuidar de você quando formos para a cama, mas agora… quero só usar seu corpo.”

Ela estremeceu. “Gideon.”

Passando um braço por trás de suas coxas, arranquei seus pés do chão e a deitei com cuidado no carpete. Minha boca encontrou a dela, quente e úmida, e sua língua acariciou a minha. Seus braços envolveram meu pescoço, tentando me abraçar. Eu permiti, montando sobre ela e abrindo sua calça.

Sua barriga era lisinha e macia, e ela se encolheu com uma risadinha quando meus dedos roçaram seu corpo. Esse acesso de cócegas me fez sorrir enquanto nos beijávamos, e a alegria que invadiu meu peito foi tamanha que me senti pequeno demais para contê-la.

“Você vai ficar comigo”, eu disse. “Acordar comigo.”

“Vou.” Ela ergueu os quadris para me ajudar a abaixar sua calça.

Tirei uma das pernas e deixei a outra enroscada, afastando suas coxas com as mãos para poder vê-la. A calcinha saiu do lugar quando tirei a calça justa dela, e estava exatamente como eu queria.

Ela era minha esposa. Minha posse mais valiosa. Eu a idolatrava. Mas também gostava de vê-la toda putinha e safada. Como um objeto pessoal para meu prazer. A única mulher capaz de silenciar minhas lembranças e me libertar.

“Meu anjo.” Fui deslizando para baixo, com a boca salivando de expectativa para sentir seu gostinho.

“Não”, ela protestou, cobrindo-se com as mãos.

Segurei seus pulsos ao lado do corpo e olhei feio para ela.

“Quero você assim mesmo.”

“Gideon…”

Dei uma lambida por cima da seda, e ela arqueou com um gemido, cravando os calcanhares no carpete e elevando a boceta na direção da minha boca. Puxei a calcinha mais de lado com os dentes e descobri sua pele inacreditavelmente macia. Soltei um grunhido áspero, e meu pau começou a doer de tão duro.

Envolvendo seu clitóris com os lábios, eu a chupei e lambi. Ela ficou tensa. Soltei sua mão, ciente de que agora era minha, incapaz de resistir.

"Ah", ela murmurou, estremecendo. "Sua boca…"

Abrindo ainda mais suas pernas com os ombros, enfiei a língua nela para fazê-la gozar. Seus dedos agarraram meus cabelos, puxando-os dolorosamente pela raiz, guiando-me até chegar ao clímax com um grito exaltado. Ela ficou mais quente e mais molhada.

Esfregando seu clitóris, enfiei dois dedos dentro dela, arrastando meus quadris no chão ao sentir sua maciez e seu aperto. Meu pau ansiava para sentir seu calor, sabendo como era incrível a contração que ela proporcionava.

"Por favor", implorou Eva, remexendo os quadris contra meus dedos, precisando do meu pau deslizando para dentro dela.

Eu queria foder. E gozar. Não porque precisava trepar, mas porque precisava *dela*.

Seu corpo se contorceu e enrijeceu com mais um orgasmo, e ela arqueou o pescoço quando gritou.

Limpando a boca em sua coxa, fiquei de joelhos e abaixei a calça. Pus uma das mãos no chão e usei a outra para direcionar meu pau, roçando a cabeça latejante nela. Meti com força, usando todo o peso do meu corpo para impulsionar o movimento, penetrando sua boceta apertada com um grunhido.

"*Gideon*."

"Minha nossa." Esfreguei minha testa suada em seu rosto, querendo que seu cheiro se misturasse ao meu. Suas unhas estavam em minhas costas, cravadas fundo. Queria que ela me marcasse, que ela me ferisse.

Agarrando sua bunda, eu a suspendi, deixando-a inclinada, e cravei os pés no chão para conseguir todo o impulso de que precisava para entrar até o fim. Eva perdeu o fôlego e remexeu os quadris, ajeitando-se para me receber.

"Se abre para mim", sussurrei por entre os dentes cerrados, resistindo à vontade de gozar antes que ela recebesse todo o meu pau. "Me deixa entrar."

A boceta dela se contraiu, sugando-me. Segurei seus ombros no chão para mantê-la imóvel enquanto investia contra ela, que cedeu, deixando-me fazer o que quisesse.

A sensação de tê-la envolvendo meu pau por inteiro era tudo de que eu precisava. Envolvendo seu corpo com o meu, eu a abracei, beijando-a com força, e gozei com uma violência que fez meus braços tremerem.

O vapor dominava o ambiente ao redor quando abracei Eva dentro da banheira gigantesca da suíte. Seus cabelos molhados estavam caídos sobre meu peito, e seus braços estavam apoiados nos meus, que a enlaçavam pela cintura.

“Garotão.”

“Sim?” Dei um beijo em sua cabeça.

“Se não estivéssemos mais juntos — não que isso vá acontecer, é só uma pergunta hipotética —, você iria para a cama com alguém parecida comigo? Quer dizer, sei que não sou seu tipo, mas você procuraria alguém com uma aparência que lembrasse a minha para fingir que está comigo?”

“Não vou pensar em uma situação que nunca vai acontecer.”

“Gideon.” Ela se inclinou para o lado, erguendo a cabeça para me olhar. “Eu entendo. Me perguntei se conseguiria algum consolo ficando com alguém parecido com você. De repente, se ele for moreno e tiver um cabelo parecido com o seu…”

Eu a apertei com mais força. “Eva. Não venha me falar das suas fantasias com outros homens.”

“Como sempre, você não está me escutando.”

“Que porra de conversa é essa?” Claro que eu sabia. Mas não havia como explorar o assunto sem me fazer de desentendido.

“Brett está dormindo com aquela menina do clipe de ‘Golden’. Aquela que parece comigo.”

“Não existe ninguém que chegue aos seus pés.” Eva revirou os olhos. “Ela pode até ter suas curvas”, reconheci, “mas o jeito não tem nada a ver com o seu. Não tem seu senso de humor, sua presença de espírito. Nem seu coração.”

“Ah, Gideon.”

Passei os dedos molhados em suas sobrancelhas. “Apagar as luzes também não ia ajudar. Uma loirinha gostosinha qualquer não teria seu cheiro. Não se mexeria como você. Não me tocaria do mesmo jeito, não precisaria de mim da mesma maneira.”

Sua expressão se amenizou, e ela me deu um beijo no ombro. “Foi o que pensei também. Eu não ia conseguir. E, quando vi Brett com aquela menina, soube que você também não.”

“Não mesmo, com ninguém. Nunca.” Dei um beijo em seu nariz. “Você mudou o significado do sexo para mim, Eva. Não tenho como voltar atrás. Não adianta nem tentar.”

Ela se virou para montar em mim, fazendo a banheira transbordar. Olhei para minha esposa e observei seus cabelos claros, as marcas deixadas pela maquiagem, a água que cobria sua pele dourada.

Seus dedos massagearam minha nuca. “Meu pai quer pagar o casamento.”

“Ah, é?”

Ela confirmou com um aceno de cabeça. “Preciso saber se você concorda.”

Eu concordaria com qualquer coisa enquanto minha mulher estivesse nua, molhada e toda acesa abraçada comigo. “Já tive o casamento que queria. Dessa vez, você pode fazer como quiser.”

Seu sorriso reluzente e o beijo entusiasmado que me deu eram a recompensa que eu mais queria. “Te amo.”

Eu a puxei mais para perto.

Eva mordeu o lábio inferior antes de dizer: “Minha mãe vai surtar. Ela é capaz de gastar cinquenta mil dólares só com flores e convites”.

“Então diz que seu pai vai pagar a cerimônia e sua mãe, a festa. Problema resolvido.”

“Ah, gostei. É sempre muito bom ter você por perto, sr. Cross.”

Eu a levantei e lambi seu mamilo. “Me deixa dar mais uma prova disso, então.”

O quarto já estava se iluminando com os primeiros raios de luz da manhã quando a respiração de Eva assumiu o ritmo profundo de quem já pegou no sono. Eu me desvencilhei de seus braços e das cobertas com o máximo de cuidado, colocando-me de pé ao lado da cama para observá-la. Seus cabelos estavam caídos sobre os ombros, e suas bochechas e seus lábios ainda estavam vermelhos por causa do sexo. Esfreguei meu peito com a mão, em uma tentativa de desfazer o aperto que sentia.

Deixá-la nesses momentos era sempre complicado, e se tornava mais difícil a cada dia. Meu corpo doía por ter que se separar do dela.

Fechei as cortinas do quarto, fui para a sala e fiz o mesmo lá, escurecendo o ambiente.

Em seguida me deitei no sofá e dormi.

Acordei com a luz incomodando meus olhos fechados. Pisquei algumas vezes, esfreguei os olhos pesados e vi que as cortinas estavam entreabertas, permitindo que o sol atingisse meu rosto. Eva veio andando até mim, com os raios luminosos emoldurando seu corpo nu.

“Ei”, ela murmurou, ajoelhando-se ao meu lado. “Você disse que eu ia acordar com você.”

“Que horas são?” Olhei para o relógio e vi que fazia só uma hora e meia que estava dormindo. “Você precisa dormir mais.”

Ela deu um beijo na minha barriga. “Não durmo bem sem você.”

Uma sensação de lamento tomou conta de mim. Minha esposa precisava de coisas que eu não tinha como oferecer. Ela me acordou com a luz e não com o toque, pois tinha medo da minha reação. A cautela se justificava. No meio de um pesadelo, o toque de uma mão poderia me fazer despertar distribuindo socos.

Afastei os cabelos do rosto dela. “Desculpa.” *Por tudo. Por fazer você abrir mão de tanta coisa por mim.*

“Shh.” Eva levantou o elástico da minha calça de moletom e pôs a mão no meu pau. Estava duro para ela. Como não estaria, se veio andando até mim pelada e com os olhos quase cerrados?

Eva abocanhou a cabeça do meu pau.

Fechei os olhos e soltei um grunhido.

O que me acordou em seguida foi uma batida na porta. Eva se mexeu em meus braços, encolhida junto a mim no sofá estreito.

“Caralho”, murmurei, abraçando-a com mais força.

“Ignora.”

As batidas continuaram.

Levantei a cabeça e gritei: “Vai embora”.

“Trouxe café e croissants”, Arash gritou de volta. “Abre a porta, Cross, já é mais de meio-dia, e quero conhecer sua esposa.”

“Minha nossa.”

Eva piscou algumas vezes. “É seu advogado.”

“Era.” Eu me sentei e passei as mãos pelos cabelos. “Nós vamos embora, eu e você. Em breve. Para bem longe.”

Ela me deu um beijo nas costas. “Parece uma boa ideia.”

Vesti a calça de moletom e fiquei de pé. Eva aproveitou a chance para me dar um tapa na bunda.

“Eu ouvi isso!”, Arash gritou. “Para com essa palhaçada e abre logo.”

“Você está demitido”, falei enquanto ia até a porta. Olhei para trás para dizer a Eva para se vestir, mas ela já estava correndo para o quarto.

Arash estava parado na porta com um carrinho de serviço de quarto. “Que porra é essa? Está maluco?”

Tive que sair do caminho para não ser atropelado.

“Pode parar com a choradeira.” Ele sorriu, empurrando o carrinho para um canto e me encarando. “Deixa a maratona de sexo para a lua de mel.”

“Não vai na dele, não!”, Eva gritou da porta do quarto.

“Pode deixar.” Eu me virei para ela. “Ele não trabalha mais comigo.”

“Você não consegue ficar bravo comigo por muito tempo”, disse Arash, seguindo-me pela sala. “Uau, olha só suas costas. Parece que você entrou em uma briga com um leão. Não é à toa que parece tão cansado.”

“Cala a boca.” Recolhi minha camiseta do chão.

“Você não me disse que Eva também estava em San Diego.”

“Porque não é da sua conta.”

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição. “Trégua?”

“Não quero ouvir uma palavra sobre Yimara”, eu disse baixinho. “Eva não pode se preocupar com isso.”

Arash ficou mais sério. “Pode deixar. Não toco no assunto.”

“Certo.” Fui até o carrinho e servi duas xícaras de café, preparando o de Eva da maneira como ela gostava.

“Também quero café”, ele falou.

“Pode pegar.”

Arash abriu um sorriso malicioso quando veio até mim. “Ela vai sair do quarto?” Encolhi os ombros. “Não está brava, né?”

“Duvido.” Pus as duas xícaras na mesinha e fui até a parede onde ficavam os controles de acionamento da cortina. “Precisa de muito para ela se irritar.”

“Você é bom nisso.” Ele sorriu e se sentou em uma poltrona. “Dá para ver naquele vídeo de vocês dois brigando no Bryant Park.”

Encarei Arash enquanto a luz do sol invadia a sala. “Você deve odiar seu trabalho.”

“Você não ia ficar curioso se eu casasse com uma garota que só conheço há dois meses?”

“Eu ia mandar meus pêsames a ela.”

Ele deu risada.

A porta se abriu e Eva apareceu vestida com as roupas da noite anterior. Seu rosto estava lavado, mas as olheiras e a boca inchada eram uma prova de que tinha sido muito bem comida. Descalça e com os cabelos despenteados, estava deslumbrante.

O orgulho transbordou do meu peito. Sem a maquiagem, as sardas em seu nariz a deixavam ainda mais linda. Seu corpo inteiro dizia que ela era uma delícia, sua postura exalava confiança e o brilho de divertimento em seus olhos dizia que ninguém jamais teria um momento de tédio ao seu lado.

Eva era a realização de todas as expectativas, esperanças e fantasias que um homem poderia ter. E era toda minha.

Fiquei olhando para ela. Arash também.

Eva corrigiu a postura e abriu um sorriso tímido. “Oi.”

O som da voz dela o tirou do transe. Ele se levantou tão depressa que derramou o café. “Merda. Desculpa. Oi.”

Arash pôs a xícara na mesinha e limpou a calça antes de ir até ela e estender a mão. “Sou Arash.”

Ela o cumprimentou. “Prazer. Sou Eva.”

Eu me juntei a eles, puxando Arash pelo antebraço. “Já pode parar de babar.”

Ele me olhou feio. “Muito engraçado, seu babaca.”

Eva deu risada e encostou a cabeça em mim quando a abracei pelos ombros.

“É bom ver que tem gente que não tem medo dele”, ela comentou.

Arash deu uma piscadinha, todo galanteador. “Sei como ele pensa.”

“Sério? Também quero saber.”

“Nada disso”, interrompi.

“Para de ser desmancha-prazeres, garotão.”

“É, garotão”, Arash provocou. “O que tem a esconder?”

Sorri. “Seu cadáver.”

Ele olhou para minha esposa e suspirou. “Está vendo o que tenho que aguentar?”

6

Aquele almoço ao ar livre na lindíssima San Diego, com os três homens mais importantes da minha vida, estava sendo memorável. Eu estava sentada entre Gideon e meu pai, com Cary à minha frente.

Se me perguntassem alguns meses antes, diria que não via graça nenhuma nas palmeiras. Mas, depois de passar um tempo sem vê-las, minha opinião tinha mudado. Ao ver as árvores oscilarem suavemente com a brisa do mar, senti uma paz de espírito que sempre quis, mas raramente alcancei. As gaivotas competiam com os pombos pelas migalhas caídas, e o barulho das ondas ajudava a encobrir o ruído do restaurante lotado.

Os olhos do meu melhor amigo estavam escondidos atrás de óculos escuros, mas o sorriso em seu rosto era visível. Meu pai estava de bermuda e camiseta, e começou a refeição estranhamente quieto. Ele se soltou depois de uma cerveja e ficou tão à vontade quanto Cary. Meu marido usava uma calça cargo marrom e uma camiseta branca. Era a primeira vez que eu o via de roupa clara. Parecia tranquilo e relaxado por trás dos óculos escuros de aviador, com os dedos entrelaçados aos meus sobre o apoio para os braços da cadeira.

“Um casamento no fim da tarde”, pensei em voz alta. “No pôr do sol. Só com a família e os amigos mais próximos.” Olhei para Cary. “Você vai ser meu padrinho.”

Ele curvou o canto da boca em um sorriso preguiçoso. “É bom mesmo.”

Eu me virei para Gideon. “E do seu lado, já sabe quem vai ficar?”

Ele contorceu a boca de forma quase imperceptível, mas eu notei. “Ainda não decidi.”

Meu bom humor se dissipou um pouco. Estava me perguntando se Arnoldo seria ou não apropriado, levando em conta o que pensava de mim? Fiquei preocupada com a possibilidade de azedar a relação entre os dois.

Gideon era uma pessoa reservada. Apesar de não poder afirmar com certeza, achava que era apegado aos amigos, ainda que não fossem muitos.

Apertei sua mão. “Vou convidar Ireland para ser a madrinha.”

“Ela vai gostar.”

“E Christopher?”

“Sei lá. Se tivermos sorte, ele nem aparece.”

Meu pai franziu a testa. “De quem estamos falando?”

“Dos irmãos de Gideon”, respondi.

“Você não se dá bem com seu irmão?”

Como não queria que meu pai tivesse restrições a meu marido, apressei-me em explicar: “Christopher não é um cara muito legal”.

“É um tremendo de um babaca, na verdade”, interveio Cary. “Sem querer ofender, Gideon.”

“Fica tranquilo.” Ele encolheu os ombros e esclareceu melhor a situação para meu pai. “Christopher me vê como um rival. Não é assim que eu queria que as coisas fossem, mas não depende só de mim.”

Meu pai balançou a cabeça devagar. “É uma pena.”

“Já que estamos tratando do casamento”, Gideon retomou o assunto, “para mim seria um prazer cuidar do transporte. Queria muito poder colaborar também.”

Respirei fundo, pois sabia que a sinceridade e o tato com que meu marido dizia as coisas tornavam suas ofertas difíceis de recusar — e meu pai em breve entenderia isso.

“É muita generosidade da sua parte, Gideon.”

“A oferta está de pé. Em questão de uma hora, podemos colocar você dentro de um avião. Assim fica mais fácil conciliar sua agenda com a da Eva, e vocês podem ter mais tempo para organizar as coisas juntos.”

Meu pai preferiu não responder de imediato. “Obrigado. Vou precisar de um tempo para me acostumar com a ideia. Não quero causar nenhum incômodo.”

Gideon tirou os óculos escuros, revelando seus olhos. “É para isso que serve o dinheiro. Só quero fazer sua filha feliz. Tente deixar isso mais fácil para mim, sr. Reyes. Todos nós queremos ver um sorriso no rosto dela pelo maior tempo possível.”

Nesse momento me dei conta do motivo por que meu pai não queria que Stanton pagasse nada. Meu padrasto não fazia nada por mim, e sim pela minha mãe. Já Gideon só pensava em *mim* quando tomava suas decisões. Eu sabia que isso ia agradá-lo.

Olhei para Gideon e disse que o amava silenciosamente com os lábios.

Ele apertou minha mão com tanta força que até doeu. Não me incomodei.

Meu pai sorriu. “Se é para fazer Eva feliz, quem sou eu para negar?”

O cheiro de café despertou meus sentidos na manhã seguinte. Pisquei algumas vezes, olhando para o teto do meu apartamento no Upper West Side e abri um sorriso sonolento ao ver Gideon ao lado da minha cama, tirando a blusa. A visão de seu peito musculoso e sua barriga tanquinho quase compensou o fato de ter passado a noite sozinha depois de adormecer em seus braços.

“Bom dia”, murmurei enquanto rolava para o lado e o via tirar a calça do pijama.

Quem inventou essa história de que segunda-feira é um saco obviamente nunca acordou com Gideon Cross sem roupa ao seu lado.

“Vai ser mesmo”, ele falou, enfiando-se debaixo das cobertas.

Estremeci toda quando sua pele fria encostou na minha. “Ui!”

Seus braços me envolveram, e sua boca colou no meu pescoço. “Me esquenta, meu anjo.”

Quando terminei de aquecê-lo, ele estava todo suado, e o café que tinha trazido para mim estava frio.

Não me incomodei nem um pouco com isso.

Eu estava de ótimo humor quando cheguei ao trabalho. O sexo matinal contribuiu bastante para isso, claro, além da visão de Gideon se arrumava, deixando de ser o homem que só eu conhecia para se tornar um magnata global moreno e perigoso. Meu dia só melhorou quando desci no vigésimo andar e vi Megumi sentada à mesa da recepção.

Acenei para ela do outro lado do vidro, mas o sorriso desapareceu do meu rosto quando dei uma boa olhada em suas feições. Ela estava pálida, com olheiras carregadas. Seus cabelos geralmente bem arrumados de corte assimétrico pareciam sem vida, e ela estava usando uma camisa de manga comprida e uma calça preta que não combinavam em nada com o calor do verão.

“Oi”, cumprimentei quando ela abriu a porta para mim. “Tudo bem com você? Estava preocupada.”

Ela abriu um sorriso sem jeito. “Desculpa não ter ligado de volta.”

“Não esquenta. Viro uma antissocial de carteirinha quando fico doente. Tenho vontade

de me esconder na cama e não falar com ninguém.”

Seu lábio inferior começou a tremer, e seus olhos se encheram de lágrimas.

“Está tudo bem?” Olhei ao redor, preocupada com sua privacidade, já que havia outros funcionários da agência passando pela recepção. “Você foi ao médico?”

Ela começou a chorar.

Fiquei paralisada por um instante, sem reação. “Megumi, o que aconteceu?”

Ela tirou o headset e se levantou, com lágrimas escorrendo pelo rosto, sacudindo a cabeça violentamente. “Não posso falar sobre isso agora.”

“Quando você pode fazer uma pausa?”

Mas ela já estava correndo para o banheiro e me deixou falando sozinha.

Fui até meu cubículo, guardei a bolsa e depois fui até a mesa de Will Granger. Ele não estava lá, mas o encontrei na sala do café.

“Olá.” Seus olhos pareciam tão preocupados quanto os meus por trás dos óculos de armação quadrada. “Você viu Megumi?”

“Vi. Ela está bem abatida. E começou a chorar quando perguntei se estava tudo bem.”

Ele passou a caixa de leite semidesnatado para mim. “Seja o que for, não é bom.”

“Não gosto de não saber o que aconteceu. Minha cabeça fica a mil. No momento estou pensando em câncer e mais um monte de coisas ruins.”

Will encolheu os ombros, sem jeito. Com suas costeletas bem aparadas e suas camisetas com estampas esquisitas, era o tipo de cara simpático e relaxado de quem era impossível não gostar.

“Eva.” Mark enfiou a cabeça pela porta. “Tenho novidades.”

Os olhos reluzentes do meu chefe me diziam que ele estava empolgado com alguma coisa. “Sou toda ouvidos. Quer café?”

“Claro. Obrigado. Vejo você na minha sala.” Ele saiu de novo para o corredor.

Will pegou seu copo de café no balcão. “Divirta-se”, disse, e saiu.

Fiz o café às pressas, e fui direto para a sala de Mark. Ele havia tirado o paletó e estava lendo alguma coisa em seu monitor, então abriu um sorriso quando desviou os olhos da tela para mim.

“Chegou mais uma SDP.” Seu sorriso se escancarou. “E pediram que fosse feita por mim.”

Fiquei toda tensa. Coloquei seu café sobre a mesa e perguntei em um tom cauteloso: “É mais um produto das Indústrias Cross?”.

Por mais que amasse Gideon e admirasse tudo o que tinha conquistado, não queria estar sempre à sombra dele. Tínhamos uma identidade como casal, mas também éramos duas personalidades distintas, com carreiras que seguiam por caminhos separados. Eu gostava de ir para o trabalho com meu marido, mas tinha que me despedir dele na hora de tratar de negócios. Precisava daqueles momentos em que não era a única prioridade da minha vida.

“Não, é algo ainda mais graúdo.”

Levantei as sobrancelhas. Não conseguia pensar em nada maior que as Indústrias Cross.

Mark mostrou uma foto de uma caixa vermelha e preta do outro lado da mesa. “É a nova plataforma de jogos da LanCorp, PhazeOne.”

Eu me acomodei do outro lado da mesa sentindo um enorme alívio por dentro. “Legal. Parece divertido.”

Já passava um pouco das onze quando Megumi ligou para perguntar se eu estava livre pro almoço.

“Claro”, respondi.

“Vamos em algum lugar tranquilo.”

Pensei em duas opções. “Já sei. Pode deixar.”

“Legal. Obrigada.”

Sentei à minha mesa. “Como foi sua manhã?”

“Bem ocupada. Tinha um monte de coisas para pôr em dia.”

“Se precisar de ajuda me avisa.”

“Obrigada, Eva.” Ela respirou fundo, soltando um suspiro trêmulo, esforçando-se para manter a compostura. “Agradeço pela ajuda.”

Desligamos. Liguei para o escritório de Gideon, e seu secretário atendeu.

“Oi, Scott. É a Eva. Tudo bem?”

“Tudo bem.” A simpatia transbordava em sua voz. “Precisa de alguma coisa?”

Meus pés batucavam o chão de madeira, inquietos. Eu estava preocupadíssima com minha amiga. “Você pode pedir para Gideon me ligar quando tiver um minutinho?”

“Vou passar a ligação agora mesmo.”

“Ah. Legal. Obrigada.”

“Só um momentinho.”

Um instante depois, ouvi a voz que tanto amava. “Está precisando de alguma coisa, Eva?”

Fiquei um pouco assustada com a maneira brusca como falou. “Está ocupado?”

“Estou em reunião.”

Merda. “Desculpa. Tchau.”

“Eva…”

Desliguei com a intenção de ligar para Scott, para que não passasse minhas ligações a qualquer hora e assim não me fizesse passar vergonha. Antes que eu pudesse digitar o número, a luz de uma nova chamada começou a piscar no aparelho. “Escritório de Mark Garrity…”

“Nunca mais desligue na minha cara”, Gideon esbravejou.

Fiquei assustada com seu tom de voz. “Você não está em reunião?”

“Estava. Agora estou cuidando de você.”

Como se eu precisasse de alguém para resolver as coisas por mim. Sabia muito bem me virar sozinha. “Na verdade, liguei para Scott deixar um recado para você me ligar quando pudesse, e ele passou a ligação. Não deveria ter feito isso se você estava no meio de uma…”

“Ele só estava cumprindo uma ordem de sempre me passar suas ligações. Se quer deixar um recado, pode mandar um e-mail ou um SMS.”

“Desculpa se não sei quais são as regras de etiqueta para entrar em contato com você!”

“Não se preocupa com isso agora. Só me diz do que precisa.”

“Nada, não. Esquece.”

Ele bufou com força. “Não brinca comigo, meu anjo.”

Eu me lembrei da última vez em que liguei para ele no trabalho e fui atendida com esse mesmo tom. Se alguma coisa o estava incomodando, Gideon não parecia nem um pouco disposto a me contar.

Inclinei-me sobre a mesa e baixei o tom de voz. “Gideon, esse seu comportamento está me irritando. Não quero que você ‘cuide de mim’ quando está irritado. Se está ocupado demais para falar, não deveria ter dito a Scott para sempre passar minhas ligações.”

“Para você nunca estou indisponível.”

“Sério mesmo? Porque você parece bem indisponível agora.”

“Puta que pariu.”

O tom exasperado de sua voz me proporcionou uma pontada de satisfação. “Não mandei uma mensagem de celular porque não queria interromper. Não mandei e-mail porque o assunto é meio urgente, e não sei de quanto em quanto tempo você vê sua caixa. Imaginei que mandar um recado pelo Scott seria o ideal.”

“E agora você tem toda a minha atenção. Me diz o que você quer.”

“Quero que desligue o telefone e volte para sua reunião.”

“E o que vai conseguir”, ele rebateu, com uma tranquilidade ameaçadora, “é me fazer descer até sua mesa se não parar com a conversa mole e não explicar por que ligou.”

Olhei feio para a foto dele. “Você está me deixando com vontade de procurar um emprego novo em Nova Jersey.”

“E você está me deixando maluco.” Ele grunhiu baixinho. “Não consigo fazer nada quando estamos brigados, sabe disso. Me diz logo do que precisa, Eva, e me perdoa por enquanto. Podemos discutir e fazer as pazes transando mais tarde.”

A tensão abandonou meu corpo. Como continuar brava depois daquela admissão do quanto o deixo vulnerável?

“Ai, saco”, murmurei. “Detesto quando você fala alguma coisa sensata depois de me irritar.”

Ele soltou um ruído de satisfação. Comecei a me sentir melhor imediatamente.

“Anjo.” Sua voz assumiu o tom sensual e caloroso de que eu tanto gostava. “Você definitivamente não é uma pessoa calma e quietinha.”

“Do que você está falando?”

“Não esquenta com isso. Você é perfeita. Me diz por que ligou.”

Eu conhecia aquele tom de voz. Por algum motivo, Gideon estava excitado. “Você é tarado. Sério mesmo.” Sorte minha. “Enfim, garotão, queria ver se você podia me emprestar uma sala de reuniões para almoçar com a Megumi. Ela voltou ao trabalho, mas está muito mal, e acho que precisa conversar, mas não tem nenhum lugar aqui perto que

ofereça um pouco de silêncio e privacidade.”

“Pode usar minha sala. Vou comer e você pode usar o escritório enquanto eu estiver fora.”

“Sério mesmo?”

“Claro. E aproveito para lembrar que, quando vier trabalhar nas Indústrias Cross, vai ter sua própria sala onde almoçar.”

Joguei a cabeça para trás. “Cala a boca.”

A pesquisa para a SDP do PhazeOne me manteve ocupada, mas eu estava ansiosa pela conversa com Megumi, então aquela última hora antes do almoço pareceu se arrastar.

Fui até a mesa da recepção ao meio-dia. “Espero que não pareça muito esquisito”, eu falei quando ela pegou a bolsa, “mas vamos almoçar na sala de Gideon. Ele não está, e podemos ter privacidade.”

“Ah, puxa.” Ela me olhou como quem pede desculpas. “Desculpa, Eva. Me esqueci de dar os parabéns. Will me contou sobre o noivado, mas acabei esquecendo.”

“Tudo bem. Não se preocupa com isso.”

Ela segurou e apertou minha mão. “Estou muito feliz por você.”

“Obrigada.”

Minha preocupação aumentou ainda mais. Megumi adorava uma fofoca. A amiga que eu conhecia teria ficado sabendo do meu noivado antes mesmo que eu.

Pegamos o elevador para o último andar. O hall das Indústrias Cross era imponente como Gideon. Muito maior que o das outras empresas do prédio, decorado com lírios brancos e samambaias em vasos suspensos. O nome da corporação estava grafado na porta de vidro opaco em uma fonte masculina e elegante.

“Estou impressionada”, Megumi murmurou enquanto esperávamos que a recepcionista liberasse nossa entrada.

A ruivinha que costumava ficar na recepção devia estar almoçando, porque quem abriu a porta foi um rapaz de cabelos escuros.

Ele ficou de pé quando nos aproximamos. “Boa tarde, srta. Tramell. Scott falou que vocês já podem entrar.”

“O sr. Cross já saiu?”

“Não sei. Acabei de vir para cá.”

“Certo. Obrigada.” Conduzi Megumi pelo corredor que levava à sala de Gideon, e chegamos quando ele estava saindo.

Um orgulho e um sentimento possessivo tomaram conta de mim. E prazer também, quando ele acelerou o passo ao me ver. Nós nos encontramos na metade do corredor.

“Oi”, cumprimentei.

Ele retribuiu o cumprimento com um aceno de cabeça e estendeu a mão para Megumi. “Acho que ainda não fomos apresentados formalmente. Gideon Cross.”

“Megumi Kaba.” Ela apertou sua mão com confiança e firmeza. “Meus parabéns para você e para a Eva.”

Um leve sorriso apareceu em sua boca sensual. “Sou um homem de sorte. Fiquem à vontade. Se precisarem de alguma coisa, é só ligar para a recepção que Ron providencia.”

“Vamos ficar bem”, respondi. “Ninguém vai nem saber que demos a maior festança enquanto você estava fora.”

O sorriso dele se escancarou. “Que bom. Tenho uma reunião mais tarde. Copos e garrafas de bebidas espalhados são uma coisa bem fácil de explicar.”

Pensei que ele fosse sair naquele momento. Em vez disso, segurou meu rosto entre as mãos, inclinou minha cabeça e colou a boca na minha em um beijo lento e carinhoso que estampou estrelinhas no lugar dos meus olhos.

Em seguida, murmurou no meu ouvido: “Estou ansioso para fazermos as pazes mais tarde”.

Meus dedos dos pés se contraíram dentro dos sapatos.

Ele se afastou e voltou a ser a pessoa reservada que mostrava para o restante do mundo. “Bom almoço, senhoritas.”

Gideon saiu pelo corredor com seu andar confiante e naturalmente sensual que atraía olhares por onde passava.

“E você ainda está de pé”, Megumi murmurou, balançando a cabeça. “É de matar.”

Era impossível explicar o quanto Gideon me deixava abalada e necessitada, com as pernas bambas. “Vamos lá”, eu disse quase sem fôlego. “Vamos comer.”

Ela entrou comigo na sala de Gideon. “Acho que não consigo.”

Enquanto observava a sala gigantesca, com suas vistas panorâmicas e decoração monocromática, fui até o bar, onde nosso almoço estava à espera. Eu me lembro da sensação de quando entrei pela primeira vez naquele escritório. Apesar dos diversos ambientes onde os visitantes podiam sentar e esperar, a riqueza e o luxo do local impediam as pessoas de se sentir totalmente à vontade.

O homem com quem me casei tinha muitas facetas diferentes. Seu escritório era uma delas. O aspecto clássico em estilo europeu da decoração de sua cobertura era outra.

"Você tem alguma experiência com BDSM?", Megumi perguntou, fazendo minha atenção se voltar para ela.

A surpresa com a pergunta me fez derrubar os guardanapos e os talheres que estava segurando. Eu me virei para ela, que olhava pela janela para a vista da cidade. "Essa sigla envolve uma série de coisas."

Megumi esfregou o pulso. "Ser amarrada e amordaçada. Ficar indefesa."

"Já fiquei indefesa, sim."

Ela se virou para mim. Seus olhos eram como duas sombras no rosto pálido. "Você gostou? Ficou excitada?"

"Não." Fui até o sofá mais próximo e me sentei. "Mas não estava com a pessoa ideal para isso."

"Você ficou com medo?"

"Apavorada."

"Ele sabia disso?"

O cheiro da comida, que a princípio abriu meu apetite, começou a fazer meu estômago se revirar. "Por que está me perguntando essas coisas, Megumi?"

Ela respondeu levantando a manga da camisa, revelando um pulso que de tão roxo parecia preto.

7

Já eram mais de oito horas quando entrei no apartamento de Eva e a encontrei sentada no sofá modular branco com Cary, segurando uma taça de vinho tinto com as duas mãos.

Minha esposa preferia móveis mais tradicionais, mas dava para ver alguns toques pessoais de sua mãe e de seu colega de apartamento na decoração. Não que eu não gostasse das peças escolhidas por Monica e Cary, mas ansiava pelo dia em que dividiria um lar com Eva que refletisse *nosso* gosto e o de mais ninguém.

Mesmo assim, aquele apartamento sempre seria um lugar especial para mim. Jamais me esqueceria da maneira como encontrei Eva nele pela primeira vez. Nua sob um robe de seda que ia até as coxas, com o rosto já maquiado para sair, e uma tornozeleira de diamantes reluzindo para mim. Provocando.

Perdi totalmente as estribeiras. Eu a ataquei com a boca e com as mãos, penetrando-a com os dedos e a língua. Não cheguei nem a pensar em levá-la ao "matadouro". E, se tivesse cogitado a hipótese, não teria conseguido esperar. Ela era diferente de todas as outras. Não só por ser quem era, mas também pela pessoa que *eu* me tornava ao seu lado.

Eu não ia permitir que a administração do edifício alugasse o apartamento depois que ela saísse. Era um lugar que continha muitas lembranças, boas e ruins.

Cumprimentei Cary com um aceno de cabeça e fui me sentar ao lado de Eva. Ele estava vestido para sair, enquanto ela usava uma camiseta das Indústrias Cross e estava de cabelos presos. Pela maneira como os dois me olharam, vi que havia alguma coisa errada.

Tínhamos alguns assuntos para discutir, mas o que quer que estivesse incomodando Eva era prioridade.

Cary se levantou. "Já estou indo. Qualquer coisa me liga."

Ela fez que sim com a cabeça. "Divirta-se."

"Pode deixar, gata."

Ele fechou a porta atrás de si, e Eva apoiou a cabeça no meu ombro. Envolvendo-a com o braço, eu me ajeitei no sofá e a puxei para mais perto. "Fala comigo, meu anjo."

"É Megumi." Eva suspirou. "Ela estava gostando de um cara, mas as coisas não iam bem. Ele desaparecia e reaparecia quando desse na telha, não queria saber de

compromisso. Ela terminou tudo. Mas depois de um tempo, ele apareceu de novo, e Megumi permitiu que se aproximasse. Eles tiveram a ideia de experimentar um pouquinho de sadomasoquismo, mas as coisas saíram do controle."

A menção ao sadomasoquismo me deixou em alerta. Passei as mãos por suas costas e a puxei para junto de mim. Eu tinha paciência de sobra para que meus desejos não entrassem em conflito com os medos dela. Até esperava alguns contratempos, mas não queria que as experiências fracassadas de outras pessoas se tornassem obstáculos para Eva e para mim.

"Parece ter sido uma má ideia desde o começo", comentei. "Pelo menos um dos dois deveria saber o que estava fazendo."

"O problema foi esse." Ela se afastou para me olhar. "Falei sobre isso com Megumi. Ela disse não, e *várias* vezes, mas então foi amordaçada. Ele se divertiu com o sofrimento dela, Gideon. E agora está aterrorizando a menina com mensagens e fotos que tirou naquela noite. Ela pediu para ele parar, mas não adiantou. O sujeito é doente. Tem alguma coisa errada com ele."

Refleti sobre a melhor maneira de responder. Apostei na indiferença. "Eva. Ela terminou com o cara, depois permitiu uma reaproximação. Ele pode achar que ela não está falando sério."

Eva se afastou e se levantou do sofá com um movimento apressado de suas pernas curvilíneas. "Nem tenta arrumar desculpa para o que ele fez! Ela está toda machucada. Já faz uma semana, e os hematomas ainda estão pretos. Ela passou dias sem conseguir sentar!"

"Não estou arrumando desculpa para ninguém", disse, levantando também. "Jamais justificaria nenhum tipo de abuso — você sabe disso. Não tenho muitas informações sobre essa história, mas conheço a *sua*. O contexto era outro. Nathan era uma aberração da natureza."

"Não estou me projetando nela, Gideon. Eu vi as fotos. Vi os pulsos dela, o pescoço. Li as mensagens. Ele ultrapassou todos os limites. É um sujeito perigoso."

"Mais uma razão para ficar fora disso."

Eva pôs as mãos na cintura. "Minha nossa. Não acredito que você disse isso! Ela é minha amiga."

"E você é minha esposa. Conheço esse olhar. Existem batalhas que não cabe a você lutar. Não vai enfrentar esse sujeito como fez com minha mãe e com Corinne. Não vai se meter nessa história."

“Por acaso eu disse que ia fazer isso? Não. Não sou idiota. Pedi para Clancy encontrar o cara e ter uma conversinha com ele.”

Fiquei gelado por dentro. Benjamin Clancy era funcionário do padrasto dela, não meu. Eu não tinha nenhum controle sobre ele. “Você não devia ter feito isso.”

“E o que eu ia fazer? Nada?”

“De preferência. Ou poderia ter falado com Raúl.”

Ela jogou as mãos para cima. “Por que eu faria isso? Não tenho intimidade com ele para pedir um favor pessoal.”

Tentei controlar minha aflição. “Já falamos sobre isso. Ele trabalha para você. Não precisa pedir favor nenhum, é só dizer o que quer que ele faça.”

“Raúl trabalha para *você*. Além disso, não sou nenhuma mafiosa para mandar um capanga ensinar lições às pessoas. Pedir para uma pessoa em quem confio, como uma amiga, para ajudar outra amiga.”

“Pode justificar como quiser, mas o resultado é o mesmo. Ben Clancy é pago para proteger os interesses do seu padrasto. Ele cuida de você porque essa é uma forma de controlar a segurança e a reputação de Stanton.”

Eva estrilou. “Como você sabe quais são os motivos dele?”

“Meu anjo, vamos simplificar as coisas. Se concentra no fato de que sua mãe e Stanton vêm invadindo sua privacidade há um bom tempo. Se continuar recorrendo a eles, vai dar liberdade para que isso continue.”

“Ah.” Eva mordeu o lábio inferior. “Eu não tinha pensado na situação por esse ângulo.”

“Você mandou um segurança profissional ter uma ‘conversinha’ com o cara. Mas não pensou em tudo o que poderia dar errado. Se tivesse pedido a ajuda do Raúl, ele saberia que precisava tomar muito cuidado.” Cerrei os dentes. “Porra, Eva. Não dificulta as coisas para mim, preciso manter você segura!”

“Ei.” Ela veio até mim. “Não precisa se preocupar. Contei tudo assim que você passou pela porta. E Clancy estava comigo até uma hora atrás, quando me deixou em casa depois da aula de krav maga. Não aconteceu nada que me pusesse em perigo.”

Eu a puxei para junto de mim e a abracei, torcendo para que estivesse certa. “Quero que Raúl acompanhe você em todos os lugares”, disse com a voz áspera. “Nas aulas, na academia, nas compras… onde quer que seja. Você precisa deixar que eu cuide de você.”

“Você já cuida de mim, amor”, ela respondeu com um tom pacificador, parecendo mais tranquila. “Mas não precisa ficar obcecado.”

Quando o assunto era Eva, a obsessão com segurança era inevitável. Eu já tinha aceitado esse fato. Em algum momento ela aceitaria também. “Algumas coisas não posso oferecer a você. Não briga comigo por causa das que posso.”

“Gideon.” A expressão dela se amenizou. “Você me dá tudo de que preciso.”

Acariciei seu rosto com os dedos. Ela era tão macia. Delicada. Jamais imaginei que minha sanidade dependeria de algo tão frágil. “Você mora com outro cara. Ganha a vida trabalhando para outras pessoas. Não sou tão necessário na sua vida quanto gostaria.”

Os olhos dela se acenderam. “Bom, mais dependente de você do que já sou não consigo ser.”

“Digo o mesmo.” Passando as mãos por seus braços, eu a segurei pelos pulsos e apertei com força suficiente apenas para atrair sua atenção. Vi suas pupilas se dilatando e seus lábios se abrindo. Seu corpo reagia instintivamente à restrição de movimentos. “Promete que de agora em diante vai recorrer a mim primeiro.”

“Certo”, ela murmurou.

A excitação e a rendição por trás de sua voz fizeram meu coração disparar. Ela se inclinou na minha direção, derretendo-se toda. “Na verdade, eu queria recorrer a você agora mesmo.”

“E, como sempre, estou à disposição.”

Gideon.

O choque de ouvir o pânico no tom de voz de Eva reverberou dentro de mim. Tive um sobressalto, e despertei de um sono profundo. Rolando para o lado, lutei para acordar, afastando os cabelos do rosto e dando de cara com ela ajoelhada na beirada da cama.

Uma sensação incontornável de medo fez meu coração disparar e uma camada de suor brotar na minha pele.

Eu me apoiei sobre o cotovelo. “O que aconteceu?”

A luz do luar iluminava o quarto e criava uma aura em torno dela. Eva tinha ido até meu quarto no apartamento ao lado do seu. Alguma coisa a acordou, o que me deixou assustado. Gelei de medo.

“Gideon.” Ela veio me abraçar com sua pele sedosa e seus cabelos reluzentes. Com o corpo colado ao meu, pôs a mão no meu rosto. “Com o que estava sonhando?”

Seu dedo encontrou um rastro molhado sobre minha pele. Assustado, horrorizado, esfreguei os olhos e enxuguei o restante das lágrimas. No fundo da minha mente, pairava a sombra de um sonho.

Essa lembrança me fez estremecer, mergulhando em uma espiral de medo.

Eu a puxei para junto de mim e percebi que ela ficou sem fôlego com a força exagerada do meu aperto. Sua pele estava fria ao toque, mas seu corpo era quente, e eu absorvi seu calor, senti seu cheiro, e a tristeza que ainda sentia amenizou com sua proximidade.

Não me lembrava direito do sonho, mas a sensação se recusava a me abandonar.

“Shh”, ela fez, passando as mãos pelos meus cabelos molhados de suor, acariciando minhas costas. “Está tudo bem. Estou aqui.”

Eu não conseguia nem respirar. Tive que puxar o ar com força, e um som horripilante saiu dos meus pulmões em chamas.

Um soluço. Minha nossa. E depois outro. Eu era incapaz de conter as violentas contrações.

“Amor.” Eva me abraçou com mais força, enlaçando suas pernas com as minhas. Ela nos balançou de leve, murmurando palavras que não consegui ouvir por causa do coração disparado e dos gemidos de dor.

Eu me agarrei a ela, ao amor que podia me salvar.

“Gideon!”

Eva arqueou as costas quando arremeti com força, separando suas coxas com os joelhos, enfiando meu pau até o fundo. Eu segurava seus pulsos com as mãos, fazendo sua cabeça balançar enquanto a comia com vontade.

Em alguns dias eu a acordava com carinhos. Naquela manhã não foi o caso.

Despertei com uma ereção latejante, com a cabeça do pau melada de líquido pré-ejaculatório e encostada na bunda de Eva. Eu a excitei com impetuosidade, impaciência, sugando seus mamilos até endurecerem, deixando-a molhadinha com os movimentos ousados dos meus dedos. Ela se acendeu com o meu toque e se abriu *toda* para mim.

Minha nossa. Eu a amava demais.

A necessidade de gozar fazia meus testículos pesarem, e aquela pressão era deliciosa. Ela era apertadinha, e estava deliciosamente molhada. Era impossível não querer mais,

não desejar entrar mais fundo, mesmo quando sentia que estava no limite.

Ela se remexia toda com minhas estocadas poderosas, deslizando os calcanhares sobre os lençóis, e seus peitos sacudiam violentamente a cada movimento. Era tão miudinha, tão delicada, e eu fodia seu corpo gostoso com todas as minhas forças.

Sou seu. Todo seu. Para o bem e para o mal. É tudo seu.

A cabeceira da cama batia na parede que dividia nossos apartamentos, em um ritmo constante que gritava *sexo selvagem* para quem quisesse ouvir. Quando grunhidos animalescos de prazer começaram a sair da minha garganta, não fiz nenhum esforço para contê-los. Adorava trepar com minha mulher. Ansiava por isso. Precisava disso. E não me importava que as pessoas soubessem o que ela fazia comigo.

Eva se curvou para a frente, cravando os dentes no meu bíceps, marcando minha pele suada. Esse gesto possessivo me levou à loucura, fazendo-me meter com tanta força que ela escorregou da cama.

Ela gritou, e eu sibilei quando se contraiu em torno de mim.

"Goza", falei por entre os dentes cerrados enquanto lidava com a necessidade crescente de despejar cada gota de mim dentro dela.

Remexendo os quadris, esfreguei-me contra seu clitóris, sentindo o prazer subir pela minha espinha quando gemeu meu nome e gozou em ondas pulsantes.

Eu a beijei com violência, sentindo seu gosto, esvaziando-me dentro dela com um grunhido trêmulo.

Eva cambaleou um pouco quando a ajudei a descer do Bentley na frente do Crossfire.

Ela ficou vermelha, e olhou feio para mim. "Você não presta."

Ergui as sobrancelhas em uma expressão de interrogação.

"Estou com as pernas bambas e você não, seu tarado."

Abri um sorriso inocente. "Sinto muito."

"Sente nada." O sorriso malicioso desapareceu de seu rosto quando ela olhou para um ponto mais distante da rua. "Paparazzi", Eva informou, bem séria.

Segui seu olhar e vi um fotógrafo apontando a câmera para nós da janela do passageiro de um carro. Segurando-a pelo cotovelo, eu a puxei para dentro do prédio.

“Se eu precisar arrumar o cabelo toda manhã”, ela murmurou, “você vai ter que começar a lidar com sua ereção matinal sozinho.”

“Meu anjo”, murmurei, posicionando-a do meu lado, “eu contrataria um cabeleireiro em tempo integral para você antes de abrir mão de ter sua boceta todas as manhãs.”

Ela me deu uma cotovelada nas costelas. “Minha nossa, você é um grosso, sabia? Existem mulheres que se ofendem com esse tipo de linguajar.”

Eva passou na minha frente pela segurança e se juntou à massa de corpos esperando o próximo elevador.

Cheguei mais perto dela. “Você não é uma delas. Mas, se quiser, posso rever meu vocabulário. Lembro que *orifício* é uma de suas palavras favoritas.”

“Ah, cala a boca”, ela disse, aos risos.

Nós nos separamos quando ela desceu no vigésimo andar, e continuei subindo até a sede das Indústrias Cross. Isso não continuaria por muito tempo. Um dia, Eva iria trabalhar comigo, para que pudéssemos construir nosso futuro juntos, como uma equipe.

Estava refletindo sobre as diferentes maneiras de conseguir isso quando cheguei ao corredor que levava ao meu escritório. Diminuí o passo quando vi a morena alta e magra sentada junto à mesa de Scott.

Gelei ao pensar que precisaria lidar outra vez com minha mãe.

Mas então a morena virou a cabeça, e vi que era Corinne.

“Gideon.” Ela se levantou com movimentos graciosos e um olhar no rosto que aprendi a reconhecer depois de vê-lo estampado no rosto de Eva.

Não senti nenhuma satisfação ao ver aquela afetuosidade. Um desconforto subiu pela minha espinha, deixando minhas costas rígidas. A última vez que a tinha visto fora pouco antes de Corinne tentar se matar.

“Bom dia. Como você está?”

“Melhor.” Ela veio até mim, mas dei um passo atrás. Corinne deteve o passo, e o sorriso desapareceu de seu rosto. “Você tem um minuto?”

Apontei para minha sala.

Respirando fundo, ela se virou e foi caminhando para lá. Dei uma olhada rápida para Scott. “Dez minutos.”

Ele assentiu com a cabeça, com uma expressão de compaixão no rosto.

Corinne foi até minha mesa, e eu entrei em seguida, apertando o botão para fechar a

porta. Mantive o vidro transparente e não tirei o paletó, enviando um claro sinal de que não queria que ela ficasse muito tempo.

“Lamento muito pela sua perda, Corinne.” Essas palavras não eram suficientes, mas eram tudo o que eu tinha a oferecer. As lembranças daquela noite no hospital ainda me acompanhariam por um bom tempo.

Os lábios dela empalideceram. “Ainda não consigo acreditar. Depois de tantos anos tentando… Pensei que eu fosse incapaz de engravidar.” Ela pegou a foto de Eva que ficava na minha mesa. “Jean-François me disse que você telefonou algumas vezes perguntando sobre mim. Seria melhor se me ligasse. Ou atendesse meus telefonemas.”

“Não acho que seja apropriado diante das circunstâncias.”

Ela me encarou. Seus olhos não tinham o mesmo tom de azul dos da minha mãe, mas eram parecidos com os dela, e seu senso estético também era. A camisa e a calça de Corinne eram do tipo que minha mãe usaria.

“Vocês vão casar”, disse Corinne.

Não era uma pergunta, mas respondi como se fosse. “Vamos.”

Ela fechou os olhos. “Estava torcendo para que fosse mentira da Eva.”

“Sou muito protetor em relação a ela. Cuidado com o que vai falar.”

Abrindo os olhos, ela pôs a foto de volta na mesa, batendo-a com força. “Está apaixonado por ela?”

“Não é da sua conta.”

“Isso não é resposta.”

“Não sou obrigado a dar satisfações para você, mas, se quer saber, ela é tudo para mim.”

Sua boca contorcida estremeceu. “Faria alguma diferença para você se eu dissesse que vou me divorciar?”

“Não.” Bufei violentamente. “Nunca vamos voltar a ficar juntos, Corinne. Não sei quantas vezes ou de quantas maneiras preciso dizer isso. Nunca vou ser o que você quer que eu seja. Você se livrou de uma boa quando rompeu nosso noivado.”

Ela ficou toda tensa, mexendo nos cabelos que chegavam até a cintura. “É isso que está nos separando? Você não consegue me perdoar?”

“Perdoar? Eu agradeço por ter feito isso.” Meu tom de voz se amenizou quando vi as lágrimas surgindo em seu rosto. “Não quero ser cruel. Sei o quanto pode ser doloroso.

Mas não quero dar nenhuma esperança a você, porque não existe nenhuma.”

“O que faria se Eva dissesse uma coisa dessas para você?”, ela contestou. “Desistiria e desapareceria da vida dela?”

“Não é a mesma coisa.” Passei uma das mãos pelos cabelos, tentando encontrar as palavras certas. “Você não entende o que tenho com Eva. Ela precisa de mim tanto quanto eu preciso dela. Para nosso bem, eu tentaria até o fim.”

“*Eu* preciso de você, Gideon.”

A frustração me obrigou a ser curto e grosso. “Você nem me conhece. Eu representava um papel para você. Deixava que enxergasse em mim o que queria ver, o que considerava aceitável.” E, em troca, eu enxergava apenas o que queria ver nela, a garota que um dia Corinne foi. Tinha deixado de prestar atenção nela muito tempo antes, e não conseguia ver o quanto ela havia mudado. Corinne tinha sido um ponto cego para mim, mas esse tempo ficara para trás.

Ela me olhou em silêncio por um momento, chocada. “Bem que Elizabeth me disse que Eva está querendo reescrever seu passado. Não acreditei. Nunca pensei que você fosse se deixar enganar por alguém, mas acho que existe uma primeira vez para tudo.”

“Minha mãe só acredita no que quer, assim como você.” Elas eram parecidas nesse sentido também. Acreditavam no que era mais cômodo e ignoravam toda e qualquer prova do contrário.

Eu me dei conta de que só me sentia à vontade com Corinne porque sabia que ela não ia interferir na minha vida. Consegui estabelecer uma normalidade fingida com ela, e isso parecia bastar. Eva mudou tudo isso. Eu não era normal, e não precisava ser. Minha esposa me aceitava como eu era.

Eu não ia revelar meu passado para ninguém, mas meus dias de mentira tinham ficado para trás.

Corinne estendeu a mão para mim. “Eu te amo, Gideon. E você também me amava.”

“Eu era grato a você”, corrigi. “E sempre vou ser. Sentia atração por você, e nós nos divertíamos. Houve um tempo em que eu precisava de você, mas jamais daria certo entre nós.”

Ela baixou de novo a mão.

“Mais cedo ou mais tarde, eu teria encontrado Eva. E teria aberto mão de qualquer coisa para ficar com ela. Teria deixado você. Seria inevitável.”

Corinne virou o rosto. “Bom… pelo menos sempre vamos ser amigos.”

Fiz um esforço para soar o mais seco possível. Não queria encorajá-la. “Isso não vai ser possível. É a última vez em que nos falamos.”

Ela respirou fundo, e eu virei a cabeça para o outro lado, tentando esconder meu desconforto e meu lamento. Corinne foi uma pessoa importante na minha vida. Eu sentiria sua falta, mas não como ela gostaria.

“O que sobra para mim se não tiver você?”

Eu me virei para ela e a segurei pelos braços quando veio correndo até mim.

O sofrimento em seu lindo rosto me abalou antes mesmo de me dar conta do que Corinne havia falado. Horrorizado, eu a empurrei para longe. Corinne cambaleou para trás, e seus saltos enroscaram no carpete.

“Nem tenta jogar esse peso em cima de mim”, avisei, com um tom de voz grave e seco. “Não sou responsável pela sua felicidade. Não sou responsável por nada que diz respeito a você.”

“Qual é o seu problema?”, ela gritou. “Esse não é você.”

“Você não faz ideia.” Fui até a porta e abri para ela. “Vai para casa ficar com seu marido, Corinne. Vai se cuidar.”

“Vai se foder”, ela sibilou. “Você vai se arrepender de ter dito isso e pode ter me magoado demais para eu te perdoar.”

“Adeus, Corinne.”

Ela ficou me encarando por um longo minuto antes de sair do escritório.

“Que merda.” Dei meia-volta, sem saber o que fazer, mas ciente de que precisava fazer *alguma coisa*. Comecei a andar de um lado para o outro.

Peguei o celular e liguei para Eva antes mesmo de me dar conta do que estava fazendo.

“Escritório de Mark Garrity”, ela atendeu.

“Meu anjo.” Essas palavras revelaram todo o meu alívio ao ouvir sua voz. Ela era tudo de que eu precisava. Algo dentro de mim sempre soube disso.

“Gideon.” Eva percebeu meu incômodo imediatamente, como sempre. “Está tudo bem?”

Olhei para meus funcionários em seus cubículos distantes, começando o dia a todo vapor. Apertei o botão para trancar a porta e deixei o vidro opaco, para ficar um momento a sós com minha mulher.

Amenizei meu tom de voz, porque não queria deixá-la preocupada. “Já estou com

saudade.”

Ela esperou um pouco antes de responder, ajustando-se ao mesmo tom. “Mentiroso”, ela rebateu. “Você é ocupado demais para isso.”

“De jeito nenhum. Agora me diz se está com saudade.”

Ela deu risada. “Você é terrível. O que faço com você?”

“Tudo.”

“Isso mesmo. Mas por que ligou? Vai ser um dia bem corrido, preciso começar a trabalhar.”

Fui até minha mesa e olhei para a foto dela. Meus ombros relaxaram. “Só queria dizer que estou pensando em você.”

“Que bom. Então não para. E é bom saber que não está sempre ranzinza no trabalho.”

Era bom poder falar com Eva. Já tinha desistido de tentar entender por que ela mexia tanto comigo. Simplesmente aproveitaria e recomeçaria meu dia. “Diz que me ama.”

“Loucamente. Você abalou meu mundo, sr. Cross.”

Fiquei observando seus olhos risonhos na fotografia, passando o dedo de leve pelo vidro. “E você é o centro do meu.”

O restante da manhã passou depressa e sem nada de muito diferente. Eu estava encerrando uma reunião sobre um possível investimento em uma cadeia de resorts quando apareceu mais alguém para me interromper. Meu ritmo de trabalho não estava nada bom naquele dia.

“Você precisa foder tudo sempre, né?”, meu irmão me acusou, entrando no meu escritório com Scott em seu encalço.

Com um olhar, eu disse para Scott que estava tudo bem. Ele fechou a porta atrás de si.

“Boa tarde para você também, Christopher.”

Tínhamos o mesmo sangue, mas não podíamos ser menos parecidos. Seus cabelos eram ondulados como os de seu pai, de um tom intermediário entre o castanho e o ruivo. Seus olhos eram verdes e um pouco acinzentados, enquanto os meus eram idênticos aos da minha mãe.

“Esqueceu que a Vidal Records é o sustento da Ireland também?”, ele esbravejou,

olhando feio para isso.

“Nunca me esqueci disso.”

“Mas está cagando e andando. Sua vingancinha contra Brett Kline está custando um bom dinheiro. Você está atingindo todos nós, não só ele.”

Encostei na mesa e cruzei os braços. Já deveria esperar por isso, considerando o quanto Christopher ficou furioso no lançamento do clipe de “Golden” na Times Square. Ele queria Kline e Eva juntos. Mais que isso, queria Eva e eu separados.

Infelizmente, eu trazia à tona o que meu irmão tinha de pior. Os únicos momentos em que agia de forma cruel ou implacável era quando tentava me atingir. Já o vi fazer discursos brilhantes, encantar as pessoas com seu carisma e impressionar acionistas com seu conhecimento da indústria fonográfica, mas comigo por perto ele não demonstrava nenhuma dessas características.

Irritado com aquela animosidade gratuita, resolvi provocá-lo. “Estou esperando você explicar do que é que está falando.”

“Não tenta bancar o inocente, Gideon. Você sabia exatamente o que estava fazendo quando destruiu sistematicamente todas as oportunidades de exposição de mídia que a Vidal conseguiu para o Six-Ninths.”

“Se essas oportunidades giravam em torno da Eva, não deveriam nem existir, para começo de conversa.”

“Essa decisão não é sua.” Ele abriu um sorriso irônico. “Você tem noção do estrago que fez? O *Behind the Music* teve que adiar o especial porque Sam Yimara não tem mais os direitos sobre as filmagens que fez nos primórdios da banda. O *Diners, Drive-Ins and Dives* não pôde incluir o Pete’s 69th Street Bar no episódio de San Diego porque o lugar está sendo demolido. E a *Rolling Stone* desistiu da matéria que ia fazer sobre ‘Golden’ quando você anunciou o noivado. O interesse na música se perdeu, já que a história não vai ter um final feliz.”

“Posso conseguir para você as imagens que o VH1 precisa. É só procurar Arash que ele resolve tudo.”

“Para você remover todas as partes em que Eva aparece? De que adianta?”

Levantei as sobrancelhas. “O assunto em questão deveria ser o Six-Ninths, não minha esposa.”

“Ela ainda não é sua esposa”, ele rebateu, “e o problema é exatamente isso. Você está com medo que ela volte correndo para o Brett. Você não faz o tipo dela, todo mundo sabe.

Pode até chupar a boceta dela nas festas, mas o que ela gosta mesmo é de fazer boquete em roqueiros em público…”

Em um piscar de olhos, fui para cima dele. Acertei um soco em seu queixo, jogando sua cabeça para trás. Em seguida dei um golpe de esquerda que o fez se estatelar contra a parede de vidro.

Vi Scott se levantar imediatamente, e em seguida senti o impacto do corpo de Christopher se chocando contra o meu. Nós dois caímos. Rolei sobre ele e bati em suas costelas até ouvi-lo grunhir. Ele deu uma cabeçada na minha testa.

A sala inteira começou a girar.

Desnorteado, saí de cima dele e fiquei de pé.

Christopher se apoiou na mesinha de centro para se levantar, com sangue escorrendo dos lábios e pingando no carpete. Seu queixo estava inchado, e ele estava ofegante, respirando fundo. Fechei os punhos e levantei as mãos, sentindo-me todo tenso por causa da vontade de atingi-lo de novo. Se fosse outra pessoa, eu faria isso.

“Vai em frente”, ele provocou, limpando a boca na manga da roupa. “Você quer me ver morto desde o dia em que nasci. Por que parar agora?”

“Você é maluco.”

Dois seguranças apareceram correndo no corredor, mas fiz um gesto com a mão para que não entrassem.

“Você está fodido na minha mão, seu babaca”, meu irmão grunhiu, ficando de pé. “Já falei com os acionistas e expliquei o que você está fazendo. Se quer me derrubar, vou brigar até o fim.”

“Você pirou, seu imbecil do caralho. Vai dar uma de louco em outro lugar. E deixa Eva em paz. Se quer ser meu inimigo, a melhor maneira de fazer isso é mexendo com ela.”

Ele me encarou por um tempo, depois soltou uma risada áspera. “Ela sabe o que você está fazendo com Brett?”

Fiz uma careta ao respirar fundo, sentindo uma dor nas costelas. “Não estou fazendo nada contra Kline. Só estou protegendo Eva.”

“E prejudicar a banda é só um efeito colateral?”

“Antes ele do que ela.”

“O caralho”, Christopher esbravejou.

“Vai se foder.”

Meu irmão saiu pisando duro porta afora.

Eu deveria deixá-lo ir embora, mas em vez disso me peguei falando: “Pelo amor de Deus, Christopher, eles têm talento. Não precisam de truques para fazer sucesso. Se não estivesse tão preocupado em me prejudicar por algum dano que pensa que eu causei, poderia estar pensando em abordagens melhores do que fazer deles uma banda de uma música só”.

Ele se virou para mim com os punhos cerrados. “Não vem me dizer como fazer meu trabalho. E, se entrar no meu caminho, vai se dar mal.”

Fiquei observando enquanto ele saía, escoltado pelos seguranças. Em seguida fui para minha mesa e verifiquei minhas mensagens. Scott me informou que dois acionistas da Vidal Records tinham me ligado durante o dia.

Liguei para ele. “Quero falar com Arash Madani.”

Se era uma guerra que Christopher queria, era isso que teria.

Cheguei ao consultório do dr. Lyle Petersen às seis da tarde. O psicólogo me recebeu com um sorriso simpático e uma expressão afetuosa e amigável em seus olhos azul-escuros.

Depois do dia que tive, passar uma hora falando com um terapeuta era a última coisa que queria. Uma hora sozinho com Eva seria muito mais proveitosa.

Nossa sessão começou da mesma maneira de sempre, com o dr. Petersen me perguntando como tinha sido minha semana e eu respondendo da forma mais sucinta possível. Em seguida ele sugeriu: “Vamos falar sobre os pesadelos”.

Eu me recostei no sofá. Fui sincero ao falar sobre meus problemas para dormir e minhas tentativas de encontrar um remédio que me deixasse um pouco mais seguro para ficar ao lado de Eva à noite, mas dissecar o conteúdo dos sonhos nunca esteve em pauta.

Isso significava que essa sugestão tinha vindo de outra pessoa. “Você falou com Eva.”

Não era uma pergunta, já que a resposta era bem evidente.

“Ela me mandou um e-mail”, ele confirmou, pondo as mãos sobre a tela do tablet.

Comecei a batucar com os dedos.

Ele acompanhou meu movimento com os olhos. “Incomoda você que ela tenha entrado em contato comigo?”

Medi bem as palavras antes de responder. “Ela fica preocupada. Se conversar com você ajuda a amenizar isso, tudo bem. Você também é o terapeuta *dela*, então falar sobre isso seria natural.”

“Mas você não gosta. Prefere escolher sobre o que conversar comigo.”

“Prefiro que Eva se sinta segura.”

O dr. Petersen balançou a cabeça. “É por isso que está aqui. Por causa dela.”

“Claro.”

“O que ela espera conseguir com nossas sessões?”

“Você não sabe?”

Ele sorriu. “Gostaria de ouvir sua resposta para essa pergunta.”

Depois de um tempo, respondi. “Eva tomou muitas decisões erradas no passado. Então aprendeu a confiar no juízo dos terapeutas. Isso funciona bem para ela.”

“E você, o que pensa a respeito?”

“Preciso pensar alguma coisa?”, rebati. “Ela me pediu para experimentar terapia, e eu concordei. Relacionamentos exigem comprometimento, certo?”

“Sim.” Ele começou a batucar na tela do tablet. “Me conta sobre suas experiências anteriores com a terapia.”

Respirei fundo e soltei o ar com força. “Eu era criança. Não lembro mais.”

Ele me olhou por cima dos óculos. “Como se sentia a respeito de se abrir com alguém? Irritado, assustado, triste?”

Olhando para a aliança, respondi: “Um pouco de cada”.

“Imagino que se sentia da mesma forma sobre o suicídio do seu pai.”

Fiquei gelado por dentro, e estreitei os olhos. “Aonde está querendo chegar?”

“Só estamos conversando, Gideon.” Ele se recostou na poltrona. “Muitas vezes sinto que você se pergunta o que estou querendo dizer. Não estou querendo dizer nada. Só quero ajudar você.”

Eu me obriguei a relaxar.

Os pesadelos precisavam acabar. Eu precisava poder dormir na mesma cama que minha esposa. E queria que o dr. Petersen me ajudasse com isso.

Só não queria ter que falar sobre coisas que não podiam mais ser mudadas para conseguir isso.

8

“Ei, amiga. Você gosta de karaokê?”, Shawna Ellison perguntou assim que atendi o telefone.

Larguei o lápis em cima do bloco em que estava rabiscando, sentei no sofá e pus os pés em cima do estofado. Já eram mais de nove horas, e ainda não tinha recebido nenhum sinal de Gideon. Só não sabia se isso era bom ou ruim, já que ele tinha consulta com o dr. Petersen no fim da tarde.

O sol tinha se posto uma hora antes, e eu estava me esforçando para não pensar no meu marido a cada cinco segundos. Conversar com Shawna era uma distração bem-vinda.

“Bom”, comecei, “como sou muito desafinada, nunca pensei em cantar em público. Por quê?”

A imagem da ruivinha animada que estava se tornando uma ótima amiga me veio à cabeça. Em diversos sentidos, ela era muito parecida com Steven, seu irmão, que ia se casar com meu chefe. Eram ambos divertidos e despachados, com pavio curto, mas companheiros para qualquer hora. Eu gostava muito dos irmãos Ellison.

“Porque eu estava pensando em ir conhecer um bar de karaokê novo de que ouvi falar hoje no trabalho”, ela explicou. “Em vez daquelas trilhas bregas, nesse lugar tem uma banda ao vivo para fazer o acompanhamento. Você não precisa cantar se não quiser. Um monte de gente vai só para ver.”

Peguei meu tablet de cima da mesa de centro. “Como é o nome do lugar?”

“Starlight Lounge. Acho que pode ser uma opção divertida para sexta.”

Levantei as sobrancelhas. Sexta-feira era a noite em que íamos misturar as turmas. Tentei imaginar Arnoldo ou Arash cantando no karaokê, o que me fez sorrir. Por que não? Pelo menos para quebrar o gelo.

“Vou falar com Gideon.” Coloquei o nome do bar na busca e encontrei o site. “Parece legal.”

O nome remetia a um ponto de encontro de cantores das antigas, mas as imagens do site eram de um lugar moderno, decorado em tons de azul com toques cromados. Parecia um lugar fino e estiloso.

“Né? Também achei. Vai ser divertido.”

“É mesmo. Você precisa ver Cary com um microfone na mão. Ele não tem o menor pudor.”

Ela deu uma risada vívida e borbulhante como uma taça de champanhe, e abri um sorriso ao ouvi-la. “Steven também. Quando decidir me avisa. A gente precisa se ver.”

Quando desligamos, pus o celular ao meu lado no sofá. Quando ia pegar o lápis e o papel para retomar o que estava fazendo, ouvi o sinal de uma nova mensagem de texto.

Era de Brett. Precisamos conversar. Me liga.

Fiquei olhando para sua foto na tela por um bom tempo. Ele passou o dia todo me ligando, mas não deixou recado. Eu estaria mentindo se dissesse que não tinha ficado tentada a saber por que estava me procurando, mas sabia que era uma furada. Talvez até pudéssemos ser amigos algum dia, mas não no momento. Não valia o estresse que eu teria com Gideon.

Sempre achei que encarar assuntos que me deixavam desconfortáveis era um sinal de fortaleza e responsabilidade. Mas agora percebia que às vezes a determinação em resolver tudo não era ideal. Em certas ocasiões, era preciso aproveitar a oportunidade para se conhecer melhor.

Dou uma ligada quando puder, respondi. Deixei o celular de lado outra vez. Falaria com ele quando Gideon estivesse comigo. Sem segredos nem nada a esconder.

“Oi.” Cary apareceu na sala vestindo uma calça de pijama e uma camiseta surrada. Seus cabelos castanhos ainda estavam molhados do banho que ele tomou depois que Tatiana foi embora, uma hora antes.

Fiquei contente por ela não ter dormido aqui. Queria gostar da mulher que se dizia grávida do meu melhor amigo, mas aquela modelo magra e de pernas compridas dificultava um bocado a tarefa. Parecia que ela me provocava deliberadamente sempre que podia. Tinha a impressão de que ela desejava ter Cary só para si e me via como um obstáculo em seu caminho.

Cary se esparramou do outro lado do sofá, com a cabeça perto da minha perna e as pernas esticadas. “O que está fazendo?”

“Listas. Quero poder fazer alguma coisa pelas vítimas de abuso.”

“Ah, é? E no que você está pensando?”

Encolhi os ombros, sem saber o que dizer. “Na verdade, não sei. Fiquei pensando na Megumi, que não contou o que aconteceu para ninguém. Também não contei. Nem você.

Só falamos sobre isso muito mais tarde.”

“Afinal, quem se importa?”, ele disse em um tom áspero, apoiando o queixo na mão.

“E é uma conversa sempre difícil. Já existem muitos serviços de atendimento às vítimas e refúgios. Quero fazer a diferença, mas ainda não tive nenhuma ideia.”

“Então fala com pessoas que já tiveram ideias.”

Abri um sorriso. “Você faz parecer tão fácil.”

“Ora, por que reinventar a roda? Encontra alguém que esteja fazendo alguma coisa bacana e oferece ajuda.” Ele se deitou de costas e esfregou o rosto com as duas mãos.

Eu conhecia esse gesto e sabia o que significava. Alguma coisa o estava devorando por dentro.

“Como foi seu dia?”, perguntei. Acabei ficando mais tempo sozinha com Gideon do que com Cary em San Diego e estava me sentindo mal por isso. Cary se divertiu bastante com seus amigos de lá, mas o propósito da viagem não era esse. Senti que o havia decepcionado, apesar de ele não ter aberto a boca para dizer isso.

Cary deixou os braços caírem ao lado do corpo. “Tive uma sessão de fotos de manhã, depois fui almoçar com Trey.”

“Você contou sobre o bebê?”

Ele sacudiu a cabeça. “Até pensei em fazer isso, mas não consegui. Sou um cretino mesmo.”

“Não precisa ser tão duro com você mesmo. É uma situação difícil.”

Cary fechou os olhos, escondendo o verde vibrante. “Outro dia eu estava pensando que seria bem mais fácil se Trey jogasse nos dois times. Assim poderíamos transar entre nós e com Tat, e ficaria tudo bem. Mas então percebi que não ia querer dividir Trey com Tat. Ela eu não ligo de dividir. Mas com ele é diferente. Me diz que não estou sendo um babaca.”

Estendi a mão e passei os dedos por seus cabelos. “Você só está sendo humano.”

Minha situação com Gideon era parecida: queria poder ser amiga de Brett, mas não gostava da ideia de Gideon ser amigo de Corinne. “Em um mundo perfeito, ninguém seria egoísta, mas não é assim que as coisas são. O máximo que a gente pode fazer é tentar.”

“Você está sempre arrumando desculpas para mim.”

Pensei a respeito dessa afirmação por um minuto. “Não”, corrigi com toda a gentileza, dando um beijo em sua testa. “Eu sempre perdoo você. Alguém precisa fazer isso, já que você nunca se perdoa.”

A manhã de quarta-feira passou em um instante. Quando percebi, já era hora do almoço.

“Duas semanas atrás, estávamos comemorando nosso noivado”, disse Steven Ellison enquanto eu me sentava na cadeira que tinha puxado para mim. “Agora vamos comemorar o seu.”

Sorri. Era inevitável. A alegria do noivo do meu chefe era contagiante, envolvente. “Deve ser alguma coisa na água daqui.”

“É verdade.” Ele olhou para seu companheiro e depois para mim. “Mark não vai perder você, né?”

“Steven”, repreendeu Mark, sacudindo a cabeça. “Não faça isso.”

“Não pretendo sair de onde estou”, respondi, recebendo em troca um olhar de surpresa e um sorriso de satisfação do meu chefe. O sorriso emoldurado pelo cavanhaque era tão contagiante quanto a afetuosidade de Steven. Só pelos nossos almoços já valia a pena trabalhar com ele.

“Ora, fico feliz de ouvir isso”, disse Mark.

“Eu também.” Steven abriu o cardápio com um movimento resoluto, como se tivesse acabado de tomar uma decisão importante. “Quero você sempre por perto, menina.”

“Pode deixar”, confirmei.

O garçom pôs na mesa uma cesta com torradas com azeite e alho, e começou a falar sobre os pratos do dia. O pessoal do restaurante tinha elaborado dois menus: um italiano e um grego.

Como a maior parte dos restaurantes de Manhattan, aquele era pequeno e com mesas bem próximas, a ponto de ser preciso tomar cuidado com os cotovelos para não cutucar ninguém da mesa ao lado. Os aromas que saíam da cozinha e passavam por mim nas bandejas dos garçons fizeram meu estômago roncar audivelmente. Por sorte, o ruído no salão lotado na hora do almoço era alto o suficiente para encobrir os barulhos do meu corpo.

Steven passou uma das mãos pelos cabelos ruivos reluzentes que muitas mulheres matariam para ter. “Vou querer moussaka.”

“Eu também”, anunciei, fechando o cardápio.

“Para mim uma pizza de pepperoni”, pediu Mark.

Steven e eu o provocamos por ser tão pouco propenso a opções mais arriscadas.

“Ora essa”, ele rebateu, “casar com Steven já é aventura suficiente para a vida toda.”

Com um sorriso, Steven apoiou o cotovelo na mesa e o rosto na mão. “E então, Eva… como Cross te pediu em casamento? Não deve ter sido no meio da rua para o mundo todo ver.”

Mark, que estava sentado ao lado do companheiro, olhou para ele com uma expressão de perplexidade.

“Não mesmo”, confirmei. “Ele me deu a notícia em uma praia particular. Não dá para dizer que foi um pedido, porque na prática ele simplesmente anunciou que a gente ia se casar.”

Mark contorceu a boca, mas Steven levou tudo numa boa, como sempre. “A versão Gideon Cross de um momento romântico.”

Dei risada. “Exatamente. Gideon vive dizendo que não tem nada de romântico, mas ele tem, sim.”

“Me deixa ver a aliança.”

Estendi a mão para Steven, e o diamante no centro da peça reluziu em uma série de tons. Era lindo e despertava boas lembranças em Gideon, apesar da opinião contrária de Elizabeth Vidal.

“Uau. Mark, querido, você precisa me comprar uma dessas.”

A imagem que surgiu na minha cabeça, de um empreiteiro de cabelos ruivos usando uma aliança como a minha, foi um tanto cômica.

Mark olhou feio para ele. “Para você destruir trabalhando na obra? Seria uma péssima ideia.”

“Diamantes são resistentes, e eu cuidaria muito bem dela.”

“Você vai ter que esperar até eu abrir minha própria agência”, meu chefe disse com uma risadinha.

“Isso eu posso fazer.” Steven deu uma piscadinha para mim. “Já reservou o lugar?”

Fiz que não com a cabeça. “Você já?”

“Com certeza.” Ele se contorceu para abrir a pasta ao seu lado e sacou um fichário com os planos de casamento. “Me diz o que você acha desses padrões de estampa.”

Mark revirou os olhos e soltou um suspiro. Peguei uma torradinha de alho e me inclinei para ver de bom grado.

Trabalhei na SDP da LanCorp pelo restante da manhã.

Quando o expediente terminou, fui para a aula de krav maga com Raúl. No caminho, reli a resposta de Clancy para minha mensagem dizendo que não precisaria mais de carona. Ele respondeu que tudo bem, mas eu achei que precisava explicar melhor.

Gideon quer que o pessoal dele cuide de mim daqui em diante, então você está livre por enquanto. Obrigada pela ajuda.

A resposta não demorou muito. Quando quiser. Se precisar de mim grita. Aliás, sua amiga não precisa mais se preocupar.

O agradecimento que mandei em resposta não me pareceu suficiente. Precisava arrumar um jeito melhor de expressar minha gratidão.

Raúl estacionou na frente do antigo galpão de tijolos onde funcionava a academia de krav maga de Parker Smith, entrou comigo e se sentou na arquibancada. Sua presença me desconcentrou um pouco. Clancy sempre me esperava do lado de fora. Fiquei desconfortável com Raúl me olhando o tempo todo.

O espaço grande estava quase todo tomado pelos alunos que se espalhavam pelos tatames em treinos corpo a corpo com os instrutores. O barulho no ambiente era quase ensurdecedor, uma cacofonia de corpos atingindo a espuma, troncos e membros colidindo uns contra os outros e os diversos gritos que os lutadores soltavam para se afirmar e intimidar seus parceiros de treinamento. Portas de aço gigantescas acrescentavam um ar industrial ao local, e o calor era tamanho que o ar-condicionado e os ventiladores não davam conta.

Eu estava me alongando para me preparar para a pesada sessão de treino quando um par de pernas finas apareceu no meu campo de visão. Endireitei a postura e dei de cara com a detetive Shelley Graves, da polícia de Nova York.

Seus cabelos castanhos estavam presos em um coque austero como seu rosto, e seus olhos azuis me observavam com uma agudeza impassível. Eu tinha medo dela, e do que poderia fazer com Gideon, mas também a admirava muito. Ela era determinada e confiante como eu queria ser.

“Eva”, ela me cumprimentou.

“Detetive Graves.” Ela estava vestida para o trabalho, com uma calça social preta e uma blusa de brim vermelha, além de um blazer preto que escondia seu distintivo e sua arma.

As botas eram sóbrias e discretas, assim como seu comportamento.

“Estava de saída e vi você aqui. Fiquei sabendo do noivado. Parabéns.”

Senti meu corpo se contrair um pouco. Uma parte importante do álibi de Gideon — se é que podia ser chamado assim — era a alegação de que estávamos separados quando Nathan morreu. Por que um homem público visado e poderoso mataria alguém por causa de uma ex que nem fazia mais parte de sua vida?

Um noivado assim tão repentino causaria suspeitas. Graves me disse que já estava trabalhando em outros casos com seu parceiro, mas eu sabia que tipo de policial ela era. Shelley Graves acreditava na justiça. Ela achava que Nathan tivera o castigo merecido, mas provavelmente ainda se questionava se Gideon não tinha que pagar pelo que havia feito.

“Obrigada”, respondi. Gideon e eu éramos uma equipe. “Sou uma garota de sorte.”

Ela olhou para as arquibancadas e para Raúl. “Onde está Ben Clancy?”

Franzi a testa. “Não sei. Por quê?”

“Só por curiosidade. Um dos agentes federais com quem conversei sobre Yedemsky também se chamava Clancy.” Ela me encarou. “Acha que pode ser algum parente dele?”

Fiquei pálida diante da menção do mafioso russo cujo corpo foi encontrado com a pulseira de Nathan. Minhas pernas ficaram bambas. “Quê?”

Ela balançou a cabeça, como se já esperasse essa reação. “Provavelmente não. Enfim, até mais.”

Fiquei observando enquanto se afastava, com sua atenção voltada para Raúl. Mas então ela parou e se virou para mim de novo. “Vou ser convidada para o casamento?”

Tive que me concentrar para responder: “Vai ser uma cerimônia simples, só para a família”.

“Sério? Por essa eu não esperava.” Algo parecido com um sorriso se formou em seu rosto magro. “Ele é cheio de surpresas, não?”

Eu não sabia nem por onde começar a tentar decifrar o que ela queria dizer. Estava ocupada demais processando as outras coisas que dissera. Só me dei conta de que a estava seguindo quando a segurei pelo cotovelo.

Graves se deteve e ficou tensa, e achei melhor largá-la. Imediatamente.

Fiquei olhando para ela por um momento, tentando organizar meus pensamentos. Clancy. Gideon. Nathan. Que diabos significava tudo aquilo? Aonde ela estava querendo

chegar?

Acima de tudo, por que eu sentia que estava querendo me ajudar? Cuidar de mim? E de Gideon?

O que acabei dizendo surpreendeu até a mim mesma. “Estou procurando uma organização que ajude vítimas de abuso para apoiar.”

Ela levantou as sobrancelhas. “Por que está me dizendo isso?”

“Não sei por onde começar.”

Ela me olhou de um jeito estranho. “Procura a Crossroads”, ela respondeu secamente. “Ouvi falar muito bem sobre eles.”

Estava sentada de pernas cruzadas no chão do quarto quando Gideon chegou. Estava usando uma calça jeans folgada e uma camiseta branca com gola V, girando a chave do meu apartamento no dedo.

Fiquei olhando para ele. Meu coração ia continuar disparando toda vez que o visse? Eu esperava que sim.

Meu quarto era pequeno e feminino, decorado pela minha mãe com antiguidades e uma mesinha ridícula que ela esperava que servisse como escrivaninha. Gideon injetou uma dose de testosterona no ambiente, fazendo com que eu me sentisse frágil e ansiosa para ser devorada.

“Oi, garotão.” O amor e a saudade que eu sentia se expressaram claramente naquelas duas palavras.

As chaves pararam de rodar em seu dedo e ele se deteve, olhando-me da mesma forma como me encarou naquele primeiro encontro no saguão do Crossfire. Seus olhos assumiram uma ferocidade que eu achava extremamente excitante.

Por algum motivo que eu provavelmente jamais ia entender, ele pensava a mesma coisa sobre mim.

“Anjo.” Ele se agachou, e seus cabelos caíram no rosto. “O que está fazendo?”

Gideon remexeu os papéis espalhados no chão ao meu redor. Antes que se incomodasse com o fato de eu estar pesquisando sobre sua Fundação Crossroads, agarrei e apertei sua mão.

Despejei sobre ele tudo o que sabia de forma abrupta, como se a informação jorrasse de

mim. “Foi Clancy, Gideon. Clancy e seu irmão do FBI plantaram a pulseira do Nathan naquele mafioso.”

Ele balançou a cabeça. “Imaginei.”

“Ah, é? Como?” Dei um tapa no ombro dele. “Por que não disse nada? Estava morrendo de preocupação.”

Gideon se sentou diante de mim, cruzando as pernas compridas em uma pose idêntica à minha. “Ainda não temos todas as respostas. Angus e eu estamos analisando as possibilidades. O responsável por tudo estava de olho em Nathan ou em mim, então foi esse nosso ponto de partida.”

“Ou então estava de olho em vocês dois.”

“Exatamente. Quem faria isso? Quem poderia ter tanto interesse nessa história? E em você?”

“Meu Deus.” Olhei bem para ele. “A detetive Graves já sabe. O FBI. Clancy…”

“Graves?”

“Ela falou sobre isso hoje lá na academia do Parker. Puxou o assunto quando me viu por lá, só para ver como eu ia reagir.”

Ele estreitou os olhos. “Ou ela está provocando você ou está querendo que pare de se preocupar com isso. Eu apostaria na segunda hipótese.”

Quase perguntei por que, mas tinha chegado à mesma conclusão. Aquela detetive era durona, mas tinha coração. Percebi isso nas poucas vezes em que interagimos. E ela era boa no que fazia, obviamente.

“Vamos ter que confiar nela, então?”, perguntei, engatinhando sobre a papelada para me sentar em seu colo.

Gideon me puxou para junto de si, acomodando-me em seu corpo como se ali fosse meu lugar. Era assim que eu me sentia quando ele me abraçava. Segura. Protegida. Adorada.

Seus lábios tocaram minha testa. “Vou falar com Clancy só para ter certeza, mas ele não é bobo. Não deve ter deixado nenhuma brecha.”

Minha mão agarrou o tecido de sua camiseta com todas as forças. “Não faz mais essas coisas, Gideon. Para de tentar me proteger de tudo.”

“Não consigo.” Ele me abraçou com mais força. “Acho que poderia ter falado sobre isso, mas tenho poucos momentos a sós com você, e quero que seja tudo perfeito.”

“Gideon. Você precisa se abrir para mim.”

O peito dele se expandiu sob meu rosto, e seu coração acelerou. “Estou trabalhando nisso, Eva.”

Isso era tudo que eu poderia querer.

Na manhã seguinte, fui descalça para a cozinha e encontrei Gideon fazendo café. Até gostaria de dizer que foi o cheiro da bebida que me fez deter o passo, mas foi a visão do meu marido recém-barbeado e vestido, mas com o colete ainda aberto. Adorava vê-lo um pouquinho desarrumado.

Gideon me olhou enquanto caminhava em sua direção, com uma expressão impassível no rosto, mas um olhar afetuoso. Eu teria o mesmo impacto sobre ele no início do dia? Provavelmente não. Para mim, ou os homens pensavam em sexo, ou não pensavam em nada.

Segurando seu pulso, puxei sua mão para mim, para a parte posterior da minha coxa.

Um sorriso apareceu no canto de sua boca. “Olá para você também, sra. Cross.”

Ele puxou minha cinta-liga e a fez se chocar contra minha pele. Tive um sobressalto com a dor repentina e soltei um suspiro ao sentir o ardor se espalhar pela perna.

“Humm… você gostou disso.” Ele abriu um sorriso.

Fiz um biquinho com o lábio inferior. “Doeu.”

Gideon encostou no balcão e me puxou para o meio de suas pernas, agarrando de leve a parte posterior das minhas coxas. Ele esfregou o nariz na minha cabeça e fez uma massagem no lugar que estava ardendo. “Desculpa, meu anjo.”

Em seguida fez o mesmo com o elástico da liga da outra perna.

Pega de surpresa, arqueei as costas, encostando meu corpo ao dele. Gideon estava de pau duro. De novo. Um leve gemido escapou da minha boca. “Para.”

“Você está ficando com tesão”, ele murmurou na minha orelha.

“Isso dói!”, reclamei, apesar de continuar me esfregando nele. Eu tinha sido acordada com beijinhos de leve e passadas de mão provocadoras. Retribuí o gesto no chuveiro, com a boca. Ainda assim, ele estava disposto a começar tudo de novo. E eu também. Éramos viciados um no outro.

“Quer que eu dê um beijinho para melhorar?” Ele passou os dedos pelas minhas coxas e

me encontrou quentinha e pronta. Soltou um grunhido. “Minha nossa, Eva. Você acaba comigo. Tenho tanto o que fazer…”

Ele era muito gostoso. E seu cheiro era ainda melhor. Eu o abracei pelo pescoço. “Precisamos ir trabalhar.”

Gideon arrancou meus pés do chão, esfregando-me contra sua ereção. “Vamos brincar com essas ligas mais tarde.”

Eu o beijei, devorando-o com a boca, acariciando sua língua. Atacando-o com vontade. Devorando-o. Sugando-o.

Gideon puxou meu rabo de cavalo e me posicionou como queria para me beijar, usando minha boca e me sentindo por inteiro. Em um piscar de olhos, eu estava toda quente, sentindo minha pele úmida de suor.

Seus lábios eram firmes e macios, e suas mãos me mantinham na posição que ele queria enquanto mordiscava meu lábio inferior. Seu gosto, com um toque de café, deixou-me inebriada. Envolvida por ele, agarrei seus cabelos e levantei os pés para puxá-lo para mais perto. Cada vez mais perto. Mas a proximidade nunca era suficiente.

“Uau.” A voz de Cary quebrou o feitiço sexual com que Gideon tinha me enredado. “Não esqueçam que é aqui que a gente come.”

Tentei me afastar do meu marido, mas ele não largou, permitindo apenas que o beijo fosse interrompido. Nossos olhares se cruzaram. Seus olhos estavam alertas por sob as pálpebras semicerradas, e seus lábios, úmidos e suaves.

“Bom dia, Cary”, ele falou, voltando sua atenção para meu amigo, que foi até a cafeteira.

“Para vocês dois, talvez.” Cary abriu o armário e pegou uma caneca. “Infelizmente, estou cansado demais para apreciar o showzinho. E não estou nada animado com o restante do dia.”

Ele estava vestindo uma calça jeans justa e uma camiseta azul-marinho, com os cabelos bem penteados e um topete. Eu tinha pena de quem cruzaria seu caminho durante o dia. Cary era de parar o trânsito, tanto por causa da aparência como da falsa confiança que transmitia.

“Você tem uma sessão de fotos hoje?”, perguntei.

“Não. Tat tem e quer que eu vá junto. Ela anda tendo enjoos matinais, então vou ficar por perto para ajudar caso aconteça de novo.”

Passei a mão em seu braço em um gesto de apoio. “Que legal, Cary. Você é o máximo.”

Ele contorceu os lábios ironicamente, levando a caneca fumegante à boca. “E o que mais posso fazer? Não posso vomitar por ela, e Tat precisa trabalhar o quanto puder agora.”

“Se precisar de mim é só falar.”

Ele encolheu os ombros. “Claro.”

A mão de Gideon passeou pelas minhas costas, oferecendo seu apoio. “Se tiver tempo, Cary, queria que participasse da conversa sobre a reforma da cobertura na Quinta Avenida.”

“Ah, sim, andei pensando nisso.” Cary apoiou o quadril no balcão. “Ainda não me acertei direito com Tat, mas acho que mais cedo ou mais tarde vamos ter que morar juntos. Vocês não vão querer um bebê gritando dentro de casa. Quando quiserem, vai ser o de vocês, não o meu.”

“Cary…” Ele quase nunca pensava em nada além dos quinze minutos seguintes. Ouvi-lo fazendo planos tão sérios me fez amá-lo ainda mais.

“A cobertura tem isolamento acústico”, disse Gideon, com um tom de voz firme, que não deixava dúvida sobre quem estava no comando. “Podemos fazer o que for preciso, Cary. É só me dizer que providencio.”

Cary olhou para a caneca, e seu lindo rosto de repente pareceu preocupado e cansado. “Obrigado. Vou falar com Tat. Mas é difícil, sabe? Ela se recusa a pensar no futuro, e eu não penso em outra coisa. Vamos ter uma pessoa totalmente dependente de nós e precisamos estar preparados para isso. De qualquer jeito.”

Dei um passo atrás, e Gideon me soltou. Para mim, era difícil ver Cary aflito. E assustador também. Ele não costumava lidar muito bem com desafios, e eu temia que voltasse a recorrer a seus mecanismos autodestrutivos de defesa. Era uma ameaça que pairava sobre nós dois todos os dias. Eu tinha um grupo de pessoas para me ajudar com isso. Cary só podia contar comigo.

“É para isso que serve a família, Cary.” Abri um sorriso. “Para fazer as pessoas enlouquecerem e precisarem de terapia.”

Ele deu uma risadinha e escondeu o rosto atrás da caneca. A falta de uma resposta bem-humorada me deixou ainda mais ansiosa. Um silêncio tenso pairou sobre a cozinha.

Gideon e eu deixamos que ele pensasse por um minuto, aproveitando o tempo para tomar o café. Não trocamos nem olhares, para que Cary não se sentisse isolado, e senti que estávamos todos em sincronia. Era importantíssimo para mim. Nunca tivera um companheiro de verdade na vida, um amante que quisesse alguma coisa além de diversão.

Gideon era um milagre em diversos sentidos.

Nesse momento percebi que precisaria ceder em alguns pontos e pensar melhor na questão de trabalhar com ele. Era preciso entender que a Equipe Cross não era composta apenas por Gideon. Eu também poderia fazer parte, compartilhar isso com ele.

“Na semana que vem vou ter tempo”, Cary disse por fim, olhando para mim e depois para Gideon, que balançou a cabeça afirmativamente.

“Vamos marcar para quarta então. Para dar tempo pra gente se recuperar do fim de semana.”

Cary abriu um sorrisinho. “Então a farra vai ser boa.”

Sorri também. “E quando não é?”

“Como você está?”, perguntei para Megumi quando fomos almoçar na quinta-feira.

Ela parecia melhor que na segunda, mas ainda estava usando roupas pesadas demais para o verão. Por causa disso, pedimos salada e fomos comer na copa em vez de sair para o calor da rua.

Ela abriu um sorrisinho desanimado. “Melhor.”

“Lacy sabe o que aconteceu?” Eu não sabia se Megumi tinha muita intimidade com sua colega de apartamento, mas não havia me esquecido de que ela também tinha saído com Michael.

“De tudo não.” Megumi remexeu a salada com o garfo de plástico. “Estou me sentindo tão idiota.”

“Por mais que a gente se sinta culpado, não é. O responsável por tudo foi ele.”

“Eu sei, mas mesmo assim…”

Entendia como ela estava se sentindo. “Já pensou em conversar com alguém?”

Megumi me encarou, pondo o cabelo atrás da orelha. “Tipo um profissional?”

“É.”

“Na verdade não. Como vou atrás disso?”

“Nosso plano de saúde cobre. É só ligar para o número atrás da carteirinha. Eles vão passar uma lista de profissionais credenciados.”

“E aí eu… escolho um?”

“Eu ajudo você.” E, se conseguisse pôr meu plano em prática, conseguiria ajudar muitas outras mulheres como ela e eu. Alguma coisa boa tinha que surgir daquelas experiências. Eu tinha a motivação e os meios. Só precisava descobrir o que fazer.

Os olhos dela brilharam. “Você é uma boa amiga, Eva. Obrigada pelo apoio.”

Eu me inclinei para a frente e a abracei.

“Ele não me mandou mais nenhuma mensagem”, Megumi falou quando a soltei. “Ainda estou com medo de que me procure de novo, mas a cada hora que passa sem que isso aconteça eu me sinto melhor.”

Recostando-me na cadeira, agradeci a Clancy em silêncio. “Que bom.”

*

Às cinco horas, saí do trabalho e entrei no elevador para subir até a sede das Indústrias Cross, onde me encontraria com Gideon antes de ir para nossa consulta com o dr. Petersen.

Passei o dia todo pensando nele, no futuro que planejava para *nós*. Queria que respeitasse minha individualidade e meus limites, mas também que se abrisse um pouco mais. Queria ter mais momentos como o daquela manhã com Cary, quando Gideon e eu trabalhamos juntos para resolver a situação. Se não estivesse disposta a cooperar com ele, não poderia pedir isso.

A recepcionista ruiva das Indústrias Cross liberou minha entrada. Ela me cumprimentou com um meio sorriso tenso. “Posso ajudar?”

“Não, obrigada”, respondi, passando direto. Seria bom se todos os funcionários de Gideon fossem legais como Scott, mas ela tinha alguma implicância comigo, e eu já tinha me conformado com isso.

Fui andando na direção da sala de Gideon e encontrei a mesa de Scott vazia. Através do vidro, vi meu marido comandar uma reunião com sua autoridade natural. Estava de pé diante da mesa, apoiado no móvel com os pés cruzados, diante de uma plateia composta de dois homens de terno e uma mulher com um belíssimo par de sapatos Louboutin. Scott estava sentado em um canto, fazendo anotações em um tablet.

Eu me acomodei em uma das cadeiras diante da mesa de Scott e observei Gideon com a mesma atenção das demais pessoas na sala. Nunca deixava de me surpreender com o quanto era confiante para um homem de apenas vinte e oito anos. Os homens com quem

conversava pareciam ter o dobro de sua idade, e sua linguagem corporal me dizia que respeitavam o que meu marido estava dizendo.

Sim, o dinheiro falava — e bem alto —, e isso Gideon tinha de sobra. Mas ele exibia seu comando e seu controle de outras formas também, mais sutis. Foi uma coisa que aprendi a reconhecer depois de viver com o pai de Nathan, então casado com minha mãe, que exercia seu poder de forma implacável.

Gideon sabia como se impor sem precisar bater no peito. E o fato de estar em sua sala não fazia diferença — ele seria o centro das atenções em qualquer ambiente.

Ele virou a cabeça, e seu olhar encontrou o meu. Não havia nenhum sinal de surpresa em seus olhos azuis cintilantes. Ele sabia que eu estava lá, tinha sentido minha presença, assim como eu sempre sentia a sua. Estávamos conectados em um nível impossível de explicar. Às vezes, quando não estávamos juntos, eu conseguia sentir sua proximidade só de pensar nele.

Sorri e remexi a bolsa à procura do telefone. Não queria que Gideon pensasse que estava só esperando por ele, então se sentisse pressionado a ir embora.

Havia dezenas de e-mails da minha mãe com fotos de vestidos, flores e salões, o que me lembrou de que precisava falar com ela sobre meu pai pagar a cerimônia. Estava adiando essa conversa a semana toda, para me preparar para sua reação. Tinha recebido também outra mensagem de Brett, dizendo que precisávamos conversar… com urgência.

Eu me levantei e fui procurar um lugar tranquilo para falar com ele. Dei de cara com Christopher Vidal Sr. no corredor.

O padrasto de Gideon estava usando calça cáqui, mocassins e uma camisa azul com o colarinho desabotoado e as mangas arregaçadas. Os cabelos castanhos ondulados que Christopher Jr. tinha herdado dele estavam bem cortados, e seus olhos verdes estavam escondidos atrás de óculos de aspecto antigo.

“Eva.” Chris diminui o passo ao me ver. “Como vai?”

“Bem. E você?”

Ele balançou a cabeça e olhou por cima do meu ombro para o escritório de Gideon. “Não tenho do que reclamar. Você tem um minuto? Queria conversar.”

“Claro.” A porta se abriu atrás de mim, e Scott saiu.

“Sr. Vidal”, ele disse, vindo em nossa direção. “Srta. Tramell. O sr. Cross vai demorar mais uns quinze minutos. Querem alguma coisa para beber enquanto esperam?”

Chris sacudiu a cabeça. “Não quero nada, obrigado. Mas se você tiver alguma sala que

pudéssemos usar seria ótimo.”

“Claro.” Scott olhou para mim.

“Não quero nada, obrigada”, respondi.

Deixando o tablet sobre a mesa, ele nos conduziu até uma sala de reuniões com uma vista belíssima da cidade. Uma mesa comprida de madeira reluzia sob os spots de luz, com um armário do mesmo material ocupando uma das paredes e um monitor pendurado na outra.

“Se precisarem de alguma coisa é só discar um que eu providencio. Tem café ali, e água também.”

Chris balançou a cabeça. “Obrigado, Scott.”

Ele saiu. Chris fez um gesto para que eu me sentasse e se acomodou na cadeira ao lado, virando-se para me encarar.

“Em primeiro lugar, parabéns pelo noivado.” Ele sorriu. “Ireland sempre fala muito bem de você, e sua ajuda foi fundamental para que ela e Gideon se aproximassem. Não tenho palavras para agradecer por isso.”

“Não foi nada, mas agradeço a lembrança.”

Ele segurou minha mão esquerda, que estava apoiada sobre a mesa. Com o polegar, roçou de leve minha aliança, e sua boca se curvou em uma expressão de desgosto.

Ele estaria pensando no fato de ser a mesma aliança que Geoffrey Cross deu para Elizabeth?

“É uma linda aliança”, disse por fim. “Com certeza dar a você foi um gesto que significou muito para Gideon.”

Fiquei sem saber o que dizer. Aquele era um gesto importante para meu marido porque era um símbolo do amor entre seus pais.

Chris soltou minha mão. “Elizabeth não digeriu muito bem a notícia. Uma mãe deve sentir muitas emoções conflitantes quando seu primeiro filho decide se casar. A minha costumava dizer que um filho só é um filho até o casamento — depois vira um marido —, mas uma filha continua sendo uma filha para sempre.”

Essa explicação em tom de justificativa não soou nada bem. Ele estava tentando ser gentil, mas eu estava cansada de ouvir desculpas esfarrapadas, principalmente quando a pessoa em questão era Elizabeth Vidal. Esse fingimento precisava acabar, caso contrário Gideon continuaria sofrendo.

Eu tinha que mudar aquilo. Toda vez que Gideon acordava chorando, meu coração apertava mais um pouco. Não conseguia nem imaginar o mal que fazia para ele.

Ainda assim, queria deixar esse assunto de lado por ora. Poderia insistir e esbravejar o quanto quisesse, mas a única pessoa que tinha direito a exigir explicações era Gideon.

Deixa isso para lá. Quando chegar a hora, vai acontecer de qualquer jeito.

Mas acabei me inclinando para a frente, incapaz de manter o silêncio que Gideon vinha preservando fazia tanto tempo.

"Vamos ser sinceros", eu disse baixinho. "Sua mulher não teve essa reação quando Gideon ficou noivo de Corinne." Não que eu tivesse certeza disso, mas era o que me parecia depois de ver Elizabeth com os pais de Corinne no hospital.

O sorriso sem jeito que ele abriu provou que eu estava certa. "Acho que foi diferente porque Gideon estava com Corinne fazia um tempo, e nós a conhecíamos bem. O relacionamento de vocês é bem novo, por isso o estranhamento. Não é nada pessoal, Eva."

Aquele sorriso me irritou, mas as palavras tiveram um efeito ainda pior. Meu ressentimento aflorou, embora tentasse escondê-lo atrás de uma barreira.

Chris também não era inocente naquela história. Ter um garoto problemático em casa não devia ter sido fácil — principalmente enquanto construía sua própria família com Christopher Jr. e Ireland. Mas, quando casou com Elizabeth, ele assumiu formalmente o papel de padrasto. Também era responsabilidade dele fazer justiça por uma criança que tinha sofrido abuso. Até mesmo um estranho se sentiria na obrigação de denunciar esse crime.

Inclinando-me ainda mais para a frente, deixei que ele visse toda a minha raiva. "É tudo muito pessoal, sr. Vidal. Elizabeth se sente ameaçada porque não vou mais aceitar essa palhaçada. Vocês dois devem um pedido de desculpas a Gideon, e ela precisa admitir o abuso que foi cometido contra ele. Vou continuar pressionando até que tome essa atitude. Pode contar com isso."

Sua postura ficou visivelmente tensa. "Do que está falando?"

Soltei uma risadinha de indignação. "Sério mesmo?"

"Elizabeth jamais cometeria abuso contra os filhos", ele disse, todo sério diante da minha ausência de resposta. "Ela é uma ótima mãe, muito dedicada."

Pisquei algumas vezes enquanto o encarava. Ele estaria vivendo em negação, assim como sua mulher? Como podiam agir como se não soubessem de nada?

"Acho que você precisa se explicar, Eva. E depressa."

Eu me recostei de novo na cadeira. Se aquilo fosse fingimento, a atuação dele era digna de um Oscar.

Chris se inclinou para a frente, exaltado e agressivo. “Pode começar a falar. Agora.”

Minha voz saiu bem baixinha. Sem nenhuma convicção. “Ele foi estuprado. Pelo terapeuta.”

Ele ficou paralisado. Por um longo minuto, mal conseguia respirar.

“Gideon contou para Elizabeth, mas ela não acreditou. Sabia que era verdade, mas se recusou a aceitar, por algum motivo bizarro.”

Ele se endireitou, sacudindo a cabeça com veemência. “Não.”

Essa palavra me fez ficar de pé em um pulo. “Você também vai negar? Quem ia mentir sobre uma coisa dessas? Tem ideia de como foi difícil para ele admitir o que estava acontecendo? O quanto ficou confuso com o fato de um homem em quem confiava ter feito esse tipo de coisa com ele?”

Chris me encarou. “Elizabeth jamais ia ignorar… uma coisa como essa. Tem algum mal-entendido aqui. Você está fazendo confusão.”

Reparei em suas pupilas dilatadas e seus lábios exangues, mas não conseguia me sentir mal por ele. “Ela deixou rolar. Foi isso. Quando a coisa veio à tona, não ficou ao lado do filho.”

“Você não sabe o que está falando.”

Segurei a alça da bolsa e a joguei sobre o ombro. Inclinei-me na direção dele para encará-lo. “Gideon foi estuprado. Algum dia, você e sua mulher vão ficar cara a cara com ele, como estamos agora, e admitir isso. E vão pedir desculpas por todos os anos que ele foi obrigado a suportar essa barra sozinho.”

“*Eva*.”

A voz de Gideon reverberou pelo ar, provocando-me um sobressalto. Endireitei-me às pressas, e minhas pernas tremeram quando o vi.

Ele estava de pé diante da porta aberta, segurando a maçaneta com força, como se quisesse quebrá-la. Sua cara estava fechada, e seu corpo estava tenso. Ele me contemplava com um tipo diferente de ardor.

Nunca o tinha visto tão furioso.

Chris se levantou com gestos lentos e pesados. “Gideon. O que está acontecendo? O que ela está dizendo?”

Gideon estendeu o braço e me puxou para o corredor com tanta força que dei um grito de susto. Continuei sentindo o peso de seus dedos mesmo depois de ele me largar.

Com a mão apoiada nas minhas costas, Gideon me empurrava para a frente, e suas passadas eram tão rápidas e largas que eu precisava correr para acompanhá-lo.

“Gideon, espera”, eu disse, ofegante, com o coração a mil. “Nós…”

“Não quero ouvir um pio”, ele respondeu, empurrando-me porta afora para o saguão.

Ouvi Chris gritar o nome de Gideon. E o vi correndo em nossa direção pouco antes de a porta do elevador fechar.

9

Enquanto eu conduzia Eva para fora do Crossfire, Angus deu uma olhada na minha expressão, e o sorriso desapareceu de seu rosto. Ele abriu a porta traseira do Bentley e ficou esperando enquanto eu empurrava minha esposa lá para dentro.

Nossos olhares se cruzaram. Consegui ler a mensagem em seus olhos azuis. *Pega leve com ela.*

Ele não sabia como era difícil manter o controle que eu estava demonstrando. Sentia minha veia pulsando na têmpora, ecoando a pulsação que fazia meu pau latejar.

Quase parei o elevador no meio da descida para trepar com Eva feito um animal. As únicas coisas que me detiveram foram as câmeras de segurança e o olhar vigilante dos seguranças nos monitores.

Eu queria amarrá-la. Cravar os dentes em seu ombro enquanto a comia. Dominá-la. Ela era uma tigresa, ameaçando e atacando todo mundo que achava que teria me feito mal, e eu precisava domá-la. Tinha que submetê-la.

"Puta que pariu", murmurei, contornando o carro para entrar pela porta do outro lado. Eva era imprevisível. Eu não conseguia controlá-la.

Ajeitei-me no assento, bati a porta com força e fiquei virado para a janela, pois tinha medo do que poderia fazer caso a encarasse. Ela era o ar que eu respirava e, nesse momento, eu estava sem fôlego.

Eva pôs a mão na minha coxa. "Gideon…"

Agarrando aquela mão frágil que usava minha aliança, eu a puxei para o meio das pernas e esfreguei no meu pau duro. "Vou enfiar isso na sua boca se ouvir mais uma palavra sua."

Eva soltou um suspiro de susto.

Angus se posicionou atrás do volante e ligou o carro. Senti o olhar de Eva no meu rosto. Ela tirou a mão, e quase soltei um ruído de protesto pela ausência de seu toque. Em seguida trocou de posição e encostou em mim. Sua outra mão foi deslizando para o meio das minhas pernas, agarrando meu pau em um gesto possessivo. Ela deu um beijo no meu queixo.

Meu braço envolveu suas costas. Respirei fundo, inalando seu cheiro.

O Bentley saiu do meio-fio para o trânsito da cidade.

*

Apenas quando paramos diante do prédio onde ficava o consultório do dr. Petersen me lembrei de nossa consulta. Estava contando os minutos para chegar em casa e poder ter Eva da maneira que precisava… com pressa… com força… com fúria.

Ela começou a se ajeitar para descer quando Angus saiu do carro. Eu a abracei com mais força. “Hoje não”, falei, todo tenso.

“Certo”, ela murmurou, beijando-me de novo no queixo.

Angus abriu a porta. Ela desceu do carro mesmo assim e entrou pela porta giratória, enquanto eu ficava só olhando.

“Minha nossa.”

Angus se agachou para me olhar. “Terapia de casal quer dizer que há duas pessoas envolvidas.”

Olhei feio para ele. “Para de se divertir com isso.”

Um sorriso se escancarou em seus lábios. “Ela te ama, rapaz, goste disso ou não.”

“É claro que eu gosto”, murmurei antes de olhar para trás para abrir a porta do lado da rua. Desci do carro e o contornei pela traseira. “Mas isso não significa que não esteja fora de controle.”

Angus fechou a porta. Uma rara brisa de verão sacudia os cabelos que ficavam para fora do quepe de chofer. “Às vezes você lidera, às vezes segue o líder. Acho que ainda vai demorar um tempo para se acostumar com a segunda parte.”

Soltei um grunhido exasperado. “Ela contou para Chris.”

Ele balançou a cabeça, mas com as sobrancelhas erguidas de surpresa. “Vi quando ele entrou.”

“Por que não deixa esse maldito assunto para lá?” Subi na calçada e ajeitei o colete, desejando que meus pensamentos pudessem ser postos em ordem com a mesma facilidade. “Ela não vai mudar o passado.”

“Não é no passado que está pensando.” Ele pôs a mão no meu ombro. “É no futuro.”

Encontrei Eva andando de um lado para o outro no escritório do dr. Petersen, gesticulando com as mãos enquanto falava. Ele estava sentado na poltrona de sempre, fazendo anotações em seu tablet.

“Essa situação me deixa maluca”, Eva desabafou. Mas então me viu parado na porta e deteve o passo.

“Gideon.” Um lindo sorriso iluminou seu lindo rosto.

Não havia nada que eu não fizesse por aquela expressão de felicidade. O fato de ter sorrido dessa maneira só porque me viu…

“Eva. Doutor.” Eu me sentei no sofá. Quanto já teria contado a ele?

O dr. Petersen me acompanhou com o olhar. “Olá, Gideon. Que bom que veio, no fim das contas.”

Bati no estofamento ao meu lado e fiquei esperando que Eva se sentasse.

“Estamos planejando a mudança para a cobertura da Quinta Avenida com Cary”, eu disse com a maior tranquilidade quando ela se acomodou ao meu lado, desviando a conversa para onde eu me sentia confortável. “Acho que vai ser um processo difícil para todos nós.”

Eva ficou de boca aberta.

O dr. Petersen baixou o tablet. “Eva estava me contando sobre a visita do seu padrasto. Gostaria de ouvir um pouco mais sobre isso antes de mudar de assunto.”

Entrelacei meus dedos com os de Eva. “Isso não está aberto a discussão.”

Ela me encarou. Virei-me para olhá-la, e o ar escapou dos meus pulmões de uma forma dolorosa.

A nova expressão em seu rosto me abalou de uma forma totalmente diferente da anterior.

A sessão mal havia começado, e para mim já estava encerrada.

Pedi para Angus nos levar para casa — para a cobertura.

Estava na cara que Eva estava perdida em seus pensamentos, e que foi pega de surpresa

quando o manobrista abriu a porta para ela, na garagem do edifício.

Ela olhou para mim.

“Depois explico”, eu disse, pegando-a pelo braço e levando-a até o elevador.

Subimos em silêncio. Quando as portas se abriram em nosso hall privativo, senti que Eva ficou tensa. Não íamos juntos à cobertura fazia quase um mês. A última vez foi quando ela me confrontou a respeito da morte de Nathan.

Também tinha ficado com medo naquela ocasião. Apavorado por ter feito algo pelo qual ela não pudesse me perdoar.

Tivemos muitos momentos explosivos por lá. A cobertura não tinha testemunhado tanta alegria e amor quanto nosso apartamento secreto no Upper West Side, mas íamos mudar isso. Um dia, quando olhássemos para trás, aquele lugar nos lembraria de todos os momentos de nossa jornada juntos, tanto os bons como os ruins. Eu me recusava a pensar em outra hipótese.

Abri a porta e fiz um gesto para que entrasse. Ela largou a bolsa em uma poltrona e arrancou os sapatos. Tirei o paletó e o pendurei no encosto de um dos bancos do balcão da cozinha, em seguida peguei um shiraz da adega.

“Você está decepcionada comigo”, falei enquanto abria o vinho.

Eva se aproximou e encostou na parede. “Não, com você não.”

Enquanto pensava no que dizer, peguei um decanter e duas taças. Era difícil negociar com ela. Em uma tratativa de outro tipo, havia sempre a opção de pegar ou largar. Nenhum acordo na minha vida era irrevogável.

A não ser aqueles que colocavam em risco minha situação com Eva.

Enquanto punha o vinho no decanter, ela veio até mim no balcão da cozinha.

Sua mão tocou meu ombro. “Estamos juntos há pouco tempo, Gideon, e você já avançou bastante. Não vou ficar insistindo nesse assunto agora. Essas coisas demoram.”

Deixei o vinho decantando e virei para ela, puxando-a mais para perto. Ela me pareceu distante na última hora, e isso estava me matando.

“Me beija”, murmurei.

Inclinando a cabeça para o lado, Eva levou a boca até a minha. Colei meus lábios nos dela, mas não fiz mais nada, querendo que tomasse a iniciativa. Precisando disso.

O toque de sua língua no contorno dos meus lábios me fez gemer. A sensação de seus dedos deslizando pela minha cabeça e pela minha nuca me tranquilizou. Havia um quê de

pedido de desculpa na suavidade do beijo, e um sentimento de amor em seu gemido baixinho de rendição.

Eu a abracei e a levantei do chão, aliviado com o fato de que ainda me queria, e um pouco atordoado por isso também. “Eva… desculpa.”

“Shh, amor, está tudo bem.” Ela se afastou e tocou meu rosto, segurando-o com ambas as mãos. “Você não precisa pedir desculpas.”

Minha garganta começou a arder. Eu a pus sobre o balcão e me posicionei entre suas pernas abertas. Sua saia subiu, escancarando a cinta-liga. Eu queria possuí-la. Em todos os sentidos.

Minha testa tocou a dela. “Você está chateada porque não quis falar sobre o Chris.”

“Eu não esperava que fosse se recusar a tocar no assunto, só isso.” Ela beijou minha testa, passando os dedos pelo meu rosto. “Já deveria esperar por isso, considerando como estava irritado quando saímos do Crossfire.”

“Não com você.”

“Com Chris?”

“Com a situação.” Bufei com força. “Você acha que as pessoas vão mudar, mas isso não acontece. E está mexendo em um assunto do passado em um momento em que já temos problemas demais para resolver. Só quero ter um pouco de paz com você, Eva. Para podermos ficar sozinhos, felizes e livres dessa encheção.”

“E as noites em que você precisa dormir em outra cama? Em outro quarto?”

Fechei os olhos. “O problema então é esse?”

“Não só esse, mas em parte sim. Gideon, quero ficar com você. Dormindo e acordada.”

“Entendo, mas…”

“É essa paz que você está querendo? Finge que está tudo bem durante o dia e sofre à noite. Está acabando com você, e ver isso acontecer está acabando comigo. Não quero viver assim para sempre. Não quero que *a gente* viva assim para sempre.”

Olhei para ela, vendo minha alma refletida naqueles olhos acinzentados que não escondiam nada. Havia tanto amor em seu olhar. Amor e preocupação, decepção e esperança. Os lustres pendurados sobre o balcão iluminavam seus cabelos loiros, um lembrete de como era preciosa para mim. Um presente absolutamente inesperado.

“Eva… Tenho falado com o dr. Petersen sobre os pesadelos.”

“Mas não sobre a causa deles.”

“Você está supondo que Hugh seja o problema”, respondi sem me alterar, sentindo o ódio e a humilhação revirar meu estômago. “Temos conversado sobre o meu pai.”

Ela se afastou um pouco. “Garotão… Não sei como são seus sonhos, mas já vi você acordando de dois jeitos diferentes: pronto para espancar alguém e chorando. Quando sai distribuindo socos, as coisas que você diz me fazem ter certeza de que está enfrentando Hugh.”

Respirei fundo. Era revoltante que meu antigo terapeuta — e molestador — conseguisse atingir Eva através de mim mesmo depois de morto.

“Escuta só.” Ela envolveu meus quadris com as pernas. “Eu disse que não ia insistir nesse assunto, e é verdade. Se estivéssemos juntos há dois anos, talvez eu fizesse um escândalo. Mas faz só alguns meses, Gideon. Você está fazendo terapia e conversando sobre seu pai, e por enquanto isso basta.”

“Ah, é?”

“É. Mas existem outras coisas atormentando você, e não é comigo que precisam ser discutidas. O dr. Petersen está tendo dificuldade para trabalhar com você por causa disso. Quanto mais coisas você guardar, menos ele pode ajudar.”

Nathan. Ela nem precisava dizer aquele nome.

“Estou fazendo um esforço, Eva.”

“Eu sei.” Suas mãos alisaram meus ombros e passaram para os botões do colete. “Só me diz que não vai adiar o assunto para sempre. Me diz que vai se esforçar.”

Meu coração acelerou. Segurei seus pulsos com força, apoiando-me nela. Estava me sentindo encurralado, preso entre as necessidades dela e as minhas, que pareciam ser terrivelmente divergentes naquele momento.

Seus lábios se abriram quando ela sentiu o apertão, e sua respiração acelerou. Era um toque que restringia seus movimentos, e veio combinado com um olhar e um tom de voz exaltado… Eva reagia às minhas demandas silenciosas como se tivesse sido treinada para isso.

“Estou fazendo meu melhor”, garanti.

“Isso não é resposta.”

“É tudo o que posso oferecer agora, Eva.”

Eva engoliu em seco, perdida em seus pensamentos. “Você está brincando comigo”, ela disse baixinho. “Está me manipulando.”

“Não estou, não. Estou dizendo a verdade, mesmo não sendo o que você quer ouvir. Você me disse que não ia insistir. Era sério?

Ela umedeceu o lábio com a língua e me encarou antes de fazer que sim com a cabeça. “Era.”

“Que bom. Agora vamos beber um vinho e jantar. Depois disso, se quiser brincar, é só me avisar.”

“Brincar? Como assim?”

“Comprei umas cordas de seda para você.”

Ela arregalou os olhos. “Cordas de seda?”

“Vermelhas, claro.” Eu a soltei e dei um passo atrás, para que ela tivesse um tempinho para pensar enquanto punha o vinho nas taças. “Queria amarrar você quando se sentisse pronta para isso. Se não for hoje, algum outro dia. Também não quero forçar a barra.”

Nós dois estávamos entrando em territórios nos quais não nos sentíamos confortáveis. Ela achava que um observador externo daria uma parte da resposta que vínhamos buscando. Eu achava que teríamos que encontrá-la por conta própria, conectando-nos das maneiras mais íntimas possíveis.

Uma cura sexual. Poderia existir algo mais perfeito para duas pessoas com um histórico como o meu e o de Eva?

Ela aceitou o vinho que ofereci. “Quando comprou isso?”

“Uma semana atrás. Ou duas. Não esperava usar tão cedo, mas hoje tive vontade.” Dei o primeiro gole e deixei o shiraz passear pela minha língua. “Mas também vou ficar felicíssimo se só puder foder você com força.”

O vinho fez um barulho leve quando ela levou a taça até a boca. Eva virou tudo de uma vez, deixando apenas algumas gotas no fundo. “Porque você está bravo comigo por ter falado com Chris.”

“Eu já disse que não.”

“Você estava furioso quando saímos.”

“Furiosamente excitado.” Abri um sorriso malicioso. “Não sei explicar o motivo, já que nem eu entendo.”

“Tenta.”

Cheguei mais perto e passei o polegar por seu lábio inferior. “Quando vejo você nervosa, agitada, pronta para a briga, só consigo pensar em ter toda essa violência voltada

para mim. Fico com vontade de amarrar você enquanto grita e esperneia, sentindo sua boceta massagear meu pau enquanto meto com força. Minha, só minha.”

“Gideon.” Ela deixou a taça de lado e me agarrou, beijando minha boca com uma vontade que desejei nunca ser capaz de aplacar.

“Como é possível que você não tenha contado para Chris o que aconteceu com Hugh?”

Essa pergunta indesejada veio do nada. Parei de mastigar imediatamente, e o pedaço de pizza na minha boca se tornou um incômodo. Larguei o resto no prato, peguei um guardanapo e limpei a boca. “Por que estamos falando sobre isso de novo?”

Eva franziu a testa ao meu lado. Estávamos sentados no chão, entre a mesa de centro e o sofá da sala. “Não falamos sobre isso nenhuma vez.”

“Ah, não? Enfim, não importa. Minha mãe contou.”

Ela franziu a testa ainda mais, pegou o controle remoto e baixou o volume da TV, deixando mudos os detetives que conversavam na tela. “Acho que não.”

Eu me levantei e peguei meu prato. “Ela contou, Eva.”

“Tem certeza?” Ela me seguiu até a cozinha.

“Tenho.”

“Como?”

“Eles conversaram sobre isso à mesa de jantar uma noite, algo que eu não gostaria de ter feito.”

“Ele reagiu como se não soubesse.” Eva pôs as mãos no balcão enquanto eu descartava as sobras do meu prato. “Ele pareceu genuinamente confuso e horrorizado.”

“Então ele é um ótimo ator, como minha mãe. Isso não deveria ser surpresa.”

“E se ele não soubesse mesmo?”

“E daí?” Pus o prato na pia, porque o cheiro de comida estava embrulhando meu estômago. “Que diferença faz agora, porra? Já aconteceu, Eva. Não tem como voltar atrás. Esquece.”

“Por que você está tão bravo?”

“Porque estava a fim de passar uma noite agradável com minha esposa. Com um jantar, um vinho, TV, umas horinhas fazendo amor… depois de um dia longo e difícil.” Saí da

cozinha. “Esquece. Falo com você de manhã.”

“Gideon, espera.” Ela me segurou pelo braço. “Não vai pra cama irritado. Por favor. Sinto muito.”

Detive o passo e tirei a mão dela do meu braço. “Eu também.”

“Começa devagar”, ele cochicha, com a boca colada à minha orelha.

Percebo que está ficando excitado. Ele põe a mão no meu quadril, perto de onde estou acariciando meu pênis. Sua mão cobre a minha. Sua respiração é curta e acelerada. Sua ereção roça minha bunda.

Meu estômago está embrulhado. Estou suando. Não consigo me manter excitado, mesmo com minha mão besuntada de óleo subindo e descendo sem parar, guiada pela dele.

“Você está pensando demais”, ele diz. “Se concentra nessa sensação boa. Olha só essa mulher aí na sua frente. Ela quer dar para você. Imagina seu pau dentro dela. Macia. Quentinha. Molhada. E apertadinha.” Ele segura minha mão com mais força. “Bem apertadinha.”

Olho para a revista aberta sobre a caixa acoplada do vaso. A foto é de uma mulher de cabelos escuros, olhos azuis e pernas compridas. Elas são todas assim, as mulheres das revistas que Hugh traz.

Ele começa a arfar na minha orelha, e volto a me sentir enjoado. Errado. Tem alguma coisa errada comigo. Isto está errado. A excitação dele faz com que eu me sinta sujo. Não sou um bom garoto, é o que minha própria mãe diz. Ela grita isso para mim quando está chorando, quando está brava comigo por causa do meu pai.

Um gemido grave atravessa sua respiração pesada. Quem está fazendo esse barulho sou eu. É gostoso, mesmo não querendo.

Fica difícil respirar, pensar, resistir…

“Isso mesmo”, ele incentiva. Sua outra mão abre minha bunda.

Tento me afastar, mas não tem jeito. Ele é maior que eu, mais forte. Por mais que resista, não consigo me livrar do seu toque.

“Não”, eu digo, contorcendo-me todo.

“Você gosta”, ele responde com um grunhido. Sua mão começa a se mover mais

depressa. “Você goza num jorro toda vez. Tudo bem. É para ser gostoso mesmo. Você vai se sentir melhor depois. Não vai brigar tanto com sua mãe…”

“Não. Não faz isso! Ai…”

Ele enfia dois dedos besuntados em mim. Dou um grito e estremeço todo, mas ele não para. Está me bolinando e me penetrando, estimulando um lugar que me faz querer gozar mais do que nunca. O prazer se intensifica, apesar das lágrimas nos meus olhos.

Minha cabeça cai sobre o peito. Está vindo. Não consigo segurar…

De repente, meu ponto de visão muda. Minha mão está maior, meu antebraço está mais grosso, rasgado de veias. Meus braços e meu peito estão cobertos de pelos escuros, e meu abdome musculoso se contrai enquanto luto contra um orgasmo que não quero.

Não sou mais uma criança. Ele não pode mais me machucar.

Tem uma faca em cima da revista, brilhando sob a luz que reflete no espelho atrás de mim. Eu a apanho e me desvencilho dos dedos enfiados em mim. Depois me viro e cravo a faca em seu peito.

“Não encosta em mim!”, digo com um rugido, agarrando-o pelo ombro e o puxando na direção da faca, que entra até o cabo.

Hugh arregala os olhos de terror. Sua boca se abre em um grito silencioso.

Seu rosto se transforma no de Nathan. O banheiro da minha infância assume outro aspecto. Estamos em um quarto de hotel estranhamente familiar.

Meu coração acelera ainda mais. Não posso estar aqui. Eles não podem me encontrar aqui. Não podem encontrar nem um vestígio da minha presença. Preciso ir embora.

Saio cambaleando. A faca cai, manchada de sangue. Os olhos de Nathan se esvaziam na morte. São acinzentados. Lindos e adorados. Os olhos de Eva. Enevoando…

Eva está sangrando diante de mim. Morrendo diante de mim. Eu a matei. Meu Deus…

Meu anjo!

Não consigo me mover. Nem chegar perto dela. Ela está se desfazendo em uma poça no chão, com os olhos vidrados e sem vida…

Acordei sem ar e me sentei às pressas, sentindo a brisa fresca do ar-condicionado contra minha pele suada. Era difícil respirar, por causa do pânico que me dominava. Desvencilhei-me dos lençóis enrolados nas pernas e levantei cambaleando da cama, cego de terror. Meu estômago se revirou, e fui correndo até o banheiro, mal conseguindo chegar à privada para vomitar.

Tomei um banho para me livrar do suor pegajoso que cobria meu corpo.

Já a sensação de tristeza e desespero não era tão simples de remover. Enquanto me enxugava, sentia-me sufocado por esses sentimentos. A lembrança do rosto pálido de Eva, em choque por causa da traição e da morte, ainda me atormentava. Eu não conseguia tirá-la da cabeça.

Arranquei as roupas de cama com gestos bruscos e agressivos e em seguida joguei um lençol limpo sobre o colchão.

“Gideon.”

Eu me endireitei e me virei ao ouvir a voz dela. Eva estava na porta do quarto, retorcendo com os dedos a bainha da camiseta que usava. O arrependimento bateu com força. Ela tinha ido dormir sozinha no quarto que redecorei para que ficasse idêntico ao seu no Upper West Side.

“Ei”, ela disse baixinho, com cautela. Sua postura deixava claro que estava sem jeito. E temerosa. “Tudo bem?”

A luz do banheiro iluminava seu rosto, mostrando olheiras escuras sob seus olhos vermelhos. Ela estava chorando quando dormiu.

A culpa era toda minha. Eu a fiz se sentir indesejada, mais preocupado com meus sentimentos e pensamentos do que com os dela. Deixei que meu passado criasse uma divisão entre nós.

Não, isso não era verdade. Eu tinha deixado meu medo afastá-la de mim.

“Não, meu anjo, não está.”

Ela deu um passo à frente, depois se deteve de novo.

Abrindo os braços, falei com a voz embargada: “Desculpa, Eva”.

Ela veio correndo até mim, com seu corpo quente e gostoso. Eu a abracei com força demais, mas Eva não reclamou. Comprimindo o rosto contra sua cabeça, inalei seu cheiro. Eu era capaz de encarar qualquer coisa — e *ia* encarar qualquer coisa — com ela ao meu lado.

“Estou com medo.” Minha voz saiu em um leve sussurro, mas Eva ouviu mesmo assim.

Seus dedos se cravaram nas minhas costas, e ela me puxou mais para perto. “Não precisa. Eu estou aqui.”

“Vou me esforçar mais”, prometi. “Não desiste de mim.”

“Gideon.” Ela suspirou, e senti seu hálito quente no meu peito. “Eu te amo demais. Só quero que seja feliz. Sinto muito por ter insistido no assunto mesmo depois de dizer que não ia fazer isso.”

“A culpa é minha. Eu estraguei tudo. Desculpa, Eva. Desculpa.”

“Shh. Não precisa pedir desculpas.”

Eu a peguei no colo e a carreguei até a cama, deitando-a com cuidado. Deixei-me envolver em seus braços e me enrosquei todo nela, apoiando o rosto em sua barriga. Eva passou os dedos pelos meus cabelos, massageando minha cabeça, depois minha nuca, depois minhas costas. Uma demonstração de que me aceitava, apesar de todos os meus defeitos.

O algodão de sua camiseta ficou molhado com minhas lágrimas, e eu me encolhi todo, envergonhado.

“Eu te amo”, ela murmurou. “E sempre vou amar.”

*

“Gideon.”

Tive um sobressalto ao ouvir a voz de Eva, e em seguida senti sua mão deslizando sobre meu peito. Abrindo meus olhos cansados e ardidos, vi minha esposa se inclinando sobre mim sob a luz suave do amanhecer, com seus cabelos reluzindo sob a iluminação difusa.

“Anjo?”

Ela se mexeu, estendendo uma das pernas sobre mim. Em seguida, montou sobre meu corpo. “Vamos fazer de hoje nosso melhor dia.”

Engoli em seco. “Estou dentro.”

O sorriso dela abalou meu mundo. Eva pegou alguma coisa que havia deixado no travesseiro e, instantes depois, uma música começou a tocar baixinho nos alto-falantes do teto.

Precisei de um tempinho para reconhecê-la. “Ave Maria.”

Ela tocou meu rosto, passando os dedos pela minha sobrancelha. “Tudo bem?”

Eu queria responder, mas o nó na minha garganta estava forte demais. Só consegui balançar a cabeça. Como explicar que me sentia como em um sonho, numa espécie de paraíso em que não merecia entrar?

Ela estendeu a mão para tirar o lençol de cima de mim. Cruzando os braços sobre o corpo, tirou a camiseta e a jogou no chão.

Impressionado, tive que me esforçar para recuperar a voz. “Minha nossa, você é linda”, eu disse com a voz rouca.

Levantei as mãos para percorrer as curvas e os vales de seu corpo cheio de volúpia. Em seguida me sentei e apoiei os calcanhares no colchão, puxando nós dois para trás até me apoiar na cabeceira da cama. Minhas mãos passearam por seus cabelos e sua garganta. Eu podia acariciá-la durante dias e mesmo assim não me sentiria satisfeito.

“Eu te amo”, ela falou, inclinando a cabeça para me dar um beijo quente e possessivo.

Deixei que me pegasse, entregando-me a ela. Eva enfiou a língua bem fundo na minha boca, roçando os lábios úmidos nos meus.

“Me diz do que você precisa”, murmurei, perdido no embalo suave da música. Perdido nos braços dela.

“Você. Só você.”

“Então pode pegar”, respondi. “Sou seu.”

“Odeio ter que dizer isso, Cross”, Arash começou, batucando os dedos no braço da cadeira diante da minha mesa, “mas perdeu seu instinto matador. Eva deixou você frouxo.”

Desviei os olhos do monitor. Depois de passar duas horas fazendo amor com minha mulher, era obrigado a admitir que não estava me sentindo muito agressivo. Satisfeito e relaxado seria uma descrição bem melhor. Mesmo assim… “Só porque não considero o PhazeOne da LanCorp uma ameaça ao GenTen, isso não significa que não esteja prestando atenção.”

“Você está ciente do que está acontecendo”, ele corrigiu, “o que não é a mesma coisa que prestar atenção. Ryan Landon percebeu isso. Você costumava provocar o cara uma ou duas vezes toda semana, o que — para o bem ou para o mal — o mantinha ocupado.”

“Não foi na semana passada que fechamos o negócio do Posit?”

“Isso foi uma reação, Cross. Você precisa tomar uma iniciativa que não seja causada por ele.”

A linha do telefone do escritório que era sincronizada com meu celular começou a tocar. O nome de Ireland apareceu na tela, e estendi a mão para tirar o fone do gancho. “Preciso atender.”

“Ah, sim, claro”, ele murmurou.

Estreitei os olhos em sua direção quando atendi. “Ireland, como vai?”

Minha irmã não costumava me ligar. Geralmente falávamos por mensagem de texto, uma forma de comunicação com a qual nos sentíamos à vontade. Nada de silêncios constrangedores, nenhuma necessidade de fingimento.

“Oi, desculpa ligar assim no meio do dia.” A voz dela estava tensa.

Franzi a testa, preocupado. “O que aconteceu?”

Ireland ficou em silêncio por um tempo. “Talvez não seja um bom momento.”

Soltei um palavrão em pensamento. Eva tinha essa mesma reação quando eu era seco demais nas nossas conversas. As mulheres da minha vida precisavam facilitar as coisas para mim. Eu ainda tinha muito que aprender em termos de interações sociais. “Você parece chateada.”

“Você também”, ela rebateu.

“Pode ligar para Eva para reclamar disso. Ela vai entender. Agora me diz o que aconteceu.”

Ireland suspirou. “Meu pai e mamãe passaram a noite toda brigando. Não sei sobre o que, mas ele estava gritando. Ele nunca grita, você sabe disso. É o cara mais sossegado do mundo. Está sempre de cabeça fria. E mamãe odeia brigas. Está sempre evitando conflitos.”

A capacidade de observação dela me deixou assustado e impressionado ao mesmo tempo. “Lamento muito por isso.”

“Meu pai saiu hoje de manhã, e mamãe não parou de chorar. Você sabe o que está acontecendo? É por causa do seu casamento?”

Uma tranquilidade estranha porém familiar se instalou dentro de mim. Não sabia o que dizer para ela e não queria tirar conclusões precipitadas. “Provavelmente sim.”

Só o que eu sabia era que não queria que Ireland ouvisse os pais brigando. Eu me

lembrei de como me sentia durante as brigas que explodiram em casa quando a fraude financeira do meu pai veio a público. Ainda conseguia sentir os ecos de pânico e medo. “Tem alguém com quem você possa ficar no fim de semana?”

“Você.”

Era uma sugestão bem inconveniente. “Quer ficar na minha casa?”

“Por que não? Nunca fiquei na sua casa.”

Dei uma olhada para Arash, que estava me encarando. Ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

Eu não sabia como recusar, mas não podia concordar. A única pessoa que passou a noite na minha casa alguma vez foi Eva, e o resultado não foi nada agradável.

“Tudo bem”, ela falou. “Esquece.”

“Não, espera.” Puta merda. “Eva e eu vamos sair hoje à noite com uns amigos, é isso. Só preciso de um tempo para organizar tudo.”

“Ah, entendi.” O tom de voz dela se amenizou. “Não quero estragar seus planos. Posso ligar para alguma amiga. Não se preocupa com isso.”

“Estou preocupado com você. Eva e eu podemos ajeitar as coisas.”

“Não sou criança, Gideon”, ela falou, claramente incomodada. “Não quero obrigar você e a Eva a ficar em casa quando sei que querem sair para se divertir. Seria um saco, então não, obrigada. Prefiro ficar com minhas amigas.”

Senti um alívio percorrer minha espinha. “Que tal jantar sábado à noite?”

“Sério? Estou dentro. Aí posso dormir na sua casa?”

Eu não fazia ideia de como lidar com essa situação. Mas precisava acreditar que Eva saberia o que fazer. “Isso pode ser providenciado. Você vai ficar bem até lá?”

“Escuta só você.” Ela deu risada. “Está parecendo mesmo um irmão mais velho. Vou ficar bem. Só foi esquisito ficar ouvindo os dois brigarem, sabe? Fiquei assustada. A maioria das pessoas está acostumada a ver os pais brigando, mas eu não.”

“Eles vão ficar bem. Todos os casais brigam de vez em quando.” Apesar de ter dito isso, eu estava inquieto e curioso.

Eva não podia estar certa sobre Chris não saber. Eu não podia acreditar nisso.

*

Tinha acabado de dobrar as mangas da camisa preta quando Eva apareceu no meu campo de visão no espelho. Fiquei paralisado ao olhar para ela.

Estava vestindo um short curto, uma blusa sem manga e sandálias de salto alto. Os cabelos estavam presos no rabo de cavalo habitual, mas de um jeito mais ousado e bagunçado. Sua maquiagem era escura, mas ela pintou a boca em um tom mais claro. Usava argolas grandes e douradas, e pulseiras.

Eu tinha acordado com um anjo, mas iria para a cama com uma mulher totalmente diferente.

Soltei um assobio, virando-me para vê-la em carne e osso, e não só pelo reflexo. “Você está parecendo uma menina bem safadinha.”

Eva balançou a bunda e jogou os cabelos para o lado. “E eu sou.”

“Vem cá.”

Ela me encarou. “Acho melhor não. Você está com cara de tarado, e a gente precisa ir.”

“A gente pode se atrasar um pouco. O que tenho que dizer para convencer você a usar esse short só para mim?”

Queria que os outros a vissem e soubessem que ela era minha. Mas também queria que existisse só para mim.

Os olhos dela brilharam. “Podemos renegociar a esfregadinha.”

Lembrei o acordo que tínhamos feito — uma rapidinha em troca de uma esfregadinha debaixo da mesa — e me dei conta de que o short ia dificultar a tarefa. Mas, para isso, eu tinha uma solução.

Balançando a cabeça em sinal de concordância, eu falei: “Põe uma saia, meu anjo, e vamos cair na farra”.

“Essa ideia foi sua?”, Arash perguntou quando nos encontramos do lado de fora do Starlight Lounge.

Pelo vidro do saguão, vi um segurança controlar o número de clientes que entravam no elevador para o alto do prédio, onde ficava o bar. Outros dois tomavam conta da porta da frente, barrando as pessoas com base na aparência, nas roupas ou na simpatia.

“Estou tão surpreso quanto você.”

“Eu até ia contar.” Eva estava literalmente dando pulinhos de contentamento. “Shawna ouviu falar muito bem daqui, e achei que ia ser divertido.”

“As resenhas na internet são ótimas”, confirmou Shawna, “e alguns clientes meus estão empolgadíssimos com o lugar.”

Manuel observava a multidão empolgada na fila, e Megumi Kaba estava cautelosamente postada entre Cary e Eva. Mark Garrity, Steven Ellison e Arnoldo estavam mais atrás, abrindo espaço para as pessoas que estavam na lista VIP.

Cary abraçou Megumi. “Vem comigo, garota.” Ele abriu um sorriso para ela. “Vamos mostrar como é que se faz.”

Eva segurou meu braço. “Sua surpresa chegou.”

Segui seu olhar e notei que um casal estava vindo na nossa direção. Minhas sobrancelhas se ergueram quando reconheci Magdalene Perez, de mãos dadas com o homem a seu lado e com um brilho em seus olhos escuros que eu não via fazia tempo.

“Maggie”, cumprimentei, apertando sua mão e lhe dando um beijo no rosto. “Que bom que veio.”

Fiquei contente por Eva tê-la convidado. As duas não se deram muito bem a princípio, por culpa de Maggie. A rixa entre elas me deixou numa situação complicada com Maggie por semanas, e eu já estava me conformando com a ideia de que as coisas iam continuar nesse pé por tempo indefinido. Ainda bem que tudo tinha mudado.

Maggie abriu um sorriso. “Gideon. Eva. Esse é meu namorado, Gage Flynn.”

Cumprimentei o sujeito logo depois de Eva, notando a força do aperto de mão, e a forma impassível como recebeu minha encarada. Ele me observou atentamente também, mas não tanto quanto eu o observei. Até o fim da semana, precisaria saber tudo sobre ele. Maggie tinha passado por maus bocados com Christopher. Eu não queria vê-la sofrer de novo.

“E Will e Natalie também estão aqui”, anunciou Eva quando os últimos convidados chegaram.

Will Granger tinha um visual retrô de beatnik que combinava com ele. Estava de braço dado com a mulher baixinha de cabelos azuis ao seu lado, vestida no mesmo estilo anos 1950 e com os braços cobertos de tatuagens.

Enquanto Eva fazia as apresentações, fiz um sinal de cabeça para o segurança avisando que todo mundo já havia chegado. Ele segurou a fila e abriu caminho para nós.

Minha mulher me lançou um olhar desconfiado. “Não vai me dizer que é o dono

daqui.”

“Tudo bem, não vou dizer.”

“Isso significa que é?”

Minha mão desceu por suas costas e se acomodou na curvatura do quadril. Ela havia trocado o shorts e vestido uma saia justa com uma abertura na parte de trás. Quase desejei que não tivesse feito isso — o short mostrava suas pernas, enquanto a saia revelava sua belíssima bunda.

“Você precisa decidir se quer saber a resposta ou não”, falei quando entramos no bar. A música estava alta, e havia um cara se esgoelando no palco. A iluminação estratégica permitia que a vista de Manhattan continuasse em destaque para a apreciação dos clientes. O ar-condicionado tinha saídas no teto e no chão, mantendo a temperatura do ambiente sob controle.

“Tem alguma coisa que não seja sua em Nova York?”

Arash deu risada. “Ele não é mais o dono do D’Argos Regal, na rua 36.”

Eva parou de andar, o que fez com que Arash esbarrasse nela e a mandasse cambaleando para a frente. Olhei feio para ele.

Segurando-me pelo braço, Eva gritou para se fazer ouvir no bar lotado. “Você se desfez do hotel?”

Olhei para ela. O espanto e a esperança em seus olhos fizeram valer a pena o prejuízo financeiro que tive. Confirmei com um aceno de cabeça.

Ela se jogou sobre mim, agarrando-me pelo pescoço, e me encheu de beijos no rosto. Sorri e dei uma olhada para Arash.

“De repente, tudo fez sentido”, ele comentou.

10

“Nossa, esses dois são um doce”, comentou Shawna enquanto víamos Will e Natalie cantarem “I Got You, Babe” em cima do palco.

“Estão até me dando diabetes.” Manuel se levantou com o copo na mão. “Com licença, pessoal. Acabei de ver uma coisa interessante.”

A voz de Gideon no meu ouvido era de quem estava se divertindo. “Pode se despedir dele, meu anjo. Não vai mais voltar.”

Olhando na direção em que Manuel ia, vi uma morena bonita lançando um olhar convidativo para ele.

“Tchau, Manuel!”, eu gritei, acenando em despedida. Em seguida me inclinei sobre Gideon, que estava quase esparramado no luxuoso sofá. “Por que todos os caras que trabalham com você são bonitos?”

“Ah, são?”, ele respondeu, passando o rosto no meu pescoço e subindo para perto da minha orelha. “Então acho que não vão trabalhar comigo por muito tempo mais.”

“Aff…” Olhei para o céu estrelado. “Seu troglodita.”

Seus braços abraçaram com força meus quadris, apertando-me tanto que meu corpo colou no dele do joelho ao ombro. A alegria tomou conta de mim. Depois de todas as brigas do dia anterior, era muito bom podermos simplesmente curtir a companhia um do outro.

Megumi se inclinou sobre a mesinha que ocupava a parte central da área VIP em que estávamos, capaz de acomodar confortavelmente todos os convidados. “Quando *vocês dois* vão levantar daí e passar um pouco de vergonha?”, ela perguntou.

“Hã… nunca.”

Depois de alguns drinques, e contando com a atenção total de Cary, Megumi ficou à vontade para se divertir. Cary começou a noite com uma interpretação empolgada de “Only the Good Die Young”, e em seguida arrastou Megumi ao palco para cantar “(I’ve Had) The Time of My Life”. Ela voltou para a mesa toda radiante.

Eu devia um belo agradecimento a Cary por cuidar dela. E, para melhorar, ele não parecia ter a menor intenção de ir atrás de uma conquista qualquer e desaparecer, como

tinha feito Manuel. Eu estava muito orgulhosa do meu amigo.

“Qual é, Eva?”, reclamou Steven. “Foi você que escolheu vir aqui. Precisa cantar.”

“Foi sua irmã que escolheu o lugar”, retruquei, olhando para ela. Shawna encolheu os ombros, fazendo-se de inocente.

“Ela já cantou duas vezes”, Steven argumentou.

Resolvi mudar o foco. “Mark ainda não cantou nenhuma.”

Meu chefe sacudiu a cabeça. “Estou fazendo um favor a vocês, confia em mim.”

“Eu que o diga. Até os pneus do meu carro cantam melhor que eu!”

Arnoldo empurrou o tablet com o nome das músicas disponíveis na minha direção. Era a primeira vez na noite que ele se dirigia a mim, a não ser pelo cumprimento na chegada. Ele tinha passado a maior parte da noite conversando com Magdalene e Gage, e tentei não encarar isso como uma esnobada.

“Não é justo”, reclamei. “Vocês estão se juntando contra mim! Gideon também não cantou.”

Olhei para meu marido. Ele encolheu os ombros. “Se você for eu vou.”

Arregalei os olhos. Nunca tinha visto Gideon cantar, e jamais o imaginei fazendo isso. As pessoas que cantavam se expunham e expressavam seus sentimentos pela voz. Ele era reservado demais.

“Ah, agora é que você precisa ir mesmo”, disse Cary, clicando em uma página qualquer.

Meu estômago revirou um pouco. Aflita, olhei para a lista de músicas diante de mim. Uma delas chamou minha atenção.

Respirei fundo e fiquei de pé. “Tudo bem. Mas lembrem que foram vocês que pediram. Depois não quero ouvir ninguém reclamar.”

Gideon, que tinha se levantado ao mesmo tempo que eu, puxou-me para perto e murmurou no meu ouvido: “Só tenho elogios para seu desempenho, meu anjo”.

Dei uma cotovelada em suas costelas. Sua risada me encorajou a ir até o palco. Eu adorava aquele som, e de desfrutar da companhia dele sem me preocupar com nossos problemas, com pessoas que gostavam de nós. Éramos casados, mas ainda tínhamos muito chão pela frente, muitas noites de diversão com os amigos para curtir. Aquela era só a primeira.

Eu me arrependi de ter ameaçado nosso frágil equilíbrio com a música que tinha escolhido. Mas não a ponto de mudar de ideia.

Cumprimentei Will e Natalie quando passaram por nós a caminho da mesa. Poderia ter pedido a música no tablet que ficava na mesa, da mesma forma que fizemos com as bebidas e a comida, mas não queria que Gideon visse o que íamos cantar.

Além disso, percebi que todo mundo precisava entrar na fila, mas nossos pedidos eram passados na frente. Achava que, se pusesse o nome na lista pessoalmente, ia ter um tempinho a mais para tomar coragem.

Deveria saber que não seria nada disso. Quando passei a música para a hostess, ela digitou o pedido no sistema e anunciou: “Certo, pode ficar por aqui. Vocês são os próximos”.

“Está brincando.” Olhei para nossa mesa. Gideon piscou para mim.

Ah, ele ia pagar por isso mais tarde.

A menina que cantava “Diamonds” no palco terminou sua apresentação, e o bar inteiro aplaudiu. Ela até cantava bem, mas a banda precisou compensar as desafinadas várias vezes. Eles eram ótimos. Cruzei os dedos para que isso fosse suficiente para livrar minha barra também.

Estava tremendo toda quando subi a escadinha para o palco. Os assobios e os aplausos ecoaram na nossa mesa, e acabei dando risada, apesar do nervosismo. Segurei o microfone no pedestal, e a banda começou a tocar imediatamente. A música conhecida, uma das minhas favoritas, me deu o impulso inicial de que precisava.

Olhando para Gideon, cantei os primeiros versos, dizendo o quanto ele era incrível. Mesmo com a música no palco, dava para ouvir as pessoas rindo da minha voz horrorosa. Minha mesa explodiu em aplausos, mas isso já era esperado.

Eu tinha escolhido “Brave”. E precisava ser mesmo corajosa para cantar — ou então maluca.

Continuei concentrada no meu marido, que não estava rindo nem sorrindo. Ele simplesmente me olhava com atenção enquanto eu dizia, por meio da letra de Sara Bareille, que queria vê-lo levantar a voz e ser corajoso.

A qualidade da música e a habilidade da banda começaram a cativar a plateia, que passou a cantar junto — algumas pessoas pelo menos. Meus sentimentos deram força à minha voz, reforçando a mensagem dedicada exclusivamente a Gideon.

Ele precisava quebrar o silêncio. Precisava contar a verdade para sua família. Não por mim ou por seus familiares, mas por ele.

Quando a música terminou, meus amigos aplaudiram de pé, e eu sorri, me sentindo

energizada. Fiz um agradecimento exagerado, e dei risada quando as mesas mais próximas se juntaram aos meus amigos nos aplausos não merecidos. Conhecia meus pontos fortes. Cantar não era um deles.

“Isso foi demais!”, Shawna gritou quando voltei para a mesa, dando-me um abraço apertado. “Você tirou de letra, menina.”

“Me lembra de pagar sua conta mais tarde”, respondi, sentindo meu rosto vermelho quando o restante do pessoal se juntou à sessão de elogios. “Vocês são muito cara de pau.”

“Ah, gata”, comentou Cary, com os olhos verdes brilhando de divertimento. “Não dá para ser boa em tudo. É um alívio saber que você tem defeitos como todos nós.”

Mostrei a língua para ele e peguei o copo de vodca com suco de cranberry de cima da mesa.

“Sua vez, garanhão”, disse Arash, sorrindo para Gideon.

Meu marido fez que sim com a cabeça e olhou para mim. Sua expressão não deixava transparecer nenhum tipo de sentimento, e comecei a ficar preocupada. Não havia sinal de suavidade em seus lábios ou em seus olhos, nada que pudesse me proporcionar uma pista.

E então algum idiota começou a cantar “Golden”.

Gideon ficou tenso, cerrando os dentes visivelmente. Segurei e apertei sua mão e senti uma onda de alívio ao sentir que ele retribuiu o gesto.

Beijou-me no rosto e foi para o palco, abrindo caminho tranquilamente pela multidão. Fiquei observando seus passos, vendo as outras mulheres virarem o pescoço ao bater os olhos nele. Eu era suspeita para falar, claro, mas tinha certeza de que ele era o homem mais lindo ali.

Deveria ser crime alguém ser tão sexy.

Olhei para Arash e Arnoldo. “Já ouviram Gideon cantar?”

Arnoldo balançou a cabeça.

Arash deu risada. “De jeito nenhum. Se tivermos sorte, ele canta que nem você. Como disse Cary, ele não pode ser bom em tudo, ou vamos ser obrigados a odiar o cara.”

O sujeito que estava no palco terminou de cantar. Um instante depois, Gideon subiu. Por algum motivo, meu coração disparou como quando eu estava lá em cima. Minhas mãos ficaram suadas, e eu as limpei na saia.

Estava com medo de saber como era ver Gideon no palco. Por mais que detestasse admitir, era difícil concorrer com alguém como Brett, e depois de ouvir “Golden”, mesmo

cantada por alguém que jamais deveria ter acesso a um microfone, eu sabia que uma comparação entre os dois seria inevitável.

Gideon pegou o microfone e o arrastou pelo palco como se já tivesse feito isso um milhão de vezes antes. As mulheres na plateia enlouqueceram, gritando que ele era lindo e fazendo comentários sugestivos que decidi ignorar. Gideon era mesmo uma delícia, mas seu ponto forte era sua presença imponente e confiante.

Ele tinha toda a pinta de um homem que sabia levar uma mulher à loucura na cama. E, minha nossa, era isso mesmo que fazia.

“Esta música”, ele anunciou, “é para minha esposa.”

Com um sinal, Gideon mandou a banda começar a tocar. Uma linha de baixo imediatamente reconhecível fez meu pulso acelerar ainda mais.

“Lifehouse!”, Shawna gritou, batendo palmas. “Adoro essa banda!”

“Ele já está chamando você de esposa?”, Megumi perguntou, inclinando-se na minha direção. “Dá para ser mais sortuda que isso?”

Nem olhei para ela. Não consegui. Minha atenção estava toda voltada para Gideon, que olhava para mim enquanto cantava, dizendo-me com sua voz deliciosamente rouca que estava desesperado para mudar e faminto pela verdade.

Ele estava respondendo à minha música.

Senti meus olhos arderem, e o ritmo das batidas do meu coração mudou. Pensei que ele seria frio e sem emoção, mas Gideon estava acabando comigo, abrindo sua alma em seu tom de voz áspero e sensual.

“Puta merda”, Cary comentou, virado para o palco. “O cara canta muito.”

Eu também estava ligadíssima, atenta a cada palavra, ouvindo a mensagem que ele tentava passar, e me apaixonando ainda mais. Remexi-me no assento, sentindo um tesão quase insuportável.

Gideon monopolizou as atenções do bar inteiro. De todas as vozes que ouvimos naquela noite, a sua era a única que se equiparava à de um profissional. Ele estava com os pés afastados, cantando um rock com suas roupas elegantes, e tão bem que não consegui imaginar nenhuma outra forma de cantar aquela música. Era bem diferente de ouvir Brett, tanto na forma de cantar como na reação que me causava.

Fiquei de pé sem nem me dar conta do que estava fazendo, abrindo caminho em meio à plateia para chegar até ele. Gideon terminou de cantar e o bar explodiu em aplausos, interrompendo minha trajetória. Fiquei perdida na plateia, invisível em meio aos ombros

que me cercavam.

Ele me encontrou mesmo assim, abrindo caminho para me pegar em seus braços. Sua boca encontrou a minha, beijando-me com vontade, provocando uma nova onda de gritinhos e aplausos. Ao fundo, ouvi a banda começar mais uma música. Praticamente subi em cima de Gideon, ofegando em seu ouvido: “Agora!”.

Eu não precisava explicar nada. Ele me pôs no chão, pegou-me pela mão e me puxou pelo bar e pela cozinha até o elevador de serviço. Eu me joguei em cima dele quando a porta se fechou, mas Gideon estava pegando o celular e pondo na orelha, jogando a cabeça para trás enquanto minha boca devorava seu pescoço.

“Traz a limusine”, ele ordenou em um tom áspero, enfiou o telefone de novo no bolso e me beijou com toda a paixão que mantinha aprisionada dentro de si.

Eu o devorei com ardor, mordendo seu lábio inferior enquanto saboreava sua boca com os movimentos da minha língua. Gideon grunhiu quando o prensei contra a parede almofadada do elevador, passando a mão pelo seu peito e descendo até encontrar sua ereção.

“Eva… Nossa.”

Quando paramos de descer, ele entrou em ação rapidamente, pegando-me pelo cotovelo e me puxando porta afora com passos velozes e impacientes. Saímos por um corredor de serviço para o saguão, atravessando mais uma multidão até enfim emergir ao ar livre na noite quente. A limusine estava parada no meio-fio.

Angus saltou e abriu rapidamente a porta de trás.

“Não precisa ir muito longe”, instruiu Gideon.

Nós nos acomodamos no banco de trás a certa distância, à espera de que o vidro que nos isolava dos assentos dianteiros subisse e a limusine começasse a andar.

Assim que a divisória se fechou por inteiro, eu me recostei no assento e subi o zíper da saia, quase rasgando minhas roupas de tanta vontade de ser comida.

Gideon se ajoelhou e começou a abrir a calça.

Arranquei a calcinha e a tirei com as sandálias.

“Meu anjo.” Seu grunhido me fez gemer de expectativa.

“Estou molhada. Estou molhada”, repeti, pois não precisava de nenhuma preliminar.

Mesmo assim, ele quis constatar por si mesmo, agarrando meu sexo. Seus dedos entraram e me abriram, massageando meu clitóris e entrando em mim.

“Minha nossa, Eva. Você está encharcada.”

“Me deixa montar em você”, supliquei, afastando-me do encosto. Eu queria ditar o passo, a profundidade, o ritmo…

Gideon baixou a calça e a cueca até os joelhos e se sentou no banco, abrindo bem a camisa. Seu pau grosso e grande apareceu durinho entre suas pernas, lindo como o restante de seu corpo.

Eu me ajoelhei entre suas pernas, acariciando seu pênis com as mãos. Ele estava quente e macio. Agindo por instinto, eu o enfiei na boca. Ele sibilou ao soltar o ar por entre os dentes, agarrando meu rabo de cavalo e jogando a cabeça para trás.

Gideon fechou os olhos com força. “*Isso*.”

Passei a língua pela cabeça larga do pau, sentindo seu gosto e suas veias pulsarem contra minhas mãos. Contraindo os lábios, eu o tirei da boca, para logo em seguida enfiar de volta.

Gideon grunhiu e elevou os quadris, empurrando-o ainda mais para dentro da minha boca. “Enfia mais.”

Estremeci toda ao fazer o que ele mandou, violentamente excitada com seu prazer. Gideon abriu os olhos e baixou a cabeça para me olhar.

“Vem cá.” Seu tom de voz grave provocou um calafrio de desejo em mim.

Escalei seu corpo magnífico, montando em cima dele e jogando os braços sobre seus ombros. “Você está uma delícia.”

“Eu? É você que está pegando fogo, meu anjo.”

Movi os quadris para me ajeitar sobre ele. “Espera só até me sentir por dentro.”

Ele me envolveu com o braço e segurou seu pau, mantendo-o no lugar para que eu o envolvesse. Minhas pernas tremeram quando seu pênis entrou em mim, me alargando.

“*Gideon*.” A sensação de ser possuída era sempre uma delícia.

Ele segurou meus quadris. Fui deixando que entrasse mais fundo, olhando-o nos olhos. Um rugido grave preencheu o espaço entre nós, e eu fiquei mais quente e mais molhada.

Não importava quantas vezes pudesse tê-lo, eu sempre queria mais. Sentir de novo sua reação a mim, como se não existisse nada melhor no mundo, como se eu lhe proporcionasse algo impossível de obter de outra maneira.

Apoiei a mão no encosto do banco e remexi os quadris, envolvendo-o um pouco mais. Já conseguia sentir a pressão no fundo do ventre, mas ainda não o havia engolido por

inteiro. Era isso que eu queria. Eu o queria por inteiro.

“Na nossa primeira vez”, ele comentou com a voz rouca, sem tirar os olhos de mim, “você me cavalgou bem aqui, e me deixou louco. Minha cabeça entrou em parafuso.”

“Foi tão bom”, murmurei, perigosamente perto de gozar. Ele estava muito duro. “Ai, nossa. É ainda melhor agora.”

Ele cravou os dedos nos meus quadris. “Agora quero você inteira.”

Soltando o ar com força, encostei meu rosto no dele. “Me ajuda.”

“Se segura.” Segurando meus quadris, ele elevou os seus, metendo tudo em mim. “Pronto, Eva. É tudo seu.”

Eu gritei e colei nele, movendo-me por instinto, aproveitando-o por inteiro.

“Assim… assim…”, murmurei, batendo meu corpo no dele, remexendo meu sexo por toda a sua longa e rígida ereção.

O rosto de Gideon estava brutalmente contorcido de tesão. “Vou gozar tanto”, ele prometeu deliciosamente, “que você vai me sentir dentro de você a noite toda.”

O som de sua voz… a lembrança dele no palco… Nunca tinha ficado tão excitada. Ele não era o único que ia gozar muito.

Gideon jogou a cabeça para trás, com o peito ofegante e sons bruscos de prazer escapando de sua garganta. Suas mãos me soltaram, e ele cravou os punhos no assento. Ele me deixou trepar da maneira que eu precisava, usando-o por inteiro.

Arqueando as costas, cheguei ao orgasmo com um grito, sentindo meu corpo todo tremer, meu sexo se contrair e estremecer em torno de seu pau. Meu ritmo arrefeceu, e minha visão escureceu. Um gemido infindável escapou de dentro de mim, em um alívio atordoante.

Quando o mundo voltou ao normal, eu estava deitada de costas, com Gideon se erguendo sobre mim, enlaçando uma das minhas pernas e colocando-a sobre o ombro. Ele apoiou o pé no assoalho e começou a meter fundo, sem parar. Bem fundo.

Estremeci. Senti-lo dentro de mim era muito bom.

Gideon me manteve imóvel, aberta e sem defesa, usando-me da mesma maneira como eu o havia usado, em uma corrida descontrolada em direção ao orgasmo. A força de seu corpo enquanto enfiava o pau em meu sexo trêmulo me deixou no limiar do gozo outra vez.

“Eu te amo”, gemi, passando as mãos por suas coxas flexionadas.

Ele grunhiu meu nome e começou a gozar, cerrando os dentes, pressionando meus quadris com força contra os seus, metendo fundo. A sensação de tê-lo gozando dentro de mim me levou à loucura.

“Uma delícia”, Gideon murmurou, acompanhando os espasmos do meu sexo.

Nossos corpos se juntaram.

Ele enterrou o rosto no meu pescoço. “Te amo.”

As lágrimas inundaram meus olhos. Ele quase nunca dizia aquilo.

“Fala de novo”, pedi, abraçando Gideon.

Sua boca encontrou a minha. “Te amo…”

“Quero mais”, exigi, lambendo os lábios.

Gideon me olhou por cima do ombro. O bacon estalava na frigideira à sua frente, e comecei a salivar à espera de mais uma fatia. “E eu pensando que dois pacotes de bacon iam dar para o fim de semana inteiro.”

“Comer gordura é fundamental depois de uma noite de bebedeira”, eu disse, limpando o prato com o dedo e levando-o à boca. “Mas só quando você não está de ressaca.”

“Eu estou”, murmurou Cary, entrando na cozinha vestindo apenas a calça jeans, que nem se tinha dado ao trabalho de abotoar direito. “Tem cerveja?”

Gideon apontou para a geladeira com o pegador. “Na última gaveta.”

Sacudi a cabeça para Cary. “A esta hora da manhã?”

“É o jeito. Minha cabeça parece que vai explodir.” Cary pegou uma cerveja e se juntou a mim no balcão. Ele abriu a tampa e virou a garrafa, bebendo metade de uma vez.

“Dormiu bem?”, perguntei, cruzando os dedos mentalmente.

Ele havia passado a noite no apartamento anexo, e eu estava torcendo para que tivesse gostado. Era um lugar com os mesmos detalhes da época do pré-guerra existentes no resto da cobertura, e com uma decoração parecida. Sabia que o estilo de Cary era mais contemporâneo, mas a vista para o Central Park não era de se jogar fora. Todo o restante poderia ser mudado, bastava ele pedir.

Cary tirou a garrafa da boca. “Como uma pedra.”

“Gostou do apartamento?”

“Claro. Quem não gostaria?”

“Quer morar lá?”, insisti.

Cary abriu um sorrisinho torto. “Sim, gata. Seria demais. Obrigado pelo prêmio de consolação, Gideon.”

Meu marido se virou para nós com um prato de bacon na mão. “Não é um prêmio de consolação. Você é muito bem-vindo.”

Bati palmas. “Eba! Estou superfeliz.”

Gideon pegou um pedaço de bacon e prendeu entre os dentes. Eu me inclinei para a frente e abri a boca. Ele se curvou e me deixou morder um pedaço.

“Qual é?”, resmungou Cary. “Não estou precisando de ajuda para vomitar.”

Eu o empurrei de leve. “Cala a boca.”

Cary sorriu e terminou a cerveja. “Preciso ficar no pé de vocês. Quem garante que não vão estar cantando ‘I Got You, Babe’ juntos em alguns anos?”

Abri um sorriso ao me lembrar de Will e Natalie. Descobri que tinha ainda mais motivos para gostar dele depois de conhecer sua namorada. “Eles não são uma graça? Estão juntos desde o colégio.”

“É disso que eu estou falando”, disse Cary. “Depois de tanto tempo juntas as pessoas começam a se estranhar ou acabam criando um mundo encantado só delas.”

“Mark e Steven também estão juntos há um tempão”, argumentei. “E eles não ficam brigando nem babando um em cima do outro.”

Cary me encarou. “Eles são gays, Eva. Não tem os hormônios femininos para acrescentar drama na história.”

“Seu porco machista. Não acredito que disse isso.”

Cary olhou para Gideon. “Você sabe que estou certo.”

“Essa é minha deixa para dar o fora daqui”, declarou Gideon, pegando duas fatias de bacon.

“Ei!”, gritei quando ele foi para a sala.

Cary caiu na risada. “Não esquenta. Ele já entendeu com que tipo de mulher está lidando.”

Olhei feio para meu amigo enquanto mastigava outro pedaço de bacon. “Vou deixar passar essa porque estou devendo uma para você por causa de ontem à noite.”

“Foi divertido. Megumi é gente boa.” O humor desapareceu de seu rosto, e ele ficou sério. “Pena que teve que passar por isso.”

“Pois é.”

“Já decidiu como vai ajudar outras vítimas como ela?”

Apoiei os cotovelos no balcão. “Vou falar com Gideon sobre trabalhar com a Fundação Crossroads.”

“Porra, por que você não pensou nisso antes?”

“Porque… sou teimosa, acho.” Olhei por cima do ombro para a sala, e baixei o tom de voz. “Uma das coisas que Gideon mais gosta em mim é que não faço todas as vontades dele. Ele não é como Stanton.”

“E você não quer ser como sua mãe. Isso significa que vai manter o nome de solteira?”

“Sem chance. Gideon faz questão de que eu seja Eva Cross. Além disso, é um puta nome legal.”

“É mesmo.” Ele deu um tapinha no meu nariz com o dedo. “Se precisar de mim é só falar.”

Levantei do banquinho e o abracei. “O mesmo vale para você.”

“Não vou abusar da sua boa vontade, pode deixar.” Ele soltou um suspiro. “Grandes mudanças estão a caminho, gata. Você não fica com medo?”

Olhei para ele e senti toda a intimidade proporcionada pelos momentos difíceis que vivemos juntos. “Mais do que estou disposta a admitir.”

“Preciso dar uma corrida até o escritório”, avisou Gideon, aparecendo na cozinha com um boné dos Yankees na cabeça. Estava com a mesma camiseta cinza, mas havia trocado a calça do pijama por uma de moletom, e girava um chaveiro nos dedos. “Não devo demorar.”

“Está tudo bem?”, perguntei, afastando-me de Cary. A expressão do meu marido era impenetrável e revelava que sua cabeça já estava voltada para o que era preciso resolver.

“Está, sim.” Ele veio até mim e me deu um beijo apressado. “Volto daqui a umas duas horas. Ireland só vai chegar às seis.”

Ele foi embora. Fiquei olhando para o vazio que ele deixou.

O que poderia ser tão importante a ponto de afastá-lo de mim em um fim de semana? Gideon era bastante possessivo, principalmente na hora de manter o pouco tempo que tínhamos para passar juntos. E aquela chave virando no dedo foi meio esquisito. Ele não

era do tipo que fazia movimentos à toa. As únicas vezes em que o via remexendo os dedos era quando estava totalmente relaxado, ou então o contrário: pronto para partir para o ataque.

Não consegui evitar a sensação de que estava escondendo algo de mim. Como sempre.

“Vou tomar um banho”, Cary avisou, pegando uma garrafa de água na geladeira. “Quer ver um filme quando eu terminar?”

“Claro”, respondi, distraída. “É uma boa ideia.”

Esperei até que fosse para o apartamento anexo antes de ir pegar o celular.

11

“Cadê a Eva?”

Contornei a frente do Mercedes e entrei na frente de Brett Kline. Meus dedos se contorceram, em uma tentativa de suprimir o hábito de estender a mão para cumprimentar as pessoas. A mão daquele cantor havia tocado intimamente minha esposa… e não muito tempo antes. Não queria apertá-la. Queria quebrá-la.

“Na nossa casa”, respondi, apontando para a entrada do Edifício Crossfire. “Vamos para o escritório.”

Kline abriu um sorriso frio. “Você não vai conseguir afastar Eva de mim.”

“Quem fez isso foi você.” Percebi que ele estava usando uma camiseta bem gasta do Pete’s com calça jeans preta e botas de couro. Sem dúvida nenhuma, essa escolha não era uma simples coincidência. Ele queria mostrar para Eva o histórico que tinham juntos. E talvez até para mim. Será que foi ideia do Yimara? Não me surpreenderia.

Não era a melhor atitude a tomar.

Ele entrou pelas portas giratórias na minha frente. Os seguranças coletaram seus dados e lhe deram um crachá de visitante. Passamos pelas catracas e fomos até os elevadores.

“Você não vai conseguir me intimidar com seu dinheiro”, ele disse, tenso.

Entrei no elevador e apertei o botão do último andar. “Olhos e ouvidos estão espalhados pela cidade toda. No meu escritório, pelo menos, sei que você não vai ter como chamar a atenção.”

Ele contorceu o lábio, contrariado. “É essa sua preocupação? Sua imagem pública?”.

“Uma pergunta irônica, considerando quem você é e o que está querendo.”

“Não vem dizer que me conhece”, ele grunhiu. “Você não sabe porra nenhuma.”

No espaço confinado do elevador, a agressividade e a frustração de Kline permeavam a distância entre nós. Suas mãos estavam agarradas ao corrimão logo atrás, em uma postura de hostilidade e expectativa. Com as pontas dos cabelos espetados descoloridas e as tatuagens em preto e branco que cobriam seus braços, o vocalista do Six-Ninths não tinha como ser mais diferente de mim. Eu costumava ficar intimidado com sua aparência e seu histórico com Eva. Agora não ficava mais.

Não depois de San Diego. E com certeza não depois da noite anterior.

Ainda conseguia sentir as unhas de Eva nas minhas costas e na minha bunda. Ela havia me levado aos limites a noite toda, e em algumas horas da manhã. O apetite insaciável que sentia por mim não deixava lugar para mais ninguém. E o tom de sua voz quando dizia que me amava, as lágrimas em seus olhos quando eu disse o que significava para mim…

Recostei-me na parede oposta da cabine e enfiei a mão no bolso da calça, ciente de que minha postura relaxada ia irritá-lo.

“Ela sabe que estamos conversando aqui?”, ele perguntou em um tom brusco.

“Achei que poderia deixar a seu critério mencionar ou não o assunto.”

“Ah, eu vou mencionar, pode deixar.”

“Espero que faça isso mesmo.”

Saímos para o hall das Indústrias Cross e liberei nossa entrada para que pudéssemos ir à minha sala. Havia algumas pessoas trabalhando, e fiz questão de mostrar que tinha notado sua presença. Aqueles que iam ao escritório em dia de folga não eram necessariamente melhores funcionários do que aqueles que não faziam isso, mas eu sabia respeitar e recompensar esse tipo de ambição.

Quando chegamos à minha sala, fechei a porta e deixei o vidro opaco. Havia uma pasta na minha mesa, conforme tinha pedido que deixassem antes de sair de casa. Pus a mão sobre ela e fiz um gesto para que Kline se sentasse.

Ele continuou de pé. “Que porra é essa? Queria ver Eva, mas em vez disso seu capanga me trouxe até aqui.”

O “capanga” era um segurança da Vidal Records, mas ele tinha razão em achar que o sujeito estava agindo sob minhas ordens. “Estou disposto a oferecer um bom dinheiro — além de outros incentivos — pelos direitos exclusivos das imagens que Yimara fez de você e Eva.”

Ele abriu um sorriso tenso. “Sam me avisou que você ia tentar fazer isso. Aquele vídeo não tem nada a ver com você. É meu e de Eva.”

“E do mundo inteiro se o vídeo vazar, o que ia acabar com ela. Isso faz diferença para você, os sentimentos dela?”

“Nada vai vazar, e é claro que os sentimentos dela são importantes, porra. Esse é um dos motivos por que preciso falar com ela.”

Balancei a cabeça. “Você quer perguntar o que pode usar. Acha que pode convencer Eva a deixar que explore uma parte do conteúdo.”

Ele remexeu os pés em sinal de inquietação, acusando o golpe.

“Você não vai conseguir a resposta que está querendo”, continuei. “Só a existência desse vídeo já é motivo de sofrimento para ela. Se acha que não, é um idiota.”

“Não é só sexo. Tem umas coisas legais, com a gente se divertindo. Eu e ela tínhamos um lance interessante. Ela não era só uma trepada para mim.”

Seu merda. Precisava controlar o impulso de partir para cima dele.

Kline soltou uma risadinha. “Não que você entenda do que estou falando. Não se incomodou nem um pouco de comer aquela morena antes de eu reaparecer na jogada. Só então a coisa mudou de figura. Eva era só um brinquedo que você já tinha descartado. Até surgir alguém interessado nela.”

Com a menção a Corinne, ele tocou em um ponto sensível. O relacionamento de fachada com minha ex quase havia me custado Eva, e isso ainda me atormentava.

Isso também me mostrou o quanto ele era bom em colocar a culpa nos outros. “Eva sabe muito bem o que significa para mim.”

Kline chegou mais perto da minha mesa. “Ela está cega demais por seus bilhões para perceber que tem algum motivo muito estranho para esconder seu casamento falso em outro país. Isso não é ilegal, aliás?”

Era um questionamento que eu já esperava. “É totalmente dentro da lei.”

Abri a pasta e tirei uma foto lá de dentro. Foi tirada no dia do nosso casamento, no momento do nosso primeiro beijo como marido e mulher. A praia e o pastor que celebrou a cerimônia serviam como pano de fundo. Eu segurava seu rosto entre as mãos, e nossos lábios se tocavam de forma suave. Suas mãos seguravam meus punhos, e minha aliança reluzia em seu dedo.

Virei a foto para ele e pus uma cópia da certidão de casamento ao lado, usando minha mão esquerda para isso, mostrando a aliança de rubis.

Eu não estava revelando detalhes da minha vida pessoal para provar nada para ninguém. Minha intenção era provocar Kline, o que vinha fazendo desde o momento em que ele tinha chegado a Nova York. Quando procurasse minha mulher de novo, eu queria que estivesse desequilibrado e em desvantagem.

“Portanto, não existe mais nada entre você e Eva”, eu disse sem me alterar. “Se ainda tinha dúvidas, agora não tem mais. De qualquer forma, acho que está menos interessado nela do que em usar sua imagem em benefício da banda.”

Kline deu risada. “Ah, sim, pode me pintar como o babaca da história. O que você não

consegue aceitar é a ideia de que ela veja esse vídeo. Você nunca conseguiu deixar Eva daquele jeito, e nunca vai conseguir.”

Meus antebraços se contraíram de vontade de arrancar aquela presunção da cara dele. “Pode acreditar no que quiser. Suas opções são as seguintes: aceitar os dois milhões que estou oferecendo, entregar as imagens e ir embora…”

“Não quero seu dinheiro!” Ele apoiou as mãos na beirada da mesa e se inclinou na minha direção. “Você não é dono das minhas lembranças. Pode até estar com ela — por enquanto —, mas esse vídeo é meu. E não vou vender para você nem fodendo.”

A ideia de Kline vendo aquelas imagens… fodendo minha mulher… fez meu sangue ferver. A ideia de sugerir que analisassem o material, mesmo sabendo o quanto isso ia abalar Eva, deixou-me à beira de fazer uma loucura.

Tentei manter o tom de voz o mais neutro possível. “Você pode rejeitar o dinheiro e manter a existência dessas imagens em segredo até morrer. Fazer disso um presente secreto para Eva, que ela nem sabe que existe.”

“Que porra de conversa é essa?”

“Ou você pode ser um cretino egoísta”, continuei, “e usar isso contra ela, para destruir nosso casamento e ficar mais famosinho.”

Eu o encarei. Kline permanecia impassível, mas desviou os olhos por uma fração de segundo. Já era uma pequena vitória.

Sem perder tempo, saquei o contrato da pasta. Arash já tinha providenciado tudo. “Se sente alguma coisa por ela, vai tomar uma decisão diferente daquela que tinha na cabeça quando veio para Nova York.”

Ele pegou os documentos da minha mesa e rasgou no meio, jogando os pedaços sobre a superfície de vidro. “Só vou embora depois de falar com ela.”

Kline saiu do meu escritório espumando de raiva.

Esperei que ele se retirasse, depois fiz uma ligação por uma linha segura. “Deu tempo?”

“Deu. Cuidamos do laptop e do tablet que estavam na bagagem assim que vocês subiram. Estamos verificando os servidores de e-mail e de backup agora mesmo. Revistamos a casa dele no fim de semana, mas o cara não aparece por lá faz tempo. Limpamos tudo nos equipamentos de Yimara e de Kline, assim como as contas e os equipamentos daqueles que receberam o vídeo. Um dos executivos da Vidal tinha uma cópia completa no HD, mas apagamos. Não encontramos nenhuma evidência de que tenha enviado para alguém.”

Senti minhas entranhas gelarem. “Qual executivo?”

“Seu irmão.”

Porra. Agarrei a borda da mesa com tanta força que meus dedos até estalaram. Eu me lembrei do vídeo de Christopher com Magdalene, sabia o quanto o ódio que ele sentia contra mim podia ser perverso. Só de pensar que ele poderia ver Eva em um momento tão íntimo… tão vulnerável… Fiquei em um estado de espírito que não experimentava desde que soube de Nathan.

Eu precisava acreditar que a empresa de segurança privada que contratei ia resolver o problema. Sua equipe de técnicos era treinada para lidar com informações muito mais importantes.

Joguei a papelada espalhada em cima da mesa dentro da pasta. “Preciso que esse vídeo deixe de existir.”

“Entendido. Estamos trabalhando nisso. Ainda é possível que exista alguma cópia circulando por aí, apesar de já termos vasculhado as transações bancárias de Kline e Yimara em busca de pagamentos de cofres ou depósitos. Vamos continuar monitorando a situação, a não ser que venha uma ordem em contrário.”

Essa ordem nunca viria. Eu passaria a vida inteira procurando por qualquer pista de que aquele vídeo tinha ido parar nas mãos de outra pessoa que não fosse eu, se preciso. “Obrigado.”

Desliguei, saí do escritório e voltei para casa para ficar com Eva.

“Você é mesmo muito boa com isso aí”, disse Ireland, vendo Eva pegar um pedação de frango kung pao da caixa com os hashis e levar à boca. “Nunca aprendi a usar direito.”

“Tenta segurar desse jeito aqui.”

Fiquei olhando minha esposa ajustar a pegada da minha irmã nos palitinhos, seus cabelos loiros contrastando com o tom escuro de Ireland. Sentadas no chão aos meus pés, estavam ambas de short e blusa, com as pernas bronzeadas estendidas na mesinha de centro, as de uma compridas e finas, as da outra mais curtas e voluptuosas.

Eu estava presente mais como um observador, sentado no sofá atrás das duas e invejando sua capacidade de jogar conversa fora, apesar de me sentir grato por não precisar falar nada.

Era tudo muito surreal. Jamais teria sido capaz de imaginar uma noite como aquela, um

jantar em casa em… família. Quanto a mim, não sabia como contribuir. O que poderia dizer? Como deveria me sentir?

Também estava surpreso. E agradecido. Pela mulher maravilhosa que tanto acrescentou à minha vida.

Não muito tempo antes, em um sábado à noite, eu estaria em um evento social de alta visibilidade, concentrando-me nos negócios ou esperando que alguma mulher interessante me despertasse uma vontade de trepar. Voltando para casa ou terminando a noite transando no hotel, eu estaria sempre sozinho. E, como não tinha muita lembrança de pertencer a algum lugar, ou a uma pessoa, não sabia nem o que estava perdendo.

“Rá! Olha só”, comemorou Ireland, segurando um pedacinho de frango alaranjado, que não perdeu tempo em comer. “Consegui levar até a boca.”

Engoli o vinho da taça em um só gole, com vontade de dizer *alguma coisa*. Minha mente sugeriu uma enxurrada de opções, todas elas forçadas e pouco sinceras. No fim o que saiu foi: “O alvo é bem grande. Assim fica fácil acertar”.

Ireland se virou para me ouvir, mostrando-me os mesmos olhos azuis que eu via no espelho todos os dias. Eram bem mais sinceros e inocentes que os meus, e brilhavam de divertimento e afeto. “Está me chamando de bocuda?”

Incapaz de resistir, passei a mão na cabeça dela, tocando seus cabelos sedosos, tão parecidos com os meus. “Não foi isso que eu disse.”

“Não com *essas* palavras”, ela corrigiu, inclinando a cabeça de leve na direção do meu toque antes de se virar de novo para Eva.

Eva me olhou, abrindo um sorriso encorajador. Ela sabia me dar forças, e me oferecia seu apoio de forma incondicional.

Com um nó na garganta, levantei do sofá e peguei a taça vazia da minha mulher. O copo de refrigerante de Ireland ainda estava pela metade, então deixei lá mesmo e fui até a cozinha, tentando me recompor para conseguir enfrentar o restante da noite.

“O Channing Tatum é muito gato”, comentou Ireland na sala. “Você não acha?”

Franzi a testa. Esse comentário da minha irmã mais nova despertou pensamentos desagradáveis sobre namoros. Ela já devia ter beijado garotos — afinal, tinha dezessete anos. Eu sabia que era perfeitamente natural. E também que era culpa minha ter perdido tanto de sua infância. Mas a ideia de que minha irmã mais nova precisaria lidar com versões mais jovens de homens como eu, Manuel e Cary me deixou estranhamente na defensiva.

“Ele é muito bonito”, concordou Eva.

O ciúme entrou em cena. Meu olhar se estreitou na direção das duas taças que eu estava enchendo.

“Ele vai ser eleito o homem mais sexy do ano”, contou Ireland. “Olha só esses braços.”

“Ah, quanto a isso discordo totalmente. O Gideon é muito mais sexy.”

Sorri.

“Você está caidinha mesmo”, provocou minha irmã. “Seus olhos viram dois coraçõezinhos quando pensa no Gideon. É tão bonitinho.”

“Para com isso.”

A risada musical de Ireland reverberou no ar. “Não esquenta. Ele também fica todo babão com você. E aparece em todas as listas de homens mais bonitos do mundo há anos. Minhas amigas não param de falar nisso.”

“Ah, nem me fala disso. Sou muito ciumenta.”

Sorrindo por dentro, joguei a garrafa vazia no lixo reciclável.

“Gideon também. Ele vai surtar quando você começar a aparecer nas listas de mulheres mais bonitas do mundo. Agora que todo mundo conhece você, não tem como evitar.”

“Que nada”, rebateu Eva. “Eles teriam um trabalhão com o Photoshop para diminuir minha bunda e minhas coxas para me colocar numa revista dessas.”

“Hã, você já viu a Kim Kardashian? Ou a Jennifer Lopez?”

Parei na entrada da sala, apreciando a visão de Eva e Ireland por cima da taça de vinho. Senti um aperto no peito. Queria congelar aquele momento, protegê-lo, preservá-lo para sempre.

Ireland olhou para trás e me viu. Ela revirou os olhos. “Não falei?”, comentou. “Um babão.”

Sentado na minha cadeira, dei um gole no café e olhei para a planilha no monitor. Remexi os ombros para aliviar um pouco a dor no pescoço.

“Cara. Como assim? São três da manhã.”

Desviei os olhos da tela e vi Ireland parada na porta do meu escritório. “E?”

“Por que você está trabalhando a esta hora?”

“Por que você está no Skype a esta hora?”, rebati, pois tinha ouvido seus risos e sua voz durante mais ou menos uma hora depois que Eva foi dormir.

“Tanto faz”, ela murmurou, vindo se sentar em uma das cadeiras diante da minha mesa. Ireland se largou no assento, com os ombros na altura do encosto e as pernas abertas. “Não consegue dormir?”

“Não.” Ela nem imaginava o quanto isso era verdade. Com Ireland na cama de Eva e Eva na minha, eu não podia nem me arriscar a ir dormir. Não podia continuar assustando minha esposa por muito mais tempo, a não ser que quisesse arriscar destruir o amor que ela sentia por mim.

“Christopher me mandou uma mensagem agora há pouco”, ela contou. “Parece que meu pai está dormindo em um hotel.”

Ergui as sobrancelhas.

Ela balançou a cabeça, com uma expressão de tristeza. “É bem sério, Gideon. Eles nunca passaram uma noite separados. Pelo menos não que eu lembre.”

Eu não sabia o que dizer. Nossa mãe tinha me ligado naquele dia, deixado mensagens e telefonado para a cobertura tantas vezes que fui obrigado a desligar os aparelhos. Detestava saber que ela estava sofrendo, mas também precisava preservar o tempo que passaria com Ireland e Eva.

Era egoísmo da minha parte me preocupar só comigo, mas eu já tinha perdido minha família duas vezes — quando meu pai morreu e depois do que Hugh fez comigo. Não podia permitir que acontecesse de novo. Achava que não sobreviveria, não depois que Eva tinha entrado na minha vida.

“Só queria saber a causa da briga”, ela falou. “Tipo, desde que ninguém tenha traído ninguém, sempre dá para resolver, né?”

Soltando o ar com força, eu me endireitei na cadeira. “Não sou a pessoa certa para falar sobre relacionamentos. Não tenho a menor ideia de como funcionam. Estou indo aos trancos e barrancos, rezando para não estragar tudo e contando sempre com a paciência e a compreensão de Eva.”

“Você está mesmo apaixonado por ela.”

Ela estava olhando para a colagem de fotos na parede. Era doloroso, às vezes, olhar para aquelas imagens da minha mulher. Queria reviver cada momento. Acumular cada segundo que tinha vivido a seu lado. Detestava ver o tempo passar tão rápido, e a incerteza do futuro.

“Sim”, murmurei. Perdoaria qualquer coisa em Eva. Não havia nada que pudesse fazer ou dizer para nos separar, porque eu não conseguia viver sem ela.

“Fico contente por você, Gideon.” Ireland sorriu para mim quando olhei para ela.

“Obrigado.” A preocupação em seus olhos permanecia, assim como sua inquietação. Eu queria resolver os problemas que a estavam perturbando, mas não sabia como.

“Você pode falar com mamãe?”, ela sugeriu. “Não agora, claro. Mas amanhã? Quem sabe não consegue descobrir o que está acontecendo?”

Hesitei por um momento, ciente de que uma conversa com nossa mãe seria certamente improdutiva. “Vou tentar.”

Ireland olhou para as unhas. “Você não gosta muito dela, né?”

Refletindo com cautela antes de responder, falei: “Somos muito diferentes”.

“Eu entendo. Parece que ela tem uma espécie bizarra de TOC quando o assunto é a família. Todo mundo precisa ser de determinado jeito, ou pelo menos fingir que é. Ela se preocupa demais com o que os outros pensam. Vi um filme antigo outro dia que me fez lembrar dela. *Gente como a gente*. Já viu?

“Não, nunca vi.”

“Deveria ver. É com o pai do Kiefer Sutherland e mais uma galera. É bem triste, mas a história é boa.”

“Vou procurar.” Sentindo-me compelido a explicar o comportamento da nossa mãe, fiz o melhor que podia. “O que ela teve que enfrentar quando meu pai morreu… Foi brutal. Ela se fechou em si mesma depois disso, acho.”

“Uma amiga dela disse que era diferente antes. Quando casou com seu pai.”

Deixei de lado meu café frio. “Tenho outra lembrança dela nessa época.”

“Melhor?”

“Isso é relativo. Ela era mais… espontânea. Despreocupada.”

Ireland esfregou a boca com os dedos. “Você acha que foi isso que acabou com ela? Perder seu pai?”

Senti um aperto no peito. “Ela mudou”, respondi baixinho. “Só não sei quanto.”

“Argh.” Ela se sentou, tentando espantar a melancolia. “Você vai ficar acordado mais um tempo?”

“Provavelmente a noite toda.”

“Quer ver aquele filme comigo?”

Essa sugestão me pegou de surpresa. E me agradou. “Depende. Você não pode ficar contando o que acontece. Nada de spoilers.”

Ireland me encarou. “Eu já disse que é uma história triste. Se quiser uma história de amor, ela está dormindo lá no fim do corredor.”

Abri um sorriso, levantei e saí da cadeira. “Você encontra o filme, eu pego o refrigerante.”

“Uma cerveja cairia bem.”

“Não na minha casa.”

Ela ficou de pé com um sorriso. “Tudo bem, tudo bem. Um vinho, então.”

“Pede de novo daqui a alguns anos.”

“Até lá vocês já vão ter até filhos. Não vai ter a mesma graça.”

Detive o passo, acometido por um pânico que me fez suar. A ideia de ter um filho com Eva era ao mesmo tempo empolgante e assustadora. Não era seguro para minha esposa morar comigo. Como poderia ser seguro para uma criança?

Ireland deu risada. “Puta merda, você precisava ver sua cara! Um caso clássico de pânico de solteirão. Ninguém contou para você? Primeiro vem o amor, depois o casamento, depois os filhos.”

“Para com isso, se não quiser que te mande para a cama.”

Ela riu ainda mais e me pegou pelo braço. “Você é muito engraçado. Sério mesmo. Só estou provocando, não precisa ficar nervoso comigo. Já tem gente demais na família assim.”

Queria que meu coração batesse um pouco mais devagar.

“De repente *você* pode beber alguma coisa”, ela sugeriu.

“Acho que vou mesmo”, murmurei.

“Preciso dar os parabéns para a Eva por ter colocado uma aliança no seu dedo. Você teve um ataque de pânico antes de fazer o pedido também?”

“Fica quieta, Ireland.”

Ela apoiou a cabeça no meu ombro e deu uma risadinha enquanto saíamos do escritório.

O sol já estava no céu fazia duas horas quando fui para a cama. Tirei a roupa em silêncio, observando o volume sob as cobertas, que era o corpo da minha mulher.

Eva estava toda encolhida, coberta quase por inteiro, a não ser pelas mechas reluzentes de seus cabelos sobre o travesseiro. Minha mente logo se deu conta do motivo: ela estava sem roupa.

Minha. Toda minha.

Era muito ruim ter que dormir sem ela. E eu sabia que Eva também não gostava.

Levantando a beirada das cobertas, deitei-me com ela, que soltou um gemidinho e rolou na minha direção, ajeitando seu corpo quente para me abraçar.

Fiquei excitado na hora. O desejo se espalhou pelo meu corpo, e minha pele formigou com a química sexual, e algo mais. Profundo. Um reconhecimento maravilhoso e assustador.

Ela preenchia um vazio dentro de mim que eu nem sabia que existia.

Eva encostou o rosto no meu pescoço e gemeu baixinho, com as pernas enroscadas nas minhas, passando as mãos pelas minhas costas. “Todo durinho e gostosinho”, murmurou.

“Todo mesmo”, confirmei, agarrando sua bunda e puxando-a para junto da minha ereção.

Seus ombros estremeceram com uma risadinha silenciosa. “Vamos ter que fazer silêncio.”

“Eu tapo sua boca.”

“A minha?” Ela mordeu meu pescoço. “O escandaloso aqui é você.”

Eva não estava errada. Por mais excitado e impaciente que ficasse quando estava com tesão, nunca tinha sido escandaloso… até conhecê-la. Era uma luta manter a discrição quando preciso. Ela era gostosa demais, e eu me empolgava.

“Então vamos bem devagar”, murmurei, passando as mãos avidamente por sua pele sedosa. “Ireland ainda vai dormir durante horas, não tem pressa.”

“Horas, é?” Dando risada, ela se deitou de barriga para baixo, estendendo a mão para o criado-mudo. “Exagerado.”

Fiquei todo tenso enquanto ela pegava umas balinhas de menta, por me lembrar de situações parecidas em que outras mulheres remexiam no criado-mudo em busca de camisinha.

Eva e eu só usamos camisinha duas vezes. Antes dela, eu jamais trepava sem. Evitar a

gravidez era algo a que me dedicava com um fervor religioso.

Depois disso, sempre confiamos na pílula.

Era um risco. Eu sabia disso. E, levando em conta o número de vezes que a comia — pelo menos duas, e às vezes três ou quatro vezes por dia —, o risco era considerável.

Pensei a respeito algumas vezes. Questionei meu autocontrole, meu egoísmo de pôr meu prazer acima das consequências. Mas o motivo da minha impetuosidade não era só prazer. Se fosse, eu daria um jeito. Seria mais responsável.

Não, era muito mais complicado que isso.

A necessidade que eu sentia de gozar dentro dela era algo primitivo. Um gesto de conquista, mas também de rendição.

Eu quis fodê-la com vontade desde a primeira vez que a vi, muito antes de descobrir o quanto as coisas seriam explosivas entre nós. Desde a primeira vez em que saímos juntos falei que precisava fazer isso, algo que não diria para mais ninguém.

"Não se mexe", falei com a voz áspera, chegando mais perto enquanto ela ainda estava deitada de barriga para baixo. Enfiei a mão por baixo de seu quadril, e em seguida estendi o braço para alcançar o meio das suas pernas. Ela estava quentinha e molhada. Meus dedos a deixaram ainda mais.

Eva soltou um gemidinho.

"Quero você bem assim", eu disse, dando um beijo em seu rosto.

Peguei meu travesseiro com a mão livre e coloquei sob o corpo dela, elevando seus quadris para poder meter até o fundo.

"Gideon…" A maneira como ela disse meu nome foi quase um pedido, como se eu não devesse agradecer de joelhos pelo privilégio de tê-la.

Ajeitei minha posição, abrindo as pernas dela e segurando seus pulsos ao lado da cabeça. Enquanto a segurava, arremeti. Ela estava pronta para me receber, macia, apertadinha e molhadinha. Cerrei os dentes para segurar o grunhido que surgiu na minha garganta, e um tremor tomou conta do meu corpo dos pés à cabeça. Meu peito ofegava contra suas costas, e minha respiração pesada bagunçava seus cabelos sobre o travesseiro.

Só de falar comigo, ela já me levava à loucura.

"Minha nossa." Meus quadris se moviam por vontade própria, empurrando meu pau para dentro dela, até o fundo. Eu conseguia senti-la inteirinha em torno de mim, da base até a ponta, estremecendo em ondas que me acariciavam. "Meu anjo…"

A pressão na base do meu pau era forte, mas eu podia contê-la. Não era uma questão de controle, e sim de vontade.

Eu *queria* gozar dentro dela. A ponto de considerar o risco aceitável — por mais assustador que fosse.

Fechando os olhos, deixei minha cabeça cair ao lado da dela. Sentindo seu cheiro, gozei com força, contraindo a bunda enquanto soltava jorros quentes e espessos dentro da minha esposa.

Eva gemeu, estremecendo sob mim. Sua boceta se contraiu e depois tremeu em torno do meu pau. Ela gozou com um gemido doce e suave.

Grunhi seu nome, excitadíssimo com seu orgasmo. Eva gozou porque eu gozei antes, porque meu prazer a deixava com tesão, tanto quanto meu toque. E ela faria tudo de novo, quantas vezes aguentasse.

"Eva." Rocei meu rosto suado ao dela. "Crossfire."

Ela entrelaçou os dedos aos meus e virou a cabeça à procura da minha boca.

"Garotão", ela murmurou enquanto me beijava. "Eu também te amo."

Passava um pouco das cinco da tarde quando atravessei com o Bentley os portões da propriedade dos Vidal no Dutchess Country e parei na entrada de carros na frente da casa.

"Ah, você veio rápido demais", Ireland reclamou do banco de trás. "Já chegamos."

Pus o SUV em ponto morto e deixei o motor ligado. Depois de dar uma olhada para a casa, senti um nó no estômago. Eva segurou e apertou minha mão. Eu me concentrei em seus olhos acinzentados, para desviar o foco da mansão em estilo Tudor às suas costas.

Ela não disse uma palavra, nem precisava. Senti seu amor e seu apoio, e vi o faiscar da raiva em seus olhos. Só de saber que Eva me entendia já me senti mais forte. Ela conhecia cada segredo sujo e obscuro que eu guardava, e mesmo assim me amava e tinha fé em mim.

"Quero ficar na sua casa de novo algum dia", disse Ireland, enfiando a cabeça entre os dois assentos da frente. "Foi divertido, né?"

Olhei para ela. "Vamos fazer isso mais vezes."

"Logo?"

"Pode ser."

O sorriso dela compensou tudo o que aquela promessa ia me custar em termos de privação de sono e ansiedade. Eu me mantive à distância por muitas razões, mas principalmente porque pensava que não tinha nada para lhe oferecer. Concentrei-me em manter a Vidal Records um negócio rentável para o futuro, a única forma de cuidar dela sem pisar na bola.

"Você vai ter que me ajudar", eu disse com toda a sinceridade. "Não sei agir como irmão. Vai ter que perdoar meus erros. E com frequência."

Ireland abriu um sorriso que a transformou de uma adolescente em uma jovem mulher. "Bom, é como ser um amigo", ela disse, bem séria. "Mas você precisa se lembrar dos aniversários, aparecer nos feriados e perdoar qualquer coisa. Além disso, precisa me apresentar para todos os seus amigos ricos e gatos."

Ergui as sobrancelhas. "E a parte em que pego no seu pé e encho o seu saco?"

"Essa fase você já perdeu", Ireland rebateu. "Não tem como voltar atrás."

Ela falou brincando, mas aquelas palavras tiveram um tremendo impacto sobre mim. Eu havia perdido *anos* da vida dela e não teria como recuperar o tempo perdido.

"Mas você pode pegar no pé dos namorados dela", Eva falou, "e encher o saco *deles*."

Nossos olhares se cruzaram, e percebi que minha esposa entendia exatamente o que eu estava pensando. Acariciei seus dedos com o polegar.

Atrás dela, a porta da casa se abriu, e minha mãe apareceu. Ela ficou parada no degrau de cima da escada vestida com uma bata branca e uma calça combinando. Seus cabelos longos e escuros estavam soltos sobre os ombros. À distância, ela era muito parecida com Ireland, parecendo mais uma irmã do que uma mãe.

Apertei a mão de Eva com mais força.

Ireland suspirou e abriu a porta. "Pena que vocês precisam trabalhar amanhã. Tipo, qual é a vantagem de ser um megabilionário se você não pode nem dar umas escapadas de vez em quando?"

"Se Eva trabalhasse comigo", falei, olhando para minha esposa, "a gente poderia fazer isso."

Ela pôs a língua para fora. "Nem começa."

Puxei sua mão até minha boca e a beijei. "Nunca parei."

Desci do carro e abri o porta-malas. Fui até ele pegar a bolsa de Ireland, mas em um piscar de olhos meus braços estavam ocupados com ela, que me abraçou com força, pela cintura. Demorei um tempo para me recobrar do susto, e então retribuí o abraço, apoiando

o rosto no topo de sua cabeça.

“Eu te amo”, ela murmurou junto ao meu peito. “Obrigada por me receber.”

Senti um nó na garganta, que me impediu de dizer o que quer que fosse. Ela se afastou com a mesma velocidade com que me abraçou, já se despedindo de Eva com a bolsa na mão.

Desorientado como se tivesse levado um soco, fechei o porta-malas e vi minha mãe receber Ireland no caminho de cascalho. Quando estava pronto para sentar atrás do volante e ir embora, ela me fez um sinal para esperar.

Olhei para Eva. “Entra no carro, meu anjo.”

Ela me olhou como se fosse contestar, mas em seguida fez que sim com a cabeça, acomodou-se no banco do passageiro e fechou a porta.

Fiquei esperando minha mãe vir até mim.

“Gideon.” Ela me segurou pelo braço e ficou na ponta dos pés para dar um beijo no meu rosto. “Você e Eva não vão entrar? Vieram até aqui.”

Dei um passo para trás para me livrar de seu toque. “Precisamos voltar.”

Seu olhar refletia toda a sua decepção. “Só alguns minutinhos. Por favor. Preciso me desculpar com vocês. Não recebi muito bem a notícia do noivado, e sinto muito por isso. Era para ser uma alegria para a família, mas acho que fiquei preocupada demais em perder meu filho para me dar conta disso.”

“Mãe.” Eu a segurei pelo braço quando ela fez menção de ir para o lado do passageiro. “Agora não.”

“Eu me arrependi de ter dito todas aquelas coisas sobre Eva naquele dia. É que fiquei chocada ao ver a aliança que seu pai deixou para você na mão de outra mulher. Para Corinne você deu outra aliança, por isso fiquei surpresa. Você entende, não é?”

“Você afrontou Eva.”

“Foi isso que ela disse?” Minha mãe fez uma pausa. “Não foi essa minha intenção, mas… Esqueça. Seu pai era um homem muito protetor também. Você é igualzinho a ele.”

Olhei para as árvores do outro lado. Nunca sabia como reagir diante de comparações com Geoffrey Cross. Eram um elogio ou uma indireta? No caso da minha mãe, não havia como saber.

“Gideon… por favor, estou tentando. Eu disse para Eva algumas coisas que não deveria, e ela reagiu como qualquer mulher reagiria naquelas circunstâncias. Só quero

corrigir meu erro.” Ela pôs a mão sobre meu coração. “Estou feliz por você, Gideon. E muito contente por te ver passar um tempo com Ireland. Sei que isso é muito importante para ela.”

Eu a afastei com um gesto suave. “Para mim também. E foi Eva que tornou isso possível, de uma maneira que não consigo nem explicar. Mais um motivo para eu não querer que ela fique chateada. Não agora. Precisa trabalhar amanhã cedo.”

“Vamos marcar um almoço esta semana, então. Ou um jantar.”

“Chris vai estar aqui?”, Eva perguntou pela janela antes de abrir a porta e descer e se pôr de pé ao lado do SUV escuro e imponente, pequenina e reluzente à sua própria maneira, com os ombros erguidos em uma postura formidável.

Minha esposa seria capaz de enfrentar o mundo inteiro por mim. Saber disso me proporcionava uma sensação fabulosa. Nunca tivera quem lutasse por mim, e agora tinha encontrado alguém que ficaria sempre ao meu lado.

Minha mãe abriu um sorriso. “Claro. Chris e eu fazemos tudo juntos.”

Notei a tensão em seu sorriso e duvidei de suas palavras, como fazia com frequência. Mesmo assim, resolvi concordar. “Vamos combinar. Liga para Scott amanhã para ver o que podemos fazer.”

O rosto da minha mãe se iluminou. “Fico muito feliz. Obrigada.”

Ela me abraçou, e tive que me segurar para não afastá-la. Quando se aproximou da minha esposa com os braços abertos, Eva estendeu a mão, em um cumprimento mais formal. Foi uma interação um pouco estranha, com as duas obviamente na defensiva.

Minha mãe não queria aparar as arestas — queria fingir que já estavam aparadas.

Nós nos despedimos, e eu me acomodei atrás do volante. Eva e eu partimos, deixando a propriedade para trás. Ainda não tínhamos ido muito longe quando ela falou: “Quando foi que você conversou com sua mãe?”.

Droga. Sabia muito bem o que aquele tom de voz significava.

Eu me inclinei em sua direção e pus a mão em seu joelho. “Não quero que você se preocupe com minha mãe.”

“Você não quer que eu me preocupe com nada! Não é assim que as coisas funcionam. Não precisa resolver tudo sozinho.”

“O que minha mãe fala ou faz não tem importância, Eva. Estou cagando e andando para ela, e você deveria fazer o mesmo.”

Ela se virou na cadeira para me encarar. “Você precisa começar a compartilhar as coisas. Principalmente as que têm a ver comigo, como a sua mãe falando mal de mim pelas costas!”

“Não quero ver você irritada por uma opinião que não tem a menor importância.” Contornei uma curva na estrada e acelerei fundo ao sair dela.

“É melhor do que me ver irritada com você!”, Eva esbravejou. “Encosta.”

“Quê?” Olhei para ela.

“Encosta logo esse carro.”

Praguejando comigo mesmo, tirei minha mão da perna dela e agarrei o volante. “Me diz por quê.”

“Porque estou brava com você, e não quero ver você todo sexy dirigindo, então é melhor parar.”

Uma pontada de divertimento surgiu em meio à minha aflição. “Parar o quê? De dirigir ou de ser sexy?”

“Gideon… Não força a barra.” Resignado, tirei o pé do acelerador e parei no acostamento. “Melhor assim.”

Ela saiu do carro e o contornou pela frente. Eu desci também, com um olhar de interrogação no rosto.

“Vou dirigir”, Eva anunciou quando parei à sua frente. “Pelo menos até chegar à cidade.”

“Você que sabe.”

Eu não sabia nada sobre relacionamentos, mas não precisava ser nenhum especialista para entender que era preciso fazer concessões quando uma mulher estava brava. Principalmente se você ainda estava alimentando a esperança de transar nas próximas horas, o que definitivamente era meu caso. Depois de passar o fim de semana com os amigos e com Ireland, sentia uma necessidade especial de mostrar para minha mulher o quanto gostava de ficar com ela.

“Não me olha assim”, Eva murmurou.

“Assim como?” Arrisquei uma olhada para ela, admirando sua beleza naquele vestido de alcinha. Era uma noite quente e úmida, mas ela parecia fresca e arejada. Estava com vontade de arrancar as roupas e agarrá-la, para me refrescar um pouco antes de fazer as coisas pegarem fogo.

“Como se eu fosse uma bomba-relógio prestes a explodir!” Ela cruzou os braços. “Não estou sendo irracional.”

“Meu anjo, não é nada disso.”

“E nem tenta me distrair com sexo”, ela complementou, cerrando os dentes. “Ou vai ficar sem por uma semana.”

Também cruzei os braços. “Já conversamos sobre ultimatos desse tipo. Você pode reclamar comigo o quanto quiser, Eva, mas vai ter que estar disponível quando eu quiser. Ponto final.”

“Mesmo se eu não quiser?”

“Olha só quem fala, a mulher que fica molhada só de me ver dirigir”, ironizei.

Ela estreitou os olhos. “Não me deixa com vontade de largar você aqui no meio da estrada.”

Claramente, eu não estava sabendo contornar a situação. Achei melhor mudar de tática e partir para a ofensiva.

“Você também não me conta tudo”, rebati. “E Kline? Ele parou de tentar falar com você desde que voltou de San Diego?”

Fiquei evitando essa pergunta o fim de semana inteiro, mas queria saber como ele ia agir.

Eu não sabia qual seria a melhor alternativa. Caso Kline falasse sobre o vídeo que nem tinha mais, ela ficaria magoada, mas se aproximaria mais de mim. Caso ele se afastasse para preservá-la, mostraria que tinha sentimentos para lá de incômodos em relação a ela. Odiava o fato de ele desejá-la, mas ficaria preocupado de verdade se a amasse.

Eva ficou sem fôlego. “Você andou mexendo no meu telefone de novo?”

“Não.” Minha resposta foi rápida e convicta. “Sei que você não gosta.”

Eu seguia cada movimento dela, sabia onde ela estava, e com quem, em todos os momentos do dia, mas Eva estabeleceu um limite bem claro em relação ao celular, e eu respeitava o acordo, apesar de isso me deixar maluco.

Ela ficou me olhando por um tempo, mas deve ter visto a sinceridade estampada no meu rosto. “Brett me mandou umas mensagens. Eu ia contar para você, então nem vem dizer que é a mesma coisa. Você não tinha a menor intenção de me contar sobre sua mãe.”

Um carro passou em alta velocidade na estrada, o que fez meus pensamentos se voltarem para a segurança dela. “Entra no carro. Podemos conversar no caminho.”

Esperei que ela se acomodasse atrás do volante e fechei a porta. Enquanto eu me sentava no banco do passageiro, Eva ajustou os espelhos e o assento e deu a partida.

Assim que voltamos para a pista, ela voltou a falar. Até prestei atenção em suas palavras, mas estava mais concentrado na maneira como conduzia o Bentley. Eva dirigia depressa e com confiança, segurando o volante com leveza e segurança. Mantinha os olhos na estrada, mas eu não conseguia desviar meu olhar dela. Minha menina californiana. Em uma autoestrada, ela se sentia em casa.

Fiquei agradavelmente excitado ao observar como dirigia o potente SUV. Ou talvez fosse o fato de ela estar me castigando e desafiando.

“Você está me ouvindo?”, ela questionou.

“Na verdade não, meu anjo. Mas, antes que se irrite, a culpa é toda sua. Você fica sexy dirigindo, e eu me distraí.”

Ela deu um tapa na minha coxa. “É sério! Para de palhaçada!”

“Não estou brincando, Eva… Você quer que eu compartilhe as coisas, quer me ajudar. Eu entendo. Estou tentando.”

“Mas não o suficiente, pelo jeito.”

“Não quero contar coisas que irritem você sem necessidade. Não faz sentido.”

“Precisamos ser sinceros um com o outro, Gideon. Não de vez em quando, o tempo todo.”

“Ah, é? Mas dispenso você de algumas coisas. Por exemplo, de me contar sobre os comentários desagradáveis que seu pai e Cary fazem a meu respeito.”

Ela entortou a boca e mordeu o lábio por um instante antes de responder: “Usando essa lógica, tudo bem se eu não contar nada sobre Brett?”.

“Não. Kline é uma ameaça para nossa relação. Minha mãe não.”

Ela bufou.

“Você sabe que estou certo”, eu disse sem me alterar.

“Está me dizendo que não se incomoda quando sua mãe fala merda de mim?”

“Não gosto disso, mas não muda em nada o que penso sobre ela nem sobre você. E contar não vai mudar a sua opinião sobre minha mãe. Como o resultado é o mesmo, achei melhor não criar caso.”

“É um pensamento típico masculino.”

“Espero que seja.” Estendi a mão e tirei os cabelos de cima de seu ombro. “Não vamos brigar por causa da minha mãe, meu anjo. Não vale a pena.”

Eva me encarou. “Você finge que não liga para o que sua mãe fala, mas sei que não é verdade.”

Até pensei em contestar, para encerrar de vez o assunto, mas Eva sempre via as coisas que eu escondia. “Não permito que essas coisas me abalem.”

“Mas isso acontece do mesmo jeito. E você guarda essa mágoa com todas as outras coisas com que prefere não ter que lidar.”

“Não me vem com esse papo de analista”, respondi, bem sério.

Ela pôs a mão na minha perna. “Eu te amo. Quero aliviar essa dor.”

“Você já fez isso.” Segurei sua mão. “Você me deu tudo o que ela me tirou. Não vamos deixar que tire mais nada de mim.”

Com os olhos fixos na estrada, Eva ergueu minha mão e beijou minha aliança. “Pode deixar.”

Ela abriu um sorrisinho para me dizer que estava convencida — por enquanto — e seguimos nosso caminho para casa.

12

Ninguém poderia pensar numa visão mais impressionante do que Gideon Cross tomando banho.

Espantava-me o fato de que ele pudesse permanecer tão indiferente enquanto corria as mãos por sua pele tesa e bronzeada e por aqueles músculos definidos. Fiquei assistindo através do vidro embaçado do box os rios de água ensaboada escorrendo pelas curvas rijas do seu abdome e descendo pelas pernas fortes. Seu corpo era uma obra de arte, uma máquina que ele mantinha em plena forma. Como amava aquilo. Amava olhar para ele, tocá-lo, sentir seu gosto.

Estendendo o braço, Gideon limpou a condensação do box o suficiente para revelar seu rosto maravilhoso. E uma sobrancelha arqueada numa pergunta silenciosa.

“Só aproveitando o show”, expliquei. O cheiro do sabonete dele provocou sentidos em mim que já estavam treinados para reconhecer aquela fragrância como a do meu homem. Ele mexia com meu corpo, satisfazendo-o até o delírio.

Gideon acariciou toda a extensão do membro grosso, e eu umedeci os lábios. Uma vez ele me contou que se masturbava toda vez que tomava banho, um hábito que passara a considerar tão rotineiro quanto escovar os dentes. Dava para entender por quê, considerando quão intenso era seu apetite sexual. Nunca vou esquecer a visão dele se tocando no chuveiro por minha causa, tão viril, potente e sedento por um orgasmo.

Depois que me conheceu, Gideon parou de se masturbar. Não porque não seria capaz de me satisfazer se o fizesse, nem porque eu fazia com que não precisasse mais daquilo. Estar pronto para transar nunca foi problema para nenhum de nós dois, pois a sede que sentíamos era mais profunda do que física.

Ele me provocou, dizendo que estava se guardando para satisfazer minha insaciabilidade, mas eu sabia reconhecer o verdadeiro motivo daquela abstinência — Gideon me dera o direito sobre seu prazer. Era meu, todo meu. Ele não se permitia nada sem minha presença, o que era um presente e tanto. Sobretudo considerando seu passado, quando a satisfação sexual era usada como arma contra ele.

“É uma performance interativa”, ele disse, com o divertimento estampado nos olhos cálidos. “Venha aqui.”

“Você tem uma fome animal.” Sob o robe, eu podia sentir as coxas úmidas do sêmen dele, já que era sortuda o bastante para aquele homem ter me acordado com seu desejo.

“Só de você.”

“Hum, resposta certa.”

Gideon deu uma risadinha. Seu pau cresceu. “Acho que mereço uma recompensa.”

Entrei no banheiro, aproximando-me do chuveiro. “E como sugere que eu faça isso?”

“Como quiser.”

Isso também era um presente. Gideon raramente abria mão de estar no controle, exceto comigo.

“Não tenho tempo suficiente para o que você merece, garotão. Odiaria ter que parar bem na hora em que as coisas estivessem ficando interessantes.” Pousei a mão no vidro. “Que tal continuar depois que eu voltar do trabalho hoje à noite? Você, eu e o que eu quiser fazer com você?”

Gideon virou-se para me encarar, pousando a mão junto da minha do outro lado do vidro. Seus olhos percorreram meu rosto numa carícia ardente que era quase palpável. Ele mantinha uma expressão impassível no rosto, uma máscara bonita que escondia tudo. Mas aqueles olhos… daquele azul surpreendente de tão profundo… eles transmitiam carinho, amor e vulnerabilidade.

“Sou todo seu, meu anjo”, ele disse, tão baixinho que eu mais vi do que ouvi suas palavras.

“É”, concordei, dando um beijo no vidro frio. “Todo meu.”

Uma semana nova. O mesmo Gideon centrado de sempre. Ele tinha começado a trabalhar no exato instante em que o Bentley dera a partida, os dedos voando sobre o teclado embutido na mesinha. Fiquei observando, pensando em como a intensidade de sua concentração e sua autoconfiança eram sensuais. Tinha me casado com um homem poderoso e obstinado, e vê-lo demonstrando sua ambição era muito excitante.

Estava tão imersa naquela visão que quase dei um pulo quando meu celular vibrou dentro da bolsa, junto da minha coxa.

“Ui”, murmurei, procurando-o na bolsa.

O nome e a foto de Brett apareceram na tela do telefone. Sabendo que mais cedo ou

mais tarde eu teria que lidar com ele se quisesse que parasse de me ligar, atendi.

“Oi”, falei, cautelosa.

“Eva.” O timbre da voz agora famosa de Brett me atingiu com a força de sempre, mas não do mesmo jeito. Amava o modo como ele cantava, mas aquele amor não era mais íntimo. Não era mais pessoal. Eu o admirava da mesma forma como admirava uma dezena de outros cantores. “Que merda, faz uma semana que estou tentando falar com você!”

“Eu sei. Desculpa, tenho andado meio enrolada. Tudo bem com você?”

“Já estive melhor. Preciso te ver.”

Ergui as sobrancelhas. “Quando vai vir pra cá?”

Ele riu com aspereza, um som que não exibia qualquer traço de divertimento e que me tocou de um jeito ruim. “Inacreditável. Escuta, não dá pra falar por telefone. Será que a gente pode se encontrar hoje? A gente precisa conversar.”

“Você está em Nova York? Achei que a banda estava em turnê…”

Gideon não diminuiu a velocidade com que digitava nem olhou para mim, mas eu podia sentir uma alteração de energia nele. Estava prestando atenção e sabia quem tinha me ligado.

“Conto quando a gente se encontrar”, disse Brett.

Franzi o rosto, olhando o fluxo de pedestres pela janela, enquanto o carro estava parado no sinal. Nova York estava fervendo de vida e energia, preparando-se para negociações capazes de alterar o curso da história. “Estou indo para o trabalho. O que está acontecendo, Brett?”

“Posso passar lá na hora do almoço. Ou quando você estiver saindo.”

Pensei em dizer não, mas a determinação em sua voz me fez mudar de ideia. “Tudo bem.”

Coloquei a mão na coxa de Gideon. O músculo estava rígido sob minha palma, embora ele estivesse com a perna relaxada. O terno feito sob medida lhe dava um ar de civilidade, mas eu sabia a verdade sobre o corpo vigorosamente musculoso que se insinuava debaixo dele. “A gente pode almoçar perto do Crossfire.”

“Combinado. Que horas?”

“Um pouco antes do meio-dia. Encontro você na recepção.”

Desliguei e coloquei o telefone de volta na bolsa. Gideon segurou minha mão. Olhei para ele, mas estava lendo um e-mail comprido, a cabeça deitada de leve de modo que a

ponta do cabelo roçava o queixo esculpido.

Deixei-me envolver pelo calor daquele toque. Olhei para baixo, para a aliança que ele usava no dedo, que dizia ao mundo inteiro que pertencia a mim.

Será que os outros executivos prestavam atenção nas mãos dele? Não eram as mãos de quem trabalha num escritório, digitando no computador o dia inteiro. Eram de um lutador, um guerreiro que praticava artes marciais e extravasava a agressão em sacos de boxe e parceiros de treino.

Tirando os sapatos, cruzei as pernas em cima do assento e me debrucei junto a ele, colocando a mão livre sobre a sua. Corri os dedos para a frente e para trás por entre os dele, deitando a cabeça de leve em seu ombro para não manchar o paletó impecável com a maquiagem.

Inspirei seu cheiro, sentindo o efeito dele — sua proximidade, sua segurança — me permear. O perfume do sabonete já havia desaparecido, transformado por seu aroma naturalmente sedutor em algo mais complexo e delicioso.

Quando eu ficava inquieta, Gideon me acalmava.

“Não sobrou nada para ele”, suspirei. Precisava que soubesse daquilo. “Estou inteirinha tomada por você.”

Gideon inflou o peito abruptamente, inspirando o ar de forma audível. Então fechou a mesa e deu uma palmadinha convidativa na coxa. “Venha aqui.”

Sentei no colo dele, suspirando feliz ao ocupar um lugar que parecia feito para mim. Valorizávamos cada momento de paz que tínhamos juntos. Gideon merecia uma trégua, e eu queria poder oferecer isso a ele.

Ele beijou minha testa. “Tudo bem, meu anjo?”

“Estou nos seus braços. Não poderia estar melhor.”

Quando chegamos ao Crossfire, vi três paparazzi.

Com a mão nas minhas costas, Gideon me conduziu até a entrada do prédio, caminhando depressa, mas sem correr, em direção à recepção fria.

“Abutres”, resmunguei.

“Culpa nossa por sermos tão fotogênicos.”

“Quanta modéstia, Gideon Cross.”

“Você me faz parecer interessante, sra. Cross.”

Entramos no elevador com mais algumas pessoas e ele se posicionou ao fundo, junto da parede. Segurando-me pela cintura, Gideon espalmou uma das mãos em minha barriga, o peito quente e forte pressionado contra minhas costas.

Saboreei aqueles poucos minutos junto a ele, recusando-me a pensar em trabalho ou em Brett até nos separarmos no vigésimo andar.

Quando cheguei à porta de vidro da entrada da agência, Megumi já estava em sua mesa, o que me fez abrir um sorriso. Havia cortado o cabelo desde que nos vimos na sexta à noite, e usava um esmalte vermelho nas unhas. Era bom ver pequenos sinais de que estava recuperando o entusiasmo habitual.

“Oi!”, ela me cumprimentou depois de abrir a porta, ficando de pé.

“Você está linda.”

O sorriso de Megumi se abriu ainda mais. “Obrigada. Como foi com a irmã de Gideon?”

“Foi ótimo. Ela é muito legal. Fico toda boba de ver os dois juntos.”

“Fico toda boba de ver *vocês* dois juntos. Que sorte a sua. Enfim, passei uma chamada para seu ramal hoje mais cedo. A pessoa queria deixar um recado.”

Pensei em Brett, sem graça. “Era um homem?”

“Não, mulher.”

“Hum, vou dar uma olhada. Obrigada.”

Sentei à minha mesa e descansei os olhos na colagem de fotos minhas com Gideon. Ainda precisava conversar com ele sobre a Crossroads. O fim de semana tinha sido agitado demais com a visita de Ireland, e mal sobrara tempo.

Ele não dormira nada no sábado à noite. Tinha torcido para que ele conseguisse, mas na verdade não tivera muita esperança de que fosse acontecer. Era difícil para mim pensar naquela luta interna, no medo e nas preocupações que ele carregava consigo. A vergonha também, além da certeza inerente de que tinha um defeito. De que era um produto quebrado.

Gideon não conseguia enxergar nele próprio aquilo que eu via — uma alma generosa que queria demais pertencer a algo maior do que ele mesmo. Não reconhecia o milagre que ele era. Quando não sabia o que fazer numa situação, deixava-se guiar pelo coração e pelo instinto. Apesar de tudo o que havia sofrido, tinha uma capacidade impressionante de sentir e de amar.

Ele me salvara, de muitas formas. E eu ia fazer o que fosse preciso para salvá-lo também.

Ouvi minhas mensagens. Quando Mark chegou, fiquei de pé ansiosa e abri um sorriso empolgado.

Ele franziu a testa. “Por que essa agitação toda?”

“Uma mulher da LanCorp ligou hoje de manhã. Eles querem marcar uma reunião esta semana para falar um pouco mais sobre as expectativas para o lançamento do PhazeOne.”

Seus olhos escuros reluziram com um brilho conhecido. Mark estava mais feliz desde que ficara noivo de Steven, mas toda vez que ficava ansioso por fechar uma conta nova era tomado por uma energia completamente diferente. “Eva, eu e você vamos longe.”

Dei um pulinho onde estava. “Ah, se vamos. Essa está no papo. Quando eles encontrarem você pessoalmente, vão comer na sua mão.”

Mark riu. “Você faz bem para minha autoconfiança.”

Dei uma piscadinha. “Faço bem para você, ponto.”

Passamos a manhã trabalhando na solicitação do PhazeOne, fazendo diversas análises para determinar qual seria o melhor posicionamento em relação à concorrência. Parei de repente ao me dar conta do furor que havia em torno do lançamento iminente da nova geração de consoles GenTen — que, aliás, era um produto das Indústrias Cross, o que o tornava o principal rival do PhazeOne no mercado.

Levantei a questão para Mark e perguntei: “Você acha que tem problema? Quer dizer, será que a LanCorp vai enxergar um conflito de interesses no fato de eu estar trabalhando para você nessa conta?”.

Ele se recostou na cadeira. Tinha tirado o paletó, mas continuava muito elegante de camisa branca, gravata amarela e calça azul-marinho. “Eu diria que não. Se entre todas as propostas que estão recebendo a nossa for a melhor, o fato de você estar noiva de Gideon Cross não vai fazer a menor diferença. Eles vão decidir levando em conta nossa habilidade de transmitir a visão deles.”

Queria ter sentido alívio, mas não consegui. Se levássemos a campanha do PhazeOne, eu estaria ajudando um dos concorrentes de Gideon a roubar uma fatia de seu mercado. Isso me incomodava. Gideon tinha trabalhado muito, resgatando o nome da família para um patamar que inspirava assombro, respeito e uma quantia considerável de medo. Eu não

queria vê-lo regredir em nada.

Achei que teria mais tempo antes de precisar escolher. E não podia deixar de pensar que estava dividida entre minha independência e o amor por meu marido.

O dilema me perturbou a manhã inteira, minando um pouco a empolgação que sentira com a proposta. Então o relógio começou a se aproximar do meio-dia, e Brett invadiu meus pensamentos.

Estava na hora de assumir a responsabilidade pela bagunça que eu tinha feito. Abrira a porta para Brett e a deixara aberta, porque não tinha conseguido organizar minha cabeça. Agora era meu dever consertar aquilo antes que ele afetasse ainda mais meu casamento.

Às cinco para o meio-dia, pedi a Mark para sair um pouco mais cedo e desci até a recepção. Brett já estava me esperando, de pé junto da porta com as mãos nos bolsos da calça jeans. Estava usando uma camiseta branca, sandálias e óculos escuros no alto da cabeça.

Vê-lo ali quase me fez tropeçar. Não porque ele fosse gostoso, o que era, mas porque parecia deslocado no Crossfire. Da outra vez em que nos encontramos em Nova York, antes do lançamento do vídeo na Times Square, marcamos do lado de fora do prédio. Agora, ele estava ali dentro, quase no mesmo lugar em que esbarrei em Gideon pela primeira vez.

As diferenças entre os dois eram óbvias e nada tinham a ver com roupa ou dinheiro.

Brett sorriu ao me ver, ajeitando o corpo, movendo-se daquele jeito que os homens fazem quando ficam excitados. Outros homens, não Gideon. Quando conheci meu marido, seu corpo e sua voz não transpareceram nada. Apenas os olhos traíram seu interesse por mim, e apenas por um instante.

Só depois descobri o que acontecera naquele momento.

Gideon me reivindicara para si… e em troca se entregara por inteiro. Num único olhar. Ele me reconhecera no instante em que me vira. Precisei de mais tempo para entender o que éramos um para o outro. O que íamos ser.

Não podia deixar de comparar o modo gentil e possessivo com que Gideon me olhava com a maneira primitiva e libidinosa com que Brett me estudava dos pés à cabeça.

De repente, ficou claro que Brett nunca chegara a pensar em mim como *dele*. Não da mesma forma que Gideon. Brett me desejara, ainda me desejava, mas mesmo quando me tinha não impunha qualquer posse sobre mim, muito menos oferecia em troca algo de si.

Gideon. Sentindo a cabeça girar, procurei e encontrei uma das muitas câmeras de

segurança que havia no teto. Apertei a mão sobre o coração. Sabia que ele não devia estar olhando. Sabia que teria que acessar deliberadamente a transmissão e que ele tinha trabalho demais para perder tempo com aquilo, mas ainda assim…

"Eva."

Deixei o braço pender junto do corpo. Olhei para Brett à medida que ele se aproximava com o caminhar confiante de quem sabia que era atraente e achava que ainda tinha alguma chance.

A recepção estava lotada, pessoas iam e vinham em fluxos constantes, como em qualquer arranha-céu de Manhattan. Quando ele abriu os braços na minha direção, dei um passo para trás e estendi a mão esquerda, exatamente como fizera em San Diego. Jamais faria Gideon sentir de novo a dor que sentira quando me viu beijando Brett.

Ele franziu a testa, e seus olhos perderam todo o calor. "Sério? É assim que vai ser entre a gente agora?"

"Sou uma mulher casada", lembrei. "Não fica bem a gente se abraçar."

"E as mulheres com quem ele desfila em tudo que é tabloide? Isso pode?"

"Qual é?", eu o repreendi. "Você sabe que não se deve acreditar em tudo o que a imprensa fala."

Ele apertou os lábios e enfiou as mãos de volta nos bolsos. "Pois pode acreditar no que dizem sobre o que sinto por você."

Senti um frio na barriga. "Acho que *você* acredita nisso."

Isso me deixou um pouco triste. Ele não conhecia o que eu e Gideon tínhamos, porque nunca experimentara nada parecido. Torcia para que um dia ele vivesse aquilo. Brett não era um cara ruim. Só não era feito para mim.

Resmungando consigo mesmo, ele virou e apontou na direção da saída. "Vamos dar o fora."

Fiquei dividida. Queria privacidade tanto quanto ele, mas também queria ficar num lugar com testemunhas que pudessem tranquilizar Gideon. Mas não era como se pudéssemos fazer um piquenique na entrada do Crossfire.

Relutante, caminhei ao lado dele. "Pedi para entregarem uns sanduíches agora há pouco. Achei que assim teríamos mais tempo para conversar."

Ele assentiu emburrado e pegou a sacola que eu estava carregando.

Levei-o até o Bryant Park, abrindo caminho por entre as ondas de pedestres apressados

demais para obedecer a sinalização. O asfalto emanava calor, e o sol estava alto o suficiente no céu para passar por entre os arranha-céus. Uma viatura da polícia ligou a sirene, mas o barulho estridente e o ronco do motor pouco ajudaram em seu avanço pela rua congestionada.

Um dia comum em Manhattan, e eu amava aquilo, mas sabia que Brett estava frustrado com a dança intrincada necessária para desbravar a cidade. O girar de ombros e de quadris para permitir que as pessoas passassem, o fôlego antes de se espremer por entre sacolas grandes demais ou pedestres lentos, a agilidade com que você tinha que desviar de aparições abruptas que surgiam das muitas portarias que se enfileiravam ao longo das calçadas. Era a rotina daquela cidade, mas eu procurava lembrar quão assustadora Nova York poderia ser para quem não estava acostumado com tanta gente ocupando um espaço relativamente pequeno.

Entramos no parque pelos fundos da biblioteca e encontramos uma mesa de café na sombra, perto do carrossel. Brett tirou da sacola os sanduíches, as batatas fritas e as águas que eu tinha comprado, mas nenhum de nós começou a comer. Eu olhava ao redor, ciente de que podíamos estar sendo fotografados.

Tinha pensado na possibilidade quando escolhera aquele lugar, mas a alternativa era um restaurante cheio e barulhento. Eu estava absolutamente consciente da minha linguagem corporal, tentando conduzir as coisas de forma que aquele encontro não fosse mal interpretado. O mundo poderia achar que éramos amigos. E meu marido saberia, de todas as formas que eu pudesse provar, que Brett e eu tínhamos nos despedido de vez.

“Você ficou com a impressão errada em San Diego”, ele disse de repente, os olhos atrás dos óculos escuros. “Não tenho nada sério com a Brittany.”

“Não é da minha conta, Brett.”

“Sinto sua falta. Ela me lembra de você às vezes.”

Estremeci, não achando o comentário lisonjeiro. Então ergui uma das mãos e gesticulei, impotente. “Não posso voltar para você, Brett. Não depois de Gideon.”

“Você diz isso agora.”

“Ele me faz sentir como se não pudesse respirar sem mim. E não vou me contentar com menos que isso.” Não precisava dizer que Brett nunca tinha me feito sentir aquilo. Ele sabia.

Com as mãos espalmadas uma contra a outra, ele encarou a ponta dos dedos, em seguida se ajeitou e puxou a carteira do bolso traseiro da calça. Tirou uma fotografia dobrada de dentro dela e a colocou na mesa, diante de mim.

“Olha isso e me diga que não é real”, ele exigiu.

Peguei a foto e abri, franzindo o rosto diante da imagem. Brett e eu ríamos de algo perdido na memória, sem notar que estávamos sendo fotografados. Reconheci ao fundo o interior do Pete’s. À nossa volta havia uma multidão de rostos desfocados.

“Onde você arrumou isso?”, perguntei. Houve um tempo em que eu daria tudo para ter uma foto não posada com Brett, achando que algo tão insignificante seria uma prova de que eu não era só mais uma na vida dele.

“Sam bateu depois de um dos nossos shows.”

Estremeci diante da menção a Sam Yimara e da lembrança abrupta do vídeo com nossa transa. Olhei para Brett, as mãos tremendo tanto que tive que colocar a fotografia de volta na mesa. “Você sabe do…?”

Nem fui capaz de terminar a frase. E não foi preciso.

Brett ficou tenso, a testa e o lábio superior cobertos de gotinhas de suor do calor do verão. Ele fez que sim. “Eu vi.”

“Minha nossa.” Afastei-me da mesa, a mente girando com tudo o que poderia haver naquele vídeo. Eu estava desesperada pela atenção de Brett, em uma total falta de amor-próprio de que agora me envergonhava.

“Eva.” Ele estendeu a mão na minha direção. “Não é o que você está achando. O que quer que Cross tenha dito sobre o vídeo, prometo que não é nada demais. Um pouco carnal às vezes, mas a gente era assim.”

Não… Carnal era o que eu tinha com Gideon. O que tive com Brett fora algo muito mais sombrio e doentio.

Entrelacei as mãos trêmulas. “Quantas pessoas viram? Você mostrou… A banda viu?”

Ele nem precisou responder. Estava escrito em seu rosto.

“Meu Deus.” Fiquei enjoada. “O que você quer de mim, Brett?”

“Eu quero…” Ele empurrou os óculos para a testa e esfregou os olhos. “Quero você, porra. Quero que a gente fique junto. Acho que ainda não acabou.”

“Nem chegou a começar.”

“Sei que foi minha culpa. Quero que você me dê uma chance de consertar as coisas.”

Fiquei boquiaberta. “Sou casada!”

“Esse cara não é legal, Eva. Você não o conhece como acha que conhece.”

Minhas pernas tremeram de vontade de levantar e ir embora. “Sei que ele jamais mostraria um vídeo nosso para ninguém! Ele me respeita demais pra isso.”

“A ideia era documentar a trajetória da banda, Eva. A gente teve que repassar todas as filmagens.”

“Você podia ter visto sozinho antes”, respondi com rispidez, terrivelmente consciente das pessoas sentadas não muito longe de nós. “Podia ter cortado a gente antes dos outros verem.”

“Não fomos os únicos que o Sam flagrou. Os outros também têm vídeos.”

“Minha nossa.” Eu o vi se ajeitando na cadeira, desconfortável. Fui tomada pela suspeita. “E existem mais vídeos seus com outras garotas”, chutei, o enjoo cada vez mais forte. “Eu era só mais uma, que diferença fazia?”

“Toda a diferença do mundo.” Ele se aproximou. “Com você foi diferente, Eva. *Eu* fui diferente. Só era novo e convencido demais para dar valor. Você precisa ver, Eva. Só assim vai entender.”

Fiz que não com veemência. “Não quero ver. Nunca. Tá maluco?”

Mentira. O que havia naquele vídeo? Quão ruim era?

“Merda.” Ele arrancou os óculos da cabeça e jogou na mesa. “Não vim aqui para falar dessa porcaria de vídeo.”

Mas algo de defensivo em sua postura me fez duvidar disso. Brett tinha os ombros tensos e elevados demais, os lábios pressionados numa linha rija.

O que quer que Cross tenha dito…

Ele sabia que Gideon tinha conhecimento do vídeo. Devia saber que meu marido estava tentando mantê-lo escondido. Sam devia ter contado.

“O que você quer?”, perguntei de novo. “Por que veio a Nova York?”

Esperei pela resposta com o coração aos pulos. O dia estava quente e úmido, mas minha pele estava gelada e pegajosa. Brett não podia dizer que me amava, não depois de tê-lo flagrado com Brittany. Não ia me alertar contra Gideon, porque eu já estava casada. E estava em Manhattan no meio de uma turnê, ou seja, a banda teve que concordar com a viagem. E Vidal também. Por que fariam aquilo? O que ganhariam interrompendo a agenda de shows daquele jeito?

Brett permaneceu sentado ali do meu lado, abrindo a boca sem falar nada, então simplesmente levantei e saí apressada em busca do portão mais próximo.

Ele gritou meu nome, mas mantive a cabeça baixa, dolorosamente consciente do número de pessoas no parque que olhavam na minha direção. Estava fazendo uma cena, mas não podia evitar. Tinha deixado a bolsa para trás e nem ligava.

Precisava sair dali. Ir para algum lugar seguro. *Para Gideon.*

"Meu anjo."

O som da voz do meu marido me fez tropeçar. Virei o rosto. Ele se levantou de uma cadeira perto do piano do Bryant Park Grill. Tranquilo e elegante, aparentemente imune ao calor opressivo.

"Gideon."

A preocupação em seus olhos e o jeito carinhoso com que me abraçou me deram forças. Ele sabia que meu encontro com Brett não poderia correr bem. E que eu estaria chateada e precisando de atenção. Precisando *dele*.

E ali estava. Não sabia como, mas não me importava.

Cravei os dedos em suas costas, praticamente furando sua pele.

"Shh." Senti seus lábios roçando minha orelha. "Estou aqui."

Então Raúl apareceu ao nosso lado com minha bolsa na mão, sua postura firme complementando a segurança que o escudo do corpo de Gideon me oferecia. O ataque de pânico começou a passar. Já não estava mais em queda livre. Gideon era minha tela de proteção, sempre pronto para me segurar.

Ele desceu os degraus comigo até onde o Bentley nos esperava, com Angus de pé, pronto para abrir a porta traseira. Entrei no carro e Gideon se juntou a mim, envolvendo-me com o braço assim que me aninhei ao corpo dele.

Estávamos de volta ao mesmo lugar em que começáramos o dia. Mas em questão de horas, tudo havia mudado.

"Pode deixar comigo", ele murmurou. "Confie em mim."

Ergui o nariz e toquei seu pescoço. "Eles querem usar o vídeo, não é?"

"Mas não vão. Ninguém vai." Suas palavras tinham uma aspereza cortante.

Acreditei nele. E o amei ainda mais do que achava ser possível.

Que tarde. Tentei afastar Brett de meus pensamentos trabalhando duro nas análises dos

consoles de videogame, inclusive o GenTen. Minha mente estava totalmente concentrada em Gideon quando o relógio marcou cinco horas.

Não era mais só o PhazeOne que me preocupava. Era eu, a garota que tinha sido um dia. Aquele vídeo era capaz de comprometer o nome das Indústrias Cross muito mais do que qualquer coisa que uma empresa rival pudesse fazer.

Mandei uma mensagem para Gideon. Queria que ele respondesse depressa, mas na verdade não esperava que isso fosse acontecer. Ainda no escritório?

Ele respondeu quase imediatamente. Sim.

Vou pra casa, escrevi de volta. Queria dar tchau.

Passa aqui.

Soltei a respiração que nem sabia que estava prendendo. Te vejo em dez.

Megumi já tinha ido embora quando passei pela recepção, então cheguei à sala de Gideon mais rápido do que planejara. A recepcionista dele ainda estava na mesa, os longos cabelos ruivos pendendo macios sobre os ombros. Ela acenou brevemente na minha direção, e respondi com um sorriso impassível.

Scott já não estava em sua mesa quando cheguei, mas Gideon estava de pé diante da sua, com as mãos espalmadas nela enquanto analisava um monte de documentos à sua frente. Sentado numa das cadeiras, Arash falava com uma postura relaxada e tranquila. Nenhum dos dois estava de paletó, e ambos pareciam muito imponentes.

Arash me fitou assim que me aproximei, e Gideon ergueu a cabeça. Seus olhos eram tão azuis que a cor mexia comigo mesmo à distância. Seu rosto permaneceu elegantemente austero, típico dele, no entanto, os olhos suavizaram ao me ver. Ele me chamou com um dos dedos, e eu abri um sorriso.

Arash se levantou assim que entrei na sala, e estendi a mão para cumprimentá-lo. “E aí? Mantendo esse cara fora de perigo?”

“Quando ele deixa”, o advogado respondeu, segurando minha mão e me puxando para me dar um beijo na bochecha.

“Já chega”, Gideon resmungou secamente, puxando-me pela cintura.

Arash riu. “Essa sua nova veia ciumenta é muito divertida.”

“E esse seu senso de humor não tem graça nenhuma”, Gideon respondeu.

Reclinei o corpo contra o do meu marido, adorando a sensação de seus músculos junto de mim. Ele era incapaz de ceder, dar o braço a torcer. Exceto quando me olhava nos

olhos.

“Tenho uma reunião daqui a meia hora”, Arash disse, “então é melhor eu ir. Obrigado por sexta à noite, Eva. A gente precisa repetir a dose um dia desses.”

“E vamos”, respondi. “Com certeza.”

Assim que ele saiu da sala, virei-me para Gideon. “Posso te dar um abraço?”

“Nem precisa pedir.”

A satisfação em sua expressão me fez sentir um aperto no coração. “A parede de vidro está transparente.”

“Que todo mundo veja”, ele murmurou, envolvendo-me. Quando me agarrei a ele, Gideon expirou lenta e profundamente. “Fala pra mim, meu anjo.”

“Não quero falar.” Não queria pensar na bagunça que eu tinha feito com minha vida, que agora atingia o homem que eu amava. “Quero ouvir sua voz. Diga alguma coisa, qualquer coisa, não importa.”

“Kline não vai machucar você. Eu prometo.”

Fechei os olhos com força. “Dele não. Fale de trabalho.”

“Eva…”

Senti a tensão tomar seu corpo, uma onda de preocupação, então resolvi explicar. “Só queria fechar os olhos por um minuto e sentir você. Seu cheiro. Sua voz. Preciso mergulhar em você por um minuto, aí vai ficar tudo bem.”

Ele massageou minhas costas com as mãos, o queixo apoiado no alto da minha cabeça. “A gente vai sair daqui. Em breve. Por pelo menos uma semana, mas eu preferia que fossem duas. Estava pensando em voltar para o Crosswinds. Ficar pelado de bobeira…”

“Você nunca fica de bobeira. Principalmente se estiver pelado.”

“Principalmente se *você* estiver pelada”, ele me corrigiu, brincando com o nariz no meu cabelo. “Mas nunca tive você pra mim desse jeito por uma semana inteira. Acho que ia acabar comigo.”

“Duvido muito, seu tarado. Mas prometo me esforçar.”

“Não seria nossa lua de mel. Eu ia precisar de um mês pra isso.”

“Um mês!” Eu me afastei para olhar para ele, já me sentindo muito melhor. “A economia de Nova York ia entrar em colapso se você sumisse por tanto tempo.”

Ele segurou meu rosto, acariciando minha sobrancelha com o polegar. “Acho que

minha supereficiente equipe consegue dar conta do recado sozinha por algumas semanas.”

Segurei o pulso dele e deixei escapar um pouco da ansiedade. “Eu não conseguiria. Preciso demais de você.”

“Eva.” Ele baixou a cabeça e apertou os lábios contra os meus, abrindo minha boca com a língua.

Com a mão em sua nuca, segurei-o com força, entregando-me àquele beijo. Gideon me puxou para junto de si, colocando-me na ponta dos pés. Ele deitou a cabeça, aumentando nossa proximidade até que cada suspiro tivesse sido compartilhado, cada gemido e cada lamento.

Arfei quando nos separamos para respirar. “Que horas você vai chegar em casa hoje?”

“A hora que você quiser.”

“Só quando o trabalho acabar. Já perdeu tempo demais comigo hoje.” Alisei a gravata perfeitamente alinhada. “Você não estava só me espionando hoje. Sabia que o encontro com Brett não ia acabar bem.”

“Era uma possibilidade.”

“A parte da espionagem ou de não acabar bem?”

Ele me lançou um olhar. “Você não vai brigar comigo por estar lá por você. Se fosse o contrário teria feito o mesmo.”

“Como sabia o que ele queria?” A existência daquele vídeo também o estaria comendo por dentro? O que eu tinha feito e as pessoas com quem estivera antes dele?

“Sei que Christopher está botando pressão nele e no resto da banda.”

“Por quê? Pra atingir você?”

“Em parte. Você não é uma loira qualquer. É Eva Tramell, e isso é notícia.”

“Talvez eu devesse pintar o cabelo. Me livrar desse carma de ‘Golden’. E se eu fosse ruiva?” De jeito nenhum poderia virar morena, não com o histórico de Gideon. Ia me odiar toda vez que me olhasse no espelho.

Ele fechou a cara como se tivesse sido coberto por uma sombra, muito embora não houvesse mais nada nele que demonstrasse a tensão. Senti um arrepio na nuca, um formigamento indicando que algo estava diferente.

“Não gostou da ideia?”, insisti, lembrando-me de repente de uma ruiva do seu passado — a dra. Anne Lucas.

“Gosto de você do jeito que é. Mas, se quiser mudar alguma coisa, não posso proibir. O

corpo é seu, e é você quem decide. Só não faça nada por causa deles.”

“Mas você ainda ia me querer?”

A tensão em seus lábios suavizou, a inflexibilidade sumindo de seu rosto quase tão rapidamente quanto surgira. “Você ia me querer se eu fosse ruivo?”

“Hum.” Levei os dedos ao seu queixo, fingindo contemplar a possibilidade. “Talvez fosse melhor deixar as coisas como estão.”

Gideon me deu um beijo na testa. “Para mim esse era o acordo desde o início.”

“O acordo também envolve eu fazer o que quiser com você hoje à noite.”

“É só falar onde e quando.”

“Oito horas? No seu apartamento no Upper West Side?”

“*Nosso* apartamento.” Ele me beijou carinhosamente. “Fechado.”

13

“Aliás, parabéns pelo noivado.”

Desviei o olhar do engenheiro de projetos para a foto de Eva mandando um beijo na tela do meu computador. “Obrigado.”

Preferia mil vezes olhar para minha esposa. Por um instante, imaginei Eva como na noite anterior, com aqueles lábios de seda em volta do meu pau. Eu tinha dado carta branca para ela fazer o que quisesse com meu corpo, e tudo o que ela queria era me chupar. De novo e de novo. E de novo. *Minha nossa*. Passei o dia inteiro pensando na noite anterior.

“Mando notícias depois do temporal”, ele disse, trazendo-me de volta para o trabalho. “Obrigado por ligar pessoalmente para saber como estamos. As condições climáticas talvez nos atrasem uma ou duas semanas, mas vamos compensar o tempo perdido.”

“Temos uma margem aqui. Se cuidem primeiro.”

“Pode deixar. Obrigado.”

Fechei a janela de chat com o engenheiro e conferi a agenda, querendo saber exatamente quanto tempo teria para me preparar para a reunião seguinte com a equipe de pesquisa e desenvolvimento da Posit.

A voz de Scott surgiu no telefone. “Christopher Vidal Sr. está na linha um. É a terceira vez que liga hoje. Já avisei que você vai retornar assim que puder, mas ele insistiu. O que eu faço?”

Ligações do meu padrasto nunca eram um bom presságio, e adiá-las significava que eu teria menos tempo para resolver qualquer que fosse o problema que ele precisava discutir comigo. “Vou atender.” Apertei o botão de viva-voz. “Chris, o que posso fazer por você?”

“Gideon. Escuta, desculpa atrapalhar, mas precisamos conversar. Será que podemos nos encontrar hoje?”

Assustado pelo tom de urgência em sua voz, peguei o fone e desliguei o viva-voz. “No meu escritório ou no seu?”

“Não, na sua cobertura.”

Recostei na cadeira, surpreso. “Não vou chegar em casa antes das nove.”

“Não tem problema.”

“Está todo mundo bem?”

“Sim, estamos todos bem. Não se preocupe.”

“É com a Vidal então. Vamos resolver.”

“Nossa.” Ele riu asperamente. “Você é uma boa pessoa, Gideon. Um dos melhores homens que conheço. Devia ter dito isso mais vezes.”

Estreitei os olhos diante da acidez do tom. “Tenho uns minutinhos agora. Desembucha.”

“Não, agora não. Te vejo às nove.”

Ele desligou. Fiquei sentado um bom minuto com o fone na mão e um nó gelado e dolorido atravessado na garganta.

Coloquei o fone no gancho e voltei a atenção para o trabalho, conferindo diagramas e revendo o que Scott havia deixado na mesa mais cedo. Ainda assim, minha mente estava a toda.

Não tinha controle sobre o que acontecia com minha família, jamais tive qualquer poder nesse sentido. Tudo o que podia fazer era consertar a bagunça que meu meio-irmão fazia e tentar impedir que a Vidal fosse à falência. Mas usar o vídeo de Eva estava absolutamente fora de cogitação. Não havia nada que ele pudesse dizer para mudar isso.

Quase na hora da reunião com a Posit apareceu na minha tela uma mensagem ao lado do avatar de Eva.

Ainda estou sentindo seu gosto. Delícia.

Deixei escapar uma risada seca. O nó em minha garganta amenizou um pouco, e logo desapareceu. Aquela mulher era meu recomeço. Meu ponto de partida.

Mais calmo, respondi. O prazer foi todo meu.

“Tenho novidades.”

Virei a cabeça e vi Raúl entrando na sala.

Ele se aproximou da mesa com passadas largas. “Ainda estou repassando a lista de convidados do evento de que você participou há duas semanas. Tenho rodado duas pesquisas de fotos por dia. Recebi um alerta desta aqui hoje. Salvei uma cópia e mandei ampliar.”

Dei uma olhada nas imagens que ele colocou na mesa. Então as peguei para examinar mais de perto, uma por uma. Havia uma ruiva no fundo. A cada fotografia ela estava mais próxima. “Vestido esmeralda, cabelo ruivo e comprido. Foi esta mulher que Eva viu.”

Era Anne Lucas. Algo em sua postura, de pé com o rosto virado para o lado, fez ressurgir uma sensação ruim no meu estômago que eu conhecia muito bem.

Voltei-me para Raúl. “Ela não estava na lista de convidados?”

“Não, mas estava no tapete vermelho, então imagino que tenha entrado acompanhando alguém. Ainda não sei quem, mas estou correndo atrás disso.”

Empurrei a cadeira para trás e fiquei de pé, inquieto. “Ela foi atrás de Eva. Você tem que manter essa mulher longe dela.”

“Angus e eu estamos estabelecendo novos protocolos para a segurança em eventos.”

Peguei o paletó pendurado no encosto da cadeira. “Se precisar de mais homens me avisa.”

“Pode deixar.” Raúl juntou as fotos e se aproximou. “Ela está no consultório hoje”, ele disse, adivinhando minhas intenções. “Ainda estava lá quando vim até aqui.”

“Ótimo. Vamos.”

“Com licença.” A morena pequena atrás do balcão da recepção se levantou num sobressalto quando passei por ela. “Você não pode entrar agora. A dra. Lucas está com um paciente.”

Agarrei a maçaneta e abri a porta, entrando no consultório de Anne sem diminuir o passo.

Ela ergueu o rosto, arregalando os olhos verdes um segundo antes de curvar os lábios vermelhos num sorriso satisfeito. A mulher no divã diante da terapeuta piscou para mim, confusa, engolindo o que estava prestes a dizer.

“Desculpa, dra. Lucas”, disse a morena sem fôlego. “Tentei impedi-lo de entrar.”

Anne ficou de pé, os olhos fixos nos meus. “Uma tarefa impossível, Michelle. Não se preocupe, pode sair.”

A recepcionista deu meia-volta. Anne voltou-se para sua paciente. “Vamos ter que interromper a sessão mais cedo hoje. Peço desculpas pela interrupção incrivelmente mal-educada”, disse, fitando-me fixamente. “Claro que não vou cobrar. Por favor, peça a

Michelle para remarcar.”

Fiquei junto à porta aberta, esperando a paciente aturdida recolher suas coisas, e dei um passo para o lado para lhe dar passagem.

“Eu poderia chamar a segurança”, Anne disse, recostando-se na mesa e cruzando os braços.

“Depois do trabalho que você teve para me fazer vir até aqui? Duvido.”

“Não sei do que está falando. De qualquer forma, é bom ver você.” Ela deixou os braços penderem ao lado do corpo e segurou a beirada da mesa numa pose deliberadamente provocativa, expondo a coxa pela fenda do vestido azul.

“Não posso dizer o mesmo.”

Anne contraiu o sorriso. “Cuspindo no prato em que comeu. Eva sabe que está com os dias contados?”

“Você sabe?”

O desconforto brilhou em seus olhos e fez tremer seu sorriso. “Isso é uma ameaça, Gideon?”

“Bem que você gostaria.” Eu me aproximei, observando suas pupilas dilatarem. Ela estava ficando excitada e aquilo me irritava tanto quanto o cheiro do seu perfume. “Talvez tornasse esse seu joguinho mais interessante.”

Anne se ajeitou e caminhou na minha direção, balançando os quadris e enterrando o salto dos sapatos pretos de sola vermelha no carpete macio.

“Você bem que gosta de um joguinho, meu amor”, ela sussurrou. “Conta pra mim, já amarrou sua linda noivinha? Já chicoteou a garota até ela ficar maluca? Enfiou aquele seu arsenal de vibradores na bunda dela enquanto fodia sua bocetinha por horas e horas? Ela sabe do que você gosta, Gideon?”

“Centenas de mulheres sabem do que eu gosto, Anne. Você acha que era especial? A única coisa memorável a seu respeito é seu marido e o fato de odiar que eu tenha comido você.”

Ela ergueu a mão para me dar um tapa, e eu não a impedi, recebendo o golpe sem me alterar.

Quem me dera fosse verdade, mas eu tinha sido especialmente depravado com ela, vendo o fantasma do seu irmão na curva do seu sorriso, nos seus gestos…

Quando Anne desceu a mão para segurar meu pau, eu a agarrei pelo pulso. “Deixa Eva

em paz. Não vou avisar de novo.”

“Ela é seu calcanhar de aquiles, seu filho da puta sem coração. Você tem gelo nas veias, mas ela sangra de verdade.”

“Isso é uma ameaça, Anne?”, perguntei, devolvendo calmamente suas palavras.

“Pode apostar que sim.” Ela se soltou da minha mão. “Está na hora de pagar a conta, e seus bilhões não vão cobrir o prejuízo.”

“Você vai assumir o risco de declarar uma guerra? É burra assim? Ou não liga para o quanto vai custar? Sua carreira… seu casamento… tudo.”

Caminhei de volta para a porta tranquilamente, embora estivesse espumando de raiva por dentro. Eu tinha infligido aquilo a Eva. Agora tinha que resolver.

“Abra o olho, Gideon”, ela gritou na minha direção. “Você vai ver o que eu sou capaz de fazer.”

“Você que sabe.” Parei com a mão na maçaneta. “Foi você quem começou, mas pode ter certeza de que sou eu que vou terminar.”

*

“Você teve mais algum pesadelo desde a última vez em que nos vimos?”, o dr. Petersen perguntou, em uma postura tranquila e interessada, com o inseparável tablet no colo.

“Não.”

“Com que frequência diria que tem esses pesadelos?”

Eu estava sentado de forma tão relaxada e descontraída quanto o terapeuta, mas, por dentro, estava irritantemente inquieto. Tinha muita coisa a resolver para gastar uma hora do meu tempo ali. “Ultimamente, uma vez por semana. Às vezes menos que isso.”

“O que você quer dizer com *ultimamente*?”

“Desde que conheci Eva.”

Ele anotou alguma coisa no tablet. “Você tem enfrentado cobranças novas à medida que trabalha em seu relacionamento com Eva, mas a frequência dos pesadelos está diminuindo… pelo menos por enquanto. Tem alguma ideia do motivo?”

“Achei que você é quem tinha que me explicar isso.”

O dr. Petersen sorriu. “Não posso sacudir uma varinha de condão e dar todas as

respostas, Gideon. Tudo o que posso fazer é ajudar você nessa busca.”

Fiquei tentado a esperar que ele continuasse, fazê-lo falar mais do que eu. Mas a lembrança de Eva e a esperança que ela tinha de que a terapia pudesse fazer alguma diferença me instigaram a falar. Tinha prometido que ia tentar, então era isso que ia fazer. “As coisas estão melhorando entre a gente. Temos mais momentos de sintonia do que desacordo agora.”

“Você acha que estão se comunicando melhor?”

“Acho que somos mais capazes de compreender os motivos por trás das atitudes um do outro. Que nos entendemos melhor.”

“O relacionamento de vocês evoluiu muito rápido. Você não é um homem impulsivo, mas muitos diriam que se casar com uma mulher que conhece há tão pouco tempo — uma mulher que você admite ainda estar conhecendo — é extremamente impulsivo.”

“Isso é uma pergunta?”

“Uma observação.” Ele esperou um instante, mas, como eu não disse nada, continuou. “Às vezes é difícil para os parceiros de pessoas com o histórico de Eva. A confiança dela na terapia ajudou vocês dois, no entanto, é provável que ela comece a mudar de formas que você não havia previsto. Pode ser estressante para você.”

“Também não sou nada fácil”, respondi, secamente.

“Você é um sobrevivente de outra espécie. Alguma vez relacionou o estresse com uma piora nos pesadelos?”

A pergunta me irritou. “Que diferença faz? Eles acontecem.”

“Você não acha que pode fazer mudanças que diminuiriam o impacto deles?”

“Acabei de casar. É uma mudança e tanto, não acha, doutor? Pra mim é suficiente por enquanto.”

“E por que se limitar a isso? Você é um cara jovem, Gideon. Tem diversas oportunidades à disposição. Não tem por que evitar mudanças. Qual é o problema de tentar algo novo? Se não der certo, sempre pode voltar ao que estava fazendo antes.”

Aquilo me pareceu ironicamente engraçado. “Nem sempre.”

“Vamos fazer algo diferente hoje”, o dr. Petersen disse, deixando o tablet de lado. “Vamos dar uma volta.”

Levantei no mesmo instante que ele, não querendo ser confrontado por uma figura em posição superior. Ficamos frente a frente, com a mesinha de centro entre nós. “Por quê?”

“Por que não?” Ele apontou para a porta. “Talvez meu consultório não seja o melhor lugar para conversar. Você está acostumado a estar no controle. Aqui dentro, quem está no controle sou eu. Então vamos para um território neutro. O saguão do prédio é um lugar público, mas a maior parte das pessoas que trabalha aqui já foi embora.”

Saí antes dele e fiquei observando enquanto trancava a porta da sala e depois a porta do consultório.

“Bom, isso sem dúvida é uma mudança”, ele disse, abrindo um sorriso irônico. “Pelo menos para mim.”

Dei de ombros e comecei a caminhar.

“Quais são os planos para hoje à noite?”, ele perguntou, juntando-se a mim.

“Malhar uma hora com o personal trainer”, eu disse. Depois acrescentei: “Meu padrasto vai passar lá em casa mais tarde”.

“Vai fazer uma visita? Vocês são próximos?”

“Não e não.” Mantive o olhar fixo à minha frente. “Tem alguma coisa de errado. Ele só liga por isso.”

Senti o olhar do terapeuta em mim. “Você queria que fosse diferente?”

“Não.”

“Não gosta dele?”

“Não tenho nada contra.” Eu ia parar ali, mas pensei em Eva de novo. “A gente só não se conhece muito bem.”

“Isso pode ser mudado.”

Deixei escapar uma risada. “Você está realmente obcecado pela questão da mudança hoje.”

“Não é nada disso.” Ele parou, forçando-me a parar também. Erguendo o queixo, o dr. Petersen fitou o teto, claramente refletindo. “Quando você está examinando uma compra ou avaliando uma nova linha de atuação nos negócios, chama alguém para dar uma opinião, certo? Especialistas?” Ele olhou para mim novamente, sorrindo. “Pode pensar em mim da mesma forma, como um especialista.”

“Em quê?”

“No passado.” Ele voltou a caminhar. “Eu te ajudo com isso, e o resto da vida você pode descobrir sozinho.”

“Concentração, Cross.”

Estreitei os olhos. Do outro lado do tatame, James Cho pulava descalço, debochando de mim. Tinha um sorriso zombeteiro nos lábios, sabendo que o desafio implícito ia me estimular. Quinze centímetros mais baixo que eu e mais de dez quilos mais leve, o ex-campeão de MMA era mortalmente veloz e tinha um cinturão para provar isso.

Girando os ombros, ajustei a postura. Subi os punhos, fechando a abertura que o permitira acertar meu torso.

“Faça meu tempo valer, Cho”, retruquei, irritado porque ele estava certo. Meu cérebro ainda estava no consultório do dr. Petersen. Alguma coisa tinha mudado, e eu não sabia dizer exatamente o quê, e o significado daquilo.

James e eu giramos no tatame, fintando e tentando acertar golpes, mas nenhum de nós conseguiu nada. Como sempre, estávamos sozinhos no dojô. O som dos tambores taiko soava ao fundo, emanando dos alto-falantes escondidos atrás dos painéis de bambu que iam do chão ao teto.

“Você ainda está se segurando”, ele disse. “Amoleceu depois que se apaixonou?”

“Bem que você gostaria. Seria o único jeito de ganhar de mim.”

James riu, então tentou um chute circular. Eu me abaixei e dei uma rasteira nele, derrubando-o. Com uma tesoura incrivelmente rápida, ele me derrubou também.

Ficamos de pé. Empate.

“Você está desperdiçando meu tempo”, James disparou, investindo com o punho na minha direção.

Desviei. Ataquei com a esquerda, pegando-o de raspão. Ele me acertou em cheio nas costelas.

“Ninguém deixou você puto hoje?” James veio para cima de mim, não me dando outra escolha além de me defender.

Rugi. A raiva cozinhava no fundo da minha mente, escondida até que eu tivesse tempo e atenção para lidar com ela.

“É. Estou vendo na sua cara, Cross. Bota pra fora. Extravasa.”

Ela é seu calcanhar de aquiles…

Engatei na sequência um golpe de esquerda e um de direita, fazendo James recuar.

“É só isso que você tem?”, ele zombou.

Fintei um chute e cravei um soco, jogando sua cabeça para trás.

“Isso aí”, ele arfou, flexionando os braços e gostando. “Agora sim.”

Ela sangra de verdade…

Rosnando, investi contra ele.

Revigorado por um banho, mal tinha terminado de vestir a camiseta quando o telefone começou a tocar. Peguei-o da cama e atendi.

“Duas coisas”, Raúl disse depois de me cumprimentar. Ao fundo eu podia ouvir barulho de gente conversando e a música diminuindo rapidamente de volume até sumir. “Percebi que Benjamin Clancy ainda está acompanhando a sra. Cross. Não o tempo inteiro, mas com alguma frequência.”

“Ah é?”, comentei.

“Tudo bem? Ou quer que eu fale com ele?”

“Pode deixar que eu resolvo.” Precisava mesmo ter uma conversa com Clancy. Estava me programando para isso, mas teria que ser de imediato.

“Outra coisa: você já deve saber, mas a sra. Cross almoçou hoje com Ryan Landon e outros executivos da equipe dele.”

Senti aquela quietude terrível tomar conta de mim. Landon. Merda.

Ele tinha agido sem que eu notasse.

“Obrigado, Raúl. Vou precisar do telefone particular do chefe de Eva, Mark Garrity.”

“Mando uma mensagem assim que tiver.”

Desliguei o telefone e guardei no bolso, mal contendo um impulso de esmurrar a parede.

Arash tinha me alertado sobre Landon, e eu não dera atenção. Estava concentrado demais na minha vida, na minha esposa, enquanto Landon tinha se casado com sua ambição primordial de me destruir.

O telefone fixo tocou, dando-me um susto. Atendi, impaciente. “Cross.”

“Boa noite, senhor. Aqui é Edwin, da portaria. O sr. Vidal está aqui.”

Minha nossa. Apertei o fone com força. “Mande subir.”

“Certo.”

Peguei as meias e os sapatos e me calcei na sala de estar. Assim que Chris saísse, eu iria para o outro apartamento. Queria abrir um vinho, achar um daqueles filmes antigos que Eva conhecia de cor e ficar ouvindo minha esposa recitar os diálogos cafonas. Ninguém me fazia rir como ela.

Ouvi o barulho do elevador e fiquei de pé, ajeitando o cabelo molhado com as mãos. Estava tenso e odiava essa fraqueza.

“Gideon.” Chris parou na entrada, parecendo triste e cansado, o que era raro, e sempre culpa do meu irmão. “Eva está em casa?”

“Está na casa dela. Vou para lá depois da nossa conversa.”

Ele assentiu mecanicamente, mexendo os lábios sem pronunciar som algum.

“Entre”, eu disse, apontando para a poltrona perto da mesa de centro. “Quer beber alguma coisa?”

Depois de um dia como aquele, eu bem que precisava de um drinque.

Chris entrou na sala de estar, caminhando pesadamente. “Alguma coisa bem forte.”

“Pra mim também.” Fui até a cozinha e servi dois copos de armanhaque. Assim que baixei o decanter na bancada, meu telefone vibrou no bolso. Mensagem de Eva.

Era um selfie de uma perna nua e molhada apoiada na banheira, com velas ao fundo. Quer me fazer companhia?

Revi depressa meus planos para a noite. Ela tinha passado o dia inteiro me mandando mensagens provocantes. Seria mais que um prazer recompensá-la.

Salvei a foto e respondi. Quem me dera. Mas prometo deixar você molhadinha de novo quando chegar aí.

Guardei o telefone e me virei, encontrando Chris ao meu lado na bancada da cozinha. Passei um dos copos para ele e dei um gole no meu. “O que aconteceu?”

Ele suspirou, segurando o copo com ambas as mãos. “Vamos regravar o clipe de ‘Golden’.”

“Ah é?” Uma despesa desnecessária, algo que Chris sabiamente evitava como regra.

“Ouvi Kline e Christopher discutindo no escritório ontem”, ele disse asperamente, “e entendi tudo. Kline quer refazer, e eu concordei.”

“Mas aposto que Christopher não quer.” Recostei-me na bancada, com a mandíbula tensa. Aparentemente, Brett Kline tinha sentimentos muito fortes por Eva. E eu não

gostava nada disso. Nada mesmo.

“Seu irmão vai superar.”

Tinha minhas dúvidas, mas não adiantava falar.

Chris, no entanto, pareceu ler meu pensamento e assentiu com a cabeça. “Sei que o clipe foi motivo de muito estresse para você e Eva. Eu devia ter prestado mais atenção na época.”

“Agradeço sua compreensão.”

Ele fitou o copo e então deu um longo gole, quase virando o conteúdo de uma única vez. “Deixei sua mãe.”

Inspirei fundo e rapidamente, entendendo afinal que o motivo da visita não era trabalho. “Ireland me contou que vocês dois brigaram.”

“É. Odeio que ela tenha ouvido.” Ele olhou para mim e, nos seus olhos, vi que sabia de tudo. Vi o horror. “Eu não sabia, Gideon. Juro por Deus que não sabia.”

Meu coração deu um salto no peito, então começou a pular. Minha boca ficou seca.

“Eu… hum… fui ver Terrence Lucas.” A voz de Chris ficou mais rouca. “Passei no consultório dele. Ele negou, aquele mentiroso filho da puta, mas eu vi na cara dele.”

A bebida se agitou no meu copo. Baixei-o com cuidado na bancada, sentindo o chão mover-se sob meus pés. Eva havia confrontado Lucas, mas Chris…

“Dei um murro na cara dele. Caiu no chão, apagado. Mas, meu Deus… minha vontade era de pegar um daqueles troféus na prateleira e enfiar na cabeça do cara.”

“Chega.” A palavra cortou minha garganta feito caco de vidro.

“E o filho da puta que… O cara tá morto. Não posso fazer mais nada. Merda.” Chris baixou o copo na bancada de granito com um baque, mas foi o soluço que saiu de sua boca que me despedaçou. “Que merda, Gideon. Era meu trabalho proteger você. E eu falhei.”

“*Já chega!*” Empurrei a bancada, as mãos em punho. “Não me olhe assim!”

Ele tremeu visivelmente, mas não recuou. “Eu tinha que contar…”

Meus punhos amarrotaram sua camisa, erguendo Chris do chão. “Para de falar. Agora!”

As lágrimas escorriam por seu rosto. “Eu te amo como se fosse meu filho. Sempre te amei.”

Coloquei-o no chão e empurrei-o para longe. Ele bateu na parede, e eu virei de costas. Fui embora, atravessando a sala de estar sem olhar para trás.

“Não vim pedir perdão”, ele gritou, as palavras abafadas pelo choro. “Não mereço isso. Mas você precisa ouvir que eu teria arrebentado o canalha com minhas próprias mãos se soubesse.”

Virei para ele, sentindo uma ânsia subir pelo estômago até queimar minha garganta. “*O que você quer, merda?*”

Chris ajeitou os ombros e me encarou com os olhos vermelhos e o rosto molhado; trêmulo, mas não burro o suficiente para fugir. “Quero que saiba que não está sozinho.”

Sozinho. Isso mesmo. Longe da pena, da culpa e da dor me encarando por entre lágrimas. “Vá embora.”

Assentindo, ele caminhou até a entrada. Permaneci imóvel, o peito arfando e os olhos ardendo. As palavras ficaram presas em minha garganta; a violência latejava em meus punhos doloridos.

Antes de sair, Chris parou e virou para mim. “Fico feliz que você tenha contado para Eva.”

“Não fale dela.” Não podia nem pensar em Eva. Não agora, quando estava tão perto de perder o controle.

Ele saiu.

O dia pesou em meus ombros, fazendo-me cair de joelhos.

E eu explodi.

14

Estava sonhando com uma praia particular e Gideon pelado quando o toque do meu celular me acordou com um sobressalto. Girei de lado na cama, esticando o braço, e tateei o criado-mudo, procurando pelo aparelho no escuro. Senti os dedos o roçarem de leve, peguei o telefone e me sentei na cama.

O rosto de Ireland apareceu na tela. Franzi a testa e olhei para a cama vazia ao meu lado. Gideon não estava em casa. Claro, devia ter me visto dormindo e ido deitar no apartamento ao lado…

"Alô?", atendi, notando que o relógio dizia que já eram mais de onze.

"Eva? Chris Vidal. Desculpa ligar tão tarde, mas estou preocupado com Gideon. Ele está bem?"

Senti um frio na barriga. "Como assim? O que aconteceu?"

Chris fez uma pausa. "Você não falou com ele hoje?"

Levantei da cama e acendi o abajur. "Não. Peguei no sono. O que está acontecendo?"

Ele xingou com uma intensidade que fez meus pelos do braço arrepiarem. "Falei com ele hoje mais cedo sobre… as coisas que você me contou. Ele não reagiu bem."

"Ai." Olhei ao redor, sem enxergar nada. Uma roupa. Precisava vestir alguma coisa sobre a lingerie com que tinha planejado seduzir meu marido.

"Tem que achar Gideon, Eva", Chris disse, com urgência. "Ele precisa de você agora."

"Estou indo." Joguei o telefone na cama e tirei um casacão de lã do armário antes de sair correndo do quarto. Peguei na bolsa a chave do apartamento dele e atravessei o corredor. Acabei me atrapalhando para abrir a porta e demorando demais.

O lugar estava escuro e silencioso como um túmulo, os quartos completamente vazios.

"Cadê você?", gritei para a escuridão, sentindo na garganta a ardência de lágrimas desesperadas.

Acabei voltando para meu apartamento, os dedos trêmulos ao abrir o aplicativo para rastrear o celular de Gideon.

Ele não reagiu bem.

Meu Deus. Claro que não. Ele não tinha reagido bem quando me viu contando tudo para Chris. Tinha ficado furioso. Agressivo. E tivera um pesadelo terrível naquela noite.

O pontinho vermelho no mapa piscou exatamente onde eu esperava. “A cobertura.”

Calcei um chinelo e sai correndo para pegar minha bolsa.

“Que roupa é essa?”, Cary perguntou da cozinha, dando-me um susto.

“Ah! Você quase me mata de susto!”

Ele veio saltitando até a bancada só de cueca, o peito e o pescoço cobertos de suor. Como o ar-condicionado estava funcionando perfeitamente bem e Trey estava no apartamento, eu sabia exatamente por que Cary estava com tanto calor.

“Ainda bem! Você não pode sair assim”, ele falou.

“Não? Quem disse?” Coloquei a bolsa no ombro e corri para a porta.

“Você é louca, meu amor”, ele gritou. “Igualzinha a mim!”

O porteiro do prédio de Gideon não demonstrou espanto quando saltei do táxi. Já tinha me visto em pior estado. O zelador também; ele apenas sorriu e me cumprimentou pelo nome como se eu não parecesse uma mendiga maluca usando um casaco Burberry.

Caminhei em direção ao elevador da cobertura o mais rápido que meus chinelos permitiam. Esperei que chegasse, então digitei o código. Pequeno e elegante, o elevador ia direto para o andar de Gideon, mas a subida parecia não ter mais fim. Queria ter espaço para andar ali dentro. Meu rosto preocupado me encarava de volta nos espelhos impecavelmente limpos.

Gideon não tinha ligado. Não tinha respondido à mensagem em que eu flertava com ele, prometendo uma noite quente. Não tinha voltado para mim, nem mesmo para dormir no apartamento ao lado. E ele não gostava de ficar longe de mim.

A menos que estivesse sofrendo. E envergonhado.

A porta do elevador se abriu, e ele foi invadido por um heavy metal pulsando no último volume. Fiz uma careta e cobri as orelhas. O som que vinha dos alto-falantes embutidos no teto era tão alto que machucava meus ouvidos.

Dor. Fúria. A violência colérica da música me tomou de assalto. Meu peito ardia com uma pontada profunda. Eu sabia. Entendia. Aquela música era uma manifestação sonora do que Gideon sentia por dentro e não era capaz de extravasar.

Ele era controlado demais. Contido. Suas emoções eram tão reprimidas quanto suas memórias.

Vasculhei a bolsa em busca do celular e acabei deixando cair tudo no chão do elevador e do hall. Deixei as coisas onde estavam, pegando apenas o telefone e abrindo o aplicativo que controlava o sistema de som. Coloquei uma música mais calma e baixei o volume.

A cobertura ficou em silêncio pelo que pareceu uma eternidade, então os acordes suaves de “Collide”, de Howie Day, começaram a soar pelos alto-falantes.

Senti Gideon se aproximando antes de vê-lo, o ar estalando com a energia violenta de uma tempestade iminente. Ele despontou no corredor que vinha dos quartos. Perdi o fôlego.

Estava descalço e sem camisa, a cabeleira desgrenhada roçando os ombros. Usava uma calça preta de moletom de cintura baixa, o que realçava os músculos rijos em seu abdome. Estava com as costelas e um dos ombros machucados, sinais de luta que intensificavam a aparência de cólera e ferocidade fortemente contidas.

Minha escolha de música destoou da emoção que emanava dele. Meu lindo, selvagem e elegante guerreiro. Amor da minha vida. Tão atormentado que sua simples visão me trouxe lágrimas ardentes aos olhos.

Gideon parou de repente ao me ver, fechando as mãos em punho ao lado do corpo, com um brilho louco nos olhos e as narinas pulsando.

O celular escorregou da minha mão e bateu no chão. “Gideon.”

Ele inspirou fundo ao ouvir minha voz. Algo se alterou nele. Vi a mudança tomar conta de seu corpo como uma porta sendo batida. Num instante, era emoção pura. No outro, parecia frio feito gelo.

“O que está fazendo aqui?”, ele perguntou, a voz soando perigosamente estável.

“Procurando você.” Porque ele estava perdido.

“Não sou boa companhia pra ninguém agora.”

“Posso dar conta.”

Ele estava imóvel demais, como se tivesse medo de se mexer. “Melhor ir embora. Não é seguro para você aqui.”

Meu coração acelerou. A compreensão invadiu meus sentidos. O calor que ele emanava inundava todo o cômodo. Sua necessidade. Sua urgência. De repente, eu estava derretendo dentro do casaco. “Estou mais segura com você do que em qualquer outro lugar do mundo.” Respirei fundo, criando coragem. “Chris acredita em você?”

Ele puxou a cabeça para trás. “Como você sabe?”

“Ele me ligou. Está preocupado com você. *Eu* estou preocupada com você.”

“Vou ficar bem”, ele retrucou, indicando que não estava nada bem naquele momento.

Caminhei na direção dele, sentindo seu olhar arder na pele à medida que me examinava. “Claro que vai. Você casou comigo.”

“Você tem que ir embora, Eva.”

Fiz que não com a cabeça. “Parece que dói mais, não é, quando acreditam na gente? Você fica se perguntando por que demorou tanto para contar. Talvez pudesse ter resolvido antes se tivesse falado com a pessoa certa.”

“Cala a boca.”

“Tem sempre aquela vozinha lá dentro que acha que a culpa é da gente.”

Ele apertou os olhos com tanta força quanto os punhos. “Não faça isso.”

Aproximei-me mais um pouco. “Isso o quê?”

“Não seja o que eu preciso. Não agora.”

“Por que não?”

Aqueles penetrantes olhos azuis se abriram e me encararam com tanta intensidade que parei no meio da passada. “Estou por um fio, Eva.”

“Não precisa se segurar”, eu disse, estendendo a mão para ele. “Pode se soltar. Eu pego você.”

“Não.” Ele balançou a cabeça. “Não posso… Não vou ser gentil.”

“Você quer me tocar.”

Ele abriu a boca. “Eu quero te *foder*. Com força.”

Minhas bochechas arderam. O fato de que ele ainda me achava atraente apesar daquela roupa ridícula era uma prova do quanto me desejava. “Por mim tudo bem. Sempre.”

Levei os dedos até a gola do casaco. Tinha abotoado tudo quando estava no táxi, para evitar mostrar mais do que devia. Agora que estava fervendo ali dentro, estava suando.

Gideon correu e agarrou meus pulsos, apertando-os com força. “Não faça isso.”

“Acha que não sou capaz de lidar com você? Depois de tudo por que passamos? Tudo o que planejamos e sobre o que conversamos?”

Meu Deus. Seu corpo inteiro estava tenso, com todos os músculos rígidos e saltados. E

os olhos pareciam tão claros em contraste com a pele bronzeada, tão perturbados. Meu Moreno Perigoso.

Ele me segurou pelo cotovelo e começou a andar.

“O que você…?”, gaguejei.

Gideon estava me arrastando de volta para o elevador. “Você tem que ir embora.”

“Não!” Lutei com ele, tirando os chinelos e fincando os pés no chão.

“Merda.” Gideon me ergueu e me encarou. “Não posso prometer que vou parar. Se for longe demais e você usar a palavra de segurança, talvez não pare, e aí vou perder isso, tudo, *nós*!”

“Gideon! Pelo amor de Deus, não tenha medo de me querer demais!”

“Quero punir você”, ele rosnou, segurando meu rosto com ambas as mãos. “É tudo culpa sua! Foi você quem criou essa situação. Pressionando as pessoas… me pressionando. Olha só o que fez!”

O cheiro de álcool forte em seu hálito, de alguma bebida cara, me invadiu. Nunca o tinha visto bêbado de verdade — Gideon valorizava demais o autocontrole para entorpecer os sentidos —, mas agora estava mesmo embriagado.

Senti o primeiro sinal de apreensão dominar meu corpo.

“Isso”, respondi, vacilante. “É minha culpa. Te amo demais. Vai me punir por isso?”

“Meu Deus.” Ele fechou os olhos. Então encostou a testa úmida na minha, esfregando com força. Seu suor cobriu minha pele, marcando-me com um lascivo odor masculino que só ele tinha.

Gideon soltou o corpo, relaxando minimamente. Virei a cabeça e beijei seu rosto quente.

Ele enrijeceu. “Não.”

Então me puxou na direção do elevador, arrastando-me pelo hall e chutando no caminho o conteúdo da bolsa que estava espalhado pelo chão.

“Para com isso!”, gritei, tentando soltar o braço.

Mas ele não me ouvia. Apertou o botão, e as portas do elevador privativo abriram no mesmo instante. Ele me jogou para dentro, e eu bati na parede do fundo.

Desesperada, puxei o cinto do casaco, encontrando forças na urgência que sentia. Abri-o arrebentando os botões, que voaram para todo lado. As portas estavam fechando quando me virei para encará-lo, mantendo o casaco aberto para que visse o que eu estava vestindo

por baixo.

Gideon esticou o braço, evitando que a porta fechasse, e a abriu por completo. Minha lingerie era vermelho-sangue — a nossa cor — e praticamente inexistente. A renda transparente exibia meus seios e meu sexo, e as faixas que se cruzavam sobre minha cintura deixavam entrever a pele.

“Sua puta”, ele sibilou, entrando no espaço minúsculo e fazendo-o parecer ainda menor. “Você não consegue parar de me pressionar.”

“*Sua* puta”, revidei, sentindo as lágrimas encherem meus olhos e escorrerem pelo rosto. Era doloroso demais que ele estivesse com tanta raiva de mim, mesmo entendendo o motivo. Gideon precisava de uma válvula de escape, e eu estava disposta a servir de alvo. Ele tinha me avisado… tentado me proteger… “Eu aguento, Gideon Cross. Aguento qualquer coisa que vier de você.”

Ele me espremeu contra a parede do elevador com tanta força que o impacto tirou meu fôlego. Então cobriu minha boca com a sua, enfiando a língua. Apertou meus seios com violência, abrindo minhas pernas bruscamente com os joelhos.

Arqueei o corpo junto ao dele, tentando me desvencilhar do casaco. Estava quente demais ali, o suor escorria pelas costas e pela barriga. Gideon arrancou-o e o jogou num canto, a boca ainda grudada à minha. Deixei escapar um gemido de gratidão e o envolvi pela nuca, o coração acelerado por enfim poder abraçá-lo. Meus dedos correram por entre seus cabelos, e o apertei contra mim para me equilibrar.

Ele se afastou e arrancou minhas mãos de seu corpo. “Não toque em mim.”

“Vai se foder”, revidei, magoada demais para ficar de boca fechada. Só para provocar, soltei as mãos e comecei a acariciar seus ombros e bíceps rígidos.

Gideon me afastou de novo, segurando-me contra a parede com uma única mão no meio do tórax. Por mais que eu lutasse e arranhasse aquele braço de aço, não conseguia movê-lo. Tudo o que podia fazer era observá-lo enquanto tirava o cordão da calça de moletom.

O desejo e a apreensão se confundiram dentro de mim. “Gideon…?”

Seus olhos encontraram os meus, tão sombrios e perturbados. “Dá pra tirar as mãos de cima de mim?”

“Não. Não quero.”

Com um aceno de cabeça, Gideon me soltou, apenas para me virar de cara para a parede do elevador. Espremida por seu corpo, eu tinha pouco espaço de manobra.

“Não resista”, ele ordenou, os lábios junto da minha orelha.

E então amarrou meus pulsos ao corrimão interno do elevador.

Gelei, assustada que ele realmente estivesse me amarrando. Fiquei tão surpresa e incapaz de acreditar que nem tentei impedir. Foi só depois de vê-lo atar o nó fino que entendi que não estava de brincadeira.

Segurando-me pelo quadril, Gideon afastou meu cabelo com o rosto e enfiou os dentes no meu ombro. “Eu digo quando.”

Arfei, tentando puxar as mãos. “O que você está fazendo?”

Ele não respondeu.

Simplesmente foi embora.

Virando-me o máximo que conseguia, pude vê-lo voltando para a sala de estar antes de as portas do elevador se fecharem.

“Meu Deus”, sussurrei. “Ele não seria capaz.”

Não podia acreditar que estivesse me mandando embora daquele jeito… amarrada no elevador só de lingerie. Que Gideon era problemático eu já sabia, mas não dava para crer que meu marido loucamente ciumento pudesse me expor daquele jeito, para qualquer pessoa que estivesse na portaria, apenas para se livrar de mim.

“*Gideon!* Puta merda. Você não vai me deixar aqui assim! Está me *ouvindo*?! Volte aqui agora!”

Torci o cordão que prendia meus pulsos, mas o nó estava apertado demais. Os segundos se passaram, e então os minutos. O elevador não se mexeu, e depois de gritar até ficar rouca, dei-me conta de que ele não ia sair do lugar. Sempre à espera das ordens de Gideon, ele só se moveria se o botão fosse apertado.

Exatamente como eu.

Gideon ia ver só quando eu saísse dali. Nunca tinha sentido tanta raiva na vida. “*Gideon!*”

Caminhei para trás, abaixando-me, então levantei uma perna e apertei com o dedão do pé o botão que abria a porta. À medida que ela foi se abrindo, inspirei fundo, pronta para gritar…

… e soltei a respiração imediatamente, arfando assustada.

Gideon estava andando da sala de estar para o hall… *completamente nu*. E molhado da cabeça aos pés. O pau estava tão duro que apontava para o umbigo. Tinha a cabeça deitada

para trás e bebia uma garrafa d'água. Embora tranquilo, seu caminhar era absolutamente predatório.

Ajeitei o corpo à medida que ele se aproximava, arfando com a avalanche de emoções e a intensidade do meu desejo. Filho da mãe ou não, queria aquele homem com uma ferocidade contra a qual era incapaz de lutar. Ele era complicado e sensual, perturbado e perfeito.

"Aqui." Gideon levou à minha boca um copo de cristal que trazia numa das mãos. Eu estava tão ocupada cobiçando seu corpo que nem tinha percebido. O copo estava cheio, e o líquido avermelhado tocou meus lábios à medida que ele o inclinava para eu beber.

Abri a boca por instinto, e Gideon virou a bebida. O alto teor alcoólico queimou minha língua e minha garganta. Tossi, e ele esperou, com os olhos semicerrados. Tinha tomado banho, e estava limpo e refrescado.

"Beba tudo."

"É forte demais!", reclamei.

Ele simplesmente virou mais um longo gole na minha boca.

Dei um chute nele, xingando por causa da dor que senti no pé, mas Gideon nem pestanejou. "Pare com isso!"

Ele deixou a garrafa d'água vazia cair no chão e pegou meu rosto. Com o polegar, limpou uma gota da bebida em meu queixo. "Você tem que me dar um tempo para me acalmar. E precisa pegar leve. A gente vai se matar se fizer alguma coisa desse jeito."

Uma lágrima idiota escorreu pelo canto do meu olho.

Gideon gemeu e se debruçou sobre mim, percorrendo com a língua o caminho da lágrima ao longo do meu rosto. "Eu estou despedaçado e você vem me dar uma surra. Assim eu não aguento, Eva."

"Não suporto você me excluindo da sua vida", sussurrei, puxando o cordão. A bebida queimava em minhas veias. Já podia sentir os rios de intoxicação entorpecendo meus sentidos.

Ele colocou a mão sobre a minha, interrompendo meus movimentos. "Para com isso. Você vai se machucar."

"Me solta."

"Se me tocar de novo, não respondo por mim. Estou por um fio", ele disse de novo, parecendo desesperado. "Não posso perder o controle. Não com você."

“E com outra pessoa pode?” Minha voz era um guincho estridente. “Você precisa de outra pessoa?”

Eu também não estava conseguindo me controlar. Gideon era a rocha no nosso relacionamento, minha âncora. Achei que poderia ser o mesmo por ele. Queria acolhê-lo, abrigá-lo. Mas Gideon não precisava de abrigo contra a tempestade; ele *era* a tempestade. E eu não era forte o suficiente para suportar o peso de sua mudança de temperamento.

“Não. Deus do céu.” Ele me beijou com força. “Você precisa que eu esteja no controle. *Eu* preciso estar no controle quando estou com você.”

Senti o pânico tomar conta de mim. Ele sabia. Sabia que eu não era suficiente. “Você era diferente com as outras. Não se segurava…”

“*Puta que pariu!*” Gideon se afastou, dando um soco no painel do elevador. As portas abriram e de repente Sarah McLachlan estava cantando na sala de estar. Ele arremessou o copo de cristal, que se espatifou contra a parede. “É isso mesmo. Eu era diferente! *Você* me transformou.”

“E você me odeia por isso.” Comecei a chorar, deixando o corpo escorregar, apoiado na parede do elevador.

“Não.” Ele me envolveu pelas costas com seu corpo molhado. Então esfregou o rosto em mim, num abraço tão apertado que eu mal podia respirar. “Eu te amo. Você é minha *esposa*. Minha vida. É tudo pra mim.”

“Só estou tentando ajudar”, chorei. “Quero estar ao seu lado, mas você não deixa!”

“Que merda, Eva.” Suas mãos começaram a se mexer, a deslizar e a escorregar. A me acariciar. A me acalmar. “Não posso te impedir. Preciso demais de você.”

Segurei o corrimão com ambas as mãos, a bochecha grudada no espelho. O álcool começou a fazer sua mágica. Uma onda ardente de lassidão atravessou meu corpo, afogando a raiva e a vontade de lutar até que tivessem sumido por completo, deixando-me triste, com medo e desesperadamente apaixonada.

Suas mãos abriram minhas pernas, esfregando-me, insistentes. Com um puxão enérgico, ele abriu o fecho da lingerie. O súbito alívio daquela pressão me fez gemer. Meu sexo estava molhado e inchado por causa dos movimentos habilidosos daquelas mãos e da imagem em minha mente de Gideon caminhando na minha direção.

Deitei a cabeça em seu ombro e vi seu reflexo no espelho. Ele estava com os olhos fechados e os lábios entreabertos. A vulnerabilidade estampada em seu rosto maravilhoso me deixou enfeitiçada. Gideon estava sofrendo demais. Eu não aguentava ver aquilo.

“Me diga o que fazer”, sussurrei. “Me diga como ajudar.”

“Shh.” A língua dele sibilou em minha orelha. “Me deixa resolver isso.”

O toque suave de seu polegar por sobre a renda em meu mamilo estava me deixando louca. Eu tremia com os dedos que deslizavam sobre minha carne escorregadia. Ele sabia como me tocar, como fazer a pressão exata.

Gideon enfiou dois dedos, e eu gritei, ficando na ponta dos pés. Senti os joelhos fraquejarem, o músculo da perna ardendo com o esforço. O ar dentro do elevador ficou quente e abafado, pesado do desejo que emanava dele em ondas.

“Puta merda.” Ele gemeu ao sentir meu sexo comprimindo-o, e mexeu os quadris junto de mim para esfregar a ereção na minha bunda. “Vou arrebentar essa bocetinha gostosa, Eva. Não aguento mais.”

Com o braço ao redor da minha cintura, ele me ergueu, puxando-me para trás, fazendo com que eu tivesse que esticar os braços e me debruçar sobre ele. Gideon abriu minhas pernas e tirou os dedos molhados de mim. Senti sua mão esfregando meu quadril, então ele passou a cabeça do pau na minha bunda até roçar os lábios.

Prendi o fôlego, retorcendo-me com aquele toque aveludado. Tinha passado o dia inteiro desejando aquele homem, querendo sentir seu pau enorme dentro de mim, precisando que ele me fizesse gozar.

“Espere”, Gideon gemeu, segurando-me pela cintura e pelo ombro com os dedos tesos. “Deixa que eu…”

Meu sexo se apertou em volta da cabeça do seu pau.

Gideon soltou um palavrão e entrou fundo dentro de mim com um movimento brusco. A dor e o prazer me fizeram gritar, puxando o corpo para me desvencilhar daquela plenitude rígida, sentindo a ardência dos músculos que se esticavam.

“Assim”, ele gemeu, puxando-me de volta e entrando até o talo. Então girou o quadril, os testículos espremidos contra meu clitóris inchado. “Apertado pra cacete…”

Gemi e tentei me segurar ao corrimão; meu corpo começou a se mover para a frente e para trás quando ele começou a me foder. A sensação era devastadora, ser preenchida por inteiro e então esvaziada abruptamente. Meus joelhos cederam, e eu me contorci de prazer enquanto ele me abria com força e completamente. Gideon estava despejando em mim toda a emoção que havia acumulado dentro de si, com as investidas implacáveis de seu pau massageando cada um dos meus pontos sensíveis.

Antes que pudesse perceber, eu já estava gozando, arfando seu nome à medida que o

prazer se espalhava por meu corpo em espasmos violentos.

Deixei a cabeça pender entre meus braços, os músculos fracos e inúteis. Gideon me segurava com as mãos, com seu membro. Usando meu corpo. Reivindicando-o. Rugindo feito um animal toda vez que entrava em mim.

“Tão fundo”, ele gemeu. “Tão gostoso.”

Detectei um movimento em minha visão periférica, e meus olhos embaçados se concentraram em nosso reflexo. Com um urro grave e dolorido, comecei a gozar de novo, ou talvez o primeiro orgasmo ainda não tivesse terminado. Gideon era a coisa mais erótica que eu já tinha visto — o bíceps grosso e rígido ao me segurar, as coxas tensionadas pelo esforço, a bunda flexionando com os movimentos, o abdome ondulando à medida que mexia os quadris a cada investida.

Ele tinha sido feito para transar, mas aperfeiçoara sua técnica, usando cada centímetro do corpo magistral para escravizar uma mulher em prazer. Aquilo era inato, instintivo. Mesmo bêbado e quase selvagem de tanta angústia, seu ritmo era curto e preciso, e ele ficava absolutamente concentrado.

A cada entrada seu membro tocava o ponto mais perfeito, de novo e de novo, levando-me ao êxtase até eu não aguentar mais. Senti mais um clímax se aproximando como um maremoto.

“Isso”, ele gemeu. “Molha meu pau, meu anjo. Ah… Você vai me fazer gozar.”

Senti seu membro aumentar e enrijecer. Minha pele formigava. Meus pulmões imploravam por ar.

Gideon jogou a cabeça para trás e rugiu como um animal, gozando com um esguicho quente. Apertando meus quadris, ele continuou entrando em mim enquanto ejaculava, num orgasmo forte e longo, enchendo-me até seu sêmen escorrer pelas minhas coxas.

Ele reduziu o movimento, arfando, debruçando-se até encostar a bochecha no meu ombro.

Comecei a desmoronar de joelhos. “Gideon…”

Mas ele me puxou de volta. “Não terminei”, disse, bruscamente, ainda grande e duro dentro de mim.

E então começou de novo.

Acordei com seus cabelos roçando meu ombro e a sensação de lábios quentes e firmes em mim. Exausta, tentei me virar, mas um braço ao redor da cintura me puxou de volta.

“Eva”, ele suspirou. Segurava meu seio com uma das mãos, os dedos habilidosos brincando com meu mamilo.

Estava escuro, e estávamos na cama, embora eu mal lembrasse quando Gideon me carregara até ali. Ele tinha tirado minha lingerie, limpado-me com uma toalha úmida e me coberto de beijos no rosto e nos pulsos. Havia curativos cuidadosos neles, escorregadios por causa da pomada.

Seu toque gentil na pele esfolada me deixou excitada, em uma mistura de dor e prazer. Ele percebeu.

Com os olhos cálidos de desejo, abriu minhas pernas e me chupou com uma urgência que aniquilava qualquer habilidade de pensar ou me mover. Lambia e chupava minha boceta continuamente, até eu perder a conta de quantas vezes tinha me feito gozar com aquela língua perversa.

“Gideon…” Virando o rosto, olhei para meu marido por sobre o ombro. Ele estava apoiado num dos braços, os olhos brilhando sob a luz tênue da lua. “Você passou a noite comigo?”

Talvez fosse imprudente da minha parte gostar que ele tivesse ficado comigo enquanto eu dormia, mas dividir a cama com Gideon era algo que eu adorava. E pelo qual ansiava.

Ele fez que sim. “Não podia deixar você sozinha.”

“Que bom.”

Gideon me virou na sua direção, beijando-me com carinho na boca. Suas lambidas insistentes me provocaram de novo, fazendo-me gemer.

“Não consigo parar de tocar você”, ele sussurrou, segurando-me pela nuca e aumentando a intensidade dos beijos, os dentes mordiscando de leve o lábio inferior. “Quando toco você, não penso em mais nada.”

Carinho misturado com amor. “Posso tocar você também?”

Fechando os olhos, ele disse: “Por favor”.

Joguei-me em cima dele, deslizando as mãos por seu cabelo para segurá-lo da mesma forma que me segurava. Rocei os lábios nos dele, com nossas bocas quentes e úmidas. Entrelaçamos a língua, e meu corpo se arqueou para apertar os músculos rijos do meu marido.

Gideon murmurou baixinho e me fez desacelerar, rolando para ficar em cima de mim.

Erguendo o rosto, ele interrompeu o beijo e começou a me mordiscar e chupar. Com a ponta da língua, traçava a curva do meu lábio.

Gemi em protesto, querendo-o mais fundo e mais forte. Mas, em vez disso, ele lambia tranquilamente meu céu da boca e a bochecha. Fechei as pernas, trazendo-o para junto de mim. Ele se movia, pressionando a ereção em minha coxa.

Gideon me beijou até meus lábios ficarem quentes e inchados e o sol surgir no horizonte. Ele me beijou até gozar num jato quente contra minha pele. Não uma vez, mas duas.

A sensação dele gozando, o som de seus gemidos roucos de prazer, de saber que era capaz de levá-lo ao orgasmo apenas com beijos… Esfreguei-me contra sua coxa com todo o meu desejo até atingir o clímax.

À medida que o tempo foi passando, ele estreitou a distância que havia colocado entre nós no elevador. Gideon fez amor comigo sem sexo. Prometeu devoção me colocando no centro do seu mundo. Não havia mais nada além da nossa cama. Só nós e um amor que nos desnudava e completava.

Quando acordei de novo, encontrei-o dormindo ao meu lado, com os lábios tão inchados quanto os meus. Seu rosto estava relaxado, repousando, mas a testa franzida me dizia que não tão tranquilo quanto eu gostaria que estivesse. Ele estava deitado de lado, com o corpo longo e esguio esticado no colchão e os lençóis enrolados nas pernas.

Já era tarde, quase nove da manhã, mas eu não tinha coragem de acordá-lo nem de deixá-lo ali. Ainda não estava naquele emprego tempo o suficiente para faltar, mas resolvi que tinha que fazer isso.

Até então vinha colocando minhas necessidades em primeiro lugar quando se tratava de carreira, de modo que um dia ela talvez se tornasse um obstáculo no nosso relacionamento. Sabia que não havia nada de errado com minha vontade de ser independente, mas naquele momento essa escolha não parecia certa.

Vestindo uma camiseta e uma calcinha, saí do quarto e caminhei até o escritório, onde o alarme do celular de Gideon tocava. Desliguei-o e fui para a cozinha.

Montando na cabeça uma lista das coisas que precisava fazer, liguei para Mark e deixei um recado avisando que ia faltar por causa de uma emergência familiar. Então liguei para Scott e deixei uma mensagem avisando que Gideon não ia chegar às nove e que provavelmente não iria para o escritório. Disse que poderia me ligar se precisasse.

Queria manter meu marido em casa o dia inteiro, embora tivesse minhas dúvidas de que ele concordasse. Precisávamos de um tempo juntos, sozinhos. Para curar as feridas.

Peguei o celular no hall e liguei para Angus, que atendeu no primeiro toque.

“Bom dia, sra. Cross. Você e o sr. Cross estão prontos para sair?”

“Não, Angus, vamos ficar por aqui por enquanto. Acho que não vamos sair hoje. Sabe onde Gideon guarda aquelas garrafas contra ressaca?”

“Sei, claro. Precisa de uma?”

“Acho que Gideon pode precisar quando acordar. Queria uma, só por precaução.”

Silêncio. “Posso fazer uma pergunta?”, ele falou, o sotaque escocês mais pronunciado do que o normal. “Tem alguma coisa a ver com a visita do sr. Vidal ontem à noite?”

Esfreguei a testa, sentindo os sinais alarmantes de uma dor de cabeça iminente. “Tudo.”

“Chris acredita nele?”, Angus perguntou baixinho.

“Acredita.”

Ele suspirou. “Ah, então é por isso. Ele não estava preparado. Negação é tudo o que o rapaz conhece, e ele só sabe lidar com isso.”

“Gideon não reagiu bem.”

“Imagino. Ainda bem que ele tem você, Eva. Está fazendo a coisa certa por ele, embora ele talvez precise de tempo para valorizar. Vou pegar aquela garrafa pra você.”

“Obrigada.”

Com esse problema resolvido, voltei minha atenção para o lugar. Primeiro lavei o decanter e o copo que encontrei na bancada da cozinha, então fui até o hall com uma vassoura e uma pá para limpar os cacos do outro copo. Scott ligou, e conversei com ele enquanto juntava as coisas que tinham caído da bolsa. Quando desliguei, comecei a esfregar a parede e o chão do hall para remover as manchas de conhaque seco.

Gideon havia dito na noite anterior que estava despedaçado. Eu não queria que ele acordasse e encontrasse sua casa daquele jeito.

Nossa casa, corrigi. Nossa casa. Precisava aprender a pensar daquele jeito. E Gideon também. Íamos ter uma conversa sobre ele tentar me expulsar de lá. Se eu ia me esforçar para ter uma vida em conjunto, ele também precisava se dedicar a isso.

Queria ter alguém com quem conversar, um amigo que me ouvisse e pudesse me aconselhar. Cary ou Shawna. Ou até Steven, que tinha alguma coisa que tornava fácil me abrir com ele. Tínhamos o dr. Petersen, mas não era a mesma coisa.

Gideon e eu tínhamos segredos que não podíamos dividir com mais ninguém, e isso nos isolava do resto do mundo, tornava nós dois dependentes um do outro. As pessoas que tinham abusado de nós não roubaram apenas nossa inocência — privaram-nos de liberdade. Mesmo muito tempo depois, vivíamos presos atrás de uma fachada. Enclausurados em mentiras.

Tinha acabado de limpar todas as marcas do espelho do elevador quando ele começou a descer comigo dentro. Só de calcinha e camiseta.

"Tá de brincadeira?", resmunguei comigo mesma, tirando as luvas de borracha e tentando ajeitar o cabelo. Depois de rolar na cama com Gideon a noite inteira, eu estava um trapo.

A porta abriu, e Angus começou a entrar, interrompendo a passada assim que notou minha presença. Mudei de posição, tentando esconder o cordão ainda atado ao corrimão atrás de mim. Gideon tinha soltado meus pulsos com uma tesoura, mas deixara a prova do crime para trás.

"Hum, oi", eu disse, contorcendo-me de vergonha. Não havia como explicar por que estava ali dentro quase sem roupas segurando luvas de borracha. Para piorar, meus lábios estavam tão vermelhos e inchados que não havia como esconder o que eu e Gideon tínhamos feito durante a noite.

Os olhos claros de Angus brilharam, divertidos. "Bom dia, sra. Cross."

"Bom dia, Angus", respondi com o máximo de dignidade de que fui capaz.

"Aqui." Ele me estendeu uma garrafa do que eu tinha certeza de que se tratava de uma dose de álcool com vitaminas.

"Obrigada", agradeci, também por Angus não ter feito nenhuma pergunta.

"Liga se precisar de alguma coisa. Vou ficar por aqui."

"Você é o máximo, Angus." Voltei para a cobertura. Quando a porta do elevador abriu, ouvi o telefone tocando.

Corri para a cozinha, deslizando no piso para tirar o fone do gancho e torcendo para que o barulho não acordasse Gideon.

"Alô?"

"Eva, é Arash. Cross está com você?"

"Sim. Ainda está dormindo, acho. Vou dar uma olhada." Fui em direção ao quarto.

"Ele não está doente, está? Nunca fica doente."

“Tem uma primeira vez pra tudo.”

Espiando dentro do quarto, vi meu marido magnificamente esparramado em seu sono, abraçado ao travesseiro, o rosto enterrado nele. Caminhei na ponta do pé até o criado-mudo e deixei a garrafa. Então saí e fechei a porta atrás de mim.

“Ainda está apagado”, sussurrei.

“Uau. Bom, mudança de planos então. Tem uns documentos aqui que vocês precisam assinar antes das quatro. Vou mandar um portador entregar aí. Me liga quando estiver assinado e eu mando alguém buscar.”

“*Eu* tenho que assinar também? O que é?”

“Ele não contou?” Arash riu. “Bem, não sou eu quem vai estragar a surpresa. Você vai ver quando receber os papéis. Se tiver alguma dúvida, liga.”

“Certo. Obrigada”, respondi baixinho.

Desliguei e estreitei os olhos na direção do quarto. O que Gideon estava aprontando? Ficava maluca quando ele tomava decisões sem falar comigo.

Meu celular começou a tocar na cozinha. Atravessei a sala às pressas e dei uma olhada na tela. Era um número desconhecido, mas de Nova York.

“Ninguém merece”, resmunguei, sentindo como se tivesse passado o dia todo no escritório, embora ainda fossem dez e meia da manhã. Como Gideon aguentava ter que lidar com tantas coisas ao mesmo tempo? “Alô?”

“Eva, Chris de novo. Espero que não se importe que Ireland tenha me dado seu número.”

“Não, tudo bem. Desculpa não ter ligado mais cedo. Não queria deixar você preocupado.”

“Ele está bem então?”

Caminhei até um dos bancos do bar e sentei. “Não. Foi uma noite pesada.”

“Liguei para o escritório. Disseram que ele não vai pra lá.”

“Estamos em casa. Ele ainda está dormindo.”

“É pior do que eu pensava então.”

Chris conhecia meu esposo. Gideon era cheio de hábitos e tinha uma vida rigidamente organizada e compartimentada. Desvios eram tão raros que se tornavam motivo de preocupação.

“Ele vai ficar bem.” Tentei transmitir confiança. “Pode deixar comigo. Só precisa de um tempo.”

“Tem alguma coisa que eu possa fazer?”

“Se eu pensar em alguma coisa, aviso.”

“Obrigado.” Chris parecia cansado e preocupado. “Obrigado por me contar e por ficar ao lado dele. Gostaria de ter apoiado Gideon quando tudo aconteceu. Mas vou ter que conviver pelo resto da vida com o fato de que eu não estava lá.”

“Todos nós vamos, Chris. E não foi culpa sua. Sei que não ajuda em nada, mas tem que se lembrar disso, ou vai acabar com você. E isso não vai ajudar Gideon.”

“Você é madura demais para sua idade, Eva. Fico tão feliz que ele tenha te encontrado.”

“A sorte é toda minha”, respondi baixinho. “Toda minha.”

Encerrei a ligação e não consegui evitar pensar na minha mãe. Ver o que Gideon estava passando me fez ter ainda mais carinho por ela. Minha mãe ficara ao meu lado, lutara por mim. Também sentia culpa, o que a tornava absurdamente superprotetora. Havia uma parte de mim, no entanto, que não se despedaçara tanto quanto Gideon por causa do amor dela.

Decidi ligar, e minha mãe atendeu no primeiro toque.

“Eva. Você está me evitando de propósito. Como posso planejar o casamento sem sua participação? São tantas coisas para decidir, e se eu fizer alguma escolha errada, você vai…”

“Oi, mãe”, interrompi. “Tudo bem?”

“Não. Um estresse só”, ela respondeu, com sua voz naturalmente rouca transmitindo mais do que uma leve acusação. “O que você acha? Estou planejando o dia mais importante da sua vida sozinha e…”

“Estava pensando que a gente podia se encontrar no sábado pra resolver isso, se você estiver livre, claro.”

“Sério?” O prazer e o deleite com que ela formulou a pergunta fizeram com que eu me sentisse culpada.

“Sério.” Eu vinha pensando no segundo casamento como algo mais para minha mãe do que para qualquer outra pessoa, mas era mentira. A cerimônia também seria importante para Gideon e para mim, como outra oportunidade de confirmar nosso vínculo inquebrável. Não para o mundo ver, mas para nós dois.

Ele tinha que parar de me afastar toda vez que eu tentava protegê-lo, e eu tinha que parar de achar que desapareceria ao me tornar a sra. Gideon Cross.

“Que maravilha, Eva! A gente pode almoçar aqui com a cerimonialista. E passar a tarde revendo as opções.”

“Quero uma cerimônia pequena, mãe. Íntima.” Antes que ela tivesse chance de reclamar, insisti na sugestão de Gideon. “Você pode esbanjar o quanto quiser na festa, mas a cerimônia vai ser privada.”

“Eva, as pessoas vão ficar ofendidas se você convidá-las só para a festa, e não para a cerimônia!”

“Não estou nem aí. Não vou casar por causa delas. Vou casar porque estou apaixonada pelo homem dos meus sonhos, e vamos passar o resto da vida juntos. Não quero perder o foco nem por um minuto.”

“Meu amor…” Ela suspirou, como se eu fosse uma idiota. “A gente conversa no sábado.”

“Tá legal. Mas não vou mudar de ideia.” Senti um arrepio e virei a cabeça.

Gideon estava de pé na porta da cozinha, observando-me. Tinha vestido a calça de moletom da noite anterior e estava descabelado e com as pálpebras pesadas.

“Tenho que ir”, eu disse. “Vejo você no fim de semana. Te amo, mãe.”

“Eu também, Eva. Por isso só quero o melhor pra você.”

Desliguei e coloquei o telefone na bancada da cozinha. Saltando do banco, virei para Gideon. “Bom dia.”

“Você não está no trabalho”, ele disse, a voz mais grave e sensual do que o normal.

“Nem você.”

“Vai chegar atrasada?”

“Não. Nem você.” Caminhei até ele e o envolvi pela cintura. Seu corpo ainda estava quente da cama. Ele era meu sonolento e atraente sonho realizado. “Hoje a gente vai se esconder do mundo, garotão. Só eu e você, de pijama, descansando.”

Gideon passou um braço em volta do meu quadril e com a outra mão tirou uma mecha do meu rosto. “Você não está brava.”

“Por que estaria?” Fiquei na ponta do pé e beijei seu queixo. “Você está bravo comigo?”

“Não.” Ele me segurou pela nuca, apertando o rosto contra o meu. “Que bom que está aqui.”

“E vou continuar aqui para sempre. Até que a morte nos separe.”

“Você estava planejando o casamento.”

“Ah, você ouviu? Se tiver alguma exigência, fale agora ou cale-se para sempre.”

Ele ficou quieto por um tempo, o bastante para eu concluir que não tinha nada a pedir.

Virei a cabeça e toquei seus lábios com os meus, num beijo rápido e suave. “Você viu o que deixei ao lado da cama?”

“Vi, obrigado.” Uma sombra de sorriso tocou seus lábios.

Ele parecia um homem saciado, o que me enchia de orgulho feminino. “Salvei sua pele no trabalho também, mas Arash disse que tinha que nos mandar uns documentos. Não quis me falar o que era.”

“Acho que você vai ter que esperar pra ver.”

Levei os dedos até sua testa. “Como está se sentindo?”

Ele deu de ombros. “Não sei. Neste instante, um lixo.”

“Vamos voltar àquele banho que você pulou ontem à noite.”

“Hum, já estou muito melhor.”

Entrelaçando nossos dedos, comecei a caminhar com ele na direção do quarto.

“Quero ser o homem dos seus sonhos, meu anjo”, ele disse, surpreendendo-me. “Mais que tudo.”

Voltei o olhar para ele. “Você já é.”

Fitei o contrato à minha frente, o coração batendo acelerado com um misto de amor e satisfação. Ergui os olhos da mesa de centro e observei Gideon entrar na sala, o cabelo ainda úmido do banho que tínhamos tomado juntos, usando uma calça de pijama de seda preta.

“Vai comprar a casa da Carolina do Norte?”, perguntei, precisando de confirmação mesmo tendo a prova nas mãos.

Seus lábios sensuais se curvaram num sorriso. “*Vamos* comprar a casa. Combinamos isso.”

“Conversamos sobre a possibilidade.” O preço era um tanto exagerado, o que me dizia que não tinha sido fácil convencer os proprietários. E Gideon tinha pedido que deixassem

o exemplar de *Nudez mortal* e todos os móveis do quarto de casal. Ele sempre pensava em tudo.

Gideon sentou ao meu lado no sofá. “E agora estamos fazendo algo a respeito.”

“Seria muito mais fácil comprar um lugar nos Hamptons. Ou em Connecticut.”

“De avião é um pulo.” Ele virou meu queixo com os dedos e colou os lábios nos meus. “Não se preocupe com a logística”, murmurou. “Fomos muito felizes naquela casa. Ainda posso ver você andando na areia. E me lembro do beijo no deque… e de colocar você naquela cama branca enorme. Parecia um anjo. Pra mim, aquele lugar é o paraíso.”

“Gideon.” Descansei a testa contra a dele. Eu o amava muito. “Onde a gente assina?”

Ele virou o contrato e me mostrou o adesivo amarelo indicando o local. Então correu os olhos pela mesa de centro, franzindo a testa. “Cadê minha caneta?”

Fiquei de pé. “Tem uma na minha bolsa.”

Segurando-me pelo pulso, ele me puxou de volta para o sofá. “Não. Preciso da minha caneta. Cadê o envelope em que veio isto?”

Eu o encontrei no chão entre o sofá e a mesa, onde o deixara cair quando me dera conta do que Arash havia enviado. Ao erguê-lo, notei que ainda estava pesado e despejei o conteúdo na mesa. Uma caneta-tinteiro bateu contra o vidro, e uma pequena fotografia deslizou sobre o tampo da mesa.

“Agora sim”, ele disse, pegando a caneta e assinando na linha pontilhada. Enquanto Gideon revisava o restante dos documentos, peguei a fotografia e senti um aperto no coração.

Ele estava com o pai numa praia. Era a foto sobre a qual tinha me contado quando estávamos na Carolina do Norte. Gideon era bem novo, tinha uns quatro ou cinco anos, e estava concentrado, ajudando-o a construir um castelo de areia. Geoffrey Cross estava sentado diante do filho, e seus cabelos escuros esvoaçavam com a brisa do mar, emoldurando seu rosto de artista de cinema. Estava apenas de sunga, exibindo um corpo bem parecido com o que Gideon ostentava.

“Uau”, suspirei, sabendo que faria várias cópias para emoldurar e pendurar nas nossas casas. “Que foto linda.”

“Aqui.” Ele deslizou o contrato pela mesa na minha direção, com a caneta sobre as folhas.

Coloquei a foto na mesa e peguei a caneta, girando-a até encontrar as iniciais *GC* na lateral. “Você é supersticioso ou algo assim?”

“Era do meu pai.”

“Ah.” Olhei para meu marido.

“Ele assinava tudo o que fazia com ela. Nunca ia a lugar nenhum sem levar essa caneta no bolso.” Gideon tirou o cabelo do rosto. “Destruiu nosso sobrenome com essa caneta.”

Pousei a mão sobre sua coxa. “E você está reconstruindo tudo com a mesma caneta. Entendi.”

Gideon tocou minha bochecha com a ponta dos dedos, com uma expressão tranquila e reluzente nos olhos. “Tinha certeza de que você entenderia.”

15

“Uma suíte para ele, uma para ela. Um clássico.” Blaire Ash sorriu, a caneta voando sobre a folha presa à prancheta.

Ele correu os olhos pelo quarto de Eva na cobertura, o mesmo que eu pedira que decorasse exatamente como o quarto dela em seu apartamento no Upper West Side.

“Qual vai ser o tamanho da obra?”, o arquiteto perguntou. “Querem começar do zero ou fazer apenas algumas mudanças estruturais para juntar os dois quartos?”

Deixei a resposta a cargo de Eva. Era difícil para mim participar, sabendo que era uma mudança que nenhum de nós queria muito fazer. Em breve nossa casa ia transmitir quão perturbado eu era e o quanto isso afetava negativamente nosso casamento. Eu me sentia como se tivesse uma faca no pescoço.

Ela me fitou de lado e então perguntou: “O que seria mais fácil?”.

Ash sorriu, revelando um dente ligeiramente torto. Era um sujeito atraente — ou pelo menos Ireland achava isso — e estava com a calça jeans rasgada e a camiseta que sempre usava sob o paletó de alfaiate. Eu não ligava a mínima para a aparência dele. O que me importava era seu talento, que admirava o suficiente para contratá-lo para decorar tanto meu escritório como minha casa. O que não me agradava era o jeito como estava olhando para minha esposa.

“Podemos só ajustar o banheiro do casal e abrir um arco nesta parede, juntando os dois quartos.”

“É exatamente disso que a gente precisa”, Eva respondeu.

“Certo. Seria rápido, e a obra não atrapalharia muito a vida de vocês. Ou… eu poderia mostrar outras opções.”

“Como o quê?”

Ash se aproximou dela, chegando tão perto que ficaram com os ombros encostados. Ele era quase tão loiro quanto Eva, e os dois pareciam lindos juntos, o arquiteto com a cabeça inclinada na direção dela.

“Com a metragem dos três cômodos”, ele respondeu, falando exclusivamente com Eva, como se eu não estivesse ali, “eu poderia fazer um projeto equilibrado. Os dois quartos

teriam o mesmo tamanho, com um escritório para cada um. Ou uma sala de descanso, se preferir.”

“Ah.” Ela mordiscou o lábio inferior, absorta por um instante. “Não acredito que você desenhou isso tão rápido.”

Ash deu uma piscadinha para ela. “Rápido e rasteiro é meu lema. Vou fazer um trabalho tão bem-feito que você vai se lembrar de mim quando quiser mudar o visual de novo.”

Recostei contra a parede de braços cruzados, observando os dois. Eva parecia alheia ao joguinho do arquiteto. Mas eu não estava.

O telefone fixo tocou, e ela ergueu a cabeça. Então olhou para mim. “Aposto que é Cary.”

“Por que não atende, meu anjo?”, comentei, tranquilamente. “Talvez devesse ir lá embaixo buscar Cary, e dividir a empolgação com ele.”

“Claro!” Ela correu a mão ao longo do meu braço e saiu às pressas do quarto, um toque fugaz que reverberou por meu corpo todo.

Ajeitei o corpo, concentrando-me em Ash. “Você está flertando com minha mulher.”

Ele ficou tenso na mesma hora, o sorriso desaparecendo do rosto. “Desculpa. Não foi por mal. Só queria deixar a srta. Tramell à vontade.”

“Pode deixar que eu cuido dela. Você tem que se preocupar comigo.” Não tinha dúvidas de que o arquiteto estranhava nosso pedido. Qualquer um que visse aquilo pensaria o mesmo. Que homem no mundo casaria com Eva para dormir não só numa cama diferente, mas em outro quarto?

Senti a faca entrar um pouquinho mais fundo e girar.

Seus olhos escuros tornaram-se frios. “Claro, sr. Cross.”

“Agora mostre aí o que você desenhou.”

“O que vocês acham?”, Eva perguntou, entre um pedaço e outro de pizza de pepperoni. Ela estava debruçada sobre a bancada da cozinha, com uma das pernas estendida atrás, de pé do lado oposto em que Cary e eu estávamos sentados.

Considerei o que responder.

“Quero dizer, a ideia da suíte com duas áreas espelhadas é genial”, ela prosseguiu, limpando a boca com um guardanapo, “mas se a gente optar pela solução mais fácil, vai

demorar muito menos. E se a gente quisesse usar o quarto para alguma outra coisa, é só fechar a parede de novo.”

“Tipo o quarto do bebê”, Cary disse, colocando pimenta na sua fatia de pizza.

Meu apetite desapareceu na mesma hora, e coloquei minha fatia no prato. Recentemente, comer pizza em casa não estava dando certo para mim.

“Ou um quarto de visitas”, Eva corrigiu. “Gostei das ideias que vocês estavam discutindo para seu apartamento.”

Cary estreitou os olhos. “Mudando de assunto?”

“Ei, talvez você esteja pensando em bebês, mas o restante de nós tem outras prioridades.”

Eva estava dizendo exatamente o que eu queria que dissesse, mas…

Será que tinha os mesmos medos que eu? Talvez tivesse me aceitado como marido porque não podia evitar, mas tinha limites quanto a me querer como pai de seus filhos.

Levei meu prato descartável até a lixeira e joguei fora. “Tenho que fazer umas ligações. Fica aí, Cary. Passa um tempo com Eva.”

Ele fez que sim. “Obrigado.”

Deixei a cozinha e fui para a sala de estar.

“Então, gata”, Cary começou, embora eu ainda pudesse ouvi-lo, “aquele arquiteto gostoso tá a fim do seu marido.”

“Tá nada!”, Eva riu. “Deixa de ser doido.”

“Não posso. Mas o cara nem ligou pra você, só tinha olhos para Cross.”

Ri com desdém. Ash tinha entendido o recado, o que confirmava minha crença na inteligência do arquiteto. Cary que pensasse o que bem entendesse.

“Bem, só posso dizer que então o sujeito tem bom gosto”, Eva disse.

Fui em direção ao escritório e pousei os olhos na colagem de fotos de Eva na parede.

Ela era a única coisa que eu não era capaz de afastar de meus pensamentos. Estava sempre em primeiro plano, presente em todas as decisões que eu tomava.

Sentei à mesa e comecei a trabalhar, preocupado em recuperar o tempo perdido para a semana não ir por água abaixo. Demorei para conseguir me concentrar. Quando consegui, senti certo alívio. Era um consolo poder focar em problemas com soluções concretas.

Estava fazendo progresso quando ouvi um grito vindo da sala de estar que parecia ter

vindo de Eva. Parei e fiquei ouvindo. Os dois ficaram em silêncio por um instante, depois ouvi o grito de novo, seguido pela voz elevada de Cary. Levantei e abri a porta do escritório.

“Você podia falar comigo, Cary!”, minha esposa disse, nervosa. “Podia me dizer o que está acontecendo.”

“Você sabe o que está acontecendo, merda!”, ele retrucou com um tom de voz que me fez sair do escritório.

“Eu não sabia que você estava se cortando de novo!”

Quando entrei na sala, Eva e Cary pareciam prestes a se engalfinhar, encarando-se a poucos metros de distância.

“Não é da sua conta”, ele disse, os ombros tensos e o queixo erguido em posição de desafio. Então me fitou de relance. “Nem da sua.”

“Não discordo”, respondi, embora não fosse exatamente verdade. O modo como Cary se autodestruía era indiferente para mim, mas o efeito que isso tinha em Eva, não.

“Isso não é verdade.” Ela cravou os olhos em mim, incluindo-me na conversa. Então voltou a atenção para Cary. “Achei que estava indo no dr. Travis.”

“Quando tenho tempo?”, ele zombou, jogando o cabelo que caíra sobre a testa para trás. “Com o trabalho e Tati, fora o esforço que tenho feito para Trey não me largar… Ele poderia ter o homem que quisesse, sem essa bagagem toda! Não tenho tido tempo nem pra dormir!”

Eva balançou a cabeça. “Para de dar desculpa.”

“Não me venha com lição de moral, gata”, ele avisou. “Não preciso dessa merda agora.”

“Meu Deus.” Ela jogou a cabeça para trás e encarou o teto. “Por que os homens da minha vida insistem em me excluir quando mais precisam de mim?”

“Não sei quanto a Cross, mas você não tem estado muito presente na minha vida. Preciso me virar com o que tenho.”

Ela baixou a cabeça. “Isso não é justo! Você tem que me dizer quando precisa de mim. Não leio pensamentos!”

Dei as costas para a cena, deixando os dois a sós. Já tinha problemas suficientes com que lidar. Quando Eva quisesse, ela iria até mim, e eu ia ouvi-la, com bastante cuidado para não opinar demais.

Sabia que minha mulher não queria ouvir que eu achava que ela estaria melhor sem Cary.

A luz da manhã atingiu a cama e iluminou a ponta dos cabelos de Eva enquanto ela dormia. As mechas claras e macias brilharam feito ouro polido, como se tivessem acendido por dentro. Sua mão repousava no travesseiro diante do rosto bonito, e a outra estava aninhada entre os seios. O lençol branco que embolamos antes de dormir a cobria do quadril à coxa, deixando as pernas bronzeadas expostas.

Eu não era muito de fantasiar, mas naquele momento minha esposa parecia o anjo que eu achava que era. Apontei a máquina fotográfica para aquela visão, querendo preservá-la para todo o sempre.

A máquina fez barulho, e Eva se mexeu, abrindo os lábios. Tirei outra foto, feliz por ter comprado uma câmera que fizesse jus a ela.

Eva abriu os olhos pesados. “O que está fazendo, garotão?”, perguntou com a voz rouca de quem acabara de acordar.

Coloquei a máquina sobre a cômoda e me juntei a ela na cama. “Admirando você.”

Eva sorriu. “Como está se sentindo hoje?”

“Melhor.”

“Melhor é bom.” Eva girou na cama e pegou uma bala no criado-mudo. Então se voltou para mim com um gostinho de canela na boca e estudou meu rosto. “Pronto para encarar o mundo?”

“Preferia ficar em casa com você.”

Ela estreitou os olhos. “Você diz isso da boca pra fora. Está doido para exercer seu domínio global.”

Eu me aproximei dela e beijei a pontinha do nariz. “Você me conhece tão bem.”

Ainda me espantava com como ela era capaz de me interpretar com tanta precisão. Eu estava me sentindo inquieto, vacilante. A concentração no trabalho — acompanhando um progresso concreto em qualquer um dos projetos que estava tocando pessoalmente — ia aliviar um pouco aquela sensação.

Ainda assim, sugeri: “Eu podia trabalhar de casa pela manhã e depois passar a tarde com você”.

Ela fez que não com a cabeça. “Se quiser conversar, posso ficar em casa. Se não, tenho um emprego e um monte de coisas pra fazer.”

“Se você trabalhasse comigo, também ia poder trabalhar de casa.”

“Ah, então você prefere entrar nesse assunto? É disso que quer falar?”

Virei de costas na cama e cobri os olhos com o antebraço. Ela não tinha me pressionado no dia anterior e eu sabia que não ia me pressionar naquele dia. Nem no dia seguinte. Como o dr. Petersen, Eva estava esperando que eu me abrisse. Mas saber que esperava algo de mim já era pressão o suficiente.

“Não tenho nada a dizer”, murmurei. “Aconteceu. E agora Chris sabe. Falar disso agora não vai mudar nada.”

Senti Eva virando na cama para me olhar. “Não é uma questão de falar do que aconteceu, mas de como você se sente a respeito.”

“Não sinto nada. Eu… fiquei surpreso. Não gosto disso. Pronto, acabou.”

“Até parece.” Ela saiu da cama antes que eu pudesse segurá-la. “Se é pra mentir, melhor ficar calado.”

Sentei e fiquei olhando enquanto Eva contornava o pé da cama, os ombros tensos incapazes de desviar minha atenção de sua beleza. Meu sangue pulsava com a urgência que sentia por ela, sempre tão facilmente provocado por seu temperamento latino tempestuoso, que me fazia ferver com uma necessidade impaciente e irrequieta.

Já tinha ouvido dizerem que minha mulher era tão deslumbrante quanto a mãe, mas discordava. Monica Stanton tinha uma beleza fria, um ar de inalcançável. Eva tinha fogo e sensualidade — você até podia alcançá-la, mas ia se queimar.

Pulei da cama e cruzei seu caminho antes que entrasse no banheiro, segurando-a pelos braços. “Não posso brigar com você agora”, disse, com toda a sinceridade, fitando-a fundo nos olhos turbulentos. “Se a gente se desentender agora, não vou aguentar até o final do dia.”

“Então não venha me dizer que superou tudo quando está fazendo a maior força pra manter a linha!”

Rosnei, frustrado. “Não sei o que fazer com isso. Não sei por que o fato de Chris saber muda alguma coisa.”

Ela ergueu o queixo. “Ele está preocupado com você. Você vai ligar?”

Virei o rosto. A simples ideia de ver meu padrasto fazia meu estômago revirar. “Vou ter que falar com ele em algum momento. Tocamos um negócio juntos.”

“Mas você prefere evitar. Me diga por quê.”

Afastei-me dela. “Não vamos virar melhores amigos de um dia pro outro, Eva. A gente quase não se via antes, não entendo por que isso deveria mudar.”

“Está com raiva dele?”

“Quer dizer que agora sou obrigado a fazer o cara se sentir bem?” Caminhei em direção ao banheiro.

Ela me seguiu. “Nada pode fazer Chris se sentir melhor, e não acho que ele esteja esperando isso de você. Só quer saber que você está nos eixos de novo.”

Entrei no box e abri o chuveiro.

Eva levou a mão até as minhas costas. “Gideon… você não pode simplesmente esconder seus sentimentos. A menos que queira explodir igual à outra noite. Ou ter um pesadelo.”

Foi a menção aos pesadelos recorrentes que me fez virar na direção dela. “A gente deu conta das duas últimas noites muito bem!”

Eva não recuava diante da minha fúria como a maioria das pessoas, o que só servia para me enfurecer ainda mais. E ver a infinidade de reflexos de seu corpo nu nos espelhos não ajudava.

“Você não dormiu na terça”, ela disse. “E na noite passada estava tão exausto que duvido que tenha sonhado.”

Eva não sabia que eu havia passado parte da noite no outro quarto, e eu não via motivo algum para mencionar isso. “O que quer que eu diga?”

“Isso não tem nada a ver comigo! Gideon, conversar sobre as coisas ajuda. Pôr todas as cartas na mesa coloca as coisas em perspectiva.”

“Perspectiva? Quanto a isso não tenho problema nenhum. Vi muito bem a pena na cara de Chris ontem. E na sua também! Não preciso de ninguém sentindo pena de mim, merda. Não preciso que ninguém se sinta culpado.”

Ela ergueu as sobrancelhas. “Não posso falar por Chris, mas não foi pena que você viu em mim, Gideon. Compaixão talvez, porque sei o que você está sentindo. E dor, sem dúvida, porque meu coração está ligado ao seu. Quando você sofre, eu sofro. Você vai ter que aprender a lidar com isso, porque eu te amo e não vou parar de te amar.”

Aquelas palavras me atingiram. Estendi a mão e abri a porta de vidro do box.

Cedendo, Eva entrou e me abraçou. Curvei a cabeça ao recebê-la. Seu cheiro, a

sensação da sua pele. Com o braço livre, envolvi seu quadril, segurando a curva da bunda em minha mão. Eu já não era mais o mesmo homem desde que a conhecera. Estava mais forte em alguns aspectos, mais fraco em outros. Era contra a fraqueza que lutava. Antes não sentia nada. Agora…

"Ele não vê você como fraco", Eva murmurou, entendendo, como sempre, exatamente o que eu estava pensando. Então encostou o rosto no meu peito. "Ninguém poderia ver. Depois de tudo por que passou… virar o homem que você é hoje. Isso é ser forte, meu amor. E eu fico impressionada."

Passei os dedos por sua pele. "Você é parcial", murmurei. "Está apaixonada por mim."

"Claro que estou. Como poderia ser diferente? Você é o máximo. E perfeito…"

Grunhi, desdenhando.

"Perfeito para *mim*", ela se corrigiu. "E, já que você é meu, isso é uma coisa boa."

Puxei-a para debaixo do chuveiro, encharcando-a com o jato de água morna. "Tenho a sensação de que isso alterou alguma coisa", admiti, "mas não sei exatamente o quê."

"A gente vai descobrir juntos." Eva correu as mãos por meus ombros e ao longo dos meus braços. "Só não tente me afastar de novo. Você tem que parar de me proteger, principalmente de você próprio!"

"Não posso machucar você, meu anjo. Não posso correr riscos."

"Tá, mas, mesmo que perca o controle, eu aguento, garotão."

Se fosse verdade, poderia servir de consolo.

Tentei alterar o rumo da conversa, querendo evitar uma briga que destruiria o restante do dia. "Estive pensando sobre a obra."

"Você está mudando de assunto."

"Já esgotamos o assunto anterior. Não está encerrado", expliquei, "mas vamos aguardar novas variáveis para discutir."

Ela me lançou um olhar. "Por que fico excitada toda vez que você dá uma de macho alfa pra cima de mim?"

"Não vem me dizer que tem alguma coisa em mim que não deixa você excitada."

"Bem que eu queria. Seria uma pessoa muito mais produtiva."

Tirei seu cabelo da testa. "Já pensou no que quer?"

"Qualquer coisa que termine com seu pau dentro de mim."

“Bom saber. Mas estou falando da cobertura.”

Ela deu de ombros, os olhos reluzindo de malícia. “A resposta é a mesma.”

O lugar era o tipo de restaurante em que os turistas nunca reparavam. Pequeno e pouco atraente, tinha uma cobertura de plástico na porta que não ajudava em nada para distingui-lo como especial ou convidativo. A especialidade eram as sopas, com opções de sanduíche para os que precisavam de mais. Uma geladeira perto da entrada oferecia uma seleção limitada de bebidas, e a caixa registradora ultrapassada só aceitava dinheiro.

Turistas jamais iriam a um estabelecimento tocado por imigrantes vivendo o sonho americano. Preferiam os lugares que tinham ficado famosos no cinema ou nas séries, ou os que estavam próximos ao circo que era a Times Square. Os moradores da cidade, no entanto, conheciam aquela preciosidade e faziam fila na porta.

Caminhei ao longo da fila até chegar ao fundo do restaurante, onde uma pequena sala acomodava um punhado de mesas com a pintura descascando. Numa delas, um homem solitário lia o jornal com a sopa fumegante diante de si.

Puxei a cadeira diante dele e me sentei.

Benjamin Clancy não ergueu os olhos ao falar. “O que posso fazer por você, sr. Cross?”

“Acho que estou te devendo um obrigado.”

Ele fechou o jornal tranquilamente e o colocou de lado, encarando-me. Era robusto, puro músculo. O cabelo era loiro-escuro, cortado rente. “Ah é? Bom, eu aceito. Embora não esteja fazendo nada por você.”

“Não achei que estivesse.” Estudei suas feições. “Você ainda está de olho nela.”

Clancy assentiu. “Eva já sofreu demais. Vou me certificar de que não volte a acontecer.”

“E você não confia em mim pra isso?”

“Não o conheço o suficiente. E, na minha opinião, nem ela. Então vou manter o olho aberto por um tempo.”

“Amo aquela mulher. Acho que já provei quão longe iria para protegê-la.”

Ele endureceu o olhar. “Alguns homens precisam ser sacrificados como cães raivosos. Outros precisam executar o trabalho. Não consigo definir em que grupo está. Para mim, isso faz de você uma exceção.”

“Eu cuido do que é meu.”

“Ah, sim, você cuida direitinho.” O sorriso no rosto não se refletia no olhar. “E eu tive que cuidar do resto. Desde que Eva esteja feliz com você, pra mim está bom. Se um dia decidir que ela não é o que você quer, trate de terminar as coisas direito e de forma respeitosa. Se a magoar de qualquer forma, então vai ter um problema, estando eu vivo ou morto e enterrado.”

“Você não precisa me ameaçar para que eu seja bom pra ela, mas entendi o recado.” Eva era uma mulher forte. Forte o suficiente para sobreviver ao passado e planejar um futuro comigo. Mas era também vulnerável de formas que as pessoas não enxergavam. Por isso eu queria protegê-la, e, aparentemente, Benjamin Clancy também.

Aproximei-me dele. “Eva não gosta de ser espionada. Se você se tornar um problema para ela, vamos ter que retomar esta conversa.”

“Você está pensando em me transformar num problema?”

“Não. Se ela pegar você não vai ser porque dei com a língua nos dentes. Só não esqueça que Eva passou a vida olhando por cima do ombro e sendo sufocada pela mãe. É a primeira vez na vida que conhece a liberdade. E não quero que tire isso dela.”

Clancy estreitou os olhos. “Acho que estamos de acordo.”

Fiquei de pé diante da mesa e estendi a mão. “Também acho.”

Quando o dia chegou ao fim e terminei de arrumar minha mesa, sentia-me sólido e seguro.

Ali no escritório, no comando das Indústrias Cross, controlava cada detalhe. Não tinha dúvidas, muito menos a meu respeito.

Podia sentir o chão firme sob meus pés. Já colocara em dia todas as reuniões de quarta-feira que tinham sido canceladas sem comprometer as atividades de quinta. Apesar de ter perdido um dia inteiro de trabalho, não estava atrasado no cronograma.

Scott entrou na sala. “Acabei de confirmar sua agenda de amanhã. A sra. Vidal vai encontrar você e a srta. Tramell ao meio-dia no restaurante The Modern.”

Merda. Tinha esquecido o almoço com minha mãe.

Olhei para ele de relance. “Obrigado, Scott. Boa noite.”

“Boa noite, sr. Cross. Até amanhã.”

Relaxando os ombros, caminhei até a janela e contemplei a cidade. A vida era mais fácil

antes de Eva. Mais simples. Durante o dia, absorto com o trabalho, sentira falta daquela simplicidade por um momento.

Agora que a noite estava se aproximando e eu tinha tempo para pensar, a perspectiva de uma modificação substancial na casa que passara a enxergar como um refúgio me incomodava mais do que estava disposto a admitir para minha mulher. Essa e as outras pressões pessoais que tínhamos diante de nós me faziam sentir como se estivesse sendo esmagado pelo tamanho das mudanças que eu estava fazendo na minha vida.

Acordar ao lado de Eva como naquela manhã valia qualquer coisa, mas isso não significava que eu não estava tendo dificuldades para me ajustar aos efeitos de sua entrada em minha vida.

“Sr. Cross.”

Virei ao ouvir a voz de Scott. Ele estava de pé junto à porta. “Você ainda está aqui.”

Ele sorriu. “Estava saindo do elevador quando Cheryl me chamou na recepção. Tem uma Deanna Johnson na portaria pedindo para falar com você. Queria confirmar se deveria dizer que já foi.”

Fiquei tentado a dispensá-la. Tinha pouca paciência com jornalistas e menos ainda com ex-amantes. “Pode mandar subir.”

“Quer que eu fique mais um pouco?”

“Não, pode ir embora. Obrigado.”

Observei Scott sair, e logo depois Deanna entrar. Ela se dirigiu à minha sala com o caminhar confiante de suas pernas compridas e seus sapatos de salto. A saia justa cinza roçava os joelhos, e os longos cabelos escuros balançavam sobre os ombros, emoldurando o zíper que dava à sua blusa tradicional um ar moderno.

Ela me abriu um sorriso eletrizante e estendeu a mão. “Gideon. Obrigada por me receber assim em cima da hora.”

Apertei sua mão rapidamente. “Imaginei que não se daria o trabalho de vir aqui em pessoa se não fosse importante.”

A frase era tanto uma constatação quanto um alerta. Havíamos chegado a um acordo, mas ele não ia durar muito tempo se ela achasse que podia tirar mais proveito ainda da nossa conexão.

“Já vale só pela vista”, ela disse, mantendo os olhos fixos em mim um segundo a mais do que o necessário antes de voltar o olhar para a janela.

“Olha, tenho um compromisso daqui a pouco, então não estou com muito tempo.”

“Também estou com pressa.” Jogando o cabelo para trás, ela sentou na cadeira mais próxima, então cruzou as pernas de forma a revelar mais das coxas firmes do que eu gostaria de ver. Começou a vasculhar a bolsa imensa.

Tirei o telefone do bolso, conferi que horas eram e liguei para Angus. “Vamos sair daqui a dez minutos”, disse a ele assim que atendeu.

“Vou levar o carro.”

Desliguei e olhei para Deanna, impaciente para terminar logo com aquilo.

“E Eva? Tudo bem?”, ela perguntou.

“Daqui a pouco ela aparece aqui. Você pode perguntar diretamente.”

“Ah.” Deanna ergueu o olhar para mim, com o cabelo cobrindo um dos olhos. “Melhor eu sair antes. Acho que ela fica pouco à vontade com nossa… história.”

“Ela sabe como eu era”, respondi, impassível, “e também sabe que não sou mais daquele jeito.”

Deanna assentiu. “Claro que sabe, e claro que você não é mais daquele jeito, mas mulher nenhuma gosta de ter o passado do homem esfregado na cara.”

“Então melhor você não fazer isso.”

Outro alerta.

Ela puxou um pequeno panfleto da bolsa. Ficando de pé, caminhou na minha direção. “Eu não faria isso. Aceitei suas desculpas e valorizo isso.”

“Ótimo.”

“É com Corinne Giroux que você tem que se preocupar.”

Qualquer resquício de paciência que restava em mim desapareceu na mesma hora. “É o marido dela que tem que se preocupar, não eu.”

Deanna me passou um envelope. Dentro havia um release.

À medida que lia, comecei a apertar o papel em minhas mãos até amarrotar as laterais.

“Ela fechou um contrato para a publicação de um livro bombástico sobre o relacionamento de vocês.” Deanna repetiu o que eu tinha acabado de ler. “Essa informação vai ser divulgada oficialmente para a imprensa na segunda-feira, às nove da manhã.”

16

“Outros casais se conhecem, começam a namorar, os amigos enchem o saco um pouco, mas em geral apoiam, e eles curtem a vida a dois por um tempo, só aproveitando a companhia um do outro.” Suspirei e olhei de relance para Gideon, que estava sentado ao meu lado no sofá. “Mas a gente não tem descanso.”

“Como assim?”, o dr. Petersen perguntou, olhando para nós com um interesse genuíno.

A sinceridade da sua expressão me transmitiu esperança. Assim que cheguei ao consultório com Gideon, notei que a dinâmica entre os dois estava diferente. Como se estivessem mais relaxados, tranquilos. Menos cautelosos.

“As únicas pessoas que realmente querem que a gente fique junto são minha mãe, que acha que o que importa é o dinheiro de Gideon, e o padrasto e a irmã dele.”

“Não acho que esteja sendo justa com sua mãe”, o dr. Petersen disse, recostando-se na cadeira e mantendo os olhos em mim. “Ela quer que você seja feliz.”

“Tá, tudo bem, mas para minha mãe felicidade tem muito a ver com estabilidade financeira, o que não entendo. Não é como se ela tivesse passado necessidade na vida, então de onde vem o medo da privação? Enfim…” Dei de ombros. “Só estou irritada com o mundo neste momento. Gideon e eu nos damos muito bem quando estamos sozinhos. Quer dizer, a gente briga às vezes, mas sempre se resolve. E tenho a impressão de que ficamos mais fortes toda vez que isso acontece.”

“Por que vocês brigam?”

Dei outra olhada de relance para Gideon. Ele estava perfeitamente à vontade ao meu lado, parecendo lindo e bem-sucedido em seu terno feito sob medida. Eu queria acompanhá-lo um dia quando fosse ao alfaiate. Morria de vontade de presenciar alguém tirar as medidas daquele corpo maravilhoso e escolher o tecido e o corte.

Achava meu marido muito sensual de jeans e camiseta, e era de tirar do sério quando ele colocava um smoking. Mas sempre teria um fraco pelos ternos, que ele preferia. Lembravam-me de como ele estava vestido no dia em que nos conhecemos, lindo e aparentemente inatingível, um homem que tinha desejado com tanta urgência que a necessidade foi maior que meu impulso de autopreservação.

Olhei de volta para o dr. Petersen. “Ainda discutimos sobre as coisas que ele não me

conta. E quando ele tenta me afastar.”

O terapeuta voltou a atenção para Gideon. “Você sente necessidade de manter distância de Eva?”

Ele abriu um sorriso irônico. “Não existe distância entre nós, doutor. Eva quer que eu despeje todas as minhas irritações nela, e eu não vou fazer isso. Nunca. Já basta que um de nós se incomode com isso.”

Estreitei os olhos. “Pois eu discordo. Parte desse negócio de relacionamento é dividir a carga. Talvez eu não possa resolver o problema, mas posso ouvir. E acho que você não me conta as coisas porque prefere enxotar tudo pra um canto e ignorar.”

“As pessoas processam informação de forma diferente, Eva.”

Eu não ia engolir aquela resposta esquiva. “Você não está processando, está ignorando. E nunca vou concordar que me afaste quando está sofrendo.”

“Como ele afasta você?”, o dr. Petersen perguntou.

Olhei para o terapeuta. “Ele… se distancia. Vai para algum lugar em que possa ficar sozinho. Não me deixa ajudar.”

“Como assim ‘algum lugar’? Você se distancia emocionalmente, Gideon? Ou fisicamente?”

“Os dois”, respondi. “Ele se fecha emocionalmente e vai embora fisicamente.”

Gideon segurou minha mão. “Não consigo desligar quando estou com você. Esse é o problema.”

“Isso não é um problema!” Balancei a cabeça. “Ele não precisa de espaço”, disse para o dr. Petersen. “Precisa de mim, mas me afasta porque fica com medo de me machucar.”

“E como você a machucaria, Gideon?”

Ele expirou pesadamente. “Eva desperta certas coisas em mim. Tenho isso em mente o tempo todo. Sou cuidadoso. Mas, se não estiver pensando direito, posso passar dos limites.”

Dr. Petersen nos avaliou. “Com que limites você está preocupado?”

Gideon apertou minha mão com mais força, o único sinal visível de que não estava à vontade. “Tem horas em que preciso demais dela. E posso ser meio bruto… exigir demais. Nem sempre tenho o controle necessário.”

“Você está falando da questão sexual?” Gideon fez que sim, e o terapeuta assentiu em resposta. “Tocamos rapidamente neste assunto. Vocês disseram que fazem sexo todo dia,

várias vezes. Isso continua?”

Senti o rosto arder de vergonha.

Gideon acariciou as costas da minha mão com o polegar. “Sim.”

O dr. Petersen baixou o tablet. “Você tem razão de se preocupar, Gideon. Talvez esteja usando o sexo para manter Eva a uma distância emocional. Quando estão fazendo amor, ela não está falando, e você não está respondendo. Em determinado momento, você não está nem pensando, seu corpo assume o comando, e seu cérebro vai na onda da endorfina. Por outro lado, pessoas com um histórico de abuso sexual, como Eva, podem usar o sexo como uma forma de estabelecer uma conexão emocional. Está vendo o problema aqui? Você pode estar tentando criar uma distância a partir do sexo, enquanto Eva está tentando se aproximar.”

“Já falei, não existe distância.” Gideon se aproximou, colocando minha mão em seu colo. “Não com Eva.”

“Então me diga: quando você está com uma dificuldade emocional e inicia uma relação sexual com Eva, o que está buscando?”

Olhei de lado para Gideon, totalmente entregue à sua resposta. Nunca tinha me perguntado *por que* ele precisava estar dentro de mim, apenas *como*. Para mim, era simples: ele precisava e eu oferecia.

Seus olhos encontraram os meus. O escudo havia desaparecido, aquela máscara que ele sempre usava. E eu vi seu anseio, seu amor.

“A conexão”, ele respondeu. “Tem um momento. Ela se abre e eu… eu me abro, e ficamos os dois ali. Juntos. Preciso disso.”

“E você precisa da brutalidade?”

Gideon continuou me olhando. “Às vezes. Tem horas em que ela se segura. Mas consigo fazer com que me acompanhe. Eva quer que eu a ajude nesse sentido, precisa disso tanto quanto eu. Tenho que forçar. Com cuidado. Com controle. Quando perco o controle, preciso me distanciar.”

“E como você a força?”, o dr. Petersen perguntou baixinho.

“Tenho meus métodos.”

O terapeuta voltou a atenção para mim. “Alguma vez ele foi longe demais?”

Fiz que não com a cabeça.

“E você se preocupa que algum dia isso possa acontecer?”

“Não.”

Ele tinha uma expressão amável, mas as sobrancelhas franzidas. “Pois deveria, Eva. Vocês dois deveriam.”

Eu estava na cozinha, fazendo curry de frango com legumes, quando ouvi a porta da frente abrir. Curiosa, esperei para ver quem era, torcendo para que Cary estivesse sozinho.

“Que cheiro bom”, ele disse, aproximando-se da bancada para me observar. Usando uma camiseta branca de gola V grande demais para ele e uma bermuda cáqui, ele tinha um ar descontraído. Trazia os óculos escuros na gola da camiseta e usava pulseiras de couro para esconder os cortes que eu tinha visto na noite anterior. “Tem pra mim?”

“Está sozinho?”

Ele abriu um sorriso atrevido, mas reparei na tensão em sua boca. “Só euzinho.”

“Então tem, *se* você servir o vinho.”

“Combinado.”

Cary se juntou a mim na cozinha e deu uma olhada na panela. “Tinto ou branco?”

“É frango.”

“Branco, então. Cadê o Cross?”

Observei enquanto ele caminhava até a adega. “Malhando. Como foi o dia?”

Cary deu de ombros. “A mesma merda.”

“Cary.” Baixei o fogo e me virei para ele. “Não faz muito tempo você estava todo bobo de estar aqui em Nova York, trabalhando. Agora está tão… infeliz.”

Tirando uma garrafa da adega, ele deu de ombros de novo. “É isso que mereço por vacilar.”

“Desculpa não ter sido mais presente.”

Ele me olhou de relance enquanto pegava o abridor. “Mas…”

Fiz que não com a cabeça. “Sem mas. Desculpa. Eu poderia dizer que, como sempre tinha alguém passando a noite com você em casa, achei que era por isso que a gente não conseguia conversar, mas não é desculpa para não ter ajudado quando sabia que estava passando por dificuldades.”

Cary suspirou, assentindo. “Não foi justo despejar tudo em você ontem à noite. Sei que

Cross já tem problemas o bastante, e que você precisa lidar com isso agora.”

“O que não significa que não esteja aqui para você.” Pousei uma das mãos no ombro dele. “Qualquer hora em que precisar de mim, é só dizer que estarei lá.”

Cary virou de repente e meu deu um abraço apertado, de tirar o fôlego. O restante ficou a cargo do sentimento de compaixão, que apertava meu coração.

Abracei-o de volta, acariciando sua cabeça com uma das mãos. Seu cabelo castanho-escuro era macio como seda, e os ombros eram duros feito pedra. Tinham que ser, para aguentar o peso do estresse que vinha carregando. A culpa me fez apertá-lo ainda mais forte.

“Puta merda”, ele murmurou. “Fodi com tudo de vez.”

“O que aconteceu?”

Cary me soltou, então se virou para abrir a garrafa. “Não entendo nada de hormônios ou sei lá o quê, mas Tati está uma fera esses dias. Nada é bom o bastante. Não fica satisfeita com coisa nenhuma, principalmente com a gravidez. O que vai ser desse pobre menino com um pai como eu e uma mãe que é uma diva que só pensa em si mesma e o odeia?”

“Pode ser menina”, eu disse, passando as taças de vinho que pegara no armário.

“Nem me fale. Já estou em pânico sem pensar nisso.” Ele serviu duas taças cheias, passou uma para mim e deu um longo gole na sua. “Me sinto um babaca de falar assim da mãe do meu filho, mas é verdade. É a mais pura verdade.”

“Tenho certeza de que são só os hormônios. Daqui a pouco ela vai assimilar a ideia e vai ficar feliz.” Dei um gole, torcendo por dentro para que aquilo realmente acontecesse. “Já contou pro Trey?”

Cary fez que não. “É a única coisa de bom rolando. Se perder aquele cara, acho que piro de vez.”

“Ele já aguentou tanta coisa por você.”

“E eu tento retribuir, Eva. Todo dia. Nunca me dediquei tanto. E não estou falando de sexo.”

“Não achei que estivesse.” Peguei duas tigelas no armário e duas colheres. “O que acho é que você é um cara maravilhoso e que qualquer pessoa teria muita sorte de ficar com você. Tenho certeza de que Trey acha a mesma coisa.”

“Nem vem. Por favor.” Cary me encarou. “Estou tentando ser razoável aqui. Não preciso de você puxando meu saco.”

“Não estou puxando o saco de ninguém. Posso não ter sido muito profunda, mas é verdade.” Parei na frente da panela de arroz. “Gideon esconde de mim o que está acontecendo o tempo todo. Diz que está tentando me proteger, mas só está protegendo a si mesmo.”

Foi preciso que eu dissesse aquelas palavras em voz alta para realmente assimilá-las.

“Ele está com medo, acha que quanto mais me contar mais motivos vou ter para ir embora. Mas é exatamente o contrário, Cary. Quanto mais ele esconde mais eu sinto como se não confiasse em mim, e isso magoa. Você e Trey estão juntos há tanto tempo quanto eu e Gideon.” Toquei seu braço. “Você tem que contar pra ele. Se descobrir do bebê por outra pessoa — e ele vai acabar descobrindo — talvez nunca perdoe você.”

Cary murchou em cima da bancada, parecendo de repente mais velho e mais cansado. “Fico repetindo que com um pouquinho mais de tempo posso resolver as coisas com Trey.”

“Esperar não vai ajudar”, eu disse com carinho, enquanto servia o arroz nas duas tigelas. “Você está enrolando.”

“E o que mais eu tenho?” Sua voz tornou-se ríspida pela raiva. “Não pego mais ninguém. Um padre come mais gente que eu.”

Fiz uma careta, sabendo que Cary era um exemplo perfeito do que o dr. Petersen tinha dito. Quando transava, ele desligava o cérebro e deixava seu corpo fazer com que se sentisse bem, ao menos por um tempo. Não tinha que pensar além do sensorial. Era um mecanismo de sobrevivência que havia aperfeiçoado quando era a pessoa que estava sendo comida, muito antes de ter idade suficiente para querer.

“Você tem a mim”, rebati.

“Eu te amo, gata, mas nem sempre você é o que eu preciso.”

“Cortar o braço e sair comendo todo mundo que aceitar não é o que você precisa também. Sem dúvida não está ajudando você a se sentir melhor.”

“Alguma coisa tem que ajudar.”

Servi o curry sobre o arroz e passei uma das tigelas com uma colher para ele. “Cuidar de si mesmo vai ajudar. Acreditar nas pessoas que ama também. Ser honesto consigo mesmo e com elas. Parece simples, mas nós dois sabemos que não é. Ainda assim, Cary, é o único jeito.”

Ele abriu um sorriso rápido e triste e pegou a tigela. “Estou com medo.”

“Isso aí”, respondi baixinho, sorrindo de volta pra ele. “Isso é ser honesto. Você quer

que eu esteja junto quando contar para Trey?”

“Quero. Me sinto um covarde por não fazer isso sozinho, mas quero.”

“Então vou com você.”

Cary me abraçou pelas costas, descansando a bochecha no meu ombro. “Você faz tudo por mim. Te amo por isso.”

Levando a mão até sua cabeça, corri os dedos por entre seu cabelo. “Também te amo.”

Acordei com o edredom sendo erguido, e então o colchão cedeu com o peso de um homem deitando ao meu lado.

“Gideon.”

De olhos fechados, rolei para junto dele. Inspirando fundo, senti o cheiro da sua pele. Minhas mãos tocaram seu corpo forte e frio, deslizando sobre os músculos e puxando-o para junto de mim.

Ele me beijou profundamente e com urgência. O impacto da sede que sentia me acordou de vez; a gula com que me tocava fez meu coração disparar. Gideon subiu em cima de mim, então desceu pelo meu corpo, acariciando meus mamilos com a língua, minha barriga, minha boceta.

Arfei e arqueei o corpo. Ele chupava meu clitóris com uma dedicação exigente, enlouquecendo-me, as mãos mantendo meu quadril firme no lugar enquanto eu me contorcia sob o ataque de sua língua.

Gozei forte, gritando. Ele limpou a boca na parte interna da minha coxa e voltou para junto de mim, apenas uma sombra sedutora na escuridão da noite. Montou em mim e me penetrou com força.

Além dos meus gemidos, ouvi sua voz rosnando meu nome como se o prazer de me possuir fosse forte demais para suportar. Eu o segurei pela cintura; ele se agarrou aos lençóis. Gideon girava e movia o quadril, enfiando incansavelmente aquele pênis magnífico fundo dentro de mim.

Quando acordei de novo, o sol já tinha nascido e o lugar ao meu lado na cama estava frio e vazio.

17

Na manhã seguinte, eu estava fazendo café para Eva quando meu celular começou a tocar. Deixei o leite sobre a bancada e fui até o banco onde havia pendurado o paletó.

Peguei o telefone do bolso e, preparando-me para o pior, atendi. “Bom dia, mãe.”

“Gideon. Desculpa cancelar assim em cima da hora”, ela disse com a voz trêmula, “mas hoje não vou poder almoçar com vocês.”

Voltei para o café, sabendo que ia precisar dele para aguentar o longo dia que teria pela frente. “Tudo bem.”

“Tenho certeza de que está aliviado”, ela disse, amargurada.

Dei um gole no café, desejando que fosse algo mais forte, embora não passassem das oito. “Não começa. Se não quisesse almoçar com você, eu mesmo teria cancelado.”

Ela ficou em silêncio por um instante, então acrescentou: “Você tem visto Chris?”.

Dei outro gole e olhei para o corredor, esperando por Eva. “Encontrei com ele na terça.”

“Faz tanto tempo assim?” Havia um tom de medo na voz dela. Não senti prazer naquilo.

Eva entrou descalça na sala, usando um vestido justo bege que lhe dava uma aparência profissional ao mesmo tempo que exibia todas as suas curvas. Eu tinha escolhido o vestido para ela, sabendo que a cor ia realçar o tom da sua pele e dos seus cabelos.

O prazer daquela visão percorreu minhas veias como o álcool que gostaria de estar tomando. Esse era o efeito que ela tinha em mim: intoxicante e cativante.

“Tenho que ir”, eu disse. “Ligo mais tarde.”

“Você nunca liga.”

Coloquei a caneca na bancada para pegar a de Eva. “Eu não diria isso se não tivesse intenção de ligar.”

Encerrei a ligação, coloquei o telefone no bolso do paletó e entreguei o café para minha esposa. “Você está linda”, murmurei, aproximando-me para beijar seu rosto.

“Para um homem que diz não entender as mulheres você sabe como vestir uma”, ela disse, olhando-me por cima da caneca enquanto dava um gole.

Eva deixou escapar um gemido de prazer ao engolir o café, um som muito parecido com o que fazia quando eu colocava o pau dentro dela. Eu já havia aprendido que café era um de seus vícios.

“Eu erro, mas acabo aprendendo.” Reclinei-me contra a bancada e a puxei para junto de mim. Será que dera falta de um vestido Vera Wang no armário? Eu o havia retirado de lá depois de perceber que deixava seus seios deliciosos expostos.

Ela segurou a caneca. “Obrigada pelo café.”

“Não tem de quê.” Acariciei seu rosto com a ponta dos dedos. “Preciso conversar com você sobre uma coisa.”

“O que foi, garotão?”

“Você ainda recebe os alertas do Google sobre mim?”

Ela baixou os olhos para seu café. “Este é o momento em que eu recorro ao direito de ficar calada?”

“Não precisa.” Esperei até ela erguer os olhos para mim e continuei: “Corinne está escrevendo um livro sobre a gente”.

“*O quê?*” Seus olhos foram de cinza-claro a ardósia.

Segurei-a pela nuca e acariciei seu pulso acelerado com o polegar. “Pelo release, ela mantinha um diário naquela época. Também pretende divulgar fotos pessoais.”

“Por quê? Por que Corinne exporia essas coisas a qualquer um?”

A mão segurando o café tremeu, então peguei a caneca e coloquei na bancada. “Acho que nem ela sabe.”

“Você pode impedir?”

“Não. Apenas se mentir sobre alguma coisa que eu possa provar.”

“Mas isso só aconteceria depois que o livro tivesse sido publicado.” Ela levou as mãos ao meu peito. “Corinne sabe que você vai ter que ler tudo. Que vai ter que ver as fotos e ler sobre o quanto ela te ama. Você vai ler sobre coisas que fez e nem lembra mais.”

“Não tem importância.” Beijei sua testa. “Nunca amei Corinne, não do jeito que te amo. Relembrar aquele tempo não vai me fazer querer ficar com ela em vez de com você.”

“Ela não exigia tanto de você”, Eva suspirou. “Não como eu.”

Respondi com os lábios junto à pele dela, desejando poder imprimir aquelas palavras na cabeça da minha mulher de um jeito que ela não pudesse mais duvidar. “Corinne não me fazia arder de desejo. Não me deixava sedento, cheio de esperanças e sonhos, como você.

Não tem comparação, meu anjo, e não tem mais volta. Nunca vou querer Corinne.”

Eva fechou seus lindos olhos e se aninhou em mim. “A gente leva uma porrada atrás da outra, né?”

Olhei por cima da cabeça dela para a janela e o mundo que esperava por nós lá fora. “Pois que venha mais.”

Ela expirou profundamente. “Que venha mais.”

Vi Arnoldo assim que entrei no Tableu One. Ele estava de pé junto a uma mesa para dois no fundo do restaurante, usava uma camisa branca de cozinheiro impecável e calça preta e falava com uma mulher que eu não podia ver direito.

Ela voltou o rosto na minha direção quando me aproximei. Seu cabelo escuro comprido deslizou sobre os ombros, e seus olhos azuis se iluminaram por um instante, mas o brilho se extinguiu imediatamente. O sorriso com que me cumprimentou foi frio e mais do que convencido.

“Corinne.” Cumprimentei-a com um aceno de cabeça antes de apertar a mão de Arnoldo. O restaurante que ele tocava com meu apoio estava cheio para o almoço, e o burburinho das inúmeras conversas era alto o suficiente para abafar o som da música italiana que vinha dos alto-falantes embutidos no teto.

Arnoldo pediu licença para voltar à cozinha, levando a mão de Corinne aos lábios para um beijo de despedida. Antes de nos deixar, lançou-me um olhar com o qual indicava que precisávamos conversar mais tarde.

Sentei diante de Corinne. “Obrigado por tirar um tempo para encontrar comigo.”

“Seu convite foi uma surpresa agradável.”

“Mas não inesperada, imagino.” Recostei-me na cadeira, absorvendo a cadência suave da fala dela. Enquanto a voz rouca de Eva me despertava um desejo profundo, a de Corinne me acalmava.

Ela abriu um sorriso e limpou uma poeirinha invisível no decote acentuado do vestido vermelho. “Não, eu diria que não.”

Irritado com aquele joguinho, fui direto ao ponto. “O que está fazendo? Você valoriza a privacidade tanto quanto eu.”

Corinne estreitou os lábios numa linha firme. “Foi o que pensei quando vi pela primeira

vez aquele vídeo de vocês dois discutindo no parque. Você diz que não te conheço, mas conheço muito bem, e ter a vida exposta nos tabloides é algo que jamais admitiria em circunstâncias normais.”

“E o que é normal?”, rebati, incapaz de negar que eu era diferente com Eva. Nunca cedi a mulheres que me testassem esperando um gesto grandioso em troca. Se me seguissem com agressividade suficiente, permitia uma noite comigo. Com Eva, era eu quem corria atrás.

“Esse é justamente o ponto… Você não lembra mais. Porque está envolvido num caso passional e não consegue enxergar nada além dele.”

“Não existe nada além dele, Corinne. Vou ficar com Eva até morrer.”

Ela suspirou. “Você acha isso agora, mas relações tempestuosas não duram, Gideon. Queimam até virar cinzas. Você gosta de ordem, de calma, e não vai ter isso com Eva. Nunca. No fundo, uma parte de você sabe disso.”

Aquelas palavras me atingiram. De alguma forma, ela ecoara meus próprios pensamentos.

Um garçom se aproximou da mesa. Corinne pediu uma salada; eu pedi um drinque — duplo.

“Então está escrevendo um livro sobre a gente… pra quê?”, perguntei assim que o garçom saiu. “Pra se vingar de mim? Magoar Eva?”

“Não. Só quero que você lembre.”

“Não é assim que vai conseguir isso.”

“E como vou?”

Sustentei o olhar dela. “Acabou, Corinne. Expor suas memórias não vai mudar nada.”

“Talvez não”, ela admitiu, parecendo tão triste que senti uma pontada de arrependimento por ter sido duro. “Mas você disse que nunca me amou. O mínimo que posso fazer é provar o contrário. Eu te dei conforto. Satisfação. Você foi feliz comigo. Não vejo essa tranquilidade quando está com ela. Você não pode me dizer que se sente da mesma forma.”

“Tudo o que está falando me faz acreditar que nem liga se eu ficar com você ou não. Mas você está se separando de Giroux, e talvez ligue para dinheiro. Quanto pagaram pra você vender seu ‘amor’ por mim?”

Ela ergueu o queixo num desafio. “Não é por isso que estou escrevendo o livro.”

“Você só quer ter certeza de que não vou ficar com Eva.”

“Só quero que você seja feliz, Gideon. E, desde que conheceu essa mulher, você não parece nada feliz.”

Como Eva reagiria quando lesse o livro? Não muito melhor do que eu estava reagindo a “Golden”.

Os olhos de Corinne repousaram em minha mão esquerda, que descansava sobre a mesa. “Você deu a aliança da sua mãe para Eva.”

“Há muito tempo que não é mais dela.”

Corinne deu um gole na taça de vinho que estava na mesa antes de eu chegar. “Você já tinha a aliança quando estava comigo?”

“Já.”

Ela estremeceu.

“Pode tentar convencer a si mesma de que Eva e eu somos incompatíveis,” disse firme, “e que só brigamos ou transamos e não temos nada mais substancial. Mas a verdade é que ela é minha outra metade e o que você está fazendo vai magoá-la. Se cancelar o livro, posso cobrir o valor do contrato com a editora.”

Ela me olhou por um longo tempo. “Não… não posso, Gideon.”

“Por quê?”

“Está me pedindo para desistir de você. Esse é meu jeito de não fazer isso.”

Eu me aproximei dela sobre a mesa. “Se sente alguma coisa por mim, Corinne, por favor, não publique este livro.”

“Gideon…”

“Se fizer isso, vai transformar as boas lembranças que eu tinha em algo que odeio.”

Seus olhos azuis encheram-se de água. “Sinto muito.”

Afastei a cadeira da mesa e me levantei. “Vai sentir mesmo.”

Dando as costas para ela, saí do restaurante e fui até o Bentley que esperava por mim. Angus abriu a porta, com o olhar fixo além de mim, na janela ampla do Tableau One.

“Merda.” Sentei no banco traseiro. “Puta que pariu!”

As pessoas que se sentiam injustiçadas por mim de alguma forma estavam surgindo das trevas feito aranhas, atraídas pela presença de Eva na minha vida.

Ela era minha maior vulnerabilidade, uma que eu não era capaz de ocultar muito bem. E

isso estava começando a se tornar um problema que eu precisava resolver. Christopher, Anne, Landon, Corinne… eram apenas o começo. Havia mais gente que não gostava de mim. E mais gente ainda que guardava rancor do meu pai.

Antigamente eu provocava essas pessoas, divertindo-me com o desafio. Agora, os filhos da mãe estavam tentando me atingir através da minha esposa. E todos de uma vez. Aquilo estava me esgotando. Se eu não fechasse a guarda de vez, se não me concentrasse completamente, ia deixar Eva desprotegida.

E tinha que evitar isso a todo custo.

"Ainda quero ver você hoje", Eva disse, a voz sedutora emanando do telefone feito fumaça.

"Isto não está em questão", respondi, recostando-me na cadeira. Pela janela, podia ver o sol baixo no horizonte. O dia estava chegando ao fim. Em algum ponto no meio daquela semana turbulenta, agosto dera lugar a setembro. "Você lida com Cary, eu vou encontrar Arnoldo, e nosso fim de semana vai começar em seguida."

"Nossa, a semana passou voando. Preciso malhar. Faltei a aulas demais."

"Você pode lutar comigo amanhã."

Ela riu. "Ah, é, tá bom."

"Estou falando sério." Pensei em Eva usando roupas de ginástica, e meu pau reagiu na mesma hora.

"Não posso lutar com você!", ela protestou.

"Claro que pode."

"Você treina há muito tempo. É bom demais."

"Vamos testar esse seu curso de defesa pessoal, meu anjo." Uma ideia que surgira do nada agora parecia a melhor que eu tivera o dia inteiro. "Quero saber se é capaz de se virar sozinha, caso precise."

Ela jamais precisaria, mas eu ficaria mais tranquilo de saber que podia se esquivar de uma ameaça.

"Tenho coisas do casamento amanhã, mas vou pensar", Eva disse. "Espera aí."

Ouvi a porta do carro abrir e Eva cumprimentar o porteiro. Ela deu oi para a recepcionista, depois escutei a campainha do elevador, que chegava ao saguão do prédio.

“Sabe”, ela suspirou, “estou mantendo a pose na frente de Cary, mas no fundo estou preocupada com o que vai acontecer com Trey. Se ele acabar tudo, acho que Cary vai surtar.”

“Ele está pedindo demais”, avisei, ouvindo de novo a campainha do elevador. “Cary está basicamente dizendo que tem outra pessoa e ela está grávida. Quer dizer, ele está dizendo que Trey vai ser a outra pessoa. Não vejo como alguém poderia receber bem isso.”

“Eu sei.”

“Estou com o celular. Liga se precisar de mim para alguma coisa.”

“Sempre preciso de você. Acabei de entrar em casa. Vejo você daqui a pouco. Te amo.”

Será que aquelas palavras iam sempre me deixar sem fôlego?

Assim que desligamos, notei uma figura familiar contornar o corredor na direção da minha sala. Quando Mark Garrity chegou à porta aberta, levantei e caminhei em sua direção com a mão estendida.

“Mark, obrigado por reservar um tempo para falar comigo.”

Ele sorriu e apertou minha mão com firmeza. “Eu que agradeço, sr. Cross. Tem muita gente nesta cidade — no mundo, na verdade — que faria qualquer coisa para estar aqui neste momento.”

“Me chama de Gideon, por favor.” Apontei para o sofá. “Como vai Steven?”

“Está ótimo, obrigado. Estou começando a achar que ele devia trabalhar como cerimonialista.”

Sorri. “Eva vai começar os preparativos neste fim de semana.”

Abrindo o paletó, Mark puxou um pouco a calça e sentou no sofá. O terno cinzento combinava com a pele escura e a gravata listrada, criando uma aparência de profissional urbano em ascensão.

“Se Eva se divertir metade do que Steven está se divertindo, vão ser os melhores dias da vida dela.”

“Então vou torcer para que não se divirta tanto”, falei devagar, permanecendo de pé. “Queria que esses preparativos acabassem de vez para o casamento chegar logo.”

Mark riu.

“Quer beber alguma coisa?”, perguntei.

“Não, estou bem, obrigado.”

“Certo. Então vou direto ao assunto.” Sentei-me. “Pedi para passar aqui depois do trabalho porque não seria adequado fazer uma proposta de trabalho no meio do expediente da Waters Field & Leaman.”

Ele ergueu as sobrancelhas.

Deixei que absorvesse a informação por um segundo ou dois e então acrescentei: “As Indústrias Cross têm várias empresas internacionais, com foco em propriedades, entretenimento e marcas, ou seja, bens que acreditamos conferir status”.

“Como a vodca Kingsman.”

“Exatamente. Em geral, a parte de publicidade e marketing é gerenciada pelo pessoal operacional, mas renovações de marca e ajustes de estratégia são aprovados aqui. Por causa dessa diversidade de que falei, estamos sempre projetando estratégias para fortalecer uma marca ou fazer um rebranding. Acho que você seria muito útil nesse sentido.”

“Uau.” Mark esfregou a palma das mãos nos joelhos. “Não sei bem o que estava esperando dessa reunião, mas você me pegou de surpresa.”

“Pago o dobro do seu salário atual, para começar.”

“É uma proposta e tanto.”

“Não gosto de ouvir *não*.”

Ele abriu um sorriso. “Duvido que ouça essa palavra com frequência. Então imagino que Eva esteja saindo da Waters Field & Leaman?”

“Ela ainda não decidiu.”

“Não?” Mark ergueu as sobrancelhas novamente. “Se eu deixar a empresa, ela perde o emprego.”

“E ganha outro aqui, claro.” Mantive minhas respostas tão curtas e enigmáticas quanto possível. Queria que ele cooperasse e não ficasse fazendo perguntas de cuja resposta talvez não gostasse.

“Ela está me esperando para tomar uma decisão?”

“Sua escolha vai ser um catalisador.”

Mark alisou a gravata. “Estou lisonjeado e animado, mas…”

“Sei que não era uma mudança que estava planejando agora”, interrompi sutilmente. “Está feliz no cargo atual e estável. Por isso estou disposto a garantir seu emprego pelos próximos três anos, exceto em situações de justa causa. E você vai receber bônus consideráveis e aumentos anuais.”

Inclinei-me para alcançar o envelope que Scott havia deixado na mesa e o entreguei a Mark. “Você vai encontrar todos os detalhes aqui. Leva para casa, conversa com Steven e me responde na segunda.”

“Na segunda?”

Fiquei de pé. “Imagino que queira comunicar a Waters Field & Leaman com bastante antecedência e não tenho problema nenhum com isso, mas preciso do seu comprometimento o quanto antes.”

Ele pegou o papel e se levantou. “E se eu tiver alguma dúvida?”

“Pode me ligar. Coloquei meu cartão dentro do envelope.” Conferi a hora no relógio. “Desculpa. Tenho outra reunião.”

“Ah, sim, claro.” Mark apertou minha mão. “Desculpa. Ainda não consegui processar direito. Mas entendo que se trata de uma grande oportunidade e fico muito grato.”

“Você é bom no que faz”, respondi, com sinceridade. “Não teria feito essa proposta se não fosse. Pensa com calma, depois me diz que aceita.”

Ele riu. “Vou pensar direitinho, e a gente se fala na segunda.”

Assim que Mark saiu, voltei o olhar para o prédio que abrigava os escritórios da LanCorp. Daquela vez, Landon não ia me pegar desprevenido.

“Ela começou a chorar no instante em que você foi embora.”

Fitei Arnoldo por cima do copo com dois dedos de uísque. Dei um gole, então perguntei: “Você quer que eu me sinta culpado?”.

“Não. Nem quero que tenha pena dela. Mas achei que deveria saber que Corinne não é uma pessoa sem coração.”

“Nunca achei que fosse. Só pensei que tivesse entregado o coração ao marido.”

Arnoldo deu de ombros. Com uma calça jeans desbotada e uma camisa social branca para dentro da calça, aberta no colarinho e com as mangas arregaçadas, ele estava chamando a atenção de várias mulheres.

O bar estava cheio, mas a área VIP no mezanino era bem vigiada pelos seguranças, que mantinham outros fregueses à distância. Arnoldo estava no mesmo sofá em formato de meia-lua em que Cary sentara na primeira vez em que encontrei Eva fora do Crossfire. O lugar estaria para sempre carregado de memórias dela. Naquela noite eu tinha percebido

que ela ia mudar tudo.

“Você parece cansado”, Arnoldo disse.

“Foi uma semana daquelas.” Percebi o olhar que ele me lançava. “Não, não é nada com Eva.”

“Quer conversar?”

“Na verdade, não tenho nada pra falar. Devia ter sido mais inteligente. Deixei o mundo inteiro ver o quanto ela significa para mim.”

“Beijos apaixonados na rua, brigas ainda mais apaixonadas no parque.” Ele riu, piedoso.

“Abri a porta pra ela, e agora todo mundo quer entrar. Eva é o jeito mais fácil de me atingir, e todo mundo sabe disso.”

“Inclusive Brett Kline?”

“Ele não é mais uma questão.”

Arnoldo me avaliou por um instante e deve ter encontrado o que esperava, porque em seguida assentiu. “Que bom, cara.”

“É, também acho.” Dei outro gole. “E você? O que conta de novo?”

Ele dispensou a pergunta com um aceno descuidado, correndo os olhos pelas mulheres que dançavam ali perto ao som de uma música da Lana Del Rey. “O restaurante está indo bem, como você sabe.”

“É, fico muito feliz. Ultrapassou todas as projeções.”

“Esta semana, fizemos umas chamadas para a nova temporada. Quando as propagandas estiverem no Food Network e os episódios novos começarem, acho que vai dar uma animada nos negócios.”

“Sempre vou poder dizer que era seu amigo antes de você ficar famoso.”

Ele riu e brindou comigo quando ergui meu copo.

As coisas tinham voltado ao normal entre nós, o que apaziguava um pouco a inquietação que eu vinha sentindo. Não precisava tanto do apoio de Arnoldo quanto Eva precisava dos amigos, ou Cary precisava dela, mas ele era importante para mim. Não era próximo de muitas pessoas. Reencontrar o ritmo que havíamos perdido era uma grande vitória numa semana que parecia uma batalha perdida.

18

“Minha nossa”, murmurei, enquanto mastigava um cupcake de chocolate com caramelo. “É divino.”

Kristin, a cerimonialista, abriu um sorriso. “É um dos meus preferidos também. Mas espera só até provar o de baunilha. É muito melhor.”

“Baunilha melhor que chocolate?” Corri os olhos pelas guloseimas na mesinha de centro. “Impossível.”

“Eu também achava”, Kristin disse, fazendo uma anotação, “mas essa confeitaria me fez mudar de ideia. O de limão também é muito bom.”

A luz do início de tarde entrava pelo janelão da sala de estar da minha mãe, iluminando seus cachos dourados e sua pele de porcelana. Ela tinha redecorado a casa fazia pouco tempo, optando por um tom azul acinzentado mais claro para as paredes que dava uma energia totalmente nova ao lugar — e combinava com ela.

Esse era um dos seus talentos: exibir-se sempre sob a melhor luz. E na minha opinião era também um dos seus maiores defeitos. Ela se preocupava demais com a aparência.

Eu não entendia como minha mãe não ficava entediada redecorando tudo de acordo com a última moda, mesmo que levasse um ano para terminar todos os cômodos e o corredor da cobertura de quase seiscentos metros quadrados dos Stanton.

Meu único encontro com Blaire Ash dizia que o gene da decoração tinha pulado uma geração. As ideias dele me interessavam, mas eu não conseguia me empolgar com os detalhes.

Enquanto levava mais um cupcake à boca, minha mãe graciosamente espetava com um garfo aquela miniatura de bolo.

“Quais suas preferências para arranjos?”, Kristin perguntou, cruzando e descruzando as longas pernas cor de café. Os sapatos de salto Jimmy Choo eram ao mesmo tempo elegantes e sensuais; o vestido Diane von Furstenberg era vintage e clássico. O cabelo preto, cortado na altura dos ombros, caía em cachinhos pequenos, emoldurando e complementando seu rosto, e os lábios carnudos eram realçados pelo brilho labial rosa-claro.

A cerimonialista parecia feroz e deslumbrante, e gostei dela de cara.

“Vermelho”, respondi, limpando um pouquinho de cobertura do canto da boca. “Tem que ter vermelho.”

“Vermelho?” Minha mãe negou enfaticamente com a cabeça. “Que espalhafatoso, Eva. É seu primeiro casamento. Vá de branco, creme e dourado.”

Encarei minha mãe. “Quantos casamentos você acha que vou ter?”

“Não foi o que eu quis dizer. Mas você é uma noiva de primeira viagem.”

“Não estou falando de usar um vestido vermelho”, argumentei. “Vai ser a cor da decoração.”

“Não vai funcionar, meu amor. Tenho bastante experiência organizando casamentos.”

Eu me lembrei de minha mãe organizando os casamentos dela, cada um mais elaborado e memorável que o anterior. Sem exageros e com muito bom gosto. Casamentos lindos para uma noiva jovem e bonita. Esperava envelhecer com metade da graciosidade dela, porque Gideon só ia ficar mais bonito com o tempo. Ele era esse tipo de homem.

“Vou mostrar o que a gente pode fazer com vermelho, Monica”, Kristin disse, tirando da bolsa um portfólio de couro. “É uma ótima cor, e funciona muito bem à noite. O mais importante é que tanto a cerimônia quanto a festa representem os noivos. E, para ser um dia inesquecível, é crucial transmitir o estilo deles, a história e as ambições dos dois.”

Minha mãe pegou o imenso portfólio e passou os olhos pela colagem de fotos. “Eva… você não pode estar falando sério.”

Lancei um olhar agradecido na direção de Kristin por ter me apoiado, principalmente porque ela estava imaginando que minha mãe ia pagar a conta. É claro que o fato de eu estar casando com Gideon Cross talvez fosse suficiente para trazê-la para meu lado. Incluí-lo em seu catálogo certamente ajudaria a atrair clientes.

“Tenho certeza de que dá pra chegar a um meio-termo, mãe.” Pelo menos eu torcia para que desse. Ainda não tinha soltado a maior bomba.

“Vocês têm uma ideia de orçamento?”, Kristin perguntou.

Pronto…

Vi minha mãe abrir a boca em câmera lenta, e meu coração disparou num princípio de pânico. “Cinquenta mil para a cerimônia”, falei sem pensar. “Sem o vestido.”

As duas viraram o rosto para me encarar.

Minha mãe soltou uma risada descrente, levando a mão ao pingente do colar da Cartier, acomodado entre seus seios. “Meu Deus, Eva. Que hora pra fazer piada!”

“Papai vai pagar pelo casamento, mãe”, eu disse, endurecendo a voz agora que o momento que eu mais temia havia passado.

Ela piscou para mim, os olhos azuis revelando-se mais gentis, mesmo que só por um instante. “Só o vestido vai custar mais do que isso. As flores, o aluguel do salão…”

“A gente vai casar na praia”, acrescentei, tendo a ideia naquele exato momento. “Na Carolina do Norte. Na casa em que Gideon e eu acabamos de comprar. Só vamos precisar de flores para os buquês.”

“Você não está entendendo.” Minha mãe olhou para Kristin como quem pedia ajuda. “Não tem como dar certo. É totalmente fora de controle.”

Fora do controle *dela*, minha mãe queria dizer.

“Clima imprevisível”, ela continuou, “areia pra todo lado… Além do mais, exigir que as pessoas viagem para tão longe… com certeza vai ter alguém que não vai poder ir. E onde as pessoas vão ficar?”

“Quem são essas pessoas todas de que você está falando? Eu já disse, a cerimônia vai ser pequena, só a família e alguns amigos. Gideon vai cuidar do transporte. E tenho certeza de que pode cuidar da acomodação também.”

“Posso ajudar com isso”, Kristin disse.

“Não dá corda para essa maluquice!”, minha mãe rosnou.

“Olha a falta de educação, mãe!”, rosnei de volta. “Acho que você está esquecendo que é o *meu* casamento. E não uma campanha de marketing.”

Ela respirou fundo, tentando manter a calma. “Eva, acho muito bonito que você esteja tentando incluir seu pai, mas ele não entende o sacrifício que está exigindo com isso. Mesmo que eu contribuísse com um dólar para cada dólar que ele desse, não chegaria nem…”

“É mais do que o suficiente.” Entrelacei as mãos no colo, apertando os anéis com força contra os dedos. “E não é sacrifício nenhum.”

“As pessoas vão ficar ofendidas. Você tem que entender que um homem na posição de Gideon precisa de todas as oportunidades que tem para fortalecer sua rede de contatos. Ele vai querer…”

“… casar escondido”, pensei em voz alta, frustrada com o choque de opiniões que já conhecia tão bem. “Se fosse ser do jeito dele, a gente fugiria e casaria numa praia deserta com duas testemunhas e uma vista paradisíaca.”

“Ele pode até dizer isso…”

“Não, mãe. Escuta o que estou falando. Ele faria *exatamente* isso.”

“Hum, posso dar uma ideia?” Kristin inclinou-se para a frente para falar. “Acho que pode dar certo, Monica. Muitas celebridades fazem casamentos íntimos. Um orçamento limitado vai nos ajudar a manter o foco nos detalhes. E, se Gideon e Eva concordarem, podemos selecionar umas fotografias, vender para algumas revistas e reverter o lucro para caridade.”

“Gostei da ideia!”, eu disse, embora estivesse pensando como isso ia funcionar com o acordo de exclusividade de quarenta e oito horas que Gideon havia oferecido a Deanna Johnson.

Minha mãe parecia consternada. “Sonhei com seu casamento desde o dia em que você nasceu”, ela disse baixinho. “Sempre quis que tivesse um dia de princesa.”

“Mãe.” Peguei a mão dela. “Você pode esbanjar na festa, tá legal? Pode fazer o que quiser. Esquece esse negócio de vermelho, pode convidar o mundo inteiro, qualquer coisa. Mas para a cerimônia já não é suficiente que eu tenha encontrado meu príncipe?”

Ela apertou minha mão e me olhou com lágrimas nos olhos azuis. “Acho que vou ter que me contentar com isso.”

Tinha acabado de sentar no banco traseiro da Mercedes quando meu celular começou a tocar. Peguei o aparelho da bolsa, olhei para a tela e vi que era Trey. Meu estômago se contorceu de leve.

Não conseguia tirar da cabeça a imagem de sua expressão arrasada na noite anterior. Ficara escondida na cozinha enquanto, na sala, Cary contava sobre Tatiana e a gravidez. Tinha colocado um ensopado no forno e sentado num banco da cozinha dentro do campo de visão de Cary, lendo um livro no tablet. Mesmo de perfil, dava para ver como Trey recebera a novidade.

Ainda assim, ele ficara para o jantar e passara a noite no apartamento, então eu estava torcendo para que as coisas terminassem bem. Pelo menos não tinha simplesmente levantado e ido embora.

“Oi, Trey”, respondi. “Como você está?”

“Oi, Eva.” Ele soltou um suspiro pesado. “Não tenho a menor ideia. E você?”

“Bem, acabei de sair da casa da minha mãe depois de passar horas falando sobre o casamento. Não foi tão ruim quanto achei que seria, mas poderia ter sido mais tranquilo. O

que é normal quando se trata da minha mãe.”

“Ah… bom, você deve estar ocupada. Desculpa incomodar.”

“Claro que não, Trey. Estou feliz que tenha ligado. Se quiser conversar, estou aqui.”

“Será que a gente pode se encontrar? Quando for melhor pra você.”

“Que tal agora?”

“Sério? Estou numa feira de rua no West Side. Minha irmã me arrastou até aqui, mas estou meio insuportável. Ela foi embora há alguns minutos, e não tenho nada para fazer.”

“Posso encontrar você aí.”

“Fica entre as ruas 82 e 83, perto da Amsterdam. Só pra você saber, está lotado.”

“Certo. Aguenta firme. Já estou chegando.”

“Obrigado, Eva.”

Quando desliguei, vi Raúl me olhando pelo retrovisor. “Amsterdam com a 82. O mais rápido que puder.”

Ele assentiu.

“Obrigada.” Viramos a esquina e olhei pela janela, assimilando a cidade naquela tarde de sábado.

O ritmo de Manhattan era mais lento nos fins de semana, as roupas eram mais casuais e havia mais vendedores de rua. Mulheres de sandália e vestidos leves de verão olhavam as vitrines tranquilamente, enquanto homens de bermuda e camiseta caminhavam em grupos, olhando as mulheres e falando sobre o que os homens falam. Donos passeavam com cachorros de todos os tamanhos, enquanto crianças balançavam o pé em carrinhos de bebê ou dormiam. Um casal de idosos vagava de mãos dadas, os dois ainda encantados um com o outro depois de tantos anos de familiaridade.

Eu estava ligando para Gideon antes mesmo de perceber.

“Meu anjo”, ele atendeu. “Está vindo pra casa?”

“Ainda não. Acabei de sair da minha mãe e vou encontrar Trey.”

“Quanto tempo vai levar?”

“Não sei. Não mais do que uma hora, acho. Espero que ele não me diga que terminou com Cary.”

“Como foi com sua mãe?”

“Eu disse que a gente vai casar na casa da Carolina do Norte.” Hesitei, “Desculpa.

Devia ter perguntado primeiro.”

“Acho uma excelente ideia”, a sua voz áspera se imbuindo daquele timbre especial que me dizia que estava comovido.

“Ela me perguntou como a gente planeja acomodar todo mundo. Meio que deixei isso por sua conta. A cerimonialista vai ajudar.”

“Tudo bem. A gente dá um jeito.”

Fui envolvida pelo amor que sentia por ele, como uma onda de calor. “Obrigada.”

“Então o pior já passou”, ele disse, compreensivo como sempre.

“Bem, isso eu não sei. Ela ficou toda chorosa. Você sabe como é, tinha um monte de sonhos que não vai poder concretizar. Espero que esqueça isso e entre no clima.”

“E a família dela? A gente não falou nada de trazer esse pessoal para a festa.”

Dei de ombros, então lembrei que ele não podia me ver. “Não vou convidar. A única coisa que sei deles foi o que descobri no Google. Eles deserdaram minha mãe quando ficou grávida de mim, então nunca fizeram parte da minha vida.”

“Tudo bem, então”, ele disse, tranquilamente. “Tenho uma surpresa esperando por você em casa.”

“Ah, é?” Meu humor se acendeu no mesmo instante. “Vai me dar uma dica?”

“Claro que não. Se está curiosa, venha logo.”

Fiz beicinho. “Não me provoca.”

“Não é provocação se eu satisfizer suas expectativas…”

Os dedos dos meus pés se contraíram ao som daquela voz de veludo. “Vou pra casa o mais rápido que puder.”

“Estarei esperando”, ele murmurou.

O trânsito perto da feira estava impossível. Raúl estacionou o carro na garagem do meu apartamento e então caminhou comigo até lá.

A meio quarteirão, comecei a salivar com o cheiro da comida. Já dava para ouvir a música. Quando chegamos à rua Amsterdam, vi que havia uma moça cantando num pequeno palco para um mundo de gente.

As barraquinhas se enfileiravam ao longo da rua lotada, e as mercadorias estavam

protegidas do sol por tendas brancas. Cachecóis e chapéus, joias e obras de arte, legumes, verduras e comidas prontas ——não havia nada que alguém pudesse querer que não encontraria ali.

Levei alguns minutos para encontrar Trey na multidão. Ele estava sentado nos degraus de um prédio não muito longe da esquina em que havíamos marcado. Usava uma calça jeans larga e uma camiseta verde, e os óculos escuros estavam apoiados no alto do nariz torto que obviamente já havia sido quebrado um dia. O cabelo loiro estava mais revolto do que nunca, e a boca atraente estava fechada numa linha rígida.

Ele ficou de pé ao me ver, estendendo a mão para apertar a minha. Puxei-o num abraço e o segurei até sentir seu corpo relaxar e me abraçar de volta. Ao nosso redor, a cidade fervilhava — nova-iorquinos não tinham problemas com demonstrações públicas de afeto. Raúl se afastou discretamente.

“Estou um caos”, Trey murmurou junto ao meu ombro.

“É normal.” Interrompi o abraço e apontei em direção aos degraus em que o encontrei. “Qualquer um estaria confuso.”

Ele se sentou no degrau do meio. Eu me acomodei ao lado dele.

“Acho que não vou conseguir, Eva. E não acho que preciso. Quero alguém com quem dividir a vida, alguém que me apoie enquanto termino a faculdade e depois quando estiver tentando abrir minha clínica. Mas Cary vai montar a vida dele ao redor daquela modelo e me encaixar quando puder. Como não me arrependeria disso?”

“É uma pergunta válida”, eu disse, esticando as pernas na minha frente. “Você sabe que Cary não vai poder ter certeza de que é o pai da criança até fazer o teste de paternidade.”

Trey balançou a cabeça. “Não acho que faça diferença. Ele parece totalmente dedicado.”

“Acho que faz sim. Talvez ele não abandone completamente a criança, talvez resolva dar uma de tio ou algo assim. Não sei. Por enquanto, a gente tem que considerar que ele é o pai, mas pode não ser. É uma possibilidade.”

“Então você está falando para eu esperar mais seis meses?”

“Não. Não tenho respostas, se era isso que você queria. Tudo o que posso dizer é que Cary te ama, mais do que já vi amar qualquer pessoa. Se ele te perder, não vai aguentar. Não estou tentando fazer você se sentir culpado e obrigado a ficar com ele. Só acho que deveria saber que, se decidir terminar tudo, não é o único que vai sofrer.”

“Como isso ajuda?”

“Talvez não ajude.” Coloquei a mão em seu joelho. “Talvez eu seja egoísta demais por achar isso reconfortante. Mas, se as coisas não dessem certo entre mim e Gideon, gostaria de saber que ele ficaria tão infeliz quanto eu.”

Trey curvou os lábios num sorriso triste. “É, acho que entendi. Você ficaria com ele se descobrisse que comeu outra pessoa? Enquanto estava com você?”

“Já pensei nisso. Não consigo me imaginar a não ser ao lado de Gideon. Se não estivéssemos namorando sério na época, e fosse uma mulher do passado dele, e ele tivesse decidido ficar comigo e não com ela, talvez sim.”

Vi uma mulher pendurar outra sacola de compras na alça já abarrotada de um carrinho de bebê. “Mas se ele passasse a maior parte do tempo com ela e me visse quando desse… acho que eu terminaria.”

Era duro ser honesta quando a verdade era exatamente o oposto do que Cary gostaria que eu dissesse, mas me pareceu a coisa certa.

“Obrigado, Eva.”

“Se vale de alguma coisa, saiba que não vou pensar menos de você se resolver tentar com Cary. Não é fraqueza nenhuma ficar do lado de quem se ama enquanto essa pessoa tenta consertar um erro terrível, nem é fraqueza pensar em si próprio em primeiro lugar. Não importa a decisão que tomar, Trey, ainda vou achar você um cara e tanto.”

Ele se aproximou e deitou a cabeça no meu ombro. “Obrigado, Eva.”

Entrelacei meus dedos aos dele. “Não tem de quê.”

*

“Vou pegar o carro”, Raúl disse assim que entramos no saguão do prédio.

“Certo. Vou ver se chegou correspondência.” Acenei para a recepcionista ao passar pela portaria e fui até as caixinhas de correio, enquanto Raúl seguia para o elevador.

Destranquei minha caixinha, abri a porta de metal e dei uma olhada lá dentro. Só havia alguns panfletos, o que me poupava de ter que subir até o apartamento. Peguei-os, joguei na lixeira mais próxima e fechei a caixinha.

Voltei para o saguão bem a tempo de pegar uma mulher saindo do prédio. O cabelo ruivo curto chamou minha atenção. Fitei-a, esperando que virasse ao sair para a calçada, para ver se conseguia vê-la melhor.

Perdi o fôlego. Já tinha visto aquele cabelo numa pesquisa no Google. E do rosto eu me lembrava do evento beneficente a que tinha ido com Gideon poucas semanas antes.

Então ela sumiu.

Corri atrás dela, mas, quando cheguei à calçada, estava entrando num carro preto.

“Ei!”, gritei.

O carro acelerou, deixando-me para trás.

“Tudo bem?”

Virei e deparei com Louie, o porteiro dos fins de semana. “Você sabe quem é aquela mulher?”

Ele fez que não. “Não mora aqui.”

Voltei para o saguão e fiz a mesma pergunta à recepcionista.

“Não entrou nenhum visitante aqui hoje que não estivesse acompanhado de um morador, então não prestei atenção.”

“Hum. Certo, obrigada.”

“Seu carro chegou, Eva”, Louie avisou da porta.

Agradeci à recepcionista e saí para encontrar Raúl. Passei todo o trajeto entre o apartamento e a cobertura pensando em Anne Lucas. Quando saí do elevador privativo e entrei no hall da cobertura, estava distraída com pensamentos confusos.

Gideon esperava por mim. Usando uma calça jeans desbotada e uma camiseta da Universidade Columbia, ele parecia jovem e lindo. Então abriu um sorriso, e eu quase me esqueci completamente do mundo.

“Meu anjo”, ele murmurou, atravessando o piso preto e branco descalço. Meu marido tinha uma expressão nos olhos que eu conhecia muito bem. “Vem aqui.”

Caminhei direto para seus braços abertos, aninhando-me em seu corpo musculoso. Senti seu cheiro. “Você vai achar que estou louca”, sussurrei junto ao seu peito, “mas posso jurar que vi Anne Lucas saindo do saguão do meu prédio.”

Ele enrijeceu. Eu sabia que ele não gostava da terapeuta.

“Quando?”, Gideon perguntou com aspereza.

“Há uns vinte minutos. Logo antes de vir pra cá.”

Ele me soltou e tirou o celular do bolso traseiro da calça. Com a outra mão, pegou a minha e me puxou para a sala de estar.

“A sra. Cross acabou de ver Anne Lucas no prédio dela”, Gideon disse para alguém do outro lado da linha.

“*Acho* que vi”, corrigi, franzindo a testa diante de seu tom severo.

Mas ele não estava me ouvindo. “Pois então descubra”, ordenou antes de desligar.

“Gideon, o que está acontecendo?”

Ele me levou até o sofá e nos sentamos. Acomodei-me junto a ele, colocando a bolsa na mesinha de centro.

“Encontrei Anne um dia desses”, ele explicou, segurando minha mão. “Raúl confirmou que foi ela que falou com você no evento beneficente. Anne admitiu, e eu disse para manter distância de você, mas ela não me ouviu. Quer me machucar e sabe que pode fazer isso através de você.”

“Certo.” Processei a informação.

“Você tem que avisar Raúl no instante em que a vir, não importa onde. Mesmo que só *ache* que era ela.”

“Espere aí, garotão. Você encontrou essa mulher um dia desses e não me contou?”

“Estou contando agora.”

“Por que não me contou na época?”

Ele expirou fundo. “Foi no mesmo dia em que Chris passou aqui.”

“Ah.”

“Pois é.”

Mordi o lábio inferior por um instante. “Como ela me machucaria?”

“Não sei. Pra mim já basta saber que tem essa intenção.”

“Quebraria minha perna? Meu nariz?”

“Duvido que apele pra violência”, ele respondeu secamente. “É muito mais divertido fazer joguinhos psicológicos. Aparecer no mesmo lugar que você. Deixar que a veja de relance.”

Isso era ainda mais pérfido. “Pra você ter que ir falar com ela. É isso que Anne quer”, murmurei. “Você.”

“Mas não vou me dobrar. Já falei tudo o que tinha pra falar.”

Fitando nossas mãos entrelaçadas, brinquei com a aliança dele. “Anne, Corinne, Deanna… Tudo isso é meio louco, Gideon. Quer dizer, acho que não é normal para a

maioria dos homens. Quantas mulheres vão perder a cabeça por sua causa?”

Ele me lançou um olhar de quem obviamente não estava se divertindo com aquilo. “Não sei o que deu em Corinne. Nada do que fez depois que voltou para Nova York parece com ela. Não sei se é o remédio que está tomando, o aborto, o divórcio…”

“Ela está se separando?”

“Não fique preocupada, Eva. Não faz a menor diferença pra mim ela estar solteira ou não. Sou casado. Isso nunca vai mudar, e não sou do tipo que trai. Respeito você — e eu mesmo — demais pra ser esse tipo de marido.”

Inclinei-me para a frente, oferecendo minha boca, que ele recebeu num beijo gentil e carinhoso. Ele falou exatamente o que eu precisava ouvir.

Gideon se afastou, esfregando o nariz no meu. “Quanto às outras duas… Você tem que entender que Deanna foi um dano colateral. Puta merda. Minha vida é uma zona de guerra, e algumas pessoas acabaram na linha de fogo.”

Segurei seu queixo, tentando aliviar um pouco da tensão com o polegar. Sabia bem o que ele estava querendo dizer.

Gideon engoliu em seco. “Se eu não tivesse usado Deanna para mandar um recado para Anne de que a porta estava fechada, ela teria sido um caso de uma noite só. Uma história morta e enterrada.”

“Mas agora está resolvido?”

“Acho que sim.” Ele levou os dedos até meu rosto, seu toque reproduzindo o que eu havia acabado de fazer. “Já que estamos falando abertamente, não acho que ela me recusaria se eu tentasse alguma coisa — o que nunca vai acontecer. Mas acredito que ela não se encaixa mais na categoria das mulheres magoadas.”

“É, eu sei que ela se entregaria a você na primeira oportunidade. Absolutamente compreensível. Você tinha que ser tão bom de cama? Já não basta ser gostoso, ter esse corpo lindo e um pau enorme?”

Ele balançou a cabeça, nitidamente exasperado. “Não é *enorme*.”

“Você é bem-dotado. E sabe usar o que tem. Nós, mulheres, não estamos acostumadas a ter sexo bom com muita frequência, então, quando temos, ficamos meio alucinadas. Acho que isso responde minha dúvida a respeito de Anne, já que ela teve você diversas vezes.”

“Ela nunca me teve.” Gideon se recostou no sofá, soltando o corpo, com o rosto retorcido. “Em algum momento você vai cansar de ouvir como eu era um babaca.”

Aninhei-me junto a ele, deitando a cabeça em seu ombro. “Você não é o primeiro

gostosão do mundo a se aproveitar das mulheres. E não vai ser o último.”

“Foi diferente com Anne”, ele murmurou. “Não foi só por causa do marido dela.”

Gelei, então tentei relaxar para não deixá-lo ainda mais nervoso do que já estava.

Ele inspirou profunda e rapidamente. “Ela às vezes me lembra de Hugh”, Gideon disse num suspiro. “O jeito como anda, algumas das coisas que diz… Tem um traço de família. E algo mais. Não sei como explicar.”

“Então não explique.”

“Às vezes a linha entre os dois sumia na minha cabeça. Era como se eu estivesse punindo Hugh através de Anne. Fiz coisas com ela que não fiz com mais ninguém. Coisas que me embrulham o estômago hoje.”

“Gideon.” Passei o braço em torno de sua cintura.

Ele nunca tinha me contado aquilo. Dissera antes que era o dr. Terrence Lucas quem estava tentando punir, e eu tinha certeza de que em parte era isso mesmo. Mas agora eu sabia que não era só isso.

Gideon se ajeitou no sofá. “O que aconteceu entre mim e Anne foi uma perversão. Eu a perverti. Se pudesse voltar no tempo e mudar as coisas…”

“A gente vai lidar com isso. Fico feliz que tenha me contado.”

“Eu tinha que contar. Escuta, meu anjo, se você a vir de novo, tem que dizer a Raúl. Mesmo se estiver na dúvida. E não vá a lugar nenhum sozinha. Vou dar um jeito de lidar com ela. Enquanto isso, preciso saber que você está segura.”

“Tudo bem.” Não sabia ainda como esse plano ia funcionar no longo prazo. Morávamos na mesma cidade que ela e o marido, e o próprio Lucas já havia entrado em contato comigo. Eles eram um problema, e a gente precisava de uma solução.

Mas não seria naquele dia. Sábado. Um dos únicos dois dias do fim de semana pelo qual eu tanto ansiava, porque podia passar bastante tempo a sós com meu marido.

“Então”, comecei, deslizando a mão sob a camiseta de Gideon para tocar sua pele quente, “cadê minha surpresa?”

“Bem…” Ele intensificou a aspereza de sua voz sensual. “Daqui a pouquinho. Que tal uma taça de vinho?”

Deitando a cabeça para trás, fitei meu marido nos olhos. “Está tentando me seduzir, garotão?”

Gideon beijou meu nariz. “Sempre.”

“Hum… Vá em frente.”

Quando Gideon não se juntou a mim no banho, eu sabia que estava tramando alguma coisa. A única ocasião em que perdia uma oportunidade de colocar as mãos no meu corpo molhado era de manhã, depois de já ter se divertido bastante comigo.

Quando entrei na sala de estar de bermuda e camiseta, sem sutiã, ele estava me esperando com uma taça de vinho tinto. Nós nos sentamos no sofá para assistir *Três dias para matar*, o que só provava que meu marido me conhecia muito bem. Era o tipo de filme de que eu gostava — um pouco engraçado, bem exagerado. E tinha Kevin Costner, o que para mim era sempre uma vantagem.

Ainda assim, por mais divertido que fosse ficar de bobeira com Gideon, quanto mais as horas passavam, mais a ansiedade me devorava. Gideon, perverso como sempre, sabia disso muito bem. E estava me atiçando. Mantinha minha taça sempre cheia e as mãos em mim — acariciando meu cabelo, tocando meu ombro, alisando minha coxa.

Às nove horas, eu já estava me jogando em cima dele. Sentei em seu colo e comecei a beijar seu pescoço, a língua voando sobre sua pele. Senti seu pulso acelerar, mas ele não reagiu. Ficou sentado como se estivesse absorto na reprise que passava na TV depois que o filme acabou.

“Gideon?”, sussurrei com minha voz de quem quer trepar, a mão descendo por entre as pernas dele para encontrá-lo duro e pronto, como sempre.

“O quê?”

Mordisquei o lóbulo de sua orelha, puxando de leve. “Você se importa se eu enfiar seu pau enorme em mim enquanto vê TV?”

Gideon desceu a mão ao longo das minhas costas. “Acho que você vai ficar na frente”, ele respondeu, parecendo distraído. “Talvez fosse melhor se ajoelhar e me chupar.”

Eu me afastei, boquiaberta. Ele me olhou com um sorriso nos olhos.

Empurrei seu ombro. “Você é terrível!”

“Meu anjinho”, ele cantarolou. “Está com tesão, é?”

“O que você acha?” Apontei para meus seios. Os mamilos duros e rígidos, apertados contra o algodão fino, clamavam por sua atenção em silêncio.

Segurando-me pelos ombros, ele me aproximou de si e mordiscou meu mamilo,

acariciando a pele com a língua. Gemi.

Gideon me soltou, com os olhos tão sombrios que pareciam safiras. “Está molhadinha?”

Ah, se estava. Toda vez que Gideon me olhava daquele jeito, meu corpo amolecia e ansiava. “Por que não vê?”, provoquei.

“Me mostra.”

O tom autoritário me deixou ainda mais excitada. Saí do colo dele, sentindo-me inexplicavelmente tímida. Ele empurrou a mesinha de centro com o pé, para me dar mais espaço na sua frente. Seus olhos desceram pelo meu corpo, mas seu rosto se manteve inexpressivo. A falta de encorajamento me deixou ainda mais ansiosa, e eu suspeitava que essa era a intenção.

Gideon estava me provocando.

Jogando os ombros para trás, sustentei seu olhar e corri a língua ao longo de meu lábio inferior. Ele semicerrou os olhos. Abaixei a bermuda de ginástica e a tirei, girando o quadril de leve para fazer um movimento de striptease sem demonstrar minha falta de jeito.

“Sem calcinha”, ele murmurou, com os olhos fixos na região. “Que safada.”

Fiz beicinho. “Estou tentando ser boazinha.”

“Abra pra mim”, ele sussurrou. “Me deixa ver.”

“Gideon…”

Ele esperou pacientemente, e eu sabia que não ia desistir. Poderia levar cinco minutos ou cinco horas, mas ele esperaria por mim. E era por isso que confiava nele. Porque nunca tinha sido uma questão de *se* eu me submeteria, mas *quando* estaria pronta para isso, e era uma decisão que ele deixava nas minhas mãos.

Abri as pernas e tentei acalmar a respiração. Baixando as mãos, peguei os lábios e os abri, expondo meu clitóris para o homem por quem tanto ansiava.

Gideon ajeitou o corpo lentamente. “Você tem uma boceta tão linda, Eva.”

Segurei o fôlego, enquanto ele se aproximava, erguendo as minhas coxas para me segurar firme naquela posição. “Não se mexa”, ele ordenou.

Então me deu uma lambida provocante.

“Ah”, murmurei, com as pernas trêmulas.

“Sente”, ele disse, com a voz rouca, ficando de joelhos no chão. Eu obedeci.

O tampo de vidro era gelado contra minha bunda, num contraste gritante com o calor da pele. Estiquei o braço atrás do corpo, agarrando-me à beirada da mesa para me equilibrar à medida que ele abria minhas coxas.

Seu hálito era quente contra minha carne úmida, e seu olhar estava absolutamente concentrado na minha boceta. “Você podia estar mais molhada.”

Arfando, vi enquanto ele baixava a cabeça para envolver meu clitóris com os lábios. O calor era abrasador, e os golpes de sua língua, devastadores. Gritei, querendo desmoronar, mas me segurei firme no lugar. Joguei a cabeça para trás, as orelhas tinindo com o sangue que pulsava em mim e o som dos gemidos de Gideon. Sua língua tremulou sobre o montinho inchado, levando-me persistentemente ao orgasmo. Meu estômago se contraiu à medida que o prazer foi progredindo, seus cabelos macios roçando contra a parte interna e sensível das minhas coxas.

Deixei escapar um ruído rouco. “Vou gozar”, arfei. “Gideon… Ah… Vou gozar.”

Ele enfiou a língua em mim. Meus cotovelos fraquejaram, fazendo meu torso descer. Gideon fodeu com a língua minha boceta apertadinha, abrindo a pele sensível e me provocando com a promessa da penetração pela qual eu tanto ansiava.

“Me fode”, implorei.

Ele se afastou, lambendo os beiços. “Aqui não.”

Fiz um som de protesto à medida que Gideon levantava, tão perto do orgasmo que podia sentir seu cheiro. Ele estendeu a mão e me ajudou a levantar. Cambaleei e Gideon me levantou, jogando-me por cima do ombro.

“Gideon!”

Mas então ele passou a mão por entre minhas pernas, massageando minha boceta molhada e inchada, e eu não me importei mais com como estava me carregando, desde que me levasse para onde achava que levaria.

Chegando ao corredor, fizemos a curva e paramos antes de chegar ao quarto dele. Ouvi uma maçaneta ser girada, e então ele acendeu a luz.

Estávamos no meu quarto. Gideon me colocou de pé na sua frente.

“Por que aqui?”, perguntei. Alguns homens talvez fossem até a cama mais próxima, mas Gideon tinha autocontrole. Se me queria ali, havia um motivo.

“Vire”, ele disse, baixinho.

Havia algo na sua voz… no jeito como olhava para mim…

Olhei por cima do ombro.

Então vi o balanço.

Não era exatamente o que eu estava esperando.

Tinha pesquisado balanços na internet na época em que Gideon falara disso pela primeira vez. Os que vi eram instáveis, feitos para pendurar no umbral da porta, ou alguns mais firmes que ficavam sob uma armação ou num gancho no teto. Todos tinham correntes e/ou cordas para segurar diversas partes do corpo. Pelas fotos das mulheres amarradas, pareciam desconfortáveis.

Para falar a verdade, não entendia como alguém podia ignorar a vergonha e o medo de cair, quanto mais chegar ao orgasmo.

Eu devia saber que Gideon tinha outra ideia na cabeça.

Virei-me de frente para o balanço. Gideon tinha esvaziado o quarto em algum momento. A cama e os móveis haviam desaparecido. O único objeto no cômodo era o balanço, suspenso por uma estrutura robusta que parecia uma jaula. Uma base sólida e larga de metal ancorava as laterais de aço e o teto, que sustentava o peso de uma cadeira de metal acolchoada e das correntes. Algemas de couro vermelhas para os pulsos e os tornozelos pendiam dos lugares apropriados.

Ele me envolveu pelas costas, deslizando uma das mãos sob minha blusa para segurar meu seio, enquanto a outra subia por entre as pernas, então enfiou dois dedos em mim.

Ajeitando meu cabelo com o rosto, ele beijou meu pescoço. “O que acha?”

Pensei por um instante. “Estou intrigada. Um pouco apreensiva.”

Senti sua boca se curvando num sorriso. “Vamos ver como se sente nele.”

Fui tomada por um arrepio de ansiedade e apreensão. Pela posição das algemas, eu sabia que estaria completamente vulnerável, incapaz de me mover ou de me afastar. Sem qualquer controle sobre o que poderia acontecer comigo.

“Quero fazer isso direito, Eva. E não igual àquela noite no elevador. Quero sentir que estou no controle e que estamos nessa juntos.”

Deitei a cabeça no ombro dele. De alguma forma, era mais difícil consentir com aquilo. Eu tinha menos… responsabilidade quando ele simplesmente assumia o controle.

Mas isso seria tirar o corpo fora.

“Qual é a palavra de segurança, meu anjo?”, ele murmurou, os dentes arranhando com carinho minha garganta. Suas mãos eram mágicas, seus dedos deslizavam para dentro de mim.

“Crossfire.”

“É só falar que a gente para. Fale de novo.”

“Crossfire.”

Seus dedos habilidosos puxaram meu mamilo, apertando-o com destreza. “Não precisa ter medo. Você só tem que sentar e receber meu pau. Vou fazer você gozar fácil.”

Respirei fundo. “Tenho a sensação de que é sempre assim com a gente.”

“Tenta uma vez”, ele insistiu, tirando minha camiseta. “Se não gostar, a gente vai pra cama.”

Por um momento, quis adiar, conseguir mais tempo para assimilar aquilo. Tinha prometido o balanço, mas ele não estava me cobrando…

“Crossfire”, ele suspirou, abraçando-me por trás.

Eu não sabia se ele estava me lembrando da palavra de segurança ou dizendo que me amava tanto que não havia palavras para expressar. De qualquer forma, o efeito foi o mesmo. Eu me senti segura.

Senti também a excitação dele. Sua respiração havia acelerado no exato instante em que eu vira o balanço. A ereção parecia aço contra minha bunda, e sua pele quente estava junto à minha. Seu desejo incitou o meu, fez-me querer fazer qualquer coisa que desse a Gideon tanto prazer quanto ele era capaz de suportar.

Se precisava de alguma coisa, eu queria ser a mulher que oferecia isso a ele. Gideon já me dava tanto. Ele me dava tudo.

“Tá”, eu disse baixinho. “Tudo bem.”

Ele beijou meu ombro, então deu um passo para ficar ao meu lado e pegou minha mão.

Eu o segui até o balanço, examinando-o atentamente. O assento estreito estava ajustado para a altura da cintura dele, por isso Gideon teve que se virar de frente para mim e me erguer para me colocar ali. Sua boca tocou a minha assim que minha bunda encostou no couro frio, e sua língua brincou com a curva dos meus lábios. Estremeci. Se do frio, do beijo ou de ansiedade, não sei.

Gideon se afastou, com as pálpebras pesadas e um olhar sensual. Ele me colocou na posição, segurando as correntes enquanto eu deitava no encosto da cadeira, que era bem

reclinado, de modo que eu precisava esticar as pernas para me equilibrar.

“Está confortável?”, ele perguntou, olhando-me atentamente.

Sabia que Gideon estava falando de conforto físico. Assenti.

Ele deu um passo para trás, sem tirar os olhos do meu rosto nem por um momento. “Vou prender seus tornozelos. Diga se alguma coisa parecer errada.”

“Tudo bem.” Minha voz estava rouca, e meu pulso, acelerado.

Ele deslizou uma das mãos ao longo da minha perna, com seu toque quente e provocante. Eu não conseguia olhar para mais nada enquanto ele passava o couro vermelho ao redor do meu tornozelo e atava o fecho de metal. A algema era bem justa, mas não demais.

Gideon se movia com confiança e velocidade. Um segundo depois, minha outra perna estava presa também.

Ele me olhou. “Tudo bem por enquanto?”

“Você já fez isso antes.” Fiz um beicinho. Ele parecia à vontade demais para um iniciante.

Gideon não respondeu. Em vez disso, começou a tirar a roupa tão devagar e metodicamente quanto havia me algemado.

Atônita, saboreei cada centímetro de pele que revelava. Meu marido tinha um corpo maravilhoso. Era forte e musculoso, viril. Era impossível não ficar excitada ao vê-lo nu.

Ele correu a língua ao longo do lábio inferior numa carícia lenta e erótica. “Tudo bem ainda, meu anjo?”

Gideon sabia exatamente o que a visão de seu corpo provocava em mim, e eu ficava ainda mais excitada por ele ser arrogante o bastante para usar aquela fraqueza contra mim. E eu fazia o mesmo com ele quando podia.

“Você é tão gostoso”, eu disse, lambendo meus lábios.

Ele sorriu e aproximou o pau grosso e comprido de mim. “Acho que você vai gostar disso.”

Eu não tinha que perguntar por que estava dizendo aquilo, pois ficou evidente quando ele pegou minhas mãos. Minha visão dele ali de cima era completamente desimpedida. Gideon estava totalmente exposto da coxa para cima, entre minhas pernas.

Ele se inclinou e me beijou de novo. Com gentileza. Com ternura. Murmurei diante da delicadeza inesperada e da luxúria do gosto dele.

Soltando uma das minhas mãos, ele segurou o pau e o inclinou para acariciar minha boceta. A cabeça grande deslizou por aquele caminho escorregadio, então pressionou meu clitóris. O prazer me invadiu, e eu descobri quão vulnerável estava. Não podia arquear o quadril. Não podia retesar os músculos da coxa para perseguir aquela sensação.

Deixei escapar um gemido grave. Precisava de mais, e tudo o que podia fazer era esperar por ele.

"Você confia em mim", ele sussurrou junto à minha boca.

Não foi uma pergunta, mas respondi mesmo assim. "Confio."

Gideon assentiu. "Segure as correntes."

Havia algemas para os pulsos acima da minha cabeça. Fiquei me perguntando por que ele não as usava, mas acreditei que sabia o que era melhor. Se achava que eu não estava pronta, então era porque me conhecia muito bem. De muitas formas, Gideon me conhecia melhor do que eu mesma.

O amor que eu sentia por ele se espalhou por meu peito até preenchê-lo por completo, afastando qualquer vestígio de medo que pairasse nos cantos sombrios da minha mente. Nunca me sentira tão próxima de Gideon, jamais imaginara que era possível acreditar tanto em alguém.

Obedeci e segurei as correntes. Ele se aproximou ainda mais, seus músculos abdominais brilhando com os primeiros sinais de suor. Podia ver suas veias pulsando no pescoço, nos braços, no pênis. Seu coração estava tão acelerado quanto o meu. A cabeça do pau estava tão molhada de excitação quanto minha boceta. A sede que sentíramos na sala de estar retornava sinuosamente e estreitava o mundo até restar só nós dois.

"Não solte", ele ordenou, esperando por minha confirmação antes de seguir em frente.

Gideon pegou uma das correntes no ponto em que ela se juntava à cadeira. Com a outra mão, guiou o pau até minha boceta. A cabeça grossa me pressionava de forma provocante, incitando-me com a promessa de prazer. Arfando, eu esperava que ele desse o passo seguinte e entrasse em mim, meu âmago doendo com a necessidade de ser preenchida.

Em vez disso, Gideon segurou o assento da cadeira com ambas as mãos e me puxou na sua direção.

O som que emiti da garganta não era humano. A selvagem sensação erótica de ser penetrada tão profundamente me deixou louca. Ele entrou fundo com um único movimento, meu corpo incapaz de oferecer qualquer resistência.

Gideon rosnou, e um tremor percorreu seu corpo poderoso. "Caralho", ele sussurrou.

“Sua boceta é gostosa demais.”

Baixei as mãos para segurá-lo, mas ele afastou o balanço, retirando seu membro ereto de dentro de mim. A sensação de vazio me fez gemer de aflição.

“Por favor”, implorei baixinho.

“Falei pra você não soltar a corrente”, ele disse, com um brilho louco nos olhos.

“Não vou soltar”, prometi, apertando as correntes com tanta força que doía.

Seus braços se flexionaram ao me puxar de volta, deslizando-me ao redor de seu pau. Contraí os dedos dos pés. A sensação de leveza, de entrega total, era indescritível.

“Fala pra mim”, ele murmurou. “Diz que gosta disso.”

“Merda”, arfei, sentindo o suor escorrer pela nuca. “Não para.”

Num instante eu estava parada, no seguinte estava me movendo fluidamente, minha boceta deslizando pelo pau duro de Gideon com uma velocidade impressionante. Seu corpo funcionava como uma máquina bem lubrificada, seus braços, seu peito, seu abdome e suas coxas contraindo-se com o esforço de conduzir magistralmente o balanço. A visão de movimentos tão poderosos, a intensidade com que ele se concentrava em dar prazer a nós dois, a sensação de tê-lo entrando tão fundo e tão rápido em mim…

Gozei com um urro, incapaz de conter a onda que me dominou. Ele continuou me comendo, rugindo roucamente, seu rosto corado e contorcido de desejo. Nunca tinha gozado tão forte, tão depressa. Por um momento, não podia ver nem respirar, com meu corpo fulminado por um prazer mais feroz do que qualquer um que já sentira antes.

O balanço ficou mais lento, então parou completamente, e Gideon deu um passo para a frente, enterrando-se em mim. Seu cheiro era decadente, primal. Puro pecado e sexo.

Ele segurava meu rosto com ambas as mãos. Seus dedos retiravam fios de cabelo das minhas bochechas molhadas de suor. Meu sexo pulsava em volta dele, muito ciente de quão duro e grosso Gideon ainda estava.

“Você não gozou”, acusei, sentindo-me vulnerável demais depois da insanidade daquele orgasmo.

Gideon me deu um beijo brusco e exigente. “Vou algemar seus pulsos. Depois vou gozar dentro de você.”

Meus mamilos endureceram dolorosamente. “Nossa.”

“Você confia em mim”, ele disse de novo, os olhos estudando minha expressão.

Toquei o corpo dele enquanto ainda podia, as mãos deslizando pelo peito suado,

sentindo o pulsar desesperado do coração. “Mais do que tudo.”

19

“Bom dia, garotão.”

Ao ouvir a voz de Eva, olhei por cima do ombro, sorrindo enquanto a observava contornar a bancada da cozinha em direção à máquina de café. Seu cabelo estava emaranhado, e as pernas despontavam sensuais sob a barra da camiseta que usava.

Voltei minha atenção para a frigideira e a rabanada que estava fazendo e perguntei: “Tudo bem?”.

“Hum…”

Olhei para ela de novo e vi que estava corada.

“Estou meio dolorida”, ela respondeu, colocando uma cápsula na máquina. “Lá dentro.”

Sorri. No balanço, ela ficara numa posição perfeita, o que permitia uma penetração profunda. Nunca tinha ido tão longe antes. Passara a manhã pensando naquilo e decidira que ia falar com Ash sobre o projeto de reforma. Um dos quartos deveria ter dois closets — um para as roupas, outro para o balanço.

“Nossa”, ela murmurou. “Que sorriso convencido. Os homens são todos iguais.”

“Poxa, eu estou me matando neste fogão pra você.”

“É, tá bom.” Ela me deu uma palmada na bunda ao passar por mim com uma caneca fumegante de café na mão.

Puxei-a pela cintura antes que se afastasse, dando-lhe um beijo forte no rosto. “Você foi maravilhosa ontem à noite.”

Havia sentido uma harmonia tão forte entre nós que era quase tão palpável quanto a aliança que eu usava, e valorizava aquilo mais que tudo.

Eva abriu um sorriso deslumbrante, então foi até a geladeira pegar o leite. Enquanto preparava o café, coloquei as rabanadas num prato.

“Faz um tempo que eu queria conversar com você sobre uma coisa”, ela disse, juntando-se a mim na bancada e se equilibrando em cima de um dos bancos.

Ergui as sobrancelhas. “O quê?”

“Eu queria me envolver com a Crossroads Foundation, tanto financeira quanto

administrativamente.”

“Você não está sendo muito específica, meu anjo. Me diz o que tem em mente.”

Dando de ombros, ela pegou o garfo. “Tenho pensado no dinheiro do acordo com o pai de Nathan. Está lá, parado no banco, e depois do que Megumi passou… eu me dei conta de que preciso colocar esse dinheiro em alguma coisa e mal posso esperar pra fazer isso. Quero ajudar a financiar os programas que a Crossroads oferece e pensar em outras maneiras de expandir isso.”

Sorri por dentro, feliz de vê-la movendo-se na direção certa. “Tudo bem. A gente pode pensar em alguma coisa.”

“Sério?” Eva se iluminou como o sol, irradiando em meu mundo.

“Claro. Gostaria de ter mais tempo para isso também.”

“A gente pode trabalhar junto!” Ela deu um pulinho de felicidade. “Estou tão animada com isso, Gideon.”

Abri um sorriso. “Estou vendo.”

“Parece uma evolução natural para a gente. Uma extensão da gente, na verdade.” Ela cortou um pedaço da rabanada e levou à boca. Então murmurou, satisfeita: “Delícia”.

“Que bom que gostou.”

“Você é bonito *e* sabe cozinhar. Que sorte a minha.”

Decidi não dizer que tinha acabado de ver a receita na internet. Em vez disso, fiquei pensando no que Eva tinha dito.

Será que eu tinha cometido um erro tático ao fazer a proposta a Mark tão depressa? Talvez se tivesse deixado as coisas como estavam, Eva passasse a trabalhar nas Indústrias Cross por conta própria.

Mas eu podia me permitir o luxo de dar mais tempo a ela com Landon na minha cola? Ainda achava que não.

Tentando mitigar qualquer efeito colateral possível, ponderei os prós de mencionar o tópico da ida de Mark para as Indústrias Cross naquele momento. Eva tinha aberto a porta ao falar de nós dois trabalhando juntos. Se eu não aproveitasse o momento, corria o risco de ela descobrir de outra maneira.

Tinha passado por aquilo no sábado, sabendo que Eva e Mark eram amigos e conversavam fora do trabalho. Ele poderia ter ligado para ela a qualquer momento, mas eu estava contando que ia pensar no assunto e conversar com o noivo antes de decidir deixar

a Waters Field & Leaman.

“Também tenho uma coisa para dizer, meu anjo.”

“Sou toda ouvidos.”

Fingindo indiferença, peguei a calda e coloquei um pouco no meu prato, enquanto dizia: “Ofereci um emprego a Mark Garrity”.

Houve um momento de silêncio espantado, e então ela disse: “Você o quê?”.

O tom em sua voz confirmou que eu estava certo: quanto antes melhor. Olhei para ela. Eva estava me encarando.

“Chamei Mark para trabalhar nas Indústrias Cross”, repeti.

Ela ficou branca. “Quando?”

“Na sexta.”

“Na sexta”, ela repetiu. “E hoje é domingo. Você só pensou em falar isso agora?”

Como era uma pergunta retórica, não respondi, preferindo pensar com calma antes de fazer qualquer coisa que piorasse a situação.

“Por quê, Gideon?”

Segui a mesma tática que havia usado com Mark — contei as partes da verdade que seriam mais facilmente aceitas. “Ele é talentoso. Vai acrescentar muito ao time.”

“Mentira.” A cor do rosto dela voltou, passando imediatamente para vermelho de raiva. “Não pensa que sou idiota. Vou perder meu emprego e não acha que tinha que discutir isso comigo antes?”

Mudei de estratégia. “A LanCorp exigiu trabalhar especificamente com Mark, não foi?”

Ela ficou em silêncio por um instante. “Então é isso? O sistema PhazeOne? Você está de sacanagem comigo?”

Eu estava me perguntando qual produto Ryan Landon estaria usando para se aproximar de Eva. Fiquei surpreso que tivesse escolhido um tão vital para a empresa, então me odiei por não ter percebido antes. “Você não respondeu a pergunta, Eva.”

“E que diferença faz?”, ela revidou. “É, eles pediram para trabalhar especificamente com Mark. E daí? Você não quer que seus concorrentes trabalhem com ele? Ou está tentando dizer que foi proposital?”

“Foi pessoal.” Baixei o garfo. “Eric Landon, o pai de Ryan Landon, investiu pesado com meu pai e perdeu tudo. Ryan tem feito o que pode para me destruir desde então.”

Eva franziu a testa, e uma ruga surgiu em seu cenho. “Então você não queria que a gente trabalhasse na campanha dele? É isso que está me dizendo?”

“Estou dizendo que Ryan Landon pediu para trabalhar com Mark para se aproximar de você.”

“O quê? Por quê?” Seu rosto era um misto de raiva e irritação. “Ele é casado! Levou a mulher para almoçar com a gente no outro dia. Você não tem motivo pra ter ciúme.”

“Ele não está interessado em você desse jeito”, concordei. “É mais um triunfo ter você trabalhando para ele. Quer a satisfação de saber que pode dar uma ordem e você vai fazer de tudo para atender.”

“Isso é ridículo.”

“Você não sabe a história inteira, Eva. Quantos anos ele passou tentando me sabotar. Todas as decisões de negócios que toma têm o intuito de reescrever a história dos Landon e dos Cross. Cada sucesso que tem é acompanhado de uma menção ao fracasso do pai dele em enxergar que meu pai era uma fraude e a como isso custou caro aos Landon.”

“Claro que não sei a história inteira”, ela respondeu friamente. “Você nunca se preocupou em me contar.”

“Estou contando agora.”

“Quando já não faz diferença!” Ela desceu do banco e saiu pisando duro na direção da cozinha.

Fui atrás dela, como sempre. “Eva.”

Segurei-a pelo cotovelo, mas ela se soltou, girando o corpo para me encarar.

“Não encosta em mim!”

“Não dá as costas para mim desse jeito”, murmurei. “Se é pra brigar, vamos fazer isso logo.”

“Você estava contando com isso, não é? Achou que podia fazer o que bem entendesse, depois falar manso comigo ou me comer. Mas isso não tem conserto, Gideon. Dessa você não vai sair com algumas palavras ou sexo selvagem.”

“O que tem para consertar? Vi alguém tentando se aproveitar de você e fiz o que tinha que fazer.”

“É assim que você vê?” Ela tinha as mãos nos quadris. “Pois eu não. Landon está assumindo um risco. E se Mark e eu fizermos um trabalho de merda? Ele depende do PhazeOne.”

“Justamente. Landon tem uma equipe interna de publicidade, marketing e divulgação, como eu. Por que pegar uma coisa com a qual gastou uma fortuna — até para meus padrões — e correr o risco de alguma informação vazar ou da campanha ser um fracasso total?”

Ela ergueu os braços com um suspiro.

“Pois é”, rosnei. “Você não pode responder porque não tem como. É uma aposta desnecessária. As pessoas lidando com o lançamento da próxima geração do GenTen comem na minha mão.”

“O que você está dizendo?”

“Que Landon esperou tempo demais para se vingar. Talvez ele não ligue para o fato de você estar comigo. Não sei o que está planejando. No mínimo, está nos colocando numa posição em que não podemos dividir informações um com o outro.”

Ela franziu o cenho. “E qual é a diferença para como nosso relacionamento funciona normalmente?”

“Não faz isso.” Fechei as mãos, frustrado com aquela teimosia. “Não transforme numa discussão sobre nós, quando deveria ser sobre ele. Não vou deixar Landon se aproveitar de você por minha causa.”

“Não estou dizendo que você está errado! Se tivesse me falado isso, eu teria tomado a decisão certa por minha conta. Em vez disso, tirou de mim um emprego que eu amo!”

“Espera aí. E que decisão seria essa?”

“Não sei.” Ela me lançou um sorriso frio e ríspido que fez meu sangue gelar. “E agora a gente nunca vai saber.”

Eva me deu as costas.

“Para.”

“Não”, ela gritou por cima do ombro. “Vou me vestir. E depois vou embora.”

“Nem pensar.” Eu a segui até o banheiro.

“Não posso ficar perto de você agora, Gideon. Não quero nem olhar pra você.”

Minha cabeça estava fervilhando, procurando algo para dizer que pudesse acalmá-la. “Mark ainda não aceitou.”

Ela balançou a cabeça e pegou uma bermuda na gaveta. “Mas vai aceitar. Tenho certeza de que é uma proposta irrecusável.”

“Vou retirar a proposta.” Minha nossa. Eu ia voltar atrás numa decisão, o que era muito

irritante, mas ela estava tão furiosa que não adiantava. Eva nunca estivera tão distante. Longe e intocável. Depois da noite mais erótica que já tínhamos experimentado, quando estivemos mais próximos do que nunca, aquela atitude era insuportável.

"Não perca seu tempo, Gideon. O mal já está feito. Mas você vai ganhar um excelente funcionário que só vai acrescentar ao seu time." Ela vestiu a bermuda e entrou no closet.

Eu estava logo atrás dela, e bloqueei a saída enquanto Eva calçava o chinelo. "Que merda, escuta o que estou falando. Eles estão atrás de você. Todos eles. Estão tentando me atingir através de você. E estou fazendo o melhor que posso, Eva. Estou tentando proteger a gente do único jeito que sei."

Ela parou, virando-se para mim. "Esse é o problema. Esse jeito não funciona comigo. E *nunca* vai funcionar."

"Eu estou *tentando*, porra!"

"Tudo o que você tinha que fazer, Gideon, era falar comigo. Eu já estava chegando lá. Trabalhar com a Crossroads era só o primeiro passo. Eu ia acabar decidindo trabalhar com você, mas então você veio e tirou isso de mim. Tirou isso de nós dois. E nunca vamos ter isso de novo."

A firmeza em seu tom me deixou louco. Eu conseguia lidar com a discussão quando ela pendia para um lado. Era capaz de mudar de estratégia sob pressão. Mas não suportava quando perdia o controle. Quando fizemos nossos votos, eu tinha tomado a decisão irrevogável de abdicar de tudo — minha ambição, meu orgulho, meu coração — para ficar com ela. Se não pudesse fazer aquilo, não tinha nada.

"Não jogue isso na minha cara agora, meu anjo", alertei. "Toda vez que falei de trabalharmos juntos, você recusou."

"Então você resolveu passar por cima de mim com um trator?"

"Eu ia te dar um tempo! Tinha um plano. Ia te seduzir com as possibilidades, deixar você decidir que a melhor maneira de desenvolver seu potencial era comigo."

"Pois deveria ter seguido o plano. Sai da minha frente."

Não me movi. "Como eu podia ter seguido o plano com as últimas semanas que a gente teve? Enquanto você está se sentindo injustiçada, pensa no que eu passei. Brett, aquela merda do seu vídeo com ele, Chris, meu irmão, terapia, Ireland, minha mãe, Anne, Corinne, o filho da puta do Landon…"

Eva cruzou os braços. "Você tem que lidar com tudo isso sozinho, né? Sou mesmo sua mulher, Gideon? Não sou nem sua amiga. Aposto que Angus e Raúl sabem mais da sua

vida do que eu. Arash também. Sou só uma bocetinha pra você comer.”

“Cala a boca.”

“Melhor sair da minha frente antes que a coisa fique feia.”

“Não posso deixar você ir embora. Sabe disso. Não desse jeito.”

Ela cerrou os dentes. “Você está me pedindo uma coisa que não tenho agora. Estou vazia, Gideon.”

“Meu anjo…” Estiquei o braço na direção dela, com o peito tão apertado que doía respirar. A desolação no rosto de Eva estava me matando. Eu acabaria com qualquer um que a tivesse feito se sentir daquele jeito, mas o culpado era eu. “Que diferença faria se você tivesse tomado essa decisão sozinha?”

“Melhor parar de falar”, ela disse asperamente. “Cada palavra que sai da sua boca me faz pensar que estamos tão distantes um do outro nesse assunto que talvez fosse melhor nem ter casado.”

Se ela tivesse me apunhalado no peito não teria doído tanto. O ar no closet ficou quente e abafado, ressecando minha garganta e fazendo meus olhos arderem. O chão pareceu tremer sob meus pés, com a base da minha vida mudando, Eva se afastando cada vez mais de mim.

“Me diz o que fazer”, sussurrei.

Seus olhos brilharam. “Me deixa sair. Me dá um pouco de espaço para pensar. Uns dias…”

“Não. *Não!*” O pânico me invadiu com tanta força que tive que me agarrar ao umbral da porta para permanecer de pé.

“Umas semanas talvez. Afinal preciso procurar um novo emprego.”

“Não posso”, arfei, sem fôlego. Um aro preto cobriu minha visão até que Eva se tornasse um pontinho de luz. “Pelo amor de Deus, outra coisa, Eva!”

“Tenho que pensar no que fazer agora.” Ela esfregou a testa, agitada. “E não consigo com você me olhando desse jeito. Não consigo…”

Ela passou por mim, e eu a segurei pelos braços, beijando, murmurando, sentindo que tinha amolecido por um instante. Experimentei o gosto de sua boca, de suas lágrimas. Ou talvez fossem minhas.

Eva levou as mãos aos meus cabelos, segurando-os com força, puxando-me. Então virou a cabeça, interrompendo o beijo.

“Crossfire”, ela soluçou, e a palavra explodiu feito um tiro.

Soltei-a abruptamente, cambaleando para trás, embora minha mente estivesse gritando, pedindo para não largá-la.

Eu a deixei ir, e ela foi.

A brisa do mar sopra no meu cabelo, e eu fecho os olhos, absorvendo a sensação do impacto contra minha pele. O ir e vir ritmado das ondas e os lamentos estridentes das gaivotas me ancoram a este momento, a este lugar.

Estou em casa de um jeito que não experimento há muito tempo, embora tenha passado só uns poucos dias aqui. É *um lugar que só dividi com Eva, então todas as minhas memórias estão impregnadas dela, como a areia recebe os raios do sol. E, como a areia, fui reduzido a pó pelas forças ao meu redor. E, como o sol, Eva trouxe alegria e calor à minha existência.*

Ela se junta a mim na varanda, ficando de pé atrás de mim. Sinto sua mão em meu ombro, então sua bochecha descansa em minhas costas nuas.

“Meu anjo”, murmuro, e pouso umas das mãos sobre a dela.

É disto que precisamos, voltar a este lugar. Nosso esconderijo quando o mundo está contra nós, tentando nos separar. Aqui, podemos curar um ao outro.

O alívio me invade. Ela voltou. Estamos juntos. Ela entende agora por que fiz o que fiz. Ficou com tanta raiva, tão magoada. Por um instante, tive medo de ter destruído a coisa mais preciosa da minha vida.

“Gideon”, ela sussurra, com aquela voz rouca e sensual. Então passa um dos braços ao redor da minha cintura.

Deito a cabeça e deixo o poder do seu amor me invadir. Ela desliza os dedos por meu quadril, então segura meu pau. Acariciando-o da base à cabeça. Fica duro e grosso, pronto para ela. Vivo para servi-la, para lhe dar prazer. Como poderia duvidar disso?

Um gemido surge das profundezas da minha alma, o desejo que sempre sinto por ela se espalhando pelo corpo. O líquido pré-ejaculatório começa a sair da cabeça inchada do meu pau, minhas bolas ficam cheias e pesadas.

Eva desce a mão ao longo das minhas costas, empurrando-me gentilmente, fazendo com que eu me debruce para ela.

Obedeço, porque quero que veja que me possui. Quero que entenda que eu faria qualquer coisa, daria qualquer coisa para fazê-la feliz e mantê-la em segurança.

Sua mão desliza ao longo da minha coluna, massageando-me de leve. Seguro-me ao corrimão grosso e abro as pernas para ela.

Agora, ambas as suas mãos estão entre minhas coxas, e ela está arfando junto às minhas costas. Ela me masturba com gestos firmes e habilidosos. Mais forte do que o normal. Com urgência. Com a outra mão, massageia meus testículos, deixando-me louco.

A mão em meu pau começa a deslizar com o líquido pré-ejaculatório que passa a jorrar de mim continuamente. O ar salgado me envolve, esfriando a camada de suor que cobre minha pele.

"Eva…" Sussurro seu nome, ardendo de desejo, apaixonado.

Seus dedos, agora molhados e sempre muito ágeis, deslizam por minha bunda e brincam com a abertura do meu ânus. A sensação é boa, embora eu não queira aquilo. A mão massageando meu pau torna difícil respirar, pensar, lutar contra aquilo…

"Isso", ela insiste.

Tento me afastar, mas Eva está com meu pau na mão.

"Não", digo a ela, tremendo.

"Você gosta", Eva murmura, brincando com meu pau, um toque que desejo e ao qual não posso resistir. "Mostre o quanto me quer."

Ela enfia dois dedos no meu ânus. Eu grito, contorcendo-me, mas ela está me esfregando e metendo, tocando o ponto que me faz querer gozar mais do que tudo. O prazer aumenta, apesar das lágrimas que queimam meus olhos.

Minha cabeça pende para a frente. Sinto o queixo tocando o peito. Está vindo. Estou gozando. Não posso parar. Não com ela…

Os dedos dentro de mim ficam mais grossos, mais compridos. O ritmo se torna frenético, e a sensação de pele contra pele abafa o barulho do mar. Ouço um gemido grave e gutural, mas não é meu. Tem um pau dentro de mim, me fodendo. Dói, mas é uma dor carregada de um prazer doente e indesejado.

"Continue mexendo", ele arfa. "Você está quase lá."

A agonia explode em meu peito. Eva não está mais aqui. Foi embora. Me deixou.

Sinto o vômito na garganta. Empurro-o para longe violentamente e ouço-o bater contra a porta atrás de nós, estilhaçando o vidro. Hugh ri histericamente, e eu me viro para

encará-lo; ele está em meio aos cacos de vidro, o cabelo tão vermelho quanto seu sangue, os olhos iluminados por uma cobiça sensual e vil.

"Você achou que ela ia querer você?", ele provoca, levantando-se com dificuldade. "Você contou tudo. Quem ia querer ficar com você depois disso?"

"Vai se foder!" Eu me jogo contra ele, derrubando-o de novo. Com o punho cerrado, acerto seu rosto diversas vezes.

Os cacos de vidro me cortam, mas a dor não é nada comparada com o que sinto por dentro.

Eva foi embora. Eu sabia que um dia isso ia acontecer, que não seria capaz de mantê-la comigo. Sempre soube, mas tinha esperanças. Não podia lutar contra a esperança.

Hugh não para de rir. Sinto seu nariz quebrar. O osso da maçã do rosto, a mandíbula. Suas risadas se transformam em gorgolejos, mas ele ainda ri.

Puxo a mão para me preparar para mais um murro…

E é Anne quem está debaixo de mim, o rosto tão desfigurado que quase não a reconheço. Horrorizado com o que acabei de fazer, afasto-me, colocando-me de pé. O vidro fura meus pés.

Anne ri, o sangue jorrando do nariz e da boca e se espalhando pela casa que um dia fora um santuário. Manchando tudo, encobrindo o sol até só haver uma lua de sangue…

Acordei com um grito na garganta, o cabelo e a pele encharcados de suor, a escuridão me sufocando.

Esfregando os olhos, girei de lado e fiquei de quatro, soluçando. Rastejei na direção da única luz que via, aquele fraco brilho prateado como meu único guia.

O quarto. Minha nossa. Eu tinha desabado no chão, torturado pelas lágrimas. Tinha dormido no chão do closet, incapaz de me mover depois que Eva fora embora, apavorado de dar um passo na vida, em qualquer direção que fosse, sem Eva.

Na escuridão do quarto, o relógio brilhou.

Era uma da manhã.

Um novo dia. E Eva ainda estava longe de mim.

"Você chegou cedo hoje."

A voz animada de Scott me fez desviar o olhar da foto de Eva mandando beijos em minha mesa.

“Bom dia”, cumprimentei, sentindo-me como se ainda estivesse vivendo um pesadelo.

Tinha ido para o escritório um pouco antes das três da manhã, incapaz de dormir ou de procurar Eva. Bem que eu queria — ir atrás dela era exatamente o que eu teria feito, e nada me manteria longe dela. Mas, quando rastreei seu telefone, vi que estava na cobertura dos Stanton, um lugar em que não podia entrar. A angústia daquilo, de saber que ela estava se afastando de mim deliberadamente, me corroeu por dentro feito ácido.

Eu não podia ficar em casa e seguir com a rotina, preparar-me para o trabalho sem Eva. Era mais fácil voltar à vida que levava antes, ir para o escritório com a lua alta no céu, encontrar paz no lugar em que eu tinha o controle.

Mas não havia paz alguma. Só o tormento de saber que ela estava no mesmo prédio que eu naquele momento, tão perto e mais longe do que jamais estivera.

“Mark Garrity estava esperando na recepção quando cheguei”, Scott continuou. “Ele disse que vocês combinaram de conversar hoje.”

Senti um nó na garganta. “Pode mandar entrar.”

Afastei a cadeira e fiquei de pé. Não pensava em nada além de Eva e da proposta que eu havia feito a Mark, tentando imaginar como deveria ter agido. Conhecia Eva muito bem. Contar a ela sobre Ryan Landon não a teria feito sair da Waters Field & Leaman, da mesma forma que falar a respeito de Anne não a faria tomar mais cuidado.

Ela teria enfrentado tudo de peito aberto, rugindo feito uma leoa para me defender, incapaz de notar o perigo que corria. Era seu jeito, e eu a amava por isso, mas também queria protegê-la quando fosse necessário.

“Mark.” Estendi a mão assim que ele entrou, sabendo imediatamente que ia aceitar. Mark transmitia uma energia diferente, com os olhos iluminados de ansiedade.

Concordamos que ele começaria em outubro, o que dava à Waters Field & Leaman quase um mês de aviso prévio. Ele queria trazer Eva, e eu o encorajei a fazer uma proposta, mesmo duvidando que ela aceitasse. Mark então contestou alguns pontos da proposta, e eu negociei com ele por instinto, mantendo-o sob controle sem pensar muito.

No final, saiu feliz e satisfeito com as alterações, enquanto meu medo de que Eva não me perdoasse só crescia.

A segunda-feira se transformou em terça. Havia apenas três momentos por dia em que eu sentia que havia alguma vida dentro de mim — às nove, quando sabia que Eva tinha chegado ao trabalho, na hora do almoço e depois às cinco, quando ela encerrava o dia. Aguardei com uma esperança infinita que entrasse em contato comigo. Que ligasse ou se comunicasse de alguma forma. Outra briga terrível teria sido melhor do que aquele silêncio doloroso.

Mas ela não me ligou. Tudo o que podia fazer era observá-la pelos monitores de segurança, devorando a visão de Eva chegando e saindo como alguém que morre de fome, mas com medo de me aproximar e arriscar aumentar o abismo entre nós.

Passava noites no escritório, com medo de ir para casa. Com medo do que faria se entrasse em qualquer uma das casas que dividira com ela. Mesmo a sala no trabalho era um tormento, o sofá em que transara com ela era uma lembrança inescapável do que tinha acontecido. Tomava banho no banheiro do escritório e colocava um dos muitos ternos que guardava ali.

Nunca achara estranho morar ali antes. Agora, estava tomado por emoções que não podia expressar, só então compreendendo o espaço que Eva ocupava em minha vida.

Ela passou a noite nos Stanton de novo, preferindo ficar com a mãe a correr o risco de ter que lidar comigo.

Mandei diversas mensagens, o tempo todo. Implorei que me ligasse. Só preciso ouvir sua voz. Mandei comentários aleatórios. Está mais frio hoje, né? Sobre o trabalho. Nunca tinha notado que Scott só usa azul. E, principalmente, Eu te amo. Por alguma razão, era mais fácil digitar aquelas palavras do que dizê-las. E eu as digitei bastante. Várias vezes. Não queria que ela esquecesse. Com todos os meus defeitos e todas as minhas mancadas, tudo o que eu fazia, pensava ou sentia estava relacionado a meu amor por ela.

Às vezes eu ficava louco, odiava o que Eva estava fazendo comigo. Com a gente. Que merda! Me liga. Para de me torturar.

“Você está um lixo”, Arash disse, observando-me enquanto eu revisava o contrato que ele acabara de colocar na mesa. “Está doente?”

“Estou bem.”

“Cara, você não está nada bem.”

Lancei um olhar severo na direção dele, calando sua boca.

Eram quase seis, e eu estava a caminho do consultório do dr. Petersen quando Eva enfim entrou em contato.

Tb te amo.

As palavras dançaram diante de meus olhos ardentes. Escrevi uma resposta com dedos trêmulos, quase tonto de alívio. Estou com tanta saudade. A gente pode conversar, por favor? Preciso te ver.

Ela não me respondeu antes de eu chegar ao consultório, o que me deixou de mau humor e violento. Eva estava me punindo da pior maneira possível. Eu tremia feito um viciado, desesperado por uma dose dela para ficar bem. Para pensar.

"Gideon." O dr. Petersen me cumprimentou da porta da sala com um sorriso que logo desapareceu. Seu cenho foi tomado por uma sombra de preocupação. "Você não parece bem."

"Não estou", respondi.

Ele apontou calmamente para o sofá, mas permaneci de pé, fervilhando por dentro, pensando em ir embora atrás da minha mulher. Não podia mais suportar aquilo. Era demais para mim.

"Talvez a gente devesse sair para caminhar de novo", ele disse. "Eu bem que podia esticar as pernas."

"Liga pra Eva", ordenei. "Manda ela vir pra cá. Ela vai ouvir você."

Ele piscou pra mim, confuso. "Algum problema?"

Tirei o paletó e joguei no sofá. "Ela está sendo irracional! Não quer me ver… Não fala comigo. Como a gente vai fazer as coisas funcionarem se não estamos nem nos falando?"

"Boa pergunta."

"Isso mesmo, porque *eu* sou capaz de raciocinar! Já ela está completamente fora de si. Não pode continuar fazendo isso. Você tem que fazer Eva vir aqui. Você tem que fazer Eva falar comigo."

"Tudo bem. Mas primeiro tenho que entender o que aconteceu." Ele sentou. "Não vou ser muito útil se não souber a história toda."

Apontei para ele. "Não me vem com esses joguinhos psicológicos. Agora não."

"Acho que estou sendo tão racional quanto você", ele disse suavemente. "Também quero que as coisas funcionem entre os dois. Acho que sabe disso."

Exalando pesadamente, sentei na beirada do sofá, então enterrei a cabeça nas mãos.

Pulsava com ferocidade, latejando para a frente e para trás.

“Vocês estão brigados”, ele disse.

“Sim.”

“Quando foi a última vez que falou com ela?”

Engoli em seco. “Domingo.”

“E o que aconteceu no domingo?”

Contei a ele. Veio tudo de uma vez só, enquanto o dr. Petersen rabiscava freneticamente no tablet. As palavras jorravam numa purgação furiosa, deixando-me vazio e exausto.

Ele continuou a escrever por alguns minutos depois que terminei de falar, então ergueu o rosto para mim. Vi compaixão em seus olhos, e fiquei com um nó na garganta.

“Você fez Eva perder o emprego”, ele observou. “Um emprego que ela disse a nós dois que ama. Entende por que ela está magoada, não?”

“Entendo. Mas eu tinha meus motivos. Motivos que ela compreende. É isso que não entendo. Ela sabe e ainda assim me ignora.”

“Não tenho certeza se *eu* entendo por que você não discutiu isso com Eva antes. Acha que pode me explicar?”

Esfreguei a nuca, onde os músculos tensos pareciam cabos de aço. “Ela teria ficado nervosa, preocupada”, murmurei. “Ia demorar para aceitar. Enquanto isso, tinha que controlar um monte de merda. Vinda de todos os lados.”

“Vi a notícia do livro de Corinne Giroux sobre você.”

“Ah, é.” Abri um sorriso cínico. “Ela provavelmente tirou a ideia do clipe de ‘Golden’, do Six-Ninths. E Landon se aproximou de Eva quando eu não estava prestando atenção. Não podia dar a ele outra oportunidade de me atingir, com tudo com que estamos tendo que lidar agora.”

O dr. Petersen assentiu. “Você está sob muita pressão. Não acha que Eva pode ajudar com as decisões que tem que tomar? Tem que entender que as brigas dela com a mãe em geral vêm do fato de que nunca foi consultada antes de as decisões serem tomadas.”

“Sei disso.” Tentei articular meus pensamentos caóticos. “Mas preciso cuidar dela. Depois de tudo por que passou…”

Apertei os olhos. Sabendo que às vezes nem conseguia pensar no que Eva tinha sofrido. “Tenho que ser forte por ela. Tomar decisões difíceis.”

“Gideon, você é um dos homens mais fortes que conheço”, ele disse baixinho.

Abri os olhos e o encarei. “Você não me viu como ela me viu.”

Chorando feito uma criança. Brutalizado pela memória. Masturbando-me inconsciente. Violento durante o sono. Fraco, muito fraco. Incapaz.

“Acha que ela duvida de você porque deixou que visse seu lado vulnerável? Não parece com a Eva que eu conheço.”

Senti os olhos arderem. “Você não sabe de tudo. Você só… não sabe.”

“Mas Eva sabe. E ela casou com você assim mesmo. Ela te ama — e muito — independentemente do que sabe.” Ele me ofereceu um sorriso gentil que de alguma forma me cortou como uma navalha. “Uma vez você me perguntou se ter um relacionamento significava ter que ceder. Você se lembra disso?” Assenti. “Ceder significa que você não tem que ser sempre o mais forte, Gideon. Pode carregar o peso de vez em quando, e pode deixar que Eva carregue em outros momentos. Casamento não é ser forte como indivíduo. É ser forte em conjunto e se dar ao luxo de dividir a carga com alguém.”

“Eu…” Baixei a cabeça de novo. Eva tinha dito a mesma coisa. “Estou tentando. Juro por Deus que estou tentando.”

“Sei que está.”

“Ela tem que me aceitar de novo. Tem que voltar pra mim. Preciso dela. Está me matando com isso. Está acabando comigo.” Olhei para minhas mãos, para as alianças que tinha me dado e que me tornavam dela. “O que eu faço? Me diz o que fazer.”

“Eva precisa saber que você está disposto a mudar. Ela quer ver você demonstrando isso com atitudes. Você não vai deparar com decisões grandes assim com muita frequência, então talvez ela adote uma postura de ‘ver pra crer’. O que vai ser difícil pra você, acho. Muito difícil.”

Assenti lentamente, mas não podia esperar mais. Se Eva precisava de uma prova de que eu faria qualquer coisa para ficar com ela, era isso que daria à minha mulher.

Fechei as mãos em punho. Mantive os olhos fixos no tapete sob meus pés. “Eu fui…”, limpei a garganta. “O terapeuta. O que me atendia quando eu era criança.”

“Sim?”

“Ele… ele abusou de mim. Por quase um ano. Ele… me estuprou.”

20

Estou com tanta saudade. A gente pode conversar, por favor? Preciso te ver.

“Ainda olhando pra essa mensagem?”, Cary perguntou, rolando na cama ao meu lado e encostando a cabeça na minha.

“Não consigo dormir.” Era uma tortura ficar longe de Gideon. Tinha passado cada minuto — acordada ou dormindo — com a sensação de que alguém tinha arrancado meu coração e deixado um buraco no meu peito.

Olhei para o dossel da cama do quarto de visita da casa da minha mãe. Assim como a sala de estar, aquele quarto havia sido redecorado recentemente. Em tons de creme e verde-musgo, o cômodo transmitia tranquilidade, e era muito elegante. O quarto em que Cary estava tinha um ar mais masculino, com tons de cinza e azul-marinho, e móveis de madeira escura que ficavam no espectro oposto ao das peças brancas e douradas que compunham o meu.

“Quando você vai falar com ele, gata?”

“Logo. Eu só…” Levei o telefone ao peito e o apertei junto do coração. “Acho que nós dois precisamos de um tempo.”

Era tão difícil pensar quando Gideon e eu estávamos brigados. Odiava aquilo.

E era pior porque ele tinha feito merda. E, como tudo o que fazia, tinha sido uma merda espetacular. Não conseguia imaginar como ia conseguir perdoá-lo e continuar vivendo comigo mesma. Por outro lado, não podia imaginar como ia seguir em frente sem ele e continuar vivendo, ponto. Sentia-me morta por dentro. A única coisa que me fazia continuar era a crença de que de alguma forma íamos contornar aquilo e ficar juntos. Como poderia ser diferente? Como eu ia me entregar tanto a uma pessoa e depois deixá-la?

Pensei no conselho que tinha dado a Trey e como estávamos os dois diante da mesma decisão — escolher entre o amor ou nós mesmos. Tinha tanta raiva de Gideon por me forçar a escolher. Já reconhecera que certas situações me empurravam para aquela decisão, mas nunca achara que meu próprio marido faria aquilo.

E por que as duas coisas tinham que ser excludentes? Não era justo.

“Você está passando o cara por um moedor de carne”, Cary observou, embora não fosse

necessário.

“A culpa é *dele*, não minha.” Gideon havia roubado algo muito precioso de mim, mas, pior que isso, havia roubado algo precioso de nós dois: minha liberdade de escolha e a confiança que depositava nele por respeitá-la. Depois daquela última noite juntos… de como eu havia me entregado e confiado nele… E Gideon já tinha falado com Mark. A sensação de traição partia meu coração. “Obrigada por ficar comigo.”

Cary deu de ombros. “Gosto de Stanton. Não é trabalho nenhum ficar na casa dele alguns dias. Mas *um dia* a gente vai ter que voltar, né?”

“Não posso me esconder pra sempre.”

“É o que você sempre diz”, ele murmurou. “Pessoalmente, gosto de me esconder. Tirar uma folga e esquecer essa merda toda.”

“Mas a merda fica lá esperando por você.” E, sabendo disso, eu preferia enfrentá-la logo. Tirá-la da frente.

“Dê tempo ao tempo”, ele disse, acariciando meu cabelo.

Virei o rosto e o beijei na bochecha. Tinha chorado rios nos últimos três dias, abraçada a ele à noite. Em alguns momentos era como se seus braços fossem a única coisa me mantendo no lugar.

Tudo doía. Eu estava um lixo, um zumbi vagando pelas ruas vibrantes e agitadas de Nova York.

Onde Gideon estava agora? A dor da separação começava a diminuir? Ou ele estaria tão devastado como eu?

“Mark me pediu para trabalhar nas Indústrias Cross com ele”, eu disse, tentando forçar minha cabeça a pensar em outra coisa.

“Bem, você sabia que isso ia acontecer.”

“Acho que sim, mas foi tão surreal quando ele tocou no assunto.” Suspirei. “Mark estava tão empolgado. Vai receber um aumento gigante. E isso vai mudar as coisas com Steven. Eles vão poder bancar um casamento grande e uma lua de mel e estão procurando apartamento. É difícil esconder meu ressentimento quando tudo isso está sendo tão bom para ele.

“E você vai trabalhar para Gideon?”

“Não sei. Não estava exagerando quando falei que estava a meio caminho de tomar essa decisão por minha conta. Mas agora… Tenho vontade de me candidatar a outra vaga só de birra.”

Cary ergueu os punhos como um boxeador. “Mostra a ele que não é seu chefe.”

“Isso aí.” Dei uns socos no ar também, só para me animar um pouco. “Mas é idiota. Eu nunca vou saber se fui contratada por meu talento ou por causa do nome dele, e se isso é bom ou ruim. De qualquer forma, ainda tenho um mês antes de Mark sair. Posso pensar.”

“Talvez a Waters Field & Leaman resolva manter você. Já pensou nisso?”

“É uma possibilidade. Não tenho certeza de como eu reagiria. Me pouparia de ter que procurar emprego, mas eu não teria Mark, e ele é o motivo pelo qual amo aquele trabalho. Será que ia querer continuar lá sem ele?”

“Você ainda teria Megumi e Will.”

“Verdade”, concordei.

Ficamos num silêncio companheiro por um instante, até que ele disse: “Então parece que você e eu estamos à deriva, no barco dos que não têm a menor ideia do que vai acontecer”.

“Trey *vai* ligar”, afirmei, embora não tivesse ideia do que ele ia dizer quando o fizesse.

“Claro. Ele é um cara legal. Não vai me deixar no vácuo.” Cary parecia tão cansado. “É *o que* ele vai dizer e não *quando* que está me perturbando.”

“Eu sei. O amor devia ser mais fácil que isso”, reclamei.

“Se fosse uma comédia romântica, o título seria *O amor é uma merda*.”

“Talvez a gente devesse ter ficado com *Sex and the City*.”

“Já tentei. Acabou em *Ligeiramente grávidos*. Eu devia ter ido mais na linha de *O virgem de quarenta anos*, mas acho que já era tarde demais pra mim.”

“A gente pode escrever um manual de *Como perder um homem em dez semanas*.”

Cary virou para mim. “Perfeito.”

A quarta de manhã me atingiu como uma ressaca.

Arrumar-me para o trabalho na casa da minha mãe me ajudava a não sentir tanta falta de Gideon. Mas ela não me dava uma folga, não parava de falar do casamento. Até o Stanton, com sua capacidade infindável de ceder aos desejos da minha mãe me dava olhares de simpatia quando estava por perto.

Não conseguia pensar naquilo agora. Não conseguia pensar em nada que não a próxima

hora do dia. Era assim que estava vivendo — uma hora de cada vez.

Quando pisei na calçada, vi Angus esperando por mim no Bentley, em vez de Raúl com a Mercedes. Forcei um sorriso. Estava realmente feliz de vê-lo, mas também apreensiva.

“Bom dia, Angus.” Estiquei o queixo na direção do carro e sussurrei: “Ele está aí?”.

Angus fez que não com a cabeça, então tocou a aba do chapéu. “Bom dia, sra. Cross.”

Apertei seu ombro por um momento antes de entrar e me acomodar no banco traseiro. Em instantes, estávamos no tráfego da manhã em direção ao centro da cidade.

Inclinando-me para a frente, perguntei: “Como ele está?”.

“Pior do que você, imagino.” Angus me olhou por um segundo antes de voltar a atenção para o trânsito. “Ele está sofrendo. Ontem foi a pior noite.”

“Nossa.” Afundei no banco, sem saber o que fazer.

Não queria que Gideon sofresse. Ele já tinha sofrido tanto.

Peguei o celular e mandei uma mensagem. Te amo.

A resposta foi quase imediata. Vou ligar. Atende, pfv.

Um segundo depois meu celular vibrou e a foto dele apareceu na tela. Ver seu rosto depois de passar dias tentando evitar qualquer imagem sua era como levar uma facada no coração. Eu não sabia se conseguiria ser forte. E ainda não tinha as respostas de que ele precisava.

O telefone parou de tocar, e a ligação entrou na caixa postal. Logo em seguida, começou a vibrar novamente.

Atendi, levando o aparelho ao ouvido sem falar nada.

Meus olhos se encheram de água quando ouvi a voz de Gideon, tão áspera que parecia que sua garganta estava seca. O pior foi a esperança com que disse meu nome, numa saudade desesperada.

“Tudo bem se você não falar nada”, ele disse bruscamente. “Eu só…” Gideon exalou profundamente. “Desculpa, Eva. Quero que você saiba que sinto muito e que me disponho a fazer o que você quiser. Só quero consertar isso.”

“Gideon…” Eu o ouvi respirar fundo quando disse seu nome. “Acredito que você sinta muito porque não estamos juntos agora. Mas também acredito que faria tudo de novo. Estou pensando se sou capaz de viver com isso.”

O silêncio pairou entre nós.

“O que isso significa?”, ele perguntou afinal. “Qual seria a alternativa?”

Suspirei, sentindo-me exausta de repente. “Não tenho a resposta. Foi por isso que fiquei longe. Eu queria te dar tudo, Gideon. Nunca quis dizer não pra você, então isso é difícil pra mim. Mas agora tenho medo de ceder, de ficar com você sabendo como é e que também nunca vai mudar. Vou ficar com raiva de você, tenho medo de ver o amor que eu sinto acabar.”

“Eva… Pelo amor de Deus. Não diz isso!” Sua respiração vacilou. “Contei para o dr. Petersen. Sobre Hugh.”

“O quê?” Minha cabeça dava voltas. “Quando?”

“Ontem. Contei tudo. Sobre Hugh, Anne. Ele vai me ajudar, Eva. Ele falou algumas coisas…” Gideon fez uma pausa. “O que disse fez sentido. Sobre mim e o jeito como trato você.”

“Ah, Gideon.” Podia imaginar como devia ter sido difícil para ele. Eu mesma presenciara a mesma confissão. “Estou muito orgulhosa de você. Sei que não foi fácil.”

“Você tem que continuar comigo. Você prometeu. Avisei que ia estragar tudo. E vou estragar de novo. Não sei que merda estou fazendo, mas… *eu te amo*. Eu te amo tanto. Não vou conseguir sozinho. Você está acabando comigo, Eva. Não…” Ele emitiu um ruído grave e dolorido. “Preciso de você.”

“Ah, Gideon.” As lágrimas escorriam por meu rosto e batiam em meu peito, descendo pelo decote do vestido. “Também não sei o que estou fazendo.”

“A gente não pode descobrir juntos? Não somos melhores — *mais fortes* — juntos?”

Limpei o rosto, sabendo que a maquiagem estava arruinada, mas sem dar a mínima. “É isso que eu quero. Mais que tudo. Só não sei se vamos conseguir. Você nunca me deixa decidir as coisas com você. Nunca.”

“Se eu deixasse… quando eu deixar — e eu *vou* deixar — você volta pra mim?”

“Não abandonei você, Gideon. Não sei como.” Olhei pela janela e vi um casal de jovens se beijando diante de uma porta giratória, depois o homem foi embora às pressas. “Mas, se formos um time, nada vai me manter longe de você.”

“Ouvi dizer que vocês levaram a campanha da PhazeOne.”

Tirei minha atenção do café que estava adoçando e fitei Will. “Não fiquei sabendo.”

Ele abriu um sorriso, os olhos brilhando atrás dos óculos. Era um cara tão feliz, num relacionamento sólido que funcionava. Eu tinha tanta inveja daquela serenidade. Sentira aquilo apenas algumas vezes desde que conhecera Gideon, e sempre era… felicidade pura. Não seria perfeito se pudéssemos alcançar aquele estágio e *permanecer* nele?

"É o que dizem por aí", ele confirmou.

"Cara." Dei um suspiro exagerado. "Sou sempre a última a saber."

Minha atuação aquela semana era digna de um Oscar. Entre a empolgação de Mark, a mudança iminente de minha situação profissional, a TPM e a confusão que era minha vida pessoal, eu estava usando cada grama de energia que ainda tinha para parecer calma. Por isso, evitava as fofocas das panelinhas do escritório para reduzir o contato com os outros. Havia um limite de felicidade e contentamento que era capaz de fingir.

"Mark vai me matar por contar." Will não parecia sentir um pingo de remorso. "Mas queria ser o primeiro a parabenizar você."

"Obrigada. Acho."

"Estou doido pra colocar as mãos naquele sistema, sabia? Os blogs de tecnologia estão alucinados com os rumores sobre os recursos." Ele se reclinou contra a bancada ao meu lado e me lançou um olhar esperançoso.

Sacudi o indicador na direção dele. "Pois eu não vou contar nada pra você."

"Droga. A esperança é a última que morre." Ele deu de ombros. "Provavelmente vão trancar você numa solitária até a data do lançamento, só pra segurar as informações."

"É de se perguntar por que decidiram contratar uma agência externa, não é?"

Ele franziu a testa. "É. Talvez. Não tinha pensado nisso."

Nem eu. Mas Gideon tinha.

Dei uma olhada na minha caneca, mexendo o café distraída. "Tem um GenTen novo saindo aí."

"Ouvi falar. Mas esse é óbvio que todo mundo vai comprar."

Flexionando os dedos, fitei minha aliança de casamento e pensei nos votos que tinha feito quando a aceitara.

"Tem algum plano para o almoço?", ele perguntou.

Peguei minha caneca e olhei para Will. "Tenho, vou sair com Mark e o noivo dele."

"Ah, claro." Ele se aproximou da máquina de café quando dei licença. "Talvez a gente devesse sair para beber alguma coisa depois do trabalho essa semana. Levar nossos

respectivos. Se Gideon topar. Sei que ele é um cara ocupado.”

Abri a boca. Fechei novamente. Will dera a desculpa perfeita para não incluir Gideon. Eu podia aproveitá-la, mas queria dividir minha vida social com meu marido. Queria que ele estivesse comigo. Se começasse a excluí-lo da minha vida, não seria o princípio do fim?

“Boa ideia”, menti, imaginando uma noite carregada de tensão. “Vou falar com ele. Ver o que a gente pode fazer.”

Will assentiu. “Legal. Me avisa.”

“Tenho um problema.”

“Ah é?” Fitei Mark do outro lado da mesa.

O restaurante cubano que Steven escolhera era grande e popular. A luz do sol entrava por uma imensa claraboia, e o ambiente era decorado com murais coloridos de papagaios e palmeiras. A música animada me fazia sentir como se estivesse de férias em algum lugar exótico, enquanto o cheiro forte dos temperos fazia minha barriga roncar pela primeira vez em muitos dias.

Esfreguei as mãos. “Vamos resolver então.”

Steven assentiu. “Eva tem razão. Desembucha.”

Mark colocou o cardápio de lado e apoiou os cotovelos na mesa. “O sr. Waters me falou hoje de manhã para começar a trabalhar no briefing da LanCorp.”

“Aê!” Aplaudi.

“Não tão rápido. Tive que avisar que ia sair. Estava torcendo para poder adiar até sexta-feira, mas eles precisam de alguém que acompanhe o cliente o projeto inteiro, e não só no primeiro mês.”

“É verdade”, concordei, o sorriso desaparecendo. “Que saco.”

“Uma droga, mas…” Mark deu de ombros. “A vida é assim. Aí ele chamou os outros sócios. E eles me disseram que quando a diretoria da LanCorp falou com a agência pela primeira vez, insistiu que eu chefiasse a campanha. E agora estão preocupados de perder se eu não for tocar a conta.”

Steven abriu um sorriso e deu um tapinha em seu ombro. “É bom ouvir isso!”

Mark riu meio sem jeito. “É, com certeza foi um estímulo. Mas enfim, eles me

ofereceram uma promoção e um aumento se eu ficar.”

“Uau.” Recostei-me na cadeira. “Que belo estímulo.”

“Eles não podem me oferecer a mesma coisa que Cross. Nem metade, mas cá entre nós ele está pagando muito acima da média.”

“Você que pensa”, Steven comentou com desdém. “Você vale cada centavo.”

Concordei com ele, embora só tivesse uma vaga ideia da proposta que Gideon havia feito. “Também acho.”

“Fico me sentindo como se devesse alguma coisa à Waters Field & Leaman.” Mark esfregou o queixo. “Eles têm sido bons para mim e querem que eu fique, mesmo sabendo que pensei em sair.”

“Você deu a eles anos de bom trabalho”, Steven rebateu. “Já fez muito por esses caras. Não deve nada a ninguém.”

“Sei disso. Estava com a consciência tranquila, porque sei que eles preencheriam a vaga rapidinho. Mas me sentiria mal se perdessem a campanha da LanCorp.”

“Mas essa decisão não cabe a você”, afirmei. “Se a LanCorp não ficar com a agência, é problema deles.”

“Tentei ver por esse lado também. Mas não é algo que eu queira ver acontecer.”

O garçom veio anotar nosso pedido. Olhei para Steven. “Quer escolher?”

“Claro.” Ele olhou para Mark, que assentiu de leve com a cabeça. Steven fez o pedido.

Esperei até que o garçom tivesse saído antes de continuar a falar, ainda sem saber como dizer o que tinha que ser dito. No final, decidi ir direto ao ponto. “Não posso trabalhar na campanha da PhazeOne.”

Mark e Steven olharam para mim.

“Olha, os Landon e os Cross têm uma história antiga”, expliquei, “e é feia. Gideon está preocupado, e entendo por quê. Acho que tenho que tomar cuidado.”

Mark franziu a testa. “Landon sabe quem você é. Ele não tem problema nenhum com isso.”

“Eu sei. Mas o PhazeOne é um projeto importante. O risco é enorme, e não quero contribuir com isso.” Era difícil admitir que Gideon estava certo, porque sabia que eu também estava. O que nos deixava num impasse que não conseguia resolver.

Steven se aproximou de mim para examinar meu rosto. “Você está falando sério.”

“Infelizmente estou. Não que isso afete sua decisão, Mark, mas achei que tinha que avisar.”

“Não sei se estou entendendo”, ele disse.

“Ela está dizendo que se você ficar na agência além do dinheiro vai perder sua assistente”, Steven esclareceu. “Ou pode se mudar para as Indústrias Cross, como já disse que faria, e ficar com o dinheiro e com ela.”

“Bem…” Era mais difícil do que eu achei que seria. Sabia da história, mas agora estava vivendo aquilo na pele: Qualquer mulher que largava um emprego que amava por causa de um homem se arrependia mais tarde… O que me fez achar que não aconteceria comigo? “Ainda não posso dizer se vou com você para as Indústrias Cross.”

Mark deixou o corpo cair contra o estofado vermelho do encosto do sofá do restaurante. “A coisa só piora.”

“Não estou dizendo que não vou de jeito nenhum.” Tentei dar a entender que não era nada demais. “Só não tenho certeza se deveria trabalhar com Gideon. Quer dizer, não sei se ele ia ser meu chefe… ou sei lá. Vocês me entendem.”

“Odeio dizer isso”, Steven acrescentou, “mas ela está certa.”

“Isso não me ajuda em nada”, Mark murmurou.

“Desculpa.” Não podia dizer a eles como estava me sentindo de verdade. Nem me achava apta a dar conselhos. Como podia avaliar as opções de Mark sem ser parcial?

“Pelo lado bom”, acrescentei, “você definitivamente está em alta.”

Steven deu uma cotovelada em Mark com um sorriso escancarado nos lábios. “Comigo ele sempre esteve.”

“Então”, Cary disse, passando o braço à minha volta enquanto eu me aninhava a ele, “aqui estamos de novo.”

Mais uma noite na casa da minha mãe. Ela estava começando a suspeitar, considerando que era a quarta vez seguida que dormíamos lá. Confessei que tinha brigado com Gideon, mas não o motivo. Não achava que ela ia entender. Tinha certeza de que acharia perfeitamente normal para um homem na posição dele ter que lidar com os ínfimos detalhes de tudo. E, quanto à possibilidade de eu perder o emprego, por que eu queria trabalhar se não precisava?

Ela não entenderia. Algumas filhas queriam ser iguaizinhas à mãe quando crescessem; outras queriam exatamente o oposto. Minha necessidade de ser a antítese de Monica era o principal motivo por que tinha dificuldade de lidar com o que Gideon fizera. Qualquer conselho que ela me desse só ia piorar as coisas. Eu estava quase tão ressentida com ela quanto com ele.

"Amanhã a gente vai pra casa", eu disse.

Afinal de contas, no mínimo ia ver Gideon no consultório do dr. Petersen. Estava desesperadamente curiosa para saber como ia ser. Não podia deixar de torcer para que ele tivesse dado um passo importante na terapia. Se tinha mesmo acontecido, talvez pudéssemos dar outros passos. Juntos.

Cruzei os dedos.

E eu também tinha que dar crédito a Gideon por ter me dado o espaço que pedira. Ele poderia ter me cercado no elevador ou no saguão do Crossfire. Podia ter pedido a Raúl para me levar direto para ele e não para onde eu quisesse. Gideon *estava* tentando.

"Alguma notícia de Trey?", perguntei.

Era quase um milagre a frequência com que Cary e eu tínhamos o mesmo problema ao mesmo tempo. Ou talvez uma maldição.

"Ele me mandou uma mensagem dizendo que estava pensando e que ainda não estava pronto para conversar."

"Bem, já é um avanço."

Cary correu a mão pelas minhas costas. "É?"

"Claro que é", respondi. "Estou na mesma situação com Gideon. Penso nele o tempo todo, mas não tenho nada a dizer agora."

"E qual é o próximo passo? Pra onde a gente vai? Quando se decide que se tem alguma coisa a dizer?"

Pensei naquilo por um minuto, assistindo distraída a Harrison Ford procurar por respostas em *O fugitivo*, que estava passando sem som na TV. "Quando alguma coisa muda, acho."

"Quando *ele* mudar, você quer dizer. E se ele não mudar?"

Eu ainda não tinha a resposta e, quando tentei pensar a respeito, dei uma pirada.

Então resolvi fazer uma pergunta a Cary. "Sei que você quer colocar o bebê em primeiro lugar, e é a coisa certa a fazer. Mas Tatiana não está feliz. Nem você. Trey sem

dúvida também não está. Não está funcionando para ninguém. Já pensou em ficar só com Trey e ajudar Tatiana com o bebê?”

Ele riu com desdém. “Ela nunca vai topar. Se está infeliz, todo mundo tem que estar.”

“Não acho que essa decisão caiba a ela. Tatiana é tão responsável pela gravidez quanto você. Não precisa pagar por seus pecados, Cary.” Coloquei a mão sobre o braço que ele repousava no colo, fazendo um carinho de leve com o polegar sobre os cortes na parte interna do antebraço. “Seja feliz com Trey. Faça o cara feliz. E se Tatiana não ficar satisfeita com dois caras maravilhosos cuidando dela então… tem alguma coisa de errado com ela.”

Cary riu baixinho e levou os lábios ao topo da minha cabeça. “Resolva seu próprio problema com tanta facilidade.”

“Quem me dera.” Era o que eu mais queria. Mas sabia que não ia ser fácil.

E meu medo era de que fosse impossível.

Acordei com o celular vibrando.

Quando me dei conta do que era, comecei a procurar por ele às cegas, deslizando as mãos pelo colchão até encontrá-lo. Quando consegui, já tinha parado de tocar.

Apertando os olhos diante da luz forte da tela, vi que eram pouco mais de três da manhã e que Gideon tinha ligado. Meu coração deu um pulo, e a preocupação me fez perder o sono. Tinha dormido de novo abraçada ao telefone, incapaz de parar de ler as muitas mensagens que ele mandara.

Liguei de volta.

“Meu anjo.” Ele atendeu no primeiro toque, com a voz grossa.

“Tudo bem?”

“Tudo. Não.” Ele expirou com força. “Tive um pesadelo.”

“Ah.” Pisquei para o dossel que não podia ver no escuro. Minha mãe era fã de cortinas grossas, que acreditava serem necessárias numa cidade que nunca ficava completamente escura. “Sinto muito.”

Era uma péssima resposta, mas o que mais eu podia dizer? Era inútil perguntar se ele queria conversar a respeito. Ele nunca queria.

“Estou tendo vários esses dias”, ele disse, cansado. “Toda vez que pego no sono.”

Meu coração doeu um pouco mais. Parecia impossível que Gideon pudesse aguentar tanta dor, mas sempre cabia um pouco mais. Ele aprendera aquilo havia muito tempo.

“Você está estressado, Gideon. Também não está dormindo bem.” E, então, porque aquilo tinha que ser dito, acrescentei: “Estou com saudade”.

“Eva…”

“Desculpa.” Esfreguei os olhos. “Acho que não devia ter dito isso.”

Talvez aquilo apenas confundisse tudo e piorasse ainda mais as coisas para ele. Senti-me culpada por estar longe, mesmo sabendo que tinha meus motivos.

“Não, eu preciso ouvir. Estou com medo. Nunca senti tanto medo na vida. Estou apavorado com a possibilidade de você não voltar… de não me dar outra chance.”

“Gideon…”

“Primeiro sonhei com meu pai. A gente estava na praia, e ele segurava minha mão. Tenho sonhado muito com a praia ultimamente.”

Engoli em seco, com o peito doendo. “Talvez signifique alguma coisa.”

“Talvez. Num dos sonhos eu era criança. Tinha que olhar pro alto pra ver o rosto dele. Meu pai estava sorrindo, mas sempre me lembro dele sorrindo. Mesmo quando o ouvia brigando com a minha mãe, o que acontecia bastante no final, não consigo me lembrar dele com outra expressão no rosto que não um sorriso.”

“Tenho certeza de que você o fez feliz. E o deixou orgulhoso. Ele provavelmente sempre sorria quando olhava para você.”

Gideon ficou em silêncio por um minuto, e achei que ia ser só aquilo. Mas então ele continuou: “Vi você mais adiante na praia, andando para longe da gente”.

Rolei de lado, ouvindo atentamente.

“A brisa soprava no seu cabelo, que brilhava com a luz do sol. Achei aquilo lindo. E comentei com meu pai. Queria que você virasse a cabeça para eu ver seu rosto. Sabia que você era linda. Queria que ele te visse.”

As lágrimas inundaram meus olhos e começaram a escorrer no travesseiro.

“Tentei correr atrás de você. Eu puxava meu pai pela mão, mas ele me segurava no lugar, rindo de mim, tentando correr atrás de garotas da minha idade.”

Podia ver a cena nitidamente na cabeça. Quase sentia a brisa fria no cabelo e ouvia as gaivotas gritando. Podia ver o pequeno Gideon na foto que me dera e o atraente e carismático Geoffrey Cross.

Queria um futuro como aquele. Gideon caminhando na praia com nosso filho, que pareceria tanto com meu marido, rindo porque nossos problemas tinham ficado para trás e víamos um futuro feliz diante de nós.

Mas ele chamava aquilo de pesadelo, então eu sabia que o futuro que víamos não era o mesmo.

“Eu estava puxando a mão dele com tanta força”, Gideon continuou, “enterrando os pés na areia para fazer peso. Mas meu pai era muito mais forte que eu. Você estava cada vez mais longe. Ele riu de novo. Só que dessa vez não era a risada dele. Era a risada de Hugh. E, quando olhei para cima, não era mais meu pai que estava ali.”

“Meu Deus, Gideon.” Solucei o nome dele, incapaz de conter a compaixão e a tristeza. E o alívio de que estivesse falando comigo afinal.

“Ele me disse que você não me queria, que estava indo embora porque sabia tudo e tinha nojo. Que não aguentava mais olhar pra mim.”

“Não é verdade!” Sentei na cama. “Você sabe que não é verdade. Eu te amo. E é por causa disso que estou pensando tanto no assunto. *Em nós*.”

“Estou tentando te dar espaço. Mas tenho a sensação de que é muito fácil você me deixar. Um dia depois do outro. Vai montar outra rotina sem mim… Eva, não quero que você me esqueça.”

Falei num sussurro, os pensamentos saindo pela minha boca. “A gente vai dar um jeito, Gideon, eu sei que vai. Mas, quando estou com você, eu me perco em você. Só quero ficar com você e ser feliz, então adio as coisas, deixo que corram soltas. Fazemos amor, e eu acho que vai ficar tudo bem, porque temos isso e é perfeito.”

“É perfeito. É tudo.”

“Quando você está dentro de mim, olhando para mim, eu me sinto como se a gente pudesse conquistar qualquer coisa. Mas a gente tem que trabalhar muito para isso! Não pode ter medo de lidar com a bagagem, porque não quero me perder de você.”

Ele murmurou baixinho. “Só quero passar um tempo com você sem ter que lidar com essa merda toda!”

“Eu sei.” Esfreguei o peito dolorido. “Mas acho que a gente tem que fazer por merecer. Não podemos fabricar isso, fugindo por um fim de semana ou uma semana inteira.”

“E o que a gente tem que fazer para merecer isso?”

Limpei as lágrimas que secavam em meu rosto. “Hoje foi bom. Você ter me ligado e contado do sonho. Foi um grande passo, Gideon.”

“Então a gente vai continuar dando esses passos. A gente tem que continuar se aproximando ou vai acabar se distanciando. E eu não quero que isso aconteça! Estou lutando aqui, com tudo o que tenho. Luta por mim também.”

Meus olhos arderam com novas lágrimas. Fiquei sentada por um tempo, chorando, sabendo que ele podia me ouvir e que aquilo o machucava.

Por fim, engoli a dor e tomei uma decisão. “Estou indo naquele lugar vinte e quatro horas da Broadway com a 85, tomar um café e comer um croissant.”

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. “O quê? *Agora?*”

“Agora.” Afastei as cobertas e fiquei de pé.

Então ele entendeu. “Tá bom.”

Encerrando a ligação, joguei o telefone na cama e procurei pelo interruptor. Peguei a bolsa de lona e tirei o vestido longo amarelo-claro que tinha enfiado ali porque era fácil de levar e confortável.

Agora que estava decidida a ver Gideon, ficara ansiosa para encontrá-lo logo, mas não perdera a vaidade. Tive o cuidado de pentear o cabelo e passar um pouco de maquiagem. Não queria que me visse depois de quatro dias e se perguntasse por que era tão vidrado em mim.

Meu telefone vibrou com uma mensagem. Corri até ele e li o recado de Raúl: Estou aqui na frente com o carro.

Senti um arrepio correr o corpo. Gideon também estava ansioso para me ver. Mas não dava ponto sem nó.

Joguei o telefone na bolsa, calcei as sandálias e corri para o elevador.

Gideon estava esperando na calçada quando Raúl encostou o carro no meio-fio. Muitas das vitrines estavam escuras e com as persianas baixadas, embora a rua estivesse bem iluminada. Meu marido estava de pé sob a luz do toldo do café, as mãos nos bolsos da calça jeans escura e um boné dos Yankees cobrindo o rosto.

Ele podia ser um jovem qualquer na noite. Atraente, sem dúvida, pelo jeito como seu corpo preenchia suas roupas e pela confiança com que se movia. Eu teria olhado para ele uma segunda vez, e uma terceira. Não era tão intimidante sem os ternos que caiam tão bem nele, mas ainda tinha algo de sombrio e perigoso que me desencorajaria do flerte descompromissado que a maior parte dos homens devastadoramente lindos inspirava.

De calça jeans ou de terno, Gideon Cross não era um homem para ser levado na brincadeira.

Ele chegou ao carro quase antes de Raúl frear completamente, abriu a porta e ficou imóvel, encarando-me com uma sede abrasadora e uma possessividade que dificultava até a respiração.

Engoli em seco, com um nó se formando na minha garganta e um olhar igualmente voraz percorrendo todo o corpo dele. Por mais difícil de acreditar que seja, Gideon estava mais bonito, com as linhas do rosto perfeitamente esculpidas apuradas pelo tormento. Como eu tinha conseguido viver os últimos dias sem ver aquele rosto?

Ele estendeu a mão, e eu a peguei, tremendo em antecipação. O toque de sua pele contra a minha me deixou arrepiada, e meu coração magoado vibrou por entrar em contato com ele de novo.

Gideon me ajudou a sair do carro, então fechou a porta e bateu duas vezes no teto para avisar a Raúl para se afastar. Assim que a Mercedes nos deixou, ficamos a meros trinta centímetros de distância um do outro, o ar faiscando com a tensão entre nós. Um táxi passou buzinando quando outro carro entrou na Broadway sem olhar. O som repentino fez com que tivéssemos um sobressalto.

Ele se aproximou, os olhos sombrios e sensuais sob a aba do boné. “Vou beijar você”, disse de repente.

Então segurou meu queixo e deitou a cabeça, cobrindo minha boca com a dele. Seus lábios, tão macios, firmes e secos, pressionaram os meus. Sua língua deslizou fundo e esfregou a minha, então saiu, e entrou fundo de novo. Ele gemeu como se sentisse muita dor. Ou prazer. Para mim, os dois. O toque quente de sua língua era como uma transa lenta e gostosa. Ritmado, gentil e habilidoso, com a dose exata de paixão contida.

Gemi à medida que o prazer borbulhava pelo meu corpo feito champanhe, o chão me fugindo dos pés de forma que tive que me segurar na cintura dele para não perder o equilíbrio.

Reclamei com um suspiro quando ele se afastou de mim, com os lábios inchados e doloridos, molhada de desejo.

“Você vai me fazer gozar”, ele murmurou, incapaz de se conter, e levando os lábios aos meus uma última vez. “Estou quase lá.”

“Não estou nem aí.”

Ele sorriu, fazendo as sombras desaparecerem. “A próxima vez que eu gozar vai ser dentro de você.”

O pensamento me fez inspirar tremulamente. Queria aquilo, no entanto, sabia que era cedo demais. Que íamos retornar muito facilmente ao padrão pouco saudável que havíamos estabelecido. “Gideon…”

Seu sorriso se tornou pesaroso. “Acho que a gente vai ter que se contentar com um café e um croissant por enquanto.”

Meu amor por ele naquele momento era enorme. Agindo impulsivamente, tirei seu boné e dei um enorme beijo estalado na sua boca.

“Meu Deus”, ele suspirou, com um olhar tão gentil que me deu vontade de chorar de novo. “Senti tanto sua falta.”

Coloquei o boné de volta em sua cabeça e peguei sua mão, conduzindo-o ao redor da grade de metal que separava as cadeiras externas do caminho dos pedestres na calçada. Entramos no café e nos sentamos perto da janela, um de frente para o outro. Não soltamos as mãos, os dedos massageando e acariciando, tocando a aliança um do outro.

Fizemos o pedido assim que a garçonete se aproximou com os cardápios, então voltamos nossa atenção para nós mesmos.

“Não estou nem com fome”, eu disse.

“Não de comida, pelo menos”, ele respondeu.

Lancei um olhar de escárnio na direção dele que o fez sorrir. Então contei sobre a contraproposta que a Waters Field & Leaman fizera a Mark.

Pareceu errado falar de algo tão prático, tão mundano, quando meu coração estava todo bobo de amor e alívio, mas a gente tinha que continuar falando. Não bastava se reconectar; eu queria uma reconciliação total. Queria me mudar com ele para a cobertura depois da reforma, começar nossa vida juntos. Para fazer isso, tínhamos que continuar nos comunicando sobre as coisas que evitáramos falar até então.

Quando terminei, Gideon assentiu com um olhar soturno. “Não me surpreende. Uma conta dessas tem que ser gerenciada por um dos sócios. Mark é bom, mas é um gerente júnior. A LanCorp deve ter pressionado para trabalhar com ele. E com você. O pedido é incomum o suficiente para os sócios ficarem preocupados.”

Pensei na vodca Kingsman. “Você fez a mesma coisa.”

“Fiz, é verdade.”

“Não sei o que ele vai fazer.” Olhei para nossas mãos atadas. “Mas disse a ele que não posso trabalhar na campanha da PhazeOne mesmo que ele fique.” Gideon apertou minhas mãos. “Você tem boas razões para fazer o que fez”, eu disse baixinho, “embora eu não

goste disso.”

Ele respirou fundo. “Se Mark for trabalhar nas Indústrias Cross você vai também?”

“Ainda não sei. Estou muito chateada. A menos que isso mude, não seria um relacionamento de trabalho saudável para nenhum de nós.”

Ele assentiu. “É justo.”

A garçonete voltou com os pedidos. Gideon e eu soltamos as mãos para abrir espaço para ela colocar os pratos. Quando ela se afastou, um silêncio pesou sobre nós. Havia tanto a dizer, mas tanto a decidir antes.

Ele limpou a garganta. “Hoje à noite… Depois da consulta com o dr. Petersen… posso levar você pra jantar?”

“Pode.” Aceitei avidamente, feliz que tivéssemos passado daquele desconforto inicial e estivéssemos agindo. “Vou gostar disso.”

Eu podia ver o alívio suavizar a tensão em seus ombros, e resolvi contribuir para aquilo. “Will me perguntou se a gente topa sair com ele e Natalie essa semana.”

Um sorriso se insinuou nos lábios de Gideon. “Seria ótimo.”

Um passo de cada vez. Íamos recomeçar assim e ver onde isso nos levava.

Afastei a cadeira da mesa e fiquei de pé. Gideon levantou-se depressa, fitando-me com cautela. Contornei a mesa e me sentei na cadeira ao lado dele, então esperei que se sentasse novamente para deitar a cabeça em seu ombro.

Ele passou o braço ao redor de mim e ajeitou minha cabeça em seu pescoço. Quando me aninhei a Gideon, eu o ouvi emitir um som baixinho.

“Ainda estou brava com você”, eu disse.

“Eu sei.”

“E ainda te amo.”

“Graças a Deus.” Ele descansou o rosto no alto da minha cabeça. “O resto a gente resolve. Vamos entrar nos eixos de novo.”

Ficamos sentados juntos, assistindo à cidade acordar. O céu clareou. O ritmo acelerou.

Era um novo dia, trazendo consigo uma nova chance.

Agradecimentos

Uma série de pessoas trabalha comigo para que eu possa escrever, cumprir meus compromissos e manter minha sanidade.

Agradeço a Hilary Sares, que me mantém na linha editando meus livros enquanto escrevo. Minha confiança em você é maior do que imagina.

A Kimberly Whalen, minha extraordinária agente, por tudo o que faz, e especialmente pelo apoio. Sou grata por ter você todos os dias.

A Samara Day, por todo o estresse que tira dos meus ombros. Nem imagino onde estaria sem você.

Aos meus filhos, que toleram minha ausência prolongada enquanto trabalho (e todos os inconvenientes relacionados a isso). Não poderia fazer o que faço sem seu apoio. Amo vocês.

Às pessoas supercompetentes da Penguin Random House: Cindy Hwang, Leslie Gelbman, Alex Clarke, Tom Weldon, Rick Pascocello, Craig Burke, Erin Galloway, Francesca Russell, Kimberley Atkins… e isso para falar só nos Estados Unidos e na Inglaterra. Funcionários da editora trabalham duro por mim também na Austrália, na Irlanda, no Canadá, na Nova Zelândia, na Índia e na África do Sul. Sou grata a vocês por todo o tempo e o esforço dedicados à publicação dos meus livros.

A Liz Pearsons e à equipe da Brilliance Audio pelo trabalho que tanto agradou aos compradores das edições em áudio!

E a todos os meus editores espalhados pelo mundo, que tanto trabalham por mim nos países em que sou publicada. Gostaria de poder agradecer a cada um neste espaço. Saibam que para mim é uma alegria trabalhar com vocês.

Copyright © 2014 by Sylvia Day

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Captivated by You

IMAGEM DE CAPA © Shutterstock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-438-0171-1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

SYLVIA DAY

QUINTO VOLUME DA SÉRIE CROSSFIRE

Todo seu

Mais de 1 milhão de livros da autora vendidos no Brasil



QUINTO VOLUME DA SÉRIE CROSSFIRE

SYLVIA DAY

Todo seu

Tradução
ALEXANDRE BOIDE
JULIANA ROMEIRO

pa ra le la

Para Hilary Sares, que ficou no fogo cruzado comigo
da primeira à ultima palavra.

1

Nova York era a cidade que nunca dormia; não sentia nem sono. Meu apartamento no Upper West Side tinha o nível de isolamento acústico esperado para um empreendimento de altíssimo padrão, mas mesmo assim o barulho do lado de fora entrava pelas janelas — o passar ritmado dos pneus sobre o asfalto gasto, os freios com anos de uso, as buzinas incessantes dos táxis.

Quando saí do café de esquina para a sempre movimentada Broadway, o burburinho da cidade tomou conta de mim. Como conseguiria viver sem a cacofonia de Manhattan?

Como conseguiria viver sem *ele*?

Gideon Cross.

Segurei seu rosto e senti a receptividade ao meu toque. Essa demonstração de carinho e vulnerabilidade me deixou tocada. Algumas horas antes, cheguei a pensar que Gideon nunca mudaria, que eu precisaria ceder demais para compartilhar minha vida com ele. Pouco tempo mais tarde, admirava sua coragem, e duvidava da minha.

Estava exigindo mais dele do que de mim mesma? Fiquei envergonhada com a possibilidade de tê-lo pressionado tanto para mudar enquanto eu continuava obstinadamente a mesma.

Ele estava diante de mim, alto e forte como sempre. De calça jeans, camiseta e um boné de beisebol enfiado na cabeça, muito diferente do multibilionário que o mundo imaginava conhecer, mas ainda tão poderoso que afetava todos por quem passava. Com o canto dos olhos, notei como as pessoas ao redor reparavam nele, sempre parando para uma segunda olhada.

Fosse com os ternos de três peças de sua preferência ou com roupas casuais, o corpo longilíneo e musculoso de Gideon era inconfundível. A maneira como se movia e a autoridade que emanava de seu autocontrole impecável tornavam impossível para ele se misturar à multidão.

Nova York engolia tudo o que surgia em suas ruas, mas Gideon controlava a cidade com rédea curta.

E ele era meu. Mesmo com a aliança em seu dedo, às vezes eu ainda não conseguia acreditar nisso.

Gideon jamais seria um homem como outro qualquer. Era a ferocidade disfarçada de elegância, a perfeição escondida entre falhas. Era o que dava sentido ao meu mundo, e ao mundo em si.

Mesmo assim, tinha me mostrado que cederia até o limite do suportável por mim. Isso me deu determinação para provar que merecia o sofrimento que o obriguei a encarar.

Ao nosso redor, o comércio da Broadway começava a abrir. O trânsito na rua começou a ficar mais pesado, com os carros pretos e os táxis amarelos sacolejando sobre a superfície irregular. Os moradores saíam, levando o cachorro para passear ou se dirigindo ao Central Park para uma corrida matinal, aproveitando o pouco tempo que tinham antes de mais um dia de trabalho começar a todo vapor.

A Mercedes estacionou bem quando nos aproximamos, e pude ver a silhueta vultosa de Raúl ao volante. Angus parou o Bentley logo atrás. Os carros levariam cada um de nós para a própria casa. Como era possível considerar aquilo um casamento?

Mas *nosso* casamento era assim, apesar de não ser essa a vontade de nenhum dos dois. Tive que impor um limite quando Gideon contratou meu chefe para tirá-lo da agência em que eu trabalhava.

Entendia o desejo do meu marido de que eu me juntasse a ele nas Indústrias Cross, mas tentar me forçar a isso agindo pelas minhas costas… Isso eu não podia permitir, não com um homem como Gideon. Ou estávamos juntos de verdade — tomando todas as decisões *juntos* —, ou nosso relacionamento não ia funcionar.

Ergui a cabeça e olhei para seu rosto deslumbrante. Seu remorso era bem claro, assim como seu alívio. E seu amor. Muito amor.

Ele era tão lindo que me deixava sem fôlego. Seus olhos eram azuis como o mar caribenho, seus cabelos eram grossos e pretos, chegando até o pescoço. Os ângulos de seu rosto foram esculpidos à perfeição, algo que me deixava maravilhada e quase incapaz de pensar racionalmente. Fiquei impressionadíssima com sua beleza desde a primeira vez que o vi, e de tempos em tempos ainda me surpreendia em momentos de admiração febril. Gideon me deixava boquiaberta.

Mas o que mais me encantava era quem ele era por dentro, sua força interior, sua energia incessante, sua inteligência afiada, sua determinação implacável e seu coração…

“Obrigada.” Meus dedos percorreram suas sobrancelhas grossas e escuras, que sempre se moviam quando eu tocava sua pele. “Por ter me ligado. Por ter me contado sobre seu sonho. Por vir me encontrar aqui.”

“Eu iria a qualquer lugar para ver você.” Ditas com fervor e determinação, essas

palavras soaram como uma promessa.

Todo mundo tem seus demônios. Os de Gideon estavam escondidos sob seu autocontrole implacável, mas quando dormia eles o atormentavam em pesadelos violentos e assustadores que não queria compartilhar comigo. Tínhamos muito em comum, mas o abuso que havíamos sofrido na infância era um trauma que nos aproximava e nos afastava ao mesmo tempo. Isso me fez querer lutar ainda mais por Gideon e o que tínhamos juntos. Nossos abusadores já haviam tirado coisas demais de nós.

"Eva… A sua vontade é a única coisa neste mundo capaz de me manter distante."

"Obrigada por isso também", murmurei com um aperto no coração. Nossa separação recente tinha sido dura para nós dois. "Sei que não é fácil para você me dar tanto espaço, mas precisamos disso. Também sei que exigi muito de você…"

"Demais."

Minha boca se curvou ao ouvir um sinal de irritação na voz dele. Gideon não estava acostumado a não conseguir o que queria. "Eu sei. E você respeitou isso, porque me ama." Mas, apesar de Gideon ter odiado ser privado de mim, estávamos juntos agora porque aquilo o tinha mudado positivamente.

"Sinto muito mais que amor por você." Ele segurou meus pulsos, apertando-me de um jeito autoritário que me fez ceder.

Balancei a cabeça, sem medo de admitir que precisávamos um do outro de um jeito que a maioria das pessoas não consideraria saudável. Mas nosso relacionamento era assim. E era muito importante para mim.

"Vamos no mesmo carro para o consultório do dr. Petersen." Seu tom ao dizer essas palavras foi de ordem, mas seus olhos inquisitivos em mim faziam com que parecesse uma pergunta.

"Como você é mandão", brinquei, querendo que nossa despedida se desse em um clima leve, de esperança. Nossa sessão de terapia semanal com o dr. Lyle Petersen era dali a algumas horas, e não poderia vir em um momento melhor. Tínhamos feito bastante progresso. Seria bom receber orientação quanto aos próximos passos.

Ele enlaçou minha cintura com os braços. "Te amo."

Segurei a bainha de sua camiseta, agarrando-me ao tecido macio. "Também te amo."

"*Eva*." Senti seu hálito quente no meu pescoço. Manhattan pulsava ao nosso redor, mas sem provocar nenhuma distração. Quando estávamos juntos, nada mais importava.

Deixei um ruído grave de desejo escapar, e meu corpo, que tanto queria Gideon

pressionado contra mim, estremeceu. Inspirei profundamente para sentir seu cheiro, acariciando os músculos firmes de suas costas. A sensação que me invadiu foi de perder a cabeça. Eu estava viciada nele — de corpo, alma e coração — e havia passado vários dias sem uma dose, o que me deixou abalada, desequilibrada, incapaz de funcionar plenamente.

Gideon me envolveu com seu corpo muito maior e mais forte que o meu. Eu me senti segura em seu abraço, querida e protegida. Nada seria capaz de me magoar ou me atingir enquanto estivesse nos braços dele. Queria que Gideon sentisse essa mesma sensação de segurança comigo. Precisava que soubesse que podia baixar a guarda e respirar um pouco, que eu nos protegeria.

Eu precisava ser mais forte. Mais esperta. Mais intimidadora. Tínhamos inimigos, e Gideon estava lidando com eles sozinho. Era de sua natureza ser protetor, e esse era um dos traços de sua personalidade que eu mais admirava. Mas eu precisava mostrar a todos que eu era uma adversária tão temível quanto meu marido.

Acima de tudo, precisava mostrar isso a Gideon.

Senti seu calor, ainda agarrada nele. Seu amor. “Vejo você às cinco, garotão.”

“Nem um minuto a mais”, ele ordenou com um tom bem sério.

Dei uma risadinha, encantada com seu lado durão. “Senão…?”

Ele se inclinou para trás e me lançou um olhar sério antes de dizer: “Vou buscar você”.

Eu devia ter entrado na ponta dos pés na cobertura do meu padrasto, prendendo a respiração, já que pela hora — pouco depois das seis da manhã — a possibilidade de ser pega era grande. Mas entrei dando passos determinados, com os pensamentos voltados para as mudanças que precisaria promover.

Havia tempo para tomar um banho — e nada além disso —, mas eu não queria. Fazia tempo demais que Gideon não me tocava. Tempo demais que não sentia suas mãos em mim, seu corpo dentro do meu. Não queria tirar os resquícios de seu toque. Aquilo me daria forças para o que estava por vir.

Um abajur se acendeu sobre uma mesinha. “Eva.”

“Minha nossa!”, eu disse, assustada.

Quando me virei, dei de cara com minha mãe sentada em um dos sofás da sala de estar.

“Você me deu um baita susto!”, acusei, levando a mão ao coração disparado.

Ela ficou em pé, com um robe de cetim que chegava até o chão envolvendo suas pernas tonificadas e ligeiramente bronzeadas. Eu era sua única filha, e nós parecíamos irmãs. Monica Tramell Barker Mitchell Stanton era obcecada pela aparência. A beleza jovial era seu grande trunfo para manter seu histórico de casamentos com homens ricos.

“Antes que você comece”, aviso, “sim, precisamos falar sobre o casamento. Mas preciso me arrumar e pegar minhas coisas para poder voltar para casa hoje…”

“Você está tendo um caso?”

A pergunta seca e direta me assustou mais que ser surpreendida no meio da sala. “*Quê?* Não!”

Ela soltou o ar com força, e a tensão abandonou visivelmente seus ombros. “Graças a Deus. Então o que está acontecendo? O desentendimento com Gideon foi sério mesmo?”

Bem sério. Por um tempo, temi que as decisões dele acabassem com nosso relacionamento. “Vamos nos acertar, mãe. Foi só uma briguinha à toa.”

“Uma briguinha à toa que fez com que você o evitasse durante *dias*? Não é assim que se resolve as coisas, Eva.”

“É uma longa história…”

Ela cruzou os braços. “Não estou com pressa.”

“Bom, eu estou. Preciso me arrumar para o trabalho.”

A mágoa ficou estampada no rosto dela, e meu remorso foi imediato.

Houve um tempo em que eu queria ser como minha mãe quando crescesse. Passava horas experimentando suas roupas, cambaleando sobre seus saltos, melecando meu rosto com seus cremes e cosméticos caríssimos. Tentava imitar sua voz rouca e sussurrada e seus gestos sensuais, com a certeza de que ela era a mulher mais maravilhosa e perfeita do mundo. A maneira como os homens reagiam à presença dela, como a olhavam e a agradavam… Bom, eu queria ter essa mesma aura mágica.

No fim, eu me tornei uma cópia dela sem tirar nem pôr, a não ser pelos cabelos e pela cor dos olhos. Mas só na aparência. Não podíamos ser mais diferentes e, infelizmente, isso era motivo de orgulho para mim. Parei inclusive de seguir seus conselhos, a não ser para assuntos de moda e decoração.

Aquilo precisava mudar. E com urgência.

Tentei diversas táticas no meu relacionamento com Gideon, mas não havia pedido a

ajuda da única pessoa próxima de mim que sabia como era ser casada com homens importantes e poderosos.

“Preciso de um conselho, mãe.”

Minhas palavras pairaram no ar por um instante, então vi a reação que causaram. Os olhos dela se arregalaram de surpresa. Um instante depois, minha mãe desabou no sofá, como se seus joelhos tivessem fraquejado. Senti o quanto a havia afastado de mim.

Quando me sentei em frente a ela, estava com o coração apertado. Eu tinha aprendido a tomar cuidado com o que compartilhava com minha mãe, fazendo de tudo para evitar menção a informações que poderiam dar início a brigas enlouquecedoras.

Nem sempre fora assim. Nathan, o filho de um dos meus padrastos, arrancou de mim uma relação tranquila com minha mãe, além da minha inocência. Depois de ficar sabendo do abuso, ela mudou, tornando-se superprotetora a ponto de me seguir e me sufocar. Monica Tramell sempre foi uma mulher absolutamente confiante, menos em relação a mim. Comigo ela era ansiosa e invasiva, e às vezes beirava a histeria. Ao longo dos anos, fui forçada a evitar a verdade em várias ocasiões, guardando segredos de todos que amava só para manter as coisas tranquilas.

“Não sei de que tipo de esposa Gideon precisa”, confessei.

Ela jogou os ombros para trás, assumindo uma postura indignada. “*Ele* está tendo um caso?”

“Não!” Soltei uma risada sem graça. “Ninguém está tendo um caso. Não faríamos isso um com o outro. Não conseguiríamos. Não precisa se preocupar com isso.”

O recente caso da minha mãe com o meu pai talvez fosse o verdadeiro motivo dessa preocupação. Será que ela estava com a consciência pesada? Ou repensando sua relação com meu padrasto? Eu não sabia como me sentir a respeito, porque amava demais meu pai, mas também achava que Stanton era o marido perfeito para minha mãe.

“Eva…”

“Gideon e eu nos casamos em segredo algumas semanas atrás.” Como era bom poder contar isso.

Ela piscou uma vez. Duas vezes. “Quê?”

“Ainda não contei ao papai”, continuei. “Mas vou ligar para ele hoje.”

Os olhos dela se encheram de lágrimas. “*Por quê?* Eva… Como foi que nos afastamos tanto assim?”

“Não chora.” Levantei e fui me sentar ao lado dela. Segurei suas mãos, e ela me deu um

abraço forte.

Ao sentir seu cheiro tão familiar, fui invadida pela tranquilidade possível apenas nos braços de uma mãe. Por alguns momentos, pelo menos. “Não foi nada planejado, mãe. Viajamos num fim de semana e Gideon me pediu em casamento. Eu aceitei, então ele tomou as providências… Foi uma coisa espontânea. No calor do momento.”

Ela se inclinou para trás, revelando o rosto molhado de lágrimas e um fogo no olhar.

“Ele se casou com você sem um acordo pré-nupcial?”

Dei risada. Era inevitável. Claro que minha mãe ia se preocupar com os detalhes financeiros. O dinheiro era o que movia sua vida. “Eu assinei um acordo.”

“Eva Lauren! Você pelo menos leu o documento? Ou foi uma coisa espontânea também?”

“Li tudinho.”

“Mas você não é advogada! Meu Deus, Eva… Achei que fosse mais esperta que isso!”

“Até uma criança de seis anos entenderia aqueles termos”, rebati, irritada com o verdadeiro problema do meu casamento: gente demais interferindo no meu relacionamento com Gideon, gerando uma distração constante que nos impedia de lidar com as coisas que de fato precisavam ser resolvidas. “Não precisa se preocupar com o acordo pré-nupcial.”

“Você deveria ter mandado o documento para Richard ler. Não sei por que não fez isso. Que irresponsabilidade! Eu não…”

“Eu li, Monica.”

Eu e minha mãe nos viramos ao ouvir a voz de Stanton. Ele entrou na sala pronto para o trabalho, com um terno azul-marinho impecável e gravata amarela. Eu imaginava que Gideon seria muito parecido com meu padrasto quando chegasse à idade dele: enxuto, distinto, mais confiante do que nunca como macho alfa.

“Você leu?”, perguntei, surpresa.

“Cross me mandou algumas semanas atrás.” Stanton foi até minha mãe e segurou as mãos dela. “Eu não seria capaz de negociar termos mais favoráveis.”

“Sempre é possível conseguir termos mais favoráveis, Richard!”, minha mãe rebateu.

“Existem recompensas para datas como aniversário de casamento e nascimento de filhos, e nenhuma penalidade para Eva além de terapia de casal. Uma eventual separação causaria uma distribuição mais que equilibrada dos bens. Quase mandei o documento para

o advogado de Cross revisar. Imagino que ele consideraria totalmente desaconselhável."

Minha mãe sossegou por um instante, refletindo a respeito. Em seguida se levantou, furiosa. "Você sabia que eles iam se casar em segredo? E não me disse nada?"

"Claro que não sabia." Ele a abraçou, falando como se estivesse se dirigindo a uma criança. "Pensei que estivessem planejando o futuro. Você sabe que esse tipo de negociação demora meses. Mas, nesse caso, eu não teria nem pedido tudo isso."

Fiquei em pé. Tinha que me apressar para não chegar atrasada ao trabalho. Naquele dia, principalmente, eu precisava chegar na hora.

"Aonde você vai?" Minha mãe se desvencilhou de Stanton. "A conversa ainda não terminou. Você não pode despejar uma bomba como essa e ir embora."

Virei para encará-la, mas fui andando para trás. "Preciso mesmo me trocar. Que tal a gente se encontrar na hora do almoço para conversar melhor?"

"Você não pode estar…"

"Corinne Giroux", eu a interrompi.

Minha mãe arregalou os olhos, e logo depois franziu a testa. Um nome. Não precisei dizer mais nada.

A ex de Gideon era um problema que não exigia maiores explicações.

Era raro alguém ir a Manhattan e não se sentir imediatamente em um lugar familiar. Os cenários da Big Apple haviam sido imortalizados em inúmeros filmes e programas de TV, espalhando pelo mundo todo o amor que os habitantes de Nova York sentiam pela cidade.

Eu não era exceção.

Adorava a elegância art déco do Chrysler Building. Conseguia me localizar em qualquer parte da ilha só avistando o Empire State. Fiquei impressionada com a altura da Freedom Tower, que dominava a paisagem no centro da cidade. Mas o Edifício Crossfire era de outra categoria. Eu já achava isso antes mesmo de me apaixonar pelo homem cuja visão levou à construção do prédio.

Quando Raúl estacionou a Mercedes, observei com admiração o vidro safira que envolvia a forma de obelisco do edifício. Ergui a cabeça e deixei que meu olhar se dirigisse até o alto, para o espaço iluminado que abrigava a sede das Indústrias Cross. Os pedestres passavam sem parar ao meu redor, a calçada lotada de homens e mulheres de

negócios com pastas de couro em uma das mãos e um copo fumegante de café na outra.

Senti a presença de Gideon antes mesmo de vê-lo, com meu corpo todo vibrando assim que ele saiu do Bentley, estacionado logo atrás da Mercedes. O ar ficou carregado de eletricidade, como se uma tempestade estivesse a caminho.

Eu me virei para ele com um sorriso no rosto. Não era coincidência chegarmos no mesmo instante. Soube disso assim que vi seus olhos.

Estava usando terno preto, camisa branca e gravata prata. Mechas escuras e sensuais de seus cabelos roçavam a mandíbula e o colarinho. Gideon ainda me encarava com a mesma ferocidade sensual que me atraíra a princípio, mas agora havia também ternura em seus olhos azuis reluzentes e uma receptividade que para mim significava mais do que tudo.

Dei um passo à frente quando ele se aproximou. “Bom dia, Moreno Perigoso.”

Ele abriu um sorriso cheio de malícia. A brincadeira deixou seus olhos ainda mais calorosos.

“Bom dia, esposa.”

Estendi a mão e me senti segura quando ele a segurou com força.

“Contei para minha mãe hoje de manhã… sobre o casamento.”

Uma sobrancelha escura se ergueu em surpresa, e o sorriso dele pareceu ainda mais triunfante. “Ótimo.”

Rindo de sua possessividade indisfarçada, dei um esbarrão de leve nele com o ombro. Gideon agiu rápido, puxando-me para perto e me beijando no canto da boca.

Sua alegria era contagiante. Fez minhas entranhas se aquecerem, iluminando espaços que andavam escuros nos últimos dias. “Vou ligar para meu pai assim que tiver um tempinho. Ele precisa saber.”

Gideon ficou sério. “Por que agora, e não antes?”

Ele falou baixinho, para manter nossa privacidade. Pessoas passavam sem parar, quase sem prestar atenção em nós. Mesmo assim, hesitei em responder, sentindo-me exposta demais.

E então… a verdade simplesmente apareceu. Eu estava escondendo coisas demais das pessoas que amava. Pequenas, grandes. Tentando manter tudo como estava, ao mesmo tempo que ansiava por mudanças.

“Eu estava com medo”, contei.

Ele se aproximou um pouco mais, com um olhar intenso no rosto. “E agora não está

mais.”

“Não.”

“Hoje à noite você me conta por quê.”

“Tá”, eu disse, concordando com a cabeça.

Gideon segurou minha nuca, em um gesto ao mesmo tempo possessivo e carinhoso. Seu rosto se mantinha impassível, mas seus olhos… aqueles olhos azuis… eram um turbilhão de emoções. “Nós vamos conseguir, meu anjo.”

O amor tomou conta de mim, inebriante como um bom vinho. “Pode apostar.”

Foi estranho passar pela porta da Waters Field & Leaman, contando mentalmente os dias em que ainda poderia me gabar de trabalhar na prestigiada agência de publicidade. Megumi Kaba acenou para mim da recepção, batendo no fone para mostrar que não podia falar. Acenei de volta e fui para minha mesa com passos confiantes. Havia muito a fazer.

Mas eu precisava começar pelo mais importante. Guardei a bolsa na última gaveta, acomodei-me na cadeira e entrei no site da minha floricultura on-line favorita. Sabia exatamente o que queria. Uma dúzia de rosas brancas em um vaso de cristal vermelho.

Branco de pureza, amizade, amor eterno. E também da paz. Demarquei minhas linhas de batalha ao forçar uma separação com Gideon e, no fim, saí vencedora. Porém não queria ficar em guerra com meu marido.

Nem tentei elaborar um bilhete engraçadinho para acompanhar as flores, como havia feito no passado. Escrevi simplesmente o que sentia em meu coração.

Você é um milagre, sr. Cross.

Eu te admiro e te amo demais.

Sra. Cross

O site abriu a tela para finalizar o pedido. Cliquei no botão de confirmar e pensei por um momento no que Gideon acharia do presente. Um dia, queria vê-lo receber minhas flores. Ele sorria quando Scott, seu assistente, entrava na sala com elas? Interrompia uma conversa para ler o bilhete? Ou esperava por um raro momento de folga para ter mais privacidade?

Abri um sorriso ao considerar as possibilidades. Eu adorava presentear Gideon.

E em breve teria mais tempo para escolher os mimos.

“Você está pedindo demissão?”

O olhar incrédulo de Mark Garrity se ergueu da carta de demissão para mim.

Senti um nó no estômago ao ver a expressão do meu chefe. “Estou. Desculpa por ser assim tão repentino.”

“Amanhã é seu último dia?” Ele se recostou na cadeira. Seus olhos eram alguns tons mais claros que sua pele chocolate e expressavam surpresa e decepção. “Por quê, Eva?”

Soltando um suspiro, eu me inclinei para a frente e apoiei os cotovelos nos joelhos. Mais uma vez, decidi contar a verdade. “Sei que não é muito profissional da minha parte, mas… tive que redefinir minhas prioridades e… não posso dedicar toda a minha atenção ao trabalho no momento, Mark. Desculpa.”

“Eu…” Ele soltou o ar com força e passou as mãos pelos cabelos crespos e pretos. “Que droga… O que posso dizer?”

“Que você me perdoa e não vai ficar bravo comigo?” Soltei uma risadinha sem graça. “Sei que é pedir demais.”

Ele abriu um sorriso maroto. “Você sabe que não quero perder você, Eva. Não sei se deixei claro como você é importante para mim. Você me faz trabalhar melhor.”

“Obrigada, Mark. Mesmo.” Era mais difícil do que eu imaginava, apesar de ser a melhor e a única decisão possível naquele momento.

Meus olhos se voltaram para a vista que estava atrás do meu chefe. Como gerente de contas júnior, ele tinha um escritório pequeno, de frente para um prédio do outro lado da rua, mas era um horizonte tão nova-iorquino quanto o das janelas do espaçoso escritório de Gideon Cross no último andar.

Em vários sentidos, aquela divisão de andares espelhava a maneira como eu tentava definir minha relação com Gideon. Eu sabia quem ele era. Sabia *o que* ele era: um homem que pertencia a uma categoria exclusiva. Adorava isso, e não queria mudar nada; só desejava poder chegar ao nível dele por mérito próprio. O que não imaginei foi que, ao me recusar a aceitar que o casamento tinha mudado tudo, eu o estava rebaixando ao meu nível.

Eu nunca seria reconhecida por chegar até o topo por merecimento. Para algumas pessoas, seria sempre aquela que o fez através do casamento. E precisava aprender a conviver com isso.

“Para onde você vai?”, perguntou Mark.

“Sinceramente… ainda não sei. Só sei que não posso continuar aqui.”

Meu casamento não aguentaria muita pressão mais antes de desmoronar, e eu havia permitido que se aproximasse perigosamente da beira do abismo ao querer distância. Ao me colocar em primeiro lugar.

Gideon Cross era um oceano vasto e profundo, e por um momento eu temi me afogar nele. Mas não podia mais viver com medo. Não depois de perceber que meu maior temor era perdê-lo.

Tentando me manter neutra, eu tinha afastado Gideon. E, irritada por isso, não percebi que, se quisesse ter algum controle, era preciso assumir as rédeas da situação.

“Por causa da conta da LanCorp?”, questionou Mark.

“Em parte.” Alisei minha saia de risca de giz, afastando meus pensamentos do ressentimento de Gideon pelo fato de ter contratado Mark. A gota d’água havia sido a LanCorp procurar a Waters Field & Leaman com um pedido específico para que Mark e, portanto, eu cuidássemos da conta, uma manobra que Gideon encarou com desconfiança. O esquema de pirâmide de Geoffrey Cross tinha aniquilado a fortuna da família Landon, e tanto Ryan Landon como Gideon precisaram recomeçar a partir do prejuízo dos pais. Landon, porém, ainda tinha sede de vingança. “Mas principalmente por motivos pessoais.”

Depois de endireitar a postura, Mark apoiou os cotovelos na mesa e se inclinou na minha direção. “Sei que não é da minha conta e não quero me intrometer, mas você sabe que Steven, Shawna e eu estamos aqui para o que der e vier. Gostamos de você.”

Sua sinceridade fez meus olhos se encherem de lágrimas. Steven Ellison, o noivo de Mark, e sua irmã Shawna se tornaram amigos queridíssimos em Nova York, uma parte importante da rede de relações que construí depois de me mudar para a cidade. Independentemente do que acontecesse, não queria perder contato com aquelas pessoas que tinha aprendido a amar.

“Eu sei.” Abri um sorriso triste. “Qualquer coisa eu ligo para vocês, prometo. Mas vai ser melhor assim. Para todos nós.”

Mark relaxou e retribuiu o sorriso. “Steven vai pirar. Acho melhor você contar para ele.”

Ao pensar no empreiteiro grandalhão e sociável, a tristeza se foi. Steven ficaria uma fera comigo por deixar seu parceiro na mão, mas no fim entenderia. “Ah, qual é?”, brinquei. “Você não faria isso comigo… Já está sendo difícil o bastante.”

“Eu não me importaria de deixar tudo ainda mais difícil.”

Dei risada. Sentiria falta de Mark e do meu trabalho. Demais.

Como ainda era cedo em Oceanside, na Califórnia, quando fiz a primeira pausa do dia, mandei uma mensagem de texto para meu pai, em vez de ligar.

Avisa quando acordar, preciso contar uma coisa. Como sabia que, como bom policial, meu pai sempre pensava no pior, acrescentei: Não é ruim, é só uma novidade.

Mal tinha colocado o celular no balcão da sala do café quando o aparelho tocou. O rosto bonito do meu pai apareceu na tela, seus olhos acinzentados como os meus brilhando na tela.

De repente, fiquei nervosa. Quando peguei o celular, minha mão tremia. Eu amava muito meus pais, mas sempre considerei meus sentimentos pelo meu pai mais profundos que pela minha mãe. E, se por um lado ela nunca hesitava em apontar meus defeitos, meu pai sempre pareceu pensar que eu não tinha nenhum. Desapontá-lo, ou magoá-lo, era uma ideia insuportável.

“Oi, pai. Tudo bem?”

“Eu é que pergunto, querida. Comigo, tudo na mesma. E com você? O que foi?”

Fui até a mesa mais próxima e sentei em uma cadeira para me acalmar. “Eu disse que não era ruim, e mesmo assim você está preocupado. Acordei você.”

“Tenho a obrigação de me preocupar”, ele falou, com o divertimento evidente na voz grossa. “E você não me acordou, eu estava me preparando para uma corridinha antes de começar o dia. Qual é a notícia?”

“Hã…” As lágrimas bloquearam minha garganta, e eu engoli em seco. “Minha nossa, é mais difícil do que eu pensava. Falei para Gideon que estava preocupada com a mamãe, mas que você ia levar numa boa, e agora…”

“Eva.”

Respirei fundo. “Gideon e eu nos casamos.”

Houve um silêncio preocupante do outro lado da linha.

“Pai?”

“Quando?” A rouquidão em sua voz acabou comigo.

“Algumas semanas atrás.”

“Antes de você vir me visitar?”

Limpei a garganta. “Sim.”

Silêncio.

Que massacre. Pouquíssimo tempo antes, tinha contado sobre o abuso que sofri de Nathan, o que quase acabou com ele. E agora aquilo…

“Pai… Você está me deixando nervosa. A gente estava numa ilha muito, muito linda. E sempre tem casamentos no resort em que ficamos, eles têm toda a estrutura… é como Las Vegas. Tem um juiz de paz e um tabelião de plantão por lá. Era a ocasião perfeita, sabe? A oportunidade perfeita.” Minha voz falhou. “Pai… por favor, fala alguma coisa.”

“Eu… não sei o que dizer.”

Uma lágrima quente escorreu pelo meu rosto. Minha mãe escolheu o dinheiro em vez do amor, e Gideon era o exemplo perfeito de homem que ela escolheria para casar em vez do meu pai. Eu sabia que esse era o ponto fraco dele, e não seria fácil contorná-lo.

“Ainda vamos fazer uma cerimônia oficial”, falei. “Queremos que os amigos e a família participem…”

“Era só isso que eu queria, Eva.” Ele grunhiu. “É como se Cross tivesse roubado você de mim! Eu deveria levar minha filha ao altar, já estava aceitando a ideia, aí ele resolve fazer tudo sozinho? E você nem me conta? Esteve aqui, na minha casa, e não me falou nada? Isso magoa, Eva. Magoa mesmo.”

Não havia como segurar as lágrimas depois disso. Elas vieram em profusão, borrando minha visão e fechando minha garganta.

Tive um sobressalto quando a porta da sala do café se abriu e Will Granger entrou. “Ela deve estar aqui”, disse meu colega. “Ah…”

Ele se interrompeu quando viu meu rosto, e o sorriso desapareceu de seus olhos atrás dos óculos retangulares.

Um braço o empurrou.

Gideon. Seu corpo preencheu a abertura da porta e seus olhos se cravaram em mim, deixando-me gelada. Ele parecia um anjo vingador, com o terno escuro fazendo-o parecer competente e perigoso ao mesmo tempo, o rosto endurecido em uma linda máscara

impassível.

Pisquei várias vezes, tentando processar como e por que ele estava ali. Antes de chegar a uma conclusão, Gideon parou na minha frente e tomou meu celular, baixando os olhos para a tela antes de levar o aparelho ao ouvido.

“Victor.” Ele falou o nome do meu pai em tom de alerta. “Eva está abalada demais, então você vai ter que falar comigo.”

Will deu um passo atrás e fechou a porta.

Apesar da dureza das palavras de Gideon, seus dedos roçaram meu rosto com uma leveza inenarrável. Seus olhos estavam voltados para mim, e a fúria em seu brilho azul me fez estremecer.

Gideon estava *furioso*. E meu pai também. Dava para ouvir os berros dele.

Segurei meu marido pelo pulso, sacudindo a cabeça, sentindo um pânico repentino ao perceber que os dois homens que mais amava não gostavam um do outro — ou, ainda pior, se detestavam.

“Tudo bem”, murmurei. “Estou bem.”

Ele estreitou os olhos e fez com a boca: *Não está, não*.

Quando Gideon voltou a falar com meu pai, sua voz estava firme e controlada, o que a fazia parecer ainda mais assustadora. “Você tem o direito de estar irritado e magoado, eu entendo. Mas não quero que Eva sofra por isso… Não, claro que eu nem imagino como deve ser, já que não tenho filhos.”

Tive que me esforçar para ouvir, torcendo para que a redução do volume do outro lado da linha significasse que meu pai estava se acalmando, e não ficando ainda mais nervoso.

Gideon ficou tenso de repente, afastando a mão de mim. “Não, eu não ficaria feliz se minha irmã se casasse em segredo. Mas não seria nela que descontaria minha raiva…”

Fiz uma careta. Meu marido e meu pai tinham uma coisa em comum: ambos eram absurdamente protetores com as pessoas que amavam.

“Pode falar comigo quando quiser, Victor. Eu vou até sua casa, se for necessário. Quando me casei com Eva, assumi a responsabilidade total pela vida e pela felicidade dela. Aceito as consequências sem problemas.”

Gideon estreitou os olhos enquanto escutava.

Em seguida, ele se sentou ao meu lado, pôs o celular sobre a mesa e ligou o viva-voz.

A voz do meu pai reverberou no ar. “Eva?”

Respirei fundo, soltei um suspiro trêmulo e apertei a mão que Gideon estendeu para mim. “Estou aqui, pai.”

“Querida…” Ele respirou fundo também. “Não fica chateada. É que… eu preciso absorver melhor a notícia. Não estava esperando por isso e… preciso pensar melhor. Podemos conversar mais tarde? Quando eu voltar do trabalho?”

“Claro.”

“Ótimo.” Ele ficou em silêncio.

“Te amo, pai.” As lágrimas que escorriam pelo meu rosto ficaram evidentes na minha voz, e Gideon aproximou sua cadeira de mim, roçando a coxa na minha. Era impressionante como ele me dava forças, o alívio que eu sentia com ele para me apoiar. Era diferente do apoio oferecido por Cary. Meu melhor amigo era afiado como uma lança, mas Gideon era um escudo.

E eu precisava ser forte o bastante para admitir que precisava de um.

“Também te amo, linda”, disse meu pai, com uma tristeza de cortar o coração. “Ligo para você mais tarde.”

“Certo. Eu…” O que mais podia dizer? Não fazia a menor ideia de como consertar as coisas. “Tchau.”

Gideon desligou o telefone e olhou para a mão trêmula que apertava a sua. Seus olhos estavam cravados em mim, cheios de ternura. “Não precisa ficar com vergonha, Eva. Está bem?”

Fiz que sim com a cabeça. “Não estou com vergonha.”

Ele segurou meu rosto, limpando as lágrimas com os polegares. “Não aguento ver você chorar, meu anjo.”

Lutei para conter minha tristeza, sufocando-a para lidar com ela mais tarde. “Por que você está aqui? Como sabia o que eu estava fazendo?”

“Vim agradecer pelas flores”, murmurou.

“Ah. Você gostou?” Consegui abrir um sorriso. “Queria que pensasse em mim.”

“Faço isso o tempo todo. A cada minuto.” Ele me abraçou e me puxou para mais perto.

“Você podia ter me mandado um bilhete.”

“Ah.” Seu sorrisinho fez minha pulsação acelerar. “Mas aí eu não poderia fazer isso.”

Gideon me puxou para seu colo e me deu um beijo atordoante.

A gente vai se ver em casa hoje? A mensagem de Cary chegou na hora do almoço, enquanto eu esperava o elevador para descer. Minha mãe já estava lá, e eu ainda precisava organizar melhor meus pensamentos. Tínhamos muito o que conversar.

Eu só esperava que ela me ajudasse a lidar com a situação em vez de piorar as coisas.

É a ideia, respondi para meu querido e às vezes terrível colega de apartamento, digitando enquanto entrava no elevador. Tenho terapia depois do trabalho, e vou jantar com Gideon. Talvez chegue tarde.

Jantar? Vc precisa me contar tudo.

Eu sorri. Claro.

Trey ligou.

Soltei o ar com força, como se tivesse prendido a respiração, o que provavelmente tinha feito sem perceber.

Não dava para culpar o namorado de Cary por ter se afastado quando meu amigo descobriu que a garota com quem transava estava grávida. Trey não conseguia aceitar a bissexualidade de Cary, e um bebê significava que sempre haveria uma terceira pessoa naquela relação.

Cary deveria ter assumido o compromisso com Trey em vez de continuar aprontando, mas eu entendia o medo por trás daquela atitude. Conhecia muito bem os pensamentos que passavam pela cabeça ao se ver diante de uma declaração de amor de alguém incrível depois de passar por tudo o que Cary e eu tínhamos passado.

É bom demais para ser verdade. Não pode ser real.

Eu compreendia o lado de Trey também, e, se quisesse terminar tudo, era uma decisão que precisava ser respeitada. Mas ele era a melhor coisa que acontecera na vida de Cary em um bom tempo. Eu ficaria arrasada se a relação deles não desse certo. O que ele falou?

Eu conto quando a gente se encontrar.

Cary! Isso é sacanagem.

Ele só respondeu quando eu estava passando pelas catracas do saguão. Nem me fala.

Senti um aperto no coração. Não havia como interpretar aquilo como uma boa notícia. Dando um passo para o lado para permitir a passagem dos demais, escrevi: Te amo loucamente, Cary Taylor.

Tb te amo, gata.

“Eva!”

Minha mãe, uma presença impossível de não ser notada mesmo durante o movimentado horário de almoço no Crossfire, percorreu o espaço entre nós com suas sandálias de salto. Sendo baixinha, Monica Stanton poderia se perder naquele mar de ternos, mas chamava atenção demais para que isso acontecesse.

Carisma. Sensualidade. Fragilidade. A combinação bombástica que fez de Marilyn Monroe uma estrela descrevia perfeitamente minha mãe. Vestida em um macacão azul-marinho sem manga, ela parecia bem mais jovem do que era e bem mais confiante do que estava. As panteras da Cartier que adornavam seu pescoço e seu pulso mostravam a todos que se tratava de uma mulher rica.

Ela veio diretamente na minha direção e me envolveu em um abraço que me pegou de surpresa.

“Mãe.”

“Está tudo bem?” Ela se afastou e observou meu rosto.

“Está, sim. Por quê?”

“Seu pai ligou.”

“Ah.” Lancei um olhar preocupado para ela. “Ele não recebeu a notícia muito bem.”

“Não mesmo.” Ela deu o braço para mim, e nós saímos. “Mas ele vai superar. Só não está pronto para aceitar que você não é mais só dele.”

“Porque eu lembro demais você.” Meu pai nunca tinha se recuperado da perda da minha mãe. Ele ainda a amava, mesmo depois de mais de duas décadas separados.

“Que bobagem, Eva. A semelhança até existe, mas você é muito mais interessante.”

Isso me fez rir. “Gideon diz mesmo que sou interessante.”

Minha mãe abriu um sorriso largo, fazendo os homens que passavam ao lado quase quebrarem o pescoço para continuar olhando para ela. “Claro. Ele conhece bem as mulheres. Mesmo você sendo um arraso, é preciso muito mais que isso para fisgar um marido desses.”

Parei diante da porta giratória e deixei que minha mãe saísse primeiro. A onda de calor úmido que me atingiu quando pisei na calçada cobriu imediatamente minha pele com uma camada de suor. Havia momentos em que eu duvidava que algum dia fosse me acostumar àquela umidade, mas era um dos preços a pagar por morar na cidade que eu amava. A

primavera tinha sido linda, e o outono também seria. Era a época perfeita do ano para renovar os votos com o homem que tinha conquistado minha alma e meu coração.

Eu estava agradecendo a Deus pela existência do ar-condicionado quando vi o chefe do aparato de segurança de Stanton esperando junto ao carro preto estacionado.

Benjamin Clancy inclinou a cabeça para mim e me cumprimentou com seu jeito tranquilo e confiante. Sua conduta era sempre muito profissional, mas eu me sentia tão grata a ele que era difícil me segurar para não abraçá-lo e beijá-lo.

Gideon matou Nathan para me proteger. Clancy tomou as providências para que meu marido jamais tivesse que pagar por aquilo.

"Oi", eu o cumprimentei, vendo meu sorriso refletido em seus óculos escuros estilo aviador.

"É bom ver você, Eva."

"Eu estava pensando a mesma coisa."

Ele não sorria abertamente. Não era o jeito dele. Mas sua sinceridade era visível.

Minha mãe entrou no carro primeiro, e eu me acomodei ao lado dela no banco de trás. Enquanto Clancy contornava a traseira do veículo, ela chegou mais perto e estendeu a mão.

"Não se preocupe com seu pai. Ele tem esse temperamento latino passional, mas os acessos de raiva nunca duram muito. Ele só quer a sua felicidade."

Apertei os dedos dela de leve. "Eu sei. Mas queria muito que papai e Gideon se dessem bem."

"São dois homens de personalidade forte, querida. Vão se estranhar de vez em quando."

Ela estava certa. Eu queria que os dois tivessem uma amizade tipicamente masculina, compartilhando interesse por carros esportivos e dando tapinhas nas costas um do outro. Mas era preciso aceitar a realidade, fosse ela qual fosse.

"Você tem razão", admiti. "Eles são bem crescidinhos. Vão se entender." Pelo menos era o que eu esperava.

"Claro que vão."

Com um suspiro, olhei pela janela. "Acho que tenho a solução para o problema Corinne Giroux."

Houve uma pausa antes de minha mãe falar. "Eva, você precisa esquecer essa mulher. Ela não merece sua preocupação e não deveria ter esse poder sobre você."

Encarei minha mãe. “É o segredo que envolve nosso relacionamento que a tornou um problema. Todo mundo tem muita curiosidade quanto a Gideon. Ele é lindo, rico, sexy e brilhante. As pessoas querem saber tudo a seu respeito, mas ele é tão cauteloso com seus assuntos privados que ninguém sabe quase nada. É só por isso que existe interesse sobre o que Corinne possa escrever sobre o tempo que passou com ele.”

Ela me lançou um olhar desconfiado. “O que você está me dizendo?”

Remexendo na bolsa, saquei meu tablet. “Precisamos de mais *disso*.”

Acionei a tela e mostrei uma foto minha com Gideon tirada horas antes, na frente do Crossfire. A maneira como ele segurava minha nuca era ao mesmo tempo carinhosa e possessiva, e meu olhar voltado para o seu não deixava dúvidas a respeito do meu amor e da minha admiração. A ideia de exibir um momento de tanta intimidade para o mundo todo ver era de virar o estômago, mas eu precisava superar aquilo. Precisava me abrir mais.

“Gideon e eu precisamos parar de nos esconder”, continuei. “Precisamos ser *vistos*. Passamos tempo demais isolados. O público quer ver que o playboy milionário finalmente se tornou o príncipe encantado de alguém. Todo mundo gosta de contos de fadas, mãe, e de finais felizes. Preciso dar às pessoas a história que elas querem, assim Corinne e o livro dela vão parecer patéticos.”

Minha mãe jogou os ombros para trás. “É uma péssima ideia.”

“Não é, não.”

“É terrível, Eva! Não troque sua privacidade por *nada* neste mundo. Alimentar a curiosidade alheia só deixa as pessoas ainda mais famintas. Não se torne um alvo dos tabloides!”

Cerrei os dentes. “Não vai ser assim.”

“Por que se arriscar?” A voz da minha mãe soava estridente. “Por causa de Corinne Giroux? O livro dela vai aparecer e sumir em um piscar de olhos, mas você nunca vai se livrar dos holofotes depois de entrar neles!”

“Não te entendo. É impossível ser casada com Gideon *sem* estar nos holofotes! Pensei que fosse melhor aprender a dominar o palco.”

“Uma coisa é ser conhecida, outra é ser assunto de programas de fofoca!”

Soltei um grunhido quase silencioso. “Acho que você está exagerando.”

Ela sacudiu a cabeça. “Confie em mim, essa não é a maneira de lidar com a situação. Você já conversou com Gideon? Duvido que ele concorde com isso.”

Eu a encarei, realmente surpresa com sua reação. Pensei que fosse me apoiar, considerando a importância que dava para o casamento com homens poderosos.

Então vi o medo em seus olhos e sua boca contorcida.

“Mãe”, falei com um tom de voz suave, recriminando-me por não ter me dado conta antes. “A gente não precisa mais se preocupar com Nathan.”

Ela me encarou. “Não”, respondeu, nem um pouco mais calma. “Mas depois de tudo aquilo por que você passou… ter qualquer coisa que você falar ou decidir dissecada por puro entretenimento… pode ser um novo pesadelo.”

“Não posso deixar que outras pessoas determinem como eu e meu casamento seremos vistos!” Eu estava cansada de me sentir uma vítima. Queria partir para a ofensiva.

“Eva, você não pode…”

“Então me dê uma alternativa que não seja ficar sem fazer nada e deixar o assunto de lado, mãe.” Virei a cabeça para o outro lado. “A gente não vai entrar em um acordo, e eu não vou mudar de ideia a não ser que me venham com uma melhor.”

Ela soltou um ruído de frustração e não disse mais nada.

Queria mandar uma mensagem para Gideon a respeito. Uma vez ele me disse que eu era excelente em gerenciar crises. Sugeriu inclusive que cedesse meus talentos às Indústrias Cross nessa função.

Por que não começar por um assunto mais íntimo e importante?

2

“Mais flores?”, Arash Madani perguntou ao entrar no meu escritório pelas portas duplas de vidro.

O advogado caminhou até o local onde estavam as rosas brancas de Eva, na mesa de centro entre os sofás, bem no centro do meu campo de visão. Ali, elas distraíam minha atenção das telas com cotações da Bolsa logo atrás.

O bilhete que acompanhava as flores estava sobre o vidro escuro da minha mesa. Passei os dedos sobre ele, lendo aquelas palavras pela centésima vez.

Arash pegou uma rosa e a levou ao nariz. “Qual é o segredo para ganhar umas dessas?”

Eu me recostei na cadeira, observando distraidamente que a gravata esmeralda dele combinava com os decanters de cristal que decoravam o bar. Até sua chegada, as garrafas coloridas e o vaso vermelho de Eva eram os únicos pontos de cor nos domínios monocromáticos do meu escritório. “Encontrar a mulher certa.”

Ele devolveu a flor ao vaso. “Vai em frente, Cross, pode esfregar na minha cara.”

“Prefiro me gabar em silêncio. Trouxe alguma coisa para mim?”

Ao se aproximar da mesa, ele sorriu como quem quer demonstrar que ama seu trabalho, coisa de que eu não duvidava. Seu faro para a caça era quase tão apurado quanto o meu.

“O acordo com Morgan está indo bem.” Ajeitando a calça feita sob medida, ele se sentou em uma das duas cadeiras diante da minha mesa. Seu estilo era um pouco mais chamativo que o meu, mas isso não era exatamente um defeito. “Já acertamos os pontos principais. Ainda estamos alinhando algumas cláusulas, mas vai estar tudo pronto na semana que vem.”

“Ótimo.”

“Você é mesmo um homem de poucas palavras”, disse. Então perguntou, como quem não quer nada: “Vai fazer alguma coisa no fim de semana?”.

Fiz que não com a cabeça. “Eva talvez queira sair. Se for o caso, posso tentar fazer com que ela mude de ideia.”

Arash deu risada. “Vou dizer uma coisa, até esperava que você fosse sossegar em algum momento — afinal, acontece com todo mundo —, mas não pensei que seria assim tão

repentino.”

“Nem eu.” Não era exatamente verdade. Nunca esperei ser capaz de compartilhar minha vida com alguém. Nunca neguei que meu passado era uma sombra sobre meu presente, mas tampouco sentia necessidade de mencionar esse passado antes de Eva. Não era possível mudar o que tinha acontecido, então por que mexer naquilo?

Fiquei em pé e caminhei até a parede envidraçada com pé-direito duplo para observar a cidade que se estendia em todo o seu esplendor do outro lado.

Quando não sabia que Eva existia, nem sonhava em encontrar a única pessoa no mundo capaz de aceitar e amar todas as minhas facetas.

E eu a havia encontrado justo no coração de Manhattan, no prédio que construíra contrariando os conselhos das pessoas mais próximas a mim, correndo grandes riscos. Era caro demais, diziam, e desnecessário. Mas eu precisava que o nome Cross fosse lembrado e mencionado de outra forma. Meu pai tinha jogado nosso nome na lama, mas eu o elevei às alturas na cidade mais importante do mundo.

“Você não demonstrou nenhum sinal de que as coisas estavam caminhando para isso”, Arash comentou atrás de mim. “Se lembro bem, dormiu com duas mulheres na festa do Cinco de Mayo, e algumas semanas depois veio me dizer para elaborar um acordo pré-nupcial dos mais malucos.”

Observei a cidade, aproveitando um raro momento para apreciar a vista proporcionada pela altura e pela posição da minha sala no Edifício Crossfire. “E desde quando eu sou do tipo que fica adiando a assinatura de um acordo?”

“Uma coisa é expandir os negócios; mudar sua vida do dia para a noite é outra bem diferente.” Ele deu uma risadinha. “E então, quais são os planos? Inaugurar a casa de praia?”

“Ótima ideia.” Levar minha mulher de volta ao litoral da Carolina do Norte era um dos meus objetivos. Tê-la só para mim seria o céu. Nada se comparava à felicidade de ficar a sós com Eva. Sua companhia me revitalizava, fazia-me desejar uma vida que nunca quis ter antes.

Construí meu império com a mente voltada para o passado. Agora, graças a ela, eu o expandiria voltado para nosso futuro juntos.

O telefone na mesa piscou. Era Scott na linha um. Apertei o botão e ouvi sua voz pelo alto-falante. “Corinne Giroux está na recepção. Disse que precisa entregar algo para você rapidinho. Como é particular, quer entregar pessoalmente.”

“Ah, claro”, comentou Arash. “Talvez mais flores.”

Olhei feio para ele. “Mulher errada.”

“Quem me dera que minhas mulheres erradas fossem como Corinne.”

“Continue pensando nisso enquanto vai até a recepção pegar o que ela veio trazer.”

Ele ergueu as sobrancelhas. “Sério? Poxa.”

“Se ela quer conversar, pode conversar com meu advogado.”

Ele se levantou e se dirigiu à porta. “Pode deixar, chefe.”

Olhei para o relógio. Quinze para as cinco. “Sei que você ouviu tudo, Scott, mas, só para deixar claro, Madani vai se encarregar dela.”

“Sim, sr. Cross.”

Pelo vidro que separava minha sala do restante do andar, vi Arash caminhar até a recepção e afastei o assunto da minha mente. Eva viria me encontrar em breve, e eu esperava por isso desde o início do expediente.

Obviamente não seria assim tão simples.

Um vulto vermelho apareceu no canto do meu campo de visão e fez com que eu me virasse para a porta. Vi Corinne caminhando na direção da sala, com Arash em seu encalço. Ela ergueu a cabeça, e nossos olhares se cruzaram. Seu sorriso tenso se ampliou, e a transformou de uma mulher linda em uma deslumbrante. Mas eu só conseguia admirá-la da mesma maneira que admirava qualquer uma a não ser Eva — de forma objetiva, sem nenhum envolvimento.

Agora que estava casado e feliz, percebia o erro terrível que teria cometido caso tivesse me casado com Corinne. Era uma pena que ela se recusasse a aceitar aquilo.

Fiquei em pé e fui para a frente da mesa. Lancei um olhar a Arash e Scott para avisá-los de que lidaria com a situação. Se Corinne queria se dirigir diretamente a mim, eu daria a ela uma última oportunidade de não fazer besteira.

Corinne entrou na sala. Usava sapatos vermelhos de salto alto e um vestido tomara que caia da mesma cor, mostrando bem suas pernas compridas e sua pele clara. Os cabelos pretos e lisos estavam soltos, caídos sobre os ombros. Ela era o oposto perfeito da minha esposa, e uma síntese de todas as mulheres que passaram pela minha vida.

“Gideon. Imaginei que você teria alguns minutos para uma velha amiga.”

Encostei na mesa e cruzei os braços. “Considere uma cortesia da minha parte não chamar os seguranças. Seja breve, Corinne.”

Ela sorriu, mas seus olhos, da cor da água-marinha, estavam tristes.

Corinne trazia uma caixa vermelha debaixo do braço. Ela se aproximou e a estendeu para mim.

“O que é isso?”, perguntei, sem me mover.

“As fotos que vão aparecer no livro.”

Minhas sobrancelhas se ergueram. Descruzei os braços e peguei a caixa, movido pela curiosidade. Não muito tempo antes, estávamos juntos, mas já não me lembrava bem dos detalhes do relacionamento. Só haviam restado impressões, momentos mais marcantes e arrependimento. Eu era jovem demais e tinha uma autoestima perigosamente baixa.

Corinne pôs a bolsa sobre a mesa, roçando no meu braço. Com cautela, apertei o botão que controlava a opacidade da divisória de vidro.

Se ela queria dar um show, eu precisava garantir que não haveria plateia.

Abri a tampa da caixa e dei de cara com uma foto de nós dois abraçados diante de uma fogueira. Sua cabeça estava apoiada no meu ombro, e seu rosto estava virado para mim para que a beijasse.

A lembrança me veio à mente. Tínhamos feito uma visita à casa de um amigo nos Hamptons. Estava frio, já era fim de outono.

Na foto parecíamos felizes e apaixonados. Em certo sentido, acho que estávamos. Mas recusei o convite de passar a noite lá, para a decepção de Corinne. Com meus pesadelos, seria impossível dormir ao lado dela. E eu não podia comê-la, apesar de saber que era isso que ela queria, porque o quarto de hotel que mantinha para isso estava a quilômetros de distância.

Tantas preocupações. Tantas mentiras e evasivas.

Respirei fundo para me desvencilhar do passado. “Eva e eu nos casamos mês passado.”

Ela ficou tensa.

Deixei a caixa em cima da mesa, peguei meu celular e mostrei a foto que servia de fundo de tela — o beijo que havia selado nossos votos.

Corinne virou a cabeça e olhou para o outro lado. Em seguida pegou a caixa, remexeu na pilha de fotos e encontrou uma nossa na praia.

Eu estava em pé com água até a cintura. Corinne estava agarrada a mim, com as pernas em torno do meu corpo, os braços sobre meus ombros e as mãos nos meus cabelos. Com a cabeça jogada para trás, ela ria, em uma imagem que irradiava alegria. Eu a segurava com força, os olhos vidrados nela. Havia gratidão ali, e admiração. Afeto. Desejo. Quem não me conhecesse pensaria que eu estava apaixonado.

Era esse o objetivo de Corinne. Sempre neguei que tivesse amado alguém antes de Eva, e era a absoluta verdade. Da forma mais pública possível, Corinne estava determinada a provar que eu havia mentido.

Ela se inclinou para a frente, olhou para a foto e depois para mim. Sua expectativa era tangível, como se eu pudesse estar prestes a ter uma grande epifania. Corinne passou os dedos no colar, e percebi que eu o havia dado de presente, uma corrente simples com um pingente de coração dourado.

Cacete. Eu não sabia quem havia tirado a foto, nem me lembrava de onde estávamos na ocasião, e não fazia diferença.

"O que você quer provar com isso, Corinne? Nós namoramos. E terminamos. Você se casou, e eu também. Não existe mais nada entre nós."

"Então por que está exaltado? Você não é indiferente a mim, Gideon."

"Não mesmo. Você me irrita. Essas fotos só me fazem apreciar ainda mais o que tenho com Eva. E saber que isso vai deixar você magoada não me deixa com nenhuma saudade do passado. Este é nosso último adeus, Corinne." Eu a encarei com firmeza, para que visse minha determinação. "Se voltar aqui, os seguranças não vão deixá-la entrar."

"Eu não vou voltar. Você vai ter que…"

Scott me chamou pelo telefone, e eu atendi. "Sim."

"A srta. Tramell está aqui para ver o senhor."

Eu me inclinei sobre a mesa outra vez, acionando o botão que abria a porta. Um instante depois, Eva entrou.

Algum dia eu conseguiria estar na presença dela sem sentir o chão se mover sob os pés?

Ela parou de repente, dando-me o prazer de olhá-la de alto a baixo. Eva era loira, e seus cabelos claros emolduravam um rosto delicado e acentuavam os olhos acinzentados e tempestuosos que eu poderia passar horas admirando — como já tinha passado. Era baixinha e cheia de curvas, com um corpo delicioso e macio na cama.

Eu diria que era angelicalmente linda, não fosse sua sensualidade escancarada, que sempre me fazia desejar sexo *selvagem*.

Contra minha vontade, minha mente se lembrou de seu cheiro e sua pele sob minhas mãos. De sua risada aberta que me enchia de alegria. De seu pavio curto, que me fazia estremecer. Eram recordações viscerais. Tudo dentro de mim ganhou vida em uma onda de energia e atenção. Eu não sentia isso em nenhum momento quando não estava com ela.

Corinne foi a primeira a falar. "Olá, Eva."

Senti a irritação tomar conta de mim. A necessidade de defender e proteger a pessoa mais importante da minha vida era primordial.

Eu me endireitei, joguei a foto de volta na caixa e fui até minha mulher. Em comparação com Corinne, estava vestida com decoro, com uma saia preta de risca de giz e uma camisa de seda sem mangas com um brilho perolado. A onda de calor que senti era a prova de que eu precisava para determinar qual delas era mais sexy.

Eva. Naquele dia e sempre.

A atração que senti me fez atravessar a sala com passos largos e acelerados.

Meu anjo.

Não disse isso em voz alta, porque não queria que Corinne ouvisse. Mas notei que Eva sentiu a demonstração de carinho. Estendi a mão e, ao sentir a familiaridade de sua pele, apertei com força.

Eva se virou a fim de cumprimentar a mulher que de forma nenhuma era páreo para ela. “Corinne.”

Eu não me virei para olhar.

“Preciso ir”, Corinne disse atrás de mim. “Essas cópias são suas, Gideon.”

Incapaz de tirar os olhos de Eva, falei por cima do ombro: “Pode levar. Eu não quero”.

“Você deveria ver até o fim”, ela rebateu, chegando mais perto.

“Por quê?” Irritado, olhei para Corinne quando ela parou ao nosso lado. “Se eu tiver algum interesse, posso sempre dar uma folheada no seu livro.”

O sorriso dela ficou tenso. “Adeus, Eva. Gideon.”

Quando ela saiu, dei mais um passo na direção da minha esposa, eliminando de vez a distância entre nós. Segurei sua outra mão, inclinando-me para a frente a fim de inalar seu perfume. Uma sensação de calma me invadiu.

“Que bom que você veio.” Murmurei as palavras junto à sua testa, querendo a maior proximidade possível. “Estava morrendo de saudade.”

Fechando os olhos, ela se apoiou contra mim com um suspiro.

Sentindo a tensão em seu corpo, apertei suas mãos com mais força. “Tudo bem com você?”

“Sim, estou bem. Só não esperava vê-la aqui.”

“Eu também não.” Por mais que detestasse me afastar, ficar pensando naquelas fotos era

ainda pior.

Voltei à mesa, tampei a caixa e joguei tudo no lixo.

“Pedi demissão”, ela contou. “Amanhã é meu último dia.”

Era o que eu queria, o que acreditava ser o melhor a fazer e a medida mais segura a tomar. Mas sabia que era uma decisão difícil. Eva adorava seu emprego e as pessoas com quem trabalhava.

Ciente de que ela sabia ler minhas reações como ninguém, mantive um tom de voz neutro. “É?”

“É.”

Eu a observei. “E o que vai fazer agora, então?”

“Tenho um casamento para organizar.”

“Ah.” Abri um sorriso. Depois de tantos dias temendo que estivesse arrependida, era um alívio ouvir aquilo. “Bom saber.”

Eu a chamei mais para perto dobrando o dedo.

“Vem você até aqui”, ela rebateu, com um olhar de desafio.

Como eu poderia resistir? Fui até ela no meio da sala.

Era por isso que conseguíamos superar todos os obstáculos que encontrávamos. Com ela eu havia aprendido a ceder.

Eva jamais seria a esposa dócil que meu amigo Arnoldo Ricci desejava para mim. Era independente e determinada demais. E absurdamente ciumenta. Era exigente e teimosa, e gostava de me desafiar só para me deixar maluco.

Tudo aquilo funcionou comigo como nunca tinha acontecido antes, porque Eva era perfeita para mim. Eu acreditava naquilo mais que em qualquer outra coisa no mundo.

“É isso que você quer?”, perguntei baixinho, observando seu rosto em busca de uma resposta.

“É *você* que eu quero. O resto é só logística.”

Minha boca ficou seca e meu coração acelerou. Quando ela levantou a mão para mexer nos meus cabelos, eu a peguei e a deixei no meu rosto, fechando os olhos para aproveitar seu toque.

A semana anterior se desfez. Os dias que passamos separados, as horas de silêncio, o medo paralisante… Eva havia me mostrado o dia todo que estava pronta para seguir em

frente, que eu havia tomado a decisão certa ao conversar com o dr. Petersen. Ao conversar com *ela*.

Ela não só não recuou como queria mais. E ainda dizia que *eu* era um milagre?

Eva suspirou. Senti sua tensão se dissipar. Ficamos lá parados, reconectando-nos, buscando no outro a força de que precisávamos. Fiquei impressionado ao me dar conta de que era capaz de dar um pouco de paz de espírito a ela.

E o que Eva me dava em troca?

Tudo.

A maneira como o rosto de Angus McLeod se iluminou quando viu Eva sair do Crossfire me deixou comovido de um jeito impossível de explicar. Ele era um homem reservado por natureza e por ofício. Quase nunca demonstrava seus sentimentos, mas abria uma exceção para Eva.

Ou talvez não conseguisse se segurar. Como eu.

“Angus.” Eva abriu seu sorriso radiante para ele. “Você está elegante como nunca.”

Observei o homem que eu amava como um pai bater na aba do quepe de chofer e abrir um sorriso envergonhado.

Depois do suicídio do meu pai, minha vida virou um turbilhão. Durante os anos confusos que se seguiram, meu único ponto de estabilidade era Angus, um homem contratado para ser motorista e guarda-costas e que acabou se transformando em meu esteio. Em uma época em que me sentia isolado e traído, quando minha própria mãe se recusava a acreditar que eu estava sendo repetidamente estuprado pelo terapeuta que contratara para me ajudar, Angus me ajudou a manter os pés no chão. Ele nunca duvidou de mim. Quando saí de casa para tocar minha própria vida, ele foi comigo.

“Não vamos estragar tudo desta vez, rapazinho”, Angus me disse quando as pernas bem torneadas da minha mulher desapareceram dentro do Bentley.

Abri um sorrisinho. “Obrigado pelo voto de confiança.”

Entrei e me acomodei ao lado de Eva, enquanto Angus contornava o carro até a porta do motorista. Apoiei minha mão na coxa dela para chamar sua atenção. “Quero levar você à casa da praia este fim de semana.”

Ela prendeu a respiração por um momento então soltou o ar com força. “Minha mãe

convidou a gente para ir a Westport. Stanton chamou Martin, sobrinho dele, que namora Lacey, colega de apartamento de Megumi, não sei se você lembra… Cary também vai, claro. Eu disse que a gente ia."

Segurando-me para não demonstrar a decepção, considerei minhas opções.

"Quero que a gente participe dessas coisas de família", ela continuou. "Além disso, minha mãe quer conversar sobre um plano que eu elaborei."

Escutei seu relato da conversa que teve com Monica no almoço.

Eva olhou para mim quando terminou. "Ela me disse que você não ia gostar da ideia, mas sei que já usou os paparazzi antes, quando me deu aquele tremendo beijo no meio da calçada. Você queria que a foto fosse tirada."

"Sim, mas foi uma coisa de momento, nada planejado. Sua mãe tem razão, isso é diferente."

Seus lábios se curvaram, e decidi repensar minha estratégia. Queria que ela participasse de tudo na minha vida. Isso significava que precisava encorajá-la, não impor obstáculos. "Mas você tem razão, meu anjo. Se existe um público interessado no livro de Corinne, é uma demanda que precisa ser suprida de alguma maneira."

O sorriso que Eva abriu foi minha recompensa.

"Pensei em pedir para Cary tirar umas fotos nossas no fim de semana", ela falou. "De momentos mais apaixonados e casuais que os dessas imagens de eventos sociais. Podemos vender nossas preferidas para a mídia e doar o dinheiro para a Crossroads."

A fundação que criei tinha financiamento de sobra, mas eu entendia que o dinheiro era um benefício secundário do plano de Eva para mitigar o impacto do livro de fofocas de Corinne. Eu lamentava o sofrimento que a situação causaria à minha mulher e estava disposto a apoiá-la como fosse possível, mas aquilo não significava que não tentaria passar o fim de semana a sós com ela.

"Podemos fazer uma viagem mais curta", sugeri, começando a negociação com um pedido extremo, o que me daria margem para ceder um pouco. "Vamos na sexta à noite para a Carolina do Norte e passamos o domingo em Westport."

"Ir da Carolina do Norte até Connecticut e depois voltar a Manhattan no mesmo dia? Ficou louco?"

"Podemos ficar na casa de praia até sábado à noite, então."

"Não podemos ficar sozinhos tanto tempo, Gideon", ela respondeu baixinho, colocando a mão sobre a minha. "Precisamos seguir o conselho do dr. Petersen por um tempo.

Namorar, aparecer em público, aprender a lidar com nossos… problemas. Mas sem usar o sexo como muleta.”

Eu a encarei. “Não acredito que você está dizendo que não vamos trepar.”

“Só até a gente casar. Não vai ser…”

“Eva, a gente já casou. Você não pode me pedir para manter distância.”

“Mas estou pedindo.”

“Não.”

Ela contorceu a boca. “Você não pode negar.”

“*Você* é que não pode negar”, rebati, sentindo meu coração disparar. Minhas mãos começaram a suar e um leve pânico se instalou. Era uma coisa irracional, irritante. “O desejo é mútuo.”

Ela tocou meu rosto. “Às vezes meu desejo é até maior, e não nego isso. Mas o dr. Petersen está certo. Avançamos tão depressa que varamos um monte de lombadas a toda. Acho que esse é o momento para tirar um pouco o pé do acelerador. Só por algumas semanas, até o casamento.”

“Algumas *semanas*? Minha nossa, Eva.” Eu me afastei, passando as mãos nos cabelos e olhando pela janela. Minha cabeça estava a mil. O que significava? Por que estava me pedindo aquilo?

Como é que eu ia convencê-la a desistir da ideia?

Senti quando ela chegou mais perto e se aninhou em mim.

Sua voz saiu bem baixinha. “Não era você quem tanto defendia os benefícios de adiar o prazer?”

Eu a encarei. “E isso por acaso deu certo?”

Aquela noite foi um dos maiores erros que cometi no nosso relacionamento. Tudo começou muito bem, então a aparição inesperada de Corinne estragou tudo, provocando um dos piores desentendimentos que Eva e eu tivemos — uma discussão que se tornou ainda mais explosiva por causa da tensão sexual que provoquei e só saciei mais tarde.

“A gente era muito diferente naquela época.” Eva recuou, encarando-me com seus olhos acinzentados. “Você não é o mesmo homem que me ignorou naquela noite.”

“Não ignorei você.”

“E eu não sou mais a mesma mulher”, ela continuou. “Ver Corinne hoje me deixou um pouco tensa, mas eu *sei* que ela não é uma ameaça. Sei que você está comprometido…

Nós dois estamos. É por isso que vamos conseguir fazer o que estou propondo.”

Abri um pouco as pernas para me alongar. “Eu não quero.”

“Eu também não. Mas acho uma boa ideia.” Ela abriu um sorriso suave. “É tradicional e romântico esperar até a noite do casamento. Imagina como vai ser quando a gente voltar a transar.”

“Eva, a gente não precisa disso para ter uma vida sexual intensa.”

“Precisamos fazer sexo por diversão, e não porque é o que segura nosso relacionamento.”

“Sexo é as duas coisas, e não tem nada de errado nisso.” Era como se ela estivesse me pedindo para parar de me alimentar, o que eu estaria mais inclinado a aceitar.

“Gideon… temos uma relação incrível. Todo esforço é válido para deixá-la ainda mais sólida.”

Fiz que não com a cabeça. A ansiedade que estava sentindo me irritou. Era um sinal de descontrole, o que não podia acontecer. Eva não merecia aquilo.

Inclinei-me para a frente e levei a boca ao seu ouvido. “Meu anjo, se não está sentindo falta do meu pau dentro de você, então preciso comparecer mais, e não me afastar.”

Seu estremecimento me fez sorrir por dentro. Mesmo assim, ela sussurrou de volta: “Tenta, por favor. Por mim”.

“Porra.” Eu me recostei de novo no assento. Por mais que quisesse dizer não para ela, não conseguia. Nem mesmo para aquilo. “Que saco.”

“Não fica bravo. Se eu não achasse que é importante tentar, não teria pedido. E é por tão pouco tempo.”

“Eva, cinco minutos para mim já seriam muito tempo. Estamos falando de semanas.”

“Amor…” Ela deu uma risadinha. “Você está fazendo biquinho. Que lindo.” Ela se inclinou para a frente e me beijou no rosto. “E uma concessão e tanto. Obrigado.”

“Não concordei em facilitar as coisas para você.”

Ela foi descendo os dedos pela minha gravata. “Claro que não. A gente pode deixar as coisas mais divertidas. Um desafio. Vamos ver quem desiste primeiro.”

“Eu”, murmurei. “Não tenho nenhum incentivo para vencer essa parada.”

“E eu? Embrulhada em um laço — e nada mais — como seu presente de aniversário?”

Franzi a testa. Nada poderia ser melhor que aquilo, nem mesmo Eva saindo nua de

dentro de um bolo. “O que meu aniversário tem a ver com a história?”

Eva abriu um sorriso deslumbrante, que só me fez desejá-la mais. Ela era o sol da minha vida em todos os momentos, mas, quando estava debaixo de mim, se contorcendo de prazer, pedindo para usar mais força… ir mais fundo…

“É quando a gente vai se casar.”

Demorei um segundo para registrar suas palavras no meu cérebro dominado pela luxúria. “Não sabia disso.”

“Nem eu, até hoje à tarde. Quando fiz minha última pausa do dia, entrei na internet para ver se tinha alguma coisa em setembro ou outubro que eu precisava levar em conta quando fosse decidir a data. Como a gente vai se casar na praia, não pode estar frio, então tem que ser no mês que vem ou no seguinte.”

“Ainda bem que existe o inverno”, resmunguei.

“Tarado. Enfim… Aí recebi um alerta do Google sobre você…”

“Você ainda recebe isso?”

“… e tinha uma postagem sobre a gente em um site de fãs. Tinha…”

“Site de fãs?”

“Pois é. Existe um monte de sites e blogs sobre você. Como está vestido, com quem está saindo, os eventos em que aparece.”

“Meu deus.”

“O site em que entrei tinha um monte de dados sobre você: altura, peso, cor dos olhos, data de nascimento… tudo mesmo. Para ser sincera, fiquei meio assustada, porque essas pessoas sabem um monte de coisas sobre você que eu nem imagino, o que é mais um motivo para a gente se conhecer melhor e conversar mais…”

“Posso passar esses dados enquanto a gente transa. Problema resolvido.”

Ela abriu um sorriso divertido. “Engraçadinho. Enfim, é uma ótima ideia, não? Assim você nunca vai esquecer nosso aniversário de casamento.”

“Nosso aniversário de casamento é 11 de agosto”, eu a lembrei secamente.

“Vamos ter duas datas para comemorar.” Ela passou os dedos pelos meus cabelos, fazendo minha pulsação disparar. “Ou podemos comemorar todos os dias entre uma data e outra.”

De 11 de agosto a 22 de setembro — um mês e meio. Só de pensar nisso as semanas seguintes sem sexo já se tornaram um pouco mais suportáveis.

*

“Eva. Gideon.” O dr. Lyle Petersen se levantou e sorriu quando entramos em seu consultório. Era um homem alto, e seus olhos baixaram até nossas mãos dadas. “Vocês parecem bem.”

“Estou me sentindo muito bem”, Eva falou, parecendo forte e segura.

Eu não disse nada, só estendi a mão para ele.

Aquele terapeuta sabia coisas sobre mim que eu esperava nunca ter que compartilhar com ninguém. Por isso, não me sentia muito à vontade com ele, apesar das cores neutras e da mobília confortável de seu consultório. O dr. Petersen era um homem agradável, tranquilo. Seus cabelos grisalhos bem cortados suavizavam sua aparência, mas não mudavam o fato de que se tratava de uma pessoa observadora e incisiva.

Era difícil confiar em alguém que conhecia tão bem minhas vulnerabilidades, mas eu precisava me esforçar, porque não tinha escolha — o dr. Petersen era uma figura fundamental no meu casamento.

Eva e eu nos acomodamos no sofá, e ele se sentou em sua poltrona. Deixou o tablet de lado e nos observou com seus olhos azuis afiados, que exalavam inteligência.

“Gideon”, ele começou, “conte o que aconteceu desde que nos falamos na terça.”

Eu me recostei no sofá e fui direto ao ponto. “Eva decidiu seguir seu conselho de se abster do sexo até nosso casamento se tornar público.”

A risada baixa e rouca de Eva veio logo em seguida. Ela se inclinou na minha direção e me segurou pelo braço. “Percebeu o tom de acusação?”, perguntou ao terapeuta. “Por culpa sua, ele não vai me ter por duas semanas.”

“São mais de duas semanas”, argumentei.

“Mas menos de três”, ela rebateu, sorrindo para o dr. Petersen. “Eu sabia que esse seria o primeiro assunto que ele mencionaria.”

“Você começaria por onde, Eva?”, ele perguntou.

“Gideon me contou detalhes de seu pesadelo ontem à noite.” Ela me olhou. “Foi um grande avanço. Um divisor de águas para nós dois.”

O amor em seus olhos enquanto falava era inegável, assim como a gratidão e a esperança. Senti um nó na garganta. Falar sobre as coisas perturbadoras que atormentavam

minha cabeça foi a coisa mais difícil que precisei fazer — até contar ao dr. Petersen sobre Hugh tinha sido mais fácil —, mas ver aquele olhar no rosto de Eva fazia tudo valer a pena.

As coisas mais terríveis sobre nós serviam para nos unir. Era uma loucura, mas também uma maravilha. Puxei sua mão para meu colo, cobrindo-a com as minhas. Só sentia amor, gratidão e esperança naquele instante.

O dr. Petersen pegou o tablet. “Foi uma semana de grandes revelações para você, Gideon. O que motivou isso?”

“Você sabe.”

“Eva se afastou de você.”

“E parou de falar comigo.”

Ele olhou para Eva. “Foi porque Gideon contratou seu chefe para tirá-lo da agência onde você trabalha?”

“Isso foi a gota d’água”, ela admitiu, “mas estávamos por um fio. Alguma coisa precisava mudar. Não dava para continuar andando em círculos, tendo sempre as mesmas discussões.”

“Então você se afastou. O que poderia ser descrito como chantagem emocional. Qual era sua intenção?”

Ela contorceu os lábios, pensando a respeito. “Eu diria que foi por desespero.”

“Por quê?”

“Porque Gideon estava… determinando quais seriam as linhas que definiriam nosso relacionamento. E eu não conseguia nem imaginar viver dentro daqueles limites pelo resto da vida.”

O dr. Petersen fez algumas anotações. “Gideon, o que você achou da maneira como Eva lidou com a situação?”

Pensei um pouco antes de responder. “Foi como se o tempo tivesse parado, só que mil vezes pior.”

Ele me olhou. “Lembro que, quando você veio aqui pela primeira vez, não falava com Eva havia alguns dias.”

“Ele terminou comigo”, ela falou.

“Ela me deixou”, rebati.

Foi outra noite em que nos abrimos um para o outro. Ela me contou sobre os abusos de

Nathan, revelando a fonte inconsciente da nossa atração. Depois tive um pesadelo sobre o assédio que sofria, e Eva me forçou a falar a respeito.

Não consegui, e ela me deixou.

Eva se irritou. "*Ele* terminou tudo *comigo* em um comunicado mandado pelo correio interno da empresa! Quem é que faz uma coisa dessas?"

"Eu não terminei nada", corrigi. "Queria que você voltasse. Você sempre se afasta quando as coisas não…"

"*Isso* é chantagem emocional." Ela soltou minha mão e se virou para mim. "Você se afastou com o propósito explícito de me fazer aceitar aquela situação. Se não estou satisfeita com alguma coisa, você se afasta até eu não conseguir aguentar mais."

"Não foi isso que você fez comigo?" Cerrei os dentes. "Você não parece ter nenhum problema com isso. Se eu não mudar, você se manda."

Aquilo acabava comigo. Ela já tinha mostrado várias vezes que era capaz de virar as costas para mim e nunca mais olhar para trás, enquanto eu mal conseguia respirar sem ela. Era um desequilíbrio claríssimo no nosso relacionamento, que dava a ela uma vantagem significativa em tudo.

"Você parece ressentido, Gideon", comentou o dr. Petersen.

"E eu não?" Eva cruzou os braços.

Fiz que não com a cabeça. "Não é ressentimento. É… frustração. Não posso me afastar, mas ela pode."

"Isso não é justo! E não é verdade. O único recurso que tenho é fazer você sentir minha falta. Por mais que eu tente conversar, você só faz o que quer. Não me conta as coisas, não me consulta."

"Estou tentando melhorar."

"*Agora*, mas precisei me afastar para que fizesse isso. Seja sincero, Gideon: quando apareci você percebeu que existia um vazio na vida que podia ser preenchido, mas o resto tinha que ficar como estava."

"O que eu queria era só que… a gente se curtisse por um tempo."

"O meu direito de decidir as coisas por mim mesma é importante! Você não pode querer tirar isso de mim e ainda ficar puto se eu não gostar!"

"Minha nossa." A verdade nua e crua. Foi como se eu tivesse levado um soco. Considerando o passado de Eva, fazê-la sentir — nem que fosse só por um momento —

que eu limitava seu poder de decisão era um golpe brutal. “Eva…”

Eu sabia do que ela precisava, reconheci logo de cara. Tínhamos uma palavra de segurança que sempre respeitei, em público e a dois. Quando ela a dizia, eu parava. E a lembrava daquilo sempre, mostrava a ela que a escolha de parar ou continuar era totalmente sua.

Mas não consegui fazer o mesmo no que dizia respeito ao trabalho. Era uma coisa imperdoável.

Eu me virei para ela. “Meu anjo, não foi minha intenção fazer você se sentir impotente. Eu nunca, nunca *mesmo,* imaginei que era assim que você encararia as coisas. Desculpa.”

As palavras não eram suficientes. Nunca eram. Queria ser um recomeço para ela. Como pudera agir como os babacas com quem tinha se relacionado no passado?

Ela me encarou com seus olhos que viam tudo o que eu preferiria manter escondido. Pelo menos uma vez, fiquei contente com isso.

Sua postura combativa se amenizou. Seu olhar foi atenuado pelo amor. “Acho que eu não tinha deixado isso tão claro.”

Eu me senti incapaz de expressar o que se passava na minha cabeça. Quando conversamos sobre cumplicidade e dividir nossos fardos, não fiz a relação com sua necessidade de decidir as coisas por si mesma. Pensei que poderia defendê-la dos problemas que surgissem e facilitar as coisas para Eva. Ela merecia.

Eva cutucou meu ombro. “Não foi melhor, nem um pouquinho, ter falado comigo sobre o sonho ontem à noite?”

“Não sei.” Soltei o ar com força. “Mas sei que você ficou contente. Se é isso que eu preciso fazer… então é assim que vai ser.”

Ela se recostou no sofá, com os lábios tremendo, e olhou para o dr. Petersen. “Agora estou me sentindo culpada.”

Silêncio. Eu não sabia o que dizer. O terapeuta ficou aguardando, com uma paciência enlouquecedora.

Eva soltou um suspiro profundo e trêmulo. “Pensei que, se ele tentasse, ia ver como as coisas eram melhores do meu jeito. Mas se isso for visto só como uma forma de pressão… de chantagem emocional…” Uma lágrima escorreu pelo seu rosto, cortando meu coração como uma lâmina. “Acho que nossas ideias sobre como deve ser um casamento são diferentes. E se isso não mudar nunca?”

“Eva.” Eu a abracei e a puxei para mais perto, aliviado por ela aceitar o gesto e apoiar a

cabeça no meu ombro. Não era uma rendição. Era uma trégua momentânea. Mas bastava.

“É uma questão importante”, disse o dr. Petersen. “Vamos conversar a respeito. E se o nível de cumplicidade que você espera de Gideon não for confortável para ele?”

“Não sei.” Ela limpou as lágrimas. “Não sei como seria nesse caso.”

Toda a esperança que ela demonstrara ao entrar no consultório tinha se perdido. Acariciando seus cabelos, tentei encontrar algo para dizer que pudesse restabelecer o clima com que começamos a conversa.

Desorientado, falei: “Você pediu demissão por mim, mesmo não sendo essa sua vontade. Contei sobre o meu sonho, mesmo não sendo essa minha vontade. Não é assim que funcionam as coisas? Os dois não precisam ceder?”.

“Você pediu demissão, Eva?”, perguntou o dr. Petersen. “Por quê?”

Ela se aninhou junto a mim. “Estava começando a ter mais dor de cabeça do que recompensa. Além disso, Gideon tem razão… ele cedeu um pouco, então parecia justo que eu cedesse também.”

“Eu não diria que nenhum de vocês cedeu ‘um pouco’. E mesmo assim preferiram começar a sessão falando de outras coisas, o que sugere que não estão completamente à vontade com o sacrifício feito.” Ele se recostou e pôs o tablet no colo. “Já pararam para se perguntar por que estão com tanta pressa?”

Nós o encaramos.

Ele sorriu. “Os dois estão franzindo a testa, então vou encarar isso como um não. Como casal, vocês têm vários pontos fortes. Podem não compartilhar tudo, mas se comunicam, e de forma produtiva. Existem motivos para raiva e frustração, e vocês estão expressando isso e reforçando os sentimentos um do outro.”

Eva endireitou a postura. “Mas…?”

“Cada um de vocês também está impondo sua vontade pessoal e manipulando o outro para isso. Existem problemas e mudanças que acontecem com todo mundo e se resolvem com o tempo, mas nenhum de vocês dois está disposto a esperar, e é isso que me preocupa. Vocês estão acelerando demais. Faz só três meses que se conhecem. A essa altura, a maioria dos casais está começando a assumir um namoro, mas vocês já estão casados há quase um mês.”

Joguei os ombros para trás. “De que adianta adiar o inevitável?”

“Se é inevitável”, ele rebateu, com a gentileza estampada nos olhos, “por que apressar as coisas? Mas não é disso que estou falando. Vocês estão arriscando seu casamento

quando forçam um ao outro a tomar atitudes para as quais ainda não estão prontos. Gideon, você se fecha, como fez com sua família. Eva, você põe a culpa em si mesma se o relacionamento não está funcionando e começa a agir contra suas próprias necessidades, como já demonstrou em seus relacionamentos destrutivos anteriores. Se continuarem colocando um ao outro em situações ameaçadoras, vão acabar acionando seus mecanismos de defesa."

Minha pulsação acelerou, e senti que Eva ficou tensa. Ela disse a mesma coisa para mim antes, e eu sabia que ouvir aquilo do analista só consolidaria sua preocupação. Eu a puxei mais para perto, para tentar acalmá-la. O ódio que senti de Hugh e Nathan naquele momento foi feroz. Estavam ambos mortos, mas mesmo assim continuavam a foder nossa vida.

"Não vamos deixar que eles levem a melhor", Eva sussurrou.

Dei um beijo em sua cabeça, imensamente grato a ela. Ela pensava como eu, o que me deixava maravilhado.

Eva jogou a cabeça para trás, passando os dedos pelo meu queixo, com os olhos acinzentados cheios de ternura. "Não consigo ficar longe de você, sabia? Dói demais. Só porque você cede primeiro, não significa que eu estou menos envolvida. Só sou mais teimosa."

"Não quero brigar com você."

"Então não vamos brigar", ela disse simplesmente. "Começamos uma nova etapa hoje — você me contando as coisas, eu pedindo demissão. Vamos manter tudo assim por uns tempos e ver como ficamos."

"Eu topo."

*

Originalmente, minha ideia era jantar com Eva em um lugar tranquilo e reservado, mas mudei de ideia e fomos ao restaurante do Crosby Street Hotel. Era um lugar movimentado, e todos sabiam que os paparazzi o rondavam. Ainda não estava preparado para levar a coisa ao extremo, mas, conforme discutido com o dr. Petersen, estava disposto a tentar encontrar um meio-termo.

"Que lindo", ela falou enquanto seguíamos a hostess até nossa mesa, observando as paredes azuis de tom claro e a iluminação discreta que vinha dos lustres.

Quando chegamos à mesa, olhei ao redor e puxei a cadeira para Eva. Ela estava atraindo atenção, como sempre. Era uma mulher belíssima em todos os sentidos, mas seu sex appeal era algo que só vendo para crer. Estava na maneira como se movia, em sua postura, em seu sorriso.

E ela era minha. Os olhares que dirigi aos demais clientes do local deixaram isso bem claro.

Eu me sentei diante dela, admirando a maneira como a vela acesa na mesa fazia sua pele e seus cabelos reluzirem. O brilho em seus lábios era um convite a beijos profundos e demorados, assim como o olhar em seu rosto. Ninguém nunca tinha me olhado dessa maneira, com aceitação total e entendimento pleno misturados a amor e desejo.

Eu poderia contar qualquer coisa e ela acreditaria. Era uma coisa muito simples, mas importante demais para mim. Só meu silêncio era capaz de afastá-la, não a verdade.

“Meu anjo.” Segurei sua mão. “Vou perguntar mais uma vez antes de deixar o assunto para lá. Tem certeza de que você quer se demitir? Não vai jogar isso na minha cara daqui a vinte anos? Ainda é tempo de voltar atrás, se você quiser.”

“Daqui a vinte anos você pode estar trabalhando para mim, garotão.” Sua risada rouca flutuou pelo ar e atiçou ainda mais meu desejo. “Não se preocupa. Na verdade, foi até um alívio. Tenho muito com que me preocupar: encaixotar minhas coisas, fazer a mudança, organizar o casamento. Quando essa fase passar, vejo o que vou fazer.”

Eu a conhecia muito bem. Se estivesse insegura, teria notado. O que percebi foi algo diferente. Algo novo.

Havia um fogo dentro dela.

Não consegui tirar os olhos de Eva, nem mesmo na hora de pedir o vinho.

Quando o garçom se afastou, eu me recostei na cadeira, desfrutando do simples prazer de admirar minha linda esposa.

Eva molhou os lábios com um gesto provocante com a língua e se inclinou para a frente. “Você é incrivelmente gostoso.”

Abri um sorrisinho. “Ah, é?”

Ela esfregou a perna na minha. “Você é, de longe, o homem mais gostoso daqui, o que torna tudo ainda mais divertido. Adoro exibir você.”

Soltei um suspiro exagerado. “Você está interessada só no meu corpo.”

“Claro. Quem se importa com seus bilhões de dólares? Você tem coisas muito melhores que isso.”

Prendi sua perna entre os tornozelos. “Como minha esposa. Ela é a coisa mais valiosa na minha vida.”

Eva ergueu as sobrancelhas em uma expressão de divertimento. “*Coisa*?”

Ela sorriu quando o garçom voltou com o vinho. Enquanto ele servia a bebida, seu pé subiu para me provocar, e seus olhos assumiram uma expressão de desejo. Empurrei a taça para ela e observei enquanto girava a bebida, levava até o nariz e então dava um gole. O gemido de aprovação que soltou fez uma onda de calor percorrer meu corpo, o que certamente era seu objetivo. A carícia lenta na minha perna era enlouquecedora. Meu pau ficava mais duro a cada minuto, mais do que estimulado pelos dias de privação.

Antes de Eva, eu não sabia que o sexo podia despertar uma sede tão intensa.

Dei um gole no vinho e esperei que o garçom se afastasse. “Já mudou de ideia sobre a espera?”

“Não. Só estou tentando deixar as coisas mais interessantes.”

“Eu também sei provocar, viu?”, avisei.

Ela sorriu. “Estou contando com isso.”

3

“Aonde você vai?”, perguntei a Gideon quando entrou comigo no saguão do prédio. O Upper West Side era meu lar — por ora. A cobertura de Gideon era no Upper East Side. A imensa área verde do Central Park nos separava, uma das poucas distâncias entre nós que podia ser percorrida facilmente.

Acenei para Chad, um dos seguranças da noite. Ele sorriu para mim e fez um aceno educado para Gideon.

“Vou subir com você”, respondeu Gideon, pondo a mão na parte inferior das minhas costas.

Era impossível ignorar seu toque. Ele exercia sua possessividade e seu controle sem esforço, o que me deixava louca de desejo. Foi ainda mais difícil dizer não a ele quando chegamos ao elevador. “A gente precisa se despedir aqui, garotão.”

“Eva…”

“Não tenho tanto autocontrole assim”, confessei, sentindo toda a força do desejo dele. Gideon sempre conseguia me fazer ceder. Era uma das coisas que eu adorava nele, uma das provas de que éramos feitos um para o outro. “Você e eu com uma cama por perto não é uma boa ideia.”

Ele me olhou com um sorriso na boca infernalmente sexy. “Estou contando com isso.”

“Começa a contar o tempo que falta até o casamento em vez disso. É o que estou fazendo. Minuto por minuto.” E era uma tortura. Minha relação física com Gideon era tão importante quanto a emocional. Eu era apaixonada por ele. Adorava tocá-lo, acariciá-lo, fazer tudo o que ele quisesse… Esse direito era importante demais para mim.

Segurei seu braço, apertando os músculos rígidos por baixo da roupa. “Também estou sentindo sua falta.”

“Você não precisa sentir minha falta.”

Puxando-o para o lado, baixei o tom de voz. “É sempre você que determina quando e como”, murmurei, repetindo a premissa básica da nossa vida sexual. “E uma parte de mim realmente quer que seja agora. Mas tem uma coisa que eu quero mais que isso. Ligo para você mais tarde, depois de conversar com Cary, e conto o que é.”

O sorriso desapareceu do rosto dele. Seu olhar pareceu ávido. “Você pode ir para o apartamento ao lado e me contar agora mesmo.”

Fiz que não com a cabeça. Quando a ameaça de Nathan estava à espreita, Gideon se instalou no apartamento vizinho para garantir minha segurança, apesar de eu não saber na época. Ele podia fazer aquilo porque o prédio era uma de suas muitas propriedades na cidade.

“Você precisa ir para casa, Gideon, relaxar e aproveitar a linda cobertura em que vamos morar em breve.”

“Não é a mesma coisa sem você lá. Parece vazia.”

Isso me atingiu com força. Antes de me conhecer, Gideon tinha estruturado sua vida para que pudesse ficar sozinho em todos os sentidos — mergulhando no trabalho para evitar a família e relacionamentos sérios. Eu havia mudado aquilo, e não queria que ele se arrependesse.

“Agora é sua chance de se livrar de todas as coisas que não quer que eu descubra quando me mudar para lá”, provoquei, tentando manter o clima leve.

“Você conhece todos os meus segredos.”

“Amanhã vamos estar juntos em Westport.”

“Amanhã ainda está longe demais.”

Fiquei na ponta dos pés e beijei seu queixo. “Você pode dormir uma parte do tempo e trabalhar o resto.” Em seguida, murmurei: “Podemos trocar mensagens picantes. Você sabe como sou criativa”.

“Prefiro o real ao virtual.”

Baixei o tom de voz para um sussurro sensual. “Um vídeo, então. Com som.”

Ele virou a cabeça e me deu um beijo longo e profundo. “É uma prova de amor”, sussurrou. “Concordar com isso.”

“Eu sei.” Abri um sorriso e dei um passo atrás para apertar o botão do elevador. “Você também pode me mandar nudes, sabia?”

Ele ergueu uma sobrancelha. “Se quiser fotos minhas, meu anjo, vai ter que tirar pessoalmente.”

Entrei de costas no elevador e mostrei o dedo do meio para ele. “Estraga-prazeres.”

As portas começaram a se fechar. Tive que me segurar na barra de apoio para não sair correndo atrás dele. A felicidade tinha muitas formas. A minha era Gideon.

“É para sentir minha falta”, ordenou.

Mandei um beijo para ele. “Sempre.”

Quando abri a porta do apartamento, fui recebida por duas coisas: o cheiro de comida e a música de Sam Smith.

Eu me senti imediatamente em casa, mas fui acometida por uma tristeza ao pensar que aquele não seria meu lar por muito mais tempo. Não que eu tivesse alguma dúvida em relação ao futuro que abracei quando me casei com Gideon. A ideia de morar com ele também era animadora, ser sua esposa em público e no privado, compartilhando os dias — e as noites — com ele. Mas mudar ainda é mais difícil quando você gosta da versão anterior da sua vida.

“Querido, cheguei!”, gritei, pondo a bolsa sobre um dos banquinhos de madeira do balcão da cozinha. Minha mãe tinha decorado o apartamento inteiro em um estilo ao mesmo tempo tradicional e moderno. Eu não faria algumas de suas escolhas, mas tinha gostado do resultado final.

“Estou aqui”, Cary respondeu, atraindo minha atenção para o outro lado do apartamento. Estava deitado no sofá da sala de estar de bermuda e sem camisa. Seu corpo era magro e bronzeado, com o abdome tão lindamente definido quanto o de Gideon. Mesmo quando não estava trabalhando, ele continuava parecendo um modelo gatíssimo, o que de fato era. “Como foi o jantar?”

“Foi bom.” Fui andando até ele, tirando os sapatos no caminho. Era preciso desfrutar enquanto podia. Eu nem imaginava poder largar meus sapatos no meio da cobertura de Gideon. Aquilo provavelmente ia deixá-lo maluco. E como com certeza haveria outras coisas que o deixariam maluco era melhor escolher meus vícios com cuidado. “E o seu? Parece que você fez comida.”

“Pizza. Semicaseira. Tat estava com desejos.”

“E quem não tem desejo de pizza?”, respondi, esparramando-me no sofá. “Ela ainda está aqui?”

“Não.” Ele desviou a atenção da TV e me encarou com a seriedade estampada nos olhos verdes. “Ela foi embora toda nervosinha quando falei que não vamos morar juntos.”

“Ah.” Para ser sincera, eu não gostava de Tatiana Cherlin. Como Cary, ela era uma modelo bem-sucedida, mas não tão conhecida quanto ele.

Ele a conheceu em um de seus trabalhos. Era uma relação puramente sexual que teve uma guinada violenta quando ela descobriu que estava grávida. Infelizmente, a descoberta aconteceu na mesma época em que Cary encontrou um cara com quem queria ter um relacionamento sério.

“É uma decisão importante”, comentei.

“E não sei se é a decisão correta.” Ele passou uma das mãos pelo lindo rosto. “Se Trey não estivesse na jogada, eu faria a coisa certa.”

“E quem disse que não está fazendo? Vocês não precisam morar juntos para ser bons pais. Veja só os meus.”

“Porra.” Ele grunhiu. “Parece que estou fazendo uma escolha entre a minha vida e a da criança, Eva. Como isso não faz de mim um imbecil egoísta?”

“Você não está se afastando dela para sempre. Sei que vai estar sempre à disposição dela e do bebê, só que de outra maneira.” Estendi a mão e passei os dedos em seus cabelos castanho-escuros. Meu melhor amigo tinha sofrido muito na vida. A maneira distorcida como foi apresentado ao sexo e ao amor lhe deixou muita bagagem e maus hábitos. “Então Trey vai continuar com você.”

“Ele não decidiu.”

“Ele ligou?”

Cary sacudiu a cabeça. “Não. Eu liguei, antes que ele me esquecesse.”

Dei um empurrãozinho de leve nele. “Como se isso fosse possível, Cary Taylor. Você é inesquecível.”

“Rá.” Ele se espreguiçou com um suspiro. “Ele não pareceu muito contente quando falou comigo. Disse que ainda precisava resolver algumas coisas.”

“Isso significa que está pensando em você.”

“Pois é, pensando que escapou de uma boa”, murmurou Cary. “Trey falou que as coisas entre nós nunca iam dar certo se eu morasse com Tat, mas, quando contei que não ia rolar, disse que estava se sentindo um babaca por ter interferido. É uma situação sem saída, mas joguei limpo com Tat. Preciso tentar.”

“É bem difícil.” Eu não conseguia nem me imaginar no lugar dele. “Mas tente tomar as melhores decisões possíveis. Você tem o direito de ser feliz. Isso é melhor para todo mundo, inclusive para o bebê.”

“Se o bebê nascer mesmo.” Ele fechou os olhos. “Tat disse que não vai fazer isso sozinha. Se eu não estiver ao lado dela, não vai seguir em frente.”

“Não é um pouco tarde para ela dizer isso?” Não consegui esconder a raiva no meu tom de voz. Tatiana era manipuladora. Era impossível não pensar no futuro e concluir que ela seria uma fonte de grande sofrimento para uma criança inocente.

“Não consigo nem pensar nisso, Eva. Perco a cabeça. Que situação de merda.” Ele soltou uma risada nervosa. “E pensar que eu achei que ela fosse uma pessoa fácil de lidar. Não ligava para o fato de eu ser bissexual, não estava nem aí se dormia com outros… Por um lado, acho bom que ela queira ficar só comigo, mas não consigo deixar de lado meus sentimentos por Trey.”

Cary virou seu olhar perturbado para o outro lado. Vê-lo tão magoado era de cortar o coração.

“Talvez eu possa falar com ela”, ofereci.

Ele se virou de novo para mim. “E como isso vai ajudar? Vocês duas não se bicam.”

“Não sou muito fã dela”, admiti. “Mas posso deixar isso de lado. Uma conversa de mulher para mulher pode ajudar, se for conduzida do jeito certo. E as coisas não podem ficar piores, certo?” Não quis dizer mais nada. Minhas intenções eram boas, mas eu parecia mesmo um tanto ingênua.

Ele soltou um risinho de deboche. “As coisas sempre podem ficar piores.”

“Isso é o que eu chamo de ver o lado bom das coisas”, provoquei. “Trey já sabe que você contou para Tatiana que ela não vai morar aqui?”

“Mandei uma mensagem. Não tive resposta. Nem acho que vou ter.”

“Dá mais um tempinho para ele.”

“Eva, no fundo o que ele mais queria era que eu fosse totalmente gay. Na cabeça dele, como sou bissexual, a traição é uma coisa inevitável. Trey não entende que posso sentir atração por homens e mulheres e ser fiel a uma só pessoa. Ou talvez não queira entender.”

Bufei. “Acho que não ajudei muito também. Ele tocou nesse assunto comigo, e eu não soube explicar direito.”

Aquilo estava me corroendo por dentro fazia um tempo. Eu precisava procurar Trey e esclarecer as coisas. Cary tinha sido violentamente agredido e estava no hospital quando Trey me abordou. Eu não estava raciocinando direito.

“Você não tem como resolver tudo por mim, gata.” Ele se virou de bruços e olhou para mim. “Mas adoro o fato de tentar.”

“Você é parte de mim.” Era difícil encontrar as palavras certas. “Preciso que esteja bem, Cary.”

“Estou tentando.” Ele afastou os cabelos do rosto. “Vou aproveitar esse fim de semana em Westport para pensar na possibilidade de Trey não querer mais ficar comigo. Preciso ser realista.”

“E, enquanto isso, posso ser otimista.”

“Boa sorte com isso.” Ele se sentou e apoiou os cotovelos nos joelhos, de cabeça baixa. “Enfim, voltando a Tatiana. Acho que deixei as coisas bem claras. Não vamos ficar juntos. Com bebê ou sem bebê, não seria bom nem para mim nem para ela.”

“Eu entendo e respeito isso.”

Não havia como dizer mais nada. Sempre dava ao meu melhor amigo o apoio e a confiança de que precisava, mas havia lições duras e importantes a aprender com a situação. Trey, Tatiana e Cary estavam sofrendo — e um bebê estava a caminho — por causa das escolhas de Cary. Ele afastava as pessoas que o amavam com suas atitudes, testando a determinação delas. Era um teste fadado ao fracasso. Encarar as consequências daquilo poderia provocar uma mudança para melhor.

Ele abriu um sorriso tristonho, com um dos lindos olhos verdes escondidos pela franja comprida. “Não posso esperar para ver o que vai acontecer para tomar minha decisão. É uma merda, mas… preciso amadurecer alguma hora.”

“Isso vale para todo mundo.” Abri um sorriso de incentivo. “Pedi demissão hoje.”

Era mais fácil aceitar o que eu tinha feito dizendo em voz alta.

“Sério mesmo?”

Olhando para o teto, respondi: “Sério mesmo”.

Ele assobiou. “Quer que eu abra um uísque e pegue os copos?”

Estremeci. “Argh. Você sabe que eu odeio uísque. E, na verdade, champanhe e duas taças seriam mais apropriados.”

“É mesmo? Você quer comemorar?”

“Não tenho nenhuma mágoa para afogar, isso é certeza.” Estendi os braços para me livrar dos últimos resquícios de tensão. “Mas fiquei pensando nisso o dia todo.”

“E?”

“Estou tranquila. Se Mark tivesse recebido mal a notícia, talvez eu pensasse duas vezes, mas ele vai sair também e trabalha lá há muito mais que meus três meses. Não faz sentido eu ficar mais chateada que ele por sair.”

“Gata, as coisas não precisam fazer sentido.” Ele usou o controle remoto para abaixar o

volume da TV.

“Você tem razão, mas conheci Gideon assim que comecei a trabalhar na Waters Field & Leaman. Na prática, não existe comparação entre um emprego de três meses e um marido para a vida toda.”

Ele me encarou. “Primeiro você fala em fazer sentido, depois em praticidade. Está cada vez pior.”

“Ah, cala a boca.” Cary nunca me deixava optar pela explicação mais fácil. Como eu tinha muita facilidade para me iludir, aquela política dele era necessária.

O sorriso desapareceu do meu rosto. “Eu quero mais.”

“Mais o quê?”

“Mais tudo.” Olhei para ele de novo. “Gideon tem uma presença forte, sabe? Quando ele chega, todo mundo repara e fica olhando. É isso que eu quero.”

“Você se casou com isso. Já tem todos esses benefícios no nome e na conta bancária.”

“Quero isso por merecimento, Cary. Geoffrey Cross deixou muita gente querendo se vingar de seu filho. E Gideon fez seus próprios inimigos, como os Lucas.”

“Quem?”

Franzi o nariz. “Aquela louca da Anne Lucas e seu marido igualmente insano.” Foi quando me dei conta. “Meu Deus, Cary! Não contei para você! Aquela ruiva com quem você se envolveu depois de uns drinques umas semanas atrás. *Aquela* era Anne Lucas.”

“Do que você está falando?”

“Lembra quando pedi para você fazer uma pesquisa sobre o dr. Terrence Lucas? Anne é a mulher dele.”

A confusão de Cary era visível.

Eu não sabia como contar que Terry Lucas tinha examinado Gideon quando criança e mentido quando encontrou indícios de abuso sexual para proteger Hugh, seu cunhado, de um inquérito policial. Nunca entendi por que alguém faria aquilo, por mais que amasse a esposa. Quanto a Anne, Gideon tinha dormido com ela para se vingar do marido, mas a semelhança com o irmão dela provocou um senso de depravação sexual que o atormentou terrivelmente. Gideon puniu Anne pelos erros de Hugh, provocando perturbações mentais nos dois nesse meio-tempo.

Aquilo acabou rendendo a Gideon e a mim dois inimigos ferozes.

Expliquei o máximo possível. “Os Lucas têm uma história péssima com Gideon que eu

não posso explicar, mas não foi por coincidência que vocês ficaram juntos naquela noite. Era o que ela estava planejando.”

“Por quê?”

“Porque ela é louca e sabia que aquilo ia me abalar.”

“Por que você se preocuparia com quem eu fico ou deixo de ficar?”

“Cary… eu sempre me preocupo.” Meu celular começou a tocar. Pela música, “Hanging by a Moment”, soube que era Gideon, e fiquei em pé. “Mas o problema nesse caso é a intenção por trás de tudo. Você não foi escolhido por ser uma gracinha. Virou alvo dela porque é meu melhor amigo.”

“Não entendi o que isso significa.”

“É uma forma de incomodar Gideon. O que ela mais quer é chamar a atenção dele.”

Cary ergueu uma sobrancelha. “É uma história bem esquisita, mas enfim… Encontrei com ela pouco tempo atrás.”

“Quê? Quando?”

“Semana passada, acho.” Ele deu de ombros. “Eu tinha acabado uma sessão de fotos e o carro do Uber estava esperando em frente ao estúdio. Ela estava saindo de um café com uma amiga bem nessa hora. Foi totalmente do nada.”

Sacudi a cabeça. “Mentira. Ela falou alguma coisa?”

“Claro. Meio que deu em cima de mim, o que não foi surpresa depois do que rolou. Não entrei na dela, disse que estava começando um relacionamento. Ela nem ligou. Desejou boa sorte e me agradeceu pela diversão que tivemos, então seguiu seu caminho. E ponto final.”

Meu celular começou a tocar de novo. “Se você encontrar com ela mais uma vez, se manda e depois me avisa. Tudo bem?”

“Tudo bem, mas não estou entendendo nada pelo pouco que você me contou.”

“Me deixa só falar com Gideon.” Corri até o celular para atender. “Oi.”

“Você estava no chuveiro?” Gideon sussurrou. “Está pelada e molhadinha?”

“Ai, meu Deus. Espera um pouco.” Apoiei o telefone no ombro e voltei para perto de Cary. “Ela estava de peruca quando vocês se encontraram?”

Meu melhor amigo ergueu as sobrancelhas. “Como é que eu vou saber?”

“Os cabelos dela estavam compridos como da outra vez?”

“Sim. A mesma coisa.”

Balancei a cabeça, bem séria. Anne usava os cabelos bem curtinhos, nunca vi uma foto dela de outro jeito. Estava de peruca quando deu em cima de Cary no jantar, o que a fez passar despercebida por mim e por Gideon.

Talvez fosse um novo estilo que ela tinha adotado.

Talvez fosse uma indicação de suas intenções quanto a Cary.

Levei o celular de novo à orelha. “Preciso que você volte aqui, Gideon. E que traga Angus também.”

Algo no meu tom de voz deve ter denunciado minha preocupação, porque, quando apareceu, Gideon estava com Angus e Raúl. Abri a porta e dei de cara com os três no corredor, meu marido mais à frente, no meio dos dois guarda-costas. Chamar a visão dos três de intensa seria pouco.

Gideon estava sem gravata e com o colarinho e o colete desabotoados, mas ainda vestido com a mesma roupa de quando nos despedimos. Aquela leve desarrumação era absurdamente sexy, e provocou uma onda de excitação pelo meu corpo. Era uma tentação, um convite a terminar de arrancar aquelas roupas caras e elegantes e revelar o macho poderoso que havia por baixo. Por mais que Gideon fosse gostoso vestido, não havia nada como a visão de seu corpo totalmente nu.

Meus olhos acabaram me entregando. Gideon ergueu uma sobrancelha e curvou os cantos da boca em um sorriso brincalhão.

“Olá para você também”, ele provocou, em resposta ao meu olhar excitado.

Os dois homens atrás eram um contraste absoluto com ele, com terno preto básico, camisa branca e gravata escura perfeitamente alinhada.

Nunca tinha me dado conta de que Angus e Raúl eram uma presença supérflua ao lado de Gideon, um homem claramente mais do que capaz de lidar com conflitos sem ajuda.

Raúl permaneceu impassível, como sempre. Angus também mantinha uma atitude estoica, mas o olhar malicioso que me lançou era um indício de que havia percebido a maneira como eu encarava Gideon.

Senti meu rosto ficar vermelho.

Saí do caminho para que eles entrassem. Angus e Raúl foram para a sala, onde Cary

estava à espera. Gideon ficou para trás para falar comigo enquanto eu fechava a porta.

“Você está me olhando desse jeito, meu anjo, mas queria que Angus viesse também. Me explica isso.”

Dei risada, e era exatamente daquilo que precisava para aliviar a tensão. “O que você quer que eu faça? Pelo jeito você estava tirando a roupa quando me ligou.”

“Posso terminar de tirar aqui mesmo.”

“Você sabe que talvez eu queime todas as suas roupas depois do casamento, né? Vou querer você pelado o tempo todo.”

“Isso tornaria as reuniões de trabalho bem interessantes.”

“Hum… então é melhor não.” Encostei na porta e respirei fundo. “Anne foi atrás de Cary depois daquele jantar.”

O afeto e a leveza desapareceram do olhar de Gideon, substituídos por uma frieza que era um prenúncio de problemas.

Ele tomou o caminho da sala de estar. Tive que me apressar para alcançá-lo e segurar sua mão para lembrá-lo de que estávamos juntos naquilo. Eu sabia que ele ia demorar um pouco para se acostumar à ideia. Gideon passou tempo demais enfrentando sozinho suas batalhas e as das pessoas que amava.

Sentando-se na mesinha de centro, ele encarou Cary e falou: “Me diga o que você contou para Eva”.

Gideon parecia preparado para dominar Wall Street, enquanto Cary parecia mais disposto a tirar uma soneca, mas aquilo não parecia fazer nenhuma diferença para meu marido.

Cary contou outra vez a história, dando uma olhada para Angus e Raúl, que continuavam em pé. “É isso”, ele concluiu. “Agora, sem querer ofender, mas parece que tem força bruta demais aqui para lidar com uma mulher que mesmo vestida mal passa dos cinquenta quilos.”

Eu diria que Anne beirava os sessenta, mas não era aquela a questão. “É melhor prevenir que remediar”, falei.

Ele me encarou. “O que ela pode fazer? Sério mesmo. Por que está todo mundo tão preocupado?”

Gideon se remexeu, inquieto. “Nós tivemos um… um caso. Essa não é a palavra certa. Mas não foi nada bonito.”

“Você fodeu com ela”, Cary disse simplesmente. “Isso eu entendi.”

“Fodeu com a vida dela”, corrigi, chegando mais perto para apoiar a mão no ombro de Gideon. Eu estava do lado dele, mas condenava o que tinha feito. E, para ser sincera, até a parte de mim que era obcecada pelo passado de Gideon tinha pena de Anne. Houve momentos em que imaginei tê-lo perdido para sempre, e aquilo também me deixou meio maluca.

Por outro lado, ela era perigosa de um jeito que eu jamais seria, e aquele perigo se estendia a pessoas importantes demais para mim. “Anne não aceita que ele está comigo.”

“Como assim? Tipo *Atração fatal*?”

“Bom, ela é psicóloga, então seria algo entre *Atração fatal* e *Instinto selvagem*. É uma maratona de Michael Douglas em forma de mulher.”

“Não brinca com isso, Eva”, disse Gideon, tenso.

“Não estou brincando”, rebati. “Cary disse que ela estava com aquela peruca longa do jantar. Acho que queria ser reconhecida para poder falar com ele.”

Cary soltou uma risadinha de deboche. “Então ela é doida. O que vocês querem que eu faça? Avise se encontrar com ela de novo?”

“Quero que você ande com um guarda-costas.”

Gideon balançou a cabeça. “Concordo.”

“Uau.” Cary esfregou a barba por fazer. “Vocês levam isso bem a sério mesmo.”

“Já tem coisa demais acontecendo na sua vida”, lembrei. “Se ela está tramando alguma, você não precisa lidar com isso.”

Ele abriu um sorriso malicioso. “Isso é verdade.”

“Cuidamos de tudo”, disse Angus. Raúl balançou a cabeça, e os dois desceram.

Gideon ficou.

Cary olhou para nós dois e levantou. “Acho que vocês não precisam mais de mim, então vou dormir. A gente se fala de manhã”, ele me disse antes de ir para o quarto.

“Está preocupado?”, perguntei para Gideon quando ficamos a sós.

“Você está. Isso já basta.”

Eu me sentei à frente dele no sofá. “Não é tanto preocupação. É mais curiosidade. O que será que ela pensa que vai conseguir indo atrás de Cary?”

Gideon bufou. “Ela quer mexer com nossa cabeça, Eva. Só isso.”

“Acho que não. Foi bem específica quando falou comigo no jantar, avisando para ficar longe de você. Como se eu não te conhecesse tão bem quanto ela.”

Gideon cerrou os dentes, e percebi que estava abalado. Ele nunca me contou o que os dois tinham conversado no consultório dela. Anne talvez tivesse dito algo parecido para ele.

“Vou conversar com ela”, anunciei.

Gideon me lançou um olhar gelado. “Nem pensar.”

Ri baixinho. Meu pobre marido. Tão acostumado a mandar e decidiu se casar com uma mulher como eu. “Já evoluímos muito no nosso relacionamento e em algum momento concordamos em fazer as coisas juntos.”

“E estou disposto a isso”, ele disse sem se alterar, “mas começar por Anne não é uma boa ideia. Não dá para conversar racionalmente com alguém irracional.”

“Não quero conversar racionalmente com ela, garotão. Essa mulher está rondando meus amigos e pensa que sou seu ponto fraco. Ela precisa saber que não sou uma mocinha indefesa e que vai ter que enfrentar nós dois.”

“Ela é problema meu. Eu lido com isso.”

“Se é um problema para você, Gideon, também é para mim. Escuta só. Se eu não fizer nada, a situação com Anne só vai piorar.” Eu me inclinei para a frente. “Na cabeça dela, ou eu sei o que está acontecendo e sou fraca demais para reagir ou você está escondendo tudo de mim, o que também dá a impressão de que sou fraca demais. Dos dois jeitos, isso me torna um alvo, e sei que não é o que você quer.”

“Você não sabe o que ela está tramando”, Gideon disse, tenso.

“É uma coisa meio maluca, eu sei. Mas ela é mulher. Acredita em mim, ela precisa saber que tenho minhas armas e que estou disposta a usá-las.”

Ele coçou o queixo. “O que você quer dizer?”

Tive que conter meu sorriso de triunfo. “Sinceramente, acho que bastaria aparecer de surpresa em um lugar inesperado. Uma emboscada, por assim dizer. Vai ser um susto me encontrar à sua espera. Será que ela vai ficar na defensiva ou partir para o ataque? Precisamos saber que tipo de reação Anne vai ter.”

Gideon sacudiu a cabeça. “Não estou gostando nada disso.”

“Eu sabia que você não ia gostar.” Estendi minhas pernas sobre as dele. “Mas sabe que estou certa. Não é minha estratégia que incomoda você, Gideon. É o fato de seu passado não ter ido embora, e de eu querer lidar com isso.”

“Mas meu passado *vai* embora, Eva. Eu resolvo isso.”

“Você precisa analisar melhor a situação. Sou um membro da equipe, como Angus ou Raúl, mas obviamente não sou sua funcionária e não dependo de você — sou sua cara-metade. A questão aqui não é mais só Gideon Cross. Nem Gideon Cross e sua esposa. Somos Gideon e Eva Cross, e você precisa me deixar mostrar isso para o mundo.”

Ele se inclinou para a frente, com o olhar aceso e intenso. “Você não precisa provar nada para ninguém.”

“Sério? Porque sinto que preciso me provar para você. Se não acredita que eu sou forte o suficiente…”

“Eva.” Gideon me segurou por trás dos joelhos e me puxou para a frente. “Você é a mulher mais forte que conheço.”

Não consegui acreditar naquelas palavras. Não da maneira como eu precisava. Ele me via como uma sobrevivente, não uma guerreira.

“Então para de se preocupar”, rebati, “e me deixa fazer o que é preciso.”

“Não acho que você precise fazer nada.”

“Podemos discordar, mas você vai me deixar agir mesmo assim.” Eu me inclinei na direção dele, passando os braços sobre seus ombros largos e pressionando os lábios contra sua boca tensa.

“Meu anjo…”

“Só para deixar claro, não estou pedindo permissão, Gideon. Estou contando o que vou fazer. Você pode me ajudar ou manter distância, a escolha é sua.”

Ele soltou um ruído de frustração. “Onde está o meio-termo que você tanto me cobra?”

Eu me afastei para encará-lo. “O meio-termo é você me deixar fazer as coisas do meu jeito desta vez. Se não der certo, fazemos do seu jeito na próxima.”

“Que honra.”

“Para com isso. Vamos sentar juntos para discutir a logística da coisa. Precisamos de Raúl para mapear a rotina dela. A emboscada tem que acontecer em um lugar em que ela se sinta segura e à vontade. Para o susto ser maior.” Encolhi os ombros. “Foi ela quem ditou o tom. A gente só está dando o passo seguinte.”

Gideon respirou fundo. Dava quase para *ver* sua mente ágil em ação, tentando arrumar uma forma de conseguir o que queria.

Resolvi distraí-lo de seus pensamentos. “Lembra hoje de manhã, quando expliquei por

que decidi contar para meus pais sobre o casamento?”

O foco dele mudou, e seu olhar se tornou mais atento e alerta. “Claro.”

“Sei que falar com o dr. Petersen sobre Hugh exigiu muita coragem. Principalmente considerando a opinião que você tem sobre psicólogos.” E quem não seria capaz de entender aquela desconfiança? Hugh era o terapeuta de Gideon, e abusara dele. “Você me inspirou a ser corajosa também.”

Seu lindo rosto se amenizou em uma expressão de ternura. “Ouvi aquela música hoje”, ele murmurou, lembrando-me da vez que me ouviu cantando Sara Bareilles.

Sorri.

“Você precisava que eu contasse”, ele disse baixinho. Suas palavras saíram como uma afirmação, mas na verdade era uma pergunta.

“Precisava mesmo.” Mais que isso, *Gideon* precisava. O abuso sexual era um assunto íntimo e pessoal, mas que de alguma forma tinha que ser exposto. Não era um segredo sujo e vergonhoso a ser escondido dentro de uma caixa. Era uma verdade horrenda, e as verdades — por natureza — precisam ser expostas à luz do sol.

“E você precisa confrontar Anne.”

Levantei as sobrancelhas. “Na verdade eu não ia voltar a esse assunto, mas sim… É verdade.”

Dessa vez, Gideon balançou a cabeça. “Tudo bem. Vai dar tudo certo.”

Comemorei mentalmente.

“Você também disse que tinha uma coisa que queria mais que fazer sexo comigo”, ele me lembrou em tom sarcástico, desmascarando meu blefe com o olhar.

“Bom, eu não colocaria dessa maneira.” Passei os dedos por seus cabelos. “Transar com você é minha atividade favorita. Na vida.”

Ele deu uma risadinha. “Mas?”

“Você vai me achar muito tonta.”

“Ainda vou achar você uma gostosa.”

Dei um beijo nele. “Na escola, a maioria das meninas tinha namorado. Você sabe como é, hormônios em fúria e histórias de amor épicas.”

“Já ouvi dizer”, ele disse com ironia.

Minhas palavras ficaram presas na garganta. Foi muita tolice minha esquecer como

tinha sido a vida de Gideon. Ele não tivera ninguém até conhecer Corinne na faculdade, traumatizado demais por Hugh para se preocupar com namoros adolescentes.

“Meu anjo?”

Soltei um palavrão mentalmente. “Esquece. É bobagem.”

“Você sabe que não vou esquecer.”

“Só dessa vez?”

“Não.”

“Por favor?”

Ele sacudiu a cabeça. “Vai falando.”

Franzi o nariz. “Tudo bem. Adolescentes precisam passar horas ao telefone, porque têm aula no dia seguinte, e os pais não as deixam namorar. Elas passam a noite toda com os namorados falando sobre… enfim. Eu nunca tive isso. Eu nunca…” Mordi a boca de vergonha. “Nunca tive um cara assim.”

Não precisei explicar mais nada. Gideon sabia como era. Sabia que o sexo tinha sido uma maneira distorcida de me sentir amada. Os caras com quem eu transava não me ligavam. Nem antes nem depois.

“Enfim”, concluí, com a voz rouca. “Pensei que a gente podia ter um pouco disso agora… enquanto espera. Conversas ao telefone de madrugada só para ouvir a voz um do outro.”

Ele me encarou.

“Soou melhor na minha cabeça”, murmurei.

Gideon ficou em silêncio por um longo minuto. Em seguida me beijou. Com força.

Eu ainda estava zonza quando ele se afastou e falou com a voz embargada:

“Eu sou esse cara para você, Eva.”

Minha garganta se fechou.

“O roteiro completo, meu anjo. Todos os ritos de passagem… *Tudo*.” Ele limpou a lágrima que escorreu do canto do olho. “E você é essa garota para mim.”

“Nossa.” Soltei uma risada entre as lágrimas. “Te amo muito.”

Gideon sorriu. “Estou indo para casa agora, porque é isso que você quer. E você vai me ligar e dizer isso de novo, porque é o que eu quero.”

“Combinado.”

Acordei antes de o despertador tocar no dia seguinte. Fiquei deitada na cama por alguns minutos, deixando meu cérebro despertar o máximo possível sem café. Concentrei-me no fato de que era meu último dia de trabalho.

Para minha surpresa, estava me sentindo bem com aquilo. Estava até… impaciente. Era mesmo a hora de dar uma sacudida nas coisas.

E era preciso encarar a grande questão: o que vestir?

Saí da cama e fui até o closet. Depois de revirar praticamente tudo, escolhi um vestido esmeralda com decote e saia assimétricos. Mostrava um pouco mais das minhas pernas do que eu consideraria aconselhável para o trabalho, mas por que ser a mesma de sempre? Por que não aproveitar a oportunidade para marcar uma transição?

Aquele seria o último dia de Eva Tramell. Na segunda-feira, Eva Cross faria sua grande estreia. Eu já conseguia visualizá-la. Baixinha e loira ao lado do marido moreno e alto, mas tão perigosa quanto ele.

Ou talvez não. Talvez eles fossem diferentes. Dois lados opostos da mesma lâmina afiada…

Depois de uma última olhada no espelho, fui para o banheiro passar maquiagem.

Logo a cabeça de Cary apareceu na porta. Ele assobiou. “Arrasou, gata.”

“Obrigada.” Pus o batom de volta na bancada. “Você pode me ajudar a colocar esses grampos no cabelo?”

Ele estava usando apenas uma samba-canção da Grey Isles, não parecendo muito diferente dos anúncios com sua foto que adornavam as cabines de telefone e os ônibus pela cidade. “Tradução: fazer um coque em você, né? Claro!”

Meu melhor amigo pôs a mão na massa, penteando e prendendo meus cabelos em um belo coque.

“Ontem à noite foi bem intenso”, comentou, depois de tirar o último grampo da boca. “A sala cheia de caras de terno.”

Nossos olhares se encontraram no espelho. “Três caras de terno.”

“Dois caras de terno e Gideon”, ele rebateu, “que é suficiente para encher uma sala sozinho.”

Isso eu não tinha como negar.

Ele abriu seu sorriso iluminado. “Se alguém descobrir que ando com guarda-costas, vai achar que sou mais importante do que pensava, ou então que sou muito convencido. E as duas coisas são verdade.”

Eu me levantei e fiquei na ponta dos pés para beijá-lo no rosto. “Nem *você* vai perceber que eles estão por perto. São bem discretos.”

“Aposto que vou perceber, sim.”

“Cinco pratas”, falei, passando por ele para pegar um par de sapatos de salto no quarto.

“Quê? Que tal quinhentas, sra. Cross?”

“Haha!” Peguei meu celular na cama quando vi que uma nova mensagem tinha chegado. “Gideon está vindo para cá.”

“Por que ele não dormiu aqui?”

Respondi por cima do ombro, a caminho do corredor: “Não vamos dormir juntos até o casamento”.

“Porra, está falando sério?” Os passos largos de Cary me alcançaram facilmente, mesmo com ele andando e eu quase correndo. Ele arrancou os sapatos da minha mão, permitindo que eu pegasse um copo de café para viagem no balcão. “Pensei que a fase de lua de mel da relação fosse durar mais que isso. O marido não costuma comparecer pelo menos por alguns anos antes de se afastar?”

“Para com isso, Cary!” Peguei minha bolsa e abri a porta.

Gideon estava do outro lado, com a chave na mão. “Meu anjo.”

Cary apareceu atrás de mim e escancarou a porta. “Lamento por você, cara. Foi só pôr a aliança e pronto, ela fechou as pernas.”

“Cary!” Olhei feio para ele. “Vou te socar.”

“Quem vai arrumar sua mala para a viagem se você fizer isso?”

Ele me conhecia bem demais.

“Não se preocupa, gata. Vou estar pronto com a minha mala e a sua.” Ele olhou para Gideon. “Mas não tenho como ajudar você. Espera só até ver o biquíni La Perla que vou colocar nas coisas dela. Você vai ficar louco.”

“Também posso dar um soco em você”, grunhiu Gideon.

Cary me empurrou de leve e bateu a porta atrás de mim.

Era quase hora do almoço quando Mark pôs a cabeça por cima da divisória do meu cubículo e me presenteou com seu sorriso torto. “Está pronta para o último almoço como funcionária daqui?”

Levei a mão ao coração. “Você está acabando comigo.”

“Posso fingir que não vi sua carta de demissão.”

Sacudi a cabeça, me levantei e saí da minha bancada de trabalho. Ainda não tinha recolhido minhas coisas. Às cinco, daria tudo por encerrado. Por ora, aquela mesa — e o sonho que ela um dia representou — ainda era minha.

“Vamos ter outros almoços.” Peguei minha bolsa da gaveta e tomei o caminho dos elevadores. “Você não vai se livrar de mim assim tão fácil.”

Estava preparada para acenar para Megumi quando chegamos à recepção, mas ela já tinha saído para almoçar, e sua substituta estava ocupada com os telefonemas.

Eu sentiria falta de ver Megumi, Will e Mark todos os dias. Eles eram meu pequeno círculo de amigos em Nova York, uma parte da minha vida que era só minha. Esse foi outro medo que me acometeu ao largar o emprego: abrir mão do contato social.

Não que não fosse me esforçar para manter aquelas amizades, claro. Eu ia arrumar tempo para ligar e inventar programas, mas não era tão simples assim — fazia meses que não falava com minha turma em San Diego. E minha vida não seria mais como a dos meus amigos. Nossos objetivos, sonhos e desafios seriam muito diferentes.

Havia pouca gente no elevador que chegou, mas ele foi ficando mais cheio a cada parada. Lembrei-me de pedir a Gideon uma cópia da chave mágica que permitia a ele subir até o último andar sem nenhuma interrupção. Afinal, eu continuaria frequentando o Crossfire, mas iria a um escritório diferente.

“E você?”, perguntei enquanto nos encolhíamos para abrir espaço para mais gente. “Já decidiu se vai ficar ou sair?”

Mark balançou a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos. “Vou aproveitar sua deixa para sair também.”

Pela maneira como cerrou os dentes, dava para ver que era uma decisão definitiva. “Que ótimo, Mark. Parabéns.”

“Obrigado.”

Chegamos ao térreo e tomamos o caminho das catracas.

“Steven e eu conversamos bastante”, ele continuou enquanto atravessávamos o saguão de piso de mármore. “Contratar você foi um grande passo para mim. Um sinal de que minha carreira estava no rumo certo.”

“Com certeza.”

Ele sorriu. “Perder você é mais um sinal… está na hora de seguir em frente.”

Mark estendeu o braço para que eu saísse primeiro pela porta giratória. Senti o calor do sol antes mesmo de sair por completo. Eu estava ansiosa pela chegada do outono. A nova estação era bem-vinda. Seria interessante sentir uma mudança no clima enquanto o mesmo acontecia dentro de mim.

Meu olhar se dirigiu ao carro preto de Gideon estacionado, e então para meu chefe ao meu lado na calçada. “Onde vamos comer?”

Mark abriu um sorriso de divertimento antes de começar a procurar um táxi em meio ao mar de carros. “É surpresa.”

Esfreguei as mãos. “Oba.”

“Srta. Tramell.”

Eu me virei ao ouvir meu nome e vi Angus parado ao lado da limusine. Com seu terno preto e seu quepe de chofer, parecia elegante e imponente como sempre, mas sua postura era tão natural que só alguém com o olho muito afiado suspeitaria que era um ex-integrante do MI6.

Eu sempre me surpreendia ao pensar no histórico dele. Era uma coisa tão James Bond. Tudo bem, talvez eu estivesse romanceando demais a coisa, mas era tranquilizador. Gideon estava em boas mãos.

“Oi”, cumprimentei Angus, com um toque de afeição na voz.

Era impossível não ser invadida por um sentimento de gratidão. Gideon e ele tinham um passado, e, embora eu jamais soubesse de tudo, tinha certeza de que Angus fora um porto seguro na vida de meu marido depois de Hugh. E fora também a única pessoa mais próxima a testemunhar nosso casamento secreto. O olhar em seu rosto quando conversou com Gideon mais tarde… as lágrimas que faziam seus olhos brilhar… O vínculo entre os dois era inegável.

Seus olhos azuis reluziram para mim ao abrir a porta da limusine. “Aonde querem ir?”

Mark ergueu as sobrancelhas. “Foi por isso que você me abandonou? Puxa. Não dava para competir mesmo.”

“Você nunca precisou competir por mim.” Fiz uma pausa antes de me acomodar no

banco de trás e olhei para Angus. “Mark não quer que eu saiba, então vou entrar primeiro e tentar não escutar.”

Angus deu um toque na aba do quepe para expressar sua concordância.

Pouco tempo depois, estávamos a caminho.

Mark se sentou no banco da frente, virado para mim, observando o interior do carro. “Uau. Já aluguei limusines, mas nada desse tipo.”

“Gideon tem um ótimo gosto.” Não importava qual fosse o estilo — moderno como seu escritório ou europeu e clássico como sua cobertura —, meu marido sabia exibir sua riqueza com classe.

Olhando para mim, Mark abriu um sorriso. “Você é uma mulher de sorte.”

“Sou mesmo”, concordei. “Tudo isso”, falei, mostrando com a mão, “é incrível, claro. Mas ele seria um partidão de qualquer maneira. É um ótimo sujeito.”

“Sei como é encontrar um cara assim.”

“Com certeza. E os planos para o casamento, como estão?”

Mark grunhiu. “Steven está me matando. Azul ou lavanda? Rosas ou lírios? Cetim ou seda? Manhã ou tarde? Tentei dizer para ele fazer como quiser, que o que importa é casar, mas não teve jeito. Ele insiste que preciso participar, porque só vou casar uma vez na vida. Ainda bem.”

Dei risada.

“E você?”, ele perguntou.

“Estou começando a pensar nisso. É uma loucura que, em meio a bilhões de pessoas, a gente tenha se encontrado. Como Cary diria, é uma coisa para se comemorar.”

Conversamos sobre a valsa dos noivos e sobre o arranjo das mesas enquanto Angus nos transportava pelas ruas sempre congestionadas do centro de Manhattan. Olhando pela janela, vi um táxi parado no semáforo ao nosso lado. A passageira no banco de trás segurava o celular entre o ombro e a orelha, movendo os lábios sem parar enquanto folheava um caderno. Atrás dela, na esquina, cinco pessoas esperavam em fila por seu cachorro-quente.

Quando enfim chegamos e eu desci do carro, percebi imediatamente onde estávamos. “Ei!”

Um pouco abaixo do nível da rua ficava um restaurante mexicano a que já tínhamos ido antes. E onde por acaso trabalhava uma garçonete que eu adorava.

Mark deu risada. “Sua demissão foi tão repentina que Shawna não teve nem tempo de pedir um dia de folga.”

“Nossa.” Senti um aperto no peito. Estava começando a parecer uma despedida, e eu não estava pronta para aquilo.

“Vamos.” Ele me pegou pelo braço e me puxou lá para dentro, e rapidamente vi uma mesa com rostos conhecidos e balões com as palavras: BOM TRABALHO, TUDO DE BOM e PARABÉNS.

“Uau.” Meus olhos se encheram de lágrimas.

Megumi e Will estavam sentados com Steven em uma mesa para seis. Shawna estava em pé atrás do irmão, com seus cabelos ruivos inconfundíveis.

“Eva!”, eles gritaram em coro, chamando a atenção de todos os presentes.

“Ai, meu Deus”, murmurei, sentindo o coração ainda mais apertado. De um momento para o outro, eu me vi cheia de tristeza e dúvida ao ver do que estava abrindo mão, em certo sentido. “Vocês *não vão* se livrar de mim!”

“Claro que não.” Shawna se aproximou para me abraçar com seus braços finos, mas fortes e determinados. “A gente tem uma despedida de solteira para organizar!”

“Eba!” Megumi me abraçou também. Shawna deu um passo para trás.

“Talvez seja melhor deixar essa tradição de lado”, falou uma voz grossa e afetuosa atrás de mim.

Surpresa, virei-me e dei de cara com Gideon, em pé ao lado de Mark com uma rosa vermelha na mão.

Mark abriu um sorriso. “Ele me ligou para perguntar se a gente ia fazer alguma coisa e pediu para vir também.”

Sorri, com os olhos cheios de lágrimas. Não perderia meus amigos, e ainda havia tanto a ganhar. Gideon estava sempre por perto quando eu precisava, mesmo antes de eu me dar conta de que ele era a peça que faltava ali.

“Quero ver você experimentar o molho *diablo* daqui”, desafiei, estendendo a mão para pegar a rosa.

Ele abriu um sorriso sutil, aquele que sempre me deixava louca — eu e todas as mulheres do recinto, era impossível não notar. Mas o olhar em seu rosto, o apoio que oferecia… aquilo era só meu.

“Hoje é você quem manda, meu anjo.”

4

A luz dourada entrava por todas as janelas da casa de dois andares na beira da praia. A iluminação na entrada da garagem fazia o caminho reluzir como um chão de estrelas, com arbustos de flores do tamanho de um carro compacto à beira do gramado espaçoso.

“Não é bonita?”, perguntou Eva, dando as costas para mim para se ajoelhar no assento de couro e olhar pela janela.

“Linda”, respondi, mas estava me referindo a ela. Eva vibrava de alegria como uma menina. Eu a observava, tentando entender o motivo. Sua felicidade era fundamental para mim. Era a fonte do meu contentamento, o contrapeso que determinava meu equilíbrio e me mantinha firme.

Ela me olhou por cima do ombro quando Angus parou a limusine diante dos degraus da porta da frente. “Está olhando para a minha bunda?”

Meus olhos baixaram para a bunda dela, perfeita no short que Eva tinha vestido depois do trabalho. “Agora que você tocou no assunto…”

Ela sentou no banco aos risos. “Você é incorrigível, sabia?”

“Sim. Depois que você me beijou, eu sabia que não tinha mais volta.”

“Na verdade foi *você* que me beijou.”

Tive que conter meu sorriso. “Ah, é?”

Ela estreitou os olhos. “Espero que você esteja brincando. Aquele momento deveria estar tatuado no seu cérebro.”

Estendi a mão e acariciei sua coxa. “E está no seu?”, murmurei, adorando saber.

“Ei, vocês dois”, interrompeu Cary, tirando os fones de ouvido. “Não esqueçam que estou bem aqui.”

Cary tinha ficado na dele, vendo um filme no tablet durante a viagem de duas horas em meio ao trânsito do fim da tarde, mas eu jamais me esqueceria dele. Cary Taylor era uma presença importante na vida da minha esposa, e eu aceitava isso, apesar de não gostar. Sabia que ele adorava Eva, mas também sabia que suas escolhas podiam colocá-la em situações difíceis e arriscadas.

Angus abriu a porta. Eva saiu correndo antes mesmo de eu ter tempo de guardar meu tablet. Monica apareceu assim que a filha pôs os pés no último degrau.

Surpreso com o entusiasmo de Eva, considerando que vivia brigando com a mãe na maior parte do tempo, observei a cena com curiosidade.

Cary deu risada enquanto pegava suas coisas e as guardava em uma bolsa transversal. “Uma cheiradinha. É o que basta.”

“Como é?”

“Monica faz uns biscoitos com pasta de amendoim que são uma loucura. Eva sabe que precisa correr se quiser garantir alguns antes que eu entre e coma tudo.”

Fazendo uma anotação mental para me lembrar de pedir a receita, olhei para as duas mulheres na frente da casa, que se cumprimentavam com beijinhos no ar, antes de desviar os olhos. Monica estava de calça capri e camiseta, e a semelhança entre as duas era impressionante.

Cary desceu do carro e subiu os degraus de dois em dois, diretamente para os braços abertos de Monica. Ele a abraçou, levantando os pés dela do chão. As risadas dos três ecoaram em meio ao anoitecer.

Ouvi Angus falar comigo, em pé diante da porta da limusine. “Você não pode passar o fim de semana todo na limusine.”

Achando graça, deixei o tablet em cima do banco e desci.

Ele sorriu. “É bom para você ter uma família.”

Levei a mão ao ombro dele e apertei de leve. “Isso eu já tenho.”

Durante anos, Angus foi a única pessoa com quem pude contar. E ele bastava.

“Vamos lá, atrasadinho!” Eva voltou até mim, pegou-me pela mão e me puxou escada acima.

“Gideon.” O sorriso de Monica era largo e afetuoso.

“Monica.” Estendi a mão e fiquei surpreso ao receber um abraço como cumprimento.

“Eu até deixaria você me chamar de sogrinha”, ela falou, afastando-se. “Mas eu ia me sentir muito velha.”

A estranheza se misturou a um calafrio de gelar a espinha. Foi quando percebi o que aquilo tudo realmente significava.

Quando me casei com Eva, ela se tornou minha, mas eu me tornei seu também. Isso nos ligava à família um do outro de uma forma íntima e pessoal.

Monica e eu nos conhecíamos fazia algum tempo, e nos víamos de tempos em tempos em eventos beneficentes. Havia um parâmetro estabelecido para nossas interações, que não extrapolavam os protocolos sociais elementares.

De repente, tudo aquilo tinha ido para o espaço.

Eu me vi olhando para Angus, perdido. Pelo jeito, minha situação o divertia, porque ele deu uma piscadinha e me deixou na mão, contornando o carro para ir cumprimentar Benjamin Clancy, que o esperava ao lado da porta do motorista da limusine.

“A garagem fica ali”, disse Monica, apontando para a construção de dois andares do outro lado, que era uma réplica reduzida da casa. “Clancy vai cuidar do seu motorista e mandar trazer as malas de vocês.”

Eva me puxou pela mão para dentro. Cary tinha razão. Meus sentidos foram dominados pela baunilha. E não eram velas. Eram biscoitos. O cheiro familiar e reconfortante me fez sentir vontade de dar meia-volta e correr lá para fora.

Eu não estava pronto. Tinha ido até lá como convidado de Eva. Não imaginava que seria recebido como um genro, alguém da família.

“Adoro esta casa”, disse Eva, conduzindo-me sob as arcadas curvadas até a sala de estar.

Era bem o que eu esperava. Uma casa de praia de luxo com mobília branca e decoração de tema náutico.

“Você não acha lindo esse piso de madeira cor de café?”, ela perguntou. “Eu teria escolhido carvalho, mas é tão comum… E os toques de verde, laranja e amarelo em vez de azul? Acho que vou querer mudar algumas coisas quando voltarmos à Carolina do Norte.”

Ela não fazia ideia do quanto eu gostaria de estar lá. Pelo menos teria alguns momentos a sós antes de precisar encarar uma casa cheia de novos parentes.

A sala luxuosa dava para a cozinha, onde Stanton, Marty, Lacey e Cary estavam reunidos ao redor de uma ilha com seis bancos. O espaço inteiro tinha vista para o mar, pelas portas de vidro que davam para a varanda.

“Ei!”, protestou Eva. “É melhor vocês deixarem alguns para mim!”

Stanton sorriu e foi até nós. De calça jeans e camisa polo, parecia uma versão mais jovem do homem que eu conhecia do mundo dos negócios em Nova York. Sem o terno, ele perdia a aura corporativa, e eu me senti diante de um desconhecido.

“Eva.” Stanton a beijou no rosto e se virou para mim. “Gideon.”

Acostumado a ser tratado por ele pelo sobrenome, não estava preparado para o abraço

que veio a seguir.

“Meus parabéns”, ele falou, dando um tapinha nas minhas costas antes de me soltar.

Minha irritação cresceu. Era assim que as coisas funcionavam? De homens de negócios tínhamos passado a conhecidos? E depois a amigos, e então a parentes?

De repente pensei em Victor. Ele entendera melhor que eu o que significava meu casamento.

Eu me mantive imóvel, e Stanton sorriu para Eva. “Acho que sua mãe escondeu uns biscoitos para você.”

“Eba!” Ela correu para o outro lado da cozinha, deixando-me sozinha com ele.

Meu sogro.

Acompanhei Eva com os olhos. Ao fazer isso, vi que Martin Stanton acenou para mim, e retribuí o cumprimento balançando a cabeça. Se ele tentasse me abraçar, ia levar um soco na cara.

Eu dissera a ele antes que me veria mais vezes nos encontros de família. Mas, agora que estava acontecendo, parecia surreal. Uma pegadinha.

A risada de Eva atravessou o recinto e chamou minha atenção. Ela ergueu a mão esquerda para mostrá-la à loira ao lado de Martin, exibindo a aliança.

Monica se aproximou de mim e de Stanton, colocando-se ao lado do marido. A beleza jovial dela o fez parecer mais velho, chamando a atenção para os cabelos grisalhos e as rugas no rosto. Mas estava na cara que Stanton não estava preocupado com as décadas de diferença entre ele e a esposa. Sua expressão se iluminava quando a via e seus olhos azuis se atenuavam em uma demonstração de afeto.

Fiquei pensando em algo apropriado para dizer. No fim, só o que saiu foi: “Vocês têm uma bela casa”.

“Não era tão bonita antes de Monica dar seu toque pessoal.” Stanton passou um dos braços pela cintura fina da mulher. “O mesmo pode ser dito sobre mim.”

“Richard.” Monica sacudiu a cabeça. “Quer que eu mostre a casa para você, Gideon?”

“Vamos deixar o homem beber alguma coisa primeiro”, sugeriu Stanton, olhando para mim. “Ele acabou de chegar.”

“Vinho?”, ela ofereceu.

“Um uísque, talvez?”, disse Stanton.

“Um uísque seria bom”, respondi, constrangido com o fato de meu incômodo parecer

tão evidente.

Eu estava fora da minha zona de conforto, algo que vinha acontecendo com frequência desde que conhecera Eva, mas sempre podia me apoiar nela, mesmo quando me deixava maluco. Se estivéssemos juntos, seria capaz de encarar qualquer coisa. Ou pelo menos era o que pensava.

Eu me virei à procura dela e senti uma onda de alívio ao vê-la vindo na minha direção com passos acelerados, balançando o rabo de cavalo na cabeça.

“Experimenta isso”, Eva ordenou, levando um biscoito aos meus lábios.

Abri a boca, mas fechei logo em seguida, mordendo os dedos dela.

“Ai.” Ela franziu a testa, mas a pontada de dor teve o efeito desejado: queria que prestasse atenção em mim. Quando notou o que estava acontecendo, o brilho em seus olhos se perdeu. Ela entendeu o que se passava na minha cabeça.

“Quer ir lá para fora?”, ela murmurou.

“Só um minuto.” Apontei o queixo para o bar da sala de estar, onde Stanton servia minha bebida. Eu a segurei pelo pulso, para mantê-la por perto.

Não era nada bonito querer afastá-la dos demais. Eu não queria ser um daqueles caras que sufocam a mulher que amam. Mas precisava de um tempo para me adaptar à situação. O distanciamento que costumava manter dos outros, inclusive Cary, não seria aceitável com Monica ou Stanton. Não depois de ver o quanto Eva ficava contente com eles por perto.

A família era seu porto seguro. Ela ficava tranquila e relaxada como nunca. Para mim, aquele tipo de encontro só provocava tensão.

Tentei me acalmar quando Stanton voltou com as bebidas, mas não baixei a guarda totalmente.

Martin se aproximou e apresentou sua namorada, e ambos me deram os parabéns. Esses cumprimentos já eram esperados, o que me acalmou um pouco, junto com a dose dupla de uísque que virei em um gole.

“Vou mostrar a praia para ele”, Eva falou, pegando o copo vazio da minha mão e deixando sobre uma mesinha a caminho das portas de vidro.

Estava mais quente do lado de fora do que na casa. O verão daquele ano se estendia mais que o normal. Uma brisa salgada nos atingiu, jogando meus cabelos sobre o rosto.

Fomos até a beira d’água de mãos dadas.

“O que está acontecendo?”, ela perguntou, olhando para mim.

A preocupação em sua voz era perceptível. “Você sabia que isso era uma espécie de celebração em família do nosso casamento?”

Ela fez uma careta ao ouvir meu tom de voz irritado. “Não encarei a coisa dessa maneira, e minha mãe não falou nada nesses termos, mas acho que faz sentido.”

“Não para mim.” Virei as costas para ela e comecei a caminhar contra o vento, que jogou meus cabelos para longe do meu rosto vermelho de raiva.

“Gideon!” Eva veio correndo atrás de mim. “Por que está bravo?”

Eu me virei para ela. “Não estava esperando isso!”

“O quê?”

“Essa merda toda de boas-vindas à família.”

Ela franziu a testa. “Bom, eu avisei que tinha contado para eles.”

“Isso não deveria mudar nada.”

“Hã… Então por que contar? Você queria que eles soubessem, Gideon.” Ela me encarou, e eu fiquei em silêncio. “O que esperava que fosse acontecer?”

“Nunca imaginei que fosse me casar, Eva, então me desculpe por não ter pensado a respeito.”

“Certo.” Ela ergueu as mãos em sinal de rendição. “Estou confusa.”

Eu não sabia como esclarecer as coisas. “Não consigo… não estou pronto para isso.”

“Pronto para quê?”

Fiz um gesto impaciente na direção da casa. “Para aquilo.”

“Dá para ser mais específico?”, ela pediu, cautelosa.

“Não…”

“Aconteceu alguma coisa que eu não tenha visto?” A voz dela assumiu um tom agudo de raiva. “O que eles disseram, Gideon?”

Demorei alguns momentos para perceber que ela estava me defendendo. Isso me estimulou a falar mais. “Vim aqui para ficar com *você*. E pelo que parece está mais interessada em ficar com sua família…”

“É sua família também.”

“Não pedi nada disso.”

Vi nos olhos dela que me entendeu. Ao notar seu olhar de pena, cerrei os punhos na lateral do corpo. “Não me olha assim, Eva.”

“Não sei o que dizer. Do que você precisa?”

Soltei o ar com força. “Mais bebida.”

Ela abriu um sorriso. “Com certeza você não vai ser o primeiro noivo que precisa de algumas bebidas para encarar a família.”

“Podemos parar de chamar seus pais assim, por favor?”

O sorriso desapareceu do rosto dela. “E o que isso mudaria? Você pode chamar os dois de sr. e sra. Stanton, mas…”

“Não sou só eu que estou confuso com meu papel aqui.”

Ela contraiu os lábios. “Não sei se concordo com isso.”

“Dois dias atrás, eles teriam apertado minha mão e me chamado de Cross. Agora vieram com abraços, essa coisa de chamar de ‘sogrinha’ e sorrisos de quem espera alguma retribuição!”

“Na verdade, ela pediu para você *não* a chamar de sogrinha, mas eu entendo. Você agora é parte da família e está assustado com isso. Mesmo assim, não é bom que estejam felizes? Ia preferir que reagissem como meu pai?”

“Sim.” Com a raiva e a decepção eu sabia lidar.

Eva deu um passo para trás, arregalando os olhos sob a luz da lua em ascensão.

“Não.” Eu me retraí, passando a mão pelos cabelos. Não sabia como lidar com a decepção *dela*. “Droga. Sei lá.”

Ela me encarou por um minuto inteiro. Desviei o olhar, virando para a água.

“Gideon…” Ela se aproximou outra vez. “Sinceramente, eu entendo. Minha mãe se casou três vezes. Toda vez que aparecia um novo padrasto…”

“Eu já tenho um padrasto”, interrompi, tenso. “Não é a mesma coisa. Ninguém precisa se preocupar em agradar um padrasto ou uma madrasta.”

“É esse o problema então?” Ela veio até mim e me abraçou com força. “Eles já gostam de você.”

Eu a apertei forte. “Eles nem me conhecem, porra.”

“Mas vão conhecer. E vão adorar. Você é o genro dos sonhos.”

“Para com isso, Eva.”

Ela se afastou, claramente irritada. “Quer saber? Se não queria ter sogros, então deveria ter se casado com uma órfã.”

Eva tomou o caminho da casa, pisando duro.

“Volta já aqui”, esbravejei.

Ela mostrou o dedo do meio por cima do ombro.

Eu a alcancei em três passos, segurando-a pelo braço e virando-a para mim. “Ainda não terminamos.”

“Eu já.” Eva ficou na ponta dos pés e levantou a cabeça para me encarar. “Foi você quem quis casar. Se está arrependido, não é problema meu.”

“Não vem me dizer que o problema é meu!” A fúria tomou conta do meu sangue, juntando-se à frustração.

“Lamento se você não percebeu que esse compromisso envolvia mais que sexo garantido!”

“Nem isso eu tenho mais”, rebati, sentindo um músculo pulsar na mandíbula.

“Vai se foder.”

“Ótima ideia.”

Antes de perceber o que estava acontecendo, ela estava na areia. Eu a imobilizei e beijei sua boca para fazê-la se calar. Eva arqueou as costas, resistindo, e eu segurei seu rabo de cavalo para mantê-la no lugar.

Seus dentes se cravaram no meu lábio inferior, e recuei soltando um palavrão.

“Você só pode estar de brincadeira.” Ela me envolveu com as pernas e quando vi estava debaixo de seu corpo, olhando para seu rosto lindo e furioso. “É exatamente por isso que você não vai ter nada de mim, garotão. O sexo é sua solução para tudo.”

“Você precisa fazer essa viagem valer a pena”, provoquei, disposto a brigar.

“Minha *companhia* deveria fazer a viagem valer a pena, idiota. Não sexo.” Ela empurrou meus ombros. “Desculpa se você se sentiu em uma emboscada. E lamento *muito* que ser recebido de braços abertos tenha feito você perder a cabeça. Mas vai ter que se acostumar, porque isso faz parte do pacote que adquiriu ao casar comigo.”

Eu sabia daquilo. E sabia que precisava encarar, porque tinha que ficar com ela. Era um prisioneiro do amor que sentia por Eva. Mesmo incomodado, não podia recuar. Mesmo tendo que engolir à força a existência de uma família quando estava muito bem sem aquilo.

“Não quero fazer isso”, falei, tenso.

Eva estreitou os olhos e ficou de joelhos, prendendo meus quadris entre as coxas. “Pensa bem no que está dizendo”, ela avisou.

“Não sei como fazer esse papel, Eva.”

“Minha nossa.” Sua irritação se desfez em um suspiro. “É só ser você mesmo.”

“Não sou o que eles iam querer para a filha deles.”

“Você acha isso mesmo?” Ela me observou. “Acha. Meu Deus, Gideon…”

Segurei suas coxas, mantendo-a no lugar. Ela não podia me deixar naquele momento. Eu não ia permitir aquilo, independentemente de qualquer coisa.

“Certo.” Seus olhos assumiram uma expressão calculista e preocupante. “Bom, é só ser você mesmo. Se eles acharem você uma pessoa horrorosa, melhor ainda, certo?”

“Vamos deixar esse tipo de joguinho para a terapia, Eva.”

“Só estou tentando entender o que você quer, garotão.”

Um assobio atraiu nosso olhar. Martin, Lacey e Cary estavam saindo do pátio de cascalho para a areia da praia.

“Vocês são o retrato dos recém-casados”, Lacey gritou, ainda distante demais para ouvir o que estávamos falando. Ela deu risada ao tentar se equilibrar na areia, derramando metade da taça de vinho no processo.

Eva voltou a olhar para mim. “Quer mesmo brigar na frente deles?”

Respirei fundo e soltei o ar com força. “Não.”

“Te amo.”

“Meu Deus.” Fechei os olhos.

Era só um fim de semana. Dois dias. Poderíamos ir embora bem cedo no domingo…

Ela encostou os lábios nos meus. “A gente consegue. É só tentar.”

Que escolha eu tinha?

“Se a coisa ficar enlouquecedora demais”, ela continuou, “é só imaginar alguma coisa pervertida para fazer comigo na noite de núpcias para compensar.”

Meus dedos se cravaram na sua pele. Eu não tinha vergonha de admitir que o sexo com ela — só a *ideia* de fazer sexo com ela — era capaz de afastar minha mente de qualquer outra coisa.

“Você pode até mandar uma mensagem para mim com seus planos tarados”, ela sugeriu. “Pode me fazer sofrer também.”

“Deixa o celular sempre por perto.”

“Você é cruel.” Eva se abaixou e me deu um beijo rápido e carinhoso. “É muito fácil amar você, Gideon. Mesmo quando dificulta as coisas assim. Um dia você vai ver isso.”

Ignorei o comentário. O que importava era que ela visse aquilo, que ficasse ao meu lado mesmo depois de eu fazer tanta merda.

O jantar foi bem simples — salada e spaghetti. Monica cozinhou e serviu tudo, e Eva estava exultante. O vinho rolava à vontade, garrafa após garrafa. Todo mundo relaxou. Deu risada. Inclusive eu.

Lacey era um para-raios bem-vindo. Era desconhecida do grupo, e as atenções se voltaram quase inteiramente para ela. Isso me deu espaço para respirar. Conforme o tempo foi passando, Eva foi ficando vermelha, com os olhos brilhantes e inebriados. Ela aproximou sua cadeira da minha, até nossos corpos se encostarem e eu sentir a maciez e o calor de sua pele.

Sob a mesa, suas mãos e seus pés se moviam sem parar, encostando em mim a todo momento. Sua voz ficou rouca e sua risada, mais luxuriosa. Ela uma vez confessou que ficava com tesão quando bebia, mas eu teria percebido de qualquer jeito.

Eram quase duas da manhã quando o bocejo de Lacey lembrou a todos que estava na hora de encerrar a noite. Monica nos conduziu até a escada.

“As coisas de vocês já estão no quarto”, ela falou para mim e para Eva. “Estamos planejando acordar mais tarde e tomar um café da manhã reforçado em vez de almoçar.”

“Hum…” Eva franziu a testa.

Eu a segurei pelo cotovelo. Claramente ela não esperava ter que dividir a cama comigo, mas eu sabia que aquilo ia acontecer. “Obrigado, Monica. Até mais tarde.”

Ela deu risada e segurou meu rosto, beijando-me a face. “Estou muito feliz, Gideon. É de alguém como você que Eva precisa.”

Consegui abrir um sorriso, ciente de que esse sentimento mudaria se ela soubesse o perigo físico que sua filha corria ao dormir com um homem com pesadelos violentos.

Eva e eu começamos a subir.

“Gideon…”

Eu a interrompi. “Onde fica o quarto?”

Ela me olhou de canto de olho. “Lá em cima.”

O quarto de Eva era o último da casa, ocupando inteiramente um espaço que algum dia devia ter sido um sótão espaçoso. O telhado inclinado proporcionava uma boa altura para o teto e uma bela vista do estuário de Long Island durante o dia.

A cama king-size ficava no meio do quarto, diante das janelas. A cabeceira de metal funcionava como uma espécie de divisória, de costas para o sofá e as poltronas. O banheiro ocupava a outra parte da suíte.

Eva me encarou. “Como a gente vai fazer?”

“Relaxa.” A preocupação de compartilhar a cama com a minha esposa era onipresente na minha vida. Entre todas as coisas que ameaçavam meu relacionamento, minha parassonia sexual atípica — de acordo com a definição do dr. Petersen — estava no topo da lista. Não havia como me defender da minha mente perturbada enquanto dormia. Nas noites mais complicadas, eu era um perigo para a pessoa que mais amava.

Eva cruzou os braços. “Por algum motivo, acho que você não está tão determinado quanto eu a esperar até o casamento.”

Eu a encarei quando me dei conta de que estávamos pensando em coisas totalmente diferentes. “Eu fico no sofá.”

“Fica *comigo* no sofá, é o que você quis dizer. Você…”

“Posso comer você lá, se me der a chance”, eu disse com a voz carregada de tensão, “mas não vamos dormir juntos.”

Ela abriu a boca para responder, mas a fechou logo em seguida quando compreendeu a situação. “Ah.”

O clima mudou. Tinha uma expressão de desafio nos olhos, e sua voz se transformou em cautela. Era terrível saber que era uma fonte de infelicidade na vida dela.

Mas eu era egoísta demais para me afastar. Algum dia a família de Eva ia descobrir aquilo, e todos iam me odiar.

Irritado, procurei o edredom e o encontrei na prateleira perto do banheiro onde estavam as malas. Fui até lá para ver alguma coisa que não fosse a desilusão de Eva.

“Não quero que você durma no sofá”, ela disse atrás de mim.

“Eu não pretendia mesmo dormir.”

Peguei meu nécessaire e fui para o banheiro. As luzes se acenderam assim que entrei, revelando uma pia de pedestal e uma banheira. Abri a torneira do chuveiro e tirei a camisa.

A porta se abriu e Eva entrou. Eu a encarei, fazendo uma pausa antes de abrir a calça.

Seus olhos acesos percorreram meu corpo inteiro, sem deixar passar nada. Ela respirou fundo. “A gente precisa conversar.”

Eu estava excitado com seu olhar contemplativo e furioso com minhas próprias limitações. Conversar era a última coisa que eu queria. “Vai para a cama, Eva.”

“Não até falar o que eu preciso falar.”

“Vou tomar um banho.”

“Tudo bem.” Ela tirou a blusinha por cima da cabeça. Tudo o que havia dentro de mim se transformou em desejo.

Eu me endireitei, sentindo a tensão se espalhar por todos os músculos.

Ela levou as mãos às costas para abrir o sutiã.

Meu pau endureceu dolorosamente quando vi seus seios grandes e firmes. Nunca fui obcecado por seios antes de Eva. Agora…

Minha nossa. Eles me deixavam louco.

“A gente não vai conseguir conversar se você tirar a roupa”, avisei, sentindo o pau latejar.

“Você vai me ouvir, garotão, no chuveiro ou fora dele. Você é que sabe.”

“Hoje não é um bom dia para me provocar.”

Ela abaixou o short.

Abri a calça e joguei no chão antes que ela terminasse de tirar o pequeno triângulo de seda que usava como calcinha.

Apesar da nuvem de umidade que embaçava o cômodo, os mamilos dela estavam duros. Seu olhar baixou para o meu pau. Como se estivesse imaginando meu gosto, ela passou a língua pelo lábio inferior.

Meu desejo escapou do peito em uma espécie de grunhido. Eva estremeceu ao ouvir. Eu queria tocá-la… passar as mãos e a boca pelo seu corpo todo…

Mas fiquei só olhando.

A respiração dela acelerou. Notei que o efeito que eu provocava sobre ela era

inegavelmente erótico. O que eu sentia quando ela me olhava… aquilo me comovia.

Eva permaneceu ao lado da porta. O vapor se espalhava a partir do chuveiro, embaçando as bordas do espelho e se instalando na minha pele. Os olhos dela subiram para meu pescoço. “Não fui inteiramente sincera com você, Gideon.”

Minhas mãos se fecharam instintivamente. Era impossível não mudar o foco da minha atenção. “Do que você está falando?”

“Agora há pouco, no quarto. Senti que estava se afastando e entrei em pânico…”

Eva ficou em silêncio por um longo momento. Esperei, mantendo o desejo sob controle com um suspiro profundo.

“A ideia de esperar até o casamento… não foi só por causa do conselho do dr. Petersen sobre como você lida com os desentendimentos.” Ela engoliu em seco. “Tem a ver comigo também. Você sabe como eu era… contei tudo. O sexo foi uma coisa distorcida para mim durante muito tempo.”

Ela remexeu os pés, baixando a cabeça de vergonha. Senti um nó no estômago. Percebi que estava preocupado demais com minhas próprias reações para pensar no que minha esposa estava passando.

“Para mim também”, lembrei, com a voz rouca. “Mas entre nós nunca foi assim.”

Ela me olhou nos olhos. “Não. Nunca.”

Minhas mãos relaxaram um pouco.

“Isso não significa que minha cabeça não possa distorcer as coisas”, ela continuou. “Quando você entrou no banheiro, a primeira coisa em que pensei foi em vir aqui trepar. Como se o sexo fosse resolver tudo. Você não ia mais ficar bravo, e eu ia ter seu amor de volta.”

“Isso você nunca deixou de ter. E nunca vai deixar.”

“Eu sei.” A maneira como ela levantou o queixo me confirmou que sabia mesmo. “Mas isso não impede que uma vozinha dentro da minha cabeça me diga que estou me arriscando demais. Que vou perder você se a gente não transar. Que você é uma pessoa sexual demais para ficar tanto tempo sem fazer nada.”

“Minha nossa.” De quantas formas eu podia estragar tudo? “O jeito como falei com você na praia… Sou um babaca, Eva.”

“Às vezes.” Ela sorriu. “E também é a melhor coisa que já me aconteceu. Essa vozinha bagunçou minha cabeça durante anos, mas não tem mais esse poder sobre mim. Por sua causa. Você me deixou mais forte.”

“Eva.” Eu não sabia o que dizer.

“Queria que você pensasse sobre isso. Não sobre seus pesadelos, nem sobre meus pais, nem sobre nada mais. Você é exatamente do que preciso, do jeito que é. Te amo demais.”

Caminhei na direção dela.

“Ainda quero esperar”, ela disse baixinho, apesar de seus olhos denunciarem a maneira como era afetada por mim.

Ela me segurou pelo pulso quando estendi o braço, encarando-me. “Só eu posso tocar em você.”

Respirei fundo. “Não posso concordar com isso.”

Ela abriu um sorriso. “Pode, sim. Você é mais forte do que eu, Gideon. Tem mais controle. Mais força de vontade.”

Sua outra mão começou a acariciar meu peito. Eu a segurei e a esfreguei com mais força na minha pele. “É isso que você está querendo que eu prove? Meu controle?”

“Você está se saindo bem.” Ela deu um beijo no lugar onde ficava meu coração disparado. “Sou eu quem precisa rever alguns conceitos.”

Seu tom de voz era suave, quase sussurrado. Eu estava um caos por dentro, queimando de desejo e amor, e ela tentava me acalmar. Quase dei risada da impossibilidade da situação.

Em seguida, Eva se aproximou, pressionando seu corpo macio contra o meu, abraçando-me com tanta força que não restou mais nenhum espaço entre nós.

Baixei a cabeça sobre a dela. Não sabia até aquele momento o quanto precisava senti-la daquela maneira. Carinhosa e receptiva, sem nenhuma barreira.

Ela apoiou o rosto contra meu peito, sussurrando: “Te amo demais. Dá para sentir?”.

Era impressionante. Meu amor por ela, o amor dela por mim. Toda vez que Eva dizia aquelas palavras, o impacto era o mesmo.

“Você disse uma vez que quando estamos fazendo amor eu me abro, você se abre e nós ficamos juntos”, ela falou. “Quero ter isso com você o tempo todo.”

A insinuação de que algo faltava na nossa relação fez minha espinha gelar. “Faz diferença quando e como sentimos isso?”

“É um bom argumento.” Ela ergueu a cabeça. “E não vou negar. Mas, se você estiver do outro lado do mundo quando precisar se sentir assim, quero ter certeza de que sou capaz de proporcionar isso.”

“Você vai estar comigo”, murmurei, frustrado.

“Nem sempre.” Ela levou a mão ao meu rosto. “Você pode ser requisitado em dois lugares ao mesmo tempo. No fim, vai aprender a confiar em mim como sua representante.”

Eu a observei, em busca de sinais de hesitação. O que encontrei foi determinação pura. Não entendia completamente seu objetivo, mas não ia atrapalhar. Se Eva estava disposta a mudar, eu precisava ser parte do processo se quisesse continuar ao seu lado.

“Me beija.” As palavras saíram da minha garganta bem baixinho, mas Eva deve ter sentido todo o desejo por trás delas.

Ela ofereceu seus lábios, e eu os tomei com força até demais, sedento e cobiçoso. Arranquei seus pés do chão, querendo que ela me envolvesse com as pernas e se abrisse para mim.

Aquilo não aconteceu. Ela ficou paradinha, acariciando meus cabelos, com o corpo estremecendo com um desejo da mesma intensidade do meu. O toque da sua língua contra a minha era enlouquecedor e me fazia lembrar da sua boca passando por outras partes do meu corpo.

Fiz um esforço para me afastar quando tudo dentro de mim queria ainda mais proximidade. “Preciso estar dentro de você”, disse com a voz rouca, detestando ter que falar uma coisa tão óbvia. Por que me fazer implorar?

“Você já está dentro de mim.” Ela esfregou o rosto contra o meu. “Também quero você. Estou molhadinha. Sinto um vazio tão grande dentro de mim que até dói.”

“Eva… Minha nossa.” O suor escorria pelas minhas costas. “Me deixa ter você.”

Os lábios dela tocaram os meus. Seus dedos passaram pelos meus cabelos. “Me deixa amar você de outro jeito.”

Eu seria capaz de suportar aquilo? Não tinha outro jeito. Jurei fazer o que ela quisesse, ser o começo e o fim de tudo para Eva.

Eu a coloquei no chão para tomarmos banho. Entrei primeiro para fechar o ralo e começar a encher a banheira.

“Você está bravo?”, ela perguntou baixinho, e quase não ouvi por causa do barulho da água.

Olhei para ela, vendo seus braços cruzados sobre o peito e notando sua vulnerabilidade. Respondi dizendo apenas a verdade: “Te amo”.

Os lábios de Eva tremeram antes de se curvar em um lindo sorriso, que me deixou sem

fôlego.

Eu já tinha dito que a aceitaria de qualquer forma que pudesse tê-la. Aquilo era mais verdade do que nunca naquele momento. “Vem cá, meu anjo.”

Ela abriu os braços e foi.

A movimentação na cama me acordou. Pisquei algumas vezes e vi a luz do dia preencher o quarto. O rosto de Eva entrou no meu campo de visão, com um sorriso aberto e os raios do sol formando um halo em torno de sua cabeça.

“Bom dia, dorminhoco”, ela falou.

As lembranças da noite anterior me invadiram. O longo banho com as mãos ensaboadas da minha esposa percorrendo meus cabelos e minha pele. Sua voz enquanto falava do casamento. Sua risada sensual quando fiz cócegas nela na cama. Seus suspiros e gemidos quando nos beijamos até que nossos lábios ficassem inchados, como dois adolescentes que ainda não estavam prontos para ir até o fim.

Não vou mentir — o sexo teria elevado a coisa a outro nível. Mas foi uma noite memorável mesmo assim. Como todas as que passamos juntos.

Então me lembrei de onde estava, e do que aquilo significava.

“Dormi na cama.” Foi como se alguém tivesse despejado sobre mim um balde de água fria.

“Pois é.” Eva se ajeitou, toda feliz. “Dormiu.”

E da forma mais irresponsável possível. Sem tomar o remédio prescrito para minimizar os riscos.

“Não fecha a cara assim”, ela reclamou, beijando-me entre as sobrancelhas. “Você dormiu *profundamente*. Quando foi a última vez que teve uma boa noite de sono?”

Eu me sentei. “Não é essa a questão, e você sabe disso.”

“Escuta só, garotão. A gente já tem motivos de sobra para se estressar. Não precisa ficar se preocupando se não aconteceu nada de mais.” Ela ficou em pé. “Se você quer se irritar com alguma coisa, que seja com Cary, que foi quem fez minha mala.”

Ela tirou o robe curto que vestia e revelou um biquíni azul minúsculo, agarradíssimo ao pouco que cobria.

“Nossa.” Todo o sangue do meu corpo desceu para o pau. O lençol até se mexeu.

Eva deu risada, olhando para o local onde minha ereção erguia luxuriosamente o tecido de algodão. “Você gostou.”

Ela abriu os braços e deu uma viradinha, mostrando a parte de trás do fio dental. A bunda da minha mulher era tão gostosa quanto seus seios. Ela achava que tinha curvas demais, e nesse ponto discordávamos. Eu nunca soubera apreciar uma mulher voluptuosa, mas Eva mudou aquilo para mim, assim como várias outras coisas.

Não fazia ideia de que tecido era aquele, mas parecia não ter costuras, e se agarrava tanto à pele dela que parecia uma pintura corporal. As tiras finas no pescoço, nos quadris e nas costas me fizeram pensar em amarrá-la para fazer com ela o que quisesse.

“Vem cá”, falei, estendendo os braços.

Ela se esquivou. Joguei o lençol de lado e me levantei.

“Pode parar”, ela provocou, correndo ao redor do sofá.

Fui andando atrás dela, segurando meu pau e o acariciando de uma ponta a outra. “Isso não vai dar certo.”

Os olhos dela brilhavam de alegria.

“Eva…”

Ela pegou alguma coisa da poltrona e correu para a porta. “A gente se vê lá embaixo!”

Eu a desejei e senti sua falta quando me vi de frente para a porta fechada. “Droga.”

Escovei os dentes, pus meu calção de banho, uma camiseta e desci. Fui o último a aparecer e encontrei o grupo todo sentado ao redor da ilha da cozinha, comendo. Com uma rápida olhada no relógio, constatei que era quase meio-dia.

Procurei por Eva e a vi sentada no pátio com o celular na orelha. Ela estava coberta com uma saída de banho branca. Notei que Monica e Lacy estavam vestidas da mesma forma, de biquíni e com aqueles panos que não cobriam quase nada. Como eu, Cary, Stanton e Martin estavam de calção de banho e camiseta.

“Ela sempre liga para o pai aos sábados”, comentou Cary ao ver para onde eu estava olhando.

Observei Eva por mais um minuto, procurando por um sinal de descontentamento. Ela não estava sorrindo, mas não parecia chateada.

“Aqui está, Gideon.” Monica pôs um prato com waffles e bacon na minha frente. “Quer café? Ou talvez uma tangerina?”

Olhei para Eva antes de responder. “Café preto seria ótimo, obrigado.”

Monica foi até a cafeteira no balcão, e eu a segui.

Ela sorriu para mim, com um batom rosa da mesma cor do biquíni. “Dormiu bem?”

“Como uma pedra.” Era verdade, mas tinha sido sorte. A casa inteira teria sido acordada se eu atacasse Eva imaginando se tratar de alguém dos meus sonhos.

Olhei por cima do ombro e vi Cary com uma expressão bem séria. Ele sabia o que podia ter acontecido. E, como eu, não confiava em mim dormindo com Eva.

Peguei uma caneca no armário. “Eu me sirvo”, disse a ela.

“Claro que não.”

Resolvi não insistir. Deixei que servisse meu café e o de Eva. Depois de adicionar a quantidade de leite de que ela gostava, segurei as duas canecas em uma das mãos. Em seguida, peguei o prato que Monica me deu e saí para o pátio.

Eva me olhou enquanto eu punha tudo na mesa ao lado dela e me sentava do outro lado. Seus cabelos estavam soltos. As mechas loiras flutuavam ao redor de seu rosto, agitadas pela brisa. Eu a adorava assim, ao natural. Naquele momento, ela era meu paraíso na terra.

Obrigada, Eva fez com a boca antes de morder uma fatia de bacon. Ela mastigou rapidamente enquanto Victor dizia algo que não consegui ouvir.

“Mais para a frente, vou me concentrar na Crossroads”, ela contou, “que é a fundação de Gideon. Espero ter muito com que me ocupar por lá. E estava pensando também em voltar a estudar.”

Ergui as sobrancelhas.

“Quero ser uma espécie de conselheira para Gideon”, ela continuou, olhando diretamente para mim. “Claro que ele se saiu muito bem até aqui sem mim e está cercado de gente muito competente, mas queria poder conversar sobre trabalho e conseguir entender o que ele diz.”

Dei um tapinha no peito, querendo dizer “Eu ensino você”.

Ela me mandou um beijo. “Enquanto isso, vou estar mergulhada na loucura que é organizar um casamento em menos de três semanas. Ainda não escolhi nem os convites! Sei que vai ser difícil para uma parte da família conseguir uns dias de folga. Você pode ir mandando um e-mail para o pessoal? Só para irem se preparando.”

Eva deu outra mordida no bacon enquanto seu pai falava.

“Não falamos sobre isso”, ela respondeu, engolindo às pressas, “mas não pretendo convidar os dois. Eles perderam o direito de fazer parte da minha vida quando deserdaram

minha mãe. E nunca me procuraram depois disso, então acho que não estão nem aí para mim.”

Olhei para a areia e para o mar mais adiante. Não estava interessado em conhecer os avós maternos de Eva. Eles rejeitaram Monica por ter engravidado sem estar casada. Se alguém considerava a existência da minha mulher um equívoco, era melhor nem aparecer na minha frente.

Escutei a conversa de Eva por mais alguns minutos, então ela se despediu. Quando pôs o celular sobre a mesa, soltou um suspiro que parecia de alívio.

“Está tudo bem?”, perguntei, olhando para ela.

“Sim, ele está melhor hoje.” Ela se virou para dentro da casa. “Não quis comer com o resto da família?”

“Estou sendo antissocial?”

Ela abriu um sorrisinho. “Totalmente, mas não posso fazer nada.”

Eu a encarei com um olhar curioso.

“Percebi que não incluí sua mãe no planejamento do casamento”, ela explicou.

Eu me remexi na cadeira para disfarçar a tensão. “Não precisa.”

Ela contorceu os lábios, pegou uma fatia de bacon e ofereceu para mim. Amor verdadeiro.

“Eva.” Esperei que ela me olhasse. “É o seu dia. Não precisa se sentir obrigada a fazer nada que você não queira. A não ser transar comigo, mas isso você vai querer.”

Ela voltou a sorrir. “Vai ser maravilhoso, claro.”

Percebi que ainda havia algo a dizer. “Mas?”

“Sei lá.” Ela colocou os cabelos atrás da orelha e encolheu os ombros. “Fiquei pensando nos pais da minha mãe e sobre ter avós, e sua mãe vai ser a avó dos nossos filhos. Não quero ter uma relação estranha com ela.”

Fiquei tenso. A ideia da minha mãe com uma criança que fiz com Eva provocava um turbilhão de sentimentos que era melhor nem trazer à tona naquele momento. “Vamos pensar nisso quando chegar a hora.”

“Nosso casamento não é uma boa hora para começar?”

“Você não gosta da minha mãe”, esbravejei. “Não precisa fingir que gosta por causa de uma criança que ainda nem existe.”

Eva se inclinou levemente para trás, piscou algumas vezes e pegou o café. “Já experimentou os waffles?”

Apesar de saber que não era do feitio da minha mulher se esquivar de conversas delicadas, deixei que fizesse aquilo. Se precisávamos falar sobre minha mãe, podia pelo menos ser outra hora.

Eva colocou a caneca na mesa e cortou um pedaço de waffle com os dedos. Eu estava ciente do que ela estava fazendo: era um pedido de trégua.

Fiquei de pé, segurei sua mão e a conduzi até a praia para um passeio, a fim de clarear as ideias.

“De nada.”

Virei a cabeça e vi Cary sorrindo para mim na areia a alguns passos de distância.

“Sei que você gostou do biquíni que coloquei na mala dela”, ele explicou, apontando com o queixo para Eva, que estava no mar, com água até as coxas.

Os cabelos dela estavam molhados e puxados para trás. Óculos de sol estilo aviador protegiam seus olhos enquanto jogava frisbee com Martin e Lacey.

“Foi você que escolheu?”, perguntou Monica, sorrindo sob o chapéu elegante de aba larga.

Eu tinha ficado só olhando enquanto ela passava filtro solar em Eva, uma coisa que eu queria fazer pessoalmente, mas não interferi. Às vezes Monica tratava a filha como se ainda fosse criança. Apesar de Eva ter revirado os olhos para mim, percebi que gostava daquele tipo de atenção. Era um relacionamento bem diferente do que eu tinha com minha mãe.

Não dava para dizer que minha mãe não me amava. Mas ela o fazia à sua maneira — dentro de certos limites. O amor de Monica, por sua vez, não tinha barreiras, e Eva considerava aquilo um pouco irritante às vezes.

Quem poderia dizer o que era pior? Ser amado demais ou de menos?

Eu amava Eva mais do que tudo.

Uma rajada de vento súbita interrompeu meus pensamentos. Monica segurou o chapéu, e Cary se virou para ela.

“Fui eu”, ele disse, ficando de bruços. “Ela estava querendo comprar um maiô, e fui

obrigado a interferir. Esse biquíni foi feito para ela.”

Pois é. Cruzei os braços sobre os joelhos para olhá-la melhor. Estava molhada e quase nua, o que me deixou cheio de tesão.

Como se tivesse sentido que estávamos falando dela, Eva me chamou fazendo um gesto com o dedo. Fiz que sim com a cabeça, mas esperei um tempinho para levantar da areia.

A água fria me fez respirar fundo, mas agradeci por aquilo quando Eva veio até mim e me abraçou. Suas pernas envolveram minha cintura e sua boca sorridente me deu um beijo caloroso nos lábios.

“Você não está entediado, está?”, ela perguntou.

Em seguida Eva se balançou para derrubar nós dois na água. Senti sua mão segurando e apertando de leve meu pau. Ela se afastou quando levantei para respirar, dando risada enquanto tirava os óculos e corria para a praia.

Eu a abracei pela cintura e me joguei no chão com ela, absorvendo o impacto com minhas costas. Seu gritinho de surpresa foi minha recompensa, além da sensação de seu corpo frio e macio contra o meu.

Eu a coloquei debaixo de mim, invertendo nossa posição. Meus cabelos pendiam por cima do seu rosto, derramando água sobre ela. Eva mostrou a língua para mim.

“Ah, as coisas que eu faria com você se não tivesse ninguém olhando”, comentei.

“Somos recém-casados. Pode me beijar.”

Erguendo a cabeça, vi todos os olhares voltados para nós.

Também vi Ben Clancy e Angus se aproximando, a alguns metros de distância. Mesmo à distância, o brilho da lente no pátio denunciava a presença de uma câmera.

Comecei a me levantar, mas Eva me envolveu com as pernas e não deixou.

“Me beija para mostrar que me ama, garotão”, ela me desafiou. “Quero ver.”

Eu me lembro de ter falado algo parecido para ela, e de ter ganhado em troca um beijo de tirar o fôlego.

Baixando a cabeça, colei minha boca à dela.

5

Eu estava mais cochilando que dormindo quando ouvi a porta do quarto se abrir. Depois de passar o fim de semana na praia, os sons de Manhattan que entravam no apartamento tinham o poder de me acalmar e me empolgar ao mesmo tempo. Ainda faltava muito para eu me considerar uma nova-iorquina, mas já conseguia me sentir em casa na cidade.

“Hora de acordar, gata!”, gritou Cary. Um instante depois, ele pulou na minha cama, quase me derrubando.

Eu me sentei e afastei os cabelos do rosto antes de empurrá-lo. “Resolvi dormir até mais tarde, caso você não tenha percebido.”

“Já são mais de nove horas, preguiçosa”, ele rebateu, deitando-se de bruços e erguendo os pés. “Sei que está desempregada, mas você não tem um monte de coisas para fazer?”

Entre um cochilo e outro naquela manhã, fiquei pensando na minha lista de tarefas para o dia. “Pois é.”

“Quanto entusiasmo.”

“Vou precisar de um café. E você?” Olhei para ele, notando que estava vestido com uma calça cargo verde-oliva e uma camiseta preta de gola V. “Como está sua agenda hoje?”

“Preciso pegar leve, para estar pronto para a passarela amanhã. Hoje, sou só seu.”

Ajeitei os travesseiros e me recostei neles. “Preciso ligar para a cerimonialista e para o decorador e escolher os convites.”

“Você precisa de um vestido também.”

“Eu sei.” Franzi o nariz. “Mas isso não está na lista de hoje.”

“Sério? Mesmo se você comprar um vestido pronto, o que nós dois sabemos que não vai rolar, ia precisar de uns ajustes, já que você é peituda e bunduda, e isso leva tempo.”

Cary tinha razão. Eu ia precisar de algo feito sob medida depois que as fotos de Gideon e eu nos beijando na praia se espalharam pela internet no domingo. O número de blogs de moda que comentaram meu biquíni foi assustador. Como o modelo estava fora de catálogo, o preço das peças usadas tinha disparado.

“Não sei o que fazer, Cary”, admiti. “Não conheço nenhum estilista a quem possa recorrer de uma hora para outra.”

“Para sua sorte, estamos na Fashion Week.”

Isso me despertou e deixou meus pensamentos a mil. “Sério mesmo? Como eu não sabia disso?”

“Você estava chafurdando no sofrimento”, ele lembrou, sarcástico. “Sua mãe vai ver alguns desfiles, fazer alguns contatos e gastar uma boa grana. Aproveita e vai com ela.”

Esfreguei meus olhos sonolentos. “Não sei se posso falar com ela depois do surto de ontem.”

Ele fez uma careta. “Pois é, foi um autêntico Chilique da Monica.”

“Só avisei que ia aproveitar o casamento para tornar público meu relacionamento, e agora ela está agindo como se qualquer aparição na imprensa fosse um pesadelo.”

“Bom, para ser justo, ela estava falando especificamente dos tabloides.”

“E isso ainda existe hoje em dia?” Suspirei, ciente de que precisava ter mais uma conversa com minha mãe e que não seria nada divertido. “Não sei por que ela está tão chateada. Nem se eu quisesse conseguiria uma foto melhor com Gideon. É perfeita para fazer Corinne Giroux parecer uma ressentida.”

“Verdade.” O sorriso desapareceu do rosto dele. “E, sinceramente, é legal ver Gideon assim tão ligado em você. Ele ficou de cara fechada a maior parte do tempo. Cheguei a pensar que a paixão dele estivesse esfriando.”

“Agora é tarde demais para isso.” Mantive o tom leve da conversa, mas era de cortar o coração ver como Gideon se retraía ao sentir algum sinal de afeto. A amizade era a única relação que ele conseguia tolerar além do nosso casamento. “Não é nada pessoal, Cary. Lembra como ele se comportou na festa da Vidal Records na casa dos pais dele?”

“Vagamente.” Ele deu de ombros. “Enfim, não é problema meu. Quer que eu faça uns contatos para espalhar a notícia de que você está à procura de algo enquanto fazemos as outras coisas? Seu biquíni bombou na internet. Duvido que algum estilista recuse a chance de fazer seu vestido de noiva.”

Soltei um grunhido. Não seria o máximo deixar Gideon boquiaberto com um vestido exclusivo? “Não sei, não. Seria uma merda se todo mundo ficasse sabendo que falta tão pouco tempo. Não quero um circo midiático. Já não basta não poder nem passar um fim de semana fora da cidade sem ter um fotógrafo no nosso pé.”

“Eva. Você precisa fazer alguma coisa.”

“Não contei para a minha mãe que já escolhi a data: 22 de setembro”, confessei, fazendo uma careta.

“Então conta. Agora.”

“Pois é.”

“Gata”, ele soprou a franja do rosto, “você pode contratar a pessoa mais competente do mundo para organizar o casamento, mas sua mãe é a única pessoa capaz de planejar um evento épico — um casamento digno de Eva — em questão de poucos dias.”

“Nosso estilo não bate!”

Cary levantou da cama. “Detesto ter que dizer isso, mas sua mãe sabe das coisas. Ela decorou o apartamento e compra suas roupas. Seu estilo *é* o estilo *dela*.”

Olhei feio para ele. “Ela só gosta mais de fazer compras do que eu.”

“Claro, gracinha.” Ele me mandou um beijo. “Vou fazer um café para você.”

Eu me livrei das cobertas e me levantei da cama. Cary estava certo. Mais ou menos. Eu combinava as roupas à minha maneira.

Peguei o celular no criado-mudo para ligar para minha mãe, mas logo vi o rosto de Gideon iluminando a tela. “Oi”, atendi.

“Como está sendo sua manhã?”

Fiquei arrepiada ao ouvir seu tom sério e formal. A cabeça do meu marido estava voltada para o trabalho, mas ele ainda pensava em mim.

“Acabei de sair da cama, então não tenho nada para contar. E a sua? Comprou o resto de Manhattan?”

“Não exatamente. Preciso deixar um pouco para a concorrência. Ou qual seria a graça?”

“Você gosta mesmo de desafios.” Entrei no banheiro e olhei para a banheira antes de abrir o chuveiro. Só de pensar no meu marido molhado e sem roupa eu já ficava com tesão. “O que você acha que teria acontecido se eu não tivesse resistido às suas investidas no começo? Se tivesse ido para a cama com você na primeira oportunidade?”

“Você teria virado a minha cabeça do mesmo jeito. Era inevitável. Vem almoçar comigo.”

Sorri. “Tenho um casamento para organizar.”

“Vou encarar isso como um sim. É um almoço de negócios, mas você vai gostar.”

Olhando no espelho, vi meus cabelos despenteados e as marcas de travesseiro no rosto.

“A que horas?”

“Meio-dia. Raúl vai passar aí um pouco antes.”

“Preciso ser responsável e dizer não.”

“Mas não vai dizer. Estou com saudades.”

Fiquei sem fôlego. Ele falou aquilo com a maior facilidade, como a maior parte dos homens faz quando diz que vai ligar no dia seguinte a um encontro. Mas Gideon não era do tipo que fazia promessas que não pretendia cumprir.

Mesmo assim, eu queria sentir as emoções por trás daquelas palavras. “Você é ocupado demais para sentir saudade de mim.”

“Não é a mesma coisa”, ele falou, e fez uma pausa. “Não é a mesma coisa sem você aqui no Crossfire.”

Fiquei contente porque ele não podia ver meu sorriso. Havia um traço inegável de perplexidade em sua voz. Não deveria fazer diferença para ele se eu não estava trabalhando alguns andares abaixo, onde nem podia me ver. Mas fazia.

“O que está vestindo?”, perguntei.

“Roupas.”

“Dã. Um terno de três peças?”

“E existe outro tipo?”

Para ele não existia mesmo. “Que cor?”

“Preto. Por quê?”

“Fico com tesão só de imaginar.” Era verdade, mas não era por isso que eu estava perguntando. “E a gravata?”

“Branca.”

“A camisa?”

“Branca também.”

Fechando os olhos, eu o visualizei em minha mente. Eu me lembrava daquela combinação. “Risca de giz.”

Ele usava um terno de risca de giz para manter o aspecto de profissionalismo com a combinação mais ousada de camisa e gravata.

“Pois é. Eva…” Ele baixou o tom de voz. “Não sei por quê, mas essa conversa está me deixando de pau duro.”

“É porque você sabe que estou imaginando você. Moreno, perigoso e gostoso. Fico com tesão só de olhar para você, mesmo que em pensamento.”

“Vem me encontrar aqui mais cedo. Agora.”

Dei risada. “Quem espera sempre alcança, sr. Cross. Melhor parar por aqui.”

“Eva…”

“Te amo.” Desliguei o celular e me olhei no espelho. Com a imagem de Gideon ainda fresca na mente, minha cara de sono parecia ainda pior. Mudei de visual quando pensei que Gideon tivesse me trocado por Corinne. Apelidei o look de “Nova Eva”. Desde então, deixei o cabelo crescer de novo, e as luzes não saíam mais das raízes.

“Está vestida?”, Cary perguntou do quarto.

“Sim.” Eu me virei quando ele entrou no banheiro com meu café. “Mudança de planos.”

“Ah, é?” Ele se apoiou na pia e cruzou os braços.

“Vou tomar um banho rápido, e você vai arrumar para mim um salão de beleza maravilhoso que possa me atender daqui a meia hora.”

“Certo.”

“Depois vou almoçar, e você vai fazer uns telefonemas para mim. Em troca, vamos jantar fora juntos à noite. Você escolhe o lugar.”

“Conheço bem esse olhar no seu rosto”, ele falou. “Você quer provar alguma coisa.”

“Pode acreditar.”

Tomei um banho rápido, já que não precisava lavar os cabelos. Em seguida corri para o closet, e já tinha pensado no que vestir antes mesmo de sair do banheiro. Demorei alguns minutos para localizar o vestido. Era branquíssimo, com um sutiã acoplado e uma saia justa, dando destaque ao busto e às coxas. A cor e o tecido de algodão davam um toque de casualidade, mas o caimento era elegante e sensual.

Demorei um pouco mais para achar os sapatos ideais. Considerei um bege, mas acabei decidindo por uma sandália com tiras azuis que combinavam com os olhos de Gideon. Escolhi uma bolsa de mão de uma cor parecida e brincos de opalina com o mesmo azul vivo.

Pus tudo em cima da cama para ver se era mesmo uma boa combinação, dando um

passo para trás, ainda de robe, para examinar o conjunto.

“Bacana”, comentou Cary, aparecendo atrás de mim.

“Fui eu que comprei esses sapatos”, lembrei. “E a bolsa, e as joias.”

Ele deu risada e passou o braço por cima dos meus ombros. “Pois é. Seu cabeleireiro está aqui. Mandei deixar subir.”

“Sério?”

“Não dá mais para você ir a um salão sem provocar um frisson. Você vai ter que arrumar alguém para fazer isso em casa. Enquanto isso, Mario dá conta do recado, e corta muito bem.”

“E quanto à tintura?”

“Tintura?” Ele tirou o braço de cima de mim e me encarou. “No que você está pensando?”

Eu o peguei pela mão e saí do quarto. “Vem comigo.”

Mario tinha as pontas do cabelo tingidas de roxo e era cheio de energia. Era mais baixo que eu, mas bem musculoso. Espalhou seus equipamentos pelo banheiro enquanto fofocava com Cary sobre conhecidos em comum, citando alguns nomes que eu reconhecia.

“Loira natural”, ele comentou quando pôs as mãos nos meus cabelos. “Você é uma espécie rara, minha cara.”

“Me deixa mais loira”, pedi.

Dando um passo para trás, ele coçou o cavanhaque, pensativo. “Muito mais?”

“O oposto de morena.”

Cary assobiou.

Mario remexeu nos meus cabelos com os dedos. “Você já tem luzes platinadas.”

“Vamos dar uma apimentadinha. Quero manter o comprimento, mas vamos fazer uma coisa mais ousada. Com mais camadas. As pontas um pouco assimétricas. Talvez uma franja para emoldurar os olhos.” Eu me sentei direito. “Sou ousada, sexy e inteligente o suficiente para isso.”

Ele olhou para mim. “Gosto dela.”

Cary cruzou os braços e balançou a cabeça. “Eu também.”

Dei um passo para trás e me afastei um pouco do espelho para observar o serviço completo. Adorei o que Mario fez nos meus cabelos, que caíam em camadas bem distintas sobre meu rosto. Ele tirou bastante na parte de cima e em torno do rosto, criando a impressão de um corte mais leve, sem alterar as mechas douradas que caíam sobre os ombros. Em seguida mexeu um pouco nas raízes só para dar mais volume.

Meu bronzeado do fim de semana fazia meus cabelos parecerem ainda mais claros. Resolvi arriscar uma sombra esfumaçada, com tons de cinza e preto para realçar o acinzentado dos meus olhos. Para equilibrar, mantive o restante da maquiagem bem natural, inclusive os lábios, pintados com um batom nude. Quando imaginei meu reflexo ao lado de Gideon, vi exatamente o que queria.

Meu marido era a definição de um moreno alto e perigoso. Seu cabelo era pretíssimo e brilhante. Ele costumava usar cores escuras na maior parte do tempo, o que realçava suas feições perfeitas e a cor impactante de seus olhos. Consegui me transformar em um oposto perfeito. O yang de seu yin.

Eu estava *linda*.

“Uau. Que gata.” Cary me olhou de cima a baixo quando passei pela sala. “Que tipo de almoço é esse?”

Olhei para a tela do meu celular e xinguei baixinho ao ver que já fazia dez minutos que Raúl tinha mandado uma mensagem avisando que tinha chegado. “Não sei. Alguma coisa relacionada a negócios, Gideon não me falou.”

“Bom, você é a companhia perfeita.”

“Obrigada.” Eu queria ser bem mais. Queria ser uma das armas no arsenal de Gideon. Mas teria que conquistar aquilo, e estava disposta a encarar o desafio. Se conseguisse contribuir com alguma coisa — *qualquer coisa* — para a conversa no almoço, ficaria feliz. Mas aquela não era minha especialidade, então o mínimo que podia fazer era deixá-lo orgulhoso de ser visto ao meu lado.

“Ele vai acabar tendo um treco antes do casamento”, disse Cary atrás de mim. “Se você não ordenhar o touro, ele vai ficar doente.”

“Credo, Cary.” Abri a porta do apartamento. “Vou mandar para você uma mensagem com o telefone do decorador e da cerimonialista. Volto daqui a umas duas horas.”

Tive sorte de conseguir pegar o elevador sem ter que esperar muito. Cheguei à calçada e soube que havia acertado no visual ao notar a olhada que Raúl me deu ao sair da Mercedes. Apesar de manter a postura profissional, percebi que tinha gostado do que vira.

“Desculpa o atraso”, falei quando ele abriu a porta traseira. “Ainda não estava pronta quando você chegou.”

Detectei um leve sorriso em seu rosto sério. “Acho que ele não vai se importar.”

Durante o trajeto, mandei uma mensagem para Cary com os números de Blaire Ash, o decorador que estava cuidando das mudanças na cobertura, e Kristin Washington, que organizaria a festa de casamento, e pedi que marcasse horário com os dois. Então olhei pela janela e percebi que não estávamos indo ao Crossfire.

Quando chegamos ao Tableau One, não fiquei exatamente surpresa. O movimentado restaurante tinha como sócios Gideon e seu amigo Arnoldo Ricci. Arnoldo era um desconhecido quando Gideon o descobriu na Itália. Agora era um chef famoso.

Raúl encostou na frente do restaurante, e eu me inclinei em sua direção no assento. “Você poderia me fazer um favor enquanto a gente almoça?”

Ele se virou para me olhar.

“Consegue descobrir onde Anne Lucas está agora? Hoje seria um bom dia para dar um susto nela.” Eu estava vestida para causar fortes impressões. Era melhor aproveitar a ocasião.

“É possível”, ele disse, cauteloso. “Eu teria que conversar com o sr. Cross.”

Quase desisti. Mas então lembrei que, tecnicamente, Raúl também trabalhava para mim. Se eu queria assumir as rédeas da situação, por que não começar dentro de casa? “Pode deixar isso *comigo*. Só descubra onde ela está. Do resto eu me encarrego.”

“Certo.” Ele parecia hesitante. “Está pronta? Vão começar a tirar fotos de você assim que descer do carro.” Raúl apontou com o queixo para meia dúzia de paparazzi reunidos na entrada.

“Nossa.” Respirei fundo. “Vamos lá.”

Raúl desceu e contornou o carro para abrir a porta para mim. Assim que me endireitei, os flashes começaram a brilhar em plena luz do dia. Mantive uma expressão impassível e entrei com passos rápidos no restaurante.

O lugar estava lotado e barulhento, com diversas conversas acontecendo ao mesmo tempo. Localizei Gideon imediatamente. Ele também me viu. O que quer que estivesse dizendo quando cheguei, interrompeu a frase no meio.

A recepcionista me disse algo que não ouvi. Estava concentrada demais em Gideon, em seu rosto que me tirava o fôlego — como sempre —, mas não me revelava nada do que estava pensando.

Ele afastou a cadeira e se levantou com elegância. Os quatro homens que o acompanhavam desviaram o olhar para mim e ficaram em pé também. Havia duas mulheres à mesa, que também se viraram para mim.

Eu me lembrei de sorrir e me dirigi diretamente à mesa redonda localizada quase no meio do salão, abrindo caminho com cautela pelo recinto com piso de madeira, tentando ignorar os olhares e me concentrando em Gideon.

Minha mão tremia um pouco quando a levantei até seu braço. “Peço desculpas pelo atraso.”

Ele me envolveu com um dos braços e me beijou na testa. Seus dedos se cravaram na minha cintura de uma forma quase dolorosa quando me afastei.

Gideon me olhou com tanta intensidade e com um amor tão feroz que meu coração disparou. O prazer tomou conta do meu corpo. Eu conhecia aquele olhar, sabia que tinha provocado um impacto que ele ainda estava tentando processar. Era bom saber que eu era capaz de fazer aquilo. Era mais um motivo para tentar encontrar o vestido perfeito para subir no altar com ele.

Olhei para as pessoas à mesa. “Olá.”

Gideon desviou o olhar de mim. “É um prazer apresentar a vocês Eva, minha esposa.”

Alarmada, arregalei os olhos para ele. Todos pensavam que ainda éramos noivos. Não sabia que ele já estava contando que tínhamos nos casado.

O olhar de Gideon se atenuou, assumindo uma expressão de divertimento. “Estes são os membros da diretoria da Fundação Crossroads.”

O susto se transformou em gratidão tão depressa que minhas pernas fraquejaram. Ele me amparou, como sempre fazia, em todos os sentidos. Assim que eu começava a me sentir um tanto sem rumo, Gideon me oferecia algo a que me apegar.

Ele me apresentou a todos e puxou uma cadeira para mim. O almoço foi marcado pela ótima comida e pela conversa animada. Fiquei contente em saber que minha ideia de acrescentar a Crossroads à biografia no site dele aumentou o tráfego no site da fundação e que minhas sugestões para aprimorar a página da Crossroads — já implementadas — fizeram aumentar os contatos.

E adorei ter Gideon sentado ao meu lado, segurando minha mão sob a mesa.

Quando perguntaram se eu tinha mais sugestões, fiz que não com a cabeça. “Não estou em condições de oferecer mais nada de útil no momento. Vocês estão fazendo um ótimo trabalho.”

Cindy Bello, a CEO, abriu um sorriso largo. “Obrigada, Eva.”

“Eu gostaria de comparecer às reuniões da diretoria como ouvinte para tomar pé da situação mais depressa. Se não conseguir contribuir com ideias, posso tentar arrumar outra forma de ajudar.”

“Já que você tocou no assunto”, disse Lynn Feng, vice-presidente de operações, “muitas das instituições que ajudamos querem expressar seu agradecimento à Crossroads pelo apoio. Elas organizam almoços e jantares que também servem como eventos para angariar fundos. Gideon sempre é convidado, mas na maior parte das vezes sua agenda não permite que compareça.”

Eu me apoiei brevemente no ombro dele. “Posso deixar sua agenda mais disponível.”

Ela sorriu. “Na verdade, Gideon sugeriu que cuidasse disso. Estamos falando em tornar você a representante oficial da fundação.”

Pisquei algumas vezes. “Está brincando.”

“De jeito nenhum.”

Voltei meu olhar para Gideon. Ele balançou a cabeça em confirmação.

Tentei absorver melhor a ideia. “Não sou um prêmio de consolação muito bom.”

“Eva.” Gideon expressou toda a sua desaprovação com uma única palavra.

“Não é falsa modéstia”, argumentei. “Por que alguém ia querer me ouvir falar? Você é bem-sucedido, inteligente, um ótimo orador. Eu ouviria seus discursos o dia todo se pudesse. Seu nome vende convites. Oferecer a mim no lugar só criaria… uma obrigação. Isso não ajuda em nada.”

“Terminou?”, ele perguntou sem se alterar.

Estreitei os olhos para ele.

“Veja só como você ajudou as pessoas que fazem parte da sua vida.” Ele não chegou a completar a frase como gostaria, incluindo-se entre as pessoas que eu ajudara, mas não foi preciso. “Se você se esforçar, é capaz de passar uma mensagem poderosa.”

“Se me permite acrescentar”, interferiu Lynn, “quando Gideon não pode comparecer, um de nós vai no lugar dele.” Ela fez um gesto apontando para os outros membros da diretoria. “Ter alguém da família Cross presente seria maravilhoso. Ninguém iria se

decepcionar.”

Alguém da família Cross. Aquilo me fez respirar fundo. Não sabia se Geoffrey Cross tinha outros parentes vivos. Gideon era sem dúvida nenhuma o vínculo mais notório das pessoas com seu infame pai.

Ele não se lembrava daquele homem como um golpista e um covarde. Lembrava-se de um pai que o amava e apoiava. Gideon trabalhou muito e conquistou muitas coisas motivado pela necessidade de mudar o conceito associado ao seu sobrenome.

Agora aquele era meu sobrenome também. Um dia, no futuro, seria o dos nossos filhos. A responsabilidade de torná-lo motivo de orgulho era tão minha quanto dele.

Olhei para Gideon.

Ele me encarou, impassível. “Não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo”, ele murmurou.

Senti um aperto no coração. Era mais do que eu poderia esperar, e mais cedo também. Gideon pensou de imediato em algo pessoal, íntimo e fundamental para ele. Algo que importava muito para mim também, e em que eu poderia imprimir meu estilo.

Ele vinha travando aquela guerra para limpar seu nome sozinho, lutando todas as batalhas. Ter sua confiança para fazer aquilo, entre tantas outras possibilidades, era uma declaração de amor tão linda quanto a aliança em meu dedo.

Apertei sua mão. Tentei demonstrar com um olhar o quanto estava emocionada. Ele levou nossas mãos à boca e me disse o mesmo com seu olhar. *Te amo*.

O garçom apareceu para retirar os pratos.

“Podemos retomar esse assunto outra hora”, ele disse em voz alta, olhando para os outros. “Lamento interromper a conversa, mas tenho uma reunião agora à tarde. Eu poderia ser generoso e deixar Eva aqui com vocês, mas não vou fazer isso.”

Risos e sorrisos se espalharam pela mesa.

Gideon me olhou. “Vamos?”

“Só um minuto”, murmurei, ansiosa por uma oportunidade de beijá-lo como ele merecia.

Pelo brilho em seus olhos, desconfiei que sabia exatamente no que eu estava pensando.

Lynn e Cindy se levantaram e me acompanharam até o banheiro feminino.

Enquanto atravessávamos o restaurante, procurei por Arnoldo, mas não o vi. Aquilo não me surpreendeu, dados seus compromissos com a Food Network e outras aparições

públicas necessárias. Por mais que eu quisesse me entender melhor com ele, só o tempo ajudaria. No fim, Arnoldo veria o quanto eu amava meu marido, e que o principal objetivo da minha vida era protegê-lo e ser tudo para ele.

Gideon e eu nos desafiávamos. Nós nos obrigávamos a mudar e amadurecer. Às vezes, magoávamos um ao outro para provar o que queríamos, o que era motivo de preocupação para o dr. Petersen, mas de alguma forma parecia funcionar para nós. Éramos capazes de perdoar qualquer coisa, menos a traição.

Era inevitável que os outros, principalmente as pessoas mais próximas a um de nós, não entendessem como e por que as coisas funcionavam daquele jeito conosco e se questionassem a respeito da nossa relação. Era impossível entender — e eu não podia pensar mal de ninguém por isso, já que estava só começando a compreender a situação — que na verdade exigíamos ainda mais de nós mesmos do que um do outro. Queríamos ser a melhor versão possível de cada um de nós, fortes o bastante para ser exatamente aquilo de que ambos precisávamos.

Usei o banheiro, lavei as mãos e me olhei no espelho para ajeitar os cabelos. Não sabia exatamente o que Mario tinha feito, mas, quanto mais mexia neles, mais volume ganhavam.

Notei o sorriso de Cindy pelo espelho e fiquei um pouco envergonhada. Quando ela sacou um batom vermelho e começou a passar, eu me tranquilizei.

“Eva. Quase não reconheci você. Adorei seu cabelo.”

Pelo espelho, procurei a pessoa que estava falando comigo. Por uma fração de segundo, pensei que fosse Corinne, e meu coração disparou. Foi quando vi um rosto conhecido.

“Olá.” Eu me virei para a esposa de Ryan Landon. Quando conheci Angela, ela estava de coque, o que escondia o comprimento de seus cabelos. Agora que estavam soltos, longas mechas morenas chegavam até a metade de suas costas. Ela era alta e magra, com olhos azuis-acinzentados. Seu rosto era mais comprido que o de Corinne, com feições menos perfeitas, mas ainda assim era linda.

Seu olhar me percorreu dos pés à cabeça de forma tão casual que não tive certeza de que havia mesmo feito aquilo. Era um truque que eu ainda não dominava, e fez com que me desse conta de que seria escrutinada não só pela imprensa quando assumisse meu lugar na nova elite nova-iorquina. Eu não estava pronta para aquilo. E o treinamento de debutante da minha mãe com certeza não ia me ajudar.

Angela sorriu e se posicionou na pia ao lado. “Que bom ver você.”

“Digo o mesmo.” Ciente do plano de Landon contra Gideon, fiquei alerta. No entanto,

eu não ia mais trabalhar na conta de seu marido. Agora éramos iguais. Ou melhor, quase. Meu marido era mais jovem, mais rico e mais bonito. E ela sabia muito bem disso.

Cindy e Lynn terminaram de retocar a maquiagem e tomaram o caminho da saída. Fui com elas.

“Eu queria saber…”, começou Angela, e detive o passo para encará-la, deixando que as duas saíssem, “… se você vai ao desfile da Grey Isles esta semana. Seu amigo, aquele que mora com você… Ele é o modelo da última campanha publicitária deles, não?”

Não foi fácil, mas me mantive impassível. Por que a pergunta? O que ela estava querendo? Por sua expressão, sem nenhum sinal de malícia, era impossível saber. Talvez eu estivesse procurando um motivo que não existia. Ou talvez não tivesse capacidade de fazer aquele jogo tão bem quanto ela.

Angela obviamente vinha prestando atenção em mim. Não só em meu relacionamento com Gideon, mas em todas as minhas relações. Estava acompanhando as fofocas. Por quê?

“Não pretendo comparecer a nenhum desfile da Fashion Week”, respondi, cautelosa.

O sorriso desapareceu de seu rosto, mas seus olhos se iluminaram, o que me deixou ainda mais intrigada. “Que pena. Pensei que pudéssemos ir juntas.”

Ainda não conseguia entendê-la, e isso me deixava maluca. Ela parecera ser uma pessoa legal quando nos conhecemos, mas tinha ficado o tempo todo em silêncio, retraída, deixando que seu marido e a equipe da LanCorp conduzissem as conversas. Será que diria com todas as letras que seu marido odiava o meu? Nem ela nem Landon tinham dado nenhuma pista de animosidade em relação a Gideon. Por outro lado, não era algo que pudesse ser mencionado em uma reunião de solicitação de proposta em uma agência de publicidade.

Seria possível que ela não soubesse? Talvez o desejo de vingança fosse algo que Landon guardasse só para si.

“Dessa vez não vai dar”, respondi. Deliberadamente, mantive a porta aberta, porque poderia precisar sair de repente. Ela podia ser tão inofensiva quanto parecia, ou então ardilosa. Fosse como fosse, eu não estava interessada em fazer amizade com alguém casada com um homem que queria prejudicar Gideon, mas a máxima de manter os amigos por perto e os inimigos mais ainda não tinha se popularizado à toa.

Ela secou as mãos rapidamente e me acompanhou até a saída. “Talvez na próxima, então.”

Em comparação com a tranquilidade do banheiro, o salão era caótico e ruidoso, com os

sons das conversas, dos talheres e da música de fundo.

Tínhamos acabado de sair do banheiro quando Ryan Landon se levantou de sua mesa e se postou diante de nós. Não havia lugares ruins naquele restaurante, mas o de Landon não estava entre os melhores. Gideon sabia que ele estava no Tableau One? Eu não ficaria surpresa. Afinal de contas, meu marido uma vez conseguiu me rastrear através do cartão de crédito que usei em um de seus clubes noturnos.

Landon era alto, mas não tanto quanto Gideon. Um e oitenta, talvez, com cabelos castanhos ondulados e olhos cor de âmbar. Era atraente e tinha presença marcante, com seu sorriso e sua risada fácil. Eu o considerei charmoso quando o conheci, e parecia atencioso com a esposa.

"Eva", ele me cumprimentou, olhando para a esposa às minhas costas. "Que surpresa agradável."

"Olá, Ryan." Queria ter visto os olhares que trocaram. Se estivessem tramando contra mim, precisava muito saber.

"Eu estava falando sobre você agora há pouco. Ouvi dizer que saiu da Waters Field & Leaman."

A desconfiança que sentira no banheiro se intensificou. Eu não estava preparada para aquele jogo perigoso. Gideon era capaz de derrotar qualquer um — ele era um mestre naquilo —, mas eu não. Precisei fazer muito esforço para não olhar para ele a fim de ver se estava me olhando.

Pisando em ovos, resolvi ir em frente. "Já estou com saudade, mas Gideon e eu ainda temos relações com Mark."

"Pois é, ouvi falar muito bem dele."

"Ele sabe das coisas. Foi enquanto trabalhava com Mark na campanha da vodca Kingsman que conheci Gideon."

Landon ergueu as sobrancelhas. "Eu não sabia disso."

Abri um sorriso. "Você está em boas mãos. Mark é o melhor. Eu ficaria ainda mais triste com minha saída se não soubesse que íamos trabalhar com ele de novo."

Ele se recompôs visivelmente. "Bom… Decidimos deixar a equipe interna da LanCorp tocar o negócio. Eles acham que dão conta do recado e, como foram contratados para isso, decidi que tentassem."

"Ah. Vou querer ver como eles vão se sair." Dei um passo para trás. "Foi bom ver vocês. Aproveitem o almoço."

Eles se despediram e eu voltei para minha mesa, onde encontrei Gideon distraído em uma conversa com os membros da diretoria. Pensei que não tinha notado minha aproximação, mas ele ficou em pé pouco antes de eu chegar sem precisar nem olhar para mim.

Nós nos despedimos e saímos do restaurante, com Gideon apoiando a mão na parte inferior das minhas costas. Eu adorava sentir a pressão firme e constante de sua mão ali. Sua possessividade.

Angus nos aguardava no Bentley. Os paparazzi também, e aproveitaram a chance para tirar várias fotos de nós. Foi um alívio quando nos acomodamos no carro e nos misturamos ao tráfego da rua.

"Eva."

O timbre áspero da voz de Gideon provocou arrepios na minha pele. Olhei para ele e vi o fogo aceso em seus olhos. Suas mãos seguraram meu rosto e seus lábios se juntaram aos meus. Soltei um suspiro de susto, com seu desejo repentino. Sua língua entrou fundo na minha boca, fazendo meu sangue ferver.

"Você está linda", ele falou, passando as mãos nos meus cabelos. "Está sempre mudando. Nunca sei quem vou encontrar no dia seguinte."

Dei risada, inclinando-me sobre ele e beijando-o com todas as minhas forças. Adorava sentir sua boca, suas linhas sensuais se desfazendo da seriedade habitual quando se entregava a mim, ficando ainda mais maravilhoso. "Preciso estar à sua altura, garotão."

Gideon me puxou para o colo, passando a mão pelo meu corpo inteiro. "Quero você."

"Espero que sim", sussurrei, passando a língua em seu lábio inferior. "Vai ter que ficar comigo a vida toda."

"A vida toda não é suficiente." Inclinando a cabeça, ele beijou minha boca de novo, segurando minha nuca enquanto me lambia com força e rapidez. Como se estivesse me comendo. Senti o toque de sua língua por toda parte.

Eu me contorci toda, com vergonha de Angus. "Gideon."

"Vamos lá para a cobertura", ele sussurrou, tentador como o diabo. Seu pau estava duro contra minha bunda, provocando-me com a promessa de sexo, pecado e um prazer enlouquecedor.

"Você tem uma reunião", cochichei.

"Foda-se a reunião."

Segurei o riso e o abracei, pressionando o rosto contra seu pescoço e respirando fundo.

Seu cheiro estava uma delícia, como sempre. Gideon não usava perfume. Aquele era o cheiro da sua pele, com leves traços do sabonete que usava.

"Adoro seu cheiro", eu disse baixinho, roçando o nariz em sua pele. Seu corpo era rígido e quente, pulsando de vitalidade, energia e força. "Tem alguma coisa nele que mexe comigo. É uma das coisas que me diz que você é meu."

Ele grunhiu. "Meu pau está duro", ele falou, com os lábios colados à minha orelha, mordiscando o lóbulo, punindo-me pelo tesão que sentia.

"Estou toda molhada", murmurei de volta. "Você me deixou muito feliz hoje."

Ele respirou fundo, passando as mãos pelas minhas costas. "Ótimo."

Eu me afastei e vi quando ele começou a se recompor. Gideon quase nunca perdia o controle. Era excitante poder fazer aquilo com ele. Ainda mais depois de saber como ficou quando me viu, sem poder demonstrar para os outros. Seu autocontrole me atraía demais.

Meus dedos roçaram seu rosto deslumbrante. "Obrigada. Isso não é suficiente para agradecer pelo que você fez por mim hoje, mas obrigada."

Ele fechou os olhos e encostou a testa na minha. "De nada."

"Que bom que você gostou do meu cabelo."

"Gosto quando você se sente confiante e sexy."

Esfreguei meu nariz no dele, sentindo-me tão preenchida por seu amor que não parecia haver lugar para mais nada dentro de mim. "E se eu precisasse tingir o cabelo de roxo para me sentir assim?"

Ele sorriu. "Então eu teria uma esposa de cabelo roxo." Ele pôs a mão no meu coração, aproveitando a oportunidade para apertar meu seio. "Desde que por dentro continue a mesma, por fora é só aparência."

Pensei em avisá-lo de que estava perigosamente perto de ser romântico, mas decidi manter a constatação só para mim.

"Você viu os Landon?", perguntei em vez disso.

Gideon se recostou no assento. "Eles falaram com você."

Estreitei os olhos. "Você sabia que eles iam estar lá, né?"

"Não me surpreendeu."

"Você é muito bom nisso de sacar os outros", reclamei. "Já eu não consigo descobrir nem se Angela Landon estava tramando alguma quando me convidou para ir com ela ao desfile da Grey Isles na Fashion Week ou se estava falando sério."

“Talvez um pouco de cada. O que você falou?”

“Que não vou.” Eu o beijei e me recostei no assento. Ele resistiu, mas me soltou. “Corinne saberia o que fazer com ela.” Suspirei. “Magdalene também, provavelmente. E minha mãe com certeza.”

“Você se saiu bem. E quanto a Landon?”

Contorci os lábios. “Seu contrato com Mark já está fechado?”

Ele me encarou com uma expressão confusa. “O que você fez?”

“Mencionei que temos uma relação próxima com ele, já que nos conhecemos por seu intermédio. Disse que vamos voltar a trabalhar com Mark no futuro.”

“Você quer ver se Landon oferece um emprego a Mark.”

“Sim, fiquei curiosa para ver até onde Landon é capaz de chegar. Não estou preocupada com Mark. Ele é um colaborador leal e, apesar de não saber nenhum detalhe, tem noção de que a LanCorp foi um dos motivos da minha demissão. Além disso, pode assumir uma posição importante nas Indústrias Cross. Na LanCorp, seria só mais um. Ele não é burro.”

Gideon se remexeu no assento. Se eu não o conhecesse tão bem, poderia pensar que estava só se ajeitando. “E você quer saber se eu falei a verdade sobre as motivações de Landon.”

“Não.” Pus a mão em sua coxa e senti toda a sua tensão. Gideon havia sido deixado na mão pelos pais. Eu sabia que algo dentro dele esperava que todos os demais fizessem o mesmo. “Acredito em você. Acreditei quando me contou. Sua palavra é a única prova de que preciso.”

Ele ficou me olhando por um longo instante, e então apertou minha mão. Com força. “Obrigado.”

“Mas você não sentiu que precisava provar isso para mim?”, perguntei com jeitinho. “Você sabia que Landon tinha feito uma reserva. E queria me apresentar à diretoria da Crossroads. Uma reunião no Tableau One mataria dois coelhos com uma cajadada se eu cruzasse com Landon por lá. Apesar de boa parte disso depender do acaso.”

“Não se ele estivesse sentado perto dos banheiros.”

“E se eu não fosse ao banheiro?”

Gideon me encarou.

“Era uma possibilidade”, argumentei.

“Você é mulher”, ele rebateu, como se isso explicasse tudo.

Franzi a testa. “Às vezes me dá vontade de bater em você.”

“Não tenho culpa se estou certo.”

“Você está mudando de assunto.”

Ele contorceu os lábios por um instante. “Você me abandonou por causa dele. Precisava fazer com que o visse de novo depois daquilo.”

“Não é exatamente verdade, mas tudo bem. Entendo o que você quis fazer.” Um tanto frustrada, afastei a franja do rosto. “Mas ainda não entendi qual é a deles. Ele é um pouco mais fácil de sacar, mas os dois sabem bem como parecer sinceros. E trabalham em equipe.”

“Eu e você também.”

“Estamos chegando lá. Preciso me aprimorar no meu papel.”

“Não tenho do que reclamar.”

Abri um sorriso. “Não estraguei tudo, mas isso não quer dizer que tenha feito um bom trabalho.”

Ele passou os dedos pelo meu rosto. “Eu não estaria nem aí se você tivesse estragado tudo, mas com certeza sua definição disso seria bem diferente da minha. Não ligaria se você tivesse o cabelo roxo ou de qualquer outra cor, mas gosto de você loira. No fim, o que eu quero é *você*.”

Virei a cabeça e dei um beijo em sua mão. “Angela parece com Corinne.”

Ele soltou uma risadinha surpresa. “Parece nada.”

“Parece muito! Não tipo gêmeas ou coisa assim. Mas o cabelo e o tipo físico são os mesmos.”

Gideon sacudiu a cabeça. “Não são.”

“Você acha que Landon foi atrás de alguém que você ia considerar seu tipo ideal?”

“Acho que sua imaginação está saindo do controle.” Ele pôs o dedo nos meus lábios quando abri a boca para retrucar. “E, se não estiver, ele entendeu tudo errado, então o argumento não tem validade.”

Franzi o nariz para ele. Minha bolsa vibrou perto da minha coxa, e eu a peguei para apanhar o celular.

Era uma mensagem de Raúl. Ela está no trabalho.

Olhei para Gideon e reparei que estava me encarando.

“Pedi para Raúl ir atrás de Anne hoje”, contei.

Gideon murmurou alguma coisa para si mesmo. “Você é teimosa demais”, ele disse em seguida.

“Como você falou, estou me sentindo confiante e sexy.” Mandei um beijo para ele. “É um bom dia para aparecer e dar um oi.”

Os olhos de Gideon se dirigiram para o retrovisor. Angus fez o mesmo, e os dois trocaram olhares. Em seguida meu marido virou seus olhos azuis e reluzentes para mim. “Você vai fazer o que Angus mandar. Se ele achar que não é uma boa ideia, vai ter que acatar. Entendido?”

Demorei um pouco para responder, porque esperava mais resistência. “Certo.”

“E você vai jantar na cobertura comigo hoje.”

“Quando foi que isso virou uma negociação?”

Ele me encarou, implacável e impassível.

“Prometi a Cary que jantaria com ele, garotão. Ele está marcando compromissos para mim enquanto estou aqui com você. Mas pode ir com a gente.”

“Não, obrigado. Você pode passar lá mais tarde.”

“Vai se comportar?”

Os olhos dele brilharam de malícia. “Só se você se comportar também.”

Percebi que a abordagem bem-humorada dele era um progresso. “Combinado.”

Paramos na frente do Crossfire, e Gideon se preparou para descer. Enquanto Angus contornava o carro para abrir a porta, eu me inclinei para a frente e ofereci minha boca. Segurando meu rosto com as duas mãos, Gideon me beijou com lábios firmes e possessivos. Aquele beijo foi mais carinhoso que o beijo sensual de quando saímos do Tableau One. E mais longo.

Quando ele se afastou, eu estava sem fôlego.

Gideon me observou por um momento e balançou a cabeça, satisfeito. “Me liga assim que terminar.”

“E se você estiver…”

“Me liga.”

“Certo.”

Gideon desceu do Bentley e entrou no Crossfire.

Eu o observei até desaparecer de vista, lembrando o dia em que nos vimos pela primeira vez. Ele já havia entrado naquele prédio antes, e sempre voltava para mim. Com aquilo em mente, sabia que não fazia sentido me sentir abandonada, mas nunca era fácil vê-lo se afastar. Era um dos meus maiores defeitos, e algo que eu precisava superar.

Já estou com saudade, escrevi em uma mensagem de texto.

A resposta não demorou. Fico contente, meu anjo.

Eu ainda estava rindo quando Angus voltou ao volante. Ele me olhou pelo retrovisor. "Para onde vamos?"

"Para o lugar onde Anne Lucas trabalha."

"Ela ainda vai trabalhar por mais algumas horas."

"Eu sei. Tenho algumas coisas para fazer enquanto espero. Se eu ficar entediada, tentamos outra hora."

"Certo." Ele ligou o Bentley e arrancou com o carro.

Liguei para Cary.

"Oi", ele atendeu. "Como foi o almoço?"

"Foi bom." Contei tudo para ele.

"Quanta coisa", Cary comentou quando terminei. "Não sei se entendi essa história do Landon, mas geralmente é assim com as coisas que envolvem seu marido. Existe alguém que não esteja puto com ele?"

"Eu."

"Sim, mas não está rolando nada entre vocês no momento também."

"Cary, juro que vou matar você."

Ele deu uma risadinha. "Falei com Blaire. Ele pode encontrar você na cobertura amanhã. É só mandar uma mensagem com o horário."

"Beleza. E Kristin?"

"Calma, gata. Ela vai passar o dia no escritório, então você pode ligar a qualquer hora. Ou mandar um e-mail, se for mais fácil. Ela está louca para falar com você."

"Vou ligar. Já decidiu onde quer jantar?"

"Alguma coisa asiática. Chinês, japonês, tailandês… algo assim."

"Certo, tudo bem. Cozinha asiática." Apoiei a cabeça no encosto do assento. "Obrigada, Cary."

“Fico feliz em ajudar. Quando você vem para casa?”

“Ainda não sei. Tem mais uma coisa que quero fazer antes de voltar.”

“A gente se vê mais tarde, então.”

Desliguei o telefone quando Angus estacionou o carro.

“O consultório dela é do outro lado da rua”, ele explicou, chamando minha atenção para a construção com fachada de tijolos aparentes ao meu lado. Tinha vários andares e um pequeno saguão visível pelas portas de vidro.

Dei uma olhada rápida, imaginando-a lá dentro com um paciente, alguém que expunha seus segredos mais íntimos sem saber com quem estava falando. Era assim que funcionava. Os profissionais de saúde mental sabiam tudo sobre as pessoas, que por sua vez só tinham de informação as fotos de família sobre a mesa e os diplomas pendurados na parede.

Vasculhando os contatos do meu celular, encontrei o número de Kristin e liguei para seu escritório. A assistente transferiu a ligação imediatamente.

“Oi, Eva. Eu ia ligar para você, mas seu amigo entrou em contato antes. Estou tentando ligar há alguns dias, na verdade.”

“Eu sei. Desculpa.”

“Sem problemas. Vi as fotos de você e Cross na praia. Entendo que não tenha ligado. Mas precisamos conversar e esclarecer algumas coisas.”

“A data vai ser 22 de setembro.”

Houve uma pausa. “Certo. Uau.”

Fiz uma careta, ciente de que era um prazo bem curto e que custaria uma boa grana para pôr tudo em prática em tão pouco tempo. “Decidi que minha mãe está certa sobre a paleta em tons de branco, creme e dourado, então vamos nessa. Mas quero alguns toques de vermelho. Por exemplo, o buquê vai ser neutro, mas vou usar joias de rubi.”

“Ah. Me deixa pensar um pouco. Talvez umas saias vermelhas por baixo das toalhas de mesa brancas… Ou pratos vermelhos de murano por baixo de outros de cristal… Vou pensar em algumas opções.” Ela soltou o ar com força. “Gostaria muito de ver o local.”

“Posso providenciar um voo até lá. Quando você quer ir?”

“Assim que possível”, Kristin se apressou em responder. “Amanhã à tarde tenho compromisso, mas de manhã estou livre.”

“Vou ver e aviso.”

“Vou ficar aguardando. Eva… você já escolheu o vestido?”

“Hã… não.”

Ela deu risada. Quando voltou a falar, a tensão em sua voz tinha desaparecido. “Entendo sua vontade de apressar as coisas com um homem como ele, mas um prazo maior me daria a certeza de que vai sair tudo bem e de que seu dia vai ser perfeito.”

“Vai ser perfeito mesmo se algo der errado.” Passei o polegar na aliança, consolando-me com sua presença no meu dedo. “É o aniversário de Gideon.”

“Uau. Tudo bem, então. Vamos fazer acontecer.”

Abri um sorriso. “Obrigada. A gente se fala.”

Desliguei e dei uma olhada no prédio do outro lado da rua. Havia um café logo ao lado. Passaria lá para tomar um café com leite depois de conversar com o decorador.

Mandei uma mensagem para Gideon. Com quem preciso falar para providenciar um voo amanhã de manhã para a Carolina do Norte com a cerimonialista?

Era uma coisa estranha para pedir. Quem poderia imaginar que algum dia eu teria jatinhos particulares à minha disposição? Aquilo provavelmente nunca seria normal para mim.

Fiquei esperando a resposta por um minuto, então decidi ligar para Blaire Ash.

“Oi, Blaire”, falei quando ele atendeu. “É Eva Tramell. A noiva de Gideon Cross.”

“Eva. Claro que sei quem você é.” Sua voz era amigável. “Que bom que ligou.”

“Queria discutir algumas coisas sobre o projeto com você. Cary me falou que você está livre amanhã.”

“Sim, claro. Que horas?”

Pensando na viagem com Kristin, respondi: “Que tal no fim da tarde? Lá pelas seis?”.

Gideon estaria no consultório do dr. Petersen pelo menos até as sete. Depois ainda havia o trajeto para casa. Aquilo me daria tempo de discutir algumas coisas do novo projeto de decoração.

“Por mim tudo bem”, concordou Blaire. “Nos encontramos na cobertura?”

“Sim, nos vemos lá. Obrigada. Tchau.”

Assim que encerrei a ligação, meu telefone vibrou. Olhei para a tela e vi a resposta de Gideon: Scott já está providenciando.

Mordi o lábio inferior, arrependida de não ter falado com Scott primeiro. Vou confirmar

com ele o horário. Obrigada! J

Respirei fundo, ciente de que precisava falar com Elizabeth, mãe de Gideon.

No banco da frente, o celular de Angus fez um ruído. Ele o ergueu e olhou para mim. “Ela está no elevador, descendo.”

“Ah!” Minha surpresa se transformou em perplexidade. Como ele sabia? Olhei de novo para o prédio. Seria de Gideon também? Assim como aquele em que o marido dela trabalhava?

“Aqui, garota.” Angus estendeu a mão e me ofereceu um disquinho preto do tamanho de uma moeda, porém muito mais grosso. “Tem velcro de um dos lados. Grude no vestido.”

Enfiei o celular na bolsa e peguei o objeto. “O que é isso? Um microfone?”

“Senão vou com você.” Ele abriu um sorriso sem graça. “Você não precisa ficar preocupada, mas ela sim.”

Como eu não tinha nada a esconder, enfiei o microfone no sutiã e desci do carro quando Angus abriu a porta. Ele me segurou pelo braço e me conduziu para o outro lado da rua.

Angus ainda me deu uma piscadinha antes de entrar no café.

De repente, eu me vi sozinha na calçada, acometida por um acesso de nervosismo, que passou logo em seguida, quando Anne saiu do saguão do prédio. Trajando um vestido com estampa de oncinha e um par de Louboutins pretos, parecia feroz e vivaz com seus cabelos ruivos.

Enfiei a bolsa debaixo do braço e andei em sua direção.

“Que coincidência!”, exclamei quando me aproximei.

Ela me olhou enquanto acenava para um táxi. Por um instante, seu rosto de raposa ficou sem expressão, e então ela me reconheceu. O susto foi evidente. Ela baixou o braço.

Olhei para Anne dos pés à cabeça. “Você deveria abandonar a peruca quando vai ver Cary também. O cabelo curto combina mais com você.”

Anne se recuperou depressa. “Eva. Como você está bonita. Gideon está cuidando bem de você.”

“É, ele cuida de mim. O tempo todo.” Isso chamou sua atenção. “E eu não me canso disso. Não vai sobrar nada para você, então é melhor ficar obcecada por outra pessoa.”

A expressão dela endureceu. Eu me dei conta de que nunca havia testemunhado ódio verdadeiro antes. Mesmo no calor do verão de Nova York, senti um calafrio.

“Você é tão sem noção”, ela rebateu, aproximando-se, “que ele deve estar trepando com outra agora mesmo. Ele é assim, é isso o que faz.”

“Você não tem ideia de quem ele é.” Detestei ter que levantar a cabeça para encará-la. “Não tenho com que me preocupar. Já você tem muito com que se preocupar, porque se chegar perto de Cary de novo vai se ver comigo. E não vai ser legal.”

Dei as costas para ela. Já tinha cumprido meu objetivo.

“Ele é um monstro”, ela gritou. “Não contou que faz terapia desde criança?”

Isso me fez deter o passo. Eu me virei outra vez.

Ela sorriu. “Já nasceu defeituoso. É doente e pervertido, só não mostrou isso para você ainda. Pensa que pode esconder isso de você, a menina bonita do conto de fadas. A bela e a fera. É um bom jogo de aparências, mas não vai durar muito. Ele não tem como esconder sua verdadeira natureza para sempre.”

Meus Deus… Ela sabia sobre Hugh?

Como podia saber que Gideon era uma vítima das taras de seu irmão e mesmo assim fazer sexo com ele? Aquilo me deixou enojada só de pensar, e senti a bile subindo pela garganta.

A risada dela me penetrou como cacos de vidro afiados. “Gideon é violento e cruel. Vai acabar com a sua raça antes de descartar você. Isso se não te matar primeiro.”

Endireitei as costas e cerrei os punhos. Estava tão nervosa que até tremia, segurando-me para não dar um soco naquela cara presunçosa.

“Com quem você acha que os monstros se casam, sua imbecil?” Dei alguns passos na direção dela. “Garotinhas frágeis e indefesas? Ou outros monstros?”

Eu a encarei bem de perto. “Você acertou sobre o conto de fadas. Mas a fera não é Gideon. Sou *eu*.”

6

“Você acha que Gideon é perigoso? Espera só até me conhecer melhor.”

Fiquei imóvel como uma estátua por um longo minuto, com a voz de Eva ecoando na minha cabeça quando a gravação terminou. Ergui os olhos para Angus. “Meu Deus.”

Já tínhamos procurado pelos arquivos que Hugh pudesse ter guardado sobre meu caso. Nada foi encontrado, e chegamos à conclusão de que ele não tinha deixado rastro. Por que documentar os próprios crimes?

“Vou procurar de novo”, Angus disse baixinho. “Na casa deles, no consultório. No consultório do marido dela. Em todo lugar. Vou encontrar.”

Balancei a cabeça, afastando-me da mesa. Respirei fundo para conter a ânsia de vômito. Não havia nada a fazer a não ser esperar.

Fui até a janela mais próxima e olhei para o prédio que abrigava a sede da LanCorp.

“Eva lidou bem com a situação”, Angus disse atrás de mim. “Ela deixou Anne apavorada. Pude até ver a cara dela.”

Seria melhor ter visto o vídeo das câmeras de segurança em vez de ouvir o áudio da conversa, mas aquilo já bastava. Eu conhecia minha esposa, sua voz e seu jeito de falar. Seu temperamento. E sabia que nada despertava mais sua ferocidade do que a necessidade de me defender.

Durante o pouco tempo em que estávamos juntos, Eva teve enfrentamentos cara a cara com Corinne na casa dela, com minha mãe em várias ocasiões, com Terrence Lucas no consultório dele e agora com sua esposa no meio da rua. Eu sabia que ela se sentia na obrigação de fazer aquilo, por isso permiti que fosse em frente.

Eu não precisava de ninguém para me defender. Sabia me virar muito bem, foi o que sempre tive de fazer. Mas era bom sentir que não estava mais sozinho. E era melhor ainda saber que Eva era capaz de enfrentar a loucura de frente e ainda levar a melhor.

“Ela é uma leoa.” Eu me virei para ele. “Eu mesmo tenho marcas de seus arranhões.”

Os ombros carregados de tensão de Angus relaxaram um pouco. “Ela vai ficar do seu lado.”

“Se meu passado vier a público? Eu sei.”

Depois de dizer aquelas palavras, parei para pensar no quanto eram verdadeiras. Houve momentos em nosso relacionamento em que não tive certeza de que continuaria com Eva. Eu a amava e não duvidava de seu amor por mim. Porém, por mais que aos meus olhos ela fosse perfeita, Eva tinha seus defeitos. Duvidava de si mesma com frequência demais. Às vezes achava que não tinha forças para lidar com certas situações. Quando sentia que sua independência e o tratamento igualitário que exigia estavam sendo ameaçados, fugia para se proteger.

Meu olhar se voltou para a foto dela na minha mesa. As coisas tinham mudado, mas não fazia muito tempo. Ela me levara ao limite afastando-me da única coisa sem a qual não conseguia viver — sua companhia. Eu me debrucei sobre aquele abismo contra minha vontade para conseguir tê-la de volta. Como resultado, Eva não encarava mais nosso casamento como uma associação entre duas individualidades, e sim como uma *fusão*. Meu ressentimento inicial já não existia mais. Eu faria tudo de novo para mantê-la ao meu lado, sem precisar ser forçado a isso.

"Ela gosta do que tenho a oferecer, dessa estabilidade", falei, mais para mim mesmo que para Angus. "Mas, se eu perdesse tudo, ainda ficaria ao meu lado. Quer ficar *comigo*, por mais pirado que eu seja."

O dinheiro… a fama… não eram importantes para ela.

"Você não é pirado, rapaz. É um partidão, isso sim." Angus abriu um sorriso malicioso. "E fez besteiras com as garotas, mas quem não fez? É difícil dizer não quando se é bonitão e elas se jogam aos seus pés."

Seus comentários me divertiram, e afastei meus pensamentos de Anne Lucas. Tanta preocupação não levaria a nada. Angus era bom no que fazia. Eu ia me concentrar na minha esposa e na nossa vida naquele momento.

"Onde Eva está agora?", perguntei.

"Raúl está indo com ela à academia de Parker Smith no Brooklyn."

Balancei a cabeça, ciente de que Eva precisava aliviar o estresse. "Obrigado, Angus."

Meu celular vibrou sobre o vidro escuro da mesa. Olhei para o aparelho esperando ver o rosto de Eva, mas encontrei o de Ireland, minha irmã. Depois de uma pontada familiar de desconforto, algo levemente parecido com pânico, atendi.

Eu não via nenhum motivo para me envolver na vida da minha irmã adolescente, mas Eva achava aquilo importante por alguma razão, e eu o fazia por ela.

"Ireland. A que devo a honra?"

“Gideon.” Ela soluçou violentamente, e sua voz saiu estrangulada pelas lágrimas.

Imediatamente fiquei tenso, sentindo uma fúria subir pela espinha. “O que foi?”

“Ch-cheguei da escola hoje e papai estava me esperando. Eles vão se separar.”

Fui para trás da mesa e me joguei sobre a cadeira. A raiva logo passou.

Ela continuou falando, sem me dar tempo para dizer algo.

“Não entendo!”, ela disse, aos prantos. “Duas semanas atrás, estava tudo bem. Aí eles começaram a discutir o tempo todo, e papai foi para um hotel. Aconteceu alguma coisa, mas ninguém quer me contar o que foi! Mamãe não para de chorar. Papai não, mas os olhos dele estão sempre vermelhos.”

Senti um nó no estômago outra vez. Minha respiração acelerou.

Chris sabia. Sobre mim e Hugh. Sobre as mentiras de Terrence Lucas, o acobertamento do crime de seu cunhado. Sobre minha mãe ter se recusado a acreditar em mim, a lutar por mim, a me salvar.

“Ireland…”

“Você acha que papai está tendo um caso? É tudo culpa dele. Mamãe diz que ele está confuso, que vai voltar ao normal, mas eu acho que não. Ele parece estar decidido. Você não pode falar com ele?”

Segurei o telefone com força. “E dizer o quê?”

Alô, Chris? Desculpa por ter sido estuprado e sua mulher não ter lidado bem com isso. Que chato o divórcio. E se você a perdoasse e os dois vivessem felizes para sempre?

Só de pensar em Chris seguindo normalmente com sua vida e seu casamento como se nada tivesse acontecido, fiquei possesso de raiva. Alguém sabia de tudo. E se importava. E não conseguia viver em paz com o acontecido, como eu. Nem se fosse capaz de mudar aquilo eu tentaria.

Uma parte pequena e fria de mim gostou de saber. Finalmente.

“Deve ter alguma coisa que você possa falar. Gideon! As pessoas não vão de apaixonadas a divorciadas em menos de um mês!”

Deus do céu. Esfreguei a nuca, sentindo uma dor fortíssima me atormentando. “Eles podem fazer terapia.”

Tive que segurar uma risada ácida e cruel. Foi na terapia que tudo começou. Que ironia sugerir que eles buscassem justamente esse tipo de ajuda.

Ireland fungou. “Mamãe disse que papai sugeriu, mas ela não quer fazer.”

Deixei uma risadinha escapar. O que o dr. Petersen diria se soubesse o que se passava na cabeça dela? Ficaria com pena? Enojado? Furioso? Talvez não sentisse nada. Eu não era diferente de nenhuma outra criança molestada, e ela não era diferente de nenhuma outra mãe fraca e egoísta.

"Lamento, Ireland." E lamentava mesmo, muito mais do que era capaz de expressar. Como ela se sentiria a meu respeito se soubesse que a culpa era minha? Talvez me odiasse também, como Christopher, nosso irmão.

Aquele pensamento me deixou com um aperto terrível no peito.

Christopher não me suportava, mas amava Ireland, e tinha interesse no bom relacionamento entre seus pais. Eu era um estranho no ninho. Sempre havia sido. "Você conversou com Christopher?"

"Ele está arrasado, assim como mamãe. Quer dizer, eu estou abalada, mas eles… Nunca vi os dois assim."

Eu me levantei de novo, inquieto demais para ficar sentado. *O que eu faço, Eva? O que posso dizer? Por que você não está aqui quando mais preciso?*

"Seu pai não está tendo um caso", falei, oferecendo o único consolo de que era capaz. "Não faz o tipo dele."

"Então por que pedir o divórcio?"

Soltei o ar com força. "Por que as pessoas se separam? O casamento não está mais dando certo."

"Depois de tantos anos, ele decide do nada que não está feliz? E se manda?"

"Ele sugeriu terapia, e ela não aceitou."

"Então é culpa dela que de repente ele resolva que não quer mais continuar casado?"

A voz era de Ireland, mas as palavras eram da minha mãe. "Se você está procurando alguém em quem pôr a culpa, não tenho como ajudar."

"Você não está nem aí para o casamento deles. Deve estar me achando uma idiota por ficar tão chateada com isso nesta idade."

"Não é verdade. Você tem todo o direito de estar chateada."

Olhei para a porta do escritório quando Scott apareceu, fazendo um gesto afirmativo quando ele bateu no relógio com o dedo. Em seguida voltou para sua mesa.

"Então ajuda a dar um jeito nisso, Gideon!"

"Minha nossa. Não sei por que você acha que posso fazer alguma coisa a respeito."

Ela começou a chorar de novo.

Soltei um palavrão mentalmente, detestando ouvi-la sofrer tanto e sabendo que o responsável era eu. “Querida…”

“Você não pode pelo menos tentar falar com eles?”

Fechei os olhos com força. O problema era eu, o que tornava impossível ser parte da solução. Mas aquilo eu não podia contar. “Vou ligar para eles.”

“Obrigada.” Ela fungou de novo. “Te amo.”

Soltei um ruído baixinho, impactado por aquelas palavras. Ireland desligou antes que eu pudesse responder, deixando em mim uma sensação de oportunidade perdida.

Pus o celular sobre a mesa e me segurei para não jogá-lo longe.

Scott abriu a porta e enfiou a cabeça para dentro. “Está tudo pronto na sala de reuniões.”

“Estou indo.”

“E o sr. Vidal pediu para ligar quando puder.”

Concordei com um gesto de cabeça, mas grunhindo por dentro ao ouvir o nome do meu padrasto. “Vou ligar.”

Eram quase nove da noite quando Raúl mandou uma mensagem para avisar que Eva estava subindo para a cobertura. Saí do escritório e fui recebê-la no hall de entrada. Ergui as sobrancelhas de surpresa quando ela entrou com uma caixa nas mãos. Raúl vinha logo atrás com uma bolsa de lona.

Eva sorriu quando peguei a caixa de suas mãos. “Trouxe algumas coisinhas para invadir seu espaço.”

“Pode invadir à vontade”, respondi, cativado pelo brilho malicioso em seus olhos acinzentados.

Raúl pôs a bolsa no chão da sala e saiu em silêncio, deixando nós dois a sós. Segui Eva com o olhar, observando sua calça jeans preta agarrada com uma camisa de seda larga por dentro. Estava usando sapatos baixos, o que a deixava com quase trinta centímetros a menos que eu. Seus cabelos estavam caídos sobre os ombros, emoldurando o rosto, já sem maquiagem.

Ela jogou a bolsa na poltrona perto da porta. Quando tirou os sapatos perto da mesa de

centro, virou-se para mim, olhando para meu peito descoberto e minha calça de pijama de seda. “Você disse que ia se comportar, garotão.”

“Bom, considerando que ainda nem beijei você, acho que dá para dizer que estou me comportando muito bem.” Fui até a mesa da sala de jantar e coloquei a caixa lá. Quando espiei dentro, vi algumas fotos emolduradas e embrulhadas em plástico bolha. “Como foi o jantar?”

“Estava gostoso. Seria melhor se Tatiana não estivesse grávida, mas acho que isso está fazendo Cary pensar na vida e amadurecer um pouco, o que é bom.”

Eu sabia que era melhor não expressar minha opinião a respeito, então só balancei a cabeça. “Quer que eu abra um vinho?”

O sorriso dela iluminou o ambiente. “Seria ótimo.”

Quando voltei para a sala, instantes depois, encontrei o aparador da lareira decorado com uma nova coleção de fotos. A montagem que dei para ela pôr na mesa do trabalho estava lá, com imagens nossas juntos. Havia também fotos de Cary, Monica, Stanton, Victor e Ireland.

Além de uma imagem emoldurada do meu pai e eu na praia muito tempo antes, que eu tinha mostrado a ela quando assinamos o contrato de compra da casa de praia na Carolina do Norte.

Dei um gole no vinho, absorvendo a mudança. Não havia objetos pessoais na minha sala de estar, então se tratava de uma alteração… profunda. Ela compôs um mosaico vivo e colorido de porta-retratos, que atraía a vista.

“Seus instintos de solteiro estão começando a agir?”, provocou Eva, pegando a taça que ofereci.

Lancei para ela um olhar divertido. “É tarde demais para ficar com medo.”

“Tem certeza? Estou só começando.”

“Já era hora.”

“Tudo bem, então.” Ela deu de ombros e deu um gole no pinot noir que escolhi. “Eu ia acalmar você com uma chupada se começasse a surtar.”

Meu pau endureceu imediatamente.

“Agora que você tocou no assunto… estou até suando frio…”

Uma bola de pelos saiu de debaixo da mesa, dando-me um susto tão grande que quase derrubei o vinho tinto no tapete Aubusson. “O que é isso?”

A bolinha se sacudiu e se revelou um cachorrinho pouco maior que meu sapato, cambaleando sobre as perninhas trêmulas. Era na maior parte preto e marrom, com uma barriga branca e orelhas enormes balançando ao lado de uma carinha toda acesa de alegria e empolgação.

“É seu”, disse minha esposa com a voz risonha. “Não é uma graça?”

Sem saber o que falar, vi o cãozinho chegar até meus pés e começar a lamber meus dedos.

“Ah, ele gostou de você.” Ela pôs a taça na mesa de centro e se ajoelhou, estendendo o braço para acariciar a cabecinha do filhote.

Confuso, olhei ao redor e me dei conta do que tinha deixado escapar. A bolsa de lona tinha buracos de ventilação cobertos com tela na parte superior e nas laterais.

“Você precisava ver a sua cara!” Eva deu risada e pegou o cachorro no colo antes de ficar de pé. Ela tirou a taça da minha mão e me entregou o filhote.

Sem escolha, peguei a bola de pelos inquieta, arqueando as costas para trás quando ele começou a lamber loucamente meu rosto. “Não posso ter um cachorro.”

“Claro que pode.”

“Não quero.”

“Claro que quer.”

“Eva… Não.”

Ela levou meu vinho até o sofá e se sentou sobre as pernas dobradas. “Agora a cobertura não vai mais parecer tão vazia até eu me mudar para cá.”

Eu a encarei. “Não preciso de um cachorro. Preciso de uma esposa.”

“Agora você tem as duas coisas.” Ela deu um gole na minha taça e lambeu os lábios. “Qual vai ser o nome dele?”

“Não posso ter um cachorro”, repeti.

Eva me olhou com serenidade. “É um presente de aniversário de casamento, você não pode devolver.”

“Aniversário de casamento?”

“Amanhã faz um mês que casamos.” Ela se recostou no sofá e me olhou com cara de tesão. “Estava pensando em ir até a casa de praia comemorar.”

Segurei melhor o cachorrinho inquieto. “Comemorar como?”

“Acesso total.”

Fiquei de pau duro na hora, e ela percebeu.

Eva acariciou com os olhos a ereção que enchia minha calça. “Estou morrendo, Gideon”, ela murmurou, com os lábios e o rosto vermelhos. “Queria esperar, mas não consigo. Preciso de você. E é nosso aniversário de casamento. Se nem nessa data a gente puder fazer amor e ficar sós, sem complicações, então isso nunca vai acontecer, e eu não acho que tem que ser assim.”

Eu a encarei.

Ela abriu um sorrisinho. “Se é que isso faz algum sentido.”

O cachorrinho lambia freneticamente meu rosto, mas eu mal notei, com toda a minha atenção voltada para Eva. Ela vivia me surpreendendo, e das melhores maneiras possíveis.

“Já decidi qual vai ser o nome dele.”

“Qual?”

“Lucky. Ele me traz sorte.”

Eva deu risada. “Você é mesmo um tarado, garotão.”

Quando Eva foi para casa, havia gaiolas de cachorro novinhas no meu quarto e no meu escritório, e comedouros e bebedouros na cozinha. A ração para filhotes tinha ficado em um pote com tampa de fechamento hermético na despensa e havia caminhas espalhadas pela casa. Havia até um tapete de grama falsa, onde Lucky deveria urinar — isso quando não se aliviava nos meus tapetes de valor inestimável, como fizera pouco antes.

Outros itens, que incluíam biscoitos, brinquedos e sprays odoríferos, tinham sido deixados no hall de entrada, perto do elevador, o que indicava que Eva havia recrutado Raúl e Angus em seu plano de me arrumar um animal de estimação.

Olhei para o filhote sentado aos meus pés, encarando-me com olhinhos suaves e escuros, repletos de um sentimento que parecia ser de adoração. “O que vou fazer com um cachorro?”

O rabo de Lucky balançava com tanta força que seu traseiro inteiro tinha que se movimentar no mesmo ritmo.

Quando fiz a Eva essa mesma pergunta, ela me contou o que tinha planejado: Lucky iria comigo para o trabalho, então Angus o levaria para uma creche de animais — quem sabia

que existia uma coisa dessas? — e o apanharia depois para ele voltar para casa comigo.

A verdadeira resposta estava no bilhete que ela deixou no meu travesseiro:

Meu querido Moreno Perigoso,

Os cachorros são ótimos entendedores da natureza das pessoas. Com certeza seu lindo beagle vai idolatrar você tanto quanto eu, porque vai conseguir enxergar o mesmo que vejo: *seu caráter protetor, sua consideração e sua lealdade. Você é um macho alfa sem tirar nem pôr, então ele vai saber obedecer, ao contrário de mim.* (*Você vai gostar disso!*) *E você vai se acostumar com a ideia de ser amado incondicionalmente por ele, por mim e por todo mundo que faz parte de sua vida.*

Para sempre sua,

Sra. Cross

Erguendo-se nas patas traseiras, Lucky pôs as dianteiras na minha canela e choramingou baixinho.

"Você é uma criaturinha bem carente, não?" Peguei-o no colo e resolvi tolerar as inevitáveis lambidas no rosto. Ele ainda estava com um pouco do perfume de Eva, então o aproximei do nariz para sentir seu cheiro.

Nunca senti vontade de ter um animal de estimação. Por outro lado, também nunca quisera ter uma esposa, o que tinha se revelado a melhor coisa que me acontecera na vida.

Afastei um pouco Lucky para observá-lo com mais atenção. Eva tinha colocado nele uma coleira de couro vermelho com uma placa de metal com as palavras FELIZ ANIVERSÁRIO, seguida da data em que nos casamos, então eu não tinha como me livrar dele.

"Estamos presos um ao outro", eu disse para o cachorro, o que o fez latir e abanar o rabo com ainda mais força. "Pode ser ainda pior para você do que para mim."

Sentado no meu quarto sozinho, ouço os gritos da minha mãe. Meu pai fala com ela e então começa a berrar também. Eles ligaram a televisão antes de bater a porta do quarto, mas não é suficiente para encobrir a briga.

Ultimamente, eles brigam o tempo todo.

Pego o controle do meu carrinho preferido e começo a batê-lo na parede sem parar. Não ajuda em nada.

Minha mãe e meu pai se amam. Ficam se olhando durante um tempão, sorrindo, como se não tivesse ninguém ao redor. Vivem se tocando. Dando as mãos. Se beijando. Eles se beijam muito. É nojento, mas é melhor que os gritos e choros das últimas semanas. Até meu pai, que está sempre rindo, anda triste. Seus olhos estão vermelhos o tempo todo, e ele não faz a barba há dias.

Estou com medo de que se separem, como os pais do meu amigo Kevin.

O sol se põe, mas a briga não acaba. A voz da minha mãe está rouca e áspera por causa do choro. Ouço o som de vidro se quebrando. Alguma coisa pesada se choca contra a parede e me assusta. Faz tempo que almocei, e meu estômago está roncando, mas não sinto fome. Sinto vontade de vomitar.

A única luz no meu quarto vem da televisão, mas está passando um filme chato. Ouço a porta do quarto dos meus pais abrir e fechar. Alguns minutos depois, a porta da frente abre e fecha também. O apartamento fica em silêncio de um jeito que me provoca ainda mais ânsia de vômito.

Quando a porta do meu quarto enfim se abre, minha mãe aparece como uma sombra contra a luz. Ela me pergunta por que estou no escuro, mas não respondo. Estou bravo com ela por tratar meu pai tão mal. Ele nunca começa as brigas, é sempre ela. Por causa de alguma coisa que viu na televisão, leu no jornal ou ouviu dizer. Estão falando mal dele, dizendo coisas que sei que são mentiras.

Meu pai não é mentiroso nem ladrão. Minha mãe deveria saber disso. Não deveria dar ouvidos a gente que não o conhece tão bem quanto nós.

"Gideon."

Minha mãe acende a luz, e eu levo um susto. Ela está mais velha. Cheira a leite azedo e talco.

Meu quarto está diferente. Meus brinquedos não estão mais lá. O carpete sob meus pés vira um tapete sobre um piso de pedra. Minhas mãos estão maiores.

Eu me levanto e estou do tamanho dela.

"Quê?", esbravejo, cruzando os braços.

"Você precisa parar com isso." Ela limpa as lágrimas que escorrem dos olhos. "Não pode continuar se comportando assim."

"Saia daqui." O buraco no meu estômago se amplia, fazendo a palma das minhas

mãos suar e me obrigando a cerrar os punhos.

"Essas mentiras precisam acabar! Temos uma nova vida agora, uma vida boa. Chris é um cara legal."

"Isso não tem nada a ver com Chris", respondo, querendo bater em alguma coisa. Não deveria ter aberto a boca. Não sei por que pensei que alguém fosse acreditar em mim.

"Você não pode…"

Eu me sentei na cama, ofegante, rasgando violentamente o lençol que segurava entre as mãos. Demorou um tempinho para minha cabeça parar de latejar e eu enfim ouvir o latido incessante que me acordara.

Esfregando o rosto, soltei um palavrão e levei um susto quando vi Lucky escalando o edredom e subindo na cama. Ele pulou em cima de mim, batendo as patas no meu peito.

"Puta que pariu, calma!"

Ele choramingou e se aninhou no meu colo, fazendo com que eu me sentisse um babaca.

Eu o abracei contra meu peito suado. "Desculpa", murmurei, acariciando sua cabeça.

Fechando os olhos, recostei-me na cabeceira da cama, tentando acalmar meu coração. Levou alguns minutos, o mesmo tempo que demorei para perceber que acariciar Lucky me ajudava naquele processo.

Ri comigo mesmo, estendendo a mão para pegar meu telefone no criado-mudo. Eram mais de duas da manhã, o que me fez hesitar. E eu precisava ser forte, aguentar a bronca sozinho.

Mas muita coisa tinha mudado desde que ligara pela primeira vez para Eva para falar de um pesadelo. E para melhor.

"Oi", ela atendeu com uma voz grogue e sensual. "Está tudo bem?"

"Melhor agora que estou ouvindo sua voz."

"Problemas com o cachorro? Ou um pesadelo? Ou só está sendo safado?"

Uma sensação de calma tomou conta de mim. Eu tinha me preparado para uma reprimenda, mas ela ia pegar leve comigo. Mais uma razão para tentar proporcionar a ela o que queria, apesar de meu primeiro instinto não ser aquele. Quando Eva estava feliz, eu também estava. "Talvez as três coisas."

“Certo.” Ouvi o farfalhar dos lençóis. “Vamos começar pela primeira coisa, garotão.”

“Se eu tranco a gaiola, Lucky fica choramingando e não consigo dormir.”

Ela deu risada. “Você é um molenga. Lucky é perfeito para você. Ele está no escritório?”

“Não. Ele fica latindo lá, e não consigo dormir. Acabei só fechando a porta da gaiola, sem trancar, e ele sossegou.”

“Ele não vai aprender a controlar o xixi se não ficar preso na gaiola.”

Olhei para o pequeno beagle que dormia no meu colo. “Ele me acordou no meio de um pesadelo. Acho que foi de propósito.”

Eva ficou em silêncio por um instante. “Me conta mais.”

Ela me escutou com atenção. “Ele já estava tentando subir na cama antes, mas não conseguia”, eu disse, ao concluir. “Ainda é muito pequeno, e a cama é alta demais. Mas ele escalou as cobertas para me acordar.”

Ouvi um suspiro do outro lado da linha. “Acho que ele também não consegue dormir com barulho.”

Demorei um instante para entender, então dei risada. O estresse causado pelo sonho se dissipou como fumaça soprada pela brisa. “Me deu uma vontade terrível de pôr você no meu colo e bater na sua bunda agora, meu anjo.”

Ela respondeu em um tom divertido: “Então tenta, para ver o que acontece”.

Eu sabia o que ia acontecer. Mas ela se recusava a aceitar a ideia. Por enquanto.

“Voltando ao seu sonho…”, ela murmurou. “Sei que já falei isso antes, mas vou repetir. Acho que você precisa conversar sobre Hugh com sua mãe de novo. Sei que vai ser difícil, mas precisa ser feito.”

“Não vai mudar nada.”

“Você não tem como saber.”

“Tenho, sim.” Eu me mexi, e Lucky soltou um grunhido de protesto. “Tem uma coisa que não contei mais cedo. Chris pediu o divórcio.”

“Quê? Quando?”

“Não sei. Ireland me contou. Conversei com Chris depois do trabalho, mas ele só falou sobre o acordo pré-nupcial e me avisou que queria fazer algumas concessões voluntárias. Não conversamos sobre o motivo de ele querer acabar com o casamento.”

“Você acha que é porque descobriu a verdade sobre Hugh?”

Soltei um suspiro, contente por poder conversar sobre aquilo com ela. “Acho que seria uma coincidência incrível se isso não tivesse nada a ver com a história.”

“Uau.” Ela limpou a garganta. “Acho que gosto muito do seu padrasto.”

Eu não era capaz de dizer como me sentia em relação a Chris, pois não sabia. “Quando penso em como minha mãe deve estar chateada… Posso até ver, Eva. Já aconteceu antes.”

“Eu sei.”

“E sei que vou detestar ver minha mãe assim. Fico magoado quando acontece.”

“Você ama sua mãe. Isso é bom.”

E eu amava Eva. Por sua capacidade de não me julgar. Por sua devoção impossível de qualificar. Aquilo me deu coragem para dizer: “Também fico contente com isso. Que tipo de cuzão ia gostar de ver a mãe sofrer?”.

Houve uma longa pausa. “Você ficou magoado com ela. E *ainda* está. É um instinto natural querer fazer com que sofra também. Mas acho que você está contente por ter um… defensor. Alguém que diga que o que você sofreu não é aceitável.”

Fechei os olhos. Se existia alguém que me defendia, era minha esposa.

“Quer que eu volte para aí?”, ela perguntou.

Quase respondi que não. Minha rotina depois de um pesadelo era tomar um banho demorado e me afundar no trabalho. Era a maneira que conhecia de lidar com aquilo. Mas em pouco tempo ela estaria morando comigo, compartilhando toda a minha vida, e era daquilo que eu precisava, embora não estivesse totalmente pronto. Eu tinha que começar a fazer alguma coisa.

Maior do que isso, porém, era minha necessidade da companhia dela naquele momento. Eu queria poder vê-la, sentir seu cheiro, sua proximidade.

“Vou buscar você”, respondi. “Só vou tomar um banho. Mando uma mensagem antes de sair.”

“Certo. Vou estar pronta. Te amo, Gideon.”

Respirei fundo e deixei as palavras fluírem. “Também te amo, meu anjo.”

Despertei de novo ao sentir a luz do sol, sentindo-me descansado, apesar das horas que

passei acordado. Quando me espreguicei, senti alguma coisa quente e peluda no meu braço, depois uma língua passando pelo meu bíceps.

Abrindo um dos olhos, dei de cara com Lucky. “Você não consegue manter essa coisa dentro da boca?”

Eva rolou e sorriu, ainda sem abrir os olhos. “Dá pra entender. Você é uma delícia.”

“Então traz a *sua* língua para cá.”

Ela virou a cabeça para mim e abriu os olhos. Seus cabelos estavam bagunçados, e seu rosto estava vermelho.

Peguei Lucky antes de me virar de lado. Apoiando a cabeça em uma das mãos, olhei para minha esposa sonolenta, sentindo um raro contentamento só de poder começar o dia com ela na cama.

A verdade era que eu não deveria ter me arriscado. Eva não tinha visto o estado em que ficara o lençol, pois eu o trocara antes de ir buscá-la, mas aquilo era só um exemplo do estrago que eu podia causar enquanto dormia. Nem Lucky nem Eva estavam seguros comigo durante o sono. O fato de que nunca havia tido mais de um pesadelo por noite não significava que podia abusar da sorte.

Nem o fato de que sentia uma saudade violenta de Eva. Eu também queria passar a noite com ela.

“Que bom que você ligou”, ela murmurou.

Estendi a mão e fiz carinho em seu rosto com o dedo. “Foi bom mesmo.”

Eva se mexeu e beijou minha mão.

Ela via o que havia de pior em mim e mesmo assim me amava cada vez mais. Eu já tinha desistido de questionar seus motivos. Só precisava fazer por merecer, e estava disposto a isso. Tinha a vida inteira pela frente para me dedicar a Eva.

“Você não está planejando nenhuma outra emboscada para hoje, né?”, perguntei.

“Não.” Ela se espreguiçou, atraindo meu olhar para seus seios grandes, que esticavam o tecido da blusa de algodão. “Mas, se alguém quiser me emboscar, pode vir.”

Coloquei Lucky no chão e puxei Eva mais para perto, rolando para cima dela. Suas pernas se abriram instintivamente e me acomodei sobre seu corpo, remexendo os quadris para esfregar meu pau em sua boceta.

Ela soltou um suspiro e segurou meus ombros, arregalando os olhos. “Eu não estava me referindo a você, garotão.”

“Não sou alguém?” Enterrei o rosto em seu pescoço, acariciando-a com o nariz. Seu cheiro era divino, suave e doce. Muito sexy. De pau duro, eu me esfreguei nela, sentindo o calor através de sua calcinha e da minha calça de seda. Ela se derreteu para mim, daquela maneira que me deixava ferozmente excitado.

“Não”, Eva murmurou, ficando bem séria. Depois apertou minha bunda, cravando as unhas em mim. “Você é *o* cara. A combinação perfeita para mim.”

Por mais feminina e luxuriosa que Eva fosse, ela tinha ficado mais forte treinando krav maga. Aquilo me deixava com tesão. Baixei a cabeça, roçando a boca na dela. Meu coração disparou, lutando para aceitar o que Eva significava para mim. A maneira como fazia com que me sentisse era algo novo, que jamais se tornaria rotineiro.

Talvez fosse por isso que eu tivesse passado por tanta coisa: para aprender a dar valor a Eva quando a encontrasse. Eu jamais deixaria de valorizá-la.

Uma língua que não era a da minha esposa começou a roçar a lateral do meu corpo, fazendo cócegas em mim. Tive um sobressalto e soltei um palavrão. Eva deu risada.

Olhei feio por cima do ombro para o responsável, que saltitava de alegria, abanando o rabo sem parar. “Você já está abusando da sorte, Lucky.”

Eva deu uma risadinha. “Ele está ajudando você a manter a promessa de se comportar.”

Voltei meu olhar para minha esposa, cujas unhas continuavam cravadas na minha bunda. “Desde que você se comporte também.”

Eva afastou as mãos e as ergueu acima da cabeça, balançando os dedos. Seu olhar era de excitação, e sua respiração parecia acelerada por entre os lábios semiabertos. Ela estremeceu sob meu corpo, sua pele queimando. Seu desejo aplacou minha necessidade furiosa. Seu comprometimento com a espera, agora que eu entendia o motivo, deu forças para eu me conter.

Era fisicamente doloroso me afastar dela. Seu gemido baixinho de angústia ecoava dentro de mim, refletindo meus sentimentos. Eu me deitei de costas e fui imediatamente submetido a um banho de língua oferecido por Lucky.

“Ele adora você.” Eva ficou de lado e estendeu a mão para acariciar suas orelhas. Aquilo teve o efeito benéfico de atrair a atenção dele para ela. A risada que Eva soltou quando Lucky começou a lambê-la no rosto me fez sorrir, apesar de o meu pau doer de tão duro.

Eu poderia reclamar do cachorro, da falta de sexo e de sono e de muito mais coisas. Mas, na verdade, minha vida estava próxima da perfeição.

Mantive-me ocupado a manhã toda no trabalho.

O lançamento do novo console GenTen aconteceria em breve e, apesar de todas as especulações, conseguimos manter em segredo o componente da realidade virtual. A tecnologia vinha se desenvolvendo rapidamente, mas as Indústrias Cross estavam anos à frente da concorrência. Eu tinha informações de fontes seguras de que o PhazeOne da LanCorp era apenas um aprimoramento da versão anterior, com visual e velocidade superiores. Seria capaz de competir com a geração anterior do GenTen, mas só isso.

Pouco antes do almoço, tirei um tempo para ligar para minha mãe.

“Gideon.” Ela soltou um suspiro trêmulo. “Então você ficou sabendo?”

“Sim. Lamento.” Dava para sentir que ela estava sofrendo. “Se precisar de alguma coisa, é só me falar.”

“Foi Chris que do nada concluiu que não estava feliz com nosso casamento”, ela falou, amargurada. “E é tudo culpa minha, claro.”

Amenizei o tom de voz, mas falei com firmeza: “Sem querer parecer insensível, mas não estou interessado nos detalhes. Como você está?”.

“Converse com ele.” Seu apelo era sincero. Sua voz ficou embargada. “Diga que está cometendo um erro.”

Fiquei pensando no que responder. O apoio que estava oferecendo era financeiro, não emocional. Não havia mais um componente emocional na minha relação com ela. Mesmo assim, me peguei dizendo: “Você não pediu meu conselho, mas vou falar mesmo assim: talvez seja melhor fazer terapia”.

Houve uma pausa. “Não acredito que justamente *você* está me sugerindo isso.”

“Só estou sugerindo o que deu certo comigo.” Meu olhar se voltou para a fotografia da minha esposa, como acontecia várias vezes durante o dia. “Eva sugeriu a terapia de casal assim que começamos a namorar. Ela queria que nosso relacionamento evoluísse. Eu queria ficar com ela, então concordei. No início, estava fazendo só por fazer, mas agora posso dizer que realmente vale a pena.”

“Foi ela que começou tudo isso”, minha mãe sibilou. “Você é um homem inteligente, Gideon, mas não consegue entender o que Eva está fazendo.”

“E essa é minha deixa para me despedir, mãe”, respondi antes que ela me irritasse. “Ligue se precisar de alguma coisa.”

Desliguei e virei lentamente a cadeira. A decepção e a raiva que sempre acompanhavam minhas interações com ela estavam lá, mas eu me senti mais consciente do processo daquela vez. Talvez por ter sonhado com minha mãe pouco tempo antes, revivendo o momento em que me dei conta de que jamais ficaria do meu lado, já que ela preferia *deliberadamente* fazer vista grossa, por motivos que eu nunca seria capaz de entender.

Durante anos, procurei desculpas para ela. Criei dezenas de razões para sua recusa em me defender, tentando me consolar. Até que percebi que ela estava fazendo a mesma coisa, só que no sentido inverso, inventando histórias que explicassem por que eu estaria mentindo, para conseguir conviver com sua decisão de fingir que aquilo nunca tinha acontecido. Então parei.

Ela foi um fracasso como mãe, mas preferia acreditar que eu fora um fracasso como filho.

E continuava acreditando naquilo.

Quando fiquei de frente para a mesa de novo, peguei o telefone e liguei para meu irmão.

“O que você quer?”, ele perguntou quando atendeu.

Dava para imaginar a contrariedade em seu rosto, que era bem diferente do meu. Dos três filhos da minha mãe, Christopher era o único mais parecido com o pai do que com ela.

Sua má vontade teve o efeito previsível de me fazer querer provocá-lo. “O prazer de ouvir sua voz. O que mais seria?”

“Para com essa bobagem, Gideon. Você ligou para se gabar? Seu desejo enfim virou realidade.”

Recostando-me na cadeira, olhei para o teto. “Eu até diria que lamento muito pela separação dos seus pais, mas você não acreditaria, então não vou perder tempo com isso. Só vou dizer que, se precisar de mim, é só pedir.”

“Vai pro inferno.” Ele desligou.

Tirei o aparelho do ouvido e o mantive suspenso por um momento. Ao contrário do que Christopher acreditava, não era verdade que eu nunca tinha gostado dele. Houve um tempo em que o considerara uma presença bem-vinda na minha vida. Durante um curto período, eu enfim tivera um companheiro. Um irmão. A animosidade que sentia no momento não era injustificada. Mas, mesmo assim, estava disposto a cuidar dele e não deixá-lo afundar, Christopher querendo ou não.

Encaixei o fone de volta no gancho e voltei ao trabalho. Afinal, não podia ter nenhum

assunto pendente para o fim de semana, que eu pretendia passar completamente isolado com minha mulher.

Fiquei observando com atenção o dr. Petersen, sentado bem à vontade diante de mim. Ele usava uma camisa branca por dentro da calça jeans escura e larga, mais informal do que nunca. Eu me perguntei se tinha sido uma escolha deliberada, um esforço para parecer o mais inofensivo possível. Agora que ele sabia do meu histórico com a terapia, entendia o motivo por que eu o considerava uma ameaça.

"Como foi seu fim de semana em Westport?", ele perguntou.

"Ela ligou para você?" Antes, quando Eva queria garantir que eu discutisse algo na terapia, avisava o dr. Petersen com antecedência. Eu não gostava daquilo, mas era uma ação motivada pelo amor que ela sentia por mim, então não havia do que reclamar.

"Não." Ele abriu um sorriso gentil, quase carinhoso. "Vi fotografias de vocês dois."

Aquilo me surpreendeu. "Não sabia que você acompanhava os tabloides."

"Minha esposa tem esse hábito. Ela achou as fotos românticas e me mostrou. Sou obrigado a concordar. Vocês pareciam bem felizes."

"E estamos."

"Você se dá bem com a família de Eva?"

Eu me ajeitei no sofá, apoiando-me no braço. "Conheço Richard Stanton há muitos anos, e Monica há um tempinho."

"Parceiros de negócios e conhecidos são bem diferentes de sogros."

Sua capacidade de percepção me incomodava. Mesmo assim, resolvi ser sincero. "Foi… estranho. Mais do que deveria, mas consegui lidar com isso."

O sorriso do dr. Petersen se ampliou. "Como você lidou com a situação?"

"Eu me concentrei em Eva."

"Então você manteve distância dos demais."

"Não mais que o habitual."

Ele fez algumas anotações no tablet. "Aconteceu alguma coisa desde que conversamos na quinta?"

Abri um sorrisinho. "Ela me comprou um cachorro. Um filhote."

Ele ergueu os olhos para mim. “Parabéns.”

Dei de ombros. “Foi Eva quem providenciou tudo.”

“O cachorro é dela, então?”

“Não. Ela comprou todos os acessórios e jogou o cachorro no meu colo.”

“É um compromisso e tanto.”

“Ele vai ficar bem. Os animais são autossuficientes quando precisam.” Como ele pareceu esperar que eu dissesse mais, resolvi mudar de assunto. “Meu padrasto pediu o divórcio.”

O dr. Petersen inclinou a cabeça enquanto me observava. “Passamos dos novos sogros para o cachorro e para o fim do casamento dos seus pais em poucos minutos. São muitas mudanças para alguém que gosta das coisas bem estruturadas.”

Aquilo era óbvio, então eu não disse nada.

“Você parece estar absolutamente tranquilo, Gideon. É porque as coisas estão indo bem com Eva?”

“Excepcionalmente bem.” O contraste entre aquela sessão e a da semana anterior era marcante. Poucos dias antes eu estava em pânico por causa da separação, apavorado com a perspectiva de perdê-la para sempre. Eu me lembrava claramente dos sentimentos que me angustiavam, mas não conseguia acreditar na velocidade com que se desfizeram. Não me reconhecia mais naquele homem desesperado. Não parecia ser eu.

Ele balançou a cabeça de leve. “Como você classificaria as três coisas que mencionou em ordem de importância?”

“Depende da sua definição de importância.”

“Muito bem. Qual delas tem o maior impacto na sua vida?”

“O cachorro.”

“Ele tem nome?”

Tive que conter o sorriso. “Lucky.”

O dr. Petersen anotou isso, por algum motivo. “Você compraria um animal de estimação para Eva?”

Fiquei desconcertado com a pergunta e respondi sem pensar a respeito. “Não.”

“Por que não?”

Pensei um pouco mais sobre a questão. “Como você mencionou, é um compromisso e

tanto.”

“Está incomodado por ela ter assumido esse compromisso por você?”

“Não.”

“Você tem alguma foto de Lucky?”

Franzi a testa. “Não. Aonde você quer chegar com isso?”

“Ainda não tenho certeza.” Ele pôs o tablet de lado e me encarou. “Pense comigo um pouquinho.”

“Certo.”

“Ter um animal de estimação é uma grande responsabilidade, comparável a adotar uma criança. Eles dependem de você para ter comida, abrigo, companhia e amor. No caso dos cachorros, isso é ainda mais válido do que com gatos e outros bichos.”

“Foi o que me disseram”, respondi secamente.

“Você tem uma família biológica e uma família por associação, mas mantém distância de ambas. O que acontece com elas não tem muito impacto sobre você, porque não permite isso. Elas provocam distúrbios na ordem da sua vida, então você preserva uma distância segura.”

“Não vejo nada de errado com isso. Com certeza não sou o único a dizer que a verdadeira família é aquela que a gente escolhe.”

“Quem você escolheu, além de Eva?”

“Eu… não tive escolha.”

Eu a imaginei na minha mente, exatamente como estava da primeira vez que a vi. Vestida para malhar, sem maquiagem, as roupas justíssimas coladas ao corpo. Assim como milhares de outras mulheres em Manhattan. Mas sua presença me atingiu como um raio antes mesmo que ela me notasse.

“Minha preocupação é que Eva se torne uma válvula de escape para você”, disse o dr. Petersen. “Você encontrou alguém que o ama e que confia em você. Alguém que o apoia e lhe dá forças. Em diversos sentidos, sente que ela é a única pessoa capaz de entender você.”

“As circunstâncias colaboraram para ela ser essa pessoa.”

“Sim, mas ela não é a única”, ele rebateu gentilmente. “Li as transcrições de alguns discursos seus. Você conhece bem as estatísticas.”

Sim, eu sabia que uma em cada quatro mulheres já tinha sofrido abuso sexual. Aquilo

não mudava o fato de que nenhuma delas era capaz de despertar os sentimentos que Eva aflorava em mim. “Se está querendo provar alguma coisa, diga logo.”

“Quero que você tenha em mente que existe uma tendência a se isolar com Eva, deixando todos os demais de fora. Perguntei se você daria um animal a ela porque não consigo imaginar que fizesse isso. Uma atitude como essa desviaria o foco da atenção e do afeto dela de você, ainda que levemente, enquanto seu foco é concentrado apenas nela.”

Comecei a batucar com os dedos no braço do sofá. “Isso não é incomum nos recém-casados.”

“É incomum em você.” Ele se inclinou para a frente. “Eva explicou por que pegou Lucky?”

Hesitei, pois preferia manter as coisas mais íntimas só para mim. “Ela quer que eu tenha mais amor incondicional na vida.”

Ele sorriu. “E com certeza adoraria receber o mesmo em troca. Eva teve que insistir demais para que você se abrisse, tanto para ela como para mim. Agora que você está conseguindo, ela quer que se abra para os outros também. Quanto maior for seu círculo de relações íntimas, mais feliz ela vai ficar. Eva quer que você faça parte disso, e não que a afaste de todos.”

Soltei um suspiro longo e profundo. Ele tinha razão, por mais que eu detestasse admitir.

O dr. Petersen se recostou outra vez e voltou a fazer anotações no tablet, dando-me um tempo para absorver o que dissera.

Resolvi perguntar algo que estava na minha cabeça fazia um tempo. “Quando contei sobre Hugh…”

Ele voltou sua atenção para mim. “Sim?”

“Você não pareceu surpreso.”

“E você quer saber por quê.” A gentileza era evidente em seu olhar. “Existem alguns sinais claros. Eu poderia dizer que consegui deduzir, mas não seria a verdade.”

Senti meu celular vibrar dentro do bolso, mas ignorei, apesar de saber que havia poucas pessoas que não caíam no filtro de chamadas que eu usava durante as sessões com o dr. Petersen.

“Conheci Eva assim que ela se mudou para Nova York”, ele continuou. “Ela me perguntou se era possível que dois sobreviventes de abuso sexual tivessem uma relação saudável. Poucos dias depois, você me procurou e me perguntou sobre minha disponibilidade para sessões exclusivas, além daquelas que faria com Eva.”

Minha pulsação acelerou. “Eu ainda não tinha contado a ela. Só falei depois de começar a vir aqui por um tempo.”

Mas havia os pesadelos, que estavam ficando cada vez piores.

Meu celular vibrou de novo, e eu o tirei do bolso. “Com licença.”

Era Angus. Estou na frente do consultório, dizia a primeira mensagem. É urgente, dizia a segunda.

Senti um frio na espinha. Angus não me interromperia sem uma boa razão. Fiquei em pé. “Vou ter que encerrar mais cedo por hoje.”

Ele pôs de lado o tablet e também se levantou. “Está tudo bem?”

“Se não estiver, com certeza você vai ficar sabendo na quinta-feira.” Apertei sua mão em um gesto apressado e saí do consultório, passando pela recepção vazia antes de chegar ao corredor.

Angus estava lá, com uma expressão de preocupação no rosto. “A polícia está na cobertura com Eva.”

Meu sangue gelou. Fui andando para o elevador com tanta pressa que ele acabou ficando para trás. “Por quê?”

“Anne Lucas prestou queixa na delegacia por ameaça.”

7

Servi três xícaras do café que tinha acabado de fazer com a mão trêmula. Não sabia se era de raiva ou de medo. Sem dúvida, sentia as duas coisas naquele momento. Como filha de policial, entendia as regras não escritas que circulavam por baixo dos panos, dentro da corporação, na hora de acobertar um colega. Depois de tudo o que Gideon e eu tínhamos passado por causa da morte de Nathan, estava duplamente alerta.

Mas não eram os detetives Graves e Michna, da divisão de homicídios, que queriam falar comigo. Eu não tinha certeza se aquilo me deixava mais ou menos ansiosa. Com eles, pelo menos sabia com quem estava lidando. E, mesmo que não pudesse chegar ao ponto de chamar Shelley Graves de aliada, ela tinha abandonado o caso, embora algumas perguntas não tivessem sido respondidas.

Dessa vez, foram os policiais Peña e Williams que apareceram à nossa porta.

E foi Anne Lucas quem os enviou. Aquela vaca.

Tive que encerrar minha reunião com Blaire Ash antes da hora, sabendo que ele inevitavelmente passaria pelos policiais no saguão quando saísse do elevador privativo. Mas eu não tinha tempo para me preocupar com o que Blair ia pensar. Gastei meus poucos minutos sozinha ligando para Raúl e pedindo que encontrasse Arash Madani. Queria avisar Gideon, mas ele estava com o dr. Petersen, o que me parecia mais importante. Eu podia lidar com a polícia sozinha. Sabia o básico: precisava estar com meu advogado e ser sucinta. Não devia falar demais nem oferecer informações não solicitadas.

Coloquei as três xícaras de café numa bandeja e procurei por um recipiente para o creme.

“Não queremos dar trabalho, sra. Tramell”, disse o policial Peña, ao entrar com a parceira na cozinha, os dois com o quepe enfiado debaixo do braço.

Imaginei que Peña fosse mais ou menos da minha idade, embora tivesse cara de criança. Williams era negra, pequena e curvilínea, com os olhos afiados típicos da profissão, que me diziam que tinha visto coisas que eu não gostaria de testemunhar.

Eu havia pedido a eles que esperassem na sala de estar, mas os dois tinham me seguido até a cozinha. Isso fazia com que me sentisse encurralada, e certamente essa era sua intenção, em parte.

“Não é trabalho nenhum.” Desisti de tentar ser elegante e simplesmente coloquei a caixinha de creme na bancada. “Estou esperando meu advogado chegar, e não tenho muito o que fazer enquanto isso.”

Williams me examinou friamente, como se estivesse se perguntando por que senti a necessidade de um advogado.

Eu não precisava me justificar, mas sabia que não faria mal. “Meu pai é colega de vocês, na Califórnia. Ele ia me matar se eu não seguisse o conselho dele.”

Peguei o açúcar na despensa e coloquei na bandeja, antes de levar tudo para a bancada.

“Onde na Califórnia?”, perguntou Peña, pegando uma das xícaras e tomando seu café puro.

“Oceanside.”

“Na região de San Diego? Lugar agradável.”

“É, sim.”

Williams tomou seu café com bastante açúcar e um pouquinho de creme, que derramou ao servir. “O sr. Cross está?”

“Está numa reunião.”

Ela levou a xícara aos lábios, com o olhar fixo em mim. “Quem era o cara saindo quando chegamos?”

Diante da descontração deliberada de seu tom de voz, fiquei feliz por ter mandado chamar Arash. Não acreditei nem por um minuto que estivesse só jogando conversa fora. “Blaire Ash. É designer de interiores, estamos fazendo algumas reformas.”

“A senhora mora aqui?”, perguntou Peña. “Passamos num apartamento no Upper West Side que falaram que era seu.”

“Estou mudando.”

Ele se recostou na bancada e olhou ao redor. “Lugar legal.”

“Também acho.”

“Faz muito tempo que namora Gideon Cross?”, perguntou Williams.

“Na verdade, somos casados”, disse Gideon, aparecendo na porta.

Peña se ajeitou, engolindo depressa. Williams baixou sua xícara com força suficiente para derramar um pouco de café.

Gideon correu os olhos por nós até fixá-los nos meus. Estava impecável, o terno

alinhado, um nó perfeito na gravata, o cabelo escuro emoldurando aquele rosto selvagemente lindo. Havia uma leve sombra de barba por fazer ao redor da boca sensual. Isso e o comprimento dos cabelos davam um ar perigoso à sua aparência, que, do contrário, poderia ser descrita como inteiramente civilizada.

Nem mesmo os dois policiais entre nós poderiam diminuir o desejo que aquela visão despertara em mim.

Observei-o se aproximar e tirar o paletó, como se fosse a coisa mais natural do mundo encontrar a esposa sendo interrogada. Ele jogou o paletó sobre o encosto de uma das banquetas e postou-se ao meu lado, tirando a xícara das minhas mãos e me dando um beijo junto à têmpora.

"Gideon Cross", ele se apresentou, estendendo a mão. "E este é nosso advogado, Arash Madani."

Só então percebi que Arash tinha entrado na cozinha atrás do meu marido. Os policiais, tão concentrados em Gideon quanto eu, também pareciam não ter notado.

Extremamente confiante, com boa aparência e dono de um charme acolhedor, Arash entrou e assumiu o comando da situação, apresentando-se com um largo sorriso. A disparidade entre ele e Gideon era impressionante. Ambos eram elegantes, bonitos e equilibrados. Ambos eram educados. Mas Arash era acessível e sociável. Gideon era imponente e distante.

Olhei para meu marido, observando-o beber da minha xícara. "Quer um café puro?"

Sua mão correu pelas minhas costas, os olhos nos policiais e em Arash. "Adoraria."

"Que bom que está aqui, sr. Cross", disse Peña. "A dra. Lucas também prestou queixa contra o senhor."

"Bem, isso foi divertido", concluiu Arash, uma hora mais tarde, depois de levar os policiais até o elevador.

Gideon lhe lançou um olhar enquanto abria com destreza uma garrafa de Malbec. "Se é isso que chama de diversão, precisa sair mais."

"Tinha pensado em fazer isso hoje… com uma loira bem gostosa, diga-se de passagem… até receber sua ligação." Arash puxou uma das banquetas e se sentou.

Recolhi as xícaras e as levei para a pia. "Obrigada, Arash."

“Imagina.”

“Aposto que você não atua muito em tribunais, mas vou querer ver da próxima vez que estiver em um. Você é incrível.”

Ele sorriu. “Pode deixar que eu aviso.”

“Não agradeça a ele por fazer seu trabalho”, murmurou Gideon, servindo três taças de vinho.

“Estou agradecendo por fazer seu trabalho *bem*”, retruquei, ainda impressionada com a forma como Arash tinha lidado com a situação. Ele era carismático e desarmava as pessoas, além de ser humilde quando isso servia aos seus propósitos. Fez todo mundo ficar à vontade e, depois, deixou que os policiais falassem bastante, enquanto descobria a melhor forma de ataque.

Gideon fez uma cara feia para mim. “Acha que pago o cara para quê? Fazer besteira?”

“Pega leve, garotão”, eu disse, calmamente. “Não vai perder a cabeça por causa daquela maluca. E não use esse tom comigo. Nem com seu amigo.”

Arash me lançou uma piscadinha. “Acho que ele está com ciúmes.”

“Haha!” Quando vi o jeito como Gideon olhou para o advogado, arregalei os olhos. “É sério?”

“De volta ao assunto. Como é que você vai consertar isso?”, desafiou meu marido, olhando furiosamente para o amigo por cima da taça de vinho.

“Como é que vou consertar a burrada que vocês fizeram?”, perguntou Arash, com um brilho divertido nos olhos castanho-claros. “Vocês dois deixaram Anne Lucas com a faca e o queijo na mão nas duas vezes em que foram ao trabalho dela. Vocês têm muita sorte que ela tenha resolvido embelezar a história com uma queixa de agressão contra Eva. Se tivesse dito a verdade, estariam no papo.”

Fui até a geladeira e comecei a tirar algumas coisas para fazer o jantar. Tinha me culpado pela minha burrice a noite inteira. Não imaginava que Anne fosse revelar voluntariamente o sórdido caso extraconjugal que tivera com Gideon. Ela deveria ser um exemplo no meio dos profissionais de saúde mental, e o marido era um pediatra importante.

Eu a tinha subestimado. E não havia escutado Gideon quando me avisara do perigo. O resultado foi que Anne tinha uma reclamação legítima: Gideon tinha invadido seu escritório durante uma sessão de terapia e eu a emboscara no trabalho duas semanas depois.

Arash aceitou a taça que Gideon deslizou bruscamente em sua direção. “Pode ser que o promotor resolva pegar no pé dela, por causa da denúncia falsa… ou não, mas, ao acusar Eva de tocar nela quando as câmeras de segurança provam o contrário, Anne acabou prejudicando a própria credibilidade. Aliás, muito conveniente que você tenha essas imagens.”

Saber que Gideon era mesmo dono do edifício em que Anne Lucas trabalhava não me surpreendeu. Meu marido era um controlador, e manter esse tipo de poder sobre o trabalho de ambos os Lucas era a cara dele.

“E nunca é demais repetir: quando abordados por malucos, NÃO JOGUEM O JOGO DELES”, disse Arash.

Gideon arqueou as sobrancelhas para mim. Bem irritante, mas ele estava certo. Tinha me avisado.

Arash disparou olhares de aviso para nós dois. “Vou fazer com que a falsa queixa de agressão seja retirada e tentar virar as coisas a nosso favor prestando uma queixa por assédio. Também vou tentar obter uma ordem de restrição tanto para vocês dois quanto para Cary Taylor, mas, independentemente disso, vocês precisam ficar longe, muito longe dela.”

“Claro”, assegurei, apertando a bunda do meu marido enquanto passava atrás dele.

Gideon me lançou um olhar irônico por cima do ombro. Soprei-lhe um beijo.

O fato de que sentisse o mínimo ciúme me divertia. O mais impressionante era que Arash mantinha a pose na presença de Gideon, mas certamente não era capaz de superá-lo. Embora eu soubesse que o advogado poderia ser tão ameaçador quanto meu marido, aquele não era seu padrão.

Gideon era sempre perigoso. Ninguém pensaria outra coisa. Aquilo me atraía intensamente: eu entendia que jamais ia domá-lo. Nossa, como ele era lindo. E sabia disso. Sabia o quanto me deslumbrava.

Mas eu ainda era capaz de ganhar dele.

“Quer jantar com a gente?”, perguntei a Arash. “Não faço ideia do que vou fazer ainda, mas estou me sentindo mal por termos arruinado sua noite.”

“Ainda é cedo.” Gideon tomou um gole de vinho. “Ele pode fazer outros planos.”

“Adoraria ficar para o jantar”, disse Arash, sorrindo maliciosamente.

Não pude resistir à tentação de provocar meu marido e me estiquei por trás dele para pegar minha taça, acariciando sua coxa enquanto o fazia. Ao voltar, esbarrei os seios em

suas costas.

Com a velocidade de um relâmpago, a mão de Gideon agarrou meu pulso. Ele o apertou, e um arrepio de excitação invadiu meu corpo.

Aqueles olhos azuis me excitavam. “Quer aprontar?”, ele perguntou, baixinho.

Fiquei desesperada por ele na mesma hora. Como Gideon podia parecer tão descontraído e selvagemente civilizado, todo contido, ao me perguntar, simples assim, se eu queria transar?

E ele não tinha ideia do quanto eu queria.

Ouvi um leve zumbido. Ainda me segurando pelo pulso, Gideon olhou para Arash, do outro lado da bancada. “Passe meu telefone.”

Arash me encarou e, enquanto procurava pelo celular de Gideon nos bolsos do paletó sobre o encosto da banqueta, balançou a cabeça. “Nunca vou entender como você aguenta esse cara.”

“Ele é bom de cama. E não fica mal-humorado lá, então…”

Gideon me puxou para junto de si e mordeu minha orelha. Meus mamilos se contraíram. Ele grunhiu de forma quase inaudível contra meu pescoço, mas não parecia que se importasse que Arash ouvisse.

Sem fôlego, afastei-me e tentei me concentrar em cozinhar. Nunca tinha usado a cozinha de Gideon antes e não fazia ideia de onde ficavam as coisas ou do que ele tinha na despensa, exceto o que vira enquanto preparava o café para os policiais. Achei uma cebola, uma faca e uma tábua. Por mais que estivesse apreciando a distração, precisava fazer alguma coisa antes que nós dois perdêssemos o controle.

“Certo”, concluiu Gideon ao telefone, com um suspiro. “Já vou.”

Ergui o rosto. “Você tem que ir a algum lugar?”

“Não. Angus está trazendo Lucky aqui.”

Sorri.

“Quem é Lucky?”, perguntou Arash.

“O cachorro de Gideon.”

O advogado parecia adequadamente chocado. “Você tem um cachorro?”

“Agora tenho”, respondeu Gideon, com ironia, deixando a cozinha.

Quando voltou, logo depois, com um Lucky agitado e muito feliz lambendo seu queixo,

mal pude aguentar. Lá estava ele, de colete e camisa social, um titã da indústria, uma potência global, sendo atacado pelo filhotinho mais fofo do mundo.

Desbloqueei seu celular e tirei uma foto.

Aquilo tinha que ir para um porta-retrato o mais rápido possível.

Em seguida, ainda usando o celular dele, mandei uma mensagem para Cary. Oi, é a Eva. Topa dar um pulo na cobertura para jantar?

Esperei um pouco pela resposta, então baixei o telefone de Gideon e voltei a picar a cebola.

"Desculpa. Eu deveria ter escutado o que você falou sobre Anne", disse a Gideon depois de nos despedir de Arash.

Sua mão deslizou ao longo de minhas costas até a cintura. "Não precisa se desculpar."

"Deve ser frustrante ter que lidar com minha teimosia."

"Você é boa de cama e não é teimosa lá, então…"

Ri quando ele usou minhas próprias palavras contra mim. Estava feliz. Tinha gostado de passar a noite com ele e Arash, observando-o descontraído e à vontade com o amigo, andando pela cobertura como se fosse minha casa…

"Eu me sinto casada", murmurei, percebendo que ainda não tinha sentido aquilo de verdade. Tínhamos as alianças e fizéramos os votos, mas eram adereços, e não a realidade do casamento.

"Que bom, porque você está casada e vai se manter assim pelo resto da vida", ele disse, com uma nota familiar de arrogância.

Nós nos sentamos no sofá, e eu me voltei para ele. "E você?"

Seu olhar recaiu sobre o cercadinho junto da lareira, onde Lucky dormia. "Está me perguntando se me sinto domesticado?"

"Isso nunca vai acontecer", observei, secamente.

Gideon me fitou com um olhar penetrante. "Você quer que aconteça?"

Deslizei a mão por sua coxa. Não podia me segurar. "Não."

"Esta noite… Você gostou de ter Arash aqui."

Lancei um olhar enviesado para ele. "Você não está com ciúmes do seu advogado, está?

Isso seria ridículo.”

“Também não gosto dessa ideia.” Ele fez uma cara feia. “Mas não é disso que estou falando. Você gosta de receber visitas.”

“Gosto.” Franzi a testa. “Você não?”

Ele desviou os olhos, os lábios contraídos. “Tudo bem.”

Gelei. A casa de Gideon era seu santuário. Antes de mim, ele nunca tinha levado nenhuma mulher ali. Eu tinha presumido que recebia amigos, mas talvez estivesse errada. Talvez a cobertura fosse seu esconderijo.

Peguei a mão dele. “Desculpa, Gideon. Eu deveria ter perguntado primeiro. Foi errado da minha parte. É sua casa…”

“*Nossa* casa”, ele corrigiu, voltando a olhar para mim. “Por que está se desculpando? Tem todo o direito de fazer o que quiser aqui. Não precisa pedir permissão para nada.”

“Mas você não tem que se sentir invadido na sua própria casa.”

“Na *nossa* casa”, ele repetiu. “Você precisa entender isso, Eva. E logo.”

Aquela ira repentina me fez ter um sobressalto. “Você está com raiva?”

Ele se levantou e contornou a mesinha de centro, o corpo vibrando com a tensão. “Você passou de se sentir casada a agir como se fosse uma convidada na minha casa.”

“Na *nossa* casa”, corrigi. “O que significa que ela é de nós dois, e você tem o direito de dizer que prefere não receber visitas.”

Gideon passou a mão pelo cabelo, um sinal claro da agitação crescente. “Não dou a mínima para isso.”

“Não é o que parece”, respondi, pausadamente.

“Pelo amor de Deus.” Ele me encarou, as mãos nos quadris estreitos. “Arash é meu amigo. Qual é o problema de você fazer um jantar para ele?”

Estávamos de volta à questão do ciúme? “Fiz um jantar para *você* e convidei Arash para se juntar a nós.”

“Tudo bem. Tanto faz.”

“Não, acho que não está tudo bem, não, porque você ficou com raiva.”

“Não fiquei.”

“Bem, não estou entendendo, e quem está começando a ficar com raiva sou *eu*.”

Ele contraiu a mandíbula, virou as costas e caminhou até a lareira, onde ficou olhando

para as fotos de família que eu tinha colocado ali.

De repente, fiquei arrependida. Eu admitia que o pressionara a mudar mais rápido do que deveria, mas entendia a necessidade de se ter um refúgio, um lugar tranquilo onde baixar a guarda. E queria ser aquilo para ele, queria que nossa casa fosse aquilo para ele. Se fizesse dela um lugar que Gideon preferisse evitar — se ele algum dia achasse mais fácil *me* evitar —, então estava efetivamente comprometendo o casamento que valorizava mais do que tudo no mundo.

"Gideon. Por favor, fale comigo." Eu provavelmente tinha dificultado aquilo também. "Se fui longe demais, você tem que me dizer."

Ele me encarou de novo, franzindo a testa. "Do que você está falando?"

"Não sei. Não estou entendendo por que você está com raiva de mim. Me ajuda a entender."

Gideon soltou um suspiro de frustração, então se concentrou em mim com aquela precisão penetrante capaz de expor todos os meus segredos. "Se não houvesse mais ninguém no mundo, só eu e você, eu ficaria bem com isso. Mas, para você, não seria o suficiente."

Recuei no sofá, assustada. Sua mente era um labirinto que eu jamais seria capaz de mapear. "Você ficaria bem só comigo e mais ninguém… pra sempre? Sem nenhum concorrente para esmagar? Sem nenhum domínio global para planejar?" Bufei. "Você ia morrer de tédio."

"É o que você acha?"

"Eu *sei* disso."

"E você?", ele desafiou. "Como ia se virar sem amigos para te visitar ou sem poder se intrometer na vida dos outros?"

Estreitei os olhos. "Eu não me intrometo na vida de ninguém."

Ele me lançou um olhar paciente. "Eu seria o suficiente para você, se não existisse mais ninguém?"

"Não existe ninguém mais."

"Eva. Responda à pergunta."

Não tinha ideia do que tinha desencadeado aquilo, mas só facilitava a minha resposta. "Você me fascina, sabia? Nunca me entedia. Uma vida inteira sozinha ao seu lado não seria tempo suficiente para te entender."

“Você seria feliz?”

“Com você só para mim? Seria o céu.” Minha boca se curvou num sorriso. “Tenho uma fantasia com Tarzan. Você, Tarzan. Mim, Jane.”

A tensão em seus ombros se aliviou visivelmente, e um leve sorriso apareceu em seus lábios. “Faz um mês que estamos casados. Por que só fiquei sabendo disso agora?”

“Pensei em esperar um pouco antes de revelar meus podres.”

Gideon abriu um sorriso largo e raro que me fez derreter. “Como é essa fantasia?”

“Ah, você sabe.” Acenei casualmente. “Uma casa na árvore, uma tanguinha. Calor tropical suficiente para deixar um brilho de suor na sua pele, mas não quente demais. Você fervendo com a necessidade de transar, mas sem experiência. E eu teria que te ensinar.”

Ele ficou me encarando. “Você tem uma fantasia sexual na qual eu sou *virgem*?”

Foi preciso muito esforço para não rir de sua incredulidade. “Em todos os sentidos”, respondi, na maior seriedade. “Você nunca viu uma mulher nua antes de eu aparecer. Tenho que mostrar como me tocar, do que eu gosto. Você aprende rápido, mas tenho um homem selvagem nas minhas mãos. E insaciável.”

“Essa é a realidade.” Ele começa a caminhar na direção da cozinha. “Tenho algo para você.”

“Uma tanguinha?”

Gideon respondeu por cima do ombro. “Que tal o que fica dentro dela?”

Meus lábios se curvaram num sorriso. Eu esperava que ele voltasse com a garrafa de vinho. Quando vi algo pequeno e vermelho em suas mãos, numa cor e num formato que eu reconhecia como Cartier, desencostei do sofá. “Um presente?”

Gideon cobriu a distância entre nós com seu passo confiante e sensual.

Animada, puxei as pernas para cima do sofá e fiquei de joelhos. “É meu, é meu.”

Ele balançou a cabeça enquanto se sentava. “Você não pode ter o que ainda não dei.”

Relaxei o corpo de novo, soltando as mãos sobre as coxas.

“Em resposta às suas perguntas…” Ele correu a ponta dos dedos pelo meu rosto. “Sim, eu também me sinto casado.”

Minha pulsação disparou.

“Vir para casa para você”, ele murmurou, o olhar fixo na minha boca, “te ver preparando o jantar na nossa cozinha. Mesmo com o Arash aqui. É isso que eu quero.

Você. Esta vida que estamos construindo.”

“Gideon…” Sentia a garganta pegando fogo.

Ele baixou os olhos para o saco de camurça vermelha na mão. Então abriu o botão que o mantinha fechado e deslizou dois semicírculos de platina para a palma da mão.

“Uau.” Levei a mão ao pescoço.

Gideon pegou meu braço com carinho e o apoiou em seu colo, envolvendo meu pulso esquerdo com o primeiro semicírculo. O outro, trouxe para perto do meu rosto, para que eu pudesse ver o que mandara inscrever.

Para sempre minha. Para sempre seu. Gideon

“Nossa”, exclamei, vendo meu marido encaixar as duas metades da pulseira. “Com certeza vai rolar hoje.”

Sua risada suave fez com que eu me apaixonasse um pouquinho mais.

A pulseira tinha desenhos de parafusos em toda a superfície, e dois parafusos de verdade na lateral, que Gideon apertou com uma pequena chave de fenda.

“Isto aqui”, ele disse, erguendo a chave de fenda, “é meu.”

Ele a guardou no bolso, e entendi que não poderia tirar a pulseira sem ele. Não que eu quisesse. Estava apaixonada por ela — uma prova da alma romântica de Gideon.

“E isto aqui…”, montei no seu colo, envolvendo seus ombros, “… é meu.”

Suas mãos agarraram minha cintura, a cabeça pendeu para trás, expondo seu pescoço a meus lábios vorazes. Não era submissão. Era uma indulgência, e por mim tudo bem.

“Me leva para a cama”, sussurrei, a língua em sua orelha.

Senti seus músculos tensionarem e, em seguida, flexionarem com facilidade, à medida que ele se levantava do sofá, erguendo-me como se eu não pesasse nada. Deixei escapar um ronronar gutural de apreço, e ele deu um tapa na minha bunda, jogando-me mais para cima, antes de sair comigo da sala de estar.

Eu estava ofegante, o coração disparado. Minhas mãos estavam por toda parte, por entre os cabelos dele e sobre os ombros, desfazendo o nó da gravata. Queria sentir sua pele na minha. Meus lábios percorreram seu rosto, beijando-o em todos os pontos possíveis.

Seu passo era determinado, mas sem pressa. Sua respiração, controlada e regular. Gideon fechou a porta com o pé, num empurrão gracioso e simples.

Eu ficava maluca com aquele autocontrole.

Ele tentou me colocar na cama, mas eu o segurei.

“Não posso tirar sua roupa se você não me soltar.” Somente a aspereza de sua voz traía sua urgência.

Soltei-o, atacando os botões de seu colete antes que se levantasse. “Tira a *sua* roupa.”

Ele afastou meus dedos para terminar o que eu estava fazendo. Quase sem fôlego, fiquei assistindo a Gideon se despir.

A visão de suas mãos, bronzeadas, brilhando com os anéis que eu lhe dera e desfazendo com habilidade o nó da gravata… Como podia ser tão erótico?

O barulho da seda deslizando. A maneira descuidada com que a deixou cair no chão. O calor de seus olhos enquanto me observava observá-lo.

Era o pior tipo de negação, tortura autoimposta ao extremo, e me forcei a aguentar. Querendo tocá-lo, mas me restringindo. Esperando por ele ao mesmo tempo que o cobiçava. Eu havia torturado nós dois fazendo-nos esperar, aquilo era o mínimo que merecia.

Estava morrendo de *saudade*. Tinha sentido falta de tê-lo daquela maneira.

Gideon foi abrindo os botões da camisa, expondo o pescoço forte e proporcionando, em seguida, um vislumbre do tórax. Então parou no botão logo abaixo do peitoral, passando para as abotoaduras, numa provocação.

Tirou-as devagar, uma de cada vez, pousando-as com cuidado na mesa de cabeceira.

Deixei escapar um gemido baixo. O desespero era algo selvagem dentro de mim, correndo por minhas veias, o mais potente afrodisíaco.

Gideon tirou a camisa e o colete, contraindo e então relaxando os ombros.

Era perfeito. Cada centímetro do seu corpo. Cada músculo rijo visível sob a seda áspera de sua pele. Nada brutal. Nada exagerado.

Exceto seu pau. Minha nossa.

Apertei as coxas ao vê-lo tirar os sapatos e baixar as calças e a cueca, revelando pernas longas e fortes. Meu sexo doía, inchado, o sangue correndo para lá, meu íntimo escorregadio de desejo.

Ele se levantou de novo, e vi seu abdome flexionando. Os músculos formavam um V na

altura dos quadris, apontando para o pau grosso e longo, que se curvava para cima, entre suas coxas.

“Minha nossa, Gideon.”

A cabeça grande de seu pau coberto de veias grossas estava molhada. Ele era magnífico, lindo da forma mais primitiva, selvagemente masculino. Sua visão instigava tudo de feminino dentro de mim.

Lambi os lábios, a boca salivando. Queria sentir seu gosto, ouvir seu prazer sem estar perdida no meu, senti-lo tremer e tremer à medida que eu o levava ao limite.

Gideon segurou a ereção, acariciando-a com força da base à cabeça, bombeando uma camada perolada de umidade na ponta.

“É seu, meu anjo”, ele disse, rouco. “Pegue.”

Pulei da cama e me ajoelhei.

Ele me segurou pelo cotovelo, a boca formando uma linha reta. “Nua.”

Foi difícil esticar as pernas, os joelhos moles de desejo. Mais difícil ainda foi não arrancar as roupas de qualquer jeito. Trêmula, soltei a blusa transpassada sem mangas, tentando abri-la numa espécie de striptease.

Expus a renda do sutiã, e sua respiração entrecortada traiu a fragilidade de seu autocontrole. Meus seios estavam sensíveis, os mamilos rígidos.

Gideon deu um passo na minha direção, enfiando as mãos no meu sutiã até envolver meus seios. Meus olhos se fecharam e dei um gemido quando ele os apertou de leve, acariciando os mamilos com os polegares.

“Devia ter deixado você vestida”, ele disse, com firmeza. Mas seu toque dizia outra coisa. Que eu era bonita. Atraente. Que ele só tinha olhos para mim.

Ele se afastou e arfei, sentindo falta de suas mãos.

Seus olhos estavam tão escuros que pareciam negros. “Mostra pra mim.”

Meu sexo latejava. Com um movimento dos ombros, deixei a blusa cair. Em seguida, levei as mãos ao fecho do sutiã. Eu o abri e deslizei as alças pelos braços.

Inclinando a cabeça com uma paciência frustrante, Gideon correu a ponta da língua sobre um mamilo, numa lambida lenta e sem pressa. Eu queria gritar… bater nele… fazer alguma coisa. *Qualquer* coisa para tirá-lo daquele comedimento enlouquecedor.

“Por favor”, implorei, sem vergonha. “Gideon, por favor…”

Ele chupou *com força*. Sua língua atacava furiosamente, com puxões rápidos e

profundos, a ponta sensível do mamilo. Dava para sentir o desejo animal emanando de Gideon, feromônios e testosterona, o cheiro de um macho viril ferozmente excitado. Exigente e possessivo, ele me invocava. Eu podia sentir a atração, a força. Sentia algo derretendo dentro de mim, entregando-se.

Perdi o equilíbrio, mas Gideon me segurou, inclinando-me para trás em seus braços e passando para o outro seio. Suas bochechas mostravam a força da sucção, e meu sexo se contraindo no mesmo ritmo. Minha coluna doía com o esforço da posição que tinha que manter para ele obter seu prazer, e isso me excitava às raias da loucura.

Tinha lutado por Gideon. Ele tinha matado por mim. Havia um vínculo entre nós, primitivo, que transcendia qualquer definição. Gideon podia me pegar e me usar. Eu era sua. Fizera-o esperar, e ele *deixara*, por razões que eu não tinha certeza se entendia. Mas Gideon estava me lembrando agora de que eu até podia ir longe e tentar manter a distância às vezes, mas ele sempre estaria em poder das correntes que nos uniam. E me puxaria de volta quando lhe conviesse, porque eu pertencia a ele.

Para sempre minha.

“Não, espera.” Minhas mãos percorreram seus cabelos. “Me come. Preciso do seu pau dentro de mim…”

Ele me girou e me debruçou sobre a cama, empurrando-me com uma das mãos e levando a outra até o zíper traseiro da minha calça capri. Então a arrancou com um puxão, rasgando o tecido.

“Tem certeza?”, ele rosnou, enfiando a mão para pegar minha bunda.

“Tenho! E como…” Ele sabia daquilo, mas perguntou mesmo assim. Sempre se certificando de mostrar que eu estava no controle, que eu lhe dava permissão.

Com uma das mãos, destruiu minha calça, descendo-a até os joelhos, enquanto com a outra agarrava meu cabelo. Foi bruto e impaciente. Segurou a lateral da minha calcinha e puxou com força, o elástico apertando minha pele antes de arrebentar, com um estalo.

Então passou a mão entre minhas pernas presas, envolvendo meu sexo. Minhas costas estavam arqueadas e meu corpo inteiro tremia.

“Você está molhadinha”, ele disse, enfiando o dedo. Então tirou. E enfiou dois. “Estou tão duro pra você.”

A pele macia envolveu seus dedos. Ele os tirou, circulando meu clitóris, esfregando-o. Apertei-me contra seus dedos, buscando a pressão de que tanto precisava, emitindo sons suaves do fundo da garganta.

“Não goze até eu entrar em você”, ele rosnou. Agarrou meus quadris com as duas mãos, puxando-me para trás, enquanto encostava a cabeça larga de seu pau na minha abertura.

Fez uma pausa, respirando com dificuldade e alto. Em seguida, entrou. Gritei contra o colchão, aberta e preenchida, contorcendo-me para acomodá-lo.

Gideon me ergueu, e meus pés deixaram o chão. Então girou os quadris e ocupou o último espacinho dentro de mim, bem no fundo. Apertei cada centímetro dele, pulsando ao seu redor, num prazer frenético.

“Tudo bem?”, ele balbuciou, os dedos apertando, agitados, a minha carne.

Com os braços, impulsionei-me contra ele, tão perto de gozar que doía. “Mais.”

Em meio ao rugido do sangue latejando em meus ouvidos, ouvi-o gemer meu nome. Seu pau cresceu dentro de mim, tremendo, enquanto seu orgasmo vinha em jorros fortes. Parecia interminável e talvez fosse, porque continuou me comendo durante o clímax, enchendo-me de seu sêmen quente. Sentir Gideon gozar despertou meu próprio orgasmo, que me tomou em espasmos poderosos, dominando meu corpo com tremores violentos.

Minhas unhas afundaram no edredom, tentando encontrar apoio, à medida que ele entrava em mim, perdido num movimento furioso e quente. O esperma escorregadio desceu por minhas pernas. Gideon gemeu e meteu fundo, girando os quadris, enroscando em mim. Então estremeceu, gozando de novo poucos momentos depois do primeiro orgasmo.

Debruçando-se sobre mim, beijou meu ombro, o hálito quente e ofegante sobre a curva suada das minhas costas. Seu peito arfava e as mãos rijas suavizaram o aperto firme em meus quadris, até que começaram a me acariciar, gentis. Seus dedos encontraram meu clitóris e o massagearam, esfregando até me levar a outro clímax.

Seus lábios se moviam contra minha pele. *Meu anjo*… Ele repetiu aquilo de novo e de novo. Entrecortado. Desesperadamente. Sem fôlego.

Para sempre seu.

Enquanto isso, dentro de mim, Gideon permanecia duro e pronto.

Eu estava na cama, acomodada no peito de Gideon. Não sabia onde estavam minhas calças, e ele estava nu, o magnífico corpo ainda molhado de suor.

Gideon estava de costas, um braço musculoso em arco sobre a cabeça, o outro embaixo de mim, abraçando-me, os dedos correndo, distraídos, para cima e para baixo ao longo do

meu corpo.

Estávamos deitados sobre os lençóis, as pernas abertas, ele com o pau semiereto, numa curva em direção ao umbigo, brilhando à luz dos abajures, molhado de mim e dele. Sua respiração estava apenas começando a se acalmar, o batimento cardíaco desacelerando sob minha orelha. Seu cheiro era delicioso: pecado, sexo, Gideon.

“Não lembro como viemos parar na cama”, murmurei, a voz grave, quase rouca.

O peito de Gideon retumbou com uma risada. Virando a cabeça, ele pressionou os lábios na minha testa.

Apertei o corpo no dele, passando o braço por sua cintura e segurando com força.

“Você está bem?”, ele perguntou, em voz baixa.

Inclinando a cabeça para trás, olhei para Gideon. Estava corado e suado, o cabelo grudado nas têmporas e no pescoço. Seu corpo era uma máquina bem oleada, habituada às extenuantes artes marciais com que o condicionava. Não era o sexo que o esgotava; era capaz de fazer aquilo a noite toda, sem descanso. Era o esforço de segurar pelo máximo de tempo possível, controlando-se até que eu estivesse tão louca por ele quanto ele por mim.

“Você me pegou de jeito.” Sorri, sentindo-me inebriada. “Meus dedos das mãos e dos pés estão formigando.”

“Fui bruto.” Ele tocou meu quadril. “Deixei algumas marcas.”

“Hum…” Meus olhos se fecharam. “Eu sei.”

Senti-o ajeitar o corpo, levantando o torso e bloqueando a luz.

“Você gosta disso”, ele murmurou.

Olhei para seu rosto pairando sobre o meu. Toquei sua testa, traçando com os dedos uma linha até a mandíbula. “Amo seu controle. Me deixa excitada.”

Ele pegou meus dedos entre os dentes e então os soltou. “Eu sei.”

“Mas quando você perde o controle…” Soltei um suspiro diante da memória. “Fico louca de saber que sou capaz de fazer isso com você, que me quer tanto assim.”

Sua cabeça pendeu, a testa tocando a minha. Gideon me puxou para junto de si, fazendo-me sentir que já estava duro de novo. “Mais que qualquer coisa.”

“E você confia em mim.” Em meus braços, ele baixava a guarda. A urgência de sua necessidade não escondia seu estado vulnerável: revelava-o.

“Mais do que em qualquer pessoa.” Ele deitou em cima de mim, cobrindo meu corpo do tornozelo ao ombro, sustentando o peso sem esforço, para não me esmagar. A pressão

sensual me deixou com tesão de novo.

Inclinando a cabeça, Gideon roçou os lábios nos meus. “Crossfire”, ele murmurou.

Aquela era minha palavra de segurança, a que eu usava quando estava no meu limite e precisava que ele parasse o que estava fazendo. Ao dizer aquilo, Gideon mostrava que também estava no limite, mas não queria que eu parasse. Para ele, a palavra transmitia uma conexão mais profunda do que o amor.

Minha boca se curvou num sorriso. “Também te amo.”

Abraçando um travesseiro, olhei para o closet. Ouvi Gideon cantando. Sorri, um pouco triste. Estava de banho tomado, vestindo-se e, obviamente, sentindo-se energizado, apesar de ter começado o dia me dando um orgasmo que me deixou vendo estrelas.

Demorei um instante para reconhecer a música. Quando percebi qual era, senti um arrepio. “At Last”. Se estava ouvindo em sua mente a versão da Etta James ou da Beyoncé não importava. O que *eu* ouvia era sua voz, rica e cheia de nuances, cantando sobre céus azuis e sorrisos que enfeitiçavam.

Ele saiu do closet, dando um nó na gravata cinza, o colete desabotoado e o paletó jogado sobre o braço. Lucky veio correndo logo atrás. Depois de ser solto do cercadinho, naquela manhã, ele havia se tornado a sombra de Gideon.

O olhar do meu marido pousou em mim. Ele me lançou um sorriso arrebatador e cantou um verso da música: “*And here we are*”.

“Aqui estou eu… Nocauteada por horas de sexo. Acho que nem consigo ficar de pé, e você aí…”, apontei para ele, “tão você. Não é justo. Devo estar fazendo alguma coisa de errado.”

Gideon, impecável, sentou na beirada da cama desfeita. Curvou-se e me beijou. “Quantas vezes eu gozei na noite passada?”

Lancei um olhar enviesado para ele. “Não o bastante, aparentemente, já que estava pronto para outra quando o sol nasceu.”

“O que prova que você está fazendo alguma coisa *muito* certo.” Ele afastou o cabelo do meu rosto. “Queria ficar em casa, mas tenho que deixar tudo pronto para a gente poder desaparecer por um mês. Como pode ver, estou extremamente motivado.”

“Estava falando sério sobre isso?”

“Achou que eu não estivesse?” Ele afastou o lençol e segurou meu seio.

Detive sua mão antes que me excitasse de novo. “Uma lua de mel de um mês. Vou exaurir você pelo menos uma vez. Estou determinada.”

“Ah, vai?” Seus olhos brilhavam com um riso. “Só uma vez?”

“É você quem está pedindo, garotão. Quando terminar com você, vai implorar para que eu te deixe em paz.”

“Isso nunca vai acontecer, meu anjo. Nem em um milhão de anos.”

Sua autoconfiança era um desafio.

Puxei o lençol de volta. “É o que vamos ver.”

8

Assim que Angus entrou na minha sala, ergui os olhos do e-mail que estava lendo. De pé, diante da minha mesa, ele segurava o quepe nas mãos.

“Vasculhei a sala de Terrence Lucas na noite passada”, anunciou. “Não achei nada.”

Eu não esperava que achasse, por isso não estava surpreso. “Talvez não haja registros. Ele pode ter dito a Anne o que sabe.”

Angus balançou a cabeça, pesaroso. “Durante a busca, deletei todos os vestígios de Eva tanto dos discos rígidos quanto dos arquivos de backup. Também apaguei os vídeos de vocês dois lá. Conferi com a segurança e ele nunca pediu uma cópia, então você não deve ter problemas se ele resolver imitar a esposa e prestar queixas também.”

Aquele era Angus, sempre pensando em tudo.

“A polícia ia gostar disso.” Recostei-me contra a cadeira. “Os Lucas têm tanto a perder quanto eu.”

“Eles são culpados, rapaz. Você não.”

“Nunca é tão simples.”

“Você tem tudo o que sempre quis e merece. Eles não podem tomar nada de você.”

Exceto minha autoestima e o respeito de meus amigos e colegas. Tinha trabalhado tanto e por tanto tempo para recuperar as duas coisas depois da desgraça pública do meu pai. Os que desejavam encontrar alguma fraqueza em mim ficariam satisfeitos. Aquilo não me alarmava tanto quanto tinha alarmado um dia.

Angus tinha razão. Eu construíra minha fortuna e tinha Eva.

Se me afastar do escrutínio público ia garantir a paz de espírito da minha esposa, então aquilo era algo que eu ia fazer. Já tinha pensado a respeito quando Nathan Barker ainda era uma ameaça. Eva estava disposta a esconder nosso relacionamento do mundo para me poupar de qualquer possível escândalo decorrente do seu passado. Um sacrifício que eu não estava inclinado a fazer. Esconder-nos. Esgueirar-nos para ter um momento juntos. Fingir para os outros que não estávamos profunda e irrevogavelmente apaixonados.

Agora era diferente. Eu precisava dela como precisava de ar. Proteger sua felicidade era mais crucial do que nunca. Sabia qual era a sensação de ser julgado pelos pecados dos

outros e nunca faria Eva passar por aquilo. Ao contrário do que ela pensava, eu era capaz de viver sem ter que controlar absolutamente tudo nas Indústrias Cross.

Não ia passar meus dias vestindo uma tanga, dando uma de Tarzan, mas havia um meio-termo agradável.

"Você me avisou sobre Anne." Balancei a cabeça. "Devia ter escutado."

Ele deu de ombros. "O que está feito está feito. Ela é adulta. Tem idade suficiente para assumir a responsabilidade de suas decisões."

O que está fazendo, rapaz?, ele tinha perguntado, quando Anne entrou pela porta traseira do Bentley, naquela primeira noite. Nas semanas que se seguiram, Angus deixou sua desaprovação cada vez mais clara, até que, um dia, levantou a voz para mim. Com nojo de mim mesmo por punir uma mulher que nada tinha feito comigo, descontei nele, mandando que lembrasse qual era seu lugar.

Sua expressão de dor, disfarçada rapidamente, ia me perseguir até o túmulo.

"Sinto muito", eu disse, sustentando seu olhar. "Por como lidei com isso."

Um pequeno sorriso realçou as rugas em seu rosto. "Nem precisava, mas aceito suas desculpas."

"Obrigado."

A voz de Scott surgiu no alto-falante. "A equipe da Posit chegou. E Arnoldo Ricci está na linha. Diz que não vai demorar."

Olhei para Angus, para ver se ainda tinha alguma coisa a dizer. Ele levou a mão à testa, numa saudação casual, e saiu.

"Pode passar a ligação", falei então para Scott.

Esperei a luz vermelha piscar e puxei a chamada. "Onde você está?"

"Olá para você também", saudou Arnoldo, a voz acentuada pelos tons da Itália. "Ouvi dizer que perdi vocês dois no restaurante esta semana."

"Tivemos um almoço excelente."

"Ah, é o único tipo que servimos. O jantar também não é nada ruim."

Balancei para trás na cadeira. "Está em Nova York?"

"Estou, e planejando sua despedida de solteiro, que é o motivo da ligação. Se tem planos para o fim de semana, pode cancelar."

"Vamos viajar."

"*Eva* vai viajar. Para fora do país, pelo que Shawna falou. E você também. Todos já concordaram. Vamos tirar você de Nova York, para variar."

Estava tão chocado com a primeira parte do que Arnoldo tinha dito que quase não ouvi a segunda. "Eva não vai viajar."

"Isso você vai ter que ver com ela e os amigos dela", ele disse, suavemente. "Quanto a nós, vamos para o Rio."

Fiquei de pé. Droga. Eva não estava no prédio. Eu não podia simplesmente pegar um elevador e encontrá-la.

"Vou pedir a Scott para ver as passagens", continuou Arnoldo. "Vamos na sexta e voltamos na segunda, na hora de ir para o trabalho, se você for ambicioso assim."

"Para onde Eva vai?"

"Não faço ideia. Shawna não disse, porque não é do seu interesse. Só falou que iam sumir durante o fim de semana e que era para eu manter você ocupado, porque Cary não quer que interfira."

"Quem é ele para decidir isso?", eu disse, exasperado.

Arnoldo ficou em silêncio por um instante. "Descontar em mim não vai ajudar em nada, Gideon. E, se não confia nela, não deveria se casar."

Apertei o fone com força. "Arnoldo, você é meu melhor amigo. Mas isso vai mudar logo, logo se não parar de idiotice quando se trata de Eva."

"Você entendeu errado", ele corrigiu depressa. "Se prender Eva demais, vai acabar perdendo a mulher. O que se considera romântico num namorado pode ser sufocante num marido."

Percebendo que ele estava dando um conselho, comecei a contar até dez, mas só cheguei ao sete. "Não acredito nisso."

"Não me leve a mal. Arash garantiu que ela é a melhor coisa que já aconteceu com você. Diz que nunca te viu mais feliz e que ela te adora."

"Eu já disse o mesmo."

Arnoldo exalou audivelmente. "Homens apaixonados não são as testemunhas mais confiáveis."

O divertimento substituiu a irritação. "Por que você e Arash estão discutindo minha vida pessoal?"

"É o que os amigos fazem."

“É o que *meninas* fazem. Vocês são homens adultos. Deveriam ter algo melhor com que ocupar o tempo.” Tamborilei os dedos na mesa. “E você quer que eu passe um fim de semana no Brasil com um monte de fofoqueiros?”

“Escuta”, ele disse, num tom irritantemente calmo. “Manhattan já era. Também amo esta cidade, mas acho que já esgotamos seus encantos. Especialmente para a ocasião.”

Ofendido, olhei pelas janelas para a cidade que amava. Só Eva sabia do quarto de hotel que mantinha reservado — meu “matadouro”, como ela o chamava. Até Eva aparecer na minha vida, era o único lugar para onde levava as mulheres com quem transava. Seguro. Impessoal. O lugar não revelava nada sobre mim, exceto como eu era quando estava nu e como gostava de sexo.

Sair de Nova York significava ficar sem sexo, então é claro que eu sempre insistia para ficar por lá.

“Tá legal. Eu topo.” Ia discutir a questão com Eva — e Cary —, mas aquilo não era da conta do Arnoldo.

“Ótimo. Vou deixar você voltar ao trabalho. A gente bota as coisas em dia no fim de semana.”

Desligamos. Olhei para Scott pela divisória de vidro e levantei um dedo, avisando que precisava de só mais um minuto. Peguei meu smartphone e liguei para Eva.

“Oi, garotão”, ela atendeu, sensual e feliz.

Assimilei aquilo com a onda de prazer e calor que me invadia. Sua voz, sempre gutural, estava mais rouca do que o normal. Lembrei a longa noite, os sons que fazia quando ficava excitada, como gritava meu nome durante o clímax.

Era um novo objetivo de vida, mantê-la falando daquele jeito para sempre, a pele eternamente corada e os lábios inchados, o passo lento e sensual, porque ainda podia me sentir dentro dela. Onde quer que Eva fosse, deveria ficar óbvio que eu a tinha comido várias vezes, demoradamente. E em mim já ficava óbvio. Eu estava com os membros bambos e relaxados, e os joelhos fracos, embora nunca fosse admitir aquilo.

“Os planos para o fim de semana mudaram?”, perguntei.

“Talvez eu precise de mais vitaminas”, brincou ela, “mas, tirando isso, não. Estou ansiosa.”

A rouquidão me deixou excitado. “Acabei de ser avisado de que nossos amigos estão planejando nos manter afastados neste fim de semana, para a despedida de solteiro.”

“Ah.” Houve uma pausa. “Estava meio que torcendo para que esquecessem isso.”

Minha boca se curvou num sorriso que desejava que ela pudesse ver. “A gente pode fugir para um lugar onde não nos encontrem.”

“Bem que eu gostaria.” Eva suspirou. “Acho que essas coisas são mais para eles do que para nós. É a última chance de nos terem só para eles, como antes.”

“Esses dias acabaram no instante em que conheci você”, eu disse, sabendo que não era o mesmo para Eva. Ela se agarrava à sua independência, mantendo suas amizades inabaladas.

“É um ritual estranho, né?”, Eva refletiu. “Duas pessoas se comprometem para o resto da vida e os amigos as separam, embebedam e incentivam a fazer besteira uma última vez.”

O tom de flerte divertido do começo da conversa tinha desaparecido por completo. Eva era uma mulher muito ciumenta. Eu sabia disso e aceitava, assim como ela fazia com minha possessividade. “De noite a gente conversa.”

“Mal posso esperar”, ela respondeu, irônica.

O que era uma espécie de consolo. Preferia imaginar que estava sofrendo por passar um fim de semana longe de mim do que se divertindo horrores.

“Te amo, Eva.”

Ouvi-a prendendo a respiração. “Também te amo.”

Desliguei, fui buscar meu paletó e então mudei de ideia. Refiz meus passos até a mesa e liguei para Cary.

“E aí?”, atendeu ele.

“Aonde você está pensando em levar minha esposa neste fim de semana?”

A resposta veio tão rápida que soube que ele estava preparado para aquilo. “Você não precisa saber.”

“Preciso, sim.”

“Não vou aceitar você controlando Eva”, Cary disse, com firmeza. “Com um monte de guarda-costas afastando todos os caras que chegam perto dela, como em Las Vegas. Ela já é bem grandinha. Pode tomar conta de si mesma e merece se divertir.”

Então era aquilo. “Daquela vez havia circunstâncias atenuantes, Cary.”

“Ah, é?” O sarcasmo era pesado em seu tom. “Tipo o quê?”

“Nathan Barker ainda estava circulando e você tinha acabado de fazer uma merda de uma orgia na sua sala de estar. Não podia confiar a segurança dela a você.”

Houve uma pausa. Quando voltou a falar, sua voz soava bem menos alterada. “Clancy está cuidando da segurança. Ela vai ficar bem.”

Respirei fundo. As coisas andavam meio estranhas entre mim e Clancy, já que ele sabia o que eu tinha feito para tirar Nathan da vida de Eva. Independentemente daquilo, nós dois queríamos a mesma coisa: Eva feliz e segura. Confiava que ele tomaria conta dela e sabia que cuidava muito bem da segurança de Stanton e de Monica.

Eu ia falar com Clancy pessoalmente e colocá-lo em contato com Angus. Teríamos que organizar um plano de contingências e estabelecer uma comunicação. Se ela precisasse de mim, eu tinha que ser capaz de chegar o mais rápido possível.

Meu estômago se revirou com o pensamento. “Eva precisa dos amigos, e quero que ela se divirta.”

“Ótimo”, comemorou Cary, satisfeito. “Nisso concordamos.”

“Não vou interferir, mas não se esqueça de que ninguém se preocupa mais com a segurança dela do que eu. Eva é só uma parte da sua vida. Mas é tudo pra mim. Não demore muito a ligar se precisar de mim. Entendeu?”

“Entendi, claro.”

“Se isso faz você se sentir melhor, vou estar no Brasil.”

Ele ficou quieto um minuto. “Ainda não bati o martelo sobre aonde vamos, mas acho que Ibiza.”

Praguejei em silêncio. Levaria umas doze horas para chegar a ela do Rio.

Pensei em discutir — no mínimo sugerir outro lugar na América do Sul —, mas fiquei de boca fechada, muito consciente dos comentários do dr. Petersen sobre a necessidade de Eva ter um círculo social. “Me avise quando decidir”, eu disse apenas.

“Tá.”

Desliguei, peguei o paletó e vesti.

Tinha certeza de que Eva e o dr. Petersen não concordariam, mas amigos e parentes podem ser mais um pé no saco do que qualquer outra coisa.

O restante da tarde passou como programado e planejado. Eram quase cinco quando Arash apareceu e se acomodou confortavelmente no sofá, abrindo os braços no encosto.

Encerrei a ligação com um dos nossos centros de distribuição em Montreal e levantei,

esticando as pernas. Era dia de treino, mas sabia que ia levar uma surra do personal. E tinha certeza de que Eva ia adorar saber que esgotara minhas energias.

Não que aquilo fosse me impedir de possuí-la de novo no final do dia.

"É melhor você ter um bom motivo para estar tão à vontade", eu disse a Arash, secamente, dando a volta na minha mesa.

Ele abriu um sorriso arrogante. "Deanna Johnson."

Diminui o passo, levando um susto diante do nome. "O que tem ela?"

Arash assobiou. "Ah, você *conhece*."

"É uma jornalista." Fui até o bar e peguei duas garrafas de água na geladeira. Deanna era também uma mulher que eu tinha comido, o que tinha se revelado um erro colossal, de diversas maneiras.

"Certo. Sabe a loira gostosa em quem dei bolo na noite passada?"

Atirei-lhe um olhar impaciente. "Fala logo."

"Ela trabalha no departamento jurídico da editora que adquiriu os direitos do livro da Corinne. E me disse que a ghost-writer do livro é Deanna Johnson."

Expirei, exaltado. Apertei as garrafas com tanta força que acabaram vazando. "Droga."

Eva tinha me avisado sobre Deanna, e eu não tinha escutado.

"Vou tentar adivinhar", Arash começou, pausadamente. "Você conhece a sra. Johnson no sentido bíblico."

Virei-me e olhei para ele, caminhando até onde estava sentado. Joguei uma das garrafas para ele, espirrando um pouco de água entre nós dois. Abri a minha e dei um longo gole.

Eva tinha razão: tínhamos que ser um time melhor, mais coeso. Precisávamos aprender a confiar nos conselhos um do outro e a aceitá-los.

Arash apoiou os cotovelos nos joelhos, segurando a água com as duas mãos. "Agora entendi por que estava com tanta pressa de casar. É melhor sacramentar o acordo antes que ela fuja."

Arash estava brincando, mas eu podia ver a preocupação em seu rosto. Um eco da minha própria. Quanto mais Eva era capaz de aguentar?

Afastei a garrafa dos lábios. "Bela notícia para encerrar este dia", murmurei.

"O que foi?"

Viramos a cabeça e vimos Eva passando pela porta aberta da minha sala, com o celular

na mão. Estava vestida com a mesma roupa de ginástica do dia em que me viu pela primeira vez. O rabo de cavalo estava mais curto, o corpo mais magro e mais definido. Mas seria sempre a mulher que tinha me tirado o fôlego.

“Eva.” Arash ficou de pé na mesma hora.

“Oi.” Ela lançou um sorriso para ele enquanto caminhava na minha direção e ficava na ponta dos pés para me dar um beijo na boca. “Oi, garotão.”

Ela se afastou e franziu a testa.

“O que houve? Cheguei numa hora ruim?”

Envolvi sua cintura num abraço, puxando-a para perto de mim. Amava a sensação do seu corpo contra o meu; acalmava a ansiedade que sentia quando estávamos separados. “Nunca, meu anjo. Você pode aparecer a hora que quiser.”

Seus olhos brilharam. “Megumi e eu vamos juntas à academia, mas, como estou adiantada, achei que podia dar um pulinho aqui. Dar uma conferida nessa gostosura pode me motivar.”

Dei um beijo em sua testa. “Não se desgaste”, murmurei. “Esse é o meu trabalho.”

Ajeitei o corpo e vi que ela franzia as sobrancelhas. “Sério. Qual é o problema?”

Arash limpou a garganta e fez um gesto em direção à porta. “Vou voltar para a minha sala.”

Respondi à pergunta antes que ele saísse. “Deanna é a ghost-writer do livro da Corinne.”

Eva enrijeceu. “Ah, é?”

“Ela sabe da Deanna?” Arash nos encarou com os olhos arregalados.

Eva sustentou seu olhar. “*Você* sabe da Deanna?”

Ele ergueu as mãos. “Nunca a vi. Nem tinha ouvido falar dela até hoje.”

Saindo do meu abraço, Eva me lançou um olhar. “Avisei você.”

“Eu sei.”

“Avisou o quê?”, perguntou Arash, enfiando as mãos nos bolsos.

Ela pegou minha garrafa de água e se deixou cair numa das poltronas. “Que ela não é flor que se cheire. Está magoada porque levou um pé na bunda. Não que eu a culpe. Também ficaria frustrada se tivesse uma amostra da mercadoria e não pudesse finalizar a compra.”

Arash voltou para o sofá. “Você tem problemas de desempenho, Cross?”

“Está tentando perder o emprego, Madani?” Ocupei a outra poltrona.

“Ela já tinha ficado com Gideon uma vez”, Eva continuou. “E pegou gosto pela coisa. De novo, não é culpa dela. Já falei como ele é bom de cama.”

Arash me fitou, muito divertido. “Falou.”

“É de tirar o fôlego. De arrepiar todos os pelos do seu corpo e…”

“Pelo amor de Deus, Eva”, murmurei.

Ela se virou para mim, com ar de inocente. “Só estou tentando contextualizar, amor. E dar o devido crédito. De qualquer forma, Deanna está dividida entre o ódio por ele e a vontade de pular na sua cama. Como não pode fazer uma coisa, se atém à outra.”

Olhei para ela. “Já acabou?”

Eva me soprou um beijo e tomou um grande gole de água.

Arash se recostou no sofá. “Você tem meu respeito por ter aberto o jogo com ela”, disse para mim. “E você é uma santa, Eva, por aturar esse cara e uma fila de mulheres desprezadas correndo atrás dele.”

“O que posso fazer?” Eva franziu os lábios. “Como vocês descobriram?”

“Tenho um contato na editora.”

“Ah. Achei que Deanna tivesse dito alguma coisa.”

“Ela não vai falar nada. Não querem que ninguém saiba que Corinne não está escrevendo o livro, têm até uma cláusula de confidencialidade. Estão negociando os termos do contrato neste instante.”

Eva se inclinou para a frente, os dedos cutucando o rótulo da garrafa. Seu telefone tocou na poltrona, junto à sua coxa, e ela leu a mensagem. “Tenho que ir. Megumi está pronta.”

Eva ficou em pé, e eu e Arash levantamos também. Um momento depois, estava em meus braços, inclinando a cabeça para receber um beijo. Toquei meu nariz no seu antes que se afastasse.

“Você tem muita sorte de eu ter aparecido.” Eva me devolveu a água. “Pense só na quantidade de problema que ia ter se tivesse continuado solteiro.”

“Você é bastante problema para a vida toda.”

Eva se despediu de Arash e saiu. Fiquei olhando enquanto se afastava, odiando que

tivesse que ir. Ela acenou para Scott e sumiu de vista.

“Ela tem irmã?”, perguntou Arash, enquanto sentávamos de novo.

“Não, só existe uma no mundo.”

“Ei”, Eva gritou, correndo de volta para a sala.

Arash e eu levantamos na mesma hora.

“Se estão negociando os termos, ainda não assinaram o contrato, não é?”

“É”, respondeu Arash.

Eva olhou para mim. “Você pode conseguir que ela não assine.”

Arqueei as sobrancelhas. “Como?”

“Oferecendo um emprego a ela.”

Olhei firme para minha mulher e disse: “Não”.

“Não diga não.”

“Não”, repeti.

Eva se voltou para Arash. “Seus contratos de trabalho incluem coisas como confidencialidade, não difamação e não concorrência, certo?”

Arash considerou a pergunta por um minuto. “Estou vendo aonde você quer chegar. Só que há limitações quanto ao que essas cláusulas cobrem e como podem ser aplicadas.”

“Mas é melhor do que nada, não? Mantenha seus inimigos por perto e tal.” Seu olhar se voltou para mim, com expectativa.

“Não me olhe assim, Eva.”

“Tá. É só uma ideia. Tenho que ir.” Ela acenou e correu de volta para o corredor.

A falta de um beijo ou de uma despedida me deixou incomodado. E vê-la sair de novo… Odiei ainda mais aquela segunda vez.

Eva tinha me feito esperar para poder tê-la. E tinha acabado de sugerir casualmente que eu seduzisse outra mulher.

A Eva que eu conhecia e amava nunca teria feito nada daquilo.

“Você não quer que o livro seja publicado”, gritei na direção dela.

Eva parou na porta e virou. Olhou para mim, a cabeça pendendo de leve. “Não, não quero.”

Seu olhar inquisitivo me fez enrijecer as costas. Ela sabia exatamente o que eu estava

pensando, via o turbilhão dentro de mim. “Você sabe que ela está esperando mais do que só um emprego.”

“Sim, você teria que apresentar outro atrativo”, ela concordou, voltando na minha direção. “Você é uma isca e tanto, Cross. É capaz de atrair as pessoas sem perceber. Deanna só tem que assinar. Depois, você pode transferir a mulher para a Sibéria, desde que arrume um trabalho que se encaixe na descrição do cargo para o qual foi contratada.”

Algo na sua voz me irritou — isso e o jeito como ela me encarava, como um domador circulando o leão, cautelosa e vigilante, mas no controle.

Atiçado, ataquei. “Você está me prostituindo para conseguir o que quer.”

“Minha nossa, Cross”, Arash murmurou. “Não seja idiota.”

Eva semicerrou os olhos, o tom cinzento de repente passou a tempestuoso. “Deixa de palhaçada. É só para atrair Deanna para a empresa, não para transar com ela. Quero esse livro publicado tanto quanto você quer ouvir ‘Golden Girl’ de novo e de novo, mas você tem que aturar a porcaria da música, então posso aturar a merda do livro.”

“Então por que contratar Deanna?”, retruquei, dando um passo na sua direção. “Não quero aquela mulher a um quilômetro de mim, quanto mais trabalhando aqui.”

“Tá legal. Foi só uma sugestão. Vi quando cheguei que você estava chateado, e não gosto que fique chateado…”

“Eu não fico *chateado*!”

“Claro que não”, debochou ela. “*Mal-humorado* é melhor? *Emburrado? Amuado?* São palavras suficientemente masculinas para você, garotão?”

“Eu deveria dar um jeito em você.”

“Experimente, e arrebento essa sua boca bonita”, ela retrucou. “Acha que gosto da ideia de você deixando a maluca toda excitada? Só de te imaginar flertando com a criatura, dando a entender que quer ir para a cama, quero quebrar tudo — inclusive a cara dela.”

“Ótimo.” Era do que eu precisava. Eva não conseguia esconder o ciúme quando estava com raiva. E estava fervendo, vibrando de ódio. Eu, no entanto, estava apaziguado.

“E, talvez, mesmo que Deanna pule fora, nada mude”, continuou ela, ainda fora de si. “A editora pode contratar outro ghost-writer para a merda do livro. A gente pode torcer para que seja alguém imparcial, mas você tem um monte de ex-amantes por aí, eles podem dar sorte.”

“Já chega, Eva.”

“Eu não prostituiria você só para impedir que esse livro seja publicado. Você tem muito potencial, Gideon. Daria para tirar mil por hora, no mínimo.”

“Eva!” Fui em sua direção, mas Eva se afastou.

“Ei!” Arash interveio, pulando entre nós. “Como seu advogado, tenho de avisar que irritar sua esposa pode custar milhões.”

“Ele gosta de irritar uma mulher”, ela incitou, esquivando-se de mim por trás de Arash. “Fica excitado.”

“Sai da frente, Madani”, rosnei.

“Ele é todo seu, Arash.” Eva se esquivou de novo e correu para fora da sala.

Fui atrás dela e a agarrei quando estava passando pela porta, segurando-a pela cintura e erguendo-a do chão. Eva lutou, rosnando.

Afundei os dentes em seu ombro, e ela gritou, atraindo uma dúzia de olhos na nossa direção. Entre eles, os de Megumi, que apontou no corredor bem naquela hora.

“Me dê um beijo de despedida”, exigi.

“Você não quer minha boca perto de você agora!”

Jogando-a para cima, girei-a no ar para virá-la de frente para mim, e capturei sua boca num beijo ríspido. Foi desleixado, deselegante. Nossos narizes se bateram. Mas a sensação da sua boca na minha, a pele quente sob as minhas mãos, era tudo de que precisava.

Ela mordeu meu lábio inferior. Podia ter me machucado, tirado sangue. Em vez disso, a mordida — e o puxão que deu no meu cabelo — foi como uma reprimenda suave.

“Você está maluco?”, ela reclamou. “Qual é o seu problema?”

“Nunca vá embora sem me dar um beijo.”

“Sério?” Ela olhou para mim. “Eu te dei um beijo.”

“Na primeira vez. Não na segunda ou na terceira.”

“Não brinca”, sussurrou. Segurando meu pescoço com força, ela ergueu o corpo e passou as pernas pela minha cintura. “Por que não pediu?”

“Não vou implorar.”

“Não é do seu feitio.” Ela tocou meu rosto. “Você manda. Não pare agora.”

“O tipo de coisa que você pode fazer no trabalho quando é o chefe…”, comentou Megumi para Scott, que tinha o olhar cravado no monitor.

Ele, sabiamente, não respondeu.

Arash, no entanto, não foi tão cauteloso. “Insanidade temporária causada por nervosismo pré-casamento, certo, Scott?” Ele se aproximou. “Capacidade de raciocínio reduzida. Um enorme branco, por assim dizer.”

Lancei-lhe um olhar de advertência. “Cala a boca.”

“Seja gentil.” Eva me beijou de leve. “Depois a gente conversa sobre isso.”

“Na sua casa ou na nossa?”

Eva sorriu, de bom humor. “Na nossa.”

Então soltou as pernas, e eu a coloquei no chão.

Eu podia deixá-la ir agora. Ainda não gostava de vê-la partir, mas o aperto tinha diminuído. Eva não demonstrava o menor sinal de aborrecimento. Sua paciência ia e vinha rápido, como se nada tivesse acontecido.

“Oi, Megumi.” Estendi a mão.

Ela a apertou, exibindo as unhas feitas. Era uma mulher atraente, com o cabelo preto na altura do queixo e olhos amendoados.

Parecia mais forte do que na última vez em que a tinha visto, o que me agradou, porque sabia o quanto Eva se preocupava com ela. Conhecia-a apenas de passagem antes da agressão sexual que mudara sua vida. Uma pena. A mulher diante de mim agora tinha uma olhar ferido e um ar presunçoso que traía sua vulnerabilidade.

A experiência me dizia que Megumi ainda tinha um longo caminho pela frente. E nunca mais seria a mesma pessoa.

Olhei para Eva. Ela havia percorrido um caminho tão longo, distanciando-se tanto da menina que tinha sido quanto da jovem que eu conhecera. Ficara mais forte. Isso me deixava feliz, e eu não mudaria por nada.

Só podia torcer para que aquela força não a acabasse levando para longe de mim.

Saí do treino com James Cho exatamente do jeito que imaginara: humilhado. Pelo menos consegui me redimir no final, derrubando o ex-campeão na última luta.

Angus estava me esperando do lado de fora, de pé junto ao Bentley. Abriu a porta e pegou minha mala, mas não sorriu. No banco de trás, Lucky latia em sua gaiola, todo animado, espiando por trás das grades.

Sustentei o olhar de Angus antes de entrar no carro.

“Tenho algumas informações”, ele anunciou, severamente.

Considerando que ele revirara os arquivos de Hugh, eu estava preparado para más notícias. “Conversamos na cobertura.”

“Melhor no seu escritório.”

“Tudo bem.” Sentei no banco traseiro, franzindo a testa. Tanto a cobertura quanto o escritório eram privados. Tinha sugerido a primeira porque Eva estaria comigo, apoiando-me, quando ele transmitisse as informações que tinha. A preferência de Angus pelo escritório só poderia indicar que não queria Eva por perto.

O que Angus poderia ter para me dizer que era melhor manter em segredo dela?

Lucky bateu as patas contra a gaiola, choramingando baixinho. Abri a grade distraído, e ele subiu no meu colo, esticando-se para lamber meu queixo.

“Tudo bem, tudo bem.” Ergui o cachorro para que ele não caísse em seu frenesi, inclinando a cabeça para trás para evitar ser lambido na boca. “É bom ver você, também.”

Afagando seu corpo quente e macio com uma das mãos, observei a cidade pela janela. Nova York era uma paisagem totalmente diferente à noite, uma mistura de becos escuros e arranha-céus iluminados, lojas com letreiros de néon espalhafatoso e restaurantes com mesinhas na calçada.

Com quase dois milhões de pessoas morando numa ilha de menos de sessenta quilômetros quadrados, privacidade era algo raro e fictício. As janelas dos apartamentos davam umas para as outras, quase sem qualquer distância entre elas. E muitas vezes ficavam abertas, expondo a vida privada a quem quisesse olhar. Telescópios eram um produto popular.

Aquele era o jeito dos nova-iorquinos, vivendo numa bolha, cuidando da própria vida e esperando que os outros fizessem o mesmo. A opção era a claustrofobia, antítese do espírito de liberdade que era a base do lugar.

Chegamos ao Crossfire e saltei do Bentley com Lucky. Angus me seguiu pelas portas giratórias e atravessamos o saguão em silêncio. Os seguranças ficaram em pé quando me aproximei, cumprimentando-me pelo nome, enquanto lançavam olhares para o cachorro minúsculo debaixo do meu braço. Sorri por dentro pensando na minha própria imagem. De calça de moletom e camiseta, cabelo molhado do banho, duvidava de que qualquer pessoa imaginasse que eu era dono do prédio.

Chegamos depressa ao andar e logo estávamos cruzando a sede das Indústrias Cross. A maioria das salas e baias estava escura e vazia, mas alguns funcionários ambiciosos ainda trabalhavam — ou não tinham motivo para ir para casa. Eu entendia. Pouco tempo antes

passava mais tempo no trabalho do que na cobertura.

Entrei na minha sala, acendi as luzes e acionei o botão que tornava o vidro opaco. Então fui até a área de estar e sentei no sofá, soltando Lucky na almofada ao lado. Só então notei que Angus carregava uma pasta de couro gasto.

Ele puxou uma poltrona para junto da mesa de centro e sentou. Então fixou os olhos nos meus.

Senti um nó na garganta diante da outra possibilidade que me veio à mente. Angus parecia muito sombrio, formal demais.

"Você não vai se aposentar", eu me antecipei, as palavras saindo incisivas da minha boca. "Não vou deixar."

Ele me olhou por um instante, então seu rosto se suavizou. "Ah, rapaz. Você vai ter que me aturar por um tempo ainda."

Tomado pelo alívio, recostei-me no sofá, com o coração acelerado. Lucky, sempre pronto para brincar, saltou no meu peito.

"Desce", ordenei, o que só o deixou mais agitado. Mantive-o no lugar com uma das mãos e fiz um sinal para que Angus fosse em frente.

"Lembra o dossiê que compilamos quando você conheceu Eva?"

Ao ouvir o som do nome dela, aprumei as costas. "Claro."

A memória do dia em que a conheci veio num instante. Estava sentado na limusine estacionada, prestes a me afastar do Crossfire. Ela entrava no prédio. Observei-a, senti sua força. Incapaz de resistir, pedi a Angus que esperasse e voltei para encontrá-la, correndo atrás de uma mulher — algo que nunca tinha feito antes.

Eva deixou cair o crachá ao me ver e eu o peguei para ela, reparando no seu nome e na empresa para a qual trabalhava. Ao final da noite, havia uma pasta fina sobre a mesa do escritório de casa, contendo uma pesquisa rápida sobre seu histórico — de novo, algo que nunca tinha feito por mero interesse sexual. De alguma forma, em um nível que ainda não podia compreender, sabia que ela era minha. Por mais iludido que estivesse, desconfiava que ela seria importante para mim.

Nos dias que se seguiram, o dossiê aumentou, englobando Cary e os pais dela, depois seus avós.

"Temos um advogado em Austin que nos envia relatórios de qualquer atividade incomum de Harrison e Leah Tramell", Angus continuou.

Os pais de Monica. Eu não tinha nenhum problema com seu distanciamento em relação

à filha e à neta. Era menos família com que lidar. Mas também entendia que, embora pudessem não ter o menor interesse na neta ilegítima, podiam mudar de ideia quando Eva se tornasse publicamente minha esposa. “O que eles fizeram?”

“Morreram”, respondeu ele, sem rodeios, abrindo a pasta. “Cerca de um mês atrás.”

Hesitei. “Eva não sabe. Estávamos falando dos convites no fim de semana e o nome deles apareceu. Imagino que Monica não acompanhasse de perto o que acontecia com eles.”

“Ela escreveu o obituário do jornal local.” Angus retirou uma cópia e a colocou sobre a mesa.

Peguei o papel e passei os olhos depressa por ele. Os Tramell tinham morrido juntos, num acidente de barco, nas férias de verão. A foto que acompanhava o texto era antiga: pelas roupas e pelos cabelos, parecia ser da década de 1970. Eram um casal atraente, bem-vestido e com acessórios caros. O que não encaixava era a cor do cabelo — mesmo para um recorte de jornal em preto e branco, dava para ver que o de ambos era escuro.

Até que li a frase final. “Harrison e Leah deixam uma filha, Monica, e dois netos.” Erguendo os olhos para Angus, repeti o final em voz alta: “*Dois* netos? Eva tem um irmão?”.

Lucky aproveitou que relaxei a mão para se soltar e ir para o chão.

Angus respirou fundo. “Essa menção e a foto me fizeram ir mais fundo.”

Ele pegou uma foto e a colocou na mesa.

Olhei para ela. “Quem é?”

“Monica Tramell — agora Monica Dieck.”

Meu sangue gelou. A mulher na foto era morena, como seus pais. Não parecia em nada com a Monica que eu conhecia ou com minha esposa. “Não estou entendendo.”

“Ainda não descobri o nome da mãe da Eva, mas a verdadeira Monica Tramell tinha um irmão chamado Jackson, que foi casado brevemente com uma Lauren Kittrie.”

“Lauren.” O nome do meio de Eva. “O que sabemos sobre ela?”

“Por enquanto, nada, mas isso vai mudar. Estamos pesquisando.”

Corri as mãos pelo cabelo. “Será que erramos de Tramell e estamos pesquisando outra família?”

“Não, rapaz.”

Levantei e fui até o bar. Peguei dois copos na prateleira e servi dois dedos de puro malte

Ardbeg Uigeadail em cada um. “Stanton deve ter virado o passado de Monica — ou da mãe de Eva — do avesso antes de casar com ela.”

“Você não ficou sabendo do passado de Eva até ela contar”, Angus ressaltou.

Ele tinha razão. Os registros do seu abuso, o aborto, as transcrições do tribunal, o acordo… tudo tinha sido meticulosamente enterrado. Quando pedi a Arash que rascunhasse o acordo pré-nupcial, verificamos seus ativos financeiros e as dívidas, mas foi tudo. Amava Eva. Eu a queria. Nunca quis desacreditá-la de forma alguma.

Stanton também amava a esposa. Sua fortuna pessoal, acumulada depois de dois divórcios financeiramente vantajosos, teria sido a questão mais premente. Quanto ao resto, imagino que ele e eu tenhamos agido de forma semelhante. Por que procurar problemas quando tudo indicava que não existia nada? O amor era cego e tornava as pessoas tolas.

Contornei o bar e quase tropecei em Lucky, que saltitava na minha frente. “Benjamin Clancy é muito bom. Não teria deixado isso passar.”

“Nós deixamos.” Ele pegou o copo que lhe entreguei. “Se os Tramell não tivessem morrido, não teríamos ficado sabendo. A pesquisa não deu em nada.”

“Como pode não ter dado em nada?” Virei o uísque num gole só.

“A mãe de Eva usou o nome, a data de nascimento e a história familiar de Monica, mas nunca abriu uma linha de crédito, que é como a maioria dos roubos de identidade é descoberta. A conta bancária que usa é empresarial e foi criada vinte e cinco anos atrás, com um número de identificação fiscal separado.”

Ela também teria que ter fornecido o número da seguridade social na época em que abriu a conta, mas o mundo era um lugar muito diferente antes da internet.

Era difícil imaginar a enormidade daquela fraude. Se Angus estava certo, a mãe de Eva tinha vivido a maior parte da vida como outra mulher.

“Não tem rastro, rapaz”, reiterou ele, baixando o copo intocado. “Nenhuma pista.”

“E a Monica Tramell verdadeira?”

“O marido administra tudo. Nesse sentido, ela quase não existe.”

Olhei para o cachorro, que brincava com minha perna. “Eva não sabe disso”, afirmei, severamente. “Ela teria me contado.”

Foi só pronunciar as palavras e fiquei me perguntando *como* ela teria me contado. Se eu estivesse no lugar dela, como teria explicado aquilo? Seria capaz de manter um segredo daquela escala, tendo vivido com a mentira por tanto tempo que já acreditava nela?

“Claro”, disse Angus, a voz baixa e conciliadora. Ele tinha as mesmas dúvidas que eu. Era seu trabalho. “Ela te ama. Mais profunda e verdadeiramente do que qualquer outra.”

Sentei de novo no sofá, sentindo o peso leve de Lucky, que se acomodava ao meu lado. “Preciso de mais informações. Tudo. Não posso levar isso para Eva assim, aos pedaços.”

“Pode deixar”, Angus prometeu.

9

“É…” Balancei a cabeça, fazendo uma careta diante do croqui detalhado que Cary colocou na minha frente. “É bonito, mas… não é a minha cara. Não é por aí.”

Cary soltou a respiração. Sentado no chão aos meus pés, deixou a cabeça cair para trás no sofá, olhando para mim. “Tá brincando? Eu te dou um vestido de noiva maravilhoso, desenhado exclusivamente para você, e você dispensa?”

“Não quero tomara que caia. E tem essa barra desigual…”

“Isso é uma cauda”, explicou ele, secamente.

“Mas dá para ver os sapatos. Não deviam ficar escondidos?”

“É um esboço feito em cinco minutos. Você pode pedir para fazer a frente mais comprida.”

Inclinando-me, peguei a garrafa de vinho que tínhamos aberto mais cedo e servi um pouco mais na minha taça. Uma coletânea com os sucessos do Journey soava baixinho. A sala de estar iluminada por dois abajures de mesa, e o restante da cobertura estava silencioso e escuro.

“É muito… contemporâneo”, reclamei. “Moderno demais.”

“É.” Ele levantou a cabeça para olhar o desenho de novo. “Por isso é tão legal.”

“É coisa de moda, Cary. Meus filhos vão olhar para esse vestido e perguntar onde eu estava com a cabeça.” Dei um gole no vinho e passei os dedos pelo cabelo espesso. “Quero algo atemporal. Como Grace Kelly ou Jackie Kennedy.”

“Filhos, é?” Ele se aproximou para um carinho, feito um gato. “Se vocês se apressarem, podemos passear juntos pelo parque com os carrinhos de bebê e deixar as crianças brincarem juntas.”

“Haha! Daqui a uns dez anos, talvez.” Era o que eu achava mesmo. Dez anos com Gideon só para mim. Tempo para amadurecer um pouco, suavizar as coisas, encontrar nosso ritmo.

Tudo estava cada vez melhor, mas ainda éramos um casal instável, com um relacionamento tempestuoso. Eu ainda não tinha entendido a discussão daquela manhã, por exemplo. Mas Gideon era daquele jeito. Elegante, selvagem e perigoso feito um lobo.

Comendo na palma da minha mão num momento e me mordendo no outro. O que em geral era seguido por sexo selvagem, então… funcionava.

“É”, comentou Cary, morosamente. “Você vai precisar mesmo de uns dez anos — e da Imaculada Conceição — para engravidar, se não começar a dar um trato nele logo.”

“Ei!” Dei um puxão no seu cabelo. “Não que isso seja da sua conta, mas virei o mundo dele de cabeça para baixo ontem à noite.”

“Ah, é?” Cary me olhou de soslaio por cima do ombro. “É assim que eu gosto.”

Sorri. “E vou repetir tudo quando ele chegar em casa hoje.”

“Que inveja. Nada acontece comigo. Nadica mesmo. A palma da minha mão vai ficar com uma marca permanente do meu pau solitário.”

Recostei-me no sofá, rindo. “É bom dar uma pausa. Coloca as coisas em perspectiva.”

“Você mal conseguiu segurar uma semana”, zombou ele.

“Foram dez dias, na verdade. Dez longos, abomináveis e horríveis dias.” Dei outro gole no vinho.

“É uma merda.”

“Não estou ansiosa para repetir, mas fico feliz que a gente tenha conseguido tirar o sexo da equação por um tempo. Fez com que a gente se concentrasse em discutir as coisas e aproveitasse o tempo juntos. Quando a gente enfim conseguiu se soltar, foi…” Lambi os lábios. “Explosivo.”

“Você está me deixando duro.”

Soltei uma risada. “E o que não deixa você duro?”

Ele me lançou um olhar enviesado. “Não vou me envergonhar do meu saudável apetite sexual.”

“Só valorize um pouco o fato de ter um tempo para descobrir onde está indo. Estou orgulhosa de você.”

“Ah, obrigado, mãe.” Ele deitou a cabeça no meu joelho. “Sabe… Posso estar mentindo.”

“Não. Se estivesse comendo alguém, ia querer que eu soubesse, assim eu podia te dar uma bronca, o que é parte da diversão.” Não era. Mas ele me usava para se punir.

“Você vai ver o que é diversão em Ibiza.”

“Ibiza?” Levei um segundo para entender. “Na despedida de solteira?”

“É.”

Espanha. A meio mundo de distância. Não estava esperando por aquilo. “Quanto tempo essa festa vai durar?”

Cary abriu seu sorriso de um milhão de dólares. “O fim de semana todo.”

“Não que ele tenha alguma coisa a ver com isso, mas Gideon não vai gostar.”

“Já falei com ele. Está preocupado com a segurança, mas vai estar ocupado no Brasil.”

Aprumei as costas. “No Brasil?”

“Você parece um papagaio hoje, repetindo tudo.”

Eu amava o Brasil. A música, o clima, o povo. A cultura brasileira tinha uma sensualidade inigualável.

Pensar em Gideon lá, com aquele bando de homens ricos e bonitos que ele chamava de amigos, comemorando os últimos dias de uma solteirice da qual já tinha aberto mão…

Cary se virou para me encarar. “Conheço essa cara. Você está ficando nervosa só de pensar nele cercado de biquínis e brasileiras de sangue quente.”

“Cala a boca, Cary.”

“E ele vai com o grupo certo. Especialmente aquele tal de Manuel. Esse é pegador.”

Eu me lembrei de Manuel Alcoa caçando quando fomos a um karaokê. Da mesma forma que Arnoldo, Gideon e Arash, ele não precisava se esforçar. Tinha só que escolher entre uma vasta seleção de mulheres se atirando nele.

O que Gideon ia fazer quando cada um dos seus amigos tivesse arrumado um par? Sentar sozinho e tomar uma caipirinha? Pouco provável.

Gideon não ia me trair. Não ia nem flertar; não era seu estilo. Não tinha flertado comigo, lá no início, e eu era o amor da vida dele. Não, ele ia dominar o ambiente, com aquela aparência sombria, perigosa e intocável, enquanto uma maré interminável de mulheres maravilhosas se jogava aos pés dele.

Como era possível Gideon não se alterar com aquilo?

Cary riu. “Você está com cara de quem vai matar alguém.”

“Você é a pessoa mais próxima de mim”, avisei.

“Você não pode me matar. Quem mais vai escolher as roupas certas para deixar Gideon com o mesmo ciúme que você está sentindo agora?”

“Parece que cheguei bem na hora.”

Cary e eu nos viramos em direção à porta da frente e deparamos com Gideon entrando com uma mala pendurada no ombro e a gaiola de Lucky.

Minha cara feia logo sumiu diante do prazer que a visão dele me proporcionou. Não tinha ideia de como fazia aquilo, mas Gideon transformava moletom e camiseta em algo extremamente sensual.

Ele colocou as coisas no chão.

“O que você tem aí?” Cary ficou de pé e caminhou até a gaiola.

Levantei e fui até meu marido, emocionada com a simples alegria de recebê-lo em casa. Ele me encontrou no meio do caminho, envolvendo-me com os braços. Passei as mãos por suas costas por baixo da camiseta, acariciando os músculos quentes e rígidos. Ele se inclinou para me beijar, e deitei a cabeça para trás. Sua boca roçou a minha, então a tomou, num “oi” gentil e sem palavras.

Ao se endireitar, Gideon lambeu os lábios. “Você está com gosto de vinho.”

“Quer um pouco?”

“Adoraria.”

Fui até a cozinha buscar mais uma taça. Atrás de mim, ouvi os dois se cumprimentando, e, em seguida, Gideon apresentando Lucky a Cary. Um latido feliz e a risada animada do meu amigo cortaram o ar.

Ainda não tinha me mudado, mas me sentia em casa.

Já fazia uma hora que Cary tinha ido embora quando reuni coragem para fazer a Gideon a pergunta que estava me perturbando.

Estávamos no sofá. Ele estava recostado confortavelmente, os joelhos abertos, um braço no meu ombro, a outra mão casualmente na sua coxa. Eu estava enroscada em seu corpo, as pernas em cima do sofá, a cabeça em seu ombro, os dedos brincando com a bainha da sua camiseta. Lucky dormia junto à lareira apagada, choramingando vez ou outra, enquanto sonhava com o que quer que cachorros sonhem.

Fazia uns trinta minutos que Gideon estava quieto, quase contemplativo, enquanto eu comentava o desenho de vestido que ele tinha pegado na mesa de centro.

“Fico com a sensação de que vou saber que é o vestido certo quando o vir, mas estou correndo contra o tempo. Estou tentando não entrar em pânico com isso. Só não quero ter

que aceitar qualquer coisa.”

Ele levou a mão do meu ombro à minha cabeça e beijou minha testa. “Você poderia entrar de calça jeans, meu anjo, e seria a noiva mais linda do mundo.”

Comovida com o comentário, eu me aconcheguei um pouco mais nele. Respirei fundo e perguntei: “Você vai para onde no Brasil?”.

Gideon correu os dedos por entre meus cabelos. “Rio.”

“Ah.” Eu podia vê-lo tomando sol na areia branca da praia de Copacabana, o magnífico corpo bronzeado à mostra, o azul brilhante de seus olhos protegidos por óculos escuros.

As mulheres esculturais ao redor não iam saber ao certo se ele estava olhando para elas ou não. Aquilo as deixaria excitadas e atiradas.

À noite, eles iam explorar a vida noturna de Ipanema ou, se fossem verdadeiros hedonistas, da Lapa. A todos os lugares que fossem, mulheres deslumbrantes, intensas e com pouca roupa iriam atrás. Era inevitável.

“Ouvi Cary dizer que você está com ciúmes”, ele murmurou, esfregando o rosto no topo da minha cabeça. Havia um tom presunçoso de satisfação em sua voz.

“Foi por isso que você escolheu o Brasil? Para me fazer sofrer?”

“Meu anjo.” Ele puxou meu cabelo com um pouco mais de força, inclinando gentilmente minha cabeça para trás, de modo a olhar para ele. “Não tive nada a ver com isso.” Seus lábios se curvaram num sorriso sensual. “Mas fico feliz de saber que vai sofrer.”

“Sádico.” Eu me afastei.

Gideon não me deixou ir longe, puxando-me de volta. “Depois da história da Deanna, estava começando a achar que você estava entediada comigo.”

“Ah, muito engraçado.”

“Não para mim”, ele disse, calmamente, seu olhar avaliando meu rosto.

Percebendo que estava falando meio sério, parei de tentar fugir. “Eu disse que não gostava da ideia.”

“Não de imediato. Você recomendou que eu a seduzisse como se estivesse me mandando comprar uma garrafa de vinho no caminho de casa. Pelo menos quando falei que ia para o Rio você ficou toda tensa e amuada.”

“Tem uma diferença…”

“Entre seduzir ativamente uma mulher com quem já transei antes e concordar em ir a

uma despedida de solteiro que não planejei? Sem dúvida. E não faz o menor sentido você ficar tranquila com a primeira coisa e ter um problema com a segunda."

Encarei-o. "A primeira é uma transação de negócios em um ambiente controlado. A outra é a última aventura de sexo casual numa das cidades mais sensuais do mundo!"

"Você quem sabe." Sua voz estava baixa, suave, tranquila. O que significava perigo.

"Não estou preocupada com você", ressaltei. "O problema são as mulheres que vão querer você. E seus amigos, que vão ficar bêbados e querer que você entre na brincadeira."

Seu rosto estava impassível, seu olhar, tranquilo. "E você acha que não sou forte o suficiente para lidar com a pressão dos amigos?"

"Não falei isso. Não coloque palavras na minha boca."

"Só estou tentando entender seu raciocínio complicado."

"Olha. Vamos voltar ao cenário da Deanna." Eu me soltei do abraço dele e levantei. De frente para a mesa de centro, estendi as mãos, como se dirigisse um filme. "O que imaginei antes de fazer a sugestão foi: você na sua sala, recostado contra sua mesa daquele seu jeito bem sensual. O paletó no cabide, talvez um uísque com gelo ao alcance da mão, para dar um toque informal."

Voltei-me para o sofá.

"Deanna na poltrona mais distante, para ter uma visão bem completa da cena. Você lança um olhar demorado na direção dela, diz algumas frases de duplo sentido sobre fazerem coisas juntos. A imaginação corre solta, e Deanna assina um contrato. Só isso. Você não chega nem a um metro dela nem se senta. O vidro fica transparente, para ela não dar em cima de você."

"E você imaginou tudo isso em uma fração de segundo?"

Dei uma batidinha na têmpora. "Tenho algumas memórias aqui que serviram de inspiração."

"Minhas memórias de sedução na minha sala não incluem mais ninguém", disse ele, secamente.

"Escuta, garotão." Sentei na mesa de centro. "Foi um pensamento espontâneo que me veio porque estava preocupada com você."

O rosto de Gideon se suavizou. "A salvadora da pátria. Eu entendo."

"Entende mesmo?" Inclinando-me para a frente, pousei as mãos sobre seus joelhos.

“Vou ser sempre possessiva, Gideon. Você é *meu*. Queria poder colocar uma placa no seu pescoço dizendo isso.”

Ele ergueu a mão esquerda, mostrando a aliança.

“Sabe quantas mulheres vão prestar atenção nisso quando você estiver circulando pelo Rio com sua turminha?”, escarneci.

“Elas vão prestar atenção quando eu mostrar.”

“E aí um dos caras vai deixar escapar que é uma despedida de solteiro, e elas só vão tentar com mais vontade.”

“Tentar não vai levar ninguém a lugar nenhum.”

Corri os olhos por seu corpo. “Você vai estar irresistível, de calça cinza e camiseta preta com decote V…”

“Você está se lembrando daquela noite na casa noturna.”

Ele também, obviamente. Seu pau cresceu, levantando a calça de moletom de um jeito obsceno.

Quase gemi quando sua excitação comprovou o que já suspeitava: ele estava sem cueca.

“Não consegui parar de pensar em você, depois que saiu da minha sala”, ele murmurou. “Não consegui tirar sua imagem da minha cabeça. Aí liguei para seu trabalho e você me provocou, dizendo que ia para casa para brincar com o vibrador, enquanto meu pau estava duro e pronto para você.”

Eu me contorci, lembrando cada detalhe. Gideon estava com um suéter de gola V naquela noite em Nova York, mas imaginei a camiseta mais adequada ao clima tropical e ao calor úmido dos corpos se roçando em uma casa noturna do Rio.

“Imaginei você na sua cama”, ele prosseguiu, acariciando a ereção por cima da calça. “As pernas abertas. As costas arqueadas. O corpo nu e molhado de suor enquanto enfiava um pau grosso de plástico na boceta molhada. Fiquei enlouquecido com a ideia. Nunca tinha sentido tanto tesão. Parecia que estava no cio. A necessidade de comer você era uma febre dentro de mim.”

“Minha nossa, Gideon.” Meu sexo doía. Meus seios estavam inchados e sensíveis, os mamilos duros e doloridos.

Ele me fitou, os olhos semicerrados. “Saí antes de marcar com você. Resolvi arranjar alguém que não me negasse. Ia levar a mulher para o hotel, jogar na cama e transar até aquela loucura ir embora. Não importava quem fosse. Ela não ia ter rosto nem nome. Não ia nem olhar para sua cara enquanto estivesse dentro dela. Ia ser só uma substituta.”

Deixei escapar um ruído baixo de dor, a ideia de Gideon com alguém daquele jeito era angustiante demais para suportar.

“Cheguei perto.” Sua voz estava rouca agora. “Bebi alguma coisa enquanto esperava uma indicação de que tinham terminado de flertar e estavam prontas para ir embora. Na primeira vez, achei que tivesse mudado de ideia só porque ela não fazia meu tipo. Na segunda, tive certeza de que ninguém serviria. Ninguém além de você. Fiquei furioso. Com você, por me dispensar. Com elas, por serem inferiores. Comigo, por ser fraco demais para esquecer você.”

“Foi como eu me senti”, confessei. “Nenhum cara servia. Nenhum deles era você.”

“E vai ser sempre assim comigo, Eva. Só você. Sempre.”

“Não tenho medo de que pule a cerca”, reiterei, ficando em pé. Tirei a camiseta, depois o short. Em seguida, o sutiã e a calcinha de renda Carine Gilson. Fiz isso depressa, metodicamente. Sem qualquer tipo de provocação.

Gideon continuou recostado, observando, imóvel. Como o deus do sexo que era, esperava ser agradado.

Então o vi pelos olhos de outra pessoa, sentado daquele jeito, numa casa noturna brasileira lotada, a demanda silenciosa por sexo emanando de seus poros em ondas de calor e necessidade. Ele era aquilo, uma criatura intensa, sexual e insaciável. Havia alguma mulher no mundo capaz de resistir àquele desafio? Eu ainda não tinha encontrado.

Aproximei-me. Subi em seu colo. Minhas mãos deslizaram sobre os ombros largos, sentindo seu calor através do algodão da camiseta. Gideon pousou as dele nos meus quadris, queimando minha pele. “As mulheres que olharem para você vão querer fazer isso”, murmurei. “Tocar você assim. Vão imaginar.”

Olhando para mim, Gideon correu a língua lentamente pelo lábio inferior. “Vou estar pensando em você. Bem assim.”

“Isso só vai piorar, porque elas vão perceber o quanto você quer.”

“O quanto quero *você*”, ele completou, descendo as mãos para agarrar minha bunda e me puxar contra sua ereção. Os lábios do meu sexo, abertos pela posição das minhas coxas, envolveram seu pau por cima do tecido. Com o clitóris pressionado contra ele, movi os quadris, emitindo um suspiro de prazer.

“Posso até ver essas mulheres procurando o melhor lugar para admirar você”, continuei, quase sem fôlego. “Olhando você como quem quer ser comida imediatamente. Correndo os dedos pelo decote para exibir suas qualidades. Cruzando e descruzando as pernas, porque querem isto aqui.”

Segurei aquele pau grosso e duro e o acariciei. Ele parecia vivo e ansioso na minha mão. Gideon abriu a boca, sua única demonstração de descontrole.

“Você está pensando em mim, por isso está duro. E, se estiver sentado assim, com as pernas abertas, elas vão ver como seu pau é grande e que você está pronto para usá-lo.”

Levando a mão às minhas costas, peguei seu pulso e puxei seu braço esquerdo para o encosto do sofá. “Você vai estar assim. Não se mexa.” Coloquei o outro braço no seu colo. “Um copo nesta mão, com dois dedos de cachaça envelhecida. Você dá um golinho de vez em quando, lambendo os lábios.”

Inclinei-me para a frente e brinquei com a língua ao longo da curva sensual de sua boca. Seus lábios eram cheios, mas firmes. Com frequência adotavam uma expressão severa, sem deixar pistas do que estava pensando. Gideon sorria muito pouco, mas, quando o fazia, era com um ar bobo de menino ou com uma presunção confiante e desafiadora. Seus sorrisos vagarosos eram eróticos e provocantes, e os meios-sorrisos irônicos zombavam tanto de si mesmo quanto dos outros.

“Você vai parecer distante e reservado”, continuei. “Perdido em seus pensamentos. Entediado com a energia frenética e a música alta. Os caras indo e vindo ao seu redor. Manuel sempre com um mulherão no colo. Cada vez que você olha é uma diferente. Por ele, tem para todos.”

Gideon sorriu. “Ele tem uma queda por latinas. Aprova totalmente minha escolha em matéria de esposas.”

“Esposa”, corrijo. “Primeira e última.”

“A única”, ele concordou. “Pavio curto. Sangue quente. Meu primeiro e único caso permanente de uma noite só. Sei exatamente como vai ser entre a gente, e aí você vem e me pega de surpresa. Me come vivo, toda vez, e ainda quer mais.”

Segurei seu queixo com a mão e o beijei, acariciando seu pau em movimentos lentos. “Arash aparece com um copo para você toda vez que dá uma volta no salão. Ele conta o que viu, e você parece divertido por um instante, o que enlouquece as mulheres de olho em você. Aquele pequeno momento de intimidade só faz com que queiram mais.”

“E Arnoldo?”, murmurou, olhando-me com olhos sombrios e ardentes.

“Está sozinho, como você. Ferido e cauteloso, mas acessível. Flerta e sorri, só que sempre com aquele ar de inalcançável. As mulheres que ficarem intimidadas demais por você vão até ele. E Arnoldo vai fazer com que esqueçam você, embora ele próprio não vá se lembrar delas.”

Uma sombra de sorriso passou por sua boca. “Enquanto isso, eu vou estar lá, emburrado

e pensativo, num tesão constante, sentindo tanto sua falta que nem vou conseguir me divertir?”

“É como imagino, garotão.” Ajeitei-me em suas coxas rígidas. “E as mulheres vão se ver sentadas assim no seu colo. E vão querer enfiar as mãos na sua camiseta desse jeito.”

Deslizei minhas mãos sob sua roupa e apertei os músculos fortes do abdome. Meus dedos acompanharam os sulcos, traçando todas as linhas daquele tanquinho ao meu alcance. “E vão imaginar quão forte é seu corpo por baixo das roupas, como seria apertar seus peitorais.”

Minhas ações acompanhavam as palavras, o coração disparando com a sensação da pele dele nas minhas mãos. Gideon era tão forte e trabalhado, uma máquina sexual poderosa. Eu podia sentir o impulso feminino primitivo que respondia imediatamente àquilo. Ansiava por ele. Era um par digno com quem acasalar, um macho alfa no auge. Vigoroso. Potente. Eminentemente perigoso e indomável.

Ele se moveu, e eu parei. “Não, fica quieto”, adverti. “Você não tocaria nelas.”

“Nem deixaria que chegassem perto de mim”, ele disse, mas voltou para a posição em que eu o tinha colocado. Um sultão, reverenciado por uma ávida integrante do harém.

Levantei sua camisa, puxando-a pela cabeça e prendendo seus ombros para trás ao esticar o tecido. Gideon virou o rosto, levando a boca ao meu mamilo sensível e o chupando de leve. Soltei um gemido e tentei me afastar, excitada demais para aguentar. Seus dentes morderam a ponta endurecida, prendendo-me.

Com a cabeça baixa, mantive os olhos fixos na visão de suas bochechas sulcadas. Sua língua atacou meu mamilo com o calor da boca, o pescoço esguio se movendo à medida que me chupava. Meu útero tremeu e se contraiu, num eco da sucção rítmica.

Levando a mão entre nós dois, desamarrei o elástico do moletom e baixei a calça o suficiente para libertar seu pau. Segurei-o com ambas as mãos, os dedos acompanhando as veias pulsantes e grossas ao longo dele. Estava molhado na ponta, e deslizei sobre aquele líquido escorregadio.

Quando posicionei seu pau na entrada do meu sexo, ele me interrompeu. “Devagar, meu anjo”, ele ordenou, bruscamente. “Prepare o terreno. Vou passar a noite toda dentro de você e não te quero dolorida.”

Senti a pele toda arrepiada. “Elas não pensariam em ir devagar”, argumentei.

Gideon ergueu ambas as mãos e ajeitou meu cabelo para trás. “Você não está imaginando outras mulheres agora, meu anjo. É em *você* que está pensando.”

Espantada, percebi que ele tinha razão. A mulher em cima dele não era nenhuma das morenas de pernas compridas que eu tinha visualizado comendo Gideon com os olhos. Era eu. Era eu a acariciar seu pau, admirada. Era eu quem o posicionava junto a mim e baixava o corpo para ele, aproveitando para esfregar a cabeça larga do pau de um lado para o outro na entrada do meu sexo.

Gideon gemeu com a sensação, os quadris se erguendo de leve, empurrando, exigente, a entrada do meu corpo. Ele agarrou meus quadris e me puxou para baixo, abrindo-me com o pau.

"Ah, Gideon." Afundei em cima dele, as pálpebras pesadas, recebendo alguns centímetros da sua grossura dentro de mim.

Ele me levantou de leve, até que só a cabeça estivesse lá dentro, e me baixou de novo, entrando mais um pouquinho. Os tendões do seu pescoço saltaram. "Você não me quer usando uma placa no pescoço. Me quer usando *você*, essa boceta apertada espremendo meu pau. Você se vê em cima de mim enquanto eu fico aqui sentando, vendo você se esbaldar."

E esticou os braços ao longo do encosto do sofá, exibindo o torso magnificamente masculino.

"Ou você quer que eu participe?"

Umedeci os lábios secos e balancei a cabeça. "Não."

Ergui o corpo e desci mais uma vez. E de novo, e de novo. Indo cada vez mais fundo, até que minha bunda chegasse a suas coxas. Ele era grosso e longo. Eu gemia baixinho, sentindo-o pulsar dentro de mim.

E Gideon ainda não tinha entrado por inteiro.

Inclinando a cabeça, beijei-o, saboreando o lento movimento de sua língua na minha.

"Elas estão olhando você, não estão?", ele ronronou.

"Olhando *você*. Quando eu levanto, elas o veem de relance, o quanto é grande. E querem isso, sofrem por isso, mas é meu. Você me observa. Não consegue tirar os olhos de mim. Para você, não tem mais ninguém na sala."

"Mas, ainda assim, eu não toco você, não é?" Fiz que não com a cabeça, e sua boca se curvou num sorriso perverso. "Dou um gole casual na minha cachaça, como se não estivesse com a mulher mais linda do mundo sentada no meu pau à vista de todo mundo. Já não estou mais entediado; aliás, nunca fiquei. Estava esperando. Por você. Sabia que estava por perto, pelo latejar do meu sangue."

Com as mãos em seus ombros, cavalguei-o com movimentos cadenciados dos quadris. Ele era uma delícia. A sensação de seu pau entrando. O ruído baixo e perigoso em seu peito que traía sua excitação. O brilho de suor no torso. A forma como seu abdome se contraía quando eu descia e o deixava entrar fundo. Eu queria mais e mais.

E a forma como entrou no meu jogo… quão bem me conhecia… o quanto me amava…

Gideon se entregava ao sexo comigo, mas estava sempre consciente, concentrado em mim antes de gozar. Ele percebeu minha fantasia exibicionista antes de mim e me satisfez. Sempre me mantendo segura, nunca realmente arriscando a exposição, mas me provocando com a possibilidade. Eu jamais compartilharia meu homem daquela maneira, era possessiva demais. E ele nunca compartilharia nem um vislumbre de mim, porque era muito protetor.

Mas a gente se provocava e brincava. Para duas pessoas a quem o sexo fora introduzido com dor e vergonha, o fato de que éramos capazes de encontrar alegria e amor no ato era maravilhoso.

“Estou tão duro dentro de você”, ele rosnou. “A música está alta, então ninguém pode ouvir os sons que estou fazendo, só você. Você sabe que está me deixando louco. O fato de que não demonstro a deixa tão excitada quanto o de estarmos sendo observados.”

“Seu controle”, arfei, acelerando o ritmo.

“Porque estou no comando mesmo estando embaixo”, ele acrescentou, sombrio. “Você finge estar no controle, mas não é o que quer. Conheço seus segredos, Eva. Vou conhecer todos eles. Não há nada que possa esconder de mim.”

Ele levou o polegar aos lábios e passou a língua de forma lenta e sensual por todo o dedo, os olhos fixos no meu rosto. Levando a mão entre nós dois, esfregou meu clitóris em círculos rápidos e firmes, e gozei com um grito, meu sexo apertando seu pau em ondas de êxtase.

Ele despertou para a ação: agarrou-me apertado e se levantou, jogando-me de costas no sofá, enquanto ficava em pé e enfiava aquele centímetro final de pau grosso dentro de mim. E logo estava me fodendo com uma fome violenta e primal, em meio às ondas do meu clímax, em busca do seu próprio.

Gideon jogou a cabeça para trás e arfou meu nome ao ter um espasmo dentro de mim. Gemendo, soltou um jorro quente, mas seus quadris continuaram se movendo como se não pudesse parar.

Piscando, fui aos poucos me dando conta da luz do luar no teto. Um travesseiro acomodava minha cabeça, e o calor de um edredom envolvia meu corpo nu.

Virei a cabeça para procurar por Gideon, mas o lugar ao meu lado estava vazio, os lençóis ligeiramente amassados, mas arrumados. Sentei e olhei para o relógio. Eram quase três da manhã.

Olhei na direção do banheiro e então para o corredor. Uma luz fraca se infiltrava pela fresta da porta parcialmente fechada. Saí da cama e fui até o robe pendurado atrás da porta. Envolvendo-me na seda azul, saí do quarto e, apertando o cinto, caminhei até o escritório de Gideon.

Era de lá que vinha a luz que iluminava o corredor. Apertei os olhos diante do clarão e absorvi a cena depressa: um cachorrinho dormindo na cama e um homem pensativo sentado à mesa. Tinha os olhos fixos no mural de fotos que enfeitava a parede, os braços apoiados no descanso da cadeira e um copo nas mãos.

Ele olhou para mim.

“O que foi?”, perguntei, atravessando o cômodo de pés descalços. “Não está fugindo da cama, está?”

“Não. Deveria”, respondeu, “mas não estou. Não consegui dormir.”

“Quer se exercitar?” Dei um sorriso, que deve ter parecido bobo, considerando que estava com um dos olhos fechado por causa da luz.

Gideon colocou a bebida na mesa e deu um tapinha no colo. “Vem aqui.”

Fui até ele e enrosquei os braços em volta do seu pescoço. Beijei sua mandíbula. “Tem alguma coisa incomodando você.”

Fosse o que fosse, aquilo o estava incomodando a noite inteira.

Passando a ponta do nariz na curva da minha orelha, ele sussurrou: “Tem alguma coisa que você não me contou?”.

Franzi o cenho e me afastei, avaliando seu rosto. “Tipo o quê?”

“Tipo qualquer coisa.” Seu peito se expandiu em uma respiração profunda. “Você tem algum segredo guardado?”

Assimilei a pergunta, sentindo algo estranho no estômago. “Seu presente de aniversário. Mas não vou dizer o que é.”

Um sorriso suavizou sua boca.

“E você”, murmurei, encantada com aquilo. “Todas as suas partes que só eu conheço.

Você é um segredo que vou levar para o túmulo.”

Ele mantinha a cabeça baixa, os cabelos escondendo parcialmente o rosto. “Meu anjo.”

“Aconteceu alguma coisa, Gideon?”

Ele levou um longo tempo para responder. Então olhou para mim. “Você me diria se alguém que conhece, alguém próximo a você, estivesse fazendo algo ilegal?”

A sensação ruim em meu estômago se transformou em um nó. “O que você ouviu? Tem algum blog de fofoca espalhando mentiras?”

Ele ficou tenso. “Responda à pergunta, Eva.”

“Não tem ninguém fazendo nada ilegal!”

“Não foi o que perguntei”, insistiu, paciente, mas com firmeza.

Lembrei qual tinha sido a pergunta. “Diria, claro que diria. Eu te conto tudo.”

Ele relaxou. Sua mão tocou meu rosto. “Você pode me confiar qualquer coisa, meu anjo. Não importa o quê.”

“Eu confio.” Segurei seu pulso. “Não estou entendendo por que está falando assim.”

“Não quero nenhum segredo entre nós.”

Lancei-lhe um olhar. “Você é que nunca me conta nada.”

“Estou trabalhando nisso.”

“Eu sei que está. É por isso que está tudo tão bem entre nós agora.”

A suavidade voltou ao seu sorriso. “Está, não está?”

“Claro.” Beijei sua boca sorridente. “Chega de fugir e se esconder.”

Ajustando meu corpo em seu abraço, Gideon se levantou, carregando-me consigo.

“O que a gente vai fazer?”, perguntei, mergulhando o rosto no seu corpo quente.

Ele voltou para o quarto. “Se exercitar.”

“Oba!”

A manhã seguinte foi como a anterior, com Gideon em pé na hora de sempre, enquanto eu, nua, rolava na cama feito um bicho-preguiça.

Dentro do closet, atando o nó da gravata, ele desviou o olhar do espelho para mim. “O

que vai fazer hoje?”

Bocejando, abracei o travesseiro mais apertado. “Vou voltar a dormir quando você sair. Só mais uma hora. Blaire Ash vai passar aqui lá pelas dez.”

“Ah, é?” Ele olhou para o espelho. “Por quê?”

“Vou mudar algumas coisas. Vamos transformar o quarto de hóspedes em escritório, com um sofá-cama. Ainda vamos poder receber gente, mas vou ter um lugar onde trabalhar.”

Gideon alisou a gravata e começou a abotoar o colete, voltando para o quarto. “Não discutimos isso.”

“Verdade.” Deslizei a perna para fora do lençol. “Não queria brigar por causa disso.”

O arranjo original era transformar o quarto de hóspedes no meu quarto e conectá-lo ao banheiro principal, para termos duas suítes, uma para cada um. Era um jeito de lidar com a parassonia de Gideon, mas também significava que teríamos que dormir em quartos separados.

“Não podemos dividir a mesma cama”, ele disse, calmamente.

“Discordo.” Continuei, antes que pudesse insistir: “Tentei me adaptar, Gideon, mas não gosto da ideia de ficarmos separados”.

Ele continuou em pé, em silêncio, as mãos nos bolsos da calça. “Não é justo me fazer escolher entre sua felicidade e sua segurança.”

“Eu sei. Mas não estou fazendo você escolher, já decidi. Também sei que não é justo, mas alguém tinha que decidir, e foi o que fiz.” Sentei na cama, joguei o travesseiro atrás de mim e me recostei contra a cabeceira.

“Tomamos uma decisão juntos. Aí você mudou de ideia sem falar comigo. E ficar exibindo esses peitos, por mais bonitos que sejam, não vai me distrair.”

Franzi a testa para ele. “Se quisesse distrair você, não teria tocado no assunto.”

“Cancela a visita, Eva”, Gideon ordenou, firme. “A gente tem que conversar sobre isso primeiro.”

“Ele já veio aqui. Teve que sair mais cedo, porque a polícia apareceu, mas Blaire está trabalhando no projeto novo. Vai trazer algumas ideias hoje.”

Gideon tirou as mãos dos bolsos e cruzou os braços. “Então sua felicidade vem em primeiro lugar e a minha que se dane?”

“Você não vai ficar feliz de dividir a cama comigo?”

Um músculo em sua mandíbula tremeu. “Não brinca com isso. Você não está levando em conta o que aconteceria comigo se eu machucasse você.”

Na mesma hora minha frustração se transformou em vergonha. “Gideon…”

“E não está considerando o que aconteceria com *a gente*”, ele exclamou. “Você pode brincar com o que quiser, Eva, mas não com algo que vai prejudicar nossa relação. Se quiser dormir perto de mim, vou estar lá. E se me quiser do seu lado quando acordar, também posso fazer isso. Mas as horas entre uma coisa e outra, quando estamos inconscientes, são muito perigosas para arriscar por um capricho.”

Engoli em seco, com um nó na garganta. Queria explicar melhor, dizer que me preocupava com a distância que dormir em quartos separados criaria. Não só física, mas emocional.

Doía que ele fizesse amor comigo e então deixasse minha cama. Era como pegar algo bonito e mágico e transformar em outra coisa. Se ele ficasse até eu dormir e depois acordasse antes de mim para voltar para a cama, não dormiria o suficiente. Por mais incansável que Gideon parecesse, ainda era humano. Trabalhava muito, exercitava-se mais ainda e tinha que lidar com uma tonelada de estresse dia após dia. Falta de sono não poderia se tornar uma rotina.

Mas seus medos a respeito da minha segurança não iam se dissipar numa única conversa. Aquilo teria que ser feito aos poucos.

“Certo”, concedi. “Vamos combinar assim: Blaire vai deixar os projetos aqui e mais tarde a gente conversa sobre eles juntos. Enquanto isso, a gente concorda em não derrubar nenhuma parede no quarto de hóspedes. Acho que seria ir longe demais, Gideon.”

“Você não achava isso antes.”

“É um paliativo que pode se tornar permanente, e não queremos isso. Bom, você não quer isso, né? Não quer trabalhar a possibilidade de dormirmos juntos?”

Ele descruzou os braços e deu a volta na cama, sentando na beirada. Segurou minha mão e a levou aos lábios. “Quero. Me mata saber que não posso dar algo tão básico do casamento a você. E saber que está infeliz com isso… Sinto muito, meu anjo. Não consigo dizer o quanto.”

Inclinei-me para a frente e segurei seu rosto. “Vamos dar um jeito. Eu deveria ter falado com você. Acho que dei uma de Gideon… fazer primeiro, explicar depois.”

Sua boca se retorceu de tristeza. “*Touché*.” Então ele me deu um beijo rápido. “Fica de olho nesse Blaire. Ele está a fim de você.”

Recostei-me de novo no travesseiro. “Ele me acha bonita”, corrigi. “É um galanteador nato.”

Os olhos de Gideon assumiram um brilho perigoso. “Ele deu em cima de você?”

“Se tivesse passado dos limites, eu mesma o poria no olho da rua, mas acho que deve flertar um pouco com todas as clientes. Aposto que é bom para os negócios.” Sorri. “Ele baixou a bola quando disse que estava me acostumando com sua resistência física e não achava mais que precisava de uma cama separada.”

Gideon arregalou os olhos. “Mentira.”

“Verdade. Vou ter bastante tempo para dormir quando morrer, eu disse a ele. Até lá, se meu marido quiser dar no couro uma meia dúzia de vezes por noite e for sempre tão habilidoso, quem sou eu para reclamar?”

A primeira vez que marquei com Blaire, não tinha pensado no que o designer ia achar da ideia de Gideon se casar com uma mulher com a qual não tinha intenção de dormir. Quando percebi seu flerte sutil, entendi por que ele achou que eu seria receptiva — a situação toda era bem estranha. No entanto, Gideon nunca se preocupou com o que estranhos poderiam pensar. Sua questão era sempre comigo, não com sua reputação como mulherengo inveterado.

E foi engraçado colocar Blaire no lugar dele.

Afofei o cabelo bagunçado. “Sou uma loira peituda. É só dar uma risadinha e posso dizer qualquer coisa.”

“Minha nossa.” Gideon fingiu um suspiro longo e sofrido, mas estava obviamente achando graça. “Você precisa compartilhar os detalhes da nossa vida sexual com todo mundo?”

“Não.” Pisquei. “Mas é divertido.”

Não dormi depois que Gideon saiu para trabalhar. Peguei o telefone e liguei para meu instrutor, Parker Smith. Como era cedo, ele ainda não estava trabalhando e atendeu.

“Oi, Parker. É Eva Tramell. Tudo bem?”

“Tudo bem. Você vem hoje? Anda muito mole.”

Franzi o nariz. “Pois é. Mas vou hoje, sim. É por isso que estou ligando. Quero trabalhar uma coisa com você.”

“Ah, é? O quê?”

“A gente já viu a questão da consciência situacional e do que fazer se eu ficar acuada, como fugir e tal. Mas e se eu for pega totalmente de surpresa, quando estiver dormindo, por exemplo?”

Ele assimilou a pergunta. “Uma joelhada forte no saco derruba qualquer homem. E dá a você o espaço de que precisa.”

Já tinha feito aquilo com Gideon antes, para acordá-lo de um pesadelo horroroso. E faria de novo, se as coisas chegassem a esse ponto, mas preferia conseguir me soltar dele e fugir sem machucá-lo. Os sonhos já eram sofrimento o bastante. Não queria que acordasse sentindo dor física também.

“Mas e se… Como dar uma joelhada em alguém que estiver deitado em cima de você?”

“A gente pode trabalhar isso. Coreografar alguns cenários diferentes.” Ele fez uma pausa. “Está tudo bem?”

“Tudo ótimo”, assegurei, e então menti. “Apareceu uma situação assim num programa de TV ontem à noite, e pensei que não importa o quanto você esteja preparada, não é possível estar consciente da situação durante o sono.”

“Sem problemas. Vou chegar ao galpão daqui a umas duas horas e ficar até a hora de fechar.”

“Legal. Obrigada.”

Desliguei e fui para o chuveiro. Quando saí, havia duas chamadas não atendidas de Cary. Liguei de volta.

“E aí, tudo bem?”

“Estava pensando aqui com meus botões: você disse alguma coisa sobre um vestido clássico, não foi?”

Suspirei. Só de pensar naquilo eu gelava. Não importava o quanto quisesse acreditar que o vestido perfeito ia cair do céu antes do grande dia, era mais realista aceitar que teria que simplesmente me contentar com o que aparecesse.

Ainda assim, adorava que Cary não desistisse. Ele me conhecia tão bem quanto eu mesma.

“Que tal um dos vestidos de noiva da Monica?”, ele sugeriu. “Vocês têm o mesmo corpo. Não ia precisar fazer muita alteração.”

“Sério? Credo. Se for o do casamento com o meu pai, talvez. Mas não posso usar o

vestido de um dos outros casamentos. Seria estranho demais.”

Ele riu. “É, tem razão. Mas sua mãe tem muito bom gosto.”

Corri os dedos pelo cabelo úmido. “E não acho que ela tenha guardado os vestidos de noiva. Não é uma boa lembrança para levar para a casa do novo marido.”

“Tá, é uma ideia idiota. A gente pode procurar alguma coisa vintage. Tenho um amigo que conhece todos os brechós de design e de alta costura de Manhattan.”

Não era uma ideia ruim. “Legal. Gostei.”

“Às vezes, sou brilhante. Hoje vou passar o dia preso na Grey Isles, mas à noite estou livre.”

“Tenho terapia de casal.”

“Ah, certo. Divirta-se. E amanhã? A gente pode comprar alguma coisa para Ibiza também.”

O lembrete dos planos do fim de semana fez com que eu me sentisse correndo contra o tempo. Não conseguia deixar de ficar ansiosa com a viagem, mesmo sabendo quão divertido seria passar um tempo com os amigos. “Amanhã está ótimo. Passo no apartamento.”

“Perfeito. A gente faz logo as malas.”

Desligamos, e fiquei com o telefone na mão por um bom tempo, sentindo uma pontada de tristeza. Pela primeira vez desde que tínhamos nos mudado para Nova York, era como se Cary e eu estivéssemos vivendo em dois locais distintos. Eu estava fazendo da cobertura minha casa com Gideon, enquanto a dele ainda era o apartamento.

A agenda do celular tocou, avisando que Blaire chegaria em trinta minutos. Xingando a mim mesma, deixei o celular na cama e corri para me arrumar.

“Como vocês estão?”, perguntou o dr. Petersen assim que, como sempre, eu e Gideon nos sentamos no sofá e ele em sua poltrona, pegando o tablet.

“Melhor do que nunca”, respondi.

Gideon não disse nada, mas estendeu a mão e pegou a minha, colocando-a para descansar em sua coxa.

“Recebi o convite da festa.” O dr. Petersen sorriu. “Minha esposa e eu estamos ansiosos.”

Não tinha conseguido convencer minha mãe a incluir nem uma pontinha de vermelho nos convites, mas eles ficaram bonitos mesmo assim. Tínhamos escolhido um papel acetinado com um invólucro transparente e um envelope branco liso, para poder mandar por correio com privacidade. Imaginar que já tinham chegado aos convidados me causou um frio na barriga. Estávamos a mais um passo de poder deixar de lado a fachada do noivado.

“Eu também.” Recostei no ombro de Gideon, e ele pôs o braço em mim.

“A última vez que nos encontramos”, o dr. Petersen começou, “você tinha acabado de sair do trabalho, Eva. Como tem sido isso?”

“Mais fácil do que imaginava. Mas tenho andado ocupada, o que ajuda.”

“Ajuda com o quê?”

Pensei na resposta. “Me impede de me sentir sem rumo. Estou mais ocupada agora. E trabalhando em coisas que realmente fazem uma diferença na minha vida.”

“Tipo?”

“A festa, claro. E a mudança para a cobertura, que estou fazendo aos poucos. Também estou planejando algumas reformas e queria falar disso.”

“Claro.” Ele me estudou. “Vamos falar sobre essa mudança feita aos poucos, primeiro. Tem algum motivo para isso?”

“Bem, só não estou fazendo tudo de uma vez. Estou indo devagar.”

“Você vê isso como uma forma de entrar na relação mais lentamente? Até aqui você foi muito decisiva. O casamento escondido. A separação. Largar o emprego.”

Isso me fez pensar. “É uma transição que também afeta Gideon e Cary.”

“Por mim quanto mais cedo ela se mudar, melhor”, Gideon interveio.

“Só estou sendo cuidadosa.” Dei de ombros.

O dr. Petersen fez anotações no tablet. “Cary está tendo dificuldade de se adaptar?”

“Não sei”, admiti. “Não está agindo como se estivesse. Mas eu me preocupo. Sem minha ajuda, ele pode voltar aos maus hábitos.”

“Você tem alguma opinião sobre isso, Gideon?”

Meu marido manteve o tom neutro. “Sabia onde estava me metendo quando me casei com ela.”

“Isso é sempre bom.” O dr. Petersen sorriu. “Mas não diz muito.”

Gideon levou a mão do meu ombro ao meu cabelo e ficou brincando com ele. “Como um homem casado, doutor, você sabe que é preciso fazer algumas concessões para manter a paz. Cary é uma das minhas.”

Doía ouvir aquilo, mas eu entendia que Cary tinha pisado na bola várias vezes — como ao fazer sexo grupal na sala do nosso apartamento —, e isso pesava contra ele.

O dr. Petersen olhou para mim. “Então você está tentando equilibrar as necessidades do seu marido e do seu melhor amigo. É estressante?”

“Não é divertido”, eu me esquivei, “mas também não chega a ser *equilibrar* as coisas. Meu casamento — e Gideon — está em primeiro lugar.”

Pelo jeito com que sua mão agarrou meu cabelo — possessivamente —, dava para perceber que Gideon tinha gostado de ouvir aquilo.

“Mas não quero sobrecarregar Gideon e não quero que Cary se sinta abandonado. Levar uma mala de cada vez faz com que a mudança seja gradual.”

Uma vez que as palavras tinham sido ditas, não tinha como não admitir que soavam maternais. Ainda assim, não podia deixar de querer proteger as pessoas da minha vida que precisavam de proteção, sobretudo da dor que minhas próprias ações poderiam causar.

“Você falou de todo mundo, menos você”, o terapeuta ressaltou. “Como está se sentindo?”

“A cobertura está começando a ficar com um jeitinho de casa. Só estou tendo dificuldade de lidar com a questão das suítes. Temos dividido a cama, mas Gideon quer dormir em quartos separados, e eu não.”

“Por causa dos pesadelos?”, perguntou o dr. Petersen, com os olhos em Gideon.

“É”, ele respondeu.

“Teve algum recentemente?”

Ele assentiu. “Nenhum muito ruim.”

“O que constitui um pesadelo muito ruim? Faz você agir fisicamente?”

O peito de Gideon se expandiu em uma respiração profunda. “Isso.”

O terapeuta me olhou de novo. “Você entende o risco, Eva, mas ainda quer dividir a cama com Gideon?”

“Quero, claro.” Meu coração disparou com as memórias. Gideon me prendendo violentamente, as palavras horríveis de dor e fúria se derramando em ameaças brutais.

No meio de um pesadelo, Gideon não me via, via Hugh, um homem que queria matar

com as próprias mãos.

“Muitos casais felizes dormem separados”, o dr. Petersen comentou. “As razões são as mais variadas — o marido ronca, a esposa puxa as cobertas, e por aí vai —, mas eles acham que dormir separados traz mais benefícios para a harmonia conjugal.”

Eu me afastei de Gideon, querendo fazê-lo entender. “Eu *gosto* de dormir junto dele. Às vezes, acordo no meio da noite e o vejo dormir. Às vezes, acordo e nem preciso abrir os olhos, só fico ouvindo sua respiração. Sinto seu cheiro, seu calor. Durmo melhor quando está do meu lado. E sei que ele também.”

“Meu anjo.” Gideon acariciou minhas costas.

Olhando por cima do ombro, sustentei seu olhar. Seu rosto estava impassível. Lindo. Os olhos, porém, eram duas piscinas azuis de dor. Peguei sua mão. “Sei que você sofre. Desculpa. Só preciso que a gente tente resolver isso. Não quero desistir agora.”

“O que você descreveu, Eva”, o dr. Petersen disse, gentilmente, “é a intimidade. Uma das verdadeiras alegrias do casamento. É compreensível que almeje isso. É o que todo mundo quer, em certo sentido. Para você e Gideon, no entanto, é provável que seja particularmente importante.”

“Para mim, é”, concordei.

“Está querendo dizer que para mim, não?”, Gideon perguntou, com firmeza.

“Não.” Voltei-me para ele. “Por favor, não fique na defensiva. Não estou culpando você.”

“Você tem noção de que isso faz eu me sentir um lixo?”, ele atacou.

“Não leve para o lado pessoal, Gideon. É…”

“Minha esposa quer me ver dormir e não posso nem dar isso a ela”, ele retrucou. “Como não é culpa minha?”

“Certo, vamos discutir a questão”, o dr. Petersen interveio depressa, chamando a nossa atenção para ele. “O cerne desta conversa é um desejo de intimidade. Os seres humanos, por natureza, anseiam por isso, mas, nos sobreviventes de abuso sexual na infância, essa necessidade pode ser maior.”

Gideon ainda estava tenso, mas ouvia atentamente.

“Em muitos casos”, o terapeuta continuou, “o abusador se esforça para isolar a vítima de modo a esconder seu crime e a tornar dependente. As próprias vítimas muitas vezes se afastam dos amigos e dos parentes. A vida dos outros parece comum demais e seus problemas, insignificantes demais, perto do terrível segredo que se sentem obrigados a

esconder.”

Voltei para junto de Gideon, puxando os joelhos para cima do sofá até tocá-lo com todo o meu corpo. Seu braço me envolveu de novo e ele segurou minha mão.

O rosto do dr. Petersen se suavizou ao olhar para nós. “Essa solidão profunda foi aliviada quando vocês se abriram um para o outro, mas passar tanto tempo sem intimidade de verdade deixa uma marca. Acho que vocês devem pensar em formas alternativas de alcançar a proximidade que Eva tanto almeja. Criar sinais e rituais que sejam específicos do relacionamento de vocês e que tragam um sentimento de conexão sem ameaçar nenhum dos dois.”

Suspirando, assenti.

“Vamos trabalhar nisso”, ele prometeu. “E, Gideon, é provável que seus pesadelos continuem a diminuir em quantidade e gravidade à medida que fizermos isso. Mas é só o começo. Os primeiros passos de uma longa viagem.”

Inclinando a cabeça para trás, olhei para Gideon. “Uma vida inteira”, jurei.

Gideon tocou meu rosto com dedos suaves. Não disse as palavras, mas as vi em seus olhos e as senti em sua carícia.

Tínhamos amor. O resto viria.

10

“Estou em contato com Benjamin Clancy”, disse Raúl, debruçando-se sobre os cotovelos apoiados nos joelhos. “Você e a sra. Cross vão para o aeroporto na mesma hora, então podem ir juntos, se o senhor quiser.”

“Claro.” Precisava daquele tempo com Eva antes de nos separarmos. Ficar longe dela durante o trabalho já era demais. Um fim de semana ia ser uma tortura. “Vou ligar para Eva e avisar. Vamos precisar da limusine.”

Sempre profissional, Raúl não demonstrou reação. Teria feito mais sentido usar a limusine para levar os amigos de Eva, mas nem o Bentley nem a Mercedes ofereciam a privacidade de que eu precisava.

Sentado no sofá da minha sala, tinha Angus e Raúl à minha frente, cada um numa poltrona. Tínhamos decidido que Angus ficaria nos Estados Unidos, enquanto Raúl chefiaria a equipe de segurança que me acompanharia ao Brasil.

Angus iria para Austin, para pesquisar o passado de Lauren Kittrie.

Raúl assentiu diante da minha ordem. “Vamos organizar transporte separado para os amigos da sra. Cross e os seus.”

“Como Eva vai para Ibiza?”

“Jatinho particular”, Raúl respondeu, “fretado por Richard Stanton. Sugeri o hotel Vientos Cruzados Ibiza, e Clancy concordou. Tivemos que fazer alguns acertos, porque o resort estava lotado para o verão, mas o gerente deu um jeito. Eles aumentaram a segurança em antecipação à chegada da sra. Cross.”

“Ótimo.” Ter Eva num resort das Indústrias Cross me dava mais tranquilidade. Tínhamos também duas casas noturnas famosas na ilha espanhola, uma na cidade e outra em Sant Antoni. Eu sabia que ambas já haviam sido indicadas a Clancy. Esperava que ele usasse a informação. Era um homem inteligente e ia gostar de ter o apoio adicional da equipe de segurança das casas.

“Como falamos antes”, Raúl continuou, “vamos ter uma equipe nossa no aeroporto, que vai seguir a sra. Cross durante o fim de semana. Eles foram instruídos a ficar à paisana, fornecendo apoio à equipe de Clancy, e só vão interceder caso seja absolutamente necessário.”

Assenti. Clancy era bom, mas estava de olho tanto em Monica quanto em Eva, e elas consideravam Cary da família, então também se ocuparia dele. Sua atenção ficaria dividida entre três, e Monica seria a prioridade, por ser esposa do chefe. Eva não era a prioridade de mais ninguém além de mim. Queria olhos fixos nela em todos os instantes em que estivesse fora do hotel.

Ainda bem que aquele fim de semana seria uma exceção em nossa vida.

Raúl ficou em pé. “Vou falar com Clancy para discutir o protocolo da ida ao aeroporto.”

“Obrigado.”

Com um aceno de cabeça, ele saiu.

Angus se levantou. “Vou levar Lucky até a casa da sua irmã. Ela está me mandando mensagens de hora em hora para saber se eu já saí.”

Aquilo quase me fez sorrir. Ireland tinha ficado animada quando perguntei se poderia cuidar do cachorro para mim. Imaginei que Lucky ia preferir aquilo a um canil, e Ireland estava precisando de uma distração do divórcio dos pais.

Angus parou a caminho da porta. “Divirta-se, rapaz. Vai te fazer bem.”

Soltei uma risada contida. “Ligue se descobrir alguma coisa.”

“Claro.” Ele saiu, deixando-me sozinho para encerrar o trabalho da semana.

Conferi a hora no telefone antes de ligar para Eva.

“Oi, garotão”, atendeu ela, a voz leve e animada. “Não consegue parar de pensar em mim?”

“E você não estava pensando em mim?”

“Sempre.”

Pensei em Eva como a tinha visto na noite anterior, deitada de bruços na cama, os calcanhares no ar, vendo-me arrumar a mala com o queixo apoiado nas mãos e comentando minhas escolhas. Ela tinha reparado que eu não estava levando nem a calça cinza nem a camiseta preta de gola V com as quais tinha fantasiado. A omissão deliberada foi a única coisa que a fez sorrir. Tirando aquilo, passou a maior parte do tempo quieta e emburrada.

“Vamos para o aeroporto juntos”, disse a ela. “Sozinhos.”

“Ah.” Eva assimilou a informação. “Isso vai ser bom.”

“Estava torcendo para que fosse mais do que bom.”

“Hum…” Eva baixou o tom de voz, adotando a rouquidão suave que me dizia que estava pensando em sexo. “Então você tem um fetiche por carros?”

Senti uma onda quente de divertimento tomar conta de mim, o que ajudava a aliviar o estresse causado pela programação dos dias que tínhamos pela frente. Eva me deixava possuí-la em qualquer ambiente, mas com frequência me seduzia quando estávamos a caminho de algum lugar. Com as antigas restrições de só transar no hotel, ela me enlouquecia, incitando-me a fazer amor em carros e aviões, na minha casa e em vários locais do trabalho.

Eu nunca dizia não. Não era capaz. Quando me queria, estava pronto e mais do que disposto.

“Tenho um fetiche por você”, murmurei, repetindo algo que ela tinha me dito uma vez.

“Ótimo.” Ela inspirou. “Já acabou o fim de semana?”

Ouvi Cary dizendo alguma coisa que não entendi. “Vai ser rápido, meu anjo. Vou deixar você agora.”

“Não me deixe nunca, Gideon.” Suas palavras tinham um fervor que me comoveu, deixando transparecer como estava insegura a respeito do fim de semana. Depois de uma separação que ela mesma exigira, era bom saber que não estava ansiosa por outra, mesmo em circunstâncias muito mais felizes.

“Vou deixar você se concentrar aí”, corrigi. “Assim, vai estar pronta quando Raúl for buscar você.”

“Vou estar pronta para você”, ronronou ela, deixando-me duro e dolorido ao final da chamada.

Arash entrou na minha sala pouco depois das quatro, com um passo tranquilo, as mãos nos bolsos, cantarolando uma melodia. Sentou numa das cadeiras diante da minha mesa e sorriu. “Pronto para o fim de semana?”

“Tão pronto quanto é possível.” Recostei-me na cadeira e tamborilei os dedos nos braços dela.

“Vai gostar de saber que a queixa de agressão de Anne Lucas vai ser retirada.”

Era o que eu esperava, mas, ainda assim, era bom receber uma confirmação. “Como deveria ser.”

“Não consegui descobrir se ela vai ser acusada pela falsa denúncia. Enquanto isso, se ela tentar entrar em contato com você, com Eva ou com Cary, de qualquer forma que seja, preciso saber imediatamente.”

Assenti, distraído. “Claro.”

Ele me avaliou. “No que está pensando?”

Fiz uma careta irônica. “Acabei de sair de uma ligação com um dos membros do conselho da Vidal Records. Christopher continua juntando capital para comprar o controle acionário.”

Arash arregalou os olhos. “Se ele conseguir, você sai?”

“Se fosse só ele, sairia.” Ainda não estava claro se Ireland ia se juntar aos negócios da família no futuro, mas, independentemente disso, ela tinha uma participação no sucesso da empresa, e Christopher tomava decisões ruins. Sempre dispensava minhas ofertas de ajuda e orientação. E, com frequência, também se recusava a ouvir o pai, presumindo, aparentemente, que seus conselhos viessem, em parte, de mim.

“O que o conselho acha?”

“Estão vendo a coisa como uma briga de família e querem que eu arrume uma solução rápida e indolor.”

“Isso é possível? Você nunca se entendeu com seu irmão.”

Balancei a cabeça. “Não.”

Sabia que Arash não conseguia entender. Ele tinha um irmão e uma irmã, e sua família era muito unida.

O advogado suspirou. “Sinto muito, cara. Isso é difícil.”

Em um mundo ideal, Christopher estaria na minha despedida de solteiro. Seríamos próximos. Ele seria meu padrinho de casamento…

Essa posição, aliás, ainda estava em aberto. Arnoldo tinha tomado as rédeas organizando o fim de semana, mas não sabia se ele tinha feito aquilo porque imaginava que estaria de pé ao meu lado no casamento. Talvez só tivesse mais iniciativa do que os outros.

Poucas semanas antes, não haveria dúvida de que o escolheria. Parte de mim ainda torcia por aquilo.

Arash também era uma boa opção. Eu encontrava meu advogado quase todos os dias. E, como tal, ele sabia coisas sobre mim — e sobre Eva — que ninguém mais imaginava.

Podia confiar qualquer coisa a Arash, mesmo sem o privilégio da proteção advogado/cliente.

Mas Arnoldo era direto comigo de um jeito que mais ninguém além da minha esposa conseguia ser. Fazia muito tempo que achava que os conselhos curtos e incisivos dele eram o que tinha me impedido de me tornar cínico e desgastado demais.

Aquele fim de semana ia sacramentar minha escolha.

Parecia… errado esperar Eva diante da porta do apartamento. Ao me recostar contra a parede, pensei em como as coisas tinham evoluído depressa e com que fervor eu me opunha a revertê-las. Não imaginava que poderíamos ter aquilo. Um relacionamento às claras, sem segredos, profundamente apaixonados.

Havia tido vislumbres daquela vida antes. Algumas das noites que passamos juntos no apartamento ao lado. Os fins de semana em que fugíamos para ficar sozinhos. Mas aqueles eram momentos que existiam num vácuo. Agora, vivíamos aquilo abertamente. Seria ainda melhor quando o mundo soubesse que estávamos casados e que ela morava na cobertura comigo.

A porta se abriu e Eva saiu, parecendo descontraída e sensual num vestido vermelho transpassado e com sandálias de salto alto. Estava com os óculos escuros na cabeça e puxava uma mala de rodinhas. Da próxima vez que fizesse as malas, seria para nossa lua de mel. Sairíamos juntos, como naquele momento, mas continuaríamos juntos dali em diante.

“Passa pra cá”, eu disse, endireitando-me para tirar a mala dela.

Eva pulou em cima de mim, o corpo macio e quente contra o meu. Então puxou minha cabeça para um beijo doce e rápido. “Você devia ter entrado.”

“Você e eu, com uma cama por perto?” Abracei-a pela cintura e a levei na direção do elevador. “Eu teria tirado proveito da situação, se não achasse que Cary ia esmurrar a porta reclamando que vocês iam perder o voo.”

Eva se separou de mim enquanto descíamos até o térreo, apoiando-se na parede do elevador. Ela exibia suas pernas sensuais, em um flerte de corpo inteiro, inclusive olhos. Eles brilhavam para mim à medida que ela lambia o lábio inferior. “Você está uma delícia.”

Olhei para a camiseta branca de decote V e a calça cáqui que tinha vestido antes de sair

do trabalho.

“Você em geral usa cores escuras”, ela ressaltou.

“Vai estar quente demais aonde vamos.”

“Você é que é quente demais.” Ela tirou um dos pés do chão e esfregou uma perna na outra.

Divertido e sentindo o calor da excitação crescente, encostei e aproveitei o show.

Chegando ao térreo, gesticulei para que ela saísse na minha frente e me aproximei com duas passadas, pousando a mão na base de sua coluna.

Eva me lançou um sorriso por cima do ombro. “O trânsito vai estar parado.”

“Que droga.” Eu estava contando com o trânsito — e com o tempo que adicionaria à viagem.

“Você parece tãão decepcionado”, brincou ela, antes de sorrir para o porteiro, que abriu a porta.

Raúl estava esperando fora da limusine. Em instantes, estávamos a caminho, misturando-nos ao mar de carros que tentavam avançar pelas ruas de Manhattan.

Eva sentou no banco lateral, e eu fui para o do fundo. “Quer uma bebida?”, ela perguntou, olhando para o bar à sua frente.

“Você quer?”

“Não sei.” Ela franziu os lábios. “Queria uma, mais cedo.”

Esperei enquanto se decidia, correndo o olhar por ela. Eva era minha alegria, minha luz. Faria qualquer coisa para mantê-la tranquila e satisfeita para o resto da vida. Doía imaginar que poderia magoá-la. Já tinha passado por tanta coisa.

Se descobríssemos que Monica não era quem Eva pensava ser, como dar a notícia a ela? Ela tinha ficado arrasada quando percebera que a mãe a estava rastreando pelo celular, pelo relógio e por um espelhinho que levava na bolsa. Identidade falsa seria uma traição muito pior.

E por que usar uma identidade falsa?

“Não consigo encontrar um vestido”, ela disse, abruptamente, a boca exuberante se fechando numa expressão emburrada.

Levei um segundo para me afastar dos pensamentos e entender o que estava dizendo. “Para o casamento?”

Ela fez que sim com a cabeça, tão desanimada que minha vontade era de puxá-la para junto de mim e encher seu lindo rosto de beijos.

“Quer que eu ajude, meu anjo?”

“Não dá. O noivo não pode ver o vestido antes.” Seus olhos se arregalaram de choque e horror. “Você já tinha visto o vestido que usei quando nos casamos pela primeira vez!”

Era verdade. Eu que tinha escolhido. “Quando vi, era só um vestido”, tentei acalmá-la. “Só virou um vestido de noiva depois que você o colocou.”

“Ah.” O sorriso voltou. Ela tirou as sandálias e se juntou a mim, deitando a cabeça no meu colo, o cabelo dourado se espalhando sobre minhas coxas.

Correndo os dedos por entre os fios de seda grossa, inspirei fundo, apreciando o cheiro do seu perfume.

“O que você vai vestir?”, ela perguntou, fechando os olhos.

“Está imaginando algo em especial?”

Sua boca se curvou num sorriso. A resposta saiu lenta e sonhadora. “Smoking. Você está sempre lindo, mas de smoking fica demais.”

Passei os dedos sobre os lábios. Houve um tempo em que eu odiava meu rosto, odiava que minha aparência atraísse um interesse sexual tão intenso num momento em que se sentir desejado me dava arrepios. Acabei me acostumando com a atenção, mas só depois de Eva comecei a valorizar quem eu era por mim mesmo.

Ela gostava tanto de olhar para mim. Vestido. Nu. No banho. Enrolado numa toalha. Em cima dela. Embaixo dela. O único momento em que seus olhos não estavam em mim era quando estava dormindo — que, com frequência, era quando eu mais me deleitava em olhar para ela, deliciosamente nua, usando apenas as joias que eu tinha lhe dado.

“Está decidido, então. Vou de smoking.”

Seus olhos se abriram, revelando o cinza suave que eu adorava. “Mas é um casamento na praia.”

“Vou fazer funcionar.”

“Ah, aposto que vai.”

Abaixando a cabeça, ela esfregou o nariz no meu pau. O calor da respiração atravessou o tecido e alcançou a minha pele sensível. Fiquei duro de imediato.

Brinquei com seu cabelo. “O que você quer, meu anjo?”

“Isto aqui.” Ela correu os dedos ao longo da minha ereção.

“Como você quer?”

Antes de responder, ela umedeceu os lábios com a língua. “Na minha boca”, sussurrou, já abrindo o botão da minha calça.

Meus olhos se fecharam por um momento, numa inspiração profunda. O som do zíper abrindo, a pressão diminuindo enquanto ela cuidadosamente libertava meu pau…

Eu me preparei para o calor úmido de sua boca, mas foi inútil. Senti um espasmo violento quando Eva me sugou, o desejo e a necessidade formigando em minha espinha. Conhecia seus humores e como eles se traduziam no sexo. Ela planejava ir devagar, apreciar-me e me enlouquecer.

“Eva.” Gemi quando ela me acariciou com dedos gentis, a boca trabalhando com carinho. Então Eva lambeu a cabeça do meu pau com movimentos lentos, saboreando.

Abri os olhos e a fitei. Eva ali, tão perfeitamente apresentável, inteiramente concentrada na sensação do meu pau em sua boca, era uma visão intensamente erótica e dolorosamente meiga.

“Isso é muito bom”, eu disse, com a voz rouca, apoiando uma das mãos na parte de trás de sua cabeça. “Mais fundo… isso… assim…”

Joguei a cabeça para trás, as coxas tensas pela necessidade de dar impulso. Lutei contra a vontade, deixando-a tomar o que queria.

“Não vai terminar aí”, avisei, sabendo que era seu objetivo.

Ela murmurou em protesto e me segurou com uma das mãos, bombeando meu pau num aperto suave e firme. Desafiando-me a resistir.

“Vou comer essa boceta perfeita, Eva. Minha porra vai estar dentro de você enquanto eu estiver lá longe esse fim de semana.”

Fechei os olhos, imaginando-a em Ibiza, uma cidade famosa pela vida noturna, dançando com os amigos num mar de corpos. Os homens a cobiçando, sonhando em transar com ela. E, o tempo todo, Eva estaria marcada por mim da forma mais primitiva possível. Possuída, ainda que eu não estivesse lá.

Senti seu gemido com meu pau vibrando.

Ela se afastou, os lábios já vermelhos e inchados. “Não é justo.” Fez beicinho.

Peguei sua mão e a levei ao meu peito, apertando-a contra meu coração acelerado. “Você vai estar aqui, meu anjo. Sempre.”

“Cara, você não pode trabalhar agora”, Manuel reclamou, deitando na espreguiçadeira ao meu lado. “Está perdendo a vista.”

Olhei por cima do telefone, a brisa do mar em meu cabelo. Tínhamos ficado na Barra, na avenida Lúcio Costa, bem na frente do hotel em que nos hospedamos. A praia era mais descontraída que a de Copacabana, menos turística e cheia. Por toda a costa, mulheres de biquíni passeavam junto à arrebentação, os seios saltando quando pulavam as ondas, a bunda quase nua brilhando com o bronzeador. Na areia branca, Arash e Arnoldo continuavam jogando frisbee. Eu tinha me desligado da realidade quando senti o telefone tremer no bolso do calção de praia.

Olhei para Manuel, que estava corado e brilhando de suor. Ele tinha desaparecido cerca de uma hora antes, e o motivo estava na cara, mesmo para quem não o conhecia tão bem quanto eu.

“A vista aqui é melhor.” Virei o telefone para mostrar a selfie que Eva tinha acabado de mandar. Estava deitada na praia também, numa espreguiçadeira não muito diferente da minha. O biquíni era branco, e sua pele já estava levemente bronzeada. Uma corrente fina descia por seu pescoço, aninhando-se entre seus seios fartos e envolvendo sua cintura fina. Óculos de sol protegiam seus olhos e um gloss vermelho cobria os lábios que me mandavam um beijo.

Queria que estivesse aqui…, dizia a mensagem.

Eu também. Estava contando as várias horas até entrar no avião para casa. O sábado tinha sido agradável o suficiente, um borrão de álcool e música, mas o domingo estava passando da conta.

Manuel soltou um assobio. “Uau.”

Sorri, pois o comentário resumia bem meus pensamentos sobre a foto de Eva.

“Você não se preocupa que as coisas vão mudar depois do casamento?”, ele perguntou, passando as mãos atrás da cabeça. “Esposas não são assim. Não mandam esse tipo de selfie.”

Voltei para a tela inicial do telefone e mostrei para ele de novo.

Manuel arregalou os olhos para a foto do casamento que servia de papel de parede. “Impossível. Quando foi?”

“Um mês atrás.”

Ele balançou a cabeça. “Não consigo entender. Estou falando de casamento em geral,

não de você e Eva. Não cansa?”

“Ser feliz não cansa.”

“A variedade não deveria ser o tempero da vida ou algo assim?”, ele perguntou, com um ar de filósofo de meia-tigela. “Parte da diversão em comer uma mulher é descobrir o que a faz pulsar e se surpreender quando ela mostra algo novo. Ficar na mesma não vira rotina? Toca aqui, lambe ali, mantém o ritmo que ela gosta até gozar… Enxágua e repete.”

“Quando chegar sua vez, você vai entender.”

Ele deu de ombros. “Você quer filhos? É isso?”

“Um dia. Não tão cedo.” Não podia nem imaginar. Eva daria uma excelente mãe; era protetora. Mas nós dois juntos como pais? Um dia, eu estaria pronto para aquilo. Lá na frente, quando fosse capaz de dividi-la com outra pessoa. “Agora, quero ela só para mim.”

“Sr. Cross.”

Olhei para cima e vi Raúl em pé atrás de mim, a boca numa linha rígida. Gelei na mesma hora, então sentei, pousando os pés na areia. “O que foi?”

O medo por Eva se instalou fundo em minhas entranhas. Ela tinha acabado de me mandar uma mensagem, mas…

“Você vai querer ver isso”, disse ele, severamente, chamando minha atenção para o tablet que carregava.

Levantei, enfiei o celular no bolso e caminhei até ele. Estendi a mão. O brilho do sol escurecia a tela, então girei o corpo para cobrir o aparelho com minha sombra. A foto que vi fez o sangue gelar em minhas veias. A manchete me fez ranger os dentes.

Gideon Cross em despedida de solteiro selvagem à brasileira.

“Que merda é essa?”, exclamei.

Manuel deu um tapa em meu ombro, aproximando-se de mim. “Parece com alguém se divertindo, *cabrón*. Com duas gostosas.”

Olhei para Raúl.

“Clancy me mandou”, explicou. “Fiz uma busca, e já ficou viral.”

Clancy. Merda. *Eva*…

Devolvendo bruscamente o tablet a Raúl, peguei o telefone de novo. “Quero saber quem tirou essa foto.” Quem sabia que eu estava no Brasil? Quem me seguira até uma casa noturna, em uma área VIP fechada, e tirara fotos?

“Já estamos em cima disso.”

Xingando em silêncio, liguei para Eva. A impaciência e a fúria me invadiam enquanto esperava que ela atendesse. A ligação caiu na caixa postal, e desliguei. Liguei de novo. A preocupação tomou conta de mim.

Aquela foto capturava os piores temores de suas fantasias em cores muito vivas. Eu tinha que explicar, mesmo sem saber como. O suor escorria por minha testa e umedecia a palma das minhas mãos, mas, por dentro, eu estava gelado.

Caixa postal de novo.

“Merda.” Desliguei e tentei outra vez.

11

“Você está com cara de quem precisa de um refil”, anunciou Shawna, colocando dois *rebujitos* na mesinha entre nossas espreguiçadeiras.

“Nossa.” Ri, um pouco bêbada. A mistura de xerez seco e refrigerante doce era sorrateira. E tratar uma ressaca com mais álcool não era exatamente a melhor estratégia. “Vou precisar de uma desintoxicação depois deste fim de semana.”

Ela sorriu e se esticou na espreguiçadeira, a pele sardenta ainda pálida, mas ligeiramente rosada depois de dois dias ao sol. O cabelo ruivo estava preso no alto da cabeça num coque despojado e sensual, e a voz estava ligeiramente rouca de tanto rir na noite anterior. Num biquíni azul-claro que atraía muitos olhares apreciativos, Shawna era um ponto de luz, com sorriso fácil e senso de humor lascivo.

Nesse sentido, era muito parecida com o irmão, noivo do meu ex-chefe, Mark.

Megumi se aproximou do outro lado, com mais duas bebidas. Olhou para a espreguiçadeira vazia que estivera ocupada por minha mãe e perguntou: “Cadê a Monica?”.

“Foi dar um mergulho.” Procurei por ela, mas não a vi. Era difícil perder de vista seu biquíni lavanda, então imaginei que tivesse ido a algum lugar. “Já, já ela volta.”

Minha mãe ficara com a gente o tempo inteiro, aproveitando cada passo do caminho. Não era seu estilo beber muito e ficar até tão tarde, mas parecia estar se divertindo. Estava, sem dúvida, causando um alvoroço, cercada por homens de todas as idades. Ela exalava uma sensualidade travessa irresistível. Gostaria de ter herdado aquilo.

“Olha só para ele”, exclamou Shawna, chamando minha atenção para Cary, que brincava na arrebentação. “É um ímã de mulheres.”

“Se é.”

A praia estava tão lotada que ficava difícil ver a areia. Dezenas de ombros e cabeças balançando nas ondas do mar, mas era fácil identificar o grupinho ao redor de Cary. Ele estava com um sorriso no rosto, assimilando a atenção feito um gato no sol. Com o cabelo penteado para trás, a beleza de seu rosto lindo estava à mostra, apesar dos óculos de aviador que usava para se proteger do sol.

Ao me ver, acenou. Soprei um beijo, só para agitar as coisas.

“Você e Cary nunca ficaram?”, perguntou Shawna. “Você já quis?”

Neguei com a cabeça. Cary era maravilhoso agora que estava saudável e musculoso, um homem perfeito. Mas, quando o conheci, era magro e tinha os olhos encovados, e usava sempre casaco com capuz, mesmo no calor do verão de San Diego. Assim ele escondia as marcas de cortes e a cabeça raspada.

Nas sessões da terapia de grupo, Cary sempre sentava fora do círculo, com a cadeira inclinada para trás, equilibrada nas pernas traseiras, apoiada na parede. Falava pouco, mas, quando o fazia, seu humor era sombrio e sarcástico, e soava quase sempre cínico.

Eu me aproximei dele uma vez, incapaz de ignorar a profunda dor que irradiava dele. *Não desperdice meu tempo tentando me amaciar*, ele disse, suavemente, os belos olhos verdes desprovidos de qualquer luz. *Se quer meu pau, é só dizer. Nunca recuso uma trepada*.

Sabia que era verdade. O dr. Travis tinha um monte de pacientes perturbados, muitos dos quais usavam o sexo como remédio ou forma de se punir. Cary estava ao dispor de todos eles, e muitos aceitavam o convite direto.

Não, obrigada, revidei, enojada pela agressividade sexual. *Você é magro demais para mim. Vai comer um cheeseburger antes, seu babaca*.

Depois disso, eu me arrependi de tentar ser gentil com ele. Cary me perseguiu sem piedade, constantemente com tiradas sexuais grosseiras. No começo, eu o afrontava. Como aquilo não funcionou, tentei ser bondosa. Por fim, ele acabou percebendo que não estava mesmo interessada em dormir com ele.

Naquele meio-tempo, Cary começou a ganhar peso. Deixou o cabelo crescer. Começou a ser mais seletivo. Notei como era bonito, mas não havia atração. Era parecido demais comigo, e meus instintos de autopreservação dispararam em alerta máximo.

“Éramos amigos”, eu disse. “Até que um dia percebi que era como um irmão para mim.”

“Adoro Cary”, disse Megumi, passando bronzeador nas pernas. “Ele me disse que as coisas estão esquisitas com Trey. É uma pena ouvir isso. É um casal tão legal.”

Assenti, voltando o olhar para meu amigo mais querido. Cary estava levantando uma mulher pela cintura para atirá-la nas ondas. Ela caiu na água às gargalhadas, obviamente conquistada. “É meio clichê dizer que se tiver que dar certo, vai dar certo, mas…”

Ainda tinha que ligar para Trey. E para a mãe de Gideon, Elizabeth. Queria trocar uma palavra com Ireland, também. E Chris. Como provavelmente estaria exausta por causa do fuso horário e do excesso de álcool, fiz uma nota mental para fazer essas ligações quando

estivesse me recuperando na cobertura. Precisava falar com meu pai, já que tinha adiado nossa ligação programada para sábado por causa da diferença de horário.

“Não quero ir para casa.” Megumi se esticou com um suspiro, a bebida nas mãos. “Estes dois dias passaram rápido demais. Nem acredito que vamos embora em poucas horas.”

Ficaria em Ibiza facilmente mais uma semana se não estivesse com tanta saudade de Gideon.

“Eva, querida.”

Virei a cabeça ao ouvir a voz da minha mãe. Envolvida em sua saída de praia, ela veio por trás de mim e parou perto da espreguiçadeira. “Já está na hora?”

Minha mãe negou com a cabeça. Então notei que torcia as mãos, o que nunca era um bom sinal.

“Vamos ao hotel comigo?”, perguntou. “Precisamos conversar.”

Vi Clancy de pé atrás dela, a mandíbula apertada e rígida. Meu pulso disparou. Levantei, peguei minha canga e a amarrei em volta da cintura.

“Quer que a gente vá também?”, perguntou Shawna, sentando.

“Fique aqui com Cary”, minha mãe respondeu, oferecendo um sorriso tranquilizador.

A forma como ela fazia aquilo me espantava, como agia com tanta frieza e serenidade quando eu sabia que estava ansiosa. Eu não conseguia esconder minhas reações, mas ela só demonstrava emoção com os olhos e as mãos, e muitas vezes dizia que mesmo rir dava rugas. Como usava óculos escuros, estava camuflada.

Em silêncio, segui minha mãe e Clancy de volta ao hotel. Quando chegamos ao saguão de entrada, parecia que todos os funcionários tinham que nos cumprimentar com um sorriso ou um aceno. Eles sabiam quem eu era. Afinal, estávamos em um dos resorts de Gideon. Vientos Cruzados era a versão espanhola de Crosswinds.

Gideon tinha casado comigo no resort que levava esse nome. Eu não tinha percebido na hora que era uma cadeia internacional.

Entramos num elevador e Clancy enfiou um cartão magnético no painel, uma medida de segurança que limitava o acesso ao nosso andar. Como havia outras pessoas no elevador, tive que esperar mais um pouco pelas respostas.

Senti o estômago embrulhar e a mente passar de um ponto a outro. Tinha acontecido alguma coisa com Gideon? Ou com meu pai? Percebi que deixara o celular em cima da mesa com a bebida e me xinguei mentalmente. Se pudesse enviar uma mensagem rápida

para Gideon, ao menos teria alguma coisa para fazer.

Depois de três paradas, ficamos sozinhos no elevador, a caminho do nosso andar.

“O que está acontecendo?”, perguntei, virando-me para minha mãe e Clancy.

Ela tirou os óculos com as mãos trêmulas. “Tem um escândalo prestes a estourar”, começou. “Na internet.”

O que significava que estava fora de controle. Ou prestes a ficar. “Mãe. Fala logo.”

Ela respirou fundo. “Tem umas fotos…” Ela olhou para Clancy, em busca de ajuda.

“Do quê?” Achei que fosse vomitar. Será que as fotos de Nathan tinham vazado de alguma forma? Ou imagens do vídeo de sexo com Brett?

“Hoje de manhã, umas fotos de Gideon Cross no Brasil se espalharam pela internet”, explicou Clancy. Ele falava de forma neutra, mas havia algo estranhamente rígido em sua postura. Não era comum exibir tanta tensão.

Senti como se tivesse levado um soco no estômago. Não disse mais nada. Tinha que ver as imagens primeiro.

O elevador nos deixou dentro da suíte, um espaço enorme, com vários quartos e uma ampla sala de estar. As camareiras tinham aberto as portas da varanda, e as cortinas de voile se agitavam na brisa, escapando dos laços que deveriam contê-las. Toda clara, apropriada ao calor da Espanha, a suíte me encantara no momento em que pisamos nela.

Eu mal registrava aquilo no momento.

Andei com as pernas bambas até o sofá e esperei que Clancy digitasse a senha no tablet e passasse para mim. Minha mãe se sentou ao meu lado, em silêncio, oferecendo-me apoio.

Olhando para baixo, inspirei fundo. Meu peito parecia estar sendo esmagado. O que vi me apavorou… era como se alguém tivesse rastreado minha cabeça e capturado uma imagem da minha mente.

Meu olhar se fixou em Gideon, tão sombrio e lindo, vestido inteiramente de preto. O cabelo escondia parcialmente seu rosto, mas era claramente ele. Torci para que não fosse, tentando encontrar algo que mostrasse que o homem na foto era uma fraude. Mas conhecia o corpo de Gideon tanto quanto o meu. Sabia como ele se movia. Como estava quando relaxado. Como seduzia.

Afastei o olhar da figura amada no centro da imagem obscena, incapaz de suportar.

Um sofá em U. Cortinas de veludo preto. Meia dúzia de garrafas de destilado numa

mesa baixa.

Um camarote VIP fechado.

Uma morena esbelta reclinada sobre um monte de almofadas. O decote V da blusa de lantejoulas fora do lugar. O corpo de Gideon parcialmente sobre o dela. A boca chupando seu mamilo.

Uma segunda morena de pernas compridas. Abraçada às costas dele. Uma das coxas enganchada na dele. As pernas abertas. A boca formando um O de prazer. O braço de Gideon para trás. A mão sob sua saia curta.

Não dava para ver, mas ele estava enfiando os dedos nela. Eu sabia. Era como uma facada no coração.

A foto saiu de foco à medida que eu tentava afastar as lágrimas, sentindo-as correr calorosamente pelo rosto. Desci a página, tirando a imagem da minha frente. Então li meu nome e passei os olhos nas especulações rudes do autor da matéria sobre o que eu deveria estar pensando das escapadas do meu noivo enquanto dizia adeus à solteirice.

Pousei o tablet na mesa de centro, respirando com dificuldade. Minha mãe se aproximou e passou o braço à minha volta, puxando-me para um abraço. O telefone do quarto tocou alto, dando-me um susto e atiçando meus nervos.

“Shh…”, ela sussurrou, a mão acariciando meu cabelo. “Estou aqui, meu amor. Estou bem aqui.”

Clancy foi até o aparelho e atendeu com um brusco “Alô?”. Em seguida, seu tom de voz se envolveu de uma frieza mordaz. “Parece que está se divertindo.”

Gideon.

Fitei Clancy e senti o calor emanando dele. Clancy olhou para mim. “Sim, ela está aqui.”

Afastei-me de minha mãe e consegui ficar em pé. Lutando contra a náusea, fui até ele e estendi a mão para o telefone sem fio. Clancy o passou e deu um passo atrás.

Engoli um soluço. “Alô.”

Houve uma pausa. A respiração de Gideon acelerou. Eu tinha dito uma palavra, mas só por aquilo ele sabia que eu sabia.

“Meu anjo…”

Sentindo-me muito mal de repente, corri para o banheiro e deixei o telefone cair, quase sem conseguir levantar o assento do vaso antes de esvaziar minha barriga em ânsias

violentas e torturantes.

Minha mãe entrou correndo e balancei a cabeça para ela. “Vá embora”, disse, escorregando até o chão com as costas contra a parede.

“Eva…”

“Preciso de um minuto, mãe. Só… um minuto.”

Ela me olhou e assentiu, fechando a porta atrás de si.

Dava para ouvir Gideon gritando pelo telefone no chão. Estendi a mão para pegar o fone, envolvi-o com os dedos e o arrastei na minha direção. Então o levantei até o ouvido.

“Eva! Pelo amor de Deus, atende o telefone!”

“Para de gritar”, eu disse, a cabeça latejando.

Sua respiração era irregular. “Você está passando mal. Droga. Estou muito longe…” Sua voz se elevou. “Raúl! Cadê você, merda? Quero o jatinho pronto agora! Atende o telefone…”

“Não. Não, não…”

“Aconteceu antes de eu conhecer você.” Ele falava rápido demais, respirando rápido demais. “Não sei quando ou… O quê?” Alguém falou em segundo plano. “No Cinco de Mayo? Pelo amor de Deus. Por que isso apareceu agora?”

“Gideon…”

“Eva, juro para você que essa merda dessa foto não é deste fim de semana. Nunca faria isso com você. Você sabe disso. Sabe o que significa para mim…”

“Gideon, calma.” Meu coração disparado começou a desacelerar. Ele estava frenético. Em pânico. Era de partir o coração. Gideon, tão forte, capaz de gerir, sobreviver e esmagar qualquer coisa.

Eu era sua fraqueza, quando tudo o que queria era ser sua força.

“Você tem que acreditar em mim, Eva. Nunca faria isso com a gente. Nunca…”

“Eu acredito.”

“… trairia você… O quê?”

Fechei os olhos e descansei a cabeça contra a parede. Meu estômago começou a se acalmar. “Acredito em você.”

Sua expiração veio dura e tensa do outro lado da linha. “Nossa.”

Silêncio.

Sabia o quanto significava para meu marido que eu acreditasse nele por completo. Em tudo. Qualquer coisa. Gideon não conseguia deixar de achar aquilo quase impossível de aceitar, mesmo que desejasse minha confiança talvez mais do que meu amor. Para Gideon, minha crença nele *era* meu amor.

A explicação era simples, alguns poderiam dizer que até simples demais, mas, conhecendo-o como eu conhecia, fazia sentido.

“Eu te amo.” Sua voz era suave. Cansada. “Eu te amo tanto, Eva. Quando você não atendeu o telefone…”

“Também te amo.”

“Desculpa.” Ele soltou um ruído cheio de dor e arrependimento. “Sinto muito que você tenha visto isso. É tão escroto. Tudo isso é.”

“Você já viu pior.” Gideon tinha me visto beijar Brett Kline bem na frente dele. E assistido a pelo menos uma parte do vídeo de sexo com ele. Comparado àquilo, uma foto não era nada.

“Odeio que você esteja aí e eu aqui.”

“Eu também.” Queria o consolo de seus braços em volta de mim. Mais ainda, queria confortá-lo. Mostrar mais uma vez que não ia a lugar nenhum e que ele não tinha motivo para temer.

“Não vamos fazer isso de novo.”

“Não, você só vai se casar duas vezes, e as duas comigo. Chega de despedidas de solteiro.”

Ele deixou escapar uma risada. “Não foi isso que eu quis dizer.”

“Eu sei.”

“Diga a Clancy para levar você para casa agora. Estamos fazendo as malas para ir para o aeroporto.”

Balancei a cabeça, embora ele não pudesse ver. “Tire uma folga amanhã.”

“Amanhã…? É. Você está se sentindo mal…”

“Não, estou bem. Vou encontrar você. No Rio.”

“O quê? Não. Não quero ficar aqui. Preciso ir para casa resolver essa merda.”

“Essa merda já ganhou o mundo, Gideon. Nada do que você possa fazer vai mudar isso.” Levantei. “Você pode caçar o cara — ou a mulher — que fez isso depois. Não vou deixar que arruíne nossas memórias do fim de semana.”

“Não…”

“Se eles querem fotos de você no Brasil, vou estar nelas.”

Ele assimilou a resposta. “Tudo bem. Estou esperando por você.”

“Talvez a imagem tenha sido alterada”, disse Megumi.

“Ou o cara é um sósia”, Shawna sugeriu, debruçando-se junto dela para ver o tablet. “Não dá para ver direito, Eva.”

“Não.” Balancei a cabeça. Aquela era a mais pura realidade. “É definitivamente Gideon.”

Cary, sentado do meu lado na limusine, pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. Minha mãe ia no banco atrás do motorista, olhando amostras de tecido. Suas pernas estavam cruzadas elegantemente, o pé balançando sem descanso.

Tanto Megumi quanto Shawna me lançaram olhares de pena.

Aquilo feriu meu orgulho. Tinha caído na bobeira de olhar a mídia social. Era impressionante como as pessoas podiam ser cruéis. De acordo com alguns, eu era uma mulher rejeitada. Ou muito burra para não perceber que estava casando com um homem que me dava seu sobrenome, mas oferecia o corpo e a atenção a qualquer uma que quisesse. Ou uma oportunista, disposta a sofrer humilhações em troca do dinheiro. Ou poderia dar exemplo para outras mulheres, dando as costas a Gideon e encontrando outra pessoa.

“É uma foto antiga”, reiterei.

Na verdade, não fazia tanto tempo assim, mas ninguém precisava saber exatamente de quando era, só que a foto tinha sido tirada antes de começarmos a namorar.

Gideon tinha mudado muito desde então. Por mim. Por nós. E eu já não era a mulher que ele tinha conhecido naquele fatídico dia, em junho.

“É antiga”, Shawna disse, decidida. “Certeza.”

Megumi assentiu, mas ainda parecia na dúvida.

“Por que ele ia mentir?”, perguntei, categoricamente. “Não deve ser difícil descobrir qual é a casa noturna. Tem que ser do Gideon, e aposto que é em Manhattan. Ele não poderia estar em Nova York e ter um carimbo do Brasil no passaporte no mesmo dia.”

Tinha chegado àquela conclusão havia algumas horas e estava satisfeita com ela. Eu

não precisava de provas de que meu marido estava dizendo a verdade. Mas se pudéssemos de alguma forma comprovar que a foto fora tirada em um local específico, identificável, poderíamos esclarecer as coisas publicamente.

“Ah, tem razão.” Megumi deu um grande sorriso. “E ele é louco por você, Eva. Não ia fazer besteira.”

Assenti e mudei de assunto. Logo chegaríamos ao aeroporto, e eu não queria me despedir pensando em fofocas idiotas em vez de na nossa viagem incrível. “Obrigada por terem vindo. Foi muito bom.”

Teria amado levar as meninas para o Rio, mas elas não tinham visto para entrar no país. Além do mais, as duas tinham que trabalhar na segunda-feira. Por isso, íamos nos separar: elas voltariam para casa com a equipe de segurança de Clancy, e Cary, minha mãe, Clancy e eu iríamos para o Brasil, num jatinho que Gideon tinha preparado para nós.

Ia ser uma viagem rápida. Chegaríamos na segunda-feira de manhã e partiríamos à noite. Só daria tempo de dormir no avião. Mas, no final das contas, Gideon deixaria o Brasil com um sorriso no rosto. Não queria que ele se lembrasse do fim de semana com pesar. Já tinha memórias ruins o suficiente. Queria que só armazenasse coisas boas para o futuro.

“Nós é que temos que agradecer.” Shawna sorriu. “Não teria perdido por nada no mundo.”

“Concordo”, disse Megumi. “Foi uma viagem única.”

Fechando os olhos, Shawna inclinou a cabeça para trás contra o assento. “Mande um oi para o Arnoldo.”

Sabia que Shawna e Arnoldo tinham se tornado amigos desde que apresentara os dois, na noite em que fomos ao show do Six-Ninths. Eles se sentiam seguros um com o outro. Shawna estava esperando o namorado, Doug, voltar da Sicília, onde estava fazendo um curso para chefs. Arnoldo estava se recuperando de um coração partido, mas provavelmente apreciava a companhia de alguém que não esperava nada dele.

Cary estava numa situação parecida. Sentia falta de Trey e não estava interessado em sexo casual, o que era um grande avanço para ele. Em geral, quando estava sofrendo, transava para esquecer. Em vez disso, passou o fim de semana junto de Megumi, que parecia completamente desnorteada quando os homens se aproximavam dela. Cary foi seu escudo, mantendo as coisas leves e divertidas para os dois.

Gideon não era o único que tinha amadurecido.

Quanto a mim, estava morrendo de saudade dele. Estresse lhe causava pesadelos, então

peguei o telefone e mandei uma mensagem. Sonhe comigo.

A resposta foi tão perfeitamente Gideon que pôs um sorriso no meu rosto. Voe mais rápido.

E, rápido assim, sabia que ele tinha retomado o controle da situação.

“Uau.” Olhei pela janela do jatinho enquanto ele taxiava num aeroporto privativo nos arredores do Rio. “Isso é que é vista.”

Gideon, Arnoldo, Manuel e Arash estavam na pista. Todos vestidos casualmente, com bermuda e camiseta. Todos morenos e altos. Lindamente musculosos. Bronzeados.

Estavam lado a lado feito uma fileira de carros esportivos exóticos caríssimos. Poderosos, sensuais e perigosamente rápidos.

Não tinha dúvidas a respeito da fidelidade do meu marido, mas, se tivesse, só de olhar para ele as teria afastado. Seus amigos estavam tranquilos e descontraídos, como carros cujo motor tinha passado por longas e intensas viagens. O fato de que tinham desfrutado o Rio — e suas mulheres — estava estampado na cara deles. Gideon, no entanto, estava tenso. Vigilante. O motor ligado, ronronando com a necessidade de ir de zero a cem em segundos. Ninguém tinha feito um test drive nele.

Tinha ido até ele com a intenção de me acalmar, traçar uma estratégia e curar um pouco do orgulho ferido. Mas ia ser a motorista a queimar seu combustível.

Por favor.

Senti um leve solavanco quando a escada foi posicionada contra o jatinho. Clancy saiu primeiro. Minha mãe depois. Fui atrás dela, fazendo uma pausa no alto da escada para tirar uma foto com meu telefone. A imagem de Gideon e seus amigos ia dar o que falar na internet.

Desci o primeiro degrau e Gideon se moveu, descruzando os braços e indo na minha direção. Não podia ver seus olhos, só eu mesma no reflexo dos óculos, mas senti a intensidade com que olhava para mim. Senti os joelhos bambos e precisei me agarrar ao corrimão para me equilibrar.

Ele apertou a mão de Clancy. Aturou, e até retribuiu, um breve abraço da minha mãe. Mas não tirou os olhos de mim ou diminuiu o passo por mais que uns poucos segundos.

Tinha colocado meus sapatos de salto vermelhos que diziam “Me coma agora”. O short branco apertado que mal cobria minha bunda tinha a cintura bem baixa. A blusa era de

renda vermelha, de alças fininhas. Uma fita de cetim vermelho fechava as costas feito um espartilho. Estava com o cabelo preso num coque meio bagunçado no alto da cabeça, que ficou ainda mais bagunçado depois que Gideon me alcançou no último degrau e enfiou as mãos nele.

Ele selou a boca na minha como se não tivesse notado o gloss vermelho que eu tinha nos lábios. Fui erguida em seu abraço, os pés saindo do chão, seu braço me segurando com força pela cintura. Eu me envolvi nele, enganchando os tornozelos na base de sua coluna e me erguendo de modo que sua cabeça se inclinasse para trás e eu me curvasse sobre ele, a língua profundamente enfiada em sua boca. A mão que Gideon tinha no meu cabelo deslizou para me segurar por baixo, apertando minha bunda do jeito possessivo que eu amava.

"Que tesão", Cary disse, em algum lugar atrás de mim.

Manuel assobiou alto.

Não estava nem aí para o espetáculo. A sensação do corpo rígido de Gideon era deliciosa, e seu gosto, intoxicante. Meus pensamentos se dispersaram. Queria cavalgá-lo, esfregar-me contra ele. Queria meu marido nu e suado, coberto com meu cheiro. No seu rosto, nas suas mãos, no seu pau.

Gideon não era o único que queria marcar território.

"Eva Lauren", minha mãe me repreendeu. "Controle-se."

O som de sua voz nos esfriou na mesma hora. Desenrosquei as pernas e o deixei me colocar no chão. Afastei-me, relutante, as mãos erguendo brevemente os óculos de Gideon para que pudesse olhar em seus olhos. *Fúria… luxúria…*

Limpei os vestígios do gloss em sua boca. Seus lábios estavam inchados pela paixão do nosso beijo.

Ele segurou meu rosto com as mãos, os polegares roçando meus lábios. Deitando minha cabeça para trás, beijou a ponta do meu nariz. Foi suave, a ferocidade de sua alegria amornada por ter me tocado.

"Eva", Arnoldo me saudou, com um pequeno sorriso no belo rosto. "Que bom ver você."

Virei-me para cumprimentá-lo, um pouco nervosa. Queria que fôssemos amigos. Queria que ele me perdoasse por ferir Gideon. Queria…

Ele me deu um beijo na boca. Atordoada, não reagi.

"Sai daí!", Gideon exclamou.

“Não sou um cachorro”, Arnoldo respondeu. Então se virou para mim, divertido. “Ele está sofrendo aqui. Agora, você pode libertar meu amigo desse tormento.”

Minha ansiedade desapareceu. Arnoldo estava mais receptivo comigo do que nas outras vezes, mais do que quando fomos apresentados. “É bom ver você, também, Arnoldo.”

Em seguida, veio Arash. Quando levantou as mãos para tocar meu rosto, Gideon colocou o braço na frente.

“Nem pensar”, alertou.

“Não é justo.”

Soprei-lhe um beijo.

Manuel foi mais sorrateiro. Veio por trás de mim e me levantou do chão, deixando um beijo estalado na minha bochecha. “Oi, linda.”

“Oi, Manuel”, eu disse, com uma risada. “Se divertindo bastante?”

“Nem te conto.” Ele me colocou no chão e deu uma piscadinha.

Gideon parecia ter se acalmado um pouco. Ele apertou a mão de Cary e perguntou brevemente sobre Ibiza.

Seus amigos se apresentaram à minha mãe, que, na mesma hora, exibiu seu charme e obteve os resultados esperados: eles pareceram encantados.

Gideon pegou minha mão. “Está com seu passaporte?”

“Estou.”

“Ótimo. Vamos.” Ele me puxou bruscamente.

Apressando-me para acompanhar seu passo, olhei por cima do ombro para o grupo que tínhamos deixado para trás. Estavam indo em outra direção.

“Eles já nos tiveram pelo fim de semana”, anunciou Gideon, em resposta à minha pergunta silenciosa. “Hoje o dia é nosso.”

Ele me conduziu por um processo rápido pela imigração e pela alfândega e voltamos para a pista, onde um helicóptero nos aguardava.

As hélices começaram a girar quando nos aproximamos. Raúl apareceu abruptamente e abriu a porta traseira. Gideon me ajudou a entrar, subindo logo atrás de mim. Estendi a mão para pegar o cinto de segurança, mas ele a afastou e me prendeu depressa, antes de se acomodar em seu assento. Então me entregou um fone de ouvido e colocou o próprio.

“Vamos”, disse ao piloto.

Estávamos no ar antes que Gideon tivesse colocado seu cinto de segurança.

Cheguei ao hotel sem fôlego, ainda impressionada com a visão da cidade do Rio de Janeiro lá embaixo, as praias pontilhadas com arranha-céus e os morros cobertos de favelas coloridas. Os carros engarrafados nas ruas, o tráfego impressionantemente denso mesmo para os padrões de Manhattan. A famosa estátua do Cristo Redentor reluzente sobre o Corcovado à distância, à minha direita, enquanto contornávamos o Pão de Açúcar e seguíamos a costa até a Barra da Tijuca.

Teríamos levado horas para ir de carro do aeroporto ao hotel. Em vez disso, a viagem durou uns poucos minutos. Estávamos entrando na suíte de Gideon quando meu cérebro, ainda confuso pela diferença de fuso horário, se deu conta de que havia estado em três países em dois dias.

O Ventos Cruzados Barra era tão luxuoso quanto todas as propriedades Crosswinds que eu tinha visto, mas com um sabor local que o tornava único. A suíte de Gideon era tão grande quanto a minha em Ibiza, e sua vista também era tão impressionante quanto aquela.

Parei um instante para admirar a praia da varanda, observando as intermináveis barraquinhas de água de coco e os corpos dourados na areia. Um samba ecoava ao fundo, verdadeiro, sensual e animado. Tirei uma foto e postei no meu Instagram, junto à de Gideon e seus amigos me esperando na pista do aeroporto. *A vista daqui… #RiodeJaneiro*

Marquei todos e descobri que Arnoldo tinha tirado uma foto de Gideon me beijando apaixonadamente no aeroporto. Era linda, sensual e íntima. Arnoldo tinha algumas centenas de milhares de seguidores, e a foto já tinha dezenas de comentários e curtidas.

Queridos amigos desfrutando o #RiodeJaneiro e um ao outro.

O celular de Gideon tocou, e ele pediu licença. Ouvi-o falando em outro cômodo e o segui. Não tínhamos trocado nem uma palavra desde que deixáramos o aeroporto, como se as estivéssemos guardando para uma conversa íntima. Ou talvez simplesmente não precisássemos dizer nada. O mundo que falasse e espalhasse suas mentiras. Sabíamos o que tínhamos. Nosso amor não precisava ser qualificado, justificado ou proferido.

Encontrei-o num escritório, em pé diante de uma mesa em forma de U coberta de bilhetes e fotos, algumas das quais tinham sido derrubadas no chão. O lugar estava uma bagunça, muito diferente da arrumação rígida que meu marido em geral mantinha. Levei um instante para perceber que as fotos eram do interior de uma casa noturna e que batiam com o fundo da foto de Gideon no Cinco de Mayo.

Era meio estranho que ele tivesse pensado na mesma coisa. Mas também era incrível.

Virei-me para sair.

“Eva. Espera.”

Olhei para ele.

“Amanhã de manhã é melhor”, disse à pessoa do outro lado da linha. “Mande uma mensagem quando estiver confirmado.”

Gideon desligou, colocou o telefone no silencioso e tirou os óculos de sol. “Quero que veja isto.”

“Você não tem que me provar nada”, eu disse, balançando a cabeça.

Ele me olhou. Sem os óculos escuros, dava para ver as olheiras sob seus olhos.

“Você não dormiu nada na noite passada.” Não era uma pergunta. Devia ter imaginado que ele não dormiria.

“Vou consertar isso.”

“Não tem nada errado.”

“Ouvi sua voz no telefone”, disse ele, com firmeza.

Recostei-me no batente da porta. Sabia como Gideon tinha se sentido quando beijei Brett — com sede de sangue. Os dois haviam brigado feito loucos. Um confronto físico violento não era opção para mim. Meu corpo já havia se purificado do ciúme do jeito que sabia.

“Faça o que tiver que fazer”, murmurei. “Mas não preciso de nada. Estou bem. Você e eu — nós — estamos bem.”

Gideon inspirou fundo. Expirou. Então levou as mãos atrás da cabeça e puxou a camiseta. Chutou os chinelos para um canto enquanto desabotoava a bermuda e a deixava cair no chão. Não estava com nada por baixo.

Eu o observei caminhar na minha direção, nu, reparando nas linhas bronzeadas mais escuras e na rigidez de seu membro. Estava incrivelmente duro. Todos os músculos se flexionavam com o movimento. As coxas poderosas, o abdome tanquinho, os bíceps volumosos.

Não me movi, mal conseguindo respirar ou piscar. Ficava impressionada que pudesse aguentá-lo. Gideon era uns trinta centímetros mais alto que eu e quase uns cinquenta quilos mais pesado. E era forte. Muito forte.

Quando fazíamos amor, excitava-me ficar embaixo dele e sentir todo aquele poder

incrível concentrado exclusivamente em dar prazer ao meu corpo e se deleitar com ele.

Gideon veio até mim e me puxou para seus braços. Ele baixou a cabeça para tomar minha boca num beijo atraente e profundo. Saboreando-me sem pressa. Com lambidas suaves e lábios persuasivos. Não percebi que tinha desatado minha blusa até ela escorregar por meus braços. Ele passou os polegares pelo cós do meu short, deslizando-o para trás e para a frente para baixá-lo, até que interrompeu o beijo para se agachar e me ajudar a sair da roupa. Gemi, querendo mais.

"Vamos deixar esses sapatos", murmurou, ficando de pé novamente. Seus olhos eram tão brilhantemente azuis que me lembravam da água em que mergulhamos nus quando nos casamos.

Passei os braços ao redor de seus ombros e ele me levantou, levando-me para o quarto.

"E alguns daqueles pãezinhos de queijo redondos", pedi a Gideon, que repassou o pedido em português para o serviço de quarto.

De bruços na cama, de frente para as portas de vidro da varanda, eu balançava as pernas atrás de mim, ainda usando os sapatos "Me coma agora". E mais nada. Descansei o queixo nos braços cruzados. A sensação da brisa morna do oceano na pele era gostosa, esfriando o suor que cobria todos os centímetros do meu corpo. O ventilador sobre a cama, com suas pás de mogno entalhado em forma de folhas de palmeira, girava preguiçosamente.

Inspirei fundo e inalei o cheiro de sexo e Gideon.

Ele desligou o telefone e senti o colchão afundar à medida que vinha na minha direção, os lábios roçando minha bunda e subindo pela coluna até meu ombro. Esparramou-se ao meu lado, apoiando a cabeça na mão. Com a outra, acariciava minhas costas.

Virei para ele e perguntei: "Quantas línguas você fala?".

"Um pouco de muitas e um monte de algumas."

"Hum." Curvei-me ao seu toque.

Ele beijou meu ombro de novo. "Que bom que você está aqui", murmurou. "Que bom que eu fiquei."

"Às vezes tenho boas ideias."

"Eu também." O brilho lascivo em seus olhos me dizia exatamente no que estava pensando.

Havia passado a noite acordado, então tinha me comido bem devagar, por quase duas horas. Gozara três vezes, a primeira com tanta força que chegou a rosnar. Alto. Eu sabia que o som tinha saído pelas janelas abertas. Gozaria só de ouvi-lo. E Gideon estava pronto para outra. Estava *sempre* pronto. Sorte a minha.

Virei de lado, para ficar frente a frente com ele. “Você precisa de duas mulheres para cansar?”

O rosto dele se fechou na mesma hora. “Não vou falar disso.”

Toquei seu rosto. “Ei. Foi uma brincadeira, amor. De mau gosto.”

Ele deitou de costas, agarrou um travesseiro e colocou entre nós. Então, virou a cabeça para mim, o cenho franzido. “Eu tinha um… espaço. Dentro de mim”, disse, baixinho. “Você chamou de vazio. Disse que o preencheu. E é verdade.”

Fiquei escutando, à espera. Ele estava falando. Abrindo-se. Era difícil para ele, que não gostava daquilo. Mas o amor que sentia por mim era maior que o desconforto.

“Estava esperando por você.” Gideon afastou uma mecha de cabelo do meu rosto. “Uma dúzia de mulheres não teria feito o que você fez. Mas… Nossa.” Gideon passou as mãos pelos próprios cabelos. “As distrações facilitavam não pensar nisso.”

“Posso distrair você”, ronronei, querendo deixá-lo feliz e animado de novo. “Posso fazer você não pensar em nada.”

“O vazio sumiu. *Você* o ocupou.”

Eu me inclinei sobre ele e o beijei. “Também estou bem *aqui*.”

Ele ficou de joelhos e me colocou sobre o travesseiro, com a bunda para cima.

“É assim que quero você.”

Olhei para ele por cima do ombro. “Você lembra que pediu serviço de quarto, não é?”

“Eles disseram que leva de quarenta e cinco minutos a uma hora.”

“Você é o chefe. Não vão demorar tanto.”

Então Gideon se posicionou entre minhas pernas. “Mandei levarem uma hora.”

Ri. Tinha achado que o almoço seria um intervalo. Aparentemente, o intervalo era a ligação.

Ele agarrou minhas nádegas com as duas mãos e apertou. “Que bunda linda. É o apoio perfeito para fazer isso…”

Segurando meus quadris, ele deslizou para dentro de mim. Um movimento longo e

lento. Gemeu de prazer masculino, e eu me contraí até a ponta dos pés.

“Nossa.” Deixei a testa cair no colchão e gemi. “Você está tão duro.”

Seus lábios tocaram meu ombro. Ele girou os quadris, acariciando-me por dentro, empurrando fundo o suficiente para doer um pouquinho. “Você me excita”, ele disse, asperamente. “Não consigo desligar isso. E não quero.”

“Não desligue.” Arqueei as costas, movimentando-me contra suas investidas comedidas e tranquilas. Era como Gideon estava se sentindo aquele dia. Gentil. Indulgente. Fazendo amor. “Não pare.”

Seus braços me envolveram, as palmas das mãos pressionando o colchão. Ele se aninhou contra mim. “Vamos combinar uma coisa, meu anjo. Eu me canso quando você se cansar.”

Olhei para mim mesma no espelho, virando de um lado para o outro. “Não é uma boa ideia vestir um biquíni depois de comer tanto.”

Puxei para cima o elástico do biquíni tomara que caia verde-esmeralda que Gideon tinha escolhido para mim na loja do saguão e então tentei ajeitar a parte de baixo.

Ele apareceu atrás de mim, sensual e gostoso, num calção de praia preto. Então passou os braços à minha volta, levantando o peso dos meus seios nas palmas. “Você está maravilhosa. Minha vontade é de arrancar isso com os dentes.”

“Então arranque.” Para que ir à praia? Tínhamos ido no fim de semana.

“Ainda quer fotos nossas aqui?” Seu olhar encontrou o meu no espelho. “Se não, topo jogar você de volta na cama e te tratar do jeito que eu gosto.”

Mordi o lábio, refletindo a respeito.

Gideon me puxou para ele. Sem meus sapatos de salto, ele era capaz de apoiar o queixo no alto da minha cabeça. “Na dúvida, é? Tudo bem, a gente vai à praia, só para você não se arrepender. Meia hora… uma hora… depois volta e fica aqui até a hora de ir embora.”

Senti o coração derreter. Ele sempre pensava em mim e no que eu precisava. “Te amo tanto.”

A expressão que surgiu em seu rosto quase parou meu coração. “Você acredita em mim”, sussurrou. “Sempre.”

Virando a cabeça, pressionei o rosto contra seu peito. “Sempre.”

“É uma bela foto”, minha mãe sussurrou, mantendo a voz baixa, porque os rapazes estavam todos dormindo. As luzes do jatinho estavam baixas, e o assento deles estava reclinado. “Só não precisava mostrar tanto sua bunda.”

Sorri, o olhar fixo no tablet em sua mão. Havia fotógrafos na equipe do Ventos Cruzados Barra, para cobrir os muitos eventos, convenções e casamentos que aconteciam ali. Gideon tinha contratado um para nos fotografar na praia, pedindo que ficasse à distância, de modo que eu não percebesse.

Nas fotos de nós dois em Westport publicadas anteriormente, Gideon me prendia debaixo dele, as ondas batendo em nossas pernas. Nessas, estávamos tomando sol, ele deitado de costas na areia, eu em cima dele, os braços cruzados sobre seu peito e o queixo nas mãos. Estávamos conversando, meu olhar em seu rosto, enquanto ele me fitava de volta, os dedos em meus cabelos. Sim, o biquíni brasileiro fazia com que minha bunda ficasse quase toda à mostra, mas o que realmente se destacava era a intensidade da concentração de Gideon em mim e a familiaridade tranquila e confortável entre nós.

Minha mãe me fitou. Havia uma tristeza em seus olhos que eu não conseguia entender. “Queria que vocês tivessem uma vida tranquila, normal. Mas o mundo não vai deixar isso acontecer.”

A foto se tornara viral logo depois de sua postagem num site. A especulação era intensa. Como eu poderia estar com Gideon no Rio de Janeiro e aceitar numa boa que ele transasse com duas outras mulheres? Será que tínhamos uma vida sexual depravada? Ou será que não era Gideon Cross na foto da casa noturna?

Antes de dormir, Gideon tinha me dito que sua equipe de relações públicas estava trabalhando, atendendo a telefonemas e gerenciando sua mídia social. A partir daquele dia, as respostas oficiais simplesmente confirmariam que eu estivera no Rio com Gideon. Ele dissera que lidaria com o restante pessoalmente, quando chegasse em casa, embora não tivesse dito muito sobre como o faria.

“Você está escondendo alguma coisa”, eu dissera em tom acusatório, brincando.

“Por enquanto”, ele concordara, com um leve sorriso.

Pousei a mão sobre a da minha mãe. “Vai ficar tudo bem. Não vamos ser tão interessantes para sempre. E vamos passar um mês fora depois do casamento. É quase uma vida inteira sem notícias sobre nós. A mídia vai partir para outra.”

“Espero que sim.” Ela suspirou. “Você já se casa no sábado. Nem posso acreditar. Tem

tanto o que fazer ainda.”

Sábado. Só mais uns dias. Não achava ser possível que Gideon e eu nos sentíssemos mais casados do que estávamos, mas ia ser bom fazer nossos votos diante das famílias.

“Por que você não passa na cobertura amanhã?”, sugeri. “Quero que conheça, e a gente pode discutir o que ainda precisa ser decidido. Almoçamos em casa e passamos o dia juntas.”

Seu rosto se iluminou. “Que ideia maravilhosa! Vou adorar, Eva.”

Debruçando-me por cima do descanso de braço, beijei sua bochecha. “Eu também.”

“Você não vai tirar nem um cochilo?” Atônita, eu assistia a Gideon se movendo dentro do closet.

Estava só de cueca boxer, o cabelo ainda úmido do banho que tinha tomado no instante em que pisamos em casa. Eu estava na cama, exausta e moída, embora tivesse dormido no avião.

“Vai ser um dia curto”, comentou ele, pegando um terno cinza-escuro. “Volto para casa mais cedo.”

“Vai pegar um resfriado se não dormir o suficiente. Não quero você doente no casamento ou na lua de mel.”

Ele pegou a gravata azul que eu adorava. “Não vou ficar doente.”

Olhei para o relógio na mesa de cabeceira. “Não são nem sete! Você nunca sai para o trabalho tão cedo.”

“Tenho coisas para fazer.” Ele abotoou a camisa depressa. “Para de encher.”

“Não estou *enchendo*.”

Ele me lançou um olhar divertido. “Já se recuperou da canseira que te dei ontem?”

“Metido!”

Ele sentou e colocou as meias. “Não se preocupe, meu anjo. Quando eu chegar em casa tem mais.”

“Eu poderia atirar alguma coisa na sua cara.”

Gideon se vestira num instante, e mesmo assim parecia tão perfeito e impecável. Aquilo só me irritou mais.

“Para de fazer cara feia para mim”, ele me repreendeu, inclinando-se para beijar o alto da minha cabeça.

“Levo uma eternidade para ficar bem assim, e você não precisa nem se esforçar”, resmunguei. “E ainda está usando minha gravata preferida.” Ela realçava a cor dos olhos dele e fazia com que não fosse possível prestar atenção em mais nada além dele e de como era lindo.

Gideon sorriu. “Eu sei. Quando eu chegar em casa, vai querer que coma você usando essa gravata?”

Imaginei a cena, e minha cara feia logo desapareceu. Como ia ser se ele simplesmente abrisse a braguilha e me comesse usando um dos seus ternos maravilhosos? Muito quente. Em mais de um sentido.

“A gente sua muito.” Fiz beicinho diante da ideia. “Vai estragar.”

“Tenho uma dúzia delas.” Ele se endireitou. “Você vai ficar em casa hoje?”

“Espera. Você tem uma dúzia de gravatas iguais a essa?”

“É sua preferida”, ele respondeu, como se aquilo explicasse tudo. O que provavelmente explicava. “Vai ficar em casa?”, repetiu ele.

“Vou, minha mãe vai vir daqui a pouco, e tenho que fazer umas ligações.”

Ele saiu em direção à porta. “Tira uma soneca, meu anjo mal-humorado. Sonha comigo.”

“Ah, tá”, murmurei, abraçando um travesseiro e fechando os olhos.

E sonhei com ele. Claro.

“Já recebemos a maioria das confirmações”, minha mãe disse, correndo o dedo sobre o touchpad do laptop para me mostrar uma planilha que me deixou vesga. “Não achei que tanta gente pudesse ir, avisando tão em cima da hora.”

“Isso é bom, não?” Honestamente, eu não tinha a menor ideia. Nem sabia exatamente quem tinha sido convidado. Só sabia que seria na noite de domingo, num dos hotéis de Gideon na cidade.

Se não fosse isso, nunca teríamos conseguido um lugar. Scott não chegou a dizer, mas imaginei que outro evento teve que ser adiado. E o número de quartos que reservamos para acomodar a família do meu pai… Não tinha pensado em nada daquilo quando escolhi

o aniversário de Gideon como data.

“É ótimo.” Minha mãe sorriu para mim, mas era um sorriso tenso. Estava estressada, e eu me sentia mal por isso.

“Vai ser maravilhoso, mãe. Totalmente incrível. E vai estar todo mundo tão feliz que ninguém vai se importar se alguma coisa der errado.” Ela se retraiu, e logo me corrigi. “O que não vai acontecer. Os funcionários do hotel vão tomar o maior cuidado para fazer tudo certinho. É o grande dia do chefe deles, afinal.”

“É.” Ela assentiu com a cabeça, parecendo aliviada. “Tem razão. Vão querer que saia tudo perfeito.”

“E vai sair.” Como não sairia? Gideon e eu já éramos casados, mas nunca tínhamos comemorado seu aniversário juntos. E eu não podia esperar.

Meu celular tocou, indicando uma nova mensagem. Peguei o aparelho, li e franzi a testa. Então peguei o controle da TV.

“O que foi?”, quis saber minha mãe.

“Não sei. Gideon quer que eu veja algo.” Senti um nó na barriga, a preocupação afastando a ansiedade que tinha acabado de sentir. Quanto mais teríamos que suportar?

Coloquei no canal que ele mandou e reconheci o cenário de um programa de auditório popular. Para minha surpresa, Gideon tinha acabado de se acomodar em uma cadeira a uma mesa rodeada por cinco apresentadoras, sob o som de aplausos, gritinhos e assobios. Independentemente de sua fidelidade, as mulheres pareciam incapazes de resistir a ele. Seu carisma e sua sensualidade pura eram um milhão de vezes mais potentes em pessoa.

“Meu Deus”, minha mãe sussurrou. “O que ele está fazendo?”

Aumentei o volume.

Como era de esperar, depois de parabenizá-lo pelo noivado, as apresentadoras foram direto para o tema da viagem ao Rio e a infame foto do ménage à trois na casa noturna. Claro que fizeram questão de salientar que não podiam mostrar a imagem no ar, porque era picante demais. Mas orientaram os telespectadores a visitar o site do programa, que ficava continuamente piscando numa faixa ao pé da tela.

“Nossa, quanta sutileza…”, minha mãe reclamou. “Por que ele está botando lenha nessa história?”

Pedi que ficasse quieta. “Ele tem um plano.” Ou pelo menos eu esperava que tivesse.

Segurando com as duas mãos uma caneca de café com o logo do programa, Gideon parecia pensativo, enquanto todas as apresentadoras davam sua opinião, sem deixá-lo

falar.

“Será que ainda se devem fazer despedidas de solteiro?”, perguntou uma delas.

“Bem, isso é uma das questões que posso esclarecer”, Gideon interveio, antes que começassem a debater o ponto. “Como Eva e eu nos casamos no mês passado, já não sou solteiro, então não foi uma despedida.”

Atrás deles, num imenso telão, o logotipo do programa deu lugar a uma foto de Gideon me beijando depois de fazermos nossos votos.

Prendi o fôlego. A plateia suspirou ao vivo. “Uau”, murmurei. “Ele está tirando a gente do armário.”

Mal acompanhei a conversa que se seguiu à revelação, atordoada demais com o que ele estava fazendo. Gideon era um homem muito reservado. Nunca dava entrevistas pessoais, só se concentrava nas Indústrias Cross.

Nossa foto foi substituída por uma sequência de outras, tiradas dentro da mesma casa noturna em que as morenas de pernas compridas tinham subido em cima dele. Quando Gideon se voltou para a plateia e sugeriu que algumas das espectadoras talvez estivessem familiarizadas com o local, houve alguns gritinhos de “sim”.

“É claro que”, ele continuou, olhando para as apresentadoras, “eu não poderia estar em Nova York e no Brasil ao mesmo tempo. A foto que se tornou viral foi alterada digitalmente para remover o logotipo da casa noturna. Dá para ver que está bordado nas cortinas da sala VIP. É só ter o programa certo e, com dois cliques, você o apaga.”

“Mas as meninas estavam lá”, uma das apresentadoras argumentou. “O que aconteceu com elas é real.”

“Sim. Eu tinha uma vida antes de conhecer minha esposa”, respondeu ele, num tom uniforme de quem não estava pedindo desculpas. “Infelizmente, não posso mudar isso.”

“E ela também teve uma vida antes de você. Eva é a inspiração de… hum… uma música do Six-Ninths.” A mulher apertou os olhos. “‘Golden Girl’.”

Estava, obviamente, lendo as informações de um teleprompter.

“Sim, é sobre ela”, ele confirmou.

Seu tom era neutro. Sua aparência, imperturbável. Era surreal ver nossas vidas usadas para impulsionar a audiência matinal.

Então surgiu uma foto minha com Brett no lançamento do clipe na Times Square, e eles tocaram um trecho da música. “Como você se sente sobre isso?”

Gideon deu um de seus raros sorrisos. “Se fosse compositor, também escreveria músicas sobre ela.”

Em seguida, apareceu minha foto com ele, no Brasil, logo seguida por outra, de Westport, e uma série de fotos tiradas nos tapetes vermelhos de vários eventos de caridade. Em todas elas, ele tinha os olhos em mim.

“Nossa, ele é bom nisso”, exclamei, para mim mesma. Minha mãe estava ocupada, desligando o laptop. “É sincero, mas, ainda assim, reservado e confiante o suficiente para parecer o lendário Gideon Cross. E deu uma tonelada de fotos para eles trabalharem.”

O formato de programa de auditório, com várias apresentadoras mulheres que exploravam temas femininos, também tinha sido uma escolha acertada. Elas não iam deixar barato uma suposta infidelidade nem pegar leve quanto ao assunto. O que limparia o clima de um jeito que uma conversa com um entrevistador masculino jamais seria capaz.

Uma das apresentadoras se inclinou para a frente e perguntou: “E também tem um livro sobre você prestes a ser publicado, não é? Escrito por sua ex-noiva?”.

Uma foto de Gideon e Corinne na festa da vodca Kingsman surgiu no telão, arrancando um murmúrio coletivo da plateia. Meus dentes rangeram. Ela estava linda, como sempre, complementando muito bem a beleza sombria de Gideon.

Preferi acreditar que o programa tinha arrumado aquela imagem por conta própria.

“Escrito por um ghost-writer, na verdade”, respondeu ele. “Por alguém que não é imparcial. Receio que a sra. Giroux esteja sendo passada para trás e não tenha percebido.”

“Não sabia disso. Quem é o ghost-writer?” A apresentadora se voltou para a plateia e explicou rapidamente o que o termo significava.

“Não tenho liberdade para dizer quem está de fato escrevendo o livro.”

A moça insistiu: “Mas você o conhece? Ou é uma mulher? Essa pessoa não gosta de você?”.

“Conheço; e não, a pessoa não gosta de mim.”

“É uma ex-namorada? Um antigo parceiro de negócios?”

Uma apresentadora que tinha passado a maior parte do tempo ouvindo mudou o foco da conversa. “Por que você não conta sua história com Corinne, Gideon?”

Ele baixou a caneca da qual tinha acabado de tomar um gole. “A sra. Giroux e eu namoramos na época da faculdade. Ficamos noivos um tempo, mas o relacionamento não estava indo a lugar nenhum. Éramos imaturos e, pra falar a verdade, não sabíamos o que queríamos.”

“É só isso?”

“Ser jovem e confuso não é muito interessante ou lascivo, não é? Continuamos amigos depois que ela se casou. Lamento que sinta a necessidade de comercializar esse tempo especial em nossas vidas agora que estou casado. Tenho certeza de que isso parece tão estranho para Jean-François como para mim.”

“É o marido dela, certo? Jean-François Giroux. Você o conhece?”

Corinne e Jean-François apareceram no telão usando roupas de gala, em algum evento. Eram um casal atraente, embora o contraste entre os dois homens não fosse lisonjeiro para o francês. Ele não era páreo para Gideon, mas, até aí, quem era?

Gideon assentiu. “Temos negócios juntos.”

“Você falou sobre isso com ele?”

“Não. Em geral não falo sobre isso com ninguém.” Aquele sorriso leve apareceu em seus lábios de novo. “Sou recém-casado. Tenho outras coisas em minha mente.”

Bati palmas. “Ê! Isso foi ideia minha. Falei pra ele lembrar as pessoas de que Corinne é casada e os dois se conhecem.” E Gideon ainda tinha comprometido Deanna. Excelente jogada.

“Você sabia que ele ia fazer isso?”, perguntou minha mãe, parecendo horrorizada.

Olhei para ela, franzindo a testa ao notar como estava pálida. Considerando o bronzeado que tinha pegado nos dois últimos fins de semana, aquilo era preocupante. “Não. Não tinha ideia. Falamos sobre a história um tempo atrás. Você está bem?”

Ela apertou as têmporas com a ponta dos dedos. “Estou com dor de cabeça.”

“Aguenta até isso acabar e já pego um remédio.” Olhei de volta para a TV, mas estava na hora dos comerciais. Corri para o armário do banheiro e voltei sacudindo um frasco de comprimidos, surpresa ao encontrar minha mãe arrumando as coisas. “Você vai embora? E o almoço?”

“Estou cansada, Eva. Vou para casa deitar.”

“Tira uma soneca aqui, no quarto de hóspedes.” Achei que ela ia gostar da sugestão. Afinal, Gideon tinha copiado ali, com precisão, o quarto do meu apartamento. Um esforço equivocado, ainda que carinhoso, de me dar um refúgio seguro na casa dele, num momento do nosso relacionamento em que eu não sabia se deveria lutar por nós ou simplesmente fugir.

Ela balançou a cabeça e passou a alça da bolsa do laptop por cima do ombro. “Vou ficar bem. Já repassamos as coisas mais importantes. Ligo mais tarde.”

Então deu dois beijos sem tocar minhas bochechas e saiu.

Afundando de volta no sofá, coloquei o remédio na mesa de centro e assisti ao restante da entrevista de Gideon.

12

“Sr. Cross.” Scott levantou-se atrás de sua mesa. “Vai passar o dia no escritório?”

Fiz que não com a cabeça e abri a porta da sala, indicando a Angus que entrasse antes de mim. “Só vim cuidar de uma coisa. Amanhã estarei aqui.”

Tinha limpado a agenda, redistribuindo as reuniões e os compromissos para outros dias da semana. Não tinha planejado passar no Crossfire, mas a informação que Angus parecia ter reunido era importante demais para correr o risco de ser divulgada em qualquer outro lugar.

Fechei a porta devagar e acionei o botão para tornar o vidro opaco, então segui Angus até a área de estar e me deixei cair numa poltrona.

“Dias intensos, hein, rapaz?”, ele comentou, os lábios se retorcendo com a ironia.

“Nunca há um momento de tédio.” Expirei bruscamente, lutando contra a fadiga. “Descobriu alguma coisa?”

Angus se inclinou para a frente. “Pouco mais: uma certidão de casamento com uma cidade natal fictícia e uma certidão de óbito de Jackson Tramell na qual Lauren Kittrie aparece como sua esposa. Ele morreu menos de um ano depois de se casar.”

Eu me detive à informação mais importante. “Lauren mentiu sobre o lugar onde nasceu?”

Ele assentiu. “Bem fácil de fazer.”

“Mas por quê?” Estudando-o, vi a tensão em sua mandíbula. “Tem mais alguma coisa.”

“A causa da morte aparece como indeterminada”, Angus disse, calmamente. “Jackson levou um tiro na têmpora direita.”

Minha coluna enrijeceu. “Eles não chegaram a uma conclusão se foi suicídio ou assassinato?”

“É. Não foi possível determinar.”

Mais perguntas sem respostas, e o maior problema era que não tínhamos ideia se Lauren tinha qualquer relevância na história. Podíamos estar correndo atrás do próprio rabo.

“Merda.” Esfreguei o rosto com as mãos. “Só quero uma foto, pelo amor de Deus.”

“Faz muito tempo, Gideon. Um quarto de século. Talvez alguém da cidade em que ela nasceu se lembre dela, mas como vamos saber quem?”

Baixando a mão, olhei para ele. Conhecia as inflexões de sua voz e o que significavam. “Você acha que alguém apareceu antes e escondeu tudo.”

“É possível. Também é possível que o relatório da polícia sobre a morte de Jackson tenha sumido com o passar dos anos.”

“Você não acredita nisso.”

Ele confirmou minha declaração com um aceno de cabeça. “Arrumei uma mulher para se fazer de fiscal do imposto de renda e procurar por Lauren Kittrie Tramell. Ela falou com Monica Dieck, que disse que faz muitos anos que não vê a ex-cunhada e que, até onde sabe, Lauren morreu.”

Balancei a cabeça, tentando entender aquilo tudo sem chegar a lugar nenhum.

“Monica ficou com medo. Quando ouviu o nome de Lauren, ficou branca feito um fantasma.”

Levantei e comecei a andar de um lado para o outro. “O que significa isso? Não estamos chegando mais perto da verdade.”

“Tem uma pessoa que pode ter as respostas.”

Parei abruptamente. “A mãe de Eva.”

Ele assentiu. “Você pode perguntar a ela.”

“Minha nossa.” Olhei para ele. “Só quero saber se Eva está em segurança. Nada disso pode representar um perigo para ela.”

As feições de Angus se suavizaram. “Pelo que conhecemos da mãe de Eva, proteger a filha sempre foi uma prioridade. Não consigo imaginar aquela mulher a colocando em risco.”

“Essa superproteção é exatamente a minha preocupação. Ela rastreou os movimentos de Eva por sabe-se lá quanto tempo. Eu achava que era por causa de Nathan Barker. Mas talvez fosse só parcialmente. Talvez tenha mais coisa.”

“Raúl e eu já estamos revendo os protocolos.”

Passei a mão pelo cabelo. Os dois cumpriam sua função de segurança, estavam lidando com o problema de Anne e tentando encontrar qualquer registro que seu irmão tenha mantido, além de tentar identificar o fotógrafo que havia tirado minha foto e desvendar o

mistério da mãe de Eva. Mesmo com as equipes auxiliares, eu sabia que estavam sobrecarregados.

Minha equipe de segurança estava habituada a gerenciar só os meus casos. Com Eva na minha vida, suas funções tinham dobrado. Angus e Raúl estavam acostumados a turnos rotativos, mas os dois vinham trabalhando direto. Tinham a liberdade de contratar todo o apoio de que necessitassem, mas o que precisávamos mesmo era de outro chefe de segurança — talvez mais dois. Especialistas que cuidariam exclusivamente de Eva e em quem eu poderia confiar, como confiava neles.

Ia ter que arrumar tempo para aquilo. Quando Eva e eu voltássemos da lua de mel, queria tudo no lugar.

"Obrigado, Angus." Exalei asperamente. "Vamos para a cobertura. Quero ficar com Eva agora. Vou saber os próximos passos depois que dormir um pouco."

"Por que não me contou?"

Olhei para Eva enquanto tirava as roupas. "Achei que fosse gostar da surpresa."

"Eu gostei. Mas ainda assim. Que *loucura*."

Dava para ver que ela estava feliz com a entrevista. A forma como me agarrou quando cheguei em casa tinha sido uma boa indicação. Também estava falando depressa e saltitando de um lado para o outro. Não era muito diferente de Lucky, que corria para debaixo da cama e rolava para fora, latindo alegremente.

Saí do closet de cueca, fui até a cama e desabei. Eu estava cansado. Demais até para dar em cima da minha linda esposa, maravilhosa em um macaquinho curto. Mas, se ela sugerisse, sem dúvida seria capaz de comparecer.

Eva sentou no seu lado da cama, então se abaixou para ajudar Lucky, que tentava subir, mas não conseguia. Segundos depois ele estava sobre o meu peito, reclamando enquanto eu o impedia de deixar meu queixo todo babado. "Ei, eu entendo. Gosto de você também, mas não fico lambendo sua cara."

Ele latiu. Eva riu e se deitou no travesseiro.

Foi então que me dei conta. Estava em casa. De certa forma, nunca tinha sentido aquilo antes, naquele apartamento. Nada parecera minha casa desde que meu pai tinha morrido. Agora eu tinha aquilo de novo, e melhor do que nunca.

Empurrando Lucky para minha barriga, girei na direção de Eva. "Como foi com a sua

mãe?”

“Bem, acho. Tudo pronto para domingo.”

“Como assim ‘acho’?”

Eva deu de ombros. “Ela teve uma dor de cabeça durante sua entrevista. Acho que ficou um pouco assustada.”

Eu a examinei. “Com o quê?”

“Com você falando sobre coisas pessoais na televisão. Não sei. Às vezes não a entendo.”

Eu me lembrei de Eva ter me contado sobre como tinha discutido o livro de Corinne com Monica e a possibilidade de usar a mídia em nosso favor. Ela havia alertado a filha contra a ideia, disse para valorizar nossa privacidade. Na época, eu concordei e — tirando a entrevista daquele dia — continuaria concordando. Mas, à luz do pouco que sabia sobre a identidade de Monica, parecia provável que ela estivesse preocupada com a própria privacidade. Uma coisa era aparecer em breves menções nos jornais da sociedade local. Outra bem diferente era ganhar a atenção do mundo.

Eva tinha o mesmo rosto da mãe e alguns de seus maneirismos. Também tinha o nome Tramell, o que era curioso. Teria sido mais fácil se esconder dando a ela o sobrenome de Victor. Poderia haver alguém procurando por Monica. Se soubessem pelo menos o tanto que eu sabia, bastava ver o rosto de Eva na TV para saber onde ela estava.

Meu coração começou a disparar. Minha esposa estava em perigo? Não tinha ideia do que Monica poderia estar se escondendo.

“Ah!” Eva deu um pulo. “Eu não contei… Tenho um vestido!”

“Meu Deus. Você quase me deu um ataque cardíaco.” Lucky aproveitou o susto e subiu em cima de mim, lambendo-me loucamente.

“Desculpa.” Ela pegou o cachorro e me resgatou, colocando-o em seu colo, sentando-se de pernas cruzadas ao meu lado. “Liguei para meu pai hoje. Minha avó tinha perguntado para ele se eu ia gostar de usar o vestido de noiva dela. Ele me mandou uma foto, mas o vestido passou tanto tempo guardado que não dava para ter uma ideia. Então ele me mandou uma foto do dia do casamento dela, e o vestido parece perfeito! É exatamente o que eu não sabia que queria!”

Esfreguei o peito e sorri, ironicamente. Como eu poderia não me encantar com o fato de ela estar tão animada para se casar comigo de novo? “Que bom, meu anjo.”

Seus olhos brilhavam de excitação. “Foi minha bisavó quem o costurou para ela, com a

ajuda das irmãs. É uma relíquia de família. Não é incrível?”

“É.”

“Então! E somos mais ou menos da mesma altura. Minha bunda e meus peitos vieram desse lado da família, então pode ser que nem precise fazer alterações.”

“Adoro sua bunda e seus peitos.”

“Safado.” Ela balançou a cabeça. “Acho que vai ser bom para a família do meu pai me ver nele. Estava preocupada que ficassem pouco à vontade, mas, agora que vou usar o vestido, eles vão se sentir incluídos. Não acha?”

“Acho.” Chamei-a com o indicador. “Vem aqui.”

Ela ficou me olhando. “Você está com uma cara estranha.”

“Eu?”

“Ainda está pensando na minha bunda e nos meus peitos?”

“Sempre. Mas, agora, um beijo resolve.”

“Hum.” Inclinando-se, ela ofereceu a boca.

Segurando sua cabeça, tive aquilo que queria.

“É impressionante, filho.”

Estou olhando para o Crossfire, da rua, mas o som da voz do meu pai me faz virar a cabeça. “Pai.”

Ele está vestido como eu, em um terno escuro de três peças. A gravata é vinho, e ele leva um lenço dobrado no bolso do paletó. Temos a mesma altura, o que me assusta um pouco. Por quê? A resposta paira na minha mente, mas não consigo entender.

Seu braço envolve meus ombros. “Você construiu um império. Estou orgulhoso.”

Inspiro fundo. Não tinha percebido o quanto precisava ouvi-lo dizer aquilo. “Obrigado.”

Ele se vira, fixando o rosto no meu. “E você se casou. Parabéns.”

“Você deveria vir à cobertura comigo conhecer Eva.” Estou ansioso. Não quero que diga não. Tem tantas coisas que quero contar a ele, mas nunca temos tempo. Só uns minutos aqui e ali, conversas incompletas que nunca se aprofundam. Com minha mulher lá, eu teria coragem para dizer o que precisava. “Você vai adorar Eva. Ela é incrível.”

Meu pai sorri. “Ela é bonita. Queria um neto. E uma neta.”

“Ei.” Dou risada. “Sem pressa.”

“A vida não para, filho. Antes que você perceba, acabou. Não desperdice.”

Engulo em seco. “Você poderia ter tido mais tempo.”

Não é o que quero dizer. Quero perguntar a ele por que desistiu, por que foi embora. Mas tenho medo da resposta.

“Nem com todo o tempo do mundo teria construído algo assim.” Ele olha de volta para o Crossfire. Do chão, parece alcançar o infinito, uma ilusão de óptica criada pela pirâmide no topo. “Vai dar trabalho manter isso em pé. Um casamento também. Em algum momento, você vai ter que escolher quem vem primeiro.”

Penso no assunto. É verdade? Faço que não com a cabeça. “Vamos manter tudo em pé juntos.”

Ele bate a mão no meu ombro e o chão reverbera aos meus pés. Começa fraquinho, mas depois vai aumentando até que começa a chover vidro em torno de nós. Horrorizado, vejo a ponta lá no alto explodir e o fogo irradiar para baixo, as janelas estourando sob a pressão.

Acordei com um arquejo, respirando com dificuldade. Empurrei o peso sobre meu peito e senti uma bola quente de pelos. Piscando, vi Lucky em cima de mim, tremendo com meus gemidos.

“Nossa.” Sentei e ajeitei o cabelo para trás.

Eva dormia ao meu lado, toda enrolada, com as mãos sob o queixo. Pelas janelas atrás dela, vi que o sol desaparecia depressa. Uma olhada rápida no relógio me disse que eram só cinco da tarde. Meu alarme estava programado para despertar dali a quinze minutos, por isso peguei o celular para desligá-lo.

Lucky enfiou a cabeça debaixo do meu antebraço. Ergui-o para encará-lo. “Você fez de novo.”

Tinha me acordado de um pesadelo. Quem poderia dizer se estava fazendo aquilo conscientemente ou não? Fiquei grato, de qualquer forma. Fiz um carinho nele e o coloquei para fora da cama.

“Você vai levantar?”, perguntou Eva.

“Tenho consulta com o dr. Petersen.”

“Ah, é. Tinha esquecido.”

Eu tinha pensado em desmarcar, mas Eva e eu logo teríamos nossa lua de mel, então eu ficaria um mês sem vê-lo. Achei que poderia aguentar até lá.

Coloquei Lucky no chão e fui ao banheiro.

“Ei”, ela me chamou. “Convidei Chris para jantar hoje à noite.”

Meu passo vacilou, depois parou. Voltei e encarei minha esposa.

“Não olhe para mim assim.” Ela se sentou, esfregando os olhos. “Ele está solitário, Gideon. Está sozinho, sem a família. É um momento difícil. Pensei em fazer algo simples para o jantar, e poderíamos ver um filme. Pra afastar a cabeça dele do divórcio por um tempo.”

Suspirei. Aquela era minha mulher. Sempre defendendo os outros. Como poderia culpá-la por ser a pessoa por quem tinha me apaixonado? “Tudo bem.”

Eva sorriu. Para vê-la assim, qualquer coisa valia a pena.

“Acabei de assistir à sua entrevista”, comentou o dr. Petersen enquanto se acomodava em sua poltrona. “Minha esposa me contou hoje mais cedo, e vi pela internet. Muito bem. Gostei.”

Ajeitando as calças, afundei no sofá. “Um mal necessário, mas concordo que correu tudo bem.”

“Como está Eva?”

“Quer saber como ela reagiu ao ver a foto?”

O dr. Petersen sorriu. “Posso imaginar. Como ela está agora?”

“Bem.” A lembrança de ouvi-la passando mal ainda me abalava. “Estamos bem.”

O que não mudava o fato de que eu fervia de raiva cada vez que pensava no assunto. A foto fora tirada havia meses. Por que segurá-la para soltar agora? Teria sido notícia em maio.

A única resposta que eu podia imaginar era que queriam machucar Eva. Talvez criar um problema entre nós. Alguém queria humilhar a gente.

E essa pessoa ia pagar. Quando eu terminasse, quem quer que tivesse feito aquilo ia

saber o que era o inferno. Ia sofrer, da mesma forma que Eva e eu tínhamos sofrido.

“Tanto você quanto Eva dizem que as coisas estão indo bem. O que isso significa?”

Soltei os ombros para aliviar a tensão. “Que o que temos é… sólido. Agora há uma estabilidade que não existia antes.”

Ele apoiou o tablet no braço da poltrona e encontrou meu olhar. “Dê um exemplo.”

“A foto. Em outro momento do nosso relacionamento, uma notícia dessas teria acabado com tudo.”

“Dessa vez foi diferente.”

“Muito. Eva e eu discutimos minha despedida de solteiro no Rio antes da viagem. Ela é muito ciumenta. Sempre foi, e não me importo. Na verdade, gosto. Mas não quero que se torture por isso.”

“O ciúme está enraizado na insegurança.”

“Vamos mudar a palavra, então. Ela é territorial. Nunca vou tocar outra mulher na vida, e Eva sabe disso. Mas tem uma imaginação ativa. E aquela foto era tudo o que mais temia tornado realidade.”

O dr. Peterson me esperava falar, mas, por um segundo, não consegui. Tive que tirar a imagem — e a raiva que ela gerava — da cabeça antes de continuar.

“Eva estava a milhares de quilômetros de distância quando a coisa explodiu na internet, e eu não tinha como provar nada. Só tinha minha palavra, e ela acreditou em mim. Sem perguntas. Sem dúvidas. Expliquei o melhor que pude, e ela aceitou como verdade.”

“Isso surpreende você.”

“É…” Fiz uma pausa. “Sabe, agora que estou falando nisso, acho que, na verdade, não me surpreendeu.”

“Não?”

“Nós dois passamos por maus bocados, mas não metemos os pés pelas mãos. Foi como se soubéssemos como consertar as coisas. E tínhamos certeza de que ia dar certo. Não havia dúvida quanto a isso.”

Ele sorriu, gentilmente. “Você está sendo muito sincero. Na entrevista e agora.”

Dei de ombros. “Incrível o que um homem faz quando confrontado com a perda da mulher sem a qual não pode viver.”

“Você ficou zangado com o ultimato. Ressentido. Ainda se sente assim?”

“Não.” A resposta veio sem hesitação, embora nunca fosse me esquecer do que sentira quando ela forçara a separação. “Eva quer que eu fale, então vou falar. Não importa com o que eu a bombardeie, meu estado de espírito quando estou falando, quão horrível ela se sente quando ouve… Eva é capaz de lidar com isso. E me ama mais.”

Ri alto, surpreendido por uma súbita onda de alegria.

O dr. Petersen arregalou os olhos, com um leve sorriso nos lábios. “Nunca vi você rir assim antes.”

Balancei a cabeça, perplexo. “Não se acostume com isso.”

“Vamos ver. Falar mais. Rir mais. As duas coisas estão conectadas, sabia?”

“Depende de quem está falando.”

Seus olhos pareciam calorosos e compassivos. “Você parou de falar quando sua mãe parou de ouvir.”

Meu sorriso desapareceu.

“Dizem que ações falam mais alto que palavras”, ele continuou, “mas ainda precisamos de palavras. Precisamos falar e precisamos ser ouvidos.”

Olhei para ele, a pulsação acelerando, inexplicavelmente.

“Sua esposa ouve você, Gideon. Ela acredita em você.” Ele se inclinou para a frente. “*Eu* ouço você, acredito em você. Agora que voltou a falar está obtendo uma resposta diferente da que se condicionou a esperar. Com isso, algo se abre, não é?”

“Você quer dizer que eu me abro.”

Ele assentiu. “É. Para o amor e a aceitação. Para a amizade. Confiança. Todo um novo mundo, na verdade.”

Ergui o braço e esfreguei a nuca. “E o que eu faço com isso?”

“Rir mais é um bom começo.” O dr. Petersen se recostou com um sorriso e pegou o tablet de novo. “O resto, a gente descobre no caminho.”

Entrei no saguão da cobertura sob os sons de Nina Simone e Lucky, animados. O cachorro latiu do outro lado da porta da frente, as garras arranhando-a loucamente. Sorrindo, girei a maçaneta e me agachei, então peguei o pequeno corpo quando se lançou na minha direção, contorcendo-se.

“Me ouviu chegando, foi?” Em pé, aninhei-o junto ao peito e deixei que lambesse meu queixo enquanto coçava suas costas.

Entrei na sala a tempo de ver meu padrasto se levantando de onde estava sentado, no chão. Ele me cumprimentou com um sorriso caloroso e olhos ainda mais calorosos, e então mudou a expressão para algo… menos caloroso.

“Oi”, ele me cumprimentou, aproximando-se. Estava de calça jeans e camisa polo, mas tinha tirado os sapatos, revelando meias brancas com riscas vermelhas nos dedos. O cabelo ondulado, da cor de uma moeda de cobre velha, estava mais comprido do que nunca, e uma barba de alguns dias sombreava seu queixo.

Não me movi. Meu pensamento estava disperso. Por um instante, Chris tinha me olhado como o dr. Petersen fazia. Como Angus fazia.

Como meu pai, nos meus sonhos.

Incapaz de encará-lo, levei um segundo para colocar Lucky no chão e inspirar fundo. Quando levantei, encontrei-o estendendo a mão para mim.

Sentindo uma pontada familiar de consciência, olhei por cima do ombro de Chris e vi Eva parada na porta da cozinha. Seu olhar encontrou o meu, suave, tenro e cheio de amor.

Algo a seu respeito tinha mudado radicalmente. A saudação descontraída me fez lembrar como eram as coisas entre nós anos antes. Teve uma época em que Chris não era tão formal comigo. Uma época em que me olhava com carinho. Ele tinha parado porque eu tinha pedido. Chris não era o meu pai. Nunca seria. Eu sabia que era só a bagagem que decorria do amor dele pela minha mãe. Não precisava que fingisse que ligava para mim.

Ao que parecia, ele tinha fingido não se importar.

Peguei sua mão, em seguida o puxei para um abraço rápido, batendo com firmeza e carinho em seus ombros antes de soltá-lo. Ele me segurou por um tempo mais, e eu gelei, meu olhar voando para Eva.

Ela fez um gesto de quem serve uma bebida imaginária e se retirou para me servir uma de verdade.

Chris me soltou, recuando e limpando a garganta. Atrás da armação dourada, seus olhos pareciam brilhantes e úmidos. “Não foi trabalhar de terno hoje?”, perguntou, a voz rouca, olhando para a calça jeans e a camiseta que eu estava usando. “Você trabalha muito. Especialmente com esse cachorro e essa mulher em casa esperando por você.”

Sua esposa ou você, Gideon. Ela acredita em você. Eu ouço você, acredito em você.

Meu padrasto acreditava em mim também. E aquilo estava lhe custando caro. Podia ver

a dor com a qual estava lidando, eu a reconhecia de quando a tinha sentido. Ficar separado de Eva tinha sido quase uma morte em vida, e nosso relacionamento ainda estava no começo. Chris estava casado com minha mãe por mais de duas décadas.

“Estava na terapia”, disse a ele. As palavras comuns soaram estranhas aos meus ouvidos, como algo que uma pessoa mentalmente instável e que fala demais diria.

Ele engoliu em seco. “Você está em tratamento. Que bom, Gideon. Fico feliz em ouvir isso.”

Eva apareceu com uma taça de vinho na mão. Ela a passou para mim, inclinando o queixo para me dar um beijo. Mantive os lábios nos dela por um longo e delicioso instante.

“Está com fome?”, perguntou, quando a deixei se afastar.

“Faminto.”

“Então vamos comer.”

Dei uma conferida em minha mulher enquanto a seguia até a cozinha, admirando a forma como a calça capri abraçava sua bunda sensual. Estava descalça, o cabelo loiro balançando suavemente sobre os ombros. Tirando o gloss em seus lábios, estava sem maquiagem, e mesmo assim era de tirar o fôlego.

Ela tinha arrumado o jantar na bancada da cozinha, colocando Chris e eu de um lado nas banquetas, enquanto comia em pé, na nossa frente. Estava tão casual e descontraída quanto a atmosfera que tinha criado.

Três velas perfumadas enchiam o ar de algo cítrico e picante. O jantar era uma salada com cebolas roxas, pimentões vermelhos e amarelos, vinagrete picante e tiras de filé com gorgonzola. Numa cesta forrada com guardanapo, havia um pão de alho quente e fresquinho. Ao lado, vinho tinto descansava no decanter antes de ser servido.

Observei-a balançando com a música enquanto comia e conversava com Chris sobre a casa de praia da Carolina do Norte. Lembrei-me por um momento de como a cobertura era antes de Eva começar a mudança. Era onde eu morava, mas não poderia chamar aquilo de casa. De alguma forma, deveria saber que ela iria para lá quando comprei o apartamento. Ele estava esperando por Eva, precisando dela para ganhar vida. Como eu.

“Sua irmã vai comigo ao jantar amanhã, Gideon”, anunciou Chris. “Está muito animada.”

Eva franziu a testa. “Que jantar?”

Ele arqueou as sobrancelhas. “Seu marido vai ser homenageado por sua generosidade.”

“Ah, é?” Seus olhos se arregalaram, e ela deu um pulinho. “Vai ter um discurso?”

Divertido, comentei: “É, em geral, esperam um discurso”.

“Eba!” Ela saltitou e bateu palmas como uma líder de torcida. “Adoro ouvir você falar.”

Diante daquele brilho nos olhos da minha esposa que dizia “Me leva para a cama”, achei que poderia até me divertir fazendo um discurso.

“E mal posso esperar para ver Ireland”, acrescentou. “É um evento de gala?”

“É.”

“Eba de novo! Você fica lindo dando discurso de smoking.” Ela esfregou as mãos.

Chris riu. “Está na cara que sua esposa é sua maior fã.”

Eva piscou para ele. “Pode crer.”

Saboreei o vinho antes de engolir. “Nossa agenda social deveria estar sincronizada com seu celular, meu anjo.”

O sorriso dela virou uma cara feia. “Acho que não está.”

“Vou dar uma olhada nisso.”

Recostando-se na banqueta, Chris levou a taça para junto do peito e suspirou. “Estava maravilhoso, Eva. Obrigado.”

Ela foi modesta. “Era só uma salada. Mas que bom que você gostou.”

Meu olhar foi dela para meu padrasto. Pensei se deveria falar alguma coisa, cozinhando a ideia na cabeça por um tempo. Estava tudo bem antes. Mudanças às vezes estragavam as coisas.

“Devíamos fazer isso mais vezes.” As palavras saíram antes que eu percebesse.

Chris me fitou, depois baixou os olhos para o copo. Limpou a garganta antes de falar. “Seria muito bom, Gideon.” Então voltou a olhar para mim. “É só chamar.”

Assenti. Deslizando da banqueta, peguei seu prato e o meu e levei até a pia.

Eva se juntou a mim, entregando-me seu prato. Nossos olhares se encontraram, e ela sorriu. Então se virou para Chris. “Vamos abrir outra garrafa.”

“Estamos duas semanas adiantados no cronograma. Se não acontecer nenhum imprevisto, vamos concluir antes do planejado.”

“Excelente.” Levantei e apertei a mão do gerente de projeto. “Ótimo trabalho, Leo.”

Abrir o mais novo resort Crosswinds antes da hora traria benefícios incontáveis, sem falar que eu poderia combinar as inspeções finais com um pouco de diversão com Eva.

“Obrigado, sr. Cross.” Ele recolheu os documentos e se endireitou. Leo Aigner era um homem corpulento, com cabelos loiros ralos e um grande sorriso. Trabalhava duro, atinha-se rigidamente aos prazos e os acelerava sempre que podia. “Parabéns, aliás. Fiquei sabendo que o senhor se casou há pouco tempo.”

“É verdade. Obrigado.”

Caminhei com Leo até a porta da minha sala e, assim que ele saiu, conferi o relógio. Eva iria ao Crossfire ao meio-dia, para almoçar com Mark e Steven. Queria falar com ela. Precisava da sua opinião antes de seguir em frente com uma ideia que estava o dia inteiro na minha cabeça.

“Sr. Cross.” Scott apareceu na porta, interceptando-me no caminho até a mesa.

Virei na direção dele, com um olhar interrogativo.

“Faz meia hora que Deanna Johnson está esperando na recepção. Quer que eu avise a Cheryl?”

Pensei em Eva. “Pode mandar a sra. Johnson subir.”

Enquanto a esperava, mandei uma mensagem para Eva. Reserve um tempinho para mim antes de sair do Crossfire. Preciso perguntar uma coisa.

Reunião privada?, ela escreveu de volta. Está pensando na minha bunda e nos meus seios de novo?

Sempre, respondi.

Deanna me encontrou sorrindo para o celular. Olhei para cima quando ela entrou, e a sensação boa sumiu no mesmo instante. Vestia um terninho branco e usava uma gargantilha de ouro grossa em volta do pescoço. Estava na cara que tinha tomado cuidado com a aparência. O cabelo escuro caía em ondas emoldurando o rosto e os ombros, e a maquiagem estava carregada.

Ela caminhou na direção da minha mesa.

“Sra. Johnson.” Coloquei o telefone na mesa e me recostei na cadeira antes de ela se sentar. “Não tenho muito tempo.”

Ela comprimiu os lábios, em seguida jogou a bolsa na cadeira mais próxima e continuou em pé. “Você me prometeu exclusividade das fotos do seu casamento!”

“É verdade.” E, como lembrava o que havia extraído dela em troca, apertei o botão que fechava a porta do escritório.

Deanna apoiou as mãos na minha mesa e se inclinou sobre ela. “Eu lhe dei todas as informações sobre a fita de sexo da Eva com Brett Kline. Cumpri minha parte do acordo.”

“Ao mesmo tempo que convencia Corinne a lhe dar o que precisava para escrever um livro sobre mim.”

Algo cruzou seu olhar.

“Achou que eu estava blefando na entrevista?”, perguntei, calmamente, inclinando-me para trás e tamborilando os dedos. “Que não sabia que a ghost-writer era você?”

“Isso não tem nada a ver com o nosso acordo!”

“Ah, não?”

Deanna se afastou da mesa em uma violenta explosão. “Você é um presunçoso filho da puta. Não dá a mínima para ninguém além de você mesmo.”

“Se acha isso, por que confiar que eu manteria minha parte do trato?”

“Burrice total. Achei que estivesse sendo sincero quando pediu desculpas.”

“E estava. Sinto muito por ter transado com você.”

Deanna ficou vermelha de fúria e vergonha. “Odeio você”, sibilou.

“Eu sei. Está no seu direito, mas sugiro que pense duas vezes antes de seguir em frente com uma vingança contra mim e minha esposa.” Fiquei de pé. “Você vai sair pela porta e vou esquecer que você existe — de novo. Não me queria pensando em você, Deanna. Não vai gostar de para onde esses pensamentos levariam.”

“Eu poderia ter feito uma fortuna com aquela fita!”, acusou ela. “E eles iam me pagar uma boa grana para escrever o livro. As fotos do seu casamento teriam me rendido uma nota também. E agora fico com o quê? Você levou tudo de mim. Você *me deve*.”

Arqueei uma sobrancelha. “Então eles não querem mais que você escreva o livro? Que interessante.”

Ela se endireitou, recompondo-se. “Corinne não sabia. Sobre nós.”

“Vamos ser claros. Nunca houve um *nós*.” Meu celular tocou. Era uma mensagem de Raúl, avisando que estava quase no Crossfire com Eva. Caminhei até o cabide. “Você queria transar, e eu transei com você. Se *me* queria, bem… Não posso me responsabilizar por suas expectativas.”

“Você não se responsabiliza por nada! Só usa as pessoas.”

“Você me usou também. Por sexo. Para tentar enriquecer.” Vesti o paletó. “Quanto ao que devo a você por suas perdas financeiras, minha mulher sugeriu que lhe oferecesse um emprego.”

Seus olhos escuros se arregalaram. “Está brincando!”

“Foi minha reação também.” Peguei o celular de novo e o coloquei no bolso do paletó. “Mas ela estava falando sério, então faço a oferta. Se estiver interessada, Scott pode colocar você em contato com alguém dos recursos humanos.”

Dirigi-me para a porta.

“Você sabe o caminho da saída.”

Descer até a portaria era totalmente desnecessário. Eva já tinha planos para o almoço, e as poucas palavras que eu precisava trocar com ela não chegavam a configurar uma conversa importante.

Mas queria vê-la. Tocá-la só por um momento. Lembrar que o homem que eu era quando comia mulheres como Deanna já não existia. O cheiro de sexo nunca mais me reviraria o estômago e me faria esfregar a pele no chuveiro até ficar quase em carne viva.

Estava passando pelas catracas no saguão quando Raúl escoltou Eva pela porta giratória e se retirou para seu posto do lado de fora do prédio. Ela usava um macacão vinho com saltos altíssimos, tão delicados que eu não conseguia entender como se equilibrava. Seus ombros bronzeados estavam à mostra com as alças finas da sua blusa, e argolas douradas pendiam de suas orelhas. Como seu rosto estava parcialmente coberto por óculos de sol, minha atenção se concentrou na boca carnuda que havia envolvido meu pau poucas horas antes. Trazia na mão uma carteira clara e cruzou o piso de mármore com um balanço naturalmente sedutor dos quadris.

As pessoas viravam o rosto para vê-la passar. Alguns dos olhares se demoravam na sua bunda.

O que pensariam se soubessem que, no fundo, ainda tinha minha porra? Que seus mamilos estavam sensíveis pela sucção da minha boca, e os lábios grossos de sua boceta perfeita estavam inchados com a fricção do meu pau neles?

Eu sabia no que aquilo me fazia pensar. *Minha. Toda minha*.

Como se sentisse o calor de meu desejo silencioso, Eva virou a cabeça bruscamente e me pegou vindo em sua direção. Seus lábios se entreabriram. Vi seu tórax subir e descer

numa ingestão rápida de ar.

Eu te entendo, meu anjo. Parece um soco no estômago, toda vez.

“Garotão.”

Segurando sua cintura fina com ambas as mãos, puxei-a para mim e dei um beijo em sua testa, inspirando seu perfume. “Meu anjo.”

“Que surpresa agradável”, ela murmurou, inclinando-se para junto de mim. “Está de saída?”

“Só queria ver você.”

Então se afastou, os olhos brilhando de prazer. “Está doente por mim, hein?”

“É altamente contagioso. Peguei de você.”

“Ah, é?” Sua risada me atravessou como uma onda quente de amor.

“Aí está, o homem em pessoa”, disse Steven Ellison, aproximando-se de nós. “Parabéns, pombinhos.”

“Steven.” Eva se virou e abriu os braços para o ruivo musculoso.

Ele a pegou num abraço e a ergueu do chão. “O casamento lhe caiu bem.” Então a soltou para apertar minha mão. “A você também.”

“É uma sensação boa”, respondi.

Steven sorriu. “Estou ansioso. Faz anos que Mark me enrola.”

“Disso você não pode reclamar mais”, disse Mark, juntando-se a nós. Ele apertou minha mão também. “Sr. Cross. Parabéns.”

“Obrigado.”

“Vai almoçar com a gente?”, perguntou Steven.

“Não estava planejando, não.”

“Você é bem-vindo. Quanto mais gente, melhor. Vamos ao Bryant Park Grill.”

Olhei para Eva. Ela ergueu os óculos escuros e me olhou com expectativa. Em seguida, fez um pequeno aceno de encorajamento.

“Tenho muita coisa para colocar em dia”, falei, o que não era mentira. Estava dois dias atrasado. Considerando que precisava me preparar para a ausência durante a lua de mel, tinha planejado comer no escritório e trabalhar.

“Você é o chefe”, disse Eva. “Pode dar umas escapadas sempre que quiser.”

“Você é uma má influência, sra. Cross.”

Ela passou o braço no meu e me puxou para a porta. “Você adora quando faço isso.”

Eu a segurei, olhando para Mark.

“Sei que você está ocupado”, ele disse. “Mas seria bom se pudesse vir. Tem uma coisa que quero falar com vocês dois.”

Concordei, com um aceno de cabeça. Saímos para a rua, e o calor do dia nos atingiu em cheio, assim como os sons da cidade. Raúl esperava na calçada junto da limusine, e seu olhar capturou o meu antes de abrir a porta para Eva. Um brilho me fez virar a cabeça, chamando minha atenção para a objetiva focada em nós, de um fotógrafo em um carro estacionado do outro lado da rua.

Dei um beijo na têmpora de Eva antes de ela entrar pela porta traseira. Eva me olhou, encantada e surpresa. Não expliquei. Ela tinha pedido mais fotos nossas para combater o lançamento do livro de Corinne. Não era difícil demonstrar meu afeto, independentemente de aquela biografia maldita ver a luz do dia.

Foi uma viagem rápida até Bryant Park. Em poucos instantes, estávamos na calçada, e eu voltei no tempo, lembrando-me da briga com Eva naquele mesmo lugar. Ela tinha visto uma foto minha com Madalena, uma mulher que eu considerava uma amiga de longa data, embora houvesse rumores de um caso. E eu tinha visto uma foto dela com Cary, um homem que Eva amava como um irmão, mas que, de acordo com os boatos, era o amante com quem dividia um apartamento.

Nós dois ficamos loucos de ciúme, e a relação ainda muito recente foi prejudicada por nossos muitos segredos. Eu já estava obcecado por Eva, e meu mundo girava no eixo para acomodá-la. Mesmo em sua fúria, ela me olhou com amor e me acusou de não o reconhecer quando o via. Mas eu sabia. Eu via. E estava aterrorizado. Mas, pela primeira vez na vida, aquilo me dera esperança.

Ao nos aproximarmos da entrada coberta de hera do restaurante, Eva me olhou, e vi que também estava rememorando aquilo. Havíamos voltado ao mesmo lugar quando Brett Kline tentara reconquistá-la. Eva já era minha de novo, estávamos casados. Éramos mais fortes que antes, mas agora… Agora nada poderia nos atingir. Estávamos profundamente ancorados.

“Eu te amo”, ela disse, enquanto seguíamos Mark e Steven pela porta. Fomos inundados pelo ruído de um restaurante popular. O barulho de talheres de prata na porcelana, o zumbido de várias conversas, a música ambiente quase imperceptível e a agitação de uma cozinha movimentada.

Minha boca se curvou. “Eu sei.”

Fomos levados a uma mesa imediatamente, e um garçom veio anotar o pedido de bebidas.

“Champanhe?”, Steven perguntou.

Mark balançou a cabeça. “Qual é? Você sabe que tenho que voltar para o trabalho.”

Segurei a mão de Eva debaixo da mesa. “Quando ele estiver trabalhando para mim, você oferece de novo. Vamos ter motivos para comemorar.”

Steven sorriu. “Pode deixar.”

Pedimos as bebidas — água natural e com gás e um refrigerante —, e o garçom foi buscá-las.

“Então, o negócio é o seguinte”, Mark começou, endireitando-se na cadeira. “Parte da razão da saída de Eva foi a proposta da LanCorp…”

Ela se antecipou a ele, a boca curvada num sorriso de gato que comeu o canário. “Ryan Landon ofereceu um emprego a você.”

Seus olhos se arregalaram. “Como você sabe?”

Eva olhou para mim e depois de volta para ele. “Você não vai aceitar, vai?”

“Não.” Mark se recostou na cadeira e nos examinou. “Eu ficaria no mesmo cargo. Nada como a promoção que vou ter nas Indústrias Cross. Só que, mais do que isso, eu me lembrei de você me explicando a rixa com Landon. Dei uma pesquisada nisso. Sabendo da história, a coisa toda era estranha — ele se recusando a trabalhar com a gente e logo depois tentando me roubar.”

“Talvez ele só quisesse você, sem a agência”, argumentou Eva.

Steven assentiu. “Foi o que eu falei.”

Como imaginei que faria, pensei, já que acreditava em seu parceiro. Mas Mark parecia mais antenado. Eva se virou para mim e vi claramente o “Eu te disse” em seu olhar. Apertei sua mão.

“Você não acredita nisso”, Mark respondeu, provando que nós dois estávamos certos.

“Não”, ela concordou. “Não acredito. Vou ser sincera, eu joguei a isca. Disse a eles que Gideon e eu gostávamos muito de você e que estávamos ansiosos para trabalharmos juntos de novo. Queria ver se morderiam. Achei que, se fosse uma oferta irrecusável, estaria fazendo um favor a você. Caso contrário, não haveria problema nenhum.”

Ele franziu a testa. “Mas por que você fez isso? Não me quer nas Indústrias Cross?”

“Claro que queremos, Mark”, interrompi. “Eva foi honesta com eles.”

“Era um teste”, complementou ela. “Pensei em avisar você, mas não queria que se sentisse mal caso oferecesse algo que pudesse considerar seriamente.”

“E então, o que vocês vão fazer agora?”, perguntou Steven.

“Agora?” Eva deu de ombros. “Gideon e eu estamos planejando uma cerimônia de renovação de votos e depois vamos sair numa longa lua de mel. Ryan Landon não é um problema que vai desaparecer tão cedo. Vai continuar por aí, fazendo o que sempre faz. Não vou subestimar o cara. E Mark vai começar num superemprego nas Indústrias Cross.”

Eva olhou para mim. Eu sabia. Como todas as minhas outras batalhas, Landon não ia ser algo de que eu cuidaria sozinho. Minha esposa estaria lá, fazendo o que pudesse, lutando ao meu lado.

O sorriso de Mark brilhou, revelando dentes brancos emoldurados pelo cavanhaque. “Parece bom para mim.”

“Quer brincar de secretária assanhada de novo?”, Eva sussurrou.

Ao entrar na minha sala, ela manteve uma mão na minha e com a outra mão segurou meu bíceps. Olhei para ela, apreciando a oferta, e vi o riso caloroso em seus olhos.

“Tenho que trabalhar em algum momento hoje”, respondi.

Eva deu uma piscadinha e me soltou, sentando-se, obediente, em uma das cadeiras diante da minha mesa. “Como posso ajudar, sr. Cross?”

Sorri ao pendurar meu paletó no cabide. “O que acha de eu convidar Chris para padrinho?”

Virei em tempo de ver sua surpresa.

Eva piscou para mim. “Sério?”

“Diga o que está pensando.”

Recostando-se na cadeira, ela cruzou as pernas. “Quero ouvir o que você está pensando primeiro.”

Sentei na cadeira ao lado dela, em vez de na minha, atrás da mesa. Eva era minha companheira, minha melhor amiga. Íamos lidar com aquilo, como tudo mais, lado a lado.

“Depois do Rio, pensei em convidar Arnoldo. Não sem antes conversar com você.”

“Por mim, tudo bem”, ela disse, e vi que era sincero. “É uma decisão que tem que tomar pensando em você, não em mim.”

“Ele entende o que a gente tem junto, e isso é bom para nós dois.”

Ela sorriu. “Fico feliz.”

“Eu também.” Esfreguei a mandíbula. “Mas depois de ontem à noite…”

“Qual parte de ontem à noite?”

“O jantar com Chris. Aquilo me fez pensar. As coisas mudaram. E tem algo que o dr. Petersen disse. Eu só…”

Eva estendeu a mão e pegou a minha.

Estava procurando as palavras certas. “Quando você estiver caminhando até o altar, quero do meu lado alguém que saiba de tudo. Não quero qualquer falsidade. Não para algo tão importante. Quando estivermos de frente um para o outro, renovando nossos votos, preciso que seja… real.”

“Ah, Gideon.” Ela deslizou da cadeira, agachando-se junto ao meu joelho. Seus olhos estavam úmidos e reluzentes, como um céu tempestuoso logo após uma chuva renovadora. “Você é tão lindo”, ela sussurrou. “Nem tem ideia de como é romântico.”

Segurei seu rosto, os polegares roçando as lágrimas que deslizavam por suas bochechas. “Não chore. Não aguento ver isso.”

Ela pegou meus pulsos e se ergueu, pressionando a boca contra a minha. “Estou muito feliz”, ela murmurou, os lábios sussurrando as palavras contra minha pele. “Às vezes, parece mentira. Como se eu estivesse sonhando e, a qualquer momento, fosse acordar no chão do saguão, te olhando pela primeira vez e imaginando tudo isso, de tanto que quero você.”

Puxei-a para meu colo, abraçando-a e enterrando o rosto em seu pescoço. Eva sempre era capaz de dizer o que eu não conseguia.

Suas mãos correram por meu cabelo e deslizaram por minhas costas. “Chris vai adorar.”

De olhos fechados, eu a segurei com mais força. “Foi você quem fez isso.”

Ela tinha tornado tudo possível. Tinha *me* tornado possível.

Eva riu, suavemente, afastando-se para tocar meu rosto com os dedos delicados. “Foi tudo você, garotão. Sou só a moça de sorte que assiste a tudo da primeira fila.”

De repente, casamento não parecia ser o suficiente para proteger o que Eva significava para mim. Por que não havia algo que estabelecesse um vínculo mais forte do que um

pedaço de papel que me dava o direito de chamá-la de esposa? Votos eram uma promessa, mas o que eu precisava era de uma garantia de que Eva estivesse presente todos os dias da minha vida. Queria que meu coração batesse ao ritmo do dela e parasse com o dela. Inextricavelmente entrelaçados, de modo que nunca vivesse um momento sem ela.

Eva me beijou de novo, suavemente. Com gentileza. Os lábios tenros. “Te amo.”

Nunca me cansaria de ouvir aquilo. Nunca deixaria de precisar ouvir aquilo. Eram palavras que tinham que ser ditas e ouvidas, como o dr. Petersen tinha falado. “Te amo.”

Mais lágrimas. “Deus. Estou um caco.” Ela me beijou de novo. “E você tem que trabalhar. Mas não pode ficar até tarde. Vou me divertir, ajudando você a vestir o smoking… e a sair dele.”

Quando se afastou de mim e se levantou, eu a deixei ir, mas não consegui desgrudar os olhos dela.

Eva atravessou a sala e desapareceu no banheiro. Fiquei sentado ali, ainda na dúvida se teria forças para me levantar. Ela deixava meus joelhos bambos, fazia meu pulso acelerar rápido e ficar forte demais.

“Gideon.” Minha mãe invadiu a sala, com Scott correndo logo atrás. “Preciso falar com você.”

Levantei e acenei para meu assistente. Ele recuou, fechando a porta. O calor de Eva desapareceu, deixando-me vazio e com frio diante de minha mãe.

Estava com uma calça jeans escura, que a envolvia como uma segunda pele, e uma camisa por dentro dela. Os longos cabelos pretos estavam presos num rabo de cavalo, e seu rosto estava limpo. A maioria das pessoas que a viam simplesmente enxergava uma mulher deslumbrante, que parecia mais jovem do que era. Eu sabia que estava tão cansada quanto Chris. Sem maquiagem, sem joias. Não era ela.

“Que surpresa”, eu disse, contornando a mesa até minha cadeira. “O que a traz a Nova York?”

“Acabei de encontrar Corinne.” Ela marchou até minha mesa e permaneceu em pé, exatamente como Deanna algumas horas antes. “Está arrasada com sua entrevista de ontem. Completamente destruída. Você tem que conversar com ela.”

Olhei para minha mãe, incapaz de compreender como sua cabeça funcionava. “Por que eu faria isso?”

“Pelo amor de Deus”, ela retrucou, olhando para mim como se eu tivesse enlouquecido. “Você precisa se desculpar. Disse coisas muito dolorosas…”

“Falei a verdade, que provavelmente é mais do que pode ser dito desse livro que ela vai publicar.”

“Ela não sabia que você tinha uma história com aquela mulher… a ghost-writer. Assim que descobriu, falou para o editor que não poderia trabalhar com ela.”

“Não estou nem aí para quem vai escrever o livro. Um autor diferente não muda o fato de que Corinne está violando minha privacidade e expondo para o mundo algo que pode ferir minha esposa.”

Seu queixo se ergueu. “Não vou nem falar da *sua esposa*, Gideon. Estou chateada… não… furiosa que você tenha se casado sem a família e os amigos. Isso não lhe diz nada? O fato de ter feito algo tão importante sem a bênção das pessoas que ama?”

“Está insinuando que ninguém teria aprovado?” Cruzei os braços. “Isso certamente não é verdade, mas, mesmo que fosse, não se escolhe a pessoa com quem vai passar o restante da vida baseado na opinião da maioria. Eva e eu nos casamos em segredo porque foi uma coisa íntima e pessoal, que não precisava ser compartilhada.”

“Mas você compartilhou a notícia com o mundo! Antes de avisar sua família! Como pôde ser tão insensível? Você precisa dar um jeito nisso”, ela afirmou, com veemência. “Tem que se responsabilizar pela dor que provoca nos outros. Não criei você dessa maneira. Não consigo nem dizer como estou decepcionada.”

Percebi um movimento atrás dela e vi Eva aparecendo na porta do banheiro, o rosto tomado pela raiva, as mãos cerradas ao longo do corpo. Sacudi bruscamente a cabeça, enviando um aviso com os olhos semicerrados. Ela estava lutando aquela batalha por mim havia muito tempo. Era minha vez, e eu finalmente estava pronto.

Apertei o botão para tornar o vidro opaco. “Não me venha com sermões sobre causar dor ou decepcionar, *mãe*.”

Foi como se ela tivesse levado um tapa. “Não fale assim comigo.”

“Você sabia o que estavam fazendo comigo. E não fez nada.”

“Não vou tocar nesse assunto de novo.” Ela cortou o ar com a mão.

“E quando você tocou nele?”, rebati. “Eu contei, mas em nenhum momento você quis discutir a questão.”

“Não ponha a culpa em mim!”

“Eu fui estuprado.”

As palavras saíram e pairaram no ar, cruas e afiadas como uma lâmina.

Minha mãe deu um passo para trás.

Eva agarrou o batente da porta com força.

Respirando fundo para recuperar um pouco do controle, extraí forças da presença dela. “Eu fui estuprado”, disse de novo, mais calmo dessa vez. Mais firme. “Por quase um ano, todas as semanas. Um homem que você levou para sua casa me acariciou. Me sodomizou. De novo e de novo.”

“Não.” Ela inspirou bruscamente, o peito arfando. “Não diga essas coisas terríveis.”

“Aconteceu. Repetidas vezes. Com você a apenas alguns cômodos de distância. Ele aparecia quase ofegante de excitação. Olhava para mim com aquele brilho doente nos olhos. E você não via. Se recusava a ver.”

“É mentira!”

A fúria queimava dentro de mim, deixando-me inquieto, precisando me mover. Mas me mantive firme, o olhar se dirigindo a Eva. Ela assentiu para mim.

“Qual parte é mentira, mãe? Que fui estuprado? Ou que você preferiu ignorar?”

“Pare de falar isso!”, ela retrucou, endireitando-se. “Levei você ao médico. Tentei achar uma prova…”

“Minha palavra não bastava?”

“Você era uma criança perturbada! Mentia sobre tudo. Qualquer coisa. As mais óbvias.”

“Mentir me dava uma sensação de controle! Eu não tinha poder sobre nada na vida, exceto sobre as palavras que saíam da minha boca.”

“E eu tinha que adivinhar o que era verdade e o que era mentira?” Ela se inclinou para a frente, tomando a ofensiva. “Você foi examinado por dois médicos. Não deixava ninguém chegar perto.”

“Você acha que eu deixaria outro homem me tocar? Tem noção de como era traumático para mim?”

“Você deixou o dr. Lucas…”

“Ah, sim. O dr. Lucas.” Sorri friamente. “Quem o indicou, mãe? O homem que estava me molestando? Ou seu médico, que era orientador dele? De qualquer maneira, ele conduziu você direitinho para o cunhado, sabendo que o respeitado dr. Lucas diria qualquer coisa para proteger a reputação da família.”

Minha mãe recuou, tropeçando na cadeira atrás dela.

“Ele me sedou”, continuei. Ainda me lembrava da picada da agulha. Da maca fria. Da

vergonha enquanto mexia em uma parte do meu corpo que me fazia estremecer de repulsa. “Me examinou. E depois mentiu.”

“Como eu ia saber?”, ela sussurrou, os olhos impressionantes de tão azuis em seu rosto pálido.

“Você sabia”, afirmei, categoricamente. “Eu me recordo do seu rosto depois, quando me disse que Hugh não ia voltar e era para eu nunca mais tocar no assunto. Você mal conseguia me encarar, mas eu vi nos seus olhos.”

Voltei-me para Eva. Estava chorando, os braços apertados em torno de si mesma. Meus olhos ardiam, mas era ela quem chorava por mim.

“Achou que Chris fosse te abandonar?”, perguntei em voz alta. “Achou que tudo aquilo era demais para sua nova família aceitar? Passei anos pensando que você tinha contado pra ele… Ouvi você falar do dr. Lucas… mas Chris não sabia. Agora me explica por que uma esposa esconderia uma coisa dessas do marido.”

Minha mãe não falou, apenas balançou a cabeça repetidas vezes, como se aquela negação silenciosa respondesse tudo.

Bati com o punho na mesa, sacudindo tudo em cima dela. “Fala alguma coisa!”

“Você está errado. *Errado*. Distorceu tudo na sua cabeça. Você não…” Ela balançou a cabeça de novo. “Não foi assim que aconteceu. Você está confuso…”

Eva fitou as costas de minha mãe com uma raiva patente e enfurecida. O ódio comprimia sua boca e seu queixo. Foi então que percebi que podia deixá-la carregar aquele fardo para mim. Tinha que tirar aquilo das costas. Não precisava mais dele. Não queria mais.

De outra forma, eu tinha feito o mesmo por ela com Nathan. Minha ação afastara as sombras dos seus olhos. Elas viviam em mim agora, como deveriam. Eva já fora assombrada por tempo suficiente.

Meu peito se expandiu em uma inspiração lenta e profunda. Quando coloquei o ar para fora, toda a raiva e todo o desgosto saíram com ele. Fiquei ali por um bom tempo, absorvendo a leveza vertiginosa que sentia. Havia uma tristeza, uma angústia profunda, ardendo no meu peito. E resignação. Uma aceitação reveladora e terrível. Mas que pesava muito menos do que a esperança desesperada que eu nutrira: a de que, um dia, minha mãe me amasse o bastante para aceitar a verdade.

Aquela esperança estava morta.

Limpei a garganta. “Vamos acabar com isso. Não vou conversar com Corinne. E não

vou pedir desculpas por dizer a verdade. Pra mim chega.”

Minha mãe não se moveu por um longo tempo.

Por fim, afastou-se de mim sem uma palavra e caminhou até a porta. Logo sumiu do outro lado do vidro fosco.

Olhei para Eva. Ela correu na minha direção, e eu corri na sua, contornando a mesa para encontrá-la no meio do caminho. Abraçou-me com tanta força que eu mal podia respirar.

Mas não precisava de ar. Tinha Eva.

13

“Tem certeza de que está bem?”, perguntei, ajeitando a gravata de Gideon.

Ele pegou meus pulsos e os apertou com firmeza.

O familiar toque autoritário estimulou uma resposta condicionada. Trouxe meus pés de volta ao chão. Intensificou minha consciência de Gideon, de mim. De nós. Minha respiração acelerou.

“Para de perguntar isso.” Sua voz era suave. “Estou bem.”

“Quando uma mulher diz que está bem, é porque está longe disso.”

“Não sou uma mulher.”

“Dã.”

A sugestão de um sorriso suavizou sua boca. “Quando um homem diz que está bem, é porque está.” Ele deu um beijo rápido e firme na minha testa e me soltou. Então, foi até a gaveta das abotoaduras e avaliou suas opções, pensativo.

Gideon ficava alto e esguio nas calças feitas sob medida e na camisa social branca. Estava de meias pretas, mas os sapatos e o paletó ainda esperavam o momento de adornar seu corpo.

Tinha alguma coisa no fato de vê-lo parcialmente vestido que me deixava descontroladamente excitada. Era uma intimidade só minha, e eu adorava aquilo.

Lembrei o que o dr. Petersen tinha dito. Talvez devesse passar algumas noites dormindo separada dele. Não para sempre, mas por enquanto. Ainda assim, tínhamos momentos preciosos juntos, e aquilo me sustentava.

“Um homem. Que tal *meu* homem?”, rebati, fazendo força para não me distrair com o quão gostoso ele estava. O problema era sua distância. Não estava encontrando aquela concentração exclusiva em mim a que estava acostumada. Sua mente estava em outro lugar, e me preocupava que fosse um lugar sombrio aonde ele não deveria ir sozinho. “O único que me interessa.”

“Meu anjo. Há meses você vem me dizendo para colocar tudo para fora com minha mãe. Eu consegui. Acabou, ficou para trás.”

“Mas como você está se sentindo sobre isso? Deve doer, Gideon. Por favor, não esconda de mim se for o caso.”

Seus dedos tamborilaram no topo da cômoda embutida, o olhar ainda focado nas abotoaduras. “Dói, tá legal? Mas eu sabia que ia ser assim. É por isso que adiei por tanto tempo. Mas é melhor. Eu me sinto… Resolvido, porra.”

Franzi os lábios. Queria que ele olhasse para mim ao dizer aquelas coisas, então desatei o robe e deixei a seda deslizar por meus ombros. Virei-me para pendurá-lo na porta do armário, passando por cima de Lucky, que estava dormindo no meio do caminho. Arqueei as costas para alcançar o gancho, dando a Gideon uma vista privilegiada da bunda que ele tanto amava.

Como não podia deixar de ser, meu marido havia me presenteado com um vestido novo para a ocasião, um longo cinza maravilhoso, com um corpete e uma saia em camadas leves, que ondulavam feito fumaça quando eu me movia.

Por causa do decote — que eu sabia, por experiência, que despertaria o homem das cavernas dentro dele —, tive que escolher um sutiã adequado. Com a calcinha combinando, os olhos esfumaçados e os lábios pintados, eu exalava sexo de luxo.

Quando me voltei para Gideon de novo, ele estava do jeito que eu queria — paralisado, com os olhos em mim.

“Preciso que me prometa uma coisa, garotão.”

Ela me avaliou da cabeça aos pés, com um olhar escaldante. “Neste momento, posso prometer qualquer coisa.”

“Só neste momento?” Fiz beicinho.

Ele murmurou alguma coisa e se aproximou, segurando meu rosto. Enfim estava comigo. Cem por cento. “E no próximo, e no próximo…” Seu olhar acariciou meu rosto. “Do que você precisa, meu anjo?”

Segurei-o pelos quadris, procurando seus olhos. “De você. Só você. Feliz, inteiro e loucamente apaixonado por mim.” O elegante arco de suas sobrancelhas se ergueu ligeiramente, como se “feliz” parecesse algo difícil. “Você está tão triste. Está me matando.”

Ele deixou escapar um suspiro suave, e assisti à tensão sair junto. “Não sei por que não estava mais bem preparado. Ela é incapaz de aceitar o que aconteceu. Se não pôde fazer isso para salvar o casamento, com certeza não vai fazer por mim.”

“Tem alguma coisa faltando nela, Gideon. Algo fundamental. Não tem a ver com você.”

Sua boca se contorceu com ironia. “Entre ela e meu pai… Não são os melhores genes, né?”

Deslizando os dedos pelo cós da calça, puxei-o para mais perto. “Escuta, garotão. Tanto seu pai quanto sua mãe fraquejaram sob pressão e se colocaram em primeiro lugar. Eles não são capazes de enfrentar a realidade. Mas adivinha só? Você não tem nenhuma das falhas deles. Nenhuma.”

“Eva…”

“Você, Gideon Geoffrey Cross, é a soma do que há de melhor neles. Individualmente, os dois não valem muito. Mas juntos… Cara, marcaram um golaço.”

Balançando a cabeça, ele afirmou: “Não precisa fazer isso, Eva”.

“Não estou de sacanagem. Você não tem nenhum problema com a realidade. Você encara de frente e a derruba no chão.”

Ele deixou escapar uma risada.

“E tem o direito de estar magoado e chateado. Também estou. Eles não merecem você. Isso não os desvaloriza, só te valoriza. Não teria me casado com você se não fosse um homem bom, alguém que respeito e admiro. Você me inspira, sabia disso?”

Sua mão deslizou pelos meus cabelos até minha nuca. “Meu anjo.” Sua testa tocou a minha.

Acariciei suas costas, sentindo o músculo rígido e quente sob a camisa. “Sofra, se for preciso, mas não se feche e culpe a si mesmo. Não vou deixar.”

“Não, não vai.” Ele empurrou minha cabeça para trás e beijou a ponta do meu nariz. “Obrigado.”

“Não precisa agradecer.”

“Você tinha razão. Eu precisava confrontar minha mãe. Nunca teria feito isso se não fosse você.”

“Você não sabe disso.”

Gideon me olhou com tanto amor que perdi o fôlego. “Sei, sim.”

Seu celular tocou, anunciando uma mensagem. Ele me deu um beijo na testa e foi até a cômoda, para ver o que era. “Raúl está a caminho com Cary.”

“É melhor eu me vestir, então. Preciso que você feche meu vestido.”

“É sempre um prazer.”

Tirei o vestido do cabide, entrei nele e deslizei os braços sob as alças cobertas de contas. Gideon fechou depressa os colchetes que ficavam logo acima da cintura. Mordendo o lábio inferior, fiquei olhando pelo espelho de corpo inteiro o corpete me abraçar e se fechar como eu imaginava que fecharia. O decote ia até o meio do caminho entre meus seios e o umbigo.

Era escandalosamente sensual, o corte revelador que mulheres com menos peito sustentariam facilmente. Em mim, era lascivo, embora o restante do vestido cobrisse tudo, tirando as costas e os braços. Tinha decidido não usar joias, para suavizar ao máximo o efeito. Ainda assim, era um belo vestido, e combinava conosco, um casal jovem. Ia funcionar.

O olhar de Gideon encontrou o meu no espelho. Lancei-lhe meu melhor olhar inocente e fiquei esperando para ver quanto dos meus atributos ele toparia exibir.

Uma leve linha em seu cenho anunciou a tempestade. Logo ela evoluiu para uma cara feia completa. Ele puxou as alças nas minhas costas.

“Algum problema?”, perguntei, docemente.

Envolvendo-me com as duas mãos, Gideon deslizou os dedos pelo meu decote e tentou separar meus seios, para disfarçá-los.

Suspirando, reclinei-me contra ele.

Segurando meus ombros, ele me afastou de novo para ver o resultado do ajuste. “Não era assim na foto.”

Fingindo, deliberadamente, não entender seu ponto, argumentei: “Ainda não botei o sapato. Não vai ficar arrastando no chão”.

“Não estou preocupado com o pé”, ele afirmou, com firmeza. “Temos que colocar alguma coisa aí no meio.”

“Por quê?”

“Você sabe muito bem.” Ele foi até a cômoda e abriu uma gaveta. Um instante depois, voltou e jogou um lenço branco na minha direção. “Pronto.”

Eu ri. “Só pode ser brincadeira.”

Mas não era. Envolvendo-me com os braços, ele enfiou o lenço no corpete, prendendo-o no decote.

“Não”, disse a ele, irritada. “Está ridículo.”

Quando suas mãos se afastaram, dei-lhe um segundo para ver quão horrível eu estava.

“Esquece. Vou colocar outra coisa.”

“É”, ele concordou, balançando a cabeça e enfiando as mãos nos bolsos.

Tirei o lenço.

“Tipo isso”, ele murmurou.

Suas mãos faiscavam quando as levou ao meu pescoço e o envolveu com uma gargantilha de diamantes deslumbrante. Com pelo menos cinco centímetros de largura, ela abraçava meu pescoço e brilhava como se iluminada por dentro.

“Gideon.” Toquei-a com os dedos trêmulos, enquanto atava o fecho. “É… linda.”

Seus braços envolviam minha cintura e seus lábios tocaram minha têmpora. “*Você* é linda. O colar é só bonito.”

Virei-me em seus braços e o fitei. “Obrigada.”

Seu sorriso rápido me fez tropeçar no carpete.

Sorrindo de volta eu disse: “Achei que você estivesse falando sério dos meus seios”.

“Meu anjo, levo seus seios *muito* a sério. Portanto, esta noite, quando alguém babar em cima deles, vai perceber que você é muito cara e que provavelmente não daria conta.”

Bati em seu ombro. “Seu bobo.”

Ele agarrou minha mão e me puxou até a cômoda. Enfiou a mão na gaveta aberta e tirou um bracelete de diamantes. Assisti, atordoada, à medida que ele o colocava em meu pulso. A isso, seguiu-se uma caixinha de veludo, que ele abriu para revelar brincos de diamantes em formato de gota. “Estes é melhor você mesma colocar.”

Eu o encarei, boquiaberta.

Gideon apenas sorriu. “Você não tem preço. Só o colar não ia transmitir a mensagem.”

Continuei olhando para ele, sem conseguir encontrar as palavras.

Meu silêncio produziu uma sombra de malícia em seu sorriso leve. “Quando chegarmos em casa, vou transar com você usando só os diamantes, e nada mais.”

A imagem erótica que surgiu em minha mente me causou arrepios.

Segurando meus ombros, Gideon me virou e bateu na minha bunda. “Você está linda. De todos os ângulos. Agora, para de me distrair e me deixa terminar de me arrumar.”

Peguei meus sapatos e saí do closet, mais deslumbrada com Gideon do que com as joias que ele tinha me dado.

“Uau. Você está com cara de milionária.” Cary se afastou do meu abraço para conferir o meu visual. “Na verdade, acho que você está de fato *vestindo* um milhão de dólares. Jesus. Fiquei tão cego por esse brilho todo que nem tinha percebido que os meninos estavam tomando um ar aqui fora.”

“Essa é a intenção de Gideon”, eu disse, secamente, dando uma volta para a saia do vestido envolver minhas pernas. “E você, claro, está lindo.”

Ele me lançou seu famoso sorriso de predador. “Eu sei.”

Tive que rir. Para mim, a maioria dos homens ficava bem de smoking. Cary, no entanto, ficava incrível. Muito elegante. Como Rock Hudson ou Cary Grant. A combinação de beleza e charme travesso o deixava irresistível. Tinha engordado um pouco. Não o suficiente para mudar o tamanho da roupa, mas o bastante para encher o rosto de leve. Parecia bem e saudável, o que era mais raro do que deveria.

Gideon, por outro lado, era mais… James Bond. Mortalmente sexy, com uma sofisticada nuance de perigo. Apareceu na sala, e eu só tinha olhos para ele, aprisionada pela elegância graciosa de seu corpo esculpido, o passo tranquilo e confiante que sugeria como era incrível na cama.

Meu. Todo meu.

“Coloquei Lucky na gaiola”, ele avisou, juntando-se a nós. “Todos prontos?”

Cary assentiu, animado. “Vamos que vamos.”

Pegamos o elevador até a garagem, onde Angus nos esperava com a limusine. Entrei primeiro e escolhi o banco comprido, sabendo que Cary ia sentar ao meu lado e Gideon ocuparia o lugar de sempre, na traseira.

Eu passava tão pouco tempo com Cary ultimamente. Ele tinha ficado atolado com a Fashion Week e, como eu não dormia mais no apartamento, nem sequer tínhamos a chance de bater um papo rápido à noite ou no café da manhã.

Ele olhou para Gideon e gesticulou na direção do bar, antes de sairmos. “Posso?”

“Fique à vontade.”

“Querem alguma coisa?”

Pensei um pouco. “Kingsman com suco de cranberry, por favor.”

Gideon me lançou um olhar envolvente. “Eu também.”

Cary nos serviu, em seguida se recostou com uma cerveja e deu um longo gole direto

do gargalo. “Então”, começou ele, “semana que vem vou a Londres, para uma sessão de fotos.”

“Sério?” Inclinei-me para a frente. “Isso é maravilhoso, Cary! Seu primeiro trabalho internacional.”

“É.” Ele sorriu para a cerveja, então olhou para mim. “Estou muito feliz.”

“Uau. Foi tudo tão rápido.” Poucos meses antes, ainda estávamos em San Diego. “Você vai causar um rebuliço no mundo.”

Abri um sorriso. Estava mesmo muito feliz por meu amigo. Mas já podia visualizar o dia, num futuro não tão distante, em que estaríamos os dois ocupados e viajando tanto que mal nos veríamos. Meus olhos arderam só de pensar. Estávamos fechando um capítulo de nossa vida, e eu lamentava um pouco naquele final, mesmo sabendo que o melhor ainda estava por vir, para nós dois.

Cary ergueu a garrafa num brinde silencioso. “Esse é o plano.”

“Como está Tatiana?”

Seu sorriso ficou mais tenso, seus olhos, duros. “Está namorando. Ela é rápida quando vê algo de que gosta, sempre foi assim.”

“Você está bem com isso?”

“Não.” Ele começou a descascar o rótulo da garrafa de cerveja. “Um cara regando o lugar onde meu bebê está. É nojento.” Ele olhou para Gideon. “Dá pra imaginar?”

“Prefiro não imaginar”, ele respondeu, naquele tom que gritava *perigo*.

“É muito escroto. Mas não posso impedir e não vou voltar com ela, então… É a vida.”

Peguei sua mão e a apertei. “É difícil. Sinto muito.”

“Estamos sendo civilizados”, comentou, dando de ombros. “Ela é menos megera quando está sendo comida com regularidade.”

“Então vocês se falam com frequência?”

“Falo com ela todos os dias, para ver se tem tudo de que precisa. Disse que topava qualquer coisa — desde que não envolvesse meu pau, claro.” Ele soltou a respiração. “É deprimente. Sem o sexo, a gente não tem nada a dizer um para o outro. Então falamos de trabalho. Pelo menos temos isso em comum.”

“Você contou de Londres?”

“Claro que não.” Cary apertou minha mão. “Precisava contar para minha melhor amiga antes. Amanhã eu falo.”

Pensei em ficar quieta, mas não resisti. “E Trey? Alguma novidade?”

“Não muito. Mando uma mensagem ou uma foto de dois em dois dias. Só palhaçada. Coisas que mandaria para você.”

“Nada de foto do seu pau, então?”, provoquei.

“Não. Estou tentando pegar leve com ele. Trey acha que sou hiperssexualizado — embora não se incomodasse nem um pouco quando dormia comigo… mas fazer o quê? De vez em quando, mando alguma coisa, ele responde, mas é só isso.”

Torci o nariz e olhei para Gideon, que digitava algo em seu telefone.

Cary deu outro gole, a garganta fazendo um esforço como se engolisse um caroço. “Não é um relacionamento. Nem mesmo amizade neste momento. Até onde sei, ele pode estar saindo com outra pessoa também, e eu é que fiquei de fora.”

“Olhando pelo lado bom, o celibato cai bem em você.”

Ele bufou. “Porque engordei? Acontece. Você come, porque quer as endorfinas que não está recebendo pela falta de orgasmos, e faz menos exercícios, porque não está se exercitando na cama.”

“Cary.” Eu ri.

“Olhe só para você, menina. Está toda malhada e sarada por causa daquele triatleta do sexo ali.”

Gideon levantou os olhos do telefone. “Hein?”

“Foi isso mesmo que você ouviu, cara”, Cary exclamou, piscando para mim.

Depois de esperar numa fila de limusines deixando passageiros, finalmente encostamos junto ao tapete vermelho que se estendia até a entrada de uma construção antiga com fachada de tijolos, sede de um clube exclusivo. Atrás das cordas de veludo ao longo do tapete, havia tantos paparazzi que pareciam folhas secas num chão de outono.

Inclinei-me para a frente, olhei através das portas de vidro abertas e vi mais fotógrafos à direita da entrada, enquanto um painel com logotipos, para as fotos dos patrocinadores do evento, cobria a parede à esquerda.

Angus abriu a porta do carro, e pude sentir a expectativa momentânea dos paparazzi por quem ia passar. No momento em que Gideon saiu, os flashes em rápida sucessão pareceram a maior tempestade de raios de todos os tempos.

Sr. Cross! Gideon! Olhe para cá!

Ele estendeu a mão para mim, os rubis em sua aliança refletindo as luzes. Segurando a saia com uma das mãos, apertei sua mão com a outra e o segui. No momento em que saí da limusine, fiquei cega, mas mantive os olhos abertos e um sorriso ensaiado colado nos lábios, apesar dos pontos brancos atrapalhando minha visão.

Endireitei a coluna, a mão de Gideon pousou na base das minhas costas e o que se seguiu foi o próprio caos. De alguma forma, o pandemônio só piorou quando Cary apareceu. Os gritos se tornaram ensurdecedores. Avistei Raúl junto à entrada, o olhar severo estudando o corpo a corpo. Ele ergueu o braço e falou em seu microfone de pulso, comunicando-se com alguém sob seu comando. Quando me olhou, meu sorriso se tornou genuíno. Ele me deu um aceno rápido.

Lá dentro, fomos recebidos por dois cerimonialistas, que mantinham a fila da necessária foto dos patrocinadores andando depressa. Em seguida, fomos conduzidos a um elevador até o salão de baile.

Adentramos um vasto ambiente lotado com a elite de Nova York, uma seleção glamorosa de homens poderosos e mulheres esbeltas sob o efeito lisonjeiro da iluminação fraca dos lustres e de uma profusão de velas. A atmosfera era fortemente perfumada pelos enormes arranjos florais em cada mesa de jantar e animada por uma orquestra de metais tocando temas instrumentais animados por cima do burburinho.

Gideon me conduziu por entre as pessoas em torno das mesas, parando muitas vezes para os que entravam em nosso caminho com saudações e parabéns. Meu marido mergulhava sem esforço ou dificuldade em sua persona pública. Lindíssimo, completamente à vontade, intrinsecamente autoritário, friamente indiferente.

Eu, no entanto, estava dura e nervosa, embora torcesse para que meu sorriso ensaiado escondesse o nervosismo. Gideon e eu não tínhamos um bom histórico em eventos como aquele. Acabávamos brigando e indo embora separados. As coisas eram diferentes agora, mas ainda assim…

Sua mão subiu pelas minhas costas e segurou minha nuca, massageando os músculos tensos gentilmente. Ele continuava a conversar com os dois cavalheiros que tinham nos parado, discutindo as flutuações do mercado, mas meu instinto dizia que estava focado em mim. Eu estava à sua direita, e ele deu um pequeno passo para trás, de modo que o lado direito de seu corpo tocasse minhas costas do ombro ao joelho.

Cary apareceu e me passou uma taça de champanhe gelada. “Estou vendo Monica e Stanton”, disse. “Vou avisar que chegamos.”

Acompanhei meu amigo com o olhar até onde minha mãe estava, junto ao marido,

mantendo um sorriso brilhante e bonito enquanto conversavam com outro casal. Stanton estava elegante em seu smoking, e minha mãe reluzia como uma pérola num vestido justo de seda marfim.

"Eva!"

Virei-me ao ouvir o som da voz de Ireland, e meus olhos se arregalaram ao depararem com ela contornando a mesa mais próxima. Por um momento, meu cérebro parou de processar todo o resto, exceto sua visão. Era alta e esbelta, os longos cabelos negros arrumados em um penteado chique. A fenda lateral no sofisticado vestido de veludo preto exibia pernas de um quilômetro, enquanto o corpete de um ombro envolvia seios perfeitos para seu corpo esguio.

Ireland Vidal era uma menina belíssima, os olhos dotados do mesmo azul intenso da mãe e de Gideon. Tinha apenas dezessete anos. Ver a mulher que se tornaria era de tirar o fôlego. Cary não era o único que ia causar um rebuliço no mundo.

Ela foi direito até mim, dando-me um abraço apertado. "Agora somos irmãs!"

Sorri e retribuí o abraço, tomando cuidado para não derramar champanhe em seu vestido. Olhei para Chris, atrás dela, e ele sorriu para mim. Sua expressão ao voltar os olhos para Ireland era ao mesmo tempo terna e orgulhosa. Que Deus ajude os rapazes que puserem os olhos nela. Com Chris, Christopher e Gideon cuidando da moça, os pretendentes teriam de driblar alguns homens formidáveis em seu caminho.

Ireland me afastou e conferiu meu visual. "Uau. Que colar incrível! E seus peitos! Também quero."

Eu ri. "Você é perfeita do jeito que é. A mulher mais bonita da festa."

"De jeito nenhum. Mas obrigada." Seu rosto se iluminou quando Gideon pediu licença da conversa e se virou para ela. "Oi!"

Num instante, estava em seus braços, apertando-o com a mesma força com que me abraçara. Gideon gelou por um momento. Então a abraçou de volta, o rosto se suavizando de um jeito que fez meu coração dar um pulinho.

Eu tinha falado brevemente com Ireland ao telefone depois da entrevista de Gideon, para pedir desculpas pelo segredo do nosso casamento e explicar o motivo. Queria que fôssemos mais próximas, mas estava fazendo minhas investidas aos poucos. Seria fácil demais me tornar a ponte entre ela e Gideon, e não queria que aquilo acontecesse. Eles precisavam ter sua própria conexão, independente de qualquer outra pessoa.

Minha cunhada em breve ia estudar na Universidade Columbia, como os irmãos. Estaria por perto, e nos veríamos com mais frequência. Até lá, ia continuar incentivando

Gideon a se aproximar dela.

“Chris.” Fui até ele e lhe dei um abraço, feliz com o entusiasmo com que meu sogro o retribuiu. Ele tinha cuidado da aparência desde que jantara em nossa casa: o cabelo estava recém-cortado e a barba tinha sido feita.

Christopher Vidal era um homem quieto e bonito, com um olhar suave. Irradiava na voz e na maneira como olhava para as pessoas uma bondade inata. Foi minha impressão na primeira vez em que o vi, e nada em sua pessoa alterou aquilo.

“Gideon. Eva.” Magdalene Perez se juntou a nós, linda e sedutora num elegante vestido esmeralda, de braço dado com o namorado.

Era bom ver que ela tinha deixado para trás o interesse não correspondido por Gideon que tantos problemas causou para nós quando nosso relacionamento estava apenas começando. Ela tinha sido péssima na época, participando das maquinações do irmão dele. Agora que estava feliz com seu artista, parecia serena e encantadora, e aos poucos ia se tornando mais próxima.

Apertei a mão de Gage Flynn, enquanto Gideon beijava o rosto de Magdalene, e nos cumprimentamos calorosamente. Ainda não conhecia Gage direito, mas ele era claramente louco por Magdalene. Tinha certeza de que Gideon ia conferir seu histórico, confirmando que o cara era bom o suficiente para sua amiga de longa data.

Estávamos recebendo os parabéns quando minha mãe e Stanton se aproximaram, seguidos por Martin e Lacey, que eu não via desde o fim de semana em Westport. Acompanhei com um sorriso Cary e Ireland rindo de alguma coisa.

“Que menina linda”, comentou minha mãe, dando um gole no champanhe e fitando a irmã de Gideon.

“Não é?”

“E Cary parece bem.”

“Falei a mesma coisa.”

Ela me olhou com um sorriso. “Ofereci o apartamento a ele, se quisesse, ou nossa ajuda para encontrar outro menor.”

“Ah.” Olhei para ele, que concordava com algo que Chris havia dito. “O que ele falou?”

“Que você ofereceu a ele um apartamento adjacente à cobertura de Gideon.” Ela se virou na minha direção. “Vocês têm que decidir o que funciona melhor para todo mundo, mas queria dar a ele a opção de ficar onde está. É sempre bom ter opções.”

Suspirei, depois assenti.

Ela pegou minha mão. “Agora, você e Gideon estão lidando com sua imagem pública do seu jeito, mas você tem que saber que blogs horríveis de fofoca estão dizendo que você e Cary são amantes.”

De repente, o frenesi no tapete vermelho fez sentido. Nós três chegando juntos.

“Gideon negou ter traído você”, ela continuou, baixinho, “mas, agora, ficou conhecido por ter… digamos assim… um apetite sexual diferente. Você pode imaginar como os boatos vão se intensificar se você três forem morar juntos.”

“Ai.” Sim, eu podia. O mundo tinha visto em detalhes gráficos que meu marido topava ménage à trois. Talvez não com outro homem, mas mesmo assim. Aqueles dias tinham ficado para trás, mas as pessoas não sabiam daquilo… e não iam querer acreditar. Era interessante demais.

“Antes que você diga que não se importa, meu bem, saiba que tem muita gente que discorda disso. Se alguém com quem Gideon quiser fazer negócios achar que ele é moralmente corrupto, isso pode custar uma fortuna.”

Era difícil pensar que alguém faria aquilo no século XXI, mas achei melhor não comentar que a preocupação da minha mãe sempre girava em torno do dinheiro. Tudo se resumia àquilo, de uma forma ou de outra. “Tem razão”, murmurei.

À medida que foi chegando a hora do jantar, os convidados se sentaram. Gideon e eu estávamos na primeira mesa, claro, já que ele ia discursar. Ireland e Chris também, assim como Cary. Minha mãe, Stanton, Martin e Lacey estavam na mesa à nossa direita; Magdalene e Gage, mais ao fundo.

Gideon puxou a cadeira para mim. Posicionei-me para sentar, mas parei, assustada ao notar um casal a algumas mesas de distância. Endireitando-me, olhei para Gideon. “Os Lucas estão aqui.”

Ele ergueu a cabeça, procurando com o olhar. No momento em que os viu, eu soube, pela forma como sua mandíbula se enrijeceu. “Estão mesmo. Sente, meu anjo.”

Sentei, e ele empurrou minha cadeira, tomando o assento ao meu lado. Em seguida, pegou o telefone e digitou uma mensagem rápida.

Inclinando-me na direção dele, sussurrei: “Nunca vi os dois juntos antes”.

Seu celular tocou, indicando que recebera uma resposta, e ele olhou para mim. “Não saem como um casal com frequência”.

“Está escrevendo para Arash?”

“Angus.”

“Sobre os Lucas?”

“Eles que se danem.” Gideon guardou o telefone no bolso do paletó e se inclinou na minha direção, passando um dos braços ao longo das costas da minha cadeira e o outro sobre a mesa, prendendo-me. Então pousou os lábios em meu ouvido. “Da próxima vez que viermos a um evento destes, quero você de minissaia e sem nada por baixo.”

Ainda bem que os outros não estavam olhando nem podiam ouvir — e que a orquestra tocava um pouco mais alto, de modo a indicar aos convidados que deveriam ocupar seus assentos. “Seu tarado.”

Sua voz se tornou um ronronar sedutor. “Vou deslizar a mão entre suas coxas e enfiar os dedos nessa sua boceta gostosa.”

“Gideon!” Escandalizada, olhei para ele e o encontrei me encarando com um sorriso selvagem e olhos lascivos.

“O jantar todo, meu anjo”, murmurou, esfregando o nariz na minha têmpora. “Vou enfiar o dedo em você bem devagar e gostoso, brincando com essa bocetinha perfeita e apertada até você gozar para mim. De novo e de novo…”

“Minha nossa.” Sua voz baixa e áspera era puro sexo e pecado. Tremi só com o som, mas as coisas que dizia me faziam derreter na cadeira. “O que deu em você?”

Gideon deu um beijo rápido em meu rosto e se ajeitou. “Você estava toda tensa. Agora não está mais.”

Se estivéssemos sozinhos, teria batido nele. E foi o que eu disse.

“Você me ama”, ele disparou de volta, virando-se para fitar o salão, enquanto os garçons começavam a trazer a salada.

“Ah, é?”

Ele se concentrou em mim novamente. “É. Loucamente.”

Não adiantava discutir. Ele tinha razão.

Estavam servindo a sobremesa, um bolo de chocolate que parecia delicioso, quando uma senhora num vestido azul-marinho conservador se aproximou de nossa mesa e se agachou entre mim e Gideon.

“Vamos começar em cerca de quinze minutos”, ela avisou. “Glen vai falar por alguns minutos, aí é sua vez.”

Ele assentiu. “Sem problemas. Estou pronto.”

Ela sorriu, e eu sabia que estava um pouco nervosa de ficar tão perto dele. Podia ser sua mãe, no mínimo, mas mulheres de todas as idades apreciavam um homem maravilhoso como aquele.

“Eva.” Ireland se aproximou. “Quer passar no banheiro antes?”

“Claro.”

Gideon e Chris se levantaram e puxaram nossas cadeiras. Como depois de comer e beber já não tinha mais nada do batom, dei um beijo no queixo do meu marido.

“Mal posso esperar para ouvir você falar”, disse, o sorriso largo de antecipação.

Ele balançou a cabeça. “Você se excita com cada coisa…”

“Você me ama.”

“Amo. Loucamente.”

Seguindo Ireland, contornei as mesas, passando diretamente pelos Lucas. Eles nos observaram, parecendo à vontade, o dr. Terrence Lucas com o braço nos ombros da esposa. Anne sustentou meu olhar e abriu um sorriso afiado que fez meus pelos se arrepiarem.

Ergui a mão e passei o dedo médio sobre a testa de maneira sutil e óbvia ao mesmo tempo.

Algumas mesas mais adiante, Ireland parou abruptamente na minha frente, e bati em suas costas.

“Desculpa”, falei. Mas como ela não se movia, inclinei-me para ver o que estava bloqueando o caminho. “O que foi?”

Ela se virou para olhar para mim, os olhos cheios de água. “É Rick”, disse, com a voz vacilante.

“Quem?” Meu cérebro se esforçava para acompanhar. Parecia tão magoada. E perdida. As coisas de repente fizeram sentido. “Seu namorado?”

Ela virou a cabeça para a frente de novo, e tentei acompanhar seu olhar, vasculhando as mesas em busca de… alguém.

“Onde? Como ele é?”

“Bem ali.” Ela fez um movimento brusco com o queixo, e vi as lágrimas escorrendo por seu rosto. “Com a loira de vestido vermelho.”

Onde? Havia diversas possibilidades, então me detive no casal mais jovem. Um olhar para ele e identifiquei o tipo. O mesmo pelo qual eu sempre me atraía. Confiante, sexualmente experiente, cara de bom moço. Pensar em quantos sujeitos como aquele eu tinha deixado me usar me deu ânsia.

Em seguida, fiquei uma fera. Rick dava à menina ao seu lado um sorriso arrogante e sensual. Certamente não eram só amigos. Não trocando aqueles olhares.

Peguei Ireland pelo cotovelo e a guiei em frente. “Continue andando.”

Chegamos ao banheiro feminino. O silêncio repentino ao entrar tornou seu choro audível. Puxei-a para o canto, feliz por estarmos sozinhas, e passei a ela alguns lenços da caixinha sobre a bancada.

“Ele disse que tinha que trabalhar hoje”, explicou ela. “Por isso aceitei vir com meu pai.”

“Esse é o cara que não fala de você para os pais por causa do pai de Gideon?”

Ela assentiu. “Estão lá fora. Sentados com ele.”

Lembrei-me da conversa que tivéramos durante o lançamento do clipe da música do Six-Ninths. Os avós de Rick tinham perdido uma parte da fortuna no esquema de pirâmide de Geoffrey Cross. Eles achavam “conveniente” que Gideon fosse um dos homens mais ricos do mundo, embora fosse evidente para qualquer um que ele tinha construído seu império com o próprio trabalho e capital.

Só que Rick provavelmente estava só dando desculpas para manter dois relacionamentos. Afinal de contas, seus pais estavam ali, e Gideon era a atração principal da noite. O que me fazia questionar se a animosidade que lhe descrevera era conversa fiada.

“Ele me disse que terminou com ela há meses!”, Ireland exclamou.

“A loira?”

Fungando, ela assentiu de novo. “A gente saiu junto ontem. Ele não disse nada sobre conseguir uma folga.”

“Você falou que vinha?”

“Não. Não falo sobre Gideon. Não com ele, pelo menos.”

Será que Rick era só um garoto burro que se aproveitava de todas as meninas bonitas que deixavam? Ou estava saindo com a irmã de Gideon numa espécie de vingança pervertida? De qualquer forma, o cara era um babaca.

“Não chore por esse idiota, Ireland.” Peguei mais lenços. “Não dê a ele essa satisfação.”

“Só quero ir para casa.”

Fiz que não com a cabeça. “Isso não vai ajudar. Sério. Vai doer um tempo. Mas você pode revidar, se quiser. Talvez se sinta melhor.”

Ela olhou para mim, as lágrimas ainda escorrendo. “Como assim?”

“Você está sentada do lado de um dos modelos mais gostosos de Nova York. É só dizer uma palavra e Cary vai ser seu par esta noite, e um par muito atencioso e louquíssimo por você.” Quanto mais pensava na ideia, mais eu gostava dela. “De braço dado com ele, você pode esbarrar em Rick e opa… ‘*Olha só*, como vai? Que bom ver você por aqui.’ O que ele vai poder dizer? Está com a loira. E você paga na mesma moeda.”

Ireland começou a tremer. “Talvez eu devesse só falar com ele…”

Magdalene entrou no banheiro feminino e ficou quieta um instante, avaliando a situação. “Ireland. O que houve?”

Fiquei de boca fechada, já que Ireland precisava decidir o que contar.

Ela sacudiu a cabeça. “Não é nada. Estou bem.”

“Certo.” Magdalene olhou para mim. “Não vou me meter, mas fique sabendo que eu jamais contaria nada para seus irmãos, se não quiser.”

Depois de uma pausa, Ireland falou, em meio às lágrimas: “É um cara com quem estou saindo faz uns meses… ele está lá fora com outra pessoa. A antiga namorada”.

Pessoalmente, suspeitava que Rick jamais tivesse terminado com a garota, para começo de conversa, e que estivesse saindo com Ireland em paralelo, mas eu podia ser um tanto cínica.

“Ah.” O rosto de Magdalene se suavizou em simpatia. “Homens podem ser tão idiotas. Olha, se você quiser escapar sem que ele perceba, peço um carro para você.” Ela abriu a bolsa e tirou um celular. “Por minha conta. O que acha?”

“Espera aí”, interrompi. Então contei meu plano.

Magdalene ergueu as sobrancelhas. “Excelente! Por que se lamentar se você pode se vingar?”

“Não sei…” Ireland olhou para o espelho e soltou um palavrão. Ela pegou mais lenços e consertou a maquiagem dos olhos. “Estou horrível.”

“Você está um milhão de vezes mais bonita que aquela menina”, afirmei.

Ela soltou uma risada chorosa. “Odeio aquela vaca.”

“Aposto que já babou pelas propagandas da Grey Isles com Cary”, comentou Magdalene.

Aquilo bastou. Embora Ireland ainda não estivesse pronta para dispensar Rick por completo, certamente podia fazer inveja na acompanhante dele.

O resto viria com o tempo. Ou pelo menos eu esperava que sim.

Mas, até aí, algumas lições tinham que ser aprendidas do jeito mais difícil.

Voltamos para a mesa bem em tempo de ver um homem, que imaginei se tratar de Glen, subindo os degraus até o palco e caminhando em direção ao púlpito. Ajoelhei junto de Cary e pousei a mão em seu braço.

Ele olhou para mim. “O que foi?”

Expliquei o que queria que fizesse e por quê.

Seu sorriso brilhou sob a luz fraca. “Claro que sim, gata.”

“Você é o melhor.”

“É o que dizem.”

Revirando os olhos, levantei e voltei para a cadeira, que Gideon puxou para mim. Notei, com olhos gulosos, que meu bolo ainda estava lá.

“Eles queriam levar”, Gideon murmurou. “Mas guardei pra você.”

“Obrigada, amor. Você é tão bom para mim.”

Ele pousou a mão na minha coxa por baixo da mesa e a apertou de leve.

Olhei para meu marido enquanto comia, admirando sua calma e ouvindo Glen discursar sobre a importância do trabalho que sua organização fazia na cidade. Toda vez que pensava em falar publicamente em nome da Crossroads, sentia um frio na barriga. Mas, um dia, pegaria o jeito. Ia aprender a ser um recurso valioso para meu marido e as Indústrias Cross.

Tínhamos tempo, e eu tinha o amor de Gideon. O resto se resolveria.

“É um prazer homenagear um homem que realmente não precisa de mais apresentações…”

Baixando o garfo, recostei-me e ouvi Glen exaltar as muitas realizações do meu marido e seu compromisso generoso com as causas que beneficiavam vítimas de abuso sexual.

Não me escapou o fato de que Chris estivesse observando Gideon com um novo entendimento em seus olhos. E com orgulho. O olhar que lançou na direção dele não foi diferente do que o tinha visto lançar para Ireland.

Quando Gideon se levantou agilmente, o salão explodiu em aplausos. Fiquei de pé, junto com Chris, Cary e Ireland. Os demais seguiram o exemplo, e ele foi ovacionado. Antes de se afastar, no entanto, olhou para mim, e seus dedos roçaram as pontas do meu cabelo.

Vê-lo atravessar o palco já era um prazer em si. Seu passo era suave e sem pressa, mas imponente. Graciosamente poderoso, movia-se tão bem que era uma alegria admirá-lo.

Gideon pousou a placa que recebeu em cima do púlpito, as mãos bronzeadas em notável contraste com o branco dos punhos da camisa. Então começou a falar, com sua dinâmica e suave voz de barítono, transformando cada palavra em uma carícia. Não havia um único ruído no salão, todos pareciam fascinados por sua bela e sombria aparência e sua fala apaixonada.

Acabou rápido demais. No momento em que pegou a placa de novo, fiquei em pé, batendo palmas com tanta força que minhas mãos doíam. Eles o conduziram ao canto do palco, onde um fotógrafo o esperava ao lado de Glen. Gideon falou com eles, em seguida olhou para mim, chamando-me com uma das mãos estendida.

Ele me encontrou no primeiro degrau, oferecendo o braço para me ajudar a subir com aqueles saltos e com o vestido longo.

“Estou morrendo de tesão”, eu disse, baixinho.

Ele riu. “Safada.”

Dançamos por uma hora depois que o jantar acabou.

Por que não dançava com meu marido com mais frequência? Gideon era tão hábil e sexual na pista quanto na cama, o corpo se movendo com uma força fluida, sua condução segura e assertiva.

Ele estava intimamente familiarizado com a forma como nos movíamos juntos e usava isso a seu favor, aproveitando todas as oportunidades para deslizar o corpo contra o meu. Eu estava muito excitada, e ele sabia, o olhar quente e consciente em meu rosto.

Quando consegui desviar a atenção dele, vi Cary dançando com Ireland. Ele tinha me esnobado quando o chamei para fazer aulas de dança comigo, mas acabou aceitando e

logo se tornou o preferido do professor. Era um dançarino nato e conduzia Ireland facilmente, apesar de sua inexperiência.

Exibido, Cary reivindicava um amplo espaço do salão, o que fazia deles o foco de muita atenção. Cary só tinha olhos para ela, desempenhando com perfeição o papel de par completamente deslumbrado. Mesmo com o coração partido, Ireland não podia deixar de se encantar com a atenção inabalável. Eu a vi rindo várias vezes, as bochechas coradas pelo esforço.

Não presenciei o momento “Que bom ver você por aqui!” com Rick, mas acompanhei o resultado. Ele estava dançando com a namorada, incapaz de competir com Cary em habilidade ou aparência. E eles já não trocavam sorrisos e olhares sensuais, já que vez ou outra se voltavam para Cary e Ireland, que pareciam estar se divertindo muito mais.

Terrence e Anne Lucas também dançavam, mas foram sábios o suficiente para ficar do outro lado da pista.

“Vamos para casa colocar um pouco de suor nesses diamantes”, Gideon murmurou, ao final da música, à medida que diminuímos o passo.

Sorri. “Sim, por favor.”

Voltamos para nossa mesa para pegar a placa e minha bolsa.

“Vamos sair com vocês”, disse Stanton, com minha mãe ao lado.

“E Cary?”, perguntei.

“Vai com Martin para casa”, minha mãe respondeu. “Estão se divertindo tanto.”

Com tanta gente que ainda não tinha falado com Gideon e Stanton durante a noite, levamos tanto tempo para sair quanto tínhamos levado para entrar. Eu só conseguia agradecer os parabéns, mas minha mãe de vez em quando falava com autoridade, acrescentando comentários breves, mas incisivos, às discussões de Stanton. Sentia um pouco de inveja, mas era inspirador. Teríamos que conversar sobre aquilo em algum momento.

O lado bom de demorarmos tanto no caminho é que dava aos carros tempo de chegar. Quando finalmente estávamos no térreo, Raúl nos informou que a limusine estava a apenas uma quadra de distância. Clancy me lançou um sorriso rápido antes de avisar à minha mãe e a Stanton que seu carro chegaria naquele instante.

Os paparazzi esperavam lá fora. Não tantos quanto antes, mas ainda mais de dez.

“Vamos nos encontrar amanhã”, disse minha mãe, dando-me um abraço no átrio de entrada.

“Legal.” Eu me afastei. “Eu bem que podia passar um dia num spa.”

“Ótima ideia.” Seu sorriso era reluzente. “Deixe comigo.”

Abracei Stanton; Gideon apertou sua mão. Pisamos do lado de fora e ouvimos os flashes das câmeras dispararem à nossa volta. A cidade nos acolheu com os sons do tráfego do fim de noite e um calor suave. A umidade se dissipava aos poucos, à medida que o verão dava lugar ao outono, e eu ansiava por passar mais tempo ao ar livre. O outono em Nova York tinha um encanto único, algo que eu só aproveitara anteriormente em visitas curtas.

“*Abaixem!*”

Mal tinha registrado o grito quando Gideon pulou em cima de mim. O barulho explodiu ao meu redor, reverberando contra as paredes e zumbindo em meus ouvidos. Ensurdecedor de tão perto… Meu Deus. Colado na gente.

Caímos sobre a calçada acarpetada. Gideon rolou, cobrindo-me com seu corpo. Alguém se jogou em cima dele. Outro barulho. E mais outro. Outro…

Esmagada. Pesado demais. Preciso respirar. Meus pulmões não conseguiam puxar o ar. Minha cabeça latejava. *Oxigênio. Meu Deus*.

Fiz força. Agarrei-me ao tapete vermelho. Gideon me apertou mais. Sua voz era severa ao meu ouvido, as palavras abafadas pelo zumbido frenético em minha cabeça.

Ar. Não consigo respirar… O mundo ficou escuro.

14

“Meu Deus. Eva.” Corri as mãos por seu corpo inerte de maneira frenética, em busca de lesões. O motorista pisou no acelerador com força, e a limusine disparou, num solavanco que me jogou contra o banco.

Ela estava deitada em meu colo, sem reagir ao meu exame desesperado. Não havia sangue no vestido nem na pele. Senti sua pulsação, firme e rápida. Seu peito subia e descia a cada respiração.

O alívio foi tanto que fiquei tonto. Puxei-a para junto de mim, num abraço apertado. “Graças a Deus.”

Raúl berrava ordens para o microfone em seu pulso. No momento em que se calou, perguntei: “Que merda aconteceu?”.

Ele baixou o braço. “Um dos fotógrafos estava armado e disparou. Clancy o pegou.”

“Alguém se machucou?”

“Monica Stanton.”

“O quê?” Meu coração, que já começava a se acalmar, disparou de novo. Olhei para Eva, que acordava lentamente, as pálpebras tremulando. “Meu Deus. Como ela está?”, perguntei.

Raúl exalou asperamente. “Estou esperando a confirmação. Não parecia bem. Você segurou a sra. Cross, e a sra. Stanton entrou na frente.”

Eva.

Apertei-a com força, correndo a mão por seu cabelo, enquanto acelerávamos pela cidade.

“O que aconteceu?”

A pergunta suave de Eva assim que contornamos a esquina que levava à garagem do prédio fez meu estômago revirar. Raúl me olhou, com o rosto sombrio. Poucos momentos antes, havia recebido uma ligação, e seu olhar encontrara o meu, confirmando meu pior

medo com um aceno de cabeça e um “Sinto muito” silencioso, articulado com os lábios.

A mãe de Eva estava morta.

Como ia dizer aquilo a ela? E como a manteria segura até saber o que estava acontecendo?

Meu telefone, no bolso do paletó, tocava constantemente. Ligações. Mensagens. Precisava ver o que era, mas Eva vinha em primeiro lugar.

Entramos na garagem, passando pela guarita de vidro do vigia. Meu pé batia inquieto no piso. Eu queria sair do carro. Precisava levar Eva para a segurança de casa.

“Gideon?” Ela agarrou meu paletó. “O que aconteceu? Ouvi tiros…”

“Alarme falso”, respondi, com a voz rouca, apertando-a mais forte. “O escapamento de algum carro estourou.”

“Sério?” Ela piscou para mim, fazendo uma careta à medida que eu a puxava mais para perto. “Ai.”

“Desculpa.” Eu a tinha derrubado com força, incapaz de conter a queda sem que ela ficasse exposta ao perigo. Tinha sido uma reação instintiva e abrupta à urgência na voz de Raúl. “Exagerei na dose.”

“Foi só isso?” Ela tentou se sentar. “Achei ter ouvido vários tiros.”

“Algumas pessoas se assustaram e derrubaram as câmeras dos fotógrafos. Deve ter sido isso.”

O carro parou; Raúl saltou e estendeu a mão para ajudar Eva. Ela saiu devagar, comigo logo atrás. Peguei-a em meus braços no instante em que fiquei de pé.

Caminhei até o elevador e esperei Raúl digitar o código. Um dos seguranças da equipe dele estava atrás de nós, olhando na outra direção, a mão dentro do paletó segurando uma arma.

Ele daria conta se houvesse outro atirador de tocaia?

“Ei, posso andar sozinha”, reclamou Eva, ainda atordoada, com os braços ao redor dos meus ombros. “E você precisa atender o telefone. Esse negócio não para de tocar.”

“Daqui a pouco.” Entrei no elevador. “Você desmaiou. Fiquei assustado.”

“Não conseguia respirar.”

Beijando sua testa, desculpei-me de novo. Não me senti seguro até estarmos na sala de estar. Então olhei para Raúl. “Já volto.”

Levei Eva direto para o quarto e a deitei sobre o edredom. Lucky latia em sua gaiola, arranhando a porta.

“Que maluquice.” Eva sacudiu a cabeça. “Cadê minha bolsa? Quero ligar para minha mãe. Clancy também se assustou?”

Senti a barriga revirar. Tinha prometido nunca mais mentir para Eva e sabia que aquilo ia machucá-la profundamente. Ia *nos* machucar. Mas… Como poderia ter contado a ela? E, se tivesse contado, como conseguiria mantê-la em casa segura? Eva ia querer sair para ver a verdade com os próprios olhos.

Os latidos chorosos de Lucky só aumentavam minha ansiedade.

“Acho que sua bolsa ficou no carro.” Afastei o cabelo de sua testa, lutando contra o tremor que tentava invadir meu corpo. “Vou pedir para alguém ir buscar.”

“Tá. Posso usar seu telefone?”

“Primeiro vamos cuidar de você. Está machucada? Dói em algum lugar?” Lancei um olhar irritado na direção de Lucky, mas aquilo só fez com que batesse as patas contra as barras de metal com mais fúria.

Ela levou a mão ao quadril e estremeceu. “Acho que sim.”

“Certo. Vamos cuidar disso.”

Fui ao banheiro e peguei o telefone para desligá-lo. A tela exibia uma lista infinita de mensagens e ligações perdidas. Observei-a ficar preta, enfiei o aparelho no bolso da calça e abri as torneiras da banheira. Qualquer um que quisesse falar comigo poderia chegar até mim por Raúl ou Angus.

Assim que joguei um punhado de sais de banho na água fumegante, percebi que aquilo era um risco, já que era raro eu não me juntar a Eva na banheira. Ainda assim, a água quente a acalmava. Eu suspeitava que ela cochilasse durante o dia para compensar as horas que nossa vida sexual roubava de suas noites, mas Eva estava com o sono atrasado depois do fim de semana.

Se conseguisse relaxá-la e colocá-la na cama, talvez ela dormisse. Isso me daria um tempo para descobrir o que tinha acontecido e que risco ainda corríamos, e falar com o dr. Petersen…

Merda. E com Victor. Tinha que ligar para o pai de Eva e colocá-lo num voo para Nova York o mais rápido possível. E Cary. Também precisaria dele. Quando estivesse a par de tudo e tivesse preparado um sistema de apoio, então poderia contar a Eva. Só algumas horas. Era tudo de que eu precisava.

Lutei para ignorar o medo doentio de que Eva não me perdoasse por aquilo.

Quando voltei para o quarto, ela estava soltando Lucky. O entusiasmo dele a fez rir, e o som alegre que eu tanto amava me feriu como uma faca no peito.

Eva beijou a cabeça de Lucky e me encarou com olhos brilhantes. “Você devia levar o coitadinho para fazer xixi. Está preso há um tempo já.”

“Pode deixar.”

Ela fez carinho em Lucky antes de passá-lo para mim. “Estou ouvindo a banheira enchendo.”

“Um banho quente pode fazer bem.”

“Preliminares?”, ela provocou. O olhar dela… Foi de matar. Quase contei, mas não consegui fazer as palavras passarem pelo nó na minha garganta.

Virei para o corredor e fui até a sala de estar, onde ficava o tapete de grama falsa de Lucky. Coloquei o cachorro sobre ele e passei as mãos pelo cabelo.

Pense, droga. Nossa, preciso de uma bebida.

Isso. Uma bebida

Fui para a cozinha e tentei pensar em algo forte que Eva bebesse. Um digestivo? Lembrei-me de desligar o telefone da casa, mas alguém já tinha pensado naquilo. Olhei ao redor e vi a cafeteira.

Algo quente. Relaxante. Sem cafeína.

Chá. Fui até a despensa e, empurrando tudo para o lado, procurei por uma caixa de chá que Angus deixava na cobertura. Ele dizia que acalmava os ânimos. Encontrei a caixa e enchi uma caneca com água quente. Coloquei dois saquinhos de chá dentro, uma dose generosa de rum e mel. Mexi, sujando a bancada. Mais rum.

Deixei os saquinhos na pia e voltei para Eva.

Quando não a encontrei no quarto, entrei em pânico. Então ouvi sua voz no closet e soltei o ar, aliviado. Coloquei a caneca perto da banheira, fechei a torneira e fui até ela. Encontrei-a sentada no banco, tirando os sapatos.

“O vestido estragou, acho”, disse, erguendo-se sobre os pés descalços e mostrando um rasgão do lado esquerdo.

“Eu compro outro.”

Ela me deu um sorriso enorme. “Você me mima demais.”

Era pura tortura. Cada segundo. Cada mentira que eu dizia. Cada verdade que guardava.

O amor em seus olhos me esfolava vivo. Sua total confiança em mim. Suor escorria pelas minhas costas. Tirei o paletó e o joguei num canto, então puxei a gravata-borboleta e o colarinho até que pudesse respirar.

“Me ajuda aqui.” Ela se virou de costas para mim.

Abri o vestido e o deslizei pelos ombros, deixando-o cair em um montinho no chão. Então desabotoei o sutiã e a ouvi suspirar de prazer com o alívio da pressão.

Olhei para ela e amaldiçoei silenciosamente o hematoma já escurecendo em seu quadril e as escoriações no braço, nos pontos em que o tapete vermelho a tinha arranhado.

Eva bocejou. “Nossa. Estou cansada.”

Graças a Deus. “Você devia dormir.”

Ela me lançou um olhar ardente por cima do ombro. “Não estou *tão* cansada assim.”

Nada podia doer tanto quanto aquilo. Eu não podia tocá-la ou fazer amor com ela… Não com aquela mentira entre nós.

Engoli em seco. “Tudo bem, então. Tenho que resolver umas coisas do trabalho antes. E pegar sua bolsa. Fiz um chá para você. Está do lado da banheira. Relaxe um pouco que eu já volto.”

“Está tudo bem?”

Incapaz de mentir ainda mais, disse uma verdade irrelevante. “Estou muito atrasado com o trabalho. Tenho algumas coisas urgentes para resolver.”

“Desculpa. Sei que é por minha causa.” Ela beijou meu queixo. “Eu te amo, garotão.”

Eva pegou o robe no cabide, vestiu e saiu. Fiquei ali, cercado pelo cheiro dela, as mãos ainda formigando com a sensação da sua pele, o coração batendo com medo e ódio por mim mesmo.

Lucky entrou tão depressa que bateu contra a porta antes de se deitar aos meus pés. Peguei-o no colo e fiz carinho nele.

Daquele pesadelo ele não tinha como me acordar.

Raúl esperava no escritório da cobertura, falando rispidamente ao telefone. Entrei e fechei a porta atrás de mim.

Ele desligou e se levantou. “A polícia está no local. O atirador está sob custódia.”

“E Monica?”

“Estão esperando o legista.”

Não dava nem para imaginar. Fui até a mesa e me deixei cair na cadeira. Meu olhar recaiu sobre as fotos de Eva na parede.

“Os detetives virão até aqui quando chegar a hora de prestar depoimento.”

Assenti e rezei para que só aparecessem no dia seguinte.

“Tirei o telefone da cozinha do gancho”, ele avisou, com calma.

“Percebi. Obrigado.”

Alguém bateu à porta. Tenso, imaginei que veria Eva entrando em seguida. Mas era Angus, e expirei aliviado.

“Vou voltar para lá”, disse Raúl. “Mantenho vocês informados.”

“Preciso da bolsa de Eva. Está no carro. E Cary. Traga ele aqui.”

Raúl assentiu e saiu.

Angus se acomodou no assento agora desocupado. “Sinto muito, rapaz.”

“Eu também.”

“Eu deveria ter estado lá.”

“Outra pessoa que amo correndo perigo?” Levantei, inquieto demais para me manter sentado. “Ainda bem que você estava na casa dos Lucas.”

Angus me fitou por um momento, então baixou os olhos para as mãos.

Levei um segundo para perceber o que tinha dito. Outro para me dar conta de que nunca tinha dito a ele que o amava. Esperava que já soubesse, no entanto.

Respirando fundo, Angus ergueu o queixo e me olhou de novo. “Como está Eva?”

“Tenho que ir lá dar uma olhada nela. Está tomando banho.”

“Pobre moça.”

“Ela ainda não sabe.” Esfreguei a nuca. “Não contei.”

“Gideon.” Seus olhos se arregalaram com o mesmo desânimo que eu sentia. “Você não pode…”

“E de que ia adiantar?”, retruquei. “Não sabemos de nada. A mãe dela morreu. Não posso deixar que ela volte lá e veja… aquilo. Por que torturar Eva ou colocar sua

segurança em risco? Meu Deus, poderia ter sido ela! Ainda pode ser, se não tomarmos cuidado.”

Angus me observou andar de um lado para o outro, com olhos de quem tinha visto — e ainda via — demais.

“Vou fazer umas ligações.” Peguei o telefone. “Preciso tomar as rédeas da situação antes de contar a ela. Tentar amortecer o golpe o máximo possível. Eva já passou por tanta coisa…” Minha voz falhou. Meus olhos ardiam.

“O que posso fazer para ajudar?”, Angus perguntou, em voz baixa.

Eu me recompus. “Preciso de um jato disponível para o pai de Eva. Vou ligar para ele agora.”

“Pode deixar.” Ele se levantou.

“Espera uns minutos para eu dar a notícia. Mande uma mensagem para ele quando estiver tudo preparado.”

“Considere feito.”

“Obrigado.”

“Gideon… Você precisa saber que minha pesquisa na residência dos Lucas foi bem-sucedida.” Ele enfiou a mão no bolso e tirou um pen drive do tamanho de uma moeda de dez centavos. “Estava guardado num cofre, debaixo de uma caixa de joias. Ela vasculhou todas as anotações dele.”

Olhei para Angus fixamente. Anne e Hugh eram a menor das minhas preocupações naquele momento.

“É tudo mentira”, ele continuou. “Ele não falou nada do que aconteceu. Mas, quando chegar a hora, você talvez se interesse pelo que disse sobre Christopher.”

Angus colocou o pen drive na mesa e saiu da sala.

Fiquei olhando para aquilo. Então abri uma gaveta e coloquei o pen drive lá dentro.

Liguei o telefone e vi que havia torpedos e mensagens de voz de Cary, Magdalene, Clancy, Ireland, Chris…

Desanimado, busquei o contato do escritório do dr. Petersen e liguei. Após ouvir a gravação automática, disquei o número do atendimento de emergência e expliquei ao operador que se tratava mesmo de uma emergência — havia acontecido uma morte, e ele precisava me ligar de volta o mais rápido possível.

Toda a interação foi fria e calculada, sobretudo para algo tão desesperadamente pessoal.

O processo sombrio parecia um terrível insulto à mulher vibrante e bonita, esposa e mãe, que não estava mais entre nós. Ainda assim, vi-me desejando que a próxima ligação que eu tinha que fazer também envolvesse tão pouca emoção.

Enquanto o telefone tocava do outro lado, afundei na cadeira. A última vez que falara com Victor fora quando ligara do Rio de Janeiro para explicar que a foto com as duas mulheres era de antes de eu conhecer a filha dele. Victor recebera a informação com uma reserva gélida, deixando bem claro que eu não era bom o suficiente para Eva, sem dizê-lo propriamente. Eu não discordava daquilo. Agora, eu tinha que dizer a ele que a outra mulher que amara fora tirada dele de novo — e para sempre.

Eva acreditava que o pai ainda era apaixonado pela ex-mulher. Se fosse o caso, a notícia o deixaria arrasado. Ainda podia sentir o gosto da bile no fundo da garganta e o pânico gelado que apagou minha mente nos primeiros momentos após o tiroteio. Sem Eva, não haveria nada para mim.

“Reyes”, Victor atendeu, parecendo calmo e desperto. Havia barulho no fundo, do trânsito talvez. E uma música soando baixinho. Olhei para o relógio e pensei que talvez estivesse de plantão.

“É Cross. Preciso dar uma notícia. Está sozinho?”

“Posso ficar. O que foi?”, ele perguntou, captando a gravidade do meu tom. “Aconteceu alguma coisa com Eva?”

“Não, não é Eva.”

Fala logo. Rápido e direito. É assim que eu gostaria de ser informado de que minha vida acabou.

“Monica foi assassinada. Sinto muito.”

Houve uma pausa terrível. “O que você acabou de dizer?”

Minha cabeça bateu contra o encosto da cadeira. Ele tinha ouvido na primeira vez, dava para saber pela sua voz. Mas não podia acreditar. “Sinto muito, Victor. Não sabemos muito mais do que isso no momento.”

Ouvi uma porta de carro se abrir e se fechar do outro lado da linha. Em seguida, uma transmissão do rádio da polícia, e, por fim, um silêncio pesado que se estendeu por longos minutos. Ainda assim, eu sabia que ele estava lá.

“Foi há uma hora”, expliquei, calmamente, tentando preencher o silêncio. “Estávamos todos saindo de um evento. Um homem armado no meio da multidão atirou.”

“Por quê?”

“Não sei. Mas ele foi detido. Devemos ter mais detalhes em breve.”

Sua voz então pareceu mais firme. “Cadê minha filha?”

“Está em casa, comigo. Não vai sair até eu estar certo de que é seguro. Estou preparando um voo para você vir para cá. Eva vai precisar de você, Victor.”

“Me deixa falar com ela.”

“Está descansando. Você vai receber uma mensagem com a informação do voo assim que estiver confirmado. Vai ser um dos meus jatos. Amanhã de manhã você fala com ela, quando estiver aqui.”

Victor exalou bruscamente. “Certo. Vou me arrumar.”

“Até daqui a pouco.”

Desliguei e pensei no outro homem que era uma figura paterna para Eva. Não dava para imaginar o que Stanton estava passando naquele instante; era de enlouquecer. Compadeci-me dele, e me entristecia profundamente o fato de que qualquer coisa que dissesse seria inadequada.

Ainda assim, digitei uma mensagem rápida. Se eu puder ajudar de alguma forma, por favor, me avise.

Saí do escritório e fui até o banheiro da suíte. Parei por um instante na porta, tudo dentro de mim doendo diante da visão de Eva deitada na água fumegante, com os olhos fechados. Seu cabelo estava preso no alto, desarrumado. Os diamantes brilhavam na bancada. Lucky arranhava minhas canelas.

“Oi”, ela murmurou, mantendo os olhos fechados. “Cuidou de tudo?”

“Ainda não. Agora, preciso cuidar de você.” Fui até ela e vi que o chá ainda estava pela metade. “Você devia terminar o chá.”

Seus olhos se abriram lentamente, sonhadores e gentis. “Está forte. Fiquei meio tonta.”

“Ótimo. Beba tudo.”

Eva fez o que pedi. Não por obediência, mas daquele jeito com que uma mulher que está com segundas intenções finge seguir uma ordem: porque convém a ela.

“Não vai entrar?”, perguntou, lambendo os lábios.

Balancei a cabeça. Ela fez beicinho.

“Então acabei.” Levantou-se da banheira, a água escorrendo pelas curvas coradas. Em seguida, lançou-me um sorriso sedutor, sabendo o que estava fazendo comigo. “Não vai mudar de ideia?”

Engoli em seco, por cima do nó na garganta. “Não posso.”

Com passos lentos, peguei uma toalha e entreguei a ela. Em seguida, afastei-me, atormentado pela visão de seu corpo, e peguei alguns itens de primeiros socorros, deixando as pomadas e os curativos na bancada.

Eva se aproximou, recostando-se contra a lateral do meu corpo. “Está tudo bem? Ainda pensando na sua mãe?”

“O quê? Não”, resmunguei, a cabeça baixa. “Quando você desmaiou… Caralho. Nunca fiquei tão assustado.”

“Gideon.” Ela deslizou o corpo junto ao meu, abraçando-me. “Estou bem.”

Suspirando, apertei-a rapidamente e soltei. Doía demais segurá-la, sabendo o que estava ocultando. “Me deixa dar uma olhada para ter certeza.”

Lucky sentado, a cabeça de lado, olhando para mim curioso enquanto inspecionava o braço de Eva. Limpei a ferida e passei a pomada para aliviar a dor. Por fim, protegi com gaze. O hematoma escuro no quadril recebeu uma dose generosa de arnica, meus dedos girando bem de leve sobre a pele roxa até o gel ter sido absorvido por completo.

Meu toque e dedicação a deixaram excitada, apesar dos meus esforços contrários. Fechei os olhos com força e fiquei de pé. “Já para a cama, sra. Cross.”

“Hum… Certo, para a cama.” As mãos dela foram até meus ombros, seus dedos correndo pelas pontas abertas da gravata-borboleta. “Gosto do seu colarinho aberto assim. Muito sexy.”

“Meu anjo… Você está acabando comigo.” Peguei suas mãos. “Ainda tenho que resolver algumas coisas.”

“Tá. Vou me comportar. Por enquanto.”

Peguei sua mão e a levei para o quarto. Eva protestou quando peguei uma camiseta das Indústrias Cross e a vesti por cima da cabeça.

“E os diamantes?”, perguntou.

Ela talvez nunca mais os usasse de novo. Onde estava o dr. Petersen? Precisava da ajuda dele para dizer as coisas certas do jeito certo quando chegasse a hora.

Meus dedos roçaram sua bochecha, o único toque que eu me permitiria. “Você vai ficar mais confortável sem eles.”

Coloquei-a na cama, tirando seu cabelo do rosto. Eva ia dormir acreditando que a mãe ainda estava no mundo e que o marido nunca mentiria para ela.

“Te amo.” Dei um beijo em sua testa, desejando que as palavras ecoassem em seus sonhos.

Era muito possível que Eva não acreditasse nelas depois que acordasse.

Fechei a porta do quarto para deixar Eva descansar e fui até a cozinha em busca de uma bebida, algo forte, para aliviar o frio na minha barriga.

Encontrei Cary na sala, sentado no sofá com a cabeça entre as mãos. Angus estava à cabeceira da mesa de jantar, falando baixinho ao telefone.

“Quer uma bebida?”, perguntei para Cary ao passar por ele.

Ele ergueu a cabeça e pude ver as lágrimas. A devastação. “E Eva?”

“Está tentando dormir. É melhor que descanse.” Entrei na cozinha, peguei dois copos e uma garrafa de uísque e servi duas doses generosas. Quando Cary se juntou a mim, passei um copo para ele.

Virei a minha dose de uma vez só. Fechei os olhos e fiquei sentindo a ardência. “Você vai ficar no quarto de hóspedes.” Minha voz soou áspera com o calor da bebida. “Ela vai precisar de você amanhã de manhã.”

“Vamos precisar um do outro.”

Servi outro copo para mim. “Victor está vindo.”

“Merda.” Cary limpou os olhos úmidos. “O Stanton, cara… Ele envelheceu bem na minha frente. Como se trinta anos tivessem passado.” Ele levou o copo aos lábios, a mão tremendo violentamente.

Meu telefone tocou no bolso. Atendi, mesmo não reconhecendo o número. “Cross.”

“Gideon. É o dr. Petersen. Recebi sua mensagem.”

“Só um minuto.” Apertei o telefone contra o peito e olhei para Cary. “Tenho que atender.”

Ele me dispensou, o olhar fixo no líquido âmbar em seu copo.

Fui até o quarto, entreabri a porta e fiquei aliviado de ver que Eva estava dormindo com o cachorro enrolado ao seu lado. Fui para o escritório e me tranquei lá. “Desculpe. Precisava de privacidade.”

“Sem problemas. O que houve, Gideon?”

Desabei na cadeira, deixando a cabeça cair na mão livre. “A mãe de Eva. Houve um incidente esta noite. Ela morreu.”

“Monica…” Ele respirou fundo. “O que aconteceu?”

Lembrei que Monica tinha sido paciente do dr. Petersen. Expliquei da mesma forma que tinha feito com Victor. “Preciso que você venha à minha casa. Preciso de ajuda. Não sei como dizer a Eva.”

“Como…? Espera um pouco, Gideon. Está tarde, e acho que não entendi direito. Você não falou que ela estava com você quando aconteceu?”

“Estava bem do meu lado, mas eu me joguei por cima dela, para proteger seu corpo. Ela ficou sem ar e desmaiou. Quando acordou, eu disse que tinha sido um alarme falso.”

“Ah, Gideon.” O terapeuta suspirou profundamente. “Não foi boa ideia.”

“Foi a decisão certa. Não tinha nada que ela pudesse fazer.”

“Você não pode proteger Eva de tudo, e mentir nunca é a solução.”

“Posso proteger minha mulher das balas!” Fiquei de pé, furioso que sua reação e a de Angus refletissem meus piores medos sobre como Eva reagiria à escolha que eu tinha feito. “Até eu saber qual é a ameaça, não vou deixar que Eva saia por aí. E é exatamente isso que ela ia fazer se soubesse da morte da mãe!”

“A escolha tem que ser dela.”

“Ela escolheria errado.”

“Independente disso, é uma decisão que Eva tem o direito de tomar sozinha.”

Balancei a cabeça, embora soubesse que ele não podia me ver. “A segurança de Eva não é negociável. Ela se preocupa com todo mundo. É meu trabalho me preocupar com ela.”

“Você poderia contar a ela suas preocupações”, argumentou o dr. Petersen, com a voz baixa e calma. “Explicar o que está sentindo.”

“Eva não ia colocar a segurança dela em primeiro lugar. Ia querer ficar com Stanton.”

“Ficar junto das pessoas que compartilham nosso sofrimento pode…”

“Ele está de pé numa calçada, diante do corpo da mãe dela!”

As palavras e a imagem que evocavam eram vis. Meu estômago se revirou, rejeitando a bebida. Eu precisava que alguém compreendesse toda a extensão do horror e o motivo pelo qual eu tinha tomado aquela decisão. Precisava de alguém que me oferecesse alguma esperança de que Eva me entenderia.

“Não me diga o que seria melhor”, continuei, friamente. “Não vou deixar Eva ir até lá. Ela ficaria traumatizada se visse… aquilo.”

O dr. Petersen ficou quieto. Por fim, acrescentou: “Quanto mais você esperar, mais difícil vai ser para os dois”.

“Vou contar quando ela acordar. Você vai vir e me ajudar a fazer isso.”

“Gideon…”

“Já falei com o pai dela, na Califórnia. Ele vem para Nova York. E Cary está aqui.” Eu andava de um lado para o outro no escritório. “Eles vão ter um tempo para assimilar tudo e, quando Eva os encontrar, vão poder dar o apoio de que ela precisa. Você também pode ajudar.”

“Está ignorando o fato de que a maior fonte de força e conforto da Eva é *você*, Gideon. Ocultar uma informação dessa magnitude, ser desonesto sobre isso, é arriscar toda a base da qual ela depende tanto.”

“Você acha que não sei disso?!” Parei no meio da passada, bem na frente da colagem de fotos de Eva. “Eu… Meu Deus. Estou morrendo de medo de que ela nunca me perdoe.”

O silêncio do dr. Petersen fez com que as palavras pairassem no ar, zombando da minha impotência.

Desviei o olhar das imagens de Eva. “Mas eu faria tudo de novo. A situação, o risco…”

“Está bem. Você vai precisar explicar para ela assim que acordar. Seja franco sobre o que está sentindo e se concentre nisso, e não na sua lógica ou no seu raciocínio. Ela pode não concordar, mas entender o impulso emocional por trás das suas ações vai ajudar.”

“Você entende?”, desafiei.

“Entendo. O que não quer dizer que não recomendaria que tivesse agido diferente. Mas entendo, sim. Vou passar outro número para que você possa me contatar direto.”

Peguei uma caneta na mesa e anotei o telefone.

“Converse com Eva. Depois, se ainda achar que precisa de mim, me chame. Não posso prometer atender na mesma hora, mas retorno assim que puder.”

“Obrigado.” Desliguei e sentei à mesa. Não havia mais nada a fazer além de esperar. Esperar Eva acordar. Esperar a polícia. Esperar as pessoas que ligariam e apareceriam na cobertura, amigos e parentes que seriam tão ineficazes quanto eu.

Liguei o computador e mandei um e-mail para Scott, pedindo para esvaziar minha agenda pelo restante da semana e entrar em contato com a cerimonialista do casamento.

Dar a notícia a ela e outras pessoas talvez fosse desnecessário, considerando que os paparazzi estavam lá na hora do tiroteio. Não é possível ter privacidade nem no luto.

A ideia do que já devia ter sido postado na internet fez com que eu me sentisse furioso e impotente. Fotos chocantes da cena do crime. Teorias da conspiração e especulações desenfreadas. O mundo inteiro estaria vigiando nossas janelas pelos próximos meses.

Afastei os pensamentos.

Obriguei-me a pensar nas coisas que iam aliviar o estresse de Eva. Já tinha planos de conversar com Victor sobre a família dele, que chegaria na sexta-feira.

Antes de perceber, estava com o celular na mão. Verifiquei as chamadas não atendidas e passei pelas mensagens. Não havia nada de minha mãe, embora imaginasse que Chris ou Ireland já tivesse contado a ela. Seu silêncio não me surpreendeu tanto quanto a mensagem de Christopher.

Diga a Eva que sinto muito, por favor.

Olhei para as palavras por um bom tempo, tocando na tela para mantê-la acesa quando começou a se apagar. Foi o “por favor” que me surpreendeu. Uma expressão tão corriqueira, mas que Christopher não usava comigo.

Pensei nas pessoas para quem tinha ligado. Cary, que era como um irmão para ela. Victor, seu pai. Para quem ela ligaria se estivesse no meu lugar? Para Chris? Certamente não para meu irmão.

Por quê? Todos aqueles anos, eu tinha me perguntado aquilo. Christopher poderia ter significado muito mais para mim, um vínculo na nova família que minha mãe tinha criado.

Abri a gaveta e fitei o pen drive que Angus tinha recuperado na casa dos Lucas. Poderia conter a resposta?

Faria diferença agora?

O momento que eu temia tinha chegado rápido demais. Estava deitado na cama, com os olhos fechados, quando senti o colchão mexer. Eva se virou, e fiquei ouvindo-a suspirar de leve, acomodando-se na nova posição. Ia dormir de novo se eu deixasse. Poderia lhe dar mais algumas horas de paz.

Mas o voo de Victor tinha acabado de pousar em Nova York. A polícia poderia chegar a qualquer momento. A realidade ia se intrometer, não importava o quanto eu quisesse impedir, o que significava que o tempo que tinha para dar a notícia estava diminuindo.

Sentei e passei a mão no rosto, sentindo a aspereza do início de barba que sombreava meu queixo. Toquei seu ombro, despertando-a tão gentilmente quanto pude.

“Ei.” Eva rolou na minha direção, os olhos sonolentos. “Ainda está de roupa. Trabalhou a noite toda?”

Levantei e acendi a luz, incapaz de tocar no assunto na cama. “Eva. A gente precisa conversar.”

Ela piscou e se ergueu nos cotovelos. “O que foi?”

“Lava o rosto enquanto faço um café. Me espera aqui no quarto.”

Ela franziu a testa. “Você está tão sério.”

“É sério. Você precisa estar acordada.”

“Tudo bem.” Eva afastou o edredom e saiu da cama.

Peguei Lucky e fechei a porta do quarto atrás de mim, soltando-o no banheiro antes de preparar o café. Era outro dia, e eu continuava enrolando. Passar mais aqueles minutos fingindo parecia piorar muito a mentira.

Quando voltei para o quarto, encontrei Eva vestindo a calça do pijama. Tinha prendido o cabelo num rabo de cavalo curto e havia uma manchinha de pasta de dente na camiseta. Naquele momento, eu a amava mais do que tudo.

Ela pegou a caneca da minha mão e inspirou o aroma, fechando os olhos de prazer. Era algo tão rotineiro nela que meu peito doeu.

Deixei meu café de lado, o estômago de repente revirado demais para ingerir qualquer coisa. “Senta naquela cadeira, meu anjo.”

“Você está começando a me assustar.”

“Eu sei. Desculpa.” Toquei seu rosto. “Não queria arrastar tanto isto. Se você sentar, eu explico.”

Eva se acomodou na cadeira de leitura sob as janelas em arco. A escuridão do céu dava lugar a um azul acinzentado. Acendi a luz ao seu lado, em seguida, peguei outra cadeira e coloquei na frente dela. Sentei, segurei suas mãos e apertei seus dedos de leve.

Respirei fundo. “Menti para você. Posso me defender quando terminar, mas…”

Eva franziu os olhos. “Fala logo, garotão.”

“O que você ouviu foram mesmo tiros. Um dos fotógrafos disparou contra a gente ontem à noite. Sua mãe foi atingida.” Fiz uma pausa, esforçando-me para dizer as palavras. “Ela não sobreviveu.”

Eva me encarou, os olhos grandes e escuros no rosto subitamente pálido. Sua mão tremia violentamente quando baixou a caneca na mesa de cabeceira. “O quê?”

“Ela foi baleada, Eva.” Apertei suas mãos abruptamente frias, sentindo seu pânico. “E morreu. Sinto muito.”

Sua respiração acelerou.

“Não tenho respostas agora. Eles prenderam o atirador, e Raúl me disse que os detetives Graves e Michna estão investigando o caso.”

“Eles são do setor de homicídios”, observou ela, com a voz indiferente.

“É.” Foram eles que investigaram a morte de Nathan Barker. Eu os conhecia melhor do que desejava.

“Por que alguém ia querer matar a minha mãe?”

“Não sei, Eva. Pode ter sido aleatório. Ou ele pode ter errado o alvo. A gente pode ligar para Graves ou Michna — você ainda tem o cartão deles, não tem? Talvez eles não falem muita coisa, mas imagino que venham colher nossos depoimentos.”

“Por quê? Não sei de nada.”

O medo contra o qual eu lutara a noite inteira me dominou. Tinha imaginado raiva e lágrimas. Uma explosão violenta de emoção. Mas ela parecia desorientada. Quase sem vida.

“Meu anjo.” Soltei uma de suas mãos e segurei seu rosto. “Cary está aqui, no quarto de hóspedes. Seu pai está a caminho do aeroporto. Daqui a pouco vai chegar.”

“Meu pai.” Uma lágrima solitária deslizou por sua face. “Ele sabe?”

“Sabe. Eu avisei. E Cary também sabe. Ele estava lá.”

“Preciso falar com Cary. Ela era como uma mãe para ele.”

“Eva.” Deslizei até a beirada da cadeira e segurei seus ombros. “Você não precisa se preocupar com mais ninguém agora.”

“Por que não me contou?” Ela me olhava, sem expressão. “Por que mentiu para mim?”

Fiz menção de explicar, mas parei. Por fim, respondi: “Para proteger você”.

Seu olhar deixou meu rosto, afastando-se para o lado. “Acho que sabia que algo de ruim tinha acontecido. Por isso que não estou surpresa. Quando saímos… ela já tinha…?”

“Já, Eva. Não vou mentir de novo… Quando tirei você de lá, não sabia que alguém havia sido atingido. O mais importante era levar você para algum lugar seguro. Depois

disso…”

“Deixa pra lá.”

Meus pulmões pareciam tremer no peito com a respiração. “Você não poderia ter feito nada.”

“Agora não importa mais.”

“Você está em estado de choque, Eva. Olhe para mim.” Ela não o fez, e eu a peguei no colo. Seu corpo estava todo frio. Abracei-a, tentando aquecê-la. Eva estremeceu.

Fui até a cama e puxei o edredom. Sentei-me na beirada do colchão e nos cobri, envolvendo-a até os ombros. Então a embalei e beijei sua testa.

“Sinto muito, meu anjo. Não sei o que fazer. Me diga o que fazer.”

Ela não respondeu e não chorou.

“Você dormiu?” Chris perguntou, suavemente. “Talvez devesse deitar um pouquinho.”

Sentado à mesa do escritório da cobertura, ergui o olhar, surpreso de ver meu padrasto em pé na minha frente. Não o tinha ouvido entrar. Estava com a cabeça longe, fitando o mundo lá fora pela janela.

Victor e Cary estavam na sala de estar com Eva. Os dois homens mal conseguiam falar, atordoados pela dor. Angus estava em algum lugar do prédio, trabalhando com a equipe da portaria para gerenciar a multidão de fotógrafos e repórteres acampados na entrada principal.

“Você falou com Eva?” Esfreguei os olhos, que ardiam. “Cary e o pai dela estão arrasados, e ela…”

Como Eva estava? Não tinha a menor ideia. Ela parecia… alheia. Como se não estivesse nem um pouco conectada com a angústia e a raiva impotente transbordando de duas pessoas que amava profundamente.

“Ela está anestesiada.” Ele se sentou. “Em algum momento, a ficha vai cair. Por enquanto, está lidando com a situação do jeito que sabe.”

“‘Em algum momento’ é vago demais! Só preciso saber quando… como… o que fazer.”

“É por isso que você tem que cuidar de si mesmo, Gideon.” Seu olhar gentil avaliou meu rosto. “Para ser forte quando ela precisar.”

“Ela não quer que eu a conforte. Está muito ocupada se preocupando com outras pessoas.”

“É uma distração, tenho certeza”, ele argumentou, calmamente. “Algo em que se concentrar além da própria perda. Se quer meu conselho, tem que se concentrar em *você*. É óbvio que passou a noite acordado.”

Deixei escapar uma risada de desdém. “O que me entregou? O smoking?”

“Os olhos vermelhos, a barba por fazer. Você não parece o marido com o qual Eva conta para segurar as pontas e fazer tudo o que estiver ao seu alcance.”

“Droga.” Fiquei em pé. “É que… me parece errado agir como se nada tivesse acontecido.”

“Não foi o que eu quis dizer. Mas a vida tem que continuar. E para Eva… isso vai acontecer ao seu lado. Portanto, seja *você*. Neste momento, parece tão instável quanto eles lá fora.”

Era como eu me sentia. O fato de Eva não estar buscando conforto em mim… era meu maior medo.

Mas sabia que Chris tinha razão. Se eu não demonstrasse que podia apoiá-la, como poderia esperar que se apoiasse em mim?

Ele se levantou. “Vou fazer café enquanto você toma um banho. Trouxe comida, aliás. Bolos e sanduíches de uma padaria que seu irmão recomendou. Daqui a pouco é hora do almoço.”

Não conseguia pensar em comida, mas tinha sido gentil da parte dele. “Obrigado.”

Chris caminhou comigo até a porta. “Tenho ficado na cidade esses dias, como você sabe. Christopher vai tomar conta das coisas no trabalho pelos próximos dias, para que eu possa ajudar você por aqui. Se precisar de alguma coisa, não importa a que horas seja, me liga.”

Parei. Sentia um aperto forte no peito. Lutava para respirar.

“Gideon.” Chris colocou a mão no meu ombro. “Vocês vão superar isso. Você tem sua família e seus amigos…”

“Que família?”

Ele deixou o braço cair.

“Desculpe…”, eu disse, odiando que ele tivesse se afastado. Odiando ter colocado aquela expressão de mágoa em seu rosto. “Fico feliz que você esteja aqui. Não esperava,

mas fico feliz…”

Chris me puxou para um abraço apertado. “Então aprenda a esperar por isso”, disse, rispidamente. “Porque não vou recuar desta vez, Gideon. Somos uma família. Talvez agora a gente possa começar a pensar no que isso significa para todo mundo. Você e eu. Sua mãe, Christopher e Ireland.”

Com a cabeça apoiada no ombro dele, lutei para manter um pingo de compostura. Estava cansado. Estragado. Meu cérebro não funcionava direito. Talvez fosse por isso que me sentia… Merda. Não sabia o que sentia.

Victor e Cary estavam desolados. Stanton… Não podia sequer começar a imaginar sua devastação. O que eu sentia não importava muito, comparado a eles.

Estressado, com a mente caótica, falei sem pensar: “Christopher vai precisar de um transplante de personalidade para ser uma família para mim”.

Chris ficou rígido e se afastou. “Sei que você e Christopher não se dão bem, mas…”

“Não por culpa minha. Vamos ser claros quanto a isso.” Tentei lutar contra a pergunta, impedi-la de sair. “Ele já disse a você por que me odeia?”

Pelo amor de Deus. *Por quê?* Por que eu tinha que perguntar aquilo? Não deveria fazer diferença. Não depois de todos aqueles anos.

Chris se afastou, balançando a cabeça. “Ele não odeia você, Gideon.”

Endireitei o corpo, fazendo força para não tremer — se de exaustão ou emoção, não poderia dizer. O passado era passado. Eu o tinha deixado para trás, enfiado numa caixa. Tinha Eva agora…

Merda. Esperava ainda ter Eva.

Ela nunca tentou me forçar a me dar com Christopher, como fez com o restante da minha família. Para ela, meu irmão tinha ido longe demais, usado Magdalene com muita insensibilidade, o que Cary tinha capturado em vídeo. Talvez Eva não se importasse se eu não conseguisse resolver as coisas com Christopher…

Mas talvez ela ficasse orgulhosa por me ver tentar.

E, se ficasse, se aquilo provasse que eu era outro, que tinha mudado como ela precisava… *Filho da puta*. Não contar a ela sobre a morte de Monica no instante em que fiquei sabendo foi anular todo o progresso que eu tinha feito. Se consertar as coisas com minha família agora a ajudasse, de alguma forma, a me perdoar pela mentira, então valeria a pena o esforço.

Forcei minhas mãos a relaxar. Quando falei, minha voz era baixa e uniforme. “Preciso

mostrar uma coisa a você.”

Fiz um gesto para meu padrasto se sentar à mesa. Quando ele aproximou a cadeira do computador, movi o mouse para religar o monitor. As anotações manuscritas de Hugh encheram a tela.

Os olhos de Chris dispararam de um lado a outro, lendo depressa. No instante em que entendeu o que estava olhando, sua coluna enrijeceu.

“Não sei quanto disso é verdade”, adverti. “As anotações de Hugh sobre suas sessões comigo são todas mentirosas. Parece que ele estava construindo um perfil meu para usar como defesa, caso fosse processado.”

“Era o que a gente devia ter feito.” As palavras foram curtas e ditas entre os dentes. “Como você conseguiu isso?”

“Não importa. O que importa é que ele tem anotações de quatro sessões diferentes com Christopher. Uma delas supostamente foi em conjunto comigo. Ou é invenção ou eu esqueci.”

“O que você acha que é?”

“Realmente não sei. Tem uns… pedaços da minha infância de que não me lembro.” Lembrava as coisas mais em sonhos do que acordado.

Chris girou a cadeira para me olhar. “Você acha que ele abusou do seu irmão?”

Levei um instante para afastar as memórias e responder: “Não sei… você teria que perguntar a Christopher… mas eu duvido”.

“Por quê?”

“As datas e os horários nas anotações de Hugh indicam que as sessões de Christopher aconteceram depois das minhas. Se os horários estiverem corretos — o que seria lógico, se ele estivesse tentando se acobertar —, então ele não conseguiria.” Cruzei os braços. Tentar explicar trazia toda a amargura de volta. E o nojo, tanto de Hugh quanto de mim. “Ele era bem doente, mas… escuta, não tem jeito bonito de dizer isso. Hugh não seria capaz de fazer mais nada depois que abusava de mim.”

“Meu Deus… Gideon.”

Desviei a atenção do choque e da fúria fervendo em seus olhos. “Hugh disse a Christopher que estava me vendo porque você e mamãe tinham medo de que eu o matasse.”

Pensar nas outras pessoas no apartamento era a única coisa que me impedia de socar uma parede. Eu bem que tinha distribuído meus socos por aí quando era menino.

Diante da lembrança do que eu era capaz naquela época, dava para entender a facilidade com que a lavagem cerebral de Hugh poderia ter se enraizado na mente de uma criança cujo irmão mais velho frequentemente tinha acessos de raiva e destruição.

“Christopher não acreditou nisso”, ele afirmou.

Meus ombros se ergueram num gesto cansado. “Ele me disse uma vez, há pouco tempo, que eu o queria morto desde o dia em que nasceu. Na hora, não entendi do que estava falando, mas agora…”

“Me deixa ler”, Chris disse, triste, voltando-se para o monitor. “Vá tomar um banho. Quando você sair, a gente bebe aquele café. Ou algo mais forte.”

Comecei a caminhar para fora do escritório, mas parei antes de abrir a porta. Voltei-me na direção dele e observei sua tensão ao se concentrar nas palavras diante de si. “Você não conheceu Hugh como eu”, eu disse. “A forma como era capaz de distorcer as coisas… de fazer você acreditar nelas…”

Chris ergueu o rosto e sustentou meu olhar. “Você não precisa me convencer, Gideon. Sua palavra basta.”

Desviei os olhos depressa. Será que ele tinha alguma ideia do que aquilo significava para mim? Eu não era capaz de expressar isso, minha garganta estava seca demais.

Com um aceno de cabeça, eu o deixei.

Levei tempo demais para colocar uma simples roupa. Eu a escolhi pensando em Eva. As calças cinza que ela adorava. A camiseta preta de gola V.

Alguém bateu à porta. “Pode entrar.”

Angus apareceu. “Os detetives estão subindo.”

“Tudo bem.”

Caminhei com ele pelo corredor até a sala de estar.

Eva estava sentada no sofá, de calça de moletom, suéter folgado e meias. Descansava no ombro de Victor, o alto da cabeça tocando a bochecha dele. Seus dedos estavam nos cabelos de Cary, sentado numa almofada no chão, junto de seu joelho. Não dava para ficarem mais aconchegados do que aquilo. Um filme passava na televisão, mas nenhum deles estava vendo.

“Eva.”

Seu olhar me avaliou lentamente.

Estendi a mão para ela. “A polícia chegou.”

Victor se endireitou, fazendo Eva erguer o corpo. Uma batida rápida à porta deixou todo mundo em alerta.

Eu me aproximei do sofá e mantive o braço estendido. Eva se desvencilhou lentamente e se levantou, o rosto ainda muito pálido. Pegou minha mão e soltou um suspiro de alívio. Puxei-a para mais perto, passando o braço em volta de seus ombros e beijando sua testa.

“Te amo”, eu disse, baixinho, enquanto a conduzia até a porta.

Seus braços envolveram minha cintura, e ela se recostou em mim. “Eu sei.”

Girei a maçaneta. “Bom dia. Entrem, por favor.”

Graves entrou primeiro, os olhos azuis penetrantes indo imediatamente para Eva. Michna a seguiu, e sua altura lhe permitiu me encarar por cima da cabeça da parceira.

Ele me cumprimentou com um aceno rápido. “Sr. Cross.”

Eva se afastou de mim enquanto eu fechava a porta.

“Lamentamos muito sua perda, sra. Cross”, disse Graves, do jeito típico dos policiais, de quem diz as palavras com frequência demais.

“Vocês devem se lembrar do pai de Eva, Victor Reyes”, falei. “E o escocês alto ali atrás é Angus McLeod.”

Os dois assentiram, mas foi Graves quem assumiu a liderança, como de costume. “Meu nome é Shelley Graves, e este é meu parceiro, o detetive Richard Michna.” Ela olhou para Cary, com quem tinha falado apenas algumas horas antes. “Sr. Taylor.”

Apontei para a mesa de jantar. “Vamos nos sentar.”

Minha esposa alisou o cabelo para trás, com as mãos trêmulas. “Vocês querem um café? Uma água?”

“Um café seria ótimo”, respondeu Michna, puxando uma cadeira para si.

“Eu faço”, intercedeu Chris, aparecendo do corredor. “Sou o padrasto de Gideon, Chris Vidal.”

Os detetives o cumprimentaram, e Chris foi para a cozinha.

Graves sentou ao lado do parceiro, colocando uma bolsa de couro surrada sobre a mesa. O que ela tinha de magra ele tinha de corpulento. O cabelo castanho e encaracolado estava preso num rabo de cavalo sério. Já Michna era grisalho e começava a ficar careca, o que

chamava mais atenção para os olhos escuros e as feições duras.

Graves me observou enquanto eu puxava uma cadeira para Eva. Sustentei seu olhar, identificando o conhecimento sombrio que a policial tinha do meu crime. Deixei que ela visse minha determinação. Eu tinha cometido atos imorais para proteger Eva. Assumia a responsabilidade sobre essas decisões, mesmo as que levaria para o túmulo.

Sentei ao lado de Eva, puxando minha cadeira para perto dela e pegando sua mão. Victor sentou do outro lado da filha, e Cary na cadeira seguinte. Angus estava atrás de mim.

“Podem repassar a noite de ontem, começando pelo momento em que chegaram ao evento?”, pediu Michna.

Respondi primeiro, dolorosamente consciente da atenção de Eva a cada palavra que saía da minha boca. Ela só perdera os últimos instantes, mas eu sabia que aqueles minutos eram cruciais.

“O senhor não viu o atirador?”, insistiu Graves.

“Não. Ouvi Raúl gritar e derrubei Eva no chão. É padrão a equipe de segurança evacuar ao primeiro sinal de problemas. Eles nos levaram na direção oposta, e não olhei para trás. Meu foco era minha esposa, que estava inconsciente na hora.”

“E não viu Monica Stanton cair?”

Eva apertou minha mão. Neguei com a cabeça. “Não. Não tinha a menor ideia de que alguém tinha se machucado até depois de ter saído do local.”

Michna fitou Eva. “Em que momento a senhora perdeu a consciência, sra. Cross?”

Ela umedeceu os lábios, que começavam a rachar. “Bati na calçada com muita força. Gideon ficou em cima de mim, me mantendo no chão. Eu não conseguia respirar, então outra pessoa caiu em cima de Gideon. Era pesado demais… Acho que ouvi uns dois ou três tiros. Não tenho certeza. Quando acordei, estava na limusine.”

“Certo.” Michna assentiu. “Obrigado.”

Graves abriu o zíper da bolsa e tirou uma pasta de lá. Abriu-a e colocou na mesa à nossa frente uma foto do atirador tirada na delegacia. “Reconhecem este homem?”

Aproximei-me. Louro de olhos verdes. Barba aparada. Aparência normal.

“Sim”, respondeu Angus, fazendo-me voltar a cabeça na direção dele. “É o cara que colocamos para correr em Westport, o que estava tirando fotos.”

“Vamos precisar tomar seu depoimento, sr. McLeod”, avisou Michna.

“Claro.” Ele se endireitou, cruzando os braços. “Foi ele quem atirou na sra. Stanton?”

“Foi. O nome dele é Roland Tyler Hall. O senhor já teve algum contato com esse homem, Cross? Lembra de ter falado com ele?”

“Não”, respondi, vasculhando a memória e não encontrando nada.

Eva se inclinou para a frente. “Ele estava perseguindo minha mãe?”

A pergunta saiu baixinho, a dor muda realçada por uma fúria gélida. Era a primeira centelha que eu vislumbrava nela desde que recebera a notícia da morte. Nesse momento, lembrei mais uma coisa que estava escondendo da minha esposa: o passado sombrio de sua mãe. Uma história confusa que poderia ser a razão pela qual Monica estava morta.

Graves passou a retirar fotografias da pasta, a começar pelas de Westport. “Não era sua mãe que Hall estava perseguindo.”

*O qu*ê*?* Meu pavor foi substituído pela sensação que me atormentara a noite inteira.

Eram tantas imagens que ficava difícil se concentrar em uma só. Inúmeras fotografias nossas tiradas na entrada do Crossfire. Algumas em eventos, parecendo feitas por paparazzi. Outras, flagrados em algum lugar da cidade.

Eva puxou uma e arfou diante da cena: eu a inclinando num beijo apaixonado numa calçada movimentada, na entrada de uma academia.

Nossa primeira foto a se tornar viral. Eu havia respondido a perguntas da imprensa, confirmando que aquela era a mulher da minha vida, e Eva se abrira para mim, sobre Nathan e seu passado.

Havia uma imagem nossa amplamente divulgada, na qual discutíamos no Bryant Park. Em outra foto no parque, tirada em um dia diferente, estávamos abraçados. Nunca tinha visto aquela antes.

“Ele não vendeu tudo isso”, comentei.

Graves confirmou com a cabeça. “Hall tirava a maioria para si próprio. Quando faltava dinheiro, vendia algumas. Fazia meses que não trabalhava, estava morando no carro.”

Deslizando as fotografias de cima para expor as demais, percebi que muitas das vezes em que Eva e eu tínhamos reparado num fotógrafo, era Hall atrás da câmera.

Recostei-me na cadeira, soltando a mão de Eva para envolvê-la pelos ombros. Ele havia estado tão perto dela, e eu não tinha ideia.

“Me deixa dar uma olhada”, pediu Victor.

Empurrei as fotos de cima na direção dele. A visão das imagens que estavam por baixo

fez com que me ajeitasse na cadeira. Peguei minha fotografia amplamente divulgada com Magdalene, que desencadeara a briga infame com Eva no Bryant Park. E outra em que eu estava com Corinne, na festa da vodca Kingsman.

Minha respiração acelerou. Soltei Eva e me aproximei da mesa para repassar as fotos com ambas as mãos.

Cary se inclinou para junto de Victor, tentando ver alguma coisa. “O cara só atirava mal? Ou confundiu Monica com Eva?”

“Ele não estava atrás da Eva”, afirmei, secamente, absorvendo a ideia terrível. Então peguei a foto da boate, em que estava com as duas mulheres. Tirada em maio, antes de Eva chegar a Nova York.

Graves encontrou meu olhar confuso e confirmou com um aceno. “Hall estava perseguindo *você*.”

O que significava que eu era indiretamente responsável pela morte de Monica.

15

Eu me aproximei da mesa e pousei a mão sobre as costas de Gideon, sentindo toda a sua tensão. Sua pele estava quente sob a camiseta, e seus músculos estavam rígidos.

Chris chegou da cozinha com uma bandeja com quatro canecas de café fumegante, um copo com creme e um açucareiro. Ele a colocou perto de Michna, já que o resto da mesa estava coberto de fotografias.

Os detetives agradeceram e pegaram uma caneca cada. Graves tomou seu café puro. Michna pôs uma colher de creme e açúcar.

Eu só tinha visto Michna durante a investigação da morte de Nathan. Já Graves eu conhecia melhor, porque tinha treinado krav maga com ela. Achava que gostava de mim, ou no mínimo simpatizava comigo. Eu tinha certeza de que fora o amor de Gideon por mim que fez com que encerrasse a investigação sobre Nathan, apesar de ainda ter suas dúvidas.

Era reconfortante para mim que estivessem a cargo do caso.

“Quero ter certeza de que entendi tudo”, falei, tentando superar a tristeza que enevoara minha mente o dia todo. “Esse homem estava seguindo Gideon?”

Meu pai empurrou as fotos. “Quem era o alvo de Hall, Gideon ou minha filha?”

“Hall acredita que foi traído por Cross”, respondeu Graves, “quando ele se casou.”

Eu a encarei. Ela não usava joias nem maquiagem, mas ainda assim chamava a atenção. Mesmo depois de encarar o lado mais feio de seu trabalho, Graves ainda tinha sede de justiça — ainda que não fosse feita de acordo com a lei. “Se ele não podia ter Gideon, ninguém mais podia?”

“Não exatamente.” Ela olhou para meu marido. “Hall acredita que o destino dele está ‘entrelaçado’ com o seu por algum tipo de acordo cósmico, e que seu casamento estragou tudo. Matar você era a única maneira de impedir que a vida tomasse um rumo que ele não quer.”

“E isso lá faz algum sentido?”, questionou Cary, pondo os cotovelos na mesa e segurando a cabeça com as duas mãos.

“A fixação de Hall não é sexual”, explicou Michna, parecendo exausto depois de uma

noite em claro. Mesmo assim, era um observador arguto e desconcertante. Sua parceira ia direto ao ponto, e ele avaliava as questões secundárias. “Não é nem uma coisa romântica. Ele afirma ser heterossexual.”

Graves sacou uma foto do arquivo e pôs sobre as outras. “Vocês conhecem essa mulher.”

Anne. Minhas mãos começaram a suar. O corpo de Gideon se retesou.

“Puta que pariu”, murmurou Cary, batendo com o punho na mesa e me provocando um sobressalto.

“Cruzei com ela ontem à noite”, contou Chris, acomodando-se em uma cadeira ao lado de Gideon. “Ela estava no jantar. Esse cabelo vermelho é inconfundível.”

“Quem é ela?”, meu pai perguntou, com um tom de voz firme e impassível.

“A dra. Anne Leslie Lucas”, respondeu Graves. “É a psiquiatra que estava tratando Hall, mas fazia isso em outro consultório, com o nome Aris Matevosian.”

Gideon respirou fundo por entre os dentes cerrados. “Conheço esse nome.”

Graves o encarou com seu olhar afiado. “De onde?”

“Só um minuto.” Ele se levantou da mesa e saiu pelo corredor.

Observei enquanto ele se afastava, com Lucky em seu encalço. O cachorro tinha ficado ao meu lado a maior parte da manhã, como se soubesse que eu precisava mais dele do que Gideon. Algo tinha mudado. E, como o barômetro emocional de Lucky era mais preciso que o meu, eu devia ficar atenta.

“Alguém pode me explicar quem é a dra. Lucas”, pediu meu pai, “e qual é a ligação dela com Hall e Monica?”

“Vamos esperar que Cross volte”, disse Michna.

“Eles tiveram um envolvimento sexual um tempo atrás”, interrompi, para tirar das costas do meu marido o fardo de contar toda a história. Gideon tinha vergonha do que havia feito, e eu sabia disso.

Abracei os joelhos junto ao peito, tentando me aquecer. Sabia que era preciso escolher as palavras com cuidado. Contar toda a verdade seria difícil, considerando o retrato nada favorável do meu marido que revelaria ao meu pai.

“Ela ficou gamada”, continuei, “e quis largar o marido, então Gideon terminou tudo. Anne não conseguiu superar. Apareceu no meu prédio uma vez, e tentou se aproximar de Cary usando uma peruca e fingindo ser outra pessoa.”

Graves me lançou um olhar de quem sabia o que estava acontecendo. “Analisamos a queixa que ela prestou. Você e Cross a confrontaram separadamente em duas ocasiões diferentes.”

“Eva!” Meu pai olhou feio para mim, com os olhos vermelhos. “Não acredito que fez isso.”

“O quê?”, rebati. “Ainda não entendi o que tudo isso significa. Ela estava assediando meu melhor amigo e meu marido. Só disse para cair fora.”

Gideon voltou e mostrou uma foto que tirou com o celular.

Micha observou a imagem. “Um remédio receitado para Corinne Giroux pela dra. Aris Matevosian. Por que você tem isso?”

“Alguns meses atrás, Corinne ficou bem instável”, Gideon disse sem nenhuma emoção na voz, acomodando-se ao meu lado. “Descobri que estava tomando antidepressivos por indicação da terapeuta, e que aquilo estava provocando as alterações de humor. Tirei uma foto da etiqueta do frasco dos remédios para saber com quem entrar em contato se ela continuasse daquele jeito.”

Gideon me abraçou e me puxou para junto de si. Assim que encostei nele, senti seu corpo relaxar na cadeira, como se me abraçar lhe trouxesse um grande alívio. Passei o braço por sua cintura e senti seus lábios em minha testa.

Seu peito rugiu sob meu ouvido quando ele voltou a falar com a voz áspera de cansaço. “Então Anne era a terapeuta de Hall. Por que o pseudônimo?”

“Ela achou que estava sendo esperta”, Graves falou sem se alterar. “Mas nós somos mais. E temos Hall, que é muito perturbado, mas está cooperando. A primeira coisa que fez foi confessar. Ele também foi inteligente ou paranoico o bastante para gravar secretamente todas as suas sessões com a dra. Lucas. Obtivemos as gravações revistando seu veículo.”

“Foi ela que pôs isso na cabeça dele?”, perguntei, querendo ter certeza de estar entendendo tudo direitinho.

“Acho que Hall nunca foi muito normal”, disse Michna, “mas ele tinha um emprego, uma casa e nenhum interesse por Cross. Anne Lucas plantou essa semente nele.”

Graves começou a juntar as fotos com a ajuda do parceiro. “Ele mencionou na terapia que tinha largado os estudos quando o esquema de pirâmide do seu pai arruinou seus avós. Não que ele guardasse algum ressentimento, mas ela o fez pensar que sua vida e a de Cross estivessem ligadas de alguma forma.”

“Ela pode ir para a cadeia por isso?” Abracei Gideon com mais força. “Se é um dos motivos por que minha mãe está… morta. Ela não pode sair impune, certo?”

“Nós a prendemos uma hora atrás.” Graves me olhou nos olhos, e eu vi a determinação estampada em seu rosto. “Quando o advogado dela chegar, vamos fazer um interrogatório.”

“Quem vai determinar a acusação é a promotoria”, falou Michna, “mas as gravações de Hall, somadas às imagens das câmeras de segurança mostrando Lucas e Hall entrando e saindo do outro consultório, já nos deram uma causa provável.”

“Nos mantenham informados”, disse meu pai.

“Claro.” Graves pôs tudo de volta na bolsa e olhou para Gideon. “Você viu a dra. Lucas no jantar?”

“Sim”, ele respondeu, acariciando meu braço. “Eva me mostrou que ela estava lá.”

“Vocês falaram com ela?”, perguntou Michna.

“Não.” Gideon me olhou com uma expressão de interrogação.

“Mostrei o dedo para ela de longe”, confessei quando a lembrança surgiu na minha mente confusa. “Ela estava com um sorrisinho presunçoso na cara. Vai ver era por isso que estava lá. Para ver o que ia acontecer.”

“Meu anjo.” Gideon me envolveu, levando-me para o calor da sua pele.

“Tudo bem. Já temos o que precisamos por enquanto”, Graves disse, bem séria. “Só vamos tomar o depoimento do sr. McLeod sobre o incidente em Westport e vamos embora. Obrigada pela atenção.”

Todos nos levantamos da mesa.

“Eva.” Graves esperou que eu a olhasse. Por um momento, deixou de ser só uma policial. “Lamento muito pela sua perda.”

“Obrigada.” Envergonhada, desviei os olhos.

Ela teria se perguntado por que eu não chorava? Eu mesma me perguntava. Por mais maluca que minha mãe me deixasse, eu a amava. Não amava? Que tipo de filha não sentia nada com a morte da mãe?

Angus tomou o lugar de Gideon na cadeira e começou a relatar o que acontecera em Westport.

Meu marido me pegou pela mão e me afastou alguns passos. “Preciso de um tempinho com você.”

Assenti, franzindo a testa. “Claro.”

Ele me puxou na direção do nosso quarto.

“Cross.”

Nós dois nos viramos ao ouvir a voz do meu pai. “Sim?”

Ele estava de pé na sala de estar, com uma expressão dura no rosto e um olhar furioso. “Precisamos conversar.”

“Concordo”, respondeu Gideon, balançando a cabeça. “Só me dê cinco minutos a sós com Eva.”

Ele continuou andando, sem dar ao meu pai a chance de protestar. Eu o segui até o quarto, com Lucky logo atrás. Fiquei olhando enquanto Gideon fechava a porta com nós três lá dentro. Em seguida ele me encarou, com uma expressão inquisitiva no rosto.

“Você devia dormir um pouco”, eu disse. “Parece bem cansado.” Isso me incomodava. Não me lembrava de tê-lo visto tão abatido.

“Você está me vendo?”, ele perguntou com a voz rouca. “Está olhando para mim e conseguindo me *ver*?”

Franzi um pouco mais a testa. Olhei-o da cabeça aos pés. *Ah. Ele se vestiu para mim. Pensando em mim*. “Sim.”

Gideon estendeu a mão para tocar meu rosto. Seu olhar atormentado se fixou no meu. “Parece que sou invisível para você.”

“Estou vendo você.”

“Eu…” Sua respiração estava pesada, como se ele tivesse corrido vários quilômetros. “Lamento muito, Eva. Por Anne… Por ontem à noite.”

“Eu sei.” Claro que sabia.

Ele estava muito chateado. Muito mais que eu. Por quê? Meu autocontrole nunca fora tão bom quanto o dele. A não ser naquele momento. Assim que soube da verdade, senti uma determinação ferrenha dentro de mim. Não entendia o motivo, mas tinha decidido usá-la. Para lidar com a polícia. E com meu pai e com Cary, que precisavam que eu me mantivesse forte.

“Merda.” Ele veio até mim e segurou meu rosto entre as mãos. “Grita comigo. Me bate. Pelo amor de Deus…”

“Por quê?”

“*Por quê?*” Ele me olhou como se eu estivesse louca. “Porque é tudo culpa minha!

Anne era um problema meu, e não soube como resolver. Eu não…”

“Você não é responsável pelas atitudes dela, Gideon”, eu falei, irritada por ele pensar daquele jeito. “Por que acha que é? Não faz sentido.”

Ele baixou as mãos para meus ombros e me sacudiu de leve. “*Você* não está fazendo sentido! Por que não está brava por eu não ter contado sobre sua mãe? Você perdeu a cabeça quando contratei Mark sem avisar. Me abandonou…” A voz dele ficou embargada. “Não pode me largar por causa disso, Eva. Vamos dar um jeito… vamos conseguir superar.”

“Não vou largar você.” Fiz um carinho em seu rosto. “Você precisa dormir, Gideon.”

“Minha nossa.” Ele me abraçou e colou os lábios no meu. Eu o abracei, acariciando suas costas para acalmá-lo.

“Cadê você?”, ele murmurou. “Volta para mim.”

Gideon segurou meu rosto e me acariciou de leve com os dedos trêmulos, fazendo-me abrir a boca. Assim que meus lábios se afastaram, a língua dele entrou, lambendo-me desesperadamente. Com um grunhido, ele me apertou com força, enfiando a língua mais fundo na minha boca.

Um ardor despertou dentro de mim. O calor de sua pele febril atravessou minhas roupas, chegando à minha carne. Desesperada por algo que me ancorasse, retribuí o beijo, acariciando sua língua com a minha.

“Eva.” Gideon me soltou, passando as mãos em mim, nas minhas costas e nos meus braços.

Fiquei na ponta dos pés, aprofundando o contato das nossas bocas. Enfiei as mãos em sua camisa, e ele sibilou, arqueando-se na minha direção e para longe dos meus dedos. Meu toque o seguiu, acariciando sua pele, em busca de calor.

“Sim”, ele murmurou contra minha boca. “Eu te amo, Eva.”

Lambi seus lábios e suguei sua língua quando Gideon retribuiu a carícia. O ruído que ele soltou quando me agarrou pela bunda e me puxou para mais perto era de dor e alívio. Eu me pendurei nele, perdendo-me em seu toque. Era daquilo que eu precisava. Não conseguia pensar em mais nada quando ele estava me abraçando.

“Diz que me ama”, ele murmurou. “Que vai me perdoar. Na semana que vem… no ano que vem… algum dia…”

“Eu te amo.”

Gideon afastou a boca, abraçando-me com tanta força que ficou difícil respirar. Meus

pés estavam fora do chão, e minha cabeça estava colada à dele.

“Vou compensar tudo isso”, ele prometeu. “Vou dar um jeito.”

“Shh…” Estava lá, no fundo da minha mente, a desolação. A dor. Mas eu não sabia se era por causa de Gideon ou da minha mãe.

Fechei os olhos e me concentrei em seu cheiro familiar e delicioso. “Me beija de novo.”

Gideon virou a cabeça e encontrou meus lábios. Eu o desejava mais profundamente, com mais força, mas ele negou. Seus beijos costumavam ser apaixonadíssimos, mas aquele era suave. Carinhoso. Soltei um gemido de protesto, puxando-o para mais perto pelos cabelos.

“Meu anjo.” Ele passou o nariz no meu. “Seu pai está esperando.”

Eu amava meu pai, mas seu sofrimento e sua raiva incontrolável estavam acabando comigo. Não sabia como consolá-lo ou tranquilizá-lo. Havia um vazio dentro de mim, como se não tivesse nada mais a oferecer. Mas todo mundo precisava de mim.

Pondo meus pés de volta no chão, Gideon olhou para mim outra vez. “Me deixa ficar ao seu lado. Não me afasta.”

“É o que estou tentando.” Virei a cabeça, olhando na direção do banheiro. *Tem uma toalha no chão. Por quê?* “Tem alguma coisa errada.”

“Sim, tudo”, ele respondeu, tenso. “Fodeu tudo. Não sei o que fazer.”

“Não. Dentro de mim.”

“Eva. Como você pode dizer uma coisa dessas? Não tem nada de errado com você.” Ele segurou meu rosto de novo e me encarou.

“Você se cortou.” Levei a mão a uma manchinha de sangue seco em seu queixo. “Isso nunca aconteceu.”

“O que está se passando nessa sua cabecinha?” Ele me abraçou. “Não sei o que fazer”, ele repetiu. “Não sei o que fazer.”

Gideon continuou segurando minha mão quando voltamos para a sala.

Meu pai me olhou e levantou do sofá. Usava uma calça jeans gasta e uma camiseta desbotada da Universidade da Califórnia em San Diego. Seu maxilar quadrado exibia uma barba por fazer.

Gideon tinha feito a barba. Como não sabia daquilo antes de ver que havia se cortado com a lâmina? Como não tinha notado que ele não estava mais de smoking?

Algumas coisas me vinham à mente com uma clareza absurda. Outras se perdiam na névoa que tinha baixado sobre minha cabeça.

Os policiais tinham ido embora. Cary estava aninhado ao braço do sofá, cochilando, com a boca meio aberta. Ouvi seu ressonar baixinho.

"Podemos ir até o escritório", disse Gideon, soltando minha mão e apontando para o corredor.

Meu pai fez um aceno rápido e contornou a mesinha de centro. "Vamos lá."

Gideon começou a andar. Fui atrás.

"Eva." A voz do meu pai me fez deter o passo e me virar para trás. "Preciso falar com Cross a sós."

"Por quê?"

"Tenho coisas para dizer a ele que você não precisa ouvir."

Sacudi a cabeça de leve. "Não."

Ele soltou um ruído de frustração. "Não vamos discutir por causa disso."

"Pai, não sou mais criança. Se quer falar com meu marido sobre alguma coisa que me diz respeito, quero estar presente."

"Eu não me oponho", disse Gideon, voltando para o meu lado.

Meu pai cerrou os dentes e olhou para nós dois. "Certo."

Fomos todos para o escritório de Gideon. Chris estava sentado à mesa. Ele se levantou quando entramos. "Quando você acabar aí", ele falou ao telefone. "Explico pessoalmente. Certo. Até mais, filho."

"Preciso do meu escritório um minutinho", Gideon avisou quando ele desligou.

"Claro." O olhar preocupado de Chris passou por nós três. "Vou preparar alguma coisa para o almoço. Precisamos comer."

Chris saiu da sala, e meu olhar se voltou para meu pai, que estava observando a enorme colagem de fotos na parede. A imagem do meio era minha, dormindo. Era uma foto íntima, do tipo que alguém tira para se lembrar do que fez com a amante antes que ela dormisse.

Olhei para as outras fotos, em especial a que agora eu sabia que tinha sido tirada por

Hall em um evento. Desviei o olhar, sentindo um frio na espinha.

Era medo? Hall tinha tirado minha mãe de mim, mas quem ele realmente queria atingir era Gideon. Eu poderia estar de luto pelo meu marido agora. Senti um aperto no coração ao pensar naquilo e me inclinei para a frente.

“Meu anjo.” Ele chegou até mim em um instante e me fez sentar em uma das cadeiras diante da mesa.

“Que foi?” Meu pai também se aproximou, com os olhos arregalados. Eu não era capaz de reconhecer meus próprios sentimentos, mas compreendi os dele. Estava assustado por minha causa, mais ansioso do que o necessário.

“Eu estou bem”, garanti a eles, segurando a mão de Gideon e a apertando com força.

“Você precisa comer”, meu marido comentou.

“Vocês também”, rebati. “Quanto antes terminarem, mais depressa faremos isso.”

Só de pensar em comida tinha ficado enjoada, mas não ia mencionar aquilo. Eles já estavam preocupados demais comigo.

Meu pai se endireitou. “Conversei com minha família”, ele disse. “Eles ainda querem vir, para ficar ao meu lado e ao lado de Eva.”

Gideon se encostou na beirada da mesa, passando as mãos pelos cabelos. “Certo. Vou reprogramar o voo para que venham para cá.”

“Obrigado”, meu pai falou, ressentido.

“Não é nada.”

“Então por que está preocupado?”, perguntei a Gideon, vendo sua testa franzida.

“É que… Está uma loucura lá na rua agora. Poderíamos fazer sua família entrar pela garagem, mas, se a notícia se espalhar, podem ter que lidar com a mídia e os fotógrafos, no hotel e em todo lugar quando saírem pela cidade.”

“Eles não vão vir fazer turismo”, meu pai esbravejou.

“Não foi isso que eu quis dizer, Victor.” Gideon soltou um suspiro de exaustão. “Só estou pensando em voz alta. Vou dar um jeito. Pode considerar tudo resolvido.”

Imaginei a situação na calçada diante do prédio, minha avó e meus primos passando por um circo como aquele. Sacudi a cabeça em um momento de clareza. “Se eles querem vir, é melhor ir direto para a Carolina do Norte, como tínhamos planejado. Os quartos de hotel já estão reservados. Assim vai ser tudo mais tranquilo e íntimo.”

De repente, quis estar na praia. Sentindo o vento nos cabelos, as ondas batendo nos

meus pés. Eu me sentia viva por lá. E queria aquela sensação de novo. “Já estava tudo certo com o bufê, então teremos comida e bebida para todos.”

Gideon olhou para mim. “Mandei Scott ligar para Kristine e cancelar tudo.”

“Mas isso foi só algumas horas atrás. O hotel ainda não deve ter reservado o bloco inteiro em tão pouco tempo. E o pessoal do bufê já deve ter tudo pronto a essa altura.”

“Você quer mesmo ir para a casa da praia?”, ele me perguntou baixinho.

Fiz que sim com a cabeça. Eu não tinha lembranças da minha mãe por lá, não era como na cidade. E, se quisesse sair para uma caminhada, ninguém ia me importunar.

“Tudo bem, então. Eu cuido de tudo.”

Olhei para meu pai, torcendo para que não fizesse objeção. Ele estava em pé ao meu lado, com os braços cruzados, olhando para baixo.

Por fim, ele se pronunciou: “O que aconteceu muda tudo. Para todos nós. Quero me mudar para Nova York”.

Perplexa, olhei para Gideon e então para o meu pai. “Sério?”

“Vai demorar um pouco para eu resolver as coisas no trabalho e vender a casa, mas é isso que vou fazer.” Ele olhou para mim. “Preciso ficar mais perto, não do outro lado do país. Você é tudo o que eu tenho.”

“Ai, pai. Você ama seu trabalho.”

“Não tanto quanto amo você.”

“Vai procurar um emprego?”, perguntou Gideon.

Algo em seu tom de voz chamou minha atenção. Gideon se virou um pouco para nos ver melhor, pondo uma das coxas sobre a mesa e cruzando as mãos. Ele observava meu pai atentamente. Seu rosto não demonstrava a mesma surpresa que eu sentia.

“Era sobre isso que eu queria falar”, disse meu pai, com o rosto bem sério.

“Eva precisa de um chefe de segurança particular”, Gideon foi logo avisando. “Angus e Raúl já estão ocupados demais, e ela precisa ter sua própria equipe de guarda-costas.”

Fiquei boquiaberta ao registrar o que meu marido falou. “Quê? Gideon, não.”

Ele ergueu as sobrancelhas. “Por que não? Seria perfeito. Ninguém vai proteger você melhor do que seu pai.”

“Porque é… esquisito. Meu pai está acostumado a ter autonomia. Seria estranho estar na folha de pagamento do meu marido. Não é… certo.”

“Angus é o homem mais próximo de uma figura paterna para mim”, ele argumentou, “e faz exatamente esse trabalho.” Ele voltou os olhos para meu pai. “Isso não diminui meu respeito por ele. E Chris, que dirige uma empresa da qual sou sócio majoritário, também trabalha para mim, em certo sentido.”

“É diferente”, respondi.

“Eva.” Meu pai pôs a mão no meu ombro. “Se consigo aceitar isso, você também consegue.”

Virei meus olhos arregalados para ele. “Está falando sério? Estava pensando nisso antes mesmo de ele oferecer?”

Ele fez que sim com a cabeça, ainda bem sério. “Penso nisso desde que me ligou para falar sobre… sua mãe. Cross tem razão. Não confio em ninguém além de mim mesmo para manter você a salvo.”

“A salvo do quê? O que aconteceu ontem à noite… não é uma coisa corriqueira.” Era impossível pensar de outro jeito. Viver com medo de que Gideon esteja em perigo o tempo todo? Aquilo me enlouqueceria. E eu com certeza não ia querer pôr meu pai na linha de fogo.

“Eva, vi você mais vezes na televisão, na internet e nas revistas do que pessoalmente no ano passado e quando morava em San Diego.” Seu rosto assumiu uma expressão duríssima. “Deus queira que você nunca corra perigo, mas não posso arriscar. Além disso, Cross ia contratar alguém de qualquer jeito. Então que seja eu.”

“Você ia?”, questionei, virando-me para Gideon.

Ele assentiu. “Sim. Já estava pensando nisso.”

“Não gosto da ideia.”

“Que pena, meu anjo.” Seu tom de voz deixou bem claro que eu teria que engolir aquilo.

Meu pai cruzou os braços. “Não aceito um centavo a mais do que você paga aos outros.”

Gideon foi para o outro lado da mesa, abriu uma gaveta e pegou alguns papéis presos por um clipe. “Angus e Raúl concordaram que eu revelasse seus salários para você. Também já determinei a quantia que receberia para começar.”

“Não acredito”, reclamei. “Você tinha pensado nisso tudo e nem me falou?”

“Fiquei pensando nisso hoje de manhã. Não tive oportunidade de falar até agora, e não ia dizer nada se seu pai não dissesse que pretendia se mudar.”

Aquele era Gideon Cross. Nunca dava ponto sem nó.

Meu pai pegou os papéis, passou os olhos pela primeira planilha e encarou Gideon, incrédulo. “Isso é sério?”

“Angus está comigo por mais da metade da minha vida. Ele tem treinamento militar e no serviço secreto. Merece cada centavo.” Gideon observou meu pai virar a página. “Raúl está comigo há menos tempo, então não está no mesmo patamar de Angus… ainda. Mas também é muito bem treinado e capacitado.”

Meu pai soltou o ar com força quando passou para a página seguinte. “Certo. Isto aqui é…”

“Provavelmente mais do que você esperava, mas também estão descritos os requisitos que precisa cumprir para ter uma remuneração comparável à dos outros seguranças. Você vai ver que é justo, baseado na expectativa de que aceite passar pelo devido treinamento e consiga as permissões, as licenças e os registros necessários.”

Vi meu pai endireitar os ombros e erguer o queixo. A teimosia expressa em seus lábios contorcidos se atenuou. O que quer que houvesse ali, encarou como um desafio. “Muito bem.”

“Você vai ver que auxílio-moradia está incluído”, continuou Gideon, falando no tom profissional de um homem acostumado a dar ordens. “Se quiser, tem um apartamento disponível ao lado daquele em que Eva morava, já mobiliado.”

Mordi o lábio inferior, ciente de que ele estava falando do apartamento em que morara enquanto Nathan me rondava. Nós nos encontramos clandestinamente por lá enquanto fingíamos que estávamos separados.

“Vou pensar a respeito”, respondeu meu pai.

“Pense também no fato de sua filha ser minha esposa. Claro que respeitaremos sua posição de pai, mas isso não significa que vamos agir de forma menos apaixonada. Vamos continuar sendo íntimos.”

Ai, meu Deus. Meus ombros despencaram de vergonha. Olhei feio para Gideon. Meu pai fez o mesmo.

Ele demorou um minuto inteiro para relaxar o maxilar e responder: “Vou levar isso em conta na minha decisão”.

Gideon balançou a cabeça. “Muito bem. Mais alguma coisa que precisamos discutir?”

Meu pai sacudiu a cabeça. “No momento, não.”

Cruzei os braços, mostrando que a conversa ainda não estava encerrada.

“Quando quiser brigar comigo, você sabe onde me encontrar, meu anjo.” Gideon estendeu a mão para mim. “Agora, vamos comer alguma coisa.”

O dr. Petersen apareceu por volta das três, parecendo um tanto desalinhado. Passar pela confusão na calçada para entrar no prédio claramente não tinha sido fácil. Gideon o apresentou a todos enquanto eu só observava, tentando capturar sua reação ao conhecer as pessoas sobre quem eu falava em tantos detalhes.

Ele me ofereceu suas condolências rapidamente. Gostava da minha mãe, e muitas vezes relevava seu comportamento neurótico, para minha frustração. Dava para ver que ele estava abalado pela perda, o que fez com que me perguntasse o que acharia do meu comportamento. Não devia ter uma opinião formada. Mal conseguia responder como estava me sentindo.

O dr. Petersen conversou muito mais com Gideon, retirando-se com ele para a sala de estar, onde falaram baixo por um tempo.

Mas não muito. Gideon se virou para mim, e percebi que a conversa estava encerrada. Acompanhei o terapeuta até a saída, e nesse momento vi minha bolsa em uma mesinha.

Quando peguei o celular, havia dezenas de chamadas não atendidas e mensagens não lidas. De Megumi, Will, Shawna, dr. Travis… até de Brett. Abri as mensagens e estava começando a responder quando o aparelho vibrou na minha mão. Quando vi quem estava ligando, procurei por Cary e o vi conversando com meu pai. Fui atender à chamada no quarto.

Pelas janelas, vi que já estávamos no meio da tarde. Em poucas horas seria noite, e meu primeiro dia sem minha mãe acabaria.

“Oi, Trey.”

“Eva. Eu… Acho que não deveria estar incomodando em um momento como esse, mas fiquei sabendo e liguei sem pensar. Só queria dizer que lamento muito.”

Eu me sentei em uma poltrona, sem querer pensar nas manchetes dos tabloides. “Obrigada por ter pensado em mim.”

“Não consigo acreditar no que aconteceu. Se puder fazer alguma coisa, me avisa.”

Apoiei a cabeça no encosto e fechei os olhos. Eu me lembrei do rosto bonito de Trey, de seus olhos gentis e amendoados e do calombo em seu nariz, revelando que já havia sido quebrado. “Trey, não quero deixar você se sentindo culpado nem nada do tipo, mas minha

mãe era uma pessoa muito importante para Cary. Era meio que uma mãe postiça. Ele está sofrendo demais."

Trey suspirou. "Sinto muito."

"Eu já ia ligar para você… antes." Dobrei as pernas junto ao corpo. "Para saber como você está e… bom, mais uma coisa. Queria dizer que sei que você precisa fazer o que for melhor para sua vida. Mas, se quer continuar tendo alguma coisa com Cary, é bom decidir logo. Essa porta está se fechando."

"Me deixa adivinhar. Ele está saindo com alguém", Trey retrucou secamente.

"Não, o contrário. Está na dele, repensando a vida. Você sabe que ele terminou com a Tatiana, né?"

"Isso é o que ele diz."

"Se não acredita nele, que bom que não estão mais juntos."

"Desculpa." Ele soltou um ruído de frustração. "Não foi isso que eu quis dizer."

"Cary está se recuperando, Trey. Logo vai estar pronto para seguir em frente. Você precisa pensar nisso."

"Tudo o que tenho feito é pensar nisso. E ainda não sei qual é a resposta."

Esfreguei a testa. "Talvez você esteja fazendo a pergunta errada. É mais feliz com ou sem ele? Quando descobrir isso, o resto vai ficar bem claro."

"Obrigado, Eva."

"Por falar nisso, eu e você meio que trilhamos o mesmo caminho. Gideon e eu sempre dissemos que íamos dar um jeito de fazer a coisa funcionar, mas isso era… sei lá…" Procurei pelas palavras na minha mente confusa. "Presunção. Teimosia. Era parte do problema, nós dois sabíamos que era frágil. E não estávamos tomando as medidas necessárias para tornar o relacionamento mais sólido. Isso faz sentindo?"

"Faz, sim."

"Mas decidimos fazer grandes mudanças, assim como Cary está fazendo por você. E grandes concessões."

Senti que Gideon entrava no quarto, e abri os olhos.

"Valeu a pena, Trey", eu disse baixinho. "Agora não é só um desejo. Temos nossos problemas, as pessoas sempre vão tentar atrapalhar, mas agora, quando dizemos que vamos superar tudo, é a mais pura verdade."

"Você acha que devo dar outra chance a Cary."

Estendi a mão para Gideon e senti meu coração disparar quando ele veio até mim. “Acho que vai gostar das mudanças que ele fez. E, se estiver disposto a ceder também, pode descobrir que vale a pena tentar.”

Chris foi embora pouco depois das seis da tarde para jantar com Christopher. Por algum motivo, ele e Gideon trocaram um longo olhar enquanto ele o acompanhava até a porta. Preferi não pedir uma explicação. A relação entre os dois tinha mudado. A cautela com que costumavam se tratar desaparecera. De forma alguma eu ia fazer questionamentos ou constranger Gideon ao pensar demais a respeito. Estava na hora das decisões dele começarem a partir do coração também.

Meu pai e Cary foram embora por volta das nove para meu antigo apartamento. Teriam mais espaço ali do que na cobertura.

Meu pai ficaria no quarto onde tinha feito amor com minha mãe pela última vez? Como seria aquilo para ele? Quando Gideon e eu estávamos separados, precisei ficar na casa de Stanton. Meu quarto me trazia recordações demais com Gideon, e a última coisa de que eu precisava era ser atormentada pelas lembranças do que mais queria na vida e temia que nunca mais fosse ter.

Gideon circulou pela cobertura para apagar as luzes dos outros cômodos, com Lucky em seu encalço o tempo todo. Observei os movimentos dele, seu passo mais arrastado que o habitual. Estava cansado demais. Eu não fazia ideia de como conseguira chegar ao fim daquele dia, considerando a quantidade de coisas que fizera depois do almoço — coordenando tudo com Kristine, atendendo às ligações de Scott e informando Arash sobre as conversas com a polícia.

“Meu anjo.” Ele estendeu a mão para mim.

Fiquei olhando para ela por um momento. Durante todo o dia, ele a tinha oferecido. Era um gesto simples, mas poderosíssimo. *Estou aqui*, ele dizia com aquilo. *Você não está sozinha. Podemos superar isso juntos.*

Levantei do sofá, entrelacei os dedos com ele e deixei que me conduzisse até o banheiro. Uma vez lá, segui seu ritual. Escovei os dentes, lavei o rosto. Ele tomou um dos comprimidos para dormir que o dr. Petersen receitara. Em seguida eu o segui até o quarto e o deixei tirar minha roupa e colocar uma camiseta em mim. Gideon me pôs na cama com um beijo suave e carinhoso.

“Aonde você vai?”, perguntei quando se afastou.

“Lugar nenhum.” Ele se despiu com uma eficiência brutal, ficando apenas com a cueca boxer. Logo depois se juntou a mim na cama, ajudou Lucky a subir e apagou a luz.

Rolando na minha direção, ele me abraçou pela cintura e me puxou para mais perto, deitando de conchinha comigo. Gemi baixo ao sentir o calor de seu corpo, e estremeci com um calafrio.

Fechei os olhos e me concentrei no som e na sensação de sua respiração. Em questão de minutos, o ritmo caiu para a cadência tranquila do sono.

O vento balança meu cabelo enquanto caminho pela praia, afundando o pé na areia que as ondas agitam a cada passo. Diante de mim, vejo a fachada da casa que Gideon comprou para nós. Fica posicionada sobre colunas altas de madeira, com suas muitas janelas com vista para o mar. As gaivotas voam gritando sobre minha cabeça, seus mergulhos e rasantes parecendo uma dança em meio à brisa salgada.

“Não acredito que vou perder o casamento.”

Viro a cabeça e descubro minha mãe andando ao meu lado. Está usando o mesmo vestido elegante e formal com que a vi pela última vez. Ela é linda. De tirar o fôlego. Meus olhos ardem quando olho para ela.

“Todos vamos perder”, eu digo.

“Eu sei. E trabalhei tanto nele.” Ela me encara, os cabelos balançando sobre o rosto. “Consegui incluir uns toques de vermelho.”

“É mesmo?” Sorrio, apesar da dor. Ela me ama da melhor maneira que pode. O fato de nem sempre ser a maneira que desejo não significa que valha menos.

“Mas não é uma cor apropriada para um casamento. Foi difícil.”

“É culpa sua, sabe, por comprar aquele vestido vermelho que usei na primeira vez que saí com Gideon.”

“Foi essa sua inspiração?” Ela sacode a cabeça. “Da próxima vez, é melhor escolher um tom mais claro.”

“Não vai ter próxima vez. Gideon é perfeito para mim.” Pego uma concha e jogo de volta na água. “Algumas vezes fiquei em dúvida se ia dar certo, mas não me preocupo mais com isso. Éramos nossos maiores inimigos, mas deixamos para trás o peso que nos fazia afundar.”

“Os primeiros meses em geral são os mais fáceis.” Minha mãe faz uma espécie de dancinha na minha frente e dá uma volta graciosa. “A conquista. Viagens incríveis, joias fabulosas.”

Solto uma risadinha. “Para nós não foi fácil. Foi a pior parte. Mas está ficando mais tranquilo a cada dia.”

“Você precisa ajudar seu pai a encontrar alguém”, ela diz, e o tom jovial desaparece de sua voz. “Ele está sozinho há tempo demais.”

“Não é fácil substituí-la. Ele ainda é apaixonado por você.”

Ela abre um sorriso tristonho e olha para a água. “Eu tinha Richard… Ele é um homem muito bom. Queria que fosse feliz de novo.”

Penso no meu padrasto e fico preocupada. Minha mãe era tudo para ele. Quem vai lhe proporcionar alegria agora que ela se foi?

“Nunca vou ser avó”, minha mãe comenta, pensativa. “Morri jovem, no auge da vida. Isso não é tão ruim, é?”

“Como pode me perguntar isso?” Deixo as lágrimas rolarem. O dia todo me questionei por que não conseguia chorar. Agora que acontece, a sensação é bem-vinda. Parece o rompimento de uma represa.

“Não chore, querida.” Ela se detém e me abraça. Sinto o cheiro do seu perfume. “Você vai ver que…”

Acordo com a respiração acelerada, o corpo sacudido por um sobressalto. Lucky choramingou e me cutucou com a pata, subindo na minha barriga. Acariciei sua cabeça com uma das mãos enquanto esfregava os olhos com a outra. Estavam secos. A dor do meu sonho se tornava uma lembrança distante.

“Vem cá”, murmurou Gideon, com sua voz rouca e afetuosa servindo de farol para mim no quarto iluminado apenas pelo luar. Seus braços me envolveram, puxando-me para junto de si.

Virei-me para ele, procurei sua boca e a encontrei, mergulhando nela com um beijo luxurioso e profundo. A surpresa o deixou imóvel por um instante, mas em seguida sua mão agarrou minha nuca para me manter imóvel, e ele assumiu a iniciativa.

Enrosquei as pernas nas dele, sentindo seus cabelos macios, sua pele deliciosamente quente e os músculos poderosos sob ela. As carícias suaves e ritmadas de sua língua me

tranquilizaram e excitaram. Ninguém beijava como Gideon. O poder de persuasão de sua boca era extremamente sensual, mas também carinhoso. Reverente. Seus lábios eram firmes e macios ao mesmo tempo, e ele os usava para me provocar, passando-os de leve nos meus.

Segurei seu pau, que cresceu ao meu toque, até escapar pelo elástico da cueca. Gideon grunhiu, movendo o quadril na minha direção.

"Eva."

Ouvi o tom questionador na maneira como disse meu nome.

"Me faz *sentir*", murmurei.

Ele enfiou a mão por baixo da minha camiseta, tocando com leveza minha barriga e apalpando meus seios. Apertou-os antes de seus dedos ágeis encontrarem o mamilo. Com um conhecimento profundo do meu corpo, beliscou-os com uma pressão constante que mandou ondas de desejo por todo o meu corpo.

Gemi, excitada. Desesperada. Minhas pernas se comprimiram ao redor das dele, para que eu pudesse esfregar meu sexo úmido contra sua coxa.

"Sua bocetinha linda está sedenta, meu anjo?" Ele mordeu de leve minha boca enquanto dizia as palavras sedutoras. "Do que ela precisa? Da minha língua? Dos meus dedos? Do meu pau?"

"Gideon." Gemi sem nenhuma vergonha quando ele se afastou, estendendo os braços em sua direção enquanto se erguia sobre mim. Gideon murmurou para me tranquilizar e pôs Lucky com cuidado no chão. Em seguida me segurou pelos quadris, puxando minha calcinha até o joelho.

"Você não respondeu o que eu perguntei, Eva. O que vai querer que eu enfie na sua bocetinha gostosa? Tudo o que falei?"

"É", respondi, ofegante. "Tudo."

Um instante depois minhas pernas estavam no ar, e sua cabeça morena se dirigia ao ponto sensível entre minhas coxas.

Prendi a respiração, à espera. Da maneira como estava posicionada, não conseguia enxergar…

Senti o toque quente e aveludado da sua língua no meu sexo.

"Ah!" Arqueei as costas.

Gideon gemeu. Resisti, tentando afastar os quadris do êxtase proporcionado por sua

boca perversa. Agarrando minhas coxas, ele me manteve imóvel, saboreando-me no ritmo que queria, lambendo sem parar minha boceta molhada e seus arredores… despertando meu desejo de ter sua língua dentro de mim. Seus lábios alcançaram meu clitóris latejante. Ele o sugou e passou a língua no pontinho sensível de prazer.

"Por favor…" Não me importava de ter que implorar. Quanto mais oferecesse a ele, mais teria em retribuição.

Mas Gideon me fez esperar enquanto me saboreava, acariciando com os cabelos a pele fina da parte posterior das minhas coxas, massageando meu clitóris com uma leve pressão da língua.

Segurei seu rosto com as mãos. "Isso é uma delícia… Não para…"

Minha boca se abriu quando ele lambeu mais para baixo, enfiando um pedacinho da língua na abertura trêmula do meu corpo… e depois um pouco mais para baixo, fazendo-me estremecer sob sua carícia sedosa.

"*Ah!*", gemi, sem fôlego, quase enlouquecida com tantas sensações depois de tantas horas anestesiada.

Seu grunhido reverberou dentro de mim. Meu corpo se contorceu quando ele enfim me deu o que eu queria, enfiando a língua na minha boceta de forma lenta e deliciosa.

"Isso", falei. "Me fode."

Sua boca era formidável, uma fonte de prazer e tormento, e sua língua era implacável em seu ataque sensual, abrindo meus músculos delicados.

Gideon me chupou com uma determinação incansável, com tanta avidez e vontade que estremeci com o incrível êxtase que se abateu sobre meu corpo. Senti uma pressão, e então seu polegar escorregou para dentro da minha bunda e começou a penetrar a abertura frágil. O preenchimento contrastava com as investidas cadenciadas de sua língua. Meu ventre se contraiu. Meu corpo estava tenso, flutuando à beira do orgasmo…

Gritei seu nome, sentindo-me em chamas, com a pele quente e molhada. Estava viva, queimando de prazer. O clímax acabou comigo, deixando-me aos pedaços. Mas Gideon não parou, continuou passando a língua no meu clitóris. O segundo orgasmo veio logo em seguida.

Soluçando e gozando com força e sem parar, levei as mãos fechadas aos olhos. "Chega", pedi com a voz rouca, sentindo um tremor nos membros enquanto mais um espasmo emanava do ventre. "Não aguento mais."

Senti o colchão ceder quando ele se moveu, segurando um dos tornozelos com a mão.

Ouvi o estalo do elástico quando abaixou a cueca.

“Como você quer?”, Gideon perguntou, malicioso. “Devagar e com carinho? Depressa e com força?”

Meu Deus…

Tive que me esforçar para arrancar as palavras dos lábios secos. “Bem fundo. Com força.”

Ele montou sobre mim, empurrando minhas pernas para trás até me deixar dobrada no meio.

“Eu te amo”, ele falou com a voz rouca.

A cabeça macia de seu pau grosso entrou no meu sexo, acariciando os tecidos já inchados e sensíveis.

Na posição em que eu estava, com as pernas para cima e com os tornozelos presos pela calcinha, fiquei bem apertadinha, e ele era enorme. Estava sendo alargada por seu membro, sentia minha carne arder com suas estocadas intensas. E ele ainda tinha mais a oferecer.

Grunhindo meu nome, Gideon remexia os quadris, entrando e saindo, penetrando cada vez mais fundo. “Está sentindo, meu anjo?”, ele perguntou, com a voz áspera de desejo.

“Você é tudo o que eu sinto”, murmurei, precisando me mover para senti-lo ainda mais. Porém, ele me mantinha imóvel, fodendo de um jeito que ninguém mais era capaz, acabando comigo.

Senti-lo daquele jeito… tão duro… suas investidas gostosas e incessantes…

Meus dedos agarraram os lençóis. Meu sexo estremeceu freneticamente ao redor dele, envolvendo a cabeça larga de seu pau com um apetite impressionante. A cada vez que recuava, eu me sentia vazia, e cada centímetro de seu pau grosso lançava ondas de prazer pelas minhas veias como uma droga poderosa.

“Eva. Minha nossa.”

Gideon pairava sobre mim ao luar, como um anjo caído perigosamente sensual. Seu lindo rosto estava contorcido, e seus olhos brilhavam de desejo por mim. Seus braços e seu tronco estavam rígidos, com os músculos tensionados. “Se continuar sugando meu pau com essa bocetinha apertada vai me fazer gozar. É isso que você quer, meu anjo? Quer que eu preencha você todinha antes de ter tudo o que merece?”

“Não!” Soltei o ar com força, tentando fazer meu ventre se descontrair e parar de apertá-lo. Ele remexeu os quadris, enfiando-se em mim, com a respiração ofegante.

“Sua boceta adora o meu pau.”

Apoiando a mão sobre a cabeceira, Gideon estendeu seu corpo sobre mim, com minhas pernas presas entre nós. Totalmente exposta e deleitada de prazer, eu não podia fazer mais nada além de vê-lo ajeitar os quadris e enfiar seus últimos centímetros em mim.

O som que isso produziu me fez gemer bem alto, sentindo um prazer tão intenso que chegava a doer. Ouvi vagamente Gideon soltar um palavrão, e senti seu corpo poderoso estremecer.

“Você está bem?”, ele murmurou entre os dentes.

Tentei recuperar o fôlego, expandindo os pulmões o máximo que conseguia.

“Eva.” Ele grunhiu meu nome. “Você está bem?”

Incapaz de falar, estendi a mão até seus quadris e me agarrei à sua cueca. Tirei um segundo para pensar no quanto aquilo era excitante — que não tínhamos nem nos dado ao trabalho de tirar a roupa…

Então ele voltou a me comer, mexendo os quadris em um ritmo incansável, seu pau grande e grosso saindo e entrando até o fundo em estocadas rápidas. Sustentando todo o peso do corpo nos braços e nos dedos dos pés, ele se enterrou em mim, seu pau duro quase me pregando ao colchão.

Gozei tão forte que minha vista escureceu. Meu corpo foi tomado por um prazer tão intenso que me dominou inteira, embalando-me nas ondas poderosas das sensações eróticas.

Inundada pela ferocidade do clímax, minha pele se arrepiou da cabeça aos pés. Gideon fez uma pausa e então entrou com tudo, proporcionando ao meu corpo a sensação de ter seu pau inteiro dentro de mim. Meu sexo estremeceu de êxtase ao longo daquela ereção deliciosa, apertando-o sedentamente.

“Porra”, Gideon gemeu. “Você está ordenhando meu pau pra valer.”

Senti um tremor violento, esforçando-me para respirar.

Assim que desabei no colchão, plenamente satisfeita, Gideon tirou o pau de dentro de mim e saiu da cama.

Ergui a mão, sentindo-me abandonada. “Aonde você vai?”

“Espera um pouco.” Ele tirou a cueca.

Ainda estava de pau duro, gloriosamente ereto, molhado pelo meu orgasmo — mas eu ainda não estava melada com o dele.

“Você não gozou.” Eu estava mole demais para ajudar quando ele tirou minha calcinha. Depois, apoiando uma das mãos nas minhas costas, Gideon tirou minha camiseta.

Seus lábios roçaram minha testa. “Você queria rápido e com força. Eu quero devagar e com carinho.”

Ele montou em mim de novo, dessa vez me aninhando entre seus braços e suas pernas. Assim que senti seu peso, seu calor, seu desejo, percebi que também queria fazer devagar e com carinho. Foi quando as lágrimas vieram, finalmente, libertadas pelo calor de sua paixão e pela ternura de seu amor.

“Você é tudo para mim”, falei em meio a elas.

“Eva.”

Remexendo os quadris, Gideon enfiou a pontinha do pau na minha boceta e entrou devagarinho, preenchendo-me com cuidado. Seus lábios se moviam contra os meus, e as carícias de sua boca eram ainda mais eróticas que o deslizar do seu pau.

“Me abraça”, ele murmurou, com os braços curvados sob meus ombros, segurando minha nuca entre as mãos.

Eu o apertei com mais força. Sua bunda se contraiu contra minhas panturrilhas quando ele se enfiou dentro de mim. Senti o suor em suas costas ao acariciar sua pele.

“Eu te amo”, ele murmurou, limpando minhas lágrimas com os dedos. “Consegue sentir?”

“Sim.”

Vi o prazer tomar conta de seu rosto enquanto se mexia dentro de mim.

Eu o abracei quando grunhiu, e seu corpo estremeceu com o orgasmo.

Limpei suas lágrimas com beijos quando ele chorou silenciosamente comigo.

Desabafei todo o meu sofrimento sob a proteção dos seus braços, sabendo que, na alegria ou na tristeza, Gideon estaria comigo.

“Estou impressionado com este lugar.” Cary pôs as mãos sobre a grade que cercava a varanda e olhou para o mar. Seus olhos estavam escondidos atrás dos óculos escuros, e o vento agitava seus cabelos. “A casa é incrível. Parece que estamos a quilômetros de distância de qualquer um. E essa vista… Caralho, é inacreditável.”

“Não é?” Encostei a bunda na grade, de frente para a casa. Pelas portas de vidro, vi a

família Reyes tomar conta da cozinha e da sala principal. Gideon era refém da minha avó e das minhas tias.

Para mim, o clima alegre parecia manchado por uma tristeza aguda. Minha mãe nunca fizera parte daquele grupo, e agora não teria mais chance de fazer. Mas a vida seguia em frente.

Meus dois primos mais novos corriam com Lucky ao redor do sofá, enquanto os três mais velhos jogavam videogame com Chris. No sofá, meu tio Tony conversava com meu pai, que balançava a sobrinha no joelho.

Gideon tinha medo de família mais do que tudo na vida, e seu lindo rosto refletia todo o seu descontentamento sempre que era cercado pelo caos. Como o conhecia bem, detectei o pânico em seus olhos, mas não era capaz de salvá-lo. Minha avó não o deixaria sair de perto dela.

Cary olhou para trás para ver o que atraía minha atenção. “Já estou até vendo o cara sair correndo.”

Dei risada. “Foi por isso que convidei Chris, para dar um apoio para Gideon.”

Gideon, eu, Cary, meu pai e Chris tínhamos chegado à praia por volta das dez da manhã. Era pouco mais de meio-dia quando a família do meu pai chegou do hotel trazendo as compras para que minha avó pudesse fazer seu famoso *pozole*. Segundo ela, aquele prato tinha o poder de curar as dores da alma. Fosse verdade ou não, eu sabia que sua versão do ensopado mexicano era deliciosa.

“Chris está deixando ele se virar sozinho”, comentou Cary, “assim como você.”

“O que posso fazer? Ai, meu Deus.” Dei risada. “Minha avó entregou um avental para ele.”

Fiquei um pouco apreensiva quando todo mundo apareceu. Não passei muito tempo com a família do meu pai quando era pequena, e só fizera uma ou outra viagem ao Texas com ele quando estava na faculdade. Toda vez que os visitei, os Reyes se mostraram um tanto reservados comigo, talvez por parecer tanto com a mulher que partira o coração do meu pai. Eles a conheceram e não a aprovaram, disseram que não era para o bico do meu pai e que aquilo terminaria mal.

Então, quando minha avó foi andando diretamente na direção de Gideon assim que chegou, prendi a respiração junto com ele.

Ela tirou os cabelos dele da frente do rosto, virou sua cabeça de um lado para o outro e disse que era muito parecido com meu pai. Gideon sabia espanhol e respondeu no idioma materno dela, recebendo o comentário como um elogio. Minha avó adorou aquilo. E

continuou falando com ele em espanhol desde então.

“Trey me ligou ontem”, Cary comentou em um tom casual.

Eu o encarei. “Ah, é? E como foi a conversa?”

“Você falou alguma coisa para ele, gata? Para me procurar?”

Tentando parecer inocente, respondi com uma pergunta: “Por que acha isso?”.

Ele me lançou um olhar de quem sabia o que estava acontecendo e abriu um sorriso malicioso. “Então foi isso mesmo.”

“Só avisei que você não ia esperar para sempre.”

“Pois é.” Ele também tentou parecer inocente, só que eu era melhor naquilo. “Você sabe que eu não dispenso uma trepada por compaixão, né? Então obrigado.”

Empurrei seu ombro de leve. “Fala sério.”

Alguma coisa tinha mudado em Cary nas semanas anteriores. Ele não se voltou para seus mecanismos de defesa autodestrutivos habituais e, como estava se saindo melhor sem eles, torcia para que não voltasse atrás.

“Tudo bem.” Cary abriu seu sorriso brilhante e sincero, e não só o de fachada que eu conhecia tão bem. “Mas transar com Trey é uma ideia bem tentadora. Acho que para ele também, então vou usar isso em minha vantagem.”

“Vocês vão se ver?”

Ele assentiu com a cabeça. “Ele vai comigo à cerimônia na casa de Stanton na segunda.”

“Ah.” Suspirei, sentindo uma dor no coração. Clancy tinha ligado para Gideon para passar as informações a respeito naquela manhã.

Eu deveria ter cuidado daquilo pessoalmente para preservar Stanton? Não sabia. Ainda estava tentando aceitar o fato de que minha mãe tinha morrido. Depois de chorar durante horas na noite anterior, a culpa chegara com tudo. Falara tantas coisas para minha mãe de que me arrependia, e agora não havia mais como voltar atrás. Não foram poucas as vezes em que fui desrespeitosa com ela.

Agora eu via que seu maior problema era me amar demais.

Como meu padrasto a amava — desmesuradamente.

“Tentei ligar para Stanton”, contei, “mas só caiu na caixa postal.”

“Eu também.” Cary coçou a barba por fazer. “Espero que ele esteja bem, mas não deve

estar.”

“Acho que vai demorar até algum de nós ficar bem.”

Ficamos em silêncio por um momento antes de Cary voltar a falar. “Estava conversando com seu pai hoje de manhã, antes de ir para o aeroporto, sobre a ideia de se mudar para Nova York.”

Franzi o nariz. “Eu ia adorar ter meu pai por perto, mas não consigo deixar de achar estranho que ele trabalhe para Gideon.”

Cary balançou a cabeça de leve. “Entendo.”

“O que você acha?”

Ele se virou para me encarar. “Bom, esse lance da gravidez e de saber que vou ter um filho mudou minha vida, sabe? Então, multiplicando isso por vinte e quatro anos, no seu caso, eu diria que um pai amoroso faria de tudo para tornar as coisas mais fáceis para sua filha.”

Cary tinha mudado mesmo. Às vezes um empurrão na direção certa fazia toda a diferença. Para ele, fora a ideia de ser pai. Para mim, tinha sido conhecer Gideon. E, para Gideon, a possibilidade de me perder.

“Enfim”, continuou Cary, “ele me falou que Gideon ofereceu um auxílio-moradia e que estava pensando em dividir o apartamento comigo.”

“Uau. Certo.” Havia muito em que pensar naquele caso. Primeiro, meu pai estava levando a sério a possibilidade de trabalhar para Gideon em Nova York. Segundo, meu melhor amigo estava contemplando a vida sem mim. Eu não sabia como me sentir a respeito. “Pensei que meu pai não conseguiria ficar naquele quarto depois que ele e minha mãe… você sabe.”

Eu não podia ficar na cobertura sem Gideon. Havia acontecido muita coisa entre nós por lá. Não sabia se suportaria a memória de algo que não tinha mais.

“Pois é, pensei nisso também.” Cary pôs a mão no meu ombro, um toque suave e reconfortante. “Mas, sabe como é, as lembranças já eram a única coisa que Victor tinha de Monica.”

Assenti com a cabeça. Meu pai acreditou durante muitos anos que seu amor não era correspondido. Naquela tarde com minha mãe, talvez tenha percebido que não era verdade. Era uma boa lembrança à qual se agarrar.

“Então você está pensando em ficar por lá”, eu falei. “Minha mãe disse que tinha sugerido isso.”

Ele me abriu um sorriso carregado de melancolia. “Estou pensando nisso, sim. Vai ser mais fácil para seu pai também. Avisei que talvez tivesse um bebê em casa de vez em quando. Fiquei com a impressão de que ele vai gostar disso.”

Olhando de novo para casa, vi meu pai fazendo caretas para distrair minha priminha. Ele era o único entre seus irmãos que só tinha uma filha, e eu já era adulta.

Franzi a testa quando vi Gideon caminhar até a porta da frente. Aonde ele ia com o avental amarrado na cintura? Abriu a porta e ficou imóvel por um tempão. Percebi que alguém devia ter batido, mas não consegui ver quem era, porque Gideon estava bloqueando minha visão. Enfim, ele deu um passo para o lado.

Cary olhou para o que estava me distraindo e franziu a testa. “O que ele está fazendo aqui?”

Quando o irmão de Gideon entrou, eu me perguntei a mesma coisa. Então Ireland apareceu atrás dele com um presente na mão.

“Por que o presente?”, perguntou Cary. “Era para o casamento e ela não conseguiu devolver?”

“Não.” Vi o papel de embrulho, colorido e festivo demais para um casamento. “É um presente de aniversário.”

“Ai, merda”, murmurou Cary. “Esqueci completamente.”

Quando Gideon fechou a porta, percebi que sua mãe não estava lá. Ela ia perder o aniversário do próprio filho. Uma mistura potente de compaixão e dor tomou conta de mim, fazendo-me cerrar os punhos.

Qual era o problema daquela mulher, porra? Gideon não falara mais com ela desde o dia em que a confrontara no escritório. Considerando a data, era inacreditável que Elizabeth fosse tão sem consideração.

Aquilo me fez perceber que eu não fora a única a perder a mãe nos dias anteriores.

Chris se levantou e foi cumprimentar os filhos, abraçando Christopher enquanto Ireland abraçava Gideon. Ela sorriu para ele e entregou o presente. Gideon o pegou e se virou, apontando para onde eu estava na varanda.

Linda e jovial com um vestido estampado de verão, Ireland veio nos encontrar do lado de fora. “Uau, Eva. Essa casa é demais.”

Eu a abracei. “Gostou?”

“Como não gostaria?” Ireland abraçou Cary, e então seu belo rosto ficou sério. “Lamento muito pela sua mãe, Eva.”

As lágrimas, que tinham deixado de ser uma coisa distante, fizeram meus olhos arder. “Obrigada.”

“Não consigo nem imaginar”, ela disse. “E isso porque não estou nada bem com minha mãe no momento.”

Estendi a mão e toquei seu braço. Por mais que não gostasse de Elizabeth, não queria que ninguém sentisse o mesmo arrependimento que eu, principalmente Ireland. “Espero que vocês se acertem. Se eu tivesse minha mãe, voltaria atrás em um monte de coisas que fiz e falei.”

E, como dizer aquilo me deu vontade de chorar, pedi licença e comecei a descer as escadas até a praia, e segui até a água. Parei quando meus tornozelos ficaram submersos, e deixei a brisa do mar secar as lágrimas.

Fechando os olhos, tentei conter a dor pelo menos naquele dia. Era aniversário de Gideon, uma data que eu queria celebrar, pois era o dia em que ele tinha vindo ao mundo, para anos depois entrar na minha vida.

Tive um sobressalto quando dois braços musculosos me envolveram pela cintura, e um corpo bem familiar se aproximou das minhas costas.

Gideon apoiou o queixo na minha cabeça. Senti seu peito se expandir e se contrair em um suspiro profundo quando coloquei meus braços sobre os dele.

Quando me controlei o suficiente para falar, comentei: “Estou surpresa que minha avó tenha deixado você fugir”.

Ele deu uma risadinha. “Ela diz que eu lembro seu pai… bom, ela me lembra de você.”

Fazia sentido, então, que nós duas tivéssemos o mesmo nome. “Porque não consigo largar você?”

“Porque, apesar do medo, não consigo sair de perto dela.”

Comovida, virei a cabeça e apoiei o rosto em seu peito, ouvindo as batidas fortes e constantes. “Não sabia que seus irmãos vinham.”

“Nem eu.”

“O que você acha da presença de Christopher aqui?”

Senti que ele deu de ombros. “Se não der uma de cuzão, por mim tudo bem.”

“Está certo.” Se a aparição inesperada de seu irmão não era um problema para ele, para mim também não seria.

“Tem umas coisas que eu queria contar para você”, ele falou. “Sobre Christopher. Mas

agora não é hora.”

Abri a boca para retrucar, mas mudei de ideia. Gideon estava certo. Aquele era o dia em que deveríamos renovar nossos votos, cercados pelos amigos e pela família. Comemoraríamos seu aniversário e não haveria espaço para lamentos. Em vez disso, o dia ficaria marcado por uma tristeza que precisávamos esconder. Não fazia sentido acrescentar mais um assunto desagradável à lista.

“Tenho uma coisa para dar a você”, contei.

“Hum… Fico tentado, meu anjo, mas a casa está cheia.”

Demorei um tempinho para perceber que ele estava brincando. “Ai, meu Deus. Seu tarado.”

Enfiei a mão no bolso e peguei o presente dele, guardado em segurança em um saquinho de veludo preto. Veio em uma caixa bonita de presente, mas escolhi levá-lo no bolso, para manter a espontaneidade e dá-lo no momento certo. Não queria que ganhasse aquele presente junto com os outros.

Eu me virei para Gideon e entreguei o presente abrindo a palma da mão. “Feliz aniversário, garotão.”

Seu olhar foi da minha mão para meu rosto. Havia um brilho em seus olhos que eu via apenas quando lhe dava alguma coisa. Aquilo sempre me fazia querer dar mais, tudo o que estivesse ao meu alcance. Meu marido merecia ser feliz. Era minha missão garantir aquilo.

Gideon pegou o saquinho e o abriu.

“Só queria que você soubesse”, comecei, tentando esconder meu nervosismo, “que é uma loucura comprar um presente para alguém que já tem tudo, inclusive boa parte da ilha de Manhattan.”

“Eu não estava esperando nada, mas sempre adoro as coisas que você me dá.”

Soltei o ar com força. “Bom, se não quiser usar, eu entendo. Quer dizer, não se sinta obrigado…”

O relógio de bolso de platina Vacheron Constantin escorregou para a palma das mãos dele, reluzindo sob a luz do sol. Mordendo o lábio, esperei que abrisse a tampa e olhasse dentro dele.

Gideon leu as palavras gravadas em voz alta. “*Sua a toda hora. Eva.*”

“Você pode pôr uma foto por cima da inscrição. Eu queria tirar uma no casamento, mas…” Limpei a garganta quando ele me olhou com tanto amor que senti um frio na barriga. “É antiquado, eu sei. Só achei que, como você usa colete, poderia usar um desses.

Você usa relógio de pulso, então acho que não vai precisar, mas…”

Ele me beijou para me calar. “Vou usar o tempo todo. Obrigado.”

“Ah.” Lambi os lábios, sentindo seu gosto. “Tem uma correntinha para ele na caixa.”

Gideon pôs o relógio com cuidado de volta no saquinho e o enfiou no bolso. “Tenho uma coisa para você também.”

“Comporte-se”, eu o provoquei dessa vez. “Temos plateia.”

Gideon olhou por cima do ombro e viu que vários dos nossos familiares tinham saído para a varanda. O bufê tinha trazido uma boa quantidade de bebidas e canapés, e o pessoal estava começando a beliscar enquanto a carne de porco do *pozole* assava no forno.

Ele ergueu o punho fechado e o abriu para me mostrar a linda aliança na palma de sua mão. Diamantes grandes e redondos circulavam o anel inteiro, refletindo diversas tonalidades.

Levei os dedos à boca, sentindo os olhos cheios de lágrimas outra vez. A brisa salgada dançava ao redor de nós, trazendo o grito das gaivotas, que voavam sobre as ondas. O movimento ritmado da maré roçava meus pés, prendendo-me ao momento.

Peguei a aliança com os dedos trêmulos.

Gideon fechou a mão e sorriu. “Ainda não.”

“Quê?” Empurrei seu ombro. “Não me provoca!”

“Ah, mas eu sempre compenso você por isso depois”, ele murmurou.

Olhei feio. Seu sorrisinho malicioso desapareceu.

Gideon passou os dedos no meu rosto. “Tenho muito orgulho de ser seu marido”, ele anunciou solenemente. “Minha maior conquista é você me considerar digno disso.”

“Ah, Gideon.” Ele sabia mesmo me surpreender. Fiquei maravilhada, sentindo-me plena de amor. “A sorte é toda minha.”

“Você mudou minha vida, Eva. E fez o impossível: me transformou. Gosto de quem sou agora. Pensei que isso nunca fosse acontecer.”

“Você sempre foi maravilhoso”, falei em um tom entusiasmado. “Eu me apaixonei assim que te vi. E estou ainda mais apaixonada agora.”

“Não existem palavras para expressar o que você significa para mim.” Ele abriu a mão de novo. “Mas espero que, quando olhar para a aliança na sua mão, se lembre de que brilha tanto quanto esses diamantes para mim, e é infinitamente mais preciosa.”

Fiquei na ponta dos pés sobre a areia molhada e quase chorei de alegria quando ele beijou minha boca. “Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.”

Ele estava sorrindo quando pegou a minha mão e pôs a aliança no meu dedo, junto com o lindíssimo diamante que havia me comprado no nosso casamento.

Os gritos e aplausos nos pegaram de surpresa. Olhamos para a casa e vimos nossos familiares enfileirados na varanda, observando-nos. As crianças já estavam descendo as escadas, correndo atrás de Lucky, ansioso para ficar com Gideon.

Eu entendia muito bem aquele sentimento. Pelo resto da nossa vida, sempre voltaria para ele.

Respirando fundo, deixei que a esperança e a alegria afastassem a tristeza por um momento.

“É perfeito”, murmurei, e as palavras se perderam no vento. Sem vestido, sem flores, sem formalidades nem rituais. Só Gideon e eu, comprometidos um com o outro, cercados de pessoas que nos amavam.

Ele me abraçou e me girou no ar, fazendo-me rir de puro prazer.

“Eu te amo!”, gritei para o mundo todo ouvir.

Ele me pôs no chão e me beijou até me deixar sem fôlego. Então, com a boca colada ao meu ouvido, murmurou: “Crossfire”.

16

Foi difícil ver Eva tentando consolar Richard Stanton, que não era nem sombra do homem com quem passáramos o fim de semana em Westport. Naquela ocasião, ele parecia cheio de vida, muito mais jovem do que de fato era. Agora parecia frágil e cabisbaixo, com os ombros carregados de tristeza.

Uma infinidade de buquês de flores brancas cobria todas as superfícies disponíveis na sala de estar da espaçosa cobertura dele. Fotos de Monica estavam espalhadas ao redor dos arranjos, mostrando a mãe de Eva em seus melhores momentos na companhia de Stanton.

Victor estava com Cary e Trey em uma sala menor, afastada da principal. Quando chegamos, houve um momento em que o pai de Eva e Stanton ficaram imóveis, encarando-se. Para mim, ambos se ressentiam da parte de Monica que cabia ao outro: Victor tinha seu amor; Stanton, sua companhia.

A campainha tocou. Meu olhar seguiu Eva e Martin, que foram juntos atender. Stanton não se moveu da poltrona, claramente perdido em seus pensamentos. Senti toda a sua dor quando ele abriu a porta para nós, no sobressalto que teve quando viu Eva.

Era bom saber que minha esposa e eu iríamos para o aeroporto assim que saíssemos de lá. Por um mês, ficaríamos longe da cidade e dos holofotes. Quando voltássemos, talvez Stanton já pudesse suportar ver a filha da mulher que amava, tão parecida com ela.

“Cross.”

Virei a cabeça e dei de cara com Benjamin Clancy. Assim como a detetive Graves, Clancy sabia o que eu tinha feito para eliminar a ameaça que Nathan Barker representava para Eva. Clancy ainda tinha ajudado a encobrir meu envolvimento, adulterando a cena do crime e criando uma situação fictícia para pôr a culpa em outro morto, que havia pagado por seus crimes com a própria vida e não perderia nada pagando pelo meu também.

Minhas sobrancelhas se ergueram em uma expressão de interrogação.

“Preciso conversar com você um minuto.” Ele apontou para o corredor, à espera da minha concordância.

“Vamos lá.”

Eu o segui até a biblioteca, onde observei as prateleiras de livros que cobriam as paredes. A sala cheirava a couro e papel, e a paleta de cores era uma mistura bem

masculina de marrom e verde-escuro. Havia quatro lugares diferentes para os visitantes se sentarem, além de um bar totalmente equipado para deixar todos à vontade.

Clancy fechou a porta e se sentou em uma das poltronas perto da lareira. Eu me acomodei na outra.

Ele foi direto ao ponto. “A sra. Stanton deixou para trás vinte e cinco anos de diários particulares e um disco rígido cheio de escritos no computador. Ela pediu que eu entregasse tudo a Eva quando morresse.”

Mantendo minha curiosidade sob controle, respondi: “Vou providenciar para que chegue às mãos dela”.

Ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Ben Clancy era um homem grandalhão, com braços e pernas musculosos. Usava os cabelos loiros em um corte militar, e seus olhos tinham a frieza e a aparência mortal dos olhos de um tubarão-branco — mas se amenizavam para Eva, como os de um irmão mais velho dos mais protetores.

“Você vai ter que decidir quando mostrar isso a ela”, ele falou. “Isso *se* achar que deve mostrar.”

“Entendi.” Então eu precisaria ler tudo. Fiquei sem graça ao pensar em fazer aquilo.

“Além disso”, continuou Clancy, “há algumas obrigações financeiras da qual você vai ter que cuidar, no lugar de Lauren. Não é nada desprezível, mas não deve ser problema para você.”

Fiquei tenso ao ouvir aquele nome, sentindo um alerta soar dentro de mim.

Clancy balançou a cabeça e falou: “Você começou a pesquisar o histórico dela depois que os Tramell morreram”.

“Mas você já tinha limpado a maior parte dos dados.” Aquilo era a única coisa daquela conversa que fazia sentido para mim.

“O que foi possível. Investiguei o passado dela quando o relacionamento com o sr. Stanton ficou sério. Quando a confrontei a respeito, ela me disse o que vou contar agora… e nada disso chegou ao conhecimento do sr. Stanton. Eu gostaria que continuasse assim. Ele foi feliz com ela. O passado não faz diferença agora, então ele não precisa saber.”

O que quer que fosse, tinha deixado Clancy abalado. Restava saber se também me deixaria.

Ele fez uma pausa. “Você vai descobrir mais coisas lendo os diários. Eu mesmo não li, mas a história de Lauren certamente é bem mais dramática do que os fatos concretos que

vou relatar.”

“Entendo. Vá em frente.”

“Lauren Kittrie nasceu em uma cidadezinha perto de Austin, no Texas. Era de família pobre. A mãe a abandonou junto com a irmã gêmea e o pai delas, que trabalhava em um rancho local. Era um homem ocupado, pouco interessado ou capaz de criar duas meninas bonitas e de personalidade forte.”

Recostando-me na poltrona, tentei imaginar duas Monicas adolescentes. Era uma imagem bem mais do que impressionante.

“Como você pode imaginar”, ele continuou, “elas chamavam a atenção. Quando estavam terminando o colégio, cruzaram o caminho de um grupo de universitários que estudavam em Austin. Um bando de moleques ricos que se achavam os donos do mundo. O líder deles era Jackson Tramell.”

Balancei a cabeça. “Ela se casou com ele.”

“Isso foi depois”, ele disse, sem se alterar. “Lauren sabia o que queria dos homens desde o início. Não desejava ter a mesma vida dos pais, mas sabia reconhecer um barco furado logo de cara. Ela o rejeitou uma porção de vezes. Katherine, sua irmã, não era tão esperta. Achou que Tramell poderia ser sua porta de saída de lá.”

Inquieto, eu me remexi na poltrona. “Quanto dessa história eu realmente preciso ouvir?”

“Contra os conselhos de Lauren, Katherine aceitou sair com ele. Vendo que a irmã não voltou naquela noite nem no dia seguinte, Lauren ligou para a polícia. Katherine foi encontrada por um fazendeiro na plantação dele, quase inconsciente por causa de uma combinação de bebida com drogas ilegais. Tinha sido atacada brutalmente. Apesar de nada ter sido provado, a suspeita era de que havia vários rapazes envolvidos.”

“Nossa.”

“Katherine ficou muito mal”, continuou Clancy. “As drogas alucinógenas no organismo, combinadas com o trauma do estupro coletivo, causaram danos cerebrais permanentes. Ela precisava de acompanhamento médico constante por tempo indeterminado, e seu pai não podia pagar por isso.”

Sem conseguir ficar parado, fui até o bar, mas então me dei conta de que a última coisa que queria naquele momento era beber.

“Lauren procurou os Tramell para falar sobre seu filho e o que ela suspeitava que ele tinha feito. O rapaz negou tudo, e ninguém poderia provar nada, porque não havia

evidências físicas. Mas ele viu uma oportunidade ali e soube aproveitar. Lauren era quem sempre quisera, então conseguiu convencer os pais a cobrir as despesas do tratamento de Katherine em troca de Lauren e seu silêncio em relação ao estupro."

Eu me virei para encará-lo. O dinheiro era capaz de encobrir inúmeros pecados. O fato de Stanton ter conseguido esconder os registros do caso de Eva era uma prova daquilo. O pai de Nathan Barker, porém, permitira que seu filho pagasse pelos crimes que tinha cometido. Os Tramell decidiram esconder o que o deles havia feito.

Clancy se endireitou na poltrona. "Jackson só queria sexo. Lauren negociou o casamento com os pais dele, o que garantiria que Katherine sempre teria assistência médica disponível."

Mudei de ideia sobre a bebida e enchi até a metade de um copo com uísque.

"Durante alguns meses, a situação de Lauren e Jackson foi estável. Eles viviam…"

"Estável?" Uma risada áspera escapou da minha garganta. "Ela se vendeu para o cara que liderou o estupro coletivo da irmã gêmea. Minha nossa…"

Virei a bebida.

Monica — ou Lauren — era mais forte do que qualquer um imaginava. Mas Eva precisava saber daquela história horrorosa?

"A situação era estável", reiterou Clancy, "até ela conhecer Victor."

Eu o encarei. Mesmo quando o cenário parecia ruim o suficiente, sempre havia como piorar.

Ele cerrou os dentes. "Ela engravidou de Eva. Quando Jackson descobriu que o bebê não era dele, tentou resolver a situação… na base da violência. Os dois moravam na casa dos pais dele, mas os Tramell nunca interferiram nos desentendimentos entre eles. Lauren temia pela vida da criança."

"Ela deu um tiro nele." Passei as mãos pelos cabelos, desejando ser capaz de tirar aquela imagem da mente. "A morte em circunstâncias não reveladas… ela o matou."

Clancy ficou sentado em silêncio, esperando que absorvesse a informação. Eu não era o único a ter matado alguém para proteger Eva.

Comecei a caminhar de um lado para o outro. "Os Tramell ajudaram Lauren a escapar da acusação. Por quê?"

"Durante o tempo que passou com Jackson, Lauren documentou em segredo tudo o que pudesse usar contra ele mais tarde. Os Tramell queriam preservar sua reputação — e a de Monica, sua filha debutante —, e queriam que Lauren e todos os problemas que causou

desaparecessem. Ela foi embora com as roupas do corpo e a consciência de que, dali em diante, o tratamento de Katherine seria responsabilidade sua."

"Então foi tudo por nada", murmurei. "Ela voltou para o ponto de partida."

Então tudo fez sentido. "Katherine ainda está viva."

Aquilo explicava os casamentos com homens ricos e sua preocupação com dinheiro. Durante todos aqueles anos, ela teve que conviver com a ideia de que sua filha a considerava superficial, mas aguentou firme, em vez de revelar a verdade.

Eu mesmo tinha torcido para que Eva jamais descobrisse o que fizera com Nathan. Temia que ela fosse me considerar um monstro.

Clancy se levantou com leveza, apesar do corpo robusto. "Como falei no início, o tratamento de Katherine agora é uma obrigação financeira sua. Se vai ou não revelar sua existência para Eva, cabe a você decidir."

Eu o encarei. "Por que está me confiando isso?"

Ele ajeitou o paletó. "Eu vi você se jogando em cima de Eva quando Hall abriu fogo. Isso, além da maneira como lidou com Barker, me mostrou que é capaz de tudo para proteger Eva. Se acha que é melhor para ela saber, então conte quando for a hora."

Com um aceno repentino de cabeça, ele saiu da sala.

Fiquei por lá, para clarear os pensamentos.

"Ei."

Eu me virei na direção da voz de Eva. Ela entrou e andou até mim.

"O que você está fazendo aqui?", perguntou, lindíssima em seu vestido preto básico. "Estava procurando você. Clancy me falou que estava aqui."

"Vim beber alguma coisa", contei a ela, revelando parte da verdade.

"Quanto você bebeu?" O leve brilho em seus olhos mostrava que ela não estava chateada. "Você passou um tempão aqui, garotão. Precisamos levar meu pai para o aeroporto."

Assustado, olhei para o relógio e me dei conta de que tinha me perdido nos meus pensamentos. Tive que me esforçar para voltar ao presente e me desvencilhar da história trágica de Lauren. Era impossível mudar o passado.

Mas o que eu precisava fazer estava bem claro. O tratamento da irmã dela seria garantido. E eu cuidaria de sua filha. Assim, honraria a mulher que Monica havia sido. E, um dia, se achasse que era a coisa certa a fazer, eu a apresentaria a Eva.

“Eu te amo”, disse para Eva, pegando-a pela mão.

“Você está bem?”, ela perguntou, pois me conhecia bem demais.

“Estou.” Acariciei seu rosto e abri um sorrisinho. “Vamos lá.”

Epílogo

“Que escolha de hotel mais estranha para uma lua de mel.”

Viro a cabeça e vejo minha mãe deitada na espreguiçadeira ao meu lado no deque. Está usando um biquíni roxo, sua pele firme está bronzeada e suas unhas estão pintadas em um tom elegante de bege.

A felicidade toma conta de mim. É uma alegria muito grande vê-la de novo.

“É uma piada interna”, explico, observando o oceano Pacífico brilhar além da floresta verdejante à nossa frente. “Falei para Gideon que tenho uma fantasia com Tarzan, então ele arrumou uma casa na árvore de luxo para nós.”

Fiquei deliciada quando vi a suíte do hotel sobre os galhos de uma figueira ancestral. A vista panorâmica do deque era indescritivelmente linda, algo de que Gideon e eu desfrutamos toda vez que saímos do nosso refúgio verde.

“Então você é a Jane…” Minha mãe sacode a cabeça. “Sem comentários.”

Abro um sorriso, contente por ainda ser capaz de deixá-la chocada de vez em quando.

Com um suspiro, minha mãe joga a cabeça para trás e fecha os olhos para curtir o sol. “Que bom que seu pai resolveu se mudar para Nova York. Fico tranquila sabendo que vai estar lá com você.”

“É… Ainda estou me acostumando com a ideia.”

Mais difícil é aceitar que minha mãe é uma pessoa totalmente diferente do que eu imaginava. Fico em dúvida se menciono o assunto. Não quero estragar a alegria de poder falar com ela de novo. Mas as anotações em seus diários foram escritas na forma de cartas para mim, e não consigo conter a necessidade de falar a respeito.

“Estou lendo seus diários”, revelo.

“Eu sei.”

Ela responde de forma casual. A raiva e a frustração logo aparecem, mas eu as afasto. “Por que você nunca me contou sobre seu passado?”

“Eu ia contar.” Ela vira a cabeça para mim. “Sempre pretendi fazer isso um dia. Então Nathan… aconteceu, e você precisou de um tempo para se recuperar. Depois conheceu

Gideon. Achei que não precisava ter pressa."

Sei que isso não é bem verdade. A vida nunca para. Sempre vai haver uma desculpa para adiar. Minha mãe não estava esperando até que eu fosse capaz de aceitar o que fez por sua irmã — estava esperando até ela mesma ser capaz de aceitar.

Só uma mulher muito forte tomaria as atitudes que ela tomou. Era bom saber isso a seu respeito, e principalmente entender a origem de sua fragilidade. Minha mãe era uma mulher atormentada pelo rumo que sua vida seguiu. O assassinato de Jackson a atormentava, porque ela o odiava tanto que ficou contente com sua morte, apesar do horror de tê-lo matado com as próprias mãos.

Abandonar meu pai equivalia a destruir uma parte vital de quem ela era, assim como fingir que sua irmã, Katherine, não existia. Minha mãe teve que se separar de dois pedaços de seu coração, mas mesmo assim conseguiu seguir em frente. Seu caráter superprotetor fazia sentido para mim agora — ela não teria sobrevivido se me perdesse também.

"Gideon disse que vamos ver Katherine quando voltarmos", revelo. "Estamos pensando em colocar minha tia em um lugar mais perto da gente, para que faça parte da nossa vida." Estou me preparando para essa ocasião, ciente de que as duas são irmãs gêmeas.

Minha mãe me encara com um sorriso tristonho. "Ela vai ficar contente. Ouve falar de você há anos."

"Sério?" Pelos diários, fiquei sabendo que minha mãe raramente podia se encontrar com Katherine, pois seus maridos a queriam sempre por perto. Ela precisava se contentar com cartas e cartões-postais, já que e-mails e chamadas telefônicas deixavam rastros.

"Claro. Eu ficava me gabando o tempo todo. Tenho o maior orgulho de você."

Meus olhos se enchem de lágrimas.

Ela inclina a cabeça para receber o sol no rosto. "Por muito tempo, fiquei furiosa com o que fizeram com Kathy… minha irmã nunca voltou ao normal. Então percebi que a mente dela a protegeu daquela noite infernal. Ela não lembra. E, com os pensamentos simples que tem hoje, consegue extrair uma alegria juvenil de quase tudo."

"Vamos cuidar dela", prometo.

Minha mãe estende a mão, e eu a aceito. "Essas casas na árvore têm champanhe?", ela pergunta.

Dou risada e aperto sua mão. "Claro."

Acordei aos poucos, saindo lentamente dos domínios do sono para a lucidez. A luz do sol entrava filtrada pelo mosquiteiro que envolvia a cama. Eu me espreguicei, movendo o braço à procura de Gideon, mas ele não estava deitado ao meu lado.

Eu o encontrei parado na janela ao lado da mesa rústica que estava usando como escritório, falando ao telefone. Por um instante, simplesmente apreciei a visão. Descabelado e com a barba por fazer, ele estava tão sexy que eu mal conseguia me aguentar. O fato de Lucky estar esparramado aos seus pés só tornava a visão ainda mais agradável.

Gideon estava só de bermuda, com o zíper fechado, mas o botão aberto, então dava para ver que não usava cueca. Era o máximo que ele se mantinha vestido na nossa lua de mel. Em alguns dias, nada cobria seu corpo além de suor, o que era tão lindo de ver e sentir que eu precisava garantir que ele se mantivesse assim por mais tempo.

Quanto a mim, fiquei surpresa ao ver na minha bagagem alguns vestidos que não tinha levado e ao constatar que minhas roupas íntimas haviam desaparecido. A qualquer momento, a saia subia quando eu me agachava e alguma parte do corpo do meu marido entrava em contato comigo. Estávamos em lua de mel fazia duas semanas, e Gideon tinha treinado meu corpo a se antecipar a seus desejos. Ele era capaz de me excitar e me satisfazer com a mesma velocidade.

Estava sendo uma viagem deliciosa e insaciavelmente hedonista.

Entre uma sessão e outra de sexo enlouquecido, conversávamos e fazíamos planos para quando voltássemos a fazer parte do mundo. Víamos filmes, e Gideon me ensinou a jogar baralho. Às vezes ele precisava trabalhar. Enquanto isso, eu lia os diários da minha mãe. Só fiquei sabendo da existência deles uns dois dias depois de Gideon, mas foi na hora certa.

Conversamos muito sobre eles também.

“Essa exigência é inaceitável”, Gideon disse ao telefone, vendo-me vestida com um robe curto de seda. “Existe margem de negociação em outros pontos. A atenção deles precisa ser direcionada para isso.”

Joguei um beijo para ele e fui para a cozinha.

Enquanto preparava o café, fiquei olhando para a vista do deque, para as copas das árvores à minha frente e para o oceano mais além. Talvez fôssemos à praia aquele dia. Tínhamos um espaço só para nós ali. Por ora, só a companhia um do outro nos bastava.

Senti um frio na espinha ao ouvir as patinhas de Lucky se arrastando pelo piso de madeira. Ele devia estar seguindo Gideon, a quem idolatrava. Meu marido o adorava também. Seus pesadelos vinham se tornando cada vez menos frequentes, mas, quando aconteciam, Lucky estava sempre lá para acordá-lo.

“Bom dia”, murmurou Gideon, segurando-me entre os braços.

Eu me apoiei nele. “Tecnicamente, boa tarde.”

“Podemos voltar para a cama até ser noite”, ele provocou, passando o nariz na minha nuca.

“Não acredito que ainda não se cansou de mim.”

“Meu anjo, se está cansada, podemos apimentar um pouco mais as coisas.”

Estremeci ao pensar nas imagens que aquelas palavras evocaram. Gideon era um amante vigoroso a qualquer momento. Durante a lua de mel, ainda mais. Dava para ver que seu corpo estava mais malhado, só pelo exercício sexual. Eu com certeza estava mais satisfeita com meu corpo do que nunca.

“Quem era ao telefone?”, perguntei.

Ele respirou fundo. “Meu irmão.”

“Sério? É a terceira vez em duas semanas?”

“Não precisa ficar com ciúmes. Você é muito mais sexy que ele.”

Bati nele de leve com o cotovelo.

Gideon me contou sobre os arquivos de Hugh. Chris tinha conversado com Christopher. O que foi dito, não sabíamos. Foi um diálogo particular. Mas depois daquilo Christopher tinha procurado Gideon duas vezes — agora três — pedindo conselhos.

“É sempre de negócios que ele quer falar?”

“Sim, mas as coisas que pergunta… ele já sabe a resposta.”

“Algo pessoal?”

Chris garantiu a Gideon que não contou nada sobre os abusos que ele tinha sofrido, e meu marido queria que tudo continuasse assim. Christopher tinha causado muito estrago ao longo dos anos e, sem um pedido de desculpas, Gideon não ofereceria um perdão incondicional tão cedo.

Ele encolheu os ombros. “Se estamos nos divertindo… como está o tempo… Esse tipo de coisa.”

“Ele está se aproximando à sua própria maneira, acho. Quer ir até a praia?”, perguntei, querendo mudar de assunto.

“Pode ser…”

Virei-me em seus braços e olhei para Gideon. “Você tem alguma outra coisa em mente?”

“Queria conversar algumas coisas com você antes de dar o trabalho como encerrado por hoje.”

“Certo. Só preciso de uma dose de cafeína primeiro.”

Fiz nosso café com um sorriso no rosto. Quando chegamos à mesa, ele abriu o laptop.

A imagem na tela era autoexplicativa. Puxei uma cadeira e me sentei. “Mais ideias para a campanha GenTen?”

Eu tinha visto mais de uma dezena de conceitos até então. Algumas eram inteligentes, outras espertinhas demais, outras absolutamente simplórias.

“Algumas coisas foram mudadas depois da última conversa”, ele explicou, pondo uma das mãos no encosto da cadeira e outra na mesa, cercando-me com seu cheiro deliciosamente masculino e sua pele quente. “E surgiram outras ideias.”

Observei os layouts e aprovei quase tudo, mas uma imagem me fez sacudir negativamente a cabeça. “Essa não.”

“Também não gostei”, disse Gideon. “Mas por que você achou ruim?”

“Acho que passa a mensagem errada. Isso de a mãe e profissional só ter um tempinho para si distraindo a família com o GenTen.” Eu o encarei. “As mulheres já sabem que são perfeitamente capazes de fazer tudo ao mesmo tempo. Podemos mostrar uma mulher jogando com a família, ou curtindo o GenTen sozinha.”

Ele balançou a cabeça. “Eu disse que não ia perguntar de novo, mas como estamos falando sobre as mulheres serem capazes de tudo… Você ainda acha que fez a coisa certa largando seu emprego?”

“Sim.” Não hesitei nem por um instante antes de responder. “Ainda quero trabalhar”, ponderei, “e ajudar em coisas nas quais você não precisa de mim não vai me satisfazer por muito tempo. Mas com o tempo vamos achar um lugar para mim.”

Ele abriu um sorrisinho sarcástico. “Se eu não quisesse sua opinião, não pediria.”

“Você entendeu o que eu quis dizer.”

“Entendi.” Ele abriu uma apresentação na tela. “Aqui tem alguns projetos que são

prioridade no momento. Quando tiver um tempinho, dá uma olhada e vê qual deles interessa mais.”

“Para você são todos interessantes, certo?”

“Claro.”

“Certo.” Eu faria algumas listas por ordem de interesse e conhecimentos e habilidades exigidas. Depois compararia os projetos. Acima de tudo, discutiria tudo aquilo com Gideon. Era daquilo que eu mais gostava em trabalhar com ele — ver o funcionamento de sua mente fascinante.

“Não quero segurar você”, ele disse baixinho, passando a mão pelo meu ombro e pelo meu braço. “Quero que voe alto.”

“Eu sei, lindo.” Peguei a mão que me acariciava e a beijei. O céu era o limite para um marido tão amoroso.

O sol se pôs à distância no horizonte, incendiando o oceano.

Gideon encheu de novo nossas taças de champanhe, e algumas gotas escaparam quando o iate foi levemente sacudido pelas ondas.

“Está gostoso aqui”, ele falou, abrindo um sorriso fácil.

“Que bom que você gostou.”

Eu estava impressionada de vê-lo tão feliz e relaxado. Sempre tinha visto Gideon Cross como uma tempestade. Relâmpago e trovão, feroz e lindamente poderoso, ao mesmo tempo perigoso e fascinante. Quase impossível de conter, como o vórtice de um tornado.

Eu o descreveria como a calmaria depois da tempestade, o que só o tornava uma força da natureza ainda maior. Estávamos ambos… centrados. Sentindo-nos confiantes e comprometidos. Ter um ao outro tornava qualquer coisa possível.

Tudo aquilo me fez pensar em um jantar em alto-mar.

“Vem cá, meu anjo.” Ele ficou de pé e estendeu a mão para mim.

Levamos o champanhe da mesa à luz de velas para o luxuoso sofá, onde nos acomodamos, abraçadinhos.

Ele acariciou minhas costas com a mão. “Estou pensando em céu aberto e uma travessia tranquila.”

Sorri. Muitas vezes, nossos pensamentos seguiam pelo mesmo caminho.

Ergui os braços e segurei sua nuca, passando os dedos por seus cabelos sedosos. “Estamos ficando bons nisso.”

Gideon baixou a cabeça para me beijar, mexendo a boca de leve, passando a língua lentamente, reafirmando que nosso vínculo ficava mais forte a cada dia. Os fantasmas do passado pareciam sombras discretas agora, tendo começado a se dissolver antes mesmo de renovarmos nossos votos.

Um dia, eles desapareceriam para sempre. Até então, tínhamos um ao outro. E não precisávamos de nada além daquilo.

Nota da autora

Amigas e amigos queridos,

É sempre difícil se despedir ao fim de uma jornada e se separar daqueles que aprendemos a amar. Dizer adeus a Gideon e Eva é uma alegria e uma tristeza ao mesmo tempo. Passei muitos anos com eles e lhes dediquei centenas de milhares de palavras (*Todo seu* é o romance mais longo que escrevi em doze anos de carreira!). Agora que a série Crossfire acabou, sei que os dois estão prontos para seguir em frente sozinhos. Não precisam mais da minha ajuda.

Agora é hora de apresentar a vocês Kane Black. Seu amor intenso e épico por Lily me comoveu de maneira singular. Ao contrário da série Crossfire, que se passa em poucos meses, a série Blacklist acompanha o casal protagonista por vários anos. O Kane que se apaixona por Lily não é o mesmo homem que luta para reconquistá-la, mas adoro sua versão mais jovem tanto quanto a mais madura. E sei que vocês também vão adorar.

Então fiquem na companhia de Kane. A história dele só está começando…

Com amor,

Sylvia

Veja a seguir uma amostra do próximo livro de Sylvia Day: Tão perto

Um

NO INSTANTE EM QUE A MORENA ELEGANTE ENTRA PELA PORTA, sei que meu chefe vai seduzi-la. Ela chegou de braço dado com outro homem, mas isso não importa. Vai ceder; acontece com todas.

Sua semelhança com as fotos que o sr. Black admira tanto é impressionante. Sem dúvida faz o tipo dele: cabelo preto sedoso, olhos verdes reluzentes, pele clara e lábios vermelhos.

Cumprimento os dois com um ligeiro aceno de cabeça. “Boa noite. Posso guardar seus casacos?”

O homem a ajuda a tirá-lo, e aproveito para olhar ao redor, assegurando-me de que os garçons estão ali, oferecendo canapés e bebidas e recolhendo copos e pratos de maneira discreta.

Manhattan se revela pelas janelas que vão do chão ao teto da cobertura, em uma infinidade de luzes. É uma recepção de gala em homenagem a uma nova start-up. O sr. Black organiza muitas festas, cercando-se de pessoas como se isso fosse capaz de dar a ele a vida que não traz dentro de si.

Sua casa é uma profusão de vidro, aço e couro, sem qualquer cor ou sentimento. Mesmo assim, é um lugar confortável, ainda que não seja muito convidativo, mobiliado com peças grandes cuidadosamente posicionadas para deixar o vasto espaço amplo e arejado. É o local ideal para exibir a tempestade turbulenta de poder que é meu chefe.

Às vezes, pergunto-me se sua preferência por preto e branco é um reflexo da visão que tem do mundo. Incolor. Sem vida.

Observo o sr. Black por um momento, à espera de sua reação diante da convidada. Vejo exatamente o que imaginei: ao pousar os olhos nela, uma quietude repentina domina sua energia incansável, para então dar lugar a um olhar ávido. Ao examinar a mulher, sua mandíbula se tensiona. Os sinais são sutis, mas noto a decepção e o despontar da raiva.

Ele queria que fosse ela. *Lily*. A mulher cuja imagem enfeita seus aposentos privados.

Eu não a conheci. Ela foi embora da vida do sr. Black antes que eu começasse a trabalhar para ele. Sei seu nome só porque meu chefe comentou uma vez quando estava bêbado, numa noite atormentada. Sei o poder que Lily tem sobre ele; posso senti-lo

quando olho para seu rosto na enorme impressão em tela pendurada sobre a cama dele.

As fotografias de Lily são o único vestígio de cor em toda a casa, mas não é isso que as torna tão impressionantes. São seus olhos, a confiança absoluta e o desejo feroz que contêm.

Quem quer que Lily tenha sido, amou Kane Black do fundo do coração.

“Obrigada”, diz a morena, enquanto seu acompanhante me passa seu casaco. Está falando comigo, mas o sr. Black já chamou sua atenção, e seu olhar está fixo nele. É um homem impossível de ignorar, uma tempestade sombria contida apenas por pura força de vontade.

Kane Black foi eleito há pouco tempo o solteiro mais cobiçado de Manhattan, já que o último detentor do título anunciou em rede nacional que havia se casado secretamente. Com menos de trinta anos, já é rico o suficiente para pagar meu salário, um mordomo de sétima geração e impecável linhagem britânica. É um jovem carismático, do tipo que atrai as mulheres em detrimento do seu sentido de autopreservação. Minha filha garante que sua beleza é incomum e que ele tem um magnetismo de animal selvagem, o que diz ser ainda mais atraente. Ela diz também que seu ar de inatingibilidade é irresistível.

Receio, no entanto, que seja mais do que aparência. Tirando seus muitos casos sexuais, o sr. Black faz jus ao nome.

Entregou seu coração a Lily, e ficou sem ele quando ela foi embora. Restou apenas a casca de um homem que amo como um filho.

“Você a colocou para fora?”

Na manhã seguinte, o sr. Black entra na cozinha, trajando um impecável terno de alfaiate e uma gravata com um nó perfeito, comprados depois que comecei a trabalhar para ele. Eu o eduquei na arte das roupas feitas sob medida para cavalheiros, e ele absorveu a informação com uma sede de conhecimento que aprendi ser insaciável.

Por fora, eu mal podia ver o jovem inculto que me contratara. Estava transformado, uma tarefa à qual se dedicara com ferocidade obstinada.

Eu me viro e coloco seu café da manhã na bancada, dispondo o prato perfeitamente entre os talheres de prata que já estavam lá. Ovos, bacon, frutas — o de sempre. “Sim, a srta. Ferrari saiu enquanto o senhor estava no banho.”

Uma sobrancelha escura se ergue. “Ferrari? Sério?”

Que ele não tenha sequer perguntado o nome dela não chega a me surpreender, apenas me entristece. Elas não significam nada para ele. Apenas se parecem com Lily.

O sr. Black pega o café, provavelmente considerando seu plano de ataque para o dia, a última amante já dispensada de seus pensamentos para sempre. Ele dorme raramente e trabalha muito. Tem rugas profundas em ambos os lados da boca, que não deveriam existir em alguém tão jovem. Já o vi sorrir e até já o ouvi rir, mas a diversão nunca chega aos seus olhos.

Uma vez comentei que ele deveria tentar aproveitar mais tudo aquilo que havia conquistado. Ele respondeu que aproveitaria melhor quando estivesse morto.

“Bom trabalho na festa ontem, Witte”, comenta, distraído. “Como sempre.” Sua boca se curva num meio sorriso. “Nunca é demais dizer o quanto aprecio seu trabalho, é?”

“Não, sr. Black. Obrigado.”

Deixo-o ler o jornal enquanto termina o café da manhã. Pego o corredor até a parte privada do apartamento, que ele não compartilha com ninguém. A bela srta. Ferrari passou a noite no lado oposto da cobertura, um lugar livre do espectro visual de Lily.

Paro à porta da suíte principal, sentindo o resquício de umidade do banho recente. Meus olhos são atraídos para a enorme tela pendurada na parede diante de mim. É um retrato íntimo. Lily está numa cama desarrumada, os braços delgados emaranhados num lençol branco, o longo cabelo escuro sobre um travesseiro amarrotado. Seu desejo sensual é intenso e evidente, os lábios parecem avermelhados e inchados por beijos, as bochechas pálidas estão ruborizadas, os olhos apaixonados estão semicerrados, as pálpebras pesadas de ardor.

Como será que ela morreu? Um acidente trágico? Uma doença terrível?

Era tão jovem. Gostaria de ter conhecido o sr. Black quando estava com ela. Devia ser uma força da natureza.

É uma pena que duas chamas tão ardentes tenham sido apagadas antes do auge.

Atrás do volante da Range Rover, ouço o sr. Black dar ordens pelo celular. São quase oito da manhã, estamos no trânsito, e ele já está profundamente mergulhado na gerência dos vários braços de seu império em crescimento.

Manhattan fervilha à nossa volta, um fluxo intenso de carros em todos os sentidos. Nas calçadas, pilhas de sacos de lixo esperam a coleta. A visão me incomodou quando cheguei

à cidade, mas agora sei que são apenas uma parte do ambiente.

Morando aqui, aprendi a desfrutar de Manhattan, tão diferente dos vales verdejantes da minha terra natal. Não há nada que não possa ser encontrado nesta pequena ilha, e a energia das pessoas… a diversidade e a complexidade… é incomparável.

Meus olhos passam dos carros para os pedestres. A rua de mão única à nossa frente está bloqueada por um caminhão de entrega. Na calçada à esquerda, um homem barbudo controla com destreza meia dúzia de coleiras, acompanhado por um grupo de cães animados em sua caminhada matinal. À direita, uma mulher com roupa de academia empurra um carrinho de bebê na direção do parque. É um dia bonito, mas os arranha-céus e a copa das árvores enchem a rua de sombras. Buzinas começam a soar com a lentidão do trânsito.

O sr. Black prossegue com as negociações com facilidade e autoconfiança, a voz calma e assertiva. Os carros começam a se mover lentamente, até que vão aumentando de velocidade. Seguimos em direção ao centro. Por um curto período de tempo, pegamos uma sequência de sinais verdes. Por fim, nossa sorte acaba, e paro no semáforo.

Um mundo de pessoas atravessa a rua apressado à nossa frente, a maioria com a cabeça baixa, algumas com fones de ouvido, que devem oferecer algum alívio à cacofonia da cidade agitada. Confiro o relógio, certificando-me de que estamos na hora.

Um ruído de dor repentino faz meu sangue gelar; um lamento estrangulado e vagamente desumano. Virando a cabeça depressa, olho para o banco de trás, alarmado.

O sr. Black está quieto, os olhos escuros como carvão, a pele bronzeada drenada de toda a cor. Seu olhar acompanha o movimento dos pedestres na faixa à nossa frente. Olho na mesma direção, em busca do que o assustou.

Uma morena magra se afasta de nós, correndo para tentar chegar ao outro lado da rua antes de o sinal abrir. O cabelo é curto na nuca, alongando-se um pouco mais nas laterais e envolvendo o queixo. Não parece em nada com os cachos luxuriantes de Lily. Mas, quando a mulher se vira para caminhar pela calçada, acho que reconheço seu rosto.

A porta traseira se abre violentamente. O sr. Black salta assim que o sinal fica verde. O táxi atrás de nós buzina, mas ouço meu chefe gritar por cima dele:

“Lily!”

A moça se vira na nossa direção. Então tropeça. E fica imóvel.

Seu rosto empalidece tanto quanto o do sr. Black. Vejo seus lábios se moverem, vejo o nome que pronuncia. *Kane*.

Todo mundo conhece o belo rosto e o sucesso do sr. Black, mas o reconhecimento chocado da moça é íntimo e inconfundível. Como o sofrimento desesperado que é incapaz de esconder.

É ela.

O sr. Black olha na direção do trânsito, então se lança em meio aos carros em movimento, quase causando um acidente. A sinfonia de buzinas se torna ensurdecedora.

O som brusco sacode Lily visivelmente. Ela começa a correr, abrindo caminho por entre a multidão na calçada, em pânico, o vestido esmeralda funcionando como um farol no meio da aglomeração.

E o sr. Black, um homem que consegue o que quer sem esforço, vai atrás dela.

Copyright © 2016 by Sylvia Day

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL One With You

CAPA Olga Grlic

IMAGENS DE CAPA anel de diamante © Fotovika/ Shutterstock;
anel de pedras vermelhas © James Guilliam/ Getty Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-438-0491-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br



IAN SPANIER

SYLVIA DAY é autora best-seller #1 do *New York Times* e das listas internacionais, com mais de 20 livros premiados, vendidos em mais de 40 países. É autora #1 em 28 países, com dezenas de milhões de livros impressos. Sua série Crossfire teve os direitos comprados para TV pela produtora Lionsgate.

Mais informações:

www.sylviaday.com

www.facebook.com/AuthorSylviaDay

@SylDay

Copyright © 2017 by Sylvia Day

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Claudia Carvalho

ISBN 978-85-438-0917-5

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Sumário

Capa

Toda sua

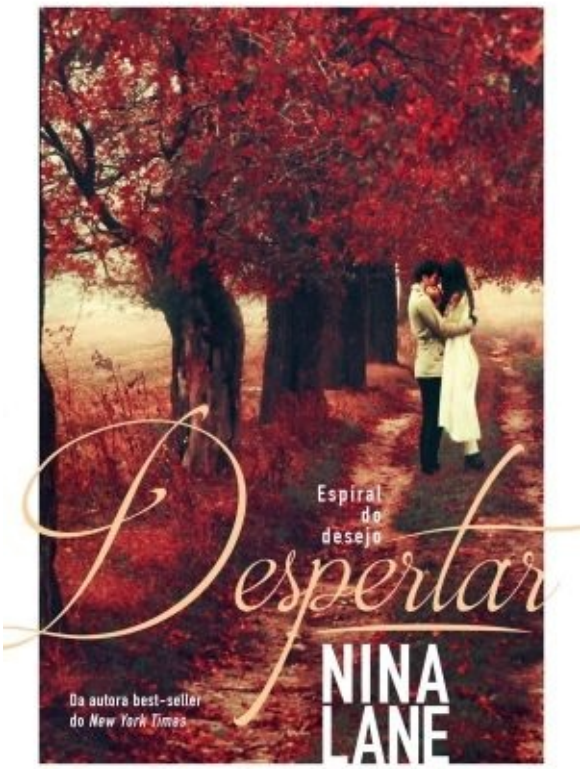
Profundamente sua

Para sempre sua

Somente sua

Todo seu

Sobre a autora


Espiral
do
desejo
Despertar
Da autora best-seller
do New York Times
NINA
LANE

Despertar

Lane, Nina

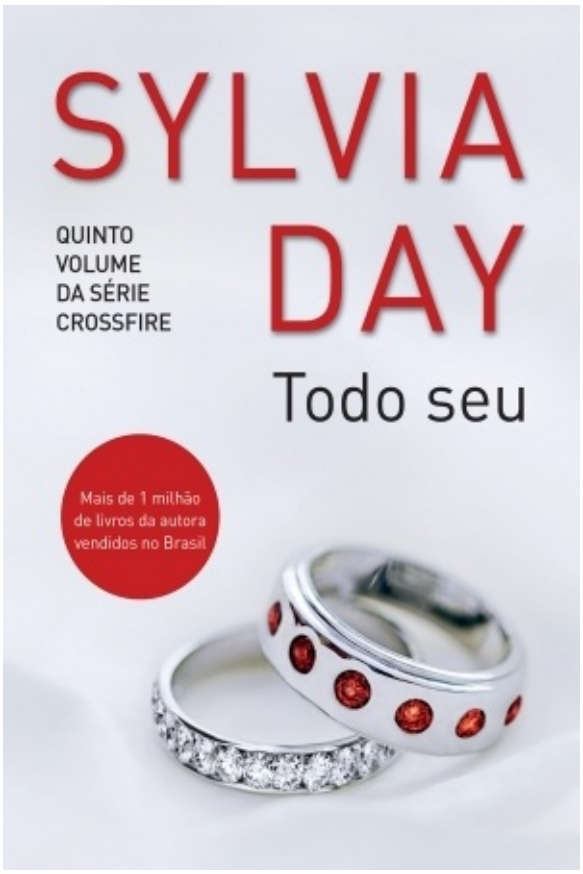
9788554510527

320 páginas

Compre agora e leia

Uma série sexy e apaixonante que vai mexer com suas emoções mais profundas.Um casamento baseado no amor, no desejo e na confiança. Um segredo guardado com a melhor das intenções. Um relacionamento — intenso e imperfeito — colocado à prova.Dean West é o grande amor e o porto seguro da vida de Olivia. Um marido dedicado, um parceiro intenso e, acima de tudo, um homem completamente apaixonado por sua mulher. Conhecedor dos segredos mais obscuros da esposa, Dean a possui por completo — hoje, amanhã e sempre.Mas o casamento aparentemente perfeito dos dois é abalado quando Olivia descobre uma faceta até então desconhecida do passado do marido. Será que a força dos sentimentos que eles têm um pelo outro será capaz de prevalecer sobre a dor da decepção?Neste primeiro livro da série Espiral do Desejo, a autora best-seller do New York Times Nina Lane dialoga com o romântico que habita em todos nós, através da história de um casal apaixonado e imperfeito que conta com o poder do amor para superar as dificuldades encontradas pelo caminho.

Compre agora e leia


SYLVIA
DAY
QUINTO
VOLUME
DA SÉRIE
CROSSFIRE
Todo seu
Mais de 1 milhão
de livros da autora
vendidos no Brasil

Todo seu

Day, Sylvia

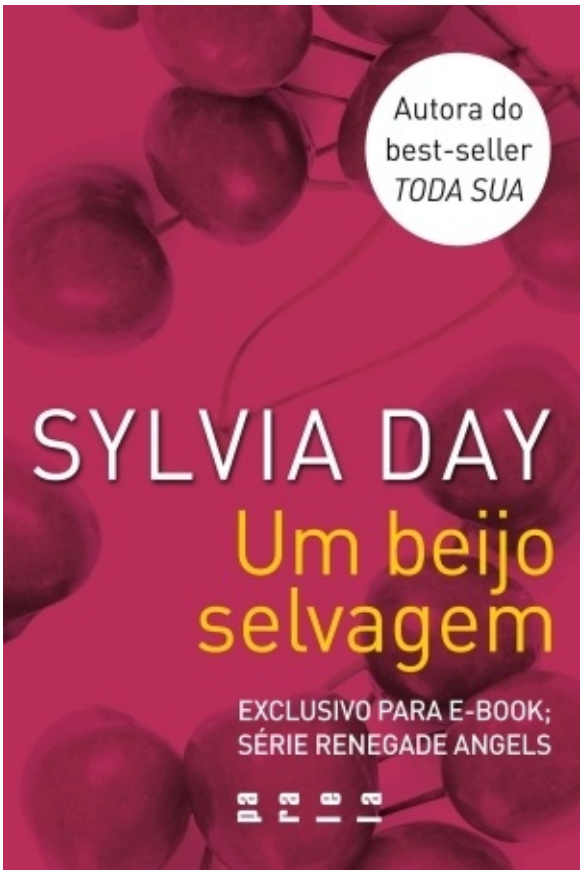
9788543804910

256 páginas

Compre agora e leia

O aguardado último capítulo da série best-seller Crossfire.“Gideon Cross. A coisa mais fácil que já fiz foi me apaixonar por ele. Aconteceu instantaneamente, de forma completa e irrevogável. Nosso casamento foi um sonho realizado. Mantê-lo é a maior batalha da minha vida. O amor transforma. Para nós, é um refúgio e também a pior tempestade. Duas almas danificadas que se entrelaçaram. Nossos votos foram apenas o começo. Lutar por esse casamento pode nos libertar… ou nos separar de vez.” Sedutor e comovente, Todo seu é a quinta e última parte da saga Crossfire, uma história de amor que cativou milhões de leitores ao redor do mundo.

Compre agora e leia


Autora do
best-seller
TODA SUA
SYLVIA DAY
Um beijo
selvagem
EXCLUSIVO PARA E-BOOK;
SÉRIE RENEGADE ANGELS
para

Um beijo selvagem

Day, Sylvia

9788580869774

61 páginas

Compre agora e leia

Novela gratuita da série Renegade Angels, de Sylvia Day, autora best-seller do New York Times e da Veja e que já vendeu mais de 12 milhões de exemplares. O vampiro Raze perdeu suas asas por ser um grande sedutor. E é o único dos Caídos que nunca encontrou uma parceira. Mas ter conhecido Kimberly McAdams parece ter mexido com ele. Ela é inteligente, linda, rica e, por algum motivo inexplicável, se interessa por Raze. Depois de passarem uma noite inesquecível juntos, ele percebe que encontrou em Kim algo de especial. Será que este amor será maior do que as diferenças que existem entre eles?

Compre agora e leia

DA AUTORA
BESTSELLER DO
NEW YORK TIMES
ELLE
KENNEDY
A CONQUISTA
AMORES IMPROVÁVEIS
PREPARE SEU CORAÇÃO PARA O ÚLTIMO
LIVRO DA SÉRIE AMORES IMPROVÁVEIS!

A conquista

Kennedy, Elle

9788543809397

296 páginas

Compre agora e leia

De todos os jogadores do time de Hóquei da universidade de Briar, John Tucker se destaca por ser o mais sensato, gentil e amável. Diferente de seus amigos mulherengos, ele sonha mesmo é com uma vida tranquila: esposa, filhos e, quem sabe um dia, abrir um negócio próprio. Mas nem mesmo o cara mais calmo do mundo estaria preparado para o turbilhão de emoções que ele está prestes a enfrentar.Sabrina James é a pessoa mais ambiciosa, dedicada e batalhadora do campus. Seu jeito sério e objetivo é interpretado por muitos como frieza, mas ela não está nem aí para sua fama de antipática. Tudo o que ela quer é passar em Harvard, tirar ótimas notas e conquistar a tão sonhada carreira como advogada. Só assim ela conseguirá escapar de seu passado difícil e de sua família terrível. Um acontecimento inesperado vai desses jovens de cabeça para baixo. Tucker e Sabrina vão precisar se unir e rever seus planos para o futuro. Juntos, eles aprenderão que a vida é cheia de surpresas, e que o amor é a maior conquista de todas.

Compre agora e leia


A
ELA NÃO
MULHER
É QUEM
ENTRE
VOCÊ PENSA
NÓS
GREER HENDRICKS e SARAH PEKKANEN

A mulher entre nós

Hendricks, Greer

9788554510787

352 páginas

Compre agora e leia

Um livro de suspense que explora as complexidades do casamento e as verdades perigosas que ignoramos em nome do amor.Aos 37 anos, a recém-divorciada Vanessa está no fundo do poço. Deprimida, morando no apartamento de sua tia, ela não tem filhos, dinheiro ou amigos verdadeiros. Ao descobrir que Richard, seu rico e carismático ex-marido, está prestes a se casar de novo, algo dentro de Vanessa se quebra. A partir de agora, sua vida irá revolver em torno de uma única obsessão: impedir esse matrimônio. Custe o que custar.Na superfície, Nellie se parece com qualquer outra jovem bela e sonhadora que veio para Manhattan começar sua tão sonhada vida adulta. Mas a personalidade tranquila que ostenta é apenas uma fachada. Em sua mente, perdura um segredo que a fez fugir de sua cidade natal e que a impede de caminhar em paz quando está sozinha.Ao conhecer Richard – bem-sucedido, protetor, o homem dos sonhos – ela finalmente começa a sentir-se segura. Ele promete protegê-la de todos os males, para o resto de sua vida. Mas, de repente, ela começa a receber ligações misteriosas. Fotografias em seu quarto são movidas de lugar. O lenço que ela

planejava usar em seu casamento desaparece. Alguém está perseguindo-a, alguém quer o seu mal. Mas quem?“Se prepare, esse é um livro que você não vai conseguir parar de ler.” — Glamour”Surpreendente. Inesquecível. Chocante.” — Publishers Weekly”O melhor thriller doméstico desde Garota Exemplar.” — In Touch Weekly

Compre agora e leia